Flávio Josefo

HISTÓRIA dos HEBREUS

De Abraão à queda de Jerusalém

Obra Completa

E-book digitalizado por: ***Levita Digital***
Com exclusividade para:

Flávio Josefo

HISTÓRIA

dos

HEBREUS

De Abraão à queda de Jerusalém

Traduzido por

I Parte

Antiguidades Judaicas

Apresentação

Flávio Josefo foi um escritor e historiador judeu que viveu entre 37 e 103 d.C. Seu pai era sacerdote, e sua mãe descendia da casa real hasmoneana. Portanto, Josefo era de sangue real. Ele foi muito bem instruído nas culturas judaica e grega. Falava perfeitamente o latim — o idioma do Império Romano — e também o grego. Logo cedo, demonstrou intenso zelo religioso, filiando-se ao grupo religioso dos fariseus. Durante toda a sua vida, a sua terra e o seu povo estiveram sob o domínio romano.

Em 66 d.C, irrompeu uma revolta dos judeus contra os romanos, e josefo foi enviado para dirigir as operações contra os dominadores, na turbulenta Galileia. Aí ele logrou algumas vitórias, mas logo foi derrotado, rendendo-se ao exército romano. Finda a guerra, foi conduzido a Roma, onde lhe conferiram a cidadania romana e também uma pensão do Estado, época em que lhe foi dado o nome romano de Flávio. Ele viveu em Roma até o fim de sua vida, escrevendo a obra que atravessaria os séculos e chegaria até nós. Depois da Bíblia, é a maior fonte de informações sobre os impérios da Antigüidade, o povo judeu e o Império Romano.

As obras de Josefo vêm sendo preservadas e divulgadas pela Igreja cristã, uma vez que os judeus até hoje consideram josefo um oportunista, devido ao seu relacionamento com os romanos.

Qualquer estudante da Bíblia encontrará em Flávio Josefo descrições minuciosas de personagens dos Evangelhos e de Atos do Apóstolos, tais como Pilatos, os Agripas e os Herodes. A história desses personagens e inúmeros pormenores do mundo greco-romano, relatados nesta obra, receberam surpreendente confirmação com as recentes descobertas de Qunram e Massada, em Israel, as quais conferiram aos relatos de Josefo uma credibilidade ainda maior.

A CPAD publicou inicialmente a obra completa de Flávio Josefo em três volumes, reunindo-a depois num único livro. Agora, apresentamos esta nova edição, também em volume único, porém totalmente revisada e com nova diagramação. Com isso, pretendemos colocar à disposição dos nossos leitores um trabalho com a qualidade editorial exigida por uma obra de tal envergadura.

Os editores

A importância da História para se Compreender o Plano de Deus

Flávio Josefo é considerado um dos maiores historiadores de todos os tempos. Acha-se ele, devido à sua importância não somente aos judeus mas também a toda a humanidade, ao lado de Herodoto, Políbio e Estrabão. Embora não fosse profeta, e apesar de não contar com a inspiração dos escritores bíblicos, mostra-nos ele claramente como as profecias do Antigo Testamento cumpriram-se na vida dos filhos de Abraão.

O que isto vem demonstrar? Que a história, qual solícita e amável serva dos desígnios divinos, tem como função realçar a intervenção do Todo-Poderoso nos negócios humanos. Vejamos, a seguir, como podemos definir a história. No Dicionário Teológico, assim a conceituamos:

"A palavra história é de origem grega. Vem de histor. "Aquele que sabe, que conhece, conhecedor da lei, juiz." Aprofundando-nos um pouco mais em sua etimologia, descobrimos que este vocábulo origina-se da raiz de um termo que significa conhecer: "id".

"Cientificamente, a História pode ser definidada como a narração metódica dos principais fatos ocorridos na vida dos povos, em particular, e na vida da humanidade, em geral.

"Usada pela primeira vez por Herodoto (484-425 a.C), tinha a palavra história as seguintes conotações: informação, relatório, exposição.

Na mesma obra, discorremos ainda sobre a função da história:

"David Ben Gurion lia regularmente a História Universal. Por causa deste seu compromisso com o estudo das antigas civilizações, conforme disse, certa vez, ao escritor brasileiro, Érico Veríssimo, não tinha tempo para outros entretenimentos. Se pudéssemos perguntar ao fundador do Estado de Israel o

por quê desta sua preferência, certamente responder-nos-ia com estas palavras de Cícero:

"Ignorar... o que aconteceu antes de termos nascido eqüivale a ser sempre criança". Como um estadista não se deve portar infantilmente, punha-se Ben Gurion aos pés da História para não repisar as asneiras passadas.

"Desgraçadamente, bem poucos foram os governantes que se dedicaram ao exame do pretérito. Eis porque são tão lamentáveis nossas crônicas; e, nossas memórias, tão cruentas. Que lições de História assimilou Napoleão? Apenas aquelas que contavam as glórias de Alexandre? E, Hitler? Limitou-se a circunscrever-se às efemeridades do Império Romano? Isto é aprender História? Não! É repetir as idiotices de ontem com o nariz enterrado no dia anterior.

"Sendo didática a função primordial da História, com ela aprendemos a olhar o mundo de forma retrospectiva e perspectiva. Para que o primeiro olhar seja límpido, é mister que comecemos a estudar a História Universal pelas Sagradas Escrituras. Afinal, teremos de responder a algumas perguntas que, embora simples, não deixam de ser complexas e intrincadas àqueles que ignoram os escritos hebreus e cristãos. Eis as perguntas que tanto nos desafiam: Quem criou o Universo? Quem foram nossos primeiros pais? Proviemos todos de um mesmo tronco genético? E: Foi realmente Deus quem nos criou?

"Das respostas a estas indagações é que se formarão nossas filosofias de vida e de governo.

"Quanto ao segundo olhar, é desnecessário dizer que ele depende essencialmente do primeiro. Só conseguiremos trafegar com segurança, se os nossos retrovisores não estiverem quebrados. Doutra forma: atropelaremos o futuro por não perceber que o presente é uma estrada de mão dupla; e, que os semáforos desta via tão irregular, nem sempre funcionam. Quando funcionam, o verde passa para o vermelho sem nenhuma contemplação. Mas quem aprende com a História Sagrada; e, da História Universal, faz-se discípulo (ambas são regidas pelo Altíssimo) sabe avançar e parar. Quando necessário, espera. Isto é aprender História: estar com os olhos no futuro, com o espírito no pretérito, e com o coração sempre presente".

O historicismo, porém, desconhece por completo a ação de Deus na his-

tória. Vejamos, em primeiro lugar, o que vem a ser esta filosofia. O historicismo é a "filosofia que ensina estarem todos os acontecimentos e fatos humanos condicionados pelas circunstâncias históricas. Desta forma, a religião, a moral e o direito nada mais são do que resultados dos vários processos e movimentos da história. Como se vê, este método torna as coisas relativamente perigosas, inclusive a religião e a moral, induzindo o ser humano a deixar de lado os valores absolutos, a fim de se apegar às circunstâncias"

Quando a história é fielmente relatada, afigura-se-nos ela como algo além da história; poderíamos denominá-la, sem cometermos qualquer exagero, como a História da Salvação. Recorramos, uma vez mais, à obra já citada: "A História da Salvação é ação redentiva de Deus no contexto da História, conduzindo amorosa e providencial-mente os filhos de Adão a usufruírem do sacrifício vicário de Nosso Senhor Jesus Cristo.

"Jesus é o personagem central da História da Salvação, que compreende quatro momentos distintos: o Antigo Testamento, o Novo Testamento, a História da Igreja de Cristo e a consumação de todas as coisas.

"Num sentido mais amplo, a História da Salvação compreende toda a História Universal; pois esta, à semelhança daquela, também é comandada por Deus. Num sentido mais estrito, a História da Salvação é o conjunto dos fatos que compõem a vida e o ministério de Nosso Senhor Jesus Cristo, que culminaram com a sua morte e ressurreição".

A obra de Flávio Josefo é uma leitura obrigatória aos que desejam conhecer a história judaica, principalmente o período que marcou a segunda maior tragédia dos filhos de Abraão - a destruição do Santo Templo no ano 70 de nossa era. Neste relato, observamos, claramente, como a profecia de Cristo, no que tange à ruína de Jerusalém, cumpriu-se nos mínimos detalhes. Embora Josefo não fosse cristão, demonstrou de forma indireta estarem os cristãos mais do que certos em depositar sua confiança em Jesus de Nazaré.

Josefo não se limitou à historiografia; foi um consumado artista da palavra. Num estilo vivido, demonstra quão preciosa é a herança espiritual, cultural e emocional dos hebreus. Tantos nas Antigüidades Judaicas, como na Guerra dos Judeus, vai desvendando as conquistas da alma israelita. É claro que, nas Antigüidades Judaicas, Josefo não agiu propriamente como

historiador. Dando asas à imaginação, coletando o exotismo do folclore judaico e aferrando-se à hermenêutica dos anciãos, narrou a seu modo os fatos que compõem a história do Antigo Testamento. Na Guerra dos Judeus, porém, escreveu o que testemunhara ele ocularmente, pois atuou como um de seus personagens.

De qualquer forma, temos uma obra indispensável aos que se dedicam à história judaica. É uma leitura obrigatória aos que procuram saber os detalhes da desventura da nação judaica no ano 70 de nossa era.

Claudionor Corrêa de Andrade

Prefácio de Josefo

De todas as guerras que se travaram, quer de cidade contra cidade, quer de nação contra nação, o nosso século ainda não viu outra tão grande — e não sabemos que tenha havido outra semelhante — como a que os judeus sustentaram contra os romanos. Houve, no entanto, pessoas que se dispuseram a escrevê-la, embora por si mesmas dela nada soubessem, baseando os seus conhecimentos apenas em informações vãs e falsas. Quanto aos que nela tomaram parte, a sua bajulação aos romanos e o seu ódio pelos judeus os fez relatar as coisas de maneira muito diferente do que eram na realidade. Os seus escritos estão cheios de louvores a uns e censuras a outros, sem qualquer preocupação com a verdade. Foi isso o que me fez decidir escrever em grego, para satisfação daqueles que estão sujeitos ao Império Romano e para informar as outras nações, o que escrevi há pouco em minha língua.

Meu pai chamava-se Matatias. Meu nome é Josefo, e sou hebreu de nascimento, sacerdote em Jerusalém. No princípio, combati contra os romanos, e a necessidade, por fim, me obrigou a empreender a carreira das armas.

Quando essa grande guerra começou, o Império Romano era agitado por questões internas. Os judeus mais jovens e exaltados, confiando em suas riquezas e em sua coragem, suscitaram tão grande perturbação no Oriente, para aproveitar a ocasião, que povos inteiros tiveram receio de lhes ficar sujeitos, porque eles haviam chamado em seu auxílio os outros judeus que habitavam além do Eufrates, a fim de se revoltarem todos juntamente. Foi depois da morte de Nero que se viu mudar a face do império. A Gália, vizinha da Itália, sublevou-se. A Alemanha não estava tranqüila, e muitos aspiravam ao soberano poder. Os exércitos desejavam a revolução, na esperança de com isso serem beneficiados mo-netariamente.

Como todas essas coisas eram por demais importantes, a tristeza que senti ao ver que se desvirtuava a verdade fez-me tomar o cuidado de informar exatamente aos partos, aos babilônios, aos mais afastados entre os árabes, aos

judeus que habitam além do Eufrates e aos atenienses acerca da causa dessa guerra, bem como de tudo o que se passou e de que modo ela chegou ao fim. E não posso ainda agora tolerar que os gregos e os romanos, que não estavam presentes, a ignorem e sejam enganados pela bajulação desses historiadores, que só lhes narram fábulas.

Confesso não poder compreender a imprudência deles, quando, para fazer passar os romanos pelos primeiros de todos os homens, rebaixam os judeus. Será uma grande glória superar inimigos pouco temíveis? Ignoram eles as forças poderosas empregadas pelos romanos nessa guerra, durante o tempo em que ela durou, e as dificuldades que suportaram? Não consideram eles que é diminuir o mérito extraordinário de seus generais minimizar a resistência que o valor dos judeus os fez experimentar na execução de tão difícil empreendimento?

Evitarei bem imitá-los, revelando, além da verdade, os feitos dos de minha nação, tal como eles relataram os dos romanos. Farei justiça a uns e a outros, expondo os fatos sinceramente. Nada afirmarei que não possa provar e não procurarei outro alívio à minha dor senão deplorando a ruína de minha pátria — ainda mais quando o próprio imperador Tito, que teve a direção de toda a guerra e dela fez referência como testemunha, reconheceu que as divisões domésticas foram a causa de nossa derrota e que não foi voluntariamente, mas por culpa daqueles que se haviam tornado os nossos tiranos, que os romanos incendiaram o nosso Templo. Esse grande príncipe não somente teve compaixão desse pobre povo, vendo-o correr para a sua própria ruína, pela violência daqueles facciosos, como também ele mesmo muitas vezes adiou a tomada da praça para lhes dar tempo e ocasião de se arrepender.

Se alguém julgar que o meu ressentimento pela infelicidade de meu país me motivou, contra as leis da história, a acusar fortemente os responsáveis por ela, que acrescentaram ladroeira pública à sua tirania, devem perdoar-me e atribuí-lo à minha extrema aflição. E ela não poderia ser mais justa, pois entre tantas cidades sujeitas ao Império Romano não se encontrará uma que, como a nossa, tendo sido elevada a tão alto grau de honra e de glória, tenha caído em miséria tão espantosa que, creio eu, desde a criação do mundo jamais se presenciou algo semelhante. A isso, acrescente-se que não é a inimigos

externos, mas a nós mesmos, que devemos atribuir as nossas desgraças. Assim, como me poderei conter em tamanha dor? No entanto, ainda que algumas pessoas não se deixem comover por essa consideração e desejem condenar com rigor um sentimento que me parece tão razoável, elas poderão ater-se à minha história somente nas coisas que refiro, sem se incomodar com as minhas queixas, admitindo-as apenas como uma efusão da alma do historiador.

Confesso que muitas vezes censurei — com razão, parece-me — os mais eloqüentes gregos porque, embora as coisas acontecidas no seu tempo sobrepujem em muito as dos séculos que os precederam, eles contentam-se em julgá-las sem nada escrever e em censurar os que as escreveram, sem considerar que, se estes lhes são inferiores em capacidade, têm sobre eles a vantagem de haver servido o bem público com o seu trabalho. Esses mesmos censores dos outros escrevem o que se passou entre os sírios e os medos como tendo sido mal narrado pelos antigos escritores, embora estes não lhes sejam menos inferiores na maneira de bem escrever que no intento que tiveram ao fazê-lo, pois só referiram e quiseram referir as coisas de que tinham conhecimento e teriam tido vergonha de falsear a verdade.

Assim, não poderíamos deixar de louvá-los após terem dado à posteridade o conhecimento do que se passou no seu tempo, que ainda não havia aparecido em público. Eles devem ser tidos como os mais hábeis, pois, em vez de trabalhar sobre as obras de outros, trocando somente a ordem, escrevem coisas novas e compõem um corpo de história que somente a eles se deve. Por mim, posso dizer que, sendo estrangeiro, não houve despesa que eu não fizesse nem cuidado que não tomasse para informar os gregos e os romanos de tudo o que se refere à nossa nação. Os gregos, ao contrário, falam muito quando se trata de sustentar os seus interesses, quer em particular, quer perante os juizes, mas se calam quando é preciso reunir com muita dificuldade tudo o que é necessário para compor uma história verdadeira e não acham estranho que aqueles que nenhum conhecimento têm dos feitos dos príncipes e dos grandes generais e são incapazes de os descrever ousem fazê-lo. Isso mostra que nós procuramos a verdade da história tanto quanto os gregos a desprezam e disso se descuidam.

Eu teria podido dizer qual foi a origem dos judeus, de que maneira saíram do Egito, por quais províncias vagaram durante longo tempo, as que ocuparam e como passaram a outras. Mas, além do fato de que isso não se refere a este tempo, eu o julgaria inútil, pois vários de meus compatriotas já o escreveram, com muito cuidado, e os gregos traduziram essas obras para a sua língua sem se afastar muito da verdade. Assim, começarei a minha história por onde os seus autores e os nossos profetas concluíram as suas. Referirei particularmente, com toda a exatidão que me for possível, a guerra que se travou no meu tempo e contentar-me-ei em tocar brevemente o que se passou nos séculos precedentes.

Direi de que modo o rei Antíoco Epifânio, depois de tomar Jerusalém e de tê-la possuído durante três anos e meio, de lá foi expulso pelos filhos de Matatias, hasmoneu; como a divisão suscitada entre os seus sucessores, com relação à posse do reino, atraiu os romanos sob o comando de Pompeu; como Herodes, filho de Antípatro, com o auxílio de Sósio, general do exército romano, pôs fim à dominação dos príncipes hasmoneus; como, depois da morte de Herodes, sob o reinado de Augusto, sendo Quintílio Varo governador da Judéia, o povo se revoltou; como, no décimo segundo ano do reinado de Nero, começou a guerra, que se deu sob Céstio, que comandava as tropas romanas; quais foram os primeiros feitos dos judeus e as praças que eles fortificaram; como as perdas sofridas em várias ocasiões por Céstio fizeram Nero temer pelo êxito de suas armas, entregando-as a Vespasiano; como esse general, acompanhado pelo mais velho de seus filhos, entrou na judéia com um grande exército romano; como um grande número de suas tropas auxiliares foi desbaratada na Galileia; como ele tomou algumas cidades dessa província e outras, que se entregaram a ele.

Referirei também, sinceramente e segundo o que presenciei e constatei com os meus próprios olhos, o proceder dos romanos em suas guerras, a sua ordem e a sua disciplina; a extensão e a natureza da Alta e da Baixa Galileia; os limites e as fronteiras da judéia, a qualidade da terra, os lagos e as fontes que aí se encontram; e os males suportados pelas cidades que foram tomadas. Não deixarei de mencionar, do mesmo modo, as calamidades que eu mesmo experimentei em minha vida e que são bem conhecidas.

Direi também como a morte de Nero aconteceu, estando já em péssimo estado os interesses dos judeus e os do império; como Vespasiano, que se apressava para marchar contra Jerusalém, foi chamado a Roma; os presságios que ele teve de sua futura grandeza; as mudanças sucedidas na capital do império; como ele, contra a sua vontade, foi declarado imperador pelos soldados e como foi ao Egito dar as ordens necessárias; como a judéia foi agitada por novas perturbações; como surgiram tiranos uns contra os outros; como Tito, à sua volta do Egito, entrou duas vezes naquela província; como e em que lugar ele reuniu o seu exército; como e quantas vezes ele próprio testemunhou as sedições que se sucederam em Jerusalém; suas aproximações e todas as dificuldades que enfrentou para atacar essa praça; qual era a torre dos muros da cidade, a sua fortificação e a do Templo; a descrição do Templo, as suas medidas e as do altar — nisso nada omitirei.

Falarei das nossas festas solenes, das cerimônias que nelas se observam, das sete espécies de purificação; das funções dos sacerdotes, de seus hábitos e dos do sumo sacerdote; e da santidade do Templo, sem nada deturpar ou acrescentar. Farei ver também a crueldade de nossos tiranos contra os de sua própria nação e a humanidade dos romanos para conosco, sendo que éramos estrangeiros com relação a eles. Mostrarei também quantas vezes Tito se esforçou para salvar a cidade e o Templo e reunir os que estavam tão obstinadamente divididos. Falarei dos muitos e diversos males suportados pelo povo, o qual, depois de sofrer todas as misérias que a guerra, a carestia e as sedições podem causar, ainda se viu reduzido à servidão, pela tomada dessa grande e poderosa cidade.

Não me esquecerei também de dizer em que desgraças caíram os desertores da nação, a maneira como o Templo foi queimado, contra a vontade de Tito, a quantidade de riquezas consagradas a Deus que o fogo destruiu, bem como a destruição completa da cidade, os prodígios que precederam essa extrema desolação, a escravidão de nossos tiranos, o grande número daqueles que foram levados cativos e as suas diversas vicissitudes. Direi ainda a maneira como os romanos perseguiram os que escaparam da guerra e como, depois de os vencer, destruíram completamente as praças e os lugares para onde eles se haviam retirado. Por fim, falarei da visita feita por Tito a toda a província para

restabelecer a ordem e de sua volta à Itália e de seu triunfo. Escreverei todas essas coisas em sete livros, divididos em capítulos, para satisfação das pessoas que amam a verdade, e não tenho motivo para temer que aqueles que tiveram a direção dessa guerra ou que lá se encontraram presentes me acusem de haver faltado à sinceridade. Mas é tempo de começarmos a executar o que prometi.

Livro Primeiro

Capítulo 1

Criação do mundo. Adão e Eva desobedecem à ordem de Deus, e Ele os expulsa do paraíso terrestre.

1. Gênesis 1. No princípio, Deus criou o céu e a Terra, mas a Terra não era visível porque estava coberta de trevas espessas, e o Espírito de Deus adejava por cima dela. Deus ordenou em seguida que se fizesse a luz, e a luz apareceu imediatamente. Depois de ter considerado essa massa, Deus separou a luz das trevas. Às trevas chamou noite, e à luz, dia, dando ao começo do dia o nome de manhã, e ao fim, o de tarde. Foi ao primeiro dia que Moisés chamou "um dia", e não "o primeiro dia", por razões que eu poderia explicar, mas, como prometi escrever sobre todas essas coisas em um trabalho especial, reservo-me para falar disso nele.

No segundo dia, Deus criou o céu, separou-o de todo o resto e colocou-o por cima, como sendo o mais nobre. Rodeou-o de cristal e temperou-o com umidade própria para formar as chuvas que regam docemente a terra, para torná-la fecunda. No terceiro dia, tornou fixa a terra, rodeou-a pelo mar e fê-la produzir as plantas com as suas respectivas sementes. No quarto dia, criou o Sol, a Lua e os outros astros e colocou-os no céu para lhe serem o ornamento principal. Regulou de tal maneira os seus movimentos e o seu curso que eles determinam claramente as estações e as revoluções do ano. No quinto dia, criou os peixes que nadam na água e os pássaros que voam no ar e quis que formassem casais, a fim de crescerem e se multiplicarem, cada um segundo a sua espécie. No sexto dia, criou os animais terrestres e distinguiu-os em sexos diversos, fazendo-os macho e fêmea. E, nesse mesmo dia, criou também o homem. Assim, segundo o que refere Moisés, Deus criou em seis dias o mundo e todas as coisas que nele existem. No sétimo dia, Ele descansou e deixou de trabalhar as grandes obras da criação do mundo: é por esse motivo que não trabalhamos nesse dia e lhe damos o nome de sábado, que em nossa língua

quer dizer "descanso".

2. Gênesis 2. Moisés fala ainda mais particularmente da criação do homem. Ele diz que Deus tomou pó da terra, fez o homem e, com a alma, inspirou nele o espírito e a vida. Ele acrescenta que esse homem foi chamado Adão, que em hebreu significa "ruivo", porque a terra de que ele foi formado era dessa cor, que é a cor da terra natural e a qual se pode chamar virgem.

Deus mandou vir os animais, tanto os machos quanto as fêmeas, para diante de Adão, e este, o primeiro de todos os homens, deu-lhes os nomes que conservam ainda hoje.

3. Deus, vendo que Adão estava sozinho, enquanto os outros animais tinham cada qual uma companheira, quis também dar-lhe uma consorte. Para isso, quando ele estava adormecido, tirou-lhe uma das costelas, da qual formou a mulher. E, logo que Adão a viu, percebeu que ela havia sido tirada dele e que era parte dele mesmo. Os hebreus dão à mulher o nome de Issa, e a que foi a primeira de todas chamou-se Eva, isto é, "mãe de todos os viventes".

4. Moisés narra em seguida como Deus plantou do lado do oriente um delicioso jardim, que cumulou de todas as espécies de plantas, entre elas, duas árvores, uma das quais era a árvore da vida, e a outra, a da ciência, que ensinava a discernir o bem do mal. Ele colocou Adão e Eva nesse jardim e mandou que cultivassem as plantas. O jardim era regado por um grande rio, que o rodeava completamente e se dividia em quatro outros rios. O primeiro desses rios, chamado Pisom, que significa "plenitude" e ao qual os gregos chamam Canges, corre para a índia e desemboca no mar. O segundo, que se chama Eufrates e Fora, em nossa língua, significa "dispersão" ou "flor", e o terceiro, a que chamam Tigre ou Diglath, que significa "estreito e rápido", ambos desembocam no mar Vermelho. O quarto, de nome Giom, que significa "que vem do oriente", é chamado Nilo pelos gregos e atravessa todo o Egito.

5. Deus ordenou a Adão e Eva que comessem de todos os frutos, mas lhes proibiu de tocar no da ciência, alertando-os de que morreriam se o comessem. Havia então perfeita harmonia entre todos os animais, e a serpente estava muito acostumada com Adão e Eva. Mas como a sua malícia a fizesse invejar a felicidade de que ambos desfrutariam se observassem a ordem de Deus e julgasse ela que, ao contrário, eles seriam vítimas de todas as desgraças se

desobedecessem, tratou de persuadir Eva a comer do fruto proibido. Para melhor induzi-la, disse-lhe que o fruto continha uma virtude secreta, que dava o conhecimento do bem e do mal, e que se ela e o marido comessem dele, seriam tão felizes quanto Deus. Assim, a serpente enganou a mulher, e esta desprezou a ordem divina: comeu o fruto, alegrou-se por tê-lo feito e induziu Adão a comê-lo também. Ora, como era verdade que o fruto dava grandíssimo discernimento, eles logo perceberam que estavam nus e sentiram vergonha. Então tomaram folhas de figueira para se cobrir, julgando-se mais felizes do que antes, porque agora conheciam o que até ali haviam ignorado.

Deus entrou no jardim, e Adão, que antes do pecado conversava familiarmente com Ele, não ousou apresentar-se, por causa da falta que havia cometido. Deus perguntou-lhe por que, em vez de sentir prazer em se aproximar dEle, estava fugindo e se escondendo. Como Adão não soubesse o que responder, porque se sentia culpado, Deus lhe disse: "Eu vos havia provido de tudo o que poderíeis desejar para viver sem penas e com prazer uma vida isenta de qualquer cuidado, que teria sido ao mesmo tempo muito longa e feliz. Mas vós vos opusestes ao meu desígnio, desprezastes a minha ordem e não é por respeito que vos calais, mas porque a vossa consciência vos acusa". Adão, então, fez o que podia para se desculpar, pediu a Deus que lhe perdoasse e lançou a sua falta sobre a mulher, que o enganara e fora a causa de seu pecado. Ela, por sua vez, alegou que a serpente a havia enganado. Por isso Deus, para castigar Adão por assim se ter deixado vencer, declarou que a terra não produziria mais frutos, a não ser para aqueles que a cultivassem com o suor do rosto, e mesmo assim não daria tudo o que dela se poderia desejar. Castigou também Eva, estabelecendo que, por se haver deixado enganar pela serpente e atraído todos aqueles males sobre o marido, ela teria filhos com dor e sofrimento. E, para castigar a serpente pela sua malícia, condenou-a a rastejar pela terra, declarando que ela seria inimiga do homem. Depois que Deus impôs a todos o devido castigo, expulsou Adão e Eva daquele jardim de delícias.

CAPÍTULO 2

CAIM MATA SEU IRMÃO ABEL. DEUS O EXPULSA. SUA POSTERIDADE É TÃO MÁ QUANTO ELE. VIRTUDES DE SETE, OUTRO FILHO DE ADÃO.

6. Gênesis 4. Adão e Eva tiveram dois filhos e três filhas. O primeiro chamava-se Caim, que significa "aquisição", e o segundo, Abei, que quer dizer "aflição". Os dois eram de temperamentos completamente opostos. Abel, que era pastor de rebanhos, era mais justo. Considerava que Deus se fazia presente em todas as suas ações e só pensava em agradar-lhe. Caim, ao contrário, que por primeiro trabalhou a terra, era muito mau. Buscava apenas proveito próprio. A sua horrível impiedade levou-o ao excesso de furor, a ponto de matar o próprio irmão. Eis a causa disso:

Ambos resolveram oferecer um sacrifício a Deus, Caim, dos frutos de seu trabalho, e Abel, do leite e das primícias de seu rebanho. Deus demostrou aceitar melhor o sacrifício de Abel, que era produção livre da natureza, do que a oferta que a avareza de Caim dela havia tirado, quase à força. O orgulho de Caim não pôde tolerar que Deus tivesse preferido o irmão a ele: matou-o e escondeu o corpo, esperando que assim ninguém tivesse ciência de seu crime. Deus, porém, a cujos olhos nada há de oculto, perguntou-lhe onde estava o irmão, que não via há vários dias, pois antes eles estavam sempre juntos. Caim, não sabendo o que responder, disse primeiro que se admirava de também não o ter visto mais. Todavia, como Deus insistisse, respondeu-lhe insolen-temente que não era nem senhor nem guarda do irmão e que não se havia encarregado de cuidar daquilo que não lhe dizia respeito. Deus então perguntou-lhe como se atrevia a afirmar nada saber do que acontecera ao irmão, se ele mesmo o havia matado. E, se Caim não tivesse oferecido imediatamente um sacrifício para acalmar-lhe a cólera, teria recebido naquele mesmo instante o castigo que o seu crime bem merecia. Deus, no entanto, amaldiçoou-o, ameaçou castigar os seus descendentes até a sétima geração e expulsou-o. Porém, como Caim temesse que, andando errante, animais ferozes o devorassem, Deus o tranqüilizou contra esse temor. Deu-lhe um sinal, com o qual podia ser reconhecido, e ordenou-lhe que se fosse.

7. Depois de haver atravessado diversos países, Caim estabeleceu residência em um lugar chamado Node, onde teve vários filhos. No entanto o castigo, em vez de torná-lo melhor, fê-lo, ao contrário, muito pior. Abandonou-se a toda sorte de prazeres e até usou de violência, apoderando-se de bens

alheios para enriquecer-se. Reuniu homens maus e celerados, dos quais se tornou o chefe, e ensinou-os a cometer toda espécie de crimes e de ações ímpias. Mudou a inocente maneira de viver que adotara no princípio, inventou os pesos e as medidas e substituiu a franqueza e a sinceridade, tão mais louváveis e simples, pela astúcia e pelo engano. Ele foi o primeiro a estabelecer limites para a divisão de propriedades e construiu uma cidade. Chamou-a Enoque, nome de seu filho mais velho, rodeou-a de muralhas e a povoou.

Enoque teve por filho Irade, Irade gerou Meujael, Meujael a Metusalém e Metusalém a Lameque. Lameque teve setenta filhos de suas duas esposas, Zilá e Ada, um dos quais, de nome jabal, filho de Ada, foi o primeiro a morar embaixo de tendas e de pavilhões, levando uma vida de simples pastor. Jubal, seu irmão, inventou a música, o saltério e a harpa. Tubalcaim, filho de Zilá, sobrepujava a todos os outros em coragem e força, e foi grande comandante. Nesse entretempo, enriqueceu e serviu-se de suas riquezas para viver ainda mais suntuosamente do que até então. Ele inventou a arte de forjar e teve apenas uma filha, de nome Naamá. Como Lameque era muito instruído nas coisas divinas, julgou facilmente que sofreria a pena do assas-sínio de Caim, na pessoa de Abel, e disse-o às suas duas mulheres.

Eis como a posteridade de Caim chafurdou-se em toda espécie de crimes. Não se contentaram em imitar os de seus pais, mas inventaram outros. Entre eles, havia assassínios e latrocínios, e os que não mergulhavam as mãos em sangue estavam cheios de orgulho e de avareza.

8. Adão ainda vivia e tinha cento e trinta anos. A morte de Abel e a fuga de Caim fizeram-no desejar ardentemente outros filhos. E teve mesmo vários: depois de viver ainda oitocentos anos, morreu na idade de novecentos e trinta anos.

9. Seria demasiado longo discorrer sobre todos os filhos de Adão. Contentar-me-ei em dizer algo de um deles, de nome Sete. Educado junto de seu pai, deu-se com afeto à virtude. Deixou filhos semelhantes a ele, que permaneceram em sua terra, onde viveram felizes e em perfeita união. Deve-se ao seu espírito e ao seu trabalho a ciência dos astros. Como os seus filhos haviam sido informados por Adão que o mundo pereceria pela água e pelo fogo, o medo de que essa ciência se perdesse antes que os homens a aprendessem

levou-os a construir duas colunas, uma de tijolos e outra de pedras, e sobre elas gravaram os conhecimentos que possuíam. Se um dilúvio destruísse a coluna de tijolos, ficaria a de pedras, para conservar à posteridade a memória daquilo que haviam escrito. A previdência deles deu bom resultado, e afirma-se que a coluna de pedras pode ser vista ainda hoje, na Síria.

CAPÍTULO 3

DA POSTERIDADE DE ADÃO ATÉ O DILÚVIO, DO QUAL DEUS PRESERVOU NOÉ POR MEIO DA ARCA, PROMETENDO-LHE NÃO MAIS CASTIGAR OS HOMENS COM DILÚVIO.

10. Gênesis 5. Sete gerações continuaram a viver no exercício da virtude e no culto do verdadeiro Deus, ao qual reconheciam por único Senhor do universo.

Mas as que vieram em seguida não imitaram os costumes dos pais. Não prestavam mais a Deus a honra que lhe era devida nem exerciam mais a justiça para com os homens, mas se entregavam com mais ardor ainda a toda sorte de crimes, enquanto os seus antepassados se haviam dedicado à prática de toda espécie de virtudes. Assim, atraíram sobre si a cólera de Deus, e os grandes* da terra, que se haviam casado com as filhas dos descendentes de Caim, produziram uma raça indolente que, pela confiança que depositavam na própria força, se vangloriava de calcar aos pés a justiça e imitava os gigantes de que falam os gregos.

---

* Nessa época, havia duas raças distintas: a descendência de Sete e a de Caim. Os expositores modernos, em sua maioria, concordam que os "filhos de Deus", citados em Gênesis 6.2, constituíam a descendência de Sete, e os "filhos dos homens", a descendência de Caim. (N do E)

11. Noé, entristecido pela dor de vê-los imersos nos crimes, exortava-os a mudar de vida. Mas quando viu que em vez de seguir os seus conselhos eles se tornavam cada vez piores, o temor de que o fizessem morrer com toda a sua família levou-o a deixar a sua pátria. Deus, que o amava por causa de sua

probidade, ficou tão irritado pela malícia e corrupção do resto dos homens que resolveu não somente castigá-los, mas exterminá-los completamente e repovoar a terra com homens que vivessem na pureza e na inocência. Assim, abreviou-lhes o tempo da vida, reduzindo-o a cento e vinte anos, inundou a terra de modo a parecer que ela havia sido tomada pelo mar e fê-los todos perecer nas águas, com exceção de Noé. A este, para salvá-lo, ordenou que construísse uma arca de quatro andares, com trezentos côvados de comprimento, cinqüenta de largura e trinta de altura; que lá se encerrasse com a esposa, os três filhos e as três esposas deles; e que levasse todo o necessário para o seu alimento e também para os animais de todas as espécies, os quais ele deveria levar consigo, para conservar-lhes a raça. Isto é, um casal de cada espécie, macho e fêmea, e sete casais de algumas. O teto e os lados da arca eram tão fortes que ela resistiu à violência das águas e dos ventos e salvou Noé e sua família da inundação geral que fez morrer todos os outros homens. Ele era o décimo descendente de Adão, de masculino em masculino, pois era filho de Lameque, que era filho de Metusalém. Metusalém era filho de Jarede. Jarede era filho de Maalalel, que tinha vários irmãos. Maalalel era filho de Cainã. Cainã era filho de Enos. Enos era filho de Sete, e Sete era filho de Adão.

12. Noé tinha seiscentos anos quando veio o dilúvio. Foi no segundo mês, que os macedônios chamam dius, e os hebreus, maresvã, pois os egípcios assim dividiram o ano. Quanto a Moisés, ele deu, nos seus fastos, o primeiro lugar ao mês chamado nisã, que é o xântico macedônio, porque foi nesse mês que ele retirou os hebreus da terra do Egito e por essa razão começou por esse mesmo mês a registrar o que se refere ao culto a Deus. No que se refere às coisas civis, no entanto, como as feiras e mercados determinados pelo comércio e empreendimentos semelhantes, não houve mudança alguma. Moisés registra que a chuva causadora do dilúvio geral começou a cair no dia 27 do segundo mês do ano 2256 depois da criação de Adão. A Sagrada Escritura faz o cálculo disso e anota com cuidado muito particular o nascimento e a morte dos grandes personagens daquele tempo.* Adão viveu novecentos e trinta anos e tinha duzentos e trinta** quando nasceu o seu filho Sete. Sete viveu novecentos e doze anos e tinha duzentos e cinco quando nasceu o seu filho Enos. Enos viveu novecentos e cinco anos e tinha cento e noventa quando nasceu o seu

filho Cainã. Cainã viveu novecentos e dez anos e tinha cento e setenta quando nasceu o seu filho Maalalel. Maalalel viveu oitocentos e noventa e cinco anos e tinha cento e sessenta e cinco quando nasceu o seu filho Jarede. Jarede viveu novecentos e sessenta e dois anos e tinha cento e sessenta e dois quando nasceu o seu filho Enoque. Enoque viveu trezentos e sessenta e cinco anos e tinha cento e sessenta e cinco quando nasceu o seu filho Metusalem. Na idade de trezentos e sessenta e cinco anos, foi tirado do mundo, e ninguém escreveu sobre a sua morte.

Metusalem viveu novecentos e sessenta e nove anos e tinha cento e oitenta e sete quando nasceu o seu filho Lameque. Lameque viveu setecentos e setenta e sete anos e tinha cento e oitenta e dois quando nasceu o seu filho Noé. Noé viveu novecentos e cinqüenta anos, os quais, acrescentados aos seiscentos que já contava na ocasião do dilúvio, perfazem o número anteriormente assinalado de dois mil duzentos e cinqüenta e seis anos. Foi mais conveniente para esse cálculo citar, como fiz, a época do nascimento desses primeiros homens, e não a de sua morte, porque a vida deles era tão longa que se estendia até a posteridade mais remota.

---

* Este trecho está inteiramente corrompido no texto grego e foi corrigido pelo que dizem os manuscritos.

** Algumas idades neste trecho diferem do relato bíblico porque seguem a cronologia da Septuaginta — o texto da Bíblia é baseado na cronologia hebraica. (N do E)

13. Gênesis 7e8. Deus, então, deu o sinal e livre curso às águas, a fim de inundarem a terra, e elas elevaram-se, por uma chuva contínua de quarenta dias, até quinze côvados acima das mais altas montanhas e não deixaram nenhum lugar para onde o povo pudesse fugir e salvar-se. Depois que a chuva cessou, passaram-se cento e cinqüenta dias antes que as águas se retirassem, e somente no vigésimo sétimo dia do sétimo mês a arca se deteve sobre o vértice de uma montanha da Armênia. Noé então, abriu uma janela e, vendo um pouco de terra ao redor da arca, começou a se consolar e a conceber melhores

esperanças. Alguns dias depois, ele fez sair um corvo para saber se havia ainda outros lugares de onde as águas se tivessem retirado completamente e se ele podia sair sem perigo. O corvo, porém, achando a terra ainda toda inundada, voltou à arca. Sete dias depois, Noé fez sair uma pomba, e ela voltou com os pés enlameados, trazendo no bico um ramo de oliveira. Assim, ele soube que o dilúvio havia cessado. Após haver esperado outros sete dias, fez sair todos os animais que estavam na arca. E ele também saiu, com a mulher e os filhos, ofereceu um sacrifício a Deus em ação de graças e deu um banquete à família.

Os armênios chamaram a esse lugar Descida ou Saída, e os seus habitantes apontam ainda hoje alguns restos da arca. Todos os historiadores, mesmo os bárbaros, falam do dilúvio e da arca, dentre outros Berose, caldeu. Eis as suas palavras: "Diz-se que ainda hoje se vêem restos da arca sobre a montanha dos Cordiens, na Armênia, e alguns levam desse lugar pedaços de betume, com o qual ela estava recoberta, e dele se servem como impermeabilizante". jerônimo, egípcio que escreveu sobre as antigüidades dos fenícios, Mnazeas e vários outros disso falam também. Nicolau de Damasco, no nonagésimo sexto livro de sua história, menciona-o nestes termos: "Há na Armênia, na província de Miniade, uma alta montanha chamada Baris, sobre a qual, diz-se, muitos se salvaram durante o dilúvio, e que uma arca cujos restos se conservaram por vários anos, e na qual um homem se havia encerrado, deteve-se no cume dessa montanha. Há probabilidade de que esse homem é aquele de que fala Moisés, o legislador dos judeus".

14. Gênesis 8 e 9. Com medo de que Deus inundasse a terra todos os anos, a fim de exterminar a raça dos homens, Noé ofereceu-lhe vítimas, rogando que nada mudasse na ordem estabelecida anteriormente e que Ele não usasse de tal rigor, fazendo perecer todas as criaturas vivas, mas se contentasse por ter castigado os maus, como os seus crimes mereciam, e por ter poupado os inocentes, aos quais Ele quisera salvar a vida. Pois, de outro modo, eles seriam ainda mais infelizes do que os que haviam sido sepultados nas águas, tendo visto com tremor tão estranha desolação e tendo dela sido preservados apenas para perecer mais tarde, de maneira semelhante. Assim, rogava que Deus aceitasse o seu sacrifício e não mais olhasse para a terra com cólera, de jnodo que ele e seus descendentes pudessem cultivá-la sem medo,

construir cidades, desfrutar de todos os bens que possuíam antes do dilúvio e passar uma vida tão longa quanto feliz, como a de seus antepassados.

Como Noé era homem justo, Deus atendeu à sua oração e concedeu-lhe o que pedia, dizendo-lhe que não fora o patriarca a causa dos que se haviam perdido no dilúvio; que eles só podiam acusar a si mesmos pelo castigo recebido; que, se tivesse querido perdê-los, não os teria feito nascer, sendo mais fácil não dar a vida do que a tirar após tê-la concedido; que eles deviam, portanto, atribuir os castigos aos seus próprios crimes; que, em consideração à sua oração, não lhes seria mais tão severo no futuro; e que, quando viessem tempestades e furacões extraordinários, nem ele nem seus descendentes deveriam pensar num outro dilúvio, pois Ele não mais permitiria que as águas inundassem a terra. Contudo proibia a ele e aos seus manchar as mãos no sangue, e ordenava-lhes que castigassem severamente os homicidas, e os fazia senhores absolutos dos animais, para dispor deles como quisessem, exceto de seu sangue, do qual não podiam usar como do resto, porque no sangue está a vida. "E meu arco", acrescentou, "que vereis no céu, será o sinal e a garantia da promessa que vos faço". Isso disse Deus a Noé. E ao arco que apareceu no céu, chamaram arco de Deus.

15. Noé viveu trezentos e cinqüenta anos depois do dilúvio, na máxima prosperidade, e morreu com novecentos e cinqüenta anos de idade. Por maior que seja a diferença entre a pouca duração da vida dos homens de hoje e a longa duração da dos de que acabo de falar, o que narro não deve passar por inverossímil. É que, além de os nossos antepassados serem muito queridos de Deus, e como obra que Ele havia feito com as próprias mãos, os alimentos de que se nutriam eram mais apropriados para conservar a vida. E Deus a prolongava, tanto por causa de sua virtude como para lhes dar meios de aperfeiçoar as ciências da geometria e da astronomia, que eles haviam inventado — o que eles não teriam podido fazer se tivessem vivido menos de seiscentos anos, pois é somente após a revolução de seis séculos que se completa o grande ano. Todos os que escreveram a história, tanto da Grécia como de outras nações, dão testemunho do que digo. Mâneto, que escreveu a história dos egípcios, Berose, que nos deixou a dos caldeus. Moco, Hestieu e Jerônimo, que escreveram a dosfenícios, dizem também a mesma coisa.

Hesíodo, Hecateu, Ascausila, Helânico, Éforo e Nicolau, referem que esses primeiros homens viviam até mil anos. Deixo aos que lerem isto que façam o juízo que quiserem.

CAPÍTULO 4

NINRODE, NETO DE NOÉ, CONSTRÓI A TORRE DE BABEL, E DEUS, PARA CONFUNDI-LOS E DESTRUIR ESSA OBRA, MANDA A CONFUSÃO DE LÍNGUAS.

16. Gênesis 10 e 11 .Os três filhos de Noé, Sem, jafé e Cam, nascidos cem anos antes do dilúvio, foram os primeiros a deixar as montanhas para morar nas planícies, o que os outros não ousavam fazer, assustados ainda com a desolação universal causada pelo dilúvio. Mas o exemplo daqueles animou estes a imitá-los. Deram o nome de Sinar à primeira terra em que habitaram. Deus ordenou que mandassem colônias a outros lugares, a fim de que, multiplicando-se e estendendo-se, pudessem cultivar mais terras, colher frutos em maior abundância e evitar as divergências que de outro modo poderiam ser suscitadas entre eles. Porém esses homens rudes e indóceis não obedeceram e, pelo seu pecado, foram castigados com os males que lhes sucederam. E Deus, vendo que o seu número crescia sempre, ordenou-lhes segunda vez que formassem novas colônias.

Esses ingratos, porém, esquecidos de que deviam a Ele todos os seus bens e atribuindo-os a si mesmos, continuaram a desobedecer-lhe e acrescentaram à sua desobediência a impiedade de imaginar que era uma cilada que se lhes armava, a fim de que, estando divididos, pudesse Deus mais facilmente destruí-los. Ninrode, neto de Cam, um dos filhos de Noé, foi quem os levou a desprezar a Deus dessa maneira. Ao mesmo tempo valente e corajoso, persuadiu-os de que deviam unicamente ao seu próprio valor, e não a Deus, toda a sua boa fortuna. E, como aspirava ao governo e queria que o escolhessem como chefe, abandonando a Deus, ofereceu-se para protegê-los contra Ele (caso Deus ameaçasse a terra com outro dilúvio), construindo uma torre para esse fim, tão alta que não somente as águas não poderiam chegar-lhe ao cimo como ainda ele vingaria a morte de seus antepassados.

O povo, insensato, deixou-se dominar pela estulta convicção de que lhes

seria vergonhoso ceder a Deus, e começaram a trabalhar nessa obra com incrível ardor. A multidão e a atividade dos operários fez com que a torre em pouco tempo se elevasse a uma altura acima de qualquer expectativa, mas a sua debilidade fazia com que parecesse menos alta do que era de fato. Construíram-na de tijolos, cimentando-a com betume, para torná-la mais forte. Deus, irado com essa loucura, não quis no entanto exterminá-los, como fizera aos seus predecessores, cujo exemplo, aliás, lhes havia sido de todo inútil, mas pôs divisão entre eles, fazendo com que a única língua que falavam se multiplicasse num instante, de tal modo que não mais se entendiam. A confusão fez com que se desse ao lugar onde se havia construído a torre o nome de Babilônia, pois Babel em hebreu significa "confusão". A Sibila assim descreve esse grande acontecimento: "Todos os homens que então tinham uma só língua construíram torre tão alta que parecia que ela se elevaria até o céu. Mas os deuses levantaram contra ela tão violenta tempestade que ela foi derribada e fizeram com que aqueles que a haviam construído falassem no mesmo instante diversas línguas. Isso foi causa de que se desse o nome de Babilônia à cidade que depois foi construída naquele mesmo lugar". Hestieu também fala do campo de Sinar, onde Babilônia está localizada: "Diz-se que os sacerdotes que se salvaram dessa grande catástrofe com as coisas sagradas, destinadas ao culto de Júpiter, o vencedor, vieram a Sinar de Babilônia".

CAPÍTULO 5

COMO OS DESCENDENTES DE NOÉ SE ESPALHARAM PELOS DIVERSOS LUGARES DA TERRA.

17. Gênesis 10. A diversidade de línguas obrigou a multidão quase infinita desse povo a dividir-se em diversas colônias, segundo Deus, por sua providência, os ia levando. Assim, não somente o meio da terra, mas também as margens do mar encheram-se de habitantes. Houve mesmo quem embarcasse em navios e passasse às ilhas. Algumas dessas nações conservam ainda os nomes dados por aqueles que lhes deram origem, outras mudaram-nos e outras ainda, por fim, em vez dos nomes bárbaros que antes possuíam, receberam nomes que eram do agrado daqueles que nelas vinham se estabelecer. Os gregos foram os principais autores dessa mudança, pois, havendo-se tornado

senhores de todos esses países, davam-lhes nomes e como bem desejavam impunham leis aos povos conquistados, usurpando, assim, a glória de passar por seus fundadores.

CAPÍTULO 6

DESCENDENTES DE NOÉ ATÉ JACÓ. DIVERSOS PAÍSES QUE ELES OCUPARAM.

18. Gênesis 10. Os filhos dos filhos de Noé, para honrar-lhe a memória, deram os próprios nomes aos países onde se estabeleceram. Assim, os sete filhos de Jafé, que se estabeleceram pela Ásia desde o monte Tauro e o Amã até o rio de Tanais e na Europa até Gades, deram os seus nomes às terras que ocuparam e que não eram ainda povoadas. Gomer fundou a colônia dos gôrneres, que os gregos chamam gaiatas. Magogue fundou a dos magogianos, a que chamam citas. Javã deu o nome à Jônia e a toda a nação dos gregos. Madai foi o fundador dos madianos, que os gregos chamam medas. Tubal deu o seu nome aos tubalinos, que agora se chamam iberos.* Meseque deu o próprio nome aos mescinianos (o de capadócios, que eles têm agora, é novo), e ainda hoje uma de suas cidades tem o nome de Malaca, o que nos mostra que essa cidade antigamente se chamava assim. Tiras deu o seu nome aos tírios, dos quais foi o príncipe e que os gregos chamam trácios. Assim, todas essas nações foram fundadas pelos filhos de Jafé.

Gomer, que era o mais velho dos filhos de Jafé, teve três filhos: Asquenaz, que deu o seu nome aos asquenázios, aos quais os gregos chamam reginianos; Rifate, que deu o seu nome aos rifanianos, aos quais os gregos chamam paflagonianos; Togarma, que deu o seu nome aos togarmanianos, aos quais os gregos chamam frígios.

Javã, outro filho de Jafé, teve quatro filhos: Elisa, Társis, Quitim e Dodanim. Elisa deu o seu nome aos elisamos, que hoje se chamam ecolianos. Társis deu o seu nome aos tarsianos, que hoje são os cilicianos, cuja principal cidade ainda hoje se chama Tarso. Quitim ocupou a ilha que agora se chama Chipre, à qual deu o seu nome, razão por que os hebreus chamam de Quitim todas as ilhas e todos os lugares marítimos. Ainda hoje, uma das cidades da ilha de Chipre é chamada Citium por aqueles que dão nomes gregos a todas as

coisas, que pouco difere do nome Quitim. Eis as nações de que os filhos de Jafé se tornaram senhores. Antes de retomar o fio de minha narração acrescentarei uma coisa que talvez os gregos ignorem: esses nomes foram mudados segundo a maneira de falar, para tornar a pronúncia mais agradável, pois entre nós não serão jamais mudados.

---

* Ou espanhóis.

19. Os filhos de Cam ocuparam a Síria e todos os países que estão além dos montes de Amane e do Líbano até o oceano, dando-lhes nomes dos quais alguns são hoje inteiramente desconhecidos, e outros, modificados de tal modo que mal se poderiam reconhecer. Somente os etíopes, dos quais Cuxe, filho de um dos quatro filhos de Cam, foi príncipe, conservaram o nome ancestral, não somente naquele país mas em toda a Ásia. Ainda hoje eles são chamados cuxeenses. Os mizraenses, descendentes de Mizraim, também conservaram o seu nome, pois nós chamamos Mizrau ao Egito e mizraenses aos egípcios. Pute povoou a Líbia e chamou a esses povos com o seu nome: puteenses. Existe ainda hoje, na Mauritânia, um rio que tem esse nome, e vários historiadores gregos o mencionam, como também ao país vizinho, a que chamam Pute, mas que depois mudou de nome, por causa de um dos filhos de Mizraim, Leabim. Direi em seguida por que lhe deram o nome de África. Canaã, quarto filho de Cam, estabeleceu-se na Judéia, a que chamou com o seu nome: Canaã.

Cuxe, o mais velho dos filhos de Cam, teve seis filhos: Sebá, príncipe dos sebaenses; Havilá, príncipe dos havilenses, que agora são chamados getulienses; Sabtá, príncipe dos sabataenses, a que os gregos chamam astabarienses; Raamá, príncipe dos ramaenses (que teve dois filhos, que moram entre os etíopes ocidentais: um de nome Dedã e outro de nome Sabá, que deu nome aos sabaenses); Sabtecá. Quanto a Ninrode, sexto filho de Cuxe, ficou entre os babilônios e tornou-se senhor deles, como já o disse anteriormente.

Mizraim foi pai de oito filhos, que ocuparam todos os países que estão entre Gaza e o Egito. Mas somente um desses oito, Filistim, manteve o nome no seu país — os gregos deram o nome de Palestina a uma parte dessa província. Quanto aos sete outros irmãos, chamados Ludim, Anamim, Leabim, Naftuim,

Patrusim, Casluim e Caftorim, com exceção de Leabim, que fundou uma colônia na Líbia e lhe deu o seu nome, nada sabemos de suas obras, porque as cidades que construíram foram destruídas pelos etíopes, como diremos a seu tempo.

Canaã teve onze filhos: Sidônio, que construiu na Fenícia uma cidade à qual deu o seu nome e à qual os gregos chamam Sidom; Hamate, que construiu a cidade de Hamate, que ainda hoje se vê e conserva o mesmo nome entre os que nela habitam, embora os macedônios lhe chamem Epifania, nome de um de seus príncipes; Arqueu, que teve como herança a ilha de Aruda; Amom, que teve a cidade de Arce, situada no monte Líbano. Quanto aos outros sete irmãos, chamados Heveu, Hete, Jebuseu, Arvadeu, Sineu, Zemarco e Cirgaseu, só ficaram os nomes nas Sagradas Escrituras, porque os hebreus destruíram-lhes as cidades por motivo que depois direi.

Gênesis 9. Quando, depois do dilúvio, a terra foi restaurada ao seu estado primitivo, Noé cultivou-a como antes e plantou uma vinha, da qual ofereceu as primícias a Deus. Bebeu vinho que dela fez e, como não estava acostumado a uma bebida tão forte e ao mesmo tempo tão deliciosa, bebeu demais e ficou embriagado. Dormiu em seguida, tendo-se descoberto ao dormir, contra o que lhe permitia a decência. Cam, o mais novo de seus filhos, vendo-o naquele estado, zombou dele e mostrou-o aos irmãos. Estes, porém, ao contrário, cobriram a nudez do pai com o respeito que lhe deviam. Noé, ao saber o que se havia passado, deu-lhes a sua bênção, e a ternura paternal fê-lo perdoar Cam, contentando-se em amaldiçoar apenas os seus descendentes, que foram assim castigados pelo pecado de seu pai, como iremos expor em seguida.

20. Gênesis 11. Sem, outro filho de Noé, teve cinco filhos, que estenderam o seu domínio desde a Ásia, a partir do rio Eufrates, até o oceano Índico. De Elão, o mais velho, vieram os elameenses, e dele os persas tiveram a sua origem. Assur, o segundo, construiu a cidade de Nínive e deu o nome de assírios aos seus súditos, os quais foram extraordinariamente ricos e poderosos. Arfaxade, o terceiro, também chamou aos seus pelo seu nome, isto é, arfaxadeenses, que são hoje os caldeus. De Arã, o quarto, vieram os arameenses, aos quais os gregos chamam sírios, e de Lude, o quinto, vieram os ludeenses, que hoje são chamados lídios.

Arã teve quatro filhos, dos quais Uz, o mais velho, estabeleceu-se na Traconites e aí construiu a cidade de Damasco, que está situada entre a Palestina e a Síria, cognominada Coelem. Hul, o segundo, ocupou a Armênia. Geter, o terceiro, foi príncipe dos bactrianos. E Más, o quarto, dominou os mesanianos, cujo país hoje se chama o vale de Pasin.

Arfaxade foi pai de Sala, e Sala, pai de Éber, de cujo nome os judeus foram chamados hebreus. Éber teve por filhos Joctã e Pelegue, este nascido quando se fazia a divisão das terras, pois Pelegue em hebreu significa "partilha", joctã teve treze filhos: Almodá, Selefe, Hazar-Mavé, Jerá, Hadorão, Uzal, Dicla, Obal, Abimael, Sabá, Ofir, Havilá e Jobabe, que se espalharam desde o rio Confem, que está na índia, até a Assíria.

Depois de haver falado dos descendentes de Sem, é preciso agora falar dos hebreus, descendentes de Éber. Pelegue, filho de Éber, teve por filho Reú. Reú teve Serugue, Serugue teve Naor e Naor teve Terá, pai de Abraão, que assim foi o décimo desde Noé e nasceu duzentos e noventa e dois anos após o dilúvio, pois Terá tinha setenta anos ao nascer Abraão. Naor tinha vinte e nove anos quando teve Terá, Serugue tinha trinta anos quando teve Naor, Reú tinha trinta e dois anos quando teve Serugue, Pelegue tinha trinta anos quando teve Reú, Éber tinha trinta e quatro anos quando teve Pelegue, Sala tinha trinta anos quando teve Éber. Arfaxade tinha trinta e cinco anos quando teve Sala e Arfaxade, filho de Sem e neto de Noé, nasceu dois anos após o dilúvio.

21. Abraão teve dois irmãos: Naor e Harã. Este morreu na cidade de Ur da Caldéia, onde ainda hoje se vê o seu sepulcro, e deixou um filho de nome de Ló e duas filhas: Sara e Milca. Abraão desposou Sara, e Naor desposou Milca.

Terá, pai de Abraão, tendo concebido aversão pela Caldéia, porque lá perdera o filho Arã, deixou-a e foi com toda a família para Harã, na Mesopotâmia. E lá morreu, com a idade de duzentos e cinco anos — a duração da vida humana já ia pouco a pouco diminuindo, continuou a diminuir até Moisés, e foi então que Deus a reduziu a cento e vinte anos, o tempo que viveu esse admirável legislador. Naor teve de sua mulher, Milca, oito filhos: Uz, Buz, Quemuel, Quésede, Hazo, Pildas, jidlafe e Betuel; de Reumá, sua concubina, teve Teba, Gaã, Taás e Maaca. Betuel, que foi o último filho de Naor, teve um filho de nome Labão e uma filha de nome Rebeca.

CAPÍTULO 7

ABRAÃO, NÃO TENDO FILHOS, ADOTA LÓ, SEU SOBRINHO, DEIXA A CALDÉIA E VAI MORAR EM CANAÃ.

22. Gênesis 12. Abraão, não tendo filhos, adotou Ló, filho de seu irmão Arã e irmão de sua mulher, Sara. E, para obedecer à ordem que havia recebido de Deus, deixou a Caldéia na idade de setenta e cinco anos e foi morar na terra de Canaã, a qual deixou à sua posteridade. Era homem muito sensato, prudente e de grande espírito e tão eloqüente que podia persuadir sobre o que quisesse. Como nenhum outro o igualava em capacidade e em virtude, deu aos homens um conhecimento muito mais perfeito da grandeza de Deus, como jamais tiveram antes. Foi ele quem primeiro ousou dizer que existe um só Deus, que o universo é obra das mãos dEle e que a nossa felicidade deve ser atribuída unicamente à sua bondade, e não às nossas próprias forças.

O que o levava a falar dessa maneira era o fato de ter deduzido, após considerar atentamente o que se passava sobre a terra e sobre o mar e o curso do Sol, da Lua e das estrelas, que há um poder superior regulando esses movimentos, sem o qual todas as coisas cairiam em confusão e desordem, por não terem de si mesmas poder algum para nos proporcionar os benefícios que delas haurimos — elas os recebem dessa potência superior, à qual estão absolutamente sujeitas, o que nos obriga a honrar somente a Ele e a reconhecer o que lhe devemos por contínuas ações de graças. Os caldeus e os outros povos da Mesopotâmia, não podendo tolerar as palavras de Abraão, levantaram-se contra ele. Assim, por ordem e com o auxílio de Deus, ele saiu do país para ir morar na terra de Canaã. Lá, construiu um altar e ofereceu a Deus um sacrifício. Berose, sem nomeá-lo, fala nestes termos desse grande homem: "Na décima era, depois do dilúvio, havia entre os caldeus um homem muito justo e muito hábil na ciência dos astros". Hecateu cita-o somente de passagem, mas escreveu um livro inteiro sobre esse assunto. Lemos no quarto livro da história de Nicoiau de Damasco estas apropriadas palavras: "Abraão saiu com grande acompanhamento da terra dos caldeus, que está acima da Babilônia, reinou em Damasco e partiu algum tempo depois com todo o seu povo, estabeleceu-se na

terra de Canaã, que agora se chama Judéia, onde a sua posteridade se multiplicou de maneira incrível, como direi mais particularmente em outro lugar. O nome de Abraão é ainda hoje muito célebre e tido em grande veneração na terra de Damasco. Vê-se aí uma aldeia que tem o seu nome e onde se diz que ele morou".

CAPÍTULO 8

UMA GRANDE CARESTIA OBRIGA ABRAÃO A IR AO EGITO. O FARAÓ APAIXONA-SE POR SARA. DEUS A PRESERVA. ABRAÃO RETORNA PARA CANAÃ E DIVIDE OS SEUS BENS COM LÓ, SEU SOBRINHO.

23. Gênesis 12 e 13. O país de Canaã foi então assolado por grande carestia, e Abraão, tendo sabido nesse mesmo tempo que o Egito desfrutava grande abundância, resolveu tanto mais facilmente ir para lá quanto lhe era interessante conhecer os sentimentos dos sacerdotes daquele país com relação à Divindade. E, se eles fossem mais bem instruídos do que ele, conformar-se-ia à sua crença, mas se, ao contrário, ele fosse o mais instruído, comunicaria a eles a sua fé. Como Sara, sua esposa, era muito formosa, e sabendo ele da incontinência dos egípcios, e temendo que o rei se apaixonasse por ela e o mandasse matar, fingiu que ela era sua irmã e ensinou-lhe como proceder para evitar esse perigo.

O que ele havia previsto aconteceu. A fama da beleza de Sara espalhou-se logo. O rei quis vê-la e não somente vê-la, como também possuí-la. Deus, porém, impediu a realização do seu mau desígnio por meio de uma peste, que lhe avassalou o reino, e pela revolta dos seus súditos. Por isso o príncipe consultou os seus sacerdotes, para saber de que maneira se poderia aplacar a cólera divina. Responderam-lhe que a violência que ele queria fazer à mulher de um estrangeiro era a causa daquilo. Faraó, espantado com a resposta, perguntou quem era essa mulher e quem era esse estrangeiro. Depois de haver sabido de tudo, pediu grandes desculpas a Abraão, disse-lhe que julgara que fosse sua irmã, e não sua mulher, e que em vez de querer fazer-lhe afronta não tivera outro intento senão contrair aliança com ele. Deu-lhe em seguida grande soma de dinheiro e permitiu-lhe conversar com os homens mais instruídos do

reino.

Essa conversa tornou conhecida a sua virtude e granjeou-lhe grande renome, pois apesar de os sábios do Egito serem de sentimentos diversos, impondo essa diversidade uma grande divisão entre eles e Abraão, ele tão claramente lhes deu a conhecer que estavam longe da verdade que eles lhe admiraram mais a grandeza de espírito que o dom de persuadir. Ele ensinou-lhes até mesmo a aritmética e a ciência dos astros, que lhes eram desconhecidas: foi por meio dele que essas ciências passaram dos caldeus aos egípcios e dos egípcios aos gregos.

24. Abraão, ao voltar a Canaã, dividiu o país com Ló, seu sobrinho. Os guardas de seus rebanhos estavam brigados uns com os outros por causa das pastagens. Então ele disse a Ló que escolhesse e tomou para si o que o outro não quis, contentando-se com as terras que estão ao pé das montanhas. Estabeleceu em seguida a sua moradia na cidade de Hebrom, que é sete anos mais velha que Tanis, no Egito. Quanto a Ló, escolheu ele as planícies que estão ao longo do rio Jordão e próximas da cidade de Sodoma, que estava então em franco progresso, mas que agora se acha inteiramente destruída pela justa vingança de Deus — e nada resta dela, nem mesmo o menor vestígio, como diremos em seguida.

CAPÍTULO 9

OS ASSÍRIOS DERROTAM SODOMA. LEVAM DIVERSOS PRISIONEIROS, DENTRE ELES LÓ, QUE VIERA PRESTAR AUXÍLIO.

25. Gênesis 14. O império da Ásia achava-se então nas mãos dos assírios, e o país de Sodoma estava tão populoso e tão rico que era governado por cinco reis de nome Bera, Birsa, Sinabe, Semeber e Bela. Os assírios atacaram-nos com grande e poderoso exército, que dividiram em quatro corpos, comandados por quatro chefes. Tendo obtido a vitória depois de sangrento combate, obrigaram os reis de Sodoma a pagar tributo. Estes lhes estiveram sujeitos durante doze anos. No décimo terceiro ano, revoltaram-se. Os assírios, para se vingar, voltaram segunda vez, sob o comando de Marfede, de Arioque, de Codologomo e de Tidal, devastaram toda a Síria, subjugaram os

descendentes dos gigantes e entraram nas terras de Sodoma, onde acamparam no vale que tinha o nome de Poços de Betume, por causa dos poços de betume natural que ali existiam, mas que depois da destruição de Sodoma foi mudado num lago que se chama Asfaltite, porque o betume dele sai continuamente aos borbotões. Travou-se grande combate, que foi muito renhido: vários de Sodoma foram mortos e muitos foram feitos prisioneiros, dentre os quais estava Ló, que viera prestar auxílio.

Capítulo 10

Abraão persegue os assírios, afugenta-os, liberta Ló e todos os outros prisioneiros. O rei de Sodoma e Melquisedeque, rei de Jerusalém, prestam-lhe grandes honras. Deus promete-lhe que ele terá um filho com Sara. Nascimento de Ismael, filho de Abraão e Agar. Circuncisão ordenada por Deus.

26. Gênesis 14. Abraão ficou tão comovido com a derrota dos habitantes de Sodoma, que eram seus vizinhos e amigos, e com o cativeiro de Ló, seu sobrinho, que resolveu ajudá-los. Sem retardar um só momento, seguiu os assírios e alcançou-os no quinto dia, perto de Dã, uma das nascentes do Jordão. Surpreendeu-os à noite vencidos pelo vinho e pelo sono e matou grande parte deles. Pôs os restantes em fuga e perseguiu-os todo o dia seguinte até Soba de Damasco. Esse grande feito fez ver que a vitória não depende do grande número, mas da coragem dos combatentes, pois Abraão tinha com ele apenas trezentos e dezoito homens e três de seus amigos quando derrotou aquele grande exército. Os poucos assírios que restaram fugiram para o seu país cobertos de vergonha e de confusão. Assim, Abraão libertou Ló e todos os outros prisioneiros e voltou plenamente vitorioso.

27. O rei de Sodoma veio até ele no lugar a que chamam Campo Real, onde o rei de Salém, que agora é Jerusalém, o recebeu com grandes demonstrações de estima e de amizade. Esse príncipe chamava-se Melquisedeque, isto é, "rei justo". E ele era verdadeiramente justo, pois a sua virtude era tal que, por consentimento unânime, havia sido feito sacerdote do Deus Todo-poderoso. Ele não se contentou em receber penas a Abraão, mas

também a todos os seus. Deu-lhes, no meio dos banquetes que realizou, os louvores devidos à sua coragem e virtude e prestou a Deus públicas ações de graças por tão gloriosa vitória. Abraão, por sua vez, ofereceu a Melquisedeque a décima parte dos despojos que tomara dos inimigos, e este aceitou, já o rei de Sodoma, ao qual Abraão ofereceu também parte dos despojos, teve dificuldade em receber a oferta, contentando-se com a parte de seus súditos. Mas Abraão o obrigou a receber tudo, reservando-se somente alguns víveres para os seus homens e uma parte dos despojos para os seus três amigos, Escol, Aner e Manre, que o haviam acompanhado.

28. Gênesis 15. Esse ato generoso de Abraão foi tão agradável aos olhos de Deus que Ele afirmou que não o deixaria sem recompensa, pelo que Abraão respondeu: "E como, Senhor, os vossos benefícios me poderiam dar alegria, pois que não deixarei a ninguém depois de mim que deles possa gozar e possuí-los?" Ele ainda não tinha filhos. Então Deus prometeu que lhe daria um filho e que a sua posteridade seria tão grande que igualaria o número das estrelas. Ordenou-lhe em seguida que oferecesse um sacrifício, e eis a ordem que ele observou: tomou uma novilha de três anos, uma cabra e um carneiro da mesma idade, que cortou em pedaços, e uma rola e uma pomba, que ofereceu inteiras, sem partir. Antes de erguer o altar, quando as aves adejavam em torno das vítimas, para se alimentar de seu sangue, ele ouviu uma voz do céu vaticinando que os seus descendentes sofreriam durante quatrocentos anos grande perseguição no Egito, mas que triunfariam enfim sobre os seus inimigos, venceriam os cananeus e se tornariam senhores de seu país.

29. Gênesis 16. Abraão morava naquele tempo num lugar chamado Carvalho de Manre, muito próximo da cidade de Hebrom. Como vivia sempre aflito, por ver que sua mulher era estéril, não deixava de rogar a Deus que lhe desse um filho. E Deus não somente confirmou a promessa que lhe fizera, como lhe garantiu ainda todas as outras coisas que lhe havia prometido quando ele fora obrigado a deixar a Mesopotâmia.

30. Sara, então, deu a Abraão uma de suas escravas, de nome Agar, egípcia, a fim de que esta lhe desse um filho. Quando a escrava se sentiu grávida, desprezou a sua senhora e vangloriou-se de que os seus filhos seriam um dia os herdeiros de Abraão. Esse homem justo ficou horrorizado com aquela

ingratidão e deixou Sara à vontade para castigar a escrava eômo bem entendesse. Agar, cheia de dor e de sofrimento, fugiu para o deserto e rogou a Deus que tivesse compaixão de sua miséria. Estava ainda nesse estado quando um anjo ordenou-lhe que voltasse à sua senhora, asseverando-lhe que esta a perdoaria, contanto que Agar reconhecesse a sua falta e aceitasse o castigo que devia receber como justa punição por sua ingratidão e por seu orgulho. Acrescentou que, se em vez de obedecer a Deus, ela se afastasse mais, pereceria miseravelmente. Todavia, se se submetesse de boa vontade, seria mãe de um filho que um dia haveria de reinar naquela província. Ela obedeceu, pediu perdão à sua senhora, e o obteve, e pouco tempo depois deu à luz um filho, que foi chamado Ismael, isto é, "atendido", para mostrar que Deus atendera às orações de sua mãe.

31. Gênesis 17. Abraão tinha oitenta e seis anos quando nasceu Ismael e noventa e nove anos quando Deus lhe apareceu e disse que Sara teria um filho, o qual se chamaria Isaque, cuja posteridade seria muito grande e da qual nasceriam dois reis, que submeteriam pelas armas toda a terra de Canaã, desde Sidom até o Egito. E, a fim de distinguir a sua raça de outras nações, mandou circunci-dar todas as crianças do sexo masculino, oito dias após o nascimento, de que darei ainda outra razão. E, sobre o que Abraão pediu a Deus, se Ismael viveria, Ele respondeu-lhe que viveria muito tempo e que a sua posteridade também seria muito grande. Abraão deu graças a Deus por esses favores e logo fez-se circunci-dar com toda a sua família, tendo já Ismael a idade de treze anos.

Capítulo 11

Um anjo prediz que Sara terá um filho. Dois anjos vão a Sodoma. Deus extermina a cidade. Somente Ló se salva com as suas duas filhas e sua mulher, que é transformada em estátua de sal. Nascimento de Moabe e deAmom. Deus impede que o rei Abimeleque execute o seu mau intento com relação a Sara. Nascimento de Isaque.

32. Gênesis 78 e 7 9. Os povos de Sodoma, cheios de orgulho por sua

abundância e grandes riquezas, esqueceram-se dos benefícios que haviam recebido de Deus e não foram menos ímpios para com Ele do que ultrajosos para com os homens. Odiavam os estrangeiros, e chafurdaram-se em prazeres inomináveis. Deus, irritado pelos seus crimes, resolveu castigá-los: destruir a sua cidade de tal modo que não restasse o menor vestígio dela, tornando o país tão estéril que jamais pudesse produzir fruto ou planta alguma.

33. Um dia, quando Abraão estava sentado à porta de sua casa, junto ao carvalho de Manre, três anjos apresentaram-se a ele. Tomou-os por estrangeiros e, tendo-se levantado para saudá-los, ofereceu-lhes a sua casa. Os anjos aceitaram a sua hospitalidade. Abraão mandou matar um vitelo, que lhes foi servido assado com bolos de farinha. Puseram-se à mesa debaixo do carvalho, e pareceu a Abraão que eles comiam. Perguntaram-lhe depois onde estava a sua mulher. Ele respondeu-lhes que estava em casa e mandou logo chamá-la. Quando ela chegou, disseram-lhe que voltariam algum tempo depois e a encontrariam grávida. A essas palavras ela sorriu, porque, sendo idosa — tendo já noventa anos, e seu marido, cem —, julgava que fosse impossível. Então os anjos, não mais se ocultando, declararam que eram enviados de Deus, um para anunciar-lhes que teriam um filho e os outros dois para exterminar Sodoma. Abraão, consternado pela ruína daquele povo infeliz, rogou a Deus que não fizesse morrer os inocentes com os culpados. Deus respondeu-lhe que não havia lá inocentes e que, se ao menos dez fossem encontrados como tais, Ele perdoaria a todos os outros. Depois dessa resposta, Abraão não ousou mais falar em favor deles.

34. Os anjos chegaram a Sodoma, e Ló, a exemplo de Abraão, também se mostrou muito atencioso para com os estrangeiros, rogando-lhes que ficassem em sua casa. Os habitantes dessa detestável cidade, vendo-os tão belos e tão apresentáveis, pediram a Ló, em cuja casa eles haviam entrado, que os entregasse, para que se servissem deles. Esse homem justo censurou-os, rogando-lhes que tivessem mais compostura, que não lhes fizessem injúria alguma, ultrajando os estrangeiros que estavam hospedados em sua casa, e que não violassem em suas pessoas os direitos da hospitalidade. Acrescentou que, se essas razões não os persuadissem, ele preferia entregar-lhes as próprias filhas. Mas nem isso os convenceu. Deus contemplava com olhares de cólera a

ousadia daqueles celerados, e feriu-os com tal cegueira que não puderam achar a saída da casa de Ló. Resolveu então exterminar aquele povo abominável. Ordenou a Ló que se retirasse com toda a sua família e avisasse àqueles aos quais as suas duas filhas, que ainda eram virgens, haviam sido prometidas em casamento que também partissem. Mas eles zombaram do aviso, dizendo que era uma das habituais imaginações de Ló. Deus então lançou do céu os raios de sua cólera e de sua vingança contra essa cidade criminosa. Ela foi imediatamente reduzida a cinzas, com todos os seus habitantes. O mesmo fogo destruiu toda a região vizinha, como já disse na minha história da Guerra dos Judeus.

35. A mulher de Ló, que fugia com ele, contrariando a proibição divina, voltou-se para trás, a fim de ver a cidade e o terrível incêndio. Foi transformada numa estátua de sal e assim castigada pela sua curiosidade. Falei em outro lugar dessa estátua, que ainda hoje pode ser vista.

Assim, Ló retirou-se com as duas filhas a um recanto do país, o único poupado, que até hoje tem o nome de Zoar, isto é, "pequeno". Eles viveram algum tempo com muita dificuldade, tanto porque estavam sozinhos quanto por trazerem consigo de casa muito pouco alimento. As duas filhas, julgando que toda a raça dos homens havia perecido, acharam que lhes era permitido, para conservá-la, enganar o pai. Dessa maneira, a mais velha teve dele um filho, a que chamou Moabe, que significa "de meu pai", e a mais jovem deu à luz Ben-Ami, isto é, "filho de minha raça". Do primeiro vieram os moabitas, que ainda hoje são um povo poderoso. Os amonitas são descendentes do segundo, e alguns deles habitam a Síria de Ceiem. Eis de que maneira Ló se salvou do incêndio de Sodoma.

36. Gênesis 20. Quanto a Abraão, ele retirou-se a Gerar, na Palestina. O medo que tinha do rei Abimeleque levou-o a fingir uma segunda vez que Sara era sua irmã. E esse príncipe não deixou de se enamorar dela. Mas Deus lhe impediu o perverso desígnio enviando-lhe uma grave enfermidade, e quando estava abandonado pelos médicos avisou-o em sonhos de que não fizesse ultraje algum a Sara, porque era esposa daquele estrangeiro, e não sua irmã.

Abimeleque, encontrando-se um pouco melhor ao despertar, contou o sonho aos que estavam junto dele e por conselho destes mandou chamar a

Abraão. Disse-lhe que nada temesse por sua mulher, pois Deus se havia tornado protetor dela, e que tomava Abraão como testemunha, tanto quanto ela, de que a devolvia pura às suas mãos. Disse-lhe também que, se tivesse sabido que era sua esposa, não lha teria tirado, mas julgara ser ela somente sua irmã, e que não lhe faria injustiça alguma. Suplicou-lhe então que não guardasse ressentimento contra ele, mas, ao contrário, rogasse a Deus que lhe fosse favorável. E, ademais, se desejasse habitar nos seus estados, receberia toda sorte de atenções, ou, se pensasse em retirar-se, fá-lo-ia acompanhar e dar-lhe-ia todas as coisas que viera buscar em seu país.

Abraão respondeu-lhe que nada dissera contra a verdade ao chamá-la de irmã, pois ela era filha de um irmão seu, e que havia assim procedido apenas por medo do perigo ao qual se julgava exposto. Estava muito aborrecido por ter sido a causa da enfermidade do rei e de todo o coração desejava-lhe a saúde. E ficaria com muito prazer em suas terras. Abimeleque, ante essa resposta, deu-lhe dinheiro e terras e fez aliança com ele, confirmando-a com juramento junto aos poços ainda hoje denominados Berseba, isto é, "poço do juramento".

37. Gênesis 21. Algum tempo depois, Abraão teve de sua mulher, Sara, segundo a promessa que Deus lhe havia feito, um filho ao qual chamou Isaque, isto é, "riso", porque Sara havia sorrido quando, sendo já bastante idosa, o anjo lhe anunciou que teria um filho. Ele foi circuncidado ao oitavo dia, segundo o costume que ainda hoje se observa entre os judeus. E, enquanto eles fazem a circunci-são ao oitavo dia do nascimento da criança, os árabes a realizam à idade de treze anos, porque Ismael, do qual são originários e de quem irei falar em seguida, foi circuncidado com essa idade.

CAPÍTULO 12

SARA OBRIGA ABRAÃO A AFASTAR AGAR E ISMAEL DE SEU PRÓPRIO FILHO. UM ANJO CONSOLA AGAR. POSTERIDADE DE ISMAEL.

38. Gênesis 22. Sara, de início, amou Ismael como se fosse seu próprio filho, porque o considerava sucessor de Abraão. Quando se viu mãe de Isaque, todavia, julgou que não era mais conveniente criá-los juntos, porque Ismael, sendo muito mais velho, poderia muito facilmente, após a morte de Abraão,

tornar-se senhor. Assim, ela persuadiu Abraão a afastá-lo, juntamente com sua mãe. Ele, em princípio, teve dificuldades em fazê-lo, porque lhe parecia desumano expulsar de casa uma criança e uma mulher aos quais tudo faltava. No entanto Deus lhe deu a conhecer que ele devia dar essa satisfação a Sara. Como Ismael não era ainda capaz de se governar sozinho, ele o entregou à mãe, a quem disse que se fosse embora, dando-lhe apenas alguns pães e um odre cheio de água.

Depois de se haver esgotado o pão e o pouco de água, Ismael sentiu tal sede que estava a ponto de morrer, e Agar, não podendo suportar a pena de vê-lo morrer diante de seus próprios olhos, colocou-o ao pé de um pinheiro e afastou-se. Um anjo apareceu e mostrou-lhe uma fonte que estava próxima, recomen-dando-lhe que tivesse muito cuidado com o filho e asseverando-lhe que, se cumprisse bem esse dever, ela seria íeliz. Uma consolação tão inesperada fê-la retomar a coragem: continuou a andar e encontrou alguns pastores, que a ajudaram em tão grave necessidade.

Quando Ismael chegou à idade de se casar, Agar deu-lhe por esposa uma mulher egípcia, porque ela também havia nascido no Egito. Ele teve doze filhos: Nebaiote, Quedar, Abdeel, Mibsão, Misma, Duma, Massa, Hadade, Tema, Jetur, Nafis e Quedemá. Eles ocuparam toda a região que está entre o Eufrates e o mar Vermelho e a chamaram Nabatéia. Os árabes originaram-se deles, e os seus descendentes conservaram o nome de nabateenses por causa do seu valor e da fama de Abraão.

CAPÍTULO 13

ABRAÃO, PARA OBEDECER À ORDEM DE DEUS, OFERECE-LHE O FILHO ISAQUE EM SACRIFÍCIO. DEUS, PARA RECOMPENSAR-LHE A FIDELIDADE, CONFIRMA-LHE TODAS AS PROMESSAS.

39. Gênesis 22. Nada se poderia acrescentar à ternura que Abraão tinha para com Isaque, tanto porque era o único filho quanto porque lhe fora concedido por Deus em sua velhice. E Isaque, por sua vez, praticava com tanto entusiasmo toda espécie de virtudes, servia a Deus com tanta fidelidade e prestava a seu pai tantos serviços que dava a Abraão todos os dias novos

motivos para amá-lo. Assim, Abraão só pensava em morrer, e seu único desejo era deixar aquele filho como seu sucessor. Deus concedeu o que Abraão desejava, mas antes quis experimentar a sua fidelidade. Apareceu-lhe e, depois de haver-lhe lembrado as graças particulares com que sempre o favorecera, as vitórias que o haviam feito conquistar os inimigos e a prosperidade com que o brindara, ordenou-lhe que lhe sacrificasse o filho Isaque sobre o monte Moriá e assim testemunhasse, por aquele ato de obediência, que ele preferia a vontade divina ao que ele tinha de mais caro no mundo.

Estando Abraão persuadido de que nenhuma consideração poderia dispensá-lo de obedecer a Deus, a quem todas as criaturas são devedoras da própria existência, nada disse à sua esposa nem a qualquer outro de seus familiares sobre a ordem que havia recebido de Deus ou acerca da resolução de executá-la, com medo que eles se esforçassem para dissuadi-lo de seu propósito. Disse somente a Isaque que o seguisse, acompanhado por dois criados, e mandou colocar sobre um jumento todas as coisas de que necessitava para o sacrifício. Após haver caminhado durante dois dias, avistaram o monte que Deus lhe havia indicado. Deixou então os dois criados no sopé do monte e subiu-o somente com Isaque (no cimo desse monte o rei Davi, mais tarde, fez construir um Templo). Levou para lá tudo o que precisavam, exceto a vítima, para o sacrifício. Isaque tinha então vinte e cinco anos. Ele preparou o altar, mas, não vendo vítima alguma, perguntou ao pai quem ele queria sacrificar. Abraão respondeu-lhe que Deus, que pode dar aos homens todas as coisas que lhes faltam e tirar-lhes as que já possuem, dar-lhes-ia uma vítima, se se dignasse aceitar o sacrifício deles.

Depois de haver colocado a lenha sobre o altar, Abraão falou a Isaque: "Meu filho, eu vos pedi a Deus com muita insistência e muitas orações. Não houve cuidado que eu não tivesse tido de vós, desde que viestes ao mundo, e eu consideraria como realizados todos os meus votos se vos visse chegar a uma idade muito avançada e deixar-vos, ao morrer, como herdeiro de tudo o que possuo. Mas, como Deus, depois de vos ter dado a mim, quer agora que eu vos perca, consenti generosamente em oferecer-vos a Ele em sacrifício. Prestemos-lhe, meu filho, esse ato de obediência e essa honra como testemunho de nossa gratidão pelos favores que Ele nos fez na paz e pela assistência que nos deu na

guerra. Como nascestes para morrer, que fim vos pode ser mais glorioso do que ser oferecido em sacrifício por vosso próprio pai ao soberano Senhor do universo, que, em vez de terminar a vossa vida por uma doença, numa cama, ou por uma ferida na guerra, ou por algum outro acidente, aos quais os homens estão sujeitos, vos julga digno de entregar-lhe a alma no meio de orações e sacrifícios, de modo a ficar para sempre unida a Ele? Consolareis assim a minha velhice, dando-me a assistência de Deus em lugar da que eu devia receber de vós, depois de vos ter educado com tanta diligência".

Isaque, filho digno de tão admirável pai, escutou essas palavras não somente sem se admirar, mas até com alegria, e respondeu-lhe que ele teria sido indigno de nascer se se recusasse a obedecer à vontade de seu pai, principalmente quando ela estava de acordo com a de Deus. Assim dizendo, colocou-se ele mesmo sobre o altar, para ser imolado. Esse grande sacrifício ter-se-ia realizado se Deus mesmo não o tivesse impedido. Ele chamou Abraão pelo nome e proibiu-o de matar o filho, dizendo-lhe que havia ordenado o sacrifício não para tirá-lo depois de o haver concedido ou porque sentia prazer em ver derramar sangue humano, mas somente para lhe experimentar a obediência. Agora, vendo com quanto zelo e fidelidade fora obedecido, aceitava o sacrifício e garantia-lhe, como recompensa, que jamais deixaria de assistir a ele e a toda a sua descendência. Quanto ao filho que lhe fora oferecido e que iria restituir, viveria feliz e por muito tempo, e a sua posteridade seria ilustre por uma longa série de homens valentes e virtuosos, que submeteriam pelas armas todo o país de Canaã. A fama deles tomar-se-ia imortal. As suas riquezas seriam tão grandes e a sua felicidade tão extraordinária que eles seriam invejados por todas as outras nações.

Concluído esse oráculo, Deus fez aparecer um carneiro, para ser oferecido em sacrifício. Aquele pai fiel e seu filho sensato e feliz abraçaram-se, no auge da alegria, pela grandeza das promessas, terminaram o sacrifício e voltaram para encontrar Sara. Deus, fazendo prosperar todos os seus desígnios, cumulou de felicidade todo o restante da vida de Abraão.

Capítulo 14

Morte de Sara, mulher de Abraão.

40. Gênesis 23. Algum tempo depois, Sara morreu, com a idade de cento e vinte e sete anos, e foi enterrada em Hebrom, onde os cananeus se ofereceram para lhe dar sepultura. Abraão, porém, preferiu adquirir para esse fim um campo que comprou, por quatrocentos sidos — de um habitante de Hebrom, chamado Efrom —, onde ele e seus descendentes construíram um túmulo.

CAPÍTULO 15

ABRAÃO DESPOSA QUETURA, DEPOIS DA MORTE DE SARA. FILHOS QUE TEVE DELA E SUA POSTERIDADE. FAZ SEU FILHO ISAQUE CASAR-SE COM REBECA, FILHA DE BETUEL E IRMÃ DE LABÃO.

41. Gênesis 25. Abraão, depois da morte de Sara, desposou Quetura e teve dela seis filhos, todos infatigáveis no trabalho e muito ativos. Chamavam-se Zinrã, jocsã, Meda, Midiã, Isbaque e Suá.

Jocsã teve dois filhos, Seba e Dedã, o qual teve Assurim, Letusim e Leumim. Midiã teve cinco filhos: Efá, Efer, Enoque, Abida e Elda. Abraão aconselhou a todos que se fossem estabelecer em outros países. Eles ocuparam a Troglodita e toda aquela parte da Arábia Félix que se estende até o mar Vermelho. Diz-se também que Efer, de que acabamos de falar, apoderou-se da Líbia por meio das armas e que os seus descendentes lá se estabeleceram e a chamaram com o nome dele: África, o que Alexandre Poliistor confirma com estas palavras: "O profeta Cleodemas, cognominado Malque, que a exemplo do legislador Moisés escreveu a história dos judeus, diz que Abraão teve de Quetura, dentre outros filhos, a Afram, Sur e lafram: Sur deu o seu nome à Síria, Afram à cidade Afra e lafram à África, e que eles combateram na Líbia contra Anteu, sob o comando de Hércules". Ele acrescenta que Hércules desposou a filha de Afram e que dela teve um filho de nome Deodoro, o qual foi o pai de Sofo, que deu nome aos sofácios.

42. Cênesis 24. Isaque tinha mais ou menos quarenta anos quando Abraão pensou em casá-lo, lançando vistas sobre Rebeca, filha de Betuel, que era filho de Naor, seu irmão. Em seguida, ele escolheu para ir pedi-la em casamento o mais amigo dentre os seus servidores, ao qual obrigou por

juramento, fazendo-o pôr a mão sob a sua coxa, executar tudo o que ele lhe ia ordenar. Deu-lhe presentes raros, que seriam admirados num país onde ainda nada fora visto de semelhante. Esse fiel servidor demorou-se muito tempo antes de chegar à cidade de Harã, porque lhe foi necessário atravessar a Mesopotâmia, onde havia grande quantidade de ladrões, onde os caminhos são muito difíceis no inverno e onde se sofre muito no verão, pela dificuldade em se encontrar água.

Quando chegou aos arredores da cidade, avistou várias moças, que iam ao poço buscar água. Rogou então a Deus que, se fosse a sua vontade que Rebeca desposasse o filho de seu senhor, fizesse com que ela se encontrasse entre as moças e que, recusando-se as outras a lhe darem de beber, ele pudesse conhecê-la pelo ato de gentileza com que o atenderia. Aproximou-se em seguida dos poços e rogou às moças que lhe dessem água. Todas responderam que era muito difícil tirá-la e que dela também precisavam, não podendo assim atendê-lo. Rebeca, ouvindo-as falar assim, disse-lhes que elas eram bem indelicadas por recusar aquele favor a um estrangeiro e ao mesmo tempo ofereceu-lhe água com grande bondade.

Tão favorável início deu ao prudente servidor esperanças de que a sua viagem lograsse bom êxito. Ele agradeceu-lhe e, para ter ainda maior certeza de suas conjecturas, rogou-lhe que dissesse quem eram os que tinham a ventura de tê-la por filha. A isso acrescentou que desejava que Deus lhe fizesse a graça de encontrar um marido digno dela, ao qual desse filhos que lhe herdassem a virtude. A sensata donzela respondeu-lhe, com a mesma gentileza, que se chamava Rebeca, que seu pai era Betuel e que depois da morte deste Labão, seu irmão, passara a cuidar dela, de sua mãe e de toda a sua família.

Então o servo, vendo com grande alegria não haver mais dúvida de que Deus o assistia no desempenho de sua missão, ofereceu a Rebeca uma cadeia e outros ornamentos próprios para donzelas e rogou-lhe que os recebesse como um sinal de gratidão pelo favor que ela, dentre todas as moças, tivera a bondade de lhe prestar. Suplicou-lhe em seguida que o levasse à casa de seus parentes, porque a noite já se aproximava e, trazendo ele objetos de muito valor, julgava não haver melhor lugar onde guardá-los do que na casa dela. Disse ainda que, julgando da virtude de seus familiares pela que via nela, não

duvidava de que o receberiam, pois não pretendia ser-lhes de peso: pagaria todas as despesas.

Ela respondeu-lhe que ele não errava fazendo boa idéia de seus parentes, mas não lhes fazia muita honra ao pensar que eles seriam capazes de receber alguma coisa por lhe darem hospedagem, pois cumpriam de muito boa mente o dever da hospitalidade. Iria em seguida falar com o irmão e o traria imediatamente, para se entenderem. Ela foi para casa e fez o que havia prometido. Labão ordenou aos servos que cuidassem dos camelos e convidou o hóspede para jantar.

Quando terminaram a refeição, o servo de Abraão disse-lhe: "Abraão, filho de Terá, é vosso parente". Depois, dirigindo-se à mãe de Rebeca, acrescentou: "Naor, avô dos filhos de quem sois a mãe, era irmão de Abraão. Abraão é meu senhor. Ele mandou-me até vós para pedir em casamento esta moça para o seu único filho, herdeiro de todos os seus bens. Ele poderia ter escolhido uma das donzelas mais ricas de seu país, mas julgou melhor prestar essa homenagem aos de sua descendência, em vez de se aliar aos de uma nação estrangeira. Secundai, por favor, o seu desejo, e com tanto maior alegria, pois isso é, sem dúvida, conforme a vontade de Deus, que, além da assistência que me prestou na viagem, me fez encontrar com rara felicidade esta virtuosa donzela e a vossa casa. Tendo, ao chegar, encontrado diversas moças que iam tirar água do poço, desejava eu uma que fosse do seu número e que a pudesse conhecer, e assim aconteceu. Portanto, tendo Deus vos feito ver que esse casamento lhe agrada, poderíeis recusar o vosso consentimento e não conceder a Abraão o pedido que vos faz por meu intermédio?"

Uma proposta tão vantajosa e da qual Labão e sua mãe não podiam duvidar que de era agradável a Deus foi recebida por eles com uma satisfação inimaginável. Então enviaram Rebeca, e Isaque a desposou, estando já de posse de todos os bens de seu pai, pois os filhos que Abraão tivera de Quetura haviam ido se estabelecer em outras províncias.

CAPÍTULO 16

MORTE DE ABRAÃO.

43. Gênesis 25. Abraão morreu pouco depois do casamento de Isaque. Foi tão eminente em toda espécie de virtudes que mereceu ser muito particularmente querido e favorecido por Deus. Viveu cento e setenta e cinco anos. Isaque e Ismael, seus filhos, sepultaram-no em Hebrom, junto de Sara, sua mulher.

CAPÍTULO 17

REBECA TEM DOIS FILHOS: ESAÚ EJACÓ. UMA GRANDE CARESTIA OBRIGA ISAQUE A SAIR DO PAÍS DE CANAÃ, E ELE PERMANECE ALGUM TEMPO NAS TERRAS DO REI ABIMELEQUE. CASAMENTO DE ESAÚ. ISAQUE, ENGANADO POR JACÓ, OUTORGA-LHE A BÊNÇÃO, JULGANDO DÁ-LA A ESAÚ. PARA EVITAR A CÓLERA DE SEU IRMÃO, JACÓ RETIRA-SE PARA A MESOPOTÂMIA.

44. Gênesis 25. Rebeca estava grávida à morte de Abraão, e de maneira tão esquisita que Isaque, temendo por ela, consultou a Deus para saber qual seria o fim daquela estranha gravidez. Deus respondeu-lhe que ela teria dois filhos, dos quais sairiam dois povos, que teriam deles os nomes e a origem. O mais novo, porém, seria o mais poderoso. Viu-se pouco tempo depois o efeito dessa predição. Rebeca teve gêmeos, sendo o mais velho todo coberto de pêlos, e o mais novo segurava-lhe o calcanhar quando vieram à luz. O mais velho chamou-se Esaú, por causa dos pêlos que apresentava ao nascer, e Isaque tinha por ele afeto particular. O mais novo foi chamado Jacó, e Rebeca amava-o muito mais que ao primogênito.

45. Gênesis 26. O país de Canaã foi nesse mesmo tempo flagelado por uma carestia extraordinária. No Egito, entretanto, reinava a abundância. Isaque resolveu ir para lá, mas Deus lhe ordenou que parasse em Gerar. Como havia grande amizade entre o rei Abimeleque e Abraão, o monarca mostrou-lhe de início muito boa vontade. Mas quando viu que Deus o favorecia em todas as coisas, começou a sentir inveja e obrigou-o a se retirar. Isaque foi então para um lugar de nome Fará, isto é, um vale muito próximo de Gerar, e aí quis cavar um poço, mas os pastores de Abimeleque vieram armados para impedi-lo. Como ele não era de índole inclinada a brigas, deixou-lhes o lugar e permitiu que se

gabassem de tê-lo obrigado, pela força, a se retirar, embora ele o tivesse feito voluntariamente. Começou em seguida a cavar outro poço, e outros pastores também impediram que ele o terminasse. Vendo-se obstaculizado dessa maneira, resolveu, com muita prudência, esperar um tempo mais favorável, e este chegou bem depressa. Com permissão de Abimeleque, cavou um poço ao qual chamou Reobote, isto é, "grande e espaçoso". Quanto aos dois outros que havia começado, um chamou-se Eseque, isto é, "disputado", e o outro, Sitna, isto é, "inimizade".

46. No entanto, como Deus prodigalizasse todos os dias novas bênçãos a Isaque, a sua prosperidade e riqueza fez Abimeleque temer que os motivos que o filho de Abraão tinha para se queixar dele fizessem mais impressão sobre o seu espírito do que a lembrança da amizade que lhe mostrara no início e o levassem a se vingar. E, não o querendo como inimigo, foi ter com ele, acompanhado somente por um dos nobres de sua corte, para renovar a aliança. Não teve dificuldade em conseguir o seu intento porque a bondade de Isaque e a lembrança da antiga amizade desse príncipe por ele e para com Abraão fizeram-no esquecer facilmente todos os maus-tratos que havia recebido.

Esaú, na idade de quarenta anos, desposou Ada, filha de Elom, e Oolibama, filha de Zibeão, ambos príncipes dos cananeus.* Não pediu permissão ao seu pai, que jamais a teria concedido, porque não aprovava que ele se aliasse a estrangeiros. No entanto, como não queria aborrecer o seu filho, ordenando-lhe que devolvesse as duas mulheres, Isaque suportou-o, sem nada dizer.

---

* E judite (Gn 26.34). (N do E)

47. Gênesis 27. Homem justo e acabrunhado pela velhice, Isaque havia também perdido a vfsíío: Um dia, "mandou chamar Esaú é disse-lhe que, não podendo mais ver a claridade do dia nem servir a Deus com todo esmero, como sempre o fizera, queria, antes de morrer, dar-lhe a sua bênção. Disse-lhe que fosse à caça, trouxesse o que apanhasse para ele, Isaque, comer e em seguida rogaria a Deus que fosse sempre o seu protetor, pois não via melhor maneira de

empregar o pouco de tempo que lhe restava de vida.

Esaú partiu logo para executar a ordem. No entanto Rebeca, que desejava a bênção de Deus sobre o irmão dele, e não sobre ele, embora não fosse essa a intenção de seu pai, disse a Jacó que matasse um cabrito e o preparasse. Ele obedeceu, e, quando a refeição ficou pronta, cobriu os braços e as pernas com a pele do cabrito, a fim de que Isaque, ao tocá-lo, o tomasse por Esaú. Como eram gêmeos, assemelhavam-se em tudo o mais. Apresentou-lhe em seguida o prato que havia preparado, mas não o fez sem o temor de que ele descobrisse o engano e lhe aplicasse uma maldição em lugar da bênção.

Isaque falou com ele e notou nas suas respostas certa diferença na voz. Jacó então aproximou o braço, e Isaque, depois de havê-lo tocado, disse-lhe: "Vossa voz, meu filho, parece-me a de Jacó, mas este pêlo que sinto em vosso braço me faz crer que sois Esaú". E assim, não tendo mais dúvida alguma, comeu e fez depois a sua oração, deste modo: "Deus eterno, do qual todas as criaturas recebem o ser, cumulastes o meu pai de benefícios. Devo-vos tudo o que tenho, e prometestes tornar a minha posteridade mais feliz ainda. Confirmai, Senhor, com os fatos, a verdade de vossas palavras e não desprezeis a fraqueza em que me encontro, pois ela me faz ter ainda mais necessidade da vossa assistência. Sede, por favor, o protetor deste filho que vos ofereço. Preservai-o de todos os perigos, fazei-o passar uma vida tranqüila, derramai sobre ele, a mancheias, os bens de que sois possuidor. Tornai-o temível aos seus inimigos e fazei com que os seus amigos o amem e honrem!"

Apenas Isaque havia terminado essa oração, aparece-lhe Esaú, em favor do qual julgava tê-la feito, voltando da caça. Reconheceu então o seu erro e confessou-o, sem se perturbar. Esaú rogou-lhe que fizesse por ele ao menos a mesma oração que havia feito por seu irmão. Isaque respondeu-lhe que não o podia, porque fizera em favor de Jacó tudo o que dependia dele. Esaú, abatido pela dor de ver-se enganado, não pôde reter as lágrimas. O pai ficou tão comovido que lhe deu outra bênção, dizendo que ele e seus descendentes seriam peritos na caça, na ciência da guerra e em todas as ações em que se exige força e coragem, mas seriam, entretanto, inferiores a Jacó e sua posteridade.

48. Rebeca, para salvar)acó do perigo que o ressentimento do irmão a fazia temer, persuadiu Isaque a mandá-lo à Mesopotâmia, para casar-se com uma mulher de sua raça. Esaú, que havia percebido o descontentamento de seu pai por causa da aliança com os cananeus, desposou Basemate, filha de Ismael, e amou-a mais do que a qualquer outra de suas esposas.

CAPÍTULO 18

VISÃO QUEJACÓ TEVE NA TERRA DE CANAÃ, ONDE DEUS PROMETE TODA SORTE DE FELICIDADE A ELE E À SUA DESCENDÊNCIA. NA MESOPOTÂMIA, DESPOSA LEIA E RAQUEL, FILHAS DE LABÃO. RETIRA-SE SECRETAMENTE PARA VOLTAR AO SEU PAÍS. LABÃO PERSEGUE-O, MAS DEUS O PROTEGE. LUTA COM UM ANJO E RECONCILIA-SE COM O SEU IRMÃO ESAÚ. O FILHO DO REI DE SIQUÉM VIOLENTA DINÁ, FILHA DEJACÓ. SIMEÃO E LEVI, SEUS IRMÃOS, PASSAM AFIO DE ESPADA TODOS OS HABITANTES DA CIDADE DE SIQUÉM. RAQUEL DÁ À LUZ BENJAMIM E MORRE DE PARTO. FILHOS DE JACÓ.

49. Gênesis 28. Tendo sido Jacó, com o consentimento do pai, enviado por sua mãe à Mesopotâmia, para desposar uma filha de Labão, seu tio, atravessou o país dos cananeus. Mas, por ser uma nação inimiga, não entrou em nenhuma de suas casas. Dormia no campo, utilizando-se das pedras como travesseiro. E, dormindo, teve uma visão. Parecia-lhe ver uma escada que ia da Terra até o céu com pessoas — que pareciam ser mais que humanas — descendo por ela. Deus, que estava no alto, apareceu-lhe claramente, chamou-o pelo nome e disse-lhe: "Jacó, tendo como tendes por pai um homem de bem e tendo o vosso avô se tornado tão célebre pela virtude, por que vos deixais abater pela dor? Concebei melhores esperanças. Grandes bens vos esperam, e eu jamais vos abandonarei. Quando Abraão foi expulso da Mesopotâmia, eu o fiz vir aqui. Tornei feliz o vosso pai, e vós não o sereis menos que ele. Coragem! Continuai o vosso caminho, nada temais sob o meu governo. O vosso casamento será como desejais: tereis muitos filhos, e vossos filhos terão ainda mais. Sujeitar-lhes-ei este país, e à sua posteridade, que se multiplicará de tal modo que todas as terras e os mares que o Sol ilumina serão povoadas por eles. Nenhuma tribulação e nenhum perigo serão capazes de vos assustar. Desde já

tomo cuidado de vós, e tomarei ainda mais para o futuro".

50. Uma tão favorável visão encheu jacó de consolo e de alegria. Lavou as pedras que lhe serviam de travesseiro, pois grande felicidade ali lhe se havia predito, e fez voto: se retornasse feliz, ofereceria naquele mesmo lugar um sacrifício a Deus e a décima parte de todos os seus bens, o que cumpriu depois com fidelidade. Quis também, para tornar célebre o lugar, dar-lhe o nome de Betei, isto é, "permanência de Deus".

Gênesis 29. Continuou depois a marcha para a Mesopotâmia e por fim chegou a Harã. Nos arredores, encontrou alguns pastores, moços e moças, que estavam sentados à borda de um poço. Rogou-lhes que lhe dessem de beber e, tendo entabulado conversação com eles, perguntou-lhes se conheciam um homem de nome Labão e se ele ainda vivia. Responderam-lhe que o conheciam: era um homem muito estimado para não ser conhecido; que ele tinha uma filha que habitualmente ia ao campo com eles (admiravam-se de ela não estar ali com o grupo); e que ele poderia saber dela tudo o que desejava.

Conversavam assim quando Raquel chegou, acompanhada de seus pastores. Apontaram-lhe Jacó, dizendo que aquele estrangeiro perguntara pela saúde de seu pai. Como ela era muito jovem e muito simples, mostrou-se satisfeita em ver Jacó e perguntou-lhe quem era e que motivo o trazia ao seu país, acrescentando o desejo de que seu pai e sua mãe lhe pudessem dar tudo o que ele queria deles. Tão grande bondade comoveu-o. Estando ela perto de jacó, este ficou bastante surpreendido com a sua beleza, que era extraordinária. "Pois que vós sois filha de Labão", disse-lhe ele, "posso dizer que a nossa aproximação precedeu o nosso nascimento. Terá teve a Abraão por filho, Naor e Arã também. Mas nós somos ainda mais próximos: pois Rebeca, minha mãe, é irmã de Labão, vosso pai. Assim, somos primos irmãos, e eu vos venho visitar para dar-vos o que vos devo e renovar tão estreita aliança".

Raquel, que ouvira o pai falar tantas vezes de Rebeca e do desejo que tinha de receber notícias dela, ficou tão contente que, levada pela alegria, abraçou Jacó e, chorando, disse-lhe que seu pai e toda a sua família guardavam contínua recordação de Rebeca e dela falavam a todo instante. E, como ele não lhes poderia dar maior prazer que as informações sobre uma pessoa que lhes era tão cara, rogou-lhe que a seguisse, para não retardar nem

mais um momento tão grande satisfação. Levou-o depois a Labão, cuja alegria, ao ver o sobrinho quando menos o esperava, não foi menor, e Jacó sentiu-se em segurança junto dele.

Alguns dias depois, Labão perguntou-lhe como tinha podido deixar seu pai e sua mãe numa idade em que eles necessitavam tanto de sua assistência e ao mesmo tempo ofereceu-lhe tudo o que dele podia depender. Jacó, para satisfazer o desejo do tio, contou-lhe o que se havia passado em família. Disse-lhe que tinha um irmão gêmeo e que Rebeca, sua mãe, querendo-o mais que a seu irmão Esaú, havia conseguido, por um ato de astúcia, que seu pai lhe desse, com todas as vantagens que a acompanhavam, a bênção que era do irmão. Contou-lhe que Esaú, para vingar-se, procurava por todos os meios matá-lo e que sua mãe lhe havia ordenado então que viesse buscar asilo junto de Labão, pois não tinha nenhum outro parente mais próximo ao seu lado. E assim, no estado a que se encontrava reduzido, tinha confiança apenas em Deus e no tio.

Labão, comovido com essas palavras, prometeu a jacó toda a assistência, fosse em consideração ao parentesco, fosse para testemunhar a amizade que conservava por sua irmã, embora ausente há tanto tempo e tão longe dele. Prometeu também dar-lhe inteira autoridade sobre todos os que cuidavam de seus rebanhos, e, quando Jacó voltasse ao seu país, saberia, pelos presentes que lhe daria, qual era a sua gratidão e amizade. E Jacó, como nutrisse já grande afeto por Raquel, respondeu-lhe que a nenhum trabalho consideraria pesado, em se tratando de servi-lo, e que tinha tanta estima pela virtude de Raquel e tanta gratidão pela bondade com a qual ela o havia levado até ali que não pedia outra recompensa pelos seus serviços senão recebê-la em casamento.

Labão recebeu a proposta com satisfação, respondendo que não poderia ter genro mais agradável. Disse-lhe então ser necessário que Jacó ficasse algum tempo com eles, porque não podia resolver-se ainda a mandar a filha para Canaã, pois já havia sentido muito ter deixado a irmã partir para um país tão distante. Jacó aceitou a condição, prometeu servi-lo por sete anos e acrescentou que teria prazer em encontrar ocasião de lhe mostrar, por sua solicitude e seus serviços, que não era indigno de sua aliança.

51. Quando se passaram os sete anos, Labão viu-se na contingência de

cumprir a promessa e, no dia das núpcias, deu um grande banquete. Mas, em vez de colocar Raquel no leito, mandou secretamente que lá pusessem Leia, irmã mais velha, que nada tinha em si mesma que pudesse despertar o amor. As trevas e o vinho levaram Jacó a perceber o engano somente no dia seguinte.* Ele queixou-se a Labão, que se desculpou de assim ter agido, dizendo ter sido obrigado pelo costume do país, que proibia casar a filha mais nova antes da mais velha, mas que isso não o impediria de esposar Raquel: estava disposto a entregá-la a Jacó, com a condição de que este o servisse por mais sete anos. Jacó percebeu que o engano era um mal sem remédio, mas o seu amor por Raquel o fez aceitar a proposta, embora injusta. Assim, ele a desposou e serviu Labão durante outros sete anos.

---

* As Escrituras afirmam que Jacó desposou Raquel ao fim de sete dias, com a condição de que ele serviria Labão por mais sete anos.

52. As duas irmãs mantinham junto delas duas moças, Zilpa e Bila, que Labão lhes dera não como criadas, mas apenas para fazer companhia às filhas, embora a estas devessem prestar obediência. Leia vivia triste, porque Jacó só tinha amor por Raquel, mas julgou que ele também poderia amá-la, se Deus lhe desse filhos. Por isso rogava a Ele constantemente que lhe fizesse aquela graça e por fim a obteve. Deu à luz uma criança, à qual chamou Rúben, para mostrar que o obtivera unicamente dEle. Teve em seguida outros três: um de nome Simeão, significando que Deus lhe havia sido favorável; outro a que chamou Levi, isto é, "sustentáculo da sociedade"; e outro ainda, Judá, isto é, "ação de graças".

Gênesis 30. A fecundidade de Leia, com efeito, levou jacó a amá-la mais. E Raquel, temendo que o afeto do marido pela irmã diminuísse a parte que lhe tocava, resolveu dar Bila a Jacó, que dela teve dois filhos: o mais velho, de nome Dã, isto é, "julgamento de Deus", e o mais novo, Naftali, isto é, "engenhoso", porque Raquel havia combatido por meio da astúcia a fecundidade da irmã. Leia usou também do mesmo artifício e pôs Zilpa em seu lugar, com a qual Jacó teve dois filhos: um de nome Gade, isto é, "vindo por acaso", e outro,

Aser, isto é, "felicidade", porque Leia daí tirava vantagem.

Dessa maneira, viviam juntas as duas irmãs. Rúben, filho mais velho de Leia, trouxe um dia para sua mãe algumas mandrágoras. Raquel teve também desejo de comê-las e rogou à irmã que as repartisse com ela. Leia recusou atender o pedido, dizendo que Raquel devia contentar-se com a vantagem do afeto de Jacó. Raquel, para acalmá-la, ofereceu-lhe Jacó por aquela noite. Ela aceitou a proposta e ficou grávida de Issacar, isto é, "nascido como recompensa". Em seguida, teve Zebulom, isto é, "recompensa da amizade", e uma filha: Diná. Por fim, Raquel teve também a alegria de ser mãe — de José, que quer dizer "aumento".

53. Gênesis 31. Vinte anos passaram-se dessa maneira, e]acó, durante todo esse tempo, teve sempre a guarda geral dos rebanhos de Labão. Após tantos anos de serviço, pediu para voltar ao seu país, com as duas esposas. Labão recusou-se a dar o consentimento, e]acó então resolveu retirar-se secretamente. Leia e Raquel estavam de acordo com ele. E assim, partiu com elas, levando também Zilpa e Bila, todos os seus filhos, os seus bens e metade dos rebanhos de Labão. Raquel tomou os ídolos de seu pai, não para adorá-los, porque Jacó não estava dominado por esse erro, mas para aplacar a cólera de Labão, restituindo-os, caso ele os perseguisse.

Labão soube da retirada de |acó apenas no dia seguinte e pôs-se a segui-lo com muita gente, alcançando-o no sétimo dia, pela tarde, numa colina onde os fugitivos descansavam. Quis deixar passar a noite sem os atacar. Mas, quando dormia, Deus apareceu-lhe em sonhos e proibiu-lhe de pela cólera empreender algo contra Jacó e suas filhas, ordenando-lhe que se reconciliasse com o genro e que não confiasse na desigualdade das forças, pois se ousasse atacá-los, combateria por Jacó, para protegê-lo.

O dia não havia raiado quando Labão, em obediência à ordem divina, mandou contar a Jacó o sonho que tivera, pedindo que viesse ter com ele. E Jacó foi, sem nada temer. Labão começou por fazer-lhe graves censuras: "Não podíeis", disse ele, "ter esquecido em que estado estáveis quando viestes à minha casa, como eu vos recebi, com que liberalidade vos tornei participante de meus bens e com quanta bondade vos dei as minhas filhas em casamento? Quem não teria pensado que tantos favores vos teriam unido para sempre a

mim, com um afeto inviolável? Mas nem a estreita parentela, que nos une, nem a consideração de que a vossa mãe é minha irmã, que as vossas esposas me devem a vida e que os vossos filhos são meus impediram que me tratásseis como se eu fosse vosso inimigo. Levais os meus bens, obrigastes as minhas filhas a me deixar para fugir convosco e sois a causa de elas me roubarem o que os meus antepassados e eu sempre tivemos em grande veneração, porque são coisas sagradas. Qual! Será então necessário que eu receba do filho de minha irmã, de meu genro, de meu hóspede e de um homem que me é devedor de tantos benefícios todos os ultrajes que um inimigo irreconciliável me teria podido fazer?"

54. Jacó, para justificar-se, respondeu que não era o único a quem Deus havia imprimido no coração o amor pelo país natal e o desejo de voltar após longa ausência. Quanto à acusação de tê-lo roubado, qualquer homem justo Julgaria que tal censura se ajustava ao próprio Labão, porque, em vez de lhe agradecer por ter não somente conservado, mas aumentado tanto os seus bens, vinha queixar-se de que lhe havia sido levada uma pequena parte. E, quanto ao que se referia às filhas, era estranho achar maldade no fato de as esposas seguirem o marido, bem como esperar que as mães abandonassem os filhos.

Após ter-se defendido dessa maneira, Jacó, para usar das mesmas razões que Labão apresentara contra ele, acrescentou que, sendo seu tio e sogro, não deveria tê-lo tratado tão rudemente, como o fizera por vinte anos, sem falar no que sofrerá para obter Raquel, suportado apenas por causa de sua afeição por ela, e ainda depois, quando continuou a agir contra ele de maneira que nem da parte de um inimigo teria esperado pior. Jacó tinha sem dúvida grandes motivos para queixar-se das injustiças de Labão, pois quando este viu que Deus favorecia jacó em todas as coisas, ora prometia-lhe dar, na partilha do aumento do rebanho, os animais que nascessem brancos, ora os que fossem pretos. E, percebendo que a parte de Jacó era a maior, faltava-lhe sempre à palavra e adiava a partida para o ano seguinte, na esperança de que seria depois a mesma coisa. Como nisso era sempre enganado, continuava também a enganar Jacó.

Quando Raquel soube que, ante a queixa do furto dos ídolos, Jacó dera a Labão permissão de os procurar, escondeu-os debaixo do camelo em que mon-

tava, sentou-se sobre ele e disse que não podia se levantar, pois estava sofrendo do incômodo próprio das mulheres. Assim, Labão não os procurou mais, porque pensou que a filha não teria naquele estado se aproximado de coisas que no seu espírito passavam por sagradas. Prometeu depois a Jacó, com juramento, não somente esquecer o passado, mas conservar por suas filhas o mesmo afeto que sempre lhes tivera. E, como sinal da renovação da aliança, ergueram sobre a montanha uma coluna em forma de altar, à qual deram por esse motivo o nome de Galeede e que a região vizinha, posteriormente, conservou. Fizeram depois um grande banquete, e Labão deixou-os para regressar à sua casa.

55. Gênesis 32. jacó, por seu lado, continuou a viagem para Canaã e no caminho teve visões, as quais o fizeram conceber tão grandes esperanças que chamou Campos de Deus o lugar onde as tivera. Mas, temendo sempre o ressentimento de Esaú, mandou alguns dos seus para levar-lhe notícias e ordenou-lhes que se expressassem nestes termos: "O respeito que Jacó, vosso irmão, vos tem, fá-lo pensar que não deve se apresentar diante de vós enquanto estiverdes irritado contra ele, assim como o fez abandonar este país e retirar-se para uma terra longínqua. Mas agora ele espera que o tempo tenha apagado de vosso espírito o descontentamento e volta com as suas esposas, os seus filhos e o que conquistou com o trabalho, a fim de pôr em vossas mãos tudo o que possui. Nada lhe daria mesmo mais alegria do que oferecer-vos os bens com que aprouve a Deus enriquecê-lo".

Esaú ficou tão comovido com essas palavras que veio imediatamente encontrar-se com o irmão, acompanhado de quatrocentos homens. Esse grande número assustou jacó, mas ele colocou a sua confiança em Deus e dispôs todas as coisas para se pôr em condições de resistir-lhe, caso Esaú tivesse a intenção de usar de violência. Distribuiu para isso tudo o que trazia consigo em diversos grupos, que se seguiam a curtos espaços um do outro, de modo que, se o que vinha à frente fosse atacado, os demais pudessem retirar-se. Mandou depois avançar alguns de seus homens e, para acalmar o espírito do irmão, se é que este ainda estava irritado contra ele, ordenou-lhes que oferecessem, de sua parte, diversos animais de várias espécies que lhe poderiam ser agradáveis pela sua raridade. Disse-lhes também que caminhassem separadamente, a fim de que, indo assim em fila, parecesse que eram em maior número, e recomendou-

lhes sobretudo que falassem a Esaú com o máximo respeito.

56. Depois de ter assim empregado todo o dia em dispor essas coisas, foi caminhar à noite. E, após ter atravessado as torrentes de Jaboque, estando muito afastado de seus homens, um vulto apareceu e atracou-se com ele. jacó foi o mais forte nessa luta, e o vulto disse-lhe: "Alegrai-vos)acó, e que nada seja capaz de vos assustar. Pois não foi a um homem que vencestes, mas a um anjo de Deus", jacó, tomado de admiração, pediu que o espírito celeste informasse o que lhe devia acontecer, ao que este respondeu: "Considerai o que acaba de se passar como um presságio, não somente de grandes bens que vos esperam, mas da duração perpétua de vossa descendência e da confiança que deveis ter de que ela será invencível". O anjo ordenou-lhe em seguida que tomasse o nome de Israel, que significa, em hebreu, "o que resistiu a um anjo", e nesse mesmo instante desapareceu. Jacó, transbordando de alegria, chamou ao lugar Peniel, isto é, "a face de Deus". E, como fora ferido naquela luta num lugar da coxa, jamais comeu daquela parte de animal algum. Não nos é, do mesmo modo, permitido comê-la.

57. Gênesis 33. Quando Jacó soube que o irmão se aproximava, mandou dizer às suas mulheres que viessem separadas uma da outra, cada qual com as suas criadas, para ver de longe o combate, caso fossem obrigados a travá-lo. Quando já estava próximo do irmão, todavia, reconheceu que ele vinha com espírito de paz e apresentou-se diante dele. Esaú abraçou-o e perguntou-lhe o que era aquela multidão de mulheres e crianças. Depois de ter sido informado de tudo, ofereceu-se para levá-las todas a Isaque, seu pai. Jacó agradeceu e rogou-lhe que o desculpasse, porque toda a comitiva estava muito cansada, por causa da longa viagem, e tinha necessidade de repouso. Assim, Esaú voltou a Seir, onde residia habitualmente, tendo ele mesmo lhe dado esse nome, que significa "peludo".

58. Gênesis 34. jacó, por sua vez, dirigiu-se a um lugar denominado As Tendas, que ainda hoje conserva esse nome, e de lá a Siquem, que é uma cidade dos cananeus. Aconteceu então que ali se realizava uma festa, e Diná, única filha de Jacó, aproximou-se para ver de que maneira as mulheres daquele país se vestiam. Siquem, filho do rei Hamor, achou-a tão bela que a carregou e abusou dela. Estando apaixonado por ela, pediu ao rei, seu pai, que

a fizesse desposar. Ele consentiu e foi procurar Jacó para pedi-la em casamento. Jacó ficou muito embaraçado, porque, de um lado, não sabia como recusar a filha ao filho de um rei e, de outro, julgava que em sã consciência não podia dá-la a um estrangeiro. Assim, pediu algum tempo a Hamor, para decidir, e o monarca regressou, na persuasão de que o casamento se realizaria.

Jacó contou aos filhos tudo o que se havia passado, pedindo-lhes que deliberassem sobre o que deviam fazer. A maior parte não sabia que resolução tomar. Mas Simeão e Levi, irmãos de pai e mãe de Diná, tomaram juntos uma determinação e, sem nada dizer a Jacó, escolheram executá-la no dia de uma grande festa que se realizava em Siquem e que se passava toda em banquetes e divertimentos. Foram de noite às portas de Siquem, acharam os guardas adormecidos e os mataram. Daí foram à cidade, passaram todos os homens a fio de espada, até mesmo o rei e seu filho, poupando somente as mulheres, e trouxeram de volta a sua irmã. Jacó ficou fora de si por aquela ação sangrenta e muito irritado com os dois, mas Deus, numa visão, ordenou que se consolasse, que purificasse as suas tendas e pavilhões e que oferecesse o sacrifício ao qual se havia obrigado quando Ele lhe apareceu em sonho, na sua viagem à Mesopotâmia.

59. Enquanto executava essas ordens, jacó encontrou os ídolos de Labão, que Raquel havia furtado sem nada lhe dizer. Enterrou-os em Siquem, sob um carvalho, e foi sacrificar em Betei,* no mesmo lugar onde tivera a visão de que acabamos de falar. De lá passou a Efrata, onde Raquel teve um filho e morreu de parto. Ela foi sepultada ali mesmo, sendo a única de sua descendência que não foi levada a Hebrom, ao sepulcro de seus antepassados. A morte dela causou grande aflição a]acó, e ele chamou ao filho Benjamim, porque havia sido causa de dor, ao custo da vida de sua mãe. Jacó teve apenas uma filha, Diná, e doze filhos, dos quais oito eram legítimos, isto é, seis de Leia e dois de Raquel. Quanto aos outros quatro, dois eram de Zilpa e dois de Bila. Chegou finalmente a Hebrom, na terra de Canaã, onde morava Isaque, seu pai, mas o perdeu logo depois.

---

* Belém.

CAPÍTULO 19

MORTE DE ISAQUE.

60. jacó não teve a consolação de encontrar Rebeca, sua mãe, ainda com vida, e Isaque viveu muito pouco depois do seu regresso. Esaú e Jacó enterraram-no junto de Rebeca, em Hebrom, no túmulo destinado a toda a sua descendência. Esse homem foi tão ilustre em virtude que mereceu que Deus o cumulasse de bênçãos e não tomasse menos cuidado dele do que de Abraão, seu pai. Viveu cento e oitenta e cinco anos, que então era uma longa idade. Só teve e mereceu louvores durante todo o curso de sua vida.

Livro Segundo

Capítulo 1

Partilha entre Esaú e Jacó.

61. Gênesis 35. Depois da morte de Isaque, os seus dois filhos dividiram a herança, e nenhum deles ficou no mesmo lugar que antes havia escolhido para fixar residência [Gn 36]. Esaú deixou Hebrom a Jacó e estabeleceu-se em Seir. Ele possuía a Iduméia e deu-lhe o seu nome, pois fora cognominado Edom, por motivo que vou explicar. Quando ainda era jovem, voltava um dia da caça, exausto pelo trabalho e torturado por uma grande fome. Encontrou o irmão cozendo lentilhas para o jantar. Pareceram-lhe tão boas e tão apetitosas que o grande desejo de comer fez que as pedisse a Jacó. Este, vendo com que ânsia o irmão as desejava, disse-lhe que as daria somente com a condição de que Esaú lhe cedesse o direito de primogenitura. Esaú concordou e o prometeu com juramento. Jovens da mesma idade zombaram da simplicidade de Esaú e, por causa da cor avermelhada das lentilhas, deram-lhe o nome de Edom, que em hebreu significa "ruivo". E a região conservou-o desde então. Os gregos depois suavizaram o nome, para torná-lo mais agradável, e chamaram ao lugar Iduméia.

62. Gênesis 36. Esaú teve cinco filhos, com três mulheres: de Ada, filha de Elom, Elifaz; de Oolibama, filha de Zibeão, Jeús, Jalão e Corá; de Basemate, filha de Ismael, Reuel. Elifaz teve cinco filhos legítimos: Temã, Omar, Zefô, Gaetã e Quenaz. Quanto ao sexto, de nome Amaleque, ele o teve de Tesma,* sua concubina. Ocuparam aquela parte da Iduméia chamada Gobolite, e o país que foi chamado Amalequita por causa de Amaleque. O nome Iduméia estendia-se antigamente até muito longe, e as diversas partes desse grande país conservaram os nomes daqueles que por primeiro os habitaram.

---

* Ou Timna.

CAPÍTULO 2

SONHOS DE JOSÉ. INVEJA DE SEUS IRMÃOS, QUE RESOLVEM MATÁ-LO.

63. A prosperidade com que Deus favorecia a Jacó era tão grande que nenhum outro no país o igualava em riquezas. E as excelentes qualidades de seus filhos não somente o tornavam feliz, mas também considerado por todos. Eles não tinham menos espírito que sabedoria e coração, e nada lhes faltava do que os pudesse tornar estimados. Deus tomava também tal cuidado por esse fiel servidor e concedia-lhe tão liberalmente as suas graças que mesmo as coisas que pareciam ser-lhe adversas acabavam em seu proveito. Ele começava, desde então, por ele e pelos seus, a abrir aos nossos pais o caminho para sair do Egito. Eis qual foi a origem disso.

64. Cênesis 37. José, que Jacó tivera de Raquel, era o mais querido de todos os seus filhos, fosse por causa das melhores qualidades de espírito e de corpo, em que sobrepujava os outros, fosse por sua grande sabedoria. Esse afeto, que o pai não conseguia esconder, incitou contra José a inveja e o ódio dos irmãos, agravados ainda por causa de alguns sonhos que o moço lhes contara na presença do pai e que lhe pressagiavam uma felicidade extraordinária, capaz mesmo de suscitar inveja entre as pessoas mais próximas.

O fato passou-se deste modo: Jacó o havia mandado com seus irmãos para trabalhar no campo de trigo, e ele teve um sonho na noite anterior, que não podia ser considerado comum. Pela manhã, contou-o aos irmãos, a fim de que o explicassem. Parecia que o seu feixe estava de pé no campo e que os outros vinham inclinar-se diante dele e adorá-lo. Eles não tiveram dificuldade em julgar o que significava aquele sonho: a fortuna de José seria muito grande, e eles lhe seriam sujeitos. No entanto dissimularam, como se nada tivessem entendido, desejando em seu coração que a predição fosse falsa e concebendo contra ele uma aversão ainda maior.

Deus, para confundir a inveja deles, permitiu a José outro sonho, bem mais importante que o primeiro. Parecia-lhe ver o Sol, a Lua e onze estrelas descerem do céu à Terra e prostrarem-se diante dele. Ele contou o sonho ao pai diante dos irmãos, dos quais não desconfiava, e rogou que lhe dessem uma

explicação. Jacó sentiu grande alegria, porque compreendeu facilmente que Deus pressagiava a José uma grande prosperidade, chegando o tempo em que seu pai, sua mãe e seus irmão seriam obrigados a prestar-lhe homenagem. O Sol e a Lua significavam o pai e a mãe, pois aquele dá forma e força a todas as coisas e esta alimenta e faz crescer. As onze estrelas significavam os onze irmãos, que tiram toda a sua força do pai e da mãe, como as estrelas do Sol e da Lua.

Jacó deu essa interpretação ao sonho e o fez muito sabiamente. Mas o pressá-gio deixou aflitos os irmãos de José. Embora sendo-lhe muito próximos e devessem tomar parte na sua felicidade, sentiram maior inveja ainda, como se ele lhes fosse um estrangeiro. Assim, deliberaram fazê-lo morrer e com esse fim, quando terminaram os trabalhos do campo, levaram os rebanhos a Siquém, que era um lugar abundante em pastagens. Nada haviam dito ao pai, e a ausência deles afligiu Jacó. E, para ter notícias deles, mandou José procurá-los.

Capítulo 3

José é vendido por seus irmãos a uns ismaelitas, que o vendem no Egito. A sua castidade é causa de que o lancem na prisão. Lá, interpreta dois sonhos e, em seguida, dois outros a Faraó, que o nomeia governador de todo o Egito. Uma carestia obriga os seus irmãos afazerem duas viagens ao Egito, na primeira das quais José retém Simeão, e na segunda, Benjamim. Dá-se em seguida a conhecer a eles e manda buscar o seu pai.

65. Gênesis 37. Os irmãos de José viram-no chegar com prazer, não porque vinha da parte de seu pai, mas porque, considerando-o inimigo, se regozijavam por vê-lo cair-lhes nas mãos. E temiam tanto perder a ocasião de se desfazer dele que o queriam matar naquele mesmo instante. Porém Rúben, o mais velho, não pôde aprovar tamanha crueldade. Fez-lhes ver a enormidade do crime que queriam cometer, o ódio que atrairiam contra eles e quão abominável seria o assas-sínio de um irmão, se um simples homicídio já causava horror a Deus e aos homens. Além disso, eles matariam de dor um pai e uma mãe que,

além do amor que tinham por José, por causa de sua bondade, nutriam-lhe uma ternura particular, por ser ele o mais obediente de todos os filhos.

Assim, ele os conjurava a temer a vingança de Deus, que via já o cruel desígnio concebido em seus corações, que os perdoaria, contudo, se eles se arrependessem e compensassem o seu crime, mas que os castigaria muito mais severamente se o cometessem. Que considerassem, pois, que todas as coisas a Ele eram gentes: as açõetipraticadas no$ desertos não passariam mais.> despercebidas que as cometidas nas cidades, e a própria consciência servir-lhes-ia de algoz. E acrescentou que, se jamais fora permitido matar um irmão, mesmo havendo ofensa da parte dele, e se, por outro lado, é sempre louvável perdoar aos amigos quando eles erram, por muito maior razão eram eles obrigados a não fazer mal a um irmão do qual jamais haviam recebido injúria alguma. A simples consideração pela juventude dele deveria levá-los não somente a sentir compaixão como também a ajudá-lo e protegê-lo. A causa que os instigava contra ele tornava-os ainda mais culpados, pois em vez de invejar a felicidade que lhe tocaria e as vantagens com que Deus se comprazia em enriquecê-lo, eles deveriam regozijar-se e considerá-las como suas também, pois, sendo-lhe tão próximos, de tudo poderiam participar. Deviam, por fim, imaginar qual seria o furor e a indignação de Deus contra eles se levassem à morte aquele a quem Ele havia julgado digno de receber de sua mão tantos benefícios, se ousassem tirar-lhe os meios de o favorecer com suas graças.

Vendo Rúben que os irmãos, em vez de se comoverem com essas palavras, cada vez mais se obstinavam em sua funesta resolução, propôs escolherem um meio mais suave de a executar, a fim de tornar a sua falta, de algum modo, menos criminosa: se quisessem seguir o seu conselho, deveriam contentar-se em colocar José numa cisterna próxima, deixando-o lá para morrer, sem manchar as mãos com sangue. Eles aprovaram a proposta, e Rúben desceu-o com uma corda à cisterna, que estava quase seca, e em seguida foi procurar pastagens para o seu rebanho. Mal ele havia partido, judá, um dos filhos de)acó, viu passando uns mercadores árabes, descendentes de Ismael que vinham de Galaade, os quais levavam para o Egito perfumes e outras mercadorias. Então ele aconselhou os irmãos a vender José, pois desse modo ele iria morrer num país distante e eles não poderiam ser acusados de lhe terem tirado a vida.

Eles negociaram com os mercadores, retiraram da cisterna o irmão, que contava então dezessete anos, e o venderam por vinte peças de prata aos ismaelitas.

Quando retornou, à noite, Rúben, que pretendia salvar José, foi secretamente à cisterna e chamou-o diversas vezes. Vendo que ele não respondia, imaginou que os irmãos o houvessem matado e censurou-os severamente. Eles então foram obrigados a contar-lhe o que haviam feito, e o seu pesar foi desse modo um tanto mitigado. Os irmãos discutiram em seguida o que fazer para evitar ao pai a suspeita de um crime. Acharam que a melhor maneira era tomar as vestes que haviam tirado de José antes de pô-lo na cisterna, rasgá-las e molhá-las no sangue de um cabrito, levando-as assim manchadas ao pai, a fim de fazê-lo acreditar que um animal feroz o havia devorado. Foram então apressadamente para casa.

O pai já estava desconfiado de que alguma desgraça acontecera a José. Os filhos disseram-lhe que não o tinham visto, mas haviam encontrado as suas vestes manchadas de sangue e rasgadas, as que de fato ele usava quando saíra de casa, e assim tinham todos os motivos para crer que ele fora devorado por um animal feroz. Jacó, que não havia pensado em tão dura perda, mas julgara apenas que o filho fora aprisionado e levado como escravo, quando viu as vestes não duvidou mais de sua morte, pois as reconheceu como sendo as que ele usava ao sair de casa para ir ter com os irmãos. Foi então tomado de grande dor, tão intensa que mesmo por um filho único não se teria chorado tanto. Cobriu-se de saco e não ouviu as palavras de consolação que os outros filhos lhe dirigiam.

66. Gênesis 39. Quando os mercadores ismaelitas que haviam comprado José chegaram ao Egito, venderam-no a Potifar, mordomo do palácio do rei Faraó, que não o tratou como escravo, mas o fez educar com cuidado, como uma pessoa livre, e deu-lhe a direção de sua casa. José cumpria o seu dever com a inteira satisfação de seu senhor: a mudança de condição não afetou absolutamente a sua virtude, e ele mostrou que um homem, quando é verdadeiramente sensato, ajuizado, procede com igual prudência na prosperidade e na adversidade.

A mulher de Potifar ficou tão impressionada com o espírito e a beleza de

José que se enamorou dele perdidamente. E, como o julgava pela condição a que a sorte o havia reduzido, imaginando que na situação de escravo ele se julgaria feliz por ser amado pela sua senhora, não teve dificuldade em decidir manifestar-lhe a sua paixão. José, porém, considerando um grande crime fazer tal afronta a um senhor ao qual era devedor de tantos favores, rogou-lhe que não exigisse dele uma coisa que não podia conceder sem passar como o homem mais ingrato do mundo, embora em todas as outras ocasiões soubesse o quanto era devedor a ela.

A recusa só fez aumentar a paixão da mulher. Ela imaginava ainda que José não seria para sempre inflexível, e resolveu tentar outro meio. Escolheu para isso o dia de uma grande festa, à qual as mulheres costumavam comparecer, e fingiu estar doente, a fim de ter um pretexto para não sair e tomar assim ocasião para solicitar José. Dessa maneira, encontrando-se em plena liberdade de falar-lhe e de insistir, disse-lhe: "Vós teríeis feito muito melhor atendendo logo às minhas súplicas, concedendo-me o que vos peço, à minha qualidade e à violência do meu amor, que me obriga, embora eu seja vossa senhora, a rebaixar-me até o ponto de vos rogar. Se fordes sensato, reparai a falta que cometestes. Não vos resta mais desculpa alguma, pois se esperáveis que eu vos procurasse uma segunda vez, faço-o agora, e com maior afeto ainda. Fingi estar doente e preferi o desejo de ver-vos ao prazer de assistir a uma grande festa. Se tivésseis alguma suspeita de que o que eu vos digo é uma cilada, para vos experimentar, a minha perseverança não permitirá mais dúvidas de que a minha paixão é verdadeira. Escolhei, pois, agora ou o favor que vos ofereço, correspondendo ao meu amor e esperando de mim, para o futuro, favores ainda maiores, ou os efeitos de minha ira e de minha vingança, se preferires à honra que vos concedo uma vã opinião de castidade. Se isso acontecer, não imagineis que alguma coisa haverá capaz de salvar-vos, pois vos acusarei perante o meu marido de terdes querido atentar contra a minha honra. E, por mais que possais dizer e provar o contrário, ele prestará sempre mais fé às minhas palavras que às vossas justificativas".

Após haver falado dessa maneira, juntou as lágrimas aos rogos. Mas nem as solicitações nem as ameaças conseguiram demover José de faltar ao seu dever. Ele preferiu expor-se a tudo do que se deixar levar por um prazer

criminoso. Julgou que não haveria castigo que ele não merecesse se cometesse tal falta, e apenas para agradar uma mulher. Então fez-lhe ver que ele também era devedor ao marido dela, acrescentando que os prazeres legítimos no casamento eram preferíveis aos produzidos por uma paixão desregrada; que estes últimos apenas se passavam, causando um arrependimento inútil; e que viveriam no contínuo temor de serem descobertos, mas nada havia a temer da fidelidade conjugai e do andar com confiança na presença de Deus e dos homens. Se ela se mantivesse casta, conservaria a autoridade que tinha para dar-lhe ordens, ao passo que perderia essa mesma autoridade cometendo com ele um crime que ele poderia sempre atirar-lhe em rosto. Enfim, a tranqüilidade de uma consciência que de nada se sente culpada era infinitamente preferível à inquietação daqueles que precisam esconder pecados vergonhosos.

Essas palavras e outras semelhantes que José proferiu, procurando convencê-la a moderar a sua paixão e a compreender o próprio dever, só a fizeram inflamar-se ainda mais, e ela tentou obrigá-lo a conceder-lhe o que não podia, sem um crime, pretender dele. Não podendo então tolerar por mais tempo tão grande vexame, ele escapou, deixando, porém, o manto nas mãos dela. Ofendida com a repulsa de José e temendo que ele a denunciasse ao marido, resolveu precedê-lo e vingar-se.

Assim, irritada por não ter podido satisfazer a sua paixão brutal, quando o marido regressou e, surpreso, perguntou-lhe a causa de vê-la naquele estado, ela respondeu: "Não mereceis viver se não castigardes como merece esse pérfido e detestável servidor, que, esquecendo-se da miséria a que estava reduzido quando o comprastes e da excessiva bondade com que o tratais, em vez de mostrar gratidão, teve a ousadia de atentar contra a minha honra e de assim querer fazer-vos a maior afronta que jamais poderíeis receber. Escolheu para executar o seu intento este dia de festa e a vossa ausência. E dizei, depois disto, que a única causa desse pudor e dessa moderação que ele afeta não é o temor que tem de vós! A honra que lhe concedestes, sem que ele a merecesse e que não teria ousado esperar, levou-o a essa horrível insolência. Ele julgou que, por lhe teres confiado todos os vossos bens e dado toda autoridade sobre os demais servidores, ainda que mais velhos que ele, lhe era permitido levar os seus desejos pessoais até vossa esposa".

67. Depois de lhe ter falado dessa maneira, e acrescentando lágrimas às palavras, mostrou-lhe o manto de José, afirmando que lhe havia ficado nas mãos enquanto resistia. Potifar, convencido por aquelas palavras e pelas lágrimas, e dando mais valor do que devia ao amor que tinha por ela, não pôde deixar de acreditar no que acabava de ouvir e ver. Assim, louvou-lhe muito a sabedoria e, sem indagar da verdade, não duvidou de que José fosse realmente culpado e mandou-o colocar na prisão. Experimentava uma alegria secreta pela virtude da esposa, da qual julgava não poder duvidar depois da prova tão convincente que ela lhe havia mostrado.

68. Enquanto o egípcio se deixava enganar dessa maneira, José, em tão amarga e injusta vicissitude, colocou nas mãos de Deus a justificação de sua inocência. Ele não quis se defender nem dizer de que modo as coisas se haviam passado. Mas, suportando com paciência a prisão e a humilhação, confiava em Deus, ao qual tudo é manifesto, que conhecia a causa de sua infelicidade e que era tão poderoso quanto os que o faziam sofrer eram injustos. Ele experimentou logo os efeitos da divina providência. Pois o carcereiro, considerando a diligência e fidelidade com que ele fazia tudo o que lhe era mandado e tocado pela majestade estampada em seu rosto, tirou-lhe as cadeias, tratou-o melhor que aos outros e tornou-lhe a prisão mais tolerável.

Gênesis 40. Como nas horas em que se permite aos prisioneiros tomar um pouco de descanso eles costumam conversar sobre a sua infelicidade, José fez amizade com um mordomo do rei, ao qual o príncipe muito havia estimado, mas o colocara na prisão por causa de um descontentamento que tivera com ele. Esse homem, percebendo a virtude de José, contou-lhe um sonho que tivera e rogou-lhe que o explicasse, pois se sentia muito infeliz, não somente por ter perdido as boas graças de seu senhor, mas também por estar sendo perturbado com sonhos que ele julgava só poderiam vir do céu. "Parecia-me", disse ele, "que eu via três cepos de videira, carregados com grande quantidade de uvas. E, estando maduros os cachos, eu os espremia, para tirar-lhes o caldo, numa taça que o rei tinha na mão e que eu apresentava a sua majestade, que o achava delicioso".

José ouviu-o e disse-lhe que tivesse boas esperanças, pois o sonho significava que dentro de três dias ele sairia da prisão, por ordem do rei, e

voltaria às suas boas graças. "Pois", acrescentou, "Deus concedeu aos frutos da videira diversos e excelentes usos e uma grande virtude. Serve para se lhe fazerem sacrifícios, para confirmar a amizade entre os homens, para fazê-los esquecer a inimizade e para mudar a sua tristeza em alegria. E, assim como esse licor que vossas mãos espremeram foi favoravelmente recebido pelo rei, não duvideis de que esse sonho prenuncia a vossa saída da miséria em que estais há tantos anos, quantos vos pareceu ver em cepos de videira. Mas, quando tiverdes sabido que as minhas predições são verdadeiras, não vos esqueçais, na liberdade de que gozareis, daquele que deixastes preso ainda às cadeias. Lembrai-vos tanto mais na vossa felicidade da minha desgraça, pois não foi por ter cometido crime que sou castigado, mas por ter preferido, por um sentimento de dever e de virtude, a honra de meu senhor à volúpia criminosa". Seria inútil dizer qual foi a alegria do copeiro-mor ante uma interpretação tão favorável de seu sonho e com que impaciência esperava a sua realização. Aconteceu, porém, em seguida, outra coisa de todo contrária.

69. Um padeiro-mor do rei, que estava preso com eles e escutara essas palavras, teve esperanças de que um sonho que também tivera lhe poderia ser favorável. Contou-o a José e rogou-lhe que o explicasse. "Parecia-me", disse ele, "que eu levava na cabeça três cestos, dois dos quais estavam cheios de pão e o terceiro de iguarias diversas, das que se servem na mesa do rei, e alguns passarinhos as levavam sem que eu pudesse evitá-lo". José, depois de escutá-lo atentamente, declarou que teria muito desejado dar-lhe uma explicação favorável, mas era obrigado a dizer que os dois primeiros cestos significavam que só lhe restavam dois dias de vida, e o terceiro, que ele seria enforcado e comido pelos pássaros.

70. Tudo o que José havia predito aconteceu. Três dias depois, o rei mandou, durante um grande banquete, no dia de seu nascimento, que enforcassem o padeiro-mor e se tirasse da prisão o copeiro-mor» para recolocá-lo no cargo. Mas a ingratidão deste o fez esquecer a promessa, e José continuou a sofrer por mais dois anos as amarguras inerentes a um cárcere. Deus, todavia, que jamais abandona os seus, serviu-se, para dar-lhe a liberdade, de um expediente, o qual vou relatar.

O rei teve numa mesma noite dois sonhos, que julgou serem péssimos

pressá-gios, embora não se lembrasse da explicação que simultaneamente lhe fora dada. No dia seguinte, ao despontar do dia, mandou buscar os homens mais sábios de todo o Egito e ordenou-lhes que os decifrassem. Eles responderam que não o podiam fazer, aumentando-lhe ainda mais o temor. Esse fato despertou na memória do copeiro-mor a lembrança de José e do dom que ele possuía para interpretar sonhos. Falou dele ao rei, contando-lhe como José havia explicado o seu sonho e o do padeiro-mor e como os fatos confirmaram a veracidade de suas palavras. Disse-lhe também que José era escravo de Potifar — o qual o havia posto na prisão — e hebreu de nascimento, oriundo de uma família ilustre, segundo ele mesmo afirmava. E, caso sua majestade desejasse mandar buscá-lo, não julgasse dele pelo estado infeliz em que se encontrava, mas poderia saber por seu intermédio o que significavam aqueles sonhos.

Ante essa sugestão, o rei mandou imediatamente buscar a José, tomou-o pela mão e disse: "Um de meus oficiais falou-me de vós, de maneira tão elogiosa que a opinião que tenho de vossa sabedoria faz-me desejar que me expliqueis os meus sonhos, tal como explicastes o dele, sem que o temor de me zangar ou o desejo de me agradar vos façam mudar algo da verdade, ainda que me reveleis coisas desagradáveis. Parecia-me que, passeando ao longo do rio, eu via sete vacas bem grandes e muito gordas, que saíam para ir aos pântanos. Em seguida, vi outras sete, muito feias e muito magras, que foram ao encontro das primeiras e as devoraram, sem que com isso saciassem a fome. Acordei muito perturbado a respeito do que esse sonho poderia significar e, tendo dormido de novo, tive um outro, que me pôs em inquietação ainda maior. Parecia-me que eu via sete espigas saídas de um mesmo pé, todas maduras e tão gordas que o peso dos grãos as fazia inclinar-se para a terra. Perto dali, sete outras espigas, muito secas e magras, devoraram então aquelas sete tão belas, deixando-me estupefato e no desassossego em que me encontro ainda agora".

Depois de o rei assim haver falado, José respondeu-lhe: "Os dois sonhos de vossa majestade significam a mesma coisa. As sete vacas magras e as sete espigas áridas que devoraram as vacas bem nutridas e as espigas gordas representam a esterilidade e a carestia que assolarão o Egito dura/^e sete anos e que consumirão toda a fertilidade e a abundância dos sete anos precedentes.

Parece que será difícil remediar tão grande mal, porque as vacas magras que devoraram as outras não foram ainda saciadas. Mas Deus não prediz tais coisas aos povos para amedrontá-los, de modo que eles se deixem abater pelo desânimo, mas, ao contrário, para obrigá-los por uma sábia previdência a evitar o perigo que os ameaça. E assim, se agradar a vossa majestade mandar que se reserve o trigo colhido nestes anos tão férteis, para distribuí-lo na época da necessidade, o Egito não sentirá absolutamente a esterilidade dos outros anos".

O rei, admirado da inteligência e sabedoria de José, perguntou-lhe o que fazer naqueles anos de abundância para tornar suportável a esterilidade dos outros. José respondeu-lhe que era necessário recolher o trigo, de sorte que se gastasse apenas o necessário e se conservasse o resto para prover à necessidade futura. E acrescentou que era ainda preciso deixar aos lavradores apenas o que lhes fosse necessário para semear a terra e para viver.

71. Faraó, então, não menos satisfeito com a prudência de José do que com a explicação dos sonhos, julgou não poder fazer escolha melhor do que o próprio]osé para a execução de um conselho tão sensato. Assim, deu-lhe plenos poderes para determinar o que julgasse mais conveniente para o seu trabalho e para o bem-estar de seus súditos. Como sinal da autoridade com que o honrava, permitiu que se vestisse de púrpura, usasse um anel com o selo real e fosse conduzido sobre um carro por todo o Egito. José, em seguida, fez executar as ordens e mandou recolher todo o trigo aos celeiros do rei, deixando ao povo somente o necessário para semear e viver, sem dizer por que razão assim procedia. Ele tinha então trinta anos, e o rei o fez nomear Psontomfance, por causa de sua inteligência (esse nome significa, em língua egípcia, "aquele que penetra as coisas ocultas").

72. Faraó fez José desposar uma jovem de nobre família, chamada Asenate, cujo pai se chamava Potífera e era sacerdote de Om. Dela teve dois filhos, antes que chegasse a carestia, e por isso chamou ao primeiro Manasses, isto é, "esquecido", porque a prosperidade em que então se encontrava fazia-o esquecer as aflições passadas, e ao segundo chamou Efraim, isto é, "restabelecimento", porque havia sido reintegrado à liberdade de seus antepassados.

73. Depois que os sete anos de abundância preditos por José se

passaram, a carestia começou a ser tão grande que, nesse mal imprevisto, todo o Egito recorreu ao rei. José, por ordem do soberano, distribuía o trigo, e o seu sábio proceder conquistou-lhé um afeto geral, tanto que todos o chamavam de "salvador do povo". Ele não vendeu trigo somente aos egípcios, mas também aos estrangeiros, porque estava convencido de que todos os homens estão unidos por um estreito liame, de modo que os que se encontram na abundância estão obrigados a socorrer os outros nas suas necessidades.

74. Cênesis 42. Como o Egito não era o único país assolado pela carestia, pois o flagelo se estendia a várias outras províncias, entre outras, a própria Canaã, Jacó, sabendo que se vendia trigo no Egito, mandou para lá todos os seus filhos, para comprar o alimento — todos exceto Benjamim, filho de Raquel e irmão de pai e mãe de José, que reteve junto de si.

Quando os dez irmãos chegaram ao Egito, dirigiram-se a José para pedir-lhe que lhes mandasse vender trigo. Tinha ele tanto prestígio que teria sido inútil recorrer diretamente ao rei. Ele reconheceu imediatamente todos os seus irmãos, mas eles não o reconheceram, porque José era ainda muito jovem quando o venderam, e sua fisionomia estava mudada. Além disso, jamais teriam imaginado vê-lo em tal condição e poder. José resolveu experimentá-los, depois de recusar vender-lhes o trigo, acusando-os de serem espiões e de juntos conspirarem contra o rei. Declarou também que eles fingiam ser irmãos, embora se parecessem, mas que se haviam reunido de vários lugares, não sendo possível que um só homem tivesse tantos filhos, todos tão bem feitos, uma rara felicidade, que não acontece nem mesmo aos reis. Ele assim falou somente para ter notícias de seu pai, do estado de seus negócios durante a sua ausência e de seu irmão Benjamim, que temia tivessem também feito morrer pela mesma inveja da qual ele próprio já havia sentido o efeito.

As palavras de José os deixaram atônitos e, para se justificarem de tão grave acusação, responderam-lhe por boca de Rúben, o mais velho: "Nada está mais longe do nosso pensamento que vir até aqui como espiões. A carestia, que assola também a nossa pátria, obrigou-nos a recorrer a vós, porque soubemos que a vossa bondade, não se contentando em remediar as necessidades de vossos súditos e do rei, vai além das fronteiras, em socorro das necessidades dos estrangeiros, permitindo-lhes também comprar o trigo. Quanto a dizermos

que somos irmãos, basta olhar os nossos rostos para se notar, pela semelhança, que falamos a verdade. Nosso pai, que é hebreu, chama-se Jacó. Ele teve, de quatro mulheres, doze filhos, e fomos felizes durante o tempo em que vivíamos todos. Porém, depois da morte de um deles, chamado José, todas as coisas nos foram adversas. Nosso pai não se pode consolar de sua perda, e a sua extrema aflição não nos causa menor dor que a que sentimos com a morte de nosso irmão, tão querido e tão amável. O motivo que nos traz aqui é somente comprar o trigo. Deixamos com o nosso pai o mais moço de nossos irmãos, de nome Benjamim, e se vos aprouver mandar buscá-lo, sabereis que vos dizemos a verdade e falamos sinceramente".

Essas palavras deram a conhecer a José que nada mais devia temer por seu pai ou por seu irmão. No entanto ordenou que os pusessem na prisão, para serem interrogados comodamente. Fê-los voltar três dias depois e disse-lhes: "Para me certificar de que não viestes aqui com mau desígnio contra a segurança do rei e de que sois todos irmãos e filhos do mesmo pai, quero que me deixeis um dentre vós, que ficará em completa segurança comigo. E, depois de terdes regressado com o trigo que pedirdes, voltareis aqui trazendo o vosso irmão menor, que deixastes com ele". A ordem deixou-os atônitos, e, lastimando a própria infelicidade, reconheceram que Deus os castigava, com justiça, pela grande crueldade deles para com José. Por isso Rúben, censurando-os severamente, disse-lhes que as lamúrias eram inúteis e que era necessário suportar com firmeza o castigo, o qual bem mereciam. Vividamente sentidos, puseram-se de acordo.

Como falavam em língua hebraica, julgavam que ninguém os entendia. José, no entanto, ficou tão comovido ao vê-los quase levados ao desespero que, não podendo reter as lágrimas e não querendo ainda dar-se a conhecer, retirou-se da presença deles. Tendo voltado em seguida, reteve Simeão como refém, até que trouxessem o irmão menor. Então deu4hes permissão para comprar o trigo e partir. Entretanto ordenou que secretamente recolocassem nos sacos o dinheiro que haviam entregado em pagamento, o que foi feito.

75. De volta a Canaã, eles narraram ao pai tudo o que se havia passado: como os haviam tomado por espiões, como o governador não quisera acreditar neles, apesar de terem dito que eram todos irmãos e que tinham ainda um

irmão menor, o qual havia ficado com o pai, e como conservariam Simeão como refém até que levassem Benjamim. Pediram-lhe então que enviasse Benjamim com eles, sem nada temer pela sua sorte. Jacó, sentindo-se já bastante pesaroso pelo fato de Simeão ter ficado no Egito, achou que a morte lhe seria mais suave que o risco de perder também a Benjamim. E recusou-se deixá-lo partir, embora Rúben acrescentasse aos seus rogos a proposta de entregar-lhe os próprios filhos, para Jacó deles dispor como bem entendesse se alguma desgraça sobreviesse a Benjamim, mas nem assim pôde fazê-lo consentir. A resistência do pai pôs os irmãos em indizível agonia, que aumentou muito quando encontraram o dinheiro nos sacos de trigo.

Gênesis 43. A carestia continuava, e, quando o trigo que haviam comprado estava terminando, Jacó começou a pensar em mandar Benjamim ao Egito, pois os seus irmãos não ousavam retornar sem ele. Embora a necessidade aumentasse e eles redobrassem as instâncias, Jacó não conseguia decidir-se. Em tal conjuntura, Judá, que era de natureza ousada e violenta, tomou a liberdade de dizer-lhe que havia exagero em sua inquietação a respeito de Benjamim, pois, quer ficasse junto dele, quer se afastasse, nada lhe poderia acontecer contra a vontade de Deus; que aquele cuidado inútil punha em risco a sua própria vida e a de todos os seus, pois só poderiam subsistir pelo auxílio que trouxessem do Egito; que deveriam considerar que o atraso no regresso talvez levasse os egípcios a executar Simeão; que, segundo a sua piedade, deveria confiar a Deus a conservação de Benjamim; e que, por fim, prometiam trazê-lo são e salvo ou então morrer com ele.

Jacó não pôde resistir a tão fortes razões e deixou partir Benjamim. Deu-lhes o dobro do dinheiro necessário para comprar o trigo, acrescentando vários presentes para José, dentre as coisas mais preciosas que havia na terra de Canaã: bálsamo, resinas, terebintina e mel. Esse pai, de natureza tão suave e terna, passou todo aquele dia imerso em grande dor, ao ver partir todos os seus filhos. Também estes saíram no temor de que o pai não pudesse resistir a tão grade aflição, mas à medida que se adiantavam na viagem, consolavam-se com a esperança de uma melhor sorte.

76. Logo que chegaram ao Egito, dirigiram-se ao palácio de José e, temendo que os acusassem de terem roubado o dinheiro do trigo que haviam

comprado, desculparam-se com o administrador, assegurando-lhe que fora grande a surpresa deles quando, já em sua pátria, encontraram nos sacos o dinheiro, que de novo lhe traziam. Ele fingiu ignorar de que se tratava, e eles ficaram ainda mais tranqüilos quando puseram Simeão em liberdade.

Pouco tempo depois, voltando ao palácio do rei, entregaram a José os presentes que o pai enviara. José perguntou da saúde de Jacó, e responderam-lhe que era boa. E ele cessou de temer por Benjamim quando o viu entre os demais, porém não deixou de perguntar se era aquele o irmão menor deles. Tendo-lhe eles respondido que era, contentou-se em dizer-lhes que a providência de Deus estendia-se a tudo. Não podendo mais conter as lágrimas, afastou-se, para não se dar a conhecer. Naquele mesmo dia, ofereceu-lhes uma ceia, determinando que se sentassem à mesa na mesma posição e ordem que adotavam em casa. Tratou-os assim muito bem e fez servir uma porção dobrada a Benjamim.

77. Gênesis 44. Ordenou em seguida que lhes dessem o trigo que desejavam levar e acrescentou, por ordem secreta, que quando estivessem dormindo se pusesse de novo nos sacos o dinheiro do pagamento e que escondessem, além disso, no saco pertencente a Benjamim, a taça em que ele, José, comumente se servia. Queria desse modo experimentar a disposição dos irmãos para com Benjamim, para ver se o auxiliariam quando ele o acusasse daquele furto ou se o abandonariam sem se incomodar com a sua sorte.

Sua ordem foi executada. Eles partiram ao raiar do dia, com grande júbilo por terem reconquistado o seu irmão Simeão e cumprido a promessa para com o seu pai, restituindo-lhe também Benjamim. Entretanto ficaram espantados quando se viram cercados por uma tropa de cavalaria, junto da qual estavam os servidores de José que haviam escondido a taça. E perguntaram a estes por que motivo, depois de o senhor deles os haver tratado com tanta cordialidade, os perseguiam com tanta insistência.

Os egípcios responderam-lhes que a bondade de José, de que se vangloriavam, ressaltava-lhes ainda mais a ingratidão e os tornava mais culpados, pois, em vez de reconhecerem os favores que haviam recebido, não tinham tido escrúpulo de roubar a taça de que ele se servira para lhes dar, num banquete, demonstrações de sua estima e haviam preferido um roubo tão

vergonhoso à honra da boa graça, expondo-se ao perigo que os ameaçava, se fossem descobertos. Porque eles não podiam deixar de ser castigados como mereciam, pois, se haviam podido enganar o encarregado da guarda daquela taça, não podiam enganar a Deus, que revelara o roubo, não permitindo que dele se aproveitassem. E em vão fingiam ignorar o fim que os levara ao encalço deles, pois o castigo que receberiam fá-los-ia conhecer o motivo.

O egípcio que assim falava acrescentou a isso mil censuras, mas como os irmãos se julgavam inocentes, não se incomodaram com as recriminações, achando loucura que fossem acusados de tal roubo — eles, que depois de encontrarem nos sacos o dinheiro do trigo que haviam comprado, tinham-no restituído em boa-fé (embora ninguém disso soubesse), o que era uma maneira de agir bem contrária ao crime de que os acusavam. Como uma busca poderia melhor justificá-los que as palavras, a confiança que tinham em sua inocência tornou-os tão ousados que insistiram com os egípcios que examinassem os sacos, acrescentando que estavam dispostos a serem todos castigados se um só deles fosse tido como culpado.

Os egípcios aceitaram a sugestão e determinaram fazer a pesquisa com uma condição mais favorável; contentar-se-iam em prender somente aquele em cujo saco a taça estivesse escondida. O oficial remexeu então em todos os sacos, iniciando propositadamente pelos dos mais velhos, a fim de reservar o de Benjamim para o final. Não porque não soubesse em qual saco a taça se encontrava, mas para dar a impressão de que se desobrigava muito bem de sua incumbência. Assim, os dez primeiros, nada receando por eles mesmos e não julgando que houvesse algo a temer por Benjamim, queixaram-se de seus perseguidores e do atraso que estava causando aquela busca injusta. No entanto, quando abriram o saco que pertencia a Benjamim e ali acharam a taça, a surpresa de terem caído em tal desdita quando já se julgavam fora de qualquer perigo causou-lhes tão viva dor que eles rasgaram as próprias vestes e só conseguiam gritar e gemer. Isso porque imaginaram logo o castigo inevitável para Benjamim e ao mesmo tempo lembraram que haviam solenemente prometido ao pai restituir-lhe o filho menor. E, para cúmulo da aflição, sentiam-se culpados da desgraça de um e de outro, pois foram os seus insistentes pedidos que levaram Jacó a decidir-se mandar Benjamim com eles.

Os cavaleiros, sem demonstrar comoção com as suas queixas e lágrimas, levaram Benjamim a José, e seus irmãos o seguiram. José, vendo Benjamim nas mãos dos soldados, assim falou aos irmãos esmagados pela dor: "Miseráveis que sois! Respeitais, então, tão pouco a providência de Deus e sois tão insensíveis à bondade que vos testemunhei que tenhais tido a coragem de cometer uma ação tão baixa para com o vosso benfeitor, que vos recebeu com tanta cordialidade?" Essas poucas palavras causaram-lhes tal confusão que somente puderam se oferecer para libertar o irmão e serem castigados em seu lugar. Diziam entre si, uns aos outros, que José era feliz, pois se havia morrido, estava livre das misérias da vida, e, se estava vivo, ser-lhe-ia glorioso que Deus julgasse digno o severo castigo que sofriam por causa dele. Confessavam ainda que não poderiam ser mais culpados do que já o eram para com o pai, por terem acrescentado nova aflição à que ele já suportava pela perda de José. E Rúben continuava a censurar-lhes o crime que haviam cometido contra o irmão.

Disse-lhes José que, como não duvidava da inocência deles, permitia que regressassem, contentando-se em castigar aquele que cometera o crime, pois, assim como não era justo pôr em liberdade um culpado para ser agradável aos que não o eram, do mesmo modo não seria razoável fazer sofrer inocentes pelo pecado de um só. E assim, eles podiam partir quando quisessem, que ele lhes garantiria toda a segurança.

De tal maneira essas palavras penetraram-lhes o coração que todos, exceto Judá, ficaram impossibilitados de responder. E, como era muito generoso e havia feito ao pai a promessa de lhe reconduzir Benjamim, resolveu expor-se, para salvá-lo, e assim falou a José: "Reconhecemos, meu senhor, que a injúria que recebestes é tão grande que não pode ser assaz rigorosamente castigada. Assim, ainda que a falta seja exclusiva de um só e do mais moço de todos nós, queremos receber todos juntos o castigo. Embora pareça que nada devamos esperar em favor dele, não deixamos de confiar em vossa clemência e ousamos prometer a nós mesmos que seguireis, preferivelmente, nesta ocorrência, os sentimentos que ela vos inspirar, que não os da vossa justa cólera, pois é próprio das grandes almas, como a vossa, sobrepor-se às paixões pelas quais as almas vulgares se deixam vencer. Considerai, por favor, se seria

digno de vós fazer morrer pessoas que não querem ter a vida senão pela vossa bondade. Não será a primeira vez que vós a tereis conservado, pois, sem o trigo que nos permitistes comprar, há muito tempo a fome nos teria matado a todos. Não permitais, portanto, que tão grande obrigação, de que vos somos devedores, fique inútil, mas fazei que tenhamos ainda uma segunda, que não será menor que a primeira, pois é conceder em duas maneiras diferentes uma mesma graça: conservar a vida aos que a fome teria feito morrer e não tirá-la àqueles que merecem a morte. Vós nos salvastes, dando-nos com que nos alimentarmos. Fazei-nos agora gozar desse favor por uma generosidade digna de vós. Sede cioso de vossos próprios dons, não vos contentando de nos salvar uma só vez a vida. E, certamente, eu creio, Deus permitiu que tenhamos caído em tal infortúnio para fazer brilhar mais a vossa virtude, pois, perdoando aos que vos ofenderam, fareis ver que a vossa bondade não se estende somente aos inocentes, que têm necessidade da vossa assistência, mas também aos culpados, aos quais a vossa graça é necessária. Embora seja coisa muito louvável socorrer os aflitos, não é menos digno de um homem elevado a um alto cargo esquecer as ofensas particulares que lhe são feitas. É glorioso perdoar as faltas leves. É imitar a Divindade, que dá a vida aos que merecem perdê-la. Se a morte de)osé não me tivesse feito conhecer até que ponto vai a extrema ternura de nosso pai para com os seus filhos, não insistiria eu tanto junto de vós pela conservação de um filho que lhe é tão caro. Se eu vo-lo faço, é somente a fim de contribuir para a glória que teríeis em perdoar-lhe, enquanto nós suportaríamos morrer com paciência, se um pai que nos é tão querido e venerado se pudesse consolar com a nossa morte. Mas nós, embora sejamos moços e comecemos a desfrutar os prazeres da vida, sentimos muito mais o mal dele que o nosso e não vos rogamos tanto por nós quanto por ele, que não somente está acabado pela idade, mas também pela dor. Podemos dizer, com verdade, que é um homem de grande virtude, que nada omitiu nem esqueceu para nos levar à sua imitação e que seria bem infeliz se lhe fôssemos causa de aflição. A nossa ausência já o faz sofrer de tal modo que ele não poderia suportar a notícia da nossa morte. A vergonha de que seria acompanhada abreviaria, sem dúvida, os seus dias, e, para evitar a confusão que isso lhe causaria, ele preferiria deixar este mundo antes que a notícia se espalhasse.

Assim, embora a vossa cólera seja muito justa, fazei com que a vossa compaixão por nosso pai seja mais poderosa sobre o vosso espírito que o ressentimento pela nossa falta. Concedei essa graça à velhice, pois ele não se poderia resignar a sobreviver à nossa perda. Concedei-a na qualidade de pai, para honrar o vosso, na vossa pessoa, e honrar-vos a vós mesmo, pois Deus vos deu essa mesma qualidade. Deus, que é o pai de todos os homens, vos tomará feliz na vossa família se f izerdes ver que respeitais um nome que tendes em comum com ele, deixando-vos levar pela compaixão para com um pai que não poderia suportar a perda de seus filhos. Nossa vida está em vossas mãos: assim como podeis no-la destruir com justiça, podeis também, pela graça, no-la conservar. Ser-vos-á tanto mais glorioso imitar, no-la conservando, a bondade de Deus, o qual no-la deu, pois não será a um só, mas a vários que a conservareis. Dá-la a nosso irmão será dá-la a todos, pois não nos poderíamos resolver a sobreviver nem a voltar sem ele a nosso pai, e tudo o que lhe acontecer será comum conosco. Assim, se nos recusardes esta graça, nós só vos pediremos que nos façais sofrer o mesmo castigo ao qual o condenareis, pois ainda que não tenhamos parte no seu crime preferimos passar por cúmplices de sua falta e ser com ele condenados à morte que sermos obrigados por nossa pena e dor a morrer por nossas mesmas mãos. Não vos direi, senhor, que, sendo ele ainda jovem e sujeito às fraquezas de sua idade, a humanidade parece obrigar-vos a perdoar-lhe. Omitirei de propósito muitas outras coisas, a fim de que, se não vos deixardes comover pelas nossas palavras, se possa atribuir disto a causa: a ter eu mal defendido o meu irmão. Mas se, ao contrário, vós lhe perdoardes, pareça que nós somos devedores disso unicamente à vossa clemência e à penetração de vosso espírito, que terá conhecido melhor do que nós mesmos as razões que podem servir à nossa defesa. Mas, se não formos tão felizes e quiserdes castigá-lo, o único favor que vos peço é fazer-me sofrer a mesma pena em seu lugar e permitir-lhe que volte para o nosso pai. Ou, se a vossa intenção é conservá-lo como escravo, vereis que eu estou mais em condições do que ele de vos prestar esse serviço".

78. Judá assim falou e, demonstrando que estava pronto a se expor alegremente para salvar o irmão, lançou-se aos pés de José, a fim de nada esquecer que pudesse comovê-lo e levá-lo a conceder-lhe a graça que pedia. Os

outros irmãos fizeram o mesmo, e nem um só deixou de se oferecer para ser castigado em lugar de Benjamim. Tantos testemunhos de uma amizade tão verdadeiramente fraterna comoveram o coração de José. Então, não podendo mais continuar a fingir-se encolerizado, ordenou aos que estavam presentes que saíssem do quarto.

Quando ficou sozinho com os seus irmãos, José deu-se a conhecer, falando-lhes deste modo: "A maneira como me tratastes outrora dava-me motivo para vos acusar de má índole. Tudo o que fiz até aqui teve como finalidade apenas submeter-vos a uma prova. Porém a amizade que demonstrais para com Benjamim obriga-me a mudar a minha opinião e mesmo a crer que Deus permitiu o que aconteceu para disso tirar o bem de que desfrutais agora e que espero de sua graça seja ainda maior para o futuro. Assim, vendo que meu pai está passando bem, melhor do que eu mesmo imaginava, e testemunhando o vosso afeto por Benjamim, não é meu desejo lembrar-me do passado, a não ser para atribuí-lo ao nosso Deus e para vos considerar como tendo sido naquele fato um ministro da providência. E, da mesma forma como o esqueço, quero que esqueçais também, e que este tão feliz acontecimento, fruto de um mau conselho, vos faça apagar o opróbrio de vossa falta, de modo a não vos restar desprazer algum, porque ela ficou sem efeito. Por que o desprazer de tê-la cometido vos causaria agora tristeza? Alegrai-vos, ao contrário, pelo que aprouve a Deus realizar em nosso favor e ide imediatamente consolar o nosso pai, para que a apreensão em que ele se encontra, por vossa causa, não o faça morrer sem que eu tenha a consolação de vê-lo. Porque a maior alegria que a minha fortuna me poderá conceder é torná-lo participante dos bens que possuo, pela liberalidade de Deus. Não deixeis também de trazer com ele as vossas esposas, os vossos filhos e os vossos parentes, a fim de que todos participeis da minha felicidade. E desejo-o tanto mais porque a carestia que nos aflige durará ainda cinco anos".

José assim falou aos irmãos e abraçou-os a todos. Todos choravam. E os irmãos de José, não podendo duvidar da sinceridade do afeto que ele lhes manifestava e do perdão que lhes concedia, muito verdadeiro, tinham o coração ferido de dor e não conseguiam perdoar-se a si mesmos por havê-lo tratado com tanta desumanidade. Depois de tantas lágrimas derramadas, aquele dia termi-

nou com um grande banquete.

79. O rei, que soubera da chegada dos irmãos de José, manifestou não menos alegria do que teria sentido por qualquer outra feliz ventura que lhe sobreviesse.

Presenteou-lhes com carros carregados de trigo e grande quantidade de ouro e prata, para levarem ao seu pai. José entregou-lhes também outros valiosos presentes para em seu nome serem oferecidos a Jacó. Igualmente, distribuiu presentes a todos os irmãos, além de alguns em particular a Benjamim. Voltaram eles então ao seu país, e Jacó não teve dificuldade em prestar fé à declaração de que o filho por quem havia chorado tanto tempo estava não somente cheio de vida, mas elevado a tão grande autoridade, governando todo o Egito, abaixo somente do rei. Esse fiel servidor recebeu tantas provas da infinita bondade de Deus que delas não podia duvidar. Foi como se os fatos, durante algum tempo, estivessem como que suspensos. Assim, ele não viu impedimento em partir imediatamente, para dar a José e deste receber, ao mesmo tempo, a maior de todas as consolações que um e outro poderiam desejar em vida.

CAPÍTULO 4

JACÓ CHEGA AO EGITO COM TODA A SUA FAMÍLIA. ADMIRÁVEL PROCEDER DE JOSÉ DURANTE A CARESTIA E DEPOIS DELA. MORTE DE JACÓ E DE JOSÉ.

80. Gênesis 46. Quando Jacó chegou aos poços do juramento, ofereceu a Deus um sacrifício, e o seu espírito achou-se então agitado por diversos pensamentos. Isso porque, de um lado, ele temia que a abundância do Egito tentasse os filhos a permanecer lá e os fizesse perder o desejo de voltar à terra de Canaã, da qual Deus lhe prometera a posse, atraindo assim a cólera divina, por terem ousado mudar de país sem consultar ao Senhor. Por outro lado, ele temia morrer antes de ter o consolo de ver José.

Adormeceu com essa amargura, e Deus apareceu-lhe em sonhos, chamando-o duas vezes pelo nome. Jacó perguntou quem era, e Deus respondeu-lhe: "Como? Jacó! Não conheceis o vosso Deus, que continuamente vos tem assistido e a todos os vossos predecessores? Não fui eu que, contra o

desígnio de Isaque, vosso pai, vos fiz chefe de vossa descendência? Não fui eu que, quando fostes sozinho para a Mesopotâmia, vos providenciei um casamento vantajoso, vos tornei pai de vários filhos e vos fiz voltar repleto de bens? Não fui eu que conservei a vossa família e que, quando pensáveis o haver perdido, elevei José a um tão alto grau de poder que a fortuna dele iguala quase à do próprio rei do Egito? Venho agora para servir-vos de guia na vossa viagem e para anunciar-vos que exaiareis o vosso último suspiro nos braços de José e que a vossa posteridade será muito poderosa, durante vários séculos, e possuirá o país cujo domínio vos prometi".

81. Jacó, consolado com essas esperanças por meio de um sonho tão favorável, continuou ainda mais alegremente a viagem com os filhos e netos, cujo número era de setenta. Não diria aqui os seus nomes, que são rudes e difíceis de se pronunciar, se alguns não quisessem fazer crer que somos originários do Egito, e não da Mesopotâmia.

Jacó tinha doze filhos, e como um deles, José, já estava estabelecido no Egito, resta-me falar somente dos outros.

Rúben teve quatro filhos: Enoque, Palu, Hezrom e Carmi.

Simeão teve seis filhos: jemuel, Jamim, Oade, Jaquim, Zoar e Saul.

Levi teve três filhos: Gérson, Coate e Merari.

Judá teve cinco filhos: Er, Onã, Sela, Perez e Zerá.

Perez teve dois: Esrom e Hamul.

Issacar teve quatro filhos: Tola, Puva, jó e Sinrom.

Zebulom teve três filhos: Serede, Elom e Jaleel.

Todos esses Jacó os tivera de Leia, que trazia consigo a sua filha Diná, e todos juntamente perfaziam o número de trinta e três pessoas.

Jacó, além disso, teve dois filhos de Raquel: José e Benjamim.

José tivera dois filhos: Manasses e Efraim.

Benjamim teve dez: Bela, Bequer, Asbel, Gera, Naamã, Ei, Rôs, Mupim, Hupim e Arde.

Essas catorze pessoas, somadas às trinta e três, dão um total de quarenta e sete, e são os filhos legítimos de Jacó.

De Bila, ele teve ainda Dã e Naftali. Dã teve somente um filho, de nome Husim.

Naftali teve quatro filhos: Jazeel, Guni, Jezer e Silém.

Essas pessoas, acrescentadas às precedentes, perfazem cinqüenta e quatro.

Jacó teve ainda, de Zilpa, Gade e Aser.

Gade teve sete filhos: Zifiom, Hagi, Suni, Esbom, Eri, Arodi e Areli.

Aser teve uma filha e quatro filhos: Imna, Isvá, Isvi, Berias e Será (filha).

Essas quinze pessoas, acrescentadas às cinqüenta e quatro precedentes, perfazem o número de setenta, de que falei, inclusive Jacó.

82. Judá adiantou-se para avisar José de que o seu pai já estava perto. Ele partiu imediatamente a encontrá-lo, o que se deu na cidade de Hebrom. A alegria de Jacó foi tão grande que o pôs em perigo de morrer, e a de José não foi menor. Este rogou que fizessem então pequenas jornadas, e foi com cinco de seus irmãos avisar o rei da chegada de seu pai e de toda a sua família. O soberano mostrou-se muito contente e quis saber de que Jacó e seus filhos gostariam de se ocupar. José respondeu-lhe que eles eram peritos na criação de rebanhos e que essa era a sua principal ocupação. Dizer isso vinha muito a propósito para eles, quer para não separar Jacó de seus filhos, cuja assistência, por causa de sua idade avançada, era muito necessária, quer para evitar que os egípcios, ocupados nos trabalhos de sempre, os invejassem quando vissem os parentes de José empenhados na criação e no cuidado dos rebanhos, atividade na qual aqueles tinham pouca experiência.

Gênesis 47. Jacó foi em seguida prestar as suas homenagens ao rei, que lhe perguntou a idade. Jacó respondeu-lhe que tinha cento e trinta anos e, vendo que o rei se admirava, disse que não era uma vida longa, em comparação aos anos que tinham vivido os seus predecessores. Faraó, depois de havê-lo recebido muito bem, determinou que ele fosse morar com os filhos em Ramessés, onde se estabeleciam os que se dedicavam ao ofício de pastor.

83. A carestia aumentava no Egito. Era um mal sem remédio, pois, além de o Nilo não sair além de suas margens naturais e de não cair chuva do céu, a esterilidade viera tão de improviso que o povo nada tinha guardado como reserva. Mas José não lhes deu trigo sem dinheiro. E, quando o dinheiro lhes veio a faltar, tomou como pagamento os seus animais e escravos. Aqueles aos quais só restavam terras davam-nas em troca de comida. Desse modo, ele as

reuniu quase todas ao território do soberano, enquanto esses tais se retiraram para onde puderam. Assim, uns perdiam a liberdade, e outros, os seus bens. Nenhuma outra miséria lhes parecia, porém, mais insuportável que morrer de fome. Os sacerdotes, por um privilégio particular, foram excetuados dessa lei geral e puderam conservar a posse de seus bens.

Quando o Nilo, depois de tão grande calamidade, começou a transbordar e tornou a terra bastante fecunda, José passou por todas as cidades, reuniu o povo e restituiu-lhes as terras que haviam cedido ao rei — com a condição, todavia, de a possuírem somente como usufruto. Animou-os a cultivá-las como próprias, declarando-lhes que sua majestade se contentaria com a quinta parte do que elas produzissem. Eles aceitaram essa graça com tanto maior alegria quanto não a haviam esperado e entregaram-se com todo ardor ao cultivo da terra. Assim, José conquistava cada vez mais a estima dos egípcios e o afeto do rei, cujos domínios haviam aumentado tanto que os reis, seus sucessores, desfrutam ainda hoje esses bens, isto é, a quinta parte do fruto das terras.

84. Gênesis 48, 49 e 50. Jacó passou dezessete anos no Egito, e morreu velho nos braços de seus filhos, depois de lhes desejar toda sorte de prosperidade. Predisse com espírito profético que cada um deles possuiria uma parte da terra de Canaã, o que, no correr dos tempos, não deixou de acontecer. Louvou muito a José porque ele, em vez de se ressentir dos maus-tratos que recebera dos irmãos, fizera-lhes ainda mais bem do que se a isso estivesse obrigado. Ordenou que acrescentassem ao seu número Efraim e Manasses, filhos de José, para dividir com eles a terra de Canaã, como diremos a seu tempo. Pediu também para ser sepultado em Hebrom. Viveu cento e quarenta e sete anos, e, como não devia em piedade a nenhum de seus predecessores, Deus cumulou com suas graças a ele e a seus filhos, para recompensar-lhe a virtude. José, com a permissão do rei, mandou transportar o corpo do pai a Hebrom e nada omitiu para fazê-lo enterrar com grande magnificência.

Os irmãos de José, temendo não estarem mais garantidos pela consideração que ele tinha por seu pai e que quisesse vingar-se deles, pensaram em deixar o Egito. Mas José os tranqüilizou, levou-os com ele, deu-lhes várias terras e continuou a tratá-los com inexcedível bondade. José morreu com cento e dez anos. Era homem de eminente virtude e de admirável

prudência, e usou o poder com tanta moderação que, embora fosse estrangeiro e tivesse sido caluniado pela mulher de seu primeiro senhor, a sua fortuna não foi invejada pelos egípcios.

Os irmãos dele morreram também no Egito, depois de terem vivido felizes. Filhos e netos levaram os corpos a Hebrom, ao mesmo sepulcro de seus antepassados. E, quando os hebreus saíram do Egito, levaram para lá também os ossos de José, como ele determinara e os fizera prometer com juramento. Mas, tendo de contar em seguida as amarguras por que passou esse povo e todas as guerras que teve de sustentar para dominar os de Canaã, falarei primeiramente da causa que os obrigou a sair do Egito.

Capítulo 5

Os egípcios tratam cruelmente os israelitas. Predição realizada pelo nascimento e milagrosa conversão de Moisés. Afilha do rei do Egito fã-lo educar e o adota por filho. Ele comanda o exército do Egito contra os etíopes, obtém a vitória e desposa a princesa da Etiópia. Os egípcios desejam matá-lo. Ele foge e desposa afilha de Reuel, também chamado Jetro. Deus aparece-lhe num arbusto ardente, no monte Sinai, e ordena-lhe que vá libertar o seu povo da escravidão. Ele realiza vários milagres perante Faraó, e Deus fere o Egito com várias pragas. Moisés liberta os israelitas e guia-os.

85. Êxodo 1. Como os egípcios são naturalmente preguiçosos e voluptuosos e só pensam no que lhes pode proporcionar prazer e proveito, eles olhavam com inveja a prosperidade dos hebreus e as riquezas que estes conquistavam com o trabalho. Conceberam mesmo certo temor pelo aumento do número deles. Tendo o tempo apagado a memória das obrigações que todo o Egito devia a José e tendo o reino passado a outra família, eles começaram a maltratar os israelitas e a oprimi-los com trabalhos. Empregaram-nos em cavar vários diques para deter as águas do Nilo e diversos canais para conduzi-las. Faziam-nos trabalhar na construção de muralhas para cercar as cidades e levantar pirâmides de altura prodigiosa, obrigando-os até mesmo a aprender, com dificuldade, artes e diversos ofícios. Quatrocentos anos* assim se

passaram, com os egípcios procurando sempre destruir a nossa nação, e os hebreus, ao contrário, esforçando-se por vencer todos esses obstáculos.

---

* O artigo 96 fala de apenas 215 anos, que é a opinião dos rabinos.

86. Esse mal foi seguido por um outro, que aumentou ainda mais o desejo que os egípcios tinham de nos perder. Um dos doutores da sua lei, ao qual eles dão o nome de escribas das coisas santas e que passam entre eles por grandes profetas, disse ao rei que naquele mesmo tempo deveria nascer um menino entre os hebreus, cuja virtude seria admirada por todo o mundo, pois aumentaria a glória de sua nação e humilharia o Egito, e cuja reputação seria imortal. O rei, assustado com a predição e seguindo o conselho daquele que lhe fazia essa advertência, publicou um edito pelo qual ordenava que se deveriam afogar todas as crianças hebréias do sexo masculino e ordenou às parteiras do Egito que observassem exatamente quando as mulheres fossem dar à luz, porque não confiava nas parteiras de sua nação. Esse edito ordenava também que aqueles que se atrevessem a salvar ou criar alguma dessas crianças seriam castigados com a pena de morte, juntamente com toda a família.

Tão cruel determinação cumulou de dor os israelitas porque, ficando obrigados a ser os assassinos dos próprios filhos e não podendo sobreviver a eles senão apenas alguns anos, a extinção da raça parecia inevitável. Mas é em vão que os homens empregam os seus esforços para resistir à vontade de Deus. O menino que havia sido vaticinado veio ao mundo, foi criado ocultamente, não obstante as ordens do rei, e todas as predições a seu respeito se realizaram.

87. Um hebreu de nome Anrão, muito estimado entre os seus, vendo que a sua mulher estava grávida, ficou muito preocupado, por causa do edito que iria exterminar a sua nação. Recorreu então a Deus, rogando-lhe que tivesse compaixão de um povo que sempre o havia adorado e fizesse cessar a perseguição que os ameaçava de ruína total.

Deus, tocado por aquela oração, apareceu-lhe em sonho e disse-lhe que esperasse: que Ele se lembrava da piedade do povo e da de seus antepassados; que os recompensaria agora, tal como havia recompensado aqueles; que era por

essa consideração que os fizera multiplicar-se, desde Abraão, quando este partiu sozinho da Mesopotâmia para a terra de Canaã, a quem Ele cumulou de bens e tornou a mulher fecunda, e os sucessores dele, aos quais outorgou províncias inteiras: a Arábia a Ismael, Troglodita aos filhos de Quetura e o país de Canaã a Isaque; que eles não poderiam sem ingratidão e mesmo sem impiedade esquecer os felizes êxitos obtidos na guerra pela aliança com Ele; que o nome de Jacó se tornara célebre, tanto pela felicidade na qual viveu quanto pela que legou aos seus descendentes como um direito hereditário, e porque, havendo chegado ao Egito com setenta pessoas somente, a sua posteridade multiplicou-se, atingindo o número de seiscentos mil homens; que se tranqüilizassem, pois teria cuidado de todos em geral e dele em particular; que o filho de que a sua mulher estava grávida era o menino de quem os egípcios temiam tanto o nascimento e por causa de quem faziam morrer todos os meninos dos israelitas; que ele viria, contudo, felizmente ao mundo, sem ser descoberto pelos encarregados daquela cruel devassa; que ele, contra todas as esperanças, seria criado e educado e libertaria o seu povo da escravidão; que tão grande feito eternizaria a sua memória, não somente entre os hebreus, mas entre todas as nações da terra; que, por mérito dele, o seu irmão seria educado até tornar-se um grande sacerdote, sendo que todos os descendentes deste seriam honrados com a mesma dignidade.

Anrão narrou à sua esposa, de nome Joquebede, a visão que tivera, a qual, embora lhe fosse muito favorável, não lhes diminuiu o temor, porque não podiam deixar de se preocupar com a vida do filho. Além disso, parecia inacreditável a grande felicidade a eles prometida.

Êxodo 2. Joquebede deu à luz, e viu-se que era verdadeira a predição do oráculo. Foi um parto feliz e fácil, que as parteiras egípcias nem chegaram a conhecer. Criaram secretamente a criança durante três meses. Então Anrão, por causa da ordem do rei, temendo ser descoberto e sofrer juntamente com o filho a pena de morte e com receio de que assim o que lhe fora predito não se cumprisse, julgou conveniente abandonar à providência de Deus a conservação de uma criança que lhe era tão cara. Pensou que poderia conservar o filho em oculto, mas viveriam, ele e o menino, em perigo constante, ao passo que, entregando-o nas mãos de Deus, acreditava firmemente que Ele teria meios de

confirmar a veracidade da promessa.

Após tomar essa resolução, ele e a mulher fizeram um berço de juncos do tamanho da criança e, para impedir que a água nele penetrasse, revestiram-no de betume. Puseram dentro o menino e colocaram o berço sobre as águas do rio, abandonando-o à Providência. Miriã, irmã do menino, por ordem de sua mãe, foi para o outro lado do Nilo ver o que aconteceria. Deus então mostrou claramente que todas as coisas se realizariam, não segundo os planos da sabedoria humana, mas conforme os sublimes desígnios de sua vontade. Mostrou também que aqueles que pretendem fazer perecer os outros, para proveito próprio ou para segurança particular, são muitas vezes desiludidos em suas esperanças, por mais cuidados de que se cerquem. Os que confiam somente nEle, entretanto, estarão a salvo de muitos perigos, mesmo contra qualquer probabilidade de salvação, como aconteceu a esse menino.

Como o berço flutuasse ao sabor das águas, Termutis, filha do rei, que passeava pela margem do rio, avistou-o e ordenou a alguns dos que a acompanhavam que a nado fossem buscá-lo. Trouxeram-no, e ela ficou tão encantada com a beleza da criança que não se cansava de contemplá-la. Resolveu então tomar o menino aos seus cuidados e mandar educá-lo. De sorte que, por um favor de Deus assaz extraordinário, ele foi criado no mesmo lugar onde queriam a sua morte e a ruína de sua nação.

A princesa logo ordenou que fossem procurar uma ama. Veio uma, porém a criança não quis mamar e recusou todas as outras que lhe trouxeram. Miriã, então, fingindo lá encontrar-se por acaso, disse à princesa: "É inútil, senhora, que mandeis chamar outras amas, pois elas não são da mesma nação que esta criança. Se tomardes uma ama hebréia, talvez ele não sinta aversão". Termutis aprovou a idéia e disse-lhe que fosse procurar uma. Ela foi imediatamente para casa e trouxe Joquebede, que ninguém conhecia, para ser a ama da criança, a qual deu-lhe de mamar.

A princesa ordenou-lhe que criasse o menino com todo cuidado e chamou-o Moisés, isto é, "salvo das águas", como sinal de um estranho acontecimento, pois mo, em língua egípcia, significa "água", e isés, "preservado". A predição divina realizou-se inteiramente nele, pois Moisés tornou-se a maior personagem que jamais existiu entre os hebreus. Era o sétimo desde Abraão,

porque Anrão, seu pai, era filho de Coate, Coate era filho de Levi, Levi era filho de Jacó, jacó era filho de Isaque e Isaque era filho de Abraão.

À medida que Moisés crescia, demonstrava muito mais espírito e inteligência que o permitido pela sua idade. Mesmo brincando, dava sinais de que um dia seria alguém extraordinário. Quando completou três anos, Deus fez brilhar em seu rosto uma tão grande beleza que as pessoas, mesmo as mais austeras, ficavam arrebatadas. Ele atraía sobre si os olhares de todos os que o encontravam e, por mais pressa que tivessem, eram obrigados a parar para contemplá-lo.

Termutis, vendo-o cheio de tanta graça e não tendo filhos, resolveu adotá-lo. Levou-o ao rei, seu pai, e, depois de falar-lhe da beleza do menino e da inteligência que já se manifestava nele, disse: "Foi um presente que o Nilo me fez, de maneira admirável. Recebi-o em meus braços, resolvi adotá-lo e vo-lo ofereço como sucessor, pois não tendes filhos". Com essas palavras, ela o colocou entre os braços do rei, que o recebeu com prazer e, para obsequiar a filha, estreitou-o nos braços, colocando-lhe o diadema sobre a cabeça. Moisés, como uma criança, que se diverte, tirou-o e o jogou ao chão, pisando-lhe em cima.

Essa ação foi considerada de péssimo augúrio, e o doutor da lei que predissera o quanto seria funesto o nascimento daquele menino para o Egito ficou tão nervoso que desejou matá-lo imediatamente. "Eis aí, majestade", disse ele, dirigindo-se ao rei, "este menino, do qual Deus nos faz saber que a morte deve garantir a vossa paz. Vede que o fato confirma a minha predição, pois apenas nasceu e já despreza a vossa grandeza, calcando aos pés a vossa coroa. Matando-o, todavia, fareis perder aos hebreus a esperança que nele depositam e salvareis o vosso povo de um grande temor". Termutis, ouvindo-o falar desse modo, levou o menino sem que o rei se opusesse, porque Deus afastava do espírito de Faraó o pensamento de fazê-lo morrer. A princesa fê-lo educar com grande desvelo, e quanto mais os hebreus se alegravam tanto mais os egípcios se atemorizavam. Entretanto, como a ninguém viam que pudesse suceder o rei no trono ou de quem pudessem esperar um governo mais feliz quando Moisés não existisse mais, abandonaram a idéia; de fazê-lo morrer.

88. Logo que o menino, criado e educado dessa maneira, chegou à idade de poder dar provas de sua coragem, praticou atos de bravura que não permitiram mais dúvidas quanto à veracidade do que se havia sido predito, isto é, que ele elevaria a glória de sua nação e humilharia os egípcios. Eis o motivo:

A fronteira do Egito foi devastada pelos etíopes, que lhe estão próximos. Os egípcios marcharam com um exército contra eles, mas foram vencidos no combate e retiraram-se com desonra. Os etíopes, orgulhosos de tamanha vitória, julgaram que era covardia não aproveitar a boa sorte e começaram a se vangloriar de poderem conquistar todo o Egito. E lá entraram, por diversos lugares. A quantidade de despojos que arrebataram e o fato de não terem encontrado resistência alguma aumentaram-lhes a esperança de conseguir um feliz resultado na empresa. Assim, avançaram até Mênfis, chegando até o mar. Os egípcios, reconhecendo-se muito fracos para resistir a tão grande força, mandaram consultar um oráculo, e, por ordem secreta de Deus, a resposta que receberam foi que somente um homem havia — um hebreu! — do qual podiam esperar auxílio.

O rei não teve dificuldade em julgar, por essas palavras, que Moisés era o hebreu em questão, ao qual o céu destinava salvar o Egito, e pediu à filha para fazê-lo general de todo o exército. Ela consentiu e disse-lhe que julgava assim prestar ao rei um grande serviço. Contudo obrigou-o ao mesmo tempo a prometer, com juramento, que não lhe fariam mal algum. A princesa, não se contentando em testemunhar assim a sua extrema afeição por Moisés, não pôde também deixar de — com azedume — perguntar aos sacerdotes egípcios se eles não se envergonhavam de o haverem tratado como inimigo e de desejarem tirar a vida a um homem a quem eram agora obrigados a pedir auxílio.

Pode-se imaginar com que prazer Moisés obedeceu às ordens do rei e da princesa, que lhe eram tão gloriosas. E os sacerdotes das duas nações tiveram com isso, por motivos diferentes, idêntica alegria. Os egípcios esperavam que, depois de vencerem os inimigos sob o comando de Moisés, encontrariam facilmente ocasião para matá-lo, à traição. E os hebreus ansiavam, por esse mesmo motivo, sair do Egito e livrar-se da escravidão.

Esse excelente general, posto à frente do exército, logo se fez admirar pela sua prudência. Em vez de marchar ao longo do Nilo, atravessou pelo meio das

terras, a fim de surpreender os inimigos, que jamais pensariam que ele os fosse alcançar por um caminho tão perigoso, devido à quantidade de serpentes de várias espécies que ali vivem: muitas delas não existem em nenhum outro lugar e não somente são temíveis pelo seu veneno, mas são horríveis de se ver, porque, tendo asas, atacam os homens elevando-se no ar, para se atirar sobre eles. Moisés, para precaver-se contra elas, mandou colocar em gaiolas algumas aves chamadas íbis, que são domesticadas, amigas do homem, e inimigas mortais das serpentes, sendo que estas as temem não menos que aos cervos. Nada mais direi sobre essas aves, porque não são desconhecidas aos gregos.

Quando Moisés chegou com o seu exército a essa tão perigosa região, soltou os pássaros e passou assim sem perigo. Então surpreendeu os etíopes, deu-lhes combate e os dispersou, fazendo-os perder a esperança de se tornarem senhores do Egito. Mas tão grande vitória não reteve os seus intentos: entrou no país deles, tomou várias cidades, saqueou-as e fez grande mortandade. Tão gloriosos resultados reanimaram de tal modo a coragem dos egípcios que eles seriam capazes de tudo empreender sob o comando de tão excelente general. Os etíopes, ao contrário, só tinham diante dos olhos a imagem da escravidão e da morte.

O ilustre general impeliu-os até Sabá, capital da Etiópia, que Cambises, rei dos persas, chamou depois de Meroe, nome de sua irmã. Aí Moisés os sitiou, embora a cidade fosse tida como inexpugnável, porque, além de suas grandes fortificações, era rodeada por três rios: o Nilo, o Astape e o Astobora, cujo percurso é muito difícil. Ficava, assim, situada numa ilha e não era menos defendida pela água que a rodeava de todos os lados que pela força de suas muralhas e de suas defesas. Os diques que a preservavam das inundações dos rios serviam ainda de terceira defesa quando os inimigos passassem as outras. Moisés ficou aborrecido ao constatar que tantas dificuldades juntas tornavam a conquista da cidade quase impossível, e o seu exército começava a enfadar-se, porque os etíopes não se atreviam mais a dar-lhes combate.

Tarlis, filha do rei da Etiópia, tendo-o visto do alto das muralhas praticar, num assalto, atos de valor e de coragem extraordinários, ficou tão cheia de admiração pela sua bravura, a qual reerguera o ânimo dos egípcios e fizera tremer a Etiópia, antes vitoriosa, que sentiu o coração ferido de amor por ele.

Com a paixão sempre aumentando, mandou oferecer-lhe a mão em casamento. Ele aceitou a honra, com a condição de que ela lhe entregasse a cidade. A promessa foi confirmada com um juramento e, depois que o tratado foi feito, em boa fé de parte a parte, ele deu graças a Deus por tantos favores e reconduziu os egípcios vitoriosos de volta à sua pátria.

89. Mas esses ingratos, em vez de manifestar reconhecimento pela salvação e pela honra que deviam a Moisés, aumentaram ainda mais o seu ódio contra ele e procuraram, mais do que nunca, eliminá-lo. Temiam que a glória que conquistara o enchesse de tal modo de orgulho que ele pensasse em se tornar senhor de todo o Egito. Aconselharam o rei a mandá-lo matar, o qual deu ouvidos a tais palavras, porque a grande fama de Moisés já lhe causava inveja, e o monarca começava a temer que fosse também sobrepujado por ele. Nisso era ajudado pelos sacerdotes, que, para incitá-lo ainda mais, recordavam o rei continuamente do perigo em que se encontrava.

E assim, Faraó consentiu na morte de Moisés, e ela seria inevitável, se este não houvesse descoberto a intenção dos egípcios e se ausentado no momento oportuno. Moisés fugiu para o deserto e desse modo salvou-se, porque os inimigos não podiam imaginar que ele tomaria tal caminho. Como nada encontrasse para comer, viu-se atormentado por uma fome extrema, mas a suportou com paciência e, depois de haver andado muito, chegou, pelo meio-dia, próximo da cidade de Midiã — nome que lhe deu um dos filhos de Abraão e Quetura —, à beira do mar Vermelho. Estando muito cansado, sentou-se à beira de um poço, para repousar, e esse fato deu-lhe ocasião de mostrar a sua coragem, abrindo o caminho para uma sorte melhor. Eis como tudo se passou:

Um sacerdote chamado Reuel, ou Jetro, muito estimado entre os seus, tinha sete filhas, que, segundo o costume das mulheres de Troglodita, cuidavam dos rebanhos do pai. Ora, como a água doce é muito rara naquelas paragens, os pastores e pastoras iam solicitamente buscá-la, para dar de beber aos animais. Assim, as irmãs vieram naquele dia por primeiro ao poço, tiraram água e encheram as suas vasilhas para dar de beber aos carneiros e ovelhas. Mas alguns pastores que ali chegaram maltrataram-nas e tomaram a água que elas tinham tido o trabalho de tirar. Moisés, enraivecido por tal violência, julgou que não devia absolutamente permiti-la. Espancou os insolentes e afugentou-

os, auxiliando as moças no que a justiça pedia dele. Elas contaram ao pai o que ele havia feito em favor delas e rogaram-lhe que mostrasse o seu reconhecimento para com o estrangeiro, pelo auxílio que lhes prestara. Reuel louvou a gratidão das filhas e mandou chamar Moisés. E não se contentou em agradecer uma ação tão generosa, mas lhe deu Zípora, uma de suas filhas, em casamento e a superintendência de todos os seus rebanhos, no que consistia, então, a riqueza dessa nação.

90. Êxodo 3 e 4. Moisés morava então com o sogro e cuidava dos rebanhos deste. Um dia, levou-os a pastar no monte Sinai,* que é o mais alto de todos os da província, muito rica em pastagens. Isso porque> aJém da fertilidade natural, os outros pastores lá não iam por causa da santidade do lugar, onde, dizia-se, Deus morava. E lá ele teve uma visão maravilhosa. Viu uma sarça ardente, de tal modo rodeada pelas chamas que parecia dever queimar-se, e no entanto nem as folhas, nem as flores e nem os ramos eram danificados.

Tal prodígio deixou-o atônito: nunca, porém, o medo foi maior do que quando ouviu sair do meio da sarça uma voz, que o chamou pelo nome e perguntou-lhe como se atrevera ir a um lugar santo, do qual nenhum outro antes se aproximara. Mandou-lhe que se afastasse da chama, não se deixando levar pela curiosidade, e se contentasse com o que merecera ver, sendo um digno sucessor da virtude de seus antepassados. A voz predisse-lhe, em seguida, a glória que ele deveria conquistar: com o auxílio que receberia de Deus, tornar-se-ia célebre entre os homens. Ordenou-lhe que voltasse sem temor para o Egito, a fim de libertar os hebreus de sua cruel escravidão. "Pois", acrescentou a mesma voz, "eles tornar-se-ão senhores do mesmo país rico em todas as espécies de bens que Abraão, o chefe de vossa raça, possuiu e serão devedores de tão grande felicidade à vossa sábia direção. Mas, depois que os tiverdes tirado do Egito, não deixeis de oferecer um sacrifício neste mesmo lugar".

---

* Em diversas passagens da Bíblia, esse monte é chamado Horebe, onde Moisés promulgou a Lei. Muitos o confundem com o Sinai. Uma tradição local coloca o Horebe no pico Safsafe do maciço montanhoso e o Sinai em outro, mais elevado, a meio dia de distância. Mas alguns estudiosos sustentam, ao

contrário, que Horebe é o verdadeiro nome de todo o maciço, enquanto o Sinai seria apenas uma denominação derivada do deus lunar Sim, venerado talvez nesse lugar. (N do E)

91. Moisés, ainda mais admirado pelo que acabava de ouvir do que pelo que tinha visto, disse: "Grande Deus, do qual adoro a onipotência, que tantas vezes fizestes brilhar em favor de meus antepassados, eu não poderia, sem extrema loucura, desobedecer às vossas ordens. Mas como sou um simples homem, sem autoridade, temo não poder persuadir esse povo a abandonar um país onde se estabeleceu há tão longo tempo para seguir-me aonde eu o quiser levar. E, mesmo se os convencer, como poderei obrigar o rei a permitir que se retirem, sendo que o Egito deve ao trabalho deles a felicidade que agora desfruta?"

Tendo Moisés assim falado, mandou-o Deus confiar na aliança, garantindo-lhe que não o abandonaria na direção daquele empreendimento e prometendo pôr-lhe na boca as palavras, quando tivesse necessidade de persuadir e fosse preciso revesti-las com poder, quando fosse o momento de agir. Para dar-lhe uma prova, ordenou que ele lançasse na terra a vara que trazia na mão. Moisés obedeceu, e ela no mesmo instante transformou-se numa serpente, que se pôs a rastejar, movendo a cauda e levantando a cabeça, como para se defender ou como se a quisessem atacar. De repente a cobra desapareceu, e a vara voltou a ser o que era.

Em seguida, Deus ordenou a Moisés que pusesse a mão no seio. Ele o fez e retirou-a branca como a cal, mas imediatamente ela também voltou ao primitivo estado. Ordenou-lhe ainda que tirasse água de um lugar ali perto. Ele o fez, e a água converteu-se em sangue. E Deus, vendo que tais prodígios o deixavam atônito, disse-lhe que tomasse ânimo com a certeza de seu auxílio; que lhe confirmaria a missão com milagres semelhantes; e que partisse imediatamente, caminhando dia e noite, para ir libertar o seu povo, porque Ele não podia mais suportar os gemidos deles, em tão dura servidão.

Moisés, não podendo, depois do que acabava de ver e ouvir, duvidar mais do efeito das promessas divinas, rogou a Deus que, no Egito, lhe desse o mesmo poder de fazer aqueles milagres com que o favorecia naquele momento e

acrescentasse à graça de ter-se dignado fazê-lo ouvir a sua voz a de lhe dizer o seu nome, a fim de que ele pudesse melhor invocá-lo quando lhe oferecesse um sacrifício. Deus concedeu-lhe esse favor, que jamais fizera a qualquer outro neste mundo, mas não me é permitido repetir esse nome. [Esse nome é Jeová.]

92. Moisés, certo do auxílio de Deus e do poder que Ele lhe dava para fazer milagres todas as vezes que julgasse necessário, concebeu grande esperança de libertar os hebreus e humilhar os egípcios. Soube nesse mesmo tempo da morte de Faraó, sob cujo reinado ele fugira do Egito. E assim, rogou a Reuel, seu sogro, que lhe permitisse voltar para lá, para o bem de sua nação. E não teve dificuldade em obter o consentimento.

Moisés pôs-se logo a caminho, com a sua mulher e com Gérson e Eliézer, seus filhos, dos quais o nome do primeiro significa "peregrino", e o do segundo, "auxílio de Deus", porque por meio daquele auxílio Deus o preservara das ciladas dos egípcios. Arão, seu irmão, veio, por ordem de Deus, encontrá-lo na fronteira do Egito, e Moisés narrou-lhe tudo o que acontecera no monte e as ordens que de Deus recebera. Os principais israelitas vieram também ter com ele e, para obrigá-los a crer em suas palavras, fez na presença deles, pelo poder que havia recebido, vários prodígios. O espanto que deles se apoderou certificou-os da verdade, e começaram a esperar tudo do auxílio de Deus.

93. Êxodo 5. Assim, vendo Moisés que o ardente desejo de se libertar da escravidão levava os hebreus a render-lhe inteira obediência, foi ter com o novo rei. Falou-lhe dos serviços que prestara ao seu antecessor contra os etíopes e de como fora recompensado: somente com ingratidão. Contou-lhe o que Deus lhe dissera no monte Sinai e os milagres que Ele havia feito para obrigá-lo a dar fé às suas promessas. Suplicou-lhe que não resistisse com incredulidade à vontade daquele soberano Senhor dos reis. Faraó, no entanto, zombou de suas palavras, e então Moisés fez em sua presença os mesmos prodígios que havia feito no monte Sinai.

Êxodo 7. O príncipe, em vez de ficar convencido, enfureceu-se. Disse que Moisés era mau e que depois de ter fugido, para evitar a escravidão, se havia feito iniciar na magia, a fim de enganá-lo por meio de artes diabólicas. Mas ele, Faraó, tinha também sacerdotes de sua fé, que poderiam fazer os mesmos prodígios. Assim, Moisés não devia se vangloriar de ser o único ao qual Deus

concedera aquela graça e nem iludir o povo simples, persuadindo-o de que havia nele algo divino. E mandou buscar os seus sacerdotes. Eles lançaram as suas varas ao chão, e estas se converteram em serpentes.

Moisés, sem se espantar, respondeu ao rei: "Eu não desprezo, majestade, a ciência dos egípcios, mas o que faço está tão acima dos conhecimentos deles e de sua magia quanto a distância entre as coisas divinas e as humanas, e vou mostrar claramente que os milagres que faço não têm, como os deles, uma vã aparência de verdade, para enganar os simples e os crédulos, mas procedem da virtude e do poder de Deus". Dizendo essas palavras, atirou a vara ao chão e ordenou-lhe que se mudasse em serpente. Ela obedeceu à sua voz e devorou as dos egípcios, que pareciam ser outras tantas serpentes. Voltou em seguida à sua forma primitiva e Moisés a retomou na mão.

O rei, em vez de admirar tão grande maravilha, irritou-se ainda mais e, depois de ter dito a Moisés que a sua ciência e os seus artifícios ser-lhe-iam inúteis, ordenou ao que tinha a direção das obras confiadas aos israelitas que as aumentasse ainda mais. Assim, esse indivíduo mandou retirar a palha que costumava fornecer para os tijolos, de modo que, depois de ter labutado durante todo o dia, tinham de ir procurá-la durante a noite, o que lhes dobrava o trabalho [Êx 5].

Moisés, sem se incomodar com as ameaças do rei nem se comover com as queixas contínuas dos hebreus, que diziam que todos os esforços dele só estavam servindo para fazê-los sofrer ainda mais, continuou firme no cumprimento de sua missão. E, como a havia empreendido por um ardente desejo de libertá-los, deliberou consegui-la, contra a vontade do rei e contra a opinião deles mesmos.

Voltou então a falar ao príncipe, para pedir que os hebreus fossem ao monte Sinai oferecer um sacrifício a Deus, como Ele o havia ordenado. Disse que Faraó não se devia opor à vontade do céu, mas que, enquanto Deus lhe era ainda favorável, o seu próprio interesse o obrigava a conceder àquele povo a liberdade que lhe pedia. Se ele se recusasse, só poderia depois acusar a si mesmo de ser a causa da própria desgraça, pois atrairia sobre si, por sua desobediência, toda sorte de castigos: ver-se-ia sem filhos; o ar, a terra e todos os outros elementos ser-lhe-iam contrários e tornar-se-iam ministros da

vingança divina; e, por fim, os hebreus não deixariam de sair de seu reino, ainda que ele não o quisesse consentir, e os egípcios não evitariam o castigo de sua obstinação.

94. As palavras de Moisés não fizeram impressão no espírito do rei, e os egípcios foram amargurados por toda espécie de males. Narrá-los-ei em particular, tanto porque são extraordinários quanto para fazer conhecer a verdade do que Moisés havia predito e também para manifestar aos homens quanto lhes importa não irritar a Deus, que pode punir os pecados com tão terríveis castigos.

Êxodo 7. A água do Nilo foi mudada em sangue, e, como o Egito não possui fontes, o povo descobriu que a sede é o maior de todos os males. A água do rio não somente adquirira a cor do sangue, mas o povo não conseguia bebê-la sem sentir dores violentas. Os israelitas, ao contrário, a achavam tão potável e boa quanto a comum. O rei, admirado por esse prodígio e temendo por seus súditos, permitiu aos hebreus que se retirassem. Não havia, porém, o mal cessado de todo, e ele retomou aos antigos sentimentos: revogou a ordem e a licença. Deus, para castigá-lo por ter reconhecido tão mal a graça que fizera a ele, livrando-o daquele flagelo, feriu o Egito com uma nova praga.

Êxodo 8e9. Um número incalculável de rãs cobriu a terra, e comiam tudo o que ela produzia. O Nilo ficou também cheio delas, e uma parte, que morreu nas águas do rio, tornou-o infecto, de tal sorte que não mais se podia beber da sua água. Também o lodo dos campos produziu uma quantidade enorme desses animais, que com a decomposição formaram outro pantanal, ainda mais horrível que o primeiro. As rãs entravam até nas casas, nas vasilhas, nos pratos, estragavam todos os alimentos, pulavam sobre as camas e envenenavam o ar com o mau cheiro. O rei, vendo o seu país em tal miséria, ordenou a Moisés que partisse para onde quisesse, com todos os de sua nação. Imediatamente todas as rãs desapareceram, e as terras e os rios voltaram ao seu estado primitivo. O rei então esqueceu o mal que tanto temor lhe havia causado e, como se quisesse experimentar males ainda maiores, revogou a licença que de mau grado concedera.

Deus então castigou-o por ter faltado à palavra, coisa indigna de um príncipe, e os egípcios ficaram todos cheios de piolhos, em tal quantidade que

eram miseravelmente comidos por eles, sem que pudessem encontrar remédio algum para isso. Esse tão grande e tão vergonhoso mal espantou o rei e ele permitiu aos hebreus que partissem. Mas, apenas cessou o mal, ele determinou que as mulheres e os filhos dos hebreus ficassem como reféns.

Percebendo Deus que o rei estava convencido de que era capaz de afastar qualquer tempestade que desabasse para destruir o seu reino, como se fosse Moisés, e não Ele, quem castigava a ele e ao seu povo por causa da cruel perseguição movida contra os hebreus, enviou sobre o Egito uma imensa multidão de diversas espécies de pequenos animais, até então desconhecidos. A terra ficou totalmente coberta deles, e era impossível cultivá-la. Muitas pessoas vieram a morrer. As que sobreviviam eram contaminadas pelo veneno deles, que causava outros tantos males, doenças e até mesmo a morte. Mas nem isso foi suficiente para levar o rei a uma inteira obediência à vontade de Deus. Ele contentou-se em permitir às mulheres que fossem com os maridos, ordenando que os filhos ficassem.

A grande obstinação desse príncipe em resistir às ordens de Deus atraiu sobre os seus súditos, por causa dele, outros males ainda maiores que os precedentes. Todos foram cobertos de chagas e úlceras, e muitos morreram miseravelmente. Tão terrível flagelo, porém, não foi capaz de tocar o coração de Faraó, e Deus feriu o Egito com uma praga de que nunca se havia falado. Fez cair uma chuva de granizo tão forte e espessa e de tamanho tão grande que nunca se vira semelhante, nem mesmo nos países que a isso estão sujeitos, e estava-se, no entanto, muito antes da primavera. A chuva estragou todos os frutos. Depois veio uma nuvem de gafanhotos, que destruiu o que restava, de sorte que os egípcios perderam qualquer esperança de obter alguma colheita.

Se o rei tivesse apenas falta de inteligência, não teriam tantos males juntos feito com que caísse em si mesmo, para dar-lhe remédio? Mas bem que ele lhes compreendeu o motivo, e a sua malícia foi tão grande que continuou a se opor à vontade de Deus, como se lhe pudesse resistir, e nem mesmo a consideração de salvar o seu próprio povo, que ele via perecer diante de seus olhos, foi capaz de contê-lo. Assim, ele contentou-se em permitira Moisés levar os israelitas com as suas esposas e filhos, mas com a condição de deixarem todos os seus bens aos egípcios, para compensar as perdas que haviam sofrido.

Moisés fez-lhe ver que aquela proposta não era justa, pois seria pôr os hebreus na impossibilidade de oferecer sacrifícios.

Êxodo 10, 11 e 12. Enquanto o tempo se passava nessas altercações, os egípcios foram envolvidos por trevas espessas, e, não tendo a menor claridade para se guiar, muitos pereceram de diversas maneiras, enquanto outros temiam semelhante infelicidade. As trevas duraram três dias e três noites, sem que Faraó se decidisse deixar sair os israelitas. Depois que elas se dissiparam, Moisés foi ter com ele e disse-lhe: "Até quando, majestade, resistireis à vontade de Deus? Ele vos ordena que deixeis sair os hebreus, e não tendes outro meio de vos livrardes de tantos flagelos que vos atormentam". O rei, fora de si pela cólera, ameaçou mandar cortar-lhe a cabeça se ousasse continuar a falar ao rei daquele modo. Moisés então respondeu que, de fato, não lhe falaria novamente. Estava certo de que o próprio rei e os principais de seu reino lhe pediriam que se retirasse com os israelitas.

Deus, irritado pela resistência de Faraó, decidiu ferir os egípcios com mais uma praga, que certamente os obrigaria a deixar sair o povo. Ele determinou que Moisés preparasse os israelitas para oferecer-lhe um sacrifício no décimo terceiro dia do mês que os egípcios chamam farmute, os hebreus, nisã, e os macedônios, xântico, e que se conservassem prontos para a partida e levassem consigo todos os bens que possuíam. Moisés obedeceu e reuniu-os, distribuindo-os por grupos e companhias.

Ao raiar do décimo quarto dia, como Deus havia marcado, começaram a oferecer o sacrifício: purificaram as suas casas, lançando-lhes sangue com um ramalhete de hissopo, e depois de terem ceado queimaram tudo o que havia restado do alimento, estando prontos para partir. Nós observamos ainda esse costume e damos à festa o nome de Páscoa, isto é, "passagem", porque foi nessa noite que Deus, passando pelos israelitas sem lhes causar mal algum, feriu os egípcios com esta grande praga: todos os primogênitos morreram. Tão grande e geral aflição fez correr o povo em massa ao palácio do rei, para suplicar-lhe que deixasse sair os hebreus.

95. Assim, não podendo mais resistir, o rei deu a permissão a Moisés, na certeza de que apenas os hebreus tivessem partido terminariam os males que atormentavam o Egito. Os próprios egípcios deram-lhes presentes, uns pelo de-

sejo de os ver bem longe, outros pelo costume da terra, testemunhando até com lágrimas que estavam arrependidos dos maus-tratos que lhes haviam infligido.

Os israelitas partiram pela cidade de Leté, que então estava deserta e onde Cambises, quando depois devastou o Egito, construiu outra cidade, a que chamou Babilônia. Dali caminharam para Baal-Zefom, cidade que está à beira do mar Vermelho. Como o lugar era muito deserto e nada tinham para comer, misturaram farinha com água, amassaram como puderam e a puseram ao fogo, alimentando-se assim durante trinta dias. No fim desse tempo, todavia, a farinha lhes veio a faltar, embora tivessem economizado bastante. É em memória dessa necessidade pela qual passaram que celebramos ainda hoje, durante oito dias, uma festa que chamamos dos Asmos, isto é, de pão sem fermento. A multidão do povo podia-se dizer inumerável, pois além das mulheres e das crianças, havia seiscentos mil homens capazes de pegar em armas.

Capítulo 6

Os egípcios perseguem os israelitas com um numeroso exército e os alcançam às margens do mar Vermelho. Moisés implora, nesse perigo, o auxílio de Deus.

96. Êxodo 12. Os israelitas saíram do Egito no mês xântico, ou nisã, a dias quinze da lua, quatrocentos e trinta anos após Abraão, nosso pai, ter vindo à terra de Canaã e duzentos e quinze anos* depois que Jacó ter chegado ao Egito. Moisés tinha então oitenta anos, e Arão, seu irmão, oitenta e três. Eles levaram consigo os ossos de José, como este havia determinado.

* O artigo 85 diz quatrocentos anos.

97. Êxodo 14. Nem bem haviam saído os hebreus, os egípcios arrependeram-se de os ter deixado partir. O rei ficou mais arrependido que todos os outros, porque considerava Moisés um mago e estava certo de que todas as pragas que o Egito sofrerá eram efeitos de sua magia. Por isso ordenou que se tomassem as armas, para persegui-los e obrigá-los a voltar, se ainda fosse pos-

sível alcançá-los. Agia assim porque pensava não estar com isso se opondo à vontade de Deus, pois eles se haviam retirado sob a licença que ele mesmo concedera. Imaginava ainda que não teria dificuldades para vencer homens cansados e desarmados.

Assim, os egípcios os perseguiram, passando por caminhos difíceis e ásperos, que Moisés escolhera de propósito, tanto para fazê-los sofrer o castigo pela violação da palavra, se se arrependessem de os ter deixado partir e os perseguissem, quanto para impedir que os filisteus, vizinhos dos egípcios e inimigos dos hebreus, fossem avisados de sua saída. Quis também deixar o caminho comum que leva à Palestina e tomar o do deserto, embora mais difícil, para ir oferecer sacrifício a Deus sobre o monte Sinai, segundo a ordem que dEle havia recebido, e então tomar posse da terra de Canaã.

98. Ao chegar às margens do mar Vermelho, os hebreus viram-se rodeados de todos os lados pelo exército dos egípcios, composto de seiscentos carros de guerra, cinqüenta mil cavaleiros e duzentos mil homens de infantaria bem armados, não lhes sendo possível escapar, porque o mar os cercava de um lado e uma montanha inacessível, com rochedos que se estendiam pela praia, de outro. Eles tampouco podiam combater, porque não tinham armas, nem resistir a um cerco, porque haviam consumido todos os víveres. Assim, nada mais lhes restava para salvar a vida senão entregar-se nas mãos dos inimigos.

Esse tão grave perigo fê-los esquecer os muitos prodígios que Deus fizera para colocá-los em liberdade. Acusaram Moisés pela sua infelicidade, e a sua incredulidade cresceu tanto que, quando ele os quis certificar da proteção de Deus, tentaram apedrejá-lo e voltar voluntariamente à antiga escravidão. Isso porque, além da própria incerteza, os homens estavam atônitos com os gritos e lágrimas de suas mulheres e filhos, e a dor de se encontrar em tal extremo levava-os ao desespero.

99. Moisés, sem se admirar de ver a grande multidão acirrada contra ele, permaneceu firme no propósito de levar a cabo a sua incumbência. Não podia conceber que Deus, após ter realizado tantos milagres para lhes dar a liberdade, fosse permitir que morressem ou que voltassem a cair nas mãos dos inimigos. E, para dar-lhes coragem e despertar neles as esperanças, assim falou: "Embora seja a um homem que deveis o favor de vos ter conduzido até

aqui de maneira tão admirável, poderíeis duvidar da continuação do seu auxílio? Se o mesmo Deus quis ser o vosso guia, é loucura não quererdes confiar na sua proteção para o futuro depois de terdes visto a realização das promessas que vos fiz de sua parte, quando mesmo não teríeis ousado esperá-lo. Acaso não é nos maiores perigos que se faz necessário confiar no seu auxílio? Ele permitiu, sem dúvida, que vos encontrásseis reduzidos a este estado, a fim de que, julgando-vos perdidos, os inimigos se convençam de que não podereis escapar. Assim, o, auxílio que Ele vos der fará conhecer a todos não somente o seu poder, ao qual nada resiste, mas também o afeto que vos dedica. Pois é principalmente nessas ocasiões que se compraz em fazer ver que combate por aqueles que esperam somente nEle. Deixai, portanto, as dúvidas e hesitações, pois Ele quer ser o vosso defensor e pode tornar grande o que é pequeno e fortificar o que é fraco. Que esse formidável exército, por maior que seja, não vos espante, e, embora rodeados de um lado por montanhas e de outro pelo mar, não deveis perder a coragem, pois Deus pode, quando lhe aprouver, secar o mar e abaixar as montanhas".

CAPÍTULO 7

OS ISRAELITAS PASSAM O MAR VERMELHO A PÉ ENXUTO. O EXÉRCITO DOS EGÍPCIOS, QUERENDO PERSEGUI-LOS, NELE PERECE COMPLETAMENTE.

100. Depois de assim falar, Moisés conduziu os israelitas pelo mar à vista dos egípcios, que, por estarem cansados da viagem, haviam adiado o combate para o dia seguinte. Quando chegou à beira do mar, tendo na mão a vara com a qual fizera tantos milagres, implorou o socorro de Deus e fez esta ardentíssima oração: "Vós vedes, Senhor, que é humanamente impossível, quer pela força, quer pela astúcia, escapar de um perigo tão grande como este em que agora nos encontramos. Somente vós podereis salvar este povo, que saiu do Egito apenas para vos obedecer. A nossa única esperança está em vosso auxílio. Somente vós podeis ser o nosso refúgio em tão extrema conjuntura. E podeis, se quiserdes, defender-nos contra o furor dos egípcios. Apressai-vos, pois, Deus Todo-poderoso, em estender o vosso braço em nosso favor e erguei o ânimo e a esperança de vosso povo, que se encontra em desalento e desespero. Este mar e estes roche-

dos que nos cercam e se opõem à nossa passagem são obra de vossas mãos. Ordenai, apenas, Senhor, e obedecerão à vossa ordem, e podeis até mesmo, se quiserdes, fazer-nos voar pelos ares".

Esse admirável guia do povo de Deus, depois de encerrar a sua oração, tocou o mar com a sua maravilhosa vara, e no mesmo instante este se dividiu, para deixar os hebreus passar livremente, atravessando-o a pé enxuto, como se estivessem andando em terra firme. Moisés, ao ver essa manifestação do auxílio divino, entrou por primeiro no espaço aberto e ordenou aos israelitas que o seguissem por aquele caminho que o Todo-poderoso, contra a ordem da natureza, lhes providenciara e que a Ele rendessem graças tanto mais fervorosas quanto podia passar por incrível o meio de que se servia para livrá-los.

Os hebreus, não podendo mais, no momento, duvidar da assistência de Deus, tão visível, apressaram-se em seguir Moisés. Os egípcios, ao contrário, julgaram primeiro que o medo lhes havia perturbado a inteligência, levando-os a se precipitar daquele modo num perigo tão evidente e numa morte inevitável. Mas quando os viram avançar sem obstáculo algum e que nenhum mal lhes sucedia, perseguiram-nos com ardor, na certeza de que um caminho tão estranho não seria menos seguro para eles do que para aqueles que nele viam andar sem nenhum temor.

A cavalaria entrou por primeiro. Seguiu-a todo o resto do exército, e, como haviam empregado muito tempo para se preparar e tomar as armas, os israelitas chegaram ao outro lado do mar antes de serem alcançados. Isso deu aos egípcios a inteira certeza de que também chegariam em segurança. Mas estavam enganados, pois não sabiam que Deus havia preparado aquele caminho somente para o seu povo, e não para os perseguidores. Assim, depois de todos os egípcios haverem entrado no espaço aberto entre as águas do mar, estas reuniram-se num instante e os sepultaram todos, envolvendo-os em suas ondas.

O vento juntou-se às vagas para aumentar a tempestade: grande chuva caiu dos céus. Os relâmpagos misturaram-se com o ribombo do trovão, os raios seguiam-se aos trovões e, para que não faltasse nenhum sinal dos mais severos castigos de Deus, na sua justa cólera para punir os homens, uma noite sombria

e tenebrosa cobriu a superfície do mar, de modo que de todo esse exército tão temível não restou um único homem que pudesse levar ao Egito a notícia da horrível catástrofe.

101. Ninguém poderia calcular a alegria dos israelitas, por se verem salvos, contra toda esperança, pelo poderoso auxílio de Deus, e por terem garantida a liberdade, depois da morte inesperada daqueles que pretendiam submetê-los a nova escravidão. Passaram toda a noite em agradecimentos, e Moisés compôs um cântico para dar a Deus graças infinitas por um favor tão marcante.

Narrei aqui tudo em particular, segundo o que encontrei escrito nos Livros Santos. Ninguém deve considerar como coisa impossível que homens que viviam na inocência e na simplicidade desses primeiros tempos tivessem encontrado, para se salvar, uma passagem no mar, quer se tenha ela aberto por si mesma, quer tenha acontecido pela vontade de Deus, pois a mesma coisa aconteceu algum tempo depois aos macedônios, quando passaram o mar da Panfília, sob o comando de Alexandre, e quando Deus se quis servir dessa nação para destruir o império dos persas, como o narram os historiadores que escreveram a vida desse príncipe. Deixo, no entanto, a cada qual que julgue como quiser.

102. No dia seguinte a essa memorável jornada, os ventos e as ondas impeliram as armas dos egípcios para a praia onde os israelitas estavam acampados. Moisés atribuiu o fato a uma ação particular de Deus, que assim lhes dava ocasião de se armar. Distribuiu-lhes todas as armas e, para obedecer à ordem de Deus, levou-os para o monte Sinai, a fim de oferecer a Ele um sacrifício e presentes, como sinal de gratidão pela milagrosa salvação que lhes concedera.

Livro Terceiro

Capítulo 1

Os israelitas, oprimidos pela fome e pela sede, querem apedrejar Moisés. Deus torna doces as águas que eram amargas, envia ao campo codornizes e maná e faz brotar da rocha uma fonte de água viva.

103. A alegria que sentiram os israelitas por se verem livres, pelo poderoso auxílio de Deus, quando menos o esperavam, foi perturbada pelas grandes dificuldades que encontraram a caminho do monte Sinai, pois essa região era deserta, e a terra, muito seca e estéril, porque não tinha água. Assim, não somente os homens, mas os próprios animais não encontravam água para beber. Dessa forma, quando terminaram as provisões que haviam levado, por ordem de Moisés, foram obrigados a cavar poços — com grande dificuldade, por causa da dureza da terra. No entanto encontraram tão pouca água que não lhes era suficiente, e era de tão mau sabor que não a podiam beber.

104. Depois de andar tanto tempo, chegaram certa tarde a um lugar chamado Amargo, por causa do amargor das águas. Tinham falta de víveres, mas, como estavam muitíssimos fatigados, ali se detiveram de boa mente, porque encontraram um poço, o qual, embora não fosse suficiente para tão grande multidão, dava-lhes a esperança de poder aliviar um pouco as suas necessidades e porque lhes haviam dito que não mais encontrariam água em todo o resto do caminho. Mas a água era tão amarga que nem os homens, nem os cavalos e nem os outros animais a puderam beber.

Esse fato tão lastimável causou desânimo ao povo e grande sofrimento a Moisés, porque os inimigos que precisavam combater não eram dos que se podem debelar com uma valorosa resistência: a fome e a sede sozinhos reduziram aquela multidão de homens, mulheres e crianças ao último extremo da vida. Moisés não sabia que deliberação tomar e sentia também os sofrimentos dos outros como se fossem seus próprios, porque todos recorriam a

ele. As mães pediam que tivesse pena das crianças, os maridos, que tivesse compaixão das esposas e cada qual rogava-lhe que procurasse uma solução para tão grande mal.

Em tão premente necessidade, dirigiu-se a Deus para obter de sua bondade que tornasse doces as águas que eram amargas. E Ele deu a conhecer que lhe concedia aquela graça. Moisés tomou então um pedaço de madeira, que partiu em dois, e, depois de os haver lançado ao poço, disse ao povo que Deus escutara a prece deles e tirava daquela água tudo o que nela existia de ruim, contanto que fizessem o que lhes determinava. Perguntaram o que precisavam fazer, e ele ordenou aos mais robustos que tirassem uma grande porção de água do poço, garantindo-lhes que a que lá ficasse seria boa para beber. Eles obedeceram e tiveram em seguida a realização da promessa que lhes fora feita.

105. Êxodo 16. Partindo desse acampamento, chegaram a um lugar de nome Elim, que de longe lhes parecera bastante vantajoso, porque avistavam palmeiras. Delas, porém, lá encontraram apenas umas setenta, e ainda muito pequenas e pouco carregadas de frutos, por causa da esterilidade da terra. Encontraram também umas doze fontes, mas tão reduzidas que, em vez de correr, apenas destilavam. Fizeram pequenos regos para recolher a água, mas quando cavavam as fontes encontravam lama em lugar de areia e quase nada de água. A grande sede que o povo sofria, bem como a falta de víveres, que foram consumidos em trinta dias, causou-lhes tal desespero que esqueceram todos os favores de que eram devedores a Deus e o auxílio que haviam recebido de Moisés. Acusaram-no com grande clamor de ser a causa de todos os seus males e tomaram pedras para apedrejá-lo.

Esse homem extraordinário, ao qual a consciência nada reprovava, não se admirou por vê-los tão exaltados contra ele, mas, confiando em Deus, apresentou-se a eles com um semblante em que a majestade de Deus imprimia respeito e disse-lhes, com aquela maneira de falar que lhe era habitual e tão própria para persuadir, que não deviam, pelo que estavam sofrendo, esquecer as obrigações que deviam a Deus, mas, ao contrário, tivessem diante dos olhos as tantas graças e favores com que Ele os havia cumulado, quando menos os podiam esperar de sua bondade, e a continuação de seu auxílio; que havia mesmo motivo para crer que Ele permitira que fossem reduzidos a tal extremo a

fim de experimentar-lhes a paciência e a gratidão e saber qual dos dois fazia mais impressão em seu espírito: se a tristeza dos males psesentes, se o ressentimento pelos bens passados; que, havendo saído do Egito por ordem de Deus, deviam precaver-se para não se tornarem indignos de seu auxílio, pela ingratidão e pelas murmurações; que não evitariam cair naquele pecado se desprezassem as ordens dEle ou o ministro de sua vontade, e nisso seriam tanto mais culpados, pois não tinham motivo algum para se queixar de que ele os enganara, pois sempre cumprira pontualmente o que lhe havia sido ordenado.

Falou-lhes em seguida sobre as pragas com que Deus ferira o Egito, quando os egípcios procuravam retê-los, contra a vontade dEle: como as águas do Nilo, mudadas em sangue para os inimigos e tão infectadas que estes não a podiam beber, fora conservada para eles com a sua qualidade usual; como o mar, tendo-se dividido em dois, para favorecer-lhes a retirada, permitiu-lhes chegar em segurança ao outro lado, enquanto os seus inimigos, querendo persegui-los pelo mesmo caminho, foram sepultados pelas ondas; como, encontrando-se sem armas, Deus as concedeu em abundância; enfim, como, por meio de diversos milagres, Ele os retirara tantas vezes dos braços da morte.

Assim, se Ele se mostrara sempre tão poderoso, eles não deviam desesperar de seu auxílio, mas suportar pacientemente tudo o que permitia lhes acontecesse e não considerar a sua ajuda como demorada, não ocorrendo tão prontamente como desejavam. Não deviam também imaginar que Deus os abandonara no estado em que se encontravam, e sim persuadir-se de que Ele queria experimentar a confiança e o amor deles pela liberdade e saber se a estimavam o suficiente para conquistá-la pela fome e pela sede ou se preferiam o jugo de vergonhosa servidão, que os submeteria a senhores que os alimentariam como animais para deles obter apenas o trabalho. Quanto a ele, nada temia por si mesmo, pois a morte que sofreria injustamente não lhe poderia ser desvantajosa. Mas temia por eles, porque não lhes poderiam tirar a vida sem condenar o proceder de Deus e desprezar os seus mandamentos.

106. Essas palavras fizeram-nos refletir, e as pedras caíram-lhes das mãos. Arrependeram-se do crime que queriam cometer, e Moisés, considerando que não era sem razão que o povo se rebelara, mas que a necessidade os havia

levado a isso, julgou dever implorar por eles o auxílio de Deus. Subiu uma colina para rogar-lhe que tivesse compaixão de seu povo, o qual não podia esperar outro auxílio, senão somente o dEle, e lhes perdoasse a falta que a fraqueza humana, em tal conjuntura, os levara a cometer. Deus prometeu atendê-lo e dar-lhes auxílio imediato.

Depois de uma resposta tão favorável, Moisés foi procurar o povo, o qual, julgando pelo brilho que transparecia em seu rosto que Deus havia escutado a oração, passou imediatamente da tristeza para a alegria. Moisés declarou que lhes anunciava da parte de Deus a salvação e o término de seus males. Logo depois, uma grande multidão de codornizes, aves muito comuns no estreito da Arábia, atravessou esse braço de mar. Cansadas de voar, caíram no acampamento dos hebreus. Lançaram-se então sobre as aves, o alimento que lhes era mandado por Deus em tão urgente necessidade, e Moisés agradeceu-lhe por ter cumprido tão prontamente o que lhe fora grato prometer.

107. Essa graça, porém, não veio sozinha. A infinita bondade de Deus acrescentou-lhe uma segunda. Moisés orava com os braços levantados para o céu, quando começou a cair uma espécie de orvalho, que engrossava à medida que descia. Moisés julgou que bem poderia ser outro alimento que Deus lhes mandava também, provou-o e achou-o excelente. Dirigindo-se então ao povo, que pensava ser neve o que acabava de cair, pois era a estação própria, declarou que aquilo não era orvalho comum, mas um novo alimento proveniente da liberalidade divina. Comeu-o em seguida diante deles, para melhor persuadi-los do que dizia. Todos o experimentaram depois e perceberam que tinha o gosto do mel, a forma da goma que se tira de árvore semelhante à oliveira e o tamanho de um grão de coentro.

Todos ajuntaram-no, e Moisés ordenou-lhes que recolhessem apenas o suficiente para cada dia, isto é, uma medida certa, de nome gômer. Asseverou, ao mesmo tempo, que aquele alimento não lhes haveria de faltar, querendo, com a proibição, pôr limites à avareza dos mais fortes, que teriam impedido os mais fracos de ajuntar o necessário. Com efeito, se alguém, contra a ordem de Deus, recolhia mais que o permitido, inútil tornava-se o trabalho, porque o alimento, guardado para o dia seguinte, ficava amargo, estragado e cheio de bichos. E assim, era verdade que havia nesse alimento algo de sobrenatural e

divino. Tinha ainda isto de extraordinário: aqueles que o comiam achavam-no tão delicioso que não queriam outro. Cai ainda hoje naqueles lugares orvalho semelhante a esse, que então prouve a Deus mandar, em favor de Moisés. Os hebreus chamaram-no maná, que em nossa língua corresponde a uma espécie de interrogação, como quem diz: "Que é isto?" Mas popularmente o chamaram maná. Receberam-no, pois, com grande alegria, como vindo do céu, e com ele alimentaram-se durante quarenta anos, enquanto viveram no deserto.

108. O acampamento avançou depois para Refidim. Ali tiveram muita sede, pois constataram que a região era ainda mais carente de água que a de onde vinham. Assim, recomeçaram as murmurações contra Moisés. Ele retirou-se, para evitar aquele primeiro furor, e recorreu mais uma vez a Deus, para rogar-lhe que, depois de ter dado ao povo o alimento com que matasse a fome, lhe desse também a água com que o desalterasse, pois um sem a outra era inútil. Deus não se demorou em ouvir a oração e prometeu dar-lhes uma fonte muito abundante, fazendo-a brotar de um lugar de onde menos o teriam esperado. Mandou que batesse num rochedo com a vara, na presença de todos, prometendo dali fazer sair água, porque desejava obsequiá-la ao povo sem que tivessem o menor trabalho em procurá-la.

Moisés, consciente da promessa, foi ter com o povo, que o viu descer do lugar elevado onde fizera a sua oração e o esperava com grande impaciência. Ele disse-lhes que Deus queria tirá-los, contra a esperança deles, do aperto em que se encontravam. Para isso, faria brotar uma fonte de água da rocha. Essas palavras os deixaram atônitos, porque julgavam que precisariam parti-la, e a sede e o cansaço da viagem os havia enfraquecido tanto que mal podiam estar de pé. Moisés, porém, feriu o rochedo com a vara. No mesmo instante, a rocha dividiu-se em duas e dela brotou grande abundância de água cristalina. A surpresa não foi menor que a alegria. Beberam todos com prazer e acharam que tinha doçura muito agradável, sendo deveras água milagrosa, um presente das mãos de Deus. Então ofereceram-lhe sacrifícios em ação de graças por tão grande benefício e conceberam grande veneração por Moisés, que era tão querido dEle. A Sagrada Escritura dá testemunho desta promessa feita por Deus a Moisés: que de um rochedo brotaria água.

Capítulo 2

Os amalequitas declaram guerra aos hebreus, que obtêm sobre aqueles grande vitória, sob o comando de Josué, em cumprimento às ordens de Moisés e por efeito das orações deste. Chegam ao monte Sinai.

109. Êxodo 17. A fama dos hebreus, que se espalhava por toda parte, lançou o temor no espírito dos povos vizinhos, os quais, de comum acordo, deliberaram expulsá-los e até, se possível, exterminá-los completamente. Sendo os amalequitas, que estavam em Edom e na cidade de Petra, sob o governo de diversos reis, os mais valentes e também os mais animados para essa guerra, enviaram embaixadores às nações mais próximas, pedindo que também nela tomassem parte. Advertiram-nos de que, embora aqueles estrangeiros que se aproximavam de seu país em tão grande número fossem fugitivos, evadidos do Egito para livrar-se da escravidão, não deviam ser menosprezados: era preciso atacá-los antes que se fortalecessem mais e, tomados de orgulho por terem sido deixados tranqüilos, primeiro lhes declarassem guerra. A prudência exigia que logo se fizesse oposição a esse poder nascente e que fossem esses inimigos atacados no deserto, antes que se tornassem temíveis pela conquista de riqueza e de poderosas cidades, pois é mais fácil evitar o perigo por sábia previdência que escapar dele depois haver caído. Essas razões os convenceram, e resolveram, de comum acordo, marchar contra os israelitas.

Moisés, que jamais imaginava ter de se empenhar numa guerra, vendo os hebreus espantados com tão imprevisto perigo, pela necessidade de combater inimigos tão aguerridos e providos de todos os recursos necessários, dos quais o seu povo estava destituído, exortou-os a confiar em Deus, pois era por ordem e com o auxílio dEle que haviam preferido a liberdade à escravidão e vencido tudo o que se opusera à sua retirada.

Aconselhou-os a pensar apenas em vencer, sem imaginar que a abundância que tinham os inimigos de todas as coisas necessárias para a guerra significasse alguma vantagem, pois, tendo Deus do seu lado, não poderiam duvidar de que sobrepujariam os adversários em tudo, depois de

terem experimentado a força invencível do auxílio divino em ocasiões mais perigosas que a mesma guerra, pois na guerra o combate é contra homens. Deviam lembrar que, estando cercados pelo mar e por montanhas, às vezes prestes a morrer de fome e de sede, Deus lhes abrira caminho através das águas e os livrara por vários milagres dos extremos com que se depararam. Por fim, acrescentou que deviam combater corajosamente, pois se vencessem encontrar-se-iam em feliz abundância de todas as espécies de bens.

Depois de animá-los com essas palavras, reuniu os chefes e os principais dos israelitas e falou-lhes ainda em geral e em particular, recomendando aos moços que obedecessem aos mais velhos e a estes que executassem rigorosamente as ordens do general. Assim, havendo esse admirável guia do povo de Deus animado o povo com a esperança de um feliz êxito e de que aquele combate poria termo a todos os seus dissabores, eles conceberam tal desejo de lutar que pediram para ser levados logo ao campo de batalha a fim de atacarem os inimigos, de modo que o seu ardor não esfriasse pela demora, o que só lhes seria prejudicial.

Ele escolheu, de toda aquela multidão, os que julgou mais capazes para o combate e deu-lhes Josué por general. Este era filho de Num, da tribo de Efraim, homem de grande mérito, pois era não menos judicioso que valente, eloqüente e infatigável no trabalho. A piedade na qual Moisés o havia educado fazia-o distinguir-se dos demais. Moisés ordenou em seguida que algumas tropas guardassem os lugares de onde tiravam água, para impedir que os inimigos deles se apoderassem, e deixou outros em maior número para a guarda do acampamento, das mulheres e das crianças, bem como da bagagem.

Depois de haver assim disposto todas as coisas, os israelitas passaram a noite toda em armas, esperando apenas o sinal combinado com o seu general e a ordem do oficial para atacar os inimigos. Moisés também passou a noite inteira acordado, instruindo Josué sobre o que fazer naquela jornada. Quando raiou o dia, exortou-o a esforçar-se para corresponder por meio de suas ações à esperança que se depositava nele e a conquistar por feliz êxito a estima dos soldados. Falou também em particular aos principais chefes e em geral a todo o exército, instigando-os a bem cumprirem cada um o seu dever. Depois de dar-lhes todas essas ordens, recomendou-os a Deus e ao comando de Josué e

retirou-se para o monte.

Logo depois, os dois exércitos chocaram-se com extremo ardor de parte a parte, e, como os chefes tudo haviam feito para animá-los, o combate foi muito acirrado. Moisés, por sua vez, combatia com orações. Notando que quando as suas mãos estavam erguidas para o céu os seus levavam a melhor e quando, ao invés, o cansaço o obrigava a baixá-las os amalequitas levavam vantagem, rogou a Arão, seu irmão, que sustentasse um de seus braços e a Hur, seu cunhado, que desposara Miriã, sua irmã, que sustentasse o outro. Assim, os israelitas foram plenamente vitoriosos. E não teria ficado um só dentre os amalequitas se a noite, que sobreveio, não tivesse dado a uma parte destes ocasião de se salvarem no meio das trevas.

Nossos antepassados jamais conquistaram vitória mais célebre ou mais vantajosa, pois, além da glória de terem vencido tão poderosos inimigos e lançado o terror no coração de todos os povos vizinhos, aos quais depois foram sempre temíveis, tornaram-se senhores do acampamento dos amalequitas e conquistaram, tanto em geral como em particular, tão ricos despojos que passaram da penúria em que se encontravam, com carência de todas as coisas, à extrema abundância. Isso porque obtiveram grande quantidade de ouro e prata, vasos de cobre próprios para vários usos, armas — com todos os pertences de que era costume usar na guerra, tanto para ornamento quanto para combate ----, cavalos e todas as, coisas de qije os «xércttos precisam.

110. Eis qual foi o fim desse combate: ele exaltou de tal modo o ânimo dos israelitas que eles julgaram que, para o futuro, tudo lhes seria possível. No dia seguinte, Moisés ordenou que despojassem os mortos e reunissem as armas daqueles que haviam fugido. Em seguida, distribuiu recompensas aos que se haviam distinguido em tão grande feito e louvou publicamente o valor e o procedimento de Josué, ao qual todo o exército prestou ao mesmo tempo, por meios de aclamações, glorioso testemunho à sua virtude. Porém o mais extraordinário nessa grande vitória foi o fato de não custar a vida a um só israelita, embora a carnificina entre os inimigos fosse notável, de modo que não se podiam contar os mortos.

Moisés levantou um altar com esta inscrição: "AO DEUS VENCEDOR". Ofereceu sobre ele vários sacrifícios e predisse que a nação dos amalequitas

seria inteiramente destruída, pois, ainda que os hebreus jamais os tivessem ofendido, eles haviam sido muito injustos e desumanos, atacando os israelitas no deserto, onde estes sofriam com a falta de tudo. Dedicou a seguir um banquete a Josué, para testemunhar a alegria que estava sentindo pela vitória que este obtivera. Todo o acampamento ressoava, ao mesmo tempo, com cânticos em louvor a Deus, e alguns dias se passaram assim, em festas e regozijo.

Capítulo 3

Reuel, sogro de Moisés, vem encontrá-lo e dá-lhe excelentes conselhos.

111. Êxodo 18. Reuel, sogro de Moisés, tendo sabido desses felizes resultados, veio encontrá-lo, para também louvar a Deus com ele, e trouxe Zipora, sua filha, e os netos. Moisés sentiu tanta alegria que ofereceu um banquete a todo o povo, próximo da sarça que ele vira arder e que não se consumia. Arão, Reuel e toda aquela grande multidão cantaram em comum, nesse banquete, hinos em honra de Deus, a quem bendiziam como o Autor de sua liberdade e de sua salvação. Dirigiram também louvores a Moisés, a quem reconheciam dever, depois de Deus, tão gloriosos e felizes acontecimentos. Reuel celebrou com cânticos a glória que o exército merecia e particularmente Moisés, a cuja sábia orientação muito o povo devia.

No dia seguinte, Reuel notou que Moisés estava sobrecarregado pela multidão de negócios, porque todos se dirigiam a ele para resolver as suas dúvidas e litígios, persuadidos de que nenhum outro, senão ele, seria capaz de o fazer. O povo estava tão convencido do interesse dele e de seu amor pela justiça que mesmo os que perdiam a causa acolhiam a sentença sem murmurar. Ele não quis então falar-lhe, para não perturbar o prazer que o povo sentia em ser julgado pelo seu admirável guia. Quando ele se retirou, porém, aconselhou-o, a sós, que escolhesse pessoas competentes e de confiança para resolver os assuntos menos importantes e que reservasse para si apenas o que se referia ao bem e à salvação do povo, assuntos cujo peso somente ele poderia suportar.

Disse-lhe mais Reuel: "Assim, não ignorais quais são as graças que Deus vos concedeu nem que Ele se serviu de vós para livrar este povo de tantos perigos. Deixai, pois, que outros decidam as questões que surgem entre eles, em particular, e entregai-vos inteiramente ao serviço de Deus, para vos tornardes ainda mais capaz de assistir-lhes em suas necessidades mais prementes, julgaria também apropriado que, depois de terdes feito a revista de todas as vossas tropas, vós as distribuísseis em diversos corpos de dez mil homens, a cada um dos quais nomearíeis chefes, e que esses corpos fossem divididos em regimentos de mil e de quinhentos homens, e os regimentos, em companhias de cem e de cinqüenta homens, e essas companhias, ainda, em esquadras de trinta, de vinte e de dez homens, comandados por oficiais que teriam nomes conforme o número de soldados sob seu comando. Quanto aos juizes, seria necessário escolhê-los entre os homens de bem e de reconhecida virtude para decidir as divergências e as questões ordinárias. Quando houver negócios mais importantes, poderão ser encaminhados aos príncipes do povo. E, se ainda houver algum outro mais difícil, que eles não possam resolver, reservareis então para vós o encargo de solucioná-lo. Por esse meio, a justiça será feita a todos, nada vos impedirá de implorar continuamente o auxílio de Deus e o tomareis cada vez mais favorável ao vosso exército".

Moisés não somente aprovou as advertências de Reuel, mas revelou em plena assembléia quem as idealizara, dando assim ao sogro toda a glória. O próprio Moisés o referiu nos Livros Santos, demonstrando o quanto estava longe de arrebatar aos outros a honra que lhes era devida e que tinha virtude bastante para elevar-se acima desses defeitos, tão comuns aos homens, como veremos em outro lugar, por diversos exemplos. Reuniu depois todo o povo, para avisar que iria tratar com Deus no monte e que esperava trazer-lhes novos testemunhos da extrema bondade dEle para com o seu povo. Ordenou-lhes que transferissem o acampamento para o mais próximo possível do monte, a fim de ficarem mais perto da suprema Majestade, a quem eram devedores «de todas as venturas.

CAPÍTULO 4

MOISÉS FALA COM DEUS NO MONTE SINAI E ENTREGA AO POVO OS DEZ

MANDAMENTOS, DITADOS POR ELE PRÓPRIO. MOISÉS VOLTA DO MONTE, DE ONDE TRAZ AS DUAS TÁBUAS DA LEI, E ORDENA AO POVO, DA PARTE DE DEUS, QUE CONSTRUA UM TABERNÁCULO.

112. Êxodo 19. O Sinai, que supera em altura todos os montes das províncias vizinhas, está tão cheio de escarpas por todos os lados que não somente é muito dificultoso lá subir como também não se poderia contemplá-lo sem temor, pois é crença comum que Deus lá habita, e esse lugar mostra-se assustador e inacessível. Depois que Moisés lá estava, os hebreus cumpriram a ordem de avançar o acampamento até o pé desse monte, e estavam todos cheios de esperança nos favores que ele prometera obter de Deus.

No aguardo de sua volta, cumpriram a ordem que Moisés lhes dera, para dele se tornarem dignos. Viviam em grande continência: separaram-se durante três dias de suas mulheres, e as mulheres, por sua vez, com seus filhos, vestiram-se melhor que de ordinário e passaram dois dias em festas e banquetes. Mas eram banquetes acompanhados de orações contínuas, que eles faziam a Deus, a fim de que Ele recebesse bem a Moisés e enviasse, por intermédio dele, as graças que ele os havia feito esperar.

Na manhã do terceiro dia, antes do nascer do sol, viu-se o que até então não se havia presenciado no mundo. O céu estava tão claro e sereno que não existia a menor nuvem. Mas uma nuvem surgiu quase de repente e cobriu todo o acampamento dos israelitas. Um vento impetuoso, acompanhado de grande chuva, levantou um violento furacão. Os relâmpagos seguiam-se, um tão perto do outro que deslumbravam não somente os olhos, mas lançavam terror aos espíritos. O raio que caía com um ruído estranho indicava a presença de Deus. Deixo aos que lerem isto julgar como quiserem, mas fui obrigado a referir o que encontrei escrito nos Livros Santos. Uma tempestade tão extraordinária e um ruído tão espantoso unidos à crença de que Deus habitava aquele monte deixaram atônitos os hebreus, que não ousavam sair de suas tendas. Julgaram que Deus, em sua cólera, havia feito Moisés morrer e os tratava agora do mesmo modo. Estavam eles assim aterrorizados quando viram Moisés aparecer, cheio de majestade e resplandecente de glória, e a presença dele afastou a tristeza e fê-los conceber melhores esperanças; E não se dissiparam somente as

nuvens de seus espíritos, mas também as que antes obscureciam o ar, que retomou a sua primeira serenidade.

O grande profeta, após reunir todo o povo para informá-lo dos mandamentos que recebera de Deus, escolheu um lugar elevado, de onde cada qual pudesse ouvi-lo, e anunciou-lhes: "Deus não se contentou em apenas receber-me de modo digno de sua infinita bondade, mas quis honrar o vosso acampamento com a sua presença e vos prescrever, por meu intermédio, a maneira de viver mais feliz que se possa imaginar. Conjuro-vos, pois, por Ele mesmo e pelas obras admiráveis que realizou em vosso favor, a escutar com o respeito que lhe deveis o que Ele me ordenou dizer-vos, sem considerardes a baixeza de quem Ele quis se servir para esse fim. Não considereis que é um homem que vos fala, mas pensai nas vantagens que recebereis com a observância dos mandamentos que vos trago da parte de Deus e tomareis a ver a majestade daquEle que se dignou servir-se de mim para vos conceder tanta felicidade. Pois não é Moisés, filho de Anrão e de joquebede, quem vos ministrará esses admiráveis preceitos, e sim o Deus Todo-poderoso que, para vos livrar do cativeiro, mudou em sangue as águas do Nilo, abatendo o orgulho dos egípcios e ferindo-os com diversas pragas; que vos abriu caminho através do mar; que saciou a vossa fome com alimento descido do céu e matou a vossa sede com água que fez sair de um rochedo. Foi Ele que concedeu a Adão a posse de tudo o que a terra e o mar são capazes de produzir; que salvou Noé das águas do dilúvio; que quando Abraão, o autor de nossa raça, andava errante e vagabundo deu-lhe a terra de Canaã; que fez nascer Isaque de um pai e de uma mãe que não estavam mais na idade de ter filhos; que deu a Jacó doze filhos perfeitos em todas as virtudes; que pôs nas mãos de José o governo de todo o Egito; que, enfim, fez hoje o favor de dar-vos, por meu intermédio, os seus mandamentos. Se os observardes religiosamente e os preferirdes ao amor que tendes por vossas esposas e filhos, nada faltará para a vossa felicidade: a terra será sempre fértil para vós, e o mar, sempre tranqüilo. Sereis ricos em filhos e temíveis aos vossos inimigos. Falo-vos com verdade, pois tive a felicidade de ver a Deus. Ouvi a sua voz imortal, e vós não podeis mais duvidar de que Ele vos ame ou que deseje cuidar de vossa posteridade".

113. Depois dessas palavras, Moisés fez avançar todo o povo, com suas

mulheres e filhos, para que eles mesmos ouvissem a voz de Deus e recebessem diretamente de sua boca os mandamentos, para não diminuir a estes a autoridade, como recebidos apenas pelo ministério de um homem. Assim, ouviram todos uma voz do céu, que lhes falava muito distintamente, e escutaram os preceitos que Moisés lhes deu depois, os quais estavam escritos nas duas Tábuas da Lei.

Êxodo 20. Não me é permitido referir as mesmas palavras, mas vou transcrever-vos apenas o sentido:

I. Há um só Deus, e somente Ele deve ser adorado.

II. Não se deve adorar a imagem de animal algum.

III. Não se deve jurar em vão o nome de Deus.

IV. Não se deve profanar por obra alguma a santidade e o descanso do sétimo dia.

V. Deve-se honrar pai e mãe.

VI. Não se deve cometer assassínio.

VII. Não se deve cometer adultério.

VIII. Não se deve roubar.

IX. Não se deve dar falso testemunho.

X. Não se deve desejar coisa que pertença a outrem.

Êxodo 21. 0 povo, depois de haver recebido esses mandamentos da própria boca de Deus, como Moisés lhes havia dito, retirou-se alegremente. Nos dias seguintes, foram várias vezes procurar Moisés em sua tenda, a fim de rogar-lhe que obtivesse de Deus leis para a sua política e para o governo da República. Ele o prometeu e o assim fez, algum tempo depois, como relatarei mais tarde, pois resolvi escrever um livro a esse respeito.

114. Êxodo 24. Algum tempo depois, Moisés voltou ao monte, subiu-o à vista de todo o povo e lá ficou quarenta dias. Essa demora os pôs em grande pena, e a dúvida de que algum mal lhe tivesse acontecido era a causa principal de seu sofrimento. Cada qual falava a seu modo: os que não o estimavam diziam que animais ferozes o haviam devorado, outros imaginavam que Deus o havia levado consigo e os mais sensatos hesitavam entre as duas opiniões, considerando numa a desgraça que pode ocorrer a todos os homens e

consolando-se à vista da outra, que lhes parecia mais conforme à virtude de Moisés. Porém, na dúvida de nunca mais poderem contar com tal chefe e tão poderoso protetor, viram-se em extrema aflição, porque não viam esperança alguma que lhes mitigasse os temores. Mas não ousaram levantar acampamento, porque Moisés lhes havia ordenado que esperassem naquele lugar.

Ele voltou, por fim, depois de quarenta dias, sem ter sido alimentado por comida humana durante todo esse tempo. A presença dele encheu o povo de alegria. Moisés falou-lhes do cuidado que Deus continuava a ter para com eles e informou-os que Ele havia ordenado, no que se refere à maneira como deviam agir para viver em perfeita felicidade, que construíssem um tabernáculo, ao qual Ele desceria algumas vezes. Eles deveriam levá-lo consigo, a fim de não serem mais obrigados a consultar a Deus no monte Sinai, porque quando Ele estivesse no Tabernáculo receberia ali os votos do povo e ali lhes escutaria as orações. Moisés ensinou-os, segundo o que o próprio Deus lhe havia manifestado, como Ele queria que se construísse o Tabernáculo, que era como um Templo portátil, e exortou-os a não perderem tempo em construí-lo. Apresentou-lhes em seguida duas tábuas, nas quais Deus havia gravado com as próprias mãos os Dez Mandamentos de que acima falamos, estando cinco em cada tábua.

115. êxodo 35. Essas palavras e mais a alegria pela volta de Moisés causaram-lhes tanto prazer que se puseram imediatamente e com grande ardor ao trabalho. Para a construção do Tabernáculo, ofereciam todos ouro, prata, cobre, madeira incorruptível, pêlo de cabra, peles de carneiro brancas, da cor de jacinto, de púrpura e de escarlate, lãs tingidas com essas mesmas cores e linho muito fino. Doaram também pedras preciosas, que se encastoam no ouro e com as quais costuma-se fazer adornos, e grande quantidade de excelentes perfumes.

Depois que todos assim contribuíram para o empreendimento, dando tudo o que podiam — e alguns mesmo mais do que podiam —, Moisés, segundo a determinação que recebera de Deus, escolheu os homens mais capazes para trabalhar naquela obra — tanto que, tivesse o povo a liberdade de escolher, não teriam lançado os olhos sobre melhores peritos. Ainda vemos os seus nomes

nas Sagradas Escrituras, a saber: Bezalel, da tribo de Judá, filho de Uri, filho de Hur e de Miriã, e Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo de Dã. O povo demonstrou tanto ardor por essa obra e ofereceu com tanta alegria o seu trabalho e os seus bens que Moisés foi obrigado a publicar, por sugestão dos encarregados de executá-la e a som de trombeta, que nada mais era necessário oferecer, pois de nada mais se precisava.

Começaram então o trabalho segundo o modelo e o desenho que Deus entregara a Moisés, no qual estava determinado também o número de vasos sagrados que se deveriam usar no Tabernáculo para servir aos sacrifícios. Se os homens demonstraram liberalidade nessa circunstância, as mulheres não fizeram menos, pois forneceram tudo para as vestes dos sacerdotes e para os ornamentos necessários à celebração dos louvores a Deus com pompa e magnificência.

CAPÍTULO 5
DESCRIÇÃO DO TABERNÁCULO.

116. Estando assim preparadas todas as coisas, os vasos de ouro e de cobre, os diversos ornamentos e as vestes sacerdotais, Moisés, depois de anunciar que aquele seria um dia de festa e que cada qual, segundo as suas posses, ofereceria um sacrifício a Deus, começou a fazer o Tabernáculo, deste modo:

Ordenou primeiro que se fizesse um cercado, no meio do qual o Tabernáculo devia ser construído, medindo cem côvados de comprimento e cinqüenta de largura. Havia de cada lado, no sentido do comprimento, vinte colunas de bronze e dez no fundo, no sentido da largura, cada uma com cinco côvados de altura. As suas cornijas eram de prata, com anéis também de prata. As suas bases, que eram de bronze dourado, tinham longas pontas por baixo, para serem fincadas na terra, semelhantes às que se põem na extremidade das lanças. Havia na extremidade inferior de cada coluna um prego de cobre, sendo que a parte que sobressaía da terra tinha um côvado de alto e aí amarravam-se cabos, os quais passavam pelos anéis para se fixarem no teto do Tabernáculo e assim firmá-lo contra a violência dos ventos. Um grande véu de linho estendido

em redor, desde as cornijas até a base, cercava como um muro todo o recinto. Assim eram os dois lados e o fundo.

A frente desse recinto tinha também cinqüenta côvados, e havia nessa extensão uma abertura de vinte côvados, para servir de entrada. De cada lado da abertura, existia uma coluna dupla de bronze revestida de prata, exceto a base. Essa dupla coluna era seguida, para dentro do recinto, por três outras colunas, dispostas de cada lado em linha reta, em distância proporcionada para formar um vestíbulo de cinco côvados de extensão, que também era cercado, como o resto do recinto, por um véu de linho. Um outro véu, de vinte côvados de comprimento e cinco de altura, pendia à entrada e à saída. Era tecido de linho, púr-pura e jacinto e reproduzia diversas figuras, nenhuma, porém, de animal. Havia dentro do vestíbulo um grande vaso de cobre sobre uma base do mesmo metal, de onde os sacerdotes tomavam a água para lavar as mãos e borrifar os pés.

Moisés mandou colocar o Tabernáculo no meio, mas voltou-lhe a entrada para o oriente, a fim de que o Sol, ao nascer, o alumiasse com os primeiros raios. O Tabernáculo media trinta côvados de comprimento e doze de largura. Um de seus lados estava voltado para o sul, o outro para o norte e o fundo para o ocidente. Cada lado era composto de vinte pranchas de madeira cortadas em ângulo reto, cada uma com um côvado e meio de largura e quatro dedos de espessura. Eram todas revestidas com lâminas de ouro, e havia por fora de cada prancha dois ferrolhos, um no alto e o outro embaixo, que passavam através de dois anéis, os quais prendiam as pranchas uma à outra. O lado do ocidente, que era o fundo do Tabernaculo, era composto de seis peças de madeira dourada de todos os lados e tão bem unidas que pareciam uma só.

Vê-se, pela descrição das peças que compunham cada um dos lados, que elas chegavam todas juntas ao comprimento de trinta côvados, pois havia vinte delas e cada uma tinha um côvado e meio de largura. Quanto ao que se refere ao fundo do Tabernaculo, as seis peças de que falamos atingiam apenas nove côvados, e aí se unia uma de cada lado, de mesma largura e altura que as outras, porém muito mais grossas, porque deviam ser postas nos ângulos desse edifício. No meio de cada uma dessas peças, havia um prego dourado, e todos os pregos estavam colocados numa mesma linha, de tal modo que se

defrontavam todos. Grandes bastões dourados, medindo cinco côvados cada um, entravam nesses pregos e uniam todas as pontas, porque os bastões encaixavam-se uns nos outros.

Quanto à parte posterior do edifício, além dos ferrolhos de que falei, que prendiam as pranchas, ela era firmada por meio de um bastão dourado que passava, como os outros, pelos anéis das peças de madeira. As extremidades dos que firmavam os dois lados, vindo todas a cruzar-se nos ângulos da construção, encaixavam-se umas às outras e uniam de tal modo os lados do Tabernaculo que ele não podia ser derrubado pela violência do vento.

Quanto à parte interna do Tabernaculo, a sua extensão era dividida em três partes, de dez côvados cada uma, medindo dez côvados de fundo. Na parte dianteira, havia quatro colunas de mesma matéria e forma, cujas bases eram todas semelhantes às que mencionamos há pouco e estavam colocadas a igual distância entre si. Os sacerdotes podiam transitar por todo o resto do Tabernaculo, mas o espaço contido entre as quatro colunas era inacessível, e ali não lhes era permitido entrar. A exata divisão do Tabernaculo em três partes era a figura do mundo. A do meio era como o céu, onde Deus habita, e as outras, que estavam abertas para os sacerdotes, representavam o mar e a terra.

Puseram à entrada cinco colunas de ouro sobre bases de bronze e por cima do Tabernaculo estenderam véus de linho cor de púrpura, jacinto e escarlate. O primeiro desses véus tinha dez côvados quadrados e cobria as colunas que separavam esse lugar tão santo de todo o resto, a fim de impedir a vista dos homens. Tudo isso era chamado santo, mas o espaço contido entre essas quatro colunas era chamado o SANTO DOS SANTOS. Sobre esse véu de que acabo de falar estavam representadas todas as espécies de flores e outros ornamentos que embelezam a terra, com exceção dos animais. O segundo véu era semelhante ao primeiro, tanto na matéria quanto no tamanho, no tecido e nas cores. Estava fixado no alto por presilhas e descia cobrindo até a metade as cinco colunas. Era o lugar por onde entravam os sacerdotes. Havia sobre esse véu um outro, com anéis, pelos quais passava um cordão, para o arriamento, principalmente nos dias de festa, a fim de que o povo pudesse ver o primeiro véu, que estava cheio de figuras. Nos outros dias, principalmente quando o tempo não era bom, o segundo véu, feito de um pano apropriado, resistente à

chuva, era estendido por cima do outro, para resguardá-lo. Observou-se ainda, após a construção do Templo, de se pôr um pano semelhante à entrada.

Havia, além disso, dez panos de arras, cada um medindo vinte e oito côvados de comprimento e quatro de largura. Estavam tão bem presos, com presilhas de ouro, que pareciam formar uma única peça. Serviam para cobrir toda a parte superior e todos os lados do Tabernáculo, faltando apenas um pé para tocarem a terra. Havia também outras onze peças de mesma largura — mais longas, porém, medindo cada uma trinta côvados de comprimento. Eram tecidas em pêlo, com tanta arte como as de lã, e estavam estendidas por fora, sobre as outras peças de panos, que ornavam o interior. Elas se uniam todas no alto, pendiam até quase a terra e formavam como que uma espécie de pavilhão. A undécima dessas peças servia para cobrir a porta. Todo o pavilhão estava coberto de peles de cabra, para preservá-lo da chuva e dos ardores do sol. Quando era descoberto, não podia ser visto de longe sem admiração, porque o brilho de tantas e tão diversas cores fazia que se julgasse ver o céu.

CAPÍTULO 6

DESCRIÇÃO DA ARCA QUE ESTAVA NO TABERNÁCULO.

117. Êxodo 37. Foi o Tabernáculo construído dessa maneira e fez-se depois também uma arca consagrada a Deus. Era de madeira incorruptível, à qual os hebreus chamam heoron. Tinha cinco palmos de comprimento, três de altura e outros tantos de largura e era inteiramente coberta, por dentro e por fora, com lâminas de ouro, de modo que não se via a madeira. A sua coberta estava tão firme e tão fortemente presa com pregos de ouro que parecia formar uma única peça. Havia anéis de ouro nos seus dois lados maiores, que atravessavam toda a madeira, e grandes bastões dourados que se punham nos anéis, para transportar a arca segundo a necessidade, pois não se serviam de cavalos: os levitas e os sacerdotes a levavam nos ombros. Havia por cima da arca duas figuras de querubins com asas, segundo Moisés observara perto do trono de Deus, pois nenhum homem antes dele disso tivera conhecimento. Ele pôs na arca as duas Tábuas, nas quais estavam escritos os Dez Mandamentos, cada uma das quais continha cinco: dois e meio numa coluna e dois e meio na

outra. E ele colocou a arca no Santuário.

CAPÍTULO 7

DESCRIÇÃO DA MESA, DO CANDELABRO DE OURO E DOS ALTARES QUE ESTAVAM NO TABERNÁCULO.

118. Moisés também pôs no Tabernáculo uma mesa semelhante às que haviam no Templo de Delfos. Tinha dois côvados de comprimento, um de largura e três palmos de altura. Os pés que a sustentavam eram quadrados, desde o alto até a metade, porém da metade até embaixo eram inteiramente semelhantes aos dos leitos dóricos e entravam quatro dedos no chão. Os lados dessa mesa eram fundos, para receber um ornamento feito em cordão aberto, que prendia tudo, tanto no alto como embaixo.

Havia no alto de cada um dos pés, por fora, um anel para se passar um bastão de madeira dourada que não se podia tirar facilmente, pois este não passava no sentido do comprimento da mesa, de um anel ao outro, mas apenas ultrapassava em muito pouco esse anel, e era fundo nesse lugar, para receber um outro bastão, que era colocado segundo a altura da mesa e preso por baixo, de modo que este último, sustentando a extremidade do primeiro, que passava pelo anel, fazia com que o primeiro bastão servisse de apoio firme para se levar nas viagens toda a mesa, de um lugar a outro.

Ela era colocada ordinariamente no lado norte do Tabernáculo, bem perto do Santuário, e punham-se por cima doze pães sem fermento, uns sobre os outros, seis de um lado e seis do outro, feitos de farinha pura. Havia em cada um desses pães dois gômeres, que é uma medida de que os hebreus se servem e que corresponde a sete coros áticos. Punham-se também sobre esses pães dois vasos de ouro cheios de incenso. Ao fim de sete dias e no dia que chamamos sábado, tiravam-se os doze pães, para se colocarem outros em seu lugar, e disso direi depois a razão.

Em frente à mesa, do lado sul, havia um candelabro de ouro não maciço, mas oco por dentro, que pesava cem minas, as quais os hebreus chamam sincares, que perfazem dois talentos áticos. O candelabro era adornado com pequenos corpos redondos: lírios, maçãs, romãs, pequenas taças, em número

de setenta, que se elevavam desde o alto da haste até o alto dos sete braços de que se compunha e cujo número se referia aos sete planetas. Esses sete ramos eram simétricos. No alto de cada um, havia uma lâmpada, e todas elas estavam voltadas para o oriente e para o sul.

Êxodo 30. Entre a mesa e o candelabro, que estava atravessado, havia um pequeno altar sobre o qual se queimavam perfumes em honra a Deus. Esse altar, que tinha um côvado de quadrado e dois de alto, era de madeira incorruptível, revestida com uma lâmina maciça de cobre. Havia por cima um braseiro de ouro, em cujos cantos havia coroas, também de ouro, com grandes anéis, nos quais se passavam bastões, a fim de que os sacerdotes o pudessem carregar. À entrada do Tabernaculo estava outro altar, com cinco còvados de quadrado e três de alto, coberto também por uma lâmina de cobre. Estava adornado por cima com muito ouro. No lugar em que sobre o outro havia um braseiro, nesse havia uma grelha, através da qual o carvão e a cinza caíam em terra, porque não tinha pedestal. Perto desse altar estavam funis, frascos, turíbulos, taças e outros vasos necessários para o serviço divino, e tudo isso era de ouro muito puro.

CAPÍTULO 8

VESTES E ORNAMENTOS DOS SACERDOTES E DO SUMO SACERDOTE.

119. Devemos agora falar das vestes, tanto as dos sacerdotes, às quais os hebreus chamam chanes, quanto as do sumo sacerdote, às quais chamam anarabachem. Começaremos pelas comuns, dos sacerdotes. Aquele que ia oficiar era obrigado, segundo a Lei, a ser puro e casto. Ele revestia-se de uma veste chamada manachaz, isto é, "que segura forte", uma espécie de calção de linho retorcido que se prendia nos rins. Colocava por cima uma túnica de um duplo tecido de lã e linho, à qual chamavam chetonem, porque o linho se chama chetom. Ela descia até os calcanhares, era muito justa no corpo e tinha também mangas muito estreitas para cobrir os braços.

A túnica era presa sobre o peito, um pouco abaixo das espáduas, com um cinto da largura de quatro dedos, o qual era de tecido fraco, de maneira que se parecia com uma pele de cobra. Diversas flores e figuras nele estavam represen-

tadas, com linho de cor escarlate, púrpura e jacinto. Essa cinta dava duas vezes a volta em torno do corpo. Era atada na frente e depois caía até os pés, a fim de tornar o sacerdote mais venerável ao povo quando não estava oferecendo algum sacrifício. Pois, quando o oferecia, atirava a cinta sobre o ombro esquerdo, a fim de ficar mais livre para desempenhar o seu ministério. Moisés chamou a esse cinto abanete, e nós o chamamos hoje emiã, nome que tiramos dos babilônios. A túnica não tinha pregas e possuía uma grande abertura em torno do pescoço, que era presa na frente e atrás com colchetes, e a chamavam massabazem.

Ele usava uma espécie de mitra, que não lhe cobria mais que metade da cabeça e que ainda hoje se chama masnaemphite. Tinha a forma de uma coroa e era de tecido de linho, mas muito grossa por causa das muitas pregas. Colocava-se por cima uma touca de pano muito fino, que cobria toda a cabeça e descia até a fronte, ocultando as costuras e pregas dessa coroa. Era presa com muito cuidado, para que não caísse durante o sacrifício.

Essas eram as vestes do sacerdote. Quanto às do sumo sacerdote, além do que acabo de dizer, ele se revestia de uma túnica cor de jacinto, chamada methir, que lhe ia até os calcanhares. Ele a cingia com um cinto semelhante ao de que falei, exceto que era entrelaçado de ouro. A parte inferior de seu vestuário era ornada de franjas com guizos e campainhas de ouro, entremeadas de maneira igual. Essa túnica, que era toda uma só peça, sem costura, não era aberta de lado, mas de alto a baixo, isto é, por trás desde o alto até abaixo das espáduas e na frente apenas até a metade do estômago. Para adorno dessa abertura, colocaram-se bordados, como também naquelas feitas para passar o braço.

Por cima dessa túnica, punha-se uma terceira veste, chamada éfode, parecida com a que os gregos chamam epomis, cuja descrição é esta: tinha um côvado de comprimento, mangas, e era como uma espécie de túnica curta. Era de um tecido tingido com várias cores e misturado com ouro e deixava sobre o meio do peito uma abertura de quatro dedos em quadrado. A abertura era coberta por uma peça de pano semelhante ao do éfode. Os hebreus chamam-no essem, e os gregos, logiom, que significa em língua vulgar "racional" ou "oráculo". Tinha a largura de um palmo e estava preso à túnica por colchetes de ouro, juntamente com uma tira cor de jacinto, que passava por anéis. Para que

não se visse a menor abertura entre esses anéis, uma fita, também cor de jacinto, cobria a costura.

O sumo sacerdote trazia sobre cada um dos ombros uma pedra sardônica encastoada em ouro, e essas duas pedras preciosas funcionavam como um colchete para fechar o éfode. Os nomes dos doze filhos de Jacó foram gravados nas sardônicas, em língua hebraica, isto é: sobre a do ombro direito, os dos seis mais velhos, e sobre a da esquerda, os dos mais novos. Sobre essa peça, chamada racional, estavam presas doze pedras preciosas de extrema beleza, que não tinham preço. Estavam colocadas em quatro linhas de três cada uma e separadas por pequenas coroas de ouro, a fim de serem conservadas firmes e não caírem. Na primeira fila, estavam a sardônica, o topázio e a esmeralda. Na segunda, o rubi, o jaspe e a safira. Na terceira, o mercúrio, a ametista e a ágata. E na quarta, a crisólita, o ônix e o berilo. Em cada uma dessas pedras preciosas estava gravado o nome de um dos doze filhos de Jacó, que consideramos os chefes de nossas tribos. Esses nomes estavam escritos segundo a ordem de seu nascimento.

Ora, como os colchetes eram muito fracos para sustentar o peso das pedras preciosas, havia outros dois, mais fortes, atados à borda do racional, perto do pescoço, que sobressaíam do tecido e nos quais se passavam duas correntes de ouro, que se uniam por um tubo nas extremidades dos ombros. As pontas superiores dessas correntes, que caíam para trás das costas, atavam-se a um anel que estava por trás, à beira do éfode, e de todo o sustentavam, para impedir que caísse. Um cinto de diversas cores, tecido de ouro, estava preso ao racional e o prendia todo, atando-se por cima das costuras e daí pendendo para baixo. Todas as franjas estavam bem presas a ilhoses de fio de ouro.

A tiara do sumo sacerdote era em parte semelhante à mitra dos sacerdotes. Tinha a mais, porém, uma outra espécie de touca por cima da de cor de jacinto. Era rodeada por uma tríplice coroa de ouro, onde havia pequenos cálices, como os que se vêem numa planta que os hebreus chamam daccar, e os gregos, hioscianos, vulgarmente chamada jusquiame ou anebane. E, se alguém não a conhece bem, para entender pelo que dizemos, vamos descrevê-la.

Ela tem ordinariamente mais de três palmos de altura. A sua raiz se

parece com um nabo, e as folhas, com uma erva chamada rinchão. Possui uma pequena pele, que cai quando o fruto está maduro. De seus ramos saem como que pequenas taças, cálices do tamanho da junta de um dedinho, cuja circunferência se parece mesmo com uma taça. Acrescentarei, ainda, para a compreensão dos que não conhecem essa planta, que ela tem embaixo algo como uma meia bola, que se estreita para cima. Depois alarga-se e forma como que uma pequena bacia, semelhante ao centro de uma romã partida em duas, onde se adapta uma coberta redonda, tão bem feita como se a tivessem polido em redor e com recortes que terminam em ponta, tal como se vêem nas romãs. Por cima dessa coberta, ao longo das pequenas taças, ela produz o seu fruto, que se parece com a semente da erva chamada parietária, e a sua flor é como a da papoula.

Essa tiara, ou mitra coroada, cobria a parte posterior da cabeça e as têmporas, em volta das orelhas, pois esses pequenos cálices não rodeavam a fronte. Esta era rodeada por uma espécie de correia de ouro, bastante larga, sobre a qual, em caracteres sagrados, estava escrito o nome de Deus.

Eram essas as vestes do sumo sacerdote, e não deixaria eu de me admirar muito a esse respeito pela injustiça daqueles que nos odeiam e nos tratam como ímpios, porque desprezamos as divindades que eles adoram. Pois se eles quiserem considerar com algum cuidado a construção do Tabernaculo, as vestes dos sacerdotes, os vasos sacros de que se servem para oferecer os sacrifícios a Deus, verão que o nosso legislador era um homem consagrado e que falsamente somos acusados, pois é fácil de se ver, por tudo o que acabo de narrar, que elas representam de algum modo todo o mundo. Pois das três partes nas quais o comprimento do Tabernaculo está dividido, as duas em que é permitido aos sacerdotes entrar, como se entraria num lugar profano, significam a terra e o mar, que estão abertos a todos os homens. E a terceira parte, que lhes é inacessível, é como um céu reservado a Deus somente, pois o céu é a sua morada.

Os doze pães da proposição significam os doze meses do ano. Os véus, tecidos de quatro cores, indicam os quatro elementos, pois o linho refere-se à terra, que o produz, e é da mesma cor; a púrpura significa o mar, pois é tingida com o sangue de um certo peixe; o escarlate representa o fogo (a túnica do

sumo sacerdote significa também a terra); o jacinto, que tende para a cor do azul, representa o céu; as sementes de romã, os relâmpagos; o som das campainhas, os trovões.

O éfode, tecido de quatro cores, representa também toda a natureza (penso que o ouro foi acrescentado para representar a luz). O racional, que está no meio, representa também a terra, que está no centro do mundo, e o cinto que o rodeia tem relação com o mar, que circunda a terra. Quanto às sardônicas que servem de colchetes, indicam o Sol e a Lua. As outras doze pedras preciosas simbolizam os meses do ano.

A tiara, sendo da cor do jacinto, significa o céu, sem o que não seria digno de que nela se escrevesse o nome de Deus, e a tríplice coroa de ouro representa, por seu brilho, a sua glória e a sua soberana majestade. Eis de que modo julguei dever explicar todas essas coisas, a fim de não perder a ocasião, nem neste lugar, nem em outros, de fazer conhecer a grande sabedoria do nosso admirável legislador.

CAPÍTULO 9

DEUS ORDENA ARÃO SUMO SACERDOTE.

120. Êxodo 28, 29, 30 e 40. Tudo estava preparado, e não restava mais que consagrar o Tabernaculo. Deus então apareceu a Moisés e ordenou-lhe que fizesse a Arão, seu irmão, sumo sacerdote, porque era mais digno que qualquer outro para esse cargo. Moisés reuniu o povo, falou-lhe das virtudes de Arão e do interesse deste pelo bem público, que tantas vezes o fizera arriscar a vida. E todos não somente concordaram com a escolha, mas o aprovaram com alegria.

Então Moisés assim lhes falou: "Todas as obras que Deus havia ordenado estão terminadas, segundo a sua vontade e segundo as nossas posses. Como vós sabeis, Ele quer honrar este Tabernaculo com a sua presença, mas é necessário, antes de tudo o mais, criar o sumo sacerdote, aquele que é o mais competente para bem desempenhar esse cargo, a fim de que cuide de tudo o que se refere ao culto divino e ofereça a Ele os vossos votos e as vossas orações. Confesso que, se essa escolha tivesse dependido de mim, eu teria podido desejar essa honra, seja porque todos os homens são naturalmente levados a

desejar incumbência tão honrosa, seja porque vós não ignorais quantas dificuldades e trabalhos sofri pelo bem vosso e da República. Mas Deus mesmo, que destinou Arão há muito tempo para esse sagrado ministério, conhecendo-o como o mais justo dentre vós, o mais digno de ser honrado, deu-lhe o seu voto e julgou em seu favor. Assim, Arão oferecer-lhe-á de ora em diante, por vós, orações e votos, e Ele os escutará tanto mais favorávelmente quanto, além do amor que vos tem, eles lhe serão apresentados por aquele que Ele escolheu para ser o vosso intercessor junto dEle".

121. Essas palavras agradaram bastante ao povo, que aprovou por sufrágios a escolha feita por Deus. Arão era, sem dúvida, o que devia ser elevado a tão alta dignidade, quer por causa de sua descendência, quer pelo dom de profecia que recebera, quer pela eminente virtude de Moisés, seu irmão. Ele tinha, então, quatro filhos: Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar.

122. Moisés determinou que o resto do que se ofertara à construção do Tabernáculo fosse usado para a confecção do que era necessário à sua cobertura, bem como para se cobrir o candelabro de ouro, o altar de ouro, sobre o qual se fariam as incensações, e, do mesmo modo, todos os outros vasos, a fim de que quando se levassem essas coisas para o campo não fossem deterioradas pela chuva, nem pela poeira, nem por algum outro inconveniente do ar. Reuniu depois o povo e ordenou-lhe que cada um contribuísse ainda com meio sido, que é uma moeda dos hebreus, cujo valor é de quatro dracmas áticas. Eles executaram a ordem imediatamente, e então seiscentos e cinco mil e quinhentos homens deram essa quantia, embora somente as pessoas livres e da idade de vinte e cinco até cinqüenta anos tivessem contribuído. Esse dinheiro foi imediatamente empregado em benefício do Tabernáculo.

123. Moisés, então, purificou o Tabernáculo e os sacerdotes, deste modo: tomou quinhentos sidos de mirra escolhida, o mesmo peso de lírio roxo e a metade de canela e de bálsamo. Mandou bater tudo isso num him de óleo de oliveira, uma medida que contém dois coros áticos, e com isso fez um bálsamo, ou óleo, que tinha ótimo perfume e com o qual ungiu o Tabernáculo e os sacerdotes, e assim os purificou. Ofereceu, em seguida, sobre o altar de ouro, uma grande quantidade de excelentes perfumes, que, para não aborrecer o leitor, não descreverei em particular. E nunca deixou de queimá-lo duas vezes por dia,

para fazer a incensação antes do nascer do sol e ao seu ocaso. Guardavam também o óleo purificado para alimentarem as lâmpadas do candelabro de ouro, das quais três ardiam durante o dia e as outras três à tarde. Bezalel e Aoliabe empregaram sete meses para fazer as obras de que acabo de falar e, então, passou-se o primeiro ano depois da saída do Egito. Eram dois artífices admiráveis, principalmente Bezalel, e eles, por si mesmos, inventaram várias coisas.

124. Êxodo 40. No começo do ano seguinte, no mês que os hebreus denominam nisã e os macedônios xântico, na lua nova, foi consagrado o Tabernáculo e todos os vasos que lá estavam. Deus então deu a conhecer que não fora em vão que o seu povo trabalhara numa obra tão magnífica, testemunhando o quanto ela lhe era agradável e como Ele queria ali morar e dar-lhe a honra de sua presença. Eis de que modo isso aconteceu: o céu era sereno, em toda a sua extensão, mas sobre o Tabernáculo apareceu uma nuvem, não tão espessa como as do inverno, mas suficiente para impedir que se pudesse ver através dela, e um pequeno orvalho caiu, o qual significava, para os que tinham fé, que Deus lhes ouvira os votos e os honrava com a sua presença.

125. Moisés, depois de recompensar todos os operários, cada qual segundo o seu mérito, ofereceu sacrifícios à entrada do Tabernáculo, como Deus lhe havia ordenado, isto é, um touro com um carneiro e um bode, pelos pecados. Direi como se faziam essas cerimônias quando falar dos sacrifícios e enumerarei as vítimas que eram oferecidas em holocausto e que deviam ser inteiramente queimadas e quais as que deviam ser comidas, segundo a permissão da Lei.

126. Levítico 8. Moisés borrifou com o sangue dos animais imolados as vestes de Arão e de seus filhos e os purificou com água da fonte e com o bálsamo de que há pouco falei, para que fossem feitos sacerdotes do Senhor. E continuou durante sete dias a fazer a mesma coisa. Santificou também o Tabernáculo e todos os vasos, com esse bálsamo e com o sangue dos touros e dos carneiros, dos quais todos os dias se matava um de cada espécie.

Levítico 9. Ordenou em seguida que se festejasse o sétimo dia e que cada qual sacrificaria segundo as suas posses. Eles obedeceram, com alegria, e ofereceram vítimas à porfia, as quais, apenas eram colocadas sobre o altar, e

um fogo proveniente dele as consumia completamente, de uma vez, como se fosse um raio, na presença de todo o povo.

127. Levítico 10. Arão sentiu então a maior dor que podia sentir um pai. Como tinha a alma elevada, julgou que Deus a havia permitido e suportou-a generosamente. Nadabe e Abiú, seus dois filhos mais velhos, tendo oferecido outras vítimas que não as determinadas por Moisés, as chamas se lançaram contra eles com tanta violência que lhes queimaram o estômago e o rosto. E eles morreram, sem que fosse possível socorrê-los. Moisés determinou que o pai e os irmãos levassem os corpos para fora do acampamento, a fim de serem sepultados honrosamente. E, embora todo o povo chorasse essas mortes tão inesperadas, proibiu-lhes que os lamentassem, de modo a ensinar-lhes que, tendo sido alguém honrado com a dignidade do sacerdócio, a glória de Deus lhe devia ser mais sensível que o afeto particular.

128. Esse santo e admirável legislador recusou em seguida todas as honras que o povo lhe queria conceder, para entregar-se totalmente ao serviço de Deus. Não subia mais ao monte Sinai para consultá-lo, mas entrava no Tabernáculo a fim de ser instruído por Ele em tudo o que devia fazer. Continuou sempre, por modéstia, quer no vestuário, quer em tudo o mais, a viver como homem simples, sem ser diferente dos outros, exceto no cuidado que tinha da República. Dava por escrito ao povo as leis e as regras que deviam observar para viver em união e em paz e ser agradáveis a Deus. E eles nada faziam em tudo isso que não fosse conforme as ordens que dele recebiam.

129. A seu tempo, falarei dessas leis. É preciso, porém, acrescentar aqui uma coisa que eu havia omitido no que se refere às vestes do sumo sacerdote, e é que Deus, para impedir que os que usavam essas vestes, tão santas e tão magníficas, pudessem abusar dos homens sob o pretexto do dom da profecia, jamais lhes honrava os sacrifícios sem dar sinais visíveis de sua presença, não somente ao seu povo mas também aos estrangeiros que lá se encontrassem. Quando lhe aprazia fazer esse favor, uma das duas sardônicas de que falei (e de cuja natureza seria inútil dizer algo, porque todos as conhecem bastante) — a que estava sobre o ombro direito do sumo sacerdote — lançava tal claridade que podia ser percebida de muito longe, o que, não lhe sendo natural e não acontecendo fora da ocasião, devia causar admiração àqueles que fingem

parecer sábios, pelo desprezo que votam à nossa religião.

Eis, porém, aqui, outra coisa ainda mais admirável. É que Deus se servia ordinariamente dessas doze pedras preciosas, que o sumo sacerdote trazia sobre o seu essém, ou racional, para pressagiar a vitória. Pois antes que se levantasse o acampamento, delas saía tão viva luz que todo o povo ficava sabendo que a soberana Majestade estava presente e prestes a ajudá-los. Isso faz com que todos dentre os gregos que não têm aversão pelos nossos mistérios e se persuadiram pelos seus próprios olhos desse milagre chamem o essém de logiom, que significa "oráculo", ou "racional". Mas quando comecei a escrever isto, havia duzentos anos que essa sardônica e esse racional não lançavam mais tal resplendor e luz, porque Deus está irritado conosco, por causa de nossos pecados, como direi em outro lugar. Vou agora retomar o fio da minha narração.

130. O Tabernáculo foi consagrado, e terminaram-se todas as coisas referentes ao serviço de Deus. O povo, fora de si pela alegria de ver que Deus se dignava morar no acampamento e ficar no meio deles, só pensava em entoar cânticos em seu louvor e em oferecer-lhe sacrifícios, como se não houvesse mais perigos nem males a temer e se tudo fosse suceder-lhes dali por diante segundo desejassem.

As tribos em geral e cada um em particular ofereciam presentes à sua adorável Majestade. Os doze chefes e príncipes dessas tribos ofereceram seis carros atrelados cada um com dois bois, para levar o Tabernaculo, e cada um deles ofereceu ainda um vaso do peso de setenta sidos, uma bacia do peso de cento e trinta sidos e um turíbulo que continha dez dáricos, que se enchiam de diversos perfumes. O vaso e a bacia serviam para pôr-se a farinha misturada com óleo, que se usava no altar dos sacrifícios. Para a expiação dos pecados, ofereciam-se em holocausto um novilho, um carneiro e cordeiros de um ano, juntamente com um bode. Cada um desses príncipes oferecia também outras vítimas, a que chamavam salutares e que consistiam em dois bois, cinco carneiros, cordeiros e cabritos de um ano. Isso faziam por doze dias em seguida, cada um somente no seu dia.

Moisés, como eu disse, não subia mais ao monte Sinai, no entanto entrava no Tabernaculo para consultar a Deus e saber dEle que lei queria

estabelecer. Essas leis foram tão excelentes que só podiam ser atribuídas a Deus, e nossos antepassados as conservaram tão religiosamente durante alguns séculos que nunca julgaram que os prazeres da paz ou as necessidades da guerra os pudessem tornar desculpáveis, se as violassem. Mas me reservarei para falar disso num trabalho à parte.

CAPÍTULO 10

LEI QUE SE REFERE AOS SACRIFÍCIOS, AOS SACERDOTES, ÀS FESTAS E OUTRAS SOLENIDADES, TANTO CIVIS QUANTO POLÍTICAS.

131. Narrarei, aqui, somente algumas das leis que se referem às purificações e aos sacrifícios, pois estamos tratando dessa matéria. Há duas espécies de sacrifícios: particulares e públicos. Estes são ainda de duas maneiras, pois ou a vítima é totalmente consumida pelo fogo, o que lhe fez merecer o nome de holocausto, ou é oferecida em ação de graças e comida com essa mesma disposição por aqueles que a oferecem. Começarei por falar da primeira.

Levítico 1. Quando um homem particular oferece um sacrifício, apresenta um boi, um cordeiro e um cabrito. Os dois últimos não devem ter mais de um ano e o boi pode ter mais, porém devem ser machos e consumidos totalmente. Quando são imolados, os sacerdotes borrifam o altar com o sangue e, depois de os lavarem bem, cortam-nos em pedaços, põem sal e os colocam sobre o altar, onde o fogo já está aceso. Lavam depois os pés e as entranhas dos animais e as lançam ao fogo com o resto. As peles, porém, pertencem aos sacerdotes. Assim é que se faz, para os holocaustos.

Levítico 3. Nos sacrifícios que se fazem em ação de graças, matam-se animais da mesma espécie, mas é preciso que sejam sem mancha e tenham mais de um ano, não importando se forem fêmeas ou machos. Depois de imolados os animais, os sacerdotes borrifam o altar com o sangue e em seguida lá atiram os rins, parte do fígado e toda a gordura com a cauda do cordeiro. O peito e a coxa direita pertencem aos sacerdotes, e os que oferecem o sacrifício podem comer o que sobrar, durante dois dias, depois dos quais devem queimar o que restou. A mesma coisa se deve observar nos sacrifícios oferecidos pelos

pecados. Os que não têm meios de sacrificar, porém, oferecem dos animais somente duas pombas ou duas rolas, uma das quais é oferecida em holocausto, sendo que a outra pertence aos sacerdotes, como explicarei mais detalhadamente no tratado que escreverei sobre os sacrifícios.

Aquele que pecou por ignorância oferece um cordeiro e um cabrito, ambos fêmeas e da idade que já dissemos. Mas os sacerdotes borrifam com o sangue somente os ângulos do altar, em vez de borrifá-lo por inteiro, e colocam sobre o altar os rins com uma parte do fígado e toda a gordura. Conservam para si a pele e toda a carne, que comem durante aquele dia, no Tabernáculo. A Lei proíbe que se guarde alguma coisa para o dia seguinte.

Aquele que pecou voluntariamente, mas em segredo, oferece um carneiro, como a Lei o determina, e os sacerdotes comem-lhe também a carne, naquele mesmo dia, no Tabernáculo.

Quando os chefes das tribos oferecem sacrifício pelos pecados, fazem-no como o povo em geral, com esta única diferença: é preciso que o touro e o cabrito sejam machos.

Levítico 2. A Lei determina também que nos sacrifícios, tanto particulares quanto públicos, se leve com o cordeiro a medida de um gômer de farinha de trigo, com um carneiro, dois gômeres e com um touro, três gômeres. Prescreve ainda que se ofereça com o touro a metade de um him de óleo — antiga medida dos hebreus que continha dois coros áticos —, com um carneiro, a terça parte dessa medida e com um cordeiro, a quarta parte. Além disso, era obrigatório oferecer a mesma quantidade de vinho, que se derramava em redor do altar. E, se alguém, para cumprir um voto, oferece em sacrifício farinha de trigo, lança-se um punhado sobre o altar e os sacerdotes tomam o resto para comer ou fazê-la cozer, misturan-do-a com óleo ou fazendo bolos. Mas é preciso queimar tudo o que o sacerdote oferece. A Lei proíbe oferecer em sacrifício um filhote de qualquer animal sem oferecer também a mãe, caso aquele não tenha pelo menos oito dias.

Oferecem-se também outros sacrifícios, tanto para se recuperar a saúde quanto por qualquer outro motivo, e comem-se bolos com a carne dos animais, dos quais os sacerdotes têm a sua parte, não lhes sendo permitido reservar qualquer porção para o dia seguinte.

Números 22 e 29. A Lei manda ainda sacrificar todos os dias, à custa do povo, ao nascer do dia e à tarde, um cordeiro de um ano e dois no dia de sábado, que se oferecem do mesmo modo. Na lua nova, oferecem-se, além das vítimas ordinárias, dois bois, sete cordeiros de um ano e um carneiro. E, se alguma coisa fosse esquecida, oferecia-se um bode pelos pecados, e no sétimo mês, ao qual os macedônios chamam hiperbereteom, ofereciam-se ainda um touro, um carneiro, sete cordeiros e um bode, pelos pecados.

No décimo dia da lua do mesmo mês, jejua-se até a tarde. Sacrificam-se, pelos pecados, um touro, um carneiro, sete cordeiros e um bode. E mais dois bodes, um dos quais é levado vivo para fora do acampamento, para o deserto, a fim de que o castigo merecido pelo povo por causa seus pecados caia sobre a cabeça desse animal. O outro bode é levado a uma arrabalde, isto é, um lugar próximo do acampamento e muito limpo, onde é queimado inteiro, com a pele, e dele nada se reserva.

Queima-se também um touro, que não é dado pelo povo, mas pelo sacerdote. Este, depois que levam ao Tabernáculo o sangue desse touro e o do bode, mergulha o dedo nele e borrifa sete vezes a coberta e o pavimento e outras tantas vezes a parte interna e as proximidades do altar de ouro e do grande altar que está descoberto à entrada do Tabernáculo. Levam-se depois, desses animais, as extremidades, os rins, parte do fígado e toda a gordura ao altar, e o sumo sacerdote acrescenta, de seu, um carneiro, que é oferecido a Deus em holocausto.

132. Levítico 23. No décimo quinto dia desse mesmo mês, aproximando-se o inverno, foi dada ao povo ordem de firmar bem as suas tendas e os seus pavilhões, cada um segundo as suas famílias, para que pudessem resistir ao vento, ao frio e às outras vicissitudes dessa triste estação. E, quando chegassem à terra que Deus lhes prometera, deveriam dirigir-se à cidade que lhes seria a capital, porque nela o Templo seria construído, e ali celebrar uma festa durante oito dias, oferecendo vítimas a Deus, umas para serem queimadas em holocausto e outras em ação de graças, e levando em suas mãos ramos de mirto, de salgueiro e de palmas, aos quais se prenderiam limões.

0 sacrifício que se faz no primeiro desses oito dias é de holocausto, no qual se oferecem treze bois, catorze cordeiros, dois carneiros e um bode, para a

expia-ção dos pecados. Continua-se nos dias seguintes a fazer a mesma coisa, exceto que se diminui um boi cada dia, até que o número seja reduzido a sete. O oitavo dia é de descanso e se comemora não se fazendo obra alguma. Sacrificam-se nesse dia, como já dissemos, um novilho, um carneiro, sete cordeiros e um bode, para o pecado [Êx 12,13 e 23]. Eis a seguir as cerimônias do Tabernáculo, que sempre foram observadas entre os homens de nossa nação.

133. Levítico 23, Números 9 e Deuteronômio 16. No mês de xântico, a que chamaram nisã e com o qual começa o ano, no décimo quarto dia da lua, quando o Sol está na linha de Áries, que é o tempo em que os nossos pais saíram do Egito e do cativeiro juntamente, a Lei nos obriga a renovar o sacrifício que então fizeram e ao qual se dá o nome de Páscoa. E celebramos essa festa segundo as nossas tribos, sem nada reservar para o dia seguinte das coisas sacrificadas, que é o décimo quinto dia do mês e o primeiro da festa dos Asmos, que se segue imediatamente à da Páscoa e dura sete dias, durante os quais não se come outro pão a não ser desse, sem fermento, e matam-se cada dia dois touros, um carneiro e sete cordeiros, que são oferecidos em holocausto, aos quais se acrescenta, pelos pecados, um cabrito, do qual os sacerdotes se alimentam.

No décimo sexto dia do mês, que é o segundo dos Asmos, começa-se a comer os grãos que foram recolhidos e nos quais ainda não se tocou. Como é justo testemunhar a Deus gratidão pelos bens de que lhe somos devedores, oferecem-se as primícias da cevada, deste modo: faz-se secar no fogo um feixe de espigas e delas se tira o grão, que é limpo. Depois é oferecida sobre o altar a medida de um gômer, da qual lá se deixa um punhado — o resto é para os sacerdotes. Em seguida, é permitido a todo o povo fazer a ceifa, quer em geral, quer em particular. E, nesse tempo de primícias, oferece-se a Deus um cordeiro em holocausto.

134. Levítico 23. Sete semanas depois da festa da Páscoa, que são quarenta e nove dias, oferece-se a Deus, no qüinquagésimo dia, que os hebreus chamam Asarta, isto é, "plenitude de graças", e os gregos, Pentecostes, um pão de farinha de trigo, de dois gômeres, feito com fermento, e matam-se dois cordeiros, que servem para a ceia dos sacerdotes, sem que se possa reservar

coisa alguma para o dia seguinte. Quanto aos holocaustos, oferecem-se três novilhos, dois carneiros, catorze cordeiros e dois bodes pelos pecados.

135. Não há festa na qual não se ofereça holocausto e não se deixe de trabalhar, pois são duas coisas que a Lei obriga indispensavelmente a observar. Depois dos sacrifícios, come-se o que foi oferecido. Dão-se também, para esse fim, às custas do povo, vinte e quatro medidas de farinha de trigo, das quais se faz pão sem fermento. Destes, cozem-se dois a dois, na vigília do sábado. E, na manhã desse sábado, colocam-se doze sobre a mesa sagrada, seis de um lado e seis de outro, em frente uns dos outros, e lá ficam, com os pratos cheios de incenso, até o sábado seguinte, quando, depois de se terem colocado outros em seu lugar, são entregues aos sacerdotes, para que os comam.

O incenso é queimado no fogo, para que consuma os holocaustos, e põe-se outro com os pães. O sumo sacerdote oferece, de seu, duas vezes por dia, uma medida de farinha pura, misturada com óleo e um pouco cozida, da qual lança pela manhã a metade no fogo, e à tarde, a outra metade. Mas basta de falar dessas coisas, que explicarei melhor em outro lugar.

136. Números 3. Depois que Moisés separou a tribo de Levi das outras, para consagrá-la a Deus, purificou-a com água da fonte e ofereceu sacrifício. Entregou-lhes em seguida a guarda do Tabernáculo e dos vasos sagrados e ordenou-lhes que se ocupassem com grande cuidado desse mister, segundo os sacerdotes o ordenassem. Assim, os dessa tribo começaram desde então a ser considerados como consagrados a Deus.

Levítico 7 e 17. Moisés declarou nessa mesma ocasião que animais eram considerados puros, dos quais era permitido comer, e de quais não era permitido comer, por serem impuros. Diremos disso a razão quando se apresentar oportunidade. Quanto ao sangue, foi absolutamente proibido alguém alimentar-se dele, porque julgavam que a alma e o espírito dos animais estavam encerrados no sangue. Proibiu-se também comer a carne dos que morriam por si mesmos, bem como gordura de cabra, de ovelha e de boi.

137. Levítico 14. Ordenou Moisés que os leprosos fossem separados dos outros, como também os homens que sofressem de fluxo de sêmen; que as mulheres não teriam relações com os homens senão sete dias depois de terminadas as suas purgações; que quem tivesse sepultado um cadáver só seria

considerado puro oito dias depois; que o homem que continuasse por mais de sete dias a ser vítima de fluxo de sêmen ofereceria dois cordeiros fêmeas, um dos quais seria sacrificado, e o outro, dado aos sacerdotes; que quem tivesse polução noturna deveria se lavar na água fria, para se purificar, como os maridos depois de se terem aproximado de suas esposas; que os leprosos seriam separados para sempre dos demais e considerados corpos mortos; e que, se Deus respondesse às orações de um deles e alguém recobrasse a saúde e uma cor viva comprovasse que estava curado da doença, tal pessoa testemunharia a sua gratidão por meio de diversas oblações e sacrifícios, de que falaremos em outro lugar.

Isso faz ver o quanto é ridícula a fábula inventada por aqueles que dizem que Moisés fugiu do Egito porque tinha lepra e que nós, hebreus, tendo sido também atingidos pela doença, fomos levados por ele, pela mesma razão, à terra de Canaã. Se isso fosse verdade, teria ele desejado, para a sua própria vergonha, estabelecer semelhante lei? Acaso não se teria oposto a ela se outro a tivesse apresentado, visto que há nações entre as quais os leprosos não são desprezados nem separados dos outros e ainda são elevados a honras, a cargos militares na guerra, a empregos públicos no governo e mesmo admitidos aos Templos?

Se então Moisés estivesse contaminado por essa doença, quem o teria impedido de dar ao povo leis que seriam antes vantajosas para ele que prejudiciais? E assim, não fica claro que isso é coisa inventada, por pura malícia, contra a nossa nação? Mas a verdade é que, como Moisés estava isento da doença e vivia com um povo que também o era, ele instituiu essa lei para a glória de Deus, com relação aos contaminados. Deixo a cada qual, todavia, a liberdade de julgar como bem lhe aprouver.

138. Levítico 12. Moisés proibiu também às mulheres que haviam dado à luz recentemente entrar no Tabernáculo e assistir às funções. Só poderiam entrar quarenta dias depois, se tivessem tido um filho, ou após oitenta dias, se fosse uma filha, e eram obrigadas, depois desse tempo, a oferecer vítimas, sendo uma parte destas consagrada a Deus. A outra pertencia aos sacerdotes.

139. Números 5. Se um marido desconfiava da esposa e ela era suspeita de adultério, oferecia uma medida de farinha de cevada: jogava um punhado

sobre o altar, e o resto era para os sacerdotes. Um dos sacerdotes punha então a mulher à porta que está em frente do Tabernáculo, tirava-lhe o véu que tinha sobre a cabeça, escrevia o nome de Deus em um pergaminho e a obrigava a declarar com juramento se havia profanado a fidelidade conjugai. E ela acrescentava esta imprecação: se a tivesse violado e o seu juramento fosse falso, que a sua coxa direita se destrancasse no mesmo instante e o seu ventre se rasgasse e ela morresse assim miseravelmente. Mas se, ao contrário, o marido, impelido somente pelo ciúme, por excesso de amor, havia injustamente suspeitado dela, prouvesse a Deus dar-lhe um filho dentro de dez meses.

Após esse juramento, o sacerdote mergulhava na água o pergaminho sobre o qual havia escrito o nome de Deus. Depois que esse nome ficava completamente apagado e diluído pela água, misturava a água com a poeira do pavimento do Tabernáculo e dava a mistura para a mulher beber. Se fora acusada injustamente, ela engravidaria e daria à luz em felicidade. Mas se, ao contrário, era culpada de ter por falso juramento e por sua impudicícia faltado à fidelidade a Deus e ao marido, morria com infâmia, da maneira que dissemos.

140. Essas foram as leis que Moisés deu ao povo com relação aos sacrifícios e às purificações. Eis ainda outras que ele também criou: proibiu absolutamente o adultério, pois julgava que a felicidade do casamento consistia nessa pureza e naquela fidelidade que o marido deve à mulher e a mulher ao marido e que importa à República que os filhos sejam legítimos.

141. Levítico 18, 29 e 21. Moisés condenou como crime horrível o incesto cometido com a própria mãe, ou madrasta, ou tia, tanto do lado paterno como do materno, ou irmã, ou nora. Proibiu coabitar com a própria mulher enquanto ela estivesse nas suas purgações. Condenou como crime abominável o coito com animais ou com rapazes e ordenou para todos esses pecados a pena de morte.

142. Quanto aos sacerdotes, quis que fossem muito mais castos que os outros, pois não somente os obrigou a observar essas mesmas leis, mas lhes proibiu esposar mulher que houvesse sido abandonada, ou escrava, ou alguma que tivesse sido hospedeira, cabareteira ou repudiada, fosse qual fosse o motivo.

Acrescentou ainda, com relação ao sumo sacerdote, que ele não podia,

como os outros sacerdotes, desposar viúva, mas seria obrigado a receber uma virgem e conservá-la. Proibiu-lhe ainda aproximar-se de algum morto, embora fosse permitido aos outros aproximar-se de pais, mães, irmãos e filhos mortos. Acrescentou, para todos, que fossem verdadeiros e muito sinceros em todas as suas palavras e ações. Se entre os sacerdotes houvesse algum defeito corporal, ser-lhe-ia permitido estar com os demais, mas não poderia subir ao altar ou entrar no Templo. Eram obrigados a ser puros e castos não somente quando celebravam o serviço divino, mas em todo o resto de sua vida.

Levítico 10. Quando usavam a veste sagrada,* conveniente ao seu ministério, eram obrigados, além da pureza na qual deviam sempre viver, a tal sobriedade que lhes era proibido beber vinho, e as vítimas que ofereciam deviam ser de animais inteiros, sem mancha. Essas foram as leis que Moisés outorgou no deserto e fez observar durante a sua vida. Instituiu ainda outras para serem observadas no futuro, quando o povo estivesse de posse da terra de Canaã.

143. Levítico 5. Moisés determinou que de sete em sete anos a terra descansasse, sem ser cultivada. Não se plantaria nela coisa alguma, do mesmo modo como havia ordenado que no sétimo dia o povo não trabalhasse. A isso acrescentou que tudo o que a terra produzisse por si mesma no ano de descanso seria comum a todos, mesmos aos estrangeiros, e não seria permitido a ninguém guardar alguma coisa disso.

Quis também que a mesma coisa se observasse depois de sete vezes sete anos e que no ano seguinte, que é o qüinquagésimo e Jubileu dos hebreus, isto é, liberdade, os devedores ficassem livres de todas as suas dívidas e os escravos fossem libertados. Entende-se serem estes todos os que antes eram livres, mas foram reduzidos à escravidão em vez de serem condenados à morte, como castigo por terem violado alguma lei. Essa lei determinava também que as heranças voltariam aos seus antigos possessores, desta maneira: quando o Jubileu se aproximasse, o vendedor e o comprador da herdade calculavam juntos o que ela rendera e as despesas que haviam feito. Se a renda superasse as despesas, o vendedor retomava a herdade, e se, ao contrário, as despesas superassem a renda, o vendedor restituía o excesso, e a herdade voltava a ele. No entanto, se a renda fosse igual às despesas, o antigo possessor retomava a posse de sua herdade.

A mesma coisa se observava quanto às casas que estavam nas cidades e nas aldeias rodeadas de muros: o vendedor podia voltar à sua casa, dando o preço da alienação antes de o ano terminar. Mas se deixasse de o entregar, o comprador estava confirmado na sua posse. Moisés recebeu todas essas leis do próprio Deus, no monte Sinai, para dá-las ao povo, quando estavam acampados aos pés do monte, e escreveu-as para serem observadas por aqueles que viessem depois deles.

Capítulo 11

Recenseamento do povo. Sua maneira de acampar e de levantar acampamento e a ordem em que marchavam.

144. Números 1. Moisés, tendo assim provido o que se referia ao culto a Deus e ao governo do povo, voltou a sua atenção para o que concernia à guerra, pois estava prevendo que a nação teria grandes lutas a sustentar, e começou por ordenar aos príncipes e aos chefes de tribos, exceto à de Levi, que fizessem um recenseamento exato de todos os que estavam em condições de pegar em armas [Nm 26]. Como os levitas haviam sido consagrados ao serviço de Deus, estavam dispensados de todo o resto. Feito o recenseamento, constataram que seiscentos e três mil seiscentos e cinqüenta eram aptos. No lugar da tribo de Levi, Moisés pôs Manasses, filho de José, no número dos príncipes das tribos e Efraim no lugar de seu pai, José, segundo o que vimos, pois Jacó pedira a José que lhe desse os dois filhos em adoção.

145. O Tabernáculo foi colocado no meio do acampamento, e três tribos postaram-se de cada lado, com grandes espaços entre elas. Escolheram um grande lugar para instalar um mercado, onde seria vendida toda espécie de mercadoria. Os negociantes e os artífices foram estabelecidos em suas tendas e oficinas com tal ordem que parecia uma cidade. Os sacerdotes e depois deles os levitas ocupavam os lugares mais próximos do Tabernáculo [Nm 9]. Fez-se à parte uma contagem dos levitas, que somaram vinte e três mil oitocentos e oitenta homens, incluídas as crianças de mais de trinta dias.

146. Êxodo 40 e Números 10. Durante todo o tempo em que a nuvem de que falamos cobria o Tabernáculo, o que denotava a presença de Deus, o

exército permanecia no mesmo lugar. Quando a nuvem se afastava, mudava-se o acampamento. Moisés inventou uma espécie de trombeta de prata, feita como vou dizer. Tinha o comprimento de quase um côvado, e o tubo era mais ou menos como uma flauta. Não tinha aberturas, a não ser a que era necessária para a boca. A extremidade era semelhante à de uma trombeta comum. Os hebreus chamam-na asofra. Moisés mandou fazer duas delas, uma das quais servia para reunir o povo, e a outra, para reunir todos os chefes quando era necessário tomar alguma deliberação sobre a República. Quando se tocavam as duas ao mesmo tempo, todos, geralmente, se reuniam.

147. Quando o Tabernáculo mudava de lugar, era a seguinte a ordem que se observava. Ao primeiro som de trombeta, as três tribos que estavam do lado do oriente levantavam acampamento. Ao segundo som, as três tribos que estavam do lado sul faziam o mesmo. Desarmavam em seguida o Tabernáculo, que devia ser colocado entre essas seis tribos, que marchavam atrás. Os levitas ficavam em redor do Tabernáculo. Ao terceiro som de trombeta, as três tribos que estavam do lado do ocidente também marchavam. E, ao quarto som de trombeta, as três que estavam do lado do setentrião seguiam-nas. Serviam-se dessas mesmas trombetas nos sacrifícios, tanto nos dias de sábado quanto nos outros. E assim, solenizou-se então, por meio de sacrifícios e oblações, a primeira Páscoa celebrada por nossos pais depois que saíram do Egito.

CAPÍTULO 12

MURMURAÇÃO DO POVO CONTRA MOISÉS E O CASTIGO QUE DEUS LHES IMPÕE.

148. Números 11. O exército havia levantado acampamento perto do monte Sinai e, tendo marchado durante alguns dias, chegaram a um lugar chamado Iseremote.* Ali começaram novamente a murmurar e a lançar sobre Moisés a culpa de todos os seus males, dizendo que fora por sua insistência que haviam abandonado um dos melhores países do mundo; que, em lugar da felicidade que os fizera esperar, viviam oprimidos por toda espécie de misérias; que não tinham água; e que, se o maná lhes viesse a faltar, a morte lhes seria inevitável.

Acrescentavam várias outras injúrias contra Moisés. Mas um dentre eles

declarou que não deviam esquecer assim os favores que lhe deviam nem desesperar do socorro de Deus. Tais palavras, em vez de acalmá-los, irritaram-nos ainda mais, e aumentaram a murmuração. Moisés, sem se admirar de vê-los tão injustamente revoltados contra ele, disse-lhes que, embora não tivessem razão alguma para tratá-lo daquele modo, prometia obter de Deus carne em abundância, não somente para um dia, mas para vários. E, como não quisessem acreditar nele e alguém lhe perguntasse como poderia dar de comer a tão grande multidão, respondeu-lhe: "Vereis logo que nem Deus nem eu, que somos tão pouco considerados por vós, deixaremos de vos ajudar".

Apenas acabara de dizer essas palavras, todo o acampamento ficou coberto de codomizes, de que cada qual tomou quanto quis. Mas Deus não deixou de castigá-los imediatamente, pela insolência e pela maneira injuriosa com que haviam tratado o seu servo. Isso custou a vida a vários deles, o que fez com que se desse a esse lugar o nome que tem ainda hoje: Chibrotaba,** isto é, "sepulcros da concupiscência".

---

* Ou Hazerote.

** Ou Quibrote-Hataavá.

CAPÍTULO 13

MOISÉS MANDA EXPLORAR A TERRA DE CANAÃ. MURMURAÇÃO E SEDIÇÃO DO POVO POR CAUSA DO RELATÓRIO QUE LHES FOI FEITO. JOSUÉ E CALEBE FALAM GENEROSAMENTE DE CANAÃ. MOISÉS, DA PARTE DE DEUS, ANUNCIA-LHES QUE, COMO CASTIGO PELO PECADO, ELES NÃO ENTRARIAM NA TERRA QUE ELE LHES HAVIA PROMETIDO, MAS QUE SOMENTE OS SEUS FILHOS A POSSUIRIAM. LOUVOR DE MOISÉS, A EXTREMA VENERAÇÃO EM QUE SEMPRE VIVEU E COMO AINDA É VENERADO.

149. Números 13 e 14. Moisés levou em seguida o exército para as fronteiras dos cananeus, a um lugar chamado Para, onde é difícil morar, e ali falou a todo o povo, desta maneira: "Deus, pela sua extrema bondade para convosco, prometeu-vos a liberdade, terra abundante e toda espécie de bens.

Agora desfrutareis uma e logo outra, pois acabamos de chegar à fronteira dos cananeus, dos quais nem os reis, nem as cidades, nem todas as forças unidas juntamente nos poderão impedir o usufruto do efeito de suas promessas. Preparai-vos, portanto, para combater generosamente, pois não será sem luta que vos abandonarão esse rico país. Mas nós o possuiremos contra a vontade deles, depois de os termos vencido. Precisamos começar por mandar alguém verificar a fertilidade da terra e a força dos que nela habitam. E necessitamos, principalmente, nos unirmos todos, mais do que nunca, e prestarmos a Deus a honra que lhe devemos, a fim de que Ele seja o nosso protetor e o nosso auxílio".

O povo enalteceu bastante essas propostas e escolheu doze dos mais importantes entre eles, um de cada tribo, para ir explorar o país dos cananeus, a Começar do lado que limita com o Egito, continuando até a cidade de Hamate e o monte Líbano. Empregaram quarenta dias nessa viagem e, depois de considerarem bastante a natureza do país e de estarem muito particularmente informados da maneira de viver dos seus habitantes, fizeram uma relação do que tinham visto e trouxeram frutos daquela terra, cujo tamanho e beleza animaram o povo a conquistá-la. Mas, ao mesmo tempo, todos esses enviados, exceto dois, desanimaram o povo pela dificuldade da empresa, dizendo que era necessário atravessar grandes rios, muito profundos, escalar montanhas quase inacessíveis, atacar cidades muito fortes e poderosas, combater os gigantes com se haviam deparado em Hebrom e que nada haviam encontrado de tão temível depois de haverem saído do Egito.

O medo desses homens passou assim do seu espírito para o do povo, que perdeu a esperança de obter um feliz resultado em tão difícil empreendimento. E então voltaram às suas tendas, com as suas mulheres e filhos, para lastimar a sua desgraça. O sofrimento e o desânimo levou-os mesmo a dizer que Deus lhes fazia muitas promessas, mas que não viam os resultados. Insurgiram-se ainda contra Moisés e passaram toda a noite a clamar contra ele e contra Arão. E, logo que raiou o dia, reuniram-se tumultuosamente, com o intento de apedrejá-los e de voltar para o Egito.

Josué, filho de Num, da tribo de Efraim, e Calebe, da tribo de Judá, que eram dois dos doze que haviam ido fazer o reconhecimento, vendo aquela

desordem e temendo as conseqüências, disseram-lhes que não deviam perder a esperança, nem acusar a Deus de ser infiel às suas promessas e nem prestar fé aos vãos temores de que ouviram falar, representando as coisas muito diferentes do que eram na realidade, mas deviam acreditar na palavra deles e segui-los para a conquista daquela terra tão fértil; que se ofereciam para servir-lhes de guia naquela gloriosa empresa; que não viam nisso tantas dificuldades como lhes haviam dito: as montanhas não eram tão altas nem aqueles rios tão profundos que pudessem arrefecer nos homens a coragem; e que nada tinham a temer, pois Deus se manifestava em favor deles e queria combater por eles. "Marchai, pois, sem temor", acrescentaram, "na certeza de seu auxílio, e segui-nos para onde estamos prontos a vos levar!"

Enquanto esses dois verdadeiros e generosos israelitas assim falavam, para procurar acalmar a multidão tão revoltada, Moisés e Arão, prostrados por terra, rogavam a Deus não que os livrasse do furor do povo, mas que tivesse piedade da loucura daquela gente e lhes acalmasse os espíritos perturbados pelas necessidades presentes e por vãs apreensões para o futuro. A oração foi ouvida, e viu-se uma nuvem cobrir todo o Tabernáculo, sinal de que Deus o enchia com a sua presença.

Moisés, então, cheio de confiança, apresentou-se ao povo e disse-lhes que Deus estava resolvido a castigá-los, não tanto quanto eles o mereciam, mas do modo como o bom pai castiga os seus filhos. "Pois", acrescentou, "tendo entrado no Tabernáculo para pedir-lhe com lágrimas que não vos exterminasse, Ele me fez ver os benefícios com que já vos presenteou, bem como a vossa extrema ingratidão e a ofensa que lhe fazeis em prestar mais fé a falsas referências que às suas promessas. No entanto garantiu-me que, por vos ter escolhido dentre todas as nações para serdes o seu povo, não vos destruirá inteiramente, mas, para castigo de vosso pecado, não possuireis a terra de Canaã, nem desfrutareis a doçura e a abundância de seus frutos, e andareis errantes durante quarenta anos pelo deserto, sem ter casa nem cidades, o que não impedirá que Ele dê a vossos filhos a posse do país e dos bens que vos prometeu e dos quais vos tornastes indignos por vossa murmuração e desobediência".

Essas palavras encheram o povo de espanto e de profunda tristeza.

Rogaram a Moisés que fosse o seu intercessor junto a Deus, para que Ele se dignasse esquecer-lhes a falta e cumprisse as suas promessas. Ele respondeu-lhes que não deviam esperar que a sua soberana Majestade se deixasse comover pelos seus rogos, porque não fora por transporte de cólera ou por leviandade, como os homens, mas por ato de justiça e de vontade deliberada que Deus havia pronunciado contra eles aquela sentença.

150. Ainda que pareça incrível que um só homem tenha podido acalmar num momento uma quase incontável multidão de homens, no mais forte de sua agitação e revolta, não há motivo para admiração, porque Deus, que sempre assistia Moisés, lhes havia preparado o coração para deixar-se persuadir por aquelas palavras, e porque já haviam experimentado muitas vezes, no meio de tanta infelicidade que os afligiu, castigos pela incredulidade e desobediência. Mas que maior sinal se pode desejar da eminente virtude desse admirável legislador e da maravilhosa autoridade que conquistou do que ver que não somente aqueles que viviam no seu tempo, mas toda a sua posteridade o tem em veneração? Tanto é que, ainda hoje, não se vê entre os hebreus quem não se julgue obrigado a observar com exatidão as suas ordens ou que não o considere presente e prestes a castiaar quem as infringir.

Dentre várias outras provas dessa autoridade mais que humana por ele adquirida, eis aqui uma, que me parece muito importante. Pessoas que tinham vindo das províncias de além do Eufrates para visitar o nosso Templo e nele oferecer os seus sacrifícios, tendo caminhado com grande perigo durante quatro meses, com muitas despesas e dificuldades, não puderam conseguir nem mesmo uma parte pequenina dos animais que ofereceram em holocausto, pois a nossa lei não o permite, por certas razões. Outras não puderam obter a licença para sacrificar. Outras ainda foram obrigadas a deixar os seus sacrifícios incompletos. E outras, por fim, não puderam sequer entrar no Templo. No entanto não se julgaram ofendidas e nem fizeram a menor queixa, preferindo obedecer às leis estabelecidas por esse grande personagem a satisfazer os próprios desejos. Essas pessoas foram levadas a tal submissão unicamente pela admiração à virtude de Moisés, porque, persuadidos de que ele recebera essas leis do próprio Deus, consideravam-no mais que um homem.

E, não há muito tempo, pouco antes da guerra dos judeus, sob o reinado

do imperador Cláudio, quando Ismael era sumo sacerdote, a Judéia foi flagelada por uma grande carestia — uma medida de farinha era vendida por quatro dracmas. Levou-se, para a festa dos Asmos, setenta medidas, que perfazem trinta e um medins sicilianos e quarenta e um medins áticos, sem que nenhum dos sacerdotes, embora atormentados pela fome, ousasse tocar naquilo para comer, de tanto que temiam faltar à Lei e atrair sobre si a cólera de Deus, que castiga tão severamente os pecados, mesmo os ocultos.

Quem se admirará, então, de que Moisés tenha feito coisas tão extraordinárias, se depois de tantos séculos e ainda hoje vemos, no que deixou escrito, tal autoridade que mesmo os nossos inimigos são obrigados a reconhecer que foi o próprio Deus quem, por meio dele, outorgou aos homens uma regra de vida tão perfeita e se serviu de seu admirável proceder para fazer com que a recebessem? Todavia deixo a cada qual que julgue como lhe aprouver.

Livro Quarto

Capítulo 1

Murmuração dos israelitas contra Moisés. Eles atacam os cananeus sem sua ordem e sem ter consultado a Deus. São postos em fuga, com grandes perdas. Recomeçam a murmurar.

151. Números 14. Por maiores que fossem as penas sofridas pelos israelitas no deserto, nada os afligia mais que o fato de Deus não lhes permitir guerrear contra os cananeus. Eles não queriam obedecer às ordens de Moisés, que lhes havia mandado ficar em descanso, e, convencidos de não terem necessidade do auxílio dele para vencer os inimigos, acusavam-no de querer deixá-los sempre naquela miséria, a fim de que não pudessem passar sem ele.

Assim, resolveram empreender essa guerra, na certeza de que não era em consideração a Moisés que Deus os favorecia, mas porque Ele se havia declarado protetor deles, como o fora de seus antepassados; que Ele, depois de os haver libertado da servidão, por causa da virtude deles, lhes daria a vitória se combatessem valentemente; que eram bastante fortes por si mesmos para vencer os inimigos, embora Moisés estivesse tentando impedir que Deus lhes fosse favorável; que lhes seria mais vantajoso governar-se por seu próprio conselho que obedecer cegamente a Moisés, como a um tirano, depois de sacudido o jugo dos egípcios; que já havia muito tempo se deixavam enganar por seus artifícios, quando ele se vangloriava de ter colóquios com Deus e de ser por Ele instruído em todas as coisas, como se ele, por uma graça particular, fosse o único a conhecer o futuro ou se eles não pertencessem também à raça de Abraão; que a prudência os obrigava a desprezar o orgulho de um homem e a confiar somente em Deus para conquistar um país do qual Ele lhes havia prometido a posse; e que, enfim, não deviam deixar-se mais iludir por Moisés sob o pretexto das ordens que ele fingia dar-lhes da parte de Deus.

Todas essas considerações, unidas à extrema necessidade em que se en-

contravam naqueles lugares desertos e estéreis, fê-los tomar essa deliberação, e marcharam contra os cananeus. E aquele povo, sem se admirar de vê-los aproximar-se tão audaciosamente e em tão grande número, recebeu-os com tanta violência que mataram muitos ali mesmo e puseram os outros em fuga, perseguindo-os até o acampamento. Essa perda afligiu tanto os israelitas que, após se terem vangloriado com a esperança de um feliz resultado, constataram que Deus estava irritado, porque, sem esperar ordem dEle, se haviam aventurado à guerra, e agora tinham motivo de temer ainda mais o futuro.

152. Moisés, vendo-os tão abatidos e temendo que os inimigos, orgulhosos pela vitória, a quisessem levar mais além, conduziu o exército para o deserto, depois que todos lhe prometeram obediência, que nada mais fariam sem o seu conselho e só atacariam os cananeus depois de receber ordens de Deus. Porém, como os grandes exércitos obedecem com dificuldade aos seus chefes, principalmente quando sofrem muito, os israelitas, cujo número era de seiscentos mil combatentes e que mesmo na prosperidade eram muito indóceis, oprimidos por tantas dificuldades, recomeçaram a murmurar contra Moisés e voltaram toda a sua cólera contra ele.

Essa sedição progrediu tanto que não conhecemos outra semelhante, seja entre os gregos, seja mesmo entre os bárbaros, e teria causado a ruína inteira do povo se Moisés, sem considerar a ingratidão que demonstravam, querendo apedrejá-lo, não os tivesse livrado do perigo por um ato extraordinário de sua bondade. Eles estavam não somente ultrajando o seu legislador, mas ao próprio Deus, desprezando os mandamentos que Ele lhes havia preparado. Vou dizer-lhes qual foi a causa dessa sedição e do proceder de Moisés, depois de a ter debelado.

Capítulo 2

Corá e duzentos e cinqüenta dos principais israelitas de tal modo revolucionam o povo que eles tentam apedrejar Moisés e Arão. Moisés fala-lhes com tanta veemência que acalma a sedição.

153. Números 16. Corá, que era muito considerado entre os hebreus, tanto por sua descendência quanto por suas riquezas, e cujas palavras eram

persuasivas a ponto de causar grandíssima impressão no espírito do povo, concebeu tanta inveja ao ver Moisés elevado a tal autoridade e preferido a ele, da mesma tribo e muito mais rico, que se queixou em voz alta a todos os levitas e particularmente aos parentes. Dizia ser coisa insuportável que Moisés, pela sua ambição, por seus artifícios e com o pretexto de comunicações com Deus, buscasse apenas a própria glória, em detrimento de todos os outros, e assim, contra toda razão e sem ter em conta os votos do povo, tivesse escolhido Arão, seu irmão, para sumo sacerdote e, por usurpação tirânica, distribuído as outras honras a quem lhe aprouve conceder.

Disse também que a injúria que lhes fazia era tanto maior e mais perigosa quanto secreta e sem aspecto de violência, e assim a liberdade deles se acharia oprimida antes que o pudessem perceber — porque, enquanto os que se sabiam indignos de comandar eram elevados a tal honra, com o consentimento de todos, aqueles que, ao contrário, haviam perdido a esperança de lá chegar pelos caminhos da honestidade e da liceidade e não ousavam empregar a força, por medo de perder a reputação de probidade, usavam de todas as espécies de meios ilícitos para isso. Assim, a prudência os obrigava a castigar semelhantes atentados, antes que os culpados se julgassem descobertos e sem esperar que, tendo-se fortalecido, passassem por inimigos públicos e declarados.

"Pois qual razão", acrescentou ele, "pode Moisés alegar, para conferir a dignidade de sumo sacerdote a Arão e aos filhos deste, preferindo-os a todos os outros?" Se Deus havia desejado que a tribo de Levi fosse elevada a essa honra, ele, Cora, devia ter sido preferido a Arão, pois era da mesma tribo que este, porém mais rico e mais velho. E se, ao contrário, a antigüidade das tribos fosse considerada, a honra devia ter sido concedida à de Rúben e dada a Data, Abirão e Fala, que eram os mais velhos e mais ricos dessa tribo!

Cora assim falava com pretexto de aflição e interesse pelo bem público, mas na verdade queria incitar o povo à rebelião e obter, por intermédio deste, o sumo sacerdócio. As queixas espalharam-se não somente em toda a tribo de Levi, mas logo passaram também às outras, com mais exagero ainda, pois cada qual lhes acrescentava um ponto, e o acampamento inteiro ficou cheio desses sentimentos. As coisas progrediram tanto que duzentos e cinqüenta dentre os principais entraram no partido de Cora, intentando destituir Arão do sumo sa-

cerdócio e desonrar Moisés.

O povo rebelou-se de tal modo que tomaram pedras para matar Arão e Moisés, e todos correram em massa, com horrível tumulto, para o Tabernáculo. Gritavam que para se libertarem da escravidão era necessário matar aquele tirano que lhes ordenava coisas insuportáveis sob o pretexto de obedecer a Deus, mas que Ele não teria tolerado ver Arão eleito sumo sacerdote como se fora escolha dEle, havendo tantos outros mais dignos de ocupar o cargo, e que quando desejasse concedê-lo não seria pelo ministério de Moisés, e sim pelo sufrágio de todo o povo.

154. Embora Moisés fosse informado das calúnias de Cora e visse a que fúria o povo se deixava transportar, não se admirou, porque confiava na pureza de sua consciência e sabia que não fora somente ele, mas também o próprio Deus quem havia honrado Arão com o sumo sacerdócio. Assim, ele apresentou-se corajosamente à irritada multidão. E, em vez de dirigir a palavra a todo o povo, dirigiu-a a Cora, apontando com o dedo aquelas duzentas e cinqüenta pessoas de classe que o acompanhavam.

Elevando a voz, assim lhes falou: "Estou de acordo em que vós e os que vejo unidos a vós sois muito respeitáveis e não desprezo mesmo a ninguém dentre o povo, embora vos sejam inferiores em riquezas, bem como em tudo o mais. Todavia se Arão foi constituído sumo sacerdote, não o foi por suas riquezas, pois sois mais ricos que ele e eu juntamente. Não foi também por causa da nobreza de sua descendência, pois Deus nos fez nascer todos os três de uma mesma família, e temos um mesmo avô. Não foi também o afeto fraterno que me fez elevá-lo a esse cargo, pois se eu tivesse considerado outra coisa senão a Deus e a obediência que lhe devo, teria preferido antes tomar essa honra para mim, pois ninguém me é mais próximo que eu mesmo. Que interesse teria eu de ficar me expondo ao perigo, ao qual estou sujeito por causa das injustiças, e deixar a outro o cargo mais vantajoso? Sou inocente desse crime, mesmo porque Deus não toleraria que eu o desprezasse dessa maneira ou que vos tivesse feito ignorar o que devíeis fazer para agradá-lo. Ora, ainda que tenha sido Ele mesmo, e não eu quem honrou Arão com esse cargo, ele está pronto a cedê-lo àquele que for escolhido pelo vosso sufrágio, sem pretender prevalecer-se daquilo que obteve assaz dignamente. Porque, ainda

que o tenha ocupado com a vossa aprovação, é tão pouco ambicioso que prefere renunciar a dar motivo para tão grande alvoroço. Faltamos por acaso ao respeito para com Deus, aceitando o que Ele se comprouve em nos oferecer, ou teríamos, ao contrário, podido recusá-lo sem cometer impiedade? Mas, como compete a Deus confirmar a dádiva que nos fez, cabe-lhe também declarar novamente de quem lhe apraz servir-se para apresentar-lhe os sacrifícios em vosso favor e ser o ministro das ações referentes à vossa piedade. Ou Cora seria ousado o bastante para pretender, pelo desejo que tem, elevar-se a essa honra e tirar a Deus o poder de dispor dela?

Deixai, pois, de promover tão grande tumulto: o dia de amanhã decidirá essa questão. E cada qual dos pretendentes venha de manhã, com um turíbulo na mão, fogo e perfumes. E vós, Cora, não tenhais a ousadia de querer passar por cima de Deus e esperai o seu julgamento sem vos querer elevar acima dEle. Contentai-vos de vos pôr no número dos que aspiram a essa dignidade, da qual não vejo por que Arão deva ser destituído — não mais que vós, pois ele é da mesma descendência e não se poderia acusá-lo de ter faltado em coisa alguma nas funções do cargo. Quando vos tiverdes reunido, oferecereis incenso a Deus na presença de todo o povo, e aquele ao qual Ele testemunhar a oblação mais agradável será constituído sumo sacerdote, sem que haja qualquer pretexto para me acusar de ter conferido por minha própria iniciativa essa honra ao meu irmão se Deus se declarar em favor dele".

As palavras de Moisés tiveram tal força que fizeram cessar imediatamente toda a rebelião e as suspeitas que se haviam suscitado dele. O povo não somente aprovou a proposta, mas a louvou, como só podendo ser vantajosa para a República, e assim a assembléia se dissolveu.

CAPÍTULO 3

CASTIGO ESPANTOSO DE CORA, DATÃ E ABIRÃO E DOS DE SEU PARTIDO.

155. Números 16. No dia seguinte, todo o povo reuniu-se para ver, pelos sacrifícios que se fariam, a quem Deus escolheria para o sumo sacerdócio. A expectativa de tal acontecimento não foi isenta de tumulto, pois, além da multidão naturalmente ávida de novidades e inclinada a falar mal de seus

superiores, os espíritos estavam divididos: uns desejando que Moisés fosse publicamente reconhecido como culpado e os mais sensatos desejando ver terminada a sedição, que não podia continuar sem causar a ruína completa da República. Moisés mandou dizer a Data e a Abirão que viessem assistir aos sacrifícios, como se havia deliberado.

Eles recusaram-se, dizendo que não podiam mais tolerar que Moisés se atribuísse autoridade soberana sobre eles. Depois dessa resposta, ele fez-se acompanhar por alguns dos mais importantes e, embora colocado por Deus para governar a todos de modo geral, não deixou de ir procurar os revoltosos. Data e seus partidários, tendo sabido que ele vinha acompanhado, saíram de suas tendas com as suas esposas e filhos para esperá-lo e levaram também gente consigo, para resistir-lhe, caso tentasse alguma coisa.

Quando Moisés se aproximou, levantou as mãos ao céu e, tão alto que todos puderam ouvi-lo, orou: "Soberano Senhor do Universo, que, levado pela compaixão livrastes o vosso povo de tantos perigos, vós que sois testemunha fiel de todas as minhas ações sabeis, Senhor, que tudo o que fiz foi por vossa ordem. Ouvi, pois, a minha oração! E, como penetrais até os pensamentos mais secretos dos homens e os recessos mais íntimos de seus corações, não deixeis, meu Deus, de fazer conhecer a verdade e de confundir a ingratidão daqueles que me acusam tão injustamente. Vós sabeis, Senhor, tudo o que se passou nos primeiros anos de minha vida e o sabeis não por terdes ouvido dizer, mas por terdes estado presente. Vós sabeis tudo o que me aconteceu depois, e esse povo também não o ignora. Mas, por interpretar maliciosamente o meu proceder, dai, por favor, meu Deus, testemunho de minha inocência. Não fostes vós, Senhor, que pelo vosso auxílio, por meu trabalho e pelo afeto que meu sogro tinha por mim, quando eu passava com ele uma vida tranqüila e feliz, me obrigastes a deixá-la para me entregar a tantos trabalhos e dificuldades, para a salvação deste povo e particularmente para tirá-lo do cativeiro? No entanto, depois de haver sido livre de tantos males por meu intermédio, me tornei objeto de seu ódio. Então vós, Senhor, que bem me quisestes aparecer no meio das chamas, no monte Sinai; que lá me fizestes ouvir a vossa voz e tornar-me espectador de tantos prodígios; que me mandastes levar as vossas ordens ao rei do Egito; que fizestes sentir o peso do vosso braço a todo o seu reino, para dar-

nos o meio de escapar de lá e da servidão; que humilhastes diante de nós o seu orgulho e o seu poder; que, quando não sabíamos o que fazer, nos abristes um caminho milagroso pelo mar e sepultastes em suas águas os egípcios que nos perseguiam; que nos destes armas quando estávamos desarmados; que tornastes doce, em nosso favor, as águas antes tão amargas; que fizestes sair água de um rochedo para matar a nossa sede; que nos destes víveres de além-mar quando não mais o podíamos obter da terra; que nos mandastes do céu um alimento antes desconhecido aos homens; e que, por fim, regulastes todo o nosso governo pelas admiráveis e santas leis que nos destes, vinde, ó Deus Todo-poderoso, julgar a nossa causa — vós que sois ao mesmo tempo juiz e testemunha incorruptível. Fazei todo o povo conhecer que jamais recebi presentes para cometer injustiças, nem preferi os ricos aos pobres, nem nada fiz de prejudicial à República, mas, ao contrário, sempre me esforcei por servi-la com todas as minhas forças. E agora, que me acusam de ter constituído a Arão sumo sacerdote não para obedecer-vos, mas por favor e por afeto particular, fazei ver que nada fiz sem ordem vossa e também qual o cuidado que vos apraz ter de nós, castigando Datã e Abirão como eles merecem, pois se atrevem a vos acusar de ser insensível e de vos deixardes enganar por meus artifícios. E, para que o castigo que dareis a esses profanadores de vossa honra e de vossa glória seja conhecido por todos, não os façais, por favor, morrer de uma morte comum e ordinária, mas que a terra, sobre a qual são indignos de andar, se abra para engoli-los, bem como a todas as suas famílias e todos os seus bens, e que esse fato incomum, causado por vosso soberano poder, seja um exemplo que ensine a todos o respeito que se deve ter por vossa suprema Majestade e uma prova de que não fiz no ministério com que me honrastes outra coisa senão executar as vossas ordens. Mas se, ao contrário, os crimes de que me acusam são verdadeiros, conservai os meus acusadores e fazei cair sobre mim somente o efeito único de minhas imprecações. Porém, Senhor, depois de terdes castigado dessa maneira os amotinadores de vosso povo, conservai, eu vos suplico, o resto na união, na paz e na observância de vossas santas leis, pois seria ofender à vossa justiça crer que ela quis fazer cair sobre os inocentes o castigo que somente os culpados mereceram".

Moisés uniu as próprias lágrimas a essa oração, e logo que a terminou

viu-se a terra tremer e agitar-se com violência semelhante à das ondas do mar, quando batidas pelos ventos numa grande tempestade. Todo o povo ficou petrificado de medo, e então a terra abriu-se com um ruído espantoso, tragando aqueles rebeldes juntamente com as suas famílias, as suas tendas e todos os seus bens e fechan-do-se em seguida sem deixar vestígio algum de tão prodigioso acontecimento.

Esse foi o fim desses miseráveis e como foram conhecidos o poder e a justiça de Deus. O castigo foi ainda mais deplorável porque os amigos dos revoltosos passaram, de uma vez, dos sentimentos que estes lhes haviam inspirado a uma disposição contrária, regozijando-se com a infelicidade deles em vez de lamentá-los. Eles louvaram com grandes aclamações o justo juízo de Deus e exclamaram que mereciam ser detestados como peste pública.

156. Moisés mandou vir em seguida os que disputavam a Arão o cargo de sumo sacerdote, a fim de conferi-lo àquele de quem Deus se tivesse dignado aceitar o sacrifício. O número destes era de duzentos e cinqüenta, todos muito estimados pelo povo, quer pela virtude de seus antepassados, quer por valores próprios. Arão e Cora apresentaram-se por primeiro, e todos estavam diante do Tabernáculo, com o turíbulo na mão. Então queimaram perfumes em honra a Deus.

Imediatamente apareceu um fogo imenso e terrível, como jamais se vira igual, mesmo quando montanhas cheias de enxofre vomitam de suas entranhas acesas turbilhões inflamados ou quando as florestas em chamas, onde o furor do vento aumenta ainda mais o incêndio, se reduzem a cinzas. Via-se que somente Deus seria capaz de acender um fogo tão brilhante e ao mesmo tempo tão ardente, e a sua violência consumiu de tal sorte os duzentos e cinqüenta pretendentes, e Cora com eles, que não restou o menor vestígio de seus corpos.

Somente Arão ficou sem receber queimadura alguma daquelas chamas sobrenaturais, para que não se pudesse duvidar de que eram efeito da onipotência de Deus. Moisés, para deixar à posteridade um monumento de tão memorável castigo e fazer tremer os ímpios que imaginassem que Deus podia ser enganado pela malícia dos homens, ordenou a Eleazar, filho de Arão, que anexasse ao altar de bronze os turíbulos dos infelizes que haviam perecido de maneira tão espantosa.

CAPÍTULO 4

NOVA MURMURAÇÃO DOS ISRAELITAS CONTRA MOISÉS. DEUS, POR MEIO DE UM MILAGRE, CONFIRMA PELA TERCEIRA VEZ A ARÃO NO SUMO SACERDÓCIO. CIDADES DETERMINADAS AOS LEVITAS. DIVERSAS LEIS ESTABELECIDAS POR MOISÉS. O REI DA IDUMÉIA RECUSA DAR PASSAGEM AOS ISRAELITAS. MORTE DE MIRIÃ, IRMÃ DE MOISÉS, E DE ARÃO, SEU IRMÃO, AO QUAL ELEAZAR, SEU FILHO, SUCEDE NO CARGO DE SUMO SACERDOTE. O REI DOS AMORREUS RECUSA DAR PASSAGEM AOS ISRAELITAS.

157. Números 17. Depois que todos, diante de uma prova tão evidente, reconheceram que não fora Moisés, mas Deus mesmo quem havia constituído a Arão e seus filhos no sumo sacerdócio, ninguém mais ousou contestá-la. Mas nem por isso o povo deixou de começar outra sedição, ainda mais perigosa e obstinada que a primeira, por causa do motivo que a fez nascer. Embora estivessem convencidos de que o que havia acontecido fora exclusivamente por ordem e permissão de Deus, eles passaram a imaginar que tudo sucedeu só para favorecer Moisés e a julgar que ele havia conseguido tanta coisa unicamente devido às suas solicitações e importunações, como se Deus tivesse por objetivo apenas reverenciá-lo, e não castigar os que o haviam ofendido tão gravemente.

Assim, eles não podiam tolerar o fato de terem visto morrer diante de seus olhos um número tão grande de pessoas cujo único crime, diziam, era o zelo demasiado pela glória de Deus e pelo seu serviço, e que Moisés se havia aproveitado disso para confirmar o irmão num cargo que nenhum outro mortal ousaria pretender, uma vez que os outros pretendentes haviam sido punidos daquele modo. Por outro lado, os parentes dos mortos animavam o povo, exortando-o a pôr um limite ao orgulhoso poder de Moisés, afirmando que a própria segurança deles o exigia.

Logo que Moisés foi avisado disso, o temor de uma rebelião que poderia ser muito perigosa fê-lo reunir o povo. Sem manifestar saber do que se passava e das queixas que faziam, para não irritá-lo ainda mais, ordenou aos chefes das

tribos que trouxessem cada qual uma vara. Sobre cada uma estaria escrito o nome de uma tribo, e declarou-lhes que o sumo sacerdócio seria dado à tribo que Deus indicasse como preferida às demais.

Essa proposta contentou-os. Eles trouxeram as varas, e o nome da tribo de Levi foi escrito sobre a de Arão. Moisés colocou-as todas no Tabernáculo e retirou-as no dia seguinte. Cada um dos chefes das tribos reconheceu a sua. O povo também as reconheceu, por meio de alguns sinais que haviam sido feitos. Estavam todas no mesmo estado que no dia anterior, porém a de Arão havia não somente produzido alguns brotos como também — o que era mais estranho — amêndoas maduras, porque aquela vara era de amendoeira.

O milagre deixou o povo de tal modo admirado que o seu ódio por Arão e Moisés mudou-se em veneração, pelo juízo que Deus manifestara em favor destes. Assim, com medo de resistir-lhe mais, concederam que Arão doravante desempenhasse pacificamente esse grande cargo. Eis como, depois que Deus o confirmou uma terceira vez, ele ficou de posse do sumo sacerdócio, sem que ninguém mais se atrevesse a contestá-lo, e de que modo, após tantas murmurações e sedições, o povo finalmente ficou em paz.

158. Números 18 e 35. Levftico 14, 18 e 26. Temendo que a tribo de Levi, vendo-se isenta da guerra, se ocupasse demais com as coisas necessárias à vida e descuidasse o serviço de Deus, Moisés determinou que se dariam a essa tribo, depois de conquistado o país de Canaã, quarenta e oito das melhores cidades de todas as terras que se encontrassem, não se estendendo além de duas milhas, e que o povo pagaria todos os anos a eles e aos sacerdotes a décima parte dos frutos que recolhesse, o que foi depois inviolavelmente cumprido.

Falemos agora dos sacerdotes. Moisés determinou que das quarenta e oito cidades dadas aos levitas, treze fossem cedidas àqueles, bem como a décima parte das décimas. Determinou também que o povo ofereceria a Deus as primícias de todos os frutos da terra, e aos sacerdotes, os primogênitos dos animais que podiam ser oferecidos em sacrifício, dos quais eles, com toda a sua família, comeriam a carne. Quanto ao animal que a Lei proibia comer, em vez do primogênito ofere-cer-se-ia um sido e meio, e cada homem ofereceria cinco sidos pelo primeiro filho nascido. As primícias da lã, dos carneiros e das

ovelhas eram também devidas aos sacerdotes, e os que coziam pão deveriam trazer-lhes bolos.

Números 6. Quando os chamados nazireus — porque faziam voto de deixar crescer o cabelo e não beber vinho — cumpriam o tempo de seu voto e vinham apresentar-se diante do Templo para cortar o cabelo, traziam as suas ofertas ao Senhor. Quanto aos que se haviam consagrado ao serviço de Deus e renunciavam voluntariamente ao ministério ao qual se haviam obrigado, deviam dar aos sacerdotes cinqüenta sidos o homem e trinta a mulher. Os que não podiam pagá-lo, entregavam-se à discrição dos sacerdotes.

Os que matavam os animais para comê-los em particular, e não para oferecer a Deus, eram obrigados a dar aos sacerdotes o intestino grosso, o peito e a espádua direita. Isso Moisés determinou para os sacerdotes, além do que o povo oferecia pelos pecados, como dissemos no livro precedente. Ele queria que as mulheres, as filhas e os criados tivessem parte em tudo, exceto no que era oferecido pelos pecados, do qual apenas os homens que exerciam o ofício divino podiam comer (e isso somente no Tabernáculo, no mesmo dia em que as vítimas eram oferecidas em sacrifício).

159. Números 20. Depois que Moisés acalmou a sedição e ordenou todas essas coisas, mandou avançar o exército até a fronteira dos idumeus e enviou na frente alguns embaixadores ao rei, para pedir-lhe passagem, com a promessa de não causar dano algum ao país e de pagar todas as coisas que tivesse de tomar, até mesmo a água, se ele quisesse. O rei não aceitou a proposta e veio com armas contra os israelitas, para resistir-lhes a passagem ou caso decidissem empregar a força. Moisés consultou a Deus, que o proibiu de tomar a iniciativa da guerra e determinou que voltassem para o deserto.

160. Nesse mesmo tempo, na lua nova do xântico, quarenta e um anos depois da saída do Egito, Miriã, irmã de Moisés, morreu. Enterraram-na publicamente, com toda a magnificência possível, sobre um monte de nome Seim. O luto durou trinta dias e quando terminou Moisés purificou o Templo, deste modo:

O sumo sacerdote matou próximo do campo, num lugar bem limpo, uma novilha vermelha sem mancha e que ainda não havia suportado jugo, mergulhou o dedo no sangue e borrifou sete vezes o Tabernáculo. Mandou pôr a

novilha inteira — com pele e intestinos — no fogo e lançou dentro um pedaço de madeira de cedro com hissopo e lã tingida de escarlate. Um homem puro e casto reuniu as cinzas e colocou-as num lugar muito limpo, e todos os que tinham necessidade de ser purificados, quer por haverem tocado na morta, quer por terem assistido aos funerais, lançaram um pouco de cinzas na água da fonte, onde mergulharam um ramo de hissopo e com ele se aspergiram no terceiro e no sétimo dia, passando assim a estar purificados. Moisés ordenou que continuassem a observar essa cerimônia após a conquista do país cuja posse Deus lhes havia prometido.

161. Números 20. Esse admirável guia conduziu em seguida o exército pelo deserto da Arábia e quando lá chegou, ao território da capital do país que antigamente se chamava Arcé e hoje se chama Petra, disse a Arão que subisse a uma alta montanha, que serve de limite a esse país, porque era o lugar onde teria fim a sua vida. Ele subiu, despojou-se dos ornamentos sacerdotais à vista de todo o povo e com eles revestiu a Eieazar, seu filho mais velho e sucessor, e morreu, com a idade de cento e vinte e três anos, na primeira lua do mês, que os atenienses chamam hecatombeom, os macedônios, lous e os hebreus, sabba. Assim, Moisés perdeu no mesmo ano a irmã e o irmão. E todo o povo lastimou a morte de Arão durante trinta dias.

162. Números 21. Depois disso, Moisés avançou com o exército até o rio Arnom, que nasce nas montanhas da Arábia e depois de atravessar todo o deserto entra no lago Asfaltite e separa os moabitas dos amorreus. É um país tão fértil que basta para sustentar os seus habitantes, embora sejam numerosos. Moisés mandou embaixadores a Siom, rei dos amorreus, para pedir-lhe passagem, nas mesmas condições que havia proposto ao rei da Iduméia. Mas o soberano também recusou o pedido e reuniu um grande exército para se opor aos israelitas, caso tentassem passar o rio.

CAPÍTULO 5

OS ISRAELITAS DERROTAM OS AMORREUS E EM SEGUIDA AO REI OGUE, QUE VINHA NO AUXÍLIO DESTES. MOISÉS AVANÇA NA DIREÇÃO DO JORDÃO.

163. Moisés julgou não dever tolerar aquela recusa tão ultrajosa do rei

dos amorreus. Além disso, considerando que o povo por ele conduzido era tão indócil e inclinado à murmuração e que a ociosidade, unida à necessidade na qual se encontravam, podia facilmente levá-los a novas rebeliões, julgou conveniente tirar-lhes o motivo. Consultou a Deus para saber se deveria abrir passagem pela força, e Ele não somente o permitiu como prometeu-lhe ainda a vitória. Assim, Moisés empreendeu a guerra com toda confiança e encheu os seus soldados de esperança e de coragem, dizendo-lhes que era chegado o tempo de satisfazer o desejo de ir à guerra, porque Deus mesmo os levava a empreendê-la.

Tão logo receberam permissão, tomaram as armas com alegria, puseram-se em batalha e marcharam contra os inimigos. Os amorreus, vendo-os vir a si com tanto entusiasmo, ficaram de tal modo apavorados que se esqueceram da própria audácia. Muito mal resistiram ao primeiro embate e depois fugiram. Os hebreus perseguiram-nos com tanta violência que não lhes deram oportunidade de se reunir de novo, lançando-os em grande desespero. Sem conservar ordem alguma, os amorreus procuravam chegar às suas cidades, para se defenderem com segurança. Mas como os hebreus não podiam admitir uma vitória imperfeita, sendo extremamente ágeis e muito hábeis em se servir da funda e de todas as armas próprias para se combater de longe e estando armados ligeiramente, ou alcançavam os fugitivos ou detinham a golpes de funda, dardos e flechas os que não podiam alcançar.

A carnificina foi muito grande, particularmente próximo do rio, pois os que fugiam eram não menos torturados pela sede que pela dor dos ferimentos recebidos, porque era verão e para lá se dirigiam em grande número, para beber. Siom, o seu rei, estava entre os mortos, e, como os mais valentes haviam morrido na batalha, os vitoriosos não encontraram mais resistência. Fizeram muitos prisioneiros, despojaram os mortos e conquistaram a maior presa no acampamento, que estava cheio de bens em virtude de a ceifa ainda não ter sido realizada.

Assim, foram os amorreus castigados pela sua imprudência no proceder e pela covardia no combate. Os hebreus tornaram-se senhores do país deles, que, como uma ilha, está cercado por três rios: do lado do sul pelo Arnom, do lado do norte pelo Jaboque, o qual perde o seu nome ao desaguar no Jordão, e do

lado do ocidente pelo mesmo Jordão.

164. Estavam as coisas nesse pé quando Ogue, rei de Galaade e Caulanite, que vinha em socorro de Siom, seu amigo e aliado, soube que ele havia perdido a batalha. Como era muito ousado, não deixou de querer combater com os israelitas e de se gabar da certeza de derrotá-los. Mas estes o desbarataram com todo o seu exército, e ele mesmo foi morto em combate. Era um gigante de estatura enorme, e seu leito, que era de ferro e podia ser visto na cidade capital de seu reino, chamada Rabatha,* tinha nove côvados de comprimento e quatro de largura. E Ogue não tinha menos coragem do que força.

Moisés, depois dessa vitória, atravessou o rio jaboque, entrou no reino de Ogue e apoderou-se de todas as cidades, fazendo matar os habitantes mais ricos. Tão grande êxito não trouxe aos hebreus apenas vantagem momentânea, mas lhes abriu caminho para outras conquistas, pois tomaram sessenta cidades fortes e bem municiadas. E nenhum deles houve, até o último soldado, que não ficasse rico.

Moisés levou depois o exército para o Jordão, a uma grande planície cheia de palmeiras e de bálsamo, em frente a Jerico, cidade rica e poderosa. Os israelitas estavam tão orgulhosos pela vitória que só falavam de guerra. Moisés, depois de oferecer a Deus, durante alguns dias, sacrifícios em ação de graças e após alimentar todo o povo, mandou uma parte do exército para devastar o país dos midianitas e atacar as suas cidades. Devemos, porém, relatar primeiro qual foi a origem dessa guerra.

____

* Ou Rabá.

CAPÍTULO 6

O PROFETA BALÃO TENTA AMALDIÇOAR OS ISRAELITAS A ROGO DOS MIDIANITAS E DE BALAQUE, REI DOS MOABITAS, MAS DEUS O OBRIGA A ABENÇOÁ-LOS. VÁRIOS ISRAELITAS, E ESPECIALMENTE ZINRI, LEVADOS PELO AMOR ÀS FILHAS DOS MIDIANITAS, ABANDONAM A DEUS E SACRIFICAM AOS FALSOS DEUSES. CASTIGO ESPANTOSO QUE DEUS LHES MANDA, PARTICULARMENTE A ZINRI.

165. Números 22, 23 e 24. Balaque, rei dos moabitas e unido aos midianitas pela amizade e por uma antiga aliança, começou a temer por si mesmo ao ver o progresso dos hebreus. Ele não sabia que Deus lhes havia proibido empreender a conquista de outros países que não o de Canaã. Assim, por um mau conselho, resolveu opor-se a eles. Todavia, como não ousava atacar uma nação cujas vitórias haviam tornado orgulhosa e altiva, pensou apenas em impedi-la de crescer e de continuar progredindo. Mandou por isso embaixadores aos midianitas, a fim de deliberar a respeito do que deveriam fazer.

Os midianitas enviaram esses mesmos embaixadores, juntamente com os homens mais importantes dentre o povo, a Balaão — célebre profeta e amigo de Balaque —, que morava próximo do Eufrates, para rogar-lhe que viesse fazer imprecações contra os israelitas. Ele recebeu muito bem os embaixadores e consultou a Deus para saber o que lhes responder. Deus proibiu-o de fazer o que desejavam, e por isso Balaão respondeu-lhes que bem queria poder testemunhar a afeição que lhes tinha, mas Deus, ao qual devia o dom da profecia, o proibira de aceitar a proposta, porque Ele amava o povo ao qual eles queriam obrigá-lo a amaldiçoar. Por esse motivo, ele os aconselhava a fazer a paz com os israelitas.

Voltaram os embaixadores com essa resposta, mas os midianitas, instados pelo rei Balaque, enviaram uma segunda embaixada ao profeta. Como este desejava agradá-los, consultou de novo a Deus, o qual, julgando-se ofendido, ordenou-lhe que fizesse o que os embaixadores queriam. Balaão, não percebendo que Deus lhe falara encolerizado pelo fato de ele não ter seguido a sua ordem, partiu com os embaixadores. No caminho, encontrou uma estrada entre dois barrancos, tão estreita que mal dava para passar, e aí um anjo veio ao seu encontro.

Quando o asno sobre o qual Balaão estava montado percebeu o anjo, quis voltar atrás e apertou o seu senhor tão fortemente contra um dos muros que o feriu, sem que os golpes dados pelo profeta, pela dor que sentia, pudessem fazer o animal caminhar. Como o anjo permanecesse parado e Balaão continuasse a bater no asno, Deus permitiu que o animal falasse ao profeta,

com palavras tão distintas quanto uma criatura humana teria podido proferir, que era estranho que, não tendo ele, o animal, dado o menor passo em falso, Balaão lhe batesse e não visse que Deus não aprovava que o profeta fosse ateVider ao desejo daqueles a quem ia encontrar.

Esse fato prodigioso espantou o profeta, ao mesmo tempo que o anjo lhe aparecia e o repreendia severamente por bater tanto no asno, sem motivo, quando era ele mesmo quem merecia ser castigado, por resistir à vontade de Deus. Essas palavras aumentaram o espanto de Balaão, e ele quis voltar atrás, mas Deus lhe ordenou que continuasse o caminho e só falasse o que Ele lhe inspirasse. Assim, ele foi ter com o rei Balaque, que o recebeu com alegria, e pediu ao príncipe que o fizesse levar a alguma montanha de onde pudesse ver o acampamento dos israelitas. Balaque, acompanhado por vários de sua corte, levou-o ele mesmo a uma montanha que distava do acampamento uns sessenta estádios. Balaão, depois de refletir, disse ao rei que fizesse erguer sete altares, para neles oferecer a Deus sete touros e sete carneiros. Isso se fez, e o profeta ofereceu as vítimas em holocausto, para saber de que lado surgiria a vitória.

Dirigindo depois a palavra ao exército dos israelitas, assim falou: "Povo bem-aventurado, do qual o próprio Deus deseja ser guia e quer cumular de benefícios, velando incessantemente pelas vossas necessidades. Nenhuma outra nação vos igualará em amor pela virtude, e os que nascerem de vós ainda vos hão de sobrepujar, porque Deus, que vos ama como sendo o seu povo, vos quer fazer o povo mais feliz de todos os homens que o Sol ilumina com os seus raios. Vós possuireis esse rico país que Ele vos prometeu. Vossos filhos possuí-lo-ão depois de vós, e as terras e o mar ressoarão com a fama do vosso nome e admirarão o brilho de vossa glória. Vossa posteridade multiplicar-se-á de tal modo que não haverá lugar no mundo onde não se difunda. Exército bem-aventurado, que por maior que sejais sois composto por descendentes de um único homem. A província de Canaã ser-vos-á suficiente agora, mas um dia o mundo inteiro não será grande o bastante para vos conter: o vosso número será igual ao das estrelas. Não povoareis somente a terra firme, mas também as ilhas. Deus vos dará em abundância toda sorte de bens durante a paz e vos fará vitoriosos na guerra. Assim, devemos nós desejar que os nossos inimigos e os seus descendentes ousem combater contra vós, pois não poderão fazê-lo sem

a sua completa ruína, de tanto que Deus, que se compraz em elevar os humildes e humilhar os soberbos, vos ama e favorece".

Balaão não pronunciou essas palavras proféticas de si mesmo, mas por inspiração do Espírito de Deus. O rei Balaque, ferido de dor, disse-lhe que aquilo não era o que ele lhes havia prometido e censurou-o porque, depois de haver recebido grandes presentes para amaldiçoar os israelitas, ele lhes dava, ao contrário, mil bênçãos.

O profeta respondeu-lhe: "Credes, então, que quando se trata de profetizar depende de nós dizer ou não o que desejamos? É Deus quem nos faz falar como lhe apraz, sem que tenhamos parte alguma nisso. Não me esqueci do pedido que os midianitas me fizeram. Vim com a intenção de contentá-los: não pensava em publicar elogios aos hebreus nem falar dos favores de que Deus resolveu cumulá-los. Mas Ele foi mais poderoso que eu, que resolvera, contra a sua vontade, agradar aos homens. Pois quando Ele entra em nosso coração torna-se dono dele. Assim, por desejar conceder felicidade a essa nação e tornar imortal a sua glória, Ele pôs-me na boca as palavras que pronunciei. No entanto, como os vossos pedidos e os dos midianitas são-me assaz importantes e para não deixar de fazer tudo o que dependa de mim, sou de opinião que se ergam outros altares e se façam outros sacrifícios, a fim de eu ver se poderemos aplacar a Deus com as nossas orações!"

Balaque aprovou essa proposta. Os sacrifícios foram renovados, mas Balaão não pôde conseguir de Deus a permissão para amaldiçoar os israelitas. Ao contrário, tendo-se prostrado em terra, predizia as desgraças que sucederiam aos reis e às cidades que os combatessem, entre as quais algumas que ainda não foram construídas. Mas o que aconteceu até aqui às que conhecemos, tanto em terra firme quanto nas ilhas, nos faz crer que o resto desse oráculo um dia há se de realizar.

166. Números 25. Balaque,. muito irritado por ver-se desiludido em suas esperanças, despediu Balaão sem lheprestar homenagem alguma. Tendo o profeta chegado próximo do Eufrates, pediu para falar ao rei e aos príncipes dos midianitas, aos quais disse: "Já que desejais,, ó rei, e vós, midianitas, que eu atenda em alguma coisa aos vossos rogos, contra a vontade de Deus, eis tudo o que vos posso dizer: não espereis que a raça dos israelitas pereça pelas armas,

pela peste, pela carestia ou por qualquer outro acidente, pois Deus, que a tomou sob a sua proteção, a preservará de todas as desgraças. Ainda que eles sofram algum desastre, levantar-se-ão com mais glória ainda, pois se tornarão mais sensatos pelo castigo. Mas se quereis triunfar sobre eles por algum tempo, dar-vos-ei o meio para tanto. Mandai ao seu acampamento as mais belas de vossas filhas, bem adornadas, e ordenai-lhes que de nada se esqueçam para suscitar amor aos mais jovens e aos mais corajosos dentre eles. Dizei-lhes que quando os virem ardendo de paixão por elas finjam querer retirar-se e quando rogarem que fiquem respondam que não é possível, a menos que eles prometam solenemente renunciar às leis de seu país e o culto ao seu Deus para adorar os deuses dos midianitas e dos moabitas. É o único meio que tendes para fazer com que Deus se encha de cólera contra eles".

Dizendo essas palavras, partiu. Os midianitas não titubearam em executar logo o conselho, isto é, enviar as suas filhas e instruí-las conforme ele lhes havia dito. Os jovens hebreus, arrebatados pela beleza das moças, conceberam uma ardente paixão por elas, declarando-a, e a maneira pela qual elas lhes responderam acendeu-a ainda mais. Quando as moças os viram perdidamente enamorados, fingiram querer voltar ao seu país, mas eles, com lágrimas, pediram-lhes que ficassem e prometeram desposá-las, tomando a Deus como testemunha do juramento que faziam: não as amariam somente como esposas, mas as tornariam senhoras absolutas deles próprios e de todos os seus bens.

Responderam elas: "Não precisamos de bens ou de algo que nos possa fazer felizes, sendo nós muito queridas por nossos pais, tanto quanto podemos desejar, e não viemos aqui para fazer comércio com a nossa beleza, mas, considerando-vos estrangeiros pelos quais nutrimos grande estima, quisemos fazer-vos esta cortesia. Agora que demonstrais tanto afeto por nós e tanto desprazer em ver-nos partir, não poderíamos deixar de ser vencidas pelos vossos rogos. Assim, se quereis, como dizeis, dar-nos a vossa palavra de nos tomardes por esposas, que é a única condição capaz de nos reter, ficaremos e passaremos convosco toda a nossa vida. Mas tememos que, depois de vos terdes cansado de nós, nos devolvais vergonhosamente, e vós nos deveis perdoar um temor tão razoável".

Os moços, enamorados, ofereceram-se para dar as garantias que elas desejassem de sua fidelidade, ao que as moças responderam: "Pois se tendes essa intenção, e como constatamos que tendes costumes diferentes dos de todos os outros povos, como o de só comer certas carnes e usar determinadas bebidas, é necessário, se nos quiserdes desposar, que adoreis os nossos deuses. Do contrário, não poderemos crer que o amor que dizeis sentir por nós seja verdadeiro. Afinal, não se poderia julgar estranho adorardes os deuses do país para onde ireis, aos quais todas as outras nações adoram, ou censurar-vos por isso, enquanto o vosso Deus só é adorado por vós e as leis que observais vos são todas particulares. Assim, toca-vos escolher: ou viver como os outros homens ou ir procurar outro mundo, onde possais viver como vos apraz".

Esses infelizes, levados por sua brutal e cega paixão, aceitaram as condições: abandonaram a fé de seus pais, adoraram vários deuses, ofereceram-lhes sacrifícios semelhantes aos dos midianitas e comeram indiferentemente de todas as iguarias. Para agradar àquelas moças, que se tornaram suas esposas, não temeram violar os mandamentos do verdadeiro Deus. E todo o exército viu-se num momento contaminado pelo veneno espalhado pelos moços, e a antiga religião ficou exposta a grave risco. Uma nova rebelião, mais perigosa que as primeiras, já começava a se esboçar.

Os moços, tendo experimentado as doçuras da liberdade que lhes davam as leis estrangeiras de viver segundo desejassem, deixavam-se levar sem nenhum obstáculo e corrompiam com o seu exemplo não apenas o povo, mas até mesmo pessoas de maior distinção. Zinri, chefe da tribo de Simeão, desposou Cosbi, filha de Zur, um dos príncipes de Midiã. E, para agradá-lo, ofereceu sacrifícios segundo o uso desse país e contra as ordens contidas na lei de Deus.

Moisés, vendo tão estranha desordem e temendo-lhes as conseqüências, reuniu o povo e sem censurar a ninguém em particular, receando fazer desesperar os que julgando poder esconder a propria falta eram capazes de voltar ao dever, disse-lhes que era coisa indigna de sua virtude e da de seus antepassados preferir a voluptuosidade à religião; que eles deviam cair em si mesmos enquanto ainda era tempo e mostrar a força de seu espírito, não desprezando as leis santas e divinas, mas reprimindo a paixão; que seria

estranho, após terem sido tão sensatos no deserto, se deixarem levar num país tão belo a tais desordens, perdendo na abundância o mérito que haviam conquistado durante a carestia.

Enquanto Moisés procurava com essas palavras levar os insensatos a reconhecer o próprio erro, Zinri retrucou-lhe: "Vivei, Moisés, se bem vos parece, segundo as leis que fizestes e que um longo uso até hoje autorizou, sem o qual há muito tempo lhes teríeis deixado o jugo e aprendido à vossa própria custa que não devíeis assim nos enganar. Por mim, quero que saibais que não mais obedecerei aos vossos tirânicos mandamentos, porque bem vejo que sob os vossos pretextos de piedade e de nos dar leis da parte de Deus usurpastes o governo por meios de artifícios e nos reduzistes à escravidão, proibindo-nos prazeres e tirando-nos a liberdade que todos os homens nascidos livres devem ter. Havia, acaso, em nosso cativeiro no Egito algo tão rude quanto o poder que vos atribuis, de nos castigar como vos apraz segundo leis que vós mesmos estabelecestes? Vós é que mereceis ser castigado, porque, desprezando as leis de todas as outras nações, quereis que somente as vossas sejam observadas e preferis assim o vosso juízo particular ao de todo o resto dos homens. Assim, como creio muito bem feito o que fiz e que era livre para fazer, não temo declarar diante de toda esta assembléia que desposei uma mulher estrangeira. Ao contrário, quero que o saibais de minha própria boca e que todos o saibam. É verdade também que sacrifico aos deuses aos quais proibis sacrificar, porque julgo não me dever submeter à tirania de receber somente de vós o que se refere à religião e não quero que me obrigueis a desejar somente o que quereis nem que tenhais mais autoridade sobre mim do que eu mesmo".

Zinri falava assim tanto em seu nome quanto no dos que eram de sua opinião. O povo aguardava em silêncio e temeroso o término dessa grande polêmica, porém Moisés não lhe quis responder, temendo incitar ainda mais a insolência de Zinri e que outros, imitando-o, aumentassem o tumulto. Assim, a assembléia se dissolveu, e as conseqüências desse mal teriam sido ainda mais perigosas não fora a morte de Zinri, que se deu como conto a seguir.

Finéias, que sem contestação era tido como o primeiro de seu tempo, tanto por causa de suas excelentes virtudes quanto pelo privilégio de ser filho de Eleazar, sumo sacerdote e sobrinho de Moisés, não pôde tolerar a ousadia de

Zinri. Com receio de que o desprezo pelas leis aumentasse ainda se ele ficasse impune, resolveu vingar aquele tão grande ultraje contra Deus. Como não houvesse coisa que não fosse capaz de fazer, porque não tinha menos coragem do que zelo, foi à tenda de Zinri e matou-o com um golpe de espada, morrendo também a mulher deste.

Vários outros moços, levados pelo mesmo espírito de Finéias e animados pela sua coragem e exemplo, lançaram-se sobre os que eram culpados do mesmo pecado de Zinri e mataram grande parte deles. E uma peste enviada por Deus fez morrer não somente todos os outros, mas também os parentes deles, que, em vez de repreendê-los e impedir que cometessem tão grave pecado, a ele os haviam levado. O número dos que pereceram desse modo foi de quatorze mil.

167. Números 31. Nesse entremeio, Moisés, irritado com os midianitas, mandou o exército marchar para exterminá-los completamente, como relatarei depois de narrar, em seu louvor, uma coisa que não deve passar em silêncio. É que, embora Balaão tivesse vindo a rogo dessa nação para amaldiçoar os hebreus e depois Deus o tivesse impedido, ele dera aquele detestável conselho de que acabamos de falar, com o qual julgava poder arruinar inteiramente a religião de nossos pais. Moisés, no entanto, concedeu-lhe a honra de inserir aquela profecia em seus escritos, ainda que teria sido fácil ao legislador atribuí-la a si mesmo sem que ninguém o pudesse censurar. Mas ele quis deixar à posteridade um testemunho tão vantajoso em sua memória. Deixo, porém, a cada qual que julgue como quiser e volto ao meu assunto.

Moisés enviou somente doze mil homens contra os midianitas, tendo cada tribo fornecido mil combatentes. Deu-lhes por chefe a Finéias, que acabava de restaurar a glória das leis e de vingar o crime que Zinri, violando-as, havia cometido.

Capítulo 7

Os hebreus vencem os midianitas e tornam-se senhores do país. Moisés constitui Josué guia do povo. Cidades construídas. Lugares de asilo.

168. Quando os midianitas viram os hebreus se aproximarem, reuniram

todas as suas forças e fortificaram todas as passagens por onde eles poderiam entrar em seu país. Travou-se o combate: os midianitas foram vencidos, e os hebreus mataram um número tão grande deles que mal se podiam contar os mortos, entre os quais estavam todos os reis: Hur, Zur, Reba, Evi e Requém, o qual deu nome à capital da Arábia, que o conserva ainda hoje e que os gregos chamam Petra. Os hebreus saquearam toda a província e, para obedecer à ordem que Moisés dera a Finéias, mataram todos os homens e todas as mulheres, sem poupar ninguém, exceto as moças, das quais levaram umas trinta e duas mil, e fizeram tal presa que tomaram cinqüenta e dois mil sessenta e sete bois, sessenta mil asnos e um número incrível de vasos de ouro e de prata, de que os midianitas se serviam ordinariamente, tão extravagante era o seu luxo.

Assim, Finéias voltou vencedor, sem ter sofrido perda alguma. Moisés distribuiu todos os despojos: deu uma qüinquagésima parte a Eleazar e aos sacerdotes e dividiu o resto entre o povo, que por esse meio ficou em condições de viver com maior abundância e de desfrutar em paz as riquezas que havia conquistado valorosamente.

169. Números 27 e Deuteronômio 3. Estando Moisés já bastante idoso, constituiu Josué guia do povo, por ordem de Deus, para sucedê-lo no dom da profecia e no comando do exército, de que era muito capaz. Era também grande conhecedor das leis divinas e humanas, devido às instruções que o próprio Moisés lhe ministrara.

170. Números 32. Nesse mesmo tempo, as tribos de Gade e de Rúben e metade da de Manasses, que eram muito ricas em gado e em todas as espécies de bens, rogaram a Moisés que lhes desse o país dos amorreus, conquistado algum tempo antes, porque era muito rico em pastagens. Esse pedido fê-lo crer que o desejo deles era evitar, sob esse pretexto, o combate contra os cananeus. Assim, disse-lhes que era apenas por covardia que lhe faziam aquele pedido, para viver em tranqüilidade numa terra conquistada pelas armas de todo o povo sem precisar se unir ao exército para a conquista além do Jordão, daquele país de que Deus lhes havia prometido a posse quando tivessem vencido os povos que Ele lhes ordenava tratar como inimigos.

Eles responderam que estavam tão longe da intenção de querer evitar o

perigo quanto desejavam colocar, por esse meio, as suas mulheres, os seus filhos e os seus bens em segurança, para estar sempre prontos a seguir o exército aonde os quisessem levar. Moisés, satisfeito com a explicação, concedeu-lhes o que pediam na presença de Eleazar, de Josué e dos principais chefes que ele reunira para esse fim, com a condição de que essas tribos marchariam com as outras contra os inimigos até que a guerra estivesse completamente terminada. Assim, eles tomaram posse daquele país e ali construíram cidades fortificadas. Puseram nelas as suas mulheres, filhos e bens, a fim de estarem mais livres para tomar as armas e cumprir a sua promessa.

Números 35, Deuteronômio 4 e 19 e Josué 20. Moisés construiu também dez cidades, para fazer parte das quarenta e oito de que falamos, e estabeleceu em três dessas dez alguns refúgios para aqueles que tivessem cometido assassínio involuntário. Determinou que esse exílio duraria toda a vida do sumo sacerdote sob cujo sacerdócio o crime fora cometido. Após a morte dele, porém, o homicida podia voltar ao seu país. Mas se durante o exílio fosse encontrado fora da cidade de refúgio por algum dos parentes do morto, este poderia matá-lo impunemente. Essas cidades chamavam-se Bezer, na fronteira da Arábia, Arimã, no país de Gileade, e Golã, em Basã. Moisés ordenou também que depois da conquista de Canaã se separassem ainda outras três, das que pertenceriam aos levi-tas, a fim de servirem igualmente para asilo ou lugar de refúgio.

Números 27 e 36. Nesse meio tempo, tendo morrido Zalfate,* que era um dos principais da tribo de Manasses, e deixado somente filhas, alguns dos mais eminentes representantes dessa tribo dirigiram-se a Moisés para saber se elas deveriam receber a herança do pai. Ele respondeu que se as moças se casassem com alguém da mesma tribo teriam esse direito. Não a receberiam, porém, se passassem a outra tribo, a fim de que, por esse expediente, fossem conservados em cada tribo os bens de todos os que a ela pertenciam.

---

* Ou Zelofeade.

CAPÍTULO 8

EXCELENTE DISCURSO DE MOISÉS. LEIS QUE OUTORGA AO POVO.

171. Deuteronômio 4. Quando faltavam apenas trinta dias para se dizer que eram passados quarenta anos desde a saída do Egito, Moisés mandou reunir todo o povo no lugar onde está agora a cidade de Abilã, à margem do rio Jordão, terra muito rica em palmeiras, e falou-lhes deste modo: "Companheiros de meus longos trabalhos, com quem passei tantos perigos, tendo chegado à idade de cento e vinte anos, é tempo de deixar o mundo. Deus não quer que eu vos assista nos combates que tereis ainda de sustentar, depois de passardes o Jordão. Quero empregar esse pouco de vida que me resta para fortalecer a vossa felicidade, quanto aos cuidados que dependem de mim, a fim de obrigar-vos a conservar o afeto pela minha memória. Terminarei os meus dias com alegria, fazendo-vos conhecer em que devereis firmar a vossa felicidade e com que meios podereis conseguir uma semelhante para vossos filhos. E, como não prestaríeis fé às minhas palavras? Pois não há testemunho pelo qual eu não me tenha esforçado em dar-vos que não fosse pelo interesse em vosso bem, e vós sabeis que os sentimentos de nossa alma jamais são tão puros como quando ela está prestes a abandonar o corpo. Filhos de Israel, gravai fortemente em vosso coração que a única e verdadeira felicidade consiste em se ter a Deus como favorável. E Ele só pode concedê-la aos que dela se tornam dignos por sua piedade. É em vão que os maus se vangloriam na esperança de a conquistar. Mas se vos tornardes como Ele o deseja, o que vos exorto a ser, depois de terdes recebido as suas ordens, sereis felizes sempre, a vossa prosperidade será invejada por todas as nações do mundo, possuireis em definitivo o que já conquistastes e bem depressa entrareis na posse do que vos resta ainda conquistar. Cuidai somente em prestar a Deus uma fiel obediência: não prefirais outras leis às que vos dei, por sua ordem. Observai-as com grande cuidado e evitai principalmente mudar alguma coisa por desprezo criminoso ao que se refere à religião. Como tudo é possível aos que Deus ajuda, tornar-vos-eis os mais temíveis de todos os homens. Se seguirdes este conselho, sobrepujareis a todos os vossos inimigos e recebereis durante toda a vossa vida as maiores recompensas que a virtude pode conceder. A mesma virtude será a

principal, porque é por meio dela que se obtêm todas as outras e somente ela vos pode tornar felizes e granjear-vos reputação e glória imortais entre as nações estrangeiras. Eis o que tendes motivo de esperar se observardes religiosamente — sem cessar e sem jamais permitir que sejam violadas — as leis que recebestes. Saio deste mundo com a consolação de vos deixar em grande prosperidade e recomendo-vos à sábia orientação de vossos chefes e magistrados, que jamais deixarão de ter por vós o máximo cuidado. Deus, porém, deve ser o vosso principal apoio. É somente a Ele que sois devedores de todos os benefícios que recebestes até agora por meu intermédio, e Ele não vos deixará de proteger, contanto que não deixeis de reverenciá-lo e de pôr toda a vossa confiança em seu auxílio. Tereis sempre pessoas honestas para vos dar excelentes instruções, como o sumo sacerdote Eleazar, Josué, os Senadores e os chefes de vossas tribos. Mas é necessário que lhes obedeçais com prazer, lembrando-vos de que aqueles que bem souberam obedecer saberão mandar quando forem elevados a cargos e dignidades. Assim, não imagineis, como fizestes até agora, que a liberdade consiste em desobedecer aos vossos superiores, o que é uma grande falta, da qual vos deveis absolutamente corrigir. Evitai também deixar-vos levar pela cólera contra eles, como fizestes tantas vezes para comigo, pois não vos podereis ter esquecido de que me pusestes em perigo de vida muito mais que a todos os nossos inimigos. Falo assim não para vos fazer repreensões ou censuras. Como desejaria eu, no tempo em que estou para me separar de vós, contristar-vos pela lembrança daquilo que já passou, se nem mesmo então manifestei o menor ressentimento, quando as coisas se passavam? Aconselho-vos, no entanto, a vos tornardes mais sensatos para o futuro, porque não saberia fazer-vos compreender o quanto vos importa não murmurar contra os vossos superiores quando, depois de terdes passado o Jordão e vos tornado senhores da província de Canaã, vos sentirdes repletos de todas as espécies de bens. Pois, se perderdes o respeito que deveis a Deus e abandonardes a virtude, Ele também vos abandonará e tornar-se-á vosso inimigo. Perdereis com vergonha, pela vossa desobediência, o país que conquistastes com o seu auxílio. Sereis levados escravos para todas as partes do mundo, e não haverá lugar na terra ou no mar onde não se conheçam os sinais de vossa escravidão. Não será então mais tempo de vos arrependerdes,

porque não observastes as suas santas leis. E, a fim de não cair nessa desgraça, não deixeis com vida um só de vossos inimigos depois de os terdes vencido. Crede que é da máxima importância matá-los todos, sem poupar um sequer, porque de outro modo podereis, pelas relações que tiverdes com eles, ser levados à idolatria e ao abandono das leis de vossos antepassados. Ordeno-vos também o emprego do ferro e do fogo para destruir de tal modo todos os Templos, altares e bosques consagrados aos seus falsos deuses que deles não reste o menor vestígio. E o único meio de vos conservardes na posse dos bens que desfrutareis. E, para que nenhum de vós se deixe levar para o mal, por ignorância, escrevi por ordem de Deus as leis que deveis observar e a maneira como deveis proceder, tanto nos negócios públicos quanto nos particulares. Se as observardes inviolavelmente, sereis os mais felizes de todos os homens".

172. Assim falou Moisés a todos os israelitas e deu-lhes um livro, no qual estavam escritas as leis e a maneira de viver que deveriam observar. Todos consideravam-no morto, e a lembrança dos perigos que havia corrido e das amarguras que sofrerá de tão boa mente por amor a eles fê-los chorar. E o sofrimento aumentou com a certeza de que lhes seria impossível tornar a encontrar um chefe igual a ele e que, não o tendo mais como intercessor, Deus já não lhes seria tão favorável. Esses mesmos pensamentos produziram neles tal arrependimento por se terem deixado levar em furor contra ele no deserto que não se podiam consolar. Ele, porém, pediu-lhes que cessassem de chorar e só pensassem em observar fielmente as leis de Deus. E a reunião assim se dissolveu.

Julgo dever dizer, antes de passar além, quais foram essas leis, para que o leitor conheça como são dignas da virtude de tão grande legislador e saiba quais são os costumes que observamos há tantos séculos. Narrá-las-ei do mesmo modo como foram dadas por esse homem admirável, sem acrescentar ornamento algum. Mudarei somente a ordem, porque Moisés as apresentou em tempos diversos e em várias ocasiões, segundo Deus o ordenava. Sou obrigado a fazer essa observação a fim de que, se esta história cair nas mãos de algum dos de nossa nação, não seja eu acusado de faltar à sinceridade. Falarei aqui das leis relativas à política. Quanto às que se referem aos contratos que realizamos entre nós, falarei no tratado que espero, com a graça de Deus,

escrever acerca de nossos costumes e das razões dessas leis. Vou então agora à primeiras:

Depois de terdes conquistado o país de Canaã e construído cidades, podereis desfrutar tranqüilamente o fruto de vossa vitória, e vossa felicidade será firme e duradoura, contanto que vos torneis agradáveis a Deus, observando as coisas que se seguem:

Êxodo 20ss, Deuteronômio 5ss e 16ss.

Na cidade que Deus escolher nesse país, a que chamarão Cidade Santa, em um planalto cômodo e fértil, construir-se-á um único Templo, no qual será erguido um único altar, com pedras não talhadas, mas escolhidas com tanto cuidado que quando estiverem unidas não deixem de ser agradáveis à vista. Não será preciso subir a esse Templo nem a esse altar por degraus, mas por um pequeno terraço em declive suave. Não haverá Templo ou altar em nenhuma outra cidade, pois há um só Deus e uma única nação, a dos hebreus.

Êxodo 20.

Aquele que blasfemar contra Deus será apedrejado e dependurado durante um dia na forca. Depois será enterrado secretamente, com ignomínia.

Todos os hebreus, em qualquer país do mundo em que habitem, dirigir-se-ão três vezes por ano à Cidade Santa, ao Templo, para agradecer a Deus os seus benefícios e implorar o seu auxílio para o futuro e também para se fomentar a amizade entre vós, por meio das festas que se hão de fazer e por conversas que se hão de ter em conjunto. É justo que se conheçam os que pertencem a um mesmo povo e são governados pelas mesmas leis, e para isso nada mais apropriado que essas reuniões e assembléias, as quais, pela vista e pelas relações entre as pessoas, deixam a lembrança gravada na memória, ao passo que os que jamais se viram passam por estrangeiros no espírito dos outros. Para esse fim, além das décimas devidas aos sacerdotes e aos levitas, reservareis outras, que vendereis cada qual em sua tribo e do que obtereis dinheiro para empregá-lo na Cidade Santa, nas festas sagradas que fareis nesses dias de regozijo. Porque é muito razoável fazer atos de alegria em honra a Deus com aquilo que provém das terras que possuímos pela sua liberalidade.

Deuteronômio 23.

Não se oferecerá em sacrifício o que procede do ganho da mulher de má vida, pois Deus não tem como agradável o que foi adquirido por meios ilícitos e por vergonhosa prostituição. Por essa mesma razão, não é permitido oferecer em sacrifício o que se tiver recebido por empréstimo de cães de caça ou de pastor para deles se tirar raça.

Não se falará mal dos deuses que as outras nações cultuam, nem se saquearão os seus Templos e nem se levarão as coisas oferecidas a alguma divindade, seja qual for.

Ninguém se vestirá de pano de linho e de lã misturados, porque isso é reservado somente aos sacerdotes.

Quando se reunirem na Cidade Santa, ao fim de sete anos, para solenizar a festa dos Tabernáculos, o sumo sacerdote subirá a um lugar elevado, de onde lera publicamente toda a Lei, tão alto que cada qual possa ouvi-la, sem que se impeçam às mulheres, às crianças e aos animais estarem presentes, pois é bom gravá-la dessa maneira nos corações, para que jamais seja apagada de sua memória e de modo a tirar-lhes a desculpa de terem pecado por ignorância. Porque as santas leis farão sem dúvida impressão muito forte em seu espírito quando eles mesmos ouvirem quais são os castigos que elas impõem e como serão punidos os que ousarem violá-las.

Deve-se antes de tudo ensinar às crianças essas mesmas leis, pois nada lhes poderá ser mais útil, e, pela mesma razão, apresentar-lhes duas vezes por dia, pela manhã e à noite, os benefícios de que são devedoras a Deus e a maneira como foram libertas da servidão dos egípcios, a fim de que lhe agradeçam os favores passados e tornem-no favorável para obter outros no futuro.

Deve-se escrever nas portas, para ter, assim, escritas em redor da cabeça e dos braços as coisas principais que Deus fez por nós, pois são grandes testemunhos de sua bondade e de seu poder, a fim de nos renovarem continuamente a sua lembrança.

Devem ser escolhidos para magistrados, em cada cidade, sete homens de virtude experimentada e hábeis no que concerne à justiça. A eles acrescentem-

se dois levitas, e todos lhes prestem tanta honra que ninguém se atreva a dizer uma única palavra inconveniente em sua presença, a fim de que o hábito de prestar respeito aos homens os leve a reverenciar a Deus. Os julgamentos que esses magistrados pronunciarem serão executados, a não ser que tenham sido subornadospor presentes ou pareça visivelmente que julgaram mal, pois, sendo a justiça preferível a todas as coisas, é preciso ministrá-la sem interesse e sem favor. Do contrário, Deus seria tratado com desprezo e pareceria mais fraco que os homens se o temor de desgostar pessoas ricas e elevadas em autoridade fosse mais poderoso sobre o espírito dos juizes que o medo de violar a justiça, pois ela é a força de Deus. E, se os juizes encontram dificuldade em decidir certos assuntos, como muitas vezes pode acontecer, devem, sem nada pronunciar, levá-los integralmente à Cidade Santa, ao sumo sacerdote, ao profeta e ao Senado, que os julgarão segundo a sua consciência.

Deuteronômio 19.

Não se prestará fé a uma única testemunha. Elas devem ser três ou pelo menos duas, e pessoas sem culpa.

As mulheres não serão recebidas como testemunhas, por causa da fragilidade de seu sexo e porque falam muito atrevidamente.

Os escravos também não poderão ser testemunhas, porque a baixeza de sua condição lhes abate o ânimo, e o temor ou o interesse pode levá-los a depor contra a verdade.

Aquele contra o qual se provar que proferiu falso testemunho sofrerá o mesmo castigo que se imporia ao acusado, caso fosse condenado por seu testemunho.

Deuteronômio 21.

Quando um assassínio for cometido, sem que se saiba quem é o criminoso nem se tenha motivo para suspeitar de alguém tê-lo perpetrado por ódio ou por vingança, é preciso informar-se com exatidão e mesmo propor uma recompensa a quem o puder descobrir. E, se ninguém for dado como criminoso, os magistrados das cidades vizinhas do lugar onde o assassínio foi cometido reunir-se-ão com o Senado para saber qual dessas cidades é a mais próxima do

lugar onde foi encontrado o corpo do morto. Então essa cidade comprará uma novilha, que será levada a um vale tão estéril que nele não cresçam cereais nem ervas. Ali os sacerdotes e os levitas, depois de lhe terem cortado os nervos do pescoço, lavarão as mãos e as colocarão sobre a cabeça da novilha, protestando em alta voz, juntamente com os magistrados, que não estão manchados com esse crime, que não o cometeram e que nem estavam presentes quando foi cometido, e rogando a Deus que aplaque a sua cólera e jamais permita que semelhante infelicidade volte a suceder naquele lugar.

A aristocracia é sem dúvida uma forma muito boa de governo, porque põe a autoridade nas mãos de várias pessoas de bem. Abraçai-a, então, a fim de terdes por senhores apenas as leis que Deus vos dá, pois vos deve ser suficiente que Ele queira ser o vosso guia.

Deuteronômio 17.

Se desejardes um rei, escolhei um que seja da vossa nação e ame a justiça e todas as outras virtudes. Por mais capaz que possa ser, é necessário que se atenha mais a Deus e às leis que à sua própria sabedoria e governo; que nada faça sem o conselho do sumo sacerdote e do Senado; e que não tenha várias mulheres e nem sinta prazer em ajuntar dinheiro e criar muitos cavalos, para que isso não o leve ao desprezo das leis. E, se ele se envolver em excesso com essas coisas, deveis impedir, para o bem público, que ele se torne mais poderoso que necessário.

Não se devem mudar os limites, tanto nas próprias terras quanto nas dos outros, pois servem para manter a paz. Eles devem permanecer fixos e imutáveis como se o próprio Deus os houvesse marcado, porque a mudança pode dar motivo a grandes divergências e litígios, e aqueles cuja avareza não pode tolerar que se ponham limites à sua ganância são facilmente levados a desprezar e violar as leis.

Levítico 25.

Não poderão servir para uso particular e nem se oferecerão a Deus as primícias dos frutos que as árvores produzirem antes do quarto ano, a contar do tempo em que tiverem sido plantadas, porque são como frutos abortados, e

tudo o que é contrário às leis da natureza não é digno de ser oferecido a Deus nem próprio para alimentar os homens. Quanto aos frutos que as árvores produzirem no quarto ano, aquele que os colher os levará à Cidade Santa para, com as outras décimas, oferecer a Deus as primícias e comer o resto com os amigos, os órfãos e as viúvas. Mas, a começar do ano seguinte, que será o quinto, poderá fazer de seus frutos o uso que desejar.

Nada se deve semear numa vinha, porque é suficiente que a terra a alimente sem que se abra com o arado o seu seio.

Deve-se arar a terra com bois, sem juntar outros animais ou atrelar espécies diferentes à mesma charrua.

Não é conveniente, do mesmo modo, misturar duas ou três espécies de sementes para lançar à terra. Porque não agrada à natureza essa mistura. Não se devem também acasalar animais de várias espécies, para que os homens, por esse motivo, não se acostumem a tal mistura, que é abominável, pois aquilo que a princípio parece de pouca importância facilmente produz efeitos perigosos. Deve-se, por essa razão, tomar muito cuidado para não permitir imitação que possa corromper os bons costumes. Eis por que as leis regulam mesmo as coisas mínimas quando se trata de manter a todos no próprio dever.

Deuteronômio 24.

Os ceifadores devem não somente evitar recolher com demasiada avareza as espigas como também deixar algumas para os pobres. Devem, do mesmo modo, deixar alguns cachos na videira e azeitonas nas oliveiras. Pois essa feliz negligência, longe de causar prejuízo ao que a pratica, traz-lhe proveito, pela sua caridade. E Deus tornará mais fecunda a terra daquele que, não se prendendo muito aos próprios interesses, não deixa de considerar os dos outros.

Quando os bois pisam o grão, não se deve atar-lhes a boca, pois é razoável que tirem proveito de seu trabalho.

Não se deve, do mesmo modo, impedir a um transeunte, quer do país, quer estrangeiro, tomar e comer maçãs quando estiverem maduras. Ao contrário, é bom dá-las de boa mente, sem que, porém, ele as leve consigo. Não se deve também impedir àqueles que trabalham no lagar que experimentem as

uvas, pois é justo tornarmos os outros participantes dos bens que apraz a Deus nos conceder, pois essa estação, que é a mais fértil do ano, dura pouco tempo. Se alguém tiver vergonha de tocar nas uvas, deve-se mesmo pedir a ele que as apanhe. (Se forem israelitas, a proximidade que há entre nós deve torná-los não apenas participantes, mas senhores daquilo que possuímos. Se forem estrangeiros, devemos desempenhar para com eles a hospitalidade, sem julgar perder alguma coisa por esse pequeno presente que lhes fazemos dos frutos que recebemos da liberalidade de Deus, pois Ele não nos enriquece somente para nós, mas deseja também dar a conhecer aos outros povos, pela participação que lhe permitimos em nossos bens, a sua munificência para conosco.)

Se alguém desobedecer a esses mandamentos, receberá trinta e nove golpes de chicote. Será castigado com essa pena servil porque, sendo livre, tornou-se escravo de seus bens e a si mesmo se desonrou. (Que há de mais razoável, depois de sofrermos tanto no Egito e no deserto, que termos compaixão das misérias dos outros e, tendo recebido tantos bens da bondade infinita de Deus, distribuirmos uma parte aos que deles têm necessidade?)

Além das duas décimas que é obrigatório pagar a cada ano, uma aos levitas e outra para as festas sagradas, deve-se pagar uma terceira, para ser distribuída às viúvas, aos pobres e aos órfãos.

Deuteronômio 26.

As primícias de todos os frutos devem ser levadas ao Templo e oferecidas aos sacerdotes, depois de terdes rendido graças a Deus por vos ter dado a terra que os produz e feito os sacrifícios que a Lei determina. Aquele que vier pagar essas duas décimas, das quais uma deve ser dada aos levitas e a outra empregada nos festins sagrados, apresentar-se-á à porta do Templo antes de voltar para casa e dará graças a Deus por haver libertado o povo da escravidão do Egito e dado a ele uma terra tão fértil e abundante. Declarará em seguida que pagou as décimas segundo a lei de Moisés e rogará a Deus que lhe seja sempre favorável. (É Ele quem conserva os bens que nos deu, sem nada acrescentarmos de novo.)

Quando os homens chegarem à idade de se casar, desposarão jovens de condição livre, cujos pais sejam gente de bem. Aquele que recusar casar-se

dessa maneira, a fim de desposar a mulher de outro, que obteve com artifícios, não poderá fazê-lo, para não contristar o primeiro marido.

Por mais amor que os homens tenham por mulheres escravas, não devem desposá-las, mas dominar a sua paixão, pois a honestidade e a boa educação a isso os obrigam.

A mulher que se prostituiu não poderá casar-se, porque, tendo sido desonrado o seu corpo, Deus não receberá os sacrifícios que lhe forem oferecidos por semelhantes casamentos. Além disso, as crianças que nascem de pais virtuosos possuem índole mais nobre e mais inclinada à virtude que as originárias de aliança vergonhosa ou contraída por amor impudico.

Deuteronômio 24.

Se alguém, depois de ter desposado uma jovem que passava por virgem, julga ter motivo para crer que já não o é, a fará citar à justiça e trará as provas de sua suspeita. O pai ou o irmão ou, em sua falta, o parente mais próximo da moça a defenderá. Se ela for declarada inocente, o marido será obrigado a mantê-la sem poder jamais despedi-la, a não ser por grande falta, que não possa ser contestada. E, como castigo pela calúnia e pelo ultraje que fez à sua inocência, receberá trinta e nove golpes de chicote e dará cinqüenta sidos ao pai da moça. Mas se ela for culpada e provir de família leiga, será apedrejada. Se for da descendência dos sacerdotes, será queimada viva.

Deuteronômio 2 1.

Se um homem desposou duas mulheres e tem mais afeto a uma delas, quer por causa da beleza, quer por alguma outra razão, e o filho da que ele mais ama seja mais moço que o da que ele menos ama e aquela o queira na partilha, como se fosse o mais velho, a fim de que, segundo as leis, tenha dupla porção, não deve o marido atender-lhe o pedido. Porque não é justo que a infelicidade de a mãe ser menos amada pelo marido seja causa de injustiça ao direito de primogenitura que o seu filho adquiriu pelo privilégio do nascimento.

Deuteronômio 22.

Se alguém corrompeu uma jovem, noiva de outro, tendo ela lhe dado o

consentimento, ambos serão castigados de morte, pois são culpados: o homem por ter persuadido a moça a preferir um prazer infame à honestidade do matrimônio legítimo e ela por ter assim consentido ou pelo desejo do dinheiro ou por vergonhosa volúpia.

Aquele que desonra uma moça que encontra sozinha e a quem ninguém pode socorrer será castigado de morte.

Aquele que abusa de uma jovem ainda não prometida a ninguém será obrigado a desposá-la ou a pagar cinqüenta sidos ao pai da moça, se este não a quiser dar em casamento.

Aquele que por qualquer motivo quiser separar-se da mulher, como acontece freqüentemente, prometer-lhe-á por escrito que jamais a tornará a pedir de volta, a fim de que ela tenha liberdade de tornar a casar-se — e não se permitirá o divórcio senão com essa condição. E se, depois de haver casado com outro, esse segundo marido a tratar mal ou vier a morrer e o primeiro a quiser receber de novo, não lhe será permitido voltar para junto dele.

Deuteronômio 25.

Se um homem morre sem filhos, o irmão dele desposará a viúva e se dela tiver um filho dar-lhe-á o nome do falecido e o considerará herdeiro deste, pois é vantajoso para a República que o bem se conserve desse modo nas famílias, e será uma consolação para a viúva viver com uma pessoa tão próxima de seu marido. Se o irmão do falecido recusar desposá-la, ela declarará diante do Senado que ele não se incomodou em mantê-la na família do marido nem em lhe dar filhos e que esse cunhado, a quem ela queria desposar, fez à memória do irmão a injúria de não querer saber dela. Quando o Senado o fizer vir para perguntar-lhe qual a razão disso e ele fizer alguma alegação, quer boa, quer má, ela descalçará um dos sapatos do cunhado que a recusou e cuspir-lhe-á no rosto, dizendo que ele merece receber essa afronta porque fez grande ultraje â memória do irmão. Assim, ele sairá do Senado com essa mancha, que lhe marcará pelo resto da vida, e a mulher poderá casar-se com quem bem entender.

Deuteronômio 21.

Se alguém tomar na guerra uma mulher como prisioneira, seja virgem, seja casada, e quiser contrair com ela um matrimônio legítimo, é preciso que antes ela se vista de luto, que lhe cortem os cabelos e que ela chore os parentes e amigos mortos no combate, para que depois de satisfazer à dor possa ter o espírito mais livre para as festas de núpcias. Porque é justo que aquele que toma uma esposa com o propósito de ter filhos dê alguma coisa aos bons sentimentos dela e não se entregue de tal modo ir ao prazer que venha a desprezá-los. Após um luto de trinta dias, tempo suficiente para as pessoas sensatas chorarem os parentes e amigos, poder-se-á celebrar o casamento. Se o homem depois de ter satisfeito à sua paixão vier a desprezar essa mulher, não lhe será mais permitido tê-la como escrava: ela tornar-se-á livre e poderá ir para onde quiser.

Deuteronômio 21.

Se houver filhos que não prestem aos progenitores a honra que lhes é devida, mas os desprezem e vivam insolentemente com eles, esses progenitores, que a natureza faz juizes daqueles, deverão fazer-lhes ver que ao se casar não tinham por objetivo a voluptuosidade nem o desejo de aumentar o próprio bem, e sim ter filhos que os pudessem auxiliar na velhice e que, havendo-os recebido de Deus, os receberam com alegria e ação de graças e os educaram com toda espécie de cuidados, sem nada poupar para bem instruí-los. E acrescentarão estas palavras: "Mas como é preciso perdoar alguma coisa à juventude, contentai-vos pelo menos, meu filho, de terdes até aqui cumprido tão mal o vosso dever. Refleti, procurai ser mais sensato e lembrai-vos de que Deus tem como feitas contra Ele mesmo as ofensas que se cometem contra aqueles dos quais se recebeu a vida, pois Ele é o pai comum de todos os homens, e a Lei determina, por esse motivo, uma pena irremissível, e eu ficaria muito sentido se fôsseis tão infeliz que a devêsseis merecer".

Se depois de todas essas palavras a criança se corrigir, será bem perdoar-lhe as faltas que houver cometido mais por ignorância que por malícia, e assim louvar-se-á a sabedoria do legislador e os pais serão felizes por ver que o filho não sofrerá o castigo que as leis determinam. Mas se essa sábia repreensão for

inútil e a criança persistir na desobediência e permanecer insolente para com os pais, tornando-se inimiga das leis, ela será levada para fora da cidade e apedrejada à vista de todo o povo. E, depois que o seu corpo tiver sido exposto em público durante todo o dia, será enterrada à noite.

Deuteronômio 23.

A mesma coisa se há de observar a respeito daqueles que forem condenados à morte: enterrar-se-ão até mesmo os inimigos. Nenhum morto deve ser deixado sem sepultura, pois seria levar muito além a sua punição.

Não será permitido a israelita algum emprestar com usura dinheiro, alimento algum ou bebida de qualquer espécie, porque não é justo aproveitar-se da miséria dos outros da mesma nação. Deve-se, ao contrário, considerar uma honra ajudá-los e esperar recompensa somente de Deus. Aqueles que tomarem emprestado dinheiro, frutos secos ou líquidos deverão restituí-los quando Deus lhes permitir colhê-los, e com a mesma alegria com que os pediram emprestado, porque é o melhor meio de os encontrar se vierem a cair em semelhante miséria.

Deuteronômio 24.

Se o devedor não tem vergonha de deixar de pagar a dívida, o credor não deverá, no entanto, ir à sua casa pedir um penhor, como garantia, mas terá de esperar que a justiça o ordene. Só então o poderá solicitar, sem todavia entrar na casa do devedor, que será obrigado a entregar-lhe o penhor imediatamente, pois não é permitido opor-se àquele que vem amparado pelo auxílio das leis. Se o devedor estiver em boa situação, o credor poderá conservar esse penhor até ser reembolsado daquilo que emprestou. Mas se é pobre, deverá restituí-lo antes que o sol se ponha, principalmente se forem vestes, a fim de que possa cobrir-se à noite, porque Deus tem compaixão dos pobres. Não se poderá tomar como penhor uma mula nem coisa alguma que sirva para o moinho, a fim de não se aumentar ainda mais a miséria dos pobres tirando-lhes os meios de ganhar a vida.

Aquele que retiver em escravidão um homem livre de nascimento será castigado com a morte. Aquele que roubar ouro ou prata será obrigado a

restituir o dobro.

Aquele que matar um ladrão doméstico ou um homem que tenha tentado saltar o muro de sua casa para roubar não será castigado.

Aquele que roubar um animal pagará o quádruplo de seu valor. Se for um boi, pagará cinco vezes o que ele vale. Ou será reduzido à escravidão, se não tiver meios de pagar a multa.

Se um hebreu for vendido a outro hebreu, ficará seis anos como seu escravo, mas no sétimo ano será posto em liberdade. Se enquanto estiver na casa de seu senhor desposar uma mulher escrava como ele, tiver filhos dela e por causa da afeição que lhes tem preferir permanecer escravo com eles, será libertado, com a mulher e os filhos, no ano do Jubileu.

Deuteronômio 22.

Se alguém achar ouro ou prata na estrada, será divulgado a som de trombe-ta o lugar onde foi encontrado esse bem, a fim de que seja restituído a quem o perdeu, porque não se deve tirar vantagem do prejuízo alheio. A mesma coisa deve ser feita com os animais que se encontrarem perdidos ou desgarrados no deserto. E, se não se puder saber a quem eles pertencem, poderão ser conservados, depois de se tomar a Deus como testemunha de que não existe absolutamente intenção de se tirar proveito do bem alheio.

Quando for encontrado algum animal de carga atolado num pântano, deve-se tentar retirá-lo de lá como se fosse próprio.

Em vez de se zombar de quem está perdido ou de se divertir ao vê-lo em tal aflição, deve-se encaminhá-lo à verdadeira estrada.

Não se deve falar mal nem de um surdo nem de um ausente.

Se numa briga inesperada um homem ferir outro sem ter empregado ferro, deve ser castigado, recebendo tantos golpes quantos desferiu. Se o ferido vier a morrer depois de ter vivido muito tempo após o ferimento, aquele que o feriu não será castigado como assassino. E, se o ferido sarar, aquele que o feriu será obrigado a pagar todas as despesas, bem como aos médicos.

Se alguém der um pontapé numa mulher grávida e ela der à luz antes do tempo, será condenado a uma multa em favor dela e a outra em favor do marido, porque diminuiu o número do povo, impedindo um homem de vir ao

mundo. Se a mulher morrer por causa do golpe que recebeu, ele será castigado com a morte, porque exige a Lei que quem tirar a vida de outrem também venha a perder a própria vida.

Quem for encontrado trazendo veneno consigo será castigado com a morte, porque é justo que venha a sofrer o mesmo mal que desejou fazer a outrem.

Se um homem vaza os olhos a outro, ser-lhe-ão também vazados os seus, porque é razoável que seja tratado tal como tratou ao outro, caso o que perdeu a vista não preferir ser ressarcido com dinheiro: isso a Lei deixa escolher.

O dono de um boi que tem probabilidade de ferir com os chifres é obrigado a matá-lo. E, se o boi ferir alguém e o matar, será morto imediatamente a pedradas e não se comerá a sua carne. E, se o dono sabia que o boi era perigoso e não tomou providências a esse respeito, será castigado com a morte, porque causou a morte de alguém. Se a pessoa morta pelo boi for escrava, o boi será apedrejado e serão pagos trinta sidos ao dono do escravo. Se um boi matar outro boi, ambos serão vendidos e o dinheiro será dividido entre os donos.

Quem cavar um poço ou uma cisterna terá grande cuidado em cobri-lo, não para impedir que se tire água, mas para que ninguém lá venha a cair. E se, por não haver assim procedido, algum animal lá cair e morrer, será obrigado a pagar o preço do animal ao seu proprietário. É preciso colocar cercas em redor dos telhados das casas, para que ninguém de lá venha a cair.

Levítico 6.

Aquele a quem um depósito for confiado, conservá-lo-á como coisa sagrada e não o dará a quem quer que seja, por coisa alguma que se lhe possa oferecer. Pois, embora não haja testemunhas para acusá-lo, ele deve ter em conta o testemunho da consciência e o quanto deve a Deus, que não pode ser enganado pela malícia ou pelos artifícios dos homens. E, se o depositário perder o depósito, sem culpa irá procurar os sete juizes de que se falou e tomará a Deus por testemunha, jurando em sua presença que não teve parte alguma no furto nem fez uso algum do depósito. Assim, será livre do compromisso. Mas, por pouco que dele se tenha servido, será obrigado a restituir o depósito inteiro.

Deuteronômio 24.

Deve-se ser bastante consciencioso em pagar o salário a que fazem jus os operários com o suor do rosto, pois Deus, em vez de terras e de bens, deu braços aos pobres, para ganharem a vida. Pela mesma razão, não se deve adiar para o dia seguinte o pagamento que lhes é devido. Devem ser pagos no mesmo dia, porque Deus não quer vê-los prejudicados por não receberem o que granjearam.

As crianças não devem ser castigadas pelos pecados dos pais porque, sendo elas virtuosas, são dignas de serem lamentadas por terem nascido de pessoas viciadas e não devem ser odiadas em razão das faltas cometidas por seus proge-nitores. Não se deve, do mesmo modo, imputar aos pais os defeitos dos filhos, e sim atribuí-los à má natureza destes, que os fez desprezar as boas lições que lhes deram aqueles e os impediu de aproveitá-las.

Deve-se fugir e ter horror aos que se tornaram eunucos voluntariamente e assim perderam o meio que Deus lhes deu de contribuir para a multiplicação dos homens. Porque além de terem procurado quanto estava neles diminuir-lhes o número e serem de algum modo homicidas de crianças, das quais poderiam ter sido os pais, não poderiam cometer tal ação sem ter antes machucado a pureza da própria alma, pois é fora de dúvida que se ela não se tivesse efeminado eles não teriam posto o corpo num estado que os assemelha às mulheres. Assim, é preciso rejeitar tudo o que, sendo contra a natureza, pode passar a monstruoso. Não se deve privar nem o homem nem animal algum do sinal de seu sexo.

173. Essas são as leis que sereis obrigados a observar durante a paz, a fim de tornardes Deus favorável. E, para que nada as possa perturbar, rogo-vos que nunca permitais que elas sejam abolidas e substituídas por outras. Mas, sendo impossível que não haja amotinação nos países mais bem organizados e que os homens não caiam em desgraça, improvisada ou voluntária, é preciso que eu vos dê, além de tudo, alguns avisos a esse respeito, de modo a não serdes surpreendidos nessas ocasiões e a estardes preparados para o que deveis fazer.

É meu desejo que quando tiverdes obtido por vosso trabalho, com o

auxílio de Deus, o país que Ele vos destinou, vós o possais possuir em paz e com plena tranqüilidade; que não sejais perturbados, nem pelos ataques de vossos inimigos nem por divisões intestinas; e que, em vez de abandonar as leis e o proceder de vossos antepassados para abraçar outras que lhes sejam inteiramente opostas, permaneçais firmes na observância daquelas que o próprio Deus vos outorgou. Mas se vós ou os vossos descendentes fordes obrigados a fazer guerra, desejo de todo o meu coração que isso jamais ocorra no vosso país. Nesse caso, deve-se começar enviando arautos para declarar aos vossos inimigos que em qualquer condição que estejais, tanto na cavalaria como na infantaria, e principalmente tendo a Deus por protetor e guia de vossos exércitos, preferis não serdes obrigados a lançar mão das armas, pois não tendes nenhum desejo de vos aproveitardes disso.

Se as vossas palavras os persuadirem a continuar em paz convosco, será muito melhor não rompê-la. Se eles as desprezarem, porém, e não temerem declarar-vos uma guerra injusta, marchai corajosamente contra eles, tomando a Deus por comandante e general e para comandar, abaixo dEle, o mais sábio e experimentado de vossos capitães, pois a pluralidade de chefes com igual autoridade, em lugar de ser vantajosa, é muitas vezes prejudicial, pela demora que traz à execução das empresas. Quanto aos soldados, é preciso escolher os mais valentes e robustos, sem misturar com eles os fracos e covardes, pois estes, em vez vos serem úteis, sê-lo-ão aos vossos inimigos, fugindo quando deveriam combater.

Não se obrigará a ir à guerra os que tiverem construído uma casa até que nela tenham habitado durante um ano, nem os que tiverem plantado uma vinha até que dela tenham recolhido os frutos e nem os recém-casados, pois estes, pelo desejo de se conservarem para desfrutar os prazeres que lhes são caros, podem vir a afrouxar a coragem e poupar a vida demasiadamente.

Observai nos vossos acampamentos uma disciplina rigorosa, e quando atacardes uma praça e tiverdes necessidade de madeira para fazer máquinas, evitai cortar as árvores frutíferas, porque Deus as criou para utilidade dos homens, e, se elas pudessem falar e mudar de lugar, queixar-se-iam do mal que lhes estaríeis fazendo sem vos terem dado motivo para isso e ir-se-iam estabelecer em outras terras.

Quando sairdes vitoriosos, matai os que vos resistirem no combate, mas poupai os outros, para torná-los tributários, exceto os cananeus, que exterminareis completamente.

Deuteronômio 22.

Ficai atentos a tudo o que se refere à guerra, principalmente para que nenhuma mulher se disfarce de homem e nenhum homem de mulher.

Essas foram as leis que Moisés deixou à nossa nação. Ele deu também as que havia escrito quarenta anos antes, das quais falaremos em outro lugar.

174. Deuteronômio 30, 31, 32 e 34. Esse homem admirável continuou nos dias seguintes a reunir o povo, pediu a Deus com fervorosas orações que os assistisse, se eles observassem as suas santas leis, e fez imprecações contra aqueles que a elas faltassem. Deu-lhes depois um cântico que havia composto em versos hexâmetros, no qual predizia as coisas que lhes deviam acontecer, das quais uma parte já se realizou e o resto realizar-se-á depois, sem que se tenha podido notar uma mínima coisa que não fosse conforme à verdade. Entregou esse livro sagrado à guarda dos sacerdotes, juntamente com a arca, na qual estavam as duas Tábuas da Lei, e confiou-lhes o cuidado do Tabernáculo.

175. Ele recomendou ao povo que quando estivessem de posse da terra de Canaã se recordassem da injúria que haviam recebido dos amalequitas e lhes declarassem guerra, para castigá-los como mereciam, pela maneira injuriosa com que os haviam tratado no deserto.

Deuteronômio 27 e 28. Ordenou-lhes também que, depois de conquistar essa mesma terra de Canaã e de passar todos os seus habitantes a fio de espada, construíssem perto da cidade de Siquém um altar voltado para o oriente, que tivesse à direita o monte Gerizim e à esquerda o Ebal, e que em seguida se dividisse todo o exército em dois, colocando seis tribos sobre um monte e seis sobre o outro e dividindo igualmente os sacerdotes e os levitas entre os dois montes.

Então os que estivessem sobre o monte Gerizim pediriam a Deus que abençoasse os que observassem com piedade as leis dadas por Moisés. Os que

estivessem sobre o monte Ebal confirmariam com aclamações esse pedido e pronunciariam, por sua vez, as mesmas bênçãos, ao que os outros responderiam com os mesmos clamores de alegria. Por fim, fariam uns depois dos outros, na mesma ordem, todas as espécies de imprecações contra os violadores das leis de Deus. Moisés mandou escrever todas essas bênçãos e maldições e, para melhor conservar-lhes a recordação, mandou gravá-las nos dois lados do altar e permitiu ao povo que dele se aproximasse somente naquele dia de oferecer holocaustos, o que lhes era proibido pela Lei. Esses foram os mandamentos que Moisés outorgou aos hebreus e que eles observam ainda hoje.

176. Deuteronômio 29. No dia seguinte, mandou reunir todo o povo e quis que as mulheres, as crianças e mesmo os escravos estivessem presentes. Obrigou-os todos a jurar que observariam inviolavelmente e conforme a vontade de Deus todas as leis que ele lhes havia concedido por ordem dEle, sem que nem o parentesco, nem o favor, nem o medo, nem qualquer outra consideração os pudesse levar a transgredi-las. E, se algum dos parentes ou alguma cidade, sem motivo, quisesse fazer coisas que lhes fossem contrárias, todos, em geral e em particular, os dominariam à força e, depois de vencer esses ímpios, destruiriam as suas cidades até os alicerces, sem que restasse, se possível, o menor vestígio delas. Se não fossem bastante fortes para vencê-los e castigá-los, que ao menos demonstrassem horror pela sua impiedade. Todo o povo prometeu com juramento observar essas coisas.

Moisés instruiu-os depois sobre a maneira como deviam fazer os sacrifícios, a fim de torná-los mais agradáveis a Deus. Recomendou-lhes ainda que não se metessem em guerra alguma, senão depois de reconhecer, pelo brilho extraordinário das pedras preciosas que estavam sobre o racional do sumo sacerdote, que Deus aprovava que eles as empreendessem.

177. Josué então predisse, pelo espírito de profecia, mesmo ainda vivendo Moisés e em presença deste, tudo o que faria para o bem do povo ou na guerra, pelas armas, ou na paz, pela publicação de várias leis boas e santas. Exortou-os a praticar com cuidado a maneira de viver que lhes acabava de ser determinada e disse-lhes que Deus lhe havia revelado que, se eles se afastassem da piedade de seus antepassados, seriam oprimidos por toda

espécie de desgraças: o seu país se tornaria presa de nações estrangeiras e os seus inimigos destruiriam as suas cidades, queimariam o Templo e levá-los-iam escravos. Eles gemeriam numa escravidão tanto mais dolorosa quanto teriam por senhores homens sem piedade e então se arrependeriam, porém muito tarde, de sua desobediência e ingratidão. Todavia a infinita bondade de Deus não deixaria de restituir as cidades aos seus antigos habitantes e o Templo ao seu povo, o que aconteceria não somente uma vez, mas diversas.

178. Deuteronômio 31, 33 e 34. Moisés ordenou em seguida a Josué que levasse o exército contra os cananeus, assegurando-lhe que Deus o assistiria naquela empresa e desejando toda espécie de felicidade ao povo, e assim falou-lhes: "Hoje Deus resolveu terminar a minha vida, e devo ir encontrar-me com os meus pais. É bem justo que antes de morrer eu lhe dê graças na vossa presença pelo cuidado que teve de vós, não somente vos livrando de tantos males, mas vos cumulando de tantos bens, e por me assistir nas dificuldades que tive de enfrentar para vos proporcionar tantos benefícios. Pois é somente a Ele que deveis o começo e a realização de vossa felicidade. Eu fui apenas o seu ministro e só ei as suas ordens, que são efeitos de sua onipotência, de que eu não saberia dar graças o suficiente nem teria como rogar-lhe a continuidade. Deixo cumprido esse dever e rogo-vos que graveis na memória um tão profundo respeito por Deus e tanta veneração por suas santas leis que as considereis sempre como o maior de todos os favores que Ele vos fez e que jamais poderíeis dEle receber. Se um legislador, embora sendo um homem, não iria tolerar que se desprezassem as leis criadas por ele e castigaria o desprezo a elas com todas as suas forças, imaginai qual será a cólera e a indignação de Deus, se deixardes de observar as suas. Rogo a Ele de todo o meu coração que não permita sejais tão infelizes para merecê-lo".

179. Depois de assim falar, Moisés predisse a cada uma das tribos o que lhe deveria acontecer e desejou-lhes mil bênçãos. Toda aquela enorme multidão não pôde por mais tempo reter as lágrimas. Homens e mulheres, grandes e pequenos, todos demonstraram igualmente o seu pesar por perder um chefe tão ilustre. Não houve mesmo criança que não derramasse lágrimas: a sua eminente virtude não podia ser ignorada nem mesmo pelos dessa idade.

Dentre as pessoas sensatas, umas deploravam a gravidade de sua perda

para o futuro e outras queixavam-se de não terem compreendido o bastante a felicidade que era para eles ter um tal chefe e guia e de serem privados dele quando o começavam a conhecer. Nada, porém, demonstrou tão bem até que ponto chegava a aflição deles como o que aconteceu a esse grande legislador. Pois ainda que estivesse convencido de que não era necessário chorar à hora da morte, pois ela vem por vontade de Deus e por uma lei indispensável da natureza, ele ficou tão comovido pelas lágrimas de todo o povo que não pôde deixar de chorar.

Caminhou depois para onde deveria terminar a vida, e todos seguiram-no gemendo. Aos mais afastados, ele sinalizou com a mão que parassem e rogou aos que estavam mais próximos que não o afligissem mais ainda, seguindo-o com tantas demonstrações de afeto. Assim, para obedecer, eles pararam, e todos juntamente lamentavanra infelicidade por tão grande perda. Eleazar, o sumo sacerdote, Josué, o comandante do exército, e os Senadores foram os únicos que o acompanharam. Quando ele chegou ao monte Nebo, que está em frente a Jerico e é tão alto que de lá se pode ver todo o país de Canaã, despediu-se dos Senadores, abraçou Eleazar e Josué e deu-lhes o último adeus. Ainda ele falava quando uma nuvem o rodeou e ele foi levado a um vale.

Os Livros Santos, que ele nos deixou, dizem que Moisés morreu porque se temia que o povo não acreditasse que ele ainda estava vivo, arrebatado ao céu por causa de sua eminente santidade. Faltava somente um mês para que, dos cento e vinte anos que viveu, ele completasse quarenta no governo daquele grande povo, cuja direção Deus lhe havia confiado. Ele morreu no primeiro dia do último mês do ano, que os macedônios chamam dystros, e os hebreus, adar.

jamais homem algum igualou em sabedoria esse ilustre legislador, e ninguém soube, como ele, tomar sempre as melhores resoluções e tão bem pô-las em prática, jamais algum outro se lhe pôde comparar na maneira de tratar com um povo, de governá-lo e persuadi-lo pela força de suas palavras. Sempre foi tão senhor de suas paixões que parecia até delas estar isento e que as conhecia apenas pelos efeitos que via nos outros. Sua ciência na guerra pôde dar-lhe um lugar entre os maiores generais, e nenhum outro teve o dom da profecia em tão alto grau. As suas palavras eram outros tantos oráculos, e parecia que o próprio Deus falava por sua boca.

O povo chorou-o durante trinta dias, e nenhuma outra perda lhe foi jamais tão sensível. E ele não foi lamentado apenas por aqueles que tiveram a felicidade de conhecê-lo, mas também por aqueles que conheceram as leis admiráveis que ele nos deixou, porque a santidade que nelas se nota não pode permitir dúvidas sobre a eminente virtude desse legislador.

Livro Quinto

Capítulo 1

FOSUÉ, POR UM MILAGRE, PASSA OFORDÃO COM O EXÉRCITO E, POR OUTRO MILAGRE, TOMA JERICO, ONDE SOMENTE RAABE SE SALVA COM OS SEUS. OS ISRAELITAS SÃO DERROTADOS PELOS DE AI, POR CAUSA DO PECADO DEACÃ, E TORNAM-SE SENHORES DESSA CIDADE DEPOIS QUE ELE FOI CASTIGADO. ARTIFÍCIOS DOS GIBEONITAS PARA FAZER ALIANÇA COM OS HEBREUS, QUE OS AJUDAM CONTRA O REI DE JERUSALÉM E QUATRO OUTROS REIS. JOSUÉ DERROTA EM SEGUIDA VÁRIOS OUTROS REIS, COLOCA O TABERNÁCULO EM SILO, DIVIDE O PAÍS DE CANAÃ ENTRE AS TRIBOS E DESPEDE AS DE RÚBEN E GADE E METADE DA DE MANASSES. ESTAS, DEPOIS DE PASSAR O JORDÃO, ERGUEM UM ALTAR, O QUE SE PENSOU CAUSAR UMA GRANDE GUERRA. MORTE DE JOSUÉ E DE ELEAZAR, SUMO SACERDOTE.

180. Josué 1. Vimos, no livro precedente, de que modo Moisés foi levado do convívio dos homens. Depois de prestados a ele os últimos serviços e passado o tempo do luto, Josué ordenou a todas as tropas que estivessem prontas, mandou exploradores a jerico, para observar as disposições dos habitantes, e marchou com o exército, tendo em mira atravessar o Jordão. Como o país dos amorreus, que corresponde à sétima parte de Canaã, havia sido entregue às tribos de Rúben e Gade e à metade da de Manasses, ele fez ver aos chefes delas o cuidado que Moisés tivera por eles até a morte e exortou-os a cumprir com alegria o que lhe haviam prometido, porque se haviam obrigado tanto para reconhecer o afeto que ele lhes demonstrara quanto para utilidade comum. Encontrou-os tão bem dispostos que eles forneceram cinqüenta mil homens. Partiu então de Abila e avançou sessenta estádios na direção do Jordão.

Os homens que ele mandara para explorar a terra informaram-lhe que os cananeus de nada desconfiavam, havendo-os tomado por estrangeiros levados ao seu país apenas pela curiosidade; que haviam observado a cidade com toda

calma, sem que ninguém os impedisse; que em alguns lugares as muralhas eram mais fortes ou mais fracas, e as portas, mais fáceis de serem surpreendidas; que pela tarde eles se haviam recolhido a uma hospedaria, perto da defesa, onde haviam estado por primeiro; que depois de cear eles se prepararam para regressar, mas alguém avisara o rei de que alguns homens mandados pelos hebreus haviam feito reconhecimentos na cidade e estavam na casa de Raabe com o propósito de fugir dali secretamente.

O soberano enviou imediatamente alguns homens para prendê-los e entregá-los à justiça, a fim de os obrigarem a confessar, mas Raabe os escondeu nos montes de linho que fazia secar ao longo do muro e disse às pessoas mandadas pelo rei que verdadeiramente alguns estrangeiros, que ela não conhecia, cearam em sua casa, mas haviam partido pouco antes do pôr-do-sol, e que se temiam que a visita deles tinha algum fim prejudicial à cidade e ao rei, seria fácil apanhá-los e trazê-los de volta. Aquelas pessoas, enganadas por essa mulher, em vez de procurá-los em casa tomaram caminhos que, segundo imaginavam, os estrangeiros teriam seguido, particularmente os que levavam ao rio. Porém, depois de caminharem muito tempo, voltaram sem saber notícias deles.

Depois que tudo sossegou, Raabe falou-lhes do perigo ao qual ela, com toda a sua família, se expusera para salvá-los e contou-lhes que Deus lhe revelara que eles se tornariam senhores de todo o país de Canaã. Então obrigou-os a prometer com juramento que depois de tomar Jerico e passar todos os seus habitantes a fio de espada, segundo a resolução já tomada, eles lhe salvariam a vida e a de todos os seus, da mesma forma como ela havia salvado a deles.

Depois de ter-lhe agradecido muito, eles disseram que quando ela visse a cidade prestes a ser tomada teria apenas de retirar os parentes e todos os seus bens de casa e estender diante da porta um pano vermelho, garantindo-lhe que, como recompensa pelo favor que lhe deviam, o general deles faria publicar proibições expressas quanto a entrar em sua casa ou causar-lhe algum desprazer. Mas se algum de seus parentes fosse morto em combate, ela não deveria acusá-los de ter violado o juramento. Eles contaram a Josué que a mulher em seguida os fez descer as muralhas da cidade por meio de uma

corda. Josué narrou esse fato a Eleazar, sumo sacerdote, e ao Senado, e eles aprovaram e confirmaram a promessa feita a Raabe.

181. Josué 3. Como Jerico situava-se além do Jordão, era preciso, para atacá-la, que o exército atravessasse o rio, então muito aumentado por causa das enchentes e da chuva. Josué encontrou-se em grande aflição, porque não tinha barcos para fazer uma ponte, e, mesmo se isso viesse a ser possível, os inimigos tê-los-iam impedido de construí-la. E, diante de tão grande contratempo, Deus prometeu-lhe tornar o rio vadeável. Josué esperou dois dias e depois atravessou-o, deste modo: os sacerdotes por primeiro, com a arca, seguidos pelos levitas, que levavam o Tabernáculo e todos os vasos sagrados. Os que pertenciam ao exército marchavam junto com as respectivas tribos, colocadas as mulheres e as crianças no meio, a fim de não serem levadas pela correnteza.

Quando os sacerdotes entraram no rio, perceberam que a água não era mais tão movimentada, tendo baixado de nível, e que o fundo estava firme. Assim, podiam atravessá-lo a pé. Depois desse primeiro efeito da promessa de Deus, todos os outros passa sem receio. Os sacerdotes ficaram no meio do rio até que todos passassem, e mal eles mesmos chegaram ao outro lado imediatamente o rio tornou-se cheio e impetuoso como antes. O exército avançou ainda uns cinqüenta estádios e acampou a dez estádios de Jerico.

182. Josué 4 e 5. Josué mandou erguer — com doze pedras que os príncipes das doze tribos, por sua ordem, apanharam no Jordão — um altar para servir como monumento ao auxílio de Deus, que, em benefício do povo, retivera a violência e a impetuosidade do rio. Sobre esse altar ele ofereceu um sacrifício e nesse lugar celebrou a festa da Páscoa. O exército encontrava-se em tão grande abundância quanto antes estivera em premente necessidade, pois além de toda espécie de presas com que se haviam enriquecido fora feita a colheita dos grãos já maduros, de que os campos estavam cobertos. E o maná, que os havia nutrido durante quarenta anos, deixou então de cair.

183. Josué, vendo-se senhor do campo, pois o medo dos cananeus os havia encerrado todos na cidade, resolveu então atacá-los. Assim, no primeiro dia da festa, os sacerdotes, acompanhados pelo Senado, marcharam para Jerico no meio dos batalhões, levando a arca sobre os ombros, ao som de sete

trompas, para animar os soldados. Depois de nessa ordem rodearem a cidade, regressaram ao acampamento e continuaram durante seis dias a fazer a mesma coisa.

No sétimo dia, Josué reuniu todo o exército e todo o povo e disse-lhes que antes que o Sol se ocultasse no ocaso Deus lhes entregaria jerico sem que eles tivessem necessidade de fazer esforço algum para dela se tornar senhores, porque as muralhas cairiam por si mesmas, para lhes dar entrada. Ordenou-lhes então que matassem não somente todos os seus habitantes, mas tudo o que tivesse vida, sem que a compaixão, o desejo do saque ou o cansaço os impedisse e sem nada reservarem para proveito particular. Deveriam levar a um mesmo lugar todo ouro e toda prata que encontrassem, para oferecer a Deus como primícias, e os despojos daquela que era a primeira cidade que Ele fazia cair nas mãos deles deveriam ser oferecidos em ação de graças, pela assistência que lhes prestava. Dessa lei geral, deviam excetuar apenas Raabe e seus parentes, por causa do juramento que a ela fizeram os que ele havia mandado para reconhecimento.

Depois de ter dado essas ordens, mandou o exército avançar para a cidade. Rodearam-na por sete vezes, os sacerdotes à frente, com a arca e ao som das trompas, como nos dias precedentes, para animar os soldados. E ao sétimo dia as muralhas caíram sozinhas. Fato tão prodigioso espantou de tal modo os seus habitantes que eles perderam totalmente a coragem, permitindo que os hebreus entrassem por todos os lados sem encontrar resistência alguma. Fez-se assim horrível matança, não sendo poupadas nem as mulheres nem as crianças. Puseram fogo à cidade e reduziram a cinzas todas as casas nos campos.

Somente Raabe e seus parentes, a salvo em casa dela, foram isentos dessa desolação geral, e ela foi levada a Josué. Ele agradeceu-lhe por ter salvo aqueles que havia enviado, prometendo recompensá-la como merecia. Em seguida, deu-lhe terras e tratou-a sempre com muita cordialidade. Destruiu-se com o ferro em Jerico tudo quanto o fogo havia poupado. Pronunciaram-se maldições contra os que tentassem reconstruir a cidade e rogou-se a Deus que o primeiro que lhes lançasse os alicerces perdesse o filho primogênito ao começar a obra e o mais moço ao terminá-la. Essa maldição teve o seu efeito,

como diremos a seu tempo. Encontrou-se nessa poderosa cidade grande quantidade de ouro, de prata e de cobre sem que ninguém, sem excetuar um só, ousasse se apoderar de algo, por causa da proibição que se fizera. Josué mandou entregar todas as riquezas nas mãos dos sacerdotes, para conservá-las no tesouro.

184. Josué 7. Acã, filho de Carmi, da tribo de Judá, que se apoderara da cota de armas do rei, toda tecida em ouro, e de uma barra de ouro, do peso de duzentos sidos, julgou que, tendo-se exposto ao perigo, era injusto não poder tirar disso nenhuma vantagem, bem como era desnecessário oferecer a Deus uma coisa de que Ele não tinha necessidade e da qual ele, Acã, se poderia aproveitar. Por isso enterrou-os na sua tenda, pensando enganar a Deus tal como havia iludido os homens.

O exército estava então acampado num lugar a que os hebreus chamam Gilgal, isto é, "liberdade", porque, estando livres do cativeiro dos egípcios e das males que suportaram no deserto, julgavam nada mais ter de recear. E, poucos dias depois da queda de Jerico, Josué mandou três mil homens contra a cidade de Ai. Combateram os inimigos, mas foram derrotados, e trinta e seis dentre eles morreram na luta. A notícia dessa desgraça causou mais aflição ao exército que a perda, a qual não foi grande, embora todos os mortos fossem pessoas de grande mérito. Por serem já senhores do país de modo absoluto e segundo a promessa de Deus, seriam sempre vitoriosos, mas viram que essa vitória erguia o ânimo dos inimigos. Assim, cobriram-se com saco e entregaram-se de tal modo à dor que passaram três dias em lamentações, sem desejar comer.

Josué, vendo-os tão desconsolados e abatidos, recorreu a Deus. Prostrando-se em terra, disse-lhe confiante: "Não foi por temeridade, Senhor, que empreendemos a conquista deste país. Moisés, vosso servidor, nos induziu a isso, após a promessa — que lhe fizestes e confirmastes por meio de milagres — de que nos tornaríamos donos do país e triunfaríamos sempre sobre os nossos inimigos. Nós lhe vimos o efeito em vários fatos, mas esta perda tão inesperada parece dar-nos motivo para duvidar e nada mais esperar para o futuro. No entanto, meu Deus, como sois Todo-poderoso, é fácil para vós socorrer-nos, mudar a nossa tristeza em alegria e o nosso desânimo em confiança e dar-nos a vitória".

Tendo Josué rogado desse modo, Deus ordenou-lhe que se levantasse e fosse purificar o exército, pois estava manchado de sacrilégio pelo roubo de uma coisa que devia ser consagrada a Ele, e aquela era a causa da desgraça que lhes sucedera. Depois do castigo a tão grande crime, porém, seriam vitoriosos. Josué referiu esse oráculo ao povo e lançou a sorte em presença do sumo sacerdote Eleazar e dos magistrados.

A sorte caiu sobre a tribo de Judá. Ele sorteou as famílias dessa tribo, e a escolha caiu sobre a de Zacarias. Por fim lançou a sorte sobre todos os homens dessa família, e ela caiu sobre Acã, o qual, vendo que era impossível ocultar o que Deus descobrira, confessou o seu furto e trouxe-o à presença do povo. Mataram-no imediatamente e, como sinal de infâmia, enterraram-no de noite, como se fora executado publicamente.

Josué 8. Josué, depois de haver purificado o exército, levou-o contra os habitantes de Ai. À noite, colocou homens de emboscada próximo da cidade e tentou ao raiar do dia uma escaramuça. Como a vitória que os inimigos haviam obtido os tornara ousados, atracaram-se corajosamente com os hebreus. Estes, a fim de afastá-los da cidade, simularam fugir, mas de repente voltaram-se de frente para eles, deram sinal aos que estavam escondidos e marcharam todos juntamente para a cidade. Apoderaram-se dela sem trabalho algum, porque os habitantes estavam tão certos da vitória que uma parte se achava sobre as muralhas e outra parte ficara do lado de fora para presenciar o combate.

Os hebreus mataram todos os que lhes caíram nas mãos, sem perdoar um sequer. Por outro lado, Josué desbaratou as tropas que haviam corrido ao seu encontro, as quais pensavam salvar-se na cidade, mas, vendo que ela fora tomada e ardia em chamas e assim não podendo esperar socorro algum, fugiram para o campo, desordenadamente. Fez-se nessa cidade um número muito grande de prisioneiros entre mulheres, crianças e escravos e arrebatou-se uma presa de grande valor: muito gado e dinheiro em moedas. Josué distribuiu tudo ao exército, que ainda estava acampado em Gilgal.

185. Josué 9. Quando os gibeonitas, que não estão muito longe de Jerusalém, souberam do que acontecera em jerico e em Ai, não duvidaram de que Josué viria imediatamente contra eles e nem pensaram em tentar aplacá-lo com orações, pois sabiam que ele declarara guerra mortal aos cananeus.

Julgaram mais conveniente estabelecer uma aliança com os hebreus e disso convenceram os ceferitanos e os catierinitanos, seus vizinhos, pois era o único meio de escapar do perigo que os ameaçava. Escolheram em seguida os mais hábeis dentre eles e os enviaram a Josué. Os embaixadores julgaram que, para obter êxito no seu intento, não deveriam dizer que eram cananeus, mas, ao contrário, fazer pensar que o seu país ficava muito longe e que nenhuma ligação tinham com eles.

Foi a reputação da virtude dos hebreus que os levou a procurar a amizade destes. Para justificar o embuste, tomaram vestuários velhos, a fim de fazer crer que vinham de longa caminhada, e, depois de assim se apresentarem à assembléia dos principais da cidade, disseram-lhes que os habitantes de sua cidade e das cidades vizinhas, vendo que Deus tinha tanto afeto pela nação hebréia a ponto de desejar torná-los senhores do país inteiro de Canaã, os enviaram para fazer aliança com eles e pedir que os tratassem como compatriotas, sem no entanto mudar coisa alguma de seus antigos costumes ou de sua maneira de viver. E, para mostrar-lhes como fora longa a caminhada que haviam feito, exibiram-lhes as vestes.

Josué, acreditando nas palavras deles, concedeu-lhes o que pediam. Eleazar, sumo sacerdote, e o Senado prometeram-lhes com juramento tratá-los como amigos e aliados, e o povo ratificou a aliança. Josué levou em seguida o exército às montanhas do país de Canaã, onde veio a saber que os gibeonitas eram cananeus e vizinhos de Jerusalém. Mandou então chamar os principais dentre eles e queixou-se da mentira que haviam contado. Eles responderam que se sentiram obrigados a isso, porque não viam outro meio de se salvar. Para tratar do assunto, Josué reuniu o sumo sacerdote e o Senado. Foi resolvido manter-se a palavra, pois fora dada com juramento, mas os gibeonitas seriam obrigados a servir em obras públicas. E assim, esse povo evitou o perigo que o ameaçava.

186. Josué 10. Esse ato dos gibeonitas irritou de tal modo o rei de Jerusalém que ele reuniu quatro reis vizinhos para juntos fazer-lhes guerra. Os gibeonitas, vendo-os acampados perto de uma fonte pouco distante de sua cidade, prontos para atacá-los, recorreram a Josué. Assim, por uma estranha circunstância, quando tudo tinham a temer dos habitantes de seu próprio país,

a sua única esperança de salvação estava no auxílio daqueles que tinham vindo para destruí-los.

Josué avançou imediatamente com todo o seu exército. Marchou dia e noite e atacou os inimigos ao despontar do dia, quando estavam prestes a dar o assalto. Colocou-os em fuga, perseguindo-os pelas colinas até o vale de Bete-Horom. Jamais se viu tão claramente como nesse combate o quanto Deus auxiliava o seu povo. Pois, além dos trovões, dos raios e de uma saraiva extraordinária, por um estranho prodígio e contra a ordem da natureza o dia prolongou-se, para impedir que as trevas da noite roubassem aos hebreus parte da vitória.

Os cinco reis, pensando encontrar segurança numa caverna perto de Maquedá, para onde se retirariam, foram aprisionados por Josué, que os matou a todos. Sabemos, pelo que está escrito nos Livros Sagrados conservados no Templo, que aquele foi um dia mais comprido que os outros. Depois de tamanho êxito, Josué levou o exército para os montes de Canaã e, depois de aí ter realizado grande mortandade entre os seus habitantes e obtido grande presa, reconduziu-o a Gilgal.

187. Josué 11. A fama das vitórias dos hebreus e de que eles não poupavam um só dos inimigos, matando todos os que lhes caíam nas mãos, instigou contra eles os reis do Líbano, que também eram da descendência dos cananeus. E os dessa nação, que habitam os campos, chamaram também em seu auxílio os filisteus. Assim, vieram todos juntos, com trezentos mil soldados de infantaria, dez mil cavaleiros e vinte mil carros acampar perto de Berote, cidade da Galiléia, pouco distante de uma outra do mesmo país, de nome Alta Cades.

Tão temível exército deixou assustados os israelitas, de tal modo que o próprio Josué parecia também ter perdido a coragem. Deus censurou-os por seu temor e ainda mais por não confiarem no seu auxílio, pois Ele lhes prometera a vitória. Ordenou-lhes que cortassem o jarrete de todos os cavalos que capturassem e queimassem todos os carros. Assim, tranqüilizaram-se. Marcharam corajosamente contra os inimigos, alcançaram-nos ao quinto dia e deram-lhes combate.

A luta foi renhida, e a mortandade entre os inimigos, quase inacreditável.

Vários foram mortos quando fugiam, muito poucos escaparam e nenhum dos reis se salvou. Depois de assim tratarem os homens, não pouparam também os cavalos e queimaram todos os carros. Os vencedores devastaram em seguida todo o país, sem que ninguém aparecesse para lhes opor resistência, forçaram as cidades e passaram a fio de espada todos os que lhes caíram nas mãos.

188. Ao fim de cinco anos, o tempo que durou essa guerra, só restava dos cananeus um pequeno número, que se retirara para lugares bem fortificados. Josué, ao partir de Gilgal, levou o exército para os montes e colocou o santo Tabernáculo na cidade de Silo, cuja localização parecia muito bela para moradia, até que se oferecesse ocasião favorável para a construção do Templo. Foi depois com todo o povo a Siquém, onde, segundo a ordem deixada por Moisés, dividiu o exército em dois, colocando metade sobre o monte Gerizim e metade sobre o Ebal, e ergueu ali um altar. Os sacerdotes e os levitas ofereceram sacrifícios a Deus, proferiram as maldições de que falei anteriormente, gravaram-nas sobre o altar e voltaram a Silo.

189. Josué, já bastante carregado de anos, vendo que as cidades que restavam aos cananeus eram quase inexpugnáveis, tanto por causa de sua posição quanto porque esses povos sabiam que os hebreus haviam saído do Egito com o propósito de se tornar senhores do país de Canaã e por isso empregaram todo o tempo em tornar esses lugares imunes às conquistas, reuniu todo o povo em Silo e falou-lhes dos felizes empreendimentos com que Deus os havia favorecido até ali, porque tinham observado as leis que Ele lhes outorgara.

Haviam derrotado trinta e um reis, que se atreveram a lhes resistir, e desfeito em pedaços os seus exércitos, dos quais apenas alguns conseguiram escapar às armas vitoriosas. Tomaram também a maior parte de suas cidades, e as que restavam eram tão fortes e contavam com tão grande obstinação de seus defensores que seriam necessários grandes cercos para vencê-las. Agora ele julgava necessário dispensar as tribos que moravam além do Jordão, depois de agradecer-lhes por terem passado o rio para correr com eles os perigos daquela guerra, e escolher dentre as que restavam homens de probidade comprovada que fossem constatar com exatidão a gran-Ho7a r> a fertilidade de todo o oaís de Canaã, retoínando com uma descrição fiel.

A proposta foi aprovada de modo geral, e Josué mandou dez homens acompanhados de peritos geômetras para medir toda a terra e avaliá-la segundo julgassem ser mais ou menos fértil. A terra do país de Canaã, embora apresente extensos campos com abundância de frutos, não pode ser tida como excelente se comparada com outras do mesmo país, nem como muito fértil se confrontada com as de Jerico e Jerusalém, situadas na maior parte entre montes e cuja extensão não é muito grande, mas cujos frutos sobrepujam os de todos os outros países, quer pela abundância, quer pela beleza.

Foi por esse motivo que Josué estabeleceu a apreciação segundo a fertilidade, e não segundo a extensão das propriedades, porque muitas vezes acontece de uma única medida de terra valer mais que várias dela mesma. Esses dez enviados, depois de empregar sete meses nesse trabalho, voltaram a Silo, onde, como já disse, estava então o Tabernáculo. Josué reuniu Eleazar, o sumo sacerdote, o Senado e os príncipes das tribos e fez com eles a divisão de todo o país entre as nove tribos e metade da de Manasses, na proporção do número de homens de cada tribo.

A tribo de Judá recebeu a Alta Judéia, que vai até Jerusalém e em largura até o lago de Sodoma, estando nela as cidades de Asquelom e Gaza.

A tribo de Simeão teve aquela parte da Iduméia que se limita com o Egito e a Arábia.

A tribo de Benjamim teve o país que se estende desde o rio Jordão até o mar e em largura de Jerusalém a Betei. Esse espaço é muito pequeno, por causa da fertilidade da terra, pois nele estão compreendidas as cidades de Jerusalém e Jerico.

A tribo de Efraim teve o país que se estende desde o Jordão até Gadara e em largura de Betei até Campo Longo.

A metade da tribo de Manasses teve o território cujo comprimento vai desde o Jordão até a cidade de Dor e em largura até a cidade de Bete-Seã, que hoje se chama Scitópolis.

A tribo de Issacar teve o território compreendido entre o Jordão até o monte Carmelo, cuja largura vai até o monte Itabarim.

A tribo de Zebulom teve o país que se limita com o monte Carmelo e o mar e se estende até o lago de Genesaré.

A tribo de Aser teve aquela planície rodeada de montes que está por trás do monte Carmelo, em frente a Sidom, na qual está a cidade de Arcé, outrora chamada Atipo.

A tribo de Naftali teve a Alta Galiléia e a região que se estende desde o lado do oriente até a cidade de Damasco, o monte Líbano e a nascente do Jordão, que tem a sua origem nesse monte, do lado que limita com a cidade de Arcé, para o norte.

A tribo de Dã teve os vales que tendem para o ocidente, cujos limites são Azor e Doris e onde se encontram as cidades de Jamnia e de Cita e todo o território que começa em Acarom* e termina no monte, onde começava a parte da tribo de Judá.

Assim distribuiu Josué às nove tribos e à metade da de Manasses as seis províncias a que seis dos filhos de Canaã haviam dado os próprios nomes. Quanto à sétima, que é a dos amorreus, a qual trazia também o nome de um dos filhos de Canaã, foi dada por Moisés às tribos de Rúben e de Cadê e à metade da tribo de Manasses, como já vimos. Mas as terras dos sidônios, aruseenses, amateenses e ariteenses não foram incluídas nessa partilha.

______

* Ou Ecrom.

190. Como Josué, por causa da idade, não podia mais tomar parte nas várias empresas e percebia que aqueles a quem ele disso incumbia agiam com negligência, ele exortou as tribos a trabalharem corajosamente, cada uma na extensão do território que lhe coubera em partilha, a fim de se exterminar o resto dos cananeus. Disse-lhes que assim cuidariam não somente de sua própria segurança, mas da consolidação de sua religião e de suas leis, fazendo-os lembrar ainda o que Moisés lhes dissera e o que já conheciam pela própria experiência.

Acrescentou que entregassem nas mãos dos levitas as trinta e oito cidades que faltavam para completar o número de quarenta e oito: as dez outras já lhes haviam sido entregues além do Jordão, no país dos amorreus. Destinou três dessas trinta e oito para serem lugares de refúgio, porque não havia

recomendação mais insistente que a de executar com rigor tudo o que Moisés determinara. As três cidades foram: Hebrom, na tribo de Judá, Siquém, na tribo de Efraim, e Cades, que está na Alta Galiléia, na tribo de Naftali. Dividiu depois o que restava da presa, a qual era tanta, quer em ouro, quer em vestes, quer em toda sorte de objetos, que a República e seus habitantes ficaram ricos. Quanto aos cavalos e outros animais, o seu número era incontável.

191. Josué 23. Josué reuniu depois todo o exército e assim falou às tribos levadas para o outro lado do jordão, cinquenta mil combatentes e os que se haviam juntado aos das outras tribos para a conquista que acabavam de fazer: "Aprouve a Deus, que é não somente o Senhor, mas também o Pai de nossa nação, dar-nos este rico país, com promessa de o possuirmos para sempre e segundo a sua ordem. E, como vos unistes tão generosamente a nós nesta guerra, é bem razoável, agora que nada mais resta de difícil a se fazer, que volteis a desfrutar em vossas casas um justo descanso. Assim como não podemos duvidar de que se tivéssemos ainda necessidade de vosso auxílio teríeis prazer em no-lo dar, não queremos abusar de vossa boa vontade, mas, ao contrário, muito vos agradecemos pela vossa participação nos mesmos perigos que corremos até aqui. Pedimo-vos somente que conserveis por nós sempre o mesmo afeto e que vos lembreis de que, depois da proteção de Deus, devemos ao vosso auxílio a felicidade de que desfrutamos e que deveis igualmente ao nosso a que possuis. Recebestes como nós a recompensa pelos trabalhos que juntos sustentamos nesta guerra, porque ela também vos enriqueceu e, além da quantidade de ouro, prata e presas que levais, deu-vos uma coisa que vos deverá ser ainda mais preciosa: a generosidade que todos conhecemos em vós e que estaremos igualmente sempre prontos a vos manifestar. Pois, como é verdade que depois da morte de Moisés não executastes com menor solicitude e afeto as ordens que recebestes, cumprindo-as como se ele ainda estivesse vivo, nada se pode acrescentar à gratidão que sentimos. Deixamo-vos, pois, voltar às vossas casas e vos rogamos que nunca ponhais limites à amizade, que deve ser inviolável entre nós, e que este rio que nos separa não nos impeça de nos considerarmos sempre como hebreus, pois pelo fato de morarmos em margens diferentes não somos menos que os outros da raça de Abraão. E, tendo o mesmo Deus dado vida aos vossos antepassados

e aos nossos, somos igualmente obrigados a observar, tanto na religião quanto no nosso proceder, as leis que dEle recebemos por meio de Moisés. É a essas leis santas e divinas que nos devemos inviolavelmente apegar e crer que enquanto delas não nos afastarmos Deus sempre nos protegerá e combaterá à frente de nossos exércitos, ao passo que se abraçarmos os costumes das outras nações Ele não somente se afastará de nós, mas nos abandonará completamente".

Depois que Josué assim falou, disse adeus em particular aos chefes das tribos que voltavam e em geral a todo o exército. Todos os hebreus que ficaram com ele os acompanharam, e as lágrimas mostravam o quanto essa separação lhes era dolorosa.

192. Josué 22. Depois que passaram o Jordão, as tribos de Rúben e de Gade e metade da tribo de Manasses ergueram um altar às margens do rio, para dar à posteridade um sinal de sua estreita aliança com os compatriotas que moravam do outro lado. As outras tribos souberam-no e, não conhecendo a causa, imaginaram que o altar fora erguido para prestar adoração sacrílega a divindades estrangeiras. E o seu zelo, sob a falsa suspeita de que eles haviam abandonado a fé de seus antepassados, levou-as a tomar as armas para castigá-los por tão grande crime.

Julgaram que a honra de Deus lhes deveria ser muito mais importante que o parentesco de sangue ou a posição de quem cometera semelhante impiedade e, nesse ímpeto de cólera, desejaram marchar naquele mesmo instante contra eles. Porém Josué, o sumo sacerdote Eleazar e o Senado detiveram o povo, alegando que era preciso, antes de se recorrer às armas, saber qual a intenção daquelas tribos, e, se por acaso fosse a que imaginavam, poderiam então agir pela força contra eles. Em seguida, mandaram Finéias, filho de Eleazar, acompanhado de dez outros respeitáveis enviados para saber com que intenção haviam construído aquele altar à beira do rio.

Quando lá chegaram, Finéias assim falou-lhes, em assembléia: "A falta que cometestes é demasiado grande para ser castigada somente com palavras. No entanto a consideração pelo sangue que nos une tão estreitamente e a nossa esperança de que lamentareis o fato de a terdes cometido impediu-nos de tomarmos imediatamente as armas para vos castigar. Mas, para evitar que nos

acusem de deliberar levianamente esta guerra, vimos como delegados para junto de vós, a fim de sabermos o que vos levou a erguer esse altar à beira do rio, se tivestes boas razões para isso, e assim não tenhamos motivo para vos censurar. Se fordes culpados, todavia, executaremos a vingança que merece tão grande crime, isto é, faltar ao que deveis a Deus. Temos grande dificuldade em crer que, conhecendo bastante a sua vontade e tendo vós mesmos ouvido as leis promulgadas pela boca de Moisés, não nos tenhais deixado para voltar a um país, o qual possuis pela bondade divina, apenas para vos esquecerdes dos favores de que Ele se dignou cumular-vos, para abandonar o seu Tabemáculo, a arca de sua aliança e o seu altar e adotar as impiedades dos cananeus, sacrificando aos seus falsos deuses. Se no entanto fostes infelizes o bastante para cair nessa falta, nós vo-la perdoaremos, contanto que nela não persistais e volteis à religião de nossos antepassados. Se vos obstinardes no vosso pecado, nada haverá que não façamos para mantê-la e ver-nos-eis, armados do zelo pela honra de Deus, tornar a passar o Jordão e tratar-vos do mesmo modo como tratamos os cananeus. Pois não penseis que, estando separados de nós por um grande rio, ficais fora dos limites do poder de Deus, porque Ele se estende por toda parte, e é impossível furtar-se à sua justiça e ao seu domínio. Se a província em que habitais é um obstáculo à vossa salvação, dèveis abandoná-la, por mais rica que seja, e faremos uma nova divisão. Mas seria muito melhor renunciardes ao vosso erro, como vos aconselhamos, pelo amor que tendes às vossas esposas e aos vossos filhos, a fim de que não sejamos obrigados a vos declarar inimigos. Pois, para vos salvardes e a tudo o que vos é caro, somente uma destas duas deliberações deveis tomar: ou deixar-vos persuadir por nossas razões ou declararmos guerra uns contra os outros".

Assim falou Finéias, e os principais da assembléia responderam-lhe: "jamais pensamos em alterar a união que tão estreitamente nos une ou em nos afastar da religião de nossos antepassados: nela queremos sempre nos manter. Reconhecemos que há um só Deus, que é o Pai comum a todos os hebreus, e desejamos sacrificar apenas sobre o altar de bronze que está à porta do Tabernáculo. Quanto ao que erguemos às margens do Jordão e que deu lugar às suspeitas que tivestes de nós, não o fizemos com intenção de nele oferecer vítimas, porém somente para dar à posteridade um monumento à união que

existe entre nós e à obrigação que temos de permanecer firmes na mesma crença. Deus é testemunha do que vos dizemos, e assim, em vez de continuar a nos acusar, deveis ter para o futuro uma opinião melhor de nós, como não desconfiar de um crime do qual ninguém da descendência de Abraão se pode tornar culpado sem merecer a pena de morte".

Finéias ficou tão satisfeito com essa resposta que lhes teceu grandes elogios e, tendo voltado a Josué, prestou-lhe contas de sua embaixada na presença de todo o povo. Houve alegria geral por ninguém ser obrigado a tomar armas para derramar o sangue dos irmãos. Deram graças a Deus por meio de sacrifícios, e cada qual retornou à sua casa. Então Josué fixou moradia em Siquém.

193. Josué 24. Depois de transcorridos vinte anos, esse excelente chefe dos israelitas, achando-se velho e cansado, reuniu o Senado, os príncipes das tribos, os magistrados, os principais da cidade e os mais importantes dentre o povo. Falou-lhes da série contínua de benefícios que Deus lhes concedera, fazendo-os passar da miséria a tão grande prosperidade e glória. Exortou-os a observar rigorosamente os mandamentos, a fim de conservá-lo sempre favorável. Declarou que se via obrigado a adverti-los, antes de morrer, sobre os deveres que tinham de cumprir e rogou-lhes que deles jamais se esquecessem. Ao encerrar as suas palavras, entregou o espírito, na idade de cento e dez anos, dos quais passara quarenta sob o governo de Moisés e, depois da morte deste, vinte e cinco anos orientando o povo.

Era um homem tão prudente, eloqüente, sensato em seus conselhos, corajoso na ação e capaz das mais importantes ações na paz e na guerra, que nenhum outro de sua época foi ao mesmo tempo tão excelente general e tão hábil governante de um povo tão numeroso. Enterraram-no em Timnate-Sera, cidade da tribo de Efraim. Eleazar, sumo sacerdote, morreu também nessa mesma época, e Finéias, seu filho, sucedeu-o. Ainda hoje se vê o seu túmulo, na cidade de Gibeá.

194. O povo consultou o novo sacerdote para saber qual era a vontade de Deus referente a quem deveria ser o chefe contra os cananeus, e ele respondeu que se devia deixar à tribo de Judá a direção dessa guerra. Assim foi-lhe entregue essa responsabilidade, e a tribo de Simeão foi designada para ajudá-

la, com a condição de que Judá, depois exterminar o que restava dos cananeus na extensão do território de sua tribo, prestaria o mesmo auxílio à tribo de Simeão, para exterminar também os que restavam entre eles.

CAPÍTULO 2

AS TRIBOS DE JUDÁ E DE SIMEÃO DERROTAM O REI ADONI-BEZEQUE E TOMAM VÁRIAS CIDADES. OUTRAS TRIBOS CONTENTAM-SE EM TORNAR TRIBUTÁRIOS OS CANANEUS.

195. Juizes 1. Os cananeus eram então muito poderosos, e a morte de Josué os fez acreditar que podiam vencer os israelitas. Reuniram, para esse fim, um grande exército perto da cidade de Bezeque, sob o comando do rei Adoni-Bezeque, isto é, "senhor dos bezequinianos", pois adonis em hebreu significa "senhor". As tribos de Judá e de Simeão combateram-nos tão valentemente que mataram mais de dez mil deles e puseram todos os outros em fuga. Prenderam Adoni-Bezeque e cortaram-lhe os pés e as mãos — nisso se viu um efeito da justa vingança de Deus, que assim permitiu fosse esse cruel príncipe tratado da mesma maneira como já tratara setenta e dois reis. Levaram-no nesse estado até próximo de Jerusalém, onde ele morreu e foi enterrado.

Tomaram em seguida várias cidades. Sitiaram Jerusalém e tornaram-se senhores da Cidade Baixa, onde mataram os seus habitantes. Mas a Cidade Alta conservou-se tão forte, pela sua posição e por suas fortificações, que eles foram obrigados a levantar um cerco. Atacaram a cidade de Hebrom, tomaram-na de assalto e mataram-lhe também todos os habitantes, dentre os quais estavam alguns da raça dos gigantes. Eram homens de estatura enorme, olhar terrível e voz espantosa, em cujo aspecto mal se poderia acreditar. Ainda hoje podem ser vistos os seus ossos.

Como essa cidade ocupa um lugar muito honroso nesse país, deram-na aos levitas, com a extensão de dois mil côvados em redor, segundo a ordem de Moisés. O resto do território foi dado a Calebe, que era um dos que haviam sido mandados para fazer o reconhecimento do país. Teve-se também o cuidado de recompensar os descendentes de jetro, o midianita sogro de Moisés, porque eles

deixaram o seu país para seguir o povo de Deus e participaram das tribulações que os israelitas haviam suportado no deserto.

As tribos de Judá e de Simeão, depois de atacar as cidades situadas nos montes, desceram para a planície e se espalharam em direção ao mar, tomando dos cananeus as cidades de Asquelom e Azor. Mas não puderam tornar-se senhores de Gaza nem de Acarom,* porque estavam em lugar plano, e os sitiados lhes impediam a aproximação com um grande número de carros, obrigando-os a se retirar com perdas. Assim essas duas tribos voltaram para desfrutar em paz a presa que haviam feito.

A tribo de Benjamim, em cuja partilha estava Jerusalém, deu paz aos habitantes dessa grande cidade, satisfazendo-se em lhes impor um tributo. Assim, deixando uns de fazer a guerra e outros de vagar a esmo, puseram-se a cultivar e a valorizar as suas terras, e as outras tribos, imitando-as, deixaram também em paz os cananeus, contentando-se em fazê-los tributários.

A tribo de Efraim, depois de sitiar durante muito tempo a cidade de Betei sem conseguir tomá-la, não deixou de insistir nessa empresa. Um dos habitantes que para lá transportava víveres, caiu por acaso em suas mãos. Então prometeram-lhe com juramento salvá-lo, e à sua família, se ele os introduzisse na cidade. O homem deixou-se convencer e, por meio dele, apoderaram-se de Betei. Mantiveram a palavra dada a ele, porém mataram todos os outros.

---

* Ou Ecrom.

196. juizes 2. Os israelitas deixaram então de fazer guerra, desejando apenas desfrutar em paz e com prazer os muitos bens de que se viam cumulados. Sua abundante riqueza lançou-os no luxo e na volúpia. Não se incomodavam mais em observar a antiga disciplina e tornaram-se surdos à voz de Deus e à suas santas leis. Assim, atraíram-lhe a cólera, e Ele lhes fez saber que era contra a sua ordem que eles poupavam os cananeus e que tempo viria em que, no lugar da bondade dispensada aos cananeus, experimentariam a crueldade deles.

Esse oráculo deixou-os assustados, no entanto não os fez mudar de idéia e recomeçar a guerra, por causa dos tributos que recebiam daqueles povos e porque as delícias os haviam tornado tão efeminados que o trabalho agora lhes era insuportável. Não havia mais entre eles nenhuma forma de República. Os magistrados não tinham autoridade e não se observava mais o antigo costume de eleger Senadores. Ninguém se incomodava com o povo e cada qual só pensava no interesse e no lucro próprios. No meio de tanta desordem, aconteceu um caso particular, que deu origem a uma sangrenta guerra civil. Eis a causa.

197. juizes 19. Um levita, morador do país que tocara como partilha à tribo de Efraim, desposou uma mulher da cidade de Belém, da tribo de Judá. Como ele a amava apaixonadamente pela sua beleza e ela, ao contrário, não o amava, o levita fazia-lhe constantes censuras. Ela cansou-se de as suportar e, ao fim de quatro meses, abandonou-o, retornando para a casa dos pais. Esse homem, impelido pela violência de seu amor, foi buscá-la. Eles o receberam com muita bondade e reconciliaram-no com a mulher. Depois de ele ter ficado ali quatro dias, resolveu reconduzi-la para casa. Mas como essa boa gente sentia separar-se da filha, ele só pôde partir à tarde.

A mulher ia montada numa jumentinha, e um criado os acompanhava. Haviam percorrido uns trinta estádios e já se encontravam perto de Jerusalém, quando o criado os aconselhou a não passarem além, com medo de que lhes faltasse a luz do dia, pois muito se tem a temer durante a noite, mesmo estando entre amigos, e eles corriam muito mais perigo por estar perto de seus inimigos. O levita não aceitou o conselho porque os cananeus eram senhores de Jerusalém, e ele não poderia hospedar-se em casa de estrangeiros. Preferia andar ainda vinte estádios até a casa de alguém pertencente à sua nação. Assim, chegaram bem tarde à cidade de Gibeá, que era da tribo de Benjamim.

Permaneceram algum tempo na grande praça, sem que ninguém se apresentasse para recebê-los em casa. Por fim, um velho da tribo de Efraim estabelecido nessa cidade, voltando do campo, encontrou-os nesse lugar. Perguntou ao levita quem ele era e como esperara até aquela hora tardia para se recolher. Respondeu-lhe que era da tribo de Levi e reconduzia a mulher da casa de seus pais para a terra de Efraim, onde ele residia. O velho soube então

que o homem pertencia à sua tribo e levou-o para casa. Alguns moços da cidade, que os tinham visto na praça e admirado a beleza da mulher, vendo que ele se recolhera à casa desse velho, o qual não tinha forças para defendê-la, foram bater-lhe à porta exigindo que lhes entregasse a mulher. Rogou-lhes ele que se retirassem e não lhe causassem tamanho desprazer. Como eles insistiam, disse-lhes que era sua parenta da tribo de Levi e que eles não poderiam, sem cometer um enorme crime, calcar aos pés o temor das leis para satisfazer à própria luxúria.

Eles zombaram de suas palavras e ameaçaram matá-lo se continuasse recusando entregá-la. Então esse homem caridoso, querendo a todo custo salvar os hóspedes de tão grande ultraje, ofereceu àqueles loucos a própria filha, para não violar o direito da hospitalidade. Nada, porém, os pôde contentar. Desejavam insistentemente aquela mulher e a levaram à força, ficando com ela durante toda a noite. Depois de satisfazer a sua brutal paixão, restituíram-na, ao amanhecer. Ela regressou semimorta de dor e de vergonha pelo que lhe acontecera. Sem ousar levantar os olhos para contemplar o marido ultrajado em sua pessoa, caiu morta aos pés dele.

Ele julgou que ela estava apenas desmaiada e esforçou-se para fazê-la voltar a si e consolá-la, dizendo que, embora não fosse possível diminuir a grandeza da injúria que ela recebera, não devia deixar-se levar pelo desespero, pois não tendo dado absolutamente consentimento, sofrerá a mais horrível de todas as violências. Depois de lhe ter assim falado, percebeu que ela estava morta. A dor excessiva quase o fez perder o juízo, e ele tomou o corpo, colocou-o sobre a jumentinha e o levou para casa. Então partiu-o em doze pedaços, mandando um a cada tribo com a informação do que se havia passado. Coisa inaudita e tão horrível como essa encheu o povo de tal furor que todos se reuniram em Silo, diante do Tabernáculo, e resolveram imediatamente atacar Cibeá.

O Senado, porém, fez-lhes ver que não se devia tão levianamente declarar guerra aos daquela cidade, sem antes se terem mais particularmente informado do crime, pois a Lei proibia tal procedimento, mesmo para com os estrangeiros, e exigia que se mandassem embaixadores para pedir satisfação. Assim, era justo obrigar os gibeenses a castigar severamente os culpados. Se eles o

fizessem, os hebreus dever-se-iam contentar com o castigo, mas caso recusassem executá-lo, a afronta seria vingada pelas armas. Tais palavras os convenceram, e mandaram embaixadores a Cibeá para dar queixa do crime daqueles moços, que ao violentar uma mulher haviam também violado a lei de Deus, e pedir que lhes aplicassem a pena de morte, pois a mereciam.

Aquele povo, porém, julgando não perder em força ou em coragem para nenhum outro, pensou que lhe seria vergonhoso dar tal satisfação, por medo da guerra. Assim preparou-se para lutar, e com ele todo o resto da tribo de Benjamim. As outras tribos ficaram de tal rrwjdo irritadas com a recusa em fazer justiça que se obrigaram por juramento a não dar nenhuma de suas filhas em casamento aos daquela tribo e a fazer-lhes uma guerra ainda mais sangrenta que a empreendida por seus predecessores aos cananeus. Puseram-se a seguir em campo com quatrocentos mil homens, para atacá-los. Os da tribo de Benjamim contavam apenas vinte e cinco mil e seiscentos, dentre os quais quinhentos tão valentes que se serviam das duas mãos, usando uma para atirar com a funda e a outra para combater.

A batalha travou-se perto de Gibeá. Os benjaminitas foram vitoriosos: mataram vinte e dois mil de seus inimigos e teriam matado muitos outros se a noite os não tivesse separado. Voltaram assim triunfantes para a sua cidade, e os israelitas, ao seu acampamento, muito admirados e abatidos com a derrota. A luta recomeçou no dia seguinte, e os benjaminitas saíram-se novamente vitoriosos: mataram dezoito mil israelitas, que, de tão espantados com esse fato, levantaram acampamento e partiram para Betei, que não estava longe dali. Jejuaram todo o dia seguinte e pediram a Deus, por meio de Finéias, sumo sacerdote, que acalmasse a sua cólera, contentando-se com as duas derrotas que haviam sofrido, e lhes fosse favorável.

Deus ouviu-lhes a oração e prometeu-lhes auxílio. Eles então se tranqüilizaram. Dividiram o exército em duas partes e de noite mandaram uma delas postar-se em emboscada perto da cidade enquanto avançavam com a outra. Os benjaminitas partiram contra eles com coragem, confiantes de obter uma terceira vitória. Os israelitas então fingiram afastar-se, a fim de levá-los mais para longe. Aquela fuga aparente excitou de tal modo o orgulho dos benjaminitas que mesmo os isentos de ir à guerra pela idade, que se

contentavam em observar o combate do alto da muralha da cidade, saíram para tomar parte na pilhagem, a qual já davam como certa.

Quando os israelitas viram que já os haviam trazido para bem longe, voltaram-se de frente para eles e deram sinal aos que estavam de emboscada. Todos juntos, então, lançaram-se com grandes gritos contra eles, atacando-os de todas as direções. Os benjaminitas viram que estavam perdidos e lançaram-se a um vale, onde foram rodeados por todos os lados e mortos a golpes de dardos e de flechas, exceto uns seiscentos, que se reuniram e abriram caminho através dos inimigos com a espada na mão, salvando-se em um monte, de modo que mais ou menos vinte e cinco mil homens jaziam mortos no campo de luta.

Os israelitas incendiaram Gibeá, onde, sem relevar sexo ou idade, mataram as mulheres e as crianças. Trataram do mesmo modo todas as outras cidades de Benjamim. Levaram a sua vingança a tal ponto que mandaram doze mil homens escolhidos à cidade de)abes de Gileade, por ela lhes ter recusado auxílio na guerra, os quais a tomaram e mataram os homens, as mulheres e as crianças, preservando somente a vida de quatrocentas moças. O crime cometido na pessoa da mulher do levita juntamente com os dois combates que haviam perdido incitou-os a tal vingança. Quando, porém, o furor deles começou a se acalmar, sentiram compaixão pela ruína de seus irmãos.

Assim, embora o castigo que haviam imposto fosse justo, eles escolheram alguns moços e os enviaram aos seiscentos homens que se haviam salvado, con-vidando-os a regressar. Encontraram-nos no deserto, junto de uma rocha de nome Ros. Os mensageiros disseram-lhes que as outras tribos tomavam parte na sua infelicidade, mas visto que não havia remédio, deviam suportá-la com paciência e reunir-se aos de sua nação, a fim de impedir a ruína completa de sua tribo. Para isso, restituir-lhe-iam todas as terras e lhes entregariam o gado.

Eles receberam o oferecimento com gratidão, reconhecendo que Deus os havia castigado com justiça, e voltaram ao seu país. Os israelitas deram-lhes como esposas as quatrocentas moças que haviam aprisionado em Jabes e, como antes de começar a guerra haviam jurado não dar aos benjaminitas esposas dentre as filhas de Israel, deliberaram para saber como fariam com as

duzentas que faltavam para igualar o número de homens. Alguns disseram que não deviam levar em conta um juramento feito com precipitação e por cólera e que Deus não teria como desagradável favorecer uma tribo que corria o risco de ser extinta. E, se era um grande pecado violar um juramento por um mau fim, tal não seria se a necessidade a isso obrigava. Mas o Senado respondeu que, ao contrário, a simples menção da palavra "perjuro" já lhes causava horror

Nessa diversidade de opiniões, um dos presentes afirmou conhecer um meio de dar esposas aos benjaminitas sem faltar ao juramento. Disseram-lhe que se explicasse, e ele disse: "Somos obrigados a ir três vezes por ano à cidade de Silo a fim de celebrarmos as nossas grande festas e levamos conosco as nossas mulheres e filhos. Assim, podemos permitir aos benjaminitas que levem impunemente de nossas filhas as que puderem apanhar, sem que tenhamos qualquer parte nisso. Se os pais se queixarem e pedirem que lhes façamos justiça, responderemos que eles deveriam censurar a si mesmos por terem cuidado mal delas e que não deveriam se encolerizar contra aqueles aos quais muita ira já foi manifestada".

A proposta foi aprovada, e resolveram que seria permitido aos benjaminitas proverem-se de mulheres por esse meio. Chegando o dia da festa, os duzentos que não tinham esposa esconderam-se fora da cidade, nas vinhas e nas moitas, enquanto as moças passavam, distraídas, saltando e dançando, sem de nada desconfiar. E eles levaram tantas quantas lhes faltavam, desposaram-nas e puseram-nas com grande cuidado a cultivar a terra, a fim de poderem um dia voltar à antiga abundância. Assim, essa tribo, que estava a ponto de ser totalmente destruída, foi conservada pela sabedoria dos israelitas e logo cresceu, tanto em número quanto em riquezas.

198. juizes 8. Nessa época, a tribo de Dã não foi tão feliz quanto a de Benjamim. Os cananeus, vendo que os hebreus estavam perdendo o hábito da guerra e só pensavam em enriquecer, começaram a desprezá-los e resolveram reunir todas as suas forças, não por temor que tivessem deles, mas para reduzi-los a tal estado que não pudessem no futuro causar-lhes medo ou atacar as suas cidades.

Assim, puseram-se em campo com uma grande tropa de infantaria e de carros. Conseguiram para o seu partido as cidades de Asquelom e de Acarom,

que eram da tribo de judá, e várias outras, construídas nas planícies, e obrigaram os da tribo de Dã a se refugiar nos montes. Como ali não encontraram terras bastante cultiváveis para se nutrir e não eram suficientemente fortes para reconquistar pelas armas as que haviam perdido, mandaram cinco dentre eles aos países mais afastados do mar, para ver se lá poderiam estabelecer colônias.

Depois de terem marchado um dia e passado a grande planície de Sidom, encontraram perto do monte Líbano e das nascentes do Pequeno Jordão uma terra muito fértil. Comunicaram o fato, e o pequeno exército partiu imediatamente para lá. Construíram uma cidade e a chamaram Dã, nome de um dos filhos de]acó, que era também o nome da tribo. No entanto os negócios dos israelitas cada vez pioravam mais, porque em vez de se entregar ao trabalho e de servir e honrar a Deus, abandonavam-se aos vícios dos cananeus. Cada qual vivia segundo os próprios desejos, num relaxamento completo de toda espécie de disciplina.

CAPÍTULO 3

O REI DOS ASSÍRIOS SUBJUGA OS ISRAELITAS.

199. juizes 3. Deus ficou tão irritado por ver o seu povo abandonar-se dessa forma a toda espécie de pecados, que também o abandonou: o luxo e os prazeres fizeram-nos logo perder a felicidade que com tanto trabalho haviam conquistado. Chusarte, rei dos assírios, fez-lhes guerra e matou vários deles em diversos combates. Atacou algumas de suas cidades, recebeu as outras sob condições e impôs a todas grandes tributos. Assim, durante oito anos, eles se encontraram oprimidos por toda espécie de males. Deles foram livres do modo que vou dizer.

CAPÍTULO 4

OTNIEL LIVRA OS ISRAELITAS DA SERVIDÃO DOS ASSÍRIOS.

200. juizes 3. Otniel, homem muito hábil e valente da tribo de Judá, teve uma revelação, na qual lhe foi ordenado não tolerar que a sua nação fosse

reduzida a tal miséria e que tudo empreendesse para libertá-la. Escolheu para ajudá-lo em tão grande empresa um punhado de homens que ele sabia serem generosos o bastante para não temer perigo algum, se fosse para quebrar aquele jugo insuportável.

Começaram por cortar a garganta à guarnição assíria. A notícia de tal êxito espalhou-se. Os soldados acorreram e de tal modo aumentaram de número que em pouco tempo quase se igualavam aos assírios. Deram então combate a estes, venceram-nos, puseram-nos em fuga, obrigando-os a se retirar para lá do Eufrates, e assim recobraram gloriosamente a liberdade. Como recompensa a Otniel por tão grande serviço, tomaram-no por chefe e deram-lhe o nome de juiz, por causa da autoridade que lhe davam para julgá-los. Ele morreu nesse cargo depois de tê-lo exercido durante quarenta anos.

CAPÍTULO 5

EGLOM, REI DOS MOABITAS, SUBJUGA OS ISRAELITAS. EÚDE LIBERTA-OS.

201. juizes 3. Depois da morte desse sábio e generoso governador, os hebreus acharam-se num estado muito pior que o anterior, e sem chefe, porque não prestavam mais a Deus a devida honra nem a obediência que deviam às leis. Eglom, rei dos moabitas, declarou-lhes guerra. Venceu-os em diversos combates e tornou o povo tributário. Estabeleceu em Jerico a sede dejseju governo e oprimiu-os com toda espécie de males. Eles passaram assim dezoito anos. Mas depois Deus, compadecido pelo sofrimento do povo e vencido pelas suas orações, resolveu libertá-los.

Eúde, filho de Gera, da tribo de Benjamim, jovem vigoroso e ousado, tão hábil que lutava ao mesmo tempo com as duas mãos e era capaz de tudo empreender, estava então em jerico. Encontrou meios de se insinuar nas boas graças de Eglom, por meio de presentes que lhe mandava, e teve assim grande facilidade para entrar no palácio. Num dia de verão, pelo meio-dia, tomou um punhal, escondeu-o sob as vestes, do lado direito, e foi em companhia de dois de seus servidores levar presentes ao soberano. Os guardas estavam fazendo a sua refeição, e o calor era grande: essas duas coisas juntamente os tornavam mais negligentes ainda. Ele ofereceu presentes a Eglom, que estava retirado

num quarto muito fresco, e conversou com ele tão amigavelmente que o rei ordenou aos seus homens que se retirassem.

Eúde, temendo que o seu golpe falhasse, porque o rei estava sentado no trono, pediu-lhe que se levantasse para que pudesse narrar um sonho da parte de Deus. Eglom levantou-se para escutá-lo e então Eúde cravou-lhe o punhal no coração, deixando-o na ferida. Depois saiu e fechou a porta. Os oficiais julgaram que ele deixara o rei adormecido, e Eúde, sem perder tempo, contou em segredo aos israelitas da cidade o que acabava de fazer, exortando-os a recuperar a liberdade. Eles tomaram imediatamente as armas e mandaram tocar trompas por todo o país, para reunir os de sua nação.

Os oficiais de Eglom permaneceram muito tempo sem nada desconfiar. Mas quando viram cair a tarde, o temor de que lhe houvesse acontecido alguma coisa impeliu-os a entrar no quarto, onde o encontraram morto. Seu espanto foi tal que, não sabendo qual deliberação tomar, deram aos israelitas tempo para serem atacados antes que tivessem ocasião de se defender. Os israelitas mataram uma parte deles, e o resto, num total de mais ou menos dez mil, salvou-se fugindo para o seu país. Mas os israelitas, que haviam ocupado as passagens do Jordão, mataram-nos pelo caminho, principalmente no lugar das sentinelas, de sorte que não se salvou um sequer.

Os hebreus, uma vez livres da servidão dos moabitas, escolheram unanimemente Eúde para seu chefe e soberano, considerando que deviam a ele a sua liberdade. Era um homem de grande mérito e digno de muitos elogios. Desempenhou o cargo durante oitenta anos. Sangar, filho de Anate, sucedeu-o e morreu antes que terminasse o ano.

CAPÍTULO 6

JABIM, REI DOS CANANEUS, SUBJUGA OS ISRAELITAS. DÉBORA E BARAQUE LIBERTAM-NOS.

202. juizes 4. Os males que caíram sobre os israelitas não os tornaram melhores, e eles voltaram à impiedade para com Deus e ao desprezo de suas leis. Assim, depois de libertos do jugo dos moabitas, foram vencidos e dominados por Jabim, rei dos cananeus. Ele tinha a sua corte na cidade de

Hazor, situada sobre o lago de Samachom, e mantinha ordinariamente trezentos mil homens de infantaria, dez mil cavaleiros e três mil carros. Sísera, general do exército, desfrutava grande favor junto dele porque vencera os israelitas em vários combates, e o rei devia principalmente à liderança e ao valor desse homem o fato de tê-los como tributários.

Vinte anos passaram os israelitas em tão dura servidão que não houve mal que não tivessem sofrido. Deus o permitiu para castigar o orgulho e a ingratidão deles. Mas ao fim desse tempo eles reconheceram que o desprezo às santas leis era a causa de toda aquela infelicidade. Dirigiram-se a uma profetisa de nome Débora, que em hebreu significa "abelha", e pediram-lhe que dissesse a Deus para ter compaixão deles e de seus sofrimentos. Ela rogou-lhe em seu favor, e a sua oração foi ouvida. Ele prometeu libertá-los sob o comando de Baraque — "relâmpago", em nossa língua —, que era da tribo de Naftali.

Débora, depois desse oráculo, ordenou a Baraque que reunisse dez mil homens e atacasse os inimigos, sendo suficiente esse pequeno número, pois Deus prometia-lhes a vitória. Baraque respondeu-lhe que não podia aceitar o cargo se ela não tomasse, com ele, o comando do exército. Ela, porém, respondeu-lhe encolerizada: "Não tendes vergonha de ceder a uma mulher a honra que Deus se digna fazer-vos? Eu, porém, não recuso recebê-la". Reuniram assim dez mil homens e foram acampar no monte Tabor. Sísera, por ordem do rei seu senhor, marchou para combatê-los e acampou próximo deles.

Baraque e o resto dos israelitas, espantados com a multidão dos inimigos, intentaram retirar-se e afastar-se quanto possível. Mas Débora os deteve e ordenou-lhes que combatessem naquele mesmo dia sem temer aquele grande exército, porque a vitória dependia de Deus, e deviam confiar no seu auxílio. Travou-se o combate. Nesse momento, viu-se cair uma forte chuva com granizo. O vento impelia-a com tanta violência contra o rosto dos cananeus que os arqueiros e fundibulários não se podiam servir nem dos arcos nem das fundas, e os que estavam armados mais pesadamente tampouco podiam usar as suas espadas, tão enregelados estavam pelo frio. Os israelitas, ao contrário, tendo a tempestade pelas costas, não eram incomodados por ela e ainda sentiam redobrada a coragem, vendo nela um sinal visível do auxílio divino.

Assim, eles venceram e mataram um grande número de inimigos,

restando apenas um pequeno número, que pereceu sob as patas dos cavalos e as rodas dos carros de seu próprio exército, o qual fugia em desordem. Sísera, vendo tudo perdido, desceu do carro e entrou na casa de uma mulher ciniana, de nome jael, rogando-lhe que o escondesse e pedindo-lhe de beber. Ela deu-lhe leite azedo, de que ele bebeu bastante, porque sentia muita sede. E|e adormeceu, e a mulher, vendo-o em tal estado, fincou-lhe com um martelo um grande prego na fronte. Os soldados de Baraque chegaram, e ela apontou-lhes o morto. Assim, segundo a predição de Débora, a honra dessa grande vitória coube a uma mulher. Baraque marchou em seguida para a cidade de Hazor e derrotou e matou o rei Jabim, que vinha com um exército ao seu encontro. Ele arrasou a cidade e governou o povo de Deus durante quarenta anos.

CAPÍTULO 7

OS MIDIANITAS, AJUDADOS PELOS AMALEQUITAS E PELOS ÁRABES, SUBJUGAM OS ISRAELITAS.

203. juizes 6. Depois da morte de Baraque e de Débora, que se deu quase ao mesmo tempo, os midianitas, auxiliados pelos amalequitas e pelos árabes, fizeram guerra aos israelitas, venceram-nos em um grande combate, devastaram o país e levaram grande despojo. Continuaram durante sete anos a persegui-los e oprimi-los dessa maneira, obrigando-os, por fim, a abandonar o campo e se refugiar nos montes. Cavaram na terra lugares de defesa, onde guardavam tudo o que podiam apanhar nas planícies, porque os midianitas só depois de fazer a colheita permitiam-lhes cultivar as terras, durante o inverno, a fim de se aproveitarem do trabalho deles no tempo da colheita. Assim, era extrema a sua miséria, e nesse estado tão deplorável recorreram a Deus, pedindo-lhe que os ajudasse.

CAPÍTULO 8

GIDEÃO LIBERTA O POVO DE ISRAEL DA ESCRAVIDÃO DOS MIDIANITAS.

204. juizes 6, 7 e 8. Um dia, quando Gideão, filho de joás, que era um dos principais da tribo de Manasses, batia feixes de trigo no lagar, porque não se

atrevia a batê-los publicamente na eira do seu celeiro, por temor aos inimigos, um anjo apareceu-lhe sob a forma de um rapaz, dizendo que Gideão era feliz porque era querido de Deus. "É este", retrucou Gideão, "um belo sinal: ver-me obrigado a me servir de um lagar em vez de um celeiro". O anjo exortou-o então a não perder a coragem, mas a aumentá-la, para empreender a libertação do povo.

Gideão disse-lhe que iria então propor uma coisa quase impossível, tanto porque a sua tribo era a menor de todas em número de homens quanto porque ele ainda era jovem e incapaz de executar tal empresa. "Deus suprirá tudo", replicou o anjo, "e dará a vitória aos israelitas, quando vos tiverem por general". Gideão narrou a visão a algumas pessoas de sua idade, que não duvidaram de que ele lhe devia prestar fé. Reuniram logo dez mil homens resolvidos a tudo empreender para libertar-se da escravidão.

Deus apareceu em sonhos a Gideão e disse-lhe que, por serem os homens tão fátuos, querendo atribuir a si mesmos e às próprias forças as suas vitórias, em vez de considerá-las resultado do auxílio que Ele lhes prestava, queria fazê-los reconhecer que deviam tudo a Ele. E assim, ordenou-lhe que levasse o exército à margem do Jordão no momento do calor mais forte do dia e só considerasse valorosos os que se abaixassem para beber comodamente e que considerasse covardes os que bebessem a água apressadamente, pois seria um sinal do medo que sentiam do inimigo. Gideão obedeceu e encontrou apenas trezentos que tomaram a água levando-a à boca com a mão, sem pressa alguma.

Deus ordenou-lhe, em seguida, que atacasse os inimigos à noite com esse pequeno número. E, notando agitação no seu espírito, acrescentou, para tranqüilizá-lo, que tomasse um dos seus e com ele se aproximasse mansamente do acampamento dos midianitas, para observar o que se passava. Ele executou a ordem e quando estava próximo das tendas ouviu um soldado narrar ao companheiro um sonho que tivera. Dizia ele: "Vi um pedaço de massa de farinha de cevada que não merecia ser recolhida, e a pasta, rolando por todo o acampamento, derrubou a tenda do rei e depois todas as outras". "Esse sonho", respondeu-lhe o companheiro, "pressagia a ruína completa do nosso exército, por esta razão: a cevada é o menor de todos os grãos, e, como não há agora em

toda a Ásia nação mais desprezível que a dos israelitas, ela pode ser comparada à cevada. Vós sabeis que eles reuniram as suas tropas e têm algum empreendimento em vista, comandados por Gideão. Por isso temo muito que esse pedaço de massa que vistes derrubar todas as tendas seja um sinal de que Deus quer que Gideão triunfe sobre nós".

Essas palavras encheram Gideão de esperanças. Ele transmitiu-as aos seus e ordenou-lhes que se armassem todos. Fizeram-no com alegria, pois tão feliz pres-ságio os levava a tudo empreender. Mais ou menos na quarta vigília da noite, Gideão separou os homens em três grupos de cem cada um. E, para surpreender os inimigos, ordenou-lhes que cada qual levasse na mão esquerda um vaso com uma tocha acesa dentro, e na direita, em vez da trompa, uma buzina de chifre.

O acampamento dos inimigos era muito extenso, por causa dos camelos, e, embora as tropas fossem separadas por nação, achavam-se encerradas num mesmo recinto. Quando os israelitas se aproximaram, segundo a ordem de Gideão, fizeram soar todos ao mesmo tempo as buzinas de chifre de carneiro, quebraram os vasos e entraram no acampamento com grandes gritos, de archote na mão, firmemente convictos de que Deus lhes daria a vitória. Estando ainda os inimigos meio adormecidos, a escuridão da noite e principalmente o auxílio de Deus causaram-lhes tal terror e confusão no espírito que mais foram mortos por eles mesmos do que pelos israelitas, pois, sendo o exército tão numeroso e composto por povos diversos a falar línguas diferentes e estando todos tão aterrorizados, tomaram-se eles mesmos por inimigos, atacando-se mutuamente.

Logo que outros israelitas souberam dessa vitória tão marcante, tomaram armas para perseguir os inimigos e alcançaram-nos em lugares onde as águas que lhes cercavam a passagem os obrigaram a parar. Houve então uma carnificina inaudita. Os reis Orebe e Zeebe estavam entre os mortos. Os reis Zeba e Zalmuna salvaram-se com dezoito mil homens somente e foram acampar o mais longe possível dos israelitas. Gideão, que não se cansava de cuidar da glória de Deus e da de seu país, marchou imediatamente contra eles, dizimou-lhes todas as tropas e fez muitos prisioneiros. Os midianitas e os árabes, que auxiliavam os midianitas, perderam perto de cento e vinte mil homens nesses

dois combates.

Os israelitas fizeram grande presa, tanto em ouro quanto em prata, e também em objetos preciosos, camelos e cavalos. Gideão, depois de regressar a Efraim, lugar de seu nascimento e moradia, mandou matar os dois reis midianitas, os quais havia aprisionado. Então a sua própria tribo, invejosa da glória que ele havia conquistado e não podendo tolerá-la, resolveu fazer-lhe guerra, sob o pretexto de que ele empreendera a outra sem comunicá-los. Como não era menos sensato que valoroso, ele respondeu-lhes, com grande modéstia, que não teria procedido daquele modo se Deus assim não houvesse ordenado e que isso não os impedia de ter tanta participação quanto ele na vitória. Assim acalmou-os, prestando, por sua prudência, um serviço à República não menor que o já prestado pelas suas vitórias, pois evitou uma guerra civil. Essa tribo não deixou de ser castigada pelo seu orgulho, como diremos a seu tempo.

A modéstia desse grande personagem era tão extraordinária que ele desejou até despojar-se da suprema autoridade. Mas o povo obrigou-o a conservá-la, e ele a desempenhou durante quarenta anos. Gideão administrava a justiça e apaziguava as divergências com tanto desinteresse, capacidade e sabedoria que o povo jamais deixou de confirmar-lhe os julgamentos, pois não podiam ser mais eqüitativos. Ele morreu muito idoso, e foi sepultado em seu país.

CAPÍTULO 9

CRUELDADE E MORTE DE ABIMELEQUE, BASTARDO DE GIDEÃO. OS AMONITAS E OSFILISTEUS SUBJUGAM OS ISRAELITAS. JEJTÉ LIBERTA-OS E CASTIGA A TRIBO DE EFRAIM. IBSÃ, ELOM EABDOM GOVERNAM SUCESSIVAMENTE O POVO DE ISRAEL DEPOIS DA MORTE DE JEFTÉ.

205. juizes 9. Gideão teve de diversas mulheres setenta filhos legítimos, e de Druma, um bastardo chamado Abimeleque. Este, depois da morte do pai, foi para Siquém, de onde era a sua mãe. Os parentes deram-lhe dinheiro, e ele o empregou para reunir os piores homens que pôde encontrar. Depois voltou com essa tropa à casa de seu pai, matou todos os irmãos, exceto Jotão, que escapou, e usurpou o poder. Calcando aos pés todas as leis, governou com tal

tirania que se tornou odioso e insuportável aos homens de bem. Um dia, quando se celebrava em Siquém uma festa solene, onde estava reunida uma grande multidão, Jotão falou tão alto, do monte Cerizim, o qual está perto da cidade, que todo o povo o ouviu e calou-se para escutá-lo.

Ele pediu-lhes que prestassem atenção e falou: "Um dia reuniram-se as árvores e, falando como os homens, pediram à figueira que fosse o seu rei, mas esta recusou-se, dizendo que se contentava com a honra que lhe faziam em consideração à bondade de seus frutos e nada mais desejava. Fizeram a mesma proposta à vinha: ela também se recusou. Então fizeram a oferta à oliveira, que não manifestou menos modéstia que as outras. Por fim, falaram com a sarça, cuja madeira é boa somente para se queimar, e ela respondeu: 'Se é para vosso bem que me quereis para vosso rei, descansai sobre os meus ombros. Mas se é por zombaria e para me enganar, que fogo saia de mim e vos destrua a todas'. Não vos narro isto como uma história, para vos divertir, e sim porque, sendo devedores de tantos benefícios a Gideão, tolerais que Abimeleque, cujo caráter é semelhante ao fogo, se tenha tornado vosso tirano depois de ter assassinado cruelmente os próprios irmãos".

Dizendo isso, partiu e ficou escondido durante três anos nos montes, para evitar o furor de Abimeleque. Algum tempo depois, os habitantes de Siquém se arrependeram de permitir que se derramasse o sangue dos filhos de Gideão e expulsaram Abimeleque de sua cidade e da própria tribo. Chegando, porém, o tempo da vindima, o medo do ressentimento e da vingança de Abimeleque fazia com que não ousassem sair da cidade. Por essa época, um homem distinto, chamado Gaal, chegou acompanhado de um grande número de soldados e de seus parentes, e rogaram-lhe que lhes desse uma escolta para poderem recolher os frutos. Tendo ele concedido o que pediam, os israelitas, nada mais temendo, falavam em voz alta e publicamente contra Abimeleque e matavam todos os de seu partido que lhes caíam nas mãos.

Zebul, que era um dos maiorais da cidade e fora hóspede de Abimeleque, foi dizer-lhe que Gaal incitava o povo contra ele, Abimeleque. Aconselhou-o a armar-lhe uma emboscada perto da cidade, aonde prometia levar Gaal para assim ele poder vingar-se de seu inimigo. Depois ele o faria ficar novamente de bem com o povo. Abimeleque não deixou de seguir o conselho e nem Zebul de

executar o que lhe havia prometido. Assim, Zebul e Gaal dirigiram-se para fora da cidade.

Gaal, que de nada desconfiava, ficou muito admirado ao ver soldados armados encaminhando-se para ele e disse a Zebul: "Eis ali os inimigos, que marcham contra nós!" "São sombras dos rochedos", disse Zebul. "De modo nenhum!" replicou Gaal, que os via agora mais de perto. "São certamente soldados armados". Disse Zebul: "Vós, que censuráveis Abimeleque por sua covardia, o que vos impede agora de mostrar a vossa coragem e combater contra ele?" Gaal, muito perturbado, sustentou o primeiro ataque e, depois de perder alguns dos seus, retirou-se com o resto para a cidade.

Zebul então acusou-o de demonstrar pouca coragem naquele encontro, e por esse motivo o despediram. Os habitantes, porém, continuaram a sair para terminar a vindima. Abimeleque armou uma cilada perto da cidade, com a terça parte de seus homens, ordenando que se apoderassem das portas para impedir que eles pudessem regressar. Então ele, com o resto de seus soldados, atacou os que se achavam esparsos pelos campos e tornou-se senhor da cidade. Arrasou-a em seguida até os alicerces e nela semeou sal.

Os que se salvaram reuniram-se e ocuparam uma rocha, cuja posição a tornava muito forte, e preparavam-se para rodeá-la de muralhas. Mas Abimeleque não lhes deu oportunidade e foi contra eles com todos os seus soldados. Apanhando feixes secos, ordenou a todos os seus homens que fizessem o mesmo. Depois de ter num instante amontoado em torno da rocha uma grande pilha de lenha, lançou por cima desta ainda outras matérias inflamáveis e ateou-lhe fogo, de sorte que nenhum dos que lá se refugiavam conseguiu escapar: mil e quinhentos homens morreram queimados com as suas mulheres e filhos. Eis como Siquém foi destruída. Os seus habitantes até seriam dignos de compaixão, mas mereceram tal castigo pela ingratidão demonstrada para com o homem de quem haviam recebido tantos benefícios.

O tratamento dispensado a essa desafortunada cidade lançou grande temor no espírito dos israelitas. Eles estavam certos de que Abimeleque levaria adiante a sua boa sorte e diziam que a sua ambição não ficaria satisfeita enquanto não os dominasse a todos. Ele marchou sem perder tempo para a cidade de Tebas, tomou-a de assalto e cercou uma grande torre na qual o povo

se recolhera. Mas quando avançava para a porta, uma mulher atirou um pedaço de mó de moinho, que o atingiu na cabeça e o fez cair. Ele percebeu que estava ferido de morte e ordenou ao seu escudeiro que o matasse, para não ter a vergonha de morrer pelas mãos de uma mulher. Foi obedecido, e assim, segundo o vaticínio de Jotão, ele recebeu o castigo pela sua impiedade para com os irmãos e pela crueldade para com os habitantes de Siquém. O seu exército dissolveu-se depois de sua morte.

206. Juizes 10. Jair, gileadita da tribo de Manasses, governou em seguida todo o povo de Israel. Era feliz em tudo, particularmente quanto aos filhos: teve trinta, todos corajosos e homens de bem que ocupavam as primeiras colocações na província de Gileade. Depois de ficar vinte e dois anos nesse importante cargo, morreu e foi sepultado com muita honra em Camom, uma das cidades desse país.

207. O desprezo então demonstrado pelos israelitas para com a lei de Deus lançou-os num estado ainda mais infeliz que o de onde haviam saído. Os amonitas e os filisteus entraram em seu país com um poderoso exército, devastaram-no completamente e tornaram-se senhores dos países situados para lá do Jordão. Depois intentaram passar o rio e conquistar também todos os outros. Os israelitas, mais prudentes pelo castigo recebido, recorreram a Deus e imploraram o seu auxílio. Ofereceram-lhe sacrifícios e rogaram que, se Ele não queria acalmar totalmente a sua cólera, pelo menos a diminuísse. Deus deixou-se comover pelas orações e prometeu-lhes auxílio.

Assim, marcharam contra os amonitas, que haviam entrado na província de Gileade. E, como lhes faltava um chefe e Jefté gozava de grande fama, tanto por causa do valor de seu pai quanto por manter ele mesmo um importante corpo de soldados, mandaram pedir-lhe que os comandasse, prometendo-lhe não ter jamais outro general senão ele, enquanto vivesse. Em princípio, ele recusou o oferecimento, porque não o haviam ajudado contra os seus irmãos, quando estes o trataram indignamente, expulsando-o de casa depois da morte do pai, com o pretexto de que a mãe dele era estrangeira, e ele a desposara por amor. Foi para se vingar dessa injúria que depois de se retirar para Gileade ele tinha por sua conta os soldados que queriam servi-lo. Porém, não podendo resistir às insistentes petições dos israelitas, reuniu os seus homens aos deles,

e fizeram juramento de obedecer-lhe como seu general.

Depois de calcular com muita prudência tudo o que era necessário e após levar o seu exército para a cidade de Mispa, mandou embaixadores ao rei dos amonitas para queixar-se de que ele havia entrado em um país que não lhe pertencia. O soberano respondeu, por meio de outros embaixadores, que era ele quem tinha motivo para se queixar dos israelitas, porque depois de terem saído do Egito eles haviam usurpado o país de seus antepassados, legítimos senhores daquela terra. Jefté respondeu-lhes que o senhor deles não podia achar estranho nem que os israelitas possuíssem as terras dos amorreus; que, ao contrário, devia agradecer por elas lhe terem sido deixadas, estando em poder de Moisés conquistá-las; que não estavam dispostos a lhe deixar um país que haviam ocupado depois de uma ordem recebida de Deus e que possuíam há trezentos anos; e que assim só lhes restava resolver o litígio pelas armas.

Jefté, após despedir os embaixadores dessa maneira, fez voto a Deus: se Ele lhe desse a vitória, sacrificar-lhe-ia a primeira criatura viva que encontrasse no seu regresso. Travou-se a luta, e ele venceu os inimigos, perseguindo-os até a cidade de Maniate. Entrou no paí$ dos amonitas, tomou e arrasou várias cidades, cujos despojos distribuiu aos soldados, e assim gloriosamente libertou a sua nação da servidão a que estivera sujeita durante dezoito anos.

Porém, tanto quanto fora feliz nessa guerra e merecera as honras que recebeu da gratidão pública, foi ele infeliz em sua vida particular. Pois a primeira pessoa que encontrou ao voltar para casa foi a sua única filha, ainda virgem, que vinha ao seu encontro. Ele sentiu o coração partir-se de dor. Soltou um profundo suspiro, lastimou a tão funesta prova de afeto que ela lhe dava e disse-lhe que, por que infeliz coincidência, ela seria a vítima que ele se obrigara a oferecer a Deus.

Aquela generosa moça, em vez de se espantar com essas palavras, respondeu-lhe com maravilhosa firmeza que uma morte que tinha por motivo a vitória de seu pai e a liberdade de seu país só lhe poderia ser muito agradável e que a única graça que pedia era o tempo de dois meses, para se lamentar com as suas companheiras por ter de se separar delas ainda muito jovem. O infeliz pai não teve dificuldade em lhe conceder esse pequeno favor e, depois desse tempo, sacrificou a vítima inocente, que Deus não desejava dele e que nenhuma lei

obrigava a oferecer-lhe. Mas ele quis cumprir o seu voto, sem considerar o juízo que os homens poderiam fazer de sua ação.

208. juizes 12. A tribo de Efraim declarou-lhe guerra pouco depois, sob o pretexto de que, para obter sozinho a glória de ter derrotado e se aproveitado dos desejos dos inimigos, ele empreendera a peleja sem eles. Primeiro ele lhes respondeu, com muita doçura, que era ele quem se devia queixar, pois eles, tendo visto os compatriotas empenhados em tão grande guerra, lhes recusaram o auxílio que tinham por obrigação oferecer. Censurou-os em seguida porque, não tendo se atrevido a lutar contra um inimigo comum, agora achavam de se apresentar corajosos contra os próprios irmãos. Por fim, ameaçou castigá-los, com o auxílio de Deus, se persistissem naquela loucura.

Quando ele viu que não se acalmavam com essas razões, mas avançavam com um grande exército que haviam recrutado de Gileade, marchou contra eles, atacou-os e os venceu. Colocou-os em fuga, mandou tropas para controlar as passagens do Jordão, pelas quais eles poderiam escapar, e matou uns quarenta e dois mil deles. Esse generoso chefe dos israelitas morreu depois de desempenhar por seis anos tão elevado cargo. Foi enterrado na cidade de Sebei, na província de Gileade, onde ele nascera.

209. Ibsã, da cidade de Belém, na tribo de judá, sucedeu Jefté no governo supremo e desempenhou durante sete anos esse cargo, sem nada ter feito de memorável.

210. Elom, da tribo de Zebulom, sucedeu-o e, no que é digno de memória, durante os seis anos em que esteve no governo não fez mais que Ibsã.

211. Abdom, filho de Hilel, da tribo de Efraim, sucedeu Elom, e os israelitas desfrutaram durante o seu governo de tão profunda paz que ele não teve oportunidade para fazer algo memorável. Assim, a única coisa extraordinária que se pode notar em sua vida é que, ao morrer, ele deixou quarenta filhos e trinta filhos de seus filhos, todos vivos, perfeitos e habilmente capazes. Morreu muito velho e foi enterrado com grande magnificência no lugar onde havia nascido.

CAPÍTULO 10

OS FILISTEUS VENCEM OS ISRAELITAS E OS TORNAM TRIBUTÁRIOS. NASCIMENTO MILAGROSO DE SANSÃO E SUA FORÇA PRODIGIOSA. MALES QUE CAUSOU AOS FILISTEUS. SUA MORTE.

212. juizes 13. Depois da morte de Abdom, os filisteus venceram os israelitas e os tornaram tributários durante quarenta anos. Por fim, eles quebraram o jugo, da maneira como vou descrever.

Manoá, que era sem contestação o primeiro dentre todos os da tribo de Dã, homem de grande virtude, desposou a mais bela mulher do país. E sua paixão por ela era tão grande que não podia ser isenta de ciúme. Como não tinham filhos e os desejavam com muito afã, pediam-nos continuamente a Deus e particularmente quando se retiraram para uma casa de campo que possuíam perto da cidade.

Um dia, estando a mulher sozinha, um anjo apareceu-lhe sob a forma de um moço de incomparável beleza e porte admirável, dizendo que viera anunciar-lhe da parte de Deus que ela seria mãe de um filho maravilhosamente belo, cuja força seria tão extraordinária que, mesmo antes de entrar no vigor da juventude, ele venceria os filisteus. Deus, porém, proibia que lhe cortassem o cabelo e ordenava que lhe dessem somente água como bebida. Ela contou tudo ao marido e descreveu com tanta insistência a graça e a beleza do moço que esses louvores aumentaram ainda mais o ciúme de Manoá. Ela percebeu-o e, como era não menos casta que bela, rogou a Deus que curasse o marido de tão injusta suspeita, enviando outra vez o anjo, a fim de que ele mesmo pudesse vê-lo.

Sua oração foi ouvida e, estando ambos em casa, o anjo apareceu a ela. A mulher rogou-lhe que esperasse enquanto ia buscar o marido. O anjo consentiu, e ela trouxe-o logo. Ele viu então com os próprios olhos esse embaixador de Deus, contudo não ficou curado do ciúme. Rogou-lhe que contasse o que dissera à mulher, mas o anjo respondeu ser suficiente que ela o soubesse. Manoá pediu-lhe então que dissesse quem era, a fim de que, quando tivesse um filho, pudesse agradecer-lhe com presentes. O anjo respondeu que não tinha necessidade de presentes e que não dera tão boa notícia com o fim de

obter alguma vantagem. Manoá insistiu, suplicando que ao menos lhe permitisse usar do direito da hospitalidade, o que obteve, com a condição de que se demorasse pouco.

Manoá matou um cabrito, e sua mulher o cozinhou. Quando estava pronto, o anjo disse-lhe que não o pusesse no prato, mas sobre a pedra nua, com alguns pães. Eles obedeceram. Ele tocou na carne e nos pães com uma vara que trazia na mão, e dela saiu imediatamente uma chama, que os consumiu inteiramente. Manoá e sua mulher viram então o anjo elevar-se para o céu no meio da fumaça daquele fogo, que servia como de carro para transportá-lo. Essa divina visão causou grande tristeza a Manoá, porém a mulher exortou-o a nada temer e garantiu-lhe que aquilo lhe seria vantajoso. Logo depois ela ficou grávida, e nada esqueceu do que lhe fora ordenado. Teve um filho, ao qual chamou Sansão, isto é, "forte". E, à medida que ele crescia, a sobriedade e o comprimento dos cabelos confirmavam o que dele fora predito.

juizes 14. Estando ele já mais adiantado em anos, seu pai e sua mãe levaram-no a uma cidade dos filisteus, chamada Timna, onde havia uma grande assembléia. Ali, enamorou-se de uma jovem do lugar e rogou aos pais que lhe permitissem desposá-la. Disseram-lhe que não era possível porque ela era estrangeira, e a Lei proibia semelhantes uniões. Mas ele se obstinou de tal modo em querer esse casamento que eles por fim consentiram, e a jovem lhe foi prometida. Deus também o permitiu, para o bem de seu povo.

Como ele ia freqüentemente à casa do pai da moça para visitá-la, um dia encontrou um leão no caminho. Embora não tivesse armas, não sentiu medo: correu para o leão, tomou-o pela garganta, esquartejou-o e atirou o cadáver a uma moita perto da estrada. Alguns dias depois, quando passava pelo mesmo lugar, viu algumas abelhas fazendo mel no corpo do leão. Tomou deles três favos e levou-os, com outros presentes, à sua noiva. Força tão extraordinária causou tal apreensão aos pais da moça que eles convidaram para as núpcias trinta moços de sua idade, com o pretexto de lhe fazerem honra e ao mesmo tempo acompanhá-lo, mas na realidade era para estarem alerta, caso ele tentasse fazer alguma coisa.

No meio da alegria da festa, Sansão disse aos companheiros: "Tenho uma adivinhação para vós. Se a resolverdes, em sete dias darei a cada um uma cinta

e um casaco". O desejo de demonstrar esperteza e de obter o que ele prometia fez com que insistissem em conhecer a questão. Então ele disse: "Do comedor saiu comida, e do forte saiu doçura". Eles levaram três dias tentando solucionar o enigma e, não o conseguindo, rogaram à mulher dele que o obrigasse a revelá-lo e depois transmitisse a eles a solução. Ela disse-lhes que seria difícil, mas eles ameaçaram queimá-la. Então pediu a Sansão que lhe explicasse o enigma.

Em princípio, ele negou-se, mas depois, vencido pelas lágrimas da mulher e pelas queixas de que ele fazia pouco do amor que ela lhe devotava e também sem que de nada pudesse desconfiar, contou-lhe que havia matado um leão e encontrado depois em suas fauces os três favos de mel que lhe havia trazido. Os moços, então cientes de seu segredo, foram ter com ele no sétimo dia da festa, antes do pôr-do-sol, e disseram-lhe: "Nada há de mais terrível que o leão nem de mais doce que o mel". E Sansão citou-lhes um provérbio: "Se não lavrásseis com a minha novilha, jamais teríeis descoberto o meu enigma". Mesmo enganado dessa maneira, não deixou de cumprir a sua promessa e, para fazê-lo, atacou todos os ascalonitas que encontrou pelo caminho. Todavia não conseguiu perdoar a mulher. Abandonou-a, e ela, vendo-se desprezada, desposou um dos amigos de Sansão, o que servira de intermediário no casamento.

juizes 75. Sansão ficou tão irritado com isso que resolveu vingar-se dela e de toda a nação filistina. Assim, quando se ia proceder à ceifa, tomou trezentas raposas, amarrou tochas às suas caudas e lhes pôs fogo. Deixou então que corressem para o meio do trigo, que ficou inteiramente queimado e destruído. Os filisteus, encolerizados com tão grande perda, mandaram os mais importantes dentre eles à cidade de Timna para informar-se da razão daquele incêndio e, tendo-o sabido, mandaram queimar vivos a mulher de Sansão, bem como os parentes dela.

Sansão, por seu lado, matava todos os filisteus que encontrava, retirando-se depois para um rochedo especialmente posicionado, num lugar chamado Etã, da tribo de Judá. Os filistéia, para se vingar, atacaram a tribo. Mas os de Judá protestaram, argumentando que, como pagavam as contribuições a que estavam obrigados e não tinham parte alguma nos atos de Sansão, não era justo que sofressem por causa dele. Os filisteus, porém, responderam-lhes que

só se poderiam justificar pela guerra. Após essa resposta, três mil homens dessa tribo foram armados à rocha onde Sansão se encontrava e queixaram-se de que ele irritava os filisteus, os quais poderiam vingar-se sobre toda a nação. Disseram-lhe também que, a fim de evitar tão grande mal, eles estavam ali para prendê-lo e entregá-lo a eles, rogando que o consentisse, sob a palavra que lhe davam de que nenhum mal lhe aconteceria. Assim, ele veio até eles, que o ligaram com cordas e o levaram.

Os filisteus, tendo-o sabido, vieram a ele com grandes gritos de alegria, mas ao chegar a um lugar, que agora tem o nome de Ramate-Leí por causa do que então ali se passou, próximo do acampamento deles, Sansão arrebentou as cordas, tomou uma queixada de burro que encontrou ao acaso e lançou-se sobre eles. Matou uns mil homens e pôs os outros em fuga. Feito tão extraordinário e jamais igualado animou-lhe de tal modo a coragem que ele se esqueceu de que devia tudo a Deus, atribuindo a façanha às suas próprias forças. Não tardou, porém, em ser castigado pela sua ingratidão. Sentindo muita sede, quase a desfalecer, foi obrigado a reconhecer que toda a força dos homens é fraqueza. Assim, recorreu a Deus, rogando-lhe que não o entregasse aos inimigos, embora ele bem o merecesse, mas o auxiliasse em tão premente necessidade. Deus, tocado pela sua oração, no mesmo instante fez brotar de um rochedo uma fonte, e Sansão deu a esse lugar o nome de En-Hacoré, como sinal do milagre que Deus ali realizara.

Juizes 16. Desde aquele dia, ele passou a desprezar tanto os filisteus que não teve medo de ir até Gaza e hospedar-se num albergue à vista de todos. Logo que os magistrados o souberam, puseram guardas à porta da cidade, para que ele não pudesse escapar. Sansão veio a sabê-lo e levantou-se pela meia-noite, arrancou as portas, colocou-as às costas com os seus gonzos e ferrolhos e levou-as ao monte que está acima de Hebrom. Sansão, todavia, em vez de reconhecer os muitos favores que devia a Deus e observar as leis que Ele dera aos seus antepassados, abandonou-se aos excessos dos prazeres e costumes estrangeiros e foi assim ele mesmo a causa de sua infelicidade.

Ele enamorou-se de uma cortesã filistina, de nome Dalila, e, logo que os mai-orais da nação o souberam, foram ter com ela e a obrigaram, com grandes promessas, a procurar saber dele de onde provinha aquela força extraordinária,

que o tornava invencível. Dalila, para fazer o que desejavam, empregou as carícias e a adulação de que essa espécie de mulheres sabe usar para despertar o amor. Comentou com admiração os grandes feitos dele e tomou então motivo para perguntar de onde procedia àquela força prodigiosa. Ele logo imaginou o propósito daquela pergunta e respondeu, para enganá-la em vez de se deixar enganar, que, se o amarrassem com sete sarmentos de videira, ele seria mais fraco que qualquer outro. Ela acreditou e referiu-o aos magistrados. Então eles enviaram soldados, os quais, vendo-o adormecido, o ataram da maneira como ele instruí¬ra. Então Dalila despertou-o, dizendo-lhe que alguns homens vinham atacá-lo. Sansão levantou-se, arrebentou os Mames e preparou-se para resistir.

Fez-lhe Dalila então amargas censuras, porque ele não confiava nela e se recusava a revelar o que ela tanto desejava saber, como se não fosse bastante fiel para guardar um segredo que era tão importante para ele. Ele respondeu-lhe que, se o atassem com sete cordas, perderia toda a sua força. Experimentaram fazê-lo, e ela descobriu fora enganada outra vez. Continuou, porém, a insistir, e ele enganou-a uma terceira vez, dizendo-lhe que era preciso enrolar-lhe os cabelos e atá-los com um fio.

Por fim, ela tanto insistiu e de tantos modos lhe rogou que ele, desejando agradá-la e não podendo evitar a própria infelicidade, declarou: "É verdade que aprouve a Deus ter de mim cuidado todo particular, e, como foi por efeito de sua providência que vim ao mundo, é também por sua ordem que deixei crescer o cabelo, pois Ele me proibiu cortá-lo, e é neles que reside toda a minha força". Essa infeliz mulher, mal arrancando dele tal confissão, cortou-lhe o cabelo en¬quanto ele dormia e entregou-o aos filisteus, aos quais ele não pôde mais resistir. Eles vazaram-lhe os olhos, amarraram-no e o levaram.

Algum tempo depois, os grandes e os principais do povo, num dia de solene comemoração pública, davam um grande banquete em um lugar muito espaçoso, cujo teto era sustentado por colunas. Eles resolveram trazer Sansão para lhes servir de espetáculo e de divertimento. Os cabelos dele, porém, já haviam crescido nova¬mente, e ele, muito generoso, considerando o maior de todos os males ser tratado com tanta indignidade sem poder vingar-se, fingiu-se ainda fraco e pediu ao que o levava pela mão que o conduzisse até próximo das

colunas, para nelas se apoiar. Ele levou Sansão, e quando este percebeu que lá estava, sacudiu-as com tal força que as paredes estremeceram e caíram por terra ao mesmo tempo, bem como o telhado inteiro dessa grande construção. Três mil homens foram feridos e esmaga¬dos, e Sansão também, no meio deles, foi sepultado sob as ruínas.

Esse foi o fim de Sansão, que durante vinte anos foi chefe de todo o povo de Israel. Nenhum outro foi comparável a ele, quer pela coragem, quer pela força sobrenatural, que até o último momento de sua vida foi tão funesta aos inimigos. Quanto ao se ter ele deixado enganar por sua mulher, compreende-se como efeito da fraqueza dos homens, tão sujeitos a semelhantes faltas. Mas não se poderia deixar de admirá-lo bastante em tudo o mais. Os parentes levaram-lhe o corpo e o enterraram em Zorá, no túmulo de seus antepassados.

CAPÍTULO 11

HISTÓRIA DE RUTE, MULHER DE BOAZ, BISAVÔ DE DAVI. NASCIMENTO DE SAMUEL. OS FILISTEUS VENCEM OS ISRAELITAS E TOMAM A ARCA DA ALIANÇA. OFNI E FINÉIAS, FILHOS DE ELI, SUMO SACERDOTE, SÃO MORTOS NESSA BATALHA.

213. Rute 7. Depois da morte de Sansão, Eli, sumo sacerdote, governou o povo de Israel. Houve no seu tempo uma grande carestia. Abimeleque,* que morava na cidade de Belém, na tribo de Judá, não a podendo suportar, foi com a mulher, Noemi, e seus dois filhos, Quiliom e Malom, para o país dos moabitas. Ali tudo correu perfeitamente bem, e ele casou o mais velho dos filhos com uma jovem de nome Orfa e o mais moço com outra, de nome Rute. Dez anos depois, pai e filhos morreram, e Noemi, cheia de aflição, resolveu voltar para o seu país, que então estava em situação melhor que a de quando ela o havia deixado.

As noras quiseram segui-la, porém, como as amasse demais para tolerar que sofressem a mesma infelicidade, rogou-lhes que ficassem, pedindo a Deus que as fizesse mais felizes no segundo matrimônio, pois não o haviam sido no primeiro. Orfa consentiu naquele desejo, mas a extrema afeição que Rute devotava à sogra não lhe permitiu abandoná-la e desejou ser sua companheira

também na adver¬sidade. Assim, chegaram ambas a Belém, onde veremos em seguida que Boaz, primo de Abimeleque, as recebeu com grande bondade. Noemi dizia aos que a chamavam por esse nome: "Deveríeis antes chamar-me Mara" — que significa "dor" — "e não Noemi" — que quer dizer "felicidade".

---

* As Escrituras chamam-no Elimeleque.

Rute 2. Chegou o tempo da ceifa, e Rute, a fim de obter alimento, foi respigar, com licença da sogra. Entrou por acaso no campo que pertencia a Boaz. Ele che¬gou pouco depois e perguntou ao administrador quem era aquela moça. Ele o informou de tudo o que sabia, dito por ela mesma. Boaz louvou muito o afeto que ela nutria pela sogra e pela memória do marido e desejou-lhe toda sorte de felicidade. Disse ao administrador que permitisse a ela não somente respigar, mas levar o que desejasse, e que lhe dessem ainda de beber e de comer, como aos ceifadores.

Rute guardou um caldo para a sogra, que levou para ela à tarde, com o que havia recolhido. Noemi, por seu lado, guardara para Rute parte do que os vizinhos lhe haviam dado para o jantar. Rute contou-lhe o que se havia passado, e Noemi disse-lhe que Boaz era um parente e homem de bem, tanto que esperava que ele tomasse cuidado dela, Rute, que em seguida voltou a respigar no campo dele.

Rute 3. Dias depois, quando toda a cevada já estava batida, Boaz veio à sua propriedade e deitou-se na eira. Quando Noemi o soube, julgou vantajoso que Rute se prostrasse aos pés dele para dormir e disse-lhe para fazer o que pudesse para consegui-lo. Rute não ousou desobedecê-la e assim, mansamente, esguei-rou-se até os pés de Boaz. Ele não a percebeu no momento, porque estava muito adormecido, porém ao acordar, pela meia-noite, percebeu que alguém estava deitado junto dele e perguntou quem era. Ela respondeu: "Sou Rute, vossa serva, e rogo-vos que consintais que eu repouse aqui".

Nada mais ele perguntou e deixou-a dormir, mas a despertou bem cedo, antes que os empregados se tivessem levantado, dizendo-lhe para apanhar quanta cevada quisesse e então voltar para a casa da sogra, antes que alguém

percebesse que ela passara a noite junto dele. Porque era necessário, por prudência, evitar qualquer motivo de comentários, principalmente em assunto daquela importância. Ele acrescentou: "Aconselho-vos a perguntar a alguém que vos seja mais próximo que eu se vos quer tomar para esposa. Se ele estiver de acordo, podereis desposá-lo. E, se recusar fazê-lo, eu vos desposarei, como a Lei me obriga". Rute narrou à sogra esse fato, e ambas conceberam então firme esperança de que Boaz não as abandonaria.

Rute 4. Ele voltou à cidade pelo meio-dia e reuniu os magistrados. Mandou chamar Rute e seu parente mais próximo, ao qual disse: "Não possuis os bens de Abimeleque?" Respondeu ele: "Sim, eu os possuo pelo direito que a Lei me dá, sendo o seu parente mais próximo". Boaz replicou: "Não basta cumprir parte da Lei, deve-se cumprir toda ela. Assim, se quiserdes conservar os bens de Abimeleque, é necessário que desposeis a viúva, que vedes aqui presente". O homem respondeu que já era casado e, tendo filhos, preferia ceder-lhe os bens e a mulher. Boaz tomou os magistrados como testemunhas dessa declaração e disse a Rute que se aproximasse daquele parente, descalçasse-lhe um dos sapatos e lhe desse um tapa no rosto, como a Lei determinava. Ela o fez, e Boaz então desposou-a.

Ao fim de um ano, ela teve um filho, do qual Noemi teve o encargo de cuidar e a quem chamou Obede, na esperança de que ele a ajudaria em sua velhice, pois Obede, em hebreu, significa "auxílio". Obede foi pai de Jessé, pai do rei Davi, cujos filhos até a vigésima geração reinaram na nação dos judeus. Fui obrigado a narrar essa história para dar a conhecer que Deus eleva quem quer ao soberano poder, como se viu na pessoa de Davi, cuja origem foi a seguinte:

7 Samuel 2. Os interesses dos hebreus estavam então em mau estado, e eles travaram guerra com os filisteus, pelo motivo que passo a narrar. Hofni e Finéias, filhos de Eli, sumo sacerdote, não eram menos ultrajantes para com os homens que ímpios para com Deus. Não havia injustiça que eles não cometessem. Não se contentando em receber o que lhes pertencia, tomavam também o que não lhes era devido. Corrompiam com presentes as mulheres que vinham ao Templo por devoção ou atentavam contra a honra delas pela força, exercendo assim funesta tirania.

Tantos crimes tornaram-nos odiosos a todo o povo e mesmo ao próprio pai. Deus lhes fez conhecer, bem como a Samuel, que então era apenas uma criança, que eles não evitariam a sua justa vingança, por isso Eli a esperava a todo momento e já os chorava como mortos. Porém, antes de relatar de que modo eles e todos os israelitas — por causa deles — foram castigados, quero falar dessa criança, que se tornou mais tarde um grande profeta.

214. 7 Samuel 1. Elcana, da tribo de Efraim, morava em Ramataim-Zofim, no território dessa tribo, e tinha como esposas Ana e Penina. Esta lhe dera filhos. Não os tivera, porém, de Ana, a quem ele amava ardentemente. Um dia, estando com a família em Silo, onde se localizava o sagrado Tabernáculo, Ana, vendo os filhos de Penina sentados à mesa perto da mãe e Elcana a dividir entre as duas mulheres e eles as iguarias que restavam dos sacrifícios, a dor pelo fato de ser estéril a fez derramar lágrimas. O marido fez o que pôde para consolá-la. Depois ela entrou no Tabernáculo, rogou com fervor a Deus que a tornasse mãe e fez voto de que, se Ele lhe desse um filho, o consagraria ao seu santo serviço. E não se cansava de fazer sempre a mesma oração.

Eli, sumo sacerdote, que estava sentado diante do Tabernáculo, julgou que ela estivesse embriagada e ordenou que se retirasse. Ela respondeu-lhe que jamais bebera outra coisa senão água pura, mas que na aflição em que se encontrava por ser estéril rogava a Deus que lhe desse filhos. Disse-lhe ele então que não se afligisse e garantiu que Deus lhe daria um filho. Com essa esperança, foi então ao encontro do marido e a Umentou-se com alegria. Voltando ao seu país, ficou grávida e teve um filho, a quem chamou Samuel, isto é, "ouvido por Deus". Quando voltaram a Silo para dar graças por meio de sacrifícios e pagar os dízimos, Ana, cumprindo o seu voto, consagrou o menino a Deus e entregou-o nas mãos de Eli. Deixaram crescer-lhe o cabelo, e ele só bebia água. Foi educado no Templo. Elcana teve ainda de Ana três filhos e duas filhas.

215. 1 Samuel 3. Quando Samuel completou doze anos, começou a profetizar, e certa noite, quando dormia, Deus chamou-o pelo nome. Pensando que era Eli quem o chamava, foi logo ter com ele. Mas este disse-lhe que não havia nem mesmo pensado em chamá-lo. A mesma coisa aconteceu por três vezes. Eli não teve então dificuldade para imaginar o que se passava e disse-lhe:

"Meu filho, não vos chamei, nem agora nem das outras vezes. É Deus quem vos chama. Respondei então que estais pronto a obedecer-lhe".

Deus chamou então novamente a Samuel, e ele respondeu: "Eis-me aqui, Senhor. Que desejais que eu faça? Estou pronto a obedecer". Então falou-lhe deste modo: "Sabei que os israelitas cairão na maior de todas as desgraças: os dois filhos de Eli morrerão no mesmo dia, e o sumo sacerdócio passará da família dele para a de Eleazar, porque Eli atraiu a minha maldição sobre os seus dois filhos, testemunhando mais amor por eles que por mim". O temor de causar sofrimentos a Eli não permitiu a Samuel narrar-lhe o que ouvira nessa revelação. Mas Eli obrigou-o a falar. Então, esse infeliz genitor não duvidou mais da sorte de seus filhos. Samuel, no entanto, crescia cada vez mais em graça, e todas as coisas que profetizava não deixavam de acontecer.

216. 1 Samuel 4. Logo depois os filisteus se puseram em campo para atacar os israelitas. Acamparam-se perto da cidade de Afeca e, não encontrando resistência, avançaram ainda mais. Travaram por fim um combate, no qual os israelitas foram vencidos. Estes, depois de terem perdido mais ou menos uns quatro mil homens, retiraram-se desordenadamente para o seu acampamento. O temor de serem completamente desbaratados foi tão grande que mandaram embaixadores ao Senado e ao sumo sacerdote para rogar que lhes mandassem a arca da aliança. Não duvidavam que com esse socorro obteriam a vitória, porque não imaginavam que Deus, que pronunciara a sentença de seu castigo, era mais poderoso que a arca, reverenciada unicamente por causa dEle. Mandaram então a arca ao acampamento.

Hofni e Finéias acompanharam-na, por causa da velhice do pai, e ele disse a ambos que, se acontecesse de ela ser tomada e eles tivessem tão pouca coragem que sobrevivessem a tal perda, jamais tornassem a se apresentar diante dele. A chegada da arca alegrou tanto aos israelitas que eles já se julgavam vitoriosos. Ao mesmo tempo, lançou terror no espírito dos filisteus. Mas uns e outros estavam enganados. Ao travar-se a batalha, a perda que os filisteus temiam caiu sobre os seus inimigos, enquanto a confiança que os israelitas depositavam na arca foi inútil, pois foram postos em debandada ao primeiro embate. Perderam trinta mil homens, dentre os quais estavam os dois filhos de Eli, e a arca caiu em poder dos filisteus.

CAPÍTULO 12

ELI, SUMO SACERDOTE, MORRE DE DOR PELA PERDA DA ARCA. MORTE DA MULHER DE FINÉIAS E NASCIMENTO DE ICABÔ.

217. 1 Samuel 4. Um homem da tribo de Benjamim, que com dificuldade sobrevivera à batalha, trouxe a Silo a notícia da derrota e da perda da arca. Logo ecoaram gritos e lamentações. O sumo sacerdote Eli, que estava à porta da cidade sobre um assento muito elevado, ouvindo aquele clamor, não teve dificuldade em julgar que sucedera algum grave infortúnio.

Mandou buscar o homem e recebeu com serenidade a notícia da perda da batalha e da morte dos dois filhos, porque Deus já o havia preparado para isso, e os males previstos ferem muito menos que os inesperados. Mas quando soube que a arca fora tomada pelos inimigos, tal desgraça causou-lhe tanta dor que ele caiu do seu assento e morreu, na idade de noventa e oito anos, depois de governar o povo durante quarenta anos. A mulher de Finéias, que estava grávida, ficou tão sentida com a morte do marido que morreu também, mas antes deu à luz um filho, de sete meses, que se chamou Icabô, isto é, "ignomínia", por causa da vergonha sofrida pelos israelitas nessa funesta jornada.

Eli, de quem acabamos de falar, foi o primeiro dos descendentes de Itamar — um dos filhos de Arão — a exercer o sumo sacerdócio, pois antes ela sempre ficara, passando de pai para filho, na família de Eleazar, que o deixara a Finéias, e Finéias a Abiezer, e Abiezer a Boci, e Boci a Ozi, ao qual Eli sucedeu e em cuja família ficou até o tempo de Salomão, quando voltou à família de Eleazar.

Livro Sexto

Capítulo 1

A arca da aliança causa tão grandes males aosfilisteus que eles são obrigados a restituí-la.

218. 7 Samuel 5. Os filisteus, como vimos, tendo vencido os israelitas e tomado a arca da aliança, levaram-na como troféu à cidade de Asdode e a colocaram no Templo de Dagom, seu deus, com os outros despojos que lhe ofereceram. No dia seguinte, pela manhã, quando vieram prestar as suas homenagens a essa falsa divindade, viram com desprazer não menor que a sua admiração a estátua caída de cima do pedestal que a sustentava. Ela estava no chão, diante da arca. Recolocaram-na em seu lugar, e a mesma coisa aconteceu diversas vezes: eles sempre encontravam a estátua aos pés da arca, como se estivesse prostrada para adorá-la.

Deus, porém, não se contentou em vê-los apenas confusos e aflitos: mandou à cidade e a toda a região disenteria tão cruel que as vísceras lhes pareciam roídas, e eles morriam com dores insuportáveis. E todo o país, ao mesmo tempo, foi assolado por ratos, que tudo estragavam e não poupavam nem o trigo nem os outros frutos. Os habitantes de Asdode, vendo-se reduzidos a tal miséria, imaginaram que fora a arca que tornara aquela vitória tão funesta. Assim, para livrar-se dela, rogaram aos de Asquelom que permitissem enviá-la para a sua cidade.

Eles concordaram de boa vontade, porém, mal ela chegou, o povo também foi atingido por idênticos males, pois a arca levava consigo a toda parte a maldição de Deus contra os que não eram dignos de recebê-la. Os ascalonitas, para se livrar de tanta calamidade, mandaram-na a outra cidade, mas lá igualmente não ficou, porque causou-lhe os mesmos males que às outras. Passou assim por cinco cidades da Palestina e exigiu de cada uma delas, como uma espécie de tributo, o castigo que merecia o sacrilégio de se conservar coisa consagrada a Deus.

1 Samuel 6. O exemplo desse povo cansado de sofrer fazia com que também outros temessem os mesmos castigos. Deliberaram então, como melhor conselho, que o mais sensato seria desfazer-se da arca, e os principais das cidades de Gate, Acarom, Asquelom, Gaza e Asdode reuniram-se para resolver o que deveriam fazer.

Uns propuseram restituí-la aos israelitas, pois Deus, para mostrar a sua cólera por se terem apoderado dela e também para vingar-se, castigava com muitos flagelos os que a recebiam em suas cidades. Outros foram de parecer contrário, dizendo que não se deviam atribuir aqueles males à tomada da arca, pois, se ela possuísse tão grande virtude ou fosse tão querida por Deus, Ele não a teria deixado cair nas mãos deles, que eram de religião diferente. Era necessário, isto sim, suportar aqueles sofrimentos com paciência e atribuí-los unicamente à natureza, que na revolução dos tempos produz mudanças nos corpos, na terra, nas plantas e em todas as coisas sobre as quais o seu poder se estende.

Outros, porém, mais prudentes e hábeis, propuseram um terceiro alvitre: não restituiriam nem conservariam a arca, mas ofereceriam a Deus, em nome das cinco cidades, cinco estátuas de ouro, para agradecer-lhe o favor de tê-los livrado daquela espantosa doença que os remédios humanos tinham sido incapazes de curar, e também outros tantos ratos, também de ouro, semelhantes aos que haviam devastado o país. Seria tudo colocado numa caixa, e a caixa, na arca. Esta, por sua vez, seria posta num carro novo. Feito isso, atrelar-se-iam ao carro duas vacas veladas, cujos bezerros seriam presos, a fim de não as retardarem, e a impaciência que elas sentiriam para encontrá-los as obrigaria a andar.

Depois de as atrelar ao carro, levá-las-iam a uma estrada, onde seriam deixadas em plena liberdade, para seguir o caminho que quisessem. Se escolhessem o que leva aos israelitas, ter-se-ia motivo para crer que a arca fora a causa de todos os males, mas se tomassem outro, era porque não havia nela virtude alguma. Todos aprovaram essa proposta e executaram-na imediatamente. Preparadas todas as coisas, colocaram o carro, com as vacas atreladas do modo mencionado, no meio de um caminho.

CAPÍTULO 2

ALEGRIA DOS ISRAELITAS PELO RETORNO DA ARCA. SAMUEL EXORTA-OS A RECOBRAR A LIBERDADE. VITÓRIA MILAGROSA SOBRE OSFILISTEUS, AOS QUAIS CONTINUAM A FAZER GUERRA.

219. 1 Samuel 6. As vacas tomaram o caminho que levava aos israelitas, como se para lá fossem levadas, e os principais dos filisteus seguiram-nas, para ver aonde iam parar. Quando chegaram a uma aldeia da tribo de Judá, de nome Bete-Semes, pararam, embora diante delas se abrisse bela e vasta planície. Era o tempo da ceifa, e todos estavam ocupados em cortar o trigo. Mas logo que os habitantes da aldeia viram a arca, a sua alegria fê-los deixar tudo e correr ao carro. Tomaram a arca e a caixa, colocaram-na sobre uma pedra e fizeram sacrifícios, oferecendo a Deus em holocaustos as vacas e o carro e mostrando com festas públicas o seu regozijo, do qual foram testemunhas os filisteus de que acabamos de falar. Estes levaram a notícia aos outros.

Os habitantes de Bete-Semes, porém, sofreram os efeitos da cólera de Deus, que fez morrer setenta deles, porque, não sendo sacerdotes, ousaram tocar na arca. O pesar foi tanto maior quanto essa morte não era tributo à natureza, e sim castigo. Assim, sabendo que não eram dignos de ter junto de si tão sagrado e precioso depósito, mandaram avisar a todas as tribos de que os filisteus haviam restituído a arca. Elas deram logo ordem de levá-la a Quiriate-Jearim, que é cidade próxima de Bete-Semes. Colocaram-na em casa de um levita de nome Abinadabe, ilustre por sua piedade, na certeza de que a casa de um homem de bem era lugar próprio para recebê-la. Esse santo homem colocou-a sob o cuidado dos filhos e nada se pode acrescentar ao que eles obtiveram durante os vinte anos em que ela aí permaneceu. Os filisteus a conservaram apenas sete meses.

220. 1 Samuel 7. Durante os vinte anos em que a arca ficou em Quiriate-Jearim, os israelitas viveram de modo muito religioso e ofereceram a Deus, com fervor, votos e sacrifícios. Assim, o profeta Samuel julgou que o tempo era próprio para exortá-los a reconquistar a liberdade e desfrutar os bens que ela produz. E, para harmonizar os sentimentos, falou-lhes nestes termos: "Os nos-

sos inimigos não deixam de nos oprimir, e Deus mostra que nos é favorável. Não basta fazer votos pela nossa liberdade, é necessário empreender tudo para reconquistá-la. Cuidai, porém, para não vos tomardes indignos pela corrupção dos vossos costumes, tendo, ao contrário, amor à justiça e horror ao pecado e convertendo-vos a Deus com tal pureza de coração que nada jamais vos impeça de prestar-lhe a honra que lhe deveis. Se assim procederdes, não haverá felicidade que não possais esperar: sereis libertos da escravidão e triunfareis sobre os vossos inimigos, porque somente por intermédio de Deus, e não pela força, coragem e número dos combatentes, poderemos obter todas essas vantagens, as quais somente a justiça e a probidade podem conceder. Ponde, pois, toda a vossa confiança nEle, e eu vos asseguro que Ele não frustrará as vossas esperanças".

Essas palavras animaram de tal modo o povo que eles, depois de manifestar a sua alegria por aclamações, declararam estar prontos para fazer o que Deus lhes ordenasse. Samuel ordenou que se reunissem na cidade de Mispa (isto é, "visível"). Lá tiraram água, ofereceram sacrifícios a Deus, jejuaram durante um dia e fizeram orações públicas. Os filisteus, avisados dessa reunião, vieram imediatamente contra eles com poderoso exército, convictos de que, surpreendendo-os, poderiam dizimá-los facilmente.

Os israelitas, assustados com o perigo, recorreram a Samuel e confessaram-lhe que temiam combater inimigos tão temíveis. Embora fosse verdade que estavam ali reunidos para fazer orações e sacrifícios e que se haviam comprometido com juramento a fazer a guerra, não tinham nenhuma esperança de vencer os filisteus, os quais iriam atacá-los antes que tivessem tempo de apanhar as armas e de se preparar para resistir-lhes o ataque, a menos que Deus se deixasse vencer pelas suas orações e se declarasse seu protetor. O profeta exortou-os a nada temer e garantiu-lhes o auxílio de Deus. Em seguida, ofereceu a Deus, em nome de todo o povo, o sacrifício de um cordeiro de leite, rogando-lhe que não abandonasse aqueles que confiavam somente nEle e não permitisse que caíssem em poder dos inimigos. Deus aceitou aquela vítima tão agradavelmente que prometeu combater por eles e dar-lhes a vitória.

Antes de concluído o sacrifício e de a vítima ser inteiramente consumida

pelo fogo sagrado, os filisteus deixaram o seu acampamento para iniciar o combate e, como surpreendiam os israelitas, sem lhes dar ocasião de preparar a defesa, não punham em dúvida o resultado favorável da luta. Mas o desfecho foi tal que eles jamais poderiam imaginá-lo, ainda que alguém o tivesse predito. Por efeito da onipotência de Deus, sentiram a terra tremer de tal modo sob os pés que mal podiam equilibrar-se e viram-na abrir-se em alguns lugares e tragar os que ali se encontravam. Estrugiu nos ares um trovão tão espantoso e acompanhado de raios tão fortes que os olhos deles se ofuscaram e as mãos, semiqueimadas, não podiam segurar as armas. Assim foram obrigados a lançá-las por terra e buscar a salvação na fuga.

Os israelitas mataram grande número deles, perseguiram o resto até o lugar chamado Bete-Car, onde Samuel mandou fixar uma pedra como sinal da vitória e chamou ao lugar Ebenézer, para dar a conhecer que tudo o que haviam conseguido de força naquela célebre jornada deviam a Deus somente. Fato tão maravilhoso lançou tal terror no espírito dos filisteus que eles não ousaram mais atacar os israelitas, e a ousadia que antes manifestavam passou, por estranha modificação, ao coração dos vitoriosos. Samuel continuou a fazer-lhes guerra, matou muitos em diversos combates, domou-lhes o orgulho, reconquistou um país situado entre as cidade de Gate e Ecrom que eles haviam, pelas armas, conquistado aos israelitas. Estes, enquanto estavam ocupados com essa guerra, viveram em paz com os cananeus.

CAPÍTULO 3

SAMUEL PASSA O GOVERNO ÀS MÃOS DOS FILHOS, QUE SE ENTREGAM A TODA ESPÉCIE DE VÍCIOS.

221. Samuel, depois de haver ajustado tão bem os interesses da nação, escolheu algumas cidades onde se deveriam resolver todos os litígios. Ele mesmo lá ia duas vezes por ano para administrar justiça e, como nada tinha em maior interesse que governar a República segundo as leis recebidas de Deus, continuou a fazê-lo durante muito tempo. A velhice, porém, tornava-o incapaz de suportar tal trabalho, e ele entregou o governo nas mãos de seus filhos, o mais velho dos quais chamava-se Joel, e o mais moço, Abias.

Determinou que morassem em Berseba, para julgarem o povo.

A experiência então mostrou que os filhos nem sempre se assemelham aos pais: às vezes, os maus geram homens de bem, e gente de bem, ao contrário, põe no mundo homens maus. Pois eles, em vez de seguir as pegadas paternas, tomaram caminho totalmente oposto. Recebiam presentes, vendiam vergonhosamente a justiça, calcavam aos pés as leis mais santas e chafurdavam-se em toda sorte de impurezas, sem temor de ofender a Deus ou de desagradar ao pai, que desejava com ardor vê-los cumprindo o dever.

CAPÍTULO 4

OS ISRAELITAS, NÃO PODENDO TOLERAR O MAU PROCEDIMENTO DOS FILHOS DE SAMUEL, INSISTEM COM ELE QUE LHES DÊ UM REI. O PEDIDO CAUSA-LHE GRANDÍSSIMA AFLIÇÃO. DEUS O CONSOLA E ORDENA-LHE QUE LHES FAÇA A VONTADE.

222. Os israelitas, vendo subvertida a ordem tão sabiamente estabelecida por Samuel e observando os desregramentos e vícios de seus dois filhos, foram procurar o santo profeta na cidade de Rama, onde ele residia. Falaram-lhe dos enormes pecados dos filhos dele e, já que a sua velhice não lhe permitia mais governar, pediram-lhe ardentemente que lhes desse um rei para governá-los e vingar as injúrias recebidas dos filisteus. Essas palavras afligiram sensivelmente o profeta, porque ele amava extremamente a justiça. Não queria a realeza, pois estava persuadido de que a teocracia era o mais feliz de todos os governos. A tristeza levou-o mesmo a deixar de beber, de comer e de dormir. O seu espírito estava tão agitado pela infinidade de pensamentos que passava a noite toda revolvendo-se no leito.

Deus então apareceu para consolá-lo e disse-lhe: "O pedido que esse povo vos faz não vos ofende tanto quanto a mim, pois demonstra que não querem mais ter-me como rei. Não é de hoje que pensam assim, pois começaram a imaginá-lo desde que os tirei do Egito. Eles se hão de arrepender, porém muito tarde, quando o seu mal for sem remédio, e condenarão eles mesmos a sua ingratidão para comigo e para convosco. Ordeno-vos que lhes deis por rei àquele que eu vos mostrar, depois de os avisardes dos males que, por esse motivo,

lhes hão de vir, declarando que é contra a vossa vontade que sois levado a fazer essa mudança que eles desejam com tanto afã".

No dia seguinte, de manhã, Samuel reuniu todo o povo e prometeu que lhes daria um rei, depois de enumerar os males que teriam de suportar: "Sabei, principalmente, que os vossos reis tomarão os vossos filhos para empregá-los em toda espécie de trabalho: uns para a guerra, como simples soldados ou como oficiais; outros em sua corte, para servi-los em todas as coisas; outros para trabalhar em diversas artes e ofícios; outros para cultivar a terra, como se fossem escravos comprados a peso de ouro. Tomarão também as vossas filhas para empregá-las em diversos trabalhos, como empregadas, as quais o medo do castigo obrigará a trabalhar. Tomarão as vossas propriedades e os vossos rebanhos para dá-los aos seus eunucos e a outros domésticos. Enfim, vós e vossos filhos estareis sujeitos não somente a um rei, mas também aos seus servidores. Então vos lembrareis da predição que hoje vos faço e, tocados pelo arrependimento de vossa falta, implorareis, na tristeza de vosso coração, o auxílio de Deus, para vos libertar de tão rude sujeição. Mas Ele não ouvirá as vossas orações e vos deixará sofrer o castigo que a vossa imprudência e ingratidão mereceram".

O povo não quis escutar os avisos do profeta, insistindo mais que nunca no seu pedido, pois, sem entrar nas considerações do futuro, só pensavam em ter um rei que combatesse à frente de seus exércitos para vingá-los dos inimigos. Como todos os seus vizinhos obedeciam a reis, nada lhes parecia mais razoável que abraçar a mesma forma de governo. Samuel, vendo-os tão obstinados em sua resolução e que tudo o que lhes dizia era inútil, mandou que se retirassem. Quando chegasse o tempo, ele os reuniria para declarar quem Deus escolheria para rei.

CAPÍTULO 5

SAUL EFEITO REI SOBRE TODO O POVO DE ISRAEL. MODO COMO É LEVADO A SOCORRER OS HABITANTES DEJABES, SITIADOS POR NAÁS, REI DOS AMONITAS.

223. 1 Samuel 9. Quis, que era da tribo de Benjamim e muito virtuoso, tinha tanta inteligência e coração que podia passar por homem extraordinário.

Perderam-se as suas jumentas, que ele criava por serem muito belas, e ele determinou que Saul, seu filho, com um dos criados, fosse procurá-las. Saul partiu e, depois de as ter buscado inutilmente, tanto na sua tribo quanto nas outras, resolveu voltar para casa, temendo que o pai estivesse apreensivo por sua causa.

Quando estava perto de Rama, o servo disse-lhe que naquela cidade havia um profeta que sempre dizia a verdade e aconselhou-o a ir procurá-lo para saber o que havia acontecido às jumentinhas. Saul respondeu que nada tinha para lhe dar, pois gastara todo o dinheiro na viagem. O servo disse que ainda tinha a quarta parte de um sido, que podia dar ao profeta, pois sabia que jamais ele se aproveitava de pessoa alguma. Quando chegaram às portas da cidade, encontraram algumas moças, que iam à fonte. Saul perguntou-lhes onde morava o profeta, e elas o disseram, acrescentando que se ele o queria ver deveria apressar-se, a fim de falar-lhe antes que ele se pusesse à mesa, pois ia oferecer um jantar a várias pessoas.

No entanto era justamente para Saul que Samuel organizara tal refeição, pois, tendo passado todo o dia anterior em oração, para pedir a Deus que lhe fizesse conhecer quem seria o rei, Deus lhe respondera que, no dia seguinte, à mesma hora, lhe enviaria um moço da tribo de Benjamim, que devia ser o escolhido. Estava então assentado no terraço de sua casa, esperando a hora que Deus marcara, para então ir à mesa, depois que o moço tivesse chegado. Quando Saul se aproximou, Deus revelou a Samuel que aquele era o escolhido.

Saul saudou-o e perguntou onde morava o profeta, pois, sendo estrangeiro, não o sabia. Samuel respondeu-lhe que era ele mesmo. Convidou-o para jantar e disse-lhe, enquanto caminhavam, que não somente encontraria as jumentas que há tanto tempo procurava, mas se tornaria rei e seria assim cumulado de toda sorte de bens. Respondeu-lhe Saul: "Vós zombais de mim, pois não tenho tal pretensão nem posso conceber tais esperanças. A tribo a que pertenço não é tão importante, para ter reis, e a família de meu pai é uma das menores dentre as de minha tribo". Quando chegou à sala, Samuel fê-lo sentar-se acima de todos os outros, mais ou menos umas setenta pessoas, mandou colocar o servo junto dele e ordenou aos que serviam à mesa que dessem a Saul uma porção real.

1 Samuel 10. À hora da saída, todos os convidados partiram para as suas casas, e o profeta conservou apenas Saul para pousar em sua residência. No dia seguinte, ao despontar do dia, levou-o para fora da cidade e disse-lhe que ordenasse ao seu servo para seguir adiante, porque tinha algo a lhe dizer em particular. Ele o fez, e então Samuel derramou-lhe sobre a cabeça o óleo que levava num vaso, abraçou-o e disse: "Deus vos constitui rei sobre o seu povo, para vingá-lo dos filisteus. E, como sinal de que o que vos digo de sua parte é verdade, encontrareis ao partir daqui, no vosso caminho, três homens que estão indo adorar a Deus em Betei, o primeiro dos quais leva três pães, o segundo, um cabrito, e o terceiro, uma garrafa de vinho. Eles vos saudarão muito cordialmente e vos oferecerão dois pães, que deveis aceitar. De lá ireis ao sepulcro de Raquel, e um homem comparecerá à vossa presença e vos dirá que as jumentas foram encontradas. Quando tiverdes chegado à cidade de Gibeá, encontrareis um grupo de profetas. Deus vos encherá de seu Espírito, e profetizareis com eles. E todos os que vos ouvirem dirão, com espanto: 'Como tão grande felicidade coube ao filho de Quis?' Quando todas essas coisas se houverem realizado, não podereis mais duvidar de que Deus não esteja convosco. Então ireis saudar o vosso pai e todos os vossos parentes e voltareis para junto de mim, em Gilgal, a fim de oferecermos a Deus sacrifícios em ação de graças".

Depois assim falar, Samuel despediu-o, e nada do que ele havia predito deixou de se verificar. Depois que Saul voltou para casa do pai, um de seus parentes, de nome Abenar, a quem ele amava mais que aos outros, perguntou-lhe como fora a viagem. Saul contou-lhe tudo, menos o que se referia à realeza, de que não lhe quis falar, temendo não ser levado a sério ou mesmo despertar inveja. Assim, embora fosse seu parente e amigo, julgou melhor conservar o assunto em segredo. A fraqueza dos homens é tão grande que muito pouco se pode confiar em sua amizade. Eles não são capazes de ver, sem inveja, a felicidade dos outros, ainda que sejam parentes e amigos e a despeito de saberem que tal acontece por graça particular de Deus.

224. Samuel então reuniu o povo em Mispa e falou: "Eis o que Deus me encarrega de dizer-vos, de sua parte: 'Quando gemíeis sob o jugo dos egípcios, eu vos libertei da escravidão. Libertei-vos também da tirania dos reis vossos

vizinhos, que vos venceram tantas vezes. Agora, como gratidão pelos meus benefícios, não quereis mais ter-me por vosso rei, não quereis mais ser governados por aquEle que, sendo infinitamente bom, somente vos pode tornar felizes sob o seu governo. Abandonais o vosso Deus para elevar ao trono um homem, que usará do poder que lhe dareis para tratar-vos como animais, segundo as suas paixões e a sua fantasia, pois, como podem os homens ter tanto amor pelos homens quanto eu, de quem eles são obra?'"

Depois dessas palavras, Samuel acrescentou: "Já que é vosso desejo e não temeis fazer tão grande ultraje a Deus, arranjai-vos então, segundo as vossas tribos e famílias, e que se lance a sorte". Fizeram-no, e ela caiu sobre a tribo de Benjamim. Depois tomaram os nomes de todas as famílias dessa tribo e puseram-nos num vaso. A sorte caiu sobre a família de Matri. Lançaram a sorte sobre os homens dessa família, e ela caiu sobre Saul. Ele não estava na assembléia, pois, sabendo o que iria acontecer, não quis estar presente, a fim de mostrar que não tinha a ambição de ser rei. E nisso mostrou sem dúvida grande modéstia, pois, enquanto outros não podem esconder a alegria quando algo de feliz lhes sucede, embora de pouca monta, ele não somente nada demonstrou — com a sua presença — ao ser constituído rei sobre um grande povo como ainda se escondeu, de tal modo que não o podiam encontrar.

Nessa aflição, Samuel rogou a Deus que lhe fizesse saber onde Saul estava. Havendo-o encontrado, mandou chamá-lo e apresentou-o ao povo. Cada qual pôde vê-lo sem dificuldade, porque ele era mais alto que todos os outros, e a sua figura sobressaía dentre os demais, ostentando porte e majestade reais. Então Samuel declarou: "Aqui está aquele que Deus vos dá para rei. Vede como ele é maior que qualquer outro de vós e digno de vos comandar". Todos exclamaram: "Viva o rei!" Samuel escreveu todas as suas predições sobre o que lhes sucederia sob o governo dos reis e colocou esse livro no Tabernáculo, para servir de testemunho à posteridade da veracidade do que vaticinara. Voltou depois a Rama, e Saul foi a Gibeá, sua cidade natal. Várias pessoas virtuosas seguiram-no para prestar ao rei a honra que lhe deviam. Um grande número de homens maus, porém, zombou deles, desprezando o novo rei. Não lhe ofereceram presentes e nem pensaram em agradá-lo.

225. 1 Samuel 11. Um mês após Saul ser elevado ao trono, a guerra em

que se encontrou empenhado, contra Naás, rei dos amonitas, conquistou-lhe grande fama. Esse príncipe, que havia muito causava grandes males aos israelitas que moravam além do Jordão, entrou no país deles com um poderoso exército, atacando várias cidades. Para tirar-lhes de vez a esperança de uma revolta, mandou vazar o olho direito de cada um, tanto os que fizera prisioneiros quanto os que se haviam entregado a ele voluntariamente. Fez isso porque os escudos cobriam a visão do olho esquerdo, e assim, nesse estado, não podiam mais servir-se das armas e tornavam-se incapazes de guerrear.

Depois de tratar dessa maneira os israelitas que habitavam além do Jordão, avançou com o seu exército até a província de Gileade. Acampou próximo de jabes, que é a capital, e aconselhou os habitantes da cidade a se entregar, sob a condição de que também lhes seria vazado o olho direito, como aos outros. E ameaçou: caso se recusassem, não pouparia um sequer e destruiria inteiramente a sua cidade, depois de tomá-la à força. Assim, eles tinham de escolher: ou perder parte do corpo ou perdê-lo inteiro. A proposta assustou-os de tal modo que não souberam qual deliberação tomar. Rogaram ao soberano que lhes concedesse sete dias de prazo para mandarem pedir socorro aos de sua nação. Se não o recebessem, entregar-se-iam às condições que ele exigia. Naás consentiu no pedido, tão sem dificuldade quanto desprezava os israelitas. Assim, mandaram expor a todas as cidades as graves dificuldades em que se encontravam.

Tais notícias deixaram todos atônitos e os afligiram de tal modo que eles, em vez de tentar socorrê-los, puseram-se a deplorar-lhes a infelicidade. Os habitantes de Gibeá, onde Saul morava, não ficaram menos perturbados que os outros. O novo rei achava-se então no campo, onde cultivava as suas terras. Vendo-os regressar em tão grande abatimento, togo que soube do motivo de sua aflição, impelido pelo Espírito de Deus, reteve alguns daqueles enviados, para servir-lhe de guia, e despediu os outros, a fim de que fossem tranqüilizar os habitantes de Jabes e informá-los de que os iria socorrer dentro de três dias e que venceria os inimigos antes de o Sol despontar, para que, iluminando ainda o mundo, visse os amonitas humilhados e eles livres do temor.

CAPÍTULO 6

GRANDE VITÓRIA DO REI SAUL SOBRE NAÁS, REI DOS AMONITAS. SAMUEL CONSAGRA A SAUL SEGUNDA VEZ COMO REI E OUTRA VEZ CENSURA FORTEMENTE O POVO POR TER MUDADO A FORMA DE GOVERNO.

Desejando Saul obrigar o povo a tomar as armas naquele mesmo momento para começar a guerra pelo temor do castigo, cortou os jarretes dos bois com que trabalhava e declarou que faria o mesmo a qualquer que deixasse de comparecer com armas no dia seguinte a um lugar próximo do Jordão para seguir Samuel e ele aonde os queriam levar. A ameaça surtiu tanto efeito que todos obedeceram. Feita a revista, contaram setecentos mil homens, sem incluir a tribo de Judá, que levou sozinha setenta mil.

Saul em seguida passou o Jordão, marchando a noite toda, e chegou perto do campo dos inimigos antes do amanhecer. Dividiu o exército em três e atacou-os quando menos eles esperavam. Mataram um grande número deles, e Naás, seu rei, estava entre os mortos. Essa vitória não somente granjeou grande fama a Saul entre os israelitas, que não se cansavam de admirar-lhe o valor e de publicar as suas benemerências, como, por uma mudança repentina, entre aqueles que antes o desprezavam, sendo estes agora os que mais honra lhe prestavam, dizendo em alta voz que nenhum outro se podia comparar a ele. Saul julgou, no entanto, que não era bastante ter salvo os jabesenses e entrou no país dos amonitas, devastando-o completamente e enriquecendo o exército. Voltou a Gibeá coroado de glória e carregado com os despojos dos inimigos.

O povo, eufórico por tão grande feito, agradecia a si mesmo por ter tão ardentemente desejado um rei. Não se contentando em perguntar por gracejo onde estavam todos os que achavam inútil ter um soberano, convenceram-se de que era necessário aplicar-lhes um castigo exemplar e passaram a desejar a todo custo que fossem mortos. Tão insolente é a multidão na prosperidade que fácilmente se deixa levar contra os que a contradizem. Saul, todavia, louvou-lhes o afeto, mas afirmou com juramento que não permitiria que a alegria daquela jornada fosse perturbada pela morte ou suplício de algum israelita, pois não havia razão para se manchar com o sangue dos próprios irmãos uma vitória que deviam unicamente a Deus. Seria melhor, ao contrário, renunciar

toda inimizade, a fim de nada impedir que o regozijo fosse geral. O povo reuniu-se a seguir em Gilgal, por ordem de Samuel, para confirmar a eleição de Saul, e o profeta consagrou-o rei uma segunda vez, na presença de todos, derramando-lhe um pouco de óleo santo sobre a cabeça.

Eis como a República foi mudada em reino. Durante o governo de Moisés e de Josué, seu sucessor e general do exército, a forma de governo era a teocracia. Após a morte de Josué, entretanto, ninguém teve poder soberano, e passaram-se dezoito anos em anarquia. Voltou-se em seguida à primeira forma de governo e dava-se a suprema autoridade, sob o nome de juiz, àquele que pela coragem e capacidade na guerra se tornasse o mais digno dessa honra. Os reis sucederam aos juizes.

226. 1 Samuel 12. Antes que se dissolvesse a assembléia, Samuel falou-lhes: "Conjuro-vos, na presença do Todo-poderoso, que para libertar nossos antepassados da servidão dos egípcios mandou-lhes Moisés e Arão, dois admiráveis irmãos, que digais, corajosa e livremente, sem que qualquer consideração vo-lo impeça, se eu alguma vez, por interesse ou por favor, fiz algo contra a justiça; se alguma vez recebi de qualquer um de vós um vitelo, uma ovelha ou qualquer outra coisa, embora pareça permitido receber essas coisas que consumimos todos os dias quando oferecidas voluntariamente, ou se alguma vez servi-me de cavalos ou de outra coisa qualquer que pertença a algum de vós. Declarai-vos, eu vos peço, ainda na presença do vosso rei".

Todos exclamaram que ele nada fizera de semelhante, mas que, ao contrário, sempre governara santa e justamente. Então o profeta continuou: "Já que estais de acordo em que nada existe a censurar sobre o meu procedimento, permiti que eu diga agora sem temor que, pedindo um rei, cometestes ofensa muito grave contra Deus, pois devíeis antes lembrar que depois de a carestia obrigar Jacó, nosso pai, a ir para o Egito com setenta pessoas somente, a sua posteridade multiplicou-se e tornou-se oprimida pelo peso de uma cruel escravidão. Deus, comovido pelas orações de seu povo, não se serviu de um rei para tirá-lo de tão extrema miséria, mas enviou a eles Moisés e Arão, que os conduziram à terra que agora possuis. E, quando por castigo dos vossos pecados e de vossa ingratidão fostes vencidos por várias nações, também não foi por intermédio de reis que Ele vos libertou, e sim sob o comando de Jefté e

de Gideão, em milagrosos combates, triunfando dos assírios, dos amonitas, dos moabitas e por fim dos filisteus. Que loucura então vos levou agora a sacudir o jugo de Deus para vos submeterdes ao de um homem? Eu, no entanto, vos segui no vosso desvario e apontei-vos aquele que Deus havia escolhido para reinar sobre vós. Mas, para que não duvideis de que essa mudança lhe é assaz desagradável e não o tenha irritado fortemente contra vós, vos darei uma prova disso, e bem clara, pedindo-lhe que neste momento, em pleno verão, vos mande uma tempestade tal como nunca se viu neste país".

Mal acabou Samuel de proferir essas palavras, Deus as confirmou como verdadeiras, com um trovão tão forte, relâmpagos sucessivos e uma chuva de granizo tão espessa que o povo, assustado com esse grande milagre, se julgou inteiramente perdido, confessou a sua culpa e conjurou o profeta a pedir a Deus, pela paterna afeição deste para com ele, o perdão daquela falta que haviam cometido, por ignorância, tal como já lhes havia perdoado tantas outras. Ele prometeu-o, exortando-os ao mesmo tempo a viver na piedade e na justiça, a lembrar-se dos males suportados quando dEle se afastavam, a jamais esquecer tantos milagres feitos por Deus em favor deles e a ter sempre diante dos olhos as leis que Ele lhes dera por intermédio de Moisés, para observá-las fielmente. Era esse o único meio de serem felizes e de atrair bênçãos sobre os seus reis. Porque se falhassem Deus exerceria sobre eles terrível vingança. Depois que Samuel pela segunda vez confirmou a realeza de Saul, dissolveu-se a assembléia.

CAPÍTULO 7

SAUL FAZ UM SACRIFÍCIO SEM ESPERAR SAMUEL E ATRAI SOBRE SI A CÓLERA DE DEUS. MARCANTE VITÓRIA CONQUISTADA SOBRE OS FILISTEUS, POR MEIO DE JÔNATAS. SAUL QUER FAZÊ-LO MORRER PARA CUMPRIR UM JURAMENTO E TODO O POVO SE OPÕE. FILHOS DE SAUL E SEU GRANDE PODER.

227. 1 Samuel 13. Depois de voltar a Betei, Saul recrutou três mil homens e conservou dois mil para a guarda. Enviou Jônatas, seu filho, com os mil restantes a Geba, poisos interesses dos israelitas estavam em situação muito difícil naquele país. Isso porque os filisteus, depois de os haver derrotado, não

se contentaram em desarmá-los e em colocar guarnições nas praças-fortes: proibiram-lhes também o uso do ferro, de modo que os israelitas estavam condicionados a pedir aos filisteus até mesmo as coisas mais necessárias para o cultivo da terra.

Logo que Jônatas chegou, apoderou-se pela força de um castelo próximo de Geba, deixando os filisteus muito irritados, os quais, para vingar-se, puseram-se imediatamente em campo com trezentos mil soldados de infantaria, trinta mil carros e seis mil cavaleiros e acamparam perto de Micmás. Quando Saul o soube, saiu de Cilgal e mandou apregoar por todos os lados de seu reino que, se quisessem conservar a liberdade, seria necessário tomar armas e combater os filisteus. Todavia, em vez de mencionar o poder das forças inimigas, dizia que elas não eram tão fortes que os pudessem atemorizar. O povo, no entanto, soube da verdade e foi tomado de tal temor que alguns se esconderam nas cavernas e outros passaram o Jordão para buscar segurança nas tribos de Rúben e de Gade.

Saul, vendo-os tão espantados, mandou rogar a Samuel que viesse encontrá-lo, para resolverem juntos o que fazer. O profeta mandou dizer-lhe que o esperasse no lugar onde estava e que preparasse as vítimas. Ao sétimo dia, iria ter com eles para oferecer os sacrifícios a Deus, num sábado, e depois iniciariam a luta. Saul obedeceu-lhe, em parte, não em tudo. Ele permaneceu ali os dias que o profeta havia ordenado. Vendo, porém, que o profeta se demorava e que os soldados o abandonavam, ofereceu o sacrifício. Informado de que o profeta se aproximava, foi ter com ele.

Samuel disse a Saul que este agira muito mal em oferecer o sacrifício sem esperá-lo. A isso Saul respondeu, para desculpar-se, que esperara tantos dias quantos Samuel dissera e que os soldados começavam a abandoná-lo ante a notícia de que os inimigos haviam deixado Micmás para vir a Gilgal, por isso fora obrigado a oferecê-lo. Respondeu o profeta: "Se tivésseis feito o que vos mandei e não mostrásseis tão pouco caso pelas ordens que vos dei da parte de Deus, teríeis firmado durante vários anos a coroa sobre a vossa cabeça e sobre a de vossos sucessores". Depois de ter assim falado, ele retornou muito descontente por essa ação do soberano.

228. Saul, acompanhado por Jônatas e Aías, sumo sacerdote descendente

de Eli, e de apenas seiscentos homens — dos quais a maioria não estava armada, porque os filisteus os haviam privado dos meios necessários para isso —, rumou para Gibeá, de onde viu com incrível pena, do alto de uma colina, os inimigos devastando inteiramente o país. Estes entraram ali por três lugares diferentes, sem que se lhes pudessem opor, devido ao número exíguo de habitantes.

229. 1 Samuel 14. Enquanto ele passava por tão sentido desprazer, jônatas, num ímpeto de generosidade extraordinária, concebeu um dos mais ousados empreendimentos imagináveis. Tomando somente o seu escudeiro, depois de fazê-lo jurar que não o abandonaria, resolveu entrar secretamente no acampamento dos inimigos e lá provocar desordem. Para isso, desceu a colina. O campo era muito difícil de ser atingido, porque estava encerrado num triângulo rodeado por rochedos, que lhe serviam de defesa. Assim, ninguém podia lá subir ou mesmo dele se aproximar sem grande perigo. Tal situação, porém, tornava os inimigos muito negligentes na vigilância.

Jônatas tudo fez para tranqüilizar o seu escudeiro e disse-lhe: "Se os inimigos, quando nos descobrirem, disserem para subirmos, isso servirá como sinal de que o nosso intento será bem-sucedido. Mas se eles nada disserem, voltaremos". Aproximaram-se do acampamento ao despontar do dia, e os filisteus, vendo-os, disseram: "Eis ali os israelitas, que saem de seus antros e de suas cavernas". E gritaram imediatamente a Jônatas e ao escudeiro: "Vinde receber o castigo de vossa temeridade". Jônatas ouviu com alegria essas palavras, considerando-as um presságio de que Deus favorecia o seu empreendimento. Desceu então e passou por um outro caminho, onde os rochedos eram tão pouco acessíveis que nem havia sentinelas.

Ele e o seu escudeiro subiram com incrível dificuldade. Encontraram os inimigos adormecidos e mataram uns vinte deles. Ninguém podia imaginar que dois homens somente tivessem realizado tão temerária empresa, e todo o acampamento encheu-se de tal terror que alguns atiraram fora as armas, para se salvar. Outros matavam-se reciprocamente, tomando-se por inimigos, pois aquele exército era composto por homens de diversas nações. Outros ainda empurravam-se e se chocavam de tal modo na fuga que caíam do alto dos rochedos.

Saul, avisado pelos seus espiões de um estranho movimento no campo dos filisteus, perguntou se alguns dos seus não se haviam afastado da tropa e, sabendo que Jônatas e o seu escudeiro estavam ausentes, rogou ao sumo sacerdote que se revestisse do éfode para saber de Deus o que iria acontecer. Ele o fez e assegurou-lhe que Deus lhe daria a vitória. Saul partiu logo com os poucos homens de que dispunha para atacar os inimigos durante aquela desordem. Espalhando-se a notícia, vários dos israelitas que estavam escondidos nas cavernas uniram-se a ele.

Assim, quase num momento, ele se viu seguido por uns doze mil homens, com os quais perseguiu os filisteus, que estavam espalhados por toda parte.

Mas, por imprudência ou porque lhe era difícil moderar-se em tamanha e tão surpreendente alegria, ele cometeu outra falta. Querendo vingar-se plenamente de seus inimigos, amaldiçoou e condenou à morte todo aquele que deixasse de os perseguir e matar ou se alimentasse antes de chegar a noite. Pouco depois, ele e os seus chegaram a uma floresta da tribo de Efraim, onde havia grande quantidade de abelhas, jônatas, que nada sabia da maldição proferida pelo pai nem do apoio que lhe dera o povo, comeu um favo de mel. Logo que o soube, porém, não o comeu mais e contentou-se em dizer que o rei teria feito muito melhor não promulgando aquela proibição, porque teriam mais força para perseguir os inimigos e poderiam matar muitos outros ainda.

Depois de enorme carnificina, voltaram à tarde para saquear o acampamento, e os vencedores, tendo encontrado muitos animais entre os despojos, mataram uma grande quantidade deles e comeram-lhes a carne com sangue. Os escribas avisaram imediatamente o rei do pecado que o povo cometia, comendo carne sanguinolenta, contra o mandamento de Deus. Ele mandou então que rolassem para o meio do campo uma enorme pedra e degolassem sobre ela os animais, para fazer correr o sangue, a fim de que não se misturasse com a carne e ninguém mais ofendesse a Deus ao comê-la. Todos obedeceram, e Saul mandou erguer um altar, sobre o qual ofereceram a Deus alguns holocaustos. Esse foi o primeiro altar que mandou fazer.

Querendo então ir imediatamente saquear o acampamento dos inimigos, sem esperar o raiar do dia, e querendo-o também os seus soldados com não menor ardor, ele disse ao sacerdote Aquilobe que consultasse a Deus para

saber se lhe seria isso agradável. Aquilobe obedeceu e voltou dizendo que Deus não respondia. Disse Saul: "Esse silêncio procede sem dúvida de algum grande motivo, pois Deus estava acostumado a nos dizer o que fazer antes mesmo de o consultarmos. Algum pecado oculto deve tê-lo feito ficar em silêncio. Mas juro por Ele mesmo que, ainda que ainda Jônatas o tenha cometido, não o pouparei, como ao último do povo, para aplacar a cólera de Deus, nem que isso lhe custe a vida".

Todos exclamaram que o rei deveria executar a sua resolução. Ele retirou-se à parte, com Jônatas, e lançou a sorte para saber quem havia pecado, e ela caiu sobre Jônatas. Saul, muito admirado, perguntou-lhe qual crime havia cometido, e jônatas respondeu que não se achava culpado de nada, senão que, desconhecendo a proibição, comera um pouco de mel enquanto perseguia os inimigos. Saul então disse que o faria morrer, pois preferia a observância do juramento ao seu próprio sangue e a todos os sentimentos naturais. Jônatas, sem se admirar, respondeu-lhe, com uma firmeza digna de sua alma: "Não vos peço, senhor, que me conserveis a vida. Sofrerei a morte com alegria, para poderdes cumprir o vosso juramento. Não me posso julgar infeliz depois de ter visto o povo de Deus dominar o orgulho dos filisteus por uma tão brilhante e gloriosa vitória".

O povo ficou tão comovido com essa extraordinária generosidade que, contrariando o rei, jurou não permitir a morte daquele ao qual deviam o sucesso de tão célebre jornada. Assim, arrancaram Jônatas das mãos do rei, seu pai, e pediram a Deus que perdoasse a falta que ele cometera.

230. Depois de tão grande feito, no qual perto de mil homens dentre os inimigos foram mortos, Saul reinou feliz e obteve grandes triunfos sobre os amonitas, os moabitas, os filisteus, os idumeus, os amalequitas e o rei de Zobá. Ele teve três filhos: Jônatas, Isvi e Malquisua, e duas filhas: Merabe e Mical.*

---

* A Bíblia menciona ainda outros três filhos de Saul: Isbosete (2 Sm 2.8), Armoni e Mefibosete (2 Sm 21.8) (N do E).

Entregou o cargo de comandante do exército a Abner, filho de seu tio Ner,

o qual era irmão de Quis, sendo ambos filhos de Abiel.

Além do grande número de soldados de infantaria que mantinha, era ainda bastante forte em cavalaria, tinha inúmeros carros e escolhia para guardas os homens que sabia serem mais fortes e hábeis que os outros. A vitória acompanhava-o em todos os seus empreendimentos, e ele levou os interesses dos israelitas a tão alto grau de prosperidade e poder que eles se tornaram temíveis a todos os vizinhos.

CAPÍTULO 8

SAUL, POR ORDEM DE DEUS, DESTRÓI OS AMALEQUITAS, MAS, CONTRA A PROIBIÇÃO, LHES SALVA O REI. OS SOLDADOS QUEREM APROVEITAR-SE DOS DESPOJOS. SAMUEL DECLARA-LHE QUE ELE ATRAIU SOBRE SI A CÓLERA DE DEUS.

231. 1 Samuel 15. Samuel veio ter com Saul e disse-lhe que, tendo-o Deus preferido a todos os outros para fazê-lo rei, era obrigado a obedecer a Ele, pois enquanto ele, Saul, fora colocado acima dos demais súditos, Deus estava acima dele e de tudo o que há no céu e na terra, e que vinha dizer-lhe, da parte dEle: "Os amalequitas fizeram muito mal ao meu povo no deserto, quando este, após sair do Egito, ia para o país que agora possuis. A justiça exige que sejam castigados por tamanha desumanidade. Assim, ordeno-vos que lhes declareis guerra e que os extermineis inteiramente depois de os vencerdes, sem poupar idade ou sexo, a fim de castigá-los como merecem pela maneira como trataram o meu povo no passado. Não quero, igualmente, que se poupe um animal sequer nem que se conserve seja o que for nos despojos: tudo deve ser-me oferecido em holocausto. Do mesmo modo, deve ser apagado de sobre a terra o nome dos amalequitas, como Moisés o declarou, e que deles não fique o menor vestígio".

Saul prometeu executar fielmente o que Deus ordenava e, para tornar a sua obediência perfeita, por uma pronta execução, reuniu imediatamente todas as suas tropas. Constatou, pela revista, que possuía quatrocentos mil homens, sem incluir a tribo de Judá, que contribuía sozinha com trinta mil. Entrou com esse exército no país dos amalequitas e, para unir astúcia à força, colocou diversas emboscadas ao longo das torrentes, a fim de surpreendê-los e cercá-los

por todos os lados. Deu-lhes em seguida combate, venceu-os, colocou-os em fuga e não deixou de os perseguir até derrotá-los completamente.

Tendo a empresa no início, segundo a ordem de Deus, obtido tão feliz êxito, ele sitiou as cidades dos amalequitas e apoderou-se delas. Tomou algumas com máquina, outras com ameaças, outras por terraços levantados do lado de fora, outras pela carestia, outras por falta de água e outras ainda por diversos meios. Não poupou as mulheres nem as crianças e nem por isso julgou passar por desumano e cruel, pois além de estar lidando com inimigos, ele obedecia a Deus, ao qual não se pode sem crime desobedecer. Conseguiu aprisionar o rei Agague, mas a grandeza, a extraordinária beleza e o rosto formoso do príncipe tocaram-no de tal modo que ele se convenceu de que deveria poupá-lo.

Assim, deixando-se levar por sentimentos em vez de cumprir a ordem de Deus, usou infelizmente de uma clemência que não lhe era permitida, pois Ele odiava de tal modo os amalequitas que não desejava que fossem poupadas nem mesmo as crianças, embora por um sentimento natural a fragilidade as torne dignas de compaixão. Esse rei, porém, não somente era um inimigo como também causara grandes males ao povo de Deus. Os israelitas imitaram o seu rei nesse pecado e como ele desprezaram a ordem de Deus: em vez de matar todos os cavalos e os outros animais, preferiram conservá-los e apanharam o que puderam de valor. Enfim, apoderaram-se em geral de tudo o que lhes poderia ser útil. Assim, Saul devastou toda essa região, desde a cidade de Peluzion até o mar Vermelho, menos os de Siquém, na província de Midiã, porque, desejando salvá-los por causa de Jetro, sogro de Moisés, os avisou, antes de começar a guerra, para não se meterem com os amalequitas.

232. Saul retornou em seguida, contente e gloriando-se da vitória, como se tivesse cumprido cabalmente o que fora ordenado por Samuel. Deus, porém, estava muito irritado, porque ele, contra a proibição, poupara a vida ao rei Agague e porque os seus soldados, a exemplo dele, haviam desprezado as mesmas ordens. Assim, eram tão indesculpáveis de seu crime quanto eram devedores a Ele pela vitória. E, não há rei humano que tenha querido sofrer tão grande ultraje como o que acabavam de fazer a Deus, o soberano Rei de todos os reis.

Assim, Deus disse a Samuel que se arrependia de ter posto Saul no trono,

pois ele calcava aos pés as suas ordens para fazer somente a própria vontade. Essa aversão de Deus por Saul feriu com uma dor tão forte e tão viva o profeta que ele lhe rogou durante toda a noite que o perdoasse. Não obteve o perdão, todavia, pois Deus não achou justo perdoar tão grande ofensa, tendo em vista apenas o intercessor, porque quem, pela afetação da falsa glória de uma clemência, deixa crimes impunes é causa de que estes se multipliquem.

Samuel, percebendo que não conseguia aplacar a Deus com as suas orações, foi, ao despontar do dia, encontrar-se com Saul em Gilgal. O príncipe correu à sua presença, abraçou-o e disse-lhe: "Dou graças a Deus pela vitória que lhe aprouve conceder-me, e fiz tudo o que Ele me mandou fazer". Retrucou-lhe o profeta: "Como então estou ouvindo nitridos de cavalos e balidos de ovelhas no vosso campo?" "São rebanhos de carneiros que o povo trouxe e reservou para sacrificar a Deus", respondeu Saul. "Exterminei completamente a raça dos amalequitas, como me havíeis determinado de sua parte, reservando somente o rei. Faremos dele o que vos aprouver".

Samuel respondeu-lhe: "Não são as vítimas que são agradáveis a Deus, mas os homens justos que obedecem à sua vontade e só julgam bem feito o que Ele ordena. Pode-se, pois, sem desprezá-lo, não lhe oferecer sacrifícios, mas não se pode desobedecer a Deus sem desprezá-lo, e aqueles que o desobedecem não lhe podem oferecer sacrifícios verdadeiros, que lhe sejam agradáveis. Por mais gordas que sejam as vítimas a Ele apresentadas e por mais puras que sejam as ofertas por si mesmas, Ele as rejeita. Tem-lhes aversão porque são mais efeito de hipocrisia que sinais de piedade. Por outro lado, Ele olha com vistas favoráveis aqueles que não têm outro desejo senão agradá-lo e preferem morrer a faltar ao menor de seus mandamentos. Não lhe pede vítimas e quando eles mesmos as querem oferecer, por mais desprezíveis que sejam, recebe-as com mais boa vontade que tudo o que os ricos lhe podem oferecer. Sabei, pois, que atraístes sobre vós a indignação e a cólera de Deus pelo desprezo que votastes às suas ordens. Como julgais que Ele olhará o sacrifício que lhe fareis das coisas as quais Ele vos ordenou destruir? É possível que imagineis não haver diferença entre exterminar e sacrificar? A diferença é tanta que, para vos castigar por não terdes cumprido a sua ordem, deveis preparar-vos para perder a coroa que Ele vos colocou sobre a cabeça".

Saul, atônito com essas palavras do profeta, respondeu-lhe que, embora não tivesse podido conter os soldados, por demais ansiosos pelo saque, confessava que era culpado. Rogava-lhe, porém, que o perdoasse e fosse o seu intercessor junto a Deus, com a promessa de não mais cair em semelhante falta. Pediu-lhe em seguida que ficasse um pouco com ele, para oferecer vítimas a Deus e aplacar a sua cólera. Mas como o profeta sabia que Deus não o iria atender, não quis se demorar mais.

CAPÍTULO 9

SAMUEL PREDIZ A SAUL QUE DEUS PASSARÁ O REINO A OUTRA FAMÍLIA.
MATA AGAGUE, REI DOS AMALEQUITAS, E CONSAGRA DAVI COMO REI.
SAUL, AGITADO POR UM DEMÔNIO, MANDA CHAMAR
DAVI, PARA QUE ESTE O ALIVIE CANTANDO E TOCANDO HARPA.

233. Saul segurou Samuel pelo manto, para impedi-lo de sair. Por causa da resistência de Samuel, o manto rasgou-se. Disse-lhe então o profeta: "Vosso reino também será dividido e passará para a um homem de bem, porque Deus não se assemelha aos homens. Ele é imutável em suas determinações". Saul confessou novamente que havia pecado, mas o que havia sido feito não podia mais deixar de ser, e por isso rogava que concordasse em pelo menos adorar a Deus com ele na presença de todo o povo. Samuel consentiu no pedido. Trouxeram-lhe imediatamente o rei Agague, e este queixou-se de que a morte que lhe queriam fazer sofrer era muito cruel. O profeta porém, disse-lhe: "Vós também obrigastes tantas mães israelitas a chorar a morte de seus filhos. É justo que a vossa morte faça também chorar a vossa mãe". Depois de assim falar, mandou matá-lo e voltou a Rama.

234. Então Saul abriu os olhos e compreendeu a infelicidade em que havia caído, ofendendo a Deus. Foi para o palácio real, em Geba (que significa "colina"), e depois daquele dia não viu mais Samuel. O santo profeta, por seu lado, não podia deixar de lastimá-lo e de chorar por esse motivo. Deus então disse-lhe que se consolasse e tomasse o óleo para ir a Belém, à casa de Jessé, filho de Obede, consagrar rei aquele que dentre os seus filhos Ele indicasse. Samuel respondeu que se Saul o soubesse mandaria matá-lo, mas Deus lhe

disse que nada temesse. Assim, ele foi a Belém, onde o receberam com alegria, e todos perguntavam o motivo de sua vinda. Ele respondia que era para oferecer um sacrifício.

Depois de oferecê-lo, pediu a Jessé que viesse cear com ele e trouxesse também o seu filho. Ele veio com o mais velho, de nome Eliabe, que era muito alto e de boa aparência. Samuel, vendo-o tão bem-apessoado, julgou que Deus escolhera aquele para rei. Porém conhecia mal a intenção dEle, pois, tendo-o consultado para saber se deveria derramar o óleo sobre o moço, que lhe parecia digno de reinar, Ele respondeu-lhe: "Eu não penso como os homens. Por verdes que esse é muito belo, vós o julgais digno de reinar. Não é a beleza do corpo que considero para dar uma coroa, mas apenas a da alma, cujos ornamentos são a piedade, a justiça, a generosidade e a obediência". O profeta, após essa resposta, disse a Jessé que mandasse buscar todos os seus filhos. Vieram outros cinco: Abinadabe, Samá, Natanael, Rael e Asam, não menos belos que o mais velho. Samuel perguntou a Deus qual deles deveria ser sagrado rei, e Ele respondeu-lhe: "Não consagrareis nenhum deles".

Então Samuel perguntou se Jessé tinha ainda algum outro filho. Ele respondeu-lhe: "Tenho ainda um, de nome Davi, que guarda os meus rebanhos". Disse-lhe que o mandasse chamar, porque era justo que tomasse parte no banquete com os irmãos. Ele veio: era loiro, muito belo, bem feito de corpo e tinha algo de marcial em seu porte. O profeta disse baixinho ao pai: "Foi este que Deus escolheu para ser rei". Fez o moço sentar-se junto dele e, mais abaixo, o pai e os irmãos. Derramou óleo sobre a cabeça dele e disse-lhe ao ouvido que Deus o escolhera para ser rei e por isso ele deveria amar a justiça e observar religiosamente os seus mandamentos, assim o seu reino teria longa duração, e a sua posteridade seria também muito ilustre. Ele venceria não somente os filisteus, mas todas as outras nações às quais fizesse guerra, e a sua memória seria imortal. Samuel regressou depois dessas palavras, e o Espírito de Deus passou de Saul para Davi, o qual começou a profetizar.

235. Saul, ao contrário, foi tomado por um espírito mau, que parecia querer esganá-lo a todo instante. Os médicos não encontraram outro remédio para esse mal a não ser mandar algum músico competente cantar hinos sagrados, ao som de harpa, quando o demônio o agitasse. Procuraram por toda

parte e disseram-lhe que somente uma pessoa poderia fazê-lo: um dos filhos de]essé, de nome Davi, que era não somente excelente músico, mas também muito belo e capaz de servi-lo na guerra. Saul mandou então dizer ao pai de Davi que o dispensasse do encargo de vigiar os rebanhos e o mandasse, porque lhe haviam dito muitas coisas dele, e queria vê-lo. Jessé mandou-o logo a Saul, com vários presentes, e este o recebeu muito bem: deu-lhe um lugar como soldado e tratou-o bondosamente em tudo. Além de ser muito agradável ao rei, somente ele, com os seus cânticos e com o som de sua harpa, podia acalmá-lo e trazê-lo a bons sentimentos. Assim, Saul pediu a Jessé que o deixasse ficar, pois estava muito contente com a sua companhia.

CAPÍTULO 10

OS FILISTEUS VÊM ATACAR OS ISRAELITAS. UM GIGANTE, DE NOME GOLIAS, PROPÕE TERMINAR A GUERRA POR UM COMBATE SINGULAR, ENTRE ELE E UM ISRAELITA. NINGUÉM RESPONDE AO DESAFIO, MAS DAVI O ACEITA.

236. 1 Samuel 17. Algum tempo depois, os filisteus vieram com um grande exército atacar os israelitas e acamparam entre as cidades de Soco e Azeca. Saul marchou logo contra eles e, tendo-se apoderado de uma colina, obrigou-os a se retirar e acampar em outra que ficava em frente. Havia no exército um gigante de nome Golias, que era de Gate e tinha seis côvados e um palmo de altura. A sua força correspondia ao seu tamanho, e ele estava armado na proporção de uma e de outro. A sua couraça pesava cinco mil sidos, o capacete não era menos pesado e a perneiras, que eram de bronze, estavam em conformidade com o resto. O seu dardo era tão pesado que, em vez de carregá-lo na mão, ele o levava sobre os ombros, e somente o ferro pesava seiscentos sidos.

Esse terrível gigante, seguido por uma grande tropa, apresentou-se com esse equipamento no vale que separava os dois exércitos e gritou em voz alta, a fim de que Saul e todos os seus o ouvissem: "Para que travarmos batalha? Escolhei dentre vós alguém com quem eu possa terminar esta questão. O partido daquele que for vencido será obrigado a receber a lei do partido vitorioso. Não é melhor expor somente um homem ao perigo que um exército

inteiro?" Ele voltou no dia seguinte ao mesmo lugar, para dizer a mesma coisa. E, durante quarenta dias, continuou a fazer o mesmo desafio. Saul e os seus soldados, não sabendo o que responder, contentavam-se em se apresentar à batalha, mas a luta não se travava.

Davi não se achava então no acampamento, porque Saul o restituíra ao pai para retomar o seu ofício de pastor e tinha consigo somente três de seus irmãos. Jessé, todavia, percebendo que a guerra se prolongava demais, enviou Davi aos seus irmãos para levar-lhes diversas coisas e também notícias suas. Golias voltou ao seu lugar de costume, agora mais insolente do que nunca, fazendo mil injúrias aos israelitas, pois nenhum deles tinha coragem de enfrentá-lo. Davi, que nessa hora estava junto de seus irmãos, cumprindo as ordens de seu pai, ficou admirado ao vê-lo falar daquele modo e disse que estava disposto a combater.

Eliabe, seu irmão mais velho, irritado, repreendeu-o fortemente e mandou-o voltar para casa e reassumir a custodia dos rebanhos da família. Davi nada respondeu ao irmão, devido ao respeito que nutria por ele, mas disse a alguns dos soldados que não teria medo de aceitar o desafio daquele gigante. Foram contá-lo a Saul, que o mandou chamar e perguntou-lhe se era verdade que assim havia falado. Davi respondeu-lhe: "Sim, majestade, pois não tenho medo daquele filisteu que parece tão temível. Se vossa majestade me permite, não somente destruirei a sua ousadia como ainda o tornarei tão desprezível quanto ele agora parece terrível, e a glória que vossa majestade e o exército terão será tanto maior, porque ele não foi vencido por um homem robusto e experimentado na guerra, mas por um jovem soldado".

Saul admirou-lhe a coragem, mas não se atrevia a confiar uma ação tão importante a alguém daquela idade, principalmente porque o combate era contra um homem de força prodigiosa e de valor comprovado. Davi notou esses sentimentos em sua fisionomia e disse-lhe: "Ouso prometer-vos sem temor, majestade, que serei vitorioso, com a ajuda de Deus, como já o experimentei em outras ocasiões. Pois quando eu vigiava os rebanhos de meu pai, um leão levou um de meus cordeirinhos, e corri atrás dele, arrancando-o de entre os seus dentes. Isso de tal modo o enfureceu que ele se lançou contra mim. Então agarrei-o pela cauda, derrubei-o por terra e o matei. Fiz o mesmo com um urso

que atacava os meus carneiros, e não creio que esse filisteu seja mais temível que os leões e os ursos. O que me convence ainda mais, todavia, é que não posso imaginar que Deus tolere por mais tempo as blasfêmias que esse gigante vomita contra Ele e os ultrajes que faz a vossa majestade e a todo o vosso exército. Assim, atrevo-me a garantir que Ele fará a graça de me deixar abater-lhe o orgulho e vencê-lo".

Uma ousadia tão surpreendente fez Saul acreditar que o êxito seria de fato real. Orou a Deus, permitiu a Davi combater e deu-lhe na mão o próprio capacete, a couraça e a espada. Como Davi, porém, não estava acostumado a usar armas, ficou atrapalhado e disse ao rei: "Estas armas, majestade, são próprias para vossa majestade, que sabe bem manejá-las, mas não para mim. Isso me obriga, pois, a suplicar-vos muito humildemente a liberdade para combater como quiser". Saul consentiu-o, e assim ele deixou as armas, tomou somente um cajado, a sua funda e cinco pedras, que escolhera no regato e colocara na sua sacola. Desse modo marchou contra Colias, que sentiu tanto desprezo por ele que lhe perguntou, por zombaria, se o tomava por um cão, para vir a ele armado apenas com pedras. Davi respondeu-lhe: "Eu vos tomo por menos ainda que um cão".

Essas palavras encolerizaram ainda mais o gigante, que jurou pelos seus deuses esquartejá-lo em mil pedaços e dar a sua carne para os animais e os pássaros devorarem. Davi retrucou: "Vós confiais em vosso dardo, em vossa couraça e em vossa espada, mas eu confio na força do Deus Todo-poderoso, que deseja servir-se do meu braço para vos abater e para dizimar o vosso exército. Cortarei hoje mesmo a vossa cabeça e darei o resto de vosso corpo como pasto aos cães, aos quais a vossa raiva vos torna semelhante. Então todos saberão que o Deus dos israelitas os protege, que a sua providência os governa, que o seu socorro os torna invencíveis e que nenhuma força ou arma pode impedir a destruição daqueles a quem Ele abandona". O altivo gigante, vendo-o tão jovem e desarmado, escutou essas palavras com maior desprezo ainda e marchou contra ele — a passo, porque o peso de suas armas não lhe permitia andar mais depressa.

CAPÍTULO 11

DAVI MATA GOLIAS. O EXÉRCITO DOS FILISTEUS FOGE, E SAUL FAZ ENORME CARNIFICINA. O REI SENTE INVEJA DE DAVI E, PARA VENCÊ-LA, PROMETE-LHE MICAL, SUA FILHA, EM CASAMENTO, COM A CONDIÇÃO DE QUE ELE LHE TRAGA OS PREPÚCIOS DE CEM FILISTEUS. DAVI ACEITA E FAZ O QUE ELE DESEJA.

237. Davi, por quem Deus combatia de maneira invisível, avançou corajosamente contra Golias, tirou uma pedra da sacola, colocou-a na funda e lançou-a com tal rapidez que ela, atingindo o gigante no meio da testa, penetrou-lhe a cabeça e o fez cair morto, com o rosto em terra. O vencedor logo correu a ele e, como não tinha espada, serviu-se da do próprio gigante para cortar-lhe a cabeça.

O mesmo golpe que fez esse orgulhoso filisteu perder a vida infundiu tal terror no ânimo de todos os outros que eles, não ousando tentar a sorte em uma batalha após verem cair diante dos próprios olhos aquele no qual punham toda a sua confiança, deliberaram fugir. Os israelitas perseguiram-nos com grandes gritos de alegria até a fronteira de Gate e, às portas de Ascalom, mataram uns trinta mil e feriram duas vezes esse tanto. Voltaram para saquear o acampamento, ao qual puseram fogo depois de havê-lo devastado inteiramente. Davi levou a cabeça de Golias e consagrou a Deus a sua espada.

238. Quando Saul voltou, triunfante, multidões de mulheres e de moças vieram ao seu encontro, cantando ao som de trombetas e de címbalos, para manifestar a sua alegria por tão importante vitória. As mulheres diziam que Saul havia matado mais de mil, e as moças, que Davi matara mais de dez mil. Palavras tão elogiosas a Davi causaram tanta inveja a Saul que ele pensou que, depois de tantos louvores, só lhe faltava mesmo o nome de rei. Começou então a temê-lo e a julgar que não teria mais segurança se o conservasse junto de si. Assim, com o pretexto de agradecer-lhe, mas na realidade pretendendo afastá-lo e eliminá-lo, deu-lhe mil homens para comandar, julgando que não seria difícil ele perecer num cargo em que estaria exposto a muitos perigos.

Deus, todavia, não abandonava Davi, e ele saiu-se tão bem em todos os seus empreendimentos que o seu extraordinário valor lhe granjeou uma estima geral. E Mical, uma das filhas de Saul que ainda não estava casada, ficou tão

enamorada dele que a sua paixão não passou desapercebida nem mesmo ao rei, seu pai. Saul, em vez de se aborrecer, ficou contente, imaginando ali uma oportunidade para eliminar Davi. Respondeu aos que lhe comunicaram o fato que daria a Davi, de muito boa vontade, a princesa em casamento. Ele raciocinava assim: "Eu lhe direi que desejo que ele me traga, em troca dessa honra, os prepucios de cem filisteus. Estou certo de que, sendo tão valente e generoso, aceitará com alegria essa condição porque, quanto mais perigosa, tanto maior glória lhe proporcionará. E, não havendo risco ao qual ele não se exponha, desfaço-me dele sem que de nada me possam censurar".

Depois de tomar essa resolução, deu ordem para sondarem os sentimentos de Davi com relação ao casamento. Os encarregados da missão disseram a Davi que o rei tinha tanta afeição a ele e via com tanto prazer a estima que o povo lhe devotava que queria dar-lhe em casamento a princesa, sua filha. Ele respondeu-lhes: "Se não compreendeis qual a honra de ser genro do rei, então não me pareço convosco, pois não tenho dificuldade alguma em compreendê-lo e em constatar quão grande é a desproporção entre uma condição tão elevada e a humildade de meu nascimento".

Foram aqueles homens relatar a Saul as palavras de Davi, e o rei mandou-os de volta, para dizer que não se incomodava que Davi não fosse rico e não pudesse oferecer à sua filha grandes presentes, pois não pretendia vendê-la, mas dá-la; que lhe era suficiente encontrar no genro um valor extraordinário, acompanhado de todas as outras virtudes que nele havia constatado; que não lhe pedia outra coisa senão uma guerra mortal aos filisteus e que lhe trouxesse os prepucios de cem deles; que aquele seria o maior e o mais agradável dos presentes que Davi poderia oferecer a ele e à filha, pois não era de condição a receber somente dádivas comuns; e que não podia fazer uma escolha mais digna dela que lhe dar por marido um homem que triunfara dos inimigos de seu pai e de sua pátria.

Julgando Davi que Saul agia sinceramente, não pôs dificuldade em realizar aquela empresa. Aceitou com alegria aquela condição e, para cumpri-la, atacou imediatamente os inimigos, juntamente com os homens que comandava. Deus ajudou-o nessa ocasião, bem como em todas as outras, e ele pôde matar um grande número de filisteus. Levou ao rei duzentos prepucios, cem a mais do

que ele exigira, é pédíti-lhe que cumprisse a sua promessa.

CAPÍTULO 12

SAUL DÁ A SUA FILHA MICAL EM CASAMENTO A DAVI E AO MESMO TEMPO DETERMINA MATÁ-LO. JÔNATAS AVISA DAVI, QUE FOGE.

239. 1 Samuel 19. Saul, não podendo agora recusar a filha a Davi, porque lhe seria vergonhoso faltar à palavra e dar a conhecer a todos que tinha em mente apenas enganá-lo e eliminá-lo, forçando-o a empreender uma perigosa missão, foi obrigado a consentir no casamento. As suas intenções, porém, não mudaram. Vendo que Davi era cada vez mais amado por Deus e pelos homens, começou a julgá-lo tão temível que imaginou só poder garantir a própria vida e a coroa fazendo-o morrer. Assim, para conservar uma e outra, determinou mandar matá-lo e escolheu jônatas, seu filho, e alguns dentre os seus mais fiéis servidores para executar o plano.

Jônatas, que amava Davi intensamente, por causa da virtude que via nele, ficou muito admirado de ver o pai passar de repente por aquela estranha mudança, isto é, do grande afeto que testemunhara a Davi à resolução de matá-lo. Longe de querer ser o executor de tão injusta e cruel ação, colocou Davi a par do que se passava e aconselhou-o a retirar-se imediatamente. Prometeu-lhe ainda falar com o rei, seu pai, pedindo que se acalmasse, pois não via motivo para matar um homem que tanto fizera por ele e pelo seu reino, e, mesmo que tivesse cometido alguma falta, a magnitude de seus serviços deveria levá-lo a perdoar-lhe. Acrescentou ainda que depois dessa entrevista com o rei, manifestaria a Davi as intenções do soberano. Davi aceitou o conselho e retirou-se.

CAPÍTULO 13

JÔNATAS DEFENDE DAVI COM TANTO ARDOR DIANTE DE SAUL QUE OS RECONCILIA.

240. No dia seguinte, Jônatas, encontrando Saul de bom humor, disse-lhe: "Que grande crime, senhor, pode ter cometido Davi, para levar-vos a querer a sua morte? Ele, que vos prestou tão assinalados serviços, que vos vingou dos

filisteus, que lhes abateu o orgulho, que ergueu o nome de nossa nação, que fez cessar a vergonha que sofríamos há quarenta dias, quando ainda não havíamos encontrado quem se atrevesse a combater o gigante, o qual ele tão gloriosamente prostrou por terra; ele, a quem concedestes a honra de dar a vossa filha em casamento, para o qual, a fim de tornar-se digno dela, vos trouxe o dobro de prepúcios de filisteus que lhe havíeis pedido? Tende a bondade de considerar bem quanta dor nos causaria a sua morte, não somente pela sua virtude, mas também por essa aliança, e qual seria a aflição de minha irmã, vendo-se viúva tão cedo. Se vos quiserdes lembrar também de que ele restituía a calma ao vosso espírito nas agitações que sofrieis, achareis sem dúvida que os seus serviços são tão grandes que não devem jamais ser esquecidos e sentireis por ele um novo afeto. Conservando a vida a um homem de seu mérito, conservareis também a vossa e a de toda a vossa família, que lhe é devedora de tantos benefícios".

Os argumentos de Jônatas tiveram tanta força que venceram a sua cólera e o seu temor. E Saul prometeu com juramento não causar mais nenhum mal a Davi. O generoso príncipe foi imediatamente comunicar-lhe o que se havia passado e reconduziu-o para junto do rei, a quem continuou a prestar os seus serviços, como antes.

Capítulo 14

Davi derrota os filisteus. Sua fama aumenta a inveja de Saul. Este atira-lhe um dardo para matá-lo. Mical, mulher de Davi, ajuda-o a escapar. Davi vai ter com Samuel. Saul persegue Davi para matá-lo e perde inteiramente o juízo durante vinte e quatro horas. Jônatas contrai mais estreita amizade com Davi efala em seu favor a Saul, que tenta matar o filho. Ele avisa Davi, que foge para Gate, cidade dos filisteus, e recebe de passagem auxílio de Abimeleque, sumo sacerdote.

Reconhecido em Gate, Davi finge-se de louco e retira-se para a tribo de Judá, onde reúne quatrocentos homens. Vai ter com o rei dos moabitas e volta depois àquela tribo. Saul manda matar Abimeleque e toda a sua descendência sacerdotal, da qual somente Abiatar se salva. Saul tenta diversas vezes e inutilmente apanhar e matar Davi, o qual tem oportunidade de matar Saul

NUMA CAVERNA E DEPOIS NO PRÓPRIO ACAMPAMENTO, MAS SE CONTENTA EM LHE DAR PROVAS DE QUE PODERIA TÊ-LO FEITO. MORTE DE SAMUEL. RAZÃO POR QUE DAVI SE CASA COMABIGAIL, VIÚVA DE NABAL. DAVI SE ESTABELECE JUNTO DEAQUIS, REI DE GATE,FILISTEU QUE O INDUZ A SERVIR NA GUERRA CONTRA OS ISRAELITAS.

241. Nesse mesmo tempo, os filisteus recomeçaram a guerra, e Davi foi mandado com o exército contra eles. Venceu-os, fez grande mortandade entre eles e voltou vitorioso a Saul. Mas não foi recebido como esperava nem como merecia o seu grande feito, porque a sua reputação era suspeita ao rei, e este, em vez de se alegrar com a vitória, enxergava apenas perigos e o tolerava com tristeza. Um dia, quando aqueles acessos com que o demônio o atormentava se mostravam mais violentos, ele ordenou a Davi que entoasse um cântico e tocasse harpa. Ele obedeceu, mas Saul, que tinha nas mãos um dardo, atirou-o contra ele com toda a força, e tê-lo-ia matado se ele não se desviasse do golpe. Fugiu então Davi para a sua casa e de lá não saiu mais o resto do dia.

Chegando a noite, Saul enviou guardas para cercar a casa, a fim de que ele não pudesse escapar, porque desejava julgar Davi e condená-lo à morte. Mical, mulher de Davi, soube de tudo, e, como o seu amor por um marido de tal mérito tê-la-ia feito preferir a morte à dor de perdê-lo, correu logo a avisá-lo: "Se o sol ao despertar vos encontrar ainda aqui, não mais vos tornarei a ver com vida. Fugi, enquanto a noite vo-lo permite. Rogo a Deus de todo o meu coração que a faça ainda mais longa que de ordinário, para que vos seja mais favorável, pois o rei resolveu mandar matar-vos e a não diferir mais esse cruel intento".

Depois de assim falar, ela amarrou uma corda à janela e o desceu para fora. Arrumou então o seu leito como para um enfermo e pôs deitada debaixo das cobertas uma estátua. Colocou-lhe na cabeça um tecido de pêlos de cabra e o cobriu com um manto. Ao despontar do dia, Saul mandou os homens prenderem Davi. Mical disse-lhe que ele estivera doente durante toda a noite. Assim, eles não duvidaram de que Davi estivesse enfermo naquele leito. Foram dizê-lo ao rei, e este ordenou-lhes que o trouxessem de qualquer modo, para o matar. Voltaram imediatamente, levantaram as cobertas e viram que a princesa os havia enganado. Saul fez graves censuras à filha por ter salvo um inimigo. Ela desculpou-se, dizendo que ele ameaçara matá-la se deixasse de ajudá-lo em tal

contingência, e assim fora obrigada a fazê-lo. Não duvidava, porém, de que, tendo a honra de ser sua filha, o amor de seu pai por ela não era mais forte que o seu ódio por Davi. Saul, tocado por essas palavras, perdoou-a.

242. Davi, tendo conseguido salvar-se, foi procurar o profeta Samuel em Rama. Contou-lhe como Saul tentava sempre tirar-lhe a vida e que por bem pouco quase o matara atirando-lhe um dardo. Disse-lhe que, embora nunca tivesse feito algo que desagradasse a Saul, mas, ao contrário, com o auxílio contínuo de Deus, sempre o servira com muito proveito em todas as suas guerras, o bastante para conquistar-lhe a estima, conseguira apenas granjear-lhe o ódio e a inveja. Samuel, aborrecido pela injustiças de Saul, saiu de Rama e levou Davi a Gibeá, onde ele ficou algum tempo em sua companhia.

Logo que Saul o soube, enviou soldados para trazê-lo prisioneiro. Encontraram Samuel no meio de um grupo de profetas e, cheios do mesmo espírito, começaram a profetizar com eles. Saul mandou ainda outros com a mesma ordem, e aconteceu-lhes a mesma coisa. Mandou ainda outros, e eles também profetizaram. Isso o deixou tão encolerizado que resolveu buscá-lo em pessoa, mas ainda não se achava próximo de Samuel o suficiente para ser percebido quando o profeta fez com que ele também profetizasse. E, estando já perto de Samuel, perdeu completamente o juízo, despiu-se diante dele e de Davi e passou assim o resto do dia e toda a noite.

243. 1 Samuel 20. Davi foi em seguida procurar Jônatas para queixar-se de que, apesar de nunca ter dado ao rei motivo para insatisfação, este continuava a tentar por todos os meios tirar-lhe a vida. Jônatas rogou-lhe que tirasse aquela idéia da cabeça e não prestasse fé aos que faziam semelhantes declarações, mas confiasse em sua palavra: o rei, seu pai, não tinha aquela intenção. Se a tivesse, tê-la-ia comunicado a ele, Jônatas, pois nada fazia sem falar com ele e assim não deixaria de avisá-lo.

Davi, no entanto, afirmou com juramento que aquilo que se dizia era verdade. Rogou-lhe que o não pusesse em dúvida e pensasse antes em salvar-lhe a vida, acreditando no que ele lhe dizia em vez de esperar que a sua morte lhe causasse tristeza e remorso por não ter nele acreditado. Acrescentou que ele se devia admirar de que o rei, seu pai, conhecedor da estreita amizade entre ambos, nada lhe houvesse dito de suas intenções. Essas palavras persuadiram

Jônatas e, muito triste, pediu a Davi que lhe dissesse em que poderia ajudá-lo.

Respondeu-lhe Davi: "Na certeza de que nada há que eu não possa esperar de vossa amizade, eis o que me vem à mente. Como amanhã é a primeira lua e o rei oferece nesse dia um grande banquete, ao qual eu costumava estar presente, es-perar-vos-ei fora da cidade, se vos aprouver, sem que ninguém o saiba. Quando o rei perguntar onde eu estou, far-me-eis o favor de responder-lhe que fui a Belém assistir à festa de minha tribo, depois de vos ter pedido licença. Se o rei disser, como costumam fazer as boas pessoas: 'Desejo-lhe boa viagem', será sinal de que não nutre má vontade contra mim. Mas se ele responder de outro modo, será prova do contrário, e far-me-eis o favor de me avisar. Esse favor, na infelicidade em que me encontro, será digno de vossa generosidade e da amizade que tão solenemente me prometestes. Se achardes que não a mereço e julgais que ofendi o rei, não espereis que ele me faça morrer: antecipai-vos, tirando-me a vida".

Essas últimas palavras partiram o coração de Jônatas. Ele prometeu a Davi fazer o possível para penetrar os sentimentos do rei, seu pai, e relatar-lhe fielmente tudo o que pudesse averiguar. Fez ainda mais. Para dar-lhe maior garantia, levou-o para fora, elevou os olhos para o céu e confirmou a sua promessa com juramento, proferindo estas palavras: "Tomo como testemunha da aliança que faço convosco o Deus eterno, que tudo vê, que está presente em toda parte e que conhece os meus pensamentos antes mesmo que a minha língua os possa exprimir, de que não deixarei de sondar o espírito do rei até saber o que ele tem na alma a vosso respeito e vos direi imediatamente tudo o que souber, de bem ou de mal. Deus sabe com quanta afeição lhe rogo que continue a vos ajudar, como fez até agora, e com que confiança acredito que Ele jamais vos abandonará, ainda que meu pai e eu nos tornássemos vossos inimigos. Lembrai-vos, de vossa parte, deste protesto que vos faço e, se me sobreviverdes, mostrai o vosso reconhecimento, pelo cuidado que tereis de meus filhos".

Depois desse juramento, Jônatas disse a Davi que o esperasse no campo destinado aos exercícios e que não deixaria de ir lá, acompanhado somente por um pajem logo que tivesse conhecido os sentimentos do rei, seu pai. Lá chegando, atiraria três flechas contra um alvo. Se os sentimentos do rei lhe

fossem favoráveis, diria ao pajem que fosse buscar as flechas, mas se lhe fossem contrários não daria essa ordem. De qualquer modo, não importando como fossem as coisas, faria o possível para impedir que algum mal lhe acontecesse. Rogava-lhe apenas que se lembrasse, em sua boa sorte, da amizade que ele, Jônatas, lhe demonstrava e que tivesse afeto pelos seus filhos.

Como Davi não podia duvidar das promessas de Jônatas, compareceu ao lugar indicado. No dia seguinte, que era lua nova, o rei, depois de se purificar, segundo o costume, pôs-se à mesa para cear. Jônatas sentou-se à sua direita, e Abner, general do exército, à esquerda. Saul, percebendo vazio o lugar de Davi, julgou que ele não se havia purificado e nada disse. No dia seguinte, porém, não o vendo outra vez, perguntou a Jônatas porque ele não estivera presente a um banquete tão solene naqueles dois dias. Jônatas respondeu-lhe que ele fora a Belém assistir à festa de sua tribo, depois de lhe ter pedido licença, e que ainda o convidara a ir. E acrescentou: "Se vos aprouver, irei também, pois bem sabeis o quanto o estimo".

Jônatas então percebeu até que ponto chegava o ódio do pai contra Davi. Pois Saul, não podendo mais dissimulá-lo, ergueu-se em cólera contra ele, acusando-o de se ter tornado seu inimigo para ser amigo de Davi e perguntando-lhe se não tinha vergonha de abandonar assim o próprio pai para conspirar com o homem que lhe devia ser o mais odioso ou de não compreender que enquanto Davi estivesse vivo ninguém poderia reinar em segurança. Depois de assim falar, ordenou a Jônatas que o buscasse a fim de que sofresse o castigo que merecia. Perguntando então o generoso príncipe qual crime cometera Davi, para merecer a morte, o furor de Saul não se conteve mais nos limites das simples recriminações: passou às injúrias e das injúrias às ações. Tomou um dardo para matar o filho, e teria cometido tão horrível crime se os que estavam presentes não o houvessem impedido.

Assim, Jônatas não teve mais dúvida acerca do que Davi lhe dissera sobre o ódio mortal de Saul, principalmente depois que a amizade deles também quase lhe custara a vida. Saiu do banquete sem comer, passou toda a noite em grande sofrimento e ansiedade por ter sabido daquele modo, correndo risco de vida, em quão grave perigo vivia o seu amigo. Logo ao alvorecer, sob o pretexto de dar-se aos exercícios, dirigiu-se ao lugar onde Davi o esperava. Atirou três

flechas e enviou o pajem sem lhe ordenar que as recolhesse, a fim de poder falar com Davi a sós. Davi lançou-se-lhe aos pés e confessou-se devedor da própria vida. Jônatas ergueu-o e o beijou. Ficaram depois abraçados por muito tempo, deplorando a infelicidade daquela separação, que lhes seria mais dolorosa que a própria morte, e não se podiam afastar um do outro. Por fim, separaram-se, embora com enorme desgosto e tristeza, não porém sem renovar ainda uma vez, com juramento, os protestos de sua inviolável amizade.

244. 1 Samuel 21. Davi, para evitar a perseguição de Saul, foi a Nobe falar com o sumo sacerdote Aimeleque. Este, admirando-se de o ver sozinho, perguntou-lhe o motivo. Davi respondeu-lhe que iria executar uma ordem do rei para a qual não precisava de ninguém e que ordenara aos seus homens que viessem encontrá-lo num lugar determinado. Assim, pediu a Aimeleque tudo o que necessitava para aquela pequena viagem e algumas armas. Aimeleque satisfez a sua vontade. Quanto às armas, disse-lhe que não as tinha, exceto a espada de Golias, que o próprio Davi consagrara a Deus. Ele a ofereceu, e Davi aceitou-a.

Um certo Doegue, porém, sírio de nascimento que cuidava das mulas de Saul, estava por acaso presente. Dali Davi foi a Gate, uma cidade dos filisteus, onde o rei Aquis tinha a sua corte. Mas foi reconhecido, e comunicaram imediatamente ao soberano que aquele hebreu, de nome Davi, que havia matado tantos filisteus, estava na cidade. Davi veio a sabê-lo e, vendo-se em tão grave perigo, pensou em fingir-se de louco para escapar. Ele fingiu tão bem que Aquis se encolerizou com os que o levaram, ordenando que lhe dessem a liberdade.

245. 1 Samuel 22. Depois de conseguir escapar usando desse expediente, Davi foi para a tribo de Judá, onde se escondeu numa caverna perto da cidade de Adulão, avisando disso os seus irmãos. Eles vieram vê-lo com todos os parentes, e vários outros reuniram-se também a ele, ou por causa do mau estado de seus negócios ou pelo medo que tinham de Saul. Elevou-se então o seu número a quatrocentos, e Davi desde então nada mais temeu. Foi ter com o rei dos moabitas e rogou-lhe que consentisse que ele e todos os que o acompanhavam ficassem em seu país até que a má sorte passasse. O soberano consentiu-o e tratou-o muito bem, assim como a todos os seus soldados, durante o tempo em que ele permaneceu naquelas terras.

Ele só saiu de lá por ordem do profeta Samuel, que lhe ordenou deixar o deserto para voltar à sua tribo. Davi então ficou na cidade de Sarim. Saul veio a sabê-lo e também que ele tinha consigo um grande número de homens armados. Ficou por isso muito perturbado, pois sabia que o valor e o proceder de Davi tornavam este capaz de tudo. Com tal apreensão, reuniu no palácio da cidade de Gibeá, que está situada sobre uma colina de nome Arnom, todos os seus amigos e toda a sua tribo e do trono, acompanhado dos guardas e oficiais de sua casa, falou-lhes: "Não podendo crer que esquecêsseis os benefícios com que aumentei a felicidade a que eu mesmo vos elevei, quisera saber se esperais recebê-los maiores da parte de Davi, pois bem conheço o afeto que lhe dedicais, o qual o meu próprio filho vos inspirou. Sei que Jônatas e ele se uniram, sem o meu consentimento, por uma estreita aliança, que confirmaram com juramento, e que Jônatas auxilia Davi contra mim com todas as suas posses. Vós ainda não vos deixastes influenciar por isso, mas esperais tranqüilamente pelo resultado".

Depois das palavras do rei, todos ficaram em silêncio. Doegue então quebrou-o, dizendo: "Majestade, eu presenciei Davi procurar o sumo sacerdote Aimeleque em Nobe, que lhe predisse o que devia acontecer, deu-lhe a espada de Golias e ajudou-o em tudo o que ele necessitava para continuar a viagem". Saul mandou chamar imediatamente Aimeleque e todos os seus parentes e disse-lhe: "Que motivos de queixa tendes contra mim, para receberdes tão bem a Davi, embora ele seja meu inimigo e conspire contra o meu governo, a ponto de lhe fornecerdes armas e predizerdes o que lhe deverá acontecer? Acaso ignorais que ele está fugitivo por causa do ódio que me tem e à casa real?"

Aimeleque não negou ter prestado a Davi o auxílio de que o acusavam. Mas, para mostrar que não fora tanto em consideração a ele quanto ao rei, respondeu: "Eu o recebi, majestade, não como vosso inimigo, mas como um de vossos fiéis servidores, como um dos principais oficiais do vosso exército e como tendo a honra de ser vosso genro. Poderia eu imaginar que um homem que vos é devedor de tantos favores pudesse ser vosso inimigo em vez de alguém dedicado ao vosso serviço? Quanto ao que ele me consultou sobre a vontade de Deus e ao que lhe respondi, procedi também do mesmo modo. Sobre o que lhe dei para continuar a viagem, ele me disse que vossa majestade o enviava em

missão muito importante. Assim, julguei que, recusando-o, ofenderia vossa majestade. Enfim, por pior que pudesse ser o desígnio de Davi, vossa majestade não se deve persuadir de que eu tenha querido ajudá-lo em prejuízo vosso".

Saul, julgando que Aimeleque falava daquele modo apenas por medo, não prestou fé alguma às suas justificativas e ordenou que os guardas o matassem, bem como a todos os seus parentes. Como eles recusassem cometer tal sacrilégio, porque a lei de Deus não permitia tal obediência, o rei deu esse encargo àquele miserável Doegue. Este, juntamente com alguns celerados semelhantes a ele, massacrou Aimeleque e todos os de sua família, e o número total foi de trezentas e oitenta e cinco pessoas. Porque o horrível furor de Saul ainda não estava satisfeito. E enviou esses mesmos ímpios a Nobe, que era a moradia dos sumos sacerdotes e dos outros ministros da lei de Deus, onde mataram todos os que encontraram, sem poupar nem mesmo as mulheres e as crianças, e puseram fogo à cidade. Abiatar, um dos filhos de Aimeleque, foi o único a escapar de tão terrível crueldade. Essa infame matança realizou o que Deus revelara ao sumo sacerdote Eli, isto é, que a sua posteridade seria destruída por causa de seus dois filhos.

Essa detestável ação de Saul, que pela mais horrível das impiedades não receou derramar o sangue de toda a casta sacerdotal, sem mesmo poupar os velhos e as crianças, nem temeu reduzir a cinzas uma cidade que o próprio Deus escolhera para ser a moradia de seus sacerdotes e profetas, demonstra até onde pode chegar a corrupção do espírito humano. Enquanto a mediocridade de sua condição os impede de fazer o mal a que a sua inclinação os leva, parecem mansos e moderados, mostram amor pela justiça e pela piedade e estão convencidos de que Deus, que está presente em toda parte, vê todas as suas ações e penetra todos os seus pensamentos. Mas quando se vêem elevados pela autoridade e poder, mostram que não tinham no coração aqueles sentimentos e, tal como os atores, que depois de trocar as vestes apresentam-se no palco para representar um papel qualquer ou outro personagem, eles aparecem em seu natural. Tornam-se audaciosos e insolentes, desprezando a Deus e fazendo pouco caso dos homens.

Dessa forma, embora a grandeza de sua posição, que expõe até as menores de suas ações à vista de todos, os devesse fazer agir de maneira

irrepreensível, eles julgam que o próprio Deus mantém os olhos fechados ou os teme, e passam a desejar que Ele aprove e que os homens achem justo tudo que o seu temor, o seu ódio e a sua imprudência lhes inspiram, sem preocupação com as conseqüências. De modo que, depois recompensar com muitas honras os grandes serviços, não se contentam em privar delas, por meio de falsas denúncias e calúnias, aqueles que os prestaram e que as tinham tão justamente merecido. Tiram-lhes até mesmo a vida. E agem assim não no uso legítimo de seu poder, como na punição dos culpados, mas com ações de injustiça e de crueldade, oprimindo inocentes, os quais, sendo-lhes inferiores, não se podem livrar de suas violências.

Saul, como acabamos de ver, é disso um nítido exemplo. Pois, pode haver algo mais estranho que, após o governo aristocrático e o dos juizes, ele, o primeiro a ser feito rei sobre todo o povo de Deus, tenha, por uma simples suspeita, matado Aimeleque e mais de trezentos sacerdotes e profetas, queimado a cidade deles e os sepultado nas ruínas, sem se incomodar que, não restando mais nenhum ministro da vontade de Deus, o Templo ficasse inteiramente abandonado? Ou que o seu furor o tenha levado não somente a exterminar essas pessoas constituídas para prestar a Deus o culto supremo que lhe é devido, mas também a destruir até os alicerces o lugar que Ele lhes dera como moradia?

Abiatar, o único sobrevivente da mortandade, foi procurar Davi e contou-lhe como as coisas se haviam passado. Este não ficou admirado, pois quando foi falar com Aimeleque percebeu que Doegue estava presente e bem imaginou que ele não perderia ocasião para caluniar o sumo sacerdote. Ficou sensivelmente comovido por ter dado motivo a isso e rogou a Abiatar que ficasse com ele, pois em outro lugar não estaria em segurança.

246. 1 Samuel 23. Soube Davi, ao mesmo tempo, que os filisteus haviam entrado no território de Queila e feito grande destruição. Resolveu atacá-los, mas antes consultou Samuel para saber se era do agrado de Deus. O profeta garantiu que Ele daria a vitória a Davi, que os atacou imediatamente. Ele fez uma grande matança, apoderou-se de ricos despojos e entrou em Queila para proteger os habitantes até que trouxessem o trigo para a cidade. Como tão grande feito não podia permanecer oculto e a notícia se espalhasse por toda

parte, ela chegou até Saul. Ele sentiu grande alegria por saber onde Davi se havia estabelecido, julgando ser aquilo um sinal de que Deus queria entregá-lo em suas mãos. Ordenou então que alguns soldados fossem cercá-lo, com ordem de não se levantar o cerco antes de se apoderarem dele e matá-lo.

Deus, no entanto, revelou a Davi que ele estaria perdido se não se retirasse imediatamente, porque os habitantes de Queila o entregariam nas mãos do rei, a fim de terem paz com ele. Assim, partiu com os seus seiscentos homens para o deserto, até uma colina de nome Haquila, e Saul viu frustradas as suas esperanças. Do deserto, Davi passou ao território de Zife, a um lugar de nome Horesa. jônatas foi até lá encontrar-se com ele, para abraçá-lo e para conversarem. Exortou-o a esperar para o futuro, não obstante a infelicidade presente. Assegurou que Davi ainda reinaria sobre todo o povo e que não era de admirar que para chegar a tão alta posição fosse mister suportar tão duros sofrimentos. Renovaram depois, com juramento, os protestos de amizade e tomaram a Deus como testemunha. Fizeram imprecações contra aquele que a eles faltasse, e Jônatas regressou, depois de ter dado a Davi essa consolação naquele momento de infelicidade.

Os habitantes de Zife, para agradar a Saul, avisaram-no de que Davi estava perto da cidade e asseguraram que fariam o possível para entregá-lo em suas mãos, o que lhes seria muito fácil de conseguir se o rei mandasse fechar algumas passagens por onde ele poderia escapar e avançasse com as suas tropas. Saul louvou-lhes a fidelidade, manifestando o seu agradecimento por aquele serviço e prometendo retribuí-lo. Mandou-lhes em seguida muitos soldados para procurar Davi nos lugares mais ocultos do deserto, com a garantia de que ele mesmo, o rei, os seguiria bem depressa. Os zifenianos serviram de guia a essas tropas e tudo fizeram, no que dependia deles, para agradar a Saul.

Assim, esses homens maléficos, que deveriam se conservar em silêncio, para salvar um homem que era não apenas inocente, mas muito virtuoso, fizeram por interesse e por bajulação tudo o que puderam para entregá-lo ao inimigo e à morte. Mas Deus não permitiu um êxito correspondente a essa má vontade. Davi, alertado dê que o rei se aproximava, abandonou os lugares para os quais se havia retirado e instalou-se num grande rochedo que está no

deserto de Jesimom. Saul perseguiu-o, chegou ao outro lado da rocha, cercou-o por todos os lados e tê-lo-ia apanhado, não fora o aviso de que os filisteus haviam entrado no país. Ele julgou mais conveniente repelir os inimigos públicos, tão temíveis, a deixar-lhes o reino como presa por causa da obstinação em perseguir um inimigo particular. Davi salvou-se dessa maneira de um perigo que parecia inevitável e refugiou-se no estreito de En-Gedi.

247. 1 Samuel 24. Saul soube disso e, mal repeliu os filisteus, tomou três mil homens escolhidos de todas as suas tropas e marchou para esse lugar. Impelido por uma necessidade, o rei entrou sozinho numa caverna muito espaçosa e profunda, onde Davi se havia escondido com todos os seus homens. Um deles reconheceu o rei e foi logo dizer a Davi que Deus lhe oferecia ocasião a mais favorável para vingar-se do inimigo: fazendo-o perder a vida, livrar-se-ia para sempre daquela injusta perseguição. Davi, em vez de seguir tal conselho, julgou por um sentimento de piedade que não podia, sem ofender a Deus, dar a morte àquele que Ele fizera rei e que como tal era seu amo e senhor. Porque, por piores que sejam os nossos inimigos e por mais que façam para nos eliminar, jamais lhes devemos pagar o mal com o mal. Assim, contentou-se em cortar um pedaço do manto de Saul. E, quando ele saiu da caverna, seguiu-o e gritou para ele. Saul reconheceu-o e voltou-se.

Então Davi prostrou-se diante dele, como de costume, e disse: "Será justo que vossa majestade preste fé aos caluniadores, que vos enganam, e desconfie daqueles que vos têm mais afeto e vos são mais fiéis, quando deveríeis julgar uns e outros por suas ações? As palavras podem enganar, mas as ações mostram o que eles têm no fundo da alma. Vossa majestade acaba de conhecer, pelos efeitos, a malícia daqueles que me acusam sem cessar de más intenções, em que jamais pensei e que não poderia executar mesmo que as tivesse. No entanto, eles levaram vossa majestade a empregar toda espécie de meios para me matar. Mas, como vossa majestade pode ver, a afirmativa de que atentei contra a vossa pessoa é falsa. Ter-me-ia sido tão fácil matá-lo como cortar este pedaço do vosso manto que tenho em minha mão. No entanto, por mais justo que seja o meu ressentimento, eu o contive, ao passo que vossa majestade se deixa levar pela ira, por mais injusta que seja. Deus nos julgará, senhor, e condenará aquele que de nós dois for culpado".

Saul, espantado pelo perigo que havia corrido e sem poder deixar de admirar a virtude e a generosidade de Davi, soltou um profundo suspiro, que arrancou làgrimas a Davi. Tocado por tão extrema bondade, disse-lhe o rei: "Eu é que deveria chorar, e não vós, porque depois de receber tantos serviços de vós tenho-vos perseguido com muita crueldade. Hoje mostrastes que sois um digno sucessor dos mais virtuosos de nossos antepassados, que, em vez de tirar a vida aos seus inimigos quando estes se encontram em posição desfavorável, gloriam-se de perdoar-lhes. Assim, não duvido de que Deus deseje pôr a coroa em vossa cabeça para fazer-vos reinar sobre todo o povo de Israel. E peço-vos que me prometais com juramento que, em vez de destruir a minha família, tomareis cuidado de conservá-la, sem vos lembrardes dos males que vos causei". Davi prometeu-o e jurou-lhe, e depois se separaram: Saul voltou ao seu reino, e Davi foi para o estreito dos masticianos.

248. 1 Samuel 25. A morte do profeta Samuel deu-se nesse mesmo tempo. E, como todo o povo o havia honrado extremamente pela sua eminente virtude, nada se pode acrescentar às demonstrações de afeto que prestou à sua memória. Depois de o enterrarem com grande magnificência em Rama, lugar de seu nascimento, eles o choraram por muito tempo. Não foi somente luto público, mas todos o lamentavam em particular, como se fosse um parente. Isso porque, além de seu amor pela justiça, a sua bondade era tão extraordinária que o tornou muito querido por Deus. Depois da morte de Eli, sumo sacerdote, ele governou sozinho todo o povo durante doze anos e viveu dezoito anos durante o reinado de Saul.

249. Um homem chamado Nabal, do país dos zifenianos, morava nesse tempo na cidade de Maom e era rico, principalmente em rebanhos: tinha três mil carneiros e mil cabras. Davi proibiu terminantemente aos seus soldados tocar em qualquer coisa que pertencesse a esse homem, por maiores que fossem as necessidades ou sob qualquer pretexto, porque ele sabia que não se pode tomar os bens alheios sem faltar aos mandamentos de Deus e, assim fazendo, julgava que agradaria a um homem de bem, que merecia as suas homenagens. Mas Nabal era um bruto, de mau caráter e muito cruel. Sua mulher, ao contrário, de nome Abigail, era gentil, prestimosa, virtuosa e além disso extremamente bela.

Quando Nabal foi tosquiar as ovelhas, Davi enviou dez dos seus para saudá-lo, desejar-lhe toda sorte de prosperidade por muitos anos e rogar-lhe que o ajudasse com alguma coisa para a subsistência de seus homens, pois podia informar-se com os guardas do rebanho que desde que estava no deserto, e isso havia muito tempo, nem ele nem os seus homens lhe haviam causado o menor prejuízo. Poderiam até dizer o contrário, isto é, que ele os havia conservado. E Nabal agora, obsequi-ando-o, faria bem a um homem muito grato. Esse homem, porém, em vez de dar uma resposta, perguntou-lhes quem era Davi. Eles disseram-lhe que era um dos filhos de Jessé. Nabal exclamou: "Ah! Um fugitivo, que se esconde com medo de cair nas mãos de seu senhor, agora quer passar por ousado e corajoso".

Essas palavras, tão ofensivas, foram referidas a Davi e o deixaram tão encole-rizado que ele jurou que antes de a noite acabar exterminaria Nabal e toda a sua família e destruiria a sua casa e todos os seus bens, pois, não satisfeito em demonstrar tanta ingratidão pelos favores recebidos, tivera ainda a insolência de ultrajá-lo daquele modo. Deixou para a guarda de sua bagagem duzentos dos seiscentos homens que então contava e partiu para executar a sua resolução. No entanto, um dos pastores de Nabal, que ouvira as palavras proferidas por seu senhor, avisou a mulher deste, alertando-a das perigosas conseqüências e afirmando que nem Davi nem os seus jamais haviam feito mal algum aos rebanhos. Abigail mandou imediatamente carregar alguns asnos com uma grande quantidade de provisões e, sem nada dizer ao marido, que só tratava bem os de caráter semelhante ao dele, foi ter com Davi.

Encontrou-o num vale, desceu em terra logo que o viu e, prostrando-se diante dele, pediu-lhe que não levasse em conta o que dissera o marido, pois o próprio nome Nabal, que em hebreu significa "insensato", era-lhe muito conveniente. Ela declarou ainda que não estava presente quando os homens foram procurá-lo e continuou a falar, nestes termos: "Rogo-vos que nos perdoeis a ambos e considereis o motivo que tendes de dar graças a Deus, por não ter permitido que mergulhásseis as vossas mãos em sangue. Porque, conservando-as puras, vós o obrigareis a vingar os vossos inimigos e a fazer cair sobre as suas cabeças a infelicidade que estava prestes a cair sobre a de Nabal. Confesso que a vossa cólera contra ele é justa, mas moderai-a, por amor

de mim, que não tenho parte na culpa, pois a bondade e a clemência são virtudes dignas de um homem que Deus destinou para reinar um dia. Tende a bondade de aceitar estes pequenos presentes que vos ofereço".

Davi recebeu-os e respondeu-lhe: "Foi Deus quem vos trouxe aqui, do contrário, não teríeis visto o dia de amanhã, porque eu havia jurado exterminar esta noite Nabal e toda a sua família, para castigá-lo pela ingratidão e pelo ultraje que me fez. Devo, porém, perdoar-lhe, em consideração a vós, pois Deus vos inspirou a que vos opusésseis à minha cólera por meio de vossos rogos. Ele, porém, não evitará o castigo que merece e morrerá de qualquer modo". Abigail voltou muito consolada por resposta tão favorável e encontrou o marido tão embriagado que nada lhe pôde dizer. No dia seguinte, porém, contou-lhe tudo o que se havia passado. O grave perigo que correra assustou-o e perturbou-o de tal modo que ele ficou paralítico de todo o corpo e morreu dez dias depois.

Davi, quando o soube, disse que Nabal recebera a recompensa merecida. Louvou a Deus por não ter permitido que manchasse as suas mãos no sangue dele e aprendeu por aquele exemplo que, tendo os olhos voltados para todas as nações dos homens, Ele castiga os maus e recompensa os bons. A virtude e a sabedoria de Abigail, unidas à sua grande beleza, haviam causado a Davi tanta estima e afeto por ela que, vendo-a viúva, mandou perguntar-lhe se o queria desposar. Ela respondeu que não era digna nem mesmo de beijar-lhe os pés. Depois veio encontrar-se com ele, trazendo boa equipagem, e o des-posou. Ele já tinha outra esposa, de nome Ainoã, que era da cidade de Jezreel. Quanto a Mical, Saul a dera em matrimônio a Palti, filho de Laís, que era da cidade de Galim.

250. 1 Samuel 26. Pouco tempo depois, alguns zifenianos avisaram Saul de que Davi regressara àquele país, e, se quisesse ajudá-los, eles poderiam apanhá-lo. O rei se pôs imediatamente em campo com três mil soldados e acampou naquele mesmo dia em Haquila. Davi, alertado de sua marcha, mandou espiões para fazer um reconhecimento, e estes confirmaram o aviso. Ele partiu de noite, acompanhado somente por Abisai, e entrou no acampamento de Saul. Encontrou todos os soldados adormecidos, bem como o general Abner. Passou pela tenda do rei, que também dormia, e da cabeceira de sua cama apanhou-lhe o dardo. Abisai quis matá-lo, mas Davi lhe reteve o

braço e o impediu, dizendo que, por pior que fosse Saul, não se poderia sem crime atentar contra a vida de um rei constituído por Deus e que tocava ao próprio Deus castigá-lo, quando julgasse que era tempo de o fazer.

Assim, Davi contentou-se em levar o dardo e um vaso que estava próximo do rei, de modo que não se pudesse duvidar de que poderia tê-lo matado, se o desejasse. Confiando na escuridão da noite e em sua coragem, saiu do acampamento do modo como havia entrado, sem que ninguém o percebesse. Depois de atravessar a torrente, subiu à montanha, de onde todo o acampamento de Saul poderia ouvi-lo, e gritou bem alto, chamando por Abner, que acordou com o barulho, bem como todos os soldados. Abner perguntou quem o chamava.

Ele respondeu: "Sou eu, Davi, filho de Jessé, que vós expulsastes. Como vós, que tão valente sois e gozais de tanta honra perante o rei, mais que qualquer outro, tendes tão pouco cuidado em defendê-lo e dormis em vez de zelar pela garantia de sua pessoa? Podeis negar que não sois culpado de um crime capital, tendo sido tão negligente a ponto de perceberdes que alguns dos meus homens entraram no vosso acampamento e até mesmo na tenda real? Vede onde estão o dardo do rei e o seu vaso e julgai agora se montastes boa guarda".

Saul reconheceu a voz de Davi e, diante das provas que apresentava, percebeu que, graças à negligência dos seus, ter-lhe-ia sido fácil matá-lo sem que nenhum estranho fosse encontrado. Confessou então ser-lhe devedor da vida e declarou que lhe permitia voltar para casa com toda a segurança, porque não podia mais duvidar de seu afeto e de sua fidelidade, depois de lhe poupar a vida diversas vezes, e porque ele, em vez de reconhecer os bons serviços que Davi lhe prestara, o havia exilado, privado da consolação de viver com os parentes e perseguido impiedosamente. Davi mandou em seguida que viessem buscar o dardo e o vaso do rei e protestou que Deus, que sabia que ele teria podido matar Saul, seria o juiz de suas ações.

251. 1 Samuel 27. Eis como Davi uma segunda vez poupou a vida a Saul. E, não querendo mais ficar naquele país, receando vir a cair nas mãos do rei, decidiu, com o consentimento de todos os que estavam com ele, passar às terras dos filisteus. Aquis, rei de Gate, uma das cinco cidades dessa nação,

recebeu-o favoravelmente, e Saul, vendo como fora malsucedido e lembrando os graves riscos que correra, não pensou mais em persegui-lo. Davi não quis estabelecer-se na cidade, para não ser pesado aos seus habitantes, e rogou ao rei Aquis que lhe desse um lugar no campo. Ele deu-lhe a aldeia de Ziclague, pela qual Davi tomou tanto afeto que, depois de se tornar rei, veio a comprá-la, para tê-la como propriedade particular.

Lá ficou um ano e quatro meses, e durante esse tempo fazia secretamente incursões sobre as terras dos gerusianos, dos gersianos e dos amalequitas, que eram povos vizinhos dos filisteus, trazendo grande quantidade de cavalos, camelos e gado. Contudo não fazia prisioneiros, temendo que o rei descobrisse de quem ele trazia tais presas, das quais enviava-lhe uma parte. Quando o rei lhe perguntava onde as ia buscar, Davi respondia que era nas planícies da Judéia, do lado sul, no que o príncipe acreditava com tanta felicidade quanto desejava que fosse verdade. Porque Davi se poria em condição de jamais poder regressar àquele país caso tratasse como inimigos os seus súditos. Não sendo assim, porém, podia mantê-lo junto de si e servir-se dele vantajosamente.

252. 1 Samuel 28. Nesse mesmo tempo, os filisteus resolveram fazer guerra aos israelitas. O rei Aquis ordenou a reunião de todas as suas tropas na cidade de Suném e por isso mandou dizer a Davi que lá se encontrasse também, com os seus seiscentos homens. Ele respondeu que obedeceria com prazer, para testemunhar-lhe a sua gratidão pelos favores de que lhe era devedor. O rei, por sua vez, prometeu-lhe que se fosse vitorioso recompensaria os seus serviços com grandes honras e o faria comandante de sua guarda.

Capítulo 15

Saul, vendo-se abandonado por Deus na guerra contra os filisteus, consulta por meio de uma médium a sombra de Samuel, que lhe prediz derrota na batalha e a morte dele e de seus filhos. Aquis, um dos reis dos filisteus, leva com ele Davi para o combate, mas os outros príncipes o obrigam a reenviá-lo a Ziclague. Davi descobre que os amalequitas saquearam e incendiaram Ziclague, persegue-os e os dizima. Saul perde a batalha. Jônatas e dois outros de seus filhos são mortos, e ele

FICA MUITO FERIDO. OBRIGA UM ESCUDEIRO A MATÁ-LO. BELA AÇÃO DOS HABITANTES DEJABES DE GILEADE PARA COM OS CORPOS DESSES PRÍNCIPES.

253. Saul, informado de que os filisteus tinham avançado até Suném, marchou contra eles e acampou em frente ao exército inimigo, próximo do monte de Gilboa. Percebendo, porém, que eles eram incomparavelmente mais fortes, sentiu a coragem diminuir e rogou aos profetas que consultassem a Deus para saber qual seria o resultado daquela guerra. Deus não lhe respondeu, e esse silêncio duplicou-lhe o temor, pois se julgou abandonado por Ele. O seu ânimo abateu-se e ele resolveu, nessa dificuldade, recorrer à magia. No entanto Saul havia expulsado do país todos os magos e adivinhos e toda espécie de gente que costuma predizer o futuro, e assim, não sabendo onde buscá-los, mandou indagar de onde se poderia encontrar alguém dentre os que fazem voltar as almas dos mortos, para interrogá-las e saber coisas futuras.

Um dos seus disse-lhe que uma mulher na cidade de En-Dor poderia satisfazer esses desejos. Imediatamente e sem falar com quem quer que fosse, disfarçado e acompanhado por duas pessoas somente, foi procurar a mulher, rogando-lhe que predissesse o que estava para lhe acontecer e que para esse fim fizesse voltar a alma de um morto que ele ia nomear. Ela respondeu que não podia fazê-lo porque o rei proibira, por um edito, que se fizesse essa espécie de predição e rogou que, jamais tendo ela lhe feito mal, não lhe armasse cilada para fazê-la cair numa falta que custaria a ela a própria vida. Saul jurou-lhe que, acontecesse o que acontecesse, ele não o faria e que ela não corria risco algum. Esse juramento tranqüilizou-a, e ele pediu que fizesse vir a alma de Samuel.

Como ela não sabia quem era Samuel, obedeceu sem dificuldade. Quando, porém, a sua presença se fez notar, algo de divino que ela percebeu surpreendeu-a e a perturbou. Voltou-se então para Saul e disse-lhe: "Não sois vós o rei Saul?" (Ela o soubera pela visão.) Ele respondeu-lhe que sim, e ordenou-lhe que revelasse a causa da grande perturbação que notava nela. Ela respondeu que via aproximar-se um homem que parecia todo divino. Saul perguntou: "Que idade tem ele e como está vestido?" Ela respondeu: "Ele parece

um velho muito venerável e está revestido de uma veste sacerdotal". Então Saul não duvidou de que era mesmo Samuel* e prostrou-se diante dele até o chão.

A sombra perguntou-lhe por que o havia obrigado a voltar do outro mundo. Respondeu Saul: "A necessidade me obrigou a isso, porque, tendo sido atacado por um exército muito poderoso, me encontro abandonado, sem o auxílio de Deus, que nem pelos seus profetas nem por outro modo me informa sobre o que está para acontecer. Assim, só me resta recorrer a vós, que sempre me testemunhastes tanto afeto". Samuel, sabedor de que o tempo da morte de Saul havia chegado, disse-lhe: "Sei que de fato Deus vos abandonou e em vão desejais que Ele diga o que vos deve suceder. Mas, visto que o quereis, sabei que Davi reinará e terminará venturosamen-te esta guerra e que, pelo castigo de não terdes executado as ordens que vos dei da parte de Deus, depois de terdes vencido os amalequitas, o vosso exército amanhã será desbaratado e perdereis a coroa, a vida e os vossos filhos nessa batalha".

Essas palavras gelaram o coração de Saul, e ele desmaiou, tanto pela dor excessiva quanto porque havia dois dias não se alimentava. A mulher rogou-lhe que tomasse algum alimento, para restaurar as forças e poder voltar ao exército. Ele recusou-o, mas ela insistiu, dizendo que não lhç pedia outra recompensa por ter arriscado a vida para fazer o que ele desejava. Por fim, não podendo mais resistir àquelas súplicas insistentes, Saul disse-lhe que comeria alguma coisa. Logo ela matou um vitelo, que era tudo o que possuía, preparou-o e o serviu a ele e aos seus. Saul voltou naquela mesma noite para o seu exército.

Eu não poderia deixar de admirar a bondade dessa mulher, que, jamais tendo visto o rei, em vez de se ressentir por ele a ter reduzido a tão grande pobreza, proibindo-a de exercer a arte que era o seu meio de vida, teve tanta compaixão de sua infelicidade que não se contentou em consolá-lo. Sabendo que ele morreria no dia seguinte, deu-lhe tudo o que possuía, sem pretender re-compensa alguma e sem dele nada esperar. Nisso ela é tanto mais louvável quanto os homens são naturalmente levados a fazer o bem somente àqueles dos quais podem também recebê-lo. E assim, ela nos dá um belo exemplo de como ajudar sem interesse os que têm necessidade de nosso auxílio, pois é uma generosidade tão agradável a Deus que nada pode levá-lo a nos tratar mais

favoravelmente.

Julgo oportuno acrescentar outra reflexão, que poderá ser útil a todos, particularmente aos reis, aos príncipes, aos grandes, aos magistrados, às outras pessoas constituídas em dignidade e a todos os que, sob qualquer condição, têm a alma grande e nobre, a fim de inflamá-los de tal modo à virtude que não haja penas nem tributações que não aceitem ou perigos que não desprezem, até mesmo a morte, para conquistar uma reputação imortal, chegando a dar a própria vida pelo bem da pátria. Vimos o que fez Saul, pois, ainda que Samuel o tivesse avisado de que seria morto com os filhos na batalha, preferiu perder a vida a praticar um ato indigno de um rei, como, para conservá-la, abandonar o exército, o que seria o mesmo que entregá-lo nas mãos dos inimigos.

Assim, Saul não hesitou em expor-se com os filhos a uma morte certa, julgando que seria melhor e muito mais satisfatório terminar com estes gloriosamente os seus dias, em pleno combate pela salvação da pátria, e merecendo assim viver perenemente na memória da posteridade do que sobreviver à própria infelicidade e, além de não ter mais uma posição, ser pouco considerado pela opinião pública. Não poderia, pois, deixar de considerar esse soberano, nesse ponto, como muito justo, sensato e generoso. E, se algum outro fez ou fizer a mesma coisa, não haverá elogios de que não seja digno. Pois, ainda que quem faça guerra na esperança de obter a vitória mereça que os historiadores elogiem os seus feitos grandiosos, parece-me que somente devem ser considerados provectos na coragem os que, a exemplo de Saul, preferem a honra à própria vida, desprezando perigos certos e inevitáveis.

Nada é mais comum que empreender aquilo cujo desfecho é duvidoso e disso auferir grandes vantagens, se houver sorte favorável. Mas nada poder prometer senão coisas funestas, estar certo de que perderá a vida no combate e afrontar intrepidamente a morte é o que se pode chamar o cúmulo da generosidade e da coragem. Foi isso o que admiravelmente fez Saul. Ele deu exemplo a todos os que desejam eternizar a memória pela glória das ações, mas principalmente aos reis, aos quais a nobreza dessa condição não somente proíbe abandonar o cuidado dos súditos como os torna dignos de censura se nutrirem por eles apenas uma medíocre afeição. Poderia eu falar ainda muito

mais em louvor de Saul, mas, para não ser demasiado longo, necessito retomar o fio de meu discurso.

---

* "Então Saul não duvidou de que era mesmo Samuel". E possível que Flávio Josefo, para fazer tal asserção, se tenha baseado em targuns (paráfrases do Antigo Testamento usadas pelos rabinos). No entanto esse entendimento não pode ser aceito porque contraria o ensino da Bíblia a respeito do assunto. (N do E)

254. 1 Samuel 29. Os reis e os príncipes dos filisteus, como vimos, reuniram todas as suas forças. Aquis, rei de Gate, chegou por último com os seus, acompanhado por Davi e os seiscentos homens de sua nação. Os outros príncipes perguntaram a Aquis quem havia trazido aqueles israelitas. Ele respondeu que fora Davi, o qual, para evitar a cólera de Saul, estabelecera-se em suas terras e, como testemunho de sua gratidão por ser recebido em seu território e ao mesmo tempo para vingar-se de Saul, oferecera-se para servi-lo naquela guerra. Os príncipes não concordaram que ele confiasse num homem cuja fidelidade era suspeita e que, para se reconciliar com Saul, poderia naquela ocasião voltar as armas contra eles e fazer-Ihes ainda mais mal do que já fizera no passado, pois era o mesmo Davi de quem as filhas dos hebreus cantavam nas suas canções que havia matado um grande número de filisteus. E assim, aconselharam-no a mandá-lo de volta.

Aquis consentiu e aceitou as razões deles. Mandou chamar Davi e disse-lhe: "O conhecimento que tenho do vosso valor e de vossa fidelidade tinha-me feito desejar empregar-vos nesta guerra. Mas os outros príncipes e comandantes do exército não o aprovam. Embora eu não desconfie de vós è vos tenha sempre a mesma afeição, desejo que volteis para o lugar que vos concedi, a fim de vos opordes às incursões que os inimigos possam fazer por aquele lado. E nisso me prestareis não menor serviço do que se combatêsseis aqui conosco".

1 Samuel 30. Davi obedeceu e constatou, na sua volta, que os amalequitas, aproveitando-se da ausência do rei Aquis e de todas as suas

forças, haviam tomado Ziclague e a incendiado, além de levar todas as mulheres e crianças com os despojos e de fazer o mesmo aos países dos arredores. Essa grande desgraça, tão inesperada, feriu tão vivamente Davi que ele rasgou as próprias vestes e entregou-se ao desespero e à dor. Os soldados, por sua vez, ficaram tão exaltados por terem perdido as suas coisas, mulheres e filhos que, atribuindo a ele a causa de sua infelicidade, estiveram prestes a apedrejá-lo.

Quando voltaram a si, ele elevou o espírito a Deus e rogou a Abiatar, sumo sacerdote, que se revestisse do éfode e perguntasse a Deus se, perseguindo os amalequitas, poderia ainda alcançá-los e se o ajudaria a vingar-se e a recuperar as mulheres e as crianças que eles haviam levado. Abiatar fez o que ele desejava e ordenou-lhe, da parte de Deus, que os perseguisse. Davi não perdeu tempo e, quando chegou à torrente de Besor, encontrou um egípcio, que de tão fraco quase não resistia mais, pois havia três dias não se alimentava. Davi deu-lhe comida e, quando o homem recobrou as forças, perguntou-lhe quem era. Ele respondeu-lhe que era egípcio e que o seu senhor o havia abandonado porque, estando doente, não podia prosseguir na retirada dos amalequitas, depois de haverem saqueado e incendiado Ziclague.

Davi pediu ao homem que o guiasse e assim conseguiu alcançar os inimigos. Como os amalequitas não desconfiavam de nada e estavam ainda possuídos pela alegria da presa conquistada, Davi encontrou-os embriagados e festivos. Muitos já estavam deitados, dormindo profundamente. Outros haviam bebido tanto que estavam sonolen-tos. Outros ainda traziam o copo na mão. Assim, não estavam em condições de se defender, e os que conseguiram pegar em armas foram logo atacados pelos israelitas, os quais mataram um número tão grande deles que apenas uns quatrocentos homens se puderam salvar, pois a matança durou desde a tarde até a noite.

Depois de um êxito tão feliz, que permitiu a Davi e aos seus recuperar não somente as suas mulheres e filhos, mas todos os despojos que os amalequitas haviam levado, eles voltaram ao lugar em que haviam deixado duzentos dos seus a guardar a bagagem. Os quatrocentos que haviam acompanhado Davi até o fim da expedição recusaram dar-lhes a sua parte nos despojos. Queriam que eles se contentassem em recuperar as mulheres e os filhos, alegando que a falta

de coragem os fizera ficar para trás. Davi condenou-lhes a injustiça e declarou que fora Deus quem os fizera obter a vitória e que aqueles homens deviam ter parte igual à deles, pois não haviam tomado parte no combate porque receberam ordem para ficar e cuidar da bagagem. Esse juízo, tão eqüitativo, passou a ser nosso costume por uma lei que sempre foi observada. Após o regresso a Ziclague, Davi mandou aos parentes e amigos na tribo de judá uma parte dos despojos dos amalequitas.

255. 1 Samuel 31. Travou-se, nesse ínterim, a batalha entre os filisteus e os israelitas, e foi encarniçada de parte a parte. No entanto a vantagem pendeu finalmente para os filisteus, e Saul e seus filhos, que estavam empenhados no combate, não tendo mais esperança de obter a vitória, só pensavam em morrer gloriosamente. Praticaram atos de bravura tão extraordinários que atraíam sobre si todas as forças dos inimigos. E, depois de matarem um grande número deles, acabaram perecendo esmagados pela multidão.

Jônatas e seus dois irmãos, Abinadabe e Malquisua, caíram ali mesmo, e a morte deles fez os israelitas perderem totalmente o ânimo. Fugiram logo depois, e os filisteus promoveram grande matança. Saul retirou-se, em boa ordem, com o que pôde salvar. Os inimigos, porém, mandaram um grande número de ar-queiros e besteiros em sua perseguição, que mataram quase todos a golpes de dardos e de flechas. O próprio Saul, depois de ter feito o possível, ficou tão crivado de golpes que, desejando morrer, não lhe restavam mais forças para se matar. Então ordenou ao seu escudeiro que lhe atravessasse o corpo com a espada, para impedir que caísse vivo em poder dos inimigos. Vendo que o outro não se resolvia, colocou a ponta da espada sobre o estômago e lançou-se sobre ela. Quando o escudeiro viu morto o seu senhor, matou-se também. E todos os soldados de sua guarda foram mortos perto do monte de Cilboa.

Os israelitas que habitavam o vale além do Jordão, ao saber da derrota e da morte de Saul e de seus filhos, retiraram-se para lugares fortificados, abandonando as cidades que possuíam na planície, das quais os filisteus se apoderaram.

256. No dia seguinte, depois desse grande combate, os vencedores, despojando os mortos, reconheceram o corpo de Saul e os de seus filhos.

Cortaram a cabeça de Saul, e depois de terem anunciado a morte dele por todo o país e consagrado as almas no Templo de Astarote, seu falso deus, penduraram os corpos em forcas, perto da cidade de Bete-Seã, que hoje se chama Scitópolis.

Os habitantes de jabes-Gileade demonstraram nessa ocasião a grandeza de sua coragem. Indignados por ver que não somente haviam privado tão grandes príncipes da honra da sepultura como ainda os tratavam ignominiosamente, os mais corajosos dentre eles foram de noite apoderar-se dos corpos, à vista dos inimigos, e os levaram sem que estes se atrevessem a protestar. Toda a cidade prestou-lhes homenagem, organizando um honroso sepultamento. Passaram dias de lamentações em luto público, com as suas mulheres e crianças, num jejum tão rigoroso que durante todo esse tempo não beberam nem comeram, de tão sentidos e penetrados de dor que estavam pela perda de seu rei e de seus príncipes.

Eis como o rei Saul, segundo a profecia de Samuel, terminou a sua vida, tanto por haver desobedecido às ordens de Deus com relação aos amalequitas quanto por ter feito morrer, com toda a casa sacerdotai, o sumo sacerdote Aimeleque e reduzido a cinzas a cidade a eles destinada por Deus como moradia. Reinou dezoito anos durante a vida desse profeta e vinte e dois anos após a morte dele.

Livro Sétimo

CAPÍTULO 1

EXTREMA AFLIÇÃO DE DAVI PELA MORTE DE SAUL E DE JÔNATAS. DAVI É RECONHECIDO REI PELA TRIBO DEJUDÁ. ABNER CONSTITUI ISBOSETE, FILHO DE SAUL, REI SOBRE TODAS AS OUTRAS TRIBOS E MARCHA CONTRA DAVI. JOABE, GENERAL DO EXÉRCITO DE DAVI, DERROTA-O. ABNER, FUGINDO, MATA ASAEL, IRMÃO DE JOABE. ABNER, DESCONTENTE COM ISBOSETE, PASSA PARA O LADO DE DAVI, OBRIGANDO TODAS AS OUTRAS TRIBOS A PASSAR TAMBÉM. RESTITUI MICAL A DAVI. JOABE ASSASSINA ABNER. PESAR DE DAVI E HONRAS QUE PRESTA À SUA MEMÓRIA.

257. 2 Samuel 1. A batalha de que acabamos de falar deu-se ao mesmo tempo em que Davi derrotou os amalequitas. Dois dias após ele retomar a Ziclague, um homem que escapara daquele combate lançou-se aos seus pés com as vestes rasgadas e a cabeça coberta de cinzas. Davi perguntou-lhe de onde vinha, e ele respondeu que chegava do campo onde se havia travado a batalha; que os israelitas haviam sido derrotados; que muitos haviam perecido, estando o rei Saul e seus filhos entre os mortos; que não somente vira com os próprios olhos o que lhe relatava, mas encontrara o rei tão fraco pelos ferimentos que não conseguia nem se matar, por mais que fizesse; e que Saul, para não cair vivo nas mãos dos inimigos, ordenara-lhe que o acabasse de matar, e ele obedecera. Como prova do que estava dizendo, trazia-lhe os braceletes de ouro e a coroa que havia tirado do morto.

Não podendo Davi, diante de tais provas, duvidar de tão funesta notícia, rasgou as próprias vestes, derramou lágrimas e passou o resto do dia em luto e em pranto com os amigos e familiares. E, no meio de tal aflição, a sua maior dor foi ter-se privado, pela morte de Jônatas, de seu mais caro amigo, a cujo afeto e generosidade tantas vezes ficara devendo a vida. Devemos confessar que não se poderia louvar o suficiente a virtude de Davi para com Saul, pois ainda que este tudo fizesse para matá-lo, Davi não somente ficou vivamente sentido com a sua

morte como ainda mandou matar aquele infeliz que confessava ter-lhe tirado a vida e que demonstrava, com o assassínio de um rei, ser verdadeiramente um amalequita. E Davi compôs em louvor de Saul e de Jônatas epitafios e versos que ainda hoje são conhecidos e estão cheios dos mais vividos sentimentos de dor.

258. 2 Samuel 2. Depois de se ter desincumbido das honras que podia prestar à memória de Saul e de seus filhos e de passar o tempo do luto, Davi consultou a Deus, por meio de profeta, para saber em que cidade da tribo de Judá lhe seria agradável que ele morasse. Deus respondeu-lhe que era em Hebrom. Partiu para lá imediatamente, levando com ele as suas duas mulheres e o que restava de seus soldados. Quando se espalhou a notícia de sua chegada, toda a tribo foi encontrá-lo e de comum acordo declarou-o rei. Ele soube então da generosidade dos habitantes de Jabes, de como demonstraram respeito e amor para com Saul e os príncipes seus filhos. Louvou-os muito e mandou agradecer-lhes, comunicando ao mesmo tempo que a tribo de Judá o havia reconhecido como rei.

259. Depois da morte de Saul e de seus três filhos naquela grande batalha, Abner, filho de Ner, que comandava o exército, salvou Isbosete, único filho do sexo masculino que restava de Saul, e o fez passar o Jordão e ser reconhecido como rei por todas as outras tribos. Escolheu para moradia real a cidade de Maanaim, que em hebreu significa "os dois campos". Esse general era homem de muita coragem, capaz de levar a cabo grandes empresas, e não pôde tolerar que a tribo de Judá tivesse escolhido Davi para rei. Então marchou contra eles com o melhor de suas tropas.

Joabe, filho de Zur e de Sarvia, irmã de Davi, acompanhado por Abisai e Asael, seus dois irmãos, veio-lhe de encontro com todas as forças de Davi. Os dois campos estavam um em frente do outro, e Abner propôs que antes de travarem combate se experimentasse o valor de ambos os partidos por alguns de seus membros. Joabe aceitou a proposta, e escolheram-se doze de cada lado. Combateram entre os dois acampamentos, começando por lançar dardos e chegando depois ao cor-po-a-corpo. Cada qual tomou o seu inimigo pelo cabelo e, furiosamente, deram-se tantos golpes de espada que todos morreram na luta. Em seguida travou-se o combate: foi muito encarniçado, e o exército de Davi foi

vencedor.

Abner foi obrigado a se unir aos fugitivos, enquanto Joabe e seus irmãos exortavam os soldados a não deixar de persegui-los. Asael, que avançava na corrida, ultrapassou não somente os próprios companheiros, mas também os cavalos mais rápidos e assim alcançou Abner. Sem se deter, seguiu-o com extrema obstinação. Abner vendo-se seguido de perto, gritou-lhe que se deixasse de persegui-lo dar-lhe-ia um par de armas completo. Mas quando percebeu que Asael continuava avançando, disse-lhe que não o obrigasse a matá-lo e assim fazer de Joabe, seu irmão, um inimigo irreconciliavel. Por fim, vendo que era acossado sempre mais, lançou o dardo, e o golpe foi tão forte que derrubou Asael morto por terra.

Os companheiros que vinham atrás dele pararam para recolher o corpo, mas Joabe e Abisai, inflamados pelo desejo de vingar a morte do irmão, continuaram perseguindo os inimigos com mais ardor ainda, até que o Sol se escondeu. Então eles pararam num lugar de nome Amom, isto é, "aqueduto". Abner gritou nesse momento a joabe que não se devia incitar os de mesmo sangue a novo combate e que ele, joabe, estava tão errado quanto o seu irmão Asael, cuja teimosia em persegui-lo fora a única razão de sua infelicidade, pois, por mais que lhe tivesse rogado para não continuar a perseguição, fora obrigado a desferir-lhe o golpe que o prostrara.

Joabe então mandou tocar a retirada, e acamparam imediatamente no lugar onde estavam. Abner, porém, sem se deter, marchou ainda durante toda a noite, passou o Jordão e foi reunir-se ao rei Isbosete. No dia seguinte, Joabe mandou enterrar os mortos, que eram mais ou menos uns trezentos e sessenta do lado de Abner e vinte somente, inclusive Asael, do seu lado. Fez levar o corpo deste para Belém, onde o sepultou no túmulo de seus antepassados, e voltou em seguida para junto de Davi, em Hebrom.

2 Samuel 3. Essa foi a origem da guerra civil entre os israelitas, que durou muito tempo. Mas o partido de Davi se fortalecia cada vez mais, enquanto o de Isbosete se enfraquecia.

260. Davi teve seis filhos de seis mulheres: de Ainoã, Amom, o mais velho; de Abigail, Quileabe, que era o segundo; de Maaca, filha de Talmai, rei de Gesur, Absalão, que era o terceiro; de Hagite, Adonias, que era o quarto; de

Abital, Sefatias, que era o quinto; de Eglá, Itreão, que era o sexto.

261. Durante a guerra civil entre os dois reis e nos diversos combates que se travaram, a principal força de Isbosete consistia no valor e na prudência de Abner, general de seu exército, cuja sábia orientação conservou por muito tempo o povo no partido do rei. Esse príncipe, porém, irritou-se fortemente contra Abner, porque lhe disseram que ele conservava consigo Rispa, filha de Aiá, a qual fora amada pelo rei Saul, seu pai. Vendo-se tão mal recompensado pelos seus serviços, Abner sentiu-se ofendido e ameaçou passar para o partido de Davi e fazer com que todos soubessem que Isbosete devia a coroa ao afeto dele, bem como à sua fidelidade e experiência na guerra.

As ameaças foram seguidas pelos fatos. Ele mandou dizer a Davi que proporia a todos abandonar Isbosete e escolher Davi para rei, contanto que este lhe prometesse com juramento que o receberia entre os seus amigos particulares e o honraria com a sua confiança particular. Davi aceitou o oferecimento com alegria e, para fortalecer ainda mais o trato, declarou que desejava que Abner lhe enviasse Mical, sua mulher, que conquistara com perigo da própria vida, dando a Saul, para merecê-la, os prepúcios de duzentos filisteus. Abner, para satisfazer esse desejo, tirou a princesa de Paltiel, a quem fora dada em casamento por Saul, como já dissemos, e a devolveu, com o consentimento de Isbosete, ao qual Davi já escrevera a esse respeito.

Abner reuniu em seguida os chefes do exército e os maiorais do povo e disse-lhes que, se desejavam deixar Isbosete para seguir Davi, ele não os proibia, mas deixava-os livres, pois soubera que Deus, pelas mãos de Samuel, elegera Davi rei de todo o seu povo e que o profeta havia predito que somente a ele estava reservada a glória de vencer os filisteus. Essas palavras de Abner, que bem manifestavam os seus sentimentos, causou tal impressão sobre os Espíritos deles que todos abertamente se declararam por Davi. Faltava porém, ganhar a tribo de Benjamim, da qual se compunha toda a guarda de Isbosete. Abner apresentou-lhes as mesmas razões e os persuadiu como aos demais.

Depois de haver assim cumprido a sua promessa, ele foi na companhia de vinte pessoas procurar Davi para prestar-lhe contas do que havia feito e obter a confirmação da palavra que lhe fora dada. Davi recebeu-o com demonstrações de afeto, tal como ele desejava, tratando-o magnificamente durante alguns dias,

depois dos quais Abner rogou que lhe fosse permitido voltar para trazer o exército de Isbosete e fazer Davi reinar sozinho sobre todo o Israel.

Mal ele saiu de Hebrom, Joabe chegou e soube do que se passara. Conhecendo os méritos de Abner, que era um grande general e acabara de prestar a Davi um serviço tão importante, temeu que ele viesse a disputar-lhe o primeiro lugar e obtivesse até mesmo, com prejuízo seu, o comando do exército. Assim, para impedi-lo, procurou persuadir Davi a não prestar fé nas promessas de Abner, afirmando saber com muita certeza que ele faria todo o possível para manter a coroa sobre a cabeça de Isbosete, que tudo o que prometera era apenas um ardil para enganá-lo e que se havia retirado com grande alegria por ter obtido êxito em seus desígnios.

Quando percebeu que as suas palavras não causavam efeito algum no Espírito do sábio príncipe, joabe tomou uma resolução infame e, para executá-la, mandou a toda pressa dizer a Abner, como se fosse da parte de Davi, que voltasse imediatamente, porque havia se esquecido de falar .uma coisa muito importante. Encontraram Abner num lugar chamado Sira, distante de Hebrom uns vinte estádios. Como ele não desconfiava de nada, voltou imediatamente. Joabe, acompanhado por Abisai, seu irmão, foi ao encontro dele com grandes demonstrações de amizade, como costumam fazer os que têm maus desígnios: levou-o à parte, junto de uma porta, com o pretexto de querer falar-lhe em segredo sobre um assunto muito importante, e, sem dar-lhe tempo para defender-se, atravessou-lhe o corpo com a espada.

Alegou como desculpa para uma ação tão covarde e vergonhosa a morte do irmão, Asael, embora na realidade a tenha cometido pelo temor de perder o cargo e de ser diminuído em prestígio perante Davi. Pode-se ver, com esse exemplo, como nada há que o interesse e a ambição, bem como a inveja, não sejam capazes de levar os homens a cometer. Eles usam de todos os meios para consolidar a sua posição ou para elevar-se às honras e quando conseguem não sentem horror em recorrer ao crime para se manter ali. Consideram um mal menor não poder conquistar essas vantagens, mas estas lhes fazem a felicidade e toda a sua alegria, e então, depois de as haver conquistado, querem a todo custo conservá-las e tudo fazem para não perdê-las.

Nada se pode acrescentar à dor que sentiu Davi por esse tão infame

assassinato. Ele protestou energicamente junto de Deus e, elevando as mãos para o céu, declarou que não estava informado dele e que não o havia encomendado e fez estranhas imprecações contra quem o havia cometido, contra os seus cúmplices e contra toda a família do assassino. Não podia tolerar que o tivessem por suspeito de um crime tão vergonhoso como o de faltar à palavra e violar um juramento. Determinou luto público por Abner e mandou prestar-lhe homenagens tão solenes que pessoas da mais alta condição acompanharam o corpo com a cabeça coberta por um saco e com vestes rasgadas. Ele mesmo quis assistir a essa triste cerimônia.

As sua lágrimas e suspiros revelaram ainda mais a sua tristeza por aquela morte e demonstraram o quanto ele estava longe de ter consentido em tão má ação. Mandou construir para ele, em Hebrom, um magnífico túmulo, no qual gravou um epitáfio que compôs em seu louvor. Chorou sobre o túmulo, e todos fizeram o mesmo, a seu exemplo, sem que fosse possível durante todo aquele dia, por mais que lhe rogassem, fazê-lo ingerir qualquer alimento antes do pôr-do-sol.

Tantos testemunhos de justiça e piedade granjearam a Davi o afeto de todo o povo, principalmente daqueles que admiravam e amavam Abner. Não deixavam de louvá-lo por conservar tão religiosamente depois da morte de Abner a palavra que lhe dera em vida e por lhe haver prestado homenagens como as que se fariam ao melhor amigo ou a um parente próximo, em vez de insultar-lhe a memória, já que fora seu inimigo. Assim, esse fato em nada diminuiu a reputação de Davi, pelo contrário, aumentou-a bastante. Não houve pessoa à qual a admiração de tão extrema bondade não fizesse esperar os seus efeitos no futuro. E não restou a menor suspeita de qualquer participação sua, por mínima que fosse, em tão odioso crime.

E, como nada quisesse omitir na demonstração de dor pela morte de Abner, acrescentou a todas as evidências estas palavras, ditas à multidão presente aos funerais: "Toda a nossa família sofreu enorme perda na pessoa de Abner, grande general e homem capaz de dirigir as mais importantes empresas. Mas Deus, cuja providência governa o mundo, não deixará impune a sua morte, joabe e Abisai sentirão os efeitos de sua justiça, e tomo-o como testemunha de que a única razão que me impede de castigá-los como merecem é serem eles

mais poderosos do que eu".

CAPÍTULO 2

BAANÁ E RECABE ASSASSINAM O REI ISBOSETE E LEVAM A SUA CABEÇA A DAVI, QUE, EM VEZ DE RECOMPENSÁ-LOS, OS MANDA MATAR. TODAS AS TRIBOS RECONHECEM DAVI COMO REI. ELE REÚNE AS SUAS FORÇAS E TOMA JERUSALÉM. JOABE SOBE POR PRIMEIRO À MURALHA ABERTA.

262. 2 Samuel 4. Isbosete ficou extremamente aflito com a morte de Abner porque, além de ser um parente muito próximo, devia a ele o fato de ter sucedido ao pai no governo. Mas ele também não viveu muito tempo depois de sua morte. Baaná e Recabe, filhos de Rimom, dois dos principais da tribo de Benjamim, assassinaram-no no leito, julgando que estavam prestando um grande serviço a Davi e que assim conquistariam um cargo elevado. Aproveitaram o momento em que ele dormia a sesta, pelo meio-dia, por causa do calor, estando os guardas também adormecidos. Então cortaram-lhe a cabeça e partiram apressadamente, como se fossem perseguidos, para levá-la a Davi.

Relataram a Davi o que haviam feito, enaltecendo a importância do serviço que a ele prestavam, pois haviam eliminado aquele que lhe disputava o reino. Em vez da recompensa que esperavam, porém, receberam esta terrível resposta, proferida com cólera: "Celerados que sois, sereis imediatamente castigados segundo a gravidade de vosso crime. Ignorais, talvez, o modo como tratei aquele que disse ter matado Saul e me trouxe a sua coroa? Ou julgais que mudei tanto de caráter que agora estime os maus e considere um favor que vos deva agradecer o crime que acabais de cometer contra o vosso senhor? Covardes e ingratos! Não tendes horror em matar no próprio leito um príncipe que jamais fez mal a alguém e que ainda vos agraciou com tantos benefícios? Mas eu vos castigarei como merece a vossa perfídia e pela ofensa que me fizestes, julgando-me capaz de aprovar e mesmo de me regozijar com tão detestável ação". Davi, depois de assim falar, mandou que os matassem de modo cruel e ordenou magníficos funerais a Isbosete, colocando a cabeça dele no sepulcro de Abner.

263. 2 Samuel 5. Logo depois, todos os chefes dos israelitas e os oficiais do exército vieram procurar esse generoso príncipe em Hebrom para prometer-lhe fidelidade como rei. Lembraram-lhe os serviços que lhes havia prestado, mesmo durante a vida de Saul, e o respeito com o qual o obedeciam quando comandava parte das tropas desse príncipe. Acrescentaram que havia muito tempo sabiam que Deus declarara pelo profeta Samuel que ele e seus filhos depois dele reinariam sobre o povo e que ele subjugaria os filisteus. Davi demonstrou muita satisfação pela boa vontade deles, exortou-os a continuar e garantiu que não lhes daria jamais motivo para se arrependerem. Deu-lhes depois um grande banquete e, após externar todo o afeto que poderiam desejar, despediu-os com ordem de trazerem a Hebrom, de cada tribo, todos os que estavam armados e em condições de servir.

264. 7 Crônicas 12. Em cumprimento a essa ordem, vieram a Hebrom seis mil e oitocentos homens da tribo de Judá, armados com lanças e escudos. Eles pertenciam ao partido de Isbosete e não contavam entre os da mesma tribo que haviam escolhido Davi como rei.

Da tribo de Simeão, vieram sete mil e cem homens, comandados por Jodã, com os quais estava Zadoque, o sumo sacerdote, e vinte e dois de seus parentes. Da tribo de Benjamim, três mil homens somente, porque ela sempre esperava que alguém da família de Saul viesse a reinar. Da tribo de Efraim, vinte mil e oitocentos homens, muito robustos e valentes. Da metade da tribo de Manasses, dezoito mil homens. Da tribo de Issacar, vinte mil homens e com eles duzentos homens que adivinhavam as coisas futuras. Da tribo de Zebulom, cinqüenta mil homens, todos escolhidos dentre a elite, pois essa tribo foi a única que passou completa para o lado de Davi, e estavam armados como os da tribo de Gade. Da tribo de Naftali, mil homens escolhidos, todos armados com escudos e dardos, seguidos por uma multidão enorme de soldados menos importantes. Da tribo de Dã, vinte e oito mil e seiscentos homens, todos escolhidos. Da tribo de Aser, quarenta mil homens. E das tribos de Rúben e de Gade e da outra metade da tribo de Manasses, que estavam do outro lado do Jordão, cento e vinte mil homens, todos armados com dardos, escudos, capacetes e espadas.

265. Essas foram as tropas que vieram encontrar-se com Davi em

Hebrom, trazendo consigo grande quantidade de munições de guerra e de boca. Todos, de comum acordo, declararam Davi como rei. Depois de passarem três dias em festas e banquetes públicos, marcharam todos para Jerusalém. Os jebuseus, que a habitavam e eram descendentes dos cananeus, vendo-os aproximar-se, fecharam as portas e, para mostrar o seu desprezo, colocaram sobre os muros da cidade somente os cegos, os coxos e outros aleijados, dizendo que eram suficientes para defendê-la, de tanto que confiavam nas suas fortificações.

Davi, irritado com tanta insolência, resolveu atacá-los com a máxima energia, a fim de pela tomada dessa cidade incutir o terror em todas as outras que lhe quisessem fazer resistência. Ele apoderou-se da cidade baixa, mas era muito difícil tomar a fortaleza. Para animar os seus homens a empregar o máximo de esforço, prometeu recompensas e honras aos que mais se distinguissem pela coragem e o cargo de general ao comandante que por primeiro subisse as muralhas. O desejo de conquistar tão grande honra levou-os a fazer de tudo para merecê-la. Mas Joabe a todos sobrepujou e pediu então ao rei em alta voz que cumprisse a promessa.

CAPÍTULO 3

DAVI ESTABELECE RESIDÊNCIA EM JERUSALÉM E EMBELEZA MUITO A CIDADE. O REI DE TIRO BUSCA ALIANÇA COM ELE. MULHERES E FILHOS DE DAVI.

266. Depois que Davi tomou a cidade de Jerusalém, expulsou dela todos os jebuseus, mandou consertar as brechas, deu seu nome à cidade e nela estabeleceu a sua corte durante todo o resto de seu reinado, deixando Hebrom, onde havia passado sete anos e meio e durante os quais reinara somente sobre a tribo de Judá. Desde então os seus interesses prosperaram sempre e cada vez mais, pelo auxílio que recebia de Deus. Embelezou de tal modo Jerusalém que a tornou célebre por isso.

267. Hirão, rei de Tiro, mandou embaixadores a Davi, propondo-lhe aliança e amizade e presenteando-o com grande quantidade de madeira de cedro e operários muito hábeis, para a construção de um palácio. Davi uniu a cidade à fortaleza, deu a Joabe o encargo de encerrá-las numa mesma

fortificação e mandou mudar o nome da cidade.

Desde os tempos de Abraão, que consideramos o autor de nossa raça, era chamada Salém ou Solima, e alguns afirmam que assim a chama o próprio Homero, pois a palavra "templo" significa em hebreu "segurança" ou "fortaleza". Quinhentos e quinze anos se haviam passado desde que Josué repartira as terras conquistadas aos cananeus até o dia em que Davi tomou Jerusalém, sem que jamais os israelitas dela tivessem podido expulsar os jebuseus.

Não devo deixar de dizer que Davi salvou a vida e os bens de um dos mais ricos habitantes de Jerusalém, de nome Orfana, tanto porque ele havia demonstrado afeição aos israelitas quanto porque havia agradado ao rei. Davi desposou ainda outras mulheres, das quais teve filhos, a saber: Samua, Sobabe, Nata, Salomão, Ibar, Elisua, Elpelete, Nogá, Nefegue, Jafia, Elisama, Beeliada e Elifelete.

Capítulo 4

Davi obtém grandes vitórias sobre os filisteus e seus aliados. Faz levar com grande pompa a arca do Senhor para Jerusalém. Uzá morre por ter querido tocá-la. Mical zomba de Davi por ter ele cantado e dançado diante da arca. Davi quer construir o Templo, mas Deus lhe ordena que reserve essa empresa a Salomão.

268. Quando os filisteus souberam que Davi fora constituído rei de todo o Israel, reuniram um grande exército e vieram acampar próximo de Jerusalém, num vale chamado de Refaim. Davi, que jamais empreendia coisa alguma sem consultar a Deus, rogou ao sumo sacerdote que se revestisse do éfode para saber qual seria o resultado daquela guerra. Deus respondeu que o seu povo seria vencedor. Davi marchou imediatamente contra os inimigos, surpreendeu-os, matou um grande número deles e pôs o restante em fuga.

Não se deve no entanto imaginar que, por ter ele conquistado tão facilmente essa vitória, o exército dos filisteus fosse fraco ou pouco aguerrido. Eles haviam chamado em seu auxílio toda a Síria e toda a Fenícia, que são nações muito valentes, como bem o deram a conhecer, porque, em vez de perder a coragem após uma derrota, voltaram a atacar os israelitas com três

poderosos exércitos, acampando no mesmo lugar onde haviam sido derrotados.

Davi rogou mais uma vez ao sumo sacerdote que consultasse ao Senhor. Ele o fez, e Deus ordenou-lhe que ficasse com o exército na floresta chamada Os Lamentos e só saísse para o combate quando visse que os ramos das árvores se moviam por si mesmos, embora o tempo estivesse tão calmo que não havia no ar o menor vento para causar aquele efeito. Davi obedeceu rigorosamente e, quando Deus deu a conhecer por aquele milagre que o favorecia com a sua presença, marchou com inteira certeza de obter a vitória.

Os inimigos não sustentaram nem o primeiro choque. Voltaram imediatamente as costas aos israelitas, e assim estes os matavam sem dificuldades. Perseguiram-nos até Gezer, que está na fronteira dos dois reinos, e voltaram depois de saquear o acampamento, onde encontraram grandes riquezas e os ídolos de seus deuses, aos quais fizeram em pedaços.

269. Depois desses dois combates tão favoráveis, Davi, juntamente com o conselho dos maiorais do povo e dos chefes do exército, mandou as principais forças da tribo de Judá acompanhar os sacerdotes e os levitas, que deviam ir buscar a arca do Senhor em Quiriate-Jearim e trazê-la para Jerusalém, cidade destinada a realizar no futuro os sacrifícios que se ofereciam a Deus, a prestar as honras que lhe são agradáveis e a cumprir tudo o que se relaciona ao culto divino. (Se Saul o tivesse observado religiosamente, não teria sido vítima de tantas desgraças, que o fizeram perder a coroa e a vida.)

Depois de tudo preparado, Davi quis assistir à grande cerimônia. Os sacerdotes tomaram a arca da casa de Abinadabe e a puseram sobre um carro novo, puxado por bois. Tal encargo foi confiado aos irmãos e filhos de Abinadabe. O rei caminhava à frente, e todo o povo seguia cantando salmos, hinos e cânticos ao som de trombetas, címbalos e de vários outros instrumentos. Quando chegaram a um lugar conhecido como a eira de Quidom, os bois desgarraram-se um pouco e fizeram pender a arca. Então Uzá estendeu a mão para segurá-la e caiu morto no mesmo instante, fulminado pela cólera de Deus, porque, não sendo sacerdote, tivera a ousadia de querer tocá-la. Esse lugar, depois, foi chamado Perez-Uzá.

Davi, espantado com o milagre, teve receio de que a mesma coisa lhe acontecesse se levasse a arca à cidade, pois Uzá fora severamente castigado

apenas por querer tocá-la, e a mandou colocar na casa de campo de um homem de bem muito conhecido: Obede-Edom, que era da raça dos levitas. Lá ficou três meses, e a felicidade que ela trouxe cumulou-o, e a toda a família, de inúmeros bens. Davi, vendo que aquele homem pobre se tornara rico e que muitos começavam a invejá-lo, não receou mais que algum mal fosse lhe suceder se levasse a arca para Jerusalém. E assim fez.

Os sacerdotes, acompanhados por sete ordens de músicos, levaram-na sobre os ombros. E ele mesmo, andando diante dela, dançava e tocava harpa. Esse proceder pareceu a Mical, sua esposa, tão abaixo de sua condição de rei, que ela zombou dele. Quando a arca chegou à cidade, foi colocada num tabernáculo que Davi mandara construir especialmente para ela. Fizeram-se tantos sacrifícios nessa ocasião que parte dos animais imolados foi suficiente para alimentar todo o povo. Não houve homem, mulher ou criança que não recebesse um pedaço de carne, um bolo e uma empada.

Depois que todos voltaram para as suas casas e Davi ao seu palácio, Mical veio ter com ele e, depois de lhe ter desejado toda sorte de felicidade, disse que achava estranho um príncipe tão ilustre quanto ele agir de modo tão inconveniente, como dançar diante de todos sem que houvesse em seus vestess o menor indício de realeza. Ele respondeu-lhe que não estava arrependido do que fizera, porque sabia que aquele seu gesto fora agradável a Deus, que o havia preferido ao rei, pai dela, e a todos os de sua nação, e que nada o impediria de se comportar sempre do mesmo modo. Essa princesa não teve filhos dele, mas teve cinco de Paltiel, como diremos a seu tempo.

270. 2 Samuel 7. Davi, notando que tudo lhe saía às mil maravilhas, pelo auxílio que recebia de Deus, julgou não poder, sem ofendê-lo, morar em um magnífico palácio, todo construído em madeira de cedro e enriquecido com toda espécie de ornamentos, e permitir ao mesmo tempo que a arca da aliança repousasse num simples tabernáculo. Assim, ele resolveu construir em honra de Deus um templo soberbo, tal como Moisés dissera que deveria no futuro existir. Falou disso ao profeta Nata, o qual respondeu que julgava que Deus o aprovaria e o ajudaria naquela empresa.

Na noite seguinte, porém, Deus apareceu em sonhos a Nata e ordenou-lhe que dissesse a Davi que, apesar de louvar a sua intenção, não queria que ele a

executasse, porque as suas mãos haviam sido muitas vezes manchadas com o sangue dos inimigos; que quando a sua vida terminasse, todavia, numa feliz velhice, Salomão, seu filho e sucessor, começaria e levaria a cabo o empreendimento; que Ele teria por esse príncipe o cuidado que um pai tem por seu filho; que, depois dele, faria reinar os seus filhos; e que, se eles o ofendessem, afligiria o reino com doenças e carestias, como castigos.

Davi, ao saber pelo profeta, com grande alegria, que o reino passaria aos seus descendentes e que a sua posteridade seria ilustre, foi imediatamente prostrar-se diante da arca para adorar a Deus e agradecer-lhe, uma vez que Ele, não se contentando em tê-lo elevado de simples pastor a tão grande poder, queria ainda passá-lo aos seus sucessores e porque a sua providência não deixava de velar pela salvação do seu povo, a fim de fazê-los desfrutar a liberdade que lhes havia conquistado, salvando-os da escravidão.

CAPITULO 5

GRANDES VITÓRIAS OBTIDAS POR DAVI SOBRE OS FILISTEUS, OS MOABITAS E O REI DOS SOFONIANOS.

271. 2 Samuel 8. Pouco tempo depois, Davi, que não queria passar a vida na ociosidade, mas desejava aumentar o reino por meio de guerras justas e santas e torná-lo poderoso a ponto de os seus filhos o possuírem em paz, como Deus lhe havia predito, resolveu atacar os filisteus. Para executar essa deliberação, reuniu todas as tropas nas proximidades de Jerusalém e marchou contra eles. Venceu-os em grande batalha e conquistou parte de seu país, que anexou ao reino. Fez também guerra aos moabitas, dos quais matou um número muito grande. O resto entregou-se, e ele lhes impôs tributo. Atacou depois os sofonianos, derrotando em batalha, perto do Eufrates, ao seu rei, Adrazar, filho de Araque, matando dois mil soldados de infantaria e cinco mil cavaleiros e tomando mil carros, dos quais conservou somente cem e queimou o resto.

CAPÍTULO 6

DAVI DERROTA HADADEZER, REI DE DAMASCO E DA SÍRIA, EM GRADE

BATALHA. O REI DOS BAMATENIANOS PROCURA A SUA ALIANÇA. DAVI SUBJUGA OS IDUMEUS. CUIDA DE MEFIBOSETE, FILHO DE JÔNATAS. DECLARA GUERRA A HANUM, REI DOS AMONITAS, QUE TRATARA INDIGNAMENTE OS SEUS EMBAIXADORES.

272. Hadadezer, rei de Damasco e da Síria, que era muito amigo de Adrazar, tendo sabido que Davi lhe fazia guerra, marchou em seu auxílio com um grande exército. A batalha travou-se próximo do Eufrates. Hadadezer foi vencido, perdeu vinte mil homens, e o resto salvou-se na fuga. O historiador Nicolau fala nestes termos desse feito no quarto livro de sua história: "Muito tempo depois, o mais poderoso de todos os príncipes daquele país, de nome Hadadezer, reinava em Damasco e em toda a Síria, exceto a Fenícia. Fez guerra a Davi, rei dos judeus, e depois de diversos combates foi vencido por ele em grande batalha, que se travou junto do Eufrates, onde praticou feitos dignos de grande general e grande rei".

Esse mesmo autor fala também dos descendentes desse príncipe, que reinaram sucessivamente depois dele e herdaram dele não menos a coragem que o reino. Estas são as suas palavras: "Depois da morte desse príncipe, seus descendentes, que tiveram todos o mesmo nome, como os Ptolomeus no Egito, reinaram até a décima geração e não sucederam menos à sua glória que à coroa. O terceiro deles, que foi o mais ilustre de todos, querendo vingar a derrota que seu avô havia sofrido, atacou os judeus sob o reinado de Acabe e devastou todo o país nos arredores de Samaria".

Assim fala esse historiador, e segundo a verdade, pois é certo que Hadadezer devastou os arredores de Samaria, como diremos a seu tempo. Davi, depois de submeter à sua obediência, por meio de suas armas vitoriosas, o reino de Damasco e todo o resto da Síria, colocou fortes guarnições nos lugares mais importantes e tornou tributários todos esses povos, voltando depois triunfante a Jerusalém. Consagrou a Deus as aljavas de ouro e as outras armas dos guardas do rei Hadadezer, mas quando Sisaque, rei do Egito, venceu Roboão, filho de Salomão, e tomou Jerusalém, ele as levou junto com tantos outros ricos despojos, como diremos a seu tempo, mais particularmente na continuação desta história.

Esse poderoso e sábio rei dos israelitas, para aproveitar o auxílio que recebia de Deus, atacou as duas principais cidades do rei Adrazar, chamadas Beta e Malcom. Tomou-as, saqueou-as e lá encontrou, além de grande quantidade de ouro e prata, uma espécie de cobre que é considerado melhor que o ouro e do qual Salomão, quando construiu o Templo, mandou fazer aquelas belas bacias e o grande vaso a que deram o nome de mar.

273. A ruína do rei Adrazar fez Toí, rei dos hamatenianos, pensar que não teria melhor sorte, e então ele resolveu mandar o príncipe Jorão, seu filho, ao rei Davi, para regozijar-se com ele pela vitória obtida sobre um inimigo comum, bem como para pedir a sua aliança e oferecer-lhe ricos vasos de ouro, de prata e de cobre, de uma obra muito antiga. Davi prestou a esse príncipe todas as honras que eram devidas, tanto a ele quanto ao seu pai. Fez a desejada aliança, recebeu os presentes e consagrou-os a Deus com o resto do ouro encontrado nas cidades que conquistara.

Agia assim porque a sua piedade o fazia reconhecer que não se podia agradecer demasiado a bondade divina, pois ela o tomava vitorioso não somente quando marchava em pessoa à frente dos exércitos, mas até mesmo quando fazia guerra por meio de seus lugar-tenentes, como na que empreendeu contra os idumeus, sob o comando de Abisai, irmão de Joabe, que não somente os submeteu e tornou tributários, depois de matar dezoito mil homens numa batalha, como também impôs a todos eles um tributo por cabeça.

274. O amor que esse rei admirável nutria naturalmente pela justiça era tão grande que ele não pronunciava sentença alguma que não fosse muito eqüitativa. Joabe era o general de seu exército. O chefe dos registros públicos era josafá, filho de Ailude, secretário do conselho. Sifã era o capitão da guarda, à qual pertenciam os mais velhos de seus filhos e Benaia, filho de Joiada. Ele juntou Zadoque a Abiatar no sumo sacerdócio, pois tinha afeto particular por aquele e porque era da família de Finéias.

275. 2 Samuel 9. Depois de ajustar todas as coisas, Davi lembrou-se da aliança que fizera com Jônatas e das muitas provas que recebera de sua amizade, pois dentre outras excelentes qualidades tinha extrema gratidão. Indagou então se não restava algum filho de Jônatas, para com o qual pudesse mostrar a gratidão de que era devedor. Levaram-lhe um dos libertos de Saul, de

nome Ziba, que sabia existir ainda um dos filhos desse príncipe, de nome Mefibosete, que era coxo porque a sua ama, ao saber da derrota na batalha e da morte de Saul e de Jônatas, ficara tão assustada que o deixara cair.

Davi mandou procurá-lo com todo empenho. Pouco tempo depois, informaram-no que Maquir o educava na cidade de Labate,* e mandou buscá-lo imediatamente. Quando Mefibosete chegou, prostrou-se diante do rei. Davi disse-lhe que nada temesse e esperasse dele um tratamento muito favorável: dar-lhe-ia de novo a posse de todos os bens que pertenciam ao seu pai e ao rei Saul, seu avô, e queria que viesse sempre tomar as suas refeições com ele.

Mefibosete, fora de si diante de tantas gentilezas, prostrou-se outra vez diante do rei, para humildemente agradecer-lhe. Davi ordenou a Ziba que fizesse chegar às mãos de Mefibosete os bens que lhe restituíra, que lhe trouxesse todos os anos a renda a Jerusalém e que o servisse com os quinze filhos e os vinte servidores que possuía. Assim, Davi tratou o filho de Jônatas como se fosse seu próprio filho, deu o nome de Mica a um dos filhos desse príncipe e tomou cuidado particular de todos os outros parentes de Saul e de jônatas.

---

* Ou Lo-Debar.

276. 2 Samuel 10. Naás, rei dos amonitas e aliado de Davi, morreu naquele tempo, e Hanum, seu filho, sucedeu-o. Davi enviou-lhe embaixadores para manifestar que tomava parte na sua dor e para garantir a continuação da amizade que tivera com o rei seu pai. Porém os principais da corte de Hanum, por injuriosa desconfiança, imaginaram que a embaixada era pretexto para observar o estado de suas forças e disseram ao novo rei que ele não podia, sem se colocar em grande perigo, prestar fé às palavras do rei dos israelitas.

O príncipe, deixando-se levar pelo mau conselho, mandou raspar a metade da barba dos embaixadores e cortar-lhes a metade das vestes. Essa ação tão ultrajosa foi a resposta que lhes deram. Davi, sentido com tal injúria, que violava mesmo o direito das gentes, declarou em alta voz que se vingaria pelas armas. O temor fez os amonitas prepararem-se para a guerra. O rei deles

enviou embaixadores a Siro, rei da Mesopotâmia, com mil talentos, para obrigá-lo a ajudar os amonitas. O rei Zobá uniu-se a ele, e esses dois príncipes juntos levaram a Hanum vinte mil soldados de infantaria. Dois outros reis, um de Maaca e o outro de nome Tobe, levaram-lhe vinte e dois mil homens.

CAPÍTULO 7

JOABE, GENERAL DO EXÉRCITO DE DAVI, DERROTA OS QUATRO REIS QUE VIERAM EM SOCORRO DE HANUM, REI DOS AMONITAS. DAVI VENCE EM PESSOA GRANDE BATALHA SOBRE O REI DOS SÍRIOS. ENAMORA-SE DE BATE-SEBA, TOMA-A E É CAUSA DA MORTE DE URIAS, SEU MARIDO. DESPOSA BATE-SEBA. DEUS, POR MEIO DO PROFETA NATA, REPREENDE-O PELO SEU PECADO. DAVI ARREPENDE-SE. AMOM, FILHO MAIS VELHO DE DAVI, VIOLENTA TAMAR, SUA IRMÃ, E ABSALÃO, IRMÃO DE TAMAR, MATA-O.

277. Os grandes preparativos dos amonitas e a união de tantos reis não atemorizaram Davi, porque a guerra que empreenderia para ressarcir tão grande ultraje não podia ser mais justa. Mandou contra eles as melhores tropas, sob o comando de Joabe, que sem perder tempo lhes foi sitiar a capital, de nome Rabá. Os inimigos saíram da cidade para combatê-lo e dividiram as suas forças em duas partes.

Os exércitos auxiliares puseram o seu campo de batalha em uma planície, e as tropas dos amonitas colocaram-se perto das muralhas, em frente aos aliados. Joabe marchou com tropas escolhidas contra os reis que vieram em socorro de Hanum. Deu o comando do restante a Abisai, para atacar os amonitas, com ordem para este vir socorrê-lo se fosse acossado. Do mesmo modo Joabe o socorreria, caso não pudesse resistir aos amonitas. Exortou os soldados a combater valorosamente, de forma que não pudessem ser acusados de recuar. Os reis estrangeiros sustentaram com bastante energia os primeiros ímpetos de Joabe, mas por fim, após a perda de um grande número de homens, fugiram. Os amonitas, vendo-os derrotados, não ousaram combater contra Abisai e voltaram para as suas cidades. Joabe então regressou vencedor para junto do rei em Jerusalém.

Embora a derrota tivesse feito conhecer aos amonitas a sua fraqueza, eles

não se mostraram sensatos, recusando-se a estabelecer a paz. Mandaram embaixadores a Calama, rei dos sírios que moram além do Eufrates, para tomar tropas sob pagamento, e ele lhes enviou oitenta mil homens de infantaria e dez mil cavaleiros, comandados por Sobaque, seu lugar-tenente e general. Davi, percebendo que os inimigos eram perigosos, não quis mais fazer guerra por meio de seus chefes, mas determinou ir em pessoa. Passou o Jordão, marchou contra eles, deu-lhes combate e venceu-os, matando no campo de batalha quarenta mil homens de infantaria e sete mil cavaleiros. Sobaque foi ferido e morreu.

Tão gloriosa vitória abateu o orgulho dos mesopotâmios, e eles enviaram embaixadores com presentes a Davi para pedir-lhe a paz. Como se aproximava o inverno, Davi retornou a Jerusalém, mas logo que veio a primavera mandou Joabe continuar a guerra contra os amonitas. Devastou-lhes todo o país e sitiou pela segunda vez a Rabá, sua capital.

278. 2 Samuel 11. Esse rei tão justo, tão temente a Deus, tão zeloso pela observância das leis de seus antepassados, caiu em grave pecado. Numa tarde, segundo o seu costume, ele passeava por uma galeria alta do palácio, quando viu numa casa vizinha uma mulher que se banhava. Chamava-se Bate-Seba e era tão formosa que ele não pôde resistir à paixão que concebeu por ela. Mandou buscá-la e a reteve em sua companhia. Mas ela ficou grávida e pediu ao rei que a livrasse da morte, à qual a lei de Deus condenava as mulheres adúlteras.

Davi, com esse fim, mandou Joabe chamar Urias, seu escudeiro e marido de Bate-Seba, e pediu-lhe notícias sobre o cerco. Ele respondeu que tudo ia muito bem. Então enviou-lhe como jantar alguns pratos de sua mesa, mandando-o dormir em casa. Mas Urias, em vez de obedecer, passou a noite com os guardas. Davi soube-o e perguntou-lhe por que não tinha ido ver a esposa e passado aquele tempo com ela, depois de tão longa ausência, pois ninguém agia assim ao regressar de uma viagem. Ele respondeu que o seu general e os seus companheiros estavam dormindo no campo, sobre a terra, e por isso ele não quis passar o seu período de descanso em casa com a esposa.

Davi mandou-o ficar ainda aquele dia e só o despediu no dia seguinte. Pela tarde, fê-lo vir novamente para jantar, convidou-o a beber, a fim de que,

estando mais alegre que de costume, desejasse ir dormir em sua casa. Mas ele passou também aquela noite à porta do quarto do rei, com os guardas. Davi, encoleriza-do por nada conseguir, escreveu a Joabe, para que este o expusesse ao perigo mais iminente, como castigo por uma ofensa que teria cometido, e que os soldados o abandonassem a fim de que, sozinho, não pudesse escapar. Ele entregou a carta fechada e lacrada com o seu sinete nas mãos de Urias.

Joabe recebeu-a e, para obedecer ao rei, imediatamente ordenou que Urias e alguns dos mais valentes de suas tropas atacassem um lugar que ele sabia ser dos mais perigosos, assegurando-lhe que o seguiria com todo o exército se conseguisse abrir uma passagem na muralha, para atacar também por aquela brecha. Exortou-o a corresponder pela coragem à estima que o rei lhe dedicava e à fama que já havia conquistado. Urias aceitou o encargo com alegria, embora fosse uma empresa muito arriscada. Joabe, em segredo, ordenou aos companheiros de Urias que o abandonassem e se retirassem quando vissem o inimigo cair sobre ele.

Os amonitas, vendo-se assim atacados e temendo o êxito dos israelitas, assaltaram-nos com os mais valentes dentre os seus. Os que acompanhavam Urias então fugiram, menos alguns que não sabiam da ordem. Urias deu-lhes o exemplo de preferir a morte à fuga, ficou firme e susteve o ímpeto dos inimigos, matando vários deles. E, depois de fazer tudo o que se poderia esperar de um militar tão valoroso, morreu gloriosamente, rodeado por todos os lados e crivado de golpes, assim como os poucos que lhe imitaram a coragem e virtude. Joabe mandou imediatamente dizer ao rei que, estando enfadado pela demasiada duração do cerco, julgara que devia fazer um último esforço, mas não lograra êxito, pois os inimigos lhe resistiram com tanta energia que ele fora repelido, sob muitas pedras. Instruiu aquele que enviara a dizer ao rei, caso este se mostrasse irado com o mau desfecho, que Urias fora um dos mortos no ataque.

O que fora previsto aconteceu, pois Davi disse com ardor que Joabe havia cometido uma grande falta em ordenar aquele ataque sem antes empregar as máquinas para abrir as brechas; que o general deveria lembrar-se de Abimeleque, filho de Gideão, que embora muito valente terminara a vida de maneira vergonhosa, morto por uma mulher, por querer temerariamente tomar à força a torre de Tebas; e que isso não era saber tirar vantagem do exemplo de

outros generais, caindo nas mesmas faltas que eles, em vez de imitá-los nos feitos de valor em que haviam demonstrado sensatez e inteligência.

Depois que o enviado de)oabe ouviu Davi falar desse modo, disse-lhe, entre outras coisas, que Urias fora morto no combate. Logo a cólera do rei se acalmou, e ele mudou de linguagem. Ordenou ao mensageiro que dissesse a joabe para não se admirar do mau resultado da empresa, pois é coisa comum nas guerras, mas que o atribuísse à sorte das armas, nem sempre favorável, e aproveitasse aquela desgraça para continuar o cerco com mais firmeza, construindo outros fortes e levando as máquinas para poder tornar-se senhor do lugar. E, depois de tê-lo tomado, queria que o destruísse e exterminasse todos os seus habitantes.

279. Bate-Seba chorou a morte do marido durante alguns dias, e, quando terminou o tempo do luto, Davi desposou-a. Ela teve em seguida um filho.

280. 2 Samuel 12. Deus olhou com cólera para esse ato de Davi e ordenou a Nata, num sonho, que o repreendesse severamente de sua parte. Como o profeta era muito sensato e sabia que os reis, na violência de suas paixões, consideram pouco a justiça, julgou que, para melhor conhecer as disposições do soberano, devia começar por falar-lhe docemente antes de chegar às ameaças que Deus havia ordenado.

Assim, falou deste modo ao rei: "Havia numa cidade dois homens, um dos quais era muito rico e possuía muitas cabeças de gado. O outro, ao contrário, era tão pobre que todos os seus bens consistiam somente numa ovelha, que ele amava temamente e nutria com todo o carinho, como se fosse uma filha, com o pouco de pão que possuía. Então um amigo do homem rico chegou para visitá-lo, mas este não quis tocar no seu gado para lhe dar de comer e mandou tirar à força a ovelha do homem pobre. Matou-a e assim hospedou o amigo à custa do outro". Davi, diante de tamanha injustiça, disse que aquele homem era mau e devia ser nhrinario a restituir o auádruplo ao pobre e depois ser condenado à morte.

O profeta respondeu-lhe: "Vós mesmo vos condenastes e pronunciastes o decreto do castigo que merece tão grande crime como o que cometestes". Fez-lhe ver como havia atraído sobre si a cólera de Deus, em troca do favor extraor-

dinário que Ele lhe fizera, constituindo-o rei sobre todo o seu povo. Deus fizera-o também vitorioso sobre muitas nações, estendera até bem longe o seu domínio e o preservara de todos os esforços de Saul em eliminá-lo. E era horrível que ele, tendo várias esposas legítimas, houvesse desprezado os mandamentos de Deus e chegado a uma violência tão cruel e ímpia, como tomar a mulher de outro e fazer morrer-lhe o marido, entregando-os aos inimigos.

Deus, porém, exerceria deste modo a sua vingança sobre ele: permitiria que um dos próprios filhos de Davi abusasse de suas mulheres à vista de todos e tomasse armas contra ele, para puni-lo publicamente pelo crime que cometera em segredo. A isso acrescentou que ele teria o desprazer de ver morrer o filho que havia sido o fruto infeliz de seu adultério. Davi, espantado com essas ameaças, desfez-se em pranto, com o coração atravessado pela dor. Ele reconheceu e confessou a enormidade de seu pecado, pois era um homem justo e, exceto esse pecado, jamais havia cometido outro.

Deus, comovido com o seu grande arrependimento, prometeu conservar-lhe a vida e o reino e esquecer o seu pecado. E, segundo dissera o profeta, enviou uma grave enfermidade ao filho que tivera de Bate-Seba. O extremo amor que Davi nutria pela mãe da criança o fez sofrer tão vivamente essa aflição que ele passou sete dias inteiros sem comer. De luto, vestiu-se de saco e ficou deitado por terra, pedindo ardentemente a Deus que lhe conservasse o filho. Mas Deus não ouviu a oração, e o menino morreu no sétimo dia.

Nenhum dos seus ousava dar-lhe a notícia, temendo que, estando já tão aflito, se obstinasse ainda mais em não tomar alimento e continuasse a descuidar do corpo. Imaginavam que, se a enfermidade da criança lhe causava tanta dor, a morte dela o afligiria ainda mais. Davi, porém, percebeu na angústia manifestada em todos os rostos o que eles se esforçavam por esconder e não teve dificuldade em imaginar que o menino havia morrido. Indagou deles, e lhe contaram. Então ele logo levantou-se e pediu que lhe trouxessem de comer.

Os parentes e servidores do rei, admirados de tão repentina mudança, perguntaram-lhe a razão, e ele respondeu: "Não compreendeis que enquanto o menino vivia a esperança de obter de Deus a sua conservação fazia-me empregar todos os meus esforços para procurar comovê-lo? Mas agora que

morreu, a minha aflição e o meu pranto seriam inúteis". Essa resposta tão sábia os fez louvar a sua prudência, e Bate-Seba deu-lhe um segundo filho, que teve o nome de Salomão.

281. joabe continuava apertando o cerco a Rabá. Rompeu os aquedutos que levavam água à cidade e impediu que recebesse víveres. Assim os seus habitantes viram-se oprimidos ao mesmo tempo pela falta de água e pela fome, porque tinham apenas um poço, e não era suficiente. Joabe pediu então ao rei que viesse ao seu exército, a fim de ter ele mesmo a honra de tomar e examinar a cidade. Davi louvou-lhe a fidelidade e o afeto e foi até onde estava o cerco, levando ainda outras tropas. Tomou-a então à força e entregou-a ao saque dos soldados.

Os despojos foram grandes, e Davi contentou-se em tomar para si a coroa de ouro do rei dos amonitas, que pesava um talento e era enriquecida com grande quantidade de pedras preciosas, no meio das quais brilhava uma sardônica de grande valor. Ele usou muitas vezes essa coroa. Fez morrer todos os habitantes, de diversas maneiras, sem poupar um sequer e não tratou mais humanamente as outras cidades do mesmo país que depois conquistou pela força.

282. 2 Samuel 13. Depois de tão gloriosa conquista, voltando a Jerusalém, sentiu estranha aflição, e a causa foi esta:

A princesa sua filha, de nome Tamar, sobrepujava em beleza todas as moças e mulheres de seu tempo. Amnom, seu filho mais velho, apaixonou-se tão perdi-damente por ela que, não podendo satisfazer a sua paixão, porque ela era cuidadosamente vigiada, ficou em tal estado que se tornou irreconhecível. Jonadabe, seu primo e amigo particular, julgou que aquela enfermidade só podia vir de uma causa semelhante e rogou-lhe que dissesse qual era. Amnom revelou o amor que sentia pela irmã, e Jonadabe, que era um homem inteligente, deu-lhe um conselho, o qual ele pôs em prática.

Fingiu estar muito doente e se pôs de cama. Quando o rei seu pai foi visitá-lo, pediu-lhe que enviasse a irmã. Ela veio, e ele pediu que ela lhe fizesse alguns bolos, dizendo que se fossem feitos pela mão dela os comeria com mais prazer. Ela os fez imediatamente e os levou até ele. Amnom rogou-lhe então que os levasse ao quarto dela, porque queria dormir, e ordenou que saíssem todos.

Em seguida, ele levantou-se e foi até o quarto onde estava Tamar — sozinha. Manifestou-lhe a sua paixão e quis dominá-la à força. Ela gritou e disse tudo o que podia para dissuadi-lo de cometer uma ação criminosa e ao mesmo tempo tão vergonhosa para a família real.

Vendo que as suas razões não o demoviam, rogou-lhe que, se não podia vencer a sua paixão, a pedisse em casamento ao rei, seu pai. Mas Amnom estava fora de si, levado pelo furor da paixão, e não a quis ouvir. E violou-a, por mais resistência que ela fizesse. E, por mais estranho que pareça, no mesmo instante, por uma mudança de que jamais se ouviu falar, passou logo após esse ardente afeto que nutria por ela ao ódio mais violento, proferindo injúrias e expulsando-a de sua presença.

Ela queria esperar a noite, a fim de evitar a vergonha de aparecer aos olhos de todos em pleno dia depois de haver recebido o maior de todos os ultrajes. Mas Amnom recusou permiti-lo e ainda a fez castigar. Cheia de dor e de amargura, a princesa rasgou o seu véu, que lhe descia até o chão e que só as filhas dos reis podiam usar, colocou cinzas na cabeça e assim atravessou toda a cidade, publicando com gritos misturados a soluços e lágrimas a horrível violência que lhe haviam feito.

Absalão, de quem ela era irmã por parte de mãe e de pai, encontrando-a naquele estado, soube do motivo de seu desespero. Fez o que pôde para consolá-la, e ela ficou muito tempo com ele, sem se casar. Davi ficou muito triste diante dessa ação tão detestável, mas como tinha afeto especial por Amnom, porque era o mais velho de seus filhos, não quis castigá-lo como ele merecia. Absalão dissimulou o ressentimento e conservou-o no coração até que pôde satisfazê-lo, por meio de uma vingança proporcional à magnitude da ofensa.

Passaram-se dois anos desse modo. Mas, devendo Absalão ir a Baal-Hazor, na tribo de Efraim, para fazer a tosquia de suas ovelhas, convidou o rei seu pai e todos os seus irmãos para um banquete que desejava oferecer. Davi desculpou-se, porque não queria que ele fizesse tão grandes despesas, e Absalão rogou-lhe que pelo menos enviasse todos os irmãos. Ele concordou, e todos se apresentaram. Quando Amnom começou a ficar alegre por causa de excesso de vinho, Absalão o matou.

CAPÍTULO 8

ABSALÃO FOGE PARA GESUR.TRÊS ANOS DEPOIS, JOABE OBTÉM DE DAVI PERMISSÃO PARA ELE VOLTAR. ABSALÃO CONQUISTA O AFETO DO POVO. VAI A HEBROM. É DECLARADO REI, E AITOFELPASSA PARA O SEU PARTIDO. DAVI ABANDONA FERUSALÉM, RETIRANDO-SE PARA ALÉM DO FORDÃO. FIDELIDADE DE ITAI E DOS SUMOS SACERDOTES. MALDADE DE MEFIBOSETE. INSOLÊNCIA HORRÍVEL DE SIMEI. ABSALÃO COMETE UM CRIME INFAME

283. O assassinato de Amnom assustou todos os outros filhos de Davi, que montaram a cavalo e fugiram a toda brida para o rei seu pai. Eles não lhe trouxeram a primeira notícia, mas um outro, caminhando mais depressa, lhe disse que Absalão matara todos os seus irmãos. A idéia da perda de tantos irmãos devido a um crime cometido por um deles partiu o coração de Davi e fez mergulhar o seu Espírito em grande aflição. E, sem esperar a confirmação da notícia nem perguntar o motivo, entregou-se inteiramente à dor, rasgou as suas vestes, lançou-se por terra, soltou gritos e derramou lágrimas. Lastimava não somente os filhos mortos, mas também aquele que lhes tirara a vida.

Seu sobrinho Jonadabe, filho de Siméia, disse-lhe, para consolá-lo, que tinha razão para crer que Absalão chegara àquele extremo pelo ressentimento do ultraje feito à irmã, pois de outro modo pouco motivo havia para que desejasse mergulhar as mãos no sangue dos próprios irmãos. Falava assim quando se ouviu um grande ruído de cavaleiros. Eram os filhos de Davi. Vendo o aflito pai, contra a sua esperança, que aqueles que julgava mortos viviam ainda, correu para abraçá-los e misturou as suas lágrimas com as deles, bem como a pena de ter perdido um filho, enquanto eles choravam a dor de ter perdido um irmão. Absalão fugiu para Gesur, para a casa de seu avô, que ocupava uma posição de relevo naquele país, e lá ficou três anos.

2 Samuel 14. Percebendo Joabe que nesse tempo a cólera do rei se havia acalmado e que ele permitiria facilmente o regresso de Absalão, serviu-se de um artifício para fazê-lo decidir-se. Uma velha, por sua ordem, foi ter com o rei, demonstrando grande aflição. Disse-lhe ela que os seus dois filhos haviam brigado no campo de tal modo que, não havendo quem os separasse, eles se

engalfinharam, e um deles foi morto. A justiça procurava agora o criminoso para fazê-lo morrer também. E assim, ela estava prestes a perder o outro filho, seu único amparo na velhice. Em tal contingência, recorria à bondade do soberano, suplicando-lhe que concedesse aquela graça ao filho.

Davi prometeu-o, e então ela continuou a falar, deste modo: "Sou-vos muito grata, majestade, por terdes tanta compaixão desta pobre mulher, de minha velhice e da condição a que me encontraria reduzida se viesse também a perder o filho que me resta. Mas, se quereis que eu não duvide de vossa bondade, é necessário, por favor, que comeceis por aplacar a vossa ira contra o príncipe vosso filho e o recebais de novo em vossa amizade. Pois, como poderia eu ter certeza de que vossa majestade perdoará ao meu filho se não quer do mesmo modo Derdoar ao Dróorio filho uma falta semelhante? Seria coisa digna de vossa prudência acrescentar voluntariamente a perda de um de vossos filhos à do outro, igualmente dolorosa, todavia já irreparável?"

Essas palavras convenceram o rei de que Joabe enviara aquela mulher. Perguntou-lhe se era verdade, e ela confessou-o. Naquele mesmo instante, mandou chamar Joabe para informar que este conseguira o que desejava. Perdoava Absalão, e podia mandar dizer-lhe que voltasse. Joabe prostrou-se diante dele, partiu logo em seguida e trouxe Absalão a Jerusalém. O rei, porém, não quis que o filho se apresentasse diante dele, porque ainda não estava disposto a vê-lo. Assim, para obedecer à ordem, Absalão viveu ainda afastado dois anos, sem que o desgosto por não ser tratado segundo a grandeza de seu nascimento diminuísse algo de sua compostura, que era tal como a sua beleza e a elegância de seu porte.

Tinha ele a cabeça tão bela que quando se lhe cortavam os cabelos, no fim de cada ano, estes pesavam duzentos sidos, que são cinco libras. Porém, não podendo mais suportar viver banido da presença do rei, mandou rogar a Joabe que intercedesse por ele, a fim de obter permissão para vê-lo. Não recebendo resposta, mandou pôr fogo a um campo que pertencia a Joabe. Logo Joabe foi perguntar-lhe por que o tratava daquele modo, e Absalão respondeu que era para obrigá-lo a vir ter com ele, não o podendo conseguir de outro modo, e pediu-lhe que o reconciliasse com o rei, pois o exílio lhe era na verdade mais suportável que o desgosto de ver sempre o pai encolerizado contra si. Joabe

ficou comovido com o sofrimento dele, e essa maneira de falar comoveu também Davi, de tal modo que ele mandou chamar Absalão. Este veio, lançou-se-lhe aos pés e pediu-lhe perdão.

2 Samuel 15. Davi consentiu e levantou-o. Tendo feito as pazes com o rei, Absalão partiu imediatamente com grande acompanhamento, seguido, além da grande quantidade de cavaleiros e dos carros que possuía, por cinqüenta guardas. Como a sua ambição não tinha limites, imaginou logo destronar o rei seu pai, apoderar-se da coroa e pô-la na própria cabeça. Com essa intenção, ia todas as manhãs ao palácio do rei, onde consolava a todos os que haviam perdido uma causa, dizendo-lhes que os culpados eram os maus conselheiros do rei, o qual também enganava o povo em seus juízos.

Continuou a proceder desse modo durante quatro anos. Quando percebeu que conquistara o afeto de todos e de todo o povo, rogou ao rei permissão para ir a Hebrom cumprir uma promessa que fizera durante o exílio. Quando lá chegou, fez correr a notícia por todo o país, e gente de todas as partes veio ter com ele. Aitofel, que era de Gilo, um dos conselheiros de Davi, foi também. Duzentos habitantes de Jerusalém também vieram, mas somente para assistir à festa. Assim, o desejo de Absalão realizou-se, como ele esperava, pois todos o escolheram para rei.

284. Davi, como era natural, irritado pela ousadia e impiedade do filho, que após receber o perdão por um crime tão grande tentava tirar-lhe a vida e o reino concedido a ele pelo próprio Deus, resolveu retirar-se às praças-fortes do outro lado do Jordão e entregar nas mãos de Deus o julgamento de sua causa. Deixou então a guarda do palácio a dez de suas concubinas e saiu de Jerusalém seguido por uma grande multidão, que não quis abandoná-lo, e de seus seiscentos homens, os quais estavam com ele desde que Saul o perseguia.

Zadoque e Abiatar, sumos sacerdotes, e todos os levitas queriam também ir com ele e levar a arca, mas Davi obrigou-os a ficar, acreditando que Deus não os deixaria sem socorro e teria cuidado deles. Rogou-lhes somente que lhe dessem, por meio de pessoas de confiança, avisos secretos de tudo o que se passava. Jônatas, filho de Abiatar, e Aimaás, filho de Zadoque, demonstraram assim a sua fidelidade nessa ocasião. E Itai, geteense, tinha-lhe tanta afeição que, por mais que o rei lhe pedisse para ficar, não quis fazê-lo.

Quando esse grande príncipe subia descalço o monte das Oliveiras e todos se desfaziam em lágrimas em redor dele, vieram dizer-lhe que Aitofel, por uma horrível traição, havia passado para o partido de Absalão. Essa dor foi-lhe mais sensível que todas as outras, porque conhecia muito bem o valor de Aitofel, e rogou a Deus que não permitisse a Absalão seguir os seus conselhos. Quando chegou ao alto do monte, contemplou Jerusalém e derramou muitas lágrimas, pois não fazia diferença entre a perda de seu reino e a saída daquela grande cidade que lhe servia de capital.

Husai, um de seus mais fiéis servidores, veio ter com ele com as vestes rasgadas e a cabeça coberta de cinzas. Davi procurou consolá-lo, dizendo-lhe que o maior serviço que lhe poderia prestar era procurar Absalão com o pretexto de lhe querer falar e passar para o partido dele, a fim de conhecer as suas intenções e opor-se aos conselhos de Aitofel. Husai obedeceu e foi a Jerusalém, para onde Absalão também se dirigia.

2 Samuel 16. Davi marchara um pouco adiante, e Ziba, que ele designara para cuidar dos bens de Mefibosete, veio procurá-lo com dois burros carregados de víveres, os quais lhe ofereceu. Perguntou-lhe Davi onde estava o seu amo, e Ziba respondeu que ele havia ficado em Jerusalém, na expectativa de que diante daquela mudança fosse escolhido para reinar, em memória do rei seu avô. Essa falsa notícia irritou tanto a Davi que ele deu a Ziba todos os bens de Mefibosete, dizendo ser aquele muito mais merecedor de possuí-los do que este.

Quando se aproximava do lugar denominado Baurim, Simei, filho de Gera, parente de Saul, não se contentando em dizer-lhe injúrias, começou a atirar-lhe pedras. Como os que acompanhavam o rei procuravam aparar os golpes, o seu furor tornou-se ainda maior. Com todas as forças, gritou que Davi era um sanguinário, sendo a causa de mil males, e que dava graças a Deus por permitir que o próprio filho o castigasse pelos crimes cometidos contra Saul, seu rei e senhor. Dizia ele: "Saí deste país, mau e execrando que sois".

Abisai, não mais suportando tão horrível insolência, procurou matá-lo, porém Davi o impediu, afirmando que já lhe bastavam os males presentes, não havia por que buscar outros. E acrescentou: "Não me incomodo com o que esse homem está dizendo. Considero-o apenas um cão enraivecido e submeto-me à vontade de Deus, que o mandou para me maldizer. Que motivo temos para nos

admirarmos de que ele me profira injúrias, se o meu próprio filho declara abertamente que é meu mortal inimigo? Deus, porém, é por demais bom para não me olhar com vistas de misericórdia e muito justo para deixar de confundir os desígnios daqueles que juraram a minha ruína". O virtuoso rei, assim falando, continuou a caminhar sem se deter às injúrias de Simei, e o infeliz correu para o outro lado do monte a fim de continuar a insultá-lo. Por fim, Davi chegou à margem do Jordão e deu um descanso aos seus homens, esgotados pela longa caminhada.

285. Absalão, nesse meio tempo, acompanhado por Aitofel, em quem depositava toda a sua confiança, dirigia-se a Jerusalém, e Husai, fiel amigo de Davi, foi como os outros prostrar-se diante dele e desejar-lhe um feliz reinado. Absalão perguntou-lhe como o até então melhor amigo de seu pai havia abandonado o rei para passar ao seu partido.

Respondeu Husai: "Vendo que por unânime consentimento todos se submeteram a vós, temia eu resistir à vontade de Deus se não o fizesse também, na certeza que tenho de Ele é que vos faz subir ao trono. E, se me negais a graça de receber-me no número dos que vos honram com a sua afeição, servir-vos-ei com a mesma fidelidade e o mesmo zelo com que servi ao rei vosso pai, pois estou persuadido de que não há motivo para queixa pela mudança que se efetuou, porque a coroa não passou a outra família real: é um filho que sucede ao pai". Absalão prestou fé a essas palavras e não desconfiou mais dele.

286. O novo rei, conversando com Aitofel a respeito de como agir para consolidar o poder, recebeu desse homem maligno conselho para abusar das concubinas do rei seu pai na presença do povo, a fim de que todos vissem que não era mais possível uma reconciliação entre eles e que necessariamente haveria uma guerra muito sangrenta. Assim, os que estavam no seu partido ficariam inseparavelmente presos a ele. O jovem príncipe seguiu tão infeliz e vergonhoso conselho e o executou sob uma tenda que mandou construir no palácio, à vista de todos. Assim realizou-se o que o profeta Nata predissera a Davi.

CAPÍTULO 9

AITOFEL DÁ UM CONSELHO A ABSALÃO QUE TERIA ARRUINADO COMPLETAMENTE A

DAVI. HUSAI ACONSELHA EXATAMENTE O CONTRÁRIO, E É OUVIDO. HUSAI MANDA AVISAR DAVI. DESESPERADO, AITOFEL ENFORCA-SE. DAVI APRESSA-SE EM PASSAR O JORDÃO. AMASA É ESCOLHIDO COMANDANTE DO EXÉRCITO DE ABSALÃO, E ESTE PARTE PARA ATACAR O REI SEU PAI. ABSALÃO PERDE A BATALHA. JOABE MATA-O.

287. 2 Samuel 17. Absalão perguntou depois a Aitofel de que modo deveria agir naquela guerra. Ele respondeu: "A morte do rei vosso pai é o único meio que tendes para assegurar a coroa e salvar aqueles aos quais a deveis. Se me quiserdes dar dez mil homens escolhidos dentre todas as vossas tropas, prestar-vos-ei esse serviço". Tal conselho agradou a Absalão, mas ele quis saber a opinião de Husai, a quem considerava ainda o melhor amigo de seu pai. Disse-lhe da opinião de Aitofel e perguntou a dele.

Husai, julgando que Davi estaria perdido se Absalão seguisse o conselho de Aitofel, deu-lhe outro, totalmente oposto: "Vossa majestade conhece o extremo do valor do rei vosso pai e o daqueles que estão em sua companhia, de que não é necessário melhor prova, pois ele sempre sai vitorioso em todas as guerras que empreende. Ele sem dúvida está agora acampado. E, como ninguém é mais perito que ele na arte da guerra, não haverá estratagema de que não se sirva. Colocará uma parte de suas tropas no vale ou por trás das rochas, e, quando as nossas atacarem as que estiverem visíveis, ela fugirá para junto das que estão ocultas, fazendo-nos cair numa emboscada, para depois todas ao mesmo tempo se atirarem sobre nós. A presença do rei vosso pai, que sem dúvida lá se encontrará em pessoa para elevar-lhes o ânimo, fará com que os nossos, de modo inverso, percam a coragem. Por isso, sem nos atermos ao conselho de Aitofel, julgo que vossa majestade deva reunir prontamente todas as vossas forças e tomar o comando, sem confiar nos outros. Assim, se o rei vosso pai vos enfrentar, estará tão fraco, em comparação a vossa majestade, que será muito fácil vencê-lo, pelo grande número de soldados que arde em desejo de vos patentear a sua afeição no início de vosso reinado. E, se ele se refugiar em alguma cidade, vossa majestade a tomará facilmente, atacando-a com as máquinas e aproximando-se por meio de pontes".

Absalão preferiu esse conselho ao de Aitofel, pois Deus assim o permitiu. E Husai mandou imediatamente avisar o sumo sacerdote Zadoque e a Abiatar,

a fim de pedir a Davi que atravessasse incontinenti o Jordão, pois assim Absalão, caso mudasse de idéia, não o poderia alcançar antes de ele passar o rio. Os sumos sacerdotes, sem perder tempo, enviaram aos filhos escondidos fora da cidade uma criada muito fiel para dizer-lhes que partissem naquele mesmo instante e fossem rapidamente informar a Davi da situação.

Eles puseram-se imediatamente a caminho, e, apenas haviam percorrido dois estádios, alguns cavaleiros os viram e foram avisar Absalão. Este enviou alguns homens para prendê-los. Vendo eles os cavaleiros, porém, suspeitaram deles e por isso deixaram a estrada e foram até uma aldeia próxima, de nome Baurim, que está no território de Jerusalém, e ali pediram a uma mulher que os ocultasse. Ela colocou-os num poço, cobrindo a entrada com lã.

Os homens designados para prendê-los chegaram à casa da mulher e perguntaram-lhe se tinha visto dois moços. Ela respondeu que dera de beber a dois rapazes, mas eles haviam partido. Se eles se apressassem, poderiam alcançá-los facilmente. Eles acreditaram e perseguiram-nos por muito tempo, inutilmente. Quando a mulher viu que nada mais havia a temer, retirou-os do poço, e eles continuaram rapidamente a viagem. Encontrando Davi, deram-lhe conta de sua missão. O sábio príncipe não deixou de se valer de tão importante aviso, pois, embora a noite já tivesse caído, atravessou o Jordão naquele mesmo instante, fazendo também passar todos os homens que tinha consigo.

Aitofel, vendo que o conselho de Husai fora preferido ao seu, montou a cavalo e foi a Celmom, que era o seu lugar de nascimento. Reuniu ali os parentes e amigos e falou-lhes do conselho que dera a Absalão, sendo que rei não o quis seguir. Agora ele era um homem perdido, pois Davi venceria e voltaria ao trono. A isso ele acrescentou que preferia morrer como um homem de coragem a perder a vida pelas mãos de um carrasco por ter abandonado Davi e se juntado a Absalão. Depois de assim falar, foi enforcar-se no lugar mais afastado de sua casa, terminando a sua vida do modo que julgou merecer. Seus parentes o sepultaram.

288. Depois de atravessar o Jordão, Davi foi a Maanaim, que é a mais bela e mais forte de todas as cidades dessa província. Todos os grandes do país receberam-no com extremo afeto, uns por compaixão de sua infelicidade, outros pelo respeito que o seu acúmulo de honra e glória lhes imprimiu no Espírito. Os

principais eram: Sobi, príncipe de Amom, Barzilai e Maquir, da província de Gileade. Eles deram a Davi e a todos os seus tudo o que necessitavam para a sua subsistência.

289. 2 Samuel 17. Absalão, após reunir um grande exército, escolheu Amasa, que era seu parente (pois era filho de jotar* e de Abigail, irmã de Sérvia, mãe de joabe, ambas irmãs de Davi), para comandá-lo, em vez de joabe. Então atravessou o Jordão e foi acampar bem próximo de Maanaim. Davi, embora tivesse apenas quatro mil soldados, não quis esperar que Absalão viesse atacá-lo e resolveu antecipar-se. Dividiu as tropas em três partes: deu o comando da primeira a joabe, o da segunda a Abisai e o da terceira a Itai, que muito ele estimava e em quem tinha muita confiança, embora fosse originário de Gate.

Por mais vontade que ele próprio tivesse de tomar parte na luta, os seus chefes e comandantes mais afeiçoados não o permitiram, explicando-lhe com muita prudência que não lhe restaria recurso algum se ele perdesse a batalha estando presente, ao passo que, se não estivesse, os que escapassem poderiam correr até ele e dar-lhe tempo de reunir novas forças. Além do quê, a sua ausência faria os inimigos acreditarem que ele reservara para si uma parte de suas tropas. Davi aceitou essas razões, exortando-os a mostrar naquele dia a sua fidelidade e o seu reconhecimento pelos benefícios recebidos. A isso acrescentou um pedido: se Deus lhes concedesse a vitória, que não tivessem menos cuidado em conservar a vida de Absalão do que a deles própria. Terminou rogando a Deus que lhe fosse favorável.

Os exércitos preparam-se para a batalha numa grande planície. Joabe tinha atrás de si uma floresta. O combate foi sangrento. Praticaram-se de ambos os lados muitos atos de valor. Não havia perigo que os homens fiéis a Davi não desprezassem para fazê-lo recuperar o reino nem esforços que os do partido de Absalão não fizessem para garantir-lhe a coroa e evitar o castigo que merecia por ter ousado tirá-la ao próprio pai. Além disso, sendo este muito mais forte que o inimigo, ser-lhe-ia muito vergonhoso deixar-se vencer. Por outro lado, essa mesma desproporção de força redobrava a coragem dos soldados de Davi, porque tornaria a vitória mais gloriosa.

Como eram todos soldados veteranos e dos mais valorosos, infiltraram-se nos batalhões inimigos, desbarataram-nos, puseram-nos em fuga e os

perseguiram na floresta e nos refúgios, onde eles pensavam poder salvar-se. Fizeram muitos prisioneiros e mataram muitos outros, morrendo mais gente dessa forma que em combate. Como a estatura de Absalão o denunciava facilmente, puseram-se vários a persegui-lo para o prender. O medo de cair vivo nas mãos deles obrigou-o a fugir a toda velocidade sobre uma mula muito veloz. Mas o vento lhe agitava o cabelo, que era muito comprido e espesso, fazendo-o emaranhar-se nos ramos de uma árvore por baixo da qual ele passava. A mula continuou a correr, e ele ficou pendurado.

Um soldado avisou Joabe imediatamente, o qual ordenou-lhe que fosse matá-lo, prometendo-lhe cinqüenta sidos. Respondeu o soldado: "Como matar o filho do meu rei, quando o mesmo rei nos recomendou que o conservássemos vivo? Não o faria nem mesmo que me désseis dois mil sidos".]oabe então pediu-lhe que o levasse até o lugar e matou Absalão com três golpes de lança, que lhe feriram o coração. Os escudeiros de Joabe recolheram o corpo, jogaram-no em uma fossa funda e escura e o cobriram com pedras, dando-lhe forma de sepulcro. joabe mandou em seguida tocar a retirada, dizendo que deviam poupar o sangue dos outros irmãos.

Absalão tinha feito elevar no vale chamado Real, distante dois estádios de Jerusalém, uma coluna de mármore com uma inscrição, para que o seu nome se conservasse na memória dos homens, ainda que a sua raça fosse extinta. Ele teve três filhos e uma filha muito bela, de nome Tamar, que desposou o rei Roboão, neto de Davi, da qual teve Abias, que sucedeu ao pai e de quem falaremos mais amplamente a seu tempo.

---

* Ou Itra.

Capítulo 10

Davi, demonstrando excessiva dor pela morte de Absalão, é consolado por Joabe. Davi perdoa Simei e dá a Mefibosete a metade de seus bens. Todas as tribos voltam a obedecer-lhe. A deJudá é a preferida, e as outras sentem inveja, revoltando-se por incitamento de Seba. Davi determina queAmasa marche contra ele. Como

AMASA DEMORA A VOLTAR, ENVIA JOABE COM OS QUE TEM JUNTO DE SI. JOABE ENCONTRA AMASA E MATA-O À TRAIÇÃO. PERSEGUE SEBA E TRAZ A CABEÇA DELE A DAVI. GRANDE CARESTIA ENVIADA POR DEUS DEVIDO AOS MAUS-TRATOS DE SAUL PARA COM OS GIBEONITAS. DAVI OS SATISFAZ, E A CARESTIA CESSA. ELE ADIANTA-SE NUM COMBATE E É SALVO PORABISAI DE MORRER NAS MÃOS DE UM GIGANTE. DEPOIS VENCER DIVERSAS VEZES OS FILISTEUS, DESFRUTA GRANDE PAZ. COMPÕE DIVERSAS OBRAS EM LOUVOR A DEUS. INCRÍVEIS ATOS DE VALOR DOS BRAVOS DE DAVI. DEUS MANDA UMA GRANDE PESTE PARA CASTIGÁ-LO POR TER FEITO O RECENSEAMENTO DOS HOMENS APTOS PARA PEGAR EM ARMAS. DAVI, PARA APLACÁ-LO, ERGUE UM ALTAR. DEUS PROMETE-LHE QUE SALOMÃO CONSTRUIRÁ O TEMPLO. ELE REÚNE AS COISAS NECESSÁRIAS PARA A CONSTRUÇÃO.

290. Depois da morte de Absalão, o seu partido desapareceu completamente. Aimaas, filho de Zadoque, sumo sacerdote, rogou a Joabe que o mandasse levar a Davi a notícia da vitória e do auxílio que haviam recebido de Deus. Joabe, porém, respondeu-lhe que, tendo ele até então levado a Davi apenas boas notícias, não julgava bom que agora lhe levasse uma informação tão triste como a da morte de Absalão. E enviou Cusi para narrar a Davi o que se havia passado. Aimaas rogou então que lhe permitisse ao menos ir para informá-lo do feliz êxito da batalha, sem falar-lhe de Absalão, e Joabe concordou. Partiu no mesmo instante e, como conhecia um caminho mais curto que o tomado pelo etíope, chegou antes dele.

Davi estava à porta da cidade, esperando notícias de alguém que tivesse tomado parte no combate. Uma sentinela, vendo aproximar-se Aimaas e não o reconhecendo, porque ele ainda estava muito longe, avisou que um homem se aproximava rapidamente. O rei tomou a pressa como um bom augúrio. Logo depois, a sentinela disse que vinha um outro, o que o príncipe julgou ser ainda um bom sinal. Quando Aimaas já estava bem perto, a sentinela reconheceu-o e disse ao rei que era Aimaas, filho do sumo sacerdote. Então Davi não duvidou mais de que ele lhe trazia boas notícias. Aimaas, depois de se ter prostrado diante dele, disse-lhe que o seu exército havia conquistado a vitória. Davi, sem falar de outra coisa, perguntou-lhe o que havia acontecido a Absalão. Ele

respondeu nada poder informar, porque Joabe o fizera partir imediatamente após a vitória, para trazer-lhe a notícia. Sabia apenas que um grande número de soldados o perseguia com grande ânsia.

O etíope chegou em seguida, prostrou-se diante do rei e confirmou a notícia da vitória. Davi perguntou-lhe também a respeito de Absalão, e ele respondeu:

"Desejo que o que aconteceu a Absalão aconteça a todos os vossos inimigos". Essas palavras apagaram do coração de Davi toda a alegria que ele sentira pela vitória, e a sua imensa tristeza perturbou os servidores. Foi ao lugar mais alto da cidade e lá chorou o seu filho. Batia no próprio estômago, arrancava o cabelo e, não pondo limites à dor, gritava em alta voz: "Absalão! Meu filho Absalão! Prouvera a Deus que eu tivesse morrido contigo!"

Além de ser Davi de uma natureza extremamente terna, Absalão, dentre os filhos que lhe restavam, era o que mais ele amava. Os soldados, regressando, souberam de sua extrema aflição e julgaram que não seria conveniente comparecer à sua presença como vitoriosos e triunfantes. E assim entraram também chorando na cidade, de olhos baixos, como se tivessem sido vencidos.

Joabe, porém, vendo que o rei tinha a cabeça coberta e continuava a chorar amargamente o filho, falou-lhe: "Vossa majestade sabe o que faz e em que perigo se põe? Não está parecendo que vossa majestade odeia os que tudo arriscaram a vosso serviço e também a vós mesmos e toda a família real, afligindo-vos tanto com a morte de vosso maior inimigo? Se Absalão tivesse vencido e confirmado a sua injusta dominação, haveria algum de nós a quem ele teria poupado a vida? Não teria ele começado por vossa majestade e pelos vossos filhos? Longe de chorar por nós e por vossa majestade, como vossa majestade o faz, ele não somente se teria regozijado, mas teria castigado até os que tivessem compaixão de nossa infelicidade. Não tem pois vossa majestade vergonha de lamentar assim o maior de vossos inimigos, o qual, após receber vida de vossa majestade, tornou-se tanto mais ímpio quanto vos devia em honra e respeito? Deixai portanto de lamentar e de vos afligir por motivo injusto. Apresentai-vos aos vossos soldados e expressai a eles o agradecimento que lhes deveis por haverem conquistado com o preço do próprio sangue tão importante vitória. Se não o fizerdes e continuardes a mostrar tão irrazoável

mágoa, protesto-vos que desde hoje, sem esperar mais, porei a coroa sobre a cabeça de um outro, e então terá vossa majestade verdadeiro motivo de aflição".

Essas palavras acalmaram o Espírito de Davi e despertaram-lhe as obrigações que a qualidade de rei exigia para o povo e para a nação. Mudou os vestess e, para alegrar os soldados, saiu de seu aposento e apresentou-se a eles. Então cada um deles veio prestar-lhe homenagens.

291. Os que se haviam salvado do exército de Absalão vieram de todas as cidades apresentar as suas homenagens a Davi, pois a vitória deste os fez reconquistar a liberdade. Eles reconheceram que estavam errados e que haviam feito mal em se revoltar contra ele. E, agora que Absalão estava morto, queriam pedir a Davi que os perdoasse e suplicar que retomasse o governo do reino.

Davi soube de tudo e escreveu então aos sumos sacerdotes, Zadoque e Abiatar, que dissessem também aos chefes da tribo de Judá que, sendo o rei da mesma tribo que eles, ser-lhes-ia vergonhoso se fossem os últimos a manifestar-lhe a sua afeição e em restabelecê-lo em seu estado e que relatassem a mesma coisa a Amasa, acrescentando que, tendo a vantagem de ser sobrinho do rei, ele deveria esperar não somente o perdão por ter tomado as armas contra ele, mas também a confirmação no cargo de general, a que Absalão o elevara.

Zadoque e Abiatar cumpriram seriamente essa comissão, de modo que tudo saiu como Davi desejava. Assim, todas as tribos enviaram-lhe embaixadores, por iniciativa de Amasa, rogando-lhe que voltasse a Jerusalém. Mas a de judá sobressaiu-se dentre as demais nessa ocasião, pois veio até diante dele, no rio Jordão.

292. Simei foi também, com mil homens de sua tribo, e Ziba lá estava, com os seus quinze filhos e vinte servidores. Ao chegar à margem do rio, fizeram uma ponte com barcos, para facilitar a passagem do rei e dos que o acompanhavam. E, quando ele se aproximou da margem, toda a tribo de Judá saudou-o. Simei lançou-se-lhe aos pés, sobre a ponte, pedindo perdão e suplicando-lhe que considerasse que ele era o primeiro a manifestar arrependimento. Conjurou-o ainda a não usar do poder para castigar aos que o haviam ofendido.

Abisai, ouvindo-o falar assim, disse-lhe: "Julgais então que isso basta

para evitar o suplício que mereceis por ter blasfemado contra o rei que o próprio Deus nos deu?" Mas Davi tomou a palavra e disse a Abisai: "Não perturbemos a alegria desta jornada. Eu a considero como o primeiro dia do meu reinado e quero perdoar a todos". Disse em seguida a Simei: "Não temas! Tua vida está segura!" Simei prostrou-se até o chão e depois foi andando diante dele.

293. Mefibosete, filho de Jônatas, chegou depois, vestido miseravelmente e com a barba e os cabelos cheios de imundícies, pois ficara tão vivamente sentido pela infelicidade do rei que não os quis cortar desde o dia em que Davi saíra de Jerusalém e continuou a negligenciar o resto de sua pessoa, tanto era falsa a acusação de Ziba contra ele. Davi, depois que esse príncipe tão bom quanto infeliz o saudou, perguntou-lhe por que não o havia acompanhado em sua retirada.

Disse ele: "Ziba foi a única causa disso, majestade. Ordenei-lhe que preparasse tudo para que eu o seguisse, mas ele não obedeceu e ainda tratou-me com muito desprezo. Isso não me impediria de partir se eu tivesse boas pernas. Porém ele fez ainda mais, majestade. Não se contentando em me impedir de cumprir o meu dever e de vos demonstrar a minha afeição e fidelidade, acusou-me falsamente perante vossa majestade. Mas bem conheço a vossa prudência, justiça e piedade e também o amor que tendes pela verdade, para temer que vossa majestade tenha prestado fé às suas calúnias. Sei que quando estava em vosso poder vingar-se da perseguição sofrida durante o reinado de meu avô, vossa majestade não o quis fazer. Jamais esquecerei as obrigações que vos devo, por receber-me no número de vossos amigos depois de restaurado no trono e por tratar-me como a um de vossos parentes, fazendo-me comer à vossa mesa".

Depois de ouvi-lo falar assim, Davi não procurou saber se ele era culpado nem verificar se Ziba o caluniara, contentando-se em dizer que ordenaria a Ziba que lhe restituísse a metade dos bens que recebera em confisco. A isso ele respondeu: "Majestade, que ele conserve tudo. Para eu ficar contente, basta-me ver vossa majestade reassumir gloriosamente o reino".

294. Barzilai, gileadita, homem muito hábil e bom cidadão que ajudou muito a Davi durante o tempo da infelicidade deste, levou-o até o Jordão. Davi insistiu que ele o acompanhasse até Jerusalém e prometeu dedicar-lhe a honra

e o afeto de um pai. Barzilai agradeceu, mas suplicou insistentemente que o rei lhe permitisse voltar para pensar apenas em se preparar para a morte, pois, tendo mais de oitenta anos, não estava mais na idade de gozar dos prazeres do mundo.

Davi, não podendo convencê-lo a acompanhá-lo, rogou-lhe que lhe desse pelo menos o filho Quimã, para que pudesse testemunhar na pessoa dele aquela amizade. Então Barzilai, depois de se prostrar diante dos príncipes e de lhes desejar toda sorte de felicidade e prosperidade, voltou para casa.

295. Quando Davi chegou a Cilgal, a tribo de Judá inteira e quase metade de todas as outras posicionaram-se junto dele. Os principais da província, acompanhados por uma grande multidão de seus habitantes, queixaram-se de que os de Judá vieram à presença do rei sem os avisar, pois se o tivessem sabido não teriam deixado de ir também.

296. Os príncipes de Judá responderam que não houve intenção de ofendê-los, pois, sendo da mesma tribo do rei, tinham, mais que os outros, obrigação de apresentar-lhe as suas homenagens particulares, e que não pretenderam absolutamente tirar qualquer vantagem disso, apenas cumprir um dever. Essa desculpa não satisfez os príncipes das outras tribos, que retrucaram: "Não podemos deixar de muito nos admirar que estejais persuadidos de que o rei, por ser da vossa tribo, vos é mais próximo, pois Deus no-lo deu a todos, igualmente. Vossa tribo não pode ter nisso nenhuma vantagem sobre as demais, porque é apenas a duodécima parte do todo. Assim, fizestes mal em ir à presença do rei sem nos avisar".

2 Samuel 20. Como a divergência aumentava e os ânimos se acaloravam, Seba, filho de Bicri, da tribo de Benjamim, que era sedicioso e mau-caráter, gritou com toda força: "Nós não temos parte com Davi e não conhecemos o filho de Jessé". Mandou em seguida tocar as trompas, para mostrar, com esse sinal, que lhe declarava guerra. No mesmo instante, todas as tribos abandonaram Davi, exceto a de Judá, que o levou a Jerusalém. Lá mandou sair do palácio as concubinas de que Absalão havia abusado. Colocou-as numa casa e cuidou de sua manutenção, porém nunca mais as viu.

297. Davi concedeu a Amasa, como havia prometido, o cargo de general de seu exército, antes comandado por Joabe, ordenando-lhe que fosse recrutar

o maior número possível de homens da tribo de Judá e os trouxesse dentro de três dias, para marchar imediatamente contra Seba. Passou-se o terceiro dia, e Amasa não voltou. Temendo que o partido de Seba se tornasse mais forte e o fizesse correr o mesmo risco que correra com Absalão, Davi não quis esperar mais. Ordenou a Joabe que tomasse todas as forças que estavam com ele e a companhia de seiscentos homens e marchasse rapidamente contra Seba, para dar-lhe combate onde ele estivesse e para que, se tivesse ocasião de se tornar senhor de alguma praça-forte, não lhe causasse dissabores.

Joabe, acompanhado por Abisai, seu irmão, partiu imediatamente, armado com couraça, levando a companhia de seiscentos homens que sempre acompanhava Davi e as outras tropas que estavam em Jerusalém. Quando chegou à aldeia de Gibeão, distante quarenta estádios de Jerusalém, encontrou Amasa, que conduzia um grande número de soldados. Aproximou-se dele e, deixando de propósito cair a espada fora da bainha, apanhou-a de volta. E assim, de espada na mão, como que por acaso, tomou Amasa pela barba, com o pretexto de abraçá-lo, e matou-o com um golpe que lhe atravessou o corpo.

Por mais infame que tenha sido a ação de Joabe ao assassinar Abner, a última foi ainda mais detestável, pois àquela podia-se acrescentar a grande dor pela morte de Asael, seu irmão, ao passo que esta foi motivada unicamente pela inveja, porque o rei dera a Amasa o cargo de general, em demonstração de afeto. Tal sentimento levou-o a matar com as próprias mãos, manchando-as no sangue de um homem de grande mérito e de grandes esperanças, que jamais lhe fizera mal algum e ainda era seu parente.

Depois de cometer esse crime, Joabe marchou contra Seba, deixando junto do corpo um homem com o encargo de gritar em alta voz a todas as tropas conduzidas por Amasa que ele fora castigado como merecia e que, se quisessem demonstrar afeto ao rei, deviam seguir Joabe, general de seu exército, e Abisai, seu irmão. O homem executou a ordem e, depois que todos viram com espanto aquele corpo, mandou cobri-lo com um manto e levá-lo a um lugar afastado do caminho.

298. Todas as tropas seguiram Joabe, o qual, depois perseguir Seba por muito tempo, soube ele se havia encerrado em Abel-Bete-Maaca, que é uma praça-forte. Para lá partiu, a fim de prendê-lo. Mas os habitantes dessa praça

não o deixaram entrar. Isso o enfureceu de tal modo que ele sitiou a cidade com o propósito de não poupar nenhum deles e de destruir a cidade completamente.

Uma mulher de grande inteligência, vendo o extremo perigo que corriam devido àquela imprudência, levada pelo amor à pátria, subiu à muralha e gritou para a guarda mais próxima dos sitiantes que desejava falar com o general deles. Joabe veio, e ela disse-lhe: "Deus estabeleceu o rei sobre os povos para garanti-los contra os inimigos e fazê-los desfrutar a paz. Mas vós, ao contrário, quereis empregar as armas do rei para destruir uma de suas principais cidades, embora jamais o tenhamos ofendido".

Joabe respondeu-lhe que, bem longe de ter essa intenção, lhe desejava toda sorte de felicidade. Queria somente que lhe entregassem o traidor Seba, que se revoltara contra o rei, e então levantaria imediatamente o cerco. A mulher disse-lhe que tivesse um pouco de paciência, e dar-lhe-iam satisfação. Reuniu em seguida todos os habitantes e disse-lhes: "Estais então resolvidos a perecer com vossas esposas e filhos por amor a um homem mau que nem mesmo conheceis, para protegê-lo contra o rei, a quem sois devedores de tantos benefícios? Julgais que sois bastante fortes para resistir a um poderoso exército?"

Essas palavras os persuadiram, e eles cortaram a cabeça de Seba e a atiraram ao acampamento de Joabe, que no mesmo instante levantou o cerco e regressou a Jerusalém. Tão grande feito obrigou Davi a confirmá-lo no cargo de general. Em seguida, o rei elevou Benaia a comandante de sua guarda e da companhia de seiscentos homens. Encarregou Adorão de receber os impostos, deu o encargo dos registros a Josafá e a Seva e manteve Zadoque e Abiatar no sumo sacerdócio.

299. 2 Samuel 21. Pouco tempo depois, o reino inteiro foi assolado por uma grande carestia. Davi recorreu a Deus e rogou-lhe que tivesse compaixão de seu povo e que não somente revelasse a causa daquele mal, mas também o remédio. Os profetas responderam ao rei que a carestia iria continuar até que o gibeonitas fossem vingados da injustiça de Saul, que matara vários deles, em prejuízo da aliança que Josué fizera com eles, havendo ele e o senado jurado solenemente. Assim, o único meio de aplacar a cólera de Deus e de fazer cessar a carestia era dar àquele povo a satisfação que ele desejava.

Davi, após essa resposta, mandou logo chamar os principais dos gibeonitas e perguntou-lhes o que se poderia fazer para contentá-los. Responderam-lhe que queriam sete pessoas da família de Saul para enforcá-las. Davi concordou, excetuando, porém, Mefibosete, ao qual desejou poupar por ser filho de Jônatas. Assim, estando os gibeonitas plenamente satisfeitos, Deus fez cair sobre a terra chuvas brandas e benéficas, que lhe restituíram a primitiva beleza. Começou a ser de novo fecunda, e os israelitas voltaram também à primeira condição, de feliz abundância.

300. Como Davi preferia o interesse da nação ao descanso, atacou os filisteus e os venceu num grande combate. O ardor com que os perseguia levou-o tão além que ele se sentiu cansado e percebeu que as forças lhe faltavam. Então um filisteu da raça dos gigantes, de nome Isbi-Benobe, filho de Arafa, que estava coberto com uma jaqueta de malha e tinha, além da espada, um dardo que pesava trezentos sidos, vendo-o naquele estado, correu para ele, prostrou-o por terra e o teria matado se Abisai não tivesse vindo em seu socorro e matado o temível gigante.

O exército inteiro ficou alarmado com o perigo que o rei havia corrido, e os chefes, não podendo tolerar que o excesso de coragem os pusesse em risco de perder o melhor príncipe do mundo, cujo sábio proceder fazia toda a sua felicidade, obrigaram-no a prometer com juramento que não tomaria mais parte nas batalhas.

Após esse combate, os filisteus reuniram-se na cidade de Gaza. Logo que Davi o soube, enviou contra eles um grande exército. Dentre os mais valentes dos seus, um cheneense de nome Sobaque sobressaiu-se muito nessa guerra e foi um dos principais motivos da vitória, porque matou vários daqueles que se vangloriavam de ser da raça dos gigantes, aos quais a extraordinária força tornava ousados e soberbos.

Tão grande perda não abateu a coragem dos filisteus, e eles recomeçaram a guerra. Davi então enviou contra eles Nefã, um de seus parentes, que conquistou grande fama, pois combateu-os corpo a corpo e matou o mais forte e o mais valente dos filisteus, o que deixou os outros muito pasmados, e fugiram. Essa iornada custou a vida a vários desses poderosos inimigos.

Algum tempo depois, puseram-se eles em campo novamente, e vieram

para perto da fronteira dos israelitas, jônatas, filho de Siméia, sobrinho de Davi, matou um deles, um terrível gigante que tinha seis côvados de altura e seis dedos em cada pé e em cada mão. Se esse combate foi tão glorioso ao bravo israelita, não foi menos vantajoso para a sua nação, porque desde aquele dia os filisteus não se atreveram mais a lhes fazer guerra.

301. 2 Samuel 22. Davi, após correr tantos perigos e vencer tantas batalhas, teve momentos de paz e tranqüilidade. Começou então a compor vários cânticos, hinos e salmos em louvor a Deus, em versos de diversas medidas, pois uns eram trímetros e outros pentâmetros. Ordenou que os levitas os cantassem nos sábados e nos outros dias de festa, com diversos instrumentos de música, que ele fabricara para essa ocasião, dentre os quais havia violões de dez cordas, que se tocavam com um arco, e saltérios de doze tons, que se tocavam com os dedos, além de grandes timbales de bronze. E seja isso suficiente para que não se diga que esses instrumentos são inteiramente desconhecidos.

302. 2 Samuel 23. O príncipe tinha sempre junto de si homens de valor extraordinário, dos quais trinta e oito estavam entre os mais distintos. Contentar-me-ei em citar cinco deles, para que se saiba até que ponto ia a coragem heróica que os tornava capazes de vencer nações inteiras.

O primeiro era Josebe-Bassebete, filho de Taquemoni, que rompeu diversas vezes os batalhões inimigos e matou oitocentos homens num só combate.

O segundo era Eleazar, filho de Dodô, que ficou sozinho quando os israelitas, espantados pelo grande número de filisteus, fugiram, na jornada de Azaram, onde ele estava com Davi, e deteve os inimigos, causando tal morticínio que o sangue de que se molhara a sua espada colou-a em sua mão. Isso deu tanta coragem aos seus que eles não somente fizeram meia-volta como também penetraram os batalhões que ele já havia desfeito, obtendo aquela memorável vitória na qual uma parte dos soldados teve de se ocupar em despojar os mortos que caíam sob os golpes fulminantes de Eleazar.

O terceiro era Sama, filho de Agé, o qual, vendo os hebreus recuarem assustados com a aproximação dos filisteus, que se haviam preparado para a batalha num campo denominado Maxilar, enfrentou sozinho muitos inimigos e

praticou atos de bravura tão extraordinários que os desbaratou, pô-los em fuga e depois ainda os perseguiu.

Eis aqui outro feito desses três heróis. Quando os filisteus voltaram com um grande exército e acamparam no vale que se estende até Belém e fica próximo de Jerusalém mais ou menos uns vinte estádios, Davi, que então estava na cidade, subiu à fortaleza para perguntar a Deus qual seria o êxito daquela guerra e pronunciou também estas palavras: "Oh! Que boa água se bebe em meu país, principalmente a daquela cisterna que está perto da porta de Belém. Na verdade, se alguém me pudesse trazer tal presente, ser-me-ia muito mais agradável que uma grande soma de dinheiro".

Esses três valentes, ouvindo-o falar assim, partiram imediatamente, atravessaram todo o acampamento dos inimigos, foram a Belém, tiraram água daquela cisterna, voltaram pelo mesmo caminho e a apresentaram ao rei, sem que filisteu algum se opusesse à sua passagem, quer pelo espanto com a ousadia deles, quer pelo pequeno número, que não lhes podia causar temor nem apreensões. Davi, porém, contentou-se em receber a água de suas mãos. Não a quis beber, dizendo: "A gravidade do perigo ao qual homens tão valentes se expuseram para trazê-la torna-a demasiado cara". Assim, ele a derramou como oferta na presença de Deus, dando-lhe graças por haver conservado aqueles que com ela o presentearam.

O quarto desse bravos era Abisai, irmão de Joabe, que num só combate matou trezentos inimigos.

O quinto era Benaia, da casta sacerdotal. Atacado ao mesmo tempo por dois irmãos que passavam pelos mais valentes dos moabitas, matou a ambos. Depois, sem armas, foi atacado por um egípcio de estatura prodigiosa e bem armado. Matou-o com a própria lança, que lhe arrancara das mãos. E, não tendo outra arma senão um cajado, matou um leão numa cisterna em que caíra durante uma tempestade de neve.

303. 2 Samuel 24. Esses foram os feitos desses cinco homens extraordinários. Os outros trinta e três não lhes ficavam atrás, nem em força nem em coragem.

Davi, querendo saber o número de homens que podiam pegar em armas no seu reino e não se lembrando de que Moisés ordenara que se pagasse a

Deus meio sido por cabeça todas as vezes que fosse feito um recenseamento, disse a Joabe que o realizasse. Este desculpou-se, dizendo que aquilo não era necessário. Mas Davi deu-lhe ordem de maneira taxativa.

Assim, Joabe partiu e, depois de nove meses de trabalho mais vinte dias, foi procurá-lo em Jerusalém, com os príncipes das tribos e os escribas. Pela relação que lhe apresentou, constataram que o número dos que podiam pegar em armas totalizava oitocentos mil homens, sem estarem incluídas a tribo de Judá, que sozinha podia fornecer quinhentos mil, e as de Benjamim e Levi, porque antes que se concluísse o recenseamento o rei as havia mandado voltar, pois os profetas haviam feito conhecer ao rei o pecado que este cometera. O religioso príncipe pediu perdão a Deus, que ordenou, por meio de Gade, seu profeta, que ele escolhesse qual destes três castigos preferia: uma carestia geral de sete anos, uma guerra de três meses, na qual ele seria sempre vencido, ou uma peste de três dias.

Davi ficou tão perplexo ante tais propostas que nada soube dizer. Não sabia, dentre esses males, qual escolher. O profeta insistia que ele resolvesse logo, a fim de levara resposta a Deus. Davi considerou que, se escolhesse a carestia, podiam pensar que ele preferira a própria conservação à de seus súditos, pois, embora viesse a faltar pão aos demais, o rei não seria privado dele. Se escolhesse a guerra, do mesmo modo não correria grande risco, tendo praças-fortes e muitos soldados para velar pela sua segurança. Mas se escolhesse a peste, daria provas de que não tinha em conta nenhum interesse particular, porque a doença é igualmente perigosa, tanto para um rei quanto para o menor de seus súditos. Assim, ele deliberou pedi-la, imaginando que lhe seria mais vantajoso cair nas mãos de Deus que nas dos homens.

Não acabara o profeta de dar a Deus a resposta, e o terrível flagelo devastou o reino, sem que se conhecesse algo para debelar tão cruel enfermidade. Parecia em geral uma peste muito violenta, mas feria os homens de maneira diferente. Em alguns, não aparecia, mas morriam do mesmo modo que os outros e muito depressa. Outros expiravam em meio a dores atrozes e violentíssimas. Alguns, não podendo tolerar o remédio, pereciam nas mãos dos médicos. Outros perdiam a visão num momento e logo depois ficavam sufocados. E havia quem morresse ao sepultar os mortos, sendo enterrados

com eles. Tão espantoso contágio matou numa única manhã setenta mil homens.

O anjo exterminador enviado por Deus mantinha os braços erguidos para fazer Jerusalém sentir os efeitos de sua cólera. Davi, revestido de um saco e com a cabeça coberta de cinzas, prostrou-se por terra, pedindo a Deus que se contentasse com aquele grande número de mortos e aplacasse a sua cólera. Então ele viu o anjo cruzar o espaço com uma espada desembainhada na mão e gritou com todas as suas forças que somente ele, Davi, merecia ser castigado, pois era o único culpado, e não o seu povo. O povo era inocente. Rogou a Deus que lhe perdoasse e se contentasse em fazê-lo perecer com toda a sua família. Deus, comovido por essa oração, fez cessar a terrível peste e mandou-lhe dizer pelo mesmo profeta que erguesse um altar na eira de Araúna e ali oferecesse um sacrifício.

Araúna era um jebuseu. Davi o havia poupado depois de tomar a cidade, tanta era a afeição que tinha por ele. Sem demora, o rei dirigiu-se à casa dele e encontrou-o batendo trigo na eira. Araúna correu para o rei, prostrou-se diante dele e perguntou-lhe de onde vinha e a que devia a honra daquela visita. Davi respondeu que viera comprar a eira, para erguer ali um altar e oferecer a Deus um sacrifício. Replicou Araúna: "A eira, a charrua e os bois estão ao serviço de vossa majestade. Cedo-os de todo o coração e rogo a Deus que tenha esse sacrifício como agradável".

O rei louvou a sua liberalidade e franqueza, manifestando todo o seu agradecimento, mas não quis aceitar a oferta, afirmando que não se devem oferecer a Deus vítimas recebidas como presentes. Assim, comprou tudo por cinqüenta sidos, ergueu um altar e ofereceu holocaustos e ofertas pacíficas. Esse local é o mesmo ao qual Abraão levou Isaque para oferecê-lo a Deus em sacrifício, aparecendo bem perto um carneiro quando ele erguia o braço para feri-lo, que foi imolado no lugar do filho. Davi, percebendo que Deus se inclinava a aceitar o sacrifício, deu a esse altar o nome de Todo o Povo e escolheu-o para ali construir o Templo. Deus aceitou-o de tão boa vontade que no mesmo instante mandou dizer pelo seu profeta que o filho e sucessor de Davi executaria o desejo deste.

Depois dessas palavras, Davi mandou fazer o recenseamento dos

estrangeiros que habitavam o seu reino. Constatou que eram uns cento e oitenta mil. Destes, empregou oitenta mil para cortar pedras e o resto para transportá-las, bem como aos outros materiais, exceto uns três mil e quinhentos, designados para vigiar e dirigir os trabalhos, juntou bastante ferro, cobre e uma enorme quantidade de madeira de cedro, fornecida pelos tírios e pelos sidônios. Ele dizia aos amigos que fazia todos esses preparativos para poupar trabalho ao filho, que ainda era muito jovem, e facilitar-lhe a construção do Templo.

CAPÍTULO 11

DAVI MANDA SALOMÃO CONSTRUIR O TEMPLO. ADONIAS QUER FAZER-SE REI, MAS DAVI SE DECLARA A FAVOR DE SALOMÃO. TODOS ABANDONAM ADONIAS, E ELE MESMO SUBMETE-SE A SALOMÃO. DIVERSAS DETERMINAÇÕES DE DAVI. O MODO COMO FALA AOS PRÍNCIPES DE SEU REINO E A SALOMÃO, A QUEM SAGRA REI PELA SEGUNDA VEZ.

304. Davi, depois do que acabo de relatar, mandou chamar Salomão e disse-lhe: "A primeira coisa que vos ordeno, meu filho, para depois que me tiverdes sucedido, é a construção de um templo em honra a Deus, honra que eu mesmo muito desejei realizar, mas Ele, por meio de seu profeta, me proibiu fazê-lo, porque as minhas mãos foram manchadas com o sangue das inúmeras guerras que fui obrigado a empreender e de que tomei parte. Ele disse-me que escolhera para realizar esse desejo o mais jovem de meus filhos, que se chamaria Salomão, que teria por esse filho um amor de pai e que a nossa nação seria tão feliz sob o seu reinado que gozaria toda espécie de bens, numa paz que jamais seria perturbada por guerra alguma, estrangeira ou civil. Assim, mesmo antes de terdes nascido, Deus vos destinou para ser rei. Por isso esforçai-vos para ser digno de tão grande honra, por vossa piedade, coragem e amor pela justiça. Observai religiosamente os mandamentos que Ele nos deu por meio de Moisés e não permitais que outros os violem. Considerai como grande favor a graça que Ele vos faz, permitindo-vos construir-lhe um templo, e trabalhai nele com ardor, sem que a grandeza do empreendimento vos espante. Antes de morrer, prepararei o que for necessário para a sua realização. Já

ajuntei dez mil talentos de ouro e uma enorme quantidade de ferro, cobre, madeira e pedras. Tenho ferreiros, pedreiros e carpinteiros. Se ainda faltar alguma coisa, vós mesmo providenciareis e assim vos tomareis agradável a Deus. Ele será o vosso protetor e o seu auxílio Todo-poderoso nada vos fará temer".

305. Depois de falar a Salomão, Davi exortou os chefes das tribos a ajudar o filho na construção do Templo e a servir fielmente a Deus e a esperar como recompensa de sua piedade que nada perturbasse a paz e a felicidade que Ele os faria desfrutar. Ordenou que, depois de concluído o Templo, a arca da aliança para lá fosse levada, com todos os vasos sagrados, que lá deveriam estar há muito tempo, se os pecados de seus pais e o desprezo pelos mandamentos de Deus não tivessem impedido a sua construção. Pois deveriam tê-lo erigido logo que tomaram posse da terra que Deus lhes prometera.

306. 1 Reis 1. Esse sábio e admirável rei tinha apenas setenta anos, mas as grandes dificuldades que suportara no decurso da vida o haviam enfraquecido tanto que não lhe restava mais calor natural algum, e tudo o que usavam para cobri-lo não o podia aquecer. Os médicos opinaram que a única solução seria fazê-lo dormir com uma jovem, para que ela o aquecesse como se aquece uma criança. Escolheram a mais bela de todo o país, chamada Abisague, de que falaremos em seguida.

307. Adonias, quarto filho de Davi, que ele tivera de Hagite, uma de suas mulheres, era um príncipe alto e belo e não era menos ambicioso que Absalão. Assim, ele determinou fazer-se rei e comunicou o seu desígnio a todos os seus amigos. Fez em seguida provisão de cavalos e de carros, tomando cinqüenta homens para a sua guarda. Como tudo se fazia à vista de todos, nada ficou oculto ao rei seu pai. Todavia este não lhe disse nada. Joabe, general do exército, e Abiatar, sumo sacerdote, puseram-se a serviço de Adonias. Porém Zadoque, também sumo sacerdote, o profeta Nata, Benaia, comandante da guarda de Davi, ao qual muito ele amava, e aquela tropa de bravos de que falamos há pouco continuaram fiéis aos interesses de Salomão.

Adonias preparou um grande banquete num arrabalde de Jerusalém, próximo à fonte do jardim do rei, e convidou todos os seus irmãos, exceto Salomão. Convidou também Joabe, Abiatar e os chefes da tribo de Judá, mas

não convidou Zadoque, Nata e Benaia. Nata avisou a Bate-Seba, mãe de Salomão, do que se passava, acrescentando que o único meio de garantir a sua segurança e a do filho era relatar o fato ao rei em particular, pois, embora ele tivesse prometido com juramento que Salomão iria sucedê-lo, Adonias já estava de posse do reino. Deu-lhe ainda a certeza de que estaria presente à entrevista, para confirmar o que ela dissesse.

Bate-Seba seguiu o conselho e foi procurar o rei. Prostrou-se diante dele e depois de suplicar permissão para falar de um assunto muito importante disse-lhe que Adonias dera um grande banquete, para o qual convidara todos os irmãos, menos Salomão; que convidara também Abiatar, Joabe e os principais amigos; que o povo, vendo aquela grande reunião, aguardava por quem e para quem se declarar; que ela então suplicava que o rei se lembrasse da promessa que tão solenemente fizera de escolher Salomão para seu sucessor; e que considerasse que, quando não estivesse mais no mundo e Adonias viesse a reinar, ela e o filho teriam morte certa.

Enquanto ela assim falava, avisaram o rei que Nata chegava para conversar com ele, e Davi mandou que o fizessem entrar. O profeta perguntou-lhe se era sua intenção que Adonias reinasse depois dele e se o havia declarado rei, porque ele estava dando um grande banquete para o qual todos — os irmãos, Joabe e vários amigos — haviam sido convidados, menos Salomão, e, em meio à alegria e regozijo, os convidados lhe estavam desejando um longo e feliz reinado. Acrescentou que Adonias não o convidara, nem a Zadoque e nem a Benaia. E assim, como era necessário que todos soubessem naquela circunstância qual era a vontade do rei, ele vinha suplicar-lhe que a revelasse.

Assim falou o profeta, e Davi então mandou chamar Bate-Seba, que havia saído do quarto à entrada de Nata. Quando ela chegou, disse-lhe: ")uro-vos pelo Deus eterno e Todo-poderoso que Salomão, vosso filho, estará sentado sobre o meu trono e que ele reinará desde hoje". Bate-Seba prostrou-se até o solo ante essas palavras e desejou-lhe longa vida.

Davi mandou chamar também Zadoque e Benaia e, para dar a conhecer a todo o povo que ele escolhia Salomão como sucessor, ordenou que eles e o povo, acompanhados por toda a sua guarda, o fizessem subir a uma cavalgadu-ra, na qual nenhum outro havia montado, senão o rei. Depois deveriam levá-lo à fonte

de Giom, onde Zadoque e Nata o consagrariam rei, derramando-lhe óleo santo sobre a cabeça, e em seguida atravessar toda a cidade, com um arauto a proclamar adiante dele estas palavras: "Viva o rei Salomão! Que ele ocupe por toda a sua vida o trono real de judá!" Em seguida, mandou chamar Salomão e deu-lhe preceitos para bem reinar e para governar santamente e com justiça não somente a tribo de |udá, mas também todas as outras.

Benaia, acompanhado por todos aqueles de quem acabamos de falar, após ter rogado a Deus que fosse favorável a Salomão colocou-o sobre a cavalgadura e levou-o pela cidade até a fonte de Giom, onde foi sagrado rei. Depois reconduziu-o pelo mesmo caminho. Esse ato público eliminava toda e qualquer dúvida quanto a ser Salomão o escolhido por Davi dentre todos os seus filhos para sucedê-lo. Todos gritaram então: "Viva o rei Salomão! Deus queira que ele governe feliz por muitos anos!" Quando chegaram ao palácio fizeram-no sentar no trono do rei seu pai. A alegria do povo foi grande, como jamais se vira em toda a cidade. Eram banquetes e festins de regozijo. O som das harpas, das flautas e de muitos outros instrumentos musicais era tão forte que todo o ar ressoava, e a terra estava possuída de grande júbilo.

Adonias e todos os seus convidados ficaram apreensivos, e Joabe comentou que aquele ruído de tantos instrumentos não o agradava absolutamente. Todos ficaram alarmados e interromperam o banquete. Então Jônatas, filho de Abiatar, chegou apressadamente. De início, Adonias alegrou-se, pensando que ele trazia boas notícias. Mas quando Jônatas contou o que se havia passado e que o rei se declarara em favor de Salomão, todos se levantaram da mesa e foram embora.

Temendo a indignação de Davi, Adonias buscou asilo aos pés do altar e mandou rogar ao novo rei que esquecesse o que ele havia feito e lhe garantisse a vida. Salomão o atendeu, tanto por prudência quanto por bondade, porém com a condição de que jamais caísse em falta semelhante e que somente a si mesmo se responsabilizasse pelo mal que aconteceria, caso viesse a reincidir. Mandou retirá-lo do asilo e depois que ele se prostrou na sua presença ordenou-lhe que fosse para casa sem nada temer, mas que não se esquecesse de viver como um homem de bem.

308. Davi, para garantir ainda a coroa a Salomão, quis que ele fosse

reconhecido rei por todo o povo. Para esse fim, convocou a Jerusalém os principais das tribos, dos sacerdotes e dos levitas, cujo número, de trinta anos para cima, era de trinta e oito mil. Escolheu seis mil deles para julgar o povo e para servir como notários, vinte e três mil para cuidar da construção do Templo, quatro mil para porteiros e o resto para cantar hinos e cânticos em louvor a Deus, com os diversos instrumentos de música que mandara fabricar e de que falamos há pouco. Empregou-os nesses diversos misteres segundo a sua raça.

Após separar as famílias dos sacerdotes, constatou que eram vinte e quatro: dezesseis descendentes de Eleazar e oito de Itamar. Determinou que essas famílias servissem cada uma oito dias, de um sábado a outro, sucessivamente. A sorte foi lançada na presença dele, dos sumos sacerdotes Zadoque e Abiatar e de todos os chefes das tribos. Elas foram sendo escaladas uma após a outra, segundo a sorte ia decidindo. Essa ordem permanece até hoje.

Depois que esse sábio príncipe dividiu as famílias dos sacerdotes, separou da mesma maneira as dos levitas, para servirem de oito em oito dias, como os outros. Prestou também uma homenagem particular aos descendentes de Moisés, entregando-lhes a guarda do tesouro de Deus e dos presentes que os reis lhe oferecessem. Determinou ainda que toda a tribo de Levi, tanto os sacerdotes quanto os demais, se entregasse dia e noite ao serviço de Deus, como Moisés já havia ordenado.

309. Dividiu em seguida todos os soldados em doze corpos de vinte e quatro mil homens cada um, comandados por um chefe que tinha sob a sua dependência mestres de campo e oficiais. Ordenou que cada um desses corpos, por sua vez, fizesse guarda durante um mês diante do palácio de Salomão e não distribuiu cargo algum senão a pessoas de mérito e de probidade. Escolheu também o guarda de seus tesouros e de tudo o que dependia de seu domínio, de que seria inútil falarmos mais detalhadamente.

310. Depois que esse excelente rei dispôs as coisas com tanta prudência e sabedoria, mandou reunir todos os príncipes das tribos e todos os principais oficiais e, tendo subido ao trono, declarou: "Meus amigos, julguei-me obrigado a vos fazer saber que, tendo resolvido construir um templo em honra a Deus e

reunido para esse fim grande quantidade de ouro e cem mil talentos em dinheiro, Ele me proibiu, por meio do profeta Nata, de executar o meu intento, porque as minhas mãos estavam manchadas com o sangue dos inimigos que venci em tantas guerras, as quais o bem público e o interesse da nação me obrigaram a empreender. Ele me fez declarar, ao mesmo tempo, que aquele de meus filhos que me sucedesse no trono começaria e terminaria a obra. Como sabeis, embora Jacó, nosso pai, tivesse doze filhos, Judá foi escolhido com o consentimento geral para príncipe sobre todos os outros, e, tendo eu seis irmãos, Deus me preferiu a eles para elevar à dignidade real, sem que eles manifestassem o mínimo ressentimento. Do mesmo modo, desejo que todos os meus filhos tolerem sem murmurar que Salomão os governe, porque Deus escolheu elevá-lo ao trono. Pois, ainda que Ele quisesse nos submeter a estrangeiros, deveríamos tolerá-lo com paciência, quanto mais temos motivo para nos regozijarmos por Ele ter conferido semelhante honra a um de nossos irmãos: acaso o parentesco do sangue não nos faz participantes? Rogo a Deus de todo o meu coração que Ele logo cumpra a promessa que lhe aprouve fazer-me de tornar este reino muito feliz sob o governo do novo rei, e que essa felicidade seja duradoura". Voltando-se para Salomão, ele disse: "Isso acontecerá sem dúvida, meu filho, se amardes a piedade e a justiça e observardes inviolavelmente as leis que Deus outorgou a nossos antepassados. Se a elas faltardes, porém, não haverá infelicidade que não possais esperar".

Depois de assim falar, colocou nas mãos de Salomão o plano e a descrição de como queria que se construísse o Templo, onde tudo estava determinado com minudências, e também uma lista de todos os vasos de ouro e de prata necessários para o serviço divino, com o peso que deviam ter. Recomendou em seguida ao filho que usasse de extrema diligência ao executar a obra e exortou os príncipes das tribos, particularmente os levitas, que o ajudassem em tão santa empresa, tanto por causa de sua pouca idade quanto porque Deus o escolhera para ser o rei deles e para realizar aquele grande empreendimento.

Disse-lhes ainda que não seria difícil fazê-lo, pois deixava-lhes ouro, prata, madeira, esmeraldas, outras pedras preciosas e todos os operários necessários para esse fim. Acrescentava ainda de seu próprio dinheiro e de suas economias três mil talentos do mais puro ouro, para que fossem

empregados nos ornamentos da parte mais santa e mais interna do Templo e nos querubins que deveriam estar sobre a arca, que era como o carro de Deus a cobri-la com as suas asas.

As palavras do grande rei foram recebidas com tanta alegria petos príncipes das tribos, pelos sacerdotes e pelos levitas que todos prometeram contribuir com toda boa vontade para aquela santa obra com cinco mil talentos de ouro, dez mil estáteres, cem mil talentos de prata e grande quantidade de ferro. Os que possuíam pedras preciosas trouxeram-nas para serem colocadas no tesouro, do qual jeiel, que era da estirpe de Moisés, tinha a custódia.

Todo o povo ficou comovido — e Davi, mais que todos — com o zelo que demonstravam as pessoas mais importantes do reino. O religioso príncipe, em alta voz, deu graças a Deus, chamando-o de Pai e Criador do Universo, Rei dos anjos e dos homens, Protetor dos hebreus e Autor da felicidade desse grande povo do qual Ele lhe havia confiado o governo. E terminou com um fervoroso pedido: que Ele continuasse a cumulá-los de favores e enchesse o Espírito e o coração de Salomão com toda espécie de virtudes. Ordenou-lhes em seguida que louvassem a Deus, e imediatamente todos se prostraram por terra, para adorar a eterna Majestade.

O ato chegou ao seu termo com as demonstrações de gratidão que todos deram a Davi pela felicidade que haviam desfrutado durante o seu governo. No dia seguinte, fizeram-se grandes sacrifícios, nos quais se ofereceram a Deus em holocausto mil carneiros, mil cordeiros, mil novilhos e um grande número de vítimas para as oblações pacíficas. Davi passou o resto do dia com o povo, em festa e em regozijo. E Salomão foi sagrado rei segunda vez por Zadoque, sumo sacerdote, e levado ao palácio, onde se assentou no trono do rei seu pai, sem que dali em diante alguém o tenha desobedecido.

CAPÍTULO 12

ULTIMAS INSTRUÇÕES DE DAVI A SALOMÃO E SUA MORTE. SALOMÃO O SEPULTA COM EXTRAORDINÁRIA MAGNIFICÊNCIA.

311. 1 Reis 2. Pouco tempo depois, Davi, sentindo-se desfalecer inteiramente, julgou que a sua hora estava próxima. Mandou vir Salomão e

disse-lhe: "Meu filho, eis-me prestes a pagar o tributo que todos devemos à natureza e juntar-me aos meus antepassados. E um caminho que todos devem percorrer e do qual jamais se volta. Eis por que emprego esse pouco de vida que me resta para recomendar-vos que sejais justo para com os vossos súditos, religioso para com Deus, que vos elevou ao trono, e cuidadoso em observar os mandamentos que Ele nos deu por meio de Moisés, sem que nem o favor, nem a adulação, nem a paixão, nem qualquer outro motivo vos possam deles afastar. Se cumprirdes fielmente esse dever ao qual estais obrigado e a que eu vos exorto, Ele consolidará o cetro na nossa família e jamais um outro dominará sobre os hebreus. Lembrai-vos dos crimes cometidos por Joabe, quando a sua inveja o levou a matar à traição dois generais, Abner e Amasa, homens de bem e de grande mérito. Vingai a morte deles da maneira que julgardes mais conveniente. Eu não o pude fazer porque ele era mais poderoso que eu. Recomendo-vos os filhos de Barzilai, gileadita. Tributai-lhes, por mim, um afeto particular, conservando-os perto de vós em grande honra, e não considereis um benefício o tratamento que lhes dispensardes, mas uma dívida de gratidão que tenho para com o pai deles, o qual, quando eu estava exilado, ajudou-me com generosidade sem igual e nos tornou assim seus devedores. Com relação a Simei, que ousou insultar-me com mil injúrias quando fui obrigado a sair de Jerusalém para buscar segurança além do Jordão e ao qual prometi no entanto salvar a vida quando ele veio à minha presença, após o meu regresso, deixo-vos a missão de castigá-lo segundo o motivo que ele vos der para isso".

312. Depois de assim falar a Salomão, morreu Davi, na idade de setenta anos, tendo reinado sete anos e meio em Hebrom, sobre a tribo de Judá, e trinta e três anos em Jerusalém, sobre toda a nação hebraica. Foi um príncipe de grande piedade e tinha todas as qualidades necessárias a um rei que tem a peito a tranqüilidade e a felicidade de um grande povo.

Nenhum outro foi tão valente. Era sempre o primeiro a se expor ao perigo, para o bem de seus súditos e a glória de sua nação. Convencia os seus mais pelo exemplo que pela autoridade a fazer atos de valor tão extraordinários que, por mais verdadeiros que fossem, pareciam inacreditáveis.

Ele era muito sábio em seus conselhos, muito resoluto nas deliberações,

muito previdente no que se referia ao futuro, além de sóbrio, doce, compassivo com os males de outrem e muito justo, virtudes dignas dos grandes príncipes. Jamais abusou do soberano poder ao qual se viu elevado, exceto quando se deixou levar pela paixão por Bate-Seba. Jamais um rei, seja dos hebreus, seja de outra nação, deixou tão grandes tesouros.

313. O rei Salomão, seu filho, sepultou-o em Jerusalém, com tal magnificência que, além das cerimônias que se fazem nos funerais dos reis, mandou colocar no sepulcro riquezas incríveis, como será fácil julgar pelo que vou dizer.

Mil e trezentos anos depois, Antíoco, cognominado o Religioso, filho de Demétrio, sitiou Jerusalém, e Hircano, sumo sacerdote, querendo obrigá-lo a peso de ouro a levantar o cerco e não podendo encontrar o ouro em outro lugar, mandou abrir esse sepulcro e de lá tirou três mil talentos, dos quais deu uma parte ao príncipe.

Muito tempo depois, o rei Herodes tirou uma soma muito grande de outra parte do sepulcro, onde esses tesouros estavam escondidos, sem que no entanto se tenha tocado no ataúde onde as cinzas dos reis estavam encerradas, pois estava oculto com tanta arte embaixo da terra que não foi possível encontrá-lo.

Livro Oitavo

Capítulo 1

Salomão manda matar Adonias, Joabe e Simei. Remove Abiatar do cargo de sumo sacerdote e desposa afilha do rei do Egito.

314. 1 Reis 2. No livro precedente, mostramos as virtudes de Davi, os benefícios de que nossa nação lhe é devedora e como, depois de tantas vitórias, ele morreu numa feliz velhice. Salomão, seu filho, que ele constituíra rei ainda vivo, tal como Deus havia ordenado, substituiu-o ainda muito jovem, e o povo, com grandes aclamações, desejou-lhe, segundo o costume, toda sorte de prosperidade e um longo reinado.

315. Adonias, que, como também já vimos, quis ocupar o trono enquanto o pai ainda vivia, foi procurar a rainha Bate-Seba, mãe de Salomão. Ela perguntou-lhe se precisava dela, pois o serviria de boa mente. Respondeu Adonias que ela sabia que o reino pertencia a ele, tanto por ser o mais velho quanto pelo consentimento unânime do povo. No entanto Deus havia preferido Salomão, e ele se submetia a isso, contentando-se, no momento, com a sua condição presente. Suplicava-lhe, todavia, que intercedesse por ele perante o rei, a fim de que lhe fosse dada Abisague em casamento, que todos sabiam ser ainda virgem, pois Davi a tomara somente para aquecer-se, quando a natureza já não lhe dava mais calor na sua velhice.

Bate-Seba prometeu-lhe fazer aquele favor e afirmou acreditar que ele, por intermédio dela, o obtivesse, quer pelo afeto que o rei dedicava a ela, quer pelo pedido que lhe faria. E foi imediatamente falar com o rei. Ele veio à sua presença e, depois de tê-la abraçado, levou-a ao salão onde estava o trono, e a fez sentar-se à sua direita. Ela falou: "Tenho um favor, meu filho, a vos pedir, e não me deis o desprazer de negá-lo a mim, eu vos peço". Ele respondeu que, nada havendo que não se deva fazer por uma mãe, se admirava de vê-la falar daquele modo, como se duvidasse de que ele não lhe concederia com prazer tudo o que desejasse. Pediu-lhe então Bate-Seba que ele consentisse que

Adonias desposasse Abisague.

Tal pedido surpreendeu-o e de tal sorte o irritou que ele retrucou, dizendo que Adonias devia pedir também a coroa, sendo irmão mais velho que ele. Era evidente que só desejava aquele casamento por um mau propósito, e todos sabiam que Joabe, general do exército, e Abiatar, sumo sacerdote, estavam também envolvidos. Imediatamente mandou chamar Benaia, comandante da guarda, e ordenou-lhe que fosse matar Adonias.

316. Mandou chamar também Abiatar, sumo sacerdote, e disse-lhe: "Vós merecíeis que eu vos mandasse matar, por terdes seguido o partido de Adonias. Mas as tribulações que suportastes pelo meu falecido pai e rei e a parte que tivestes com ele na trasladação da arca da aliança impedem-me de vos dar outro castigo senão o de que vos retireis e jamais vos apresenteis novamente diante de mim. Ide para vosso país e lá ficai, no campo, durante o resto de vossa vida, pois vos tornastes indigno do cargo que possuis".

Foi assim que o sumo sacerdócio saiu da família de Itamar, como Deus havia predito a Eli, avô de Abiatar, e passou para a de Finéias, na pessoa de Zadoque. Durante o tempo em que esse cargo ficou na família de Itamar, depois de Eli, que por primeiro o havia exercido, os da família de Finéias que levaram vida provada foram: Boci, filho de José, sumo sacerdote; Joatram, filho de Boci; Meraiote, filho de Joatram; Arofe, filho de Meraiote; Aitube, filho de Arofe e pai de Zadoque, feito sumo sacerdote no reinado de Davi.

317. Quando Joabe soube da morte de Adonias, não duvidou de que o tratariam do mesmo modo, pois se declarara por ele. Então refugiou-se junto do altar, na esperança de que a piedade do rei teria respeito por um lugar tão santo. Mas Salomão, por meio de Benaia, ordenou-lhe que comparecesse ao tribunal para se justificar e para defender-se. A isso ele respondeu que não sairia de onde estava e que, se tivesse de morrer, preferia que tal se desse num lugar consagrado a Deus.

Salomão, depois dessa resposta, ordenou a Benaia que cortasse a cabeça de Joabe e enterrasse o corpo, para castigá-lo também pelos dois outros grandes crimes que cometera, os assassinatos de Abner e Amasa, a fim de que, caindo sobre ele e sua posteridade o castigo, todos soubessem que ele, Salomão, e o rei seu pai estavam inteiramente inocentes. Benaia executou a

ordem e sucedeu a Joabe no cargo de general. A responsabilidade do sumo sacerdócio convergiu inteiramente para a pessoa de Zadoque.

318. Salomão, ao mesmo tempo, ordenou a Simei que construísse uma casa em Jerusalém, para lá morar, com ordem de jamais ultrapassar o ribeiro de Cedrom, sob pena de morte. O rei fez com que ele a isso se obrigasse com juramento. Simei agradeceu muito aquela graça e disse, ao fazer o juramento, que cumpriria a ordem de todo o coração. Assim, deixou o seu país e veio para Jerusalém.

Três anos depois, dois de seus escravos fugiram e se refugiaram em Gate. Simei foi até lá, apanhou-os e os trouxe de volta. Salomão, irritado não somente por ele haver desprezado a sua ordem, mas também por ter violado o juramento feito na presença de Deus, mandou chamá-lo e disse-lhe: "Vós sois mau! Não me tínheis prometido com juramento não sair de Jerusalém? Não temestes acrescentar perjúrio ao crime de ter ultrajado com palavras o rei meu pai, quando a revolta de Absalão o obrigou a abandonar a capital de seu reino? Preparai-vos para sofrer o suplício que mereceis e que fará conhecer a todos que a demora do castigo dos maus serve apenas para tornar a pena mais rigorosa". Depois de assim falar enviou-o a Benaia, para que este o executasse.

319. Depois que Salomão se desfez de seus inimigos e desse modo consolidou o poder, desposou a filha de Faraó, rei do Egito, fortificou Jerusalém e governou sempre em profunda paz. A sua juventude não o impedia de ministrar a justiça ou de observar as leis. Procedia em tudo com vigilância, prudência e sabedoria, como se fosse muito mais velho, porque tinha continuamente diante dos olhos as instruções que recebera do rei seu pai.

CAPÍTULO 2

SALOMÃO RECEBE DE DEUS O DOM DA SABEDORIA. JULGAMENTO QUE PROFERE ENTRE DUAS MULHERES, A UMA DAS QUAIS MORRERA O FILHO. NOMES DOS GOVERNADORES DE SUAS PROVÍNCIAS. CONSTRÓI O TEMPLO E NELE COLOCA A ARCA DA ALIANÇA. DEUS PREDIZ A FELICIDADE OU A DESGRAÇA QUE TOCARIA A ELE E AO POVO CONFORME OBSERVASSEM OU NÃO OS SEUS MANDAMENTOS. SALOTNÃO CONSTRÓI UM SOBERBO PALÁCIO. FORTIFICA JERUSALÉM E CONSTRÓI VÁRIAS CIDADES. RAZÃO PELA QUAL TODOS OS REIS DO EGITO

SE CHAMAM FARAÓ. SALOMÃO TORNA TRIBUTÁRIOS O QUE RESTOU DOS CANANEUS. ORGANIZA GRANDE FROTA. A RAINHA DO EGITO E DA ETIÓPIA VEM VISITÁ-LO. PRODIGIOSAS RIQUEZAS DESSE PRÍNCIPE. SEU AMOR DESORDENADO PELAS MULHERES LEVA-O À IDOLATRIA. DEUS LHE DIZ DE QUE MODO O CASTIGARÁ. ÁDER LEVANTA-SE CONTRA ELE. DEUS COMUNICA A
JEROBOÃO, POR UM PROFETA, QUE ELE REINARÁ SOBRE DEZ TRIBOS.

320. Um dos primeiros cuidados do rei Salomão foi ir a Hebrom oferecer a Deus em holocausto mil vítimas sobre o altar de bronze que Moisés fizera construir. Deus achou-o tão agradável que lhe apareceu à noite, em sonho, para dizer que, como recompensa por sua piedade, lhe concederia o dom que pedisse. Ainda que jovem, Salomão não se deixou levar pelo desejo das riquezas ou de outras coisas que parecem agradáveis aos homens. Preferiu uma mais útil, mais excelente e mais digna da bondade e da liberalidade de Deus. Assim, respondeu ele: "Senhor, já que o permitis, suplico-vos que me concedais o Espírito da sabedoria e do proceder, a fim de que possa governar o meu reino com prudência e justiça".

Deus ficou tão satisfeito com esse pedido que, após conceder-lhe uma sabedoria extraordinária, como ninguém antes, príncipe ou particular, possuíra, declarou que não concederia somente o que ele estava pedindo, mas acrescentaria riquezas, glória, vitória sobre os inimigos e a posse do reino aos seus descendentes, desde que confiasse nEle, perseverasse na justiça e imitasse também as virtudes de Davi, seu pai. Salomão, a essas palavras, ergueu-se do leito e adorou a Deus. Quando voltou a Jerusalém, ofereceu-lhe diante do santo Tabernáculo um grande número de vítimas e deu um banquete ao povo.

321. O jovem e admirável príncipe pronunciou nesse mesmo tempo uma sentença numa questão muito difícil, que julguei dever narrar aqui, a fim de que se possa, em casos semelhantes, aproveitar o seu exemplo para se descobrir a verdade. Duas mulheres de má vida vieram procurá-lo. Uma delas parecia muito aflita com a injustiça que lhe haviam feito. Ela falou: "Esta mulher e eu, majestade, moramos no mesmo quarto, e ambas demos à luz ao mesmo tempo. Três dias depois, quando ela e o filho estavam no leito, ela o

sufocou, dormindo. Como eu também dormia, tomou o meu filho, que estava em meus braços, e pôs o dela no lugar do meu. Quando acordei e quis dar de mamar ao meu filho, que eu conhecia muito bem, encontrei em seu lugar o menino morto. Pedi-lhe então o meu filho de volta, mas ela não o quis entregar, obstinando-se em conservá-lo. E não tenho ninguém que possa me ajudar a obrigá-la a isso. Foi por esse motivo que me vi forçada a recorrer a vossa majestade".

Depois que a mulher se expressou nesses termos, o rei perguntou à outra o que tinha a dizer. Ela afirmou ousadamente que o menino que vivia era o seu filho e que o de sua companheira havia morrido. Nenhum dos presentes achou que se poderia resolver a questão, tão difícil lhes parecia. Somente o rei encontrou um meio de solucioná-la. Mandou buscar a criança viva e ordenou a um dos guardas que a dividisse ao meio e desse igualmente a cada mulher uma parte.

Tal sentença a princípio pareceu pueril, e todos criticavam o rei por tê-la proferido. Mas bem depressa mudaram de opinião. A verdadeira mãe disse que, em nome de Deus, não o fizessem, pois preferia entregar o filho àquela mulher a vê-lo morto. Ainda que todos acreditassem ser a outra a verdadeira mãe, pelo menos teria a consolação de saber que ele ainda estava vivo. A outra, ao contrário, demonstrou aceitar de boa vontade a solução, encontrando um cruel motivo de alegria na dor de sua companheira.

O rei não teve mais dificuldade em julgar, por essa diversidade de sentimentos que somente a natureza pode inspirar, qual das duas era a verdadeira mãe. Assim, ordenou que o menino vivo fosse dado àquela que se opusera à sua morte e condenou a malícia da outra mulher, que, não se contentando em ter perdido o filho, desejava que a sua companheira também perdesse o dela. Essa prova de incrível sabedoria tornou o rei admirado por todos, e desde aquele dia começaram a obedecê-lo como a um soberano pleno do Espírito de Deus.

322. 1 Reis 4. Devo falar agora dos que tinham o governo das províncias.

Uri governava a região de Efraim.

Aminadabe, genro de Salomão, governava toda a região marítima, na qual também Dor estava compreendida.

Benaia, filho de Achil, governava todo o Grande Campo e o país que se estende até o Jordão.

Gabar governava todo o país de Gileade e de Gaulam, até o monte Líbano, onde havia sessenta cidades grandes e fortes.

Abinadabe, que desposara outra filha do rei Salomão, chamada Bazima, governava toda a Galiléia até Sidom.

Banachal governava a região marítima que está em torno do Arce.

Safate governava os dois montes de Itabarim e do Carmelo e toda a Baixa Galiléia que se estende até o Jordão.

Suba governava todo o país da tribo de Benjamim.

Tabar governava todo o país que está além do Jordão. Salomão tinha além disso um lugar-tenente-general, que governava todos esses governadores.

323. Não se pode descrever a felicidade que os israelitas, particularmente os da tribo de judá, desfrutaram no reinado de Salomão, porque em tão profunda paz, não perturbada por guerras estrangeiras nem internas, todos pensavam somente em cultivar os seus campos e em aumentar as suas riquezas.

O rei tinha oficiais para receber os tributos que os sírios e os outros bárbaros de entre o Eufrates e o Egito eram obrigados a lhe pagar. Esses oficiais forneciam cada dia, para a sua mesa, entre outras coisas, trinta medidas de farinha, sessenta de outra farinha, inferior, dez bois gordos, vinte bois de pasto, cem cordeiros gordos e grande quantidade de caça e de peixes.

Possuía um número tão grande de carros que eram necessários quarenta mil cochos para os cavalos que os puxavam, atrelados dois a dois. Mantinha, além disso, doze mil homens de cavalaria, sendo que metade montava guarda em Jerusalém, junto de sua esposa, e metade estava distribuída pelas cidades. O encarregado da despensa ordinária tinha também o cuidado de prover a alimentação dos cavalos, em qualquer lugar onde eles estivessem.

324. Deus encheu esse príncipe de sabedoria e de inteligência tão extraordinárias que nenhum outro em toda a Antigüidade pode a ele ser comparado. Ele sobrepujava até mesmo, em muito, os mais ilustres dos egípcios, que são tidos como os mais notáveis, como também os mais célebres dentre os hebreus daquela época, cujos nomes creio dever citar aqui: Etã,

Hemã, Calcol e Darda, todos os quatro filhos de Maol.

Esse grande soberano compôs cinco mil livros de cânticos e de versos, três mil livros de parábolas, a começar do hissopo até o cedro, passando por todos os animais, pássaros, peixes e todos os que caminham sobre a terra. Deus lhe concedeu perfeito conhecimento da natureza e de suas propriedades, e ele escreveu um livro no qual empregou esse conhecimento em compor, para utilidade dos homens, diversos remédios. Alguns deles tinham até mesmo força para expulsar demônios, que não se atreviam a voltar.*

Essa prática está ainda em uso entre os de nossa nação. Vi um judeu, chamado Eleazar, livrar diversos possessos, na presença do imperador Vespasiano, de seus filhos e de vários oficiais e soldados. Ele prendia ao nariz do possesso um anel no qual estava fincada uma raiz, a mesma de que Salomão se servia para aquele fim. Loqo que o demônio a cheirava, arremessava o doente por terra e o abandonava. Ele dizia então as mesmas palavras que Salomão havia deixado por escrito e, fazendo menção desse príncipe, proibia ao demônio voltar. Para fazer ver ainda melhor o efeito das conjurações, enchia uma tinha de água e ordenava ao demônio que a lançasse por terra, como sinal de que havia abandonado o possesso, e o demônio obedecia. Julguei bem relatar essa história, a fim de que ninguém possa duvidar da ciência, assaz extraordinária, que Deus concedeu a Salomão como graça particular.

---

* Esses estranhos procedimentos atribuídos a Salomão por Flávio Josefo contrariam os ensinamentos bíblicos. O autor deve tê-los extraído de algum conjunto de tradições dos judeus, as quais muitas vezes estavam sujeitas a fantasias, para dar-lhes maior colorido. (N do E)

325. 1 Reis 5. Hirão, rei de Tiro, tinha sido muito amigo de Davi e soube com grande prazer que aquele extraordinário príncipe sucedera no reino ao seu pai. Enviou-lhe embaixadores para dar testemunho de sua alegria e desejar ao novo rei toda sorte de prosperidade. Salomão escreveu-lhe nestes termos: "O rei Salomão ao rei Hirão: O rei, meu pai, tinha grande desejo de construir um templo em honra a Deus, mas não pôde fazê-lo por causa das guerras

contínuas em que se achou empenhado e que não lhe permitiram deixar as armas senão depois de vencidos e feitos tributários os seus inimigos. Agora, que Deus me faz a graça de desfrutar grande paz, estou resolvido a empreender essa obra, a qual Ele predisse a meu pai que eu teria a felicidade de começar e de terminar. É o que me leva a rogar-vos enviar-me alguns de vossos operários para cortar, com os meus, no monte Líbano, a madeira necessária para esse fim, pois, segundo dizem, não há outros tão hábeis nisso como os sidônios, e eu os pagarei como vos agradar".

O rei Hirão recebeu com alegria essa carta e respondeu: "O rei Hirão ao rei Salomão: Dou graças por terdes sucedido no trono ao rei vosso pai, que era príncipe muito sensato e virtuoso, e farei com alegria o que desejais de mim. Mandarei que cortem também, nas minhas florestas, muitos troncos de ciprestes e de cedros, que mandarei levar por mar, ligados uns aos outros, até a margem de vosso território, no lugar que julgardes o mais cômodo, para serem depois levados a Jerusalém. Rogo-vos, em troca, que me mandeis uma partida de trigo, de que temos falta nesta ilha,* como sabeis".

Podem-se ainda ver nos dias de hoje os originais dessas duas cartas, não somente nos nossos arquivos mas também nos dos tírios. Se alguém quiser consultá-los, terá apenas de pedir aos que têm o encargo de guardá-los e verá que os reproduzi fielmente. Julguei necessário dizer isso para dar a conhecer que nada acrescento à verdade e que o desejo de tornar a minha história mais agradável não me faz misturá-la com coisas inverossímeis. Assim, rogo aos que a lerem que lhe prestem fé e se convençam de que eu me julgaria um criminoso, merecendo que a rejeitassem inteiramente, se não me esforçasse em tudo para dizer a verdade com base em provas bem sólidas.

---

* Tiro era então uma ilha, mas Alexandre, o Grande, uniu-a à terra firme. (N do E)

326. Salomão ficou muito satisfeito com o gesto do rei Hirão e permitiu-lhe tirar de seus territórios duas mil medidas de trigo, duas mil de óleo e duas mil de vinho, contendo cada medida setenta e duas pintas. A amizade desses

dois reis aumentou e durou para sempre.

Salomão nada tinha mais a peito que a construção do Templo. Ordenou então aos seus súditos que lhe fornecessem trinta mil operários e distribuiu de tal sorte a obra à qual se entregava que o trabalho não lhe podia ser difícil. Dez mil cortavam madeira durante um mês no monte Líbano, depois voltavam para as suas casas e lá passavam dois meses. Outros dez mil tomavam os lugares deles e, depois de trabalhar durante um mês, retornavam também às suas casas. Os dez mil restantes dos trinta mil os sucediam. Os dez mil primeiros voltavam depois, prontos para continuar o trabalho do mesmo modo.

A superintendência dessa empresa foi dada a Adorão. Setenta mil desses estrangeiros, moradores no reino de que falamos, traziam pedras e outros materiais, segundo o que o rei Davi tinha determinado. Oitenta mil outros eram pedreiros, e entre eles havia três mil e duzentos que eram como chefes dos demais. Antes de trazer essas pedras, de tamanho enorme, destinadas para os alicerces, eles as cortavam no monte, e os operários mandados pelo rei Hirão faziam o mesmo no que se referia ao seu trabalho.

327. 1 Reis 6. Estando assim preparadas todas as coisas, o rei Salomão começou a construir o Templo, no quarto ano de seu reinado e no segundo mês, que os macedônios chamam de artemísio, e os hebreus, liar [que é o mês de abril], quinhentos e noventa e dois anos depois da saída do Egito, mil e vinte anos depois de Abraão ter saído da Mesopotâmia para vir à terra de Canaã, mil quatrocentos e quarenta anos depois do dilúvio, três mil cento e dois anos desde a criação do mundo. Tudo isso se passava no undécimo ano do reinado de Hirão, cuja capital, chamada Tiro, fora construída duzentos e quarenta anos antes.

Os alicerces do Templo foram feitos muito profundos. E, para que pudesse resistir a todas as inclemências do tempo e sustentar sem balançar a grande mole a ser construída por cima deles, as pedras com que o encheram eram tão grandes que o trabalho não era menos digno de admiração que os soberbos ornamentos e os maravilhosos enfeites aos quais serviriam de base. Todas as pedras que nele se empregaram, desde os alicerces até a cobertura, eram muito brancas.

O Templo tinha sessenta côvados de comprimento e outro tanto de altura.

A largura era de vinte côvados. Sobre esse edifício construiu-se outro do mesmo tamanho, e assim a altura total do Templo era de cento e vinte côvados. Estava voltado para o oriente, e o pórtico era da mesma altura, cento e vinte côvados, por vinte de comprimento e dez de largura.

Havia em redor do Templo trinta quartos em forma de galeria, que serviam de arcos para o sustentar. Passava-se de um para o outro, e cada um tinha vinte e cinco côvados de comprimento por outros tantos de largura e vinte de altura. Havia por cima desses quartos dois andares com igual número de quartos, todos semelhantes. Assim, na altura de três andares juntamente, medindo sessenta côvados, chegava-se justamente à altura da parte baixa do edifício, e nada mais havia por cima. Todos esses quartos eram cobertos com madeira de cedro e tinham cobertura à parte, em forma de pavilhão, mas estavam unidos por traves longas e grossas, a fim de torná-la mais firme. E assim, eram como um único corpo. O teto era de madeira de cedro bem polido, enriquecido com folhagens douradas, talhadas na madeira.

O resto era também adornado com madeira de cedro, tão bem trabalhada e reluzente de ouro que o seu brilho ofuscava a vista. Toda a estrutura desse soberbo edifício era de pedras polidas e tão bem ajustadas que não se podia nem mesmo perceber as junturas. Parecia que a natureza as formara num único bloco, sem que a arte e os instrumentos de que se serviram excelentes artífices para embelezar a obra para isso tivessem contribuído. Salomão mandou fazer na largura do muro do lado do oriente, onde não havia nenhum portal maior, mas somente duas portas, um degrau em frente, de sua invenção, para se subir ao alto do Templo. Dentro e fora dele havia pranchas de cedro ligadas com grandes e fortes cadeias, para garantir a sua estabilidade.

Quando o grande corpo do edifício ficou pronto, Salomão mandou dividi-lo em duas partes, uma das quais, chamada o Santo dos Santos, ou Santuário, tinha vinte côvados de comprimento. Era particularmente consagrada a Deus, e não era permitido a ninguém lá entrar. A outra parte, que tinha quarenta côvados de comprimento, era chamada Santo do Templo e destinada aos sacerdotes. Essas duas partes estavam separadas por grandes portas de cedro muito bem talhadas e douradas, sobre as quais pendiam véus de linho, cheios de flores diversas nas cores púrpura, jacinto e escarlate.

Salomão mandou também fazer dois querubins de ouro maciço, de cinco côvados de altura cada um. As suas asas eram do mesmo comprimento, e essas duas figuras estavam colocadas de tal modo no Santo dos Santos que duas de suas asas estendidas se uniam e cobriam toda a arca da aliança e as duas outras tocavam, uma do lado norte e outra do lado sul, as paredes desse lugar particularmente consagrado a Deus, que, como dissemos, tinha vinte côvados de largura. Dificilmente se poderia imaginar a forma desses querubins. Todo o pavimento do Templo estava coberto de lâminas de ouro, e as portas da grande entrada, que tinha vinte côvados de largura e altura proporcionada, estavam também cobertas com lâminas de ouro. Mandou colocar, sobre a porta do lugar chamado o Santo do Templo um véu semelhante ao de que acabamos de falar, mas a porta do vestíbulo não o tinha.

1 Reis 7. Para tudo o que acabamos de falar, mas principalmente para os trabalhos em ouro, prata e cobre, Salomão serviu-se de um artista admirável, chamado Hirão, que mandou buscar em Tiro. Seu pai chamava-se Ur. Embora morasse naquela cidade, era descendente de israelitas, pois sua mãe era da tribo de Naftali. Esse mesmo homem fez duas colunas de bronze, que tinham quatro dedos de espessura, dezoito de altura e doze de circunferência, sobre as quais estavam cornijas em forma de lírios, com cinco côvados de altura. Havia em redor dessas colunas folhagens de ouro, que cobriam os lírios, e viam-se pender em duas fileiras duzentas romãs, também fundidas. As colunas foram colocadas na entrada do pórtico do Templo, sendo a da direita chamada Jaquim, e a da esquerda, Boaz.

Esse admirável artífice fez também uma bacia de cobre em forma de semicír-culo, à qual se deu o nome de mar, pelo seu enorme tamanho, pois a distância de uma borda à outra era de doze côvados, e as suas bordas tinham um palmo de espessura. Esse enorme vaso era sustentado por uma base feita à moda de coluna, torcida de dez pregas, cujo diâmetro era de um côvado. Ao redor dessa coluna estavam doze novilhos, opostos de três em três aos quatro principais ventos, para os quais estavam dirigidos, de tal modo que a copa do vaso se apoiava sobre o seu dorso. As bordas desse vaso eram recurvadas para dentro, e continha ele duas mil medidas, das que se usam para medir os líquidos.

Hirão fez outros dez vasos além desse, sustentados por bases de cobre quadradas, cada uma com cinco côvados de comprimento, quatro de largura e seis de altura. Todas eram compostas de diversas peças fundidas e fabricadas separadamente. Estavam unidas deste modo: quatro colunas quadradas dispostas em quadrado, na distância de que falei, recebiam em duas de suas faces cavadas para esse fim os lados que encaixavam. Ora, embora tivesse quatro lados em cada uma das bases, somente três eram visíveis: o quarto estava unido ao muro. Em um deles, em baixo-relevo, estava a figura de um leão; no outro, a de um touro; no terceiro, a de uma águia. As colunas eram trabalhadas do mesmo modo. Essa obra, assim reunida, estava montada sobre quatro rodas do mesmo metal e tinha um côvado e meio de diâmetro, desde o centro delas até a extremidade dos raios. As juntas das rodas ajustavam-se admiravelmente aos lados da base, e os raios encaixavam-se nela com a mesma perfeição.

Os quatro lados dessa base, que deviam sustentar um vaso oval, tinham pelo alto quatro braços em relevo, dos quais saíam mãos estendidas, e sobre cada uma delas havia uma peça onde devia ser encaixado o vaso, que era sustentado inteiramente por essas mãos. As faces ou lados sobre os quais estavam os baixos-relevos de leão e de águia ajustavam-se tão perfeitamente uns aos outros e às peças que formavam os cantos que toda a obra parecia uma única peça. Assim eram construídas essas dez bases. Ele colocou em cima dez vasos ou lavatórios redondos, fundidos como o resto, e cada um continha quarenta medidas, pois tinham quatro côvados de altura, e o seu diâmetro maior tinha também quatro côvados. Esses dez lavatórios foram colocados sobre bases que se chamam Mechonote. Cinco do lado esquerdo do Templo, que está voltado para o norte, e cinco do lado direito, voltado para o sul.

Puseram nesse mesmo lugar o grande vaso denominado mar, para servir de lava-tório aos sacerdotes: eles lavariam nele as mãos e os pés quando entrassem no Templo para fazer os sacrifícios, e as cubas serviam para nelas lavarem as entranhas e os pés dos animais oferecidos em holocausto. Fez também um altar fundido de vinte côvados de comprimento, outro tanto de largura e dez de altura, sobre o qual seriam queimados os holocaustos. Fez do mesmo modo todos os vasos e instrumentos necessários para o altar:

caldeirões, tenazes, bacias, ganchos e outros, tão polidos e de um cobre tão belo que facilmente podia ser confundido com ouro.

O rei Salomão mandou fazer também um grande número de mesas, dentre elas uma bastante grande, de ouro maciço, sobre a qual seriam colocados os pães consagrados a Deus. As outras mesas, que não eram inferiores a essa em beleza, eram feitas de diversas maneiras e serviriam para que nelas se colocassem vinte mil vasos ou taças de ouro e quarenta mil de prata.

Mandou fazer também, como Moisés havia determinado, dez mil candelabros, um dos quais ficaria aceso dia e noite no Templo, como a Lei o ordenava. A mesa sobre a qual se poriam os pães oferecidos a Deus foi colocada no lado norte do Templo, em frente ao grande candelabro, que estava na parte sul. O altar de ouro ficou entre ambos. Tudo isso foi colocado na parte anterior do Templo, de quarenta côvados de comprimento, separada por um véu do Santo dos Santos, no qual a arca da aliança deveria ser colocada.

Salomão mandou fazer ainda oitenta mil taças para vinho e outras dez mil de ouro e vinte mil de prata, oitenta mil pratos de ouro, para neles se pôr a farinha preparada para o altar, cento e sessenta mil pratos de prata, sessenta mil taças de ouro, para se molhar a farinha com óleo, cento e vinte mil taças de prata, vinte mil vasos ou hins de ouro e quarenta mil de prata, vinte mil turíbulos de ouro, para se queimar e oferecer os perfumes, e cinqüenta mil outros, para neles se levar o fogo do grande altar até o pequeno, que estava no Templo.

Esse grande rei mandou fazer também mil vestes sacerdotais, para os sacerdotes, com túnicas que iam até os calcanhares, e cada qual com o seu éfode e com pedras preciosas. A coroa em que Moisés havia escrito o nome de Deus continuou a mesma. Ela ainda pode ser vista em nossos dias. Mandou fazer também estolas de linho para os sacerdotes, com dez mil cintos de púrpura, duzentas mil outras estolas de linho, para os levitas que cantavam os hinos e os salmos, duzentas mil trompas, como Moisés havia determinado, e quarenta mil instrumentos de música, como harpas, saltérios e outros, feitos de metal composto de ouro e prata.

Eis com que suntuosidade Salomão fez construir e ornar o Templo. Ele

consagrou todas essas coisas a Deus. Em seguida, mandou erguer ao redor do Templo um muro de cem côvados de altura, chamado gisom, em hebraico, a fim de impedir a entrada aos leigos, sendo ela somente permitida aos levitas e sacerdotes. Mandou construir fora desse muro outra espécie de templo, de forma quadrangular, rodeado por grande galerias com quatro grandes pórticos voltados para o levante, o ocidente, o norte e o sul, nos quais havia grandes portas douradas, mas somente os que se haviam purificado segundo a Lei e estavam resolvidos a observar os mandamentos de Deus podiam passar por elas e entrar.

A construção desse outro templo era obra tão digna de admiração que custa crer, pois, para que fosse construído no nível do alto do monte sobre o qual estava edificado o Templo, foi preciso encher até a altura de quatrocentos côvados um vale cuja profundidade era tal que não podia ser vista sem espanto. Ele mandou rodear esse templo com uma galeria dupla, sustentada por dupla série de colunas de pedra de um só bloco. Essas galerias, cujas portas eram de prata, foram adornadas com madeira de cedro.

Salomão levou sete anos para realizar essas magníficas edificações, o que não despertou menos admiração que a sua grandeza, riqueza e beleza, pois ninguém podia imaginar que seria possível concluí-las em tão pouco tempo.

328. 1 Reis 8. Esse grande príncipe escreveu depois aos magistrados e aos anciãos que ordenassem a todo o povo que se dirigisse a Jerusalém sete meses depois, para ver o Templo e assistir à trasladação da arca da aliança. Esse sétimo mês estava entre os que os hebreus chamam tisri, e os macedônios, hiperbereteus. A festa dos Tabernáculos, tão solene entre nós, deveria ser celebrada naquele mesmo tempo. Depois que todos vieram de todas as partes do reino a essa cidade, que era a capital, no dia determinado, transportaram para o Templo o Tabernaculo e a arca da aliança que Moisés construíra, com todos os vasos de que se serviam para os sacrifícios.

Os caminhos estavam todos salpicados com o sangue das vítimas oferecidas pelo rei, pelos levitas e por todo o povo. O ar estava tão saturado de perfumes que de longe eram sentidos. Parecia mesmo que ninguém duvidava de que Deus viria de novo honrá-los com a sua presença naquela nova casa que lhe era consagrada, pois nenhum dos que assistiam à santa cerimônia se

cansava de dançar e de cantar incessantemente hinos em seu louvor até chegar ao Templo.

Eis como se fez a trasladação da arca. Quando se teve de levá-la para o Santuário, somente os sacerdotes a tomaram sobre os ombros. Eles entraram e a colocaram entre os dois querubins, que, como já dissemos, tinham sido feitos de tal modo que a cobriam com as suas asas inteiramente, como um dossel. Dentro estavam as duas tábuas de pedra, sobre as quais se haviam gravado os dez mandamentos que Deus pronunciara com a própria bocatro monte Sinai.

Puseram diante do Santuário o candelabro, a mesa e o altar de ouro, na mesma disposição em que se encontravam no Tabernáculo quando se ofereciam os sacrifícios ordinários. O altar de bronze foi colocado diante do pórtico, a fim de que quando se abrissem as portas todos pudessem assistir à magnificência dos sacrifícios. Mas aqueles vasos, em tão grande número, destinados ao sacrifício de Deus e do qual acabamos de falar foram todos postos no Templo.

329. Terminadas todas essas coisas, com todo o respeito e reverência que se podia observar, já os sacerdotes haviam saído do santuário quando se viu aparecer uma nuvem, não tão espessa quanto as que durante o inverno formam tempestades, porém muito mais tênue. Ela cobriu todo o Templo e fez cair um suave orvalho, do qual ficaram cobertos os sacerdotes, de tal modo que estavam quase irreconhecíveis. Então ninguém mais duvidou de que Deus havia descido àquela santa casa consagrada à sua honra para manifestar o quanto tudo aquilo lhe era agradável.

Então Salomão levantou-se e fez esta oração, digna de sua soberana grandeza: "Embora nós saibamos, Senhor, que o palácio em que habitais é eterno e que o céu, o ar, o mar e a terra que criastes e que encheis não são capazes de vos conter, não deixamos de construir e de vos consagrar esta casa a fim de vos oferecer sacrifícios e orações que se elevem até o trono de vossa suprema majestade. Esperamos que queirais ficar aqui sem nunca mais nos deixar. Pois, como vedes e sabeis todas as coisas, ainda que honreis com a vossa presença esta santa casa, não deixareis de estar em toda parte, onde vos dignardes habitar, vós que estais sempre perto de cada um de nós e principalmente daqueles que anseiam dia e noite por vossa presença".

O grande rei dirigiu depois a palavra ao povo, falando do poder infinito de

Deus, de como é admirável a sua providência, de como Ele predissera a Davi, seu pai, tudo o que aconteceria depois de sua morte e de como lhe aprouve, antes mesmo de ele, Salomão, ter nascido, dar-lhe o nome que trazia e declarar que ele sucederia ao rei seu pai e construiria o Templo. E assim, via-se que Deus já havia cumprido grande parte do que os havia feito esperar, e eles deviam dar-lhe graças por isso, julgar de sua felicidade futura pela presente e jamais duvidar da realidade de suas promessas.

O sábio rei voltou depois os olhos para o Templo e, estendendo as mãos para o povo, falou ainda a Deus, deste modo: "Senhor, as palavras são os únicos sinais de que os homens se podem servir para manifestar-vos a sua gratidão pelos benefícios recebidos, porque a vossa grandeza infinita vos eleva de tal modo acima deles que eles vos são inteiramente inúteis. Porém, como estamos sobre a terra, obra-prima de vossas mãos, é justo que empreguemos pelo menos a nossa voz para publicar os nossos louvores e que eu vos dê, por toda a minha família e por todo este povo, infinitas graças por tantos favores de que vos somos devedores. Agradeço-vos, Senhor, porque vos aprouve elevar meu pai da humilde condição em que havia nascido a tão grande glória e porque realizastes em mim até este dia todas as vossas promessas. Peço-vos, ó Deus Todo-poderoso, a continuação de vossos favores. Tratai-me sempre, se vos aprouver, como tendo a honra de ser sempre amado por vós. Firmai o cetro em minhas mãos e nas de meus sucessores durante várias gerações, como prometeste a meu pai. Dai-me, e aos meus, as virtudes que vos são mais agradáveis. Difundi também, eu vos suplico, uma parte de vosso Espírito sobre esta casa, para mostrar que habitais entre nós. E, ainda que ela não seja digna de vos receber, sendo o próprio céu demasiado pequeno para servir de morada eterna à vossa majestade, não deixeis de honrá-la com a vossa presença. Tomai cuidado dela, Senhor, como de uma coisa que vos pertence, preservando-a contra todos os esforços de nossos inimigos. Se o vosso povo tiver a infelicidade de vos ofender e vos desagradar, contentai-vos, se vos apraz, em castigá-lo com carestia, peste ou flagelos semelhantes, com que costumais castigar os que não observam as vossas santas leis. Mas quando movidos pelo arrependimento recorrerem a esta casa, à vossa misericórdia, não afasteis deles os vossos olhos e ouvi as suas orações. Ouso mesmo, ó Deus Todo-poderoso, pedir-vos ainda

mais, pois não vos suplico que ouçais nesta casa consagrada à vossa honra somente os votos daqueles que vos dignastes escolher para vosso povo, mas também as orações daqueles que vierem de todas as partes do mundo implorar o vosso auxílio, a fim de que todas as nações conheçam e saibam que foi para vos obedecer que construímos esta casa. E, longe de ser tão injustos e desumanos a ponto de invejar a felicidade dos outros, desejamos que eles participem de vossos benefícios e que espalheis os vossos favores generosamente entre todos os homens".

Depois de assim falar, Salomão prostrou-se em terra e, depois de permanecer assim muito tempo, adorando a Deus numa fervorosa oração, levantou-se e ofereceu sobre o altar um grande número de vítimas. Deus então fez conhecer claramente como aquele sacrifício lhe era agradável, pois um fogo descido do céu até o altar consumiu as vítimas inteiramente, à vista de todo o povo. Tão grande milagre não lhes permitiu duvidar de que Deus não habitasse o Templo, e pros-traram-se todos por terra, para adorá-lo e para dar-lhe graças.

Salomão continuou a entoar cada vez mais os seus louvores e, para levar o povo a fazer a mesma coisa e a rogar a Deus com mais ardor ainda, disse-lhes que, depois de sinais tão manifestos da extrema bondade de Deus para com eles, podiam pedir a Ele com insistência que lhes fosse sempre favorável, que os preservasse de todo pecado e que os fizesse viver na piedade e na justiça, segundo os mandamentos dados por meio de Moisés, cuja observância podia torná-los os mais felizes dos homens. Por fim, exortou-os a considerar que o único meio de conservar os bens que desfrutavam ou de conseguir outros maiores era servir a Deus com inteira pureza de coração e não pensar haver mais honra em adquirir aquilo que não se tem que em conservar o que se possui.

Esse bem-aventurado príncipe ofereceu a Deus em sacrifício, naquele mesmo dia, tanto por ele quanto por todo o povo, doze mil novilhos e cento e vinte mil cordeiros. Essas vítimas foram as primeiras cujo sangue se derramou no Templo. Ofereceu em seguida um banquete a todo o povo, tanto aos homens quanto às mulheres, com a carne dos muitos animais imolados e celebrou diante do Templo, durante quatorze dias, a festa dos Tabernáculos, com banquetes públicos e magnificência real.

Após terminar tudo e depois de ter feito o que podia para demonstrar o seu zelo e a sua devoção para com Deus, Salomão deu ordem para regressarem às suas casas. O povo não se cansava de elogiá-lo pela bondade com que o governava nem de louvar a sua sabedoria, que lhe permitira empreender e realizar aquelas grandes obras. Rogaram a Deus que o fizesse reinar por muitos anos e partiram cantando hinos a Ele, tão satisfeitos e alegres que chegaram às suas casas sem perceberem a extensão da estrada que haviam percorrido.

330. 1 Reis 9. Depois que a arca foi colocada no Templo e após todos haverem admirado a majestade e a beleza do edifício e tantas vítimas serem imoladas a Deus e tantos dias serem passados em festas e banquetes de regozijo público, quando cada um já havia regressado à sua casa, Deus, em sonhos, deu a conhecer a Salomão que ouvira a sua oração e conservaria o Templo, não deixando de honrá-lo com a sua presença enquanto ele e o povo observassem os seus mandamentos.

Quanto ao que se referia a ele em particular, cumulá-lo-ia de tanta felicidade que nenhum outro que não fosse da sua descendência e da tribo de Judá reinaria em Israel, contanto que ele se regulasse sempre pelas instruções recebidas de seu pai. Se delas se esquecesse, porém, a ponto de renunciar à piedade, e por uma mudança criminosa prestasse culto sacrílego aos falsos deuses das outras nações, Ele o exterminaria completamente, com toda a sua posteridade.

O povo também seria atingido pelo castigo. Seriam afligidos com guerras e oprimidos por toda espécie de males. Seriam expulsos do país que Ele dera aos seus antepassados e andariam errantes por terras estrangeiras. E o Templo que permitira construir seria destruído e reduzido a cinzas pelas nações bárbaras. As cidades também seriam arrasadas. Enfim, eles cairiam em tal extremo de males que a notícia, espalhada por toda parte, pareceria incrível, e dir-se-ia com espanto: "Como é possível esses israelitas, que Deus havia elevado ao cúmulo da felicidade e da glória, serem agora odiados e abandonados por Ele?" E a isso as tristes relíquias desse povo infeliz responderiam: "Foram os nossos pecados e a violação das leis outorgadas por Deus a nossos antepassados que nos precipitaram neste abismo de misérias". As Escrituras narram desse modo o que Deus manifestou em sonho a Salomão.

331. 1 Reis 7. O poderoso rei empregou, como dissemos, sete anos para construir o Templo. Mas levou treze anos para edificar o palácio real, porque não iniciou essa obra com o mesmo ardor, embora fosse tão majestosa que ele teve necessidade do auxílio de Deus para terminá-la em tão pouco tempo. Por mais admirável que fosse, no entanto, não se comparava à maravilha do Templo, porque o material não foi preparado com tanto cuidado: era somente a residência do rei, e não a de Deus. A magnificência desse soberano palácio, porém, demonstrava em que mãos Deus colocara o cetro. Julgo oportuno, para satisfação dos leitores, fazer aqui a sua descrição.

O palácio era sustentado por várias colunas e era tão espaçoso quanto magnífico, porque Salomão o quisera capaz de conter a grande multidão que lá se reuniria para a solução de problemas. Tinha cem côvados de comprimento, cinqüenta de largura e trinta de altura. Dezesseis grandes colunas quadradas, de estilo coríntio, o sustentavam, e portas muito bem trabalhadas contribuíam tanto para a sua beleza quanto para a sua segurança. Um grande pavilhão de trinta côvados quadrados, sustentado também por fortes colunas e colocado em frente do Templo, elevava-se no meio desse soberbo edifício. Nesse pavilhão havia um grande trono, onde o rei ministrava a justiça.

332. Perto desse palácio, Salomão construiu uma casa real para a rainha e outros prédios, onde ele ia descansar após atender aos interesses do reino. Tudo era enriquecido com madeira de cedro e feito com pedras de dez côvados quadrados, das quais uma parte era incrustada com mármore muito precioso, empregado apenas para ornamento dos templos e nas casas dos reis. Esses diversos apartamentos eram revestidos com três ordens de tapetes riquíssimos, sobre os quais havia em relevo diversas árvores e várias plantas, cujos ramos e folhas eram feitos com tanta arte que enganavam a vista, parecendo mover-se. O espaço restante até o teto era também enriquecido com diversas pinturas sobre um fundo branco.

Tão magnífico príncipe mandou também construir, somente pela beleza, vários outros edifícios, com grandes galerias e salas imensas, destinadas aos festins e aos banquetes. Todos os objetos necessários ao seu serviço eram de ouro. Seria difícil descrever a diversidade, a extensão e a majestade dos edifícios — uns eram maiores, e outros, menores; uns estavam ocultos por baixo da

terra, outros, elevados bem alto no ar —, bem como a beleza dos bosques e jardins que ele mandou plantar para recreio da vista e para se ter um recanto ameno e sombre-ado durante os rigores do sol de verão. O mármore branco, a madeira de cedro, o ouro e a prata foram os materiais com que se fizeram e enriqueceram esse palácio. Via-se nele também uma grande quantidade de pedras preciosas encastoadas no ouro e nos adornos, como no Templo.

Salomão ordenou também que se fizesse um grande trono de marfim adornado com um excelente trabalho de escultura. A ele o rei subia por seis degraus, e na extremidade de cada um deles estava a estátua de um leão. No lugar onde se sentava, havia braços em relevo, que pareciam recebê-lo, e no lugar onde podia encostar-se foi colocada a estátua de um novilho, para seu apoio. Nada havia nesse augusto trono que não fosse revestido de ouro.

333. 1 Reis 5. Hirão, rei de Tiro, querendo demonstrar o seu afeto pelo rei Salomão, contribuiu para essas obras com grande quantidade de ouro, de prata, de madeira de cedro e de pinho. Salomão, em troca, enviava-lhe todos os anos trigo, vinho e óleo em abundância e deu-lhe vinte cidades da Galiléia, que estavam próximas de Tiro. O príncipe foi vê-las, e não lhe agradaram. Recusou-as, e por esse motivo elas foram chamadas Chabelom, que em língua fenícia significa "desagradáveis". O mesmo soberano rogou a Salomão que lhe explicasse alguns enigmas. Ele o fez, com penetração de Espírito e inteligência admiráveis.

Menandro, que traduziu em grego os anais da Fenícia e de Tiro, fala desses dois reis desta maneira: "Depois da morte de Abibal, rei dos tírios, Hirão, seu filho, sucedeu-o. Viveu cinqüenta e três anos, dos quais reinou trinta e quatro.

Esse soberano aumentou a ilha de Tiro com quantidade de terra que para lá fez levar. Esse aumento foi denominado Campo Grande. Consagrou também uma coluna de ouro no templo de Júpiter e mandou cortar muita madeira no monte Líbano, para com ela cobrir templos, pois mandara demolir os velhos e construir novos, que consagrou a Hércules e a Astarote. Foi ele que por primeiro ergueu uma estátua a Hércules, no mês que os macedônios denominam perítio [que é o mês de fevereiro]. Fez guerra aos licienses, que recusavam pagar o tributo que lhe deviam, e venceu-os. Viveu no seu tempo um

moço de nome Abdemom, que explicava os enigmas que Salomão, rei de Jerusalém, lhe propunha".

Outro historiador, chamado Díon, fala deles deste modo: "Depois da morte de Abibal, Hirão, seu filho e sucessor, fortificou a cidade de Tiro do lado do oriente. E, para uni-la ao templo de Júpiter Olímpico, mandou encher de terra o espaço que dele a separava. Deu uma soma muito grande de ouro a esse templo e mandou também cortar muita madeira no monte Líbano, para empregá-la em edifícios semelhantes".

O historiador acrescenta ainda que esse príncipe, não conseguindo explicar os enigmas que lhe haviam sido propostos por Salomão, rei de Jerusalém, pagou-lhe uma soma muito grande. Porém depois que ele enviou a Salomão um tírio chamado Abdemom, que lhe explicou todos os enigmas, Salomão devolveu-lhe o dinheiro.

334. Salomão, vendo que os muros de Jerusalém não correspondiam à grandeza e à fama de tão célebre cidade, mandou edificá-los de novo e, para fortificá-los ainda mais, acrescentou grandes torres e bastiões. Construiu também Hazor e Magedom,* duas cidades tão belas que podem figurar entre as maiores, e reconstruiu por completo Gezer, na Palestina, a qual Faraó, rei do Egito, depois de tomá-la à força e de passar a fio de espada todos os seus habitantes, havia arrasado completamente, fazendo dela um presente à filha que se casou com o rei Salomão. Ela foi reconstruída por causa da importância de sua localização, porque era de grande valia em tempo de guerra e muito própria para impedir as agitações que podem suceder em tempo de paz. Construiu, ainda, bem perto dali, Betachor,** Baalate e algumas outras cidades, próprias somente para prazeres e divertimentos, porque o ar era muito puro, a terra abundante em excelentes frutos e as águas muito vivas e de boa qualidade.

Esse bem-aventurado príncipe, depois de se tornar senhor do deserto que está acima da Síria, lá fez construir também uma grande cidade, distante dois dias de caminho da Síria superior, um dia do Eufrates e seis dias da Babilônia, a grande. Embora esse lugar seja muito afastado da Síria habitada, julgou que devia empreender essa obra, porque era o único lugar onde os que atravessavam o deserto podiam encontrar fontes e poços. Mandou cercá-la com

fortes muralhas e a chamou Tadmor. Os sírios a chamam ainda assim, e os gregos, Palmira.

---

* Ou Megido.

** Ou Bete-Horom.

335. Essas foram as obras que Salomão realizou durante o seu reinado. E, como notei que muitos têm dificuldade em saber por que os reis do Egito, durante mais de mil e trezentos anos, desde Minos, que construiu a cidade de Mênfis e precedeu Abraão de vários anos, até os tempos de Salomão, sempre usaram o nome de Faraó, que foi um de seus reis, penso que devo esclarecer-lhe a razão.

Faraó, em egípcio, significa "rei", e assim julgo que esses príncipes, mesmo tendo outros nomes em sua juventude, adotavam aqueie logo que subiam ao trono, porque, segundo a língua de seu país, designava a autoridade soberana. Do mesmo modo, sabemos que todos os reis de Alexandria, depois de haver usado outros nomes, tomavam o de Ptolomeu quando ascendiam ao trono. Os imperadores romanos também deixavam o nome de suas famílias para tomar o de César, para eles muito mais honroso.

É este o motivo, segundo a minha opinião, de Heródoto de Halicamasso não mencionar os nomes dos trezentos e trinta reis do Egito, que diz haverem reinado sucessivamente desde Minos: todos se chamavam Faraó. Mas quando ele fala de uma mulher que reinou depois deles, não deixa de dizer que ela se chamava Nicolis, porque só aos homens competia o título de Faraó. Acho também em nossas crônicas que nenhum outro rei do Egito, depois do sogro do rei Salomão, usou o nome de Faraó e que essa mesma princesa, Nicolis, foi a que veio visitar Salomão, rei de Israel, como diremos em seguida. Digo isso para fazer mostrar que a nossa história, em muitas coisas, está de acordo com a dos egípcios.

336. Como ainda havia cananeus na terra, desde o monte Líbano até a cidade de Hamate, os quais não queriam reconhecer os reis de Israel, Salomão subjugou-os e os obrigou a dar-lhe todos os anos, como tributo, certo número

de escravos, para que servissem em diversos empregos, particularmente no cultivo das terras, pois ninguém dentre os israelitas era obrigado a se dedicar a esse mister, e não era justo que eles, tendo tantos povos submetidos ao seu domínio por ação de Deus, fossem de condição inferior à dos vencidos. Assim, dedicavam-se somente aos exercícios próprios da guerra e à provisão de armas, cavalos e carros. Seiscentos homens foram escolhidos para dirigir os escravos destinados àquele trabalho.

337. Salomão construiu também vários navios no golfo do Egito, próximo do mar Vermelho, em um lugar chamado Eziom-Geber, hoje Berenice. Essa cidade não fica longe de outra, de nome Elã, que então pertencia ao reino de Israel. O rei Hirão mostrou-lhe muito afeto nessa ocasião, pois deu a Salomão quantos pilotos este desejou, todos muito experimentados na arte da navegação, para ir com os seus oficiais buscar ouro numa província da índia, de nome Ofir, que hoje se chama Terra do Ouro, de onde trouxeram quatrocentos talentos de ouro.

338. 1 Reis 7 0. Nicolis, rainha do Egito e da Etiópia, que era uma excelente princesa, tendo ouvido falar das virtudes e da sabedoria de Salomão, desejou ver com os próprios olhos se a fama dele era verdadeira ou se era somente um daqueles boatos que se dissipam quando conhecidos e estudados a fundo. Assim, não teve receio de empreender a viagem, para se informar e para resolver com ele várias dificuldades. Veio a Jerusalém com equipagem digna da grande rainha que era, trazendo camelos carregados com ouro, pedras preciosas e custosos perfumes. Salomão recebeu-a com a devida honra e deu solução a todas as suas dúvidas, com tanta facilidade que mal ela as propunha ele logo as resolvia.

Capacidade tão extraordinária encheu-a de admiração. Ela confessou que aquela sabedoria sobrepujava a fama que se havia espalhado por todo o mundo. Não se cansava de admirar também o seu Espírito, a sua grandeza, a magnificência de seus edifícios, a economia da casa e todo o resto de seu proceder. Mas nada a surpreendeu tanto quanto a beleza de uma sala a que chamavam Floresta do Líbano e a suntuosidade dos banquetes que ele oferecia freqüentemente, nos quais tudo era servido com ordem admirável, por criados tão ricamente vestidos que nada podia ser mais sublime. A grande quantidade

de sacrifícios que diariamente se ofereciam a Deus e o cuidado e a piedade dos sacerdotes e levitas no exercício de seu ministério não a comoveram menos que o resto.

Assim, a sua admiração crescia sempre, e ela não pôde deixar de manifestá-la ao rei, nestes termos: "Pode-se duvidar com razão das coisas extraordinárias quando elas são conhecidas apenas pela fama. Mas, embora me tivessem falado de todas as prerrogativas que possuis, tanto em vós mesmo, pela vossa sabedoria e excelente proceder, como fora de vós, pela grandeza de um reino tão poderoso e florescente, confesso que reconheço por mim mesma que a vossa felicidade sobrepuja em muito tudo o que eu havia imaginado e que é preciso ver para crer. Como são felizes os vossos súditos, por terem um rei tão grande, e como são felizes os vossos amigos e servidores, por desfrutarem continuamente a vossa presença! Certamente nem uns nem outros poderiam agradecer o bastante a Deus essa tão grande graça".

Mas não foi somente com palavras que essa rainha manifestou ao rei a sua maravilhosa estima. Ela acrescentou um presente de vinte talentos de ouro, muitas pedras preciosas e uma grande quantidade de excelentes perfumes. Diz-se também que o nosso país deve à sua liberalidade uma planta de bálsa-mo, a qual multiplicou-se de tal modo que a Judéia hoje a possui em grande quantidade. Salomão, por seu lado, não lhe foi inferior em magnificência e nada lhe recusou de tudo o que ela dele podia desejar. Assim, a princesa voltou sem que nada se pudesse acrescentar à satisfação que havia recebido e à que havia causado.

339. Nesse mesmo tempo, trouxeram a Salomão, do país que se chama Terra do Ouro, pedras preciosas e madeira de pinho, das mais belas que se tinham visto. Desta ele mandou fazer as balaustradas do templo e do palácio real e harpas e saltérios, para os levitas cantarem os hinos em louvor a Deus. Essa madeira parecia-se com a da figueira, mas era muito mais branca e mais brilhante, muito diferente da que os negociantes assim chamam para vender mais. Julguei dever dizer isso a fim de que ninguém venha a se enganar.

Essa mesma frota trouxe ao príncipe seiscentos e setenta talentos de ouro, sem se incluir o que os negociantes trouxeram para ele e o que os reis da Arábia lhe enviaram como presente. Assim, mandou fazer duzentos escudos de

ouro maciço, pesando cada um seiscentos sidos, e trezentos outros, pesando trezentas minas cada um, e colocou-os na sala chamada Floresta do Líbano. Mandou fazer também grande quantidade de taças de ouro adornadas com pedras preciosas e bacias de ouro, para delas se servir nos banquetes, nos quais nada empregava que não fosse de ouro, pois a prata então era tida em pouca conta. Isso porque o grande número de navios que Salomão tinha no mar de Tarso e que empregava para levar toda sorte de mercadoria às nações estrangeiras e afastadas traziam-lhe uma quantidade incrível de ouro, marfim, escravos da Etiópia e macacos. As viagens eram de longo curso e não eram feitas em menos de três anos.

340. A fama da virtude e da sabedoria desse poderoso monarca difundiu-se de tal modo por toda a terra que vários reis, não podendo acreditar no que diziam, desejavam certificar-se da verdade e manifestavam a estima extraordinária que tinham por ele com os presentes que lhe traziam. Mandavam-lhe vasos de ouro e de prata, vestidos de púrpura, toda espécie de especiarias, cavalos, carros e mulas tão belas e fortes que não se podia duvidar de que não lhe seriam agradáveis.

Assim, ele pôde acrescentar quatrocentos carros aos mil que já possuía e aos vinte mil cavalos que mantinha ordinariamente. Os cavalos que lhe eram mandados não somente eram perfeitamente belos, mas sobrepujavam a todos os outros em velocidade. Os que os montavam ressaltavam-lhes ainda mais a beleza, pois eram jovens de belo talhe, vestidos de púrpura tíria, armados de aljavas e possuidores de longas cabeleiras cobertas de papelotes de ouro, que faziam resplandecer as suas cabeças quando o sol os feria com os seus raios. Essa tropa magnífica acompanhava o rei todas as manhãs, quando, segundo o costume, ele saía da cidade vestido de branco, num carro soberbo, para ir a uma casa de campo num lugar próximo de Jerusalém, de nome Etã, onde ele se recreava, pois havia ali belos jardins, lindas fontes e uma terra extremamente fértil.

341. Como a sabedoria que ele havia recebido de Deus estendia-se a tudo, e assim nada podia escapar aos seus interesses, ele não descuidou nem mesmo do que se referia às estradas. Mandou pavimentar com pedras negras todas as que levavam a Jerusalém, quer para comodidade do povo, quer para

mostrar-lhes magnificência. Ficou com uns poucos carros e distribuiu os outros pelas cidades que estavam obrigadas a manter um determinado número deles, o que as fazia denominar-se cidades dos carros.

Reuniu em Jerusalém tão grande quantidade de prata, que esta tornou-se tão comum quanto as pedras. Mandou plantar cedros nos campos da Judéia, onde antes nada havia, mas que depois tornaram-se tão comuns como as amoreiras. Mandava comprar no Egito cavalos dos quais o par, com o carro, custava-lhe seiscentas dracmas de prata e os enviava ao rei da Síria e aos outros soberanos que estavam além do Eufrates.

342. 1 Reis 11. Esse virtuoso soberano, o mais glorioso de todos os de seu século, que sobrepujava tanto em prudência quanto em riqueza a todos os que antes dele haviam reinado sobre o povo de Deus, não perseverou até o fim. Abandonou as leis de seus antepassados, e as suas últimas ações obscureceram todo o brilho e glória de sua vida, porque se deixou levar a tal ponto pelo excesso de amor às mulheres que essa louca paixão perturbou-lhe o juízo. Não se contentou com as mulheres de sua nação, mas tomou também estrangeiras: sidônias, tírias, amonitas, iduméias. E, para agradá-las, não teve vergonha de adorar os falsos deuses a quem elas serviam, desprezando os mandamentos de Moisés, que proibiam expressamente tomar mulheres de outras nações, para que elas não levassem o povo à idolatria e ao abandono do culto ao único Deus eterno e verdadeiro.

A voluptuosidade brutal do soberano, porém, o fez esquecer todos os seus deveres. Chegou a desposar setecentas mulheres, todas de muito boa condição, entre as quais estava, como já vimos, a filha de Faraó, rei do Egito. Possuía, além dessas, trezentas concubinas. Sua paixão tornou-o escravo delas, e ele não pôde deixar de imitá-las em sua impiedade. Quanto mais ele alcançava em anos, mais o seu Espírito, enfraquecendo-se, se afastava do serviço de Deus e se entregava às cerimônias sacrílegas da falsa religião.

Tão horrível pecado era apenas conseqüência de um outro, pois ele começara a desobedecer aos mandamentos de Deus quando mandou fazer aqueles doze bois de bronze que sustentavam o grande vaso de cobre denominado mar e os doze leões esculpidos nos degraus do trono. Assim, como ele não caminhava mais nas pegadas de Davi, seu pai, ao qual a piedade

elevara a tão alto grau de glórias e a quem ele era obrigado a imitar tanto quanto devia obedecer ao que Deus lhe havia ordenado diversas vezes em sonhos, o seu fim foi tão infeliz quanto fora feliz e ilustre o início de seu reinado.

Deus disse-lhe, por meio de seu profeta, que conhecia a sua impiedade e que ele não teria o prazer de continuar a ofendê-lo impunemente. No entanto, por causa da promessa que fizera a Davi, deixá-lo-ia reinar durante o resto de sua vida. Depois de sua morte, porém, castigaria o seu filho por causa dele, embora não o fosse privar inteiramente do reino: dez tribos separar-se-iam de sua obediência e duas lhe ficariam submissas, quer por causa do afeto que Deus tinha por Davi, quer por consideração à cidade de Jerusalém, onde lhe aprouvera deixar erguer o Templo. Seria inútil dizer-se da aflição de Salomão ao saber, com essas palavras, que tal mudança em sua sorte torná-lo-ia tão infeliz quanto antes fora bem-aventurado. Algum tempo depois da ameaça do profeta, Deus suscitou contra ele um inimigo de nome Áder,* por este motivo:

Quando Joabe, general do exército de Davi, submeteu a Iduméia, durante o espaço de seis meses fez passar a fio de espada todos os que estavam em idade de pegar em armas, Áder, que era da família real e ainda muito jovem, fugiu e foi para a corte de Faraó, rei do Egito. Este não somente o recebeu muito bem e o tratou favoravelmente, como teve por ele tal afeto que depois de ele crescer o fez desposar a irmã da rainha sua mulher, de nome Táfis, da qual teve um filho, que foi educado com os filhos de Faraó. Depois da morte de Davi e de Joabe, Áder rogou ao rei que lhe permitisse voltar ao seu país. Por mais que insistisse, porém, jamais conseguiu permissão. Faraó perguntava sempre o motivo por que queria deixá-lo e se lhe faltava alguma coisa no Egito. Mas Deus, que antes fazia Faraó dificultar a licença para Áder, resolveu fazer Salomão sentir os efeitos de sua cólera. Já não lhe podia mais tolerar a impiedade e pôs na mente de Faraó a idéia de consentir que Áder voltasse à Iduméia.

Logo que lá chegou, Áder tudo fez para levar o povo a quebrar o jugo dos israelitas. Mas não os pôde persuadir porque as fortes guarnições que Salomão mantinha no país o impediram de tomar qualquer deliberação. Por isso foi à Síria procurar Raazar,** que se havia revoltado contra Adrazar, rei dos

sofonianos, e que com um grande número de ladrões que havia reunido roubava e devastava os campos. Áder fez aliança com ele e, com o seu auxílio, apoderou-se de uma parte da Síria. Foi declarado rei e, vivendo ainda Salomão, fazia a este freqüentes incursões, causando bastante prejuízo às terras israelitas.

---

* Ou Hadade.

** Ou Rezom.

343. Mas não foram somente os estrangeiros que perturbaram a profunda paz que Salomão desfrutava. Os seus próprios súditos fizeram-lhe guerra, jeroboão, filho de Nebate, animado por antiga profecia, ergueu-se também contra ele. Seu pai o havia deixado em tenra idade, e sua mãe não cuidara de sua educação. Quando cresceu, Salomão, vendo que ele era muito promissor, deu-lhe a superintendência das fortificações de Jerusalém. Desempenhou tão bem o encargo que o rei lhe confiou em seguida o governo das tribos de José.

Quando ele partia para tomar posse, encontrou-se com o profeta Aías, que era da cidade de Silo. Depois de o saudar, o profeta levou-o a um campo afastado do caminho, onde ninguém os podia ver, rasgou o próprio manto em doze pedaços e ordenou-lhe da parte de Deus que tomasse dez deles, como sinal de que Ele desejava constituí-lo rei de dez tribos, a fim de castigar Salomão por este se ter abandonado ao amor das mulheres e por prestar culto aos falsos deuses, para ser agradável a elas. Quanto às outras duas tribos, ficariam para o filho do rei, em consideração à promessa que Deus fizera a Davi.

Acrescentou o profeta: "Assim, vede o que obrigou Deus a retirar as graças de Salomão e a rejeitá-lo. Observai, pois, religiosamente os seus mandamentos. Amai a justiça e ficai certo de que, se prestardes a Deus sem cessar a honra que lhe é devida, Ele recompensará a vossa piedade e vos cumulará dos mesmos favores com que cumulou Davi". Como jeroboão era de natureza muito ambiciosa e ardente, as palavras do profeta levantaram-lhe tanto o ânimo e fizeram tão forte impressão em seu Espírito que ele não perdeu

tempo em persuadir o povo a se revoltar contra Salomão e fazê-lo rei em seu lugar. Salomão foi disso avisado e mandou prendê-lo e matá-lo, mas ele fugiu para a corte de Sisaque, rei do Egito, e lá ficou até a morte de Salomão, esperando tempo mais favorável para a execução de seu intento.

CAPÍTULO 3

MORTE DE SALOMÃO. ROBOÃO, SEU FILHO, DESCONTENTA O POVO. DEZ TRIBOS O ABANDONAM E TOMAM A JEROBOÃO POR REI. ESTE, PARA IMPEDI-LOS DE IR AO TEMPLO, EM JERUSALÉM, LEVA-OS À IDOLATRIA E QUER ELE MESMO EXERCER A FUNÇÃO DE SUMO SACERDOTE. O PROFETA JADOM O REPREENDE E FAZ EM SEGUIDA UM GRANDE MILAGRE. UM FALSO PROFETA ENGANA ESSE VERDADEIRO PROFETA E É CAUSA DE SUA MORTE. ENGANA TAMBÉM A JEROBOÃO, QUE SE ENTREGA A TODA ESPÉCIE DE IMPIEDADE. ROBOÃO TAMBÉM ABANDONA A DEUS.

344. Salomão morreu na idade de noventa e quatro anos, dos quais reinou quarenta, e foi enterrado em Jerusalém. Fora o mais feliz, o mais rico e o mais sábio de todos os reis até deixar-se dominar, no fim de sua vida, pela paixão às mulheres, de tal sorte que violou a lei de Deus e foi causa dos muitos males que os israelitas sofreram, como nos mostrará a continuação da história.

345. 1 Reis 12. Roboão, seu filho, cuja mãe, chamada Naamá, era amonita, sucedeu-o. Logo depois, vários dos principais do reino mandaram chamar Jeroboão, que estava no Egito. Ele dirigiu-se rapidamente para a cidade de Siquém, onde Roboão também se encontrava, porque havia julgado conveniente fazer o povo todo reunir-se ali, para ser coroado por consentimento unânime. Os príncipes das tribos, e Jeroboão com eles, rogaram-lhe que os aliviasse de parte das excessivas imposições com que Salomão os havia sobrecarregado, dando-lhes meios de pagá-las e tornando assim o seu governo mais sólido, e então eles lhe seriam submissos por amor, e não por temor. Roboão pediu três dias para responder. Essa dilação causou-lhes desconfiança, porque julgavam que um príncipe, particularmente daquela idade, deveria sentir prazer em demonstrar boa vontade para com os súditos. No entanto esperavam que, embora ele não lhes concedesse logo o que pediam, não

deixariam de o obter. Roboão reuniu os amigos do rei seu pai para deliberar com eles sobre a resposta que devia dar.

Os velhos, tão experientes quanto sábios e conhecedores da natureza do povo, aconselharam-no a falar com muita bondade e, para ganhar-lhes a simpatia, não usar naquela ocasião da inseparável autoridade do poder real, pois os súditos eram levados facilmente a sentir amor pelos seus reis quando tratados com bondade, e estes a eles se nivelam, de algum modo, pela afeição que lhes dedicam. Roboão não aprovou esse tão sensato conselho, que lhe seria muito útil para aquela ocasião, pois se tratava de fazer-se declarar rei. Então mandou chamar alguns moços que tinham sido educados com ele e comunicou-lhes o parecer dos anciãos que ele havia consultado, pedindo também o deles.

Os moços, aos quais a pouca idade — e Deus também — não permitia escolher o melhor, aconselharam-no a responder ao povo que o menor de seus dedos era maior que os rins de seu pai e que, se o seu pai os havia tratado rudemente, ele os trataria de outro modo: em lugar de os fazer açoitar com varas, como seu pai fazia, ele os faria vergastar com azorragues de várias cordas. Esse parecer agradou a Roboão, como mais digno da majestade real. Assim, no terceiro dia, ele mandou reunir o povo, que esperava uma resposta favorável. Mas ele lhes falou nos termos que os moços haviam sugerido, tudo isso, sem dúvida, pela vontade de Deus, para se cumprir o que Ele dissera por intermédio do profeta Aías.

Essa resposta cruel causou tal impressão no Espírito de todo o povo, que era como se já lhe sentissem o efeito. Eles gritaram com furor que renunciavam para sempre a descendência inteira de Davi. Que ele guardasse para si, se julgasse bem, o Templo, que seu pai tinha feito construir, porém jamais lhe estariam sujeitos. Sua cólera foi tão obstinada que quando Adorão, que tinha a intendência dos tributos, lhes foi enviado para pedir desculpas pelas palavras rudes, as quais eles deviam atribuir mais à pouca experiência do príncipe que à sua má vontade, eles o mataram a pedradas, sem querer escutá-lo. Roboão, percebendo que não estava em segurança no meio daquela multidão tão exaltada, subiu ao seu carro e fugiu para Jerusalém, onde as tribos de judá e de Benjamim o reconheceram como rei.

As outras dez tribos separaram-se para sempre da obediência aos sucessores de Davi e escolheram Jeroboão para seu governador. Roboão, que não se podia resignar a tolerar isso, reuniu cento e oitenta mil homens das duas tribos que lhe eram fiéis, a fim de obrigar as outras dez a voltar à sua obediência pela força. Deus, no entanto, por meio de seu profeta, impediu-o de iniciar essa guerra, tanto porque não era justa e nem era conveniente lutar contra os da própria nação tanto porque fora por sua ordem que aquelas tribos o haviam abandonado. Começarei por narrar os feitos de Jeroboão, rei de Israel, e passarei em seguida aos de Roboão, rei de Judá, como a ordem da história o exigir.

346. Jeroboão mandou construir um palácio em Siquém, onde estabeleceu residência, e um outro na cidade de Fanuel. A festa dos Tabernaculos aproximava-se, e ele pensou que, se permitisse aos seus súditos ir celebrá-la em Jerusalém, a majestade das cerimônias e do culto que se prestava a Deus no Templo os levaria a se arrepender de tê-lo escolhido para seu rei. E, se eles o abandonassem para obedecer a Roboão, ele perderia não somente a coroa, mas correria o risco de perder também a vida. Para remediar esse mal que ele tanto motivo tinha para temer, mandou construir dois templos: um na cidade de Betei e outro na de Dã, que fica perto da nascente do Pequeno Jordão, e mandou fazer dois vitelos de ouro, os quais colocou nos templos.

Reuniu em seguida as dez tribos e falou-lhes: "Meus amigos, creio que não ignorais que Deus está presente em toda parte, e assim não há lugar onde Ele não possa ouvir as orações e escutar os votos daqueles que o invocam. Por isso não acho conveniente que, para adorá-lo, vos deis ao trabalho de ir a Jerusalém, que está tão longe e que nos é inimiga. Aquele que construiu o Templo era um homem como eu, e então mandei fazer e consagrar a Deus dois bezerros de ouro, um dos quais foi colocado na cidade de Betei e outro na de Dã, a fim de que, conforme estiverdes mais próximos de uma ou de outra dessas duas cidades, possais ir até lá prestar as vossas homenagens a Deus. Não vos faltarão sacerdotes e levitas. Eu os escolherei dentre vós mesmos, sem que para isso tenhais de recorrer à tribo de Levi e à descendência de Arão. E aqueles que desejarem ser recebidos para desempenhar essas funções só terão

de oferecer a Deus em sacrifício um vitelo e um carneiro, da mesma maneira como se diz que Arão fez ao ser nomeado sacerdote".

Eis o modo como Jeroboão, nomeado sacerdote, enganou o povo que a ele se havia submetido e o levou a abandonar a lei de Deus e a religião de seus antepassados. Isso foi a causa dos males que os hebreus sofreram depois e da escravidão a que se encontraram reduzidos após terem sido derrotados por nações estrangeiras, como diremos a seu tempo.

347. 1 Reis 13. A festa do sétimo mês aproximava-se, e Jeroboão resolveu celebrá-la em Betei, tal como as tribos de Judá e de Benjamim a celebravam em Jerusalém. Mandou fazer um altar em frente ao bezerro de ouro, pretendendo ele mesmo exercer o cargo de sumo sacerdote. Subiu ao altar acompanhado pelos sacerdotes que ele mesmo havia escolhido. Porém quando ia oferecer vítimas em holocausto, na presença de todo o povo, um profeta enviado por Deus de Jerusalém, chamado Jadom, lançou-se no meio da multidão e, voltado para o altar, falou tão alto que o rei e todos os presentes puderam ouvir: "Altar, altar, eis o que diz o Senhor: Um príncipe virá da família de Davi, de nome Josias, e imolará nesse mesmo altar todos os falsos sacerdotes que ainda estiverem vivos e queimará os ossos dos que já tiverem morrido, pois eles enganam o povo e o levam à impiedade. Para que ninguém duvide da veracidade de minha profecia, vede o seu efeito neste mesmo instante: este altar ficará em pedaços, e a gordura dos animais, de que está coberto, será espalhada por terra".

Tais palavras deixaram Jeroboão tão encolerizado, que ele ordenou que prendessem o profeta. Estendeu a mão para dar a ordem, mas não a pôde recolher porque naquele instante ela ficou seca, como morta. O altar quebrou-se em vários pedaços, e os holocaustos que estavam sobre ele caíram por terra, segundo anunciara o homem de Deus. Jeroboão, não podendo mais duvidar de que Deus falara pelo profeta, rogou a este que pedisse a sua cura. Ele o fez, e a mão recobrou o movimento, como antes. Jeroboão ficou tão contente que pediu ao profeta que ficasse e assistisse ao banquete. Ele, porém, recusou o convite, dizendo que Deus o havia proibido de pôr o pé no palácio, de comer o pão e beber a água daquela cidade e que lhe ordenara expressamente que voltasse por um caminho diferente daquele pelo qual tinha vindo. A recusa do profeta aumentou ainda mais o respeito de jeroboão por ele.

Havia naquela mesma cidade um falso profeta, que, embora enganasse Jeroboão, desfrutava a sua estima, porque só lhe predizia coisas agradáveis. E, como era muito velho e doente, estava sempre de cama. Os filhos contaram-lhe que um profeta vindo de Jerusalém curara a mão seca do rei, entre outros milagres. Tal ação o fez temer que Jeroboão viesse a estimar mais esse profeta que a ele. Com isso, perderia todo o seu prestígio. Assim, ordenou aos filhos que preparassem imediatamente a sua cavalgadura, para ir ter com o profeta. Encontrou-o descansando à sombra de um carvalho, saudou-o e queixou-se de ele não ter ido à sua casa, onde o teria recebido com alegria. Jadom respondeu-lhe que Deus o havia proibido de comer naquela cidade, na casa de quem quer que fosse.

O falso profeta retorquiu: "Essa predição não se deve estender a mim, pois sou profeta como vós, adoro a Deus do mesmo modo e foi por sua ordem que vos vim procurar, para levar-vos à minha casa e usar convosco de minha hospitalidade". Jadom acreditou, deixando-se enganar, e o seguiu. Quando estavam ambos à mesa, porém, Deus apareceu-lhe, dizendo que, por castigo àquela desobediência, ele encontraria no seu regresso um leão, que o mataria, e ele não seria enterrado no sepulcro de seus antepassados. Creio que Deus permitiu isso para impedir jeroboão de prestar fé ao que Jadom havia predito.

O profeta sentiu bem depressa o efeito das palavras de Deus. Ao regressar, ele encontrou um leão, que o derrubou do asno e o matou sem tocar no animal. Depois ficou perto do corpo do profeta, para guardá-lo. Alguns viajantes viram a cena e contaram ao falso profeta. Ele logo ordenou que os filhos buscassem o corpo e o sepultou com grande cerimônias. Ordenou-lhes que, depois de sua morte, pusessem o seu corpo junto ao de Jadom, pois parte do que ele profetizara já se havia cumprido, e ele não duvidava que o resto em breve também aconteceria. E assim, tal como o altar, que fora feito em pedaços, os sacerdotes e os falsos profetas certamente seriam tratados do modo como ele havia predito. Por isso, estando os seus ossos misturados aos de Jadom, eles não seriam queimados, pensava ele.

Depois de haver esse homem ímpio dado tal ordem, foi ter com Jeroboão e perguntou-lhe por que ficara tão perturbado pelas palavras de um estranho. Jeroboão respondeu que o que acontecera ao altar e à sua mão fazia muito bem

ver que aquele era um homem cheio do Espírito de Deus e um verdadeiro profeta. Depois disso, esse homem alegou ao rei razões bastante verossímeis, porém falsas, a esse respeito, para tirar de seu Espírito aquela convicção e obscurecer a verdade.

Ele disse ao rei que o que acontecera à sua mão era proveniente de cansaço, depois de ter sacrificado tantas vítimas sobre o altar, pois fora curado logo após um pouco de descanso. Quanto ao altar, não era de se admirar que não tivesse suportado o peso de tantos animais imolados, pois fora construído recentemente. Por fim, o fato de um leão ter matado aquele homem parecia indicar claramente que nada do que ele havia falado era verdade. O rei, persuadido por essas palavras, não somente se afastou de Deus, como chegou ao cúmulo do orgulho e da loucura, ousando levantar-se contra Ele. Abandonou-se a toda espécie de crimes, e procurava continuamente praticar outros, ainda desconhecidos e maiores que os precedentes.

348. 1 Reis 14. Havendo falado desse soberano, devemos agora falar de Roboão, filho de Salomão, que reinava, como dissemos, sobre duas tribos somente. Ele mandou construir na tribo de Judá várias cidades grandes e fortes, como Belém, Etã, Tecoa, Bete-Zur, Soco, Adulão, Ip, Maressa, Zife, Adoraim, Laquis, Zorá, Aijalom e Hebrom. Mandou construir também outras grandes cidades na tribo de Benjamim e colocou em todas governadores e fortes guarnições. Proveu-as de trigo, vinho e óleo e de tudo o que era necessário, incluindo armas em quantidade suficiente para equipar um bom número de soldados.

Os sacerdotes, os levitas e todas as pessoas piedosas das dez tribos sujeitas a Jeroboão, não podendo tolerar que um príncipe os quisesse obrigar a adorar dois vitelos de ouro que ele mesmo tinha feito, abandonaram as cidades em que moravam para servir a Deus em Jerusalém. Essa demonstração de sua piedade, que continuou durante três anos, aumentou em muito o número dos súditos de Roboão.

O rei de judá desposou primeiramente uma de suas parentas, da qual teve três filhos, e em seguida outra, de nome Maaca, filha mais velha de Tamar, filha de Absalão, da qual teve um filho de nome Abião.* Embora tivesse ainda outras dezoito mulheres legítimas e trinta concubinas, das quais teve vinte e oito filhos e sessenta filhas, ele amou Maaca acima de todas as outras e

escolheu Abião, filho dela, para seu sucessor, confiando-lhe os seus tesouros e as mais fortes de suas cidades.

Como acontece ordinariamente de a prosperidade produzir a corrupção dos costumes, o aumento do poder de Roboão o fez esquecer-se de Deus. O povo seguiu a sua impiedade, pois a vida desregrada de um rei quase sempre causa o mesmo efeito nos súditos. Assim como o exemplo de sua virtude os conserva no cumprimento do dever, a exposição de seus vícios leva-os à desordem, porque julgam que não os imitar eqüivale a condená-los. Assim, Roboão calcou aos pés o respeito e o temor a Deus, e os seus súditos caíram no mesmo crime, como se temessem ofendê-lo, querendo ser mais justos que o rei.

---

* Ou Abias.

CAPÍTULO 4

SISAQUE, REI DO EGITO, SITIA A CIDADE DE JERUSALÉM. ROBOÃO A ENTREGA COVARDEMENTE. SISAQUE SAQUEIA O TEMPLO E LEVA TODOS OS TESOUROS DEIXADOS POR SALOMÃO. MORTE DE ROBOÃO. ABIÃO, SEU FILHO, SUCEDE-O. JEROBOÃO MANDA A MULHER CONSULTAR O PROFETA ATAS A RESPEITO DA DOENÇA DE OBIMÉS, SEU FILHO. O PROFETA DIZ QUE ELE MORRERÁ E PREDIZ A RUÍNA DO REI E DE TODA A SUA FAMÍLIA, POR CAUSA DA IMPIEDADE.

349. Deus, para aplicar a sua justa vingança sobre Roboão, serviu-se de Sisaque, rei do Egito. (Heródoto engana-se quando atribui esse fato a Sosester.) Esse soberano, Sisaque, entrou no país no quinto ano do reinado de Roboão, com um exército de mil e duzentos carros, sessenta mil cavaleiros e quatrocentos mil soldados de infantaria, composto na maior parte por líbios e etíopes. Depois de colocar guarnições nas várias cidades que se entregaram a ele, sitiou Jerusalém. Roboão, que lá estava encerrado, recorreu a Deus, mas Ele não ouviu a sua oração. O profeta Semaías advertiu-o, dizendo que, assim como ele e o povo haviam abandonado a Deus, Ele também os abandonara.

O soberano e os súditos, vendo-se sem esperança de auxílio, humilharam-

se e confessaram que era com muita justiça que recebiam aquele castigo, devido à sua impiedade e aos seus crimes. Deus, tocado pelo arrependimento deles, mandou dizer-lhes pelo seu profeta que não os exterminaria inteiramente, porém os sujeitaria aos egípcios, para fazê-los experimentar a diferença entre estar sujeito a Deus somente e aos homens. Roboão, desse modo, perdeu o ânimo e entregou Jerusalém a Sisaque, que lhe faltou à palavra, pois saqueou o Templo e levou todos os tesouros consagrados a Deus. Levou também os tesouros de Roboão, os escudos de ouro que Salomão mandara fazer e as aljavas de ouro dos sofonianos que Davi oferecera a Deus. Voltou ao seu país carregado com tantas riquezas e despojos que perfaziam uma soma incalculável.

Heródoto faz menção a essa guerra e engana-se somente no nome do rei do Egito, quando diz que ele, depois de atravessar várias províncias, subjugou a Síria da Palestina, cujos povos se entregaram a ele sem combate, o que mostra claramente que é de nossa nação que ele está falando, e faz ver com isso que ela foi dominada pelos egípcios. Ele acrescenta que esse príncipe mandou elevar colunas nos lugares que se haviam rendido a ele sem se defender, sobre as quais, para reprovar-lhes a covardia, estavam gravados sinais do sexo das mulheres, o que se referia sem dúvida a Roboão, pois foi o único de nossos reis a entregar Jerusalém sem combater. Esse mesmo historiador diz que os etíopes aprenderam dos egípcios a circuncisão, e os fenícios e os sírios da Palestina confirmam que receberam também dos egípcios esse costume, pois é sabido que não há outros povos na Palestina que se circuncidem. Mas deixo a cada qual opinar sobre isso o que quiser.

350. Depois que o rei Sisaque voltou ao Egito, Roboão, para substituir os escudos de ouro que ele havia levado, mandou fazer outros, em igual número, de cobre, os quais entregou aos guardas. Ele passou o resto de sua vida sem fazer ação alguma digna de memória, porque o medo que tinha de Jeroboão, seu irre-conciliável inimigo, não lhe permitia tomar qualquer iniciativa. Morreu na idade de cinqüenta e sete anos, dos quais reinou dezessete. Seu Espírito fraco e sua arrogância fizeram-no perder, como dissemos, a maior parte do reino, por não seguir o conselho dos amigos do rei Salomão, seu pai. Abião, seu filho, de apenas dezoito anos, sucedeu-o, e Jeroboão reinava ainda sobre as

outras dez tribos.

351. 1 Reis 14. Depois de termos dito qual o fim de Roboão, devemos dizer também qual foi o de Jeroboão. Tão detestável monarca continuou a ofender a Deus cada vez mais, com horríveis atos de impiedade. Fazia continuamente erguer altares sobre os lugares mais elevados das florestas e escolhia para sacerdotes pessoas de baixa condição moral. Mas Deus não tardou muito a castigá-lo com uma justa vingança por tanta abominação, vindo o castigo sobre ele e sobre toda a sua posteridade.

Obimés, seu filho, estava muito doente, e ele disse à rainha sua esposa que tomasse as vestes de uma pessoa do povo e fosse falar com o profeta Aías, homem admirável, o mesmo que outrora previra que ele seria rei. Ela devia fingir-se estrangeira e perguntar se o filho ficaria bom daquela enfermidade. Ela partiu logo, mas quando se aproximava da casa de Aías, Deus apareceu ao profeta, tão acabado pela velhice que quase nada mais enxergava, e revelou-lhe que a mulher de Jeroboão viria falar com ele. Deus disse-lhe também o que devia responder a ela.

Quando ela chegou à porta fingindo ser uma pobre forasteira, o profeta exclamou: "Entrai, mulher de Jeroboão, sem dissimular que sois vós mesma. Deus me revelou tudo, e já me disse o que vos devo responder: Voltai para junto de vosso marido e dizei-lhe da parte de Deus: Quando não gozáveis ainda de nenhum prestígio, eu dividi o reino, que devia pertencer ao sucessor de Davi, para dar-vos uma parte, mas a vossa horrível ingratidão vos fez esquecer todos os meus benefícios. Abandonastes o meu culto para adorar ídolos feitos por vossas mãos. Por isso exterminarei toda a vossa descendência. Darei o vosso corpo aos cães e às aves, para que o devorem, e constituirei rei sobre Israel um homem que não poupará nenhum de vossos descendentes. E o povo, que vos é submisso, não ficará isento desse castigo. Serão expulsos desta terra tão abundante que agora possuem e serão impelidos para além do Eufrates, porque imitaram a vossa impiedade e deixaram de me render a devida honra para prestar um culto sacrílego a falsos deuses, que são obra das mãos dos homens".

Disse em seguida o profeta: "Apressai-vos e ide levar essa resposta a vosso marido. Quanto ao vosso filho, ele morrerá no mesmo instante em que

entrardes na cidade. Enterrá-lo-ão com honra, e todo o povo chorará, por ser o único de toda a descendência de Jeroboão a ter piedade e virtude". A princesa, cheia de dor por causa dessa resposta e já considerando morto o filho, voltou debulhada em lágrimas para falar com o rei. Apressando-se, apressava também a morte do filho, que iria expirar quando ela chegasse à cidade, e assim ela não poderia encontrá-lo com vida. Achou-o morto, conforme a predição do profeta, e referiu a Jeroboão tudo o que ele lhe dissera.

CAPÍTULO 5

GRANDE VITÓRIA CONQUISTADA POR ABIÃO, REI DE JERUSALÉM, CONTRA JEROBOÃO, REI DE ISRAEL. MORTE DE ABIÃO. ASA, SEU FILHO, SUCEDE-O. MORTE DE JEROBOÃO. SEU FILHO SUCEDE-O. BAASA ASSASSINA-O E EXTERMINA TODA A FAMÍLIA DE JEROBOÃO.

352. 1 Reis 15; 2 Crônicas 13. Jeroboão, desprezando os oráculos que Deus pronunciara pela boca de seu profeta, reuniu oitocentos mil homens para fazer guerra a Abião, filho de Roboão, cuja mocidade ele desprezava. Mas esse príncipe, cuja firmeza sobrepujava a idade, em vez de se espantar com tão grande multidão de inimigos, acreditou que obteria a vitória. Ele reuniu dentre as duas tribos que lhe eram sujeitas um exército de quatrocentos mil homens e partiu contra Jeroboão. Acampado próximo do monte de Zemaraim, preparou-se para dar-lhe combate. Estando os exércitos preparados e prestes a embater-se, Abião subiu a um pequeno outeiro e com a mão fez sinal de que desejava falar às tropas de Jeroboão.

E começou: "Vós não ignorais que Deus constituiu Davi, meu bisavô, rei sobre todo o povo e lhe prometeu que os seus descendentes reinariam também depois dele. Assim, admiro-me que tenhais sido excluídos do governo do falecido rei meu pai para vos submeterdes ao de Jeroboão, que nasceu súdito dele, e venhais agora de armas na mão contra mim, que fui escolhido por Deus para vos governar, querendo tirar-me esta pequena parte do reino que me resta, enquanto Jeroboão possui a maior. Espero, todavia, que ele não desfrute por muito tempo uma usurpação tão injusta. Deus o castigará, sem dúvida, pelos muitos crimes que cometeu e continua a cometer, no que vos leva a imitar. Pois

foi ele quem vos impeliu à revolta contra o falecido rei meu pai, que outro mal não vos fez senão falar-vos asperamente, devido ao mau conselho que seguiu, fomentando assim o vosso descontentamento e levando-vos não somente a abandonar o vosso legítimo soberano, mas ao próprio Deus, e a violar as suas santas leis, quando devíeis desculpar as palavras grosseiras de um jovem rei não acostumado a falar em público. Mesmo que a sua pouca experiência vos tivesse dado justo motivo de queixa, os benefícios de que sois devedores ao rei Salomão, meu avô, não vos deveriam fazê-lo esquecer, sendo que não há nada mais razoável que perdoar as faltas dos filhos pela recordação dos favores devidos aos pais? Todavia, sem vos incomodardes com tais considerações, vindes atacar-me com um grande exército. Confesso que não compreendo em que pondes a vossa confiança. Será sobre esses vitelos de ouro, nesses altares erguidos, nesses lugares elevados? Em vez de ser sinal de piedade, não mostra isso, ao contrário, a vossa impi-edade? Ou será porque o número de vossos soldados sobrepuja em muito o dos meus? Contudo, por maior que seja um exército, pode ele esperar um resultado feliz, se combate contra a justiça? Esta somente pode obter a vitória quando unida à pureza do culto a Deus. Assim, espero consegui-la, pois nem eu nem os que me são fiéis nos afastamos da observância às leis de nossos antepassados. Sempre adoramos ao verdadeiro Deus, que criou o universo e é o princípio e o fim de todas as coisas, e não a ídolos feitos de matéria corruptível pelas mãos dos homens, inventados por um tirano que abusa de vossa credulidade para vos arruinar. Considerai, pois, e meditai. Segui um melhor conselho e não vos afasteis mais do sensato proceder de nossos antepassados nem deturpeis as santas leis, que nos elevaram a tão alto grau de grandeza e poder".

Enquanto Abião falava, Jeroboão fez marchar secretamente uma parte de suas tropas, a fim de atacar o exército de Abião pela retaguarda e envolvê-lo, e todos ficaram alarmados quando o perceberam. Mas Abião, sem perder a calma, exortou-os a colocar toda a sua confiança em Deus, ao qual os homens não podem surpreender. A generosidade com a qual ele lhes falou inspirou neles tão grande confiança que, depois de invocar o auxílio divino, partiram para a luta com uma coragem incrível, misturando os gritos de alegria ao som das trombetas dos sacerdotes.

Deus abateu de tal modo o ânimo dos inimigos que em toda a história, seja a dos gregos, seja a dos bárbaros, nunca se viu maior carnificina numa batalha. Quinhentos mil homens do lado de Jeroboão restaram mortos no campo, nessa brilhante vitória que Deus concedeu à piedade do rei Abião. Tão justo e glorioso príncipe tomou em seguida, de jeroboão, as cidades de Betei, jesana e várias outras dentre as mais fortes. Conquistou todo o país, que agora dependia dele, e pô-lo em tal estado que não se pôde refazer durante toda a vida desse ilustre rei de Judá. Mas ele morreu bem depressa: reinou apenas mais três anos. Foi enterrado em Jerusalém, no sepulcro de seus antepassados, e deixou quatorze mulheres, dezesseis filhas e vinte e dois filhos, um dos quais, de nome Asa, que ele teve de Maaca, sucedeu-o no trono e reinou dez anos em grande paz.

353. Eis o que encontramos por escrito de Abião, rei de Judá. Jeroboão, rei de Israel, não sobreviveu por muito tempo, pois reinou vinte e dois anos, e Nadabe, seu filho, sucedeu-o no governo e na impiedade. Reinou apenas dois anos. Baasa, filho de Aías, matou Nadabe à traição, quando este sitiava Gibetom, cidade dos filisteus. Baasa usurpou o reino e, segundo Deus havia predito, exterminou toda a família de Jeroboão, lançando os corpos aos cães, para que estes os devorassem, como castigo pelos seus crimes e pela sua impiedade.

CAPÍTULO 6

VIRTUDES DE ASA, REI DE JUDÁ E FILHO DE ABIÃO. ESPLÊNDIDA VITÓRIA QUE ELE OBTÉM SOBRE ZERÁ, REI DA ETIÓPIA. O REI DE DAMASCO O AUXILIA CONTRA BAASA, REI DE ISRAEL, QUE É ASSASSINADO POR CREOM. ELÁ, FILHO DE BAASA, SUCEDE AO PAI E É ASSASSINADO POR ZINRI.

354. 1 Reis 15; 2 Crônicas 14, 15 e 76. Asa, rei de Judá e filho de Abião, era um príncipe tão sábio e religioso que tinha como regra para as suas ações apenas a lei de Deus. Ele reprimiu os vícios, baniu as desordens e deteve a corrupção que se introduzira no reino. Somente na tribo de Judá havia trezentos mil homens escolhidos, armados com dardos e escudos, e duzentos e cinqüenta mil na de Benjamim, que também possuíam escudos e se serviam de

arcos e de flechas.

Então Zerá, rei da Etiópia, veio atacá-lo com um exército de cem mil cavaleiros, novecentos mil soldados de infantaria e trezentos carros. Marchou contra ele até Maressa, cidade da Judéia, e colocou o seu exército em posição de batalha no vale de Zefatá. Quando ele viu aquela enorme multidão de inimigos, dirigiu-se a Deus para implorar o seu auxílio, em vez de perder a coragem. Na sua oração, disse-lhe que só se envolvera numa guerra contra tão poderoso exército pela confiança que tinha em seu auxílio, pois sabia que Ele podia fazer vencedor um pequeno número ou fazer triunfar os mais fracos contra os mais fortes, os quais pareciam os mais temíveis.

Deus aceitou a oração desse virtuoso príncipe e a teve por tão agradável que mostrou por um sinal que ele obteria a vitória. Assim, ele partiu para a luta com inteira confiança, matou um grande número de inimigos, pôs em fuga o restante deles e os perseguiu até a cidade de Gerar, que tomou à força. Os soldados saquearam-na e devastaram todo o acampamento dos etíopes, onde encontraram tão grande quantidade de ouro, camelos, cavalos e gado que voltaram a Jerusalém carregados de riquezas.

Quando se aproximavam da cidade, o profeta Azarias veio-lhes ao encontro, mandou que parassem e lhes disse que Deus os havia feito obter aquela brilhante vitória porque reconhecera a sua piedade e submissão às santas leis. E, se continuassem a viver daquele modo, Ele continuaria também a fazê-los triunfar de seus inimigos. Mas se eles se afastassem do seu serviço cairiam em tal infelicidade que entre eles não haveria um só profeta verdadeiro ou um sacerdote que fosse justo. As suas cidades seriam destruídas, e eles vagariam errantes por toda a terra. Assim, exortava-os a praticar cada vez mais a virtude, enquanto isso lhes fosse possível, e que não se iludissem com a felicidade de serem favorecidos por Deus. Essas palavras encheram Asa e os seus de tal alegria que nada esqueceram, quer em geral, quer em particular, de tudo o que dependia deles, para fazer observar a lei de Deus.

355. Voltemos agora a Baasa, que depois de ter assassinado Nadabe, filho de Jeroboão, tinha usurpado o reino de Israel. Escolheu ele a cidade de Tirza para sua moradia e reinou vinte e quatro anos. Foi ainda mais ímpio e mau que Jeroboão e seu filho Nadabe. Não havia vexames e tribulações pelas quais não

fizesse passar os seus súditos nem blasfêmias que não vomitasse contra Deus. Assim, atraiu ele sobre si a cólera de Deus, que lhe mandou dizer, por)eú, seu profeta, que o exterminaria, bem como a toda a sua descendência, tal como havia exterminado a de Jeroboão, porque, em vez de reconhecer o favor que lhe havia feito, consti-tuindo-o rei, e de ganhar o coração do povo pelo amor, pela religião e pela justiça, ele preferira imitar o detestável Jeroboão em seus crimes e em suas abo-minações.

Tais ameaças, no entanto, não levaram o soberano a se corrigir nem a fazer penitência para aplacar a ira de Deus. Ao contrário, ele chafurdou-se cada vez mais em toda espécie de pecado. Sitiou Rama, cidade assaz importante, distante de Jerusalém uns quarenta estádios somente. Depois de havê-la tomado, fortificou-a e colocou ali uma forte guarnição, para poder daquele lugar fazer incursões pelo país. O rei Asa, para maior segurança, enviou embaixadores com dinheiro ao rei de Damasco, pedindo-lhe auxílio, conforme a aliança que havia entre os seus antepassados.

O soberano recebeu o dinheiro e enviou logo um exército às terras de Baasa, o qual causou-lhe muitos prejuízos, queimando cidades e saqueando Ijom, Dã e Abel-Maim. Desse modo, Baasa foi obrigado a deixar a fortificação de Rama para defender o país. No entanto Asa fortificou Ceba e Mispa com o material que Baasa havia preparado para usar em Rama. Baasa não pôde mais continuar atacando Asa. Creom assassinou Baasa, o qual foi enterrado na cidade de Tirza. Elá, seu filho, sucedeu-o e reinou apenas dois anos. Zinri, que comandava metade da cavalaria, assassinou-o num banquete que ele oferecia em casa de um de seus oficiais, de nome Arsa, onde não havia guardas, porque ele havia mandado todos os seus soldados sitiar Gibetom, uma cidade dos filisteus.

Capítulo 7

O exército de Elá, rei de Israel, assassinado por Zinri, escolhe Onri para rei, e Zinri atira-se nas chamas. Acabe sucede a Onri, seu pai, no reino de Israel. Sua enorme impiedade. Castigo com que Deus o ameaça, pelo profeta Elias, que se retira em seguida para o deserto, onde os corvos o alimentam, e depois para Zarefate, em

CASA DE UMA VIÚVA, ONDE ELE FAZ GRANDES MILAGRES. ELIAS FAZ OUTRO IMPORTANTE MILAGRE NA PRESENÇA DE ACABE E DE TODO O POVO E MATA QUATROCENTOS E CINQÜENTA FALSOS PROFETAS. JEZABEL QUER MATÁ-LO, MAS ELE FOGE. DEUS ORDENA-LHE QUE CONSAGRE FEÚ REI DE ISRAEL E HAZAEL REI DA SÍRIA E ESTABELEÇA ELISEU COMO PROFETA. JEZABEL MANDA APEDREJAR NABOTE, AFIM DE OBTER A SUA VINHA PARA ACABE. DEUS MANDA ELIAS AMEAÇÁ-LO, E ELE SE ARREPENDE DE SEU PECADO.

356. Zinri, como acabamos de ver, tendo mandado assassinar o rei Elá e usurpado a coroa, exterminou, segundo a predição do profeta Jeú, toda a família de Baasa, do mesmo modo como havia feito à de Jeroboão, por causa de sua impi-edade. Mas não ficou muito tempo impune pelo seu crime. O exército, que sitiava Gibetom, tendo sabido do assassinato cometido por ele e de que se havia apoderado do reino, levantou o cerco e escolheu para rei o general que os comandava, de nome Onri. Este partiu imediatamente a fim de sitiar Zinri em Tirza. Tomou a cidade, e então o usurpador, vendo-se abandonado e sem auxílio, escondeu-se no lugar mais afastado do palácio, ao qual ateou fogo. Ele morreu queimado após reinar apenas sete dias. O povo dividiu-se em vários partidos, uns querendo conservar Onri como rei, outros manifestando-se a favor de Tibni. Mas o partido de Onri era mais forte, e ele tomou pacificamente posse do reino de Israel, após morte de Tibni, que foi assassinado.

Ele começou a reinar no trigésimo ano do rei Asa, de Judá, e reinou doze anos, seis na cidade Tirza e seis em Semer, que os gregos chamam Samaria. Ele então a chamou Semer por causa do nome daquele de quem ele comprara o monte, sobre o qual a construiu. Em nada se diferenciou dos reis seus predecessores, a não ser em tê-los sobrepujado na impiedade. Porque nada houve que ele não fizesse para afastar o povo da religião de seus pais. Mas Deus, com um justo castigo, exterminou-o, bem como a toda a sua família. Ele morreu em Samaria, e Acabe, seu filho, sucedeu-o.

357. Esses exemplos dos favores com que Deus recompensa os bons e dos castigos que inflige aos maus mostram como Ele observa as ações dos homens. Vimos esses reis de Israel destruírem-se uns aos outros em pouco tempo e todas as suas descendências serem exterminadas por causa da

impiedade deles. Deus, ao contrário, para recompensar a piedade do rei Asa, de judá, deixou-o reinar com inteira prosperidade durante quarenta e um anos. Morreu em ditosa velhice, e Josafá, seu filho, que ele tivera de Abida, sucedeu-o na virtude bem como no reino, e deu a conhecer, por suas ações, que era um verdadeiro imitador da piedade e da coragem de Davi, do qual era descendente, como veremos mais particularmente na continuação desta história.

358. Acabe, rei de Israel, estabeleceu residência em Samaria e reinou vinte e dois anos. Em vez de mudar as abomináveis instituições feitas pelos reis seus predecessores, inventou ainda outras, tanto se comprazia em superá-los na impi-edade, particularmente a Jeroboão, porque adorou, como ele, bezerros de ouro que havia mandado fazer e acrescentou outros crimes a esse. Desposou Jezabel, filha de Etbaal, rei dos tírios e dos sidônios, e tornou-se idolatra, adorando falsos deuses. Jamais mulher alguma foi mais ousada e insolente. Tão horrível era a sua impiedade que ela não se envergonhou de edificar um templo a Baal, deus dos tírios, de plantar madeiras de todas as espécies e de estabelecer falsos profetas para prestar um culto sacrílego a essa falsa divindade. Como Acabe sobrepujava a todos os seus predecessores em maldade, ele tinha prazer em manter sempre essa espécie de gente junto de si.

359. 1 Reis 17. Um profeta de nome Elias, da cidade de Tisbi, veio falar-lhe da parte de Deus e afirmou com juramento que depois que tivesse desempenhado a sua incumbência e se retirasse, Deus não mandaria mais chuva nem orvalho à terra durante todo o tempo em que ele, Elias, estivesse ausente. Tendo-lhe assim falado, dirigiu-se para o sul e parou próximo de uma torrente, a fim de não sentir falta de água. Quanto à comida, alguns corvos traziam-lhe todos os dias o necessário para o seu sustento. Quando a torrente secou, ele foi, por ordem de Deus, a Zarefate, cidade situada entre Tiro e Sidom, à casa de uma viúva, que Deus revelou lhe daria alimento.

Quando estava próximo da porta da cidade, encontrou uma mulher que cortava lenha, e Deus revelou-lhe que era a que deveria hospedá-lo em casa. Ele aproximou-se dela, cumprimentou-a e rogou-lhe que lhe desse um pouco de água para beber. Ela o fez e, quando ela já se afastava, ele pediu também um pedaço de pão. Afirmou então a mulher, com juramento, que tinha apenas um pouco de farinha e de óleo e que tinha vindo ajuntar lenha a fim de assar um

pão para ela e seu filho, sendo que depois deveriam resignar-se a morrer de fome. Disse-lhe o profeta: "Tende coragem e não percais a esperança. Começai, eu vos peço, por me dar o que tiverdes para comer, pois prometo que o vosso prato jamais ficará sem farinha e nem faltará óleo ao vosso vaso até que Deus faça cair chuva do céu".

A mulher obedeceu, e nem ele, nem ela, nem o filho dela tiveram falta de coisa alguma até findar aquela prolongada seca, de que fala o historiador Menandro quando narra os feitos de Etbaal, rei dos tírios: "Houve naquele tempo uma grande seca, que durou desde o mês de hiperbereteu até o mesmo mês do ano seguinte. Esse soberano mandou fazer grandes preces e foram elas seguidas de um grande trovão. Foi ele quem mandou construir as cidades de Botris, na Fenícia, e a de Ausate, na África". Essas palavras referem-se, sem dúvida, a essa seca, que aconteceu no reinado do rei Acabe, pois Etbaal reinava em Tiro nesse mesmo tempo.

360. O filho da viúva de que acabamos de falar morreu pouco depois. O excesso de dor fez a pobre mãe aflita perder o juízo, de modo que atribuía à chegada do profeta a morte do menino. Dizia que ele havia descoberto os seus pecados e que essa fora a causa de Deus lhe haver levado o único filho, para castigá-la. O profeta, contudo, exortou-a a confiar em Deus e pediu que lhe trouxesse o corpo do menino, prometendo restituí-lo vivo.

Ela obedeceu, e o profeta levou-o ao seu quarto, onde elevou a voz a Deus, depois de estender em seu leito o menino, e disse-lhe, na amargura de sua alma, que a morte da criança seria má recompensa à caridade que aquela mãe usara para com ele, recebendo-o em sua casa e dando-lhe alimento. Então rogou ardentemente a Deus que restituísse a vida ao menino. Deus, comovido por causa da mãe e não querendo que se pudesse acusar o profeta de ter sido o causador daquela infelicidade, ressuscitou o menino. A pobre mulher, fora de si de tanta alegria ao rever, contra toda a esperança, o seu filho, disse a Elias, enquanto segurava o menino nos braços: "Agora conheço que falais deveras com o Espírito de Deus".

361. 1 Reis 18. Algum tempo depois, Deus mandou esse profeta dizer ao rei Acabe que mandaria chuva. A carestia então era tão grande e a falta de todas as coisas necessárias à vida tão extraordinária que mesmo os cavalos e os

outros animais não encontravam erva, pois a extrema seca tornara a terra árida. Para evitar a inteira ruína de seu gado, Acabe mandou Qbadias, chefe de todos os seus pastores, procurar forragem nos lugares mais úmidos, devendo ao mesmo tempo procurar por toda parte o profeta Elias. Vendo que não o podiam encontrar, resolveu ir ele mesmo procurá-lo e disse a Obadias que o seguisse, porém tomando um outro caminho.

Obadias era um homem de bem e tão temente a Deus que, quando Acabe e Jezabel mandaram matar os profetas do Senhor, ele escondeu uns cem deles em cavernas, onde os alimentava com pão e água. Mal havia deixado o rei, o profeta veio ao seu encontro. Obadias perguntou-lhe quem era, e quando o soube pros-trou-se diante dele. Disse-lhe o profeta: "Ide avisar o rei da minha chegada". Respondeu Obadias: "Que mal vos fiz, para quererdes a minha morte? Pois o rei vos fez procurar por toda parte, a fim de matar-vos. Logo que eu lhe disser que estais para chegar, o Espírito de Deus vos levará a outros lugares, e assim o rei dirá que o enganei e sem dúvida me matará. Podeis, no entanto, se o quiserdes, salvar-me a vida. É o que vos peço, pelo amor que demonstrei a cem profetas como vós, aos quais livrei do furor de Jezabel e escondi nas cavernas, onde ainda os sustento". O homem de Deus respondeu-lhe que fosse com toda tranqüilidade procurar o rei, pois prometia com juramento comparecer naquele mesmo dia à sua presença.

Ele partiu, e Acabe, ante essas palavras, veio ter com Elias e encolerizado disse-lhe: "Sois então o causador de tantos males ao meu reino, particularmente desta esterilidade, que o reduziu a tal miséria?" O profeta, sem se admirar, respondeu que o rei deveria atribuir a si mesmo todos os males de que se lamentava, pois os havia atraído pelo culto sacrílego que prestava aos falsos deuses de outras nações, abandonando o Deus verdadeiro. Mandou então que reunisse todo o povo no monte Carmelo e ordenasse a todos os profetas da rainha sua esposa, dos quais afirmou desconhecer o número, e aos quatrocentos e cinqüenta dos lugares altos que lá se encontrassem todos.

Feito isso, Elias falou nestes termos à grande multidão: "Até quando o vosso Espírito ficará hesitando, na incerteza do partido que deveis tomar? Se credes que o nosso Deus é o Deus eterno e único, por que não vos dedicais inteiramente a Ele com inteira submissão do coração e não observais os seus

mandamentos? Se credes, ao contrário, que são esses deuses estrangeiros que deveis adorar, por que não os tomais por vossos deuses?"

Ninguém respondeu, e o profeta continuou: "Para se conhecer, por meio de uma prova indubitavel, quem é o mais poderoso, o Deus que adoro ou esses deuses que vos apresentam, e se quem está na verdadeira religião sou eu ou esses quatrocentos e cinqüenta profetas, vou trazer um boi preparado para o sacrifício, mas não porei fogo à lenha. Que esses quatrocentos e cinqüenta profetas façam a mesma coisa e roguem depois aos seus deuses, assim como rogarei ao meu, que ponham fogo à lenha, e então conheceremos quem é o verdadeiro Deus".

A proposta foi aprovada, e Elias disse aos profetas que escolhessem o boi que quisessem e por primeiro fizessem o sacrifício e invocassem os seus deuses. Eles o fizeram, mas inutilmente. Elias, para zombar deles, disse-lhes que gritassem mais alto, porque os seus deuses talvez tivessem ido passear ou então estavam dormindo. Eles continuaram as suas invocações até o meio-dia e cortavam a própria pele com navalhas, segundo o seu costume, mas sem resposta alguma.

Quando Elias foi por sua vez sacrificar, ordenou que todos se retirassem e convocou o povo a verificar se ele ocultamente poria fogo à lenha. Todos se aproximaram. O povo tomou doze pedras, segundo o número das tribos, e ergueu um altar, ao qual rodeou com um canal profundo. Colocaram a lenha sobre o altar e puseram a vítima sobre a lenha. Derramaram depois por cima dela quatro grandes cântaros de água da fonte. A água molhou não somente a vítima e toda a lenha, mas correu pelo canal e o encheu. Então Elias invocou a Deus e rogou-lhe que mostrasse o seu poder àquele povo que havia tanto tempo estava mergulhado nas trevas da cegueira. No mesmo instante, viu-se descer do céu sobre o altar um fogo, que consumiu inteiramente a vítima e toda a água, sem que a terra ficasse menos seca do que estava antes.

O povo, espantado com tão grande milagre, prostrou-se por terra e adorou a Deus, clamando que Ele era o único e verdadeiro Deus e que todos os outros deuses eram apenas nomes sem sentido, imaginários, ídolos sem virtude e sem poder, objetos dignos de desprezo, aos quais não se podia sem loucura prestar culto. O profeta, então, matou os quatrocentos e cinqüenta falsos profetas e

disse ao rei que fosse comer tranqüilo, pois lhe garantia que Deus logo faria chover.

Depois que o rei se retirou, Elias subiu ao cume do monte e pôs a cabeça entre os joelhos. Estando o céu muito claro e sereno, ordenou ao seu servo que subisse a um rochedo e olhasse para o lado do mar, a fim de dizer-lhe se via alguma pequena nuvem. O servo subiu e disse que nada via. Voltando, porém, pela sétima vez, disse-lhe por fim que avistava no ar uma nuvenzinha de mais ou menos um pé de comprimento. O profeta então mandou dizer ao rei que voltasse logo para Israel, se não quisesse ser surpreendido por uma violenta tempestade. Acabe partiu a toda velocidade em seu carro, e o profeta, levado pelo Espírito de Deus, não o seguiu menos depressa. Logo que chegaram à cidade, espessas nuvens cobriram todo o céu. Um vento impetuoso levantou-se, e uma chuva fortíssima inundou a terra.

362. 1 Reis 19. Quando Jezabel soube dos prodígios que Elias havia realizado e da morte de seus profetas, mandou dizer-lhe que o trataria do modo como ele os havia tratado. Tais ameaças atemorizaram-no, e ele fugiu para a cidade de Berseba, que está na extremidade do território da tribo de judá e confina com a Iduméia. Lá deixou o seu servo e penetrou sozinho no deserto. Ele pediu a Deus que o retirasse deste mundo e adormeceu em seguida, debaixo de uma árvore.

Estando ainda nessa aflição, percebeu que alguém o despertava e que lhe havia trazido pão e água. Após readquirir as forças com esse alimento inesperado, caminhou tanto que chegou ao monte Sinai, onde Deus entregara a Moisés a sua lei. Tendo encontrado uma caverna espaçosa, resolveu nela estabelecer moradia, e ali ouviu uma voz, que lhe perguntou por que ele havia abandonado a cidade para refugiar-se no deserto. Ele respondeu que o fizera porque, tendo matado os profetas dos falsos deuses e procurado persuadir o povo a adorar o verdadeiro Deus, o único que merece a nossa adoração, a rainha Jezabel começou a procurá-lo por toda parte para o matar.

A voz então ordenou-lhe que saísse da caverna no dia seguinte, para saber o que teria de fazer. Ele obedeceu e imediatamente sentiu a terra tremer sob os pés. Relâmpagos ardentes feriram-lhe os olhos. Veio depois uma grande calma, e ele ouviu uma voz celeste, que lhe disse para não temer cair em poder

dos inimigos e que voltasse para casa e consagrasse Jeú, filho de Ninsi, rei sobre Israel e Hazael rei sobre os sírios, porque desejava servir-se deles para castigar os maus. A voz acrescentou que deixasse Eliseu, filho de Safate, da cidade de Abel, como profeta em seu lugar. Elias, para obedecer à ordem, partiu no mesmo instante e, encontrando Eliseu no caminho, com alguns outros que trabalhavam o campo com doze pares de bois, lançou sobre ele o seu manto. No mesmo instante, ele profetizou, deixou os bois e seguiu o profeta, depois de haver, com sua licença, se despedido dos parentes, e não o abandonou mais.

363. 1 Reis 21. Um homem da cidade de jezreel, chamado Nabote, possuía uma vinha que confinava com as terras do rei Acabe. Várias vezes o soberano rogou-lhe que a vendesse ao preço que quisesse ou a trocasse por qualquer outra, porque tinha dela necessidade, para aumentar o seu parque. Nabote, porém, jamais se decidiu a isso, dizendo que nenhuma outra uva lhe poderia ser mais agradável que a produzida por uma vinha deixada pelo pai. Essa recusa ofendeu de tal modo a Acabe que ele não quis mais comer nem tomar banho. Jezabel perguntou-lhe a causa daquilo, e ele contou que Nabote, por uma estranha grosseria, lhe recusara obstinadamente vender ou trocar a sua vinha, embora ele se tivesse humilhado e lhe rogado em termos indignos da majestade de um rei.

A altiva princesa respondeu que aquilo não era motivo pelo qual se devesse afligir, a ponto de esquecer até o cuidado com a própria pessoa, e que se tranqüilizasse e confiasse nela, sem se preocupar mais: ela tomaria providências, e a insolência de Nabote seria castigada. Imediatamente mandou escrever em nome do rei aos principais oficiais da província, para que decretassem um jejum, e, quando o povo estivesse reunido, dessem o primeiro lugar a Nabote, pela nobreza de sua descendência, mas em seguida fizessem ele ser acusado por três homens, que o rei lhes mandaria, de ter blasfemado contra Deus e contra o rei. Desse modo, ele seria então eliminado. Tudo foi executado, e Nabote foi apedrejado e morto pelo povo. Jezabel de imediato mandou dizer ao rei que ele poderia tomar posse da vinha de Nabote quando quisesse, sem que isso lhe custasse coisa alguma. Ele ficou tão contente que se levantou da cama e para lá se dirigiu no mesmo instante.

Deus, porém, cheio de cólera, mandou Elias perguntar-lhe por que havia

feito morrer o possuidor legítimo daquela propriedade, pois dela se havia apoderado injustamente. Quando Acabe soube que Elias vinha ter com ele, suspeitando do que o profeta pretendia fazer, confessou, para evitar a vergonha da censura, que usurpara a propriedade, mas que nada tinha a ver com o sucedido. Respondeu-lhe o profeta: "O vosso sangue e o de vossa mulher serão derramados no mesmo lugar onde fizestes correr o de Nabote e onde destes o seu corpo para pasto dos cães, e toda a vossa descendência será exterminada, como castigo por um outro grande crime, isto é, o de violar a lei de Deus, fazendo morrer um cidadão contra toda espécie de justiça".

Tais palavras fizeram tal impressão no Espírito de Acabe que ele confessou o seu pecado. Revestiu-se de um saco e saiu descalço, não desejando nem mesmo comer, a fim de expiar a sua falta. Deus, comovido pelo seu arrependimento, mandou Elias dizer-lhe que, como ele estava arrependido de tão grande crime, adiava o castigo para depois de sua morte, mas que o seu filho seria castigado.

Capítulo 8

Hadade, rei da Síria e de Damasco, auxiliado por trinta e dois outros reis, cerca Acabe, rei de Israel, em Samaria. É derrotado por um milagre e obrigado a levantar o cerco. Recomeça a guerra no ano seguinte, perde uma grande batalha e, tendo-se salvado com dificuldade, recorre à clemência de Acabe, que o trata favoravelmente e o reenvia ao seu país. Deus, irritado, ameaça castigá-lo por meio do profeta Miquéias.

364. 7 Reis 20. Nesse mesmo tempo, Hadade, rei da Síria e de Damasco, reuniu todas as suas forças, chamou em seu auxílio trinta e dois reis que habitavam além do Eufrates e marchou contra Acabe, o qual, não se sentindo bastante forte para resistir-lhe, retirou-se às suas melhores praças-fortes com tudo o que tinha no acampamento. Ele próprio foi para Samaria, que de tão fortificada parecia inexpugnável. Hadade mandou um arauto pedir um salvo-conduto para os embaixadores que lhe iriam fazer propostas de paz. Ele o concedeu, e Hadade propôs que, se Acabe lhe entregasse os seus tesouros e as

suas mulheres e filhos, para dispor deles como quisesse, levantaria o cerco e se retiraria para o seu país. Acabe consentiu, e Hadade mandou em seguida os mesmos embaixadores para dizer-lhe que mandaria no dia seguinte alguns dos seus para retirar do palácio e das casas daqueles que ele mais amava tudo o que quisessem.

Acabe, surpreendido com a nova proposta, reuniu o povo e disse-lhe que o seu extremo cuidado pela salvação deles e o desejo de conservar-lhes a paz o havia levado a ceder às exigências de Hadade, isto é, entregar-lhe todas as suas mulheres e filhos e os seus tesouros. Agora, porém, ele lhes comunicava que iria a todas as casas buscar e apoderar-se de tudo o que de bom pudesse encontrar, demonstrando com isso que não queria absolutamente a paz. Porque Hadade, depois de saber que por amor aos seus súditos ele fora levado a concordar em conceder-lhe tudo o que dependia dele, procurava um pretexto para se atirar sobre o que pertencia a eles em particular. No entanto estava pronto a fazer tudo o que eles desejassem.

Todos então clamaram que não desse ouvidos às insolências daquele bárbaro, mas que se preparasse para a guerra. Acabe mandou então vir os embaixadores e disse-lhes que referissem ao seu senhor que o afeto pelos súditos o fazia manter-se nos termos da primeira proposta e que não podia aceitar a segunda. Essa proposta irritou Hadade de tal modo que ele enviou pela terceira vez os embaixadores, agora com ameaças: se Acabe confiava nas fortificações da praça, bastaria aos soldados transportar um pouco de terra e levantar plataformas mais altas que as muralhas. Acabe respondeu que não era com palavras, mas com fatos, que se resolviam as questões na guerra.

Os embaixadores, ao regressar, encontraram Hadade num grande banquete, que oferecia aos trinta e dois reis seus aliados. E todos aqueles príncipes resolveram atacar em conjunto a cidade e empregar todos os meios para dela se apoderarem. Nesse extremo perigo a que Acabe se via reduzido, com todo o seu povo, um profeta veio dizer-lhe da parte de Deus que nada temesse, pois Ele o faria vitorioso, mesmo contra tantos inimigos. Perguntou-lhe o príncipe de quem Deus se queria servir para libertá-los, e o profeta respondeu que era dos filhos dos maiores cidadãos do reino, dos quais o rei mesmo seria o chefe, por sua experiência. Acabe reuniu-os imediatamente, e o

seu número chegou a duzentos e trinta e dois. Disseram-lhe que naquela hora Hadade divertia-se folgadamente. Ele ordenou então ao seu pequeno exército que marchasse contra o grande.

As sentinelas de Hadade foram dizer-lhe que Acabe avançava. Ele então mandou soldados contra eles, com ordem de trazê-los de pés e mãos atados, quer viessem para confabular, quer para combater. Acabe, no entanto, mandou armar na cidade todos os homens que ainda lhe restavam. Os moços atacaram tão repentinamente as guardas avançadas de Hadade que mataram muitos deles ali mesmo e perseguiram os outros até o acampamento. Para secundar tão feliz resultado, Acabe fez sair o resto de suas tropas, que dizimaram sem dó os sírios, porque estes, não os esperando, estavam quase todos embriagados. Então, para fugir, jogaram as armas por terra, e o próprio Hadade salvou-se fugindo a cavalo. Acabe e os seus perseguiram-nos por muito tempo, mataram todos os que lhes caíram nas mãos, saquearam o acampamento deles e voltaram a Samaria carregados de ouro e prata e com grande quantidade de cavalos e carros, que haviam apreendido. O mesmo profeta disse em seguida a Acabe que preparasse um exército para resistir a outro grande ataque, porque no ano seguinte os sírios viriam novamente à luta.

365. Hadade, após escapar de tão grande perigo, reuniu em conselho os seus principais oficiais, para determinar de que modo continuariam a guerra aos israelitas. Eles disseram que o meio derrotá-los não era atacando nos montes, porque o Deus deles era ali muito poderoso, e os israelitas seriam sempre vencedores. Mas sem dúvida os derrotariam se os atacassem numa planície. Deveriam também despachar os reis que tinham vindo em seu auxílio, conservando somente as tropas que lhes pertenciam e os seus generais, e fazer novos recrutamentos de infantaria e cavalaria em seu próprio território, para substituir os soldados estrangeiros e os que haviam perdido. Esse parecer foi aprovado por Hadade, e ele mandou que fosse executado.

Logo que chegou a primavera, ele entrou no país dos israelitas e acampou numa grande planície, perto da cidade de Afeca. Acabe marchou contra ele e, embora o seu exército fosse muito inferior em número ao sírio, foi acampar em frente do inimigo. O profeta veio ter com ele e disse-lhe que Deus, para mostrar que não era menos poderoso nas planícies que nos montes, contra o que diziam

os sírios, dar-lhe-ia ainda a vitória. Os exércitos ficaram seis dias um em frente do outro, sem combater. A luta travou-se no sétimo dia e foi acirrada de parte a parte, mas por fim os sírios foram obrigados a fugir. Os israelitas perseguiram-nos com tanto ardor que o número de sírios mortos, tanto na batalha quanto na perseguição, inclusive os que foram mortos pelos seus próprios carros e pelos do próprio lado, foi de mais ou menos cem mil homens. Vinte e sete mil fugiram para Afeca, que estava do seu lado e onde pensavam encontrar salvação, mas foram liquidados nas ruínas de suas muralhas.

O rei Hadade refugiou-se em uma caverna com alguns de seus oficiais, e estes disseram-lhe que os reis de Israel eram príncipes tão bons e generosos que Acabe poderia ainda conceder-lhe a vida se ele quisesse que eles recorressem, em seu nome, à clemência daquele rei. Hadade consentiu, e eles foram, vestidos de saco e com uma corda ao pescoço, pois é desse modo que os sírios mostram humilhação. Eles rogaram a Acabe que poupasse a vida de seu rei, prometendo que ele lhe seria sujeito para sempre. Acabe respondeu-lhes que se regozijava por Hadade não haver morrido na batalha e que podiam estar certos de que o trataria como a um irmão, promessa que fez com juramento.

Ante essas palavras, Hadade veio procurá-lo e prostrou-se diante dele. Acabe, que então estava em seu carro, desceu, tomou-lhe da mão e o reteve junto de si. Beijando-o, disse-lhe que não tivesse receio, pois receberia o tratamento digno de um rei. Depois de agradecer muito, o príncipe da Síria disse que não se esqueceria de tão grande favor e restituiria a Acabe todas as cidades que os seus prede-cessores haviam tomado dos israelitas. Declarou também que o caminho para Damasco não lhe seria menos livre que o de Samaria. Depois de feito esse acordo entre os dois reis e confirmado com juramento, Acabe despediu Hadade com presentes.

366. Logo depois, o profeta Miquéias* pediu a um israelita que lhe batesse na cabeça, porque Deus assim o desejava. O homem não quis fazê-lo, e o profeta disse-lhe que, como castigo por não ter prestado fé ao que fora ordenado da parte de Deus, ele seria devorado por um leão, o que aconteceu. O profeta em seguida deu a mesma ordem a outro homem, o qual, vendo o exemplo do companheiro, obedeceu. Então Miquéias amarrou a cabeça e foi procurar Acabe. Disse-lhe que o seu comandante lhe confiara a guarda de um

prisioneiro, com a advertência de que seria morto se o deixasse escapar, e o prisioneiro havia fugido. Assim, ele corria perigo de morte. Acabe respondeu que ele merecia mesmo perder a vida, e imediatamente Miquéias retirou o pano da cabeça.

O rei reconheceu-o e não teve dificuldade em concluir que o profeta se servira daquele ardil para dar mais força ao que lhe queria dizer. O profeta declarou que Deus, como castigo por ter deixado Hadade escapar, o qual havia proferido contra Ele tantas blasfêmias, permitiria que ele destruísse o exército israelita, e que o próprio Acabe seria morto em combate. A ameaça enfureceu o rei de tal modo que ele mandou prender o profeta e retirou-se muito triste para o palácio.

---

* Ou Micaías.

CAPÍTULO 9

EXTREMA PIEDADE DEJOSAFÁ, REI DEJUDÁ. SUA FELICIDADE. SUAS FORÇAS. ELE CASA JORÃO, SEU FILHO, COM UMA FILHA DE ACABE, REI DE ISRAEL. UNE-SE A ACABE PARA FAZER GUERRA A HADADE, REI DA SÍRIA, MAS ANTES CONSULTA OS PROFETAS.

367. 2 Crônicas 17 e 18. Voltemos agora a Josafá, rei de Judá. Ele aumentou o seu reino e colocou fortes guarnições, não somente em todas as praças-fortes, mas também nas que Abião, seu avô, havia tomado de Jeroboão, rei de Israel. Esse soberano sempre teve a Deus como favorável, pois era tão justo e piedoso que procurava apenas agradar-lhe. Os reis vizinhos sempre o respeitaram, o que demonstravam com presentes. Assim cresciam continuamente a sua reputação e as suas riquezas.

No terceiro ano de seu reinado, ele reuniu os principais do reino com os sacerdotes e ordenou-lhes que fossem a todas as cidades instruir o povo nas leis de Moisés e fizessem todo o possível para dispô-los a prestar a Deus a adoração e a obediência que lhe era devida. Essa ordem tão piedosa obteve um feliz resultado, tanto que todos, à porfia, procuravam observar os mandamentos

de Deus. O virtuoso soberano não reinava somente sobre o coração dos súditos: as nações vizinhas amavam-no e o homenageavam também, e jamais foram tentadas a quebrar a paz com ele.

Os filisteus pagavam-lhe regularmente um tributo, e os árabes, trezentos cordeiros e outros tantos cabritos, que eram obrigados a lhe entregar todos os anos. Ele fortificou grandes cidades, que antes eram muito fracas, e, além dessas guarnições, manteve um grande número de tropas, pois havia na tribo de]udá trezentos mil homens armados com escudos, dos quais Adna comandava cem mil, e Joana, duzentos mil. Além desses, havia ainda, da tribo de Benjamim, duzentos mil arqueiros, todos de infantaria. Um outro general, de nome Jozabade, tinha sob seu comando cento e oitenta mil homens armados com escudos.

Tendo provido desse modo a segurança de seu país, Josafá casou jorão, seu filho, com Gotolia,* filha de Acabe, rei de Israel, e foi visitar o príncipe em Samaria. Foi bem recebido, e Acabe não se contentou em tratá-lo com grande magnificência, mas fez o mesmo a todas as tropas que ele trouxera consigo. Rogou-lhe em seguida que unissem os seus exércitos para fazer guerra ao rei da Síria e retomar a cidade de Ramote-Gileade, que o pai desse rei havia conquistado a Onri, pai de Acabe. Josafá concordou e, para esse fim, mandou vir de Jerusalém a Samaria um exército tão forte quanto o seu.

Esses dois reis, ocupando tronos separados, fizeram fora da cidade uma revista de todas as suas tropas e assistiram a um desfile. Josafá insistiu depois em que Acabe fizesse vir os profetas, caso os tivesse, a fim de consultá-los com relação à guerra e saber deles se eram de opinião que a empreendessem, porque havia três anos que Josafá vivia em paz com Hadade, desde que Acabe o despedira livre.

---

* Ou Atalia.

CAPÍTULO 10

OS FALSOS PROFETAS DO REI ACABE, PARTICULARMENTE ZEDEQUIAS, GARANTEM QUE ELE VENCERIA O REI DA SÍRIA. O PROFETA MIQUÉIAS

PREDIZ O CONTRÁRIO. TRAVA-SE A BATALHA, E ACABE É MORTO DURANTE A LUTA.ACAZIAS, SEU FILHO, SUCEDE-O.

368. Acabe mandou vir os seus falsos profetas, que eram uns quatrocentos, para saber se Deus o faria vencer Hadade e reconquistar a cidade que era o motivo da guerra. Eles responderam-lhe que não devia temer pelo resultado daquele empreendimento, pois seria bem-sucedido. Aquele rei cair-lhe-ia nas mãos, como da primeira vez. O rei Josafá julgou, pela maneira como falavam, que eram falsos profetas e perguntou a Acabe se não havia algum profeta do Senhor, de quem pudesse saber com mais certeza o que lhes deveria acontecer.

Ele respondeu que havia um, de nome Miquéias, mas que o odiava e o havia feito meter na prisão, pois só lhe profetizava o mal, tendo já lhe dado a certeza de que ele seria vencido e morto pelo rei da Síria. Josafá pediu que o mandasse chamar, e Acabe o fez por meio de um eunuco, o qual contou no caminho a Miqueias o que os outros profetas haviam predito. Miqueias disse que não era permitido mentir a Deus, e assim diria ao rei tudo o que Ele lhe inspirasse. Os reis insistiram em que lhes declarasse toda a verdade, e ele contou que Deus lhe havia manifestado que os israelitas fugiam de lá para cá, como ovelhas sem pastor, perseguidos pelos sírios, e que aquilo significava que todos se salvariam: somente o rei pereceria no combate. Acabe disse então a Josafá: "Não vos disse eu que esse homem é meu inimigo?"

Miqueias afirmou nada ter dito além do que lhe fora inspirado por Deus, e que aqueles falsos profetas o enganavam, aconselhando-o a empreender aquela guerra e dando-lhe esperança de vitória. E, se o rei insistisse em guerrear, a sua ruína seria inevitável. Essas palavras fizeram Acabe raciocinar, e ele ficou apreensivo. Porém Zedequias, um dos falsos profetas, adiantou-se e disse-lhe para não prestar fé às palavras de Miqueias, pois este nunca predissera algo de verdadeiro, e a maior prova contra ele era o fato de que Elias, um dos maiores profetas, havia predito que os cães lamberiam o sangue de Jezabel na vinha de Nabote, tal como haviam lambido o sangue desse homem depois que o povo o apedrejou, pois parecia que a predição de Miqueias era contrária à de Elias. Assim, nada havia de mais falso que a afirmação de que o rei seria morto

dentro de três dias, e logo se conheceria qual dos dois, ele que falava ou Miqueias, era o mais verdadeiro e o mais cheio do Espírito de Deus.

Zedequias acrescentou: "Vou agora bater-lhe no rosto, e que ele, se for um verdadeiro profeta, faça secar a minha mão, tal como fez o profeta Jadom ao rei Jeroboão, secando-a quando este o quis prender, como vossa majestade bem o sabe". Deu em seguida uma bofetada em Miqueias, e, como nada de mal aconteceu a Zedequias, Acabe ficou tranqüilo, perdeu o medo e marchou destemidamente contra os sírios.

E minha opinião que Deus, desejando castigar esse malvado príncipe, fez com que ele acreditasse mais nos falsos profetas que no verdadeiro, a fim de precipitá-lo ainda mais na própria desgraça. Zedequias tomou então chifres de ferro e disse a Acabe: "Eis os sinais com que Deus vos faz saber que a Síria será destruída". Miqueias afirmou o contrário e disse que logo Zedequias fugiria para se esconder, a fim de evitar o castigo pela sua mentira. Essas palavras irritaram de tal modo a Acabe, que ele ordenou que prendessem Miqueias em casa de Amom, governador da cidade, e lhe dessem como alimento somente pão e água.

369. Depois de predições tão opostas, Acabe e Josafá puseram-se em campo com todas as suas forças, para ir sitiar Ramote. Hadade, rei da Síria, veio ao encontro deles e acampou em um lugar próximo. Os dois reis associados resolveram que, para impedir o efeito da profecia de Miquéias, Acabe vestiria as roupas de um simples soldado, e Josafá iria à batalha armado e vestido como Acabe. Mas a troca de roupas não mudou o destino de Acabe. Hadade ordenou a todos os seus chefes e pelos seus oficiais aos soldados que matassem somente Acabe. Assim, na certeza de que Josafá era Acabe, foram diretamente a ele e o cercaram por todos os lados. Quando já estavam bem perto, no entanto, reconheceram que se haviam enganado e retiraram-se.

O combate durou desde a manhã até a noite, e os sírios foram vitoriosos. No entanto, para obedecer ao seu rei, não mataram ninguém, pois só buscavam Acabe, a quem procuraram inutilmente. Porém uma flecha atirada ao acaso atravessou-lhe a couraça e lhe penetrou o pulmão. Temendo que pelo seu ferimento os seus perdessem a coragem, ordenou aos que conduziam o seu carro que o tirassem da luta, para esconder-se, mas não quis descer, fazendo-o somente depois do pôr-do-sol, embora tivesse de suportar dores horríveis. Por

fim, faltaram-lhe as forças, e, após perder grande quantidade de sangue, ele morreu.

Quando a noite chegou, os sírios souberam de sua morte por meio de um arauto e assim voltaram imediatamente ao seu país. O corpo do soberano foi levado a Samaria para lá ser sepultado. E, enquanto lavavam o seu carro com água da fonte de)ezreel, pois estava todo coberto de sangue, cumpriu-se a palavra do profeta Elias, porque os cães lamberam esse sangue. As mulheres de má vida, desde esse tempo, costumam lavar-se naquela fonte. Cumpriu-se também assim a profecia de Miquéias, pois Acabe morreu em Ramote.

Pode-se ver, com esse exemplo, como devem ser respeitadas as palavras dos profetas do Senhor, e não a dos falsos profetas, que, para agradar aos homens, só falam o que lhes é agradável, ao passo que somente os oráculos divinos nos revelam o que é mais conveniente fazer ou deixar de fazer. Esse mesmo exemplo demonstra também a força das ordens de Deus, pois, seja qual for o conhecimento que delas tenhamos, não podemos modificar o seu efeito. Os homens, todavia, iludem-se com vãs esperanças até caírem na desgraça predita. Foi assim que morreu Acabe, por não crer naqueles que lhe haviam predito a morte e por prestar fé aos que o enganavam, dizendo-lhe o contrário. Acazias, seu filho, sucedeu-o no trono.

Livro Nono

Capitulo 1

O profeta Jeú repreende Josafá, rei deJudá, por ter unido armas com o rei Acabe, de Israel. Ele reconhece a sua falta, e Deus o perdoa. Seu admirável proceder. Vitória miraculosa que ele obtém sobre os moabitas, os amonitas e os árabes. Impiedade e morte de Acazias, rei de Israel, como o profeta Elias havia predito, forão, seu irmão, sucede-o. Elias desaparece. Jorão, auxiliado por Josafá e pelo rei da Iduméia, obtém uma grande vitória sobre Mesa, rei dos moabitas. Morte de Josafá, rei de judá.

370. 2 Crônicas 19. Quando Josafá, rei de Judá, após ter unido as suas tropas com as de Acabe, rei de Israel, contra Hadade, rei da Síria, como vimos, voltou de Samaria a Jerusalém, o profeta)eú veio à sua presença e repreendeu-o por ter ajudado um rei tão ímpio. Disse-lhe que Deus estava muito irritado e que lhe conservara a vida, tirando-o das mãos dos inimigos, por causa de sua virtude. O religioso príncipe, comovido com grande arrependimento pela sua falta, recorreu a Deus e aplacou-lhe a cólera com orações e sacrifícios.

Percorreu então todo o reino, para instruir o povo nos mandamentos de Deus e para exortá-lo a adorar e a servir a Deus de todo o coração. Colocou magistrados em todas as cidades e recomendou-lhes muito expressamente que fizessem justiça a todos, sem se deixar corromper, quer pela nobreza, quer pelas riquezas, quer pelo talento de qualquer pessoa, pois deviam lembrar que Deus, que conhece todas as coisas, mesmo as mais ocultas, vê todas as ações dos homens.

Depois de regressar a Jerusalém, constituiu também juizes, escolhidos por ele dentre os principais sacerdotes e levitas, e recomendou-lhes, como aos demais, que administrassem com perfeita justiça. Ordenou que, quando houvesse em outras cidades assuntos importantes e difíceis, que merecessem ser examinados com mais cuidado e precisão que os comuns, eles os deveriam

levar a Jerusalém perante os magistrados, porque se deveria crer que a justiça não seria em nenhum outro lugar tão bem distribuída quanto na capital do reino, onde estavam o Templo de Deus e o palácio onde os reis habitavam. Nos cargos principais, colocou Amarias, sacerdote, e Zebadias, que era da tribo de Judá.

371. 2 Crônicas 20. Nesse entretempo, os moabitas e os amonitas, unidos aos árabes, a quem haviam chamado em seu socorro, entraram com um grande exército nas terras de Josafá e acamparam a trezentos estádios de Jerusalém, perto do lago Asfaltite, no território de En-Gedi, muito fértil em bálsamos e em palmeiras. Josafá, surpreendido que tivessem adentrado tanto o seu reino, mandou reunir no Templo todo o povo de Jerusalém para rogar a Deus que o ajudasse contra tão poderosos inimigos e os castigasse pelo seu atrevimento. Disse-lhe com humildade que tinha o direito de esperar auxílio, porque Ele mesmo dera ao seu povo a posse do país do qual aquelas nações os queriam expulsar, e, quando os seus antepassados construíram e consagraram o Templo em honra a Ele, eles puseram toda a sua confiança no auxílio dEle, sem duvidar que Ele lhes seria sempre favorável. O príncipe fez acompanhar essa oração com lágrimas, e o povo em geral, tanto os homens quanto as mulheres, fez o mesmo.

Então, o profeta Jaaziel adiantou-se e disse em alta voz, dirigindo-se ao rei e àquela grande multidão, que os seus votos haviam sido ouvidos. Deus combateria por eles e lhes daria a vitória. Deveriam partir no dia seguinte para enfrentar o inimigo, até uma colina denominada Ziz (isto é, "eminência", em hebreu), que está entre Jerusalém e En-Gedi, pois ali os encontrariam. Não teriam necessidade de se servir das armas, porque seriam apenas espectadores do combate que Deus travaria, Ele mesmo, em favor deles. Ante as palavras do profeta, o rei e todo o povo prostraram-se com o rosto em terra, deram graças a Deus e o adoraram. Os levitas, com acompanhamento de música, cantaram hinos em seu louvor.

372. No dia seguinte, ao raiar do dia, o rei Josafá se pôs em campo e, quando chegou ao deserto que está abaixo da cidade de Tecoa, disse às tropas que não havia necessidade de combater, como num dia de luta, pois toda a sua forca consistia em sua perfeita confiança no auxílio que Deus prometera por

meio de seu profeta. Seria suficiente fazer marchar os sacerdotes com as suas trombetas e os levitas com os seus cantores, para dar graças a Deus pela vitória alcançada e pelo triunfo já obtido sobre os inimigos. Essa ordem tão santa, de tão piedoso rei, foi recebida com respeito por todo o exército e rigorosamente executada.

Deus infundiu então tal cegueira no Espírito dos amonitas e dos povos que a eles se haviam juntado que eles próprios se tomaram por inimigos e, transportados de furor, mataram-se uns aos outros, com tanta animosidade e raiva que não restou um só com vida de todo aquele imenso número, e o vale onde isso ocorreu ficou juncado de cadáveres, josafá, transbordando de alegria, deu graças a Deus por aquela vitória tão milagrosa, pois quem obteve a glória de conquistá-la não havia tomado parte nela nem corrido perigo algum. Ele permitiu depois que os soldados saqueassem o campo dos inimigos e despojassem os mortos. Levaram três dias inteiros para isso, tão grande era o número de mortos e tantas as riquezas. No quarto dia, o povo reuniu-se num vale para cantar louvores a Deus e as maravilhas de seu poder, por isso deu-se àquele lugar o nome de Vale dos Louvores, que conserva ainda hoje.

Esse piedoso e glorioso príncipe, após regressar com o seu exército para Jerusalém, passou vários dias fazendo sacrifícios e festas públicas, em regozijo e ação de graças pelo favor que ele e todo o seu povo haviam recebido de Deus, tendo Ele mesmo combatido no lugar deles e destruído os inimigos com o efeito prodigioso de seu soberano poder. A fama dessa vitória sobrenatural espalhou-se entre as demais nações, e não puderam elas duvidar de que esse grande soberano fosse particularmente querido de Deus. Conceberam um tão alto conceito de sua justiça e honestidade que a conservaram durante todo o resto de seu reinado.

373. Como ele era amigo de Acazias, rei de Israel, filho de Acabe, equiparam juntos uma grande frota para navegar ao Ponto e à Trácia, mas esses navios naufragaram, porque não eram grandes o suficiente para ser dirigidos, e assim eles abandonaram o projeto.

374. 2 Reis 1. Vamos agora falar de Acazias. Ele sempre morou em Samaria e foi tão mau quanto o seu pai e o seu avô. Foi grande imitador da impiedade de jeroboão, que por primeiro levou o povo a se afastar da adoração

ao verdadeiro Deus. No segundo ano do reinado desse rei jovem e mau, os moabitas recusaram-se a pagar-lhe o tributo que deviam a Acabe, seu pai.

Um dia, ao descer uma galeria do palácio, ele caiu e, tendo-se ferido muito, mandou consultar o oráculo de Myiode, deus de Ecrom, para saber se ele ficaria curado daquele ferimento. Deus ordenou ao profeta Elias que fosse à presença dos enviados do rei perguntar-lhes se o povo de Israel não tinha Deus, pois o rei os estava mandando consultar um deus estrangeiro. Depois que Elias desempenhou a sua incumbência, ordenou-lhes que fossem dizer ao seu senhor que ele morreria daquele ferimento, e eles voltaram ao seu país. Acazias, assustado por vê-los voltar tão depressa, perguntou-lhes o motivo, e eles responderam que haviam encontrado um homem, o qual os impedira de ir além e ordenara que lhe dissessem, da parte de Deus, que aquela doença iria agravar-se gradualmente.

O rei perguntou como era o homem, e eles relataram que era todo coberto de pêlos e trazia as vestes presas por um cinto de couro. Acazias percebeu então que se tratava de Elias, e enviou um oficial com cinqüenta soldados para prendê-lo. O oficial achou-o sentado no alto de um monte e ordenou-lhe que o seguisse, para ir falar com o rei. E, se ele não o fizesse espontaneamente, levá-lo-ia à força. Elias respondeu que lhe mostraria com fatos que era um verdadeiro profeta. Dizendo essas palavras, rogou a Deus que fizesse descer fogo do céu para castigar aquele oficial e todos os seus soldados. Imediatamente apareceu no céu um turbilhão de chamas, que os reduziu a cinzas.

A notícia foi levada ao rei, e ele enviou outro oficial, com igual número de soldados, que ameaçou do mesmo modo levar à força o profeta, se ele não quisesse ir de boa vontade. Elias renovou a sua oração, e fogo do céu devorou também aquele oficial e todos os seus soldados, tal como sucedera aos anteriores.

O rei enviou então um terceiro oficial e mais cinqüenta soldados. Como esse era mais sensato, ele aproximou-se do profeta, saudou-o cortesmente e disse-lhe: "Não ignorais sem dúvida que é contra o meu desejo e somente para obedecer à ordem do rei que vos venho falar, como os precedentes. Por isso rogo-vos que tenhais compaixão de nós e venhais voluntariamente falar com o rei". Elias, comovido pelas maneiras respeitosas do oficial, seguiu-o. Quando

chegou junto do rei, Deus inspirou-lhe o que devia dizer, e ele assim falou ao soberano: "O Senhor diz: Como não me quisestes reconhecer por vosso Deus e não me julgastes capaz de predizer o que vos aconteceria de mal, mas mandastes consultar o deus de Ecrom, declaro-vos que morrereis".

375. Pouco tempo depois, essa profecia realizou-se. Como Acazias não tinha filho, Jorão, seu irmão, sucedeu-o no trono. Imitou igualmente o seu pai em impiedade e abandonou, como ele, o Deus de seus antepassados, para adorar os deuses estrangeiros. Fora isso, ele era muito hábil. Foi sob o seu reinado que Elias desapareceu, sem que jamais se tenha podido saber o que aconteceu a ele. Ele deixou, como já disse, Eliseu, seu discípulo. E bem podemos ver nas Sagradas Escrituras que Elias e Enoque, o qual viveu antes do dilúvio, desapareceram do meio dos homens, mas nunca se soube que tenham morrido.

376. 2 Reis 3. Jorão, depois de ocupar o trono de Israel, resolveu fazer guerra a Mesa, rei dos moabitas, porque este se recusava a pagar-lhe o tributo de duzentos mil carneiros com sua lã, que pagava ao rei Acabe, seu pai. Mandou então pedir ao rei josafá que o ajudasse, tal como fizera a Acabe, seu pai. josafá respondeu que não somente o ajudaria, mas levaria com ele o rei da Iduméia, que era seu dependente. Jorão ficou muito grato por essa resposta e foi a Jerusalém agradecer-lhe. Josafá recebeu com grande magnificência esse príncipe e o rei da Iduméia, e eles resolveram entrar no país inimigo pelos desertos da Iduméia, que era o lado pelo qual os moabitas menos esperavam ser atacados.

Os três reis partiram juntos em seguida e, depois de haver marchado durante sete dias e de ter perdido o rumo, por falta de bons guias, encontraram-se em tão grande penúria e com tanta sede que os cavalos morriam por falta de água. Como Jorão era de natureza impaciente, ele perguntava a Deus, murmurando contra Ele, que mal haviam feito para entregar assim três reis nas mãos dos inimigos, sem combate. Josafá, que, ao contrário, era um príncipe muito religioso, consolava-o, e indagou se não havia no exército algum profeta de Deus a quem pudessem consultar a respeito do que fazer em tal contingência. Um dos servidores de Jorão declarou ter visto Eliseu, filho de Safate, que era discípulo de Elias. Logo os três reis, por

conselho de Josafá, foram procurá-lo em sua cabana, que ficava fora do acampamento, e pediram-lhe, particularmente jorão, que lhes revelasse o resultado daquela guerra.

Ele respondeu ao príncipe que o deixasse descansar e fosse consultar os profetas de seu pai e de sua mãe, que também eram verdadeiros. Jorão insistiu e rogou-lhe que falasse, pois estava em jogo a vida de todos. Eliseu tomou então a Deus por testemunha e afirmou com juramento que só lhe responderia em consideração a Josafá, que era um príncipe justo e temente a Deus. Disse em seguida que fizessem vir um músico com instrumentos. Quando ele começou a tocar, o profeta, cheio do Espírito de Deus, disse aos três reis que mandassem fazer uns regos na torrente, e eles veriam que, embora o ar permanecesse imóvel, sem vento algum, e sem que caísse do céu uma gota de água, os regos ficariam cheios e forneceriam a eles e a todo o exército água para matar a sede. Disse mais o profeta: "E esse não será o único favor que recebereis de Deus, pois com o auxílio dEle vencereis os vossos inimigos, tomareis as mais belas e as mais fortes de suas cidades e devastareis o seu país: cortareis as suas árvores, fareis secar as suas fontes e desviareis o curso de seus regatos".

Assim falou-lhes o profeta, e no dia seguinte, antes do nascer do sol, viu-se a torrente completamente cheia de água, proveniente da Iduméia, distante três dias de caminho, onde Deus fizera cair chuva, e todo aquele grande exército teve água em abundância para beber. O rei dos moabitas, ao saber que os três reis marchavam contra ele pelo deserto, reuniu todas as suas forças para enfrentá-los nas fronteiras de seu território, a fim de barrar-lhes a entrada. Mas quando ele chegou perto da torrente, o revérbero dos raios de sol na água fizeram-nas parecer vermelhas, e todos as tomaram por sangue, imaginando que o desespero causado pela sede fizera os inimigos matarem-se reciprocamente. Com essa falsa convicção, os moabitas pediram permissão ao seu rei para saquear o acampamento e, tendo-a obtido, partiram precipitada e desordenadamente, como quem tem certeza de encontrar presa fácil. Mas logo se viram rodeados de todos os lados pelos inimigos, que mataram parte deles e puseram o resto em fuga.

Os três reis entraram no país, tomaram o que quiseram, destruíram várias cidades, espalharam o cascalho da torrente sobre as terras mais férteis,

cortaram as melhores árvores e entupiram as fontes. Destruíram tudo e sitiaram o próprio rei, que procurava pôr-se a salvo. (Vendo-se em perigo, o soberano tudo fizera para escapar. Saiu da cidade com setecentos homens escolhidos e tentou atravessar o campo inimigo do lado que ele julgava menos defendido. Mas isso não lhe foi possível, e ele teve de voltar.) O desespero então levou-o a fazer o que não se pode descrever sem horror. Ele tomou o príncipe, seu filho mais velho e sucessor, e sacrificou-o sobre as muralhas da cidade, à vista dos sitiantes. Tão terrível espetáculo comoveu os três reis, enchendo-os de tanta compaixão que, levados por um sentimento de humanidade, levantaram o cerco, e cada qual voltou para o seu país.

josafá viveu muito pouco depois disso. Morreu em Jerusalém, na idade de sessenta anos, dos quais reinara apenas vinte e cinco. Enterraram-no com a magnificência que merecia tão notável soberano e tão grande imitador das virtudes de Davi.

CAPÍTULO 2

JEORÃO, FILHO DEJOSAFÁ, SUCEDE-O. ÓLEO MULTIPLICADO MILAGROSAMENTE POR ELISEU EM FAVOR DA VIÚVA DE OBADIAS. HADADE, REI DA SÍRIA, MANDA TROPAS PARA PRENDÊ-LO, MAS DEUS OS FERE COM CEGUEIRA, E ELISEU OS CONDUZ A SAMARIA. HADADE SITIA FORÃO, REI DE ISRAEL. ASSÉDIO LEVANTADO MILAGROSAMENTE, SEGUNDO APREDIÇÃO DE ELISEU. HADADE É ESTRANGULADO POR HAZAEL, QUE USURPA O REINO DA SÍRIA E DE DAMASCO. HORRÍVEL IMPIEDADE E IDOLATRIA DE JEORÃO, REI DE JUDÁ. ESTRANHO CASTIGO COM QUE DEUS O AMEAÇA.

377. 2 Crônicas 21. josafá, rei de]udá, deixou vários filhos, jeorão, que era o mais velho, sucedeu-o no trono, como ele havia ordenado. A mulher de Jeorão, como vimos, era irmã de Jorão, rei de Israel, filho de Acabe, que, ao regressar da guerra contra os moabitas, levara Eliseu com ele para Samaria. Os feitos desse profeta são tão memoráveis que julguei dever relatá-los aqui, segundo o que está escrito nos Livros Santos.

378. 2 Reis 4. A viúva de Obadias, mordomo do rei Acabe, veio dizer ao profeta que, não tendo meios de restituir o dinheiro que seu marido havia

emprestado para alimentar os cem profetas que, como Eliseu devia saber, ele salvara da perseguição de jezabel, os credores queriam tomá-la como escrava e também aos seus filhos. E, por causa dessa dificuldade em que se encontrava, recorria a ele, para rogar que tivesse piedade dela.

Eliseu perguntou-lhe se ela possuía alguma coisa. A mulher respondeu que só lhe restava um pouco de óleo. O profeta então mandou-lhe que tomasse emprestado dos vizinhos algumas vasilhas vazias, fechasse a porta do quarto e enchesse os vasos com óleo, com a firme confiança de que Deus os encheria a todos. Ela fez o que ele ordenou, e a promessa do profeta realizou-se. Ela foi logo contar-lhe o resultado. Ele disse-lhe então que vendesse o óleo: uma parte do dinheiro serviria para pagar as dívidas, e o resto deveria ser guardado para sustentar os filhos. Assim, ele satisfez a pobre mulher e livrou-a da perseguição dos credores.

379. 2 Reis 6. Eis um outro grande feito do profeta: Hadade, rei da Síria, pôs homens de emboscada para matar Jorão, rei de Israel, quando este fosse à caça, mas Eliseu foi avisá-lo e impediu assim que ele fosse morto. Hadade ficou encolerizado por ver frustrada a sua esperança, tanto que ameaçou matar todos os que havia encarregado daquela missão, pois, tendo falado somente a eles, alguém devia tê-lo traído e avisado o inimigo. Um deles então protestou, dizendo que eram todos inocentes daquele crime e que o rei deveria entender-se com Eliseu, a quem nenhum de seus intentos era segredo, os quais o profeta referia a Jorão. Hadade aceitou essas razões e ordenou que procurassem saber em que cidade estava o profeta.

Hadade soube que ele estava em Dota e para lá enviou um grande número de soldados, a fim de prendê-lo. Penetraram na cidade à noite, para que ele não pudesse escapar, porém o criado de Eliseu o soube e bem cedo, todo trêmulo, correu a contar ao profeta. Este, que confiava no socorro do alto, disse-lhe que nada temesse e rogou a Deus que o tranqüilizasse, fazendo-lhe conhecer a grandeza de seu poder infinito. Deus o ouviu e permitiu que o servo contemplasse uma grande multidão de cavaleiros e carros armados, prontos para defender o profeta. Eliseu rogou a Deus também que cegasse de tal modo os sírios que eles nada pudessem ver. Deus consentiu, e o profeta meteu-se no meio deles, perguntando a quem procuravam. Responderam que procuravam

Eliseu, o profeta. Ele disse-lhes: "Se quiserdes seguir-me, levar-vos-ei até a cidade onde ele está". E, como Deus não somente lhes tirara a vista, mas obscurecera-lhes também o Espírito, eles o seguiram.

Eliseu levou-os a Samaria. O rei Jorão, por seu conselho, rodeou-os com todas as suas tropas e fechou as portas da cidade. Então o profeta rogou a Deus que lhes tirasse a cegueira, e assim se fez. Não se pode descrever a surpresa e o terror daqueles homens ao se acharem no meio dos inimigos. Jorão perguntou ao homem de Deus se queria que os matasse, a flechadas, e ele respondeu que o proibia terminantemente, porque não era justo matar prisioneiros que não haviam sido vencidos na guerra e que nenhum mal tinham feito ao país, mas que Deus os entregara nas mãos do rei por um milagre. Ele devia, ao contrário, tratá-los bem e enviá-los de volta ao seu rei. Jorão seguiu o conselho, e Hadade concebeu tal admiração pelo homem de Deus e pelas graças com que Ele favorecia o seu profeta que enquanto Eliseu viveu não usou mais de ardil algum contra o rei de Israel, determinando combatê-lo somente em luta aberta.

Dessa forma, entrou em Israel com um grande exército. Jorão, não se julgando capaz de lhe resistir, encerrou-se em Samaria, confiando em suas fortificações. Hadade, julgando que não podia tomar a cidade à força, resolveu cortar-lhe os víveres e assim começou o cerco. A falta de todas as coisas necessárias à vida foi logo tão grande que a cabeça de um asno era vendida por oitenta peças de prata, e um sextário de estrume de pomba, de que se serviam em lugar de sal, custava cinco. Tal miséria fez Jorão temer que alguém, levado pelo desespero, fizesse os inimigos entrar na cidade e por isso inspecionava pessoalmente todos os guardas.

Numa dessas rondas, uma mulher veio lançar-se aos seus pés, rogando-lhe que tivesse piedade dela. Ele julgou que ela desejava alguma coisa para comer e rudemente respondeu que ele não tinha nem eira nem lagar de onde lhe pudesse tirar alimento. A mulher retrucou que não era isso o que estava pedindo, mas apenas que fosse juiz de uma questão entre ela e uma de suas vizinhas. O rei, então, pediu-lhe que expusesse a sua dúvida. A mulher contou que ela e a vizinha estavam morrendo de fome e, tendo cada uma um filho, entraram em acordo para comê-los, pois não viam outro modo de salvar a

própria vida. Ela matara o seu, e ambas o haviam comido, mas agora a outra mulher, contrariando o ajuste, não queria matar o dela e até o havia escondido.

Essas palavras comoveram tanto o soberano que ele rasgou as próprias vestes e começou a gritar. Cheio de cólera contra Eliseu, determinou matá-lo, porque, podendo o profeta obter de Deus, com as suas orações, o livramento de tantos males, se negava a pedi-lo. Assim, ordenou que fossem imediatamente cortar-lhe a cabeça, e os soldados partiram para executar a ordem. O profeta, que estava descansando em sua casa, ciente da ordem por uma revelação de Deus, disse aos seus discípulos: "O rei, sendo filho de um homicida, mandou os seus homens para me cortar a cabeça. Ficai perto da porta, porém, para mantê-la fechada a esses assassinos, quando virdes que se aproximam, pois o rei se arrependerá de ter dado essa ordem e virá aqui ele mesmo, em seguida". Fizeram o que ele havia determinado, e Jorão, arrependido de ter dado a ordem e com receio de que a executassem, veio apressadamente para impedi-los e lamentou o pouco interesse do profeta pelos seus sofrimentos e pela infelicidade do povo, pois não se dignava pedir a Deus que os livrasse de tantos males.

2 Reis 7. Então Eliseu prometeu que, no dia seguinte, à mesma hora, ele teria tal abundância de víveres em Samaria que a medida de farinha de trigo seria vendida a um sido no mercado, e duas medidas de cevada não custariam mais. Como o príncipe não podia duvidar das predições do profeta, após haver constatado tantas vezes a sua veracidade, a esperança de um feliz futuro deu-lhe tal alegria que o fez esquecer a infelicidade presente. Os que o acompanhavam não ficaram menos alegres, exceto um dos oficiais, que comandava o terço das tropas e em quem o rei tinha plena confiança. Ele disse a Eliseu: "O profeta, o que prometeis ao rei não é possível, ainda que Deus faça chover do céu farinha e cevada". Respondeu Eliseu: "Não duvideis, porque o vereis com os vossos próprios olhos. Mas somente o vereis, não participareis dessa felicidade". E aconteceu como ele predisse.

Havia entre os samaritanos um costume segundo o qual os leprosos não podiam ficar nas cidades. Por esse motivo, quatro homens de Samaria, vítimas dessa doença, residiam fora dos muros. Como não tinham absolutamente nada para comer e nada podiam esperar da cidade, por causa da extrema carestia a que estava reduzida, e como sabiam que não deixariam de morrer de fome, quer

fossem pedir esmola, quer ficassem em casa, julgaram melhor entregar-se aos inimigos. Porque se estes tivessem compaixão deles, lhes salvariam a vida, e se os matassem, seria uma morte muito mais suave que a outra, que lhes era inevitável. Depois de tomar essa resolução, partiram para o acampamento dos sírios.

No entanto Deus tinha feito aquele povo ouvir durante a noite um rumor semelhante ao de cavalos e de carros, como se um grande exército os viesse atacar. Isso causou-lhes tal espanto que eles abandonaram as suas tendas e disseram a Hadade, seu rei, que o rei do Egito e os reis das ilhas tinham vindo em auxílio de Jorão, e já se ouvia o retinir de suas armas. Como Hadade havia também escutado o ruído, facilmente prestou fé às palavras deles, sem que ele ou os seus soubessem o que fazer. Então fugiram, com tanta precipitação e em tal desordem que nada levaram de seus bens e das riquezas de que o acampamento estava cheio.

Os leprosos entraram no campo inimigo e lá encontraram em abundância toda espécie de bens, sem ouvir o menor ruído. Avançaram ainda mais e entraram numa tenda, onde, não encontrando ninguém, beberam e comeram o quanto quiseram. Apoderaram-se de vestes, de dinheiro e de grande quantidade de ouro e prata, que enterraram num campo fora do acampamento. Passaram a outra tenda e ainda a duas outras, onde fizeram o mesmo, sem encontrar ninguém. Então não tiveram mais dúvidas de que os inimigos haviam fugido e lastimaram não terem levado ainda aquela notícia ao rei e aos seus concidadãos. Por isso se apressaram e foram gritar às sentinelas que os inimigos se haviam retirado.

As sentinelas avisaram o corpo da guarda mais próximo da pessoa do rei, que ao tomar ciência do fato reuniu em conselho os seus chefes e servidores particulares e disse-lhes que aquela retirada dos sírios era suspeita. Tinha motivo para temer que Hadade, ansioso por tomar a cidade pela fome, tivesse fingido retirar-se, a fim de que os sitiados fossem saquear o acampamento. Assim, ele voltaria de repente, cercá-los-ia de todas as partes, matando-os facilmente, e tomaria a cidade sem resistência alguma. Seu parecer era de que não se incomodassem com o que acontecera e continuassem como antes.

Um dos presentes a esse conselho, que estava entre os mais sensatos,

acrescentou, depois de elogiar tal parecer, que julgava muito apropriado enviar dois cavaleiros para observar o que se passava no campo até o Jordão. Se fossem apanhados pelos inimigos, os outros saberiam conservar-se prudentemente em guarda, para não cair no mesmo perigo. E, se eles fossem mortos, estariam apenas antecipando um pouco a própria morte, pois não tinham como conter a carestia.

O rei aprovou a proposta e ordenou imediatamente aos cavaleiros que fossem observar o campo inimigo. Eles voltaram dizendo que não haviam encontrado uma pessoa sequer no acampamento e tinham visto o caminho inteiramente coberto de armas e de grãos, que eles haviam lançado fora para fugir mais depressa. Então Jorão permitiu aos seus que fossem saquear o campo dos sírios. Recolheram uma enorme riqueza de despojos, pois, além de grande quantidade de ouro, prata, cavalos e gado, encontraram tanto trigo e cevada que parecia um sonho. Assim esqueceram logo os males passados, e houve abundância, tal como Eliseu havia predito: duas medidas de cevada se vendiam por um sido, e a medida de farinha, pelo mesmo preço. Essa medida continha um módio e meio, da Itália.

O único que não teve parte em tão feliz mudança foi o oficial que acompanhava do rei quando este fora falar com Eliseu. O príncipe ordenara-lhe que ficasse à porta da cidade, para impedir que as pessoas, na pressa de sair, matassem umas às outras. E ele foi sufocado, vindo a morrer, como o profeta havia predito.

380. 2 Reis 8. Hadade retirou-se para Damasco e lá soube do terror que invadira o seu exército sem que aparecesse qualquer inimigo, mas sabia também que aquele pavor fora enviado por Deus. Sentiu muito desgosto ao constatar que Ele lhe era tão contrário, e ficou gravemente enfermo. Avisaram-no então de que Eliseu vinha a Damasco, e ele ordenou ao mais fiel de seus servos, de nome Hazael, que fosse encontrá-lo com presentes e perguntasse se ele sararia. Hazael mandou carregar quarenta camelos com os mais saborosos frutos do país e com objetos preciosos e, depois de saudar o profeta, apresentou-lhe as dádivas do rei, perguntando em seu nome se devia esperar a cura. O profeta respondeu que Hadade morreria, mas proibiu Hazael de dar-lhe a notícia.

Essas palavras deixaram Hazael muito aflito, e Eliseu, por seu lado, derramou lágrimas à vista dos males que se seguiriam ao seu povo após a morte de Hadade. Hazael rogou a Eliseu que lhe dissesse o motivo daquele penar, e o profeta respondeu: "Choro por causa dos males que fareis sofrer os israelitas. Pois fareis morrer os seus melhores homens, reduzireis a cinzas as suas pra-ças-fortes, esmagareis os seus filhos com pedras e não poupareis nem mesmo as grávidas". Hazael, assustado com essas palavras, perguntou-lhe como aquilo poderia acontecer e que probabilidade havia de ele conquistar tão grande poder. Então o profeta declarou que Deus havia revelado que ele reinaria sobre a Síria.

Hazael contou a Hadade que este devia esperar a saúde e, no dia seguinte, asfixiou-o com um pedaço de linho molhado e apoderou-se do reino. Ele tinha, ademais, muitos méritos e conquistou de tal modo o afeto dos sírios e dos habitantes de Damasco que eles o têm ainda hoje, tal como a Hadade, no número de suas divindades e prestam-lhe contínua honra, por causa dos be-nefícios que receberam de ambos, dos soberbos templos que eles construíram e de tantos embelezamentos de que a cidade de Damasco lhes é devedo-ra. Enaltecem também a antigüidade de sua descendência, pois ainda vivem, mil e cem anos depois. Jorão, rei de Israel, informado da morte de Hadade, julgou que nada mais tinha a temer e que passaria tranqüilo o resto de seu reinado.

381. 2 Reis 11; 2 Crônicas 21. Voltemos a Jeorão, rei de Judá. Não havia ele subido ao trono, e seu mau governo logo se revelou, pelo assassinato dos próprios irmãos e dos homens mais ilustres do reino, aos quais Josafá, seu pai, dedicara grandíssima estima. Ele não se contentou em imitar aqueles reis de Israel que primeiro violaram as leis de nossos antepassados e mostraram a sua impiedade para com Deus, mas os sobrepujou a todos em muitas espécies de crimes e aprendeu de Atalia, sua mulher, filha de Acabe, a prestar aos deuses estrangeiros sacrílegas adorações. Assim, dia a dia, ele cada vez mais irritava a Deus, por causa de sua impiedade e pela profanação das coisas mais santas de nossa religião. Deus, no entanto, não o quis exterminar, por causa da promessa que fizera a Davi.

Os idumeus, todavia, que antes lhe eram submissos, sacudiram o jugo, começando Dor matar o seu próprio rei, que sempre fora fiel a josafá, e

colocando outro em seu lugar. Jeorão, para vingar-se, entrou à noite naquele país com muitos carros e soldados de cavalaria e destruiu algumas cidades e aldeias da fronteira, sem ousar contudo ir além. Mas essa expedição, em vez de torná-lo temível àqueles povos, levou ainda outros a se revoltar contra ele, e os que habitam o país de Libna não o quiseram mais reconhecer como soberano.

A loucura e o furor desse rei chegou a tal excesso que ele obrigou os súditos a adorar falsos deuses nos lugares mais elevados dos montes. Certo dia, estando ele muito agitado, trouxeram-lhe uma carta de Eliseu, na qual o profeta o ameaçava com uma terrível vingança da parte de Deus, pois, em vez de observar as suas leis, como os seus predecessores, ele preferira imitar os erros abomináveis dos reis de Israel, obrigando a tribo de Judá e os habitantes de Jerusalém, tal como Acabe fizera aos israelitas, a abandonar o culto ao verdadeiro Deus para adorar ídolos. E, a tudo isso acrescentara ainda o assassinato dos próprios irmãos e de tantos homens de bem. Por isso receberia o merecido castigo: o seu povo cairia sob a espada dos inimigos, e os cruéis vencedores não poupariam nem as esposas nem os filhos dele. Ele veria com os próprios olhos saírem-lhe as entranhas de seus corpos e então iria se arrepender, porém seria tarde demais, e o seu arrependimento não o impediria de morrer em meio a muitas dores.

CAPÍTULO 3

MORTE HORRÍVEL DE JEORÃO, REI DE JUDÁ. ACAZIAS, SEU FILHO, SUCEDE-O.

382. Algum tempo depois, os árabes que estão perto da Etiópia, auxiliados por um grande número de outros bárbaros, entraram no reino de Jeorão. Saquearam-no totalmente e mataram todas as suas mulheres e filhos, com exceção de um, chamado Acazias. Jeorão, segundo a predição com que o profeta o havia ameaçado, contraiu uma horrível doença e morreu depois de haver sofrido o que não se pode descrever. O povo, em vez de lastimá-lo, sentiu tal aversão por sua memória que, julgando-o indigno de receber qualquer honra, não quis que ele fosse enterrado no sepulcro de seus antepassados. E Deus assim o permitiu, segundo a minha opinião, para mostrar o horror que Ele nutria pela impiedade desse soberano. Jeorão reinou quarenta e oito anos,

e Acazias, seu filho, sucedeu-o.

CAPÍTULO 4

JORÃO, REI DE ISRAEL, SITIA RAMOTE. É FERIDO E RETIRA-SE AJEZREE PARA SE MEDICAR, DEIXANDO JEÚ NO COMANDO DO EXÉRCITO PARA CONTINUAR O CERCO. O PROFETA ELISEU CONSAGRA JEÚ REI DE ISRAEL, COM ORDEM DE DEUS PARA ELE EXTERMINAR TODA A FAMÍLIA DE ACABE. JEÚ DIRIGE-SE A JEZREEL, ONDE ESTÁ JORÃO, REI DE ISRAEL. ACAZIAS, REI DEJUDÁ, SEU SOBRINHO, VISITA JORÃO.

383. Jorão, rei de Israel, acreditando poder reconquistar a cidade de Ramote-Gileade, sitiou-a, depois da morte do rei da Síria, com grande exército, sendo ferido nesse cerco por uma flecha atirada por um sírio. Como o ferimento não era mortal, ele retirou-se para a cidade de Jezreel, a fim de tratar a ferida, deixando o cerco a cargo de Jeú, filho de Josafá, que comandava as suas tropas.

Esse general tomou a cidade num assalto, e Jorão resolveu continuar a guerra aos sírios logo que se tivesse curado do ferimento. Nesse mesmo tempo, o profeta Eliseu ordenou a um de seus discípulos que tomasse o óleo santo e fosse a Ramote consagrar Jeú rei de Israel e declarar-lhe que o fazia por ordem de Deus. Feito isso, o discípulo deveria se retirar em seguida, como quem está fugindo, a fim de que ninguém fosse tido como suspeito de cumplicidade naquele ato.

O discípulo encontrou Jeú assentado entre os seus oficiais, conforme dissera o profeta, e pediu para falar-lhe em particular. Jeú levantou-se e levou-o ao seu aposento. Ali o profeta derramou-lhe o óleo santo sobre a cabeça e disse-lhe: "Deus vos consagra rei de Israel, para vingar o crime cometido por Jezabel, quando, contra toda espécie de justiça, derramou o sangue dos profetas. Ele vos ordena que extermineis completamente a descendência de Acabe, bem como a de Jeroboão, a de Nabate, seu filho, e a de Baasa, por causa de sua impiedade". Terminando de falar essas palavras, o profeta retirou-se do quarto apressadamente.

Jeú voltou para junto daqueles que havia deixado. Perguntando eles o que viera fazer aquele homem, que parecia ter perdido o juízo, ele respondeu:

"Tendes razão em falar assim, pois ele falou-me como um louco". A curiosidade de saber o que o homem dissera os fez insistir em que jeú contasse o que se passara, e ele disse: "Revelou-me ele que a vontade de Deus é fazer-me rei". A essas palavras, eles puseram os seus mantos em terra, uns sobre os outros, para que Jeú se sentasse sobre eles, como em um trono, e o proclamaram rei ao som de trombetas.

O novo soberano marchou em seguida com todo o exército para Jezreel, onde, como dissemos, o rei estava fazendo curar o seu ferimento. Acazias, rei de Judá, filho de sua irmã, tinha vindo visitá-lo. Jeú, para surpreender Jorão e não falhar em sua empresa, pediu a todos os soldados que, se quisessem dar uma prova de que o haviam escolhido de boa mente para rei, impedissem que Jorão soubesse de sua chegada.

CAPÍTULO 5

JEÚ MATA JORÃO, REI DE ISRAEL, E ACAZIAS, REI DE JUDÁ.

384. O exército de Jeú obedeceu com alegria a essa ordem e ocupou de tal modo as estradas que iam a Jezreel que era impossível avisar o rei de sua chegada. Jeú, sobre o seu carro, acompanhado pelo melhor de sua cavalaria, marchou para a cidade. Quando já estava perto, a sentinela avisou que via aproximar-se um grupo de cavaleiros. O rei ordenou a um dos seus que fosse verificar quem eram. O cavaleiro foi a Jeú e disse-lhe que o rei o mandava para saber como iam as coisas no exército. Jeú respondeu-lhe que não se devia impressionar e que o seguisse. A sentinela, vendo que o cavaleiro, em vez de voltar, tinha-se reunido ao grosso dos cavaleiros, foi avisar jorão, que mandou um segundo, ao qual Jeú também reteve.

A sentinela avisou Jorão novamente, e então ele subiu ao carro, acompanhado por Acazias, rei de Judá, para ver ele mesmo o que se passava. Jeú marchava vagarosamente. Jorão alcançou-o no campo de Nabote e perguntou-lhe se tudo ia bem no exército, jeú, em vez de responder, perguntou-lhe como se podia vangloriar de ter por mãe uma feiticeira e uma mulher sem honra. Essas palavras fizeram Jorão ver claramente que jeú havia tramado a sua ruína, e ele disse ao rei Acazias: "Fomos traídos!" Ao mesmo tempo, girou o

carro, para voltar à cidade, mas Jeú o deteve com uma flechada, que lhe atravessou o coração e o fez cair morto fora do carro. E, lembrando-se de ter ouvido o profeta Elias dizer ao rei Acabe, pai de Jorão, que ele e toda a sua geração morreriam no mesmo lugar em que injustamente se insurgira contra Nabote, ordenou a Bidcar, general de um terceiro grupo de suas tropas, que lançasse o corpo de jorão nas terras de Nabote. E assim a profecia realizou-se.

Temendo receber o mesmo tratamento que Jorão, o rei Acazias desviou o seu carro para tomar outro caminho. Jeú perseguiu-o até uma pequena colina, onde lhe desferiu também uma flechada, que o feriu. Acazias desceu do carro, montou num cavalo e fugiu a todo galope até a cidade de Megido, onde morreu em conseqüência do ferimento. Levaram o seu corpo a Jerusalém, onde ele foi enterrado, após haver reinado somente um ano e mostrado que era muito pior que seu pai.

CAPÍTULO 6

JEÚ, REI DE ISRAEL, FAZ MORRER JEZABEL, OS SETENTA FILHOS DE ACABE, TODOS OS PARENTES DESSE SOBERANO, QUARENTA E DOIS PARENTES DE ACAZIAS, REI DE JUDÁ, E EM GERAL TODOS OS SACERDOTES DE BAAL, O FALSO DEUS DOS TÍRIOS, AO QUAL ACABE MANDARA CONSTRUIR UM TEMPLO.

385. Quando jeú fez a sua entrada em Jezreel, a rainha Jezabel veio a uma janela, para vê-lo chegar. Estava adornada e bem vestida e disse ao vê-lo aproximar-se: "Eis o fiel servidor, que assassinou o seu senhor!" A essas palavras, Jeú ergueu os olhos, perguntou quem ela era e mandou que descesse. Ela não quis fazê-lo, e ele então ordenou aos eunucos que estavam com ela que a atirassem para baixo. Os homens obedeceram, e a miserável princesa, caindo, espatifou-se de tal modo sobre as pedras do calçamento que elas ficaram manchadas com o seu sangue. Ela morreu depois, sob as patas dos cavalos que lhe passaram por cima. Jeú ordenou que ela fosse sepultada com a honra devida à grandeza de seu nascimento, sendo de família real, mas apenas foram encontradas as extremidades de seu corpo, pois os cães haviam comido o resto. Isso fez o novo rei lembrar a profecia de Elias, o qual predissera que ela morreria daquele modo, em Jezreel.

386. Acabe deixara setenta filhos, e estavam todos em Samaria. Jeú, para experimentar a disposição dos samaritanos para com ele, escreveu aos precepto-res dos jovens príncipes e aos principais magistrados da cidade, dizendo que escolhessem para rei um dos filhos de Acabe que julgassem digno de reinar e que se vingasse de quem lhe matara o pai, pois eles possuíam armas, cavalos, carros, soldados e praças-fortes. Os magistrados e os habitantes, não se julgando em condições de resistir a um homem que matara dois reis tão poderosos, responderam-lhe que não conheciam outro soberano senão ele e que estavam prontos a fazer tudo o que ele lhes mandasse.

Diante de tal resposta, ele escreveu aos magistrados que, se deveras estavam assim dispostos, lhe mandassem as cabeças de todos os filhos de Acabe. Ao receber essa carta, mandaram eles chamar os preceptores dos príncipes e ordenaram-lhes que fizessem o que Jeú lhes mandara. Homens cruéis obedeceram no mesmo instante, puseram as cabeças num saco e enviaram-nas a)eú. Ele estava à mesa com alguns de seus familiares quando as trouxeram, e ordenou que as colocassem em dois montes de ambos os lados da porta do palácio. No dia seguinte, de manhã, foi vê-las e disse ao povo: "É verdade que matei o rei meu senhor. Mas quem matou estes?" Queria assim dar-lhes a entender que tudo acontecera por vontade de Deus e por ordem dEle, pois, como fora predito pelo profeta Elias, Ele exterminaria Acabe e toda a sua descendência.

Mandou em seguida matar todos os parentes de Acabe que ainda estavam vivos e depois partiu para Samaria. Encontrou pelo caminho quarenta e dois parentes de Acazias, rei de Judá, e perguntou-lhes para onde iam. Responderam que iam saudar Jorão, rei de Israel, e Acazias, o rei que estava com ele, pois não sabiam que ele havia matado ambos. Jeú mandou prendê-los e os fez morrer também. Logo depois, Jonadabe, que era um homem de bem e seu velho amigo, veio procurá-lo e louvou-o por haver fielmente cumprido as ordens de Deus, exterminado toda a descendência de Acabe. Jeú disse-lhe que subisse ao seu carro para acompanhá-lo a Samaria e ter a satisfação de constatar que ele não perdoaria a um só dentre os maus, mas faria passar a fio de espada todos os falsos profetas e sedutores do povo, que o levavam a abandonar a Deus para adorar falsas divindades, pois nada poderia ser mais agradável a um homem de

bem como ele que ver sofrerem os ímpios o castigo que merecem.

Jonadabe obedeceu, subiu ao carro e foi com ele a Samaria. Jeú continuou a procurar e a matar todos os parentes de Acabe e, para impedir que algum dos profetas dos deuses falsos daquele príncipe pudesse escapar, serviu-se de um ardil. Mandou reunir todo o povo e declarou que, tendo resolvido intensificar o culto que se prestava aos deuses de Acabe, nada queriam fazer acerca daquele assunto sem o parecer dos sacerdotes e dos profetas. Assim, queria que todos, sem exceção, viessem ter com ele, a fim de oferecerem um grande número de sacrifícios a Baal, deus deles, no dia de sua festa, e quem faltasse seria castigado com a pena de morte. Marcou depois um dia para a cerimônia e mandou publicar a sua ordem em todas as partes do reino.

Depois que chegaram os sacerdotes e os profetas, mandou entregar-lhes as vestes e, acompanhado por Jonadabe, seu amigo, foi encontrá-los no templo, cuidando para que ninguém se misturasse a eles, pois, dizia ele, não queria que os profanos tomassem parte naquelas santas cerimônias. Quando os profetas e os sacerdotes estavam se preparando para oferecer os sacrifícios, ele ordenou a oitenta de seus guardas, de toda confiança, que os matassem a todos, a fim de vingar com a morte deles o desprezo que por tanto tempo manifestaram para com a religião de seus antepassados. E ameaçou-os de morte também, caso poupassem um só deles. Os guardas executaram rigorosamente a ordem recebida e, também por ordem do rei, atearam fogo ao palácio real, a fim de purificar Samaria das muitas abominações e sacrilégios ali cometidos.

Baal era o deus dos tírios, ao qual Acabe, para agradar a Etbaal, rei de Tiro e de Sidom, seu sogro, mandara construir e consagrar um templo em Samaria, ordenando profetas e todas as outras coisas necessárias para prestar honra a esse deus. Jeú permitiu, no entanto, que os israelitas continuassem a adorar os bezerros de ouro. Embora Deus tivesse isso como coisa muito desagradável, não deixou de prometer, por meio de seu profeta, que a posteridade de Jeú, por ter este castigado a impiedade, reinaria sobre Israel até a quarta geração.

CAPÍTULO 7

ATALIA, VIÚVA DEJEORÃO, REI DEJUDÁ, TENTA EXTERMINAR TODA A

DESCENDÊNCIA DE DAVI. JOIADA, SUMO SACERDOTE, SALVA JOÁS, FILHO DE ACAZIAS, REI DE JUDÁ, COLOCA-O NO TRONO E MANDA MATAR ATALIA.

387. 2 Reis 7 7; 2 Crônicas 22 e 23. Atalia, filha de Acabe, rei de Israel, e viúva de Jeorão, rei de Judá, vendo que Jeú matara Jorão, irmão dela, e que exterminava toda a sua descendência, não tendo poupado nem mesmo Acazias, seu filho, rei de Judá, resolveu também exterminar toda a descendência de Davi, para que nenhum dos descendentes deste pudesse subir ao trono. Nada ela omitiu na execução de seu desígnio, e apenas um dos filhos de Acazias escapou, o que aconteceu deste modo:

Jeoseba, irmã de Acazias e mulher de Joiada, sumo sacerdote, entrou no palácio e encontrou no meio daquela carnificina um menino de nome Joás, de apenas um ano de idade, o qual fora ocultado por sua ama. Ela então o apanhou e levo-o, sem que nenhum outro, a não ser o marido, tivesse ciência disso. Criou-o no Templo durante os seis anos em que Atalia reinou em Jerusalém.

No fim desse tempo, joiada persuadiu cinco oficiais a se unir a ele para tirar a coroa de Atalia e colocá-la sobre a cabeça de Joás. Obrigaram-se todos, com juramento, a guardar segredo e conceberam firme esperança de realizar o seu intento. Esses cinco oficiais foram depois a toda parte convocar, em nome do sumo sacerdote, os sacerdotes, os levitas e os principais das tribos a se dirigirem a Jerusalém. Depois que lá chegaram, Joiada disse-lhes que, se lhe prometessem com juramento guardar um segredo inviolável, comunicaria a eles um assunto muito importante para todo o reino, no qual ele tinha necessidade de seu auxílio. Eles prometeram-no e juraram.

Então ele mostrou-lhes o único príncipe que restava da descendência de Davi e disse: "Eis aí o vosso rei, o único que resta da família daquele que, bem sabeis, Deus revelou e predisse que reinaria para sempre sobre vós. Assim, se quiserdes seguir o meu conselho, sou de opinião que uma terça parte de vós tome o cuidado de conservar este príncipe no Templo, outra terça parte se apodere de todas as avenidas e a terça parte restante monte guarda à porta pela qual se vai ao palácio real, que ficará aberta. Os que não tiverem armas fiquem no Templo, onde ninguém entrará armado, exceto os sacerdotes".

Escolheu em seguida alguns sacerdotes e levitas para que, armados, ficassem junto da pessoa do novo rei, a fim de lhe servirem de guardas, com ordem de matar a todos os que lá quisessem entrar com armas e cuidar somente da conservação da pessoa do príncipe. Todos aprovaram o conselho e se puseram a executá-lo. Joiada então abriu o depósito de armas que Davi construíra no Templo, distribuiu tudo o que lá encontrou aos sacerdotes e aos levitas e colocou-os ao redor do Templo, tão próximos uns dos outros que poderiam dar-se as mãos e impedir a entrada de outras pessoas. Levaram em seguida o jovem rei e o coroaram. Joiada consagrou-o com óleo santo, e todos os assistentes, batendo palmas em sinal de alegria, exclamaram: "Viva o rei!"

388. Atalia ficou não menos surpresa que perturbada com essa notícia e saiu do palácio acompanhada pelos seus guardas. Os sacerdotes deixaram-na entrar no Templo, mas os que haviam sido colocados ao redor dele repeliram os guardas e o resto do séquito. Quando a altiva princesa viu o jovem príncipe sentado no trono e com a coroa na cabeça, rasgou as próprias vestes e ordenou que matassem aquela criança, da qual se estavam servindo para organizar uma revolta contra ela e usurpar o reino.)oiada, em oposição, ordenou aos oficiais de que falamos que a agarrassem e a levassem à torrente de Cedrom, para que lá recebesse o castigo merecido, pois não se deveria macular o Templo com o sangue de tão detestável pessoa. Acrescentou que matassem também imediatamente qualquer um que se pusesse a defendê-la. Executou-se em seguida a ordem: quando ela estava fora da porta, por onde saíam as cavalgaduras do rei, mataram-na.

389. Depois de tão grande mudança, Joiada mandou reunir no Templo todos os que estavam armados, bem como o povo, e os fez jurar que serviriam fielmente o novo rei, velariam pela sua conservação e trabalhariam pelo progresso do reino. Obrigou Joás a prometer, de sua parte, também com juramento, que prestaria a Deus a honra que lhe era devida e jamais violaria as leis outorgadas por Moisés.

Todos correram em seguida ao templo de Baal, que Atalia e seu marido, o rei jeorão, haviam feito construir para agradar ao rei Acabe, em detrimento do Deus verdadeiro e Todo-poderoso, e o derrubaram, arrasando-o completamente. Mataram ainda Mata, que nele era o sacerdote. Joiada, segundo a determinação

do rei Davi, entregou a guarda do Templo aos sacerdotes e aos levitas, determinando que duas vezes por dia oferecessem a Deus sacrifícios solenes, como a Lei o mandava, acompanhados de incensação, e escolhessem algum dos levitas para guardar as portas do Templo, para só deixarem entrar quem estivesse purificado.

Depois que o sumo sacerdote assim dispôs todas as coisas, levou do Templo para o palácio real o jovem príncipe, acompanhado por aquela grande multidão. Puseram-no sobre o trono. As aclamações de júbilo renovaram-se, e, como não havia ninguém que não se julgasse feliz, porque a morte de Atalia lhes causava grande tranqüilidade, toda a cidade de Jerusalém passou vários dias em festas e banquetes. O jovem rei, cuja mãe se chamava Zíbia, era da cidade de Berseba e tinha então, como já dissemos, apenas sete anos. Foi muito religioso e zeloso das leis de Deus durante o tempo em que Joiada viveu e desposou, por conselho deste, duas mulheres, das quais teve filhos e filhas.

CAPÍTULO 8

MORTE DEJEÚ, REI DE ISRAEL. JEOACAZ, SEU FILHO, SUCEDE-O. JOÁS, REI DE JUDÁ, RESTAURA O TEMPLO EM JERUSALÉM. MORTE DE JOIADA, SUMO SACERDOTE. JOÁS ESQUECE-SE DE DEUS E ENTREGA-SE A TODA ESPÉCIE DE IMPIEDADE. MANDA APEDREJAR ZACARIAS, SUMO SACERDOTE E FILHO DE JOIADA, QUE O REPREENDIA. HAZAEL, REI DA SÍRIA, CERCA JERUSALÉM. JOÁS ENTREGA-LHE TODOS OS SEUS TESOUROS PARA FAZÊ-LO LEVANTAR O CERCO. É MORTO PELOS AMIGOS DE ZACARIAS.

390. Hazael, rei da Síria, fez guerra a Jeú, rei de Israel, e devastou todo o país que as tribos de Rúben, Gade e metade da de Manasses ocupavam, além do Jordão. Sem que jeú pensasse em impedi-lo, saqueou também as cidades de Gileade e de Basã, incendiou tudo e não poupou nenhum dos que lhe caíram nas mãos. Esse infeliz rei de Israel, cujo zelo aparente havia sido mera hipocrisia, desprezou as leis de Deus por um orgulho sacrílego. Reinou vinte e oito anos e jeoacaz, seu filho, sucedeu-o.

391. 2 Reis 12; 2 Crônicas 24. Como a conservação do Templo fora inteiramente negligenciada sob o reinado de Jeorão, de Acazias e de Atalia,

Joás, rei de judá, resolveu restaurá-lo e ordenou a joiada que enviasse levitas a todo o reino para obrigar os súditos a contribuir cada qual com meio sido de prata. Joiada julgou que o povo não daria de boa mente essa contribuição e assim não cumpriu a ordem. Joás, no vigésimo terceiro ano de seu reinado, declarou-lhe que o considerava malvado e ordenou-lhe que fosse mais cuidadoso no futuro e provesse a restauração do Templo.

O sumo sacerdote então imaginou um meio de obrigar o povo a contribuir de boa vontade. Mandou fazer um cofre de madeira, bem fechado, com uma abertura por cima, como uma fenda, que foi posto no Templo, junto do altar. Cada um, segundo a sua devoção, deveria depositar ali uma contribuição para a restauração do Templo. Essa maneira de pedir a restauração foi agradável ao povo, que se acotovelava, à porfia, para nele depositar ouro e prata. O sacerdote e o secretário encarregado da guarda do tesouro do Templo esvaziavam todos os dias o cofre na presença do rei e, depois de contar e anotar a soma que lá havia, tornavam a colocá-lo no lugar. Quando já havia dinheiro suficiente, o sumo sacerdote e o rei mandaram vir os operários e o material necessário. Terminada a obra, empregaram o restante do ouro e da prata, que era em grande quantidade, para fazer as taças, os copos e outros vasos próprios para o serviço divino. Não se passava um dia em que não se oferecesse a Deus um grande número de sacrifícios.

Observou-se essa praxe com rigor durante todo o tempo em que o sumo sacerdote viveu. Ele morreu na idade de cento e trinta anos, e o sepultaram no túmulo dos reis, tanto por causa de sua rara probidade quanto por haver ele conservado a coroa na família de Davi. Logo o rei Joás e, à sua imitação, os principais do país se esqueceram de Deus. Entregaram-se a toda sorte de impiedade e pareciam ter prazer em calcar aos pés a religião e a justiça. Deus repreendeu-os severamente, por meio dos profetas, que lhes mostraram o quanto Ele estava irritado contra eles. Mas eles estavam tão empedernidos no pecado que nem as ameaças nem o exemplo dos horríveis castigos que seus antepassados haviam sofrido por caírem nos mesmos crimes os trouxeram de volta ao cumprimento do dever.

Tanto cresceu o seu frenesi que Joás, esquecendo os favores que devia a Joiada, mandou apedrejar Zacarias no próprio Templo pelo fato de este, por

inspiração divina, havê-lo exortado na presença de todo o povo a agir com justiça no futuro e por ameaçá-lo com grandes castigos, caso continuasse no pecado. Zacarias era filho de joiada e lhe sucedera no cargo de sumo sacerdote. Esse santo homem, ao morrer, tomou a Deus por testemunha de como o príncipe, em recompensa ao salutar serviço que lhe prestava e também pelo trabalho de seu pai, fora injusto e cruel a ponto de fazê-lo morrer daquele modo.

392. Deus não tardou muito tempo em castigar esse tão grande crime. Hazael, rei da Síria, entrou com um grande exército no reino de Joás. Ele tomou, saqueou e destruiu a cidade de Gate e sitiou Jerusalém. Joás foi tomado de tal medo que, para se ver livre desse grande perigo, lhe entregou todos os tesouros do Templo, bem como os dos reis seus predecessores, e todos os presentes oferecidos a Deus pelo povo. Isso contentou a ambição daquele soberano, que levantou o cerco e retirou-se. Mas Joás não pôde evitar o castigo que merecia. Foi vítima de uma grave enfermidade, e os amigos de Zacarias o mataram no leito, para vingar a morte do amigo e do filho de um homem cuja memória era tida em tão grande veneração. O mau príncipe tinha então quarenta e sete anos. Enterraram-no em Jerusalém, porém não no sepulcro dos reis, porque não foi julgado digno disso.

CAPÍTULO 9

AMAZIAS SUCEDE A JOÁS, SEU PAI, NO REINO DE JUDÁ.JEOACAZ, REI DE ISRAEL, QUASE DOMINADO POR HAZAEL, REI DA SÍRIA, RECORRE A DEUS, E ELE O AJUDA.JEOÁS, SEU FILHO, SUCEDE-O. MORTE DO PROFETA ELISEU, QUE PREDIZ A VITÓRIA DEJEOÁS SOBRE OS SÍRIOS. O CORPO DO PROFETA RESSUSCITA UM MORTO. MORTE DE HAZAEL, REI DA SÍRIA. HADADE, SEU FILHO, SUCEDE-O.

393. 2 Reis 14; 2 Crônicas 25. Amazias sucedeu a Joás, seu pai, no reino de Judá. No reino de Israel, Jeoacaz já havia sucedido a Jeú, seu pai, no vigésimo primeiro ano do reinado de Joás. Jeoacaz reinou dezessete anos e não somente se assemelhou ao pai, mas também aos primeiros reis de Israel que tão abertamente haviam desprezado a Deus. E, embora tivesse grande poder, Hazael, rei da Síria, obteve tão grandes vantagens sobre ele, tomou-lhe tantas

praças-fortes e fez tão grande mortandade entre os seus soldados que lhe restavam somente dez mil homens de infantaria e quinhentos cavaleiros. Realizava-se o que vatici-nara o profeta Eliseu a Hazael, quando garantiu que este reinaria na Síria e em Damasco, depois de matar o rei Hadade.

Jeoacaz, estando reduzido a tal extremo, recorreu a Deus, rogando-lhe que o protegesse e não permitisse que ele caísse sob o domínio de Hazael. O soberano Senhor do Universo fez então ver que Ele não somente concede os seus favores aos justos, mas também aos que se arrependem de tê-lo ofendido, e que, em vez de destruí-los, como eles merecem — e Ele bem pode fazê-lo —, se contenta em castigá-los. Ele escutou favoravelmente esse príncipe e restituiu a paz ao seu país, fazendo-o reconquistar a primitiva felicidade.

394. 2 Reis 13. Depois da morte de Jeoacaz, Jeoás, seu filho, sucedeu-o no reino de Israel, no trigésimo sétimo ano do reinado de Joás, rei de Judá, e reinou dezesseis anos. Não se pareceu com Jeoacaz, seu pai, mas foi um homem de bem. O profeta Eliseu, que então estava muito avançado em anos, caiu gravemente enfermo. Jeoás foi visitá-lo e, vendo-o prestes a exalar o último suspiro, começou a chorar e a lastimá-lo, dizendo que o profeta era o seu pai, o seu protetor e todo o seu amparo e que enquanto ele viveu não tivera necessidade de recorrer às armas para vencer os inimigos, porque sempre os sobrepujara sem combater, graças ao auxílio de suas profecias e orações. Mas agora que ele ia deixar o mundo ficava desarmado e sem defesa, exposto ao furor dos sírios e dos outros povos que lhe eram contrários. Assim, ser-lhe-ia muito mais vantajoso morrer com ele que ficar com vida, porém abandonado e sem o seu auxílio.

O profeta ficou tão comovido com essas queixas que, depois de o consolar, ordenou que lhe trouxessem um arco e flechas e disse em seguida ao príncipe que entesasse o arco e atirasse as flechas. Jeoás atirou apenas três, e então o profeta lhe disse: "Se tivésseis atirado mais, teríeis destruído toda a Síria. Como, porém, vos contentastes em atirar somente três, vencereis os sírios somente em três combates e reconquistareis somente as cidades que eles tiraram de vossos antecessores".

Eliseu, pouco depois de assim falar, morreu. Era um homem de eminente virtude e visivelmente ajudado por Deus. Viram-se os efeitos maravilhosos e

quase incríveis de suas profecias, e a sua memória ainda hoje é tida em grande veneração por todos os hebreus. Fizeram-lhe um magnífico túmulo, como merece uma pessoa a quem Deus cumula de tantas graças.

Aconteceu que alguns ladrões, depois de matarem um homem, lançaram-no nesse túmulo. E o cadáver, apenas por tocar o corpo do profeta, voltou à vida, ressuscitado, o que nos mostra que não somente durante a vida, mas também depois da morte, ele havia recebido de Deus o poder de fazer milagres.

395. Morreu Hazael, rei da Síria, e Hadade, seu filho, sucedeu-o. Jeoás, rei de Israel, venceu-o em três batalhas e reconquistou as cidades que Hazael, seu pai, havia tirado aos israelitas, como predissera o profeta Eliseu. jeoás, morrendo também, foi substituído por seu filho jeroboão II no trono do reino de Israel.

CAPÍTULO 10

AMAZIAS, REI DEJUDÁ, AJUDADO POR DEUS, DERROTA OS AMALEQUITAS, OS IDUMEUS E OS GABALITANOS. ESQUECE-SE DE DEUS E OFERECE SACRIFÍCIOS AOS ÍDOLOS. COMO CASTIGO PELO SEU PECADO, É VENCIDO E FEITO PRISIONEIRO POR JEOÁS, REI DE ISRAEL, A QUEM É OBRIGADO A ENTREGAR JERUSALÉM. É ASSASSINADO PELOS SEUS PARTIDÁRIOS. UZIAS, SEU FILHO, SUCEDE-O.

396. No segundo ano do reinado de Jeoás, rei de Israel, Amazias, rei de Judá, cuja mãe, Jeoadã, era de Jerusalém, sucedeu-o, como dissemos, no reino de seu pai. Embora fosse ainda muito jovem, manifestou extremo amor pela justiça. Começou o seu reinado vingando a morte de seu pai e não perdoou aos que, declarando-se amigos dele, o haviam tão cruelmente assassinado. Porém não causou mal algum aos seus filhos, porque a Lei proíbe castigar os filhos pelos pecados dos pais. Resolveu fazer guerra aos amalequitas, aos idumeus e aos gabalitanos e recrutou para esse fim, em seus territórios, trezentos mil homens, os mais jovens com cerca de vinte anos. Deu-lhes chefes e mandou cem talentos de ouro a jeoás, rei de Israel, a fim de que o ajudasse com cem mil homens.

2 Reis 14; 2 Crônicas 25. Quando estava prestes a se pôr em campo com

aquele grande exército, um profeta ordenou-lhe, da parte de Deus, que devolvesse os israelitas, porque eram ímpios, e certamente ele seria vencido caso se servisse deles. Ao passo que, com o auxílio de Deus, as suas próprias forças lhe seriam suficientes para derrotar os inimigos. Isso o surpreendeu e deixou-o aborrecido, porque já entregara o dinheiro combinado para a manutenção da tropa. O profeta, contudo, exortou-o a obedecer à ordem de Deus, que podia compensá-lo generosamente por aquela perda.

Ele obedeceu e devolveu os cem mil homens sem exigir a devolução do dinheiro. Marchou contra os inimigos, venceu-os num grande combate, matou dez mil no campo e fez um número igual de prisioneiros, aos quais mandou levar para um lugar denominado A Grande Rocha, perto da Arábia, de onde mandou lançar todos abaixo. Conseguiu também ricos despojos. Nesse mesmo tempo, todavia, os israelitas que ele havia despedido, julgando-se ofendidos, devastaram-lhe o país até Bete-Semes, levaram um grande número de cabeças de gado e mataram três mil habitantes dessa cidade.

397. Amazias, orgulhoso com o êxito de suas armas, esqueceu-se de que tudo devia a Deus e, por uma ingratidão sacrílega, em vez de lhe referir toda a glória, abandonou o seu divino culto para adorar as falsas divindades dos amalequitas. O profeta veio falar com ele e disse que muito se admirava de vê-lo agora ter em boa conta e adorar como verdadeiros os deuses que não haviam sido capazes de defender contra ele os seus próprios adoradores nem de impedir que matasse um grande número deles e aprisionasse também uma grande quantidade e levasse escravos outros ainda, com os seus ídolos, a Jerusalém, juntamente com os despojos.

Essas palavras encolerizaram Amazias de tal modo que ele ameaçou matar o profeta, caso este se atrevesse a continuar falando daquele modo. Ele respondeu que ficaria quieto, mas Deus não deixaria de castigá-lo como ele merecia. O orgulho de Amazias crescia cada vez mais, e ele sentia prazer em ofender a Deus, em vez de reconhecer que toda a sua felicidade vinha dEle e de dar-lhe graças. Ele escreveu pouco depois a Jeoás, rei de Israel, ordenando-lhe que o obedecesse com todo o seu povo, assim como as dez tribos que ele governava haviam obedecido a Salomão e a Davi, seus antepassados. E, se não o fizesse voluntariamente, que se preparasse para a guerra, pois ele a declararia

e resolveria a questão pelas armas.

Jeoás respondeu-lhe nestes termos: "O rei Jeoás ao rei Amazias. Havia antigamente no monte Líbano um cipreste muito grande e um cardo. O cardo mandou pedir ao cipreste a filha deste em casamento para o seu filho, mas ao mesmo tempo que lhe fazia esse pedido uma fera veio sobre ele e o esmagou. Servi-vos deste exemplo, para que não empreendais coisa alguma acima de vossas forças e não vos orgulheis demasiado por causa da vitória que conquistastes contra os amalequitas, pondo-vos em risco de vos perderdes com todo o vosso reino".

Amazias, irritadíssimo com essa carta, preparou-se para a guerra, e Deus a ela o impelia, sem dúvida para fazer cair sobre ele a sua vingança. Quando os exércitos se enfrentaram e enquanto a luta se preparava, o exército de Amazias viu-se de repente tomado de grande terror, enviado por Deus, por Ele não lhes ser favorável, de modo que fugiram incontinenti, mesmo antes de travarem combate, abandonando Amazias à mercê do inimigo. Jeoás, tendo-o em seu poder, disse-lhe que não podia evitar a morte senão abrindo a ele e a todo o seu exército as portas de Jerusalém. O desejo de salvar a própria vida fez com que ele persuadisse os habitantes da cidade a aceitar aquela condição.

Jeoás, depois de abater quatrocentos côvados das muralhas da cidade, entrou triunfante sobre o seu carro na capital do reino, seguido por todo o seu exército, tendo Amazias perto de si como prisioneiro. Ele carregou todos os tesouros que estavam no Templo e todo o ouro e toda a prata que encontrou no palácio do rei. Deu liberdade a Amazias e voltou a Samaria. Isso aconteceu no décimo quarto ano do reinado de Amazias.

Vários anos depois, esse infeliz príncipe, vendo que os próprios amigos tramavam contra ele, fugiu para a cidade de Laquis. Mas isso não o salvou. Eles o perseguiram e o mataram, levando o seu corpo a Jerusalém, onde foi enterrado com as cerimônias ordinárias das homenagens aos reis. Eis de que modo terminou miseravelmente os seus dias, no vigésimo ano de seu reinado, que foi o qüinquagesimo quarto de sua vida, castigado como merecia por haver desprezado a Deus e abandonado a verdadeira religião para adorar os ídolos. Uzias, seu filho, sucedeu-o.

CAPITULO 11

O PROFETA JONAS PREDIZ A JEROBOÃO II, REI DE ISRAEL, QUE ELE VENCERÁ OS SÍRIOS. HISTÓRIA DESSE PROFETA, ENFIADO POR DEUS A NÍNIVE PARA PREDIZER A RUÍNA DO IMPÉRIO DA ASSÍRIA. MORTE DEFEROBOÃO II. ZACARIAS, SEU FILHO, SUCEDE-O. EXCELENTES QUALIDADES DE UZIAS, REI DE JUDÁ, QUE FAZ GRANDES CONQUISTAS E FORTIFICA JERUSALÉM. SUA PROSPERIDADE O FAZ ESQUECER DE DEUS. DEUS O CASTIGA DE MANEIRA TERRÍVEL. JORÃO, SEU FILHO, SUCEDE-O. SALUM ASSASSINA ZACARIAS, REI DE ISRAEL, E USURPA A COROA. MENAÉM MATA SALUM E REINA DEZ ANOS. PECAÍAS, SEU FILHO, SUCEDE-O. PECA ASSASSINA-O E REINA EM SEU LUGAR. TIGLATE-PILESER, REI DA ASSÍRIA, FAZ-LHE CRUEL GUERRA. VIRTUDES DEFOTÃO, REI DEFUDÁ. O PROFETA NAUM PREDIZ A DESTRUIÇÃO DO IMPÉRIO ASSÍRIO.

398. 2 Reis 14. No décimo quinto ano do reinado de Amazias, rei de Judá, Jeroboão II sucedeu a Jeoás, seu pai, no reino de Israel e durante os quarenta anos em que ele reinou sempre teve, tal como os seus predecessores, sua residência em Samaria. Nada se poderia acrescentar à impiedade desse soberano e à sua inclinação para a idolatria, que o levou a fazer coisas extravagantes, atraindo sobre o seu povo males infinitos. O profeta Jonas predisse-lhe que ele venceria os sírios e levaria os limites do reino até a cidade de Hamate, do lado norte, e até o lago Asfaltite, do lado sul, que eram os antigos limites da terra de Canaã, fixados por Josué. Jeroboão II, animado por essa profecia, declarou guerra aos sírios e conquistou todo o país, conforme Jonas havia predito, do qual se tornaria senhor.

Como prometi narrar sincera e fielmente tudo o que está escrito nos Livros Santos, não devo passar em silêncio o que eles referem acerca desse profeta. Deus ordenou a Jonas que fosse anunciar aos habitantes de Nínive, grande e poderosa cidade, que o império da Assíria, de que era a capital, seria destruído. Essa ordem pareceu-lhe perigosa a ponto de ele decidir não a executar. Como se pudesse esconder-se dos olhos de Deus, ele embarcou em Jope, a fim de fugir para a Cilícia. Porém se levantou uma tão grande tempestade que o piloto do barco e os marinheiros, vendo-se em perigo de naufragar, faziam votos pela sua salvação.

Jonas era o único que, retirado a um canto e coberto com a sua capa, não imitava o exemplo deles. A tempestade crescia cada vez mais, e eles imaginaram logo que alguém dentre eles atraíra aquela infelicidade. Para saber quem era, tiraram a sorte, e ela caiu sobre o profeta. Perguntaram-lhe quem ele era e que motivos o levavam a empreender aquela viagem. Ele respondeu que era hebreu e profeta do Deus Todo-poderoso, e, se queriam evitar o perigo de que estavam ameaçados, teriam de lançá-lo ao mar, porque era o único culpado.

De início, não quiseram fazê-lo, pois julgavam desumanidade atirá-lo às águas, expondo assim a uma morte certa um estrangeiro que lhes havia confiado a vida. Quando se viram prestes a morrer, todavia, o desejo de salvar as próprias vidas e a insistência do profeta fizeram-nos decidir lançá-lo ao mar. No mesmo instante, a tempestade cessou. Diz-se que um grande peixe o engoliu e, depois de ele ter passado três dias em seu ventre, ele o restituiu vivo e sem ferimento algum à praia do Ponto Euxino, de onde ele partiu para Nínive, depois de pedir perdão a Deus, e anunciou ao povo que eles perderiam bem depressa o império da Ásia.

399. 2 Reis 14 e 15. Voltemos agora a jeroboão II, rei de Israel. Ele morreu depois de reinar feliz durante quarenta anos, e foi enterrado em Samaria. Zacarias, seu filho, sucedeu-o. Uzias, do mesmo modo, no quarto ano do reinado de Jeroboão II, sucedeu a Amazias no reino de Judá. Nasceu este de Jecolias, mulher de Amazias. Ela era de Jerusalém.

400. 2 Crônicas 26. O rei Urias tinha tanta bondade e amor pela justiça e era tão corajoso e previdente que essas excelentes qualidades, unidas, levaram-no a realizar grandes empreendimentos. Venceu os filisteus e tomou-lhes muitas cidades, entre as quais Gate e Jabné, da qual abateu as muralhas. Atacou os árabes, vizinhos do Egito, e construiu uma cidade perto do mar Vermelho, onde deixou uma forte guarnição. Ele também subjugou os amonitas, tornando-os tributários. Reduziu ao seu domínio todos os países que se estendem até o Egito e empregou em seguida todo o seu cuidado na restauração e fortificação de Jerusalém.

Mandou consertar e refazer as muralhas, que estavam em muito mau estado, pela incúria de seus predecessores, inclusive aquele espaço de quatrocentos côvados que Jeoás, rei de Israel, mandara derrubar ao entrar

triunfante na cidade, após aprisionar o rei Amazias. Mandou também reedificar várias torres com altura de cento e cinqüenta côvados e construiu fortificações nos lugares mais afastados da cidade. Fez ainda vários aquedutos.

Ele criava um número enorme de cavalos e de gado, porque a região é rica em pastagens. Como amava muito a agricultura, mandou plantar uma grande quantidade de árvores frutíferas e toda espécie de plantas. Mantinha trezentos e setenta mil soldados, todos escolhidos, armados com espadas, arcos, fundas, escudos e couraças de bronze, distribuídos em regimentos e comandados por dois mil bons oficiais. Mandou também fazer uma grande quantidade de máquinas de atirar pedras e dardos, grandes ganchos e instrumentos semelhantes, próprios para os ataques e as guerras.

O orgulho de tão grande prosperidade envenenou o Espírito do soberano e corrompeu-o de tal modo que esse poder passageiro e temporal o fez desprezar o poder eterno e subsistente de Deus. Não observou mais as suas santas leis e, em vez de continuar a praticar a virtude, procedeu à imitação do pai na impiedade, entregando-se ao crime. Assim os seus felizes empreendimentos e a glória de tantas ações beneméritas só serviram para destruí-lo e para fazer ver o quanto é difícil aos homens conservar a moderação na prosperidade.

No dia de uma festa solene, ele revestiu-se dos paramentos sacerdotais e entrou no Templo para oferecer a Deus as incensações no altar de ouro. O sumo sacerdote Azarias, acompanhado por oitenta sacerdotes, correu e disse-lhe que aquilo não era permitido. Proibiu-lhe passar além e ordenou que saísse, para não irritar a Deus com aquele incrível sacrilégio. Uzias ficou de tal modo encolerizado que o ameaçou de morte, bem como a todos os outros sacerdotes, se não permitisse que ele fizesse o que desejava. Mal pronunciou essas palavras, sentiu-se um terrível tremor de terra. O alto do Templo abriu-se, e um raio de sol feriu o ímpio rei no rosto. No mesmo instante, ele ficou coberto de lepra. O mesmo tremor de terra dividiu também em dois, num lugar próximo da cidade, de nome Eroge, o monte que está voltado para o ocidente, do qual uma metade foi levada a quatro estádios dali contra outro monte, que está voltado para o levante, o que barrou toda a estrada principal e cobriu de terra os jardins do rei.

Os sacerdotes, vendo o rei coberto de lepra, imaginaram facilmente a

causa. Disseram que aquele castigo era um sinal visível da justiça de Deus e ordenaram que ele saísse da cidade. A sua extrema confusão tirou-lhe a ousadia de resistir, e ele obedeceu. Assim, foi castigado pela sua impiedade para com Deus e pela temeridade que o levara a se elevar acima da sua condição humana. Ele passou algum tempo fora da cidade, onde viveu como um homem qualquer, enquanto Jotão, seu filho, dirigia os destinos da nação. Urias morreu de desgosto por ver-se reduzido àquele estado. Tinha sessenta e oito anos, dos quais reinara cinqüenta e dois. Foi enterrado em seus jardins, em um sepulcro separado, e Jotão sucedeu-o.

401. 2 Reis 15. Quanto a Zacarias, rei de Israel, ele reinava havia apenas seis meses, quando Salum, filho de jabes, assassinou-o e usurpou o trono. Mas Salum desfrutou somente um mês do governo que tão grande crime lhe outorgara. Menaém, general do exército, que então estava na cidade de Tirza, marchou com todas as suas forças para Samaria, combateu-o, venceu-o e o matou. Por sua conta, pôs a coroa na própria cabeça e voltou a Tirza com o exército vitorioso. Os seus habitantes, porém, não quiseram reconhecê-lo e fecharam-lhe as portas. Então ele devastou toda a área, tomou a cidade à força e matou todos os seus habitantes, não poupando nem mesmo as crianças. Desse modo, foi cruel contra a sua própria nação, tanto que não se teria coragem de agir assim nem mesmo para com os bárbaros. E ele não procedeu com maior humanidade durante os dez anos de seu reinado em Israel.

Pul, rei da Assíria, declarou-lhe guerra, e ele, não se sentindo bastante forte para resistir, deu-lhe mil talentos de dinheiro para conservar a paz. Exigiu em seguida a mesma quantia do povo, por uma imposição de cinqüenta dracmas por cabeça. Morreu logo depois, e foi enterrado em Samaria.

Pecaías, seu filho, sucedeu-o e não herdou menos a sua crueldade que o trono, porém reinou somente dois anos. Peca, filho de Remalias, chefe de campo de um regimento de mil homens, matou-o à traição num banquete com vários outros de seus familiares. Ele apoderou-se do trono e reinou vinte anos, sem que se possa dizer se ele era mais ímpio ou mais injusto. Tiglate-Pileser, rei da Assíria, fez-lhe guerra, apoderou-se de toda a área de Gileade, de toda a região que está além do Jordão e daquela parte da Galiléia próxima de Quedes e de Hazor, aprisionou todos os habitantes e levou-os escravos para o seu reino.

402. 2 Crônicas 27. jotão, filho de Uzias, rei de Judá, e de)erusa, que era de Jerusalém, reinava nessa época. Nenhuma virtude faltava a esse príncipe, pois ele foi tanto religioso para com Deus quanto justo para com os homens. Tomou grande cuidado em restaurar e embelezar essa grande cidade. Mandou refazer o átrio e as portas do Templo e reerguer uma parte das muralhas, que havia caído. A isso acrescentou torres grande e fortes e eliminou todas as desordens do reino. Venceu os amonitas, impôs-lhes um tributo de cem talentos, dez mil medidas de trigo e outras tantas de cevada por ano. Aumentou de tal modo a extensão e a força do país que ele era não menos temido por seus inimigos quanto amado pelo seu povo.

403. Durante o seu reinado, um profeta, de nome Naum, predisse a ruína do império da Assíria e a destruição de Nínive, nestes termos: "Tal como às vezes as águas de um grande reservatório são agitadas pelo vento, assim se verá igualmente todo o povo de Nínive agitado e perturbado pelo temor, e a sua hesitação será tão grande que num mesmo tempo dirão uns aos outros: Fujamos! Outros dirão: Não! Fiquemos para apanhar o nosso ouro e a nossa prata. Mas nenhum deles seguirá esse conselho, porque eles preferirão salvar a vida, e não os seus bens. Assim, só se ouvirão entre eles gritos e lamentações. O seu terror será tão grande que muito mal sobreviverão, e as suas cidades ficarão irreconhecíveis. Para onde irão então os leões e as mães dos leõezinhos? Nínive, diz o Senhor, eu te exterminarei, e não se verão mais sair de ti os leões aue assustavam o mundo".

O profeta acrescentou várias outras coisas semelhantes com relação a essa poderosa cidade, as quais não refiro para não aborrecer os leitores. Cento e quinze anos depois, constatou-se a veracidade dessa profecia.

CAPÍTULO 12

MORTE DEJOTÃO, REI DEJUDÁ. ACAZ, SEU FILHO, QUE ERA MUITO ÍMPIO, SUCEDE-O. REZIM, REI DA SÍRIA, E PECA, REI DE ISRAEL, FAZEM-LHE GUERRA. ESSES REIS SE SEPARAM. PECA É VENCEDOR, EM UMA BATALHA SANGRENTA. O PROFETA OBEDE LEVA OS ISRAELITAS A RESTITUIR OS PRISIONEIROS.

404. 2 Reis 18; 2 Crônicas 28. Jotão, rei de Judá, morreu na idade de

quarenta e um anos, depois de reinar dezesseis, e foi enterrado no sepulcro dos reis. Acaz, seu filho, sucedeu-o. Esse soberano foi muito ímpio: calcou aos pés as leis de Deus e imitou os reis de Israel em suas abominações. Ergueu em Jerusalém altares sobre os quais sacrificou aos ídolos, chegando a oferecer o próprio filho em holocausto, segundo o costume dos cananeus, e cometeu vários outros crimes detestáveis.

Rezim, rei da Síria e de Damasco, e Peca, rei de Israel, que já era inimigo de Acaz, declararam-lhe guerra e o sitiaram em Jerusalém. Mas a cidade estava tão fortemente defendida que eles foram obrigados a levantar o cerco. Rezim tomou em seguida a cidade de Elá, situada à beira do mar Vermelho. Mandou matar todos os seus habitantes e lá estabeleceu uma colônia síria. Tomou também várias outras cidades fortes, matou um grande número de judeus e, carregado de des-pojos, voltou a Damasco com o seu exército. Quando Acaz viu que os sírios se retiravam, julgou não ser mais fraco que o rei de Israel sozinho e assim marchou contra ele. Eles travaram uma batalha na qual Deus, para castigar Acaz pelos seus crimes, permitiu que este fosse vencido, com uma perda de cento e vinte mil homens e de Maaséias, seu filho, morto por Zicri, general do exército de Peca, que matou também Azricão, comandante da guarda, e aprisionou Elcana, general do exército. O rei de Israel levou também um grande número de escravos, de ambos os sexos.

Quando os israelitas voltavam triunfantes e carregados de despojos para Samaria, o profeta Obede veio à presença deles e disse-lhes que eles não deviam atribuir a vitória às próprias forças, mas à cólera de Deus contra Acaz. Censurou-os acremente porque, não se contentando com a sua felicidade, atreviam-se a levar tantos prisioneiros que, sendo pessoas da tribo de Judá e de Benjamim, tinham a sua origem no mesmo sangue que eles. Disse-lhes ainda que, se eles não os pusessem em liberdade, Deus os castigaria severamente.

Os israelitas reuniram-se em conselho, e Berequias, homem de grande autoridade entre eles, e três outros com ele disseram que não tolerariam que aqueles prisioneiros entrassem em suas cidades, para não atrair sobre eles a cólera e a vingança de Deus, e que eles já haviam cometido muitos outros pecados, de que os profetas os haviam recriminado, não sendo necessário acrescentar novas im-piedades. Os soldados, comovidos por essas palavras,

dispuseram-se a fazer o que eles julgassem melhor e mais conveniente. Então esses quatro homens tão sábios retiraram as cadeias dos prisioneiros, cuidaram deles, deram-lhes os meios para regressar e os acompanharam não somente até jerico, mas até próximo de Jerusalém.

CAPÍTULO 13

ACAZ, REI DE JUDÁ, PEDE AUXÍLIO A TIGLATE-PILESER, REI DA ASSÍRIA, QUE DEVASTA A SÍRIA, MATA REZIM, REI DE DAMASCO, E TOMA A CIDADE. HORRÍVEL IMPIEDADE DE ACAZ. SUA MORTE. EZEQUIAS, SEU FILHO, SUCEDE-O. PECA, REI DE ISRAEL, É ASSASSINADO POR OSÉIAS, QUE USURPA O TRONO, MAS É VENCIDO POR SALMANESER, REI DA ASSÍRIA. EZEQUIAS RESTAURA INTEIRAMENTE O CULTO A DEUS, VENCE OS FILISTEUS E DESPREZA AS AMEAÇAS DO REI DA ASSÍRIA.

405. 2 Reis 16 e 17. Depois de tão grande perda, Acaz, rei de Judá, enviou embaixadores com ricos presentes a Tiglate-Pileser, rei da Assíria, para pedir-lhe socorro contra os israelitas, os sírios e os damasquinos, prometendo-lhe uma grande quantia de dinheiro. O soberano veio em pessoa com um poderoso exército, devastou toda a Síria, tomou a cidade de Damasco e matou Rezim, que era o seu rei. Mandou os habitantes para a Alta Média e fez vir no lugar deles os assírios. Marchou depois contra os israelitas e levou vários escravos. Acaz foi a Damasco agradecer-lhe e levou-lhe não somente todo o ouro e prata que havia em seus tesouros, mas também o que estava no Templo, sem excetuar os presentes que se haviam oferecido a Deus.

Esse detestável príncipe tinha tão pouco juízo que, mesmo sendo os sírios seus inimigos declarados, não deixava de adorar os seus deuses, como se devesse pôr toda a sua esperança no auxílio deles. Quando ele viu, porém, que eles haviam sido derrotados pelos assírios, passou a adorar os deuses dos vencedores. Não havia falsa divindade que ele não estivesse pronto a reverenciar, no lugar do verdadeiro Deus, o Deus de seus pais, cuja cólera ele havia atraído sobre si e era a causa de todos os seus males. A sua impiedade chegou ao cúmulo de não se contentar em despojar o Templo de todos os seus tesouros, mas mandou mesmo fechá-lo, a fim de que lá não se pudesse adorar

ao verdadeiro Deus com os sacrifícios solenes que se costumavam oferecer. E, depois de o haver irritado com tantos crimes, morreu na idade de trinta e seis anos, dos quais reinou dezesseis. Deixou Ezequias, seu filho, como sucessor.

406. Nesse mesmo tempo, Peca, rei de Israel, foi morto à traição por Oséias, um de seus mais fiéis servidores, que usurpou o reino e reinou nove anos. Oséias era um homem ímpio e muito mau. Salmaneser, rei da Assíria, fez-lhe guerra e não teve dificuldade em vencê-lo e impor-lhe um tributo, porque Deus lhe era adverso.

407. 2 Reis 18; 2 Crônicas 29, 30 e 31. No quarto ano do reinado do rei Oséias, Ezequias, filho de Acaz e de Abi, a qual era de Jerusalém, sucedeu-o no reino de judá, como já dissemos. Esse príncipe era um homem de bem, tão justo e religioso que desde o princípio do reinado julgou nada poder fazer de melhor para si e para os seus súditos que restaurar o culto a Deus. Reuniu para isso todo o povo, os sacerdotes e os levitas, e falou-lhes: "Não podeis ignorar os males que sofrestes por causa dos pecados do rei meu pai, desde que ele deixou de prestar a Deus a soberana honra que lhe é devida e pelos crimes que vos fez cometer, persuadindo-vos a adorar os falsos deuses que ele adorava. Assim, experimentastes os castigos que seguem à impiedade. Exorto-vos a renunciar a tudo isso, a purificar as vossas almas da sordidez que as desonra e a vos unirdes aos sacerdotes e aos levitas para abrirmos o Templo do Senhor, purificá-lo com solenes sacrifícios e restaurá-lo à sua primitiva magnificência, pois é o meio de aplacarmos a cólera de Deus e de torná-lo novamente favorável a nós".

Depois de o rei haver falado, os sacerdotes abriram o Templo, purificaram-no, prepararam os vasos sagrados e puseram as ofertas sobre o altar, segundo o costume de seus antepassados. Ezequias ordenou em seguida que todo o povo de seu território viesse a Jerusalém, a fim de ali celebrar a festa dos Asmos, que fora abandonada havia muitos anos, pela impiedade dos reis seus predecessores. Seu zelo foi além: ele exortou os israelitas a abandonar as superstições e a voltar aos antigos e santos costumes, prestando a Deus o culto que lhe é devido. Prometeu recebê-los em Jerusalém se eles quisessem vir celebrar a festa com os compatriotas.

Ele acrescentou que unicamente o desejo de vê-los felizes, e nenhum

outro interesse particular, levava-o a convidá-los a aceitar um conselho tão salutar. Mas os israelitas não somente se recusaram a escutar propostas tão vantajosas, como também zombaram de seus embaixadores e os trataram do mesmo modo como aos profetas, que os exortavam a seguir um conselho tão sensato e prediziam os males que lhes sobreviriam se persistissem na impiedade. Sua loucura e sua raiva, porém, cresciam cada vez mais, e eles chegaram a matar esses profetas, juntando novos crimes aos antigos, até que Deus, para castigá-los, os entregou nas mãos dos inimigos, como diremos a seu tempo.

Somente um grande número dos da tribo de Manasses, de Zebulom e de Issacar, comovido pelas palavras dos profetas, converteu-se, e eles foram a Jerusalém adorar a Deus. Depois que lá chegaram, o rei, acompanhado por todos os grandes e por todo o povo, subiu ao Templo, onde ofereceu por si mesmo sete touros, sete bodes e sete carneiros. Depois que ele e os nobres puseram as mãos sobre as cabeças das vítimas, os sacerdotes as mataram, e elas foram totalmente consumidas pelo fogo, como sendo oferecidas em holocausto.

Os levitas, em torno deles, cantavam ao som de diversos instrumentos de música hinos de louvor a Deus, segundo o que Davi determinara. Os sacerdotes tocavam as trombetas, enquanto o rei e todo o povo prostravam-se de rosto em terra para adorar a Deus. O soberano sacrificou em seguida setenta bois, cem carneiros e duzentos cordeiros e deu ao povo seiscentos bois e quatro mil outros animais. E, depois que os sacerdotes terminaram todas as cerimônias, segundo o que a Lei determinava, desejou o rei comer com todo o povo e com ele dar graças a Deus.

A festa dos Asmos aproximava-se, e eles começaram por celebrar a Páscoa e a oferecer a Deus durante sete dias outras vítimas. Além das que eram oferecidas pelo povo, o rei ofereceu dois mil touros e sete mil outros animais. Os nobres, para imitá-lo em sua liberalidade, deram também mil touros e mil e quarenta outros animais. Desde os tempos de Salomão não se via celebrar com tanta solenidade essa festa religiosa.

Purificou-se em seguida Jerusalém e todo o país das abominações introduzidas pelo culto sacrílego aos ídolos. O rei desejou dar ele mesmo, do

que lhe pertencia, as vítimas necessárias para se oferecer todos os dias os sacrifícios instituídos pela Lei. Determinou que o povo pagasse aos sacerdotes e aos levitas as décimas e as primícias dos frutos, a fim de que eles tivessem meios de se dedicar inteiramente ao serviço de Deus, e mandou construir para eles lugares apropriados para receber o que era dado às suas mulheres e filhos. Assim, a antiga ordem, no que se referia ao culto a Deus, foi completamente restabelecida.

408. Depois que esse sábio e religioso soberano realizou todas essas coisas, declarou guerra aos filisteus, venceu-os e tornou-se senhor de todas as cidades desde Gaza até Gate. O rei da Assíria ameaçou destruir-lhe o país se ele não pagasse o tributo que seu pai estava acostumado a pagar. Mas a confiança que a sua piedade o fazia ter em Deus e a fé que ele prestava às predições do profeta Isaías, que o instruía particularmente a respeito do que devia suceder, o fez desprezar essas ameaças.

CAPÍTULO 14

SALMANESER, REI DA ASSÍRIA, TOMA SAMARIA, DESTRÓI INTEIRAMENTE O REINO DE ISRAEL, LEVA ESCRAVOS O REI OSÉIAS E TODO O POVO E MANDA UMA COLÔNIA DE CHUTEENSES HABITAR O REINO DE ISRAEL.

409. 2 Reis 17. Salmaneser, rei da Assíria, tendo sabido que Oséias, rei de Israel, enviara secretamente embaixadores ao rei do Egito para convidá-lo a tomar parte numa aliança contra ele, marchou com um grande exército para Samaria, no sétimo ano do reinado desse soberano. Depois de um cerco de três anos, apoderou-se da cidade, no nono ano do reinado desse príncipe e no sétimo ano do reinado de Ezequias, rei de Judá. Salmaneser aprisionou Oséias, destruiu inteiramente o reino de Israel e levou todo o povo como escravo para a Média e para a Pérsia. Mandou a Samaria e a todos os outros lugares do reino de Israel colônias de chuteenses, que são povos de uma província da Pérsia e têm esse nome por causa do rio Chute, ao longo do qual habitam.

Foi assim que as dez tribos que compunham o reino de Israel foram expulsas de seu país, novecentos e quarenta e sete anos depois que os seus antepassados o haviam conquistado pela força das armas, após a saída do

Egito, oitocentos anos depois da dominação de Josué e duzentos e quarenta anos, sete meses e sete dias depois que eles se revoltaram contra Roboão, neto de Davi, para tomar o partido de Jeroboão, seu súdito, reconhecendo-o como rei. Foi assim que aquele povo infeliz foi castigado por desprezar tanto a lei de Deus quanto a voz dos profetas, que tantas vezes haviam predito as desgraças em que eles cairiam se continuassem na impiedade. Jeroboão foi o seu ímpio e infeliz autor, quando, ao subir ao trono, levou o povo, pelo seu exemplo, à idolatria e atraiu contra si a cólera de Deus, que o castigou como merecia.

O rei da Assíria fez então sentir o peso de suas armas à Síria e à Fenícia. Faz-se menção dele nos anais dos tírios porque ele lhes fez guerra durante o reinado de Eluleu, seu rei, como narra Menandro na história dos tírios, que foi traduzida para o grego. Eis como ele fala: "Eluleu reinou trinta e seis anos. E os giteenses revoltaram-se, e ele partiu contra eles com uma esquadra e os reduziu à sua obediência. O rei da Assíria enviou também um exército contra eles e apoderou-se de toda a Fenícia. Tendo feito a paz, voltou ao seu país. Pouco tempo depois, as cidades de Arcé, da antiga Tiro, e várias outras, quebraram o jugo dos tírios para se entregar ao rei da Assíria. Como os tírios eram os únicos que não se queriam submeter a ele, enviou contra eles sessenta navios, que os fenícios haviam equipado e nos quais havia oitocentos remadores. Os tírios foram com doze navios ao encontro dessa frota, dispersaram-na, fizeram quinhentos prisioneiros e granjearam reputação de valentes por essa vitória. O rei da Assíria regressou, mas deixou muitas tropas ao longo do rio e dos aquedutos, para impedir que os tírios pudessem tirar água, o que, havendo-se prolongado por cinco anos, obrigou-os a cavar poços". Encontramos isso nos anais dos tírios, que é relativo a Salmaneser, rei da Assíria.

410. Esses novos habitantes de Samaria, que se chamavam chuteenses, por razão que já explicamos, eram de cinco nações diferentes, tendo cada uma um deus particular, e eles continuaram a adorá-los, como faziam em seu país. Deus ficou tão irritado que lhes mandou uma terrível peste, para a qual não se encontrou remédio no país. Eles foram então avisados por um oráculo que adorassem ao Deus verdadeiro e Todo-poderoso, e Ele os livraria. Mandaram então pedir logo ao rei da Assíria que lhes mandasse alguns dos sacerdotes hebreus, que estavam prisioneiros. O soberano concordou, e eles os instruíram

na lei de Deus, prestaram-lhe as honras devidas, e logo a peste cessou.

Esses povos, a que os gregos chamam samaritanos, continuam ainda hoje na mesma religião. E mudam com relação a nós segundo a diversidade dos tempos. Pois, quando a nossa situação é boa, eles declaram que nos consideram irmãos, porque sendo uns e outros descendentes de José, temos a nossa origem num mesmo ramo. Quando a sorte nos é contrária, eles dizem que não nos conhecem e que não são obrigados a nos amar, pois, vindo nós de um país tão afastado para se estabelecer naquele em que eles habitam, nada têm de comum conosco. Mas é necessário deixarmos esse assunto para um outro momento, mais conveniente.

Livro Décimo

Capítulo 1

Senaqueribe, rei da Assíria, entra com um grande exército no reino de Judá, faltando à palavra ao rei Ezequias, que lhe entregara uma grande soma de dinheiro para obrigá-lo a se retirar. Senaqueribe vai fazer guerra no Egito e deixa Rabsaqué, seu lugar-tenente, sitiar ferusalém. O profeta Isaías garante a Ezequias o auxílio de Deus. Senaqueribe volta do Egito sem ter feito lá progresso algum.

411. 2 Reis 18. No décimo quarto ano do reinado de Ezequias, rei de Judá, Senaqueribe, rei da Assíria, entrou no reino com um exército poderoso e, após tomar todas as outras cidades das tribos de judá e de Benjamim, marchou contra Jerusalém. Ezequias, por meio de embaixadores, ofereceu-se para cumprir quaisquer condições que o rei da Assíria lhe impusesse e para lhe servir como tributário. O soberano aceitou a oferta e prometeu com juramento retirar-se para o seu país sem qualquer ato hostil, contanto que lhe fossem pagos trinta talentos de ouro e trezentos talentos de prata. Ezequias, confiando na palavra de Senaqueribe, esvaziou todos os seus tesouros, a fim de poder enviar-lhe aquela soma, na esperança de ter paz.

Senaqueribe, todavia, depois de receber o dinheiro, não manteve a palavra e, enquanto marchava em pessoa contra os egípcios e os etíopes, deixou Rabsaqué, seu lugar-tenente e general, com numerosas tropas, auxiliado pelos seus chefes principais, dois generais, de nome Tartã e Rabe-Saris, para continuar na Judéia a guerra que lá havia começado. Esse general aproximou-se de Jerusalém e mandou chamar Ezequias, a fim de conferenciarem. Mas o príncipe, desconfiando dele, contentou-se em mandar-lhe três servidores da maior confiança: Eliaquim, mordomo-mor do palácio, Sebna, secretário, e Joá, intendente dos registros.

Disse Rabsaqué, em presença de todos os oficiais de seu exército: "Voltai a vosso amo e dizei-lhe que Senaqueribe, o grande rei, pergunta em quem ele confia para recusar receber o seu exército em Jerusalém. Se for no auxílio dos egípcios, é de se dizer que ele perdeu o juízo e que se parece com quem se apoia num caniço, o qual, em vez de sustentá-lo, quebrar-se-á, ferindo-lhe as mãos. Quanto ao mais, saiba ele que é por ordem de Deus que o rei empreendeu esta guerra, e assim, o resultado será como o daquela que fez aos israelitas, e ele se tornará do mesmo modo senhor desses dois reinos".

Rabsaqué falava em hebreu, que conhecia muito bem. Eliaquim, temendo que os colegas se assustassem, pediu-lhe que falasse em siríaco. Rabsaqué, porém, deduzindo facilmente com que fim era feito aquele pedido, continuou a falar em hebreu: "Agora que não podeis ignorar a vontade do rei e quanto vos importa a ela vos submeterdes, por que demorais em nos receber em vossa cidade? Por que continua o vosso senhor, e vós com ele, a enganar o povo com vãs e loucas esperanças? Se vos julgais bastante fortes para nos poder resistir, mostrai-no-lo, opondo dois mil de vossos cavaleiros ao mesmo número que eu farei avançar de nosso exército. Mas como poderíeis fazê-lo, se não os tendes? E por que vos demorais em vos submeterdes àqueles aos quais não podeis resistir? Acaso ignorais a vantagem de fazer voluntariamente o que não é possível evitar e o grande perigo que é esperar ser a isso obrigado pela força?"

2 Reis 19, Essa resposta pôs o rei Ezequias em tal aflição que ele deixou as vestes reais para se revestir de um saco, segundo o costume de nossos pais. Prostrou-se com o rosto em terra e rogou a Deus que o ajudasse naquela contingência, em que não podia esperar outro socorro senão o dEle. Mandou alguns de seus principais oficiais e sacerdotes rogarem ao profeta Isaías que oferecesse a Deus sacrifícios e lhe pedisse para ter compaixão de seu povo e abater o orgulho que dava aos inimigos tão grandes esperanças. O profeta fez o que ele desejava e logo depois, por uma revelação de Deus, disse-lhe que nada temesse, garantindo que Deus confundiria de maneira estranha a ousadia daqueles bárbaros, e eles se retirariam voluntariamente, sem combater. A isso acrescentou que o rei dos assírios, até então temível, seria assassinado pelos seus, em seu próprio país, ao regressar da guerra do Egito, cujo resultado lhe seria desfavorável.

Nesse mesmo tempo, o rei Ezequias recebeu cartas daquele soberano, pelas quais lhe dizia que ele, Ezequias, parecia ter perdido o juízo, para persuadir-se de poder isentar-se da submissão ao vencedor de tão poderosas nações, e ameaçava exterminá-lo com todo o seu povo se ele não abrisse às suas tropas as portas de Jerusalém. A firme confiança que Ezequias tinha em Deus levou-o a desprezar essa carta. Então dobrou-a, colocou-a no Templo e continuou as suas orações a Deus. O profeta mandou dizer-lhe que elas haviam sido ouvidas por Deus, que nada devia temer das armas assírias e que logo ele e todos os seus súditos ver-se-iam em condições de poder cultivar em completa paz as terras que a guerra os obrigara a abandonar.

Senaqueribe estava na ocasião ocupado com o cerco de Pelusa, no qual já gastara muito tempo. E, no momento em que as plataformas se elevaram à altura das muralhas e ele estava para dar o assalto, foi avisado de que Targise,* rei da Etiópia, marchava com um poderoso exército em auxílio dos egípcios e vinha pelo deserto, para surpreendê-lo. Ele então levantou o cerco e retirou-se.

Heródoto, falando de Senaquerribe, diz que ele fazia guerra ao sacerdote de Vulcano (é assim que ele chama o rei do Egito, que era sacerdote dessa falsa divindade). E acrescenta que o que o obrigou a levantar o cerco de Pelusa foi que, tendo aquele rei e sacerdote implorado o auxílio de seu deus, veio à noite uma tão grande quantidade de ratos ao exército do rei dos árabes (no que esse historiador se engana, pois devia dizer "dos assírios") que as cordas dos arcos foram roídas e todas as outras armas ficaram inutilizadas. Isso o obrigou a levantar o cerco. Berose, que escreveu a história dos caldeus, também faz menção a Senaquerribe. Diz que ele era rei dos assírios e fez guerra em toda a Ásia e no Egito. Assim ele fala.

---

* Ou Tiraca.

Capítulo 2

Uma peste enviada por Deus mata numa só noite cento e oitenta e cinco mil homens do exército de Senaquerribe, que sitiava Jerusalém. Isso o obriga a levantar o cerco e voltar ao seu país,

ONDE É ASSASSINADO POR SEUS FILHOS.

41 2. Diz ele: "Senaqueribe encontrou ao seu regresso do Egito o seu exército diminuído de cento e oitenta e cinco mil homens, por causa de uma peste enviada por Deus na primeira noite, quando ele começava o ataque a Jerusalém, sob o comando de Rabsaqué. Ele ficou tão impressionado que, com medo de perder ainda o que lhe restava, retirou-se a toda pressa para Nínive, capital de seu reino, onde pouco tempo depois Adrameleque e Sarezer, seus dois filhos mais velhos, assassinaram-no no templo de Nisroque, seu deus. O povo sentiu tanto horror que os expulsou. Eles fugiram para a Armênia, e Esar-Hadom, o mais jovem de seus filhos, sucedeu-o".

CAPÍTULO 3

EZEQUIAS, REI DEJUDÁ, ESTANDO NOS EXTREMOS, PEDE A DEUS QUE PROLONGUE A SUA VIDA E LHE DÊ UM FILHO. DEUS O CONCEDE, E O PROFETA ISAÍAS DÁ-LHE UM SINAL, FAZENDO ATRASAR DEZ GRAUS A SOMBRA DO SOL. BALADA, REI DOS BABILÔNIOS, ENVIA EMBAIXADORES A EZEQUIAS PARA FAZER ALIANÇA COM ELE. EZEQUIAS MOSTRA-LHE TUDO O QUE TEM DE MAIS PRECIOSO. DEUS ACHA ISSO RUIM E LHE DIZ, POR MEIO DO PROFETA, QUE TODOS OS SEUS TESOUROS E ATÉ OS SEUS FILHOS SERIAM UM DIA TRANSPORTADOS PARA A BABILÔNIA. MORTE DE EZEQUIAS.

413. 2 Reis 20. Eis como Ezequias, rei de Judá, contra toda esperança, ficou livre da ruína completa que o ameaçava. Ele só pôde atribuir tão milagroso êxito a Deus, que expulsou os inimigos, em parte por meio da peste com que os feriu, em parte pelo medo que teve o rei de ver perecer do mesmo modo o resto do exército. O príncipe, seguido por todo o povo, deu à divina Majestade infinitas ações de graças, por ter obrigado os assírios a levantar o cerco.

Algum tempo depois, Ezequias ficou tão doente que os médicos e todos os seus familiares perderam as esperanças de que se salvasse. Mas não era isso o que lhe causava maior sofrimento. Sua grande dor era que, não tendo filhos, a sua descendência terminaria com ele, e o trono passaria a outra família. Nessa aflição, ele rogou a Deus que prolongasse os seus dias, até que gerasse um

filho. Deus, vendo em seu coração que era verdadeiramente por esse motivo que ele fazia tal pedido e não para gozar por mais tempo das delícias inerentes à vida dos reis, mandou o profeta Isaías dizer-lhe que ele ficaria curado dentro de três dias: viveria ainda quinze anos e teria filhos.

A gravidade da doença pareceu-lhe ter tão pouca relação com tão grande felicidade que ele teve dificuldade em prestar-lhe inteiro crédito. Por isso rogou ao profeta que lhe manifestasse um sinal de que falava da parte de Deus, a fim de fortificar a fé, pois só assim se prova a veracidade das coisas quando elas são tão extraordinárias e inimagináveis. O profeta perguntou-lhe que sinal ele desejava que lhe desse. Ele respondeu que desejaria ver a sombra do sol retroceder dez graus no seu quadrante. O profeta fez o pedido a Deus, e Ele o atendeu. Ezequias, depois desse grande prodígio, ficou curado no mesmo instante. Foi ao Templo adorar a Deus e fazer orações.

414. Por essa mesma época, os medos tornaram-se senhores do império dos assírios, como diremos a seu tempo. Balada, rei dos babilônios, enviou embaixadores a Ezequias para propor uma aliança. Ele os recebeu e tratou magnificamente, mostrou-lhes os seus tesouros, as suas pedras preciosas, os seus arsenais e tudo o que possuía de mais rico e despediu-os com presentes para o rei. Isaías veio vê-lo em seguida e perguntou-lhe de onde eram aqueles homens que tinham vindo visitá-lo. Ele respondeu que eram embaixadores enviados pelo rei da Babilônia e que lhes havia mostrado tudo o que tinha de mais precioso, a fim de que pudessem referir ao seu senhor as suas riquezas e o seu poder.

Disse-lhe o profeta: "Eu vos declaro, da parte de Deus, que em pouco tempo as vossas riquezas serão levadas para Babilônia e os vossos descendentes serão feitos eunucos, indo servir como tais ao rei da Babilônia". Ezequias, amargurado pela dor de ver o seu reino e a sua posteridade ameaçados com tanta desgraça, respondeu ao profeta que, visto nada poder impedir o que Deus já havia determinado, ao menos lhe fizesse a graça de deixá-lo viver em paz o resto de seus dias.

O historiador Berose faz menção desse Balada, rei da Babilônia. Quanto a Isaías, admirável profeta de Deus que jamais deixou de dizer a verdade, a confiança em tudo o que predizia fez com que ele não temesse escrevê-lo, a fim de

que os pósteros não pudessem duvidar. E ele não foi o único que assim procedeu, pois doze outros profetas fizeram o mesmo. Quanto a nós, vemos que todo bem ou todo mal que nos acontece concorda perfeitamente com essas profecias, como há de mostrar a continuação desta história. O rei Ezequias, segundo a promessa que Deus lhe fez, viveu quinze anos em paz após ser curado de sua enfermidade e morreu com cinqüenta e quatro anos, dos quais reinou vinte e nove.

CAPÍTULO 4

MANASSES, REI DEJUDÁ, ENTREGA-SE A TODA ESPÉCIE DE IMPIEDADE.
DEUS O AMEAÇA POR SEUS PROFETAS, MAS ELE NÃO SE IMPORTA. UM EXÉRCITO DO REI DE BABILÔNIA DEVASTA O SEU PAÍS E LEVA-O PRISIONEIRO.
ELE RECORRE A DEUS, ÉPOSTO EM LIBERDADE E CONTINUA A SERVIR A DEUS FIELMENTE PELO RESTO DE SUA VIDA. SUA MORTE. AMAM, SEU FILHO, SUCEDE-O. AMOM É ASSASSINADO, FOSIAS, SEU FILHO, SUCEDE-O.

415. 2 Reis 21. Manasses, que Ezequias, rei de judá, teve de Hefzibá, que era de Jerusalém, sucedeu-o no trono. Tomou um caminho contrário ao que seu pai havia trilhado, entregando-se a toda sorte de vícios e impiedades, e imitou perfeitamente os reis de Israel que Deus havia exterminado por causa de suas abominações. Ele ousou mesmo profanar o Templo, toda a cidade de Jerusalém e o resto do país. Não sendo mais contido pelo temor da justiça de Deus e desprezando os seus mandamentos, mandou matar muitos homens de bem, não poupando nem mesmo os profetas. Não se passava um dia sem que pelo menos um deles pagasse com a vida os caprichos do rei, manchando a cidade com o seu sangue.

Deus, irritado com tantos crimes, mandou os seus profetas ameaçá-lo, bem como a todo o povo, com os mais terríveis castigos, os quais os israelitas seus antepassados haviam experimentado por terem, como ele, atraído a sua indignação e a sua cólera. Mas nem o desventurado rei nem aquele povo infeliz prestaram fé a essas palavras, as quais, se eles se tivessem comovido, poderiam ter impedido as muitas desgraças que lhes sucederam. Mas eles só as reconheceram verdadeiras depois de lhes sentir os efeitos. Continuaram,

portanto, a ofender a Deus, e Ele suscitou contra eles o rei dos babilônios e dos caldeus, que os atacou com um grande exército, o qual não somente devastou o país, mas levou prisioneiro o próprio Manasses.

Então, esse miserável príncipe percebeu que fora o excesso de pecados que o reduzira àquele estado. E recorreu a Deus, rogando-lhe que tivesse compaixão dele. A sua oração foi ouvida, e o rei vitorioso mandou-o livre para Jerusalém. Essa mudança em sua vida mostrou que a sua conversão fora sincera. Seu único pensamento agora era destruir a memória das ações passadas, e empregou todos os seus esforços em restaurar o culto a Deus: consagrou novamente o Templo, mandou reconstruir o altar para os sacrifícios, segundo a lei de Moisés, e purificou toda a cidade. E, para mostrar como era grato a Deus por ter sido liberto da escravidão, empregou o resto de sua vida em tornar-se agradável aos olhos dEle, tanto por virtude quanto por contínuas ações de graças.

Assim, por um proceder contrário ao anterior, levou os súditos a imitá-lo no arrependimento tal como o haviam imitado em seus pecados, que tantos males atraíram sobre eles. E, depois de restaurar as cerimônias da antiga religião, pensou em fortificar Jerusalém. Não se contentando em restaurar as antigas muralhas, mandou construir outras, acrescentando-lhes altas torres. Fortificou os arrabaldes, dando-lhes provisões de trigo e de tudo o que era necessário. Enfim, a mudança foi tão grande que desde aquele dia em que começou a servir a Deus até o fim de sua vida não mais se lhe amorteceu o zelo pela piedade. Morreu na idade de sessenta e sete anos, após reinar cinqüenta e cinco, e foi enterrado em seus jardins.

Amom, seu filho que ele tivera de Mesulemete, a qual era da cidade de Jotbá, sucedeu-o. Ele imitou a impiedade em que seu pai caíra na juventude e não tardou muito em ser castigado. Após reinar somente dois anos e ter vivido vinte e quatro, foi assassinado pelos próprios servidores. O povo o fez morrer e enterrou-o no sepulcro de seu pai. Josias, seu filho, que tinha então apenas oito anos, sucedeu-o.

CAPÍTULO 5

GRANDES VIRTUDES E INSIGNE PIEDADE DE JOSIAS, REI DEJUDÁ. ELE AFASTA

COMPLETAMENTE A IDOLATRIA DO REINO E RESTAURA O CULTO A DEUS.

416. 2 Reis 22. A mãe de Josias, rei de Judá, chamada Jedida, era da cidade de Bozcate. Esse príncipe era tão bom e tão inclinado à virtude que durante toda a sua vida se propôs imitar o rei Davi, tomando-o como modelo. E, desde a idade de doze anos, deu prova ilustre de sua piedade e justiça, pois exortou o povo a renunciar o culto aos falsos deuses e adorar ao Deus de seus antepassados. Começou, a partir de então, a restaurar a antiga observância às leis, com a prudência de quem já era de muito mais idade. Fazia observar inviolavelmente o que piedosamente era determinado. Além dessa prova de sabedoria natural, serviu-se do conselho dos mais velhos e experimentados para restaurar o culto a Deus e restabelecer a ordem em suas terras. Assim, não corria perigo de cair nas faltas que haviam provocado a ruína de alguns de seus predecessores.

Ele mandou indagar de todos os lugares do reino e de Jerusalém onde se adoravam falsas divindades. Ordenou que se cortassem as árvores e derrubassem os altares que lhes eram consagrados e desfez-se com desprezo de tudo o que os outros reis haviam feito para prestar honras e homenagens sacrílegas. Assim, conseguiu tirar o povo de sua louca veneração e levou-o a prestar ao verdadeiro Deus a adoração que lhe era devida. Mandou em seguida oferecer os holocaustos e sacrifícios de costume e nomeou magistrados e censores para a administração de uma exata justiça e para o extremo cuidado em que cada qual cumprisse o seu dever. Ordenou que todas as cidades submetidas ao seu domínio fizessem, por sua ordem, donativos de ouro e prata para a restauração do Templo, como cada qual quisesse, sem se coagir quem quer que fosse. Entregou a direção e a responsabilidade dessa obra a Amasa, governador de Jerusalém, a Safa, secretário, a joatão, intendente dos registros, e a Hilquias, sumo sacerdote. Eles trabalharam com tanta solicitude que logo o Templo foi remodelado e restaurado, e todos comentavam com prazer aquela ilustre demonstração da piedade do devoto rei.

No décimo oitavo ano de seu reinado, ele ordenou ao sumo sacerdote que mandasse fazer taças e vasos para o serviço do Templo, não somente com o restante do ouro e da prata doados para a preparação, mas também com tudo o

que estava no tesouro. Ao executar a ordem, o sumo sacerdote encontrou os Livros Santos deixados por Moisés, que eram guardados no Templo. Entregou-os a Safa, o secretário, que os leu e levou-os ao rei. E, depois de informá-lo que tudo o que ele ordenara fora executado, leu-lhe os livros. O piedoso príncipe ficou tão comovido que rasgou as próprias vestes e mandou Safa, o sumo sacerdote, e alguns dos que lhe eram mais fiéis falar com a profetisa Hulda, mulher de Salum, que era um homem ilustre e de família nobre. Eles pediram, em nome do rei, que ela aplacasse a cólera de Deus, de modo que Ele lhe fosse favorável (pois tinha motivo para temer o castigo pelos pecados cometidos pelos reis seus predecessores, que transgrediram as leis de Moisés) e ele não fosse expulso de seu país com todo o povo e levado a uma terra estrangeira, onde terminaria miseravelmente a vida.

A profetisa respondeu que comunicassem ao rei que nenhuma prece seria capaz de obter de Deus a revogação de sua sentença: eles seriam expulsos de sua terra e despojados de todas as coisas, porque, tendo violado as santas leis, não se arrependeram, embora tivessem tido tempo suficiente para fazer penitência pelos seus pecados e os profetas os houvessem exortado a isso e predito muitas vezes qual seria o castigo. Assim, Deus os faria cair em todas as desgraças de que haviam sido ameaçados, para que reconhecessem que Deus e os seus profetas nada lhes haviam anunciado de sua parte que não fosse verdadeiro. No entanto, por causa da piedade do rei, Ele retardaria a execução até depois de sua morte. E então não seria mais adiada.

2 Reis 23. Ante essa resposta, o rei ordenou a todos os sacerdotes, a todos os levitas e aos demais súditos que fossem a Jerusalém. Lá reunidos, começou por ler-lhes o que estava escrito nos Livros Santos. Depois colocou-se num lugar elevado e obrigou-os a prometer, com juramento, servir a Deus de todo o coração e observar as leis de Moisés. Eles prometeram e ofereceram sacrifícios para implorar o auxílio divino. O rei, em seguida, ordenou ao sumo sacerdote que verificasse se restava ainda no Templo algum vaso que os reis seus predecessores houvessem oferecido para culto aos falsos deuses. Muitos foram ainda encontrados, e ele os fez reduzir a pó, lançou a poeira ao vento e mandou matar todos os sacerdotes dos ídolos, que não eram da descendência de Arão.

Depois de praticar em Jerusalém todos esses atos de piedade, foi ele

mesmo às províncias para destruir inteiramente tudo o que o rei Jeroboão estabelecera em honra aos deuses estrangeiros. Mandou queimar os ossos dos falsos profetas sobre o altar que aquele rei havia construído, cumprindo o que predissera um profeta ao ímpio príncipe, quando este oferecia um sacrifício naquele altar, na presença de todo o povo: que um sucessor do rei Davi, de nome Josias, executaria todas essas coisas. Viu-se assim a sua realização, trezentos e sessenta anos mais tarde.

A piedade de Josias foi ainda além. Ele mandou investigar cuidadosamente todos os israelitas que se haviam salvado do cativeiro assírio e persuadiu-os a abandonar o detestável culto aos ídolos e a adorar, como os seus antepassados, o Deus Todo-poderoso. Não houve cidade, aldeia ou vila em que ele não tivesse mandado fazer, em todas as casas, uma diligente eliminação de tudo o que servira à idolatria. Mandou também queimar todos os carros que os seus predecessores haviam consagrado ao Sol e nada deixou que pudesse levar o povo a um culto sacrílego.

Quando terminou de purificar todo o território, mandou reunir o povo em Jerusalém para lá celebrar a festa dos Pães Ázimos, que nós chamamos Páscoa, e deu ao povo, para a celebração dos festins públicos, trinta mil cordeiros e cabritos e três mil bois. Os principais sacerdotes deram também aos outros sacerdotes dois mil e seiscentos cordeiros. Os principais levitas deram aos outros levitas cinco mil cordeiros e quinhentos bois. Nenhum desses animais deixou de ser imolado segundo a lei de Moisés, pelo cuidado que disso tiveram os sacerdotes. Assim, não houve, desde os tempos do profeta Samuel, uma festa celebrada com tanta solenidade, porque nelas se observaram todas as cerimônias prescritas na Lei e segundo a antiga tradição. O rei Josias, depois de ter vivido em grande paz, cumulado de riquezas e de glória, terminou os seus dias do modo que vou dizer.

Capítulo 6

Josias, rei deJudá, opõe-se à passagem do exército de Neco, rei do Egito, que ia fazer guerra aos medos e aos babilônios. É ferido por uma flechada, de que vem a morrer. Jeoacaz, seu filho, sucede-o e é muito ímpio. O rei do Egito leva-o prisioneiro. Quando ele morre,

O REI DO EGITO FAZ REI EM SEU LUGAR A ELIAQUIM,

IRMÃO MAIS VELHO DE JEOACAZ, A QUEM CHAMA DE JEOAQUIM.

41 7. Neco, rei do Egito, levado pelo desejo de se tornar senhor da Ásia, marchou para o Eufrates com um grande exército, para fazer guerra aos medos e aos babilônios, que haviam devastado o império da Assíria. Quando chegou próximo da cidade de Megido, no reino de Judá, o rei Josias opôs-se à sua passagem. Neco mandou dizer-lhe por meio de um arauto que não era a ele que pretendia atacar, mas que marchava para o Eufrates, e que ele não se devia opor à sua passagem, pois isso o obrigaria, contra a sua intenção, a declarar-lhe guerra.

Josias não se deixou comover por essas razões. Permaneceu em sua resolução, e parece que a sua infelicidade o levava a demonstrar tão grande altivez. Pois, enquanto dispunha o exército para a batalha e ia de coluna em coluna, sobre o seu carro, animando os soldados, um egípcio atirou-lhe uma flecha. Ficou tão ferido que a dor o obrigou a ordenar ao exército que se retirasse, e ele voltou a Jerusalém, onde veio a morrer por causa do ferimento. Foi sepultado com grande pompa, no sepulcro de seus antepassados, após viver trinta e nove anos, dos quais reinou trinta e um.

O povo ficou imensamente aflito com a perda de tão grande príncipe. Lamentou-o durante vários dias, e o profeta Jeremias compôs versos fúnebres em seu louvor, os quais ainda hoje são conhecidos. Esse profeta também predisse — e deixou por escrito — os males que haveriam de afligir Jerusalém e o cativeiro que sofremos sob os babilônios. Nisso ele não foi o único, pois o profeta Ezequiel, antes dele, compusera também dois livros sobre esse mesmo assunto. Eles eram ambos da casta sacerdotal, e Jeremias ficou em Jerusalém, desde o ano terceiro do reinado de Josias até a destruição da cidade e do Templo, como direi a seu tempo.

418. Depois da morte de Josias, seu filho Jeoacaz, que ele tivera de Hamutal, sucedeu-o. Ele tinha vinte e três anos e foi muito ímpio. O rei do Egito, voltando da guerra de que acabamos de falar, mandou dizer-lhe que viesse a Hamate, que é uma cidade da Síria. Lá chegando, fê-lo prisioneiro e como rei em seu lugar colocou Eliaquim, seu irmão mais velho, porém filho de

outra mãe, de nome Zebida, que era da cidade de Ruma. Deu ao novo rei o nome de Jeoaquim e obrigou-o a pagar todos os anos um tributo de cem talentos de prata e um talento de ouro. Levou Jeoacaz ao Egito, onde ele morreu. Jeoacaz reinou somente três meses e dez dias. O rei Jeoaquim, filho de Zebida, foi também um príncipe muito mau. Não tinha temor de Deus nem bondade para com os homens.

CAPÍTULO 7

NABUCODONOSOR, REI DA BABILÔNIA, DERROTA NECO, REI DO EGITO, NUMA GRANDE BATALHA E TORNA JEOAQUIM, REI DEJUDÁ, SEU TRIBUTÁRIO. JEREMIAS PREDIZ A JEOAQUIM AS DESGRAÇAS QUE LHE IRIAM SUCEDER, E ESTE DESEJA MATAR O PROFETA.

419. 2 Reis 24. No quarto ano do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, Nabucodonosor, rei da Babilônia, avançou com um grande exército até a cidade de Carabesa, junto do Eufrates, para fazer guerra à Síria. O príncipe desse país veio ao combate com grandes forças, e travou-se a batalha junto desse rio. Ele foi vencido e obrigado a se retirar, com muitas perdas. Nabucodonosor passou depois o Eufrates e conquistou toda a Síria até Pelusa. Não entrou dessa vez na Judéia, mas no quarto ano de seu reinado, que era o oitavo de Jeoaquim, avançou com um poderoso exército e ameaçou fortemente os judeus, caso não lhe pagassem tributo. Jeoaquim, atônito, resolveu aceitar a paz e pagou o tributo durante três anos.

No ano seguinte, porém, ante o boato de que o rei do Egito iria fazer guerra ao da Babilônia, recusou-se a continuar pagando. Foi enganado, todavia, em suas esperanças. Os egípcios não se atreveram a combater os babilônios, como tantas vezes afirmara o profeta Jeremias — ele havia predito que isso não aconteceria e que Jeoaquim punha em vão a sua confiança no auxílio egípcio. Dissera ainda esse profeta que o rei da Babilônia tomaria Jerusalém e que os judeus seriam feitos escravos.

Por mais verdadeiras que fossem essas profecias, entretanto, ninguém nelas acreditava. Não somente o povo as desprezava, como também os grandes zombavam delas. E ficaram de tal modo enraivecidos pelo fato de ele só predizer

desgraças que o denunciaram ao rei, pedindo que o mandasse matar. Ele entregou o assunto ao seu conselho, do qual a maior parte foi de opinião que o condenassem. Outros, mais sensatos, aconselharam-no a mandá-lo embora sem lhe fazer mal algum, porque ele não fora o único a profetizar as desgraças que deveriam acontecer a Jerusalém. O profeta Miquéias e outros ainda haviam profetizado a mesma coisa, sem que os reis que então viviam os tivessem maltratado por esse motivo. Ao contrário, haviam-nos honrado como profetas de Deus.

Assim, embora condenado à morte pela maior parte dos votos, Jeremias teve a sua vida preservada graças a esse conselho tão sensato. Ele escreveu todas essas profecias num livro e leu publicamente tudo o que nele havia escrito. Fez isso diante do povo que estava reunido no Templo depois de um jejum geral, no nono mês do quinto ano do reinado de Jeoaquim,- anunciando o que aconteceria à cidade, ao Templo e ao povo. Os principais da assembléia arrancaram-lhe o livro das mãos, disseram a ele e a Baruque, seu secretário, que se retirassem para um lugar onde eles não os pudessem encontrar e levaram o livro ao rei. Ele mandou que fosse lido e ficou tão irritado que o rasgou e jogou-o no fogo. Ordenou então que fossem buscar Jeremias e Baruque a fim de matá-los. Porém eles já haviam fugido para evitar o furor do rei.

CAPÍTULO 8

JEOAQUIM, REI DEJUDÁ, RECEBE NABUCODONOSOR, REI DA BABILÔNIA, EM JERUSALÉM, O QUAL LHE FALTA À PALAVRA E O MATA, BEM COM A VÁRIOS OUTROS. LEVA ESCRAVOS TRÊS MIL DOS PRINCIPAIS JUDEUS, DENTRE OS QUAIS O PROFETA EZEQUIEL. JOAQUIM É COLOCADO NO TRONO COMO REI DE JUDÁ, NO LUGAR DE JEOAQUIM, SEU PAI.

420. Pouco tempo depois, o rei Nabucodonosor veio com um grande exército, e o rei Jeoaquim, que não desconfiava dele e estava perturbado pelas predições do profeta, não se havia preparado para a guerra. Assim, ele o recebeu em Jerusalém, confiante na palavra que dera Nabucodonosor de não lhe fazer mal algum. Mas ele faltou à palavra: mandou matá-lo, juntamente com a

fina flor da juventude da cidade, e ordenou que lançassem os corpos fora de Jerusalém, sem lhes dar sepultura. Depois de tal perfídia e de tão grande crueldade, ele constituiu como rei em lugar de Jeoaquim o filho deste, Joaquim (antes chamado Jeconias), e levou escravos para a Babilônia três mil dos principais judeus, dentre os quais estava o profeta Ezequiel, ainda muito jovem. Esse foi o fim de Jeoaquim, rei de Judá. Viveu apenas trinta e seis anos e reinou treze. Joaquim, seu filho, que ele tivera de Neústa, a qual era de Jerusalém, reinou somente três meses e dez dias.

Capítulo 9

Nabucodonosor arrepende-se de ter escolhido Joaquim como rei. Manda buscá-lo como prisioneiro, juntamente com sua mãe, os principais amigos e um grande número de habitantes de Jerusalém.

421. Nabucodonosor arrependeu-se bem depressa de ter escolhido Joaquim para rei de Judá. Ele temia que o ressentimento pela maneira como fora tratado o pai levasse o filho a se revoltar, e mandou um grande exército sitiá-lo em Jerusalém. Sendo Joaquim um príncipe muito bom e justo, o seu amor pelos súditos e o desejo de preservá-los daquela tempestade levaram-no a entregar como refém a sua mãe e alguns de seus principais amigos e parentes aos comandantes do exército inimigo, depois de obter desses mesmos comandantes, sob juramento, a promessa de que não lhe fariam mal algum, nem à cidade. Não se passou um ano, porém, e Nabucodonosor faltou novamente à palavra. Ordenou aos seus generais que lhe enviassem prisioneiros todos os moços e artífices de Jerusalém. Elevou-se o seu número a dez mil oitocentos e trinta e dois, e entre eles estavam o próprio rei Joaquim, sua mãe e os seus principais servidores. O pérfido príncipe mandou que fossem guardados com o maior cuidado.

Capítulo 10

Nabucodonosor constitui Zeclequias rei deJudá no lugar de Joaquim. Zedequias faz aliança contra ele com o rei do Egito.

NABUCODONOSOR CERCA-O EM JERUSALÉM. O REI DO EGITO VEM EM SEU AUXÍLIO. NABUCODONOSOR LEVANTA O CERCO PARA COMBATER O REI DO EGITO, DERROTA-O E VOLTA PARA CONTINUAR O CERCO. O PROFETA JEREMIAS PREDIZ TODAS AS DESGRAÇAS QUE DEVERÃO ACONTECER. METEM-NO NUMA PRISÃO E DEPOIS NUM POÇO, PARA FAZÊ-LO MORRER. ZEDEQUIAS MANDA RETIRÁ-LO E PERGUNTA-LHE O QUE DEVE FAZER. O PROFETA ACONSELHA-O A ENTREGAR JERUSALÉM. ZEDEQUIAS DIZ NÃO PODER TOMAR TAL DECISÃO.

422. 2 Reis 25. Nabucodonosor, rei da Babilônia, constituiu Zedequias* rei de Judá no lugar de Joaquim, seu tio paterno, depois de fazê-lo prometer com juramento que seria fiel e não faria nenhum entendimento com os egípcios. O soberano tinha então somente vinte e um anos e era irmão de Jeoaquim — ambos eram filhos do rei Josias. Como mantinha junto de si apenas jovens de sua idade, que não eram homens de valor, mas ímpios, ele desprezava também a virtude e a justiça. O povo, à sua imitação, entregava-se a toda sorte de desordens.

O profeta Jeremias ordenou-lhe diversas vezes, da parte de Deus, que se arrependesse, se corrigisse e não acreditasse mais nos homens de mau Espírito que o rodeavam nem nos falsos profetas que o enganavam, afirmando que o rei da Babilônia não sitiaria Jerusalém e que o rei do Egito far-lhe-ia guerra e o venceria. As palavras do profeta fizeram impressão no Espírito do príncipe, e ele queria mesmo seguir aqueles conselhos. Mas os seus favoritos, que o manipulavam como queriam, faziam-no mudar de opinião.

Ezequiel, que estava então na Babilônia, como dissemos, predisse também a destruição do Templo e mandou dar a notícia a Jerusalém. Mas Zedequias não prestou fé às suas profecias porque, embora se assemelhassem em todo o resto com as de Jeremias, e os dois profetas estivessem de acordo no que se referia à ruína e ao cativeiro de Zedequias, parecia que eles não combinavam nisto: Ezequiel afirmava que ele não veria a Babilônia, e Jeremias sustentava que o rei da Babilônia o levaria prisioneiro para lá. Essa discordância fazia com que o rei não prestasse fé às profecias. Mas os fatos lhe mostraram a verdade, como diremos mais detalhadamente a seu tempo.

---

* Zedequias antes chamava-se Matanias.

423. Oito anos depois, Zedequias renunciou a aliança com o rei da Babilônia para fazer outra, com o rei do Egito, na esperança de que unindo com este as suas forças aquele não lhes pudesse resistir. Nabucodonosor, logo que soube disso, pôs-se em campo com um poderoso exército. Ele devastou a judéia, apoderou-se das maiores praças-fortes e sitiou Jerusalém. O rei do Egito veio com grandes forças em auxílio de Zedequias, e então o rei da Babilônia levantou o cerco para dar-lhe combate. Venceu-o numa grande batalha e o expulsou da Síria. Os falsos profetas, contudo, depois que Nabudonosor levantou o cerco, continuaram a enganar Zedequias, dizendo-lhe que, em vez de ter motivo para temor de que ele fizesse guerra novamente, veria logo o regresso dos seus súditos que estavam na Babilônia, com todos os vasos sagrados que haviam sido roubados do Templo.

Jeremias, ao contrário, afirmou que aqueles homens o enganavam ao dar-lhe tal confiança, pois ele nada deveria esperar do auxílio dos egípcios; que o rei da Babilônia os venceria; que voltaria para continuar o cerco e tomaria Jerusalém pela fome; que levaria escravizado para a Babilônia o que restasse dos habitantes, depois de os despojar de todos os seus bens; que saquearia o Templo e todos os seus tesouros e depois o incendiaria; que destruiria completamente a cidade; e que esse cativeiro duraria setenta anos, mas os persas e os medos destruiriam a Babilônia e seu império, e os hebreus, libertos por eles da escravidão, voltariam a Jerusalém e reconstruiriam o Templo.

As palavras de Jeremias persuadiram a muitos, no entanto os príncipes e os que como eles se vangloriavam de serem ímpios zombaram dele, como de um insensato. Algum tempo depois, indo esse profeta a Anatote, que era o lugar de seu nascimento, distante vinte estádios de Jerusalém, encontrou no caminho um dos magistrados, o qual o deteve e o acusou de estar indo procurar o rei da Babilônia. Jeremias respondeu-lhe que não tinha absolutamente aquela intenção, ia somente fazer uma visita à sua terra natal. O magistrado, não acreditando em suas palavras, levou-o perante o tribunal, para instaurar-se o processo. Declararam-no culpado e meteram-no numa prisão, para fazê-lo

morrer.

424. No nono ano do reinado de Zedequias, no décimo dia do último mês, o rei da Babilônia recomeçou o cerco de Jerusalém e durante dezoito meses empregou todos os esforços para apoderar-se dela. E as armas não eram o único meio de que esse soberano se servia para oprimir os seus habitantes. Eles eram ao mesmo tempo atormentados por dois dos mais temíveis flagelos: a fome e a peste, ambos violentos e graves. No entanto jeremias continuava a clamar e a exortar o povo a abrir as portas ao rei da Babilônia, pois não lhes restava outro meio de salvação, por maiores que fossem os males vindouros.

Os príncipes e os principais magistrados, em vez de se convencerem com as palavras do profeta, irritaram-se de tal sorte que o acusaram perante o rei de ser insensato e de procurar fazer com que eles e todo o povo perdessem a coragem, predizendo-lhes tantas desgraças. Quanto a eles, estavam dispostos a morrer pelo serviço do rei e pela sua pátria, ao passo que aquele sonhador, por meio de ameaças, os exortava a fugir, dizendo que a cidade seria tomada e que todos pereceriam.

O rei, por uma certa bondade natural e amor à justiça, não estava irritado contra Jeremias. Porém, temendo em tal contingência descontentar os maiorais do país, permitiu-lhes fazer o que quisessem. Foram eles então ao cárcere, tiraram de lá o profeta e o desceram por meio de cordas a um poço cheio de lama, a fim de que morresse afogado. Ele ficou ali, mergulhado até o pescoço. Entretanto um criado do rei, que era etíope e gozava de grande estima perante ele, contou-lhe o que se havia passado, dizendo que aqueles homens agiam errado ao tratar daquele modo o profeta e que seria muito melhor deixá-lo morrer na prisão. O rei, comovido com essas palavras, arrependeu-se de o ter deixado à discrição dos inimigos e ordenou ao etíope que tomasse trinta de seus oficiais e fosse imediatamente tirá-lo do poço. Ele executou a ordem no mesmo instante e colocou Jeremias em liberdade.

O rei, em segredo, mandou chamar Jeremias e perguntou se o profeta não conhecia um meio de obter de Deus um livramento do perigo que os ameaçava. Ele respondeu que sabia de um apenas, mas seria inútil dizê-lo, pois estava certo de que aqueles em quem o rei mais confiava, em vez de acreditar, se levantariam contra ele, como se estivesse cometendo um grande crime ao

declará-lo, e procurariam eliminá-lo. Continuou o profeta: "Onde estão agora aqueles que vos enganavam, dizendo com tanta certeza que o rei da Babilônia não voltaria? E, não deverei eu ter medo de dizer-vos a verdade, sendo que nisso vai a minha vida?" O rei prometeu-lhe com juramento que ele não correria perigo algum, nem de sua parte nem da parte dos nobres.

Jeremias, tranqüilizado por essas palavras, disse-lhe que o conselho que lhe dava era por ordem de Deus. Ele deveria entregar a cidade aos babilônios, nas mãos do próprio rei, pois era o único meio de se salvarem e de impedir que a cidade fosse destruída e o Templo incendiado. Se não o fizesse, seria a causa de todos esses males. O rei respondeu que gostaria de seguir o conselho, mas temia que os seus, os quais se haviam passado para o lado do rei da Babilônia, viessem prejudicá-lo perante ele e até o matassem. Diante disso, o profeta garantiu-lhe que, se seguisse o seu conselho, nenhum mal sucederia a ele nem às suas mulheres e filhos e nem ao Templo.

O rei proibiu-o de contar a quem quer que fosse o que se passara entre ambos, particularmente aos nobres. Se lhe perguntassem o motivo da entrevista ou qualquer outra coisa, dissesse apenas que fora pedir para ser posto em liberdade. Os grandes e os nobres não deixaram de perguntar ao profeta o que se havia passado entre ele e o rei, e ele respondeu conforme o príncipe lhe havia ordenado.

CAPÍTULO 11

O EXÉRCITO DE NABUCODONOSOR TOMA JERUSALÉM, SAQUEIA O TEMPLO E O QUEIMA, BEM COMO AO PALÁCIO REAL, DESTRUINDO COMPLETAMENTE A CIDADE. NABUCODONOSOR MANDA MATAR SERAÍAS, SUMO SACERDOTE, E VÁRIOS OUTROS. FAZ VAZAR OS OLHOS DE ZEDEQUIAS E LEVA-O ESCRAVO À BABILÔNIA, BEM COMO UM GRANDE NÚMERO DE JUDEUS. ZEDEQUIAS MORRE. NOMES DOS SUMOS SACERDOTES. GEDALIAS É CONSTITUÍDO POR NABUCODONOSOR CHEFE DOS HEBREUS ESTABELECIDOS NA JUDÉIA. ISMAEL MATA-O E LEVA OS PRISIONEIROS. JOÃO E SEUS AMIGOS PERSEGUEM-NO E OS LIVRAM. RETIRAM-SE PARA O EGITO CONTRA O CONSELHO E A OPINIÃO DE JEREMIAS. NABUCODONOSOR, APÓS VENCER O REI DO EGITO, LEVA OS ESCRAVOS PARA A BABILÔNIA. FAZ EDUCAR COM MUITO CUIDADO AS

CRIANÇAS JUDIAS QUE ERAM DA NOBREZA. DANIEL E TRÊS DE SEUS COMPANHEIROS, TODOS PARENTES DO REI ZEDEQUIAS, ESTÃO ENTRE ELES. DANIEL, ENTÃO CHAMADO BELTESSAZAR, EXPLICA A NABUCODONOSOR UM SONHO. O REI DIGNIFICA DANIEL E SEUS COMPANHEIROS COM OS MAIS ALTOS CARGOS DO IMPÉRIO. OS TRÊS COMPANHEIROS DE DANIEL, SADRAQUE. MESAQUE E ABEDE-NEGO, RECUSAM-SE A ADORAR A ESTÁTUA QUE NABUCODONOSOR MANDOU FAZER. SÃO ATIRADOS A UMA FORNALHA ARDENTE, E DEUS OS SALVA. NABUCODONOSOR, DEPOIS DE OUTRO SONHO, QUE DANIEL TAMBÉM IBE EXPLICA, PASSA SETE ANOS NO DESERTO COM OS ANIMAIS. VOLTA AO SEU ESTADO PRIMITIVO. SUA MORTE. TRABALHOS SOBERBOS POR ELE EXECUTADOS EM BABILÔNIA.

425. Nabucodonosor apertava cada vez mais o cerco. Mandou construir altas torres, com as quais sobrepassava as muralhas da cidade, e também grande quantidade de plataformas tão altas quanto os muros. Os habitantes, por sua vez, defendiam-se com todo o empenho e com toda a coragem possível, sem que a fome e a peste pudessem esmorecê-los. A coragem dava-lhes ânimo contra todos os males e perigos. E, sem se espantar com as máquinas de que seus inimigos se serviam, opunham-lhes outras. Assim, não era somente à força aberta, mas também com muita arte que a guerra transcorria entre essas duas valentes nações. Era principalmente por esse último meio que alguns esperavam conquistar a praça, e outros, ao invés, conservá-la.

Passaram-se dezoito meses desse modo. Por fim, os sitiados, consumidos pela fome, pela peste e pela quantidade de dardos que os inimigos lhes atiravam do alto das torres, cederam, e a cidade foi tomada pela meia-noite do décimo primeiro ano, no nono dia do quarto mês do reinado de Zedequias, por Nergelear, Aremante, Emegar, Nabazar e Ercarampsar, generais de Nabucodonosor que então estavam em Ribla. Eles marcharam diretamente para o Templo. O rei Zedequias, sua esposa, seus filhos, seus parentes e as pessoas da nobreza que ele mais estimava saíram da cidade para fugir por lugares desconhecidos rumo ao deserto.

Os babilônios, porém, foram avisados por um dos que eles haviam deixado de lado ao fugir, e ao despontar do dia puseram-se a persegui-los.

Alcançaram-nos perto de Jerico e quase todos os que acompanhavam Zedequias o abandonaram. Ele foi aprisionado com sua mulher, seus filhos e os poucos que lhe restavam, e todos foram levados ao rei. Nabucodonosor chamou-o de ímpio e pérfido por faltar à promessa de lhe conservar inviolavelmente o reino, pois para isso pusera a coroa na sua cabeça. Reprovou-lhe a ingratidão, por esquecer-se da obrigação que lhe devia por tê-lo preferido a Joaquim, seu sobrinho, ao qual pertencia o reino, e por ter empregado contra o seu benfeitor o poder que este lhe concedera. E terminou com estas palavras: "Mas o grande Deus, para castigar-vos, vos entregou em minhas mãos". Então, na presença dele e diante dos outros escravos, mandou matar os seus filhos e amigos. Vazou-lhe os olhos e ordenou que o acorrentassem para levá-lo escravo à Babilônia.

Assim, cumpriram-se ambas as profecias, a de Jeremias e a de Ezequiel, que esse desventurado príncipe tão erradamente desprezara: a de Jeremias, que afirmava que ele seria feito prisioneiro, seria levado a Nabucodonosor, falaria com ele e o veria face a face; a de Ezequiel, que dizia que ele seria levado à Babilônia, mas não a poderia ver. Esse exemplo ensina, mesmo aos mais ignorantes, o poder e a sabedoria infinita de Deus, que sabe fazer realizar por diversos meios e no tempo por Ele marcado tudo o que determina e prediz. Esse mesmo exemplo faz também ver a ignorância e incredulidade dos homens: a primeira os impede de prever o que lhes sucederá; a segunda faz com que eles caiam, quando menos esperam, na infelicidade e na desgraça de que foram ameaçados e só as conheçam quando as sentirem e quando não mais estiver em seu poder evitá-las.

Esse foi o fim da estirpe de Davi, depois que vinte e um reis seus descendentes sucessivamente ocuparam o trono e empunharam o cetro do reino de Judá. E todos os seus governos, juntamente, duraram quinhentos e quatorze anos, seis meses e dez dias.

Nabucodonosor, depois da vitória, enviou Nebuzaradã, general de seu exército, a Jerusalém, com ordem de incendiar o Templo após retirar de lá tudo o que encontrasse e de também reduzir a cinzas o palácio real e de destruir a cidade por completo. Deveria trazer depois todos os habitantes como escravos para a Babilônia. Assim, no décimo oitavo ano do reinado desse príncipe, que

era o décimo primeiro do reinado de Zedequias, no primeiro dia do quinto mês, esse general, para executar tal ordem, despojou o Templo de tudo o que lá encontrou: levou todos os vasos de ouro e de prata, o grande vaso de cobre chamado mar, que Salomão mandara fazer, as duas colunas de bronze, as mesas e os candelabros de ouro. Em seguida, incendiou o Templo e o palácio real e destruiu completamente a cidade. Isso aconteceu quatrocentos e setenta anos, seis meses e dez dias desde a construção do Templo, mil seiscentos e dois anos, seis meses e dez dias desde a saída do Egito e mil novecentos e cinqüenta anos, seis meses e dez dias desde o dilúvio.

Nebuzaradã ordenou então que se levasse o povo como escravo para a Babilônia, até mesmo o rei, que então estava em Ribla, cidade da Síria, e também Seraías, sumo sacerdote, Cefã,* que era o segundo dos sacerdotes, os três oficiais a quem estava confiada a guarda do Templo, o primeiro dos eunucos, sete dos que desfrutavam maior favor perante Zedequias, o secretário de Estado e sessenta outras pessoas de classe, que ele apresentou ao príncipe com os despojos do Templo. Nabucodonosor, naquele mesmo lugar, mandou cortar a cabeça ao sumo sacerdote e aos mais nobres. Em seguida mandou levar para a Babilônia o rei Zedequias, Jeozadaque, filho de Seraías, e todos os outros escravos.

Depois de haver registrado a série dos reis que empunharam o cetro do povo de Deus, julgo dever referir também a dos sumos sacerdotes que se sucederam desde que Salomão construiu o Templo. O primeiro foi Zadoque, cujos descendentes foram: Aquimas, Azarias, Jorão, His, Aciorão, Fideas, Sudeas, Jul, Jotão, Urias, Nerias, Odeas, Saldum, Elcias, Seraías e jeozadaque, que foi levado escravo para a Babilônia.

O rei Zedequias morreu na prisão, e Nabucodonosor sepultou-o à maneira dos reis. Quanto aos despojos do Templo, ele os consagrou aos seus deuses. Enviou os escravos dentre o povo para certos lugares, nos arredores da Babilônia, a fim de que lá vivessem, e pôs Jeozadaque, sumo sacerdote, em liberdade.

---

* Ou Sofonias.

426. Nebuzaradã, posto por Nabucodonosor como governador da Judéia, deixou lá o povo, os pobres e os fugitivos. Deu-lhes Gedalias, filho de Aicão, que era de família nobre e homem de bem, como governador e lhes impôs um tributo em favor do rei. O mesmo Nebuzaradã tirou Jeremias da prisão e rogou insistentemente ao profeta que o acompanhasse até a Babilônia, pois tinha ordem do rei, seu senhor, de ali fornecer-lhe tudo o que precisasse. E, caso não o quisesse seguir, bastava apenas dizer em que lugar gostaria de morar, a fim de comunicá-lo ao soberano. O profeta disse-lhe que não desejava nem uma coisa nem outra, mas desejava terminar os seus dias no meio das ruínas de sua pátria, para não perder de vista aquelas tristes relíquias de tão deplorável naufrágio. Nabuzaradã ordenou a Gedalias que tivesse dele um cuidado particular e, depois dar ao santo profeta grandes presentes e de conceder liberdade a Baruque, filho de Nerias, que também era de família nobre e muito instruída na língua de seu país, voltou para a Babilônia. Jeremias estabeleceu moradia na cidade de Mispa.

Quando os hebreus que haviam fugido durante o cerco de Jerusalém e se retirado a diversos lugares souberam do regresso dos babilônios ao seu país, vieram de todos os lados ter com Gedalias em Mispa. Os principais eram Jorão, filho de Careá, Jezanias, Seraías e alguns outros. Ismael, que era de família real, porém muito mau e fingido junto de Batal,* rei dos amonitas, veio também. Gedalias aconselhou-os a trabalharem as suas terras sem nada mais temer da parte dos babilônios, que com juramento haviam prometido ajudá-los, caso alguém os incomodasse. Eles precisavam tão-somente dizer em que cidade queriam estabelecer-se, e ele daria ordens para as necessárias reparações, a fim de torná-las habitáveis. E não deveriam deixar passar a estação sem trabalhar com afinco, para poderem recolher o trigo e fazer vinho e óleo para se alimentarem durante o inverno. Ele permitiu em seguida que escolhessem os lugares que desejavam cultivar.

Espalhou-se logo por várias províncias vizinhas da Judéia a notícia desse fato e da bondade com que Gedalias recebia todos os que se dirigiam a ele, dando-lhes terras para cultivar, com a condição de se pagar um tributo ao rei da Babilônia. Assim, muitos vieram procurá-lo de todos os lugares, e cada qual

se pôs ao trabalho com entusiasmo. A grande humanidade de Gedalias granjeou-lhe depressa o afeto de João** e de todos os outros, até mesmo das pessoas mais importantes. E eles avisaram-no de que o rei dos amonitas enviara Ismael com o fim de matá-lo à traição e de se declarar rei de Israel, pois era de família real. O único meio de remediar o problema era ele permitir que matassem Ismael, a fim preservar o resto da nação da ruína que seria inevitável, caso Ismael cumprisse o seu perverso desígnio.

Ele respondeu que não havia a menor probabilidade de Ismael, que recebera dele somente benefícios, atentar contra a sua vida e que, não tendo feito más ações durante os dias difíceis que vivera, ousasse cometer agora tão grande crime contra o seu benfeitor, ao qual deveria ajudar com todas as suas forças se algum outro o combatesse. Mesmo que fosse verdade aquilo de que o avisavam, ele preferia correr o risco de ser assassinado a fazer morrer um homem que viera buscar asilo junto dele e que nele havia confiado.

Trinta dias depois, Ismael, acompanhado por dez de seus amigos, veio a Mispa visitar Gedalias — que os recebeu e tratou muito bem — e bebeu diversas vezes à saúde dele, para mostrar-lhe o seu afeto. Quando Ismael e os que com ele estavam perceberam que o vinho começava a perturbar Gedalias e que ele adormecera, mataram-no, bem como a todos os outros convidados, que haviam bebido bastante. Depois, auxiliados pela escuridão da noite, foram degolar os soldados babilônios e os judeus adormecidos na cidade.

No dia seguinte de manhã, cerca de oitenta pessoas vieram do campo oferecer presentes a Gedalias. Ismael disse-lhes que falassem com ele. Depois de entrarem na casa, Ismael e seus cúmplices mataram-nos e os lançaram num poço muito profundo, para que ninguém percebesse o que se passara, com exceção de uns poucos que lhe prometeram mostrar no campo o lugar onde haviam escondido móveis, vestes e trigo. Ismael aprisionou também alguns habitantes de Mispa, mulheres e crianças, entre as quais estavam as filhas do rei Zedequias, deixadas por Nebuzaradã sob a custódia de Gedalias. Esse péssimo homem, depois de cometer tantos crimes, pôs-se a caminho, para voltar ao rei dos amonitas.

João e outros homens da nobreza, seus amigos, ao saber o que se passara, ficaram muito irritados e reuniram o que puderam de homens

armados, perseguiram Ismael e o alcançaram próximo da fronteira de Hebrom. Os que o acompanhavam pensaram que João e seus amigos vinham socorrê-los e passaram para o lado dele, com grandes demonstrações de alegria. Ismael, seguido apenas por uns oito dos seus, fugiu para o rei dos amonitas. João, seus amigos e os que ele havia salvado foram a Mandra, onde passaram todo aquele dia, mas ele teve a idéia de se dirigir para o Egito, temendo que os babilônios os mandassem matar por causa da morte de Gedalias, que eles lhes haviam dado como comandante. Antes, porém, foram se aconselhar com Jeremias. Rogaram-lhe que consultasse a Deus, prometendo com juramento fazer o que Ele ordenasse.

O profeta assim fez, e dez dias depois Deus lhe apareceu e ordenou que dissesse a João, a seus amigos e a todo o povo que se eles ficassem onde estavam cuidaria deles e impediria que os babilônios lhes fizessem mal. Se fossem para o Egito, porém, Ele os abandonaria e lhes infligiria, em sua cólera, os mesmos castigos que aplicara aos seus outros irmãos. Jeremias deu-lhes essa resposta da parte de Deus, mas eles não prestaram fé às suas palavras nem acreditaram que era por ordem de Deus que ele lhes ordenava ficar. Convenceram-se de que ele dava aquele conselho para ser agradável a Baruque, seu discípulo, e para expô-los ao furor dos babilônios. Desprezaram então as ordens de Deus e foram para o Egito, levando com eles também Jeremias e Baruque. Deus então falou ao seu profeta e ordenou-lhe que dissesse ao seu povo que o rei da Babilônia faria guerra ao rei do Egito e o venceria. Então parte deles seria morta, e o resto, levado como escravo para a Babilônia.

Os fatos confirmaram a veracidade dessa profecia, pois cinco anos depois da ruína de Jerusalém, que era o vigésimo terceiro ano do reinado de Nabucodonosor, esse soberano entrou com um grande exército na Baixa Síria e dela se apoderou. Venceu os amonitas e os moabitas e fez depois a guerra ao Egito. Conquistou-o, matou o rei que então governava e escolheu outro para o seu lugar. Em seguida, levou como escravos para a Babilônia todos os judeus que estavam no país.

---

* Ou Baalis.

** Ou Joana.

427. A nação dos hebreus estava então reduzida a esse estado miserável, e por dois fatos foi duas vezes levada para além do Eufrates. A primeira, quando sob o reinado de Oséias, rei de Israel, Salmaneser, rei dos assírios, depois de tomar Samaria, levou escravas dez tribos. A segunda quando Nabucodonosor, rei dos caldeus e dos babilônios, depois de tomar Jerusalém, levou as duas tribos que restavam. Salmaneser, porém, mandou para Samaria, da longínqua Pérsia e da Média, os chuteenses, para que a habitassem. Nabucodonosor, por sua vez, não mandou colônia alguma para as terras das duas tribos que derrotara. De modo que a Judéia, Jerusalém e o Templo ficaram desertos durante setenta anos. E assim, passaram-se cento e trinta anos, seis meses e dez dias desde o cativeiro das dez tribos que formavam o reino de Israel e o das duas que formavam o reino de Judá.

428. Daniel 1. Dentre todos os filhos da nação judaica, parentes do rei Zedequias e outros de origem mais ilustre, Nabucodonosor escolheu os que eram mais perfeitos e competentes e deu-lhes preceptores e mestres para que os educassem e instruíssem com grande cuidado. A alguns fez eunucos, como costumava fazer a todas as nações que derrotava. Ordenou que os alimentassem com as mesmas iguarias de sua mesa e os fez aprender não somente a língua dos caldeus e dos babilônios, mas também todas as ciências em que esses povos eram peritos. Dentre os moços que eram parentes de Zedequias, havia quatro perfeitamente honestos e inteligentes: Daniel, Hananias, Misael e Azarias, porém Nabucodonosor trocou-lhes os nomes. Deu a Daniel o nome de Beltessazar e a Hananias chamou Sadraque, a Misael, Mesaque e a Azarias, Abede-Nego.

O excelente caráter deles, a beleza de sua inteligência e a sua grande sabedoria fez com que o príncipe lhes dedicasse um grande afeto. Eram tão sóbrios que preferiam comer apenas coisas simples, abstendo-se de seres vivos e das iguarias da mesa real. Assim, rogaram ao eunuco Aspenaz, sob cujos cuidados estavam, que tomasse para si o que era destinado a eles e lhes desse somente legumes, tâmaras e coisas semelhantes, que não tivessem tido vida, porque aqueles manjares os aborreciam. Ele respondeu que faria de muito boa vontade o que eles desejavam, mas temia que o rei viesse a percebê-lo pela

mudança do rosto deles, porque a cor e a face têm sempre relação com o alimento que se come, e isso seria ressaltado ainda mais pela diferença entre eles e os outros moços, alimentados com melhores iguarias. Também não era justo que, para lhes ser agradável, ele se pusesse em risco de perder a vida.

Quando viram que o eunuco estava disposto a servi-los, continuaram a insistir e conseguiram dele permissão para experimentar pelo menos por uns seis dias essa maneira de se alimentar e depois continuá-la, se não causasse alteração na saúde deles. Caso fosse notada alguma mudança em seus rostos, retomariam à antiga nutrição. Ele consentiu e, depois de constatar que não somente eles não se apresentavam mal, como ainda pareciam mais fortes e robustos que os outros moços de sua idade alimentados com as comidas da mesa do rei, continuou sem temor a tomar para si o que era destinado a eles e a alimentá-los do modo como desejavam. O corpo deles tornou-se mais belo e mais apropriado para o trabalho, e a sua inteligência, mais pronta e capaz, porque não era enfraquecida pelas delícias que tornam os homens efeminados. Fizeram grande progresso nas ciências dos egípcios e dos caldeus, particularmente Daniel, que se dedicou também à interpretação dos sonhos, e Deus o favorecia com revelações.

429. Daniel 2. Dois anos depois da vitória obtida por Nabucodonosor sobre os egípcios, esse príncipe teve um sonho estranho, do qual Deus lhe deu a explicação enquanto ele dormia. Depois que acordou, porém, esqueceu o sonho e o seu significado. Por isso mandou chamar os maiores sábios dentre os caldeus, os que se dedicavam à predição do futuro, chamados magos devido à sua sabedoria. Disse-lhes que tivera um sonho, mas o havia esquecido, e ordenou-lhes que lhe dissessem qual era e o que significava. Eles responderam que era impossível aos homens o que ele desejava. Tudo o que podiam fazer era explicar o sonho depois que ele o tivesse narrado. O rei ameaçou-os de morte se não obedecessem, e, como continuassem a dizer a mesma coisa, mandou matá-los.

Daniel soube de tudo e, vendo que ele e seus companheiros corriam o mesmo risco, foi ter com Arioque, comandante da guarda real, para saber o motivo. Arioque contou, e então Daniel suplicou-lhe que rogasse ao rei para suspender a execução até o dia seguinte, porque estava confiante de que se

pedisse a Deus para revelar o sonho, Ele ouviria a sua oração. O oficial foi referir tudo ao rei, e este consentiu em esperar. Daniel e seus companheiros passaram toda a noite em oração a fim de obter de Deus o livramento para os magos — e para eles também, pelo perigo em que os colocava a cólera do rei — e a manifestação do sonho que o rei havia esquecido. Deus, movido de compaixão, revelou a Daniel o sonho e o seu significado, para que fosse dizê-lo ao rei. A alegria de Daniel foi tão grande que ele se levantou no mesmo instante para comunicar aos companheiros a graça recebida de Deus. E, tendo-os encontrado muito tristes, pensando já na morte, animou-os a tomar coragem e alimentar maiores esperanças. Deram todos juntos muitas graças a Deus por ter tido piedade de sua juventude. Logo depois que raiou o dia, Daniel foi pedir a Arioque que o levasse à presença do rei, a fim de lhe dizer qual fora o sonho.

Apresentando-se diante do soberano, ele disse que, embora fosse lhe manifestar o sonho, rogava que o não julgasse mais hábil que os magos que não o puderam fazer, pois na realidade não era mais sábio que eles: a revelação que tivera foi motivada pela compaixão que Deus sentira pelo perigo em que ele e seus companheiros se encontravam, por isso Ele lhe revelara o sonho e a sua significação.

E acrescentou: "Eu, majestade, não estava menos apreensivo pelo risco que corríamos eu e os meus companheiros que pela tristeza de ver a injustiça que vossa majestade cometeu, condenando à morte tantos homens de bem por não terem conseguido fazer uma coisa inteiramente impossível aos homens, por mais inteligentes que sejam, e que somente Deus pode fazer. E vossa majestade não estava menos apreensivo pelo risco que corria e estava ansioso para saber quem dominaria depois de vossa majestade sobre todo o mundo. Deus, para vos fazer conhecer esses monarcas, fez-vos ver em sonhos uma grande estátua, cuja cabeça era de ouro, os ombros e os braços de prata, o ventre e as coxas de bronze e as pernas e os pés de ferro. Vossa majestade viu depois uma pedra rolar da montanha sobre a estátua, quebrando-a em pedaços e reduzindo-a a um pó mais fino que a farinha, o qual o vento levou sem que tivesse ficado o menor vestígio. Por fim, vossa majestade viu essa pedra crescer de tal modo que esmagou com o seu peso toda a terra. Esse foi, majestade, o vosso sonho, e esta é a explicação: a cabeça de ouro representa os reis da Babilônia vossos

predecessores. Os ombros e os braços de prata significam que o vosso império será destruído por dois reis poderosos. As coxas de bronze dizem que outro rei, vindo do lado do ocidente, destruirá esses dois reis. As pernas e os pés de ferro mostram que, sendo o ferro mais duro que o ouro, a prata e o cobre, virá um outro conquistador, que subjugará esse".

Daniel explicou também a Nabucodonosor o que significava a pedra, mas como o meu intento é narrar somente coisas passadas, e não as que estão por se realizar, nada mais direi. Se alguém desejar saber mais alguma coisa em particular, leia nas Sagradas Escrituras o livro de Daniel. Nabucodonosor, com transportes de alegria e de admiração por Daniel, prostrou-se diante dele para adorá-lo e ordenou a todos os seus súditos que lhe oferecessem sacrifícios, como ao seu Deus. Deu-lhe o nome daquEle que ele reconhecia antes por Deus e honrou-o, bem como aos seus parentes, com os primeiros cargos no seu império. Essa rápida e prodigiosa felicidade suscitou tão grande inveja contra essas quatro pessoas que poderia lhes ter custado a vida, como direi a seguir.

430. Daniel 3. Nabucodonosor mandou fazer uma estátua de ouro de sessenta côvados de altura e seis de largura, que foi colocada no grande campo da Babilônia. Quando de sua consagração, mandou vir de todas as partes de seu território as pessoas mais importantes e ordenou que ao primeiro som de trom-betas todos se prostrassem por terra para adorá-la, sob pena de ser lançado numa fornalha ardente quem não o fizesse. Todos obedeceram à ordem, exceto os amigos de Daniel, que disseram não poder fazê-lo sem violar as leis de seu país. Imediatamente acusaram-nos, e foram lançados na fornalha. Mas Deus os salvou por um efeito de seu infinito poder: o fogo, parecendo reconhecer a sua inocência, respeitava-os, em vez de consumi-los. Eles venceram as chamas, e tão grande milagre aumentou ainda mais o respeito e a estima que o rei já lhes devotava, porque os considerava pessoas de virtude extraordinária e muito particularmente queridos de Deus.

431. Daniel 4. Algum tempo depois, o príncipe teve outro sonho, no qual parecia que ele fora privado do reino e passara sete anos no deserto com os animais, sendo em seguida restaurado à primitiva dignidade. Mandou chamar os magos, contou-lhes o sonho e perguntou qual o seu significado. Mas nenhum deles soube responder. Daniel foi o único a explicá-lo, com tal

perfeição que tudo o que disse depois se realizou. O príncipe tornou a subir ao trono depois de haver passado sete anos no deserto e aplacado a cólera de Deus com uma grande penitência, sem que ninguém durante todo esse tempo ousasse apoderar-se do trono. Quanto a isso, não devo ser censurado por narrar o que se pode ler nas Sagradas Escrituras, pois desde o princípio desta minha história preveni-me dessa acusação, declarando que não pretendia fazer outra coisa senão escrever em grego, em boa fé, o que encontro nos livros dos hebreus, sem nada aumentar nem diminuir.

432. Nabucodonosor morreu após reinar quarenta e três anos. Era um príncipe muito inteligente e foi muito mais feliz que os seus predecessores. Berose assim o descreve, no seu terceiro livro da História dos Caldeus: "Nabopolassar, pai daquele de quem acabamos de falar, tendo sabido que os governadores que ele pusera no Egito, na Baixa Síria e na Fenícia se haviam revoltado contra ele e não estando mais na idade de suportar as dificuldades de uma guerra contra eles, enviou Nabucodonosor, seu filho, com uma parte de suas forças. O jovem príncipe venceu os rebeldes, recolocou todas as províncias sob a obediência do rei seu pai e, tendo sabido que naquele mesmo tempo este morrera na Babilônia, após reinar vinte e um anos, passou a dirigir os destinos do Egito e das outras províncias. Deixou aos oficiais em quem mais confiava o encargo de levar o seu exército para a Babilônia com os escravos judeus, sírios, fenícios e egípcios. Acompanhado por alguns poucos, passou pelo deserto e marchou rapidamente. Depois de chegar, governou o império que fora administrado na sua ausência pelos magos caldeus, dos quais o principal e de maior autoridade nada levara tanto a peito para conservar-lhe o trono. E assim, ele sucedeu em todo o reino ao rei seu pai. Uma das primeiras coisas que fez foi distribuir em colônias os escravos recém-chegados. Consagrou no templo de Bel, seu deus, e em outros templos os ricos despojos que havia conquistado. Não se contentou em restaurar os antigos edifícios de Babilônia: aumentou também a cidade e fortificou o canal. Para impedir que a atacassem e a pudessem tomar depois de atravessar o rio, mandou fazer outro dentro. E fora, ergueu uma tríplice muralha, muito alta, de tijolos refratários. Fortificou também todas as outras partes da cidade. Fez portas monumentais e construiu um novo palácio perto do que fora do falecido rei seu pai, do qual seria inútil

referir a beleza e a magnificência. Não poderia mesmo eu dizer que esse soberbo edifício foi construído em quinze dias. E, como a rainha, sua mulher, que fora educada na Média, desejava ver alguma semelhança com o seu país, mandou fazer, para lhe ser agradável, arcos por cima desse palácio, com grandes pedras que pareciam montes. Mandou cobrir esses arcos com terra e plantou sobre eles uma tal quantidade de árvores de todas as espécies que esse jardim, suspenso no ar, passou a ser uma das maravilhas do mundo".

Megastene, no seu quarto livro da História das índias, faz menção desse admirável jardim e procura provar que esse príncipe sobrepujou muito a Hércules pela grandeza de seus feitos e conquistou não somente a capital da África, mas também a Espanha. Diocles também o cita na História da Pérsia, e Filóstrato, na da índia e da Fenícia, declarando que ele sitiou durante trinta anos a cidade de Tiro, da qual Stobal então era rei. Eis tudo o que pude encontrar nos vários historiadores com relação a esse príncipe.

CAPÍTULO 12

MORTE DE NABUCODONOSOR, REI DA BABILÔNIA. EVIL-MERODAQUE, SEU FILHO, SUCEDE-O E PÕE JECONIAS, REI DEJUDÁ, EM LIBERDADE. SÉRIE DOS REIS DA BABILÔNIA ATÉ BELSAZAR. CIRO, REI DA PÉRSIA, E DARIO, REI DOS MEDOS, CERCAM-NO NA BABILÔNIA. VISÃO QUE ELE TEM, EXPLICADA POR DANIEL. CIRO TOMA A BABILÔNIA E APRISIONA O REI BELSAZAR. DARIO LEVA DANIEL PARA A MÉDIA E O ELEVA A GRANDES HONRAS. A INVEJA DOS NOBRES CONTRA ELE É CAUSA DE ELE SER LANÇADO NA COVA DOS LEÕES. DEUS O SALVA, E ELE TORNA-SE MAIS PODEROSO DO QUE NUNCA. SUAS PROFECIAS E SEU LOUVOR.

433. Depois da morte do rei Nabucodonosor, de que acabamos de falar, Evil-Merodaque, seu filho, sucedeu-o e não somente pôs Jeconias (que antes se chamava Joaquim), rei de Judá, em liberdade, como também deu-lhe ricos presentes, tornou-o mordomo-mor de seu palácio e dedicou a ele um afeto muito particular. E assim, tratou-o de uma maneira bem diferente da que Nabucodonosor o havia tratado, quando o amor pelo bem de seu país, como vimos, o fez entregar-se em boa fé nas mãos deste, com sua mulher, seus filhos

e todos os seus bens, para que fosse levantado o cerco de Jerusalém, sendo que Nabucodonosor lhe faltou à palavra.

Evil-Merodaque reinou dezoito anos. Niglizar, seu filho, sucedeu-o e reinou quarenta anos. Seu filho Labofordá, que o sucedeu, reinou somente nove meses. Belsazar, filho deste, a quem os babilônios chamam Naboandel, substituiu-o. Ciro, rei dos persas, e Dario, rei dos medos, fizeram-lhe guerra e o sitiaram na Babilônia.

434. Daniel 5. Enquanto a cidade era cercada, esse soberano oferecia um banquete aos nobres da corte e às suas concubinas numa sala onde havia um armário riquíssimo, em que se conservavam os preciosos vasos de que os reis se costumam servir. A isso ele quis acrescentar uma nova magnificência e ordenou então que fossem trazidos os vasos sagrados do templo de Jerusalém, os quais Nabucodonosor mandara colocar junto com os de seus deuses, porque não se atrevera a servir-se deles. Como Belsazar estava turvado pelo vinho, teve a ousadia de beber num daqueles vasos e de blasfemar contra Deus. No mesmo instante, ele viu uma mão sair da parede e escrever nela algumas palavras.

A visão deixou-o atônito, e ele mandou buscar da Caldéia e de outras nações alguns dos maiores sábios que sabiam interpretar os sonhos e ordenou-lhes que dissessem o significado daquelas palavras. Eles responderam que era impossível. O seu sofrimento aumentou de tal modo que ele mandou apregoar que daria uma cadeia de ouro, uma túnica de púrpura, como as que usam os reis da Caldéia, e a terça parte do reino a quem interpretasse aquelas palavras.

A promessa de tão grande recompensa fez chegar de todos os lados candidatos que passavam pelos mais hábeis e peritos. Todavia, por maiores esforços que todos fizessem, ninguém foi capaz de interpretá-las. A princesa sua avó, vendo-o em tal aflição, disse-lhe para não perder a esperança de que alguém lhe desse a explicação que desejava, porque havia entre os escravos que Nabucodonosor trouxera para a Babilônia depois da ruína de Jerusalém um certo Daniel, cuja ciência era extraordinária. Ele explicava coisas que somente eram conhecidas por Deus e interpretara um sonho que nenhum outro conseguira explicar. Precisava apenas mandar chamá-lo e dizer-lhe do seu desejo de saber o significado daquelas palavras, pois talvez até fosse algo inquietante que Deus quisesse comunicar.

Diante de tal conselho, Belsazar mandou imediatamente chamar Daniel, disse-lhe o quanto se sentia feliz por saber que ele recebera de Deus o dom de penetrar e conhecer o que os outros ignoravam e rogou que lhe dissesse o que significavam as palavras escritas naquela parede, prometendo-lhe, se o fizesse, dar-lhe uma túnica de púrpura, uma cadeia de ouro e a terça parte de seu reino, para mostrar a todos, com aquelas demonstrações de honra, a sua sabedoria, quando fosse conhecida a causa de ele merecê-las. Daniel, ciente de que a sabedoria que vem de Deus deve sempre ter em vista fazer o bem sem pretender outra recompensa, suplicou ao rei que o dispensasse de aceitá-las.

Disse-lhe em seguida que aquelas palavras significavam que o fim da vida de Belsazar estava próximo, porque ele não havia aprendido com o castigo com o qual Deus punira a impiedade de Nabucodonosor e nem aproveitara aquele exemplo para evitar colocar-se acima da sua condição de simples homem, pois não podia ignorar que aquele príncipe fora obrigado a viver durante sete anos à maneira dos animais e que só depois de muitas preces Deus, movido pela compaixão, o reconduziu ao convívio dos homens e o restabeleceu no trono. E Nabucodonosor foi tão grato que pelo resto de sua vida não deixou de dar a Deus contínuas ações de graças e de admirar o seu poder onipotente. No entanto Belsazar, em vez de se deixar levar por aquele exemplo, não tivera medo de blasfemar contra Deus e de beber com as suas concubinas nos vasos consagrados em honra dEle. Por isso Ele estava tão irritado que desejou manifestar por meio daquelas palavras qual seria o fim de sua vida.

Daniel acrescentou ainda que esta era a explicação das palavras: Mene, isto é, "número", significava que o número que Deus marcara aos anos do reinado de Belsazar iria se completar, e lhe restava muito pouco tempo de vida. Tequel, isto é, "peso", significava que Deus havia pesado na sua justa balança a duração daquele reinado, e que ele tendia ao fim. Peres, que quer dizer "fragmento" e "divisão", significava que o reino seria dividido entre os medos e os persas. Por maior que fosse a dor que sentia, o rei Belsazar, sabendo pela explicação dessas palavras misteriosas as desgraças que o aguardavam, julgou que Daniel agira como um homem de bem e lhe dissera somente a verdade, e seria muito injusto maltratá-lo por essa razão. Por isso não deixou de o recompensar, dando-lhe o que prometera.

435. Naquela mesma noite, Babilônia foi tomada e Belsazar, morto. Isso aconteceu no dédicmo sétimo ano do reinado de Ciro, rei da Pérsia. Dario, filho de Astíages, ao qual os gregos dão outro nome, tinha sessenta e dois anos quando, com o auxílio de Ciro, seu parente, destruiu o império da Babilônia. Levou consigo para a Média o profeta Daniel e, para mostrar até que ponto o estimava, nomeou-o um dos três governadores supremos, cujo poder se estendia sobre outros trezentos e sessenta, pois o considerava um homem todo divino e só se aconselhava com ele nos assuntos mais importantes.

Os outros ministros, como geralmente acontece na corte dos reis, não podendo tolerar que ele fosse tão preferido, sentiram tal inveja que tudo fizeram para encontrar um motivo de caluniá-lo. Mas isso lhes foi impossível, porque a virtude de Daniel era tão grande e as suas mãos tão puras que ele julgava que seriam manchadas se recebessem presentes e considerava coisa vergonhosa desejar recompensa pelo bem que se faz. Eles, porém, não se arrependeram nem desistiram. E, faltando-lhes outros meios, imaginaram um pelo qual, pensaram, poderiam destruí-lo.

Tendo notado que três vezes por dia ele fazia as suas orações a Deus, foram ter com o rei e disseram-lhe que todos os grandes e governadores do império haviam julgado conveniente elaborar um edito pelo qual seria proibido a todos os súditos, durante trinta dias, fazer orações a qualquer deus ou a qualquer homem, senão a ele, o rei, devendo ser lançados na cova dos leões todos os que desprezassem essa ordem. Dario, que não desconfiava de sua malícia, aceitou a proposta e mandou publicar esse edito em todo o seu território. Todos o observaram, exceto Daniel, que sem se impressionar continuou a fazer as suas orações a Deus, como era seu costume.

Os seus inimigos não deixaram de ir imediatamente ao rei acusá-lo de ter violado a ordem. Afirmaram que ele fora o único a ousar desobedecer, e era tanto mais culpado porque não o fizera por um sentimento de piedade apenas, mas por saber que aqueles que não o estimavam observavam as suas ações. E, como esses nobres temiam que a grande afeição de Dario por Daniel o levasse a perdoá-lo, insistiram tanto em que fosse inflexível em fazer observar o seu edito e ordenasse que Daniel fosse atirado na cova dos leões que não lhe foi possível defender-se. Mas ele esperava que Deus libertasse Daniel do furor daqueles

temíveis animais e exortou-o a suportar generosamente a sua desdita. E assim, foi Daniel atirado àquele lugar, e fecharam a porta com uma grande pedra. Dario mandou selá-la com o seu sinete e voltou para o palácio imerso em tão grande aflição pelo que poderia acontecer a Daniel que não quis comer e passou toda a noite sem dormir.

No dia seguinte, ao despontar do sol, o rei foi à cova dos leões e viu que o seu selo estava intacto. Chamou Daniel por uma abertura que havia na entrada e perguntou, gritando com todas as suas forças, se ele ainda estava vivo. Daniel respondeu que não sofrerá mal algum, e o soberano no mesmo instante mandou que o retirassem de lá. Os inimigos de Daniel, em vez de reconhecerem que Deus o salvara por um milagre, disseram ousadamente ao rei que aquilo acontecera porque antes se dera demasiado alimento aos leões, os quais, não tendo mais fome, não o quiseram devorar. O rei ofendeu-se com a malícia deles e ordenou que se desse grande quantidade de carne aos leões e que depois de eles estarem fartos fossem atirados à cova os acusadores de Daniel, para ver se os animais os poupariam, como diziam haverem poupado Daniel. A ordem foi imediatamente executada, e ninguém mais pôde duvidar de que Deus salvara Daniel, porque os leões devoraram os caluniadores com tanta avidez que pareciam os mais esfomeados do mundo. Minha opinião, porém, é que foi o crime desses malvados, e não a fome, o que irritou os leões contra eles, porque Deus quis que esses animais irracionais fossem ministros de sua justiça e de sua vingança.

Depois que os inimigos de Daniel foram assim punidos, Dario mandou publicar em todo o seu território que o Deus que Daniel adorava era o único verdadeiro e Todo-poderoso e elevou esse grande personagem a tão alto grau de honras que ninguém duvidava que ele fosse o homem mais estimado pelo rei em todo o império, e todos admiravam tão grande glória e tão extraordinário favorecimento da parte de Deus.

Dario mandou construir em Ecbátana,* capital da Média, um soberbo palácio, que ainda hoje se vê e que parece ter sido recém-concluído, pois conserva o seu primitivo brilho, ao contrário do comum dos edifícios, aos quais o tempo apaga a beleza, envelhecendo-os como aos homens. É nesse palácio que está a sepultura dos reis dos medos, dos persas e dos partos. A sua guarda

ainda hoje está confiada a um sacerdote de nossa nação.

Nada encontro de mais admirável nesse grande profeta que esta felicidade particular e quase incrível de que desfrutou, acima dos demais: ter sido durante toda a sua vida honrado pelos reis e pelos povos e deixar depois de sua morte uma memória imortal. Os livros que ele escreveu, lidos ainda hoje, comprovam que Deus mesmo lhe falou e que ele não somente predisse em geral, como os outros profetas, as coisas que deviam acontecer, mas também determinou o tempo em que sucederiam. E, enquanto eles prediziam somente desgraças, o que os tornava odiosos aos soberanos e aos súditos, ele predisse coisas favoráveis, que levaram os reis a amá-lo. E a veracidade de suas palavras, confirmada depois pelos fatos, fez com que todos não somente prestassem fé às suas palavras, mas cressem que havia nele algo de divino.

Narrarei uma de suas profecias, para mostrar como eram corretas. Ele disse que, tendo saído com os seus companheiros da cidade de Susã, que é a capital do reino da Pérsia, para tomar ar no campo, houve um tremor de terra, que surpreendeu e espantou de tal modo os que estavam com ele que todos fugiram e o deixaram sozinho. Ele lançou-se então com o rosto em terra e, estando assim nesse estado, percebeu que alguém o tocava e lhe dizia para levantar, a fim de ver as coisas que sucederiam muito tempo depois aos de sua nação.

Depois que ele se ergueu, viu um carneiro que tinha vários chifres, sendo o último maior que os outros. Voltando os olhos para o lado do ocidente, viu aproximar-se um bode, que se chocou com o carneiro, derrubou-o e o pisou. Viu depois sair da fronte desse bode um chifre bem grande, que foi quebrado, e dele saíram outros quatro, voltados para os quatro ventos. Entre esses quatro chifres, surgiu um menor. Deus lhe disse que esse chifre, quando crescesse, faria guerra à sua nação, tomaria Jerusalém, aboliria todas as cerimônias do Templo e durante mil e duzentos e noventa e seis dias proibiria que ali se oferecessem sacrifícios.

Depois que Deus lhe manifestou essa visão, explicou-a deste modo: o carneiro significava o império dos medos e dos persas, cujos reis eram representados pelos chifres. O maior era o último deles, porque sobrepujava a todos em riquezas e em poder. O bode significava que viria da Grécia um rei que

venceria os persas e se tornaria senhor daquele grande império — o chifre grande significava esse rei. Os quatro chifres pequenos nascidos desse grande chifre e que se dirigiam para as quatro partes do mundo representavam aqueles que depois da morte desse soberano dividiriam entre si esse grande império, embora não fossem nem seus filhos nem seus descendentes. Eles reinariam durante vários anos, e de sua posteridade viria um rei que faria guerra aos judeus, aboliria todas as suas leis e toda a forma de sua república, saquearia o Templo e durante três anos proibiria que ali se oferecessem sacrifícios. Isso tudo aconteceu sob o reinado de Antíoco Epifânio.

Esse grande profeta deu também notícia do império de Roma e da extrema desolação a que reduziria o nosso país. Deus lhe tornou patentes todas essas coisas, e ele as deixou por escrito para serem admiradas pelos que lhe vissem os efeitos, para mostrar os favores que recebera dEle e para confundir os erros dos epicureus, que, em vez de adorarem a Providência, dizem que Ele não se importa com os interesses deste mundo e que a terra não é conservada nem governada por essa suprema Essência, igualmente bem-aventurada, incorruptível e onipotente, mas subsiste por si mesma. Se eles considerassem verdade o que dizem, ver-se-iam logo perecendo como um navio que, não tendo piloto, é batido pela tempestade ou como um carro sem condutor, que é arrastado pelos cavalos. Não pode haver melhor prova que as profecias de Daniel para nos fazer constatar a loucura de quem não aceita que Deus tenha cuidado com o que se passa sobre a terra. Pois se tudo o que acontece no mundo é por acaso, como explicar o cumprimento de todas essas profecias? Julguei meu dever relatar tudo isso conforme o que encontrei nos Livros Santos, mas deixo a cada qual liberdade para ter outras opiniões ou acreditar no que quiser.

---

* Ou Acmetá.

Livro Décimo Primeiro

CAPÍTULO 1

CIRO, REI DA PÉRSIA, PERMITE QUE OS JUDEUS VOLTEM AO SEU PAÍS E RECONSTRUAM JERUSALÉM E O TEMPLO.

436. Esdras 1 e Neemias 3. No primeiro ano do reinado de Ciro, rei dos persas, setenta anos depois que as tribos de Judá e de Benjamim foram levadas escravas para a Babilônia, Deus, tocado de compaixão pelo sofrimento delas, realizou o que havia predito pelo profeta Jeremias, antes mesmo da ruína de Jerusalém: que, passados setenta anos em dura escravidão, sob Nabucodonosor e seus descendentes, voltaríamos ao nosso país, reconstruiríamos o Templo e desfrutaríamos a nossa primeira felicidade. Assim, pôs Ele no coração de Ciro escrever uma carta e enviá-la por toda a Ásia. Eis o que declara o rei Ciro: "Cremos que o Deus Todo-poderoso, que nos constituiu rei de toda a terra é o Deus que o povo de Israel adora, pois Ele predisse por meio de seus profetas que nós traríamos o nome que trazemos e reconstruiríamos o Templo em Jerusalém, na Judéia, consagrado à sua honra".

Esse soberano falava assim porque lera nas profecias de Isaías, escritas duzentos e dez anos antes que ele tivesse nascido e cento e quarenta anos antes da destruição do Templo, que Deus lhe tinha feito saber que constituiria a Ciro rei sobre várias nações e inspirar-lhe-ia a resolução de fazer o povo voltar a Jerusalém para reconstruir o Templo. Essa profecia causou-lhe tal admiração que, desejando realizá-la, mandou reunir na Babilônia os principais dos judeus e anunciou que lhes permitia voltar ao seu país e reconstruir a cidade de Jerusalém e o Templo, que eles não deveriam duvidar de que Deus os auxiliaria nesse desígnio e que escreveria aos príncipes e governadores de suas províncias vizinhas da judéia para que lhes fornecessem o ouro e a prata de que iriam precisar e as vítimas para os sacrifícios.

Depois desse favor, os chefes das tribos de Judá e de Benjamim dirigiram-

se imediatamente a Jerusalém com sacerdotes e levitas. Os que não quiseram deixar os seus bens ficaram na Babilônia. Chegaram depois os nobres aos quais o rei havia escrito e contribuíram com ouro e prata. Alguns deram-lhe animais, como cavalos. Outros, que haviam feito votos, ofereciam sacrifícios solenes para cumpri-los, tal como fariam se tivessem de começar a construir a cidade e realizar pela primeira vez as cerimônias que nossos pais observavam.

Ciro restituiu nesse mesmo tempo os vasos sagrados tomados do Templo no reinado de Nabucodonosor e que haviam sido levados para a Babilônia. Encarregou disso Mitredate, seu tesoureiro-mor, com ordem de confiá-los aos cuidados de Sesbazar, para os que guardasse até que o Templo fosse reconstituído e os entregasse então aos sacerdotes e aos principais dos judeus, para que fossem recolocados no Templo.

Escreveu também esta carta aos governadores da Síria: "O rei Ciro, a Sisina* e a Sarabazam, saudação. Nós permitimos a todos os judeus que moram em nosso território e que quiserem voltar ao seu país que para lá se retirem com toda liberdade e reconstruam a cidade de Jerusalém e o Templo de Deus. Enviamos Zorobabel, seu príncipe, e Mitredate, nosso tesoureiro-mor, para que lhe lancem os alicerces e o elevem à altura de sessenta côvados, com a mesma largura, e três ordens de pedras polidas e uma da madeira que existe naquela província. Queremos também que lá se erga um altar para se oferecerem sacrifícios a Deus e entendemos que todas as despesas sejam feitas por nossa conta. Restituímos também, por meio de Mitredate e de Zorobabel, os vasos sagrados que o rei Nabucodonosor retirou do Templo, para que lá sejam recolocados. Seu número é de cinqüenta bacias de ouro e quatrocentas de prata; cinqüenta vasos de ouro e quatrocentos de prata; cinqüenta baldes de ouro e quinhentos de prata; trinta grandes pratos de ouro e trezentos de prata; trinta grandes taças de ouro e duas mil e quatrocentas de prata; e, além disso, mil outros grandes vasos. Concedemos ainda aos judeus as mesmas rendas de que seus predecessores desfrutavam e lhes damos como compensação animais, vinho e óleo, duzentas e cinco mil e quinhentas medidas de trigo, que queremos que sejam tomadas nas terras de .Samaria. Os sacerdotes oferecerão a Deus todas as vítimas em Jerusalém, segundo a lei de Moisés, e rogarão pela nossa prosperidade, pela de nossos descendentes e pelo império dos persas. E, se

alguns forem tão obstinados que não queiram obedecer às nossas ordens, queremos que sejam crucificados e que os seus bens sejam confiscados em nosso proveito". Era o que diziam as cartas de Ciro. O número de judeus que voltaram a Jerusalém foi de quarenta e dois mil quatrocentos e sessenta e dois.

---

* Ou Tatenai.

CAPÍTULO 2

OS JUDEUS COMEÇAM A RECONSTRUIR JERUSALÉM E O TEMPLO. DEPOIS DA MORTE DE CIRO, OS SAMARITANOS E AS OUTRAS NAÇÕES VIZINHAS ESCREVEM AO REI CATNBISES, SEU FILHO, PARA QUE MANDE SUSPENDER O TRABALHO.

437. Esdras 4. Depois da ordem expedida por Ciro, os judeus lançaram os alicerces do Templo e trabalharam com ardor para reconstruí-lo. As nações vizinhas, particularmente os chuteenses, que Salmaneser, rei da Assíria, fizera vir da Pérsia e da Média para povoar Samaria depois de haver levado os israelitas, pediram aos governadores e aos que tinham o encargo da direção dessa obra que ordenassem aos israelitas cessar os trabalhos e suspender a reconstrução da cidade. Esses indivíduos, subornados por elas, venderam-lhes a negligência com a qual executaram a sua comissão, mas Ciro não lhes deu atenção porque estava ocupado com a guerra contra os massagetas, na qual veio a morrer.

Cambises,* seu filho, sucedeu-o, e logo que subiu ao trono os sírios, os fenícios, os amonitas, os moabitas e os samaritanos escreveram-lhe esta carta: "Majestade, Reum, vosso chanceler, Sinsai, vosso secretário, e todos os outros oficiais da Síria e da Fenícia, vossos servidores. Nós nos julgamos obrigados a vos advertir de que os judeus, que haviam sido transferidos para a Babilônia, retornaram a este país. Eles reconstroem a sua cidade, que foi destruída por causa de sua revolta. Eles ergueram novamente as suas muralhas, estabeleceram os seus mercados, e também reconstroem o Templo. Se isso lhes for mesmo permitido, majestade, e eles continuarem os trabalhos, logo que os terminarem certamente hão de se recusar a pagar o tributo a vossa majestade e

a fazer o que vossa majestade lhes determinar, porque estão sempre prontos a opor-se aos reis, pela sua inclinação a querer mandar e nunca obedecer. Por isso, vendo com que entusiasmo eles trabalham na reconstrução do Templo, julgamos nosso dever avisar vossa majestade que, se vos aprouver ler os registros dos reis vossos prede-cessores, vereis que os judeus são naturalmente inimigos dos soberanos e que por esse motivo a sua cidade foi destruída. A isso podemos acrescentar que, se vossa majestade permitir que eles a reconstruam e a cerquem de novo com muralhas, eles vos fecharão a passagem da Fenícia e da Baixa Síria".

---

* Ou Artaxerxes.

CAPÍTULO 3

CAMBISES, REI DOS PERSAS, PROÍBE AOS JUDEUS CONTINUAR A RECONSTRUIR O TEMPLO E JERUSALÉM. ELE MORRE AO SEU REGRESSO DO EGITO. OS MAGOS GOVERNAM O REINO DURANTE UM ANO. DARIO É CONSTITUÍDO REI.

438. Essa carta deixou Cambises muito irritado. E, sendo naturalmente mau, respondeu: "O rei Cambises, a Reum, nosso chanceler, a Sinsai, nosso secretário, a Belcem e aos outros habitantes de Samaria e da Fenícia, saudação. Depois de receber a vossa carta, mandamos consultar o registro dos reis nossos predecessores e lá encontramos que a cidade de Jerusalém foi sempre, desde todos os tempos, inimiga dos reis, que os seus habitantes são sediciosos, sempre prontos a se revoltar, e que ela foi governada por príncipes poderosos e muito empreendedores, os quais exigiram à força grandes tributos da Síria e da Fenícia. Para impedir que o atrevimento desse povo possa levá-lo a novas rebeliões, proibimos que eles continuem a reconstruir a cidade".

Mal receberam essa carta, Reum, Sinsai e os outros rumaram para Jerusalém com um grande séquito e proibiram aos judeus reconstruir a cidade e o Templo. Assim, o trabalho ficou interrompido durante nove anos, até o segundo ano do reinado de Dario, rei da Pérsia. Cambises reinou apenas dois anos e morreu em Damasco, ao seu regresso do Egito, que ele havia subjugado.

Os magos, depois de sua morte, governaram o reino durante um ano, com poder absoluto. Mas os chefes das sete principais famílias da Pérsia os depuseram e de comum acordo constituíram Dario, filho de Histaspe, rei.

CAPÍTULO 4

DARIO, REI DA PÉRSIA, PROPÕE A ZOROBABEL, PRÍNCIPE DOS JUDEUS, E A DOIS OUTROS QUESTÕES PARA SEREM RESOLVIDAS. ZOROBABEL RESOLVE-AS E RECEBE COMO RECOMPENSA A RESTAURAÇÃO DE JERUSALÉM E DO TEMPLO. UM GRANDE NÚMERO DE JUDEUS VOLTA EM SEGUIDA PARA JERUSALÉM SOB O COMANDO DE ZOROBABEL E TRABALHA NESSA OBRA. OS SAMARITANOS E OUTROS POVOS PEDEM A DARIO QUE A IMPEÇA. MAS ESSE PRÍNCIPE FAZ JUSTAMENTE O CONTRÁRIO.

439. Esdras 5 e 6. Dario era ainda um simples cidadão, mas fizera a Deus um voto: se um dia subisse ao trono, restituiria ao Templo em Jerusalém tudo o que estava ainda na Babilônia dos vasos sagrados. Quando ele foi proclamado rei, aconteceu que Zorobabel, príncipe dos judeus, que era seu velho amigo, estava próximo dele. E assim, confiou a ele e a dois outros dos principais a direção de sua casa e de tudo o que mais de perto se referia à sua pessoa.

O grande rei, no primeiro ano de seu reinado, ofereceu um suntuoso banquete aos seus principais auxiliares, aos maiorais dos medos e dos persas e aos governadores das cento e vinte e sete províncias sobre as quais estendia o seu domínio, que ia desde as índias até a Etiópia. Terminado o banquete, todos se retiraram, e Dario dormiu um pouco, mas logo acordou. Não podendo conciliar o sono novamente, pôs-se a conversar com aqueles três oficiais.

Ele prometeu conceder a quem melhor resolvesse o problema que iria propor que se vestisse de púrpura, usasse um colar de ouro, bebesse em taça de ouro, dormisse em um leito de ouro, passeasse num carro em que os arreios dos cavalos eram de ouro, usasse uma tiara de fino linho, se sentasse perto dele e fosse considerado seu parente. Perguntou então ao primeiro se a mais forte de todas as coisas do mundo não era o vinho. Ao segundo, se não eram os reis. Ao terceiro, se não eram as mulheres ou a verdade. Disse-lhes que pensassem. No dia seguinte, pela manhã, mandou chamar os príncipes, os

grandes senhores da Pérsia e da Média, sentou-se no trono de onde costumava distribuir a justiça e ordenou aos três oficiais que respondessem na presença de toda a assembléia às perguntas que havia feito.

O primeiro, para mostrar a força do vinho, falou assim: "Parece-me não haver melhor prova para mostrar que tudo cede à força do vinho que vermos como ele perturba a razão e põe os próprios reis em tal estado que eles se tornam como crianças, as quais têm necessidade de serem guiadas; como dá aos escravos a liberdade de falar, deles tirada pela escravidão, e torna os pobres tão contentes quanto os ricos; como muda de tal sorte o Espírito dos homens que, mesmo nas maiores misérias, afoga os sentimentos de sua desgraça; como os faz esquecer a própria desdita e os persuade de que estão em tal abundância que só falam de milhões; como lhes põe na boca as palavras que usam os que se encontram no cume da glória e lhes tira o medo das pessoas mais temíveis e dos maiorais monarcas; como os faz não conhecer e até odiar os seus melhores amigos. Depois eles adormecem e, despertando, encontram-se com o Espírito tranqüilo e nem se lembram mais do que disseram ou fizeram durante a embriaguez. Assim, creio que o vinho deve passar pela coisa mais forte do mundo".

Depois que o primeiro assim falou em favor do vinho, o outro, encarregado de mostrar que nada iguala ao poder dos reis, procurou prová-lo com estas palavras: "Ninguém pode duvidar de que os homens são os senhores do universo, pois dominam toda a terra e o mar e fazem uso dos elementos para o que bem lhes parece. Mas os reis governam os homens e reinam sobre aqueles que dominam todos os animais. Que há, pois, que se possa comparar ao seu poder? Eles governam os seus súditos, e estes estão sempre prontos a obedecê-lo. Ele os põe, quando lhe apraz, em todos os perigos da guerra, e, embora seja necessário forçar muralhas ou combater em campo aberto ou atacar em montes inacessíveis, eles não impõem dificuldade para se expor à morte e obedecê-lo. Depois de vencerem as batalhas, obtendo vitórias à custa do próprio sangue, toda a vantagem e toda a glória reverte em favor do rei, bem como o fruto dos trabalhos e dos suores daqueles dentre o povo que, enquanto os demais pegam em armas, cultivam a terra. Assim, os príncipes recolhem o que não tiveram o trabalho de semear, desfrutam todas as espécies de prazer e dormem à vontade,

enquanto os seus guardas velam à porta sem dela se afastar, por maiores que sejam as necessidades que os chamem a outros lugares. Pode-se, pois, duvidar de que o poder dos reis não supere a todos os outros?"

Zorobabel, que devia falar por último, para mostrar que o poder das mulheres e da verdade é o mais forte, assim se expressou: "Estou de acordo com a força do vinho e o poder dos reis, mas ouso afirmar que o poder das mulheres é ainda maior. Os homens e os reis têm nelas a sua origem, e, se elas não tivessem posto no mundo os que cultivam as terras, a vinha não produziria o fruto cujo suco é tão agradável. De tudo teríamos falta sem as mulheres. Devemos ao seu trabalho as principais comodidades da vida: elas fiam a lã e o tecido com que nos vestimos. Têm cuidado de nossas famílias, e não poderíamos passar sem elas. A sua beleza tem tanto encanto que nos fazem desprezar o ouro, a prata e tudo o que há de mais rico no mundo para ganharmos o seu afeto. Para segui-las, abandonamos sem pesar mãe, pai, parentes, amigos e a nossa própria pátria. Fazemo-las senhoras não somente de tudo o que conquistamos com mil trabalhos na terra e no mar, mas de nós mesmos. Acrescentarei que vi o rei, senhor de tantas nações, permitir que Apaméia, sua senhora, filha de Rapsacés Temasim, lhe batesse no rosto e lhe arrancasse a coroa para pô-la na própria cabeça e vi o grande príncipe rir-se quando ela estava de bom humor, afligir-se quando ela estava triste, adulá-la, unificar-se aos sentimentos dela e rebaixar-se até pedir-lhe desculpas quando julgava tê-la desgostado em alguma coisa".

Todos os assistentes ficaram tão impressionados com essas palavras que começaram a se entreolhar. Zorobabel então passou do louvor às mulheres ao da verdade: "Mostrei qual o poder das mulheres, mas nem as mulheres nem os reis são comparáveis à verdade. Por maior que seja a terra, por mais alto que seja o céu, por mais rápido que seja o curso do Sol, é Deus que os move e governa. Deus é justo e verdadeiro, e assim é evidente que nada se iguala ao poder da verdade. A injustiça nada pode contra ela. Enquanto todas as demais coisas são perecíveis e passam como um relâmpago, ela é imortal e subsiste eternamente. Além disso, as vantagens com que nos enriquece não duram menos que ela mesma: a fortuna não poderia tirá-la de nós nem o tempo alterá-la, porque está acima do alcance deles. E ela é tão pura que nada a pode

corromper".

Zorobabel assim falou, e muitos louvaram-no e confessaram que ele havia provado muito bem que nada é mais poderoso que a verdade, a qual jamais envelhece e não está sujeita a mudanças. O rei disse-lhe que declarasse o que desejava daquilo que prometera ao que melhor respondesse às questões propostas, e o concederia de boa vontade, reconhecendo-o como o mais sábio e mais inteligente de todos. Disse ainda que desejava, no futuro, receber os seus conselhos e ter tanta consideração por ele como a um parente.

Zorobabel respondeu-lhe que não lhe pedia outra graça senão que cumprisse o voto que havia feito antes de ser elevado à dignidade da coroa: mandar reconstruir Jerusalém, restaurar o Templo de Deus e restituir todos os vasos sagrados que o rei Nabucodonosor mandara tirar e levar para a Babilônia. O rei então levantou-se do trono com o rosto alegre, beijou Zorobabel e ordenou que se escrevesse aos governadores de suas províncias, para que o ajudassem a reconstruir o Templo, bem como aos que o acompanhassem na viagem a Jerusalém. Deu também aos magistrados da Síria e da Fenícia ordem para que mandassem cortar cedros sobre o monte Líbano e os fizessem levar a Jerusalém e para que ajudassem os que iam reconstruir a cidade.

Essas mesmas cartas diziam que o rei desejava que todos os judeus que fossem a Jerusalém de volta do cativeiro fossem libertados, proibiam a todos os seus oficiais fazer-lhes imposições ou obrigá-los a pagar tributo e ordenavam que lhes fosse permitido cultivar todas as terras aproveitáveis. O rei ordenava aos idumeus, aos samaritanos e aos da Baixa Síria que lhes entregassem tudo o que os seus pais haviam possuído e contribuíssem com cinqüenta talentos para a construção do Templo. Permitia também aos judeus oferecer a Deus os mesmos sacrifícios e observar as mesmas cerimônias que seus antepassados. Podiam ainda tomar do fundo dos bens reais o que fosse necessário para as vestes dos sumos sacerdotees e dos outros sacerdotes e para os instrumentos de música com os quais os levitas cantavam louvores a Deus, e a cada ano se daria aos guardas do Templo e da cidade terras e o dinheiro necessário à sua manutenção. Por fim, Dario confirmou tudo o que Ciro havia determinado, tanto para a restauração da nação judaica quanto para a restituição dos vasos sagrados.

440. Depois que Zorobabel obteve do soberano tudo o que podia desejar, a primeira coisa que fez ao sair do palácio foi elevar os olhos ao céu e agradecer a Deus o favor que Ele lhe fizera, ou seja, torná-lo perante o príncipe o mais hábil e inteligente de todos. Confessou que devia toda a sua felicidade ao auxílio dEle e pediu que Ele continuasse a ajudá-lo. Quando chegou à Babilônia e deu essa grata notícia aos de sua nação, eles também deram graças a Deus por Ele haver permitido que se restabelecessem em sua pátria e passaram sete dias inteiros em festas de regozijo. As famílias escolheram em seguida pessoas de sua tribo para que fossem levadas a Jerusalém e procuraram cavalos e outros animais para carregar as suas mulheres e filhos. Assim uma grande multidão de todas as idades e ambos os sexos, guiadas por aqueles que Dario havia posto à frente, fez toda a caminhada com incrível alegria, ao som de flautas e de timbales.

O temor de aborrecer o leitor e de interromper o fio de minha narração não me deixará mencionar nomes em particular. Contentar-me-ei em dizer o seu número. Havia nas tribos de Judá e de Benjamim, da idade de doze anos para cima, quatro milhões seiscentas e vinte e oito mil pessoas. A multidão era seguida por quatro mil e setenta levitas e quarenta mil setecentos e quarenta e duas mulheres e crianças. Da estirpe dos levitas, havia cento e vinte e oito cantores, cento e dez porteiros e trezentos e vinte e dois que serviam no Santuário. Seis-centos e cinqüenta e dois se diziam israelitas, rrias, sem poder prová-lo, não foram reconhecidos como tais. Quinhentos e vinte e cinco haviam desposado mulheres que eles diziam ser da descendência dos sacerdotes e dos levitas, mas os seus nomes não constavam das genealogias. Sete mil trezentos e trinta e sete escravos caminhavam atrás deles, bem como duzentos e quarenta cantores e cantoras. Havia ainda quatrocentos e trinta e cinco camelos e quinhentos e vinte e cinco cavalos ou outros animais de carga no transporte das bagagens.

Zorobabel, de que falamos há pouco, era filho de Sealtiel, da tribo de Judá e da estirpe de Davi. Ele chefiava essa grande multidão, auxiliado por Jesua, filho de Jozadaque, sumo sacerdote, Mardoqueu e Cerebeu, escolhidos pelas outras duas tribos. Os dois últimos contribuíram, das próprias economias, com cem peças de ouro e cinco mil de prata para as despesas dessa viagem. Os sacerdotes, os levitas e uma parte do povo judeu que estava na Babilônia

voltaram para morar novamente em Jerusalém, e os que lá ficaram os acompanharam durante uma parte do caminho e depois retornaram.

441. Sete meses depois, Jesua, sumo sacerdote, e o príncipe Zorobabel enviaram a toda parte convites aos de sua nação, para que se dirigissem a Jerusalém. Eles foram com grande alegria e, depois de construírem um altar no mesmo local onde estivera o primeiro, ofereceram sacrifícios a Deus segundo o que Moisés havia determinado. As nações vizinhas viram isso com grande desprazer, por causa do ódio que lhe votavam. Os judeus celebraram também nesse mesmo tempo a festa dos Tabernáculos, segundo fora instituída anteriormente: fizeram as oblações e os sacrifícios que se deviam fazer todos os dias, como também os dos sábados, das festas sagradas e das solenidades ordinárias. Os que haviam feito votos cumpriram-nos, oferecendo sacrifícios depois da lua nova do sétimo mês.

Começaram depois a trabalhar na construção do Templo, sem lastimar a despesa necessária para o pagamento e a alimentação dos operários. Os sidônios enviaram, com bastante agrado, grandes vigas de cedro, que haviam cortado nas florestas do monte Líbano e ligado umas às outras, fazendo-as flutuar nas águas do mar até o porto de Jope, como Ciro e Dario haviam determinado.

Depois de no segundo mês do segundo ano lançarem os alicerces do Templo, começaram, no dia primeiro de dezembro, a construir a parte superior. Todos os levitas com vinte anos ou mais, e Jesua, com os seus três filhos e seus irmãos, e Cadmiel, irmão de Judá, filho de Aminadabe, com os seus filhos, que haviam sido encarregados da direção dessa obra, nela trabalharam com tanto empenho e solicitude que a concluíram muito antes do esperado. Então os sacerdotes, revestidos de seus vestes sacerdotais, marcharam ao som de trombetas, enquanto os levitas e os descendentes de Asafe cantavam em louvor a Deus hinos e salmos compostos pelo rei Davi. Os mais antigos do povo, que haviam contemplado a magnificência e a riqueza do primeiro templo, considerando o quanto esse estava longe de igualá-lo e julgando assim a grande diferença entre a sua prosperidade no passado e a presente, sentiram tão profunda dor que não puderam reter as lágrimas e soluços. O povo em geral, porém, ao qual somente o presente podia impressionar, não fazia tal comparação. Estava

tão contente que as queixas de uns e os gritos de júbilo de outros impediam que se ouvisse o som das trombetas.

442. Essa notícia chegou até Samaria, e os habitantes dessa cidade vieram indagar o que se passava. Ao saber que os judeus, regressando do cativeiro da Babilônia, haviam reconstruído o Templo, rogaram a Zorobabel, a Jesua, sumo sacerdote, e aos principais das tribos que lhes permitissem contribuir para aquelas despesas, dizendo que adoravam o mesmo Deus e que não tinham outra religião desde que Salmaneser, rei da Assíria, os trouxera da Chutéia e da Média para morar em Samaria. Todos de comum acordo responderam que não podiam fazer o que desejavam, porque Ciro e Dario haviam permitido que só eles, os judeus, reconstruíssem o Templo, mas que isso não impediria que eles e todos os de sua nação viessem adorar a Deus, o que podiam fazer com toda a liberdade.

Os chuteenses (pois é assim que chamamos os samaritanos) ficaram tão ofendidos com essa resposta que persuadiram os sírios e seus governados a empregar, para impedir a construção do Templo, os mesmos meios de que se haviam servido outrora, nos tempos de Ciro e de Cambises, acrescentando que não havia um momento a perder, por causa da pressa com que os judeus trabalhavam naquela obra. Naquele mesmo tempo, Sisina, governador da Síria e da Fenícia, acompanhado por Sarabazam e por alguns outros, veio a Jerusalém e perguntou aos principais dos judeus quem lhes permitira reconstruir o Templo, fazendo-o tão robustecido que mais parecia uma fortaleza, e também cercar toda a cidade com muralhas tão espessas.

Zorobabel e o sumo sacerdote responderam que eram servidores do Deus Todo-poderoso; que o Templo fora outrora construído em sua honra por um de seus reis, que era um dos mais bem-aventurados príncipes do mundo, ao qual nenhum outro jamais se igualara em sabedoria e em inteligência; que aquele soberbo edifício fora conservado intacto durante vários séculos; que seus antepassados, tendo desgostado a Deus com os seus pecados, haviam permitido que Nabucodonosor, rei de Babilônia e da Caldéia, tomasse a cidade e a destruísse e incendiasse, bem como ao Templo, depois de retirar dele tudo o que existia de mais precioso, e levasse o povo escravo para a Babilônia; que Ciro, depois rei da Pérsia e da Babilônia, ordenara expressamente, por cartas

escritas a esse respeito, que se reconstruísse o Templo e que depois de terminado se levassem para lá os vasos sagrados que haviam sido dele retirados e que os confiara a Zorobabel e a Mitredate, seu tesoureiro-mor; que antes, para apressar a construção do Templo, havia mandado Abazar a Jerusalém, o qual então já lhe lançara os alicerces; que desde então somente as nações inimigas haviam feito esforços para impedir os trabalhos; e que, como prova daquela afirmação, ele precisava apenas escrever ao rei, para que este lhe mostrasse nos registros dos reis precedentes se tudo não se havia passado como estavam dizendo.

Sisina e os que o acompanhavam ficaram satisfeitos com essas razões e não impediram a continuação dos trabalhos, mas indagaram antes da vontade do rei e para isso lhe escreveram. No entanto os judeus temiam que esse príncipe se arrependesse da permissão concedida, porém os profetas Ageu e Zacarias disseram-lhes que nada temessem, nem de Dario nem dos persas, porque estavam informados da vontade de Deus sobre aquele assunto. Assim, tranqüilizaram-se e continuaram a trabalhar com o mesmo ardor. Os samaritanos ou chuteenses não deixaram, por sua vez, de escrever ao rei Dario, contando que os judeus fortificavam a sua cidade e construíam um templo que mais parecia uma fortaleza que um lugar destinado ao culto a Deus. E, para testemunhar ao rei o quanto aquilo lhe seria prejudicial, mandaram-lhe as cartas do rei Cambises pelas quais ele havia proibido a continuação daquelas obras, pois não as julgava proveitosas para o seu serviço.

Quando Dario recebeu essas cartas e as de Sisina, mandou procurar os registros dos reis. Encontraram um deles no castelo de Ecbátana, na Média, onde estava escrito assim: "O rei Ciro ordenou no primeiro ano de seu reinado que se construísse em Jerusalém um templo de sessenta côvados de altura e outros tantos de largura, com três ordens de pedras polidas e uma da madeira que se encontra naquele país; que se edificasse um altar naquele templo; que tudo seria feito às suas expensas; que os vasos sagrados retirados por Nabucodonosor seriam levados para lá; e que Abazar, governador da Síria e da Fenícia, e os oficiais da província tomariam o cuidado de mandar prosseguir a obra sem no entanto ir a Jerusalém, porque os judeus, que eram servidores de Deus, e seus príncipes deveriam assumir a direção. Seria suficiente ajudá-los

com o dinheiro que se obteria dos tributos das províncias e dar-lhes para os seus sacrifícios touros, carneiros, cordeiros, cabritos, farinha, óleo, vinho e todas as outras coisas que os sacerdotes lhes pedissem, a fim de que rogassem pela prosperidade dos reis e pelo império dos persas. E, se alguém se atrevesse a desobedecer a essa ordem, que fosse crucificado e tivesse todos os seus bens confiscados. A isso acrescentou uma imprecação que atingiu a todos os que quisessem impedir a construção do Templo. Ele rogava a Deus que fizesse desencadear sobre eles a sua justa vingança, para castigá-los por tal impiedade".

Dario, tendo visto os registros de Ciro, escreveu a Sisina e aos seus outros oficiais o que segue: "O rei Dario a Sisina, lugar-tenente-general de nossa cavalaria, a Sarabazam e aos outros governadores, saudação. Mandamo-vos a cópia das ordens do rei Ciro que encontramos nos seus registros e queremos que o que elas contêm seja rigorosamente executado. Adeus!" Sisina e os outros aos quais era endereçada essa carta, tendo conhecido a intenção do rei, nada esqueceram, no que dependia deles, para executá-la e ajudaram os judeus com todas as suas forças para que pudessem continuar as obras do Templo.

Com esse auxílio, as obras progrediram e, pelo entusiasmo que as profecias de Ageu e de Zacarias continuavam a dar ao povo, o Templo foi terminado ao fim de sete anos, no nono ano do reinado de Dario e no vigésimo terceiro dia do décimo primeiro mês a que chamamos adar, e os macedônios, distro. Os sacerdotes, os levitas e o resto do povo deram graças a Deus por lhes permitir recuperar a antiga felicidade depois de tão longo cativeiro e por lhes dar o novo Templo. Ofereceram-lhe em sacrifício cem touros, duzentos carneiros, quatrocentos cordeiros e doze bodes pelos pecados das doze tribos. Os levitas escolheram entre eles alguns porteiros, para distribuí-los por todas as portas do Templo, segundo ordenava a lei de Moisés.

A festa dos Pães Ázimos aproximava-se e devia ser celebrada no primeiro mês, a que os macedônios denominam xântico, e nós, nisã. O povo das aldeias e das cidades veio a Jerusalém com as suas mulheres e filhos e, depois de se haverem purificado, ofereceram o cordeiro pascal no décimo quarto dia da lua do mesmo mês, segundo o costume de nossos antepassados. Passaram sete dias em banquetes de regozijo, sem deixar de oferecer a Deus os holocaustos e

de agradecer-lhe por haver tocado o coração do rei, que lhes permitira regressar ao seu país.

Estabeleceram em seguida uma nova forma de governo aristocrático, no qual os sumos sacerdotes tiveram sempre autoridade soberana, até que os hasmoneus chegaram à realeza e assim os judeus tornaram a entrar no governo monárquico, sob o qual tinham vivido durante quinhentos e trinta e dois anos, seis meses e dez dias, desde Saul e Davi até o cativeiro. Antes também haviam sido governados durante mais de quinhentos anos, desde Moisés e Josué, por aqueles aos quais davam o nome de juizes.

No entanto os samaritanos, que além do ódio e da inveja que tinham de nossa nação, não podiam tolerar a obrigação de contribuir com as coisas necessárias para os nossos sacrifícios e além disso se vangloriavam de ser do mesmo país que os persas, não deixavam do mesmo modo de nos fazer todo o mal que podiam. E os governadores da Síria e da Fenícia não perdiam ocasião alguma de secundá-los em seus desígnios. O senado e o povo de Jerusalém, vendo-os tão animados contra si, resolveram enviar Zorobabel e quatro outros dos mais ilustres a Dario para se queixar dos samaritanos.

Logo que esse príncipe escutou os deputados, mandou que lhes dessem cartas endereçadas aos principais oficiais de Samaria, cujas palavras são estas: "O rei Dario a Tangar e Sembabe, que comandam a cavalaria em Samaria, e a Sadrague, Bobelom e outros, que estão encarregados dos nossos negócios nesse país, saudação. Zorobabel, Ananias e Mardoqueu, deputados pelos judeus junto de nós, queixaram-se das dificuldades que lhes moveis na construção do Templo e de que recusais contribuir para os sacrifícios com aquilo que ordenamos. Escrevemo-vos esta carta a fim de que logo que a tenhais recebido não deixeis de cumprir as vossas obrigações e de tomar para esse fim, no nosso tesouro proveniente dos tributos da Samaria, tudo o que os sacerdotes de Jerusalém tiverem necessidade, porque a nossa intenção é que não se deixe de oferecer sacrifícios a Deus pela nossa prosperidade e pela do império dos persas".

Capítulo 5

Xerxes sucede a Dario, seu pai, no reino da Pérsia. Permite que Esdras, sacerdote, retorne com grande número de judeus a Jerusalém e concede tudo o que ele deseja. Esdras obriga os que haviam desposado mulheres estrangeiras a restituí-las. Sua morte. Neemias obtém de Xerxes licença para reconstruir os muros de Jerusalém e termina essa grande obra.

443. Esdras 7. Xerxes sucedeu a seu pai, Dario, e não foi menos herdeiro de sua piedade para com Deus que sucessor no trono. Nada mudou a respeito do que fora determinado com relação ao culto a Ele, e Xerxes teve sempre uma grande afeição pelos judeus. Joaquim, filho de jesua, era sumo sacerdote durante o seu reinado, e Esdras era o primeiro e o mais considerável dentre todos os sacerdotes que haviam ficado na Babilônia. Era um homem de bem e muito instruído nas leis de Moisés. Desfrutava grande fama no meio do povo e era muito amado pelo rei.

Assim, quando resolveu voltar a Jerusalém e levar consigo alguns judeus que estavam morando na Babilônia, ele obteve desse príncipe algumas cartas de recomendação endereçadas aos governadores da Síria, nestes termos: "Xerxes, rei dos reis, a Esdras, sacerdote e leitor da lei de Deus, saudação, julgando que é de nossa bondade permitir a todos os judeus, quer sacerdotes, quer levitas, bem como a outros que desejarem voltar a Jerusalém para lá servir a Deus, nós, com o conselho de nossos sete auxiliares, concedemos essa graça e vos encarregamos de apresentar ao vosso Deus o que nós e nossos amigos fizemos voto de lhe oferecer. Damo-vos o poder de levar todo o ouro e toda a prata que os vossos conterrâneos ainda espalhados pelo reino da Babilônia quiserem ofertar a Deus, a fim de que seja empregado na aquisição de vítimas a serem oferecidas sobre o altar, na confecção de vasos de ouro e de prata para o seu serviço e no que mais vós e vossos irmãos desejarem. Devereis oferecer também ao vosso Deus os vasos sagrados que vos entregaremos. Damo-vos o poder de fazer, além disso, tudo o que julgardes conveniente e entendemos que o fundo necessário deva ser tirado de nosso tesouro. Para isso, estamos escrevendo ao nosso tesoureiro-mor da Síria e da Fenícia que vos entregue sem

demora tudo o que lhe pedirdes. E, para que Deus seja favorável a nós e à nossa posteridade, queremos que lhe sejam oferecidas, por nós, cem medidas de trigo, de conformidade com a Lei. Proibimos a todos os nossos oficiais exigir algo dos sacerdotes, dos levitas, dos cantores, dos porteiros e dos outros que servem no Templo de Deus ou impor-lhes tributos e obrigações. Quanto a vós, Esdras, usareis da prudência e da sabedoria que Deus vos concedeu para estabelecer na Síria e na Fenícia juizes que administrem a justiça, e que os já instruídos nas vossas leis ensinem aos que ainda as ignoram e castiguem com multas ou mesmo com a morte os que não temerem violar os vossos mandamentos e os nossos".

Esdras, ao receber essa carta, adorou a Deus e deu-lhe imensas graças, pois só podia atribuir ao seu auxílio demonstrações de bondade tão extraordinárias da parte do rei. Reuniu em seguida todos os judeus que estavam na Babilônia, leu-lhes as cartas e, conservando o original, enviou cópias aos judeus que estavam na Média. Pode-se imaginar a alegria que eles sentiram por saber da piedade do rei para com Deus e de seu afeto por Esdras. Muitos decidiram dirigir-se imediatamente à Babilônia com o que possuíam de bens a fim de irem com Esdras a Jerusalém. Mas o resto dos israelitas não quis abandonar esse país. Assim, somente as tribos de Judá e de Benjamim voltaram a Jerusalém, e estão ainda hoje sujeitas, numa parte da Ásia e da Europa, ao domínio dos romanos. As outras dez tribos permaneceram além do Eufrates, e é incrível o quanto se multiplicaram.

Dentre os que se dirigiram em grande número a Esdras, havia muitos sacerdotes, levitas, porteiros, cantores e outros consagrados ao serviço de Deus. Ele os reuniu ao longo do Eufrates e, depois de jejuarem durante três dias e orarem a Deus pedindo proteção na viagem, puseram-se a caminho no décimo segundo dia do primeiro mês do sétimo ano do reinado de Xerxes, sem que Esdras quisesse receber a escolta da cavalaria, oferecida pelo príncipe, declarando que confiava no auxílio de Deus, que cuidava dele e de seu povo.

Chegaram no quinto mês do mesmo ano a Jerusalém. Esdras entregou logo aos que tinham a guarda dos tesouros do Templo e que eram da descendência dos sacerdotes o depósito sagrado que o rei, os amigos dele e os judeus que moravam na Babilônia lhe haviam confiado e que consistia de

seiscentos e cinqüenta talentos de prata, vasos de prata no valor de cem talentos, vasos de ouro no valor de vinte talentos e vasos de cobre, mais preciosos que o ouro, no peso de doze talentos.

Em seguida, Esdras ofereceu a Deus em holocausto, como a Lei ordenava, doze touros para a salvação do povo e, pelos pecados, setenta e dois carneiros e cordeiros e doze bodes. Na Síria e na Fenícia, entregou aos governadores e oficiais do rei a carta que o soberano lhes escrevera. E, como não podiam deixar de obedecer, prestaram grandes honras à nação judaica e nos ajudaram em nossas necessidades. Deve-se a Esdras a honra dessa transmigração. E ele não somente a idealizou, como também não tenho dúvidas de que a sua virtude e a sua piedade foram a causa do feliz êxito que Deus lhe quis outorgar.

444. Pouco tempo depois, ele soube que alguns sacerdotes e levitas, não querendo se sujeitar à disciplina, haviam, por um insolente desprezo às leis de seus maiores, desposado mulheres estrangeiras e manchado a pureza da ordem sacerdotal. Os que lhe deram esse aviso rogaram-lhe que se armasse do zelo da religião para impedir que o crime de alguns atraísse a cólera divina sobre todo o povo e os precipitasse de novo na desgraça da qual acabavam de sair. Como eram de qualidade as pessoas culpadas desse pecado, esse santo homem, considerando que uma ordem para despedir as mulheres e os filhos não seria obedecida por eles, foi tomado de tão viva dor que rasgou as próprias vestes, arrancou a barba e os cabelos e lançou-se por terra banhado em lágrimas. Os outros homens de bem reuniram-se a ele e juntaram as suas lágrimas às dele.

Nessa amargura de coração, ele elevou os olhos e as mãos ao céu e disse: "Tenho vergonha, meu Deus, de ousar levantar os meus olhos ao céu, quando penso que este povo recai sempre mais no pecado e perde logo a lembrança dos castigos com que punistes a impiedade de seus maiores. Todavia, Senhor, como a vossa misericórdia é infinita, tende, por favor, piedade destes que restaram do antigo cativeiro que suportamos e que quisestes reconduzir à antiga pátria. Perdoai-lhes, Senhor, mais esse crime e, embora eles mereçam a morte, não vos canseis de lhes demonstrar a vossa bondade, conservando-lhes a vida".

Esdras 10. Enquanto assim falava e todos os presentes, homens e mulheres, choravam com ele, Secanias, que era o primeiro cidadão de Jerusalém, aproximou-se e disse que, não se podendo duvidar de que os que

tomaram esposas estrangeiras haviam cometido um grande pecado, era preciso convencê-los a restituí-las, bem como aos filhos que delas haviam gerado, e castigar os que recusassem obedecer à lei de Deus. Esdras aprovou essa proposta e fez jejuar os principais sacerdotes, os levitas e o povo, o qual os ajudaria a obrigá-los a isso. Depois que saiu do Templo, foi para a casa de Joana, filho de Eliasibe, e passou ali o resto do dia sem comer nem beber, tão abatido estava pela dor. Mandou em seguida publicar por toda parte que todos os que haviam voltado da escravidão deveriam vir dentro de dois ou três meses a Jerusalém, sob pena de serem excomungados e de terem os seus bens confiscados em favor do tesouro do Templo, segundo o juízo que seria pronunciado pelos anciãos.

No terceiro dia, que era o vigésimo do nono mês, que os hebreus chamam tebete, e os macedônios, apeléia, os da tribo de Judá e de Benjamim dirigiram-se à parte superior do Templo, e os principais assentaram-se. Esdras levantou-se e disse-lhes que os que haviam desposado mulheres estrangeiras, contra a proibição da Lei, tinham cometido um grande pecado e que Deus só tornaria a ser-lhes favorável se as mandassem embora. Todos responderam em voz alta que o fariam de boa vontade, mas o número delas era tão grande e a estação tão contrária, pois era inverno, de frio intenso, que aquilo não podia ser feito imediatamente. Assim, seria necessário um pouco de paciência. Enquanto isso, os principais dentre o povo que estivessem isentos desse pecado, ajudados pelos anciãos, informar-se-iam com exatidão a respeito dos que haviam transgredido a determinação da Lei.

A proposta foi aprovada, e no primeiro dia do décimo mês começou-se a indagação dos que haviam contraído matrimônio ilícito. A investigação durou até quase o primeiro dia do mês seguinte, e vários parentes de Jesua, sumo sacerdote, dos outros sacerdotes, dos levitas e de outros dentre o povo devolveram imediatamente as suas mulheres, preferindo assim a observância da Lei à paixão que sentiam por elas, por maior que fosse. Depois ofereceram a Deus carneiros em sacrifício, para aplacar-lhe a cólera. Eu poderia citar nomes, mas não julgo necessário. Dessa forma, Esdras remediou o erro cometido por esses matrimônios profanos e aboliu esse mau costume, no qual ninguém mais caiu.

No sétimo mês, que era o tempo de se comemorar a festa dos Tabernáculos, quase todo o povo reuniu-se próximo da porta do Templo, a qual está do lado do oriente, e rogou a Esdras que lhes desse a lei de Moisés. Ele consentiu, e essa leitura durou desde a manhã até a tarde. Eles se foram tão comovidos que derramavam lágrimas, porque aquelas santas leis não somente lhes mostraram o que eles deviam fazer no tempo presente e no futuro, como também revelaram que, se as tivessem observado no passado, não teriam caído em tantas desgraças. Esdras, vendo-os naquela aflição, disse-lhes que se retirassem para as suas casas e enxugassem as lágrimas, pois não deviam chorar no dia de uma festa tão solene, e sim alegrar-se e regozijar-se e aproveitar o arrependimento que demonstravam pelas suas faltas passadas para não cometer outras semelhantes no futuro. Essas palavras consolaram-nos, e eles celebraram alegremente durante oito dias essa grande festa, gratos a Esdras pela reforma de seus costumes, e voltaram cantando hinos de louvor a Deus. Um feito tão importante, somado às outras obrigações de que a nação lhe era devedora, conquistou-lhe tanta glória que quando ele terminou os seus dias, em venturosa velhice, enterraram-no em Jerusalém com grande magnificência. Joaquim, sumo sacerdote, morreu também nesse mesmo tempo, e Eliaquim, seu filho, substituiu-o.

445. Neemias 1. Depois da morte de Esdras, um judeu dentre os escravos, de nome Neemias, que era mordomo do rei Xerxes, passeando um dia fora da cidade de Susã, capital da Pérsia, viu uns estrangeiros que vinham de províncias distantes e percebeu que eles falavam a língua hebraica. Aproximou-se deles para perguntar de onde vinham e soube que eram da Judéia. Perguntou-lhes como ia aquele país, particularmente Jerusalém. Responderam-lhe que tudo estava em muito mau estado, que as muralhas da cidade estavam em ruínas e que não havia males que os povos vizinhos não lhes causassem, pois devastavam continuamente os campos, levavam prisioneiros os habitantes da cidade, e freqüentemente encontravam-se cadáveres pelas estradas.

Neemias ficou tão desconsolado pela aflição do povo de seu país que não pôde reter as lágrimas. E, elevando os olhos ao céu, disse a Deus: "Até quando, Senhor, permitireis que a vossa nação seja perseguida e torturada por tantos males? Até quando permitireis que ela seja presa de vossos inimigos?" O sofri-

mento fez-lhe esquecer até o momento em que se encontrava, pois vieram dizer-lhe que o rei estava prestes a se pôr à mesa, e ele correu para servi-lo.

Neemias 2. O príncipe, que estava de bom humor, tendo notado ao sair da mesa que Neemias estava muito triste, perguntou-lhe o motivo. Ele respondeu, depois de rogar a Deus em seu coração que tornasse as suas palavras bem persua-sivas: "Como poderia, majestade, não estar triste pela aflição de saber a que estado se acha reduzida a cidade de Jerusalém, minha querida pátria, onde estão os sepul-cros de meus antepassados? Os seus muros estão completamente em ruínas, e as suas portas, reduzidas a cinzas. Fazei-me, Senhor, o favor de permitir que eu vá reerguê-las e de fornecer o que falta para completar a restauração do Templo!"

O soberano recebeu tão bem esse pedido que não somente concedeu o que ele desejava, como também prometeu escrever aos seus governadores para que o tratassem com muita honra e o ajudassem em tudo o que ele desejasse. Acrescentou o príncipe: "Esquecei então a vossa aflição e continuai a servir-me, com alegria". Neemias adorou a Deus e deu ao rei os seus humildes e sinceros agradecimentos por tão grande favor. O seu rosto tornou-se tão alegre quanto antes estava triste.

No dia seguinte, o rei entregou-lhe as cartas endereçadas a Sadé, governador da Síria, da Fenícia e de Samaria, pelas quais ordenava tudo o que dissemos há pouco. Neemias partiu com essas cartas para a Babilônia, de onde levou várias pessoas de sua nação, e chegou a Jerusalém no vigésimo quinto ano do reinado de Xerxes. Depois de entregar as cartas a Sadé e as que eram endereçadas aos outros, mandou reunir todo o povo e falou: "Não ignorais o cuidado que o Deus Todo-poderoso teve de Abraão, de Isaque e de Jacó, nossos antepassados, por causa da piedade deles e de seu amor pela justiça. E hoje ainda Ele nos faz ver que não nos abandonou, pois obtive do rei, por auxílio dEle, permissão para reedificar as nossas muralhas e ultimar a construção do Templo. No entanto, como não posso duvidar do ódio que nos têm as nações vizinhas, as quais, quando virem o entusiasmo com que trabalhamos nestas obras, tudo farão para nos atrapalhar, creio que temos duas coisas a fazer. A primeira é pormos toda a nossa confiança no auxílio de Deus, que pode sem dificuldade confundir os desígnios de nossos inimigos. A segunda é trabalhar

dia e noite com ardor infatigável, para terminarmos a nossa empresa sem perda de tempo, pois este nos é favorável e deve ser para nós muito precioso".

Depois dessas palavras, Neemias ordenou aos magistrados que mandassem medir o perímetro das muralhas. Dividiu o trabalho entre o povo, fixou a cada porção um número de aldeias e de vilas, para também trabalharem com eles, e prometeu ajudá-los o quanto possível. Todos animaram-se com essas palavras e puseram mãos à obra. Foi então que se começou a chamar de judeus os que de nossa nação regressaram da Babilônia e da judéia ao país, porque fora outrora propriedade da tribo de Judá.

Neemias 4 e 6. Quando os amonitas, os moabitas, os samaritanos e os habitantes da Baixa Síria souberam que a obra progredia, sentiram grande desgosto, e nada houve que não fizessem para dificultar o empreendimento: faziam emboscadas aos nossos, matavam os que lhes caíam nas mãos e, como Neemias era o principal objeto de seu ódio, deram dinheiro a alguns assassinos, para que o matassem. Procuraram também assustar os judeus com vãos terrores, fazendo correr o boato de que um exército formado por diversas nações avançava para atacá-los. Tantos esforços e artifícios acabaram assustando o povo, e pouco faltou para que abandonassem o empreendimento.

Nada, porém, foi capaz de assustar ou desanimar Neemias. Intrépido em meio a tantas dificuldades, continuou a trabalhar com mais ardor do que nunca e fez-se acompanhar por alguns soldados, para lhe servirem de guardas, não que tivesse medo da morte, mas por saber que os seus concidadãos perderiam a coragem se não o tivessem mais entre eles para animá-los na execução de tão santa empresa. Ordenou aos operários que, no trabalho, mantivessem a espada sempre ao lado e perto de si os seus escudos, para deles se servirem em caso de necessidade. Colocou trombeteiros de quinhentos em quinhentos passos, para dar o alarme e obrigar o povo a tomar logo as armas se aparecessem os inimigos. Ele mesmo fazia, durante toda a noite, a ronda pela cidade. Para fazer o trabalho progredir não bebia, não comia e não dormia, exceto quando obrigado pela necessidade. Isso ele fez não por pouco tempo, mas de forma contínua pelo espaço de vinte e sete meses, que foi o quanto empregaram na restauração das muralhas da cidade. Por fim, a obra foi concluída, no nono mês do vigésimo oitavo ano do reinado de Xerxes.

Então Neemias e todo o povo ofereceram sacrifícios a Deus e passaram oito dias em festas e banquetes de regozijo, o que causou aos sírios visível desprazer. Neemias, vendo que Jerusalém não estava bastante povoada, induziu os sacerdotes e os levitas que moravam no campo a vir para a cidade morar nas casas que ele mandara construir e obrigou os camponeses a lhes trazer os dízimos (o que eles fizeram com prazer), a fim de que nada os pudesse impedir de se dedicar inteiramente ao serviço de Deus. Assim, Jerusalém povoou-se, e esse grande homem, após realizar ainda outras coisas dignas de mérito, morreu em idade avançada. Era um homem tão bom, justo e zeloso do bem de sua pátria, a quem ela é devedora de tantos benefícios, que a sua memória jamais há de perecer entre os judeus.

CAPÍTULO 6

ARTAXERXES, SUCEDE A XERXES, SEU PAI, NO REINO DA PÉRSIA. REPUDIA A RAINHA VASTI, SUA MULHER, E DESPOSA ESTER, SOBRINHA DE MARDOQUEU. HAMÃ PERSUADE ARTAXERXES A EXTERMINAR TODOS OS JUDEUS E ENFORCAR MARDOQUEU, MAS ELE MESMO É ENFORCADO. MARDOQUEU É POSTO EM SEU LUGAR COM GRANDE AUTORIDADE.

446. Ester 1. Depois da morte do rei Xerxes, Ciro, seu filho, que os gregos chamam Artaxerxes,* sucedeu-o. Os judeus correram grande perigo de ser inteiramente exterminados durante o seu reinado, conforme vamos narrar. Antes, porém, falaremos do soberano, dizendo que ele desposou uma mulher judia que era de família real e à qual toda a nossa nação reconhece dever, abaixo de Deus, a sua salvação. Quando esse novo rei subiu ao trono de seu pai e estabeleceu governadores nas cento e vinte e sete províncias sujeitas ao império, desde as índias até a Etiópia, ele resolveu, no terceiro ano de seu reinado, entreter a eles e aos amigos durante cento e oitenta dias na cidade de Susã, capital da Pérsia, com uma suntuosidade extraordinária. Os embaixadores de várias nações lá ficaram durante sete dias.

Os banquetes realizaram-se sob os pavilhões sustentados por colunas de ouro e de prata e cobertos de ricos tapetes, tão espaçosos que podiam abrigar um grande número de pessoas. Toda a baixela de que se serviam era de ouro e

enriquecida de pedras preciosas. Artaxerxes ordenou aos seus serventes que não obrigassem ninguém a beber segundo o costume dos persas, mas deixassem a cada qual a liberdade de fazer como quisesse. Mandou ao mesmo tempo proclamar por toda parte de seu território que o povo deixasse de trabalhar durante alguns dias e pensasse apenas em se regozijar e em desejar-lhe um feliz reinado.

A rainha Vasti, ao mesmo tempo, cuidava das damas de seu palácio com magnificência igual à que o rei dispensava aos grandes e aos príncipes. Artaxerxes, querendo mostrar que ela sobrepujava a todas as outras mulheres em beleza, mandou que comparecesse à grande assembléia. Mas como o costume dos persas não permite às mulheres se apresentarem diante de estrangeiros, ela decidiu não aparecer, embora o rei enviasse diversas vezes os eunucos para buscá-la.

Essa teimosia o aborreceu. Ele saiu do banquete, reuniu os magos, que entre os persas interpretam as leis, e queixou-se a eles de ter várias vezes pedido à rainha que comparecesse ante a assembléia e que ela não queria obedecer. Ordenou-lhes então que dissessem a que a lei se obrigava naquele caso. Memucã, um deles, respondeu que aquela desobediência da rainha e a injúria que ela fizera ao rei não somente atingia e ofendia o soberano, mas também a todos os persas. Porque as suas mulheres, vendo que a rainha não temia ofender tão poderoso príncipe com aquele insolente desprezo, seriam também levadas a desprezar os maridos, para imitar-lhe o exemplo. E assim, aconselhava-o a castigá-la severamente e a mandar publicar em todo o seu território o que fosse determinado contra ela. Os outros magos, depois dessa opinião, deram também cada qual o seu parecer e chegaram à conclusão de que o rei deveria repudiar a rainha e desposar uma outra.

---

* A Bíblia chama-o Assuero.

447. Ester 2. Tal determinação deixou o príncipe muito aflito porque, de um lado, ele não queria contrariar as leis e, de outro, nutria uma violenta paixão pela rainha, por causa de sua extrema beleza. Seus amigos, vendo-o tão

agitado, aconselharam-no a afastar do coração aquele afeto que o atormentava inutilmente, a mandar procurar em todas as províncias as mais belas jovens e a despo-sar a que mais lhe agradasse. O amor que teria por ela diminuiria cada vez mais a paixão por Vasti, até desaparecer por completo. O rei aprovou a proposta e mandou imediatamente, para esse fim, que em todo o seu território se escolhessem as mais belas jovens.

Trouxeram-lhes as moças mais formosas, dentre as quais distinguia-se uma da Babilônia, de nome Ester, que não tinha nem pai nem mãe e fora criada por seu tio, de nome Mardoqueu, da tribo de Benjamim, um dos mais ilustres dentre os judeus. A beleza dessa moça, a sua modéstia e a sua graça eram tão extraordinárias que atraíam os olhares e a admiração de todos. Puseram-na entre quatrocentas outras que foram entregues ao cuidado dos eunucos, e tudo se fez para que fossem cercadas de todos os bens. Durante seis meses, foram alvo de todas as atenções. Eram bem alimentadas e cuidadas e adornavam-se e perfumavam-se com requinte. Passado esse tempo, julgou-se que já estavam em condições de agradar ao rei. Assim, eles lhe mandavam uma por dia, a qual o príncipe devolvia no dia seguinte.

Quando chegou a vez de Ester, Artaxerxes agradou-se tanto dela que a escolheu para esposa, e as bodas foram celebradas no sétimo ano de seu reinado, no décimo segundo mês, de nome adar. Ele mandou em seguida aos chamados agares que proclamassem por todo o seu território que o povo deveria festejar o seu matrimônio e tratou magnificamente durante um mês os principais cidadãos, tanto dos persas e dos medos quanto dos de outras nações que lhe estavam sujeitas. Depois de instalar a nova rainha em seu palácio, pôs-lhe a coroa na cabeça e amou-a sempre como sua esposa, sem lhe perguntar de que nação ela era e sem que ela também nada dissesse a esse respeito. Mardoqueu, que a amava como se fosse sua própria filha, deixou a Babilônia para ir morar em Susã. E não se passava um dia sem que ele desse uma volta ao redor do palácio, para ter notícias dela.

Nesse entretempo, o rei publicou uma ordem pela qual proibia a todos os de sua casa, sob pena de morte, vir procurá-lo sem serem chamados quando ele estivesse assentado no trono. Guardas armados junto de sua pessoa tinham ordem para afastar qualquer um que ousasse se aproximar. Ele empunhava

uma vara de ouro e, quando queria conceder graça a alguém que se apresentara sem ser chamado, ele o tocava com ela. A pessoa então deveria beijá-la, e assim evitava a morte.

Algum tempo depois, dois eunucos, chamados Bigtã e Teres, fizeram uma conspiração para matar o rei. Um judeu de nome Barnabas, que servia a um deles, avisou Mardoqueu. Este comunicou-o imediatamente ao rei, por meio de sua sobrinha, a rainha Ester. Eles foram presos e enforcados. Artaxerxes não recompensou a Mardoqueu pelo serviço prestado, mandou apenas registrar o fato em suas crônicas e permitiu-lhe entrar no palácio como se fosse um de seus familiares.

Ester 3. Um amalequita chamado Hamã, filho de Hamedata, desfrutava então tal prestígio que quando ele entrava no palácio os persas e os estrangeiros eram obrigados, por ordem do rei, a se prostrar diante dele. Mardoqueu era o único que não lhe prestava essa homenagem, porque a lei de Deus o proibia. Hamã, tendo notado isso, perguntou-lhe de que nação ele era. Sabendo que era judeu, ficou muito irritado e exclamou: "Ora! Os persas, que são livres, põem o joelho em terra diante de mim, e esse escravo não se digna fazer o mesmo!" Como ele era por natureza inimigo mortal dos judeus, porque os amalequitas haviam sido outrora vencidos por eles, o seu furor cresceu tanto que seria muito pouco, para a sua vingança, mandar matar Mardoqueu: seria necessário exterminar toda a nação judaica.

Ele foi então falar com o rei e disse-lhe que existia espalhado por todo o seu território um certo povo que era inimigo de todos os demais e cujas leis, cerimônias e costumes eram totalmente estranhos, sendo odiosos aos outros homens, e que o maior favor que podia fazer aos seus súditos era exterminá-lo. Mas, para que as rendas do soberano não fossem diminuídas com isso, ele lhe oferecia de boa mente quarenta mil talentos de prata, por prestar tão grande serviço, ou seja, livrar o império de tal peste. O rei respondeu que, quanto ao dinheiro, ele o restituiria de boa vontade. E, quanto ao que se referia àquela classe de gente, deixava tudo ao critério de Hamã.

Hamã, depois de haver obtido o que desejava, mandou publicar, em nome do rei, em todo o seu território um edito, cujas palavras eram estas: "O grande rei Artaxerxes, aos cento e vinte e sete governadores que constituímos desde as

índias até a Etiópia, saudação. Muitas e várias nações estão sujeitas ao nosso império, e estendemos o nosso domínio sobre a terra o quanto quisemos, porque, em vez de tratar os nossos súditos com rigor, não temos mais prazer que lhes dar todas as demonstrações de nossa estima e bondade, fazendo-os desfrutar muita paz. E, para isso, envidamos os maiores esforços para que a sua felicidade seja eterna. Por isso, tendo sido avisados por Hamã, a quem honramos mais que a qualquer outro com o nosso afeto, pela sua fidelidade, probidade e sabedoria, de que há um povo espalhado por toda a terra o qual é inimigo de todos os outros e possui leis e costumes próprios e tem por inclinação natural um grande ódio aos reis, não tolerando dominação alguma, nem a nossa, nem a prosperidade do nosso império, desejamos e ordenamos que quando Hamã, a quem consideramos como pai, vos der a ordem, extermineis inteiramente esse povo, com as suas mulheres e filhos, sem poupar um sequer e sem que a compaixão seja mais forte sobre o vosso Espírito que a obediência. O que entendemos seja feito no décimo terceiro dia do décimo segundo mês do presente ano, a fim de que, sendo mortos num mesmo dia esses inimigos públicos, possais passar em paz e tranqüilidade o resto de vossas vidas".

Depois que essa carta em forma de edito foi publicada por toda parte, todos se prepararam para exterminar os judeus no tempo determinado e se dispuseram a fazer a mesma coisa na cidade de Susã, capital da Pérsia, que por isso estava muito agitada. No entanto, o rei e Hamã passavam os dias em banquetes.

Ester 4. Quando Mardoqueu soube do conteúdo daquele cruel edito, rasgou as próprias vestes, cobriu-se com um saco, espalhou cinza sobre a cabeça e saiu clamando por toda a cidade que era horrível querer destruir daquele modo uma nação inocente. Mas ele foi obrigado a ficar à porta do palácio, porque no estado em que se encontrava não lhe foi permitido entrar. A aflição de todos os judeus não era menor em todas as outras cidades onde o edito fora publicado, e, em tão geral desolação, o ar repercutia gritos e lamentações. A rainha, perturbada por saber que Mardoqueu estava à porta do palácio no deplorável estado em que o descrevi, mandou-lhe outras vestes, para que as trocasse. Ele, porém, as recusou, porque a causa de seu penar subsistia

ainda e ele não podia se desfazer dos sinais.

A princesa, ante a recusa, mandou o eunuco Hataque perguntar o motivo de tão grande aflição e de ele não querer deixar aqueles trajes tão tristes. Mardoqueu mandou dizer-lhe pelo mesmo eunuco que Hamã oferecera ao rei uma grande soma de dinheiro a fim de obter permissão para exterminar todos os judeus e que sua majestade lhe concedera a licença. Assim, em Susã e em todas as províncias do império fora publicado um edito, do qual lhe mandava uma cópia. Tratava-se portanto da ruína de toda a nação judaica, na qual a própria rainha tinha a sua origem. Ele suplicava que ela não temesse humilhar-se a ponto de se prostrar aos pés do rei para suplicar-lhe graça, pois somente ela o podia fazer. Além disso, Hamã, ao qual ninguém igualava em prestígio e em autoridade, fazia continuamente crescer a irritação do rei contra eles. A rainha respondeu que a menos que o rei solicitasse não podia ir ter com ele, sob pena de perder a vida, caso ele não a tocasse com a vara de ouro que tinha na mão.

Mardoqueu então rogou ao eunuco que dissesse à rainha que ela não devia, em tal contingência, considerar tanto a sua vida quanto a de sua nação. Se ela o fizesse, Deus não deixaria de ter cuidado dela, mas se ela fosse insensível à ruína de seu próprio povo, Ele mesmo a castigaria, destruindo-a com toda a nação. A rainha, comovida por essas palavras, mandou dizer-lhe pelo mesmo eunuco que reunisse todos os judeus que estavam em Susã e ordenasse um jejum de três dias e que fizessem orações a Deus em favor dela. Ela faria o mesmo com as outras mulheres e iria em seguida falar com o rei sem ser chamada, o que talvez lhe custasse a vida.

Mardoqueu executou a ordem e durante o jejum rogou a Deus que não permitisse a destruição de seu povo, mas o ajudasse naquela ocasião, tal como fizera tantas outras vezes, que lhes perdoasse os pecados e que os livrasse de tão grave perigo, pois nele não se haviam metido por culpa própria. Disse ainda: "Vós sabeis, meu Deus, que a cólera de Hamã, que jurou a nossa ruína, provém de eu não ter querido violar as vossas santas leis, prostrando-me diante dele para lhe prestar uma homenagem que somente a vós é devida".

Essa fervorosa oração foi acompanhada por todo o povo, que pedia a Deus com não menor ardor que os ajudasse naquela grave contingência. A rainha,

por seu lado, em vestes de luto, passou esses três dias prostrada por terra, sem comer nem beber e sem cuidar de sua pessoa. Ela pedia a Deus, sem cessar, que tivesse compaixão dela, pondo-lhe na boca o que devia dizer ao rei e tornando-a mais agradável aos seus olhos do que nunca, a fim de que, em tal perigo, pudesse não somente atrair a sua clemência sobre ela e sobre os de sua nação, mas fazer ele voltar a sua cólera contra os inimigos, de modo que caíssem na mesma desgraça em que os queriam precipitar.

Ester 5. Depois de assim orar durante três dias, ela tirou as vestes tristes e revestiu-se de outras, magnificamente ricas, às quais ajuntou os ornamentos com os quais se podem enfeitar uma grande rainha. Foi em seguida falar com o rei, acompanhada somente por suas damas, sobre uma das quais se apoiava, enquanto outra sustentava a cauda de suas vestes, cujas dobras pareciam flutuar sobre o pavimento. Via-se um modesto rubor tingir as suas faces, e a majestade e a beleza resplandeciam igualmente em seu temor. Quando ela viu o soberano assentado no trono resplandecente de pedras e jóias a contemplá-la, quem sabe, de maneira pouco favorável, ficou tomada de tanto medo que as forças quase lhe faltaram, e ela teve de se apoiar na mulher que vinha ao seu lado.

O rei, cujo coração Deus sem dúvida tocou naquele momento, temeu tanto por ela que desceu apressadamente do trono e a tomou nos braços. E, com palavras repassadas de amor e ternura, disse-lhe que nada temesse por ter vindo sem ser chamada, porque aquela lei havia sido feita somente para os seus súditos, e não para ela, que com ele partilhava a coroa e por isso estava acima de todas as leis. Depois de assim falar, ele pôs-lhe o cetro na mão e, para tranqüilizá-la completamente e não transgredir a lei, tocou-a docemente com a vara de ouro.

Então a virtuosa rainha voltou a si, tomou ânimo e falou deste modo: "Não vos posso dar outra razão do desfalecimento que de mim se apoderou senão a grande surpresa de ver-vos cheio de glória, de beleza e de majestade e ao mesmo tempo tão temível. Não sei o que se passou comigo". Ela pronunciou essas poucas palavras com uma voz tão fraca que a apreensão do rei aumentou, e ele tudo fez para tranqüilizá-la, garantindo que concederia qualquer favor que ela pedisse: ainda que fosse metade de seu reino, lhe daria

com prazer. Ela respondeu que o único favor que almejava era obter consentimento para cear com ele no dia seguinte, e que ele levasse também Hamã. Ele o concedeu de boa mente. E, quando se puseram à mesa, ele insistiu em que ela dissesse o que desejava, asseverando-lhe ainda que nada havia que ele não lhe concedesse com prazer, mesmo que fosse uma parte de seu reino. Ela suplicou que o seu pedido fosse protelado até o dia seguinte e que ele lhe concedesse ainda a honra de vir novamente cear com ela, trazendo Hamã em sua companhia. Isso ela também obteve facilmente.

Hamã estava muito satisfeito ao sair do banquete, pela honra insigne que a rainha lhe concedia, escolhendo a ele somente para ter a honra de comer com ela à mesa do rei. Contudo, encontrando Mardoqueu no palácio, ficou fora de si pela cólera, ao constatar que ele continuava a não se prostrar diante dele. Quando voltou ao seu aposento, contou à sua mulher, de nome Zeres, e aos seus amigos o favor singular que o rei e a rainha lhe haviam concedido, convidando a ele somente para sentar-se à sua mesa e repetindo o convite também para o dia seguinte. Porém ele acrescentou: "Como poderia eu estar plenamente satisfeito, tendo encontrado Mardoqueu, o judeu, no palácio, que tem a ousadia de me desprezar?" Sua mulher respondeu-lhe que, para livrar-se dele, devia mandar erguer uma forca de cinqüenta côvados de altura e pedir ao rei licença para nela pendurar Mardoqueu no dia seguinte. Ele aprovou o conselho e mandou erguer a forca em sua casa, o que foi feito.

Ester 6. Deus, que via o que estava para acontecer, zombou de sua detestável esperança. Para confundir os seus desígnios, fez com que na noite seguinte o rei não pudesse dormir e que para empregar utilmente o tempo para o bem de sua nação mandasse trazer alguns registros, nos quais ele e os seus predecessores faziam escrever as coisas mais importantes, a fim de lhes conservar a memória. Ele ordenou ao seu secretário que o lesse e lá encontrou que se haviam dado muitas terras a um homem para recompensá-lo por uma ação insigne. Um outro recebera grandes presentes por haver se mostrado fiel, e Mardoqueu descobrira a conjuração feita pelos eunucos Bigtã e Teres.

O secretário queria continuar a ler, mas o rei o deteve, para saber se havia menção de alguma recompensa a Mardoqueu por tão grande serviço. O secretário respondeu que sobre isso nada havia escrito, e o soberano mandou-o

então suspender a leitura. Perguntou em seguida a um dos oficiais da guarda que horas eram e mandou que fossem ver se havia à porta do palácio algum daqueles aos quais ele mais estimava. Hamã lá estava, porque viera pedir a morte de Mardoqueu. O rei mandou chamá-lo e, quando ele entrou, disse-lhe: "Como estou certo de que ninguém tem mais afeto por mim do que vós, rogo-vos que me digais o que posso fazer para honrar de maneira digna de mim um homem ao qual estimo muitíssimo".

Hamã, que sabia que nenhum outro era mais estimado pelo rei, julgou logo que aquelas palavras se referiam a ele. Assim, persuadido de que as suas sugestões seriam aceitas e ainda reverteriam em seu favor, respondeu: "Se vossa majestade quer cumular de favores aquele que merece toda a vossa estima, ordenai que o façam montar sobre um de vossos cavalos vestido à maneira dos reis e com uma cadeia de ouro e que um daqueles que vossa majestade mais estima caminhe diante dele por toda a cidade, clamando como um arauto: E assim que se deve honrar aquele a quem o rei concede os seus favores".

O rei acolheu com alegria essa sugestão, que Hamã pensava estar dando em favor de si mesmo, e disse-lhe: "Tomai então um de meus cavalos e levai um de meus mantos de púrpura e uma cadeia de ouro para pôr no judeu Mardoqueu. E, estando ele assim revestido como acabais de descrever, ide diante dele, clamando como um arauto o que julgastes conveniente dizer, pois como não amo ninguém mais do que vós, é justo que sejais o executor do sábio conselho que me destes para recompensar um homem ao qual sou devedor da vida".

Hamã não ficou menos surpreendido com essas palavras do que teria ficado se fosse atingido por um raio. Sendo, porém, obrigado a obedecer a uma ordem tão clara, saiu do palácio com um cavalo, uma veste de púrpura e uma cadeia de ouro e foi procurar Mardoqueu. Encontrou-o perto da porta e ordenou-lhe que tomasse as vestes reais, a cadeia e montasse no cavalo. Mardoqueu, que não tinha a menor idéia do que se passava e do que o levava a falar daquele modo, pensou que Hamã estava zombando dele e respondeu: "Homem mau, o mais perverso de todos os homens! É assim que zombais de nossa infelicidade?" Mas, quando ele soube que o rei o honrava com aquele

favor em consideração ao serviço que lhe prestara, vestiu os trajes reais, pôs a cadeia, montou no cavalo e assim percorreu a cidade, levado por Hamã, que clamava diante dele: "É assim que se deve fazer àquele a quem o rei deseja honrar".

Mardoqueu saiu em seguida do palácio, e Hamã, coberto de confusão, foi com lágrimas contar à mulher e aos amigos o que lhe havia acontecido. Eles disseram que, como parecia visivelmente que Deus ajudava Mardoqueu, ele não podia mais esperar vingar-se dele. Ainda falavam desse assunto quando dois eunucos da rainha vieram dizer-lhe que se apressasse para ir ao banquete. Um deles, de nome Harbona, vendo a forca levantada, perguntou o motivo e soube que estava preparada para Mardoqueu e que Hamã queria pedir ao rei para o executar ali.

Ester 7. O rei, no meio do banquete, disse à rainha que lhe pedisse o que quisesse, pois podia estar certa de o obter. Ela respondeu que o perigo em que ela e todos os de sua nação se encontravam não lhe permitia falar de outra coisa e que não tomaria a liberdade de importuná-lo se se tratasse de condená-los todos a uma dura escravidão, pois tal aflição, por maior que fosse, seria de algum modo suportável. Tratava-se, porém, de sua inteira destruição e do extermínio de todo o seu povo, por isso ela não podia, em tão extremo perigo, deixar de recorrer à sua clemência.

O rei, surpreendido com essas palavras, perguntou-lhe quem havia concebido aquela trama. Ela respondeu que fora Hamã, o qual, pelo ódio mortal que tinha aos judeus, deliberara exterminá-los. A surpresa do rei foi tão grande que ele se levantou da mesa e, muito perturbado, foi para o jardim. Então Hamã não duvidou mais de que estava perdido. Suplicou à rainha que o perdoasse e, como naquele momento se inclinava, caiu junto do assento onde ela estava. O rei entrou e, vendo-o naquela posição, exclamou, ainda mais irritado: "Celerado! O mais pérfido de todos os homens! Quer ainda violar a rainha?!" Essas palavras infundiram tão grande terror no Espírito e no coração de Hamã que ele nada pôde responder. O eunuco Harbona, que estava presente, disse ao rei que quando estivera na casa de Hamã, para chamá-lo ao banquete, vira uma forca de cinqüenta côvados erguida na sua casa e soubera por um de seus servidores que era destinada a Mardoqueu.

O rei ordenou que Hamã nela fosse enforcado imediatamente, para castigá-lo com justiça com o mesmo suplício que ele tão injustamente queria infligir a outro. Nisso eu não saberia admirar suficientemente a sabedoria e o proceder de Deus, que não somente castigou Hamã como ele merecia, mas empregou para isso o mesmo expediente de que ele planejara servir-se para se vingar de seu inimigo. Os maus deveriam aproveitar-se desse exemplo, pois vemos o mal que eles desejam para os outros cair muitas vezes sobre a cabeça deles próprios.

Hamã assim veio a perecer, por haver insolentemente abusado da excessiva afeição com que Artaxerxes o honrava. O soberano deu à rainha o confisco de todos os seus bens. Sabendo então que Mardoqueu era tio da princesa, entregou-lhe o anel que antes Hamã usava. A rainha deu-lhe também todos os bens de Hamã e suplicou ao rei que a tirasse da dúvida em que a punham as cartas que aquele malvado escrevera em nome do rei a todas as províncias do império para fazer massacrar todos os judeus num mesmo dia, pois a morte ser-lhe-ia muito mais doce que sobreviver à ruína de seu povo. O soberano não teve dificuldade em lhe conceder o que ela pedia. Prometeu escrever outras cartas como ela o desejasse, selá-las com o seu sinete e enviá-las a todas as províncias, a fim de que ninguém ousasse desobedecer. Mandou depois escrever as cartas e endereçá-las aos governadores e magistrados das cento e vinte e sete províncias do império.

As cartas estavam assim exaradas: "O grande rei Artaxerxes, a todos os governadores de nossas províncias e a todos os nossos oficiais, saudação. Acontece muitas vezes que aqueles aos quais os reis, por um excesso de bondade, cumulam de benefícios e de honras deles abusam, não somente desprezando os seus inferiores, mas se elevando com insolência contra os seus próprios benfeitores, como se tivessem deliberado abolir toda espécie de gratidão entre os homens e julgassem poder enganar a Deus e esquivar-se à justiça. Assim, eles, quando o favor de seus príncipes os constitui em autoridade no governo de seus Estados, em vez de cuidar somente do bem público, não temem surpreendê-los pelo excesso de suas inimizades particulares e nem receiam em oprimir os inocentes com calúnias. E isso não é apenas uma idéia ou simples suposição ou exemplos passados, mas um crime

que os nossos próprios olhos testemunharam e que nos obriga a no futuro não prestar fé tão facilmente a qualquer acusação, mas cuidar antes de indagar da verdade, a fim de castigar severamente os culpados e proteger os inocentes, julgando de uns e de outros por suas ações, e não pelas palavras. Hamã, filho de Hamedata, amalequita de nacionalidade e por isso estrangeiro, e não persa, educado por nós com tal honra que o chamávamos nosso pai, razão pela qual havíamos ordenado que todos se prostrassem diante dele, e considerado o primeiro depois de nós, não pôde conservar-se em tanta honra nem guardar moderação em tão grande prosperidade. Sua ambição levou-o a atentar contra o nosso país, chegando mesmo a querer persuadir-nos de mandar matar Mardoqueu, a quem devemos a vida, e a procurar, com os seus artifícios, fazer a rainha Ester, nossa esposa, correr o mesmo perigo, a fim de que, privando-nos das pessoas mais queridas, afeiçoadas e fiéis, ele pudesse apoderar-se da coroa. Como, porém, reconhecemos que os judeus, cuja ruína ele nos fez decretar, não são culpados, mas, ao contrário, observam uma disciplina muito santa e adoram ao Deus que nos pôs o cetro nas mãos, tal como nas de nossos predecessores, e que conserva este império, não nos contentamos em apenas isentar esse povo do castigo que lhe seria infligido pelas cartas que Hamã nos persuadiu a escrever, das quais não deveis fazer nenhuma conta, mas ordenamos que os trateis com muita honra. Assim, para fazer-lhes justiça e obedecer à vontade de Deus, que nos governa e nos manda castigar os crimes, mandamos enforcar às portas de Susã esse pérfido homem. Ordenamos que cópias destas cartas sejam levadas a todas as províncias, a fim de que todos sejam informados de nossa vontade e deixem viver em paz os judeus na observância de suas leis, e que eles sejam até mesmo auxiliados na vingança que lhes permitimos tomar dos ultrajes que sofreram durante esse tempo de amargura, escolhendo para esse fim o décimo terceiro dia do décimo segundo mês, de nome adar, em que Deus quer torná-los felizes — o mesmo dia que fora destinado à sua completa ruína. Quanto a nós, desejamos que esse dia traga felicidade a todos os que nos são fiéis e seja para sempre um sinal do devido castigo aos maus. Todas as nações e cidades saberão também que os que deixarem de obedecer ao determinado nas presentes cartas serão destruídos pelo ferro e pelo fogo. E, para que ninguém possa duvidar, queremos que elas

sejam publicadas em todas as terras de nosso domínio, a fim de que os judeus se preparem para a vingança contra os seus inimigos, no dia que determinamos".

Logo que essas cartas foram escritas, enviaram-se mensageiros a levá-las por toda parte, com a maior rapidez possível. Mardoqueu, ao mesmo tempo, saiu do palácio real vestido majestosamente, com uma coroa de ouro na cabeça e uma cadeia de ouro. Os judeus que estavam em Susã, vendo o grande prestígio que ele desfrutava, tomavam também parte na sua felicidade. Os judeus das províncias, para onde as cartas do rei haviam sido levadas, consideraram-nas, em transportes de alegria, uma luz favorável que lhes anunciava a libertação, e os seus inimigos sentiram tanto medo do ressentimento deles que vários se fizeram cir-cuncidar, a fim de não perecer. Os correios do rei não deixaram de comunicar aos judeus que eles podiam, no décimo terceiro dia do décimo segundo mês, ao qual chamamos adar, e os macedônios, distro, vingar-se impunemente dos inimigos. Assim, não havia príncipe, governador, grande ou magistrado que não prestasse honras aos judeus, de tanto que eles temiam Mardoqueu.

Quando chegou o dia marcado para a vingança dos judeus, eles mataram, em Susã, cerca de quinhentos homens. O rei disse-o à rainha e perguntou-lhe se ela estava satisfeita, porque nada havia que ele não fizesse para contentá-la. Ela rogou-lhe que prolongasse a vingança até o dia seguinte e mandasse enforcar os dez filhos de Hamã. Ele a satisfez, e assim, no décimo quarto dia daquele mesmo mês, os judeus mataram ainda em Susã cerca de trezentos homens, sem tocar em coisa alguma de seus bens. O número dos que eles mataram no dia precedente, em todas as outras cidades, foi de setenta e cinco mil. Empregaram o dia seguinte em regozijar-se com banquetes, e, ainda hoje, os judeus espalhados por todo o mundo solenizam esse dia e enviam uns aos outros parte do que é servido nas festas e nos banquetes.

Mardoqueu escreveu a todos os judeus súditos do rei Artaxerxes que soleni-zassem aqueles dois dias e ordenassem aos seus descendentes fazer o mesmo, para que fosse conservada a memória daquele fato, pois era muito justo que, tendo o ódio mortal de Hamã feito com que corressem o grande perigo de serem exterminados, eles agradecessem a Deus para sempre, não

somente por tê-los salvo do furor de seus inimigos, mas por lhes providenciar um meio de se vingarem deles. Os judeus deram àquele mesmo dia o nome de Purim, isto é, "dia de conservação", porque eles haviam sido milagrosamente preservados. O prestígio de Mardoqueu crescia sempre, e o rei o elevou a tal grau de autoridade que ele governava, sob dependência do soberano, todo o reino e tinha também todo poder perante a rainha, de modo que a felicidade dos judeus ia muito além do que eles podiam desejar.

O que acabo de narrar foi o que aconteceu de mais importante à nossa nação durante o reinado de Artaxerxes.

CAPÍTULO 7

JOÃO, SUMO SACERDOTE, MATA SEU IRMÃO JESUA NO TEMPLO. MANASSES, IRMÃO DEJADO, SUMO SACERDOTE, DESPOSA AFILHA DE SANABALETE, GOVERNADOR DE SAMARIA.

448. Depois da morte de Eliasibe, sumo sacerdote, Judas, seu filho, sucedeu-o. Tendo morrido Judas, João, seu filho, sucedeu-o, e foi causa de que Bagose, general do exército de Artaxerxes, profanasse o Templo e impusesse aos judeus um tributo de quinhentas dracmas, pagas à custa do público, para cada cordeiro que oferecessem em sacrifício. Isso aconteceu por um motivo, que relatarei a seguir.

Bagose estimava muito Jesua, irmão de João, e prometera obter-lhe o cargo de sumo sacerdote. Um dia, quando os dois irmãos estavam no Templo, tiveram por esse motivo uma discussão, e João, arrebatado pela cólera, matou o irmão naquele santo lugar, cometendo assim um crime abominável, tanto que não há exemplo de semelhante impiedade entre os gregos e nem mesmo entre os povos mais bárbaros. E Deus não deixou impune esse sacrilégio: por essa causa, os judeus perderam a liberdade, e o Templo foi profanado pelos persas. Logo que Bagose soube disso, veio gritando com furor: "Ai! Miserável que sois, não tendes medo de cometer no vosso próprio santuário um crime tão espantoso?" Ele quis em seguida entrar lá e, como quisessem impedi-lo, disse com voz ainda mais forte: "Credes-me então mais impuro que esse corpo morto que vejo aí estendido?" Dizendo essas palavras, entrou no Templo e serviu-se desse

pretexto para perseguir os judeus durante sete anos.

Depois da morte de João, Jado, seu filho, sucedeu-o no cargo de sumo sacerdote. Ele tinha um irmão de nome Manasses, o qual havia desposado Nicasis, filha de Sanabalete, chuteense, e governador de Samaria, criado por Dario, rei dos persas. Sanabalete o escolhera para genro, porque, vendo que Jerusalém era uma cidade célebre e que causara muitas preocupações aos assírios e à Baixa Síria, tentou por esse meio conquistar o afeto dos judeus.

CAPÍTULO 8

ALEXANDRE, O GRANDE, REI DA MACEDÔNIA, PASSA DA EUROPA PARA A ÁSIA E DESTRÓI O IMPÉRIO DOS PERSAS. QUANDO SE JULGA QUE VAI DESTRUIR JERUSALÉM, ELE PERDOA OS JUDEUS E TRATA-OS FAVORAVELMENTE.

449. Nesse mesmo tempo, Filipe, rei da Macedônia, foi morto à traição na cidade de Egéia, por Pausânias, filho de Ceraste, que era da família dos Orestes. Alexandre, o Grande, seu filho, sucedeu-o. E, passando o estreito do Helesponto, entrou na Ásia e venceu, numa grande batalha perto do rio Grânico, os que comandavam o exército de Dario. Conquistou em seguida a Lídia e a Jônia, e atravessando a Caria, entrou na Panfília.

450. No entanto, os mais ilustres de Jerusalém não podiam tolerar que Manasses, irmão de jado, sumo sacerdote, tivesse desposado uma estrangeira, porque isso violava as leis referentes aos casamentos e estabelecia uma mistura profana com nações idolatras. Além disso, fora exatamente essa a causa do cativeiro e de tantos males que haviam sofrido. Assim, eles insistiam em que Manasses ou despedisse a sua mulher ou não servisse mais no altar. Jado, forçado pelas queixas dos outros, fez valer essa proibição.

Manasses então procurou Sanabalete, seu sogro, e disse-lhe que, ainda que amasse extremamente a sua mulher, o sacerdócio era uma tão grande honra entre os seus nacionais que ele não podia privar-se dela. Sanabalete respondeu-lhe que, se ele conservasse consigo sua filha, não somente o faria desfrutar aquela honra, mas obteria para ele o cargo de sumo sacerdote e príncipe da Judéia e conseguiria do rei Dario o consentimento para construir um templo semelhante ao de Jerusalém sobre o monte Gerizim, que é o mais

alto da região e situa-se em Samaria.

Sanabalete era então muito idoso, porém Manasses não deixou de sentir o efeito de suas promessas, pelo favor de Dario. Assim, estabeleceu-se em Samaria, e vários outros sacerdotes e judeus, que também haviam contraído semelhantes matrimônios, uniram-se a ele. Sanabalete, secundando a ambição do genro, deu-lhe dinheiro, casas e terras. Tudo isso veio causar grande agitação em Jerusalém.

451. Dario, tendo sabido da vitória obtida por Alexandre sobre os seus generais, reuniu todas as suas forças, para marchar contra ele antes que se tornasse senhor de toda a Ásia. Depois de passar o Eufrates e o monte Tauro, que está na Cilícia, resolveu dar-lhe combate. Quando Sanabalete viu que ele se aproximava de Jerusalém, disse a Manasses que cumpriria a sua promessa logo que Dario tivesse vencido Alexandre, pois tanto ele quanto os povos da Ásia duvidavam que os macedônios, sendo em tão pequeno número, ousassem combater o formidável exército dos persas. Os fatos, no entanto, mostraram o contrário. A batalha travou-se, e Dario foi vencido, com graves perdas. Sua mãe, sua mulher e seus filhos foram feitos prisioneiros, e ele foi obrigado a fugir para a Pérsia.

Alexandre, depois da vitória, chegou à Síria. Tomou Damasco, apoderou-se de Sidom e sitiou Tiro. Durante o tempo em que esteve empenhado nessa empresa, escreveu a Jado, sumo sacerdote dos judeus, pedindo-lhe três coisas: auxílio, comércio livre com o seu exército e a mesma assistência dispensada a Dario. Se o fizesse, garantia-lhe que não teria motivo para se arrepender de ter preferido a sua amizade à de Dario. O sumo sacerdote respondeu que os judeus haviam prometido com juramento a Dario jamais tomar armas contra ele, e por isso não podiam fazê-lo enquanto ele vivesse.

Alexandre ficou tão irritado com essa resposta que mandou dizer-lhe que, logo que tivesse tomado Tiro, marcharia contra ele com todo o seu exército para ensinar a ele e aos demais a quem se devia guardar um juramento. Em seguida, atacou Tiro com tanta força que dela se apoderou. E, depois de haver regularizado todas as coisas, foi sitiar Gaza, onde Baemes governava em nome do rei da Pérsia.

452. Voltemos, porém, a Sanabalete. Enquanto Alexandre ainda estava

ocupado no cerco de Tiro, ele julgou que o tempo era próprio para realizar o seu intento. Assim, abandonou o partido de Dario e levou oito mil homens a Alexandre. O grande príncipe recebeu-o muito bem. Sanabalete disse-lhe então que tinha um genro de nome Manasses, irmão do sumo sacerdote dos judeus, que vários daquela nação se haviam juntado a ele pelo afeto que ele lhes tinha e que desejava construir um templo próximo de Samaria, sendo que o rei poderia disso tirar grande vantagem, porque assim dividiria as forças dos judeus e impediria que aquela nação pudesse se revoltar por inteiro e causar-lhe dificuldades, tal como fizeram os antepassados deles aos reis da Síria.

Alexandre consentiu nesse pedido, ordenou que se trabalhasse com incrível diligência na construção do templo e constituiu Manasses sumo sacerdote. Sanabalete sentiu grande alegria por ter granjeado tão grande honra aos filhos que ele teria de sua filha. Ele morreu depois de passar sete meses junto de Alexandre no cerco de Tiro e dois no de Gaza. O ilustre conquistador, depois que tomou essa última cidade, avançou para Jerusalém, e o sumo sacerdote Jado, que bem conhecia a sua cólera contra ele, vendo-se com todo o povo em tão grave perigo, recorreu a Deus, ordenou orações públicas para implorar o seu auxílio e ofereceu-lhe sacrifícios. Deus apareceu-lhe em sonhos na noite seguinte e disse-lhe que espalhasse flores pela cidade, mandasse abrir todas as portas e fosse ao encontro de Alexandre revestido de suas vestes sacerdotais, acompanhado pelos demais, que deveriam estar vestidos de branco, sem nada temer do soberano, porque ele os protegeria.

Jado comunicou com grande alegria a todo o povo a revelação que tivera, e todos se prepararam para esperar a vinda do rei. Quando se soube que ele já estava perto, o sumo sacerdote, acompanhado pelos outros sacerdotes e por todo o povo, foi ao seu encontro com essa pompa tão santa e tão diferente da de outras nações até o lugar denominado Safa, que em grego significa "mirante", porque de lá se pode ver a cidade de Jerusalém e o Templo. Os fenícios e os caldeus que integravam o exército de Alexandre não duvidavam de ele, na cólera em que se achava contra os judeus, lhes permitiria saquear Jerusalém e daria um castigo exemplar ao sumo sacerdote.

Mas aconteceu justamente o contrário, pois o soberano, apenas viu aquela grande multidão de homens vestidos de branco e os sacerdotes

revestidos com os seus paramentos de linho e o sumo sacerdote com o seu éfode de cor azul adornado de ouro e com a tiara sobre a cabeça, que continha uma lâmina de ouro sobre a qual estava escrito o nome de Deus, aproximou-se sozinho dele, adorou aquele augusto nome e saudou o sumo sacerdote, ao qual ninguém ainda havia saudado. Então os judeus reuniram-se em redor de Alexandre e elevaram a voz para desejar-lhe toda sorte de felicidade e de prosperidade. Porém os reis da Síria e os grandes que o acompanhavam ficaram tão espantados que julgaram que ele havia perdido o juízo.

Parmênio, que desfrutava grande prestígio, perguntou-lhe como ele, que era adorado em todo mundo, adorava o sumo sacerdote dos judeus. Respondeu Alexandre: "Não é a ele, ao sumo sacerdote, que adoro, mas ao Deus de quem ele é o ministro, pois quando eu estava ainda na Macedônia e imaginava como poderia conquistar a Ásia, ele me apareceu em sonhos com essas mesmas vestes e exortou-me a nada temer. Disse-me que passasse corajosamente o estreito do Helesponto e garantiu que Deus estaria à frente de meu exército e me faria conquistar o império dos persas. Eis por que, jamais tendo visto antes alguém revestido de trajes semelhantes a esses com que ele me apareceu em sonho, não posso duvidar de que tenha sido por ordem de Deus que empreendi esta guerra, e assim vencerei Dario, destruirei o império dos persas, e todas as coisas suceder-me-ão segundo os meus desejos".

Alexandre, depois de assim responder a Parmênio, abraçou o sumo sacerdote e os outros sacerdotes, caminhou no meio deles até Jerusalém, subiu ao Templo e ofereceu sacrifícios a Deus da maneira como o sumo sacerdote lhe disse para fazer. O sumo sacerdote mostrou-lhe em seguida o livro de Daniel, no qual estava escrito que um príncipe grego destruiria o império dos persas e disse-lhe que não duvidava de que era dele que a profecia fazia menção. Alexandre ficou muito contente. No dia seguinte, mandou reunir o povo e ordenou que dissessem que favores desejavam receber dele. O sumo sacerdote respondeu que eles suplicavam permissão para viver segundo as suas leis e as de seus antepassados e isenção, no sétimo ano, do tributo que lhe pagariam nos outros anos. Ele concordou. E, tendo eles também pedido que os judeus que moravam na Babilônia e na Média desfrutassem os mesmos favores, ele o prometeu com grande bondade e disse que se alguém desejasse servir em seus

exércitos ele permitiria a tal pessoa viver segundo a sua religião e observar todos os seus costumes. Vários então alistaram-se.

Esse grande príncipe, depois de agir desse modo em Jerusalém, passou às cidades vizinhas, que lhe abriram as portas. Os samaritanos, cuja capital então era Siquém, situada sobre o monte Gerizim e habitada por judeus desertores de sua nação, vendo que o conquistador tratara com bondade os de Jerusalém, resolveram dizer-lhe que também eram judeus. Pois, como dissemos há pouco, eles não nos reconhecem por compatriotas quando as coisa vão mal para nós e então falam a verdade. Mas quando a sorte nos é propícia eles procuram provar que têm a mesma origem, que são do nosso sangue, como descendentes de José por Manasses e Efraim, seus filhos.

Assim, logo que Alexandre saiu de Jerusalém, eles foram, acompanhados pelos soldados que Sanabalete lhes havia mandado, à presença do soberano com grande aparato e demonstrações de alegria para pedir-lhe que fosse à sua cidade e honrasse o seu templo com a sua presença. Ele prometeu fazê-lo na volta. Quanto a um pedido para que também lhes perdoasse no sétimo ano os tributos, porque eles não semeavam a terra nessa ocasião, ele perguntou de que nação eles eram. Responderam que eram hebreus, mas que os sidônios os chamavam de siquemitas. Ele perguntou-lhes então se eram judeus. Eles responderam que não, e então ele lhes disse: "Eu concedi esse favor somente aos judeus, mas vou me informar desse assunto quando voltar e, depois que souber de tudo detalhadamente, farei o que for mais justo". Depois de assim lhes falar, despediu-os, mas ordenou às tropas de Sanabalete que o seguissem ao Egito, onde lhes daria terras, o que ele fez logo em seguida, e os aquartelou como guarnições da Tebaida.

Depois da morte de Alexandre, o império foi dividido entre os seus sucessores, e o templo construído no monte Gerizim permaneceu em seu primitivo estado. Os judeus que moravam em Jerusalém e pecavam contra a fé, quer comendo alimentos proibidos, quer não observando o sábado, ou coisa semelhante, refugiavam-se entre os siquemitas, alegando que haviam sido injustiçados. Jado, sumo sacerdote, morreu nessa época, e Onias, seu filho, sucedeu-o.

Livro Décimo Segundo

Capítulo 1

Os chefes dos exércitos de Alexandre, o Grande, dividem o império depois de sua morte. Tolomeu torna-se de improviso senhor de Jerusalém. Manda várias colônias de judeus ao Egito e confia neles. Guerras contínuas entre Jerusalém e os samaritanos.

453. Alexandre, o Grande, morreu, depois de vencer os persas e tratar Jerusalém do modo como falamos. Seu império foi dividido entre os chefes de seu exército: Antígono recebeu a Ásia; Seleuco, a Babilônia e as nações vizinhas; Lisímaco, o Helesponto; Cassandro, a Macedônia e Tolomeu, filho de Lago, o Egito. Houve divergências entre eles com relação ao governo, as quais causaram sangrentas e longas guerras, desolação em várias cidades e a morte de um grande número de pessoas.

A Síria sofreu todos esses males sob o reinado de Tolomeu, de quem acabamos de falar e ao qual se dava o nome de Sóter, isto é, "salvador", mas ele mostrou que não o tinha por justo título, pois veio a Jerusalém num dia de sábado com o pretexto de oferecer sacrifícios, e os judeus — como não desconfiaram dele, pois era dia de descanso — receberam-no sem dificuldade. Então esse príncipe tirou vários habitantes dos montes da Judéia, dos arredores de Jerusalém, da Samaria e do monte Cerizim e enviou-os para o Egito. Agatarchide, cnídio, que escreveu a história dos sucessores de Alexandre, censura por esse motivo a nossa tradição, dizendo que ela nos fez perder a liberdade. Disse ele: "Um povo, que traz o nome de judeu e que habita numa cidade grande e forte de nome Jerusalém, não tendo querido, por uma longa superstição, tomar as armas, permitiu que Tolomeu dela se tornasse senhor e rude dominador".

Tolomeu, sabendo da resposta que os judeus tinham dado a Alexandre depois que vencera Dario — o que lhe deu a certeza de que eles observavam muito religiosamente os seus juramentos — confiou-lhes a guarda de diversos lugares, deu-lhes em Alexandria direitos de burguesia iguais aos dos macedônios e os obrigou, por juramento, a serem fiéis a ele e à sua posteridade. Vários outros judeus foram de boa mente estabelecer-se no Egito, para onde se dirigiam atraídos pela fertilidade do país e pelo afeto que Tolomeu testemunhava aos de sua nação.

Os descendentes desses judeus fizeram contínua guerra aos samaritanos, porque nem uns nem outros queriam deixar os seus costumes. Os de Jerusalém sustentavam que somente o Templo de Jerusalém era santo e que não se deviam fazer sacrifícios em outros lugares. Por outro lado, os samaritanos sustentavam que era necessário oferecê-los no monte Gerizim.

CAPÍTULO 2

TOLOMEU FILADELFO, REI DO EGITO, LIBERTA CENTO E VINTE MIL JUDEUS QUE ESTAVAM ESCRAVOS NO SEU REINO. MANDA VIR SETENTA E DOIS HOMENS DA JUDÉIA PARA TRADUZIR EM GREGO AS LEIS DOS JUDEUS, ENVIA RIQUÍSSIMOS PRESENTES AO TEMPLO E TRATA OS DEPUTADOS COM MAGNIFICÊNCIA REAL.

454. Tolomeu, cognominado Filadelfo, sucedeu no reino do Egito a Tolomeu Sóter, seu pai, e reinou trinta e nove anos. Mandou traduzir em grego as leis dos judeus e permitiu a cento e vinte mil homens que estavam nessa nação voltar ao seu país, e disso devo dar a razão.

Demétrio Falero, diretor da biblioteca do príncipe, trabalhava com extremo cuidado para reunir, de todos os lugares do mundo, os livros que julgava merecerem essa honra e tinha isso como coisa que seria muito agradável ao soberano. Um dia, o rei perguntou-lhe quantos livros possuía, e ele respondeu que eram mais ou menos duzentos mil, mas esperava dentro de pouco tempo chegar a quinhentos mil, e que soubera haver entre os judeus muitas obras referentes às suas leis e aos seus costumes, escritas em sua língua e em seus caracteres e muito dignas de ocupar um lugar naquela

soberba biblioteca. Porém, dariam muito trabalho para serem traduzidas em grego, porque a língua e os caracteres hebraicos tinham grande semelhança com os siríacos. No entanto, isso poderia ser feito, pois sua majestade não se importava com as despesas.

O rei aprovou essa proposta e escreveu ao sumo sacerdote dos judeus, para que este lhe enviasse os livros. Aconteceu que naquele mesmo tempo Aristeu, a quem o príncipe amava extremamente por causa de sua moderação e sabedoria, tinha em mente pedir que pusessem em liberdade os judeus que estavam em seu reino. E essa ocasião pareceu-lhe muito favorável ao seu desígnio. No entanto, ele julgou dever comunicá-lo a Zozibe, a Tarentino e a André, chefes de seus guardas, antes de fazer a proposta ao rei, a fim de que eles apoiassem o que ia dizer. E todos foram da mesma opinião.

Então ele falou deste modo ao soberano: "Tendo sabido que vossa majestade tem a intenção de ter não somente uma cópia das leis que os judeus observam, mas fazê-las traduzir, eu não estaria falando com sinceridade se fingisse não ver que isso não pode ser feito honestamente, quando vossa majestade conserva escravos neste reino um grande número de pessoas dessa nação. Mas seria, sem dúvida, digno de vossa bondade e generosidade libertar todos eles dessa miséria, pois, segundo o que pude concluir, após ter-me seguramente informado, o mesmo Deus que governa o vosso império e que adoramos sob o nome de Júpiter, porque nos conserva a vida, foi o autor da lei desse povo. Sendo, pois, que nenhuma outra nação lhe presta tão grande honra e culto tão particular, a sua piedade parece me obrigar a encaminhá-los ao seu país. Por isso, suplico humildemente que vossa majestade creia que a liberdade que tomo de vos falar assim não provém de nenhuma ligação ou aliança com esse povo, mas somente por eu saber que Deus é o Criador de todos os homens, em geral, e que as boas ações lhe são agradáveis".

O rei escutou com atenção essas palavras e, com rosto alegre, perguntou a Aristeu qual seria o número de judeus aos quais ele propunha a liberdade. André, que estava presente, respondeu que podiam ser uns cento e vinte mil. Disse então o rei a Aristeu: "Credes, então, Aristeu, que o que me pedis é um pequeno presente?" Zozibe e Tarentino tomaram, então, a palavra e disseram ao rei que nada poderia seria mais digno de sua majestade que reconhecer com tão

grandiosa ação o dever de agradecer a Deus por tê-lo elevado ao trono. O soberano sentiu tanto prazer ao constatar que todos pensavam do mesmo modo que prometeu — para satisfazer plenamente a vontade de Deus, segundo o desejo de Aristeu — pagar aos soldados, além do soldo, cento e vinte dracmas para cada judeu que tivessem como escravo. Eles disseram-lhe que essa despesa subiria a mais de quatrocentos talentos, mas ele respondeu que isso não o impediria de fazê-lo.

Inclino-me a relatar as próprias palavras desse grande príncipe a esse respeito, a fim de que melhor se conheça a sua generosidade: "Queremos que todos os judeus aos quais os soldados do falecido rei, nosso pai, aprisionaram na Síria, na Fenícia e na judéia e venderam no Egito, como também os que antes ou mesmo depois foram vendidos em nosso reino, sejam libertados da servidão, e que se dêem de nossa moeda a cada um deles cento e vinte dracmas, que os nossos soldados receberão, além do soldo, pelos que forem de sua propriedade, e que os nossos tesoureiros paguem o resgate dos outros aos respectivos senhores. Porque tenho motivos para crer que isso ocorreu contra a vontade do rei, nosso pai, e contra toda a eqüidade, e que os soldados trouxeram ao Egito esse grande número de escravos pelo único desejo de se aproveitarem deles. O amor à justiça e a compaixão que se deve ter dos infelizes nos obriga a libertar todos esses escravos, depois de paga aos seus senhores a quantia que estipulamos. E, como não duvidamos de que a bondade da qual usamos nesta ocasião não nos será vantajosa, queremos que a presente determinação seja cumprida em boa fé, e, depois que for publicada, os que possuírem tais escravos nos dêem disso uma relação, dentro de três dias. Será permitido denunciar a quem não nos obedecer, e todos os seus bens serão confiscados em nosso favor".

Esse documento foi apresentado ao rei, e ele achou que não estava bem explícito, pois deveria incluir expressamente os que haviam sido feito escravos antes e depois de tão grande número ser trazido ao Egito, quando Tolomeu Sóter se tornou senhor de Jerusalém. Ele queria, por uma bondade e magnificência reais, conceder a esses a mesma graça. Então ordenou que se tomasse a quantia necessária dos cofres dos tributos, para que fosse entregue aos tesoureiros e distribuída aos soldados como resgate desses judeus. A ordem

foi executada em sete dias, e veio a custar ao soberano quatrocentos e sessenta talentos, porque os senhores dos escravos judeus cobraram também pelas crianças as cento e vinte dracmas de que falava a ordem real.

Depois de uma libertação tão extraordinária, o rei, que nada fazia sem madura reflexão, ordenou a Demétrio que fizesse publicar a sua determinação a respeito da tradução dos livros hebraicos para a língua grega. Registrou-se o pedido apresentado a sua majestade por Demétrio, bem como as cartas escritas a esse respeito, o número e a riqueza dos presentes que foram enviados a fim de se dar a conhecer a extraordinária magnificência do soberano e o que os operários haviam feito como contribuição para a arte.

A proposta apresentada ao rei por Demétrio, em forma de pedido, estava exarada nestes termos: "Demétrio, ao grande rei. Como vossa majestade me ordenou, fiz uma indagação a mais exata possível dos livros que ainda faltam para tornar perfeita a biblioteca real. Não houve cuidado ou solicitude que eu não empregasse nisso, e tenho de comunicar à vossa majestade que os livros que contêm as leis dos judeus estão no número dos que faltam, tanto porque estão escritos em caracteres hebraicos, que não conhecemos, quanto porque não nos incomodamos em procurá-los, porque vossa majestade ainda não havia manifestado o desejo de possuí-los. No entanto, é necessário possuí-los e que sejam fielmente traduzidos, porque contêm as mais sábias e perfeitas leis do mundo, pois foi o próprio Deus quem as outorgou, o que fez o historiador Hecateu Abderita dizer que não há poeta nem historiador que tenha falado assim, nem homem que tenha cumprido o que elas determinam, porque, sendo todas santas, não devem estar na boca dos profanos. É necessário, pois, se vossa majestade bem o julgar, que se escreva ao sumo sacerdote dos judeus para que ele escolha, entre os principais de cada tribo, os mais inteligentes e os que conhecem com mais perfeição essas leis e vo-los envie, a fim de que se reúnam e façam uma tradução exata e capaz de satisfazer plenamente os desejos de vossa majestade".

Depois que o rei leu essa petição, ordenou que se escrevesse conforme o que nela se dizia a Eleazar, sumo sacerdote dos judeus, e determinou que se desse liberdade a todos os judeus que eram ainda escravos no seu reino. Ordenou que se enviassem cinqüenta talentos de ouro, para a confecção de

taças, vasos e outros objetos próprios para as oblações, muitas pedras preciosas, que os guardas do tesouro haviam entregado aos joalheiros para que escolhessem e trabalhassem as que podiam ser usadas em adornos, e cem talentos de prata, para os sacrifícios e outros usos do Templo.

Falarei das obras e dos ornamentos em que foram empregados, mas é preciso antes apresentar uma cópia da carta escrita ao sumo sacerdote e dizer de que modo ele foi elevado a essa dignidade. Depois da morte do sumo sacerdote Onias, Simão, seu filho, sucedeu-o e foi cognominado o Justo, por sua piedade e extrema bondade para com a nação. Deixou apenas um filho, de nome Onias, tão jovem que Eleazar, irmão de Simão, de quem se trata agora, exerceu no lugar dele o sumo sacerdócio.

Foi a esse Eleazar que Tolomeu escreveu a seguinte carta: "O rei Tolomeu a Eleazar, sumo sacerdote, saudação. O falecido rei, nosso pai, tendo encontrado em seu reino vários judeus que os persas para lá haviam levado como escravos, tratou-os tão favoravelmente que os engajou em grande parte no seu exército, com bom soldo. Colocou vários deles como guarnição em diversos lugares, con-fiando-lhes até mesmo a defesa. Isso os tornou temíveis aos egípcios. E nós, depois de nossa ascensão ao trono, não lhes testemunhamos menos bondade, particularmente aos de Jerusalém — pois pusemos em liberdade mais de cem mil deles depois de pagar o resgate aos seus senhores — tanto estamos persuadidos de nada mais poder fazer de agradável a Deus para agradecer-lhe a dádiva de haver colocado o cetro em nossas mãos para o governo de tão grande reino. Fizemos também alistar em nossas tropas aqueles que pela idade são os mais aptos a pegar em armas e destacamos mesmo alguns deles para servir junto de nós, como prova de nossa confiança na sua fidelidade. Mas, para vos mostrar mais particularmente a nossa afeição pelos judeus de todo o mundo, queremos que se traduzam as vossas leis do hebraico para o grego, e colocaremos essa tradução em nossa biblioteca. Assim, far-nos-eis coisa muito grata se escolherdes em todas as vossas tribos pessoas que, pela idade e inteligência, tenham adquirido um grande conhecimento de vossas leis e sejam capazes de as traduzir com exata fidelidade. Não duvidamos de que essa obra, saindo como nós esperamos, nos trará grande glória. Para tratar convosco desse assunto, enviamo-vos André,

comandante de nossos guardas, e Aristeu, que são dois dos nossos servidores de mais confiança. Eles vos estão levando, de nossa parte, cem talentos de prata, para serem empregados nas oblações dos sacrifícios e em outros usos do Templo. Esperamos a vossa resposta, e ela nos causará grande alegria".

Eleazar, para responder a essa carta o mais respeitosamente possível, assim escreveu ao rei: "O sumo sacerdote Eleazar, ao rei Tolomeu, saudação. Recebi com o sentimento que devo ter pela vossa real benevolência a carta que vossa majestade se dignou escrever-me. Ela foi lida na presença de todo o povo, e nela notamos, com grande satisfação, sinais de vossa piedade para com Deus. Recebemos também e mostramos a todos os vinte vasos de ouro e os trinta de prata, as cinco taças e a mesa que devem ser consagradas e empregadas nos sacrifícios e no serviço do Templo, bem como os cem talentos que nos foram trazidos, da parte de vossa majestade, por André e Aristeu, cujos méritos os tornam tão dignos da afeição com que os honra vossa majestade. Vossa majestade pode ficar certo de que tudo faremos para mostrar o nosso reconhecimento pelos tantos favores com que vos dignais cumular-nos. Oferecemos também sacrifícios a Deus por vossa majestade, pela princesa vossa irmã, pelos príncipes, por vossos filhos e por todas as pessoas que vos são caras. Todo o povo pediu a Deus em suas orações que escute os vossos desejos, confirme o vosso reino em perfeita paz e faça com que essa tradução de nossas leis vos dê toda a satisfação que possais desejar. Escolhemos, majestade, seis homens de cada uma de nossas tribos para levar até vós as nossas santas leis e esperamos de vossa bondade e justiça que, quando não tiverdes mais necessidade deles, sejam mandados de volta em segurança com os que vos irão apresentá-los".

Seria inútil, segundo a minha opinião, citar aqui os nomes das setenta e duas pessoas que levaram as leis dos judeus ao rei Tolomeu, embora todas sejam mencionadas na carta do sumo sacerdote. Não creio, porém, dever passar em silêncio a magnificência e a beleza dos presentes que o príncipe ofereceu a Deus, pois podem nos manifestar ainda mais a sua piedade. Não se contentou ele em fazer grandes despesas para esse fim, mas ofereceu presentes até aos operários, para incitá-los a trabalhar com maior cuidado e diligência. Assim, embora a continuação da história não me obrigue a falar disso, não

deixarei de fazê-lo, pois tão extraordinária liberalidade merece que dela fiquem indícios para a posteridade.

Começarei pela soberba mesa. Como o príncipe desejava que ela sobrepujasse em muito a que estava no Templo em Jerusalém, mandou tomar a medida desta, e era seu desejo que a sua fosse cinco vezes maior. Contudo, como ele também tinha em mente a comodidade e a magnificência, o temor de torná-la inútil ao uso a que era destinada obrigou-o a contentar-se em fazê-la do mesmo tamanho que a outra. Todavia, para embelezá-la e enriquecê-la, usou o mesmo que teria gasto para fazê-la maior, pois era perito em todas as artes e tão hábil em inventar coisas novas e admiráveis que ele mesmo fornecia os desenhos aos operários e os instruía sobre a maneira de executá-los.

O comprimento da mesa era de dois côvados e meio, a largura, de um côvado e a altura, de um côvado e meio. Era de ouro maciço, muito puro. As bordas, cuja largura era de um palmo, tinham florões em relevo, também em escultura, dispostos ao redor de alguns cordões muito bem trabalhados. Os diversos lados desses florões, que eram de forma triangular, eram tão iguais e tão justos que de qualquer lado mostravam sempre a mesma figura. A parte inferior da mesa era muito bem trabalhada, mas a superior era ainda mais, porque ficava mais expôsta à vista, e, para qualquer lado que estivesse voltada, era sempre perfeitamente bela. Pedras preciosas de grande valor estavam presas com broches de ouro, a distância iguais, aos cordões de que falamos.

Havia também ao redor de toda a mesa grande quantidade de outras pedras preciosas, cortadas de forma oval e entremeadas de adornos em relevo. E, ainda ao redor da mesa, estavam representadas, sob a forma de uma coroa, diversas espécies de frutos, tais como cachos de uvas, espigas de trigo e romãs. Todos esses frutos eram feitos de pedras preciosas coloridas e encastoadas no ouro. Viam-se também, sob essa coroa, uma fila de pérolas em forma de ovos e, abaixo das pérolas, uma fileira de pedras preciosas deforma oval, misturadas com obras de relevo, como as outras.

A mesa era tão bela em si mesma e em todas as suas partes, e tão ricamente trabalhada, que de qualquer lado que fosse vista não se notava diferença alguma. Havia por baixo uma lâmina de ouro de quatro dedos de largura, que a atravessava inteiramente e na qual os pés da mesa estavam

presos com grampos de ouro, a igual distância. Esses grampos prendiam de tal modo a parte inferior da mesa que, estando colocada em qualquer posição, apresentava sempre o mesmo aspecto.

Gravado sobre a mesa estava um meandro,* assinalado por grande quantidade de pedras preciosas, como se fossem estrelas. Era um prazer ver brilhar os rubis, as esmeraldas e tantas outras pedras de valor, todas estimadas e procuradas pela sua excelência. Ao longo desse meandro, havia nós de escultura cujo centro, em forma de losango, era enriquecido com cristais e com âmbar, em intervalos iguais e tão bem dispostos que nada podia ser mais belo ou perfeito. As cornijas dos pés eram em forma de lírios, cujas folhas se dobravam por baixo da mesa, embora a haste fosse reta. Sua base, da largura de um palmo, era enriquecida com rubis e tinha uma dobra ao redor. Era de oito dedos o espaço entre os pés, e eles estavam apoiados sobre essa base.

A figura dos pés era admirável. Viam-se heras e ramos de videira com os cachos entrelaçados de maneira muito delicada, tão agradável e semelhantes ao natural que, quando soprava o vento, os olhos se enganavam, parecendo vê-los mover-se, como se não fossem obras de arte, mas da natureza.

As três peças de que toda a mesa era composta estavam tão bem adaptadas que não era possível perceber as junturas. A espessura da mesa era de meio côvado. Assim, a riqueza da matéria e a excelência e variedade dos ornamentos de tão magnífico presente mostravam muito bem que esse grande príncipe, não tendo podido, pelas razões que citamos, fazer essa mesa maior que a que estava no Templo, nada economizou para que a superasse em tudo o mais.

---

* Meandro é um rio da Frígia, que tem várias voltas e contravoltas.

Havia também dois grandes vasos de ouro em forma de taça e talhados em escamas. Neles estavam encaixadas, desde os pés até em cima, diversas fileiras de pedras preciosas, que compunham um meandro de um côvado de largura, e acima dele havia gravuras excelentes. Um tecido em forma de rede, da largura de quatro dedos, que ia até o alto dos vasos e dos compartimentos

feitos em losangos, aumentava ainda a beleza daquela obra. As bordas dos vasos eram enriquecidas com lírios e outras flores, e com ramos de videira carregados de cachos de uvas entrelaçados. Cada um desses vasos continha duas grandes medidas. Já as taças de prata eram mais brilhantes que espelhos e reproduziam o rosto dos que as contemplavam.

O rei mandou também trinta vasos, nos quais o que não estava coberto de pedras preciosas tinha folhas de hera e de vinha muito bem gravadas. Não era possível contemplar essas obras sem admiração, porque o zelo a elas dedicado e a sua magnificência contribuíam mais para isso que o trabalho e a ciência daqueles excelentes artífices. O príncipe não se contentou em não medir despesas, mas deixava até mesmo negócios importantes para ir ver os operários trabalharem. E animava-os de tal modo com a sua presença que eles, para contentá-lo, duplicavam os esforços. Depois que o sumo sacerdote Eleazar recebeu esses ricos presentes, consagrou-os a Deus no Templo, em nome do príncipe, e prestou muita honra aos que os haviam levado, despe-dindo-os com muitos presentes.

O rei, ao regresso deles, interrogou André e Aristeu sobre diversas coisas e mostrou tanta solicitude em conversar com os deputados que tinham vindo com eles que despediu, contra o seu costume, os que ali estavam para a audiência ordinária que ele dava a cada cinco dias aos seus súditos (ele também concedia uma, todos os meses, aos embaixadores). Esses sábios anciãos ofereceram-lhe os presentes do sumo sacerdote e apresentaram a lei que lhes fora entregue. O soberano fez perguntas sobre o que ela continha e, depois que a desdobraram, ficou admirado com a delicadeza do pergaminho sobre o qual estava escrita, em letras de ouro, bem como com as folhas presas tão juntamente que não era possível perceber as costuras. Depois de a observar por muito tempo, disse que lhes agradecia por terem vindo, e mais ainda aos que os tinham enviado, e que não podia agradecer suficientemente a Deus por haverem trazido a ele as suas leis.

Os deputados, com demonstrações de afeto, desejaram-lhe toda sorte de prosperidade. O rei ficou tão comovido que não pôde reter as lágrimas, porque elas não são somente sinal de grande tristeza, mas também de imensa alegria. Ele ordenou em seguida que entregassem os livros aos que os deviam guardar,

abraçou-os e disse-lhes que era justo, depois de haver falado do objetivo de sua viagem, falar também do que lhes competia fazer. Assim, para mostrar o quanto a vinda deles lhe era agradável, queria que durante o resto de sua vida se renovasse a memória daquela data, que coincidia também com o dia em que ele vencera uma batalha naval sobre Antígono. Concedeu-lhes ainda a honra de estarem à sua mesa e ordenou que fossem muito bem alojados, nos altos da fortaleza que fica próxima do promontório.

Nicanor, que era encarregado de receber os estrangeiros, teve particular cuidado deles e ordenou o mesmo a Doroteu, pois o rei havia ordenado que, para melhor se tratarem os estrangeiros, as cidades fornecessem o que tinham do gosto deles e que tudo fosse preparado segundo o costume do país de onde vinham. Porque ele sabia que, por mais apetitosas que sejam as iguarias, não podem ser consideradas boas se não se adaptarem ao gosto da pessoa ou não forem preparadas da maneira a que ela está habituada.

Como Doroteu estava encarregado disso, Nicanor ordenou-lhe que fizesse duas fileiras de bancos, nos quais os deputados deveriam sentar-se, nos banquetes do rei, metade deles à sua direita e metade à esquerda. Tudo ele fez para honrá-los e ordenou a Doroteu que os servisse à maneira do país deles. Os sacerdotes egípcios, que tinham o costume de orar antes da refeição do rei, não o fizeram. Então o soberano disse a Eliseu, um dos deputados, que era sacerdote, que fizesse a oração. Ele levantou-se e rogou a Deus pela prosperidade do rei e de seus súditos. Todos os que estavam presentes proferiram aclamações de alegria e depois puseram-se à mesa.

O rei, durante a refeição, fez perguntas Fílonsóficas aos deputados e ficou tão satisfeito com as respostas que continuou por doze dias a tratá-los do mesmo modo. Se alguém quiser saber mais particulares a esse respeito, terá apenas de ler o que Aristeu escreveu. Mas o rei não foi o único que lhes admirou as respostas. O filósofo Menedemo confessou que elas o confirmavam na opinião de que todas as coisas são governadas pela Providência e lhe forneciam razões para sustentar o seu parecer. O rei chegou a conceder-lhes a honra de dizer que obtivera tanto proveito de suas conservações que aprendera até mesmo de que modo devia proceder para bem governar o seu reino. Ordenou em seguida que fossem levados aos aposentos já para eles preparados.

Três dias depois, Demétrio levou-os por uma estrada longa sete estádios, pela ponte que une a ilha a terra firme, a uma casa situada à beira-mar, do lado norte, afastada de qualquer barulho, para que nada pudesse perturbá-los em seu trabalho, o qual exigia muita atenção e cuidado, e rogou-lhes que, tendo naquele lugar tudo o que podiam desejar, começassem sem mais tardar o grande empreendimento para o qual haviam sido trazidos. Eles o fizeram com toda a dedicação e constância, trabalhando assiduamente para que a tradução fosse exatíssima. Trabalhavam ininterruptamente até as nove horas da manhã, quando lhes levavam o alimento. (Nisso eles eram muito bem tratados, pois Doroteu seguia exatamente as ordens recebidas, apresentando-lhes os mesmos alimentos que haviam sido preparados para a mesa real.) Eles iam todas as manhãs ao palácio saudar o soberano e depois punham-se a trabalhar, após lavar as mãos nas águas do mar. Empregaram apenas setenta e dois dias para traduzir toda a Lei.

Terminada a obra, Demétrio reuniu todos os judeus e leu-lhes a tradução na presença dos setenta e dois intérpretes. Eles a aprovaram, elogiaram muito Demétrio por haver imaginado uma coisa tão proveitosa para eles e rogaram-lhe que também mandasse fazer aquela leitura aos chefes de sua nação. Eliseu, sacerdote, o mais idoso dos intérpretes e os magistrados constituídos para governo do povo pediram em seguida que nada mais se viesse a mudar naquela obra, que fora concluída com tão raro êxito. Essa proposta foi aprovada, dando a esse ato força de lei, porém com a condição de que antes seria permitido a cada um examinar a tradução, para ver se nada havia a acrescentar ou a suprimir e a fim de que, tendo sido o assunto muito bem ponderado, nunca mais se tivesse de voltar a ele.

O rei viu com grande prazer que o seu desígnio tivera muito bom êxito, e com proveito para o povo. E a sua alegria aumentou em muito ainda quando ele ouviu a leitura das santas leis. Não se cansava de admirar a prudência e a sabedoria do legislador que as elaborara. E, um dia, quando conversava com Demétrio, perguntou-lhe como nenhum historiador ou poeta havia falado daquelas leis, sendo elas tão excelentes. Ele respondeu-lhe que, como eram divinas, ninguém se animara a fazê-lo, e os que o haviam feito foram castigados por Deus. Teopompo, disse ele ainda, teve essa intenção, isto é, inserir alguma

coisa delas em sua história, e perdeu o juízo durante trinta dias. Depois de reconhecer, em intervalos de lucidez e em um sonho, que aquilo lhe acontecera por ele haver querido penetrar as coisas divinas e dar notícia delas a homens profanos, a cólera de Deus foi aplacada com preces, e ele voltou ao seu juízo normal. O profeta Teodecto, tendo misturado em uma de suas tragédias algo que tirara dos livros divinos, perdeu a visão e só a recobrou depois de reconhecer a sua falta e rogar a Deus que o perdoasse.

Quando o rei recebeu os livros das mãos de Demétrio, adorou-os e ordenou que fossem guardados com o máximo cuidado, a fim de que em nada pudessem ser modificados. Disse depois aos sábios intérpretes que era justo permitir-lhes o regresso ao seu país, e rogava que viessem muitas vezes visitá-lo, pois os receberia com muito prazer e dar-lhes-ia tantos presentes que não se arrependeriam da viagem. Depois de lhes falar de maneira tão gentil, despediu-os com muitos e magníficos presentes. Deu a cada um diversas espécies de vestess, dois talentos de ouro, uma taça do peso de um talento e assentos para se deitarem e para as refeições.

Ao sumo sacerdote Eleazar, mandou dez leitos cujos pés eram de prata, um vaso do peso de trinta talentos, dez túnicas de púrpura, uma belíssima coroa de ouro, cem peças de fazenda de fino linho, diversos vasos para beber e turíbulos e taças de ouro para serem consagrados a Deus. Na carta que lhe escreveu, rogou-lhe que permitisse aos deputados vir visitá-lo todas as vezes que quisessem, pois teria grande prazer em conversar com eles, pela sua ciência e capacidade, e far-lhes-ia ainda sentir os efeitos de sua liberalidade. Pode-se avaliar, pelo que acabo de referir, com que magnificência Tolomeu Filadelfo, rei do Egito, tratou os judeus.

CAPÍTULO 3

FAVORES RECEBIDOS PELOS JUDEUS DOS REIS DA ÁSIA. ANTÍOCO, O GRANDE, CONTRAI ALIANÇA COM PTOLOMEU, REI DO EGITO, QUE LHE DÁ CLEÓPATRA, SUA FILHA, EM CASAMENTO E DIVERSAS PROVÍNCIAS COMO DOTE, ENTRE AS QUAIS AJUDÉIA. ONIAS, SUMO SACERDOTE, IRRITA O REI DO EGITO PELA RECUSA EM LHE PAGAR TRIBUTO.

455. Os reis da Ásia trataram também os judeus com grande honra, por causa das provas que estes, nas guerras, lhes davam de sua fidelidade e coragem. Seleuco, cognominado Nicanor, deu-lhes o direito de burguesia, tal como aos macedônios e aos gregos, em todas as cidades que construiu na Ásia, na Baixa Síria e mesmo em Antioquia, que é a capital. Eles desfrutam ainda hoje esse direito, pois, não querendo usar o óleo dos estrangeiros, os que têm o encargo do comércio são obrigados a dar-lhes uma certa soma de dinheiro no valor do óleo.

Os habitantes de Antioquia esforçaram-se, durante as últimas guerras, por abolir esse costume. Mas Múcio, governador da Síria, impediu-o. E esses mesmos habitantes e os de Alexandria não puderam obter dos imperadores Vespasiano e Tito que os privassem de seu direito de burguesia. Nisso os romanos, e particularmente esses dois grandes príncipes, mostraram a sua justiça e generosidade. As tribulações que sofreram nas guerras contra nós e o ressentimento pela nossa revolta não os persuadiram a tocar em nossos privilégios. Em vez de se deixarem levar pela cólera e pelas instâncias de dois povos tão importantes como o de Alexandria e o de Antioquia, eles tiveram mais consideração aos antigos méritos de nossa nação que às ofensas que dela receberam e ao desejo manifestado por nossos inimigos de nos maltratarem. E deram-lhes esta razão, digna deles: aqueles dentre nós que tomaram armas contra os romanos já haviam sido castigados por isso na mesma guerra, e não seria justo privar de um direito adquirido com justo título os que não os haviam ofendido.

Sabe-se também que Marco Agripa fez semelhante justiça aos judeus, quando os jônios instaram com ele para privá-los do direito de burguesia concedido por Antíoco, neto de Seleuco, ao qual os gregos dão o nome de Deus. Pois, se quisessem ser tratados como eles, então que adorassem os mesmos deuses. Esse assunto foi posto em deliberação, e os judeus, defendidos por Nicolau de Damasco, ganharam a causa, sendo-lhes permitido continuar a viver segundo as suas leis e costumes. O soberano declarou, até mesmo em favor dele próprio, que não era permitido fazer inovação alguma. Se alguém desejar saber mais particularmente como o assunto decorreu, terá apenas de ler os livros cento e vinte e três e cento e vinte e quatro desse historiador.

E verdade que não há motivo de admiração pelo juízo pronunciado por Agripa, pois não havíamos ainda tomado armas contra os romanos. Mas sem isso não saberíamos admirar o bastante a grandeza da coragem de Vespasiano e de Tito, os quais, depois de se haverem exposto a tantos perigos e dificuldades na guerra que sustentamos contra eles, em vez de se deixarem levar pelo ressentimento, procederam com tanta moderação e justiça. Devemos, porém, retomar agora o fio de nossa narração.

456. Durante o tempo em que Antíoco, o Grande, reinava na Ásia e fazia guerra a Ptolomeu Filopater, rei do Egito, e a seu filho, não ainda vencedor nem vencido, a Judéia e a Baixa Síria sofriam do mesmo modo e eram como um barco batido pelas ondas, pela boa ou má sorte desse príncipe. Mas, por fim, Antíoco, vitorioso, submeteu a judéia. Após a morte de Ptolomeu Filopater, Ptolomeu, seu filho, cognominado Epifânio, enviou contra a Síria um grande exército, sob o comando de Escopas, que se apoderou de várias cidades e pôs a nossa nação sob o domínio desse príncipe. Pouco tempo depois, Antíoco venceu Escopas numa grande batalha perto da nascente do Jordão e reconquistou a Síria e Samaria. Os judeus, então, entregaram-se inteiramente a ele, receberam o seu exército na cidade, alimentaram os seus elefantes e ajudaram as tropas que atacaram as guarnições deixadas por Escopas na fortaleza de Jerusalém.

Antíoco, para recompensá-los pela afeição que lhe haviam demonstrado, escreveu aos generais de seu exército e aos seus mais féis servidores, que disso sabiam, que resolvera gratificá-los. Transcreverei a cópia da carta, depois de dizer de que modo Políbio Megalopolitano fala dela no décimo sexto livro de sua história. Diz ele: "Escopas, general do exército de Ptolomeu, entrou no inverno pela parte superior do país e submeteu os judeus". Ele acrescenta pouco depois: "Quando Antíoco venceu Escopas, tornou-se senhor das cidades de Samaria, Gadara, Batanea e Aíla, e imediatamente os judeus que moram em Jerusalém, onde está o célebre Templo, abraçaram o seu partido". Estas são palavras do próprio historiador.

A carta de Antíoco, após a qual retomarei o fio da história, assim estava exarada: "O rei Antíoco, a Ptolomeu, saudação. Os judeus nos testemunharam grande afeto logo que penetramos no seu território. Eles vieram à nossa presença com os seus chefes, receberam-nos em sua cidade com toda espécie

de honras, deram alimento às nossas tropas e aos nossos elefantes e uniram-se aos nossos contra a guarnição egípcia da fortaleza de Jerusalém. Cremos que é dever de nossa bondade manifestar-lhes a nossa gratidão. Assim, para lhes darmos os meios de repovoar a sua cidade, que tantos revezes tornaram deserta, e para lá reunir os anciãos esparsos por diversas nações, ordenamos o que segue. Primeiramente que, em favor da religião e por um sentimento de piedade lhes seja dada a importância de vinte mil peças de prata, para a compra de animais para os sacrifícios, e medidas de trigo recolhidas na província, para delas se tirar a flor da farinha, e trezentos e sessenta e cinco medidas de sal. Queremos também que lhes sejam fornecidos todos os artigos de que necessitarem para a reparação das portas e das outras dependências do Templo e que a madeira, que para esse fim será obtida da Judéia, das províncias vizinhas e do monte Líbano, não pague tributo, bem como todos os outros materiais de que tiverem necessidade para a reedificação do Templo. Permitimos também aos judeus viver segundo as suas leis e costumes e isentamos os seus governadores, sacerdotes, escribas e cantores do tributo ordenado por cabeça, do presente que costumavam oferecer ao rei — uma coroa de ouro — e de tudo o mais em geral. E, para que a cidade de Jerusalém possa ser mais rapidamente repovoada, isentamos também de todo tributo, durante três anos, todos os que nela residem agora e os que vierem habitá-la no mês de hiperbereteom. Diminuímo-lhes, para futuro, o terço de todos os tributos, em consideração às perdas que sofreram. Queremos ainda que todos os cidadãos que foram aprisionados e feitos escravos sejam postos em liberdade com seus filhos e restaurados em todos os seus bens".

O príncipe não se contentou em escrever essa carta, mas, para mostrar o seu respeito pelo Templo, fez um edito contendo o que segue: que jamais seria permitido a um estrangeiro lá penetrar sem o consentimento dos judeus, assim como ao judeu que não se tivesse purificado segundo o que a Lei determina; que não se levaria à cidade carne de cavalo, de mula ou de asno, quer domesticado, quer selvagem, de pantera, de raposa, de lebre ou de qualquer outro animal imundo que fosse proibido comer entre os judeus; que nem mesmo se levariam as suas peles e não se criaria nenhum deles, mas somente animais de que os seus antepassados estavam acostumados a se servir para os

sacrifícios, sob pena de os contraventores pagarem uma multa de três mil dracmas de prata em favor dos sacerdotes.

O mesmo príncipe deu-nos ainda outra prova de seu afeto e da confiança que depositava em nós, pois, quando soube que havia rebelião na Frígia e na Lídia, escreveu a Zêuxis, que comandava o seu exército nas províncias superiores e era o mais querido de seus generais, que mandasse para a Frígia alguns dos judeus que moravam em Jerusalém.

Assim estava escrita a sua carta: "O rei Antíoco a Zêuxis, seu pai, saudação. Tendo sabido que alguns provocam rebelião na Frígia e na Lídia, julgamos que esse assunto merece a nossa atenção e cuidado. Depois de termos tratado disso em nosso conselho, julgamos conveniente mandar para lá, aos lugares onde seja mais necessário, uma guarnição de dois mil judeus dentre os que moram na Mesopotâmia e na Babilônia, porque a sua piedade para com Deus e as provas que os reis nossos prede-cessores receberam de seu afeto e de sua fidelidade nos dão motivo para crer que eles nos serão muito úteis. Assim, é nosso desejo que, não obstante todas as dificuldades, os encaminheis para lá. Que vivam segundo as suas leis e se lhes dêem espaço para construir e terras para cultivar e plantar vinhas, sem que sejam obrigados, durante dez anos, a contribuir com qualquer coisa dos frutos que colherem. Queremos também que lhes forneçais o trigo de que precisarem para viver até que tenham colhido o fruto de seu trabalho, a fim de que, depois de receberem tantas provas de nossa benevolência, nos sirvam ainda de melhor vontade. Recomendamos que tomeis grande cuidado deles, de modo que ninguém se atreva a lhes causar desprazer".

457. Isso basta para mostrar o afeto de Antíoco, o Grande, pelos judeus. Esse príncipe fez aliança com Ptolomeu, rei do Egito, e deu-lhe Cleópatra, sua filha, em casamento. E, como dote, entregou-lhe a Baixa Síria, a Fenícia, a judéia e metade dos tributos de suas províncias, pagos pelos principais habitantes a esses dois reis, que entregavam a soma aos seus tesouros.

458. Ao mesmo tempo, os samaritanos, que então eram poderosos, causaram muitos males aos judeus, quer por devastações no campo, quer por fazerem prisioneiros. Onias, filho de Simão, o justo, e sobrinho de Eleazar, havia sucedido no cargo de sumo sacerdote a Manasses, que o havia ocupado depois da morte de Eleazar. Onias era um homem de pouco Espírito e tão avaro

que não queria pagar o tributo de vinte talentos de prata que seus predecessores estavam acostumados a pagar ao rei do Egito. Ptolomeu, cognominado Evérgete, pai de Filopater, ficou tão irritado com isso que mandou Ateniom, que desfrutava grande prestígio perante ele, a Jerusalém para ameaçá-lo de entregar o país ao saque de suas tropas se ele não cumprisse a obrigação. E ele foi o único dentre os judeus que não se atemorizou, pois seu amor pelo dinheiro o tornava insensível a tudo o mais.

CAPÍTULO 4

JOSÉ, SOBRINHO DO SUMO SACERDOTE ONIAS, OBTÉM DE PTOLOMEU, REI DO EGITO, O PERDÃO PARA O TIO, CONQUISTA AS BOAS GRAÇAS DO PRÍNCIPE E FAZ GRANDE FORTUNA. HIRCANO, FILHO DE JOSÉ, COLOCA-SE TAMBÉM OTIMAMENTE NO ESPÍRITO DE PTOLOMEU. MORTE DE JOSÉ.

459. José, filho de Tobias e de uma irmã de Onias, o qual, embora muito jovem, era tão sensato e virtuoso que todos o honravam em Jerusalém, tendo sabido de sua mãe, no seu país natal, de nome Ficola, que chegara um homem da parte do rei para o fim de que falamos, foi imediatamente ter com Onias, seu tio, e disse-lhe que era estranho que, tendo sido escolhido pelo povo para a honra do sumo sacerdócio, tivesse tão pouco interesse pelo bem público, a ponto de não temer colocar todos os seus concidadãos em perigo por não pagar o que devia. Se a sua paixão pelo dinheiro era tão grande que o fazia desprezar os interesses do país, ele devia pelo menos ir ter com o rei e pedir-lhe que perdoasse toda ou parte da soma a pagar.

Onias respondeu-lhe que pouco se importava com o sumo sacerdócio e preferia renunciá-lo a procurar o rei. José, então, rogou que lhe permitisse falar ao rei em nome dos habitantes de Jerusalém. Tendo obtido com facilidade a permissão, mandou reunir todo o povo no Templo e disse-lhes que a negligência de seu tio não os devia atemorizar e que se oferecia para ir falar com o rei, da parte deles, a fim de provar-lhe que nada haviam feito que pudesse desagradá-lo. O povo agradeceu-lhe muito, e José foi imediatamente procurar o deputado do rei, levou-o à sua casa, tratou-o bem durante alguns dias, deu-lhe muitos presentes e disse que o seguiria até o Egito. Tanta delicadeza, unida à

franqueza e às excelentes qualidades de José, ganharam de tal modo o coração de Ateniom que ele mesmo o exortou a fazer aquela viagem e prometeu-lhe uma boa ajuda, a fim de que ele sem dificuldade conseguisse do rei tudo o que desejava.

Quando o deputado regressou para junto do rei, censurou muito a ingratidão de Onias, mas não poupou elogios a José e garantiu-lhe as razões do povo, cuja defesa fora obrigado a empreender por causa da negligência do tio. O mesmo deputado continuou a prestar tão bons serviços a José que o rei e a rainha Cleópatra, sua mulher, conceberam grande afeto por ele, mesmo antes de tê-lo visto. José arranjou dinheiro com amigos que tinha em Samaria. Empregou vinte mil dracmas nos preparativos e partiu para Alexandria. Encontrou no caminho os mais ilustres das cidades da Síria e da Fenícia, que iam tratar com o rei sobre o tributo que deviam pagar, o qual o príncipe impunha todos os anos aos mais ricos. Eles zombaram da pobreza de José, e aconteceu que, quando chegaram, o rei voltava de Mênfis.

José foi à sua presença e encontrou-o ainda no carro com a rainha sua esposa. Ateniom lá estava também e, logo que viu José, disse ao rei que era aquele o judeu de quem havia falado. O rei saudou-o, pediu que subisse ao carro e fez-lhe amargas queixas de Onias. José respondeu que o rei devia perdoar a velhice do tio, pois os velhos em nada diferem das crianças, e que ele e todos os outros, que eram jovens, nada fariam que pudesse desagradá-lo. Essa resposta tão sensata aumentou ainda a afeição que o rei já concebera por ele. Ordenou que o alojassem no palácio e convidou-o à sua mesa. Isso causou não pouco desprazer aos sírios que José havia encontrado no caminho.

No dia da adjudicação dos tributos, os da Síria, da Fenícia, da judéia e de Samaria, todos juntos, chegaram à soma de oito mil talentos. José, então, censurou-os por se reunirem para contribuir com tão pouco e ofereceu-se para dar duas vezes aquela importância e deixar ainda, em favor do rei, o confisco dos condenados, do qual pretendiam aproveitar-se. O rei viu com prazer que José aumentava as suas rendas, mas perguntou que cauções oferecia. José respondeu, com gentileza, que eram muito boas, as quais o rei não poderia recusar. O rei pediu-lhe que as apresentasse, e ele disse: "Minhas cauções, majestade, serão vossa majestade e a rainha, pois ambos respondereis por mim". O prínci-

pe sorriu e adjudicou-lhe os tributos sem exigir caução. Assim, os homens ilustres das outras cidades, que também estavam ali, voltaram confusos para os seus países.

José tomou depois dois mil homens das tropas do rei, a fim de forçar os recusantes a pagar os tributos, e, depois de entregar a Alexandre quinhentos talentos da parte dos que estavam em melhor condição na corte, foi para a Síria. Os habitantes de Asquelom foram os primeiros a desprezar as suas ordens. E, não se contentando em não querer pagar, ultrajaram-no com palavras. Mas ele soube castigá-los. Ordenou imediatamente a prisão de vinte dos principais do povo e os mandou matar. Depois escreveu ao rei, para prestar contas do que havia feito, e enviou-lhe mil talentos, provenientes do confisco. O príncipe ficou tão satisfeito com o seu proceder que o elogiou magnificamente e permitiu que, dali por diante, fizesse do confisco o uso que desejasse.

O castigo dos ascalonitas encheu de temor as outras cidades da Síria, que lhe abriram as portas e pagaram o tributo sem dificuldade alguma. Os habitantes de Citópolis, contudo, também recusaram pagar e igualmente ultrajaram José. Ele os tratou como aos ascalonitas e enviou também ao rei o que obteve do confisco. Aumentando as rendas do rei, fez a si mesmo um grande benefício. E, como era muito sensato, julgou dever servir-se disso para aumentar o próprio prestígio. Por isso, não se contentou em dar inteira satisfação ao príncipe, mas fez grandes presentes aos que desfrutavam o favor do soberano e aos mais ilustres da corte.

460. José passou vinte e dois anos desse modo, sempre em franca prosperidade. Teve sete filhos de uma esposa e um oitavo, de nome Hircano, de outra, que era filha de Solim, seu irmão, e que desposara como vou narrar. Partiu ele para Alexandria com Solim, que para lá levara a filha a fim de casá-la com alguma personalidade importante de sua nação. José ceava com o rei, e uma jovem muito bela dançou com tanta graça diante do príncipe que conquistou o coração de José. Ele falou com o irmão e rogou-lhe que, como a sua lei não lhe permitia desposá-la, providenciasse um meio para que pudesse tê-la como senhora. Solim o prometeu, mas à noite, em vez disso, mandou colocar na cama de José a própria filha, muito bem trajada. José, que naquele dia estava muito contente, não percebeu a fraude.

O amor de José aumentou ainda mais, e ele disse ao irmão que, não podendo vencer aquela paixão, temia que o rei não lhe quisesse mais dar aquela jovem. Solim disse-lhe para não ficar apreensivo, pois poderia, sem temor, satisfazer o seu desejo e desposá-la. Disse-lhe depois quem ela era e de como preferira permitir que a própria filha sofresse aquela vergonha a deixar que ele se submetesse a outra ainda maior. José agradeceu-lhe o afeto demonstrado e desposou a filha dele, da qual teve Hircano, de quem acabamos de falar. Este demonstrou, desde a idade de treze anos, tanta inteligência e sabedoria que sobrepujava todos os outros irmãos. Mas as suas excelentes qualidades, em vez de fazê-lo amado, despertaram neles ódio e inveja.

José, querendo saber qual dos filhos do primeiro matrimônio era o melhor, mandou educá-los e instruí-los com grande cuidado por excelentes mestres. Eram, porém, tão preguiçosos que voltaram dos estudos tão ignorantes como quando partiram. Mandou depois Hircano, que era o mais jovem de todos, com trezentos pares de bois para o deserto, a sete dias dali, a fim de fazê-lo trabalhar a terra e semeá-la, mas deu ordem para que, secretamente, se tirassem os arreios necessários para os atrelar. Assim, quando Hircano chegou ao lugar determinado, aconselharam-no a voltar ao seu pai para obter os arreios. Como, no entanto, ele não queria perder tempo, serviu-se de um expediente que superava a sua idade. Mandou matar uns vinte daqueles bois, deu a carne para os servos comerem e usou o couro para fazer os arreios. Assim, arou e semeou a terra. O pai, ao regresso dele, abraçou-o e o louvou muito por aquela atitude. Essa demonstração de juízo e inteligência aumentou ainda mais o afeto que o pai sentia por ele, e José sempre o amou como se fosse o único filho. Entretanto crescia cada vez mais entre os irmãos de Hircano o despeito e a inveja.

A notícia de que o rei Ptolomeu tivera mais um filho causou muita alegria e regozijo em toda a Síria. Os mais ilustres do país foram, por esse motivo, com grande aparato a Alexandria. José foi obrigado a ficar, por causa da idade avançada, mas pediu aos filhos do primeiro matrimônio que fizessem aquela viagem. Eles não quiseram ir porque, diziam, não conheciam os costumes da corte nem sabiam tratar com os reis, mas que ele poderia enviar Hircano, o irmão mais moço. José ficou muito satisfeito com essa proposta e perguntou a Hircano se

estava disposto a ir. Ele respondeu que sim e que dez mil dracmas lhe seriam suficientes, porque não queria fazer muitas despesas. Quanto aos presentes que devia oferecer ao rei, julgava que não seria preciso enviá-los por ele, mas poderia mandar que lhe fosse entregue em Alexandria o dinheiro necessário para comprar algo raro e de grande valor e oferecê-lo, de sua parte, ao príncipe.

O pai, que era bom administrador, ficou tão satisfeito com a moderação e sabedoria do filho que julgou que dez talentos bastariam para os presentes e escreveu a Ariom que os entregasse. Ariom era o encarregado de manusear todo o dinheiro que se mandava da Síria para Alexandria para pagar ao rei os tributos quando o prazo expirasse. Passavam-lhe todos os anos pelas mãos mais ou menos três mil talentos. Hircano partiu com as cartas e, chegando a Alexandria, entregou-as a Ariom. Este perguntou a Hircano quanto iria querer, julgando que ele pediria dez talentos ou um pouco mais. Mas ele exigiu mil talentos.

O homem ficou tão encolerizado que o repreendeu, dizendo-lhe que, em vez de seguir o exemplo do pai, que economizara e ajuntara riquezas com trabalho e moderação, ele queria gastá-las em superfluidades e em coisas desnecessárias e que só lhe daria dez talentos, conforme a ordem recebida e ainda com a condição de serem empregados unicamente na compra de presentes para o rei. Hircano, irritado com essa resposta, mandou prender Ariom, mas como esse homem tinha grande prestígio perante a rainha Cleópatra, mandou a esposa procurá-la para informar o que se passava e suplicar que mandasse castigar tão grande insolência.

A princesa falou com o rei, que logo mandou perguntar a Hircano por que, tendo sido enviado a ele por seu pai, não viera ainda cumprimentá-lo e por que mandara colocar Ariom na prisão. Ele respondeu que a lei de seu país proibia aos filhos de família provar carnes imoladas antes que entrassem no Templo para oferecer sacrifícios a Deus, e ele julgara que não devia comparecer diante de sua majestade até poder oferecer os presentes de que seu pai o havia encarregado, nara demonstrar o seu reconhecimento pelos favores que devia ao soberano.

Quanto a Ariom, ele o havia castigado com justiça por não ter querido obedecer-lhe, pois os senhores, quer grandes, quer pequenos, têm igual poder

sobre os seus servidores, e, se os particulares não fossem obedecidos pelos seus senhores, os próprios reis poderiam ser desprezados pelos seus súditos. O rei sorriu e admirou a resolução do moço. Assim, Ariom não fez mais oposição a ele e, para sair da prisão, entregou os mil talentos que ele pedia.

Três dias depois, Hircano foi prestar a sua homenagem ao rei e à rainha, que o receberam muito favoravelmente, concedendo-lhe a grande honra de comer à sua mesa, pelo afeto que nutriam por seu pai. Ele comprou depois secretamente cem moços belos e apresentáveis e instruídos nas letras, que lhe custaram um talento cada um, e também cem moças, pelo mesmo preço. O rei, em seguida, deu um banquete aos mais ilustres de suas províncias e mandou convidá-lo, porém o colocaram no lugar mais afastado. Os outros convidados desprezavam-no por sua pouca idade e por isso puseram diante dele os ossos das iguarias que haviam comido, sem que Hircano se mostrasse ofendido.

Então, um certo Trifom, que fazia alarde ao zombar de todos e divertia o rei com os seus chistes, disse, para fazer rir os convidados: "Majestade! Veja a quantidade de ossos que está diante de Hircano e poderá assim imaginar de que maneira o seu pai rói toda a Síria". Essas palavras provocaram gargalhadas, e o rei perguntou a Hircano como é que ele tinha diante de si tantos ossos. Respondeu ele: "Vossa majestade não se deve admirar, pois os cães comem os ossos com a carne, como vossa majestade pode ver que fizeram os que estão à mesa" — e indicou os convidados —, "pois nada mais resta diante deles. Mas os homens se contentam em comer a carne e deixar os ossos, como eu fiz, pois sou homem". O rei ficou tão satisfeito com essa resposta que proibiu aos convidados se ofenderem.

No dia seguinte, Hircano foi à casa dos mais estimados pelo rei e perguntou aos servidores que presentes os seus amos haviam preparado para dar ao rei pelo nascimento do príncipe seu filho. Disseram-lhe que uns dariam doze talentos, outros, um pouco mais ou um pouco menos, cada qual segundo as suas posses. Ele fingiu-se aborrecido porque, dizia, não tinha meios para dar o mesmo e apenas poderia oferecer-lhe cinco. Os servidores contaram tudo aos seus senhores, que se alegraram, convencidos de que o rei ficaria insatisfeito ao receber de Hircano um presente tão mesquinho.

Chegou o dia, e os que maior presente deram ao rei ofereceram-lhe vinte

talentos. Hircano ofereceu ao príncipe os cem moços que havia comprado, cada qual apresentando-lhe um talento, e à rainha, as cem moças de que falamos, cada uma delas entregando também o mesmo presente à soberana. O rei, a rainha e toda a corte ficaram extraordinariamente admirados com tão grande e surpreendente magnificência. Mas Hircano não se limitou a isso. Deu também presentes de grande valor aos que desfrutavam maior prestígio perante o rei e aos seus oficiais, a fim de que lhe fossem favoráveis e o salvassem do perigo em que o colocaram algumas cartas de seus irmãos, que pediam para a qualquer custo a sua morte.

O rei ficou tão comovido com a sua generosidade que lhe disse para pedir o que quisesse. Ele respondeu que desejava apenas que sua majestade escrevesse em seu favor ao seu pai e a seus irmãos. O príncipe o fez e escreveu também aos governadores de suas províncias, recomendando-o. E, depois de lhe dar provas de muito particular afeição, despediu-o com grandes presentes.

Os irmãos de Hircano souberam, com grande desprazer, da grande honra que o rei lhe prestara, e partiram ao seu encontro com a deliberação de matá-lo, sem que o pai se atrevesse a impedi-los, embora o soubesse, mas estava encole-rizado por haver ele gastado nos presentes tão grande soma de dinheiro. Só não ousava manifestar-se por temer o rei. Assim, os irmãos atacaram Hircano no caminho. Ele, porém, defendeu-se tão valentemente que matou dois deles e vários dos que os acompanhavam. O resto fugiu para Jerusalém, e Hircano ficou muito surpreso, quando lá chegou, por ver que ninguém o vinha receber. Então retirou-se para além do Jordão e ocupou-se em receber os tributos que os bárbaros deviam pagar.

Seleuco, cognominado Sóter, filho de Antíoco, o Grande, reinava então na Ásia. José, pai de Hircano, morreu nessa época, depois de recolher os tributos da Síria, da Fenícia e da Samaria durante vinte e dois anos. Era um homem de bem, de grande inteligência e tão hábil nos negócios que tirou os judeus da pobreza em que jaziam e os pôs em condições de viver comodamente. Onias, seu tio, morreu também pouco depois e deixou Simão, seu filho, como sucessor no sumo sacerdócio, o qual teve também um filho, de nome Onias, que o substituiu no cargo. Ario, rei da Lacedemônia,* escreveu-lhe a seguinte carta.

* Ou Esparta.

CAPÍTULO 5

ARIO, REI DA LACEDEMÔNIA, ESCREVE A ONIAS, SUMO SACERDOTE, PARA FAZER ALIANÇA COM OS JUDEUS, SENDO OS LACEDEMÔNIOS DESCENDENTES DE ABRAÃO. HIRCANO CONSTRÓI UM SOBERBO PALÁCIO E SE SUICIDA, PARA NÃO CAIR NAS MÃOS DE ANTÍOCO.

461. "Ario, rei da Lacedemônia, a Onias, saudação. Vimos por certos títulos que os judeus e os lacedemônios têm a mesma origem, sendo ambos os povos descendentes de Abraão. Sendo nós então irmãos, nossos interesses devem ser comuns, e é justo que nos façais saber com inteira liberdade o que desejais de nós, e nos portaremos da mesma maneira a vosso respeito. Demoteles vos entregará esta carta, escrita numa folha quadrada e selada com um sinete, onde está impressa a figura de uma águia que tem uma serpente nas garras".

462. Depois da morte de José, a divisão entre os filhos suscitou graves perturbações, pois a maior parte favorecia os mais velhos, contra Hircano, que era o mais jovem, e particularmente Simão, sumo sacerdote, porque eram parentes. Assim, Hircano não quis voltar a Jerusalém, mas ficou além do Jordão. Fazia continuamente guerra aos árabes, matando muitos deles e fazendo prisioneiros a outro tanto. Construiu um castelo bem forte, cujos muros externos desde a base até o alto eram de mármore branco, cheio de figuras de animais maiores que o natural. Rodeou-o com um fosso profundo, cheio de água, e mandou cavar no rochedo de uma montanha vizinha grandes cavernas, cuja entrada era tão estreita que permitia somente passar uma pessoa por vez, para lhe servirem de refúgio, caso fosse acossado pelos seus irmãos. Havia nesse castelo grandes salas, quartos com todos os móveis necessários e fontes que jorravam água em abundância. Nada podia ser mais belo e mais vistoso.

Esse majestoso edifício, situado além do Jordão e próximo de Essedom, na fronteira da Arábia e da Judéia, era rodeado de belos jardins. Hircano deu-

lhe o nome de Tiri e de lá não se afastou durante os sete anos em que Seleuco reinou na Síria. Vindo a morrer esse príncipe, Antíoco, seu irmão, cognominado Epifânio, sucedeu-o. Ptolomeu, rei do Egito, cognominado Epifânio, morreu também e deixou dois filhos ainda muito jovens, dos quais o mais velho se chamava Fílonmetor, e o mais novo, Fiscom. O grande poder de Antíoco espantou Hircano, e ele teve tanto medo de cair em suas mãos e de ser castigado severamente pela guerra que fizera contra os árabes que se matou. Esse príncipe, então, apoderou-se de todos os seus bens.

CAPÍTULO 6

ONIAS, COGNOMINADO MENEIAU, VENDO-SE EXCLUÍDO DO SUMO SACERDÓCIO, RETIRA-SE PARA JUNTO DO REI ANTÍOCO E RENUNCIA A RELIGIÃO DE SEUS ANTEPASSADOS. ANTÍOCO ENTRA NO EGITO, MAS OS ROMANOS O OBRIGAM A SE RETIRAR.

463. Onias, sumo sacerdote, morreu nesse mesmo ano, e Antíoco, rei da Síria, de que acabamos de falar, deu o sumo sacerdócio a Jesus, cognominado Jasão, irmão de Onias, pois este só deixara um filho de pouca idade, de que falaremos a seu tempo. Mas Antíoco, depois, tendo ficado insatisfeito com Jasão, tirou-lhe essa dignidade e deu-a a Onias, cognominado Meneiau, seu irmão mais novo, que era um dos três filhos que Simão havia deixado e que foram sucessivamente sumo sacerdotes, como dissemos.

Jasão, não se podendo conformar por ter sido excluído do cargo, tornou-se inimigo de Meneiau, e os filhos de Tobias declararam-se a favor deste. A maior parte do povo, porém, apoiava Jasão, e assim eles foram obrigados a se refugiar junto de Antíoco. Disseram ao soberano que haviam decidido renunciar os costumes de seu país para abraçar a religião e a maneira de viver dos gregos e pediram-lhe permissão para construir uma praça de esportes em Jerusalém. Ele consentiu, e então eles ocultaram os sinais da circuncisão, para não serem distin-guidos dos gregos quando, correndo ou lutando, tivessem de se despir. Eles abandonaram assim todas as leis de seus antepassados e não se diferenciavam em nada dos estrangeiros.

464. A profunda paz de que Antíoco desfrutava e o seu desprezo pela pouca idade dos filhos de Ptolomeu, que os tornava incapazes de tomar conhecimento das coisas, fizeram-no conceber a idéia de conquistar o Egito. Então declarou-lhe guerra e entrou no país com um poderoso exército. Foi diretamente a Pelusa, enganou o rei Filopater, tomou Mênfis e marchou para Alexandria, a fim de se apoderar da cidade e do rei. Mas os romanos declararam que lhe fariam guerra se ele não se retirasse para o seu país. E assim, ele foi obrigado a abandonar essa empresa, como já dissemos em outro lugar. Como referi apenas de passagem a maneira pela qual ele se apoderou da Judéia e do Templo, quero descrevê-la particularmente aqui e retomar, para esse fim, ao assunto de antes.

CAPÍTULO 7

O REI ANTÍOCO, RECEBIDO NA CIDADE DE JERUSALÉM, DESTRÔI-A COMPLETAMENTE, SAQUEIA O TEMPLO E CONSTRÓI UMA FORTALEZA. ABOLE O CULTO A DEUS. VÁRIOS JUDEUS ABANDONAM A RELIGIÃO. OS SAMARITANOS RENUNCIAM A SUA NACIONALIDADE E CONSAGRAM O TEMPLO DE GERIZIM AO JÚPITER GREGO.

465. O temor de se meter numa guerra contra os romanos obrigou o rei Antíoco a abandonar a conquista do Egito. Ele veio então com o seu exército a Jerusalém, cento e quarenta e três anos depois que Seleuco e seus sucessores começaram a reinar na Síria. Sem dificuldade, tornou-se senhor dessa praça, porque os de seu partido abriram-lhe as portas, e mandou matar vários do partido contrário, apoderou-se de grande quantidade de dinheiro e voltou a Antioquia.

Dois anos depois, no vigésimo quinto dia do mês que os hebreus chamam quisleu, e os macedônios, apeleu, na centésima qüinquagésima terceira Olimpíada, ele voltou a Jerusalém e não poupou nem mesmo os que o acolheram na esperança de que ele não faria nenhum ato de hostilidade. Sua insaciável avareza fez com que ele não temesse violar-lhes também a fé, despojando o Templo das muitas riquezas de que, sabia ele, estava cheio. Tomou os vasos consagrados a Deus, os candelabros de ouro, a mesa sobre a qual se punham

os pães da proposição e os turíbulos. Levou até mesmo as tapeçarias de escarlate e de linho fino e pilhou tesouros que estavam escondidos havia muito tempo. Afinal, nada deixou lá. E, para cúmulo da maldade, proibiu aos judeus oferecer a Deus os sacrifícios ordinários, como a sua lei os obrigava.

Depois de saquear toda a cidade, mandou matar uma parte dos habitantes e levou dez mil escravos com suas mulheres e filhos. Mandou queimar os mais belos edifícios, destruiu as muralhas e construiu, na Cidade Baixa, uma fortaleza com grandes torres, as quais dominavam o Templo, e lá colocou uma guarnição de macedônios, entre os quais estavam vários judeus, tão maus e ímpios que não havia males que não infligissem aos habitantes. Mandou também construir um altar no Templo e ordenou que lá se sacrificassem porcos, o que é uma das coisa mais contrárias à nossa religião. Obrigou então os judeus a renunciar o culto ao verdadeiro Deus e a adorar os seus ídolos, e ordenou que se construíssem templos para eles em todas as cidades, determinando que não se passasse um dia sem que lá se imolassem porcos. Proibiu também aos judeus, sob graves penas, circuncidar os filhos, e nomeou fiscais para saber se eles estavam observando as suas determinações e as leis que ele impunha e obrigá-los a isso, caso recusassem obedecer.

A maior parte do povo obedeceu, voluntariamente ou por medo, mas essas ameaças não puderam impedir aos que possuíam virtude e generosidade de observar as leis de seus pais. O cruel príncipe os fazia morrer por meio de vários tormentos. Depois de os mandar retalhar a golpes de chicote, a sua horrível desumanidade não se contentava em fazê-los crucificar, mas, enquanto ainda respiravam, fazia enforcar e estrangular perto deles as suas mulheres e os filhos que haviam sido circuncidados. Mandava queimar todos os livros das Sagradas Escrituras e não poupava ninguém na casa em que os encontrava.

466. Os samaritanos, vendo os judeus afligidos por tantos males, evitavam dizer que tinham a mesma origem, que eram da mesma raça e que o seu templo em Gerizim era consagrado ao Deus Todo-poderoso. Diziam, ao contrário, que eram descendentes dos persas e dos medos e que tinham sido enviados a Samaria para lá morar; o que era verdade.

Eles enviaram deputados ao rei Antíoco e apresentaram-lhe a seguinte petição: "Petição que os sidônios, habitantes de Siquém, apresentam ao rei

Antíoco, deus visível. Nossos antepassados, tendo sido amargurados por grandes e freqüentes pestes, haviam deliberado celebrar, por uma antiga superstição, uma festa à qual os judeus dão o nome de Sabat e construíram sobre o monte Gerizim um templo em honra a um Deus anônimo, onde imolavam vítimas. Agora que vossa majestade se julga obrigado a castigar os judeus como eles merecem, os que executam as vossas ordens querem nos tratar como a eles, porque pensam que temos a mesma origem. Mas é fácil verificar, pelos nossos arquivos, que somos sidônios. Assim, como não podemos duvidar, majestade, de vossa bondade e proteção, suplicamos que ordeneis a Apolônio, nosso governador, e a Nicanor, procurador-geral de vossa majestade, que não nos considerem mais culpados dos mesmos crimes que os judeus, cujos costumes e origem diferem inteiramente dos nossos. E, se julgarem bem e for do agrado de vossa majestade, seja o nosso templo, que até agora não teve o nome de Deus algum, chamado futuramente templo do Júpiter grego, a fim de que fiquemos em paz e, trabalhando sem temor, possamos pagar maiores tributos a vossa majestade".

Antíoco, depois de ler a petição, escreveu a Nicanor, nestes termos: "O rei Antíoco a Nicanor. Os sidônios que moram em Siquém nos apresentaram a petição anexa a esta carta. Aqueles que a trouxeram provaram suficientemente, a nós e ao nosso conselho, que eles não têm parte nos crimes e faltas dos judeus, antes desejam viver segundo os costumes gregos. Por isso nós os declaramos inocentes dessa acusação, concedemo-lhes o pedido que nos fizeram — dar ao seu templo o nome de Júpiter grego — e ordenamos o mesmo a Apolônio, seu governador. Dado no ano quarenta e seis e no décimo primeiro dia do mês de hecatombeom".

Capítulo 8

Matatias (ou Matias) e seus filhos matam os que o rei Antíoco enviou para obrigá-los afazer sacrifícios abomináveis e retiram-se para o deserto. Muitos os seguem, e um grande número deles é sufocado nas cavernas, por não querer se defender em dia de sábado. Matatias abole essa superstição e exorta os seus filhos a libertar o país.

467. 1 Macabeus 2. Naquele mesmo tempo, numa aldeia da Judéia chamada Modim, havia um sacerdote da descendência de Joaribe, nascido em Jerusalém, que se chamava Matatias, filho de João, filho de Simão, filho de Asmoneu. Matatias tinha cinco filhos: João, cognominado Gadis; Simão, cognominado Martés; Judas, cognominado Macabeu; Eleazar, cognominado Auram; jônatas, cognominado Afo. Esse virtuoso e nobre judeu queixava-se freqüentemente a seus filhos do estado deplorável em que a nação se encontrava: da ruína de Jerusalém, da desolação do Templo e de tantos outros males que a afligiam. E acrescentava que lhes seria muito melhor morrer pela defesa das leis e da religião de seus pais que viver sem honra em meio a tantos sofrimentos.

468. Quando os enviados do rei chegaram àquela aldeia para obrigar os judeus a executar as suas ordens, dirigiram-se primeiramente a Matatias, por ser o principal, a fim de forçá-lo a oferecer os abomináveis sacrifícios, pois não duvidavam que os outros lhe seguiriam o exemplo. Disseram-lhe que o rei demonstraria a todos, por meio de recompensas, a gratidão de que lhes seria devedor. Ele respondeu que, mesmo que todas as outras nações obedecessem, pelo medo, a tão injuriosa determinação, nem ele nem seus filhos abandonariam jamais a religião de seus antepassados.

Como um judeu se encaminhasse para sacrificar segundo a intenção do rei, Matatias e os filhos, inflamados de justo zelo, lançaram-se sobre ele de espada em punho e não somente o mataram como também a esse oficial, de nome Apeles, e aos soldados que ele tinha levado para obrigar o povo a cometer tão grande impiedade. Matatias derrubou depois o altar e exclamou: "Se há ainda alguém aqui que ame a nossa religião e o serviço de Deus, que me siga". Em seguida, deixando todos os seus bens, partiu com os filhos para o deserto. Todos os outros habitantes seguiram-no com as suas mulheres e filhos e refugiaram-se nas cavernas.

Imediatamente os que comandavam as tropas do rei souberam o que se havia passado. Reuniram então uma parte da guarnição da fortaleza de Jerusalém e os perseguiram. Quando os alcançaram, procuraram convencê-los a se arrepender do que haviam feito e seguir um conselho melhor, a fim de não terem de induzi-los pela força. Não podendo convencê-los, os soldados os

atacaram num sábado e os sufocaram nas cavernas, porque a reverência que os judeus dedicavam a esse dia era tão grande que o temor de violá-lo, mesmo em tal extremo, fez com que eles, para manter o descanso que a Lei ordenava, não somente deixassem de se defender como também nada fizessem para obstruir a entrada das cavernas. Assim, cerca de mil judeus foram sufocados, contando-se as suas mulheres e filhos. Os que se salvaram foram ter com Matatias e o escolheram para seu chefe.

Ele disse-lhes que não deviam ter receio de combater num sábado, porque, do contrário, violariam a Lei, tornando-se homicidas de si mesmos, pois os seus inimigos não deixariam de escolher tais dias para atacá-los e, se ninguém se defendesse, todos facilmente morreriam. Assim resgatou-os daquele erro, e depois não tiveram mais dificuldades em tomar as armas nesse santo dia, quando a isso a necessidade os obrigava. O generoso chefe em pouco tempo reuniu uma tropa considerável, e aqueles aos quais o temor obrigara a se refugiar nas nações vizinhas vieram unir-se a ele. Então, derrubou os altares consagrados aos falsos deuses, não poupando, dos que lhe caíram nas mãos, ninguém que se tivesse deixado conduzir à idolatria.

Mandou circuncidar todos os meninos que ainda não haviam passado por esse rito e rechaçou os que Antíoco enviara para impedi-lo.

469. Depois que esse grande homem governou o povo durante um ano, caiu doente e, vendo-se prestes a morrer, mandou chamar os filhos e disse-lhes: "Meus filhos, eis-me chegado à última hora, que é inevitável a todos os homens. Bem sabeis qual o desígnio a que me propus. Rogo-vos que não o abandoneis, mas mostreis a todos como vos é querida a memória de vosso pai, pelo zelo que ireis demonstrar na observância de nossas santas leis e em reerguer a honra de nossa pátria. Nunca tenhais relações com os que a atraiçoam, voluntariamente ou à força, para entregá-la aos nossos inimigos. Fazei ver que sois verdadeiramente meus filhos, calcando aos pés tudo o que puder impedir a defesa de nossa religião, e sede sempre solícitos em dar a vida para mantê-la. Estejais certos de que, agindo assim, Deus vos contemplará com olhos favoráveis, aceitará a vossa virtude, vos restabelecerá naquela ditosa liberdade e vos dará os meios de observar com alegria a maneira de viver de nossos antepassados. Nossos corpos estão sujeitos à morte, porém a memória

de nossas boas obras nos torna de algum modo imortais. Concebei, então, meus filhos, um tão grande amor pela verdadeira e sólida glória e não tenhais receio em expor a vossa vida para conquistá-la. Segui este conselho que vos dou: vivei em grande união, de modo que todos se alegrem ao ver o esforço com que empregais em uma causa comum e tão justa os talentos que Deus vos concedeu. Assim, como Simão é muito sensato, sou de opinião que sigais sempre o seu conselho, como se fosse o vosso pai. O extremo valor de Macabeu vos obriga a dar-lhe o comando das tropas, pois, sob suas ordens, vingareis sem dúvida os ultrajes feitos à nossa nação pelos seus inimigos, e não haverá homem algum de virtude e de piedade que não se una a vós numa tão santa empresa".

CAPÍTULO 9

MORTE DE MATATIAS.JUDAS MACABEU, UM DE SEUS FILHOS, TOMA A DIREÇÃO DOS EMPREENDIMENTOS, LIBERTA O PAÍS E O PURIFICA DAS ABOMINAÇÕES QUE NELE SE HAVIAM COMETIDO.

470. 1 Macabeus 3. Matatias, depois de falar desse modo, rogou a Deus que ajudasse os seus filhos naquele tão glorioso e justo empreendimento que era restaurar o seu povo à antiga maneira de viver. Ele morreu logo depois, e foi enterrado em Modim. Todo o povo lamentou-o com sensível pena, no ano cento e quarenta e seis. Judas, seu filho, cognominado Macabeu, tomou em seu lugar a direção dos interesses do povo. Seus irmãos secundaram-no generosamente, e ele expulsou os inimigos, matou todos os falsos judeus, que tinham violado as leis de seus pais, e purificou a província de todas as abominações que nela se haviam cometido.

CAPÍTULO 10

JUDAS MACABEU DERROTA E MATA APOLÔNIO, GOVERNADOR DE SAMARIA, E SEROM, GOVERNADOR DA BAIXA SÍRIA.

471. Quando Apolônio, governador de Samaria pelo rei Antíoco, soube dos progressos e dos feitos de Judas Macabeu, marchou contra ele com o seu

exército. Esse valente chefe do povo de Deus foi também contra ele, derrotou-o e matou um grande número de soldados. Saqueou em seguida todo o seu acampamento, tirou-lhe a espada e a levou em triunfo. E assim, saiu-se completamente vencedor.

472. Reuniu depois um exército considerável, e Serom, governador da Baixa Síria, que recebera do rei Antíoco ordem para reprimir a ousadia daqueles revoltosos, veio acampar com todas as suas tropas e com judeus ímpios e traidores da pátria que se haviam refugiado entre eles numa aldeia da Judéia, de nome Bete-Horom. Judas marchou contra ele para dar-lhe combate. Mas vendo que os seus soldados não estavam dispostos a isso, tanto por causa do número dos inimigos quanto em razão de não estarem alimentados, disse-lhes que a vitória não dependia do número de homens, mas da confiança que eles tivessem em Deus, pois podiam ver, pelos exemplos de seus antepassados, quantas vitórias gloriosas foram obtidas contra inimigos de número incontável. Além disso, eles estavam combatendo pela defesa de suas leis e pela salvação de suas esposas e filhos, e assim, nada seria capaz de lhes resistir, pois tinham a justiça do seu lado, e a força que dela provém é invencível. Essas palavras os animaram de tal modo que, desprezando o temível exército dos sírios, eles os atacaram, desbaratando-os. Mataram o seu general, puseram os outros em fuga e os perseguiram até um lugar chamado O Campo. Oitocentos morreram na luta, e o resto salvou-se fugindo para a região à beira-mar.

CAPÍTULO 11

JUDAS MACABEU DERROTA UM GRANDE EXÉRCITO ENVIADO POR ANTÍOCO CONTRA OS JUDEUS. LÍSIAS RETORNA NO ANO SEGUINTE COM UM EXÉRCITO AINDA MAIS FORTE. JUDAS MATA CINCO MIL HOMENS E OBRIGA LÍSIAS A SE RETIRAR. PURIFICA E RESTAURA O TEMPLO. OUTROS GRANDES FEITOS DESSE PRÍNCIPE DOS JUDEUS.

O rei Antíoco ficou tão irritado com a derrota de seus dois generais que não se contentou em reunir todas as suas tropas, mas tomou ainda, sob pagamento, soldados das ilhas e resolveu marchar contra os judeus no começo da primavera. Porém o seu tesouro ficou esgotado depois do pagamento das tropas, tanto porque as revoltas de seus súditos o impediam de receber os

tributos quanto pelo fato de ele ser naturalmente muito amigo do luxo, fazendo enormes despesas. Assim, julgou conveniente ir antes à Pérsia receber o que lhe era devido.

Ao partir, deixou a Lísias, em quem depositava toda a sua confiança, a direção dos negócios, o governo das províncias que se estendem desde o Eufrates até o Egito e a Ásia Menor, e uma parte de suas tropas e de seus elefantes. Recomendou-lhe que tivesse grande cuidado de seu filho, o príncipe Antíoco, durante a sua ausência, e que destruísse toda a Judéia, levando escravos todos os seus habitantes, aniquilasse Jerusalém e exterminasse a nação dos judeus. Depois de dar essas ordens, partiu para a viagem à Pérsia, no ano cento e quarenta e sete, passando o Eufrates e marchando para as províncias superiores.

473. Lísias escolheu, dentre os mais valentes generais e os de maior confiança do rei, Ptolomeu, filho de Dorímenes, Górgias e Nicanor e os enviou à Judéia com quarenta mil soldados de infantaria e sete mil de cavalaria. Depois que chegaram a Emaús e acamparam na planície vizinha, foram aumentados com o reforço dos sírios e das nações limítrofes e com grande número de judeus. Vieram também alguns negociantes com dinheiro para comprar os escravos e com cadeias para ligá-los. Judas, vendo aquela grande multidão de inimigos, exortou os seus soldados a não temer, mas a colocar toda a sua confiança em Deus e a se revestir de um saco, como faziam os seus pais nos grandes perigos, a fim de pedir a Ele que lhes concedesse a vitória, pois era o único meio de atrair a sua misericórdia e obter a força de que precisavam para vencer os inimigos.

Ordenou em seguida aos chefes de campo e oficiais que assumissem o comando das tropas, como se fazia antigamente. Despediu os recém-casados e os que haviam adquirido alguma propriedade recentemente, de modo que a má disposição deles por haverem deixado a mulher ou a propriedade não viesse diminuir a coragem dos outros. Depois fez uma exortação aos soldados com estas palavras: "Jamais encontraremos ocasião em que nos seja mais necessário mostrar coragem e desprezar o perigo do que esta, pois, se combatermos generosamente, a liberdade será a recompensa de nosso valor, e, por mais desejável que ela seja por si mesma, tanto mais a devemos desejar,

porque não poderemos sem ela conservar a nossa santa religião. Considerai então que o resultado desta jornada ou nos cumulará de felicidade, dando-nos os meios de observar em paz as leis e os costumes de nossos antepassados, ou nos lançará a toda espécie de misérias, cobrindo-nos de infâmia, se, por nossa pusilanimidade, formos causa de que o resto de nossa nação seja completamente exterminado. Lembrai-vos de que nem os covardes nem os corajosos podem evitar a morte, mas, expondo-se a vida pela religião e pelo país, é possível conquistar uma glória imortal. E não duvideis de que, indo ao combate com a firme resolução de morrer ou de vencer, o dia de amanhã vos fará triunfar sobre os vossos inimigos".

474. As palavras de judas animaram-nos, e, ante o aviso de que Górgias, guiado por alguns judeus trânsfugas, vinha atacá-los durante a noite com mil cavaleiros e cinco mil soldados de infantaria, ele decidiu antecipar-se e ir-lhes ao encontro, atacando naquela mesma noite o acampamento dos inimigos, que então estaria mais fraco, pela diminuição de seus homens. Assim, depois de dar a refeição aos seus homens e acender várias fogueiras, marchou protegido pelas trevas para Emaús. Górgias não deixou de vir e, como não encontrou ninguém no acampamento dos judeus, julgou que o medo os obrigara a se esconder nos montes. Marchou então para ir procurá-los.

Judas, ao despontar do dia, chegou ao acampamento dos inimigos, com três mil homens somente, todos muito mal armados, tanto era triste a sua situação. Quando ele viu que aqueles aos quais queria atacar estavam bem armados e tinham o seu campo muito bem defendido, disse aos seus homens que nada deveriam temer, pois Deus sentiria prazer vendo que eles não temiam atacar, naquele estado, um exército tão numeroso e de inimigos tão bem armados, e certamente lhes daria a vitória. Ordenou em seguida que se tocasse o sinal de avançar. A surpresa dos inimigos foi tão grande que muitos foram mortos de imediato, e os outros, perseguidos até Gadara e aos campos da Iduméia, de Azoto e de jamnia, de modo que eles perderam três mil homens. Judas proibiu aos seus de se entregarem ao saque, porque tinham ainda de combater Górgias, mas lhes prometeu que, após tê-lo vencido, iriam se enriquecer com tantos despojos.

Judas ainda falava, quando viram Górgias, que regressava com as suas

tropas, aparecer num elevado. Quando ele viu a mortandade, a derrota do exército do rei e o campo incendiado, não teve dificuldade em imaginar o que havia acontecido. Vendo que judas se preparava para atacá-lo, ficou tomado de tanto medo que fugiu. Assim, Judas venceu-o sem combate e permitiu então aos seus soldados que se entregassem ao saque. Eles encontraram grande quantidade de ouro, de prata, de escarlate e de púrpura e voltaram com grande alegria, cantando hinos em louvor a Deus, o autor da vitória que contribuiu para a reconquista da liberdade.

475. No ano seguinte, Lísias, para repararara vergonha daquela derrota, reuniu um novo exército, composto de tropas escolhidas, em número de sessenta mil soldados de infantaria e cinco mil cavaleiros, entrou na Judéia e veio pelos montes acampar próximo de Bete-Zur. Judas marchou contra ele com dez mil homens. Vendo a potência dos inimigos, rogou a Deus que lhe fosse favorável e confiou no seu auxílio. Então atacou pela vanguarda e a desfez, matou cinco mil homens e lançou tal medo nos outros que Lísias, vendo que os judeus estavam resolvidos ou a perecer ou a reconquistar a liberdade e temendo deles mais o desespero que as forças, retirou-se para Antioquia com o resto de seu exército. Ali, tomou soldados estrangeiros sob pagamento e preparou-se para voltar à Judéia com um exército ainda mais poderoso que o primeiro.

476. Judas, após obter tão grandes vitórias sobre os generais do exército de Antíoco, persuadiu os judeus a ir a Jerusalém dar graças a Deus, como lhe eram devidas, purificar o Templo e oferecer sacrifícios. Quando lá chegaram, no entanto, encontraram as portas queimadas e os muros cheios de mato, o qual havia crescido durante aquele período de inteiro abandono. Tão grande desolação arrancou suspiros do coração e lágrimas dos olhos de Judas. E, depois de ordenar que uma parte da tropa sitiasse a fortaleza, pôs mãos à obra para purificar o Templo.

Fez-se tudo com o máximo cuidado. Judas colocou nele um candelabro, uma mesa e um altar de ouro completamente novos. Mandou colocar também portas novas e cobriu-as com cortinas. Depois destruiu o altar dos holocaustos, porque fora profanado, e mandou fazer um novo, com pedras que não houvessem sido trabalhadas a martelo. No dia vinte e cinco do mês de quisleu,

que os macedônios chamam apeleu, acenderam-se as luzes do candelabro, incensou-se o altar, colocaram-se os pães sobre a mesa e ofereceram- se holocaustos sobre o novo altar.

Isso se deu no mesmo dia em que, três anos antes, o Templo fora indignamente profanado por Antíoco e abandonado, no dia vinte e cinco do mês de apeleu, no ano cento e quarenta e cinco, e na Olimpíada cento e cinqüenta e três. A renovação ocorreu no mesmo dia do ano cento e quarenta e oito e da Olimpíada cento e cinqüenta e quatro, como o profeta Daniel havia predito, quatrocentos e oito anos antes, dizendo clara e distintamente que o Templo seria profanado pelos macedônios.

Judas celebrou durante oito dias com todo o povo, por meio de solenes sacrifícios, a festa da restauração do Templo, e não houve regozijo honesto a que não se entregassem durante esse período. Eram festins e banquetes públicos. O ar ressoava os hinos e cânticos que se elevavam em louvor a Deus, e a alegria de se ver, depois de tantos anos, quando menos se esperava, a restauração dos antigos costumes de nossos pais e a prática de nossa religião foi tão grande que foi determinado realizar-se todos os anos aquela festa, durante oito dias. Chamaram-na festa das luzes porque, segundo a minha opinião, essa felicidade foi como uma luz agradável que dissipou as trevas de nossos longos sofrimentos, aparecendo numa ocasião em que não poderíamos sequer imaginá-la. Judas, em seguida, mandou restaurar as muralhas da cidade, fortificou as grandes torres e colocou soldados para defendê-las contra os inimigos. Fortificou também a cidade de Bete-Zur, para dela se servir como fortaleza contra os ataques.

477. Os povos vizinhos, não podendo tolerar a ressurreição do poder de nossa nação, armaram ciladas aos judeus e mataram vários deles. Judas, que estava continuamente no campo, para impedir tais incursões, atacou ao mesmo tempo Acrabatena,* matou um grande número de idumeus, descendentes de Esaú, e apoderou-se de grandes despojos. Tomou também o forte de onde os filhos de Baam, seu príncipe, incomodavam os judeus, matou os que o defendiam e incendiou-o. Marchou depois contra os amonitas, que eram em grande número, comandados por Timóteo, venceu-os, tomou-lhes a cidade de Jasor, saqueou-a e levou como escravos todos os seus habitantes.

As nações vizinhas, porém, logo que souberam que ele havia voltado para Jerusalém, reuniram todas as suas forças e atacaram os judeus que moravam na fronteira de Galaade. Estes refugiaram-se no castelo de Atemam e mandaram contar a Judas que corriam o perigo de cair nas mãos de Timóteo. Judas recebeu ao mesmo tempo cartas da Galiléia, pelas quais lhe davam aviso de que os de Ptolemaida, de Tiro e de Sidom e outros povos vizinhos se reuniam para atacá-lo.

---

* Ou Acrabim.

CAPÍTULO 12

FEITOS DE SIMÃO, IRMÃO DE JUDAS MACABEU, NA GALILÉIA. VITÓRIA OBTIDA POR JUDAS EJÔNATAS, SEU IRMÃO, SOBRE OS AMONITAS. OUTROS JEITOS DE JUDAS.

478. Judas Macabeu, a fim de atender às necessidades dos dois povos que se encontravam ao mesmo tempo ameaçados, entregou três mil homens escolhidos a Simão, seu irmão, para que fosse em socorro dos judeus da Galiléia, enquanto ele e Jônatas, seu outro irmão, e oito mil homens marcharam para a Galatida. O resto das tropas ficou para a guarda da Judéia, sob o comando de José, filho de Zacarias, e de Azarias, com ordem de velarem cuidadosamente pela conservação dessa província e de não se meterem em combate algum até a sua volta.

Simão, logo que chegou à Galiléia, combateu os inimigos e colocou-os em fuga. Perseguiu-os até as portas de Ptolemaida, livrou de suas mãos os judeus que haviam sido feito prisioneiros e voltou para a Judéia com grandes despojos.

Judas, por seu lado, acompanhado por Jônatas, seu irmão, depois de passar o Jordão, marchou durante três dias, sendo recebido como amigo pelos nabateenses. Estes disseram-lhe que os judeus da Galatida estavam sitiados em sua cidade e oprimidos pelos inimigos, e o exortaram a se apressar em socorrê-los. Esse aviso o fez marchar com rapidez através do deserto. Atacou e tomou, a caminho, a cidade de Bozra, incendiou-a e mandou matar todos os

habitantes que estavam em condições de pegar em armas. Então continuou a marchar durante toda a noite até chegar perto do castelo onde os judeus estavam sitiados por Timóteo.

Ele chegou ao despontar do dia e viu que os inimigos já aprontavam as escadas para escalá-lo e mandavam as máquinas avançar. Assim, ordenou aos trom-beteiros que dessem o toque para avançar. Ele exortou os soldados a se mostrarem corajosos no combate, auxiliando os irmãos, e, depois de dividir as tropas em três grupos, atacou os inimigos por trás. Não teve dificuldade em destroçá-los, porque, quando os inimigos souberam que era o valente Macabeu quem os atacava, cuja coragem já era deles conhecida, bem como a sua rara perícia e felicidade nos combates, apressaram-se em abandonar o campo, fugindo. Ele os perseguiu tão ferozmente que oito mil foram mortos. Em seguida, atacou uma cidade dos bárbaros, de nome Mala, tomou-a, mandou matar todos os seus habitantes, exceto as mulheres, e reduziu-a a cinzas. Destruiu também Bezer, Cáspora e ainda outras cidades da Galátida.

Pouco tempo depois, Timóteo reuniu grandes forças e tomou como tropas auxiliares, dentre outras, um grande número de árabes. Acampou além da tor-rente, em frente à cidade de Rafa, e exortou os seus soldados a fazer todos os esforços possíveis para impedir que os judeus passassem, porque nisso residia toda a sua esperança de vitória. Logo que Judas soube que Timóteo se preparava para o combate, avançou com todas as suas tropas, passou a torrente e atacou os inimigos. A maior parte dos que lhe resistiram foram mortos, e os outros abandonaram as armas. Uma parte salvou-se, e o resto refugiou-se no templo de Carnaim, onde esperavam salvação. Judas, porém, tomou a cidade, queimou o templo e matou todos eles a ferro e fogo.

479. Depois de tantos e tão felizes resultados, esse general reuniu todos os judeus que estavam na província de Galaade, com as suas mulheres, filhos e bens, a fim de reconduzi-los à Judéia. E, como não podia, sem alongar demasiado o caminho, evitar passar pela cidade de Efrom, mandou pedir aos habitantes que lhe permitissem a passagem. Mas eles lhe fecharam as portas, entupindo-as com pedras, judas, irritado com a recusa, exortou os seus a exigir satisfação. Então sitiou a cidade e a tomou em vinte e quatro horas. Mandou matar todos os seus habitantes, exceto as mulheres, e a incendiou. O número

dos que pereceram foi tão grande que não era possível atravessar as ruas, tão juncadas estavam de cadáveres.

Depois de passar o Jordão e o Grande Campo, onde estava a cidade de Bete-Seã, que os gregos chamam Citópolis, chegou com o exército a Jerusalém, cantando hinos e loas para glorificar a Deus. Muitas outras demonstrações de regozijo davam eles então pelas grandes vitórias conquistadas. Ele ofereceu em seguida sacrifícios a Deus, em ação de graças, não somente por Ele os haver feito triunfar de seus inimigos, mas também por conservar, de maneira miraculosa, a vida de todos os seus, pois, apesar de tantos e tão sangrentos combates, nenhum deles havia perecido.

480. José, filho de Zacarias, o qual Judas, como dissemos, tinha deixado para guardar a Judéia ao partir com Jônatas, seu irmão, para Galaade, contra os amonitas, e depois de enviar Simão, seu outro irmão, à Galileia, contra os habitantes de Ptolemaida, desejou também conquistar alguma honra. Marchou com todas as suas tropas contra a cidade de jamnia, mas Górgias, que lá estava com o seu exército, veio contra ele, derrotou-o e matou dois mil homens. O resto fugiu, retirando-se para a Judéia. Assim, ele foi com justiça castigado por não haver obedecido à ordem que Judas lhe dera, ou seja, não travar combate com os inimigos até o seu regresso. Isso deu motivo a que se admirasse ainda mais a previdência e a sábia orientação desse excelente chefe dos israelitas.

Judas e seus irmãos não deixavam de fazer guerra aos idumeus e os oprimiam de todos os lados: tomaram-lhes a cidade de Hebrom, destruíram todas as suas fortificações, incendiaram as suas torres, devastaram a região vizinha e tornaram-se senhores das cidades de Maressa e Azoto, a qual saquearam e depois voltaram a Jerusalém, com grandes despojos.

CAPÍTULO 13

O REI ANTÍOCO EPIFÂNIO MORRE DE TRISTEZA POR TER SIDO OBRIGADO A LEVANTAR VERGONHOSAMENTE O CERCO DA CIDADE DE ELIMAIDA, NA PÉRSIA, ONDE PRETENDIA SAQUEAR UM TEMPLO CONSAGRADO A DIANA, E POR CAUSA DA DERROTA DE SEUS GENERAIS PELOS JUDEUS.

481. 1 Macabeus 6. Por esse mesmo tempo, o rei Antíoco Epifânio, que,

como vimos, havia partido para as províncias superiores, soube que havia, numa cidade muito rica da Pérsia, de nome Elimaida, um templo consagrado a Diana, cheio de dádivas, dentre as quais escudos e couraças presenteados por Alexandre, o Grande, filho de Filipe da Macedônia. Resolveu apoderar-se dela e então cercou-a. Mas foi enganado em suas esperanças, porque os habitantes da cidade demonstraram tanta coragem que não somente o obrigaram a levantar o cerco como também o perseguiram. Pode-se até mesmo dizer que foi fugindo, e não se retirando, que ele chegou à Babilônia, com muitas e preciosas perdas.

Curtia ele ainda a mágoa de tão triste acontecimento, quando lhe trouxeram a notícia de que os judeus haviam derrotado os seus generais e se tornavam cada vez mais fortes. Esse acréscimo de aflição deixou-o de tal modo abatido que ele adoeceu, a ponto de perceber que o seu fim se aproximava. Mandou então chamar os servidores de mais confiança e contou-lhes como se sentia, bem como a causa de sua enfermidade, e que merecia aquele castigo, por haver perseguido os judeus, saqueado o seu Templo e desprezado o Deus que eles adoravam. E, acabando de dizer essas palavras, morreu.

A esse respeito, admiro-me de que Políbio Megalopolitano, homem de reconhecida probidade, tenha atribuído a morte desse soberano ao seu desejo de saquear o templo de Diana. É muito mais verossímil que a morte lhe tenha sido o castigo do sacrilégio que ele cometera, saqueando os tesouros que estavam no Templo em Jerusalém. Não quero, no entanto, altercar nem discutir com aqueles que estão mais pela opinião de Políbio que pela minha.

CAPÍTULO 14

ANTÍOCO EUPÁTOR SUCEDE AO REI ANTÍOCO EPIFÂNIO, SEU PAI. JUDAS MACABEU CERCA A FORTALEZA DE JERUSALÉM. ANTÍOCO VEM CONTRA ELE COM UM GRANDE EXÉRCITO E CERCA BETE-ZUR. AMBOS LEVANTAM O CERCO E TRAVAM UMA BATALHA. MARAVILHOSO FEITO DE CORAGEM E MORTE DE ELEAZAR, UM DOS IRMÃOS DE JUDAS. ANTÍOCO TOMA BETE-ZUR E CERCA O TEMPLO EM JERUSALÉM. QUANDO OS JUDEUS ESTAVAM QUASE REDUZIDOS AOS EXTREMOS, ELE LEVANTA O CERCO ANTE A NOTÍCIA DE QUE FILIPE SE DECLARARA REI DA PÉRSIA.

482. O rei Antíoco Epifânio, pouco antes de sua morte, que se deu no ano

cento e quarenta e nove, havia constituído Filipe, que era um de seus mais íntimos confidentes, governador do reino. Confiou a ele a coroa, o manto real e o seu anel, para que os entregasse ao filho, recomendando-lhe grande cuidado na sua educação e formação, até que ele estivesse na idade de governar por si mesmo. Logo que Lísias, preceptor do jovem Antíoco, soube da morte do rei, comunicou-a ao povo e apresentou-lhe o novo rei, ao qual deu o nome de Eupátor.

483. Nesse mesmo tempo, os macedônios que estavam como guarnição na fortaleza de Jerusalém, ajudados pelos judeus que se haviam juntado a eles, faziam muito mal aos outros judeus. E, como essa fortaleza dominava o Templo, faziam arremetidas e matavam os que vinham oferecer sacrifícios. Judas Macabeu, não podendo mais tolerar semelhante abuso, resolveu sitiar a fortaleza. Reuniu o maior número de soldados possível e a atacou fortemente, no ano cento e cinqüenta desde que aquelas províncias haviam sido submetidas a Seleuco. Empregou duas máquinas, elevou as plataformas e tudo fez para realizar o seu intento.

Alguns daqueles judeus trânsfugas saíram à noite e, na companhia de outros homens tão ímpios quanto eles, foram procurar o jovem rei Antíoco. Disseram-lhe que era próprio do cargo dele salvá-los, juntamente com outros de sua nação, no extremo perigo em que se encontravam, pois eram perseguidos unicamente por haverem renunciado aos costumes judaicos, em obediência ao rei seu pai. Além disso, a fortaleza de Jerusalém e a guarnição real que lá ele havia colocado em breve cairiam sob o poder de judas, caso ele não mandasse imediatamente algum socorro.

O jovem soberano, cheio de cólera ante essas palavras, mandou chamar imediatamente o comandante das tropas e ordenou-lhe não somente recrutar homens em seu território, mas tomar soldados estrangeiros sob pagamento. Assim ele reuniu um exército de cem mil soldados de infantaria, vinte mil de cavalaria e trinta e dois elefantes, e deu o comando a Lísias. O rei partiu de Antioquia com essas tropas, veio à Iduméia e sitiou Bete-Zur. Nisso levou muito tempo, porque os habitantes se defendiam corajosamente e queimavam em grandes arremetidas as máquinas com que ele batia nas muralhas.

Judas, sabendo da marcha do rei, levantou o cerco e veio com todas as

suas tropas contra ele, acampando a setenta estádios do exército inimigo, num lugar muito estreito, chamado Bete-Zacarias. Logo que Antíoco soube disso, levantou também o cerco de Bete-Zur, para marchar contra ele. Quando estava próximo, mandou colocar os seus homens em ordem de batalha, ao despontar do dia. Mas como o lugar era demasiado estreito para fazer marchar à frente os elefantes, ele foi obrigado a fazê-los caminhar um atrás do outro.

Quinhentos cavaleiros e mil soldados de infantaria acompanhavam cada animal, e todos levavam uma torre cheia de arqueiros. Quanto ao resto das tropas, ele ordenou aos comandantes que se encaminhassem pelos dois flancos do monte. O exército do soberano, desse modo, lançou-se ao ataque, soltando grandes gritos, que ressoavam pelas quebradas, enquanto os seus escudos de ouro e de cobre rebrilhavam com tanto resplendor que ofuscavam a vista. Nada, porém, foi capaz de abater o ânimo de Judas Macabeu. Ele os enfrentou com tanta coragem que seiscentos dos primeiros que o atacaram caíram mortos na mesma hora.

Eleazar, seu irmão, cognominado Auran, vendo que dentre todos os elefantes havia um mais soberbamente ajaezado que os outros, julgou que o rei estaria sobre ele. Assim, sem medir a extensão do perigo a que se expunha, abriu caminho através dos que rodeavam esse elefante, matando vários deles e afugentando os demais, chegou até junto do prodigioso animal, colocou-se por baixo de seu ventre e matou-o a golpes de espada. Porém ficou esmagado sob o peso do elefante e morreu. Terminou assim gloriosamente a vida, depois de vendê-la bem caro aos inimigos.

Judas, vendo que eles eram muito superiores em número, retirou-se para Jerusalém, a fim de continuar o cerco da fortaleza. Antioco, depois de enviar parte de suas tropas contra Bete-Zur, marchou para Jerusalém com o resto do exército. Quando os habitantes de Bete-Zur, que tinham falta de víveres, se viram tão fortemente atacados, entregaram-se, depois de os inimigos prometerem com juramento não lhes fazer mal algum. Mas Antioco faltou-lhes à palavra, pois lhes conservou somente a vida, expulsando-os nus da cidade, onde estabeleceu uma guarnição. Sitiou em seguida o Templo, em Jerusalém, e o cerco durou muito tempo, porque os judeus se defendiam valentemente, derrubando as máquinas com outras máquinas. Os víveres, porém, começavam a

faltar, porque era o sétimo ano, no qual a nossa lei proíbe semear e cultivar a terra. Assim, muitos foram obrigados a se retirar, e só uns poucos ficaram para continuar a resistir ao cerco.

Estavam as coisas nesse pé, quando o rei e Lísias souberam que Filipe se declarara rei e vinha da Pérsia avançando contra eles. Essa notícia os obrigou a levantar o cerco, sem que se falasse de Filipe aos comandantes ou aos soldados. Lísias teve do rei somente ordem para dizer-lhes que o Templo era tão forte que seria necessário muito tempo para conquistá-lo, que o exército começava a sentir falta de víveres e que interesses do Estado chamavam o rei a outros lugares. E, como os judeus, ciosos da observância de suas leis, preferiam a morte e estavam sempre prontos a recomeçar a guerra, era preferível fazer amizade e aliança com eles e voltar à Pérsia. Lísias falou-lhes desse modo, e as suas palavras foram aprovadas e aceitas.

CAPÍTULO 15

O REI ANTÍOCO EUPÁTOR FAZ A PAZ COM OS JUDEUS. CONTRA A SUA PALAVRA, MANDA DESTRUIR OS MUROS QUE RODEIAM O TEMPLO. MANDA CORTAR A CABEÇA DE ONIAS, COGNOMINADO MENELAU, SUMO SACERDOTE, E DÁ O CARGO A ALCIM. ONIAS, SOBRINHO DE MENELAU, RETIRA-SE PARA O EGITO, ONDE O REI E A RAINHA CLEÓPATRA LHE PERMITEM CONSTRUIR, EM HELIÓPOLIS, UM TEMPLO SEMELHANTE AO DE JERUSALÉM.

484. Depois dessa resolução, o rei Antíoco mandou dizer a Judas Macabeu e a todos os que com ele estavam sitiados no Templo, por meio de um arauto, que queria oferecer a paz e permitir-lhes viver segundo as suas leis. Eles receberam a proposta com alegria. Depois que o príncipe deu a sua palavra e a confirmou com juramento, saíram do Templo, e Antíoco lá entrou. Mas, tendo observado bem o lugar, viu que era muito forte e, violando o próprio juramento, fez destruir até os alicerces o muro que o rodeava. Depois voltou para Antioquia, levando o sumo sacerdote Onias, cognominado Menelau, e, em Beroé, na Síria, mandou que lhe cortassem a cabeça.

Foi Lísias quem deu conselho para tal, dizendo que se o rei queria que os judeus vivessem em paz e não lhe perturbassem o reino com novas rebeliões,

tinha de matar Menelau, porque ele levara o rei seu pai a obrigar o povo a abandonar a sua religião, causando assim os males que lhes haviam sucedido. Com efeito, o sumo sacerdote era um homem tão mau e ímpio que, para chegar àquele cargo, o qual exerceu por dez anos, não tivera medo de levar a sua nação a violar as santas leis. Alcim, também chamado Jacim, sucedeu-o.

485. Depois que Antíoco pôs em ordem os interesses da Judéia, marchou contra Filipe e encontrou-o já de posse do reino. Mas logo soube castigar o usurpador, pois venceu-o numa grande batalha, aprisionou-o e o mandou matar.

486. O filho do sumo sacerdote Onias, que era apenas uma criança quando o pai morreu, vendo que o rei, a conselho de Lísias, mandara matar Menelau, seu tio, e dado o cargo a Alcim, que não era da casta sacerdotal, transferindo assim aquela honra para outra família, refugiou-se junto de Ptolomeu, rei do Egito. Foi muito bem recebido por este e pela rainha Cleópatra, sua esposa, que lhe permitiram construir na cidade de Heliópolis um templo semelhante ao de Jerusalém, de que falaremos a seu tempo.

CAPÍTULO 16

DEMETRIO, FILHO DE SELEUCO, FOGE DE ROMA, VEM À SÍRIA, FAZ-SE COROAR REI E MANDA MATAR O REI ANTIOCO E LÍSIAS. ENVIA BACIDA COM UM EXÉRCITO À JUDÉIA, PARA EXTERMINAR JUDAS MACABEU E TODO O SEU PAÍS. CONSTITUI ALCIM COMO SUMO SACERDOTE, QUE PRATICA ATOS DE GRANDE CRUELDADE. JUDAS, PORÉM, O OBRIGA A IR PEDIR AUXÍLIO A DEMETRIO.

487. 1 Macabeus 7. Nesse mesmo tempo, Demetrio, filho de Seleuco, fugiu de Roma, apoderou-se da cidade de Trípoli, na Síria, engajou um grande número de soldados e se fez coroar rei. Os povos vieram de todos os lados para se juntar a ele e aceitaram o seu domínio com tanta alegria que lhe entregaram o rei Antioco e Lísias, aos quais ele mandou matar imediatamente. Antioco havia reinado somente dois anos. Vários judeus, que haviam fugido por causa de sua impiedade, voltaram para junto desse novo rei, e Alcim, sumo sacerdote, uniu-se a eles para acusar os seus compatriotas, particularmente Judas

Macabeu e seus irmãos, de haverem matado os de seu partido quando estes lhes caíram nas mãos, obrigando assim os outros a abandonar o país para viver em segurança noutros lugares. Isso os impelia a suplicar-lhe que mandasse alguém de confiança para se informar das acusações que se faziam contra Judas.

Demetrio, animado por essas palavras contra Judas, enviou para lá Bacida,* governador da Mesopotâmia, com um exército. Esse homem era um valente general e fora muito querido do rei Antioco Epifânio. Demetrio deu-lhe ordem expressa de exterminar todos os que seguiam Judas, e este por primeiro. Recomendou-lhe particularmente que ajudasse Alcim, que deveria acompanhá-lo nessa guerra.

O general partiu de Antioquia e, quando chegou à Judéia, mandou dizer a Judas e a seus irmãos, com o fim de surpreendê-los, que queria fazer a paz e contrair aliança com eles. Judas, porém, desconfiou de suas palavras, visto que ele vinha com uma tropa considerável, mais parecendo desejar a guerra que a paz. Outros, que não eram tão prudentes, prestaram fé às palavras de Bacida, julgando que nada tinham a temer de Alcim, pois era um compatriota. Foram, portanto, ter com eles, depois que ambos prometeram com juramento não lhes fazer mal algum, nem aos de seu partido. Mas Bacida, contra a palavra que empenhara, mandou matar sessenta deles. Essa perfídia impediu que os demais lhe dessem fé, e ele afastou-se imediatamente de Jerusalém, chegando a Bete-Zaíte, onde matou todos os que conseguiu aprisionar e ordenou ao povo que obedecesse a Alcim, com quem deixou parte das tropas. Depois voltou para Antioquia, a fim de falar com o rei Demétrio.

---

* Ou Báquides.

488. Alcim, para conquistar a afeição do povo e firmar sua autoridade, falava com tanta doçura a todos que muitos, dos quais a maior parte era composta de ímpios e fugitivos, se alinharam ao lado dele. Começou então a devastar o país e mandou matar, do partido de Judas, os que lhe caíram nas mãos. Judas, vendo que ele se fortificava cada dia mais e que tantos homens de

bem pereciam pela sua crueldade, pôs-se em campo e matou, do partido de Alcim, todos os que pôde apanhar. Então esse inimigo de seu próprio país, não se julgando forte o bastante para enfrentá-lo, voltou a Antioquia para pedir socorro ao rei Demétrio, deixando o rei ainda mais irritado contra Judas. Alcim acusou-o de muitos males e da intenção de causar outros ainda maiores, caso sua majestade não enviasse poderosas forças para castigá-lo.

CAPÍTULO 17

O REI DEMÉTRIO, A PEDIDO DE ALCIM, MANDA NICANOR COM UM GRANDE EXÉRCITO CONTRA JUDAS MACABEU, A QUEM PROCURA SURPREENDER. TRAVAM UMA BATALHA, E NICANOR É MORTO. MORTE DE ALCIM POR UM TERRÍVEL CASTIGO DE DEUS. JUDAS É CONSTITUÍDO SUMO SACERDOTE EM SEU LUGAR E FAZ ALIANÇA COM OS ROMANOS.

489. 1 Macabeus 7. Ante essas queixas de Alcim, o rei Demétrio julgou conveniente, para a segurança do reino, não permitir que Judas Macabeu se fortificasse ainda mais, e enviou contra ele um grande exército, sob o comando de Nicanor, que com ele havia escapado de Roma e desfrutava grande prestígio perante o rei. Esse general partiu com ordem de não poupar um só dos judeus.

Quando chegou a Jerusalém, no entanto, não julgou conveniente revelar a Judas o propósito de sua vinda. Resolveu agir pela astúcia e mandou-lhe dizer que não compreendia por que razão ele queria entregar-se aos perigos de uma guerra e que estava disposto a afirmar-lhe com juramento que nada devia temer, pois viera com os seus amigos apenas para lhe manifestar as intenções do rei, muito favoráveis à sua nação. Judas e seus irmãos deixaram-se persuadir por estas palavras. O juramento foi feito de parte a parte, e eles o receberam com o seu exército. Nicanor saudou Judas e, enquanto ainda falavam, fez sinal aos seus para que o aprisionassem. Judas, porém, percebeu-o e escapou. Assim foi descoberta a traição de Nicanor, e Judas só pensava agora em se preparar para a guerra. O combate travou-se perto da aldeia de Cafarsalama, onde judas levou a pior e foi obrigado a se retirar para Jerusalém.

490. Um dia, quando Nicanor descia da fortaleza e vinha para o Templo, alguns sacerdotes e anciãos foram à sua presença, com algumas vítimas que

diziam desejar oferecer pela prosperidade do rei Demétrio. Mas ele, em vez de recebê-las favoravelmente, proferiu blasfêmias contra Deus e ameaçou destruir o Templo se não lhe entregassem Jerusalém. Assim, no temor de que se viram possuídos, tudo o que puderam fazer foi rogar a Deus, com lágrimas, que os protegesse. Nicanor foi acampar em Bete-Horom, onde recebeu, da Síria, um novo esforço. Judas acampou a trinta estádios dele, num lugar de nome Adasa, com mil homens somente. Exortou-os a não se assustarem com o número dos inimigos nem com outras aparentes vantagens que eles desfrutavam nos requisitos para a luta, mas que se lembrassem de que eram judeus e da causa pela qual combatiam, pois isso seria suficiente para livrá-los de todo o temor.

O combate logo iniciou, com grande entusiasmo de parte a parte. Vários inimigos foram mortos, e Nicanor também morreu, depois de fazer tudo o que é próprio de um grande general. Com a sua morte, as tropas perderam a coragem, abandonaram as armas e fugiram. Judas perseguiu-os com tenacidade, matou a todos os que apanhou e comunicou a todas as terras da vizinhança, pelo som de trombetas, que Deus lhe concedera a vitória. Os judeus, avisados por esse sinal, saíram imediatamente com armas, cortaram o caminho dos fugitivos e os atacaram. Não escapou um sequer dos nove mil homens que formavam aquele exército. Essa vitória deu-se no dia treze do mês de adar, que os macedônios chamam distro. E nós celebramos essa festa todos os anos, a partir dessa data. Nossa nação desfrutou, em seguida, paz e descanso durante algum tempo e pôde saborear os frutos da paz até enfrentar novamente outros perigos e novos combates.

491. Alcim, sumo sacerdote, queria mandar demolir os antigos muros do santuário, construídos pelos santos profetas, mas Deus o castigou imediatamente com uma doença tão cruel que ele caiu por terra e morreu, depois de sofrer durante vários dias dores contínuas e insuportáveis. Ele exerceu esse cargo durante quatro anos, e o povo, por um consentimento unânime, escolheu Judas Macabeu para sucedê-lo.

492. O novo sumo sacerdote, constatando que o poder dos romanos era tão grande que eles haviam submetido os gaiatas, os espanhóis e os cartagineses, subjugado a Grécia e vencido os reis Perseu, Filipe e Antíoco, o Grande, resolveu fazer amizade com eles e enviou a Roma, para esse fim, dois

de seus amigos: Eupotemo, filho de João, e Jasão, filho de Eleazar, com o fim de rogar aos romanos que os recebessem em aliança e em amizade, e escrevessem ao rei Demétrio que os deixasse em paz.

O senado os recebeu muito favoravelmente, concedeu-lhes o que pediam e mandou exarar o pedido como decreto, em tábuas de cobre, que foram colocadas no Capitólio. Deram-lhes uma cópia, cujas palavras eram estas: "Nenhum dos que estão sujeitos aos romanos fará guerra aos judeus, tampouco auxiliará os seus inimigos com trigo, navios ou dinheiro. Os romanos ajudarão os judeus com todas as suas posses contra os que os atacarem, e os judeus auxiliarão os romanos do mesmo modo, se estes forem atacados. Se os judeus quiserem acrescentar ou diminuir alguma coisa a esta aliança que contraem com os romanos, não o poderão fazer sem o consentimento de todo o povo romano, que deverá ratificá-lo". Essa cópia foi escrita por Eupotemo e por Jasão, sendo então Judas o sumo sacerdote, e Simão, seu irmão, o general de todo o exército. Esse tratado foi o primeiro que os judeus fizeram com os romanos.

CAPÍTULO 18

O REI DEMÉTRIO MANDA BACIDA COM UM NOVO EXÉRCITO CONTRA JUDAS MACABEU, QUE, EMBORA TENHA SOMENTE OITOCENTOS HOMENS, DECIDE COMBATÊ-LO.

493. 1 Macabeu 9. O rei Demétrio, tendo sabido da morte de Nicanor e da inteira derrota de seu exército, enviou um outro contra os judeus, comandado por Bacida. Ele partiu de Antioquia, entrou na Judéia, acampou perto de Arbelas, na Galiléia, forçou as cavernas para onde vários judeus se haviam retirado e avançou pelo lado de Jerusalém. Soube, a caminho, que Judas estava numa aldeia chamada Bersete e marchou imediatamente contra ele. Judas tinha então somente dois mil homens, a maior parte dos quais, mil e duzentos homens, ficou atemorizada pelo número dos inimigos e fugiu, ficando-lhe somente oitocentos. Mesmo abandonado desse modo e não tendo nenhum meio de fortificar as suas tropas, ele resolveu combater com os poucos soldados que lhe restavam. Exortou-os a suprir pela coragem o que lhes faltava e a superar pelo valor a grandeza do perigo. Eles lhe fizeram ver a desproporção entre as suas forças e as dos inimigos, dizendo que era melhor se retirarem

para reunir novos soldados e então voltar para combatê-los, mas ele respondeu: "Deus me livre ser tão infeliz. Que o Sol jamais me veja voltar as costas ao inimigo. Embora me deva custar a vida, não irei obscurecer por uma fuga vergonhosa o brilho de tantas vitórias que conquistei sobre eles. Recebê-los-ei com armas na mão e, combatendo generosamente, aceitarei o que prouver a Deus permitir que me aconteça". Essas palavras, vindo de tão corajoso comandante, tiveram tanta força que persuadiram o pequeno número a desprezar tão grande perigo e a sustentar sem temor o ímpeto daquele poderoso exército.

CAPÍTULO 19

JUDAS MACABEU ENFRENTA COM OITOCENTOS HOMENS TODO O EXÉRCITO DO REI DEMÉTRIO E É MORTO, DEPOIS DE PRATICAR INCRÍVEIS PROEZAS DE VALOR. ELOGIO A ELE.

494. Bacida dispôs as suas tropas em ordem de batalha e colocou a cavalaria em duas alas, pondo no meio os que estavam armados à ligeira, com os arquei-ros sustentados pelas falanges macedônias. Ele comandava em pessoa a ala direita. Depois de marchar nessa ordem, aproximou-se dos inimigos, ordenou aos trombeteiros que dessem o toque de avançar e aos demais que iniciassem o ataque. Judas, por seu lado, fez a mesma coisa, e a luta foi tão acirrada, de parte a parte, que durou até o pôr-do-sol.

Judas, tendo notado que Bacida combatia na ala direita com a elite de suas tropas, tomou os mais valorosos dentre os seus e foi atacá-lo, com tanta coragem que atravessou os seus temíveis batalhões e os desbaratou. Colocou-os em fuga e os perseguiu até os montes de Asa. Os da ala esquerda, vendo que ele tinha avançado demais, seguiram-no e o rodearam de todos os lados. Na impossibilidade de se retirar, Judas continuou firme e, depois de matar uma porção deles, ficou tão esgotado que caiu exausto e morreu gloriosamente, coroando assim as suas grandes e imortais vitórias.

Os soldados, não podendo mais resistir após a perda de tal comandante, só pensaram em se salvar. Simão e Jônatas, seus irmãos, levaram-lhe o corpo durante algumas tréguas e foram a Modim, onde ele foi enterrado com grande

magnificência na sepultura de seu pai. Todo o povo lamentou-o durante vários dias e prestou-lhe todas as homenagens que a nossa nação costuma prestar à memória dos filhos mais ilustres.

Tal foi o glorioso fim de Judas Macabeu, grande general e comandante, homem admirável, que, tendo sempre diante dos olhos os mandamentos que recebera de seu pai, empreendeu corajosamente muitas ações difíceis e perigosas, para o bem e a liberdade de sua pátria. Será, pois, motivo de admiração que a honra de tê-la libertado da escravidão dos macedônios, com um número infinito de feitos extraordinários, lhe tenham granjeado uma reputação que nenhum século verá terminar? Exerceu ele durante três anos o sumo sacerdócio.

Livro Décimo Terceiro

CAPÍTULO 1

DEPOIS DA MORTE DE JUDAS MACABEU, JÔNATAS, SEU IRMÃO, É ESCOLHIDO PELOS JUDEUS PARA GENERAL DE SUAS TROPAS. BACIDA, GENERAL DO EXÉRCITO DE DEMÉTRIO, TENTA MATÁ-LO À TRAIÇÃO E, NÃO CONSEGUINDO, ATACA-O. GRANDE COMBATE E BELA RETIRADA DE JÔNATAS. OS FILHOS DE AMAR MATAM JOÃO, SEU IRMÃO. JÔNATAS SE VINGA. BACIDA CERCA JÔNATAS E SIMÃO, SEU IRMÃO, EM BETALAGA. ELES O OBRIGAM A LEVANTAR O CERCO.

495. 1 Macabeus 9. Vimos no livro precedente que os judeus se libertaram da escravidão dos macedônios pela coragem e valor de Judas Macabeu, que foi morto no último dos muitos combates nos quais se empenhara para reconquistar a liberdade. Depois da perda desse generoso chefe, aqueles de nossa nação que haviam abandonado as leis de seus pais fizeram mal, como nunca antes, aos que permaneciam fiéis a Deus. E uma grande carestia afligiu de tal modo a judéia que vários dentre aqueles passaram para os macedônios, a fim de garantir a própria subsistência. Bacida entregou a esses desertores o encargo dos negócios da província, e eles começaram por lhe entregar todos os que puderam apanhar, tanto os amigos particulares de Judas Macabeu quanto os que eram favoráveis ao seu partido. Não se contentando em mandá-los matar, o cruel general valia-se de tormentos desconhecidos e inauditos.

Os judeus, vendo-se reduzidos à extrema miséria, qual nem mesmo haviam sofrido após o cativeiro na Babilônia, e tendo motivo para temer a completa ruína, pediram a Jônatas, irmão de judas, que imitasse o valor de seu admirável irmão, o qual terminara a vida combatendo até o último suspiro pela salvação de sua pátria, e não permitisse que toda a nação perecesse por falta de um chefe tão competente quanto ele. Jônatas respondeu que estava pronto a sacrificar a sua vida pelo bem público, e, como todos julgassem que não podiam confiar o cargo a pessoa mais digna, escolheram-no para chefe com o

consentimento geral.

496. Bacida, apenas o soube, com medo de que jônatas causasse tantas preocupações quanto o irmão ao rei e aos macedônios, resolveu mandar matá-lo à traição. Mas Jônatas e Simão descobriram o seu intento e se retiraram com vários dos de seu partido para o deserto próximo de Jerusalém, detendo-se junto do lago de Asfar. Bacida, pensando que eles estavam com medo, marchou imediatamente contra eles com todas as suas tropas e acampou além do Jordão.

Quando Jônatas soube disso, enviou João, seu irmão, cognominado Gadis, com a bagagem, aos árabes nabateenses, que eram seus amigos, para lhes pedir que a guardassem até que tivessem terminado a luta com Bacida. Porém os filhos de Amar saíram da cidade de Medeba e o atacaram, saquearam toda a bagagem e o mataram, bem como a todos os que o acompanhavam. Tão negra ação não ficou impune. Os irmãos de João tiraram vingança, como diremos em seguida.

Bacida, sabendo que Jônatas se retirara aos pantanais do Jordão, escolheu o sábado para atacá-lo, na persuasão de que a observância da Lei os impediria de combater. Jônatas fez ver aos seus que os inimigos que tinham à frente e o rio, que estava por trás, tirando-lhes a passagem e os meios de fuga, exigiriam deles toda a coragem e todo o empenho na luta, se quisessem salvar-se de tão grande perigo. Em seguida, fez a Deus uma oração para pedir-lhe a vitória e atacou os inimigos, matando vários deles. Bacida, vendo-o aproximar-se de maneira tão ousada, reuniu todas as suas forças para desferir-lhe um tremendo golpe. Jônatas, porém, o evitou e, percebendo que não estava em condições de resistir por muito tempo a um inimigo tão numeroso, lançou-se com o seu exército ao rio, passando-o a nado, o que os inimigos não ousaram fazer.

Assim, Bacida, que perdeu no combate uns dois mil homens, voltou para a fortaleza de Jerusalém e fortificou várias cidades que haviam sido destruídas, isto é, Jerico, Emaús, Bete-Horom, Betei, Tamnata, Faraton, Tefon e Gazara,* rodean-do-as com muralhas com torres grandes e fortes e colocando nelas guarnições, a fim de poder usá-las como base nas incursões contra os judeus. Fortificou de modo particular a fortaleza de Jerusalém, onde mantinha

prisioneiros os principais dos judeus, que lhe haviam sido entregues como reféns.

---

* Ou Cezer.

497. Por esse mesmo tempo, Jônatas e Simão souberam que os filhos de Amar iriam levar, da cidade de Gatala, com grande pompa e magnificência, a filha de um dos principais dos árabes, que um deles recebera como noiva, para celebrar as bodas. Os dois irmãos julgaram que não haveria ocasião melhor para vingar a morte de João, seu irmão. Assim, marcharam com grandes forças para Medeba e puseram-se de emboscada no monte que está à passagem. Logo que viram a noiva aproximar-se com o noivo e seus amigos, atiraram-se sobre eles, mataram todos, levaram o que eles tinham de mais precioso e voltaram, depois de se sentirem plenamente vingados. Eles mataram cerca de quatrocentos, entre homens, mulheres e crianças, e sua moradia agora era nos pantanais do Jordão.

498. Bacida, depois de colocar as guarnições na Judéia, voltou para visitar o rei Demétrio. Assim, os judeus ficaram em paz durante dois anos. Mas os ímpios desertores, vendo que Jônatas e os seus viviam tranqüilos, sem nada temer, foram pedir ao rei que enviasse Bacida novamente, para os aprisionar, pois então nada seria mais fácil que os surpreender durante a noite e matar todos eles. Bacida partiu, por ordem do príncipe, e logo que chegou à Judéia escreveu aos seus amigos e aos judeus que eram de seu partido, ordenando que prendessem Jônatas. Eles tudo fizeram para consegui-lo, mas inutilmente, porque ele vivia de sobreaviso. Bacida ficou de tal modo encolerizado contra aqueles falsos judeus, pensando que eles o haviam enganado, bem como ao rei, que mandou matar uns cinqüenta dentre os principais.

Jônatas e seu irmão, não se sentindo bastante fortes, retiraram-se com os seus homens para uma aldeia do deserto, de nome Betalaga,* e a rodearam com muralhas e fortificaram as torres, a fim de poderem ficar em segurança. Bacida sitiou-os com todas as suas tropas e com os judeus de seu partido, procurando atacá-los durante vários dias, mas eles se defendiam corajosamente. Jônatas, deixando o irmão na cidade, para continuar resistindo ao cerco, saiu

secretamente e, com os soldados de que dispunha, atacou à noite o acampamento dos inimigos, matando muitos deles. Depois mandou avisar o irmão, que saiu também e incendiou as máquinas com que eram atacados, matando um grande número de inimigos. Bacida, vendo-se acossado de todos os lados e não tendo esperança de tomar a cidade, ficou de tal modo perturbado que parecia ter perdido a razão. Então descarregou a sua cólera sobre os miseráveis trânsfugas, que ele julgava terem enganado o rei ao persuadir o soberano a enviá-lo para a Judéia. Depois disso, pensava apenas em como levantar o cerco sem desonra e retirar-se.

---

* Ou Bete-Busi.

CAPÍTULO 2

JÔNATAS FAZ A PAZ COM BACIDA.

499. 1 Macabeus 9. Quando Jônatas soube da disposição de Bacida, mandou fazer-lhe uma proposta de paz, dizendo-lhe que, se concordasse, deveria começar por entregar os prisioneiros, e ele faria o mesmo. Bacida, não querendo perder uma ocasião tão favorável para levantar honestamente o cerco, não teve dificuldade em fazer o tratado. Prometeram com juramento não fazer mais guerra entre si, e os prisioneiros foram postos em liberdade. Bacida voltou para junto do rei, seu senhor, a Antioquia, e nunca mais veio com armas à Judéia.

jônatas, depois de assim cuidar da tranqüilidade e da segurança de sua pátria, fixou moradia na cidade de Micmás, onde se entregou ao governo do povo: apaziguava os litígios, castigava os maus e os ímpios, e de nada se esquecia para reformar os costumes de sua nação.

CAPÍTULO 3

ALEXANDRE BALAS, FILHO DO REI ANTÍOCO EPIFÂNIO, ENTRA COM ARMAS NA SÍRIA. A GUARNIÇÃO DE PTOLEMAIDA ABRE-LHE AS PORTAS, POR CAUSA DO ÓDIO QUE TINHA AO REI DEMÉTRIO, QUE SE PREPARA PARA A GUERRA.

500. No ano cento e sessenta, Alexandre, cognominado Balas, filho do rei Antíoco Epifânio, entrou com armas na Síria, e a guarnição da cidade de Ptolemaida entregou-lhe a praça, pelo ódio que tinha ao rei Demétrio, por causa do seu orgulho, que o tomava inacessível. Ele ficava encerrado num palácio real muito próximo de Antioquia e fortificado por quatro grandes torres, onde não permitia a ninguém ir vê-lo. Ali, sem se incomodar com os destinos do reino, passava a vida ociosamente, o que lhe valeu o desprezo e a aversão de seus súditos, como o dissemos em outro lugar. Mas quando ele soube que Alexandre fora recebido em Ptolemaida, reuniu todas as suas forças a fim de marchar contra ele.

CAPÍTULO 4

O REI DEMÉTRIO PROCURA ALIANÇA COM JÔNATAS, QUE SE SERVE DESSA OCASIÃO PARA REPARAR AS FORTIFICAÇÕES DE JERUSALÉM.

501. 1 Macabeus 10. O príncipe enviou, ao mesmo tempo, embaixadores a Jônatas para convidá-lo a se unir com ele num pacto de amizade e de aliança, pois desejava antepor-se a Alexandre, não duvidando de que este se propunha também obter o auxílio de Jônatas, e julgou poder consegui-lo tanto mais facilmente quanto não desconhecia o ódio que havia entre eles. Mandava-o ainda reunir tropas, quantas pudesse, para ajudá-lo naquela guerra e permitia-lhe retomar os reféns judeus que Bacida havia deixado na fortaleza de Jerusalém.

Jônatas, logo que recebeu as cartas, foi a Jerusalém e leu-as na presença de todo o povo e da guarnição da fortaleza. Os judeus ímpios e fugitivos que lá se haviam refugiado ficaram muito surpreendidos, porque o rei permitia a Jônatas reunir soldados e retirar os reféns. Depois que estes lhe foram entregues, ele os enviou todos aos seus respectivos parentes e serviu-se da ocasião para fazer grandes restaurações em Jerusalém. Estabeleceu aí a sua moradia, sem que houvesse oposição, e mandou reconstruir as muralhas, com grandes pedras quadradas, para que pudessem resistir aos ataques dos inimigos. Quando as guarnições dispersas pelas cidades fortificadas da Judéia o viram agir desse modo, abandonaram o seu posto e se retiraram para

Antioquia, exceto os de Bete-Zur e os da fortaleza de Jerusalém, porque eram guarnições compostas principalmente de judeus desertores e sem religião.

CAPÍTULO 5

O REI ALEXANDRE BALAS PROCURA JÔNATAS AMIGAVELMENTE E DÁ-LHE O CARGO DE SUMO SACERDOTE, VACANTE PELA MORTE DE JUDAS MACABEU, SEU IRMÃO. O REI DEMÉTRIO FAZ-LHE AINDA MAIORES PROMESSAS. OS DOIS REIS TRAVAM UMA BATALHA, E DEMÉTRIO É MORTO.

502. Como o rei Alexandre Balas conhecia os grandes feitos de Jônatas na guerra contra os macedônios e sabia, além disso, o quanto ele fora afligido por Demétrio e por Bacida, general do exército, disse aos seus servidores, logo que soube do oferecimento que esse príncipe lhe fizera, que julgava não poder, em tal conjuntura, contrair uma aliança cujo auxílio lhe fosse mais vantajoso do que com jônatas, porque este, além de seu grande valor e experiência na guerra, tinha motivos particulares para odiar Demétrio, pelo mal que dele havia recebido e pelas angústias suportadas. Se eles julgassem conveniente, faria aliança com ele, contra Demétrio, pois nada haveria de mais útil para eles. Todos aprovaram esse projeto.

Ele escreveu imediatamente a Jônatas a seguinte carta: "O rei Alexandre a Jônatas, seu irmão, saudação. A estima que temos há muito pelo vosso valor e fidelidade nas promessas nos leva a desejar unirmo-nos a vós com uma aliança de amizade, e estamos vos enviando emissários para esse fim. Para dar provas disso, vos constituímos, com a presente, sumo sacerdote, vos recebemos no número de nossos amigos e vos fazemos presente de um traje de púrpura e de uma coroa de ouro, porque não duvidamos que tantos sinais de honra recebidos de nós e unidos ao pedido que fazemos não vos obriguem a desejar reconhecê-los".

Jônatas, depois de receber essa carta, revestiu-se de ornamentos de sumo sacerdote, no dia da festa dos Tabernáculos, quatro anos depois da morte de Judas Macabeu, seu irmão. Durante esse tempo, o cargo esteve vago. Ele então reuniu um grande número de pessoas e mandou forjar uma grande quantidade de armas.

503. Demétrio soube disso com sensível desprazer, mas culpou a sua própria demora, que dera ocasião a Alexandre de atrair ao seu partido com tantas demonstrações de estima um homem de tanto mérito. Não deixou, porém, de escrever a Jônatas e ao povo, nestes termos: "O rei Demétrio a Jônatas e à nação dos judeus, saudação. Sabendo de que modo resististes às solicitações que os nossos inimigos vos fizeram de violar a nossa aliança, não podemos louvar o bastante a vossa fidelidade nem exortar-vos em demasia a agir sempre desse modo. Podeis contar com a nossa palavra: não há favores que não possais esperar de nós, como recompensa. E, para vos provar o que dissemos, dispensamo-vos da maior parte dos tributos e vos desobrigamos, desde já, do que estáveis acostumados a pagar a nós e aos nossos predecessores, como também do sal, das coroas de ouro de que nos fazeis presentes e do terço das sementes, da metade das frutas das árvores e do imposto por cabeça devido pelos que moram na Judéia e nas três províncias vizinhas, isto é, Samaria, Galiléia e Peréia, e isso para sempre. Queremos ainda que a cidade de Jerusalém, sendo sagrada, desfrute o direito de asilo e seja isenta, com o seu território, das décimas e de toda espécie de imposto. Permitimos a jônatas, vosso sumo sacerdote, que constitua para a guarda da fortaleza de Jerusalém os que mais merecerem a sua confiança, a fim de vô-la conservar. Colocamos em liberdade os judeus aprisionados na guerra e ainda escravizados entre nós. Isentamo-vos de fornecer cavalos para os correios. E nosso desejo que todos os sábados, as festas solenes e os três dias que as precedem sejam dias de liberdade e de franquia, e que os judeus que moram em nossos territórios sejam livres e possam usar armas a nosso serviço, até trinta mil, recebendo o mesmo soldo que os nossos soldados. Eles podem ser postos nas guarnições de nossas praças e recebidos em nossas guardas pessoais, e os seus chefes serão tratados favoravelmente em nossa corte. Permitimos a todos os das três províncias vizinhas de que acabamos de falar que vivam segundo as leis de vossos antepassados e encarregamos o vosso sumo sacerdote de cuidar para que nenhum judeu vá adorar a Deus em outro templo que não o de Jerusalém. Ordenamos que seja tomada de nossas rendas, todos os anos, a soma de cento e cinqüenta mil dracmas de prata, para as despesas dos sacrifícios, e que o que sobrar seja empregado em vosso proveito. Quanto às dez

mil dracmas que os reis estavam acostumados a receber do Templo cada ano, nós as deixamos aos sacerdotes e aos outros ministros desse lugar sagrado, porque sabemos que elas lhes pertencem. Proibimos que se atente contra qualquer pessoa que se retirar ao Templo em Jerusalém ou ao oratório que lhe está próximo, ou contra os seus bens, seja pelo que nos deve, seja por qualquer outro motivo. E permitimos que, à nossa custa, repareis o Templo e as muralhas da cidade e que eleveis altas torres. E ainda, se houver na Judéia lugar próprio para se construírem cidadelas, queremos que tal se faça também à nossa custa".

O rei Alexandre, após reunir grandes forças, tanto as tropas tomadas sob pagamento quanto as que na Síria se haviam revoltado contra Demétrio, marchou contra este, e travou-se a batalha. A ala esquerda do exército de Demétrio rompeu a ala direita do de Alexandre, obrigando-o a fugir. Perseguiu-o por muito tempo, com grande mortandade, e saqueou o seu acampamento. Porém, a ala direita de Demétrio, na qual ele combatia, não pôde resistir à ala esquerda de Alexandre, que a atacava. O príncipe fez, nessa ocasião, atos extraordinários de valor. Matou com as próprias mãos muitos inimigos e, enquanto perseguia outros, o seu cavalo caiu num pântano, do qual não pôde mais sair. Assim, a pé, abandonado, rodeado por inimigos e acossado pelas flechas, caiu crivado de feridas, depois de se defender com invencível coragem. Ele reinou onze anos, como já dissemos.

CAPÍTULO 6

ONIAS, FILHO DE ONIAS, SUMO SACERDOTE, CONSTRÓI NO EGITO UM TEMPLO SEMELHANTE AO DE JERUSALÉM. CONTESTAÇÃO ENTRE OS JUDEUS E OS SAMARITANOS ANTE PTOLOMEU FILOMETER, REI DO EGITO, COM RELAÇÃO AO TEMPLOS DE JERUSALÉM E DE GERIZIM. OS SAMARITANOS PERDEM A CAUSA.

504. Onias, filho de Onias, sumo sacerdote, que, como dissemos, se retirara para Alexandria, a Ptolomeu Filometer, rei do Egito, vendo que a Judéia fora destruída pelos macedônios e pelos seus reis, e desejando eternizar-lhe a memória, escreveu ao rei e à rainha Cleópatra para suplicar que lhe permitissem construir no Egito um templo semelhante ao de Jerusalém e lá

constituir sacerdotes e levitas de sua nação. Uma profecia de Isaías, que havia predito, cem anos antes, que um judeu edificaria no Egito um templo em honra ao Deus Todo-poderoso, fortaleceu ainda mais o seu desígnio.

Sua carta assim estava escrita: "Quando, com a ajuda de Deus, prestei a vossa majestade grandes serviços na guerra, notei, passando pela Baixa Síria, pela Fenícia e por Leontópolis, que é do governo de Heliópolis, e por outros lugares, que os judeus lá haviam construído diversos templos sem observar as regras necessárias para esse fim, o que causou entre eles grande divergência. Os egípcios cometem a mesma falta, pela multidão de templos e pela diversidade de seus sentimentos nas coisas da religião. Mas encontrei em um castelo chamado Bubaste, o Selvagem, um lugar muito apropriado para a construção de um templo, porque lá se encontram animais em abundância e outras coisas próprias para os sacrifícios, e onde já existe um templo, meio destruído e que não está consagrado a divindade alguma, cuja demolição, se vossa majestade o permitir, poderá servir à construção de um outro, em honra ao Deus Todo-poderoso, que será semelhante ao de Jerusalém e nele se rogará pela prosperidade de vossas majestades e dos príncipes vossos filhos. Ele congregará todos os judeus que moram no Egito, porque eles aí se reunirão para cantar louvores a Deus, como o predisse profeta Isaías, nestas palavras: Haverá no Egito um lugar consagrado a Deus (ao que ele acrescenta diversas coisas referentes a esse lugar)".

O rei Ptolomeu e a rainha Cleópatra, a qual era ao mesmo tempo sua mulher e irmã, mostraram a sua piedade em uma resposta cujos termos lançavam sobre Onias todo o pecado, se houvesse naquilo transgressão à Lei. Eis as palavras: "O rei Ptolomeu e a rainha Cleópatra a Onias, saudação. Vimos por vossa carta o pedido que nos fazeis de permitir-vos reconstruir o templo em rumas de Bubaste, o Selvagem, perto de Leontópolis, que é do governo de Heliópolis, e temos dificuldades em crer que seja coisa agradável a Deus consagrar-lhe um templo num lugar tão impuro e cheio de animais. Como nos afirmais, todavia, que o profeta Isaías predisse há muito tempo que isso iria acontecer, nós vô-lo permitimos, caso seja coisa que se possa fazer sem desobedecer à vossa lei, pois não queremos absolutamente ofender a Deus".

Onias, depois dessa permissão, construiu um templo igual ao de

Jerusalém, contudo um pouco menor e não tão rico. Não lhe citarei as medidas nem os vasos que foram consagrados, pois disso já falei no sétimo livro da Guerra dos Judeus. Onias não teve dificuldade em encontrar entre os judeus sacerdotes e levitas com os mesmos sentimentos para servirem naquele templo.

505. Suscitou-se por aquele mesmo tempo, em Alexandria, uma tão grande questão entre os judeus e os samaritanos, os quais haviam, sob o reinado de Alexandre, o Grande, construído um templo no monte Gerizim, que o rei Ptolomeu desejou ser informado a esse respeito. Os judeus diziam que o Templo de Jerusalém, tendo sido construído segundo as Leis de Moisés, era o único que devia ser reverenciado. Os samaritanos, ao contrário, sustentavam que o de Gerizim era o verdadeiro.

O soberano reuniu um grande conselho para decidir a questão, e começou por dizer que os advogados que perdessem a causa seriam condenados à morte. Sabeu e Teodósio falaram pelo samaritanos, e Andrônico, filho de Messalam, pelo judeus e pelos de Jerusalém. Todos protestaram com juramento, diante de Deus e do rei, que não trariam outras provas senão as da Escritura e da Lei e rogaram ao soberano que mandasse matar aqueles que violassem o juramento. Os judeus de Alexandria estavam muito aflitos por aqueles que defendiam a sua causa e não podiam ver, sem extrema dor, que se pusesse em dúvida o direito do mais antigo e augusto Templo do mundo.

Sabeu e Teodósio consentiram que Andrônico falasse primeiro, e ele demonstrou, por meio de provas tiradas da Lei e pela série contínua dos sumo sacerdotes, a santidade e a autoridade do Templo de Jerusalém. Provou-as também pelos ricos e magníficos presentes que todos os reis da Ásia haviam oferecido e pela honra que lhe prestaram, os quais não tinham, ao invés, nenhum apreço pelo Templo de Gerizim. A isso ele acrescentou outras razões, persuadindo o rei de tal modo que ele declarou que o Templo de Jerusalém era o que realmente fora construído conforme as Leis de Moisés. E mandou matar Sabeu e Teodósio.

CAPÍTULO 7

ALEXANDRE BALAS, DE POSSE PACÍFICA DO REINO DA SÍRIA, PELA MORTE DE DEMETRIO, DESPOSA AFILHA DE PTOLOMEU FILOMETER, REI DO EGITO. GRANDES

HONRAS PRESTADAS POR ALEXANDRE AFÔNATAS, SUMO SACERDOTE.

506. 1 Macabeus 11. Depois que o rei Demetrio, como dissemos, morreu na batalha e Alexandre Balas, por sua morte, se tornou senhor de toda a Síria, este escreveu a Ptolomeu Filometer, rei do Egito, para pedir-lhe a princesa Cleópatra, sua filha, em casamento, dizendo que era muito justo, visto que Deus lhe havia concedido a graça de vencer Demetrio e reconquistar o reino de seu pai, que ele o recebesse como aliado quando outras considerações não o tornassem indigno disso. Ptolomeu recebeu essa carta com satisfação e respondeu que tivera conhecimento, com bastante prazer, de que ele voltara aos seus domínios, os quais lhe pertenciam com justo título, e de boa mente lhe dava a sua filha. Ele devia apenas vir a Ptolemaida, para onde ela seria levada, a fim de lá celebrarem as bodas.

Tudo isso se realizou. Ptolomeu deu como dote à filha uma soma digna de tão grande rei. Alexandre escreveu a jônatas, sumo sacerdote, convidando-o para o casamento. Ele compareceu, deu magníficos presentes aos dois reis e foi por eles recebido com grandes honras. Alexandre obrigou-o a mudar de trajes para vestir um manto de púrpura, obrigou-o a sentar-se perto dele, no trono, e ordenou aos seus principais oficiais que o levassem pela cidade clamando que o rei proibia a quem quer que fosse dizer algo contra ele ou causar-lhe algum desprazer. Tantos favores mostraram a todos o prestígio de Jônatas perante o rei, e os seus inimigos, que tinham vindo para acusá-lo, retiraram-se, temendo que o mal que lhe desejavam viesse a cair sobre eles próprios. O afeto que Alexandre lhe dedicava era tão grande que esse príncipe o considerava o homem a quem mais estimava sobre a terra.

CAPÍTULO 8

DEMETRIO NICANOR, FILHO DO REI DEMETRIO, ENTRA NA CILÍCIA COM UM EXÉRCITO. O REI ALEXANDRE BALAS DÁ O COMANDO DE SEU EXÉRCITO A
APOLÔNIO, QUE INJUSTAMENTE ATACA JÔNATAS, SUMO SACERDOTE. JÔNATAS O DERROTA, TOMA AZOTO E INCENDEIA O TEMPLO DE DAGOM.
PTOLOMEU FILOMETER, REI DO EGITO, VEM EM AUXÍLIO DO REI ALEXANDRE,

SEU GENRO, QUE LHE ARMA EMBOSCADAS POR MEIO DE AMORNO. PTOLOMEU TIRA-LHE AFILHA E A DÁ EM CASAMENTO A DEMÉTRIO. OS HABITANTES DE ANTIOQUIA RECEBEM PTOLOMEU, E EXPULSAM ALEXANDRE, QUE RETORNA COM UM EXÉRCITO. PTOLOMEU E DEMÉTRIO COMBATEM E VENCEM ALEXANDRE. PTOLOMEU MUITO FERIDO, MORRE, PORÉM ANTES VÊ A CABEÇA DE ALEXANDRE, ENVIADA POR UM PRÍNCIPE ÁRABE, FÔNATAS CERCA A FORTALEZA DE JERUSALÉM E APLACA COM PRESENTES O REI DEMÉTRIO, QUE CONCEDE NOVAS GRAÇAS AOS JUDEUS. ESSE PRÍNCIPE, VENDO-SE EM PAZ, DISPENSA OS SEUS ANTIGOS SOLDADOS.

507. No ano cento e sessenta e cinco, Demétrio, cognominado Nicanor, filho do rei Demétrio, tomou sob pagamento um grande número de soldados que Lastene, de Creta, lhe forneceu, embarcou nessa ilha e foi à Cilícia. Essa notícia deixou muito perturbado o rei Alexandre Balas, que então estava na Fenícia. Ele partiu imediatamente para Antioquia, a fim de prevenir-se antes da chegada de Demétrio, e deu o comando de seu exército a Apolônio Davo. Esse general avançou para)amnia e mandou dizer a Jônatas, sumo sacerdote, que era estranho que ele fosse o único a viver à vontade e em paz sem prestar nenhum serviço ao rei; que não permitiria por mais tempo a censura que todos lhe moviam de não obrigá-lo ao cumprimento do dever; que ele não se iludisse na esperança de que não o poderiam atacar nos montes; que, se de fato ele era valente e tinha confiança em suas forças, como queria que se pensasse, viesse então à planície para encerrar aquela questão por meio de um combate, cujo resultado haveria de mostrar qual dos dois era o mais valente; que ele estivesse avisado de que tinha os melhores soldados, recrutados em todos os lugares da terra, os quais estavam acostumados a vencer; e que aquele combate se daria num lugar onde se teria necessidade de armas, e não de pedras, e onde os vencidos não podiam esperar a salvação pela fuga.

Jônatas, irritado com tais bravatas, partiu imediatamente de Jerusalém com dez mil homens escolhidos, acompanhado por Simão, seu irmão, e foi acampar próximo da cidade de Jope. Os habitantes fecharam-lhes as portas. Vendo, porém, que ele se preparava para forçá-las, abriram-nas. Quando Apolônio soube que ele havia se apoderado da cidade, marchou por Azoto com

oito mil soldados de infantaria e três mil de cavalaria. Em seguida, aproximou-se de Jope em marchas pequenas, sem rumor, e depois afastou-se um pouco para atacar Jônatas na planície, porque confiava na sua cavalaria. Jônatas avançou e o perseguiu até Azoto.

Apolônio, mal o viu na planície, mudou de idéia e mandou sair ao mesmo tempo mil cavaleiros de uma emboscada que havia preparado numa torrente a fim de atacar os judeus pela retaguarda. Jônatas, que previra o movimento, não se admirou. Formou um batalhão compacto, em quadrados, para poder resistir de todos os lados, e exortou os seus a mostrar toda a sua coragem naquela eventualidade.

O combate durou até a tarde. Jônatas deu o comando de uma parte do exército a Simão, seu irmão, e ordenou às tropas perto dele que se cobrissem com os escudos, para receber os dardos da cavalaria inimiga. Eles fizeram assim, e a cavalaria gastou todos os seus dardos sem conseguir causar-lhes mal algum. Quando Simão viu que os inimigos estavam cansados por terem lançado tantos dardos inutilmente o dia todo, atacou-os com tanta violência, principalmente a infantaria, que os derrotou. A fuga atemorizou também a cavalaria, e assim ela foi desbaratada e fugiu desordenadamente, jônatas os perseguiu até Azoto e matou um grande número deles. O resto refugiou-se num templo de Dagom, mas ele entrou na cidade e mandou incendiá-la, fazendo o mesmo com as cidades da vizinhança. Também não respeitou o templo e o incendiou, e assim morreram queimados todos os que nele se haviam refugiado.

O número dos inimigos que pereceram nesse dia, tanto pelas chamas quanto pelas armas, foi de dez mil homens. Jônatas, ao sair de Azoto, acampou próximo de Asquelom. Os habitantes ofereceram-lhe presentes. Ele os recebeu, agradeceu-lhes a boa vontade e retornou vitorioso a Jerusalém, com ricos despojos. O rei Alexandre Balas mostrou-se satisfeito com a derrota de Apolônio, porque este havia atacado o seu amigo e os seus confederados contra a sua vontade. E, para mostrar a Jônatas em que estima ele tinha o seu valor, mandou-lhe um broche de ouro que somente os parentes dos reis podiam usar e deu-lhe perpetuamente Acarom e seu território.

508. Nesse mesmo tempo, o rei Ptolomeu Filometer veio à Síria com forças de terra e de mar, em socorro de Alexandre, seu genro, por ordem de

quem todas as cidades o receberam com alegria, exceto Azoto, que lhe fez grandes queixas de jônatas, por ele haver incendiado o templo de Dagom e todo o país, passando-o a ferro e fogo, ao que esse rei nada respondeu. Jônatas dirigiu-se a Jope, onde ele estava, e foi muito bem recebido. Depois de acompanhá-lo até o rio de Eleutério, voltou a Jerusalém com ricos presentes, ofertados pelo príncipe.

509. Enquanto Ptolomeu estava em Ptolemaida, pouco faltou que não perecesse numa emboscada que Alexandre lhe armara por meio de Amônio, seu amigo. Mas ele descobriu e escreveu a Alexandre, dizendo que punisse aquele traidor como merecia. Vendo que ele não fazia caso, não duvidou em pensar que fora o próprio Alexandre o autor de tão grande traição e ficou irritado contra o pérfido príncipe, que já se tornara odioso aos habitantes de Antioquia por causa desse mesmo Amônio, que lhes havia feito muito mal. O detestável ministro de tão negra ação não deixou, no entanto, de receber o castigo que merecia. Tendo se vestido de mulher, para se salvar, foi morto nessa ocasião, perdendo a vida de forma vergonhosa, como diremos mais tarde.

510. Ptolomeu, arrependendo-se da aliança que fizera com Alexandre e de havê-lo ajudado, tirou-lhe a filha e enviou embaixadores a Demetrio para oferecê-la a este em matrimônio, com a promessa de restaurá-la no seu reino. Ele recebeu o oferecimento com grande alegria, e assim, nada mais restava a Ptolomeu senão persuadir os de Antioquia a receber esse jovem príncipe, contra o qual estavam indispostos, por causa da lembrança do que haviam sofrido sob o reinado de seu pai. E eles, devido ao ódio que sentiam de Alexandre, por causa de Amônio, resolveram, sem mais, expulsá-lo da cidade.

Alexandre retirou-se para a Cilícia, e Ptolomeu Filometer entrou em Antioquia, onde foi saudado como rei pelos habitantes e pelo seu exército. Por isso foi obrigado permitir que lhe colocassem na cabeça dois diademas: um de rei da Ásia e outro de rei do Egito. Mas ele era naturalmente justo, muito prudente, moderado e pouco ambicioso, e não queria ofender os romanos. Por essa razão reuniu todos habitantes dessa grande cidade e os persuadiu a receber Demetrio como rei, garantindo-lhes que, por lhe dever Demetrio muitas obrigações, este esqueceria a inimizade que houvera entre seu pai e eles. A isso ele acrescentou que o orientaria sobre a maneira de bem governar e

recomendar-lhe-ia que nada fizesse que fosse indigno de um príncipe. Quanto a ele, contentava-se com o reino do Egito. Assim, esse sábio rei os persuadiu a receber Demetrio.

511. Alexandre, depois de reunir um grande exército, entrou na Cilícia e na Síria, devastou-as e incendiou tudo. Ptolomeu e Demetrio, então seu genro, combateram-no e o venceram, obrigando-o a fugir para a Arábia. Aconteceu nessa batalha que o cavalo de Ptolomeu assustou-se com o barrido de um elefante e jogou-o por terra. Os inimigos imediatamente o rodearam de todos os lados e o teriam matado os seus guardas não o tivessem tirado daquele perigo. Mas ele recebeu tantas feridas na cabeça que ficou quatro dias sem poder falar nem compreender o que lhe diziam. No quinto dia, quando começava a voltar a si, um príncipe árabe, de nome Zabez, mandou-lhe a cabeça de Alexandre. Assim ele soube ao mesmo tempo da morte de seu inimigo e viu com os próprios olhos que a notícia era verdadeira. Mas a sua alegria não durou muito, pois logo em seguida ela também terminou, junto com a sua vida. Alexandre Balas reinou apenas cinco anos, como já dissemos.

512. Demetrio Nicanor, com a morte de Alexandre, entrou na posse do reino e logo deu mostras de seu mau gênio. Esquecendo-se de todas as obrigações que devia a Ptolomeu Filometer e da aliança que fizera com ele, pelo casamento com Cleópatra, tratou tão mal os seus soldados que eles se retiraram para Alexandria, detestando a sua ingratidão. Deixaram-lhe, porém, os elefantes.

513. Nesse mesmo tempo, Jônatas, sumo sacerdote, reuniu todas as suas forças na Judéia, para atacar a fortaleza de Jerusalém, onde havia uma guarnição de macedônios e para onde os judeus desertores da religião de seus antepassados se haviam retirado. A confiança na resistência da praça fez com que eles, no início, zombassem daquela empresa, e alguns desses judeus foram avisar Demetrio do assédio. Ele ficou tão encolerizado que partiu de Antioquia com o seu exército, para marchar contra Jônatas. Quando chegou a Ptolemaida, escreveu-lhe dizendo que viesse encontrá-lo, e jônatas foi, sem abandonar o cerco. Fez-se acompanhar por alguns sacerdotes e anciãos do povo, e levou-lhe ouro, prata, ricos vestess e grande quantidade de outros presentes, que aplacaram a sua cólera.

Ele o recebeu com grande honra, confirmou-o no sumo sacerdócio, como os reis seus predecessores haviam feito, e não somente deixou de prestar fé às acusações dos judeus trânsfugas como ainda decretou que toda a Judéia e as três províncias que a ela estavam unidas, a saber, Samaria, Jope e a Caliléia, pagariam doravante apenas trezentos talentos de tributo, no total, como se vê pelas cartas que ele fez expedir, nestes termos: "O rei Demetrio a Jônatas, seu irmão e à nação dos judeus, saudação. Mandamo-vos cópia da carta que escrevemos a Lastenes, nosso parente, a fim de que vejais o que ela contém: O rei Demetrio, a Lastenes, nosso pai, saudação. Querendo mostrar aos judeus o quanto estamos satisfeitos pela maneira como correspondem por suas ações ao afeto que lhes dedicamos e dar-lhes provas disso, ordenamos que os três bailiados de Aferema, Lida e Ramate, com os seus territórios, sejam tirados de Samaria e anexados à Judéia e lhes restituímos tudo o que os reis nossos predecessores estavam habituados a receber dos que iam oferecer sacrifícios em Jerusalém, bem como os outros tributos que deles tiravam, provenientes dos frutos da terra e das árvores. Nós os dispensamos, além disso, do imposto do direito de gabela e dos presentes que davam aos reis, sem que nada mais, por esse motivo, se exija deles para o futuro. Dai, pois, ordem para que o nosso desejo seja satisfeito e enviai uma cópia desta carta a Jônatas, para ser conservada num lugar muito digno do santo Templo".

514. Demétrio, vendo-se em paz, julgou nada mais ter a recear. Licenciou as suas tropas, das quais antes havia diminuído o soldo, e conservou somente os estrangeiros por ele trazidos de Creta e das outras ilhas. Assim, ele atraiu a ira de seus próprios soldados, os quais os reis predecessores não trataram do mesmo modo, pagando-os mesmo em tempo de paz, a fim de que eles estivessem sempre prontos para servi-los com afeto quando deles tivessem necessidade na guerra.

CAPÍTULO 9

TRÍFON TENTA RESTABELECER ANTÍOCO, FILHO DE ALEXANDRE BALAS, NO REINO DA SÍRIA.JÔNATAS CERCA A FORTALEZA DE JERUSALÉM E MANDA SOCORRO AO REI DEMÉTRIO NICANOR, QUE POR ESSE MEIO REPELE OS HABITANTES DE ANTIOQUIA, QUE O HAVIAM SITIADO EM SEU PALÁCIO. SUA

INGRATIDÃO PARA COM JÔNATAS. É VENCIDO PELO JOVEM ANTÍOCO E FOGE PARA A CILÍCIA. GRANDES HONRAS PRESTADAS POR ANTÍOCO A JÔNATAS, QUE O AJUDA CONTRA DEMÉTRIO. GLORIOSA VITÓRIA OBTIDA POR JÔNATAS SOBRE O EXÉRCITO DE DEMÉTRIO. JÔNATAS RENOVA A ALIANÇA COM OS ROMANOS E OS LACEDEMÔNIOS. SEITAS DOS FARISEUS, SADUCEUS E DOS ESSÊNIOS. OUTRO EXÉRCITO DE DEMÉTRIO NÃO OUSA COMBATER JÔNATAS. ESTE TENTA FORTIFICAR JERUSALÉM. DEMÉTRIO É VENCIDO E APRISIONADO POR ÁRSACES, REI DOS PARTOS.

515. Quando Diodoro, cognominado Trífon — que era de Apaméia e fora um dos chefes e comandantes do exército de Alexandre Balas — viu que os soldados de Demétrio Nicanor estavam indispostos contra ele, foi procurar um árabe de nome Male, que educava Antíoco, filho de Alexandre. Contou-lhe do descontentamento dos soldados de Demétrio e rogou que lhe entregasse o jovem príncipe, pois queria colocá-lo no trono de seu pai. O árabe, que não podia prestar fé a essas palavras, recusou-o de início, mas Trífon insistiu tanto que por fim ele se deixou vencer pelos pedidos.

516. jônatas, sumo sacerdote, persistia no seu intento de expulsar os macedônios da fortaleza de Jerusalém, os quais ainda faziam parte da guarnição, bem como aqueles judeus ímpios que nela se haviam refugiado. Ele queria também libertar todas as outras fortalezas da Judéia das guarnições que as ocupavam e então enviou embaixadores com presentes ao rei Demétrio para pedir-lhe permissão. O príncipe não somente consentiu como disse que faria ainda mais, tão logo se tivesse livrado da guerra que estava empreendendo e que o impedia de executar imediatamente o seu desejo. Enquanto isso, rogava a Jônatas que lhe mandasse auxílio, porque os seus soldados o haviam abandonado e passado para o lado dos inimigos. Jônatas enviou três mil soldados escolhidos.

Quando os antioquenses, que esperavam apenas o momento de matar Demétrio pelos grandes males que lhes causara e pelos ultrajes que haviam recebido do rei seu pai, viram o auxílio que ele recebia de Jônatas, o receio de que ele reunisse forças ainda maiores, caso não se antecipassem, levou-os a tomar as armas. Eles o sitiaram em seu palácio e apoderaram-se das ruas e

avenidas, para impedi-lo de escapar. Demétrio tentou fugir com os soldados estrangeiros e com os judeus auxiliares, mas depois de um grande combate foi obrigado, devido ao número dos oponentes, a voltar para o palácio. Então os judeus, servindo-se da vantagem que tinham num lugar assaz elevado, lançaram-lhes dardos do alto das ameias, que os obrigaram a abandonar as casas vizinhas e incendiá-las, o que destruiu imediatamente toda a cidade, pois as casas estavam muito próximas umas das outras e eram feitas de madeira.

Os habitantes, não podendo resistir à violência do fogo, pensaram somente em salvar as suas mulheres e filhos. O rei, enquanto os judeus os perseguiam por um lado, atacou-os pelo outro, por diversos lugares. Vários foram mortos, e o resto foi obrigado a deixar as armas e se entregar. Ele perdoou-lhes a revolta, acalmou a sedição, deu aos judeus os despojos que haviam apanhado e enviou-os a Jerusalém, a Jônatas, com grandes elogios, dizendo que lhe devia a vitória alcançada sobre os seus súditos. Mas bem depressa mostrou também a sua ingratidão, pois, não se contentando em não cumprir o que prometera a Jônatas, ainda ameaçou fazer-lhe guerra, caso os judeus não lhe pagassem o mesmo tributo que pagavam ao seus predecessores

Essas ameaças teriam sido seguidas por fatos se Trífon não o tivesse obrigado a voltar as armas contra ele. Vindo da Arábia para a Síria com o jovem Antíoco, filho de Alexandre Balas, que fizera coroar rei, e com os soldados de Demetrio que não haviam mais recebido o seu soldo, os quais agora estavam unidos a ele, deu combate a Demetrio. Venceu-o, tomou-lhe os elefantes, apoderou-se de Antioquia e obrigou-o a fugir para a Cilícia.

517. O jovem Antioco enviou depois embaixadores a Jônatas, com cartas pelas quais o chamava de amigo e aliado, confirmando-o no cargo de sumo sacerdote e concedendo-lhe as quatro províncias que haviam sido unidas à judéia. Mandou-lhe também vasos de ouro, uma veste de púrpura, um broche de ouro com a autorização de usá-lo e afirmou que o considerava um de seus maiores amigos. Além disso, constituiu a Simão, irmão de Jônatas, general das tropas que ele mantinha desde Tiro até o Egito. Jônatas, cumulado de tantos favores e honras, enviou, por seu lado, embaixadores ao jovem príncipe e a Trífon para afirmar que jamais lhes faltaria à amizade e à fidelidade, e que se unia a eles para combater Demetrio, de quem tinha muitos motivos para se

lamentar, pois este lhe pagara com ingratidão os auxílios dele recebidos.

Antioco permitiu-lhe em seguida recrutar soldados na Síria e na Fenícia, a fim de marchar contra as tropas de Demetrio, e ele foi logo às cidades vizinhas. Estas o receberam muito bem, mas não lhe deram soldados. Ele partiu para a Asquelom, cujos habitantes compareceram à sua presença com muitos presentes. Ele os exortou, como aos das outras cidades e da Baixa Síria, a abraçar, como ele havia feito, o partido de Antioco e abandonar o de Demetrio, para se vingarem das injúrias que dele tinham recebido. As razões de que se serviu foram tão poderosas que eles se deixaram persuadir e prometeram-lhe auxílio.

Dali ele partiu para Gaza, a fim de ganhar também os seus habitantes em favor de Antioco. Estes, porém, em vez de fazer o que ele desejava, fecharam-lhe as portas. Para vingar-se, ele devastou os campos, sitiou a cidade e, depois de deixar parte de suas tropas para continuar o assédio, foi com o resto incendiar as aldeias vizinhas. Os habitantes de Gaza, não podendo numa alternativa tão difícil esperar socorro de Demetrio, pois, ainda que ele estivesse em condições de atendê-los, a distância faria com que não o pudesse enviar imediatamente, foram então obrigados a ceder. Assim, enviaram embaixadores a Jônatas, contraíram aliança com ele e obrigaram-se a unir as suas armas naquela guerra. Esse exemplo nos faz ver que a maior parte dos homens não sabe o que lhes é útil, a não ser pela experiência dos males que sofrem, quando a prudência os deveria levar a preveni-los e a fazer voluntariamente o que não poderiam deixar de fazer, jônatas, depois de tomar dentre eles alguns reféns, os quais mandou a Jerusalém, visitou toda a província até Damasco.

518. Nesse entretempo, um grande exército reunido por Demétrio veio acampar próximo da cidade de Cedasa,* junto ao território de Tiro e da Galiléia, a fim de obrigar jônatas a deixar a Síria para socorrer a Galiléia, que era de seu governo. Com efeito, ele avançou imediatamente para aquele lado, mas deixou Simão, seu irmão, na Judéia. Este, com as tropas que pôde reunir, sitiou Bete-Zur, que é a praça mais forte da província e o lugar onde, como dissemos, Demétrio conservava uma guar-nição. Ele atacou com tanto vigor, fazendo funcionar tantas máquinas, que os sitiados, temendo ser vencidos e perder a vida, capitularam e se retiraram para Demétrio, depois de entregar a Simão

aquela praça, e ele colocou ali a sua guarnição.

---

* Ou Quedes.

519. jônatas, que estava na Galiléia, deixou as margens do lago de Genezaré e avançou para Azoto, onde julgava não encontrar os inimigos. Estes, porém, que desde o dia precedente tinham notícia de sua marcha, puseram soldados de emboscada no monte e avançaram contra ele na planície. Logo que os viu marchando, dispôs os seus homens em ordem de batalha, para iniciar o combate. Mas quando os judeus viram surgir os que estavam de emboscada, tiveram tanto medo de ser envolvidos ao mesmo tempo pela vanguarda e pela retaguarda que fugiram todos, exceto Matatias, filho de Absalão, Judas, filho de Capso, generais de Jônatas, e cinqüenta outros dos mais valentes, os quais, levados pelo desespero, atacaram os inimigos com tanta fúria e tão prodigioso valor que os assustaram. Os inimigos fugiram, e tão inesperado êxito fez voltar do susto os que haviam abandonado Jônatas. Ele os perseguiu até o seu acampamento, próximo de Cedasa, e dois mil deles foram mortos.

Jônatas, após obter, com o auxílio de Deus, tão gloriosa vitória, voltou a Jerusalém e enviou embaixadores a Roma para renovar a aliança com o povo romano, dando-lhes ainda o encargo de passar, no regresso, pela Lacedemônia e renovar também a aliança com eles e a recordação de sua consangüinidade. Esses embaixadores foram tão bem recebidos em Roma que não somente obtiveram tudo o que desejavam, mas também cartas dirigidas aos reis da Ásia, da Europa e aos governadores de todas as cidades, a fim de poderem voltar com toda segurança.

Quanto à Lacedemônia, a carta que lá apresentaram estava assim escrita: "jônatas, sumo sacerdote, o senado e o povo judeu, aos éforos, ao senado e ao povo da Lacedemônia, nossos irmãos, saudação. Há alguns anos, Demoteles entregou a Onias, então sumo sacerdote de nossa nação, uma carta de Ario, vosso rei, da qual vos mandamos uma cópia, pela qual vereis que nela se fazia menção do parentesco que há entre nós. Recebemos com alegria essa carta e a manifestação a Ario e a Demoteles, embora tal parentesco não nos fosse desconhecido, porque os nossos santos livros o dizem. O que nos impediu de

vos falar disso foi que julgamos não dever desejar a vantagem de vos anteceder. E, desde o dia em que renovamos a nossa aliança, não deixamos de rogar a Deus, em nossos sacrifícios e nas festas solenes, que vos conserve e vos faça vitoriosos sobre os vossos inimigos. Embora a ambição desmesurada de nossos vizinhos nos tenha obrigado a sustentar grandes guerras, não quisemos depender de nossos aliados. E, após triunfarmos honrosamente em todas elas, enviamos aos romanos dois embaixadores, Numênio, filho de Antímaco, e Antípatro, filho de Jasão, ilustres senadores, e lhes ordenamos que vos entregassem esta carta, a fim de renovarmos a amizade e as boas relações entre nós. Dar-nos-ei um grande prazer fazendo-nos saber em que vos poderemos ser úteis, não havendo serviços que não estejamos prontos a vos prestar". Os lacedemônios receberam muito bem os embaixadores e deram-lhes uma demonstração pública da renovação de sua amizade e aliança.

520. Havia então entre nós três seitas, divergentes nas questões relativas às ações humanas. A primeira era a dos fariseus; a segunda, a dos saduceus; a terceira, a dos essênios. Os fariseus atribuem certas coisas ao destino, porém nem todas, e crêem que as outras dependem de nossa liberdade, de sorte que podemos realizá-las ou não. Os essênios afirmam que tudo geralmente depende do destino e que nada nos acontece que ele não determine. Os saduceus, ao contrário, negam absolutamente o poder do destino, dizendo que ele é uma quimera e que as nossas ações dependem tão absolutamente de nós que somos os únicos autores de todos os bens e males que nos acontecem, conforme seguimos um bom ou um mau conselho. Mas tratei particularmente dessa matéria no segundo livro das Guerras dos (udeus.

521. Os chefes do exército de Demétrio, querendo reparar a perda que haviam sofrido, reuniram grandes forças, maiores que as anteriores, para marchar contra Jônatas. Logo que ele soube disso, veio contra eles ao campo de Hamate, para impedir que entrassem na Judéia. Acampou a cinqüenta estádios deles e enviou exploradores até o seu acampamento. Depois de saber, pelas informações deles e de alguns prisioneiros, que eles os queriam surpreender, tomou providências imediatamente: colocou guardas e sentinelas avançadas e conservou o exército em armas durante toda a noite.

Quando os inimigos, que não se julgavam bastante fortes para combatê-lo

em campo raso, viram que o seu intento fora descoberto, levantaram acampamento e acenderam uma grande quantidade de fogueiras, para cobrir a sua retirada. Jônatas partiu ao alvorecer, para atacá-los em seu acampamento, e, vendo que estava abandonado, perseguiu-os, mas em vão: eles já haviam passado o rio de Eleutério e estavam salvos. Voltou então à Arábia, devastou o país dos nabateenses, conquistou grandes despojos e levou uma grande quantidade de prisioneiros, os quais vendeu em Damasco.

522. Nesse mesmo tempo, Simão, irmão de jônatas, percorreu toda a Judéia e a Palestina até Asquelom e colocou guarnições em todas as praças-fortes onde julgou conveniente. Depois de assim haver assegurado e fortificado o país, marchou para Jope, tomou-a e lá deixou uma forte guarnição, porque soubera que os seus habitantes queriam entregar a cidade a Demétrio.

523. Os dois irmãos, depois de tantos feitos assinalados, voltaram a Jerusalém. Jônatas reuniu o povo e aconselhou-o a refazer os muros da cidade, a reconstruir os do Templo, que o rodeavam, acrescentando-lhes grandes torres, para torná-los ainda mais fortes, e também a fazer outro, no meio da cidade, a fim de cortar a entrada da guarnição da fortaleza e impedir-lhe assim o fornecimento de viveres. A isso ele acrescentou que era de opinião que se fortificasse e guarnecesse, mais do que já estavam, as praças mais fortes e importantes da província. Todas essas propostas foram aprovadas. Ele encarregou-se de fortificar a cidade, e Simão, seu irmão, de providenciar a fortificação das outras.

524. O rei Demétrio, depois de passar o rio, foi para a Mesopotâmia, para dela se apoderar, e à Babilônia, para lá estabelecer a capital de seu império depois que as outras províncias lhe estivessem também sujeitas, pois os gregos e os macedônios, que as habitavam, enviavam-lhe continuamente embaixadores para garantir que se submeteriam a ele e o serviriam na guerra que fizesse a Arsaces, rei dos partos. Demétrio, iludido com tais esperanças, apressou-se em marchar para aquele país, julgando que se vencesse os partos seria fácil expulsar Trífon da Síria. Os povos dessas províncias receberam-no com alegria, e ele, depois de reunir um grande exército, fez guerra a Ársaces, mas este o derrotou completamente, e Demétrio caiu vivo em suas mãos, como dissemos alhures.

CAPÍTULO 10

TRÍFON, VENDO DEMÉTRIO DERROTADO, PENSA EM SE DESFAZER DE ANTÍOCO, PARA REINAR EM SEU LUGAR, E EM ELIMINAR JÔNATAS. ELE ENGANA JÔNATAS, MANDA ESTRANGULAR MIL DE SEUS HOMENS EM PTOLEMAIDA E O CONSERVA PRISIONEIRO.

525. 1 Macabeus 13. Quando Trífon viu que Demétrio estava completamente perdido, esqueceu a fidelidade que devia a Antíoco e só pensou matá-lo, para reinar em seu lugar. Como não via outro obstáculo senão a amizade entre jônatas e Antíoco, resolveu começar por se desfazer deste e depois eliminar também o príncipe judeu. Com essa intenção, foi de Antioquia a Bete-Seã, que os gregos chamam Citópolis, e viu que Jônatas reunira quarenta mil homens escolhidos, para opor resistência a quem o quisesse atacar.

Trífon, não vendo outro meio de alcançar o seu objetivo, recorreu à astúcia. Mandou presentes a jônatas e cumulou-o de gentilezas. Para desfazer qualquer desconfiança e eliminá-lo quando fosse possível, determinou que os oficiais de suas tropas obedecessem a Jônatas como a ele mesmo. Disse-lhes depois que, como tudo estava em paz e era inútil aquele grande número de soldados, ele o aconselhava a dispensá-los e a conservar somente uma pequena parte deles, para acompanhá-lo até Ptolemaida, que ele lhe queria entregar, bem como as outras praças-fortes do país, pois para esse fim viera procurá-lo.

Jônatas, pensando que Trífon lhe falava com sinceridade, dispensou todas as suas tropas, exceto três mil homens, dos quais deixou dois mil na Galiléia, e acompanhou Trífon a Ptolemaida com os mil que restavam. Quando chegaram à cidade, os habitantes, segundo ordem que haviam recebido de Trífon, fecharam as portas e estrangularam todos os soldados, exceto Jônatas, que ficou prisioneiro. Trífon enviou ao mesmo tempo uma parte de seu exército à Galiléia, a fim de eliminar também os dois mil soldados que lá haviam ficado. Estes, porém, sabendo o que havia acontecido a Jônatas, pelos boatos que se haviam espalhado, tomaram as armas e retiraram-se sem perda alguma, porque as tropas de Trífon os viram tão decididos a vender caro a própria vida que não ousaram atacá-los e retornaram sem lhes causar nenhum mal.

Capítulo 11

Os judeus escolhem Simão Macabeu para seu general, no lugar de Jônatas, seu irmão, prisioneiro de Trífon, o qual, após receber cem talentos e dois de seus filhos como reféns para libertá-lo, falta à palavra e o manda matar. Simão ergue-lhe um soberbo túmulo e é constituído príncipe e sumo sacerdote dos judeus. Seu admirável proceder. Ele liberta a nação da escravidão dos macedônios. Toma de assalto a fortaleza de Ferusalém, arrasando-a, bem como ao monte sobre o qual estava construída.

526. A notícia do que havia acontecido a Jônatas encheu de dor os habitantes de Jerusalém, tanto pelo afeto que lhe dedicavam quanto pelo temor de que as nações vizinhas, as quais eram contidas apenas pelo medo que tinham dele, vendo-os privados de seu auxílio e de tão sábio e generoso chefe, lhes viessem mover guerra no futuro e os reduzissem aos extremos. Ao que parece, eles não se enganavam, pois esses povos, mal souberam da notícia da morte de Jônatas, que se espalhara, declararam-lhes guerra. Trífon, por sua vez, reuniu um grande exército para também entrar na Judéia.

Simão, para dar coragem aos judeus, que via tão assustados, mandou reunir o povo no Templo e falou: "Não ignorais, meus irmãos, a quantos e terríveis momentos meu pai, meus irmãos e eu nos vimos expostos para reconquistar e conservar a nossa liberdade. Assim, tendo na minha família exemplos que me obrigam a desprezar a morte para manter as leis e a religião de meus antepassados, perigo algum me impedirá de preferir a minha honra e o meu dever à minha vida. E agora, que já não vos falta um chefe zeloso de vosso bem e que nada há de difícil que ele não esteja pronto a empreender para consegui-lo, segui-me corajosamente aonde eu vos levar. Como não tenho maiores méritos que meus irmãos, não devo poupar a minha vida, assim como eles não pouparam a sua. Eu não poderia, sem faltar à coragem, deixar de seguir-lhes as pegadas, mas teria a glória de imitá-los, morrendo feliz pela defesa de nossa pátria, de nossas leis e de nossa religião. Espero que se conheça, pelos meus atos, que não sou um indigno irmão daqueles ilustres e generosos chefes, cuja

feliz e sábia orientação nos levou a tantas e tão grandes vitórias. Vingar-vos-ei, com o auxílio de Deus, de vossos inimigos, defender-vos-ei, bem como às vossas mulheres e filhos, dos ultrajes que vos quiserem fazer e impedirei que a sua insolência venha a nos profanar o Templo, pois esses idolatras vos desprezam e vos atacam com tanta ousadia apenas porque imaginam que não tendes mais um chefe".

O povo, animado por essas palavras, retomou o ânimo e alimentou melhores esperanças. Clamaram todos a uma voz que o escolhiam para ocupar o lugar de judas e de Jônatas e que lhe obedeceriam com prazer. O novo general reuniu imediatamente todos os que ele julgava aptos para a guerra e não tardou em rodear Jerusalém com muralhas e com altas e fortes torres. Ele enviou o seu grande amigo Jônatas, filho de Absalão, a Jope, com muitas tropas e com ordem de expulsar de lá todos os seus habitantes, para que não entregassem a cidade a Trífon, e ficou em Jerusalém.

527. Trífon partiu de Ptolemaida com um grande exército, para entrar na Judéia, e levou consigo Jônatas, seu prisioneiro. Simão, com as forças de que dispunha, foi contra ele, até a aldeia de Adida, situada sobre um monte, abaixo do qual estão os campos da Judéia. Logo que Trífon soube que Simão comandava o exército dos judeus, enviou alguns homens a ele, para enganá-lo também. Propôs-lhe que, se quisesse libertar o irmão, mandasse cem talentos de prata e também dois dos filhos de Jônatas, como reféns e como prova da palavra, que o pai deles lhe daria, de não afastar os judeus da sujeição ao rei. Acrescentou que conservaria Jônatas prisioneiro até que ele pagasse também ao príncipe uma soma que lhe devia.

Simão facilmente percebeu que a proposta era um ardil e que, ainda que lhe desse o que pedia e entregasse os filhos de seu irmão, ele não o libertaria. No entanto, temendo que o acusassem de sua morte, caso recusasse pagar, reuniu todo o exército e contou-lhes as exigências de Trífon, dizendo que não duvidava de que ele os queria enganar mais uma vez. Todavia era de opinião que se mandasse o dinheiro e esses dois filhos, antes de ser considerado suspeito de não ter querido salvar a vida de seu irmão. E assim, mandaram o dinheiro e os dois filhos. E Trífon faltou à palavra: não libertou Jônatas e ainda devastou os campos com o seu exército. Dirigiu-se depois para a Iduméia e

chegou em Adora, que é uma cidade desse país, com intenção de avançar até Jerusalém. Simão seguiu-o de perto com as suas tropas e acampou diante dele.

528. A guarnição da fortaleza de Jerusalém, nesse meio tempo, rogava com insistência a Trífon que viesse em seu auxílio e enviasse víveres imediatamente.

Ele mandou a cavalaria, que deveria chegar naquela mesma noite, mas isso não foi possível por causa da neve que caiu e cobriu as estradas, de modo que os homens e os animais não puderam passar.

529. Trífon foi à Baixa Síria e, atravessando o país de Galaade, mandou matar e enterrar Jônatas. Logo depois, voltou a Antioquia. Simão transportou os despo-jos do irmão da cidade de Basca a Modim, onde o sepultou. O povo sofreu imensamente a sua perda, e Simão mandou construir, tanto para seu pai quanto para sua mãe e seus irmãos, um soberbo túmulo de mármore branco e polido, tão alto que podia ser visto de longe. Ao redor dele, havia arcos em forma de pórtico, e cada uma das suas colunas era feita de um único bloco de pedra. Para indicar as sete pessoas da família, ele colocou sete pirâmides de grande altura e de maravilhosa beleza. Essa obra tão magnífica pode ser vista ainda hoje.

530. Com isso, pode-se imaginar o amor e a ternura que Simão nutria pelos parentes, particularmente por seu irmão Jônatas, que morreu quatro anos depois de ter sido elevado à honra e à dignidade de príncipe de sua nação e sumo sacerdote. O povo escolheu Simão de comum acordo para substituí-lo. Desde o primeiro ano, quando foi constituído nesses dois elevados cargos, ele libertou os judeus da escravidão dos macedônios, aos quais não pagavam mais os tributos, o que aconteceu cento e setenta anos depois que Seleuco, cognominado Nicanor, se apoderou da Síria.

Toda a nossa nação apreciou e admirou tanto a virtude de Simão, que não somente nos atos particulares, mas também nos públicos, se dizia: "Feito no ano tal do governo de Simão, príncipe dos judeus, ao qual toda a sua nação tanto deve". Pois eles desfrutaram durante o seu governo toda espécie de prosperidade e obtiveram diversas vitórias sobre os povos vizinhos, que lhes eram contrários.

Essa grande personagem saqueou as cidades de Cazara, Jope e de

Jamnia, tomou de assalto a fortaleza de Jerusalém, que arrasou até os alicerces, para impedir que os inimigos se pudessem servir dela para fazer ainda algum mal ao povo judeu. Mandou também arrasar o monte sobre o qual estava situada, a fim de que somente o Templo estivesse em lugar elevado. Para realizar tão grande obra, mandou reunir todo o povo e falou-lhe com tanta energia dos males que eles haviam sofrido das guarnições daquelas fortalezas e dos que poderiam ainda sofrer, se algum príncipe estrangeiro a reconstruísse, que todos resolveram iniciar esse tão grande trabalho. Empregaram nessa obra três anos, sem parar, nem de dia nem de noite, aplainaram todo o monte, e nada mais ficou de elevado ao redor do Templo.

CAPÍTULO 12

TRÍFON MATA ANTIOCO, FILHO DE ALEXANDRE BALAS, E É RECONHECIDO COMO REI. SEUS VÍCIOS TORNAM-NO TÃO ODIOSO AOS SOLDADOS QUE ELES SE OFERECEM A CLEÓPATRA, VIÚVA DE DEMÉTRIO. ELA DESPOSA E FAZ COROAR REI ANTIOCO SÓTER, IRMÃO DE DEMÉTRIO. TRÍFON É VENCIDO POR ESTE E FOGE PARA ADORA E DE LÁ A APAMÉIA, ONDE ÉPRESO E MORTO. ANTIOCO CONCEBE UMA GRANDE AMIZADE POR SIMÃO, SUMO SACERDOTE.

531. 7 Macabeus 15. Pouco tempo depois que o rei Demétrio Nicanor foi aprisionado pelos partos, Trífon, secretamente, mandou matar Antioco, filho do rei Alexandre Balas, cognominado Deus, do qual empreendia a educação havia quatro anos. Fez em seguida correr a notícia de que ele se matara, sem querer, nos exercícios de costume, e, por meio de seus amigos, pediu aos soldados que o escolhessem e o constituíssem rei, prometendo-lhes muito dinheiro e dizendo que, se Antioco, irmão de Demétrio, viesse a reinar, ele os castigaria severamente, por causa da revolta.

Essas esperanças e razões persuadiram-nos, e assim, reconheceram-no como rei. Quando ele se viu elevado a essa suprema dignidade, todavia, não se preocupou mais em dissimular as suas más inclinações, as quais ele procurara tanto esconder enquanto simples cidadão, a fim de conquistar as boas graças de todos. Mostrou que era realmente o que o seu nome significava, isto é, "voluptuoso" e dado a toda sorte de vícios. Essa mudança de proceder não foi

pouco vantajosa a seus inimigos, pois os seus soldados sentiram tanto ódio contra ele que o abandonaram e foram se oferecer à rainha Cleópatra, viúva de Demétrio, que se havia retirado a Selêucia com os filhos.

Quando a princesa se viu fortalecida com essas tropas, mandou chamar Antioco, cognominado Sóter, isto é, "religioso", irmão de Demétrio, o qual, com medo de Trífon, andava errante de cidade em cidade. Propôs desposá-lo e pôr-lhe a coroa sobre a cabeça. Diz-se que ela foi levada a isso por conselho de amigos e também pelo temor de que os habitantes de Selêucia abrissem as portas a Trífon. Antioco veio imediatamente encontrá-la. O número de suas tropas crescia cada vez mais, e assim ele marchou contra Trífon, combateu-o, venceu-o e o obrigou a abandonar a Síria. Ele fugiu para Adora, que é uma praça da Fenícia, muito fortificada. Antioco lá o sitiou, enquanto mandava convidar Simão, sumo sacerdote, para fazerem uma aliança. Ele aceitou de muito boa vontade e o ajudou com víveres e dinheiro a continuar o cerco. Antíoco ficou tão grato que o considerou durante algum tempo um de seus maiores amigos. Trífon fugiu de Adora para Apaméia, onde foi aprisionado e morto, após reinar três anos.

CAPÍTULO 13

INGRATIDÃO DE ANTÍOCO SÓTER PARA COM SIMÃO MACABEU. ELES TRAVAM UMA GUERRA. SIMÃO LEVA VANTAGEM E RENOVA A ALIANÇA COM OS ROMANOS.

532. Antíoco, que era naturalmente muito avarento, esqueceu-se bem depressa do auxílio que recebera de Simão, e enviou Cendebeu com o seu exército para agarrá-lo e devastar a Judéia. O sumo sacerdote ficou tão sentido com tal perfídia, que, embora fosse bastante idoso, mostrou nessa ocasião o vigor de um jovem. Mandou seus filhos com suas melhores tropas contra os inimigos, seguiu-os por outro caminho com o restante e colocou muitos soldados de emboscada em diversos lugares, nos montes. Isso deu ótimos resultados, tanto que ele não teve necessidade de travar uma batalha nessa guerra, na qual também sempre levou vantagem. E assim, passou o resto de sua vida em paz, após renovar a aliança com os romanos.

CAPÍTULO 14

SIMÃO MACABEU, PRÍNCIPE DOS JUDEUS E SUMO SACERDOTE,
É MORTO À TRAIÇÃO POR PTOLOMEU, SEU GENRO, QUE APRISIONA
A VIÚVA E DOIS DE SEUS FILHOS.

533. 1 Macabeus 16. Esse grande homem, após comandar por oito anos os judeus, foi morto à traição num banquete por Ptolomeu, seu genro, que ao mesmo tempo aprisionou a viúva e dois de seus filhos e mandou matar o terceiro, de nome João, cognominado Hircano. Mas este foi avisado a tempo e fugiu para Jerusalém, confiando no afeto que o povo nutria por seu pai, ao qual era devedor de tantos benefícios, e ao ódio que tinham por Ptolomeu. Ao que parece, ele tinha razão, pois Ptolomeu quis entrar por outra porta, mas foi repelido pelo povo, que já havia recebido Hircano.

CAPÍTULO 15

HIRCANO, FILHO DE SIMÃO, CERCA PTOLOMEU NO CASTELO DE DAGOM.
O AMOR PELA MÃE E PELOS IRMÃOS, QUE PTOLOMEU AMEAÇA MATAR,
IMPEDE-O DE TOMAR A PRAÇA. PTOLOMEU MATA-OS QUANDO ELE
LEVANTA O CERCO.

1

534. 1 Macabeus 16. Ptolomeu, não havendo conseguido o que desejava, retirou-se para a fortaleza de Dagom, que está acima de Jerico. Hircano, após ser elevado ao cargo de sumo sacerdote, que seu pai deixara vago ao morrer, e depois de oferecer sacrifícios a Deus, perseguiu-o com um grande exército e o sitiou. Todavia, embora sendo mais forte que o seu inimigo em tudo o mais, deixou-se vencer pelo amor à mãe e aos irmãos, pois Ptolomeu levou-os à muralha e os mandou açoitar à vista de todos, com a ameaça de os lançar abaixo se ele não levantasse o cerco.

Hircano ficou imensamente aflito, e o desejo de poupar sangue e tormentos a pessoas tão queridas enfraqueceu sua coragem. Sua mãe, ao contrário, fazia-lhe sinais com a mão para que continuasse o cerco com maior coragem e exortava-o a não se deixar vencer pela fraqueza, mas seguir o

movimento de sua justa cólera, a fim de vingá-los daquele detestável inimigo e fazê-lo sofrer o merecido castigo pela sua horrível crueldade. Quanto a ela, morreria com prazer em meio a tormentos, contanto que um homem tão mau recebesse um castigo proporcional aos seus crimes. Essas palavras animaram Hircano a novos esforços para tomar o castelo. Mas, quando via que se descarregavam novos golpes sobre sua mãe, o ardor arrefecia, e a cólera cedia ao seu extremo afeto por ela.

Assim, o cerco prolongou-se, e chegou o sétimo ano, que é um ano de descanso para os judeus, o qual veio a livrar Ptolomeu da vingança de Hircano. O traidor, livre do medo, matou a mãe e os dois irmãos de Hircano e fugiu para junto de Zemom, cognominado Cotilã, que havia usurpado o governo na cidade de Filadélfia.

CAPÍTULO 16

O REI ANTÍOCO SÓTER SITIA HIRCANO NA FORTALEZA DE JERUSALÉM E EM SEGUIDA LEVANTA O CERCO, DEPOIS DE UM TRATADO. HIRCANO ACOMPANHA-O NUMA GUERRA CONTRA OS PARTOS, ONDE ANTÍOCO É MORTO, E DEMÉTRIO, SEU FILHO, QUE ÁRSACES, REI DOS PARTOS, HAVIA POSTO EM LIBERDADE, APODERA-SE DO REINO DA SÍRIA.

535. Antíoco Sóter, que conservava ainda ressentimento pelas vantagens que Simão, pai de Hircano, obtivera sobre ele, atacou a Judéia no quarto ano de seu reinado, que era o primeiro do principado de Hircano e a centésima septuagési-ma segunda Olimpíada. Após devastar os campos e obrigar Hircano a se retirar para Jerusalém, ele a sitiou, dividindo o exército em sete corpos, a fim de cercar toda a praça. Ficou algum tempo sem poder avançar, por causa das muralhas e do valor dos sitiados, e pela falta de água, que uma grande chuva remediou. Mandou depois construir, do lado do norte, que era de acesso mais fácil que o resto, cem torres de três andares, sobre as quais colocou muitos soldados a martelar constantemente as muralhas. A isso acrescentou uma dupla circunvalação, muito grande e larga, para tirar aos judeus toda espécie de comunicação de dentro para fora.

Os sitiados, por seu lado, faziam muitas arremetidas, com grandes perdas

para os que os cercavam, sempre que os encontravam desprevenidos. E, quando se viam em perigo, fugiam apressadamente para a cidade. Hircano, vendo que uma grande quantidade de pessoas ociosas ocupava a praça e consumia inutilmente boa parte dos víveres, obrigou-as a sair, conservando apenas os que, pela sua força e vigor, eram aptos para a guerra. Mas Antíoco os impediu de alcançar os campos, e assim eles ficaram errantes dentro do recinto dos muros da cidade, onde a fome assolava miseravelmente.

A festa dos Tabernáculos chegou, e os sitiados, compadecidos da sorte de seus companheiros, fizeram-nos voltar para dentro da cidade. O sumo sacerdote Hircano rogou ao rei uma trégua de sete dias, para dar-lhes ocasião de celebrar aquela data, que era uma de suas grandes festas. O príncipe não somente consentiu, mas, levado por um sentimento de piedade, mandou-lhe liberalmente e com magnificência touros para sacrificar, os quais tinham os chifres dourados, e vasos de ouro e de prata cheios de toda espécie de perfumes preciosos. Isso foi recebido às portas e levado ao Templo. O rei mandou também viveres para os soldados, mostrando que não se parecia com Antioco Epifânio, o qual, após tomar cidade, mandara imolar porcos sobre o altar, poluindo o Templo com o sangue deles e violando as leis dos judeus, que por tal desprezo à sua religião conceberam um ódio irreconciliável contra ele. Esse outro Antioco, porém, foi cognominado Religioso por deliberação unânime, devido à sua extrema piedade.

Hircano ficou tão comovido pela sua virtude e humanidade que enviou embaixadores a ele para pedir-lhe que permitisse aos judeus viver segundo as leis de seu país. O sábio príncipe rejeitou o conselho daqueles que lhe insinuavam o extermínio de nossa nação, cujos costumes e maneira de viver eram inteiramente diferentes dos de outros povos. Ele julgou, ao contrário, que a devia tratar com toda a bondade. Respondeu então aos embaixadores que concederia a paz, contanto que lhe entregassem as armas, cedessem os tributos de Jope e das outras cidades que estavam fora da Judéia e recebessem uma guarnição. Os judeus aceitaram as condições, exceto a guarnição, porque não queriam misturar-se com nações estrangeiras. E, para se isentarem disso, entregaram reféns e quinhentos talentos de prata, dos quais trezentos foram pagos em moedas, e o irmão de Hircano foi um dos reféns. Abateram-se em

seguida as ameias das muralhas da cidade, e o cerco terminou.

536.Hircano mandou abrir o sepulcro de Davi, que fora o mais rico de todos os reis, e de lá se retiraram três mil talentos. O sumo sacerdote foi o primeiro de todos os judeus a manter soldados estrangeiros. Fez depois uma aliança com Antioco, recebeu-o na cidade com todo o seu exército e marchou com ele contra os partos. O historiador Nicolau de Damasco presta testemunho do que acabo de narrar, com estas palavras: "O rei Antioco, depois de ter feito erguer um arco de triunfo à beira do rei Lico, por causa da vitória que obtivera sobre Indato, general do exército dos partos, ficou dois dias, a rogo de Hircano, judeu, por causa de uma festa dessa nação, durante a qual as suas leis não lhes permitem pôr-se em campo". Nisso esse historiador diz a verdade, pois a festa de Pentecostes estava para chegar, depois do sábado, e então não nos é permitido iniciar qualquer caminhada.

Antioco deu combate a Ársaces, rei dos partos, e foi vencido, perdendo a batalha e a vida. Demétrio, seu irmão, que Ársaces havia posto em liberdade assim que Antioco entrou em suas terras, apoderou-se do reino da Síria, como já dissemos em outro lugar.

CAPÍTULO 17

HIRCANO, DEPOIS DA MORTE DO REIANTÍOCO, RETOMA VÁRIAS PRAÇAS NA SÍRIA E RENOVA A ALIANÇA COM OS ROMANOS. O REI DEMÉTRIO É VENCIDO POR ALEXANDRE ZEBIM, QUE ERA DA FAMÍLIA DO REI SELEUCO. PRESO EM TIRO, MORRE MISERAVELMENTE. ANTÍOCO DE CÍZICO, FILHO DE ANTÍOCO SÓTER,FAZ GUERRA A SEU IRMÃO ANTÍOCO GRIPO. HIRCANO DESFRUTA PAZ NA JUDÉIA.

537. Logo que Hircano soube da morte do rei Antíoco, marchou com o seu exército para as cidades da Síria, esperando encontrá-las desarmadas e sem soldados. Apoderou-se de Medeba, depois de um cerco de seis meses, tomou Samega, as aldeias vizinhas, Siquém e Gerizim. Subjugou também os chuteenses que moravam no templo construído à imitação do de Jerusalém com a permissão que Alexandre, o Grande, dera a Sambalate, governador de Samaria, em favor de Manasses, seu genro, irmão de Jado, sumo sacerdote, como dissemos há pouco. A destruição desse templo deu-se duzentos anos após

ele ter sido edificado.

538. Hircano tomou ainda aos idumeus as cidades de Adora e Maressa e, depois de subjugar toda essa grande província, permitiu-lhes lá ficar, contanto que se fizessem circuncidar e adotassem a religião e as leis dos judeus. O temor de serem expulsos de seu país levou-os a aceitar essas condições, e desde então eles foram para sempre considerados judeus.

539. Hircano enviou em seguida embaixadores a Roma para renovar a aliança, e o senado, depois de ler as suas cartas, mostrou-se favorável. A ata foi redigida desta maneira: "No dia doze de fevereiro, o pretor Fânio, filho de Marco, fez reunir o senado no campo, na presença de Lúcio Maneio, filho de Lúcio Mentina, e de Caio Semprônio, filho de Caio Falerma, para deliberar a respeito do que Simão, filho de Ofiteu, Apolônio, filho de Alexandre, e Diodoro, filho de Jasão, embaixadores dos judeus, pessoas de virtude e de mérito, vinham pedir em nome de sua nação, isto é, a renovação da aliança com o povo romano; que, em conseqüência desse tratado, lhes sejam entregues as cidades de Jope, Gazara, as fontes e as outras cidades usurpadas pelo rei Antíoco com desprezo à determinação do senado; que se proíbam aos soldados dos reis passar às terras dos judeus e às de seus súditos; que tudo o que foi tentado na última guerra pelo mesmo Antíoco seja declarado nulo; e que o senado lhe envie embaixadores para obrigá-lo a entregar o que ele usurpou e a ressarcir os judeus dos prejuízos que causou ao seu país. Esses embaixadores também rogam que se lhes dêem cartas de recomendação endereçadas aos reis e aos povos livres, a fim de poderem voltar com toda segurança. Esse assunto foi posto à deliberação do senado, e este determinou que se renovasse o tratado de amizade e de aliança com esses embaixadores, homens de bem, enviados por um povo tão amigo dos romanos e tão fiel às suas promessas".

Quanto ao que se referia às cartas, o senado respondeu que logo que tivesse resolvido alguns negócios urgentes procuraria, no futuro, fazer com que se impedisse qualquer mal aos judeus. Ordenou-se ao pretor Fânio que lhes entregasse determinada soma do dinheiro público, a fim de que pudessem mais comodamente regressar ao seu país, e cartas de recomendação para os lugares por onde deveriam passar, bem como o decreto do senado, para servir-lhes de garantia.

540. No entanto Demétrio desejava ardentemente fazer guerra a Hircano, mas não o pôde porque a sua maldade o tornava tão odioso aos sírios e aos seus próprios soldados que estes, não podendo mais tolerá-lo, mandaram pedir a Ptolomeu, cognominado Físcon, rei do Egito, que lhes enviasse alguém da família de Seleuco, para que o fizessem rei. Ele mandou-lhes Alexandre, cognominado Zebim, com um exército, e travaram batalha. Demétrio foi vencido e quis fugir para Ptolemaida, onde estava a rainha Cleópatra, sua mulher, mas ela fechou-lhe as portas. Ele foi para Tiro, onde caiu prisioneiro e morreu miseravelmente, depois de haver sofrido muito.

541. Alexandre Zebim, ao se tornar senhor do reino da Síria, fez aliança com o sumo sacerdote Hircano. Mas algum tempo depois foi vencido e morto numa batalha por Antíoco, cognominado Gripo, filho de Demétrio. Este, vendo-se de posse do reino da Síria, desejou muito fazer guerra aos judeus. Não ousou, porém, empreendê-la, por causa da notícia que recebeu de que seu irmão por parte de mãe, de nome Antíoco, como ele, cognominado Cizicênio, reunia em Cízico, onde fora educado, grandes forças para atacá-lo.

Esse outro Antíoco era filho de Antíoco Sóter, o Religioso, o qual fora morto pelos partos. Cleópatra, como vimos, desposara os dois irmãos. Ele entrou na Síria, e se travaram vários combates. No entanto Hircano, que logo depois da morte de Antíoco Sóter sacudira o jugo dos macedônios e não lhes dava mais nenhum auxílio, nem como súdito nem como amigo, viu-se em franco progresso durante o reinado de Alexandre Zebim e ainda mais durante o dos dois irmãos, porque, vendo que ambos se enfraqueciam pelas contínuas guerras e que Antíoco não recebia auxílio do Egito, não lhes dava importância e usufruía pacificamente todos os tributos da Judéia, economizando assim muito dinheiro.

CAPÍTULO 18

HIRCANO TOMA SAMARIA E A DESTRÓI INTEIRAMENTE. COMO ESSE SUMO SACERDOTE ERA FAVORECIDO POR DEUS. ELE DEIXA A SEITA DOS FARISEUS E ABRAÇA A DOS SADUCEUS. SUA MORTE.

542. Quando Hircano se viu tão poderoso, resolveu sitiar Samaria, então

chamada Sebaste. Diremos a seu tempo de que modo ela foi depois reconstruída por Herodes. Nada se poderia acrescentar ao vigor com que ele apertava o cerco, tanto estava irritado contra os samaritanos por causa dos maus-tratos que haviam infligido aos mariceenses, os quais, embora súditos do rei da Síria, moravam na Judéia e eram aliados dos judeus. Depois de rodear a cidade como uma dupla circunvalação, cuja extensão era de oitenta estádios, entregou a direção dos trabalhos a Aristóbulo e a Antígono, seus filhos.

Eles de tal modo assediaram a praça que os samaritanos ficaram reduzidos a uma grande carestia, de forma que, para sustentar a vida, tinham de recorrer a coisas que os homens não estão acostumados a comer. Em tal aperto, imploraram o socorro de Antíoco Cizicênio, e ele veio imediatamente, porém as tropas de Aristóbulo o venceram. Ele e o irmão perseguiram-no até Citópolis. Voltaram depois ao assédio e de tal modo oprimiram os samaritanos que eles se viram obrigados a pedir uma segunda vez o auxílio de Antíoco.

Antíoco obteve de Ptolomeu, cognominado Latur, mais ou menos seis mil soldados e, contra a opinião e ordem de sua mãe, que o queria dissuadir desse intento, foi com esses egípcios devastar a região sujeita a Hircano sem, porém, ousar combater, pois se sentia muito fraco, mas se iludia com a esperança de que Hircano, para impedir o saque, abandonaria o assédio. No entanto, depois de perder vários dos seus, devido às emboscadas que os judeus lhe armaram, retirou-se para Trípoli e deixou o encargo da guerra a Calimandro e a Epícrates. O primeiro travou temerari-amente um combate e foi derrotado e morto. Epícrates deixou-se corromper pelo dinheiro e entregou Citópolis e outras praças aos judeus, sem prestar auxílio algum aos samaritanos. Assim, Hircano, após um ano de sítio, tomou a cidade e, não se contentando em se tornar senhor dela, destruiu-a completamente, fazendo passar por ela várias torrentes, de modo que ela perdeu todo e qualquer aspecto de cidade.

Dizem-se coisas incríveis desse sumo sacerdote. Afirma-se que o próprio Deus lhe falava e que, estando sozinho no Templo, onde oferecia incenso, no mesmo dia em que os filhos se empenhavam numa batalha contra Antíoco Cizicênio, ele ouviu uma voz dizer-lhe que seria vitorioso. Saiu imediatamente para dar essa grande notícia ao povo, e os fatos provaram que aquela revelação era verdadeira.

543. Todavia, não era somente em Jerusalém, na Judéia, que os judeus estavam em franco progresso. Eles também eram poderosos em Alexandria, no Egito, e na ilha de Chipre. A rainha Cleopatra, estando incompatibilizada com Ptoiomeu Latur, deu o comando de seu exército a Chelcias e a Ananias, filho de Onias que, como vimos, construiu no território de Heliópolis um templo semelhante ao de Jerusalém. A princesa nada fazia sem o conselho deles, como refere Estrabão da Capadócia, com estas palavras: "Vários daqueles que tinham vindo conosco a Chipre e dos que para lá foram enviados depois pela rainha Cleopatra abandonaram o seu partido para seguir o de Ptoiomeu. Somente os judeus, que conservam o afeto a Onias, mantiveram-se fiéis à princesa, por causa da confiança que ela depositava em Chelcias e em Ananias, seus compatriotas".

544. A felicidade de Hircano despertou a inveja dos judeus, particularmente entre os que pertenciam à seita dos fariseus, de que falamos há pouco, os quais desfrutam tal prestígio perante o povo, que este acolhe os seus sentimentos, ainda que contrários aos dos reis e dos sumo sacerdotes. Hircano, que fora um discípulo muito amado por eles, deu-lhes um grande banquete. Quando viu que todos estavam bem alegres, disse-lhes que, conhecendo os sentimentos dele, sabiam que não tinha maior desejo que não fosse trilhar sempre o caminho da justiça e nada fazer que fosse desagradável a Deus, e por isso estavam obrigados a avisá-lo quando julgassem que ele falhava em alguma coisa, a fim de corrigi-lo.

Os convidados, por esse motivo, elogiaram-no muito, e ele com isso mostrou-se bastante satisfeito. Porém um deles, de nome Eleazar, homem muito mau, tomou a palavra e disse: "Se desejais, como dizeis, que vos falemos com franqueza e segundo a verdade, dai-nos uma prova de vossa virtude, renunciando o sumo sacerdócio e contentando-vos em ser apenas príncipe do povo". Hircano perguntou-lhe o que o levava a fazer tal proposta, e ele respondeu: "É porque soubemos de nossos antepassados que a vossa mãe foi escrava durante o reinado do rei Antíoco Epifânio". Como esse boato era falso, Hircano ficou muito ofendido com tais palavras, e os outros fariseus mostraram-se também tão ultrajados quanto ele.

Então Jônatas, o mais íntimo dos amigos de Hircano, que era da seita dos

saduceus, inteiramente contrária à dos fariseus, disse-lhe saber que fora com o consentimento deles que Eleazar lhe fizera tão grande ultraje e que era fácil descobri-lo: perguntando-lhes como ele devia ser castigado. Hircano perguntou em seguida qual era a opinião deles, e, como não são muito severos no castigo dos crimes, responderam que ele merecia apenas a prisão e o azorrague, pois achavam que só a maledicência torna um homem réu de morte. Essa resposta deu a entender a Hircano que eles mesmos haviam induzido Eleazar àquela grande injúria. Ele ficou muito irritado, e Jônatas aumentou-lhe a irritação, de modo que ele não somente renunciou à seita dos fariseus, para abraçar a dos saduceus, como aboliu todos os seus estatutos e mandou castigar os que continuavam a observá-los. Isso tornou ele e os filhos odiosos a todo o povo, como veremos a seu tempo.

Contentar-me-ei agora em dizer que os fariseus, que receberam essas constituições pela tradição de seus antepassados, as ensinaram ao povo. Os saduceus, porém, as rejeitavam, porque elas não estão compreendidas entre as leis dadas por Moisés, que estes afirmam serem as únicas que são obrigados a observar. Isso fez surgir entre eles uma grande divergência, que deu origem a diversos partidos. As pessoas de classe mais elevada abraçaram o dos saduceus, e o povo alinhou-se com os fariseus. Mas já falamos amplamente, no segundo livro da Guerra dos Judeus, sobre essas duas seitas e sobre uma terceira, que é a dos essênios.

545. Hircano, depois de pacificar todas as divergências e conservar o poder e o principado entre os judeus durante trinta e um anos, bem como o sumo sacerdócio, terminou honrosamente a sua vida. Ele deixou cinco filhos. Deus julgou-o digno de desfrutar três maravilhosas honras, a saber: o principado de sua nação, o sumo sacerdócio e o dom da profecia. Pois Deus mesmo se dignava falar-lhe e dava-lhe tal conhecimento das coisas futuras que ele predisse que seus filhos mais velhos não usufruiriam por muito tempo a autoridade que lhes deixava. Isso nos obriga a relatar o seu fim, para melhor conhecermos a graça que Deus lhe havia concedido de penetrar as coisas futuras.

Capítulo 19

Aristóbulo, filho mais velho de Hircano, príncipe dos judeus, faz-se coroar rei. Associa o seu irmão Anttgono à coroa, põe os outros na prisão e também a sua mãe, a qual faz morrer de fome. Desconfia de Anttgono, manda matá-lo e morre de tristeza.

546. Aristóbulo, que era o mais velho dos filhos de Hircano, cognominado Filelés, isto é, "amigo dos gregos", mudou em reino, após a morte de seu pai, o principado dos judeus e foi assim o primeiro que se fez coroar rei. Isso aconteceu quatrocentos e oitenta e um anos depois da volta dos judeus libertados do cativeiro da Babilônia ao seu país. Como estimava muito Antígono, o segundo dos irmãos, chamou-o à coroa, associando-o no governo, e mandou colocar na prisão os outros três. Mandou também lá encerrar a própria mãe, porque ela também queria reinar e porque Hircano, ao morrer, colocara o governo nas mãos dela. Sua horrível crueldade chegou a tal excesso que ele a deixou morrer de fome na prisão. A esse crime acrescentou o de mandar matar o seu irmão Antígono, que ele demonstrara amar tanto. Calúnias foram a causa disso, embora de início ele as tenha rejeitado, em parte pelo afeto que lhe nutria e parte por estar persuadido de que haviam sido maliciosamente inventadas. Esse crime tão deplorável aconteceu assim:

Estava ele enfermo, e Antígono voltou da guerra com grande aparato, quando se celebrava a festa dos Tabernáculos. Nessa ocasião, Antígono subiu ao Templo acompanhado de alguns homens armados, sem outra intenção além de fazer orações a Deus pela saúde do rei seu irmão. Maus Espíritos, porém, serviram-se dessa oportunidade, dos felizes resultados de Antígono na guerra e de ter ele se apresentado no Templo com tanto aparato, para colocar divisão entre os irmãos. Disseram maliciosamente a Aristóbulo que Antígono, tendo se apresentado naquela circunstância com tal aparato, durante uma festa tão solene, bem mostrava aspirar ao trono e que voltaria bem depressa com um grande número de soldados para matá-lo, porque estava persuadido de que, podendo tornar-se senhor de todo o reino, seria tolice contentar-se apenas com uma parte.

Aristóbulo, que naquele instante estava numa torre (que depois foi

chamada Antônia), não quis acreditar nessas palavras. No entanto, para garantir a própria vida sem condenar o irmão, mandou esconder alguns guardas num lugar escuro e subterrâneo, com ordem de não fazerem mal a Antígono se ele viesse desarmado e de matá-lo se viesse armado. Mandou em seguida dizer-lhe para que viesse falar-lhe sem armas. Porém, a rainha e os outros inimigos de Antígono apanharam esse emissário e obrigaram-no a dizer que o rei, tendo sabido que ele tinha armas muito belas, pedia-lhe que fosse como estava, para lhe dar o prazer de mostrá-las. O príncipe, que de nada desconfiava e se fiava no afeto do rei seu irmão, veio armado como estava. E, quando chegou à torre de Estratão, onde a passagem era escura, os guardas do rei o mataram.

Essa morte tão trágica mostra de que é capaz a inveja e o que pode a calúnia: elas são tão fortes que abafam os sentimentos mais ternos de amizade natural. Não é, pois, de admirar que um certo Judas, essênio de nascimento, cujas predi-ções jamais deixavam de ser verdadeiras, tendo visto Antígono subir ao Templo, disse aos discípulos e amigos que costumavam segui-lo para verificarem os efeitos daquela ciência que o fazia penetrar o futuro e que ele quisera estar morto, porque a vida de Antígono faria conhecer a superfluidade de suas predições, pois afirmara que ele morreria naquele mesmo dia, na torre de Estratão, o que era impossível, porque ela distava de Jerusalém uns seiscentos estádios, e a maior parte do dia já se havia passado. Quando ele assim falava, vieram dizer-lhe que Antígono fora morto num lugar subterrâneo com esse mesmo nome, Estratão, que tem uma torre à beira mar (chamada depois Cesareia). Essa semelhança de nomes havia sido a causa de sua confusão e inquietação.

547. Aristóbulo não tardou a se arrepender de haver tirado a vida a seu irmão, o que aumentava ainda mais a sua enfermidade. Recriminava-se continuamente por ter cometido tão horrível crime, e seu sofrimento foi tanto que ele vomitou grande quantidade de sangue. Quando um de seus servidores levava esse sangue, aconteceu que ele o deixou cair, creio eu por permissão divina, e parte dele derramou-se no mesmo lugar onde ainda se viam vestígios do sangue de Antígono, irmão do rei. Os que o viram, julgando que ele o fazia de propósito, soltaram um grande grito, que foi ouvido pelo rei.

Ele perguntou o motivo, mas ninguém ousava dizer-lhe. O rei, porém, insistia cada vez mais, porque os homens naturalmente ficam suspeitosos quando se lhes procuram ocultar alguma coisa e passam a imaginá-la muito pior do que é na realidade. Assim, Aristóbulo, por meio de ameaças, obrigou-os a dizer a verdade, a qual fez sobre o seu Espírito tão forte impressão que ele disse, após derramar muitas lágrimas, soltando um profundo suspiro: "Bem parece que não se pode ocultar aos olhos de Deus uma ação tão detestável, pois Ele descarregou depressa sobre mim a sua justa vingança. Até quando este meu miserável corpo reterá a minha alma criminosa? Não é preferível morrer de uma vez que derramar o meu sangue gota a gota, como um sacrifício de expiação à memória daqueles aos quais fiz tão cruelmente perder a vida?"

Dizendo essas palavras, ele morreu, após reinar somente um ano. Seu país foi-lhe devedor de muitos benefícios, porque ele declarou guerra aos idumeus, conquistou grande parte do território deles, que anexou à Judéia, e obrigou os seus habitantes a receber a circuncisão e a viver segundo as nossas leis. Era de natureza doce e muito modesto, como refere Estrabão, com estas palavras, ante a relação de Timagenes: "Esse príncipe era muito afável, e os judeus não lhe são devedores de pouco, porque ele levou bem longe os limites de seu país, que aumentou com uma parte da Ituréia e uniu esse povo a eles pelo laço da circuncisão".

CAPÍTULO 20

SALOMÉ, ANTES CHAMADA ALEXANDRA, VIÚVA DO REI ARISTÓBULO, TIRA JANEU, COGNOMINADO ALEXANDRE E IRMÃO DESSE PRÍNCIPE, DA PRISÃO E O CONSTITUI REI. ELE MANDA MATAR UM DE SEUS IRMÃOS E CERCA PTOLEMAIDA. O REI PTOLOMEU LATUR, QUE HAVIA SIDO EXPULSO DO EGITO PELA RAINHA CLEÓPATRA, SUA MÃE, VEM DE CHIPRE PARA SOCORRER PTOLEMAIDA, QUE SE RECUSA A RECEBÊ-LO. ALEXANDRE LEVANTA O CERCO E TRATA PUBLICAMENTE COM PTOLOMEU E SECRETAMENTE COM A RAINHA CLEÓPATRA.

548. Depois da morte do rei Aristóbulo, a rainha Salomé, sua esposa, que os gregos chamam Alexandra, pôs em liberdade os irmãos desse príncipe, que ele mantinha na prisão, como vimos, e fez rei Janeu, antes chamado Alexandre,

que era o mais velho e o mais moderado de todos. Ele havia sido tão infeliz que Hircano, seu pai, sentiu aversão por ele já logo após o nascimento. Esse sentimento era tão forte que até morrer Hircano jamais consentiu que ele comparecesse à sua presença. Penso dever dizer a causa disso.

Hircano, que amava muito Aristóbulo e Antígono, os dois mais velhos de seus filhos, perguntou a Deus, que lhe havia aparecido em sonhos, qual deles deveria sucedê-lo no trono, e Deus revelou-lhe, mostrando Alexandre, que este deveria reinar. O desprazer que ele então concebeu levou-o a mandar educá-lo na Galiléia. Mas o que Deus havia predito não deixou de acontecer, pois ele foi elevado ao trono depois da morte de Aristóbulo. Mandou em seguida matar um de seus irmãos, que quis fazer-se rei, e tratou muito bem ao outro, que se contentou em levar vida privada.

549. Depois de colocar em ordem os negócios do Estado, Alexandre marchou com um exército contra os de Ptolemaida e, depois de vencê-los num grande combate, obrigou-os a se encerrar na sua cidade, onde os sitiou. De todas as cidades marítimas, Gaza era a única que ele ainda não havia tomado, e para isso era necessário subjugar Zoilo, que se apoderara de Adora e da torre de Estratão. Os habitantes de Ptolemaida não podiam esperar auxílio do rei Antíoco nem de Antíoco Cízico, seu irmão, pois eles tinham empenhadas todas as suas forças em outra guerra.

Zoilo, porém, que esperava aproveitar-se da divisão entre esses príncipes para ocupar Ptolemaida, para lá enviou algum auxílio enquanto os dois reis tão pouco se importavam em ajudá-la, pois estavam tão irritados um contra o outro que não se incomodavam com mais nada, semelhante aos atletas que, embora cansados de combater, têm vergonha de se confessar vencidos e não cedem ao competidor, mas depois de recobrarem um pouco de alento recomeçam o combate. Assim, o único recurso que restava aos sitiados era pedir socorro ao Egito, principalmente a Ptolomeu Latur, que havia sido expulso do reino pela rainha Cleopatra, sua mãe, e se retirado para a ilha de Chipre. Mandaram então pedir-lhe que os livrasse do perigo em que se encontravam, dando-lhe a entender que logo que viesse para a Síria, os de Gaza, Zoilo, os sidônios e vários outros passariam imediatamente para o seu lado.

O príncipe, com essa esperança, cuidou em equipar imediatamente uma

grande frota. Mas nesse ínterim, Demeneto, que desfrutava grande prestígio em Ptolemaida, persuadiu os habitantes a mudar de opinião, mostrando-lhes que era muito mais vantajoso permanecer na incerteza do êxito na guerra em que estavam empenhados contra os judeus que cair na servidão, a qual lhes seria inevitável se, chamando o rei Ptolomeu, o recebessem por senhor. E assim, não teriam somente de sustentar aquela guerra, mas também uma outra, maior ainda e mais perigosa, com o Egito, porque a rainha Cleopatra, mão de Ptolomeu, que tinha a intenção de expulsá-lo da ilha de Chipre, vendo que ele procurava fortalecer-se à custa das províncias vizinhas, viria contra eles com um poderoso exército. E se então Ptolomeu, enganado em suas esperanças, os abandonasse a fim de fugir para a ilha de Chipre, eles ficariam expostos a um perigo maior do que poderiam imaginar.

550. Ptolomeu soube a caminho que os de Ptolemaida haviam mudado de idéia, mas continuou a viagem. Desembarcou em Sicamim com o seu exército, que era de trinta mil homens, tanto de infantaria quanto de cavalaria, e avançou para Ptolemaida. Viu-se, porém, em graves dificuldades quando os embaixadores não puderam falar aos habitantes da cidade, que se recusaram a recebê-los e nem quiseram ouvir as suas propostas. Então Zoilo e os de Gaza foram ter com ele para pedir-lhe socorro contra os judeus e contra o seu rei, que lhes devastava o país.

Assim, Alexandre foi obrigado a levantar o cerco de Ptolemaida. Retirou o exército e, querendo agir com astúcia, enviou secretamente emissários à rainha Cleopatra para fazer aliança com ela contra Ptolomeu, enquanto tratava publicamente com ele e prometia dar-lhe quatrocentos talentos de prata se este lhe entregasse o tirano Zoilo e cedesse aos judeus as praças e as terras que ele possuía. Ptolomeu, de boa mente, fez aliança com Alexandre e mandou prender Zoilo. Mas quando soube que o príncipe negociava secretamente com a rainha sua mãe, rompeu com ele e sitiou Ptolemaida, que, como vimos, se recusara a recebê-lo. Deixando alguns dos chefes com uma parte das forças, para continuar o cerco, foi com o resto devastar a Judéia. Alexandre, por sua vez, para resistir-lhe, reuniu um exército de cinqüenta mil homens ou, segundo outros, de oitenta mil. Ptolomeu, tendo num sábado atacado de improviso a cidade de Azoto, na Galiléia, tomou-a de assalto e levou dez mil escravos e

grande quantidade de despojos.

CAPÍTULO 21

GRANDE VITÓRIA OBTIDA POR PTOLOMEU LATUR SOBRE ALEXANDRE, REI DOS JUDEUS, E SUA HORRÍVEL DESUMANIDADE. CLEOPATRA, MÃO DE PTOLOMEU, VEM EM AUXÍLIO DOS JUDEUS, E LATUR TENTA INUTILMENTE TORNAR-SE SENHOR DO EGITO. ALEXANDRE TOMA GAZA E PRATICA GRANDES ATOS DE CRUELDADE. DIVERSAS GUERRAS REFERENTES AO REINO DA SÍRIA. ESTRANHO ÓDIO DA MAIORIA DOS JUDEUS CONTRA ALEXANDRE, SEU REI, QUE CHAMAM DEMÉTRIO EUCERO EM SEU AUXÍLIO.

551. Depois que Ptolomeu Latur tomou Azoto de assalto, foi a Séforis, que fica próxima, e atacou-a, mas foi repelido, com grandes perdas. Em vez de continuar esse assédio, ele marchou contra Alexandre, rei dos judeus. Encontrou-o em Azofe, muito perto do Jordão, e acampou em frente dele. A vanguarda de Alexandre era composta de oito mil homens, soldados veteranos, todos armados com escudos de bronze. Os da vanguarda de Ptolomeu também o eram, mas o resto de suas tropas não estava bem armado, o que os fazia recear o combate. Um certo Fílonstevão, muito experimentado na guerra, tranqüilizou-os e fê-los passar o rio que separava os dois acampamentos, sem que Alexandre se opusesse a isso, porque ele julgava vencer mais facilmente quando os inimigos, tendo o rio por trás, não pudessem mais fugir.

O combate foi deveras sangrento, e era difícil julgar para que lado pendia a vitória. Por fim, as tropas de Alexandre começaram a prevalecer, enquanto as de Ptolomeu estavam se esfacelando. Mas Fílonstevão as susteve com um corpo de tropas que ainda não havia combatido e as reanimou. Os judeus, espantados com tal mudança e sem receber nenhum reforço, fugiram, e todos os outros seguiram-lhes o exemplo. Os inimigos perseguiram-nos tão vivamente e fizeram tal morticínio que só cessaram a matança quando não agüentaram mais o cansaço e a ponta de suas espadas começava a se entortar. O número de mortos foi de trinta mil ou, segundo uma relação de Timagenes, cinqüenta mil. O resto do exército foi aprisionado ou salvou-se na fuga.

552. Depois de tão assinalada vitória e de tão longa perseguição,

Ptolomeu retirou-se, à tarde, para algumas aldeias da Judéia e, encontrando-as cheias de mulheres e de crianças, ordenou aos seus soldados que as estrangulassem, fizessem-nas em pedaços e as lançassem numa caldeira de água fervente, a fim de que os judeus que haviam escapado da batalha, ao chegar àquele lugar, pensassem que os inimigos comiam carne humana e tivessem ainda maior medo deles. Estrabão não é o único que faz menção dessa horrível desumanidade, pois Nicolau a refere também. Ptolomeu apoderou-se depois de Ptolemaida, à força, como já dissemos em outro lugar.

553. Quando a rainha Cleópatra viu que o seu filho crescia daquele modo em poder e devastava, sem resistência, toda a Judéia, submetendo Gaza à sua obediência e estando já quase às portas do Egito, e que ele nada mais pretendia além de se apoderar do país, julgou não dever esperar mais para enfrentá-lo. Assim, sem perder tempo, reuniu grandes forças de terra e mar, cujo comando confiou a Chelcias e a Ananias, judeus de nascimento. Colocou em segurança, na ilha de Choos, a maior parte de suas riquezas, seus netos e seu testamento, mandou Alexandre, seu outro filho, para a Fenícia com uma grande esquadra, porque aquela província estava para se revoltar, e veio em pessoa a Ptolemaida. Os seus habitantes, porém, fecharam-lhe as portas, e ela sitiou-os. Quando Ptolomeu viu que ela havia deixado o Egito, para lá partiu, na esperança de que facilmente dele se poderia apoderar, mas viu-se enganado em seus intentos. Por aquele mesmo tempo, Chelcias, um dos generais do exército de Cleópatra, que perseguia Ptolomeu, morreu na Baixa Síria.

554. Cleópatra, ao saber que as intenções do filho a respeito do Egito haviam sido frustradas, enviou para lá uma parte de suas forças, que o rechaçaram totalmente. Assim, ele foi obrigado a voltar e passou o inverno em Gaza. Então Cleópatra tomou Ptolemaida, onde Alexandre, rei dos judeus, veio encontrar-se com ela, trazendo-lhe muitos presentes. Ela o recebeu com prazer e como um príncipe que, tendo sido tão maltratado por Ptolomeu, somente a ela podia recorrer. Alguns servidores propuseram que ela se apoderasse do país, para não permitir que um número tão grande de judeus, homens de bem, estivesse sujeito a um único homem. Mas Ananias aconselhou o contrário, dizendo que ela não podia com justiça despojar um príncipe que fizera aliança com ela e era parente próximo dele. Também não podia evitar dizer-lhe que, se

ela fizesse aquela injustiça, nenhum judeu deixaria de se tornar inimigo dela. Essas razões persuadiram-na, e assim, ela não somente evitou causar desprazer a Alexandre como renovou a aliança com ele em Citópolis, que é uma cidade da Baixa Síria.

555. Logo que o príncipe se viu livre dos receios quanto a Ptolomeu, entrou na Baixa Síria, tomou a cidade de Gadara depois de um cerco de dez meses e Hamate logo em seguida, que é a mais resistente de todas as fortalezas situadas sobre o Jordão e na qual Teodoro, filho de Zenão, havia posto tudo o que tinha de mais precioso. Teodoro, para vingar-se, atacou os judeus quando menos esperavam, matou cerca de dez mil e tomou toda a bagagem de Alexandre. Esse príncipe, sem se abater com tal perda, não deixou de sitiar e de tomar Rafa, que está à beira-mar, e Antedom, que Herodes depois chamou Agripíada. Vendo que Ptolomeu abandonara Gaza para voltar a Chipre e que a rainha Cleópatra, sua mãe, retomara também o caminho para o Egito, o seu ressentimento pelo fato de os moradores de Gaza haverem chamado Ptolomeu em seu auxílio, contra ele, levou-o a devastar-lhes o país e a sitiá-los.

Apolodoto, que os comandava, atacou o acampamento dos judeus com dois mil soldados estrangeiros e mil servidores que pôde reunir. Durante a noite, ele obteve vantagem, porque os judeus estavam certos de que Ptolomeu viera em socorro dos sitiados, mas quando raiou o dia eles viram que se haviam enganado, retomaram ânimo e atacaram Apolodoto com tanta coragem que mataram ali mesmo mil de seus soldados. Os sitiados, porém, não perderam a coragem, embora fossem ainda acossados pela fome. Preferiam sofrer até o fim a se entregar. Aretas, rei dos árabes, que lhes prometia auxílio, fortalecia-os em seu intento. Mas Apolodoto foi morto à traição antes que esse rei tivesse chegado, e a cidade foi tomada. Foi Lisímaco, seu próprio irmão, quem cometeu esse crime, por inveja do prestígio que os próprios e grandes méritos haviam granjeado a Apolodoto. Lisímaco então reuniu um grupo de soldados e entregou a praça a Alexandre.

Quando esse príncipe lá entrou, parecia ter Espírito de paz, mas depois enviou tropas às quais permitiu castigar o povo com toda espécie de crueldade. Eles não pouparam um sequer de todos os que puderam matar, porém isso custou também a vida a vários judeus, pois uma parte dos habitantes morreu

com armas na mão, defendendo-se valentemente, outros incendiaram as próprias casas, para impedir que fossem presa do inimigo, e outros mataram as próprias mulheres e filhos, para evitar-lhes uma vergonhosa escravidão. Sabendo que o senado estava reunido quando essas tropas sanguinárias entravam na cidade, eles fugiram para o templo de Apoio, a fim de ali buscar asilo seguro, mas não o encontraram. Alexandre mandou matá-los e, depois de destruir a cidade, que conservava sitiada durante um ano, voltou a Jerusalém.

556. Por esse mesmo tempo, o rei Antioco Gripo foi morto à traição por Heracleu, na idade de quarenta e cinco anos, após reinar vinte e nove. Seleuco, seu filho, sucedeu-o e fez guerra a Antioco Cizicenio, seu tio, aprisionou-o numa batalha e mandou matá-lo. Pouco tempo depois, Antioco, filho de Cizicenio, e Antonino, cognominado Eusébio, vieram a Arade, onde foram coroados reis. Eles fizeram guerra a Seleuco, venceram-no numa batalha e o expulsaram da Síria. Ele fugiu para a Cilícia, onde foi recebido pelos mopseatas, mas, em vez de reconhecer a obrigação que lhes devia, quis ainda exigir deles tributo. Então eles, não o podendo suportar, puseram fogo ao seu palácio, onde morreu queimado com os seus amigos.

557. Enquanto esse Antioco reinava na Síria, um outro Antioco, irmão de Seleuco, fez-lhe guerra. Mas foi derrotado com todo o seu exército. Filipe, seu irmão, fez-se coroar rei e reinou numa parte da Síria. No entanto, Ptolomeu Latur mandou chamar Demétrio Eucero, seu quarto irmão, em Gnida, o constituiu rei em Damasco. Antioco resistiu valentemente a esses dois irmãos, mas não viveu por muito tempo. Tendo partido para Laodicéia em auxílio da rainha dos galadenianos, que faziam guerra aos partos, foi morto numa batalha, lutando corajosamente. Filipe e Demétrio, que eram irmãos, com a morte dele ficaram de posse pacífica do reino da Síria, como já dissemos em outro lugar.

558. Ao mesmo tempo, Alexandre, rei dos judeus, viu turbar-se o seu reino, pelo ódio que o povo tinha contra ele. No dia da festa dos Tabernáculos, quando se levam ramos de palmas e de limoeiros, ele preparava-se para oferecer sacrifício. O povo não se contentou de lhe lançar limões à cabeça, mas o ofendeu com palavras, dizendo que, tendo sido escravo, ele não merecia honra alguma e era indigno de oferecer sacrifícios a Deus. Ele ficou de tal modo

enfurecido que mandou matar uns seis mil deles e em seguida reprimiu o esforço da multidão irritada com uma cerca de madeira que mandou fazer ao redor do Templo e do altar, e que se estendia até o lugar onde somente os sacerdotes têm direito de entrar.

Ele assalariou soldados pisídios e cilícios porque, sendo inimigo dos sírios, não se servia deles. Venceu depois os árabes, impôs tributos aos moabitas e aos galaditas e destruiu Hamate sem que Teodoro se atrevesse a dar-lhe combate. Fez também guerra a Obede, rei dos árabes, mas, tendo caído numa emboscada perto de Gadara, na Galiléia, impelido por um grande número de camelos a um estreito muito apertado e difícil de transpor, chegou a salvo com muita dificuldade em Jerusalém. Esse mau resultado foi seguido de uma guerra que seus súditos lhe moveram durante seis anos. Ele matou mais ou menos uns cinqüenta mil deles e, embora tudo fizesse para estar bem com eles, o ódio que lhe tinham era tão violento que, quanto mais queria acalmá-lo, tanto mais ele aumentava. Assim, perguntando-lhes um dia o que queriam que fizesse para contentá-los, todos exclamaram que ele devia se matar. Mandaram então imediatamente chamar Demétrio Eucero, para pedir-lhe auxílio.

Capítulo 22

Demétrio Eucero, rei da Síria, vem em auxílio dos judeus contra Alexandre, seu rei. Derrota-o numa batalha e retira-se. Os judeus continuam sozinhos a fazer-lhe guerra. Ele os vence em diversos combates e usa de espantosa crueldade contra eles. Demétrio sitia Filipe, seu irmão, em Beroé. Mitrídates Sinacés, rei dos partos, manda contra ele um exército que o faz prisioneiro e o envia a esse rei. Morre logo depois.

559. Demétrio Eucero, fortalecido por aqueles que o convocavam, veio em seu auxílio com um exército de três mil cavaleiros e quarenta mil soldados de infantaria. Alexandre marchou contra ele com seis mil e duzentos soldados estrangeiros contratados e vinte mil judeus que se lhe conservaram fiéis. Os dois príncipes fizeram todos os esforços. Demétrio, para ganhar esses estrangeiros, que eram gregos, e Alexandre, para ganhar ao seu partido os

judeus que haviam passado para Demétrio. Mas nem um nem outro conseguiu o seu intento. E assim, foi necessário travar-se uma batalha.

Demétrio venceu, e os estrangeiros que estavam do lado de Alexandre mostraram seu valor e fidelidade, pois foram todos mortos, sem exceção de um. Demétrio, por sua vez, perdeu também muitos soldados. Alexandre fugiu para os montes e então, por uma estranha mudança, a compaixão pela sua infelicidade fez com que seis mil judeus fossem procurá-lo. Isso causou tanto temor a Demétrio que ele se retirou. Os outros judeus continuaram sozinhos a guerra a Alexandre, mas foram vencidos, e muitos pereceram em diversos combates. Ele obrigou os chefes a se retirarem a Betom, tomou a cidade e os mandou prisioneiros a Jerusalém, onde, para vingar-se das ofensas que havia recebido, usou contra eles de horrível crueldade: enquanto se entregava a um banquete com suas concubinas num lugar bastante elevado, de onde podia ver tudo, mesmo ao longe, fez crucificar cerca de oitocentos na sua presença e estrangular diante deles, enquanto ainda viviam, suas mulheres e filhos.

É verdade que eles o haviam ofendido e, não se contentando em lhe fazer guerra eles mesmos, tinham ainda chamado estrangeiros em seu auxílio, levan-do-o muitas vezes a correr o risco de perder a vida e o reino e reduzindo-o a grande miséria, tanto que ele foi obrigado a entregar ao rei dos árabes as praças que havia conquistado no país dos moabitas e dos galatidas, a fim de impedir que se unissem aos seus súditos revoltados, isso sem falar dos muitos ultrajes que lhe fizeram. Tudo isso, porém, não impede o horror a tão espantosa desumani-dade, que o fez merecer, com razão, o nome de Trácida, para indicar a sua extrema barbaridade. Oito mil soldados dos que haviam tomado armas contra ele retiraram-se na noite seguinte a essa ação mais que desumana e não apareceram mais durante o seu reinado, que depois foi bastante pacífico.

560. Demétrio, saindo da Judéia, foi com dois mil cavaleiros e dez mil soldados de infantaria sitiar Filipe, seu irmão, em Beroé. Estratão, que a governava e que ajudava Filipe, chamou Zizo, general dos árabes, em seu socorro, e Mitrídates Sinacés, rei dos partos. Eles mandaram-lhe grandes forças, que sitiaram Demétrio em seu acampamento e obrigaram os seus soldados a se entregar, tanto pela multidão de dardos e flechas com que os cobriram quanto pela falta de água que provocaram. Mandaram-nos

prisioneiros a Mitrídates e voltaram carregados de despojos, permitindo aos de Antioquia, que estavam entre os prisioneiros, retirar-se sem pagar resgate. Mitrídates tratou Demétrio com grande honra até o fim de sua vida, que não foi longa, pois ele caiu doente e morreu. Quanto a Filipe, logo depois da prisão de Demétrio, foi para Antioquia e reinou na Síria.

CAPÍTULO 23

DIVERSAS GUERRAS DOS REIS DA SÍRIA. ALEXANDRE, REI DOS JUDEUS, TOMA VÁRIAS PRAÇAS. SUA MORTE E CONSELHO QUE DÁ À RAINHA ALEXANDRA, SUA MULHER, PARA CONQUISTAR OS FARISEUS E SER AMADA PELO POVO.

561. Antioco, cognominado Dionísio, irmão de Filipe, apoderou-se de Damasco, fez-se declarar rei e para isso serviu-se da ausência do irmão, que tinha ido fazer guerra aos árabes. Logo que Filipe o soube, voltou apressadamente e entrou em Damasco por meio de Mileze, comandante da fortaleza. Mas, para fazer crer que era o terror do seu nome, e não apenas a habilidade, que o fizera reconquistar aquela praça, mostrou-se muito ingrato. Mileze, para vingar-se, aproveitou a sua ida ao hipódromo, para assistir a uma corrida de cavalos, e fechou-lhe a porta da cidade, conservando-a para Antioco. Logo que este soube disso, voltou imediatamente da Arábia e entrou na Judéia com oito mil soldados de infantaria e oitocentos cavaleiros.

O rei Alexandre, surpreendido com essa repentina incursão, mandou fazer uma grande trincheira, desde Caparsabé, que se chama agora Antípatra, até o mar de Jope, que era o único lugar por onde se podia entrar. A isso ele acrescentou um muro com defesas de madeira distantes uma da outra cerca de cento e cinqüenta estádios. Antioco queimou-as todas e passou com o seu exército à Arábia. Os árabes permitiram-no a princípio, mas depois apareceram com dez mil cavaleiros. Antioco atacou-os com muita valentia. Mas foi morto quando, já quase certo da vitória, correu para defender uma das alas de seu exército, que estava para ser desbaratada. Essa desgraça abateu a coragem de seus soldados, que fugiram todos para a aldeia de Cana, onde a maior parte morreu de fome.

562. Aretas reinou depois na Baixa Síria, para onde fora chamado pelos

habitantes de Damasco, por causa do ódio que eles votavam a Ptolomeu, filho de Meneu. Ele entrou com soldados na Judéia, venceu o rei Alexandre perto de Adida e retornou, depois de conversar com ele.

563. Alexandre tomou a cidade de Diam e sitiou Essa, onde Zenão havia posto o que possuía de mais precioso, começando por fazê-la rodear de uma tríplice muralha. Depois tomou-a de assalto. Apoderou-se também de Gaulam, de Selêucia, do vale que tinha o nome de Antíoco e da fortaleza de Gamala. E, por ser Demétrio, que antes governava aqueles lugares, acusado de muitos crimes, despojou-o do principado. Depois de empregar cerca de três anos em todas essas expedições militares, voltou com o seu exército a Jerusalém, onde tantos felizes resultados o fizeram ser recebido com demonstrações de grande alegria.

564. Os judeus possuíam então várias cidades na Síria, na Iduméia e na Fenícia, isto é: ao longo do mar, a torre de Estratão, Apolônia, Jope, Jamnia, Hazor, Gaza, Atedom, Rafia e Rinosura; no meio da Iduméia, Adora, Maressa, Samaria, os montes do Carmelo e do Itaburim, Citópolis, Gadara, Gaulanítide, Selêucia e Gabara; no país dos moabitas, Essebom, Medeba, Lemba, Orom, Telitom e Zara; na Cilícia, Aulom e Pela, a qual eles destruíram, porque os habitantes não se decidiram por observar as nossas leis. Nossa nação possuía ainda na Síria outras cidades assaz importantes, que haviam sido destruídas.

565. Alexandre deixou-se dominar por sua intemperança, bebeu vinho em excesso e por esse motivo foi acometido de uma febre que durou três anos. Como isso, porém, não o impedia de se dedicar aos interesses da guerra, suas forças ficaram esgotadas de tal modo que ele veio a morrer na fronteira dos gerasianos, quando sitiava a fortaleza de Ragaba, situada além do Jordão. Estando ele nos seus últimos momentos, quando não havia mais esperança de cura, a rainha Alexandra, sua mulher, aflita pela dor e pela tristeza em que se encontrava, por ficar sozinha com os filhos, disse-lhe, banhada em lágrimas: "Nas mãos de quem me deixais, a mim e aos nossos filhos, nesta tão grande necessidade de auxílio em que nos achamos, como sabeis, pela aversão que o povo sente por vós?"

Ele respondeu: "Se quiserdes seguir o meu conselho, podereis conservar o reino e também os nossos filhos. Ocultai a minha morte aos meus soldados até

que esta praça tenha sido tomada. Depois que voltardes vitoriosa a Jerusalém, procurai conquistar o afeto dos fariseus, dando-lhes alguma autoridade, a fim de que essa honra os induza a louvar publicamente, perante o povo, a vossa magnanimidade. Eles desfrutam tanto poder sobre o Espírito do povo que o fazem amar ou odiar quem eles querem, sem que se considere se eles agem por interesse ou — quando falam mal de alguém — por inveja ou por ódio, como eu mesmo pude experimentar, pois a aversão do povo contra mim foi motivada pela minha inimizade com eles. Mandai, pois, chamar os chefes dessa seita logo que tiverdes chegado, mostrai-lhes o meu corpo morto e dizei, como se o desejásseis do fundo do coração, que me entregais nas mãos deles para que façam o que quiserem: ou recusar-me a honra da sepultura, para vingarem-se dos males que lhes causei, ou acrescentar maiores ultrajes, para se satisfazerem plenamente. Dai-lhes em seguida a vossa palavra de que nada fareis no governo do reino senão por seu conselho. Digo-vos que, se assim fizerdes, eles ficarão tão satisfeitos com essa deferencia, que, em vez de desonrar a minha memória, me farão magníficos funerais, como eu não ousaria esperar nem mesmo de vós, e reinareis com inteira autoridade". Dizendo essas palavras, morreu, na idade de quarenta e nove anos, dos quais reinou vinte e sete.

CAPÍTULO 24

O REI ALEXANDRE DEIXA DOIS FILHOS: HIRCANO, QUE FOI SUMO SACERDOTE, E ARISTÓBULO. A RAINHA ALEXANDRA, SUA MÃE, CONQUISTA O POVO POR MEIO DOS FARISEUS, DANDO-LHES GRANDE AUTORIDADE. FAZ MORRER, A CONSELHO DELES, OS MAIS FIÉIS SERVIDORES DO REI SEU MARIDO E DÁ AOS OUTROS, PARA ACALMÁ-LOS, A GUARDA DAS PRAÇAS MAIS FORTES. INCURSÃO DE TIGRANO, REI DA ARMÊNIA, NA SÍRIA. ARISTÓBULO QUER FAZER-SE REI. MORTE DA RAINHA ALEXANDRA.

566. A rainha Alexandra, depois de se apoderar da fortaleza de Ragaba e de voltar a Jerusalém, falou aos fariseus como lhe dissera o rei seu marido, declaran-do-lhes que nada queria fazer sem a opinião deles, com relação ao seu corpo e ao governo do reino. Assim, eles mudaram em afeto por ela o ódio que

concebiam por ambos e falaram ao povo dos grandes feitos do soberano, dizendo que haviam perdido um ótimo rei. Instigaram em seu Espírito tal tristeza pela sua morte que lhe fizeram funerais como a nenhum outro soberano.

567. Esse príncipe deixou dois filhos, Hircano e Aristóbulo, e determinou em seu testamento que a rainha sua esposa seria a regente. Hircano, o mais velho, era pouco capaz de governar e só cuidava em viver na ociosidade. Aristóbulo, ao contrário, tinha muita inteligência, era ousado e empreendedor. A rainha, que havia conquistado o coração do povo, pois sempre demonstrara tristeza pelas faltas do rei seu marido, criou Hircano para sumo sacerdote, não tanto por ele ser o mais velho quanto por sua incapacidade. Ela deixava os fariseus disporem de tudo e até ordenava ao povo que lhes obedecesse, porque, se Hircano, seu sogro, abolira algo de suas tradições, ela queria que fossem restauradas. Assim, tinha ela de rainha apenas o nome, e os fariseus desfrutavam todo o poder que lhes dava a realeza: faziam voltar os exilados, libertavam prisioneiros e em nada se diferenciavam dos soberanos.

Havia somente algumas coisas de que a princesa dispunha. Mantinha ela um grande número de tropas estrangeiras e parecia muito poderosa, para causar temor aos príncipes vizinhos. Obrigou-os até mesmo a lhe mandarem reféns. Assim, reinava pacificamente, mas os fariseus perturbavam a tranqüilidade, insistindo em que ela mandasse matar os que haviam aconselhado o rei seu marido a crucificar aqueles oitocentos homens de que falamos há pouco. Começaram por Diógenes e continuaram pelos outros, fazendo-os morrer, até que alguns dentre os mais ilustres vieram procurar a rainha em seu palácio, tendo à frente Aristóbulo, que demonstrava, pela sua atitude, não aprovar o que estava acontecendo e que se tivesse oportunidade diria à rainha sua mãe que ela não devia abusar assim do poder.

Apresentaram-se à princesa falando dos assinalados benefícios que haviam prestado ao falecido rei seu marido e dos favores com que ele os honrara, como recompensa pelo seu valor e por sua fidelidade. Pediam-lhe que não permitisse, depois de correrem tantos riscos na guerra, que os seus inimigos os fizessem morrer em plena paz, como vítimas, sem receber por isso o devido castigo. Acrescentaram que, se aqueles injustos perseguidores se

contentassem com o sangue que já haviam derramado, o respeito deles pela autoridade real, sob cujo nome se acobertavam, os faria suportar com paciência o que haviam sofrido até então. Mas se eles quisessem continuar a exercer tão horrível crueldade, suplicavam então, se ela julgasse bem, que eles pudessem procurar segurança fora de seus estados, porque não o queriam fazer sem licença dela. Ou, se ela lhes recusasse tão justo pedido, eles preferiam que ela os massacrasse ali no palácio, pois nada poderia ser mais vergonhoso que permitir serem eles tratados daquele modo por inimigos jurados do rei seu marido, dando a Aretas, rei dos árabes, e aos outros príncipes o prazer de verem como ela se privava de tantos homens valorosos, cujo nome somente fazia tremer. Por fim, eles concluíram, se ela lhes recusasse essa graça e resolvesse abandoná-los à paixão dos fariseus, que ao menos os espalhasse pelas fortalezas, para lá terminarem miseravelmente a vida, pois a sorte perseguia cruelmente os servidores de Alexandre.

Depois dessas palavras e de outras semelhantes, eles invocaram os manes do rei seu senhor, como para induzi-los a ter compaixão daqueles que já haviam sido mortos e dos que corriam ainda o mesmo risco. Os presentes ficaram todos comovidos e não puderam reter as lágrimas. Aristóbulo manifestou mais que todos os outros os seus sentimentos, pelas censuras que fez à rainha sua mãe. Mas disse também que eles deviam recriminar a si mesmos pela sua infelicidade, pois eles próprios a causaram ao escolher uma mulher tão ambiciosa para entregar o reino, como se o falecido rei não tivesse deixado filhos varões para substituí-lo.

568. A princesa ficou bastante embaraçada nessa circunstância e julgou que nada melhor poderia fazer além de confiar aos descontentes a guarda das fortalezas e das praças-fortes, exceto Hircânia, Alexandriom e Macherom, onde havia colocado tudo o que possuía de mais precioso. Pouco tempo depois, ela mandou Aristóbulo, seu sobrinho, com um exército a Damasco contra Ptolomeu Meneu, que oprimia esses vizinhos, mas ele voltou sem nada ter feito de memorável.

Por esse mesmo tempo, soube-se que Tigrano, rei da Armênia, entrara na Síria com um exército de quinhentos mil homens e vinha rapidamente para a Judéia. Tão grande e tão imprevisto perigo assustou a rainha Alexandra e todo

o reino. Ela então mandou a esse príncipe ricos presentes, por meio de embaixadores, que o encontraram ocupado no cerco de Ptolemaida. A rainha Selene, outrora chamada Cleopatra, que então reinava na Síria, exortou todos os seus súditos a se defenderem generosamente contra o usurpador. Os embaixadores de Alexandre tudo fizeram para induzir Tigrano a sentimentos favoráveis para com a sua rainha e a sua nação. Ele os recebeu muito bem e despediu-os com muitas esperanças. Tendo tomado Ptolemaida, soube que Lúculo, que perseguira o rei Mitrídates sem poder alcançá-lo, porque este já se havia posto a salvo na Libéria, entrara na Armênia e saqueava e devastava todo o país. Tal notícia o fez regressar.

569. A rainha Alexandra ficou então gravemente enferma, e Aristóbulo julgou ter encontrado o momento mais propício para os seus desígnios. Saiu à noite, acompanhado de um único servo, para ir às praças-fortes, que eram guardadas, como acabamos de dizer, pelos servidores de maior confiança do falecido rei seu pai. Estando havia muito tempo insatisfeito com o proceder de sua mãe e temendo mais do que nunca que a sua família viesse a cair sob o domínio poderoso dos fariseus, caso ela morresse, via, por outro lado, que seu irmão Hircano era inteiramente incapaz de governar. Ele confiou o seu segredo somente à esposa, que deixou em Jerusalém com os filhos.

Foi primeiro a Ágaba, onde Galesto, que era um de seus fiéis servidores e do falecido rei, o recebeu com grande alegria. No dia seguinte, a rainha percebeu que Aristóbulo estava ausente, mas não suspeitou de que ele se havia afastado para organizar uma rebelião. Quando soube, porém, que ele se apoderara de uma fortaleza e depois de mais outra, compreendeu que assim, uma após outra, todas ficariam em seu poder. Ela e os seus caíram em grande consternação, pois concluíram que já bem pouco faltava para que Aristóbulo usurpasse o poder. Eles temiam que ele se vingasse terrivelmente pela maneira como haviam tratado os seus mais afeiçoados servidores.

Em tão grande aflição, não tiveram outra deliberação a tomar senão prender na fortaleza próxima do Templo a mulher e os filhos de Aristóbulo. Enquanto isso os judeus acorriam de todas as partes para junto desse príncipe, e em quinze dias ele conseguiu apoderar-se de vinte e duas praças. Tomou então as insígnias da realeza e da dignidade real e não perdeu tempo em reunir

tropas. Recrutou-as no monte Líbano e na Traconítida e com os príncipes vizinhos, que o ajudaram de boa vontade, na esperança de que ele reconhecesse o benefício que lhe prestavam, ajudando-o a subir ao trono quando até então ele não ousara fazê-lo, por mais desejo que tivesse de ocupá-lo.

Hircano, acompanhado pelo judeus mais ilustres, foi procurar a rainha para que ela se dignasse dizer-lhes o que julgava conveniente fazer em tal contingência, pois Aristóbulo já era senhor de quase todo o território, pela rendição de tantas praças, e, ainda que ela se encontrasse tão enferma, era dever dele nada empreender, estando ela ainda viva, sem consultá-la, visto que o perigo estava muito próximo. Ela respondeu que deixava a eles a escolha e que fizessem o que pensassem ser mais vantajoso para o reino, pois eles tinham soldados, homens competentes e grande soma de dinheiro no tesouro público. Quanto a ela, não estava mais em condições de cuidar de assuntos do governo, porque se sentia inteiramente esgotada e no fim da vida. E, dizendo essas palavras, morreu, após reinar nove anos e viver setenta e três.

Essa rainha nada tinha da fraqueza de seu sexo, pois mostrou, pelas suas ações, que era capaz de governar e de envergonhar os príncipes que se mostram indignos da posição que ocupam no mundo. Cuidou unicamente da utilidade do reino, sem se afastar de uma ocupação tão importante por causa de vãos pensamentos ou preocupações com o futuro. Ela afirmava que a moderação no governo é preferível a tudo, e que jamais se deve fazer algo que não seja justo e honesto. Mas todas essas boas qualidades não impediram que os seus descendentes perdessem, depois de sua morte, o poder que a sua ambição lhes havia conquistado por meio de inúmeras dificuldades e perigos, tão grande a falta que ela cometeu: seguir o pernicioso conselho dos inimigos de sua família, privando o Estado da cooperação daqueles que muito poderiam ter feito. Assim, a sua morte foi seguida de perturbações e de infelicidade, mas todo o seu reinado passou-se em paz.

Livro Décimo Quarto

Capítulo 1

Após a morte da rainha Alexandra, Hircano e Aristobulo, seus filhos, travam uma batalha. Aristobulo vence, e eles fazem um tratado: a coroa fica com Aristóbulo e Hircano contenta-se com a vida privada.

570. Mostramos no livro precedente qual foi a vida e a morte da rainha Alexandra. Falemos agora do que aconteceu em seguida, pois devemos cuidar em nada omitir, por negligência ou por esquecimento. Embora aqueles que fazem a narração de fatos históricos e procuram esclarecer as coisas que o tempo obscureceu não se devam descuidar da elegância do estilo e dos ornamentos que a podem tornar agradável, o seu cuidado principal deve ser relatar exatamente a verdade, a fim de comunicá-la aos leitores e aos que prestarão fé às suas palavras.

Depois que Hircano foi feito sumo sacerdote, no terceiro ano da Olimpíada cento e setenta e sete, quando eram cônsules Quinto Hortêncio e Quinto Metelo, também chamado Metelo de Creta, Aristobulo declarou-lhe guerra, e a batalha travou-se perto de Jerico. Uma grande parte das tropas de Hircano passou para o lado de Aristobulo. Hircano fugiu para a fortaleza de Jerusalém onde a mulher e os filhos de Aristobulo estavam prisioneiros por ordem da rainha Alexandra. O resto de seus soldados retirou-se ao recinto do Templo, mas logo se entregaram. Começaram depois a falar de paz entre os dois irmãos, e ela foi concluída, sob a condição de que Aristobulo reinaria e Hircano, de posse de seus bens, contentar-se-ia com a vida privada. Esse tratado foi feito no próprio Templo. Ambos o confirmaram com juramento, apertaram-se as mãos e se abraçaram na presença do povo. Depois retiraram-se, Aristobulo para o palácio real e Hircano para a casa onde Aristobulo antes residia.

CAPÍTULO 2

ANTÍPATRO, IDUMEU, PERSUADE HIRCANO A FUGIR E SE REFUGIAR JUNTO DE ARETAS, REI DOS ÁRABES, QUE PROMETE RESTAURÁ-LO NO TRONO DA JUDÉIA.

571. Um idumeu, de nome Antípatro, muito rico, empreendedor e hábil, era amicíssimo de Hircano e inimigo de Aristobulo. Nicoiau de Damasco fá-lo descender de uma das principais famílias dos judeus que vieram da Babilônia para a Judéia, mas ele o diz em favor de Herodes, seu filho, que a fortuna elevou depois ao trono de nossos reis, como veremos a seu tempo. Antes não o chamavam Antípatro, mas Antipas, como o seu pai, que, tendo sido feito pelo rei Alexandre e pela rainha sua esposa governador de toda a Iduméia, contraiu amizade com os árabes, os gazeenses e os ascalonitas, conquistando o afeto deles por meio de grandes presentes.

O poder de Aristobulo tornou-se suspeito a Antípatro, que já o temia, por causa da inimizade que havia entre eles, e assim, secretamente, fez-lhe todo o mal que pôde ante os judeus mais ilustres, dizendo não haver motivos para se permitir que ele usurpasse o trono que pertencia por direito a Hircano, que era o irmão mais velho. Não se contentava em dizer a mesma coisa a Hircano, mas acrescentava que a vida deste não estaria segura se não se retirasse imediatamente, porque os amigos de Aristobulo não perderiam a oportunidade de matá-lo, para consolidar aquela injusta autoridade. Como Hircano era naturalmente bom e não dava facilmente crédito a suspeitas, essas palavras não o persuadiram. A sua afabilidade e o seu amor pela paz e pela tranqüilidade faziam-no julgar aquilo uma simples suposição. Aristobulo, ao contrário, era muito inteligente, corajoso, hábil, empreendedor e capaz de realizar grandes feitos.

Antípatro não se zangou por ver que Hircano não o escutava. Continuou a falar-lhe, insistindo em dizer-lhe que Aristobulo tinha intenção de lhe tirar a vida. Com muita dificuldade, levou-o a decidir-se por fugir para junto do rei Aretas, soberano dos árabes. Fez-lhe ver que essa retirada seria facílima, porque a Arábia está perto da Judéia, e prometeu-lhe ajudá-lo o mais possível. Foi depois falar com Aretas, da parte de Hircano, para obter a sua palavra de que não o entregaria ao inimigo. Após obter tal promessa, com juramento,

voltou a Jerusalém para falar com Hircano. E, certa noite, alguns dias depois, levou-o em marcha forçada até a cidade de Petra, onde o rei dos árabes tinha a sua corte. Como Antípatro desfrutava grande estima junto dele, rogou-lhe com tanta insistência que restaurasse Hircano no reino da Judéia e deu-lhe tantos presentes que por fim o persuadiu. Hircano, por sua vez, prometeu-lhe em paga, se fosse restaurado no trono da Judéia, entregar-lhe o país e as doze cidades que o rei Alexandre, seu pai, havia tomado dos árabes, isto é, Medeba, Nabalo, Lívias, Tarabaza, Agala, Atom, Zoara, Oroné, Maressa, Rida, Lussa e Oriba.

CAPÍTULO 3

ARISTÓBULO É OBRIGADO A SE RETIRAR PARA A FORTALEZA DE JERUSALÉM. O REI ARETAS AÍ VEM CERCÁ-LO. IMPIEDADE DE ALGUNS JUDEUS, QUE APEDREJAM ONIAS, UM HOMEM JUSTO, E CASTIGO QUE RECEBEM POR ESSE CRIME.

572. O rei Aretas, levado pelas promessas de Hircano, atacou Aristóbulo com um exército de cinqüenta mil homens, deu-lhe combate e o venceu. Vários judeus passaram imediatamente para o lado de Hircano. Aristóbulo, vendo-se abandonado desse modo, fugiu para o Templo, em Jerusalém. Aretas foi sitiá-lo com todo o seu exército, fortalecido ainda pelo povo, que havia abraçado o partido de Hircano. Somente os sacerdotes ficaram fiéis a Aristóbulo. A festa dos Pães Asmos, a que chamamos Páscoa, estava próxima, e os mais ilustres dos judeus deixaram o país a fim de fugir para o Egito.

Onias era um homem justo e querido de Deus, o qual havia obtido chuva durante uma grande carestia. Vendo aquela guerra civil, ele foi se esconder. Mas foi achado, e levaram-no ao campo. Os judeus rogaram-lhe que, tendo ele outrora debelado a carestia com as suas orações, fizesse agora imprecações contra Aristóbulo e os de seu partido. Por muito tempo ele resistiu, mas por fim o povo o obrigou a orar. Ele dirigiu-se a Deus e assim falou, na presença de todos: "Grande Deus, que sois o soberano Monarca do universo, sendo que todos os que estão aqui são o vosso povo, e os que estão sitiados, os vossos sacerdotes, rogo-vos que não escuteis as orações nem de uns nem de outros". Mal havia ele pronunciado tais palavras, alguns judeus celerados e maus

cobriram-no de pedradas. Deus, porém, não adiou muito a sua vingança por esse crime.

O dia da Páscoa chegou. Nesse dia, costumamos oferecer um grande número de sacrifícios. Aristóbulo e os sacerdotes que estavam com ele não tinham vítimas e rogaram então aos judeus que estavam com os sitiantes que as fornecessem, pois estavam dispostos a pagar quanto eles exigissem. Eles pediram mil dracmas por cada animal e as exigiram adiantadas. Aristobuio e os sacerdotes aceitaram e desceram com uma corda pela muralha a importância exigida. Mas esses perversos, depois de receber o dinheiro, não entregaram as vítimas e, não se contentando em faltar à palavra aos homens, tentaram pela sua impiedade arrebatar ao próprio Deus as honras que lhe são devidas. Os sacerdotes, vendo-se assim enganados, rogaram a Deus que castigasse todos aqueles pérfido judeus, e a sua oração foi ouvida naquele mesmo instante. Ele enviou por toda aquela região um vento impetuoso que destruiu todos os frutos da terra, de modo que uma medida de trigo veio a custar onze dracmas.

CAPÍTULO 4

ESCAURO, MANDADO POR POMPEU, É CONQUISTADO POR ARISTOBUIO.
O REIARETAS É OBRIGADO A LEVANTAR O CERCO DE JERUSALÉM.
ARISTOBUIO GANHA UMA BATALHA CONTRA ARETAS E HIRCANO.

573. Nesse mesmo tempo, Pompeu, estando empenhado na guerra da Armênia contra Tigrano, mandou Escauro para a Síria. Quando este chegou a Damasco, que pouco antes havia sido capturada por Metelo e por Lólio, resolveu entrar na judéia. Estando a caminho, encontrou-se com embaixadores que vinham a ele tanto da parte de Aristobuio quanto da de Hircano, cada qual buscando a sua aliança e pedindo socorro, oferecendo-lhe ao mesmo tempo quatrocentos talentos. Escauro preferiu Aristobuio, porque este, além de rico e liberal, era moderado em suas aspirações, ao passo que não lhe parecia que Hircano, sendo pobre e avaro, pudesse cumprir o que prometia, embora o que este desejasse fosse mais fácil que o que Aristobuio pedia. Isso porque é incomparavelmente mais difícil tomar uma praça-forte bem defendida que expulsar os que a sitiavam, que eram fugitivos e nabateenses, pouco

interessados na guerra.

Essas razões fizeram Escauro decidir-se por aceitar a soma que Aristobuio lhe oferecia e obrigá-los a levantar cerco. Para cumprir a sua promessa precisou somente pedir a Aretas que se retirasse, dizendo-lhe que, se não o fizesse, o declararia inimigo do povo romano. Escauro depois voltou a Damasco. Aristobuio reuniu um grande exército, deu combate a Hircano e a Aretas, num lugar chamado Papirom, e venceu-os, matando sete mil homens, dentre os quais Cefalé, irmão de Antípatro.

CAPÍTULO 5

POMPEU VEM À BAIXA SÍRIA. ARISTOBULO MANDA-LHE UM RICO PRESENTE. ANTÍPATRO VEM PROCURÁ-LO DA PARTE DE HIRCANO. POMPEU ESCUTA OS DOIS IRMÃOS E DEIXA A QUESTÃO DELES PARA RESOLVER DEPOIS QUE SUBJUGAR OS NABATEENSES. ARISTOBULO, SEM ESPERÁ-LO, RETIRA-SE PARA A JUDÉIA.

57A. Pouco tempo depois, Pompeu veio a Damasco e visitou a Baixa Síria, onde os embaixadores de toda a Síria, do Egito e da Judéia vieram encontrá-lo. Aristobulo mandou-lhe uma vinha de ouro no valor de quinhentos talentos. Estrabão de Capadócia faz menção desse magnífico presente nestes termos: "Vieram embaixadores do Egito que apresentaram a Pompeu uma coroa pesando quatro mil peças de ouro. Outros trouxeram-lhe da Judéia uma vinha ou jardim de ouro, a que chamavam Térpolis, isto é, 'delicioso'. Vi esse rico presente em Roma, no Templo de Júpiter Capitolino, a quem ele foi consagrado, com esta inscrição: ALEXANDRE, REI DOS JUDEUS, e o avaliavam em quinhentos talentos. Diz-se que fora mandado por Aristobulo, príncipe dos judeus".

Antípatro veio procurar Pompeu logo depois, da parte de Hircano, e Nicodemos, enviado por Aristobulo, tornou Gabinio e Escauro seus inimigos, acusando a um de ter se apoderado de trezentos talentos e a outro de quatrocentos. Pompeu ordenou que Hircano e Aristobulo viessem procurá-lo, a fim de se resolver a questão.

Quando chegou a primavera, suas tropas deixaram os quartéis de inverno, puseram-se em campo e devastaram de passagem a fortaleza de

Apaméia, que Antíoco Cizicênio construíra. Pompeu observou o país que Ptolomeu Meneu ocupava, o qual não perdia em maldade para Dionísio Tripolitano, seu parente, que tivera a cabeça truncada, sendo que Meneu resgatou a sua por mil talentos. Pompeu os distribuiu às suas tropas, arrasou o castelo de Lusíada, do qual um judeu chamado Silas se havia apoderado, passou por Heliópolis e pela Cálcida, atravessou o monte para descer à Baixa Síria e veio de Pela a Damasco. Ouviu Hircano e Aristobulo com relação ao litígio entre eles e também os judeus que se queixavam de um e de outro, dizendo que não queriam estar sujeitos à dominação dos reis, pois Deus lhes havia ordenado que obedecessem apenas aos sacerdotes, e que reconheciam que os dois irmãos eram da casta sacerdotal, mas estes queriam mudar a forma de governo para usurpar a suprema autoridade e reduzir assim o seu país à escravidão.

Hircano queixava-se de que, sendo o mais velho, Aristobulo queria privá-lo do que lhe pertencia por direito de nascimento e obrigá-lo a se contentar com uma pequena parte, usurpando todo o resto; que ele fazia incursões pelas terras contra os povos vizinhos e praticava a pirataria nos mares; que não se precisava de outra prova de seu mau caráter, de sua violência e de seu partidarismo senão o fato de haver levado o povo a se revoltar; e que mais de mil dentre os ilustres judeus que Antípatro tinha ganho apoiavam com o próprio testemunho essas queixas.

Aristobulo afirmava, ao contrário, que o irmão era indigno da realeza pela sua covardia e incapacidade, que o tornavam inapto para o governo e o faziam desprezado por todo o povo, e que por essa razão fora obrigado a tomar a suprema autoridade, para que ela não passasse a outra família. Quanto à qualidade de rei, não a assumira senão pelo fato de que o seu pai sempre a tivera também. Com relação às testemunhas, eram uns moços que ninguém tolerava que viessem ali tão bem vestidos e enfeitados, mais parecendo ter vindo para ostentar a própria vaidade que para ouvir o pronunciamento de uma sentença.

Pompeu, depois de ouvir os dois irmãos, não teve dificuldade em constatar que Aristobulo era violento. Disse-lhes que voltassem mais tarde, que procuraria dar remédio a tudo depois que dominasse os nabateenses e os reduzisse à obediência. Por enquanto, ordenava-lhes que vivessem em paz. Ele

tratou Aristobulo com urbanidade e gentileza, temendo que este lhe cortasse a passagem, mas no entanto não lhe conquistou a confiança, pois Aristobulo, sem esperar a realização de suas promessas, partiu para a cidade de Délio e de lá retirou-se para a judéia.

CAPÍTULO 6

POMPEU, OFENDIDO PELA RETIRADA DE ARISTÓBULO, MARCHA CONTRA ELE. DIVERSAS ENTREVISTAS ENTRE ELES, SEM RESULTADO.

575. Pompeu sentiu-se ofendido com a retirada de Aristobulo. Tomou as tropas que havia destinado aos nabateenses, mandou vir todas as que tinha em Damasco e no resto da Síria e com as legiões que comandava marchou contra ele. Depois de passar por Pela e Citópolis chegou a Core, onde começa aquela parte da)udéia que está no meio das terras, encontrou um castelo muito forte, de nome Alexandriom, situado no vértice de um monte, e soube que Aristobulo lá estava. Mandou dizer-lhe que viesse procurá-lo, e ele foi, porque o aconselharam a não se meter numa guerra contra os romanos. Depois de lhe falar do litígio com o irmão, relativo à primazia da Judéia, Pompeu deixou-o voltar ao castelo. O mesmo aconteceu ainda duas ou três vezes, nada deixando Aristóbulo de fazer, com a esperança de obter o reino e agradar a Pompeu. Ele, porém, não deixava de se preparar para a guerra, pois temia muito que Pompeu se pronunciasse em favor de Hircano. Pompeu ordenou-lhe que entregasse as fortalezas e escrevesse de próprio punho aos governadores, a fim de que não criassem dificuldades. Ele o fez, mas com tanta tristeza que se retirou para Jerusalém, a fim de poder resistir. Pompeu marchou também imediatamente contra ele e, no caminho, um enviado que vinha do Ponto trouxe-lhe a notícia de que o rei Mitridates fora morto por Farnaces, seu filho.

CAPÍTULO 7

ARISTÓBULO ARREPENDE-SE, VEM PROCURAR POMPEU E CONVERSA COM ELE. OS SOLDADOS DE ARISTÓBULO RECUSAM-SE A DAR O DINHEIRO QUE ESTE HAVIA PROMETIDO, BEM COMO A RECEBER OS ROMANOS EM JERUSALÉM. POMPEU O RETÉM PRISIONEIRO E SITIA O TEMPLO, PARA ONDE OS

PARTIDÁRIOS DE ARISTÓBULO SE HAVIAM RETIRADO.

576. O primeiro lugar onde Pompeu acampou foi Jerico, região abundante em palmeiras e onde cresce o bálsamo, que é o mais precioso de todos os perfumes, destilado de arbustos que o produzem mediante incisões com pedras bem afiadas. No dia seguinte, ele avançou para Jerusalém, e então Aristóbulo arrependeu-se do que havia feito. Foi procurá-lo, ofereceu-lhe uma soma de dinheiro, disse que o receberia em Jerusalém e rogou que ordenasse e dispusesse de tudo como lhe aprouvesse, mas sem guerra.

Pompeu aceitou a proposta e concordou com esse desejo. Mandou Gabínio com tropas para receber o dinheiro e entrar na cidade. Mas ele voltou sem nada conseguir, porque os soldados de Aristóbulo não quiseram cumprir o tratado: não entregaram o dinheiro e ainda lhe fecharam as portas da cidade. Pompeu ficou de tal modo encolerizado que manteve Aristóbulo prisioneiro e marchou em pessoa contra Jerusalém. A cidade estava bem fortificada por todos os lados, exceto o norte, onde um vale largo e profundo rodeava o Templo, que era assim cercado por uma grossa muralha.

CAPÍTULO 8

POMPEU, DEPOIS DE UM CERCO DE TRÊS MESES, TOMA O TEMPLO DE ASSALTO, MAS NÃO O SAQUEIA. DIMINUI O PODER DOS JUDEUS. DEIXA O COMANDO DO EXÉRCITO A ESCAURO. LEVA ARISTÓBULO PRISIONEIRO A ROMA, COM ALEXANDRE E ANTÍGONO, SEUS DOIS FILHOS, E SUAS DUAS FILHAS. ALEXANDRE ESCAPA DA PRISÃO.

577. A cidade de Jerusalém estava dividida. Uns diziam que era preciso abrir as portas a Pompeu. Os do partido de Aristóbulo afirmavam, ao contrário, que deviam fechá-las e se preparar para a guerra, pois ele era mantido prisioneiro. E, sem adiar mais, apoderaram-se do Templo, destruíram a ponte que o unia à cidade e resolveram defendê-lo. Os outros receberam o exército de Pompeu e entregaram-lhe a cidade e o palácio real. Ele logo mandou Pisão, seu lugar-te-nente-general, com as tropas para tomar posse dela. Pompeu, por sua vez, fortificava também as casas e os outros lugares próximos do Templo. Mas

antes de tentar qualquer outro esforço, ofereceu condições de paz aos que pretendiam defendê-lo. Quando viu que eles as recusavam, fortificou com muralhas o que estava em redor. Hircano fornecia com prazer tudo o que era necessário.

Pompeu escolheu atacá-lo pelo lado norte, porque era o mais fraco, embora fortificado por altas e fortes torres e por um grande fosso, feito com grande dificuldade num vale muito profundo, pois do lado da cidade onde ele havia estabelecido o seu quartel havia somente um precipício, por onde, depois que a ponte fora destruída, não se podia mais passar. Os romanos trabalharam com infatigável ardor para elevar as plataformas e cortaram para isso todas as árvores em redor. Depois, atacaram o Templo com máquinas que Pompeu fizera vir de Tiro e que lançavam grandes pedras à maneira de balas.

Eles não teriam podido realizar esse feito com as plataformas se as leis de nossos antepassados, que proíbem trabalhar no dia de sábado, não tivessem impedido os sitiados de se opor a essa atividade naquele dia. Os romanos, sabendo disso, não lançavam pedras nem atacavam de qualquer outro modo, mas continuavam a elevar as plataformas e a fazer avançar as máquinas, para se servirem delas no dia seguinte. Pode-se, pois, imaginar o nosso zelo para com Deus e pela observância de nossas leis, pois nem o medo de sermos atacados nos afastou da celebração de nossos sacrifícios. Os sacerdotes não deixavam um dia sequer de oferecer sacrifícios a Deus sobre o altar, pela manhã e às nove horas. O perigo, por maior que fosse, não conseguia interrompê-los.

Depois de três meses de cerco, o Templo foi tomado, num dia de jejum, na Olimpíada cento e setenta e nove, sendo cônsules C. Antônio e M. Túlio Cícero. Embora os romanos matassem todos os que encontravam, o medo da morte não impediu os que estavam ocupados nas sagradas cerimônias de continuar a celebrá-las, tanto estavam persuadidos de que o maior de todos os males é o abandono dos altares e a não-observância das santas leis. Para provar que o que digo não são palavras ditas apenas por mera formalidade, para pôr em evidência o espírito de piedade de nossa nação, basta ler o que referem todos os que narram os feitos de Pompeu, como Estrabão, Nicolau e particularmente Tito Lívio, que escreveu a História Romana. Mas devemos retomar a nossa narração.

Quando a maior das torres cedeu à potência das máquinas e, caindo, fez cair também o muro que estava perto, os romanos apressaram-se a entrar pela brecha. O primeiro que subiu foi Cornélio Fausto, filho de Sila, seguido por seus comandados. Fúrio entrou pelo outro lado com a sua companhia, e Fausto passou entre ambos e entrou com a sua. Todos os lugares ficaram juncados de cadáveres. Parte dos judeus foi morta pelos romanos, os outros matavam-se entre si ou se precipitavam do alto ou incendiavam as próprias casas. A morte parecia-lhes mais doce que tão horrível desolação. Doze mil judeus vieram a perecer, mas poucos romanos. Absalão, tio e sogro de Aristóbulo, foi aprisionado.

A santidade do Templo foi violada de maneira singular. Até então os profanos não somente jamais tinham posto o pé no Santuário, como nem mesmo o tinham visto. Pompeu, todavia, entrou nele com o seu séquito e viu o que não era permitido, senão aos sacerdotes. Lá encontrou a mesa, os candelabros e as taças de ouro, grande quantidade de perfumes e, no tesouro sagrado, cerca de dois mil talentos. Sua piedade impediu-o de tocar em qualquer coisa, e nada ele fez então que não fosse digno de sua virtude. No dia seguinte, ordenou aos oficiais do Templo que o purificassem, para oferecer sacrifícios a Deus, e deu a Hircano o cargo de sumo sacerdote, tanto por causa dos auxílios que dele recebera quanto porque impedira os judeus de abraçar o partido de Aristóbulo. Mandou em seguida cortar a cabeça aos que haviam insuflado a guerra e deu a Fausto e a outros, por terem sido os primeiros a subir às muralhas, recompensas dignas de seu valor.

Quanto à cidade de Jerusalém, ele a tornou tributária dos romanos. Tirou ao judeus as cidades que haviam conquistado na Baixa Síria, determinou que obedecessem aos governadores e fixou, assim, em seus primeiros limites, o poder de nossa nação, antes tão grande e tão extenso. A cidade de Gadara algum tempo antes fora destruída, mas foi reconstruída em favor de Demétrio, seu liberto, que dela era oriundo. Pompeu restituiu aos seus antigos habitantes as que estavam bem dentro, em terra firme, a saber: Hipona, Citópolis, Pela, Diom, Samara, Maressa, Azoto, Jamnia e Aretusa, como também as que a guerra destruíra completamente. Quis ele que as cidades marítimas ficassem livres e fizessem parte da província, a saber: Gaza, Jope, Adora e a torre de

Estratão, que Herodes depois mandou reconstruir com grande magnificência e enriqueceu com portos e belos Templos, mudando-lhe o nome para Cesaréia.

Foi assim que a divergência entre Aristóbulo e Hircano causou tantos males, fazendo-nos perder a liberdade, sujeitando-nos ao Império Romano e nos obrigando a entregar o que havíamos conquistado da Síria pelas armas. A isso devemos acrescentar que esses novos senhores exigiram de nós, logo depois, mais de dez mil talentos e transferiram o reino, que antes sempre pertencera à casta sacerdotal, a homens cujos nascimentos nada tinham de ilustre. Falaremos mais particularmente, a seu tempo, de todas essas coisas.

578. Pompeu deixou a Escauro o governo da Baixa Síria até o Eufrates e as fronteiras do Egito, dirigiu-se para a Cilícia com duas legiões e foi para Roma rapidamente, levando consigo Aristóbulo como prisioneiro, bem como os seus dois filhos e as suas duas filhas. O mais velho chamava-se Alexandre, e o mais novo, Antígono. O mais velho, Alexandre, porém, conseguiu escapar, e o mais novo, Antígono, chegou a Roma com as suas irmãs.

Capítulo 9

Antípatro serve proveitosamente a Escauro na Arábia.

579. Escauro marchou com o seu exército para Petra, capital da Arábia, e, como as passagens e os caminhos para lá eram muito difíceis, os soldados, acossados pela fome, saqueavam os países da redondeza. Antípatro fez com que lhes trouxessem da Judéia, por ordem de Hircano, trigo e outras coisas necessárias. Sendo Hircano muito conhecido de Aretas, Escauro mandou-o a esse rei como embaixador. Ele saiu-se tão bem que o persuadiu a entregar trezentos talentos para impedir a ruína de seu país. Assim, a guerra terminou apenas começada. Escauro não sentiu menos alegria que Aretas.

Capítulo 10

Alexandre, filho de Aristóbulo, arma-se najudéia e fortifica as praças. Gabínio derrota-o numa batalha e o cerca no castelo de Alexandriom. Alexandre entrega-lhe o castelo e outras praças.

580. Pouco tempo depois, Gabínio, general do exército romano, veio à Síria, onde fez coisas dignas de memória. Hircano, sumo sacerdote, desejou reconstruir os muros de Jerusalém, que Pompeu havia destruído, mas foi obstado pelos romanos. Alexandre, seu sobrinho, filho de Aristóbulo, reuniu e armou na Judéia dez mil homens de infantaria e mil e quinhentos cavaleiros, fortificou o castelo de Alexandriom, situado perto de Core, como também o de Macherom, nos montes da Arábia, e fazia incursões na Judéia sem que Hircano a isso se opusesse. Gabínio marchou contra ele e enviou Marco Antônio com outros oficiais, que se uniram aos judeus fiéis aos romanos, comandados por Pitolau e Malico, reforçados com o auxílio das tropas de Antípatro. Gabínio seguiu com o resto do exército, e Alexandre retirou-se para perto de Jerusalém, onde a se travou batalha. Os romanos venceram, mataram três mil homens e fizeram muitos prisioneiros. Gabínio sitiou em seguida o castelo de Alexandriom e prometeu perdão aos que o defendiam, caso se entregassem.

Um grupo considerável, que fazia guarda fora da fortaleza, foi atacado pelos romanos, que mataram um grande número. Antônio distinguiu-se muito nessa ocasião, pois matou muitos com as próprias mãos. Gabínio deixou parte de seu exército para continuar o cerco, avançou com o resto para a Judéia e fez reconstruir todas as cidades que estavam destruídas. Desse modo, Samaria, Azo-to, Citópolis, Antedom, Rafia, Adora, Maressa, Gaza e várias outras foram restauradas e, depois de estar por tanto tempo desertas, puderam ser habitadas com segurança. Gabínio deixou tudo organizado e voltou ao cerco de Alexandriom. Apertando bastante o castelo, fez com que Alexandre se visse obrigado a pedir-lhe perdão e se dispusesse a entregar-lhe não somente aquela fortaleza, mas também Hircânia e Macherom. Gabínio aceitou o oferecimento e destruiu todas essas praças.

A mulher de Aristóbulo, mão de Alexandre, que era afeiçoada aos romanos e cujo marido e os outros filhos ainda estavam prisioneiros em Roma, veio procurar Gabínio e obteve tudo o que desejava. Depois de dar as suas ordens, ele levou Hircano a Jerusalém, a fim de que cuidasse do Templo e se entregasse às outras funções do cargo de sumo sacerdote. Dividiu toda a província em cinco partes e estabeleceu muitos tribunais para a administração da justiça: um em Jerusalém, outro em Gadara, um terceiro em Hamate, um quarto em

Jerico e um quinto em Seforis, na Galiléia. Assim os judeus, livres do domínio dos reis, passaram a um governo aristocrático.

Capítulo 11

Aristóbulo, prisioneiro em Roma, salva-se com Antígono, um de seus filhos, e vem àJudéia. Os romanos vencem-no numa batalha. Ele se retira para Alexandriom, onde é sitiado e preso. Gabínio o devolve prisioneiro a Roma, derrota Alexandre, filho de Aristóbulo, numa batalha e volta a Roma, deixando Crasso em seu lugar.

581. Aristóbulo escapou de Roma e voltou para a Judéia, com o propósito de restaurar o castelo de Alexandriom, destruído de novo, como dissemos. Mas Gabínio enviou Cisena, Antônio e Servílio para impedi-lo de se apoderar dessa praça e para prendê-lo. Vários judeus uniram-se a ele, quer pelo respeito que tinham por um nome ilustre como o dele, quer por serem naturalmente inclinados à rebelião e à revolta. Pitolau, governador de Jerusalém, levou-lhes mil bons soldados. Vieram-lhe ainda outros, em grande número, porém a maior parte não estava armada, e ele os despediu como inúteis. Marchou depois para Macherom com o objetivo de tomá-la.

Os romanos seguiram-no, alcançaram-no e o atacaram. Ele e os seus, embora se defendessem valentemente, foram derrotados, e cinco mil foram mortos. O resto salvou-se como pôde. Aristóbulo, com uns mil somente, refugiou-se em Macherom. O mau êxito de suas empresas, porém, não lhe abateu o ânimo nem o fez perder a esperança. Ele pôs-se a trabalhar para fortificá-la. Mas foi imediatamente sitiado e, após resistir por dois dias, ferido em várias partes do corpo, foi aprisionado junto com Antígono, seu filho, que fugira com ele de Roma, e levado a Gabínio. A má sorte desse príncipe levou-o segunda vez a Roma como prisioneiro. Ele havia reinado e exercido durante três anos e meio o sumo sacerdócio, com não menos brilho que coragem. O senado pôs os seus filhos em liberdade, porque Gabínio escreveu que o prometera à mãe deles, em consideração à entrega que ela fizera das praças, e eles foram encaminhados para a Judéia.

582. Gabínio preparava-se para marchar contra os partos. Já havia

passado o Eufrates quando mudou de idéia e foi para o Egito, a fim de restaurar Ptolomeu, como dissemos em outro lugar. Antipatro, por ordem de Hircano, forneceu-lhe trigo para o exército, armas e dinheiro e persuadiu os judeus que moravam em Pelusa, que eram como os guardas da entrada no Egito, a fazer aliança com os romanos.

583. Gabínio, ao seu regresso do Egito, encontrou toda a Síria perturbada. Alexandre, filho de Aristóbulo, ocupara à força o governo e atraíra grande número de judeus para o seu partido. Assim, havendo reunido tropas, ele percorria toda a província e matava quantos romanos encontrava. Os outros retiraram-se para o monte Gerizim, e ele os cercou. Gabínio, encontrando as coisas nesse estado, enviou Antipatro, cuja prudência conhecia, para tentar persuadir os revoltosos a tomar melhor deliberação. Ele conduziu-se com tanta habilidade que convenceu vários, porém, não pôde persuadir Alexandre. Resolveu então, com os trinta mil judeus que o seguiam, travar batalha. Esta aconteceu perto do monte de Itabírio. Os romanos venceram, e os judeus perderam dez mil homens.

Gabínio, depois de colocar em ordem as questões principais em Jerusalém, segundo o conselho de Antipatro, marchou contra os nabateenses e venceu-os também numa batalha. Mandou de volta para o país de origem dois senhores partos, de nome Mitridates e Orsano, que se haviam refugiado junto dele, e fez ao mesmo tempo correr a notícia de que eles escaparam para voltar ao seu país. Esse grande general, depois de tantos e tão belos feitos militares, voltou para Roma, e Crasso sucedeu-o no governo das províncias. Nicolau de Damasco e Estrabão da Capadócia escreveram os feitos de Pompeu e de Gabínio contra os judeus, e eles estão perfeitamente de acordo.

CAPÍTULO 12

CRASSO SAQUEIA O TEMPLO. É DERROTADO PELOS PARTOS COM TODO O SEU EXÉRCITO. CÁSSIO RETIRA-SE PARA A SÍRIA E A DEFENDE CONTRA OS PARTOS. GRANDE PRESTÍGIO DE ANTIPATRO, SEU CASAMENTO E SEUS FILHOS.

584. Crasso foi fazer guerra aos partos. Passou à Judéia e levou do Templo não somente os dois mil talentos em que Pompeu não havia tocado,

mas tudo o que lá encontrou, no valor de mais ou menos oito mil talentos. Tomou também ouro maciço, no peso de trezentas minas. (Cada mina pesa duas libras e meia.) O sacerdote Eleazar, que tinha a guarda dos tesouros do Templo, deu-lhe a barra de ouro não com mau fim, pois era homem de bem, mas por ter ao mesmo tempo a guarda de toda a tapeçaria, de extrema beleza e de altíssimo valor, que estava dependurada a essa barra. O temor de que Crasso, possuído de ambição desmedida e cioso de se enriquecer, apanhasse todos os ornamentos do Templo fê-lo pensar que podia entregar a barra de ouro quase como para resgatar as outras riquezas, o que ele fez somente após Crasso haver jurado não tocar em nada do que restava e contentar-se com tão grande presente. Essa barra de ouro estava encerrada e escondida propositadamente numa barra de madeira, e somente Eleazar o sabia. Crasso, porém, sem se incomodar em violar o seu juramento, apanhou tudo o que havia no Templo, e não é de admirar que encontrasse muitas riquezas, pois todos os judeus da Ásia e da Europa que ainda amavam a Deus as haviam oferecido durante muitos anos.

Para provar que não exagero e que não é por orgulho de nossa nação que digo que o que Crasso roubou do Templo alcançava uma enorme soma, eu poderia citar vários historiadores. Contentar-me-ei, contudo, em relatar o que diz Estrabão da Capadócia, com estas palavras: "Mitridates mandou para a ilha de Cós, a fim de apanhar o dinheiro que a rainha Cleópatra lá havia depositado e oitocentos talentos dos judeus". Como não temos dinheiro público, a não ser o que consagramos a Deus, claramente se deduz dessas palavras que, pelo medo da guerra que Mitridates fazia aos judeus da Ásia, eles haviam mandado aqueles oitocentos talentos para a ilha de Cós. Do contrário, que necessidade tinham os da judéia, que possuíam além do Templo uma cidade tão forte, de enviar dinheiro para essa ilha? É possível que os de Alexandria tenham sido levados pelo mesmo temor a fazer a mesma coisa, se não tinham motivo para temer Mitridates?

O mesmo Estrabão, falando da passagem de Silas pela Grécia para fazer guerra a Mitridates e das tropas que Lúculo mandou a Cirene para dominar a revolta de nossa nação, confirma a mesma coisa e mostra que o povo estava espalhado por toda a terra. Eis as palavras desse autor: "Havia na cidade de

Cirene burgueses trabalhadores, estrangeiros e judeus. Estes se acham disseminados por todas as cidades, e seria difícil encontrar um lugar em toda a terra que não os tenha recebido ou onde eles não se tenham pacificamente estabelecido. O Egito e Cirene, quando estavam submetidos a um mesmo soberano, e várias outras nações tanto apreciaram os judeus que abraçaram os seus costumes. E, tendo sido criados e educados com eles, observaram as mesmas leis. Há também no Egito várias colônias de judeus, sem falar de Alexandria, onde eles ocupam uma grande parte da cidade e onde têm magistrados para resolver todas as suas questões segundo as suas leis e confirmar os contratos e outros atos entre eles, como nas repúblicas mais absolutas. O que fez essa nação se estabelecer de tal sorte no Egito foi que os egípcios tem a sua origem dos judeus, e esses dois países são tão próximos que facilmente se pode passar de um ao outro. Assim também Cirene, que não somente está perto do Egito, mas é parte dele".

585. Depois de fazer o que quis na Judéia, Crasso marchou contra os partos, mas foi derrotado por eles, com todo o seu exército, como dissemos alhures. Cás-sio retirou-se para a Síria, de onde resistia aos partos, que, orgulhosos com a vitória, lá faziam incursões. Depois veio a Tiro e passou à Judéia, onde tomou Tariquéia, levando escravos cerca de trinta mil homens. Pitolau, que havia abraçado o partido de Aristóbulo, estava entre os prisioneiros. Cássio os matou, a conselho de Antipatro, que, além de ter grande prestígio perante ele e na Iduméia, desposara uma mulher das mais ilustres famílias da Arábia, de nome Ciprom, da qual teve quatro filhos — Fazael, Herodes, que depois foi rei, José e Feroras — e uma filha, de nome Salomé. Antipatro conquistou a amizade de vários príncipes pela maneira respeitosa como os tratava e particularmente a do rei dos árabes, ao qual ele confiou os seus filhos quando fazia guerra a Aristóbulo. Cássio, depois de reunir mais forças, marchou para o Eufrates a fim de combater os partos, como o dizem outros historiadores.

CAPÍTULO 13

POMPEU CORTA A CABEÇA A ALEXANDRE, FILHO DE ARISTÓBULO. FELIPIOM, FILHO DE PTOLOMEU MENEU, PRÍNCIPE DA CÁLCIDAT DESPOSA ALEXANDRA,

FILHA DE ARISTÓBULO. PTOLOMEU, SEU PAI, O MATA E DESPOSA ESSA PRINCESA.

586. Pouco tempo depois, César apoderou-se de Roma. Pompeu e todo o senado de lá fugiram, passando para além do mar Jônico. Aristóbulo foi então libertado e mandado com duas legiões para a Síria, a fim de defender aquela província. Mas esse príncipe não desfrutou por muito tempo a esperança que a proteção de César lhe outorgava: os partidários de Pompeu envenenaram-no, e os de César embalsamaram o seu corpo com mel e o enterraram. Por muito tempo ele ficou nesse estado, até que Antônio mandou-o para a Judéia, para ser colocado no sepulcro dos reis.

587. Cipião, por ordem de Pompeu, cortou a cabeça de Alexandre, filho de Aristóbulo, em Antioquia, porque de novo ele se havia revoltado contra os romanos. Ptolomeu Meneu, príncipe da Cálcida, que está situada no monte Líbano, mandou seu filho Felipiom a Asquelom, à viúva de Aristóbulo, pedindo que lhe mandasse Antígono, seu filho e suas filhas. Felipiom enamorou-se de uma delas, de nome Alexandra, e a desposou. Algum tempo depois, Ptolomeu, seu pai, mandou matá-lo e desposou a mesma princesa, o que não o impediu de continuar a cuidar de seus irmãos e de suas irmãs.

CAPÍTULO 14

ANTÍPATRO, POR ORDEM DE HIRCANO, AJUDA CÉSAR NA GUERRA DO EGITO E MOSTRA MUITO VALOR.

588. Quando César, depois da vitória e da morte de Pompeu, fez guerra ao Egito, Antípatro, governador da Judéia, ajudou-o muito, por ordem de Hircano. Isso porque Mitridates, pergameniano, que levava socorro a César, fora obrigado a se deter perto de Asquelom, pois não se sentia forte o bastante para passar por Pelusa. Antípatro uniu-se a ele com três mil judeus bem armados e não somente fez com que os árabes viessem também em seu socorro como foi a principal causa da obtenção de um grande auxílio da Síria, particularmente do príncipe Jamblique, de Ptolomeu, seu filho, de Ptolomeia, filha de Soeme, que habitava o monte Líbano, e de quase todas as cidades. Assim, Mitridates, reforçado com tantas tropas, veio a Pelusa, cujos habitantes recusaram-se a

abrir as portas, e ele então os sitiou.

Antípatro distinguiu-se muito nessa ocasião, pois foi o primeiro a dar o assalto, após abrir uma brecha, e assim permitiu a tomada da praça. Depois foi com Mitridates unir-se a César. Os judeus que moravam naquela província do Egito, denominada Onias, queriam opor-se à sua passagem, mas Antípatro persuadiu-os a abraçar o partido de César, servindo-se para isso das cartas do sumo sacerdote Hircano, com as quais não somente os animava, mas também dizia que ajudassem o seu exército com víveres e outras coisas necessárias. Os habitantes de Mênfis souberam-no e chamaram Mitridates. Ele se dirigiu para lá, e todos passaram para o seu lado.

CAPITULO 15

ANTIPATRO CONTINUA A GRANJEAR GRANDE REPUTAÇÃO NA GUERRA DO EGITO. CÉSAR VEM À SÍRIA, CONFIRMA HIRCANO NO CARGO DE SUMO SACERDOTE E PRESTA GRANDES HONRAS A ANTIPATRO, NÃO OBSTANTE AS QUEIXAS DE ANTÍGONO, FILHO DE ARISTÓBULO.

589. Quando Mitridates e Antipatro chegaram a Delta, deram combate aos inimigos em um lugar chamado Campo do judeus. Mitridates comandava a ala direita, e Antipatro, a esquerda. A de Mitridates foi desbaratada e seria completamente destruída se Antipatro, que já tinha por sua vez vencido os inimigos, não tivesse vindo prontamente em seu auxílio, ao longo do rio, e não os tivesse salvo de tão grande perigo. Ele derrotou os egípcios, que se julgavam vencedores, perseguiu-os, devastou o seu acampamento e convidou Mitridates e os seus, que estavam na retaguarda, a tomar parte nos despojos.

Mitridates perdeu oitocentos homens nesse combate, e Antipatro, somente cinqüenta. Mitridates não deixou de escrever a César, dizendo que a honra daquela vitória não somente era devida a Antipatro, mas que ele também o havia salvo, bem como aos seus. Esse glorioso testemunho fez César conceber altíssima estima por Antipatro, pois, além dos elogios que lhe fez, serviu-se dele nas ocasiões mais perigosas da guerra. Antipatro deu ainda provas de inteligência e de coragem não menores que o seu valor e chegou a ser ferido várias vezes.

César, depois de terminada a guerra, veio por mar à Síria. Prestou grandes honras a Hircano e a Antipatro, confirmou aquele no cargo de sumo sacerdote e deu a este a prerrogativa de cidadão romano com todos os privilégios a ele inerentes. Muitos dizem que Hircano esteve naquela guerra e passara ao Egito, o que Estrabão da Capadócia confirma, com a autoridade de Asínio. Eis as suas palavras: "Depois que Mitridates entrou no Egito, Hircano, sumo sacerdote dos judeus, também entrou com ele". O mesmo Estrabão diz, em outro lugar, citando para isso Ifícrates, que "Mitridates primeiro veio sozinho, mas quando estava em Asquelom chamou Antipatro, governador da Judéia, em seu auxílio, que lhe levou três mil judeus e foi causa de que todos os outros grandes, entre os quais Hircano, sumo sacerdote, unissem as suas armas às dele".

590. Por esse mesmo tempo, Antígono, filho de Aristóbulo, foi procurar César e queixou-se de que seu pai fora envenenado por ter seguido o seu partido e que Cipião mandara cortar a cabeça de seu irmão. Rogou-lhe que tivesse compaixão dele, pois se via despojado do principado que pertencia ao irmão. Acusou também Hircano e Antípatro de o haverem usurpado pela força.

Antípatro respondeu que Antígono era faccioso, sempre ocupado em suscitar rebeliões. Lembrou as dificuldades que haviam sofrido e os serviços prestados na última guerra, de que não queria outras provas senão ele mesmo. Disse também que Aristóbulo, ao contrário, tendo sido sempre inimigo do povo romano, fora com muita razão levado prisioneiro a Roma e que Cipião fizera muito bem em cortar a cabeça de seu irmão, devido aos desmandos e crimes deste. César, persuadido por essas razões, confirmou Hircano no cargo de sumo sacerdote e entregou a Antípatro a administração dos negócios e interesses da Judéia, oferecendo-lhe o governo que ele quisesse.

CAPÍTULO 16

CÉSAR PERMITE A HIRCANO RECONSTRUIR OS MUROS DE JERUSALÉM. HONRAS PRESTADAS A HIRCANO PELA REPÚBLICA DE ATENAS. ANTÍPATRO RECONSTRÓI OS MUROS DE JERUSALÉM.

591. César acrescentou aos muitos favores que fizera a Hircano o de

permitir-lhe reconstruir os muros de Jerusalém, os quais ainda não haviam sido restaurados depois que Pompeu os derrubara. Escreveu depois a Roma, aos cônsules, para que colocassem o decreto aos arquivos do Capitólio, nestes termos: "Valério, filho de Lúcio Pretor, referiu ao senado reunido no dia treze do mês de dezembro, no Templo da Concórdia, na presença de L. Copônio, filho de Lúcio, e de C. Papiro Quirino: que Alexandre, filho de Jasão, Numênio, filho de Antíoco, e Alexandre, filho de Doroteu, embaixadores dos judeus, pessoas de mérito e nossos aliados, vieram renovar a antiga amizade e a aliança de sua nação com o povo romano. Para nos dar uma prova disso, eles nos trouxeram uma taça e um escudo no valor de cinqüenta mil peças de ouro e nos rogaram que lhes déssemos cartas endereçadas às cidades livres e aos reis, para poderem passar em segurança pelas suas terras e pelos seus portos. A esse respeito, o senado determinou que eles serão recebidos na amizade e na aliança do povo romano, que tudo o que pedem lhes seja concedido e que serão aceitos os presentes. Isso aconteceu no nono ano do sumo sacerdócio e do principado de Hircano e no mês de paneme".

592. Esse príncipe dos judeus recebeu também outra grande honra da República de Atenas, que, para demonstrar a gratidão que sentia, lhe mandou um decreto nestes termos: "Na lua vigésima do mês de paneme, sendo Dionísio Asclepíades juiz e sumo sacerdote, apresentou-se aos governadores um decreto dos atenienses, dado sob Agátocles, de que Eucles, filho de Menandro, faz menção na undécima lua de muniquiom. Depois que Doroteu, sumo sacerdote e os presidentes dentre o povo recolheram os votos, Dionísio, filho de Dionísio, disse que Hircano, filho de Alexandre, sumo sacerdote e príncipe dos judeus, sempre mostrou afeto por toda a nossa nação em geral e por todos os cidadãos em particular, que não perdeu ocasião de disso nos dar provas, quer pela maneira como recebeu os nossos embaixadores e os que foram procurá-lo para assuntos particulares, quer pelo cuidado que teve de os fazer chegar em segurança até aqui, como diversas pessoas o afirmam. E, pelo que disse em seguida Teodoro, filho de Teodoro Símias, da virtude desse príncipe e de sua disposição em nos prestar todos os bons ofícios que dele dependerem, decretou-se honrá-lo com uma coroa de ouro, erguer-lhe uma estátua de bronze no Templo de Demos e das Graças e fazer-se publicar por um arauto, nos lugares

de exercícios públicos, de luta e de corrida e no teatro, quando aí se representarem novas comédias ou tragédias em honra de Baco, de Ceres e de outras divindades, que essa coroa lhe foi dada por causa de sua virtude. E também, enquanto ele continuar a nos demonstrar tão grande afeto, nossos principais magistrados cuidarão em reconhecê-lo por toda espécie de honras e serviços, para que todos saibam de nossa gratidão e de nossa estima por todas as pessoas de mérito, e assim todos venham a desejar a nossa amizade. Determinou-se ainda que se nomearão embaixadores para levar-lhe este decreto e agradecer-lhe por tantos sinais de honra que teve a gentileza de nos conceder".

593. Depois que César pôs em ordem todos os negócios da Síria, tornou a embarcar em seu navio, e Antípatro, depois de o acompanhar, voltou à Judéia, onde a primeira coisa que fez foi reerguer os muros de Jerusalém. Em seguida, passou por toda a província para impedir, com os seus conselhos e advertências, as rebeliões e sedições, fazendo o povo ver que, obedecendo a Hircano, como era seu dever, poderia desfrutar em paz todos os seus bens. Mas se a esperança de obter vantagens nas perturbações da ordem os fizesse suscitar revoltas e rebeliões, eles descobririam que, em vez de governador, ele seria um senhor muito severo, que Hircano, em vez de um rei cheio de amor pelos seus súditos, seria um rei sem piedade, e que César e os romanos, em vez de príncipes, seriam inimigos mortais e irreconciliaveis, pois jamais tolerariam que se suscitassem agitações e mudanças no que haviam ordenado. Essas palavras de Antípatro tiveram tal força que produziram uma feliz tranqüilidade.

CAPÍTULO 17

ANTÍPATRO CONQUISTA GRANDE PRESTÍGIO POR SUA VIRTUDE. FAZAEL, SEU FILHO MAIS VELHO, EFEITO GOVERNADOR DE FERUSALÉM, E HERODES MANDA MATAR VÁRIOS LADRÕES CONDENADOS À MORTE. INVEJA DE ALGUNS GRANDES CONTRA ANTÍPATRO E SEUS FILHOS. ELES OBRIGAM HIRCANO A PROCESSAR HERODES POR CAUSA DAQUELES HOMENS QUE MANDARA MATAR. HERODES COMPARECE PERANTE O TRIBUNAL E DEPOIS RETIRA-SE. VEM SITIAR JERUSALÉM E A TERIA TOMADO SE ANTÍPATRO E FAZAEL NÃO O TIVESSEM FEITO DESISTIR. HIRCANO RENOVA A ALIANÇA COM OS ROMANOS. DEMONSTRAÇÕES DE

ESTIMA E DE AFETO DOS ROMANOS POR HIRCANO E PELOS JUDEUS. CÉSAR É MORTO NO CAPITÓLIO POR CÁSSIO E BRUTO.

594. A incapacidade e a indolência de Hircano deram a Antípatro motivo para lançar as bases da grandeza em que a sua família mais tarde se viu elevada. Ele constituiu Fazael, seu filho mais velho, governador de Jerusalém e de toda a província. Herodes, o segundo filho, foi feito governador da Galiléia. Este, embora não tivesse ainda quinze anos, era tão inteligente e corajoso que bem depressa mostrou uma virtude superior à idade. De uma feita, prendeu Ezequias, chefe de uns ladrões que assaltavam todo o país e mandou matá-lo, havendo-o condenado à morte com todos os seus companheiros. Esse ato tão útil à província suscitou-lhe tanto afeto entre os sírios que estes proclamavam em todas as cidades e nos campos que lhes eram devedores da tranqüilidade e da posse pacífica de seus bens.

Obteve ainda outra vantagem: travou conhecimento com Sexto César, governador da Síria e parente do grande César. Essa estima produziu grande emulação em Fazael, que, não querendo ser inferior ao irmão em mérito e em virtude, não media esforços para conquistar o afeto do povo de Jerusalém. Ele desempenhava em pessoa os cargos públicos e com tanta justiça e de maneira tão agradável que ninguém tinha motivo de queixa nem podia acusá-lo de abuso de poder. Como a glória dos filhos vem recair sobre o pai, a nossa nação concebeu tanto amor por Antípatro que lhe prestava as mesmas honras, como se ele fosse rei. Tão sábio ministro, em vez de se deixar dominar pelo brilho de tão grande prosperidade, como a maior parte dos homens, conservou sempre o mesmo afeto e a mesma fidelidade para com Hircano.

Mas os grandes dos judeus, vendo-o elevado — com os seus filhos — a tão grande autoridade, tão amado pelo povo e tão rico com o que recebia das rendas da Judéia e das gratificações de Hircano, deixaram-se dominar por uma extrema inveja, que aumentou quando souberam que ele havia conquistado também o afeto dos imperadores. Diziam que ele persuadira Hircano a enviar-lhes uma grande soma de dinheiro e, em lugar de apresentá-la em nome do rei, oferecera-a em seu próprio nome. Disseram o mesmo de Hircano, mas ele riu-se disso. O que os aborrecia acima de tudo era que Herodes lhes parecia tão

violento e ousado que não duvidavam de que ele aspirava a um governo tirânico.

Resolveram então procurar Hircano para acusar abertamente Antípatro e lhe falaram deste modo: "Até quandoVossa Majestade permitirá o que acontece debaixo dos vossos olhos? Não vedes que Antípatro e seus filhos desfrutam todas as honras da soberania e deixam-vos somente o nome de rei? Não vos importa então saber disso? Não vos importa dar a tudo um remédio? Julgais estar em segurança descuidando-vos da salvação do Estado e de vossa própria vida? Esses indivíduos não agem mais por vossa ordem nem como vossos dependentes. Seria bajular a si mesmo acreditar neles, mas eles agem abertamente como soberanos. QuerVossa Majestade prova melhor do que ver que, embora as nossas leis proíbam mandar matar um homem, por mais perverso que seja, antes de ele ser condenado juridicamente, Herodes não teve receio de violar essas leis, mandando matar Ezequias e seus companheiros sem mesmo vos pedir licença para isso?"

595. Essas palavras persuadiram Hircano. As mães daqueles que Herodes condenara à morte aumentaram ainda a sua cólera, pois não se passava um dia sem que elas fossem ao Templo rogar a ele e a todo o povo que obrigasse Herodes a se justificar perante os judeus por uma ação tão criminosa. Assim, ele intimou-o a comparecer perante o tribunal. Logo que Herodes recebeu a notificação, pôs em ordem as coisas da Galiléia e partiu para Jerusalém. Mas, em vez de levar uma comitiva particular, se fez acompanhar, a conselho de seu pai, por tantas pessoas quantas julgou necessárias, para não despertar suspeitas a Hircano e estar ao mesmo tempo em condições de se defender, caso o atacassem.

Sexto César, governador da Síria, não se contentou em escrever a Hircano em favor de Herodes, mas ordenou que ele fosse absolvido, empregando até mesmo ameaças, para o caso de não ser atendido. Tão forte recomendação, porém, não era necessária, pois Hircano amava Herodes como se fosse seu filho. Quando ele compareceu diante dos juizes com os que o acompanhavam, os seus acusadores ficaram tão atônitos que nem um sequer ousou abrir a boca e sustentar o que haviam dito contra ele na sua ausência.

Saméias, então, que era homem de grande virtude e não tinha receio de se

expressar com toda a liberdade, levantou-se e falou, dirigindo-se a Hircano e aos juizes: "Majestade e vós, senhores, que aqui estais reunidos para julgar este acusado: quem já viu um homem obrigado a se justificar apresentar-se desta maneira? Creio que se teria dificuldade em citar exemplo semelhante. Todos os que até aqui compareceram a esta assembléia vieram com humildade e temor, vestidos de preto e com os cabelos em desalinho, em atitude de mover à compaixão. Este, ao contrário, acusado de haver cometido vários assassínios, quer evitar o castigo e comparece diante de nós vestido de púrpura, com os cabelos bem penteados e acompanhado por uma tropa de homens armados, a fim de que, se o condenarmos, segundo as leis, ele zombe delas e estrangule a todos nós também. Não o censuro, porém, de agir assim, pois se trata de salvar a própria vida, que lhe é mais cara que a observância de nossas leis, mas censuro a todos vós por tolerá-lo, e particularmente ao rei". E, voltando-se para os juizes, acrescentou: "Mas vós sabeis, senhores, que Deus não é menos justo que poderoso, e assim, Ele permitirá que este mesmo Herodes, que quereis absolver para agradar a Hircano, nosso rei, vos castigue por isso um dia e castigará também a ele".

596. Essas palavras foram uma profecia, que mais tarde se verificou: Herodes, tendo sido constituído rei, mandou matar todos aqueles juizes, exceto Saméias, a quem sempre tratou com grande honra, tanto por sua virtude quanto porque, quando junto com Sósio sitiou Jerusalém, ele exortou o povo a recebê-lo, dizendo que faltas passadas não deveriam impedir que se submetessem a Herodes, como diremos mais particularmente a seu tempo. Mas, voltando ao nosso assunto, Hircano, vendo que o sentimento dos juizes tendia a condenar Herodes, adiou o julgamento para o dia seguinte e mandou dizer-lhe secretamente que escapasse. Assim, com o pretexto de temer Hircano, ele retirou-se para Damasco e, quando se viu em segurança junto de Sexto César, declarou em voz alta que, se o citassem uma segunda vez, estava resolvido a não comparecer.

Os juizes, irritados com essa declaração, esforçaram-se por demonstrar a Hircano que o propósito de Herodes era destruí-lo, o rei não podia mais ignorá-lo. Mas ele era tão covarde e estúpido que não sabia que deliberação tomar.

Enquanto isso, Herodes obteve de Sexto César, por meio de uma soma de dinheiro, a nomeação para governador da Baixa Síria, e então Hircano começou a temer que Herodes tomasse as armas contra ele. Seu temor não foi em vão. Herodes, para vingar-se por o haverem citado em juízo, pôs-se em campo com um exército, a fim de tomar Jerusalém. E nada o impediria, não fossem os rogos de Antípatro, seu pai, e de Fazael, seu irmão.

Eles foram procurá-lo e lhe fizeram ver que já era suficiente fazer tremer os inimigos; que ele não devia tratar como inimigos os que não o haviam ofendido; que não poderia, sem ingratidão, tomar as armas contra Hircano, a quem devia a sua elevação e a sua grandeza; que não se devia lembrar de ter sido chamado a juízo, e sim de não ter sido condenado; que a prudência o obrigava a considerar que os eventos da guerra são duvidosos, pois somente Deus tinha a vitória nas mãos, para dá-la como lhe aprouvesse; e que ele não tinha motivos para esperar obtê-la combatendo contra o seu rei e benfeitor, que jamais lhe fizera mal algum, pois só fora levado àquele ato pelos maus conselhos que recebera. Herodes, persuadido por essas razões, contentou-se em haver mostrado a toda a nação até onde chegava o seu poder e adiou a execução de seus grandes desígnios e o gozo do efeito de suas esperanças.

597. As coisas na Judéia chegaram a esse estado. César, que tinha voltado a Roma, preparou-se para passar à África, a fim de combater Cipião e Catão. Hircano enviou-lhe embaixadores para rogar que renovasse a aliança. Creio dever relatar, a esse respeito, as honras que a nossa nação recebeu dos imperadores romanos e os tratados de aliança feitos entre eles, a fim de que todos saibam da estima e do afeto que os soberanos da Ásia e da Europa tiveram por nós em razão de nosso valor e de nossa fidelidade.

Os historiadores persas e macedônios escreveram muitas coisas que nos são muito honrosas — não somos os únicos a ter a própria história: outros povos também as possuem. Porém, como a maior parte daqueles que nos odeiam recusam-se a prestar-lhes fé, com o pretexto de que ninguém a conhece, pelo menos não poderão contradizer os documentos emanados dos romanos, publicados em todas as cidades e gravados em tábuas de cobre postas no Capitólio. Júlio César quis também, pela inscrição que mandou colocar sobre uma coluna de bronze, em Alexandria, dar testemunho do direito

de burguesia que têm os judeus nessa poderosa cidade. E acrescentarei a essas provas determinações dos imperadores e decretos do senado concernentes a Hircano e a toda a nossa nação.

"Caio Júlio César, imperador, sumo sacerdote e ditador, pela segunda vez, aos governadores, ao senado e ao povo de Sidom, saudação. Mandamo-vos a cópia da carta que escrevemos a Hircano, filho de Alexandre, príncipe e sumo sacerdote dos judeus, a fim de que a façais traduzir para o grego e para o latim nos vossos arquivos". Eis o que dizia essa carta:

"Júlio César, imperador, ditador pela segunda vez e sumo sacerdote. Depois de reunidos em conselho, determinamos o que se segue. Como Hircano, filho de Alexandre, judeu de nascimento, sempre nos deu provas de seu afeto, tanto na paz como na guerra, como vários generais do exército no-lo demonstraram, e por ter na última guerra de Alexandria levado por nossa ordem a Mitridates mil e quinhentos soldados, não sendo em valor inferior aos outros, queremos que ele e os seus descendentes sejam perpetuamente príncipes e sumos sacerdotes dos judeus para exercer esses cargos segundo as leis e os costumes de seu país, como também que sejam nossos aliados e amigos, e que desfrutem todos os direitos e privilégios que pertencem ao sumo sacerdócio. E, se alguma divergência surgir com relação à disciplina que se deve observar entre os de sua nação, seja ele o juiz e não seja obrigado a dar quartéis de inverno aos soldados nem a pagar qualquer tributo".

[Seguem-se outras cartas.]

"Caio César, cônsul, ordena que o principado dos judeus fique para os filhos de Hircano, com o usufruto das terras que eles possuem e que ele seja sempre príncipe e sumo sacerdote de sua nação e administre a justiça. Queremos também que lhes sejam enviados embaixadores para firmar amizade e aliança e que sejam colocadas no Capitólio e nos Templos de Tiro, de Sidom e de Asquelom tábuas de cobre, onde todas essas coisas deverão ser gravadas em caracteres romanos e gregos, e que esse ato seja comunicado a todos os magistrados de todas as cidades, a fim de que todos saibam que consideramos os judeus nossos amigos e desejamos que os seus embaixadores sejam bem recebidos. A presente ata será mandada a toda parte".

"Caio César, imperador, ditador e cônsul. Determinamos, quer por motivo

de honra, de virtude e de amizade, quer para o bem e benefício do senado e do povo romano, que Hircano, filho de Alexandre e seus filhos sejam sumos sacer-dotes de Jerusalém e da nação do judeus, usufruindo esse cargo com os mesmos direitos e privilégios de que desfrutaram os seus predecessores".

"Caio César, cônsul pela quinta vez. Ordenamos que seja fortificada a cidade de Jerusalém; que Hircano, filho de Alexandre, sumo sacerdote e príncipe dos judeus, governe segundo o que julgar mais conveniente; que coisa alguma se diminuirá aos judeus no segundo ano da renda de seus tributos; e que eles não serão inquietados e ficarão isentos dos impostos".

"Caio César, imperador pela segunda vez. Ordenamos que os habitantes de Jerusalém paguem todos os anos um tributo, do qual a cidade de Jope estará isenta, mas que no sétimo ano, a que eles chamam ano do sábado, nada pagarão, porque nesses anos eles não semeiam nem cultivam a terra, nem recolhem os frutos das árvores; que pagarão de dois em dois anos, em Sidom, o tributo que consiste em um quarto das sementes e os dízimos a Hircano e seus filhos, como pagaram os seus predecessores. Determinamos também que nenhum governador, comandante de tropas ou embaixador poderá recrutar soldados ou fazer imposição alguma nas terras dos judeus, quer quanto aos quartéis de inverno, quer por qualquer outro pretexto, mas que eles sejam isentos de todas as coisas e desfrutem pacificamente tudo o que conquistaram ou compraram. Queremos ainda que a cidade de Jope, que eles possuíam ao fazer aliança com o povo romano lhes pertença, e que Hircano e seus filhos usufruam os rendimentos que dela provierem, tanto do que lhes pagam os lavradores quanto do direito de ancoragem ou da alfândega das mercadorias que se transportam a Sidom, que perfazem a cada ano vinte mil e seiscentos e setenta e cinco medidas, exceto no sétimo ano, a que os judeus chamam ano de descanso, no qual eles não cultivam nem colhem os frutos das árvores. Quanto às cidades que Hircano e seus predecessores possuíam no Grande Campo, apraz ao senado que Hircano e os judeus delas desfrutem da mesma maneira que antes. Ele quer também que as convenções feitas em todos os tempos entre os judeus e os sacerdotes sejam observadas e que eles usufruam todos os favores que lhes foram concedidos pelo senado e pelo povo romano, o que terá lugar mesmo com relação a Lida. Quanto às terras e outras coisas que os

romanos haviam cedido aos reis da Síria e da Fenícia por causa da aliança que havia entre eles, o senador ordena que Hircano, príncipe dos judeus delas também desfrute e que, como ele, os seus filhos e os embaixadores tenham o direito de sentar-se com os senadores para assistir aos combates de gladiadores e outros espetáculos públicos. E ainda, quando tiverem alguma coisa que pedir ao senado, o ditador ou o coronel da cavalaria os introduzirá e lhes fará saber dentro de dez dias a resposta que se lhes tiver de dar".

"Caio César, imperador, ditador pela quarta vez, cônsul pela quinta vez e declarado ditador perpétuo, falou deste modo quanto aos direitos que pertencem a Hircano, filho de Alexandre, sumo sacerdote e príncipe dos judeus: Os que antes governaram as nossas províncias, tendo prestado valiosos testemunhos a Hircano, sumo sacerdote dos judeus e aos de sua nação, de que o senado e o povo romano testemunharam o seu contentamento, é bem razoável que disso conservemos a memória e procuremos que o senado e o povo romano continuem a manifestar a Hircano, aos seus filhos e a toda a nação dos judeus todo o seu afeto".

"Caio Júlio, ditador e cônsul, aos magistrados, ao conselho e ao povo dos parianianos, saudação. Os judeus vieram de diversos lugares procurar-nos em Delos e nos fizeram queixas, na presença de vossos embaixadores, da proibição que lhes haveis feito de viver segundo as suas leis e de fazer sacrifícios. Isso é exercer contra amigos e aliados nossos um rigor que não podemos permitir, não sendo justo obrigá-los no que se refere à sua disciplina e impedir-lhes de entregar o seu dinheiro, segundo o costume de sua nação, em festins públicos e em sacrifícios, pois isso lhes é permitido na própria cidade de Roma. E, pelo mesmo edito com que Caio César, cônsul, proibiu as assembléias públicas nas cidades, ele excetuou os judeus. Assim, embora proibamos essas assembléias, como ele o fez, permitimos aos judeus continuar as suas, como eles fazem e fizeram em todos os tempos. Assim, se ordenastes alguma coisa que fere os nossos amigos e aliados, é bem razoável que a revogueis em consideração à sua virtude e afeição por nós".

Depois da morte de César, Antônio e Dolabela, que então eram cônsules, reuniram o senado, fizeram lá entrar os embaixadores dos judeus e apresentaram o que eles pediam. Foi-lhes concedido tudo, e renovou-se por um

decreto o tratado de confederação e de aliança. O próprio Dolabela, tendo recebido cartas de Hircano, escreveu também para toda a Ásia, particularmente à cidade de Éfeso, que era a principal.

Eis o que dizia a carta: "O imperador* Dolabela, aos magistrados, ao conselho e ao povo de Éfeso, saudação. Alexandre, filho de Teodoro, embaixador de Hircano, sumo sacerdote, príncipe dos judeus, nos disse que os de sua nação não podem presentemente ir à guerra porque nos dias de sábado as leis de seu país lhes proíbem usar armas, empreender viagem e até mesmo cuidar do alimento. Eis por que, tencionando agir do mesmo modo como agiram os nossos predecessores, em cuja dignidade estamos, nós os isentamos de ir à guerra e permitimo-lhes viver segundo as suas leis e reunir-se como estão habituados a fazer, segundo a sua religião o determina, a fim de se entregarem às coisas santas e oferecerem sacrifícios. Entendemos que o comuniqueis a todas as cidades de vossa província".

---

* A palavra "imperador" era então um título de honra que se dava aos generais que houvessem obtido alguma importante vitória sobre os inimigos.

O cônsul Lúcio Lêntulo disse, opinando no senado, que os judeus eram cidadãos romanos e viviam em Éfeso segundo as leis que a religião deles prescrevia e que lá anunciara, do alto de seu tribunal, a dezoito de setembro, que eles estavam isentos de ir à guerra.

Há vários decretos do senado e atos dos imperadores romanos em favor de Hircano e de nossa nação e cartas escritas às cidades e aos governadores das províncias relacionadas aos nossos privilégios. Os que os lerem sem prevenção não terão dificuldade em lhes prestar fé. Assim, tendo mostrado com provas tão claras e tão constantes a nossa amizade com o povo romano, e sendo que as colunas e as tábuas de cobre que ainda hoje se vêem no Capitólio são e serão sempre sinais indubitáveis disso, creio que nenhuma pessoa sensata delas ainda queira duvidar. Ao contrário, estou certo de que se julgará, pelo que acabo de dizer, da verdade das outras provas que eu ainda poderia trazer, mas que suprimo como supérfluas, para não aborrecer o leitor.

598. Sobreveio nesse mesmo tempo, pelo motivo que vou dizer, uma

grande agitação na Síria. Basso, que era do partido de Pompeu, mandou matar Sexto César à traição e apoderou-se da província com tropas que comandava. Os do partido de César imediatamente marcharam contra Basso, com todas as suas forças. Os arredores de Apaméia foram teatro dessa guerra. Antipatro, para mostrar a sua gratidão pelos favores que devia a César e vingar a morte deste, prestou-lhes socorro, sob o comando de seu filho. Como essa guerra se prolongava, Marcos foi enviado para substituir Sexto. César foi morto no senado por Cássio, por Bruto e por outros conjurados após reinar três anos e meio, como se poderá ver mais particularmente em outras histórias.

CAPÍTULO 18

CÁSSIO VEM À SÍRIA E TOMA SETECENTOS TALENTOS EM DINHEIRO DA JUDÉIA. HERODES GANHA O SEU AFETO. INGRATIDÃO DE MALICO PARA COM ANTIPATRO.

599. Depois da morte de César, surgiu uma grande guerra civil entre os romanos. Os principais do senado iam por toda parte recrutar soldados. Cássio veio à Síria, tomou o comando das tropas que sitiavam Apaméia, levantou o cerco e conquistou Basso e Marcos para o seu partido. Em seguida, foi de cidade em cidade, reunindo soldados e exigindo grandes tributos, principalmente na Judéia, de onde levou mais de setecentos talentos de dinheiro. Antipatro, vendo as coisas malparadas, ordenou aos seus dois filhos que levassem parte dessa soma. Malico, que não o estimava, e outros foram encarregados do resto.

Herodes viu que a prudência o obrigava a ganhar o partido dos romanos, às custas de outrem, e foi o primeiro a executar a comissão na Galiléia, tornando-se querido de Cássio. Os outros governadores, não tendo agido do mesmo modo, irritaram-no muito, e ele pôs em leilão os habitantes de várias cidades, das quais as principais eram Gosna, Emaús, Lida e Tamna, e teria mandado matar Malico, se Hircano não lhe tivesse aplacado a cólera, mandando-lhe cem talentos por meio de Antipatro. Depois que Cássio partiu, Malico conspirou contra Antipatro, na esperança de que a morte deste confirmaria a dominação de Hircano. Antipatro, porém, veio a sabê-lo e partiu

imediatamente para além do Jordão, a fim de reunir tropas tanto entre os habitantes dessas províncias quanto entre os árabes.

Quando Malico, que era um homem muito astucioso, viu que a sua traição fora descoberta, protestou com juramento que jamais tivera aquela intenção e que, sendo Fazael, filho mais velho de Antipatro, governador de Jerusalém e Herodes, seu segundo filho, comandante das tropas, não havia motivos para que semelhante pensamento lhe tivesse vindo à mente. Assim, ele reconciliou-se com Antipatro, porém Marcos, governador da Síria, descobriu o plano, que perturbaria toda a Judéia, e o teria matado se Antipatro não lhe salvasse a vida com os seus rogos, e nisso os fatos mostraram que ele cometeu uma grande imprudência.

CAPÍTULO 19

CÁSSIO E MARCOS, PARTINDO DA SÍRIA, DÃO A HERODES O COMANDO DO EXÉRCITO QUE HAVIAM REUNIDO E PROMETEM FAZÊ-LO REI. MALICO MANDA ENVENENAR ANTIPATRO. HERODES DISSIMULA, FINGINDO NÃO O SABER.

600. Cássio e Marcos, após terem reunido um exército, deram o comando a Herodes, bem como o de seus navios, e o fizeram governador da Baixa Síria, prometendo fazê-lo rei depois que terminasse a guerra empreendida contra Antônio e o jovem César (depois cognominado Augusto). Tão grande autoridade, unida a esperanças ainda maiores, aumentou o temor que Malico tinha de Antipatro. Resolveu por isso matá-lo. Para executar o seu projeto, subornou um camareiro de Hircano, que o envenenou um dia, quando ambos jantavam em casa desse príncipe dos judeus. Então Malico, seguido por soldados, foi à cidade para impedir que essa morte causasse alguma agitação. Herodes e Fazael, filhos de Antípatro, sentiram imenso a perda do pai e, tendo descoberto a maldade daquele camareiro, não tiveram dificuldade em deduzir que fora Malico o autor do crime, mas ele o negou terminantemente.

Esse foi o fim de Antípatro. Ele era um homem de bem e afeiçoadíssimo à sua pátria. Herodes quis partir imediatamente com um exército contra Malico, mas Fazael julgou mais conveniente dissimular, para surpreendê-lo, a fim de que não os pudessem acusar de suscitar uma guerra civil. Assim, Herodes

fingiu prestar fé aos protestos que Malico fazia de não ter tido parte em tão negra ação e ocupou-se em enriquecer o túmulo que fizera edificar para o pai. Nesse meio tempo, ele veio a Samaria e a encontrou em grande desordem. Então procurou acomodar as coisas e remediar as dificuldades entre os habitantes.

Pouco tempo depois, próximo da celebração de uma grande festa em Jerusalém, ele para lá se dirigiu com os seus soldados. Malico, espantado por vê-lo chegar em tal companhia, convenceu Hircano a impedi-lo de entrar daquela maneira, dizendo que não era permitido a profanos, como os que estavam com Herodes, assistir às santas cerimônias. Herodes, porém, sem se deter ante tal proibição, entrou de noite na cidade e assim tornou-se ainda mais temível a Malico. O traidor recorreu aos seus embustes ordinários: chorava em público a morte de Antípatro, que dizia ter sido seu amigo íntimo, enquanto reunia soldados em segredo, para garantir a própria segurança. Herodes, vendo-o desconfiado, julgou melhor não dar a conhecer que sabia de sua hipocrisia. Preferiu fingir viver em paz com ele, para tranqüilizá-lo.

CAPÍTULO 20

CÁSSIO, A ROGO DE HERODES, MANDA ORDEM AOS CHEFES DAS TROPAS ROMANAS PARA QUE VINGUEM A MORTE DE ANTÍPATRO, E ELES APUNHALAM MALICO. FÉLIX, QUE COMANDAVA A GUARNIÇÃO ROMANA EM JERUSALÉM, ATACA FAZAEL, QUE OBRIGA FÉLIX A PEDIR A CAPITULAÇÃO.

601. Quando Cássio, que sabia ser Malico um homem muito mau, soube por Herodes que ele mandara envenenar o seu pai, pediu-lhe para vingar a sua morte e enviou ordem secretas aos comandantes das tropas romanas que estavam em Tiro, a fim de que o ajudassem num ato tão justo. Cássio depois tomou Laodicéia, e os maiorais do país vieram trazer-lhe coroas e dinheiro. Herodes não duvidou de que Malico também viria e julgou ser aquela a ocasião mais propícia para executar o seu desígnio. Malico, estando já perto de Tiro, na Fenícia, começou a desconfiar e imaginou então uma empresa de vulto: levar de Tiro para a judéia o seu filho que lá estava como refém, incitar o povo a se revoltar e usurpar o governo enquanto Cássio estava ocupado na guerra contra

Antônio.

Esse projeto tão ousado ter-se-ia realizado se a sorte lhe tivesse sido favorável. Mas como Herodes, que era extremamente hábil, suspeitava de que Malico tinha em mente algum projeto importante, enviou um dos seus sob o pretexto de preparar uma ceia para vários amigos; na realidade, ele estava indo rogar aos chefes das tropas romanas que comparecessem à presença de Malico levando punhais. Eles partiram imediatamente, alcançaram-no perto da cidade, ao longo do mar, e o mataram a golpes de punhal. Ao saber disso, o espanto de Hircano foi tão grande que ele perdeu a fala. Depois, mais calmo, mandou perguntar a Herodes o motivo daquela ação e soube que tudo se fizera por ordem de Cássio. Então louvou-o e disse que Malico era um homem muito mau e inimigo de sua pátria. Assim, a morte de Antípatro foi por fim vingada.

602. Depois que Cássio partiu da Síria, surgiram perturbações na Judéia. Félix, que fora deixado em Jerusalém com as tropas romanas, atacou Fazael, e o povo tomou as armas para defendê-lo. Herodes avisou Fábio, governador de Damasco, sobre isso e, quando se preparava para ir socorrê-lo, uma doença o reteve. Fazael, porém, não teve necessidade desse auxílio, pois obrigou Félix a se retirar a uma torre, de onde só lhe permitiu sair por capitulação. Em seguida, fez graves censuras a Hircano, por favorecer os seus inimigos depois de lhe haver prestado tantos serviços. Isso porque o irmão de Malico se havia apoderado de várias praças, dentre outras, Massada, que é um castelo muito forte. Herodes, quando sarou, retomou todas as praças e deixou-o partir, depois de terem feito um acordo.

CAPÍTULO 21

ANTÍGONO, FILHO DE ARISTÓBULO, REÚNE UM EXÉRCITO. HERODES DERROTA-O E VOLTA TRIUNFANTE A JERUSALÉM. HIRCANO PROMETE DAR-LHE EM CASAMENTO MARIANA, SUA NETA, FILHA DE ALEXANDRE, FILHO DE ARISTÓBULO.

603. Antígono, filho de Aristóbulo, conquistou Fábio por dinheiro e reuniu um exército. Ptolomeu Meneu adotou-o por causa do parentesco que havia entre eles. Foi também ajudado por Mariom, que, tendo sido feito príncipe

de Tiro por intermédio de Cássio, governava tiranicamente a Síria — ele pusera guarnições em diversas praças e ocupara umas três delas na Galiléia. Herodes retomou-as todas, tratou bem os tírios que as ocupavam e até mesmo deu presentes a alguns, pela afeição que eles tinham à sua cidade. Marchou depois contra Antígono, deu-lhe combate e o venceu, mal tinha ele chegado à fronteira da judéia. Assim, voltou triunfante a Jerusalém. O povo ofereceu-lhe coroas, e também o próprio Hircano, pois o considerava então como da família, porque ele iria desposar Mariana, filha de Alexandre, filho de Aristóbulo e de Alexandra, filha de Hircano. O casamento realizou-se depois, e Herodes dele teve três filhos e duas filhas. Ele havia desposado em primeiras núpcias uma mulher de nome Dóris, que era de sua nação, e dela tivera Antípatro, seu filho mais velho.

CAPÍTULO 22

DEPOIS DA DERROTA DE CÁSSIO, PERTO DE FILIPOS, ANTÔNIO VEM À ÁSIA. HERODES GANHA A SUA AMIZADE POR MEIO DE GRANDES PRESENTES. DETERMINAÇÕES FEITAS POR ANTÔNIO EM FAVOR DE HIRCANO E DA NAÇÃO JUDAICA.

604. Cássio foi vencido em Filipos por Antônio e por Augusto. Este último passou para as Cálias, e Antônio veio para a Ásia. Quando chegou a Bitínia, embaixadores de diversas nações foram procurá-lo, e alguns dos mais influentes judeus acusaram Fazael e Herodes, dizendo que Hircano era rei apenas na aparência e que eles é que reinavam de verdade. Herodes veio justificar-se e por uma grande soma de dinheiro conseguiu ganhar Antônio, de tal modo que este, não se contentando em tratá-lo com muita distinção, nem mesmo quis ouvir os seus acusadores.

Quando Antônio estava em Éfeso, Hircano, sumo sacerdote, e o povo judeu enviaram-lhe embaixadores, que levaram para ele uma coroa de ouro e rogaram que escrevesse às províncias, mandando pôr em liberdade os de sua nação levados como escravos por Cássio, contra o direito da guerra, como também ordenando que devolvessem as terras que injustamente lhes haviam tirado. Ele achou o pedido razoável, concedeu-lhes o que pediam e escreveu a

Hircano e aos tírios as seguintes cartas:

"Marco Antônio, imperador, a Hircano, sumo sacerdote dos judeus, saudação. Lisímaco, filho de Pausânias, José, filho de Meneu, e Alexandre, filho de Teodoro, vossos embaixadores, vieram procurar-nos em Éfeso para confirmar as promessas já feitas em Roma acerca do afeto que vós e toda a vossa nação tendes por nós, e nós os recebemos com grande alegria, porque as vossas ações, a vossa virtude e a vossa piedade nos persuadem ainda mais que as vossas palavras. Como os inimigos nossos e do povo romano devastaram toda a Ásia sem poupar as cidades e os lugares santos e não tiveram escrúpulos em faltar à palavra e violar os seus juramentos, não foi tanto o nosso interesse particular quanto o bem geral de todos que nos levou a vingar tanta crueldade para com os homens e tanta impiedade ofensiva aos deuses, pois o próprio sol parece ter escondido os seus raios para não ver esse horrível crime cometido na pessoa de César. A Macedônia recebeu esses celerados em seu seio, e, como eles agiam furiosos, praticaram ali todo o mal possível e imaginável, particularmente em Filipos. Apoderaram-se em seguida de todos os lugares vantajosos, acobertaram-se nas muitas defesas dos montes, que se estendem até o mar, e julgaram-se em segurança por haver uma única estrada pela qual se podia ir a eles. Mas os deuses, horrorizados pelos seus detestáveis desígnios, concederam-nos a graça de vencê-los. Bruto fugiu para Filipos, onde o cercamos. Cássio pereceu com ele. Depois de termos castigado esses pérfidos como eles mereciam, esperamos desfrutar no futuro uma paz feliz, e a Ásia será libertada de tantas misérias que a guerra a fez sofrer. Parece que a nossa vitória começa já a fazê-la respirar, como um doente que convalesce de grave enfermidade. Tenhais vós e a vossa nação a certeza de ter parte nessa felicidade, porque eu vos estimo muito para deixar de nesta ocasião procurar o vosso benefício. Para vos dar prova disso, enviamos a todas as cidades ordem para que ponham em liberdade todos os judeus, tanto livres quanto escravos, que Cássio e os de seu partido venderam em leilão. Desejamos que todos os favores que nós e Dolabela vos concedemos tenham a sua validade. Proibimos também aos tírios empreender qualquer coisa contra vós e ordenamos que vos entreguem tudo o que ocuparam no vosso país. Recebemos a coroa de ouro que nos enviastes".

"Marco Antônio, imperador, aos magistrados, ao senado e o povo de Tiro, saudação. Hircano, sumo sacerdote e príncipe dos judeus, nos fez saber, por meio de embaixadores, que ocupastes terras em seu país quando os nossos inimigos se apoderaram daquela província. Mas, como empreendemos esta guerra apenas para o bem do império, para proteger a justiça e a piedade, e para punir os ingratos e os maus, queremos que vivais em paz com os nossos amigos e aliados e que lhes restituais o que os nossos inimigos vos deram e que lhes pertence. Pois nenhum daqueles que vos deram tal posse recebeu esse encargo ou o comando do exército por autoridade do senado, e sim por usurpação, concedendo parte disso aos ministros de suas violências. E agora que eles receberam o castigo de que eram dignos, é justo e razoável que os nossos aliados entrem na posse pacífica de seus bens. Assim, se ainda ocupais alguma das terras pertencentes a Hircano, príncipe dos judeus, da qual vos apoderastes quando Cássio veio fazer uma guerra injusta no nosso governo, certamente as restituireis sem dificuldade. E, se pretendeis ter nelas algum direito, podereis dizer-nos as vossas razões quando passarmos por essa província, e os nossos aliados, por sua vez, apresentarão também as suas".

"Marco Antônio, imperador, aos magistrados, ao senado e ao povo de Tiro, saudação. Nós vos enviamos a nossa ordem e desejamos que ela seja escrita em grego e em romano e posta nos vossos arquivos, em lugar de destaque, a fim de que todos as possam ler".

Numa assembléia em que os tírios travavam de seus negócios, Marco Antônio, imperador, disse: "Depois de termos reprimido pelas armas o orgulho e a insolência de Cássio, que por mercê de agitações apoderou-se de um governo que não lhe pertencia absolutamente e se serviu de soldados que não estavam sob seu comando, devastando a judéia, embora essa nação seja amiga do povo romano, queremos reparar por justas sentenças e determinações eqüitativas as injustiças e violências que ele cometeu. Para isso, determinamos que todos os bens tomados ao judeus lhes sejam restituídos e que os que dentre eles foram feitos escravos sejam postos em liberdade. E, se alguém ousar desobedecer à presente determinação, seja castigado segundo a sua falta o merece".

Antônio escreveu a mesma coisa aos de Sidom, de Antioquia e de Arade.

Julguei dever referir aqui tudo isso para mostrar o interesse que o povo romano sempre teve pela nossa nação.

CAPÍTULO 23

COMEÇO DO AMOR DE ANTÔNIO POR CLEÓPATRA. ELE MALTRATA OS JUDEUS QUE VÊM ACUSAR HERODES E FAZAELPERANTE ELE. ANTÍGONO, FILHO DE ARISTÓBULO, FAZ AMIZADE COM OS PARTOS.

605. Quando Antônio estava para entrar na Síria, Cleópatra, rainha do Egito, veio procurá-lo na Cilícia e deu-lhe amor. Cem dos mais ilustres dos judeus dirigiram-se a ele em Dafne, que é um arrabalde de Antioquia, para acusar Herodes e Fazael e para isso escolheram os mais eloqüentes dentre eles. Messala tomou a defesa dos dois irmãos e foi ajudado por Hircano. Antônio, depois de escutar todos eles, perguntou a Hircano qual daqueles diferentes partidos era o mais capaz de governar o país. Ele respondeu que era o de Herodes, e então Antônio, que havia muito tempo nutria um afeto particular por esses dois irmãos (porque Antípatro o recebera muito bem em sua casa quando Gabínio fazia guerra na Judéia), os fez tetrarcas dos judeus e deu-lhes o encargo dos negócios da nação. Escreveu também cartas em seu favor. Mandou meter na prisão alguns dos inimigos deles, e os teria mandado matar se Herodes não tivesse intercedido por eles.

Esses ingratos, no entanto, em vez de reconhecer tal favor, mal regressaram de sua embaixada organizaram outra, com umas mil pessoas de seu partido, as quais foram a Tiro esperar Antônio. Mas Herodes e seu irmão já o tinham inteiramente a seu favor, por uma grande soma com que lhe haviam obsequiado. Assim, ele ordenou aos magistrados que castigassem esses deputados, pois queriam suscitar novas agitações, e ajudassem Herodes em tudo o que ele desejasse deles para se estabelecer na tetrarquia. Herodes mostrou ainda a sua generosidade nessa ocasião, pois fora procurar aqueles deputados enquanto passeavam à beira-mar e exortara-os a se retirar. Hircano, que estava com eles, deu-lhes o mesmo conselho, mostrando a gravidade do perigo em que se poriam, caso se obstinassem naquele empreendimento. Mas eles desprezaram esse aviso. Imediatamente os judeus, junto com os habitantes

do lugar, lançaram-se sobre eles, feriram-nos e mataram alguns. Os outros fugiram e depois viveram em paz. Mas o povo não deixou de clamar contra Herodes, e Antônio ficou de tal modo encolerizado que mandou matar todos os que estavam presos.

606. No ano seguinte, Pacoro, filho do rei dos partos, e um dos grandes de seu país, de nome Barzafarnés apoderou-se da Síria, e Ptolomeu Meneu veio a morrer nesse mesmo tempo. Lisânias, seu filho, sucedeu-o no reino e por meio de Barzafarnés, que tinha grande poder sobre ele, contraiu amizade com Antígono, filho de Aristóbulo.

CAPÍTULO 24

ANTÍGONO, AJUDADO PELOS PARTOS, CERCA INUTILMENTE FAZAEL E HERODES NO PALÁCIO DE JERUSALÉM. HIRCANO E FAZAEL DEIXAM-SE PERSUADIR PARA PROCURAR BARZAFARNÉS.

607. Antígono prometeu aos partos mil talentos e quinhentas mulheres se eles tirassem o reino de Hircano e o entregassem a ele e mandassem matar Herodes com todos os seus partidários. Eles marcharam então para a)udéia, embora ainda não tivessem recebido aquela soma. Pacoro avançou ao longo do mar, e Barzafarnés, pelo meio das terras. Os tírios recusaram-se a receber Pacoro, mas os sidônios e os tolemaidos abriram-lhe as portas. Ele mandou adiante, para a Judéia, um corpo de cavalaria comandado pelo seu mordomo-mor, que se chamava Pacoro, como ele, para fazer um reconhecimento por todo o país e ordenou-lhe agir em conjunto com Antígono.

Os judeus que moravam no monte Carmelo dirigiram-se a Antígono, e ele julgou poder, por esse meio, apoderar-se daquela parte do país, que se chama Druma. Os judeus uniram-se a eles e então avançaram até Jerusalém, onde, aumentando ainda mais o seu poder com um maior número de homens, sitiaram Fazael e Herodes no palácio real. Os dois irmãos atacaram-nos no grande mercado, repeliram-nos, obrigaram-nos a se retirar ao Templo e puseram soldados nas casas que estavam próximas. O povo sitiou-os lá, incendiou as casas e queimou os que as defendiam. Herodes não demorou muito para se vingar, atacando e matando um grande número deles. Não se passava um dia em que

não houvesse alguma escaramuça.

Antígono e os de seu partido esperavam com impaciência a festa de Pentecostes, que estava próxima, porque uma grande multidão de povo viria de todas as partes para celebrá-la. Aquela oportunidade veio, e o povo começou a chegar. Uns vinham armados, e outros, sem armas. Encheram o Templo e toda a cidade, exceto o palácio, do qual Herodes guardava o interior com poucos soldados, enquanto Fazael guardava o exterior. Herodes atacou os inimigos que estavam nos arrabaldes e, depois de um renhido combate, pôs em fuga a maior parte, muitos dos quais se retiraram para a cidade, outros para o Templo e outros ainda para trás das defesas que estavam próximas. Fazael agiu então muito bem e com acerto.

Pacoro, o mordomo, entrou na cidade com poucos homens, a rogo de Antígono, com o pretexto de apaziguar a perturbação, mas tinha na realidade o propósito de fazê-lo rei. Fazael veio à sua presença e o recebeu muito bem no seu palácio. Pacoro, para fazê-lo cair na armadilha, aconselhou-o a ir procurar Barzafarnés. Fazael, que de nada desconfiava, deixou-se persuadir, contra a opinião de Herodes, que, conhecendo bem a perfídia daqueles bárbaros, o aconselhava a fazer o contrário, isto é, a se desfazer de Pacoro e de todos os que tinham vindo com ele. Assim, Hircano e Fazael se puseram a caminho, e Pacoro cedeu-lhes duzentos cavaleiros e dez daqueles que se chamavam livres, para acompanhá-los.

Chegando à Galiléia, os governadores das praças vieram com armas encontrá-los, e Barzafarnés, de início, recebeu-os muito bem e deu-lhes presentes, mas depois ficou pensando em como se desfazer deles. Levou-os a uma casa perto do mar, onde Fazael soube que Antígono tinha prometido a Barzafarnés mil talentos e quinhentas mulheres. Começou então a desconfiar, e também o avisaram de que naquela mesma noite lhe dariam guardas para se apoderar de sua pessoa, o que de fato teria sido feito sem se esperar que os partos que estavam em Jerusalém tivessem se apoderado de Herodes, para que este não escapasse quando soubesse que Hircano e Fazael haviam sido presos.

Pareceu logo que aquele aviso era verdadeiro, pois viram chegar os guardas. Aconselharam então Fazael, particularmente um certo Ofélio, que descobrira o segredo por meio de Saramala, o mais rico de todos os sírios, a montar

imediatamente num cavalo para se salvar. Ofereceu-lhe navios para esse fim, porque não estavam longe do mar. Mas Fazael julgou que não devia abandonar Hircano e deixar Herodes, seu irmão, em perigo. Assim tomou a deliberação de ir procurar Barzafarnés e disse-lhe que não podia, sem uma extrema injustiça e sem desonrá-lo, atentar contra a vida de pessoas que o tinham vindo procurar de boa fé e das quais não tinha motivo para se queixar. Se precisava de dinheiro, ele poderia dar-lhe muito mais que Antígono. Barzafarnés protestou com juramento que nada havia de mais falso que aquilo que lhe haviam dito e foi procurar Pacoro.

CAPÍTULO 25

BARZAFARNÉS CONSERVA PRESOS FAZAEL E HIRCANO. MANDA SOLDADOS A JERUSALÉM PARA PRENDER HERODES. DURANTE A NOITE, HERODES SE RETIRA COM TODOS OS SEUS SOLDADOS E PARENTES. E ATACADO NO CAMINHO, MAS LEVA VANTAGEM. FAZAEL SUICIDA-SE. INGRATIDÃO DO REI DOS ÁRABES PARA COM HERODES, QUE VAI A ROMA.

608. Logo que Barzafarnés partiu, prenderam Hircano e Fazael, que nada mais pôde fazer senão execrar tal perfídia. Aquele bárbaro mandou ao mesmo tempo um eunuco a Jerusalém, a Herodes, com ordem de atraí-lo para fora do palácio e prendê-lo. Mas este sabia que os partos haviam aprisionado os que Fazael lhe mandara para avisá-lo da traição. Fez graves queixas a Pacoro e a todos os outros chefes, e eles, embora de tudo soubessem, fingiram completa ignorância do que se passava e disseram-lhe que ele não devia criar dificuldades para sair do palácio a fim de receber as cartas que lhe queriam entregar, pois traziam somente boas notícias de seu irmão. Herodes não prestou fé a essas palavras porque já sabia da prisão de Fazael, confirmada por Alexandra, filha de Hircano, cuja filha ele devia desposar. Embora os outros zombassem de seus avisos, ela não deixava de os considerar atentamente, porque era uma mulher muito hábil.

Os partos, embaraçados quanto ao que deviam fazer, porque não ousavam atacar abertamente um homem tão destemido, deixaram para o dia seguinte a sua determinação. Então Herodes, não podendo mais duvidar de sua

perfídia e da prisão de seu irmão, embora outros afirmassem o contrário, resolveu aproveitar para fugir naquela mesma tarde, evitando permanecer em tal risco no meio de seus inimigos. Para realizar essa resolução, tomou tudo o que tinha de soldados, fez subir em carros puxados por cavalos sua mãe, sua irmã, sua noiva Mariana, Alexandra, mãe dela, seu irmão, todos os criados e o resto dos servidores. Assim, tomou o caminho para a Iduméia sem que os inimigos o soubessem.

Teria sido impossível permanecer insensível diante de tão triste espetáculo. Mulheres banhadas em lágrimas e aflitas pela dor arrastavam os filhos, abandonavam o seu país e deixavam parentes na prisão, não podendo esperar também para si mesmas uma sorte melhor. Nada, porém, pôde abater a coragem de Herodes. Nessa contingência, ele mostrou que o seu valor era maior que a sua infelicidade e durante toda a viagem não deixava de exortá-los a suportar corajosamente a situação a que se encontravam reduzidos, sem se deixar dominar pela tristeza ou por queixumes inúteis, que só iriam retardar a fuga, sua única esperança de salvação. Mas aconteceu um acidente, e este o tocou de tal modo que pouco faltou para que não se suicidasse: o carro no qual estava a sua mãe tombou, e ela ficou tão ferida que se pensava que viesse a morrer.

A grande dor que ele sentiu, unida ao temor de que seus inimigos chegassem de repente, aproveitando o atraso de sua retirada, deixou-o tão fora de si que ele puxou a espada, e atravessá-la-ia no próprio corpo se alguns dos que estavam perto não tivessem impedido aquele gesto. Eles rogaram-lhe que não os abandonasse ao furor dos inimigos, mostrando que aquela não era uma ação digna de sua generosidade, isto é, pensar somente em se esquivar daqueles males, mais temíveis que a própria morte, sem se incomodar que pessoas que lhe eram tão caras ficassem a eles expostas. Assim, em parte pela força e em parte pela vergonha de sucumbir ante a infelicidade, ele desistiu daquele fúnebre desígnio, mandou medicar a mãe como se poderia fazer naquela contingência, e retomaram o caminho para a fortaleza de Massada.

Os partos atacaram-no várias vezes durante o caminho, e ele os venceu em todas as ocasiões. Até mesmo alguns judeus o atacaram, quando ele ainda não estava afastado de Jerusalém mais que uns sessenta estádios, mas ele os

venceu também num grande combate, porque não se defendia como um homem que foge e é surpreendido, e sim como um grande general preparado para sustentar um ataque violento. E, quando ele foi elevado ao trono, mandou construir naquele mesmo lugar um soberbo palácio e uma cidade, a que chamou Herodiom.

Quando chegou a Tressa, aldeia da Iduméia, José, seu irmão, veio encontrá-lo, e juntos consideraram sobre o que fazer com o grande número de soldados que Herodes trouxera, além dos que estavam sob pagamento, porque a fortaleza de Massada, onde ele queria abrigar-se, não era bastante grande para recebê-los todos. Resolveu então mandar embora a maior parte deles, mais ou menos umas nove mil pessoas. Deu-lhes víveres e disse-lhes que poderiam se estabelecer do melhor modo possível nas diversas regiões da Iduméia. Ficou com os parentes e mais alguns valentes e peritos. Deixou as mulheres na fortaleza, bem como as pessoas para servi-las, em número de oitocentos mais ou menos. Como a fortaleza tinha bastante trigo e água e todas as outras coisas necessárias para a sua subsistência, ele tranqüilizou-se. Depois de tomar todas as providências, partiu para Petra, capital da Arábia.

Despontando o dia, os partos saquearam e roubaram tudo o que Herodes havia deixado em Jerusalém, até mesmo no palácio. Não tocaram, porém, em trezentos talentos que pertenciam a Hircano, e uma parte do que pertencia a Herodes também foi salva, com tudo o que a sua previdência o fizera mandar para a Iduméia. Os bárbaros não se contentaram em saquear a cidade, devastaram também os campos e destruíram inteiramente Maressa, cidade muito rica. Assim, Antígono apoderou-se da Judéia, tomando-lhe o governo por intermédio do rei dos partos. Entregaram-lhe também Hircano e Fazael como prisioneiros, mas ele ficou muito envergonhado, porque as mulheres que ele prometera dar ao príncipe junto com os quinhentos talentos haviam escapado. E, com medo de que o povo restaurasse Hircano no trono, mandou cortar-lhe as orelhas, para torná-lo inapto ao sumo sacerdócio, porque a Lei proíbe que se conceda essa honra aos que têm qualquer defeito físico.

609. Não poderemos deixar de admirar a grandeza da coragem de Fazael. Ele não temia tanto a morte, à qual sabia estar destinado, quanto a vergonha de recebê-la das mãos do inimigo. Não podendo matar-se, porque estava

acorrentado, quebrou a cabeça contra uma pedra. Diz-se que Antígono lhe mandou alguns médicos, os quais, em vez de medicá-lo, envenenaram-lhe as feridas. Antes de morrer, ele teve a consolação de saber por uma mulher pobre que Herodes estava a salvo e suportou a morte alegremente, acreditando que deixava um irmão que a vingaria e que seus inimigos receberiam dele o castigo pela sua perfídia.

610. Herodes, cuja coragem não se abatia ante a fortuna adversa, tudo fazia para se pôr em condições de superá-la. Foi procurar Malco, rei dos árabes, que lhe devia grandes favores, para pedir-lhe que demonstrasse reconhecimento em tão pungente necessidade e, principalmente, que o ajudasse com dinheiro, quer como donativo, quer como empréstimo. Como ainda não sabia da morte do irmão, estava resolvido a empregar até trezentos talentos para resgatá-lo. Havia até mesmo levado consigo, para esse fim, o filho de Fazael, de apenas sete anos de idade, para dá-lo como refém aos árabes. Porém, alguns homens enviados por esse príncipe vieram ordenar-lhe, da parte dele, que saísse de suas terras, porque os partos o haviam proibido de recebê-lo, dizendo-lhe que os grandes de seu reino tinham dado aquele covarde conselho para dele se isentarem, com o pretexto de entregar a Herodes o dinheiro que Antípatro havia confiado em depósito. Herodes respondeu que não o queria atacar, mas desejava apenas falar-lhe de assuntos importantes.

611. Depois de pensar, ele julgou que era melhor retirar-se e dirigiu-se para o Egito, tão insatisfeito como se pode imaginar alguém diante de uma ação tão indigna de um rei. Deteve-se num Templo onde havia deixado vários dos que o acompanhavam, chegando no dia seguinte a Rinosura, e lá soube da morte de Fazael. No entanto, o rei dos árabes reconheceu o seu erro e, sentido, veio ao seu encalço, mas não pôde alcançá-lo, porque ele caminhava rapidamente, a fim de chegar logo a Pelusa. Alguns marinheiros que iam para Alexandria, porém, recusaram-se a recebê-lo em seu navio, e Herodes dirigiu-se então aos magistrados, que lhe prestaram grandes honras. A rainha Cleópatra quis retê-lo, mas não conseguiu persuadi-lo a ficar, tanto ele estava ansioso para ir a Roma, embora fosse pleno inverno e corresse a notícia de que as coisas na Itália estavam muito difíceis, com grandes perturbações e motins.

Assim, ele embarcou para a Panfília, mas foram acossados por uma

violenta tempestade, que os obrigou a lançar ao mar muitas das coisas que estavam no navio. Chegou por fim a Rodes. Lá encontrou dois amigos, Sapinas e Ptolomeu. Ficou tão comovido ao ver a cidade destruída pela guerra contra Cássio que nem a necessidade em que se encontrava o impediu de fazer-lhe grandes benefícios, muito acima de suas posses. Ali equipou uma galera, embarcou com os seus amigos, chegou a Brindisi e de lá foi para Roma, onde primeiramente se dirigiu a Antônio. Contou-lhe tudo o que havia acontecido na Judéia: que seu irmão Fazael fora aprisionado e morto pelos partos; que eles ainda retinham Hircano prisioneiro; que haviam constituído Antígono rei porque ele lhes prometera mil talentos e quinhentas mulheres, as quais escolheu dentre as pessoas de maior destaque, particularmente da família dele, de Herodes; que para salvá-las de suas mãos ele as levara à noite, com muita dificuldade, deixando-as em grandíssimo perigo; e que por fim enfrentara os risco do mar em pleno inverno para vir procurá-lo, como sendo o seu refúgio e o único de quem esperava algum auxílio.

CAPÍTULO 26

HERODES É DECLARADO EM ROMA REI DA JUDÉIA POR ANTÔNIO, COM O AUXÍLIO DE AUGUSTO. ANTÍGONO SITIA MASSADA, DEFENDIDA POR JOSÉ, IRMÃO DE HERODES.

612. A compaixão que Antônio sentiu da infelicidade a que a inconstância da sorte — que sente prazer em perseguir os homens mais ilustres — reduzira Herodes, a lembrança da maneira gentil com que Antípatro, seu pai, o havia recebido em casa, a consideração do dinheiro que ele lhe prometia se o fizesse rei, tal como já o fizera tetrarca, e principalmente o ódio contra Antígono, que ele considerava faccioso e inimigo declarado dos romanos, fizeram-no decidir-se por ajudá-lo com todas as suas posses. Augusto fez o mesmo, tanto em consideração à amizade particular que César tivera por Antípatro, por causa do auxílio dele recebido na guerra do Egito, quanto pelo desejo de obsequiar Antônio, a quem via abraçar com tanto ardor os interesses de Herodes. Assim, reuniram o Senado.

Messala e Atratino introduziram Herodes, elogiaram grandemente os

serviços que seu pai e ele haviam prestado ao povo romano, lembrando que Antígono, ao contrário, não somente era um inimigo declarado, tal como o provavam as suas ações precedentes, como também demonstrara total desprezo pelos romanos ao receber a coroa das mãos dos partos. Essas palavras incitaram o senado contra Antígono, e Antônio acrescentou que na guerra que se travaria contra os partos seria, sem dúvida, muito vantajoso constituir Herodes rei da Judéia. Todos aceitaram a proposta, e o favor que Herodes ficou devendo a Antônio foi tanto maior quanto era inesperada aquela extraordinária graça, pois os romanos não costumavam outorgar coroas senão aos de família real. Ele havia pensado apenas em pedir a coroa da Judéia para Alexandre, irmão de Mariana e neto de Aristóbulo do lado paterno e de Hircano do lado materno. (Herodes depois mandou matar Alexandre, como diremos a seu tempo.) Podemos acrescentar que a pressa de Antônio aumentou ainda esse favor, pois esse importante assunto foi concluído em sete dias.

Ao sair do Senado, Antônio e Augusto levaram Herodes em sua companhia e, seguidos pelos cônsules e senadores, foram ao Capitólio, onde ofereceram sacrifícios e colocaram como num sagrado depósito o decreto do senado. Antônio em seguida ofereceu um lauto banquete ao novo príncipe, cujo reinado se iniciava na centésima octogésima quarta Olimpíada, no consulado de Caio Domício Calvino e Caio Asínio Polião.

61 3. Enquanto isso se passava em Roma, Antígono sitiava a fortaleza de Massada. José, irmão de Herodes, a defendia. Estava ela bem provida de todas as coisas, mas faltava água. Como José sabia que Malco, rei dos árabes, estava sentido por ter dado motivos para que Herodes ficasse descontente com ele, resolveu, naquela contingência, sair à noite com duzentos homens para ir procurá-lo, mas naquela mesma noite caiu tão forte chuva que as cisternas se encheram. E assim, não tendo mais necessidade de água, cuidou apenas em defender-se bem. Aquele auxílio, que ele e os seus julgaram vir do céu, elevou-lhes de tal modo a coragem que eles faziam contínuas arremetidas contra os sitiantes, quer em pleno dia, quer à noite, e assim conseguiram matar muitos deles.

614. Ventídio, general de um exército romano, expulsou os partos da Síria, entrou na Judéia e acampou perto de Jerusalém, sob o pretexto de

socorrer José, mas na realidade viera tirar dinheiro de Antígono, como de fato tirou. Ele retirou-se em seguida com a maior parte das tropas e deixou o resto sob o comando de Silom. Antígono foi obrigado a dar dinheiro também a este, para que ele não lhe fosse contrário durante o tempo em que ele aguardava socorro, que lhe deveria vir dos partos.

Capítulo 27

Herodes, voltando de Roma, reúne um exército, toma algumas praças e sitia Jerusalém, mas não consegue tomá-la. Derrota os inimigos num grande combate. Seu estratagema para vencer judeus partidários de Antígono, que fazia a guerra aos partos. Belos combates que trava a caminho. José, irmão de Herodes, é morto em combate. Antígono manda cortar-lhe a cabeça, e Herodes vinga essa morte. Sitia Jerusalém, onde Sósio se une a ele com um exército romano. Herodes desposa Mariana.

615. Herodes, voltando de Roma, reuniu em Ptolemaida uma grande quantidade de tropas, tanto de sua nação quanto estrangeiras, que tomou sob pagamento, sendo ajudado ainda por Ventídio e por Silom, a quem Gélio havia trazido uma ordem de Antônio para se unir a ele. Ambos antes estavam ocupados: o primeiro acalmando agitações em algumas cidades, devido à invasão dos partos, e o segundo estava na Judéia, onde Antígono o subornara com dinheiro. Herodes entrou na Caliléia para marchar contra Antígono. Suas forças aumentavam sempre, à medida que ele avançava, e quase toda a Galiléia abraçou o seu partido.

A primeira coisa que ele resolveu empreender foi fazer levantar o cerco de Massada, para livrar os seus parentes, que lá estavam encerrados. Mas era antes necessário tomar Jope, a fim de não deixar atrás de si nenhuma praça-forte quando avançassem para Jerusalém. Silom aproveitou a oportunidade para se retirar, e os judeus do partido de Antígono perseguiram-no. Mas Herodes, embora tivesse poucos soldados, deu-lhes combate, derrotou-os e salvou Silom, que já não lhes podia resistir. Depois tomou Jope e avançou rapidamente para Massada. O seu exército fortificava-se dia a dia com os

compatriotas que se uniam a ele, uns pelo afeto que tinham tido por seu pai, outros pela estima que tinham por ele e outros ainda pelos favores que deviam a ambos. A maior parte, porém, vinha pela esperança dos benefícios que imaginavam receber dele como rei. Antígono fez-lhe diversas emboscadas pelo caminho, mas sem grande vantagem. Assim, Herodes fez levantar o cerco de Massada e, aumentando ainda as suas forças com os que estavam nessa praça, tomou o castelo de Ressa e avançou para Jerusalém, seguido pelas tropas de Silom e por vários habitantes daquela grande cidade, que temiam o seu poder.

Herodes sitiou-a do lado do ocidente, e os que a defendiam atiraram grande número de flechas e grande quantidade de dardos, e fizeram várias arremetidas contra as suas tropas. Ele começou anunciando por um arauto que não viera com outro objetivo senão o bem da cidade e que esqueceria as ofensas feitas a ele pelos seus maiores inimigos, não excetuando ninguém dessa anistia geral. Antígono respondeu, dirigindo-se a Silom e aos romanos, que era coisa indigna da justiça, de que o povo romano fazia profissão, colocar no trono um simples particular, ainda mais um idumeu, isto é, um semijudeu, contra as leis da nação, que só concedia aquela honra a quem o nascimento tornava digno dela, e que, se estavam descontentes por ele haver recebido a coroa das mãos dos partos, restavam ainda outros, de família real, que não haviam ofendido os romanos e aos quais podiam oferecê-la, e também sacerdotes, aos quais não era justo privar de uma honra à qual tinham o direito de aspirar.

Antígono e Herodes assim discutiram e chegaram mesmo às injúrias. Antígono permitiu aos seus repelir os inimigos, e eles atiraram-lhes flechas e lançaram tantos dardos do alto das torres que os obrigaram a se retirar. Viu-se então claramente que Silom se deixara subornar por dinheiro, pois ele permitiu que vários de seus soldados começassem a gritar que lhes dessem víveres e dinheiro com quartéis de inverno, porque os campos haviam sido inteiramente devastados pelas tropas de Antígono. Todo o acampamento se revoltou então, preparando-se para se retirar, mas Herodes pediu aos oficiais das tropas romanas que não o abandonassem daquela maneira, lembrando-lhes que haviam sido enviados por Antônio, Augusto e pelo senado para ajudá-lo e que, quanto aos víveres, ele daria uma ordem, e nada haveria de faltar.

Essa promessa ele cumpriu imediatamente. Mandou buscar alimento em

tão grande quantidade que tirou qualquer pretexto de Silom para se retirar. Pediu também aos amigos em Samaria que levassem a jerico trigo, vinho, óleo, gado e todas as outras coisas necessárias a um exército. Logo que Antígono soube disso, deu ordem que se reunissem as tropas de seu partido, as quais ocuparam as passagens dos montes e armaram ciladas aos que traziam esses víveres de Jerico.

Herodes, que por seu lado de nada se descuidava, tomou cinco coortes romanas, cinco dos judeus, alguns soldados estrangeiros e parte de sua cavalaria e foi a jerico. Achou a cidade abandonada, e quinhentos de seus habitantes haviam fugido para os mortes com as suas famílias. Ele os mandou prender e depois os soltou. Os romanos encontraram a cidade cheia de toda espécie de bens e a saquearam. Herodes lá deixou uma guarnição e deu quartéis de inverno para as tropas romanas na Iduméia, na Galiléia e em Samaria. Antígono, como recompensa pelos presentes que concedera a Silom, obteve dele que mandasse uma parte de suas tropas a Lida, para ganhar as boas graças de Antônio. Assim, os romanos puderam viver em paz e em grande abundância.

616. Herodes, que não queria ficar inativo, enviou José, seu irmão, à Iduméia com mil homens de infantaria e quatrocentos cavaleiros, enquanto ele foi a Samaria, onde deixou a sua mãe e os demais parentes que havia retirado de Massada. Passou depois à Galiléia para tomar as praças nas quais Antígono havia colocado guarnições. Chegou a Seforis numa ocasião em que caía muita neve, e os que a defendiam para Antígono fugiram. Ele aí encontrou grande quantidade de víveres. Mandou de lá um corpo de cavalaria e três coortes contra os ladrões que se refugiavam nas cavernas próximas à aldeia de Arbela.

Quarenta dias depois, ele avançou com o seu exército, e os inimigos apareceram com muita coragem e ousadia. Travou-se logo um grande combate. A ala esquerda do exército de Herodes foi desbaratada, mas ele a socorreu com tanta força e energia que a fez voltar a sua frente para aqueles dos seus que lhes tinham voltadas as costas, pondo assim em fuga os inimigos, que já se julgavam vitoriosos, e perseguindo-os até o Jordão. Tão belo feito trouxe ao seu partido o resto da Galiléia, exceto os que se haviam retirado para as cavernas. Deu aos seus soldados cento e cinqüenta dracmas por cabeça, tratou os oficiais

de acordo com o cargo e os enviou aos quartéis de inverno.

Silom foi obrigado a abandonar os seus soldados e vir procurá-lo com os seus oficiais, porque Antígono só forneceria víveres às suas tropas durante um mês, e dera ordem aos habitantes dos lugares vizinhos que lhes retirassem todas as coisas necessárias à vida e fugissem para as montanhas, a fim de fazê-los morrer de fome. Herodes tomou providências e entregou essa incumbência a Feroras, seu irmão mais novo, ao qual ordenou que também restaurasse o castelo de Alexandriom, que estava completamente abandonado.

617. Antônio estava então em Atenas, e Ventídio, na Síria, de onde mandou dizer a Silom que fosse procurá-lo para marchar com as tropas auxiliares das províncias contra os partos, mas somente depois que tivesse prestado a Herodes o auxílio de que este necessitava. Herodes, no entanto, não quis retê-lo e foi com as suas tropas contra os ladrões que estavam em famílias nas cavernas do monte. A dificuldade era lá chegar, porque os caminhos são muito estreitos e cercados de rochedos pontudos e precipícios que impedem subir até lá quando se está ao pé do monte e descer quando se está em cima. Para remediar essa dificuldade, Herodes mandou fazer caixas amarradas a cadeiras de ferro, que eram descidas da montanha por meio de máquinas. As caixas eram cheias de soldados armados com alabardas, para ferir os que lhes opusessem resistência.

A descida era muito perigosa por causa da altura, e os que se haviam escondido nas cavernas tinham abundância de víveres. Quando as caixas chegavam à entrada das cavernas, um soldado armado com espada, escudo e vários dardos agarrava com as duas mãos as cadeias às quais a caixa estava presa e lançava-se por terra. Se ninguém aparecia, ele aproximava-se da entrada de uma das cavernas, matava quantos encontrasse a golpes de dardos, fisgava com a alabarda os que lhe queriam resistir e precipitava-os do alto dos rochedos. Entrava depois na caverna, onde matava mais alguns, e em seguida voltava para a caixa. Os gritos espantavam os demais e os faziam desesperar da própria salvação. Mas a noite obrigou os soldados de Herodes a se retirar, e ele mandou avisar que perdoaria a todos os que se entregassem.

No dia seguinte, começaram a atacar do mesmo modo, e vários soldados saíram das caixas para combater à entrada das cavernas. Lançaram-lhes fogo,

sabendo que dentro havia grande quantidade de matéria combustível. Numa das cavernas havia um velho escondido com a sua mulher e sete filhos, os quais, vendo-se reduzidos a tal extremo, pediram-lhe permissão para entregar-se. Em vez de a conceder, o velho pôs-se à entrada da caverna e matou-os um a um, inclusive a mulher, à medida que tentavam sair, lançando os corpos do alto do monte. Depois lançou-se ele mesmo, preferindo assim a morte à escravidão. Antes de se precipitar, porém, fez mil censuras a Herodes, dizendo-lhe palavras ofensivas, embora o príncipe, que o avistava, fizesse sinais com a mão, a indicar que desejava perdoá-lo. Assim, todos os que estavam nas cavernas foram obrigados a se entregar, porque não podiam mais se esconder nem resistir.

618. O hábil Herodes, depois de constituir Ptolomeu governador do país, foi a Samaria com seiscentos cavaleiros e três mil soldados de infantaria, com o intuito de combater Antígono. Ptolomeu saiu-se mal nesse cargo. Foi atacado e morto por aqueles que antes haviam perturbado a Galiléia. Eles fugiram em seguida para os pântanos e outros lugares inacessíveis, de onde devastavam os campos. Herodes não se demorou muito em castigá-los, pois veio combatê-los e matou uma parte deles. Apoderou-se dos lugares para onde os outros se haviam retirado e matou-os também. Destruiu em seguida esses lugares e condenou as cidades a pagar uma multa de cem talentos, cortando assim as sublevações pela raiz.

619. Os partos foram vencidos numa grande batalha onde Pacoro, seu rei, foi morto. Ventídio, por ordem de Antônio, enviou Maquera ao rei Herodes com duas legiões e mil cavaleiros. Antígono subornou Maquera com dinheiro, e assim, embora Herodes tentasse impedir que ele fosse procurar Antígono, Maquera para lá se dirigiu, sob o pretexto de observar o estado das forças. Mas Antígono não confiou nele e não somente se recusou a recebê-lo como mandou atacá-lo. Então ele reconheceu a sua falta e foi para Emaús. Cheio de cólera, mandou matar todos os judeus que encontrou em seu caminho, sem indagar se eram amigos ou inimigos.

Esse proceder de Maquera enfureceu Herodes, que foi a Samaria resolvido a procurar Antônio e rogar-lhe que não mais lhe mandasse tal auxílio, pois causava mais mal a ele que aos seus inimigos, e ele muito bem o poderia

dispensar, porque se sentia forte o bastante para combater Antígono. Maquera veio procurá-lo no caminho e pediu-lhe que ficasse ou pelo menos lhe cedesse José, seu irmão, para juntos fazerem a guerra a Antígono. Assim, eles reconciliaram-se, e Herodes acedeu aos pedidos de Maquera, deixando-lhe a maior parte do exército, sob o comando de José, ao qual recomendou que não se arriscasse nem se indispusesse com Maquera.

620. Em seguida, Herodes foi com um corpo de cavalaria e de infantaria procurar Antônio, que sitiava a cidade de Samosata, situada sobre o rio Eufrates. Encontrou em Antioquia um grande número de pessoas que também queriam falar com Antônio, mas não se atreviam a se pôr a caminho para continuar a viagem porque os bárbaros espalhados pelas redondezas matavam todos os que lhes caíam nas mãos. Ele os tranqüilizou e se ofereceu para lhes servir de chefe, já estavam eles há dois dias em Samosata.

Os bárbaros, que se haviam reunido em grande número para atacar os que iam procurar Antônio, só saíram de sua emboscada quando os viram atravessando a planície. Deixaram, porém, passar a primeira tropa de Herodes e atacaram com quinhentos cavaleiros a que veio depois, onde ele estava em pessoa. Puseram em fuga as primeiras linhas, mas o príncipe atacou-os tão violentamente que ergueu a coragem e o ânimo dos seus, fazendo voltar ao combate os que já haviam desistido da luta. Ele dizimou a maior parte daqueles bárbaros, atacando-os até reconquistar todos os despojos e os prisioneiros que eles haviam feito. Continuando a viagem, derrotou outro grande número de bárbaros, que estavam nos bosques próximos daqueles campos com o propósito de se lançar sobre os viandantes, e matou grande quantidade deles. Assim, garantiu a passagem aos que vinham atrás dele, os quais o chamavam de protetor e salvador.

Aproximando-se eles de Samosata, Antônio, que já soubera como ele havia derrotado os bárbaros e do auxílio que lhe trazia, mandou o que havia de melhor em suas tropas para recebê-lo com honras e demonstrações de alegria. Depois abraçou-o, louvou o seu valor e o tratou como um príncipe, ao qual ele mesmo havia posto a coroa na cabeça. Logo depois, Antíoco entregou Samosata, e a guerra terminou. Antônio deixou Sósio como comandante do exército e da província, com ordem de ajudar o rei Herodes em tudo o que ele viesse precisar,

e partiu para o Egito. Sósio mandou adiante, para a judéia, duas legiões com Herodes e depois seguiu-o com o resto no exército.

621. Enquanto isso se passava, José, irmão de Herodes, perdeu a vida na Judéia, por não ter cumprido a ordem que dele recebera, ou seja, de não se arriscar, como vou narrar a seguir. Ele marchou para Jerico com as suas tropas e cinco companhias de cavalaria cedidas por Maquera, pretendendo fazer a colheita do trigo, e acampou nos montes. Mas a cavalaria romana era composta de moços pouco habituados à guerra, a maior parte recrutada na Síria. Os inimigos os atacaram em lugares pouco vantajosos e os derrotaram, bem como ao corpo de cavalaria que José comandava. Ele morreu combatendo valentemente. Os mortos ficaram em poder de Antígono, e ele mandou cortar a cabeça a José, embora Feroras, seu irmão, lhe quisesse pagar cinqüenta talentos para ter o corpo intacto. Em seguida, os galileus revoltaram-se contra os seus governadores e lançaram no lago os que seguiam o partido de Herodes. Vários outros movimentos de agitação rebentaram na judéia. Maquera fortificou o castelo de Gethe.

Herodes soube de tudo quando estava num arrabalde de Antioquia chamado Dafne e quase o esperava, por causa de alguns sonhos que tivera, os quais previam a morte do irmão. Assim, apressou a marcha ao chegar ao monte Líbano e tomou oitocentos homens do país e uma legião romana, com os quais foi a Ptolemaida, de onde partiu na mesma noite para avançar contra a Galiléia. Os inimigos atacaram-no, mas ele os venceu e obrigou-os a se encerrar num castelo, de onde haviam saído no dia anterior. No dia seguinte, pela manhã, foi sitiá-los, mas uma grande tempestade o obrigou a se retirar para as aldeias vizinhas. A outra legião que ele havia recebido de Antônio veio unir-se a ele, e o medo dos sitiados os fez abandonar o castelo durante a noite.

Como Herodes estava impaciente para vingar a morte do irmão, avançou rapidamente para Jerico, onde conversou com os maiorais da cidade. Apenas os convidados se retiraram para as suas casas, a sala onde se realizava o banquete desabou, e todos imaginaram que Deus tinha um cuidado particular de Herodes, pois o livrara por milagre de um grande perigo. No dia seguinte, seis mil inimigos, que haviam descido dos montes, encheram de espanto os romanos, e seus filhos, perdidos, atacaram-nos a golpes de dardos e de pedras.

Herodes ficou ferido no lado, e Antígono, querendo dar a entender que era bastante forte para fazer guerra ao mesmo tempo em diversos lugares, enviou tropas a Samaria, comandadas por Papo. Porém, Maquera enfrentou-o, e Herodes, por sua vez, tomou cinco cidades, matou cerca de dois mil homens que nelas estavam como guarnição, incendiou-as e se voltou contra Papo, que estava acampado em Isanas, para onde vários se dirigiam, tanto de Jerico quanto da Judéia.

Logo que Herodes soube que os inimigos eram tão ousados que se atreviam a combater, atacou-os e os venceu. Inflamado pelo desejo de vingar a morte do irmão, perseguiu-os, matando sempre até uma aldeia. As casas encheram-se imediatamente e muitos foram obrigados a subir aos telhados. Esses logo foram mortos. Depois os tetos foram removidos, e viram-se então onde estavam escondidos todos os outros, os quais de tão apertados não se podiam defender. Foram mortos a pedradas, e não houve em toda essa guerra espetáculo mais deplorável, pois causava horror tão grande quantidade de cadáveres. Esse feito, mais que qualquer outro, abateu a ousadia dos inimigos, porque os fez perder a esperança de um êxito favorável. Eram vistos fugindo em grandes grupos, e, não fora uma grande tempestade que sobreveio, os vencedores poderiam ter ido a Jerusalém com a certeza da vitória, e a guerra teria terminado. Antígono já pensava também em abandonar a cidade e fugir.

Quando chegou a noite, Herodes deu ordem que se servisse a refeição aos soldados. Como estava extremamente cansado, retirou-se para o seu quarto, a fim de tomar um banho. A providência de Deus livrou-o então de um grave perigo, pois estando nu e tendo consigo apenas um de seus criados, três dos inimigos, que o medo fizera esconder-se naquela casa, apareceram de espada em punho para se salvar e ficaram tão assustados com a presença do rei no banho que, em vez de matá-lo, como poderiam ter feito facilmente, só pensaram em escapar. No dia seguinte, Herodes, depois de mandar cortar a cabeça Papo, que estava no número dos mortos, mandou-a a Feroras, para consolá-lo da perda do irmão, pois fora Papo quem matara José.

622. Cessada a tempestade, esse grande general marchou para Jerusalém, acampou perto da cidade e sitiou-a, três anos após ser declarado rei em Roma. Escolheu o lugar que julgou mais apropriado para tomar a cidade e

colocou o seu acampamento diante do Templo, como outrora Pompeu havia feito. Usando uma grande quantidade de trabalhadores, fez elevar três plataformas. Também construiu torres e derrubou muitas árvores. Enquanto o cerco continuava, ele foi a Samaria para desposar Mariana, filha de Alexandre e neta do rei Aristóbulo, que ele tinha como noiva, conforme dissemos anteriormente.

CAPÍTULO 28

HERODES, AJUDADO POR SÓSIO, GENERAL ROMANO, TOMA JERUSALÉM E RESGATA O SAQUE. SÓSIO APRISIONA ANTÍGONO E LEVA-O A ANTÔNIO.

623. Herodes levou para o seu exército, depois de suas núpcias, um reforço de trinta mil homens. Sósio, que havia mandado a ele o seu exército, que era poderoso tanto em cavalaria quanto em infantaria, veio ao mesmo tempo pela Fenícia. Assim, reuniram-se tropas de todos os lados para se juntar no cerco de Jerusalém, que era atacada pelo norte. Havia cerca de onze legiões e seis mil cavaleiros, além das tropas auxiliares da Síria. Os dois chefes desse célebre cerco eram Sósio, enviado por Antônio em auxílio de Herodes, e este, que fazia guerra por si mesmo, para arruinar Antígono, inimigo declarado do povo romano, e assim garantir-se na coroa que o decreto do senado lhe havia conferido.

Os judeus, vindos de todas as partes do reino para reunir-se naquela praça, defendiam-na com extrema coragem. Vangloriando-se da santidade do Templo, afirmavam ao povo que Deus os livraria daquele perigo e faziam secretamente incursões pelos campos, para estragar os víveres e a forragem, a fim de que viessem a faltar aos que o cercavam. Herodes, para remediar isso, colocou em diversos lugares tropas de emboscada e fez vir comboios de longe, que trouxeram abundância de víveres e todas as coisas necessárias para o exército. Empregou também um grande número de trabalhadores, pois, sendo verão, a estação favorável os ajudava, sem retardar os trabalhos, de modo que ele terminou as três plataformas que iniciara a construir. Batia ao mesmo tempo nos muros da cidade com as suas máquinas e tudo fazia para chegar logo ao termo de tão grande empresa.

Os sitiados, por sua vez, faziam todos os esforço imagináveis para bem se defender: queimavam os trabalhos, não somente os começados, mas também os já concluídos, e faziam ver, pelo seu extremo valor, que os romanos os superavam somente na ciência da guerra. No lugar dos muros derrubados pelas máquinas, eles construíam logo outros, retribuíam astúcia por as-túcia e combatiam às vezes corpo a corpo. Assim, embora sitiados por um poderoso exército e ao mesmo tempo oprimidos pela fome, porque aquele ano era de sábado, o próprio desespero os animava, e nada os convencia a se entregar. Por fim, no quadragesimo dia do cerco, vinte dos mais valentes soldados romanos subiram a muralha seguidos por um de seus oficiais, que estava sob o comando de Sósio, e, ajudados por outras tropas, apoderaram-se dela.

Quinze dias depois, o segundo muro também foi tomado, e alguns pórticos do Templo foram incendiados, mas Herodes disso acusou Antígono, para torná-lo odioso ao povo. A parte externa do Templo e a cidade baixa também foram tomadas, e os sitiados retiraram-se para a cidade alta e para o Templo, temendo que os romanos os impedissem de oferecer a Deus os sacrifícios ordinários, e rogaram aos sitiantes que lhes permitissem fazer entrar somente os animais necessários para esse fim. Herodes consentiu, na esperança de que esse favor os dobrasse. Mas, vendo que se obstinavam mais do que nunca em manter Antígono na realeza, redobrou os esforços para tomar a praça.

Viu-se então surgir, mais do que antes e de todas as partes, a figura horrorosa da morte, pois os romanos estavam irritados porque o cerco se prolongava demasiado, e os judeus afeiçoados a Herodes queriam destruir inteiramente os compatriotas que haviam abraçado o partido contrário. Assim, matavam-nos nas ruas, nas casas e mesmo quando se refugiavam no Templo. Não poupavam velhos nem moços, e a fraqueza do sexo não lhes despertava a menor compaixão pelas mulheres. E, embora Herodes ordenasse que fossem poupadas e unisse rogos às suas ordens, eles não lhe obedeciam, pois estavam tão inflamados pelo furor que haviam perdido todo o senso de humanidade.

624. Antígono, com um proceder indigno de seu glorioso passado, desceu da torre onde estava e veio lançar-se aos pés de Sósio, que, em vez de se comover, insultou-o ainda na sua infelicidade, chamando-o não de Antígono,

mas de Antígona. Tratou-o, porém, como mulher porque não confiou nele e fez com que o custodiassem com muito cuidado.

625. Herodes, depois de tanta dificuldade para vencer os inimigos, teve ainda graves embaraços para reprimir a insolência daqueles estrangeiros que havia chamado em seu auxílio. Eles lançaram-se em massa sobre o Templo e queriam até mesmo entrar no Santuário. Para impedi-los, ele empregou não somente rogos e ameaças, mas também a força, porque se julgava mais infeliz como vencedor do que se tivesse sido vencido, uma vez que a sua vitória estava expondo a olhos profanos o que não lhes era permitido ver.

Fez tudo o que foi possível para impedir o saque da cidade, dizendo energicamente a Sósio que, se os romanos a queriam despovoar e saquear, concluir-se-ia que ele fora constituído rei de um deserto. Declarou também que não compraria nem mesmo o império do mundo, se lhe custasse o sangue de um número tão grande de seus súditos. A isso Sósia respondeu que não se podia negar aos soldados o saque de uma praça que eles haviam tomado. Herodes então prometeu compensá-los com dinheiro. Assim, preservou a cidade e cumpriu magnificamente a sua promessa, tanto para com os soldados quanto para com os oficiais, particularmente Sósio.

Essa tomada de Jerusalém aconteceu sob o consulado de M. Agripa e de Canísio Calo, na centésima octogésima quinta Olimpíada, no terceiro mês, e durante um jejum solene, no mesmo dia em que Pompeu a havia tomado, vinte e sete anos antes.

626. Sósio, depois de consagrar a Deus uma coroa de ouro, partiu de Jerusalém e levou Antígono prisioneiro a Antônio. Isso pôs Herodes em grande ansiedade, pois receava que Antônio o deixasse partir ou que Antígono, quando chegasse a Roma, dissesse ao senado que, sendo de família real, devia ser preferido a Herodes, o qual nada tinha de ilustre por nascimento, e que mesmo que a sua revolta contra os romanos o impedisse de manter-se no reino, pelo menos não poderiam com justiça privar dele os seus filhos, que não os haviam ofendido. Para livrar-se dessas apreensões, conseguiu fazer com que Antônio, por meio de uma grande soma de dinheiro, mandasse matar Antígono.

627. Assim, a família dos asmoneus, após reinar cento e vinte e seis anos, perdeu o trono. Essa família foi ilustre não somente por ter sido elevada ao

poder, mas também porque sempre foi honrada com o sumo sacerdócio e porque as muitas e ilustres ações de seus reis elevaram em muito a glória de nossa nação. As dissensões domésticas, no entanto, causaram por fim a sua ruína, e a sua grandeza passou à família de Herodes, filho de Antipatro, o qual tinha origem numa família que nada possuía de nobre, para que fosse distinguida do comum dos demais súditos dos reis.

Livro Décimo Quinto

Capítulo 1

Antônio manda cortar a cabeça de Antígono, rei dos judeus.

628. Vimos no livro precedente a tomada de Jerusalém por Sósio e Herodes e o aprisionamento de Antígono. Vou agora falar de suas conseqüências. Quando Herodes se viu senhor da Judéia, demonstrou muita gratidão para com aqueles que lhe dedicaram afeto enquanto ele era apenas um homem da vida privada. Mas não se passava um dia em que não matasse algum dos que haviam seguido o partido de Antígono. Poliom, fariseu, e Saméias, discípulo deste, foram os únicos aos quais tratou com consideração, para recompensá-los, porque durante o cerco eles haviam aconselhado o povo a recebê-lo. Poliom era aquele que durante o julgamento de Herodes, quando os juizes o queriam condenar, predissera a Hircano e aos outros juizes que, se o absolvessem, ele os mataria a todos, o que Deus confirmou em seguida.*

---

* Foi dito, no artigo 595, que Saméias fez tal predição.

629. Herodes mandou levar para o palácio real tudo o que encontrou de móveis preciosos, mais o ouro e a prata que tomou dos ricos, e reuniu assim uma grande soma de que fez presente a Antônio e aos que este mais estimava. Mandou matar quarenta e cinco dos principais seguidores de Antígono e colocou guardas às portas para ver, quando trouxessem os corpos, se estavam mortos de verdade. Ordenou também que lhe trouxessem tudo o que se encontrasse de ouro e de prata. Os que haviam seguido o partido de Antígono não viam o termo de seus males. Os bens todos que possuíam eram insuficientes para satisfazer a ambição de Herodes ou para contentar a sua insaciável avareza, pois as suas finanças estavam então esgotadas. Havia ainda motivos para se temer uma carestia, porque as terras estavam em descanso,

sendo aquele o sétimo ano, no qual não nos é permitido cultivar nem semear a terra.

Antônio queria conservar Antígono como ornamento ao seu triunfo. Porém, vendo que os judeus o favoreciam e estavam prestes a se revoltar por causa do ódio que sentiam contra Herodes, julgou que o único meio de conservá-los no cumprimento do dever era matando-o. Assim, mandou cortar-lhe a cabeça em Antioquia. Estrabão da Capadócia relata esse fato da seguinte maneira: "Antônio, em Antioquia, mandou cortar a cabeça a Antígono, rei dos judeus, e foi o primeiro dos romanos que desse modo fez morrer um rei, porque julgou que não havia outro meio de fazer com que os judeus obedecessem a Herodes, que havia sido feito rei em seu lugar, pois estavam tão enraivecidos contra ele e tão afeiçoados a Antígono que nem mesmo a violência dos tormentos poderia obrigá-los a dar a Herodes o nome de rei. Foi isso o que levou Antônio a se servir de um suplício tão vergonhoso para um soberano, a fim de obscurecer a memória de um e moderar a aversão que se tinha pelo outro".

630. Já vimos como Barzafarnés e Pacoro, generais do exército dos partos, retive-ram presos Hircano, sumo sacerdote, e Fazael, irmão de Herodes, que se suicidou para evitar a vergonha da escravidão. Devemos dizer agora de que modo Hircano foi posto em liberdade e como veio procurar Herodes depois que este foi feito rei.

Capítulo 2

Fraate, rei dos partos, permite a Hircano, seu prisioneiro, voltar à Judéia. Herodes outorga o sumo sacerdócio a um homem sem mérito. Alexandra, sogra de Herodes e mãe de Aristóbulo, dirige-se a Cleópatra para obter esse cargo para o filho por meio de Antônio. Herodes descobre e concede o cargo a Aristóbulo. Finge reconciliar-se com Alexandra.

631. Hircano foi levado a Fraate, rei dos partos, e esse príncipe tratou-o muito bem por causa da nobreza de sua família. Tirou-lhe as cadeias e permitiu que morasse na Babilônia, onde havia um grande número de judeus. Ele era

honrado como sumo sacerdote e rei não somente pelos que se haviam estabelecido naquela poderosa cidade, mas também por todos os outros judeus que moravam além do Eufrates, e ele sentia-se feliz em sua desdita. E, quando soube que Herodes subira ao trono, concebeu as maiores esperanças, tanto porque o rei naturalmente amava os seus parentes e aliados quanto por julgar que, tendo lhe salvado a vida quando ele corria o risco de ser condenado, nada mais esperava dele senão reconhecimento. Assim, desejou ardentemente ir procurá-lo e falou de seus planos àqueles em quem mais confiava.

Aconselharam-no, porém, a ficar, dizendo-lhe, para convencê-lo disso, que todos os seus compatriotas naquele país já estavam prestando a ele todas as honras que podiam prestar a seu sumo sacerdote e rei; que ele não podia esperar a mesma coisa da Judéia, por causa da maneira ultrajosa como Antígono o havia tratado; que a mudança de sorte muda também os sentimentos dos homens, e jamais os reis se lembram dos favores recebidos enquanto simples cidadãos; e que ele não devia esperar tanto afeto da parte de Herodes. Essas opiniões, embora tão sensatas, não fizeram impressão no espírito de Hircano, tanto ele estava ansioso para voltar. E Herodes escreveu-lhe também, rogando que pedisse ao rei e aos judeus para não lhe invejarem o contentamento de compartilhar o poder da realeza, pois chegara o tempo de agradecer os favores que lhe devia, tanto por Hircano havê-lo elevado como por lhe salvar a vida.

Esse fingido soberano não se contentou em escrever-lhe nesses termos, mas também enviou Saramala como embaixador a Fraate, com muitos presentes, para obter deste a liberdade de seu benfeitor e a oportunidade para recompensá-lo pelos favores que recebera. Todas essas demonstrações de amizade, no entanto, eram pura mentira e hipocrisia. A única coisa verdadeira nisso tudo era que ele havia usurpado a coroa e temia uma reviravolta. Por isso desejava com ardor ter Hircano ao seu alcance, para poder matá-lo, caso julgasse tal coisa conveniente para a sua própria segurança, como nos faz ver a continuação da história.

632. Hircano foi posto em liberdade pelo rei dos partos, e os judeus que estavam na Babilônia forneceram-lhe o dinheiro necessário para a viagem. Herodes tratou-o com muita deferência. Dava-lhe sempre o primeiro lugar nas

assembléias e nos banquetes, chamava-o de pai e tudo fazia para que ele não suspeitasse de sua traição, porque desejava a todo custo conservar a posse da coroa e reforçar a sua recente autoridade. Isso causou dissensões domésticas que excitaram grande perturbação, por motivo que vou relatar.

O temor de que uma pessoa de origem ilustre fosse constituída no sumo sacerdócio levou Herodes a mandar vir da Babilônia um sacerdote chamado Ananel, oriundo de uma das mais obscuras famílias, e investiu-o nesse cargo. Alexandra, mãe de Hircano e viúva de Alexandre, filho do rei Aristobulo, de quem ela tivera um filho de nome Aristobulo, como o avô, e uma filha de nome Mariana, mulher de Herodes, ficou muito sentida com a injustiça que este fez ao filho, preterindo-o para honrar com tão excelsa dignidade um homem de nenhum mérito.

Ela então escreveu a Cleópatra, por meio de um músico, rogando-lhe que pedisse a Antônio o cargo para o filho. A rainha prestou-lhe de boa mente aquele favor, mas nada pôde obter. Ao mesmo tempo, Célio, que era muito amigo de Antônio, veio à Judéia para alguns negócios e admirou-se da beleza extraordinária de Aristobulo e de Mariana, e da felicidade de Alexandra, por ter posto no mundo tais filhos. Aconselhou-a a mandar retratos deles a Antônio, não duvidando que ele, depois de os ter visto, faria tudo o que ela desejava. Ela acreditou, e Gélio, ao regressar para junto dele, exagerou a beleza deles, afirmando que mais pareciam divindades que criaturas humanas, e tudo fez para suscitar nele o amor por Mariana. Antônio, porém, julgou que não seria justo obrigar um rei seu amigo a enviar-lhe a própria mulher. Além disso, temia a inveja e o ciúme de Cleópatra. Assim, contentou-se em escrever a Herodes, pedindo que lhe enviasse Aristobulo por algum pretexto honesto, se isso não lhe viesse a causar nenhuma aflição.

Herodes julgou arriscado enviar uma pessoa da origem, beleza e idade de Aristobulo, que então contava apenas dezesseis anos, a um homem de posição tão elevada como Antônio, que era também o mais voluptuoso dos romanos, pois podia ocultar a sua volúpia pela confiança que tinha em seu poder. Assim, respondeu-lhe que Aristobulo não poderia sair da Judéia sem perigo de uma guerra, pela esperança que tinham os judeus de ser beneficiados por uma troca de rei.

633. Herodes, depois de se desculpar perante Antônio, julgou conveniente dar atenção também a Aristobulo e a Alexandra e não descontentar Mariana, que insistentemente pedia o sumo sacerdócio para o irmão. Ele julgou também vantajoso tirar a Aristobulo qualquer ocasião de sair do país sob pretexto de viagem. Reuniu em seguida os seus amigos mais íntimos e queixou-se muito de Alexandra, dizendo que ela trabalhava secretamente para tirar-lhe a coroa e para fazer com que Antônio, por meio de Cleópatra, a entregasse ao filho, e que nisso ela era ainda mais culpada, pois não poderia obtê-lo sem fazer a filha descer do trono e sem tirar ao genro uma honra que ele conquistara com muitos sofrimentos e perigos, mas que ele desejava, no entanto, esquecer essa injustiça e demonstrar em atos o seu afeto por ela e pelos seus, outorgando ao filho dela o sumo sacerdócio que Ananel exercera até então por causa da pouca idade de Aristóbulo.

Essas palavras, que Herodes premeditara para enganar as princesas e os amigos, comoveram Alexandra, tanto pela alegria de obter o que tão ardentemente desejava quanto pelo temor de ver que Herodes havia descoberto os seus desígnios, e de tal modo que, banhada em lágrimas, ela lhe confessou que tudo o que tentara referente ao sumo sacerdócio fora na persuasão de que seria vergonhoso para o filho ver outro homem no cargo. Quanto ao que se referia ao reino, porém, não tivera a menor idéia de pretendê-lo para o filho, e, ainda que o oferecessem, ela não aceitaria, pois era uma grande honra ver a filha reinar com ele e sua família, e nada tinha a temer. Por isso, vencida pelos benefícios, ela recebia com gratidão a honra que ele fazia ao filho, e Herodes podia ter a certeza de que ele lhe seria submisso. Rogou-lhe ainda que perdoasse tudo o que os sentimentos de sua origem e a injustiça que julgava se fazia a Aristóbulo a tinham levado a empreender. Em seguida, depois dessas palavras, apertaram-se as mãos, para mostrar que a reconciliação era verdadeira. E todos julgaram que, de fato, não havia mais entre eles nenhum motivo de desconfiança.

CAPITULO 3

HERODES TIRA O CARGO DE SUMO SACERDOTE DE ANANEL E O ENTREGA A ARISTÓBULO. MANDA PRENDER ALEXANDRA E ARISTÓBULO QUANDO ELES

TENTAM PROCURAR CLEÓPATRA PARA SE SALVAR. FINGE RECONCILIAR-SE COM ELES. MANDA AFOGAR ARISTÓBULO E ORDENA-LHE MAGNÍFICOS FUNERAIS.

634. Logo depois, o rei Herodes tirou o sumo sacerdócio de Ananel, o qual, embora fosse da família dos sacerdotes, passava por estrangeiro porque era da raça dos judeus que moravam em grande número além do Eufrates. Herodes honrara-o com aquela dignidade logo que subira ao trono, mas apenas porque era um grande amigo. E tirou-a somente porque julgou necessário, para acalmar as divergências em família, pois aquele cargo era concedido não por algum tempo, mas para sempre, e não se podia tirá-lo de alguém sem cometer uma injustiça. Antíoco Epifânio foi o primeiro a violar essa lei, quando depôs Jesus para colocar Onias em seu lugar. Aristóbulo foi o segundo, quando tirou o cargo de Hircano, seu irmão, a fim de tomá-lo para si mesmo. E Herodes foi o terceiro, quando, para ter paz em casa, o entregou a Aristóbulo, vivendo ainda Ananel.

635. Essa reconciliação, todavia, não impediu que Herodes continuasse com as suas desconfianças. Julgou que Alexandra, depois do que ela havia feito, não deixaria de provocar uma rebelião, se ocasião para tal se apresentasse. Assim, proibiu-a de sair do palácio e de intrometer-se em qualquer coisa. Mandou vigiá-la com tanto cuidado que nada fazia ela que não lhe fosse logo relatado. Como era muito orgulhosa, coisa natural nas mulheres, ela suportava com grande revolta aquele indigno tratamento, pois preferia sofrer qualquer coisa a perder a liberdade. Sob pretexto de honra, faziam-na passar a vida numa verdadeira escravidão e em contínuo temor. Assim, ela resolveu escrever à rainha Cleópatra, rogando-lhe que tivesse compaixão dela e de sua infelicidade e a ajudasse. A princesa mandou dizer-lhe que tentasse fugir com o filho para o Egito.

Alexandra aprovou o conselho e ordenou a dois de seus servidores de mais confiança que fizessem duas caixas em forma de ataúde, numa das quais ela se encerraria, e na outra estaria o seu filho, para de noite serem levados a bordo de um navio que já estava preparado para partir para o Egito. Esopo, um desses servidores, falou disso a Sabiom, julgando que ele sabia do caso, pois passava por muito amigo de sua senhora e grande inimigo de Herodes — até

mesmo se suspeitava que ele fosse um dos cúmplices no envenenamento de Antipatro. Esse homem, porém, feliz por haver encontrado tão favorável ocasião para conquistar o afeto de Herodes, foi manifestar-lhe a intenção de Alexandra de fugir para o Egito. Herodes, que não era menos vingativo que inteligente, deixou-a executar livremente o seu intento com o filho, sem detê-los, senão quando já eram levados naquelas caixas em forma de ataúde.

Como ele não ousava causar mal a Alexandra, para que Cleópatra não ficasse ressentida, fingiu perdoá-la e mostrou-se clemente para com mãe e filho, num excesso de bondade. Mas no seu coração resolveu eliminar Aristóbulo de qualquer maneira. Esperaria mais um pouco, no entanto, para melhor ocultar os seus intentos. A festa dos Tabernáculos, uma das que nós celebramos com maior solenidade, havia chegado, e ele a quis passar em banquetes com o povo. Mas um fato que aconteceu nessa ocasião aumentou de tal modo a sua inveja por Aristóbulo que ele não pôde esperar mais para executar o seu projeto. Eis como as coisas se passaram:

636. Esse príncipe, que então contava dezessete anos, revestido com os ornamentos de sumo sacerdote, subiu ao altar para oferecer a Deus os sacrifícios ordenados na Lei. A sua extraordinária beleza e a figura esbelta, que sobrepujava em muito os de sua idade, fizeram brilhar de tal modo em sua pessoa a majestade de sua descendência que ele atraiu sobre si os olhos e o afeto de toda aquela grande multidão. Esse fato renovou no espírito do povo a lembrança dos grandes feitos de Aristobulo, seu avô. O povo não pôde esconder a sua alegria, e as aclamações e votos ao jovem príncipe foram manifestados com excessiva liberdade, não recomendável sob o reinado de um soberano tão invejoso e cioso de sua autoridade como Herodes.

Essa demonstração de sentimentos pela família de Aristobulo e de gratidão pelos favores dele recebidos irritaram-no tanto que ele não quis adiar mais a execução do que tinha em mente. Assim, passada a festa, foi a um banquete que Alexandra oferecia em Jerico. Ali, como para homenagear Aristobulo, ele demonstrou prazer em assistir aos divertimentos dos moços. Com essa intenção, foi a um lugar ideal para o seu propósito. Sendo um dia de muito calor, os moços ficaram logo cansados de jogar e foram descansar e abrigar-se dos ardores do sol do meio-dia num jardim, onde se puseram a

contemplar alguns dos companheiros e servidores que se banhavam. Herodes fez com que Aristobulo fosse banhar-se com eles, e então aqueles que ele havia levado para esse fim atiraram-se também à água e, como brincadeira, fizeram Aristobulo mergulhar, mas não o deixaram emergir, até que ele morreu afogado. Esse foi o triste fim de Aristobulo, que contava apenas dezoito anos e somente por um ano exercera o sumo sacerdócio. Herodes logo o restituiu a Ananel.

Quem poderia exprimir a dor da mãe e da irmã desse infeliz príncipe? Elas derramavam lágrimas junto ao seu corpo e estavam inconsoláveis. A notícia espalhou-se logo por toda a Jerusalém e encheu a cidade de luto. Não havia uma casa ou família que não considerasse aquela perda como própria. Nenhuma outra dor, porém, se igualava à de Alexandra, e o conhecimento da traição que tão cruelmente lhe arrebatara o filho aumentava-a ainda mais. Era, no entanto, obrigada a dissimular, pelo temor de um mal maior. Veio-lhe muitas vezes à mente a idéia de matar-se, mas se conteve, na esperança de que, sobrevivendo ao filho sem mostrar o que sabia a respeito de sua morte, encontraria talvez ocasião para vingá-la. Herodes, por sua vez, usava de todos os meios para persuadir a todos de que não tivera naquilo a mínima participação, e não somente com palavras procurava demonstrar a sua tristeza e pesar, mas a elas ajuntava lágrimas, as quais pareciam tão espontâneas que poderiam passar por verdadeiras.

A verdade, porém, é que ele julgava que a sua segurança dependia daquela morte. No entanto não podia deixar de se comover pela morte de um príncipe de tão rara beleza, tirado do mundo na flor da idade. Fosse como fosse, ele fazia todo o possível para dar a entender que não era culpado daquele crime, e não poupou despesas para lhe organizar um magnífico funeral. Se a dor das princesas pudesse ter sido mitigada por demonstrações exteriores de afeto, tê-lo-ia sido, sem dúvida, pela quantidade de preciosos perfumes que ele fez queimar sobre o túmulo e pelos ornamentos de que o enriqueceu, com magnificência mais que real.

CAPÍTULO 4

HERODES É OBRIGADO A JUSTIFICAR-SE DIANTE DE ANTÔNIO PELA MORTE DE ARISTÓBULO E O CONQUISTA POR MEIO DE PRESENTES. ANTES DE PARTIR,

ORDENA A JOSÉ, SEU CUNHADO, QUE MANDE MATAR MARIANA, CASO ANTÔNIO O CONDENE À MORTE. JOSÉ CONTA-O IMPRUDENTEMENTE À PRINCESA, E HERODES MANDA MATÁ-LO, POR CIÚME. AVAREZA INSACIÁVEL E AMBIÇÃO DESMESURADA DE CLEÓPATRA.

637. A perda de um filho tão amável fez uma ferida tão profunda no coração de Alexandra que nada podia consolá-la. Seu penar renovava-se todos os dias, com sentimentos tão vivos que todos a animavam continuamente a se vingar. Ela escreveu então a Cleópatra, narrando como Herodes lhe havia arrebatado o filho, com tão detestável traição. A rainha, que sempre fora inclinada a ajudá-la, teve tanta pena de sua desdita que tudo fez para persuadir Antônio a vingar uma morte tão deplorável. Falou-lhe como de coisa horrível, na qual ia também algo da honra dele, pois Herodes, depois de ter sido por seu intermédio elevado ao trono, ao qual não tinha direito, praticara aquela rara crueldade, derramando o sangue daquele que era o legítimo possessor. Antônio ficou impressionado com essas palavras e, como não podia aprovar tão negra ação, caso fosse verdadeira, dirigiu-se a Laodicé, dando ordem para que Herodes fosse procurá-lo a fim de se justificar do crime de que o acusavam.

Herodes, que se sentia culpado e receava a ira de Cleópatra, que ele sabia incitar continuamente Antônio contra ele, temia muito essa viagem. A necessidade de obedecer, no entanto, o obrigou a empreendê-la, e ele deixou o governo do reino a)osé, seu cunhado,* ordenando-lhe em segredo que, se Antônio o condenasse, ele deveria imediatamente matar a rainha Mariana, sua mulher, pois ele a amava com tanta paixão que não podia tolerar que, depois de sua morte, ela passasse para outro homem. Além disso, considerava que ela era a causa de sua infelicidade, pois a fama de sua extraordinária beleza suscitara havia muito o amor de Antônio por ela. Depois de dar essas ordens, ele se pôs a caminho, com pouca esperança de um feliz êxito.

---

* A continuação da história nos faz ver que José era cunhado de Herodes, e não seu tio, como nos refere o texto grego.

638. Na ausência de Herodes, José ia freqüentemente visitar Mariana, quer para prestar-lhe a honra que lhe era devida, quer para tratar dos negócios do reino, e lhe falava constantemente do extremo amor que o rei seu marido tinha por ela. Quando ele notou que, em vez de mostrar que acreditava, ela se punha a zombar, e Alexandra, sua mãe, mais que ela ainda, um imprudente desejo de fazê-las mudar de sentimento levou-o a revelar a ordem que recebera, o que comprovava que Herodes não podia tolerar que a morte o separasse dela. Essas palavras, todavia, em vez de persuadir as princesas do afeto de Herodes, causaram-lhes horror, pela tirânica desumanidade que, mesmo após a morte, o tornava tão cruel para com a pessoa a quem ele mais amava na terra.

639. Os inimigos desse príncipe então fizeram correr a notícia de que Antônio mandara matar Herodes, depois de submetê-lo a diversos tormentos. Toda a cidade de Jerusalém ficou agitada, principalmente no palácio real e no das princesas. Alexandra exortou José a sair com ela e com Mariana, a fim de se colocarem sob a proteção das águias romanas — da legião comandada por Júlio, que estava acampada fora da cidade — e assim ficarem em segurança, caso houvesse algum tumulto, e também porque ela não duvidava de que quando Antônio visse Mariana obteria dele tudo o que quisesse, até mesmo a restauração ao trono e todas as outras honras e privilégios que o seu nascimento lhe permitia esperar.

Pensavam assim, quando receberam cartas de Herodes, contrariando essas notícias. Diziam que, tendo chegado onde Antônio estava, havia acalmado o seu espírito com grandes presentes, tornando-o tão favorável nas conversações que tivera com ele que não havia mais motivo para temer os maus ofícios de Gleópatra, porque Antônio afirmava que um refnão era obrigado a prestar contas a ninguém de suas ações com relação ao governo de seu território, pois se assim fosse deixaria de ser rei, não podendo agir com a autoridade que tal posição lhe concede, e que não importava, nem mesmo a Cleópatra, a maneira como os reis governam.

As cartas acrescentavam que não havia honras que ele não tivesse recebido de Antônio, o qual se servia de seus conselhos e o convidava todos os dias para banquetes, embora Cleópatra fizesse todos os esforços para destruí-lo, pelo desejo que tinha de ser rainha da Judéia. Mas a justiça de Antônio

estava à porta dos artifícios e calúnias da princesa, e assim ele voltaria logo, mais consolidado do que nunca em seu reino e no afeto de Antônio, sem que restasse a Cleópatra esperança alguma de prejudicá-lo, porque Antônio entregara a ela a Baixa Síria, com a condição de que desistisse das pretensões que tinha sobre a Judéia.

640. Essas cartas fizeram Alexandra — e também Mariana — abandonar a idéia de ficar sob a proteção das águias romanas, mas Herodes veio a sabê-lo. Salomé, sua irmã, e sua mãe disso lhe falaram logo que ele chegou a Jerusalém e depois que Antônio partiu em marcha contra os partos. Salomé fez ainda mais. Para se vingar de Mariana, que tinha o coração extremamente grande, mas havia censurado numa contestação entre ambas a baixeza da origem da outra, ela acusou José, seu próprio marido, de ter se portado muito familiarmente com a princesa. Herodes, que amava ardentemente Mariana, sentiu então até onde iam os seus ciúmes. Conteve-se, todavia, embora com dificuldade, para que não percebessem que a sua paixão o fazia perder o juízo. E, em particular, perguntou a Mariana que relações ela tivera com José. Ela protestou com juramento, do qual uma pessoa inocente pode se servir para a sua justificação, que nada houvera entre eles que ele viesse a ter motivo para se queixar.

Herodes, vencido pelo amor que lhe devotava, não somente acalmou o espírito como também pediu perdão por ter, ainda que levemente, prestado fé às palavras que lhe haviam dito. Demostrou ainda toda a satisfação que sentia por saber que ela era tão fiel e tudo fez para mostrar-lhe com que paixão a amava. Tantas provas de ternura fizeram, como acontece em casos semelhantes, com que ambos se pusessem a chorar e se abraçassem. Porém, ainda que Herodes se esforçasse por lhe incutir cada vez mais o seu amor, ela não pôde deixar de lhe dizer: "Achais então que é grande prova de amor ter ordenado que me mandassem matar, caso Antônio também vos tirasse a vida, embora eu jamais tivesse dado motivo para que ficásseis insatisfeito comigo?"

Essas palavras foram como uma punhalada no coração de Herodes. Ele afastou Mariana, a quem ainda estava abraçado, arrancou os cabelos e disse que já não podia duvidar de seu crime, pois era impossível que José lhe tivesse manifestado um segredo daquela importância sem que ela se tivesse entregado

a ele, para recompensá-lo pela traição. Ficou de tal modo transtornado pela cólera que a teria matado naquele mesmo instante, se a violência do amor não tivesse combatido a força do ciúme. Quanto a José, mandou imediatamente matá-lo, sem nem mesmo querer vê-lo ou ouvi-lo, e mandou meter Alexandra numa prisão, como sendo a causadora de todo aquele mal.

641. Nesse ínterim, a Síria estava convulsionada pela insaciável avareza de Cleópatra, a qual, abusando do poder que exercia sobre o espírito de Antônio, incitava-o continuamente contra os grandes do país, a fim de que ele os privasse de suas terras e possessões e as entregasse a ela. O amor que ela nutria pelas riquezas era tão grande que nada havia que não julgasse lícito para obtê-las. A sua ambição era tão desme.surada que ela mandou envenenar o irmão de quinze anos, ao qual pertencia o reino, e fez com que Antônio mandasse matar Asinoé, sua irmã, enquanto esta orava em Éfeso, no Templo de Diana. Ela não temia violar a santidade dos Templos, dos sepuicros ou dos asilos, se deles pudesse obter dinheiro. Não tinha escrúpulos em cometer sacrilégios, se lhe fossem úteis, nem diferençava os caminhos santos dos profanos, quando se tratava de seus interesses. Não tinha nenhuma dificuldade em calcar aos pés a justiça, contanto que daí lhe viesse alguma vantagem. Os tesouros todos da terra dificilmente seriam suficientes para satisfazer essa ambiciosa e voluptuosa princesa. Não devemos, portanto, nos admirar de que ela instigasse continuamente Antônio a despojar os outros para enriquecê-la.

Assim, não havia ainda entrado com ele na Síria, quando sonhou apoderar-se de toda a região. Mandou então matar Lisânias, filho de Ptolomeu, dizendo que ele favorecia os partos. Depois insistiu com Antônio que tirasse a Arábia e a Judéia de seus reis as entregasse a ela. No entanto, embora a paixão de Antônio por ela fosse tão violenta que parecia havê-lo enlouquecido, ele não quis cometer uma injustiça tão patente, que com certeza teria mostrado ao mundo que ele era escravo de uma mulher. E, para não aborrecê-la com uma negativa a todos os seus pedidos e também para não passar por injusto perante todos se neles consentisse, deu-lhe tudo o que se havia suprimido dessas duas províncias e todas as cidades situadas desde o rio de Eleutério até o Egito, exceto Tiro e Sidom, que ele sabia terem sido sempre cidades livres, não obstante os esforços que ela fazia para obtê-las.

CAPÍTULO 5

CLEÓPATRA VAI ÀJUDÉIA E INUTILMENTE PROCURA SUSCITAR AMOR EM HERODES. ANTÔNIO, APÓS CONQUISTAR A ARMÊNIA, CONTEMPLA ESSA PRINCESA COM MAGNÍFICOS PRESENTES.

642. Cleópatra, depois de acompanhar Antônio até o Eufrates, veio a Apaméia e a Damasco, enquanto ele marchava com o seu exército pela Armênia, e desejou também ver a Judéia. Herodes recebeu-a com grandes honras e tratou com ela a respeito das rendas da parte da Arábia a ela concedida por Antônio e do território de Jerico, o único lugar onde cresce o bálsamo, que passa pelo mais excelente de todos os perfumes, e onde se vêem em abundância as mais belas palmeiras no mundo.

Durante as diversas entrevistas que Herodes teve com a princesa, ela tudo fez para envolvê-lo amorosamente. E, como era muito impudica, certamente sentia atração por ele. No entanto, o mais verossímil é que o seu intento fosse o de por esse meio encontrar ocasião para destruí-lo. De qualquer modo, ela demonstrou sentir grande paixão por Herodes. Ele, que, ao contrário, nutria por ela grande aversão havia muito tempo, pois essa princesa sentia prazer em fazer mal a todos, não somente permaneceu insensível às suas carícias como se sentiu horrorizado pela sua falta de pudor, chegando a consultar os amigos se não era o caso fazê-la morrer e assim livrar muita gente dos males que ela causava, bem como dos que poderia vir a causar. Alegou ainda que estaria fazendo um favor a Antônio, pois se a sorte deixasse de lhe ser favorável, ele só poderia esperar dela infidelidade, em vez de auxílio. A sua intenção era libertar o mundo daquela inimiga declarada da virtude e da justiça.

Os amigos, porém, foram de opinião contrária. Disseram que não era vantagem um príncipe tão hábil como ele lançar-se em tão grave perigo; que não devia agir com tal precipitação; que era impossível Antônio não descobrir o seu ato; que, por maior benefício que Antônio viesse a obter com aquilo, a cólera por se ver daquele modo privado da princesa aumentaria ainda mais o seu amor por ela; que ele não escutaria nenhuma alegação em justificativa ao atentado à mais poderosa rainha de seu tempo, pois ainda que a sua morte lhe

fosse útil, não se poderia negar que ele com isso seria grandemente ofendido; e que, sendo evidente que Herodes nada podia empreender contra Cleópatra sem atrair sobre si e sobre a sua família grandíssimos males, julgavam que a melhor deliberação a tomar, depois que ele recusara corresponder ao amor da princesa, era fazer em tudo o mais o que fosse possível para contentá-la. Herodes deixou-se persuadir por essas razões. Então, serenou Cleópatra com grandes presentes e levou-a até o Egito.

Depois que Antônio conquistou a Armênia, mandou Artabaso, filho de Tigrano, e os príncipes seus filhos como prisioneiros ao Egito e deles fez presente a Cleópatra, junto com o que havia conquistado de mais precioso naquele reino. Artáxio, filho mais velho de Artabaso, que havia fugido ante a notícia dessa guerra, reinou depois no lugar de seu pai. Mas Arquelau e o imperador Nero o expulsaram do reino, colocando Tigrano, o mais novo de seus irmãos, no trono.

Quanto aos tributos dos países que Antônio entregara a Cleópatra, Herodes pagava-os rigorosamente à princesa, porque ele bem sabia o quanto lhe era conveniente não dar a ela motivo para que o odiasse. Depois que a cobrança desses tributos passou a pertencer a Herodes, os árabes pagaram-lhe durante algum tempo duzentos talentos por ano. Depois passaram a lhe tributar apenas parte desse valor.

CAPÍTULO 6

HERODES PRETENDE SOCORRER ANTÔNIO CONTRA AUGUSTO. ANTÔNIO, PORÉM, OBRIGA-O A CONTINUAR OS PLANOS DE GUERRA AOS ÁRABES. HERODES ENTRA NO PAÍS DOS ÁRABES, VENCE-OS, MAS PERDE OUTRA LUTA, QUANDO JULGAVA TER VENCIDO A GUERRA.

643. Herodes, cuja coragem não podia tolerar tal injustiça e desprezo dos árabes, preparava-se para entrar com armas no país deles, quando uma grande guerra civil rebentou entre os romanos, para se decidir a quem pertenceria o império do mundo, se a Antônio ou a Augusto. A batalha de Áccio, que se travou na centésima octogésima sétima Olimpíada, decidiu a sorte em favor de Augusto. Como o rei dos judeus devia a Antônio muitas obrigações e o longo e

pacífico domínio de um país tão abundante em pastagens e gado, além de outras grandes rendas, que o haviam tornado extremamente rico, ele preparou grandes forças para ir em seu auxílio. Mas Antônio mandou dizer-lhe que não precisava delas e que, tendo sabido por ele e pela rainha Cleópatra da perfídia dos árabes, preferia que Herodes marchasse contra eles. Cleópatra, que estava muito satisfeita por ver os judeus e os árabes em luta, enfraquecendo-se uns aos outros, foi causa dessa resposta de Antônio, que obrigou Herodes a mudar de idéia.

Em seguida, Herodes entrou na Arábia com um poderoso exército e avançou para Dióspolis, e os árabes vieram contra ele. Travou-se o combate, que foi muito sangrento, mas os judeus foram vitoriosos. Os árabes reuniram um novo exército perto de Canate, na Baixa Síria. Herodes marchou contra eles com a maior parte de suas tropas e, quando estava perto, decidiu acampar e fortificar o seu acampamento, a fim de esperar o tempo mais conveniente para atacá-los. Os soldados, porém, instaram com ele em altos brados para que não adiasse mais a luta e os levasse logo à batalha, pois a vitória que haviam conquistado e a confiança nas próprias forças tornara-os corajosos.

Herodes julgou que não devia deixar esfriar aquele entusiasmo e aproveitou a ocasião para dizer que não lhes seria inferior em coragem. Então pôs-se à frente deles e marchou contra os inimigos. A ousadia com a qual partiu contra os árabes encheu estes de admiração, de modo que a maior parte fugiu — e teriam sido completamente derrotados, se Ateniom, general das tropas de Cleopatra naquele país, não o tivesse impedido. Como ele odiava Herodes, esperou com as suas tropas, em boa ordem, o advento da batalha, com a intenção de não se declarar por nenhum partido, caso os árabes levassem vantagem. Mas quando viu que estavam sendo derrotados, atacou os judeus, já cansados do combate. Apanhou-os justamente quando já se julgavam vitoriosos e, pensando que nada mais tinham a temer, começavam a se desorganizar. Não foi difícil par ele matar um grande número deles, tendo ainda a vantagem de conhecer a região, que era muito pedregosa e difícil.

Então os árabes retomaram coragem e voltaram para atacar os judeus, que não estavam mais em condições de resistir. A mortandade foi tão grande que apenas uma pequena parte das tropas pôde, com dificuldade, retirar-se do

campo. Herodes correu a toda brida para trazer outras tropas em socorro, mas não pôde impedir que o acampamento fosse saqueado. Assim, os árabes, por uma facilidade inesperada, obtiveram a vitória quando já se julgavam vencidos e destruíram um poderoso exército. Herodes evitou desde aquele dia travar novo combate. Contentou-se em acampar nos montes e fazer pequenas incursões naquele país e com isso obteve grande lucro, pois esse trabalho, ao qual acostumou os seus, permitiu-lhes reparar a perda que haviam sofrido.

CAPÍTULO 7

ESTRANHO TREMOR DE TERRA EM JERUSALÉM. OS ÁRABES ATACAM OS JUDEUS E MATAM OS EMBAIXADORES ENVIADOS POR ESTES PARA PEDIR A PAZ.

644. No sétimo ano do reinado de Herodes, o mesmo em que se deu a batalha de Áccio, entre Augusto e Antônio, aconteceu na Judéia o maior terremoto de que ali se teve notícia. A maior parte do gado morreu, e cerca de dez mil homens ficaram esmagados sob as ruínas de suas casas. Os soldados não sofreram mal algum porque estavam acampados ao ar livre. Não se pode calcular como essa perda, que se dizia ainda maior, pelo ódio que as outras nações tinham da nossa, levantou o ânimo dos árabes. Eles imaginaram que todas as nossas cidades haviam sido destruídas e que não restava mais ninguém para lhes resistir. Assim, em vez de sentir pena da infelicidade dos judeus, eles mataram os embaixadores que estes lhes haviam mandado para pedir a paz e marcharam contra o nosso povo com ardor não menor que a solicitude ou a alegria.

Os judeus não ousaram esperá-los, porque o infeliz resultado na guerra, as perdas que o terremoto havia causado e a pouca probabilidade de receber socorro os abateram de tal modo que, não sendo mais movidos pelo amor do bem público, estavam prestes a se abandonar a um completo desespero. Em tão extrema consternação, Herodes tudo fez para despertar a coragem de seus chefes e, vendo que os mais valentes começavam a conceber melhores esperanças, atreveu-se a falar às tropas, coisa que antes não ousara fazer, pois notara, em outras ocasiões, que quando a sorte lhes era contrária, eles nada

queriam escutar.

CAPÍTULO 8

DISCURSO DO REI HERODES AOS SOLDADOS, QUE LHES RESTITUI A CORAGEM, E ELES OBTÊM VITÓRIA CONTRA OS ÁRABES E OS OBRIGAM A TOMAR HERODES COMO SEU PROTETOR.

645. Disse-lhes o soberano: "Não ignorais, certamente, as desgraças que retardaram o nosso progresso de algum tempo para cá. Elas foram tão grandes que não se pode achar estranho que tenham amedrontado até mesmo os mais ousados. Mas, como os podemos vencer com a nossa virtude — toda a razão está do nosso lado —, por que não esperar mais do futuro e não retomar aqueles primitivos sentimentos de generosidade que nos tornaram temíveis aos inimigos? A única razão dessa guerra deve ser suficiente para vos animar, pois não a tendo empreendido senão para repelir injúrias intoleráveis, nada pode ser mais justo. Os males que nos afligem não nos devem fazer desesperar da vitória. Torno-vos a todos como testemunhas dos ultrajes que recebemos desses bárbaros, os mais pérfidos e ímpios de todos os homens. Por maiores que sejam os motivos que todos os seus vizinhos tenham para se queixar deles, ninguém experimentou como nós os efeitos de sua avareza e inveja. Que direi de sua ingratidão, sem falíir das outras obrigações que eles nos devem? Pois, podem eles negar que fui eu, pelo afeto que Antônio sempre me demonstrou, quem impediu que eles caíssem sob o domínio de Cleópatra? Quando essa princesa obteve de Antônio parte do país deles e do nosso, acaso deixei de ajudá-los ou não procurei a tranqüilidade dos dois povos com os presentes que lhes fiz de meus próprios bens? Por esse motivo, pago duzentos talentos cada ano e sou fiador de outros tantos, e, embora as terras das quais se exige esse tributo nos pertençam, são esses bárbaros que as possuem. Sendo judeus como nós, que motivo têm para nos obrigar a pagar esse tributo e nos tirar parte de nossos bens para dá-los a outro país que nos é devedor de sua salvação? É ainda mais injusto, porém, que aqueles que não podem negar ter obtido a liberdade pelo nosso auxílio, os quais nos apresentaram os seus agradecimentos por isso, tenham recusado, em plena paz e no tempo em que se diziam nossos amigos,

pagar o que nos deviam. Como se pode, sem infâmia, faltar à palavra aos amigos, quando se é obrigado a mantê-la aos próprios inimigos? Um povo tão brutal só acha honesto aquilo que lhe é útil e julga que as injúrias devem ficar impunes quando são vantajosas aos que as fazem. Quem pode então duvidar de que não somos obrigados a nos vingar pelas armas das ofensas que recebemos desses bárbaros? Deus mesmo no-lo ordena, quando nos manda odiar a insolência e a injustiça, e esta guerra não é somente justa, mas necessária. Pois, matando os nossos embaixadores, como fizeram, não cometeram eles, segundo o juízo dos gregos e mesmo o das nações selvagens, o maior de todos crimes? Quem não sabe que entre os gregos o nome de arauto é sagrado e inviolável? Com muito maior razão deve sê-lo entre nós, que recebemos de Deus as nossas santas leis, pelo ministério dos anjos, que são os seus arautos e mensageiros. E essa uma prerrogativa que não podemos deixar de honrar, pois serve para levar os homens ao conhecimento de Deus e reconciliar os mais mortais inimigos. O que então é mais horrível que manchar as próprias mãos no sangue daqueles que vêm fazer propostas muito razoáveis e que feliz êxito podem esperar os que cometeram tão detestável ação? Dir-se-á, talvez, que é verdade que a razão está conosco, mas que eles são mais fortes. Respondo que isso não tem valor, pois Deus está sempre do lado da justiça e em toda parte onde Ele está o seu poder infinito aí também se faz presente. E, considerando apenas as nossas próprias forças, não os vencemos no primeiro combate e não os desbaratamos no segundo, sem que eles ao menos tivessem ousado resistir aos primeiros ataques? E não teríamos sido plenamente vitoriosos se Ateniom, por uma pérfida manobra, à qual não se pode dar o nome de valor, não nos tivesse atacado, sem antes nos declarar guerra? Por que então agora, que temos mais motivo de bem esperar, demostraríamos menor coragem que no passado? Por que temeríamos àqueles aos quais sempre vencemos quando não usam de fraude e a quem somente a traição faz obter a vitória? Se eles fossem mesmo tão temíveis como querem fazer crer, não deveria isso fortalecer a nossa coragem, em vez de enfraquecê-la? Pois o verdadeiro valor não consiste em sobrepujar os fracos e os tímidos, e sim em vencer os mais bravos e os mais valentes. Se eles julgam que os nossos problemas domésticos e esse último tre-mor de terra nos deixaram atônitos, devem considerar que foi isso mesmo o que

enganou os árabes, pois eles julgaram o mal maior do que ele era na realidade, e nada nos seria mais vergonhoso que sentir medo daquilo que lhes dá coragem. Pois na verdade o valor que eles demonstram não procede da confiança nas próprias forças, mas por nos considerarem abatidos e esmagados por tantos males. Assim, quando nos virem marchar corajosamente contra eles, o seu ardor esvair-se-á, o seu medo aumentará a nossa coragem e teremos apenas de combater homens semivencidos. Os nossos males não foram tão grandes como eles e outros apregoam, pois o terremoto não foi causado pela cólera de Deus contra nós, mas por um daqueles acidentes com causas naturais. E, mesmo que tivesse acontecido pela vontade de Deus, não poderíamos duvidar de que a sua cólera já está satisfeita com esse castigo, pois de outro modo Ele não o teria feito cessar nem manifestaria, como fez, com sinais evidentes, que aprova a justa guerra que empreendemos. Esse terremoto foi geral para todo o resto do reino, e somente vós, que estáveis em armas, dele fostes preservados. Assim, se todo o povo estivesse como vós, na guerra, ninguém teria sofrido mal algum. Depois de termos ativamente considerado todas essas coisas, principalmente sabendo que Deus em tempo algum deixou de ser o nosso protetor, marchai com firme confiança na justiça de vossa causa contra essa pérfida nação, que violou os tratados mais sagrados, que sempre fugiu diante de nós e que só demonstrou coragem para assassinar os nossos embaixadores".

646. As palavras de Herodes animaram de tal modo as tropas que nada mais queriam senão partir para a luta. Ele ordenou sacrifícios segundo o costume e, sem perda de tempo, fez com que todos os soldados atravessassem o Jordão para marchar contra os árabes e acampou perto deles. Havia entre os exércitos um castelo do qual ele poderia tirar vantagem, tanto se fosse travada a batalha quanto se fosse necessário passar além para escolher um acampamento mais seguro. Ele resolveu tomá-lo. Os árabes tinham o mesmo objetivo, e a batalha teve início, depois de algumas pequenas escaramuças. Vários foram mortos, e os árabes fugiram. Os judeus perseguiram-nos, com intenção de atacá-los até mesmo no acampamento, e eles então foram obrigados a parar para se defender, embora estivessem em completa desordem e sem esperança de vitória.

Depois desse grande combate, onde muitos perderam a vida, os árabes fugiram definitivamente, e cinco mil foram mortos pelos judeus e por eles mesmos, tanto se esforçavam e se comprimiam para salvar-se. O resto retirou-se para o acampamento, embora já tivessem falta de víveres e de água e se vissem cercados pelos judeus. Tal contingência obrigou-os a propor a Herodes fazer tudo o que ele desejava, contanto que os deixasse partir e lhes permitisse matar a sede. Mas ele não quis escutar os embaixadores nem receber o dinheiro que ofereciam como resgate e nem aceitar qualquer outra condição, tal o seu desejo de vingar-se daqueles que tinham violado o direito das gentes. Então, não podendo mais suportar tão ardente sede, quatro mil árabes se apresentaram no quinto dia do cerco para ser acorrentados como escravos.

No dia seguinte, o resto resolveu sair para morrer de armas na mão, preferindo isso a expor-se a tão grande infâmia. Fizeram o que intentavam, mas estavam tão fracos e com o espírito tão abatido que nenhum esforço puderam fazer. Desejavam apenas morrer, temendo unicamente ficar vivos. Cerca de sete mil morreram desde o primeiro choque. Tão grande perda abateu completamente o orgulho daquela nação, que se admirou, em sua desgraça, do valor e do proceder de Herodes e tomou-o como protetor.

CAPÍTULO 9

ANTÔNIO É DERROTADO POR AUGUSTO NA BATALHA DE ÁCCIO. HERODES MATA HIRCANO E QUAL O PRETEXTO PARA ISSO. DECIDE PROCURAR AUGUSTO. ORDENS QUE DÁ ANTES DE PARTIR.

647. Depois de tão vantajoso resultado, Herodes voltou a Jerusalém cheio de honras e de glória. Mas, quando parecia viver na mais franca prosperidade, a vitória de Augusto sobre Antônio, em Áccio, o colocou em tão grande perigo que ele se julgou perdido. Todos os seus amigos e inimigos eram do mesmo parecer, pois ninguém se podia persuadir de que aquela grande amizade entre ele e Antônio não lhe viesse causar a própria ruína. Assim, os que deveras o amavam não podiam dissimular a dor que sentiam. Os que o odiavam fingiam lamentá-lo, embora no coração sentissem grande alegria, pois assim podiam esperar alguma mudança nos acontecimentos.

Como Hircano era o único de família real, Herodes julgou necessário mandar matá-lo, a fim de que, se conseguisse escapar de tão grande perigo, ninguém pudesse pretender a coroa, com prejuízo seu. Ou, se Augusto mandasse matá-lo, ele teria pelo menos a consolação de saber que Hircano não teria o prazer de sucedê-lo. Alimentava ele esses pensamentos, quando a família onde ele se havia hospedado ofereceu-lhe uma oportunidade para executar o seu desígnio.

Hircano era por natureza excessivamente manso e jamais se ocupara completamente dos negócios. Tudo ele entregava à sorte e recebia de sua mão o que ela mandava, sem demonstrar descontentamento. Sua filha Alexandra, que, ao invés, era ambiciosa, não se podia contentar com a esperança de uma modificação. Ela solicitava-lhe sem cessar que não permitisse por mais tempo a Herodes perseguir assim a sua família e pensasse em sua segurança, conservando-se para uma sorte melhor. Aconselhou-o a escrever a Malque, que então governava a Arábia, e pedir-lhe proteção e refúgio junto dele, não havendo dúvida de que, se a sorte de Herodes fosse tão má como o ódio de Augusto contra ele dava motivos para crer, a nobreza de sua família e o afeto que todo o povo lhe consagrava poderiam fazê-lo voltar ao trono.

Hircano de início rejeitou a proposta, mas Alexandra não deixava de apresentar as probabilidades que ele tinha: de um lado, esperar chegar à coroa; de outro, temer a traição e ^crueldade de Herodes. Ele deixou-se convencer, por fim, à insistente importunação. Escreveu a Malque por meio de um amigo, de nome Dositeu, rogando que lhe mandasse alguns cavaleiros que pudessem levá-lo até o lago Asfaltite, distante trezentos estádios de Jerusalém. Hircano e Alexandra escolheram Dositeu por julgarem-no um homem inteiramente dedicado a eles e inimigo de Herodes, pois era parente de José, a quem o rei mandara matar e também porque Antônio matara em Tiro dois de seus irmãos. Ele, porém, foi-lhes infiel. Na esperança de obter vantagens, entregou a carta nas mãos de Herodes.

O soberano demonstrou muita satisfação e reconhecimento e pediu a ele outro favor: levar a carta ao destinatário, Malque, e trazer-lhe a resposta, pois importava conhecer os sentimentos deste. Dositeu cumpriu fielmente todas essas incumbências, e o árabe, por meio dele, mandou a Hircano a resposta,

dizendo que o receberia, bem como a todos os judeus de seu partido, que mandaria uma escolta para conduzi-lo em segurança e que o ajudaria em tudo. Herodes, de posse dessa carta, mandou chamar Hircano ao seu conselho e perguntou-lhe que tratado ele fizera com Malque. Respondeu este que nenhum tratado havia feito. O rei então apresentou-lhe a carta e ordenou imediatamente que o matassem.

Foi assim que o próprio Herodes narrou esse fato nos seus comentários. Outros dizem que não foi por esse motivo que ele mandou matar Hircano, mas porque este havia atentado contra a sua vida, e contam o caso deste modo: Herodes perguntou a Hircano, num banquete, sem manifestar a sua desconfiança, se ele havia recebido alguma carta de Malque. Ele respondeu que sim, mas somente de saudação. Herodes acrescentou: "Não recebestes presentes, também?" Hircano respondeu: "Sim, mas somente quatro cavalos para o meu carro". Herodes então, acusou-o de traição e de se ter deixado subornar e ordenou que o matassem.

Esses mesmos escritores, para mostrar que Hircano era inocente, dizem que, tendo desde a sua mocidade — e mesmo depois de ser feito rei — demonstrado excessiva mansidão, grande prudência e moderação e tendo agido quase sempre a conselho de Antípatro, pai de Herodes, não havia nenhuma razão, visto que o rei Herodes estava bem firme no trono, para ele ter saído, na idade de oitenta anos, de além do Eufrates, onde era muito honrado, para viver sob a sua dominação e se entregar a um empreendimento tão alheio à sua natureza. Porém, há muito mais motivo para se crer que esse pretenso crime lhe tenha sido atribuído pelo próprio Herodes.

Assim morreu Hircano, cuja vida foi agitada por muitas e graves perturbações. Ele foi constituído sumo sacerdote sob o reinado de Alexandra, sua mãe, e exerceu esse cargo durante nove anos. Sucedeu no reino a essa princesa e foi deposto três meses depois por Aristóbulo, seu irmão. Pompeu restaurou-o, e ele governou durante quarenta anos. Foi depois exilado por Antígono, castigado e levado como escravo pelos partos. O rei colocou-o em liberdade, e ele voltou à Judéia. E não somente não viu a realização das promessas que Herodes havia feito, como, após passar uma vida cheia de incertezas e amarguras, terminou os seus dias em adiantada velhice com uma

morte deplorável, que não havia absolutamente merecido. Como era muito manso, moderado e amante da tranqüilidade e sabia não ter as condições necessárias para governar, servia-se em quase tudo do ministério de outrem. Essa excessiva bondade deu a Antípatro e a Herodes ocasião para se elevarem ao auge da autoridade e levarem a coroa à família deles. A morte foi a recompensa que esse infeliz príncipe recebeu da ingratidão de Herodes.

648. Depois que Herodes se desfez de Hircano, foi procurar Augusto, de quem nada esperava de favorável, por causa da inimizade que havia entre este e Antônio. Temia ao mesmo tempo que Alexandra aproveitasse a sua ausência para amotinar o povo contra ele e perturbar a nação. Ele deixou o governo a Feroras, seu irmão. Colocou Cipro, sua mãe, sua irmã e todos os seus parentes na fortaleza de Massada e ordenou a Feroras que, se na sua viagem algo de mal lhe viesse a suceder, tomasse o governo do reino.

Quanto a Mariana, que não se acertava com Cipro nem com Salomé, ele a colocou com Alexandra, sua mãe, no castelo de Alexandriom, cuja guarda confiou a José, seu tesoureiro, e a Soeme Itureu, em quem desde o começo de seu reinado depositara sempre a sua inteira confiança. Tomou como pretexto querer prestar às princesas essa honra, mas deu a esses dois homens ordens secretas, caso a viagem lhe corresse mal: deveriam matá-las logo que tivessem notícias de sua morte e depois ajudar Feroras com todas as suas forças a conservar o reino aos seus filhos.

Capítulo 10

Herodes fala com toda generosidade a Augusto e conquista a sua amizade. Acompanha-o ao Egito e o recebe em Ptolemaida com tão extraordinária magnificência que granjeia a estima de todos os romanos.

649. Depois que Herodes providenciou tudo, embarcou para Rodes, onde foi procurar Augusto. Compareceu à sua presença com todos os ornamentos da dignidade real, exceto a coroa, e jamais demonstrou maior coragem na maneira de falar. Pois, em vez de usar de rogos e amáveis desculpas, para induzir o rei a perdoá-lo, como se faz ordinariamente em tão grande golpe da fortuna, prestou-lhe contas de seu proceder sem demonstrar o mínimo temor. Confessou que

nada podia acrescentar ao afeto que nutrira por Antônio; que contribuíra com todas as suas posses para conservar o império do mundo em seu poder; que se não estivesse ocupado com os árabes, teria unido as suas armas às dele; que esse motivo o impedira, mas ainda assim lhe enviara trigo e dinheiro; que desejaria ter feito muito mais, empregando não somente os seus bens, mas a sua vida por um amigo e benfeitor, como sempre fora Antônio para ele; que, pelo menos, não poderiam acusá-lo de ter abandonado Antônio na batalha de Accio, nem de que a mudança de sorte o tivesse feito mudar de idéia, para abraçar outros interesses e abrir caminho a novas esperanças.

Ele acrescentou: "Quando me vi sem condições de ajudá-lo com as minhas tropas e com a minha pessoa, dei-lhe um conselho que teria impedido a sua ruína se ele o tivesse seguido: matar Cleópatra, apoderar-se do seu reino e poder assim fazer convosco uma paz muito vantajosa. Ele desprezou esse conselho e contribuiu assim para o aumento de vossa fortuna, em vez de conservar a dele. O vosso ódio por ele vos faz condenar o meu afeto. Eu, porém, não deixarei de confessá-lo e nada me impedirá de proclamar em alta voz quão grande era a minha paixão por seus interesses e por sua pessoa. Mas se quiserdes, sem considerar o que se passou entre mim e ele, experimentar que amigo eu sou e o meu reconhecimento para com os meus benfeitores, podeis fazer a prova: bastará mudarmos os nomes, e haverá sempre a mesma amizade, digna dos mesmos louvores".

Herodes, ao pronunciar essas palavras, manifestara tanta coragem que Augusto, extremamente generoso, ficou muito impressionado, pois aquele rei dos judeus não somente evitou o perigo que o ameaçava como também conquistou o seu afeto com aquela maneira tão nobre de se justificar e defender. Permitiu-lhe então que retomasse a coroa e exortou-o a ser tão amigo seu quanto o fora de Antônio. Tratou-o honrosamente, manifestando também a sua gratidão por ter ele ajudado Lépido parente vários príncipes. Para dar-lhe uma prova de sua amizade, confirmou-o na posse do reino por um decreto do senado. Herodes, cumulado de tantos favores, que sobrepujavam em muito as suas esperanças, acompanhou Augusto ao Egito e deu a ele e aos seus adjuntos magníficos presentes, que iam mesmo além de suas posses. Pediu a Augusto com muita insistência graça para Alexandre, que havia sido amigo de

Antônio, mas não pôde obtê-la, pois Augusto jurara não concedê-la.

650. A volta de Herodes à Judéia com um novo acréscimo de honra e de autoridade causou grande admiração a todos os que esperavam o contrário. E eles só podiam considerar tal fato uma prova da proteção de Deus sobre ele, que escapava com rara felicidade de todos os perigos que o ameaçavam e ainda tornava a sua vida mais brilhante e mais ilustre.

651. Quando Augusto passou da Síria ao Egito, Herodes não se contentou em recebê-lo com incrível magnificência em Ptolemaida, mas forneceu a todo o exército víveres em abundância. Essa generosa maneira de agir conquistou-lhe tanta familiaridade perante o imperador que este, quando marchava a cavalo pelo campo, o fazia ficar ao seu lado. Herodes escolheu cento e cinqüenta dentre aqueles em quem mais confiava para servir Augusto e os seus amigos com toda a suntuosidade e gentileza. Se o exército era obrigado a passar por lugares estéreis, onde não havia água, a sua previdência nada lhes deixava faltar, mas fazia com que tivessem até mesmo vinho. Deu ainda a Augusto oitocentos talentos, e os romanos ficaram muito satisfeitos com ele, a ponto de afirmar que a grandeza de sua alma o elevava muito acima de sua coroa.

O fato de ele haver assim tratado, nessa ocasião, os homens mais ilustres do império, quando estes voltavam do Egito, incutiram tão grande estima no espírito de Augusto e dos romanos que eles não se cansavam de louvá-lo e de dizer que nenhum outro príncipe o superava em magnificência e em liberalidade.

Capítulo 11

Mariana recebe Herodes com frieza, a qual, unida às calúnias da mãe e da irmã do príncipe, a teria levado à morte, mas Herodes é obrigado a voltar para junto de Augusto. Herodes mata Mariana quando regressa. Covardia de Alexandra, mãe de Mariana. Desespero de Herodes após a morte de Mariana. Ele adoece gravemente. Alexandra procura apoderar-se das duas fortalezas de Jerusalém. Ele a mata, bem como a Costobaro e alguns outros. Em honra de Augusto, estabelece jogos e espetáculos, irritando a maior

PARTE DOS JUDEUS, E DEZ DELES TENTAM MATÁ-LO. CONSTRÓI DIVERSAS FORTALEZAS E RECONSTRÓI SOBRE AS RUÍNAS DE SAMARIA UMA BELA E FORTÍSSIMA CIDADE, A QUE CHAMA SEBASTE.

652. Herodes, na volta ao seu reino, em vez de desfrutar a doçura da paz ou um descanso tranqüilo, encontrou apenas perturbação em sua própria família, pelo descontentamento de Mariana e de Alexandra. Elas julgavam, com razão, que não era para cuidar de sua segurança que ele as encerrara naquele castelo, e sim para mantê-las prisioneiras, pois não tinham liberdade para dispor do que quer que fosse. Mariana, além disso, estava convencida de que o grande amor que ele lhe demonstrava era simulação, que ele apenas a julgava útil aos seus interesses. Como sempre se recordava da ordem que ele dera a José, pensava nisso com horror, pois, mesmo que ele viesse a morrer, ela não esperava continuar vivendo depois da morte dele. Assim, não havia meios que ela não empregasse para conquistar os guardas, particularmente Soeme, de quem ela sabia que dependia a sua morte ou a sua vida.

No começo, ele era muito fiel a Herodes, mas pouco a pouco os presentes e a cordialidade das princesas o conquistaram. Ele não imaginava que Herodes, mesmo evitando o perigo que o ameaçava, viesse a conquistar tão grande autoridade. Julgava também que podia esperar mais das princesas do que dele e que a gratidão que elas lhe demonstravam por tão grande serviço o manteria não somente na estima em que se achava, mas aumentaria ainda o seu prestígio. E, ainda que sucedesse a Herodes tudo o que este poderia desejar, a sua incrível paixão por Mariana o tornaria onipotente. Tantas considerações, juntas, levaram-no a revelar às princesas o segredo que lhe fora confiado. Mariana ficou fora de si de despeito e de cólera ao ver que os males que ela devia temer não tinham limites, e fazia continuamente votos de que tudo fosse contrário a Herodes. Nada agora lhe parecia mais insuportável que passar a vida com ele, e esses sentimentos fizeram tal impressão em seu espírito que ela já não os podia dissimular.

653. Os resultados da viagem sobrepujaram as esperanças de Herodes, e a primeira coisa que ele fez ao chegar foi procurar Mariana, para abraçá-la e dizer-lhe que ela era a pessoa a quem mais ele amava no mundo e que a amava

ainda mais e para contar de que modo tudo lhe havia sucedido maravilhosa-mente. Enquanto ele falava, ela ficou sem saber se devia alegrar-se ou afligir-se, mas a sua extrema sinceridade não lhe permitia ocultar a agitação de seu espí-rito, e os seus suspiros faziam ver que aquelas palavras lhe davam mais tristeza que alegria.

Herodes então não pôde mais duvidar do que ela trazia na alma: uma aversão tão patente que ele a percebeu em seguida. E o seu excessivo amor por ela tornava aquele desprezo insuportável. Ao mesmo tempo, contudo, a sua cólera era de tal modo combatida pelo afeto que ele passava do ódio ao amor e do amor ao ódio. Assim, hesitando entre as duas paixões, não sabia que partido tomar, pois, ao mesmo tempo em que desejava matá-la, para vingar-se daquela ingratidão, sentia em seu coração que a morte dela o tornaria o mais infeliz de todos os homens.

654. Quando a mãe e a irmã de Herodes, que odiavam mortalmente Mariana, viram-no sob aquela agitação, julgaram ter encontrado uma ocasião mais que favorável para destruí-la. Não houve calúnias de que não se servissem para aumentar a irritação do príncipe e inflamar cada vez mais os seus ciúmes. Eles as escutava e demonstrava não reprovar que elas falassem contra Mariana, mas não se resolvia a matar uma pessoa a quem ele amava mais que a própria vida. No entanto irritava-se contra ela cada dia mais, e ela, por sua vez, não dissimulava os seus sentimentos. Por fim, o amor dele transformou-se em ódio, e ele teria então executado a sua cruel resolução, não fosse a notícia de que Augusto se tornara senhor do Egito pela morte de Antônio e de Cleopatra.

Essa notícia obrigou-o a deixar tudo para ir procurá-lo. Recomendou Mariana a Soeme com grandes demonstrações de satisfação, pelo cuidado que tivera dela, e deu a ele um governo na Judéia. Como já havia adquirido muita familia-ridade com Augusto e tinha parte na sua amizade, Herodes recebeu dele não somente honras, mas grandes benefícios. Augusto deu-lhe quatrocentos gauleses que serviam de guardas a Cleopatra e entregou-lhe aquela parte da judéia que Antônio entregara a ela, bem como as cidades de Gadara, Hipona e Samaria e, à beira-mar, Gaza, Antedom, Jope e a torre de Estratão, o que aumentou em muito o seu reino.

655. Herodes acompanhou Augusto até Antioquia e, quando voltou a

Jerusalém, sentiu que o seu casamento, que antes considerava a sua maior felicidade, o tornava agora tão infeliz em seu próprio reino quanto era bem-sucedido fora de sua pátria. Ele amava tão ardentemente Mariana que não se lê em história alguma que outro homem tenha sido mais arrebatado que ele por um amor ilegítimo a sua própria mulher. A princesa, não obstante ser extremamente sensata e muito casta, era de mau gênio e abusava de tal modo da paixão que ele sentia por ela que o tratava às vezes com desprezo, chegando mesmo a ofensas, sem teimem consideração o respeito que lhe era devido.

Ele dissimulava, no entanto, e sofria mesmo as censuras que ela fazia a sua mãe e a sua irmã pela baixeza do nascimento delas, causa do ódio irreconciliável que as levou a usar de tantas acusações falsas para arruiná-la. E assim, os ânimos acirravam-se cada vez mais, e um ano passou-se desse modo depois que Herodes retornou da visita a Augusto. Mas, por fim, o desígnio que ele vinha alimentando desde muito tempo em seu espírito chegou ao seu termo, pelo motivo que passo a expor.

Um dia, Herodes retirou-se para o seu quarto, a fim de descansar, pelo meio-dia, e mandou chamar Mariana, a quem ele não conseguia deixar de amar com paixão. Ela veio. No entanto, por mais instâncias que ele lhe fizesse, ela não quis aproximar-se dele e censurou-o ainda pela morte de seu pai e de seu irmão. Essas palavras ofensivas, bem como o desprezo dela, irritaram Herodes de tal modo que ele foi tentado a feri-la. Salomé, ao saber do que se passara, fez entrar no quarto um criado do príncipe. O homem, que ela havia subornado, instruído por ela disse que a rainha lhe oferecera uma grande recompensa para levar ao rei certa bebida. Herodes, perturbado por essas palavras, perguntou-lhe que bebida era. O criado respondeu-lhe que a rainha não lhe dera o que colocar dentro da taça, queria somente que a apresentasse. E, como ignorava a força daquela poção, julgara seu dever advertir sua majestade.

Tal resposta aumentou ainda mais a perturbação de Herodes. Então ele mandou torturar um eunuco de Mariana, que ele sabia ser-lhe muito fiel, pois não duvidava de que ela lhe confiasse tudo. O homem nada confessou, mas deixou escapar dos lábios, no meio dos tormentos, que o ódio de Mariana provinha do que ela soubera por meio de Soeme. Diante dessas palavras, Herodes disse que Soeme, antes tão fiel, jamais lhe teria revelado o segredo se

não tivesse abusado de Mariana e ao mesmo tempo mandou matar Soeme.

Quanto à rainha, quis submetê-la a julgamento. Reuniu para isso os conselheiros nos quais ele mais confiava e ordenou a Mariana que se defendesse. Acusou-a do falso crime de tentar dar-lhe uma bebida para envenená-lo. E, em vez de se manter nos limites da moderação, como convém a um juiz, falou com tanta veemência e fúria que os outros juizes não tiveram dificuldade em lhe conhecer a intenção, e eles condenaram à morte a inocente princesa. No entanto julgaram — e ele também foi da mesma opinião — que não se devia apressar a execução, que era preferível aprisioná-la no palácio. Porém, Salomé e os de seu partido, não podendo tolerar qualquer demora, procuraram por todos os meios mudar essa deliberação, e uma das mais fortes razões de que-se serviram para persuadir Herodes foi o temor que ele devia ter de que o povo se sublevasse, caso viessem a saber que a rainha ainda estava viva. Assim, levaram-na imediatamente ao suplício.

Alexandra, julgando que não seria tratada com mais benignidade que a filha, esqueceu, por vergonhosa mudança, a coragem de que até então sempre dera provas e mostrou-se tão fraca e covarde quanto antes fora altiva. Assim, para insinuar que não tivera parte no crime da filha, tratou-a ultrajosamente na presença de todos. Dizia que ela era má, ingrata e indigna do extremo amor que o rei lhe dedicara e sofria o que merecia tão grande crime. Falando assim, parecia querer ela mesma lançar-se sobre a filha e arrancar-lhe os cabelos. Não houve quem não condenasse essa covarde dissimulação. Mariana, mais que todos, com o seu silêncio, tampouco se comoveu com tais injúrias e nem se dignou responder-lhe, mas contentou-se em mostrar no rosto, com a coragem de costume, a vergonha que sentia por tal baixeza. E, sem demonstrar o menor medo, nem ao menos mudando de cor, manifestou até a morte a mesma coragem que havia demonstrado durante toda a sua vida.

656. Assim terminou a sua existência essa princesa tão casta e corajosa, porém muito altiva e de natureza muito áspera. Sobrepujava infinitamente em beleza, em majestade e em graça todas as outras mulheres de sua época, e tantas e tão raras qualidades foram a causa de sua infelicidade, pois, vendo o rei seu marido tão apaixonado por ela, julgou que nada tinha a temer, perdeu o respeito que lhe devia e não teve receio de confessar o ressentimento que

conservava por ter ele mandado matar o seu pai e o seu irmão. Semelhante imprudência tornou também a mãe e a irmã do soberano adversárias suas e por fim obrigou ele mesmo a tornar-se também seu inimigo.

657. Por mais violenta que fosse a paixão de Herodes por Mariana durante a vida, e o que referimos nô-lo mostra suficientemente, ela aumentou após a sua morte. Ele não a amava como os outros maridos amam a suas esposas, mas chegava quase à loucura. E, por mais estranha a maneira como ambos viveram, ele não conseguia deixar de amá-la. Depois que ela já não era deste mundo, parecia-lhe que Deus exigia dele o sangue da mulher. Ele ouvia a todo instante pronunciarem o nome dela. Lamentava-se de maneira indigna da sua condição de rei e buscava em vão nos banquetes e nos outros divertimentos algum alívio para o seu sofrer. Chegou o seu penar a tal excesso que ele abandonou o cuidado do reino. E ordenava que fossem chamar Mariana como se ela ainda estivesse viva.

Vivia ele nesse estado jjuando sobreveio uma horrível peste, que ceifou não somente grande parte do povo, mas várias pessoas da nobreza. Todos consideraram esse terrível mal uma justa vingança de Deus pelo crime cometido na injusta condenação de Mariana. Esse acréscimo de sofrimento acabou por abater completamente Herodes, que se abandonou ao desespero e foi esconder-se no deserto, sob o pretexto de ir à caça. Depois caiu doente, com uma inflamação e uma dor de cabeça tão violenta que lhe perturbou o juízo. Os remédios só serviam para aumentá-la, e os médicos, vendo a obstinação do mal, bem como a do doente, que queria governar-se por si mesmo, sem lhes permitir um tratamento segundo as regras da medicina, foram obrigados a abandoná-lo à sorte de sua enfermidade e quase perderam a esperança de lhe salvar a vida. Ele então estava em Samaria, que agora se chama Sebaste.

658. Quando Alexandra, que estava em Jerusalém, soube que ele corria tão grande perigo, fez todos os esforços possíveis para se apoderar das duas fortalezas, uma das quais estava na cidade, e outra, perto do Templo. Porque, se conseguisse tomá-las, seria também, de certo modo, dona de todo o país, visto que não se poderia, sem o seu consentimento, oferecer sacrifícios a Deus, e os judeus são tão apegados à sua religião que preferem os deveres aos quais ela obriga à própria vida.

Assim, Alexandra insistiu com os comandantes dessas fortalezas que as entregassem a ela e aos filhos de Herodes e Mariana. Disse-lhes que, se ele viesse a faltar, não era justo que elas caíssem em poder de outra família e, se ele sarasse, ninguém melhor para possuí-las que os seus próprios parentes. Mas essas razões não os convenceram, tanto porque havia muito tempo eram fiéis e bastante afeiçoados ao rei, não tendo perdido a esperança de sua saúde, quanto pelo ódio que sentiam por Alexandra. Um deles, de nome Aquiabe, que era sobrinho de Herodes, mandou com urgência avisar o rei das intenções de Alexandra, e este ordenou imediatamente que a matassem.

659. Por fim, o soberano, com grande dificuldade, restabeleceu-se de sua doença. Mas as forças refeitas do corpo e do espírito tornaram-no tão colérico e tão violento que não havia crueldade a que não fosse levado, pelo menor motivo. Não poupou nem mesmo os seus mais íntimos amigos: mandou matar Costobaro, Lisímaco, Gadias, cognominado Antípatro, e Doziteu, pelo motivo que vou dizer agora.

Costobaro era oriundo de uma das mais importantes famílias da Iduméia, e os seus antepassados haviam sido sacerdotes de Cosas, que era o deus que esses povos adoravam com grande veneração, antes de Hircano obrigá-los receber a religião dos judeus. Herodes, logo que foi feito rei, deu a Costobaro o governo da Iduméia e de Gaza e o fez desposar Salomé, sua irmã, depois de haver matado José, seu primeiro marido, como dissemos. Quando se viu elevado a tamanha grandeza, a qual jamais ousaria pretender, Costobaro tornou-se tão altivo que não quis mais tolerar a submissão a Herodes, e julgava que era vergonhoso aos idumeus reconhecê-lo por rei, por terem as mesmas leis que os judeus. Assim, mandou dizer a Cleópatra que, tendo sido a Iduméia sempre sujeita aos seus predecessores, ela podia com justiça pedir a Antônio que desse a ele essa terra, e por isso estaria pronto a obedecer-lhe. Não que ele preferisse estar sob a dominação de Cleópatra, mas queria diminuir o poder de Herodes, para mais facilmente tornar-se senhor da Iduméia. Ele se comprazia na esperança de obtê-lo, tanto pelo esplendor de sua família quanto pelas suas grandes riquezas. Depois de fazer esses projetos, não houve meios baixos ou ignominiosos de que ele não se servisse para ajuntar dinheiro.

Cleópatra fez todos os esforços possíveis junto de Antônio, mas

inutilmente. Herodes teria logo mandado matar Costobaro, se os rogos de sua mãe e de sua irmã não o tivessem impedido. Contentou-se em não ter mais nenhuma confiança nele. Costobaro teve depois uma séria divergência com Salomé, sua mulher, e ela mandou-lhe o libelo do divórcio, contra o costume de nossas leis, que permitem esse ato somente aos maridos e não consentem nem mesmo às mulheres repudiadas tornar a casar-se sem a licença deles. Ela, porém, fez com a sua própria autoridade o que não tinha direito de fazer e foi em seguida procurar o rei seu irmão. Disse-lhe que o afeto por ele a obrigara a abandonar o marido, pois descobrira que conspirava contra ele, juntamente com Antipatro, Lisímaco e Doziteu. E, como prova do que dizia, acrescentou que ele retinha havia doze anos os filhos de Babas, a quem havia salvo a vida, o que era verdade.

Essas palavras deixaram Herodes muito surpreendido porque outrora deliberara matá-los, como eternos inimigos, mas o tempo o fizera esquecer tudo. A causa desse ódio contra eles vinha desde quando ele sitiava Jerusalém, sob o reinado de Antígono. A maior parte do povo queria abrir-lhe as portas, cansados dos males que aqueles cercos os faziam sofrer. Os filhos de Babas, porém, que tinham muita autoridade e eram muito fiéis a Antígono, opuseram-se a isso, persuadidos de que era muito mais vantajoso para a nação ser governada por príncipes da família real que por Herodes. Depois que ele tomou a cidade, deu ordem a Costobaro para vigiar as saídas, a fim de impedir a fuga dos que lhe eram contrários. Mas Costobaro, conhecendo o prestígio dos filhos de Babas entre o povo, julgou muito útil conservá-los, para deles se servir, caso houvesse no futuro alguma mudança. Assim, deixou-os escapar, mandando-os para as suas terras.

Herodes desconfiara disso, mas Costobaro declarou com tanta firmeza e com juramento não saber que fim haviam eles levado que a suspeita se dissipou de seu espírito. Depois, fez tudo para encontrá-los. Mandou publicar a som de trombetas que daria grande recompensa a quem lhe indicasse onde eles estavam, mas Costobaro nada confessou porque, tendo uma vez negado sabê-lo, foi obrigado a mantê-los escondidos, não tanto pelo afeto que lhes dedicava, mas por seu próprio interesse. Logo que Herodes veio a sabê-lo, por meio de sua irmã, mandou buscá-los onde estavam escondidos e mandou matar todos

eles, bem como aos que ele julgava culpados do mesmo crime, a fim de que, não ficando nem um sequer da descendência de Hircano, ninguém mais ousasse resistir à sua vontade, por mais injusta que fosse.

660. Assim, Herodes, com poder absoluto e plena liberdade para fazer o que queria, não teve receio de se afastar cada vez mais das tradições de nossos antepassados. Aboliu os nossos antigos costumes, que lhe deveriam ser invioláveis, para introduzir outros, trazendo assim uma estranha mudança na disciplina que mantinha o povo no cumprimento do dever. Começou por instituir jogos, lutas e corridas, que se faziam cada cinco anos em honra de Augusto, e mandou construir para esse fim um circo em Jerusalém e um grande anfiteatro fora da cidade. Esses dois edifícios eram soberbos, mas contrários aos nossos costumes, que não nos permitem assistir a semelhantes espetáculos.

Como ele queria tornar célebres esses jogos, mandou publicá-los não somente nas províncias vizinhas, mas também nos lugares mais afastados, com a promessa de grandes recompensas para os vencedores. Vieram então de todas as partes os candidatos à luta e às corridas, músicos tocadores de toda espécie de instrumentos, homens peritos em corridas de carros com uma parelha de cavalos, com duas, três e até quatro. Outros corriam em cavalos muito velozes. Nada se podia acrescentar à magnificência e aos cuidados que Herodes usava para tornar esses espetáculos os mais belos e agradáveis do mundo.

O circo era rodeado de inscrições em louvor a Augusto e de troféus das nações que ele tinha vencido. Havia ouro e prata, ricos vestuários e pedras preciosas. Mandou também vir de todas as partes grande quantidade de animais ferozes, como leões e outros animais, cuja força extraordinária ou alguma qualidade rara suscitava admiração e curiosidade. Fazia-os lutar uns contra os outros e, às vezes, com homens condenados à morte. Tais espetáculos não causavam menos prazer que admiração aos estrangeiros. Mas os judeus o consideravam uma deturpação e uma corrupção da disciplina de seus antepassados. Nada lhes parecia mais ímpio que expor homens ao furor das feras por um prazer tão cruel ou abandonar os santos costumes para abraçar os de nações idolatras. Os troféus, que lhes pareciam cobrir figuras de homens, não lhes eram menos insuportáveis, porque violavam inteiramente as nossas

leis.

Herodes, vendo-os com esses sentimentos, julgou não dever usar de violência. Falou-lhes com muita afabilidade, procurando fazê-los compreender que aquele temor procedia apenas de uma vã superstição. Mas não conseguiu persuadi-los. Convictos de que ele cometia um gravíssimo pecado, declararam que, ainda que tolerassem o resto, não permitiriam jamais em suas cidades imagens ou figuras de homens, porque a sua religião o proibia expressamente. Herodes facilmente concluiu, por essas palavras, que o único meio de acalmá-los era livrá-los daquele engano. Levou alguns deles ao circo, mostrou-lhes vários troféus e perguntou-lhes o que pensavam que eram. Eles responderam que eram figuras de homens. Então ele mandou tirar todos os ornamentos, restando apenas os cabides sobre os quais estavam pendurados. Todos acharam graça, e o tumulto acalmou-se.

Quase todos vieram a tolerar com facilidade o resto, mas alguns não mudaram os seus sentimentos nem a sua opinião. O horror que tinham aos costumes estrangeiros lhes fazia crer que não podiam ser introduzidos sem prejuízo das tradições de nossos antepassados e sem causar a ruína da nação. Assim, não consideraram mais Herodes seu rei, e sim um inimigo. E resolveram antes expor-se a qualquer coisa que tolerar tão grande mal.

661. Dez dentre eles, desprezando a gravidade do perigo, esconderam punhais sob as vestes e, fortalecidos em seu desígnio por um cego, que não podia ter parte na ação mas quisera expor-se ao risco que eles corriam, foram ao teatro, certos de que o rei não faltaria, pois de nada desconfiava, e eles o atacariam todos de uma vez. Se viessem a falhar, pelo menos matariam muitos dos que o acompanhavam e morreriam com a consolação de torná-lo odioso ao povo por ter violado as leis e de ao mesmo tempo mostrar a outros o caminho para a realização de uma justa empresa. Herodes, porém, tinha vários espiões, que tudo observavam, e um deles descobriu a trama. Ele acreditou nela facilmente, porque sabia do ódio que lhe votavam e do que este é capaz. Então retirou-se ao palácio e mandou prender os conjurados, que, não se podendo salvar, se entregaram sem resistência.

A coragem deles tornou-lhes a morte gloriosa, pois não demonstraram o menor temor nem negaram o seu intento. Com rosto firme e tranqüilo,

mostraram os punhais que haviam preparado para executar o crime e declararam que a piedade e o bem público os levara a empreendê-lo, para conservar as leis de seus antepassados, pois não há homem de bem que não deva preferi-las à própria vida. Depois de terem assim falado, morreram com a mesma firmeza, em meio aos tormentos que Herodes os fez sofrer. O ódio que o povo então concebeu contra o delator foi tão intenso que não se contentaram em matá-lo: picaram-no em pedaços e o deram a comer aos cães, sem que nenhum judeu fosse acusá-los. Herodes, após cuidadosa indagação, descobriu os autores por meio de mulheres — a violência dos tormentos obrigou-as a confessar.

662. Herodes mandou matá-lo*s, com suas famílias, mas vendo que o povo se obstinava cada vez mais em defender os seus costumes e as suas leis e que aquilo os levaria a uma revolta se ele não empregasse os meios mais violentos para reprimi-los, decidiu fazê-lo. Assim, além das duas fortalezas que havia em Jerusalém, uma no palácio real, onde ele morava, e outra de nome Antônia, que estava perto do Templo, ele mandou fortificar Samaria porque, estando longe de Jerusalém apenas um dia, podia impedir as rebeliões tanto na cidade quanto no campo. Fortificou também de tal modo a torre de Estratão, a que chamou de Cesaréia, que ela parecia dominar todo o país.

Construiu um castelo no lugar chamado O Campo, onde colocou uma guar-nição de cavalaria, cujos soldados eram indicados por sorte. Construiu outro em Gabara da Galiléia e outro, de nome Estmonita, na Peréia. Essas fortalezas, dispostas nos lugares mais convenientes para os fins a que ele as destinava e nas quais colocou fortes guarnições, tiraram ao povo, tão inclinado à revolta, todos os meios de se sublevar, porque ao menor sinal de agitação aqueles que estavam encarregados de vigiar a impediam logo ou a sufocavam apenas iniciada.

Como ele tinha intenção de reconstruir Samaria, cuja posição a fazia vantajosa e forte, porque estava sobre uma colina, mandou lá construir um Templo, colocou um grande corpo de tropas estrangeiras e das províncias vizinhas e mudou-lhe o nome para Sebaste. Dividiu entre os habitantes as terras da vizinhança, as quais eram muito férteis, a fim de logo deixá-los bem à vontade para que o lugar se povoasse rapidamente. Rodeou-a de fortes

muralhas, e assim aumentou e lhe fortificou o perímetro, que era de vinte estádios, tornando-a comparável às maiores cidades. Fez no meio dela uma espaçosa praça, que media um estádio e meio, e construiu um Templo soberbo. Trabalhou continuamente e de todos os modos para tornar célebre a cidade, porque ele considerava a força necessária à segurança e à beleza, um monumento à sua grandeza e magnificência, que conservaria a memória de seu nome através dos séculos.

CAPÍTULO 12

AJUDÉIA É AMARGURADA POR ENORMES MALES, PARTICULARMENTE POR UMA VIOLENTA PESTE E UMA GRANDE CARESTIA. CUIDADOS E LIBERALIDADES INCRÍVEIS DE HERODES PARA REMEDIAR OS GRAVES INCONVENIENTES. RECONQUISTA DESSE MODO Â AFETO DO POVO E RESTAURA A ABUNDÂNCIA. SOBERBO PALÁCIO QUE ELE CONSTRÓI EM JERUSALÉM. DESPOSA AFILHA DE SIMÃO, QUE ELE CONSTITUI SUMO SACERDOTE. OUTRO SOBERBO CASTELO QUE ELE CONSTRÓI NO LUGAR ONDE OUTRORA VENCERA OS JUDEUS.

663. Naquele mesmo ano, que era o décimo terceiro do reinado de Herodes, a Judéia foi torturada por grandíssimos males, por uma vingança de Deus ou por algum dos funestos acidentes que de tempos em tempos sucedem no mundo. Começou por uma prolongada seca, e a terra não dava mais os frutos que produz naturalmente, sem que se cultive. A necessidade obrigou o povo a sustentar a vida com um alimento que antes lhes era desconhecido, e contraíram assim graves doenças. E ainda, por uma concatenação de males que se sucediam uns aos outros, sobreveio uma violenta peste.

Esse terrível flagelo aumentava, porque os que eram por ela atacados não tinham assistência nem alimento. Muitos morriam logo, e o desespero por não terem recursos e não poderem auxiliar os enfermos tirava aos que não haviam sido contaminados a coragem de prestar aos seus semelhantes cuidados que lhes seriam inúteis. Todos os frutos dos anos precedentes haviam sido consumidos. Naquele ano, nada se colhera, e inutilmente se teria semeado a terra, porque estava tão árida e seca que deixava morrer em seu seio as sementes lançadas. Como aquilo continuasse por mais de um ano, o mal

crescia sempre, em vez de diminuir.

Em tal desolação, a riqueza de Herodes, por maior que fosse, não seria bastante, pois a esterilidade da terra lhe impedia de receber os tributos, e ele havia empregado enormes somas na construção de cidades e fortalezas. Sem esperança de socorro, ele via unir-se a tantos males o ódio de seus súditos contra ele, porque é costume dos povos lançar sobre os governantes a culpa dos males que sofrem. Ele procurava sem cessar o remédio para aliviá-los, mas inutilmente, pois os vizinhos também estavam angustiados pela fome e não lhe podiam vender trigo. Ele tampouco tinha dinheiro suficiente para repartir com uma multidão tão grande e tão necessitada de auxílio. Por fim, convencido de que tinha de fazer algo em tal conjuntura, mandou fundir tudo o que havia de ouro e prata, sem mesmo poupar as obras dos mais célebres artistas. Com isso, reuniu uma grande soma e enviou-a ao Egito, onde Petrônio governava, no lugar de Augusto.

O governador era solicitado com insistência por muitos outros, atingidos também por semelhante desgraça, que a ele recorriam. Mas, como era muito amigo de Herodes, concedeu-lhe, em consideração aos seus súditos, uma partida de trigo, dando-lhe preferência a todos os outros. Ele próprio ajudou-os a realizar a compra e o transporte e assim contribuiu mais do que ninguém para a salvação de nossa gente. A gratidão por se ver aliviado e socorrido em sua miséria pelos extremos cuidados do rei não somente fez o povo esquecer o ódio que lhe tinha, mas o levou a tecer os elogios que a sua bondade merecia. Ele distribuiu o trigo primeiro aos que podiam fazer o pão e enviou padeiros àqueles que, pela velhice ou pela doença, não o podiam fazer. Ajudou-os também contra o rigor do inverno, dando-lhes vestes, de que tinham também grande necessidade, pois o gado morrera quase todo, e eles não tinham lã nem outras coisas de que se servir.

Depois de atender às necessidades de seus súditos, Herodes levou os seus cuidados às cidades da Síria, vizinhas da Judéia. Deu-lhes trigo para semear e não obteve para si menor vantagem que eles, pois a terra produziu em tal abundância o trigo semeado que a fartura voltou. E, quando veio o tempo da messe, ele enviou cinqüenta mil homens, aos quais salvara a vida, para fazer a ceifa. Assim, ele foi não só benfeitor de seu reino, pela sua vigilância e proceder,

mas também de seus vizinhos, que não recorreram a ele inutilmente, mas receberam o que precisavam. Ele calculou haver fornecido aos estrangeiros dez mil coros de trigo, contendo cada coro dez medidas áticas. O que ele distribuiu no seu reino montava a oitenta mil coros.

Tantos cuidados e favores realizados em favor do povo numa tão premente necessidade fizeram-no admirado por todo o mundo. Ele ganhou de tal modo o coração de todos que a gratidão pelos favores recentes os fez esquecer o ódio causado pelas modificações qtie ele havia introduzido no reino e na observância dos antigos costumes. Julgaram que aquele mal fora compensado pelos grandes bens que haviam recebido de sua maravilhosa liberalidade, no tempo em que ela lhes foi tão necessária. Não foi menor a glória que ele conquistou também perante os estrangeiros. Assim, tantos males só serviram para tornar o seu nome ainda mais ilustre. Os sofrimentos do povo aumentaram, em seu reino, a sua fama. A gratidão pelos benefícios e a extraordinária bondade que ele demonstrou em tão dura provação, mesmo para com os que não eram seus súditos, fizeram-no ser considerado no exterior não como antes, mas tal como o haviam conhecido naquela extrema necessidade.

664. O generoso soberano, ainda para demonstrar o seu afeto por Augusto, mandou ao mesmo tempo quinhentos dos mais valentes de seus guardas a Hélio Galo, ao qual prestaram grandes serviços na guerra que ele fazia na Arábia, perto do mar Vermelho. E, depois de haver restaurado a prosperidade em seu território, mandou construir no lugar mais elevado da cidade de Jerusalém um grande e soberbo palácio, resplandecente de ouro e de mármore, onde, entre os magníficos aposentos que lá se viam, havia um com o nome de Augusto e outro com o de Agripa.

665. Ele pensou então em casar-se novamente e, como não procurava prazer nesse ato, quis escolher uma pessoa em quem pudesse depositar todo o seu afeto. Assim, recebeu uma jovem apenas por amor, do modo que vou narrar. Simão, filho de Boeto, Alexandrino de família nobre e que era sacerdote, tinha uma filha de tão extraordinária beleza que só se falava disso em Jerusalém. A notícia chegou até Herodes, e ele quis vê-la. Jamais houve amor maior à primeira vista que o que ele sentiu por ela. Mas julgou que não devia usar de seu poder, tomando-a, como teria podido fazer, para não passar por

tirano. Pensou que devia desposá-la. E, como Simão não era de posição bastante nobre para tal aliança e nem tampouco de condição desprezível, elevou-o então, para torná-lo mais ilustre: tirou o sumo sacerdócio de Jesus, filho de Fabete, e entregou-a a ele, desposando-lhe depois a filha.

666. Logo após as núpcias, ele construiu, a sessenta estádios de Jerusalém, um magnífico castelo, no lugar onde outrora tinha vencido os judeus, quando Antígono lhe fazia guerra. A localização era muito vantajosa, pois trata-se de um pequeno monte arredondado, muito forte e agradável. Ele embelezou-o e o fortificou ainda mais. O castelo era rodeado de torres às quais se subia por duzentos degraus de pedra. Havia no interior soberbos aposentos, porque Herodes não media despesas para unir a beleza à força. A seus pés, havia diversos e vistosos edifícios, particularmente ricos pela quantidade de lagos e de tanques, cujas águas eram trazidas de longe por aquedutos. Os campos das redondezas estavam tão cheios de casas que poderiam formar uma boa cidade, da qual aquele magnífico castelo construído sobre o monte seria a fortaleza, dominando tudo o mais.

667. Quando deu por terminadas todas essas obras, Herodes não teve mais receios de revoltas em seu território. O temor do castigo, do qual não excetuava ninguém, mantinha os súditos no cumprimento do dever. A liberalidade com que cuidava das necessidades públicas granjeava-lhe o afeto e a solicitude, os quais empregava para se fortificar cada vez mais. E, como a sua conservação particular fosse a mesma do reino, ela o punha em absoluta segurança. Ele tornou-se popular em todas as cidades, mostrando-lhes muita bondade. E, como era de alma elevada, sabia também ganhar-lhes a estima nas adversidades com a magnificência e o coração dos grandes. Assim, ele tornou-se querido a todos, e a sua prosperidade crescia cada vez mais.

668. A paixão de tornar célebre o seu nome e de cultivar a amizade de Augusto e dos romanos mais poderosos, porém, levou-o a se descuidar da observância dos nossos costumes e a violar em muitos pontos as nossas santas leis. Ele construiu em sua própria honra cidades e Templos, mas não na judéia, porque a nossa nação jamais o teria permitido, sendo coisa abominável entre nós reverenciar imagens e estátuas, como fazem os gregos. Ele alegava, como desculpa para essas obras sacrílegas, que não o fazia voluntariamente, mas

para homenagear àqueles aos quais não podia desobedecer. Herodes ganhava por esse meio o afeto de Augusto e dos romanos, os quais viam que, para agradá-los, ele não temia contrariar os costumes de seu país. O benefício particular e o ardente desejo de eternizar a sua memória eram, contudo, o principal motivo de ele gastar tão prodigiosas somas na construção e embelezamento dessas cidades.

Capítulo 13

Herodes manda construir uma soberba cidade em honra de Augusto, à qual dá o nome de Cesaréia. Envia a Augusto os seus dois filhos, Alexandre e Aristóbulo, que tivera de Mariana. Augusto concede-lhe ainda novos favores. Causa do bom tratamento que Herodes dispensava aos essênios.

669. Herodes, tendo notado ao longo do mar a torre de Estratão, cuja situação era muito vantajosa, edificou ali uma cidade de forma e beleza admiráveis. Não somente os palácios eram magníficos, construídos de mármore branco, como também apresentavam belíssima arquitetura as casas dos particulares. E o porto, com dimensões semelhantes às do Pireu, onde os navios podiam ancorar em segurança, sobrepujava a tudo o mais. A estrutura era maravilhosa. Havia dentro grandes magazines para receber toda sorte de mercadoria e de objetos. Foi necessário, para levar a cabo tão grande obra, um trabalho extraordinário e uma despesa fabulosa, porque era preciso trazer de muito longe todo o material.

Essa cidade está na Fenícia, situada no lugar onde se embarca para passar ao Egito, entre Jope e Adora, que são duas pequenas cidades marítimas. Os portos destas, porém, não são seguros, porque são batidos pelo vento áfrico, cuja impe-tuosidade levanta tão grande quantidade de areia contra a praia que os navios carregados de mercadorias aí não podem estar seguros, e os pilotos são obrigados a lançar as âncoras ao mar. Para remediar esse inconveniente, Herodes mandou construir o porto de Cesaréia em forma de crescente, capaz de conter um grande número de navios. E, como o mar mede ali vinte braças de profundidade, mandou lançar pedras de tamanho enorme, a maior das quais

tinha cinqüenta pés de comprimento, dezoito de largura e nove de altura. E havia ainda maiores.

A extensão do cais era de duzentos pés, cuja metade servia para quebrar a violência nas ondas, e construiu-se na outra metade um muro fortificado com torres, sendo que a maior e mais bela recebeu de Herodes o nome de Druso, filho da imperatriz Júlia,* mulher de Augusto, que morreu jovem. Havia ainda diversos arcos em forma de pórticos, para alojar os marinheiros. Uma descida muito suave e que poderia servir de belíssimo passeio rodeava todo o porto, cuja entrada estava exposta ao aquilão, que é o mais forte de todos os ventos. Havia do lado esquerdo, por onde se entrava no porto, uma torre construída sobre uma plataforma muito larga, feita para resistir à violência das vagas.

Do lado direito, estavam duas colunas de pedra, tão grandes que superavam a altura da torre. Via-se ao redor do porto uma fileira de casas cujas pedras eram muito bem talhadas, e construiu-se sobre uma colina que está meio o Templo consagrado a Augusto. Os que navegam podem vê-lo de bem longe, e há duas estátuas, uma de Roma e outra desse príncipe, em honra do qual Herodes deu o nome de Cesaréia a essa cidade, não menos admirável pela riqueza de suas construções que pela magnificência de seus ornamentos.

Fizeram-se em terra longos arcos, distantes igualmente uns dos outros, que se dirigiam todos para o mar, e havia um que os atravessava para levar até ele a água da chuva e as imundícies da cidade e receber ao mesmo tempo as águas do mar, quando este se achasse muito agitado, a fim de lavar assim a maior parte das ruas. Herodes mandou também construir um circo de pedra e, ao lado do porto que está voltado para o sul, um enorme anfiteatro, de onde se pode ver bem ao longe por sobre o mar. E, como ele não economizava nem trabalho nem dinheiro em tão grandes obras, empregou doze anos para fazê-la chegar à sua maior perfeição.

---

* Josefo chama-a Júlia, mas na verdade é a princesa Lívia.

670. Depois que construiu essas duas grandes cidades, Sebaste e Cesaréia, o magnífico monarca enviou a Roma Alexandre e Aristóbulo, filhos

que tivera de Mariana, para que se fixassem na corte de Augusto. Poliom, que era seu íntimo amigo, preparou-lhes um belo alojamento, mas sem necessidade, porque Augusto quis hospedá-los no palácio real. Esse grande imperador recebeu-os com singular gentileza e demonstrações de afeto, deixando ao pai deles a liberdade de tomar por sucessor aquele que quisesse escolher para tal. Aumentou ainda o reino de Herodes em três províncias: Traconites, Batanéia e Auranite, pelo fato que vou narrar.

671. Zenodoro, que se havia apoderado dos bens de Lisânias, não se contentando com os rendimentos que deles podia tirar legitimamente, tentou aumentá-los, favorecendo os roubos pelos de Traconites, que costumavam assaltar os arredores de Damasco. Assim, em vez de se opor a eles, Zenodoro tinha parte no produto do roubo. Foram então queixar-se a Varo, governador da província, e ele escreveu a Augusto, que lhe ordenou destruir completamente os redutos desses salteadores e que desse o país a Herodes, a fim de que ele impedisse, com os seus cuidados, a continuação de tal desordem.

Seria muito difícil remediá-la, pois os que viviam desses roubos não iam nem para as cidades nem para as aldeias, mas para as cavernas, onde viviam como animais. Fazendo provisões de víveres e de água, lá se escondiam quando eram atacados ou perseguidos. A entrada dessas cavernas é tão estreita que só é possível entrar uma pessoa por vez, porém no interior são muito espaçosas, mais do que se pode imaginar. A terra que as cobre é plana, mas tão pedregosa e áspera que dificilmente sexonsegue andar ali. Não se pode percorrer sem um guia as estradas que levam a essas cavernas, tão tortuosas e emaranhadas elas são. Aqueles homens eram ainda tão maus que quando não podiam roubar mais ninguém, roubavam uns aos outros.

Logo que Herodes se tornou senhor dessas terras, pela doação de Augusto, ele conseguiu, valendo-se de bons guias, chegar até as cavernas e reprimir todos os assaltos, restituindo a calma a todos os países das redondezas. Zenodoro, abatido de dor pela perda de seus bens e pelo ódio contra Herodes, que os havia tirado, foi a Roma para queixar-se, mas inutilmente.

672. Por esse mesmo tempo, Augusto enviou Agripa, a quem ele tinha uma estima muito particular, para governar a Ásia. Herodes foi procurá-lo em

Mitilene e voltou depois a Jerusalém. Os habitantes de Cadara, querendo fazer queixas dele a Agripa, dirigiram-se para lá. Agripa, no entanto, não somente não os escutou como ainda os despediu acorrentados.

673. Então os árabes, que não toleravam o domínio de Herodes, procuravam havia muito oportunidade para se revoltar e julgaram ter encontrado uma ocasião favorável. Zenodoro, de quem acabamos de falar, vendo malparados os seus negócios, vendeu Auranite, que fazia parte do que ele antes possuía, por cinqüenta talentos. E, como estava compreendida na doação feita por Augusto a Herodes, os árabes julgaram que lhes estavam fazendo uma enorme injustiça e não iriam tolerá-la. Assim, esforçam-se de todos os modos para conservar a província, tanto afirmando o seu direito perante os juizes quanto pela força, servindo-se de alguns soldados que se compraziam em tomar parte em agitações. Herodes, para evitar que sucedesse alguma rebelião, julgou conveniente remediar esse mal mais pela conciliação que pela violência.

No décimo sétimo ano de seu reinado, Augusto veio à Síria e ouviu ali muitas queixas contra Herodes, da parte dos habitantes de Gadara, que o acusavam de tirania. Zenodoro, principalmente, os levava a isso, prometendo-lhes com juramento jamais descansar até libertá-los da dominação de Herodes e trazê-los de volta à de Augusto. Mas o que os tornou ainda mais atrevidos em se rebelar contra Herodes foi o fato de este não castigar os que Agripa lhe mandara acorrentados, pois quanto ele era severo com os seus súditos tanto era afável com os estrangeiros. E atreveram-se ainda a acusá-lo de haver feito exações. Herodes, sem se comover, preparava-se para se justificar, mas Augusto o recebeu muito bem e demonstrou que de nenhum modo se deixara impressionar para aquelas queixas. Disse-lhe somente alguma coisa no primeiro dia e depois não tocou mais no assunto.

Quando os habitantes viram que os sentimentos de Augusto e dos de sua maior confiança eram favoráveis a Herodes, o temor de serem abandonados à vontade dele levou alguns a cometer suicídio na noite seguinte, outros a se precipitar nos abismos e outros ainda a se afogar. Assim, tendo eles mesmos se condenado, Augusto não encontrou dificuldade em absolver Herodes. Aconteceu também a esse rei dos judeus outro fato auspicioso: Zenodoro morreu em Antioquia, por causa de uma disenteria, e Augusto deu-lhe então todos os

outros bens que ele possuía na Galiléia e Traconites, que era muito extensa, porque compreendia Ulata, Paneada e as terras vizinhas. Augusto acrescentou-lhe ainda outro favor: ordenou aos governadores da Síria que nada fizessem sem ordem do rei da Judéia.

Augusto reinava sobre quase toda a terra, e podia-se dizer que Agripa governava depois dele esse poderoso império. Nisso era grande a felicidade de Herodes, pois Augusto, depois de Agripa, não estimava ninguém como a ele, e Agripa não estimava ninguém mais que a Herodes, depois de Augusto. Dois apoios tão poderosos davam-lhe motivo de esperar todo poder, então ele pediu e obteve de Augusto para Feroras, seu irmão, a vice-govemança de todo o seu reino e recolheu imediatamente cem talentos de sua renda a fim de que o irmão tivesse com que viver depois de sua morte, sem depender dos filhos. Depois acompanhou Augusto até o embarque e construiu em sua honra, nas terras de Zenodoro, perto de Panio, um soberbo Templo de mármore branco. Panio é uma enorme caverna sob um monte muito agradável, onde nascem as águas do Jordão. Como esse lugar era já muito célebre, Herodes escolheu para lá consagrar esse Templo a Augusto.

674. Nesse mesmo tempo, Herodes dispensou os seus súditos da terça parte dos tributos, dizendo que o fazia para que se refizessem dos males causados pela carestia. Mas a verdadeira razão era que ele queria acalmar-lhes o espírito por aquelas grandes obras, tão contrárias à sua religião e pelas quais eles não dissimulavam o seu descontentamento. Temendo as conseqüências dessa indisposição, tudo ele fez para diminuí-la e mesmo impedi-la. Ordenou que cada qual se ocupasse apenas de seus assuntos particulares e proibiu, sob grandes castigos, as assembléias e os banquetes em Jerusalém. Prezava tanto a observância desse edito que havia guardas nas cidades e nos grandes caminhos para vigiar e prender os que desobedecessem, os quais eram secreta ou mesmo abertamente levados à fortaleza de Hrrcânia e ali castigados com rigor. Diz-se que ele próprio se disfarçava-eom freqüência e à noite misturava-se com o povo para auscultar-lhe os sentimentos com relação ao governo. E castigava sem misericórdia os que condenavam o seu proceder, obrigando os outros com juramento a jamais lhe faltar à fidelidade.

Assim, a maior parte fazia por medo tudo o que ele ordenava, e não havia

meios de que ele não se servisse para condenar os que, não suportando aquele tratamento, tinham a coragem de se queixar. Quis também obrigar Poliom Fariseu, Sameas e a maior parte de seus discípulos ao mesmo juramento. Porém, ainda que eles recusassem fazê-lo, não os castigou como aos demais, pelo respeito que tinha a Poliom, e dispensou também do juramento os que nós chamamos essênios, cujos sentimentos são semelhantes aos dos filósofos e aos quais os gregos chamam pitagóricos, como já dissemos alhures. Sobre isso, creio não me afastar do assunto de minha história se disser a razão que levou Herodes a ter deles uma opinião tão favorável.

675. Um essênio, de nome Manaém, que levava uma vida muito virtuosa e era louvado por todos, recebeu de Deus o dom de predizer o futuro. Tendo ele visto Herodes ainda bastante jovem estudar com as crianças de sua idade, disse-lhe que ele reinaria sobre os judeus. Herodes julgou que ele não o conhecia ou que estava zombando dele e por isso respondeu-lhe que bem via que ele desconhecia a sua origem e o seu nascimento, que não eram tão ilustres que o fizessem esperar tal honra.

Manaém retrucou, sorrindo e dando-lhe uma palmadinha nas costas: "Eu vo-lo disse e vo-lo digo ainda que sereis rei e reinareis venturosamente, porque Deus assim o quer. Lembrai-vos então desta pancadinha que vos acabo de dar, para indicar as diversas mudanças de sorte, e nunca vos esqueçais de que um rei deve ter continuamente diante dos olhos a piedade que Deus lhe pede, a justiça que deve ministrar a todos e o amor que é obrigado a ter pelos seus súditos. Mas sei que não o fareis quando fordes elevado a tão alto grau de poder. Pois sereis feliz em tudo o mais e digno de glória imortal tanto quanto sereis infeliz por vossa impiedade para com Deus e vossa injustiça para com os homens. Mas não podereis escapar à vista desse Senhor soberano do universo. Ele penetrará os vossos pensamentos mais ocultos, e experimentareis no fim de vossa vida os efeitos de sua cólera".

Herodes não deu então grande importância a essas palavras, mas quando se viu elevado ao trono e em tão grande prosperidade, mandou buscar Manaém e perguntou-lhe sobre a duração de seu reinado, se chegaria a dez anos. Ele respondeu: "De vinte a trinta", sem nada determinar de positivo. Herodes, muito satisfeito com essa resposta, despediu-o corwnuita gentileza e depois

disso tratou sempre os essênios muito favoravelmente. Não duvido de que isso, para muitos, pareça inacreditável. No entanto, julguei dever relatá-lo, porque há vários dessa seita aos quais Deus se digna revelar os seus segredos, por causa da santidade de sua vida.

Capítulo 14

Herodes reconstrói inteiramente o Templo em Jerusalém, para torná-lo ainda mais belo.

676. Depois de tantas e tão grandes realizações e de tão soberbos edifícios feitos por Herodes, ele imaginou, no décimo oitavo ano de seu reinado, um empreendimento que sobrepujava em muito todos os outros: construir um Templo a Deus, maior e mais alto que o que já existia, porque julgava, e com razão, que tudo o que fizera até então, por maior e mais brilhante que fosse, estava de tal modo abaixo de tão alta empresa que nada poderia contribuir mais para tornar a sua memória imortal.

Como temia que o povo, espantado pela dificuldade de tal obra, tivesse dificuldade em iniciá-la, reuniu-o e falou: "Seria inútil falar-vos de todas as coisas que fiz após a minha ascensão ao trono, pois sendo mais úteis a vós que a mim mesmo, não poderieis ignorá-las. Sabeis que nas calamidades públicas esqueci os meus próprios interesses para vos ajudar, e não teríeis dificuldade em reconhecer que as muitas obras grandiosas que empreendi e concluí, com a ajuda de Deus, e nas quais não visava tanto a minha satisfação particular quanto as vantagens que disso poderieis receber elevaram a nossa nação a um grau de estima nunca antes alcançado. Seria inútil, pois, falar-vos das cidades que construí e das que embelezei na judéia e nas províncias que nos são tributárias. Mas quero propor-vos uma iniciativa muito maior e mais importante que todas as outras, pois se refere à nossa religião e ao culto que devemos prestar a Deus. Sabeis que o Templo que os nossos antepassados construíram depois de seu regresso do cativeiro da Babilônia mede em altura sessenta côvados a menos que o construído por Salomão, mas não devemos culpá-los, pois desejavam torná-lo mais suntuoso que o primeiro, porém, estando então sujeitos aos persas è depois aos macedônios, foram obrigados a

seguir as medidas que lhes deram os reis Ciro e Dario, filho de Histapes. Agora que sou devedor a Deus da coroa que possuo e uso sobre minha cabeça, da paz de que desfrutamos, das riquezas que acumulei e, o mais importante, da amizade dos romanos, que hoje são senhores do mundo, esforçar-me-ei por demonstrar o meu reconhecimento por tantos favores, dando a essa obra a maior perfeição".

677. As palavras de Herodes surpreenderam a todos de modo extraordinário. A grandeza da idéia a fazia parecer inexeqüível. E, mesmo que não o fosse, eles temiam que, depois de demolido o Templo, não o pudessem reconstruir inteiramente, e assim achavam a empresa muito perigosa. Mas ele os tranqüilizou, prometendo não tocar no antigo edifício antes de preparar tudo o que fosse necessário para a construção do novo, e os fatos seguiram-se às palavras. Ele empregou mil carretas para trazer as pedras, reuniu todo o material, escolheu dez mil operários dos melhores e sobre eles constituiu mil sacerdotes, vestidos à sua custa, inteligentes e práticos nos trabalhos de pedreiro e de carpinteiro.

Depois que tudo estava preparado, mandou demolir os antigos alicerces, para serem reconstruídos, e sobre eles ergueu-se o Templo, que media cem côvados de comprimento e cento e vinte de altura. Porém mais tarde os alicerces cederam, e essa altura ficou reduzida a cem côvados. Nossos antepassados quiseram, no reinado de Nero, levantar o Templo, para recuperar esses vinte côvados de rebaixamento. Esse trabalho foi realizado com pedras duras e muito brancas que mediam vinte e cinco côvados de comprimento por oito de altura e doze de largura.

A frente desse soberbo edifício parecia a de um palácio real. As duas extremidades de cada frente eram mais baixas que o centro, e esse centro era tão alto que os que estavam em frente do Templo ou que para lá se dirigiam podiam vê-lo, ainda que estivessem muito longe, mesmo a vários estádios de distância. A arquitetura dos pórticos era quase semelhante ao resto. Viam-se estendidas tapeçarias de diversas cores adornadas com flores de púrpura, com colunas entre elas, nas cornijas, das quais pendiam ramos de videira feitos de ouro, com os cachos e as folhas tão bem trabalhados que nessas obras, tão ricas, a arte nada ficava a dever à natureza.

Herodes mandou fazer galerias ao redor do Templo, tão largas e tão altas que correspondiam à magnificência de todo o resto, sobrepujando em beleza todas as que antes haviam sido vistas, de sorte que parecia que ninguém mais a não ser esse príncipe havia trabalhado para adornar o Templo. Duas dessas galerias eram sustentadas por muralhas fortes e espessas, e nada fora visto até então de mais belo que essa obra.

Havia um outeiro pedregoso muito áspero e inclinado, mas que pendia em descida, mais suave, em direção a cidade, do lado do oriente, e Salomão foi o primeiro, por ordem de Deus, a rodear o seu vértice com muralhas. Herodes fez rodear com outro muro todo o sopé desse montículo, abaixo do qual, do lado sul, há um profundo vale. Esse muro, construído com grandes pedras ligadas com chumbo, ia até a extremidade embaixo do montículo e o rodeava por inteiro. Era de forma quadrangular e tão alto e forte que não se podia contemplá-lo sem admiração. As pedras, de tamanho extraordinário, faziam frente para fora e estavam ligadas entre si com ferro, por dentro, para que pudessem resistir a todas as injúrias do tempo. Depois que esse muro foi erguido, tão alto quanto o vértice do montículo, encheu-se todo o vazio que havia dentro dele. Formou-se assim uma plataforma, cujo perímetro era de quatro estádios, pois cada uma das frentes tinha um estádio de comprimento, e havia um grande pórtico, colocado no meio dos dois ângulos.

Fez-se nesse quadrado um outro muro, também de pedra, para rodear o vértice do montículo, cujo lado, oposto ao oriente, tinha um duplo pórtico, que estava em frente à entrada do Templo, a qual estava construída no meio, e vários de nossos reis adornaram e enriqueceram muito essa entrada. Todo o perímetro do Templo estava cheio de despojos, obtidos sobre os nossos inimigos, e Herodes consagrou-os de novo, depois de acrescentar-lhes os troféus conquistados aos árabes.

Do lado do norte, havia uma torre bastante forte e bem municiada, que fora construída pelos reis da família dos asmoneus, os quais detinham ao mesmo tempo a soberana autoridade e o sumo sacerdócio. Eles haviam dado a essa torre o nome de Baris, porque aí se conservava o veste de que o sumo sacerdote se revestia somente quando oferecia sacrifícios a Deus, e Herodes ordenou que ali se colocasse essa vestimenta sagrada.

Depois da morte de Herodes, os romanos tiveram-no em seu poder até os tempos do imperador Tibério. Mas quando, durante o seu reinado, Vitélio veio tomar posse do governo da Síria, os habitantes de Jerusalém o receberam com tanta honra que este, para lhes demonstrar a sua satisfação, obteve de Tibério para eles, ante os reiterados pedidos que lhe faziam, outra vez a guarda desse santo depósito. Eles desfrutaram essa graça até depois da morte do rei Agripa, o Grande. Então Cássio Longino, governador da Síria, e Cúspio Fado, governador da Judéia, ordenaram aos judeus que o colocassem na torre Antônia, a fim de niiP PIP firassp ramo antes, em Dosse dos romanos. Os judeus, a esse respeito, enviaram embaixadores ao imperador Cláudio. Mas o jovem rei Agripa, que estava em Roma, pediu para ter a posse dele, o que lhe foi concedido, sendo a ordem comunicada a Vitélio.

Era assim que se fazia outrora: a preciosa veste era guardada sob o selo do sumo sacerdote e dos tesoureiros do Templo. Na vigília das festas solenes, eles iam procurar o comandante na torre dos romanos, onde, após a confirmação de que o selo estava intacto, recebiam de suas mãos essa veste e a devolviam, selada como antes, depois de terminada a festa. Essa torre já era forte, mas Herodes a fortificou muito mais ainda, a fim de fortalecer também o Templo, e a chamou Antônia, para honrar a memória de Antônio, que lhe havia demonstrado tanta amizade.

678. Do lado do ocidente, havia quatro portas. Por uma delas, ia-se ao palácio real, atravessando-se um vale que estava entre eles. Pelas outras duas, ia-se aos arrabaldes e, pela quarta, à cidade. Mas era preciso, para isso, descer vários degraus até o fundo do vale e tornar a subir por outros tantos, pois a cidade, em forma de circo, está situada em frente ao Templo e termina naquele vale do lado do sul. E, desse mesmo lado, à frente do quadrado, havia no meio uma outra porta igualmente distante dos dois ângulos e uma tríplice e soberba galeria, que se estendia desde o vale que estava do lado do oriente até o que estava do lado do ocidente. Essa galeria não podia ser mais longa porque compreendia todo esse espaço.

Tal obra era uma das mais admiráveis que o sol jamais iluminou. O vale era tão profundo e tão alta a cúpula elevada acima da galeria que não se podia contemplá-la do fundo do vale, porque a vista não alcançava tão longe sem se

obscurecer e turbar. Essas galerias eram sustentadas por quatro séries de colunas igualmente distantes, e um muro de pedra preenchia os espaços entre as colunas da quarta fileira. Essas colunas eram tão grossas que eram necessários três homens para abraçar uma delas. Tinham vinte e sete pés de circunferência, e a sua base media o dobro. Havia ao todo cento e sessenta e duas. Eram de estilo coríntio e tão artisticamente trabalhadas que causavam admiração. Entre essas quatro fileiras de colunas, estavam três galerias, cada uma medindo trinta pés de largura, mais de cinqüenta pés de altura e um estádio de comprimento. Mas a do meio era uma vez e meia mais larga e duas vezes mais alta que as outras. Viam-se nos forros dessas galerias diversas figuras, muito bem talhadas. A arcada da galeria do meio, que superava as outras, apoiava-se sobre cornijas de pedra, tão bem talhadas e entremeadas de colunas e feitas com tanta arte que as junturas não eram percebidas a olho nu — poder-se-ia pensar que toda a obra era feita de um único bloco de pedra.

Assim estava construído esse primeiro recinto. Havia um segundo, feito com um muro de pedra e que estava a pouca distância. A ele se subia por alguns degraus, e havia uma inscrição que proibia aos estrangeiros lá entrar, sob pena de morte. Esse recinto interior tinha três portas do lado do sul e três do lado norte, igualmente distantes, e uma grande do lado do oriente, pela qual os que estavam purificados entravam com as suas mulheres, mas a estas era proibido transpô-la.

Somente os sacerdotes podiam adentrar o espaço que ficava entre esses dois recintos, porque ali estava construído o Templo, e era onde também se localizava o altar sobre o qual se ofereciam os sacrifícios a Deus. Assim, nem mesmo Herodes ousava entrar ali, porque não era sacerdote. Por isso deixou aos sacerdotes o cuidado dessa obra. Eles a concluíram em dezoito meses. Para tudo o mais, haviam-se empregado oito anos.

Não se pode descrever a alegria do povo ao ver tão grandiosa obra terminada em tão pouco tempo. Começaram por dar ações de graças a Deus e em seguida fizeram também elogios ao rei, pois o seu zelo bem os merecia. Depois, promoveram uma grande festa para celebrar a memória da nova construção. Herodes ofereceu a Deus trezentos bois como sacrifício, e os outros também ofereceram vítimas, segundo as suas posses. O número delas foi tão

grande que se pode dizer incalculável, e a festa realizou-se no mesmo dia do início do reinado de Herodes e que ele solenizava todos os anos com grande pompa. Esse grande príncipe mandou fazer um subterrâneo, que ia desde a torre Antônia até a porta oriental do Templo, perto da qual mandou construir outra torre, a fim de que ele e os outros reis lá pudessem refugiar-se em caso de rebelião.

Diz-se que durante todo o tempo em que se trabalhou para a reconstrução do Templo choveu somente à noite, para que os trabalhos dessa santa obra não fossem retardados. Esse pormenor veio por tradição de nossos antepassados até nós, mas não devemos ter dificuldade em lhe prestar fé, quando se apresentam aos nossos olhos tantas graças e favores recebidos da mão liberal e onipotente de Deus.

Livro Décimo Sexto

Capítulo 1

O rei Herodes estabelece uma lei que o faz ser tido como tirano. Vai a Roma e traz de volta Alexandre e Aristóbulo, seus filhos. Salomé, sua irmã, e seus partidários procuram torná-los odiosos a ele.

679. Como o rei Herodes estava persuadido de que um de seus principais cuidados no governo de seu território era impedir que se fizessem injustiças aos particulares, tanto em Jerusalém quanto nos campos, ele ordenou, por uma nova lei, que aquele que furasse a parede para entrar numa casa seria tratado como escravo e vendido fora do reino. Não o fazia, no entanto, para punir o crime, mas para abolir um costume observado havia muito tempo entre nós e se colocar assim acima das leis.

Um castigo tão severo como o de viver escravo em terras estrangeiras, cuja maneira de viver é muito diferente da nossa, muito mais fere a religião que mantém a justiça, e as nossas antigas leis já haviam provido o suficiente quanto a isso, ordenando que aqueles que possuíam riquezas pagassem o quádruplo do que haviam roubado. Os que não tivessem seriam vendidos como escravos. Como, porém, as leis só permitiam que fossem vendidos aos de sua própria nação, a servidão não seria perpétua, porque no sétimo ano eles recobravam a liberdade. Assim, essa lei foi tida como muito injusta e considerada tirânica, porque o soberano, por um orgulho insuportável, julgava que lhe era permitido calcar aos pés as leis do reino e criar novas penas. Todos se queixavam em alta voz. Esse fato suscitou contra ele um ódio tal que não era possível dissimulá-lo.

680. Ele foi nessa mesma ocasião a Roma para visitar o imperador e ver os filhos, que lá se educavam e que já estavam suficientemente instruídos nas letras.

Augusto recebeu-o com grandes demonstrações de honra e amizade e os entregou para que fossem trazidos de volta ao seu país. Os judeus receberam-

nos com muita alegria, porque eles eram muito belos e de porte elegante. Tudo neles demonstrava majestade real.

Esse afeto do povo causou muita inveja a Salomé, irmã do rei, bem como a todos os que com ela haviam causado, por suas calúnias, o fim trágico de Mariana. Temiam eles que esses príncipes logo que fossem elevados ao trono quisessem vingar a morte de sua mãe e resolveram usar contra eles dos mesmos artifícios de que se haviam servido contra aquela inocente e infeliz princesa, a fim de obrigar o pai deles a renunciar o afeto que lhes devotava. Depois dessa deliberação, fizeram correr a notícia de que aqueles príncipes não o estimavam, porque ainda o imaginavam com as mãos tintas com o sangue de sua mãe. Não ousavam, no entanto, falar disso ao rei. Mas não duvidavam de que tal notícia logo chegaria aos seus ouvidos, e o ódio que suscitaria em seu coração contra os filhos sufocaria os sentimentos da ternura paternal.

CAPÍTULO 2

HERODES CASA ALEXANDRE E ARISTÓBULO, SEUS FILHOS, E RECEBE MAGNIFICAMENTE AGRIPA EM SEUS ESTADOS.

681. Essa conspiração de Salomé e dos outros autores da morte de Mariana contra os filhos dele não produzira ainda nenhum efeito no espírito de Herodes, que continuava a tratá-los como eles poderiam desejar. E, como estavam na idade de se casar, ele fez Alexandre desposar Glafira, filha de Arquelau, rei da Capadócia, e casou Aristóbulo com Berenice, filha de Salomé.

682. Nesse mesmo tempo, soube que Agripa navegava da Itália para a Ásia. Foi procurá-lo e convidou-o, pela amizade que havia entre eles, a visitar o seu reino. Agripa não pôde recusá-lo, e Herodes tudo fez para agradar a ele e aos seus amigos, tratando-os com toda a magnificência possível. Levou-o às novas cidades que havia construído, Sebaste e Cesaréia — onde mostrou-lhes o soberbo porto, às fortalezas de Alexandriom e Hircânia —, e depois a Jerusalém, onde todo o povo, vestido como em dia de festa, veio encontrá-lo com grandes aclamações. Agripa ofereceu a Deus em sacrifício uma hecatombe,* deu um banquete a todo o povo e ficou tão satisfeito com a maneira como foi recebido que manifestou o desejo de ficar ainda alguns dias. Todavia, como o

inverno se aproximava e haveria perigo, caso se demorasse em pôr-se ao mar; foi obrigado a embarcar para a Jônia. Antes, porém, Herodes ofereceu-lhe magníficos presentes, bem como aos principais dentre os que o acompanhavam.

---

* Sacrifício de cem vítimas.

CAPÍTULO 3

HERODES VAI PROCURAR AGRIPA NO PONTO COM UMA ESQUADRA, E COM ELA REFORÇA O EXÉRCITO ROMANO. AO RETORNAR COM ELE, FAZ BENEFÍCIOS A VÁRIAS CIDADES DURANTE O CAMINHO.

683. Quando chegou a primavera, Herodes soube que Agripa navegava com a sua esquadra para o Bósforo, e embarcou para encontrar-se com ele em Lesbos. Porém, depois de passar Rodes e Cós, um vento do norte impeliu-o para a ilha de Quios, onde foi obrigado a permanecer alguns dias. Muitos vieram cumprimentá-lo, e ele lhes deu magníficos presentes. Percebendo que os mercados da cidade, que eram muito grandes e belos, haviam sido destruídos durante a guerra de Mitridates e que os habitantes não tinham meios de os reconstruir, forneceu-lhes dinheiro mais que o necessário para as despesas e exortou-os a trabalhar prontamente para restituir à cidade a sua primitiva beleza.

684. Quando o vento mudou, ele tornou a embarcar. Aportou em Mitilene e depois em Bizâncio, onde soube que Agripa já passara os rochedos cianeanos. Seguiu-o rapidamente e o alcançou em Sinope, que é uma cidade do Ponto. Agripa ficou tão satisfeito quanto surpreso por vê-lo chegar com uma frota, quando menos esperava. Recebeu-o com as demonstrações de reconhecimento que merece tão grande prova de amizade, pois Herodes deixara o seu reino e os interesses de Estado para trazer-lhe um considerável auxílio. Esse fortaleci-mento de amizade uniu-os de tal modo que eles estavam sempre juntos, e Agripa nada fazia sem a participação de Herodes. Chamava-o a todos os conse-lhos, comunicava-lhe a execução de todas as suas empresas e, quando queria

dar-se a algum divertimento para aliviar o espírito, ele era o único a quem convidava para lhe fazer companhia. E deu-lhe não somente provas de sua amizade nas coisas agradáveis, mas também de sua confiança nas ocasiões mais importantes e difíceis.

Depois que esse general romano concluiu no Ponto os negócios que haviam sido o motivo de sua viagem, resolveu continuar a rota por terra. Atravessou a Paflagônia, a Capadócia e a Alta Frígia para chegar a Éfeso e depois tornou a embarcar para Samos. A magnificência e a generosidade de Herodes brilharam nessa viagem, pelo bem que ele fez a todas as cidades que sofriam por alguma necessidade. Ajudou-as não somente com o seu dinheiro, mas também com a sua recomendação e favor junto de Agripa, perante o qual ele tinha mais crédito que qualquer outro.

Herodes achava aí tanto mais facilidade quanto esse grande homem tinha a alma nobre e elevada, estando sempre pronto a conceder o que lhe era pedido, contanto que não se fizesse injustiça a ninguém. E assim, Agripa concedia ainda mais do que Herodes podia desejar dele, tanto prazer sentia em servi-lo. Ante pedido seu, perdoou os ilíricos, contra os quais estava muito irritado. Herodes pagou ao tesoureiro do imperador o que os habitantes de Quios lhe deviam e ajudou todas as outras cidades em tudo o que elas necessitavam.

CAPÍTULO 4

OS JUDEUS DAJÔNIA QUEIXAM-SE A AGRIPA, NA PRESENÇA DE HERODES, DE QUE OS GREGOS OS ESTÃO PREJUDICANDO EM SEUS PRIVILÉGIOS.

685. Apenas Agripa e Herodes chegaram à Jônia, um grande número de judeus moradores daquela província vieram queixar-se de que, com prejuízo dos privilégios a eles conferidos pelos romanos e da liberdade que estes lhes haviam concedido para viver segundo as suas próprias leis, estavam sendo obrigados a comparecer nos dias de festas diante dos juizes. Eram também obrigados a ir à guerra e forçados a contribuir para as despesas públicas. Isso os impedia de enviar a Jerusalém o dinheiro destinado às cerimônias sagradas. Herodes não quis perder essa ocasião de ajudar os judeus. E escolheu um amigo, de nome Nicolau, para defender a causa. Agripa então reuniu os

principais romanos que estavam com ele, alguns reis e vários príncipes.

Esse amigo de Herodes assim falou: "Grande e generoso Agripa. Não é de se admirar que pessoas oprimidas recorram àqueles cuja autoridade possa aliviá-los dos males que sofrem. E não duvidamos de que obteremos o que vos iremos pedir, pois não desejamos outra coisa senão sermos mantidos na mesma condição em que vos dignastes permitir-nos viver, mas da qual os nossos inimigos se esforçam por nos privar, embora não se possam opor à vossa vontade, sendo-vos tão sujeitos quanto nós. Que motivos eles podem ter? Se é grande a graça que nos fizestes, é porque nos julgastes dignos de recebê-la. E, se é pequena, ser-vos-ia vergonhoso não permitir que as desfrutem os que a receberam de vossa liberalidade. Assim, é evidente que a injúria que eles nos fazem recai sobre vós, pois desprezam o vosso desejo e tornam inúteis os vossos benefícios. Se lhes for perguntado o que preferem: perder a vida ou ser impedidos de observar as leis de seu país e as suas festas, cerimônias e sacrifícios, acaso não responderão que é preferível sofrer qualquer castigo a privar-se de todas essas coisas? Que guerras não empreenderão para se manter na posse de um bem tão precioso e tão caro a todas as nações? E, que há de mais doce, na paz que se desfruta sob o Império Romano, senão a liberdade de viver segundo as leis do próprio país? Mas esses bárbaros querem impor aos outros um jugo que não podem suportar, como se houvesse menos impiedade em nos impedir prestarmos a Deus o culto ao qual a nossa religião nos obriga que em faltarem eles mesmos aos deveres aos quais a sua os mantém sujeitos. E outra razão torna-os ainda mais inexcusáveis. Existe cidade ou povo, que, a menos que tenha perdido o juízo, não considere uma grande felicidade viver sob a dominação de tão poderoso império como o romano e queira dele ser privado? Pois é isso o que fazem os nossos inimigos quando se esforçam por nos privar do bem que recebemos de vossa bondade. Eles estão também renunciando ao direito de usufruir os benefícios de que vos são devedores e de que não podem assaz estimar. Pois, se considerarmos as outras nações, quase todas obedecem a reis e vivem numa feliz tranqüilidade, sob a proteção dos imperadores, não se julgando súditos, mas pessoas livres. E, por maior que seja a nossa felicidade em desfrutar a tranqüilidade que encontramos sob o vosso domínio, eles não têm o direito de a invejar, quando a única coisa que pedimos é não sermos

perturbados no exercício de nossa religião. Pode-se com justiça no-lo recusar quando há vantagem em no-lo conceder? Porque Deus não somente honra aqueles que lhe prestam honra, mas também aqueles que permitem que elas sejam prestadas. Porventura existe em todas as nossas leis e costumes algo que se possa com razão criticar ou que não seja, ao contrário, pleno de justiça e de piedade? As nossas leis são tão puras e santas que não tememos que sejam conhecidas em todo o mundo. Empregamos o sétimo dia, que para nós é dia de descanso, em estudá-las e em aprendê-las e experimentamos o quanto são úteis para corrigir defeitos e nos levar à virtude. E, ainda que não fossem tão louváveis em si mesmas, não deveria a sua antigüidade, que alguns ousam vãmente contestar, torná-las ainda mais veneráveis, já que não se poderia sem impiedade abandonar leis consagradas pela aprovação de tantos séculos? Muitos motivos temos nós, portanto, de nos queixarmos daqueles que praticam contra nós tão grande injustiça, pois roubam, por um horrível sacrilégio, o dinheiro que ofertamos para ser empregado no serviço de Deus, fazem sobre nós imposições de que estamos isentos e nos obrigam, nos dias de nossas festas, a comparecer perante os juizes para tratar de negócios temporais, e isso somente para nos impedir o exercício de nossa religião. E nisso são tão injustos quanto conscientes de que não lhes damos nenhum motivo para que nos odeiem e não podem ignorar que a eqüidade de vosso governo tem por único objetivo unir os vossos súditos e impedir tudo o que possa vir a alterar-lhes a união. Livrai-nos, pois, senhor, de tal opressão, por vossa autoridade, fazendo com que não nos impeçam mais a observância de nossas leis e que aqueles que nos odeiam não tenham mais poder sobre nós, assim como não pretendemos dominar sobre eles. O que pedimos é justo, pois se trata da execução dó que já nos foi concedido, como se pode ver ainda hoje nos muitos decretos do senado, gravados sobre as tábuas de cobre do Capitólio. Não se pode também duvidar de que a nossa afeição e fidelidade ao povo romano não tenham sido causa de tantas demonstrações que ele nos deu de sua amizade. E, mesmo que não tivéssemos merecido esses privilégios, seria suficiente dizer que eles nos foram concedidos uma vez a fim de serem para sempre invioláveis, pois a vossa maneira de agir para com todas as outras nações é tão generosa que, em vez de diminuir os vossos benefícios, sentis prazer em aumentá-los além das

esperanças dos que já vos são reconhecidos. Os favores que recebemos do Império Romano são tão numerosos que eu seria demasiado prolixo se os fosse enumerar. Para que não pareça que o meu testemunho acerca do nosso acatamento ao povo romano e de nossas benemerências seja pura vaidade e sem fundamento, não citarei os séculos passados. Contentar-me-ei em falar-vos«,do rei que agora nos governa e que vejo sentado junto de vós. Que demonstrações não vos deu ele de sua grande afeição? Que provas não recebestes de sua fidelidade? Que honras não vos prestou? Tivestes necessidade de algum auxílio que ele não tenha sido o primeiro a vo-lo conceder? Poderieis então recusar, diante de tantos méritos, o favor que vos pedimos? E, poderia eu passar em silêncio os grandes serviços de Antípatro, seu pai? Quem não sabe que ele, quando César estava empenhado na guerra contra o Egito, levou a esse rei dois mil homens e que nenhum outro obteve maior glória que ele pelo seu valor em todos os combates de terra e mar ou serviu mais proveitosamente ao império? Não precisamos de outra prova. Bastam os presentes que César lhe fez e as cartas que escreveu ao senado, plenas da estima e do afeto que lhe devotava, obtendo assim para ele grandes honras e a qualidade de cidadão romano. Seja essa única prova suficiente para mostrar que merecemos essas graças e que assim não temos razão para temer que recuseis confirmá-las. Esperamos mesmo que as aumenteis, pois vemos a amizade que dedicais ao nosso rei e sabemos das honras que prestastes a Deus em Jerusalém com os vossos sacrifícios e com os banquetes que oferecestes ao povo, da bondade com a qual recebestes deles presentes e do prazer que demonstrastes pela maneira como o nosso rei vos recebeu em seu reino e na sua capital. Que mais se poderia desejar, pois, para não haver dúvida de que sereis levados a reverenciar a nossa nação? Depois de tantas considerações, não temos como recear que venhais a permitir que a malícia de nossos inimigos nos impeça fruir os favores que recebemos de vossa generosidade".

Nicolau assim falou pelos judeus, e nenhum dos gregos o contradisse, porque não era um assunto tratado diante dos juizes, mas uma intercessão que pretendia fazer cessar uma injustiça que sofriam. Os inimigos de nossa nação outra coisa não puderam alegar contra nós senão que éramos estrangeiros e que estávamos sob os seus cuidados. A isso os judeus responderam que não

deviam passar por estrangeiros, pois eram cidadãos que viviam segundo as leis de seu país, sem fazer injustiça a ninguém.

CAPÍTULO 5

AGRIPA CONCEDE AOS JUDEUS O QUE ELES PEDEM. HERODES VOLTA AO SEU REINO E PERDOA AOS SEUS SÚDITOS A QUARTA PARTE DO QUE ELES LHE PAGAM.

686. Agripa percebeu que os judeus estavam sendo violentamente oprimidos e lhes deu uma resposta. Disse que não somente a amizade pelo seu rei, mas também a justiça de seu pedido o levava a conceder o que pediam. E, se tivessem desejado dele mais alguma coisa, nada lhes teria recusado, desde que não fosse prejudicial ao império. Mas, como se tratava de confirmar favores já concedidos, ele o fazia de muito boa vontade, e daria ordem para que não fossem mais perturbados. Eles podiam continuar a observar os seus costumes, pois não sofreriam mais injúrias. Depois dessas palavras, ele dissolveu a assembléia, e Herodes agradeceu-lhe por essa resposta tão favorável.

Os dois príncipes separaram-se em seguida, com grandes demonstrações de afeto e partiram de Lesbos. Herodes, tendo vento favorável, pôde chegar a Cesaréia e, poucos dias depois, a Jerusalém, onde reuniu todo o povo. Informou-os do que se passara na viagem e contou como conseguira fazer com que os judeus que moravam na Ásia vivessem em plena tranqüilidade, sem serem mais importunados. Ao falar da felicidade que desfrutava no seu reinado, afirmou que coisa alguma havia negligenciado em benefício deles e acrescentou que, para dar uma prova do que estava dizendo, dispensava-os da quarta parte dos impostos. Essas palavras, acompanhadas de tal favor, foram recebidas pelo povo com grandes demonstrações de regozijo, e eles desejaram ao rei toda sorte de prosperidade.

CAPÍTULO 6

SALOMÉ, IRMÃ DE HERODES, PROCURA INDISPÔ-LO CONTRA ALEXANDRE E ARISTÓBULO, OS FILHOS QUE ELE TIVERA DE MARIANA. ELE MANDA ANTÍPATRO, QUE TIVERA DO PRIMEIRO MATRIMÔNIO, A ROMA.

687. Enquanto isso, a divisão na família de Herodes aumentava, pelo ódio irre-conciliável de Salomé contra Alexandre e Aristóbulo, porque eles se referiam a ela e a Feroras, seu irmão, de maneira muito ofensiva e porque temia que eles vingassem a morte de Mariana. Como já havia cumprido o detestável intento de eliminar a mãe, queria também agora fazer perecer os irmãos, filhos desta. Não lhe faltavam pretextos, porque os dois príncipes demonstravam pouco afeto pelo rei seu pai, quer pela lembrança da morte tão injusta de sua mãe, quer pelo desejo de reinar.

Assim, o ódio era igual de parte a parte, mas eles agiam diferentemente. Os dois irmãos não dissimulavam o seu, tanto pela ousadia que dá a grandeza da origem quanto pela pouca experiência. Salomé e Feroras, ao contrário, para preparar o caminho às suas calúnias, irritavam a altivez dos dois pnncipes, a fim de levar o pai a crer que, estando eles persuadidos de que ele lhes matara a mãe injustamente e convictos da honra de terem nascido de tão grande princesa, poderiam vingar-lhe a morte com as próprias mãos.

Já não se falava de outra coisa em toda a cidade, e, como acontece com os espectadores dos combates, quando as partes não são iguais, todos sentiam compaixão pelo perigo em que a imprudência dos jovens príncipes os lançaria. Salomé não perdia ocasião para daí tirar proveito, encobrindo com alguma aparência de verdade as falsas acusações de que se servia para arruiná-los. Estavam eles tão sentidos pela morte da mãe que não se contentavam em lamentá-la ou em manifestar o seu sofrimento: diziam também que se consideravam infelizes por serem obrigados a viver com aqueles que tinham as mãos manchadas com o sangue dela.

688. A confusão aumentava grandemente, e a ausência de Herodes contribuía para agravar a situação. Depois que ele regressou e falou ao povo da maneira que há pouco referimos, Feroras e Salomé falaram-lhe como se ele estivesse em grande perigo, dizendo que os jovens declaravam que haveriam de vingar a morte da mãe, acrescentando maliciosamente que eles esperavam, por meio de Arquelau, rei da Capadócia, comunicar-se com o imperador, para acusá-lo perante este. Herodes ficou impressionado com essas palavras porque outros também lhe davam o mesmo aviso. Ele repassava em sua memória as aflições passadas, que lhe haviam arrebatado os melhores amigos e uma

mulher a quem amara com verdadeira paixão.

O infeliz soberano, julgando do futuro pelo passado e temendo males ainda maiores que os que já lhe haviam acontecido, viu-se em aflitivo tormento. Podia-se dizer que ele era tão feliz fora da pátria, onde tudo lhe saía melhor do que ele esperava, quanto era infeliz em casa, além do que se poderia imaginar, devido às aflições domésticas. De sorte que, em tal excesso de bem e de mal, era difícil saber qual dos dois sobrepujava o outro, e se não lhe teria sido mais vantajoso passar a vida em descanso, privadamente, que usar uma coroa cuja grandeza e cujo brilho eram acompanhados de tantas dores e tormentos.

689. Por fim, após haver refletido, resolveu chamar o mais velho de seus filhos, de nome Antípatro, que ele havia feito educar privadamente, e iniciá-lo no governo. Não que tencionasse dar-lhe inteira autoridade, como o fez depois, mas para fazer oposição aos irmãos, a fim de lhes reprimir a insolência e para que se tornassem mais sensatos quando vissem que a sucessão ao trono não pertencia a eles somente. Então mandou vir Antípatro como para torná-lo participante de sua confiança e encarregá-lo de várias incumbências, mas na realidade com o propósito de rechaçar o orgulho dos outros dois, certo de que esse era o meio apropriado para isso.

Aconteceu, porém, exatamente o contrário. Os dois príncipes sentiram-se muito ofendidos, e Antípatro, quando se viu revestido de uma autoridade que nunca imaginara merecer e à qual jamais havia aspirado, pensou em ocupar o primeiro lugar no afeto do rei seu pai. Como sabia que Herodes estava descontente com os dois irmãos e facilmente daria ouvidos a calúnias, tudo fez para aumentar ainda mais a sua aversão por eles e para torná-los odiosos a ele. Agiu com tanta habilidade que nenhuma suspeita o atingiu, pois, para prejudicá-los, valia-se de pessoas que eram amadas pelo rei e das quais este não podia desconfiar. Algumas delas já cultivavam a amizade de Antípatro, na esperança de obter por meio deste alguma vantagem. Assim, ele podia ter toda a confiança de que elas convenceriam Herodes de que lhe falavam daquele modo unicamente pelo interesse em seu bem-estar.

Muitos agiam mesmo de comum acordo para destruir os jovens príncipes. Não perdiam oportunidade para acusá-los, e os dois irmãos davam eles próprios motivo para isso. Não podendo tolerar a maneira tão injuriosa como

aqueles os tratavam, muitas vezes eram vistos banhados em lágrimas. Às vezes invocavam o nome de sua mãe e queixavam-se abertamente da injustiça de seu pai aos amigos. Os partidários de Antípatro observavam com grande cuidado todas essas coisas e não se contentavam em referi-las a Herodes, mas inventavam ainda outras, aumentando, por sua malícia, essa tão grande divisão.

Esses artifícios e calúnias irritavam Herodes cada vez mais, e ele resolveu impor ainda maiores humilhações a Aristóbulo e Alexandre. Para esse fim, elevou Antípatro a novas honras e consentiu, em face dos instantes pedidos que ele lhe fazia, receber a sua mãe no palácio. Escreveu também diversas vezes a Augusto, recomendando-o com muito afeto. Quando ele embarcou para se encontrar com Agripa, que voltava para Roma após governar a Ásia por dez anos, Antípatro foi o único de seus filhos que o acompanhou. Herodes rogou a Agripa que admitisse o filho na viagem e o apresentasse a Augusto — ao qual mandava, por meio dele, valiosos presentes —, introduzindo-o em suas boas graças. Desse modo, ninguém mais duvidava de que Antípatro sucederia a Herodes no trono e que os seus irmãos estavam definitivamente rejeitados.

CAPÍTULO 7

ANTÍPATRO INCITA DE TAL MODO O PAI CONTRA ALEXANDRE E ARISTÓBULO, SEUS IRMÃOS, QUE HERODES OS LEVA A ROMA E OS ACUSA PERANTE AUGUSTO DE HAVEREM ATENTADO CONTRA A SUA VIDA.

690. A viagem de Antípatro a Roma, com as cartas de recomendação do rei seu pai a todos os seus amigos, foi-lhe muito honrosa. Mas ele estava pesaroso, temendo que a sua ausência o impedisse de continuar a caluniar os irmãos e que Herodes retomasse para com eles sentimentos mais favoráveis. Assim, não deixava de incitá-lo com as suas cartas. Tomava como pretexto o cuidado pela sua conservação, mas na realidade pretendia chegar por esses meios perversos à realização de suas esperanças e à posse da coroa. E foi bem-sucedido em seu intento. Herodes perdeu todo o afeto que lhe restava pelos infelizes filhos da desventura-da Mariana e passou a considerá-los apenas inimigos.

Para não parecer que ele, após se haver despojado de toda ternura paterna, agia contra eles por pura paixão, resolveu ir a Roma e acusá-los perante Augusto. Não o encontrou em Roma, mas em Aquiléia, e começou por lhe pedir que se compadecesse de sua infelicidade, pois lhe trazia os dois filhos para acusá-los de terem sido levados, devido à sua paixão pelo poder, à horrível impiedade de odiar o próprio pai e atentar contra a sua vida; que César antes lhe permitira escolher para sucessor o filho cujo caráter e virtude o tornasse digno disso; que aqueles estavam bem longe de possuir aquelas qualidades, pois o ódio que tinham por ele, que os havia posto no mundo, ultrapassava os limites, pois não se incomodavam em perder o trono ou mesmo a vida, contanto que pudessem matá-lo; que por muito tempo suportara aquela extrema aflição, mas agora era obrigado a denunciá-los e a importuná-lo com um discurso tão desagradável.

E acrescentou: "Mereço eu que eles me tratem desse modo? Que motivos lhes dei para se queixarem? Em que se baseiam para afirmar não ser justo que eu, após conquistar o reino com tantos perigos e dificuldades, o possua e não possa escolher o filho que pela sua virtude e dedicação mais motivo me deu para estar satisfeito? Que há de mais apropriado para promover entre eles uma nobre emulação que propor a todos tal recompensa pelo mérito? Pode um filho, vivendo ainda o pai, pensar em apossar-se da coroa sem ao mesmo tempo lhe desejar a morte, já que não se sucede a um homem que ainda vive? Poderiam estes filhos desnaturados queixar-se de que não lhes dei tudo o que desejam os filhos dos reis, e não somente o necessário, mas também a magnificência e o prazer? Não os fiz casar, segundo a sua condição, um com a filha de Arquelau, rei da Capadócia, e outro com a filha de minha irmã? O que mostra claramente a minha moderação e paciência é que, em vez de usar o poder que tenho para castigá-los, quer como pai, porque faltaram aos de-veres da natureza, quer como rei, porque ousaram empreender um atentado contra a minha vida, eu os trago até vós, como a um benfeitor comum, para que sejais juiz entre mim e eles. Peço-vos somente que não os deixeis sem castigo, a fim de que eu não seja tão infeliz que tenha de passar o resto de meus dias em contínuo temor. Que não tenham eles o prazer de ver a luz do sol após terem calcado aos pés, por tão horrível atentado, os direitos mais invioláveis entre os homens".

Herodes falou com muito ardor, e os dois jovens, que durante todo o discurso não haviam podido reter as lágrimas, desataram em pranto, porque, ainda que se sentissem inocentes, era para eles uma dor insuportável ver o próprio pai como acusador. O respeito que lhe deviam tirava-lhes a liberdade de responder, porém lhes importava acima de tudo não abandonar a justiça de sua causa. Assim, não sabendo que deliberação tomar, defendiam-se somente com suspiros e com lágrimas. Mas essa maneira de se justificar fazia-os temer que o seu silêncio fosse tomado como prova de culpa, embora fosse motivado apenas pela sua comoção e pouca experiência. Augusto compreendeu, por sua extrema prudência, os diversos sentimentos que agitavam os espíritos dos príncipes, e todos os presentes ficaram compadecidos. O próprio Herodes não pôde deixar de se mostrar impressionado.

CAPÍTULO 8

ALEXANDRE JUSTIFICA-SE DE TAL MODO QUE AUGUSTO OS JULGA INOCENTES E RECONCILIA-OS COM O PAI. HERODES VOLTA ÀJUDÉIA COM OS TRÊS FILHOS.

691. Quando os dois irmãos perceberam que Augusto, os presentes e mesmo o seu pai tinham o coração enternecido pela compaixão de sua infelicidade e que alguns não podiam reter as lágrimas, Alexandre, o mais velho, tomou a palavra para se justificar dos crimes de que seu pai os acusava e disse, dirigindo-se a ele: "Não é necessária, senhor, outra prova de vossa bondade por nós senão o lugar em que nos encontramos, porque, se tivesseis querido destruir-nos, não nos teríeis trazido à presença deste grande príncipe, que deseja unicamente merecer o glorioso título de salvador, fazendo bem a todos. Poderíeis servir-vos contra nós do poder que vos dá a qualidade de rei e pai, mas, se a nossa vida não vos fosse cara, não nos teríeis feito vir a Roma, a fim de termos o imperador como juiz e testemunha de nossa morte. Pois não se levam aos lugares sagrados e aos Templos aqueles a quem se deliberou tirar a vida. Essa mesma bondade, de que temos motivos para nos gloriar, aumentaria ainda o nosso crime, se fôssemos culpados, pois ela nos obriga a reconhecer que não podemos, sem nos tornamos indignos de ver a luz do dia, faltar ao amor e ao respeito por tão bom pai. Ser-nos-ia muito mais vantajoso morrer

inocentes que viver torturados pelas suspeitas de tão negra ingratidão. Se Deus nos ajudar em nossa defesa, de modo que vos possamos persuadir da verdade, não nos regozijaremos tanto por escapar de tão grande perigo quanto por sermos tidos como inocentes no vosso julgamento. Mas se as calúnias de que se servem para vos incitar contra nós prevalecerem no vosso espírito, inutilmente nos conservaríeis a vida, pois nos seria insuportável. Confessamos que a nossa idade, unida à infelicidade da rainha nossa mãe, pode tornar-nos suspeitos de aspirar ao trono. Considerai, porém, eu vos suplico, se não se poderia fazer a mesma acusação a todos os filhos de rei que já não tivessem mãe e se uma simples suspeita é bastante para convencer as pessoas de um crime tão detestável como o de atentar contra a vida do próprio pai a fim de reinar em seu lugar. Como a simples suspeita não basta, não temos razão em pedir que se apresentem provas dessa horrível acusação? Nada há que a calúnia não invente na corte dos reis. Poderá alguém dizer que preparamos veneno ou fizemos conjuração ou subornamos servidores domésticos ou escrevemos cartas contra o vosso governo? A esperança de reinar, que apresentastes como a recompensa pelo respeito e piedade dos filhos para com os pais, é muitas vezes causa de que maus espíritos cometam péssimas ações. E estamos certos de que não há absolutamente nenhuma de que nos possam culpar. Quanto às calúnias que vos incitaram contra nós, como poderíamos vos fazer conhecer a falsidade delas, se não nos quisestes escutar? Confessamos que fizemos queixas abertamente. Não de vós, o que nos teria feito culpados, mas daqueles que vos relatavam tais coisas. Reconhecemos também que choramos nossa mãe, mas as nossas lágrimas não procediam tanto de sua morte quanto da dor de ver que ainda há pessoas que procuram desonrar a sua memória. Dizem mesmo que nós, durante a vossa vida, aspiramos à coroa. Que probabilidade pode ter tal acusação? Se desfrutamos todas as honras que os vossos sucessores podem pretender, como de fato desfrutamos, que mais podemos desejar? E, se não as desfrutamos, não nos seria lícito esperá-lo? Ao passo que, cometendo um crime tão detestável como o de manchar as mãos no sangue daquele que nos deu a vida, não poderíamos esperar outra coisa senão que a terra se abrisse para nos tragar ou que o mar nos sepultasse em seus abismos. Poderia a santidade de nossa religião e a fidelidade de vossos súditos tolerar que reis parricidas

entrassem no santo Templo, que construístes para honra de Deus? Ainda que não temêssemos tais castigos, acaso ficaríamos impunes enquanto vivesse um monarca tão justo quanto César? Se tendes em nós, senhor, os filhos mais indesejáveis no que convém à vossa tranqüilidade, sabei pelo menos que não somos ímpios nem desprovidos de juízo, como vos querem fazer crer. Estamos certos de que nada se encontrará de verdade em tudo quanto nos acusam. Com relação à morte de nossa mãe, a sua desgraça nos deve tornar mais sensatos, em vez de nos incitar contra vós. Eu poderia apresentar várias outras razões para a nossa defesa, se fosse necessário justificar aquilo que jamais foi cogitado. A única coisa que pedimos ao imperador, nosso soberano árbitro, se vos persuadirdes da verdade de nossa inocência e deixardes de suspeitar de nós, é que vivamos, ainda que infelizes, pois haveria maior desgraça que ser acusado falsamente do mais horrível de todos os crimes? Mas se continuais a desconfiar de nós, morramos então, pelo julgamento que trouxemos contra nós mesmos, sem que sejais acusado pela nossa condenação. A vida não nos é tão cara que a queiramos conservar à custa da reputação daquele de quem a recebemos".

692. Augusto, que desde o começo não pudera acreditar em tão estranhas acusações e que enquanto Alexandre falava e mantinha os olhos sobre Herodes percebeu que este ficava comovido com as palavras do filho, convenceu-se ainda mais da inocência dos dois irmãos. Além disso, os presentes sentiram tão grande compaixão e estavam tão ansiosos pelo final do julgamento, para ver o que aconteceria aos moços, que não podiam deixar de desejar mal a Herodes. Aquelas acusações pareciam-lhes incríveis, e a mocidade dos príncipes, unida à sua beleza, tornava-os tão sensíveis à sua infelicidade que estavam dispostos a prestar-lhes qualquer auxílio. Essa afeição aumentou quando eles viram Alexandre responder tão sabiamente às palavras do pai e com tanta moderação e modéstia. Depois de concluir a sua defesa, ele e o irmão continuaram com os olhos baixos, banhados em lágrimas. Surgiu então um vislumbre de esperança, pois se notava no rosto de Herodes que ele julgava ter agido erradamente e se desculpava pela maneira leviana como acreditara naquelas acusações sem provas.

Augusto, depois de refletir por uns instantes, disse que julgava os

príncipes inocentes dos crimes de que os acusavam, embora não se pudesse eximi-los de terem dado ao pai, com o seu proceder, motivo para que se aborrecesse. Em seguida, pediu a Herodes que os recebesse em suas boas graças e não alimentasse mais contra eles suspeita alguma, pois não era justo acatar semelhantes acusações contra os próprios filhos. Assim, tinha certeza de que eles lhe prestariam ainda bons serviços, que ele esqueceria o descontentamento que lhe haviam causado e retomaria para com eles a antiga afeição e que cada qual trabalharia para restabelecer a amizade e a confiança que deve existir entre parentes, e a união entre eles seria ainda maior que antes.

Depois de assim falar, Augusto fez sinal aos príncipes, para que se caminhassem até o pai, ainda cheios de lágrimas, a fim de pedir-lhe perdão. Mas Herodes antecipou-se e os abraçou com tantas demonstrações de afeto e de ternura que todos ficaram comovidos. O pai e os filhos agradeceram efusivamente ao imperador, e Antípatro mostrou também estar satisfeito com a reconciliação de seus irmãos com o pai.

693. Alguns dias depois, Herodes presenteou Augusto com trezentos talentos, pois nessa época davam-se espetáculos e se faziam donativos ao povo romano. César, por sua vez, deu-lhe metade das rendas das minas da ilha de Chipre e a direção da outra metade, acrescentando, com grandes demonstrações de afeto, diversos outros presentes. Permitiu-lhe escolher para sucessor o filho que ele desejasse e até mesmo dividir o reino entre eles, embora não para desfrutarem isso enquanto ele vivesse, porque era justo que permanecesse como senhor de seu território e de seus filhos.

694. Herodes partiu depois com os três filhos para regressar à Judéia. E, durante a sua ausência, Traconites, que representava uma parte considerável de seus domínios, havia se revoltado, mas os comandantes das tropas a obrigaram a capitular. Quando ele passou por Eleusem, na Cilícia, que agora se chama Sebaste, Arquelau, rei da Capadócia, recebeu-o com grandes honras, bem como aos seus filhos, demonstrando alegria por terem os dois mais novos reconquistado as suas boas graças e porque Alexandre, seu genro, se havia justificado tão bem das acusações feitas contra eles.

Os dois reis separaram-se depois de trocar magníficos presentes. Herodes,

quando chegou a Jerusalém, mandou reunir o povo no Templo, falou-lhe de sua viagem, das honras que recebera de Augusto e de todas as outras coisas que julgou conveniente informá-los. No fim de seu discurso, para dar a seus filhos uma solene lição, exortou todos os de sua corte e da assembléia a viver unidos, declarando-lhes que os filhos reinariam depois dele, a começar por Antípatro, continuando com Alexandre e Aristóbulo. Enquanto ele vivesse, porém, queria ser reconhecido como o único rei e senhor, porque, embora a idade fosse um impedimento para bem governar, ela o tornava ainda mais capacitado, quer pela longa experiência adquirida, quer pelas outras vantagens que ele tinha sobre os filhos, e assim eles e os soldados viveriam felizes enquanto obedecessem somente a ele.

A assembléia, depois disso, dissolveu-se. A maior parte achou que ele havia falado bem. Alguns, porém, julgaram diferente, porque a esperança de reinar que ele dera aos filhos poderia causar entre estes muitas divergências e contestações, as quais seriam causa de grandes turbulências.

CAPÍTULO 9

HERODES, DEPOIS DE CONSTRUIR CESARÉIA, CONSAGRA-A EM HONRA DE AUGUSTO E NELA PROMOVE ESPETÁCULOS DE INCRÍVEL MAGNIFICÊNCIA PARA O POVO. CONSTRÓI AINDA OUTRAS CIDADES E DIVERSOS EDIFÍCIOS. SUA EXTREMA LIBERALIDADE PARA COM OS ESTRANGEIROS E SEVERO RIGOR PARA COM OS SÚDITOS.

695. Nesse mesmo tempo, a cidade de Cesaréia, cujos alicerces tinham sido lançados havia dez anos, foi terminada, no ano vinte e oito do reinado de Herodes e na centésima nonagésima segunda Olimpíada. Ele quis celebrar a dedicação com toda a suntuosidade possível e imaginável. Mandou vir de todas as partes todos os que tinham fama de excelentes músicos, lutadores ou atletas de corridas e das outras espécies de exercícios. Reuniu um grande número de gladiadores, animais ferozes, cavalos rapidíssimos e tudo o que se usa nesses espetáculos tão apreciados pelos romanos e por outras nações. Consagrou todos esses jogos em honra de Augusto e ordenou que fossem repetidos cada cinco anos.

A imperatriz Lívia quis contribuir para essa soberba festividade, em que Herodes não havia poupado despesa alguma. Mandou-lhe de Roma muitas coisas preciosas, cujo valor chegava a quinhentos talentos. Além de uma multidão enorme de povo que acorreu de toda as partes para ver tão grandiosa festa, vieram embaixadores de diversas nações, convidados por Herodes. Ele recebeu-os, alojou-os e os tratou com grande fidalguia. Dava-lhes todos os dias novos divertimentos e, quando a noite caía, reunia-os em grandes banquetes, dos quais eles não se cansavam de admirar a magnificência. Sentia tanto prazer em se distinguir que se esforçava para que o brilho das últimas ações superasse sempre o das anteriores. Afirmava-se que Augusto e Agripa disseram muitas vezes que a sua alma estava tão acima de sua coroa que ele teria merecido reinar sobre toda a Síria e todo o Egito.

696. Depois dessas festas e jogos celebrados com tanta pompa, ele construiu uma cidade no campo de Cafarbasa, num lugar em que as águas e os bosques a tornavam muito agradável. Era cercada por um rio e por uma grande floresta de árvores muito altas. Deu a essa cidade o nome de Antipátride, por causa de seu pai, Antípatro. Construiu, acima de Jerico, um castelo a que chamou Cipro, nome de sua mãe, e tornou-o tão ilustre pela força quanto pela beleza. Como não podia se esquecer de Fazael, seu irmão, a quem amara extremamente, erigiu vários e excelentes edifícios para honrar-lhe a memória. O primeiro foi uma torre em Jerusalém, que não era inferior à de Faraó. Chamou-a Fazaela, sendo uma das principais fortalezas da cidade. Construiu depois, no vale de Jerico, do lado do norte, uma cidade à qual deu o nome de Fazaela e que foi causa de que o território das redondezas, antes deserto e abandonado, fosse repovoado e recebesse também esse nome.

Seria difícil enumerar os bens que Herodes proporcionou não somente a várias cidades da Síria e da Grécia, mas às de outros países por onde ele passava em suas viagens. Costumava ajudar parte delas com a construção de novas obras públicas ou fornecendo dinheiro para que concluíssem aquelas que, após começadas, haviam sido abandonadas pela falta de recursos dos moradores. Dentre as suas generosas doações, a mais digna de nota foi a do Templo de Apoio Pítio, em Rodes, que ele mandou reconstruir à sua custa, contribuindo também com vários talentos para que se restaurasse a frota da

cidade. Ele também ajudou na construção de obras públicas em Nicópolis, erigida por Augusto depois da batalha de Accio. Ele ordenou ainda que se fizessem galerias dos dois lados da praça que atravessa Antioquia, importantíssima cidade, e mandou que lhe pavimentassem as ruas com pedra polida, tanto para embelezá-la quanto para a comodidade de seus habitantes.

697. Como os jogos olímpicos não correspondiam à sua fama, porque faltavam os recursos para cobrir as despesas, Herodes reservou para esse fim uma importância anual, de modo que pudessem ser celebrados, cuidando também da suntuosidade dos sacrifícios e dos ornamentos. Essa liberalidade tão extraordinária fez com que lhe concedessem a honra de superintendente perpétuo desses jogos.

Alguns ficam admirados com as grandes contradições que se acham em Herodes. Quando consideramos a generosidade que ele dispensava com tanta profusão, somos obrigados a confessar que ele era caridoso por natureza. Quando se observa, no entanto, as crueldades e injustiças que ele cometia para com os seus súditos e até mesmo para com os mais próximos, não há como negar o seu gênio duro e o caráter violento e inexorável, que não conhecia limites. Embora essas qualidades sejam tão opostas que parece não poderem ser encontradas na mesma pessoa, é minha opinião que elas procedem de uma mesma causa.

Como a ambição pela honra era a paixão dominante desse soberano, a glória e o desejo de merecer elogios durante toda a vida e imortalizar a sua memória levaram-no a ser tão munificente. Em contrapartida, os seus bens, por maiores que fossem, não bastavam a despesas tão desmedidas. Ele era então obrigado a tratar rudemente os seus súditos e receber assim, por meios indignos, o que a sua vaidade o levava a dissipar. Desse modo, como ele, para não empobrecer, tinha de insistir em fazer tais exações, que o tornavam odioso aos seu súditos e o impediam de conquistar-lhes o afeto, tirava então proveito desse ódio. Em vez de tentar acalmá-los, quando alguém não obedecia cegamente a tudo o que ele ordenava ou quando ele desconfiava de alguma intenção de mudança em seu governo, devido à dura servidão, ele os tratava com rigor semelhante ao que dispensaria aos piores inimigos. Não poupava nem os parentes nem aqueles a quem mais amava, porque exigia que todos lhe

prestassem respeito e submissão absolutos, por mais injusto que fosse o seu governo.

Não precisamos de prova melhor dessa paixão desmesurada pela glória pessoal que as honras excessivas que ele prestava a Augusto, a Agripa e aos seus amigos, pois o seu intento era mostrar, pelo exemplo, de que maneira ele gostaria de ser reverenciado. Como as nossas leis, todavia, têm por objetivo unicamente a justiça, e não a vaidade, elas não permitiam aos judeus ganhar o afeto dos príncipes levantando-lhes estátuas, consagrando-lhes Templos ou usando de bajulações para contentar a própria ambição. Essa seria a razão, julgo eu, pela qual Herodes era tão magnânimo para com os estrangeiros quanto era injusto e cruel para com os próprios súditos.

CAPÍTULO 10

TESTEMUNHO DO AFETO QUE OS IMPERADORES ROMANOS TINHAM PELOS JUDEUS.

698. Nesse mesmo tempo, os judeus que moravam na Ásia e na África, aos quais os reis haviam concedido o direito de burguesia, eram maltratados pelos gregos, que desviavam o dinheiro sagrado e lhes eram contrários em todas as coisas. Então enviaram embaixadores a Augusto, de modo que se pusesse um fim àquele bárbaro tratamento que recebiam. Esse príncipe escreveu às províncias, reafirmando a manutenção daqueles privilégios, como se poderá ver pela cópia da carta que julgo bem reproduzir, a fim de mostrar a afeição dos imperadores romanos para conosco.

"César Augusto, sumo sacerdote e administrador da República, ordena o que se segue. Sendo a nação dos judeus, não somente no tempo presente, mas também no passado, sempre fiel e afeiçoada ao povo romano, particularmente ao imperador César, meu pai, quando Hircano era o seu sumo sacerdote, ordenamos, com o consentimento do senado, que os judeus vivam segundo as suas leis e costumes, tal como faziam no tempo de Hircano, sumo sacerdote do Deus Altíssimo; que os seus Templos desfrutem sempre o direito de asilo; que lhes seja permitido enviar a Jerusalém o dinheiro consagrado ao serviço de Deus; que não sejam obrigados a comparecer a julgamento no dia de sábado nem na vigília do sábado, após as nove horas; que seja punido como sacrílego e

tenha os seus bens confiscados em proveito do povo romano aquele que roubar os seus livros santos ou o dinheiro destinado ao serviço de Deus. E, como desejamos, em todas as ocasiões, dar provas de nossa bondade para com todos os homens, é nosso desejo que o pedido apresentado por Caio Márcio Censorino em nome do ju-deus seja colocado com a presente ordem em um lugar eminente, no Templo de Ancira, o qual toda a Ásia consagrou ao nosso nome. E seja severamente castigado aquele que ousar desobedecer a estas ordens".

Vê-se também o seguinte decreto gravado sobre uma coluna no Templo de Augusto: "César, a Norbano Flacco, saudação. Seja permitido aos judeus de algumas províncias, onde eles moram, enviar dinheiro a Jerusalém, como sempre o fizeram, para ser empregado no serviço de Deus, sem que isso lhes seja impedido".

Agripa escreveu também em favor dos judeus, desta maneira: "Agripa, aos magistrados, ao senado e ao povo de Éfeso, saudação. Ordenamos que a guarda e o emprego do dinheiro sagrado que os judeus da Ásia enviam a Jerusalém, segundo o costume de sua nação, fique a cargo deles, e se alguém, tendo-o roubado, recorrer aos asilos para se salvar, seja de lá tirado e entregue aos judeus, para que o façam sofrer a pena que os sacrílegos merecem". O mesmo Agripa escreveu também ao governador Silvano, para impedir que se obrigassem os judeus a comparecer a julgamento em dia de sábado.

"Marcos Agripa, aos magistrados e ao senado de Cirene, saudação. Os judeus que moram em Cirene fizeram-nos queixas de que, embora Augusto tenha ordenado a Flávio, governador da Líbia, e aos oficiais dessa província que lhes dessem plena liberdade para enviar o dinheiro sagrado a Jerusalém, como sempre fizeram, há pessoas maldosas que o querem impedir, sob pretexto de alguns tributos de que os judeus lhes seriam devedores, quando na verdade não devem. A esse respeito, ordenamos que eles sejam mantidos no usufruto de seus direitos, sem que os tais lhes sejam impedidos ou dificultados, por qualquer meio. E, se em alguma cidade o dinheiro sagrado for desviado, ele deverá ser restituído aos judeus por aqueles que forem nomeados para esse fim".

"Caio Norbano Flacco, procônsul, aos magistrados de Sardes, saudação. César nos ordenou, por meio de cartas, impedirmos que se perturbe a liberdade

que os judeus sempre tiveram de enviar a Jerusalém, segundo o costume de sua nação, o dinheiro que eles destinam para esse fim, o que me obriga a escrever-vos esta carta, a fim de vos informar da vontade do imperador e da nossa".

Júlio Antônio, procônsul, escreveu também: "Júlio Antônio, procônsul, ao senado e ao povo de Éfeso, saudação. Quando eu administrava a justiça no décimo terceiro dia de fevereiro, os judeus que moram na Ásia disseram-me que César Augusto e Agripa lhes haviam permitido enviar com toda a liberdade a Jerusalém, conforme as suas leis e costumes, as primícias que cada qual desejasse oferecer livremente a Deus, por um sentimento de piedade. Eles rogaram-me que lhes confirmasse essa graça. Por isso, conforme o desejo de Augusto e de Agripa, faço-vos saber que permito aos judeus que nisso observem os seus costumes, e que ninguém ouse impedi-los".

Como sei que esta história pode cair nas mãos dos gregos, julguei dever relatar todas essas provas, para mostrar-lhes que não é de hoje que os detentores da suprema autoridade nos permitem observar os costumes de nossos antepassados e servir a Deus da maneira como ordena a nossa religião. Julgo que devo repeti-lo muito, a fim de que as nações estrangeiras percam o ódio que sem motivo nutrem contra nós. O tempo causa mudanças nos costumes de todos os povos, e quase não há cidade onde isso não aconteça. Mas a justiça deve ser igualmente reverenciada por todos os homens. Assim, as nossas leis podem ser muito úteis, não somente aos gregos, mas também aos bárbaros, o que os obriga a ter afeto por nós, pois elas são inteiramente conformes à justiça, e nós as observamos fielmente. Por isso, rogo que nos não odeiem pela nossa maneira diferente de viver, mas que, como nós, amem a virtude, pois ela deve ser comum a todos os homens. Precisamos agora retomar a nossa história.

CAPÍTULO 11

O REI HERODES MANDA ABRIR O SEPULCRO DE DAVI, PARA TIRAR DINHEIRO, E DEUS O CASTIGA. DIVISÕES E PERTURBAÇÕES NA FAMÍLIA. CRUELDADE DESSE SOBERANO CAUSADA POR SUAS DESCONFIANÇAS E PELA MALÍCIA DE ANTÍPATRO. MANDA METER ALEXANDRE, SEU FILHO, NA PRISÃO.

699. As excessivas despesas feitas por Herodes dentro e fora do reino haviam esgotado as suas finanças. Ele sabia que Hircano, seu predecessor, retirara três mil talentos de prata do sepulcro de Davi e imaginava que outros lá ainda restassem, em número suficiente para cobrir todas as suas necessidades. Havia muito tempo ele desejava recorrer a esse meio, e por fim o fez. Começou por usar de todas as precauções possíveis, para impedir que o povo descobrisse o seu intento. Mandou abrir o sepulcro à noite e lá entrou acompanhado somente pelos seus amigos mais fiéis. Não encontrou dinheiro em moedas, como Hircano, porém achou muitos vasos de ouro e outras preciosas dádivas que ali haviam sido colocadas. Mandou levar tudo, no entanto isso lhe fez desejar mais. Mandou então rebuscar até mesmo no ataúde onde estava o corpo de Davi e o de Salomão. Conta-se, porém, que de lá saiu uma chama, que matou dois de seus guardas. Esse fato prodigioso assustou-o e, para expiar tal sacrilégio, ele depois mandou construir à entrada do sepulcro um soberbo monumento de mármore branco.

Nicolau, que escreveu a história dessa época, faz menção desse fato, mas não diz que Herodes entrou no sepulcro, porque julgava prejudicial à imagem do rei. Em seu livro, ele tem a mesma atitude com relação a muitas outras coisas referentes a esse soberano porque, tendo escrito essa história enquanto Herodes ainda vivia, o desejo de agradá-lo levou-o a falar somente o que lhe podia redundar em glória. Assim, ele registra, com grandes elogios, os seus belos feitos, mas suprime, tanto quanto possível, os seus crimes mais notórios, ou pelo menos procura disfarçá-los. Esforça-se mesmo por desculpar, com pretextos especiosos, a crueldade para com Mariana e os filhos desta. Ele assim procede em toda a sua obra, dirigindo pomposos encômios às suas justas ações, mas principalmente fazendo apologia de suas injustiças. Quanto a mim, que tenho a honra de descender dos asmoneus e ter o meu lugar entre os sacerdotes e que não ousaria pronunciar qualquer falsidade contra eles, narro as coisas sinceramente e não creio ofender aos reis descendentes de Herodes ao preferir a verdade, a qual em certos momentos pode lhes causar desgosto.

700. Desde o dia em que Herodes violou o respeito devido à santidade dos sepulcros, a agitação em sua família aumentou cada vez mais, fosse por uma

vingança do céu, o que teria tornado essa chaga ainda mais dolorosa, fosse por ocorrer num tempo em que se podia vincular a causa a esse sacrilégio. Uma guerra civil não agitaria mais uma nação que as paixões dos diversos partidos da corte desse príncipe. Parecia que cada qual desejava superar os demais em calúnias. E era Antípatro quem sobrepujava a todos em artifícios para destruir os irmãos. Fazia com que fossem acusados de falsos crimes e ocultava a sua perigosa malícia tomando-lhes muitas vezes a defesa, a fim de poder, com esse amor aparente, oprimi-los sem muita dificuldade e enganar o rei seu pai, que pensava ser ele o único a se interessar pela sua conservação. Assim, Herodes ordenou a Ptolomeu, seu principal ministro, que nada fizesse no governo sem antes comunicar a Antipatro. Dava também à mãe dele participação em todas as coisas, e Antipatro servia-se dessa influência para insuflar o ódio na mente de todos os que julgava importante tornar inimigos do rei.

Alexandre e Aristóbulo, por sua vez, cujo coração correspondia à grandeza de sua origem, não podiam tolerar um tratamento tão indigno da parte daqueles que lhes eram inferiores, e as suas mulheres eram do mesmo parecer. Glafira odiava Salomé mortalmente, tanto por causa do afeto que tinha por Alexandre, seu marido, quanto por não tolerar que ela fizesse prestar à filha, que desposara Aristóbulo, as mesmas honras que a ela mesma.

Feroras contribuía para essa divisão, levando Herodes a desconfiar dele e a odiá-lo, porque recusara desposar a filha deste por causa de uma serviçal a quem amava perdidamente. Esse injurioso desprezo feriu Herodes profundamente, porque nada lhe podia ser mais doloroso que ver o irmão* a quem agraciara com tantos benefícios e que era quase associado ao governo pela autoridade que lhe concedera, corresponder tão pouco ao seu afeto. E, vendo que não conseguiria afastá-lo daquela loucura, deu essa princesa em casamento ao filho de Fazael, seu irmão mais velho. Mais tarde, quando julgou que Feroras, tendo já realizado os seus desejos, se havia tornado mais razoável, fez-lhe graves censuras pela maneira ofensiva como procedera para com ele e convidou-o ao mesmo tempo a desposar Cipro, sua outra filha.

Ptolomeu repreendeu Feroras, dizendo que este ofendera gravemente o irmão ao se deixar conduzir daquele modo por uma tão vergonhosa paixão, podendo por isso ser privado da boa vontade do rei para com ele, que tivera a

generosidade de perdoá-lo de sua primeira falta, e provocar o seu ódio e a própria desgraça, quando devia conservar aquela amizade. Feroras, persuadido por essas razões, despediu a mulher, de quem tivera um filho, e prometeu ao rei, com juramento, não vê-la mais e desposar a princesa dentro de um mês. Chegado esse tempo, no entanto, ele esqueceu todas as promessas, retomou aquela mulher e amou-a ainda mais ardentemente que antes.

Herodes, ofendido com esse proceder, não pôde reter por mais tempo a sua cólera, e com freqüência escapavam-lhe palavras que traduziam toda a sua ira. Alguns, vendo-o daquela maneira indisposto contra Feroras, incitavam-no ainda mais por meio de calúnias. Não se passava um dia, ou mesmo uma hora, em que ele não recebesse novos motivos de desgosto por aquela cisão e pelas disputas contínuas entre os parentes e as pessoas que lhe eram muito queridas.

O ódio de Salomé pelos filhos de Mariana era tão grande que ela não podia tolerar que a própria filha, que havia desposado Aristóbulo, vivesse em paz com o marido. Exigia dela que lhe referisse as coisas mais secretas que o casal tinha entre si e, se acontecia entre eles alguma pequena rusga, como é natural, em vez de lhe acalmar o espírito, irritava-a ainda mais com as suspeitas que lhe despertava. Obrigava-a também a revelar o que se passava entre os dois irmãos.

A jovem princesa contou-lhe que, quando eles estavam sozinhos, faziam menção à rainha Mariana e à aversão que tinham pelo pai, dizendo que, se um dia chegassem ao trono, não dariam outro emprego aos filhos que Herodes tivera das outras mulheres senão o de tabeliães nas aldeias, pois, com a educação que haviam recebido, era o cargo que estavam aptos a exercer. E, se eles vissem as mulheres de Herodes se adornando com os trajes da rainha sua mãe, dar-lhes-iam por vestes apenas cilícios e as encerrariam em lugares onde jamais veriam a luz do sol. Salomé relatava todas essas coisas a Herodes. Ele as ouvia com pesar e procurava remediá-las, porque preferia corrigir os filhos a castigá-los. Assim, embora ele se tornasse cada dia mais triste e propenso a crer no que lhe contavam, contentou-se em repreender severamente os filhos e ficou satisfeito com as suas justificativas.

Porém esse mal, que parecia curado, bem depressa se manifestou muito

maior. Feroras disse a Alexandre ter sabido de Salomé que o rei concebia pela princesa Glafira — esposa de Alexandre — uma paixão tão forte que era impossível controlar. Essas palavras despertaram tal ciúme no príncipe que ele passou a enxergar com maldade qualquer demonstração de afeto da parte de Herodes pela nora. O seu penar foi tão intenso que, não o podendo mais suportar, foi falar com o rei seu pai. Narrou-lhe em lágrimas o que Feroras lhe dissera. Jamais Herodes tivera surpresa maior. Ele ficou tão chocado com aquela abominável acusação que começou a lamentar profundamente a horrível malícia de seus domésticos, os quais pagavam com a ingratidão os muitos benefícios de que lhe eram devedores.

Mandou imediatamente chamar Feroras e disse-lhe, encolerizado: "Sois o pior de todos os homens! É assim que reconheceis tantos favores que de mim recebestes? Como podem penetrar em vosso espírito e sair de vossa boca pensamentos e palavras tão injuriosas contra a minha reputação e tão contrárias à verdade? Bem compreendo o vosso desígnio. Não foi somente para me ofender que falastes desse modo a meu filho, mas para o induzir a me envenenar, pois qual filho, mesmo possuindo um gênio pacífico, deixaria de vingar tamanho ultraje? Ou pensais que há grande diferença entre incentivar tal ciúme em seu espírito e pôr-lhe a espada na mão, para que me mate? Qual é o vosso desígnio, fingindo amar um irmão que sempre vos quis bem, quando na verdade me tendes ódio mortal e me acusais falsamente de praticar uma ação na qual não se pode sem impiedade nem mesmo pensar? Ide-vos, ingrato, que renunciastes a todos os sentimentos de humanidade por vosso benfeitor e irmão. Sejam as recriminações de vossa consciência o vosso carrasco pelo resto de vossa vida. Quanto a mim, para vos cobrir de confusão, contentar-me-ei em confundir a vossa malícia com a minha bondade, não vos castigando como mereceis, mas vos tratando com a mansidão de que vos tornastes indigno".

Feroras, não podendo se desculpar de tamanho crime, de que se havia tão claramente culpado, lançou a culpa sobre Salomé, dizendo que aquilo partira dela. Aconteceu que ela estava presente, e, como era tão fingida quanto má, afirmou altivamente que nada havia de mais falso e exclamou que parecia que todos haviam conspirado para torná-la odiosa ao rei e levá-la a perder a vida, e que a sua preocupação pelo bem-estar de Herodes diante dos perigos que o

ameaçavam era motivo para que a odiassem, e Feroras mais que todos, pois fora ela a causa de que ele despedisse a mulher que mantinha. Enquanto falava, arrancava os cabelos e batia no peito, mas ninguém deu crédito ao que ela dizia.

Feroras, no entanto, ficou aflitíssimo, porque não podia negar ter dito aquelas palavras a Alexandre nem provar que as ouvira de Salomé. E ambos discutiram por muito tempo: ele para acusá-la e ela para se justificar. Herodes, cansado daquela discussão, mandou-os embora, louvando o filho pela sua moderação e por haver lhe manifestado o seu penar. Como já era tarde, foi pôr-se à mesa. Ninguém deu razão a Salomé, e não se duvidava de que fora ela quem inventara aquela calúnia. As mulheres do rei, que a odiavam por causa de seu mau humor e de sua inconstância nos afetos, difamavam-na continuamente perante Herodes.

701. Obodas reinava então na Arábia. Era um príncipe preguiçoso, que só amava a ociosidade. Sileu, que era hábil, bem apessoado e em plena mocidade, governava sob a sua autoridade. Veio ele falar com o rei Herodes sobre alguns negócios e, um dia, quando estava com o rei à mesa, Salomé, que também estava presente, caiu-lhe nas suas boas graças. Sabendo que ela era viúva, propôs-lhe casamento. Como Sileu também lhe agradasse e ela já não estivesse bem afinada com o espírito do rei seu irmão, não rejeitou a proposta. As mulheres do rei logo o foram informar dessa nova amizade, acrescentando os seus próprios comentários e críticas. Ele ordenou a Feroras que os observasse, e este disse-lhe que era fácil de se julgar, pelos olhares e pelos sinais que ambos trocavam, que estavam de acordo. Então Herodes não duvidou mais, e Sileu despediu-se.

Dois ou três meses depois, ele veio pedir Salomé em casamento, declarando que tal união seria muito vantajosa a Herodes, por causa do comércio de seu reino com a Arábia, pois era ele, Sileu, quem a governava de fato no presente, e o reino com certeza, no futuro, lhe pertenceria. Herodes falou com a irmã. Ela deu-lhe voluntariamente o seu consentimento, e ele disse a Sileu que podia satis-fazer-lhe o pedido, contanto que abraçasse a religião dos judeus. O árabe respondeu-lhe que não o podia fazer, porque os de sua nação o apedrejariam. E assim, desfez-se o contrato. Feroras acusou Salomé de ter

pouco cuidado com a sua reputação, e as mulheres do rei diziam abertamente que ela nada havia recusado àquele estrangeiro.

702. Algum tempo depois, Herodes deixou-se vencer pela importunação de Salomé e resolveu dar em casamento ao filho que ela tivera de Costobaro a princesa sua filha que Feroras, apaixonado pela serva, recusara desposar. Mas Feroras o fez mudar de idéia, dizendo que aquele moço jamais a amaria, por causa do ressentimento que conservava pela morte de seu pai. Se ele achasse melhor, que a desse ao seu filho, que tinha também a honra de ser seu sobrinho e deveria sucedê-lo na tetrarquia. Herodes aprovou a proposta, deu cem talentos à filha, como dote, e perdoou Feroras pelas faltas passadas.

703. As perturbações na família de Herodes não cessaram. Ao contrário, aumentaram com novos fatos, vergonhosos em seu início e funestos em suas conseqüências. O soberano tinha três eunucos aos quais muito estimava, porque eram muito belos. Um era o seu mordomo, o outro, o seu camareiro e o terceiro, o principal criado de quarto. O rei servia-se deles até mesmo nos negócios mais importantes. Mas lhe contaram que Alexandre, seu filho, os havia subornado com uma grande quantia de dinheiro. Herodes interrogou-os, e eles confessaram que era verdade; todavia, negaram que ele os houvesse induzido a empreender algo contra o rei.

Torturaram-nos uma segunda vez e os trataram com tanta violência que eles, não podendo mais suportar, disseram que Alexandre ainda conservava no coração o ódio que sempre tivera pelo rei seu pai e os havia exortado a abandoná-lo, pois era um homem já inútil para tudo, por causa da velhice que ele se esforçava tanto para ocultar, fazendo pentear a barba e os cabelos, e que, se quisessem unir-se a ele, prometia elevá-los aos mais altos cargos quando viesse a reinar. E isso iria acontecer muito em breve, mesmo que o seu pai não o quisesse, pois, além de o reino lhe pertencer por direito de nascimento, estava tudo preparado para que logo o assumisse, e os seus amigos estavam dispostos a fazer qualquer coisa por amor a ele.

Essas palavras suscitaram terrível cólera a Herodes, causando-lhe ao mesmo tempo um angustioso temor, pois não podia tolerar que o filho tivesse ousado falar a seu respeito de modo tão ultrajoso. Ele temia ainda não poder fugir de imediato ao perigo que o ameaçava. Julgou também que não era

conveniente agir às claras para resolver aquele assunto. Era preferível empregar para isso, secretamente, pessoas de sua inteira confiança. No entanto, ele desconfiava de todos e, julgando que a sua segurança dependia dessa desconfiança, suspeitava de muitos que eram inocentes. Quanto mais íntimo lhe era alguém, mais ele o julgava capaz de conspirar contra ele. Quanto aos que não lhe eram próximos, bastava alguém acusá-los para que logo os mandasse matar.

As coisas chegaram a tal ponto que os seus criados, convencidos de que só se poderiam salvar arruinando os outros por meio de calúnias, passaram a acusar os companheiros. Mas eram, por sua vez, acusados por outros, e assim recebiam também um justo castigo, sofrendo as mesmas penas que haviam causado aos inocentes e caindo em ciladas semelhantes às que preparavam para os outros. Herodes logo se arrependia de supliciar pessoas que não haviam cometido crime algum, mas isso não o impedia de insistir na prática dessa injustiça. Ele se contentava em impor aos delatores os mesmos suplícios sofridos pelos que haviam sido falsamente acusados por eles.

Esse deplorável estado de coisas em que se encontrava a corte do soberano chegou a tal ponto que ele proibiu de comparecer à sua presença e de entrar no palácio vários dentre os que ele mais amava ou estimava por merecimento. Andrômaco e Gamelo estavam nesse número. Eram seus amigos de longa data e lhe haviam prestado grandes serviços com os seus conselhos e embaixadas nos mais importantes negócios do reino. Haviam cuidado da educação dos príncipes, e em ninguém tinha ele mais confiança. Mas ele afastou Andrômaco, porque o príncipe Alexandre era muito achegado a Demétrio, filho daquele, e a causa da aversão por Gamelo foi o afeto que ele nutria por esse mesmo príncipe, que fora seu discípulo e o acompanhara na viagem a Roma. Herodes com certeza os trataria mais rudemente se não lhes conhecesse os méritos, que eram notórios. Por isso, contentou-se em afastá-los e em lhes tirar toda a autoridade, a fim de que, não vivendo mais em sua presença, pudesse agir com inteira liberdade.

Antipatro era a causa principal de todos esses males, pois, quando viu que o rei se deixava transportar facilmente a tantos temores e suspeitas, retomou com mais crueldade os seus propósitos anteriores, sugerindo-lhe,

como se lhe prestasse um grande serviço, que mandasse matar todos os que estavam em condições de lhe resistir. Assim, Herodes, depois do afastamento de Andrômaco e de outros que lhe poderiam falar com liberdade, fez torturar os que eram fiéis a Alexandre, para obrigá-los a confessar qualquer participação em alguma conspiração contra o rei. Eles morriam nos tormentos afirmando que eram inocentes, mas isso o fazia obstinar-se ainda mais em torturar os suspeitos. E Antipatro era tão mau, que dizia que eles eram impedidos de confessar a verdade por causa de sua extrema fidelidade para com Alexandre. Com isso, um grande número de pessoas foi submetido a tormentos, a fim de se extrair delas o que o rei desejava saber.

Um deles, sucumbindo ante a violência da dor, afirmou que ouvira Alexandre dizer diversas vezes, quando lhe louvavam a grandeza e a beleza do porte e a habilidade em atirar com o arco e em todas as outras espécies de exercícios, que tais virtudes, recebidas da natureza, eram mais desgraças que favores, porque causavam inveja ao rei seu pai, pois quando o acompanhava, era obrigado a se curvar para não parecer mais alto que ele e quando ia à caça, devia atirar mal, de propósito, porque o rei não podia tolerar que o louvassem. Quando ouviram o homem falar desse modo, deixaram de o atormentar, e ele, sentindo-se aliviado, acrescentou que Aristóbulo conspirava com o irmão para matar o rei quando este fosse à caça e que, se o plano fosse executado sem empecilhos, eles fugiram e iriam a Roma reivindicar o reino. Encontraram também cartas desse príncipe ao irmão, nas quais se queixava de Herodes haver concedido a Antipatro terras que podiam render anualmente duzentos talentos. Tudo isso fez Herodes crer que já havia o suficiente para um justo motivo de desconfiança dos filhos.

704. Irritou-se então novamente contra Alexandre e o encerrou na prisão. Mas ele não estava convencido de todas aquelas acusações contra os príncipes, pois, ainda que ousassem atentar contra a sua vida, não havia probabilidade de que lhes tivesse ocorrido a idéia de ir a Roma após cometerem semelhante crime. Parecia-lhe mais verossímil ser aquilo fruto do descontentamento dos moços, pois possuíam uma grande ambição e tinham inveja de Antípatro. Assim, querendo maiores provas, para achá-los culpados e evitar que o acusassem de haver levianamente mandado prender o filho, mandou que se

torturassem os principais amigos do príncipe e ordenou a morte de outros, ainda que nada tivessem confessado.

A corte estava tão agitada e cheia de terror, que alguém anunciou que Alexandre havia preparado veneno em Asquelom e depois escrevera aos seus amigos em Roma para que comunicassem a Augusto que descobrira um plano contra ele: o rei seu pai deixara o partido dos romanos para unir-se a Mitridates, rei dos partos. Herodes prestou fé a essas acusações, e não faltaram aduladores que, para consolá-lo no seu sofrimento, diziam que era muito justo tudo o que ele havia feito. Todavia, por mais indagações que ele fizesse, esse pretenso veneno nunca foi encontrado.

Alexandre, embora amargurado por tantos males, não se deixou abater. Manifestou mais coragem do que nunca em sua infelicidade: não se dignava defender-se. Em vez de se justificar, falava de uma maneira que irritava ainda mais o rei, de um lado cobrindo-o de confusão, pois deixava transparecer que era facilmente enganado pelas calúnias, e de outro pondo-o em amargura e o colocando em sérias dificuldades, caso prestasse fé ao que o filho dizia. Escreveu-lhe quatro cartas nas quais dizia que era inútil torturar tantas pessoas para saber se conspiravam contra ele, pois isso era coisa certa. Os seus amigos mais fiéis tomavam parte naquela conspiração, até mesmo Feroras. A própria Salomé viera, secretamente, à noite, deitar-se em seu leito. Assim, todos pensavam unicamente em tirá-lo deste mundo para depois viver com tranqüilidade. Por meio delas, apontava até mesmo a cumplicidade de Ptolomeu e Sapínio, em quem Herodes depositava toda a confiança.

Parecia que todos estavam dominados pela raiva e que aqueles que outrora eram os melhores amigos se haviam tornado inimigos mortais. Não se escutavam as justificativas dos acusados, não se procurava esclarecer a verdade. O suplício precedia o julgamento, e a prisão de uns, a morte de outros e o desespero daqueles que não esperavam melhor tratamento enchiam o palácio de tal temor que não restava sequer um pequeno indício da felicidade passada. O próprio Herodes, em meio a tão grande perturbação, enfadara-se da vida. O temor contínuo pela sua vida e o desprazer de não poder confiar em ninguém mantinham-no em cruel e incessante tormento. Assim, como ele noite e dia não pensava em outra coisa, imaginava freqüentemente ver o filho vir a ele

de espada em punho para matá-lo, e pouco faltou para que esse terror, que o agitava continuamente, não o fizesse perder o juízo.

CAPÍTULO 12

ARQUELAU, REI DA CAPADÓCIA, RECONDUZ O PRÍNCIPE ALEXANDRE, SEU GENRO, ÀS BOAS GRAÇAS DE HERODES.

705. Quando Arqueiau, rei da Capadócia, soube que as coisas haviam chegado a esse extremo, o afeto pela filha e pelo príncipe Alexandre, seu genro, bem como a compaixão por ver Herodes, seu amigo, em tão deplorável estado, levaram-no a procurá-lo. Ele viu com os próprios olhos que o que lhe haviam relatado era verdade, mas julgou inconveniente censurar Herodes por haver acreditado em tudo e se guiado pela paixão, para não o irritar ainda mais, obrigando-o a se justificar. Como era muito sensato, tomou um caminho contrário para lhe acalmar o espírito. Disse-lhe que também estava muito irritado com o genro e aprovava o castigo que Herodes lhe aplicara. Afirmou ainda que estava pronto, se ele quisesse, a romper o casamento, retomar a filha e ainda castigá-la, se descobrisse que ela sabia da falta do marido e não tinha avisado o rei.

Herodes ficou surpreso ao ver Arqueiau defendê-lo com tanto ardor, mostrando-se ainda mais irritado com Alexandre do que ele. Sentiu então amortecer o fogo de sua cólera e mostrou-se disposto a agir com plena justiça nesse particular. Retomou pouco a pouco pelo filho os sentimentos de ternura que a natureza depositou no coração dos pais. Antes não podia tolerar que alguém desculpasse o jovem, mas quando viu que Arqueiau, longe de absolvê-lo, ainda o acusava, ficou tão comovido que não pôde reter as lágrimas. Rogou-lhe que não se deixasse levar pelo desgosto para com o genro e não rompesse o casamento. Arqueiau, vendo-o mais calmo, começou a refutar as acusações feitas contra Alexandre, dizendo que com certeza foram os amigos do rei que, com o seu comportamento, lhe corromperam o espírito, tão desprovido de malícia, principalmente Feroras.

Feroras, que já caíra no desagrado do rei de modo a não conseguir a reconciliação, julgou, ao saber disso, que ninguém, a não ser Arqueiau, seria capaz de reintegrá-lo às boas graças de Herodes. Então veio procurá-lo com vestes de luto e todos os outros sinais de dor que pode apresentar um homem que se crê à beira do abismo. Esse rei, tão prudente, julgou que podia aproveitara ocasião. Disse-lhe que o que ele desejava não era fácil, e o melhor conselho que lhe podia dar era que ele mesmo fosse procurar o rei seu irmão, confessasse ter sido causa de todo o mal e lhe pedisse perdão. Depois disso, se ele estivesse disposto a permitir que falassem em seu favor, tentaria prestar-lhe o auxílio que estava pedindo.

Feroras seguiu o conselho e saiu-se tão bem que voltou às boas graças do rei. Alexandre, superando todas as expectativas, foi justificado de todos os crimes que lhe imputavam. Arqueiau, após restituir a paz a todos com o seu excelente modo de agir, conquistou o coração de Herodes, que começou a considerá-lo um de seus maiores amigos. Deu-lhe ricos presentes e, lembrando que escrevera a Augusto relatando o seu descontentamento com os filhos, julgou-se obrigado a lhe prestar contas do que se havia passado. Os dois reis decidiram que Herodes deveria ir a Roma para informá-lo de tudo. Arqueiau retornou em seguida para o seu reino. Herodes acompanhou-o até Antioquia e, depois de conversar com Tito, governador da Síria, voltou à Judéia.

CAPÍTULO 13

HERODES INICIA UMA GUERRA CONTRA OS ÁRABES POR CAUSA DA PROTEÇÃO DESTES AOS LADRÕES DE TRACONITES.

706. Herodes, nesse mesmo tempo, viu-se obrigado a entrarem guerra com os árabes pelo motivo que passo a expor. Depois que Augusto tirou Traconites de Zenodoro para entregá-la a Herodes, os seus habitantes, não ousando continuar os assaltos que costumavam fazer, foram obrigados a se ocupar com o cultivo da terra. Embora esse trabalho fosse contrário à sua inclinação e a terra fosse muito estéril, de modo que pouco proveito dela tiravam, a vigilância de Herodes os impediu, durante algum tempo, de molestar os vizinhos, e nisso ele mereceu muitos elogios. Mas quando viajou a Roma

para acusar Alexandre perante Augusto e recomendar-lhe Antípatro, correu a notícia de que ele havia morrido, e então eles retomaram o hábito de roubar os povos vizinhos, mas foram castigados pelos comandantes das tropas de Herodes.

Os principais desses ladrões, surpresos com os infelizes resultados, fugiram para a Arábia, onde Sileu, irritado por Herodes lhe haver recusado a irmã, recebeu-os e deu-lhes asilo em um lugar defendido, de onde saíam para realizar assaltos na Judéia e na Baixa Síria e devastar os campos. Herodes, ao regressar de Roma, não conseguindo castigá-los como mereciam, porque eram protegidos pelos árabes, mas também não podendo admitir que tratassem daquele modo os seus súditos, entrou em Traconites e matou todos os que tinham parentesco com eles. Os outros ficaram furiosos e, obrigados por uma de suas leis, que os manda vingar a morte dos parentes, passaram a devastar, com impunidade, tudo o que encontravam nos domínios de Herodes, que então se dirigiu a Saturnino e a Volúmnio, constituídos por Augusto governadores daquelas províncias, pedindo-lhes que os castigassem.

Essa queixa, todavia, em vez de atemorizar os ladrões, encolerizou-os ainda mais. Então, reuniram-se em grande número, cerca de mil homens, e intensificaram as incursões aos campos e aldeias, sem poupar nem um sequer dos que lhes caíam nas mãos. Já não se tratava mais de roubo ou depredação, mas de uma verdadeira guerra. Herodes pediu então insistentemente aos árabes que lhe entregassem aqueles ladrões e pagassem os seiscentos talentos que ele havia emprestado ao rei Obodas, por meio de Sileu, pois o prazo para o pagamento já se esgotara. Mas Sileu, que expulsara Obodas e se apoderara do reino, adiava sempre o reembolso e afirmava que os ladrões não se haviam retirado para a Arábia. Por fim, Saturnino e Volúmnio ordenaram-lhe que efetuasse o pagamento dentro de trinta dias e que cada qual entregasse os trânsfugas que estivesse acolhendo. Viu-se então a malícia dos árabes, pois não se encontrou ninguém dessa nação nas terras de Herodes, enquanto os ladrões se haviam retirado todos para a Arábia.

Capítulo 14

Sileu recusa-se a cumprir as ordens dos governadores constituídos

POR AUGUSTO E VAI PROCURÁ-LO EM ROMA. HERODES ENTRA ARMADO NA ARÁBIA E TOMA O CASTELO EM QUE OS LADRÕES SE HAVIAM REFUGIADO.

707. Sileu recusou-se a fazer o que lhe havia sido ordenado e foi a Roma procurar Augusto. Herodes, então, entrou com um exército na Arábia. Marchou com tanta rapidez que percorreu em três dias de caminho o que se costuma fazer em sete e atacou os ladrões no castelo de Repta, para onde eles se haviam retirado. Ele tomou e destruiu o lugar, mas não causou nenhum mal aos habitantes do país. Nacebe, general das tropas dos árabes, marchou contra os soldados de Herodes, mas foi morto no combate, com vinte e cinco de seus homens. Os outros fugiram, e Herodes não perdeu nenhum homem. Assim, tendo castigado os ladrões, ele enviou três mil idumeus para Traconites, a fim de impedir que os assaltos continuassem, e escreveu aos chefes das tropas romanas na Fenícia, contando o que se havia passado e como se limitara a valer-se do poder que lhe fora concedido, sem nada mais empreender. Eles se informaram e constataram que era verdade.

CAPÍTULO 15

SILEU INDISPÕE DE TAL MODO AUGUSTO COM HERODES QUE O IMPERADOR SE RECUSA A RECEBER OS SEUS EMBAIXADORES. NEGA-SE TAMBÉM A ESCUTAR OS EMBAIXADORES DEARETAS, REI DOS ÁRABES, QUE SUCEDERA A OBODAS, O QUAL SILEU MANDARA ENVENENAR PARA SE APODERAR DO REINO. HERODES ENVIA UMA TERCEIRA EMBAIXADA A AUGUSTO.

708. Os árabes enviaram com urgência emissários a Roma para contar a Sileu, de forma distorcida, o que acontecera. Quando lhe deram a notícia, ele passeava diante do palácio de Augusto, que já o conhecia. Tomou então uma veste de luto e foi procurar o imperador. Unindo lágrimas às queixas, contou-lhe que Herodes havia entrado com armas na Arábia e a destruíra completamente, matando dois mil e quinhentos dos principais dentre os árabes e Nacebe, seu parente, amigo e general do exército. Disse também que ele havia roubado grandes riquezas no castelo de Repta e que o desprezo de Herodes por Obodas — cuja negligência fora tão grande que nem se havia preparado para a

guerra, faltando-lhe ainda um bom chefe —, na sua ausência, o havia levado a empreender uma guerra injusta. Acrescentou que, se não confiasse nos cuidados do imperador em manter todas as províncias em paz, não teria deixado o seu país para vir a Roma e, se lá tivesse ficado, jamais permitiria que Herodes saísse vencedor naquela guerra.

Augusto, impressionado com essas palavras, limitou-se a indagar de alguns amigos de Herodes e uns romanos recém-chegados da Síria se era verdade que aquele príncipe havia entrado com armas na Arábia. E, como não podiam negá-lo, não se informou o motivo que a isso o havia obrigado. César ficou muito encolerizado e escreveu a Herodes uma carta cheia de ameaças, que dizia, entre outras coisas, que até então ele o considerara um amigo, mas que dali em diante o trataria como súdito.

Sileu, por sua vez, escreveu à Arábia, do modo como bem se pode imaginar, e as suas cartas levantaram tanto o ânimo daquela nação que, vendo eles o imperador irritado contra Herodes, não restituíram os fugitivos e não pagaram o que deviam nem o que era de direito pelas pastagens que haviam arrendado. Os habitantes de Traconites também se aproveitaram da ocasião: rebelaram-se contra as guarnições iduméias enviadas por Herodes, uniram-se a outros ladrões árabes e saquearam o país, causando muitos outros males, não tanto para se aproveitar deles quanto pelo desejo de vingança. Herodes foi obrigado a suportá-los, porque nada ousava empreender, ao ver que Augusto, de tão enfurecido contra ele, nem se dignara escutar os primeiros embaixadores que lhe enviara, tampouco dar uma resposta aos que foram em seguida.

A presença de Sileu em Roma aumentava ainda mais a angústia de Herodes, pois sabia que estavam dando crédito às palavras daquele impostor e que ele aspirava à coroa da Arábia. O rei Obodas morrera por aquele tempo, e Enéias, cognominado Aretas, o substituiu. Sileu valia-se de todas as calúnias que podia para forçar a sua destituição e usurpar o trono. Para isso, agradava com valiosos presentes os que desfrutavam prestígio perante Augusto, prometendo muitos mais ao imperador, esperando que ele os recebesse tão favoravelmente quanto estava indignado com Aretas, que se atrevera a apoderar-se do reino sem lhe pedir permissão.

Esse novo rei, por fim, escreveu a Augusto e enviou-lhe, entre outros

presentes, uma coroa de ouro de grande valor. Nas suas cartas, ele acusava Sileu de ser um pérfido, que envenenara o rei Obodas, seu senhor, e lhe usurpara o governo quando ele ainda vivia e que havia abusado insolentemente das mulheres dos árabes e emprestado grandes somas para abrir caminho à tirania. Mas Augusto não quis receber os presentes nem ouvir os embaixadores, e os despediu sem resposta.

Assim, as coisas se indispunham cada vez mais entre os judeus e os árabes, e não havia ninguém capaz de apaziguar tamanha divergência. Aretas ainda não se havia consolidado no novo reino para poder reprimir as insolências de seus súditos, e Herodes, temeroso de irritar ainda mais o imperador, caso repelisse as injúrias que lhe faziam, era obrigado a suportá-los. Nessa aflição em se encontrava, resolveu enviar uma terceira embaixada para tentar, por intermédio de amigos, apaziguar os ânimos de César, e para isso escolheu Nicolau de Damasco.

CAPÍTULO 16

HERODES, MAIS IRRITADO DO QUE NUNCA CONTRA ALEXANDRE E ARISTOBULO, POR CAUSA DE SUAS CALÚNIAS, MANDA-OS PARA A PRISÃO. AUGUSTO RECONHECE A MALDADE DE SILEU E O CONDENA À MORTE. CONFIRMA ARETAS NO REINO DA ARÁBIA E LASTIMA TER SE IRRITADO CONTRA HERODES. ACONSELHA-O A REUNIR UMA GRANDE ASSEMBLÉIA EM BERITO E LÁ JULGAR OS FILHOS.

709. A agitação na família de Herodes aumentava, pelo crescente ódio deste contra Alexandre e Aristobulo, seus filhos. A desconfiança, que é um mal muito perigoso para os reis, não tinha fim e fortaleceu-se ainda mais por este fato: um certo Euriclés, lacedemônio, nobre de nascimento, muito perverso, grande bajulador e extremamente astucioso, que usava de todos os meios para parecer o que de fato não era, veio procurar Herodes com presentes, recebendo também outros maiores. Ele se insinuou de tal modo nas boas graças do rei que este o recebeu no número dos seus principais amigos. Indo morar em casa de Antípatro, introduziu-se também na vida íntima de Alexandre e lhe fez crer que o rei Arqueriau, seu sogro, tinha um afeto particular por ele e lhe faria qualquer

favor em consideração à princesa Glafira, sua filha.

Como ele era bem recebido por toda parte e não demonstrava tendência a nenhum partido, era fácil para ele observar o que se dizia e disso se servir para caluniar quem quisesse, pois havia conquistado a todos de tal modo que cada qual julgava tê-lo por único amigo e que era apenas para servi-lo em seus interesses que mantinha relacionamento com os outros. Alexandre, que tinha pouca experiência, facilmente deixou-se envolver, a ponto não confiar em mais ninguém senão nele. Assim, o jovem príncipe abriu-lhe o coração e manifestou a sua dor pela distância que o rei seu pai mantinha dele e pela morte da rainha sua mãe. Queixou-se também de que Antipatro sozinho desfrutava todas as honras que o irmão e ele podiam pleitear e tinha poder sobre todas as coisas. Por fim, confessou que não podia mais suportar o excessivo ódio do pai contra ele e Aristobulo, que por isso não mais se dignava convidá-los para os banquetes e nem mesmo lhes dirigia a palavra.

Esse traidor referiu tudo a Antipatro, dizendo que os favores que lhe devia o levavam a avisá-lo do perigo que o ameaçava, a fim de que ele ficasse alerta, pois Alexandre não dissimulava que podia passar das palavras aos fatos. Antipatro recebeu esse aviso com grandes demonstrações de gratidão para com Euriclés, deu-lhe ricos presentes e o incitou a dizer a mesma coisa ao rei. Ele o fez, e Herodes facilmente acreditou nas palavras ambíguas de que esse infeliz se servia para fazer aumentar as suspeitas e desconfianças. O ódio do rei por Alexandre tornou-se irreconciliável, e ele deu cinqüenta talentos a Euriclés. O traidor foi imediatamente procurar o rei Arquelau para elogiar o príncipe seu genro, dizendo que ele fora muito feliz em contribuir para a conciliação entre pai e filho. Deu ainda grandes presentes a Arquelau e voltou à Lacedemônia antes que pudessem descobrir as suas intrigas. Porém, como em seu país não vivia com mais probidade que entre os estrangeiros, foi expulso e mandado para o exílio.

710. Herodes já não se contentava, como antes, em prestar fé às calúnias que levantavam contra Alexandre e Aristobulo. O seu ódio por eles era tão grande que, ainda que pessoalmente não os acusasse, não deixava de os fazer vigiar e dava inteira liberdade para que falassem contra eles. E, como não escutava outra coisa com melhor disposição, contaram-lhe, entre outras

histórias, que um certo Varate, de Cós, havia elaborado um plano de comum acordo com Alexandre.

711. Além dessas contínuas calúnias, que tantos levantavam tão obstinadamente contra os dois príncipes perante o rei, sob pretexto de cuidado pela sua conservação, aconteceu ainda um outro fato, que o prejudicou mais que todas as outras coisas. Entre os guardas de Herodes havia dois, chamados Jucundo e Tirano, aos quais ele muito estimava, por causa de sua estatura e força extraordinárias. Mas, por algum desprazer que lhe causaram, acabou afastando-os. Alexandre os recebeu em sua companhia de guardas e, como eram homens de muita habilidade nos exercícios, ele os agraciava com ouro e muitos presentes.

O rei, logo que o soube, passou a suspeitar deles e mandou torturá-los. Eles suportaram o castigo durante longo tempo, mas por fim, não podendo resistir a tantas dores, confessaram que Alexandre os havia solicitado para matar o rei quando ele fosse a caça e lhes havia dito que seria fácil fazer acreditar que ele morrera vítima de suas próprias armas, caindo do cavalo, pois, algum tempo antes, pouco havia faltado para que aquilo lhe acontecesse de verdade. Acrescentaram que encontrariam dinheiro escondido na estrebaria do príncipe e acusaram o monteiro-mor de lhes ter dado, por ordem de Alexandre e de alguns que estavam sob o comando do príncipe, os dardos de que o rei se servia nas caçadas.

712. Herodes mandou também prender e torturar o governador de Alexandriom, porque o acusavam de haver prometido aos dois príncipes que os receberia e lhes entregaria o dinheiro que Herodes lá fazia conservar. Ele nada confessou, mas o seu filho disse que era verdade e trouxe algumas cartas, que pareciam escritas por Alexandre e diziam: "Logo que tivermos feito, com a ajuda de Deus, o que deliberamos, iremos procurá-lo e não duvidamos de que nos recebereis em vossa fortaleza, como me prometestes". Herodes, depois de ler as cartas, não duvidou mais de que seus filhos atentariam contra a sua vida. Mas Alexandre afirmou que o secretário Diofante havia falsificado a sua assinatura por ordem de Antipatro, que era o autor de toda a maldade. Diofante era deveras um grande falsificador e já havia sido castigado por um crime semelhante.

713. Herodes, que então estava em Jerico, mandou apresentar em público os que haviam sido torturados e tinham acusado os seus filhos. O povo os matou a pedradas e queria também apedrejar Alexandre. Mas Herodes destacou Ptolomeu e Feroras para impedi-lo e depois mandou-o para a prisão, juntamente com Aristóbulo. Eles eram rigorosamente vigiados, tanto que ninguém podia aproximar-se deles, e não somente se observavam as suas ações, mas até as mínimas palavras. Assim, já eram considerados mortos. Eles mesmos também assim pensavam.

714. Aristóbulo, para induzir Salomé, que era ao mesmo tempo sua tia e sua sogra, a ter compaixão de sua infelicidade e a conceber ódio pelo seu verdadeiro autor, disse-lhe: "Julgais vós mesma que estais em segurança depois de terem dito ao rei que é a esperança de desposar Sileu que vos faz avisá-lo de tudo o que se passa no reino?" Ela repetiu imediatamente essas palavras a Herodes. Ele ficou tão furioso que, não se podendo mais se conter, ordenou que atassem os dois irmãos em separado e os obrigassem a declarar por escrito tudo o que se havia passado naquele empreendimento contra ele. Em obediência à ordem, eles fizeram a declaração. Diziam que jamais haviam pensado em trair ou conspirar contra o rei, mas que pretendiam fugir, e que por causa do sofrimento que experimentavam a vida se lhes tornara incerta e tediosa.

715. Nesse mesmo tempo, Arquelau enviou como embaixador à Judéia um dos maiorais de sua corte, de nome Mela. Herodes, para mostrar que tinha grandes motivos de queixa contra Arquelau, mandou buscar Alexandre na prisão e perguntou-lhe na sua presença como e para que lugar ele havia deliberado fugir. Ele respondeu que iria procurar o rei seu sogro, o qual havia prometido mandá-lo a Roma, mas que não tivera a menor intenção de empreender algo contra o rei seu pai, que não havia uma só palavra verdadeira em tudo o que fora dito contra ele, que desejara que Tirano e seus companheiros tivessem sido mais particularmente interrogados e que, para impedir, pela morte deles, que se pudesse conhecer a verdade, Antípatro havia ordenado a alguns dos seus partidários que incitassem o povo a apedrejá-los.

Em seguida, Herodes mandou que levassem no mesmo instante Alexandre e Mela à princesa Glafira e perguntassem diante deles se ela não sabia da

conspiração contra ele. Quando a princesa viu o príncipe seu marido em cadeias, foi tomada de tão viva dor que dava pancadas na cabeça e fazia retinir o ar com os seus gemidos e soluços. Alexandre, por seu lado, derramava lágrimas. Esse triste espetáculo causou compaixão a todos os presentes, que ficaram muito tempo sem proferir uma só palavra e sem um único movimento. Por fim, Ptolomeu, a quem fora entregue a guarda do príncipe, ordenou a Alexandre que declarasse se a princesa sua esposa tinha ou não conhecimento dos seus atos.

Ele respondeu: "Como não o saberia, se a amo mais que a minha vida e se ela me deu filhos que me são tão caros?" Ela então tomou a palavra e disse que estava inocente, mas que, se uma confissão de culpa pudesse contribuir para a salvação do marido, estava disposta a declarar-se culpada, por maiores que fossem os males que lhe pudessem acontecer. Alexandre disse-lhe em seguida: "É verdade que nem vós nem eu fizemos qualquer coisa de tudo o que nos acusam. Mas não ignorais que havíamos resolvido nos retirar para junto do rei vosso pai, para de lá irmos a Roma". Ela disse que sim, e Herodes julgou não ter mais necessidade de outra prova da má vontade de Arquelau.

Enviou imediatamente Olímpio e Volúmnio até ele a fim de se queixarem de sua participação no mau desígnio dos filhos. Ordenou a esses enviados que desembarcassem em Eluza, que é uma cidade da Cilícia, e, depois de entregar as cartas, passassem além, para ir a Roma. Ou, caso soubessem que Nicolau fora bem-sucedido na sua embaixada, apresentassem a Augusto as cartas que então lhe escrevia e as memórias, para mostrar que seus filhos eram culpados.

Arquelau respondeu que verdadeiramente prometera a Alexandre e a Aristóbulo recebê-los, porque julgava que aquilo lhes seria vantajoso, bem como ao rei seu pai, que teria podido com simples suspeitas deixar-se levar pela cólera, mas que não tinha nenhuma intenção de enviá-los a Roma nem de os conservar indispostos contra ele.

716. Olímpio e Volúmnio, chegando a Roma, não encontraram dificuldade para entregar as cartas a Augusto, porque Nicolau conseguira, pela maneira como vou dizer, tudo o que Herodes desejava. Sabedor de que havia divisão entre os árabes e informado por alguns deles dos crimes cometidos por Sileu e que os mesmos árabes estavam dispostos a ajudá-lo nas acusações e podiam

provar, por meio de algumas cartas que haviam sido interceptadas, que Sileu mandara matar vários parentes do rei Obodas, Nicolau julgou ser aquela a ocasião mais propícia para reconduzir o seu senhor às boas graças de Augusto. Era muito melhor que combater com argumentos a grande aversão que o imperador demonstrava estar sentindo por aquele soberano, pois, se começasse por acusar Sileu, poderia encontrar uma oportunidade favorável para justificar Herodes.

Quando chegou o dia de pleitear a causa diante de Augusto, Nicolau, ajudado pelos embaixadores do rei Aretas, acusou fortemente Sileu de haver matado o rei Obodas, seu senhor, e vários árabes, de pedir dinheiro emprestado para empregá-lo em perturbar a ordem do Estado e de cometer diversos adultérios, não somente na Arábia, mas também em Roma. E acrescentou que, além de todos esses crimes, ele ousara enganar o imperador com mentiras e falsidades, acusando Herodes de diversas coisas, das quais nem sequer uma era verdadeira. A essas palavras, Augusto o interrompeu. Ordenou que esquecesse o resto e declarasse se era verdade que Herodes havia entrado com um exército na Arábia, matado dois mil e quinhentos homens, levado um grande número de prisioneiros e saqueado o país.

Nicolau garantiu-lhe que todas aquelas coisas eram pura invenção e que Herodes nada fizera que pudesse desagradá-lo. Augusto, surpreendido com essa resposta, continuou a escutá-lo, com maior atenção ainda, e ele disse que Herodes havia emprestado quinhentos talentos* e que o termo do empréstimo dizia expressamente que, se o tempo marcado para a restituição fosse ultrapassado, ele poderia reaver o dinheiro confiscando parte do país. E assim, não se podia dar o nome de exército aos soldados de que ele fora obrigado a se servir para esse fim. Eram apenas tropas executando uma ação judiciária. Disse também que a moderação de Herodes fora tamanha que, embora pudesse agir por si mesmo, pois estava fundado em seu direito, ele preferiu falar antes com Saturnino e Volúmnio, governadores da Síria; que Sileu, depois disso, jurara na presença deles, na cidade de Berito, pela saúde de César, pagar aquela soma em trinta dias e restituir os trânsfugas; que, tendo Sileu faltado à palavra, Herodes voltou a procurar esses mesmos governadores; que eles lhe permitiram usar do direito que lhe cabia, ou seja, de receber aquele pagamento

pelas armas; e que fora esse o motivo de sua incursão na Arábia.

Ele acrescentou: "Foi isso, ó poderoso príncipe, que eles chamaram guerra, e da qual se fala com tanto exagero. Mas como dar o nome de guerra ao que se fez com a permissão de vossos governadores, em virtude de uma obrigação e após tão grande perjúrio, pelo qual não se teve receio de violar o respeito devido aos deuses e ao vosso nome? Devo agora justificar o que se refere aos prisioneiros que Herodes levou consigo, e não me será difícil fazê-lo. Os ladrões que moravam em Traconites, que eram menos de quarenta no início, mas que depois tiveram o seu número aumentado, temendo que Herodes os castigasse, fugiram para a Arábia, onde Sileu não somente os recebeu como também, para praticar maldades por meio deles, lhes deu terras e compartilhava com eles o produto dos roubos, sem temor de violar o juramento que fizera de entregar esses criminosos a Herodes com o dinheiro que lhe era devido. Assim, como poderia ele provar que Herodes fizera outros prisioneiros além dos da Arábia, dos quais uma parte ainda escapou? Já houve, acaso, maior impostura? Mas esta não é menor, se não a sobrepujar ainda. Disseram-vos que Herodes havia matado dois mil e quinhentos homens, mas vos afirmo que nenhum de seus homens pôs mão à espada a não ser depois que Nacebe, com as forças que comandava, os atacou e matou alguns. Mas ele próprio depois foi morto, com vinte e cinco outros árabes. Vedes assim, ó poderoso príncipe, que esse número foi, por um estranho cálculo, multiplicado até dois mil e quinhentos".

Essas palavras comoveram Augusto tão fortemente que ele, encolerizado, voltando-se para Sileu, perguntou-lhe quantos árabes haviam sido mortos naquele combate. Ele disse, não sabendo o que responder, que se enganara no número. Leram-se em seguida as cláusulas da obrigação do empréstimo, as ordens do governador e as cartas das cidades que se queixavam daqueles ladrões. Então Augusto, plenamente informado do assunto, ficou sentido por se haver deixado levar pelas mentiras daquele impostor e por escrever tão rudemente a Herodes. Então condenou Sileu à morte, censurando-o por suas calúnias, pois haviam sido a causa daquela indisposição contra o seu amigo. Ordenou depois que ele fosse reconduzido à Arábia, para acertar-se com os credores antes de ser executado.

Quanto a Aretas, não conseguia perdoá-lo pelo fato de ele haver se apoderado do reino sem a sua licença. Ele desejava entregar a Arábia a Herodes, mas as cartas deste o fizeram mudar de idéia, porque, não contendo elas outra coisa senão acusações contra os próprios filhos, julgou não ser conveniente acrescentar os cuidados de um outro reino a um velho afligido por tantas amarguras domésticas. Assim, permitiu aos embaixadores de Aretas que viessem saudá-lo e, depois de repreender severamente aquele rei pelo atrevimento de colocar a coroa na própria cabeça sem a ter recebido de suas mãos, aceitou os presentes e confirmou-o no reino.

Escreveu depois a Herodes, lastimando que os filhos lhe causassem tanta dor. E, se eles eram tão desnaturados a ponto de tramar contra a sua vida, era justo tratá-los como parricidas, e assim, sobre esse assunto, dava-lhe plena liberdade. Todavia, se o único desígnio deles era fugir, a piedade paterna o obrigava a se contentar com um ligeiro castigo. Por fim, aconselhava-o a reunir uma assembléia em Berito, onde havia um grande número de romanos, a fim de que lá, com os governadores das províncias vizinhas, Arquelau, rei da Capadocia, e outras pessoas de sua confiança, tanto por sua posição quanto pelo afeto que lhe dedicavam, decidisse esse assunto.

---

* Não parece, pelo que precede, que Herodes tenha emprestado tão grande soma.

Capítulo 17

Herodes acusa Alexandre e Aristóbulo numa grande assembléia reunida em Berito e os condena à morte.

717. Essa carta de Augusto deu grande alegria a Herodes, tanto por lhe mostrar que estavam reconciliados quanto pela inteira liberdade que lhe concedia para agir com os filhos. Não sei como chegou a tal excesso, o de querer matá-los e de tratar o caso com tal precipitação, porque, embora ele demonstrasse muita severidade para com os filhos no tempo de sua prosperidade, isso nunca havia acontecido. Agora não tinha medidas o seu

ódio, ainda que os negócios estivessem em tão boa situação que ele não poderia desejar melhor. Enviou convites a todas as partes, para que todos os que Augusto havia julgado conveniente se reunissem em Berito, exceto Arqueiau, porque o odiava e por temer que ele se opusesse ao seu desígnio. Os governadores das províncias e as personagens mais importantes de diversas cidades para lá se dirigiram, mas ele não quis que os filhos estivessem presentes e mandou-os para uma aldeia dos sidônios, chamada Platana, próxima daquela cidade e de onde podiam ser levados, caso fosse necessário.

Ele adentrou sozinho a assembléia, que constava de cento e cinqüenta pessoas, e a maneira como acusou os filhos, em vez de despertar compaixão pela sua infelicidade e persuadir os presentes da necessidade que o obrigava a chegar a tão grandes extremos, pareceu, ao invés, muito inconveniente na boca de um pai. Ele falou com muita veemência, perturbado pela cólera, esforçando-se para mostrar a verdade dos crimes de que os jovens eram acusados, e não trouxe nenhuma prova daquelas acusações. Via-se, enfim, um pai que, longe de instruir os juizes, não tinha vergonha de tentar convencê-los a se unir a ele no litígio contra os filhos. Leu as cartas deles, mas nada continham que demonstrasse algum plano organizado contra ele ou que se tivessem deixado levar a alguma impiedade. Pareciam confirmar somente que haviam decidido fugir, além de algumas palavras pelas quais expressavam o descontentamento que sentiam contra ele.

Nesse ponto das cartas, ele exclamou, como se tais palavras fossem uma clara confissão, que eles haviam atentado contra a sua vida e jurou que elas lhe eram mais insuportáveis que a morte. Acrescentou que a natureza e Augusto lhe davam pleno poder sobre os filhos e que uma das leis de sua nação era clara a esse respeito, pois ordenava que, quando um pai ou uma mãe acusassem os filhos e pusessem a mão sobre a cabeça deles, os que estivessem presentes eram obrigados a apedrejá-los. Assim, ele teria podido, sem outra forma de processo, condenar à morte os seus filhos em seu país e no seu reino, mas desejara ouvir o parecer daquela ilustre assembléia. Não os reunira, portanto, como juizes, pois o crime deles era manifesto, porém somente por formalidade, a fim de que participassem de seu justo ressentimento e para que a posteridade soubesse, pelos seus sufrágios, quão importante é não tolerar tão

horríveis atentados como o dos filhos contra aqueles que lhes deram a vida.

Herodes assim falou e, como não havia trazido os filhos para que se defendessem, a assembléia não teve dificuldade em constatar que não havia mais probabilidade de reconciliação e confirmou-lhe o poder que Augusto lhe dera para dispor dele como quisesse. Saturnino, que havia sido cônsul e desempenhara cargos honrosos, opinou primeiro, com muita moderação. Ele disse que era de opinião que fossem castigados, não, porém, com a morte. Porque, sendo ele pai, não podia ter sentimentos tão cruéis nem crer que se deveria acrescentar à infelicidade de Herodes aquela nova aflição, que seria o cúmulo de todas as outras. Os três filhos dele, que eram os seus lugar-tenentes, opinaram em seguida e foram do mesmo parecer. Volúmnio, ao contrário, achou melhor sentenciá-los a morte. Os que falaram depois dele foram, em sua maioria, da mesma opinião, e assim não restou mais esperança aos dois príncipes.

718. Herodes partiu imediatamente para Tiro e levou também os filhos. Nicolau, que voltava de Roma, encontrou-o lá, e Herodes contou-lhe o que se havia passado em Berito e depois perguntou qual era em Roma a opinião de seus amigos com respeito aos filhos. Ele respondeu que a maior parte os condenava, julgando que ele devia encerrá-los na prisão para fazê-los morrer, se o achasse justo, mas somente depois de madura reflexão, a fim de que não parecesse que, em assuntos tão delicados, ele agia mais pela cólera que pela razão. Ou então, para não se envolver numa aflição sem remédio, devia absolvê-los e pô-los em liberdade. Herodes, ouvindo-o falar assim, ficou muito tempo pensativo, sem dizer palavra. Ordenou em seguida que subisse com ele ao navio, e partiram para Cesaréia.

Esse estado de coisas tornou-se o motivo de todas as conversas; não se falava de outra coisa. A infelicidade dos dois príncipes e o ódio que o pai nutria por eles havia tanto tempo criou uma imensa expectativa quando ao que iria acontecer com os jovens. Mas, na inquietação em que o reino se encontrava, era perigoso expressar ou dar ouvidos a qualquer coisa que lhes fosse favorável. Era preciso esconder no coração a compaixão que se tinha deles e dissimular a dor, sem ousar manifestá-la.

719. Apenas Tirom, um velho e corajoso cavalheiro, cujo filho era da

idade de Alexandre e muito afeiçoado ao príncipe, não ficou calado e ousou dizer o que os outros somente pensavam. Não temia mesmo dizer em voz alta e publicamente que não havia mais verdade nem justiça entre os homens, que a mentira e a malícia reinavam nos corações e que a cegueira era tal que, por maiores que fossem as suas faltas, eles não as reconheciam. Tinha-se prazer em ouvi-lo falar com aquela perigosa liberdade, e ninguém podia condenar a sua ousadia. Porém todos se mantinham em silêncio, pois não queriam se arriscar, embora a apreensão pelo destino dos infelizes príncipes bem podia ter incentivados outros a imitá-lo. Ele atreveu-se mesmo a pedir uma audiência com o rei, para conversar a sós com ele.

Herodes concedeu-a, e então ele lhe disse: "Majestade! Eu não poderia deixar de falar-vos com esta liberdade, que me pode ser perigosa, mas também pode ser muito útil a vós, para que reflitais no que vou dizer. Em que estais pensando, majestade? Onde está agora aquela extraordinária sagacidade com que tratáveis os assuntos mais complicados, e que é feito de vossos amigos e parentes? Poder-se-ia incluir nesse número os que não se preocupam em resolver um assunto que põe em grave perturbação uma corte tão feliz quanto a vossa? Não percebeis o que se passa? Estaríeis desejando a morte desses dois príncipes, oriundos de tão digna rainha — nobres, portanto, de nascimento —, para vos colocardes, na idade em que estais, nas mãos de um filho que concebeu esperanças criminosas e para vos entregardes aos vossos parentes, que tantas vezes julgastes indignos de viver? Não percebeis que o silêncio do povo condena o vosso proceder, achando-o abominável? Não vos ocorre que os vossos soldados, particularmente os oficiais, sentem compaixão pela infelicidade desses dois príncipes e horror pelos que os puseram em tal desgraça?"

Como o rei se achava muito sensibilizado em sua aflição e bem convencido da maldade de seus parentes, não reprovou, de início, as palavras de Tirom. Mas, vendo que ele o apertava com brutal liberdade, sem se impor nenhum limite, começou a se inquietar. E, considerando o que ele lhe dizia mais como censura que como advertência, que a preocupação pelo bem-estar do rei o levava a dizer, perguntou quem eram os oficiais e os soldados que condenavam o seu proceder. Quando tomou conhecimento dos nomes, mandou

colocar todos eles na prisão.

Um certo Trifom, que era barbeiro de Herodes, veio contar em seguida que Tirom lhe havia pedido várias vezes para que cortasse a garganta do rei com a navalha quando lhe fizesse a barba, garantindo que ele seria muito bem recompensado e que poderia esperar, depois disso, qualquer favor da parte de Alexandre. Herodes imediatamente ordenou que prendessem o barbeiro e o mandou torturar, bem como a Tirom e seu filho, o qual, vendo o pai padecer os tormentos sem nada confessar e percebendo que a crueldade do rei não dava esperança alguma de que os aliviassem para ele também, disse que declararia toda a verdade contanto que os deixassem de torturar. Herodes prometeu que o faria, e ele contou que o pai, tendo obtido a liberdade de falar a sós com o rei, havia resolvido matá-lo e se expor a todas as conseqüências, tal o seu afeto por Alexandre. Essa declaração livrou Tirom dos tormentos, mas não se sabe se era essa a verdade ou se o filho falara daquele modo apenas para poupar o pai e a si mesmo de tantas dores.

720. Herodes baniu então de seu espírito qualquer compaixão que lhe viesse impedir de ordenar a morte dos dois filhos. E, não querendo dar lugar ao arrependimento, apressou-se em realizar a execução. Mandou então apresentar em público os trezentos oficiais do exército cujos nomes haviam sido citados, bem como a Tirom, o filho deste e o barbeiro, e os acusou diante do povo, que se lançou imediatamente sobre eles e os matou. Quanto a Alexandre e Aristóbulo, o impiedoso pai os enviou a Sebaste, onde, por sua ordem, foram estrangulados. Os corpos foram levados a Alexandriom, ao túmulo de seu avô materno, onde vários de seus antepassados estavam sepultados.

721. Não é de admirar, talvez, que um ódio alimentado por tanto tempo tenha crescido até esse ponto, conseguindo afogar no espírito de Herodes todos os sentimentos da natureza. Pode-se duvidar, todavia, e com razão, se foi justa a condenação desses dois príncipes, os quais, tendo continuamente irritado o pai, obrigaram-nos por fim a considerá-los mortais inimigos, ou se não deveríamos atribuí-la à dureza de Herodes e à sua violenta paixão pelo poder, pois ele, quando se tratava de conservar a sua absoluta autoridade, não tolerava a mínima resistência e se achava no direito de não poupar ninguém. Talvez se possa ainda atribuí-la à sorte, que é mais poderosa que todos os

sentimentos humanos e pode levar os homens a tais resoluções.

Quanto a mim, estou convencido de que todas as nossas ações são preordenadas por uma inevitável necessidade a que chamamos destino, sem cuja ordem nada se faz no mundo. Mas é suficiente havermos tocado nisso de passagem, isto é, acerca do destino, que é muito mais elevado que o raciocínio pelo qual busquei a causa da morte dos príncipes — se ocorreu pela imprudência deles ou pela crueldade de Herodes. Todavia, como se pode julgar pelo que encontramos escrito a esse respeito nos livros da nossa Lei, não se deve crer que essa doutrina nos isente de qualquer participação nos acontecimentos ou nivele de tal modo os diferentes costumes dos homens que exima de toda culpa os maus e os criminosos.

Mas, voltando às duas primeiras causas de tão trágico e deplorável acontecimento, é verdade que se pode acusar os dois príncipe da ousadia que é comum aos de sua idade, ainda mais quando herdeiros do fausto de um nascimento real; de haverem escutado demais as palavras dos que falavam em desabono de seu pai; de julgarem sem eqüidade as suas ações; de suspeitarem dele injustamente; de falarem com excessiva liberdade; de terem eles mesmos dado motivo para calúnias aos que observavam as suas mínimas palavras com o propósito ganhar a estima do rei.

Quanto a Herodes, como se poderá perdoar uma ação tão desumana e desnaturada como a de matar os próprios filhos sem ter conseguido provar que eles haviam atentado contra a sua vida, privando assim a nação de dois príncipes tão formosos, hábeis em todos os exercícios, capazes de ser valorosos na guerra e que falavam com tanta graça — particularmente Alexandre — que não eram somente queridos de todo o povo judeu, mas também dos estrangeiros? E, mesmo que os tivesse julgado culpados, por que não se contentou em mantê-los numa prisão ou em bani-los do reino, uma vez que nada tinha a temer, nem dentro nem fora, garantido como estava pela poderosa proteção dos romanos? Que maior prova poderia ele dar senão a de se ter deixado governar pela paixão, demonstrando, ao ordenar a morte dos filhos, uma insuperável impiedade?

O que aumenta a sua culpa é o fato de que ele estava já numa idade em que jamais poderia alegar pouca experiência para deixar ir tão longe uma

questão. Sua falta teria sido menor se a surpresa de um atentado contra a sua vida o tivesse impelido imediatamente cometer aquela ação, ainda que tão cruel. Porém, agir depois de tão grande demora e após tantas deliberações é indício de uma alma sanguinária e endurecida pelo mal, como o provaram os fatos seguintes, pois ele não perdoou nem mesmo aqueles a quem antes demonstrara amar sinceramente, embora pouco se tenha a lamentar por causa deles, porque eram culpados. Mas nisso se vê também a grande crueldade de Herodes.

Livro Décimo Sétimo

Capítulo 1

Antípatro quer antecipar a morte do rei Herodes, seu pai, para reinar em seu lugar. Filhos que Herodes teve de suas nove mulheres.

722. Embora Antípatro tivesse, pela morte de seus irmãos, feito um grande progresso em seu abominável desígnio, de atentar contra a vida de seu pai, sua impaciência por reinar era tão grande, que ele não podia suportar os outros obstáculos que retardavam a realização de suas esperanças. Livre do temor de que seus irmãos viessem a dividir com eles o governo, ele se encontrava, no entanto, numa ansiedade maior ainda, pelo ódio que todo o povo lhe votava e pela versão que tinham por ele os mesmos soldados, que são os únicos que podem sustentar o trono dos reis, quando sobrevêm os acontecimentos e as revoluções; ele não podia atribuir senão a si mesmo toda a culpa dessa aversão geral por ele, pois ele mesmo a havia atraído sobre si, procurando a ruína de seus irmãos. Não deixava, porém, de governar todo o reino com seu pai, como se já estivesse de posse do trono, porque Herodes tinha nele a máxima confiança e em vez de sentir horror pela sua traição para com seus irmãos, ele se lhe mostrava agradecido, na persuasão de que não era o ódio que ele lhes tinha, que o havia levado a agir assim, mas seu afeto por ele e o interesse que tinha pela sua conservação, embora a verdade fosse que se insurgia contra ele com tal furor, que não odiava somente suas pessoas, mas também por causa de seu pai, porque ele temia todos os que podiam descobrir-lhe a traição e opor-se ao desígnio que ele tinha formado de tirá-lo do mundo, para tomar o seu lugar. Mas como esse mesmo temor de ser descoberto e de não ter então maior inimigo do que seu pai, não podia acabar, enquanto ele vivesse, ele se apressava de levar a cabo a sua detestável empresa. Assim, tudo ele fazia com esse objetivo, para conquistar por ótimos presentes os principais amigos de seu pai e principalmente os que ele tinha em Roma, e mais que qualquer outro, a Saturnino, governador da Síria e seu irmão. Esperava

também conquistar para o seu partido Salomé, sua tia, que então tinha desposado um dos maiores amigos de Herodes; pois não havia homem mais fingido e mais astucioso do que Antípatro, nem capaz de enganar com pretexto de amizade. Mas como Salomé conhecia perfeitamente o seu espírito, foi-lhe impossível surpreendê-la, embora ele tivesse encontrado o meio de fazer que sua filha, viúva de Aristóbulo, tivesse desposado seu tio materno. Quanto à outra filha, tinha desposado Calleas e ela mesma, continuando sua paixão por Silleu, queria ainda desposá-lo; mas Herodes a obrigou a se casar com Alexas e empregou para decidi-la a isso o auxílio da imperatriz, que a fez saber, que o rei, seu irmão, tendo jurado não amá-la nunca, se recusasse esse partido, ela não poderia tomar uma melhor resolução, do que dobrar-se ao seu desejo.

723. Nesse mesmo tempo, Herodes mandou a princesa Glafira, viúva de Alexandre, de volta a Arquelau, seu pai, pagando de seus bens, o que ela tinha trazido ao casamento, para eliminar todo pretexto de queixa. Ficavam dois filhos daquele casamento e Aristóbulo tinha deixado três de Berenice e duas filhas. Herodes tudo fez para bem educá-las, recomendava-as freqüentemente aos amigos, deplorava a infelicidade de seus filhos, rogava a Deus que seus netos fossem mais felizes e crescendo em virtude bem como em idade, eles lhe agradecessem o cuidado que tomava de sua educação. Deu como esposa ao filho mais velho de Alexandre a filha de Feroras, seu irmão; ao filho mais velho de Aristóbulo, a filha de Antípatro, ao filho do mesmo Antípatro, uma das filhas de Aristóbulo e a Herodes, seu filho, que ele tivera da filha do sumo sacerdote, com a permissão que nossas leis nos dão, de ter várias mulheres, a outra filha de Aristóbulo. Seu principal intento nessas alianças era levar Antípatro a ter compaixão e ternura para com esses órfãos; mas ele não os odiava menos do que havia odiado seus pais; e o afeto do rei por eles, em vez de lho causar, punha-o, ao invés, em grave tristeza. Ele temia que, quando fossem adiantados em anos, se opusessem ao seu poder, com o auxílio de Arquelau, seu avô, e do tetrarca Feroras, do qual, se o projeto se realizasse, o filho teria desposado uma das filhas de Aristóbulo. Seu temor aumentava ainda, pela compaixão que o povo demonstrava por esses jovens príncipes, pelo ódio que ele sabia que lhe tinham, por ter sido a causa da sua infelicidade e pela disposição em que ele o via de manifestar ao rei sua maldade, quando se apresentasse a ocasião e de

lhe relatarem as astúcias e artifícios de que ele se servia para arruinar seus irmãos. Assim, para impedir que seus sobrinhos pudessem dividir um dia com ele a autoridade, nada havia que ele não fizesse, para mudar a resolução tomada por Herodes, com relação aos casamentos e por fim ele obteve com seus rogos que lhe permitisse desposar a filha de Aristobulo e que seu filho desposasse a filha de Feroras.

724. Herodes tinha então nove mulheres, a primeira das quais era a mãe de Antipatro. A segunda era filha do sumo sacerdote Simão e dela tivera um filho de nome Herodes, como ele. A terceira era filha de seu irmão. A quarta era sua prima-irmã e não tivera filhos nem de uma nem de outra. A quinta era samaritana e dela tivera dois filhos, Arqueiau e Antipas, e uma filha de nome Olímpia, que José seu cunhado desposou depois; Arqueiau e Antipas tinham sido educados em Roma, por um de seus amigos. A sexta, chamada Cleópatra, era de Jerusalém e dela tivera dois filhos, Herodes e Filipe, o último dos quais também tinha sido educado em Roma. A sétima chamava-se Padas; dela tivera um filho de nome Fazael. A oitava chamava-se Fedra e dela tivera uma filha de nome Roxana. A nova chamava-se Elpídia, da qual tivera uma filha chamada Salomé. Quanto às suas duas filhas, irmãs de Alexandre e de Aristobulo, que tivera de Mariana e que Feroras tinha recusado desposar, uma, ele havia casado Antipatro, filho de Salomé, sua irmã, e a outra, com o filho de seu irmão Fazael, como dissemos há pouco.

CAPÍTULO 2

SOBRE UM CERTO ZAMARIAS, JUDEU, QUE ERA UM HOMEM DE GRANDE VIRTUDE.

725. Herodes para poder estabelecer inteira segurança na Traconítida, fortificou uma aldeia que estava no meio país, tornou-a tão grande como uma cidade, lá colocou uma guarnição que fazia incursões sobre os inimigos. Em seguida, tendo sabido que um judeu, chamado Zamaris, que tinha vindo de Babilônia, com quinhentos cavaleiros, armados de aljavas e de flechas e quase todos seus parentes, se tinha estabelecido, com a permissão de Saturnino, governador da Síria, num castelo de nome Valate, perto de Antioquia, mandou chamá-lo com todos os seus, prometeu-lhe dar terras no território de Batanéia,

que está na fronteira da Traconítida e isentá-lo de todos os impostos, com a condição de que ele se opusesse às incursões que se poderiam fazer contra o país. Zamaris aceitou o oferecimento e construiu castelos e uma aldeia, a que chamou Batira. Assim ele defendia o país contra os ataques dos traconítas e preservava de seus roubos os judeus, que vinham de Babilônia a Jerusalém, para lá oferecer sacrifícios.

Muitos daqueles que observavam religiosamente as leis dos nossos antepassados uniram-se a ele, e esse país povoou-se rapidamente, por causa das imuni-dades concedidas por Herodes e das quais gozaram durante todo o seu reinado. Mas Filipe, seu filho, tendo-o substituído no reino, tirou alguma coisa deles, pouco, na verdade, e durante pouco tempo. Agripa, o Grande, e seu filho, que tinha o mesmo nome, fizeram sobre eles grandes imposições, mas deixaram-nos gozar de sua liberdade, e os romanos agiram do mesmo modo, como diremos a seu tempo. Zamaris que era um homem muito virtuoso, deixou filhos semelhantes a ele, e dentre outros, um de nome jacim que, de tal modo se distinguiu pelo seu valor, que acompanhava sempre os reis, com um grupo dos seus. Morreu muito idoso e deixou um filho de nome Filipe, de virtude tão elevada e de tantos méritos, que o rei Agripa não somente teve por ele uma afeição muito particular, mas o fez general de seu exército.

CAPÍTULO 3

CABALA DE ANTÍPATRO, DE FERORAS E DE SUA MULHER CONTRA HERODES. SALOMÉ AVISA-O. ELE MANDA MATAR FARISEUS QUE ERAM DESSA CONJURAÇÃO E QUER OBRIGAR FERORAS A REPUDIAR SUA MULHER, MAS ELE NÃO PODE DECIDIR-SE A ISSO.

726. Estando as coisas neste estado e Herodes, que se julgava muito querido de Antípatro, tinha tanta confiança nele, que lhe dava plena autoridade e a ambição desmesurada desse filho desnaturado faziam-no abusar do poder. Mas ele ocultava sua malícia com tanta habilidade que seu pai não o percebia e ele tornava-se assim, cada vez mais temível a todos, pela sua maldade e pelo seu poder. Prestava grandes serviços a Feroras, e este, por sua vez, sendo enganado pelas mulheres que favoreciam Antípatro, lhe fazia a Vorte, porque ele não

ousava desgostar sua mulher, nem sua sogra e sua irmã, embora as odiasse, por causa dos maus tratos que infligiam às filhas, que ainda não eram casadas, mas ele era obrigado a suportá-las, para não aborrecê-las, porque elas sabiam muito dos seus planos, sendo assaz inteligentes e Antípatro tinha uma estreita união com elas, por si mesmo e por sua mãe; essas quatro mulheres estavam de acordo em tudo. Feroras e Antípatro tiveram, porém, uma séria divergência por alguns motivos, aliás leves, à qual foram impelidos pela habilidade de Salomé que, observando cuidadosamente todas as coisas, tinha descoberto que eles conspiravam juntos contra o rei e estava prestes a avisá-lo. Mas isso chegou ao seu conhecimento e eles resolveram não mais entreter-se publicamente; fingiram estar antipatizados um com o outro, falavam mal um do outro, principalmente na presença do rei, ou daqueles que lho podiam relatar, e em segredo, mantinham relações e conversas, mais que nunca. Todavia, eles nada puderam fazer para que Salomé, que tinha os olhos abertos sobre todas as suas ações, não os descobrisse. Ela foi imediatamente contar ao rei que eles ceavam juntos, sem que ninguém soubesse, que armavam planos de rebelião para matá-lo, se ele não desse imediatamente um remédio ao caso, que fingiam, na sua presença e na dos demais, estar em inimizade, usando palavras ofensivas, mas em particular, tinham mais amizade do que nunca, não se podia duvidar de que eles conspiravam contra aqueles aos quais tinham tanto cuidado em ocultar as suas relações. Herodes já sabia algo, pois tinham desconfiado; mas ia com precaução, porque conhecia o caráter de sua irmã, que não tinha escrúpulos em inventar calúnias, e sabia que ela e todas as outras mulheres de que falamos eram muito afeiçoadas a uma seita de homens que querem que os julguemos mais instruídos que os outros na religião, que eles são tão queridos de Deus, que Ele se lhes comunica e dá-lhes o conhecimento das coisas futuras. São chamados fariseus. Eles são muito astuciosos e atrevidos, não temendo, nem mesmo às vezes, erguer-se contra os reis e atacá-los abertamente. Assim, toda a nação dos judeus obrigou-se por juramento a ser fiel ao rei e ao imperador; mais de seis mil deles, porém, recusaram-se a fazer esse juramento. Herodes condenou-os a uma multa e a mulher de Feroras pagou-a por eles. Para agradecer esse favor, eles disseram-lhe que a vontade de Deus era que se tirasse o reino a Herodes e aos seus descendentes para dá-lo a

Feroras, seu marido, e aos filhos que tivesse dele. Salomé descobriu ainda essa conjuração e disse que alguns da corte a ela haviam sido conquistados, por meio de presentes. Ela avisou ao rei e ele mandou matar os fariseus que foram descobertos como principais autores da trama, como também o eunuco Bagoas Caro que ele amava pela sua extrema beleza e, em geral, todos os seus domésticos que eles acusaram de ter aderido àquela conspiração. Os fariseus tinham feito Bagoas crer que não somente o novo rei, cuja grandeza prediziam, considerá-lo-ia como seu benfeitor e como seu pai, mas ele mesmo casar-se-ia e poderia ainda gerar filhos.

727. Depois que Herodes fez morrer os fariseus, reuniu seus amigos e disse-lhes que a mulher de Feroras, que estava presente, tinha sido a causa da injúria que ele lhe tinha feito de recusar desposar as princesas suas filhas; que ela nada tinha esquecido naquela ocasião e em todas as outras, para ajuntá-los; que ela tinha pago a multa à qual ele tinha condenado os fariseus rebeldes, e que ela era culpada daquela última conspiração. E assim, Feroras não devia esperar que ele lhe rogasse, para repudiar uma pessoa que só procurava lançar a divisão entre eles, pois não podia conservá-la sem romper com ele.

Feroras, embora muito impressionado com estas palavras, disse, depois de ter protestado, que ele conservaria sempre muito religiosamente o afeto e a fidelidade que era obrigado a conservar pelo rei, seu irmão, que não podia resolver-se a repudiar sua mulher, pois a amava tanto que a morte lhe seria mais suave, do que a separação. Herodes ficou muito ofendido com essa resposta, não lhe manifestou, porém, sua cólera; contentou-se em proibir a Antipatro e à sua mãe, que se comunicassem com ele, nem tivessem relação alguma com as rainhas, suas esposas. Eles prometeram-lhe, mas não deixavam, todavia, quando podiam encontrar a ocasião, de cear secretamente, juntos, principalmente Feroras e Antipatro, que se julgava estarem de combinação com sua mulher e que a mãe de Antipatro era sua confidente.

CAPÍTULO 4

HERODES MANDA ANTIPATRO PROCURAR AUGUSTO COM SEU TESTEMUNHO PELO QUAL ELE O DECLARAVA SEU SUCESSOR. SILLEU SUBORNA UM DOS GUARDAS DE HERODES, PARA QUE O ASSASSINE, MAS A TRAMA É DESCOBERTA.

728. Como Antípatro temia que a ira do rei caísse, por fim, sobre ele, escreveu aos amigos que tinha em Roma, para rogá-los que obtivessem, com suas cartas, quanto antes, que ele pudesse ir ter com Augusto. Fizeram eles o seu desejo e Herodes mandou-o grandes presentes e seu testamento, pelo qual o declarava seu sucessor, se ele o sobrevivesse; no caso de que ele morresse antes, escolheria para sucedê-lo a Herodes, outro seu filho, que ele tivera da filha do sumo sacerdote.

729. Por esse mesmo tempo, Silleu foi também a Roma, sem ter cumprido o que Augusto ordenara. Antípatro acusou-o perante o imperador, dos mesmos crimes de que Nicolau o havia acusado e Aretas fê-lo acusar também, de ter, contra sua intenção, feito morrer em Petra, várias pessoas ilustres, particularmente Soeme, que era um homem muito virtuoso. A isso ele acrescentava, que ele tinha mandado matar um dos servidores de Augusto, de nome Sábado, pelo motivo que vou relatar. Havia entre os guardas de Herodes um coríntio em quem muito ele confiava. Silleu subornou-o com uma grande soma de dinheiro e fê-lo prometer matar o rei, seu amo. Sábado soube-o da própria boca de Silleu, e avisou imediatamente a Herodes que mandou prender o coríntio e fê-lo torturar. Ele confessou tudo e acusou dois árabes, dos quais um era um grande senhor e o outro, um amigo particular de Silleu. Herodes fê-los também torturar e eles confessaram que tinham vindo expressamente para obrigar o coríntio a fazer o que tinha prometido e ajudá-lo na execução, se fosse necessário. Herodes mandou-os com informações a Saturnino, que os mandou levar a Roma, para se instaurar o processo.

Capítulo 5

Morte de Feroras, irmão de Herodes.

730. Quando Herodes viu que Feroras se obstinava em conservar sua mulher, ordenou-lhe que se retirasse para o seu tetrarcado. Não somente ele obedeceu de boa vontade, mas fez o juramento de jamais voltar à corte, durante sua vida, o que cumpriu. Herodes depois caiu enfermo e mandou chamá-lo, porque queria antes de morrer, dar-lhe ordens secretas e importantes, e ele

respondeu que não podia violar seu juramento. Herodes, porém, não procedeu do mesmo modo, pois em nada diminuiu o afeto que lhe consagrava; tendo sabido depois, que ele estava doente, foram procurá-lo sem que ele tivesse rogado. Ele morreu dessa doença e foi enterrado em Jerusalém onde se lhe prestaram honras fúnebres e luto em sua memória. Essa morte foi o começo da infelicidade de Antípatro, que então estava em Roma, pois Deus queria assim castigá-lo por ter sido tão mau, causando a morte de seus irmãos. Relatarei em particular, tudo isso, a fim de mostrar a todos com esse exemplo, como é importante ter-se por regra de suas ações a justiça e a virtude, e jamais fazer algo que lhes seja contrário.

CAPÍTULO 6

HERODES DESCOBRE A CONSPIRAÇÃO FEITA POR ANTÍPATRO, SEU FILHO, PARA ENVENENÁ-LO.

731. Dois traconítidas, libertos de Feroras, aos quais muito ele estimava, foram depois de sua morte procurar Herodes, para rogar-lhe que não a deixasse impune, mas fizesse uma cuidadosa indagação, para descobrir quem lhe era o causador e o culpado. Herodes escutou-os atentamente e mostrou acreditar em suas palavras; eles disseram-lhe que seu amo tinha ceado em casa de sua mulher, no dia em que a doença se manifestou, pois tinha-lhe dado veneno, misturando com certa bebida, que, apenas ele sorveu, sentiu-se mal; esse veneno tinha sido levado por uma mulher árabe, que dissera não ter ele outro efeito, que despertar o amor, embora fosse, ao contrário, um poderoso veneno; entre aquelas mulheres árabes, que são grandes envenenadoras, principalmente a que era acusada, tinha grande familiaridade com a mulher que Silleu mantinha. A mãe e a irmã da mulher de Feroras, tinham ido procurar essa mulher, para comprar-lhe aquele veneno e haviam-no trazido no dia anterior, ao em que fizeram Feroras beber aquele líquido mortal. Esta comunicação despertou tão grande cólera em Herodes, que ele mandou torturar as mulheres, tanto escravas como livres, da mãe e da irmã da mulher de Feroras. Nada elas confessaram; uma delas, porém, por fim, vencida pela violência das dores, disse que rogava a Deus que a mãe de Antípatro sofresse os mesmos tormentos, pois ela era causa dos que todas sofriam. Esta confissão fez

Herodes empregar indagações ainda mais cuidadosas, para descobrir a verdade. Tanto fez atormentar aquelas mulheres, que soube delas tudo o que se havia passado: as refeições, as reuniões secretas, e as coisas mesmo que ele havia dito somente a Antipatro e que Antipatro tinha confiado àquelas mulheres. Elas acrescentaram que ele lhes havia dado cem talentos, para não falarem a Feroras, das obras que ele tinha recebido do rei, seu pai; que tinha por ele um grande ódio, que ele se queixava freqüentemente à sua mãe, por ele viver tanto tempo, pois ele mesmo estava ficando velho, e herdaria tão tarde a coroa, que muito mal poderia dela gozar; que seu pai tinha outros filhos e netos, que ele não podia mesmo esperar ter o reino com plena segurança; e se ele viesse a faltar, não seria seu filho, mas um de seus irmãos, que Herodes teria destinado para sucedê-lo. Essas mulheres disseram também que ele falava freqüentemente da crueldade de Herodes, dizendo que ele não tinha poupado nem mesmo seus próprios filhos, e que aquilo o fizera ir a Roma, e Feroras retirar-se à sua tetrarquia. Como todas essas coisas se referiam aos avisos que Herodes tinha recebido de Salomé, ele não pôs dificuldade em prestar-lhes inteira fé. Prendeu Doris, mãe de Antipatro, como culpada de ter tido parte nessa conjuração, tirou-lhe todas as jóias e pedras preciosas de grandíssimo valor, que lhe havia dado e a expulsou do palácio. Quanto às outras mulheres que eram da família de Herodes, acalmou-se e não as castigou porque confessaram tudo. Nada, porém, o irritou tanto contra Antipatro, como o que ele soube de um samaritano, seu intendente, que também se chamava Antipatro. Esse homem confessou, entre outras coisas, à tortura, que seu amo havia entregado a Feroras um veneno mortal, para dá-lo de presente ao rei, em sua ausência, a fim de que não o pudessem acusar. Que aquele veneno tinha sido trazido do Egito por AntiFílon, amigo de Antipatro, e que Teudiom, seu tio, irmão de Doris, sua mãe, tinha trazido a Feroras, que o havia confiado à sua mulher, para guardá-lo. Herodes mandou imediatamente interrogar a viúva de Feroras, sobre estas informações. Ela confessou que tinha o veneno e correu, como para ir buscá-lo. Mas em vez trazê-lo ela atirou-se de uma janela alta, de uma galeria do palácio; no entanto, não morreu, porque caiu de pé. Depois de ter voltado a si, o rei prometeu perdoá-la, e a toda família, contanto que lhe declarasse a verdade; e ameaçou-a, ao contrário, fazê-la sofrer toda sorte de

tormentos se se obstinasse em ocultar-lhe o que sabia. Ela protestou com juramento que nada lhe esconderia, e a persuasão comum foi que ela procedeu sinceramente: "AntiFílon", disse ela, "Majestade, trouxe este veneno do Egito, onde ele foi preparado por seu irmão, que é médico; Antipatro, filho de vossa majestade, comprou para dele se servir contra vossa majestade e Teudiom levou-oa Feroras, que me deu para guardá-lo. Meu marido, depois, caiudoente, ficou tão comovido com a afeição que vossa majestade lhe demonstrava, vindo vê-lo, que me mandou chamar e me disse: Minha esposa, eu me deixei enganar por Antípatro, quando ele me confiou seu desígnio, de envenenar seu pai. Mas agora que eu vejo que o rei nada diminui no afeto fraterno, que sempre me demonstrou e como se aproxima o fim de minha vida, não quero levar para o outro mundo a alma manchada pelo crime de ter tomado parte numa conspiração, de fazer morrer o rei, meu irmão. Por isso rogo-te que queimes esse veneno, na minha presença. Assim ele me falou e eu fui logo buscar o veneno e o queimei na sua presença, com exceção de uma pequena parte, que eu guardei pra me servir dele se depois de sua morte vossa majestade me quisesse tratar com o mesmo rigor." Dizendo isso mostrou a Herodes o resto do veneno e a caixa na qual estava guardado. O irmão de AntiFílon e sua mãe confessaram, ante os tormen-tos, a mesma coisa e reconheceram a caixa. Acusaram também uma das mulheres do rei, filha do sumo sacerdote, de ter tomado parte nesta conspiração, mas ela nada confessou. Herodes repudiou-a, riscou do seu testamento a Herodes, o filho que dela tivera e que tinha citado como seu sucessor ao trono, no caso de Antípatro morrer antes dele, tirou o sumo sacerdócio de Simão, seu pai e seu sogro e confiou Matias, filho de TeóFílon.

No entanto, Batilo, liberto de Antípatro, veio de Roma e o submeteram ao interrogatório com torturas; ele confessou que tinha levado veneno para entregá-lo à mãe de Antípatro e a Feroras, a fim de que, se o primeiro que se desse ao rei não surtisse efeito, ministrassem-lhe o segundo. Entregaram ao mesmo tempo a Herodes umas cartas que seus amigos, que estavam em Roma, lhe haviam escrito a pedido de Antípatro, que os havia ganho por grandes presentes. Essas cartas diziam quer Arquelau e Filipe, seus filhos, acusavam-no freqüentemente da morte de Alexandre e de Aristóbulo, seus irmãos; de que

eles mostravam estar sensivelmente tristes e que eles julgavam que não os mandariam voltar de Roma para a Judéia, para tratá-los como os outros haviam sido tratados. Antípatro, por seu lado, escreveu ao rei sobre seu assunto, como para desculpá-los, dizendo que se devia perdoar à sua mocidade e durante sua permanência junto de Augusto, ele continuou sempre a trabalhar para ganhar o afeto dos mais ilustres da sua corte, aos quais deu presentes, para mais de duzentos talentos. A esse respeito parece que há motivo de se admirar, de que durante sete meses em que ele ficou em Roma, nada soubesse do que se passava na judéia. Mas além de se guardarem cuidadosamente todas as passagens para impedir que ele pudesse saber notícias, o ódio que lhe votavam era tão grande, que não havia ninguém que quisesse se arriscar por amor dele.

CAPÍTULO 7

ANTÍPATRO VOLTA DE ROMA PARA AJUDÉIA E É ACUSADO NA PRESENÇA DE VARO, GOVERNADOR DA SÍRIA, DE TER QUERIDO ENVENENAR O REI, SEU PAI. HERODES FÁ-LO PÔR NUMA PRISÃO E ESCREVE A AUGUSTO A ESSE RESPEITO.

732. Herodes dissimulava sua cólera contra Antípatro e escreveu-lhe que logo que tivesse terminado os negócios que o retinham em Roma, viesse procurá-lo o mais depressa possível, a fim de que sua ausência não lhe fosse prejudicial. Fazia-lhe somente algumas leves queixas de sua mãe, com promessa de logo que tivesse regressado ele esquecer-se-ia do descontentamento que lhe havia dado e dava-lhe todas as demonstrações de afeto que ele pudesse desejar, porque temia que ele suspeitasse de que não voltaria e urdisse alguma trama contra ele. Antípatro recebeu essas cartas na Cilícia, quando já estava de regresso. Já tinha recebido outras, antes, em Tarento, que lhe comunicavam a morte de Feroras, com o que ficaria muito sentido, não pelo afeto que lhe dedicava, mas porque ele não tinha envenenado seu pai, como lhe tinha prometido. Quando chegou a Celenderis, cidade da Cilícia, começou a hesitar, se continuaria a viagem. Ele não podia suportar o castigo imposto à sua mãe, que fora expulsa do palácio e as opiniões de seus

amigos estavam divididas. Uns eram de parecer que se esperasse em algum lugar, para ver o que aconteceria; outros, aconselhavam-no a se apressar, a fim de dissipar, com sua presença, a idéia de que sua ausência suscitava aos seus inimigos a ousadia de agir contra ele. Ele tomou este último partido, continuou a viagem e chegou ao porto de Sebaste, que Herodes tinha feito construir com tantas despesas, dando-lhe esse nome em honra de Augusto. Não mais se duvidou então, da ruína de Antípatro. Em vez de, como, quando do seu embarque para Roma, ser ele rodeado e assediado pela multidão dos que o acompanharam, formulando-lhe votos de prosperidade, ao contrário, à sua volta, não somente não o saudaram nem dele se aproximaram, mas fizeram até imprecações, contra ele, implorando a vingança de Deus, para castigá-lo e exigir-lhe o sangue de seus irmãos.

Aconteceu, que nesse mesmo tempo, quando ele se dirigia para Jerusalém, Quintílio Varo que tinha sucedido a Saturnino no governo da Síria, tinha vindo visitar Herodes e eles haviam se reunido em conselho. Como Antipatro ainda nada sabia do que se passava apresentou-se à porta do palácio, vestido de púrpura, como de costume; abriram-lhe a porta, mas fecharam-na ao seu séquito. Ele não teve então dificuldade em avaliar o grave perigo em que se encontrava, e viu-o ainda melhor, quando Herodes, em vez de abraçá-lo, repeliu-o, censurou-o pela morte de seus irmãos e disse que ele lhe queria ainda acrescentar um parricídio; que teria, no dia seguinte, a Varo por juiz. Tão imprevista desgraça tombou sobre ele como um raio. Atônito, retirou-se, e sua mãe e sua irmã, filha de Antígono, que havia reinado antes de Herodes, foram também informados de todas estas coisas; ele preparou-se para o julgamento.

733. No dia seguinte, convocou Herodes uma grande assembléia que Varo presidiu; seus amigos lá estavam com os parentes de Herodes; Salomé, sua irmã, também. Mandaram chamar os que haviam descoberto a conspiração, os que tinham sido submetidos à tortura e algumas criadas da mãe de Antipatro, que tendo sido presas um pouco antes de seu regresso, tinham em seu poder cartas que falavam de que sua conspiração tinha sido descoberta e que ele não voltasse, para não cair nas mãos do rei, seu pai, e que a única esperança de salvação que lhe restava era recorrer à proteção de Augusto. Antipatro lançou-se aos pés de Herodes, para rogar-lhe que não o condenasse antes de escutá-lo,

mas lhe permitisse antes justificar-se. Herodes ordenou-lhe que se erguesse, e disse em seguida que bem infeliz ele se julgava por ter tido semelhantes filhos, por ter caído nos seus últimos dias nas mãos de Antipatro; que não havia cuidados que ele não tivesse tido de sua educação, que o tinha cumulado de benefícios, mas que tantasprovas de afeto e de bondade não tinham podido impedir que ele tentasse contra sua vida, para obter antes do tempo, com um crime horrível, um reino que ele poderia possuir legitimamente, quer pelo direito da natureza, quer pela vontade de seu pai, que ele não podia compreender que vantagem ele tinha imaginado encontrar na execução de um intento tão detestável; pois ele já o havia declarado seu sucessor, no testamento e que mesmo durante sua vida ele já compartilhava de toda sua autoridade, que ele lhe dava todos os anos cinqüenta talentos para suas despesas e lhe havia dado trezentos, para sua viagem a Roma. Cervsurou-lhe em seguida a morte de seus irmãos, dos quais tinha sido o acusador e o imitador; se eles fossem inocentes, pois não tinha encontrado outras provas contra eles senão as que ele havia alegado e os havia condenado por sua insinuação. Mas que agora ele os justificava, sendo ele mesmo culpado do assassínio de que os acusava.

Herodes assim falava e as lágrimas corriam-lhe dos olhos em tão grande abundância, que ele não pôde continuar. Rogou a Nicolau de Damasco, por quem tinha não menor amizade do que confiança, que estava bem a par do assunto, que referisse o que continham as deposições das testemunhas que serviam de provas da culpabilidade de seu filho. Mas Antípatro antecipou-se e defendeu ele mesmo a causa. Empregou para sua defesa as mesmas razões de que Herodes se servira contra ele, dizendo que aquela extrema aflição de seu pai era uma recompensa de sua piedade e um sinal de que ele não havia faltado a nenhum dos deveres que lhe devia prestar; que não havia possibilidade de que, depois de o ter defendido nas tentativas feitas contra sua vida, ele tivesse querido cometer semelhante crime e enxovalhar com tal mancha a sua reputação; que não havia nenhum motivo para isso, porque seu pai o tinha declarado seu sucessor e tornado participante de todo poder e de todos as honras anexas à coroa, ele não tinha somente a probabilidade de ser rei, mas podia-se dizer que de fato ele já o era, sem que ninguém se opusesse a isso; que assim não havia o mínimo motivo de crer que a esperança incerta de conquistar

a inteira posse de um reino, de que já gozava pacificamente, de uma parte de sua virtude, ele se tivesse metido em semelhante perigo e em tal crime; que o castigo sofrido por dois de seus irmãos, por terem tentado semelhante ação tornava a coisa ainda mais verossímil; que não era necessária melhor prova de seu ardente amor por seu pai, do que ele mesmo ter sido delator deles e que não estava arrependido disso, porque não podia melhor demonstrar sua piedade para com ele do que se tornando o vingador de sua impiedade, que ele tinha por testemunha de todas as suas ações em Roma, o mesmo Augusto, ao qual não se podia enganar bem como a Deus, que ele podia apresentar suas cartas às quais se devia prestar incomparavelmente mais crédito do que às calúnias de seus inimigos, que não tinham maior desejo do que pôr a divisão na família real e aos quais sua ausência tinha dado os meios para isso e a comodidade também; quanto às deposições das testemunhas, não era justo que lhas prestassem fé, pois haviam sido extorquidas pela violência das dores e que por fim ele mesmo se oferecia a ser torturado e interrogado sem que o poupassem. Assim falando, Antípatro tinha o rosto cheio de lágrimas, batia com força no rosto, de tal modo que causava compaixão aos seus mesmos inimigos, e também comoveu de algum modo os presentes; Herodes mesmo estava comovido, embora fizesse todo o possível para não demonstrá-lo. Nicolau, então, tomou a palavra para continuar a acusação que o rei tinha começado. Ele estendia-se em cada artigo: trouxe como prova dos crimes, o testemunho dos que tinham sido torturados. Estendeu-se muito sobre a bondade extrema que o rei havia demonstrado por seus filhos, pelo cuidado que tivera de sua educação, de que tinha sido tão mal recompensado; disse que por maior que tivesse sido a culpa de Alexandre e Aristóbulo não havia tanto motivo de se admirar de que, sendo jovens e mal aconselhados, eles se tivessem deixado levar mais pela ambição de reinar do que pelo desejo de enriquecer. Mas que nada era tão horrível como o crime de Antípatro, o qual, mais cruel do que os animais mais cruéis, que se amansam e se mostram reconhecidos para com aqueles, dos quais receberam algum benefício, não tinha ele se comovido, com tantos favores que recebera do rei, seu pai, e, em vez de considerar a infelicidade em que seus irmãos tinham caído, por seu mau proceder, não tivera medo de os imitar. "Pois não fostes vós mesmo", acrescentou ele,

dirigindo sua palavra a Antípatro, "o primeiro a acusá-los? Não fostes vós que vos empenhastes em provar-lhe a culpabilidade? Não fostes vós que os fizestes castigar? Não é, porém, disso que eu vos censuro; vosso ódio por eles era justo. Mas, pode-se assaz admirar de que não tenhais temido atrair sobre vós coisa semelhante? Pois, não é fácil julgar que o que fizestes contra eles não foi por amor a vosso pai, mas para poderdes mais facilmente executar o abominável desígnio, que tínheis já formulado contra ele, parecendo ser tão zeloso pela sua conservação e ter tanto horror por seu crime, como as conseqüências no-lo fizeram ver? Pois, querendo a morte de vossos irmãos, poupastes seus cúmplices; demonstrastes assim suficientemente, que estáveis de combinação còm eles e que vossa intenção era servir-vos deles para tentardes contra a vida de vosso pai. Sentíeis assim uma dupla alegria: parecer aos olhos dos homens ter feito uma ação digna de louvor, como teria sido mesmo, se vossos irmãos, sendo culpados, não tivésseis vos declarado contra eles, como inimigos, para salvar vosso pai e a outra, secreta, oculta, no vosso coração, achando por esse meio mais facilidade em fazer perecer, à traição, por um crime ainda maior que o deles, aquele mesmo por quem parecíeis sentir um amor tão cheio de piedade. Mas se verdadeiramente tivésseis tido horror ao detestável desígnio de que vossos irmãos eram acusados e que lhes custou a vida, teríeis tido coragem para imitá-los? Não é evidente que não tínheis outro objetivo que perder por vossa astúcia os que vos poderiam disputar o reino, como sendo muito mais dignos do que vós, de possuí-lo e atirar todo ódio sobre vosso pai, de vos pordes em condições de não poder ser castigado, acrescentando a esse fatricídio, um parricídio, tão horrível, que nenhum século ainda viu outro semelhante? Pois não é de um pai qualquer que resolvestes eliminar a vida, mas de um pai que vos amava com paixão, que vos cumulou de benefícios, que compartilhou convosco a sua autoridade, que vos declarou seu sucessor, que vos fez gozar crescentemente do prazer de reinar, que vos tinha garantido a coroa por meio de seu testamento. Mas essa excessiva bondade não causou impressão, em tão mau espírito como o vosso. Em vez de considerá-lo como benfeitor, vos considerastes apenas a vós mesmos; vossa paixão desmesurada de dominar não pôde tolerar ter como companheiro vosso próprio pai, a quem sois devedor de tantos benefícios e ao mesmo tempo que vossas palavras demonstravam um

ardor tão violento pela sua conservação, todas as vossas ações tendiam à sua ruína. Vós não vos contentaste de ser mau, procurastes tornar vossa mãe tão má quanto vós, fazendo-a cúmplice do vosso crime; irritastes o espírito de vossos irmãos e tivestes a insolência de ultrajar a vosso pai, chamando-o de animal, vós, cujo coração está mais cheio de veneno do que os mais venenosos animais, as serpentes, e de que vos servistes contra os mais próximos e as quais devíeis maiores favores: e vós, enfim, que em vez de ajudar vosso pai na sua velhice, não vos contentastes unicamente com a vossa malícia para fazê-lo sentir os efeitos da vossa ira, mas vos fizestes acompanhar por guardas e conquistastes o maior número possível de pessoas, a fim de juntar os seus artifícios aos vossos para o aniquilar. Agora, depois de tantos depoimentos, tanto de pessoas livres como de escravas, às quais fostes causa de serem torturadas, depois de provas tão claras do vosso crime, ousais negar a verdade; não vos é suficiente terdes renunciado aos sentimentos mais ternos da natureza, esforçando-vos por tirar a vida a vosso próprio pai, quereis também subverter as leis estabelecidas contra vós e vossos semelhantes, para surpreender a eqüidade de Varo e para abolir tudo o que há de justiça no mundo. Dizeis que não se devem dar valor a depoimentos extorquidos por meio de torturas, que salvaram a vida ao vosso pai e pretendeis, ao mesmo tempo, que se deva crer no que direis, sofrendo também a tortura." "Mas, Senhor", acrescentou Nicolau, dirigindo então a palavra a Varo, "nós livrareis nosso rei dos detestáveis empreendimentos movidos contra ele, pelos seus parentes mais próximos? Não mandareis ao suplício esse cruel animal, que depois de se ter servido de uma falsa aparência de afeto para com seu pai, para perder seus próprios irmãos tudo fez para perdê-lo a ele também, a fim de reinar sozinho? Sabeis que o parricídio não deve ser considerado como um crime particular, mas como público, porque é um ultraje feito à natureza e ataca o princípio da vida. Vós sabeis que nesse caso o simples pensamento merece ser castigado como o mesmo fato e que não se deve deixar de castigá-lo, sem se pecar contra essa mesma natureza, que é a mãe comum de todos os homens."

Nicolau referiu em seguida diversas coisas, que a mãe de Antípatro, impelida pelo prazer que as mulheres têm de falar, não tinha podido deixar de dizer, isto é, que ela tinha consultado adivinhos e oferecido sacrifícios para

saber o que aconteceria a Herodes. Não esqueceu também as desordens, tanto por causa do vinho como das mulheres, causadas por Antípatro, na família de Feroras e citou o grande número de depoimentos feitos contra ele, uns voluntários, outros obtidos pela tortura e que se podiam ter como os mais certos, porque aqueles, que antes o temor de Antípatro levava a calar o que sabiam contra ele, vendo que a mudança da sorte dava a todos a liberdade de falar e de acusá-lo, diziam então com franqueza o que seu ódio por ele já lhes não permitia ocultar.

734. Nada, porém, aniquilava tanto a Antípatro, como as recriminações de sua consciência, que lhe atirava continuamente diante dos olhos, seus horríveis crimes, contra seu pai, o sangue de seus irmãos derramado por seus criminosos manejos e a perturbação que ele havia suscitado em toda a família real. Havia-se mesmo notado há muito tempo que jamais ele tinha ódios justos, nem amizades fiéis: mas o interesse era sua única regra de conduta. Assim, mais se amava a virtude e a justiça, mais ela era tida em horror e apenas houve segurança, começou-se a clamar contra ele e a se dizer à porfia todo o mal que ele havia feito e de que se tinha conhecimento. Vários acusaram-no de diversos crimes; e havia motivo para se crer em tudo como verdade, porque parecia que não era para agradar ao rei, nem o temor do perigo que os obrigava a ocultar alguma coisa. Parecia, ao contrário, que eles eram levados a falar daquele modo porque detestavam sua maldade e desejavam sua morte não só para garantir a vida de Herodes, como para evitar de cair sob o domínio de tão perverso príncipe, como Antípatro. Não eram, porém, somente os interrogados que assim falavam; havia muitos que depunham voluntariamente contra ele, e embora ele fosse um dos mais astuciosos dos mais desavergonhados dos homens, não ousava abrir a boca para responder.

735. Varo, então, tomou a palavra e disse que lhe dava toda a liberdade de falar, se tivesse alguma coisa a alegar em sua defesa e que o rei, seu pai e ele, só desejavam que ele fosse inocente. Antípatro, em vez de responder, lançou-se de rosto em terra, rogando a Deus que fizesse saber por meio de algum sinal a sua inocência e quanto ele estava longe de jamais ter tido o pensamento de empreender algo contra seu pai. É assim que os maus costumam agir. Quando enveredam pelo caminho do crime, abandonam-se às

suas paixões, sem se lembrar de que há um Deus; quando se encontram, porém, no perigo de serem castigados, eles o invocam, tomam-no como testemunha da sua inocência e dizem que se abandonam inteiramente à sua vontade. Foi o que sucedeu a Antípatro. Antes, em todas as coisas, ele procedia como se Deus não existisse, mas quando se viu prestes a receber o castigo que merecia, ele se atreveu a dizer que Deus o tinha conservado para velar por seu pai. Varo, vendo que ele não respondia às perguntas que lhe eram feitas e que ele continuava somente a invocar a Deus, ordenou que trouxessem o veneno, de que se havia falado no processo para que dele se experimentasse a força. Trouxeram-no e ele o fez beber a um homem condenado à morte, o qual apenas o sorveu, caiu morto. Dissolveu então a assembléia e no dia seguinte voltou a Antioquia onde costumava permanecer, porque era a cidade onde os reis da Síria tinham habitualmente sua corte.

736. Herodes mandou no mesmo instante meter Antípatro numa prisão, sem que se soubesse que a resolução ia tomar ou já tomara, com Varo, sobre aquele assunto, mas a maior parte julgava que ele nada faria, sem seu parecer. Escreveu em seguida a Augusto e ordenou aos que lhe deviam apresentar as cartas, que hoje o informassem à viva voz dos crimes cometidos por seu filho. Nesse mesmo tempo, interceptou-se uma carta que AntiFílon escrevia do Egito a Antípatro. Herodes mandou abri-la e encontrou estas palavras: "Eu vos mandei uma carta de Acmé, em que vai a minha vida, pois não duvideis de que se fosse conhecida eu atrairia sobre mim um ódio mortal de duas mui poderosas famílias. Toca a vós dar ordem para que o negócio tenha bom êxito". Herodes leu esta carta, mandou procurar a outra de que falava, mas não a pôde encontrar e o servidor de AntiFílon afirmava não ter trazido outra que não aquela que eles tinham em mãos. Enquanto estavam assim, nessa ansiedade, um dos amigos do rei descobriu uma costura na túnica do servo e pensou que ali poderia estar escondida a carta. Sua suposição não o enganou; acharam-na e assim estava redigida: Acmé a Antípatro: "Escrevi ao rei, vosso pai, do modo como desejáveis e incluí uma cópia da carta suposta de ter sido escrita à imperatriz, minha senhora, por Salomé. Estou certo de que apenas ele ler castigá-la-á como culpada, por ter tentado contra sua vida." O conteúdo da carta, falsamente atribuída a Salomé, tinha sido imaginado por Antipatro, mas ele

tinha deixado a Acmé para que exprimisse o seu pensamento com sua maneira ordinária de escrever. Quanto à carta de Acmé a Herodes, assim estava escrita: "Tendo, Majestade, encontrado uma carta, escrita por Salomé à imperatriz, minha senhora, pela qual ela a suplicava de fazer de modo que ela possa desposar Silleu, o cuidado, que eu sou obrigado a ter no que respeita o vosso serviço, fez-me copiá-la e vo-la enviar. Far-me-eis o favor de queimá-la, porque corre perigo minha vida." Assim, a carta. Mas o que Acmé escrevia a Antipatro desvendava toda a trama, porque pareceria que ele nada tinha feito que por sua ordem e para perder Salomé. Acmé, que era judeu de nascimento, estava a serviço da imperatriz e tinha vendido muito caro a Antipatro a sua mediação. Herodes soube assim de toda a maldade de seu filho, que chegava a tal excesso, pois não se contentando, de atentar contra a vida de seu pai, de ter querido também perder à sua tia Salomé, de ter enchido toda a família de confusão e perturbação, tinha mesmo levado a corrupção até a corte de Augusto. Tantos crimes juntos causaram-lhe tal horror, que pouco faltou que ele não morresse naquele mesmo instante. Salomé excitava-o e clamava, batendo no peito, que estava pronta a sofrer a morte, se ele julgava que ela lhe tinha faltado à fidelidade. Herodes mandou chamar Antipatro e ordenou-lhe que dissesse sem temor, se tinha alguma coisa a alegar em sua defesa. Ele nada respondeu e então ele pediu-lhe, que, pelo menos declarasse que eram seus cúmplices. Ele falou de AntiFílon somente. Veio então a Herodes o pensamento de mandá-lo a Roma para ser julgado por Augusto, mas teve receio de que os amigos de Antipatro o salvassem pelo caminho. Assim, tornou a enviá-lo à prisão, atado como estava e escreveu a Augusto para informá-lo do seu crime, encarregando seus embaixadores de lhe contar como ele havia conquistado Acmé e de lhe mostrar as cópias das cartas que ele tinha escrito.

Capítulo 8

Arranca-se uma águia de ouro que Herodes tinha consagrado no portal do Templo. Severo castigo que ele impõe. Horrível enfermidade desse príncipe e ordens cruéis que ele dá a Salomé, sua irmã, e a seu marido.

737. Enquanto os embaixadores de Herodes estavam a caminho de Roma, com as ordens que lhes havia dado, ele caiu doente, fez seu testamento e nomeou seu sucessor no reino a Antipas, o mais novo de seus filhos, porque Antípatro o havia irritado com suas calúnias contra Arquelau e contra Filipe. Legou mil talentos a Augusto, quinhentos talentos à imperatriz, sua esposa, aos seus filhos, aos amigos e aos libertos. Dividiu o resto do seu dinheiro, suas terras e seus rendimentos, entre os filhos e netos, enriqueceu Salomé, sua irmã, como agradecimento pela amizade que ela lhe tinha constantemente demonstrado. Como não tinha esperança de salvar-se daquela doença, pois já tinha perto de setenta anos, ficou tão triste e tão irritado, que não podia tolerar nem a si mesmo. A opinião que ele tinha de que seus súditos o desprezavam e se regozijavam com sua desgraça era a causa principal disso e uma sedição suscitada por pessoas muito consideradas pelo povo, confirmou-lhe ainda mais essa suposição. O que aconteceu deste modo:

738. Judas, filho de Sarifeu e Matias, filha de Margalote, eram assaz queridos do povo, porque, além de serem os mais eloqüentes dos judeus e os mais sábios na interpretação das leis, eles educavam a juventude e tudo faziam para encaminhá-la à virtude. Quando esses dois homens souberam que a doença do rei era incurável, exortaram a estes moços que os reverenciavam como a.seus mestres, que destruíssem as obras que ele tinha feito, como desprezo dos costumes de seus antepassados; disseram-lhes que nada lhes poderia ser mais glorioso, do que se declararem defensores da religião e que tantas desgraças, que afligiam a família de Herodes eram sem dúvida causadas por ter ele ousado burlar as leis, que deviam ser invioláveis e calcar aos pés as antigas determinações, para estabelecer novas obras. Esses doutores, assim falando, nada diziam que não tivessem deveras no coração. Entre essas obras profanas de Herodes ele tinha feito colocar e consagrar sobre o portal do Templo, uma águia de ouro, de tamanho extraordinário e de muito valor, embora as nossas leis proíbam expressamente fazer figuras de animais. Assim, esses dois homens, zelosos da observância da disciplina de nossos antepassados, excitaram seus discípulos a arrancar aquela águia; disseram-lhe que embora a empresa fosse perigosa, nela não deviam empregar menos

entusiasmo, pois uma morte honrosa deve ser preferível à vida, embora suave e tranqüila, quando se trata de manter as leis do país e de conseguir uma reputação imortal. Os covardes morrem, bem como os generosos, e assim a morte, sendo inevitável para todos os homens, os que terminam sua vida com grandes feitos, tem a consolação de deixar à posteridade uma glória imperecível.

Estas palavras animaram de tal modo os moços que a notícia se espalhou logo; ao mesmo tempo dizia-se que o rei tinha morrido e eles então, em pleno dia, subiram ao lugar onde estava a águia, arrancaram-na, atiraram-na por terra e a fizeram em pedaços a golpes de machado, diante de grande multidão de povo, que estava reunido no Templo. O que comandava as tropas do rei, apenas soube do que se passava, temendo aquilo fosse o princípio de uma conspiração, correu para lá, com um grande número de soldados e encontrando apenas uma multidão confusa que se tinha reunido, dissipou-a sem dificuldade. Mais ou menos uns quarenta daqueles moços foram os únicos que ousaram resistir. Ele os prendeu e os enviou ao rei, com judas e Matias, que julgaram ser-lhes-ia vergonhoso fugir. Herodes perguntou-lhes quem os havia feito tão ousados, arrancando do lugar um objeto que ele havia feito consagrar. Responderam-lhe: "Há muito havíamos tomado essa resolução e não teríamos podido, sem faltar à coragem, não tê-la executado. Vingamos o ultraje feito a Deus e mantivemos a honra da lei de que somos discípulos. Achais estranho que tendo-a recebido das mãos de Moisés a quem Deus mesmo a deus, nós a tenhamos preferido às vossas ordens? Julgais que tememos, nos façais sofrer a mesma morte, que em vez de ser um castigo de um crime, será a recompensa da nossa virtude e de nossa piedade?" Eles pronunciaram estas palavras com tanta firmeza, que não se podia duvidar de que sua coragem correspondia às suas palavras e de que eles não teriam menor valor em sofrer, do que havia tido coragem em agir. Herodes mandou-os acorrentados a Jerico, fez reunir os mais ilustres dos judeus e foi levado para lá em liteira por causa de sua debilidade. Falou-lhes das dificuldades suportadas pelo bem público, disse que ele tinha para a glória de Deus, reconstruído o Templo, com despesas, o que todos os reis asmoneus juntamente, não tinham podido fazer durante cento e vinte e cinco anos, em que haviam reinado e tinha adornado com ricos presentes, que ali

havia consagrado; que ele tinha esperado que lhe agradecessem, mesmo depois de sua morte e que prestassem honrar à sua memória. Mas, por um horrível atentado, em ver da gratidão que ele devia esperar, não se havia receado, estando ainda vivo, fazer-lhe tão grande ultraje, como em pleno dia, à vista de todo o povo, arrancar uma coisa que ele tinha consagrado a Deus, o qual com aquele ato tinha sido ainda mais ofendido do que ele.

Os maiorais da assembléia, ouvindo o rei falar desse modo e temendo que no furor de que estava ele possuído, não viesse a descarregar sobre eles a sua cólera, disseram que em nada haviam contribuído para o fato que sucedera, e que julgavam que aquela ação devia ser castigada. Estas palavras acalmaram-no e ele não investiu mais contra os outros; contentou-se de tirar o sumo sacerdócio de Matias, que ele pensava tinha tomado parte naquela depredação e a deu a Joazar, seu cunhado. Durante o tempo em que Matias exercia o sumo sacerdócio, sonhava certa noite, na qual se devia celebrar um jejum, que estivera na companhia de sua esposa e que assim não estava em condições de atender ao serviço divino; José, filho de Eli, que era seu parente foi encarregado de oficiar naquele dia, em seu lugar. Herodes, assim, depois de tê-lo privado do cargo de sumo sacerdote, mandou queimar vivo este outro Matias, autor da sedição, e todos os que tinham sido aprisionados com ele e naquela mesma noite sobreveio um eclipse da lua. 739. Deus queria que Herodes sofresse o castigo de sua impiedade; sua doença agravava-se cada vez mais. Uma febre lenta, que não transparecia exteriormente, queimava-o e o devorava por dentro; ele tinha uma fome tão violenta, que nada era capaz de saciá-lo; seus intestinos estavam cheios de úlceras; violentas eólicas faziam-no sofrer dores horríveis, seus pés estavam inchados e lívidos, suas virilhas também, as partes do corpo que se escondem com o maior cuidado, estavam tão corrompidas que já eram devoradas por vermes; seus nervos estavam frouxos; ele respirava com dificuldade e seu hálito era tão mau, que ninguém queria estar perto dele. Todos os que consideravam com espírito de piedade o estado em que se achava esse infeliz príncipe, estavam de acordo em admitir que tudo aquilo era um castigo visível de Deus, para puni-lo por sua crueldade. Mas embora ninguém acreditasse que ele poderia, ainda, escapar daquela doença, ele não deixava de esperá-lo. Mandou vir médicos de todos os países e, a conselho deles, foi para

além do Jordão, às águas cálidas de Caliroé, que se despejam num lago cheio de betume e não somente a medicinais, mas também agradáveis para se beber. Meteram-no numa tina cheia de óleo e ele sentiu-se tão mal, que se pensou que ele ia morrer. Os gritos e as lágrimas de seus domésticos, fizeram-no voltar a si e então viram que seu mal era incurável. Ele mandou que se distribuísse a todos os seus soldados, cinqüenta draemas por cabeça, deu grandes presentes aos seus chefes e aos seus amigos e se fez reconduzir a Jerico onde sua crueldade aumentou ainda, de tal modo, que o fez tomar as mais horríveis deliberações, como jamais o espírito humano pôde conceber. Ordenou por um edito a todos os judeus mais ilustres, que fossem a Jerico, sob pena de morte para os que faltassem e, quando todos chegaram, ele os fez encerrar no hipódromo, sem indagar se eles eram culpados ou inocentes. Mandou depois vir Salomé, sua irmã, e Alexas, marido dela, e disse-lhes que ele sofria tantas dores que via bem que o fim de sua vida estava próximo e que ele não se podia queixar, pois era um tributo que uma lei comum a todos os homens, o obrigava a pagar à natureza. Mas que ele não podia tolerar ser privado da honra que é devida a todos os reis, por um luto público. Que ele sabia, entretanto, que o ódio que os judeus lhe tinham era grande, que eles com sua morte teriam se rejubilado, pois mesmo durante sua vida eles não tinham temido revoltar-se contra ele e ofendê-lo. Que ele esperava de duas pessoas muito próximas do seu afeto e de seu dever, que o consolassem em tão sensível desprazer e poderiam fazê-lo, cumprindo o que lhes ia dizer, tornando assim seus funerais mais magníficos e mais agradáveis às suas cinzas que o de qualquer outro rei, porque não haveria uma só pessoa em todo o reino, que não derramasse lágrimas de verdade; que para executar essa incumbência, logo que ele tivesse exalado o último suspiro, fizessem rodear o hipódromo de soldados, sem lhes falar de sua morte e ordenassem aos mesmos de sua parte, que matassem a flechadas todos os que lá estavam encerrados. Se eles executassem essa ordem, ele lhes deveria um duplo favor: um, por ter satisfeito ao seu pedido e o outro, por ter tornado o luto de suas exéquias mais célebre do que qualquer outro. Este cruel soberano acompanhava as palavras com lágrimas; rogou-lhes pelo afeto que lhe tinham e por tudo o que tinham de mais santo, que não permitissem que se deixasse de prestar aquelas últimas honras à sua memória

e eles prometeram-lhe executar pontualmente suas ordens.

Se alguém quisesse desculpar a Herodes as crueldades praticadas em pessoas, que lhe eram parentes, pela razão de que se tratava de garantir a sua vida, esta última ação, o obrigaria a confessar, que jamais se viu tão espantosa desumani-dade em querer que, estando ele para deixar a vida, todas as famílias e mesmo amigos ilustres, sofressem também um luto, por sua ordem, a fim de que todo o reino padecesse ao mesmo tempo absoluta tristeza, pela morte de alguém, sem perdoar nem mesmo aos que nunca o haviam ofendido e de que jamais tivera motivo de queixa, quando, por pouca bondade que se tenha, costuma-se perdoar aos mesmos inimigos, reduzidos a esse estado.

CAPÍTULO 9

AUGUSTO MANDA DIZER A HERODES QUE FAÇA O QUE QUISER COM ANTÍPATRO. AS DORES DE HERODES AUMENTAM E ELE QUER MATAR-SE. AQUIABE, UM DE SEUS NETOS, IMPEDE-O. CORRE A NOTÍCIA DE QUE ELE HAVIA MORRIDO. ANTÍPATRO PROCURA EM VÃO SUBORNAR AQUELE QUE O VIGIAVA PARA PÔ-LO EM LIBERDADE. HERODES SABE-O E MANDA MATÁ-LO.

740. Depois que Herodes deu estas ordens cruéis à sua irmã e ao cunhado, soube por cartas de seus embaixadores em Roma, que Augusto tinha mandado matar Acmé, por se ter deixado subornar por Antípatro e que deixava inteiramente à sua vontade castigar como quisesse aquele pérfido filho, quer exilando-o, quer condenando-o à morte; estas notícias fizeram-no regozijar-se: mas as dores voltaram e tomado de ardente fome, pediu uma maçã e uma faca, pois ele tinha o costume de descascá-la ele mesmo, de cortá-la em pedaços e comê-la. Mas como queria matar-se com aquela faca, olhou para todos os lados e teria executado o seu desígnio se Aquiabe, seu neto, não o tivesse percebido e não lhe tivesse segurado o braço, soltando ainda um grito. Todo o palácio encheu-se então, uma segunda vez, de espanto e de agitação, supondo que o rei tinha morrido. A notícia espalhou-se logo e chegou até Antípatro. Ele acreditou facilmente e não somente sentiu a esperança de se libertar da prisão; chegou a julgar que ainda haveria de reinar, e tudo prometeu ao que o vigiava, para que o pusesse em liberdade. Mas, muito longe de poder suborná-lo, esse homem foi

imediatamente avisar ao rei. Herodes, que já tinha tanta aversão por Antípatro, gritou, deu pancadas na cabeça e embora tão fraco como estava, ergueu-se no leito e ordenou a um dos seus guardas que fosse imediatamente matá-lo e que lhe enterrasse o corpo sem cerimônia alguma, no castelo de Hircano.

CAPÍTULO 10

HERODES MUDA SEU TESTAMENTO E DECLARA ARQUELAU SEU SUCESSOR. MORRE CINCO DIAS DEPOIS DE ANTÍPATRO. SOBERBOS FUNERAIS FEITO POR ARQUELAU A HERODES. GRANDES ACLAMAÇÕES DO POVO EM FAVOR DE ARQUELAU.

741. Herodes mudou imediatamente o seu testamento. Em lugar do precedente, em que tinha nomeado Antipas, seu sucessor, contentou-se neste em nomeá-lo, tetrarca da Galiléia e da Peréia; deu o reino a Arquelau; a Filipe seu irmão, a Traconítida, a Gaulanita e a Batanéia, que erigiu em tetrarquia; a Salomé, sua irmã, jamnia, Azoto e Fazaelite, com cinqüenta mil peças de prata. Deu ainda grandes presentes a todos os outros parentes, quer em dinheiro quer em rendimentos anuais: deu a Augusto, além de sua baixela de ouro e de prata, grande quantidade de móveis e objetos preciosos, dez milhões de peças de prata e cinco milhões idênticas, à imperatriz e a alguns de seus amigos. Ele sobreviveu a Antipatro, apenas cinco dias, e morreu trinta e quatro anos depois de ter expulso Antígono do reino e trinta e sete, depois de ter sido declarado rei, em Roma. Não houve jamais príncipe mais colérico, mais injusto, mais cruel e mais favorecido pela sorte. Pois, tendo nascido em condição humilde, chegou a subir ao trono, venceu perigos sem conta e viveu muitos anos. Quanto aos seus dissabores domésticos, embora as tentativas de seus filhos contra ele o tivessem tornado muito infeliz, segundo meu parecer, ele foi mesmo feliz nisso, segundo o juízo que disso ele fazia, porque não os considerando mais como seus filhos, mas como inimigos, ele os castigou e vingou-se deles.

742. Antes que a notícia de sua morte fosse divulgada, Salomé e Alexas puseram em liberdade todos aqueles judeus ilustres que estavam encerrados no hipódromo e disseram que o faziam por ordem do rei e nisto merecem os agradecimentos de nossa nação; quando a morte de Herodes se tornou conhe-

cida, eles fizeram reunir no anfiteatro de jerico todos os soldados, para entregar-lhes uma carta que o príncipe lhes havia escrito. Ela foi lida publicamente e dizia que lhes agradecia o afeto e a fidelidade que sempre lhe haviam demonstrado e rogava que continuassem a servir a Arquelau, que ele tinha nomeado seu sucessor no reino. Ptolomeu, a quem ele tinha confiado o seu selo, leu também seu testamento que dizia expressamente que isso só se poderia fazer, depois de Augusto o tivesse confirmado. Ouviu-se então um clamor, enchendo os ares: "Viva o rei Arquelau!" Os soldados e os chefes prometeram servi-lo com a mesma fidelidade com que tinham servido ao rei, seu pai, e desejavam-lhe um longo e feliz reinado.

743. O novo príncipe pensou então em organizar soberbos funerais para o rei, seu pai, e quis mesmo estar presente à cerimônia. O corpo adornado com as insígnias reais tinha uma coroa de ouro na cabeça e um cetro na mão, era levado numa liteira de ouro, enriquecida com pedras preciosas. Os filhos do falecido e seus parentes próximos seguiam a liteira, todos os soldados marchavam perto, separados por nações. Os trácios, os alemães e os gauleses vinham na frente; os outros, seguiam-nos; todos com seus comandantes, armados como para um combate. Quinhentos oficiais domésticos do falecido rei traziam perfumes e encerravam o magnífico cortejo. Marcharam nessa ordem, por oito estádios, desde jerico até o castelo de Herodiom, onde o enterraram, como ele tinha determinado.

744. Depois que o novo rei celebrou, segundo o costume do país, o luto de seu pai, deu um banquete ao povo e subiu ao Templo. Clamava-se viva o rei, por toda parte por onde ele passava e depois que ele se sentou sobre o trono de ouro, os clamores aumentaram, com votos pela prosperidade do seu reinado. Ele a todos recebeu com muita bondade e testemunhou-lhes sua gratidão, por nada ter diminuído de seu afeto por ele, com a recordação da severidade com que seu pai os havia tratado; afirmou-lhes que lhes daria provas do seu reconhecimento, disse-lhes que não tomaria ainda o nome de rei, até que Augusto tivesse confirmado o testamento de seu pai e que ele tinha recusado, por essa mesma razão, receber o diadema que todo o exército lhe havia oferecido em jerico. Mas logo que o tivesse recebido de Augusto, que somente tinha o poder de dar-lho, ele mostraria por suas ações, que tinham razão de

amá-lo e esforçar-se-ia para torná-los mais felizes do que haviam sido durante o reinado de seu pai. Como é costume do povo, persuadir-se de que os príncipes, ao seu advento ao trono agem com muita sinceridade, estas palavras de Arquelau que lhe eram tão favoráveis, fez redobrar as aclamações: acrescentaram ainda outros louvores, maiores e mais entusiastas e tomaram a liberdade de lhe pedir diversas graças: uns, a diminuição dos tributos, outros, a libertação de vários prisioneiros, que o rei, seu pai, havia feito meter na prisão, muitos das quais já lá estavam há muito tempo; outros ainda, a abolição do direito de peagem e dos impostos sobre mercadorias. O novo soberano que pensava em firmar cada vez mais o seu poder, julgou nada lhes poder recusar; depois de terminados os sacrifícios, ele deu um banquete aos seus amigos.

Capítulo 11

Alguns judeus que pediam vingança pela morte de Judas e de Matias, e de outros que Herodes tinha feito queimar por causa daquela águia arrancada do portal do Templo, suscitam uma rebelião que obriga Arquelau a mandar matar uns três mil.Vai depois a Roma para fazer-se confirmar rei por Augusto e Antipas, seu irmão, que também tinha pretensões à coroa, vai com ele. Esta questão é pleiteada perante Augusto.

745. No entanto, alguns judeus que só queriam perturbação e agitação, começaram a se reunir e a deplorar a cruel condenação de Matias e dos outros que tinham sido torturados, por causa daquela águia arrancada do portal do Templo. O temor que eles tinham de Herodes, os mantivera em silêncio, enquanto ele vivera; mas agora, depois da sua morte, eles se declaravam contra ele, como se os ultrajes que faziam à sua memória pudessem dar um alívio, no outro mundo, àqueles cuja morte lhes era muito sentida. Insistiram com Arqueiau que vingasse tão grande injustiça, a morte de alguns amigos de Herodes, que, diziam eles, haviam tido parte naquela execução e privasse do sumo sacerdócio àquele ao qual ele a havia dado, para honrar esse cargo com um homem virtuoso e digno dele. Embora Arqueiau, que se preparava para ir a Roma fazer-se confirmar rei por Augusto, ficasse muito irado com esse pedido,

julgou dever procurar acalmar com a afabilidade, a tão grande tumulto. Mandou o principal oficial de suas tropas dizer aos sediciosos que eles não se deviam deixar levar a tal desejo de vingança, mas considerar que aquele castigo de que se queixavam tinha sido aplicado segundo as leis; que seu pedido feria sua autoridade, que o tempo não era próprio para semelhantes queixas, que eles deviam pensar em conservar a união e a paz, até que Augusto o tivesse confirmado na posse do reino e ele tivesse voltado de Roma; que então a tudo se haveria de dar providência, depois de madura ponderação e com o consentimento geral; mas que no momento, deviam ficar em paz e tranqüilos, sem se tornarem culpados do crime de uma revolta. Os sediciosos, porém, em vez de se acalmar, com essas ponderações, muito justas, mostraram com seus gritos que só se poderiam reduzir à obediência, com perigo de vida, porque a paixão que os fizera perder o respeito por seus superiores, os persuadia de que era coisa insuportável, não poder, mesmo depois da morte de Herodes, obter a vingança que pedia o sangue de seus amigos, que tão cruelmente haviam feito derramar. Eles não conheciam outra justiça, que não a que lhes pudesse dar aquela consolação, e o desejo de obtê-la não lhes permitia avaliar o perigo em que se metiam. Assim, em vez de se deixarem convencer pelas razões da parte do rei e de se conterem pelo respeito que lhe deviam, irritaram-se ainda mais e é fácil de se imaginar como a festa da Páscoa que estava próxima lhes aumentava o número, a sedição podia aumentar também. Porque não somente toda a Judéia soleniza essa ocorrência, com grande alegria e com inúmeras vítimas, mais que de costume, em memória da nossa libertação do Egito, mas uma multidão inumerável de judeus, que moram fora do reino, vêm por devoção a Jerusalém para assisti-la. Nesse tempo, esses rebeldes, que choravam a morte de Judas e de Matias, não se afastavam do Templo e não tinham vergonha de mendigar, para não serem obrigados a se afastar dali. O temor de Arquelau de que sua insolência fosse além fez com que mandasse um oficial com soldados para contê-los, antes que eles tivessem contaminado, com esse espírito de revolta, o resto do povo, ordenando-lhe que lhe trouxessem aqueles que ousassem resistir. Os rebeldes, vendo-os chegar, incitaram de tal modo o povo com seus gritos e com suas exortações a atacá-los, que eles se lançaram contra os mesmos e os mataram quase todos. Com dificuldade o oficial se pôde

salvar, ferido, com o resto dos soldados; os sediciosos continuaram como antes, a celebração de seus sacrifícios. O rei, então, julgando que não podia deixar semelhante revolta impune, mandou contra eles todo o exército com ordem à cavalaria de matar os que saíssem do Templo para fugir, de impedir que os estrangeiros os socorressem. Assim, mataram três mil homens e o resto fugiu para os montes vizinhos. Mandou depois o soberano intimar que todos se retirassem; então o temor do perigo fez deixarem os sacrifícios àqueles que antes se mostravam tão atrevidos.

746. Depois que Arquelau reprimiu essa revolta como dissemos, deixou sua casa e o reino aos cuidados de Filipe, seu irmão e partiu para Roma; levou sua mãe, Nicolau, Ptolomeu e vários outros amigos. Salomé, sua tia, acompanhou-o também com toda a família e vários outros dos seus parentes fizeram o mesmo, com o pretexto de querer servi-lo para fazê-lo obter a confirmação do reino, mas na verdade, para obstaculá-lo e acusá-lo, dentre outras coisas, de ter feito matar tanta gente no Templo. Em Cesaréia ele encontrou Sabino, intendente de Augusto, na Síria, que partia para ir com urgência, à Judéia, a fim de conservar os tesouros deixados por Herodes. Mas Varo, ao qual Arquelau tinha mandado Ptolomeu, para esse fim, impediu-lhe a passagem. Sua consideração fez que em vez de se apoderar das fortalezas e de pôr o selo naqueles tesouros, ele deixasse tudo em poder de Arquelau até que o imperador tivesse determinado e ficou em Cesaréia. Mas depois quer Arquelau embarcou para Roma e que Varo partira, para voltar a Antioquia, ele foi a Jerusalém, alojou-se no palácio real e ordenou aos tesoureiros gerais que lhe prestassem contas e ordenou aos comandante das fortalezas da cidade que as entregassem a ele. Estes, que tinham ordens contrárias de Arquelau e que queriam conservar aquelas praças de guerra, até a sua volta, responderam que as conservariam para o imperador.

747. Nesse mesmo tempo, Antipas, um dos filhos de Herodes, foi também a Roma a conselho de Salomé, com o fim de obter o reino, em vez de Arqueiau, pois tinha sido nomeado por Herodes, para seu sucessor no testamento precedente, que, ele pretendia, tivesse mais valor que o primeiro. Levou consigo sua mãe e Ptolomeu, irmão de Nicolau, que tinha sido o maior amigo de Herodes e que era do seu partido; Irineu, homem mui eloqüente e que tinha durante

vários anos se ocupado, por determinação do rei, seu pai, dos negócios do reino, mais que todos lhe infundira na idéia aquela pretensão, tanto que ele não quisera escutar os que o aconselhavam a ceder a Arqueiau, como sendo o mais velho e indicado pelo rei, como uma das suas últimas disposições. Quando Antipas chegou a Roma, todos os seus parentes uniram-se a ele, não tanto pelo afeto, como pelo ódio que tinham a Arqueiau e pelo desejo de gozar de uma espécie de liberdade, estando sujeitos somente aos romanos: ou pelo menos, com a esperança, de que, se aquele projeto desse resultado, encontrassem menos rigor e severidade sob o governo de Antipas do que sob o do seu irmão; Sabino escreveu a Augusto contra Arqueiau.

748. Arqueiau, então, para defender seu direito, fez apresentar ao imperador um memorial, que continha suas razões. Depois que Augusto leu estes memoriais, que viu as cartas que Varo e Sabino lhe haviam escrito e que teve conhecimento de a quanto montavam as rendas da Judéia, reuniu um grande conselho de seus maiores amigos, do qual deu a presidência a Caio César, filho de Agripa e de Júlia, sua filha, que ele tinha adotado. Em seguida deu audiência aos dois pretendentes. Antípatro, filho de Salomé, que era muito eloqüente e inimigo mortal de Arqueiau, começou por primeiro e disse: que era apenas por formalidade que Arqueiau disputava o reino, pois, sem esperar qual seria a esse respeito a vontade do imperador, ele se tinha apoderado dele, fazendo matar num dia de festa, um número tão grande de judeus. Que era verdade que eles bem o haviam merecido, mas somente poderia castigá-los, aquele que tinha o legítimo poder. Se ele o havia atribuído a si mesmo, como rei, sem esperar a confirmação do imperador, ele o havia ofendido muito e era ainda mais culpado; e assim não podia esperar ser por ele honrado com uma coroa, depois de ter mostrado que não considerava que ele tinha o direito de lha dar. Acusou em seguida a Arqueiau de ter com sua autoridade particular mudado vários oficiais do exército; de se ter sentado no trono e de aí ter, na qualidade de rei, ouvido várias causas, dando a sentença a várias delas, de ter concedido ao povo favores que ele lhe havia pedido, de ter libertado aqueles que seu pai tinha encerrado no hipódromo e por fim, de ter feito tudo o que teria podido fazer, depois de ter sido confirmado rei pelo imperador. Citou ainda várias outras coisas, umas, verdadeiras, outras, que a ambição de um homem

ainda jovem e recém-elevado ao sumo sacerdócio tornava verossímeis. Acrescentou que Arqueiau tinha sentido tão pouco a morte de Herodes, que tinha na noite seguinte dado um banquete, que teria podido causar uma rebelião, tanto horror o povo sentira por vê-lo insensível às últimas obrigações, que ele devia ao próprio pai; e como um ator de teatro que desempenha diversos papéis, ele, durante o dia, parecia chorar, mas passara a noite no meio dos prazeres a que os reis se podem dar. Como se pode considerar um crime, cantar e regozijar-se depois da morte de um pai, como se fosse a morte de um inimigo, o imperador podia julgar da satisfação que poderia ter um homem de tão mau gênio, se consentisse em seu pedido e que era estranho que ele ousasse comparecer diante dele, para ser confirmado no reino, depois de ter agido em tantas coisas, como se já fosse rei. Antípatro insistiu em seguida, sobre aquele horrível assassínio, tão ímpio, cometido no Templo, onde num dia de festa se haviam visto estrangular como vítimas, não somente cidadãos, mas também estrangeiros e aquele lugar santo, repleto de cadáveres, por ordem, não de um príncipe inimigo e de outra nação, mas daquele que se servia do nome tão venerável de rei legítimo, para satisfazer à sua tirânica paixão e exercer toda espécie de crueldade. Herodes também, que conhecia as suas más inclinações, tinha pensado tão pouco, enquanto ainda tinha saúde, em deixar-lhe o reino que ele havia, no seu testemunho precedente, o qual tinha muito mais valor que o segundo, escolhido Antipas para seu sucessor, cujos costumes eram tão opostos aos de Arqueiau a tomado aquela deliberação, num tempo em que não se podia dizer, como depois, que seu espírito tinha morrido antes de seu corpo, mas quando as forças de um e de outro, ainda estavam todas completas e inteiras. Que quando mesmo fosse verdade que Herodes tinha desde então os mesmos sentimentos que demonstrou no seu último testamento, Arqueiau não havia mostrado que rei seria, desprezando a coroa das mãos do imperador e fazendo massacrar no Templo tantos cidadãos, quando ele mesmo ainda era um simples cidadão. Antípatro assim terminou seu discurso e tomou como testemunhas da verdade do que ele tinha dito vários dos parentes desses dois príncipes.

Nicolau disse, ao contrário, para defender a causa de Arqueiau, que não se devia atribuir aquele sangue derramado perto do Templo, senão à insolência

e teimosia dos rebeldes, que haviam obrigado Arqueiau a usar da força para contê-los; que ainda que parecesse que se revoltaram somente contra ele, era claro que o faziam também contra o imperador, pois, sem temer violar o direito das gentes, nem ter por Deus, respeito algum, na solenidade de tão grandiosa festa, tinham matado os que Arqueiau havia mandado, para apaziguar o tumulto e que Antípatro devia ter vergonha de se ter deixado levar de tal modo por sua paixão contra Arqueiau, atrevendo-se a desculpar àqueles rebeldes, em vez de reconhecer que os únicos culpados haviam sido os que foram mortos, pois, por primeiro haviam atacado os outros e os haviam obrigado a se servir das armas contra eles, quando as tinham consigo apenas para a própria defesa. Nicolau atirou do mesmo modo sobre os acusadores todas as outras coisas alegadas contra Arqueiau, dizendo que tudo ele havia feito, por sua opinião e que elas não eram como eles as tinham apresentado, pelo seu desejo ardente e injusto de prejudicar o príncipe, seu parente, cujo pai, não somente lhes havia feito tantos benefícios, mas que ele mesmo lhes havia sempre prestado muito bons serviços. Com relação ao testamento de Herodes, disse que ele tinha a mente muito sã e muito livre, quando o fizera; que as últimas são as que devem merecer toda a atenção e que o seu devia ser tanto mais válido, pois dele tinha feito o imperador senhor absoluto, deixando a ele que resolvesse como melhor lhe aprouvesse. Que ele tinha certeza de que esse grande príncipe não agiria como aqueles, que tendo recebido tantos benefícios de Herodes, esforçavam-se por subverter suas últimas disposições mas que ele teria prazer em confirmar o testamento de um rei seu amigo e aliado, pois havia uma extrema diferença entre a malícia dos inimigos de Arqueiau e a virtude e a boa-fé do imperador, que sem dúvida jamais se persuadiria de que um homem, que tinha com tanta prudência submetido todas as coisas à sua vontade, tivesse a mente turbada, quando escolhera para sucessor um de seus filhos, cheio de probidade, e que esperava somente a bondade do imperador, para ser mantido no reino que havia deixado.

Quando Nicolau terminou este discurso, Arqueiau lançou-se de joelhos diante de Augusto. Ele o ergueu, com grande afabilidade e disse-lhe, que o julgava digno de reinar e que estava disposto a nada fazer que lhe fosse prejudicial e conforme ao testamento de seu pai. Assim, tendo dado a Arqueiau

ou se o dividiria entre os filhos de Herodes, que tinham recorrido a ele, como tudo podendo esperar, do seu afeto por eles.

CAPÍTULO 12

GRANDE REVOLTA NA JUDÉIA, ENQUANTO ARQUEIAU ESTAVA EM ROMA. VARO, GOVERNADOR DA SÍRIA, REPRIME-A. FILIPE, IRMÃO DE ARQUEIAU, VAI TAMBÉM A ROMA, NA ESPERANÇA DE OBTER UMA PARTE DO REINO. OS JUDEUS MANDAM EMBAIXADORES A AUGUSTO PARA PEDIR-LHE QUE OS DISPENSE DE OBEDECER AOS REIS E QUE OS REÚNA À SÍRIA. FALAM-LHE CONTRA ARQUELAU E CONTRA A MEMÓRIA DE HERODES.

749. Antes de Augusto dar por terminado este assunto, Maltacé, mãe de Arqueiau, caiu doente e morreu. Augusto soube por cartas de Varo, governador da Síria, que depois da partida de Arqueiau haviam surgido grandes perturbações na judéia; que ele para lá tinha ido logo, com suas tropas, que tinha feito castigar todos usar autores, e depois de ter dominado quase totalmente a sedição, tinha voltado a Antioquia. Essas cartas acrescentaram que ele tinha deixado uma legião em Jerusalém, para impedir que ainda se pudessem revoltar.

750. Assim, parecia que nada mais havia a temer, mas aconteceu justamente o contrário. Sabino, vendo-se fortalecido com tropas enviadas por Varo, procurou tornar-se senhor das fortalezas; não houve que sua incrível avareza o não fizesse empreender, para encontrar o dinheiro deixado por Herodes. Os judeus ficaram muito irritados; a festa de Pentecostes aproximava-se e eles vieram em grande número, de todos os lugares, não somente da Judéia, mas da Galiléia, da Iduméia, de Jerico e de além do Jordão, pelo desejo de se vingar Sabino, bem como por seu sentimento de piedade. Dividiram-se em três corpos, um dos quais ocupou o hipódromo, outro sitiou o Templo, dos lados do norte e do oriente; e o terceiro sitiou-o, do lado do ocidente, onde estava o palácio real. Rodearam assim os romanos de todos os lados e se preparavam para atacá-los. Sabino, atônito por vê-los tão animados e resolvidos a morrer ou a executar o seu empreendimento, escreveu a Varo pedido-lhe que viesse com urgência, para socorrer a legião que ele lá havia deixado, que, de

outro modo, corria risco de ser inteiramente dizimada. Ele subiu depois à torre mais alta do castelo que Herodes tinha construído e à qual tinha dado o nome de Fazaela, em nome de Fazael, seu irmão, morto pelos partos, de onde fez sinal com a mão aos romanos, que dessem um ataque contra os judeus, querendo assim que, ao mesmo tempo em que ele não ousava confiar nos amigos, os outros se expusessem ao perigo em que sua avareza os havia lançado. Os romanos atacaram; o combate foi acirrado e vários judeus foram mortos. Mas essa perda não enfraqueceu o seu ardor. Uma parte subiu sobre os pórticos da última muralha do Templo, de onde lançaram uma grande quantidade de pedras sobre os romanos, uns com a mão, outros com fundas, outros atiraram também contra eles uma chuva de flechas e dardos; os que os romanos lhes lançavam de baixo, não chegavam a atingi-los. O combate durou assim, por muito tempo; por fim os romanos, não podendo mais tolerar que seus inimigos tivessem tal vantagem sobre eles, puseram fogo ao pórtico, sem que eles o percebessem e lançaram-lhe ainda grande quantidade de madeira. As chamas subiram logo até o telhado e como lá havia grande quantidade de piche, e de cera, com que se haviam fixado os ornamentos e as douraduras, ele incendiou-se facilmente. Aquelas soberbas cornijas ficaram logo reduzidas a cinzas e os que estavam em cima, surpreendidos pelo fogo, pereceram todos. Uns caíram de cima do teto, outros foram mortos pelos dardos que os romanos lhes lançavam, alguns, assustados pelo perigo e levados pelo desespero mataram-se ou se precipitaram nas chamas, e os que para se salvar queriam descer por onde haviam subido caíram nas mãos dos romanos que os mataram com grande facilidade, porque, não estando armados, sua coragem, por maior que fosse, tornava-lhe a resistência de todo inútil. Assim, nem um só conseguiu escapar, de todos quantos haviam subido ao teto do Templo. Os romanos então, apertando-se, passaram pelas chamas, para ir até onde o dinheiro consagrado por Deus estava guardado. Os soldados levaram-lhe uma parte e sabino parece ter recebido apenas quatrocentos talentos. Esse roubo do tesouro sagrado e a morte de vários dos mais ilustres judeus que pereceram naquele combate, deixaram os outros muito aflitos, mas não os fizeram perder a coragem. Um corpo dos mais valentes cercou o palácio real, ameaçou incendiá-lo e matar todos os que lá estavam, se não saíssem imediatamente; prometeu-lhes, se se

retirassem, não lhes fazer mal algum, nem a Sabino, nem aos que estavam com ele, entre os quais, a maior parte dos gentis-homens da corte e Rufo e Grato que comandavam três mil homens dos mais valorosos soldados do exército de Herodes, cuja cavalaria obedecia a Rufo, que tinha também abraçado e fortificado de muito, o partido dos romanos. Os judeus prosseguindo sua empresa com grande ardor solaparam os muros e exortaram ao mesmo tempo os romanos a não se expor mais em seu intento de recobrar a liberdade. Sabino ter-se-ia retirado de boa vontade com os soldados que tinha consigo, mas, o mal que ele tinha feito aos judeus, impedia-lhe confiar em sua palavra; condições tão vantajosas eram-lhe suspeitas e ele esperava o socorro de Varo.

751. Estando as coisas neste pé, em Jerusalém, houve ainda diversos movimentos de agitação, em vários outros lugares da Judéia; uns a isso eram levados pela esperança do lucro, outros, pelo desejo de vingança.

Dois mil dos melhores homens que Herodes tivera, e que foram licenciados, reuniram-se e foram atacar as tropas do rei, comandadas por Aquiabe, sobrinho de Herodes; mas como eram todos velhos soldados e muito experimentados Aquiabe não ousou enfrentá-los no campo e retirou-se com os seus a dois lugares fortes e de difícil acesso.

Por outro lado judas, filho de Ezequias, chefe dos ladrões que Herodes outro-ra tinha trucidado com grande dificuldade, reuniu perto da cidade de Séforis, na Caliléia, um numeroso grupo de homens e entrou nas terras do rei, apoderou-se do arsenal, armou os seus, apanhou todo o dinheiro desse príncipe, que encontrou nos lugares vizinhos, saqueou tudo o que encontrou, tornou-se temível a todo o país; sua audácia o levava mesmo a aspirar à coroa, não que ele julgasse ter as qualidades que o poderiam elevar ao supremo cargo de honra, mas porque a licença de fazer o mal, dava-lhe a liberdade de tudo empreender.

Um certo Simão, de que Herodes outrora tinham usado para assuntos importantes e cuja força, tamanho e boa aparência faziam sobressair entre os outros, teve a coragem de pôr a coroa na própria cabeça. Não somente um grande número de gente seguiu-o, mas a loucura do povo, levou-o a saudá-lo como rei e ele tinha tão boa opinião de si mesmo, que se persuadiu de que nenhum outro melhor do que ele merecia mesmo sê-lo. A primeira coisa que fez

foi pôr fogo no palácio real de Jerico. Queimou depois vários outros, cujas riquezas deu aos seus, e estava para empreender coisas importantes, quando apareceram os obstáculos. Grato, que comandava as tropas do rei e que, como vimos, se havia juntado aos romanos, veio contra ele e depois de um grande combate onde os de Simão mostraram muito mais coragem do que ordem e ciência na guerra, foram derrotados e ele mesmo, foi aprisionado num lugar estreito, por onde pensava poder salvar-se e Grato fez cortar-lhe a cabeça.

Um grupo de outros homens, semelhante a este, que tinha seguido a Simão, queimou também nesse mesmo tempo o palácio real de Amata, situado nas margens do Jordão e via-se reinar então tal furor em toda a Judéia, quer pela falta do rei, cuja virtude mantivesse o povo dentro do seu dever, quer porque os romanos, em vez de apaziguar e acalmar o mal, reprimindo os sediciosos, os irritavam ainda mais, com sua maneira insolente de agir e por sua insaciável ambição e avareza.

Um certo Atronjo, cuja origem era tão baixa, que ele tinha sido antes um simples pastor e tinha por único mérito ser muito forte e muito grande de corpo, chegou ao cúmulo do atrevimento, de querer também fazer-se rei e comprar com preço da própria vida, o poder de fazer mal a todos. Ele tinha quatro irmãos, grandes e valentes como ele, que comandavam também um grupo de soldados e se persuadiam de que, para se chegar ao poder, era suficiente ter a coragem de tudo empreender. Uma grande multidão de gente se uniu a esses cinco irmãos e Atronjo servia-se de seus irmãos como de seus lugar-tenentes para fazer incursões de todos os lados enquanto ele com a coroa na cabeça orientava os negócios e dava as ordens com soberana autoridade. Assim, ficou por muito tempo nessa condição e podia-se dizer de algum modo que ele não tinha em vão o nome de rei, pois tudo o que ele ordenava era feito e executado. Seus maiores esforços foram contra os romanos e contra as tropas do rei, que igualmente ele odiava, uns por causa dos males que faziam, outros por causa do que haviam feito, sob o reinado de Herodes. Matou a muitos e fazia-lhes dia a dia uma guerra mais cruel, quer pela esperança de enriquecer, quer porque as vantagens que obtinha sobre eles inflamava-lhe a coragem. Um grupo de romanos que levavam trigos e armas ao campo, tendo caído numa emboscada que ele lhes armara perto de Emaús, aquele que os comandava e

quarenta dos mais valentes, foram mortos a flechadas e o resto, julgava-se perdido, quando Grato sobreveio com tropas do rei e os salvou; mas os mortos ficaram em poder dos revoltosos. Os cinco irmãos continuaram por muito tempo a incomodar, desse modo, aos romanos, em diversos combates e a aumentar os males de sua própria nação. Mas, por fim, um deles foi vencido e preso por Grato e um outro foi preso por Ptolomeu. Atronjo caiu também depois em poder de Arquelau e algum tempo depois, o último de todos, assustado com a desgraça de seus irmãos, não tendo mais esperança de salvação porque o cansaço e as doenças tinham arruinado seus soldados, entregou-se, sob palavra, ao tio de Arquelau.

Em tão estranha confusão, que enchia toda a Judéia de latrocínio, apenas alguém podia ajuntar um grupo de sediciosos, tomava logo o nome de rei. O país estava estraçalhado, e a menor parte do mal caiu sobre os romanos, porque os judeus, em vez de se reunir, para juntos voltarem contra eles suas armas, dividiam-se entre esses sediciosos e matavam-se uns aos outros.

752. Varo, apenas soube pelas cartas de Sabino o que se passava e o perigo que corria a legião sitiada em Jerusalém, tomou as outras que estavam na Síria, com quatro companhias de cavalaria e as tropas auxiliares que ele tirou dos reis e tetrarcas, para ir urgentemente em socorro dos seus e marcou o encontro de todas as suas tropas em Tolemaida. Os de Berita aumentaram-nas com mil e quinhentos homens, quando passaram pela sua cidade; Aretas, rei de Petra, que pelo ódio que tinha a Herodes, tinha feito aliança com os romanos, mandou-lhe também um corpo considerável de cavalaria e de infantaria. Depois que Varo reuniu assim em Tolemaida, todo o seu exército, deu uma parte dele ao seu filho, ajudado por um de seus amigos, com ordem de entrar na Galiléia, que está perto de Tolemaida. Ele cumpriu essa ordem, pôs em fuga todos os que quiseram oferecer resistência, tomou a cidade de Séforis, vendeu em leilão todos os seus habitantes, incendiou-a e a reduziu a cinzas. Varo, por outro lado marchou em pessoa para Samaria com o resto do exército, sem nada empreender contra aquela cidade, porque ela não tomara parte na revolta e acampou numa aldeia chamada Aro, que pertencia a Ptolomeu. Os árabes incendiaram-na, porque seu ódio por Herodes era tão grande que se estendia até aos seus amigos. O exército avançou depois para Safo e embora a praça

fosse forte, os árabes a tomaram, saquearam-na e a incendiaram como as outras. Não perdoaram a nada do que encontraram no seu caminho e passaram tudo a ferro e fogo. Quanto à cidade de Emaús que os habitantes tinham abandonado, foi por ordem de Varo incendiada, como vingança, porque vários romanos lá haviam sido mortos. Logo que os judeus que cercavam a legião romana souberam que Varo se aproximava com seu exército, levantaram o cerco e então os sitiados, os maiorais da cidade e José, neto do rei Herodes, compareceram à sua presença; mas Sabino retirou-se secretamente para o mar. Varo repreendeu severamente os habitantes de Jerusalém e eles desculparam-se, protestando que de nenhum modo haviam participado do empreendimento, mas que tudo fora feito pelo povo que tinha vindo de todas as partes para a solenidade da festa; e muito ao contrário, em vez de terem eles sitiado os romanos, eles mesmos haviam sido cercados por esse grande número de estrangeiros.

Varo mandou em seguida uma parte de seu exército para uma cuidadosa indagação em todo o reino procurando os autores da revolta; dois mil foram crucificados e aos demais ele deixou livres. Como ele julgava não haver mais necessidade de tropas e estava desgostoso com os males, que o desejo de enriquecer tinha levado as suas a proceder contra suas ordens, ele as queria mandar de volta, quando soube que dez mil judeus se haviam reunido. Marchou rapidamente para dar-lhes combate, mas eles não ousaram esperar e se entregaram a Aquiabe. Varo contentou-se de mandar os chefes a Augusto que perdoou a maior parte deles e mandou castigar somente alguns dos parentes de Herodes, que ele julgou merecer, porque nem a consideração do sangue, nem da justiça não os havia podido manter no cumprimento do dever. Depois que Varo apaziguou todas essas desordens, e restabeleceu a calma na Judéia, deixou como guarnição na fortaleza de Jerusalém a mesma legião que já lá estava antes e retirou-se para Antioquia.

753. Enquanto as coisas deste modo se passavam na (udéia, Arquelau encontrou um novo obstáculo às suas pretensões, pelo motivo que passo a dizer. Cinqüenta embaixadores dos judeus vieram com permissão de Varo procurar Augusto, para pedir-lhe que lhes permitisse viver segundo suas leis; e mais de oito mil judeus, que moravam em Roma, uniram-se a eles nessa

petição. O imperador, para esse fim, reuniu uma grande assembléia de seus amigos dos mais ilustres romanos no templo de Apoio, que tinha feito construir com ingentes despesas. Esses embaixadores, seguidos pelos outros judeus, lá se apresentaram e Arquelau também compareceu com seus amigos; mas seus parentes não sabiam que partido tomar, porque de um lado eles se odiavam, e por outro, tinham vergonha de parecer favorecer, na presença do imperador, aos inimigos de um príncipe de seu sangue. Filipe, irmão de Arquelau, que Varo muito estimava, veio também da Síria a seu conselho, com o pretexto de ajudar seu irmão, mas na verdade com a esperança de que se esses embaixadores obtivessem o que desejavam e o reino fosse dividido entre os filhos de Herodes, ele lhe pudesse também obter uma parte.

Os embaixadores falaram primeiro e disseram que não havia leis que Herodes não tivesse violado, com sua conduta injusta e criminosa; que ele fora rei só de nome, pois jamais tirano algum havia sido tão cruel, não se contentando de empregar todos os meios de que os outros se serviam para a desgraça de seus súditos, ele tinha inventado outros novos, que seria inútil falar-se do grande número de judeus que ele tinha feito morrer, pois a condição daqueles aos quais não tinham tirado à vida, era pior do que a dos mortos, quer pelo temor contínuo que sua desumanidade lhes causava, quer porque ele os despojava de todos os seus bens. Que ele tinha construído e embelezado as cidades fora de seu território, apenas para arruinar as do seu reino com horríveis impostos e exações. Que tendo encontrado a Judéia florescente e na abundância, ele a havia reduzido à sua miséria anterior. Que ele tinha feito morrer sem motivo, várias pessoas de posição, a fim de se apoderar de seus bens e que os havia arrebatado também àqueles aos quais não tinha tirado a vida. Que além de todos os impostos comuns, de que ninguém estava isento, era-se ainda obrigado a dar grandes somas, para satisfazer à ambição de seus amigos e dos seus cortesãos e para se livrar das injustas vexações de seus oficiais. Que eles não falavam das moças que ele havia violado e das mulheres de condição, às quais ele havia feito o mesmo ultraje, porque o único alívio que elas poderiam ter em sua extrema dor era que tudo cairia logo no esquecimento. Que enfim, se fora possível que um animal feroz, como ele, tivesse o governo de um reino, não haveria quem tratasse os homens com mais

crueldade, do que esse príncipe os havia tratado, pois não se via em história alguma, algo comparável aos males que ele lhes havia causado; e assim, na suposição que faziam, de que aquele que o substituísse não usasse de um proceder diferente, não faria dificuldade em reconhecer a Arquelau como rei, que tinham em consideração a ele honrado a memória de seu pai, com um luto público e que não havia serviços que não estivessem dispostos a lhe prestar para ganhar-lhe a afeição; mas que ele, ao contrário, como se temesse que se duvidasse de que era filho de Herodes, tinha logo manifestado que opinião se devia ter dele, pois, sem esperar que o imperador o tivesse confirmado no reino e quando toda sua fortuna dependia ainda de sua vontade, ele tinha dado aos seus novos súditos uma tão bela prova de sua virtude, de sua moderação e de sua justiça, começando por fazer degolar no Templo em vez de vítimas, três mil homens da mesma nação; que se podia julgar por essa ação tão detestável se eles faziam mal em odiar um homem, que depois de tal crime, os acusava de sedição e de crimes de lesa-majestade. Os embaixadores terminaram suplicando a Augusto que mudasse a forma de seu governo, não os sujeitando mais a reis, mas anexando-os à Síria para dependerem somente daqueles aos quais ele desse o governo e que então veriam se eles eram mesmo sediciosos e se não saberiam obedecer aos que tinham o legítimo poder de governar.

Depois que os embaixadores assim falaram, Nicolau tomou a defesa de Herodes e de Arquelau. Disse que, quanto ao primeiro, era estranho que ninguém o tivesse acusado durante a vida — quando se podia esperar da justiça do imperador o castigo de seus crimes, se fossem verdadeiros — e se tentasse, depois de sua morte, desonrá-lo à sua memória. Quanto a Arquelau, dever-se-ia considerar que a ação de que o censuravam, era somente devida à insolência e à revolta dos que o haviam obrigado a castigá-los, quando calcando aos pés todas as leis e o respeito que lhe deviam, tinham matado a golpes de espada e a pedradas os que ele havia mandado para impedir que continuassem a promover a agitação. Nicolau terminou seu discurso acusando-os de serem facciosos, sempre prontos a se revoltar, porque não se podiam decidir a obedecer às leis e à justiça, mas queriam ser senhores e dominar.

CAPÍTULO 13

AUGUSTO CONFIRMA O TESTAMENTO DE HERODES E ENTREGA AOS SEUS FILHOS O QUE ELE LHES HAVIA LEGADO.

754. Depois desta audiência de Augusto, dissolveu-se a assembléia e alguns dias depois, ele concedeu a Arquelau não o reino da Judéia inteiro, mas a metade, com o título de Etnarquia e prometeu fazê-lo rei, quando disso se tivesse tornado digno, pela sua virtude. Dividiu a outra metade entre Filipe e Antipas, filhos também de Herodes, que disputavam o trono a Arquelau. Antipas recebeu a Galiléia com a região que está além do rio, cuja renda era de mais ou menos duzentos talentos; Filipe recebeu a Batanéia, a Traconítida e a Auranita com uma parte do que tinham pertencido a Zenódoro, cuja renda chegava a cem talentos. Arquelau recebeu a Judéia, a Iduméia e Samaria, à qual Augusto perdoou a quarta parte dos impostos, que antes ela pagava, porque tinha se conservado pacífica, quando as outras se haviam revoltado. A Torre de Estratão, Sebaste, Jope e Jerusalém estavam nesta partilha de Arquelau. Mas Gaza, Gadara e Ipom, porque viviam segundo os costumes dos gregos, Augusto separou-as do reino, para anexá-las à Síria e o rendimento anual de Arquelau era de seiscentos talentos.

Vemos assim o que os filhos de Herodes herdaram de seu pai. A Salomé, além das cidades de Jamnia, Azoto, Fazaelida e cinco mil peças de prata que Herodes lhe havia deixado, Augusto deu ainda um palácio em Ascalom. Sua renda era de sessenta talentos e ela tinha sua moradia no país, que estava sob o governo de Arquelau. O imperador confirmou também aos outros parentes de Herodes os legados feitos por seu testamento; e além do que ele havia deixado às suas duas filhas, que ainda não se tinham casado, ele lhes deu liberalmente a cada uma, duzentas e cinqüenta mil peças de prata; e fê-las desposar os dois filhos de Feroras. A magnificência desse grande príncipe foi ainda muito além; pois ele deu aos filhos de Herodes mil e quinhentos talentos, que ele lhe havia legado e contentou-se de reter uma parte muito pequena, de tantos vasos preciosos, que também ele lhe havia deixado, não pelo seu valor, mas para mostrar que ele queria conservar a recordação de um rei, que ele tinha estimado.

CAPÍTULO 14

SOBRE UM IMPOSTOR QUE SE DIZIA SER ALEXANDRE, FILHO DE HERODES. AUGUSTO DESCOBRE A FRAUDE E O MANDA PARA A PRISÃO.

755. Nesse mesmo tempo, quando Augusto terminava a distribuição dos bens deixados por Herodes em seu testamento, um judeu, educado em Sidom, em casa de um liberto de um cidadão romano, tentou apoderar-se do trono, pela semelhança que tinha, com Alexandre, que o rei Herodes, seu pai, tinha feito morrer; essa semelhança era tanta, que aqueles que haviam'conhecido o jovem príncipe estavam persuadidos de que era ele mesmo. Para poder enganar, ele serviu-se de um homem de sua tribo, que tinha um conhecimento particular de tudo o que se havia passado na família real e que não sendo menos astuto do que mau, era muito capaz de suscitar aquela perturbação. Assim, ajudado por ele, apresentou-se como Alexandre, que um daqueles aos quais Herodes havia encarregado de matar, bem como a Aristóbulo, seu irmão, os tinha salvo e havia posto outros em seu lugar. Esse homem, ensoberbecido pelas esperanças com que se iludia, tentou enganar aos outros, como enganava a si mesmo. Foi a Creta, persuadiu ali todos os judeus com os quais falou, tirou-lhes dinheiro e depois passou à ilha de Meios, onde acreditando que ele era sangue real, deram-lhe ainda muita atenção. Ele imaginou então mais do que nunca que poderia conseguir o seu desejo; prometeu recompensar aos que o ajudassem, e, acompanhado por eles, determinou ir a Roma. Quando pôs o pé em terra, em Puteolos, todos os judeus que lá viviam e particularmente os que Herodes havia beneficiado, apressaram-se e ir visitá-lo e já o consideravam como seu rei, de que não há motivo de se admirar, pois os homens facilmente acreditam nas coisas que lhes são agradáveis, e era difícil não se ser enganado por tão perfeita semelhança. Mesmo os que tinham vivido familiarmente com Alexandre, duvidavam muito pouco de que não fosse ele mesmo e não temiam afirmá-lo com juramento. Quando esta notícia se divulgou por Roma, todos os judeus que lá moravam, em grande número, foram dar graças a Deus, pela felicidade inesperada, ante esse impostor, e suas aclamações, misturadas com os votos que faziam pela sua prosperidade, demonstravam qual o seu respeito

pela grandeza de sua origem, da parte da rainha Mariana, de quem julgavam que ele era filho. Encontraram-no numa liteira, com um soberbo séquito, porque os judeus dos lugares por onde ele passava, nada poupavam para suas despesas. Embora tivessem falado a Augusto desse pretenso rei do judeus, ele não quis acreditar, porque conhecia muito bem a habilidade de Herodes, para crer que ele se tivesse deixado enganar num assunto tão importante. No entanto, como não queria dizer de todo que não era verdade, ordenou a um de seus libertos de nome Celado que conhecia Alexandre muito bem e Aristóbulo, seu irmão, que lhe trouxesse aquele homem. Ele foi procurá-lo e deixou-se enganar, como os demais. Mas Augusto não se iludiu, porque a todos sobrepujava em inteligência e, aquela semelhança, embora perfeita, não impediu que ele notasse alguma diferença, observando atentamente o impostor, quer, porque o trabalho lhe produzira calos nas mãos, pois sempre antes ele vivera em condição humilde, quer porque nele não se via aquela graça, que a nobreza do sangue e a educação dão aos que são criados com esmero e muito cuidado. Assim, não duvidando de que o mestre e o discípulo agiam de acordo para enganar a todos, ele perguntou àquele falso Alexandre, que havia acontecido ao seu irmão Aristóbulo e porque ele não viera, como ele, pedir para ser tratado segundo o que tinham motivo de pretender. Ele respondeu-lhe que tinha ficado na ilha de Chipre, para não se expor ao perigo do mar, a fim de que, se ele morresse, ficasse pelo menos um dos filhos de Mariana. Tendo falado assim, tão ousadamente, o companheiro, que era o autor do embuste, confirmou o que ele acabava de dizer. Mas Augusto, chamou à parte este moço e disse-lhe: "Contanto que não continueis a procurar enganar-me, como aos demais, eu vos prometo como recompensa salvar-vos a vida. Dizei-me, portanto, quem sois e quem vos pôs na idéia uma proeza tão arriscada, pois, um objetivo tão grande e tão ousado, está acima de vossa idade." Estas palavras do imperador espantaram de tal modo aquele miserável, que ele confessou toda a comédia e disse-lhe quem a tinha imaginado e de que modo tinha sido executada. Augusto, para manter o que tinha prometido, contentou-se de mandá-lo à prisão, nas galeras, para o que ele servia muito bem, pois era forte e robusto, e mandou prender o outro que o havia induzido à falcatrua. Quanto aos judeus da Ilha de Meios, ficaram quietos pelo dinheiro que lhes haviam

dado e empregado tão mal para honrar a esse falso Alexandre e um fim tão vergonhoso foi digno de tão temerária empresa.

CAPÍTULO 15

ARQUELAU DESPOSA GLAFIRA, VIÚVA DE ALEXANDRE, SEU IRMÃO. AUGUSTO, ANTE AS QUEIXAS QUE OS JUDEUS FAZEM DELE O RELEGA PARA VIENA, NAS GÁLIAS, E UNE À SÍRIA OS TERRITÓRIOS QUE ELE POSSUÍA. MORTE DE GLAFIRA.

756. Depois quer Arquelau voltou à judéia e tomou posse de sua Etnarquia, tirou o sumo sacerdócio de Joazar, filho de Boeto, que ele acusava de ter favorecido o partido dos sediciosos e a deu a Eleazar, irmão de Joazar. Reconstruiu depois magnificamente o palácio de Jerico, fez levar para uma planície de palmeiras que tinha feito abaixo, a metade da água que passava na aldeia de Neara; construiu uma vila à qual deu o nome de Arquelaide e não teve receio de violar as leis de nossos pais, desposando Glafira, filha do rei Arquelau, viúva de Alexandre seu irmão, do qual ela tivera filhos. Eleazar não exerceu o sumo sacerdócio por muito tempo, porque Arquelau lha tirou para dá-la a Jesus, filho de Sias.

757. No décimo ano do governo desse príncipe, os mais ilustres dos judeus e dos samaritanos, não podendo tolerar por mais tempo seu domínio tirânico, acusaram-no perante Augusto e o fizeram tão ousadamente, expondo-lhe suas queixas, quanto sabiam que ele lhe havia expressamente recomendado governar seus súditos com bondade e justiça. Augusto irritou-se de tal modo contra ele, que, sem se lhe dignar escrever, disse a Arquelau, seu representante em Roma, que partisse naquela mesma hora para trazê-lo a Roma. Este obedeceu e chegando à Judéia, encontrou seu senhor num grande banquete, que ele dava aos amigos. Expôs-lhe sua comissão e o acompanhou a Roma, onde depois que Augusto ouviu seus acusadores e sua defesa, confiscou-lhe tudo o que ele tinha de dinheiro e o mandou exilado a Viena, cidade de Gálias.

758. O soberano, antes de receber ordem de vir a Roma, ter com Augusto, tivera um sonho, que ele contara aos amigos. Parecia-lhe ver dez espigas de trigo maduras e cheias de grãos e os bois as comiam. Despertando, pensou não

deixar de dar importância a esse sonho e mandou buscar os mais peritos na interpretação dos mesmos; mas, como eles não estavam de acordo, um dentre eles, de nome Simão, essênio, rogou-lhe que perdoasse, se tomava a liberdade de lhe dar a explicação e disse-lhe em seguida que aquele sonho pressagiava uma mudança de fortuna, que não lhe seria favorável, porque os bois são animais que passam a vida num trabalho contínuo e lavrando a terra, fazem-na mudar de lugar e de forma. As dez espigas significavam dez anos, porque não se passa um ano, que a terra não produza novos grãos, numa revolução contínua: e assim, no fim de dez anos terminaria também o seu governo. Cinco dias depois que Simão assim lhe dera a explicação do sonho, o seu representante de Roma trouxe-lhe a ordem de acompanhá-lo até Augusto.

A precisa Glafira, sua mulher, também teve um sonho. Nós sabemos como ela havia desposado em primeiras núpcias a Alexandre, filho de Herodes. Depois de sua morte, o rei Arquelau, seu pai, casou-a com Juba, rei da Mauritânia, que morreu também, e, ficando viúva, voltou à Capadócia, para junto de seu pai. Arquelau, então o etnarca, concebeu por ela uma paixão tão violenta, que repudiou Mariana, sua mulher, e a desposou. Estando com ele, teve ela um sonho. Parecia-lhe ver Alexandre, seu primeiro marido e transbordando de alegria, ela queria abraçá-lo, mas ele dissera-lhe estas palavras de recriminação: "Vós bem mostrastes que se tem razão de crer que não se deve confiar nas mulheres, pois, tendo-me sido dada virgem, e tendo tido filhos de vós, o desejo de passar a segundas núpcias vos fez esquecer o amor, que me deveríeis conservar inviolável; e não vos contentado de me ter feito tal ultraje, não tivestes vergonha de tomar um terceiro marido e de voltar imprudentemente à minha família, desposando Arquelau, meu irmão. Mas meu afeto não será mais constante do que o vosso; não vos esquecerei com me esquecestes; e, tirando-vos de mim, como uma coisa que me pertence, eu vos livrarei da infâmia na qual viveis." A princesa contou o sonho a algumas de suas amigas e morreu cinco dias depois.

Julguei que não era fora de propósito narrar isto a respeito de reis e grandes, porque pode servir não somente de exemplo mas como prova da imortalidade da alma e da divina providência. E se alguém achar que estas coisas são inacreditáveis pode conservar a sua opinião, sem se admirar de que

outras a elas prestem fé, e, se lhes fizerem impressão, sirvam para incitá-los à virtude. Quanto aos territórios que Arquelau possuía, Augusto anexou-os à Síria e deu a Cirênio que fora cônsul a incumbência de fazer o inventário e vender o palácio de Arquelau.

Livro Décimo Oitavo

Capítulo 1

Judas e Sadoque aproveitam a ocasião do inventário que se fazia na Judéia para constituir uma quarta seita e suscitam uma grande guerra civil.

759. Cirênio, senador romano, homem de grandes méritos e que depois de haver passado por todos os degraus da honra fora elevado à dignidade de cônsul, foi, como dissemos, designado por Augusto para governar a Síria, com ordem de fazer o inventário do que havia em seu território. Copônio, que comandava o corpo de cavalaria, foi mandado com ele para exercer domínio sobre os judeus. Mas como a Judéia acabara de ser anexada à Síria, foi Cirênio, e não ele, quem fez o inventário e se apoderou de todo o dinheiro que pertencia a Arquelau.

Os judeus, de início, não toleravam aquele inventário, mas Joazar, sumo sacerdote, filho de Boeto, persuadiu-os a não se obstinarem na oposição. Algum tempo depois, um certo Judas, gaulanita, da cidade de Gamala, ajudado por um fariseu de nome Sadoque, incitou o povo a se rebelar, dizendo ser o inventário um claro indício de que os queriam reduzir à escravidão e, para exortá-los a manter a sua liberdade, assegurou-lhes que, se o resultado de sua empresa fosse feliz, eles desfrutariam gloriosamente tanto o descanso quanto os seus bens, mas não deviam esperar que Deus lhes fosse favorável se eles não fizessem, nos que lhes concernia, tudo o que fosse possível.

O povo ficou tão impressionado com essas palavras que imediatamente se preparou para a rebelião. É inacreditável a perturbação que esses dois homens suscitaram por todos os lados. Assassínios e latrocínios eram praticados. Saqueava-se e roubava-se, tanto a amigos quanto a inimigos, indiferentemente, sob o pretexto de se estar defendendo a liberdade pública. A raça desses sediciosos matava as pessoas mais ilustres e ricas pelo desejo de enriquecer, chegando a tal excesso de furor que uma grande carestia sobreveio, mas isso

não impediu que eles atacassem as cidades e derramassem o sangue dos próprios compatriotas. Viu-se o fogo dessa cruel guerra civil levar as suas chamas até o Templo de Deus, tão perigoso é desejar subverter as leis e os costumes do próprio país.

A vaidade que tiveram Judas e Sadoque de fundar uma quarta seita e atrair a eles todos os que queriam as perturbações e a agitação foi a causa desse grande mal, que não perturbou somente toda a Judéia, mas lançou a semente de muitos males pelos quais depois ela foi amargurada. A esse respeito julguei conveniente dizer alguma coisa das máximas dessa seita.

CAPÍTULO 2

SOBRE AS QUATRO SEITAS QUE HAVIA ENTRE OS JUDEUS.

760. Entre os judeus, os que faziam profissão particular de sabedoria estavam, há vários séculos, divididos em três seitas: os essênios, os saduceus e os fariseus, das quais, embora eu já tenha falado no segundo livro da Guerra dos judeus, penso que devo dizer aqui também alguma coisa.

A maneira de viver dos fariseus não é fácil nem cheia de delícias: é simples. Eles se apegam obstinadamente ao que se convencem que devem abraçar. Honram de tal modo os velhos que não ousam nem mesmo contradizê-los. Atribuem ao destino tudo o que acontece, sem, todavia, tirar ao homem o poder de consentir. De sorte que, sendo tudo feito por ordem de Deus, depende, no entanto, da nossa vontade entregarmo-nos à virtude ou ao vício. Eles julgam que as almas são imortais, julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste — virtuosas ou viciosas — e que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida, e outras retornam a esta. Eles granjearam, por essa crença, tão grande autoridade entre o povo que este segue os seus sentimentos em tudo o que se refere ao culto de Deus e às orações solenes que lhe são feitas. Assim, cidades inteiras dão testemunhos valiosos de sua virtude, de sua maneira de viver e de seus discursos.

A opinião dos saduceus é que as almas morrem com os corpos e que a única coisa que somos obrigados a fazer é observar a lei, sendo um ato de virtude não tentar exceder em sabedoria os que a ensinam. Os adeptos dessa seita são em pequeno número, mas ela é composta de pessoas da mais alta

condição. Quase sempre, nada se faz segundo o seu parecer, porque quando eles são elevados aos cargos e às honras, muitas vezes contra a própria vontade, são obrigados a se conformar com o proceder dos fariseus, pois o povo não permitiria qualquer oposição a estes.

Os essênios, a terceira seita, atribuem e entregam todas as coisas, sem exceção, à providência de Deus. Crêem que as almas são imortais, acham que se deve fazer todo o possível para praticar a justiça e se contentam em enviar as suas ofertas ao Templo, sem oferecer lá os sacrifícios, porque o fazem em particular, com cerimônias ainda maiores. Os seus costumes são irreprocháveis, e a sua única ocupação é cultivar a terra. Sua virtude é tão admirável que supera em muito a dos gregos e de outras nações, porque eles fazem disso todo o seu empenho e preocupação e a ela se aplicam continuamente. Possuem todos os bens em comum, sem que os ricos tenham maior parte que os pobres. O seu número é superior a quatro mil. Não têm mulheres nem criados, porque estão convencidos de que as mulheres não contribuem para o descanso da vida. Quanto aos criados, consideram uma ofensa à natureza, que fez todos os homens iguais, querer sujeitá-los. Assim, eles se servem uns dos outros e escolhem homens de bem da ordem dos sacerdotes, que recebem tudo o que eles recolhem de seu trabalho e têm o cuidado de fornecer alimento a todos. Essa maneira de viver é quase igual à dos que chamamos plistes e vivem entre os dácios.

Judas, de quem acabamos de falar, foi o fundador da quarta seita. Está em tudo de acordo com a dos fariseus, exceto que aqueles que fazem profissão para adotá-la afirmam que há um só Deus, ao qual se deve reconhecer por Senhor e Rei. Eles têm um amor tão ardente pela liberdade que não há tormentos que não sofram ou que não deixem sofrer as pessoas mais caras antes de atribuir a quem quer que seja o nome de senhor e mestre. A esse respeito não me delongarei mais, porque é coisa conhecida de tantas pessoas que, em vez de temer que não se preste fé ao que digo, tenho somente o receio de não poder expressar até que ponto vai a sua incrível paciência e o seu desprezo pela dor. Mas essa invencível firmeza aumentou ainda pela maneira ultrajosa como Géssio Floro, governador da Judéia, tratou a nossa nação e a levou por fim a se revoltar contra os romanos.

CAPÍTULO 3

MORTE DE SALOMÉ, IRMÃ DO REI HERODES, O GRANDE. MORTE DE AUGUSTO. TIBÉRIO SUCEDE-O NO GOVERNO DO IMPÉRIO. HERODES, O TETRARCA, CONSTRÓI EM HONRA DE TIBÉRIO A CIDADE DE TIBERÍADES. AGITAÇÕES ENTRE OS PARTOS E NA ARMÊNIA. OUTRAS PERTURBAÇÕES NO REINO DE COMAGENA. GERMÂNICO É ENVIADO DE ROMA AO ORIENTE PARA CONSOLIDAR ALI A AUTORIDADE DO IMPÉRIO, E É ENVENENADO POR PISÃO.

761. Depois que Cirênio vendeu os bens confiscados a Arquelau e terminou o inventário, que se realizou trinta e sete anos depois da batalha de Áccio, ganha por Augusto contra Antônio, os judeus se rebelaram contra Joazar, sumo sacerdote, e ele tirou-lhe o cargo e deu-o Anano, filho de Sete.

762. Vimos como Herodes e Filipe foram mantidos por Augusto nas tetrarquias que o rei Herodes, o Grande, seu pai, lhes deixou em seu testamento. Esses dois príncipes tudo fizeram para se estabelecer o mais vantajosamente possível. Herodes cercou Seforis com muralhas, tornou-a a principal e a mais forte de todas as praças da Galileia. Fortificou também a cidade de Betaranfta e a chamou de Julíada, em honra à imperatriz. Filipe, por sua vez, embelezou muito Paneada, que está perto da nascente do Jordão, e a chamou Cesaréia. Aumentou também de tal modo a aldeia de Betsaida, situada às margens do lago de Genesaré, que se poderia tomá-la por uma cidade. Povoou-a, enriqueceu-a e a chamou Julíada, em honra a Júlia, filha de Augusto.

763. Copônio governava a Judéia, quando chegou o dia da festa dos Pães Asmos, a que chamamos Páscoa. Os sacerdotes, segundo o costume, abriram as portas do Templo à meia-noite. Então, alguns samaritanos entraram secretamente em Jerusalém e espalharam ossos de homens mortos pelas galerias e em todo o resto do Templo, o que fez os sacerdotes serem mais cuidadosos para o futuro.

764. Pouco depois, Copônio voltou a Roma. Foi substituído por Marco Ambívio no governo da Judéia. Ao mesmo tempo, morreu Salomé, irmã do rei Herodes, o Grande. Ela deixou à Júlia,* além de sua toparquia, Jamnia, Fazaélida, situada no campo, e Arquelaide, onde havia uma imensa plantação

de palmeiras que produziam excelentes frutos.

---

* Esposa de Augusto.

765. Anio Rufo sucedeu a Ambívio, e foi durante o seu governo que morreu César Augusto, na idade de setenta e sete anos. Esse príncipe, que foi o segundo imperador dos romanos, reinou cinqüenta e sete anos, seis meses e dois dias, incluindo-se os quatorze anos que reinou com Antônio.

766. Tibério Nero, filho de Lívia, sua mulher, substituiu-o no império e enviou Valério Grato à Judéia como sucessor de Rufo, tornando-se aquele o seu quinto governador. Ele tirou o sumo sacerdócio a Anano e deu-o a Ismael, filho de Fabo. Mas logo depois Ismael foi deposto, e em seu lugar foi colocado Eleazar, filho de Anano. Um ano depois, depuseram também a este, que foi substituído por Simão, filho de Camite. Ele também só ocupou o cargo durante um ano, sendo obrigado a resigná-lo em favor de José, cognominado Caifás. Grato, após ter durante onze anos governado a Judéia, voltou a Roma, e Pôncio Pilatos sucedeu-o.

767. Herodes, o tetrarca, conquistara as boas graças do imperador Tibério. Construiu uma cidade à qual, por causa dele, deu o nome de Tiberíades. Escolheu para esse fim um dos territórios mais férteis de toda a Galiléia, que está à beira do lago de Genesaré e muito próximo das águas quentes de Emaús. Povoou essa nova cidade em parte com estrangeiros e em parte com galileus, alguns dos quais foram obrigados a se estabelecer ali, mas alguns nobres para ela se dirigiram de boa vontade.

Esse príncipe tinha tanto desejo de tornar a cidade bem povoada que recebeu até mesmo pessoas de baixa condição, provenientes de todas as partes, e dentre as quais algumas tinham a aparência de escravos. Concedeu-lhes grandes privilégios e fez benefícios a muitos, dando terras a uns e casas a outros, para obrigá-los a não se afastar dali, como de fato havia motivo para temer, se não o fizesse, porque o lugar onde a cidade se situa está cheio de sepulcros, o que é tão contrário às nossas leis que passa por impuro durante sete dias aquele que tiver de permanecer em semelhante lugar.

768. Nesse mesmo tempo, Fraate, rei dos partos, foi morto à traição por Fraatace, seu filho, do modo que vou narrar: Fraate tinha vários filhos legítimos, mas ficou perdidamente enamorado de uma criada italiana, que o imperador lhe havia mandado, entre outros presentes, e que era na verdade muito formosa. Considerou-a de início uma concubina, mas a paixão crescia sempre e, como já tivera com ela um filho — Fraatace —, desposou-a. Ela era poderosa e tinha ascendência sobre o espírito dele, e por isso concebeu a idéia de entregar o império dos partos nas mãos do filho. Mas os seus esforços só teriam efeito se os filhos legítimos de Fraate fossem afastados. Ela então o persuadiu a enviá-los como reféns a Roma. O soberano, que nada lhe podia recusar, atendeu-a.

Assim, Fraatace ficou sozinho com ela. Esse detestável filho tinha grande desejo de reinar e, não esperando nem mesmo a morte do pai, mandou matá-lo, a conselho de sua mãe, com a qual, sabia-se, ele vivia de maneira abominável. O horror causado por esse parricídio e pelo incesto atraiu sobre ele um ódio geral, e ele foi expulso, morrendo antes de assumir a sua criminosa dominação.

A nobreza então julgava que o Estado só se poderia manter sob o governo de um rei e que esse rei deveria ser da família dos arsácidas. Considerando a família de Fraate conspurcada pela horrível impudicícia daquela italiana, escolheram Herodes, que era de sangue real, para elevá-lo ao trono e enviou embaixadores a ele. Mas esse príncipe era tão colérico, tão cruel e de tão difícil acesso que o povo não pôde tolerá-lo. Conspiraram contra ele. Como os partos tinham o costume de levar consigo espadas, ele foi morto num banquete ou, como outros dizem, numa caçada.

Assim, os partos, não tendo mais reis, mandaram pedir em Roma que um dos filhos de Fraate reinasse sobre eles. Os príncipe estavam então sob custódia em Roma, e deram-lhe Vonono, que foi preferido aos irmão porque o julgaram, por consentimento unânime dos dois grandes impérios, mais digno que os outros de ser elevado àquele alto grau de honra. Mas como esses bárbaros são naturalmente inconstantes e insolentes, os principais dentre eles se arrependeram bem depressa de sua escolha e disseram que não queriam mais obedecer a um escravo (chamavam assim o príncipe porque ele fora entregue como refém aos romanos). Alegavam também que ele chegara à

condição de rei não pelo direito da guerra, mas em tempo de paz.

Depois dessa revolta, mandaram oferecer a coroa a Artabano, rei dos medos, que também era da família dos arsácidas. Ele a aceitou com alegria e veio com um grande exército. Mas como somente a nobreza tomava parte nesses acontecimentos, Vonono, ao qual o povo continuava fiel, venceu Artabano numa batalha e obrigou-o a fugir para os montes da Média. Artabano reuniu depois novas forças e travou uma segunda batalha, na qual Vonono foi vencido e fugiu com os seus homens para a Armênia. Artabano, após promover grande carnificina entre os partos, avançou até Ctesifon e ficou assim senhor de todo o reino.

Quanto a Vonono, logo que chegou à Armênia concebeu a idéia de se tornar rei. Para esse fim, enviou embaixadores a Roma, porém Tibério, que o desprezava e não queria ofender os partos, os quais ameaçavam declarar guerra ao império, recusou-se a ajudá-lo. Assim, sem esperanças e sem nada conseguir dos romanos, vendo que o mais poderoso povo da Armênia (que habitava as cercanias de Nifate) abraçara o partido de Artabano, foi ter com Silano, governador da Síria, que o recebeu em consideração por ele ter sido outrora educado em Roma. Artabano, não encontrando mais resistência, constituiu Orodé, seu filho, rei da Armênia.

769. Antíoco, rei de Comagena, morreu naquela mesma época. Surgiu então uma grande divergência entre a nobreza e o povo. A nobreza queria que o reino fosse reduzido a província, e o povo exigia o contrário, querendo ser governado por um rei, como antes. Para resolver esse caso, Germânico, por um decreto do senado, foi enviado ao Oriente. Parece que o destino preparou essa ocasião para destruir o ilustre príncipe. Após organizar com habilidade todos os negócios, como era de se desejar, ele foi envenenado por Pisão, como veremos mais adiante.

CAPÍTULO 4

REVOLTA DOS JUDEUS CONTRA PILATOS, GOVERNADOR DAJUDÉIA,POR TER FEITO ENTRAR EM JERUSALÉM AS BANDEIRAS, QUE TRAZIAM A IMAGEM DO IMPERADOR. ELE AS RETIRA. LOUVORES DE JESUS CRISTO. HORRÍVEL OFENSA FEITA A UMA DAMA ROMANA PELOS SACERDOTES DA DEUSA ÍSIS E CASTIGO QUE TIBÉRIO LHES INFLIGE.

770. Pilatos, governador da Judéia, enviou dos quartéis de inverno de Cesaréia a Jerusalém tropas que traziam em seus estandartes a imagem do imperador, o que é tão contrário às nossas leis que nenhum outro governador antes dele o fizera. As tropas entraram de noite, e por isso apenas no dia seguinte é que se percebeu. Imediatamente os judeus foram em grande número procurar Pilatos em Cesaréia e durante vários dias rogaram-lhe que removesse aqueles estandartes. Ele negou o pedido, dizendo que não o poderia fazer sem ofender o imperador. Mas como eles continuavam a insistir, ordenou aos seus soldados, no sétimo dia, que secretamente se conservassem em armas e subiu em seguida ao tribunal que mandara erguer de propósito no local dos exercícios públicos, porque era o lugar mais apropriado para escondê-los.

Os judeus, porém, insistiam no pedido. Ele então deu o sinal aos soldados, que os envolveram imediatamente por todos os lados, e ameaçou mandar matá-los se continuassem a insistir e não voltassem logo cada qual para a sua casa. A essas palavras, eles lançaram-se todos por terra e apresentaram-lhe a garganta descoberta, para mostrar que a observância de suas leis lhes era muito mais cara que a própria vida. Aquela constância e zelo tão ardentes pela religião causou tanto assombro a Pilatos que ele ordenou que se levassem os estandarte de Jerusalém para Cesaréia.

771. Em seguida, Pilatos tentou retirar dinheiro do tesouro sagrado para fazer vir a Jerusalém, pelos aquedutos, a água cujas nascentes distavam uns duzentos estádios. O povo ficou de tal modo revoltado que veio em grupos numerosos queixar-se e rogar-lhe que não continuasse aquele projeto. E, como acontece ordinariamente no meio de uma população exaltada, alguns chegaram de dizer-lhe palavras injuriosas. Ele ordenou então aos soldados que escondessem cacetes debaixo da túnica e rodeassem a multidão. Quando recomeçaram as injúrias, sinalizou aos soldados para que executassem o que havia determinado. Eles não somente obedeceram, como fizeram mais do que ele desejava, pois espancaram tanto os sediciosos quanto os indiferentes. Os judeus não estavam armados, e por isso muitos morreram e vários foram feridos. E a sedição terminou.

772. Nesse mesmo tempo, apareceu JESUS, que era um homem sábio, se

é que podemos considerá-lo simplesmente um homem, tão admiráveis eram as suas obras. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos na verdade e foi seguido não somente por muito judeus, mas também por muitos gentios. Ele era o CRISTO. Os mais ilustres dentre os de nossa nação acusaram-no perante Pilatos, e este ordenou que o crucificassem. Os que o haviam amado durante a sua vida não o abandonaram depois da morte. Ele lhes apareceu ressuscitado e vivo no terceiro dia, como os santos profetas haviam predito, dizendo também que ele faria muitos outros milagres. É dele que os cristãos, os quais vemos ainda hoje, tiraram o seu nome.

773. Por esse mesmo tempo, aconteceu uma grande perturbação na Judéia e um horrível escândalo em Roma, durante os sacrifícios de ísis. Começarei a falar deste último e depois passarei ao que se refere aos judeus.

Havia em Roma uma jovem senhora, de nome Paulina, que não era menos ilustre por sua virtude que por seu nascimento e era tão bela quanto rica. Havia desposado Saturnino, a quem não poderíamos louvar suficientemente, bastando dizer que era digno de ser o marido de semelhante mulher. Décio Mundo, jovem que ocupava uma posição muito elevada na ordem dos cavaleiros, concebeu por ela o amor mais ardente que se possa imaginar. E, como ela era de tal virtude que não se deixava conquistar por presentes, a impossibilidade de obter o seu desejo aumentou-lhe ainda mais a paixão. Ele chegou a oferecer-lhe duzentas mil dracmas por uma noite, porém ela rejeitou a proposta com desprezo.

A vida tornou-se tão insuportável para Mundo que ele resolveu matar-se pela fome. No entanto, uma das libertas de seu pai, chamada Idé, que era muito hábil em determinadas coisas, as quais convém mais ignorar que saber, procurou-o para dizer-lhe que não perdesse a esperança. Ela prometeu obter o que ele desejava, sem que lhe custasse mais de cinqüenta mil dracmas. Tal proposta fez Mundo retomar alento, e ele deu-lhe a soma que ela pedia.

Como a tal liberta sabia que o dinheiro era inútil para tentar uma mulher tão casta, resolveu servir-se de um outro meio. Sabendo que ela nutria uma devoção muito particular pela deusa ísis, foi procurar alguns de seus sacerdotes. Após comprar-lhes o segredo, informou-os do extremo amor de Mundo para com Paulina. Se eles encontrassem um meio de satisfazer aquela

paixão, ela lhes daria no mesmo instante vinte e cinco mil dracmas e outro tanto depois que houvessem cumprido a promessa. Na esperança de tão grande recompensa, eles aceitaram a proposta, e o mais velho foi imediatamente dizer a Paulina que o deus Anúbis tinha paixão por ela e lhe ordenava que fosse procurá-lo.

A dama sentiu-se tão honrada com isso que se vangloriou perante as amigas e disse o mesmo ao marido, o qual, conhecendo a sua extrema castidade, consentiu de boa mente que ela fosse procurá-lo. Depois cear, ela foi então ao Templo. Chegou a hora de se pôr ao leito, e aquele sacerdote fechou-a num quarto onde não havia luz e onde Mundo, que ela julgava ser o deus Anúbis, estava escondido. Ele passou toda a noite com ela, e no dia seguinte de manhã, antes que aqueles detestáveis sacerdotes, cuja maldade a havia feito cair naquela cilada, se tivessem levantado, ela foi procurar o marido e contou-lhe o que se havia passado — e continuou a se vangloriar junto às amigas. Tudo lhes pareceu tão incrível que não podiam acreditar no que ela dissera, mas, por outro lado, não podiam desconfiar de sua virtude.

Três dias depois, Mundo encontrou-a por acaso e disse-lhe: "Na verdade devo agradecer-vos por terdes recusado as duzentas mil dracmas que vos ofereci. No entanto fizestes o que eu desejava. Que me importa que tenhais desprezado Mundo, pois obtive o que queria sob o nome de Anúbis". Dizendo essas palavras, foi-se embora. Paulina percebeu então o horrível engano em que havia caído. Rasgou os seus vestes, contou ao marido o que havia acontecido e rogou-lhe que não deixasse impune tamanho crime. Ele foi em seguida falar com o imperador, a quem relatou o fato. Tibério, depois de estar bem informado de toda a verdade, mandou crucificar aqueles maus sacerdotes e com eles Idé, que imaginara a trama. Mandou também destruir o Templo de ísis e lançar-lhe a estátua no Tibre. Quanto a Mundo, contentou-se em mandá-lo ao exílio, porque atribuía o seu crime à violência de seu amor. Retomemos, porém, o fio de nossa narração, para dizermos o que aconteceu aos judeus que moravam em Roma.

CAPÍTULO 5

TIBÉRIO MANDA EXPULSAR TODOS OS JUDEUS DE ROMA. PILATOS CASTIGA

OS SAMARITANOS QUE SE HAVIAM REUNIDO E PEGADO EM ARMAS.

ELES O ACUSAM PERANTE VITÉLIO, GOVERNADOR DA SÍRIA,

QUE O OBRIGA A IR A ROMA PARA SE JUSTIFICAR.

774. Um judeu, que era um dos piores homens do mundo e que havia fugido de seu país para evitar o castigo pelos seus crimes, juntou-se com três outros que não eram melhores que ele. Em Roma, exerciam a profissão de intérpretes da Lei de Moisés. Então uma mulher da sociedade, de nome Fúlvia, que abraçara a nossa religião, tomando-os por homens de bem, pôs-se sob a sua direção. Eles induziram-na a dar-lhes ouro e púrpura, que seriam enviados a Jerusalém, mas eles conservaram para si o que ela lhes entregou e gastaram o dinheiro.

Saturnino, marido de Fúlvia, foi queixar-se disso a Tibério, por quem era muito estimado. Sabendo disso, ele ordenou que todos os judeus fossem expulsos de Roma. Os cônsules, depois de uma exata indagação, reuniram quatro mil homens, que foram enviados para a Sardenha, sendo que um grande número deles foi severamente castigado, pois se recusaram a pegar em armas, para não desobedecer às leis de seus antepassados. Assim, a malícia de quatro celerados foi a causa de que não ficasse em Roma um só judeu.

775. Os samaritanos não foram menos atormentados nem isentos de amarguras. Um impostor, que com nada se importava, para agradar ao povo e ganhar-lhe o afeto, ordenou-lhes que se reunissem no monte Gerizim, que nesse país é considerado um lugar santo, prometendo-lhes fazer ver os vasos sagrados que Moisés havia enterrado. Com tal promessa, tomaram as armas e, esperando os que deviam juntar-se a eles de todos os lados para subir o monte, sitiaram a aldeia de Tiratable; mas Pilatos os precedeu; avançou com sua cavalaria, ocupou o monte, atacou-os perto daquela aldeia, pô-los em fuga, prendeu vários, mandou cortar a cabeça aos chefes. Os mais ilustres samaritanos foram procurar Vitélio, governador da Síria, que tinha sido cônsul, acusaram Pilatos de ter cometido muitos assassínios, afirmaram que eles não tinham pensado em se rebelar contra os romanos e disseram que se haviam reunido perto de Tiratable, somente para resistir às suas violências. Vitério ante essas queixas, mandou Marcelo, seu amigo, para cuidar do governo da Judéia e

ordenou a Pilatos que fosse justificar-se perante o imperador. Assim, sendo obrigado a obedecer, ele encaminhou-se para Roma, depois de ter governado a Judéia por dez anos, mas Tibério morreu antes que ele lá tivesse chegado.

CAPÍTULO 6

VITÉLIO ENTREGA AOS JUDEUS A GUARDA DAS VESTES SACERDOTAIS DO SUMO SACERDOTE. TRATA EM NOME DE TIBÉRIO COM ARTABANO, REI DOS PARTOS. CAUSA DE SEU ÓDIO POR HERODES, O TETRARCA. FILIPE, TETRARCA DE TRACONITES, DA GALAUTIDA E DA BATANÉIA, MORRE SEM FILHOS. SEUS TERRITÓRIOS SÃO ANEXADOS À SÍRIA.

776. Vitélio foi a Jerusalém, pela festa da Páscoa, sendo recebido com grandes honras. Ele restituiu aos habitantes o direito que tinham sobre os frutos vendidos e permitiu aos sacerdotes que guardassem eles mesmos, como outrora, o éfode e os outros ornamentos sacerdotais, que estavam então na fortaleza Antônia, onde eles haviam sido postos pelo motivo que passo a dizer.

O sumo sacerdote Hircano, primeiro desse nome, tendo feito construir uma torre perto do Templo, ali ficava quase sempre. E, como somente ele podia revestir-se dessa veste sagrada, entregue à sua guarda, deixava-o ali quando retomava as suas vestes ordinárias. Seus sucessores nesse cargo procederam do mesmo modo. Mas Herodes, subindo ao trono e achando a situação dessa torre muito vantajosa, mandou fortificá-la bastante. Chamou-a Antônia, por causa de Antônio, que era seu grande amigo, e lá deixou a veste sacerdotal, tal como a encontrara, na convicção de que serviria para tornar-lhe o povo ainda mais submisso.

Arquelau, seu filho e sucessor, não fez nisso modificação alguma. Depois que o reino foi reduzido à província e os romanos dele tomaram posse, continuaram a guardar a veste sacerdotal e, para conservá-la, mandaram fazer um armário, que era selado com o selo dos sacerdotes e dos guardas do tesouro do Templo. O governador da torre fazia continuamente acender uma lâmpada diante do armário e, sete dias antes de cada uma das três grandes festas do ano, que era tempo de jejum, entregava a veste sagrada ao sumo sacerdote, o qual, depois de limpá-lo bem, dele se revestia para iniciar o ofício divino. No dia

seguinte à festa, tornava a entregá-lo e colocá-lo no mesmo armário.

Vitélio, para reverenciar a nossa nação, entregou-o, como acabo de dizer, aos sacerdotes e dispensou o governo de toda responsabilidade na sua conservação. Tirou também depois o sumo sacerdócio de Caifás para dá-lo a Jônatas, filho de Anano, o qual também havia sido sumo sacerdote, e partiu de regresso a Antioquia.

777. Tibério, receoso de que Artabano, que se tornara senhor da Armênia, lhe pesasse como um perigoso inimigo do Império Romano, enviou Vitélio para fazer uma aliança, sob a condição de que Artabano lhe entregasse alguns reféns e o seu próprio filho, se fosse possível. Vitélio, depois de receber essa ordem, ofereceu grandes somas aos reis dos iberos e dos alanos, para induzi-los a declarar guerra a Artabano. Os iberos não quiseram tomar as armas. Contentaram-se em dar passagem aos alanos e lhes abrir as portas dos montes Cáspios. Assim, eles entraram na Armênia, devastaram-na completamente, apoderaram-se de tudo e, levando a guerra além, passaram ao território dos partos e mataram a maior parte da nobreza, inclusive o filho de Artabano. Esse príncipe, então, sabendo que Vitélio subornara com dinheiro alguns de seus parentes e amigos para que o matassem e que assim não podia confiar naquela gente, que passara para o lado do inimigo e sob pretexto de amizade procurava por todos os meios fazê-lo morrer, fugiu e salvou-se nas províncias superiores. Ali não somente encontrou segurança, mas reuniu um grande exército de danianos e sacianos, com o qual começou uma guerra, venceu-a e reconquistou o seu reino.

Depois desse infeliz resultado, Tibério mostrou-se desejoso de fazer aliança com ele, e Artabano estava disposto a isso, tanto que, acompanhados por seus guardas, ele e Vitélio dirigiram-se a uma ponte construída sobre o Eufrates. Quando lá concluíram as condições do tratado, Herodes, o tetrarca, deu-lhes um grande banquete sob um grande pavilhão que mandara erguer no meio do rio, com grandes despesas. Pouco tempo depois, Artabano enviou Dário, seu filho, como refém a Tibério, com grandes presentes, entre os quais estava um judeu de nome Eleazar, que era um gigante de sete côvados de altura. Vitélio regressou logo a Antioquia, e Artabano, à Babilônia.

778. Herodes, querendo por primeiro dar a Tibério a notícia dos reféns

que havia conseguido de Artabano, mandou-lhe um emissário com urgência e informou-o tão particularmente de tudo que Vitélio nada mais pôde dizer que ele não soubesse. Assim, Tibério não deu outra resposta a Vitélio senão a de que nada dizia de novo, o que causou a este grande ódio contra Herodes. Mas ele o dissimulou até o reinado de Caio.

779. Filipe, irmão de Herodes, morreu nesse tempo, no vigésimo ano do reinado de Tibério, depois de usufruir durante trinta e sete anos as tetrarquias de Traconites, Gaulanites e Batanea. Era um príncipe muito moderado. Amava a paz e a tranqüilidade e sempre ficou em seu território. Nas suas idas constantes ao campo, levava consigo apenas um pequeno número de amigos mais íntimos e uma cadeira, que era uma espécie de trono, para sentar-se e administrar a justiça, pois era seu costume deter-se quando alguém o pedia e, depois de ouvir todas as queixas, condenava imediatamente o culpado ou o absolvia, se o julgasse inocente. Morreu em Julíada. Os seus funerais foram imponentes, e enterraram-no num soberbo túmulo que ele havia mandado construir. Como ele não deixou filhos, Tibério anexou os seus territórios à Síria, sob a condição de que o dinheiro dos rendimentos permanecesse no seu país.

Capítulo 7

Guerra entre Aretas, rei de Petra, e Herodes, o tetrarca, que, tendo desposado a filha daquele, queria repudiá-la para casar-se com Herodias, filha de Aristóbulo e mulher de Herodes, seu irmão por parte de pai. O exército de Herodes é totalmente derrotado, e os judeus atribuem ao fato de ele ter colocado João Batista na prisão. Posteridade de Herodes, o Grande.

780. Nesse mesmo tempo, aconteceu, pelo motivo que passo a descrever, uma grande guerra entre Herodes, o tetrarca, e Aretas, rei de Petra. Herodes, que havia desposado a filha de Aretas e vivera muito tempo com ela, passou, numa viagem a Roma, pela casa de Herodes, seu irmão por parte de pai, filho da filha de Simão, sumo sacerdote, e concebeu tal paixão pela mulher dele, Herodias — filha de Aristóbulo, irmão de ambos e irmã de Agripa, que depois foi rei —, que propôs desposá-la logo que estivesse de volta de Roma e repudiasse

a filha de Aretas.

Ele continuou a sua viagem e voltou após cumprir as incumbências de que fora encarregado. A sua mulher veio a saber de tudo o que se havia passado entre ele e Herodias, mas nada demonstrou e rogou-lhe que permitisse ir a Maquera, fortaleza situada na fronteira dos dois territórios, que então pertencia ao rei seu pai. Como Herodes não julgava que ela soubesse de seu projeto, não teve dificuldade em atendê-la. O governador da praça recebeu-a muito bem, e um grande número de soldados escoltou-a até a corte do rei Aretas.

Ela contou-lhe da resolução tomada por Herodes, e ele sentiu-se muito ofendido. Havendo já surgido algumas divergências entre os dois príncipes, por causa dos limites do território de Gamala, eles entraram em guerra; todavia, nem um nem outro tomou parte dela em pessoa. A batalha travou-se, e o exército de Herodes foi completamente derrotado, devido à traição de alguns refugiados que, expulsos da tetrarquia de Filipe, se alistaram nas tropas de Aretas. Herodes escreveu a Tibério, contando o que havia acontecido, e este ficou tão enfurecido contra Aretas que ordenou a Vitélio que lhe declarasse guerra e o trouxesse vivo, se possível, ou lhe mandasse a cabeça, caso ele viesse a morrer na luta.

781. Vários judeus julgaram a derrota do exército de Herodes um castigo de Deus, por causa de João, cognominado Batista. Era um homem de grande piedade que exortava os judeus a abraçar a virtude, a praticar a justiça e a receber o batismo, para se tornarem agradáveis a Deus, não se contentando em evitar o pecado, mas unindo a pureza do corpo à da alma. Como uma grande multidão o seguia para ouvir a sua doutrina, Herodes, temendo que ele, pela influência que exercia sobre eles, viesse a suscitar alguma rebelião, porque o povo estava sempre pronto a fazer o que João ordenasse, julgou que devia prevenir o mal, para depois não ter motivo de se arrepender por haver esperado muito para remediá-lo. Por esse motivo, mandou prendê-lo numa fortaleza em Maquera, de que acabamos de falar, e os judeus atribuíram a derrota de seu exército a um castigo de Deus, devido a esse ato tão injusto.

782. Vitélio, para executar a ordem recebida de Tibério, tomou duas legiões e suas cavalarias e outras tropas que os reis sujeitos ao Império Romano

lhe enviaram. Na sua marcha em direção a Petra, chegou a Ptolemaida. O seu intento era fazer passar o exército através da Judéia, porém os maiorais dessa nação vieram pedir-lhe que não o fizesse, porque as legiões romanas traziam em seus estandartes figuras que eram contrárias à nossa religião. Ele satisfez-lhes o pedido e mandou que os soldados passassem pelo campo. Acompanhado pelo tetrarca e seus amigos, foi a Jerusalém oferecer sacrifícios a Deus, pois se aproximava o dia de uma festa. Ele foi recebido com grandes honras e lá permaneceu três dias.

783. Nesse tempo, tirou o sumo sacerdócio de jônatas para dá-la a TeóFílon, seu irmão. E, havendo recebido a notícia da morte de Tibério, fez o povo prestar juramento de fidelidade a Caio Calígula, que lhe sucedera no império. Essa mudança o fez recolher as tropas, e ele enviou-as aos quartéis de inverno e voltou a Antioquia.

784. Diz-se que Aretas, quando soube que Vitélio marchava contra ele, consultou os adivinhos, e eles afirmaram que era impossível que ele chegasse a Petra porque ou o autor da guerra ou o executor de suas ordens ou ainda aquele a quem queriam atacar morreria antes.

785. Havia um ano que Agripa, filho de Aristóbulo, tinha ido a Roma procurar o imperador Tibério, por causa de alguns assuntos importantes. Mas antes de entrar no assunto a respeito desse príncipe, desejo ainda falar de Herodes, o Grande, tanto por causa de sua relação com o resto da história quanto para confundir o orgulho dos homens, fazendo-os conhecer os efeitos da divina providência. Nem o grande número de filhos nem todas as outras vantagens podem fortalecer um poder humano ou conservá-lo, se tudo isso não for acompanhado pela virtude e pela piedade, como se vê neste exemplo, que nos mostra como em menos de cem anos toda a grande prosperidade de Herodes se viu reduzida a um pequeníssimo número.

Não é coisa menos digna da admiração a maneira como Agripa, contra a opinião de todos, foi elevado, por uma sorte particular, à soberana autoridade. Assim, ainda que eu tenha já falado dos filhos de Herodes, o Grande, falarei deles agora mais detalhadamente. Herodes teve duas filhas de Mariana, filha de Hircano. A mais velha, chamada Salampso, casou-a ele com Fazael, filho de Fazael, seu irmão mais velho, e a outra, de nome Cipro, com Antípatro, seu

sobrinho, filho de Salomé, sua irmã. Fazael teve de Salampso três filhos — Antípatro, Herodes e Alexandre — e duas filhas. Uma delas, chamada Alexandra, casou-se na ilha de Chipre com um senhor de nome Tímio, do qual não teve filhos. A outra, de nome Cipro, desposou Agripa, filho de Aristobulo, do qual teve dois filhos — Agripa e Druso, que morreu moço — e três filhas — Berenice, Mariana e Drusila. Agripa, seu pai, fora educado com seus irmãos Herodes e Aristobulo, com Herodes, o Grande, seu avô, como também Berenice, filha de Salomé e de Costobaro. Os filhos de Aristobulo eram ainda jovens quando Herodes, seu pai, o mandou matar, junto com o irmão Alexandre, da maneira como vimos.

Depois que todos esses filhos cresceram, Herodes, irmão de Agripa, desposou Mariana, filha de Olímpia, filha de Herodes, o Grande, e de José, seu irmão, da qual teve um filho de nome Aristobulo. O outro irmão de Agripa, de nome Aristobulo, desposou Jotapé, filha de Sampsigeram, rei de Emesa, do qual teve uma filha, cujo nome também era Jotapé, igual a sua mãe, e que era surda. Eis os filhos desses três irmãos. Herodias, sua irmã, desposou Herodes, o tetrarca, filho de Herodes, o Grande, e de Mariana, filha de Simão, o sumo sacerdote, do qual teve Salomé. Depois desse nascimento, Herodias não teve vergonha de desrespeitar as nossas leis, abandonando o marido para desposar Herodes, irmão dele e tetrarca da Galiléia. Salomé, sua filha, desposou Filipe, filho de Herodes, o Grande, e tetrarca de Traconites. Ele morreu sem lhe dar filhos, e Herodias fez com que ela desposasse Aristobulo, filho de Herodes e irmão de Agripa, do qual teve três filhos: Herodes, Agripa e Aristobulo. Vê-se, pelo que acabo de dizer, quais foram os descendentes de Fazael e de Salampso.

Cipro, filha de Herodes, o Grande, e irmã de Salampso, teve de Antípatro, filho de Salomé, uma filha chamada Cipro, como ela. Cipro desposou Alexas Celsio, filho de Alexas, do qual teve uma filha, também chamada Cipro. Quanto a Herodes e Alexandre, irmãos de Antípatro, morreram sem filhos.

Alexandre, filho de Herodes, o Grande, o qual o fez morrer, teve de Glafira, filha de Arquelau, rei da Capadócia, Alexandre e Tigrano. O último, que foi rei da Armênia e acusado perante os romanos, morreu sem filhos. Mas Alexandre teve um filho, de nome Tigrano, como o tio. O imperador Nero constituiu Alexandre rei da Armênia, e ele teve um filho, também de nome Alexandre, que

desposou Jotapé, filha de Antíoco, rei de Comagena. O imperador Vespasiano deu-lhe o reino de Ésis, uma ilha na Cilícia. Os descendentes desse Alexandre abandonaram a religião de nossos pais para abraçar a dos gregos. Os outros filhos de Herodes, o Grande, morreram sem descendência.

Depois de falar da posteridade desse soberano até o reinado de Agripa, resta-me mostrar como, por meio de diversas vicissitudes da fortuna, ele foi, por fim, elevado a tão alto grau de glória e de poder.

CAPÍTULO 8

DIVERSAS CIRCUNSTÂNCIAS, PELAS QUAIS AGRIPA, COGNOTNINADO O GRANDE, FILHO DE ARISTOBULO E NETO DE HERODES, O GRANDE, E DE MARIANA, FOI CONSTITUÍDO REI DOS JUDEUS PELO IMPERADOR CAIO, COGNOMINADO CALÍGULA, LOGO DEPOIS QUE ESTE SUCEDEU A TIBÉRIO.

786. Pouco antes da morte de Herodes, o Grande, Agripa, seu neto e filho de Aristobulo, foi a Roma. Como ele freqüentemente estava à mesa com Druso, filho do imperador Tibério, conquistou a sua amizade e caiu também no agrado de Antônia, mulher de Druso, irmão de Tibério, e mãe de Germânico e de Cláudio, que depois foi imperador, por meio de Berenice, sua mãe, pela qual tinha ela uma afeição muito particular. Embora Agripa fosse de natureza muito liberal, não ousava demonstrá-lo vivendo ainda a sua mãe, para não incorrer em sua indignação. Logo após a sua morte, porém, quando nada mais havia que o detivesse, fez tantas despesas em banquetes e em liberalidade excessiva, principalmente com os libertos de César, dos quais queria granjear a estima, que se sentiu esmagado pelas dívidas e importunado por credores, sem poder satisfazê-los. O jovem Druso morreu nesse mesmo tempo, e Tibério proibiu a todos os que esse príncipe havia amado de se apresentar diante dele, porque a presença deles renovava-lhe o sofrimento.

Assim, Agripa foi obrigado a voltar à Judéia, e a vergonha levou-o a se retirar para o castelo de Malata, na Iduméia, decidido a ali passar miseravelmente a vida. Cipro, sua mulher, fez o que pôde para dissuadi-lo dessa idéia e escreveu a Herodias, irmã de Agripa, que desposara Herodes, o tetrarca, pedindo-lhe que a ajudasse, como ela fazia, por seu lado, embora

tivesse menos bens. Herodes e Herodias mandaram logo chamar Agripa e deram-lhe uma certa soma, bem como a principal magistratura de Tiberíades, de modo que pudesse manter-se com certa honra naquela cidade. Embora isso não fosse o suficiente para contentar Agripa, Herodes arrefeceu-se tanto no desejo de ajudá-lo que perdeu a vontade de continuar a lhe prestar auxílio. E um dia, depois de ter bebido demais num banquete em que estavam juntos, em Tiro, lançou-lhe em rosto a sua pobreza e o fato de que dependia dele para comer.

Agripa, não podendo tolerar semelhante ultraje, foi procurar Flaco, governador da Síria, que fora cônsul e com o qual havia feito amizade em Roma. Ele o recebeu muito bem. Antes, porém, já havia recebido Aristóbulo, irmão de Agripa, do mesmo modo, sem que a inimizade que havia entre eles o impedisse de manifestar igualmente o seu afeto a um e a outro. Mas Aristóbulo persistiu de tal modo em sua ira que não teve sossego enquanto não incutiu no espírito de Flaco a aversão para com Agripa, o que aconteceu pelo motivo que passo a expor.

Os moradores de Damasco entraram em litígio com os de Sidom, por causa de seus limites. A questão devia ser julgada por Flaco, e eles ofereceram a Agripa uma grande soma para que ele os ajudasse com o seu prestígio junto dele. Agripa prometeu fazer tudo o que pudesse em favor deles. Aristóbulo soube-o e avisou Flaco, o qual, depois de se informar, constatou que tudo era verdade. Assim, pela perda de sua amizade, Agripa recaiu numa extrema miséria e retirou-se a Ptolemaida, onde, não tendo com o que viver, resolveu voltar a Itália. Mas como lhe faltava o dinheiro, disse a Márcias, seu liberto, que fizesse todo o possível para consegui-lo em empréstimo.

Esse homem foi procurar Proto, liberto de Berenice, mãe de Agripa, que esta legara em seu testamento a Antônia, fazendo com que ela o recebesse ao seu serviço, e rogou-lhe que lhe emprestasse dinheiro, sob sua palavra. Proto respondeu-lhe que Agripa já lhe devia e, tendo já obtido de Márcias uma nota de compromisso de vinte mil dracmas áticas, entregou-lhe somente dezessete mil e quinhentas, retendo consigo as outras duas mil e quinhentas, sem que Agripa se pudesse opor. Depois de apanhar essa soma, partiu para Antedom. Encontrando um navio, Agripa preparava-se para continuar a viagem, quando

Herênio Capito, que tinha em Jamnia a superintendência dos negócios, enviou soldados para fazê-lo pagar trezentas mil peças de prata, que lhe haviam sido emprestadas do tesouro do imperador quando ele estava em Roma.

Agripa garantiu-lhes que não deixaria de pagar, mas logo que veio a noite mandou levantar âncora e tomou o caminho de Alexandria. Ao chegar, pediu a Alexandre, que era alabarche,* que lhe emprestasse duzentas mil peças de prata. Ele respondeu que não lhe emprestaria, mas que não recusaria o empréstimo a Cipro, sua mulher, porque admirava-lhe a virtude e o amor pelo marido. Assim, ela lhe foi a caução, e Alexandre deu-lhe cinco talentos, com a promessa de lhe entreaar o resto em Putéoli. não iuloando conveniente confiar-lhe tudo na mesma hora, por causa de sua prodigalidade. Cipro, então, vendo que nada mais impediria o marido de ir à Itália, voltou com os filhos, por terra, para a Judéia.

---

* O primeiro cargo da magistratura, em Alexandria.

Quando Agripa chegou a Putéoli, escreveu ao imperador, que então estava em Capréia,* dizendo que viera prestar-lhe as suas homenagens e rogando consentimento para que fosse encontrá-lo. Tibério respondeu logo e de maneira muito favorável, declarando estar alegre com a sua volta e que ele podia vir quando quisesse. E, se a carta era delicada, a maneira como o recebeu depois não foi menos gentil, pois o abraçou e mandou-o hospedar-se em seu palácio. No dia seguinte, porém, Tibério recebeu uma carta de Herênio, pela qual lhe comunicava que, havendo insistido com Agripa a fim de que fossem pagas as trezentas mil peças de prata que lhe havia emprestado do tesouro, pois o prazo para a restituição já havia expirado, ele havia fugido, tirando assim a ele e aos que lhe sucederiam no cargo os meios de reaver aquela importância. Essa carta irritou a Tibério contra Agripa, e ele deu ordem aos porteiros do quarto que não o deixassem vir à sua presença até que pagasse o que devia.

---

* Ou Capri, ilha italiana do mar Tirreno. (N. do R.)

Agripa, no entanto, sem se admirar da cólera do imperador, rogou a Antônia que lhe emprestasse aquela importância, a fim de que ele não perdesse as boas graças de Tibério. E a princesa, considerando o respeito à memória de Berenice e o afeto particular que a ela dedicara, bem como o fato de Agripa ter sido educado junto com Cláudio, seu filho, concedeu-lhe aquele favor. Assim, ele pagou o que devia e firmou-se tão bem no conceito do imperador Tibério que este o encarregou de cuidar de Tibério Nero, seu neto e filho do Druso, e de velar pelas suas ações. Mas o desejo de pagar os favores de que era devedor a Antônia fez com que Agripa, em vez de satisfazer o desejo do imperador, se deixasse prender pelo afeto a Caio, cognominado Calígula, neto daquela princesa, que era amado e honrado por todos por causa da lembrança de Germânico, seu pai. E, tomando emprestado um milhão de peças de prata de um dos libertos de Augusto, chamado Talo, de Samaria, restituiu à Antônia o que ela lhe havia emprestado.

A amizade entre Agripa e Caio tornou-se bem sólida, e certo dia, quando estavam na carruagem de Caio, sucedeu que recordaram alguns comentários que haviam feito acerca de Tibério. Agripa expressou o desejo de que o imperador logo saísse de cena e deixasse o governo nas mãos de Caio, a quem considerava muito mais digno de reinar. Êutico, seu liberto, que guiava o carro, ouviu-o e no momento nada disse. Algum tempo depois, no entanto, Agripa acusou-o de roubo, o que era verdade, e ele fugiu. Quando foi preso, levaram-no à presença de Pisão, prefeito de Roma. Em vez de responder à acusação que lhe faziam, Êutico declarou que tinha um segredo a declarar ao imperador, relativo à sua segurança e preservação. Imediatamente, enviaram-no acorrentado a Capréia. Tibério mandou colocá-lo na prisão e lá o deixou, sem se incomodar mais com o fato.

Embora isso pareça estranho, não há motivo para admiração, porque jamais príncipe algum se apressou menos do que ele, em qualquer assunto. Não dava audiência aos embaixadores e nem preenchia os cargos de governadores e de intendente das províncias senão após a morte desses titulares. Quando os amigos perguntavam a razão disso, ele respondia que, quanto aos embaixadores, se os despachasse prontamente, logo lhe enviariam

outros, e assim ele viveria enfadado com ininterruptas embaixadas. No que dizia respeito aos governadores e intendentes das províncias, evitava mudá-los para aliviar o povo, porque os homens são naturalmente gananciosos, principalmente quando é à custa de estrangeiros que eles se enriquecem, e se atiram com mais avidez às cobranças ao perceber que lhes resta pouco tempo no cargo. Porém, ao invés, se depois de haverem acumulado muitos bens não se sentirem ameaçados por um iminente sucessor, procedem com mais moderação. As riquezas todas das províncias não seriam suficientes para contentar a cobiça desses oficiais, caso eles fossem mudados freqüentemente.

Como prova do que dizia, serviu-se desta comparação: "Um homem fora ferido com muitos golpes, e uma grande quantidade de moscas lançou-se às suas chagas. Um viajante, vendo-o naquele estado, teve compaixão dele. julgando que não lhe restaria mais forças para enxotá-las, resolveu prestar-lhe aquele auxílio. Mas o ferido pediu-lhe que o deixasse como estava. O outro perguntou a razão disso, e ele respondeu: Como essas moscas que vedes já estão fartas do meu sangue, já não me causam tanto mal. Mas, se vós as enxotardes, virão outras que, estando ainda com fome e me encontrando tão fraco, acabarão por me fazer morrer". E a melhor prova do que acabo de dizer acerca do caráter de Tibério é que, durante os vinte e dois anos de seu reinado, ele enviou apenas dois governadores à Judéia — Grato e Pilatos — e procedeu do mesmo modo com as outras províncias sujeitas ao Império Romano. Esse príncipe dizia também que não julgava prontamente os prisioneiros "para castigá-los por seus crimes com um longo sofrimento".

Foi por isso que Tibério conservou Êutico por tanto tempo na prisão sem ouvi-lo. Mas, quando ele veio de Capréia a Tusculano, que dista de Roma apenas uns vinte estádios, Agripa rogou a Antônia que ela providenciasse uma audiência para Êutico, a fim de que ele descobrisse de que crime o liberto o estava acusando. Tibério tinha muita consideração por ela, tanto porque era sua cunhada quanto porque era muito casta, pois, embora fosse ainda muito jovem ao ficar viúva, e Augusto insistisse em que ela se casasse de novo, jamais contraiu segundas núpcias, mas vivia em tão grande virtude que a sua reputação se conservou para sempre imaculada.

Devemos acrescentar que ele lhe era particularmente devotado também

por causa de um grande favor que ela lhe prestara. Sejano, comandante da guarda pretoriana, a quem ele estimava de modo especial e elevara a um altíssimo grau de poder, organizou contra ele uma grande conspiração, com a cumplicidade de senadores, oficiais do exército e até mesmo alguns libertos de Tibério. Estavam a ponto de a executar, mas ela, sozinha, foi causa de que não se realizasse, porque, tendo-a descoberto, escreveu-lhe imediatamente, descrevendo todos os particulares, por meio de Palas, o mais fiel de seus libertos, que de Capréia lhe levou a carta. Após esse aviso, ele ordenou a morte de Sejano e seus cúmplices.

Esse grande serviço aumentou ainda a estima que ele dedicava a essa princesa, e por isso passou a depositar nela inteira confiança. E assim, como nada havia de que ela não lhe pudesse falar, Antônia rogou-lhe que se dignasse escutar o que Êutico tinha a dizer. Ele respondeu que, se ele queria acusar falsamente o seu senhor, já fora bem castigado pelos sofrimentos na prisão e que Agripa devia tomar cuidado em não se comprometer impensadamente em semelhante negócio, para que o mal que ele queria fazer ao seu liberto não se tornasse demasiado pesado e caísse sobre ele mesmo.

Essa resposta, em vez de acalmar Agripa em seu desígnio, levou-o a insistir ainda mais com Antônia, a fim de obter aquele esclarecimento do imperador. De sorte que, não podendo deixar de fazê-lo, ela aproveitou a ocasião em que Tibério, um dia, era levado em sua liteira para tomar um pouco de ar, estando Caio e Agripa caminhando adiante dele. Ela seguiu-o a pé e renovou o pedido para que mandasse interrogar Êutico. Ele respondeu: "Tomo os deuses como testemunha de que é contra os meus sentimentos e somente para não vos contrariar que farei o que desejais de mim". Então ordenou a Macrom, que sucedera a Sejano no cargo de comandante da guarda pretoriana, que mandasse vir Êutico.

Sem demora, trouxeram-no, e Tibério perguntou-lhe o que tinha a dizer contra aquele ao qual era devedor de sua liberdade. Ele disse: "Um dia, meu senhor, quando Caio, que vejo aqui presente, e Agripa estavam juntos num carro e eu junto deles, para levá-los, Agripa disse a Caio, além de outras coisas: Tomara que logo chegue o dia em que aquele velho vá para o outro mundo e vos deixe senhor deste reino! Tibério, seu neto, não vos será obstáculo, pois muito

facilmente vos podereis desfazer dele. Como esta terra seria feliz! E como eu teria parte nessa felicidade!"

Tibério deu crédito às palavras de Êutico, sendo que também guardava ressentimentos pelo fato de Agripa haver recusado cuidar de Tibério Nero, seu neto, como ele lhe ordenara, para se dedicar inteiramente a Caio. Assim, ordenou a Macrom: "Acorrentai aquele homem!" Macrom, que não podia imaginar que o imperador falava de Agripa, esperou estar completamente inteirado de sua vontade para executar a ordem. Tibério, após dar algumas voltas no hipódromo, viu ainda Agripa e disse a Macrom: "Não vos tinha eu ordenado que acorrentásseis aquele homem?" Retrucou-lhe Macrom: "Que homem, senhor?" E Tibério respondeu: "Agripa".

Agripa então, apelando para a memória de seu filho, com o qual havia sido educado, e para os serviços que prestara a Tibério, seu neto, suplicou-lhe clemência. Os seus rogos, porém, foram inúteis, e os guardas do imperador levaram-no para a prisão sem lhe tirar as vestes de púrpura. Como o calor era muito forte e o vinho que bebera no jantar esquentara-o ainda mais, ele sentia tanta sede que procurou com os olhos alguma coisa que a mitigasse. Viu então que um dos escravos de Caio, chamado Taumasto, levava um jarro cheio de água. Pediu-a, e o escravo o atendeu de boa vontade. Depois de beber, ele disse: "Não vos arrependereis de me terdes prestado este favor, pois logo que ficar livre, obterei de Caio a vossa liberdade, como recompensa, pois, vendo-me prisioneiro, atendestes ao meu pedido como se eu estivesse livre". Essa promessa foi cumprida, pois, quando mais tarde subiu ao trono, Agripa solicitou a Caio que lhe desse Taumasto e não somente o libertou como lhe deu a administração de todos os seus bens. E, ao morrer, recomendou a Agripa, seu filho, e a Berenice, sua filha, que o conservassem naquele cargo. E assim, ele desempenhou a sua incumbência com honra durante toda a sua vida.

Um dia, quando Agripa estava com outros prisioneiros diante do palácio, a debilidade causada pela tristeza fez com que ele se apoiasse a uma árvore, sobre a qual uma coruja veio pousar. Um alemão, que estava entre os prisioneiros, tendo-o notado, perguntou ao soldado que o vigiava e que estava acorrentado com ele quem era aquele homem. Ao saber que era Agripa, o mais notável de todos os judeus pela glória de sua origem, rogou ao soldado que lhe

permitisse aproximar-se dele, a fim de que pudesse ouvir de sua boca alguma coisa sobre os costumes de seu país. O soldado consentiu.

Então, por meio de um intérprete, o alemão disse a Agripa: "Bem vejo que uma tão grande e repentina mudança em vossa sorte vos aflige, e dificilmente acreditareis que a divina providência vos dará a liberdade muito em breve. Mas tomo os deuses como testemunhas, os deuses que adoro e são reverenciados neste país, os quais me puseram nestas cadeias, de que o que vos tenho a dizer não é uma vã consolação, sabendo, como sei, que predições favoráveis, quando não são seguidas de seus efeitos, só nos servem para aumentar a tristeza. Quero, pois, dizer-vos, embora com perigo, o que pressagia essa ave que acaba de voar sobre a vossa cabeça. Estareis bem depressa em liberdade e elevado a tão grande poder que sereis invejado por aqueles que agora têm compaixão de vossa infelicidade. Sereis feliz durante o resto de vossa vida e deixareis filhos que sucederão à vossa felicidade. Mas quando virdes aparecer de novo essa mesma ave, sabei que somente vos restarão cinco dias de vida. Eis como os deuses vos pressagiam, e, como tenho conhecimento disso, julguei oportuno dar-vos essa alegria, para amenizar os vossos males presentes com a esperança de tantos bens futuros. E, quando vos encontrardes em tão grande prosperidade, peço-vos que não vos esqueçais da miséria em que me encontro e que me deis a liberdade".

O vaticínio do alemão pareceu tão ridículo a Agripa que provocou nele uma gargalhada, tão forte que causou a ele mesmo espanto e admiração. No entanto a sua infelicidade causava muito pesar a Antônia, e, como julgava inútil falar em favor dele a Tibério, tudo o que ela podia fazer era rogar a Macrom que lhe desse por guardas soldados de caráter sociável, que o fizesse tomar as refeições com os oficiais que o custodiavam, que lhe permitisse tomar banho todos os dias e que desse livre entrada aos seus amigos e libertos, a fim de que fosse mitigada a amargura de sua prisão. Desse modo, Silas, seu amigo, Márcias e Estico, seus libertos, levavam-lhe alimento e as iguarias de que mais ele gostava. Tinham tanto cuidado dele que, sob o pretexto de querer vender-lhe cobertas, davam-nas a ele, que delas se servia durante a noite, sem que os guardas o impedissem, pois tinham ordem de Macrom para não interferir.

Assim, seis meses se passaram, e Tibério, depois de regressar a Capréia,

caiu num langor que a princípio não parecia perigoso. Porém o mal cresceu, e ele, perdendo a esperança de viver, ordenou a Evódio, o liberto a quem mais estimava, que lhe trouxesse Tibério, cognominado Gemelo, seu neto, filho de Druso, seu filho, e Caio, seu sobrinho-neto, filho de Germânico, seu sobrinho, pois queria falar-lhes antes de morrer. Esse último era já grande, muito bem instruído nas letras e bastante estimado pelo povo, por respeito à memória de Germânico, seu pai, valoroso e excelente príncipe cuja doçura, modéstia e cortesia conquistara não somente o afeto do senado, mas o de todos os povos. A sua morte foi chorada com lágrimas tão verdadeiras que parecia, em luto tão geral e público, que cada qual lastimava uma perda particular. Isso porque durante toda a sua vida ele se esforçara em servir a todos o quanto possível e jamais fizera mal a quem quer que fosse. Esse amor que se tivera pelo pai era também vantajoso para o filho, pois os soldados estavam dispostos até a morrer por ele, se isso fosse necessário para elevá-lo ao trono.

Depois que deu a Evódio a ordem para que lhe trouxesse no dia seguinte bem cedo o seu neto e o seu sobrinho-neto, Tibério rogou aos deuses que lhe manifestassem, por algum sinal, qual dos dois destinavam para seu sucessor, pois, ainda que desejasse que o trono ficasse nas mãos de Tibério, não ousava deliberar em assunto de tamanha importância sem conhecer a vontade soberana deles. O sinal que ele escolheu foi este: aquele que chegasse primeiro no dia seguinte de manhã para saudá-lo seria o imperador. Convicto de que os deuses se manifestariam em favor de seu neto, disse ao seu preceptor que o trouxesse bem cedo.

Os fatos, no entanto, não corresponderam às suas esperanças, pois, tendo ordenado a Evódio desde madrugada que fizesse entrar o príncipe que chegasse primeiro, não encontrou o jovem Tibério — este não fora avisado da ordem do imperador porque havia ido participar de um banquete. Caio, porém, estava à porta do quarto, e Evódio disse-lhe que o imperador o estava esperando e o mandou entrar. Quando Tibério o avistou, compreendeu que os deuses não lhe permitiam dispor do império como ele desejava e que os seus desígnios eram opostos aos dele.

Por maior que fosse o seu pesar, todavia, ele estava ainda mais comovido por causa da infelicidade de seu neto, que não somente perdera a oportunidade

de sucedê-lo, mas corria agora risco de vida, pois era fácil imaginar que o parentesco não seria suficiente para conservá-la se Caio se tornasse o senhor. O soberano poder não admite divisão, e assim esse novo imperador, não se podendo julgar seguro enquanto o jovem Tibério vivesse, com certeza procuraria um meio de se desfazer dele.

Tibério dava muito crédito à astrologia. Durante toda a sua vida, prestara tanta fé aos horóscopos que estes serviam de regra à maior parte de suas ações. De modo que, vendo um dia Galba aproximar-se dele, disse a alguns de seus mais íntimos amigos: "Aquele homem que vedes será imperador". E, como ele em várias ocasiões testemunhara predições seguidas de sua realização, nenhum outro dos césares nelas tanto acreditou como ele. Assim, o fato de Caio haver chegado primeiro afligiu-o tanto que ele já considerava morto o jovem Tibério e acusava a si mesmo de ter desejado conhecer a vontade dos deuses por aquela revelação, que o cumulava de dor, anunciando-lhe a perda da pessoa a quem mais ele estimava no mundo. Ele poderia ter morrido tranqüilo se a sua curiosidade não o tivesse levado a querer penetrar os segredos do futuro.

No meio da grande perturbação em que se encontrava, por ver que contra a sua intenção o império cairia nas mãos daquele que não havia destinado para seu sucessor, ele não deixou, embora contra a vontade, de falar a Caio deste modo: "Meu filho, ainda que Tibério me seja mais próximo que vós, passo a vossas mãos, por minha própria escolha e para me conformar à vontade dos deuses, o império de Roma. Rogo-vos, porém, que jamais vos esqueçais da obrigação que me deveis, por vos elevar a esse grau supremo de poder, e que me testemunheis isso pelo afeto que dedicareis a Tibério. É a maior prova que poderíeis me dar de vosso reconhecimento por um tão grande benefício, do qual, depois dos deuses, me sois devedor. Além disso, a natureza vos obriga a amar uma pessoa que vos é tão próxima. Deveis considerar a sua vida um dos sustentáculos de vosso império, ao passo que a sua morte seria para vós um princípio de infelicidade, pois é perigoso aos príncipes não ter parentes. E aqueles que não temem ofender os deuses, violando as leis da natureza, não podem evitar a sua justa vingança".

Tais foram as palavras de Tibério, e Caio demonstrou estar de acordo com

tudo, embora sem a intenção de cumprir as suas promessas, pois, logo que foi elevado ao poder, mandou matar o jovem Tibério, como o avô tinha previsto. E ele mesmo, alguns anos depois, foi assassinado.

Voltando, porém, a Tibério, ele viveu somente mais alguns dias após nomear Caio para seu sucessor. Havia reinado vinte e dois anos, cinco meses e três dias. A notícia da morte desse príncipe causou muita alegria em Roma, mas ninguém ousava acreditar, por temer que não fosse verdade. Manifestar regozijo abertamente seria pôr-se em risco de perder a vida num reinado como o de Tibério, por causa dos delatores. Tibério, mais que qualquer outro antes dele, destruíra diversas famílias importantes de Roma. Ele era tão colérico, inexorável e cruel que odiava mesmo sem motivo e considerava a morte, ainda que injusta, um leve castigo.

Márcias, entretanto, foi apressadamente dar a notícia ao seu senhor. Encontrou-o saindo do banho e, aproximando-se dele, disse-lhe em hebraico: "O leão está morto". Agripa compreendeu logo o que ele queria dizer e respondeu, com transportes de alegria: "Como poderei reconhecer os serviços que me prestastes e particularmente este, de me trazerdes tão auspiciosa notícia, se é que é verdadeira?" O oficial que guardava Agripa, tendo visto com que afã Márcias havia chegado e o contentamento que Agripa manifestara depois do que ele lhe dissera, não teve dificuldade em julgar que algo de importante acontecera e rogou-lhes que dissessem de que se tratava. De início, eles hesitaram, mas ele insistiu tanto que, por fim, Agripa, que já havia contraído amizade com ele, contou-lhe o que acontecera.

O oficial regozijou-se então pela sua felicidade e, para manifestar a sua alegria, ofereceu-lhe um banquete. Contudo, enquanto se divertiam e bebiam, alegres, chegou a notícia de que Tibério não havia morrido e que em poucos dias ele retornaria a Roma. A surpreendente notícia deixou abalado o oficial, porque ele então imaginou o risco que corria a sua vida por tratar de modo tão benevolo um prisioneiro que estava sob a sua guarda, e isso por acreditar que o imperador havia morrido. Então ele empurrou Agripa do assento onde este se colocara à mesa do festim e disse-lhe: "Imaginais então que, após terdes me enganado com essa mentira sobre a morte do imperador, ficareis impune? Ou que essa falsa notícia não vos irá custar a cabeça?" Ditas essas palavras,

ordenou que o acorrentassem de novo e o vigiassem ainda com mais cuidado que antes.

A noite passou-se em amargura para Agripa. Porém, no dia seguinte não havia mais dúvida quanto à morte do imperador. Todos a comentavam abertamente, e alguns chegaram a oferecer sacrifícios para testemunhar a própria alegria. Chegaram nesse mesmo tempo duas cartas de Caio: uma endereçada ao senado, anunciando a morte de Tibério e dizendo que ele fora o escolhido para substituí-lo, e a outra, a Pisão, governador da cidade, que dizia a mesma coisa e ordenava que se tirasse Agripa da prisão e lhe fosse permitido voltar à sua casa. Assim, Agripa viu-se livre de todos os seus temores. E, embora estivesse ainda sob custódia, vivia no resto como desejava.

Pouco depois, Caio veio a Roma, para onde fez trazer o corpo de Tibério, ordenando que lhe fizessem, segundo o costume dos romanos, soberbos funerais. Era seu desejo colocar Agripa em liberdade naquele mesmo dia, porém Antônia o aconselhou a protelar a decisão. Embora sentisse afeto por ele, julgava que aquela precipitação iria contra o decoro do império, porque não se devia apressar tanto a liberdade de alguém que Tibério mantinha preso sem manifestar desrespeito à sua memória. No entanto, alguns dias depois, Caio mandou chamá-lo. Fez com que cortasse os cabelos e mudasse a roupa e depois colocou-lhe uma coroa na cabeça, constituindo-o rei da tetrarquia que pertencera a Filipe. Deu-lhe ainda a tetraquia de Lisânias. Como sinal de seu afeto, presenteou-o com uma cadeia de ouro que tinha o mesmo peso daquela, de ferro, que ele usara na prisão. Em seguida, nomeou Marulo governador da Judéia.

787. No segundo ano do reinado de Caio, Agripa rogou-lhe que lhe permitisse viajar ao seu reino, a fim de organizar todos os assuntos referentes ao governo, com a promessa de retornar logo depois. Então, com a permissão do imperador, ele entrou no seu próprio país. Vimos que foi contra toda espécie de probabilidade que esse príncipe veio a ter a coroa sobre a cabeça. Tal fato é um ilustre exemplo do poder da fortuna, quando se comparam as misérias passadas com a felicidade presente. Alguns, por isso, admiravam a firmeza e a constância que ele havia demonstrado para ver realizadas as suas esperanças. Outros tinham dificuldade em acreditar no que viam com os próprios olhos.

CAPÍTULO 9

HERODIAS, MULHER DE HERODES, O TETRARCA, E IRMÃ DO REI AGRIPA, NÃO PODENDO TOLERAR A PROSPERIDADE DO IRMÃO, OBRIGA O MARIDO A IR A ROMA, PARA LÁ OBTER TAMBÉM UMA COROA. AGRIPA ESCREVE CONTRA ELE AO IMPERADOR. CAIO ENVIA HERODES E A MULHER PARA O EXÍLIO, A LIÃO.

788. Herodias, irmã do novo rei Agripa e mulher de Herodes, tetrarca da Galiléia e da Peréia, não pôde suportar a prosperidade de seu irmão, que o elevava acima de seu marido. Ela ardia de inveja ao ver aquele que antes fora obrigado a se refugiar junto deles por não ter meios de pagar as próprias dívidas retornar agora cumulado de honras e de glória. Tão grande mudança de fortuna era-lhe insuportável, principalmente quando o via caminhar com vestes reais no meio do povo. Assim, não podendo dissimular o despeito que sem cessar lhe roía o coração, insistia com o marido para que fosse a Roma reivindicar semelhante honra. Declarou ser-lhe intolerável ver Agripa — que era apenas filho de Aristóbulo, ao qual o pai mandara matar, e que fora obrigado a fugir por não ter recursos para saldar os próprios débitos — usando uma coroa, enquanto aquele que era filho de um rei e que todos os parentes desejavam ver carregando o cetro não aspirava a semelhante glória, contentando-se em levar uma vida modesta.

Dizia ela: "Se pudestes suportar até aqui viver numa condição menos elevada que a de vosso pai, começai agora a desejar pelo menos uma honra que seja digna do vosso nascimento. Não queirais ser inferior a um homem que outrora educastes nem tão fraco para não trabalhar, na abundância dos bens que desfrutais, pela obtenção de algo que ele conseguiu num estado de carência, em que tudo lhe faltava. É vergonhoso para vós caminhar à retaguarda daquele que já se viu na condição de não poder viver sem o vosso auxílio. Vamos, pois, a Roma e não poupemos para isso trabalhos nem despesas, porque não há maior prazer em conservar tesouros senão para empregá-los na obtenção de um reino".

Herodes, que amava a tranqüilidade e desconfiava da corte romana, tudo fez para dissuadir a mulher de tal idéia. Porém, quanto mais ela o via resistir,

mais insistia, e nada havia que a sua paixão por obter um reino não a levasse a realizar para consegui-lo. Por fim, tanto o atormentou que ele não pôde mais resistir às suas importunações — esse consentimento foi-lhe arrancado, não obtido. E, com um soberbo séquito, partiram juntos para Roma. Agripa, apenas o soube, enviou Fortunato, um de seus libertos, ao imperador, com presentes e cartas, nas quais escreveu contra Herodes. Ele deu ao liberto o encargo de procurar a ocasião favorável para tratar do assunto junto a Caio.

Fortunato teve o vento tão favorável que chegou a Putéoli ao mesmo tempo que Herodes. Caio achava-se então em Bayes, pequena cidade da Campanha, onde existem soberbos palácios, em grande número, construídos pelos imperadores, sendo que cada um deles se havia esforçado para construir o maior em magnificência. Fora convidado a ir para lá porque havia também fontes e banhos de água quente, não menos agradáveis que benéficos para a saúde. Depois que Herodes cumprimentou o imperador, Fortunato apresentou-lhe as cartas de Agripa. Ele as leu na mesma hora e entendeu que Agripa acusava Herodes de haver conspirado com Sejano contra Tibério e de agora favorecer Artabano, rei dos partos, contra o próprio Caio — e não era necessário maior prova que o fato de ele ter em seus arsenais o suficiente para armar setenta mil homens.

O imperador, impressionado com tal acusação, perguntou a Herodes se era verdade que ele possuía tão grande quantidade de armas. E, como ele respondesse que sim, porque não o podia negar, julgou que a traição dele era verdadeira. Assim, tirou-lhe a tetrarquia e anexou-a ao reino de Agripa, confiscou todo o seu dinheiro, entregando-o também ao Agripa, e condenou-o ao exílio perpétuo em Lião, cidade das Gálias. Porém, ao saber que a mulher de Herodes era irmã de Agripa, decidiu deixar com ela aquele dinheiro, na convicção de que a princesa não desejava seguir o marido em sua desgraça, e disse-lhe que a perdoava, por causa de seu irmão.

Ela então respondeu: "Vós agis, senhor, de uma maneira digna de vós, fazen-do-me esse favor. Todavia, o amor pelo meu marido não me permite recebê-lo. Como tive parte na sua prosperidade, não é justo que eu o abandone agora no infortúnio". Tão grande coragem numa mulher foi intolerável a Caio, e ele a mandou também para o exílio, entregando todos os seus bens a Agripa.

Deus assim castigou Herodias pela inveja que sentia da felicidade de seu irmão e Herodes por ter dado ouvidos às vãs insinuações de sua mulher.

789. Esse novo imperador governou muito bem durante os dois primeiros anos de seu reinado. Ele conquistou o coração dos romanos e de todos os povos sujeitos ao império. Mas esse grande poder a que se viu elevado deixou-o depois tão cheio de si que ele se esqueceu de que era homem. A sua loucura cresceu tanto que ele chegou a proferir blasfêmias contra Deus e a atribuir a si mesmo honras que somente a Ele pertencem.

CAPÍTULO 10

DIVERGÊNCIAS ENTRE OS JUDEUS E OS GREGOS DE ALEXANDRIA. ELES MANDAM UMA EMBAIXADA A CAIO. FÍLON É DESIGNADO CHEFE DA DELEGAÇÃO DOS JUDEUS.

790. Surgiu em Alexandria uma séria divergência entre os judeus e os gregos, e eles mandaram, de cada lado, três embaixadores a Caio, chefiados por Apio e Fílon. Apio acusou os judeus de várias coisas, principalmente de que, não havendo então um só lugar em todo o território do Império Romano onde não houvesse um Templo e altares em honra ao imperador e onde ele não fosse reverenciado como um deus, os judeus, e somente eles, se recusavam a prestar-lhe aquela honra e a jurar em seu nome. A isso ele acrescentou tudo o que julgou capaz de irritar ainda mais o imperador. Quando Fílon, irmão de Alexandre, alabarche, homem de grande mérito e muito estimado, eminente filósofo, se preparou para responder pelos judeus, Caio ordenou que ele se retirasse. Estava de tal modo irado contra ele que, não tivesse Fílon obedecido prontamente, o teria sem dúvida ofendido. Fílon, então, voltando-se para os judeus que o acompanhavam, disse-lhes: "É agora que devemos esperar, mais do que nunca, que Deus não deixe de nos ser favorável, pois o imperador está muito irritado contra nós".

CAPÍTULO 11

CAIO ORDENA A PETRÔNIO, GOVERNADOR DA SÍRIA, QUE OBRIGUE OS JUDEUS, PELAS ARMAS, A RECEBER A SUA ESTÁTUA NO TEMPLO. PETRÔNIO,

791. Esse soberbo príncipe, não podendo tolerar que os judeus fossem os únicos a recusar obedecer-lhe, enviou Petrônio à Síria para ser governador em lugar de Vitélio, com ordem de entrar com armas na Judéia e colocar a sua estátua no Templo, em Jerusalém, se os judeus o consentissem, ou de fazer-lhes guerra e obrigá-los a aceitá-la à força, caso a rejeitassem. Petrônio, logo que chegou à Síria, reuniu o que pôde de tropas auxiliares para unir às duas legiões romanas que o acompanhavam e estabeleceu quartéis de inverno em Tolemaida, com a intenção de iniciar a guerra assim que chegasse a primavera. Ele escreveu a Caio informando-o dessa decisão, e o imperador louvou a sua diligência e ordenou-lhe que não deixasse de guerrear os judeus, se estes permanecessem obstinados.

No entanto, vários dentre os de nossa nação foram procurar Petrônio em Tolemaida para rogar-lhe que não os obrigasse a fazer uma coisa tão contrária à sua religião. Declararam que, se ele estava absolutamente resolvido a colocar a estátua do imperador no Templo, então devia começar por matá-los todos, pois, enquanto vivessem, jamais permitiriam que se violassem as leis que haviam recebido de seu admirável legislador, as quais eles e seus antepassados observavam havia tantos séculos.

Petrônio respondeu-lhes: "As vossas razões poderiam comover-me, se o governador se orientasse pelos meus avisos, mas sou obrigado a obedecer-lhe, e a isso não poderia eu faltar sem correr o risco de ser morto". Os judeus retrucaram: "Se estais resolvido a executar a todo custo as ordens do imperador, também nós estamos decididos a observar as nossas leis e a imitar a virtude de nossos antepassados, pondo toda a nossa confiança no auxílio de Deus. Acaso poderíamos, sem impiedade, preferir a conservação de nossa vida à obediência que devemos a Ele ou não nos expor ao perigo a fim de permanecermos em nossa santa religião? E, como Deus sabe que é somente para lhe prestarmos a honra que lhe é devida que estamos prontos a nos arriscar, esperamos a sua proteção. Tudo o que nos possa acontecer, mesmo a morte, ser-nos-á mais fácil de suportar que a vergonha e a dor de uma obediência covarde e a violação de nossas leis, que atrairia sobre nós a cólera de Deus, a qual, vós mesmo podeis

julgar, é muito mais temível que a do imperador".

Essas palavras convenceram Petrônio de que ele não poderia vencer a obstinação dos judeus e que seria absolutamente necessário recorrer às armas e derramar muito sangue antes que pudesse colocar a estátua no Templo. Então ele partiu para Tiberíades, acompanhado somente pelos seus amigos e domésticos, para julgar melhor do estado das coisas. E os judeus, que não podiam ignorar o perigo que os ameaçava, embora temessem muito mais a violação de suas leis, foram, em grandíssimo número, procurá-lo em Tiberíades para pedir-lhe ainda que não os reduzisse ao desespero e nem insistisse em colocar no Templo aquela estátua, que iria profanar-lhe a santidade.

Petrônio então inquiriu: "Estais mesmo resolvidos a fazer guerra ao imperador, sem considerar o seu poder nem a vossa fragilidade?" Eles responderam: "Nós não tomaremos as armas, porém morreremos todos antes de violar as nossas leis". Depois de assim falar, eles se lançaram por terra e, apresentando a garganta, mostraram que estavam dispostos a sofrer até mesmo a morte. Esse espetáculo tão comovente continuou por quarenta dias, e os judeus, durante esse tempo, abandonaram a cultura de suas terras, embora fosse a época de semear, tão firmes estavam na resolução de morrer a permitir a consagração daquela estátua.

Estavam as coisas nesse pé, quando Aristóbulo, irmão do rei Agripa, acompanhado por Elcias, cognominado o Grande, dos principais dessa família e dos mais ilustres entre os judeus, foi procurar Petrônio para pedir-lhe que considerasse, pois a resolução daquele povo era inflexível; que não os levasse ao desespero, mas comunicasse ao imperador que eles não tinham intenção alguma de se revoltar; que somente o temor de violar as suas leis fazia com que eles preferissem morrer a receber aquela estátua; que eles haviam até mesmo abandonado o cultivo de seus campos, e, não havendo semeadura, aconteceriam muitos roubos e saques, e eles não teriam meios de pagar o tributo ao imperador; que o príncipe se comovesse com tais razões e não se deixasse levar a medidas extremas contra uma ação que não tinha nenhuma característica de revolta; e que, se ele permanecesse firme em sua resolução, nada impediria que se começasse a guerra.

Aristóbulo, depois de falar com muito entusiasmo, conseguiu comover

Petrônio, ante as considerações que fizera, bem como pela presença de tantas outras pessoas da nobreza, pela importância do assunto, pela invencível confiança dos judeus e pela convicção da injustiça que ele cometeria ao sacrificar um tão grande número de homens só para satisfazer a loucura de Caio, sem falar que, por ter ofendido a Deus, iria viver dali em diante na expectativa de um castigo. Petrônio então achou melhor escrever ao imperador e apresentar a dificuldade que encontrava na execução de suas ordens, embora soubesse que isso iria provocar-lhe um grande acesso de ira, por não ver imediatamente cumpridas as suas determinações, e que, além de tudo, corria um grande perigo. Porém, ainda que não pudesse acalmá-lo e, em vez de fazê-lo mudar de opinião, atraísse a cólera do imperador contra si, estava certo de que era seu dever, como homem de bem, não temer expor a própria vida para salvar a de um grande povo.

Depois de tomar essa resolução, ordenou que os judeus viessem a Tiberíades. Eles acorreram em grande número, e ele assim lhes falou: "Não foi por minha própria iniciativa que reuni tantas tropas, mas a isso fui obrigado para executar uma ordem do imperador, cujo poder é tão grande e absoluto que corre grave perigo quem tarda em obedecer-lhe. E a isso sou tanto mais obrigado quanto foi ele mesmo que me elevou a esta dignidade. No entanto, como não poderia condenar o vosso zelo pela observância de vossas leis e nem concordar que o príncipe tente profanar o Templo de Deus, prefiro a vossa salvação à minha segurança e à minha sorte. Escreverei então ao imperador para apresentar-lhe as vossas razões e os vossos sentimentos e nada esquecerei, no que depender de mim, para tentar persuadi-lo a não os tomar em mau sentido. Queira Deus, cujo poder está tão acima da força dos homens, se for do seu agrado, ajudar-me em manter a vossa religião na sua integridade, não castigando o imperador pelo pecado que a sua paixão por ser honrado o faz cometer. Se ele se julgar ofendido com o que vou escrever, que volte a sua cólera contra mim. Consolar-me-ei com tudo o que me fizer sofrer, ainda que me venha a tirar a vida, contanto que eu não veja perecer uma tão grande multidão de gente cujas ações são louváveis e justas. Assim, retornai todos a vossas casas e recomeçai o cultivo das terras, pois me encarrego de escrever a Roma e de vos ajudar com todas as minhas forças, tanto por mim mesmo

quanto por meio de meus amigos".

Deus não tardou a demonstrar o quanto aprovava o proceder desse sábio governador e a dar a toda aquela assembléia um testemunho visível de seu auxílio. Apenas Petrônio encerrou as suas palavras, exortando ainda os judeus a criar ânimo e a cultivar as terras, o ar, que estava sereno e sem a menor sombra de nuvem, transformou-se completamente, e caiu uma chuva abundante, contra todas as expectativas, ante uma seca tão forte como a que então se atravessava e que levava ao desespero os homens, até ali muitas vezes enganados pela aparência carregada de alguns dias nublados, mas que não lhes traziam água.

Assim, os judeus ficaram convencidos de que os serviços que o seu governador lhes prometia prestar não seriam inúteis. O próprio Petrônio ficou impressionado com aquele prodígio, tanto que não pôde duvidar de que Deus cuidava daquele povo. Não deixou de escrever ao imperador e aconselhou-o a não lançar no desespero uma nação, tentando destruí-la, nem obrigá-la por uma luta sangrenta a abandonar a religião que professava. Havia também a considerar as grandes rendas de que se privaria e a maldição que esse ato atrairia sobre ele nos tempos futuros. A isso acrescentou que Deus havia manifestado por meio de sinais sensíveis o seu poder e o quanto aquele povo lhe era querido.

792. O rei Agripa, que então estava em Roma e era cada vez mais estimado pelo imperador, deu-lhe um banquete, tão suntuoso que sobrepujou em magnificência, em cortesia e em toda espécie de iguarias a todos os que antes se lhe ofereceram, sem mesmo se excetuarem os do próprio imperador, tal era o seu esforço para se manter agradável àquele príncipe. Caio, admirado de tanta suntuosidade e comovido pelo fato de que Agripa, a fim de agradá-lo, não temia fazer uma despesa que ia além de suas posses, não quis se mostrar inferior em generosidade. Assim, no meio da alegria, quando o vinho começava a deixá-lo excitado, disse a Agripa, que bebia à sua saúde: "Não é de hoje que reconheço a vossa afeição. Dela me destes provas, mesmo com perigo, vivendo ainda Tibério, e vejo que continuais a tudo fazer para manifestar a vossa boa vontade para comigo. Assim, como me seria vergonhoso deixar-me sobrepujar por vós, quero reparar tudo o que deixei de vos fazer até agora e acrescentar

grande generosidade à minha liberalidade precedente, e que a vossa felicidade futura sobrepuje em muito a que agora desfrutais".

Caio, assim falando, não duvidava de que Agripa lhe haveria de pedir grandes extensões de terra ou os tributos de algumas cidades. Agripa, no entanto, havia muito tempo estava preparado para pedir uma outra graça, tomando aquela ocasião para obtê-la, sem manifestar, todavia, que era um desígnio premeditado. E respondeu que, quando se havia unido a ele contra a vontade de Tibério, não o fizera com o fim de se aproveitar disso, mas somente pelo desejo de conquistar-lhe as boas graças. E os benefícios com que ele o honrara haviam sobrepujado as suas maiores expectativas. E acrescentou: "Pois, ainda que me pudésseis conceder outras graças, já me satisfizestes plenamente quanto ao que eu poderia desejar de vossa bondade".

Caio, admirado de tão grande moderação, insistiu que ele pedisse o que desejava, se estivesse em seu poder concedê-lo. Então Agripa respondeu: "Senhor, uma vez que a vossa extrema bondade para comigo faz com que me julgueis digno de vossos favores, far-vos-ei um pedido que não se refere ao acréscimo de meus bens, pois a vossa liberalidade me pôs em condições de não mais precisar disso. A graça que vos suplico granjeará para vós uma grande fama de piedade, conquistará o favor de Deus em todos os vossos desígnios e me será mais vantajosa que qualquer outra, dentre as tantas que já me concedestes. O meu pedido é que revogueis a ordem que destes a Petrônio de pôr a vossa estátua no Templo, em Jerusalém".

Agripa, após enunciar o seu pedido, não ignorava que arriscava nisso nada menos que a própria vida, pois estava se contrapondo a uma ordem do colérico imperador. Mas Caio, cujo espírito Agripa havia acalmado pelos serviços que lhe prestara, teve vergonha de recusar-lhe uma graça que ele próprio insistira em conceder diante de diversas testemunhas. Não poderia, daquele modo, faltar à palavra que empenhara. Ele admirou-se da generosidade de Agripa, que o fazia preferir a conservação das leis de seu país e do culto ao Deus que ele adorava ao progresso de seu reino e ao acréscimo de suas rendas.

Assim, concedeu-lhe aquela graça e escreveu a Petrônio louvando-o por haver reunido as tropas com tanta solicitude a fim de executar o que ele lhe havia ordenado. E, caso já houvesse colocado a estátua no Templo, que

deixasse as coisas como estavam. Mas, se lá ela ainda não estava, que desse descanso às tropas e regressasse à Síria sem nada mais fazer, porque estava concedendo aquela dádiva aos judeus, a rogo de Agripa, a quem muito estimava para lhe negar alguma coisa. Era isso que o dizia a carta. Porém, vindo a saber que os judeus ameaçavam tomar as armas e considerando aquela ousadia uma atitude atrevida e intolerável contra a sua autoridade, ficou muito encolerizado, pois não sabia moderar-se, fossem quais fossem os motivos, antes, vangloriava-se de se deixar levar pela paixão.

Assim, escreveu a Petrônio imediatamente, nestes termos: "Uma vez que preferistes os presentes dos judeus às minhas ordens e não tendes receio de me desobedecer para agradá-los, é meu desejo que sejais vós mesmo o vosso juiz quanto ao castigo que mereceis, pois atraístes sobre vós a minha cólera, e que o vosso exemplo ensine ao século presente e aos futuros o respeito que é devido às ordens dos imperadores". A viagem de navegação daqueles que levavam a carta, que era mais uma sentença de morte que uma missiva, foi muito demorada, e Petrônio, ao recebê-la, já havia sido informado da morte de Caio. Nisso Deus mostrou que não havia esquecido o perigo ao qual Petrônio se havia exposto, pela sua honra e para obsequiar o seu povo, e manifestou um sinal de sua vingança sobre esse ímpio imperador, que ousava igualar-se a Ele.

Tão generosa ação de Petrônio não somente lhe granjeou a estima de todas as províncias submetidas ao império como até mesmo a de todos os romanos, particularmente dos senadores, ao quais esse mau imperador tinha prazer em perseguir. Direi a seu tempo a causa da conspiração que se tramou contra ele e a maneira como foi executada. Mas aqui devo acrescentar que Petrônio, após receber a primeira carta, que lhe foi entregue por último, não se cansava de admirar o proceder e a providência de Deus, que tão prontamente o havia recompensado por seu respeito ao Templo e pelo auxílio que prestara aos judeus.

Capítulo 12

Dois judeus, Asineu e Anileu, que eram irmãos, de simples cidadãos tornam-se tão poderosos na Babilônia, que causam trabalho aos partos. Seus feitos. Sua morte. Os gregos e os sírios que

MORAVAM EM SELÊUCIA REÚNEM-SE CONTRA OS JUDEUS E ESTRANGULAM CINQÜENTA MIL DELES.

793. Os judeus que habitavam a Mesopotâmia, particularmente os da Babilônia, padeceram naquele tempo males que jamais haviam sofrido em séculos precedentes. E, como pretendo tratar com muita exatidão esse assunto, sou obrigado a remontar à origem deles. Existe na província da Babilônia uma cidade de nome Neerda, cujo território é tão fértil que, embora seja muito povoada, produz o suficiente para alimentar todos os seus habitantes. Tem ela ainda a vantagem de não estar exposta aos ataques dos inimigos porque, além de suas grandes fortificações, é rodeada pelo Eufrates, a cuja margem está ainda situada outra cidade, de nome Nisibe. Como os judeus confiavam na força dessas duas praças, ali punham em depósito o dinheiro que consagravam a Deus, segundo o costume de nossos antepassados, e depois o mandavam a Jerusalém com uma grande escolta, para que não fosse roubado pelos partos, que então reinavam na Babilônia.

Entre os judeus de Neerda, havia dois irmãos, Asineu e Anileu, cujo pai morrera, e a mãe os fez aprender o ofício de tecelão, que não é uma profissão vergonhosa para os homens. Mas um dia eles chegaram muito tarde ao trabalho e foram espancados pelo seu senhor. Não podendo suportar aquela afronta, apanharam todas as armas que puderam encontrar em casa e retiraram-se a um lugar onde o rio se divide em dois e é muito rico, não somente em pastagens, mas em toda espécie de frutos, particularmente daqueles que se conservam durante o inverno.

Alguns moços, que não tinham com que viver, juntaram-se a eles, e todos armaram-se o mais possível. Os dois irmãos ficaram sendo os seus comandantes, sem que nenhum deles se opusesse. Construíram depois um forte, de onde mandavam pedir aos habitantes dos países vizinhos uma contribuição, tanto em gado como quanto em outras coisas necessárias para a sua subsistência, com a promessa de defendê-los contra os que os quisessem atacar, se os atendessem, e com ameaça de matar os seus rebanhos, caso não o fizessem.

Assim, todos eram obrigados a fazer o que eles queriam, e o seu número

aumentava sempre, a ponto de eles se tornarem temíveis a todo o país. A notícia desse fato chegou até Artabano, rei dos partos. O príncipe da Babilônia, para afogar o mal em sua origem, reuniu tropas o quanto pôde, tanto de partos como de babilônios, e marchou rapidamente contra eles, com a intenção de surpreendê-los. Começou por rodear o pântano e proibiu os homens de passar além, porque julgava que, sendo sábado o dia seguinte, os judeus não se defenderiam e deixar-se-iam aprisionar sem combater. Asineu, que de nada desconfiava, descansava com alguns de seus homens e tinha as armas perto de si. Então ele disse: "Meus companheiros, estou ouvindo um relincho. Não de cavalos que pastam, mas daqueles que transportam soldados, porque ouço também o barulho dos arrei-os. Por isso, julgo que são inimigos que vêm para nos surpreender e não desejo enganar-me".

Depois de lhes falar, enviou alguns homens para descobrir o que estava acontecendo, e um deles veio dizer-lhe que aquela suposição era verdadeira: os inimigos avançavam, em número elevadíssimo, e diziam que não lhes seria difícil derrotá-los se os atacassem no dia de descanso, quando as leis do país impediam aos judeus a defesa. Asineu, em vez de se admirar com essa comunicação, disse que era necessário não lhes permitir a vantagem, para impedir que o inimigo os atacasse e matasse sem encontrar resistência. Ao contrário, em tão premente perigo, deviam demonstrar a sua coragem e virtude, para pelo menos vender bem caro a própria vida. Dizendo essas palavras, tomou as armas, e o exemplo de sua coragem fez que todos os outros também as empunhassem com intrepidez. Eles então caíram sobre os inimigos, que agiam de modo descuidado, como se já estivessem com a vitória garantida, matando muitos deles, desbaratando-os e pondo-os em fuga.

A notícia dessa derrota chegou ao rei dos partos, e ele concebeu tanta estima pela coragem dos dois irmãos que desejou conhecê-los. Mandou dizer-lhes, por meio de um de seus guardas em quem mais ele confiava, que, embora tivesse motivo de se ofender, pelas violências que haviam cometido contra o seu reino, estava mais admirado com a coragem deles e por isso prometia, em seu nome, não somente perdoá-los de boa fé, mas fazer com que sentissem os efeitos de sua liberalidade, desde que, dali por diante, eles empregassem a sua bravura apenas no seu serviço. Embora promessas tão vantajosas pudessem

inspirar confiança a Anileu, ele achou por bem não se apressar em partir, mas enviou Asineu, seu irmão, para encontrar-se com o rei, junto com presentes adequados ao seu poder.

O príncipe recebeu-o muito bem e perguntou por que o irmão não viera com ele. Ao entender, pela resposta, que o temor o havia impedido de abandonar os pântanos, jurou pelos seus deuses que ambos podiam vir em segurança. E, para dar-lhes inteira prova disso, tocou-lhe a mão direita (entre os bárbaros, essa é uma prova e o maior sinal de uma palavra inviolável). Despediu-o em seguida, para que fosse encontrar-se com o irmão, a fim de persuadi-lo a vir também. Nisso o príncipe agia com muita prudência, pois tinha um duplo objetivo: ganhar os dois irmãos e servir-se deles para dominar os grandes de seu país, que pareciam inclinados a se revoltar quando o viam ocupado em outros lugares. Além do mais, enquanto estivessem empenhados em reprimir a rebelião, os irmãos não teriam tempo de fortificar o lado da Babilônia, fosse pelo crescimento do partido de Asineu, fosse pelo desejo de fazer-lhe guerra.

Asineu, após saber pelo irmão tudo o que se havia passado, não teve dificuldade em se decidir a ir com ele para encontrar-se com o rei. Foram recebidos amavelmente, e o príncipe, vendo que Asineu era franzino e de aparência insignificante, dizia aos amigos que muito lhe admirava que em um corpo tão pequeno houvesse uma alma tão grande. Um dia, quando estavam à mesa, ele apresentou Asineu a Abdegaze, general de seu exército, e falou a este, em termos muito elogiosos, do valor demonstrado por aquele na guerra. Rogou-lhe então o bárbaro que o rei lhe permitisse matá-lo, para o castigar pelos muitos males que havia causado aos seus súditos. Artabano, surpreendido por essa proposta, respondeu que jamais permitiria que se causasse qualquer mal a um homem que havia confiado em sua palavra, a qual ele lhe dera com juramento, tocando a sua mão.

O rei acrescentou: "Se quereis, todavia, agir como homem de coragem, não é necessário que eu viole o meu juramento para que vingueis os partos da vergonha que ele os fez passar. Devereis então atacá-lo em campo aberto, quando ele tiver regressado, sem que eu me meta nisso". Mas esse generoso príncipe mandou bem cedo chamar Asineu e disse-lhe: "Deveis regressar agora,

para que a vossa permanência aqui não atraia sobre vós a ira de meus generais e eles não venham, sem o meu consentimento, atentar contra a vossa vida. Recomendo-vos à província da Babilônia. Defendei-a com a vossa solicitude, evitando-lhe os saques e os males que lhe possam advir. É uma gratidão que me deveis pela fidelidade com que eu inviolavelmente vos guardei, sem escutar os que conspiravam contra a vossa ruína, permanecendo firme na resolução de vos proteger".

Artabano, depois dessas palavras, despediu-o com presentes. Imediatamente após o seu regresso, Asineu construiu novos fortes, reforçou os que já havia construído e tornou-se temível em pouco tempo. Nenhum outro antes dele, vindo de berço tão humilde, conquistou tão elevado grau de poder. Ele não era somente reverenciado pelos babilônios. Também os partos enviados como governadores às províncias prestavam-lhe a mesma honra, e todas as questões na Mesopotâmia estavam submissas ao seu conselho.

Os dois irmãos passaram quinze anos nessa grande prosperidade, que só veio a diminuir quando eles, vencidos pela voluptuosidade, abandonaram as leis de seus antepassados. Tudo começou quando um general dos partos foi enviado como governador àquelas províncias. Ele tinha uma mulher que, além de possuir várias e excelentes qualidades, era de extraordinária beleza, admirada por todos. Anileu, quer porque a tenha visto, quer porque apenas ouvira falar dela, ficou perdidamente enamorado. E, como não podia dominar a sua paixão nem obter o que desejava por outros meios, declarou guerra ao seu marido e matou-o num combate. A mulher então ficou em seu poder, e depois ele a desposou.

A partir daí sobrevieram todas as desgraças que afligiram a ele e ao irmão, pois aquela senhora levou consigo os ídolos de seus falsos deuses, aos quais adorava secretamente enquanto ainda era cativa. Depois que Anileu a desposou, porém, já não os ocultava tanto. Então os principais amigos dele fizeram-lhe ver que nada era mais contrário às suas leis que desposar uma estrangeira dada à observância dos sacrifícios e superstições de seu país de origem. Alertaram-no também a não se deixar levar pelas paixões, para que não viesse a perder aquela grande prosperidade de que era devedor ao auxílio de Deus. Tais considerações, todavia, em vez de impressioná-lo, deixaram-no

enfurecido, tanto que, incapaz de tolerar tão louvável liberdade, matou os principais dentre os que lhes falavam com tanta sabedoria. Estes, ao morrer, pediram a Deus que vingasse a sua morte e o ultraje feito às suas santas leis e permitisse que Asineu e Anileu fossem tratados pelos seus inimigos da mesma forma como eles estavam sendo tratados. Rogaram também que castigasse aqueles outros que não se moviam para socorrê-los, pois, embora aquelas pessoas condenassem em seu coração a atitude dos dois irmãos, a recordação de sua antiga virtude e a lembrança de que deviam a eles a felicidade que desfrutavam prevaleciam em seu espírito.

Essas pessoas, no entanto, quando viram que aquela estrangeira não se constrangia mais em adorar publicamente os deuses dos partos, julgaram que não deviam mais tolerar que Anileu calcasse daquele modo aos pés a religião de seus pais. Vários deles então foram procurar Asineu para queixar-se de seu irmão. Disseram-lhe que, se de início ele não havia percebido a sua falta, agora já era tempo de reconhecê-la e arrepender-se dela, antes que o castigo por tão grande crime caísse sobre todos eles; que nenhum deles aprovava aquele casamento; que todos tinham horror às adorações ímpias; e que aquela mulher prestava culto a falsas divindades, com desprezo à honra que era devida somente a Deus.

Asineu não ignorava que o pecado de seu irmão poderia causar muitos males. No entanto, vendo que ele não era senhor de sua paixão por aquela mulher, o afeto que tinha por ele fazia-o sofrer o que não podia absolutamente condenar. Por fim, achando-se acabrunhado e oprimido pelas contínuas queixas que lhe faziam e que aumentavam sempre, resolveu falar-lhe. Censurou-o pelas faltas que havia cometido e ordenou-lhe que se corrigisse, mas inutilmente. A mulher, percebendo que era a causa daquele tumulto e temendo que o amor de Anileu por ela sofresse algum retrocesso, colocou veneno na comida de Asineu. Não teve medo de ser castigada, pois teria por juiz apenas o marido, que era arrebatado de amor por ela.

Assim, Anileu acumulou sozinho toda a autoridade e entrou com todas as suas forças nas terras de Mitridates, que era uma das principais autoridades entre os partos e genro do rei Artabano. Saqueou o seu território, tomando um grande número de despojos, tanto em dinheiro quanto em escravos, animais e

outras coisas de valor. Mitridates, que então não estava afastado dali, ao ser informado de que Anileu tomara as suas vilas sem motivo, ficou enfurecido com aquela injúria e reuniu o maior número possível de soldados, em particular uma numerosa cavalaria, e pôs-se imediatamente em campo para o combate. Mas, em vez de continuar a marcha, deteve-se numa aldeia a fim de esperar o dia seguinte para atacar, porque era sábado e por conseguinte dia de descanso para os judeus.

Um sírio, que morava num lugar próximo, avisou Anileu e disse-lhe também que Mitridates ofereceria naquela mesma noite um grande banquete. Sem perder tempo, ele serviu a refeição aos seus homens e caminhou durante toda a noite para surpreender os inimigos. Chegou ao acampamento perto da quarta vigília e encontrou-os adormecidos, matando vários deles e pondo em fuga os demais. Prendeu Mitridates e obrigou-o a montar nu sobre um burro, o que entre os partos é a maior das ignomínias. Depois de levá-lo dessa maneira até a floresta mais próxima, os amigos aconselharam-no a matá-lo, mas ele foi de opinião contrária, dizendo não ser necessária tanta crueldade para com um dos maiorais dos partos, que tinha a honra de ser genro do rei. Além do mais, poupando-lhe a vida, poderia fazê-lo esquecer aquela injúria. Se o mandasse matar, porém, o rei iria se vingar matando os judeus que moravam na Babilônia, cuja conservação lhe era muito cara, pois era o seu povo. E, sendo os acontecimentos da guerra tão incertos, seria entre os partos que eles procurariam refúgio, caso lhes acontecesse alguma desgraça. Todos aprovaram essa proposta, e assim ele mandou Mitridates embora.

A esposa de Mitridates, porém, fez-lhe mil censuras porque, sendo genro do rei, ele devia envergonhar-se de dever a vida a um povo do qual recebera tantas injúrias. Disse-lhe ela: "Retomai agora os sentimentos de vossa antiga virtude ou, em nome dos deuses, que são os conservadores da dignidade dos reis, não mais ficarei em vossa companhia". As críticas que a esposa lhe movia continuamente, o conhecimento que ele tinha da extraordinária insolência da princesa, que bem poderia levá-la a divorciar-se dele, e a consideração de que, tendo nascido parto, ele seria indigno de viver se fraquejasse diante dos judeus fizeram-no reunir, embora contra a vontade, o maior número possível de tropas para guerreá-los.

Anileu soube disso e julgou que seria vergonhoso ficar detido em seus pantanais, em vez de ir ao encontro do inimigo. Tinha esperanças de que a sorte lhe fosse tão propícia quanto das outras vezes e acreditava que a sua coragem influenciaria os seus soldados, como sempre acontecia. Assim, pôs-se em campo para a peleja. Além das tropas ordinárias, várias outras reuniram-se a ele, na esperança de que os inimigos fugissem deles tão logo percebessem o seu grande número, permitindo que eles, sem perigo, tomassem os seus ricos despojos. Mas, após terem feito noventa estádios de caminho no calor do dia, por uma região em que não havia água, Mitridates, cujas tropas estavam descansadas e em ordem, surgiu de repente e caiu sobre eles, que de tão abatidos pelo cansaço e pela sede, mal podiam sustentar as armas. Por isso tomaram vergonhosamente o caminho da fuga, depois que muitos perderam a vida. Anileu e vários outros esconderam-se num bosque, e Mitridates teve a alegria de conseguir tão facilmente uma vitória completa.

Depois que Anileu se viu reduzido a esse estado, reuniram-se a ele todos aqueles que nada tinham a perder e que preferiam a liberdade de fazer mal à própria vida. E as suas tropas aumentaram de tal modo que igualaram em número as anteriores, não em força, porque os velhos soldados haviam morrido, enquanto o novo grupo não tinha experiência na guerra. Ainda assim, eles investiam contra alguns castelos e devastavam toda a região ao redor. Os babilônios, vendo-se tratados daquela maneira, solicitaram aos judeus de Neerda que lhes entregassem Anileu. Estes, porém, responderam que isso não estava em seu poder, e os babilônios insistiram em que pelo menos tratassem com ele algumas condições de paz. Os judeus o prometeram e enviaram imediatamente a ele alguns deputados, acompanhados por representantes dos babilônios. Estes, após observar o lugar para onde Anileu se retirava, mataram-no durante a noite, bem como aos que estavam com ele. Nisso não correram risco algum, porque aqueles homens estavam todos embriagados.

794. Como a diversidade de costumes e de leis é uma fonte de inimizade, os babilônios viviam em divergências contínuas com os judeus. Enquanto Anileu vivia, porém, o temor de um chefe tão temível e que comandava tantos homens impedia que eles manifestassem toda a sua cólera contra a nossa nação. Depois da morte de Anileu, todavia, esse temor cessou, e os babilônios

causaram tantos males aos judeus que estes foram obrigados a ir para Selêucia, capital do país, construída por Seleuco Nicanor, onde havia também uma grande quantidade de macedônios, gregos e sírios. Ali viveram tranqüilos durante cinco anos, mas no ano seguinte uma horrível peste assolou a Babilônia, e os seus habitantes fugiram também para Selêucia, o que foi causa de uma grande desgraça para os judeus, pelo motivo que passo a expor.

Os gregos e os sírios eram adversários, mas o partido dos sírios era mais fraco. Porém os judeus, que eram homens valentes e desprezavam o perigo, uniram-se aos sírios, e assim os tornaram mais fortes. Os gregos, não vendo outro meio de quebrar essa união e de elevar o seu partido senão pela reconciliação com os sírios, negociaram com eles pela mediação de amigos, e todos tomaram a resolução de se unir para exterminar os judeus. Assim, atacaram-nos quando eles de nada suspeitavam e mataram mais de cinqüenta mil, sem que um só tivesse podido escapar àquela cruel mortandade, a não ser os que foram salvos por amigos.

Esse pequeno número retirou-se para Ctesifon, cidade grega próxima de Selêucia, onde o rei passa ordinariamente o inverno e onde está guardada a maior parte de suas riquezas. Mas os judeus não estavam tão convictos de que o respeito dos seleucianos pelo rei fosse suficiente para protegê-los. A conspiração dos babilônios, seleucianos e sírios contra os judeus que moravam naquelas províncias continuava, e os judeus foram obrigados a se retirar para Neerda e Nisibe, onde esperavam encontrar segurança, por causa da força de suas praças e do valor de seus habitantes.

Livro Décimo Nono

Capítulo 1

Crueldade e loucuras do imperador Caio Calígula. Diversas conspirações feitas contra ele. Chereas, ajudado por vários outros, mata-o. Os alemães da guarda desse príncipe matam em seguida alguns senadores. O senado condena a sua memória.

795. O furor do imperador Caio não se estendia então somente aos judeus de Jerusalém e das regiões vizinhas, como acabamos de ver. As terras e os mares gemiam sob a sua tirânica dominação, e, dentre as muitas províncias sujeitas ao Império Romano, não havia uma sequer que deixasse de lhe sentir os funestos efeitos. Os males que ele as fazia sofrer chegaram a tal excesso que nada de semelhante se vê em história alguma. E a própria Roma não foi tratada menos desumanamente que as outras cidades.

Nessa opressão generalizada, porém, parecia que ele tinha um prazer particular em endereçar a sua raiva contra o que havia de mais importante e ilustre. As famílias patrícias, os senadores e os cavaleiros — os quais não eram inferiores àqueles em dignidade e em riqueza e eram tão considerados quanto os senadores pelos outros cidadãos — sofriam as maiores perseguições. Ele não se contentava em mandá-los para o exílio, em submetê-los a mil ultrajes e em despojá-los de seus bens, mas chegava a tirar-lhes a vida. E os bens confiscados aos que ele mandava matar eram como uma recompensa que ele dava si mesmo por haver tão cruelmente derramado o sangue deles.

Mas, se esse príncipe era tão bárbaro, não era menos extravagante. Não lhe bastava receber de seus súditos todas as honras que se podem prestar a um homem.

Ele exigia que o reverenciassem como a um deus e, quando ia ao Capitólio, que é o mais célebre de todos Templos de Roma, tinha a insolência de chamar Júpiter de irmão. Dentre tantos outros sinais de sua loucura, nenhum houve mais patente que a esquisitice de ir a pé enxuto de Putéoli até Misena,

duas cidades da Campanha separadas por um braço de mar de trinta estádios. Julgou que era indigno dele ir de uma a outra cidade apenas em galeras e que o mar não lhe devia ser menos sujeito que a terra. Assim, mandou construir uma ponte de um promontorio a outro e passou por ela num carro soberbo, com a alegria de pensar que aquele caminho completamente novo era digno da majestade de um deus, tal como ele se imaginava.

Não havia Templos na Grécia que ele não tivesse despojado do que possuíam de mais valioso. Ordenou, por um edito, que lhe trouxessem tudo o que neles encontrassem de quadros raros, preciosas estátuas e outras coisas de valor consagradas aos deuses, e com eles encheu o seu palácio, os jardins e as casas de recreio que ele mantinha na Itália, porque, dizia ele, assim como Roma era a cidade mais bonita do universo, era justo que aí se reunisse tudo o que havia de mais belo no mundo. Atreveu-se mesmo a ordenar a Mêmio Regulo que lhe enviasse também a estátua de Júpiter Olímpico, que toda a Grécia venerava com honras extraordinárias e que é obra de Fídias. Mas essa ordem não foi executada, porque os escultores disseram que era impossível transportar a estátua sem quebrá-la. Pelo que se afirma, Regulo ficou tão espantado com os diversos prodígios que aconteceram que não se atreveu a removê-la. Então escreveu ao imperador, o que lhe teria sem dúvida custado a vida, se a morte de Caio não o tivesse livrado daquele perigo.

A horrível loucura desse príncipe, todavia, não se detinha aí. Ao nascer-lhe uma filha, ele a levou até o Capitólio e colocou-a sobre os joelhos da estátua de Júpiter, como se aquele deus fosse parente dele, e teve a insolência de dizer que a criança tinha dois pais, mas permitia que se julgasse qual dos dois era o mais importante. Vemos todas essas coisas com horror, e no entanto eram toleradas. Ele não teve vergonha de permitir aos escravos que acusassem os seus senhores de toda espécie de crimes. Essas temíveis acusações eram apoiadas pela sua autoridade, e bem se sabia que lhe eram agradáveis. Pólux, um dos escravos de Cláudio, foi desse número. Ele teve a ousadia de depor contra o seu amo, e esse bárbaro imperador ainda fez questão de ser um dos juizes do próprio tio, na esperança de fazê-lo morrer como criminoso — o que, todavia, não conseguiu.

796. Tão odioso proceder encheu o império de caluniadores, elevou os

escravos acima de seus amos e causou um número infinito de males. Por isso, fizeram-se várias tentativas contra a sua vida, uns pelo desejo de vingança, devido ao que os havia feito sofrer, outros, para evitar o perigo que os ameaçava, pois de nenhuma outra forma, senão tirando-o do mundo, seria possível restabelecer a autoridade das leis, a segurança dos cidadãos e a felicidade pública. E, nesse desejo comum a tantos povos, a nossa nação seria beneficiada mais que qualquer outra, pois não haveria como impedir a sua completa ruína se esse reinado infeliz continuasse. Isso me obriga a relatar de modo muito exato a maneira como esse miserável príncipe terminou a sua vida, para manifestar como e com quanta bondade Deus alivia os aflitos e para ensinar àqueles que estão elevados ao mais alto grau de felicidade a se moderar na sua glória e a não desonrar a própria memória com ações vergonhosas e cruéis, na ilusão de que nada será capaz de destruir a sua boa sorte.

Fizeram-se três distintas conspirações para libertar o mundo do jugo insuportável desse tirano, e todas foram organizadas por homens de grande coragem. Emílio Rego, nascido em Córdoba, na Espanha, foi o chefe da primeira. Cássio Chereas, que era oficial de uma das companhias de guarda do imperador, liderou a segunda. Amnio Minuciano idealizou a terceira. E todos eles valeram-se de cúmplices.

Caio era o objeto comum do ódio deles, porém motivos diferentes os levaram a atentar contra a sua vida. Rego foi a isso motivado pela sua generosidade natural, que não podia tolerar a injustiça. E, como era extremamente franco, não teve receio de comunicar o seu intento aos amigos e aos que ele julgou corajosos o bastante para aprová-lo. Minuciano foi levado a conspirar em parte pelo desejo de vingar Lépido, seu íntimo amigo e homem de grande mérito que Caio condenara à morte, e em parte pelo temor de ser tratado do mesmo modo por esse príncipe cruel, pelo qual ninguém podia ser odiado sem correr risco de vida. Chereas tomou a sua decisão tanto porque não podia mais tolerar que Caio lhe censurasse a ingenuidade quanto pelo fato de que servir o imperador significava estar exposto a um perigo constante, sabendo-se como ele costumava recompensar as suas amizades. Nessa diversidade de movimentos, porém, todos estavam de acordo no desígnio de libertar o mundo daquela soberba e cruel dominação e de merecer a glória de

ter arriscado a vida para proporcionar uma felicidade tão geral e auspiciosa. Foi Chereas, entretanto, quem dentre eles se empenhou com mais ardor, quer pelo desejo de conquistar fama, quer porque o seu cargo lhe dava mais ocasião de se aproximar de Caio.

Era o tempo das corridas de cavalos, que se realizam no hipódromo, e dos jogos chamados circenses, tão ao gosto dos romanos. Como o povo que lá se encontrava, em grande número, tinha o costume de pedir graças ao imperador com a certeza de as obter, toda aquela multidão rogou a Caio, com grande insistência, que os aliviasse de uma parte dos impostos. Mas ele, em vez de atendê-los, ficou tão irritado que ordenou aos guardas que matassem os que se manifestavam mais ruidosamente. Eles assim fizeram no mesmo instante, e, como a vida é mais preciosa que os bens, o povo ficou tão espantado ao ver tanto sangue que não insistiu mais.

Esse horrível espetáculo animou Chereas ainda mais a executar o seu projeto de libertar os homens daquele animal feroz, que de homem tinha apenas o nome. Pensara muitas vezes em matá-lo quando estava à mesa e só não o fizera na expectativa de uma ocasião mais propícia. Havia muito tempo que ele estava no cargo, e o imperador o encarregara de receber os tributos. Mas como muitos dos contribuintes eram tão pobres que já deviam mais de um ano de impostos e a compaixão que tinha deles não lhe permitia insistir, Caio se irritava e fazia-lhe constantes censuras, chamando-o de indolente e efeminado. Quando ele vinha perguntar ao imperador qual era a senha do dia, ele, por gracejo, escolhia uma palavra que só se poderia adaptar a uma mulher de natureza reprovável, embora o próprio Caio não tivesse vergonha de se vestir de mulher em algumas cerimônias que havia instituído ou de se pintar e adornar com os enfeites delas, de modo que podia mesmo se passar por uma mulher.

O ressentimento de Chereas por esse ultraje aumentava ainda por causa das zombarias de seus companheiros, que não podiam deixar de rir quando ele lhes trazia a senha, já sabendo de antemão que seria algo daquela qualidade. Assim, não podendo mais suportar semelhante opróbrio, ele atreveu-se a declarar o seu intento a alguns companheiros. A primeira pessoa a quem ele revelou as suas intenções foi um senador, de nome Pompédio, que já havia

passado por todos os cargos de maior honra. Ele era da seita de Epicuro e por isso pensava apenas em viver com tranqüilidade.

No entanto, um inimigo seu, de nome Timídio, acusou-o de ultrajar com palavras o imperador, alegando como testemunha uma comediante muito famosa, de nome Quintília, pela qual Pompédio estava apaixonado. Mas a acusação era falsa, e a mulher recusou-se a mentir, pois estava em jogo a vida de um pessoa que a amava, isso obrigou Timídio a pedir que ela fosse torturada. Caio, que jamais deixava de se enfurecer em tais circunstâncias, ordenou a Chereas que o fizesse imediatamente. Ele costumava encarregar Chereas de semelhantes tarefas, convencido de que, em função das censuras que lhe movia por causa de sua frouxidão, ele as executaria com mais rigor que qualquer outro.

Quando levavam Quintília para ser torturada, ela encontrou um daqueles que sabiam da conspiração e pisou-lhe no pé, para animá-lo a ter coragem e o certificar de que nenhum tormento seria capaz de fazê-la confessar. Chereas, embora contra a vontade, porque era obrigado, torturou-a rudemente. A mulher sofreu com uma serenidade extraordinária, e ele depois levou-a até o imperador, num estado tão deplorável que, embora Caio tivesse um coração de bronze, não pôde deixar de ficar comovido. Assim, ele a declarou inocente — e também a Pompédio — e ainda mandou que lhe dessem dinheiro, para consolá-la pelo que havia sofrido, pois demonstrara não menos coragem nos tormentos que felicidade nos seus dias mais prósperos. Essa atitude de Caio causou sensível dor a Chereas, porque o fazia passar por cruel, obrigando-o a reduzir uma pessoa a tal estado que causara compaixão ao mais desumano dos homens.

Incapaz de conter-se, ele resolveu falar a Papiniano, que desempenhava um cargo semelhante ao seu, e a Clemente, que também tinha um cargo no exército. Disse ele, dirigindo-se a Clemente: "Vós sabeis com que afeto e fidelidade velamos pela conservação do imperador e como, graças aos nossos cuidados e esforços tantas conspirações contra ele foram descobertas, as quais custaram a vida a uns e levaram outros a tormentos tão cruéis que ele mesmo chegou a ficar compadecido. Mas seriam essas tarefas dignas de nossa profissão e de nossa coragem?" Clemente nada respondeu, mas o rubor que lhe

apareceu no rosto demonstrava muito bem o quanto ele se sentia envergonhado por estar desempenhando semelhante mister e que somente o medo o impedia de condenar a loucura e o furor de Caio.

Chereas retomou o seu discurso com mais veemência e, depois de mencionar todos os males com que Roma e o império eram oprimidos, acrescentou: "Eu sei que a causa disso tudo é atribuída ao imperador, mas na verdade é a Papiniano, a mim e a vós, Clemente, que Roma e toda a terra deveriam responsabilizar por tudo o que sofrem, pois somos os executores das cruéis determinações de Caio. E, podendo fazer cessar os efeitos de sua raiva contra os nossos concidadãos e contra todos aqueles que lhe são sujeitos, não temos vergonha de sermos nós mesmos os seus ministros, agindo como carrascos, e não como soldados, e de usar armas não para a conservação de Roma e do império, mas para a manutenção desse tirano que não se contenta em subjugar os corpos, mas quer também tirar aos homens a liberdade de pensamento, obrigando-nos a manchar continuamente as nossas mãos com sangue deles e a fazê-los sofrer tormentos nos quais não se pode pensar sem horror. Vamos esperar que ele exerça sobre nós a mesma crueldade com que nos faz tratar os outros? Ou julgamos que dela nos poderemos esquivar, pela obediência que lhe prestamos? Em vez de nos agradecer, ele suspeita de que fazemos tais coisas obrigados e está tão acostumado aos assassínios que estes se tornaram o seu maior divertimento. Por que então imaginaríamos que, nessa multidão de inocentes vítimas de sua crueldade, seríamos os únicos capazes de escapar ao seu furor? Não nos enganemos: consideremo-nos já condenados, a menos que asseguremos a nossa vida com a morte dele e, salvando-nos, salvemos todo o império".

Clemente aprovou os desígnios de Chereas, mas o aconselhou a mantê-los em segredo, pois, se alguém os descobrisse antes que fossem postos em prática, a morte deles seria certa. Era de opinião que aguardassem, até que o tempo fizesse aparecer uma oportunidade favorável. E, ainda que a velhice, que lhe começava a gelar o sangue nas veias, o fizesse abraçar conselhos mais seguros, confessava que não podia haver argumentos mais honestos nem mais generosos que aqueles que acabavam de ser expostos. Depois dessa resposta, Clemente retirou-se para a sua casa, refletindo naquilo que lhe fora dito e

também no que ele próprio dissera.

Chereas, porém, estava muito preocupado com a possibilidade de vazar o segredo, por isso foi naquele mesmo instante procurar Cornélio Sabino, que também era comandante de uma companhia de guardas do imperador. Sabedor de que ele era um homem muito valente e apaixonado pelo bem público, e que sofria com impaciência o estado deplorável a que estava reduzido o império, julgou conveniente contar-lhe o seu intento, para obter a sua opinião em um assunto tão importante. Ele não se enganou em seu julgamento, pois Sabino experimentava os mesmos sentimentos, porém nada manifestava por não se atrever a confessá-los a ninguém. Ele escutou as palavras de Chereas com prazer, prometendo guardar segredo e até mesmo ajudá-lo.

Estavam todos de acordo em que não havia tempo a perder e foram imediatamente procurar Minuciano, cuja virtude e generosidade era deles bem conhecida. Ciente de que era suspeito a Caio, por causa da morte de Lépido, seu amigo íntimo, ele era muito sensato para não perceber que correriam grande perigo, ainda que não houvesse outro motivo senão o próprio mérito deles, mas isso já era o suficiente para se temer o maligno príncipe. Todavia, era seguro confiar em Minuciano, pois, ainda que a magnitude do perigo impedisse que qualquer um deles manifestasse abertamente o ódio sentido por Caio, todos eles já haviam, em outras circunstâncias, dado a conhecer que a tirania do imperador lhes era insuportável, e essa conformidade de sentimentos já estabelecera entre eles uma certa amizade.

O respeito de Chereas e de Sabino pela nobreza e pela extraordinária virtude de Minuciano os fez decidir que, em vez lhe falar diretamente sobre o assunto, iriam esperar que ele lhes desse oportunidade para isso. A idéia deu resultado. Como todos sabiam que o imperador tinha o costume de dar como senha a Chereas uma palavra ultrajosa, Minuciano perguntou-lhe qual a palavra que lhe fora dada naquele dia. Chereas, alegre por aquela oportunidade tão favorável e sem nada temer da probidade de um homem como Minuciano, respondeu-lhe: "Dai-me, por favor, a palavra liberdade!"

Ele acrescentou: "Como sou feliz e como vos sou grato, pois me fazeis notar em vosso semblante que estais me exortando a empreender uma coisa pela qual estou inflamado de ardor. Não é preciso mais para me levar a

executá-la. E-me suficiente ver que a aprovais e que antes mesmo de falarmos já tínhamos o mesmo modo de pensar. Esta espada que vedes será suficiente para vós e para mim. Não há tempo a perder, e estou pronto a empreender qualquer coisa sob o vosso comando. Ordenai, somente, e sereis obedecido. Não importa que não tenhais espada, pois tendes aquela grandeza de alma de onde o ferro tira toda a sua força. Desejo entrar em ação, e não me preocupo com o que me poderá acontecer. Poderia eu pensar, sem vexame, em minha segurança pessoal quando vejo a liberdade pública oprimida, as leis violadas e todos os homens do império expostos ao furor desse tirano? Ouso mesmo crer que não sou indigno de ser o executor de um tão grande missão, pois tenho os mesmos sentimentos que vós".

Minuciano, ao ouvir Chereas falar desse modo, abraçou-o, louvou a sua generosidade e exortou-o a perseverar, e ambos separaram-se, rogando aos deuses que lhes fossem favoráveis. Alguns afirmam que um outro fato animou Chereas ainda mais: quando ele entrava no palácio, ouviu uma voz que lhe dizia para não temer executar o que havia resolvido e tivesse a certeza da assistência dos deuses. Essas palavras de início o assustaram, pois julgou que o plano fora descoberto, mas depois não duvidou de que era algum dos conjurados que assim lhe falava para animá-lo ainda mais ou uma voz do céu a testemunhar que Deus não deixa de cuidar dos interesses dos homens.

Nesse meio tempo, todavia, estavam todos convencidos de que da morte de Caio dependia a salvação do império, e cada qual, à porfia, conspirava para dele livrar o mundo. O número de conjurados então já era grande, pois havia também senadores e cavaleiros envolvidos. Uniu-se também a eles Calixto, um liberto de Calígula que, mais que qualquer outro, estava junto dele e que se tornara tão temível que podia ser chamado companheiro de tirania do imperador. Ele não somente era muito poderoso pelo seu prestígio, mas também pelas grandes riquezas que havia adquirido, vendendo o seu favor aos que o corrompiam com presentes. E assim, ele usava de modo muito insolente o seu poder.

Ele, porém, conhecia o espírito de Caio e sabia que quando o imperador começava a suspeitar de alguém jamais o perdoava. E, mesmo que não houvesse outra razão para temer, os muitos bens que possuía eram suficientes

para que esse temível senhor desejasse matá-lo. Assim, trabalhava secretamente para se colocar nas boas graças de Cláudio, que talvez sucedesse a Caio no império. Disse-lhe que o imperador lhe havia ordenado que o envenenasse, mas ele se havia servido de diversos pretextos para diferir a execução daquela ordem tão cruel. Para mim, creio que era invenção com o propósito de granjear mérito perante Cláudio, pois, se Caio tivesse dado essa ordem, não havia probabilidade de Calixto não ser castigado em seguida, por ter deixado de cumpri-la. Cláudio, no entanto, ficou convencido de que os deuses usaram Calixto para salvá-lo do furor de Caio e agradeceu-lhe muito por se recusar a executar aquele serviço.

A realização dos desígnios de Chereas estava sendo adiada por causa da morosidade de alguns conjurados, embora ele afirmasse que todo tempo era próprio para levar a efeito o que pretendiam, quer enquanto Caio se dirigia ao Capitólio para oferecer sacrifícios por sua filha, quer no momento em que do alto de seu palácio lançava ao povo, na praça, moedas de ouro e de prata, quer durante a celebração de certas cerimônias que ele mesmo havia instituído. Embora estivesse sempre rodeado de pessoas prontas a defender a sua vida, o imperador de nada desconfiava e julgava-se em perfeita segurança. Desse modo, Chereas, aflito por tão longa demora e com medo de que a ocasião viesse a faltar, perguntou aos parceiros se eles julgavam que os deuses haviam tornado o tirano invulnerável. E dizia que, quanto a ele, não teria nenhuma dificuldade em matá-lo, mesmo que não tivesse uma espada.

Todos louvavam o seu amor pelo bem público, mas julgavam necessário protelar um pouco, de modo que, diziam eles, se a coisa não saísse bem, a cidade não se pusesse em rebuliço, e também por causa das investigações que se fariam contra eles, tirando aos outros o meio de executar esse intento enquanto ainda tinham a coragem de tentá-lo. Eles achavam mais conveniente aproveitar a ocasião dos jogos instituídos em honra a César* — o qual, para se elevar ao soberano poder, foi o primeiro a suprimir a liberdade dos romanos, mudando a república em monarquia — porque, além da grande multidão de povo que acorria ao teatro, que então se situava em frente ao palácio, todas as pessoas pertencentes à nobreza de Roma para lá se dirigiam com as suas mulheres e filhos. O imperador lá se encontraria também, e seria difícil, em tão

grande aperto, que aqueles que velavam pela sua segurança pudessem então protegê-lo do ataque dos conspiradores.

Chereas aceitou a sugestão e adiou a execução para o primeiro dia dos jogos, porém o destino prevaleceu sobre essa deliberação e, com dificuldade, só o puderam fazer no terceiro dia, que era o último desses espetáculos. Antes, Chereas reuniu os conjurados e falou-lhes: "Que censuras não merecemos por esse tempo que passou sem que tentássemos executar o nosso plano! Pois temos motivos para temer que, se formos descobertos, Caio venha a redobrar o seu furor, e, em vez de darmos liberdade ao império pela sua morte, iremos apenas, com a nossa fraqueza, contribuir para lhe fortalecer a tirania. É assim que devemos trabalhar pela nossa segurança e pela de tantos povos? Será esse o meio de adquirirmos fama e glória imortais?" Ninguém ousou contradizer um discurso tão corajoso: estavam todos tão atônitos que ficaram em silêncio.

Ele acrescentou: "Acaso pretendeis adiar ainda mais? Não sabeis que hoje é o terceiro dia — o último — destes jogos e que Caio está prestes a embarcar para Alexandria, a fim de conhecer o Egito? julgais então que devemos deixar escapar esse monstro, que causa horror à natureza, ou permitir que ele triunfe tanto por mar quanto por terra, sobre a fraqueza dos romanos? Ou desejais que algum egípcio mais corajoso que todos nós tenha a honra de restaurar, pela morte desse tirano, a liberdade oprimida? Quanto a mim, estou resolvido a não perder mais tempo em vãs deliberações, e o dia não passará sem que eu me desobrigue do que devo à minha pátria. O que a sorte determinar, receberei com alegria. Prefiro isso a tolerar que um outro me arrebate a glória de libertar o mundo de um homem que a todos aterroriza".

---

* A continuação nos dá a entender que é de Augusto que ele está falando.

Chereas, assim falando, fortaleceu-se ainda mais em sua resolução e entusiasmou de tal modo os outros que todos se sentiram arder no desejo de cumpri-la, sem mais adiamentos. Aconteceu que por acaso aquele era o dia em que Chereas devia pedir a senha ao imperador, e assim ele entrou no palácio com a espada erguida, segundo o costume, que obriga o comandante da guarda

a assim fazer quando em cumprimento de um dever do cargo. Uma grande multidão de povo já se encontrava no palácio, e todos procuravam obter um lugar, porque não havia reservas nem para os senadores nem para os cavaleiros: cada qual se punha onde queria, misturando-se homens com mulheres e senhores com escravos — o imperador sentia prazer em ver essa desordem. Em seguida, fez um sacrifício a Augusto, em honra do qual os jogos eram celebrados;

Aconteceu que uma gota de sangue da vítima caiu sobre as vestes de Asprenas, que era um dos senadores, o que lhe serviu de péssimo augúrio, pois ele foi morto no tumulto que se levantou em seguida. Caio riu-se à vontade, e notou-se, com espanto, como uma coisa extraordinária, que o imperador, contra a sua natureza, naquele dia demonstrava grande afabilidade e bom humor. Terminado o sacrifício, Caio, acompanhado por aqueles a quem mais estimava, foi sentar-se no teatro, no lugar que lhe fora preparado. O teatro era de madeira e construído todos os anos. Tinha duas portas: uma no exterior, que dava para a grande praça, e outra em frente ao pórtico, por onde os atores entravam e saíam sem incomodar os espectadores. Fizera-se também uma passagem dividida por uma cerca de madeira, onde os atores e os músicos se colocavam.

Depois que todos tomaram os seus lugares, Chereas e os demais comandantes da guarda ficaram bem próximos do imperador, que se havia posto do lado direito do teatro. Batívio, senador, que havia sido pretor, perguntou baixinho a Clívio, que já fora cônsul e que estava sentado perto dele, se não tinha ouvido falar de nada. Tendo este respondido que não, Batívio acrescentou: "Vereis hoje representar-se uma peça que acabará com a tirania". Clívio retrucou: "Cale-se, para que algum grego não nos venha a escutar". Com essas palavras, ele fazia alusão a um verso de Homero. Em seguida, foi atirada ao público grande quantidade de frutas, e pássaros muito belos e raros também foram soltos. Caio sentia prazer em ver os pássaros disputando as frutas e o modo como o povo se esforçava para apanhá-los.

Aconteceram em seguida duas coisas que poderiam passar por presságios: a primeira, que no teatro se representava um juiz, o qual, tendo sido acusado de um crime, fora punido com a pena de morte; a outra, que se

apresentava a tragédia de Cinira, na qual ela e Mirra, sua filha, eram mortas. Ao redor dessas três pessoas, foi espalhada uma grande quantidade de sangue, que se havia trazido para esse fim, ao se lhes representar a morte. Acrescente-se a isso que fora naquele mesmo dia que Filipe, filho de Amintas, rei da Macedônia, tinha sido outrora morto por Pausânias, um de seus amigos, quando ia para o teatro.

Como aquele era o último dia da festa, Caio estava para resolver se ficaria até o fim ou se iria tomar o seu banho e cear, para regressar em seguida, como de costume. Minuciano, que estava sentado perto dele e tinha visto Chereas sair, temendo que viesse a faltar a oportunidade de se executar o plano, levantou-se para ir animá-lo. Mas Caio o agarrou pelo manto e disse-lhe, de maneira obsequiosa: "Onde vais agora, homem de bem?" Essas palavras o detiveram, e ele tornou a sentar-se. Porém, não podendo vencer aquele temor, levantou-se uma segunda vez, e Caio não tentou mais retê-lo, pois imaginou que ele tivesse alguma necessidade urgente, que o obrigava a sair. Logo em seguida, Asprenas, que estava ciente de tudo, convenceu o imperador de que era melhor ir ao banho e cear, para depois voltar ao espetáculo.

Chereas, no entanto, havia colocado cúmplices nos lugares mais próprios para o seu intento e, ansioso por causa da demora, pois já era a nona hora do dia, resolveu voltar ao teatro e terminar logo o trabalho. E, ainda que soubesse que esse gesto poderia custar a vida de algum senador ou cavaleiro, considerou que a liberdade pública era preferível à conservação da vida de alguns cidadãos. Mas quando ele se dirigia para o teatro, um rumor que ouviu deu-lhe a entender que Caio havia saído para ir ao palácio. Os conspiradores, nesse momento, romperam a multidão, como se fosse por ordem do imperador, mas na realidade era para matá-lo mais facilmente, quando ninguém mais estivesse entre eles e o soberano. Cláudio, seu tio, Marcos Vinício, que desposara a sua irmã, e Valério Asiático, procônsul, os quais, pela sua condição, não podiam ser impedidos de se retirar, caminhavam diante dele. Paulo Arúncio ia atrás dele.

Depois de entrar no palácio, Caio deixou o caminho comum, que Cláudio e os que iam diante dele haviam tomado, onde os oficiais da casa esperavam para ir ao banho, e seguiu por um caminho escondido, a fim de ver a exibição de uns moços que lhe haviam trazido da Ásia para cantar hinos nas cerimônias

e nos sacrifícios que ele havia instituído e para dançar no teatro as danças das quais Pirro é o autor. Chereas então aproximou-se para pedir-lhe a senha, e Caio não deixou de lhe dar, segundo o costume, uma palavra para ridicularizá-lo. Chereas revidou a injúria com outra e com um golpe de espada, que no entanto não foi mortal.

Alguns querem crer que ele o fez de propósito, a fim de que, antes de morrer, Caio pudesse receber ainda outros golpes e para que o castigo pelos seus crimes lhe fosse mais doloroso. Isso, todavia, me parece pouco provável, pois não se costuma raciocinar em semelhantes ações. Se Chereas tinha mesmo essa intenção, estimo que ele tenha sido o mais tolo de todos os homens, deixando-se levar desse modo pelo ódio que nutria por Caio e preferindo essa vã satisfação a livrar a si mesmo e a todos os seus cúmplices do perigo em que se encontravam. Enquanto vivesse, Caio não ficaria sem defensores, ao passo que, estando morto, os conjurados poderiam escapar à sua vingança antes que houvesse ocasião de serem descobertos. Deixo, porém, a cada qual que faça o juízo que bem quiser.

O golpe que Caio recebeu atingiu-o entre o pescoço e o ombro, e teria avançado mais se não tivesse encontrado o osso. Ele sentiu grande dor, mas não gritou nem chamou ninguém em seu auxílio. Soltou apenas um suspiro, talvez porque o medo o tenha feito perder a fala, ou porque desconfiava de todos ou ainda por causa de sua natural altivez. Gemendo, ele tentava fugir, quando Cornélio Sabino o segurou e o fez cair de joelhos. Os outros conspiradores então rodearam-no gritando: "Mais um! Mais um!" E acabaram de matá-lo.

Dentre os muitos golpes que recebeu, diz-se que Áqüila desferiu o que livrou o império, por sua morte, daquela intolerável tirania. No entanto, cabe a Chereas a principal glória, pois ainda que vários outros tivessem tomado parte na empresa, ele foi o primeiro a conceber a idéia, a infundi-la nos outros e a propor os meios de executá-la. E depois, vendo-os assustados com a grandeza do perigo, renovou-lhes a coragem. Por fim, logo que se apresentou a ocasião, atacou o tirano, deu-lhe o primeiro golpe e o deixou semimorto aos demais, para que lhe tirassem o que ainda restava de vida. Assim, podemos dizer com verdade que se deve atribuir à sua coragem e à sua ação toda a honra que os

seus cúmplices mereceram.

Depois de tão grande feito, por causa do perigo em que os punha a morte de um imperador loucamente querido pela populaça e que mantinha muitos soldados, a dificuldade era retirar-se. Como lhes pareceu impossível voltar por onde haviam entrado, porque aquelas passagens eram muito estreitas e estavam cheias de oficiais e de guardas, que o dever do ofício reunira naquele dia de festa, saíram por outro caminho para o palácio de Germânico, cujo filho haviam acabado de matar. Esse palácio estava muito perto do palácio do imperador, ou melhor, fazia parte dele, tal como outros, construídos pelos imperadores precedentes, sendo que cada qual traziam o nome de seu construtor. Assim, tendo escapado da multidão, saíram com segurança, antes que a notícia da morte de Caio se houvesse divulgado.

Os primeiros a perceber que Caio havia sido assassinado foram os alemães da guarda — a chamada a legião céltica. Eram todos soldados que ele havia escolhido entre os daquela nação para estar perto de sua pessoa. Dentre os povos bárbaros, eles são os mais coléricos porque, na maioria das vezes, não compreendem o que se passa. São homens extremamente robustos e, como de ordinário enfrentam os maiores ataques dos inimigos, contribuem não pouco para fazer pender a vitória para o lado daquele por quem combatem. A morte do imperador lhes foi muito sentida. Não porque lhe consideravam os méritos, mas pelo seu próprio interesse, pois ninguém era mais bem tratado que eles. Caio, para lhes conquistar o afeto, usava para com eles de grande prodigalidade.

Eram então comandados por Sabino, que não fora elevado àquele cargo por sua virtude nem pela de seus antepassados, pois ele havia sido gladiador, mas por causa de sua força extraordinária. Tendo-o à frente, os soldados correram para todos os lados, de espada na mão, a fim de matar os que haviam assassinado o imperador. O primeiro que encontraram foi Asprenas, para o qual, como já dissemos, havia ocorrido um mau presságio, aquela gota de sangue da vítima que caíra sobre a sua túnica, e o fizeram em pedaços.

Em seguida encontraram Norbano, cuja origem era tão ilustre que ele contava entre os seus antepassados vários generais. E, como não era menos forte que corajoso, quando viu que aqueles bárbaros não respeitariam a sua condição, arrancou a espada da mão de um deles, decidido a não morrer sem

vender muito caro a vida, pois eles o haviam rodeado de todos os lados. Por fim, vencido pelo número, caiu varado de golpes.

O terceiro dos senadores a experimentar a raiva dos alemães foi Anteio, o qual pagou com a vida o desejo de ver o corpo de Caio. Como o ódio que lhe votava não podia ser maior nem mais justo, porque esse cruel príncipe, não se contentando em lhe exilar o pai, mandara-o matar no seu desterro, ele saciava os olhos com aquele espetáculo, que lhe era assaz agradável, quando vários soldados vieram em sua direção. Fugiu para se esconder, mas não pôde evitar de cair nas mãos daqueles homens furiosos, que não poupavam nem os inocentes nem os culpados.

Quando se espalhou a notícia de que o imperador acabara de ser morto, havia em todos os espíritos mais espanto que crédito. Os que havia muito tempo desejavam ardentemente a sua morte tinham dificuldade em acreditar, pois desconfiavam que a informação partira do próprio Caio. Outros não queriam crer porque não desejavam que fosse verdade e nem podiam imaginar que alguém tivesse pensado e muito menos executado tão temerário empreendimento.

O número desses últimos era composto de soldados, mulheres, moços e escravos. De soldados porque, além do soldo, eles tinham parte na tirania e nos roubos do detestável imperador, que lhes permitia ofender impune e insolentemente os mais ilustres cidadãos; de mulheres e moços porque eles se divertiam com os espetáculos, os combates de gladiadores e outros divertimentos em que Caio era pródigo, sob pretexto de querer contentar o povo, mas na verdade o fazia para satisfazer à própria crueldade e loucura; de escravos porque ele lhes dava liberdade não somente para desprezar, mas também para acusar falsamente os seus senhores, sem temor de qualquer castigo, pois nada era mais fácil que obter desse príncipe o perdão pelas calúnias — e eles sabiam que, dando notícia do dinheiro que os seus senhores possuíam, obteriam a liberdade e a oitava parte do confisco, destinada aos denunciadores.

797. As pessoas da nobreza — embora algumas, ou porque desejavam a morte do imperador ou porque tinham algum conhecimento da conspiração, acreditassem que a notícia era verdadeira — não ousavam manifestar a sua alegria nem mesmo demonstrar que escutavam o que se dizia, de modo que, se

fossem enganados em suas esperanças, não pagassem caro pela exposição de seus sentimentos. Os mais bem informados sobre a conspiração eram os mais reservados, porque não se queriam tornar suspeitos àqueles que desejavam que Caio ainda vivesse, os quais não os deixariam viver se a notícia fosse falsa. Correu também insistentemente o boato de que o imperador havia sido ferido, mas não estava morto.

Não se sabia, portanto, em que acreditar, pois os que davam as notícias ou eram suspeitos de favorecer a tirania ou a odiavam tanto que não se podia prestar fé ao que eles diziam, pois estes eram movidos, mais que qualquer outra coisa, pelo desejo de que fosse verdade. Aquele boato sucedeu outra notícia, que perturbou ainda mais a nobreza, pois dizia que Caio, sem permitir que lhe tratassem as feridas, se dirigia ensangüentado à praça, para falar ao povo. Essas notícias suscitaram movimentos diferentes, segundo as disposições de cada espírito, e ninguém ousava sair do lugar com medo de ser caluniado, porque todos sabiam que não se julgavam as ações conforme os pensamentos que se tinham verdadeiramente, mas pela maneira como os delatores e os juizes as interpretavam.

Estando as coisas nesse pé, vieram os alemães e cercaram o teatro. Todos então imaginaram-se perdidos, acreditando que seriam degolados em seguida e julgando que corriam o mesmo perigo, tanto se permanecessem onde estavam quanto se optassem pela fuga. Assim, não sabiam o que fazer. Quando os alemães venceram a massa e chegaram ao teatro, ouviram-se os rumores confusos de mil vozes de pessoas, as quais rogavam que não lhes fizessem mal, pois, não importando de que modo acontecera a morte do imperador, eles não haviam absolutamente tomado parte nela. As lágrimas e os gemidos acompanhavam as palavras do povo, e eles tomavam os deuses como testemunhas de sua inocência. Nada esqueciam diante do temor que aquele iminente perigo lhes inspirava.

Por maior que fosse o furor dos alemães, eles não conseguiram permanecer insensíveis a tantos gritos e lágrimas. Comoveram-se também ao ver a cabeça de Asprenas e as dos outros que eles haviam matado colocadas sobre um altar — por eles mesmos, porque as haviam trazido de onde se encontravam. O horrível espetáculo da infelicidade de tantas pessoas de classe

não somente causava compaixão às pessoas da nobreza e ao povo como os fazia tremer, porque não tinham a certeza de que sairiam ilesos de tão grande perigo, enquanto a alegria daqueles que tinham motivo para odiar Caio era perturbada pelo temor de não saberem se continuariam vivos.

Nesse mesmo tempo, um pregoeiro público, de nome Arúncio, que tinha uma voz muito forte e era muito rico e querido pelo povo, apareceu no teatro em vestes de luto e com todas as demonstrações de grande dor. Embora ele odiasse Caio, dissimulava a alegria que estava sentindo. E, juigando que importava dar a conhecer a todos que o príncipe realmente havia morrido, fez o anúncio em alta voz, a fim de que ninguém mais pudesse duvidar. Dessa maneira, ele conseguiu deter os alemães, e os oficiais ordenaram-lhes que recolocassem a espada na bainha.

Essa declaração pública da morte do imperador foi a salvação de um grande número de pessoas. Até ali havia o risco de morrerem, pois a fúria dos alemães e a sua dedicação a Caio eram tão grandes que enquanto lhes restasse alguma esperança de lhe salvar a vida não haveria violência ou crueldade que não estivessem dispostos a praticar para vingar a conspiração. Mas a certeza de sua morte desarmou-lhes a cólera, porque não podiam mais lhe dar provas de seu afeto nem receber dele os costumeiros favores. Além disso, tinham agora motivo para temer um castigo da parte do senado, caso este viesse a governar.

Nesse ínterim, Chereas, temendo que Minuciano sofresse alguma violência dos alemães, rogou com tanta insistência aos soldados que tivessem cuidado pela conservação de sua vida que eles o trouxeram até ele, vindo também Clemente. Então essa grande personagem e também outros senadores disseram a Chereas que a ação que ele acabava de praticar não podia ser mais justa; que não se podia louvar o suficiente o fato de ele haver organizado com tanta coragem aquele grande empreendimento e tê-lo tão valorosamente executado; que a tirania tem de próprio crescer em pouco tempo pelo prazer que sente em poder impunemente fazer mal a todos; que o ódio dos homens de bem que se insurgem contra ela, todavia, faz com que os tiranos percam repentina e miseravelmente a vida; que bem se via um exemplo disso na pessoa de Caio, pois não tinha receio de violar as leis nem de ofender os amigos, tornando-os inimigos; e que, assim, ainda que ele tivesse recebido a morte de

suas mãos, na verdade ele próprio provocara o seu fim.

Os guardas se retiraram do teatro, e os que se haviam reunido em grande número para assistir aos jogos, após tão grande tribulação, começaram a se levantar, a fim de se colocarem em segurança. Tiveram essa oportunidade quando um médico, de nome Arciom, ao qual haviam obrigado a curar alguns dos feridos, fez sair os seus amigos, sob o pretexto de que iriam buscar medicamentos, mas na realidade os estava afastando do perigo.

798. O senado reuniu-se em seguida no palácio. O povo acorreu em massa e com tumulto para a grande praça do mercado. Um e outro pediam castigo para os que haviam matado o imperador — o povo com ardor, e o senado, apenas na aparência. Uma tão grande comoção obrigou o senado a mandar buscar Valério Asiático, que fora cônsul. O povo lhe dizia, com impaciência, que não compreendiam como ainda não estavam presos os conspiradores. E, perguntando-lhe quem havia sido o autor do assassinato, ele respondeu: “Desejaria ter sido eu”.

O senado publicou em seguida um decreto, pelo qual condenava a memória de Caio e ordenava a todos que se retirassem: os cidadãos romanos para as suas casas e os soldados para os seus quartéis. Prometiam aos primeiros uma grande diminuição de impostos, e aos últimos, recompensas, se eles permanecessem em seu dever. Isso porque havia o temor de que eles, caso se sentissem desgostosos, praticassem em Roma toda espécie de violência e, não se contentando em saquear as casas particulares, fossem levados a cometer sacrilégios, não poupando nem mesmo os Templos. Os senadores assistiram todos a essas deliberações, e os que haviam feito parte da conspiração não somente foram os primeiros a chegar como também tinham esperanças de que o senado retomasse a sua antiga autoridade.

CAPÍTULO 2

OS SOLDADOS DELIBERAM ELEVAR CLÁUDIO, TIO DE CAIO, AO TRONO DO IMPÉRIO. DISCURSO DE SATURNINO NO SENADO EM FAVOR DA LIBERDADE. CHEREAS MANDA MATAR A IMPERATRIZ CESÔNIA, MULHER DE CAIO, E SUA FILHA. BOAS E MÁS QUALIDADES DE CAIO. OS SOLDADOS RESOLVEM CONSTITUIR CLÁUDIO IMPERADOR E LEVAM-NO AO CAMPO. O SENADO

799. Enquanto o senado deliberava, os soldados, por seu lado, também trocavam idéias. Consideradas todas as coisas, pareceu-lhes que, se o governo popular fosse restabelecido, seria incapaz de sustentar o peso da direção de tantos reinos e províncias. E, mesmo que fosse possível, eles não teriam nenhuma vantagem. Além disso, se acontecesse de algum dos principais do senado ser eleito imperador sem que eles tivessem contribuído para elevá-lo a esse supremo grau de honra, seriam considerados inimigos.

Assim, julgando que nenhum outro era tão merecedor, escolheram Cláudio, tanto pela nobreza da origem, pois era tio de Caio, quanto pela maneira nobre como fora educado. E, convictos de que ele lhes demonstraria a sua gratidão com benefícios proporcionais à obrigação de que lhes seria devedor, resolveram ir buscá-lo em sua casa. Gneu Sentio Saturnino disso teve ciência no senado e, julgando que não havia tempo a perder, para demonstrar virtude e coragem, ergueu-se como se fora impelido por alguém — mas na verdade era por iniciativa própria — e falou com uma ousadia digna dos grandes homens que fizeram brilhar por toda a terra a glória da generosidade romana.

Ele disse: "Estamos vendo, por fim, senhores, após uma servidão de tantos anos, despontar hoje, contra toda a esperança, a nossa liberdade. É verdade que não sabemos o quanto há de durar, porque depende da vontade de Deus a sua conservação, depois de Ele no-la conceder. Mas, ainda que tão grande ventura logo desapareça, não devemos deixar de estimá-la, pois não há homem de coragem que não sinta alegria em viver livre, num país livre, e desfrutar pelo menos durante algumas horas a doçura que nossos antepassados gozavam nos séculos em que a república florescia em todo o seu esplendor. Como nasci após essa liberdade haver sido suprimida, não vi esse tempo feliz, quando se estudavam as letras e se era treinado nos exercícios que podem formar o espírito e erguer o ânimo. Assim, tudo o que posso fazer é manifestar o meu amor por aquela que hoje se nos apresenta. Eis por que julgo que, abaixo dos deuses imortais, não há honra que não devamos tributar àqueles cuja generosidade e virtude nos fizeram rever a luz tão doce da

liberdade. Pois, mesmo que a desfrutássemos durante um só dia, não seria isso para cada um de nós um grande bem? Para os velhos, porque morreriam sem tristeza, após uma mudança tão inesperada. Para os jovens, porque é para eles um exemplo que não poderiam deixar de imitar sem degenerar da virtude de seus antepassados, pois somente por meio de ações virtuosas podemos conquistar a liberdade. Das coisas passadas, posso falar apenas por referências de outros, mas as que vi não me permitem ignorar os males causados pela tirania. Sei que ela faz guerra aberta à virtude e não tolera os que possuem coragem e mérito, infunde o medo nos espíritos e leva-os à covarde bajulação, pois é quando não se administra mais pelas leis, e sim pelo humor do príncipe. Depois que Júlio César, calcando aos pés a ordem tão religiosamente observada por nossos pais, estabeleceu a sua injusta monarquia sobre as ruínas da República, não há calamidade que não tenha afligido a cidade de Roma. Os que a ele sucederam no soberano poder demonstraram também não ter outro propósito senão subverter a antiga disciplina. E, como só acreditavam que encontrariam segurança entre homens dispostos a cometer toda espécie de crimes para lhes obedecer, não há meios bárbaros de que não se tenham servido para oprimir as pessoas mais ilustres e mesmo para lhes tirar a vida. Entre esses intoleráveis senhores que nos fizeram gemer sob tão tirânica dominação, Caio podia vangloriar-se de superar a todos, pois não exercitava o seu furor apenas sobre os nossos cidadãos, mas também sobre os parentes e amigos, e não era menos ímpio para com os deuses. Pois é próprio dos tiranos não se contentarem em ser avaros, voluptuosos e soberbos. O seu maior prazer é exterminar os inimigos, e eles consideram como tais todos os que têm alma nobre. Nenhuma ponderação é capaz de os acalmar, pois, sabendo o quanto são odiosos aos que lhes estão sujeitos, acham que não se conservarão em segurança senão oprimin-do-os de tal modo que eles não possam livrar-se de tantas misérias. Agora, então, que disso nos livramos, com a vantagem de só dependermos de nós mesmos, a nossa união presente pode gerar segurança para o futuro. Quem nos impede de reerguer a glória de Roma e dar à República o seu antigo brilho e o primeiro esplendor? Podemos falar com liberdade contra as desordens e propor sem perigo tudo o que julgamos mais vantajoso para o bem público, pois sacudimos o jugo desses senhores prepotentes. Lembremo-

nos de que nada favoreceu tanto a tirania em seu início quanto a covardia daqueles que a ela não se ousaram opor e que foram essa fraqueza e a mesquinhez de se preferir, como escravos, uma vida vergonhosa a uma morte honrosa que lançaram Roma neste abismo de infinitos males. Mas antes de todas as coisas, senhores, prestemos a honra devida aos que nos libertaram da escravidão, particularmente a Chereas, cujo proceder e cujo braço, com o auxílio dos deuses, nos deram a liberdade. Que recompensa não merece receber daqueles pelos quais não receou se expor a tal perigo? Ele tem mesmo vantagem sobre Bruto e Cássio, cuja virtude imitou, pois, enquanto a ação daqueles foi seguida de uma guerra que perturbou todo o império e o mundo inteiro, este, pela morte de um só homem, libertou-nos de todos os males".

O discurso de Saturnino foi ouvido com grande prazer por todos os senadores e cavaleiros presentes, e o ardor com que falou o fez esquecer de que trazia no dedo um anel, onde havia uma pedra na qual estava gravada a imagem de Caio. Trebélio Máximo arrancou-o então, e no mesmo instante a pedra foi feita em pedaços.

800. A noite já ia adiantada, e Chereas pediu a senha aos cônsules. E eles a deram: "Liberdade". E não se cansavam de se rejubilar por haverem tornado a entrar no gozo daquele sinal de sua antiga autoridade. Chereas em seguida deu a senha aos oficiais de quatro coortes, os quais, preferindo a dominação legítima à tirania, haviam abraçado o partido do senado.

801. Pouco depois, o povo, por efeito da inconstância que lhe é peculiar, externou muita alegria pela esperança de reconquistar, com a liberdade, o poder que outrora havia desfrutado, e Chereas tornou-se deles muito estimado.

802. Como chefe do empreendimento que acabava de mudar a face do império, Chereas, julgando que haveria sempre motivo de temor enquanto existisse alguém da família de Caio, ordenou a Júlio Lupo, um dos oficiais da guarda, que fosse matar a imperatriz Cesônia e sua filha. Ele foi escolhido porque tinha parentesco com Clemente e também porque havia participado da conspiração. Alguns acharam crueldade assassinar uma mulher como se ela fosse culpada do sangue dos ilustres romanos que Caio — e ele somente, em seu furor — mandara derramar. Outros diziam, ao contrário, que ela era a causa principal dos males do império, pois fizera Caio tomar uma bebida, a fim

de prendê-lo pelo amor, e a poção lhe perturbara o juízo. Por isso deviam considerá-la culpada de haver ministrado um veneno mortal a muitas pessoas de eminente virtude.

Esse último sentimento prevaleceu, e Lupo partiu para matá-la. Encontrou Cesônia estendida por terra, junto ao corpo do marido — o qual estava privado de tudo, até mesmo do que não se recusa aos mortos — e manchada com o sangue que corria de suas feridas. A filha estava ao lado dela e a ouvia queixar-se amargamente de que Caio não quisera atender aos seus muitos avisos. Essas palavras foram e são ainda hoje diversamente interpretadas. Uns acreditam que ela queria dizer que havia aconselhado o imperador seu marido a mudar de proceder, adotando um estilo mais moderado, a fim de reconquistar o afeto dos romanos e para não levá-los, pelo desespero, a atentar contra a sua vida. Outros, ao contrário, julgam que essas palavras significavam que, tendo ouvido alguma notícia da conspiração, ela havia insistido com ele para que matasse imediatamente todos os conspiradores.

A princesa, oprimida pela dor, julgava que Lupo viera ver o corpo do marido. Disse-lhe então, com lágrimas, suspirando, que se aproximasse um pouco mais. Mas quando percebeu que ele não respondia, não teve dificuldade para compreender o motivo que o trouxera ali. Deplorando a própria condição, apresentou-lhe o pescoço e insistiu que se consumasse logo o último ato daquela sanguinolenta tragédia. Esperou em seguida o golpe de morte com fortaleza admirável. Sua filha, que era ainda apenas uma criança, foi morta depois dela.

803. Foi esse o fim de Caio, após reinar durante três anos e oito meses. Ele já havia demonstrado, mesmo antes de ser imperador, o quanto era brutal, malvado, voluptuoso, protetor dos caluniadores, covarde e, por conseguinte, cruel. Considerava a maior vantagem da autoridade soberana poder abusar dela contra os inocentes e enriquecer-se com os despojos deles depois de os fazer injustamente perder a vida. Não podia tolerar que o considerassem apenas um homem, mas desejava loucamente ser reverenciado como um deus e vangloriava-se das tolas bajulações do povo. O freio que as leis e a virtude impõem às paixões desregradas era-lhe insuportável. Não havia amizade, por

maior ou mais antiga que fosse, que lhe pudesse impedir de manchar as mãos no sangue, quando encolerizado. Todos os homens de bem passavam em seu espírito por inimigos.

Por mais injustas que fossem as suas ordens, queria que fossem executadas imediatamente, sem a menor oposição. E, dentre os tantos vícios que o tornaram odioso, aquela abominável impudicícia, inaudita até então, que o levou a cometer incesto com a própria irmã, tornou-o detestável a todos. Durante o seu reinado, nada empreendeu de importante ou magnífico ou de que o império pudesse haurir alguma vantagem, exceto alguns portos e cais perto de Régio e na Sicília, para receber os navios que traziam trigo do Egito para a Itália, e que eram sem dúvida muito úteis ao povo. Ainda assim, eles não foram terminados, tanto pelo desleixo daqueles aos quais ele dera tal incumbência quanto porque ele preferia empregar o dinheiro em despesas vãs, entregando-se mais ao prazer que à realização de obras dignas de um grande imperador, que iria preferir o bem de seus súditos à sua satisfação particular.

Quanto ao resto, era muito eloqüente, muito instruído nas letras gregas e romanas e compreendia facilmente todas as coisas. Respondia imediatamente aos questionamentos que lhe eram feitos, e, mesmo nos assuntos mais importantes, ninguém mais que ele era capaz de incutir o que empreendia sustentar, porque possuía uma grande inteligência e se havia preparado para não ser inferior a Germânico, seu pai, nem a Tibério, o qual a esse respeito excedia a todos os outros e tomara grande cuidado em instruí-lo. Mas essa boa educação não o impediu de perder-se quando subiu ao trono, pois é difícil para aquele que detém um poder absoluto conter a própria maldade. No começo de seu reinado, ele tinha como amigos pessoas de grande mérito, que o estavam levando a ações que lhe poderiam granjear boa reputação e glória. Mas ele os afastou pouco a pouco e, quando se abandonou a uma licenciosidade desenfreada, sentiu de tal modo aversão por eles que não teve vergonha de empregar os meios mais infames para causar-lhes a morte e satisfazer assim a sua ingratidão e crueldade.

804. Devemos agora falar de Cláudio, que, como dissemos, ia adiante de Caio quando este saía do teatro. Sabendo da morte do imperador e vendo aquela grande perturbação, ele foi esconder-se num canto muito escuro do

palácio. No entanto, nenhum outro motivo senão a grandeza de sua origem lhe provocava temor, pois ele vivera até ali como um cidadão comum e procedera sempre com muita modéstia. Longe do barulho e do tumulto, ocupava-se com o estudo, principalmente dos autores gregos, sem se imiscuir de maneira alguma na política.

A confusão, todavia, aumentava cada vez mais. O palácio estava cheio de soldados, que corriam para todos os lados com furor, sem saber o que queriam, e o povo também para lá acorria em massa. Então os guardas pretorianos, que estavam na primeira linha entre os soldados, se reuniram para deliberar sobre o que deviam fazer. A morte do imperador não lhes causava pesar, até achavam que ele bem a havia merecido, mas pensavam em tomar resoluções que lhes fossem vantajosas. Quanto aos alemães, não era a consideração do bem público que os incitava contra os que haviam assassinado Caio, e sim a própria paixão.

O temor de Cláudio aumentou quando ele viu as cabeças de Asprenas e dos outros que os bárbaros haviam sacrificado à sua vingança. Manteve-se em seu esconderijo, onde só se podia chegar subindo alguns degraus. Um dos guardas do imperador, de nome Grato, avistou-o, mas, por causa da escuridão, não pôde reconhecê-lo, por isso aproximou-se e ordenou-lhe que saísse dali. Cláudio não quis obedecer. O guardou tirou-o à força e então o reconheceu, gritando aos companheiros: "Eis aqui Germânico.* Façamo-lo imperador". Ante essas palavras, o guarda o agarrou, para levá-lo, e Cláudio pensou que iria ser morto, em razão do ódio à memória de Caio. Assim, rogou-lhe que considerasse a sua inocência e lembrasse que ele não tivera absolutamente parte no que havia acontecido. Grato, nesse momento, tomou-o pela mão e, sorrindo, disse-lhe: "Não tenhais receio pela vossa vida, mas pensai apenas em demonstrar uma coragem digna do império, pois os deuses, cansados dos males que Caio causou a toda a terra, oferecem-no hoje à vossa virtude. Portanto, subi gloriosamente ao trono de vossos antepassados".

Enquanto Grato falava, um grande número de soldados da guarda pretoriana reuniu-se em torno dele. O combate violento que se travara em seu coração entre o temor e a alegria não lhe permitia sequer caminhar, e então eles o carregaram nos ombros. Muitos, vendo-o naquele estado, julgaram que iam matá-lo. E, como sabiam que ele jamais havia tomado parte em coisa alguma e

até mesmo algumas vezes correra perigo de vida sob o reinado de Caio, ficaram consternados pela sua desdita e protestaram, dizendo que competia aos cônsules julgá-lo. À medida que os soldados caminhavam, outros reuniam-se a eles, que continuavam a levar Cláudio, porque os que carregavam a liteira, julgando-o perdido ao vê-lo ser agarrado, haviam fugido. O povo abria caminho àquela multidão de soldados que enchia o palácio, o qual dizem estar na parte mais antiga de Roma.

Um número maior de soldados uniu-se ainda a eles, e a alegria deles por ver Cláudio foi tão grande que disseram estar dispostos a tudo para elevá-lo ao trono do império, quer pelo amor e respeito que conservavam à memória de Germânico, seu pai, quer porque não ignoravam os males que a ambição desmedida dos maiorais do senado havia causado quando este ainda possuía autoridade. Crendo que era impossível restaurar aquela forma de governo, tinham de eleger um imperador, e importava escolher alguém que lhes ficaria devendo obrigação. Cláudio, portanto, ser-lhes-ia devedor daquele alto cargo, com todas as suas honras, e, como recompensa, não haveria favor que ele não lhes devesse conceder ou que não pudessem esperar dele. Depois que assim deliberaram, comunicaram a sua opinião aos que se haviam juntado a eles, e todos puseram-se de acordo num único desígnio: colocaram Cláudio no meio deles e o levaram ao acampamento para concluir aquele assunto importantíssimo sem que ninguém os pudesse impedir.

---

* Josefo chama Cláudio de Germânico, porque o imperador era filho de Germânico.

805. Enquanto isso se passava, o senado e o povo experimentavam sentimentos opostos. Aquele, vendo-se livre da servidão dos tiranos, queria retomar a antiga autoridade. Este, invejando-lhe essa honra, considerava o poder imperial um freio aos excessos dos políticos mais arrojados e uma proteção contra as suas violências. Por isso, regozijava-se com a resolução tomada pelos soldados em favor de Cláudio e esperava, por seu intermédio, evitar a guerra civil e os outros males que Roma sofrerá nos tempos de Pompeu.

806. O senado, logo que soube do que acontecia no acampamento, mandou dizer a Cláudio que não aceitasse ser eleito imperador pela violência; que deixasse o senado cuidar do governo e escolhesse alguém dentre eles, o qual, com a consistência dos outros senadores, agiria conforme as leis, no que se referia ao bem público; que ele recordasse os males que haviam afligido a cidade de Roma durante a dominação do tiranos e os perigos que ele mesmo correra sob o reinado de Caio; que seria estranho ele, após condenar a tirania nos outros, querer, por ambição, recolocar a sua pátria sob o jugo insuportável do qual acabava de ser libertada; que ele, ao contrário, se concordasse em acatar os sentimentos do senado e em viver como antes, demonstrando a costumeira virtude, receberia as maiores honras, porque elas lhe seriam prestadas voluntariamente e por pessoas livres; que, sujeitando-se às leis, obteria os louvores que bem merecem os homens de virtude; e que, caso ele não considerasse o que acontecera a Caio e perseverasse em seu intento, o senado estava resolvido a fazer-lhe oposição, pois, além do grande número de soldados que este possuía, poderia ainda armar uma grande quantidade de escravos, embora a sua confiança principal repousasse no socorro dos deuses, que sempre auxiliam os que combatem pela justiça — e nada era mais justo que defender a liberdade de seu país.

Verânio e Brocco, os tribunos enviados como embaixadores, depois de falar a Cláudio, puseram-se de joelhos diante dele e suplicaram-lhe que não lançasse Roma numa guerra civil. E, vendo-o rodeado por uma multidão de soldados incomparavelmente mais numerosa que os partidários dos cônsules, rogaram-lhe, uma vez que estava resolvido a subir ao trono, que ao menos consentisse em recebê-lo das mãos do senado, pois era mais razoável e ser-lhe-ia mais vantajoso ser elevado ao soberano poder por um consentimento geral que pela violência.

CAPÍTULO 3

O REI AGRIPA FORTALECE CLÁUDIO NA RESOLUÇÃO DE ACEITAR O GOVERNO. OS SOLDADOS QUE TINHAM ABRAÇADO O PARTIDO DO SENADO, ABANDONAM-NO E SE UNEM AOS QUE PRESTARAM JURAMENTO A CLÁUDIO, NÃO OBSTANTE OS ESFORÇOS DE CHEREAS PARA IMPEDI-LOS. CLÁUDIO TORNA-SE IMPERADOR E CONDENA CHEREAS À

MORTE. ELE A SOFRE COM MARAVILHOSA FIRMEZA. SABINO, UM DOS PRINCIPAIS CONJURADOS, SUICIDA-SE.

807. Cláudio, ciente de que o senado estava convencido de poder reconquistar a sua primitiva autoridade, respondeu com muita modéstia, para não chocar os sentimentos deles. Porém não demorou muito a superar os seus temores, em parte pela proteção que lhe prometiam os soldados e em parte pelo fato de Agripa já o haver exortado a não ser inimigo de si mesmo, recusando o oferecimento de um poder que lhe permitiria governar a maior parte da terra. Por fim, decidiu-se a tudo fazer, no que dependia dele, para secundar a sua boa estrela.

Esse rei dos judeus, que devia a Caio a sua coroa, havia colocado o corpo do imperador sobre um leito, com toda a cortesia que o tempo lhe permitiu, dizendo aos guardas que ele não estava morto, que as feridas o faziam sofrer muitas dores e que ele tinha necessidade urgente de médicos. E, quando soube que os soldados haviam levado Cláudio, rompeu a multidão para ir ter com ele, encontran-do-o em tal aflição de espírito que parecia prestes a ceder a autoridade ao senado. Então Agripa restituiu-lhe a coragem e o animou a não perder aquela ocasião de subir ao trono do império.

Mal havia ele inspirado em Cláudio tais sentimentos e voltado para casa, vieram dizer-lhe que o senado o estava convidando a tomar assento na companhia deles. Agripa perfumou a cabeça, para fazer pensar que saíra da mesa, e, fingindo nada saber do que se passava, perguntou, ao chegar, o que havia acontecido com Cláudio. Contaram-lhe então tudo o que havia sucedido e rogaram que ele manifestasse a sua opinião sobre o presente estado das coisas. Ele declarou que estava pronto a dar a vida para manter a dignidade do senado, mas julgava que eles deviam antes considerar o que lhes seria mais útil e agradável. Pois, se estavam resolvidos a retomar a soberana autoridade, precisariam de armas e de soldados, para não sucumbir em tão ingente empreendimento. Eles responderam que o senado possuía homens e armas, bem como dinheiro para fazer a guerra, e que poderiam ainda armar uma grande quantidade de escravos, aos quais dariam a liberdade.

Agripa replicou: "É meu desejo, senhores, que o vosso intento se realize,

tal como o desejais. Mas o cuidado que tenho pela vossa preservação me obriga a dizer-vos que vejo uma extrema diferença entre o grande número de soldados experientes que abraçaram o partido de Cláudio e os escravos de que falais, porque estes são homens desacostumados à disciplina e que mal sabem manejar uma espada. Por isso, sou de opinião que entreis em contato com Cláudio a fim de dissuadi-lo de sua pretensão ao império. E ofereço-me para ir com os vossos delegados". A proposta foi aprovada, e o príncipe partiu, acompanhado por alguns senadores. E, depois de uma conversa em particular com Cláudio a respeito da agitação que reinava no senado, aconselhou-o a falar como um príncipe que já se julga no trono.

Cláudio respondeu aos delegados que não se admirava de ver que o senado estava ressentido da monarquia, depois de haverem sido tão maltratados sob a tirania dos imperadores precedentes, mas que sob o seu governo eles experimentariam uma dominação moderada que de império teria apenas o nome, e todas as coisas se orientariam conforme o parecer deles e a aprovação de todos. A esse respeito não podiam duvidar de sua palavra, pois eles mesmos eram testemunhas da maneira como ele vivera até ali, sem jamais incorrer num ato que lhes desse motivo para censura. Após despedir os emissários, discursou perante os soldados que se haviam unido a ele e obteve deles juramento de fidelidade. Depois distribuiu a cada um cinco mil dracmas e gratificou os oficiais na proporção do número de homens que comandavam, prometendo tratar favoravelmente todas as outras tropas, onde quer que estivessem.

808. No dia seguinte, pela manhã, antes do despontar do dia, os cônsules reuniram o senado no Templo de Júpiter, no Capitólio. Alguns senadores, porém, não se atreveram a sair de casa, e outros partiram para as suas casas de campo, porque, vendo o rumo que as coisas estavam tomando, preferiam uma servidão tranqüila a uma empresa tão perigosa como a de reconquistar a liberdade. Apenas uns cem deles compareceram à reunião.

Enquanto deliberavam, ouviu-se à porta um grande rumor de soldados, os quais pediam que o senado escolhesse um imperador, aquele que dentre eles fosse o mais digno, a fim de impedir o prejuízo que o império sofreria, caso fosse repartido entre vários governantes. Esse pedido, tão contrário à esperança que

o senado tivera de reconquistar a liberdade e o antigo poder, perturbou-os ainda mais, pois já estavam pressionados pelo temor de que Cláudio assumisse o trono. Havia no entanto alguns que, pela nobreza de seu nascimento ou por alianças matrimoniais com os césares, se achavam no direito de ansiar o supremo poder.

Marcos Minúcio, um dos mais ilustres romanos, que desposara júlia, irmã de Caio, ofereceu-se para governar o império. Os cônsules, em vez de lhe responder, passaram a outros assuntos. Valério Asiático tinha o mesmo desejo que Minúcio, mas Minuciano. aue fizera parte da conspiração contra Caio, impediu que ele se declarasse. Isso porque se alguém chegasse a disputar abertamente o império a Cláudio haveria uma das mais terríveis carnificinas de que jamais se ouviu falar, pois, além de um grande número de gladiadores e das companhias de sentinela mantidas para fazer a ronda na cidade durante a noite, um grande número de remadores unir-se-ia também a eles. Essa extrema desordem, tão fácil de se prever, afastou vários senadores da pretensão ao império, fosse pelo temor do perigo em que Roma se encontrava, fosse pelo risco que eles mesmos correriam.

809. O dia apenas começava a raiar quando Chereas apareceu com os seus amigos e sinalizou aos soldados que lhes desejava falar. Em vez de atendê-lo, no entanto, eles puseram-se a gritar, exigindo que eles sem demora lhes dessem um imperador. Desse modo, o senado compreendeu o desprezo que aqueles soldados tinham pela autoridade deles, e isso anulava toda a possibilidade de se restaurar a antiga forma de governo. A falta de respeito dos soldados por aquela assembléia tão augusta também despertou a ira de Chereas e dos que o haviam ajudado na conspiração contra Caio. Não tolerando mais que continuassem a insistir num imperador, disse-lhes, encolerizado, que lhes daria um, contanto que lhe trouxessem uma ordem de Êutico.

Êutico era um cocheiro a quem Caio muito havia estimado e de que se servia para os mais baixos serviços e o mais vis misteres. Acrescentou a isso diversas censuras, ameaçando mesmo trazer-lhes a cabeça de Cláudio e declarando que era coisa vergonhosa eles desejarem entregar o império a um tolo, após ele ter sido arrancado das mãos de um louco. Os soldados, porém, arrancaram das espadas sem se dignar escutá-lo e foram, com as suas

bandeiras, procurar Cláudio a fim de se unirem aos demais que já lhe haviam prestado juramento.

810. O senado, vendo-se abandonado por aqueles que o deviam defender e sabendo que os cônsules não tinham qualquer autoridade, ficou bastante indeciso. O fato de haverem irritado Cláudio aumentou-lhe tanto o temor que o arrependimento por tal excesso os levou a mútuas censuras. No meio dessa balbúr-dia, Sabino, um dos que haviam matado Caio, adiantou-se e afirmou que os mataria todos, para não terem de suportar que Cláudio subisse ao trono e se iniciasse uma nova escravidão. Disse a Chereas, com grande ardor, que era estranho que ele, tendo sido o primeiro a atacar o tirano, agora se permitisse continuar a viver sem que a sua pátria houvesse reconquistado a liberdade. Chereas retrucou que não tinha amor à vida, mas queria antes saber quais eram os sentimentos de Cláudio.

811. Enquanto isso, os soldados se dirigiam de todas as partes ao acampamento para se unir a Cláudio. Quinto Pompeu, um dos cônsules, foi também com eles. Mas como era odioso aos soldados, porque havia exortado o senado a manter a liberdade, vieram a ele de espada na mão e o teriam matado se Cláudio não os impedisse. Após livrá-lo daquele perigo, convidou-o a sentar-se junto dele. Não houve a mesma consideração para com os senadores que o acompanhavam, pois eles foram proibidos de se aproximar de Cláudio para saudá-lo. Alguns chegaram a ser feridos, entre eles Apônio, e não houve um só que não tivesse corrido grave perigo de vida. O rei Agripa, entretanto, aconselhou Cláudio a tratar com gentileza aquelas pessoas, que eram as principais do império, porque do contrário não haveria mais ninguém da nobreza com quem ele pudesse governar. Ele aprovou essa advertência e pediu imediatamente ao senado que se reunisse em seu palácio, para onde ele se fez levar em liteira através da cidade, acompanhado pelos soldados, que afastavam o povo.

812. Por esse mesmo tempo, Chereas e Sabino, que haviam sido os mais influentes na conspiração, não tiveram receio de se apresentar em público, contra a ordem de Poliom, a quem Cláudio pouco antes nomeara capitão da guarda pretoriana. Mas Cláudio, logo que chegou ao palácio, reuniu os seus amigos e condenou Chereas à morte. Eles não podiam, no entanto, deixar de

reconhecer que a ação que ele havia praticado fora gloriosa, porém o acusaram de traição e acharam que a sua morte traria segurança ao imperador. Levaram-no então ao suplício, com Lupo e vários outros conjurados.

Conta-se que ele demonstrou maravilhosa firmeza e que, além de não alterar o rosto, censurou a fraqueza de Lupo, ao vê-lo chorar porque lhe haviam tirado a túnica: disse-lhe que um lobo* jamais sentia frio. No meio da grande multidão que o rodeava, ele perguntou ao soldado que o iria executar se ele estava bem treinado naquele ofício e se a sua espada estava bem afiada. Pediu depois que lhe trouxessem a espada com a qual havia matado Caio. Um único golpe decepou-lhe a cabeça. Lupo, no entanto, recebeu vários golpes, porque o medo fazia com que a balançasse. Alguns dias depois, celebrou-se a festa na qual os romanos fazem ofertas pelos parentes mortos, e o povo as lançou ao fogo em honra a Chereas, pedindo que ele lhes perdoasse a ingratidão. Dessa forma, chegou ao fim aquele que deixou célebre a sua memória por um empreendimento tão generosamente concebido, mantido com tanta perseverança e tão corajosamente executado.

---

* Lupo significa lobo, em latim. (N. do R.)

813. Quanto a Sabino, Cláudio não se contentou em perdoá-lo, mas o conservou no cargo, dizendo que não podia faltar à palavra dada aos que o haviam envolvido na conjuração. Mas esse generoso romano, incapaz de resignar-se a sobreviver à supressão da liberdade pública, matou-se com um golpe de espada, libertando-se de uma vida que a sua coragem tornaria insuportável.

Capítulo 4

O imperador Cláudio confirma o reino a Agripa e acrescenta-lhe a Judéia e Samaria. Entrega o reino da Cálcida a Herodes, irmão de Agripa, e promulga editos favoráveis aos judeus.

814. Os primeiros atos de Cláudio, após restaurar o soberano poder,

foram a dispensa de todos os soldados que lhe eram suspeitos e a confirmação de Agripa no reino que este havia recebido de Caio. A esse respeito, promulgou um edito pelo qual, depois de lhe dedicar grandes honras e elogios, acrescentava aos seus territórios a Judéia e Samaria, achando que eles lhe pertenciam por justiça, porque haviam sido do rei Herodes, seu avô. Deu-lhe ainda, de sua parte, o reino de Abela, que pertencera a Lisânias, com todas as terras do monte Líbano. A aliança desse príncipe com povo romano foi gravado em uma lâmina de cobre que se colocou no meio da grande praça do mercado de Roma.

815. A Antíoco, que havia sido despojado de seu reino, o novo imperador entregou Comagena e uma parte da Cilícia. A Marco, filho de Alexandre Lisímaco, alabarche, por quem nutria um afeto particular e que tivera a direção de todos os negócios de Antônia, sua mãe, a qual Caio mandara prender, Cláudio deu por esposa Berenice, filha de Agripa. Marco, porém, morreu antes das núpcias. Então Agripa deu-a em casamento a Herodes, seu irmão, para o qual conseguiu de Cláudio o reino da Cálcida.

816. Aconteceu nesse mesmo tempo uma grande divergência entre os judeus e os gregos que moravam em Alexandria. Os primeiros, tendo sido muito oprimidos e maltratados pelos habitantes de Alexandria durante o reinado de Caio, logo que souberam da notícia de sua morte tomaram as armas. Caio escreveu ao governador do Egito que acalmasse aquela agitação, e enviou, a rogo dos reis Agripa e Herodes, um edito a Alexandria e à Síria.

Os termos eram estes: "Tibério Cláudio César Augusto Germânico, príncipe da República, fez o edito que segue: Constando de diversos registros que os reis do Egito há muito tempo permitiram aos judeus que moram em Alexandria desfrutar os mesmos privilégios que os demais habitantes, Augusto, depois de anexar essa cidade ao império, confirmou-lhes esses mesmos direitos — e eles os usufruíram pacificamente sob Áqüila e outros governadores que lhe sucederam —, bem como a permissão, concedida por esse mesmo imperador, para que, quando o seu etnarca morresse, elegessem um outro. Permitiu-lhes também viver segundo as suas leis e no exercício de sua religião sem serem perturbados. Quando Caio quis fazer-se adorar como um deus, todavia, os outros habitantes de Alexandria tomaram essa ocasião para incitar o príncipe

contra eles, porque se recusavam a obedecer a uma ordem tão ímpia. E, como nada seria mais injusto que persegui-los por esse motivo, é nosso desejo que eles sejam mantidos em seus privilégios, e ordenamos a uns e outros que vivam em paz, para o futuro, sem promover perturbação alguma".

Esse mesmo imperador enviou outro edito a todas as províncias do Império Romano, cujo conteúdo era o seguinte: "Tibério Cláudio César Augusto Germânico, sumo sacerdote da República e cônsul designado pela segunda vez. Os reis Agripa e Herodes, que são nossos amigos muito particulares, rogaram-nos que permitíssemos aos judeus esparsos por todo o Império Romano viver segundo as suas leis, como de fato o permitimos. Nós, de boa mente, o concedemos aos que moram em Alexandria, não somente em consideração a dois tão grandes intercessores, mas também porque julgamos que o afeto e a fidelidade que os judeus sempre demonstraram pelo povo romano os tornam dignos de receber essa graça. Assim, é nosso desejo que nem mesmo nas cidades gregas eles sejam impedidos de usufruir esses favores, pois o divino Augusto os manteve, e que possam desfrutá-los no futuro em toda a extensão do império. Desse modo, por essa prova de nossa bondade, estarão eles também obrigados a respeitar a religião dos outros povos e a se contentar em viver essa plena liberdade. E, para que ninguém disso possa duvidar, ordenamos que o presente edito seja publicado não somente em toda a Itália, mas enviado por nossos oficiais aos reis e príncipes fora dela, e afixado em lugar visível durante trinta dias".

Capítulo 5

O rei Agripa retorna ao seu reino, coloca no tesouro do Templo a cadeia de ouro que era uma lembrança de sua prisão e designa o novo sumo sacerdote. Irrita-se com a insolência dos dórios, que haviam colocado na sinagoga uma estátua do imperador.

817. Depois que esses editos, pelos quais o imperador Cláudio demonstrava tanta afeto pelo judeus, foram publicados e enviados a Alexandria e a todos os outros países sujeitos ao Império Romano, ele permitiu a Agripa, a quem havia cumulado de honras e benefícios, voltar ao seu reino, e entregou-

lhe cartas de recomendação endereçadas aos governadores e aos intendentes das províncias. Logo que chegou a Jerusalém, Agripa cumpriu, com sacrifícios, os votos que fizera a Deus, obrigou os nazarenos a cortar o cabelo e realizou todas as outras coisas que a Lei determina.

Ele também mandou colocar no Templo, no lugar onde é guardado o dinheiro consagrado a Deus, aquela cadeia de ouro com a qual o imperador Caio lhe presenteara e que era do mesmo peso do grilhão de ferro com que Tibério não tivera vergonha de prender suas mãos reais, a fim de que, estando expostas ao público, nelas se pudesse ver um ilustre exemplo das vicissitu-des da vida e saber que, quando elas privam os homens das honras que desfrutavam, Deus pode reerguê-los e restaurá-los, em uma prosperidade ainda maior. Não havia ninguém a quem essa cadeia assim consagrada não desse a conhecer que o príncipe, após ter sido posto na prisão por um motivo menor e contra o respeito devido a alguém de uma origem como a sua, dela não somente havia saído gloriosamente como também subira ao trono. Porque, assim como as potências mais elevadas caem fácil e repentinamente, as que estavam caídas erguem-se com mais glória, pela inconstância e pela revolução das coisas humanas.

818. Depois de cumprir todos os seus deveres para com Deus, o rei Agripa tirou o sumo sacerdócio de TeóFílon, filho de Anano, e entregou-a a Simão, cognominado Cantara, filho de Boeto, sumo sacerdote, cuja filha, como dissemos, Herodes, o Grande, havia desposado. Simão tivera dois irmãos que também haviam sido sumos sacerdotes, e vimos que outrora, sob o reinado dos macedônios, a mesma coisa aconteceu aos três filhos de Simão, sumo sacerdote, filho de Onias, que foram sumos sacerdotes, como o pai.

Depois que Agripa dispôs tudo o que se referia ao supremo sacerdote, não quis deixar sem agradecimento o afeto que os habitantes de Jerusalém lhe haviam demonstrado. E, para mostrar-lhes a sua generosidade, perdoou os impostos que cada família devia pagar e honrou Silas, que jamais o havia abandonado nas dificuldades, com o cargo de general de suas tropas.

819. Pouco tempo depois, alguns moços da Dórida, demonstrando a sua temeridade e insolência, atreveram-se, sob o pretexto de piedade, a colocar uma estátua do imperador da sinagoga. E, como nada poderia ser mais contrário e injurioso às nossas leis, Agripa ficou tão irritado que foi imediatamente

procurar Petrônio, que tinha o comando do exército na Síria. O governador mostrou que estava não menos surpreendido que ele ante tão grande impiedade e escreveu aos que haviam tido a ousadia de cometê-la nos termos que se seguem.

CAPÍTULO 6

CARTA DE PETRÔNIO, GOVERNADOR DA SÍRIA, AOS DÓRIOS, ACERCA DA ESTÁTUA DO IMPERADOR QUE ELES COLOCARAM NA SINAGOGA. O REI AGRIPA ENTREGA O SUMO SACERDÓCIO A MATIAS. MARCOS É CONSTITUÍDO GOVERNADOR DA SÍRIA.

820. "Petrônio, governador, por Tibério Cláudio César Augusto Germânico, aos magistrados dórios. Eu soube que, após o edito de Cláudio César Augusto Germânico, que permite aos judeus viver segundo as suas leis, alguns dos vossos tiveram a insolência de profanar a sua sinagoga, colocando lá uma estátua. Eles ofenderam também à sua religião e à piedade da imperador, que deseja que cada divindade seja honrada no Templo que lhe for consagrado. A esse respeito não falarei do desprezo que se fez de minhas ordens, porque nisso se feriu até mesmo o respeito devido à autoridade de César, que não somente estima que os judeus observem os costumes de seus antepassados como ainda lhes concedeu um direito de burguesia semelhante ao dos gregos. Por isso, ordenei ao comandante Vitélio Próculo que me traga aqueles que dizem que foi por uma agitação popular e sem o vosso consentimento que se cometeu esse crime, a fim de que eu escute as suas justificativas. E não podereis dar-me testemunho melhor de que em nada tivestes parte que declarando a Próculo quem são os culpados e impedindo que, contra o desígnio do rei Agripa e o meu, aconteça alguma outra perturbação, como os espíritos perversos desejariam. Porque para mim e para o rei Agripa nada é mais importante que evitar que se dê aos judeus um motivo para tomarem armas com o pretexto de se defender. E, para eliminarmos toda possibilidade de dúvida quanto à vontade do imperador, anexo a esta carta a cópia de seu edito, que se refere aos habitantes de Alexandria e que o rei Agripa nos mostrou quando estávamos em nosso tribunal, a fim de que, conforme o

desejo do imperador de que os judeus sejam mantidos nos favores que Augusto lhes concedeu e que todos vivam segundo a religião de seu país, impeçais tudo o que possa instigar alguma perturbação ou revolta".

Esse sensato procedimento de Petrônio remediou a falta que se havia cometido, e por causa disso não mais se cometeram outras semelhantes.

821. O rei Agripa, depois disso, tirou o sumo sacerdócio de Simão Cantara e entregou-o a Jônatas, filho de Anano, julgando-o mais digno dele. Mas ele rogou que o rei o dispensasse do cargo, expressando-se nestes termos: "Sou-vos muito grato por me desejardes conceder tanta honra, mas Deus não me julga digno dela. É-me suficiente já haver recebido uma vez a veste sagrada, e eu não poderia agora retomá-lo tão inocentemente como fiz outrora. SeVossa Majestade desejar conceder essa dignidade a uma pessoa que a merece muito mais que eu e cuja virtude seria muito mais agradável a Deus, eu não hesitaria em vos propor o meu irmão". Essa resposta tão modesta comoveu Agripa de tal modo que ele deu o sumo sacerdócio a Matias, irmão de Jônatas. Algum tempo depois, Marcos sucedeu a Petrônio no governo da Síria.

Capítulo 7

A extrema imprudência de Silas, general das tropas de Agripa, leva esse príncipe a pô-lo numa prisão. Fortifica Jerusalém, mas o imperador Cláudio o proíbe de continuar. Suas excelentes qualidades. Seus soberbos edifícios. Motivo de sua aversão por Marcos, governador da Síria. Ele entrega o sumo sacerdócio a Elioneu. Morre de maneira horrível. Deixa como sucessor o seu filho Agripa. Horrível ingratidão dos habitantes de Cesaréia e de Sebaste para com a sua memória. O imperador Cláudio envia Fado para governar aJudéia, por causa da menoridade de Agripa.

822. Silas, general das tropas do rei Agripa, como dissemos, lhe fora tão fiel durante as adversidades, que jamais se recusou a tomar parte com ele nos perigos e nunca deixou de se expor às situações mais arriscadas para lhe dar provas disso. Porém o mérito adquirido junto do rei por tantos serviços prestados concebeu nele tal confiança que ele não admitia ser tratado como

subalterno. Esquecendo o respeito que devia ao soberano, falava-lhe sempre em tom de reprimenda e com uma liberdade que não se usa ao falar com os reis, e discorria sobre a sua infelicidade passada, exagerando na rememoração dos favores que lhe prestara e dos sofrimentos que experimentara por causa dele.

Essa aborrecida e imprudente maneira de agir tornou-se insuportável ao príncipe, porque nada é mais enfadonho que a renovação das lembranças desagradáveis nem mais ridículo que a menção insistente dos favores e serviços que se prestou a alguém. Por fim, o descontentamento que Agripa sentiu foi tão grande que, cedendo à cólera mais que à razão, não somente privou Silas de seu cargo como também o encerrou numa prisão, na cidade de seu nascimento. Algum tempo depois, no entanto, acalmou-se, ao recordar os favores que dele recebera, e mandou chamá-lo para tomar parte num banquete que oferecia aos amigos.

Silas, todavia, por ser incapaz de dissimular e porque estava convencido de que o rei lhe fizera uma grave injustiça, assim falou aos convidados: "Vós estais vendo a honra que o rei hoje me faz, mas ela não durará muito. Dela ele me irá privar, do mesmo modo como me destituiu — de maneira ultrajosa — do cargo que a minha fidelidade havia conquistado. Poderá ele persuadir-se de que eu deixarei de falar com liberdade? Como a minha consciência de nada me censura, publicarei sempre em alta voz as dificuldades de que o livrei e as amarguras que experimentei em prol de sua conservação e para a sua glória, bem como as cadeias e a escuridão de um cárcere que me foram dadas como recompensa. Tão grande injúria não é daquelas que se podem esquecer, e dela não me recordarei somente durante o resto de minha vida, mas também após a minha morte". Esse homem, tão imprudente quanto fiel, não se contentando em falar desse modo aos convidados, rogou que o dissessem ao rei. E este, percebendo então que aquela loucura era incurável, tornou a mandá-lo para a prisão.

823. Agripa dirigiu depois os seus cuidados a Jerusalém. Empregou o dinheiro público para aumentar e reedificar os muros da nova cidade, e a teria tornado tão forte que ela seria inexpugnável. Porém Marcos, governador da Síria, avisou o imperador, e este ordenou a Agripa que não continuasse o trabalho, e ele não ousou desobedecer.

824. Esse rei dos judeus era tão liberal e benéfico e tão afeiçoado aos seus súditos que não lhes poupava despesa alguma. E, por suas louváveis ações, alcançou celebridade e crédito junto deles. Era muito diferente de Herodes, seu avô, que era cruel e preferia os gregos aos judeus, como se pode julgar pelas vultosas somas que ele investiu para construir e embelezar cidades, Templos, teatros, banhos e outros suntuosos edifícios fora de seu país, sem jamais se ter dignado empreender algo semelhante na Judéia. Agripa, no entanto, era manso e afável para com todos. Tratava bem os seus súditos e os estrangeiros e tinha uma satisfação particular em aliviar os aflitos. Fazia a sua moradia ordinariamente em Jerusalém, e não se passava um dia sem que ele oferecesse sacrifícios a Deus, como ordenam as nossas leis, pois ele era muito religioso e observava os costumes de nossos antepassados.

825. Durante uma viagem que ele fez a Cesaréia, um doutor da lei, chamado Simão, teve a ousadia de acusá-lo publicamente, em Jerusalém, de ser um viciado, ao qual se devia recusar a entrada no Templo, pois tal só era permitida às pessoas castas. O governador da cidade avisou Agripa do ocorrido, e ele solicitou-lhe que fosse buscar aquele homem. Simão foi avisado, e, quando chegou a Cesaréia, o príncipe já se encontrava no teatro. Agripa convidou-o a sentar-se junto de si e falou-lhe com voz suave e sem se irritar: "Dizei-me, eu vos peço, quais são os vícios de que me acusais?" Aquele homem ficou tão confuso que, não sabendo o que responder, suplicou ao rei que o perdoasse, e este o perdoou no mesmo instante, dizendo que os reis devem preferir a clemência ao rigor e fazer com que a cólera seja vencida pela moderação. A sua bondade foi ainda além, pois ele despediu Simão com presentes.

826. Muitas cidades sentiram os efeitos da generosidade desse soberano. Ele nada poupou para erigir em Berito um suntuoso teatro e um anfiteatro, banhos e galerias que não lhe eram inferiores em beleza. Diversos concertos de música e outros divertimentos tiveram lugar pela primeira vez nesse teatro. Com o propósito de divertir o povo e para que se visse no meio da paz uma imagem da guerra, mandaram vir ao anfiteatro mil e quatrocentos homens condenados à morte, que foram divididos em dois grupos. O combate foi tão obstinado e sangrento que, de todo esse grande número, nem um só ficou com vida.

827. Depois disso, ele foi de Berito a Tiberíades, cidade da Galiléia. E os príncipes seus vizinhos — Antíoco, rei de Comagena; Sampsigeram, rei de Emesa: Cotis, rei da Pequena Armênia; Polemom, príncipe do Ponto; Herodes, rei da Cálcida, irmão de Agripa — vieram procurá-lo, porque muito o estimavam. Ele, por sua vez, tratou-os com a bondade e a magnificência correspondentes à dignidade de receber visitas tão honrosas. Quando estavam todos reunidos, Marco, governador da Síria, veio também visitá-lo. Agripa, querendo prestar-lhe a honra que era devida ao poder e à grandeza romana, foi encontrá-lo sete estádios antes, o que foi a primeira causa de desentendimento entre eles, pois aqueles reis que tinham vindo visitar Agripa estavam com ele no mesmo carro, e Marcos considerou aquela união prejudicial ao império, declarando que deviam todos regressar aos seus territórios. Isso deixou Agripa muito ofendido, motivo pelo qual daí em diante se tornaram inimigos.

828. Nesse mesmo tempo, ele tirou o sumo sacerdócio de Matias e entregou-a a Elioneu, filho de Citeu. E, no terceiro ano de seu reinado, celebrou na cidade de Cesaréia, antes conhecida como a torre de Estratão, jogos solenes em honra ao imperador. Os principais do reino e toda a nobreza da província reuniram-se nessa festa. No segundo dia dos espetáculos, Agripa chegou bem cedo pela manhã ao teatro. Usava uma veste trabalhada com muita arte, cujo forro era de prata, e, quando o sol o iluminava com os seus raios, emitia tão vivos reflexos de luz que não se podia olhar para ele sem se sentir tomado por um respeito misto de temor. Então alguns mesquinhos bajuladores, com palavras melífluas, mas que destilam veneno mortal sobre o coração dos príncipes, começaram a dizer que até então haviam considerado o seu rei um simples homem, porém dali em diante o iriam reverenciar como a um deus, rogando-lhe que se lhes mostrasse favorável, pois parecia que ele não era como os demais, de condição mortal.

Agripa tolerou essa impiedade, que deveria ter sido castigada com muito rigor. E logo ele levantou os olhos e viu uma coruja por sobre a sua cabeça, pousada numa corda estendida no ar, e lembrou-se de que aquela ave era agora um presságio de sua desgraça, tal como outrora havia sido o prenuncio de sua prosperidade. Soltou então um profundo suspiro, ao mesmo tempo que começou a sentir as entranhas roídas por uma dor horrível. E, voltando-se para os

seus amigos, disse-lhes: "Aquele que pretendeis fazer acreditar que é imortal está prestes a morrer. A providência divina veio desmascarar a vossa mentira. Mas é preciso aceitar as determinações de Deus, apesar de eu ter sido muito feliz, a ponto de não haver príncipe de quem eu invejasse a felicidade".

Dizendo essas palavras, ele sentiu que as dores aumentavam. Levaram-no ao palácio, e a notícia de que ele estava prestes a exalar o último suspiro espalhou-se imediatamente. Logo todo o povo, com a cabeça coberta por um saco, segundo o costume de nossos pais, fez orações a Deus pela sua saúde, e todo o ar ressoava com gritos e lamentações. O príncipe, que estava no quarto mais alto do palácio, vendo-os de lá prostrados em terra, não pôde reter as lágrimas. As dores, porém, continuaram por cinco dias a fio e o levaram desta vida, aos cinqüenta e quatro anos de idade e sete de reinado. Foram quatro anos sob o imperador Caio, dos quais nos três primeiros ele governou apenas a tetrarquia que pertencera a Filipe, sendo-lhe acrescentada no quarto ano a de Herodes. Nos três anos em que reinou sob Cláudio, esse imperador deu-lhe também a judéia, Samaria e Cesaréia. E, embora as suas rendas fossem muito altas,* ele era tão liberal e magnânimo que se via obrigado a pedir emprestado grandes somas.

---

* "Mil e duzentas vezes dez mil", diz o texto grego, sem nada mais especificar.

829. Antes que a notícia de sua morte se tivesse divulgado, Cheicias, general das tropas, e Herodes, o príncipe da Cálcida, ambos inimigos de Silas, mandaram que Aristo o matasse na prisão, fingido ter recebido ordem do rei para isso.

830. O príncipe, que possuía grandes qualidades, deixou, ao morrer, um filho de dezessete anos, chamado Agripa, como ele, e três filhas, das quais a mais velha, de nome Berenice, que então contava dezesseis anos, havia desposado Herodes, seu tio. Mariana, que era a segunda, de dez anos, era noiva de Júlio Arqueiau, filho de Cheicias. E a terceira, de nome Drusila, que tinha apenas seis anos de idade, era noiva de Epifânio, filho de Arqueiau, rei de

Comagena.

831. Quando a notícia da morte do rei Agripa se tornou pública, os habitantes de Cesaréia e de Sebaste esqueceram todos os benefícios que dele haviam recebido. A sua horrível ingratidão levou-os a querer enxovalhar a sua memória com injúrias e ultrajes que eu não teria coragem de referir aqui. Então os vândalos (e entre eles alguns soldados), que eram em grande número no meio do povo, tiveram a insolência de arrancar do palácio as estátuas das princesas filhas do rei e levá-las a lugares infames, onde uma vergonhosa prostituição reúne as infelizes vítimas da impudicícia pública. E, depois que foram expostas à vista de todos, acrescentaram-lhes todas as ofensas e indignidades que imaginaram.

Esses pérfidos indivíduos chegaram a promover banquetes nas ruas, onde, com coroas de flores sobre a cabeça e cabelos perfumados, ofereceram sacrifícios a Charom e beberam à saúde uns dos outros, demonstrando grande alegria pela morte do soberano. Ações tão insolentes e ofensivas foram a prova que eles deram de sua ingratidão, depois dos muitos benefícios que deviam a Herodes, o Grande, seu avô, que não somente construíra aquelas cidades como também as havia embelezado com suntuosos Templos e com aqueles portos admiráveis que as tornaram tão célebres.

832. Nessa época, o jovem Agripa se encontrava em Roma, sendo educado junto ao imperador. Cláudio ficou muito sentido com a morte de Agripa e enfurecido contra os habitantes de Sebaste e Cesaréia. A fim de cumprir o seu juramento, pensou em mandar imediatamente o jovem príncipe para tomar posse do reino. Porém os amigos e libertos, que tinham grande autoridade perante ele, o fizeram mudar de idéia, alertando-o de que era perigoso conceder o governo de um reino tão extenso a um jovem que não tinha experiência suficiente para administrá-lo, quando a tarefa já era árdua até mesmo para um homem maduro.

Assim, ele decidiu enviar outro governador para a Judéia, o qual teria autoridade em todo o reino. Sabedor de que Marcos e o falecido rei Agripa se haviam desentendido, julgou que prestaria melhor essa honra à memória do príncipe entregando o cargo a um amigo, em vez de a um inimigo. Assim, enviou Cúspio Fado, recomendando-lhe, antes de tudo, que castigasse

severamente os habitantes de Cesaréia e Sebaste pelos ultrajes que haviam feito à memória de Agripa e às princesas filhas dele. Ordenou-lhe também que enviasse ao Ponto as cinco coortes e o resto dos soldados que estavam naquelas duas cidades e pusesse em seu lugar um corpo retirado das legiões romanas da Síria. A última ordem, no entanto, não foi executada, pois aqueles enviaram delegados ao imperador, os quais lhe acalmaram o espírito e obtiveram dele permissão para ficar na Judéia. E isso foi o princípio de muitos males que depois vieram a afligi-la e a semente da guerra que sucedeu sob o governo de Floro. Vespasiano estava tão convencido de ser esse o motivo que, após subjugar o país, removeu-os da província, como relataremos em seguida.

Livro Vigésimo

Capítulo 1

O imperador Cláudio destitui Marcos do cargo de governador da Síria. Longino o substitui. Fado, governador da Judéia, castiga os sediciosos e ladrões que perturbam a província e ordena aos judeus que reponham na fortaleza Antônia as vestes sagradas do sumo sacerdote. O imperador revoga essa ordem a pedido do jovem Agripa.

833. Depois da morte do rei Agripa, o Grande, de que acabamos de falar no livro precedente, o imperador Cláudio, para honrar a sua memória e manifestar o quanto o havia amado, tirou de Marcos o governo da Síria, como este mesmo lhe havia muitas vezes solicitado, e o entregou a Longino.

834. Nesse mesmo tempo, Fado, que havia sido nomeado para a judéia, foi exercer o cargo. Existia então uma séria polêmica entre os judeus que habitavam além do Jordão e os de Filadélfia, com relação aos limites da aldeia de Mia, cujos habitantes eram de temperamento guerreiro. Os judeus haviam pegado em armas sem o consentimento de seus magistrados e matado vários dentre os de Filadéfia. Ele ficou tão irritado ao vê-los querendo fazer justiça por si mesmos, sem esperar o seu parecer, que depois de mandar prender Aníbal, Areram e Eieazar, os principais autores da sedição, condenou à morte o primeiro e exilou os outros dois.

835. Algum tempo depois, mandou também prender Ptolomeu, chefe dos ladrões que tantos males haviam causado aos idumeus e aos árabes. Condenou-o à morte e expurgou assim toda a judéia desses inimigos da segurança pública. Reuniu depois os sacerdotes e os maiorais de Jerusalém para ordenar-lhes, da parte do imperador, que recolocassem na fortaleza Antônia as vestes sagradas, de que somente os sumos sacerdotes podem se servir, a fim de que lá ficassem e fossem guardados pelos romanos, como outrora. Com receio, porém, de que essa ordem os levasse a uma revolta, levou

consigo algumas tropas a Jerusalém.

Os sacerdotes e os que os acompanhavam não ousaram contestar a ordem, mas rogaram a Longino e a Fado que lhes fosse permitido enviar embaixadores ao imperador com uma petição para que a guarda da veste sacerdotal permanecesse com eles e que nada se mudasse enquanto aguardavam a resposta. Eles foram atendidos, sob a condição de que deixassem os filhos como reféns, no que eles concordaram sem dificuldade. Depois disso, partiram os embaixadores, e o jovem Agripa, filho do rei Agripa, o Grande, que ainda estava em Roma, ao saber o motivo que os levava até ali, rogou ao imperador que consentisse naquele pedido e enviasse mensagem a Fado. Cláudio mandou vir os embaixadores e disse-lhes que concedia o que eles desejavam, mas que agradecessem a Agripa, pois era em consideração a ele e ao seu pedido que lhes outorgava aquela graça.

Entregou-lhes em seguida uma carta, que reproduzo aqui: "Cláudio César Germânico, príncipe da República pela quinta vez, cônsul pela quarta vez, imperador pela décima e pai da Pátria. Aos magistrados, ao senado, ao povo de Jerusalém e a toda a nação dos judeus, saudação. Tendo os vossos embaixadores — que me foram apresentados por Agripa, o qual foi educado e instruído em minha companhia, e a quem muito estimo — me agradecido pelo cuidado que dispenso à vossa nação e me solicitado com grande insistência a manutenção da guarda dos ornamentos de vosso sumo sacerdote e da coroa, tal como Vitélio, que me é muito caro, fez antes de mim, consenti em seu pedido. Fiz isso tanto por piedade quanto porque acho justo permitir a cada qual viver conforme a religião de seu país e também pelo afeto particular que o rei Herodes e o jovem Agripa têm por mim e pelas vossas necessidades, sendo que tenho com eles grande amizade. Estou escrevendo sobre esse assunto a Cúspio Fado, por Cornélio, filho de Cero, Trifo, filho de Têudio, Doroteu, filho de Natanael, e João, filho de Jotre. Esta carta é datada do quarto ano das calendas de julho, sendo os cônsules Rufo e Pompeu Silvano".

836. Herodes, príncipe da Cálcida e irmão do falecido rei Agripa, o Grande, pediu então ao imperador Cláudio, e obteve dele, poder sobre o Templo e sobre o tesouro sagrado e o direito de escolher o sumo sacerdote. Essa autoridade permaneceu com ele e com os seus descendentes até o fim da guerra

dos judeus. Esse príncipe tirou o sumo sacerdócio de Cantara, e entregou-o a José, filho de Caneu.

CAPÍTULO 2

IZATE, REI DOS ADIABENIANOS, E A RAINHA HELENA, SUA MÃE, ABRAÇAM A RELIGIÃO DOS JUDEUS. SUA EXCELSA PIEDADE E GRANDES FEITOS DESSE PRÍNCIPE QUE DEUS PROTEGE VISIVELMENTE. FADO, GOVERNADOR DA JUDÉIA, MANDA CASTIGAR UM HOMEM QUE ENGANAVA O POVO E OS QUE O TINHAM SEGUIDO.

837. Por esse tempo, a rainha Helena e Izate, seu filho, rei dos adiabenianos, abraçaram a religião dos judeus, pelo motivo que vou expor. Monobazo, cognominado Bazeu, rei daquela nação, ficou possuído de uma paixão violenta por aquela princesa, que era sua irmã, e a desposou. Ela ficou grávida, e, estando ele deitado junto dela, adormecido, pôs a mão sobre o ventre da esposa e então ouviu uma voz que lhe ordenava que a retirasse, para não ferir a criança concebida, a qual, por uma determinação particular de Deus, deveria ser muito feliz. Ele despertou muito perturbado e contou a esposa o que havia escutado. Quando o menino veio ao mundo, deu-lhe o nome de Izate. Tinha ele já outro filho daquela princesa, de nome Monobazo, como ele, e ainda outros, de outras mulheres. Mas a sua ternura por Izate era tão grande que todos notaram que, mesmo que fosse aquele o único filho, não o teria amado mais.

O grande amor do rei por Izate causou inveja aos outros irmãos. Eles não se conformavam que o pai o preferisse. E Monobazo não podia se mostrar descontente pelo fato de eles estarem manifestando um sentimento que não provinha de malícia, mas somente do desejo que cada qual possuía de ocupar o primeiro lugar no seu coração. Para livrar Izate do perigo que a ira de seus irmãos dava motivo para temer, enviou-o com ricos presentes a Abemeric, rei de Spazim, confiando-lhe a sua proteção. Esse príncipe recebeu-o muito bem e teve por ele grande afeto, tanto que lhe deu em casamento a princesa Samacho, sua filha, bem como uma província de grande rendimento.

Estava Monobazo já muito velho e, percebendo que lhe restava pouco

tempo de vida, desejou, antes de morrer, ver ainda uma vez aquele filho que lhe era tão caro. Mandou buscá-lo e, após demonstrar-lhe toda a ternura que um pai pode sentir, presenteou-o com uma província de nome Ceron, muito fértil e rica de plantas odoríferas e onde se vêem ainda hoje os restos da arca que salvou Noé do dilúvio. Izate lá ficou até a morte do rei seu pai, e então a rainha Helena, depois de reunir todos os maiorais do reino e todos os chefes dos soldados, disse-lhes: "Não ignorais, sem dúvida, que o falecido rei meu marido queria Izate como seu sucessor, julgando-o o mais digno dessa honra. Mas, a esse respeito, desejo saber a vossa opinião, porque nenhum príncipe será feliz se não subir ao trono por um consentimento unânime, que lhe permita reinar no coração de todos os súditos".

A sábia princesa falara assim para conhecer os sentimentos de seus convidados. E todos eles, depois de a ouvir, prostraram-se diante dela, segundo o costume da nação, e responderam que não podiam reprovar uma resolução tomada pelo falecido rei. Se ele havia preferido Izate aos demais irmãos, obedecer-lhe-iam com alegria e, se ela quisesse, até mesmo matariam todos os outros irmãos e parentes, a fim de que, não restando mais ninguém para odiá-lo e invejar-lhe a coroa, ele reinasse em completa segurança. A rainha agradeceu a dedicação que eles demonstravam a ela e a Izate, mas disse que não julgava conveniente eliminar os outros irmãos antes de ele chegar e se pronunciar sobre o assunto.

Todos aprovaram, mas disseram que era prudente conservá-los prisioneiros até que ele retornasse, para garantir que nada tentassem contra ele na sua ausência, e que por enquanto se desse o governo a alguém que fosse da inteira confiança da princesa. Ela então colocou a coroa sobre a cabeça de Monobazo, irmão mais velho de Izate, e entregou-lhe o anel sobre o qual estava o selo do falecido rei e o veste real, a que eles chamam de sampsere, concedendo-lhe o poder de agir na qualidade de vice-rei até a chegada do irmão. E, logo que este chegou, Monobazo entregou-lhe imediatamente o poder.

Antes de sua ascensão ao trono, Izate morava no castelo de Spazim, e um negociante judeu, de nome Ananias, iniciara algumas damas da corte no conhecimento do Deus verdadeiro e as persuadira a prestar-lhe o mesmo culto que os judeus. Por meio delas, conseguiu aproximar-se de Izate e inculcou-lhe

os mesmos sentimentos. Assim, quando o rei seu pai mandou chamá-lo para vê-lo antes de morrer, Izate obrigou Ananias a acompanhá-lo na viagem. Aconteceu que naquele mesmo tempo um outro judeu instruíra também a rainha Helena na nossa religião. Izate, já embebido pelo espírito de piedade e feliz por ter sido escolhido para rei por consentimento unânime, não se agradou em ver os irmãos e parentes encarcerados. Julgou que seria crueldade matá-los ou conservá-los na prisão, mas temia que, se os pusesse em liberdade, eles procurassem vingar a injúria recebida. Para equilibrar os dois extremos, enviou uma parte deles, com os filhos, para Roma, entregando-os como reféns ao imperador Cláudio, e a outra parte, sob a mesma condição, enviou a Artabano, rei dos partos.

Quando esse virtuoso príncipe soube que a rainha sua mãe estava também, como ele, afeiçoada à religião dos judeus, achou por bem não protelar mais o seu desejo de professá-la. E, como sabia que ninguém pode ser verdadeiramente judeu sem se circuncidar, dispôs-se a fazê-lo. Mas a princesa, ao saber disso, procurou demovê-lo de seu intento, fazendo com que atentasse para o perigo a que se iria expor, pelo descontentamento que suscitaria entre os súditos, os quais nunca iriam admitir que ele abraçasse uma religião estrangeira e nem aceitariam um judeu como rei.

Esses argumentos contiveram o seu ímpeto, e, quando ele relatou a Ananias o que ela dissera, declarou-lhe também que o despediria se não o fizesse. Ananias então quis se afastar, pois temia ser castigado, já que era o orientador do rei naquela questão, acrescentando que não era necessário que ele se circuncidasse para servir a Deus e prestar-lhe o culto que a religião dos judeus obrigava, porque a adoração a Deus era de natureza superior à da circuncisão. E, se era para evitar que os seus súditos se revoltassem, ele sem dúvida seria perdoado por não cumprir aquele ritual. Assim, Ananias confirmou o que a rainha dissera ao rei, e este ficou convencido, mas não de todo.

Algum tempo depois, veio da Galiléia outro judeu, de nome Eleazar, que era muito instruído nas coisas da nossa religião. Quando foi saudar o rei, encontrou-o a ler os livros de Moisés e disse-lhe: "Ó rei! Acaso ignorais a injúria que cometeis contra a Lei e contra o próprio Deus? Julgais que é suficiente conhecer os seus mandamentos, sem pô-los em prática? Quereis ficar para

sempre incircunciso? Se não sabeis ainda que a Lei ordena a circuncisão, lede-a, e vereis que grande pecado é negligenciá-la". O rei ficou tão impressionado com essas palavras que, sem mais delongas, retirou-se a um quarto, mandou chamar um cirurgião e assim foi circuncidado. Logo depois, mandou chamar a rainha sua mãe e Ananias e contou-lhes o que fizera.

O terror tomou conta deles, porque temiam que os súditos, não querendo ser governados por um príncipe de uma religião contrária à deles, se revoltassem e lhe tirassem o reino. Temiam também por eles mesmos, pois haviam inspirado nele aqueles sentimentos. Mas Deus não somente livrou esse religioso príncipe de todos os perigos de que parecia estar ameaçado como livrou também os seus filhos no momento em que as coisas pareciam mais desesperadas. Deus mostrou que todos os que põem nEle a sua confiança e são piedosos podem esperar dEle todas as coisas, como a continuação desta história irá mostrar.

A rainha Helena, vendo que por uma providência particular de Deus o seu filho, o rei Izate, governava em profunda paz e que a sua felicidade era admirada não somente pelos estrangeiros, mas também pelos seus súditos, desejou ir adorar a suprema Majestade e oferecer-lhe sacrifícios no mais célebre de todos os Templos, construído em sua honra, em Jerusalém. O filho não somente lhe deu alegremente a permissão como também acompanhou-a durante uma parte do caminho. E ela chegou a Jerusalém com um soberbo séquito e grande quantidade de dinheiro.

A sua visita foi muito vantajosa para os habitantes da cidade, porque naquela época a carestia era tão grande que muitos morriam de fome. A rainha, para remediar esse mal, mandou comprar grande quantidade de trigo em Alexandria e figos secos na ilha de Chipre. Distribuiu-os aos pobres e granjeou assim entre os judeus a fama de generosa, como de fato merecia, depois de tão grande caridade. O rei seu filho foi também generoso, pois, ao saber que a fome continuava, enviou grandes auxílios aos maiorais de Jerusalém, para que fossem entregues em favor dos pobres. Mas deixarei para mais adiante o relato dos benefícios de que nossa cidade é devedora a esse príncipe e à princesa.

Artabano, rei dos partos, sabendo que os governadores das províncias de seu reino estavam conspirando contra ele e julgando que não estava mais

seguro entre eles, resolveu ir procurar o rei Izate para se aconselhar com ele sobre o que devia fazer e até mesmo tentar, por meio dele, voltar a se estabelecer em seus domínios. Partiu então com os parentes e os principais servidores, cerca de mil pessoas. Encontrou Izate pelo caminho e não teve dificuldade em reconhecê-lo pelo seu séquito, mas Izate não o reconheceu.

Artabano prostrou-se diante dele, segundo o costume de seu país, e falou-lhe nestes termos: "Não me desprezeis, virtuoso príncipe, por me verdes neste estado de súplica, obrigado a abandonar o meu reino. Um grande revés de sorte reduziu-me a este estado, e vim implorar o vosso auxílio. Pensei em quão pouco devemos contar com as grandezas da terra e refleti sobre vós mesmo, considerando a quantos acidentes estamos expostos. Preciso de vosso auxílio, e esse socorro será benéfico a vós também, pois a vossa recusa em ajudar-me na vingança dos crimes de meus súditos iria fortalecer a ousadia e a revolta de outros povos contra os seus reis". Artabano falava com o rosto triste, e as lágrimas acompanhavam suas palavras.

Izate, que conhecia a sua condição, desceu do cavalo e respondeu-lhe: "Tende coragem, grande príncipe! Não vos deixeis abater pela má sorte, como se fosse sem remédio. Tenho esperança de que bem depressa a vereis terminada. Encontrareis em mim um amigo e aliado, muito mais afeiçoado e fiel do que imaginastes, pois ou vos recolocarei em vosso reino ou vos cederei o meu". Depois que assim falou, fez Artabano subir ao seu cavalo e dispôs-se a segui-lo a pé, para homenagear um rei que ele sabia ser possuidor de maior honra. Artabano, porém, não consentiu. Jurou por toda a sua prosperidade que jamais o permitiria. Por fim, conseguiu convencer Izate a montar novamente e foi caminhando diante dele. Acompanhou-o até o palácio, onde não houve honra que não lhe fosse prestada.

O rei Izate dava-lhe sempre o primeiro lugar nas assembléias e nos banquetes, porque não o considerava no estado em que se encontrava então, mas em sua antiga dignidade, e dizia-lhe sabiamente que as mudanças de sorte são comuns a todos os homens. Escreveu em seguida aos maiorais dos partos para exortá-los a voltar à obediência ao seu rei, ao mesmo tempo em que empenhava a sua palavra, com promessa de confirmá-la por juramento, se eles o desejassem, na garantia de que aquele príncipe esqueceria todo o passado.

Eles responderam que gostariam de atendê-lo, mas que isso já não estava em seu poder, porque haviam entregado a coroa a Cinamo e não a poderiam tomar de volta sem suscitar uma guerra civil.

Cinamo veio a saber o que se passava e ficou comovido ao ser informado das intenções de Artabano, porque havia sido educado com ele e conhecia a sua generosidade. Desse modo, escreveu-lhe dizendo que ele podia, sob a sua palavra, voltar com toda a segurança e que até mesmo estavam pedindo que o fizesse. Quanto a ele, Cinamo, de todo o coração lhe colocaria na mão o cetro com que havia sido honrado. Artabano não teve dificuldade em confiar nele. Partiu, e Cinamo veio recebê-lo, o qual, prostrando-se diante dele, saudou-o como rei e tirou a coroa da cabeça para entregá-la a Artabano, que assim reconquistou o reino, com o auxílio de Izate. As honras que Artabano prestou ao seu ajudador testemunharam a sua gratidão, pois lhe permitiu usar a tiara reta e deitar-se num leito de ouro, o que só pode ser feito pelos reis dos partos, e deu-lhe uma província, chamada Niside, que outrora pertencera ao rei da Armênia, na qual os macedônios haviam construído uma cidade, chamada Antioquia, que mais tarde veio a chamar-se Migdônia.

Artabano morreu pouco depois. Vardan, seu filho e sucessor, tentou induzir o rei Izate a se unir a ele para fazer guerra aos romanos, porém não conseguiu persuadi-lo, pois este conhecia muito bem o poder deles para iludir-se com o resultado de tal empresa. E, como Izate havia mandado cinco de seus filhos a Jerusalém para que aprendessem a nossa língua e se instruíssem nos nossos costumes, ao mesmo tempo em que a rainha Helena, sua mãe, fora adorar o verdadeiro Deus, no Templo, como dissemos, ele estava mais contido quanto a determinadas alianças. O sábio príncipe fez o que pôde para dissuadir Vardan desse empreendimento, advertindo-o do fabuloso exército dos romanos e de suas temíveis ações na guerra. Em vez de receber bem essas admoestações, todavia, ele se sentiu ofendido e declarou guerra a Izate. No entanto Deus, que protegia Izate, assegurou-lhe o seu auxílio: os partos, quando se convenceram de que ele estava resolvido a atacar os romanos, mataram-no e puseram Gotarso, seu irmão, no lugar dele. Algum tempo depois, esse rei também foi morto à traição, e Vologeso, seu irmão, substituiu-o. Esse príncipe, que tinha dois irmãos do mesmo pai, deu a Pacoro, o mais velho, o

reino da Média e a Tiridate, o mais novo, o reino da Armênia.

Nesse mesmo tempo, Monobazo, irmão do rei Izate, e seus parentes, vendo que a piedade para com Deus tornava-o o mais feliz dos príncipes, cogitaram em também abandonar a sua religião e abraçar a dos judeus. Os grandes do país, todavia, vieram a sabê-lo e ficaram muito irados, mas resolveram dissimular, até que se encontrasse uma oportunidade favorável para matá-los. Escreveram a Abia, rei dos árabes, e prometeram-lhe uma grande soma de dinheiro, caso viesse com um grande exército fazer guerra ao seu rei, com a garantia de passarem para o seu lado logo que se iniciasse a batalha, porque estavam resolvidos a castigá-lo pelo desprezo que demonstrara pela religião de seu país. Eles confirmaram a promessa com um juramento e rogaram-lhe insistentemente que se apressasse.

O rei árabe veio com um grande exército, e Izate marchou contra ele, mas no momento do combate se viu abandonado pelos seus homens, como se um terror repentino os tivesse levado a fugir. Izate não teve dificuldade em compreender que fora traído pelos grandes. Não se admirou, todavia. Retirou-se para o seu acampamento com os fugitivos, onde, depois de identificar os traidores, os responsáveis por tão vergonhoso acordo com o inimigo, mandou castigá-los como mereciam. No dia seguinte, travou combate com o inimigo, matou um grande número deles e pôs o resto em fuga. Perseguiu Abia até o castelo de Arsame, o qual tomou de assalto e o saqueou, levando de lá muitos despojos e voltando glorioso a Adiabene. A única coisa que faltou ao seu triunfo foi trazer Abia vivo, porque este se suicidara, para não ser levado como escravo.

Os grandes, que haviam conspirado contra Izate, viram assim frustradas as suas esperanças. Deus entregou-os todos nas mãos dele, mas eles insistiam em sua perfídia. Escreveram a Vologeso, rei dos partos, pedindo-lhe que o mandasse matar e lhes desse por rei alguém de sua nação, porque não podiam consentir que ele reinasse após abandonar as leis de seu país para seguir as dos estrangeiros.

Vologeso, ante tal insistência, deliberou fazer guerra a Izate, embora este não lhe tivesse dado motivo para isso. Começou por abolir as graças que o rei Artabano, seu pai, lhe havia concedido e ameaçou em seguida entrar com armas em seu país, caso ele deixasse de fazer o que lhe estava sendo ordenado.

Izate ficou perturbado com essa surpreendente notícia, mas julgou humilhante renunciar às honras que com justiça merecera. E, mesmo que o fizesse, Vologeso não o deixaria em paz. Assim, resolveu depositar toda a sua confiança no auxílio Todo-poderoso de Deus. Enviou a esposa e os filhos para um castelo muito bem defendido, recolheu toda a forragem que restava ainda nos campos e pôs se à espera dos inimigos.

O rei das partos, com muitas tropas de cavalaria e infantaria, chegou mais depressa do que se poderia imaginar e acampou às margens do rio que separa Diabene da Média. Izate acampou próximo dele com seis mil cavaleiros. Vologeso mandou-lhe dizer por um arauto que viera atacá-lo com todas as tropas de seu reino, o qual se estendia desde o Eufrates até as montanhas dos bactrianos, para castigá-lo pela desobediência ao seu senhor e que nem mesmo o Deus que ele adorava seria capaz de o impedir. Izate, horrorizado diante de tão grande blasfêmia, respondeu que não duvidava de que possuía tropas muito inferiores às dos partos; todavia, estava ciente de que o poder de Deus era infinitamente maior que o de todos os homens juntos.

Após despedir o arauto, ele cobriu a cabeça com cinza e jejuou, ordenando a mulher e aos filhos que jejuassem também. Prostrado em terra diante da majestade de Deus e banhado em lágrimas, rogou-lhe deste modo: "Não foi em vão, Senhor, que me lancei nos braços de vossa misericórdia. Eu vos reconheço como único Senhor do universo. Vinde em meu auxílio, meu Deus, não somente para me defender de meus inimigos como também para castigá-los pela sua ousadia e pelas horríveis blasfêmias que ousaram proferir contra o vosso supremo poder". Tão fervorosa oração acompanhada de lágrimas não ficou sem efeito. Deus ouviu-o tão prontamente que Vologeso, tendo sabido na noite seguinte que os dácios e os saceenses, encorajados pela sua ausência, haviam entrado em seu reino e lá faziam grande devastação, partiu para combatê-los e assim voltou sem nada ter podido executar de seu desígnio contra Izate, a quem Deus protegera de modo tão evidente.

Pouco tempo depois, morreu esse religioso príncipe, na idade de cinqüenta e cinco anos, dos quais reinou vinte e quatro. E, embora tivesse quatro filhos, deixou Monobazo, seu irmão mais velho, como sucessor, em gratidão pelo favor de lhe haver conservado o reino depois da morte de seu pai.

Essa grande prova de gratidão muito consolou a rainha Helena em sua grande dor pela perda de tão caro e virtuoso filho. Ela sobreviveu a ele pouco tempo, morrendo quando vinha para encontrar-se com seu filho Monobazo, que enviou os ossos dela e os de Izate a Jerusalém, para serem colocados em três pirâmides que a princesa mandara construir a três estádios da cidade. Dos feitos de Monobazo, falaremos mais adiante.

838. Quando Fado era governador da judéia, um mago de nome Teudas convenceu uma grande multidão de povo a tomar os próprios bens e a segui-lo até o Jordão, dizendo que era profeta e que deteria, com uma única palavra, o curso do rio e os faria passar a pé enxuto. Ele assim enganou muita gente. Mas Fado castigou esse impostor e, por sua loucura, a todos os que se haviam deixado enganar. Enviou contra eles alguns soldados de cavalaria, que mataram uma parte deles de surpresa e fizeram vários prisioneiros, estando Teudas entre eles, a quem cortaram a cabeça, que foi levada a Jerusalém. Foi isso o que aconteceu de mais notável durante o governo de Cúspio Fado.

CAPÍTULO 3

TIBÉRIO ALEXANDRE SUCEDE A FADO NO CARGO DE GOVERNADOR DA JUDÉIA, E CUMANO, A ALEXANDRE. MORTE DE HERODES, REI DA CÁLCIDA. SEUS FILHOS. O IMPERADOR CLÁUDIO ENTREGA SEUS DOMÍNIOS A AGRIPA.

839. Fado teve como sucessor no cargo de governador da Judéia Tibério Alexandre, filho de Alexandre, alabarche, de Alexandria, que era o mais rico de toda aquela grande cidade e que não fora ímpio como o filho, que abandonou a nossa religião. Foi no seu tempo que sobreveio a Jerusalém aquela grande carestia, na qual a rainha Helena mostrou a sua caridade. Alexandre mandou crucificar Tiago e Simão, filhos de Judas, da Galiléia. Judas foi quem, na época em que Cirênio fazia o recenseamento dos judeus, incitou o povo a se revoltar contra os romanos.

840. Herodes, rei da Cálcida, tirou o sumo sacerdócio de José, filho de Camidas, e deu-a a Ananias, filho de Nebedeu. Cumano sucedeu a Tibério Alexandre no cargo, e ao mesmo tempo Herodes, rei da Cálcida, irmão do rei Agripa, o Grande, de que acabamos de falar, morreu, no oitavo ano do reinado

do imperador Cláudio. Ele deixou de sua primeira mulher um filho chamado Aristóbulo e de Berenice, sua outra mulher, filha do rei Agripa, seu irmão, dois outros filhos, cujos nomes eram Berenício e Hircano. O imperador Cláudio entregou o princi-pado de Herodes a Agripa.

Durante a administração de Cumano, houve uma grande revolta em Jerusalém, que custou a vida a vários judeus, mas primeiro vou descrever as circunstâncias que levaram a ela.

CAPÍTULO 4

HORRÍVEL INSOLÊNCIA DE UM SOLDADO DAS TROPAS ROMANAS CAUSA EM JERUSALÉM A MORTE DE VINTE MIL JUDEUS. INSOLÊNCIA DE OUTRO SOLDADO.

841. Aproximava-se a festa da Páscoa, na qual os judeus só comem pão sem fermento, e uma grande multidão de povo acorria de todos os lados. Cumano, para impedir que houvesse alguma desordem, colocou uma companhia de soldados para montar guarda à porta do Templo, como sempre fizeram os seus predecessores em semelhantes ocasiões. No quarto dia da festa, porém, um soldado teve a insolência de pôr a descoberto, diante de todos, o que o pudor e a educação obrigam a esconder. Tão horrível desfaçatez irritou de tal modo o povo, que todos começaram a clamar que não era somente aos judeus que ele injuriava, mas ao próprio Deus, e os mais exaltados começaram a ofender Cumano, dizendo que fora ele quem mandara o soldado cometer tamanha impiedade.

Cumano ficou muito ofendido com essas palavras: todavia, não deixou de exortar o povo a conter a sua exaltação. No entanto, percebendo que eles, em vez de obedecer, ainda lhe diziam mais injúrias, ordenou a todas as tropas que se dirigissem com armas à fortaleza Antônia, que, como já dissemos, ficava sobranceira ao Templo. O povo, então, espantado por ver aproximar-se um tão grande número de soldados, pôs-se em fuga. Como as ruas eram muito estreitas e eles, aterrorizados, imaginavam que os soldados os estavam perseguindo, apertaram-se de tal modo que mais de vinte mil morreram sufocados. Assim, a alegria dessa grande festa converteu-se em tristeza.

Cessaram as orações. Abandonaram-se os sacrifícios. Ouviam-se apenas gemidos, lamentos. E a causa de toda essa desolação deveu-se ao impudor sacrílego de um único homem.

842. Essa tragédia ainda era lamentada quando sobreveio outra confusão. Alguns dos que haviam fugido, na ocasião do tumulto, encontraram a cem estádios de Jerusalém um homem de nome Estêvão, que era doméstico do imperador, assaltaram-no e apoderaram-se de tudo o que ele trazia consigo. Cumano, logo que soube disso, enviou soldados com ordem de devastar as aldeias vizinhas e trazer-lhe aprisionados os principais habitantes. Um soldado encontrou numa dessas aldeias os livros de Moisés e rasgou-os na presença de todos, proferindo ainda mil ofensas contra as nossas leis e contra a nossa nação. Os judeus não puderam tolerar tal ofensa e foram em grande número encontrar-se com Cumano, em Cesaréia, para rogar-lhe que castigasse tão grande injúria, feita antes ao próprio Deus que a eles. O governador, vendo-os tão exaltados e temendo uma revolta, a conselho de amigos mandou matar o soldado que fizera semelhante ultraje às nossas leis e assim acalmou uma grande perturbação.

CAPÍTULO 5

GRANDE DISSENSÃO ENTRE OS JUDEUS DA GALILÉIA E OS SAMARITANOS, QUE SUBORNAM CUMANO, GOVERNADOR DAJUDÉIA. QUADRATO, GOVERNADOR DA SÍRIA, MANDA-O A ROMA COM ANANIAS, SUMO SACERDOTE, E VÁRIOS OUTROS PARA SE JUSTIFICAR PERANTE O IMPERADOR. O IMPERADOR CONDENA OS SAMARITANOS, ENVIA CUMANO AO EXÍLIO E NOMEIA FÉLIX GOVERNADOR DAJUDÉIA. ENTREGA A AGRIPA A TETRARQUIA QUE FORA DE FILIPE, BEM COMO BATANEA, TRACONITES E ABILA, E TIRA-LHE A CÁLCIDA. CASAMENTO DAS IRMÃS DE AGRIPA. MORTE DO IMPERADOR CLÁUDIO. NERO SUCEDE-O NO IMPÉRIO. ELE ENTREGA A PEQUENA ARMÊNIA A ARISTÓBULO, FILHO DE HERODES, REI DA CÁLCIDA, E A AGRIPA CONCEDE UMA PARTE DA GALILÉIA, TIBERÍADES, TARIQUÉIA E JULÍADA.

843. Aconteceu nesse mesmo tempo uma grande divergência entre os samaritanos e os judeus, pelo fato que vou narrar. Os judeus que, nos dias de festa solene, vinham da Galiléia a Jerusalém costumavam passar pelas terras

de Samaria.

E alguns deles tiveram uma desavença com os habitantes de Nays, aldeia situada no Grande Campo e que estava sujeita aos samaritanos, e vários judeus foram mortos. Os principais da Galiléia foram queixar-se a Cumano, pedindo-lhe justiça. Porém, vendo que ele não lhes dava atenção, porque os samaritanos o haviam subornado com dinheiro, exortaram os outros judeus a pegar em armas para reconquistar a liberdade, dizendo que a servidão já era bastante rude por si mesma, para que ainda se lhe acrescentassem injustiças e ultrajes.

Os magistrados esforçaram-se para acalmá-los, prometendo-lhes obrigar Cumano a castigar os autores dos assassinatos, mas eles não os quiseram escutar. Tomaram então as armas e chamaram em seu auxílio Eleazar, filho de Dineu, que havia muitos anos se entregara ao roubo e escondia-se nas montanhas, devastando e incendiando as aldeias dependentes de Samaria. Cumano, apenas o soube, marchou contra eles com a cavalaria de Sebaste, quatro coortes e numerosos samaritanos, matando vários deles e fazendo muitos prisioneiros.

Os cidadãos mais influentes de Jerusalém, vendo as coisas nesse estado e imaginando que esse grande mal poderia ter conseqüências ainda mais vergonhosas, revestiram-se de um saco, puseram cinza na cabeça e tudo fizeram para acalmar o espírito de muitos dos seus, a quem, com pesar, viam abandonar-se ao desespero. Fizeram-lhes ver que, se não deixassem as armas e não se retirassem para as suas casas, lá permanecendo tranqüilos e sossegados, seriam a causa da ruína completa de sua nação e veriam o Templo incendiado e as suas mulheres e filhos transformados em escravos. Essas razões os persuadiram. Os que dissemos que viviam do roubo, porém, retiraram-se aos lugares fortificados, onde estavam antes. E desde então a Judéia ficou cheia de ladrões.

Os mais ilustres dos samaritanos foram em seguida à cidade de Tiro procurar Numídio Quadrato, governador da Síria, para lhe pedir que fizesse justiça contra os judeus que devastavam as suas terras e incendiavam as suas aldeias. Disseram-lhe que, por maior que fosse o prejuízo que estivessem tomando, não lhes era isso tão penoso quanto o descaso que o povo fazia do

poder dos romanos. E tocava somente a ele julgar as desordens que se sucediam nas províncias a ele sujeitas. Eles não podiam tolerar que a nação judaica agisse como se o império não tivesse governadores que pudessem manter a autoridade. Os judeus disseram, em resposta, que os samaritanos é que haviam sido a causa daquela sedição e do morticínio que se sucedera em seguida e que Cumano era mais culpado que qualquer outro, porque, em vez de castiqá-los, se deixara subornar pelos presentes que deles recebera.

Quadrato, depois de escutá-los, deixou para decidir a questão quando estivesse na Judéia e conhecesse exatamente toda a verdade. Algum tempo depois, foi ele à Samaria, onde se pleiteou a causa em sua presença. Ele ficou convencido de que os samaritanos haviam sido os autores da perturbação. Soube também que alguns judeus haviam tentado suscitar outras sedições. Após mandar crucificar aqueles que Cumano conservava na prisão, foi para a aldeia de Lida, que é tão grande quanto uma cidade, onde, estando em seu tribunal, ouviu pela segunda vez os samaritanos.

Tendo sabido de um deles que Dorto, homem que ocupava uma alta posição entre os judeus, e quatro outros haviam incitado os de sua casa à revolta, mandou matar todos os cinco e enviou Ananias, sumo sacerdote, e o capitão Anano como prisioneiros a Roma, para se justificarem diante do imperador. Mandou também para lá os principais samaritanos e judeus, o próprio Cumano e um oficial de campo, de nome Celer. Porém, temendo outra amotinação entre os judeus, foi para Jerusalém. Lá encontrou tudo em paz, estando todos ocupados em oferecer sacrifícios a Deus, nos dias de festa, segundo o costume de nossos antepassados. Assim, ele julgou que nada havia a temer, e voltou a Antioquia.

Cumano e os samaritanos chegaram a Roma, e foi marcado o dia para que defendessem a sua causa. Eles conquistaram com dinheiro favor dos libertos e dos amigos do imperador, e teriam por esse meio feito condenar os judeus se Agripa, que então estava em Roma, não tivesse conseguido que a imperatriz Agripina rogasse ao imperador seu marido que se inteirasse do assunto e mandasse castigar todos os culpados daquela sedição. Assim, o imperador Cláudio, após ouvir ambas as partes, achou que os samaritanos haviam sido a causa principal de toda aquela perturbação e mandou matar a todos os que

tinham vindo se justificar. Enviou Cumano ao exílio e Celer, a Jerusalém, a fim de que fosse arrastado pelas ruas, na presença de todo o povo, até expirar. Por fim, nomeou Cláudio Félix, irmão de Palas, governador da Judéia.

844. O imperador, no décimo segundo ano de seu reinado, deu a Agripa a tetrarquia que pertencera a Filipe, bem como Batanea, Traconites e Abila, que integrara a tetrarquia de Lísias, mas tirou-lhe a Cálcida, que governara por três ou quatro anos. Agripa, depois desses favores recebidos de Cláudio, casou sua irmã Drusila com Aziza, rei de Emesa, que se fizera judeu, pois antes ela fora prometida a Epifânio, filho do rei Antíoco, ante a palavra de que ele abraçaria a nossa religião. Como ele não a cumpriu, deu-se então motivo para o rompimento do contrato. Quanto a Mariana, uma outra de suas irmãs desposou Arquelau, filho de Chelcias, ao qual havia sido prometida pelo rei Agripa, o Grande, seu pai, e desse casamento nasceu uma filha, de nome Berenice. Pouco tempo depois, Drusila abandonou o rei Aziza, seu marido, o que se deu por este motivo:

Sendo ela a mais bela mulher de seu tempo, Félix, governador da Judéia, de quem acabamos de falar, apenas a viu e concebeu por ela uma violenta paixão, chegando a propor-lhe, por meio de um judeu de nome Simão, cíprio de nascimento, muito seu amigo e perito em magia, que abandonasse o marido para desposá-lo, prometendo torná-la a mulher mais feliz do mundo. Ela, agindo com imprudência, e também para ser livrar do tormento que Berenice, sua irmã, lhe causava por invejar a sua beleza, consentiu na proposta e não teve receio de abandonar, por esse motivo, a sua religião. De Félix, ela teve um filho chamado Agripa, que morreu ainda jovem, com sua mulher, na erupção do Vesúvio, sob o reinado de Tito, como diremos a seu tempo.

Berenice, a mais velha das três irmãs de Agripa, ficou algum tempo viúva após a morte de Herodes, que era ao mesmo tempo seu marido e seu tio. Mas, ante a notícia que se divulgou de que ela mantinha relações incestuosas com o irmão, propôs a Polemon, rei da Cilícia, que abraçasse a religião dos judeus e a despo-sasse, acreditando que assim provaria que era boato o que se andava dizendo. O soberano consentiu, porque ela era muito rica, mas não viveram muito tempo juntos. Ela abandonou-o por motivo de impudicícia, ao que se diz, e ele, vendo-se rejeitado, deixou também a nossa religião. Mariana não foi mais

virtuosa que suas irmãs. Abandonou Arquelau, seu marido, para desposar Demétrio, alabarche, o mais ilustre e rico dentre os judeus de Alexandria. Dela ele teve um filho de nome Agripino. De todas essas pessoas, falaremos mais detalhadamente.

845. O imperador Cláudio morreu, após reinar treze anos, oito meses e vinte dias. Alguns acreditavam que Agripina, sua mulher, o mandou envenenar. Ela era filha de Germânico, irmão de Cláudio. Em primeiras núpcias, havia desposado Domício Enobarbo, um dos mais ilustres romanos. Havia já muito tempo que ela estava viúva, quando Cláudio a desposou e adotou o filho que ela tivera de Domício, chamado também Domício, como seu pai, a quem ele deu o nome de Nero. Antes, Cláudio havia desposado Messalina, que ele mandou matar por ciúme, e dela teve Britânico e Otávia.* Quanto à sua filha Antônia,** que era a mais velha de todos os seus filhos e que tivera de Petina, uma de suas outras mulheres, ele a fez casar-se com Nero.

---

* Esse nome não consta do texto grego. Trata-se de uma filha chamada Otávia, como Tácito registra e a continuação há de mostrar, e não um filho de nome Otávio.

** Esse nome também não consta do texto grego, que chama esta outra filha de Otávia, quando na verdade ela se chamava Antônia, como Tácito o refere.

846. Agripina, receando que o império, que ela desejava assegurar seu filho para Nero, fosse ter às mãos de Britânico, antes chamado Germânico, que já era um estadista, logo que o imperador seu marido morreu, enviou Nero ao acampamento dos guardas pretorianos. Ele foi levado por Burrho, seu comandante, por outros importantes oficiais e pelos libertos de Cláudio, que desfrutavam grande prestígio, e lá ele foi declarado imperador. Um dos primeiros atos de Nero após ser elevado ao trono foi mandar envenenar Britânico secretamente. Alguns anos depois, ele mandou matar a própria mãe, recompensando-a dessa forma por ela lhe ter dado a vida e por tê-lo feito reinar sobre a maior parte do mundo. Também mandou matar Otávia, sua mulher,

filha do imperador Cláudio, e várias pessoas ilustres, acusando-as de conspiração contra ele.

Não entrarei em detalhes porque não faltam historiadores que escrevam sobre os feitos desse príncipe, sendo que alguns falaram em seu favor pelo fato de ele lhes haver concedido benefícios e outros, sem temer, como os primeiros, ferir a verdade, denegriram a sua memória de maneira ultrajosa devido ao ódio que tinham por ele. Mas não me admiro, pois aqueles que escreveram a história dos imperadores precedentes agiram do mesmo modo, embora, vindo muito tempo depois deles, não pudessem ter motivos para amá-los ou para odiá-los. Quanto a mim, que estou resolvido a jamais me afastar da verdade, contentar-me-ei em tocar somente de passagem naquilo que interessa ao meu assunto. Só tratarei em particular o que diz respeito à nossa nação, sem dissimular as faltas que cometemos ou os males que nos aconteceram. Precisamos agora retomar a continuação de nossa história.

847. Aziza, rei de Emesa, morreu no primeiro ano do reinado de Nero. Seu irmão sucedeu-o. Nero entregou a Pequena Armênia a Aristóbulo, filho de Herodes, rei da Cálcida. A Agripa, concedeu uma parte da Galiléia. Foi seu desejo também que Tiberíades e Tariquéia lhe fossem sujeitas, e igualmente Julíada, que está além do Jordão, e seu território, que consta de quatorze aldeias.

Capítulo 6

Félix, governador daJudéia, manda assassinar Eleazar, sumo sacerdote, e os seus assassinos cometem outros crimes, até mesmo no Templo. Ladrões e falsos profetas castigados. Grande divergência entre os judeus e os outros habitantes de Cesaréia. O rei Agripa constitui Ismael sumo sacerdote. Violências dos sumos sacerdotes.

848. Os negócios na Judéia iam de mal a pior. Estava cheia de ladrões e de magos que enganavam o povo, e não se passava um dia sem que Félix mandasse castigar alguém. Um dos mais destacados entre os ladrões era Eleazar, filho de Dineu, que era seguido por um numeroso bando de homens

semelhantes a ele. Félix intimou-o a vir procurá-lo, com promessa de não lhe fazer mal algum, mas quando ele apareceu, prendeu-o e o enviou a Roma. O governador odiava Jônatas, sumo sacerdote, porque este o repreendia pelo seu mau proceder. Então, para que nenhuma censura recaísse sobre ele, porque fora a seu pedido que o imperador lhe concedera aquele governo, resolveu desfazer-se de Jônatas, pois nada é mais insuportável aos maus que as advertências.

Para realizar o seu intento, prometeu uma grande quantia a um certo Dora, de Jerusalém, a quem Jônatas considerava um amigo íntimo. Esse homem perverso, para cumprir o acordo de matar Jônatas, assalariou alguns ladrões. Eles vieram à cidade sob pretexto de devoção, mas com punhais escondidos sob as vestes, e, misturados aos servidores de Jônatas, mataram-no. Esses assassinos não foram castigados por esse crime e continuaram a aparecer do mesmo modo nas festas que aconteceram depois. Misturando-se à multidão, matavam também aqueles que odiavam ou os que haviam determinado matar a troco de dinheiro.

Não se contentavam em cometer os assassinatos na cidade, mas protagonizando uma das mais detestáveis impiedades e um dos mais horríveis sacrilégios, matavam até no Templo. Quem, portanto, há de se admirar de que Deus tenha olhado para Jerusalém com vistas de cólera? Sua Casa sagrada perdera a pureza que a tornava venerável, e Ele então enviou os romanos para castigar com ferro e fogo a miserável cidade e levar escravizados os seus habitantes, com as suas mulheres e filhos, de modo que esse terrível castigo nos faça refletir.

849. Enquanto os ladrões enchiam Jerusalém de crimes, os magos, por seu lado, enganavam o povo e o levavam ao deserto, prometendo lhe mostrar milagres e prodígios. Mas Félix castigou-os imediatamente, por sua loucura; mandou prender e matar a vários. Por esse mesmo tempo veio um homem do Egito a Jerusalém, que se vangloriava de ser profeta. Persuadiu a um grande número de pessoas que o seguisse ao monte das Oliveiras, que estava muito perto da cidade, apenas distante uns cinco estádios e garantiu-lhes que, depois de ter ele proferido algumas palavras, veriam cair os muros de Jerusalém, sem que mais fossem necessárias as portas para lá se entrar. Logo que Félix soube

disso, foi atacá-los com um grande número soldados; uns quatrocentos foram mortos e duzentos feitos prisioneiros, mas o impostor egípcio salvou-se.

O castigo infligido aos ladrões não assustou os que ficaram; continuaram a excitar o povo a se revoltar contra os romanos, dizendo que não era mais possível tolerar um jugo tão insuportável, e pilhavam e incendiavam as aldeias dos que não queriam segui-los.

850. Aconteceu, nesse mesmo tempo, uma grande perturbação em Cesaréia, entre os judeus e seus habitantes, com relação à precedência. Os judeus pretendiam-na, porque Herodes, um de seus reis, tinha construído a cidade: os sírios afirmavam que deviam ser preferidos, porque ela subsistia desde muito tempo sob o nome de Torre de Estratão, quando ali não havia um só judeu. Os governadores das províncias tomaram conhecimento dessa divergência e mandaram vergastar com várias os que nela haviam tomado parte, de ambos os lados. Mas os judeus, que confiavam nas suas riquezas, recomeçaram a desprezar e a maltratar com palavras, os sírios. Entre estes, havia vários de Cesaréia e de Sebaste, que serviam nas tropas romanas, as quais lhes respondiam insolentemente. Das palavras, passaram às pedradas e vários foram mesmo mortos, muitos feridos, de parte a parte: os judeus levaram a melhor. Félix, vendo que essa divergência já havia tomado um aspecto de guerra, rogou aos judeus que se moderassem; mas, como não lhe obedeciam, ele mandou soldados contra eles, os quais mataram a muitos e prenderam também a vários, saquearam, sem que eles pudessem impedir, suas terras e suas casas, onde encontraram grandes riquezas. Os mais ilustres e os mais sensatos dos judeus, vendo tão grande desordem, temendo-lhe as conseqüências, rogaram a Félix que ordenasse aos soldados que se retirassem, para que os que se tinham deixado levar inconsideradamente pela paixão, refle-tissem e não continuassem a lutar; e ele concordou.

851. Nesse mesmo tempo o rei Agripa deu o sumo sacerdócio a Ismael, filho de Fabeu, e os supremos-sacerdotes iniciaram então uma luta com os sacerdotes ordinários e os chefes de Jerusalém. Todos se faziam acompanhar por soldados armados, que eram escolhidos entre os mais revoltosos e os mais obstinados. Começavam por se injuriarem mutuamente, depois passavam às pedradas, sem que nem se decide separá-los; parecia que não havia

magistrados da cidade que tivessem o poder de impedi-los fazer, com plena liberdade, tudo o que lhes agradava. A imprudência e a ousadia dos sumos sacerdotes foi tão longe, que eles mandavam seus homens às granjas, retirar as décimas que pertenciam aos sacerdotes, alguns dos quais, sendo mui pobres, morriam de fome; a injustiça era assim espezinhada pela violência desses facciosos.

CAPÍTULO 7

FESTO SUCEDE A FÉLIX NO GOVERNO DA JUDÉIA. OS HABITANTES DE CESARÉIA OBTÊM DO IMPERADOR NERO A REVOGAÇÃO DO DIREITO DE BURGUESIA QUE OS JUDEUS TINHAM NAQUELA CIDADE. O REI AGRIPA MANDA CONSTRUIR UM EDIFÍCIO DE ONDE SE VIA O QUE SE PASSAVA NO TEMPLO. OS DE JERUSALÉM MANDAM FAZER UM MURO MUITO GRANDE PARA IMPEDI-LO E OBTÊM DO IMPERADOR QUE O MESMO SEJA MANTIDO.

852. Pórcio Festo fora mandado pelo imperador Nero para substituir Félix, no governo da Judéia; os judeus de Cesaréia mandaram embaixadores a Roma, para acusar Félix e ele teria sem dúvida sido castigado pelos maus tratos que havia infligido aos judeus, se Nero não lhe tivesse perdoado a pedido de Pallas, seu irmão, que então gozava de grande prestígio junto dele. Dois dos principais sírios de Cesaréia conquistaram, por meio de uma grande soma de dinheiro, Berilo, que tendo sido preceptor de Nero, era então seu secretário para a correspondência grega e, por seu meio, obtiveram uma carta, pela qual era revogado o direito de burguesia de que os judeus gozavam igualmente com os sírios em Cesaréia. Pode-se dizer que essa carta foi a causa de nossos males e da nossa infelicidade, pois os judeus de Cesaréia, ficaram tão irritados que se exasperaram ainda mais e essa perturbação não cessou, até que se transformou em guerra.

853. Quando Festo chegou à Judéia, encontrou-a num estado deplorável, pelos males que aqueles ladrões causavam. Pilhavam e incendiavam tudo; dava-se o nome de Sicários aos mais cruéis dentre eles, cujo número era bem grande porque eles usavam espadas curtas como as dos persas, e recurvas,

como punhais que os romanos chamam de siques. Espalhavam crimes por todos os lugares, misturando-se, como dissemos, nos dias de festa, com o povo que vinha de todas as partes a Jerusalém; por devoção, matavam impunemente a quem lhes parecia. Atacavam mesmo as aldeias daqueles que odiavam, saqueavam-nas e as incendiavam.

854. Um impostor, que tinha o ofício de mago, levou grande quantidade de homens com ele, para o deserto, prometendo livrá-los de toda a sorte de males. Festo mandou contra eles a cavalaria e a infantaria, que os dizimaram.

855. O rei Agripa mandou então construir um grande edifício perto do pórtico do palácio real de Jerusalém, que era obra dos príncipes asmoneus; como aquele lugar era muito elevado, o panorama era belíssimo, pois de lá se descortinava toda a cidade e Agripa podia haver, do seu quarto, tudo o que se fazia no interior do Templo. Os chefes de Jerusalém ficaram muito descontentes com isso, porque nossas leis não permitem ver o que se passa no Templo e, principalmente, no momento dos sacrifícios. Para impedi-lo, eles mandaram construir acima das muralhas que estavam na parte interior do mesmo, do lado do ocidente, um muro tão alto que nada mais se podia ver, do quarto do rei, não somente o que estava em frente, mas também nas galerias, de fora do Templo, do lado do ocidente, onde os romanos montavam guarda nos dias de festa, para a conservação do Templo. Agripa ficou muito ofendido, e Festo, ainda mais. Ele ordenou-lhes que, derrubassem o muro, mas os judeus rogaram-lhe que permitisse recorrer ao imperador, porque a morte lhes seria mais suave do que ver destruir-se uma parte do Templo. Ele lhes permitiu; foram então mandados a Roma, dez dos mais ilustres habitantes, com Israel, sumo sacerdote, e Cheléas, guarda do sagrado tesouro. Nero escutou-os e a imperatriz Popéia, sua mulher, que era piedosa, empenhou-se em seu favor; perante o marido, não somente lhes perdoou o que haviam feito, mas concedeu-lhes que o muro, que tinham feito construir, fosse conservado. A princesa mandou regressar os dez embaixadores e reteve como reféns somente Cheléas e Ismael. O rei Agripa deu em seguida o sumo sacerdócio a José, cognominado Caby, filho de Simão, sumo sacerdote.

CAPÍTULO 8

ALBINO SUCEDE A FESTO NO GOVERNO DAJUDÉIA E O REIAGRIPA DÁ E TIRA DIVERSAS VEZES O SUMO SACERDÓCIO. ANANO, SUMO SACERDOTE, MANDA MATAR TIAGO. AGRIPA ENGRANDECE E EMBELEZA A CIDADE DE CESARÉIA DE FILIPE E A CHAMA NERONIANA. GRAÇAS QUE ELE CONCEDE AOS LEVITAS. RELAÇÃO DE TODOS OS SUMOS SACERDOTES DESDE AARÃO.

856. Morrendo Festo, Nero deu o governo da Judéia a Albino e o rei Agripa tirou o sumo sacerdócio de José para dá-lo a Anano. Anano, o pai, foi considerado como um dos homens mais felizes do mundo, pios gozou quanto quis dessa grande dignidade e teve cinco filhos que a possuíram também depois dele; o que jamais aconteceu a qualquer outro. Anano, um dos de que nós falamos agora, era homem ousado e empreendedor, da seita dos saduceus, que, como dissemos, são os mais severos de todos judeus e os mais rigorosos nos julgamentos. Ele aproveitou o tempo da morte de Festo, e Albino ainda não tinha chegado, para reunir um conselho, diante do qual fez comparecer Tiago, irmão de Jesus, chamado Cristo, e alguns outros; acusou-os de terem desobedecido às leis e os condenou ao apedrejamento. Esse ato desagradou muito a todos os habitantes de Jerusalém, que eram piedosos e tinham verdadeiro amor pela observância de nossas leis. Mandaram secretamente pedir ao rei Agripa que ordenasse a Anano, nada mais fazer de semelhante, pois o que ele fizera, não se podia desculpar. Alguns deles foram à presença de Albino, que então tinha partido de Alexandria, para informá-lo do que se havia passado e dizer-lhe que Anano não podia nem devia ter reunido aquele conselho sem sua licença. Ele aceitou estas desculpas e escreveu a Anano, encoleriza-do, ameaçando mandar castigá-lo. Agripa, vendo-o tão irritado, tirou-lhe o sumo sacerdócio, que exercera somente durante quatro meses, e a deu a Jesus, filho de Daneu.

857. Quando Albino chegou a Jerusalém, empregou todo o seu cuidado em restituir a calma à província pela morte de uma grande parte dos ladrões. Nesse mesmo tempo, Ananias, que era um sacerdote de mérito, conquistava o coração de todos. Não havia quem não o honrasse pela sua liberalidade; não se passava um dia sem que ele não desse presentes a Albino e ao sumo sacerdote.

Mas ele tinha servos tão maus que iam pelas granjas com outros que não eram melhores do que eles, tomar à força as décimas, que pertenciam aos sacerdotes e batiam nos que se recusavam dá-las. Outros faziam também a mesma coisa; assim, os sacerdotes, que não tinham outro meio de vida, achavam-se reduzidos aos extremos, sem que ninguém se resolvesse dar um remédio a isso.

Durante uma festa, esses assassinos de que acabamos de falar, entraram à noite na cidade e prenderam o secretário de um oficial do exército, que era filho do sacerdote Ananias, amarraram-no, levaram-no e mandaram dizer ao pai dele que o soltariam, desde que obtivesse de Albino a liberdade de dez dos seus companheiros, que estavam presos. Esse plano deu resultado. Albino, vendo a necessidade em que Ananias se encontrava de lhe fazer esse pedido, concedeu-lho; isso foi causa de muitos males, porque os ladrões sempre encontravam novos meios de apanhar parentes de Ananias e só os restituíam com semelhantes trocas. Assim, seu número cresceu ainda mais, sua ousadia aumentou também na mesma proporção e mil males eles causavam a toda a província.

858. O rei Agripa aumentou a cidade de Cesaréia de Felipe e a chamou de Neroniana, em homenagem a Nero. Mandou também construir em Berita um magnífico teatro, onde dava todos os anos espetáculos ao povo; mandou distribuir trigo e óleo aos habitantes, e, para embelezar a cidade, mandou levar a maior parte de tudo o que havia de mais raro no resto de seu reino, para lá; bem como uma grande quantidade de excelentes estátuas dos maiores personagens da antigüidade. Tal magnificência tornou-o odioso aos seus súditos, porque eles não podiam tolerar que ele despojasse suas cidades dos seus mais belos ornamentos, para embelezar uma cidade estrangeira.

859. Ele tirou ainda o sumo sacerdócio de Jesus, filho de Daneu, para dá-lo Jesus, filho de Gamaliel. Mas como ele não a deixou de boa vontade, produziu-se entre eles uma grande divergência. Eles faziam-se acompanhar de homens armados, chegavam freqüentemente às injúrias e das injúrias, aos fatos.

860. Ananias continuava a ser o mais ilustre dos sacerdotes, quer por suas grandes riquezas, quer pela sua liberalidade, que lhe granjeava, cada vez mais, novos amigos.

Costobaro e Saul tinham conseguido um grande número de soldados e, como eram de sangue real e parentes do rei, tornaram-se ilustres; mas eram violentos e sempre prontos a oprimir os mais fracos. Foi então que começou a ruína da nossa nação, pois as coisas iam de mal a pior.

861. Quando Albino soube que Géssio Floro vinha para substituí-lo, pareceu querer obsequiar os habitantes de Jerusalém. Assim, mandou trazer todos os prisioneiros, condenou à morte todos os que realmente eram culpados de crime capital, mandou para a prisão os que lá tinham sido postos por faltas leves e depois lhes deu a liberdade, a troco de dinheiro. Assim esvaziou as prisões, e ao mesmo tempo todo o país ficou cheio de ladrões.

862. Os da tribo de Levi, cuja função era cantar hinos em louvor a Deus, obtiveram do rei Agripa, que determinasse em seu conselho, que eles poderiam usar a estola de linho, o que só era permitido aos sacerdotes. Disseram-lhe para isso que, tendo jamais gozado daquela graça, ser-lhe-ia glorioso conceder-lha. Mas ele permitiu ao mesmo tempo à outra parte da tribo, que era empregada no serviço do Templo, que também entoasse, como os demais, hinos e cânticos. Todas essas coisas eram contrárias às nossas leis e jamais foram violadas sem que Deus lhes desse um severo castigo.

863. As obras do Templo, então, estavam terminadas; assim, dezoito mil operários que ali eram empregados e pagos pontualmente, ficaram sem trabalho; os habitantes de Jerusalém, quiseram dar-lhes uma ocupação e um meio de vida; como eles nada desejavam conservar de todo o sagrado tesouro do Templo, para que os romanos dele não se apoderassem, propuseram ao rei Agripa reconstruir a galeria que está do lado do ocidente. Essa galeria estava fora do Templo, num profundo vale, tão profundo que seus muros tinham quatrocentas côvados de altura e eram construídos de pedra quadrada, muito branca, de vinte côvados de comprimento e de seis de grossura sendo ainda obra de Salomão, que, por primeiro, construíra o Templo. Mas Agripa, ao qual o imperador Cláudio tinha encarregado de tudo o que se referia às reparações desse edifício sagrado, considerando a magnitude da empresa, tanto pelo tempo como pela quantidade de dinheiro que seria necessário empregar-se para isso e que, as maiores obras se destróem facilmente, não quis dar-lhes consentimento, mas permitiu-lhes, se o quisessem, mandar pavimentar sua

cidade, com pedras brancas. Tirou em seguida o sumo sacerdócio, a Jesus, filho da Gamaliel e o deu a Matias, filho de TeóFílon, sob cujo sacerdócio, a guerra dos judeus começou.

864. A este propósito, julgo conveniente aqui a série dos sumos sacerdotes, elevados a esta honra até o fim desta a guerra. O primeiro foi Aarão, irmão de Moisés. Seus filhos sucederam-no e essa grande dignidade sempre permaneceu na sua família, sem que nenhum outro que não seus descendentes, nem mesmo reis, tenham sido escolhidos para exercê-lo. Houve oitenta e três, desde Aarão até Fanazo, que os sediciosos elevaram a esse cargo e treze dentre eles o tiveram desde o tempo em que Moisés elevou um Tabernáculo a Deus no deserto até que o povo entrou na Judéia, onde Salomão construiu o Templo; no começo só se provia a essa dignidade depois da morte daquele que a exercia; mas, em seguida, foram substituídos, mesmo antes de morrer. Estes treze, eram todos descendentes dos filhos de Aarão e sucederam-se uns aos outros. O governo de nossa nação era então, aristocrático. A autoridade depois foi posta nas mãos de um só. Por fim, passou para a pessoa dos reis; havia seiscentos e doze anos que nossa nação tinha deixado o Egito, sob o comando de Moisés, quando Salomão construiu o Templo.

Dezoito outros grandes sacerdotes sucederam a estes treze, durante quatrocentos e sessenta e seis anos, seis meses e dez dias, que se passaram sob o reinado dos reis, desde Salomão, até que Nabucodonosor, rei de Babilônia, depois de ter tomado Jerusalém e incendiado o Templo, levou o povo escravo para Babilônia e com eles, Josedeque, sumo sacerdote.

Depois do cativeiro de setenta e dois anos, Ciro, rei da Pérsia, permitiu aos judeus regressar ao seu país, reconstruir o Templo, sendo então Jesus, filho de Josedeque, sumo sacerdote. Quinze dos seus descendentes, todos sumos sacerdotes, como ele, durante quatrocentos e quatorze anos governaram a República, até que o rei Antioco Eupator e Lísias, general de seu exército, tendo feito morrer Onias, em Beroé, o qual era sumo sacerdote, deram esse cargo a Jacim, da família de Aarão, não, porém, da mesma família, que o possuíra antes e dele privaram o filho de Onias, que tinha o seu mesmo nome. Esse jovem Onias foi para o Egito onde, tendo caído nas boas graças do rei Ptolomeu e da rainha Cleópatra, sua mulher, permitiram-lhe construir em

Heliópolis, um Templo semelhante ao de Jerusalém, do qual ele foi feito sumo sacerdote, como já dissemos. Jacim morreu no fim de três anos e o sumo sacerdócio ficou vago durante sete anos. Quando nossa nação revoltou-se contra os macedônios e escolheu para príncipe os da família dos asmoneus,* Jônatas, um deles, foi escolhido com unânime consentimento, para exercer esse grande cargo. Exerceu-o por sete anos; Trifom fê-lo morrer à traição e Simão, seu irmão, sucedeu-o. Simão foi assassinado por seu genro num banquete e Hircano, seu filho, foi elevado àquela honra. Dela ficou de posse, durante trinta e um anos e morreu em idade muito avançada. Judas, seu filho, cognominado Aristóbulo, sucedeu-o e foi o primeiro que teve o título de rei. Só reinou um ano e Alexandre, seu irmão, sucedeu-o no reino e no sumo sacerdócio. Reinou vinte e sete anos e deixou ao morrer, Alexandra, sua mulher, como regente, com o poder de estabelecer no cargo de sumo sacerdote, aquele, dos filhos, que bem quisesse. Ela deu-o a Hircano, que o exerceu durante os nove anos em que ela reinou, mas depois que ela morreu, Aristóbulo, seu irmão, que era mais moço do que ele, fez-lhe guerra, venceu-o, obrigou-o a viver vida privada e usurpou-lhe ao mesmo tempo, o reino e o sumo sacerdócio. Gozou durante três anos de um e de outro, mas Pompeu, depois de ter tomado Jerusalém, levou-o prisioneiro a Roma, com seus filhos, e restabeleceu Hircano no cargo de sumo sacerdote e de príncipe do judeus, sem, todavia, dar-lhe o título de rei. Dele gozou durante vinte e três anos, além dos nove, de que falamos, mas, no fim desse tempo, Pacoro e Barzafarnes, generais do exército dos partos, vieram de além do Eufrates, fizeram-lhe guerra, levaram-no prisioneiro e constituíram rei dos judeus a Antígono, filho de Aristóbulo. Três anos e três meses depois, esse príncipe foi aprisionado em Jerusalém, por Herodes e por Sósio que o enviaram a Antônio, o qual lhe mandou cortar a cabeça em Antioquia.

---

* Isto não está no grego, pois ali deve estar Judas, e não Jônatas, como se vê no artigo 491. Mas o que se diz em seguida de Jônatas é verdade, como se vê nos artigos 525 e529.

Herodes, feito rei pelos romanos, não escolheu mais, para sumos

sacerdotes os da família dos asmoneus, mas honrava indiferentemente com esse cargo, os mesmos sacerdotes e até outros menos ilustres, exceto quando o deu a Aristóbulo, neto de Hircano, aprisionado pelos partos e irmão de Mariana, sua mulher, por causa do afeto que o povo tinha por ele e do respeito que se conservava pela memória de Hircano. Mas ele via a simpatia que todos tinham por esse jovem príncipe; começou a sentir medo e, então, fê-lo afogar em Jerico, da maneira como descrevemos, e não quis mais elevar a essa honra a nenhum da família dos asmoneus. Arqueiau, filho de Herodes, e os romanos, que em seguida se tornaram senhores da Judéia, fizeram do mesmo modo. Assim, durante os cento e sete anos que se passaram desde o começo do reino de Herodes até o tempo em que Tito incendiou Jerusalém e o Templo, houve vinte e oito sumos sacerdotes, alguns dos quais exerceram o cargo sob o reinado de Herodes. Depois da morte deste e de Arqueiau, a maneira de governar entre os de sua nação tornou-se aristocracia e eram os sumos sacerdotes que tinham a principal autoridade.

CAPÍTULO 9

FLORO SUCEDE A ALBINO NO GOVERNO DA JUDÉIA; SUA AVAREZA E CRUELDADE SÃO CAUSA DA GUERRA DOS JUDEUS CONTRA OS ROMANOS. FIM DESTA HISTÓRIA.

865. Géssio Floro, que era de Clazomene, foi, para infelicidade de nossa nação, escolhido por Nero para suceder a Albino, no governo da Judéia e Cleópatra, sua mulher, que ele levou consigo e que não lhe ficava atrás em maldade, tinha-o feito obter esse favor por meio da imperatriz Popéa, que tinha muito afeto por ela. Ele abusou tão insolentemente do poder, que muitos vieram a sentir a ausência de Albino; aquele se escondia para fazer o mal; Floro fazia-o por vaidade. Parecia que só fora enviado para fazer triunfar a injustiça e cobrir de ultrajes nossa nação. Seus roubos e suas crueldades não tinham limites: seu coração era insensível à piedade; os grandes lucros não o faziam desprezar os pequenos; de tudo se apoderava; partilhava mesmo dos roubos e vendia aos ladrões a impunidade de seus crimes, a esse preço. Assim, os males que os judeus suportavam iam além de tudo o que se pode imaginar. Eles eram

obrigados a abandonar seu país e suas santas cerimônias e fugir para terras estrangeiras; não havia países, por mais bárbaros que fossem, onde eles não pudessem viver mais tranqüilos. Que mais direi? Basta afirmar que Floro nos obrigou a tomar as armas contra os romanos, para perecer-mos todos juntamente e de uma vez, que não uns após outros, separadamente, sobre um governo tão intolerável? Assim, dois anos depois que se tirânico governador havia chegado à Judéia, no décimo segundo ano do reinado de Nero, começou essa funesta guerra e os que tiveram a curiosidade de saber tudo o que então se passou em particular, poderão ler a história que nós dela escrevemos.

866. Terminarei aqui, portanto, a das antigüidades de nossa nação, que trata do que se passou, desde a criação do mundo até este décimo segundo ano do reinado de Nero. Podemos ver aí tudo o que aconteceu aos judeus, durante tantos séculos, tanto no Egito, como na Palestina e na Síria; o que eles sofreram sob os assírios e os babilônios; de que modo foram tratados pelos persas e pelos macedônios e, por fim, pelos romanos. Também relatei a série de todos os sumos sacerdotes, durante dois mil anos, todos os feitos de nossos reis e daqueles que quando não havia mais reis, tiveram a suprema autoridade, segundo o que encontrei escrito nos livros santos, como eu havia prometido no começo desta obra.

Ouso afirmar que nenhum outro, quer judeu, quer estrangeiro, teria podido dar esta história aos gregos, escrita com tanta exatidão. Os da minha nação estão de acordo em que eu sou bem instruído no que se refere aos nossos costumes e às nossas tradições; não tenho motivo de lastimar o tempo que empreguei em aprender a língua grega, embora não a pronuncie com perfeição, o que nos é muito difícil, porque não nos aplicamos bastante a isso; entre nós, não apreciamos muito àqueles que aprendem várias línguas. Consideramos esse estudo como profanos, pois convém tanto aos escravos como aos livres, e somente consideramos sábios os que adquirem um grande conhecimento das nossas leis e das escrituras sagradas, que eles são capazes de explicar, o que é coisa tão rara, que somente uns dois ou três, conseguiram essa glória.

867. Quero esperar que não se achará mau que eu escreva brevemente alguma coisa da minha descendência e das principais ações de minha vida, enquanto há pessoas vivas que podem confirmar ou contestar a verdade;

terminarei assim essas antigüidades, que contém vinte livros e sessenta mil linhas. Se Deus me conservar a vida, direi abreviada as causas da guerra e tudo o que aconteceu até este dia, que está justamente no décimo terceiro ano, do reinado do imperador Domiciano e no qüinquagésimo sexto de minha idade. Prometi também escrever quatro livros das opiniões dos judeus e dos sentimentos que eles têm de Deus, de sua essência, de suas leis e das coisas que nos permitem como ou nos proíbem.

II Parte

Guerra dos Judeus Contra os Romanos

Advertência

Se a História dos Judeus mostrou-nos que josefo merece ser colocado entre os melhores escritores de todos os tempos, a sua obra que trata da guerra contra os romanos, a qual compreende a primeira e a maior parte deste segundo volume, não permite duvidar de que ele superou a si mesmo.

Várias razões contribuíram para tornar este livro uma obra-prima: a magnitude do assunto, os sentimentos que produzia em seu coração a ruína de sua pátria e a parte que ele tivera nos principais acontecimentos dessa sangrenta guerra.

Que outro assunto poderia igualar-se ao deste grande assédio que mostrou a toda a terra como uma única cidade teria sido obstáculo à glória dos romanos, se Deus, por castigo de seus crimes, não a tivesse fulminado com os raios de sua cólera? Que sentimentos de dor podem ser mais vivos que os de um judeu e de um sacerdote ao ver em subverterem-se as leis do seu país, das quais nenhum outro jamais foi tão zeloso e reduzir-se a cinzas o soberbo Templo, objeto de sua devoção e de seu zelo? Que parte maior pode ter um historiador em sua obra, do que ser obrigado a mencionar as principais ações de sua vida e a trabalhar para sua própria glória, revelando, sem bajulação, a dos vencedores e ao mesmo tempo referindo-se ao que devia à generosidade desses dois admiráveis príncipes, Vespasiano e Tito, aos quais cabe a honra de ter terminado essa grande guerra?

Mas, como encontramos nesta história tantas coisas notáveis, creio que os que a lerem descobrirão com prazer, num resumo mais exato — como o de Josefo, em seu prefácio — o que ela contém para passar, em seguida, da idéia geral aos particulares que dela dependem. A obra está dividida em sete livros.

O primeiro e o segundo, até o capítulo 28, são um resumo da história dos judeus, referida no primeiro volume, já publicado, desde Antíoco Epifânio, rei da Síria, que depois de ter saqueado o Templo, quis abolir a religião, até Floro, governador da Judéia, cuja avareza e crueldade foram a primeira causa dessa guerra, que eles sustentaram contra os romanos. Esse resumo é tão agradável

que Josefo aparentemente quis mostrar que podia, como excelente pintor, representar com tanta arte os mesmo objetos, em maneiras diferentes, que não sabemos à qual dar o prêmio.

No primeiro volume, essas histórias foram interrompidas pela narração de coisas acontecidas ao mesmo tempo; aqui, são escritas na seqüência e dão aos leitores a satisfação de ver num único quadro, o que havia visto em vários, separadamente. Depois do capítulo 28 do segundo livro e até o fim, Josefo narra o que se passou depois da perturbação suscitada por Floro, até a derrota do exército romano, comandado por Céstio Galo, governador da Síria.

No começo do terceiro livro, Josefo mostra o espanto que causou ao imperador Nero esse infeliz resultado de suas armas, o que poderia ter suscitado a revolta de todo o Oriente e diz que tendo lançado os olhos para todos os lados, só encontrou Vespasiano, que poderia sustentar o peso de uma guerra tão importante e lhe deu, então, a chefia e o comando. Em seguida, aborda de que modo esse grande general, acompanhado por Tito, seu filho, entrou na Galiléia, de que Josefo, autor desta história, era governador e o sitiou em jotapate, onde depois da maior resistência que se poderia imaginar, ele foi aprisionado e levado a Vespasiano, e como Tito tomou várias outras praças e realizou feitos de incrível valor.

Vemos no quarto livro: Vespasiano conquistar o restante da Galiléia; a divisão dos judeus em Jerusalém; os facciosos, que tomavam o nome de zelotes, tornarem-se senhores do Templo, sob o comando de João de Giscala; Anano, sumo sacerdote, levar o povo a sitiá-los; os idumeus virem em seu auxílio, praticarem crueldades incríveis e depois se retirarem; Vespasiano tomar diversas praças da Judéia, bloquear Jerusalém com a resolução de sitiá-la e desistir desse intento por causa da morte dos imperadores Nero, Galba e Oton; Simão, filho de Joras, outro chefe dos facciosos, ser recebido pelo povo em Jerusalém; Vitélio, que se havia apoderado do império, depois da morte de Oton, tornar-se odioso e desprezível por sua crueldade e por sua devassidão; o exército comandado por Vespasiano declará-lo imperador; e, por fim, Vitélio ser assassinado em Roma, depois da derrota de suas tropas, por Antônio Primo, que tinha abraçado o partido de Vespasiano.

O quinto livro aborda a formação em Jerusalém de uma terceira facção,

da qual Eleazar foi o chefe, e depois, como essas três facções se reduziram a duas, como era antes, e de que modo elas se faziam guerra; aí vemos também a descrição de Jerusalém, das torres de Hípicos, de Fazael e de Mariana, da fortaleza Antônia, do Templo, do sumo sacerdote e de várias outras coisas notáveis: o cerco dessa grande cidade, executado por Tito; as incríveis amarguras e os atos de valor extraordinários que se praticaram de ambos os lados; a extrema carestia que afligiu a cidade e as espantosas crueldades dos facciosos.

O sexto livro apresenta a horrível miséria a que Jerusalém se viu reduzida: a continuação do assédio com o mesmo ardor que antes; e de que maneira, depois de um grande número de combates, Tito, tendo forçado o primeiro e o segundo muros da cidade, tomou e destruiu a fortaleza Antônia e atacou o Templo, que foi incendiado, não obstante o que esse príncipe tentou fazer para impedi-lo e como, finalmente, se apoderou de todo o restante.

No sétimo e último destes livros vemos como Tito destruiu Jerusalém, exceto as torres de Hípicos, de Fazael e de Mariana; a maneira como louvou e recompensou seu exército; os espetáculos que deu ao povo da Síria, as horríveis perseguições feitas aos judeus em várias cidades; a incrível alegria com a qual o imperador Vespasiano e Tito, que tinha sido declarado César, foram recebidos em Roma e seu soberbo triunfo; a tomada dos castelos de Herodiom, de Macherom e de Massada, que eram os únicos lugares que os judeus ainda ocupavam na Judéia, e como os que defendiam esta última mataram-se todos com suas mulheres e filhos.

Eis, em geral, o que contém a História da Guerra dos judeus contra os Romanos: não há ornamentos com que esse grande personagem não a tenha enriquecido. Ele não perdeu nenhuma ocasião de embelezá-la, com descrições admiráveis de províncias, de lagos, de rios, de fontes, de montanhas, de diversas raridades e de edifícios, cuja magnificência passaria por uma fábula, se o que ele diz pudesse ser posto em dúvida. Mas vemos que ninguém houve que ousasse contradizê-lo, embora a excelência de sua história tivesse suscitado contra ele tanta inveja.

Podemos dizer com verdade que, quer ele fale da disciplina dos Romanos na guerra, quer descreva os combates, as tempestades, os naufrágios, a

carestia ou o triunfo, tudo aí é de tal modo perfeito, que ele se torna senhor da atenção de todos os que o lêem. Eu não tenho receio de acrescentar, que nenhum outro, sem excetuarmos Tácito, lhe foi superior nos discursos, tão nobres eles são, fortes, persuasivos, sempre presos ao assunto e proporcionados às pessoas que falam e às quais se fala.

Podemos louvar também o juízo e a boa fé desse verdadeiro historiador, pelo equilíbrio que ele conserva entre os louvores que os romanos merecem por terem terminado tão grande guerra e os que são devidos aos judeus, por tê-la sustentado, embora vencidos, com indômita coragem, sem que seu reconhecimento pelos favores que devia a Vespasiano e a Tito, nem seu amor pela pátria, o tenham feito pender contra a justiça mais do lado de uns do que de outros.

Mas, o que eu encontro nele de mais estimável é que ele não deixa, em todos os fatos, de louvar a virtude, de estigmatizar o vício e de fazer reflexões excelentes sobre o adorável proceder de Deus e sobre o temor que devemos ter de seus juízos rigorosos.

Podemos afirmar com sinceridade que jamais se viu um exemplo maior que o da ruína dessa ingrata nação, dessa soberana cidade e desse augusto Templo, pois que ainda que os romanos fossem os senhores do mundo e esse cerco tenha sido obra de um dos maiores príncipes de que eles possam vangloriar-se em ter tido por imperador, o poder desse povo vitorioso sobre todos os outros e o heróico valor de Tito lhe teriam, em vão, formado o desígnio, se Deus não os tivesse escolhido para executores da justiça.

O sangue de seu filho derramado pelo mais horrível de todos os crimes foi a única causa verdadeira da ruína dessa infeliz cidade. Foi a mão de Deus que pesou sobre o infeliz povo; que, apesar da terrível guerra que o acossava de fora, era ainda internamente muito mais espantosa, pela crueldade daqueles judeus desnaturados, mais semelhantes a demônios do que a homens. Eles fizeram perecer pelas armas e pela horrível carestia de que eles eram os autores um milhão e cem mil pessoas, e reduziram o restante a não poder esperar a salvação a não ser dos próprios inimigos, lançando-se nos braços dos romanos.

Efeitos tão prodigiosos da vingança pela morte de Jesus poderiam passar por incríveis aos que não têm a felicidade de ser iluminados pela luz do evangelho, se não fossem referidos por um homem, dessa mesma nação, tão

ilustre como Josefo, pelo seu nascimento, pela sua condição de sacerdote e pela sua virtude. Claro, parece-me, que Deus querendo se servir do seu testamento para autorizar verdades tão importantes, conservou-o por um milagre, quando, depois da tomada de jotapate, dos quarenta que se haviam retirado com ele numa caverna, foi lançada a sorte, tantas vezes, para se saber quais seriam os que deveriam ser mortos primeiros. Ele e um outro, somente, ficaram com vida.

Isso mostra que devemos dar a esse historiador uma posição bem diferente do que a todos os demais, pois, enquanto eles abordam acontecimentos humanos, embora dependentes das ordens da divina providência, parece que Deus lançou seus olhos sobre ele para fazê-lo servir ao maior dos seus desígnios.

Não devemos considerar somente a ruína dos judeus como o mais espantoso efeito da justiça de Deus e a imagem mais terrível da vingança que ele exercerá no último dia, contra os réprobos. Devemos também considerá-la como uma das provas mais brilhantes que lhe aprouve dar aos homens acerca da divindade de seu filho, pois tão prodigioso acontecimento tinha sido predito por JESUS CRISTO, em termos precisos e claros. Ele tinha dito aos seus discípulos, mostran-do-lhes o Templo de Jerusalém, que todos aqueles grandes edifícios seriam de tal modo destruídos que não ficaria pedra sobre pedra. Ele lhes havia dito que quando vissem as armas rodear Jerusalém deviam saber que sua desolação estaria próxima (Mc 1 3.2; Lc 19.44; 21.20; 21.23,24).

Ele tinha notado em particular as espantosas circunstâncias dessa desolação: "Ai", disse Ele, "das mulheres que estiverem grávidas ou tiverem crianças de peito, naqueles dias, pois esse país será oprimido por males e a cólera do céu cairá sobre esse povo. Eles passarão pelo fio da espada; serão levados escravos para todas as nações e Jerusalém será calcada aos pés pelos gentios".

Por fim, Ele tinha declarado que o efeito dessas profecias estava prestes a acontecer; que o tempo se aproxima (Mt 23.33) e mesmo que aqueles que eram do seu tempo poderiam vê-lo. "Eu vos digo, em verdade", disse ele, "que tudo isso virá acontecer sobre essa raça que existe hoje" (Mt 23.36).

Todas estas coisas tinham sido preditas por JESUS CRISTO e escritas pelos evangelistas, antes da revolta dos judeus, e quando não havia ainda

nenhuma probabilidade de tão estranha mudança.

Assim como a profecia é o maior milagre e a maneira mais poderosa com que Deus autoriza a sua doutrina, essa profecia de JESUS CRISTO, à qual nenhuma outra é comparável, pode ser o encerramento e término das provas que deram a conhecer aos homens a sua missão e origem divina, pois nenhuma outra jamais foi tão pontualmente realizada. Jerusalém foi destruída por completo pelo primeiro exército que a sitiou e não ficou o menor vestígio daquele soberbo Templo, admiração do universo e objeto de orgulho dos judeus, e os males que os oprimiram correspondem claramente a essa terrível predição de JESUS CRISTO.

Mas, para que tão grande acontecimento pudesse servir também de aviso aos que deviam ainda nascer no correr dos tempos, como aos que dele foram espectadores, era além disso necessário, como eu já disse, que a história fosse escrita por uma testemunha fidedigna. Para isso, era necessário que fosse um judeu e não um cristão, para que dele não se pudesse suspeitar, de ter anexado os fatos às profecias. Era ainda necessário que fosse uma pessoa de alto nível social, a fim de que estivesse a par de tudo. Era necessário que tivesse visto com os próprios olhos tantas coisas prodigiosas que deveria relatar, a fim de que se lhe pudesse dar fé. Por fim, era preciso que fosse um homem capaz de corresponder, pela grandeza de sua eloqüência e de sua inteligência, à magnitude de tal assunto.

Todas essas qualidades exigidas para tornar esta história perfeita, em todos os seus particulares, encontram-se em Josefo, o que torna evidente que Deus o escolheu para convencer a todos os entes racionais da verdade desse maravilhoso acontecimento.

E certo que não parece que tendo contribuído dessa maneira à divulgação do evangelho, ele tenha aproveitado, nem tenha tomado parte nas graças que se difundiram no seu tempo, com tanta abundância, sobre toda a terra. Mas se nisso temos motivo de lastimar a sua infelicidade, temos também motivo de abençoar a providência de Deus, que fez servir sua cegueira ao nosso bem, pois as coisas que ele escreveu de sua pátria, com relação aos incrédulos são incomparavelmente mais fortes para a consolidação da fé cristã do que se ele tivesse abraçado o cristianismo. Assim, podemos dizer dele, em particular, o que o

apóstolo diz de todos os judeus: "Que sua infelicidade enriqueceu o mundo com os tesouros da fé e que sua pouca luz serviu para iluminar todos os povos: Delictum corum divitae sunt mundi et diminutio eorum divitae gentium" (Rm 11.12).

A segunda obra de Josefo, contida neste segundo volume, além de sua vida, escrita por ele mesmo, é uma resposta dividida em dois livros, ao que Ápio e outros tinham escrito contra sua história dos judeus, contra a antigüidade de sua descendência, contra a pureza de suas leis e contra o proceder de Moisés. Nada pode ser mais forte do que esta resposta. Josefo prova irrefutavelmente a antigüidade de sua nação, pelos historiadores egípcios, fenícios, caldeus e mesmo pelos gregos. Ele mostra que tudo o que Ápio e esses outros autores alegaram em desabono dos judeus são fábulas ridículas, tal como a pluralidade de seus deuses, e revela de maneira admirável a grandeza dos feitos de Moisés e a santidade das leis que Deus entregou aos judeus por seu intermédio.

O martírio dos macabeus vem em seguida. É um trabalho que Erasmo, tão célebre entre os sábios, chama de obra-prima de eloqüência: confesso que, não compreendendo como, tendo dela com razão uma opinião tão vantajosa, ele a parafraseou e não a introduziu. Jamais cópia saiu mais diferente do original. Apenas sp reconhecem alauns dos seus traços principais e se eu não me engano, nada pode elevar mais a fama de Josefo, do que sendo ele tão hábil, tendo querido embelezar sua obra, ao contrário, tanto lhe diminuiu a beleza. Mostra também como devemos apreciar Josefo porque não escreve como quase todos os gregos, de maneira muito extensa, mas com um estilo conciso, afirma que só quer dizer o necessário.

Muito me admiro de que não se fez até agora nenhuma tradução desse martírio, a partir do grego, quer para o latim, quer para o francês, pelo menos que tenha chegado ao meu conhecimento. Genebrard, em vez de traduzir Josefo, traduziu Erasmo. Eu me limitei fielmente ao original grego, sem seguir em absolutamente, esta paráfrase de Erasmo, o qual inventa nomes que não estão, nem em Josefo, nem na Bíblia, para dá-los à mãe dos macabeus e a seus filhos. Parece que Josefo só relata esse célebre martírio, autorizado pela Escritura Sagrada, para provar a verdade das palavras que escreveu no princípio, cujo fim é mostrar que a razão é a senhora das paixões; ele lhe

atribui um poder sobre elas, de que haveria motivo de se admirar, se fosse estranho que um judeu ignorasse que esse poder só pertence à graça de JESUS CRISTO. Ele contenta-se em dizer que só entende falar da razão acompanhada de justiça e de piedade.

Assim, todas as obras de Josefo estão compreendidas nestes dois volumes, que eu determinei traduzir. Fílon, embora judeu como ele, também escreveu em grego sobre uma parte do mesmo argumento, mas que ele trata como filósofo e não como historiador; entre seus escritos, que são tão apreciados, nenhum o é mais, do que aquele que descreve sua embaixada ao imperador Caio Calígula, de que Josefo fala com elogio no capítulo 10 do livro 18 de sua história dos judeus.

Julguei que esse trabalho, tendo tanta relação com ele, nos daria muito prazer, vermos pela tradução que eu fiz, a maneira diferente de escrever desses dois grandes personagens. A de Josefo é sem dúvida muito mais breve e não tem nada do estilo asiático, que muitas vezes me obrigou a dizer em poucas palavras o que Fílon diz em muitas linhas. Poderíamos escrever a história deste imperador, unindo o que estes dois célebres autores escreveram, pois Fílon aborda tão particular e eloqüentemente os feitos de sua vida, como Josefo nobre e excelentemente escreveu sobre o que se passou em sua morte. Uma e outra foram tão extraordinárias que convém se conservem tais imagens, para a posteridade, a fim de animar cada vez mais os bons príncipes a merecer, por sua virtude, tanto amor por sua memória, quanto de horror se sente por aqueles que se mostraram indignos da posição que ocupam no mundo.

Uma exposição muito longa obriga a grande atenção, porque não se sabe onde descansar; por isso dividi em capítulos este tratado de Fílon, os dois livros de Josefo contra Ápio e o martírio dos macabeus, onde não havia nenhum. Quanto à história da guerra dos judeus contra os romanos, eu não segui nos livros e nos capítulos a divisão de Rufino, que encontramos nas publicações bilíngües, gregas e latinas, porque me pareceu ruim. Mas limitei-me, como fez Genebrard, à das publicações gregas, que são sem dúvida muito melhores.

Nada mais me resta a acrescentar; como estes dois volumes compreendem toda a antiga história sagrada, desejo que não sejam lidos apenas por diverti-mento e por curiosidade, mas que se procure aproveitar, pelas considerações

úteis de que fornecem tanta matéria. Foi esse o motivo que me levou a empreender esta tradução; do contrário, ela ter-me-ia, aos oitenta anos, feito empregar em vão muito tempo e dar-me muito trabalho numa idade na qual só devemos pensar em nos preparar para a morte.

O tradutor

Vida de Flávio Josefo Escrita por Ele mesmo

Como a minha origem remonta a uma longa série de antepassados de família sacerdotal, eu poderia vangloriar-me da nobreza do meu nascimento, pois cada nação, estabelecendo a grandeza de uma família em certos sinais de honra que a acompanham, entre nós uma das mais notáveis é ter-se a administração das coisas santas. Mas não sou apenas oriundo da família dos sacerdotes: sou também da primeira das vinte e quatro linhas que a compõem e cuja dignidade está acima de todas. A isso posso acrescentar que, do lado de minha mãe, tenho reis entre meus antepassados. O ramo dos hasmoneus, de que ela é proveniente, possuiu durante um longo tempo, entre os hebreus, o reino e o sumo sacerdócio.

Eis a série dos últimos dos meus predecessores: Simão, cognominado Psello, avô de meu bisavô, viveu no tempo em que Hircano, primeiro desse nome, filho de Simão, sumo sacerdote, exercia o sumo sacerdócio. Psello teve nove filhos, um dos quais de nome Matias, cognominado Aflias, desposou no primeiro ano do reinado de Hircano, a filha de Jônatas, sumo sacerdote, e teve Matias, cognominado Curo, que no nono ano do reinado de Alexandre teve um filho de nome José, que no décimo ano do reinado de Arqueiau teve um filho de nome Matias, do qual eu tenho meu nascimento, no primeiro ano do reinado do imperador Caio César. Quanto a mim, tenho três filhos: o primeiro dos quais, chamado Hircano, nasceu no quinto ano do reinado de Vespasiano; o segundo, chamado Justo, nasceu no sétimo; e o terceiro, de nome Agripa, no nono ano do reinado do mesmo imperador. Eis minha descendência como está escrita nos registros públicos e que eu julguei dever relatar aqui a fim de desmanchar as calúnias de meus inimigos.

Meu pai não foi somente conhecido em toda a cidade de Jerusalém pela nobreza de sua origem; ele o foi ainda mais, por sua virtude e por seu amor à justiça, que tornaram seu nome célebre. Fui educado desde minha infância no estudo das letras, com um dos meus irmãos de pai e mãe, que tinha como ele o

nome de Matias. Deus me deu bastante memória e inteligência, e eu fiz tão grande progresso que, tendo então só quatorze anos, os sacerdotes e os mais importantes de Jerusalém se dignaram perguntar minha opinião sobre o que se referia à interpretação das leis.

Quando fiz treze anos, desejei aprender as diversas opiniões dos fariseus, as dos saduceus e as dos essênios, três seitas que existem entre nós, a fim de, co-nhecendo-as, pudesse adotar a que melhor me parecesse. Assim, estudei-as todas e experimentei-as com muitas dificuldades e muita austeridade. Mas essa experiência ainda não me satisfez; vim a saber que um certo Bane vivia tão aus-teramente no deserto que só se vestia da casca das árvores e só se alimentava com o que a mesma terra produz; para se conservar casto, banhava-se várias vezes por dia e de noite, na água fria; resolvi imitá-lo. Depois de ter passado três anos com ele, voltei, aos dezenove anos, a Jerusalém. Iniciei-me, então, nos trabalhos da vida civil e abracei a seita dos fariseus, que se aproxima mais que qualquer outra da dos estóicos, entre os gregos.

Na idade de vinte e seis anos fiz uma viagem a Roma, por esta razão: Félix, governador da Judéia, mandou por um motivo qualquer alguns sacerdotes, homens de bem e meus amigos particulares, para se justificarem perante o imperador; eu desejei, com muito entusiasmo, ajudá-los, quando soube que sua infelicidade em nada havia diminuído sua piedade e eles se contentavam em viver com nozes e figos. Assim, embarquei e corri um grande perigo, como jamais em minha vida. O navio no qual estávamos, umas seiscentas pessoas, naufragou no mar Adriático. Depois de ter nadado toda a noite, Deus permitiu que ao nascer do dia encontrássemos um navio de Cirene, que recebeu oitenta dos que entre nós haviam conseguido nadar tanto tempo; o restante havia perecido no mar. Assim chegamos a Disearche, que os italianos chamam Puteoli (Puzzoli), onde travei conhecimento com um comediante judeu de nome Alitur, o qual o imperador Nero muito apreciava. Esse homem levou-me até a imperatriz Popéa, e obtive sem dificuldade a absolvição e a liberdade daqueles sacerdotes por intermédio dessa princesa, que me deu grandes presentes também, com os quais regressei ao meu país.

Lá encontrei alguns espíritos inclinados às mudanças que começavam a lançar as raízes de uma revolta, contra os romanos. Procurei dissuadir os

sediciosos e lhes fiz ver, entre outras coisas, como tão poderosos inimigos lhes deviam ser temíveis, quer pela sua ciência na guerra, quer pela grande prosperidade e que eles não deviam expor temerariamente a tão grande perigo, suas mulheres, seus filhos e sua pátria. Como eu previa que tal guerra seria muito desastrada, não houve razões de que não me servisse para dissuadi-los desse empreendimento. Mas todos os meus esforços foram inúteis; foi-me impossível fazer com que evitassem essa loucura. Assim, temendo que os facciosos, que já tinham ocupado a fortaleza Antônia, suspeitassem que eu favorecia o partido dos romanos e me fizessem morrer, retirei-me para o santuário, de onde, depois da morte de Manahem e dos principais autores da revolta, saí para me unir aos sacerdotes e aos principais dos fariseus.

Encontrei-os muito assustados, por ver que o povo havia tomado as armas, e estava muito indeciso sobre o partido que devia tomar, mas via ser perigoso opor-se à fúria daqueles sediciosos. Fingimos estar de acordo com seus sentimentos e aconselhamo-los a deixar as tropas romanas se afastarem, na esperança que tínhamos de que Cássio viria com grandes forças e acalmaria o tumulto. Ele veio, com efeito; mas depois de ter perdido vários dos seus num combate, foi obrigado a se retirar. Essa vantagem que os revoltosos obtiveram contra ele custou caro à nossa nação, porque, tendo-lhes elevado o ânimo, vangloriavam-se de poder conseguir novas vitórias.

Nesse mesmo tempo, os habitantes das cidades da Síria, vizinhas da Judéia, mataram os judeus que lá moravam, embora eles nem sequer tivessem tido o pensamento de se revoltar contra os romanos, e por uma crueldade mais que bárbara não pouparam nem mesmo as mulheres e as crianças. Os de Citópolis sobrepujaram aos demais em impiedade. Quando os judeus vieram fazer-lhes guerra, eles obrigaram os seus compatriotas que viviam entre eles, a tomarem as armas contra seus irmãos, o que nossas leis proíbem expressamente, e depois de terem vencido, com o auxílio deles, esqueceram, por uma detestável perfídia, o favor que lhes deviam e a palavra dada, e os mataram a todos, sem poupar a um só. Os judeus que moravam em Damasco não foram tratados com mais humanidade. Mas como já narrei estas coisas, na minha História da Guerra dos judeus, basta-me dizer isto de passagem, a fim de que o leitor saiba que não foi voluntariamente, mas obrigada, que nossa

nação travou guerra contra os romanos.

Depois da derrota de Géssio, os maiorais de Jerusalém que estavam desarmados e viam os sediciosos armados, temeram com razão cair em seu poder, e, sabendo que a Galiléia não se tinha ainda revoltado totalmente contra os romanos, mas uma parte dela se conservava fiel ao seu dever, mandaram-me para lá com dois outros sacerdotes, Joazar e Judas, para persuadir aos amotinados a abandonar as armas e entregá-las aos chefes da nação, com a garantia de lhas conservar; mas que antes de se servirem delas, seria necessário saber-se qual a intenção do romanos.

Tendo partido com essas instruções, constatei, ao chegar na Galiléia, que os de Séforis estavam a ponto de travar uma luta com os galileus, que ameaçavam devastar seu país, por causa do afeto que aqueles tinham pelo povo romano e da fidelidade que mantinham a Sênio Galo, governador da Síria, livrei os seforitanos desse temor e acalmei os galileus permitindo-lhes mandar, todas as vezes que quisessem, a Dora da Fenícia, os reféns que tinham dado a Géssio.

Quanto aos habitantes de Tiberíades, achei-os em armas. Esta era a razão: Havia naquela cidade três partidos; o primeiro era composto de pessoas da nobreza e Júlio Capela era-lhe o chefe; Herodes, filho de Miar, Herodes, filho de Gamai e Compso, filho de Compso, a ele se haviam reunido; Cripso, irmão de Compso, que Agripa, o Grande, há muito tinha feito governador da cidade, permanecia ainda nas terras que possuía além do Jordão. Todos os outros de que acabo de falar eram de opinião de se permanecer fiel ao povo romano e ao seu rei, e Pisto era o único da nobreza que, para agradar a Justo, seu filho, não era desse parecer.

O segundo partido era composto pelo baixo povo, que queria que se lhe fizesse guerra. Justo, filho de Pisto, era do terceiro partido. Ele mostrou duvidar se seria preciso pegar em armas; mas, secretamente incitava a perturbação, na esperança de conquistar grandeza e grande vantagem com a revolução. Para conseguir o seu intento, disse ao povo que a sua cidade sempre havia ocupado um dos primeiros lugares entre as da Galiléia e lhe tinha mesmo sido a capital durante o reinado de Herodes, que a tinha fundado e lhe tinha submetido a de Séforis:, que eles tinham conservado aquela preeminência, mesmo sob o reinado do rei Agripa, o pai, até que Félix fora feito governador da Judéia, e a

tinha perdido somente depois que Nero os havia dado ao jovem Agripa. Mas Séforis, depois de ter recebido o jugo dos romanos, tinha sido elevada acima de todas as outras cidades da Galiléia; essa mudança os havia feito perder o tesouro dos privilégios antigos, e os rendimentos pertencentes ao rei.

Justo, com semelhantes discursos, irritou o povo contra o rei e suscitou-lhes no espírito o desejo de se revoltar; acrescentou ainda que tinha chegado o tempo de se unirem às outras cidades da Galiléia e de tomarem as armas para reconquistar os benefícios que lhes haviam injustamente arrebatado. Nisso seriam secundados por toda a província, pelo ódio que se tinha dos seforitanos, por sua ligação tão estreita com o Império Romano. Essas razões de justo persuadiram o povo, pois, ele era muito eloqüente; a graça, com a qual falava, levou-o a opiniões muito mais sábias e mais salutares. Ele tinha certo conhecimento da língua grega para ter ousado escrever a história do que se passou então, a fim de desmascarar a verdade. No entanto, revelarei mais particularmente, em seguida, toda sua malícia e de como não foi preciso que ele e seu irmão tenham causado a inteira ruína de seu país. Justo, tendo-os então persuadido, obrigou a alguns daqueles, que eram de outro parecer, a tomar as armas; pôs-se em campo e queimou algumas aldeias dos ipinianos e dos gadareenses, que estão na fronteira de Tiberíades e de Citópolis.

Enquanto as coisas andavam como acabo de dizer, eis o que se passava em Giscala. João, filho de Levi, vendo que alguns de seus concidadãos, estavam resolvidos a sacudir o jugo dos romanos, empregou toda a sua habilidade para conservá-los no dever e na obediência. Mas tudo foi inútil, e os gadarenianos, os gabaranianos e os tirios, que estão próximos de Giscala, juntaram-se, atacaram a praça, tomaram-na e a destruíram completamente. João, irritado com esse ato, reuniu muitas tropas, marchou contra eles, derrotou-os, reconstruiu a cidade e a rodeou de muralhas.

Agora direi como os de Gamala permaneceram fiéis aos romanos. Filipe, filho de Jacim, lugar-tenente do rei Agripa, tinha, contra toda sorte de esperança, escapado do palácio real de Jerusalém, quando estava cercado, mas caiu em outro perigo, correndo risco de ser morto por Manahem e seus sediciosos, se alguns babilônios, seus parentes, que então estavam em Jerusalém, não o tivessem salvado. Ele disfarçou-se alguns dias depois e fugiu

para uma aldeia que estava perto do castelo de Gamala, onde reuniu um grande número de seus súditos. Deus permitiu que ele fosse tomado por uma febre, sem o que estaria perdido. Este acidente impediu-lhe de continuar a viagem e ele escreveu por um dos seus libertos a Agripa e à rainha Berenice; para fazê-los receber suas cartas, as endereçou a Varo, ao qual o rei e a rainha haviam deixado a guarda do palácio, quando saíram para encontrar-se com Géssio. Varo ficou muito aborrecido por saber que Filipe tinha escapado, porque teve medo de diminuir-se seu prestígio perante o rei e a rainha e de que não tivessem mais necessidade dele, quando Filipe estivesse com eles. Assim, fez o povo crer que aquele liberto era um traidor, que lhe trazia falsas cartas, porque estava certo de que Filipe estava em Jerusalém, com os judeus que se haviam revoltado contra os romanos, e assim, mandou matar aquele homem.

Quando Filipe viu que seu liberto não voltava, não sabendo a que atribuir tal demora, mandou um segundo, com outras cartas. Varo, para prejudicá-lo empregou as mesmas calúnias, com que havia feito morrer o primeiro. Os sírios, que moravam em Cesareia, haviam-no reanimado e feito conceber novas esperanças, dizendo que os romanos tinham matado Agripa, por causa da rebelião dos judeus e que ele poderia reinar em seu lugar, porque era de família real, descendente de Soheme, rei do Líbano. Foi isso que o impediu de entregar ao rei as cartas de Filipe e o obrigou a fechar todas as passagens, a fim de tirar ao príncipe o conhecimento do que se passava. Mandou, em seguida, matar vários judeus para satisfazer aos sírios de Cesareia e resolveu atacar, com o auxílio dos traconítidas, que estavam em Betânia, os judeus que eram chamados de babilônios e moravam em Ecbátana. Para conseguir esse intento, ordenou a doze dos principais entre os judeus de Cesareia, que fossem dizer, de sua parte, aos de Ecbátana, que o haviam avisado de que eles estavam a ponto de se revoltar contra o rei, mas que não haviam prestado fé àquele aviso e assim os mandava a eles, para exortá-los a deixar as armas, a fim de mostrar com esse ato de obediência, que ele tivera razão em não acreditar no que lhe haviam dito em seu desabono. A isso acrescentou que para manifestar ainda melhor sua inocência, seria necessário que lhe mandassem setenta dos mais ilustres dentre os seus.

Chegando a Ecbátana, os doze deputados acharam que os de sua nação

só pensavam em se revoltar, e os persuadiram a mandar a Varo os setenta homens que ele pedia. Quando os deputados reuniram-se perto de Cesareia, Varo, que os havia precedido no caminho, com tropas do rei, atacou-os e de todo aquele grande número um só se salvou. Varo marchou em seguida contra Ecbátana. Mas aquele que se havia salvado, precedeu-o e deu aos habitantes a notícia daquela horrível perfídia. Eles tomaram as armas, retiraram-se com suas mulheres e filhos ao castelo de Gamala e abandonaram suas aldeias, com todos os seus bens e todos os animais que possuíam em abundância. Filipe, tendo sabido disso, dirigiu-se imediatamente a Gamala. O povo, alegre com seu regresso, rogou-lhe que fosse seu chefe e os conduzisse contra Varo e os sírios de Cesareia, pois espalhara-se a notícia de que eles haviam matado o rei. Filipe, para reprimir-lhes a impetuosidade, falou-lhes dos benefícios de que eram devedores àquele soberano, fê-los conhecer por meio de razões mui fortes que as forças do Império Romano eram tão temíveis, que eles não podiam empreender a guerra contra ele, sem se expor a um evidente perigo e, por fim, persuadiu-os a seguir seu conselho.

No entanto, o rei Agripa, tendo sabido que Varo queria mandar matar no mesmo dia todos os judeus de Cesaréia, que eram muitos, sem poupar nem as mulheres e as crianças, mandou Equo Módio para substituí-lo, como se pode ver em outro lugar. E Filipe conservou na obediência aos romanos, Gamala e a região dos arredores.

Quando cheguei à Galiléia, soube de tudo o que acabo de referir e escrevi ao Conselho de Jerusalém, para saber o que queria que eu fizesse. Ele determinou que eu ficasse, para cuidar da província e que conservarsse comigo os meus colegas, se eles o quisessem. Mas depois que eles ajuntaram muito dinheiro, o qual lhes era devido pelas décimas, preferiram voltar e me pediram que lhes desse somente um pouco de tempo, para regularizar todas as suas coisas. Partimos depois todos juntos, de Séforis, para uma aldeia de nome Betmaús, longe quatro estádios de Tiberíades. De lá mandei alguns homens ao Senado daquela cidade e aos mais ilustres dentre o povo, para lhes rogar que viessem ter comigo. Eles vieram e Justo também veio. Eu lhes disse que tinha sido enviado pela cidade de Jerusalém com meus colegas, para lhes anunciar que era preciso demolir o palácio tão suntuoso que o tetrarca Herodes tinha

feito construir e onde ele tinha mandado pintar diversos animais, contra a proibição expressa de nossas leis. Dessa forma, eu lhes rogava que nos permitissem lá trabalhar com urgência.

Capella e os de seu partido, não podendo resolver-se a destruir tão bela obra, opuseram-se por muito tempo. Mas por fim, nós os induzimos a consentir; enquanto tratávamos desse assunto, Jesus, filho de Safias, seguido de alguns barquei-ros e de alguns outros galileus do seu partido, incendiou o palácio, com a esperança de se enriquecer, porque viam nele coberturas douradas; roubaram de lá várias coisas, contra a nossa vontade. Depois desta conversa que tive com Capella, retiramo-nos para a alta Galiléia. No entanto, os do partido de Jesus mataram todos os gregos que moravam em Tiberíades e todos os que tinham sido seus inimigos antes da guerra. Esta notícia muito me aborreceu. Fui imediatamente a Tiberíades, onde fiz tudo o que me foi possível para reconquistar uma parte do que havia sido roubado do rei, como candelabros coríntios, ricas mesas, uma grande quantidade de dinheiro, em moedas, com o fim de o conservar para o soberano, e entreguei todas essas coisas nas mãos das autoridades do Senado e de Capella, filho de Antillo, com ordem de só os entregar a mim mesmo.

De lá, fui como meus colegas a Giscala, para sondar o que João tinha em mente e pude logo conhecer que ele aspirava a um governo tirânico, pois rogou-me que lhe permitisse servir-se do trigo que pertencia ao imperador e que estava reservado, nas aldeias da alta Galiléia, para, com o seu produto, construírem-se muralhas. Como, porém, percebi a sua intenção, recusei-me, e determinei guardar aquele trigo ou para os romanos ou para as necessidades da província, em virtude do poder que a cidade de Jerusalém me tinha dado. Quando ele viu que nada podia obter de mim, dirigiu-se aos meus colegas e como eles apreciavam muito os presentes e não previam as conseqüências, concederam-lhe o que pedia, por maiores objeções que eu fizesse, sendo sozinho contra dois. Ele usou ainda de outro ardil. Disse que os judeus que estavam em Cesaréia de Filipe queixavam-se da falta de óleo virgem, por causa das proibições que o rei lhes havia feito de sair da cidade para comprá-lo; tinham se dirigido a ele para obtê-lo porque não queriam se servir do óleo dos gregos contra o costume da nossa nação. Não era, no entanto, o zelo pela nossa

religião, mas o desejo de um ganho sórdido, que os fazia falar dessa maneira, porque ele sabia que vendendo-se duas medidas desse óleo por uma dracma em Cesaréia, oitenta medidas custavam quatro dracmas, em Giscala. Assim, mandou trazer a Cesaréia todo o óleo que havia na cidade, fazendo falsamente crer que o fazia com minha licença; eu não ousei opor-me para que o povo não me apedrejasse, e com essa fraude ele ganhou muito dinheiro.

Despedi depois meus colegas, mandando-os para Jerusalém; entreguei-me diligentemente a fazer provisões de armas e a fortificar as praças. No entanto, mandei chamar todos os indivíduos que viviam de roubo e saque; não conseguindo convencê-los a deixar as armas, persuadi o povo a pagar-lhes uma contribuição; o que se fez, como preferível, a sofrer os prejuízos que eles causavam aos campos; assim os despedi, depois de os ter obrigado com juramento de só voltar ao país se fossem chamados ou se lhes deixassem de pagar; proibi-lhes também de devastar as terras dos romanos e as vizinhanças. Como nada mais tinha a fazer do que manter a paz na Galiléia, fiz amizade com setenta dos principais do país, a fim de que me fossem como outros tantos reféns, seguindo-lhes o conselho e as advertências em várias coisas, sobretudo nada fazendo contra a justiça e não me deixando subornar por presentes.

Eu tinha então trinta anos; embora seja difícil, por mais que se proceda com moderação e prudência, evitarem-se as calúnias dos invejosos, principalmente quando se está constituído em dignidade e autoridade, ninguém, no entanto, jamais ousou dizer que eu recebi presente algum ou permiti que se usasse de violência contra alguma mulher. Também não tinha necessidade desses presentes e estava tão longe de aceitá-los, que não cuidava nem mesmo em receber as décimas que me eram devidas, como sacerdote. Tomei, somente, depois da vitória que obtive sobre os sírios, uma parte de seus despojos, que mandei a meus parentes em Jerusalém. Eu vencera duas vezes os seforitanos, quatro vezes os de Tiberíades, uma vez os gandarianos e aprisionei a João, que me tinha armado tantas emboscadas. No meio de tão felizes resultados, jamais quis vingar-me, nem dele, nem de todos os outros e como Deus tem os olhos abertos sobre as boas ações dos homens, atribuo a essa razão a graça que Ele me fez de livrar-me de tantos perigos de que falarei na continuação desta história.

Todo o povo da Galileia tinha tal afeto por mim e tal fidelidade, que vendo suas cidades tomadas à força, suas mulheres e filhos levados escravos, eles se sentiam menos tristes por essa desgraça, do que pela minha conservação. Essa estima e esse afeto tão geral para comigo aumentaram ainda mais a inveja de João. Ele escreveu-me pedindo permissão para ir a Tiberíades tomar banhos quentes, de que estava necessitando para sua saúde. Como não imaginava que ele tinha má intenção, não somente lho permiti, mas ordenei aos magistrados que lhe preparassem um aposento, a ele e aos seus companheiros, e lhes fornecessem em abundância tudo o que lhes fosse necessário. Eu estava então em Canaã, cidadezinha da Galileia; apenas João chegou a Tiberíades, procurou logo induzir os habitantes a faltar-me à fidelidade e a se separarem de mim, para passar ao seu partido. Vários dentre eles, propensos à revolução, escutaram com prazer essa proposta, principalmente Justo e Pisto, seu pai; mas eu tornei inútil o seu mau intento. Silas, que eu havia dado por governador aos de Tiberíades, mandou com grande rapidez avisar-me do que se passava e insistiu que eu me apressasse, se não quisesse, pela minha demora, deixar cair aquela cidade em poder de outro. Tomei imediatamente duzentos homens, caminhei durante toda a noite e mandei avisar os de Tibenades acerca de minha chegada.

No dia seguinte, ao raiar da aurora, eu estava perto da cidade; os habitantes vieram ter comigo, e João com eles; cumprimentou-me com o rosto espantado e temendo que o mandasse matar, se viesse a saber da sua perfídia, retirou-se para o seu aposento. Chegando à praça dos exercícios, conservei comigo apenas um homem e dez soldados. Subi a um lugar elevado e disse ao povo quanto lhe era necessário manter a fidelidade, pois do contrário eu não poderia mais confiar nele, e que se arrependeriam um dia de ter faltado ao seu dever. Enquanto falava, um dos meus amigos avisou-me que me retirasse, pois não era aquele o tempo mais apropriado para granjear a benevolência do povo, mas para me salvar de suas mãos, pois João tendo sabido que eu estava quase sozinho, tinha escolhido, entre os mil homens que comandava, aqueles em quem mais confiava e os mandara com ordem de me matar.

Com efeito, aqueles assassinos já estavam perto e teriam executado seu perverso intento, se eu não me tivesse afastado prontamente, com o auxílio de

um dos meus guardas, de nome Jacó, e de um homem de Tiberíades, chamado Herodes, que me fizeram descer e me acompanharam até o lago. Ali, por felicidade, encontrei uma barca que me levou a Tariquéia; assim, pude frustrar as esperanças dos meus inimigos. Os habitantes da cidade sentiram tanto horror pela traição dos de Tiberíades que tomaram logo as armas e insistiram comigo que os levasse contra eles, para se vingar de tal perfídia, e mandaram contar a toda a Galiléia tudo o que se tinha passado, convidando todos a se juntarem a eles e a marcharem sob meu comando. Esses povos reuniram-se em grande número junto de mim e todos me rogaram que fosse atacar Tiberíades, que a destruísse inteiramente, vendesse em leilão todos os homens, as mulheres e as crianças; meus amigos, que haviam escapado do mesmo perigo, aconselhavam-me a mesma coisa. Mas o medo de atear uma guerra civil impediu-me que tomasse tal decisão. Julguei que era melhor acomodar a situação e lhes mostrei o mal que fariam a si mesmos, se quando os romanos viessem, os encontrassem divididos, a matarem-se uns aos outros.

Assim acalmei-lhes a cólera, e João, vendo que sua traição lhe havia saído tão mal, fugiu assustado de Tiberíades com seus homens para se refugiar em Ciscala. Ele me escreveu que não tivera participação no que havia acontecido, e fazia juramentos e estranhas execrações para me levar a acreditar em suas palavras. No entanto, um grande número de galileus veio ter comigo armados, e como sabiam que João era mau e perjuro, rogavam-me insistentemente que os levasse contra ele, para derrotá-lo e castigá-lo, e exterminar os de Giscala. Eu lhes agradeci muito aquela demonstração de boa vontade e garanti que conservaria sempre grande gratidão, mas rogava que aprovassem o meu desejo de pacificar aquela perturbação, sem derramamento de sangue. Consegui persuadi-los e em seguida fomos a Séforis. Seus habitantes, que temiam minha vinda, porque estavam resolvidos a permanecer fiéis e obedientes aos romanos, procuraram levar-me a outra parte e para isso pediram a Jesus, com oitocentos ladrões, comandados por ele, que estavam então na fronteira de Ptolemaida, para fazer-me guerra, a troco de grande soma de dinheiro.

Tal recompensa fê-lo aceitar a proposta, mas antes de chegarmos às armas abertamente, ele procurou surpreender-me. Mandou dizer-me que lhe permitisse vir cumprimentar-me. Permiti-lho, porque não desconfiava de nada;

ele se pôs em seguida a caminho, com todos os seus homens. Sua maldade, no entanto, não teve o êxito que ele esperava. Quando já estava muito perto de nós, um do seu bando veio avisar-me do seu intento. Então, sem dar demonstração alguma, fui à praça pública, acompanhado de grande número de galileus armados, entre os quais havia alguns de Tiberíades; ordenei que vigiassem todas as ruas e encarreguei aos que estavam nas portas, que não deixassem Jesus entrar, senão com um pequeno número e afastassem os outros; até mesmo os repelissem, à força, se eles teimassem em querer entrar. Jesus veio, então, com apenas alguns homens e eu lhe ordenei que deixasse as armas, se não quisesse perder a vida; quando se viu rodeado de soldados, foi obrigado a obedecer. Os seus, que tinham ficado do lado de fora, quando souberam que ele estava preso, fugiram. Levei-o à parte e disse-lhe que não ignorava qual era seu intento, nem sabia quem eram seus cúmplices, mas que lhe perdoaria, se ele me prometesse ser fiel para o futuro. Ele me prometeu e o deixei sair, permitido-lhe reorganizar suas tropas. Quanto aos seforitanos, declarei-lhes que, se não continuassem a obedecer, saberia muito bem como castigá-los.

Nesse mesmo tempo, dois senhores traconitidas, súditos do rei, vieram me procurar, armados, com cavalos e dinheiro. Os judeus não lhes queriam permitir permanecer com eles, se não se fizessem circuncidar; mas eu lhes disse que se devia deixar a cada qual a liberdade de servir a Deus segundo os movimentos da própria consciência, sem usar de coação, nem dar motivo, aos que vinham procurar sua segurança entre nós, de se arrepender. Assim fiz o povo mudar de sentimentos e levei-o a dar a esses estrangeiros as coisas de que eles tinham necessidade.

O rei Agripa mandou, nesse mesmo tempo, Equo Módio, com grande número de soldados, para tomar o castelo de Magdala; mas ele não ousou sitiá-lo e se contentou em perturbar Gamala, pondo soldados nas ruas. No entanto, Ebúcio, outrora governador do Campo Grande, soube que eu estava em Simoniada, na fronteira da Galiléia, a sessenta estádios dele. Marchou a noite toda, para vir atacar-me com cem cavaleiros, duzentos homens de infantaria e o socorro que lhe mandaram os de Gaba. Enviei contra ele uma parte de meus soldados e, como ele confiava na sua cavalaria, fiz o possível para atraí-los à

luta. Mas como eu tinha somente infantaria, não lhe quis dar essa vantagem. Assim, depois de ter valentemente resistido, quando ele viu que a posição do lugar não lhe era favorável, regressou a Gaba, tendo perdido somente três soldados. Eu o persegui com três mil homens até uma aldeia da fronteira de Ptolemaida, de nome Bezara, distante vinte estádios de Gaba. Fiz colocar guardas nas avenidas para impedir o ataque dos inimigos e mandei carregar sobre muitos camelos, que mandara vir para esse fim, o trigo que a rainha Berenice tinha feito reunir naquele lugar, das aldeias dos arredores e o levei à Galiléia. Depois mandei desafiar Ebúcio para um combate; ele não ousou aceitá-lo, tanto nossa coragem o havia deixado atônito. Dali, sem perder tempo, marchei contra Neapolitano, que, com a cavalaria que conservava na guarnição de Citópolis, saqueava os arredores de Tiberíades. Consegui impedir que ele continuasse suas correrias e entreguei-me todo ao governo da Galiléia.

João, filho de Levi, que estava, como dissemos, em Giscala, vendo que todas as coisas sucediam-se felizmente, que eu era amado pelo povo e temido pelos inimigos, considerou a minha boa sorte como um obstáculo à sua e, ardendo de inveja, alimentava a esperança de me poder sobrepujar instigando contra mim o ódio do povo. Para isso procurou agradar aos de Tiberíades e de Séforis, a fim de atrair para seu partido as três principais cidades da Galiléia; procurou também os de Gabara, fazendo crer que eles seriam muito mais felizes sob seu governo do que sob o meu. Mas Séforis nada quis, nem com ele nem comigo, porque pendia toda para os romanos; Tiberíades, que achava perigoso revoltar-se, contentou-se em prometer-lhe viver em amizade com ele. Assim, os de Gabara foram os únicos que abraçaram seu partido, ante a insistência de Simão, que era seu amigo e um dos principais da cidade. Eles não ousaram, no entanto, declarar-se abertamente, porque temiam os galileus, dos quais haviam várias vezes constatado o afeto por mim, mas esperavam a ocasião de me surpreender com uma traição; pouco faltou, então, para que deveras isso acontecesse, pelo fato que passo a narrar:

Alguns jovens de Dabar, muito corajosos e ousados, tendo sabido que a mulher de Ptolomeu, intendente dos negócios do rei, atravessava o Campo Grande com magnífica equipagem e acompanhada de alguns cavaleiros para passar das terras do rei à província dos romanos, atacaram sua escolta; tudo o

que a senhora pôde fazer foi salvar-se enquanto eles estavam ocupados com o saque. Depois disso, vieram procurar-me, em Tariquéia, com quatro mulas carregadas de muitas coisas de valor, baixelas de prata, e quinhentas peças de ouro. Como Ptolomeu era judeu e nossas leis proíbem tomar as coisas dos da nossa própria nação, mesmo quando fossem nossos inimigos, eu quis conservar essa presa para resti-tuí-la; com esse fim, disse àqueles moços que devíamos guardá-lo, para vendê-lo e mandar o produto a Jerusalém, a fim de empregá-lo na reparação dos muros da cidade. Isso irritou-os de tal modo, porque esperavam aproveitar-se de tudo, que fizeram correr o boato, nos arredores de Tiberíades, que eu queria colocar a província sob o domínio dos romanos; que o que eu havia dito sobre Jerusalém era falso, e minha verdadeira intenção era restituir tudo a Ptolomeu, e nisso eles não restavam errados. Mal haviam eles me deixado, entreguei tudo o que haviam apanhado a Dassiom e Jane, filhos de Levi, dois dos principais habitantes de Tariquéia, muito queridos do rei. Dei-lhes ordem de que lho entregassem e proibi-lhes, sob pena de morte, falar a quem quer que fosse.

No entanto, espalhou-se por toda a Galiléia o boato de que eu a queria entregar aos romanos. Decidiram matar-me; os de Tariquéia, tendo prestado fé a essa mentira, persuadiram os meus guardas e os soldados que me acompanhavam, a aproveitar, quando eu estivesse dormindo, para encontrar com os outros no Hi-pódromo,* a fim de deliberarem os meios de executar o seu intento. Foram todos e lá encontraram um grande número de pessoas já reunidas. De comum acordo deliberaram tratar-me como traidor da República e Jesus, filho de Safias, que então era o principal juiz de Tiberíades e um dos piores homens do mundo, dos mais sediciosos, para incitá-los ainda mais, mostrou-lhes as Leis de Moisés, que tinha na mão e disse-lhes: "Se não estais comovidos ante a consideração da vossa própria salvação, pelo menos não desprezeis estas santas Leis, que o pérfido Josefo, vosso governador, não tem receio de violar, o qual deveria ser castigado mui severamente por ter cometido tão grande crime".

Tendo assim falado e vendo que o povo aprovava com seus gritos o que ele dizia, tomou consigo alguns soldados e veio ao meu aposento, com o intuito de me matar. Como nada desconfiava e estava dormindo, cansado e fatigado, Si-

mão, um dos meus guardas, que tinha ficado comigo, vendo aquele grupo furioso, despertou-me, avisou-me do perigo em que me encontrava e exortou-me a morrer honrosamente, matando-me antes que ser morto pelos inimigos. Eu me recomendei a Deus, tomei uma veste negra, para me disfarçar, e levando somente minha espada,:passei pelo meio desse grupo e fui diretamente ao hipódromo, por um outro jcamiinbo. Lá, prostrei-me diante de todos, banhei a terra com minhas lágrimas, para comovê-los à piedade; quando vi que começavam a se enternecer, procurei dividi-los em seus sentimentos, antes que aqueles que me tinham ido matar estivessem de volta. Disse-lhes que não negava ter conservado aqueles despojos, como me acusavam; mas rogava-lhes que me ouvissem, para saber com que fim o fizera, e se achassem que eu havia errado, poderiam depois mandar matar-me.

Então toda a multidão ordenou-me que falasse; os que tinham ido procurar-me chegaram naquele mesmo instante e queriam lançar-se sobre mim mas foram contidos pela voz unânime do povo. Julgaram que, depois de ter confessado querer entregar aqueles despojos ao rei, eu passaria por traidor e eles poderiam executar o seu intento, sem oposição alguma. Assim, toda a assembléia calou-se para me escutar e eu falei: "Se julgais que eu mereço a morte, não me recuso a sofrê-la; mas permiti-me antes declarar-vos toda a verdade. Como eu havia reconhecido que a beleza e a comodidade de vossa cidade atraem para ela os estrangeiros de todos os lugares e muitos dentre eles abandonam seu país para vir habitar aqui; para dividir convosco os vossos dias de felicidade e de adversidade, eu tinha intenção de empregar esse dinheiro lá fazendo construir muralhas". A estas palavras, os habitantes e os estrangeiros puseram-se a gritar que todos me eram muito agradecidos e que nada mais eu tinha a temer.

Os galileus, ao contrário, e os de Tiberíades, continuavam com sua animosidade. Estando assim divididos, uns me ameaçavam, outros me tranqüilizavam. Depois que prometi aos de Tiberíades e aos das outras cidades, cuja posição o permitisse, construir-lhes também muralhas, eles prestaram fé às minhas palavras, a assembléia se dissolveu e me retirei com meus amigos e vinte dos meus soldados, depois de, contra toda sorte de esperança, ter escapado de tão grande perigo. Mas os autores da sedição, que julgavam que eu

me vingaria, reuniram-se armados em número de seiscentos e marcharam para minha casa, com a intenção de incendiá-la. Avisaram-me disso em tempo, mas, julgando que me seria vergonhoso fugir, recorri à audácia, à coragem, para me defender. Assim, depois de ter mandado fechar as portas, subi ao andar mais alto do edifício, de onde lhes gritei que mandassem alguns deles receber aquele dinheiro que era a causa do seu descontentamento e de suas queixas. Mandaram logo o mais revoltoso de todos; eu o fiz açoitar com varas, mandei cortar-lhe uma das mãos, que lhe penduraram ao pescoço, e o despedi nesse estado. Este ato tão ousado fê-los acreditar que eu tinha comigo um grande número de soldados e os assustou de tal modo, que todos fugiram. Assim, pela minha firmeza e sagacidade evitei este segundo perigo.

Alguns outros dos mais revoltosos continuavam ainda a incitar o povo, dizendo que era preciso matar aqueles dois senhores que se tinham refugiado junto de mim, pois recusavam-se submeter às leis de um país onde tinham vindo procurar sua segurança e eram envenenadores, que favoreciam o partido dos romanos. Quando vi que o povo se deixava enganar por essas palavras, disse-lhe que era injusto perseguir pessoas que tinham vindo procurar asilo entre nós; que aquele envenenamento de que lhes falavam era pura imaginação e quimera, pois os romanos não tinham necessidade de manter um número tão grande de legiões, se podiam, com esse meio, desfazer-se de seus inimigos. Estas palavras acalmaram-no, mas os artifícios desses perturbadores, irritaram-no de novo, e ele foi, armado, sitiar as casas dos dois senhores, com o fim de matá-los. Eu fui avisado disso; temendo que, se cometessem tão grande crime, ninguém mais desejasse vir para junto de nós, resolvi ir naquele mesmo instante, acompanhado por alguns dos meus, à casa dos estrangeiros. Mandei também fechar as portas da casa, saindo por um canal, até o lago que estava perto, entrei com eles numa barca e os levei até a fronteira dos ipenianos. Ali paguei-lhes o valor dos cavalos que eles não tinham podido trazer e, dizendo-lhes adeus, exortei-os a suportar corajosamente a infelicidade que lhes havia sucedido.

Na verdade, tinha o coração muito pesaroso, por ser obrigado a expor ainda uma vez, num país inimigo, pessoas que tinham vindo buscar segurança entre nós. Julguei, no entanto, que era preferível pô-los em perigo de morrer

nas mãos dos romanos do que vê-los assassinados diante de meus olhos, numa província que eu governava. Eles, porém, evitaram a desgraça que eu lhes imaginava, porque o rei Agripa acalmou-se e perdoou-os.

---

* Lugar onde se realizavam as corridas de cavalos.

Nesse mesmo tempo, os habitantes de Tiberíades escreveram ao soberano e prometeram-lhe entregar-se a ele, se lhes prometesse mandar tropas para a defesa de seu país. Logo que soube disso, fui procurá-los; como eles sabiam que Tariquéia já tinha sido rodeada de muralhas, rogaram-me que cumprisse a palavra que lhes havia dado, de lhes fazer o mesmo favor. Eu o fiz e mandei buscar o material e os operários. Parti três dias depois de Tiberíades para Tariquéia, que dista dali trinta estádios. Logo que saí, alguns cavaleiros apareceram perto da cidade e os habitantes julgaram que eram tropas do rei; começaram a me injuriar com toda espécie de impropérios. Um homem veio com toda a pressa avisar-me do que se passava e acrescentou que tudo fazia prever uma revolução. Essa notícia encheu-me de espanto, tanto mais que havia dispensado de Tariquéia todos os meus soldados, porque o dia de sábado estava perto e desejava que os habitantes pudessem celebrá-lo sem serem perturbados pelos soldados; eu fazia sempre assim, naquela cidade, pela confiança que tinha no afeto dos habitantes o qual havia tantas vezesexperimentado. Assim, tendo comigo apenas sete soldados e alguns amigos, não sábia o que fazer. De um lado, não via probabilidade de reunir minhas tropas na véspera de um dia errxque nossas leis não nos permitem combater, mesmo nas ocasiões mais prementes; por outro lado, não me achavam bastante forte, quando mesmo tivesse podido, nessa ocorrência, servir-me dos habitantes de Tariquéia e dos estrangeiros que lá habitavam, rogando-lhes que me ajudassem na esperança de ricos despojos.

No entanto, esse assunto não padecia demora, pois, por pouco que o adiasse, aqueles que, se dizia, o rei havia enviado, tornar-se-iam senhores da cidade e me impediriam de lá entrar. Na ansiedade em que me encontrava, dei ordem a alguns amigos meus, nos quais confiava, que montassem guarda às

portas da cidade e não deixassem ninguém sair. Mandei depois aos principais habitantes que subissem cada qual a um barco com um barqueiro somente para seguir-me até Tiberíades; eu também subi a um deles, com sete soldados e alguns amigos. Os de Tiberíades, que não sabiam que eu tinha sido avisado do que se passava, vendo que não haviam chegado tropas do rei e que todo o lago estava coberto de barcos, que eles julgavam cheio de soldados, ficaram tomados de tão grande temor que imediatamente mudaram de opinião; deixaram as armas e vieram à minha presença, com suas mulheres e filhos, e desejando-me toda sorte de prosperidade, rogavam-me que continuasse a lhes demonstrar o meu afeto. Ordenei aos que dirigiam os barcos que me seguiam, que se detivessem longe da terra, para que eles não pudessem perceber as poucas pessoas que estavam dentro deles; aproximei-me da margem e dirigi severas recriminações aos da cidade, por terem violado tão levianamente a palavra que me haviam dado. Prometi-lhes, no entanto, perdoá-los, contanto que me enviassem dez dos principais dentre eles, o que fizeram imediatamente. Pedi ainda mais outros dez; e continuei a usar do mesmo ardil, até que consegui enviar a Tariquéia todo o Senado de Tiberíades e um grande número de seus principais habitantes.

Então o povo, vendo o perigo em que se achava, rogou-me que castigasse o autor da sedição. Era um jovem de nome Clito, muito corajoso e muito atrevido. Fiquei muito embaraçado; pois, de um lado, não podia tomar a decisão de mandar matar um homem da minha nação e, por outro lado, era assaz importante dar um castigo exemplar. Nessa dificuldade, tomei logo uma das resoluções, isto é, ordenei a Levi, um dos meus guardas, que o prendesse e lhe cortasse uma das mãos. Como visse que ele não ousava prendê-lo, no meio de tão grande multidão, não querendo que os de Tiberíades percebessem sua timidez, chamei Clito e disse-lhe: "Ingrato! Pérfido! Merecestes que lhe cortássemos ambas as mãos; sereis vós mesmo vosso algoz, se não quereis ser castigado ainda com maior severidade". Ele então rogou-me que lhe conservasse pelo menos uma das mãos. Eu concedi-lho, mas fingindo resolver-me a isso, contra a vontade; no mesmo instante ele cortou a mão esquerda com a própria espada. Assim cessou o tumulto, e voltei a Tariquéia. Os de Tiberíades não se cansavam de admirar de como eu havia acalmado aquela revolta, sem

derramamento de sangue.

Depois que cheguei a Tariquéia, mandei meus prisioneiros virem cear comigo, dentre os quais estavam Justo e Pisto, seu pai, e disse-lhes que sabia, como eles, qual era o poder dos romanos; mas que o grande número de facciosos impedia-me de manifestar meus sentimentos e aconselhava-os a permanecer como eu, no silêncio, esperando um tempo melhor. No entanto, eles deveriam se considerar mui felizes por ter-me por governador, pois nenhum outro poderia tratá-los melhor. Lembrei a justo, a esse respeito, que antes da minha vinda, os galileus tinham mandado cortar as mãos ao seu irmão, acusando-o de ter escrito falsas cartas; que depois da partida de Filipe, os gamalitanos, numa contestação que tiveram com os babilônios, tinham matado Cares, parente de Filipe, ao passo que eu tinha feito sofrer um castigo muito leve a Jesus, seu irmão, que tinha desposado a irmã de Justo. Depois disso, pus em liberdade a Justo e a todos os seus.

Pouco antes, Filipe, filho de Jacim, tinha partido do castelo de Gamala, pela razão que passo a expor: Logo que ele soube que Varo se tinha revoltado contra o rei Agripa e que Equo Módio, que era muito seu amigo, lhe fora dado como sucessor, escreveu a este último para avisá-lo do estado em que se achava e rogar-lhe que entregasse ao rei e à rainha as cartas que lhes escrevia. Módio soube com muita alegria o que Filipe lhe dizia, e mandou as cartas ao soberano e à princesa. O rei soube então da falsidade do que se havia dito, de Filipe se ter tornado chefe dos judeus, para fazer guerra aos romanos; mandou buscá-lo com uma escolta de cavalaria e o recebeu muito bem. Mostrava-o mesmo aos capitães romanos, dizendo-lhes: "Eis aquele que acusavam de se ter revoltado contra vós." Mandou-o depois com a cavalaria ao castelo de Gamala, para reunir todos os seus homens, restabelecer os babilônios em Batanéia e consolidar a tranqüilidade pública; Filipe partiu com essas ordens. No entanto, um certo José, que queria passar por médico, mas que era apenas um charlatão, reuniu os mais ousados da juventude de Gamala e atraiu também para si os maiorais da cidade; assim persuadiu o povo a sacudir o jugo do rei e a tomar as armas para reconquistar a liberdade. Obrigou outros, contra a vontade, a entrar no seu partido, mandando matar os que se recusavam, dentre os quais estavam Cares Jesus, seu parente, e a irmã de Justo, que era de

Tiberíades. Ele me escreveu em seguida para me pedir auxílio e operários para construir as muralhas da cidade, o que julguei conveniente conceder-lhe.

Nesse mesmo tempo, a parte da Galautida que se estende até a aldeia de Solima revoltou-se também contra o rei. Mandei rodear de muros Sogan e Selêucia, que são duas praças fortes e bem situadas, fortifiquei Jamnia, Amerite e Charabe, três aldeias da alta Galiléia, embora com dificuldade, por causa dos rochedos que lá existem, e dei ordem, principalmente, para fortificar Tariquéia, Tiberíades e Séforis. Mandei também rodear de muralhas algumas aldeias, como Bersobé, Seelamem, Jotapate, Cafarate, Comosgana, Nepafa, o monte Itaburim, e a caverna dos arbelianos; ali mandei reunir grande quantidade de trigo, e dei-lhes armas para se defenderem.

No entanto, João, filho de Levi, cuja raiva aumentava cada vez mais, não podendo tolerar minha prosperidade, resolveu prejudicar-me a todo custo. Assim, depois de ter feito cercar de muralhas Giscala, que era o lugar do seu nascimento, mandou Simão, seu irmão, e Jônatas, filho de Sisena, acompanhado por cem soldados, a Simão, filho de Gamaliel, para rogar-lhe que tudo fizesse perante os de Jerusalém para revogar o poder que me tinha sido dado e que ele fosse feito governador em meu lugar, com o consentimento unânime de todo o povo. Simão, de Jerusalém, era de mui ilustre descendência, da seita dos fariseus e, conseqüentemente, observante das nossas leis, homem muito sábio e muito prudente, capaz de realizar grandes empreendimentos, antigo amigo de João, e que, então, me odiava. Assim, levado pelos rogos insistentes de seus amigos, ele disse aos sumos sacerdotes Anano e Jesus, filho de Gamala, e aos outros que eram do seu partido, que era necessário tirar-me o governo da Caliléia antes que eu fosse elevado a um poder maior e que não havia tempo a perder, porque se eu viesse a saber de tudo, poderia atacar a cidade com um exército.

Anano respondeu-lhe que o que ele propunha não era fácil de se executar, porque vários sacerdotes e alguns dos grandes do povo davam testemunhos muito vantajosos a meu respeito e, assim, não era razoável acusar um homem a quem nada se podia censurar. Simão rogou-lhe que, pelo menos, conservassem as coisas em segredo e disse que ele se encarregava da sua execução. Fez vir depois o irmão de João e o encarregou de lhe dizer, que, para

chegar ao fim do seu projeto, mandasse presentes a Anano. Este expediente deu resultado; porque Anano e os outros deixaram-se subornar pelo dinheiro, e resolveram tirar-me o governo, sem que ninguém mais de Jerusalém, a não ser os do seu partido, viessem a sabê-lo. Para esse fim, mandaram quatro pessoas que, embora de diversas famílias e descendências, eram sensatas e hábeis; a saber, dentre o povo, Jônatas e Ananias, fariseus, e da casta sacerdotal, Gozor, também fariseu, aos quais se uniu Simão, o mais jovem de todos, descendente dos sumo sacerdotes . A ordem que deram foi de reunir os galileus e de lhes perguntar de onde vinha aquele grande afeto que sentiam por mim: se eles dissessem que era porque eu era de Jerusalém, eles lhes respondessem que todos os quatro eram-no também; se eles dissessem que era porque eu era mui perito nas leis, eles lhes respondessem que eles eram não menos instruídos do que eu; e se dissessem que era porque eu era sacerdote, eles replicassem que dois dentre eles eram-no também.

Jônatas e seus colegas partiram com essas instruções e com quarenta mil moedas de prata, que lhes foram dadas do tesouro público. Um certo Jesus, da Galiléia, nesse mesmo tempo veio a Jerusalém, com seiscentos homens, que ele comandava; pagaram-no por três meses e a todos seus soldados e os induziram a segui-los, para fazer tudo o que eles lhes mandassem; uniram-se ainda a eles, trezentos habitantes de Jerusalém, aos quais pagaram também. Assim partiram, levando com eles a Simão, irmão de João e os cem soldados que haviam trazido. Tinham além disso uma ordem secreta de me levar a Jerusalém, se eu deixasse de boa mente as armas, e de matar-me, se eu oferecesse resistência, sem temor de serem castigados, pois faziam-no em virtude do seu poder. Tinham também cartas dirigidas a João, exortando-o a fazer-me guerra e outras, aos habitantes de Séforis, de Gabara e de Tiberíades, para induzi-los a lhe dar auxílio. Jesus, filho de Gamala, que tivera parte em todos esses conselhos, e que era muito meu amigo, avisou a meu pai, que me escreveu longamente. A inveja de meus concidadãos tinha, por uma tão grande ingratidão, conspirado contra mim e deliberado matar-me, mas eu estava ainda mais aflito pela insistência com que meu pai pedia que fosse vê-lo, a fim de lhe dar, antes de morrer, a consolação de me abraçar ainda.

Comuniquei todas essas coisas a meus amigos e disse-lhes que estava

resolvido a partir dentro de três dias. Rogaram-me com lágrimas, a não expô-los, por meu afastamento, a uma ruína inevitável. Mas não podia resolver-me a atendê-los, porque eu mesmo estava ainda mais aflito do que eles. Nesse mesmo tempo os galileus, temendo que minha ausência os expusesse à violência daqueles desordeiros, que devastavam continuamente os campos, comunicaram a toda a Galiléia a intenção que eu tinha de ir embora. Imediatamente eles vieram, de todos os lados, procurar-me na aldeia de Azoquim, no Campo Grande, com suas mulheres e filhos, não tanto, segundo minha opinião, pelo afeto que me tinham, mas pelo seu próprio interesse, porque julgavam nada ter a temer enquanto eu estivesse com eles.

Tive então durante a noite um sonho esquisito. Adormeci com grande tristeza no coração, por causa das cartas recebidas; parecia-me ver um homem que me dizia: "Consolai-vos e não temais; a tristeza em que vos encontrais será causa da vossa felicidade e de vossa elevação e não somente saireis com vantagem deste perigo, mas também de vários outros. Não vos deixeis, pois, abater. Coragem! Lembrai-vos do aviso que vos dou, de que vos será necessário fazer a guerra que vos dou, de que vos será necessário fazer a guerra aos romanos". Levantei-me em seguida, para sair do meu aposento; mas aquela multidão de galileus, homens, mulheres e crianças, apenas me viram, lançou-se de rosto por terra, ro-gando-me com lágrimas nos olhos, que não os abandonasse e não deixasse seu país à mercê dos inimigos; como eles viam que eu não me deixava comover por seus rogos, faziam mil imprecações contra os de Jerusalém, os quais não podiam tolerar que eles vivessem em paz sob meu governo. Tão grande aflição de todo o povo tocou-me o coração. Julguei que não havia perigo ao qual não me devesse expor, para sua salvação; e assim, prometi-lhes ficar. Mandei que escolhessem cinco mil homens com armas e munições de boca para me seguirem e despedi todos os outros. Marchei com esses cinco mil homens, três mil soldados, que eu já tinha e oitenta cavaleiros para uma aldeia na fronteira de Ptolemaida, de nome Chabolom, para enfrentar a Plácido, que Céstio Galo tinha mandado com infantaria e uma companhia de cavalaria para incendiar as aldeias dos galileus, que estão nos arredores de Ptolemaida. Ele acampou e fortificou-se perto da cidade e eu fiz a mesma coisa a sessenta estádios de Chabolom. Assim, estando muito próximos uns dos

outros, saíamos freqüentemente de nossas fortificações, como para travar combate, mas aconteciam apenas ligeiras escaramuças, porque quanto mais Plácido via que eu desejava travar batalha, mais ele temia empreender uma grande luta e não quis afastar-se de Ptolemaida.

Estando as coisas nesse pé, Jônatas e seus colegas chegaram à província; como não ousavam atacar-me abertamente, procuraram surpreender-me e para isso escreveram uma carta cujas palavras eram estas:

"Jônatas e seus colegas, enviados pelos de Jerusalém, a Josefo, saudação. Os mais da cidade de Jerusalém, tendo sabido que João, de Giscala, vos armou diversas ciladas, mandaram-nos para fazer-lhe severas recriminações e ordenar-lhe que obedeça exatamente, para o futuro, em tudo o que lhe determinardes mas, porque nós desejamos conversar convosco, para prover com a vossa opinião, a todas as coisas, nós vos rogamos vir prontamente ter conosco, sem grande acompanhamento, porque esta aldeia é muito pequena para alojar um grande número de soldados."

Esta carta fazia-os esperar que, se eu os fosse encontrar, desarmado, eles poderiam sem dificuldade prender-me, ou, se eu fosse com soldados, far-me-iam declarar rebelde. Um jovem cavaleiro, muito corajoso e que outrora tinha servido ao rei, foi encarregado de trazer esta carta; chegou na segunda hora da noite, quando eu estava à mesa com meus amigos mais íntimos e os mais ilustres dos galileus. Um dos meus homens veio dizer-me que um cavaleiro judeu tinha chegado e eu ordenei que o fizesse entrar. Ele não cumprimentou a ninguém e disse somente, entregando-me a carta: "Eis o que vos escrevem os enviados de Jerusalém; dai-lhes a resposta com urgência, pois eu tenho de voltar imediatamente." Os que estavam à mesa comigo admiraram a insolência do soldado, mas eu roguei-lhe que se sentasse e ceasse conosco. Ele recusou-o. Então, tendo sempre a carta na mão, sem abri-la, continuei a conversar com meus amigos sobre diversas coisas. Algum tempo depois, dei-lhes a boa noite, conservando somente quatro dos que mais mereciam minha confiança, e mandei que trouxessem vinho. Sem que ninguém percebesse, abri a carta; tendo visto o que ela continha, tornei a dobrá-la, conservando-a sempre na

mão, como se não a tivesse aberto. Ordenei em seguida que dessem àquele soldado vinte dracmas para as despesas de sua viagem. Ele as recebeu e agradeceu. Isso fez-me ver que ele gostava de dinheiro e que assim não me seria difícil suborná-lo; então, eu lhe disse: "Se quer beber conosco, dar-lhe-ei uma dracma, cada copo de vinho que beber." Ele aceitou a condição e bebeu tanto, para ganhar muito, que ficou embriagado. Não lhe sendo mais possível guardar segredo, não foi preciso interrogá-lo para fazê-lo afirmar que me haviam armado ciladas e que eu tinha sido condenado a morrer. Estando assim informado do projeto daqueles que o haviam mandado, eu lhes respondi deste modo:

"Josefo, a Jônatas e aos seus colegas, saudação. Tenho tanto mais alegria em saber que chegastes bem à Galiléia, quanto me é assim fácil entregar em vossas mãos o cuidado dos interesses desta província e satisfazer ao desejo que sinto, há muito tempo, de voltar a Jerusalém. Assim, iria procurar-vos em Xalom e muito mais longe, quando mesmo não me tivésseis convidado para isso. Mas, haveis de me perdoar se não posso fazê-lo agora, porque sou obrigado a ficar em Chabolom, para vigiar Plácido e impedir que ele faça uma incursão na Galiléia. É, portanto, muito mais conveniente que venhais aqui depois de terdes recebido minha resposta, como vos peço."

Entreguei esta carta ao soldado e mandei com ele trinta pessoas, das mais importantes da Galiléia, com ordem de saudar somente os enviados, sem lhes falar de assunto algum; dei a cada um, para acompanhá-los, um dos meus soldados nos quais mais eu confiava, aos quais ordenei que observassem cuidadosamente, se aqueles gentis-homens galileus falariam com jônatas. Os enviados de Jerusalém, vendo-se assim ludibriados na sua expectativa, escreveram-me outra carta, cujas palavras são estas:

"Jônatas e seus colegas a Josefo, saudação. Ordenamos-vos que venhais dentro de três dias encontrar-vos conosco em Gabara, sem acompanhamento de soldados, a fim de que tomemos conhecimento dos crimes de que acusastes a João."

Depois de ter recebido os gentis-homens galileus e de ter-me escrito aquela carta, eles vieram a Jafa, a maior aldeia do país, melhor rodeada de muralhas e muito populosa. Todos os habitantes compareceram à sua presença, com as mulheres e filhos, pedindo que se retirassem, sem invejar a felicidade de que gozavam, por ter um governador tão bom e honesto. Jônatas e seus colegas, embora muito irritados com essas palavras, não ousaram manifestá-lo, nem lhes responderam. Dirigiram-se a outras aldeias, onde foram recebidos do mesmo modo; todos clamavam que queriam a Josefo, como governador. Assim, nada podendo fazer, foram a Séforis. Seus habitantes são amigos dos romanos, e contentaram-se em comparecer à sua presença, mas não falaram de mim de modo algum. De lá passaram a Azoquim, onde foram recebidos como em jafa e, então, não podendo mais conter a cólera, ordenaram aos soldados que os acompanhavam que fizessem aquela gente calar-se e os dispersassem a cacetadas. Prosseguiram para Gabara, onde João veio encontrá-los, com três mil soldados. Como eu havia sabido pelas cartas, que eles estavam resolvidos a me matar, tomei três mil dos meus soldados, deixei o restante no acampamento, sob o comando de um de meus amigos, no qual depositava inteira confiança, e fui para Jotapate, para ficar perto deles, pois de lá dista apenas quarenta estádios. Escrevi então aos enviados desta maneira:

"Se quereis absolutamente que eu vá ter convosco, há na Galiléia duzentas e quatro aldeias ou vilas; eu irei à qualquer uma delas, como vos aprouver, exceto Gabara e Giscala, pois uma é a terra de João e a outra tem uma ligação muito particular com ele." Jônatas e seus colegas não me escreveram mais, depois de ter recebido esta carta, mas reuniram-se em conselho com os amigos de João, para deliberar sobre os meios de me atacar. João propôs escrever a todas as cidades, aldeias e vilas da Galiléia, dizendo que, em cada uma delas se encontravam pelo menos duas pessoas que não me estimavam; que as fariam comparecer à sua presença, para depor contra mim; que se faria um documento com suas declarações para provaros galileus me haviam declarado inimigo e se enviaria esse documento a Jerusalém, para lá ser confirmado; isso causaria temor aos galileus, que me estimavam e os levaria a me abandonar. Essa proposta foi logo aprovada e mais ou menos pela terceira

hora da noite, Sacheu veio trazer-me essa notícia.

Vendo então que não havia tempo a perder, ordenei a Jacó, que me era mui fiel, que tomasse duzentos homens e os colocasse nas estradas que vão de Gabara à Galiléia, para deter todos os viandantes e mandá-los a mim, principalmente os que fossem encontrados com cartas. Depois ordenei aos galileus, que no dia seguinte se encontrassem armados em Gabara, com víveres para três dias; separei em quatro grupos os soldados que restavam, dando-lhes como comandantes os meus oficiais nos quais tinha absoluta confiança, proibindo-lhes receber entre eles qualquer soldado desconhecido. No dia seguinte, quando cheguei a Gabara, pela quinta hora do dia, encontrei os campos cheios de galileus armados, que vinham em meu auxílio e com eles uma grande quantidade de camponeses. Comecei a falar-lhes e eles aclamaram a uma voz que eu era seu benfeitor e o salvador de seu país. Agradeci-lhes o afeto e exortei-os a não fazer mal a ninguém; e a se contentar com os víveres que tinham trazido sem nada tirar das aldeias, porque eu desejava acalmar aquela sedição, sem derramamento de sangue e sem violência.

Naquele mesmo dia, os que levavam a Jerusalém as cartas de Jônatas caíram nas mãos dos homens que eu havia colocado nas estradas. Fizeram-nos prisioneiros, mandaram-me as cartas que encontrei cheias de calúnias e de injúrias contra mim. Dissimulei, não falei com ninguém, mas resolvi ir diretamente a eles. Logo que souberam que eu me aproximava, retiraram-se, e João com eles, para a casa de Jesus, que era uma torre grande e forte, pouco diferente de uma fortaleza. Lá ocultaram uma companhia de soldados, fecharam todas as portas, exceto uma e aguardaram-me, na esperança de que eu os iria saudar. Haviam ordenado aos seus soldados que me deixassem entrar, a mim, sozinho, e afastassem a todos os outros, julgando que assim ser-lhes-ia fácil prender-me. Mas essa traição não deu resultado, porque eu me conservava sempre de sobreaviso e por isso entrei numa casa perto da deles e fingi ter necessidade de descansar. Eles julgaram que eu estava adormecido na verdade e saíram para induzir minhas tropas a me abandonar alegando que desempenhara muito mal o meu cargo. No entanto, aconteceu justamente o contrário. Apenas os galileus os viram, começaram a dar logo demonstrações do afeto que nutriam por mim e censuraram-nos, porque, sem que eu lhes tivesse

dado o mínimo motivo, vinham perturbar a tranqüilidade da província; a isso acrescentaram que eles podiam regressar, pois não receberiam outro governador. Isso me foi referido e eu aproximei-me para ouvir o que Jônatas dizia. Todo o povo recebeu-me com aclamações de alegria e com agradecimentos por tê-los governado com tanta justiça e bondade. Jônatas e os colegas, ouvindo-os falar daquele modo, perceberam não ter a vida muito segura e pensaram em fugir. Mas isso não estava mais em seu poder. Eu lhes disse que ficassem e eles estavam tão assustados, que pareciam fora de si.

Depois de ter imposto silêncio a todo aquele povo, ordenei aos meus soldados, de mais confiança, que vigiassem as estradas e determinei que todos os outros se conservassem armados, para impedir qualquer surpresa de João ou de nossos outros inimigos. Comecei por falar-lhes da primeira carta que aqueles enviados me tinham escrito, pela qual me diziam que eram mandados de Jerusalém para solucionar as divergências entre João e mim e me rogavam que os fosse procurar. Para que ninguém pudesse duvidar, apresentei a carta e acrescentei, dirigindo minha palavra a Jônatas: "Se, achando-me obrigado a me justificar diante de vós e de vossos colegas, das acusações de João contra mim, eu tivesse trazido duas ou três testemunhas honestas, que prestassem fé à sinceridade de minhas ações, não é verdade que vós não poderíeis não me absolver? Mas agora, para dizer-vos de que modo tenho procedido no exercício do meu cargo, não me contento de apresentar três testemunhas; eu apresento todos os que vedes diante de vós. Interrogai-os sobre minhas ações e eles vos dirão se encontraram algo de repreensível em mim. E vós todos, acrescentei, dirigindo-me aos galileus, o maior prazer que me poderíeis dar, é não dissimular a verdade, mas declarar corajosamente diante desses senhores, como se eles fossem nossos juizes, se eu cometi alguma ação digna de reprovação, no exercício do meu cargo."

Depois de ter assim falado, todos, a uma voz, disseram que eu era seu benfei-tor e defensor, afirmaram que aprovavam todos os meus atos e rogaram-me que continuasse a governá-los como tinha feito até então, afirmando todos com juramento, que eu jamais tinha permitido que se atentasse à honra de suas esposas, nem lhes havia causado desprazer algum. Li depois, em voz bem

alta, que todos os galileus puderam ouvir, as duas cartas de Jônatas, que tinham sido interceptadas e em que me acusavam, por pura calúnia, de ter agido mais como tirano do que como governador. E como não queria que eles soubessem como elas tinham vindo parar em minhas mãos, para que continuassem a escrever, disse que os mesmos mensageiros mas haviam entregue. Estas cartas irritaram de tal modo toda aquela multidão, contra Jônatas e seus colegas, que se lançaram sobre eles e os teriam sem dúvida matado, se eu a não tivesse impedido. Eu disse a Jônatas que perdoava tudo o que tinha feito contra mim, contanto que mudassem de proceder e voltassem a Jerusalém, para dizer aos que o haviam mandado, de que maneira eu havia procedido no meu cargo. Eles prometeram-no e os despedi, embora não duvidasse de que me faltariam à palavra dada. O furor do povo porém, continuava, e todos me pediam que permitisse castigá-los; embora procurasse, com todas as minhas forças, moderar-lhes a cólera e persuadi-los a perdoá-los, fazendo-lhes ver que não há sedição que não seja prejudicial ao povo, eles queriam a todo custo atacar a residência de Jônatas.

Vendo, então, que já não estava mais em mim contê-los, montei a cavalo e ordenei-lhes que me seguissem a Sogam, aldeia da Arábia, longe do lugar onde eu estava uns vinte estádios e assim consegui impedir que me acusassem de ter começado uma guerra civil. Chegando a Sogam, mandei minhas tropas fazer alto, e depois de os ter avisado de que não se deixassem levar facilmente pela cólera, eu disse a uns cem dos mais ilustres dos galileus, pela condição como pela idade, que se preparassem para ir a Jerusalém, a fim de denunciar os que perturbavam a província; disse-lhes ainda que fizessem o povo compreender a razão, sendo preciso levá-los a escrever-me cartas pelas quais me confirmariam no governo da Galileia e ordenariam a João que se afastasse. Eles partiram três dias depois com estas ordens e dei-lhes quinhentos soldados para acompanhá-los. Escrevi também a alguns dos meus amigos da Samaria para que cuidassem da sua segurança durante a viagem, pois aquela cidade já estava sujeita aos romanos e como aquele caminho era o mais curto, eles não teriam podido, se não o tivessem tomado, chegar a Jerusalém dentro de três dias. Eu os conduzi até a fronteira, coloquei guardas nas estradas para impedir que se pudesse temer algo com sua partida e fiquei alguns dias em Jafa.

Jônatas e seus colegas, vendo que todos os seus desígnios lhes haviam saído tão mal, mandaram João a Giscala e foram a Tiberíades, na esperança de se assenhorear dela, porque Jesus, que então lá exercia a soberana magistratura, lhes havia prometido persuadir o povo a recebê-los e submeter-se a eles. Sila, que lá eu havia deixado como meu lugar-tenente, avisou-me logo do que se passava e insistiu que eu voltasse imediatamente; fazendo-o, expus-me a um grande perigo, pelo fato que passo a narrar: Jônatas e seus colegas, que já haviam chegado a Tiberíades, onde haviam levado vários dos habitantes que não me apreciavam, a se revoltar contra mim, ficaram muito admirados pela minha chegada; vieram ter comigo e depois de ter-me saudado, disseram-me que se regozijavam com a honra que eu havia conquistado pela maneira como havia procedido no meu cargo, que nela tinham parte, como meus concidadãos. Protestaram em seguida que minha amizade lhes era muito mais importante do que a de João e rogaram-me que voltasse com garantia que me davam de entregá-lo mui breve em minhas mãos. Confirmaram-no com juramentos tão terríveis e tão sagrados entre nós, que eu julguei, em consciência, dever prestar-lhes fé; e, para que eu não julgasse estranho, eles insistiram tanto no meu afastamento, disseram-me que o dia de sábado se aproximava e eles desejavam impedir que acontecesse alguma perturbação no meio do povo.

Como de nada desconfiava, retirei-me para Tariquéia, mas deixei na cidade algumas pessoas com o encargo de observar tudo o que se diria de mim e o comunicassem aos que eu havia deixado em vários lugares, pelo caminho que vai de Tiberíades a Tariqueia, a fim de me darem a notícia com a máxima rapidez. No dia seguinte, todo o povo se reuniu num lugar bastante amplo que era destinado à oração. Jônatas também lá estava e, não ousando falar abertamente de revolta, contentou-se em dizer que a cidade precisava mudar de governador. Mas Jesus, que era o principal magistrado, acrescentou, sem nada dissimular, que lhes era muito mais vantajoso obedecer a quatro pessoas do que a uma só, tanto mais que as quatro eram de origem ilustre e de singular prudência; e, assim falando, mostrava Jônatas e os colegas; Justo louvou esse conselho e atraiu alguns dos habitantes à sua opinião.

No entanto, o povo não participou desses sentimentos e teria sucedido certamente uma revolta, se a sexta hora do dia, que no sábado nos obriga a ir

cear, não tivesse soado. A assembléia foi transferida para o dia seguinte e os deputados regressaram sem nada ter obtido. Logo que eu soube do ocorrido, resolvi ir bem cedo a Tiberíades; partindo de Tariqueia ao despontar do dia, achei o povo já reunido no oratório, sem saber porque lá se encontrava. Jônatas e seus colegas, muito surpreendidos por me verem, fizeram correr o boato de que a cavalaria romana tinha aparecido perto de Homonea, distante apenas trinta estádios da cidade. Clamaram, então, que não se devia tolerar que os inimigos viessem, à vista de todos, saquear os campos. Isso diziam com o fim de me obrigar a sair para socorrer os habitantes da planície e ficar senhores da cidade, conquistando, com meu prejuízo, o afeto dos habitantes. Facilmente compreendi o ardil, e fiz o que eles desejavam, para não dar motivo aos de Tiberíades de dizer que eu me descuidava da sua segurança.

Saí, pois, rapidamente e vi que não havia o menor indício do boato que eles haviam feito correr. Voltei logo e achei o Senado e o povo já reunidos, e jônatas fazia um discurso inflamado contra mim, dizendo que eu desprezava o cuidado da guerra e só pensava em me divertir. Para isso, apresentava quatro cartas que ele afirmava ter recebido dos galileus das fronteiras, pelas quais lhe pediam um auxílio urgente contra os romanos, que ameaçavam entrar, dentro de três dias, em seu país com um grande número de soldados de infantaria e de cavalaria. Os de Tiberíades facilmente acreditaram nessa acusação e se puseram a gritar que não havia tempo a perder, para que eu fosse remediar imediatamente a um perigo tão grave.

Embora eu bem compreendesse o desígnio de Jônatas, não deixei de dizer que estava pronto para marchar, mas, que as quatro cartas que ele havia apresentado, tendo sido escritas de quatro lugares igualmente ameaçados, seria necessário distribuirmos todas as nossas tropas em cinco corpos, que seriam comandados pelos deputados de Jerusalém respectivamente, pois, tão valentes como eles eram, deviam ajudar a república também com suas pessoas, bem como com seus conselhos. Esta proposta agradou a todo o povo que insistia que a executássemos. Os deputados, ao contrário, ficaram muito perturbados, por verem que eu havia novamente posto por terra seus projetos. A esse respeito, Ananias, um deles, homem muito mau e muito astucioso, propôs publicar-se um jejum para o dia seguinte e que cada qual se dirigisse sem

armas ao mesmo lugar, à mesma hora, para mostrar que nada eles poderiam fazer sem o auxílio e a assistência de Deus. Isso não dizia por zelo pela religião, mas para me desarmar e a todos os meus. Eu fui, no entanto, obrigado a consentir, para que não parecesse que desprezava o que parecia ser grande demonstração de piedade.

Logo que se dissolveu a assembléia, Jônatas e seus colegas escreveram a João, para que viesse ter com eles no dia seguinte, com o maior número possível de soldados para me prender e assim conseguir o que ele desejava, naquela fácil contingência. Estas cartas muito o alegraram e ele procurou pôr-se em condições de executar tal projeto. No dia seguinte, eu disse a dois dos meus guardas, mui valentes e mui fiéis, que escondessem espadas curtas sob as vestes e me acompanhassem, a fim de que, se fosse necessário, pudéssemos nos defender dos inimigos. Tomei também uma couraça e uma espada que não se viam e fui ao lugar onde se haviam reunido. Chegando com meus amigos, Jesus, que estava à porta, não permitiu a nenhum dos meus entrar e, quando se ia começar a oração, ele me perguntou o que eu havia feito dos móveis e do dinheiro, não em moedas, que haviam tomado no palácio do rei, quando o haviam incendiado; isso ele fazia apenas para ganhar tempo, até que João chegasse. Eu respondi que havia entregue tudo a Capella e a dez dos principais habitantes de Tiberíades e que podia perguntar-lhes se eu não estava dizendo a verdade. Capella e os outros afirmaram que era mesmo assim. Jesus perguntou-me em seguida o que eu havia feito de vinte peças de ouro que havia tirado de alguns móveis que tinha posto à venda. Respondi que as havia fornecido àqueles que mandara a Jerusalém, para as despesas de sua viagem. Jônatas e seus colegas disseram, então, que eu havia feito mal, pagando-as, às expensas do público. Tão grande malícia irritou o povo; quando vi que ele estava prestes a se rebelar, disse para incitá-lo ainda mais que se eu tinha feito mal em dar aquelas vinte peças de ouro do dinheiro público, me prontificaria a pagar do meu, para que eles terminassem as suas queixas. Estas palavras fizeram ver até que ponto chegava a sua injustiça contra mim e o povo fremiu ainda mais; quando Jesus viu que esse assunto tomava um rumo totalmente contrário ao que eles haviam esperado, ordenou ao povo que se retirasse e disse que somente o Senado deveria ficar, porque essa espécie de assunto não devia

ser tratada de forma tumultuada.

O povo, porém, disse que não me queria deixar sozinho com eles, e nesse momento um homem veio dizer baixinho a Jesus que João já estava perto com suas tropas. Jônatas não pôde mais se conter, e Deus assim o fez, talvez, para me salvar, pois de outro modo não poderia ter evitado minha morte, nas mãos de João. "Deixai", disse ele, "habitantes de Tiberíades, de vos incomodar por causa dessas vinte peças de ouro, porque não é por esse motivo que Josefo merece ser morto; é porque ele vos engana e tornou-se vosso tirano." Dizendo estas palavras, ele e os de seu partido fizeram menção de me matar. Mas os que tinham vindo comigo, sacaram das espadas, e o povo pegou em pedras para atacar Jônatas e tiraram-me das mãos dos meus inimigos. Quando me retirava, vi chegar João com os seus; alcancei o lago por um caminho escondido, subi a uma barca e salvei-me, dirigindo-me para Tariquéia, escapando assim de um grave perigo.

Reuni imediatamente os principais da Galiléia e disse-lhes de como, contra toda espécie de justiça, pouco faltara que Jônatas e os de seu partido não me tivessem assassinado. Eles ficaram tão irritados, que me rogaram não demorasse mais em levá-los contra eles e permitisse que exterminassem a João, a Jônatas e a todos os colegas. Eu os retive, dizendo que antes de pegar em armas, era preciso esperar a volta daqueles que havia mandado a Jerusalém, a fim de nada se fazer sem o seu consentimento. No entanto, João, vendo que seu plano havia falhado, voltara a Giscala.

Pouco tempo depois, os que havia mandado a Jerusalém voltaram e me disseram que o povo tinha achado muito mal que o sumo sacerdote Anano e Simão, filho de Gamaliel, tivessem, sem sua participação, mandado deputados à Galiléia para me destituir do cargo e que pouco faltara para que eles incendiassem as casas. Entregaram-me também as cartas pelas quais os principais da cidade, com a autoridade e o consentimento do povo, confirmavam-me no governo e ordenavam a Jônatas e aos seus colegas que voltassem. Depois que recebi estas cartas, fui a Arbella, onde havia mandado que se reunissem, e lá meus enviados me contaram de que modo o povo de Jerusalém, irritado com a maldade de Jônatas, me havia mantido no cargo e lhe havia ordenado que se retirasse com seus colegas. Mandei em seguida a

estes quatro deputados as cartas que lhes seriam dirigidas, e ordenei ao que disso fora encarregado, que observasse a atitude deles. Eles ficaram terrivelmente perturbados e mandaram logo chamar a João. Reuniram-se, em seguida, com o Senado de Tiberíades e os principais de Gabara, a fim de deliberar sobre o que haveriam de fazer. Os de Tiberíades foram de opinião que Jônatas e seus colegas deviam continuar a se ocupar do governo, para não abandonar uma cidade que se havia entregado às suas mãos, e isso tanto mais porque eu tinha me resolvido a atacá-los, o que eles afirmavam falsamente. João aprovou esse parecer e acrescentou que era necessário mandar dois dos deputados a Jerusalém para me acusarem diante do povo de ter governado mal a Galiléia. Que seria muito fácil persuadi-lo disso, quer pela consideração de sua qualidade, quer pela leviandade que lhe é tão natural.

Todos aprovaram esta proposta. Jônatas e Ananias partiram imediatamente; seus dois colegas ficaram em Tiberíades, onde lhes deram cem homens para sua guarda. Os habitantes puseram-se em seguida a trabalhar na reparação das muralhas, tomaram as armas e mandaram pedir tropas a João, em Giscala, para se servirem delas, em caso de necessidade, contra mim.

Jônatas e os que o acompanhavam chegaram a Darabite, pequena aldeia situada no Campo Grande, nas fronteiras da Galiléia; os meus homens, postados nas estradas, prenderam-nos, obrigaram-nos a deixar as armas e os conservaram prisioneiros, naquele mesmo lugar. Levi, que comandava esses homens, escreveu-me logo, narrando tudo. Eu dissimulei-o durante dois dias, e mandei dizer aos de Tiberíades que deixassem as armas e que fizessem voltar para sua cidade os que eles haviam mandado vir em seu socorro. Na persuasão e na esperança de que Jônatas já tinha chegado a Jerusalém, eles só me responderam com injúrias. Julguei, no entanto, dever continuar a agir, mais pela astúcia do que pela força, a fim de não me tornar culpado de ter ateado uma guerra civil.

Assim, para atraí-los para fora dos muros, tomei dez mil homens escolhidos e os dividi em três corpos. Ordenei a uma parte que ficasse na aldeia de Domez; coloquei mil numa vilazinha que está na montanha, longe quatro estádios de Tiberíades, com ordem de só partir depois que eu lhes houvesse dado o sinal, e avancei, com um outro corpo, à vista de Tiberíades. Os

habitantes saíram, fizeram várias incursões contra meus soldados e empregaram palavras ofensivas contra mim. Sua imprudência foi mesmo tão longe que eles mandaram buscar um esquife e fingiam, por zombaria, chorar a minha morte. Eu, porém, em meu coração, zombava de sua loucura. Como eu tinha ainda a intenção de me apoderar de João e de Joasar, os outros dois colegas de Jônatas, que tinham ficado em Tiberíades, eu lhes disse que avançassem para fora da cidade, com seus amigos e guardas que quisessem escolher para sua segurança, porque eu desejava conversar com eles sobre os meios de entrar em algum acordo para dividir o governo da Galiléia. Simão, animado por uma proposta tão vantajosa, foi tão incauto que aceitou; Joasar, ao contrário, desconfiando de que haveria aí alguma intenção falsa não caiu na cilada. Eu fiz grandes reverências a Simão e aos amigos, por terem vindo; e tendo-o afastado pouco a pouco de seus homens, com o pretexto de lhe dizer alguma coisa em segredo, agarrei-o, e o entreguei aos meus, que o levassem àquela aldeia onde eu tinha soldados escondidos. Dei-lhes depois o sinal e marchei para Tiberíades. Começou então o combate. Foi muito renhido. Os meus estiveram a ponto de fugir, se eu não lhes houvesse dado mais coragem. Finalmente, depois de termos corrido o risco de uma derrota, obriguei os inimigos a voltar para a cidade.

No entanto, alguns daqueles que eu havia enviado pelo lago, com ordem de incendiar a primeira casa que tomassem, executaram essa ordem, e os habitantes imaginaram que a cidade havia sido tomada de assalto, depuseram as armas e rogaram-me, com suas mulheres e filhos, que os perdoasse. Eu o fiz, e detive o furor dos soldados. A noite chegava rapidamente; mandei então tocar a retirada e fiz trazer Simão para jantar comigo, consolei-o e prometi dar-lhe liberdade e levá-lo em segurança até Jerusalém, com tudo o de que ele teria necessidade para a viagem.

Entrei no dia seguinte com dez mil homens armados em Tiberíades e mandei vir à praça os principais da cidade, aos quais ordenei que declarassem quais haviam sido os autores da revolta. Eles o fizeram e eu os mandei manietados a Jotapate. Quanto a Jônatas e aos seus colegas, mandei levá-los com uma escolta a Jerusalém, provendo tudo o que era necessário para sua viagem. Os habitantes de Tiberíades vieram uma segunda vez rogar-me que

esquecesse os motivos que tinha de me queixar deles, garantindo-me que reparariam, pela fidelidade, às faltas cometidas no passado, rogando-me que mandasse restituir o que havia sido roubado. Ordenei logo que trouxessem à grande praça tudo o que tinha sido tomado. Como os soldados sentiam dificuldade em se decidir a isso, eu lancei os olhos sobre um deles, que estava muito mais bem vestido do que de costume e perguntei-lhe onde havia adquirido aquela veste; ele confessou que a havia roubado. Ordenei que o espancassem e ameacei tratar os outros ainda mais severamente se não restituíssem tudo o que haviam pilhado. Obedeceram, então, e eu mandei restituir a cada um dos habitantes o que lhe pertencia.

Creio dever informar neste ponto a má fé de justo e dos outros que, tendo falado deste mesmo assunto nas suas histórias, não tiveram receio, para satisfazer à própria paixão e ódio, de expor aos olhos da posteridade os fatos de uma maneira bem diferente da que na verdade eles se passaram. Em nada eles diferem dos que falsificam os atos públicos, senão nisto, que tendo resolvido tornar-se ilustre, escrevendo esta guerra, disse de mim muitas coisas falsas e não foi mais verdadeiro no que se refere ao seu próprio país. E o que me obriga agora, para desmenti-lo, a relatar o que havia calado até aqui, e não nos devemos admirar por ter diferido tanto, pois, ainda que um historiador seja obrigado a dizer a verdade, ele pode não se deixar levar contra os maus; não que eles mereçam ser favorecidos, mas para permanecermos nos termos de uma sábia moderação. Assim, Justo, que pretendeis ser o historiador a quem mais se deve prestar fé, dizei-me, rogo-vos, como é possível que os galileus e eu tenhamos sido causa da revolta do vosso país contra os romanos e contra o rei, pois que antes que a cidade de Jerusalém me tivesse mandado como governador à Galiléia, vós e os de Tiberíades tínheis já tomado as armas e feito guerra aos da província de Decápolis, na Síria? Podeis negar que não incendiastes suas aldeias e que um dos vossos lá não foi morto, do que eu não sou o único a testemunhar, porque tudo isso se encontra mesmo nos comentários do imperador Vespasiano, onde se vê que quando ele estava em Ptolemaida, os habitantes de Decápolis rogaram-no que vos castigasse como autor de todos os seus males e ele o teria feito, sem dúvida, se o rei Agripa, a quem fostes entregue para que se fizesse justiça, não vos tivesse perdoado a

rogo da sua irmã Berenice, o que não impediu que ficásseis por muito tempo na prisão?

Mas as vossas outras ações fizeram também claramente conhecer qual tínheis sido durante toda a vossa vida e que fostes vós que levastes vosso país a se revoltar contra os romanos, como eu o farei ver com provas assaz convincentes. Acho-me agora obrigado, por vossa causa, a acusar os outros habitantes de Tiberíades e a mostrar que vós não fostes fiéis nem ao rei nem aos romanos. Séforis e Tiberíades, de onde sois originários, são as maiores cidades da Galiléia. A primeira, que está situada no meio do país e que tem em redor de si várias aldeias que dela dependem, resolveu permanecer fiel aos romanos, embora pudesse facilmente ter se revoltado contra eles, jamais me quis receber, nem tomar as armas pelos judeus. Mas no temor que seus habitantes tinham de mim, eles me surpreenderam com seus artifícios e me levaram mesmo a construir-lhes muralhas. Receberam depois, de boa mente, a guamição de Céstio Galo, governador da Síria, pelos romanos e me recusaram a entrada em sua cidade, porque nem mesmo nos ajudar durante o cerco de Jerusalém, embora o Templo que lhes era comum conosco estivesse em perigo de cair nas mãos dos inimigos, tanto eles temiam parecer tomar as armas contra os romanos.

É aqui, Justo, que devemos falar da vossa cidade. Ela está situada junto do lago Genesaré, longe de Hippos, trinta estádios, sessenta, de Gabara, e cento e vinte de Citopolis, que está sob a dominação do rei. Não está perto de nenhuma aldeia dos judeus. Que vos impedia, portanto, de continuar fiel aos romanos, pois que tínheis grande quantidade de armas em particular e em público? Se responderdes que eu então fui a causa disso, eu vos pergunto, quem o foi, depois? Podeis ignorar que antes do cerco de Jerusalém eu tinha sido sitiado em Jotapate, que vários outros castelos tinham sido tomados e que um grande número de galileus tinham sido mortos em vários combates? Se, então, não foi voluntariamente, mas por coação que tomastes as armas, quem então vos impedia de abandoná-las e vos colocardes sob a obediência do rei e dos romanos, pois não tínheis mais nenhum temor de mim? Mas o que é verdade é que esperastes até que vistes Vespasiano chegar, com todas as suas tropas, às portas de vossa cidade e então, o temor do perigo vos desarmou. Não

poderíeis, no entanto, evitar ser obrigado pela força e levados ao saque, se o rei não tivesse obtido, da clemência de Vespasiano, o perdão de vossa loucura. Não foi, pois, minha culpa, mas vossa, e vossa ruína só veio porque sempre fostes no coração inimigo do império. Esquecestes de que, em todas as vantagens que obtive sobre vós, jamais quis mandar matar alguns dos vossos, ao passo que as divisões que cindiram vossas cidades, não por vosso afeto pelo rei e pelos romanos, mas por vossa própria malícia, custaram a vida a cento e oitenta e cinco dos vossos concidadãos, durante o tempo em que eu estive sitiado em Jotapate? Não foram encontrados em Jerusalém, durante o cerco, dois mil homens em Tiberíades, dos quais alguns foram mortos e os outros feitos prisioneiros? Direis para provar que não éreis inimigos dos romanos, que vos tínheis então retirado para junto do rei? Não direi, ao contrário, que vós o fizestes apenas pelo medo que tínheis de mim? Se eu sou mau, como vós apregoais, que sois vós então, vós a quem o rei Agripa salvou a vida, quando Vespasiano vos havia condenado à morte; vós, que ele não deixou de mandar por duas vezes à prisão, embora lhe tivésseis dado bastante dinheiro vós; que ele mandou duas vezes ao exílio; vós, que ele teria feito morrer, se Berenice, sua irmã, não vos tivesse obtido o perdão e em quem, por fim, ele constatou tanta infidelidade no cargo de secretário, com que ele vos havia honrado, que vos proibiu de vos apresentardes jamais em sua presença? Não quero continuar a falar. De restante, admiro a ousadia com a qual afirmais ter escrito esta história, mais exatamente que qualquer outro, vós, que não sabeis somente o que se passou na Galiléia — pois estáveis então em Baruque junto do rei — e não podeis saber o que os romanos sofreram no cerco de jotapate, nem de que modo eu procedi nessa ocasião, pois não me seguistes e não ficou um sequer, dos que me ajudaram a defender aquela praça, para vos vir trazer as notícias. Se disserdes que narrastes com mais exatidão o que se passou no cerco de Jerusalém, eu vos pergunto, como isso pode ser, pois lá não vos encontrastes e não lestes o que Vespasiano escreveu a respeito? Isso eu posso afirmar, sem temor, vendo que escrevestes o contrário. Se julgais que vossa história é mais fiel do que qualquer outra, porque não a publicastes enquanto Vespasiano vivia e Tito também, seu filho, que tiveram o comando de toda essa guerra, e enquanto viveu o rei Agripa, bem como seus parentes, que eram tão peritos na

língua grega? Pois a escrevestes vinte anos antes, e podíeis então ter por testemunhas da verdade aqueles que tinham visto tudo com os próprios olhos. Mas esperastes para publicá-la depois da morte deles, a fim de que ninguém vos pudesse acusar de não ter sido fiel.

Eu não fiz o mesmo, porque não temia a ninguém. Mas, ao contrário, entreguei a minha a esses dois imperadores, quando esta guerra estava apenas terminada e a memória dos fatos ainda era recente, porque minha consciência me dizia que só tendo dito a verdade, ela seria aprovada por aqueles que lhe poderiam dar testemunho; e nisto não me enganei. Eu a comuniquei imediatamente a muitos, dos quais a maior parte estivera presente a esta guerra, no número dos quais estavam o rei Agripa e alguns dos seus parentes. O próprio imperador Tito quis que a posteridade não tivesse necessidade de haurir numa outra fonte a notícia de tão grandes feitos; depois de tê-la assinado com sua própria mão, ele ordenou que fosse publicada. O rei Agripa escreveu-me também sessenta e duas cartas, que dão testemunho da verdade das coisas que referi. Apresentarei aqui apenas duas, para provar o que estou dizendo:

"O rei Agripa, a Josefo, seu mui caro amigo, saudação. Eu li vossa história com grande prazer e a achei muito mais exata que todas as outras. Por isso, rogo-vos, que me mandeis a continuação. Adeus, meu caro amigo."

"O rei Agripa a Josefo, seu mui caro amigo, saudação. O que escrevestes fez-me ver que não tendes necessidade de minhas instruções para dizer como todas as coisas se passaram. No entanto, quando eu vier, poderei dizer-vos alguns particulares, de que não sabeis."

Vê-se, assim, de que modo esse príncipe, não por uma bajulação indigna da sua condição, nem por zombaria, tão longe do seu caráter, quis dar testemunho da verdade. Eis o que justo obrigou-me a dizer, para minha justificativa, e devemos agora retomar a continuação da minha narração.

Depois de ter acalmado as perturbações de Tiberíades, propus a meus amigos o assunto sobre João; deliberei com eles os meios de castigá-lo. Seu

parecer foi de se reunirem todas as forças de meu governo e marchar contra ele, porque era ele a única causa de todo o mal. Mas eu não estava de acordo com esse projeto, porque desejava acalmar a província sem derramamento de sangue, e para isso lhes ordenei que se informassem bem exatamente de todos os que seguiam o seu partido. Mandei, ao mesmo tempo, publicar uma ordem pela qual eu prometia esquecer todo o passado, em favor daqueles que se arrependessem por terem faltado ao dever e dentro de vinte dias voltassem à obediência; caso não quisessem deixar as armas, eu ameaçava queimar-lhes as casas e expor seus bens ao saque. Esta ameaça assustou-os tanto que quatro mil abandonaram João, deixaram as armas e se entregaram. Os habitantes de Giscala, seus compatriotas, e mil e quinhentos estrangeiros tírios foram os únicos que ficaram com ele. Esse meu modo de agir me saiu tão bem, que o temor os obrigou a ficar em seu país.

Os de Séforis, que confiavam na força de suas muralhas e que me viam ocupado em outros lugares, tomaram as armas, nesse mesmo tempo, e mandaram pedir a Céstio Galo, governador da Síria, que viesse rapidamente tomar posse de sua cidade, ou lhes enviasse pelo menos uma guarnição. Ele o prometeu, mas não marcou o tempo; logo que recebi este aviso, reuni minhas tropas, marchei contra eles e tomei a cidade de assalto. Os galileus, então, não querendo perder esta ocasião de se vingar dos seforitanos, que odiavam mortalmente, tudo fizeram para destruir a cidade e os habitantes. Os homens haviam-se retirado para a fortaleza e então incendiaram as casas que haviam abandonado, saquearam a cidade, e não puseram obstáculo ao próprio ressentimento. Essa desumanidade causou-me profunda dor. Ordenei-lhes que cessassem o saque, fazendo-lhes ver que não deviam tratar daquele modo a pessoas de sua própria tribo. Vendo, porém, que nem minhas ordens, nem meus rogos podiam detê-los, tão violenta era sua animosidade, dei ordem aos mais fiéis dos meus amigos que fizessem correr a notícia de que os romanos estavam entrando pelo outro lado da cidade, com um poderoso exército. Este expediente deu resultado. O temor que este boato lhes causou fê-los deixar o saque, para só pensar em fugir, vendo que eu também fugia, pois, para confirmar ainda mais a notícia, fingia ter tanto medo como eles.

Eis o recurso de que me servi para salvar os seforitanos, quando estes não

mais tinham esperanças de salvação; pouco faltou para que os galileus saqueassem também Tiberíades, como vou narrar. Alguns dos principais Senadores escreveram ao rei para rogar-lhe que viesse tomar posse de sua cidade. Ele respondeu-lhes que viria dentro de poucos dias, entregando a carta a um de seus criados, de nome Crispo, judeu de nascimento. Os galileus prenderam-no, a caminho, reconheceram-no e mo trouxeram; quando souberam o que a carta dizia, ficaram tão agitados, que se reuniram, tomaram as armas e no dia seguinte foram procurar-me em Azoque, clamando que os de Tiberíades eram traidores, amigos do rei e pediam-me que lhes permitisse ir destruí-los, pois odiavam Tiberíades, não menos que Séforis. A este respeito, eu não sabia que resolução tomar para salvar Tiberíades de seu furor, porque não podia negar que os habitantes daquela cidade tinham apelado para o rei porque a sua resposta mo fazia ver mui claramente. Por fim, depois de ter pensado bastante na maneira de como lhes devia responder, disse-lhes que a culpa dos de Tiberíades era inescusável e eu não queria impedir que saqueassem a cidade, mas que em semelhantes ocasiões, era necessário usar-se de muita prudência. E, assim, pois que os de Tiberíades não eram os únicos traidores da liberdade pública, mas vários dentre os principais dos galileus seguiam-lhes o exemplo, eu era de opinião que se fizesse uma indagação bem cuidadosa de todos os culpados, a fim de castigá-los todos juntamente, como mereciam. Estas palavras acalmaram-nos e eles se dispersaram.

Alguns dias depois, fingi ser obrigado a fazer uma pequena viagem e mandei chamar secretamente esse criado do rei, que havia ordenado pôr na prisão. Disse-lhe que procurasse embriagar o soldado que o guardava e fugisse para junto de seu senhor. Deste modo, Tiberíades, que estava pela segunda vez a ponto de perecer, foi salva por meu intermédio.

Quando estas coisas assim se passavam, Justo, filho de Pisto, foi para junto do rei, escapando, sem que eu o soubesse; esta foi a causa da fuga: no começo da guerra dos judeus contra os romanos, os de Tiberíades tinham resolvido não se revoltar contra eles e submeteram-se à obediência do rei. Mas Justo persuadiu-os a tomar as armas na esperança de que a perturbação e as mudanças dar-lhe-iam ocasião de se apoderar do governo e de se tornar senhor da Galiléia e de seu próprio país. Não obteve, no entanto, o seu desígnio, porque

os galileus, animados contra os de Tiberíades pela recordação dos males que deles haviam recebido antes da guerra, não quiseram tolerar a sua dominação; quando fui enviado de Jerusalém para governar a província, fiquei diversas vezes tão encolerizado contra ele por causa da sua perfídia, que pouco faltou que eu não o mandasse matar. O temor que com isso ele sentiu obrigou-o a se retirar para junto do rei, onde julgou poder viver em segurança.

Os seforitanos, que se viram contra toda esperança salvos de grande perigo, enviaram a Céstio Galo embaixadores, para lhe pedir que viesse prontamente à sua cidade, ou pelo menos mandasse tropas bastante fortes para defendê-los e impedir os ataques dos seus inimigos. Ele concedeu-lhes aquele favor e à noite, mandou-lhes tropas de infantaria e de cavalaria. Quando vim a saber que essas tropas devastavam as terras dos arredores, reuni as minhas, e fui acampar em Gerizim, distante vinte estádios de Séforis. À noite, aproximei-me das muralhas, escalei-as e meus soldados se apoderaram de uma boa parte da cidade. Mas, como eles não conheciam bem todos os lugares, fomos obrigados a nos retirar, depois de ter matado doze soldados, dois cavaleiros romanos e alguns habitantes, sem perder um único homem. Poucos dias depois travamos um combate na planície, onde depois de termos sustentado com muita coragem o ataque da cavalaria dos romanos, os meus, vendo-me rodeado pelos inimigos, ficaram assustados e fugiram; justo, um dos meus guardas e que outrora fora guarda do rei, foi morto nessa ocasião.

Sila, comandante dos guardas desse príncipe, veio em seguida com um grande número de soldados de infantaria e de cavalaria acampar a cinco estádios de juliada e deixou uma parte de suas tropas na estrada de Cana e do castelo de Gamala, para impedir que para lá se levassem víveres. Logo que vim a saber disso, mandei jeremias com dois mil homens acampar perto do Jordão, a um estádio de juliada, vendo que eles só cediam pequenas escaramuças, fui reunir-me a eles com três mil homens, coloquei no dia seguinte as forças de emboscada num vale mui perto do acampamento dos inimigos e procurei trazê-los ao combate, depois de ter dado ordem aos meus soldados de fingir uma fuga; isso deu resultado. Como Sila pensou que eles fugiam de verdade, perseguiu-os até aquele lugar e encontrou então tropas, de que nem sequer suspeitava. Mandei então que meus homens fizessem meia volta, ataquei com

tal ímpeto os inimigos, que os obriguei a fugir; teria obtido sobre eles uma assinalada vitória, se a sorte não se tivesse oposto à felicidade. Meu cavalo caiu sobre mim, atirando-me a um pântano; fiquei tão ferido numa das mãos que fui obrigado a ir a uma aldeia próxima de nome Cefarnom; os meus, que me julgavam ainda mais ferido do que na verdade eu estava, ficaram tão perturbados que deixaram de perseguir os inimigos. A febre assaltou-me e depois que me medicaram, levaram-me a Tariquéia. Sila soube-o, criou ânimo e imaginando que minhas tropas estavam desprevenidas, mandou à noite, para além do Jordão, uma companhia de cavalaria, que colocou em emboscada; ao despontar do dia atacou os meus, que resistiram firmemente. Aquela cavalaria apareceu, então, atacou, dispersou-os e os pôs em fuga. Somente uns seis morreram, porque correu a voz de que nossas tropas estavam para chegar de Tariquéia e Júlia, e então os inimigos fugiram.

Pouco tempo depois, Vespasiano chegou a Tiro, acompanhado pelo rei Agripa, e os habitantes fizeram-lhe grandes queixas desse príncipe, dizendo que ele era seu inimigo e do povo romano e que Filipe, general de seu exército, tinha, por sua ordem, traído a guarnição romana de Jerusalém e os que estavam no palácio real. Vespasiano censurou-os acremente por ousarem daquele modo ultrajar a um rei amigo dos romanos e aconselhou Agripa a mandar Filipe a Roma prestar contas de suas ações. Ele partiu para esse fim; mas não se avistou com o imperador Nero, porque o encontrou nos extremos do perigo em que a guerra civil o tinha reduzido; e assim voltou para junto de Agripa.

Quando Vespasiano chegou a Ptolemaida, os principais habitantes de Decápolis acusaram Justo, perante ele, de ter incendiado suas aldeias. Vespasiano, para satisfazê-los, entregou-o ao rei, como sendo seu súdito; o soberano, sem nada lhe dizer, mandou-o para a prisão, como vimos há pouco.

Os de Séforis compareceram então à presença de Vespasiano e receberam uma guarnição dele, comandada por Plácido, ao qual eu fiz a guerra até que Vespasiano entrou na Galiléia. Escrevi mui exatamente na minha História da Guerra dos Judeus, o que se refere à vinda desse imperador; como depois do combate de Tariquéia eu me retirei a Jotapate; como, depois de aí ter estado por muito tempo cercado, caí nas mãos dos romanos; como fui em seguida

libertado da prisão; e, por fim, tudo o que se passou nessa guerra e no cerco de Jerusalém. Assim, não me resta que falar do que se refere a mim em particular, que ainda não foi relatado.

Depois da tomada de Jotapate, os romanos, que me haviam aprisionado, vigiavam-me severamente; mas Vespasiano não deixava de me prestar muitas honras e desposei, por sua ordem, uma moça de Cesaréia, que era também escrava. Ela não ficou muito tempo comigo, pois quando fui libertado da prisão, segui Vespasiano a Alexandria e ela me deixou. Desposei outra na mesma cidade, de onde fui mandado, com Tito, a Jerusalém e me encontrei diversas vezes em grave perigo de vida, pois os judeus tudo faziam para me matar. Todas as vezes que a sorte das armas não era favorável aos romanos, eles diziam que era eu que os traía, e insistiam muito com Tito, que então tinha sido declarado César, que mandasse me matar. Mas como esse príncipe bem conhecia as vicissitudes da guerra, nada respondia a essas queixas. Ele me permitiu, mesmo diversas vezes depois da tomada de Jerusalém, tomar a parte que eu quisesse no que restava das ruínas do meu país. Nada, porém, era capaz de me consolar em tão grande desolação e me contentei de lhe pedir os livros sagrados e liberdade de algumas pessoas, o que ele de boa vontade me concedeu. Pedi-lhe também a liberdade de um meu irmão e de cinqüenta de meus amigos, que ele me concedeu do mesmo modo; tendo entrado, com sua licença, no Templo, lá encontrei no meio de uma grande multidão de escravos, tanto de homens como de mulheres e crianças, mais ou menos cento e noventa amigos meus, ou conhecidos, que foram todos libertados, a meu rogo, sem pagar resgate e restaurados em seu primitivo estado.

Tito mandou-me em seguida com Cerealis e mil cavaleiros a Técua, para ver se aquele lugar seria próprio para um acampamento. Ao meu regresso, soube que tinham crucificado vários escravos, dentre os quais reconheci três amigos meus. Fiquei muito sentido e fui, banhado em lágrimas, dizer a Tito o motivo de minha aflição. Ele ordenou no mesmo instante que os tirassem da cruz e que os curassem com todo o cuidado. Dois deles morreram nas mãos dos médicos, mas o terceiro sobreviveu.

Depois que Tito pôs em dia todos os problemas da Judéia e toda a região estava tranqüila, vendo que as terras que eu tinha nos arredores de Jerusalém

ser-me-iam inúteis por causa das tropas romanas, que eram obrigadas a lá permanecerem, para a defesa do país, ele deu-me outras em lugares mais afastados e quando voltou a Roma, concedeu-me a honra de subir ao seu navio. Quando chegamos, Vespasiano tratou-me da melhor maneira possível. Fez-me hospedar no palácio em que ele morava antes de ser imperador, quis que fosse recebido no número dos cidadãos romanos, deu-me uma pensão, sem nada diminuir dos seus benefícios para comigo; isso causou contra mim tamanha inveja dos meus compatriotas, que me pôs em grande perigo. Um judeu chamado jônatas, tendo provocado uma rebelião em Cirene e reunido dois mil homens da região, que foram todos severamente castigados, foi mandado, atado de pés e mãos ao imperador e ele acusou-me falsamente de lhe ter fornecido armas e dinheiro; Vespasiano, porém, não acreditou na sua impostura e mandou cortar-lhe a cabeça; Deus livrou-me ainda de outras falsas acusações dos meus inimigos, e Vespasiano deu-me na Judéia uma propriedade de grande extensão.

Nesse mesmo tempo, os costumes de minha mulher se me tornaram insuportáveis; eu a repudiei, embora tivesse três filhos dela, dois dos quais haviam morrido, restando-me apenas Hircano. Desposei outra, de Creta, judia de nascimento, filha de pais nobres e muito virtuosa. Dela tive dois filhos, Justo e Simão, cognominado Agripa. Este é o estado dos meus assuntos domésticos. A isso devo acrescentar que continuei a ser sempre honrado com a benevolência dos imperadores, pois Tito não ma demonstrou menos que Vespasiano, seu pai, e jamais escutou as acusações que se faziam contra mim. O imperador Domiciano, que o sucedeu, acrescentou novos favores aos que eu já havia recebido, mandou cortar a cabeça a judeus que me haviam caluniado e castigar um escravo eunuco, pre-ceptor de meu filho, que era do seu número. Este soberano acrescentou a tantos favores um sinal de honra mui ilustre, como libertar todas as terras que eu possuía na Judéia, e a imperatriz Domícia sempre teve prazer em me obsequiar. Poder-se-á por este reduzido resumo dos fatos de minha vida imaginar quem fui eu. Quanto a vós, ó mui virtuoso Epafrodita, depois de vos ter dedicado a continuação das minhas antigüidades, não vos direi mais coisa alguma.

Prefácio de Josefo

De todas as guerras que se travaram, quer de cidade contra cidade, quer de nações contra nações, nosso século ainda não viu outra tão grande, e nós não sabemos que tenha havido outra semelhante, à que os judeus sustentaram contra os romanos. Houve, no entanto, pessoas que se dispuseram a escrevê-la, embora por si mesmos nada soubessem dela, baseando apenas seus conhecimentos em relações vãs e falsas. Quanto aos que nela tomaram parte, sua bajulação pelos romanos e seu ódio pelos judeus, fê-los relatar as coisas de maneira muito diferente, da que de fato eram na realidade. Seus escritos estão cheios de louvores de uns e de censuras dos outros, sem se preocupar com a verdade. Foi isso que me fez decidir a escrever, em grego, para satisfação daqueles que estão sujeitos ao Império Romano, o que escrevi há pouco em minha língua, para informar as outras nações.

Meu pai chamava-se Matatias, meu nome é Josefo, sou hebreu de nascimento, sacerdote em Jerusalém. No princípio combati contra os romanos e a necessidade, por fim, obrigou-me a empreender a carreira das armas.

Quando essa grande guerra começou, o Império Romano era agitado por questões internas; os mais jovens e os mais exaltados dos judeus, confiando em suas riquezas e em sua coragem, suscitaram tão grande perturbação no Oriente para aproveitar dessa ocasião, que povos inteiros tiveram receio de lhes ficar sujeitos, porque eles tinham chamado em seu auxílio os outros judeus que habitavam além do Eufrates, a fim de se revoltarem todos juntamente.

Foi depois da morte de Nero que se viu mudar a face do império. A Gália, vizinha da Itália, sublevou-se. A Alemanha não estava tranqüila; muitos aspiravam ao soberano poder; os exércitos desejavam a revolução na esperança de com isso serem beneficiados. Como todas estas coisas não poderiam deixar de ser mais importantes, a tristeza que senti por ver que se desvirtuava a verdade tinha-me já feito tomar cuidado de informar exatamente aos partos, aos babilônios, mais afastados, entre os árabes, aos judeus que habitam além do Eufrates e aos atenienses da causa desta guerra; de tudo o que se passou e de

que modo ela terminou; e não posso ainda agora tolerar que os gregos e os romanos que ali não estavam presentes o ignorem e sejam enganados por esses historiadores bajuladores que só lhes narram fábulas.

Confesso não poder compreender sua imprudência, quando, para fazer passar os romanos pelos primeiros de todos os homens, eles queriam rebaixar os judeus e ajam assim contra sua intenção. Será uma grande glória superar inimigos pouco temíveis? Ignoram eles as forças poderosas empregadas pelos romanos nessa guerra, durante o tempo que ela durou e as dificuldades que suportaram? Não consideram eles que é diminuir a estima do mérito extraordinário de seus generais diminuir a da resistência que o valor dos judeus fê-los experimentar na execução de tão difícil empreendimento?

Evitarei bem imitá-los, relevando além da verdade os feitos dos de minha nação, como eles fizeram com os dos romanos. Farei justiça a uns e a outros, relatando-os sinceramente; nada afirmarei que não possa provar; não procurarei outro alívio em minha dor, senão deplorar a ruína da minha pátria. Mas, o que pode melhor, que o imperador Tito, que teve a direção de toda a guerra, dela referiu como testemunha, dar a conhecer que nossas divisões domésticas foram a causa da nossa derrota e que não foi voluntariamente, mas por culpa daqueles que se tinham tornado nossos tiranos, que os romanos incendiaram nosso Templo? Esse grande príncipe, não somente teve compaixão desse pobre povo, vendo-o correr para sua ruína, pela violência daqueles facciosos, mas ele mesmo, muitas vezes diferiu a tomada da praça, para lhe dar tempo e ocasião de se arrepender.

Se alguém julgar que meu ressentimento pela infelicidade de meu país leva-me, contra as leis da história, a acusar fortemente aqueles que lhe foram autores, que acrescentaram ladroeira pública à sua tirania, devem perdoar-me e atribuí-lo à minha extrema aflição. Poderia ela ser mais justa, pois entre tantas cidades sujeitas ao Império Romano não se encontrará uma que como a nossa, tendo sido elevada a tão alto grau de honra e de glória, tenha caído em miséria tão espantosa, que não creio que desde a criação do mundo algo se tenha visto de semelhante. A isso acrescente-se que não é a inimigos externos, mas a nós mesmos, que devemos atribuir nossas desgraças; como me poderei conter em tamanha dor? Se, no entanto, se encontrarem pessoas que não se

deixem comover por esta consideração, mas queiram ainda condenar com rigor um sentimento que me parece tão razoável, poderão ater-se à minha história, somente nas coisas que eu refiro, e não se incomodar com minhas queixas, admitindo-as apenas como uma efusão da alma do historiador.

Confesso que muitas vezes censurei, com razão, parece-me, os mais eloqüentes gregos, porque embora as coisas acontecidas no seu tempo sobrepujem de muito as dos séculos que os precederam, contentam-se em julgá-las sem nada escrever e em censurar os que as escreveram, sem considerar que, se eles lhe são inferiores em capacidade, têm sobre a vantagem de ter servido o bem público, com seu trabalho; esses mesmos censores dos outros escrevem o que se passa entre os sírios e os medas, como tendo sido mal narrado pelos antigos escritores, embora não lhes sejam menos inferiores, na maneira de bem escrever do que no intento que tiveram, escrevendo-as. Esses primeiros só referiram e quiseram referir as coisas de que tinham conhecimento e teriam tido vergonha de falsear a verdade diante daqueles que as tendo visto como eles, poderiam desmenti-los. Assim, não poderíamos não louvá-los assaz por ter dado à posteridade o conhecimento do que se passou no seu tempo, que ainda não tinha aparecido em público; eles devem ser tidos como os mais hábeis, que em vez de trabalhar sobre as obras de outros e em trocar somente a ordem, escrevem coisas novas e compõem um corpo de história que somente a eles se deve. Por mim, posso dizer que, sendo estrangeiro, não houve despesa que eu não fizesse, nem cuidado que eu não tomasse, para informar os gregos e os romanos de tudo o que se refere à nossa nação. Os gregos, ao contrário, falam muito quando se trata de sustentar seus interesses, quer em particular, quer perante os juizes, mas calam-se quando é preciso reunir com muita dificuldade tudo o que é necessário para compor uma história verdadeira; e não acham estranho que aqueles que nenhum conhecimento têm dos feitos dos príncipes e dos grandes generais e são mui incapazes de os descrever, ousem fazê-lo. Isto mostra que quanto procuramos a verdade da história tanto os gregos a desprezam e disso se descuidam.

Eu poderia dizer qual foi a origem dos judeus, de que maneira saíram do Egito, por quais províncias vagaram durante longo tempo, as que ocuparam e como passaram a outras. Mas, além de que isto não se refere a este tempo, eu o

julgaria inútil, pois vários da minha nação já o escreveram, com muito cuidado, e os gregos traduziram-lhe as obras para sua língua sem se afastar muito da verdade.

Assim, começarei minha história por onde seus autores e nossos profetas terminaram as suas. Referirei particularmente, com toda a exatidão que me for possível, a guerra que se travou no meu tempo e contentar-me-ei em tocar brevemente o que se passou nos séculos precedentes.

Direi de que modo o rei Antíoco Epifânio, depois de ter tomado Jerusalém e de tê-la possuído durante três anos e meio, de lá foi expulso pelos filhos de Matatias, hasmoneu. Como a divisão suscitada entre seus sucessores, com relação à posse do reino, atraiu os romanos sob o comando de Pompeu. Como Herodes, filho de Antípatro, com o auxílio de Sósio, general do exército romano, pôs fim à dominação desses príncipes hasmoneus. Como depois da morte de Herodes, sob o reinado de Augusto, Quintílio Varo, governador da Judéia, o povo se revoltou. Como no décimo segundo ano do reinado de Nero, começou a guerra; o que se deu sob Céstio, que comandava as tropas romanas; os primeiros feitos dos judeus e as praças que eles fortificaram. Como as perdas sofridas em várias ocasiões por Céstio, fizeram Nero temer pelo êxito de suas armas e ele as entregou a Vespasiano. Como esse general, acompanhado pelo mais velho de seus filhos, entrou na Judéia com um grande exército romano; como um grande número de suas tropas auxiliares foi desbaratada na Galiléia, como ele tomou algumas cidades dessa província e outras se entregaram a ele. Referirei também sinceramente, segundo o que vi e constatei com meus próprios olhos, o proceder dos romanos nas suas guerras, sua ordem e sua disciplina: a extensão e a natureza da alta e da baixa Galiléia, os limites e as fronteiras da Judéia, a qualidade da terra, os lagos e as fontes, que aí se encontram e os males suportados pelas cidades que foram tomadas. Não deixarei de falar do mesmo modo daqueles que experimentei em minha vida e que são bem conhecidos.

Direi também como a morte de Nero aconteceu quando Vespasiano se apressava para marchar contra Jerusalém, os interesses dos judeus estavam já em péssimo estado e os do império chamaram-no a Roma; os presságios que teve da sua futura grandeza; as mudanças sucedidas nessa capital do império;

como foi contra sua vontade declarado imperador pelos soldados e como foi ao Egito para dar as ordens necessárias; como a Judéia foi agitada por novas perturbações e como surgiram tiranos, uns contra os outros; como Tito à sua volta do Egito entrou duas vezes naquela província, de que maneira e em que lugar ele reuniu seu exército, de que modo e quantas vezes ele viu mesmo em sua presença sucederem-se as sedições em Jerusalém; suas aproximações e todas as dificuldades que empreendeu para atacar essa praça; qual a torre dos muros da cidade, sua fortificação e a do Templo; a descrição do mesmo Templo, suas medidas e as do altar; nisso nada omitirei. Falarei das nossas festas solenes, das cerimônias que nelas se observam, das sete espécies de purificação; das funções dos sacerdotes, suas vestes e os do sumo sacerdote; da santidade desse Templo, sem nada deturpar, sem nada acrescentar. Farei ver também a crueldade de nossos tiranos contra os da própria nação e a humanidade dos romanos conosco, que éramos estrangeiros com relação a eles; quantas vezes Tito fez tudo o que pôde para salvar a cidade e o Templo e reunir os que estavam tão obstinadamente divididos. Falarei dos muitos e diversos males suportados pelo povo, que depois de ter sofrido todas as misérias que a guerra, a carestia e as sedições podem causar, por fim se viu reduzido à servidão, pela tomada dessa grande e poderosa cidade. Não me esquecerei também de dizer em que desgraças caíram os desertores da sua nação, a maneira como o Templo foi queimado, contra a vontade de Tito, a quantidade de riquezas consagradas a Deus que o fogo destruiu; a destruição completa da cidade, os prodígios que precederam essa extrema desolação, a escravidão de nossos tiranos, o grande número daqueles que foram levados cativos e suas diversas vicissitudes, de que maneira os romanos perseguiram os que escaparam da guerra e depois de os ter vencido, destruíram completamente as praças e os lugares para onde eles se haviam retirado. Por fim, falarei da visita feita por Tito a toda a província para restabelecer a ordem; da sua volta à Itália e do seu triunfo. Escreverei todas estas coisas em sete livros, divididos em capítulos, para satisfação das pessoas que amam a verdade e não tenho motivo de temer que aqueles que tiveram a direção dessa guerra ou que lá se encontraram presentes, me acusem de ter faltado à sinceridade. Mas é tempo de começarmos a executar o que prometi.

Livro Primeiro

Capítulo 1

Antíoco Epifânio, rei da Síria, torna-se senhor de Jerusalém e suprime o serviço de Deus. Matias Macabeu e seus filhos restabelecem-no e vencem os sírios em vários combates. Morte de Judas Macabeu, príncipe dos judeus, e de João, dois dos filhos de Matias, que havia morrido muito tempo antes. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Segundo, capítulos 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14 e 19, Antigüidades Judaicas, Parte I.

1. No mesmo tempo em que, por um sentimento de glória tão comum entre os grandes príncipes, Antíoco Epifânio e Ptolomeu, sexto rei do Egito, estavam em guerra, para decidir pelas armas a quem pertenceria o reino da Síria, os maiorais dos judeus estavam divididos entre si. O partido de Onias, sumo sacerdote, tendo-se tornado mais forte, expulsou de Jerusalém o filho de Tobias. Eles retiraram-se para junto do rei Antíoco, rogaram-no que entrasse na Judéia e ofereceram-se para servi-lo, com todas as suas forças. Como ele já tinha formado o seu desígnio, não tiveram dificuldade em obter dele o que desejavam. Ele se pôs em campo com um poderoso exército, tomou Jerusalém e matou um grande número dos que eram do partido de Ptolomeu. Permitiu o saque aos seus soldados, despojou o Templo de tantas riquezas de que estava cheio e aboliu durante três anos e meio os sacrifícios que ali se ofereciam todos os dias a Deus. Onias fugiu para junto de Ptolomeu, que lhe permitiu construir perto de Heliópolis uma cidade e um Templo da forma do de Jerusalém, de que poderemos falar a seu tempo.

2. Antioco não se contentou de se ter tornado, contra sua esperança, senhor de Jerusalém, de lá ter tirado tantas riquezas e de ter derramado tanto sangue, mas deixou-se levar de tal modo pelo ressentimento, pela lembrança

das amarguras que tinha suportado, naquela guerra, que obrigou os judeus a renunciar à sua religião, a não mais mandar circuncidar seus filhos e a imolar sobre o altar, destinado para os sacrifícios, porcos, em vez de vítimas que nossas leis obrigam a oferecer a Deus. O horror que os maiorais e as pessoas de bem não podiam deixar de demonstrar por essa abominação custava-lhes a vida: pois Baccida, que governava por Antioco, todos os lugares da Judéia, sendo naturalmente muito cruel, executava com alegria suas ordens ímpias. Sua insolência e suas violências chegavam a tal excesso que não havia ultraje que ele não fizesse mesmo às pessoas de condição e suas incríveis maldades faziam ver, cada dia, uma nova e espantosa imagem da tomada e da desolação dessa cidade, antes tão poderosa e tão célebre.

3. Mas por fim, tão insuportável tirania animou os que a toleravam a se libertarem dela e a tomarem vingança. Matias (ou Matatias, Macabeu), sacerdote que morava na aldeia de Modim, seguido por seus cinco filhos e seus domésticos, matou Baccida e fugiu para as montanhas, a fim de evitar o furor das guarnições mantidas por Antioco. Muitos reuniram-se a ele e então ele desceu aos campos, deu combate aos chefes das tropas desse príncipe, venceu-as e as expulsou da judéia. Estes felizes resultados elevaram-no a tão alto grau de glória que todo o povo, para lhe mostrar seu agradecimento por tê-lo libertado da escravidão, escolheu-o para comandá-lo e ele deixou, ao morrer, Judas Macabeu, o mais velho de seus filhos, como sucessor de sua fama e de sua autoridade.

4. Como esse generoso filho, de tão generoso pai, não podia duvidar dos esforços que Antioco faria para se vingar das perdas recebidas, reuniu todas as forças da nação e foi o primeiro que fez aliança com os romanos. Antioco não deixou, como ele havia previsto, de entrar com um poderoso exército na Judéia e esse grande general venceu-o numa batalha. Para não perder o fruto e não deixar esfriar-se a coragem de suas tropas, ele foi no ardor da vitória atacar a guarnição de Jerusalém que ainda estava inteira, expulsou-a da cidade alta, que tem o nome de santa e a obrigou a se refugiar na cidade baixa. Assim, tornou-se senhor do Templo, purificou-o, rodeou-o com um muro, mandou fazer vasos novos, para empregá-los no serviço de Deus, colocou-os no Templo no lugar dos que haviam sido profanados, fez construir um outro altar e

recomeçou a oferecer a Deus os sacrifícios.

5. Terminadas estas coisas, Antioco morreu. Antioco Eupator, seu filho, não herdou menos seu ódio contra os judeus do que a coroa; reuniu um exército de cinqüenta mil homens de infantaria e mais ou menos cinco mil de cavalaria e oitenta elefantes, entrou na Judéia do lado das montanhas; tomou a cidade de Betsura. Judas, com o que possuía de suas tropas, veio ao seu encontro, no estreito de Betsacharia; antes que os exércitos se chocassem, Eleazar, um dos seus irmãos, tendo visto um elefante muito maior que os outros, que trazia em seu dorso uma grande torre, toda dourada, pensou que o rei estaria sob a mesma. Adiantou-se por entre os demais, abriu caminho entre os inimigos, chegou até o enorme animal e como não podia alcançar aquele que estava lá em cima e que ele julgava ser o rei, colocou-se por baixo do elefante, feriu com a espada o ventre do animal, que o matou esmagando-o na queda. Assim, uma coragem tão heróica mostrou com este feito de valor a grandeza de alma deste generoso israelita que preferiu a glória à própria vida. Quem montava esse elefante era um cidadão particular, mas quando tivesse sido o mesmo Antioco, a coragem heróica de Eleazar tê-lo-ia levado ao mesmo resultado, pois não podendo esperar sobreviver a tão grande feito, ele teria sempre mostrado até que ponto seu amor pela glória o fazia desprezar a morte.

6. Este fato foi um presságio a Judas Macabeu, do que lhe ia acontecer naquele dia. Depois de um mui longo e violento combate, o grande número dos inimigos e sua boa sorte os fez vitoriosos. Vários judeus foram mortos; Judas retirou-se com o restante à toparquia de Gofnítico. Antioco avançou em seguida até Jerusalém, mas foi obrigado a se retirar porque tinha falta de muitas coisas necessárias para a subsistência de seu exército. Lá deixou uma guar-nição de soldados, que julgou conveniente e mandou o restante para os quartéis de inverno na Síria.

Judas, para aproveitar-se da sua ausência, reuniu o que pôde de soldados de sua nação, além dos que haviam ficado deste último combate, e foi lutar contra as tropas de Antioco. Jamais um homem mostrou mais valor do que ele, nesse dia. Perdeu a vida, depois de ter matado um grande número de inimigos e João, seu irmão, tendo caído numa emboscada que lhe armaram, também viveu apenas alguns dias a mais.

Capítulo 2

Jônatas e Simão Macabeu sucedem Ajudas, seu irmão, na qualidade de príncipes dos judeus e Simão livra a Judéia da escravidão dos macedônios. É morto à traição por Ptolomeu, seu genro. Hircano, um de seus filhos, herda sua virtude e sua qualidade de príncipe dos judeus. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Terceiro, capítulos 1, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 1 7 e 18, Antigüidades Judaicas, Parte I.

7. Jônatas sucedeu a Judas Macabeu, seu irmão, na dignidade de príncipe dos judeus. Ele procedeu com os de sua nação com muita prudência, firmou sua autoridade com a aliança dos romanos e se pôs em boas relações com o filho de Antíoco. Um proceder tão sensato, não pôde, no entanto, lhe dar segurança. Trifon, que era tutor do jovem Antíoco e que depois usurpou o reino, não podendo fazê-lo perder os amigos, recorreu à traição. Conseguiu induzi-lo a vir encontrar-se com Antíoco, em Ptolemaida e lá o fez prisioneiro e avançou com suas tropas para a Judéia. Simão, irmão de Jônatas, obrigou-o a se retirar e ele ficou tão irritado, que mandou matar Jônatas.

8. Como não se podia acrescentar algo à vigilância e à coragem de Simão, ele tomou as cidades de Zara, de Jope e de Jamnia. Tornou-se assim senhor de Acarom, destruiu-a, e se uniu contra Trifon, a Antíoco, que antes de partir para sua viagem à Média, sitiava Dora. Mas esse rei era tão avarento que, ainda que Simão tivesse contribuído para a ruína e a morte de Trifon, pelo auxílio que lhe tinha dado, não deixou de enviar Cendebéa, um dos seus generais, com um exército, para devastar a Judéia e procurar fazê-lo prisioneiro. Embora esse príncipe dos judeus fosse então muito idoso, não deixou de agir com a mesma energia, como teria feito com as melhores tropas e marchou, por outro lado, com o restante; fez diversas emboscadas nas montanhas e obteve grande vitória. Deram-lhe em seguida o cargo de sumo sacerdote; ele libertou sua pátria da dominação dos macedônios, duzentos e setenta anos depois que dela

se tinham tornado senhores.

9. Este grande personagem foi morto à traição num banquete, por Ptolomeu, seu genro, que ao mesmo tempo manteve prisioneira sua mulher e dois de seus filhos, e mandou alguns homens para matar João, antes chamado Hircano, que era o terceiro. Mas tendo sido avisado, ele fugiu para Jerusalém, confiando no afeto do povo, pelo respeito que consagrava à memória de seus parentes e de seu ódio por Ptolomeu. Este homem mau quis também entrar na cidade, por outra porta; mas o povo, que já havia recebido Hircano, repeliu-o. Ele foi então para um castelo de nome Dagom, que está além de Jerico; Hircano, depois de ter sucedido a seu pai no cargo de sumo sacerdote e oferecido sacrifícios a Deus, foi logo atacá-lo para libertar sua mãe e seus irmãos. Seu bom caráter foi o único obstáculo que lhe impediu de tomar a praça. Quando Ptolomeu se via em apuros, levava sua mãe e seus irmãos à muralha, para que todos pudessem vê-los e depois de os ter espancado violentamente, ameaçava precipitá-los de lá do alto, se ele não se retirasse imediatamente. Por maior que fosse a cólera de Hircano, ele era obrigado a ceder ao seu amor, para com pessoas que lhe eram tão caras e à compaixão, por vê-los sofrer. Sua mãe, ao contrário, cujo grande coração não se abatia, nem pelas dores nem pelo temor da morte, estendia-lhe os braços e rogava-lhe que o desejo de lhe poupar outros tor-mentos não o impedissem de dar àquele ímpio o merecido castigo, pois ela se considerava feliz por morrer, contanto que os crimes por ele cometidos contra toda a nação não continuassem impunes. Estas palavras animavam Hircano à vingança, mas quando via que recomeçavam a tratá-la de maneira tão cruel, sentia sua coragem enfraquecer e seu espírito agitado por esses diversos sentimentos enchiam-se de confusão e de perturbação. Assim, o cerco continuou por muito tempo e o sétimo ano chegou, o qual é um ano de descanso, para nós. Ptolomeu não ficou por esse meio livre do perigo e do temor, mas assassinou a mãe e os irmãos de Hircano e retirou-se depois para junto de Zenão, cognominado Cotilas, que reinava em Filadélfia.

10. O rei Antíoco, então, para se vingar de Hircano, pela vitória que Simão, seu pai, tinha obtido contra seus generais, entrou na Judéia com um grande exército e foi sitiar Jerusalém. O sumo sacerdote, para obrigá-lo a se

retirar, mandou abrir o sepulcro de Davi, que tinha sido o mais rico de todos os reis e de lá tirou mais de três mil talentos, dos quais lhe deu trezentos.

11. Este príncipe dos judeus foi o primeiro que manteve soldados estrangeiros. Quando viu que Antíoco tinha partido com todas as suas forças para a Média, tomou aquele Templo, para entrar na Síria, desprovida de soldados, apoderou-se de Medaba, Samea, Siquém e Gerizim e reduziu também à sua obediência os chuteenses, que moram nos lugares adjacentes ao Templo, construído à imitação do de Jerusalém. Na Judéia, tomou além de Dorom e Marissa, várias outras praças e avançou até Samaria, que Herodes reedificou depois e deu o nome de Sebaste. Cercou-a de todos os lados e deixou a Aristóbulo e a Antígono, seus filhos, o encargo de continuar o cerco. Nada eles deixaram de fazer para bem cumprir a ordem, e os habitantes ficaram reduzidos a tão grande miséria e carestia, que para viver foram obrigados a se servir de coisas que os homens não costumam comer. Em tal conjuntura extrema, imploraram o auxílio de Antíoco cognominado Sponde; este veio logo em seu socorro, mas Aristóbulo e Antígono venceram-no e o perseguiram até Citópolis, onde se refugiara. Os dois irmãos voltaram em seguida ao cerco, mantiveram os samaritanos presos dentro de suas muralhas, dominaram-nos à força, fizeram-nos todos prisioneiros e destruíram completamente a cidade. Levaram sua boa sorte ainda mais além; para não deixar esmorecer o ardor de suas tropas, avançaram até além de Citópolis e dividiram entre si todas as terras do monte Carmelo.

CAPÍTULO 3

MORTE DE HIRCANO, PRÍNCIPE DOS JUDEUS. ARISTÓBULO, SEU FILHO MAIS VELHO, TOMA POR PRIMEIRO O TÍTULO DE REI. MANDA MATAR SUA MÃE E ANTÍGONO, SEU IRMÃO, E MORRE TAMBÉM DE TRISTEZA. ALEXANDRE, UM DE SEUS IRMÃOS, SUCEDE-O. GRANDES GUERRAS DESSE PRÍNCIPE, TANTO EXTERNAS COMO INTERNAS. CRUEL AÇÃO QUE ELE COMETE. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Terceiro, capítulos 18,19, 20, 21 e 22, Antigüidades Judaicas, Parte I.

12. A prosperidade de Hircano e de seus filhos atraiu-lhes tanta inveja que vários se ergueram contra eles e chegaram mesmo a uma guerra aberta. Mas Hircano continuou senhor, passou o restante de sua vida em grande tranqüilidade e depois de ter governado durante trinta e três anos, com tanta sabedoria e virtude, que nada se podia, sem injustiça, encontrar digno de censura em seu proceder, morreu e deixou cinco filhos. Teve esta rara felicidade de possuir ao mesmo tempo o prin-cipado, o sumo sacerdócio e o dom da profecia. Deus mesmo falava-lhe e dava-lhe o conhecimento das coisas futuras. Assim, previu e predisse que os dois mais velhos de seus filhos não reinariam por muito tempo. A este respeito, julgo dever relatar qual o seu fim, tão longe da felicidade de que seu pai havia gozado.

13. Depois da morte de Hircano, Aristóbulo, o mais velho de seus filhos, mudou a forma de governo, em Roma, e foi o primeiro que pôs o diadema sobre a cabeça, quatrocentos e setenta e um anos e três meses depois que o povo, tendo sido libertado da servidão dos babilônios, tinha voltado à Judéia. Ele tinha tanto afeto por Antígono, um de seus irmãos, que o associou à coroa. Mandou os outros para a prisão e lá mandou também colocar sua mãe, porque Hircano, tendo-a declarado regente, ela disputava-lhe o governo. Sua crueldade para com ela chegou a ponto de fazê-la morrer de fome. Ele acrescentou a esse crime o de também matar Antígono, depois das calúnias de que se serviam para torná-lo odioso a ele. Como o amava muito, não podia, a princípio, acreditar; mas aconteceu que quando ele estava doente, Antígono, que voltava da guerra com soberano séquito, com muitos homens armados, entrou no Templo com aquela majestade toda, para rogar a Deus pela saúde do rei, seu irmão. Seus inimigos tomaram essa ocasião para perdê-lo. Disseram a Aristóbulo que Antígono, não se contentando com a honra que ele lhe tinha feito, associando-o ao governo, queria possuí-lo todo, inteiro, sozinho; e para esse fim tinha vindo com a pompa que só compete a um soberano, acompanhado de tantos guardas, que não se podia duvidar de que aquilo era para matá-lo. Aristóbulo, que então estava na fortaleza de Baris, que Herodes, depois chamou Antônia, em honra de Antônio, a princípio não quis acreditar nessas palavras, mas por fim chegou a persuadir-se de tudo e para não mostrar abertamente sua desconfiança para

com seu irmão, nem algo fazer com leviandade, em assunto tão importante, ordenou aos seus guardas que se postassem à passagem de Antígono num lugar obscuro e subterrâneo, com ordem de deixá-lo passar, se ele se encontrasse sem arma, e de matá-lo, se estivesse armado; mas mandou-lhe dizer que viesse sem armas. A rainha, por uma maldade horrível, de combinação com os outros inimigos de Antígono, subornou o guarda que estava encarregado dessa comissão e o induziu a dizer a Antígono, que o rei, tendo sabido que ele tinha trazido da Galiléia as mais belas armas do mundo, rogava-lhe que viesse encontrá-lo; armado como estava, a fim de lhe dar o prazer de vê-las em sua pessoa. Antígono, que tinha recebido provas de afeto do rei, seu irmão, de nada desconfiou e, assim, apressou-se em executar essa ordem; quando chegou ao lugar denominado a torre de Estratão, os guardas do rei esperavam-no e o mataram.

Que outro exemplo pode melhor manifestar, como a calúnia é capaz de afogar os sentimentos mais ternos da natureza e da amizade e que não há união tão grande que sempre possa resistir aos esforços que ela faz para os destruir?

14. Aconteceu nesse fato uma coisa, que não se pode admirar assaz. Judas, da seita dos essênios, tinha tal conhecimento do futuro, que suas predições jamais deixaram de ser verdadeiras e tinham-lhe conquistado tal fama, que ele era sempre seguido de grande número de pessoas que o consultavam. Quando esse bom velho viu Antígono entrar no Templo, voltou-se para eles e exclamou: "Como se há de viver mais, depois que a verdade morreu? Posso duvidar de que uma coisa que eu predisse seja falsa, vendo, como eu vejo, com meus próprios olhos, Antígono ainda com vida, ele, que eu julgava dever ser hoje morto na torre de Estratão? E como isso se poderia realizar pois ela está longe daqui seiscentos estádios e estamos na quarta hora do dia?" Depois que judas havia falado deste modo e repassava com tristeza certas coisas em sua mente, vieram dizer-lhe que Antígono tinha sido morto, num lugar subterrâneo que tem o mesmo nome que a torre de Estratão, que está em Cesaréia, à margem do oceano. Fora essa semelhança de nomes que o havia enganado.

15. Aristóbulo, apenas cometeu tão cruel ação, logo se arrependeu e a

dor que sentiu aumentou ainda mais a sua doença. O horror de seu crime, que continuamente pairava-lhe ante os olhos, perturbou sua alma; ele caiu em tão profunda tristeza que os efeitos de sua melancolia, passando da alma ao corpo, irritando seu gênio, comoveram-lhe tanto as entranhas, que ele chegou a vomitar sangue. Um dos seus mordomos levou esse sangue e Deus permitiu que ele o atirasse, sem querer, no mesmo lugar onde se viam, ainda, manchas do sangue de Antígono. Os que o viram, julgando que ele o havia feito de propósito e que era como um sacrifício que ele oferecia aos manes desse príncipe, soltaram gritos tão agudos que o rei os ouvia. Perguntou-lhe então qual a causa. E como ninguém ousava dizer-lhe a verdade, o que aguçou ainda mais a sua curiosidade, ele os obrigou, com ameaças, a confessá-lo. Então, banhado em lágrimas, consumido pela violência de seus suspiros, o que lhe restava ainda de força, disse com voz quase imperceptível: "Poderia eu esperar que Deus, que tem os olhos abertos sobre tudo o que se passa no mundo, não tivesse ciência de meus crimes? Sua justiça poderia castigar-me mais prontamente do que o faz, por ter sido o assassino de meu próprio irmão? Até quando este miserável corpo reterá minha alma, para impedir que seja sacrificada à vingança de sua morte e da de minha mãe? Por que oferecer-lhe assim meu sangue gota a gota, em vez de oferecê-lo todo de uma vez? Por que ficar por mais tempo exposto ao sabor da fortuna que zomba por me ver, com as estranhas despedaçadas e oprimido pela dor, sentir os efeitos de sua inconstância?" Dizendo estas palavras, morreu, depois de ter reinado apenas um ano.

16. A rainha, sua viúva, mandou depois saírem os irmão da prisão e constituiu rei a Alexandre, que era o mais velho e parecia de caráter moderado. Mas apenas foi elevado ao supremo poder, mandou matar o irmão, que o queria disputar, e conservou o outro, porque se contentou de viver em condição de um particular.

17. Ptolomeu Latur, rei do Egito, tendo tomado a cidade de Azoche, Alexandre ofereceu-lhe combate, matando-lhe muitos soldados; mas a vitória, no entanto, pertenceu a Ptolomeu. Cleópatra, mãe deste príncipe, obrigou-o a se retirar para o Egito, e então Alexandre tornou-se senhor de Cadara e de Amate, que é a maior de todas as praças além do Jordão, onde ele se

enriqueceu com o que Teodoro, filho de Zenão, tinha de mais precioso. Mas não o possuiu por muito tempo. Teodoro veio contra ele e reconquistou não somente o que ele lhe tinha arrebatado, mas saqueou toda a bagagem de Alexandre, matando-lhe ainda uns dois mil homens. Este rei dos judeus reuniu novas forças, levou a guerra às cidades marítimas, tomou Rafia, Gaza e Antedom, que o rei Herodes depois chamou de Agripíada.

18. Como acontece muitas vezes, que as grandes assembléias e os grandes banquetes causam perturbações, surgiu, num dia de festa, tal agitação contra este príncipe, que ele julgou não se poder salvar da rebelião de seus súditos, senão assalariando tropas estrangeiras; como não confiava nos sírios, porque não vão de acordo com os judeus, serviu-se dos pisídios e dos cilícios. Mandou depois matar mais de oito mil daqueles sediciosos e marchou contra Obodas, rei dos árabes, venceu os galátidas e os moabitas, impôs-lhes um tributo e voltou para sitiar Amate. Mas Teodoro, espantado com todos estes acontecimentos, abandonou a praça e Alexandre a destruiu completamente.

19. Marchou depois contra Obodas: este príncipe que havia colocado uma parte de suas tropas de emboscada, na província de Gaulaim, impeliu-o para um vale muito estreito e profundo e destruiu todo seu exército, que foi esmagado pela multidão de seus camelos. A custo Alexandre pôde salvar-se em Jerusalém, onde sua má sorte, aumentando ainda o ódio que já lhe tinham, encontrou todos os habitantes mais dispostos do que nunca a se revoltar; essa animosidade foi tão além, que em vários combates em que ele se viu envolvido, contra seus próprios súditos, e onde sempre ele levou a melhor, matou mais de cinqüenta mil, durante seis anos.

20. Estas vitórias que enfraqueciam o seu estado, foram-lhe mui funestas e ele com isso não se podia regozijar; e assim, em vez de continuar procurando reunir seus súditos e levá-los à obediência, pelo caminho das armas, resolveu tentar o da bondade. Mas essa mudança de proceder só lhes aumentou o ódio; eles o atribuíram à sua inconstância; e um dia, quando ele lhes perguntou o que poderia fazer para contentá-los, responderam-lhe que devia fazer-se matar e que eles mui dificilmente perdoariam todo o mal que lhes fizera. Chamaram em seu auxílio o rei Demétrio Eucero, o qual veio com um exército; feito mais forte com esse reforço, marchou até Siquém, com três mil cavaleiros e quarenta

mil soldados de infantaria. Alexandre, que só tinha mil cavaleiros, oito mil estrangeiros e mais ou menos dez mil judeus, que ainda lhe eram fiéis, marchou contra ele. Antes de travar combate, estes dois reis fizeram cada qual o possível. Demétrio, para atrair ao seu partido os estrangeiros que Alexandre tinha, e Alexandre, para trazer ao seu, os judeus que se haviam reunido a Demétrio. Mas nem um, nem outro, conseguiu o que queria e foi então necessário travar-se a batalha. Demétrio ganhou-a, e jamais se combateu tão corajosamente como combateram os estrangeiros que Alexandre tinha assalariado. O efeito dessa vitória foi contrário ao que os dois príncipes deveriam imaginar. Pois Alexandre, tendo fugido para as montanhas, seis mil judeus que tinham combatido por Demétrio, comovidos pela desgraça desse rei, foram procurá-lo. Mudança tão repentina assustou a Demétrio e, com o medo que sentiu de que o restante da nação também viesse a passar para o lado de Alexandre, que ele via já tão forte quanto ele, depois desse grande auxílio, achou melhor retirar-se. Os outros judeus continuaram a fazer guerra a Alexandre, a qual durou até quando, depois de ter matado um grande número deles, e reduzido os que restavam de todos os combates, a ter como único refúgio a cidade de Bemezel, tomou essa praça e os levou a todos, prisioneiros, a Jerusalém. Viu-se então até que ponto de crueldade, ou melhor, de impiedade, a cólera pode levar os homens. Durante um banquete que ele dava às suas concubinas, mandou crucificar diante de seus próprios olhos, oitocentos daqueles prisioneiros, depois de ter feito degolar na presença deles, suas mulheres e filhos. Espetáculo tão horrível imprimiu tal terror no espírito dos daquele partido, que oito mil partiram na noite seguinte, fugindo para fora do reino, e voltaram à Judéia somente depois da morte desse príncipe, e foi somente com ações tão trágicas que ele restabeleceu por fim e com muita dificuldade a paz e a tranqüilidade em seu Estado.

Capítulo 4

Diversas guerras feitas por Alexandre, rei dos judeus. Sua morte. Deixa dois filhos, Hircano e Aristóbulo, e constitui regente a rainha Alexandra, sua mulher. Ela dá excessiva autoridade aos fariseus. Sua morte. Aristóbulo usurpa o reino de Hircano, seu irmão mais velho. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Terceiro, capítulos 23 e 24, e no Livro Décimo Quarto, capítulo 1, Antigüidades Judaicas, Parte I.

21. Esta paz de que Alexandre gozava foi perturbada pelo rei Antíoco, cognominado Dionísio, irmão de Demétrio e o último da família de Seleuco. Como este príncipe tinha vencido os árabes e Alexandre teve receio de que ele entrasse em seu reino, mandou fazer, desde as montanhas de Antipatro até às margens de Jope, uma grande fortificação com um muro muito alto na frente, guarnecido com torres de madeira. Nada, porém, foi capaz de reter Antíoco. Ele queimou as torres, encheu as trincheiras e passou com seu exército. Transferiu para outro tempo a vingança sobre Alexandre e marchou contra os árabes. Aretas, seu rei, retirou-se para lugares fortificados e quando Antíoco pensava nada mais ter de temer, ele veio atacá-lo com dez mil cavaleiros. Foi muito encarniçado o combate; e embora nessa luta Antíoco tivesse perdido muita gente, sustentou-a enquanto lhe restanteu um pouco de vida, fazendo tudo o que compete a um grande comandante. Mas sua morte fez os seus perderem a coragem e eles acabaram por fugir. Os árabes fizeram então uma grande mortandade; o restante salvou-se fugindo para a aldeia de Cana, onde quase todos morreram de fome.

22. O ódio que os de Damasco tinham por Ptolomeu, filho de Meneu, levou-os a fazer aliança com Aretas, ao qual reconheceram como rei da baixa Síria. Ele entrou na Judéia, venceu Alexandre e retirou-se em seguida, após um tratado feito entre eles.

23. Este rei dos judeus, depois de ter tomado Pella, atacou Gerasa, para se apoderar dos tesouros de Teodoro. Ele sitiou a praça com uma tríplice ordem de defesa e assim conseguiu apoderar-se dela. Tomou depois Gaulam, Selêucia e o vale de Antíoco, o castelo-fortaleza de Gamala, onde fez prisioneiro a Demétrio, que lhe era o comandante e que tinha cometido tantos crimes. Depois de ter empregado três anos nestas diversas expedições, ele voltou triunfante a Jerusalém, que depois de tantos e felizes resultados, recebeu-o com alegria.

O fim da guerra foi o início da enfermidade desse príncipe. Ele foi tomado

de forte febre intermitente e, imaginando que o trabalho lhe poderia devolver a saúde, entregou-se a novas expedições. Mas seu corpo estava muito fraco para suportar tantas fadigas e ele morreu nesses trabalhos excessivos, depois de ter reinado trinta e sete anos.

24. Como ele sabia que a rainha Alexandra, sua mulher, era de um caráter diferente do seu e jamais aprovara seu proceder, pois o julgava demasiado violento, ele a constituiu regente, na esperança de que os judeus lhe haveriam de obedecer de boa vontade; e não se enganou. Pois a reputação de piedade dessa princesa fez com que todos se submetessem, sem dificuldade, a uma mulher tão instruída nos costumes do reino e que sempre tinha demonstrado tolerar, com grave desgosto, que se violassem nossas santas leis. Ela tinha dois filhos, de Alexandre; fez sumo sacerdote ao mais velho, de nome Hircano, quer por causa da idade, quer porque sendo de caráter manso, não tinha motivo de temer que ele suscitasse alguma revolta. Ela quis ainda que o mais jovem, de nome Aristóbulo, vivesse como um cidadão privado, porque era muito ativo e empreendedor.

25. Essa princesa tinha grande espírito de piedade e os fariseus tinham também a fama de ser muito piedosos e muito mais instruídos que os outros, em coisas de religião; ela teve tanta confiança neles, deu-lhes tanta autoridade, que se podia dizer que os havia associado ao governo. Eles se insinuaram de tal modo em seu espírito, pouco a pouco, e abusaram tanto de sua bondade, que atraíram sobre si mesmos o poder principal. Perseguiram e favoreciam a quem muito bem entendiam; davam e tiravam a liberdade; gozavam de todas as vantagens da realeza e só deixavam à rainha as despesas e os cuidados aos quais essa condição obriga. Essa virtuosa princesa era, no entanto, capaz de grandes empreendimentos e trabalhava com tanta solicitude em aumentar as forças de seu Estado, que preparou diversos exércitos, tomou grande número de estrangeiros ao seu serviço e assim tornou-se não somente muito poderosa em seu reino, mas também mui temível aos príncipes e povos vizinhos. Era uma rainha que, ao mesmo tempo, dominava com poder absoluto e obedecia aos fariseus. Estes mandaram matar um homem ilustre de nome Diógenes, que tinha sido muito estimado do falecido rei, porque o acusavam de ter participado da crucificação daqueles oitocentos homens, de que falamos. Eles insistiam

com a princesa que não perdoasse a todos os demais que tinham tomado parte naquela ação; sua mui grande consideração para com eles, impedia-lhe de recusá-lo e eles assim mandavam matar a quantos bem entendiam. Tantas pessoas da nobreza viam-se assim em tão grande perigo que recorreram a Aristóbulo e ele persuadiu a rainha, sua mãe, que se contentasse de mandar para fora de Jerusalém os que ela julgava culpados e deixasse os outros em paz. Assim, aqueles cidadãos retiraram-se para diversos lugares do reino.

Essa princesa, tomando como pretexto que o rei Ptolomeu perturbava continuamente a cidade de Damasco, para lá mandou seu exército e apoderou-se do lugar, sem que nessa ocasião se passasse algo de memorável; Tigrano, rei da Armênia, sitiou a rainha Cleópatra, em PPtolemaida, e ela mandou presentes a esse príncipe e o levou a fazer propostas de acordo. Mas ante a notícia de que Lúcullo tinha entrado com um exército romano em seu reino, ele se retirou.

26. Pouco tempo depois, Alexandra caiu gravemente enferma e Aristobulo, o mais jovem dos seus filhos, tomou essa oportunidade para pôr em prática seus grandes projetos. Reuniu todos os servidores e os homens dispostos a segui-lo pela semelhança de caráter ardente e inquieto como o seu, apoderou-se de todas as fortalezas, empregou o dinheiro que encontrou ali, para reunir muitas outras tropas e revestiu-se das insígnias da dignidade real. Hircano queixou-se à rainha, sua mãe, dessa usurpação. Ela, para contentá-lo, mandou pôr a mulher e os filhos de Aristobulo na fortaleza Setentrião, outrora chamada Baris e que foi depois chamada Antônia, por causa de Antônio, do mesmo modo que Sebaste e Agripíada assim foram denominadas por causa de Augusto e Agripa.

27. Alexandra morreu daquela enfermidade, depois de ter reinado nove anos, sem ter tido tempo de libertar Hircano, que ela tinha declarado rei, da opressão de Aristobulo, que o sobrepujava de muito em força e ousadia. Tudo o que ela pôde fazer foi deixar-lhe seus bens. Os dois irmãos travaram batalha para decidir, pelas armas, aquela grave divergência. A maior parte das tropas de Hircano deixou-o para passar para o lado de Aristobulo; ele fugiu com o restante para a fortaleza Antônia, onde a mulher e os filhos de Aristobulo se encontravam e assim o salvaram de uma ruína completa. Tendo nas mãos reféns tão preciosos, ele confabulou com seu irmão, sem esperar chegar ao

último extremo. As condições do acordo foram: que o reino ficaria com Aristobulo e Hircano contentar-se-ia de gozar das honras que pode pretender um irmão do rei. Esse acordo se fez no Templo, em presença de todo o povo. Os dois irmãos abraçaram-se com demonstrações de afeto. Aristobulo estabeleceu-se no palácio real e deixou o seu a Hircano.

CAPÍTULO 5

ANTÍPATRO LEVA ARETAS, REI DOS ÁRABES, A AJUDAR A HIRCANO, PARA RESTAURÁ-LO EM SEU REINO. ARETAS DERROTA ARISTOBULO NUM COMBATE E O SITIA EM JERUSALÉM. ESCAURO, GENERAL DE UM EXÉRCITO ROMANO, CONQUISTADO POR ARISTOBULO, OBRIGA-O A LEVANTAR O CERCO E ARISTOBULO OBTÉM, EM SEGUIDA, UMA GRANDE VITÓRIA SOBRE OS ÁRABES. HIRCANO E ARISTÓBULO RECORREM A POMPEU. ARISTÓBULO TRATA COM ELE, MAS, NÃO PODENDO EXECUTAR O QUE TINHA PROMETIDO, POMPEU CONSERVA-O PRISIONEIRO, SITIA E TOMA JERUSALÉM. ALEXANDRE, QUE ERA O MAIS VELHO DE SEUS FILHOS, SALVA-SE A CAMINHO.

28. O poder de Aristóbulo, que se encontrou por uma felicidade inesperada, de posse do trono, encheu de admiração os que não o estimavam; mais particularmente, Antípatro, porque desde muito tempo o odiava. Ele era idumeu e o mais poderoso de sua nação, quer pela sua descendência quer pelas suas riquezas e por seu próprio mérito. Assim, ele aconselhou Hircano a fugir para junto de Aretas, rei dos árabes, para reconquistar o reino por seu intermédio; exortou ao mesmo tempo Aretas, que não recusasse a um príncipe, injustamente oprimido, o auxílio que lhe seria tão glorioso dar-lho; e para levá-lo mais facilmente ao que ele desejava, disse tudo o que podia de bem sobre Hircano, e tudo o que podia de mal, acerca de Aristóbulo. Tendo disposto Hircano a fugir e Aretas a recebê-lo, fê-lo sair à noite, de Jerusalém, e o levou rapidamente à Arábia, à cidade de Petra, onde o entregou a esse príncipe; obteve por sua insistência e por seus presentes que o ajudasse a se restabelecer em seu reino. O rei dos árabes entrou depois na Judéia com um exército de cinqüenta mil homens e como Aristóbulo não estava bem preparado para lhe resistir, foi vencido no primeiro combate e obrigado a fugir para Jerusalém.

Aretas lá o foi sitiar e o teria aprisionado, se os romanos não o tivessem livrado daquele perigo, pelo fato que passo a narrar: Quando Pompeu, o Grande, fazia a guerra na Armênia, ele mandou Escauro à Síria, com um exército. Ao chegar a Damasco, soube que Metello e Lóllio já a tinham aprisionado e se haviam retirado. Tendo sabido do que se passava na Judéia, para lá se dirigiu, na esperança de aproveitar também. Quando estava para entrar, os dois irmãos mandaram-lhe, cada um, embaixadores para pedir-lhe o seu auxílio e quatrocentos talentos, que Aristóbulo lhe deu, e levaram-no à justiça da causa de Hircano. Escauro, apenas os recebeu, ordenou-lhe e aos árabes em nome de Pompeu e dos romanos, que levantassem o cerco, ameaçando-os, se não o fizessem, a lhes declarar guerra. O temor de ter de enfrentar inimigos tão temíveis, obrigou Aretas a se retirar e Escauro regressou a Damasco. Aristóbulo não se contentou de se ver em segurança, mas reuniu muitas tropas, perseguiu Aretas e Hircano, alcançou-os, atacou-os num lugar denominado Papirom, matando cerca de sete mil deles, dentre os quais Céfalo, irmão de Antípatro.

29. Hircano e Antípatro, não podendo mais esperar socorro algum dos árabes, julgaram dever recorrer à mesma potência dos romanos, que os havia privado do seu auxílio. Dirigiram-se para isso a Pompeu, logo que ele chegou a Damasco e depois de lhe ter feito grandes presentes e apresentado, para animá-lo contra Aristobulo, as mesmas razões de que se tinham servido para persuadir a Aretas, rogaram-no que o restabelecesse num reino que lhe pertencia por direito de nascimento, como o mais velho e do qual sua virtude o tornava digno. Aristobulo, que esperava, por ter conquistado Escauro com presentes, não deixou de ir logo falar com Pompeu, levando consigo uma equipagem real. Mas depois de lá ter passado algum tempo, refletiu e não se pôde decidir a prestar-lhe homenagens, que lhe pareciam indignas de um soberano; e assim, regressou a Dióspolis. Pompeu, ofendido com essa retirada, solicitado por Hircano e pelos de seu partido, marchou contra Aristobulo, com legiões e um grande número de tropas auxiliares da Síria. Depois de ter passado por Pella e Dióspolis, chegou a Core, que está na fronteira da Judéia; no meio da região, ele soube que Aristobulo se tinha refugiado em Alexandriom, num castelo muito forte, sitiado sobre uma alta montanha, e rogou-lhe que lhe viesse falar. Uma maneira de agir tão imperiosa pareceu intolerável a

Aristobulo, e ele resolveu tudo arriscar antes que se lhe submeter; mas o terror de todos os seus e os rogos dos amigos que lhe pediam considerar a impossibilidade de resistir a tão grande poder, como o dos romanos, obrigaram-no, contra sua vontade, a ir falar com Pompeu. Ele lhe disse das razões que o deviam manter na posse do reino e voltou em seguida ao seu castelo. De lá saiu uma segunda vez, a instâncias de Hircano; depois de ter com ele altercado sobre o seu direito, regressou ainda, sem que Pompeu lho tivesse impedido. Seu espírito hesitava entre o temor e a esperança, sem saber a que se resolver; ele saiu então outras vezes de seu palácio para ir procurar Pompeu, com a deliberação de fazer tudo o que ele desejasse; mas, sempre que estava na metade do caminho, o temor de fazer algo indigno de um rei, fazia-o voltar atrás. Pompeu, tendo sabido que ele tinha proibido aos que comandava, em suas praças, obedecer a ordem alguma, se não fosse escrita por ele mesmo, ordenou-lhe que escrevesse a todos e ele não pôde deixar de o fazer; esta violência impressionou-o tão sensivelmente, que ele se retirou para Jerusalém, com a resolução de se preparar para a guerra. Pompeu, para não lhe dar ocasião a isso, seguiu-o logo depois e apressou tanto a marcha, que recebeu a notícia da morte de Mitrídates, quando estava perto de Jerico. Este país, o mais fértil da Judéia, é muito rico de palmeiras e de bálsamo, que é o mais precioso de todos os perfumes e se destila gota a gota das plantas que o produzem, depois de tê-las ferido, com pedras bem afiadas. Pompeu lá passou apenas uma noite, e partiu ao alvorecer, a fim de marchar para Jerusalém. Tão grande solicitude espantou Aristóbulo. Ele foi procurá-lo, recorreu aos rogos, prometeu-lhe uma grande soma e disse-lhe que só querendo recorrer à sua proteção, ele entregava-lhe Jerusalém e sua pessoa. Assim acalmou a cólera de Pompeu, mas não pôde fazer o que tinha prometido, pois Gabínio, tendo ido para receber o dinheiro, os que comandavam a praça, em nome desse príncipe, não lho quiseram dar, nem lhe abriram as portas. Pompeu ficou tão irritado, que reteve Aristóbulo prisioneiro e avançou para a cidade. Depois de tê-la observado, para ver de que lado a poderia atacar, achou que os muros eram tão fortes que seria muito difícil derribá-los; mas o vale, que lhe estava aos pés, era de uma profundidade espantosa e o Templo, que estava perto, estava tão fortificado que, quando mesmo a cidade fosse tomada, ele poderia servir ao

refúgio aos inimigos. Enquanto deliberava, para executar tão grande empreendimento, os judeus dividiram-se em Jerusalém. Os que eram do partido de Aristóbulo diziam que nada era mais justo do que a guerra, para a liberação de seu rei. Os que favoreciam a Hircano e temiam o poder dos romanos e sustentavam, ao contrário, que era necessário abrirem-se as portas a Pompeu. Estes eram os mais fortes, e os partidários de Aristóbulo retiraram-se para o Templo, cortaram a ponte que o separava da cidade, a fim de poderem resistir até o fim. Os outros receberam os romanos e entregaram-lhes o palácio real. Pompeu para lá mandou imediatamente a Pisão, um dos chefes, com muitos soldados, e como já não se tinha mais nenhuma esperança de acordo, ele só pensou em preparar todas as coisas necessárias para sitiar e forçar o Templo, e seus amigos o ajudaram com todas as suas posses e com muito afeto.

30. Este grande general atacou a praça do lado do Setentrião e determinou, para esse fim, encher o vale e as fossas. O trabalho foi ingente, quer pela grande profundidade, que pela resistência dos judeus e pela vantagem que eles tinham de combater de um lugar elevado, de que os romanos jamais se teriam apoderado se Pompeu, que sabia que os judeus nada faziam no dia de sábado, a não ser o que era necessário para se sustentar e defender a vida, não tivesse ordenado aos seus soldados que cessassem naquele dia todos os atos de hostilidades e se contentassem em adiantar a obra. Assim se fez; o vale foi cheio e Pompeu fez erguerem-se sobre ele altíssimas torres, que não eram menos fortes e espaçosas do que belas; ao mesmo tempo em que ele batia a praça com máquinas, que tinha mandado vir de Tiro, os soldados que guarneciam aquelas torres repeliam a golpes de dardos os que defendiam as muralhas. O incrível valor que os judeus demonstraram durante todo esse assédio e que custou tantas dificuldades aos romanos, causou admiração a Pompeu e ele constatou, com não menor espanto, que, mesmo no meio do perigo e no maior calor do combate, eles observavam todas as cerimônias da sua religião e ofereciam todos os dias sacrifícios a Deus, como se estivessem em plena paz.

31. Por fim, depois de três meses de cerco, durante o qual os romanos somente puderam destruir uma torre, Pompeu tomou o Templo de assalto. Cornélio Fausto, filho de Sila, foi o primeiro que lá entrou, pela brecha; Fúrio e

Fábio, seguidos de suas companhias, entraram logo depois dele. Os judeus, então, rodeados e atacados de todos os lados, foram mortos pelos romanos, quando fugiam para o Templo ou ofereciam resistência. Vários dos sacerdotes que estavam ocupados nas funções do seu ministério, viram-nos, sem se assustar, vir de espada na mão; preferindo o culto de Deus à própria vida, deixaram-se matar, continuando a oferecer o incenso e as adorações que lhe são devidas. Os judeus do partido de Pompeu não pouparam nem aos da própria nação, que tinham seguido a Aristóbulo, e a maior parte dos que escaparam ao seu furor, ou se precipitaram do alto dos rochedos ou puseram fogo em tudo o que os rodeava, lançando-se nas chamas, o que era efeito do seu desespero. Assim, doze mil judeus pereceram; ao contrário, muito poucos romanos morreram; muitos, porém, ficaram feridos.

Em tão grande desolação e no meio de tantos males juntamente, nada feriu os judeus com tão violenta dor, nem lhes pareceu tão intolerável, como ver a parte mais interior do Templo, chamada Santo dos Santos, exposta aos olhos dos estrangeiros e dos profanos, o que jamais havia acontecido. Pompeu lá entrou com os seus, o que era permitido somente ao sumo sacerdote, e eles viram o grande candelabro, as lâmpadas e a mesa de ouro, todos os vasos também de ouro, de que se serviam para as incensações, uma grande quantidade de perfumes mui preciosos e o dinheiro sagrado que perfazia o total de dois mil talentos. Pompeu não tocou em nenhuma de todas essas coisas nem no mais, consagrado ao serviço de Deus e no dia seguinte à tomada do Templo, ordenou aos que lhe tinham a guarda, que o purificassem e oferecessem os sacrifícios costumeiros.

32. Como Hircano o tinha ajudado muito nesse cerco e impedido que uma grande multidão de judeus se declarasse contra os romanos, em favor de Aristóbulo, ele o confirmou no cargo de sumo sacerdote, e pelo proceder digno de um homem, constituído em tão grande autoridade, em vez de empregar a força para se fazer temer, ele ganhou, pela mansidão e pela bondade, o coração e o afeto do povo. O sogro de Aristóbulo, que era também seu tio, estava entre os prisioneiros. Pompeu mandou cortar a cabeça aos que haviam sido os principais autores da revolta, deu a Cornélio Fausto e aos outros que se haviam distinguido nesta guerra as recompensas mais gloriosas que um valor

extraordinário pode merecer; impôs um tributo a Jerusalém e a toda a província, tirou as cidades dos judeus, que eles haviam tomado na baixa Síria, colocou-as, como as cidades gregas, sob a jurisdição do governador, que as presidia, pelos romanos, naquela província e estabeleceu assim a judéia, em seus limites. Restabeleceu em favor de Demétrio, um de seus libertos, a cidade de Gadara, de onde ele tinha sua origem e que os judeus tinham destruído. Quanto às cidades de Hipom, Citópolis, Pella, Samaria, Marissa, Azoto, Jamnia e Aretusa, que estão no meio das terras e que eles não haviam tido a oportunidade de destruir, como também as de Gaza, Jope, Dora e a Torre de Estratão, depois chamada Cesaréia, pelo rei Herodes, que a construiu riquissimamente e que todas estão situadas à beira-mar, ele as tirou aos judeus, para entregá-las aos seus habitantes e as anexou à Síria. Depois de ter dado todas estas ordens e constituído Escauro, governador da judéia, da baixa Síria e dos países que se estendem até o Egito e o Eufrates, voltou rapidamente a Roma pela Cilícia, levando Aristóbulo prisioneiro, com suas duas filhas e os dois filhos, Alexandre e Antígono, dos quais Alexandre, que era o mais velho, escapou no caminho, e Antígono chegou a Roma com seu pai e suas irmãs.

CAPÍTULO 6

ALEXANDRE, FILHO DE ARISTÓBULO, ARMA UM EXÉRCITO NA JUDÉIA, MAS É DERROTADO POR GABÍNIO, GENERAL DE UM EXÉRCITO ROMANO, QUE REDUZ A JUDÉIA A REPÚBLICA. ARISTÓBULO ESCAPA DE ROMA, VEM A JUDÉIA E REÚNE TROPAS. OS ROMANOS VENCEM-NO NUMA BATALHA E GABÍNIO O DEVOLVE PRISIONEIRO A ROMA. GABÍNIO VAI FAZER GUERRA NO EGITO. ALEXANDRE REÚNE GRANDES FORÇAS. GABÍNIO, ESTANDO DE VOLTA, DÁ-LHE BATALHA E A GANHA. CRASSO SUCEDE A GABÍNIO NO GOVERNO DA SÍRIA, SAQUEIA O TEMPLO E É DERROTADO PELOS PARTOS. CÁSSIO VEM À JUDÉIA. MULHER E FILHOS DE ANTÍPATRO. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Quarto, capítulos 9, 10, 11 e 12, Antigüidades Judaicas, Parte I.

33. Escauro avançou com seu exército para Petra, capital da Arábia; a dificuldade dos caminhos retardou sua marcha e seus soldados devastavam tudo o que estava nos arredores de Pella; mas Antípatro ajudou-o com víveres, por ordem de Hircano e, como ele estava muito bem no espírito de Aretas, rei dos árabes, Escauro mandou-o a ele para tentar livrá-lo daquela guerra, por meio de uma soma de dinheiro e ele agiu com tanta habilidade, que o persuadiu a dar trezentos talentos. Assim, Escauro retirou-se.

34. Alexandre, filho de Aristóbulo, depois de ter sido liberto da prisão, oprimia Hircano e esperava logo poder atacá-lo em Jerusalém, porque os muros derrubados por Pompeu não tinham ainda sido reconstruídos. Mas Gabínio, que tinha substituído Escauro, e que era um grande general, marchou contra ele. Alexandre, temendo tão poderoso inimigo, pensou unicamente em se pôr na defensiva. Reuniu mais de dez mil soldados de infantaria, e mil e quinhentos cavaleiros; cuidou em fortificar Alexandriom, Hircânia e Maquerom, que estão próximas das montanhas da Arábia. Gabínio mandou na frente, contra ele, Antônio, com uma parte do exército, fortalecido com tropas escolhidas, que Antípatro comandava e um grande número de judeus, dos quais Malico e Pitolau eram os chefes; ele seguiu-os e logo os alcançou, com o restante. Alexandre, achando-se muito fraco para sustentar tão grande choque, retirou-se; mas não pôde evitar um combate perto de Jerusalém. Lá perdeu seis mil homens dos quais a metade morreu, os outros foram feitos prisioneiros; ele salvou-se com o restante em Alexandriom. Gabínio perseguiu-o para reconduzir ao seu partido vários judeus que o tinham abandonado, prometeu perdoar-lhes; estes, porém, responderam-lhe ousadamente e ele os atacou; vários foram mortos e os outros, obrigados a se retirar ao castelo; Antônio fez maravilhas nessa ocasião, pois, por mais valor que tivesse mostrado em todas as outras, naquele dia superou-se a si mesmo. Gabínio, tendo deixado tropas para continuarem o cerco, foi visitar todas as praças da província, restabeleceu a ordem nas que não tinham sido destruídas e reconstruiu as que o tinham sido. Assim, Citópolis, Samaria, Antedom, Apolônia, Jamnia, Rafia, Marissa, Dora, Gamala, Azoto e várias outras repovoaram-se, pois seus antigos habitantes voltaram de todas as partes, com grande alegria. Depois de ter dado todas estas ordens, ele voltou ao cerco de Alexandriom e o apertou ainda mais. Então

Alexandre, não se vendo em condições de poder resistir por mais tempo, mandou pedir que o perdoasse, com a condição de lhe entregar não somente Alexandriom, mas também as fortalezas de Maquerom e Hircânia. Dessa forma, Gabínio tornou-se senhor de todas elas, mandou destruí-las inteiramente, a conselho da mãe de Alexandre, para que não pudessem para o futuro servir de motivo a uma nova guerra, pois o temor que essa princesa tinha, por seu marido e por seus outros filhos prisioneiros em Roma, a levava a tudo fazer para ganhar o afeto de Gabínio.

35. Este sábio e experimentado general levou, em seguida, Hircano a Jerusalém, deu-lhe o cuidado do Templo, entregou aos outros principais dos judeus a direção dos negócios da república e dividiu a província em cinco jurisdições, das quais a primeira colocou em Jerusalém, a segunda em Gadara, a terceira em Amate, a quarta em Jerico, e a quinta em Séforis, que é cidade da Galiléia. Dessa forma, os judeus, não se encontrando mais sujeitos ao governo de um só, demonstraram receber com alegria o governo aristocrático.

36. Mas não se passou muito tempo sem que sobreviessem novas perturbações. Aristóbulo escapou de Roma e reuniu um grande número de judeus, uns porque gostavam das agitações e outros pelo antigo afeto que lhe devotavam. Começou por querer restaurar Alexandriom e rodeá-la de muralhas. Mas tendo sabido que Gabínio mandava contra ele Cisena, Antônio e Servílio com tropas, retirou-se para Maquerom, despediu tudo o que tinha de homens inúteis, reteve somente oito mil que estavam bem armados e fortaleceu-se com mil outros que Pitolau, seu lugar-tenente general, lhe levou de Jerusalém. Os romanos seguiram-no, alcançaram-no e travou-se a batalha. Nada se pode acrescentar ao valor que Aristóbulo e os seus demonstraram naquele dia; mas, por fim, os romanos obtiveram a vitória: cinco mil judeus foram mortos, dois mil escaparam e salvaram-se numa colina; Aristóbulo, com o restante, abriu passagem entre os inimigos e retirou-se a Maquerom. Chegou à tarde e o encontrou destruído, mas esperava repará-lo por meio de uma trégua e reunir novas tropas. Os romanos não lhe deram, porém, a oportunidade. Ele sustentou durante dois dias seu ímpeto, com extraordinária coragem. No fim desse tempo foi aprisionado e enviado a Gabínio, e de lá, a Roma, com Antígono, seu filho, que com ele se salvara. O Senado conservou o pai

prisioneiro e mandou o filho para a judéia, ante o que Gabínio escreveu que ele tinha prometido à sua mãe, em consideração às praças que ela lhe havia entregado.

37. Quando Gabinio se preparava para marchar contra os partos, foi chamado a outro lugar, porque Ptolomeu, depois de ter deixado o Eufrates, voltava para o Egito. Não houve auxílio que Hircano e Antípatro não lhe prestassem nessa guerra. Ajudaram-no com homens, trigo, armas e dinheiro: Antípatro persuadiu aos judeus de Pelusa, que eram como guardas da entrada no Egito, que lhe dessem a passagem que ele pedia.

Gabinio, ao seu regresso do Egito, encontrou toda a Síria perturbada pela nova revolta que Alexandre, filho de Aristóbulo, lá havia suscitado. Este príncipe tinha reunido um grande número de judeus e matava todos os romanos que caíam em suas mãos. Gabinio levou ao seu partido alguns judeus, por intermédio de Antípatro, mas trinta mil continuaram fiéis a Alexandre e ele não teve receio, com aquele número, de travar uma batalha. Esta ocorreu perto do monte Itaburim. Os romanos ganharam-na, Alexandre perdeu dez mil homens e salvou-se com o restante. Gabinio, depois dessa vitória, foi, a conselho de Antípatro, a Jerusalém, para pôr as coisas em ordem. Marchou em seguida contra os nabateenses e os derrotou em um grande combate. Despediu secretamente dois senhores partos de nome Mitrídates e Orsane que se haviam abrigado junto dele e fez correr a notícia de que haviam escapado para voltar ao seu país.

38. Crasso sucedeu a Gabinio no governo da Síria e, para prover às necessidades das despesas da guerra contra os partos, ele tomou, além dos dois mil talentos nos quais Pompeu não quisera tocar, todo o ouro que encontrou no Templo. Passou em seguida o Eufrates e foi derrotado com todo seu exército, mas agora não é o momento de falarmos disso.

39. Cássio retirou-se para a Síria e deteve assim o progresso dos partos, que se preparavam para lá entrar. De lá passou à Judéia, tomou Tariquéia e levou escravos mais ou menos trinta mil judeus. Pitolau, que tinha seguido o partido de Aristóbulo, era desse número; fê-lo morrer, a conselho de Antípatro. A mulher desse Antípatro, de nome Cipro, era de uma das mais ilustres famílias da Arábia. Tinha quatro filhos, Fazael, Herodes, que depois foi rei, José e

Feroras, e uma filha de nome Salomé. Seu sábio proceder e liberalidade granjearam-lhe a amizade de muitos príncipes e particularmente do rei dos árabes, ao qual ele havia entregue seus filhos, para que os guardasse, enquanto fazia guerra a Aristóbulo. Quanto a Cássio, depois de ter tratado com Aristóbulo, regressou para o Eufrates, para impedir que os partos o passassem, como diremos em outro lugar.

CAPÍTULO 7

CÉSAR, DEPOIS DE SE TER TORNADO SENHOR DE ROMA, PÕE ARISTÓBULO EM LIBERDADE E O MANDA À SÍRIA. OS PARTIDÁRIOS DE POMPEU O ENVENENAM. POMPEU MANDA CORTAR A CABEÇA A ALEXANDRE, SEU FILHO. DEPOIS DA MORTE DE POMPEU, ANTÍPATRO PRESTA GRANDES SERVIÇOS A CÉSAR, QUE POR ISSO O RECOMPENSA COM GRANDES HONRAS. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Quarto, capítulos 13, 14 e 15, Antigüidades Judaicas, Parte I.

40. Algum tempo depois, César tornou-se senhor de Roma; Pompeu e o senado fugiram para além do mar Jônico e ele pôs Aristóbulo em liberdade, mandou-o com duas legiões à Síria, persuadido de que bem depressa dela apoderar-se-ia e de todos os lugares da Judéia que lhe estão próximos. Mas a sorte frustrou a esperança de César e não pôde tolerar que Aristóbulo tivesse a alegria de ser feliz em seus grandes desígnios. Os partidários de Pompeu envenenaram-no e conservou-se seu corpo, com mel, até que Antônio, muito tempo depois, o mandou à Judéia para pô-lo no sepulcro dos reis. Alexandre, seu filho, não foi mais feliz do que ele. Cipião fez-lhe cortar a cabeça em Antioquia, segundo a ordem por escrito que para isso recebeu de Pompeu, transmitindo a sentença do tribunal que o havia condenado à morte, por causa da sua revolta contra os romanos. Ptolomeu, príncipe da Cálcida, que está situada no monte Líbano, mandou Filipiom, seu filho, a Ascalom, à viúva de Aristóbulo, ordenando-lhe que lhe enviasse seu filho Antígono e suas filhas. Filipiom enamorou-se de uma delas de nome Alexandra e a desposou. Mas

algum tempo depois, Ptolomeu, seu pai, fê-lo morrer e despo-sou ele a mesma princesa e teve ainda, mais que antes, necessidade de Antígono, seu irmão, e de suas irmãs.

41. Depois da morte de Pompeu, Antípatro procurou as boas graças de César e Mitrídates, de Pérgamo, que comandava um exército no Egito, para seu serviço, tendo sido obrigado a parar em Ascalom, porque lhe haviam negado a passagem por Pelusa, não somente levou os árabes a lhe dar auxílio, mas ele mesmo uniu-se a eles, com mais ou menos três mil judeus, bem armados e foi a causa de que ele obtivesse um grande adjutório, tanto das cidades como dos mais influentes da Síria e particularmente do príncipe Jamblice, de Ptolomeu, seu filho, e de um outro Ptolomeu que morava no monte Líbano. Mitrídates, fortalecido com tal auxílio, marchou para Pelusa e a sitiou. Nada se pode acrescentar à glória que Antipatro conquistou nessa ocasião, pois tendo feito uma brecha do lado do seu ataque, atirou-se por primeiro ao assalto e entrou na praça com os seus. Depois que esta cidade foi tomada, os judeus que habitavam nessa província do Egito, que tem o nome de Onias, resolveram opor-se a Mitrídates. Mas Antipatro persuadiu-os a lhe dar passagem e mesmo a ajudá-los com víveres. Assim, nada lhes retardou a marcha e os de Mênfis, a seu exemplo, passaram ao seu partido.

Quando Mitrídates e Antipatro chegaram ao Delta, deram batalha aos inimigos, num lugar chamado Campo dos judeus. Mitrídates comandava a ala direita e corria perigo de ser inteiramente destroçada; mas Antipatro, que já tinha vencido os inimigos, veio em seu auxílio, pelo rio, e não somente o livrou de tão grande perigo, mas derrotou os egípcios, que já se julgavam vitoriosos, matou a vários, perseguiu os outros e saqueou seu acampamento, tendo perdido nesse combate somente oitenta homens. Mitrídates perdeu oitocentos e tendo assim, contra sua esperança, evitado sua destruição, não tirou, por inveja a Antipatro, a honra que lhe era devida. Fez-lhe junto de César os elogios que merecia uma ação tão gloriosa; esse grande imperador demonstrou tanta cordialidade para com Antipatro e falou dele de maneira tão vantajosa, que nada havia que ele não pudesse esperar de sua gratidão e ele aumentou ainda seu desejo de se expor, com alegria, a todas as espécies de perigos, para seu serviço. Assim, não se apresentava ocasião sem que ele não se distinguisse pela

sua coragem e o grande número de ferimentos que recebeu foram gloriosos sinais do seu valor. Depois que César liquidou os assuntos do Egito e voltou à Síria, honrou-o com a distinção de cidadão romano com todos os privilégios inerentes e acrescentou tantas outras provas de sua estima e de seu afeto que o tornou digno de inveja e confirmou, por amor dele, a Hircano no cargo de sumo sacerdote.

CAPÍTULO 8

ANTÍGONO, FILHO DE ARISTÓBULO, QUEIXA-SE DE HIRCANO E DE ANTIPATRO A CÉSAR QUE, EM VEZ DE LHE DAR ATENÇÃO, CONCEDE O SUMO SACERDÓCIO A HIRCANO E O GOVERNO DAJUDÉIA A ANTIPATRO, QUE FAZ EM SEGUIDA DAR A FAZAEL, SEU FILHO MAIS VELHO, O GOVERNO DE JERUSALÉM, E A HERODES, SEU SEGUNDO FILHO, O DA GALILÉIA. HERODES FAZ EXECUTAR VÁRIOS LADRÕES. OBRIGAM-NO A COMPARECER AO TRIBUNAL PARA SE JUSTIFICAR. ESTANDO PRESTES A SER CONDENADO, RETIRA-SE E VEM SITIAR JERUSALÉM, MAS ANTÍPATRO E FAZAEL, IMPEDEM-NO.*

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Quarto, capítulos 14, 15, 16 e 1 7, Antigüidades Judaicas, Parte I.

42. Nesse mesmo tempo, Antígono, filho de Aristóbulo, veio procurar César e em vez de ser bem sucedido no seu intento de prejudicar a Antípatro, causou-Ihe benefícios; não se contentando de se queixar da morte de seu pai, que, por ter abraçado seus interesses, tinha sido envenenado por partidários de Pompeu, não pôde ocultar seu ódio por Antípatro, mostrando que a inveja que Ihe tinha não era menor que a dor. Acusou-o e a Hircano de terem sido causa de que seu irmão e ele tivessem sido expulsos tão injustamente e disse que não havia males que não tivessem causado a seu país, para satisfazer à paixão; quanto ao socorro que tinham dado a César, isso se fizera apenas pelo temor e para apagar de sua lembrança o afeto que eles tinham dedicado a Pompeu.

Antípatro, para demonstrar a sua afeição a César, por meio de obras, respondeu mostrando-Ihe as feridas que havia recebido ao seu serviço, em

tantos combates; elas o justificavam muito melhor do que as palavras não o poderiam fazer; que ele admirava a ousadia de Antígono, o qual sendo filho de um inimigo declarado dos romanos, fugitivo de Roma e também inclinado à revolta, como o era seu pai, ousava acusar perante o chefe dos romanos os que sempre lhe haviam sido fiéis e que em vez de se sentir feliz, porque se lhe conservava a vida, esperava conseguir favores e bens de que não tinha necessidade e que ele os desejava, apenas para deles se servir, a fim de suscitar rebeliões, contra aqueles de quem os tinha recebido.

César, depois de ter escutado a ambos, declarou que Hircano merecia mais que qualquer outro o sumo sacerdócio e deu a Antípatro a escolha do cargo que desejava. Mas, em vez de usar dessa graça, ele deixou a César mesmo que o honrasse com a que melhor lhe aprouvesse. Assim, ele deu-lhe o governo de toda a Judéia e concedeu-lhe o favor que lhe pedia, de poder reconstruir os muros que Pompeu tinha derrubado. A isso ele acrescentou que o decreto seria gravado sobre lâminas de cobre, que se colocariam no Capitólio, para serem eternamente um testemunho glorioso de sua virtude e da justa recompensa que dele recebia.

43. Depois que Antipatro acompanhou a César até as fronteiras da Síria, voltou a Judéia; a primeira coisa que fez foi reconstruir os muros que Pompeu tinha derrubado e, em seguida, passou por toda a província, para impedir, com seus conselhos e ameaças, as sublevações e as revoltas, dizendo aos povos que, obedecendo a Hircano, eles gozariam em profunda tranqüilidade de todos os bens da paz. Mas se a esperança de obter maiores lucros nas perturbações os levasse a se amotinar, eles encontrariam nele, em vez de um governador, um senhor severo, em Hircano, em vez de um rei cheio de amor por seus súditos, um rei sem piedade e em César e nos romanos em lugar de príncipes, inimigos mortais e irreconciliáveis, porque eles jamais tolerariam que se desobedecesse àqueles que eles tinham colocado para governá-los.

Antipatro, falando deste modo, falava de si mesmo e via a necessidade de prover à salvação do seu Estado, porque conhecia a preguiça e a estupidez de Hircano. Fez dar a Fazael, o mais velho de seus filhos, o governo de Jerusalém e de toda a província, e a Herodes, que era o segundo, o da Galiléia, embora ele fosse ainda muito jovem. Como este último era de caráter muito ambicioso e

não tinha menos inteligência que coração, logo fez ver que nada havia que ele não fosse capaz de empreender e executar. Tomou Ezequias, chefe de um bando de ladrões, que saqueava toda a região, e o mandou matar, com vários de seus companheiros. Os sírios ficaram tão contentes com isso, que apregoavam em suas cidades e pelos campos que lhe eram devedores de sua tranqüilidade; essa ação mostrou também seu mérito a Sexto César, governador da Síria, parente do grande César. Uma estima tão geral impressionou de tal modo a Fazael, seu irmão que, não lhe querendo ser inferior em virtude, fez todos os esforços que uma nobre emulação incitava, para conquistar cada vez mais o coração do povo de Jerusalém, e ele exercia seu cargo com tanta bondade e justiça, que ninguém o podia acusar de abuso do poder.

44. Como a glória dos filhos aumentava ainda mais a do pai, toda a nossa nação concebeu tal estima e amor por Antipatro, que não lhe prestava menos honra do que se ele tivesse sido seu rei: esse sábio ministro, em vez de se deixar deslumbrar pelo brilho de tão grande prosperidade, conservou sempre a mesma afeição e a mesma fidelidade a Hircano. Mas os fatos que se seguiram mostraram que uma grande felicidade jamais deixa de ser ofuscada pela inveja. Hircano não pôde deixar de ver sem um ciúme secreto esta reputação do pai e dos filhos, particularmente de Herodes, crescer dia a dia; vivendo ele em tal estado, os mesquinhos invejosos, que odeiam a virtude e que contaminam com veneno todas as suas palavras e, com estas, a corte dos príncipes, exacerbavam ainda mais seu espírito, dizendo-lhe que colocando toda a autoridade nas mãos de Antípatro e de seus filhos, só lhe restava o nome de rei, destituído de todo poder; que era estranho que de tal modo fechasse os olhos, para não ver que havia descido do trono para fazê-los reinar em seu lugar; que eles agiam abertamente, não mais como súditos, mas como soberanos; que não havia necessidade de melhor prova de que Herodes havia calcado aos pés todas as leis, quando, sem qualquer formalidade de justiça, tinha feito morrer tantas pessoas e que se não queria ele mesmo reconhecê-lo por rei, devia obrigá-lo a se justificar perante ele de tão grande crime.

Hircano ficou tão perturbado com estas palavras que sua cólera rebentou, por fim, contra Herodes. Ordenou-lhe que comparecesse ao julgamento e Antípatro, seu pai, aconselhou-o a obedecer. Como ele confiava em sua

inocência, garantiu com fortes guarnições a defesa da Caliléia e se pôs a caminho com muita gente, para não ter receio de algum ataque dos inimigos; não foi acompanhado por tanta gente que desse motivo de inveja a Hircano; como Sexto César muito o estimava e temia por ele, quando se encontrasse no meio dos inimigos, ordenou a Hircano que o absolvesse dos crimes de que o acusavam; Hircano, que também o estimava, não teve dificuldade em fazê-lo. Mas na persuasão que Herodes tinha, de que esse príncipe o havia feito contra sua vontade, retirou-se a Damasco, para junto de Sexto, com a resolução de não mais comparecer em juízo, se o citassem uma segunda vez. Seus inimigos, para irritar de novo o espírito de Hircano, não deixaram de lhe dizer que ele lá tinha ido com o fim de organizar algum grande movimento contra seu governo. Ele acreditou facilmente e não sabia o que fazer, vendo que era menos poderoso do que ele.

45. No entanto, Sexto César deu a Herodes o comando das tropas da baixa Síria e da Samaria; e então ele tornou-se tão temível a. Hircano, quer por suas próprias forças, quer pelo afeto que o povo lhe dedicava, que nada mais se poderia acrescentar ao seu temor; ele imaginava a todo momento que Herodes vinha com armas, contra ele e seu receio não foi vão. Herodes, ardendo no desejo de se vingar por ter sido acusado e tratado como criminoso, reuniu um exército, marchou para Jerusalém para despojá-lo do reino e o teria feito, se Antípatro, seu pai, e Fazael, seu irmão, não tivessem vindo ter com ele e não o tivessem convencido a se contentar por ter mostrado que se poderia ter vingado, sem levar seu ressentimento até querer arruinar Hircano, ao qual devia a sua fortuna. Disseram-lhe ainda que, se ele estava irritado porque o tinham citado em juízo, não devia ser menos reconhecido, pois fora absolvido, nem mais se ressentir com a ofensa que o havia feito correr perigo de vida, do que pelo favor que lha havia conservado; que a prudência o obrigava a considerar que os acontecimentos da guerra são duvidosos; que a justiça da causa de Hircano podia mais em seu favor do que um exército inteiro e, por fim, que ele não devia esperar vencer, quando combatesse contra seu rei e benfeitor, o qual o havia educado, instruído, cumulado de favores e jamais tivera o menor pensamento de lhe fazer mal, a não ser quando fora como obrigado pelos maus conselhos dos invejosos. Herodes deixou-se persuadir por essas razões e julgou

que lhe seria suficiente para chegar à realização dos seus grandes desejos, ter mostrado a toda a sua nação, sua força e seu poder. 46. Nesse mesmo tempo, surgiu em Apaméia, uma guerra civil entre os romanos, na qual Cecílio Basso, para ser agradável a Pompeu, mandou matar à traição Sexto César e atraiu a si as tropas que ele comandava. Os que seguiam o partido do grande César, querendo vingar essa morte, atacaram-no com todas as suas forças e Antípatro, para mostrar sua gratidão pelos favores que devia a Sexto e seu afeto por aquele que imortalizou a glória do nome de César, mandou-lhe auxílio, sob o comando de seus filhos. Essa guerra demorou-se muito e Marcos foi enviado da Itália, para substituir a Sexto no cargo.

CAPÍTULO 9

CÉSAR É MORTO NO CAPITÓLIO POR BRUTO E POR CÁSSIO. CÁSSIO VEM À SÍRIA E HERODES SE PÕE EM BOAS RELAÇÕES COM ELE.MALICO MANDA ENVENENAR ANTÍPATRO, QUE LHE HAVIA SALVADO A VIDA. HERODES VINGA-SE, MANDANDO MATAR MALICO, POR OFICIAIS DAS TROPAS ROMANAS. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Quarto, capítulos 18, 19 e 20, Antigüidades judaicas, Parte I.

47. Esta guerra entre os romanos foi seguida por outra ainda maior; César fora morto no Capitólio por Cássio e por Bruto, depois de ter reinado três anos e meio; todos os principais do império, levados por diversos sentimentos e por interesses diversos, tomaram as armas. Cássio veio à Síria, fez reconciliarem-se Marcos e Basso, tomou o comando das tropas que eles comandavam, fez levantar o cerco de Apaméia e impôs às cidades tributos que superavam às suas posses. Ordenou também aos judeus que fornecessem setecentos talentos; Antípatro, temendo as ameaças, ordenou aos seus filhos e a alguns de seus amigos, entre os quais estava Malico, que procurassem reunir essa soma com toda a solicitude. Herodes foi o primeiro que o fez. Forneceu cem talentos para a Galiléia e conquistou por esse meio o afeto de Cássio. Os outros não foram tão diligentes, e Cássio ficou de tal modo encolerizado que

depois de ter saqueado Gofna, Amonta e duas outras pequenas cidades, avançou com a intenção de mandar matar Malico; mas Antípatro o salvou e impediu a ruína das outras cidades, por meio de cem talentos que deu a Cássio. Esse general do exército romano, tão considerado entre os do seu partido, logo depois afastou-se, e Malico esqueceu o favor que devia a Antípatro; antes o chamava de seu salvador, mas então, não teve receio de atentar contra sua vida, a fim de não mais tê-lo como obstáculo aos seus projetos. Antípatro desconfiou de alguma coisa e passou para lá do Jordão, a fim de reunir tropas e pôr-se em condições de nada mais temer. Malico viu que só lhe restava um caminho para executar o que havia premeditado; usou de fingimento, porque Fazael era governador de Jerusalém e Herodes comandava os soldados; por isso, fez-lhes muitas reverências, jurou que jamais tivera algum mau intento, que eles o reconciliaram com seu pai e por esse meio fez a paz com Marcos, governador da Síria, que tinha determinado fazê-lo morrer, porque ele era um espírito agitador e faccioso.

48. O jovem César, depois cognominado Augusto, e Antônio, tendo vindo à guerra com Bruto e Cássio, este último e Marcos com ele, reuniram um exército na Síria e como tinham reconhecido a grande capacidade de Herodes, deram-lhe o governo da província, com uma grande cavalaria e infantaria; Cássio chegou a prometer-lhe fazê-lo rei da Judéia, quando a guerra tivesse terminado. Mas o mérito do filho que podia levar tão longe suas esperanças foi a causa da morte do pai, porque ele se tornou tão temível a Malico, que, para se livrar do perigo que temia, subornou um criado de Hircano, que o envenenou. Tal a recompensa que recebeu da ingratidão de Malico este grande personagem tão capaz de governar e da execução dos mais importantes assuntos e a quem Hircano era devedor da reconquista e da conservação do seu reino. As suspeitas que disso o povo teve animou-o contra aquele pérfido indivíduo; mas ele o acalmou, confessando ousadamente não ter tido parte alguma naquele crime e, no temor que tinha de que Herodes se vingasse, reuniu tropas para sua defesa e segurança. Herodes queria de fato marchar com um exército para castigar aquele traidor, mas Fazael aconselhou-o a dissimular para que não se excitassem novas perturbações. Assim, os dois irmãos receberam Malico, aceitaram suas desculpas e fizeram soberbos funerais ao seu pai.

49. Herodes foi em seguida a Samaria, que achou perturbada por diversos partidos e, depois de tê-la pacificado, voltou para passar a festa em Jerusalém, acompanhado por alguns soldados, além daqueles que tinha mandado na frente. Malico ficou tão cheio de medo, que persuadiu a Hircano que ordenasse que ele não trouxesse estrangeiros, porque poderia perturbar a devoção do povo. Herodes zombou dessa proibição e entrou de noite na cidade. Então Malico veio procurá-lo, chorando a morte de Antípatro e, embora essas lágrimas fingidas só aumentassem a cólera de Herodes, ele mostrou acreditar que eram verdadeiras; mas escreveu a Cássio para pedir-lhe justiça pela morte de seu pai. Como Cássio já odiava Malico, não somente lhe permitiu vingar-se, mas mandou mesmo uma ordem secreta aos chefes de suas tropas para que ajudassem a Herodes em tudo o que desejasse deles, para esse fim. Em seguida, tomou Laodiceia. Os maiorais do país trouxeram-lhe presentes e coroas; Herodes não duvidou de que Malico também estivesse lá e julgou que aquela ocasião seria própria para executar seu desígnio. Quando Malico estava perto de Tiro, começou a suspeitar; resolveu tirar seu filho que lá estava como refém e fugir para a Judéia. Seu desespero levou-o mesmo a formar um projeto ainda mais ousado, que era de se servir da ocasião da guerra de Cássio contra Antônio para levar os judeus a sacudir o jugo dos romanos, destronar Hircano e reinar em seu lugar. Mas Deus zombava de suas vãs esperanças, com que tanto se iludia: Herodes desconfiou de que ele tinha algum plano extraordinário e para preveni-lo, convidou-o a cear em sua casa com Hircano. Mandou em seguida um dos seus, com o pretexto de fazer os preparativos, mas deu-lhe uma ordem secreta de rogar aos oficiais das tropas romanas que fossem esperar Malico no caminho, para lhe dar o castigo merecido. Como Cássio lhes havia ordenado que fizessem tudo o que Herodes desejasse, não deixaram de ir ao encontro de Malico. Viram-no perto da cidade, ao longo da praia, e o mataram. O espanto de Hircano foi tão grande que ele desmaiou; quando voltou a si, perguntou a Herodes quem havia mandado matar Malico. Um dos tribunos então respondeu que tudo se fizera com ordem de Cássio, e ele disse: "Sou-lhe então devedor de minha salvação e toda a Judéia não lhe é menos grata do que eu, pois ele nos salvou fazendo morrer esse traidor que tinha tramado nossa ruína." Não se sabe se Hircano tinha verdadeiramente esses sentimentos no coração ou se o

medo o fazia assim falar, mas foi dessa maneira que Herodes se vingou de Malico.

CAPÍTULO 10

FÉLIX, QUE COMANDAVA TROPAS ROMANAS, ATACA EM JERUSALÉM A FAZAEL, QUE O REPELE. HERODES DERROTA ANTÍGONO, FILHO DE ARISTÓBULO E CASA-SE COM MARIANA. CONQUISTA A AMIZADE DE ANTÔNIO, QUE TRATA MUITO MAL UNS ENVIADOS DE JERUSALÉM, QUE LHE VINHAM FAZER QUEIXAS DELE E DE FAZAEL, SEU IRMÃO. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Quarto, capítulos 20, 21, 22 e 23, Antigüidades Judaicas, Parte I.

50. Depois que Cássio deixou a Síria, sucederam-se perturbações em Jerusalém. Félix, que lá tinha sido deixado com tropas romanas, atacou Fazael para se vingar por Herodes ter mandado matar Malico. Herodes estava, então, em Damasco com Fábio, que era o governador, e quis marchar incontinenti para ir socorrer seu irmão. Mas uma enfermidade o reteve, e Fazael não teve necessidade dele, pois suas tropas lhe bastaram para repelir Félix, com vantagem; fez, em seguida, graves censuras a Hircano, porque, depois de lhe ter prestado tantos serviços, tinha favorecido Félix contra ele e tolerado que o irmão de Malico se tivesse apoderado de diversas praças, dentre outras, de Massada, que é um castelo muito forte. Dele, porém, não ficou senhor por muito tempo, pois logo que Herodes sarou, retomou-as todas e o obrigou a lhe pedir perdão. Retomou, também na Caliléia, três praças ocupadas por Mariom, que, tendo sido constituído por Cássio, príncipe de Tiro, dominava em toda a Síria. Mas Herodes tratou bem os tírios que lá estavam como guarnição e até mesmo deu presentes a alguns deles; o que causou não menos afeto por ele e por sua nação do que ódio por Mariom. Este marchou em seguida contra Herodes; levava consigo a Antígono, filho de Aristóbulo, e Fábio, que Antígono tinha conquistado com dinheiro, porque eles eram inimigos de Herodes e Ptolomeu, sogro de Antígono, os ajudava com tudo o de que eles precisavam.

Herodes veio-lhes ao encontro e o combate travou-se à entrada da Judéia. Ele venceu; pôs Antígono em fuga e voltou a Jerusalém com tanta glória, que aqueles mesmos que antes não o estimavam, procuravam a sua amizade e a isso foram tanto mais levados quanto viram-no contrair aliança com seu rei e estimado por ele. Tendo antes desposado uma mulher de sua nação de nome Dóris, que era de família nobre, e da qual tivera Antípatro, ele devia então desposar Mariana, filha de Alexandre, filho de Aristóbulo II e de Alexandra, filha de Hircano. Mas quando depois da morte de Cássio, acontecida perto de Felipes, Augusto voltou à Itália e Antônio veio à Ásia, onde os embaixadores de diversas cidades foram encontrá-lo, na Bitínia, os maiorais de Jerusalém também para lá se dirigiram e acusaram, perante ele, a Fazael e a Herodes de terem usurpado, à força, toda a autoridade e de deixar a Hircano apenas o nome de rei. Herodes lá estava também e conquistou a Antônio, de tal modo, por uma grande soma de dinheiro, que ele não quis nem escutar seus inimigos. Assim eles regressaram sem nada ter feito.

51. Quando Antônio estava em Dafne, que é um arrabalde de Antioquia, e já tinha sido conquistado ao amor de Cleópatra, cem dos principais judeus foram ainda procurá-lo para acusar uma segunda vez a Fazael e Herodes e escolheram para isso os mais ilustres e os mais eloqüentes dentre eles. Messala tomou a defesa dos dois irmãos e foi ajudado por Hircano. Antônio, depois de os ter ouvido a ambos, perguntou a Hircano qual desses dois partidos era capaz de governar melhor. Ele respondeu-lhe que era o dos dois irmãos e Antônio sentiu muita alegria com isso, porque Antípatro, o pai deles, o tinha recebido muito bem em sua casa, quando Gabínio fazia a guerra na Judéia. Assim ele os constituiu tetrarcas dos judeus e confiou-lhes a direção dos negócios. Os embaixadores, mandados contra eles, demonstraram grande descontentamento e ele mandou prender quinze deles e pouco faltou que não os mandasse matar. Despediu os outros, depois de os ter maltratado bastante. Os de Jerusalém ficaram tão ofendidos com esse proceder que em vez de cem enviados, mandaram mil procurá-lo em Tiro, onde se preparava para ir a Jerusalém. Antônio, irritado com a murmuração e com as queixas, ordenou aos magistrados da cidade que mandassem matar aos que pudessem agarrar e mantivessem, em tudo o que dependia deles, os que ele havia constituído

tetrarcas. Herodes e Hircano, tendo-o sabido, foram procurar os embaixadores, que estavam passeando perto do porto, para exortá-los a não serem causa da própria ruína e a não envolver seu país numa guerra, obstinando-se nesse empreendimento. Mas em vez de se aproveitarem do aviso tão sensato, eles se irritaram ainda mais, e Antônio ficou de tal modo encoleriza-do que mandou seus soldados, os quais mataram a vários e feriram a outros. Hircano mandou enterrar os mortos e curar os feridos, sem que nada fosse capaz de acalmar o espírito dos outros, e sua obstinação foi causa de que Antônio fizesse morrer os que retinha na prisão.

CAPÍTULO 11

ANTÍGONO, AJUDADO PELOS PARTOS, CERCA INUTILMENTE FAZAEL E HERODES NO PALÁCIO DE JERUSALÉM. HIRCANO E FAZAEL DEIXAM-SE PERSUADIR, E VÃO PROCURAR BARZAFARNES, GENERAL DO EXÉRCITO DOS PARTOS, QUE OS FAZ PRISIONEIROS E MANDA SOLDADOS A JERUSALÉM PARA PRENDER HERODES. ELE SE RETIRA DE NOITE. É ATACADO EM CAMINHO E SEMPRE LEVA VANTAGEM. FAZAEL MATA-SE. INGRATIDÃO DO REI DOS ÁRABES PARA COM HERODES, QUE VAI A ROMA, ONDE É DECLARADO REI DAJUDÉIA. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Quarto, capítulos 23, 24, 25 e 26, Antigüidades judaicas, Parte I.

52. Dois anos depois, quando Barzafarnes, um dos maiorais entre os partos, governava a Síria, com Pacoro, filho do seu rei, Lisânias, que tinha substituído a Ptolomeu, seu pai, filho de Mineu, prometeu-lhe mil talentos e quinhentas mulheres para derrubar Hircano do trono e lá colocar Antígono. Assim, puseram-se em campo. Pacoro marchou pela costa marítima, e Barzafarnes, pelo centro. Os de Ptolemaida e de Sidom abriram as portas a Pacoro, mas os de Tiro recusaram-se a recebê-lo. Mandou então a ele, na Judéia, um corpo de cavalaria, comandado por seu grão-mordomo, de nome Pacoro, como ele, para explorar o país e ordenou-lhe que agisse em união com Antígono. A maior parte dos judeus que moravam no monte Carmelo foi logo

procurar Antígono para fazer tudo o que lhes ordenasse, e ele mandou-lhes que se apoderassem daquela parte do país que tem o nome de Druma. Ali se travou um combate no qual eles tiveram vantagem, e depois de ter posto os inimigos em fuga e se fortificado com um número maior de homens, marcharam logo para Jerusalém, avançando até o palácio real. Fazael e Herodes * receberam-nos com muita energia e tendo-os repelido, depois de um grande combate que se travou perto do mercado, obrigou-os a se refugiar no Templo. Herodes colocou em seguida uma guarda de sessenta homens nas casas vizinhas, mas o povo, incitado pelo ódio contra os dois irmãos, incendiou as casas. Herodes não tardou muito em se vingar; atacou os inimigos, matando um grande número deles. Não se passava um só dia em que não se travassem escaramuças; a festa a que chamam de Pentecostes aproximava-se, e toda a cidade e os arredores do Templo estavam repletos de pessoas que vinham de todas as partes para celebrar a festa; a maior parte dos homens estava armada. Fazael defendia as muralhas, e Herodes, o palácio, com um pequeno número de soldados. Ele fez uma arremetida tão forte do lado do norte, contra os que estavam nos arredores, e tendo-os surpreendido, matou vários, pôs o restante em fuga e os obrigou a se refugiar na cidade, no Templo ou atrás das defesas que estavam próximas.

---

* No grego lemos Hircano e Fazael, mas devemos aceitar que seja Herodes e não Hircano, como se poderá ver no Livro Décimo Quarto, capítulo 24, número 607, Antigüidades Judaicas, Parte I.

53. Antígono propôs, em seguida, receber Pacoro, o grão-mordomo, para tratar da paz. Fazael deixou-se persuadir, e assim este parto entrou na cidade com quinhentos cavaleiros, com o pretexto de acalmar a perturbação, mas, na verdade, com o fim de ajudar Antígono. Ele aconselhou Fazael a ir procurar Barzafarnés, para tratar das condições de um acordo, e ele decidiu-o, mas contra a opinião de Herodes, que conhecia a perfídia desses bárbaros, que lhe dizia que procurasse antes matar aquele traidor do que deixar-se apanhar na armadilha que lhe preparava. Pacoro, para tirar todo motivo de suspeita a

Fazael, seguiu-o com Hircano, e deixou com Herodes alguns dos cavaleiros a que os partos chamam de livres. Quando chegaram à Galiléia, os governadores das praças vieram armados à sua presença, e Barzafarnés, para ocultar a traição, recebeu-os com muita cortesia e deu-lhes mesmo alguns presentes; mas ele colocou soldados de emboscada no caminho por onde eles deviam passar, depois de o terem deixado. Levaram-nos a uma casa vizinha do mar, chamada Edipom, onde lhes disseram que Antígono tinha prometido aos partos mil talentos e quinhentas mulheres, no número das quais as suas deviam estar e que esses bárbaros já os teriam detido; eles só esperavam que Herodes o tivesse sido também em Jerusalém, para que não se salvasse, se viesse a saber de sua detenção. Bem depressa compreenderam que aquele aviso era mui verdadeiro, pois viram chegar os guardas. Aconselharam, então, a Fazael que fugisse; Ofélio, ao qual Saramalla, o mais rico de todos os sírios, tinha manifestado esse intento, insistiu muito com Fazael, mas ele não quis abandonar Hircano e tomou a deliberação de ir procurar Barzafarnés. Fez-lhe graves censuras e disse-lhe que como era apenas o desejo de ter dinheiro que o levara a traí-lo, ele lho poderia dar mais, para salvar a vida, do que Antígono para obter o reino. O bárbaro protestou com juramento que nada havia de mais falso, e foi, em seguida, procurar a Pacoro. Apenas ele partira, aqueles que haviam recebido a ordem, prenderam Hircano e Fazael, que outra coisa não puderam fazer para deplorar sua perfídia. No entanto, Pacoro, que Barzafarnés tinha mandado para prender Herodes, fez tudo o que pôde para atraí-lo para fora do palácio. Mas como ele desconfiava sempre dos partos, e não duvidava de que as cartas que Fazael lhe tinha escrito para avisá-lo da traição tinham sido interceptadas, não quis sair do palácio, embora Pacoro tudo tivesse feito para persuadi-lo a ir encontrar-se com os que as traziam, pois ele já sabia que Fazael estava preso, e a mãe de Mariana, que era filha de Hircano, e mulher de inteligência, tinha-lhe rogado que não confiasse naqueles pérfidos, dos quais ele não podia desconhecer os maus intentos.

54. Pacoro, vendo que agindo abertamente ser-lhe-ia impossível surpreender um homem tão hábil como Herodes, pensava como deveria proceder para enganá-lo com algum ardil, quando ele resolveu partir secretamente, à noite, e levar consigo as pessoas mais queridas, os parentes,

para se retirar à Iduméia. Os partos apenas souberam-no, puseram-se em sua perseguição. Ele mandou na frente sua mãe e seus irmãos, Mariana, que ele tinha desposado, e o jovem irmão de Mariana; deteve-se com o restante das tropas e depois de ter matado num combate um bom número daqueles bárbaros, retirou-se para os castelos de Massada. Os judeus causaram-lhe mais dificuldades naquela ocasião, que os mesmos partos, pois o atacaram quando ele estava longe de Jerusalém, apenas uns sessenta estádios. O combate foi longo, mas Herodes obteve ainda a vitória. Muitos dos inimigos morreram no campo de batalha e, para perpetuar a memória deste feito, ele mandou construir naquele mesmo lugar um soberbo palácio e um castelo fortificado a que deu o seu nome, chamando-o de Herodiom.

Suas tropas aumentaram naquele retiro e quando ele chegou a Tersa, na Iduméia, José, seu irmão, veio encontrá-lo, e o aconselhou a mandar a outra parte uma porção daqueles que o haviam seguido, mais de nove mil pessoas, porque Massada não era bastante grande para alojá-los. Herodes aprovou essa sugestão e mandou todos os inúteis para a Iduméia, com víveres; deixou seus parentes em Massada, com as pessoas necessárias para servi-los e oitocentos soldados providos de tudo o de que viessem a precisar, para sustentar um cerco; tomou, em seguida, o caminho de Petra, capital da Arábia.

55. No entanto, os partos saqueavam, em Jerusalém, as casas dos que haviam fugido e até o palácio real, sem tocar, no entanto, em mais de trezentos talentos que pertenciam a Hircano; mas não encontraram tudo o que esperavam, porque Herodes, que conhecia sua perfídia, tinha mandado à Iduméia o que ele tinha de mais precioso e os que se haviam arriscado à sorte, tinham feito a mesma coisa. Esses bárbaros não se contentaram de saquear a cidade, devastaram também os campos, destruíram Marissa e não somente fizeram Antígono rei, mas entregaram-lhe Hircano e Fazael, acorrentados. Ele mandou cortar as orelhas ao primeiro, a fim de que, sobrevindo alguma mudança, ele fosse tido como incapaz de exercer o sumo sacerdócio, porque nossas leis proíbem conceder-se essa honra aos que têm algum defeito corporal. Mas a coragem de Fazael libertou-o do seu poder; embora ele não tivesse nem espada nem a liberdade de se servir de suas mãos, soube encontrar um meio de se matar, batendo a cabeça contra uma pedra, fazendo ver, por esse ato tão

digno da glória de sua vida, que ele era um verdadeiro irmão de Herodes e não um covarde, como Hircano. Alguns dizem que Antígono mandou-lhe cirurgiões que em vez de usarem remédios para curá-lo, envenenaram suas feridas; antes de exalar o último suspiro, ao saber por uma pobre mulher que Herodes se tinha salvo, disse que morria sem tristeza, pois deixava um irmão que o vingaria de seus inimigos.

56. Embora os partos tivessem tido um grande desprazer, porque Antígono não lhes pudera dar as quinhentas mulheres prometidas, não deixaram de estabelecê-lo em Jerusalém e levaram Hircano como prisioneiro ao seu país.

57. Herodes, que ainda não sabia da morte de seu irmão^e conhecia a avareza dos partos, vendo que o único meio de o tirar de suas mãos era dar-lhes dinheiro, dirigiu-se rapidamente para a Arábia, para obtê-lo do rei dos árabes. Esperava que, se a lembrança da amizade que esse príncipe tivera por Antípatro, seu pai, não era poderosa assaz para levá-lo a conceder-lhe a graça, ele não recusaria, pelo menos concedê-la, a rogo dos tírios, dando-lhes seu sobrinho como refém, filho de Fazael, que então tinha somente sete anos de idade e que ele levava consigo; estava resolvido a empregar trezentos talentos para esse fim, mas a morte de Fazael tirou-lhe os meios de demonstrar-lhe sua extrema amizade, por um ato tão generoso e tão louvável. No entanto, os fatos não corresponderam ao que ele devia esperar dos árabes. Malce, seu rei, ordenou-lhe que saísse imediatamente de seus territórios, tomando por pretexto que os partos o obrigavam a assim fazer; mas o verdadeiro motivo era que sua ingratidão o levava a não querer cumprir aos filhos de Antipatro com as obrigações que devia ao pai e os que podiam muito sobre seu espírito não tinham vergonha de levá-lo a não lhes restituir o depósito que lhe fora confiado.

Herodes, vendo que aquilo que lhe deveria ter conquistado o afeto dos árabes, ao contrário, os havia tornado inimigos, respondeu o que seu ressentimento lhe sugeriu, marchou para o Egito e chegou à tarde a um Templo, onde tinha deixado vários dos que o acompanhavam. No dia seguinte dirigiu-se a Rinossura, onde soube da morte de Fazael. Depois de ter dado o que não podia recusar aos primeiros sentimentos de tão violenta dor, prosseguiu seu caminho.

58. No entanto, este rei dos árabes arrependeu-se, mas muito tarde, por tê-lo tratado tão indignamente, e mandou sem demora alguém dizer-lhe que voltasse, mas não puderam alcançá-lo, tão rapidamente ele havia caminhado, para se dirigir a Pelusa. Lá chegando, uns marinheiros que iam a Alexandria recusaram-se recebê-lo em seu navio. Ele dirigiu-se aos magistrados; o respeito por sua condição e pela sua pessoa fê-lo obter tudo o que desejava deles. A rainha Cleópatra recebeu-o em Alexandria, com toda espécie de honras, na esperança de que ele aceitaria o comando de um exército que ela preparava para executar um grande plano, mas ele desculpou-se; não obstante o rigor do inverno e as perturbações que agitavam a Itália, resolveu continuar sua viagem para Roma. Assim, embarcou, tomou o rumo da Panfília e depois de ter sido acossado por uma terrível tempestade, que os obrigou a lançar ao mar uma grande quantidade de tudo o que havia no navio, chegou por fim a Rodes, que a guerra contra Cássio tinha destruído quase completamente. Lá foi recebido por seus amigos Sapinas e Ptolomeu e, embora ele tivesse falta de dinheiro, não deixou de fazer equipar uma grande galera, na qual embarcou com os amigos. Chegou a Bríndisi e de lá foi a Roma, onde Antônio foi o primeiro a quem se dirigiu, por causa do afeto que tivera por Antipatro, seu pai. Contou-lhe todas as suas desgraças, disse-lhe que fora obrigado a deixar as pessoas que lhe eram mais caras num castelo onde estavam cercados, e o rigor do inverno e os perigos do mar não puderam impedi-lo de embarcar, para vir pedir-lhe auxílio. Antônio, comovido com esta mudança da sorte, pela estima em que tinha o mérito de Herodes, pela lembrança da amizade que prometera a seu pai e, principalmente, pelo ódio contra Antígono, que considerava um sedicioso, inimigo dos romanos, resolveu constituir Herodes rei dos judeus, como outrora o havia constituído tetrarca, e julgou que lhe era tanto mais fácil fazê-lo, quanto não duvidava de que Augusto tê-lo-ia feito de mais boa vontade ainda do que ele, porque o ouvia freqüentemente falar dos serviços prestados por Antipatro e César no Egito, da maneira como o havia recebido em sua casa, do afeto que lhe havia dedicado e da estima particular que fazia do mérito e da coragem de Herodes. Assim, mandou reunir o Senado, em que Messala e ele falaram na presença de Herodes, dos serviços prestados, com tanto afeto ao povo romano por Antipatro, seu pai e por ele, e que Antígono, ao contrário, não somente fora

sempre um inimigo declarado deles, mas tinha demonstrado tal desprezo pelos romanos, que recebera a coroa das mãos dos partos. Esse discurso irritou o Senado contra Antígono, e Antônio acrescentou que, na guerra que se travaria contra os partos, seria sem dúvida muito vantajoso constituir Herodes rei da judéia. Todos aceitaram essa proposta e, ao sair do Senado, Antônio e Augusto puseram Herodes no meio deles; os cônsules e os outros magistrados caminhavam diante deles, e foram oferecer sacrifícios, e puseram no Capitólio o decreto do Senado. Antônio deu em seguida um banquete ao novo príncipe.

CAPÍTULO 12

ANTÍGONO CERCA A FORTALEZA DE MASSADA. HERODES, EM SEU RETORNO DE ROMA, FAZ LEVANTAR O CERCO E SITIA INUTILMENTE JERUSALÉM. DERROTA NUM COMBATE UM GRANDE NÚMERO DE LADRÕES. ARDIL DE QUE SE SERVE PARA OBRIGAR OS QUE SE HAVIAM RETIRADO NAS CAVERNAS. VAI COM ALGUMAS TROPAS PROCURAR ANTÔNIO QUE FAZIA GUERRA AOS PARTOS. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Quarto, capítulos 26 e 27, Antigüidades Judaicas, Parte I.

59. Enquanto estas coisas se passavam em Roma, Antígono sitiava a fortaleza de Massada.)osé, irmão de Herodes, a defendia; estava ela bem provida de todas as coisas; só faltava água. Como ele sabia que Malce, rei dos árabes, estava arrependido de ter dado motivo a Herodes de ficar mal satisfeito com ele, deliberou, nessa ocasião, sair à noite com duzentos homens, para ir procurá-lo: caiu naquela mesma noite tão grande chuva, que as cisternas se encheram. Assim, não somente pensou em se defender, mas fazia arremetidas contra os que a sitiavam, quer em pleno dia quer durante a noite, e matava sempre um grande número de homens, o que não impedia que, às vezes, também se retirasse com algumas perdas.

60. Nesse mesmo tempo, Ventídio, mandado com um exército romano para expulsar os partos da Síria, entrou na Judéia com o pretexto de ajudar a José, mas, na verdade, para obter dinheiro de Antígono. Depois de se ter

aproximado de Jerusalém e de se ter enriquecido, retirou-se com a maior parte de seu exército para ir acalmar a agitação que surgira em algumas cidades, pelas incursões dos partos; mas ele deixou Silom com algumas tropas, não querendo levá-las todas, para mostrar que seu único interesse o havia levado a vir.

61. Seu afastamento fez Antígono crer que poderia ainda receber auxílio dos partos; com essa esperança, subornou Silom, com dinheiro, a fim de não tê-lo como inimigo. No entanto, Herodes voltara de Roma; desembarcou em Ptolemaida, onde reuniu grande quantidade de tropas, de sua nação e estrangeiras, que ele tomou a pagamento; tornando-se ainda mais forte com a ajuda de Silom e Ventídio, ao qual Géllio, mandado por Antônio, persuadiu que o pusesse de posse do reino, entrou na Galiléia para marchar contra Antígono. Suas forças aumentavam sempre, à medida que ele avançava, e quase toda a Galiléia abraçou o seu partido. A primeira coisa que resolveu fazer foi levantar o cerco de Massada para libertar seus parentes que lá estavam encerrados, mas era preciso antes tomar Jope, a fim de não deixar aquela praça para trás, quando marchasse para Jerusalém. Silom tomou essa ocasião para se retirar, e os judeus, do partido de Antígono, perseguiram-no. Herodes, embora tivesse poucos soldados, combateu-o, derrotou-o e salvou Silom, que já não lhes podia resistir. Ele tomou, em seguida, Jope avançou rapidamente para Massada e seu exército fortificava-se cada vez mais, porque os do país reuniram-se a ele, uns pela estima que tinham do seu valor, outros, pela gratidão dos favores que lhe deviam e a maior parte, pela esperança dos benefícios que esperavam. Ele assim reuniu um grande exército e Antígono tirou pouca vantagem das emboscadas que lhe preparou no caminho. Dessa forma, não encontrou grande dificuldade em fazer levantar o cerco de Massada; depois de ter tomado em seguida o castelo de Ressa, marchou para Jerusalém, seguido pelas tropas de Silom e por vários habitantes daquela grande cidade, que temiam seu poder. Sitiou-a do lado do ocidente e os que a defendiam atiraram grande número de flechas e fizeram várias incursões contra as suas tropas. Começou por fazer publicar por um arauto, que tinha vindo somente para cuidar do bem da cidade; que esquecia as ofensas que seus maiores inimigos lhe haviam feito e que não excetuava a ninguém naquela anistia. Antígono, ao contrário, temendo

que os seus se deixassem persuadir, fazia tudo o que podia para impedi-los de escutar o que o arauto dizia e lhes ordenou, por fim, que repelissem os inimigos. Depois dessa ordem, atiraram-lhes tantas flechas e lançaram-lhes tantos dardos, do alto das torres, que os obrigaram a se retirar. Viu-se então claramente que Silom se havia deixado subornar; pois ele fez que vários dos seus soldados começassem a clamar que lhes dessem víveres, dinheiro, e quartéis de inverno, porque Antígono tinha feito estragos pelos campos. Silom mesmo queria retirar-se e para isso exortava os demais. Herodes, vendo-se assim prestes a ser abandonado, rogou, não somente aos oficiais das tropas romanas, mas aos soldados, que não o deixassem daquele modo; disse-lhes que fora enviado por Antônio, por Augusto e pelo Senado para ajudá-los, e que só lhes pedia um dia, para providenciar a respeito dos víveres, que nada mais lhes haveria de faltar. Essa promessa foi cumprida. Ele mesmo providenciou e mandou vir grande abundância do necessário e assim tirou a Silom todo pretexto de se queixar. Mandou também aos de Samaria, que se haviam posto sob sua proteção, que trouxessem trigo, vinho, óleo e gado a Jerusalém. Apenas Antígono soube disso, mandou tropas ocuparem as passagens das montanhas e fazerem emboscadas aos que traziam essas provisões. Herodes, que por seu lado de nada se descuidava, tomou cinco coortes dos romanos, cinco de judeus, alguns soldados estrangeiros, um pouco de cavalaria e foi a Jerico. Encontrou a cidade abandonada; quinhentos de seus habitantes tinham fugido com suas famílias para as montanhas. Mandou prendê-los, mas depois os deixou em liberdade. Os romanos encontraram a cidade repleta de toda espécie de bens e a saquearam. Herodes deixou lá uma guarnição, deu quartéis de inverno às tropas romanas na Iduméia, na Galiléia e em Samaria, e Antígono obteve de Silom, como recompensa dos presentes que ele lhe havia concedido, mandar uma parte de suas tropas a Lida, a fim de conquistar, por esse meio, as boas graças de Antônio. Assim os romanos viviam em grande paz e em grande abundância.

62. No entanto, Herodes, que não queria ficar ocioso, mandou José, seu irmão, à Judéia, com quatrocentos cavaleiros e dois mil soldados de infantaria; foi à Samaria, onde deixou sua mãe e os parentes que tinha retirado de Massada. Passou depois à Galiléia, para tomar algumas praças, onde Antígono

tinha estabelecido guarnições, e chegou a Séforis durante uma forte nevada. Os que a defendiam para Antígono haviam fugido, e ele encontrou tanta quantidade de víveres, que suas tropas tiveram oportunidade de se refazer e descansar depois de tão longa caminhada. A princípio, deliberou livrar a província daquele grande número de ladrões que se retiravam para as cavernas e que não perturbavam menos o país com suas roubalheiras e agitações do que a guerra. Mandou na frente, a Arbela, um corpo de cavalaria com três coortes e, quarenta dias depois, para lá se dirigiu com o restante das tropas. Aqueles ladrões, confiando na própria experiência da guerra e na coragem, vieram ousadamente ao seu encontro. O combate se travou e sua ala direita pôs em fuga a ala esquerda de Herodes. Ele veio prontamente em auxílio dos seus, obrigou-os a fazer meia volta e não somente deteve os inimigos, mas os obrigou a fugir. Perseguiu-os até o Jordão e matou muitos deles; o restante salvou-se, fugindo para além do rio. Dessa forma, teria, por esse ato de violência, libertado inteiramente a província daqueles ladrões, se muitos não tivessem ficado escondidos nas cavernas, lá permanecendo ainda por algum tempo.

63. Esse grande general, para dar a saborear aos seus soldados os primeiros frutos de seus trabalhos, mandou distribuir a cada um cento e cinqüenta dracmas, recompensou seus comandantes na proporção de seus méritos e os mandou todos aos quartéis de inverno. Ordenou a Feroras, o mais jovem de seus irmãos, que providenciasse víveres e fechasse Alexandriom com muralhas, o que ele não deixou de fazer.

64. Antônio estava então em Atenas, e Ventídio ordenou a Silom e a Herodes que o fossem encontrar para marcharem contra os partos, depois que tivessem posto em ordem os interesses da judéia, de modo que não mais tivessem necessidade de sua presença. Embora Herodes pudesse reter Silom, desta maneira ele o mandou e não deixou de marchar com suas tropas contra aqueles ladrões que se escondiam nas cavernas.

65. Essas cavernas estavam em montanhas difíceis e inacessíveis de todos os lados. Lá se podia subir somente por pequenos atalhos, muito estreitos e tortuosos; via-se em frente uma grande rocha escarpada, que ia até o fundo do vale, cavado em diversos lugares pela impetuosidade das torrentes. Um lugar tão forte e defendido deixou Herodes assustado. Ele não sabia como

realizar o seu projeto.

Por fim, veio-lhe à mente uma idéia que nenhum outro antes havia tido. Mandou descer até à entrada das cavernas, em caixões bastante fortes, alguns soldados que matavam os que lá se haviam escondido com suas famílias e incendiavam os alojamentos dos que não se queriam entregar. Mas como ele desejava salvar alguns, mandou avisar a som de trombeta que viessem procurá-lo, dando-lhe todas as garantias. Nenhum deles, no entanto, ousou fazê-lo. A morte parecia-lhes mais suave que a escravidão; a maior parte dos que lhe foram levados à força, mataram-se. Um velho, ao qual a mulher e os filhos pediram para sair da caverna para se entregar aos inimigos, em vez de consentir, pôs-se à entrada, ordenou-lhes que saíssem, e os matava à medida que iam saindo. Herodes, que os via de um lugar elevado, ficou comovido e fez-lhe sinal com a mão que tivesse compaixão de seus filhos, e acrescentou mesmo seus rogos; mas o velho, em vez de se acalmar com o que ele dizia, recriminou-lhe a fraqueza, matou a mulher, e depois de ter matado os filhos, atirou seus corpos do alto do rochedo e por último atirou-se ele também.

66. Depois que Herodes assim eliminou todos os que se haviam escondido nas cavernas, lá deixou uma guarnição que julgou necessária para impedir as revoltas; deu-lhe o comando a Ptolomeu, voltou à Samaria e marchou contra Antígono com seiscentos cavaleiros e três mil soldados de infantaria, armados de escudo. Aqueles que estavam acostumados a perturbar a Galiléia, tomaram a oportunidade da sua ausência para atacar Ptolomeu, surpreenderam-no e o mataram. Devastaram em seguida todos os campos; depois, refugiaram-se nos pântanos e nos lugares fortificados. Logo que Herodes teve essa notícia, voltou, dizimou-lhes a maior parte e depois de ter assim libertado todas as cidades que eles perturbavam, com suas incursões, obrigou-as a pagar cem talentos.

67. No entanto, os partos, após serem vencidos numa grande batalha em que Pacoro, seu rei, foi morto, Ventídio mandou, por ordem de Antônio, Maquera ao rei Herodes, com duas legiões e mil cavaleiros. Antígono escreveu-lhe fazendo grandes queixas de Herodes e rogando que o ajudasse contra ele, com promessa de lhe dar uma grande quantia. Maquera, porém, julgou dever guardar fidelidade àquele em auxílio do qual tinha vindo e, como esperava mais

de Herodes do que de Antígono, foi, contra a opinião de Herodes, procurar Antígono, para examinar o estado de suas tropas, com o pretexto de amizade. Antígono desconfiou dos seus intentos e não somente não o recebeu em sua praça, mas mandou atirar contra ele. Maquera, confuso com a recepção hostil, voltou para encontrar-se com Herodes, em Emaús, e mandou matar em sua cólera todos os judeus que encontrou em seu caminho, sem indagar se eram amigos ou inimigos. Herodes ficou tão irritado, que teve vontade de o tratar como inimigo, mas conteve-se e partiu para ir procurar Antônio, a fim de lhe apresentar sua queixa. Maquera, então, reconheceu seu erro; seguiu-o e obteve dele, depois de muitos rogos, que esquecesse o que se havia passado.

68. Herodes continuou na sua deliberação de ir procurar Antônio e se apressou tanto mais, quanto tendo sabido que ele apertava o cerco de Samosata, cidade muito forte, situada sobre o Eufrates, julgou não poder achar uma ocasião mais favorável para lhe demonstrar seu afeto e sua coragem. Sua chegada apressou a tomada da praça, que Antíoco foi obrigado a lhe entregar; ele matou um grande número daqueles bárbaros e recebeu como sinal de seu valor uma parte dos despojos. Antônio ficou admirado e embora fosse grande a estima que já tinha dele, aumentou-a ainda mais, de tal sorte que isso lhe foi um acréscimo de honra e um motivo de esperança de consolidação em seu reino.

CAPÍTULO 13

José, irmão de Herodes, é morto num combate, e Antígono manda cortar-lhe a cabeça. De que modo Herodes vinga essa morte. Evita dois grandes perigos. Sitia Jerusalém, ajudado por Sósio, com um exército romano e desposa Mariana durante esse cerco. Toma de assalto Jerusalém e resgata-lhe o saque. Sósio leva Antígono prisioneiro a Antônio, que lhe manda cortar a cabeça. Cleópatra obtém de Antônio uma parte dos territórios da Judéia, para onde vai, e é magnijicamente recebida por Herodes. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Quarto, capítulos 27

e 28, e no Livro Décimo Quinto, capítulos 1 e 5, Antigüidades judaicas, Parte I.

69. Ao mesmo tempo que estas coisas se passavam, Herodes soube de um acontecimento triste, para ele, que lhe sucedera na judéia. Lá ele havia deixado José, seu irmão, para governar na sua ausência, com ordem expressa de nada empreender contra Antígono até sua volta, porque não podia confiar no socorro de Maquera, depois da maneira como ele tinha agido. Mas quando José viu que o rei, seu irmão, se tinha afastado, em vez de executar o que ele lhe havia determinado, marchou para Jerico com suas tropas e cinco companhias de cavalaria, que Maquera lhe havia dado, para fazer a colheita do trigo, que já estava próxima, e acampou nas montanhas. Os inimigos atacaram-no naqueles lugares tão desvantajosos, derrotaram-no completamente, sendo ele mesmo morto depois de ter feito tudo o que podia fazer o homem mais valente do mundo, e toda aquela cavalaria romana lá pereceu, porque tinha sido recém-organizada, trazida da Síria, integrada por soldados jovens, incapazes de reparar o que lhes faltava à pouca experiência. Antígono não se contentou com essa vitória; como tinha ainda em seu poder os corpos dos vencidos, sua cólera levou-o a mandar cortar a cabeça de José, embora Feroras, seu irmão, lhe mandasse oferecer cinqüenta talentos para tê-lo todo inteiro. Esse combate produziu tal mudança na Galiléia, que os partidários de Antígono afogavam no lago os mais ilustres dos amigos de Herodes; sucederam também novas perturbações na Iduméia,* onde Maquera fizera fortificar o Castelo de Gethe.

---

* Está escrito Judéia, e não Iduméia, no Livro Décimo Quarto, capítulo 27, número 621, Antigüidades judaicas, Parte I.

70. Antônio, voltando ao Egito, depois da tomada de Samosata, constituiu Sósio, governador da Síria, com ordem expressa de ajudar Herodes contra Antígono; Sósio, para começar a fazê-lo, mandou na frente duas legiões para a Judéia e seguiu depois com o restante das tropas. Quando Herodes estava em Dafne, arrabalde de Antioquia, teve um sonho no qual se predizia a morte de seu irmão; ele saltou do leito, muito perturbado; os que lhe traziam tão triste

notícia, entraram naquele mesmo instante no seu quarto. Ele não pôde deixar de ceder à violência da dor, mas deteve-a, para correr a vingá-lo, e marchou contra seus inimigos com rapidez incrível. Quando chegou ao monte Líbano, com uma legião romana, tomou oitocentos homens da região e sem ter a paciência de esperar o raiar do dia, partiu, de noite mesmo, para entrar na Galiléia. Encontrou os inimigos, pô-los em fuga e os obrigou a se refugiarem num castelo, de onde eles tinham saído no dia anterior. Lá os foi sitiar, mas uma grande tempestade o obrigou a se retirar para uma aldeia vizinha. Poucos dias depois, a outra legião que Antônio lhe havia fornecido veio encontrá-lo e o espanto que os inimigos sentiram fê-los abandonar o castelo. Como Herodes ardia de impaciência de vingar a morte de seu irmão, avançou com grande rapidez até Jerico, onde foi salvo por uma espécie de milagre, de um tão grande perigo, que não se duvida de que Deus tivera mesmo cuidado em conservá-lo. Vários dos mais ilustres da cidade haviam ceado com ele e, mal apenas se retiraram, a sala, onde haviam estado, ruiu por terra. Ele tomou esse acidente como um bom augúrio e levantou o acampamento logo no dia seguinte, cedo. Seis mil inimigos desceram das montanhas e travaram apenas escaramuças com a sua vanguarda, mas como não ousavam combater com os romanos, contentavam-se de atacá-los de longe, a golpes de dardos, com o que vários ficaram feridos e Herodes mesmo recebeu um ferimento no flanco.

Antígono, querendo fazer crer que suas tropas eram superiores às de Herodes, não somente em coragem mas também em número, mandou-lhes uma parte à Samaria sob o comando de Pappo, com o fim de combater e derrotar Maquera.

71. Herodes, por seu lado, entrou no país que lhe era inimigo, tomou de assalto cinco cidades, matou dois mil homens dos que as defendiam, incendiou-as e voltou ao seu acampamento, que estava perto da aldeia de Cana. Não se passava um dia sem que os judeus, tanto de jerico, como de outros lugares, não se dirigissem a ele para ficar ao seu lado; uns, pela estima que lhe dedicavam e por seus grandes feitos, outros, pelo ódio contra Antígono, e alguns, por seu amor pelas mudanças. Ele só pensou em travar combate; as tropas de Pappo vieram corajosamente ao ataque, sem se espantar nem com o grande número de inimigos, nem com o ardor com que marchavam contra eles.

Os que não eram simpatizantes de Herodes resistiram por algum tempo; mas como não havia perigo que ele não desprezasse para vingar a morte de seu irmão, atacou com tal força os que se apresentaram diante dele, que não teve dificuldade em vencê-los. Derrotou, em seguida, todos os que ainda restavam, e a mortandade foi grande. Alguns fugiram para a aldeia de onde haviam partido, a fim de se salvarem. Perseguiu-os, matando sempre, e entrou juntamente com eles; as casas encheram-se imediatamente de fugitivos e muitos foram logo mortos: em seguida, mandou destruir os telhados; muitos ficaram esmagados sob os escombros, sob as ruínas; outros foram traspassados pelas espadas dos soldados. O número dos mortos foi tão grande, que os montes de seus corpos atravancavam as estradas aos vitoriosos. Esse espetáculo causou tal espanto ao país, que todos fugiram. Herodes, depois de tão feliz resultado, teria ido diretamente a Jerusalém, se uma grande tempestade não o tivesse detido. Esse obstáculo impediu-o de obter uma vitória completa e derrotar inteiramente a Antígono que já se preparava para abandonar a capital do seu reino.

Quando chegou a noite, Herodes mandou seus amigos descansarem um pouco; ele também, molhado de suor, se pôs no banho, acompanhado somente por um de seus criados. Então, três dos inimigos, que o medo tinha feito esconderem-se naquela casa, saíram de espada na mão, para escapar; mas ficaram tão espantados com a presença do rei, embora ele estivesse nu, que só pensaram em fugir. Ninguém pensou em detê-los, e o príncipe julgou-se feliz por ter evitado tão grande perigo; assim, não lhes foi difícil escapar. No dia seguinte, ele mandou cortar a cabeça a Pappo, comandante das tropas de Antígono, que havia matado José, e a mandou a Feroras, seu irmão, para consolá-lo com a perda comum.

72. Depois que cessou a tempestade, esse grande general marchou para Jerusalém, acampou perto da cidade e a sitiou, três anos depois de ter sido declarado rei em Roma. Ele escolheu o lugar que julgou mais próprio para atacá-la e estabeleceu seu quartel diante do Templo, como já outrora Pompeu havia feito. Distribuiu o trabalho às tropas, dividiu entre elas os arrabaldes, ordenou que levantassem três plataformas e construíssem torres sobre elas; depois de ter dado ordens aos que julgava os mais aptos, foi para Samaria, a fim de desposar Mariana, filha de Alexandre, filho de Aristóbulo, que vimos que

ele tinha escolhido, para mostrar com esse gesto que desprezava de tal modo seus inimigos, que aquele cerco não lhe impedia pensar em se casar. Ao seu regresso, trouxe novas tropas, refor-çando-as ainda mais com um grande número de soldados de infantaria e de cavalaria que Sósio, general do exército romano, lhe enviara, a maior parte delas, pelo meio do país, enquanto ele tinha vindo pela Fenícia. Todas estas tropas unidas juntamente perfizeram um total de onze legiões e seis mil cavaleiros, além das tropas auxiliares da Síria, cujo número era considerável. A praça foi atacada do lado do Setentrião. Herodes fundava seu direito sobre um decreto do Senado que lhe tinha dado o reino, e Sósio declarava ter sido enviado por Antônio para ajudá-lo naquela guerra. Os judeus, encerrados na praça, eram agitados por diversos movimentos. A população espalhada pelas cercanias do Templo deplorava sua infelicidade e invejava a felicidade dos que tinha morrido antes que eles tivessem sido reduzidos àquela miséria. Aqueles cuja coragem não estava tão abatida iam em grupos aos lugares mais próximos da cidade, procurar tudo o que podia servir para alimentar os homens e os cavalos; os mais ousados cuidavam também em se defender. Herodes, para remediar a tais assaltos, que destruíam os campos, colocou tropas de emboscada em diversos lugares e mandou vir de longe o necessário para a manutenção do exército. Quanto ao restante, nenhuma outra resistência foi maior do que a dos sitiados: sua ousadia nos perigos e seu desprezo pela morte, faziam ver que os romanos só os sobrepujavam na ciência da guerra. Eles retardavam com seus esforços a construção das plataformas: usavam de toda espécie de recursos para impedir o efeito das máquinas; por meio de minas, em cuja arte eram peritíssimos, eles se punham no meio dos que sitiavam, quando menos esperavam; um muro apenas se desmoronava e logo se começava com toda a solicitude a construir outro, que terminava antes que o primeiro tivesse acabado de ruir; para dizermos, em suma, nada se poderia acrescentar à sua força e atividade, ao seu trabalho e coragem, porque eles estavam resolvidos a se defender até o último suspiro. Assim, embora atacados por dois poderosos exércitos, eles sustentaram o cerco durante cinco meses. Por fim, os mais valentes de Herodes entraram por uma brecha na cidade, e os romanos entraram também do outro lado. Ocuparam primeiro tudo o que está em torno do Templo, espalharam-se em seguida por todos os lados;

via-se aparecer de várias maneiras o espectro da morte, tanto os romanos estavam irritados pela recordação das agruras suportadas durante o cerco; os judeus, afeiçoados a Herodes, investiram contra os que tinham abraçado o partido de Antígono. Assim, matavam-nos nas ruas, nas casas e mesmo quando se refugiavam no Templo; não se perdoavam nem aos velhos, nem aos moços; a fraqueza do sexo não causava compaixão pelas mulheres; embora Herodes lhes ordenasse que as poupassem e juntasse aos rogos, suas ordens, não era obedecido, porque o furor os fizera perder todo sentimento de humanidade.

73. Antígono, por um proceder digno de sua fortuna passada, desceu da torre onde estava e lançou-se aos pés de Sósio, que em vez de se comover, insultou-o ainda em sua infelicidade, chamando-o não de Antígono, mas de Antígona. Não o tratou, porém, como mulher, porque não confiou nele, pois o reteve prisioneiro.

74. Herodes, depois de ter tido tanto trabalho em vencer seus inimigos, não teve menor dificuldade em reprimir a insolência dos estrangeiros que tinha chamado em seu auxílio. Estes lançaram-se em massa ao Templo, pela curiosidade de ver as coisas santas destinadas ao serviço de Deus. Ele usou, para impedi-los, não somente de rogos e ameaças, mas mesmo de força, porque se julgava mais infeliz, como vencedor, porquanto sua vitória era causa de que se expusesse aos olhos dos profanos o que não lhes era permitido ver. Também fez todo o possível para impedir o saque da cidade, dizendo firmemente a Sósio que, se os romanos queriam saqueá-la e privá-la de habitantes, ele seria apenas rei de um deserto e declarava-lhe que não queria comprar o império do mundo ao preço do sangue de um tão grande número de súditos. Sósio então respondeu-lhe que não podia recusar aos soldados o saque de uma praça que eles haviam tomado; então, prometeu recompensá-los com bens de sua propriedade. Assim, ele assegurou a vida da cidade e realizou magnificamente sua promessa, quer com relação aos soldados, quer aos oficiais e particularmente Sósio, ao qual deu presentes dignos de um rei.

75. Este general do exército romano partiu de Jerusalém depois de ter oferecido a Deus uma coroa de ouro e levou Antígono prisioneiro a Antônio, que o manteve sempre com esperanças, até o dia que lhe mandou cortar a cabeça. Assim ele terminou sua vida, com uma morte digna da fraqueza que

demonstrara em sua infelicidade.

76. Quando Herodes se viu senhor da Judéia pela tomada de Jerusalém, manifestou grande reconhecimento para com os que haviam abraçado os seus interesses e mandou matar um grande número de partidários de Antígono. Como ele não tinha dinheiro, mandou a Antônio e aos que estavam mais bem situados perante ele, o que ele tinha de móveis mais preciosos, mas não pôde, entretanto, com esse meio, pôr-se em condições de nada ter de temer, porque Antônio tinha tal paixão por Cleópatra, que nada lhe podia recusar. Essa ambiciosa mulher, princesa avarenta, depois de ter cruelmente perseguido os de sua própria família, pois não restava nem mais um só com vida, voltou seu furor contra os estrangeiros. Caluniava perante Antônio os mais ilustres dentre eles e o levava a condená-los à morte, a fim de se apoderar de suas riquezas. Sua avareza ainda não estava, porém, satisfeita; ela queria tratar do mesmo modo os judeus e os árabes e fez tudo o que podia para persuadir Antônio a mandar matar Herodes e Malce, reis daquelas duas nações. Ele fingiu consentir, mas não julgou justo manchar suas mãos no sangue desses príncipes, dos quais não tinha absolutamente motivo nenhum de se queixar. Contentou-se em não lhes manifestar mais a mesma amizade e em dar à princesa várias terras que tirou de seus territórios, dentre as quais as que se situam nas proximidades de Jerico, tão ricas em palmeiras e onde cresce o bálsamo, como também todas as cidades sobre o rio de Eléctra, com exceção de Tiro e de Sidom.

Depois de ter recebido dele tão grande presente, ela o acompanhou até o Eufrates, na sua partida para a guerra dos partos; passou depois além, foi à Judéia por Apaméia e Damasco. Herodes fez tudo o que pôde para acalmar-lhe o espírito com presentes, concedeu-lhe todas as honras, obrigou-se a pagar duzentos talentos por ano de renda das terras que Antônio havia tirado da Judéia, para lhas dar e a levou até Pelusa. Antônio, de regresso da guerra com os partos, que não foi longa, trouxe prisioneiro Artabazo, filho de Tigrano, e dele fez presente a Cleópatra, com o que havia conquistado de mais precioso.

CAPÍTULO 14

HERODES QUER IR SOCORRER ANTÔNIO, CONTRA AUGUSTO, MAS CLEÓPATRA

FAZ QUE ELE O OBRIGUE A CONTINUAR A FAZER GUERRA AOS ÁRABES. GANHA UMA BATALHA CONTRA ELES, E PERDE OUTRA. TERRÍVEL TERREMOTO NA JUDÉIA OS TORNA TÃO OUSADOS QUE MATAM AOS EMBAIXADORES DOS JUDEUS. HERODES, VENDO OS SEUS MUITO ASSUSTADOS, DÁ-LHES TANTA CORAGEM COM UM DISCURSO, QUE ELES VENCEM OS ÁRABES E OS OBRIGAM A TOMÁ-LO COMO PROTETOR. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Quinto, capítulos 6, 7 e 8, Antigüidades Judaicas, Parte I.

77. Quando foi declarada a guerra entre Augusto e Antônio, Herodes, que então tinha reconquistado a fortaleza de Hircânio, a qual a irmã de Antígono lhe havia entregue, e que vivia pacífico em seu reino, resolveu levar auxílio a Antônio. Mas Cleópatra, temendo que uma ação tão generosa aumentasse o afeto de Antônio por ele, impediu-o por meio de certos artifícios; como nada havia que ela não fizesse para perder os soberbos e os arruinar, uns pelos outros, persuadiu Antônio a fazer guerra aos árabes, com o fim de aproveitar-se de suas conquistas, se ele fosse vitorioso, e de obter o reino da Judéia, se ele fosse vencido. Mas o que essa rainha fez para perder Herodes, saiu-lhe, ao contrário, em vantagem dele. Tendo reunido um grande número de cavaleiros e começado a atacar os sírios, venceu-os em Dióspolis, por mais resistência que eles fizessem. Os árabes reuniram depois um poderosíssimo exército. Herodes, vendo-os tão fortes, julgou dever agir com prudência, nessa guerra, e queria rodear seu acampamento, com um muro; mas sua primeira vitória tornara seus soldados tão altivos e cheios de si que ele não os pôde impedir de atacar os inimigos. A princípio, destroçaram-nos, puseram-nos em fuga, perseguiram-nos e já se julgavam inteiramente vencedores, quando Ateniom, um dos generais das tropas de Cleópatra, que sempre fora inimigo de Herodes, atacou-os com as tropas que comandava e assim restituiu a coragem aos árabes. Eles reuniram-se de novo, voltaram ao combate; aqueles lugares pedregosos e de difícil acesso, eram-lhes favoráveis, e eles conseguiram pôr os judeus em fuga e mataram também a muitos. O restante retirou-se para a aldeia de Ormisa; os árabes

saquearam-lhes o acampamento, sem que Herodes pudesse vir prontamente em auxílio daquela parte de seu exército, que foi destruída por completo. A desobediência de seus soldados foi causa dessa infelicidade, pois se eles não se tivessem arriscado àquele combate, com tanta precipitação, Ateniom não teria tido a glória de vencê-los, quando eles já se julgavam vencedores. Herodes vingou-se dos árabes por meio de contínuas incursões em seu país e compensou assim, com pequenas vantagens, a vitória que haviam alcançado contra ele.

78. Nesse mesmo tempo, no sétimo ano de seu reinado, durante o mais forte da guerra, entre Augusto e Antônio, ele fustigava assim os inimigos, e aconteceu na Judéia, no começo da primavera, o maior terremoto que jamais se viu. Um número incalculável de animais pereceu nesse flagelo mandado por Deus e custou a vida a trinta mil * pessoas, mas os soldados não sofreram mal algum, porque estavam acampados ao ar livre. A notícia de tão estranha desolação aumentou a ousadia dos árabes e, como se costuma representar o mal muito maior do que na realidade ele é, fizeram-nos crer que a Judéia estava inteiramente destruída. Assim, não duvidaram poder se apoderar de um país onde eles imaginavam que não existia mais ninguém para defendê-lo; depois de matarem os embaixadores que os judeus lhes enviaram, marcharam a passos forçados para acabar de destruí-la.

---

* O Livro Décimo Quinto, capítulo 7, Antigüidades Judaicas, Parte I, registra dez mil homens.

79. Herodes, vendo os seus muito alarmados, quer por uma tão repentina irrupção, quer por uma série tão longa de desgraças, esforçou-se por lhes dar coragem, falando-lhes assim: "Não vejo que razão tendes para temer, pois ainda que haja motivo de se afligir, pelos castigos que a cólera de Deus nos faça sofrer, não podemos, sem covardia, nos deixar abater pela dor, quando se trata de resistir aos injustos esforços dos homens. Muito ao contrário, esse tremor de terra deve tornar nossos inimigos menos temíveis, pois o considero como uma cilada que Deus lhes armou para castigar o ultraje que eles nos fizeram. Bem

vedes que não é, nem em suas forças, nem em suas armas, mas somente em nossa desgraça, que eles põem sua confiança. Ora, que esperança pode ser mais enganadora do que aquela que, em vez de ser fundada em nós mesmos, ao invés, baseia-se na infelicidade dos outros? Nada mais certo entre os homens do que os bons e os maus eventos; eles mudam a cada momento, como apraz à sorte, nem devemos procurar em outra parte os exemplos, pois os conhecemos nós mesmos. Como os vencemos no primeiro combate e eles nos venceram no segundo, não tenho motivo de me imaginar que os venceremos neste, quando eles já se julgam vitoriosos, porque a excessiva confiança impede que eles fiquem de sobreaviso e a desconfiança faz agir com prudência e com ponderação? Assim, o que vos faz temer me dá certeza, porque foi aquela perigosa confiança que deu ocasião a Ateniom de vos surpreender e atacar-vos, quando vos pusestes na luta contra minha ordem, com muita temeridade. Agora, vossa prudente moderação promete-me a vitória e esta é mesmo a disposição que deveis ter antes do choque. Mas quando estiverdes no calor da peleja, devereis demonstrar muita coragem para dar a conhecer a esses ímpios que não há males, de qualquer lado eles venham, quer do céu, quer da terra, que possam assustar os judeus, nem fazê-los perder a coragem, mas que eles combatem até o último suspiro, antes que ter como senhores esses pérfidos, que tantas vezes correram risco de lhe serem sujeitos. As coisas inanimadas não devem, do mesmo modo, ser capazes e vos causar temor. Então, por que imaginar que um terremoto é o presságio de uma desgraça? Nada é mais natural do que esses abalos dos elementos e eles não causam outro mal além do que acabam de causar. Pode acontecer que alguns sinais dêem motivo de se temer a peste, a carestia e os tremores de terra, mas quando eles sucedem, quanto maiores são, mais nós lhe vemos o fim. E mesmo quando fôssemos vencidos, poderíamos tolerar mais o que sofremos, por causa desse terremoto? Que espanto, não deve, ao contrário, causar aos nossos inimigos um crime tão espantoso como o de ter manchado cruelmente as mãos no sangue dos nossos embaixadores, e não ter tido horror em oferecer a Deus tais vítimas como gratidão pela vitória? Julgais que eles possam justificar-se na sua presença e evitar os raios que lança sobre os maus, seu braço invencível, contanto que, animados pelo mesmo espírito e pela mesma coragem de nossos antepassados,

vós vos exciteis, para não deixardes impune esses violadores do direito das gentes? Que cada um de vós compreenda que não é somente combater por sua esposa, seus filhos e sua pátria, mas também vingar a morte dos nossos embaixadores. Embora mortos eles marcharão à frente de nosso exército e, se me obedecerdes, eu serei o primeiro a me expor aos maiores perigos. Mas, sobretudo, lembrai-vos de que nossos inimigos não poderão resistir ao nosso ataque, se vós mesmos não o tornardes inútil por vossa temeridade."

80. Depois que esse corajoso príncipe assim falou, ofereceu sacrifícios a Deus, passou o Jordão, e acampou muito perto dos inimigos e do castelo de Filadelfo, do qual cada um dos dois partidos tinha intenção de se apoderar. Os árabes enviaram tropas para atacá-los; mas os judeus as repeliram e ocuparam a colina. Não se passava um dia sem que Herodes não mandasse seu exército à luta e não provocasse os inimigos com contínuas escaramuças. Embora eles o superassem muito em número, eles estavam tão atemorizados e Elteme, seu general, mais que todos, que não ousavam sair de suas posições. Herodes lá os foi atacar, e assim eles foram obrigados a aceitar o combate, com extrema desordem, pois não tinham esperança alguma de vencer. Enquanto resistiam, a matança não foi muito grande; mas quando se puseram a fugir, muitos foram mortos e os outros, matavam a si mesmos, tal era a confusão. Cinco mil ficaram mortos no campo de batalha e na fuga, e o restante foi obrigado a voltar para o acampamento. Herodes imediatamente lá os foi sitiar e a falta de água juntamente com outras dificuldades os reduziu à extrema miséria. Eles mandaram então oferecer-lhe cinqüenta talentos como resgate, e ele tratou os embaixadores com tanto desprezo que nem mesmo se dignou escutá-los. A sede deles aumentava sempre e lhes tornava a vida insuportável; quatro mil saíram em cinco dias e se entregaram aos judeus, que os prenderam com cadeias. No sexto dia o restante, levado ao desespero, saiu para morrer com as armas na mão. Uns sete mil foram mortos. Tão grande perda satisfez a vingança de Herodes e abateu de tal modo o orgulho dos árabes que eles o tomaram como protetor.

Capítulo 15

Antônio é vencido por Augusto na batalha de Áccio. Herodes vai

PROCURAR AUGUSTO E FALA-LHE COM TANTA GENEROSIDADE QUE LHE CONQUISTA A AMIZADE; HERODES O RECEBE EM PTOLEMAIDA COM TANTA MAGNIFICÊNCIA QUE AUGUSTO AUMENTA DE MUITO SEU REINO. *

---

*Este registro também se encontra no Livro Décimo Quinto, capítulos 9, 10, 11 e 1 3, Antigüidades judaicas, Parte I.

81. A alegria que Herodes sentiu por este resultado tão glorioso foi ofuscada pela notícia da vitória obtida por Augusto em Áccio e, então, tudo ele veio a temer por causa da sua amizade com Antônio. Mas o perigo não era tão grande como ele imaginava, pois Augusto não podia considerar Antônio completamente perdido, enquanto esse príncipe continuasse ligado ao seu partido. Em tal reviravolta da sorte, Herodes julgou-se obrigado a ir procurar Augusto em Rodes, comparecendo à sua presença, sem coroa, mas com majestade real; sem nada dissimular da verdade, falou-lhe assim: "Confesso, grande príncipe, que devo a minha coroa a Antônio e vós tendes notado que não lhe fui um rei inútil, se a guerra em que eu estava empenhado contra os árabes não me tivesse impedido de juntar minhas armas às deles. Não podendo fazê-lo, ajudei-o com trigo e tudo o que estava em meu poder. Não o abandonei nem mesmo depois da batalha de Áccio, porque o reconheço como meu benfeitor. Se eu não o pude servir na guerra, combatendo por ele como eu desejara fazê-lo, dei-lhe, contudo, bons conselhos, fazendo-lhe ver que o único meio de restaurar seus interesse era fazer morrer Cleópatra; nesse caso eu lhe oferecia dinheiro, praças, tropas e minha pessoa, para que ele continuasse a vos fazer guerra. Mas sua cega paixão por aquela princesa e a vontade de Deus que vos quer entregar o império do mundo, não lhe permitiram escutar uma proposta que lhe teria sido vantajosa. Assim eu me vejo vencido com ele; e vendo-o precipitado de tão alta posição, tirei de minha cabeça a coroa para vir à vossa presença, baseando a esperança da minha salvação apenas sobre minha virtude e na constatação que podereis fazer de minha fidelidade para com meus amigos."

Herodes assim falou, e Augusto respondeu-lhe: "Vós não somente nada deveis temer, mas, ao contrário, vos deveis sentir mais firme e seguro do que

nunca, em vosso reino, pois vossa fidelidade para com vossos amigos vos torna digno de reinar. Eu aprecio tanto a vossa generosidade que só me resta desejar que não tenhais menor afeto por aqueles que são favorecidos pela fortuna do que o tendes conservado para com os infelizes; eu não poderia censurar a Antônio de ter desejado mais a Cleopatra do que aos vossos conselhos, pois que devo à sua imprudência o vosso afeto por mim. Já começastes a mo demonstrar, enviando a Ventídio auxílio contra os gladiadores, que abraçaram o partido de Antônio. Por isso, não duvideis de que eu não vos faça confirmar em vosso reino, por um decreto do Senado e de que eu não sinta prazer em vos dar provas de minha amizade, tanto que não sentireis mais a infelicidade de Antônio."

Após esta resposta, tão auspiciosa, Augusto recolocou a coroa sobre a cabeça de Herodes e o confirmou no reino por um ato, no qual falava dele de maneira muito lisonjeira. Esse rei dos judeus, depois de lhe ter dado grandes presentes, rogou-lhe que concedesse a graça a um dos amigos de Antônio, de nome Alexandre; mas o encontrou tão irritado contra ele por causa de ofensas que, diziam, havia dele recebido, que não lhe foi possível obtê-la.

82. Quando Augusto passou da Síria ao Egito, Herodes o recebeu em Ptolemaida, com incrível magnificência; quando esse grande príncipe passava em revistas as tropas, ele o fazia marchar a cavalo, junto de si. Não foi somente com suntuosos banquetes que Herodes lhe manifestou e aos seus amigos que ele tinha realmente uma alma de rei; mandou dar ao seu exército, quando este foi a Pelusa, víveres em abundância e o proveu, ao seu regresso, nos lugares secos e áridos, não somente de água, mas de tudo o de que ele poderia necessitar. Tão nobre maneira de agir granjeou-lhe tal reputação de generosidade no espírito de Augusto e de todos os seus soldados, que eles diziam que o reino da judéia não era bastante grande para tão grande príncipe. Dessa forma, depois da morte de Cleopatra e de Antônio, Augusto foi ao Egito e deu-lhe quatrocentos gauleses, que serviam de guardas à princesa, acrescentou novas honras às que já lhe havia concedido, cedeu-lhe aquela parte da Judéia que Antônio tinha dado a Cleopatra, como também as cidades de Gadara, Hipom, Samaria, e, à beira-mar, Gaza, Antedom, Jope e a torre de Estratão. A liberalidade de Augusto não se limitou a isso. Para mostrar-lhe até que ponto ia

a sua estima pelo mérito desse príncipe, deu-lhe também a Traconítida e a Batanéia, acrescentando ainda a Auranita, pelo fato que passo a narrar: Zenodoro, que tinha tomado as terras de Lisânias, mandava continuamente homens da Traconítida, para saquear os bens dos de Damasco. Eles foram queixar-se a Varo, governador da Síria, e rogaram-lhe que informasse ao imperador. Ele o fez e Augusto deu-lhe ordens de exterminar aqueles salteadores. Varo executou a ordem e confiscou os bens de Zenodoro; Augusto deu-os a Herodes, para que aquele país não pudesse, no futuro, servir ainda de refúgio aos ladrões, e o fez, ao mesmo tempo, governador da Síria. Dez anos mais tarde, esse poderoso imperador voltou àquela província, proibiu a todos os governadores fazer algo sem o conselho de Herodes e depois que Zenodoro morreu, deu-lhe todas as terras que estão entre a Traconítida e a Galileia. Mas o que Herodes estimava mais que tudo era que Augusto a ninguém mais estimava do que ele, depois de Agripa, e Agripa, a nenhum outro estimava mais, depois de Augusto, do que ele. Quando se viu elevado ao auge da prosperidade, mostrou a grandeza de sua alma, pelo empreendimento maior e mais santo que se possa imaginar.

CAPÍTULO 16

SOBERBOS EDIFÍCIOS CONSTRUÍDOS EM GRANDE NÚMERO POR HERODES, TANTO NO SEU REINO COMO FORA DELE, DENTRE OS QUAIS RECONSTRUIR COMPLETAMENTE O TEMPLO DE JERUSALÉM E A CIDADE DE CESARÉIA. SUA EXTREMA LIBERALIDADE. BENS QUE RECEBERA DA NATUREZA COMO DA FORTUNA. *

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Quinto, capítulos 11, 12, 1 3 e 14, e no Livro Décimo Sexto, capítulo 9, Antigüidades Judaicas, Parte I.

83. Este príncipe, tão feliz, fez no décimo quinto ano ** de seu reinado, reconstruir o Templo de Jerusalém, com despesas e magnificências incríveis. Ele o circunscreveu duas vezes mais do que antes; construiu de ponta a ponta

galerias soberbas, que o uniam do lado do Setentrião à fortaleza, que ele não tornou menos bela do que o palácio real e a chamou Antônia, em honra de Antônio.

---

* No Livro Décimo Quinto, capítulo 14, nº 676, diz décimo oitavo ano.

84. Mandou também fazer no lugar mais elevado da cidade um palácio com dois enormes aposentos, tão ricos e tão magníficos, que nem mesmo os Templos se lhes podem comparar; a um deles deu o nome de Cesáreo e .ao outro de Agrípio, em honra de Augusto e de Agripa.

Mas não foi somente com palácios que ele quis conservar seu nome na posteridade e imortalizar sua memória. Ele mandou também construir, no território da Samaria, uma cidade extraordinariamente bela, que tinha vinte estádios de perímetro e à qual chamou Sebaste, isto é, Augusta. Dentre outros edifícios com que a embelezou, lá construiu um grandioso Templo diante do qual havia uma praça de três estádios e meio e a consagrou a Augusto. Quanto à cidade, ele a povoou com seis mil habitantes, deu-lhes excelentes terras para cultivar e os tornou felizes pelos privilégios que lhes concedeu. O generoso imperador não quis deixar, sem um sinal de reconhecimento, essa demonstração de afeto de Herodes. Acrescentou ainda outras terras aos seus termos. Herodes, para lhe testemunhar sua gratidão, ergueu em sua honra, num lugar chamado Pânio, perto da nascente do Jordão, um outro Templo, todo de mármore branco. Há ali perto uma montanha tão alta cujo vértice parece tocar as nuvens; está cercada de enormes rochedos, no fundo do vale, que está abaixo, há uma tenebrosa caverna, que as águas caindo do alto, cavaram com o tempo, tão profunda que dificilmente se poderia encontrar-lhe o fundo, pela incrível quantidade de água que contém. Do pé dessa caverna jorram as fontes de que se julga ter o Jordão sua nascente. Mas disso falaremos mais particularmente em outro lugar.

Esse príncipe mandou também construir perto de jerico, entre o castelo de Cipro e as antigas casas reais, outros palácios mais cômodos, aos quais deu os nomes de Augusto e Agripa; não havia lugar em todo o seu reino apropriado

a tornar célebre o nome desse grande imperador, que ele não empregasse para esse fim. Construiu-lhe também em outras províncias vários Templos, aos quais deu igualmente o seu nome.

85. Quando fazia a visita às cidades marítimas, viu que a torre de Estratão estava em ruínas, tão antiga ela era; mas sua posição a tornava capaz de receber todo o embelezamento que sua magnificência lhe quisera dar; por isso, não somente a mandou restaurar com pedras muitos brancas, mas ali construiu um soberbo palácio, mostrando naquela obra mais que em qualquer outra, o quanto sua alma era grande e elevada. Essa cidade está situada entre Dora e Jope, numa costa assaz desprovida de portos; os que querem ir da Fenícia ao Egito são obrigados a passar pelo alto mar, tanto temem o vento, chamado Áfrico, o qual, ainda que sopre levemente, levanta e impele vagas tão grandes contra os rochedos que as aumentam ainda mais, revolvendo a agitação do mar, durante certo tempo. Mas este rei tão magnífico tornou-se, por seus cuidados, por suas libera-lidades e por seu amor à glória, vencedor da mesma natureza; ele construiu, contra todos os obstáculos, um porto mais espaçoso do que o de Pireu, no qual os maiores navios podiam estar em segurança, contra todos os perigos das tempestades e cuja construção era tão perfeita, que se poderia pensar nenhuma dificuldade se encontrou na realização daquela obra. Depois que ele mandou tomar as medidas da extensão do porto, como o mar tinha naquele lugar vinte braças de profundidade, mandou enchê-lo com pedras de tamanho descomunal, das quais a maior parte tinha cinqüenta pés de comprimento, dez de largura * e nove de altura. Havia mesmo ainda outras maiores, e assim ele o fez até a flor d’água. A metade dessa mole, que tinha duzentos pés de largura, servia para quebrar a violência das vagas; construiu-se sobre a outra metade um muro fortificado com torres, à maior e à mais bela das quais Herodes deu o nome de Druso, filho da imperatriz Lívia, mulher de Augusto. Havia dentro do porto grandes armazéns vazios para receber qualquer mercadoria e diversos outros pórticos em arcadas, para alojar os marinheiros. Uma descida muito suave, e que podia servir de belo passeio, rodeava todo o porto, cuja entrada estava em frente dos ventos do inverno, que, naquele lugar, é o mais favorável de todos os ventos. Dos dois lados dessa entrada, estavam três colossos, apoiados em pilastras; os que estavam à

esquerda, eram sustentados por uma torre muita forte e os da direita por duas colunas de pedra, tão grandes que sobrepujavam a altura da torre. Viam-se nas cercanias do porto uma fileira de casas construídas de uma pedra muito branca e ruas igualmente distantes umas das outras, que iam da cidade ao porto. Construiu-se também sobre uma colina que está em frente à entrada desse porto um Templo a Augusto, de tamanho e de beleza extraordinários. Lá se via uma estátua desse ilustre imperador do tamanho da de Júpiter Olímpico, sobre cujo modelo tinha sido feita, e uma outra de Roma, semelhante à de)uno de Argos. Herodes, construindo esta cidade, queria a utilidade da Província; edificando esse soberbo porto, a comodidade e a segurança do comércio; num e noutro, bem como nesse Templo tão magnífico, a glória de Augusto, em honra do qual ele deu o nome de Cesaréia a essa nova e admirável cidade. E, para que absolu-tampntP nada faltasse, do aue a poderia tornar digna de nome tão célebre, ele acrescentou a tantas e tão grandes obras, um mercado, o mais belo do mundo, um teatro e um anfiteatro, que não era inferior a tudo o mais. Determinou, em seguida, jogos e espetáculos que se deviam realizar de cinco em cinco anos, em honra de Augusto; e ele mesmo fez-lhe a abertura na centésima nonagésima segunda Olimpíada. Prometeu grandes prêmios não somente aos que saíssem vencedores nesses jogos de exercícios, mas também, aos segundos e aos terceiros colocados.

Mandou também reconstruir a cidade de Antedom, que a guerra tinham destruído e a chamou Agripina, para honrar a memória de Agripa, seu amigo, cujo nome mandou gravar sobre a porta do Templo, que mandara construir.

---

* No Livro Décimo Quinto, capítulo 1 3, nº 669, diz dezoito de largura.

86. Se este príncipe manifestou tanto afeto pelos estrangeiros, não menos ele fez pelos seus parentes. Construiu no lugar mais fértil do seu reino, que as águas e os bosques tornavam muito agradável, uma cidade a que chamou Antípátrida, por causa de seu pai, e acima de Jerico, um castelo a que chamou de Cipro, do nome de sua mãe e que não era menos admirável pela resistência do que pela beleza. Como também não queria esquecer Fazael, seu irmão, que

ele tinha particularmente amado, para honrar sua memória, construiu vários edifícios de beleza e valor. O primeiro foi uma torre em Jerusalém, a que chamou de Fazaela, de que veremos em seguida o tamanho e a resistência, construiu também perto de Jerico, do lado do Setentrião, uma cidade à qual deu o mesmo nome.

87. Depois de ter trabalhado com tanta magnificência para tornar célebres os nomes de seus amigos e de seus parentes para a posteridade ele não se esqueceu de si mesmo. Mandou construir do lado oposto da montanha que está perto da Arábia, um castelo muito forte, ao qual chamou de Herodiom e deu o mesmo nome a uma colina, distante sessenta estádios de Jerusalém que não era natural, mas que ele fez levantar em forma de seio, com terra para lá transportada, e cujo cume rodeou de torres, todas redondas. Construiu abaixo um palácio cujo interior não era somente muito rico, mas o exterior também era soberbo, que se não podia contemplá-lo sem admiração. Para lá fez vir de muito longe e com ingentes despesas, grande quantidade de água; lá se subia por meio de duzentos degraus de mármore branco. Mandou também fazer aos pés dessa colina um outro palácio, para hospedar seus amigos, que era tão espaçoso e tão cheio de toda espécie de bens, que se considerando a grandeza e a abundância, poderia ser tomado por uma cidade: mas sua magnificência fazia bem ver que era um palácio real.

88. Depois de tantas e grandes obras empreendidas e levadas a cabo por esse príncipe na Judéia, ele quis também mostrar externamente que sua magnificência não tinha limites. Mandou fazer em Trípoli, em Damasco e em Ptolemaida, colégios para instruir a juventude; em Biblos, fortes muralhas; em Berita e em Tiro, lugares de assembléia, armazéns públicos, mercados e Templos; em Sidom e em Damasco, teatros. Mandou fazer também aquedutos para levar água a Laocidéia, cidade perto do mar, e em Ascalom, banhos, fontes e pórticos admiráveis, quer por sua grandeza, quer pela sua beleza. Ele deu a outros, florestas e portos, a outros, terras, como se eles tivessem direito de participar dos bens de seu reino e a outros, bem como a Coos, rendas anuais e perpétuas, a fim de que não pudessem jamais perder a memória dos favores que lhe deviam. Distribuiu também o trigo a todos os que tinham necessidade dele, emprestanteu muitas vezes dinheiro, aos rodianos, para lhes dar os meios

de equipar frotas, e o Templo de Apoio Pítio, tendo sido incendiado, ele o mandou reconstruir mais belo do que antes.

Que poderia eu ainda dizer da liberalidade que ele manifestou aos lícios, aos samenses e em toda a)ônia? Atenas, Lacedemônia, Nicópolis e Pérgamo da Mísia, não lhe sentiram também os efeitos de alguma maneira? A grande praça de Antioquia da Síria, que tem vinte estádios de comprimento, estava sempre tão cheia de lama, que por ali não se podia passar, não a mandou ele calçar de mármore e embelezar com galerias, onde podia a gente se abrigar durante a chuva?

Mas além desses favores em particular a tantas cidades e a tantos povos, louvores ele merece como os que os elídios receberam dele; pois não somente toda a Grécia não lhe é menos devedora do que eles, mas também todas as partes do mundo, onde a fama dos jogos olímpicos se espalhou, não são obrigados a neles tomar parte? Quando ele foi a Roma, achando que esses jogos eram o único sinal que restava da antiga Grécia, e não se podiam mais celebrar por falta de dinheiro para as despesas, não se contentou de dar, naquele ano, os prêmio aos vencedores, mas estabeleceu mesmo um fundo, capaz de lhe satisfazer perpetuamente às despesas e assim, eternizou a sua memória.

89. Eu jamais poderia terminar, se quisesse enumerar todas as dívidas que Derdoou e todos os impostos de que aliviou os povos, principalmente os de Fazaela, de Balaneote e de outras cidades vizinhas a Cilícia, às quais ele teria feito muito mais bem, se não tivesse temido causar inveja aos seus senhores, como se ele quisesse conquistá-la, demonstrando-lhe mais afeto do que eles mesmos.

90. A força física desse príncipe estava em relação com a grandeza de sua alma. Apreciando muito a caça e sendo muito bom cavaleiro, não havia animal mais veloz que não perseguisse; há no país grande quantidade de veados e de burros selvagens; certa vez ele matou uns quarenta deles em um só dia. Ele obtinha tão bons resultados em todos os outros exercícios e era tão valente, que os mais bravos na guerra não podiam resistir à sua coragem, nem os mais hábeis viam, sem espanto, com que vigor e precisão lançava o dardo e atirava com o arco.

Tendo recebido tantos dons da natureza, ele não tinha menos motivo de

se vangloriar de sua fortuna. Ela lhe foi sempre tão favorável que o fez vitorioso em todas as guerras, não menos em algumas ocasiões, em que a má sorte não lhe pôde, porém, ser atribuída, mas à perfídia de alguns traidores ou à temeridade de seus soldados.

Capítulo 17

Por diversos movimentos de ambição, de inveja e de desconfiança, o rei Herodes, o Grande, surpreendido pelas cabalas e calúnias de Antípatro, de Feroras e de Salomé, manda matar Hircano, o sumo sacerdote, ao qual pertencia o reino da Judéia, Aristóbulo, irmão de Mariana, sua mulher Mariana, e Alexandre e Aristóbulo, seus filhos.*

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Quinto, capítulos 3, 4, 9 e 11, e no Livro Décimo Sexto, capítulos 1, 2, 6, 7, 8, 11, 12, 16 e 1 7, Antigüidades Judaicas, Parte I.

91. Desgostos familiares perturbaram a tranqüilidade desse reino, que fazia passar Herodes por um dos príncipes mais felizes de seu século, e a pessoa a quem mais ele amava foi disso a causa. Depois de ter subido ao trono, ele repudiou sua primeira mulher de nome Dóris, que era de Jerusalém, para desposar Mariana, filha de Alexandre. Este casamento dividiu toda a família, e o mal aumentou ainda mais depois de sua volta de Roma. Os filhos que tinha dessa princesa fizeram-no afastar a corte a Antípatro, filho de Doris, não lhe permitindo nem mesmo vir a Jerusalém, a não ser nos dias de festa, e ele mandara matar Hircano, avô materno de Mariana, porque tinha suspeitado de que urdira uma conspiração contra ele, depois de ter deixado o cativeiro. Barzafarnés, depois de se ter apoderado da Síria, levou-o prisioneiro ao rei dos partos, e os judeus que habitam além do Eufrates, cheios de compaixão por sua desdita, pagaram o resgate e ele não teria morrido, se tivesse seguido o conselho que lhe deram de não mais voltar para perto de Herodes. Mas o casamento de sua neta com esse soberano e, ainda mais, o desejo de rever seu

país foram ciladas para ele, nas quais não pôde deixar de cair e embora não manifestasse desejo de reinar, pois o reino pertencia legitimamente a ele, Herodes considerou-o um crime, que o tornava digno da pena de morte.

92. Teve Herodes, de Mariana, cinco filhos, isto é, duas filhas e três filhos; o mais jovem morreu em Roma, para onde fora mandado, a fim de se instruir nas ciências; ele fazia educar os dois outros à maneira real, quer pela excelência de sua origem do lado materno, quer porque os tivera depois de cingir a coroa. Mas nada agia em seu favor com tanto poder, sobre seu espírito, como sua incrível paixão por sua esposa; esta aumentava todos os dias, de tal modo, que parecia insensível às ofensas que recebia. A princesa não o odiava menos do que o amava e tinha tanta confiança no afeto que ele lhe dedicava, que não temia acrescentar aos motivos que lhe dava sem cessar, de a trocar em aversão, censuras pela morte de Hircano, seu avô, e de Aristóbulo, seu irmão, que sua inocência, beleza e juventude não tinham podido preservar de sua crueldade. Ele o tinha constituído sumo sacerdote na idade de dezessete anos e as lágrimas de alegria derramadas pelo povo, quando o viu entrar no Templo, revestido das vestes sagradas, causaram-lhe tanta inveja, que ele o mandou, à noite, a Jerico, onde os gaiatas o afogaram, por sua ordem, num ataque.

A princesa não se contentava de fazer essas censuras a Herodes; ela tratava também sua mãe e sua irmã de maneira ofensiva; ele a suportava sem nada dizer, porque a violência de seu amor fechava-lhe a boca. Nada havia, porém, ao contrário, que essas mulheres, desvairadas pelo furor e pelo desejo de vingança, não fizessem para incitá-lo contra ela. Não lhe pouparam nem mesmo a honra; para fazê-la passar em sua mente por impudica, acusaram-na de ter mandado ao Egito seu retrato a Antônio, que todos sabiam ser o homem mais apaixonado do mundo pelas mulheres e que poderia assim fazê-lo morrer, para se apoderar da sua esposa. Estas palavras foram como um raio que feriu Herodes e acenderam no seu coração a chama do ciúme. Ele considerava sem cessar que não havia crueldade à qual a avareza insaciável de Cleópatra não fosse capaz de levar Antônio; ela, que para ter os bens do rei Lisânias e de Malce, rei dos árabes, os fizera morrer; assim, ele não somente corria risco de perder a mulher, mas também a vida. Nessa agitação e perturbação em que viviam quando partiu para ir falar com Antônio, ordenou a José, marido de

Salomé, sua irmã, que matasse Mariana, se Antônio o fizesse morrer. José foi tão imprudente que revelou esse segredo a Mariana, pelo desejo de a certificar do extremo amor do rei, seu marido, para com ela, fazendo-lhe ver que ele não podia tolerar que a mesma morte os separasse.

Dessa forma, quando Herodes, ao seu regresso, fazia-lhe protestos de seu imenso amor e de sua paixão, afirmando-lhe que somente ela possuía seu coração, ela disse-lhe: "As ordens que destes a José, de me matar, são disso uma grande prova." Estas palavras tão estranhas fizeram-no crer que ela se tinha entregado a José, para poder ter arrancado dele tal segredo; atirou-se do leito, aceso de cólera. Agitado ainda, e fora de si, ele passeava pelo palácio. Salomé, para não perder uma ocasião favorável de acusar Mariana, confirmou-lhe as suspeitas; assim, seu ciúme, como uma torrente impetuosa, que nada é capaz de deter, fê-lo ordenar que naquele mesmo instante se matassem Mariana e José. Mas, apenas tinha dado essa ordem, arrependeu-se. Seu amor pela princesa, mais violento que nunca, triunfou sobre a cólera. A paixão dominava de tal modo sua alma e sua razão, que mesmo quando a tivesse feito morrer, não poderia crer que ela estava morta; falava-lhe, no excesso do desespero, como se ainda estivesse viva, até que o tempo fê-lo conhecer que era verdade ter ele mesmo se privado dela, por sua crueldade; então, manifestou não menor dor por tê-la perdido do que havia manifestado amor, quando ainda a possuía.

93. Os filhos dessa infeliz princesa herdaram o ódio que tão estranha crueldade tinha impresso no coração de sua mãe e o horror por um ato tão bárbaro; fazia-os considerar seu pai como o maior inimigo. Eles sempre se mantinham nesse sentimento, quando faziam seus exercícios em Roma, mas a paixão crescia sempre com os anos e aumentou ainda mais depois de sua volta à Judéia. Quando chegaram à idade de se casar, Herodes fez Alexandre, que era o mais velho, desposar Glafira, filha de Arquelau, rei da Capadócia, e Antígono, o mais novo, a filha de Salomé, sua tia, inimiga mortal de sua mãe. A liberdade que o casamento lhes dava, unindo-se ao ódio por seu pai, tornaram-nos ainda mais ousados contra ele, e seus perseguidores não deixaram de aproveitar esta ocasião para dizer ao rei que esses dois príncipes estavam conspirando contra sua vida, para vingar, com suas próprias mãos, a morte de sua mãe e Alexandre tinha resolvido fugir logo depois, para junto de Arquelau, seu sogro,

para de lá passar a Roma e acusá-lo perante Augusto.

94. Herodes, sensivelmente comovido com esta advertência, chamou para perto de si a Antípatro, que ele tivera de Doris, para servir de defesa contra seus irmãos, preferindo-o em todas as coisas. Como a grandeza dos reis, de que eles eram descendentes do lado materno, os fazia desprezar a baixeza do nascimento de Antípatro, oriundo de Doris, essa mudança lhes pareceu insuportável e eles conceberam tal indignação, que não a podendo dissimular, manifestavam-na a todos. Tão imprudente procedimento os fazia diminuir diariamente a consideração para com eles; Antípatro, ao contrário, não se descuidava de nada que pudesse aumentar-lhe o prestígio. Ele tinha habilidade e tudo fazia para ser agradável ao rei; não havia artifícios de que não se servisse para acusar seus irmãos, indispondo o rei contra eles, quer ele mesmo, quer por meio de seus amigos. Esse ardil deu-lhe resultado, de tal modo que os colocou em situação de não poder mais esperar sucedê-lo no trono. Herodes declarou-o sucessor, em seu testamento, e o mandou a Augusto, com uma equipagem e todos os distintivos de um rei, exceto a coroa.

95. Tão grande sorte ensoberbeceu-o de tal modo, que ele ousou pedir, e obteve de Herodes, colocar sua mãe no lugar que Mariana havia deixado; e para conseguir o seu intento de destruir seus irmãos, ele usou tanto de esperteza, como de adulação, para com eles, servindo-se também de calúnias, contra os mesmos, o que levou até mesmo Herodes a querer mandar matá-los. Assim, fê-los ir a Roma, para acusá-los, perante Augusto, de ter querido envenená-lo. Apenas esse infeliz príncipe pôde obter a permissão de falar para se defender; mas, por fim, tendo encontrado na pessoa do imperador um juiz muito mais hábil do que Antípatro e mais sábio do que Herodes, ele suprimiu, por respeito, e com uma louvável modéstia, as injustiças de seu pai e destruiu fortemente todas as calúnias de que se haviam servido para torná-lo odioso. Justificou também Antígono, seu irmão, que haviam envolvido na suspeita do mesmo crime e deu a conhecer que tudo fora motivado pela maldade de Antípatro. Terminou seu discurso, dizendo que seu pai teria com justiça feito que eles morressem, se fossem culpados; todos os presentes estavam com lágrimas nos olhos, porque, além de ser assaz eloqüente e da confiança que ele tinha em sua inocência, acrescentava ainda tanta graça e força às suas palavras, que

ninguém poderia deixar de se persuadir da justiça de Augusto naquela causa. O imperador ficou comovido, tanto que, considerando com desprezo todas as acusações, reconciliou naquele mesmo momento os dois príncipes com seu pai, com a condição de que cumprissem todos os deveres para com ele, e ser-lhe-ia livre deixar o reino ao filho que escolhesse para sucessor.

96. Herodes partiu logo depois para voltar à Judéia e embora parecesse que perdoara completamente a Alexandre e a Antígono, Antípatro, que ele também levara consigo, mantinha-o, porém, sempre suspeitoso; sem, todavia, manifestar sua má vontade contra eles, para não ofender tão poderoso medianeiro na sua reconciliação com o imperador. Herodes navegou favoravelmente e chegou, pela Cilícia, a Elusa, onde o rei Arquelau, que não deixara de escrever a Roma e a todos os amigos em favor de Alexandre, recebeu-o com grandes demonstrações de afeto e de alegria, porque seu genro tinha readquirido as boas graças do rei, seu pai, e o acompanhou até Zefíria, dando-lhe ainda trinta talentos, de presente.

97. Quando Herodes chegou a Jerusalém, reuniu o povo, informou-o, em presença de Antípatro, de Alexandre e de Antígono, de tudo o que se havia passado durante a viagem; deu graças a Deus por ter sido bem-sucedido em tudo, e a Augusto, por ter restituído a paz à sua família e reunido os três irmãos, felicidade que ele apreciava mais que o mesmo reino. "Mas", acrescentou, "firmarei ainda mais essa união, pois esse grande príncipe não somente me deu poder absoluto em meu reino, mas também deixou à minha disposição escolher o meu sucessor, dentre os meus filhos. Assim, declaro que minha intenção é dividir o reino entre aqueles que, praza a Deus, a quem rogo de todo o meu coração, for agradável, e com a vossa aprovação. Creio nada poder fazer de mais justo, pois se Antípatro tem a vantagem de ser mais velho que seus irmãos, eles têm a nobreza do sangue e meu reino é bastante grande para ser dividido entre os três. Honrai, pois, àqueles que o imperador teve a bondade de reunir, e seu pai, de nomear por sucessor. Prestai a cada um, segundo a idade, o respeito e as homenagens a que eles têm direito; não mudeis a ordem que a natureza estabeleceu e lembrai-vos de que não obsequiareis àquele ao qual prestardes mais honra embora mais jovem, sem ofenderdes aos outros. Como sei que o vício ou a virtude daqueles que vivem com os príncipes,

mantêm ou perturbam essa união, tomarei cuidado de lhes dar por amigos e de colocar junto deles, os parentes que eu sei são os mais capazes de mantê-los em boas relações e em cuja atuação posso confiar. Desejo, entretanto, que, no momento, não somente essas pessoas que vou escolher, mas todos os oficiais de minhas tropas, nada esperem senão de mim, somente, pois não estou dando aos meus filhos o meu reino, mas apenas a certeza de possuí-lo um dia e uma alegria que não lhes trará pena alguma, porque ainda que não o quisesse, continuo a sustentar o peso dos negócios do Estado. Considerai a minha idade, minha maneira de viver e minha piedade; vereis que eu não sou tão velho, que não possa ainda viver por muito tempo: que eu não me entregarei à voluptuosidade, a qual abrevia a idade dos jovens e que a maneira como servi a Deus dá-me motivo de esperar de sua bondade, que ele prolongará meus dias. Mas se, para agradar a meus filhos, alguém tiver a ousadia de me desprezar, eu o castigarei como merece; não que eu seja invejoso da glória que se presta àqueles que eu pus no mundo, mas porque sei que os jovens se deixam muito facilmente dominar pela vaidade e pelo orgulho. Que cada qual, portanto, imagine que seu bom ou mau proceder será seguido de recompensa ou de castigo. É a maneira de proceder para me agradar a mim e aos meus filhos, pois que lhes é vantajoso que eu reine e que fique satisfeito com eles." "Quando a vós, meus filhos", acrescentou Herodes, dirigindo a palavra aos três filhos, "eu vos exorto a cumprir religiosamente todos os deveres aos quais a natureza vos obriga e que imprime mesmo no coração dos animais mais ferozes. Sede gratos para com o imperador, por todas as homenagens e favores que lhe devemos, por nos ter reunido todos. Procurai agradar-me com o que vos acabo de pedir e com o que tenho o direito de vos ordenar, e vivei todos unidos de maneira verdadeiramente fraterna. Darei ordem para que nada vos falte, de tudo aquilo que a dignidade real exige e, se permanecerdes unidos, eu rogarei a Deus, de todo o meu coração, fazer que aquilo que eu ordeno seja para vossa vantagem e sua glória." Terminando estas palavras, ele abraçou os filhos com grandes demonstrações de afeto e dissolveu-se a assembléia, uns desejando que os fatos correspondessem às palavras; e os que só desejavam a agitação, fingiam não ter entendido o que ele tinha dito.

98. Quanto aos três irmãos, muito longe de esse discurso os reunir, eles

se afastaram e se separaram ainda mais do que nunca no próprio coração. Alexandre e Aristóbulo, não podendo tolerar que Antípatro tivesse uma parte do reino, nem Antípatro, o não possuí-lo por inteiro; mas por como ele era muito fingido e muito mau, não mostrava o ódio que lhes tinha. E eles, ao contrário, por aquela afoiteza que dá o esplendor da própria origem, não ocultavam seus sentimentos. Vários, para agradar a Antípatro, insinuavam-se em sua amizade, a fim de observar suas ações. Nada diziam que não lhe fosse logo referido e por ele, ao rei, ao que ele ainda acrescentava outras coisas. Assim, Alexandre não podia abrir a boca sem que disso tirassem proveito. Faziam passar por crime suas palavras mais inocentes; por pouco que fossem livres, era um pretexto suficiente para se atirarem contra ele as maiores calúnias, e pessoas subornadas por Antípatro faziam-no continuamente falar, a fim de dar ocasião a falsas delações e, com alguma probabilidade de verdade, levar Herodes a prestar fé a todo o restante. Esse inimigo capital de seus irmãos só tinha amigos secretos, aos quais os presentes que dava, obrigava a não revelar os artifícios de seu proceder e de sua cabala, que se podia dizer, um mistério de iniqüidade. Por outro lado, ele também tinha ganho, pelo dinheiro ou pela bajulação, os que tinham mais familiaridade com Alexandre, a fim de os induzir a traí-lo e a referir-lhe tudo o que se dizia ou que se fazia contra ele. Mas de todos os meios de que ele se servia para incompatibilizar seus irmãos com o rei, seu pai, o mais artificioso e o mais poderoso, era que, em vez de se declarar abertamente inimigo, ele os fazia acusar por seus confidentes e, depois de ter primeiro fingido defendê-los, apoiava diretamente o que ele via poder persuadir a Herodes de que aquelas acusações eram verdadeiras e fazê-lo crer que Alexandre era tão mau que o desejo que ele tinha de sua morte o levava a tramar contra sua vida.

99. Tantos manejos que Antípatro empregava, ao mesmo tempo, irritavam cada vez mais Herodes contra Alexandre e Aristobulo e quanto sua afeição por aqueles diminuía, tanto aumentava, ao invés, por este. Como ele já era poderoso, as principais pessoas da corte seguiam as inclinações do rei, uns voluntariamente, outros para lhe agradar. Seu irmão Ptolomeu, o mais querido de seus amigos, e toda a família real eram desse número. Nisto, o que era mais insuportável a Alexandre era ver que naquela conspiração feita para destruí-lo,

tudo se fazia a conselho da mãe de Antípatro, que era para ele e para seus irmãos uma madrasta tanto mais cruel quanto não podia tolerar que eles tivessem vantagem sobre seu filho, por terem tido por mãe tão grande rainha. Mas não era somente o prestígio de Antípatro que levava todos a lhe fazerem corte, pela esperança de obter alguma vantagem, mas era também para obedecer ao rei; pois ele proibia aos que mais ele amava, que prestassem algum obséquio a Alexandre e ao seu irmão; e esse príncipe não era somente temido por seus súditos, mas o era também pelos estrangeiros, porque Augusto não favoreceu a nenhum outro rei que não a ele, e lhe tinha dado poder de reter, mesmo nas cidades que lhe não estavam sujeitas, os que saíam de seu reino, sem sua permissão.

100. O perigo em que tantos maus serviços e tantas calúnias punham esses jovens príncipes era tanto maior quanto eles não o conheciam, porque Herodes não se queixava deles abertamente. Mas como lhes era fácil ver que o afeto que ele lhes havia outrora demonstrado cada vez esfriava mais, seu penar não podia não aumentar também. Antípatro teve mesmo a coragem de incitar contra eles a Feroras, seu tio e Salomé, sua tia, aos quais falava com a mesma liberdade como se ela tivesse sido sua esposa, e a princesa Glafira contribuía para manter e aumentar essa inimizade. Como ela tinha sua origem do lado paterno de Temeno e do lado materno de Dario, filho de Histape, a desproporção que havia entre seu nascimento e o de todos os que eram descendentes de outras mulheres no reino, fazia olhá-los com desprezo. Salomé ficava muito ofendida e todas as mulheres de Herodes não menos do que ela, pelo que ela dizia que a tinha desposado por causa de sua beleza; pois como vimos, esse príncipe sentia prazer em usar da liberdade que a lei nos dá de ter várias mulheres e não havia uma só delas que não odiasse a Alexandre, pelo ressentimento, pela maneira tão ultrajante, com que a princesa, sua mulher, as tratava.

101. Aristobulo, genro de Salomé, irritou ainda mais seu espírito e tornou-a inimiga pelas censuras contínuas que fazia à sua mulher, por sua baixa origem e porque seu irmão tinha desposado uma filha do rei, e ele tinha por mulher a filha de um homem qualquer. Seu penar, por ser tratada desse modo, fez-lhe vir as lágrimas aos olhos, e queixou-se à sua mãe. Ela

acrescentou que Alexandre e Aristobulo diziam que se um dia galgassem o trono, eles reduziriam as mulheres de Herodes a simples fiandeiras, com suas servas e dariam como cargos, aos filhos que ele delas tivera, ofícios de escrivães, que a maneira como tinham sido educados tornava aptos a desempenhar. Salomé ficou tão irritada com essa palavras, que referiu tudo imediatamente a Herodes e como era contra seu próprio genro que ela lhe falava, ele não teve dificuldade em acreditar.

102. Diz-se também que uma outra coisa o impressionou sensivelmente e fez-lhe redobrar a cólera contra os filhos; e foi que lhe afirmaram que eles chamavam continuamente pela mãe; chorando sua desgraça, faziam imprecações contra ele e, como ele dava freqüentemente às suas mulheres vestes que haviam pertencido a essa princesa, diziam que as fariam mudar logo em trajes de luto.

103. Embora Herodes temesse a altivez desses príncipes, ele não quis, entretanto, perder toda esperança de reconduzi-los ao dever. Assim, estando de partida para Roma, falou-lhes em poucas palavras, com uma severidade de rei e fez-lhes um grande discurso, com bondade de pai. Concluiu, exortando-os a amar seus irmãos e prometeu-lhes esquecer todas as faltas passadas, contanto que procedessem melhor para o futuro. Eles responderam-lhe que lhes seria fácil provar, que nada havia de mais falso, do que tudo o que lhe haviam referido deles, apenas para torná-los odiosos; e que não lhe fosse grato tornar menos fácil prestar fé a semelhantes palavras, pois encontrariam sempre pessoas que procurariam a sua ruína, inculcando calúnias em seu espírito.

104. Como as entranhas de seu pai não podiam deixar de se comover com estas palavras, esses dois príncipes sentiram-se então livres de suas penas e dos temores presentes e começaram ao mesmo tempo a temer pelo futuro, porque souberam que tinham a Salomé e Feroras como inimigos, ambos muito temíveis e principalmente Feroras, porque Herodes tinha-o associado ao governo; só lhe faltava a coroa para ser considerado rei. Ele tinha de próprio cem talentos de renda; Herodes deixava-o gozar de todas as terras que estavam além do Jordão; ele tinha obtido de Augusto a Tetrarquia; tinha-o feito desposar a irmã de sua mulher e, depois que ela falecera, tinha querido dar-lhe em casamento uma de suas filhas, com trezentos talentos; mas a paixão que

Feroras tinha por uma moça de condição baixa, tinha-o feito recusar o partido tão vantajoso e tão honroso, com que Herodes ficou muito ofendido e a deu ao filho de Fazael, seu irmão mais velho. Entretanto, algum tempo depois, considerando aquela recusa como uma loucura que a violência do seu amor tinha-o feito cometer, ele perdoou-o. Havia corrido uma notícia muito tempo antes que, quando ainda vivia a rainha Mariana, Feroras quisera envenenar o rei seu irmão; Herodes estava então muito inclinado a acreditar em todas as calúnias, ainda que ele amasse muito a Feroras, e prestanteu fé àquela. Assim fez torturar a vários que lhe eram suspeitos e depois a alguns mesmo dos amigos de Feroras. Nada eles confessaram a respeito do veneno, mas disseram somente que Feroras tinha resolvido fugir para junto dos partos, com aquela mulher a quem ele amava e que Costobaro, que Salomé tinha desposado depois da morte de seu primeiro marido, conhecia o seu projeto. Salomé foi também acusada por Feroras, seu irmão, de várias coisas de que não se pôde justificar e particularmente de ter querido desposar Sileu, que governava toda a Arábia, sob o rei Oboudas e que Herodes odiava muito, mas ele perdoou a ambos, isto é, a ela e a Feroras.

105. Toda a tempestade caiu sobre Alexandre, pelo motivo que passo a expor: Herodes tinha recebido três eunucos aos quais estimava muitíssimo, um dos quais era seu criado de quarto, o outro, seu mordomo de sala e o terceiro, mordomo do palácio. Alexandre subornou-os com grandes presentes. Herodes veio a sabê-lo e os fez torturar tão rudemente, que a violência dos tormentos os obrigou a tudo confessar. Eles disseram que Alexandre os havia enganado, dizendo-lhes que o rei seu pai era um velho de caráter insuportável, que mandava pintar os cabelos para parecer moço e do qual eles nada tinham a esperar; mas que era a ele que deviam estimar e dele esperar o afeto, pois ele seria seu sucessor embora o rei não o quisesse; vingar-se-ia de seus inimigos e recompensaria os amigos, entre os quais eles tinham o primeiro lugar. Eles acrescentaram que os grandes, os comandantes e os outros principais oficiais, estavam todos de acordo com Alexandre e serviam-no secretamente. Estas afirmativas lançaram tal terror no espírito de Herodes que a princípio ele não ousou manifestar nada, nem deu a entender que tudo sabia. Contentou-se de fazer vigiar dia e noite as palavras e as ações de todos e quando suspeitava de

alguém, mandava logo matá-lo. Dessa forma, nesse infeliz reino, só se viam crueldades e injustiças. Esse príncipe estava sempre pronto a derramar sangue; e no furor que o agitavam, era suficiente inventarem-se calúnias contra aqueles que ele odiava, para logo serem eliminados; em tudo ele acreditava; não havia intervalo entre a acusação e a condenação; e se o acusador se tornava acusado, eram ambos levados ao suplício, porque esse príncipe julgava que, quando se tratava de sua vida, não era necessário observarem-se certas formalidades. Sua crueldade chegou a tal excesso, que não somente não podia olhar com bons olhos os que não eram acusados, mas era impiedoso mesmo para com seus amigos. Exilou a vários do seu reino e usou mesmo de palavras ofensivas contra outros, sobre os quais seu poder não se estendia. Para cúmulo da infelicidade de Alexandre, não houve calúnias que Antípatro e todos esses parentes não inventassem para conseguir arruiná-lo; a facilidade e a imprudência de Herodes faziam-no prestar fé a tantas falsas acusações e ele começou a sentir tal medo que imaginava ver Alexandre vir a ele com a espada na mão, para matá-lo. Mandou imediatamente pô-lo numa prisão e fez tnrturar seus amiqos. Alquns morriam nos tormentos sem nada confessar, porque não queriam ferir sua consciência; outros, não podendo suportar tantas dores, depunham contra a verdade, que os dois irmãos tinham conspirado contra o rei, seu pai, e resolvido aproveitar para matá-lo durante uma caçada e depois fugir para Roma. Essa acusação era tão pouco verossímil que facilmente se podia muito bem compreender que era feita apenas para se verem livres da tortura. Herodes, entretanto, facilmente deixava-se convencer e estava bem satisfeito de que parecia por meio delas, que ele não cometera nenhuma injustiça, mandando prender seu filho. Alexandre, vendo-o tão irritado contra si, julgou impossível acalmá-lo, resolveu aceitar tudo o de que o acusavam e servir-se desse meio para destruir os que o queriam desgraçá-lo. Assim, escreveu quatro documentos, pelos quais reconhecia ter querido tentar contra a vida do rei, seu pai, mas citava também várias pessoas que ele dizia serem cúmplices de seu projeto e particularmente Feroras e Salomé, a qual ele declarava ser tão impudica que tivera a desfaçatez de vir à noite, contra a vontade dele, deitar-se em sua cama.

106. Esses documentos que acusavam de tantos crimes a vários dos

principais da corte, estavam já nas mãos de Herodes, quando Arquelau, rei da Capadócia, chegou. Seu temor pelo príncipe, seu genro e pela filha tinha-o feito vir com grande pressa, a fim de ajudá-los em tão premente necessidade e sua sábia orientação venceu a cólera de Herodes. Ele começou por dizer: "Onde está então meu abominável genro? Onde está esse detestável assassino, para que eu o estrangule com minhas próprias mãos? Quero dar minha filha em casamento a outro príncipe virtuoso, visto que ele é tão mau! Embora ela não tenha parte em crime tão horrível, basta que seja sua mulher, para que a vergonha recaia sobre ela também. Quem poderia assaz admirar a vossa paciência por ver que, em tal conjuntura, em que não se trata de nada menos do que da vossa vida, permitis que Alexandre ainda viva? Eu pensava, quando parti, encontrá-lo já morto e não ter que vos falar senão de minha filha, a qual unicamente a consideração por vós me levou a dá-la por esposa. Mas pelo que vejo, temos agora que deliberar a este respeito, nós dois. Se vossa ternura por um filho não merece mais ser considerada como tal, depois que ele se tornou quase parricida, vos torna demasiado tardio em puni-lo; tolerai, eu vos rogo, que eu tome o vosso lugar e vós, tomai o meu, a fim de que eu vos vingue de vosso filho e façais de minha filha o que quiserdes."

Por maior que fosse a cólera de Herodes, estas palavras de Arquelau o desarmaram; e assirn ele entregou-lhe os quatro documentos escritos por Alexandre. Eles os examinaram juntos, artigo por artigo, e Arquelau deles se serviu para fazer justamente o que tinha resolvido, lançando pouco a pouco a causa de todo o mal sobre aqueles de que ele falava em seus escritos e particularmente sobre Feroras.

Quando ele percebeu que Herodes já começava a ser do seu parecer, disse-lhe: "Não poderia ser que Alexandre se tenha deixado enganar pelos artifícios de tantos maus espíritos, que não tenha ele mesmo formado tal projeto, de tentar contra vossa vida? Eu vos confesso não ver qual razão teria podido levá-lo a cometer o maior de todos os crimes, pois ele já goza de todas as honras da realeza e tem motivo de esperar suceder-vos; se ele tivesse concebido tal desígnio, seria preciso, sem dúvida, que ele tivesse sido impelido por outros que teriam abusado da pouca experiência de sua juventude, para lhe dar tão detestável conselho. Pois todos sabem que essa espécie de gente é capaz de

enganar, não somente aos moços, mas mesmo os mais idosos, arruinar as famílias mais ilustres e subverter os mesmos reinos?"

Herodes, impressionado com estas palavras, sentia pouco a pouco diminuir sua animosidade contra Alexandre e irritava-se contra Feroras, que aqueles escritos acusavam claramente. Quando Feroras soube disso e viu a ascendência que Arqueiau tinha conquistado sobre o espírito de Herodes, julgou que o único meio de se salvar era recorrer a ele mesmo. Assim, foi procurá-lo e o príncipe respondeu-lhe que ele não via como poderia justificar-se de tantos crimes, pois parecia manifestamente que ele tinha tentado contra a vida do rei, seu irmão; que ele era causa de tudo o que Alexandre sofria, que o único meio que lhe restava era confessar tudo ao rei do qual sabia ser muito estimado e pedir-lhe perdão. Depois disso, prometia ajudá-lo, com todas as suas posses. Feroras seguiu aquele conselho. Tomou um hábito de luto para comover Herodes e causar-lhe compaixão, foi lançar-se aos seus pés, confessou que ele era culpado e rogou-lhe que o perdoasse de todas as faltas que a perturbação em que se encontrava seu espírito, por sua louca paixão por aquela mulher, o tinha levado a cometer. Depois que Feroras foi assim seu próprio acusador e prestanteu testemunho contra si mesmo, Arqueiau desculpou-o e acalmou a cólera de Herodes, alegando, por exemplo, que ele tinha recebido ofensas muito maiores de seu irmão; mas que tinha preferido os sentimentos da natureza aos que inspiram o desejo de vingança, porque acontece nos reinos a mesma coisa que nos corpos grandes e pesados, que os tumores caem sobre alguma parte e causam uma inflamação; mas que, em vez de se eliminar aquela parte, deve-se-lhe procurar o remédio, tentando curá-la. Arqueiau, com estas e outras semelhantes palavras, estabeleceu a paz entre ele e Feroras, mas mostrava-se sempre tão encolerizado contra Alexandre, que queria tirar-lhe a filha de qualquer modo e fez assim Herodes interceder em favor do filho, para não romper o casamento. Arqueiau respondeu que tudo o que podia fazer, para conservar a aliança, era deixar em seu poder dar a princesa em casamento a quem quisesse, contanto que a tirasse de Alexandre. Herodes retorquiu-lhe que se ele queria fazer-lhe um favor completo, como restituir-lhe o filho, ele devia deixar-lhe a esposa, pois tinha filhos dela e a amava apaixonadamente, tanto que não podia privá-lo dela sem levá-lo ao

desespero: ao passo que deixando-a, a alegria de viver com uma pessoa que lhe era tão querida, fá-lo-ia mudar de vida e traria a calma ao seu espírito; nada, pois, tão capaz de acalmar os caráteres, mesmo os mais violentos, do que a consolação que se tem no recesso da família. Arqueiau acedeu a estas razões e com isso Herodes ficou muito agradecido; tendo assim reconciliado seu filho com ele, aconselhou-o a fazer uma viagem a Roma, para informar Augusto de tudo o que se havia passado, pois tendo-lhe escrito fazendo-lhe queixas do filho, a cortesia mandava que fosse ele mesmo dar-lhe contas de tudo.

Quando esse rei da Capadócia, com tal proceder, tão prudente, impediu a ruína de Alexandre e o restituiu às boas graças ao rei, seu pai, houve muitos banquetes de regozijo; quando ele partiu para regressar, Herodes deu-lhe de presente setenta talentos, um trono de ouro, enriquecido com muitas pedras preciosas, alguns eunucos e uma linda jovem de nome Paniche. Todos os seus parentes e amigos deram-lhe também, por ordem sua, muitos e magníficos presentes, e ele o acompanhou com os mais ilustres de seu reino até Antioquia.

107. Pouco tempo depois veio um homem da judéia que não somente destruiu tudo o que Arqueiau havia feito em favor de Alexandre, mas foi causa de sua morte. Era lacedemônio e chamava-se Euricles. Seu luxo, que a Grécia não tinha podido tolerar, era tão grande, que ele precisaria de tudo o que pertencia ao rei para ficar satisfeito. Conquistou o afeto de Herodes com ricos presentes e recebeu também dele, outros maiores; mas era tão mau, que nada o podia contentar, se ele não visse por seu intermédio derramar-se o sangue dos príncipes da família real. Para conseguir o seu intento, insinuou-se no espírito de Herodes, quer por seus manejos, quer pela adulação e pelos louvores que lhe dava: e como ele tinha conseguido conhecer perfeitamente o caráter de Herodes nada ele dizia nem fazia que não lhe fosse agradável, que ele ocupava um dos primeiros lugares entre seus amigos. Assim toda a corte muito o estimava, como também por causa do seu lugar de origem. Quando ele percebeu a divisão entre os irmãos e os sentimentos de Herodes para cada um deles, foi se hospedar em casa de Antipatro e, para enganar a Alexandre e conquistar confiança, insinuando-se em seu espírito, ele disse-lhe falsamente que era há muito tempo amigo do rei Arquelau, seu sogro; e o príncipe ficou persuadido disso e persuadiu também a Aristobulo, seu irmão. Depois que Euricles assim

conquistou o afeto de todos os príncipes, ele agia com cada um deles, de maneira diferente, segundo julgava mais próprio para alcançar o objetivo que havia premeditado, de se unir a Antipatro e trair Alexandre. Dizia àquele que se admirava de, sendo ele o mais velho, permitia que seus irmãos lhe quisessem tirar a coroa à qual ele podia pretender, mesmo sozinho. Dizia, ao contrário, a Alexandre, que tendo sua origem de família real, sendo esposo da filha de um rei, do qual poderia obter suficiente auxílio, não compreendia como ele tolerava que Antipatro, o qual tinha por mãe uma mulher de condição medíocre, se iludisse com a esperança de suceder ao rei, no governo; estas palavras faziam tanto mais impressão no espírito de Alexandre, quanto esse velhaco lhe havia feito crer que ele era estimado pelo rei, seu sogro. Assim, não desconfiando de nada, ele lhe abria seu coração, a respeito dos desgostos que tinha por causa de Antipatro e não temia dizer-lhe que não havia motivo de se admirar de que o rei depois de ter feito morrer a rainha sua mãe, lhe quisesse tirar o reino. A esse respeito, Euricles mostrava-se tomado de grande compaixão e lamentava tão sentidamente seu infortúnio e o do príncipe Aristobulo, seu irmão, que ele não teve dificuldade em levá-lo a lhe dizer as mesmas coisas. Referiu depois a Antipatro tudo o que eles lhe tinham dito em confiança e acrescentou falsamente que eles tinham resolvido desfazer-se dele e que não havia um instante sequer em que ele não corresse perigo de vida. Antipatro agradeceu-lhe tanto esse aviso, que lhe deu uma grande soma de dinheiro, e o traidor, como recompensa, não somente o louvava perante Herodes sem cessar, mas depois de ter tratado com eles dos meios de matar Alexandre e Aristobulo, ele se ofereceu para ser seu acusador perante o rei. Assim foi procurá-lo e lhe disse que para lhe agradecer os favores que lhe devia, vinha dar-lhe um aviso, que interessava mesmo à sua vida; havia muito tempo que Alexandre e Aristobulo tinham determinado matá-lo; que eles se tinham sempre procurado fortificar-se para esse fim e que o teriam já executado, se ele não lhes tivesse impedido, fingindo querer se lhes associar; que Alexandre dizia que não era bastante ao seu pai ter usurpado a coroa, ter feito morrer a rainha, sua mãe, ter depois de sua morte continuado a gozar do poder, mas que ele queria mesmo ter a um bastardo, por sucessor, escolhendo para isso a Antipatro, despojando-o a ele e ao irmão de seus territórios, os quais seus antepassados lhes haviam deixado;

mas que ele estava resolvido a vingar a morte de Hircano e de Mariana, pois não era justo que um homem como Antipatro subisse ao trono sem derramamento de sangue e que ele tinha todos os dias muitos motivos para continuar seus propósitos; que ele não podia dizer uma só palavra que não se tomasse logo ocasião de caluniá-lo; que se acontecesse falar-se da nobreza de alguém o rei dizia imediatamente que era para ofendê-lo, que somente Alexandre era de família ilustre e que a do pai era indigna dele; que quando ele ia à caça, achava ruim que não se louvassem as suas habilidades e, se se louvava, então chamava de adulador; que, por fim, nada podia ele fazer que não lhe fosse desagradável e que somente Antipatro tinha o dom de agradá-lo. E assim ele preferia morrer, que não viver, se sua empresa viesse a falhar; mas se desse resultado, ser-lhe-ia fácil salvar-se junto do rei Arquelau, seu sogro, e ir em seguida procurar Augusto, não para se justificar perante ele dos crimes de que o acusavam, como outrora tinha feito, dominado pelo temor que lhe causava a presença de seu pai, mas para informá-lo dos maus tratos, que ele dispensava aos seus súditos; dos enormes impostos com que os sobrecarregava, das voluptuosidades em que gastava aquele dinheiro que se podia dizer, era mais puro que o sangue das pessoas que com ele se enriqueceram e das cidades que gemiam mais sob sua cruel dominação; que, por fim, ele diria de tal modo ao imperador, da crueldade com que tinha feito morrer Hircano, seu avô e a rainha, sua mãe; que não seria mais possível, depois daquilo, passar em seu espírito por um parricida. Euricles, depois de tantas calúnias contra Alexandre, começou a louvar Antipatro; disse a Herodes que era ele o único de seus filhos que lhe tinha afeto; que ele tinha impedido até então a execução de um crime tão detestável.

A ferida que as suspeitas precedentes de Herodes tinham feito em seu coração não estava ainda bem cicatrizada, e estas palavras irritaram-no em excesso; Antipatro tomou então a ocasião para lhe dizer, por meio de outras pessoas que havia subornado, que Alexandre e Aristóbulo haviam mantido relações secretas com Jucundo e Tirano, dois oficiais de cavalaria, que ele tinha destituído do cargo, por algum motivo particular. Herodes mandou prendê-los imediatamente e os fez torturar. Nada eles confessaram do que eram acusados, mas apresentaram uma carta, que diziam escrita por Alexandre, ao governador

do castelo de Alexandriom, pela qual rogava-lhe que o recebesse em sua praça com Aristóbulo, quando se tivessem desfeito do rei, seu pai, e os ajudasse com armas e todas as outras coisas. Alexandre jurou que aquela carta era falsa e tinha sido escrita por Diófano, um dos secretários do rei, que era um grande falsificador, muito perito em imitar toda sorte de caligrafia. De fato, depois ele foi condenado à morte por crimes semelhantes. Herodes mandou depois torturar aquele governador e, — embora ele nada tivesse confessado, bem como os demais e não se encontrassem provas daquilo de que acusavam seus filhos — não deixou de metê-los numa prisão, e chamando seu benfeitor e seu salvador àquele detestável Euricles, que por tão horrível maldade tinha feito lavrar um incêndio em sua família, deu-lhe cinqüenta talentos. Esse celerado, antes que a notícia da prisão daqueles dois príncipes se espalhasse, foi rapidamente procurar o rei Arquelau e teve a desfaçatez de lhe dizer que tinha reconciliado Alexandre, seu genro, com o rei seu pai, e assim, depois de ter tirado dinheiro daquele príncipe regressou para a Grécia, onde fazia mau uso dos bens que com tantos crimes havia conquistado. Por fim, tendo sido acusado perante Augusto de ter posto a perturbação em toda a Grécia e prejudicado várias cidades, foi mandado ao exílio, recebendo o castigo da traição a Alexandre e a Aristóbulo.

108. Creio dever relatar aqui um fato, totalmente contrário ao de Euricles, de um homem de nome Varate, originário de Coos. Ele tinha vindo à corte de Herodes no mesmo tempo em que aquele pérfido lacedemônio agia de modo como acabamos de narrar, e era muito amigo de Alexandre. Herodes interrogou-o sobre coisas de que seus filhos eram acusados. Ele protestou-lhe com juramento, que nada sabia de semelhante coisa. Mas um testemunho tão sincero e tão generoso foi inútil àqueles pobres príncipes, porque Herodes não acreditou e só aceitava os que lhe falavam continuamente em seu favor.

109. Salomé foi uma das pessoas que mais se irritou contra eles; para poder salvar-se, arruinou-os. Aristóbulo, que era ao mesmo tempo seu sobrinho e seu genro, para induzi-la a ajudá-lo e ao irmão, fez-lhe ver que ela corria o mesmo risco que eles, e disse-lhe que ela devia acautelar-se também, porque o rei tinha determinado fazê-la morrer, porque lhe haviam referido que sua paixão e seu desejo de desposar Sileu, que ele considerava seu inimigo, a levava

a lhe dar secretamente aviso de tudo o que ela sabia de seus segredos. Essa imprudência de Aristóbulo foi como o último golpe do vendaval que, como uma grade tempestade, fez naufragarem os dois príncipes. Salomé foi imediatamente referir tudo ao rei, e ele ficou de tal modo irritado e encolerizado, que não se conteve mais e mandou que acorrentassem os dois filhos e os prendessem separadamente.

110. Mandou em seguida Volúmnio, comandante de sua cavalaria e Olímpio, um de seus amigos particulares, procurar Augusto para levar-lhe informações do que se havia passado, contra seus filhos. Quando eles chegaram a Roma e apresentaram as cartas ao grande imperador, ele ficou tomado de compaixão pela infelicidade dos jovens príncipes, mas não achou justo tirar a um pai o poder que a natureza lhe outorga sobre os filhos. Assim, escreveu a Herodes que podia dispor deles como quisesse; mas julgava que o conselho que devia antes tomar era reunir os parentes e os governadores das províncias para ponderar toda a questão e se, depois de tudo bem examinado, os filhos fossem tidos como culpados, por terem tentado contra sua vida, ele podia fazê-los morrer ou, se seu intento era apenas fugir, condená-los, então, a um castigo leve.

111. Herodes, para executar esta ordem, convocou uma grande assembléia em Berita, lugar que o imperador lhe havia indicado. Saturnino e Pedânio presidiram-na, acompanhados por Volúmnio, intendente da província. Os parentes de Herodes, no número dos quais estavam Feroras, Salomé e seus amigos, lá estavam e com eles os maiores senhores da Síria, mas Arquelau não quis comparecer, porque sendo sogro de Alexandre, era suspeito a Herodes. Quanto aos seus filhos, não os quis mandar vir; fê-los ficar sob guarda severa, numa aldeia dos sidônios, chamada Platana, porque ele julgava bem que sua presença seria capaz de mover os juizes à compaixão e, se permitisse que eles se defendessem, Alexandre justificar-se-ia facilmente, e seu irmão também, de todos os crimes de que eram acusados. Falou contra eles com ardor nessa assembléia, como se eles estivessem presentes; mas, com moderação, quando se tratava da conjuração, que pretendia terem eles urdido contra sua vida, porque disso não tinha provas; e com força, quando falava das maledicências, das censuras, das injúrias, dos ultrajes e das ofensas que dizia deles ter

recebido e que afirmava serem-lhe mais intoleráveis que a mesma morte. Ninguém o contradisse e ele queixou-se daquele silêncio, que parecia condená-lo; disse que era para ele bem triste usar do poder contra seus próprios filhos e rogou em seguida que cada qual opinasse. Saturnino falou por primeiro, e disse que era de opinião que se castigassem os dois príncipes, não de morte, porque ele era pai; ele também tinha três filhos, naquela assembléia, e não podia ter um sentimento tão cruel e rude. Dois outros deputados do imperador foram da mesma opinião e alguns outros também. Volúmnio foi o primeiro que opinou pela pena de morte, e todos os outros seguiram-no; uns, para bajular Herodes, outros, pelo ódio que lhe tinham; nenhum, porque estava mesmo certo de que os príncipes merecessem tão cruel castigo. Toda a judéia e toda a Síria tinham os olhos abertos para ver qual o fim daquela deplorável tragédia e esperava-se com impaciência, sem que ninguém pudesse imaginar que Herodes chegasse até aquele excesso de desumanidade, querendo mesmo a morte de seus dois filhos. Mandou-os depois acorrentados a Tiro e de lá, pelo mar, a Cesareia, onde depois deliberaram que gênero de morte lhes seria reservado.

112. Um velho cavaleiro, então, de nome Tirom, que nutria grande amizade aos príncipes e cujo filho era muito amigo de Alexandre, ficou tomado de tão grande dor que não teve receio de dizer publicamente que não havia mais nem verdade, nem justiça no mundo; que os homens pareciam ter renunciado a todos os sentimentos da natureza e que suas ações estavam cheias de malícia e de iniqüidade. Acrescentava, ainda, tudo o que uma paixão violenta pode inspirar a um homem que tem desprezo pela vida. Foi mesmo corajosamente procurar o rei e falou-lhe deste modo: "Permiti-me, senhor, dizer-vos que vos considero o homem mais infeliz do mundo, por prestardes fé, como fazeis, a alguns celerados que querem destruir pessoas que vos devem ser mui queridas. É possível que Feroras e Salomé, que tantas vezes julgastes dignos do suplício, encontrem prestígio e crédito em vosso espírito, contra vossos próprios filhos e não percebais que seu intento é privar-vos de vossos legítimos sucessores, a fim de que não restando outro que Antípatro, seria mais fácil perder-vos? Podeis duvidar de que a morte desses dois irmãos não o torne odioso aos soldados, pois não há quem não tenha compaixão da infelicidade desses jovens príncipes e vários dos mais ilustres não temem mesmo dizê-lo abertamente?" Tirom,

assim falando, citou-lhes os nomes; Herodes os mandou prender imediatamente com Tirom e seu filho. Então, um barbeiro do rei de nome Trifom, adiantou-se, e, como agitado por um movimento de frenesi, disse-lhe: "Tirom, senhor, quis persuadir-me a vos cortar a garganta com minha navalha quando eu fazia a barba a vossa majestade e prometeu-me que eu com isso receberia uma grande recompensa de Alexandre". Herodes sem titubear fez torturar Tirom, seu filho e o barbeiro. Os dois primeiros sustentaram que nada havia de mais falso do que aquela acusação de Trifom e ele nada mais disse do que já havia dito. Herodes então ordenou que torturassem ainda mais a Tirom; seu filho, não podendo tolerar que lhe infligissem tantos tormentos, disse ao rei que confessaria tudo, contanto que deixasse de supliciar seu pai. Ele o fez e então o moço disse que era verdade que seu pai estava persuadido de que Alexandre queria mesmo matá-lo. Alguns pensaram que ele assim havia falado apenas para poupar mais sofrimentos ao próprio pai, e outros estavam certos de que aquele testemunho era verdadeiro. Herodes acusou em seguida publicamente aqueles principais oficiais do exército, bem como Tirom. O povo lançou-se sobre eles e os matou a bastonadas e pedradas. Quanto a Alexandre e Aristobulo, Herodes mandou-os a Sebaste, que está perto de Cesaréia, onde os fez enforcar por sua ordem. Seus corpos foram trazidos ao castelo de Alexandriom e foram enterrados junto do de Alexandre, seu avô materno. Este o fim dos dois infelizes príncipes.

Capítulo 18

Cabala de Antípatro, o qual era odiado por todos. O rei Herodes mostra querer tomar grande cuidado dos filhos de Alexandre e de Aristobulo. Casamentos que ele projeta para esse fim e filhos que teve de nove mulheres, além dos de Mariana.Antípatro fá-lo mudar de idéia com relação aos casamentos. Grandes divergências na corte de Herodes. Antípatro faz que ele o mande a Roma, onde Sileu também vai e descobre-se que ele planejara matar Herodes. *

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Sétimo, capítulos 1, 3

e 4, Antigüidades Judaicas, Parte I.

113. Ninguém mais podia então disputar o trono a Antípatro; no entanto, jamais ódio foi maior, nem mais geral, do que o que então se tinha dele, porque não se duvidava de que ele tinha causado com suas calúnias a morte de seus irmãos e os filhos que tinham deixado davam-lhe por outro lado grandes temores. Alexandre tivera dois filhos de Glafira, Tigrano e Alexandre, Aristobulo tivera três, da filha de Salomé, Herodes, Agripa e Aristobulo e duas filhas, Herodíada e Mariana.

Herodes, depois da morte de Alexandre, mandou a princesa Glafira, viúva, com seu dote, para a casa de Arquelau, seu pai, e casou Berenice, viúva de Aristobulo, com o tio materno de Antípatro, que arranjou este casamento para se reconciliar com Salomé, que o odiava. Antípatro conquistou também a Feroras, com ricos presentes e com toda a espécie de favores, mandou grandes somas a Roma, para conquistar a amizade daqueles que tinha prestígio perante Augusto e nada poupou para conquistar também o afeto de Saturnino e dos principais da Síria. Todavia, mais ele dava, mais era odiado, porque não se consideravam os presentes como dádiva de sua liberalidade, mas efeitos do seu medo; e, assim, somente lhe serviam para torná-lo ainda mais odioso e criar mais inimigos contra si próprio, justamente aqueles que nada recebiam. Continuou, todavia, a sua magnificência, em vez de diminuí-la, quando viu que contra sua esperança Herodes tomava conta dos órfãos e demonstrava, pela compaixão por eles, que estava arrependido de os ter reduzido, pela morte de seus pais, a uma condição tão deplorável.

114. Este rei, tão feliz e tão infeliz ao mesmo tempo, reuniu seus parentes e amigos, mandou vir os pequenos príncipes e disse, tendo os olhos marejados de lágrimas: "Pois que a minha desdita me arrebatou aqueles de quem estas crianças tiveram a vida, não há cuidados que a natureza e minha compaixão do estado em que se encontram não me obrigue a tomar delas. Mas procurarei mostrar que, se fui o mais infeliz de todos os pais, nenhum avô me superará em afeto: nada recomendarei tanto aos mais caros dos meus amigos, do que continuarem a mesma solicitude, quando eu não estiver mais neste mundo. Para começar a dar-vos provas disso, quero, disse ele, dirigindo a palavra a

Feroras, casar vossa filha com o mais velho destes filhos de Alexandre, a fim de vos obrigar a servir-lhe de pai. Resolvi, acrescentou ele, falando a Antípatro, que vosso filho despose uma das filhas de Aristóbulo, para vos obrigar à mesma coisa; e eu entendo que Herodes, meu filho e neto do lado materno de Simão, sumo sacerdote, despose a outra filha de Aristóbulo. Tal é a minha vontade e não se poderia amar-me e achar difícil a sua realização. Rogo a Deus que faça frutificarem esses casamentos para vantagem de minha família e de meu reino e torne todos esses filhos tais, que eu possa ter por eles outros sentimentos que não os tive por seus pais." Terminou seu discurso chorando, fez que seus filhos se abraçassem, abraçou-os também, a todos, com muitas demonstrações de afeto e de ternura e dissolveu assim a assembléia.

115. Este fato de tal modo amedrontou a Antípatro, que todos o notaram. Ele considerava como uma diminuição de seu prestígio, demonstrações tão favoráveis do afeto de Herodes para com os órfãos e julgava assaz que não havia perigo que ele não corresse, se, além do auxílio que os filhos de Alexandre podiam ter do rei Arquelau, seu avô, Feroras, que era tetrarca, entrasse ainda em seus interesses. Ele imaginava também o ódio geral que excitava contra ele a infelicidade daqueles jovens príncipes, de que todos o consideravam culpado, bem como do assassínio de seus pais. Assim deliberou fazer todos os esforços para anular aqueles casamentos. Mas sabendo como Herodes era desconfiado e temendo o seu mau caráter, em vez de se portar com gentileza, julgou dever falar-lhe abertamente e assim teve a ousadia de lhe dizer que ele suplicava não privá-lo da honra que lhe havia concedido de declará-lo sucessor, dando-lhe apenas o nome de rei e, na realidade, a outros a autoridade real, como aconteceria sem dúvida, se o filho de Alexandre tivesse não somente a Arquelau por avô, mas também a Feroras por sogro: que aquela razão o obrigava a rogar que mudasse a ordem dos casamentos e que nada era mais fácil, pois a família era muito rica de jovens, pois de nove mulheres, que tivera Herodes, ele tinha filhos de sete, isto é, Antípatro, de Dóris, Herodes, de Mariana, filha de Simão, sumo sacerdote, Arquelau, de Maltacé, samaritana, e uma filha chamada Olímpia, que José, seu irmão, tinha desposado. Herodes e Filipe, de Cleópatra, que eram de Jerusalém, e Fazael, de Pallas. Tivera também de Fedra uma filha de nome Roxana e de Elpídia uma filha de nome Salomé. Uma das mulheres de

que não tivera filhos era sua sobrinha, filha de seu irmão e a outra, sua prima-irmã. Além dos filhos que acabo de citar, ele tivera da rainha Mariana, duas filhas, irmãs de Alexandre e de Aristóbulo, e era sobre esse grande número de filhos que Antípatro se fundava para rogar ao rei que mudasse a resolução tomada. Herodes, que já estava comovido pela infelicidade de seus dois filhos, aos quais ele mesmo fizera perder a vida, julgando assaz por essas palavras de Antípatro que se ele tivesse ainda ocasião, ele não faria menos esforços do que fizera, para perder a eles também, como havia perdido os pais com suas calúnias, ficou tão encolerizado contra ele que o expulsou de sua presença, com palavras violentas. Mas depois deixou-se vencer por suas bajulações, permitiu-lhe desposar a filha de Aristóbulo e que seu filho desposasse a filha de Feroras. Pode-se assim julgar do poder que Antípatro tinha conseguido sobre o espírito de Herodes, por sua complacência, pois Salomé embora fosse sua irmã e a imperatriz se interessasse em seu favor, não somente pôde obter dela a permissão para desposar um senhor árabe, de nome Sileu, mas ele protestou mesmo com juramento considerá-la como sua maior inimiga, se ela não renunciasse ao seu intento e a obrigou a desposar um de seus amigos de nome Alexas e a casar uma de suas filhas, com o filho desse Alexas, e a outra com o tio materno de Antípatro. Fez também casar uma das filhas da rainha Mariana com Antípatro, filho de sua irmã, e a outra com Fazael, filho de seu irmão.

116. Assim, a ordem projetada por Herodes com relação aos casamentos foi modificada, como Antípatro desejava, e a esperança que esses pequenos príncipes podiam disso conceber, inteiramente perdida; esse perseguidor da família de Mariana julgou que a sorte não lhe podia ser então mais segura e sua confiança unida à malícia, tornaram-no ainda mais insuportável. Vendo que lhe era impossível acalmar o ódio de todos contra ele, persuadiu-se de que o único meio de prover à sua segurança era fazer-se temer; foi-lhe tanto mais fácil conseguir que Feroras lhe fizesse a corte, depois que ele se tinha visto confirmado, na futura sucessão ao trono.

11 7. Aconteceu nesse mesmo tempo uma grande agitação entre as mulheres no palácio, onde a de Feroras, a quem sua mãe e sua irmã e a mãe de Antípatro, se tinham reunido, agia tão insolentemente, que ela não temia tratar com desprezo e ofender os dois filhos do rei, com o que Antípatro ficava muito

descontente, porque ele as odiava e as outras mulheres não ousavam se opor a esta cabala, exceto Salomé. Ela avisou o rei do que se passava e comunicou-lhe os projetos que se faziam contra seu governo. As mulheres, sabendo que ele já tivera conhecimento de tudo e que estava muito irritado, deixaram de se reunir, abertamente, e fingiam, em sua presença, não se estimarem reciprocamente. Antípatro, por seu lado, falava publicamente de Feroras, de maneira pouco lison-jeira, mas elas se reuniam à noite, comiam juntas secretamente e mais elas eram observadas, mais fortaleciam a sua união. Por mais cuidado que tivessem em ocultá-la, Salomé tudo revelava e referia a Herodes. Como ela odiava a mulher de Feroras, de tal modo a incitou contra ele, que tendo reunido seus parentes e amigos, ele a acusou diante deles, entre outras coisas, da maneira insolente como vivia com suas filhas, de que tinha ajudado os fariseus contra ele e de que tinha dado uma bebida a seu marido para levá-lo a odiá-lo. Disse depois a Feroras que ele devia escolher a quem preferia, ou abandonar sua mulher, ou renunciar à amizade do rei e de seu irmão. Ao que, na perturbação em que essa questão o tinha deixado, respondeu que a morte lhe seria mais suave do que viver sem sua mulher. Herodes proibiu a Antípatro que jamais tivesse alguma comunicação com ele, nem com sua mulher, nem com nenhum daqueles que eram de seu parecer. Ele obedeceu, na aparência, mas os via secretamente, à noite; e de medo que Salomé os descobrisse, fez que os amigos que ele tinha em Roma escrevessem a Herodes que era conveniente que ele o enviasse para passar algum tempo junto de Augusto. Herodes, sem protelar, fê-lo partir para essa viagem, com grandíssima equipagem, deu-lhe muito dinheiro e o fez levar seu testamento, pelo qual o declarava seu sucessor no reino e em sua falta, a Herodes, que ele tivera de Mariana, filha de Simão, sumo sacerdote.

118. Nesse mesmo tempo, Sileu, sem considerar a proibição que Augusto lhe havia feito, foi também a Roma para dizer contra Antípatro o que ele tinha dito contra Nicolau. Essa divergência que ele tinha com o rei Aretas, seu soberano, não era de poucas conseqüências, pois ele tinha feito morrer vários dos amigos desse príncipe, dentre outros um de nome Soeme, que era o homem mais rico de Petra; Fabato, intendente do imperador, que ele havia subornado por dinheiro, ajudava-o contra Herodes; mas Herodes depois o conquistou,

dando-lhe mais e fazendo que ele recebesse as somas que o imperador tinha mandado recolher. A esse respeito Sileu em vez de pagar o que devia, acusou-o perante Augusto de abandonar seus interesses para cuidar dos de Herodes; o que excitou de tal modo Fabato contra ele, que ele foi dizer a Herodes que ele tinha subornado, com dinheiro, um de seus guardas de nome Corinto e aconselhou-o a prendê-lo; Herodes acreditou tanto mais facilmente, quanto esse Corinto era árabe. Mandou prendê-lo imediatamente, com dois outros da mesma nacionalidade, que estavam em casa dele, um dos quais era amigo de Sileu e o outro, da guarda pessoal de Herodes. Foram ambos torturados e confessaram que Corinto lhes havia dado uma grande soma de dinheiro, para induzi-los a matar Herodes. Saturnino, governador da Síria, interrogou-os e os mandou a Roma, com as informações.

CAPÍTULO 19

HERODES EXPULSA FERORAS, SEU IRMÃO, DA CORTE, PORQUE NÃO QUERIA REPUDIAR SUA MULHER E ESTE MORRE NA TETRARQUIA. HERODES VEM A SABER QUE ELE TINHA QUERIDO ENVENENÁ-LO ANTE A INSISTÊNCIA DE ANTÍPATRO E ELIMINA DE SEU TESTAMENTO HERODES, UM DE SEUS FILHOS, PORQUE MARIANA, SUA MÃE, FILHA DE SIMÃO, SUMO SACERDOTE, TIVERA PARTE NAQUELA CONSPIRAÇÃO DE ANTÍPATRO.*

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Sétimo, capítulos 3, 5, 6 e 7, Antigüidades Judaicas, Parte I.

119. Herodes, não sabendo como castigar a mulher de Feroras, que ele tinha tantos motivos de odiar, insistia, mais que nunca, que a repudiasse; não podendo conter sua cólera, porque Feroras se obstinava em conservá-la, expulsou-os, a ambos, de sua corte. Feroras ficou muito aborrecido; retirou-se para sua tetrarquia e jurou jamais voltar, enquanto Herodes vivesse. Observou o seu juramento, pois Herodes numa grande enfermidade pela qual ele passou, pediu diversas vezes que viesse visitá-lo, porque tinha ordens importantes a lhe dar antes de morrer, mas ele jamais o atendeu. Herodes, contra toda esperança,

sarou e manifestou logo muito do seu bom caráter, porque Feroras também, por sua vez, adoeceu e ele foi logo visitá-lo, assistindo-o com grande cuidado. O mal, porém, foi mais poderoso que os remédios e ele morreu alguns dias depois; embora Herodes sempre lhe demonstrasse grande afeto, não deixou de correr o boato de que o tinha envenenado. Ele mandou trazer seu corpo a Jerusalém, ordenou luto público e mandou fazer-lhe magníficos funerais.

120. Este foi o fim de um daqueles que mais haviam contribuído para a ruína de Alexandre e de Aristobulo; esta morte foi o começo da ruína de Antipatro, o principal autor de tão horrível maldade. Na aflição em que alguns libertos de Feroras estavam pela morte do amo, foram dizer ao rei que ele tinha sido envenenado pela própria mulher, que ela lhe tinha dado uma bebida que o fizera cair logo doente e, dois dias antes, ela e sua mãe tinham mandado vir uma mulher da Arábia que era tida como grande envenenadora, a fim de lhe dar aquela bebida, própria, dizia ela, para causar amor; mas era na verdade um veneno mortal, que ela tinha trazido por ordem de Sileu, de quem era muito conhecida.

Herodes, impressionado com estas palavras e com tantos outros motivos de suspeita que já tinha, mandou torturar a alguns daqueles libertos e libertas, uma das quais, não podendo resistir à violência das dores, exclamou: "Deus, que tudo podeis, no céu e na terra, vingai na mãe de Antipatro os males de que ela é causa de que sofremos agora." Essas palavras começaram por fazer Herodes abrir os olhos e tudo ele fez para conhecer a verdade. Assim ele soube de uma dessas libertas, dos entendimentos que a mãe de Antipatro tinha com Feroras e com as outras mulheres, de suas reuniões secretas e de que, quando Feroras e Antipatro voltavam do palácio, passavam com elas a noite inteira em banquetes, sem permitir a presença de seus domésticos. Mandou depois torturar separadamente a cada uma das mulheres e todas as suas declarações estavam de acordo: Herodes soube também que Antipatro havia cuidado de sua viagem a Roma e que Feroras se havia retirado para além do Jordão. Soube também de que os haviam ouvido dizer muitas vezes, que nada havia que a morte de Mariana, de Alexandre e de Aristobulo não desse motivo às suas mulheres de temer por ele, pois que não tendo poupado sua própria esposa e seus filhos, seria iludir-se crer que os pouparia e que assim o partido mais

seguro para eles era afastar-se o mais possível daquele animal feroz.

Aquelas mulheres declararam ainda que Antípatro se queixava muitas vezes à sua mãe de que sendo já velho, seu pai rejuvenescia todos os dias; que ele morreria talvez antes dele e que mesmo quando ele o sobrevivesse, o que era uma coisa ainda remota, o prazer de reinar teria já passado, quando o tivesse apenas começado a gozar; que via, de outro lado, renascerem as cabeças da hidra na pessoa dos filhos de Alexandre e de Aristóbulo, e que ele não podia esperar deixar o reino aos seus filhos, pois Herodes havia declarado que queria que depois dele, passasse a Herodes, que ele tivera de Mariana, filha de Simão, o sumo sacerdote; mas que era preciso que ele tivesse perdido a razão, para imaginar que ele manteria seu testamento e que não daria um só da sua família; que embora pai algum jamais tivesse odiado tanto seus filhos como Herodes odiava os seus, ele odiava ainda mais seus irmãos, e disso não havia prova melhor, do que lhe ter dado cem talentos, para obrigá-lo a não falar mais com Feroras.

Aquelas mulheres acrescentavam que quando Feroras lhes perguntava "Que lhe fizemos?" ele respondia "Prouvesse a Deus que ele se contentasse de nos tirar tudo, até nossa camisa, e nos deixasse pelo menos a vida: mas é o que não poderemos esperar de um animal tão cruel, o qual não pôde tolerar que aqueles que se amam, tenham a liberdade de o manifestar reciprocamente. Assim, nos encontramos reduzidos a nos podermos ver somente em segredo. Mas, se tivermos coragem e nossas mãos secundarem nossa energia, poderíamos fazê-lo abertamente." Estas foram as confissões das mulheres mediante tortura, quando disseram também que Feroras tinha deliberado fugir com os outros para Petra.

121. Esta particularidade de cem talentos fez que Herodes acreditasse em tudo o mais, porque ele só tinha falado com Antípatro. Sua cólera começou então a explodir. Dóris, mãe de Antípatro, foi quem por primeiro lhe sofreu os efeitos. Ele a privou de todas as jóias e pedras preciosas que lhe havia dado no valor de vários talentos e a expulsou do palácio. Satisfeito assim, de algum modo, ele ordenou que deixassem de torturar as mulheres. Mas seu espírito cheio de medo tornava-o tão suspeitoso, que para não deixar de castigar todos os que poderiam ser culpados, ele mandava torturar também inocentes.

122. Um certo Antípatro, samaritano, intendente de Antípatro, seu filho, confessou mediante tortura, que seu amo tinha mandado ao Egito um de seus amigos, chamado Antifilo para trazer-lhe veneno, a fim de envenená-lo, e que Antifilo tinha dado a Tudiom, tio de Antípatro, e Tudiom a Feroras; que Antípatro tinha pedido que o ministrasse a Herodes, quando ele estivesse em Roma, a fim de que não pudessem desconfiar dele, e Feroras tinha entregue esse veneno à sua mulher. Herodes mandou buscar imediatamente a viúva de Feroras e ordenou-lhe que lhe trouxesse o veneno. Ela saiu dizendo que ia buscá-lo, mas atirou-se do alto de uma janela para se livrar dos tormentos que temia Herodes a fizesse sofrer. Deus, que queria castigar Antípatro, permitiu que ela não caísse sobre a cabeça e ficasse somente sem sentidos; levaram-na novamente ao rei. Quando voltou a si, ele perguntou-lhe o que a havia levado a tentar contra a própria vida, prometendo-lhe, com juramento, que não lhe faria mal algum, contanto que lhe dissesse a verdade; mas se ela mentisse, fá-la-ia morrer entre tormentos e a privaria da honra da sepultura. Ela ficou algum tempo sem falar e depois disse: "Agora, que meu marido morreu, guardarei ainda segredo, para conservar a vida a Antípatro, que é a única causa de nossa desgraça? Escutai, majestade, o que eu vos vou declarar na presença de Deus, que não pode ser enganado e que eu tomo como testemunha da veracidade de minhas palavras. Quando eu estava debulhada em lágrimas, junto de Feroras, que estava no fim da vida, ele me disse: "Eu me enganei muito, minha mulher, no juízo que fazia dos sentimentos do rei meu irmão por mim, pois, na certeza de que ele me odiava, eu também o odiava, de tal modo que tinha mesmo resolvido matá-lo e agora vejo-o, ao contrário, oprimido pela dor, pelo receio que tem de minha morte. Mas Deus me castigou como eu mereço. Vai buscar o veneno que Antípatro te deu para guardar, a fim de queimá-lo em minha presença e que eu não leve para o outro mundo uma alma ralada de remorsos de tão grande crime". Eu obedeci e queimei o veneno diante de seus mesmos olhos, mas guardei uma pequena quantidade do mesmo, pelo medo que tinha de vossa majestade, para deles me servir contra mim mesma, se viesse a ter necessidade disso." Ela mostrou depois a caixinha na qual havia um pouco do pó venenoso. Herodes mandou torturar a mãe e a irmã de Antifilo e elas confessaram que aquele veneno tinha sido trazido do Egito, naquela caixinha e

que seu irmão, que era médico em Alexandria, lho havia entregue.

123. Parecia que os espíritos de Alexandre e de Aristóbulo andavam vagando por toda a parte, para descobrir as coisas mais ocultas e obter testemunhas e provas, da boca daqueles que estavam mais afastados das suspeitas, pois os irmãos de Mariana, filha de Simão, sumo sacerdote, foram torturados e veio-se a saber pelas suas confissões que ela era culpada daquela conspiração. Herodes castigou nos filhos o crime da mãe: riscou do testamento o nome de Herodes, que dela tivera e que ele tinha declarado seu sucessor.

Capítulo 20

Outras provas dos crimes de Antípatro. Ele volta de Roma para a Judéia. Herodes o confunde na presença de Varo, governador da Síria, fá-lo pôr na prisão e o teria então feito morrer se não tivesse caído enfermo. Herodes modifica seu testamento e declara Arqueiau seu sucessor no reino, porque a mão de Antipas, em favor do qual ele havia disposto anteriormente, estava comprometida na conspiração de Antípatro.*

* História dos Judeus, Livro 17, capítulo 6.

124. A chegada de Batilo foi uma última prova do crime de Antípatro, que confirmou todas as outras. Era ele um dos libertos que voltava de Roma, de onde tinha trazido um outro veneno de áspide e de outras serpentes, a fim de que, se o primeiro falhasse, Feroras e sua mulher se servissem desse para envenenar o rei. Para cúmulo da maldade de Antípatro, ele tinha também encarregado esse liberto das cartas que escrevia a Herodes, contra Arqueiau e Filipe, seus irmãos, que se instruíam em Roma nas ciências, porque os considerava como obstáculos aos seus projetos, estando eles já bastante crescidos e sendo assim príncipes de grandes esperanças. Ele tinha para isso mesmo falsificado cartas de alguns amigos que tinham em Roma e subornado outros com dinheiro, para obrigá-los a escrever a Herodes que aqueles jovens príncipes falavam dele de uma maneira muito ofensiva e se queixavam

abertamente da morte de Alexandre e de Aristobulo, e que o rei, seu pai, os mandava regressar à judéia. Antípatro temia tanto essa volta que antes mesmo de que ele partisse para sua viagem à Itália, tinha mandado escrever a Roma, a Herodes, outras cartas, que diziam a mesma coisa e fingia ao mesmo tempo defendê-los, dizendo-lhes que uma parte daquelas acusações eram falsas e que as outras eram faltas que bem se podiam perdoar à juventude deles. Para ocultar também a Herodes as grandes somas que ele dava àqueles impostores, comprou uma grande quantidade de objetos preciosos e de baixelas de prata cuja despesa chegava mesmo a duzentos talentos e tomou como pretexto usá-los como presentes, a fim de realizar o intento que ele tinha imaginado, contra Sileu.

125. Mas o mal que ele temia era pequeno em comparação com o que ele devia temer, e não nos poderíamos não admirar bastante, de que, embora sete meses antes do seu regresso a Judéia, a notícia se tivesse espalhado por todo o reino, do assassínio que ele queria cometer e das cartas que ele tinha escrito e feito escrever para causar a morte de Arquelau e de Filipe, seus irmãos, como já tinha causado a de Alexandre e de Aristóbulo; não houve um só, dos que foram nesse tempo, da Judéia a Roma, que não lhe desse disso um aviso, tanto ele era odiado por todos e há mesmo motivo de se crer, que quando alguns tivessem tido a intenção de lhe prestar aquele serviço, o sangue de Alexandre e de Aristóbulo, que clamava vingança contra ele, ter-lhes-ia fechado a boca. Por fim, ele escreveu que estava pronto para partir de regresso e que tinha grande motivo de se vangloriar, pela maneira tão obsequiosa com que Augusto o tratava. A esse respeito, como Herodes estava impaciente por se apoderar dele, ele temia não escapar se se suspeitasse dele; respondeu-lhe então com grandes demonstrações de afeto, rogava-lhe que se apressasse a voltar e fazia-o esperar que poderia, ante seus rogos, perdoar à sua mãe, e que Antípatro bem sabia que ele a havia expulsado.

126. Quando Antípatro chegou a Tarento, soube da morte de Feroras e ficou muito aflito; os que não o conheciam atribuíam-no a bom caráter, mas os que estavam inteirados da verdade, não duvidavam de que a causa da dor era ele considerar o tio como cúmplice de seus crimes e temer que tivessem encontrado o veneno. Ele recebeu na Cilícia a carta do rei, seu pai, de que acabamos

de falar e quando chegou a Calenderis, refletindo mais que nunca na infelicidade de sua mãe, começou a temer por si próprio. Os mais sensatos dos amigos do rei aconselharam-no a não ir imediatamente à presença do monarca sem saber antes o que o havia levado a expulsar a sua mãe do palácio, para ver se ele também não estava envolvido na sua desgraça. Mas os que não eram tão prudentes e que pensavam mais em satisfazer às próprias vantagens, induziam-no a se apressar, para que o atraso não desse motivo a Herodes de suspeitar, e aos seus inimigos tempo de lhe preparar alguma cilada, indispondo-o com o rei, por meio de intrigas. Diziam-lhe que se algo tivesse acontecido que lhe não fosse favorável, devê-lo-iam atribuir à sua ausência, pois ninguém teria sido tão ousado de falar contra ele, se ele tivesse estado presente; que seria loucura renunciar àqueles bens certos por causa de temores incertos, e que ele não se poderia apressar demasiado para ir receber do rei, seu pai, uma coroa que só poderia ser colocada sobre sua cabeça.

Antípatro deixou-se persuadir por estas razões, pois assim queria a sua infelicidade. Continuou a viagem e depois de ter passado Sebaste, desembarcou no porto de Cesaréia. Ficou muito admirado por ver que ninguém o fora receber, pois embora ele fosse igualmente e sempre odiado, antes não se ousava demonstrá-lo e mesmo então muitos fugiam dele pelo temor que tinham do rei, porque já se havia espalhado o boato, por toda parte, do que se passava a esse respeito e ele era o único que de nada sabia. Assim, podemos dizer que como jamais nenhuma viagem foi feita com mais brilho do que a sua, jamais regresso foi mais triste e mais miserável que aquele.

Esse mau espírito, não podendo mais ignorar o perigo em que se encontrava, resolveu usar de sua hipocrisia costumeira e, embora seu coração estivesse transido de medo, ele aparentava tranqüilidade em seu rosto. Como não sabia para onde fugir, não via um meio para sair desse abismo de males, que o rodeava de todos os lados, e não podia mesmo saber nada de certo do que se passava na corte, porque as proibições do rei impediam que alguém ousasse avisá-lo. Essa ignorância fazia que algumas vezes ele ousasse esperar que nada se tivesse descoberto ou que, se se soubesse de alguma coisa, ele dissiparia as suspeitas do rei, com sua habilidade, seus artifícios e sua ousadia, em sustentar o contrário, o que eram as suas únicas armas.

127. Nesse estado, ele entrou sozinho no palácio de Herodes, pois a porta foi fechada rudemente aos seus amigos. Lá encontrou Varo, governador da Síria. Chegando à presença do rei, adiantou-se com firmeza para saudá-lo. Mas Herodes repeliu-o exclamando: "Vai! Um parricida tem a ousadia de querer me abraçar? Que possas morrer, malvado, como teus crimes o merecem! Precisas justificar-se antes de me tocares. Eis aqui um juiz que te dou: Varo veio a propósito para pronunciar a sentença, e o dia de amanhã é o único tempo que te concedo para preparares tua defesa." Essas palavras infundiram tal terror no espírito de Antípatro que ele se retirou sem dizer uma palavra. Mas depois que sua mãe e sua irmã o informaram de todas as coisas contra ele, imaginou de que modo se poderia justificar.

No dia seguinte, o rei reuniu um grande conselho de todos seus parentes e amigos, ao qual ele e Varo presidiam, e mandou vir também os amigos de Antipatro. Mandou entrar todos os que tinham deposto contra ele, entre os quais estavam vários domésticos de Dóris, sua mãe, prisioneira há muito tempo, e apresentaram uma carta dela ao filho, que dizia assim: "O rei sabe de tudo; não venha procurá-lo se não tiver certeza da proteção do imperador." Mandaram depois entrar Antipatro. Ele lançou-se aos pés de Herodes e disse-lhe: "Eu vos rogo, senhor, evitar toda e qualquer prevenção contra mim, mas escuteis minhas justificativas com o espírito livre de toda preocupação e não tereis dificuldade em constatar que eu sou inocente." Herodes ordenou que ele se calasse e assim falou a Varo: "Não posso duvidar, senhor, de que vós e qualquer outro juiz, se for justo, não ache que Antipatro é merecedor da pena de morte. Mas eu tenho motivo de temer que tenhais a aversão por mim e me julgueis merecedor de tantas amarguras, porque tenho sido tão infeliz, dando ao mundo filhos de tal espécie. Vós deveis antes lastimar-me porque jamais pai algum foi mais indul-gente para com os filhos do que eu com os meus. Eu havia declarado os dois primeiros meus sucessores, quando eles ainda eram muito jovens e os havia mandado a Roma para se educarem e se fazerem estimados pelo imperador; mas depois de os ter posto em condição de serem invejados por filhos de reis, vi que eles haviam tentado contra minha vida. Antipatro aproveitou-se da sua ruína e eu pensava em deixar-lhe o trono. Mas esse animal feroz voltou-se cheio de raiva contra mim. Vivi muito tempo à sua

vontade e o prolongamento de meus dias se lhe tornou insuportável; o prazer de reinar não lhe seria completo se ele não subisse ao trono por meio de um parricídio. Não sei de outra razão, pois eu o havia tirado do campo, onde ele passava uma vida obscura, para preferi-lo aos filhos que eu tivera de uma grande rainha e fazê-lo herdeiro de minha coroa. Confesso não poder desculpar-me de ter descontentado e incitado contra mim esses jovens príncipes, enganando, para obsequiá-los, com esperanças tão justas como as suas. Que fiz eu para os outros, em comparação, com o que eu fiz por ele? Ainda durante minha vida, dividi com ele a minha autoridade: eu o declarei meu sucessor, por testamento; dei-lhe, além de outras gratificações, cinqüenta talentos de rendimento, trezentos talentos para sua viagem a Roma e foi ele o único de meus filhos que recomendei a Augusto como um filho, ao qual eu creio que minha vida não era menos cara do que a sua. Que fizeram então os outros, que se aproxime de seu crime? Que provas se podem trazer contra eles que não igualam as que me fizeram ver mais claramente que o dia, a conspiração formada contra mim, pelo mais ingrato e pior de todos os homens? Pode-se permitir que depois de tudo isso ele seja ainda tão imprudente que se atreva a abrir a boca e a esperar deturpar a verdade com sua astúcia? Mas como eu lhe permiti falar, ficai pois atento, por favor, para não vos deixardes enganar. Eu conheço a fundo sua malícia: não haverá recurso de que ele não use para ludibriar a verdade, nem lágrimas fingidas que ele não derrame para vos mover à compaixão. Era assim que ele me exortava, durante a vida de Alexandre, a desconfiar dele e a pensar em minha segurança. Era assim que ele vinha olhar em meu quarto e em meu leito, se não havia alguém escondido, para algum fim perverso. Era assim que ele velava junto de mim, quando eu dormia, que ele dizia que tinha cuidado pelo meu repouso, que me consolava em minha dor pela morte de seus irmãos e que ele me dava testemunhos úteis ou contrários de afeto daqueles que estavam com vida. Em suma, era assim que ele me fazia crer ser ele o único que tinha sempre os olhos abertos pela minha conservação. Quando estas coisas me vêm à mente e eu me lembro de todos os meios de que ele se servia e de todos os esforços que fazia para me enganar, com sua horrível hipocrisia, eu me admiro de como ainda estou vivo e como é possível que eu não tenha caído em tão estranhas ciladas. Agora, que sou tão infeliz, tendo

como maiores inimigos aqueles mesmos que me são mais próximos e aos quais mais ardentemente amei, chorarei na minha solidão a injustiça do meu destino. Se todos os meus filhos forem culpados, não perdoarei a um só dos que se saciaram no meu sangue." Terminou ele com estas palavras o seu discurso, porque a violência da dor não lhe permitia continuar. Ordenou a Nicolau, um de seus amigos, que fizesse uma relação das provas que resultavam das informações. Antípatro, então, que estava prostrado aos pés de seu pai, levantou a cabeça e disse-lhe: "Vós mesmo, senhor, fizeste a minha apologia. Como aquele, que dizeis ter sempre velado por vossa conservação, pode ser um parricida? Se a piedade que eu demonstrei era apenas dissimulação e fingimento, como, passando por tão hábil e prudente em tudo o mais, teria sido eu tão estúpido de não saber, que, embora eu pudesse ocultar aos olhos dos homens tão grande crime, há um juiz no céu, que está em toda parte, que tudo vê, tudo penetra e a cujo conhecimento nada se pode furtar? Ignoraria eu de que maneira ele exerceu sua vingança sobre meus irmãos, por que eles tinham conspirado contra vossa vida? E que motivo teria podido levar-me a querer cometer semelhante crime? Seria a esperança de reinar? Mas eu já reinava. Seria o temor de vossa ira? Vós me amáveis apaixonadamente. Seria algum outro motivo que eu teria para vos temer? Eu vos tornava, ao contrário, temível aos outros, pelo cuidado que tinha de vossa conservação. Seria a necessidade de dinheiro? Que despesas não me dáveis os meios de fazer? Quando eu tivesse mesmo sido o mais criminoso de todos os homens e mais cruel que um tigre, vossa extrema bondade para comigo não teria acalmado meu caráter e vencido minhas más inclinações, pela multidão de benefícios recebidos de vós, pois, como vós mesmo dissestes, vós me havíeis feito voltar do exílio, no qual eu me ia consumindo, vós me preferistes a todos os outros irmãos, vós me declarastes vosso sucessor e me cumulastes de tantas outras graças que os mais ambiciosos tinham motivo de invejar a minha sorte? Ai! Infeliz que eu fui! Como minha viagem a Roma me foi funesta, pela ocasião que deu, durante esse tempo, de meus inimigos indispor-vos contra mim, por meio de calúnias. Vós, entretanto, sabeis que eu lá fora, apenas para defender os vossos interesses contra Sileu, que desprezava vossa velhice. A capital do império e Augusto, senhor do mundo, que me chamavam tantas vezes de filho dedicado ao próprio

pai, podem dar testemunho de meu ardor em cumprir para convosco os meus deveres. Vede, por favor, as cartas que esse grande imperador escreveu e que merecem que a elas presteis toda fé, que não às falsas acusações de que todos se servem para me destruir. Essas cartas vos darão a conhecer até que ponto vai meu afeto por vós: e é com esse testemunho irreprochável que me pretendo defender. Lembrai-vos, eu vos suplico, com que repugnância embarquei para Roma, porque eu já sabia que tinha muitos inimigos ocultos, que ficavam junto de vós. Assim, sem pensar, causastes a minha ruína, obrigando-me a fazer essa viagem e dando por esse meio, aos invejosos de minha felicidade, o tempo e a ocasião de me caluniar e de me destruir. Se eu fosse um parricida, teria podido atravessar sem perigo tantas terras e tantos mares? Mas eu não quero me deter nestas provas de minha inocência, pois sei que Deus permitiu que vós já me tenhais condenado em vosso coração. Peço-vos somente que não presteis fé a declarações extorquidas pelas torturas, mas empregueis antes o ferro e o fogo para me fazer sofrer os maiores suplícios do mundo, os mais cruéis, pois que se eu sou um parricida, não é justo que eu morra sem os ter experimentado todos."

Antípatro acompanhou estas palavras com tantas lágrimas e gemidos que Varo e todos os outros ficaram tomados de compaixão. Herodes foi o único que não derramou uma lágrima, porque sua cólera contra o filho desnaturado tornava-o atento às provas, que o convenciam do seu crime. Ele ordenou a Nicolau que falasse: este começou por declarar tão claramente a malícia e os artifícios de Antípatro, que apagou do espírito de todos os que se haviam deixado levar pela piedade, a compaixão que tinham dele. Entrou depois fortemente no fundo da questão, acusou-o de ser o causador de todos os males do reino, de ter feito morrer, por suas calúnias, os dois irmãos Alexandre e Aristóbulo e de ter procurado perder todos os outros irmãos, que ainda viviam, tendo-os como um obstáculo à sua ascensão ao trono; disso não tinham motivo de se admirar, pois um homem que queria envenenar o próprio pai, não teria receio de eliminar seus irmãos. Citou, em seguida, por ordem, todas as provas do veneno; insistiu muito na horrível maldade de Antípatro, que chegara a levar Feroras ao crime detestável, de tentar contra a vida de seu irmão e de seu rei; havia ele mesmo subornado os principais amigos de seu pai e enchido o palácio

real de dissensões e de inimizades, de ódio e de perturbações. A isso acrescentou diversas coisas semelhantes.

128. Varo ordenou a Antípatro que respondesse e, vendo que ele ficara sempre deitado no chão, dizendo somente que Deus era testemunha de sua inocência, ordenou que lhe trouxessem o veneno. Fizeram um homem condenado à morte tomá-lo e ele morreu imediatamente. Varo disse depois alguma coisa em particular a Herodes, escreveu a Augusto tudo o que se havia passado naquela assembléia, e partiu no dia seguinte para regressar. Herodes mandou encerrar Antípatro na prisão e enviou notícias ao imperador da sua vida cheia de desgostos e da sua infelicidade.

129. Descobriu-se depois também a intenção de Antípatro de destruir Salomé, pois um dos servidores de Antifilo, que voltava de Roma, entregou ao rei uma carta de uma criada de quarto da imperatriz, de nome Acmé, dizendo que ela lhe enviava a cópia de uma carta escrita por Salomé à sua senhora, na qual dizia dele as coisas mais ultrajantes do mundo e o acusava de vários crimes. Mas Antípatro havia antes subornado esta mulher com o dinheiro e a havia obrigado a escrever aquela carta, que ele mesmo ditara, como se deduzia de uma outra carta de Acmé a ele, cujas palavras são estas: "Escrevi ao rei vosso pai como queríeis e mandei-lhe essa outra carta. Tenho certeza de que depois que ele a ler, não perdoará à sua irmã e quero crer que, quando esse assunto estiver terminado, vós vos lembrareis da promessa que me fizestes." Herodes, depois de ter lido estas cartas, lembrou-se de que pouco faltara mesmo para que ele tivesse mandado matar sua irmã Salomé, por aquela maldade de Antípatro e, concluindo assim, que bem podia ter ele causado a morte de Alexandre, com meios semelhantes, sentiu uma tão viva dor, que não hesitou mais em dar àquele malvado o castigo de tantos crimes. Mas uma grave enfermidade impediu-lhe executar o que tinha em mente. Escreveu somente a Augusto, com relação àquela carta de Acmé, modificou o seu testamento, nomeou Antipas, um de seus filhos, seu sucessor no reino e não falou de Arquelau, nem de Filipe, que eram mais velhos do que ele, porque Antípatro os havia tornado odiosos. Legou a Augusto, entre outras coisas, mil talentos de prata e quinhentos talentos à imperatriz, sua esposa, aos filhos, aos amigos e aos libertos; deu a outros, terras e somas consideráveis e deixou grandes

riquezas a Salomé, sua irmã.

CAPÍTULO 21

ARRANCAM UMA ÁGUIA DE OURO QUE HERODES TINHA FEITO CONSAGRAR, DE SOBRE APORTA DO TEMPLO. SEVERO CASTIGO QUE ELE IMPÕE,POR ESSA RAZÃO. HORRÍVEL ENFERMIDADE DESSE SOBERANO E ORDENS CRUÉIS QUE ELE DÁ A SALOMÉ, SUA IRMÃ, E A SEU MARIDO. AUGUSTO COMUNICA-LHE QUE ELE PODE DISPOR DE ANTÍPATRO SEGUNDO SUA VONTADE. AS DORES RECRUDESCEM E ELE QUER MATAR-SE.ANTE A NOTÍCIA DE SUA MORTE, ANTÍPATRO QUER SUBORNAR SEU GUARDA E ELE MANDA MATÁ-LO. MODIFICA SEU TESTAMENTO E DECLARA ARQUELAU SEU SUCESSOR. MORRE CINCO DIAS DEPOIS DE ANTÍPATRO. SOBERBOS FUNERAIS QUE ARQUELAU LHE MANDA FAZER*

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Sétimo, capítulos 8, 9 e 10, Antigüidades Judaicas, Parte I.

130. Entretanto, a doença de Herodes, que então tinha setenta anos, aumentava sempre. A velhice enfraquecia suas forças e suas aflições domésticas davam-lhe tão profunda melancolia que mesmo que sua saúde não tivesse sido alterada, ele seria incapaz de sentir alegria. Mas nada o atormentava tanto quanto saber que Antípatro ainda vivia. Ele não determinou se o faria morrer; esperava somente ficar bom da doença para ordenar a sua morte.

131. Uma grande perturbação em Jerusalém causou-lhe novos desgostos. Judas, filho de Sarifeu e Matias, filho de Margalote, eram muitíssimo amados pelo povo, porque eram tidos como os mais sábios de todos, na explanação das nossas santas leis. Eles instruíam a juventude e havia sempre um grande número que assistia às suas lições. Quando esses dois homens souberam que a tristeza do rei unida à sua doença o enfraquecia cada vez mais, disseram àqueles em quem mais confiavam que era chegado o tempo de vingar a injúria que Deus recebera por meio de obras profanas feitas contra sua ordem expressa, que proíbe ter no Templo figuras de qualquer animal. Assim falavam

porque Herodes havia feito colocar uma águia de ouro sobre a porta principal do Templo. Eles exortaram então os moços a arrancar aquela águia, dizendo-lhes que, quando mesmo houvesse nisso algum perigo, nada lhes poderia ser mais glorioso do que expor-se à morte, para defender suas leis e para conquistar vida e fama imortais e que, somente os fracos, que como eles não eram instruídos na verdadeiras sabedoria, preferiam morrer de doença num leito do que terminar seus dias na execução de empresas heróicas.

Depois de terem assim falado, espalhou-se a notícia de que o rei estava no fim da vida. Esse boato animou-os ainda mais, e assim eles se atreveram, à vista de grande multidão reunida no Templo, amarrar grossos cabos àquela águia e arrancá-la, fazendo-a depois em pedaços, a golpes de machado. Aquele que comandava as tropas do rei, apenas soube do fato, correu para lá com grande número de soldados, prendeu quarenta daqueles moços e os levou ao rei. Este perguntou-lhes se era verdade que eles haviam tido a ousadia de cometer semelhante ação. "Sim", responderam-lhe. "E quem vos ordenou que o fizésseis?", perguntou-lhes o rei. "Nossa santa lei", responderam-lhe. "Como", retrucou o soberano, "não podendo evitar a morte pelo vosso crime, ainda mostrais alegria em vosso semblante?" "Porque", responderam os jovens, "essa morte nos cumulará de felicidade na outra vida". Tais respostas irritaram de tal modo a Herodes que sua cólera, mais forte que a doença, deu-lhe forças para ir, no estado em que se encontrava, falar ao povo. Tratou como sacrílegos os que tinham arrancado a águia e disse que o que eles alegavam como observância de suas leis era apenas um pretexto para algum empreendimento mais grave que haviam imaginado e que eles deviam ser castigados como sua impiedade merecia. O povo, no temor de que o castigo se estendesse a vários outros, rogou-lhe que se contentasse de mandar castigar os autores do crime e os que o haviam executado, sem levar além a sua vingança. A isso ele se resolveu, com dificuldade; mandou queimar vivos judas e Matias e os que haviam arrancado a águia e mandou cortar a cabeça dos outros.

132. Logo depois, sua doença estendeu-se a todas as partes do corpo e não havia quase membro em que não sentisse dores horríveis e cruciantes. A febre era muito alta; ele emagrecia a olhos vistos e era atormentado por violentas cólicas. Os pés também estavam inchados e lívidos; o ventre, também;

todos os nervos estavam frouxos, as partes do corpo que se ocultam por pudor, estavam tão corrompidas que eram pasto de vermes e ele respirava com extrema dificuldade. Os que o viam nesse estado refletiam sobre o justo juízo de Deus, julgavam que era um castigo da sua crueldade para com Judas e Matias. Mas embora ele fosse atormentado por tantos males juntamente, não deixava de amar a vida e esperava sarar. Não havia remédios que ele não tomasse; fez-se transportar além do Jordão, para usar águas quentes de Calliroé, que se lançam no lago de Asfaltite e não somente são medicinais, mas boas para se beber. Os médicos julgaram conveniente pô-lo num banho de óleo bem quente; mas isso enfraqueceu-o de tal modo que ele perdeu os sentidos; todos então julgaram-no morto. Os gritos dos que estavam presentes fizeram-no voltar a si; então, perdendo a esperança de cura, mandou distribuir aos soldados cinqüenta draemas a cada um, deu grandes somas aos oficiais e aos amigos e voltou a Jerico.

133. Estando prestes a morrer, aquela bílis negra que lhe devorava as entranhas, acendeu-se de tal modo que o fez tomar uma resolução abominável. Mandou vir de todas as regiões da Judéia as pessoas mais ilustres, fê-las encerrar no hipódromo e disse a Salomé, sua irmã, e a Alexas, marido dela: "Eu sei que os judeus sentirão imensa alegria com a minha morte; mas se quiserdes executar o que desejo de vós, eu os obrigarei a derramar lágrimas e meus funerais serão muito famosos. O que tendes a fazer é o seguinte: logo que eu tiver expirado, ordenareis aos soldados que cerquem o hipódromo e matem todos os que lá se encontram, a fim de que não haja uma só casa nem família na Judéia, que não tenha motivo de chorar."

134. Acabava ele de dar essa ordem cruel, quando lhe trouxeram cartas dos que ele havia mandado a Roma, pelas quais diziam-lhe que Augusto tinha mandado matar Acmé e julgava Antípatro digno de morte. Entretanto, se ele o quisesse somente mandar para o exílio, ele lho permitia. Estas notícias alegraram-lhe o espírito, mas as dores e uma forte tosse o assaltaram com tanta violência que, não podendo mais suportá-las, resolveu matar-se. Como estava acostumado a comer maçãs e a descascá-las, ele mesmo pediu umas frutas e uma faca. Depois, esperou que ninguém o espreitasse, para não lhe impedir o ato de desespero, ergueu o braço para cravar a faca. Mas Aquiabe,

seu sobrinho, percebeu-o e correu para segurar-lhe o braço. Todo o palácio encheu-se imediatamente de gritos e clamores, julgando que o rei tinha morrido; essa notícia chegou até Antípatro, que concebeu então novas esperanças; rogou aos guardas que o pusessem em liberdade, prometendo-lhes grandes recompensas, mas o comandante não somente não quis satisfazê-lo, mas foi imediatamente relatar tudo ao rei. Este ficou tão irritado que soltou um horrível grito, não obstante sua extrema debilidade, e mandou no mesmo instante matar Antípatro na prisão, ordenando que o enterrassem no castelo de Hircaniom. Modificou em seguida o testamento, declarando Arquelau seu sucessor no trono e estabeleceu Antipas, tetrarca.

135. Esse infeliz pai viveu ainda mais cinco dias depois da morte de Antípatro, tendo reinado trinta e quatro anos, desde a morte de Antígono e trinta e sete, depois de ter sido constituído rei pelos romanos. Jamais príncipe teve tantas amarguras e desgostos em família, nem mais felicidade, em tudo o mais; sendo apenas um cidadão qualquer, ele não somente se viu elevado ao trono mas reinou por muito tempo e deixou a coroa aos seus filhos.

136. Antes que os soldados soubessem da notícia de sua morte, Salomé e seu marido puseram em liberdade, e mandaram regressar para suas casas, todos os que estavam presos no hipódromo, dizendo que o rei havia mudado de opinião. Ptolomeu, guarda do selo de Herodes, mandou depois reunir todos os soldados no anfiteatro, onde o povo se encontrava também, disse-lhes que o soberano era bem feliz, consolou-os e leu-lhes uma carta que ele tinha escrito aos soldados, pela qual os exortava a conservar pelo seu sucessor o mesmo afeto que lhe haviam demonstrado. Leu depois seu testamento, o qual dizia que ele declarava Arquelau seu sucessor no reino, Antipas, tetrarca, e que deixava a Filipe, a Traconítida; ordenava que levassem seu anel a Augusto e deixava inteiramente a ele que tudo determinasse com sua plena autoridade; quanto ao restante, queria que seu testamento precedente fosse executado. Quando a leitura terminou, todos se puseram a exclamar: "Viva o rei Arquelau!" Os soldados e o povo prometeram servi-lo fielmente e desejaram-lhe um reinado feliz.

137. Pensaram depois nos funerais do falecido e Arquelau tudo fez para torná-lo magnífico. O corpo, adornado com as insígnias reais, tinha uma coroa

de ouro sobre a cabeça e um cetro na mão direita; era levado numa liteira adornada de pedras preciosas. Os filhos do morto e os parentes seguiam a liteira, e os soldados, armados como para um combate, marchavam junto dele, agrupados por nações.* As companhias de seus guardas trácios, alemães e gauleses iam na frente e o restante das tropas, comandadas por seus oficiais, seguiam-no em ordem. Quinhentos oficiais domésticos ou libertos levavam perfumes e fechavam aquele cortejo fúnebre, tão magnífico. Foram naquela ordem de Jerico até o castelo de Herodiom, onde ele foi sepultado conforme ele mesmo havia determinado.

---

* Não falei da distância do caminho percorrido, porque o texto grego e todas as traduções dizem que era de 200 estádios, ao passo que no Livro Décimo Quinto, capítulo 6, nº 643, o texto grego e as traduções dizem apenas 8 estádios.

Livro segundo

CAPÍTULO 1

ARQUELAU, DEPOIS DOS FUNERAIS DO REI HERODES, SEU PAI, VAI AO TEMPLO, ONDE É RECEBIDO COM GRANDES ACLAMAÇÕES E CONCEDE AO POVO TUDO QUANTO LHE PEDE.

138. Depois que Arquelau foi assim reconhecido como sucessor de Herodes,* o Grande, a necessidade de ir a Roma, a fim de ser confirmado por Augusto na posse do reino, deu motivo a novas perturbações.

---

* Este registro se encontra no Livro Décimo Sétimo, capítulo 10, Antigüidades Judaicas, Parte I.

Depois de ter passado sete dias do luto de seu pai e dado um suntuoso banquete ao povo, nas cerimônias com que se honram a memória dos mortos e que se observam tão religiosamente entre nós — tanto que muitos preferem uma desgraça a passar por ímpios, se a elas faltarem — esse soberano, vestido de branco, foi ao Templo onde o receberam com grande aclamações. Ele sentou-se no trono de ouro, num lugar elevado, e manifestou ao povo sua satisfação por ter este cumprido todos os deveres com tanto zelo, nos funerais de seu pai e das honras que lhe prestavam, a ele mesmo como seu rei. Disse que não queria, entretanto, desempenhar as funções inerentes ao cargo, nem mesmo tomar-lhe o nome, enquanto Augusto, que o falecido pai, por testamento, havia feito senhor de tudo, o não tivesse confirmado a sua escolha para sucessor. Que essa razão o havia feito recusar em Jerico a coroa, que o exército lhe havia oferecido, mas que depois que tivesse recebido o diadema das mãos do imperador, ele lhes agradeceria, a eles e aos soldados, o afeto que lhe demonstravam e se esforçaria de todos os modos, e em todas as ocasiões, para os tratar favoravelmente como seu pai havia feito. Estas palavras foram tão agradáveis ao povo que sem delon-

gas lhe pediu coisas muito importantes: uns, isenção de tributos, outros, abolição de novos impostos, outros, a libertação de prisioneiros. Nada ele recusou; depois de ter oferecido sacrifícios, deu um grande banquete aos amigos.

CAPÍTULO 2

ALGUNS JUDEUS PEDIAM-LHE VINGANÇA PELA MORTE DE JUDAS E DE MATIAS E DE OUTROS QUE HERODES FIZERA MORRER POR CAUSA DAQUELA ÁGUIA ARRANCADA DA PORTA DO TEMPLO; SUSCITAM UMA REVOLTA QUE OBRIGA ARQUELAU A MANDAR MATAR UNS TRÊS MIL DELES. DEPOIS ELE PARTE PARA SUA VIAGEM A ROMA. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Sétimo, capítulo 11, Antigüidades Judaicas, Parte I.

139. Um pouco depois do meio-dia, uma multidão, que só desejava perturbação e agitação, reuniu-se e, depois do luto geral pela morte do rei Herodes, iniciaram outro, que lhes era particular, deplorando a das pessoas que Herodes tinha mandado matar, por causa daquela águia arrancada da porta do Templo. Não dissimularam seu sofrimento e dor, mais encheram toda a cidade com suas queixas e lamentações. Diziam em voz alta que somente o amor pela glória do Templo e observância de sua lei santa tinham custado a vida aos que ele tinha tratado de maneira tão cruel que a justiça pedia vingança de seu sangue; era necessário castigar os que Herodes havia recompensado por terem contribuído a derramá-lo; começando por depor aquele que fora constituído sumo sacerdote e dando o cargo a outro homem de bem, mais digno de ocupá-lo.

Embora Arquelau se sentisse muito ofendido com estas palavras que excitavam à rebelião e desejasse mesmo dar-lhes um merecido castigo, não quis tornar o povo seu inimigo, pois estava de partida para Roma, e julgou dever acalmá-lo pela afabilidade, em vez de empregar a força. Assim, mandou o principal oficial de suas tropas, para obrigá-los a se retirar e não insistirem mais. Quando, porém, ele se aproximou do Templo, atacaram-no a pedradas,

sem nem mesmo escutá-lo. Trataram do mesmo modo vários outros que o príncipe enviara; via-se claramente que, no furor em que se achavam, teriam ido além, se fossem em maior número.

A festa dos ázimos ou pães sem fermento, que os judeus chamam de Páscoa, havia chegado. Um número enorme de gente veio de todas as partes para oferecer sacrifícios; aqueles que então deploravam a morte de Judas e de Matias não se afastaram do Templo, a fim de aumentar o seu partido. Arquelau, para impedir que o mal crescesse e envolvesse toda aquela multidão, numa revolta bastante perigosa, mandou um oficial com soldados para prender os mais exaltados e trazê-los à sua presença. Mas aqueles amotinadores, a pedradas, mataram vários soldados, feriram o oficial que os comandava, o qual com dificuldade conseguiu salvar-se; como se o ato que acabavam de fazer fosse muito inocente, continuaram como antes a oferecer os sacrifícios. Arquelau, vendo então que aquela revolta só se podia reprimir pela força, mandou vir o exército. A cavalaria ficou de fora, a infantaria entrou na cidade; como aqueles rebeldes estavam ocupados nas cerimônias sacras, uns três mil deles foram mortos; o restante fugiu para as montanhas vizinhas e Arquelau mandou avisar, a som de trombeta, que cada um voltasse para sua casa. Dessa forma, os sacrifícios foram abandonados e não se continuou a celebrar aquela grande festa.

140. O soberano, acompanhado por sua mãe, Poplas, Ptolomeue Nicolau, três dos seus principais amigos, tomou então o caminho de Roma e deixou Felipe, governador do reino, incumbido de dirigi-lo na sua ausência, cuidando de todos os negócios. Salomé, com seus filhos, irmãos do rei, e os genros acompanharam-no na viagem com o pretexto de ajudá-lo a ser confirmado na sucessão do trono, mas, na realidade, para acusá-lo diante de Augusto do morticínio cometido no Templo contra o respeito devido às nossas leis.

CAPÍTULO 3

SABINO, INTENDENTE DE AUGUSTO NA SÍRIA, VAI A JERUSALÉM PARA SE APODERAR DOS TESOUROS DEIXADOS POR HERODES E DAS FORTALEZAS.

141. Arquelau encontrou em Cesaréia, Sabino, intendente de Augusto na

Síria, que ia para a Judéia, a fim de guardar os tesouros deixados por Herodes.

Varo, a quem Arquelau tinha mandado Ptolomeu, para esse fim, impediu-lhe a passagem, e assim ele não pôde se apoderar dos tesouros nem das fortalezas; mas ficou em Cesaréia e prometeu nada fazer até que se tivesse sabido da vontade do imperador. Entretanto, apenas Varo partiu para voltar a Antioquia e Arquelau embarcou para sua viagem a Roma, ele foi rapidamente a Jerusalém, alojou-se no mesmo palácio real, ordenou aos tesoureiros que lhe prestassem contas e procurou apoderar-se das fortalezas. Mas os que as comandavam e que tinham ordens contrárias, de Arquelau, responderam que as conservariam para o imperador.

CAPÍTULO 4

ANTIPAS, FILHO DE HERODES, VAI TAMBÉM A ROMA, PARA CONTESTAR O REINO A ARQUELAU. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo sétimo, capítulo 11, Antigüidades Judaicas, Parte I.

142. Antipas, um dos filhos de Herodes, o Grande, foi também a Roma, com o fim de obter o reino, em lugar de Arquelau, tendo sido nomeado pelo rei, para seu sucessor, no seu primeiro testamento, que pretendia ter mais valor que o último. Salomé e vários outros de seus parentes, que com ele faziam aquela viagem com Arquelau, prometeram abraçar seus interesses; ele levava consigo também sua mãe e Ptolomeu, irmão de Nicolau, em quem ele tinha grande confiança, porque sempre havia demonstrado fidelidade a Herodes, que o considerava um dos principais amigos. Mas nenhum outro o tinha fortalecido tanto nesse desígnio como Ireneu, que era um grande orador, e todas essas considerações juntas o haviam impedido de escutar àqueles que o aconselhavam a ceder a Arquelau, como filho mais velho, tendo sido constituído rei pela última determinação do pai.

Quando então chegaram a Roma, os parentes deste príncipe, que odiavam Arquelau e consideravam como uma espécie de liberdade estarem sob a

dominação romana, uniram-se a Antipas, na esperança de que, se seu intento de se libertar da dominação dos reis, não pudesse se realizar, eles teriam pelo menos a consolação de serem governados por ele e não por Arquelau. Sabino tinha mesmo escrito a Augusto de uma maneira muito vantajosa para ele e desvantajosa para Arquelau.

Salomé e os que com ela favoreciam a Antipas apresentaram a Augusto um memorial contra Arquelau, que, por seu lado, apresentou-lhe outro para sua justificativa e também por meio de Ptolomeu o inventário dos tesouros deixados pelo rei, seu pai, no envelope em que tinha sido encerrado e selado. Depois que Augusto considerou o que lhe foi alegado de ambas as partes — a extensão do território que Herodes possuía, a quanto orçavam os rendimentos, o grande número de filhos que ele havia deixado e viu as cartas que Varo e Sabino lhe haviam escrito — reuniu um grande conselho dos principais do império, em que Caio César — filho de Agripa e de Júlia, sua filha, que ele havia adotado — teve o primeiro lugar** e, em seguida, deu audiência aos dois pretendentes.

** Antigüidades Judaicas, Parte I, nº 748, diz que Caio presidiu a esse conselho, porém há mais probabilidade de que ele tenha ocupado o primeiro lugar, depois de Augusto.

Antípatro, filho de Salomé, que era o maior inimigo de Arquelau, falou primeiro e disse que apenas pela forma ele disputava o reino pois sem esperar qual seria a vontade do imperador, se tinha apoderado dele; que ele se esforçaria em vão para torná-lo favorável, depois de lhe ter faltado ao respeito daquele modo; que ele tinha logo depois da morte de Herodes conquistado muitas pessoas para que lhe oferecessem a coroa; que se havia sentado no trono, agido como rei, modificado as organizações militares, disposto de cargos, concedido favores ao povo, quando este lhe pedira, e dado o perdão àqueles que o falecido rei tinham mandado prender, por graves crimes; que depois de ter assim usurpado a coroa, fingia só querer recebê-la das mãos do imperador, como se ele pudesse dispor somente de nomes e não de coisas; e por fim, que o

que lhe havia atraído o ódio do povo e causado a rebelião, fora que, fingindo, durante o dia, chorar a morte de seu pai, ele passava as noites em banquetes e bebedeiras. Depois destas acusações, Antipas insistiu principalmente naquela horrível carnificina feita junto ao Templo; disse que aquela multidão lá se encontrava para comemorar a festa da Páscoa e o cruel príncipe os havia massacrado, e o Templo mesmo se havia enchido de cadáveres; que o furor das nações mais inimigas e bárbaras não teria cometido coisa semelhante, na guerra mais cruel do mundo; que Herodes, que conhecia seu caráter, jamais tivera o pensamento de lhe dar nem mesmo a menor esperança de sucedê-lo no trono, a não ser quando sua extrema enfermidade, tendo-lhe enfraquecido demasiado o espírito, o corpo não sabia mais o que fazia; ao passo que ele estava então em pleno gozo de saúde e de espírito, quando no seu primeiro testamento tinha declarado Antipas, seu sucessor. Mas, mesmo quando sua última vontade devesse ser executada, embora o estado em que se achava a tornasse defeituosa, Arquelau era indigno de possuir o reino, do qual tinha violado todas as leis; que se poderia esperar dele, depois que o imperador lhe tivesse colocado a coroa na cabeça, se mesmo antes de tê-la recebido, tinha mandado massacrar um grande número de homens? Antípatro acrescentou várias coisas semelhantes e tomou como testemunhas de todas essas acusações a maior parte dos parentes de Arquelau ali presentes. Nicolau tomou em seguida a defesa de Arquelau. Fez ver que o morticínio feito no Templo acontecera por uma necessidade inevitável; que os que tinham sido mortos não eram somente inimigos de Arquelau, mas do imperador; que Arquelau nada tinha feito, em tudo o mais, do que lhe imputavam como crime, a não ser por conselho daqueles mesmos que o acusavam; que, com relação ao segundo testamento, não se podia duvidar de que tinha muito grande valor, pois Herodes colocara ao arbítrio do imperador confirmar ou não o escolhido e que não era possível que, tendo demonstrado tanta sabedoria, deixando-lhe absoluta vontade sobre todas as coisas, ele tivesse o espírito perturbado, quando fez a escolha de seu sucessor.

Depois que Nicolau terminou de falar, Arquelau lançou-se de joelhos diante de Augusto. Ele ergueu-o com muita amabilidade e disse-lhe que o julgava digno de suceder ao seu pai; mas no momento nada decidiria, e

dissolveu a assembléia para resolver com mais calma, se daria o reino inteiro a um dos filhos de Herodes, como o testamento dizia, ou se o dividiria entre eles, porque eram em grande número e todos precisavam de bens para viverem com honra.

CAPÍTULO 5

GRANDE REVOLUÇÃO EM JERUSALÉM, PELO MAU PROCEDIMENTO DE SABINO, DURANTE O TEMPO EM QUE ARQUELAU ESTAVA EM ROMA. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Sétimo, capítulo 12, Antigüidades judaicas, Parte I.

143. Antes que Augusto tivesse terminado esta questão, Maltacé, mãe de Arquelau, caiu enferma e morreu. Ele soube por meio de cartas vindas da Síria, que depois da partida de Arquelau, haviam sucedido grandes perturbações na Judéia. Varo, que as tinha previsto, havia partido rapidamente para manter a ordem, mas vendo que os ânimos estavam muito exaltados, quis esperar para depois acalmá-los completamente e havia voltado para Antioquia, tendo deixado em Jerusalém uma das três legiões que trouxera da Síria.

144. Sabino, fortalecido com essas tropas, além de que já tinha soldados, por ele mesmo armados, deu motivo, por suas violências e por sua ambição, a novas rebeliões, quer querendo obrigar os que comandavam as fortalezas a entregá-las, quer pelo rigor que empregava em descobrir onde estava o dinheiro deixado por Herodes. Os judeus ficaram com isso tão irritados, que durante a festa de Pentecostes, à qual se deu esse nome, porque se realiza durante sete vezes sete dias, não foi tanto sua devoção como seu ódio por Sabino que os fez vir a Jerusalém. Lá se reuniu uma multidão enorme, não somente de todos os lugares da Judéia, mas da Galileia, da Iduméia, de Jerico e de além do Jordão. Dividiram-se em três grupos para cercar os romanos de todos os lados: um do lado do norte, outro do lado do sul, na direção do hipódromo e o terceiro do lado do ocidente, onde estava o palácio real.

Sabino, espantado por vê-los em tão grande número e tão resolvidos a

atacá-lo, enviou a Varo uns emissários para pedir-lhe que o socorresse com urgência, se ele não queria, demorando-se muito, ver perecer a legião que lá tinha deixado. E fazia sinal com a mão aos romanos do alto da torre que Herodes tinha feito construir chamada Fazaela, em honra de Fazael, seu irmão, morto pelos partos — que fizessem uma incursão contra os judeus. Os romanos fizeram o que ele desejava; atacaram o Templo e o combate foi renhido. Enquanto os romanos não foram perturbados pelos dardos lançados do alto, sua experiência na guerra lhes deu vantagem contra os inimigos, embora estes fossem em tão grande número. Mas quando os judeus subiram aos pórticos do Templo de onde lhes lançavam dardos, vários romanos foram mortos, sem que eles, debaixo, pudessem atingi-los e sem poder combater corpo-a-corpo. Por fim, os romanos, não podendo mais suportar que os inimigos levassem vantagem, incendiaram os pórticos que, pelo tamanho e por seus admiráveis adornos, eram o orgulho dos judeus. Estes, surpreendidos com tamanha mudança, sentindo já o calor do fogo, não puderam fugir e muitos morreram queimados. Vários foram mortos pelas chamas, outros caíam do alto e eram mortos pelos romanos, outros precipitavam-se para escapar do fogo e outros ainda suicidavam-se para não serem presos pelos romanos, preferindo morrer pelo ferro do que pelo fogo. Os que tinham meio de escapar, desciam aterrorizados, incapazes de resistir, eram imediatamente mortos, sem piedade. Assim morreram ou fugiram todos e ninguém mais podia defender os tesouros de Deus e os romanos saquearam tudo, levando quarenta talentos e Sabino levou o restante.

A morte de tanta gente e esse saque do tesouro sagrado reuniu contra os romanos um número de valentes judeus muito maior que o primeiro. Eles os cercaram no palácio real com ameaças de não perdoar a um só, se eles não abandonassem imediatamente a praça. Prometeram que, se se retirassem, não lhes causariam mal algum, nem a Sabino nem aos que com ele saíssem, dentre os quais, além da legião romana, estava a maior parte dos homens da corte e três mil dos mais valentes do exército de Herodes, cuja cavalaria estava sob o comando de Rufo e a infantaria, de Grato, tão ilustres por seu valor e por seu proceder, que mesmo quando ninguém mais houvesse para comandar, somente sua presença poderia fortalecer de muito o partido dos romanos. Os judeus

prosseguiram então a sua empresa com extremo ardor, procurando derrubar as muralhas, gritando ao mesmo tempo a Sabino que se retirasse, sem se opor mais à resolução que eles haviam tomado de reconquistar a liberdade. Ele estava muito disposto a isso, mas como não ousava confiar na palavra deles, e atribuía a proposta que lhe faziam à intenção de enganá-lo, além de que estava esperando auxílio de Varo, resolveu pois continuar a manter o cerco.

CAPÍTULO 6

OUTRAS GRANDES AGITAÇÕES NA JUDÉIA DURANTE A AUSÊNCIA DE ARQUELAU. *

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Sétimo, capítulo 12, Antigüidades Judaicas, Parte I.

145. Estando as coisas dessa forma em Jerusalém, houve também diversas sublevações em outros lugares da Judéia, quer pela esperança de um lucro, quer pelo desejo de reinar, que essa grande confusão fazia alguns conceber.

Dois mil homens, dos melhores que Herodes tivera, reuniram-se na Iduméia e foram atacar as tropas do rei, comandadas por Aquiabe, sobrinho de Herodes. Mas como eram todos velhos soldados, muito bem armados, ele não ousou esperá-los no campo e se retirou ao abrigo das fortalezas.

Por outro lado, judas, filho de Ezequias, chefe dos ladrões que Herodes outro-ra tinha desbaratado, reuniu perto de Séforis, na Galiléia, um grande número de soldados e se apoderou dos arsenais do rei, onde os armou e fazia guerra aos que pretendiam constituir-se em autoridade.

Um certo Simão que conhecera o rei Herodes e cuja força, presença e tamanho eram extraordinários, distinguindo-o dentre os demais, reuniu também um grande número de homens escolhidos e teve a ousadia de pôr a coroa sobre a cabeça. Incendiou o palácio de jerico e vários outros soberbos edifícios, para se enriquecer com o produto do saque; teria continuado a fazer por toda a parte, do mesmo modo, se Grato, que comandava a infantaria do rei, não tivesse vindo ao seu encontro, com as melhores tropas que pôde tirar de

Sebaste. Simão perdeu grande número de homens nesse combate e quando fugia para se salvar, por um vale muito áspero, Grato alcançou-o por outro caminho e o derrubou por terra com um golpe que lhe desferiu na cabeça.

Um grupo de soldados semelhantes aos que haviam seguido a Simão reuniram-se a Betara e queimaram os edifícios reais, que estavam perto do rio.

Um certo Atronge, cuja origem era muito baixa, pois antes havia sido simples pastor e seu único mérito era ser muito forte e corpulento, desprezando a morte, chegou também ao cúmulo de querer fazer-se rei. Tinha quatro irmãos parecidos com ele, que eram seus lugar-tenentes. Cada um deles comandava um grupo de soldados e assim faziam incursões de todos os lados, enquanto ele, na qualidade de rei, com a coroa na cabeça, dava ordens com soberana autoridade. Assim fez durante certo tempo, devastando todo o país, matando, não somente os romanos e todos os que eram das tropas do rei, que ele encontrava, mas também os mesmos judeus, quando tinham algo a ganhar.

Um dia encontrou perto de Emaús tropas romanas que levavam trigo e armas para sua legião. Não teve receio de atacá-los, matou ali mesmo Ario, que os comandava, com quarenta dos mais valentes, e o restante já se julgava perdido, quando Grato sobreveio com tropas do rei e os salvou de um grande perigo. Esses cinco irmãos assim procederam durante algum tempo, fazendo guerra cruel, tanto aos da própria nação como aos estrangeiros; por fim, três dentre eles foram presos: o mais velho, por Arquelau; os outros dois, por Grato e por Ptolomeu; e o quarto entregou-se mediante um ajuste, a Arquelau. Tais foram no correr dos tempos os resultados de empresas tão ousadas desses cinco homens. No momento, uma guerra de ladrões enchia toda a Judéia de agitações, roubos e assaltos.

CAPÍTULO 7

VARO, GOVERNADOR DA SÍRIA, PELOS ROMANOS, REPRIME AS PERTURBAÇÕES NA JUDÉIA. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Sétimo, capítulo 12, Antigüidades Judaicas, Parte I.

146. Apenas Varo soube do perigo que corria a legião sitiada em Jerusalém, por isso tomou as outras duas que lhe restavam, na Síria, com quatro companhias de cavalaria e foi a Ptolemaida, onde conferenciou com as tropas auxiliares do rei e dos príncipes, para se unir a elas. Os habitantes de Berita aumentaram suas tropas com mil e quinhentos homens, quando ele passou pela sua cidade, e Aretas, rei dos árabes, que tinha odiado tanto a Herodes, mandou-lhe um corpo mui considerável de tropas de cavalaria e de infantaria. Depois que Varo reuniu todos os soldados perto de Ptolemaida, mandou uma parte deles para a Galitéia, que está próxima, comandados por Caio, um de seus amigos que derrotou os inimigos, tomou a cidade de Séforis, incendiou-a e fez todos os habitantes escravos.

Varo marchou em pessoa com o restante do exército para Samaria, sem nada empreender contra aquela cidade, porque ela não tivera parte na revolta e acampou numa aldeia chamada Aro, que pertencia a Ptolomeu. Os árabes puseram-lhe fogo, porque seu ódio por Herodes era tão grande que se estendia até aos seus amigos. O exército avançou em seguida para Séforis; embora a praça fosse forte, os árabes tomaram-na, saquearam-na e a incendiaram. Não perdoaram a ninguém, atacaram a todos em seu caminho e passaram tudo a ferro e fogo. Quanto a Emaús, que os habitantes tinham abandonado, foi por ordem de Varo, incendiada, como vingança pela morte dos romanos que lá foram sacrificados.

Logo que os judeus, que sitiaram a legião romana em Jerusalém, souberam que Varo se aproximava com seu exército, levantaram o cerco. Uma parte saiu da cidade para fugir; os que lá ficaram receberam-no e lançaram sobre os outros a causa da sedição, dizendo que, pouca parte nela haviam tido, que a festa os tinha obrigado a receber aquele grande número de estrangeiros, e que não se uniram a estes homens para sitiar os romanos; pelo contrário, eles também foram assediados. José, sobrinho de Arquelau, Grato e Rufo haviam comparecido à presença de Varo, com as tropas do rei, os de Sebaste e a legião romana; mas Sabino, não ousando apresentar-se diante dele, havia se retirado primeiro, dirigindo-se para os lados do mar. Esse general mandou em seguida uma parte de seu exército, dividido em diversos corpos, fazer uma exata

indagação dos autores da revolta; levaram-lhe então um grande número deles. Mandou crucificar alguns, mais ou menos uns dois mil daqueles que eram tidos como culpados, e prender os que tinham culpa leve.

Ante a notícia de que dez mil judeus ainda estavam armados na Judéia, despediu os árabes, porque ao desprezo de suas ordens e contra as que deviam observar as tropas auxiliares, não observavam nenhuma disciplina, mas devastavam e arruinavam tudo para satisfazer o seu ódio contra a memória de Herodes. Marchou em seguida com suas forças, apenas, conta aquele corpo de dez mil homens que ainda subsistia; mas estes dirigiram-se a ele a conselho de Aquiabe, antes de travar combate. Ele perdoou-os, com exceção dos chefes, que mandou a Augusto, para deles fazer o que quisesse. Esse grande príncipe mandou castigar os parentes de Herodes, porque tinham tomado as armas contra seu rei e concedeu graça aos outros. Depois que Varo acalmou essas perturbações e restabeleceu a calma na judéia, deixou como guarnição na fortaleza de Jerusalém a legião que lá estava antes e voltou a Antioquia.

CAPÍTULO 8

OS JUDEUS ENVIAM EMBAIXADORES A AUGUSTO PARA ROGAR-LHE QUE OS DISPENSASSE DE OBEDECER A REIS E OS REUNISSE À SÍRIA. FALAM-LHE CONTRA ARQUELAU E CONTRA A MEMÓRIA DE HERODES. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Sétimo, capítulo 12, Antigüidades Judaicas, Parte I.

147. Enquanto estas coisas se passavam na Judéia, Arquelau encontrou em Roma um novo obstáculo às suas pretensões, pelo motivo que passo a expor.

Cinqüenta embaixadores dos judeus vieram, com a permissão de Varo, procurar Augusto para lhe rogar que lhes permitisse viver segundo suas leis e mais de oito mil judeus que moravam em Roma uniram-se a eles naquela comissão. O imperador reuniu, para esse fim, uma grande assembléia de seus amigos e dos principais dos romanos, num soberbo Templo de Apoio, que tinha

mandado construir. Os embaixadores, seguidos por todos aqueles outros judeus, apresentaram-se lá, e Arquelau também, com seus amigos. Quanto aos parentes, não sabiam que partido tomar, porque, de um lado, eles o odiavam; de outro, tinham vergonha de parecer favorecer, na presença do imperador, aos inimigos de um príncipe de seu sangue. Filipe, irmão de Arquelau, que Varo estimava muito, veio também, a seu conselho, para um destes dois fins: ou ajudar seu irmão, ou, se Augusto dividisse o reino entre os filhos de Herodes, obter também uma parte.

Os embaixadores falaram primeiro e começaram por declararem-se contra a memória de Herodes. Disseram que ele jamais fora rei, mas o maior de todos os tiranos; que não se contentara de derramar o sangue de várias pessoas ilustres, mas sua crueldade para com os que ficavam com vida fazia-os invejar a felicidade dos outros; que ele não oprimia somente os particulares, mas desolava até mesmo as cidades, as despojava do que elas tinham de mais belo e de mais raro para fazê-lo servir de ornamento às cidades estrangeiras e enriquecer assim seus vizinhos com o que tirava de seus súditos; que em vez da antiga felicidade de que a judéia gozava por uma religiosa observância de suas leis, ele a tinha reduzido à extrema miséria e a havia feito sofrer por muito tempo em virtude das suas horríveis injustiças, mais males do que seus antepassados haviam sofrido desde que foram libertados sob o reinado de Xerxes, do cativeiro da Babilônia; que tão rude dominação os fizera sofrer, e apesar disso eles se haviam conformado de boa mente com receber Arquelau, seu filho, por rei, depois da morte do tirano; que haviam até honrado com luto público a memória de seu pai e feito votos pela sua prosperidade. Mas ele, ao contrário, temendo que duvidassem ser ele um verdadeiro filho de Herodes, tinha começado por mandar estrangular três mil cidadãos. Eram aquelas as vítimas que oferecera a Deus, para torná-lo favorável em seu novo reino, sem temer encher o Templo com um número tão grande de cadáveres, no dia mesmo de uma festa solene; que não se deveria, portanto, achar estranho que aqueles que haviam sobrevivido a tantos males e escapado de tal naufrágio, pensassem em se salvar de tão horrível opressão e se declarassem abertamente contra Arquelau, do mesmo modo que, na guerra, não se poderia, sem covardia, não se apresentar de frente para o inimigo. E assim rogavam ao imperador que tivesse

compaixão das relíquias da Judéia e não permitisse que ela ficasse por mais tempo exposta à tirania daqueles que a tinham feito sofrer cruelmente; que para lhes conceder aquela graça, devia somente uni-la à Síria e então ver-se-ia se eles eram sediciosos como os acusavam e se não saberiam obedecer a governadores moderados e eqüitativos.

Depois que os embaixadores assim falaram, Nicolau encetou a defesa de Arquelau e de Herodes; depois de ter respondido às acusações feitas contra eles, disse que os judeus eram um povo tão difícil de governar que não se podiam resolver a obedecer a reis e, assim falando, censurava indiretamente os parentes de Arquelau, de se terem unido contra ele no pedido daqueles embaixadores.

CAPÍTULO 9

AUGUSTO CONFIRMA O TESTAMENTO DE HERODES E ENTREGA AOS FILHOS O QUE ELE LHES HAVIA LEGADO. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Sétimo, capítulo 1 3, Antigüidades judaicas, Parte I.

148. Depois que Augusto deu esta audiência, dissolveu a assembléia e alguns dias depois deu a Arquelau, não somente o reino da Judéia inteiro, mas uma metade ainda, sob o título de etnarquia, com promessa de torná-lo rei se se tornasse digno do trono, pela sua virtude. Dividiu a outra metade entre Filipe e Antipas, dois filhos de Herodes, que haviam disputado o reino a Arquelau. Antipas teve a Galiléia com o país que está além do rio, cujas rendas montavam a duzentos talentos e Filipe teve a Batanéia, a Traconítida e a Auranita com uma parte do que havia pertencido a Zenodoro** perto de Jamnia, cuja renda era de cem talentos. Quanto a Arquelau, teve a Judéia, a Iduméia e a Samaria, à qual Augusto perdoou a quarta parte dos impostos que antes pagava, porque se havia conservado fiel quando as outras se haviam revoltado. A torre de Estratão, Sebaste, Ipom*** e Jerusalém estavam também nessa partilha de Arquelau. Mas Gaza, Gadara e Jope,**** Augusto tirou-as do reino para uni-las

à Síria e a renda anual de Arquelau era de quatrocentos talentos.*****

** No grego está Zenon, mas deve ser Zenodoro, como se encontra no nº 754, Antigüidades Judaicas, Parte I.

*** Antigüidades Judaicas, Parte I, n° 754, diz Jope.

**** Idem, diz Ipom.

***** Idem, diz seiscentos talentos.

Assim vemos o que os filhos de Herodes herdaram de seu pai. Quanto a Salomé, além das cidades de Jamnia, Azorto, Fazaelida e o restante do que Herodes lhe havia legado, Augusto deu-lhe um palácio em Ascalom. Sua renda era de sessenta talentos e ela estabelecera sua residência no país governado por Arquelau. O imperador confirmou também aos outros parentes de Herodes os legados feitos no testamento; além do que ele havia deixado às duas filhas, que ainda não eram casadas, deu liberalmente a cada uma delas cento e cinqüenta mil peças de prata, em moedas, e fê-las desposar os dois filhos de Feroras. A magnificência desse grande príncipe passou ainda muito além; ele deu aos filhos de Herodes os mil talentos****** que lhe havia legado, contentando-se apenas em conservar uma pequeníssima parte dos vasos preciosos, que lhe havia deixado, não pelo seu valor, mas para mostrar que tinha prazer em conservar uma recordação de um rei que lhe tinha estimado muito.

****** Antigüidades judaicas, Parte I, n° 754, diz 500.

Capítulo 10

De um impostor que se dizia Alexandre, filho de Herodes, o Grande. Augusto manda-o para as galés. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Sétimo, capítulo 14, Antigüidades Judaicas, Parte I.

149. Ao mesmo tempo, quando Augusto ultimava o que se referia à sucessão de Herodes, um judeu de Sidom, da casa do liberto de um cidadão romano, intentou apoderar-se do trono, pela semelhança que tinha com Alexandre que o rei Herodes, seu pai, tinha feito morrer e resolveu ir a Roma para esse fim. Com o propósito de conseguir o que intentava, ele se serviu de um judeu, que tinha um conhecimento quase perfeito de tudo o que se passara na família de Herodes. Orientado por esse indivíduo, ele dizia que os homens enviados para matá-lo, com Aristóbulo, seu irmão, haviam tido compaixão deles e os haviam salvado e colocado outros em seu lugar.

Ele foi primeiramente à ilha de Creta, onde persuadiu a todos os judeus, aos quais falou; deles recebeu considerável auxílio e passou depois à ilha de Meios, onde todos o receberam com grandes honras; vários embarcaram com ele para acompanhá-lo até Roma. Desembarcando em Puteolo, os judeus que lá moravam e particularmente os que estimavam Herodes dirigiram-se a ele e deram-lhe muitos presentes e já o consideravam como rei, porque se assemelhava muito com Alexandre, tanto que os que o conheciam e haviam conversado com ele estavam persuadidos disso, isto é, de que era ele mesmo em pessoa, não temendo mesmo afirmá-lo com juramento.

Quando chegou a Roma, todos os judeus que lá moravam, reuniram-se de tal modo para recebê-lo, que as ruas por onde ele passava ficaram repletas; os de Meios haviam concebido tanta estima por ele, que o levavam numa cadeira feita à moda de uma liteira e tudo faziam para tratá-lo como rei.

Embora Augusto, que conhecia mui particularmente a Alexandre, pois o vira diversas vezes, tenha se persuadido logo de que aquele homem era um impostor, julgou dever reservar algo a uma esperança, cujo efeito lhe teria sido muito agradável. Mandou um certo Celado, que conhecia muito bem Alexandre, trazer aquele indivíduo ao palácio, pois todos afirmavam ser ele mesmo. Celado,** ao vê-lo, reconheceu, por diversos traços, a diferença entre as duas pessoas e verificou que se tratava mesmo de um espertalhão. Estas eram as principais diferenças: a rudeza da pele e o rosto servil, que nada tinham de grande e de nobre. Admirou-se, porém, muito, da ousadia com a qual ele falava, pois tendo-lhe perguntado o que era feito de Aristóbulo, seu irmão, respondeu

que ele tinha ficado na ilha de Chipre, para segurança comum, porque ninguém atentaria contra eles tão facilmente, se estivessem separados. Celado levou-o então à parte e disse-lhe que garantia obter do imperador que lhe conservasse a vida, contanto que ele lhe declarasse quem era o autor daquela estúpida mistificação. Estas palavras encheram-no de temor. Ele prometeu confessar a verdade e Celado levou-o imediatamente a Augusto, ao qual ele citou o judeu, que se servira de sua semelhança com Alexandre, para tirar disso grande proveito, pois havia recebido muito dinheiro de vários judeus, aos quais havia enganado, tanto quanto não teriam dado ao mesmo Alexandre se estivesse vivo. Augusto riu-se da farsa, condenou aquele falso Alexandre às galés, à qual seu tamanho e sua força tornavam bem apto e mandou matar o impostor que o havia induzido àquela mistificação; quanto aos judeus que se haviam deixado enganar, ele julgou que todo o dinheiro que tinham empregado tão mal, já era um grande castigo de sua loucura.

** Antigüidades Judaicas, Parte I, diz que foi Augusto que reconheceu o impostor.

CAPÍTULO 11

AUGUSTO, ANTE AS QUEIXAS QUE OS JUDEUS LHE FAZEM DE ARQUELAU, EXILA-O PARA VIENA, NAS GÁLIAS, E CONFISCA-LHE TODOS OS BENS. MORTE DA PRINCESA GLAFIRA, QUE ARQUELAU HAVIA DESPOSADO E QUE TINHA SIDO CASADA EM PRIMEIRAS NÚPCIAS COM ALEXANDRE, FILHO DO REI HERODES, O GRANDE, E DA RAINHA MARIANA. SONHOS QUE TIVERAM.

150. Quando Arquelau entrou de posse da sua etnarquia, a lembrança e ressentimento pelas perturbações passadas fizeram que ele tratasse rudemente, não só os judeus, mas também os samaritanos. Uns e outros, não podendo tolerá-lo por mais tempo, mandaram no nono ano de seu governo alguns embaixadores a Augusto, para fazer-lhe queixas. Este, então, exilou-o para Viena, nas Gálias, e confiscou-lhe todos os bens.

151. Diz-se que um pouco antes, Arquelau tivera um sonho, no qual viu nove grandes espigas, bem cheias de grão, que alguns bois comiam; caldeus, que ele consultou para lhe interpretar o sonho, haviam-no explicado de um modo, mas um essênio, de nome Simão, disse-lhe que aquelas nove espigas significavam o número de anos que ele tinha reinado* e os bois, a mudança da fortuna, porque aqueles animais trabalhando a terra, a removem e a fazem mudar de aspecto. E assim, tendo-se passado nove anos, depois que ele fora constituído tetrarca, devia preparar-se para a morte. E cinco dias depois que Simão assim explicara o sonho, Arquelau recebeu ordem de ir procurar Augusto.

---

* Antigüidades Judaicas, Parte I, registra dez anos.

152. Julgo dever também relatar um outro sonho que a princesa Glafira teve, quando mulher de Arqueiau e filha também de Arqueiau, rei da Capadocia, a qual tinha desposado em primeiras núpcias a Alexandre, filho do rei Herodes, que o mandara matar. Ela desposara depois de sua morte a Juba, rei da Líbia, mas, ficando ainda viúva, voltou para casa de seu pai, onde Arqueiau, o etnarca, tendo-a visto, foi tomado de violenta paixão por ela e repudiou Mariana, sua mulher, para desposá-la. Pouco tempo depois que Glafira voltara para a Judéia, por esse casamento, parecia-lhe ver Alexandre, seu primeiro marido, que lhe dizia: "Não vos foi suficiente passar a segundas núpcias, mas quisestes ainda casar-vos uma terceira vez e não tiveste vergonha de desposar meu próprio irmão? Não vos perdoarei tão grande ultraje e embora o tenhais feito, eu vos retomarei". A princesa contou o sonho às amigas e morreu dois dias depois.

CAPÍTULO 12

UM CERTO JUDAS, GALÜEU, ESTABELECE ENTRE OS JUDEUS UMA QUARTA SEITA. SOBRE AS OUTRAS TRÊS SEITAS QUE JÁ EXISTIAM E, PARTICULARMENTE, A DOS ESSÊNIOS.

153. Quando os países dominados por Arqueiau foram reduzidos a Província, Augusto deu-lhes o governo a Copônio, cavaleiro romano. Durante sua administração, um galileu, chamado Judas, levou os judeus a se revoltarem, censurando-os, porque pagavam tributo aos romanos, quase igualando homens a Deus, pois os reconheciam também como senhores. Judas foi o autor de uma nova seita, inteiramente diferente das três outras, das quais a primeira era a dos fariseus, a segunda, a dos saduceus e a terceira, a dos essênios, que é a mais perfeita de todas.

Eles são judeus de nascimento; vivem em estreita união e consideram os prazeres como vícios, que se devem evitar, e a continência e a vitória sobre suas paixões como virtudes, que muito se devem estimar. Rejeitam o casamento, não porque julgam dever-se destruir a espécie humana, mas para se evitar a intemperança das mulheres que não guardam fidelidade aos seus maridos. Não deixam, entretanto, de reconhecer as crianças que lhes são dadas para instruírem e educá-las na virtude, com tanto cuidado e caridade como se fossem seus pais, e alimentam e vestem todas da mesma maneira.

Desprezam as riquezas: todas as coisas são comuns entre eles, com uma igualdade tão admirável que, quando alguém abraça a seita, despoja-se de toda propriedade, para evitar, por esse meio, a vaidade das riquezas, poupar aos outros a vergonha da pobreza e em tão feliz união viver juntos como irmãos.

Não toleram a unção do corpo com óleo, mas se isso sucede a alguém, ainda que contra a vontade, eles limpam aquele óleo como se fossem manchas e julgam-se limpos e bastante puros, quando suas vestes são sempre brancas.

Escolhem para ecônomos, homens de bem, que recebem todas as suas rendas e as distribuem segundo as necessidades de cada qual; não têm cidade certa onde morar; estão espalhados em várias, onde recebem os que desejam entrar em sua sociedade; ainda que jamais os tenham visto, dividem com eles o que têm como se os conhecessem há muito tempo.

Quando fazem alguma viagem nada levam consigo, apenas armas para se defenderem dos ladrões. Eles têm em cada cidade alguns dos seus, para receber e alojar os de sua seita, que por ali passam e para lhes dar vestes e outras coisas de que podem ter necessidade.

Não mudam de roupa, senão quando as suas já estão rotas ou muito

usadas. Nada vendem e nada compram entre si; mas permutam uns com os outros tudo o que têm.

São muito religiosos e piedosos para com Deus, só falam de coisas santas; antes que o sol desponte fazem orações, que receberam por tradição, para pedir a Deus que o faça brilhar sobre a terra. Depois vão trabalhar, cada qual em seu ofício, segundo o que lhes é determinado. Às onze horas, reúnem-se e cobertos com um pano de linho, lavam-se em água fria. Retiram-se em seguida para suas celas, cuja entrada só é permitida aos da seita e, tendo-se purificado desse modo, vão ao refeitório, como a um santo Templo, onde, depois de sentados, em grande silêncio, põem, diante de cada qual, um pão e um pouco de alimento num pequeno prato. Um sacerdote abençoa as iguarias e não se pode tocá-las enquanto não termina a oração. Oram depois da refeição para terminar como começaram, com louvores a Deus, a fim de testemunhar que somente de sua libe-ralidade eles recebem tudo o que têm para sua alimentação. Deixam então suas vestes que consideram sagradas e voltam ao trabalho. Fazem a ceia à noitinha do mesmo modo e recebem seus hóspedes, se os houver.

154. jamais se ouve barulho em suas casas; nunca se vê a menor perturbação; cada qual fala por sua vez e sua posição e seu silêncio causam respeito aos estrangeiros. Tão grande moderação é efeito de sua contínua sobriedade; não comem nem bebem mais do que é necessário para a sustentação da vida.

Não lhes é permitido fazer coisa alguma, a não ser com a anuência de seus superiores, exceto ajudar os pobres sem que qualquer outra razão os leve a isso — a compaixão pelos infelizes; quanto aos parentes, nada lhes dão se não lhes for concedida a permissão.

Têm imenso cuidado de reprimir a cólera; amam a paz e cumprem tão inviolavelmente o que prometem, que se pode prestar fé às suas simples pala-vras, como a juramentos. Eles os consideram mesmo como perjúrios, porque não podem crer que um homem não seja um mentiroso quando tem necessidade, para que nele se creia, de tomar a Deus por testemunha.

Estudam com cuidado os escritos dos antigos, principalmente no que se refere às coisas úteis à alma e ao corpo, e adquirem grande conhecimento dos remédios próprios para curar as doenças e a virtude das plantas, das pedras e

dos metais.

Eles não recebem imediatamente em sua comunidade os que querem abraçar a sua maneira de viver, mas fazem-nos esperar um ano onde eles têm cada qual uma ração, um cântaro de água, uma veste, de que falamos, e um hábito branco. Dão-lhes em seguida um alimento mais parecido ao deles e permitem-lhes lavar-se na água fria, a fim de se purificar, mas não os deixam comer no refeitório até que tenham, durante dois anos, experimentado os seus costumes, como antes experimentaram a sua continência. Então são recebidos, porque só assim, são tidos como dignos, mas, antes de se sentar à mesa com os outros, juram solenemente honrar e servir a Deus de todo o coração, observar a justiça para com os homens, jamais fazer voluntariamente mal a ninguém, mesmo quando isso lhes fosse ordenado, ter aversão pelos maus, ajudar sempre aos homens de bem, de todos os modos possíveis, manter fidelidade a todos e particularmente aos soberanos, porque eles recebem o seu poder de Deus. A isso acrescentam que, se forem constituídos num cargo, não abusarão do poder para maltratar os inferiores; que nada terão mais que os outros, nem em suas vestes, nem no que se refere às suas pessoas, que terão um amor inviolável pela verdade, e repreenderão severamente os mentirosos; que conservarão as mãos e as almas puras de todo roubo e de todo desejo de lucro injusto; que nada ocultarão aos seus confrades dos mistérios mais secretos de sua religião e nada revelarão aos outros, mesmo quando fossem ameaçados de morte, para obrigá-los a isso; que só ensinarão a doutrina que lhes foi ensinada e que guardarão cuidadosamente os livros bem como os nomes daqueles de quem a receberam.

Tais as promessas que são obrigados a fazer todos os que querem abraçar a sua maneira de viver, e ao fazê-lo, tem de ser solenemente, a fim de fortalecer a virtude contra os vícios. Se contra elas cometeram faltas graves, são afastados de sua companhia e a maior parte dos que são assim rejeitados morre miseravelmente, porque, não lhes sendo permitido comer com os estrangeiros, são obrigados a comer erva como os animais e chegam a morrer de fome; por isso, às vezes, a compaixão que se tem de sua extrema miséria, faz com que sejam perdoados.

Os desta seita são muito justos e exatos em seus juízos; seu número é de

quase cem; os que eles pronunciam e o que uma vez determinaram, tornam-se imutáveis.

Veneram de tal modo, depois de Deus, o seu legislador, que castigam com a pena de morte os que dele falam com desprezo e consideram mui grande dever obedecer aos antepassados e ao que vários deles lhes ordenam.

São tão atenciosos uns para com os outros que, de dez, nenhum ousa falar se os outros nove não consentirem; consideram grande grosseria estar no meio deles ou à sua direita.

Observam mais religiosamente o sábado do que qualquer outro judeu e não somente preparam o alimento na véspera, para não serem obrigados a fazê-lo no dia de descanso, como não ousam nem mesmo mudar um objeto de lugar, nem satisfazer, se não forem obrigados a isso, às necessidades da natureza. Nos outros dias, eles o fazem; num lugar afastado e com aquela ferramenta de que falamos cavam um buraco na terra de um pé de profundidade onde, depois de se terem descarregado, cobrindo-se com suas vestes, como se tivessem receio de serem manchados pelos raios do sol que Deus faz brilhar sobre eles, enchem o buraco com a terra que dali tiraram. Porque, ainda que seja uma coisa natural, não deixam de a considerar como impureza, que devem evitar e depois lavam-se para se purificar.

Os que fazem profissão dessa maneira de viver, estão divididos em quatro classes; os mais jovens têm tal respeito pelos mais velhos, que quando os tocam são obrigados a se purificar como se tivessem tocado num estrangeiro.

Vivem tanto tempo, que alguns chegam a cem anos, o que eu atribuo à simplicidade da vida e ao fato de eles serem muito metódicos em tudo.

Desprezam os males da terra, vencem os tormentos com a constância e preferem a morte à vida, quando o motivo é honroso. A guerra que travamos contra os romanos fez ver de mil modos que sua coragem é invencível. Eles sofreram o ferro e o fogo, tiveram quebrados todos os ossos, mas não disseram uma palavra contra seu legislador, nem comeram os alimentos que lhes eram proibidos, nem no meio de tantos tormentos derramaram uma única lágrima, nem disseram uma palavra para abrandar a crueldade dos carrascos. Ao contrário, zombavam deles, sorriam e morriam alegremente, porque esperavam passar desta vida para a melhore acreditavam firmemente que, embora nosso

corpo seja mortal e corruptível, nossas almas são imortais e incorruptíveis — de uma substância etérea, muito sutil, encerrada no corpo, como numa prisão, onde uma inclinação natural as atrai e retém — e que apenas se vêem livres destes laços carnais, que as prendem em dura escravidão, quando elevam-se ao ar e voam com alegria. Nisto estão de acordo com os gregos, que julgam que as almas felizes têm sua morada além do Oceano, numa região onde não há chuva, nem neve, nem calor excessivo; mas um doce zéfiro a faz sempre agradável; e que ao contrário, as almas dos maus têm por morada lugares gelados, agitados por contínuas tempestades, onde eles gemem eternamente em sofrimentos infinitos. É assim, parece-me, que os gregos querem que seus heróis, aos quais dão o nome de semideuses, morram nas ilhas a que chamam de felizes e as almas dos ímpios estejam sempre atormentadas no inferno, como eles dizem, de Sísifo, Tântalo, Ixion e Títio.

Esses mesmos essênios julgam que as almas são criadas imortais, para se darem à virtude e se afastarem do vício; que os bons se tornam melhores nesta vida pela esperança de serem felizes depois da morte, e os maus, que imaginam poder esconder neste mundo suas más ações, são castigados com tormentos eternos. Tais os seus sentimentos com relação à excelência da alma, dos quais não se afastam uma vez persuadidos. Há entre eles alguns que se vangloriam de conhecer as coisas futuras, quer pelos estudos nos livros santos e nas antigas profecias, quer pelo cuidado que têm de se santificar.

Há uma outra espécie de essênios que estão de acordo com os primeiros, no uso de certos alimentos, dos mesmos costumes e nas mesmas leis, mas divergem no que se refere ao casamento. Estes acreditam que é querer abolir a raça humana renunciar ao mesmo, pois que, se todos fossem dessa opinião, ver-se-ia em breve a família humana completamente extinta. Mas nisso procedem também com tanta moderação, que, antes de se casarem, observam durante três anos se a pessoa com quem se querem casar tem saúde suficiente para poder criar os filhos; quando depois de casadas se tornam grávidas, não dormem mais com a esposa durante a gestação, para mostrar que não foi a voluptuosidade, mas o desejo de dar homens ao mundo e à república, que os induziu a se casarem; quando as mulheres se lavam, cobrem-se com um pano, como os homens. Assim, pelo que acabo de relatar, conhecemos os costumes e

usos dos essênios.

155. Quanto às duas primeiras seitas de que falamos, os fariseus são tidos como os mais perfeitos conhecedores de nossas leis e de nossas cerimônias. O principal artigo de sua crença é tudo atribuir a Deus e ao destino; entretanto, na maior parte das coisas, depende de nós fazer o bem ou o mal, embora o destino possa ajudar-nos muito. Eles dizem também que as almas são imortais; que as dos justos passam depois desta vida a outro corpo e que as dos maus sofrem tormentos que duram para sempre.

156. Os saduceus, ao contrário, negam absolutamente o destino e crêem que, como Deus é incapaz de fazer o mal, Ele não se incomoda com o que os homens fazem. Dizem que está em nós fazer o bem ou o mal, segundo nossa vontade nos leva a um ou a outro, e as almas não são nem castigadas nem recompensadas num outro mundo. Enquanto os fariseus são sociáveis e vivem em amizade uns com os outros, os saduceus são naturalmente rudes e vivem mesmo grosseiramente entre si, como se fossem estrangeiros.

CAPÍTULO 13

MORTE DE SALOMÉ, IRMÃ DO REI HERODES, O GRANDE. MORTE DE AUGUSTO. TIBÉRIO SUCEDE-O NO IMPÉRIO.

157. Depois que os países que Arquelau possuía, sob o título de etnarquia, foram reduzidos a províncias, Filipe e Herodes, cognominado Antipas, continuaram como antes, em suas tetrarquias.

158. Salomé, em virtude do testamento, cedeu à imperatriz Lívia,* mulher de Augusto, sua toparquia, com Jâmnia e as palmeiras que tinha mandado plantar em Fazaelida.

---

* Ele a chama Júlia, embora ela se chamasse Lívia.

159. Augusto, pouco depois, morreu após ter reinado cinqüenta e sete anos, seis meses e dois dias; Tibério, filho da imperatriz Lívia, sucedeu-o no trono do Império. Filipe, o tetrarca, construiu no território de Paneada, perto

das nascentes do Jordão, uma cidade a que chamou de Cesaréia, uma outra na Galaunita, a que chamou de Tiberíades e uma outra na Peréia, a que chamou de Julíada.

CAPÍTULO 14

OS JUDEUS PROTESTAM DE TAL MODO CONTRA PILATOS, GOVERNADOR DA JUDÉIA, QUE TINHA FEITO ENTRAR EM JERUSALÉM BANDEIRAS ONDE ESTAVA O RETRATO DO IMPERADOR, QUE ELE AS MANDA RETIRAR. OUTRA AGITAÇÃO DOS JUDEUS, QUE ELE CASTIGA. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Oitavo, capítulo 4, Antigüidades Judaicas, Parte I.

160. Pilatos foi mandado por Tibério, como governador da Judéia; dias depois, à noite, fez entrar em Jerusalém umas bandeiras onde estava o retrato do imperador. Os judeus ficaram tão atônitos e irritados com isso que surgiu, três dias depois, uma grande agitação, porque eles consideravam aquele ato uma violação de suas leis, as quais proíbem expressamente em suas cidades figuras de homens e de animais. O povo dos campos veio também de todos os lugares a Jerusalém e todos foram em grandíssimo número procurar Pilatos, em Cesaréia, para pedir-lhe que mandasse retirar da cidade aquelas bandeiras e lhes conservasse seus privilégios. Ele respondeu que não podia fazê-lo e os judeus então lançaram-se por terra, em redor de sua casa, e assim ficaram durante cinco dias e cinco noites. No sexto dia Pilatos compareceu ao tribunal que mandara erguer expressamente para os exercícios públicos e fez vir aquela grande multidão, como para atendê-la, mas a enganou, ordenando que os soldados a rodeassem de todos os lados. Pode-se imaginar o terror que tal ato causou. Pilatos disse-lhe que a mandaria matar, se se negasse a receber aquelas bandeiras e ordenou aos soldados que puxassem das espadas. A estas palavras todos os judeus lançaram-se por terra, como tinha combinado antes, e apresentaram-lhes a garganta, dizendo que preferiam ser mortos a consentir na violação de suas santas leis. Tal firmeza e zelo tão ardente pela religião

causaram grande admiração a Pilatos; ele ordenou no mesmo instante que levassem as bandeiras para fora de Jerusalém.

161. A essa perturbação seguiu-se outra. Nós temos um tesouro sagrado a que chamamos de Corbã, e Pilatos, que então estava em Jerusalém, quis apoderar-se do dinheiro para construir aquedutos para a cidade, pois as fontes estavam muito longe, mais ou menos uns quatrocentos estádios.** O povo revoltou-se de tal modo, que se reuniu, de todas as partes, para protestar. Não teve ele dificuldade em compreender que assim facilmente se provocaria uma revolução; deu ordem aos soldados que tirassem as vestes militares e se disfarçassem em homens do povo, e misturando-se à multidão os atacassem não com armas, mas a pauladas, quando ele começasse a gritar. Tudo estava assim preparado: ele deu o sinal convencionado e os soldados executaram a ordem. Muitos jovens morreram, outros foram pisoteados pela multidão, quando procuravam fugir. Tão severo castigo assustou aquela gente e a sedição terminou.

** Antigüidades Judaicas, Parte I, n° 271, diz duzentos estádios.

CAPÍTULO 15

TIBÉRIO MANDA PRENDER AGRIPA, FILHO DE ARISTÓBULO, FILHO DE HERODES, O GRANDE, E ELE PERMANECE NA PRISÃO ATÉ A MORTE DO IMPERADOR. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Oitavo, capítulo 8, Antigüidades Judaicas, Parte I.

162. Agripa, filho de Aristóbulo, que o rei Herodes, seu pai, havia mandado matar, foi procurar Tibério, para acusar Herodes, o tetrarca; mas o imperador não levou em conta a acusação e ele ficou em Roma, como cidadão privado, para se tornar conhecido e obter a amizade das pessoas mais ilustres no Império. Fazia principalmente a corte a Caio, filho de Germânico, e num soberbo banquete que lhe deu um dia, pediu a Deus que o tornasse mui

depressa senhor de todo o mundo, em lugar de Tibério. Um dos seus criados foi contá-lo a Tibério e este mandou-o imediatamente a uma prisão, onde ele ficou seis meses, em grande miséria até a morte desse imperador, que reinou vinte e dois anos, três meses e seis dias.**

** Antigüidades Judaicas, Parte I, nº 786.

CAPÍTULO 16

O IMPERADOR CAIO CALÍGULA DÁ A AGRIPA A TETRARQUIA QUE FILIPE TINHA E O FAZ REI. HERODES, O TETRARCA, CUNHADO DE AGRIPA, VAI A ROMA PARA TAMBÉM SER DECLARADO REI, MAS EM VEZ DE OBTER O TRONO, CAIO AINDA DÁ A SUA TETRARQUIA A AGRIPA. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Oitavo, capítulo 9, Antigüidades Judaicas, Parte I.

163. Caio, cognominado Calígula, sucedeu a Tibério e pôs Agripa em liberdade, deu-lhe ainda a tetrarquia de Filipe, que havia falecido, e o fez rei. Herodes, o tetrarca, sentiu inveja, vendo-o guindado a tão alta posição: Herodíada, sua mulher, que o incitava ainda mais, pelo desejo também de usar uma coroa, fazia-o conceber tais esperanças, dizendo-lhe que ele não fora elevado a tão grande dignidade, somente pela sua pouca ambição e negligência, que o tinham prendido em casa em vez de ir procurar o imperador, pois Agripa, de cidadão particular que era, tinha-se tornado rei e por isso não se lhe poderia recusar idêntica honra, pois ele já era tetrarca.

O príncipe deixou-se persuadir por estas palavras e foi a Roma, para onde Agripa o seguiu, a fim de impedir o seu intento, e o imperador, não somente não lhe concedeu o que pedia, mas também reprovou-lhe ainda a ousadia e deu a Agripa a sua tetrarquia. Depois ele fugiu para a Espanha com sua mulher e lá morreu.**

** Antigüidades judaicas, Parte I, nª 788, afirma que ele foi exilado para Liom.

CAPÍTULO 17

O IMPERADOR CAIO CALÍGULA ORDENA A PETRÔNIO, GOVERNADOR DA SÍRIA, QUE OBRIGUE OS JUDEUS PELAS ARMAS A RECEBER A SUA ESTÁTUA NO TEMPLO. MAS PETRÔNIO, COMOVIDO POR SEUS ROGOS, ESCREVE-LHE EM FAVOR DELES, O QUE LHE TERIA CUSTADO A VIDA, SE ESSE PRÍNCIPE NÃO TIVESSE MORRIDO LOGO DEPOIS. *

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Oitavo, capítulo 11, Antigüidades Judaicas, Parte I.

164. O imperador Caio abusou de tal modo de sua boa sorte e deixou-se levar até o excesso do orgulho, chegando a se persuadir de que era deus e querendo que lhe dessem esse nome. Privou o Império, por sua crueldade, de um grande número de cidadãos, dos mais ilustres romanos e fez a judéia sofrer os efeitos de sua horrível impiedade. Mandou Petrônio a Jerusalém com um exército e uma ordem expressa de pôr suas estátuas no Templo, de matar todos os judeus que tivessem a ousadia de se opor a isso e de reduzir à escravidão o restante do povo. Poderia Deus suportar uma ordem tão abominável?

Petrônio partiu em seguida de Antioquia, com três legiões e um grande número de soldados e tropas auxiliares da Síria para entrar na Judéia. Essa notícia surpreendeu de tal modo os judeus, que eles mal (he podiam prestar fé; e os que acreditaram nela estavam impossibilitados de resistir e de se defender. Mas o terror foi geral, quando se soube que Petrônio já tinha chegado com seu exército a Ptolemaida. Essa cidade da Caliléia está situada à beira-mar, numa grande planície rodeada, do lado do oriente, por montanhas daquela província, que estão longe cerca de sessenta estádios, e do lado do sul, pelo monte Carmelo, que dista cento e vinte estádios, e do lado do norte, por uma

montanha muito alta chamada a montanha dos sírios, distante cem estádios.

A dois estádios dessa cidade passa um pequeno rio de nome Pelleu, perto do qual está a sepultura de Memnon, obra admirável, de cem côvados de altura e de forma côncava. Lá existe uma areia tão clara como o vidro; os navios vão buscá-la e logo que é levada, o vento, em seguida, traz outra do alto da montanha, a qual ocupa o espaço vazio. Posta no forno, esta areia se converte logo em vidro e o que me parece mais admirável ainda, é que esse vidro, levado àquele mesmo lugar, retoma a sua primitiva natureza e torna-se pura areia como antes.

Na consternação em que os judeus se encontravam, foram com suas mulheres e seus filhos procurar Petrônio em Ptolemaida para lhe rogar que não violasse as suas santas leis e tivesse compaixão deles. Petrônio, comovido com seu grande número e com seus rogos, deixou em Ptolemaida as estátuas do imperador e dirigiu-se para a Caliléia; mandou vir todo o povo com seus chefes a Tiberíades. Lá, falou-lhes do poder dos romanos, de como as ameaças do imperador lhes deviam ser temíveis, de como ele se julgaria ofendido com o pedido que lhe faziam, porque de todas as nações a ele sujeitas, somente eles se recusavam colocar suas estátuas no número dos deuses, o que era o mesmo que revoltar-se contra ele e também fazer-lhe grande injúria, pois sendo seu governador, representava a sua pessoa. Eles responderam que suas leis o proibiam tão expressamente, que não poderiam fazê-lo sem violá-las, colocando-as no Templo, nem mesmo num lugar profano, não somente a imagem de um homem, mas até mesmo a de Deus. "Se observais tão religiosamente vossas leis", replicou Petrônio, "eu não sou menos obrigado a executar as ordens do imperador que para mim são como leis, pois ele é meu senhor e eu não poderia desobedecer-lhe, para poupar-vos, sem que isso me custasse a própria vida. É portanto a ele, e não a mim, que vos deveis dirigir; eu o faço por sua ordem e a ele não sou menos sujeito do que vós." A estas palavras toda aquela multidão exclamou que não havia perigo ao qual não estivessem prontos a se expor, com alegria, pela observância de suas leis. Depois de ter acalmado o tumulto, Petrônio disse-lhes: "estais pois resolvidos a tomar as armas contra o imperador?" "Não", responderam eles, "nós oferecemos, ao contrário, todos os dias sacrifícios a Deus por ele e pelo povo

romano, mas se vós quiserdes pôr essas estátuas em nosso Templo, será preciso antes degolar-nos todos, com nossas mulheres e filhos." O amor tão ardente desse povo por sua religião e essa firmeza inquebrantável que o fazia preferir a morte à não observância de suas leis, causou tanta admiração a Petrônio e, ao mesmo tempo, tanta compaixão, que ele dissolveu a assembléia, sem nada resolver.

No dia seguinte e alguns dias depois, ele falou aos chefes em particular e a todos em geral; uniu seus conselhos a exortações e suas ameaças a conselhos, dizendo-lhes ainda do grande poderio romano, de como a cólera do imperador lhes devia ser temível e por fim da necessidade em que eles se encontravam de lhe obedecer. Nada, porém, foi capaz de movê-los; vendo que o tempo de semear a terra estava se passando, porque eles, empenhados de tal modo nessa questão, há quarenta dias haviam renunciado a todos os outros cuidados, reuniu-os de novo e disse-lhes: "estou disposto a expor-me, por amor de vós, aos mesmos perigos que estais ameaçados. Assim, ou Deus me fará a graça de abrandar o espírito do imperador e terei o prazer de me salvar, salvando-os também, ou se atrair sobre mim sua cólera, não sentirei perder a vida, por ter me esforçado para preservar da morte tão grande povo."

Depois de lhes ter falado deste modo, mandou para casa toda aquela grande multidão, que não se cansava de fazer votos por sua prosperidade e reconduziu suas tropas de Ptolemaida para Antioquia, de onde mandou cartas ao imperador, dizendo que para obedecer às suas ordens ele tinha entrado na Judéia, com grandes tropas, e que se ele não se rendesse aos pedidos daquela nação, seria necessário destruí-la completamente e devastar todo o país, porque aquele povo estava tão firme na observância de suas leis, que nada havia que eles não estivessem dispostos a sofrer, antes que cumprir aquela determinação.

Esta carta irritou de tal modo o imperador, cruel e desumano, que o ameaçou, como resposta, fazê-lo morrer por ter ousado diferir na execução de suas ordens; mas os que haviam sido encarregados desse terrível despacho, tiveram uma viagem difícil com ventos contrários e demoraram-se três meses no mar, e só chegaram vinte e sete dias depois que outros haviam trazido a Petrônio a notícia da morte daquele feroz imperador.

Capítulo 18

O imperador Caio foi assassinado e o Senado quis retomar sua antiga autoridade; mas os soldados declaram imperador a Cláudio e o Senado é obrigado a ceder. Cláudio confirma o rei Agripa no reino da Judéia, acrescenta-lhe ainda outras terras e dá a Herodes, seu irmão, o reino da Cálcida. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Nono, capítulos 1, 2 e 3, Antigüidades Judaicas, Parte I.

165. Esse príncipe, que se havia tornado odioso a todos, por sua horrível desumanidade e por sua loucura, foi assassinado depois de ter reinado somente três anos e meio, e os soldados que estavam em Roma levaram Cláudio e o declararam imperador. Os cônsules Sêncio Saturnino e Pompônio Segundo ordenaram, de acordo com a resolução do Senado, às três coortes que faziam guarda da cidade, que a conservassem, e tendo se reunido no Capitólio, decidiram declarar guerra a Cláudio pelo horror que sentiram das crueldades de Caio, a fim de restabelecer o governo aristocrático e de escolher para governador aquele que por seus méritos fosse o mais digno e capaz.

O rei Agripa, nessa época, estava em Roma e cada um dos partidos desejava que ele estivesse do seu lado. O Senado rogou-lhe que fosse tomar assento em sua companhia e Cláudio também pediu-lhe, ao mesmo tempo, que fosse procurá-lo no acampamento para onde os soldados o tinham levado. Esse príncipe, vendo que Cláudio já era de fato imperador, foi logo ter com ele, e Cláudio pediu-lhe que fosse informar ao Senado de seus sentimentos, isto é, que tudo tinha sucedido contra sua vontade, que os soldados o haviam levado para fazê-lo imperador. No entanto, como era uma coisa consumada, ele era obrigado a corresponder àquela prova de seu afeto e corria mesmo grave perigo, se quisesse recusar, porque se expõe a toda sorte de perigos aquele que é escolhido para reinar; mas ele estava resolvido a governar como um bom príncipe e não como um tirano, contentando-se com o nome de imperador,

nada resolvendo nos assuntos de importância sem a participação do Senado; nisso não se podia duvidar de que suas palavras seriam seguidas de fatos, pois quando ele não fosse de um caráter tão moderado como todos o sabiam, o exemplo da morte de Caio bastaria para fazê-lo tomar um caminho bem contrário ao dele.

Como o Senado confiava nos soldados que se haviam declarado em seu favor e na justiça de sua causa, ele respondeu ao rei Agripa que não podia retornar a uma servidão voluntária. Cláudio, depois desta resposta, rogou ao soberano que voltasse a dizer ao Senado que ele não podia abandonar os que o haviam elevado ao império e que ele não desejava também fazer guerra ao Senado; mas se a isso fosse obrigado, deveriam escolher-se a cidade ou o lugar onde se travaria a batalha, pois não era justo que essa divergência enchesse Roma de mortes e sangue.

Quando Agripa fazia essa declaração ao Senado, um dos soldados, dos que se haviam declarado por eles, puxou da espada e disse aos companheiros: "Que razão nos pode obrigar a cometer assassínios, combatendo contra nossos parentes e amigos, que se declararam a favor de Cláudio? Que mais podemos desejar do que ter por imperador um príncipe ao qual nada se pode censurar? Não devemos, ao contrário, torná-lo propício, em vez de tomar as armas contra ele?" Depois de ter assim falado, afastou-se e todos o seguiram.

O Senado, vendo-se abandonado e não lhe sendo mais possível qualquer resistência, resolveu ir também procurar a Cláudio e com isso correu mui grande perigo, pois os soldados, que pareciam os mais zelosos a favor do novo imperador, vieram contra eles, de espada na mão, junto dos muros da cidade e teriam matado os mais afoitos, antes que Cláudio tivesse sabido de alguma coisa, se o rei Agripa não o tivesse avisado imediatamente da desgraça que estava quase para acontecer. Disse-lhe que se ele não contivesse o furor daqueles soldados, veria morrer diante dos próprios olhos aqueles que por seu mérito e ilustre posição eram o ornamento do império e ele teria então de reinar num deserto. Cláudio seguiu-lhe a advertência, conteve o ímpeto dos soldados, recebeu favoravelmente o Senado em seu acampamento e saiu com eles, segundo o costume, para oferecer sacrifícios a Deus e dar-lhe graças por aquela soberana autoridade que dele recebia.

166. O novo imperador deu em seguida a Agripa não somente o reino inteiro, que Herodes possuíra, mas também Traconítida e a Auranita, que Herodes lhe havia juntado, e o país a que chamavam de reino de Lisânias; tornou aquela doação pública pela ata que mandou escrever e ordenou aos Senadores que a fizessem gravar em placas de cobre para colocá-las no Capitólio.

167. Concedeu o reino da Cálcida a Herodes, irmão de Agripa, que se tornara seu genro, pelo casamento com Berenice, sua filha.

CAPÍTULO 19

MORTE DO REI AGRIPA, COGNOMINADO O GRANDE. SUA POSTERIDADE. A POUCA IDADE DE AGRIPA, SEU FILHO, É CAUSA DE QUE O IMPERADOR CLÁUDIO REDUZA AJUDÉIA A PROVÍNCIA. MANDA PARA LÁ, COMO GOVERNADOR, A CÁSPIO FADO E, DEPOIS, TIBÉRIO ALEXANDRE. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Décimo Nono, Capítulo 7, Antigüidades Judaicas, Parte I.

168. O rei Agripa era então muito mais poderoso e mais rico do que podia esperar e não empregou seus bens em coisas vãs, mas começou por cercar Jerusalém com uma muralha tão forte que, se a tivesse podido terminá-la, os romanos em vão teriam feito o cerco da cidade; mas ele morreu em Cesaréia, antes de ter acabado tão grande obra. Reinou três anos como rei, pois nos outros três anos anteriores, fora apenas tetrarca.

169. Teve de Cipro, sua esposa, três filhas, Berenice, Mariana e Drusila e um filho de nome Agripa. Como este era ainda muito pequeno, o imperador Cláudio reduziu o reino a província e para lá mandou como governador a Cúspio Fado.

Tibério Alexandre sucedeu-o no cargo e um e outro governaram os judeus, em tempo de paz, sem nada alterar em seus costumes.

170. Herodes, rei da Cálcida, morreu também logo depois, e deixou de Berenice, sua mulher — filha do rei Agripa, seu irmão — dois filhos, de nome

Berenício e Hircano, e tivera de Mariana, sua primeira mulher, um filho chamado Aristobulo e um outro que tinha o seu mesmo nome, o qual vivia como um homem privado, e deixou uma filha de nome Jotapá. Estes foram os descendentes, filho do rei Herodes, o Grande, e de Mariana. Os filhos de Alexandre, seu irmão mais velho, reinaram somente na Armênia.

Capítulo 20

O imperador Cláudio dá a Agripa, filho do rei Agripa, o Grande, o reino da Cálcida que Herodes seu tio tivera. A insolência de um soldado das tropas romanas causa em Jerusalém a morte de um grande número de judeus. Outra insolência de outro soldado. *

* Este registro também se encontra no Livro Vigésimo, capítulos 3 e 4, Antigüidades Judaicas, Parte I.

171. Depois da morte de Herodes, rei da Cálcida, o imperador Cláudio deu seu reino a Agripa, seu sobrinho, filho do rei Agripa, de que acabamos de falar; Cumano sucedeu a Tibério Alexandre no governo da Judéia. Foi durante sua administração que começaram as novas agitações que atraíram tantos males sobre os judeus.

Uma grande multidão fora a Jerusalém para celebrar a festa da Páscoa; uma companhia de soldados romanos fazia guarda junto do Templo, segundo o costume, para impedir que acontecessem desordens; um dos soldados teve a insolência de mostrar, diante de todos, o que o pudor obriga a ocultar e de acompanhar esta ação tão desonesta, com palavras da mesma espécie. Tão horrível desfaçatez irritou fortemente o povo. Exigiu-se de Cumano, com grandes exclamações, que mandasse castigar aquele soldado; ao mesmo tempo, alguns moços, irrefletidamente, lançaram pedras contra os soldados. Cumano, temendo que o povo suscitasse uma revolta contra ele, mandou buscar mais soldados ainda e os colocou diante das portas do Templo. Os judeus, então, assustados, saíram do mesmo, para se refugiarem na cidade; mas aquelas passagens eram muito estreitas para tão grande multidão e eles se apertaram

de tal modo, que mais de dez mil** morreram sufocados.

Dessa forma, a alegria daquela grande solenidade se converteu em tristeza*. Cessaram as preces, abandonaram-se os sacrifícios, só se ouviam gemidos e queixas e a imprudência sacrílega de um único homem foi a causa de tão pública e tão estranha desolação.

** Antigüidades Judaicas, Parte I, nª 841, afirma 20.000 judeus.

172. Apenas passou esta aflição, foi logo seguida de uma outra. Um criado do imperador de nome Estêvão levava alguns objetos preciosos e foi roubado perto de Betorom; Cumano, para descobrir os autores do furto, mandou prender os habitantes das aldeias vizinhas. Um dos soldados, que fazia parte das forças, encontrou, numa dessas aldeias, um livro em que nossas santas leis estão escritas e o rasgou e queimou. Todos os judeus daquela região ficaram muito irritados com isso, como se ele tivesse incendiado seu próprio país; reuniram-se imediatamente e levados pelo zelo de sua religião, correram a Cesaréia, para pedir a Cumano que não deixasse impune tão grande ultraje feito a Deus. Como o governador julgasse que era impossível acalmar aquele povo, se não lhe desse uma satisfação, mandou prender e matar aquele soldado na presença do povo e assim o tumulto cessou.

Capítulo 21

Grande divergência entre os judeus da Galiléia e os samaritanos que Cumano, governador da Judéia, favorece. Quadrato, governador da Síria, manda-o a Roma com vários outros para se justificar diante do imperador Cláudio e tnanda matar alguns. O imperador manda Cumano para o exílio, confia a Félix o governo da fudéia e dá a Agripa, em vez do reino da Cálcida, a tetrarquia que tinha sido de Filipe e vários outros territórios. Morte de Cláudio. Nero o substitui no império. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Vigésimo, capítulo 5, Antigüidades Judaicas, Parte I.

173. Aconteceu nesse mesmo tempo uma grande divergência entre os judeus da Galiléia e os samaritanos, pelo fato que vou narrar. Vários judeus vieram a Jerusalém para participar da festa, e um deles, que era galileu, foi morto na aldeia de German, que está situada na grande planície da Samaria. Por esse motivo, os da Galiléia reuniram-se para se vingar dos samaritanos, pelas armas, e os principais foram procurar Cumano, para lhe pedir a sua intervenção, antes que o mal aumentasse e que castigasse os culpados daquele assassínio. Mas Cumano os despediu sem lhes dar satisfação.

A notícia desse assassinato chegou até Jerusalém e o povo se revoltou de tal modo, que abandonou as solenidades da festa, não quis escutar os magistrados e partiu para atacar os samaritanos, sob o comando de Eleazar, filho de Dineu, e de Alexandre, que eram grandes ladrões. Chegaram às fronteiras de Lacrabatana, onde, sem distinção de idade, fizeram grande matança e incendiaram as aldeias.

Cumano, logo que soube disso, tomou a cavalaria de Sebaste, para ir em socorro daquela província, e matou e prendeu vários daqueles que seguiam a Eleazar. Os magistrados, então, e os principais de Jerusalém, vestidos de saco e com a cabeça coberta de cinza, foram procurar os outros judeus que se preparavam para fazer guerra aos samaritanos, para lhes pedir que não o fizessem. Disseram-lhes que era estranho deixar-se levar de tal modo pelo desejo de se vingar, e, irritando os romanos, causariam a perda de Jerusalém, e que a morte de um galileu não lhes devia ser tão importante que, exigindo satisfação por isso, eles ficassem insensíveis à ruína da própria pátria, de suas mulheres, de seus filhos e de seu Templo. Essas considerações tiveram tanta força que persuadiram-lhes a se retirar. Mas, como a ociosidade faz surdos homens insolentes, vários, naquele mesmo tempo, entregaram-se à vida de ladrões; havia roubos e assaltos por toda parte e os mais ousados oprimiam os mais fracos.

Os samaritanos, então, foram procurar, em Tiro, Numídio Quadrato,

governador da Síria, para pedir-lhe que fizesse justiça contra os que devastavam o país. Os chefes de Jerusalém e os principais dos judeus foram também para lá e Jônatas, sumo sacerdote, filho de Anano, disse-lhe que os samaritanos tinham dado o primeiro motivo àquela agitação, pela morte de um galileu, e Cumano o tinha mantido, recusando-se castigá-los. Quadrato, depois de os ter ouvido, deixou para resolver esta questão quando estivesse na Judéia e se tivesse inteirado completamente da verdade. Algum tempo depois, ele foi a Cesaréia, onde mandou matar todos os que Cumano tinha por prisioneiros; passou à Lídia onde ouviu os samaritanos, uma segunda vez, e mandou cortar a cabeça a dezoito dos principais judeus que soube terem mais contribuído para aquela revolta e agitação. Mandou Jônatas a Roma e Ananias também, dois dos principais sacerdotes, Anano, filho de Ananias e alguns outros mais ilustres dos judeus, como também os mais influentes dos samaritanos; ordenou a Cumano e a um mestre de campo, chamado Celer, que também fossem se justificar perante o imperador; depois de assim ter cuidado de tudo, partiu para a Lídia, a fim de ir a Jerusalém, onde, tendo visto que o povo celebrava a Páscoa em grande paz, regressou à Antioquia.

Todos os que Quadrato tinha mandado à Roma, lá chegaram; Agripa, que lá estava, tomou com grande afeto a defesa dos judeus e Cumano foi também ajudado por pessoas muito influentes. Cláudio, depois de os ter ouvido a todos, condenou os samaritanos; mandou matar três dos principais; enviou Cumano para o exílio e determinou que se reconduzisse Celer a Jerusalém para entregá-lo nas mãos dos judeus, e depois de ter ele sido arrastado pelas ruas da cidade, cortaram-lhe a cabeça.

174. Em seguida, o príncipe constituiu Félix governador da Judéia, da Samaria e da Galiléia. Este era irmão de Pallas e para obsequiar a Agripa, deu-lhe, em vez do reino da Cálcida, que antes ele possuía, todos os Estados que estavam compreendidos na tetrarquia que Filipe tinha, a saber, a Traconítida, a Batanéia e a Galaunita, à qual ele acrescentou ainda o reino de Lisânias e a tetrarquia de que Varo tinha sido governador.

175. Este imperador, depois de ter reinado treze anos, oito meses e vinte dias, deixou, por morte, como sucessor a Nero, filho de Agripina, sua mulher, que ela havia persuadido a adotar como filho, embora ele tivesse de Messalina,

sua primeira mulher, um filho de nome Britânico e uma filha chamada Otávia, que ele deu como esposa a Nero.

CAPÍTULO 22

HORRÍVEIS CRUELDADES E LOUCURAS DO IMPERADOR NERO. FÉLIX, GOVERNADOR DA JUDÉIA, FAZ GUERRA AOS LADRÕES QUE A DEVASTAVAM.

176. Quando Nero se viu guindado ao ápice do poder, num cúmulo de prosperidade, abusou de tal modo de sua fortuna, que eu não poderia fazer uma descrição fiel de suas ações sem causar horror. Assim, contentar-me-ei em dizer, em geral, que ele chegou a um espantoso excesso de crueldade e de loucura, que manchou suas mãos no sangue de seu irmão, de sua mulher, de sua própria mãe e de outras pessoas parentes e amigos; vangloriava-se de comparecer no teatro, no meio dos comediantes e dos palhaços. Eu não poderia deixar de referir em particular o que ele fez, com relação aos judeus, pois a continuação de minha história a isso me obriga.

177. Ele deu a Aristóbulo, filho de Herodes, rei da Cálcida, o reino da pequena Armênia e acrescentou ao de Agripa, quatro cidades, com seus territórios: Abila e Julíada, na Peréia, e Tariquéia e Tiberíades, na Galiléia; e constituiu, como já dissemos, Félix, governador do restante da Judéia. Ele apenas tomou posse do cargo, fez guerra aos ladrões que devastavam todo o país há vinte anos, prendeu Eleazar, seu chefe, e vários outros, que mandou presos à Roma, além de mandar matar um número incrível de outros ladrões.

CAPÍTULO 23

GRANDE MORTANDADE EM JERUSALÉM. CRIMES DE INDIVÍDUOS A QUE CHAMAVAM DE SICÁRIOS. LADRÕES E FALSOS PROFETAS CASTIGADOS POR FÉLIX, GOVERNADOR DA JUDÉIA. GRANDE LITÍGIO ENTRE OS JUDEUS E OS OUTROS HABITANTES DE CESARÉIA. FESTO SUCEDE A FÉLIX NO GOVERNO DA JUDÉIA. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Vigésimo, capítulos 6 e 7, Antigüidades Judaicas, Parte I.

178. Depois que a Judéia ficou livre desses ladrões, apareceram outros em Jerusalém, que de uma maneira diferente exerciam uma profissão infame e criminosa. Chamavam-nos de sicários, e não era de noite, mas em pleno dia e particularmente nas festas mais solenes, que eles mostravam o seu furor. Apunhalavam, no meio do aperto, àqueles aos quais haviam deliberado matar e misturavam em seguida seus gritos com os de todo o povo, contra os culpados de tão grande crime; tudo lhes saía tão bem, que ficavam muito tempo impunes, sem que deles se desconfiasse. O primeiro que eles assassinaram dessa maneira, foi Jônatas, o sumo sacerdote, e não se passava um só dia, sem que não matassem a outros, do mesmo modo.

Dessa forma, toda Jerusalém estava tomada de pavor, pois semelhante perigo só existira durante a guerra mais sangrenta. Todos esperavam a morte a cada instante; tremia-se à aproximação de qualquer pessoa; não se confiava nem mesmo nos amigos e embora se vivesse sempre alerta, todas essas desconfianças e suspeitas não eram capazes de garantir a vida àqueles aos quais tais celerados tinham decretado a morte, tão astutos e espertos eles eram num ofício tão execrável.

179. A este mal, uniu-se outro, que não veio agitar menos aquela grande cidade. Os que o causaram não eram como os primeiros, assassinos, que derramavam o sangue humano, mas ímpios e perturbadores da tranqüilidade pública, que, enganando o povo com o falso pretexto de religião, levavam-no ao deserto, com a promessa de que Deus faria ver, por meio de sinais extraordinários, que os queria libertar da escravidão. Félix, considerando essas reuniões como um princípio de revolta, mandou contra eles a cavalaria e a infantaria, que matou logo um grande número.

180. Um outro mal, ainda maior, perturbou também a Judéia. Um falso profeta egípcio, que era um impostor, de tal modo fascinou o povo que chegou a reunir perto de trinta mil homens; levou-os para as montanhas das oliveiras, e, acompanhado por algumas pessoas que confiavam nele, marchou contra Jerusalém, com o fim de expulsar de lá os romanos e de se apoderar da cidade e lá estabelecer o seu trono. Mas Félix partiu contra ele, com tropas romanas e um grande número de outros judeus. O combate travou-se; os que seguiam o

egípcio foram dizimados mas ele conseguiu escapar com o restante.

181. Depois de tantas agitações reprimidas sempre, parecia que a Judéia iria gozar de algum descanso. Mas, como acontece num corpo, em que todas as suas partes estão corrompidas e um membro não está curado de um mal que logo outro, em seguida, é também atacado, alguns mágicos e ladrões uniram-se, e exortaram o povo a sacudir o jugo dos romanos, ameaçando matar os que continuassem a querer suportar tão vergonhosa servidão. Dirigiram-se todos para o país, saquearam as casas dos ricos, mataram-nos, incendiaram as aldeias e fizeram que a desolação e a tristeza campeassem por toda a parte, enchendo a Judéia de luto e de dor.

182. Estando as coisas neste pé, surgiu um grande litígio em Cesaréia, entre os judeus e os sírios que lá habitavam. Os judeus afirmavam que aquela cidade lhes pertencia, porque Herodes, que era seu rei, a tinha construído. Os sírios diziam, ao contrário, que ainda que ele fosse seu fundador, ela não podia deixar de ser cidade grega, porque, se sua intenção era que ela pertencesse aos judeus, ele não teria mandado construir Templos nem teria levantado estátuas.

Esta divergência acirrou de tal sorte os ânimos, que eles tomaram as armas e não se passava um só dia sem que os mais exaltados, de ambas as partes, não se atracassem, porque a prudência dos anciãos judeus não era capaz de os conter e os sírios não queriam ser inferiores. Os judeus eram mais ricos e mais valentes que os outros. Mas os sírios confiavam no auxílio dos soldados, porque uma parte das tropas romanas, tendo sido formada na Síria, tinha entre eles um grande número de parentes, sempre prontos a ajudá-los. Os oficiais, que os comandavam, fizeram todo o possível para acalmar o tumulto e mandaram mesmo vergastar e prender os mais exaltados. Mas esse castigo, em vez de assustá-los, irritou-os ainda mais.

Félix encontrou-os em luta, quando passava pelo mercado; ordenou aos judeus, que levavam vantagem, que se retirassem e, como estes não obedeceram, mandou vir seus soldados que mataram a muitos ali mesmo e saquearam-nos, e apoderaram-se de seus bens. Esse governador vendo que a dissidência continuava, sempre com a mesma intensidade, mandou a Nero alguns dos principais, dos dois partidos, para defenderem seus direitos perante ele.

183. Festo, que sucedeu a Félix, fez rude guerra contra os que perturbavam a província; prendeu e mandou matar um grande número daqueles ladrões.

CAPÍTULO 24

ALBINO SUCEDE A FESTO NO GOVERNO DAJUDÉIA E TRATA TIRANICAMENTE OS JUDEUS. FLORO SUCEDE-O NESSE CARGO E FAZ AINDA PIOR DO QUE ELE. OS GREGOS DE CESARÉIA GANHAM A CAUSA, PERANTE NERO, CONTRA OS JUDEUS QUE MORAVAM NAQUELA CIDADE. *

---

* Este registro também se encontra no Livro Vigésimo, capítulos 8 e 9, Antigüidades judaicas, Parte I.

184. Albino, que sucedeu a Festo, não procedeu do mesmo modo. Não houve mal que ele não fizesse. Não se contentou em se deixar subornar por presentes, nos negócios civis, mas tirava os bens de todos e oprimia os judeus com novos tributos; pôs em liberdade, por meio do dinheiro, os que os magistrados das cidades tinham condenado ou que os governadores precedentes tinham detido por seus roubos, e só julgava culpados aqueles que nada tinham para lhe dar.

A ousadia desses ânimos turbulentos, que só desejavam agitação e revolta, aumentava nesse mesmo tempo em Jerusalém. Os mais ricos ganhavam Albino com presentes, para ter sua proteção; o povo, que só desejava agitação, estava conquistado com o seu proceder. Viam-se os mais destacados desses malfeitores, rodeados de gente da mesma laia e o tirânico governador, que se poderia chamar de chefe principal dos ladrões, servir-se de seus guardas, para tomar os bens dos mais fracos, que não podiam resistir às violências. Assim acontecia que aqueles que eram roubados, não ousavam se queixar e os mais ricos, de medo de serem tratados do mesmo modo, eram obrigados a fazer a corte à gente digna do patíbulo. Não havia ninguém que não tremesse sob o domínio de tantos tiranos; todos esses males eram como a semente da escravidão a que essa infeliz cidade depois se viu reduzida.

185. Albino, sendo tal como eu acabo de dizer, ante o procedimento de

Gessio Floro, que o sucedeu, podia passar, comparando-se com ele, por um homem de bem. Se aquele se escondia para fazer o mal, este vangloriava-se de fazer abertamente toda injustiça contra nossa nação.

186. Parecia que, em vez de ter vindo para governar uma província, ele tinha sido mandado como um algoz, para executar criminosos. Seus roubos não tinham limites, bem como outras violências; ele era cruel para com os aflitos e não se envergonhava das ações mais vis e infames; nenhum outro jamais traiu mais atrevidamente a verdade, nem usou de meios mais sutis para fazer o mal. Era pouco para ele enriquecer à custa dos particulares; ele saqueava cidades inteiras, devastava toda a província e pouco faltou que ele não fizesse publicar a som de trombetas que permitia roubar, contanto que lhe dessem uma parte do roubo. Dessa forma, sua insaciável ambição reduziu logo a um deserto todas as províncias de seu governo, tantas foram as pessoas obrigadas a abandonar o país de seu nascimento, com o objetivo de fugir para terras estrangeiras. Cestio Galo era nesse mesmo tempo governador da Síria e nenhum dos judeus ousava ir procurá-lo para se queixar de Floro. Tendo, porém, ele vindo a Jerusalém, pela festa da Páscoa, todo o povo, em número de mais de três milhões de pessoas, pediu-lhe que tivesse compaixão das desgraças de sua nação e expulsasse Floro, pois era ele como uma peste pública, que a tinha reduzido inteiramente à extrema miséria. Floro, que estava presente, em vez de se admirar, vendo tão grande multidão clamar tanto contra ele, ao contrário, ainda zombou, e Céstio, para acalmar o povo contentou-se em prometer-lhe que Floro agiria para o futuro com mais moderação. Voltou depois para Antioquia. Floro o acompanhou até Cesaréia e justificou-se sempre com suma hipocrisia. Mas, como ele via que durante a paz os judeus poderiam acusá-lo ao imperador, ao passo que a guerra encobriria seus crimes, porque os males menores são absorvidos pelos maiores, ele oprimia cada vez mais os judeus, com suas violências e injustiças, a fim de levá-los à revolta.

187. Nesse mesmo tempo os gregos de Cesaréia ganharam a causa perante Nero contra os judeus, e obtiveram um decreto a seu favor, dando motivo à guerra, que começou no mês de maio, no décimo segundo ano do reinado daquele imperador e no décimo sétimo do de Agripa.

Capítulo 25

Grande divergência entre os gregos e os judeus de Cesaréia. Eles tomam as armas e os judeus são obrigados a deixar a cidade. Floro, governador daJudéia, em vez de lhes fazer justiça, trata-os ofensivamente. Os judeus de Jerusalém revoltam-se e alguns dizem palavras ofensivas contra Floro.Ele vai a Jerusalém, manda fustigar a golpes de chibata e crucificar diante de seu tribunal a alguns judeus que eram honrados com a distinção de cavaleiros romanos.

188. Por maiores que fossem os males que a tirania de Floro causava à nossa nação, ela os sofria sem se revoltar. Mas o que aconteceu em Cesaréia foi como uma centelha que acendeu o fogo da guerra.

Os judeus dessa cidade haviam rogado muitas vezes a um grego, que tinha um terreno perto de sua sinagoga, que o vendesse com a proposta de pagar-lhe muito bem, mais do que valia; ele não somente não se contentou em recusá-lo, mas também resolveu, para aborrecê-los ainda mais, mandar construir neste terreno uns armazéns e deixar assim uma passagem muito estreita para se ir à sinagoga. Alguns jovens judeus, levados pela raiva, quiseram impedir que os operários continuassem a obra, mas Floro não permitiu que o fizessem. Então os principais deles, no número dos quais estava João, que recebia as rendas do imperador, deram oito talentos a Floro, para fazer cessar essa obra. Ele prometeu-lhes, mas em vez de manter a promessa, apenas recebeu o dinheiro e partiu para Cesareia, de onde foi a Sebaste, como se tivesse vendido aos judeus àquele preço o meio e a oportunidade que ele lhes dava de pegar em armas.

No dia seguinte, que era sábado, os judeus estavam na Sinagoga; um rebelde grego, de Cesareia, pôs, de propósito, na entrada, antes que eles saíssem, um vaso de terra e ali imolava aves, em sacrifício. Não se pode imaginar até que ponto isto irritou os judeus, porque o consideravam como um ultraje às suas leis e à Sinagoga, que julgavam profanada com aqueles sacrifícios. Os mais moderados e os mais sensatos eram de opinião de que se devia ir falar com os magistrados, para pedir-lhes justiça. Mas os mais jovens e os mais violentos, não podendo conter a cólera, queriam pegar em armas e os

gregos, que tinham sido os autores do fato e que não lhes eram inferiores em ousadia, nada mais desejavam do que isso. Assim, mui depressa se preparou a luta. Jucundus, comandante de uma companhia de cavalaria, que lá tinha ficado para impedir qualquer desordem, mandou retirar aquele vaso e procurou acalmar a agitação; mas não pôde resistir ao grande número de gregos e então os judeus tomaram os livros de suas leis e se retiraram para Narbate, longe de Cesareia sessenta estádios apenas. Doze dos principais foram com João procurar Floro, em Sebaste, para se queixar do que havia acontecido e implorar o seu auxílio, falando outrossim dos oito talentos; mas em vez de ele lhes fazer justiça, mandou pô-los numa prisão, tomando como pretexto que eles tinham violado suas leis.

189. Os judeus de Jerusalém não puderam deixar de ver, com estranha indignação, ato tão tirânico. Floro, como se tivesse feito de propósito, para incitar a guerra, mandou tirar dezessete talentos do sagrado tesouro, a fim de os empregar, como dizia, para o serviço do imperador. O povo revoltou-se imediatamente, correu ao Templo soltando gritos e implorando, em nome de César, que o libertassem da tirania de Floro. Não houve imprecações que os mais exaltados não fizessem, nem palavras ofensivas de que não usassem contra aquele detestável governador, alguns com uma caixa na mão pediam, por zombaria, uma esmola em seu nome, como o teriam feito para o mais pobre e o mais miserável de todos os homens.

190. Um descontentamento tão geral em vez de dar a Floro motivo de temor e de receio, principalmente quanto à sua ambição, aumentou-lhe o desejo de enriquecer ainda mais, e bem longe de ir a Cesareia, para fazer cessar a causa da perturbação e esmagar as sementes de uma guerra prestes a se declarar, como seria particularmente sua obrigação, além de dever do seu cargo, pelo dinheiro que tinha recebido, marchou com tropas de cavalaria e de infantaria para Jerusalém, para empregar as armas romanas contra aqueles dos quais queria se vingar e, com suas ameaças, encheu toda a cidade de temor e de receio.

O povo, para acalmá-lo, compareceu perante suas tropas e preparou-se para prestar-lhe todas as honras e homenagens que ele poderia desejar. Mas ele mandou um oficial de nome Capitom, acompanhado de cinqüenta cavaleiros,

ordenar-lhes que se retirassem, e dizer-lhes que não se deixaria enganar por falsas homenagens, depois de tantos ultrajes que lhe haviam feito, e declarava-lhes que, se tinham coragem, não deviam temer repetir em sua presença as mesmas injúrias que tinham proferido em sua ausência e passar mesmo das palavras aos fatos, tomando as armas para reconquistar a liberdade. Os cavaleiros que acompanhavam Capitom atiraram-se imediatamente sobre eles e aquela multidão ficou tão assustada que fugiu sem ter podido saudar Floro, nem prestar honra alguma às suas tropas. Todos se retiraram com não menor humilhação do que temor e passaram toda a noite sem poder dormir.

Floro alojou-se no palácio real e no dia seguinte os principais dos sacerdotes e toda a nobreza da cidade vieram procurá-lo; ele subiu ao tribunal e ordenou que lhe entregassem, naquele momento mesmo, os que o haviam ofendido com palavras. Eles responderam-lhe que todo o povo em geral só desejava paz e que se alguns haviam inconsideradamente falado contra ele, rogavam-lhe que os perdoasse, pois, em tão grande multidão, onde há pessoas de todas as espécies, era impossível encontrá-los e a situação em que estavam pelo que havia acontecido, levava os que tinham cometido a falta, a não confessá-la, e assim, se ele quisesse conservar a paz na província e a cidade aos romanos, devia em favor dos inocentes perdoar a um pequeno número de culpados e não por causa de uns poucos fazer sofrer a tantos inocentes.

Floro, mais irritado do que nunca, com estas palavras, mandou seus soldados saquear o alto mercado e matar todos os que lá se encontravam. O desejo de enriquecer, autorizado pela ordem de seu chefe, fê-los não somente não se contentar com o saque, que lhes era permitido, mas estenderam-no a todas as casas e cortaram a garganta a todos os que encontravam pelo caminho. As ruas mais ocultas que alguns buscaram para se esconder de nada lhes serviram, pois morreram do mesmo modo; a mortandade foi geral e não houve roubo e saque que não se praticasse naquela ocasião. Os soldados levaram a Floro várias pessoas da nobreza que ele mandou torturar e matar a golpes de chicote e depois crucificar.

Não se perdoaram nem mesmo às mulheres nem às crianças ainda de peito e o número dos que pereceram desse modo elevou-se a três mil e seiscentos.

Tão horrível ação foi tanto mais intolerável aos judeus pois era uma nova espécie de crueldade que os romanos ainda não tinham usado, pois Floro fora o primeiro que tivera a coragem de vergastar com chicote e crucificar diante de seu tribunal homens da Ordem dos Cavaleiros, que embora judeus haviam sido honrados pelos romanos com uma dignidade tão importante.

CAPÍTULO 26

A RAINHA BERENICE, IRMÃ DO REI AGRIPA, QUERENDO ACALMAR O ESPÍRITO DE FLORO, PARA ACABAR COM SUA CRUELDADE, CORRE ELA MESMA PERIGO DE VIDA.

191. O rei Agripa tinha ido a Alexandria procurar Alexandre, a quem Nero havia dado o governo do Egito; mas a rainha Berenice, sua irmã, estava em Jerusalém a fim de cumprir um voto a que se obrigara para recobrar a saúde e por outras necessidades, de cortar o cabelo, abster-se de beber vinho e fazer orações durante trinta dias, antes de oferecer os sacrifícios.

Essa princesa ficou tão sentida por ver a crueldade do governador, que mandou, diversas vezes, a Floro alguns oficiais de cavalaria e de sua guarda, para rogar-lhe que deixasse de derramar tanto sangue. Mas ele, sem se incomodar com o grande número de mortos, nem com a intercessão de uma pessoa da sua posição, pensando somente em enriquecer, por meios infames, não se importou com seus rogos e ela mesma correu perigo de vida, expondo-se aos maus tratos dos seus soldados, pois não somente eles continuaram a matar, diante de seus olhos, os que conseguiam apanhar, mas tê-la-iam matado também se não tivesse ela em tempo fugido para o palácio. Passou toda a noite sem poder dormir, procurando vigiar com atenção, para evitar o seu furor; sua coragem e sua compaixão de tantos males fizeram-na ir no dia seguinte, de pés descalços (era o dia dezesseis de maio), procurar Floro em seu tribunal, para renovar seus rogos; ele, porém, não lhe prestanteu honra alguma e ela correu de novo grave perigo.

192. No dia seguinte, uma grande multidão de povo reuniu-se no alto mercado, onde, com altos brados, lamentava a morte dos que tinham sido tão cruelmente martirizados; muitos falaram contra Floro. Os sacerdotes e os principais da cidade, imaginando quanto aquilo poderia vir aumentar-lhes o

mal, foram com as vestes rasgadas pedir-lhe que se contentasse com as desgraças que até então haviam sucedido; com isso, porém, irritaram ainda mais a Floro. O respeito do povo por aqueles homens ilustres e a esperança de que Floro não os afligiria mais acalmaram o tumulto.

Capítulo 27

Floro obriga, com horrível maldade, os habitantes de Jerusalém a se apresentarem às tropas romanas que mandara vir de Cesaréia para saudá-las; mas ordena a essas tropas que os ataquem, em vez de lhes retribuir a saudação. O povo se põe na defensiva e Floro, não podendo realizar o desejo que tinha de saquear o sagrado tesouro, retira-se para Cesaréia.

193. Quando esse mau governador viu que a perturbação tinha cessado, pensou em recomeçá-la; e, para consegui-lo, mandou reunir os sacerdotes e as pessoas mais ilustres de Jerusalém e disse-lhes que o único meio de mostrar que o povo queria para o futuro viver tranqüilo e em paz era comparecer à presença de duas coortes, que ele mandara vir de Cesaréia. Eles prometeram-no e em seguida ele ordenou aos oficiais dessas tropas que não retribuíssem a saudação dos judeus quando comparecessem à sua presença, mas os atacassem, se alguém se mostrasse ofendido ou murmurasse.

Os sacerdotes reuniram o povo no Templo e o exortaram a se apresentar às tropas romanas e saudá-las, para evitar, desse modo, que sucedessem outros graves inconvenientes e embora os mais revoltados não quisessem fazê-lo, o povo obedeceu pela dor que sentia ainda ante o martírio de tantos parentes e amigos. Os levitas e sacerdotes tomaram também os vasos sagrados com o restante do que se usava de mais precioso para o serviço de Deus e os cantores, diante deles, com instrumentos musicais, e rogavam de joelhos, perante o povo, pelo zelo que deveria ter pela honra e conservação do Templo, a não irritar os romanos para não lhes dar motivo de saquear as coisas santas. Os mais ilustres dos sacerdotes com a cabeça coberta de cinzas, os hábitos rasgados e o estômago descoberto, rogavam particularmente aos mais ilustres da cidade, e a todo o povo, em geral, que não desgostassem, por pouco que

fosse, os romanos, a fim de não atrair sobre sua pátria o furor daqueles que só esperavam um pretexto para saquear, a fim de satisfazer sua insaciável ambição. "Como julgais que esses soldados vos hão de ser gratos pelas homenagens que vós mesmos lhes prestastes no passado, se agora não as quereis prestar, para pretender imaginar que eles vos tratarão melhor para o futuro, do que no passado? E se os receberdes com honra, à sua chegada, tirareis todo pretexto a Floro de usar de violência e livrareis vosso país de todos os males de que temos muitos motivos para temer, no caso contrário." Disseram ainda que o número dos revoltosos era mui pequeno, em comparação com aquela grande multidão e eles os deveriam obrigar a se unir a eles. O povo ficou comovido com estas palavras e os que haviam falado com tão grande sabedoria acalmaram o ânimo dos mais exaltados, quer com as ameaças, quer com o respeito que infundiam com sua posição e autoridade.

Foram todos depois em boa ordem e sem tumulto à presença das tropas romanas e quando estavam já bem perto, saudaram-nas. Mas os soldados não lhes responderam à saudação; os mais revoltosos começaram a gritar contra Floro, dizendo que era por sua ordem que eles os tratavam tão mal. Os soldados, para executar as ordens recebidas, atacaram-nos a cacetadas e os fizeram fugir; depois, perseguiram-nos, pisoteando, sob as patas dos cavalos, aqueles que caíam por terra. Assim muitos morreram miseravelmente e outros, assustados, escaparam. A maior desgraça aconteceu às portas da cidade; cada qual esforçava-se por avisar seus companheiros que fugissem, e quanto mais se apressavam menos avançavam. Ninguém quis enterrar os mortos. Os romanos, que os perseguiam, matavam a todos os que podiam apanhar e impediam assim que a multidão pudesse entrar pela porta de Bezeta, porque eles queriam passar por ali, para se apoderar do Templo e da fortaleza Antônia.

Nesse mesmo tempo, Floro saiu do palácio real, com os soldados que o acompanhavam, com esse mesmo intento, de se apoderar da fortaleza. Mas não pôde fazê-lo, pois o povo deu meia volta, pôs-se na defensiva, deteve-os, subiu aos telhados, atacou-os a pedradas e a golpes de dardos. Desse modo os romanos, que não podiam vencer a massa do povo que enchia as ruas, muito estreitas, foram obrigados a se retirar para junto das tropas que estavam no palácio real.

Os judeus, temendo que Floro fizesse novo ataque para se apoderar do Templo, por meio da fortaleza Antônia, derrubaram rapidamente a galeria que unia essa fortaleza com o Templo. E como o desejo que Floro tinha de se apoderar da fortaleza Antônia era motivado pela vontade de se apoderar também do tesouro sagrado, a destruição dessa galeria veio tirar-lhe todas as esperanças, opondo um grave obstáculo à sua ambição e avareza. Ele reuniu os principais sacerdotes e o Senado, disse-lhes que estava resolvido a se retirar e que lhes deixaria como guarnição as tropas que eles quisessem.

Responderam-lhe eles que julgavam não se dever introduzir modificação alguma e que assim uma só coorte seria suficiente; mas não era conveniente que fosse uma daquelas que tinham maltratado o povo, porque todos ainda estavam muito irritados contra elas. Ele o concedeu, deixou outras coortes e retirou-se com o restante para Cesaréia.

CAPÍTULO 28

FLORO COMUNICA A CÉSTIO, GOVERNADOR DA SÍRIA, QUE OS JUDEUS SE TINHAM REVOLTADO; E ELES, POR SEU LADO, ACUSAM FLORO PERANTE ELE. CÉSTIO MANDA OBSERVADORES PARA SE INFORMAREM DA VERDADE. O REI AGRIPA VEM A JERUSALÉM E ENCONTRA O POVO DISPOSTO A TOMAR AS ARMAS SE NÃO LHE FIZEREM JUSTIÇA CONTRA FLORO. GRANDE DISCURSO ELE FAZ PARA DISSUADI-LO, FALANDO-LHE DO PODERIO ROMANO.

194. Floro apenas chegou a Cesaréia, procurou novamente pretextos para manter a guerra. Mandou dizer a Céstio, governador da Síria, que os judeus se tinham revoltado e por uma vergonhosa mentira acusou-os de terem feito o mal que ele mesmo fizera. Os principais de Jerusalém não deixaram, por sua vez, bem como a rainha Berenice, de avisar a Céstio do que se havia passado e da crueldade que Floro tinha feito aos judeus. Depois que Céstio leu as cartas de uns e de outros, reuniu os oficiais de suas tropas para deliberar sobre o que se haveria de fazer e alguns foram de opinião que ele fosse à Judéia com o exército para castigar os judeus, se fosse verdade que eles se haviam revoltado, ou confirmá-los em sua fidelidade, se eles tivessem sido acusados falsamente. Mas ele julgou que era melhor mandar antes alguns observadores, que se

informassem exatamente da verdade, para lhe dar depois um relatório fiel dos fatos; deu essa incumbência a Napolitano, mestre de campo. Esse oficial encontrou, perto de Jamnia, o rei Agripa que voltava de Alexandria e disse-lhe do motivo de sua viagem.

Os sacerdotes dos judeus, os Senadores e as outras pessoas mais ilustres vieram àquele lugar para prestar suas homenagens àquele príncipe e apresentar-lhe suas queixas a respeito da crueldade sem nome de Floro. Ele ficou impressionado e sentiu grande compaixão, mas não deixou de censurá-los duramente, como se eles não tivessem razão, porque ele queria acalmar-lhes o espírito, e não irritá-los ainda mais, mostrando participar dos seus sentimentos. Os principais dentre eles, que tinham muito a perder, desejavam a paz, para poder conservar seus bens e receberam aquelas censuras como um sinal de afeto. O povo de Jerusalém veio também procurar o rei Agripa e Napolitano, a uma distância de sessenta estádios da cidade; as mulheres dos que tinham sido cruelmente massacrados enchiam o ar com seus gemidos e gritos e o povo acompanhava-as com suspiros e lágrimas. Todos pediram ao príncipe que os ajudasse dizendo a Napolitano da crueldade de Floro e pediram-lhe que viesse à cidade para ver de que modo eles eram tratados. Ele foi. Mostraram-lhe o grande mercado inteiramente abandonado e as casas saqueadas. Rogaram depois ao rei Agripa que fizesse de modo que Napolitano, acompanhado somente por um dos seus, desse uma volta pela cidade até à piscina de Siloé, para ver com seus próprios olhos, que nada se podia acrescentar à obediência que eles tinham prestado aos outros governadores romanos e Floro era o único que eles não podiam tolerar por causa de sua horrível crueldade. Depois que Napolitano, a rogo do rei Agripa, deu uma volta pela cidade e ficou muito satisfeito com a submissão de todo o povo, subiu ao Templo e ali fez reunir uma grande multidão; louvou-o, com um discurso, por sua fidelidade aos romanos, exortou-o a permanecer sempre em espírito de paz e depois de ter adorado a Deus e às suas santas leis, sem penetrar no mesmo, porque nossa religião não lho permitia, voltou para falar com Céstio.

195. Depois que ele partiu, os sacerdotes e o povo insistiram com Agripa que lhes permitisse mandar embaixadores a Nero, para lhe levar suas queixas contra Floro, porque depois de tão grande carnificina, eles não podiam

permanecer em silêncio, para não dar motivo de se crer que eles se tinham revoltado e de que eles tinham por primeiro tomado as armas; quando, na verdade, fora ele que a isso os havia obrigado; pediam-no com tanta insistência que pareciam não poder ficar tranqüilos, se ele não o concedesse. O príncipe, considerando que de um lado era vergonhoso mandar embaixadores para acusar Floro, e, por outro, não lhe era conveniente descontentar o povo tão irritado e tão inclinado à guerra, reuniu-o numa grande galeria e depois de ter posto a rainha Berenice, sua irmã, num lugar bem elevado, que era como uma espécie de trono, no palácio dos príncipes hasmoneus, que dava para a galeria, do lado mais alto da cidade, onde uma ponte une a galeria ao Templo, falou-lhe deste modo:

196. "Eu vos vejo decididos a fazer guerra aos romanos, mas eu sei também que a maior parte deseja conservar a paz, do contrário não teria vindo até aqui, nem me daria ao trabalho de vos aconselhar, pois quando todos em geral estão dispostos a abraçar o pior partido é inútil proporem-se coisas vantajosas. Mas, como eu vejo que o ardor de alguns lhes impede conhecer os males da guerra e que outros se deixam iludir por uma vã esperança de liberdade e que a avareza também procura aproveitar-se dessa agitação, julguei dever reunir-vos, para vos dizer o que eu julgo necessário e impedir que os maus conselhos de um pequeno número venham a causar a perda de tantos homens de bem.

"Que ninguém me interrompa nem murmure quando eu disser coisas que não lhes são agradáveis. Será permitido, aos que são inclinados à revolta, aos quais nada lhes pode curar o espírito, permanecer em suas opiniões depois que eu tiver terminado o meu discurso, pois eu falaria inutilmente aos que desejam me escutar se todos não se conservarem em silêncio.

"Eu sei que muitos representam de maneira patética os ultrajes que receberam dos governadores dessas províncias bem como o grande bem da liberdade. Mas, antes de examinar a diferença entre vossas forças e as daqueles aos quais quereis fazer guerra, devemos considerar duas coisas que confundis. Se desejais somente que se vos dê razão, porque tanto sofrestes, por que louvais tanto a liberdade? E se a servidão vos parece coisa insuportável, de que vos servirá vos queixardes de vossos governadores, mesmo quando eles fossem

os mais moderados do mundo, não consideraríeis uma vergonha obedecer-lhes?

"Considerai, eu vos rogo, atentamente, como é frágil o motivo que vos levaria a empreender tão grande guerra e de que maneira devemos proceder com relação àqueles aos quais estamos sujeitos. É preciso mantê-los calmos com a submissão e não irritá-los com queixas. As pequenas faltas que neles censuramos irritam-nos e os levam a cometer outras maiores. Se antes faziam o mal secretamente, e com certa vergonha, depois não temem fazer violência, abertamente. Nada, ao contrário, é tão frágil como a paciência para detê-los, e um sofrimento humilde só poderia causar confusão aos mais ousados e aos mais injustos.

"Porém, mesmo quando esses governadores abusassem de tal modo do seu poder e vos dessem muitos motivos de queixas, deveria vosso ressentimento se estender a todos os romanos, e mesmo ao imperador, para vos fazer tomar as armas contra eles? É por sua ordem que eles vos oprimem? Podem eles ver do ocidente o que se passa no oriente? Não é muito difícil que eles sejam exatamente informados do que a nós se refere?

"Que há, então, de mais irrazoável do que querer, com razões tão frágeis, empenhar-se numa guerra contra tão poderosos inimigos, sem que eles saibam somente qual é a razão que a isso vos obriga? Não tendes motivos de esperar que aquilo que sofreis terminará depressa, pois esses injustos governadores não são perpétuos e poderão vir sucessores mais equilibrados e razoáveis? E quando a guerra se tivesse começado, como fazê-la e ainda mais terminá-la, sem experimentar todos os males que a ela se seguem?

"Que imprudência maior do que tentar libertar-se da servidão, quando não se tem os meios necessários para se recuperar a liberdade? Não é, ao contrário, um motivo de se cair numa nova escravidão, ainda mais dura que a primeira?

"Nada mais justo do que combater, para se evitar o jugo de uma dominação estrangeira. No entanto, depois que se recebeu esse jugo, tomar as armas para dele se libertar não é mais amor à liberdade, mas apenas uma revolta.

"Quando Pompeu entrou nesse país, tudo devíamos fazer para repelir os romanos. Mas se nossos antepassados e nossos reis ainda que

incomparavelmente mais ricos e poderosos do que nós não puderam resistir a uma pequena parte de suas forças, em que vos fundais para esperar que vossos antepassados e vós, estando sujeitos a eles, há tanto tempo, podereis agora resistir ao ímpeto de todo esse enorme e temível império?

"Aqueles generosos atenienses, que para defender a liberdade da Grécia, não temeram ver reduzir-se a cinzas suas cidades, que com uma pequena frota puseram em fuga o soberbo Xerxes — cujos navios cobriam todo o mar, e cujos exércitos de terra pareciam avassalar toda a Europa, que naquela célebre batalha travada junto da ilha de Salamina, triunfaram sobre todas as forças da Ásia unidas — obedecem agora aos romanos e vêem sua república, que era como a rainha da Grécia, sujeita às ordens que recebem da Itália.

"Os lacedemônios, que ganharam aquelas famosas batalhas das Termópilas e de Platéia e viram Agesilau levar tão bem longe da Ásia suas armas vitoriosas, reconhecem também agora os romanos como seus senhores.

"Os próprios macedônios, que tinham continuamente diante dos olhos o valor de Filipe e os troféus do grande Alexandre, e se compraziam com a posse do império de todo o mundo, experimentaram, como os outros, as alternativas da sorte e agora dobram os joelhos diante desses invencíveis conquistadores, para cujo partido passaram.

"Tantas outras nações, que não julgavam possível perder a liberdade, também sofrem o jugo desses dominadores de toda a terra; e vós pretendeis ser os únicos a não obedecer a quem todos os outros obedecem?

"Onde estão os exércitos, onde estão as forças em que confiais? Onde estão os navios para vos abrir passagem em todos os mares sujeitos aos romanos? Onde estão os meios para sustentar as despesas de tão ousado empreendimento?

"Julgais combater egípcios ou árabes e ousais opor vossa fraqueza ao poderio romano? Já vos esquecestes de que fostes tantas vezes vencidos por vossos vizinhos, e de que, ao contrário, por toda a parte onde os romanos levaram a guerra sempre foram vitoriosos? A conquista de todas as terras conhecidas ainda não os satisfez; sua ambição e coragem os levam a avançar sempre. Não se contentaram de ter também submetido todo o Eufrates, do lado do oriente, todo o Danúbio, do lado do norte, toda a África até os desertos da

Líbia, do lado do sul e de penetrar do lado do ocidente até Cádiz: eles buscaram outro mundo, além do Oceano, e mostraram à Grã-Bretanha, que se julgava inacessível, que nada é capaz de limitar o vôo das águias romanas.

"Pensais ser mais poderosos que os gauleses, mais valentes que os alemães e mais hábeis que os gregos? Ou melhor, pensais ser os únicos mais fortes que todos os outros juntamente? Em que vos fundais, para vos ousardes revoltar contra tão temível império?

"Podereis dizer que a servidão é coisa dura. Não considerais porém que ela deve ser muito mais dura para os gregos que julgam sobrepujar em nobreza a todos os outros povos e estenderam seu domínio tão longe e obedecem agora sem resistência aos magistrados que Roma lhes manda?

"Os macedônios fazem do mesmo modo, embora eles possam com mais justo título do que vós defender sua liberdade. Quinhentas cidades da Asia não obedecem também a um cônsul, sem que nenhuma força a isso as obrigue? Que direi dos enioqueanos, dos colqueanos, dos toreanos e dos bosforianos, dos que moram nas margens do Ponto e nos Paludes Meótidos, que jamais tiveram chefes, nem mesmo da própria nação, jamais ousaram pensar em se revoltar, embora tenham como guamição apenas três mil soldados romanos? E esses mesmos romanos não dominam com quarenta navios, somente, todo o mar, do qual antes ninguém havia tentado a passagem?

"Que razões a Bitínia, a Capadócia, a Panfília, a Lídia e a Cilícia poderiam apresentar em favor de sua liberdade? E, entretanto, pagam tributo aos romanos sem que haja necessidade de exércitos para os obrigarem a isso?

"Dois mil soldados não lhes bastam também, na Trácia, para mantê-la submissa, embora tenha uma extensão de sete dias de caminho e de cinco de largura; e embora esse país seja muito mais rude e mais forte do que o vosso e as geleiras possam sozinhas defender-lhe a entrada?

"Não têm eles, do mesmo modo, sob sua obediência toda a Ilíria, que se estende para além do Danúbio, até a Dalmácia, com duas legiões somente, que lhes servem também para dominar os dácios? E os dalmatas, que tomaram as armas para reconquistar a liberdade e que o fizeram sempre com maiores esforços, não obedecem pacificamente hoje a uma legião romana?

"Se há razões bastante fortes para levar uma nação a se revoltar contra os

romanos, quem não as teria senão os gauleses? Pois, parece-me que a natureza mesma sentiu prazer em fortificá-los de todos os lados; ao oriente eles têm os Alpes, ao norte o Reno, ao sul os Pirineus e ao ocidente o Oceano. Embora defendidos pela natureza, embora reunindo trezentos e cinco povos diversos, embora tenham em si mesmos uma fonte inesgotável de toda espécie de bens, que difundem em todo o restante da terra, eles são tributários dos romanos e julgam que sua felicidade depende da do grande império. A esse respeito não se pode dizer que haja falta de coragem ou que seus antepassados tenham sido fracos e covardes, pois eles combateram durante oitenta anos, defendendo sua liberdade. Mas viram com espanto e admiração que o grande valor dos romanos era acompanhado também de grande prosperidade e sua boa sorte somente fê-los muitas vezes vitoriosos em tantas guerras. Eles se submetem a mil e duzentos soldados somente, daquela nação, hoje senhora do mundo, número que iguala quase o de suas cidades.

"De que serviu, outrossim, aos espanhóis, que quiseram defender sua liberdade, ter em seu território minas de ouro? De que serviu aos portugueses e aos biscaínos estar tão longe de Roma, à margem do Oceano, cujas tempestades causam espanto, ameaçar a mesma terra? Esses incomparáveis conquistadores galgaram os cumes dos Pirineus como se estivessem caminhando através das nuvens e levaram seus exércitos além do mar, mais longe ainda do que as colunas de Hércules, e uma somente de suas legiões não mantém sob seu domínio tantas províncias, tão belicosas?

"Quem dentre vós não ouviu falar do numeroso povo alemão? Não notastes tantas vezes sua estatura e sua força extraordinária, pois não há lugar no mundo onde os romanos não tenham escravos daquela gente? Embora seu país seja muito extenso, embora sua coragem seja ainda maior que sua estatura, embora tenham uma firmeza de alma que os faz desprezar a morte e embora, quando estão irritados, sejam mais ferozes que os mesmos animais, hoje têm o Reno por fronteira e oito legiões romanas os dominam: os que são aprisionados tornam-se escravos e os outros só podem viver submetendo-se a eles.

"Se na força de vossas muralhas pondes vossa confiança, considerai a Grã-Bretanha, toda rodeada pelo mar e tão extensa que pode passar por um

pequeno mundo. Os romanos, entretanto, dominaram-na, não obstante os ventos e as ondas que se opunham à sua passagem e quatro legiões são suficientes para manter na obediência aquela grande ilha.

"Que direi dos partos, nação tão poderosa e tão valente, que antes dominava tantas outras? Não dá agora reféns aos romanos e não manda a Roma, com o pretexto de paz, mas, de verdade, como uma prova de sua servidão, a flor da nobreza do Oriente?

"Assim, dentre tantos povos que o sol ilumina com seus raios, fazendo o giro do mundo, não há quem não se dobre ao poder dos romanos. Quereis ser os únicos a lhes declarar guerra? Não vedes o que sucedeu aos cartagineses, que embora tendo sua origem dos ilustres fenícios e gloriando-se de ter por chefe o temível e ilustre Aníbal, não puderam evitar cair sob as armas vitoriosas de Cipião?

"Não vos lembrais de que os sirenianos, descendentes dos lacedemônios, dos marmáridas, que se estendem até os desertos tão áridos, onde nada lhes é mais raro do que a água, dos cirtas, de quem não se pode ouvir falar sem espanto, dos nassamoneanos, dos mouros, e da multidão inumerável dos númidas que não puderam resistir ao poderio romano?

"Esses soberbos vencedores não submeteram também aquela terça parte da terra, de que seria difícil enumerar as nações e que se estendem desde o Oceano Atlântico e as colunas de Hércules até o mar Vermelho, inclusive toda a Etiópia? Além do trigo que esses países fornecem todos os anos, para nutrir durante oito meses o povo romano, eles ainda pagam tributos e satisfazem sem murmurar a várias outras despesas e só têm uma legião como guarnição.

"Mas por que procurar exemplos tão afastados para vos persuadir do máximo poder dos romanos, pois o Egito, de que estais tão próximos, vo-lo pode dar? Embora esse grande reino se estenda até a Etiópia e a Arábia Feliz, e se limite com as índias, seja povoado por um número infinito de homens, além dos de Alexandria, não se julga desonrado de pagar um tributo aos romanos, e que é realmente muito grande, pois ele o paga por cabeça, para uma inumerável multidão de pessoas.

"Que motivo não seria para Alexandria se revoltar, a sua maravilhosa extensão de trinta estádios de comprimento e dez de largura, suas grandes

riquezas e o número de seus habitantes? É fortificada de todos os lados, por desertos impenetráveis, por um oceano sem portos, por rios profundos, por paludes tremendos. Mas, como não há obstáculo que o valor e a sorte dos romanos não vença, ela tem de lhe pagar cada mês mais do que vós em um ano e de fornecer ainda o trigo para alimentar durante quatro meses o povo romano e uma guarnição de duas legiões é suficiente para os manter na obediência, com toda sua nobreza, a Macedônia e todo o Egito, cuja extensão é enorme.

"Assim, todo o mundo habitado está sujeito aos romanos; tereis que procurar auxílio no deserto se, levando vossas esperanças além do Eufrates, esperais recebê-lo dos adiabenianos. Mas eles não serão tão imprudentes de se empenharem sem motivo em tão grande guerra; e mesmo que o resolvessem fazer, os partos não o permitiriam, porque eles querem conservar a paz com os romanos e a julgariam violada, se consentissem que aqueles que lhe são sujeitos tomassem as armas contra eles.

"Não vos resta, portanto, que recorrer a Deus. Mas como podeis esperar na vossa fé, que Ele vos seja favorável, se foi Ele mesmo que elevou o Império Romano a tal felicidade e poder?

"Mesmo que vossos inimigos fossem mais fracos do que vós, não poderíeis esperar um êxito favorável nessa empresa. Se observardes religiosamente o sábado, não podereis evitar serdes atacados, como vossos antepassados o foram, por Pompeu, que escolheu esse tempo para dominá-los, pois sabia que eles não se atreveriam a se defender. E se não temeis violar a lei combatendo como nos outros dias, por que dizeis que só tomais as armas para manter as vossas leis, como podeis esperar o auxílio de Deus, quando o ofendeis, voluntariamente desobedecendo aos seus mandamentos? Só se deve empreender uma guerra quando há confiança no seu auxílio ou no dos homens; mas, se um e outro faltarem, como não cair na escravidão?

"Se não podeis resistir ao ardor que vos excita, parti em pedaços com vossas próprias mãos os vossos filhos e as vossas esposas, reduzi a cinzas todo este belo país, a fim de que só se possa atribuir ao vosso furor a ruína de vossa pátria, poupando-vos a vergonha de vê-la destruída por vossos inimigos.

"Crede-me, meus amigos, crede-me; é de grande prudência prever a tempestade, quando o navio ainda está no porto; é mui grande imprudência

levantar a âncora e velejar, quando ela já começou a se desencadear. Como lamentamos, com razão, os que são vítimas das desgraças, que não haviam podido prever e como se censuram com justiça os que se lançam voluntariamente em perigos claros e inevitáveis.

"Julgais talvez que a guerra se pode fazer com condições e que os romanos vencedores usarão de bondade em sua vitória? Não deveis, ao contrário, pensar que, para vos fazer servir de exemplo aos outros povos, eles destruirão pelo fogo esta cidade santa, e pelo ferro, toda vossa nação? Onde e como se salvariam os que ficassem com vida, pois todos estão sujeitos aos romanos ou temem cair em seu poder.

"Tão estranha desolação não se limitaria somente a vós, iria além. Os judeus espalhados por toda a terra sentir-se-iam esmagados sob vossa ruína. A revolta, a que os maus conselhos de alguns vos querem levar, faria correr rios de sangue em todas as cidades, onde moram os de vossa nação, e onde eles se julgam em segurança, sem que se possam censurar os romanos, pois a isso os teríeis obrigado; e se eles os deixarem em paz, julgai que injustiça vos teria feito tomar as armas contra aqueles que usariam da vitória com tanta moderação e bondade.

"Se perdestes todos os sentimentos da humanidade por vossas mulheres e por vossos filhos, tende pelo menos compaixão da capital da Judéia. Não sejais tão cruéis e tão ímpios, armando vossas mãos para derrubar vossas muralhas, para destruir vosso sagrado Templo, para arruinar o santuário e abolir vossas santas leis. Ousais esperar que os romanos, depois de tão mal recompensados, por vos terem poupado antes, vos poupem agora, quando de novo vos tiverem vencido?

"Tomo como testemunha estas coisas santas, os anjos de Deus e nossa pátria comum, de como jamais me descuidei em tudo o que pensei contribuir para vossa salvação.

"Se seguirdes meu conselho todos gozaremos de paz. Mas se continuais a vos deixardes levar pelo furor que vos agita, não estou disposto a me expor convosco aos perigos que vos são tão fáceis evitar."

O rei Agripa terminou este discurso e a rainha Berenice acompanhou-o com suas lágrimas; tantas razões e tantas provas de afeto tocaram o coração do

povo, que moderou o furor e exclamou: "Não é contra os romanos que queremos empunhar as armas, mas contra Floro, cuja tirania é insuportável". "Mas vossas ações mostram", respondeu-lhes Agripa, "que é contra os romanos que o fazeis, pois não pagais o tributo ao imperador e derribastes a galeria que unia o Templo à fortaleza Antônia. Se quereis mostrar que não tendes intenção de vos revoltar, apressai-vos em cumprir o primeiro dever e em reconstruir a galeria, pois é ao imperador e não a Floro que esse dinheiro é devido e essa fortaleza pertence."

CAPÍTULO 29

O DISCURSO DO REI AGRIPA PERSUADE O POVO. O PRÍNCIPE, EXORTANDO-O A OBEDECER A FLORO ATÉ QUE O IMPERADOR LHE TENHA DADO UM SUCESSOR, FÁ-LO FICAR IRRITADO, DE TAL MODO, QUE O EXPULSA DA CIDADE COM PALAVRAS OFENSIVAS.

197. O povo persuadiu-se com estas palavras, acompanhou o rei e a rainha Berenice ao Templo, e começou a trabalhar para reedificar a galeria. Nesse mesmo tempo, alguns oficiais foram por todo o país recolher o que faltava, para pagar os tributos e logo reuniram quarenta talentos. Assim o rei Agripa julgou ter eliminado o motivo de se temer uma guerra e quis em seguida persuadir o povo a obedecer a Floro até que o imperador lhe tivesse dado um sucessor. Mas este irritou-se de tal modo, que o expulsou da cidade com palavras ofensivas e alguns dos mais exaltados levaram sua insolência a lhe atirar pedras. O príncipe, vendo que era impossível conter o furor daqueles rebeldes, retirou-se para seu reino, censurando-os pela maneira indigna como o tratavam, faltando ao respeito que lhe era devido; mandou depois pessoas ilustres procurar Floro em Cesaréia, a fim de que ele escolhesse os encarregados de cobrar o tributo em todo o país.

CAPÍTULO 30

SEDICIOSOS ATACAM MASSADA DE SURPRESA, DEGOLAM A GUARNIÇÃO ROMANA E ELEAZAR, FILHO DO SACERDOTE ANANIAS, IMPEDE QUE SE RECEBAM AS VÍTIMAS OFERECIDAS PELOS ESTRANGEIROS, DENTRE OS QUAIS

TAMBÉM O IMPERADOR ESTAVA INCLUÍDO.

198. Pouco tempo depois, alguns mais inclinados à guerra atacaram de surpresa a fortaleza de Massada, degolaram toda a guamição romana e lá puseram outra, composta pelos da sua nação.

Por outro lado, Eleazar, filho do sumo sacerdote Ananias, jovem, mas muito ousado, comandava alguns soldados; persuadiu ele aos que cuidavam dos sacrifícios a só receberem presentes e vítimas oferecidas pelos judeus; isto era como lançar a semente de uma guerra contra os romanos. E assim recusaram eles até as vítimas oferecidas em nome do imperador. Os sacerdotes e os grandes opuseram-se com veemência à mudança desse costume de os soberanos oferecerem vítimas, mas inutilmente, porque os revoltosos, sustentados por Eleazar, confiando em seu grande número, só pensavam em agitação.

CAPÍTULO 31

OS PRINCIPAIS DE JERUSALÉM, DEPOIS DE SE TEREM ESFORÇADO PARA ABAFAR A REVOLTA, MANDAM PEDIR TROPAS A FLORO E AO REI AGRIPA. FLORO, QUE SÓ DESEJAVA A DESORDEM, NÃO LHES MANDA, MAS AGRIPA ENVIA-LHES TRÊS MIL HOMENS. ELES COMBATEM CONTRA OS SEDICIOSOS, QUE SENDO EM NÚMERO MUITO MAIOR, OS OBRIGAM A SE RETIRAREM PARA O ALTO DO PALÁCIO, QUEIMAM O ARQUIVO DOS ATOS PÚBLICOS, COM O PALÁCIO DO REI AGRIPA E DA RAINHA BERENICE, E CERCAM O ALTO DO PALÁCIO.

199. Os principais de Jerusalém, tanto sacerdotes como fariseus e outros, vendo a cidade tão ameaçada, resolveram persuadir os sediciosos à obediência e à sujeição. Mandaram em seguida reunir o povo diante da porta de bronze da parte interior do Templo, que está voltada para o oriente, e começaram a falar da ousadia em se deixar levar a uma revolta, que poderia ser causa de uma guerra sangrenta. Disseram, em seguida, que a causa era muito injusta, porque seus antepassados jamais se tinham recusado a receber presentes das nações estrangeiras, como bem se podia ver, porque o Templo, na maior parte, era adornado com as dádivas que eles tinham oferecido e que não somente não se

haviam rejeitado suas vítimas, o que não se podia fazer sem impiedade, mas também viam-se ainda naquele mesmo Templo as ofertas que eles haviam feito, em todos os tempos. Por isso era estranho que se estabelecessem novas leis para provocar as armas romanas, e além do perigo ao qual se expunha Jerusalém, ela tornar-se-ia culpada de um grande crime, em matéria de religião, como seria permitir só aos judeus oferecer vítimas a Deus e adorá-lo no seu Templo. E mesmo quando essa nova lei, que se queria estabelecer, só se referisse a um único homem, não se poderia eximi-la de desumana; mas, tornando-a geral, ofender-se-iam todos os romanos, por um desprezo injurioso e far-se-ia passar o mesmo imperador por um profano. Havia ainda motivo de se temer que aqueles que rejeitavam tão ousadamente as vítimas dos outros, não fossem privados no futuro da liberdade de as oferecer para si mesmos, se não se arrependessem de sua falta, antes que os ofendidos tão imprudentemente disso tivessem conhecimento.

Depois de assim ter falado, os sacerdotes que mais conheciam os costumes de nossos antepassados disseram que eles jamais haviam recusado vítimas oferecidas por nações estrangeiras. Mas aqueles que só queriam agitações não escutaram tais razões e para dar motivo de guerra os ministros do altar não se apresentaram.

200. Dessa forma, os chefes vendo que a revolta tinha chegado a tal ponto, que sua autoridade já não era capaz de contê-la e que os males que se temiam da parte dos romanos cairiam principalmente sobre eles, resolveram, para conseguir que os sediciosos desistissem, mandar a Floro alguns homens, dos quais Simão, filho de Ananias, era o chefe, e outros ao rei Agripa, chefiados por Saul, Antipas e Costobaro, parente do príncipe, para pedir a ambos que viessem em auxílio de Jerusalém, com tropas, a fim de extinguir a revolta antes que ela crescesse ainda mais.

Tão má notícia foi muito agradável a Floro, o qual, para que o fogo da guerra se acendesse mais ainda, não deu resposta aos enviados. Agripa, para salvar, se ainda possível, não somente os que permaneciam fiéis ao dever, mas também os sediciosos, para conservar a Judéia aos romanos e o Templo e sua pátria aos judeus, julgando além disso, que a perturbação só lhes poderia ser prejudicial, mandou em seguida três mil homens, auranitas, bataneianos e

traconitidas, comandados por Dario e deu-lhes por general Filipe, filho de Joaquim.

201. Os chefes, os sacerdotes e a parte do povo que desejavam a paz receberam-nos e os hospedaram na cidade alta; a cidade baixa e o Templo foram ocupados pelos revoltosos. A guerra começou com arremesso de pedras e flechas e por vezes chegaram mesmo a combater corpo a corpo. Os revoltosos eram mais ousados, porém os soldados do rei tinham mais experiência na guerra. Todos os esforços destes visavam expulsar do Templo aqueles que o profanavam de maneira tão criminosa; e o objetivo de Eleazar e dos seus partidários era apoderar-se da cidade alta. Sete dias passaram-se dessa maneira, com grande mortandade de parte a parte, sem progresso algum.

202. Entretanto, chegou a festa a que chamam de xiloforia, durante a qual leva-se ao Templo uma grande quantidade de madeira para manter um fogo, que jamais se deve apagar; os revoltosos impediram aos seus adversários o cumprimento desse dever de piedade, ao qual sua religião obrigava. A eles havia unido um grande número daqueles assassinos, denominados sicários, por causa dos punhais que trazem escondidos sob as vestes; estes lançaram-se no meio do povo, obrigando os do lado do rei a ceder à sua ousadia e ao seu grande número, e a abandonar a cidade alta. Os amotinadores dela se apoderaram, puseram fogo na casa do sumo sacerdote Ananias e no palácio do rei Agripa e da rainha Berenice. Cercaram em seguida o arquivo dos atos públicos para queimar todos os contratos e as obrigações que lá estavam, trazendo assim ao seu partido todos os devedores, que não mais temiam atacar seus credores, porque não existiam mais os títulos em virtude dos quais eles os pudessem perseguir, e atiraram assim os pobres contra os ricos. Os que tinham esses títulos sob custódia fugiram e os revoltosos incendiaram todos os documentos, reduzindo a cinzas os títulos que bem se poderiam chamar do bem público e continuaram a perseguir seus inimigos.

203. Em tão horrível desordem, Ananias, sumo sacerdote, Ezequias, seu irmão, e alguns outros sacerdotes e homens ilustres de Jerusalém foram se esconder nos esgotos e os que tinham sido enviados ao rei Agripa retiraram-se para junto dos soldados daquele príncipe, no alto do palácio do qual fecharam as portas.

Os amotinadores, satisfeitos com a vitória e tantos incêndios, no momento, não foram além. Mas no dia seguinte, que era o dia quinze de agosto, atacaram a fortaleza Antônia, tomaram-na de assalto em dois dias, dizimaram a guarnição, cercaram as tropas do rei Agripa naquele palácio, onde se haviam escondido e divididos em quatro partes, e procuravam derribar as muralhas. Os sitiados não ousavam atacar um número tão grande de inimigos, mas matavam-nos do alto das torres e dos torreões aos que lhes atacavam. O ardor com que atacavam e se defendiam era tão grande, que não se combatia menos de noite do que de dia, porque os de fora julgavam que os sitiados seriam obrigados a se entregar, por falta de víveres e estes estavam persuadidos de que os inimigos cansar-se-iam de tantos esforços inúteis.

CAPÍTULO 32

MANAHEM TORNA-SE CHEFE DOS REVOLTOSOS, CONTINUA O CERCO DO PALÁCIO E OS SITIA; ELES SÃO OBRIGADOS A SE RETIRAR ÀS TORRES REAIS. MANAHEM, QUE SE FAZIA DE REI, É EXECUTADO EM PÚBLICO; OS QUE HAVIAM FORMADO UM PARTIDO CONTRA ELE CONTINUAM O CERCO, TOMAM AQUELAS TORRES, QUE SE RENDEM E FALTAM À PALAVRA AOS ROMANOS, MATAM-NOS A TODOS, COM EXCEÇÃO DO SEU CHEFE.

204. Entretanto Manahem — filho de Judas, galileu, o grande sofista que desde o tempo de Cirênio censurava os judeus, que em vez de obedecer a Deus somente, eram tão covardes que reconheciam o domínio dos romanos — com o auxílio de algumas pessoas ilustres, tomou à força Massada, onde estava o arsenal de Herodes e depois de ter armado um grande número de homens, que nada tinham a perder, e ladrões, que se uniram a eles, dos quais se servia como de guardas, voltou a Jerusalém, fazendo-se rei; tornou-se chefe da revolta e ordenou que continuassem o cerco do palácio.

Não possuindo máquinas e não podendo forçar as muralhas por causa dos dardos que se lhes atiravam, tiveram de recorrer a uma mina; começaram a trabalhar de longe e quando já a haviam trazido até o pé de uma das torres, moveram-lhes os alicerces e os sustentaram com pedaços de madeira à qual puseram fogo, antes de se retirarem. Depois que o fogo se apagou, a torre caiu.

Mas os sitiados, prevendo o que estava para acontecer, reconstruíram-na com a máxima rapidez, o que surpreendeu os sitiantes e os deteve. Os sitiados pediram então a Manahem e aos outros chefes dos revoltosos para se retirar com segurança, o que eles concederam somente às tropas do rei Agripa e aos judeus.

Dessa forma os romanos ficaram sozinhos em grande consternação, porque, de um lado, não podiam resistir a tão grande número de inimigos, e eles julgavam, por outro, que lhes seria vergonhoso tratar com revoltosos, além de que, quando mesmo a isso se resolvessem, não poderiam confiar em sua palavra. Nessa conjuntura extrema tomaram a deliberação de abandonar o lugar onde estavam, chamado Estratopedom, porque teriam podido facilmente serem forçados a fazê-lo e retirarem-se às torres reais, uma das quais tinha o nome de Hípicos, a outra, de Fazael e a terceira, de Mariana. Os revoltosos ocuparam logo todos os lugares abandonados pelos romanos, mataram os que lá encontraram, saquearam tudo e incendiaram Estratopedom. Isso aconteceu no sexto dia de setembro.

205. No dia seguinte, o sumo sacerdote, que se tinha escondido no esgoto do palácio, foi preso e morto pelos revoltosos com Ezequias, seu irmão; depois, eles sitiaram as torres, a fim de que nenhum dos romanos pudesse escapar.

206. A morte desse sumo sacerdote e tantos lugares fortificados conquistados tornaram Manahem tão orgulhoso e insolente que julgando não haver ninguém melhor do que ele para governar, tornou-se um tirano intolerável. Eleazar e alguns outros reuniram-se e disseram que depois de se terem revoltado contra os romanos, para reconquistar sua liberdade, ser-lhes-ia vergonhoso receber como senhor um homem de sua própria nação, que embora não fosse tão violento como Floro, era-lhe tão inferior; e se tivessem de obedecer a alguém ele seria o último a quem deveriam escolher para governá-los. Resolveram em seguida abolir essa nova dominação e foram ao Templo onde Manahem, vestido como rei, acompanhado de vários soldados, tinha entrado com grande pompa para adorar a Deus. Atiraram-se sobre ele, tomando pedras para matá-lo, julgando que sua morte restituiria a calma à cidade. Os que acompanhavam Manahem fizeram a princípio alguma resistência, mas quando viram todo o povo avançar contra ele, fugiram. Muitos destes foram mortos, e

aprisionados os que estavam escondidos. Uns fugiram para Massada, dentre os quais Eleazar, parente de Manahem, que por meio dessa praça exerceu depois um governo tirânico. Quanto a Manahem, foi encontrado num lugar chamado Oflas, onde se tinha ocultado; retiraram-no de lá e o executaram em público, depois de tê-lo feito sofrer tor-mentos horríveis. Trataram do mesmo modo os principais ministros do seu governo e particularmente Absalão.

207. O povo continuava a favorecer o partido que tinha feito morrer Manahem, na esperança, como disse, de ver a agitação acalmar-se. Mas os que o haviam formado não tinham outra intenção que acender cada vez mais o fogo da guerra, a fim de poder com mais liberdade exercer a violência; embora o povo lhes pedisse para não oprimir mais os romanos, eles continuaram a sitiá-los com mais ardor ainda, e obrigaram Metílio a pedir a Eleazar para se entregar, com a condição de apenas salvar a vida. Ele lhe concedeu e mandou Goriom, filho de Nicodemos, Ananias, filho de Saduceu e Judas, filho de Jônatas, para prometer-lhe com juramento. Metílio saiu em seguida com suas tropas. Enquanto elas tinham armas, os revoltosos nada tentaram contra eles; mas quando, depois da rendição, eles as deixaram e se retiraram sem de nada desconfiar, massacraram-nos; não resistiram elas, e nem lhes rogaram o não fizessem, a contentar-se de gritar que haviam violado o ajuste com um infame perjúrio e Metílio foi o único que não foi morto, porque não somente o pediu, mas também para salvar a vida, prometeu mesmo fazer-se circuncidar.

208. Embora essa perda não fosse considerável para os romanos, que tinham um número tão grande de tropas, era fácil julgar que ela seria a ruína e o cativeiro dos judeus. Os que achavam inevitável entrar na guerra — porque Jerusalém, manchada por um tão grande crime, Deus não a deixaria impune, quando mesmo os romanos não se tivessem vingado por isso — deploravam publicamente sua desdita; toda a cidade estava amargurada e triste; os mais sensatos e ajuizados não estavam menos aflitos do que se fossem culpados das faltas dos amotinados. A carnificina foi tanto mais horrível, quanto sucedeu em dia de sábado, no qual nossa religião obriga a nos abstermos de qualquer obra, mesmo santa.

CAPÍTULO 33

OS HABITANTES DE CESARÉIA MATAM VINTE MIL JUDEUS QUE ESTAVAM EM SUA CIDADE. OS OUTROS, PARA SE VINGAR, FAZEM GRANDES DEPREDAÇÕES E OS SÍRIOS, POR SEU LADO, FAZEM O MESMO. ESTADO DEPLORÁVEL A QUE A SÍRIA SE ENCONTRA REDUZIDA.

209. Aconteceu, com a permissão da providência de Deus, que, naquele mesmo dia e na mesma hora, os de Cesaréia atacaram os judeus, e dos vinte mil que moravam naquela cidade, não escapou um só, porque Floro mandou perseguir os fugitivos e prendê-los. Tão grande morticínio excitou tal furor à nação judaica, que eles devastaram todas as cidades e aldeias na fronteira da Síria, a saber: Filadélfia, Gebonite, Gerasa, Pella e Citópolis; tomaram de assalto Gadara, Hipoim, Gaulanite, destruíram umas, incendiaram outras e avançaram até Cedasa, que pertence aos tirios, Ptolemaida, Gaba, Cesaréia, sem que Sebaste e Ascalom fossem capazes de os deter. Incendiaram-na e destruíram Antedom e Gaza. Saquearam também várias aldeias da fronteira e mataram a todos os que puderam apanhar.

210. Os sírios, por seu lado, não causavam menor prejuízo às terras dos judeus e não matavam menos do que eles, massacrando todos os que se encontravam em suas cidades, quer pelo antigo ódio que lhes tinham, quer para tonar o perigo menor para si mesmos, diminuindo o número dos inimigos. A Síria por esse motivo ficou em estado deplorável; todas as cidades estavam expostas às desordens e às violências dos vários exércitos e por isso todos procuravam a salvação, derramando rios de sangue. Os dias passavam-se nesses atos tão desumanos, que as leis da guerra autorizam; o temor e o horror tornavam a noite ainda mais terrível que o dia. Embora parecesse que os sírios visassem expulsar os judeus, não podiam deixar de suspeitar das nações que tinham abraçado sua religião, mas não ousavam, entretanto, por uma simples suspeita, tratá-las como inimigas.

Por outro lado, a ambição tornava cruéis de ambos os lados àqueles mesmos que antes pareciam os mais moderados, porque eles consideravam como despo-jos e presas, que a vitória tornava legítimos, os bens daqueles que matavam; e assim os mais valentes se enriqueciam cada vez mais por estes

meios tão odiosos e bárbaros. Viam-se, com horror, as cidades cheias de cadáveres de velhos, crianças e mulheres, nus e sem sepulturas. Por toda a parte, inacreditável miséria; e outras, ainda maiores, se temiam.

CAPÍTULO 34

HORRÍVEL TRAIÇÃO PELA QUAL OS DE CITÓPOLIS MASSACRAM TREZE MIL JUDEUS QUE MORAVAM EM SUA CIDADE. CORAGEM EXTRAORDINÁRIA DE SIMÃO, FILHO DE SAUL, UM DELES. SUA MORTE, MAIS QUE TRÁGICA.

211. Até então, os judeus só tinham feito guerra a estrangeiros. Mas, quando se aproximavam de Citópolis, os de sua própria nação tornaram-se seus inimigos, porque preferiram a vida ao parentesco que havia entre eles, e uniram-se aos citopolitanos para combatê-los. O ardor com o qual lutaram, tornou-os suspeitos a esses estrangeiros; recearam de que eles se tornassem, durante a noite, senhores de sua cidade e se reunissem em seguida, contra eles aos outros judeus, para reparar com esse ato o mal que lhes havia sido feito. Assim, declararam-lhes que se quisessem permanecer firmes em sua união com eles e mostrar-lhes fidelidade, teriam de se retirar, com suas famílias, a um bosque perto da cidade. Eles aceitaram a proposta e ficaram dois dias em repouso. Mas na noite do terceiro dia, os citopolitanos atacaram o corpo das guardas e como de nada eles desconfiavam e estavam quase todos dormindo, foram mortos; depois também a todo aquele grande número de judeus, uns treze mil, e apoderaram-se de todos os seus bens.

212. Dentre os que pereceram naquele dia, por esta horrível traição, creio dever narrar o fim de Simão, filho de Saul, cuja descendência era tão nobre. Ele tinha uma força extraordinária e grande coragem; tendo empregado uma e outra em favor dos citopolitanos, contra os de sua nação, nenhum outro lhes era mais temível. Não se passava um dia em que ele não matasse alguém, perto de Citópolis; punha, às vezes, em fuga uma grande tropa e parecia que somente seu valor era toda a força do seu partido. Mas, por fim, foi castigado como merecia, por ter derramado tanto sangue, e sangue que lhe devia ser muito caro. Quando os citopolitanos atacaram os judeus, de todos os lados, naquele bosque, a flechadas, ele vendo que todos os seus esforços contra tantos

inimigos seriam inúteis, em vez de atacá-los, gritou: "Eu sou justamente castigado por vos ter demonstrado meu afeto, pelo morticínio de um tão grande número de compatriotas meus e é justo que a perfídia de um povo estrangeiro me faça sofrer o castigo que merece minha infedelidade, para com minha pátria. Não sou digno de receber a morte pelas mãos dos inimigos, eu mesmo devo me matar. O único meio de espiar o meu crime e de terminar meus dias com honra é impedir que os traidores se possam vangloriar de ter me tirado a vida". Tendo assim falado, contemplou com olhares de compaixão e de furor toda sua família que estava em redor dele; tomou seu pai pelos cabelos e matou-o com um golpe de espada; fez o mesmo com a mãe, que o recebeu com alegria; não poupou nem à esposa nem aos filhos, cada um dos quais lhe ia apresentando a garganta, recebia de suas mãos o golpe mortal, antes que os inimigos o fizessem. Depois da morte de pessoas que lhe eram tão caras, subiu àquele monte de corpos e levantando o braço para que todos o pudessem ver, desferiu tão tremendo golpe de espada em si mesmo, que morreu pouco depois. Se não considerarmos nele essa força quase incrível e sua coragem heróica, ele seria, sem dúvida, digno de compaixão. Mas sua união com estrangeiros, contra seu próprio país, impede-nos que o lastimemos.

CAPÍTULO 35

CRUELDADE CONTRA OS JUDEUS EM DIVERSAS OUTRAS CIDADES, PARTICULARMENTE EXERCIDA POR VARO.

213. Depois dessa carnificina em Citópolis, os habitantes das outras cidades revoltaram-se também contra os judeus, que moravam entre eles. Os de Ascalom mataram dois mil e quinhentos e os de Ptolemaida, dois mil. Os de Tiro massacraram também a muitos, e meteram na prisão um número ainda maior. Os de Hipom e de Gadara expulsaram de sua cidade os mais atrevidos e vigiavam atentamente os que eles julgavam ainda suspeitos. Quanto às outras cidades da Síria, agiram para com os judeus, segundo seu ódio ou temor os impelia. Os de Antioquia, de Sidom e de Apaméia foram os únicos que os pouparam: não mataram a nenhum nem os puseram na prisão, quer porque nada temiam de seu número exíguo, ou melhor, segundo minha opinião, por

compaixão que deles tiveram, não vendo probabilidade de revolta. Os de Gerasa, do mesmo modo, não fizeram mal algum aos judeus, que quiseram ficar com eles, e levaram até a fronteira os que desejavam se retirar.

214. O reino de Agripa não ficou também isento de semelhante perseguição. Esse príncipe foi procurar Céstio Galo, em Cesaréia, e deixou para governar o seu território, em sua ausência, um de seus amigos de nome Varo, que era parente do rei Soheme. A província de Bataneia mandou-lhe os mais ilustres e os mais importantes do país, por posição ou mérito, para lhe pedir tropas, a fim de reprimir os que se tentavam sublevar. Mas, em vez de se dispor a bem recebê-los, mandou, de noite, alguns soldados, que os mataram a todos; depois de ter, contra a vontade do rei Agripa, tão cruelmente derramado o sangue de seus irmãos, entregou-se a toda sorte de violências, às quais a ambição que o havia levado a cometer tão grande crime, o impelia em todo o reino. Quando o rei Agripa soube disso, tirou-lhe o governo, mas, por ser parente do rei Soheme, não pôde mandar matá-lo.

CAPÍTULO 36

OS ANTIGOS HABITANTES DE ALEXANDRIA MATAM CINQÜENTA MIL JUDEUS QUE LÁ SE HAVIAM ESTABELECIDO HÁ MUITO TEMPO E AOS QUAIS CÉSAR TINHA DADO, COMO A ELES, DIREITO DE BURGUESIA.

215. Entretanto, os revoltados tomara o castelo de Cipros, que está na fronteira de Jerico, e o destruíram, depois de ter matado todos os soldados que lá estavam.

216. O que se passou nesse mesmo tempo, em Alexandria, obriga-me a retomar os fatos de mais longe. Os antigos habitantes sempre tinham sido contrários aos judeus, depois que Alexandre, o Grande, em recompensa pelos serviços que lhe haviam prestado na guerra do Egito, lhes havia dado, naquela grande cidade, o mesmo direito de burguesia que os gregos tinham. Seus sucessores haviam conservado aos judeus seus privilégios, haviam-lhes reservado um quarteirão à parte, para que não estivessem misturados com os gentios e permitido usar o nome de macedônios. Os romanos, em seguida, conquistaram o Egito; César e os imperadores, seus sucessores, tinham-lhes

também sempre conservado os mesmos privilégios; mas eles viviam em contínuas altercações com os gregos; os castigos impostos pelos magistrados a uns e outros, em vez de eliminá-las, as aumentavam ainda mais.

Assim, a agitação, no que se refere aos judeus, embora grande, por toda a parte, como vimos, era ainda maior em Alexandria. Os gregos ali se haviam reunido para mandar embaixadores a Nero, com relação aos mesmos assuntos, e vários judeus misturaram-se com eles. Logo os gregos puseram-se a gritar que eles tinham vindo como inimigos, com o fim de impedi-lo e se lançaram contra eles. Os judeus fugiram e só foram presos três, que eles fizeram queimar vivos. Todos os outros reuniram-se em seguida e voltaram para arrebatá-los, começando por lançar-lhes pedras e, com archotes na mão, correram para o anfiteatro para atacá-los, ameaçando queimá-los a todos, e o teriam feito se Tibério Alexandre, governador da cidade, não lhes tivesse contido o furor. Não empregou a força para fazê-los compreender o seu erro, mas exortou-os, por meio dos mais ilustres de sua nação, a não se indisporem com os romanos. Esses revoltosos, porém, não somente zombaram de seus avisos e de seus rogos, mas clamaram contra ele.

Dessa forma, vendo que tão grande revolta poderia ser perigosa se não se lhe detivesse o curso, resolveu atacá-los com duas legiões romanas e cinco mil soldados líbios, que, para infelicidade daqueles amotinados, lá se encontravam por acaso; ordenou-lhes que não se contentassem de matá-los, mas lhes saqueassem todos os bens e incendiassem as casas. A tropa marchou imediatamente para o quarteirão da cidade chamado Delta, ocupado pelos judeus, e com perda de muitos homens executaram as ordens recebidas. Os judeus puseram à frente os mais bem armados e resistiram por muito tempo. Mas foram postos em fuga e pereceram de diversos modos, pelo ferro e pelo fogo que os romanos puseram em suas casas, depois de saqueadas. Vitoriosos, não deram tréguas à crueldade; não respeitaram os velhos, nem tiveram compaixão das crianças; mataram por toda a cidade e nos campos, sem fazer distinção de idade. A morte de cinqüenta mil pessoas fez correr um dilúvio de sangue naquela infeliz região; nem um só teria escapado ao seu furor, se Alexandre, levado pela piedade por tão horrível carnificina, não lhe tivesse proibido a continuação; como estavam acostumados a obedecer, detiveram-se logo, ao

primeiro sinal. Os habitantes de Alexandria não fizeram o mesmo; seu ódio excessivo pelos judeus os encarniçava de tal modo na luta, que com muita dificuldade puderam contê-los e arrancar de suas mãos aqueles corpos inanimados que eles ainda insultavam.

CAPÍTULO 37

CÉSTIO GALO, GOVERNADOR DA SÍRIA, ENTRA COM UM GRANDE EXÉRCITO ROMANO NA JUDÉIA, ONDE DESTRÓI VÁRIAS PRAÇAS E FAZ GRANDES DEVASTAÇÕES. MAS TENDO-SE APROXIMADO DE JERUSALÉM, OS JUDEUS ATACAM-NO E O OBRIGAM A SE RETIRAR.

217. Céstio Galo, governador da Síria, vendo que os judeus eram tão odiados por todos, julgou não dever, também, deixá-los em paz. Assim, tomou a décima segunda legião, que ele tinha inteira em Antioquia, dois mil homens escolhidos das outras legiões, seis coortes de outra infantaria, quatro regimentos de cavalaria e três mil soldados de infantaria do rei Antíoco, armados de flechas, mil cavaleiros e três mil soldados do rei Soheme, um terço dos quais era de cavalaria. Dirigiu-se com as tropas a Ptolemaida, onde várias cidades lhe trouxeram mais tropas, que não eram como as suas, na experiência da guerra, mas que supriam a tal deficiência, pelo ódio que tinham aos judeus e pela alegria com que marchavam contra eles.

O rei Agripa não somente ajudou Céstio com suas tropas e com sua pessoa, mas também com seus conselhos; esse general do exército romano avançou com uma parte da tropas para Zebulom, que é uma das cidades mais fortes da Calileia, a que chamam por esse motivo de Androm, isto é, a cidade dos homens e que separa a Judéia de Ptolemaida. Encontrou-a deserta porque os habitantes haviam fugido para as montanhas, mas cheia de toda espécie de bens que ele deixou aos seus soldados. Admirou a beleza da cidade, cujas casas não eram inferiores às de Tiro, de Sidom e de Berita, mas não deixou de incendiá-las; depois de ter também saqueado as cidades dos arredores e incendiado as aldeias que dela dependiam, voltou a Ptolemaida. Essa retirada deu ânimo aos judeus que mataram mais de dois mil sírios, dos quais a maior parte era de Berita e que o ardor do saque tinha feito ficar para trás.

Céstio, ao partir de Ptolemaida, foi a Cesaréia e mandou na frente uma parte de suas topas, contra a cidade de jope, com ordem de a conservar se pudessem tomá-la, ou de esperar que ele chegasse com o restante do exército, se os habitantes, avisados da sua chegada, se preparassem para defendê-la. Em seguida, atacaram a praça, por mar e por terra, e tomaram-na sem dificuldade, antes que os habitantes tivessem tido tempo nem de se salvar, menos ainda, de se preparar para defendê-la. Foram todos mortos sem exceção. Os vencedores não se contentaram de incendiar a cidade, saquearam-na e o número de mortos elevou-se a oito mil e quatrocentos.

Céstio mandou também para a toparquia de Natbatana, vizinha de Samaria, um corpo de cavalaria, que matou um grande número de habitantes, conquistou ricos despojos e incendiou as aldeias.

Mandou ao mesmo tempo à Galiléia, Cesênio Galo, com a décima segunda legião, que ele comandava e outras tropas que julgou necessárias, para se apoderar daquela província. A cidade de Séforis, que é a mais forte de todas as praças, abriu-lhe as portas e as outras cidades, a seu exemplo, fizeram o mesmo. Mas os que preferiram a rebelião e a ladroeira retiraram-se para a montanha de Azamom que atravessa a Galiléia e está situada em frente a Séforis. Galo foi atacá-los; enquanto eles levaram vantagem, combatendo de um lugar mais elevado, que o ponto em que se encontravam os romanos, não tiveram dificuldade em repeli-los e mataram mais de duzentos. Mas quando viram que tinham tomado e cercado todo o vértice da montanha, não resistiram mais; os que estavam mal armados, nãó lhes podendo reter o ímpeto, fugiram e foram assim dizimados pela cavalaria; houve mais de mil mortos e muito poucos se salvaram em lugares ásperos e difíceis. Galo, então, vendo que nada mais havia a fazer na Galiléia, ordenou o regresso para Cesaréia; Céstio, com todo o exército, foi para Antipátrida, onde, tendo sabido que um grande número de judeus se havia retirado à torre de Afeque, mandou atacá-los ali; mas eles não esperaram e os romanos depois de ter saqueado o lugar incendiaram as aldeias dos arredores.

Céstio, ao partir de Antipátrida, foi a Lídia; lá só encontrou cinqüenta habitantes porque o restante tinha ido a Jerusalém para celebrar a festa dos Tabernáculos; mataram-nos todos; incendiaram-lhes as cidades e Céstio, em

seguida, avançou por Betorom até Gabaom, onde acampou. Esta cidade dista de Jerusalém apenas cinqüenta estádios.

218. Os judeus, vendo que a guerra se aproximava mui depressa de sua capital, abandonaram as cerimônias dessa grande festa, sem mesmo santificar o dia do sábado, que antes guardavam tão religiosamente e tomaram as armas. Como tinham confiança em seu grande número, foram desordenadamente atacar os romanos. Aquele furor, que os havia feito esquecer tantos deveres de piedade, incitou-os de tal modo que lhes romperam as primeiras filas, abriram uma passagem em seu batalhão, e buscaram a vitória com tanto ardor, que, se a cavalaria não tivesse vindo em auxílio da infantaria, todo o exército romano corria perigo de ser totalmente desbaratado. Eles só perderam vinte e dois homens naquele combate; os romanos perderam quinhentos e quinze, quatrocentos de infantaria e o restante da cavalaria. Monobazo e Senebeu, parentes de Monobazo, rei de Adibene, Niger Peraite e Silas Babilônio, que haviam deixado o rei Agripa, depois de tê-lo servido tanto tempo, distinguiram-se nessa ocasião, do lado dos judeus.

Por fim, os judeus foram repelidos e os romanos retiraram-se para Betorom. Cioras, filho de Simão, atacou-lhes a retaguarda, matou vários e tomou grande número de carros de bagagem, que levou para Jerusalém. Céstio ficou três dias sem ousar avançar, nessa retirada, porque os judeus que se haviam apoderado dos lugares elevados em seu caminho, vigiavam-no constantemente e davam bem a conhecer que se ele se tivesse posto em marcha, tê-lo-iam atacado.

CAPÍTULO 38

O REI AGRIPA MANDA DOIS GENERAIS AOS REVOLTOSOS PARA PROCURAR TRAZÊ-LOS À OBEDIÊNCIA. ELES MATAM UM DESTES E FEREM O OUTRO E NÃO OS QUEREM OUVIR. O POVO DESAPROVA VIVAMENTE ESSE ATO.

219. O rei Agripa vendo que aquela incrível multidão de judeus, que ocupava todas as montanhas e as colinas, fazia os romanos correrem grave perigo, resolveu tentar trazê-los pela doçura à obediência, na esperança de que, se conseguisse o seu intento, faria também terminar a guerra; ou, se não

pudesse persuadi-los a todos, pelo menos conquistaria uma parte deles. Mandou-lhes para isso Borceu e Febo, dois dos seus generais, que lhes eram muito conhecidos, com o encargo de lhes prometer em nome de Céstio, um inteiro esquecimento do passado, se eles deixassem as armas e voltassem ao dever. Os mais exaltados, temendo que a esperança de viver em paz, sem nada temer, levasse o povo a seguir esse conselho do príncipe, resolveram matar os enviados. Assim, sem lhes dar oportunidade de falar, mataram Febo, e Borceu salvou-se muito ferido. O povo reprovou de tal maneira essa má ação, que obrigou os revoltosos, a pedradas e a cacetadas, a fugirem da cidade.

CAPÍTULO 39

CÉSTIO SITIA O TEMPLO DE JERUSALÉM E TÊ-LO-IA TOMADO, SE NÃO TIVESSE IMPRUDENTEMENTE LEVANTADO O CERCO.

220. Céstio, querendo aproveitar a confusão, marchou contra os revoltosos, pô-los em fuga e os perseguiu até Jerusalém. Acampou a sete estádios da cidade, em um lugar chamado Escopo; lá ficou três dias sem atacar, na esperança de que, durante esse tempo, eles voltassem ao dever e contentou-se em mandar seus soldados buscar trigo nas aldeias vizinhas.

No quarto dia, que era o dia treze de outubro, marchou, em boa ordem, contra a cidade com todo seu exército, e os judeus ficaram tão surpreendidos e atônitos com a disciplina dos romanos, que abandonaram a cidade e se retiraram ao Templo. Céstio, depois de ter atravessado Beseta, Scenópolis e o mercado, a que chamam o mercado dos materiais, e tê-lo incendiado, aquartelou na cidade alta, perto do palácio real; se tivesse então dado assalto, ter-se-ia apoderado de Jerusalém e teria posto fim à guerra. Mas Tirano e Prisco, marechais de campo e vários oficiais de cavalaria, dissuadiram-no desse intento e foram causa de que, pela longa duração que depois teve essa guerra, de que os judeus sofressem males incomparavelmente maiores do que aqueles que então teriam sofrido.

Entretanto, Anano, filho de Jônatas, e vários outros dos principais dos judeus mandaram dizer a Céstio que lhe abririam as portas. Quer pela cólera, quer porque julgava não poder crer neles, desprezou esse oferecimento; os

revoltosos, então, vieram a saber da intenção de Anano e dos outros que o seguiam e perseguiram-no tão fortemente a pedradas, que os obrigaram a se lançarem do alto da muralha para se salvar.

Dividiram-se, em seguida, pelas torres, para defendê-las e sustentaram durante cinco dias, com tanta força, o ataque dos romanos, que os tornaram inúteis. No sexto dia, Céstio, com um grande número de tropas escolhidas e de soldados que atiravam flechas, atacou o Templo do lado do norte; os judeus lançaram-lhes dardos do alto dos pórticos e os obrigaram diversas vezes a recuar. Mas, por fim, os da primeira linha dos romanos, cobriram-se com os escudos, apoiando-os contra os muros; os que os seguiam uniram também os escudos a estes, e assim os outros fizeram em fila a mesma coisa e formaram aquela espécie de couraça a que dão o nome de tartaruga; pondo-se a salvo dos dardos e das flechas dos judeus, trabalharam com segurança para derribar o muro e incendiar as portas do Templo. Os sediciosos ficaram tão assustados que, se julgando perdidos, vários fugiram para fora da cidade; mas o povo, ao contrário, sentiu alegria e só pensava em abrir as portas a Céstio, que consideravam como seu benfeitor, porque lhes dava os meios de se libertar da tirania daqueles revoltosos. Assim, se esse general tivesse continuado o cerco, teria logo se apoderado da cidade; mas Deus, irritado contra aqueles malvados, não permitiu que a guerra acabasse logo.

Capítulo 40

Os judeus perseguem Céstio em sua retirada, matam-lhe grande número de homens e o obrigam a usar de um estratagema para se salvar.

221. Céstio foi tão mal informado do desespero dos revoltosos e do afeto do povo por ele, que levantou o cerco, quando mais tinha motivo de esperar ser bem-sucedido em seu empreendimento. Os sitiados, considerando uma retirada tão improvisada, como uma fuga, retomaram ânimo, atacaram-lhes a retaguarda e mataram alguns cavaleiros e soldados de infantaria. Céstio alojou-se naquele mesmo dia no acampamento que havia fortificado perto de Scopur e continuou a marcha no dia seguinte. Essa precipitação aumentou ainda mais a coragem dos judeus. Continuaram a atacar as suas últimas tropas, mataram

ainda outros, porque o caminho, por onde os romanos marchavam, era fechado por estacas e eles lançavam-lhes dardos e os feriam por trás, sem que estes lhes voltassem o rosto, porque imaginavam-se perseguidos por uma multidão infinita de homens, além de que, estando armados pesadamente, não ousavam romper as fileiras, tendo que enfrentar inimigos tão dispostos e tão ágeis, que se viam por todos os lados quase ao mesmo tempo. Assim sofriam muito do ataque dos judeus e não lhes podiam causar mal algum.

Aquela retirada continuou dessa maneira até que os romanos, depois de ter perdido, além de vários soldados, Prisco, que comandava a sexta legião, Longino, Tribuno, Emílio Jucundo, mestre de campo de um regimento de cavalaria e de terem sido obrigados a abandonar muitas bagagens, chegaram a Gabaom, onde tinham acampado antes. Céstio aí passou dois dias, sem saber a que se resolvem-mas, vendo, no terceiro dia, que o número dos inimigos crescia sempre mais e que eles tomavam todos os lugares vizinhos, julgou que a demora ser-lhe-ia prejudicial e, se ele retardasse mais a sua partida, teria mais inimigos ainda para enfrentar.

Assim, para facilitar a fuga, ordenou que se abandonasse toda a bagagem, que matassem os burros, as mulas e os outros animais de carga, com exceção dos que lhes eram necessários para levar os dardos e as máquinas; mas, temiam que estes mesmos caíssem nas mãos dos inimigos. Suas tropas marcharam então para Betorom, sem que os judeus os atacassem, enquanto estavam em lugares espaçosos e descobertos, mas quando os viam em passagens estreitas e nas descidas, atacavam-nos pela frente, para impedir que avançassem, e pela retaguarda, para impeli-los ainda mais para os vales; onde, como eles ocupavam as elevações e eram em grande número, dizimavam-nos a golpes de flechas. A infantaria romana encontrava-se nessa situação, mas a cavalaria ainda estava em muito maior perigo, porque aquela grande quantidade de flechas impedia-lhe conservar as colunas na marcha, e aqueles lugares difíceis e escarpados não lhes permitiam enfrentar os inimigos. Por outro lado, como os judeus ocupavam todos os rochedos e todos os vales, os que pensavam ali se refugiar, eram logo mortos.

Os romanos, vendo-se obrigados a não poder combater, nem fugir, ficaram tão desesperados, que soltavam imprecações e uivos de raiva, bem

como derramavam lágrimas de aflição. Os judeus, ao contrário, soltavam gritos de alegria, continuando sempre a atacá-los e a matá-los; todo o ar ressoava com esses clamores de alegria e de dor. Se a noite, que deu aos romanos ocasião de se salvar em Beterom, não tivesse sobrevindo, o exército de Céstio teria sido totalmente destruído.

Os judeus rodearam-nos em seguida de todos os lados e vigiavam todas as passagens para impedir que eles saíssem; assim Céstio, vendo que não podia enfrentá-los abertamente, pensou em organizar a retirada. Escolheu entre seus soldados os mais valentes, que ele mandou subir ao teto das casas, com ordem de gritar bem alto: Quem vem lá? Como fazem as sentinelas, a fim de fazer os inimigos pensarem que o exército não havia deixado o acampamento. Partiu depois com todo o restante e o fez sem rumor, trinta estádios de caminho. Quando os judeus viram pela manhã que os romanos se tinham retirado, lançaram-se sobre os quatrocentos homens, mataram-nos a flechadas e puseram-se em perseguição a Céstio. Mas se ele caminhara com tanta rapidez durante a noite, com muito mais pressa ainda marchou durante o dia, e o espanto de seus soldados foi tão grande, que eles abandonaram todas as máquinas para os assaltos. Os judeus, delas mesmas se serviram utilmente contra eles e depois de os ter perseguido até Antipátrida, vendo que não podiam alcançá-los, retiraram-se com as máquinas, despojaram aos mortos, reuniram todos os despojos e voltaram a Jerusalém com clamores de vitória, tendo perdido poucos homens apenas, ao passo que do lado dos romanos o número de mortos tanto de suas próprias tropas, como das auxiliares, foi de quatro mil soldados de infantaria e trezentos e oitenta de cavalaria. Isso aconteceu no oitavo dia de novembro do décimo segundo ano do reinado de Nero.

CAPÍTULO 41

CÉSTIO QUER FAZER CAIR SOBRE FLORO A CAUSA DO INSUCESSO DE SUA RETIRADA. OS DE DAMASCO MATAM À TRAIÇÃO DEZ MIL JUDEUS QUE MORAVAM EM SUA CIDADE.

222. Depois de tão infeliz retirada de Céstio, vários dos principais dos judeus saíram de Jerusalém, como quem sai de um navio prestes a naufragar.

Costobaro e Saul, que eram irmãos, e Filipe, filho de Joaquim, que tinha sido general do exército do rei Agripa, juntaram-se a Céstio. Direi em outro lugar de que modo Antipas, que tinha sido cercado com eles no palácio real, não tendo querido fugir, foi morto por aqueles sediciosos. Céstio mandou Saul e os outros a Nero na Acaia, para informá-lo de sua retirada e lançar a culpa do insucesso sobre Floro, a fim de lhe acalmar a cólera contra ele, fazendo-a cair sobre um terceiro.

223. Os habitantes de Damasco, tendo sabido da derrota do exército romano, resolveram massacrar os judeus que moravam entre eles. Mas como a maior parte de suas mulheres tinha abraçado a nossa religião, eles usaram de todo cuidado para lhes ocultar sua intenção. Aproveitaram a oportunidade quando todos estavam reunidos no lugar dos exercícios públicos; esse lugar é muito estreito e os judeus não estavam armados; assim, mataram sem dificuldade uns dez mil.

CAPÍTULO 42

OS JUDEUS NOMEIAM CHEFES PARA O COMANDO DA GUERRA QUE FAZIAM CONTRA OS ROMANOS, DENTRE OS QUAIS ESTAVA JOSEFO, AUTOR DESTA HISTÓRIA AO QUAL ELES DÃO O GOVERNO DA ALTA E DA BAIXA GALILÉIA. GRANDE DISCIPLINA QUE ELE OBTÉM A EXCELENTES ORDENS QUE DÁ.

224. Aqueles que haviam perseguido a Céstio voltaram a Jerusalém e empregavam a força e a doçura para atrair ao seu partido os que estavam do lado dos romanos; reuniram-se no Templo e elegeram os chefes para a direção da guerra, josefo, filho de Goriom, e o sacerdote Anano foram escolhidos para tomar conta da cidade e para mandar reerguer-lhe as muralhas. A Eleazar, filho de Simão, embora tivesse se enriquecido com os despojos dos romanos, e tomado o dinheiro que pertencia a Céstio e tirado também grande quantidade do tesouro público, entretanto, porque viam que ele aspirava a um governo tirânico e se servia como de guardas daqueles que eram de sua maior confiança, não lhe deram cargo algum. Mas ele pouco a pouco conquistou de tal modo o povo, por sua habilidade, pelo modo como se servia de seus bens, que o persuadiu a lhe obedecer em tudo.

Foi escolhido para comandar o exército da Iduméia, Jesus, filho de Safas, um dos grandes sacerdotes, e Eleazar, filho do novo sumo sacerdote; mandaram a Niger, então governador daquela província, originário de além do Jordão, e que por isso tinha o apelido de Peraite, que lhe obedecesse.

Mandaram José, filho de Simão, a Jerico, Manasses, para além do rio, e João, essênio, a Tamna, à qual se juntaram Lida, Jope e Amaús, para governá-las em forma de toparquia. João, filho de Ananias, foi também escolhido para governar a Gofnítida e Acrabatana; e Josefo, filho de Matias,* para exercer um cargo semelhante na alta e na baixa Galiléia, acrescentando-se ao seu governo Gamai, que é a praça mais forte de todo o país.

---

* Este Josefo é o autor desta história.

225. Cada um desses governadores desempenhou o seu cargo, segundo suas possibilidades, e sua vontade os tornava mais ou menos capaz. O primeiro cuidado de Josefo foi conquistar o afeto do povo, para tirar grandes vantagens e reparar assim as faltas que pudesse cometer. Para conquistar também os mais poderosos, dividindo com eles a sua autoridade, escolheu setenta dos mais sábios e dos mais hábeis, que constituiu administradores da província e deu assim àqueles povos a alegria de serem governados por pessoas do próprio país e conhecedores dos seus costumes. Além disso estabeleceu em cada cidade sete juizes para julgar as pequenas causas, segundo a forma que ele lhes havia determinado. Quanto às grandes, reservou para si mesmo o julgamento.

Depois de ter deste modo organizado todas as coisas no interior, levou sua solicitude ao que se referia à segurança do exterior. Como ele não duvidava de que os romanos viriam com armas àquela província, mandou cercar de muralhas as praças da baixa Galiléia, que achou dever maximamente fortificar, a saber: Jotapate, Betsaneia, Salamina, Perecho,)afa, Sigogue, Tariqueia, Tibenades, o monte Itaburim e as cavernas que estão perto do lago de Genesaré.

Na alta Galiléia mandou também fortificar Petra, outrora chamada Acabarom, Sefte, Jamnite e Mero; na Galaunita, Selêucia, Sogam e Gamala. Os

habitantes de Séforis foram os únicos aos quais ele permitiu rodear sua cidade de muralhas, porque eram ricos, inclinados à guerra e difíceis de se governar. Mandou também a João, filho de Levias, que cercasse de muralhas Scala. Ia às demais praças pessoalmente verificar os trabalhos e fazer que os apressassem.

Recrutou quase cem mil homens na Galiléia, todos jovens e muito aptos para a guerra; deu-lhes armas velhas, que pôde obter em vários lugares, e como sabia que o que tornava os romanos maximamente invencíveis eram a obediência e a disciplina, e via que o tempo não lhe permitia exercitar seus homens tanto quanto ele desejara, julgou dever pelo menos torná-los obedientes. Para isso contribuiu eficazmente o número de comandantes; ele lhos deu, à imitação dos romanos, muitos oficiais e chefes. Além dos oficiais superiores, havia mestres-de-cam-po e outros; criou também grande número de oficiais inferiores, ensinou-lhes as várias maneiras de toques, a saber, alarme, ataque e retirada; como as tropas que ainda estão intactas devem sustentar as desbaratadas, e as que ainda não combateram, substituir as tropas cansadas, para com elas dividir o perigo, instruía-os em tudo o que lhes podia fortalecer a coragem e acostumar-lhes o corpo ao perigo e à fadiga. Falava-lhes principalmente da disciplina dos romanos, que era rígida e extrema, e que eles tinham de combater contra homens, cuja força corporal unida a uma invencível firmeza de alma, tinha conquistado quase todo o mundo. Acrescentava que, se eles lhe queriam demonstrar a obediência que lhe prestariam na guerra, deviam renunciar ao roubo, à pilhagem, aos assaltos, não fazer injustiça aos da própria nação, nem se deixar levar pelo desejo de se aproveitar do prejuízo dos conhecidos e parentes, pois é impossível ser bem-sucedido na guerra quem age contra a consciência, e os maus são odiados, não somente pelos homens, mas também pelo próprio Deus. Deu-lhes várias outras instruções e já tinha quantos soldados desejava; seu número elevava-se a setenta mil de infantaria e duzentos e cinqüenta cavaleiros, quatro mil e quinhentos estrangeiros, que ele tinha contratado, nos quais depositava muita confiança, e seiscentos guardas para sua pessoa; todos homens escolhidos. Essas tropas, exceto os estrangeiros, eram mantidas pelas cidades, que os sustentavam de boa mente, e sem serem incomodadas, porque cada uma das de que falei mandava a metade de seus habitantes para a guerra e a outra metade fornecia-lhe viveres,

provendo assim por uma assistência mútua a segurança e a subsistência uns dos outros.

CAPÍTULO 43

PLANOS CONTRA JOSEFO, FORMULADOS POR JOÃO DA GISCALA, UM HOMEM MUITO MAU. DIVERSOS PERIGOS GRAVES QUE JOSEFO CORRE E DE COMO SE LIVROU DELES E OBRIGOU JOÃO A SE ENCERRAR EM GISCALA, DE ONDE FUGIU, E COMO OS PRINCIPAIS DE JERUSALÉM MANDAM SOLDADOS E QUATRO PESSOAS DE POSIÇÃO PARA DESTITUIR JOSEFO DO GOVERNO. JOSEFO MANDA PRENDER ESSES DELEGADOS E OS ENVIA A JERUSALÉM ONDE O POVO QUER MATÁ-LOS. ESTRATAGEMA DE JOSEFO PARA RETOMAR TIBERÍADES QUE SE HAVIA REVOLTADO CONTRA ELE.

226. Enquanto Josefo procedia desse modo na Galiléia, João, filho de levitas, de Giscala, aparece em cena. Ele era muito mau, muito astuto, fingido e um grande mentiroso. A fraude para ele era uma virtude, dela usava mesmo com quem mantinha cordiais relações de amizade. Sua ambição não tinha limites; quanto mais crimes ele cometia, mais se fortalecia em suas esperanças. A miséria em que ele se via, então, tinha-o impedido durante certo tempo de mostrar até onde ia sua maldade. No começo, roubava sozinho, mas depois, outros se uniram a ele nesse infame mister; seu número crescia sempre e ele só recebia os que tinham tanta coragem quanto força física e experiência de guerra. Depois que ele reuniu uns quatrocentos, dos quais a maior parte eram tírios, fugitivos, começou a saquear a Galiléia; matou muitos aos quais o temor da guerra tinha levado a fugir. Como aspirava as coisas maiores, desejou comandar tropas organizadas e somente por falta de dinheiro não o fez.

Quando viu que Josefo o considerava como um homem de préstimos, persuadiu-o a lhe entregar o encargo de fortificar Giscala. Ganhou muito com isso, porque levou a esse fim os mais ricos; em seguida, obteve que Josefo ordenasse a todos os judeus que moravam na Síria, que não mandassem óleo aos lugares vizinhos, sem passar pela sua nação. Comprou então uma grande quantidade; quatro medidas custavam-lhe uma moeda tíria, que valia quatro áticas e obtinha o mesmo preço da metade de uma dessas quatro medidas. Assim, como

a Galiléia é muito rica de óleo, tinha recolhido, em certo ano, uma quantidade muito grande, e ele era o único que fornecia aos que necessitavam; obteve um lucro extraordinário, do qual se serviu contra aquele mesmo a quem devia tal favor. Depois, na esperança de que, se josefo fosse destituído do governo, ele poderia substituí-lo, ordenou aos ladrões que ele comandava que saqueassem toda a região, a fim de que com a província perturbada, pudesse matar josefo à traição, se ele quisesse impedi-lo, ou acusá-lo e torná-lo odioso aos seus, se se descuidasse dos deveres do seu cargo. Para melhor obter o seu intento, fez correr a notícia por toda a parte de que Josefo tinha resolvido entregar aquela província aos romanos; e não houve estratagemas de que ele não se servisse, também, para matá-lo.

227. Dessa forma, alguns moços da aldeia de Abarite, que montavam guarda no Campo Grande, atacaram Ptolomeu, intendente do rei Agripa e da rainha Berenice, e saquearam toda a bagagem que ele conduzia, na qual havia uma grande quantidade de ricos vestuários, vasos de prata e seiscentas peças de ouro. Como não podiam esconder aquele furto, levaram-no a josefo, que então estava em Tariquéia. Ele os repreendeu severamente por terem usado de violência contra os homens do rei e ordenou-lhes que entregassem a Enéias, um dos principais habitantes da cidade, tudo o que haviam tomado. Essa ação de justiça podia ter-lhe custado a vida; os que haviam cometido o furto ficaram tão irritados por não poder aproveitar, pelo menos uma parte dele, porque julgavam que josefo ia entregá-lo ao rei e à rainha, sua irmã, que foram de noite dizer a todas as aldeias que Josefo era um traidor, e espalharam assim, de tal modo, essa notícia pelas cidades que, no dia seguinte de manhã, cem mil homens tomaram as armas e se dirigiram para o hipódromo perto de Tariquéia, onde clamavam furiosamente: uns, que era preciso apedrejá-lo, outros, que deviam queimá-lo, e João e Jesus, filhos de Safas, então magistrados em Tiberíades, tudo fizeram para animá-los ainda mais. Os amigos e os guardas de Josefo ficaram tão assustados por ver aquela grande multidão tão irritada contra ele, que fugiram; menos quatro. Mas ele estava dormindo; já iam incendiar sua casa quando despertou. Os quatro que não o tinham abandonado exortaram-no a fugir. Mas ele, sem se espantar, vendo a quantidade de gente que o vinha atacar, embora sozinho, apresentou-se corajosamente a eles, com

as vestes rasgadas, com cinzas na cabeça, mãos às costas e a espada pendurada ao pescoço. As pessoas que lhe eram afeiçoadas e, particularmente, os de Tariquéia, ficaram muito penalizadas e cheias de compaixão, mas os camponeses e o povo dos lugares vizinhos, que achavam que ele os sobrecarregava com muitos impostos, ultrajaram-no com palavras, dizendo que era preciso que ele restituísse o dinheiro do povo e confessasse a traição que havia cometido, pois, vendo-o naquele estado, imaginavam que ele nada negaria do que o acusavam e o que ele fazia era somente para movê-los à compaixão e à piedade, a fim de que o perdoassem. Então, como seu intento era dividi-los, prometeu confessar-lhes a verdade e falou-lhes deste modo: "Jamais tive o menor pensamento de entregar esse dinheiro ao rei Agripa, nem de me aproveitar dele. Deus me livre de ser amigo de um príncipe que é vosso inimigo ou de querer tirar proveito de uma coisa que vos seria prejudicial. Mas — acrescentou ele, dirigindo-se aos habitantes de Tariquéia — vendo que vossa cidade precisa ser fortificada, que vós precisais de dinheiro para executar essas obns e que os de Tiberíades e das outras cidades desejam apoderar-se dessas riquezas, eu resolvi empregá-las em fazer rodear a cidade de muralhas. E se vós não o quereis, estou pronto a vos entregar o que foi roubado para que disponhais de tudo como quiserdes, mas, se, ao contrário, tendes alguma idéia da intenção que eu tive de vos ser agradável, vós estais obrigados a me defender."

Estas palavras comoveram de tal modo os habitantes de Tariquéia, que lhe fizeram grandes elogios. Os de Tiberíades, ao contrário, e os outros ficaram mais irritados contra ele e o ameaçavam mais que nunca. Naquela diversidade de sentimentos, em vez de continuar a falar-lhe, começaram a discutir entre si; e, então, Josefo, confiando no grande número dos que lhe eram favoráveis, pois os de Tariquéia eram uns quarenta mil, começou a falar com mais ardor a toda a multidão. Não teve medo de censurar sua pretensão e de dizer em voz alta que era preciso empregar aquele dinheiro em fortificar Tariquéia; que ele se encarregava de fortificar também a outras cidades e não lhes faltaria dinheiro, contanto que se unissem contra aqueles de quem era necessário tirar e não contra aquele que os podia fazer obter.

A multidão, enganada daquela maneira, retirou-se; mas dois mil homens dos que estavam irritados contra ele foram armados sitiar sua casa, com

grandes ameaças; nesse novo perigo, ele usou de um outro estratagema. Subiu ao lugar mais alto do edifício, de onde, depois de ter acalmado o barulho, fazendo-lhes sinal com a mão, disse-lhes que ele nada podia ouvir no meio de tanto barulho, de vozes confusas, o que desejavam dele. Mas, se quisessem mandar-lhe alguns homens com os quais confabular, ele estava pronto a fazer tudo o que quisessem. A essa proposta os principais e os magistrados foram procurá-lo. Ele fechou-lhes as portas, levou-os às salas mais afastadas do edifício, onde os fez açoitar severamente; de tal modo eles ficaram feridos que se lhes viam as costelas e depois os mandou embora. A multidão que esperava o resultado da conferência, julgava que eles estavam discutindo condições, mas ficou tão assustada por vê-los tão ensangüentados, que todos fugiram.

A dor que João sentiu aumentou-lhe ainda mais a raiva e inveja de Josefo, que fê-lo usar de novos recursos. Fingiu estar doente e escreveu-lhe, pedindo-lhe permissão para tomar banhos quentes em Tiberíades. Como Josefo ainda não desconfiava dele, mandou-lhe uma carta endereçada aos governadores da cidade, pela qual lhe rogava que lhe dessem hospedagem e as coisas de que necessitava. Dois dias depois da sua chegada, ele enganou alguns e subornou outros com dinheiro para induzi-los a abandonar a Josefo. Silas, que Josefo tinha deixado para a guarda da cidade, tendo sabido de tudo, foi logo avisá-lo, e embora fosse noite, quando recebeu a carta, partiu no mesmo instante e chegou bem cedinho a Tiberíades. Todo o povo, exceto os que tinham sido comprados com o dinheiro, foi ao seu encontro; mas como João desconfiava do motivo que o levava para lá, mandou um de seus amigos para apresentar-lhe desculpas, por não poder ir prestar-lhe suas homenagens, porque a enfermidade o obrigava a ficar no leito. O traidor, tendo sabido depois que Josefo tinha feito reunir os habitantes no lugar dos exercícios públicos, para lhes falar a respeito do aviso que lhe haviam dado, mandou soldados para matá-lo. Quando o povo os viu sacar das espadas, soltou um grito e Josefo voltou-se, quando já eles miravam-lhe a garganta; desceu de um pequeno estrado, alto seis côvados, sobre o qual tinha subido para falar, correu para o lago somente com dois de seus guardas e fugiu num pequeno barco.

Os soldados que ele mantinha tomaram imediatamente as armas para castigar aqueles assassinos. Mas como ele temia que se houvesse uma guerra

civil, o crime de alguns particulares causasse a desgraça de toda a cidade, achou melhor então pensar somente na sua segurança, sem matar a ninguém, nem acusar quem quer que fosse; e eles obedeceram.

Os habitantes dos arredores souberam da traição e conheceram-lhe o autor; reuniram-se então para marchar contra João e ele fugiu para Giscala. Os moradores de todas as cidades da Galiléia foram depois armados e em grande número procurar Josefo e disseram que eles vinham para servi-lo contra João, traidor e comum inimigo, e incendiar a cidade que o havia recebido. Ele respondeu que lhes louvava muito a dedicação, mas pedia-lhes que não se deixassem levar pelo entusiasmo, porque preferia confundir seus inimigos com a moderação, que destruí-los pela força. Contentou-se em ter os nomes dos que tinham conspirado com João, que cada cidade declarou de boa vontade e mandou publicar, a som de trombeta, que seriam confiscados seus bens e queimadas suas casas e as de todas as famílias dos que não abandonassem dentro de cinco dias àquele traidor. Essa declaração fez tanto efeito que três mil homens abandonaram João e vieram ter com Josefo, lançando as armas aos seus pés.

228. João, vendo-se sem esperança de poder abertamente vencer a Josefo, retirou-se com dois mil tírios fugitivos, que lhe restavam, mas pensou em vencê-lo por meio de algum estratagema ou da traição: enviou homens secretamente a Jerusalém, para acusá-lo de organizar um exército e apoderar-se da cidade. O povo, que tinha sido informado de uma parte do que se havia passado, não fez caso da acusação, mas os principais da cidade e alguns magistrados mandaram ocultamente dinheiro a João, para que ele reunisse tropas e fizesse guerra a Josefo. Organizaram uma conspiração para lhe tirar o governo das tropas que ele tinha, a fim de executar esse intento. Mandaram dois mil e quinhentos homens e outras pessoas de condição, isto é, Joazar, ou Gozar, filho de Nomico, Ananias, saduceu, Simão e Judas, filhos de Jônatas, todos peritos nas nossas leis e mui eloqüentes, a fim de dissuadir os povos da fidelidade que mantinham a Josefo e com ordem de, se ele de boa vontade prestasse contas de suas ações, não lhe usassem de violência, e se recusasse isso, tratassem-no como inimigo.

229. Os amigos de Josefo avisaram-no de que vinham contra ele muitos

soldados, mas não lhe puderam dizer qual o motivo, porque todos mantinham searedo. Assim, Citópolis, Gamala, Giscala e Tiberíades declararam-se contra ele antes que ele pudesse intervir. Delas, porém, ele apoderou-se sem violência e prendeu também, com sua habilidade, aqueles quatro enviados e os principais dos que tinham tomado as armas contra ele. Mandou-os a Jerusalém, onde o povo de tal sorte se alvoroçou contra eles que se não tivessem fugido, tê-los-ia matado, bem como os que eles tinham enviado.

230. O medo que João tinha de Josefo conservava-o retirado, em Giscala; poucos dias depois, os habitantes de Tiberíades, tendo-se ainda revoltado contra Josefo, mandaram dizer ao rei Agripa que lhe entregariam a cidade. Marcou o dia para saber a resposta do oferecimento, mas não compareceu. Alguns cavaleiros romanos chegaram e então revoltaram-se contra Josefo. Ele recebeu essa notícia em Tariquéia e como tinha mandado todos seus soldados para trazer trigo, ele encontrou-se em grave dificuldade, porque, de um lado, não ousava marchar sozinho contra aqueles desertores que o tinham abandonado, e, por outro, não se podia decidir a ficar inativo, com medo de que as tropas do rei se apoderassem da cidade, além de que no dia seguinte, sendo sábado, não lhe era permitido agir.

Por fim, formulou um plano, que deu resultado: para impedir que dessem aviso aos de Tiberíades, mandou fechar todas as portas de Tariquéia. Tomou depois as barcas do lago, em número de duzentas e trinta, pôs quatro homens em cada uma e navegou bem cedo para Tiberíades. Quando estava a tal distância da cidade, quando não podia ainda ser bem percebido, ordenou a todos os homens que parassem e batessem na água com os remos. Ele, acompanhado então por sete de seus guardas, que não estavam armados, adiantou-se para bem perto a fim de poder ser reconhecido pelos de Tiberíades. Seus inimigos, que continuavam a falar ofensivamente contra ele, do alto das muralhas da cidade, ficaram surpreendidos por vê-lo; aquele grande número de barcos, ao longe, que eles julgavam cheios de soldados, assustou-os de tal modo, que atiraram as armas e rogaram-no de mãos juntas, que os perdoasse e à sua cidade. Ele começou por fazer-lhes grandes ameaças e graves censuras; tendo empreendido a guerra contra os romanos, eles consumindo suas forças em lutas domésticas, davam a maior das vantagens ao inimigo. Disse que era uma

coisa horrível a intenção que tinham de mandar matar seu governador, do qual deviam esperar o maior auxílio, e corar de vergonha, por recusar abrir-lhe as portas de uma cidade que ele tinha rodeado de muralhas; entretanto, queria perdoá-los, contanto que lhe enviassem alguns embaixadores para lhe dar satisfação.

Mandaram-lhe imediatamente dez dos mais ilustres da cidade. Ele os pôs numa barca que enviou para muito longe; pediu em seguida que lhe mandasse cinqüenta Senadores, dos mais importantes, a fim de receber também sua palavra e continuou com o mesmo pretexto a pedir outros até que teve em suas mãos todo o Senado de Tiberíades, cujo número era de seiscentos, e dois mil outros habitantes. E à medida que eles vinham, mandava-os como prisioneiros a Tariquéia, nas barcas que estavam vazias.

Todo o povo então se pôs a gritar que Clito tinha sido o principal autor da sedição e que ele se contentasse em mandar castigá-lo. josefo, que não queria a morte de ninguém, ordenou a Levias, um de seus guardas, que fosse cortar as mãos de Clito; mas aquele guarda, assustado por se ver sozinho no meio de tantos inimigos, não teve coragem de executar a ordem. Clito, vendo que Josefo ficara encolerizado e queria vir em pessoa castigá-lo, como seu crime merecia, rogou-lhe que lhe deixasse pelo menos uma das mãos. Ele o consentiu, desde que ele mesmo cortasse uma; imediatamente Clito puxou da espada e cortou a mão esquerda. Desse modo, e com tal estratagema, Josefo, somente com sete soldados e barcas vazias, reconquistou Tiberíades.

231. Alguns dias depois permitiu às suas tropas saquear Giscala e Séforis, que se tinham revoltado. Mas restituiu aos habitantes o que pôde reaver do saque e fez o mesmo com os de Tiberíades, para castigá-los de uma parte do prejuízo que recebiam em seus bens e reconquistar por outro, seu afeto, pela restituição que lhes mandava fazer.

CAPÍTULO 44

OS JUDEUS PREPARAM-SE PARA A GUERRA CONTRA OS ROMANOS. ROUBOS E DEVASTAÇÕES FEITOS POR SIMÃO, FILHO DE GIORAS.

232. Depois que terminaram as dissensões domésticas que haviam

acontecido somente na Galiléia, todos pensaram, então, somente em se preparar para a guerra contra os romanos. O sumo sacerdote Anano e os maiorais de Jerusalém, que lhes eram inimigos, apressaram-se em levantar as muralhas da cidade, reunir grande número de máquinas e mandar forjar armas. Toda a mocidade exercitava-se, para bem servir, e o ardor de tão grande movimento enchia tudo de agitação e de tumulto. Os mais sensatos e os mais judiciosos, prevendo as desgraças que lhes iam suceder, tinham o coração amargurado e não podiam reter as lágrimas. Aqueles, ao contrário, que alimentavam o fogo da guerra, sentiam prazer em se nutrir de vãs esperanças; Jerusalém estava em tal estado, que a infeliz cidade cavava ela mesma sua ruína, como se quisesse arrebatar aos romanos a glória de destruí-la. A intenção de Anano era suspender por algum tempo todos esses preparativos de guerra, a fim de trabalhar para sanar o espírito daqueles revoltosos, aos quais chamavam de zelotes, e fazê-los tomar resoluções mais prudentes e mais úteis ao povo, mas ele morreu como veremos em seguida.

233. Entretanto, Simão, filho de Cioras, reuniu na toparquia de Lacrabatane, um grande número de homens, que como ele somente queriam desordem e tumulto. Não se contentava de saquear as casas dos ricos; em sua insolência chegava mesmo a espancá-los e maltratá-los; ele aspirava abertamente a um governo tirânico. Ananias e os magistrados mandaram soldados contra ele, e ele fugiu para junto dos ladrões que se haviam retirado em Massada, onde tendo ficado até a morte de Anano e de seus outros inimigos, fez tantos males à Iduméia que os magistrados foram obrigados a retirar as tropas, para pô-las como guarni-ção, nas aldeias e nas vilas, a fim de impedir a continuação dos assaltos e dos latrocínios.

Livro Terceiro

Capítulo 1

O imperador Nero dá a Vespasiano o comando de seus exércitos da Síria, para fazer a guerra aos judeus.

234. O imperador Nero soube com espanto e perturbação do péssimo resultado de suas armas na Judéia, mas dissimulou e cobrindo seu temor com uma aparência de coragem, fez rebentar sua cólera contra Céstio, como se devesse atribuir à sua incapacidade, e não ao valor dos judeus, as vantagens que estes tinham obtido sobre suas tropas. Ele julgava que era próprio da dignidade do império e da suprema grandeza que o elevava tão acima de todos os outros príncipes, testemunhar pelo desprezo das coisas mais vergonhosas aquela firmeza que torna a alma superior a todos os acidentes da fortuna. Naquela luta que se travava nele mesmo, entre sua altivez e seu temor, ele lançou seus olhares para todos os lados, a fim de ver a quem poderia confiar a direção de uma guerra, onde não se tratava somente de castigar a revolta dos judeus, mas de conservar no cumprimento do dever o restante do Oriente, impedindo que as outras nações quisessem também sacudir o jugo dos romanos como pareciam estar inteiramente dispostas. Depois de ter refletido muito, achou que somente Vespasiano seria capaz de sustentar o peso de tão grande empreendimento. Sua vida, desde a juventude até à velhice, tinha-se passado na guerra. O império devia ao seu valor a paz de que gozava no Ocidente, que se vira abalado pela revolta dos alemães, e seus trabalhos tinham dado ao imperador Cláudio, sem esforço algum, sem ter derramado uma gota sequer de sangue, a glória de triunfar contra a Inglaterra, que não se podia dizer, até então, ter sido verdadeiramente dominada. Dessa forma, Nero, considerando a idade, a experiência e a coragem desse grande general e que ele tinha filhos que eram como reféns de sua fidelidade, os quais no vigor da juventude podiam servir como de braços à prudência de seu pai, além de que talvez, Deus assim o permitia para o bem do império, resolveu dar-lhe o

comando dos exércitos da Síria. E na necessidade que tinha dele, deu-lhe todas as demonstrações de afeto e de estima, a fim de animá-lo a se esforçar para um bom êxito, numa ocasião tão importante. Vespasiano estava então com esse príncipe, na Acaia, e apenas honrado com esse grande cargo, ele mandou Tito, seu filho, a Alexandria, para receber as quinta e décima legiões. Ele, depois de ter passado o estreito do Helesponto, dirigiu-se por terra para a Síria, onde reuniu todas as forças romanas e as tropas auxiliares que lhe deram os reis das nações vizinhas àquela província.

CAPÍTULO 2

OS JUDEUS, QUERENDO ATACAR A CIDADE DE ASCALOM, ONDE HAVIA UMA GUARNIÇÃO ROMANA, PERDEM DEZOITO MIL HOMENS, EM DOIS COMBATES, COM JOÃO E SILAS, DOIS DE SEUS CHEFES, E NIGER, QUE ERA O TERCEIRO, SALVA-SE MILAGROSAMENTE.

235. Esta vitória, tão inesperada, obtida pelos judeus sobre o exército romano, comandado por Céstio, deixou-os de tal modo cheios de si e tornou-os tão insolentes, que, incapazes de se moderar, só pensaram em levar a guerra ainda mais longe. Depois de ter reunido o que melhor havia em tropas, marcharam contra Ascaom, cidade muito antiga, distante de Jerusalém quinhentos e vinte estádios e determinaram atacá-la, por primeiro, porque, desde muito a odiavam. Tinham por chefes três homens muito valentes e que possuíam tanto inteligência quanto valor: Niger, peraita, Silas, babilônio, e João, essênio.

Ascalom era rodeada por uma grande muralha, bastante forte; mas a guarnição era fraca, composta apenas de uma coorte de infantaria e de um pouco de cavalaria, comandada por Antônio. O ardor de que os judeus estavam possuídos levou-os até perto da cidade quase imediatamente, mas, entretanto, não surpreenderam Antônio. Como ele fora avisado de sua marcha, já tinha saído com sua cavalaria para esperá-los. Sem se admirar com seu grande número e sua ousadia, resistiu tão corajosamente ao seu primeiro ataque, que eles não puderam avançar até as muralhas da cidade, porque ainda que sobrepujassem de muito os romanos, em número, tinham a desvantagem de

lidar com inimigos tão peritos na guerra. Os romanos eram muito bem armados, e eles, ao contrário, muito mal; eram bem disciplinados, e eles pouco; e em vez de agir, pela impetuosidade e pela cólera, obedeciam perfeitamente aos seus chefes, além de que os judeus só tinham infantaria e foram facilmente derrotados, pois logo que a cavalaria rompeu suas primeiras linhas, eles fugiram e os romanos então atacaram-nos de todos os lados, espalhados pelo campo, o que lhes era muito favorável, e mataram um grande número deles. Não que os judeus não tivessem ânimo e coragem, pois tudo faziam para restaurar a luta, mas porque a desordem em que estavam não o permitia, e os romanos continuaram a persegui-los, animados como estavam pela vitória, durante a maior parte do dia, sem lhes dar tempo de se reunir. Assim, dez mil caíram mortos na luta, com João e Silas, seus comandantes; os outros, dos quais a maior parte estava ferida, fugiram sob o comando de Niger, para uma aldeia da Iduméia, chamada Salis. Do lado dos romanos, alguns somente foram feridos.

236. Tão grande desastre, em vez de abater a coragem dos judeus, irritou-os ainda mais, pela pena que sentiam do grande número de mortos; a lembrança de suas vitórias precedentes animou-lhes a esperança e inspirou-lhes uma coragem, que lhes trouxe uma segunda derrota. Sem nem mesmo dar tempo aos feridos de se curarem, eles reuniram um exército muito mais forte que o primeiro e mais animados que nunca dirigiram-se contra Ascalom; mas, não sendo mais aguerridos do que antes e tendo sempre as mesmas desvantagens que lhes haviam feito perder o primeiro combate, não tiveram neste segundo um êxito mais favorável. Antônio armou-lhes emboscadas pelo caminho, atacou-os, cercou-os de todos os lados com a cavalaria, antes que eles tivessem oportunidade de se preparar para a batalha; desta vez tiveram eles ainda mais de oito mil mortos. O restante fugiu e Niger, depois de ter feito o possível quanto se podia esperar de um bom general e de um valente e corajoso soldado, fugiu para a torre de Bezedel, que era muito forte. A intenção de Antônio era prender Niger, que sabia ser um excelente general e chefe; não quis perder tempo em atacá-la; contentou-se em incendiá-la e retirou-se, imaginando que Niger não podia deixar de perecer com os outros. Ele porém se tinha lançado do alto da torre, e fora cair numa gruta, onde os seus o

encontraram vivo, três dias depois, quando, oprimidos pela dor, procuravam seu corpo para enterrá-lo. Tão inesperada felicidade deu-lhes alegria inexprimível que eles só podiam atribuir à providência particular de Deus, e ter assim conservado um chefe, cuja vida era tão necessária para a continuação daquela guerra.

CAPÍTULO 3

VESPASIANO CHEGA À SÍRIA E OS HABITANTES DE SÉFORIS, A PRINCIPAL CIDADE DA GALILEIA, QUE SE CONSERVAVA FIEL AO PARTIDO DOS ROMANOS, CONTRA OS DA PRÓPRIA NAÇÃO, RECEBEM DELE UMA GUARNIÇÃO.

237. Vespasiano chegou com seu exército a Antioquia, capital da Síria, que é sem contestação, quer pelo seu tamanho, quer pelas outras vantagens, uma das três principais cidades de todo o Império Romano. Lá encontrou o rei Agripa, que o esperava com suas tropas. De lá passou a Ptolemaida, onde os habitantes de Séforis vieram encontrá-lo. O desejo de prover à própria segurança e o conhecimento que tinham do poder dos romanos, não os havia deixado esperar sua chegada, para lhes demonstrar fidelidade; tinham dito a Céstio que jamais se separariam e tinham pedido e recebido dele uma guarnição. Assim, não somente viram Vespasiano chegar com alegria, mas prometeram servir-lhe contra os da própria nação e rogaram-lhe que lhes desse cavalaria e infantaria de que eles poderiam ter necessidade, para resistir aos judeus, se fossem atacados. Vespasiano fê-lo de boa vontade, porque sua cidade, sendo a maior da Galileia, a mais forte em sua posição e a principal defesa do país, julgou que lhe era muito útil contar com ela nessa guerra.

CAPÍTULO 4

DESCRIÇÃO DA GALILEIA, DAJUDÉIA E DE ALGUMAS OUTRAS PROVÍNCIAS VIZINHAS.

238. Há duas galiléias, uma chama-se a alta e a outra a baixa; ambas são limitadas pela Fenícia e pela Síria. Do lado do ocidente estão a cidade de Ptolemaida, todo seu território e o monte Carmelo, que outrora pertencia aos galileus e agora é dos tírios, perto do qual está a cidade de Gamala, chamada a

cidade dos Cavaleiros, porque o rei Herodes para lá mandava os dispensados. Do lado do sul, tem na fronteira a Samaria e Citópolis, até o rio Jordão. Do lado do oriente seus limites são Hipom, Gadaris e Galaunita, que são também as do reino de Agripa. E do lado do norte, confinam com Tiro e seus territórios.

A baixa Galileia estende-se desde Tiberíades até Zebulom, do qual Ptolemaida está próxima, do lado do mar e sua largura, desde a aldeia de Xalote, situada no Campo Grande, até Bersabéia. Ali começa também o território da alta Galiléia e vai até a aldeia de Baca, que a separa das torres dos sírios e se estende desde Thela, aldeia próxima do Jordão, até Merote.

Embora essas duas províncias estejam rodeadas de tantas e tão diversas nações, todavia, elas sempre lhes resistiram em todas as suas guerras, porque, além de serem muito populosas, seus habitantes são muito valentes e instruídos, desde a infância, na arte da guerra. As terras são tão férteis e tão bem plantadas, com toda espécie de árvores, que sua abundância convida a cultivá-las mesmo àqueles que têm pouca inclinação para a lavoura e não há terras inúteis. Não somente há uma grande quantidade de aldeias e vilas, mas também um grande número de cidades, tão populosas que a menor delas tem mais de quinze mil habitantes. Assim, ainda que a extensão da Galiléia não seja tão grande como a do país que está além do Jordão, não lhe é, porém, inferior em força, porque é, como eu acabo de dizer, toda cultivada e muito fértil; ao passo que uma grande parte daquele outro país é seca, deserta e incapaz de produzir frutos para a alimentação. Há, entretanto, lugares onde a terra é tão excelente, que produz toda espécie de plantas; aí vemos grande quantidade de vinhas, de oliveiras e de palmeiras, porque as torrentes que caem das montanhas regam-nas, e os riachos que correm sem cessar refrescam-na durante os grande calores do verão. Essa região estende-se, em comprimento, de Macherom até Pella e, em largura, de Filadélfia até o Jordão. Pella limita-a do lado do norte, o Jordão, do lado do ocidente, o país dos moabitas, do lado do sul, e a Arábia, Sibonitida, Filadélfia e Gerasa, do lado do oriente.

O país que depende de Samaria e que está situado entre a Judéia e a Galiléia, começa na aldeia de nome Ginea e termina na toparquia de Acrabatana. Em nada difere da Judéia, pois um e outro são montanhosos e têm ricos campos. As terras são muito boas, fáceis de se cultivar e produzem grande

quantidade de frutos, tanto comuns como silvestres, porque sendo naturalmente secos não lhes falta a chuva, para os regar. As águas são as melhores do mundo; as pastagens tão excelentes, que não se encontra, em parte alguma, leite em maior abundância do que ali; mas o que sobrepuja a todo o restante e faz que se apreciem estas duas províncias é a incrível quantidade de homens que as povoam. Ambas terminam na aldeia de Anvate, antigamente chamada Borceos.

A Judéia termina também nessa mesma aldeia, do lado do norte. Estende-se do lado do sul, até uma aldeia da Arábia, de nome Jardam; sua largura, vai do rio Jordão até Jope. Jerusalém, colocada no meio, é como o centro; esse belo país tem ainda esta vantagem, que, indo até Ptolemaida, o mar não contribui menos que a terra, para torná-lo tão delicioso quão fértil. Está dividido em onze partes, das quais a cidade de Jerusalém é a primeira e como a rainha e chefe de todas. As outras dez foram distribuídas em toparquias, que são Gofna, Acrabatana, Herodiom e Jerico. Jamnia e Jope, que têm jurisdição sobre as regiões vizinhas, não estão compreendidas nas que eu acabo de dizer, bem como Gamalite, a Gaulanítida, a Batanéia e a Traconítida, que fazem parte do reino de Agripa. Essa região, que é habitada pelos sírios e pelos judeus, estende-se em largura, desde o monte Líbano e as nascentes do Jordão, até o lago de Tiberíades, e em comprimento, desde a aldeia de Arfaque até Julíada.

CAPÍTULO 5

VESPASIANO E TITO, SEU FILHO, VÃO A PTOLEMAIDA COM UM EXÉRCITO DE SESSENTA MIL HOMENS.

239. Eis o que eu julguei dever dizer da Judéia e das províncias vizinhas, o mais brevemente possível. O auxílio enviado por Vespasiano aos de Séforis era de mil cavaleiros e de seis mil soldados de infantaria comandados por Plácido. A infantaria foi posta na cidade e a cavalaria acampou naquela grande extensão, que se chama o Campo Grande. Uns e outros faziam continuamente pequenas incursões aos lugares vizinhos, com que Josefo e os seus, embora não fizessem nenhum ato de hostilidade, foram bem incomodados. Aquelas tropas romanas não se contentavam de saquear o campo; pilhavam também tudo o que podiam

apanhar ao sair das cidades, tratavam mal os habitantes quando eles ousavam se afastar, e os obrigavam a ficar dentro das muralhas.

240. Josefo, vendo as coisas nesse estado, fez todo o possível para se apoderar de Séforis; o que não conseguiu, porque ele tinha de tal modo fortificado a cidade, que nem mesmo os romanos tê-la-iam podido tomar, e assim, não podendo, nem atacando-os, nem pela persuasão, trazer os seforitanos ao partido, ficou desiludido em suas esperanças. Essa idéia que tivera irritou de tal modo os romanos, que eles não se contentavam em continuar suas devastações, mas matavam a todos os que resistiam, reduziam os demais à escravidão, incendiavam tudo, passavam a ferro e fogo, sem poupar a ninguém e não se podia ter tranqüilidade, nem segurança, senão nas cidades que Josefo tinha fortificado.

241. Entretanto, Tito, com as tropas que tinha levado de Alexandria, dirigiu-se a Ptolemaida, para junto de Vespasiano, seu pai, mais depressa do que se teria imaginado e que o inverno lhe teria permitido. Uniu assim, à décima quinta legião, a quinta e a décima, compostas dos melhores soldados do império e que eram seguidas de dezoito coortes fortalecidas ainda com cinco outras e com seis companhias de cavalaria, vindas de Cesaréia, cinco das quais eram de sírios. Dez dessas coortes, ou regimentos, tinham cada uma mil soldados de infantaria e as outras, seiscentos e treze, além de cento e vinte cavaleiros. Os príncipes aliados fortaleceram ainda mais esse exército, pois os reis Antioco, Agripa e Soheme mandaram cada qual dois mil soldados de infantaria; Malco, rei da Arábia, mandou mil cavaleiros e cinco mil soldados de infantaria, dos quais a maior parte também estava armada de arcos e flechas. Todas essas tropas unidas faziam mais ou menos sessenta mil homens, sem contar os empregados, os servidores que eram em mui grande número e que tendo passado toda a vida nos perigos da guerra e assistido a todos os exercícios que se faziam durante a paz não eram inferiores aos seus amos, em coragem e perícia.

CAPÍTULO 6

SOBRE A DISCIPLINA DOS ROMANOS NA GUERRA.

242. Não se pode admirar a prudência dos romanos, que os leva a tornar seus criados, não somente aptos para servi-los, mas também para tudo o mais, inclusive tomar as armas e combater. Se considerarmos sua disciplina e seu proceder em todas as coisas que se referem à guerra, não havemos de duvidar de que somente ao valor, e não à sorte, eles devem o império do mundo. Não esperam, para esse exercitar, que a guerra ou a necessidade a isso os obrigue; fazem-no em plena paz e, como se tivessem nascido com as armas na mão, jamais deixam de se servir delas. Tomar-se-iam tais exercícios por verdadeiros combates, tanto se lhes parecem; assim, não nos devemos admirar de que eles são capazes de enfrentar os inimigos com tão invencível coragem. Jamais rompem a ordem, o medo nunca os faz perder o juízo e o cansaço não os abate. Dessa forma, como não encontram inimigos em que todas essas qualidades se reúnam, sempre saem vitoriosos; e o que acabo de dizer nos mostra que podemos chamar os seus exercícios de verdadeiros combates, onde não se derrama sangue, e seus combates de exercícios sangrentos. Em qualquer lugar onde fazem guerra, não podem ser surpreendidos por um repentino ataque dos inimigos, porque, antes de serem atacados, eles fortificam o acampamento, não de qualquer modo, nem ligeiramente, mas de uma forma quadrangular e se a terra é desigual, eles a aplainam, pois levam sempre consigo um grande número de feridos e de outros operários para que nada lhes falte do que é necessário para a fortifi-cação. O interior do seu acampamento é dividido em quarteirões, onde se fazem os alojamentos dos oficiais e dos soldados. O exterior parece-se com muralhas de uma cidade, porque eles erguem torres eqüidistantes em cujos intervalos colocam máquinas para atirar pedras e dardos. O acampamento tem quatro partes, bastante largas, a fim de que os homens e os cavalos possam entrar e sair facilmente. O interior está dividido em ruas, no meio das quais estão os alojamentos dos chefes, um pretório feito à maneira de um pequeno Templo, um mercado, oficinas de operários e tribunais onde os principais oficiais julgam as questões que surgem. Assim, tomar-se-ia o acampamento por uma cidade, feita no momento, tão grande é o número dos que ali trabalham; sua longa experiência os põe nessa situação, mais do que se poderia acreditar. Quando necessário, rodeiam-no de uma defesa, em trin-cheira, de quatro côvados de largura e outro tanto de profundidade. Os

soldados, com suas armas sempre perto, vivem juntos, em boa ordem e de perfeito entendimento. Vão por esquadras ao bosque, ao rio, aos campos, buscar forragem e tomam as refeições juntos, não lhes sendo permitido comer separadamente. O som da trom-beta indica-lhes a hora de dormir, de despertar, de entrar em guarda, coisas todas tão bem reguladas, que tudo se faz com ordem. Os soldados pela manhã vão cumprimentar seus comandantes, estes vão saudar os tribunos e os tribunos e os oficiais vão juntos cumprimentar o comandante supremo. Dão-se-lhes a senha e todas as ordens necessárias para transmiti-las aos subalternos, para que todos conheçam a maneira como combater, quer seja necessário em escaramuças, ou retirar-se ao acampamento. Quando se vai levantar o acampamento, o primeiro som de trombeta manda desmanchar as tendas e preparar-se para a partida. Quando a trombeta toca uma segunda vez, eles carregam a bagagem, e esperam para partir, um terceiro sinal, como se faria numa corrida de cavalos; incendeiam o acampamento, porque é muito fácil fazer outro, mas também para impedir que os inimigos dele se possam servir. Quando a trombeta toca a terceira vez todos marcham e para que conservem as fileiras, não se permite a ninguém, ficar atrás. Um arauto, então, que está do lado direito do general, pergunta-lhes por três vezes se estão prontos para combater; eles respondem também por três vezes, em voz alta, num tom que demonstra alegria, que estão todos prontos. Muitas vezes antecipam-se ao arauto, mostrando com seus clamores, levantando os braços, que querem lutar. Marcham em seguida, na mesma ordem, como se tivessem o inimigo pela frente, sem jamais desmanchar as fileiras. Os soldados de infantaria são defendidos por capacetes e couraças; cada qual usa duas espadas, e a que está do lado esquerdo, é muito mais comprida que a outra, pois a que eles têm do lado direito, só tem um palmo de comprimento e seria mais um punhal do que uma espada. Soldados escolhidos que acompanham o chefe levam dardos e tarjas; todos os outros têm dardos e longos escudos, e trazem, numa espécie de cesto, uma serra, um podão, um machado, um picão, uma foice, uma corrente, pedaços longos de couro e pão para três dias, de sorte que não estão menos carregados que os cavalos. Os da cavalaria trazem uma longa espada do lado direito, uma lança, um escudo preso de lado ao cavalo e uma aljava com três dardos ou mais, cuja ponta é

muito larga, e que não são menos longos que os da infantaria. Suas couraças e capacetes são semelhantes aos da infantaria. Os escolhidos para acompanhar o chefe estão armados como os outros; é por sorte que as tropas ocupam a dianteira, isto é, marcham na frente.

Vimos, pois, a maneira de acampar e as diversas armas dos romanos. Nada fazem em seus combates sem premeditar, mas suas ações são sempre o resultado de outras deliberações. Assim, se cometerem faltas poderão remediá-las facilmente; e embora essas coisas sejam maduramente preparadas, preferem que seus efeitos não correspondam à expectativa a dever seus felizes resultados à sorte, porque as vantagens que daí se tiram somente levam a agir inconsi-deradamente; ao passo que a infelicidade, que se segue a uma resolução sabiamente tomada, serve para se prever o que pode no futuro fazer evitar outras semelhantes. Ainda mais, que não se pode pretender a honra do que sucede fortuitamente; e, ao contrário, nas desgraças que acontecem contra toda expectativa, tem-se pelo menos a consolação de nada ter deixado do que a prudência aconselhava.

Esses contínuos exercícios militares não somente fortalecem o corpo dos soldados, mas também reforçam-lhes a coragem; o temor do castigo torna-os exatos em todos os deveres, pois as leis ordenam penas capitais, não somente para a deserção, mas também para as mínimas negligências. Por mais severas que sejam as leis, os oficiais que as fazem observar o são ainda mais; mas, as honras com que recompensam o mérito são tão grandes, que os que sofrem os mais rudes castigos não ousam se queixar. Essa maravilhosa obediência fez com que nada seja mais belo na paz, nem mais temível na guerra, do que o exército romano. Tão grande número de homens, porém, assemelha-se a um só corpo, que se move todo ao mesmo tempo, pois as tropas que o compõem estão admiravelmente bem organizadas. Seus ouvidos estão atentos às ordens, seus olhos, abertos aos sinais, e suas mãos, preparadas para a execução do que lhes é mandado; são valentes e infatigáveis na luta; uma vez empenhados num combate, não recuam, nem há número de inimigos, nem rios, nem florestas, nem montanhas que lhes possam impedir a marcha para a vitória, nem mesmo a adversidade, porque eles não se julgam dignos do nome de romanos, se também sobre ela não triunfarem. Não nos admiremos, portanto, de que exérci-

tos, que executam de maneira heróica conselhos tão sabiamente tomados, tenham levado longe suas conquistas. Esse soberbo império tem por limites o Eufrates do lado do oriente, o oceano do lado do ocidente, a África do lado do sul e o Reno e o Danúbio do lado do norte, e podemos dizer, sem bajulação, por maior que seja a extensão de tantos reinos e províncias, o coração desse povo, que sua prudência, unida ao valor, tornaram senhor do mundo, é ainda maior.

Meu fim, no que acabo de dizer, não é tanto tecer elogios aos romanos, mas consolar àqueles que eles venceram e fazer os outros perder o desejo de se revoltar contra eles. Talvez também estas palavras sirvam para aqueles que, apreciando a boa disciplina, como ela merece, não estão particularmente informados da que os romanos observam na guerra.

Capítulo 7

Plácido, um dos chefes do exército de Vespasiano, quer atacar a cidade de Jotapate. Mas os judeus o obrigam a abandonar vergonhosamente essa empresa.

243. Vespasiano empregou o tempo que ficou em Ptolemaida, com Tito, seu filho, em organizar todas as coisas necessárias para seu exército. Plácido, entretanto, percorreu toda a Galiléia e matou a maior parte dos que pôde apanhar. Eram apenas homens sem coragem e incapazes de resistir; todos os que tinham valor retiraram-se para as cidades que Josefo tinha fortificado. Como Jotapate era a mais forte de todas, Plácido resolveu atacá-la, na persuasão de que por um repentino esforço, ele a tomaria, sem muita dificuldade, e conquistaria uma grande reputação perante os generais, pela facilidade que lhes daria, em seguida, aos seus empreendimentos, o terror que as outras cidades sentiriam, por ver cair desse modo a mais importante de todas. Mas os efeitos não corresponderam à expectativa, pois os habitantes de Jotapate descobriram seu desígnio, atacaram suas tropas que não estavam preparadas para a luta. Como eles combatiam pela pátria, por suas esposas e por seus filhos, atacaram-nas com tanto ardor, que os puseram em fuga e feriram a muitos; mas só conseguiram matar sete, quer porque os romanos estavam bem armados e não fugiam em desordem, quer porque os judeus, que

não estavam tão bem armados, se contentavam de lançar-lhes dardos de longe, sem travar combate com eles. Perderam, por sua vez, três homens apenas e tiveram poucos feridos. Dessa forma, Plácido abandonou o seu projeto.

CAPÍTULO 8

VESPASIANO ENTRA EM PESSOA NA GALILÉIA. ORDEM DA MARCHA DE SEU EXÉRCITO.

244. Vespasiano resolveu atacar em pessoa a Galiléia e partiu de Ptolemaida, depois de ter organizado a marcha, segundo o costume dos romanos. As tropas auxiliares, mais levemente armadas, marchavam na frente, para repelir as escaramuças dos inimigos e fazerem explorações e batidas nos bosques e em outros lugares, onde poderiam haver emboscadas. Uma parte da infantaria e da cavalaria romana seguia, e dez soldados de cada companhia, com suas armas e as coisas necessárias para fazer o acampamento. Os exploradores acompanhavam-nos para aplanar os caminhos, cortar as árvores que lhes poderiam impedir a passagem e retardar-lhes a marcha. A bagagem dos oficiais ia depois, com a cavalaria, escoltando-a. Vespasiano marchava com tropas escolhidas e alguns lanceiros; tirava, para esse fim, cento e vinte mestres de cada um dos corpos de cavalaria. As máquinas, para a tomada das praças, vinham em seguida, e depois, os tribunos e os oficiais, acompanhados por soldados escolhidos. Vinha depois a águia imperial, ilustre insígnia dos romanos, que eles julgavam dever colocar à frente de seus exércitos, para mostrar que assim como a águia reina no ar sobre todas as aves, eles reinam na terra sobre todos os homens e que em qualquer lugar ao qual levarem a guerra, ela lhes serve de presságio de que serão sempre vencedores. As outras insígnias, nas quais havia imagens, que eles diziam sagradas, estavam em redor da águia. As trombetas e os clarins vinham depois; marchavam seis a seis, de frente, com oficiais encarregados de conservar a ordem e manter a disciplina. Os servos de cada legião acompanhavam os soldados e levavam suas bagagens sobre mulas e cavalos. Por último vinham os que traziam os víveres, os operários e outros mercenários escoltados ainda por um bom número de cavaleiros e de soldados de infantaria.

Vespasiano marchou nessa ordem e chegou à fronteira da Galiléia e ali acampou, embora tivesse podido então avançar ainda mais; mas ele julgou dever infundir o terror no espírito dos inimigos, com a presença do exército e dar-lhes a oportunidade de se arrepender, antes de travar combate. Não deixou, porém, de pôr em ordem tudo o que era necessário para um cerco.

CAPÍTULO 9

SOMENTE A NOTÍCIA DA CHEGADA DE VESPASIANO ESPANTA DE TAL MODO OS JUDEUS, QUE JOSEFO, VENDO-SE QUASE COMPLETAMENTE ABANDONADO, RETIRA-SE PARA TIBERÍADES.

245. O grande general conseguiu o seu intento apenas com a notícia da sua chegada. Isto de tal modo assustou os judeus, que todos se haviam reunido a Josefo e se tinham acampado em Garis, perto de Séforis, fugiram, não somente antes do combate, mas mesmo sem ter visto o exército.

Josefo viu-se assim abandonado; tal consternação reinava entre os judeus, que ele imaginou estarem eles dispostos a se entregar aos romanos, pois não estava em condições de resistir, com tão pouca gente, que lhe restava. Achou então que se deveria ausentar e retirou-se para Tiberíades.

CAPÍTULO 10

JOSEFO ADVERTE OS PRINCIPAIS DE JERUSALÉM DO ESTADO DAS COISAS.

246. Vespasiano atacou primeiro Gadara: tomou-a sem dificuldade, ao primeiro assalto, porque lá havia muito pouca gente capaz de defendê-la. Os romanos mataram todos os que estavam em idade de pegar em armas, de tal modo a lembrança da derrota sofrida por Céstio os acirrava contra os judeus. Vespasiano não se contentou de mandar incendiar a cidade, mas mandou queimar também as aldeias e as vilas dos arredores, cujos habitantes foram escravizados em grande parte.

247. A presença de Josefo encheu de temor toda a cidade que ele tinha escolhido para seu abrigo; os de Tiberíades julgaram que ele não teria ido para lá se não estivesse completamente desiludido sobre o resultado daquela guerra.

E nisso não se enganavam, pois ele não via outra esperança de salvação para os judeus, do que se arrependerem da falta cometida. Não duvidava de que os romanos estavam dispostos a perdoá-los, mas teria preferido perder mil vidas, do que trair sua pátria, abandonando vergonhosamente o cargo que lhe tinha sido confiado, para procurar sua salvação entre aqueles contra os quais o haviam mandado fazer a guerra. Assim, ele escreveu aos principais de Jerusalém para informá-los do verdadeiro estado das coisas, sem exagerar sobre a potência dos romanos e seu valor, o que lhe teria dado motivo de julgar que ele tinha medo; nem também menosprezan-do-os, para não fortalecê-los em sua ousadia, da qual talvez já se começavam a arrepender; e rogava-lhes, se tinham intenção de fazer um tratado, que lhe dissessem imediatamente, ou se estavam resolvidos a continuar a guerra, que lhe mandassem reforços capazes de oferecer resistência ao inimigo.

CAPÍTULO 11

VESPASIANO SITIA JOTAPATE, ONDE JOSEFO SE HAVIA REFUGIADO. DIVERSOS ASSALTOS INÚTEIS.

248. Como Vespasiano sabia que Jotapate era a praça mais forte da Galiléia e que um grande numero de judeus ali se havia refugiado, resolveu atacá-la e destruí-la; mas lá não se podia ir senão pelas montanhas porque as estradas eram muito difíceis, ásperas e pedregosas; quase impraticáveis para a cavalaria e muito difíceis para a infantaria. Ele mandou então um corpo de tropas, com um grande número de exploradores e operários, que em quatro dias puseram-na em condições de permitir que todo o exército por ali pudesse passar sem dificuldade.

No quinto dia, era 20 de maio, Josefo foi de Tiberíades a Jotapate e ergueu o ânimo dos judeus com sua presença. Um fugitivo avisou Vespasiano e exortou-o a se apressar para atacar a praça, porque se vencesse e aprisionasse Josefo, teria aprisionado toda a Judéia. Vespasiano ficou tão contente com essa notícia que a atribuiu a uma bondade particular dos deuses, que o mais prudente de seus inimigos se tivesse assim retirado a uma praça, e ordenou no mesmo instante que Plácido com mil cavaleiros e Ebúcio, um dos mais sábios e

dos mais valorosos dos seus oficiais, atacassem a cidade de todos os lados, a fim de que Josefo não pudesse escapar.

Seguiu-os no dia seguinte, com todo seu exército, e tendo marchado até à noite, chegou a Jotapate, acampou a sete estádios da cidade do lado do norte, sobre uma colina, a fim de alarmar os sitiados, com a presença de seu exército. Teve bom resultado o seu alvitre, pois eles ficaram tão atônitos que se refugiaram na cidade e ninguém se atreveu a sair de lá. Os romanos, cansados por terem feito aquela caminhada em tão pouco tempo, não atacaram naquele dia; mas Vespasiano, para cercar os judeus de todos os lados, empregou dois corpos de cavalaria e um de infantaria, que estavam um pouco mais recuados. Como na guerra a necessidade obriga a tudo empreender, no desespero de não se poder salvar, a que se viram reduzidos os judeus, sentiram redobrar-se-lhes a coragem.

No dia seguinte, começou a batalha. Os judeus se contentaram em resistir aos romanos, que tinham avançado suas posições até perto das muralhas. Vespasiano ordenou em seguida a todos os archeiros, fundibulários e outros atiradores de dardos, que atirassem, e ele mesmo, com a infantaria, atacou do lado de uma colina, de onde se podia assaltar a cidade. Mas Josefo e os seus resistiram tão corajosamente e praticaram tais atos de bravura, que repeliram para bem longe os romanos e as perdas foram iguais de lado a lado. O desespero animava os judeus, e a vergonha de encontrar tanta resistência irritava os romanos; a ciência da guerra unida à coragem combatia de um lado; a audácia e a coragem armadas pelo furor, do outro. Todo o dia passou-se desse modo; a noite separou-os. Treze romanos somente morreram, mas muitos ficaram feridos. Os judeus perderam dezessete homens e tiveram seiscentos feridos.

Os romanos, no dia seguinte, deram novo ataque. De lado a lado houve atos de valor ainda maiores que os anteriores, pela coragem que animava os judeus, pois tinham, contra sua esperança, resistido ao primeiro assalto, e porque a vergonha que os romanos sentiam, por ter sido repelidos, fazia com que eles se considerassem vencidos, se ainda demorassem para obter a vitória.

Cinco dias passaram-se desse modo, em semelhantes assaltos, os sitiantes, redobrando seus esforços e os sitiados, não somente resistindo, mas

fazendo também incursões sem que tão grandes forças, como as dos romanos, os assustassem, nem igualmente as grandes dificuldades que encontravam naquele assédio diminuíssem o ardor dos romanos.

CAPÍTULO 12

DESCRIÇÃO DE JOTAPATE. VESPASIANO MANDA PREPARAR UMA GRANDE PLATAFORMA COMO UM TERRAÇO, PARA DE LÁ ATACAR A CIDADE. ESFORÇOS DOS JUDEUS PARA RETARDAR ESSE TRABALHO.

249. A cidade de Jotapate está quase toda construída sobre um rochedo es-carpado e rodeada de três lados por vales tão profundos que a vista não lhe consegue ver o fundo. O único lado, que está ao norte, e onde ela está situada, no penedo da montanha, é acessível; mas Josefo havia mandado fortificá-lo e encerrá-lo dentro da cidade a fim de que os inimigos não pudessem se aproxi-mar do alto da montanha que a dominava, e outras montanhas, que estavam em redor da cidade, ocultavam-lhe a vista de tal modo que não se podia perceber o que havia lá dentro. Tal a situação de Jotapate.

250. Vespasiano, vendo que tinha de combater ao mesmo tempo contra a natureza, que tornava aquela praça tão forte, e contra a obstinação dos judeus em defendê-la, reuniu os principais oficiais do seu exército para deliberar a res-peito dos meios de como atacar ainda com mais vigor aquela cidade. Tomaram a resolução de levantar um grande terraço do lado da cidade, que era o de mais fácil acesso.

Empregou para isso todo o exército, reunindo o material necessário. Tiraram grande quantidade de madeira e de pedra das montanhas vizinhas; fizeram couraças em grande número, para proteger os operários contra os dardos atirados da cidade. A terra era trazida dos lugares próximos e passada de mão em mão, continuamente, sem parar; como todos no exército trabalhavam com grande solicitude, a obra progredia muito. Os judeus, para impedi-lo, atiravam-lhes dardos do alto das muralhas, pedras enormes, sobre a couraça dos trabalhadores, que causavam enorme ruído e atrasavam o serviço, embora não pudessem impedir que eles continuassem a trabalhar.

Vespasiano montou então cento e sessenta máquinas que atiravam sem

grande quantidade de dardos contra os que defendiam as muralhas. Mandou também colocar em posição outras máquinas maiores, das quais algumas lançavam dardos e outras grandes pedras; ao mesmo tempo, os árabes atiravam tanto fogo e tantas flechas, bem como outros arqueiros de dardos, que todo o espaço entre os muros e o terraço estava tão cheio deles que parecia impossível abordá-lo por ali. Nada, porém, intimidava os judeus; eles não deixavam de fazer incursões; arrancavam as fortificações e outras defesas. Vespasiano reconheceu que o espaço vazio entre as aberturas dessas obras dava lugar aos sitiados de o atravessar; mandou então fechá-las, e não ficou mais nem um intervalo; levou depois todas as forças para aquele lugar, e tirou aos judeus a oportunidade de lhe interromper os trabalhos com novas incursões.

CAPÍTULO 13

JOSEFO MANDA ERGUER UM MURO MAIS ALTO QUE O TERRAÇO DOS ROMANOS. OS SITIADOS SENTEM FALTA DE ÁGUA E VESPASIANO TENTA TOMAR A CIDADE PELA FOME. UM ESTRATAGEMA DE JOSEFO O FAZ MUDAR DE IDÉIA E ELE VOLTA A EMPREGAR A FORÇA.

251. Depois que Vespasiano levantou aquele terraço, quase tão alto como os muros da cidade, Josefo achou que seria vergonhoso não fazer também alguma obra grandiosa para defender a cidade, maior ainda que a que os romanos haviam feito para atacá-la. Assim, resolveu construir um muro muito mais alto do que o terraço. Na impossibilidade de trabalhar, que os operários alegavam, por causa da grande quantidade de dardos atirados continuamente pelos romanos, ele achou um meio de eliminar aquela dificuldade: mandou fincar na terra grossos postes, aos quais ataram peles de boi, mortos recentemente, cujas dobras não somente tornavam inúteis os golpes dos dardos e das flechas, mas diminuíam a força das pedras lançadas pelas máquinas e amorteciam a do fogo por sua umidade. Assim, com essa forte defesa, com esse poderoso abrigo, pôs os operários em condições de trabalhar, sem nada temer; trabalharam dia e noite, com tanto entusiasmo que fizeram um muro de vinte côvados de altura, fortificado com várias torres, com ameias.

Esse recurso, unido à constância invencível dos sitiados, causou grande admiração aos romanos, que já se julgavam senhores da cidade, e Vespasiano não ficou menos irritado do que surpreso, por ver que a habilidade de Josefo e a coragem que aquela nova fortificação inspirava aos judeus lhes dava tanta coragem que não se passava um dia, em que eles não fizessem várias incursões, nas quais atacavam os romanos e levavam o que lhes caía nas mãos para a cidade e incendiavam alguns lugares.

Depois de tentar tudo o que pensou ser útil, achou que seria melhor, em vez de continuar a atacar a praça, obrigá-la a se entregar pela fome, fazendo com que os sitiados desistissem antes de se verem reduzidos aos extremos, ou, se eles teimassem em continuar, recomeçariam os ataques, quando a fome os tivesse de tal modo enfraquecido, que seria fácil vencê-los. Depois destas resoluções mandou vigiar cuidadosamente todas as passagens.

252. Os sitiados tinham muito trigo e todas as outras coisas necessárias, menos sal, mas faltava-lhes água, pois não tendo fontes na cidade eram obrigados a usar somente a que caía do céu. Porém chovia pouco no verão, época em que se dava aquele assédio. Josefo, vendo que era aquele o único empecilho que os afligia, e que todos os seus soldados demonstravam muita coragem, mandou distribuir a água, em medidas, a fim de prolongar o assédio, muito mais do que os romanos esperavam. Essa ordem aborreceu o povo, que não quis receber tal limitação, como se não houvesse mais água, recusando-se a trabalhar.

Os romanos souberam de tudo, porque os viam, de cima da colina, se reunirem no lugar onde se lhes davam a água racionada, e mataram até mesmo alguns a golpes de dardos. Acabou-se depressa a água dos poços e Vespasiano esperava que a praça se entregasse. Mas Josefo, para tirar-lhe aquela esperança, mandou colocar nas ameias dos muros uma grande quantidade de panos encharcados de água, o que encheu de admiração e ao mesmo tempo irritou os romanos, porque eles não podiam imaginar que, se esta lhes faltava para o sustento da vida, usassem dela, com tanta profusão, daquele modo. Dessa forma, Vespasiano não mais se iludiu com a esperança de tomar a praça pela fome e voltou a empregar a força, que era justamente o que os judeus desejavam, porque vendo-se perdidos irremediavelmente, preferiam morrer com as armas na mão do que de sede ou de miséria, josefo serviu-se de um outro meio para

obter mais água. Havia do lado do ocidente um riacho tão fundo que os romanos não montavam muita guarda daquele lado. Ele escreveu aos judeus que estavam fora da cidade que lhe trouxessem de noite, por ali, água e outras coisas de que necessitavam; para isso, deveriam se cobrir com peles e andar de quatro a fim de que os inimigos os tomassem por cães ou outros animais; assim se fez, até que os romanos perceberam-nos e fecharam-lhes a passagem.

CAPÍTULO 14

JOSEFO, NÃO TENDO MAIS ESPERANÇA DE SALVAR JOTAPATE, QUER RETIRAR-SE; MAS O DESESPERO DOS HABITANTES O FAZ FICAR. FURIOSOS ATAQUES DOS SITIADOS.

253. Josefo, vendo que não havia mais esperança de salvação para a cidade, nem para os que a ocupavam — pois se continuassem obstinadamente a defendê-la, dentro de poucos dias estariam reduzidos aos extremos — reuniu em conselho os oficiais e os principais da cidade para tratar dos meios de se salvarem. O povo soube-o e veio em massa rogar-lhe que não o abandonasse, que toda a sua confiança estava nele, que somente ele podia salvá-lo, pois tendo-o à sua frente combateriam com alegria ate o último respiro; se tinham de perecer, que tivessem pelo menos a consolação de morrer todos aos seus pés. Disseram-lhe que não era uma ação digna dele querer fugir dos inimigos, abandonando os amigos; era como abandonar durante a tempestade o navio, de que se tivera o comando em tempo de calma; seria, daquele modo, fazer naufragar a cidade que ninguém mais tinha coragem de defender, depois de terem perdido aquele em quem punham toda esperança de salvação. Josefo, para persuadi-los de que só pensavam neles, disse-lhes que era mais para o bem deles do que seu, que ele queria se retirar, porque sua presença ser-lhes-ia inútil, se eles não fossem aprisionados; e se o fossem, de nada lhes serviria morrer com ele. Se se ausentasse, ele poderia reunir grandes tropas na Galiléia e obrigar os romanos a abandonar o cerco; o desejo de se apoderar da cidade os fazia dobrar os esforços, e eles desanimariam quando soubessem que não mais poderiam fazê-lo.

Não somente o povo não se convenceu com estas razões, mas insistiu ainda mais. Os moços e os velhos, as mulheres e as crianças, banhados em

lágrimas, lançaram-se-lhe aos pés e abraçando-lhe os joelhos, com soluços e gemidos rogaram-no que ficasse para correr o mesmo risco que eles. Eu não saberia imaginar o que os levava a rogar de tal modo; talvez porque desejavam também salvar-se; mas penso que talvez eles imaginavam que enquanto eu ficasse com eles, preservá-los-ia de tão grande perigo. Josefo já estava comovido pelo extremo amor de todo aquele povo por ele; considerando que, se ficasse voluntariamente, não se poderia duvidar ter ele consentido em seus pedidos e rogos, mas se ao contrário, depois de se ter recusado eles o obrigassem a ficar, ele seria quase como um prisioneiro; resolveu então fazer o que lhe pediam. Pondo sua força principal no desespero em que os via e que os tornava capazes de tudo empreender, ele disse-lhes que chegara o momento de combater mais corajosamente do que nunca, pois não lhes restava nenhuma esperança de salvação; e que nada era mais glorioso do que preferir a honra à vida, morrendo com as armas na mão, depois de ter praticado atos de valor, tão extraordinários que a posteridade jamais havia de esquecê-los.

Assim falou e procurou passar das palavras aos fatos. Deu um assalto com os mais corajosos dos seus soldados e repeliu a guarda romana, atacou as trincheiras, chegou até o acampamento, derrubou as peles debaixo das quais os soldados se agasalhavam e incendiou-lhes os trabalhos.

No dia seguinte e em outros dois fez a mesma coisa; continuou ainda por vários dias e noites, a agir com semelhante energia, sem que tão extraordinários esforços pudessem esgotá-los.

Vespasiano, vendo os prejuízos que os romanos recebiam desses ataques porque tinham vergonha de fugir diante dos judeus, e mesmo quando vencessem não os poderiam perseguir, por causa do peso de suas armas — o que fazia com que eles tivessem sempre grande vantagem, nos assaltos — antes de entrar na cidade, proibiu aos seus soldados combater com aqueles desesperados, que só procuravam a morte, porque nada é mais temível que o desespero e o verdadeiro meio de lhes enfraquecer a impetuosidade é impedir que o fomentem, como o fogo se apaga quando não se lhe dá material para consumir; além de que os romanos não faziam a guerra por necessidade, mas somente para aumentar seu império, e para obter vitórias uniam a prudência ao valor. Dessa forma, esse sábio general contentou-se em lhes atirar

continuamente flechas, dardos e pedras, por meio dos árabes, dos sírios, dos fundibulários e das máquinas. Os judeus, embora muito oprimidos e atribulados, em vez de se espantarem e de recuarem, avançavam com incrível coragem, para travar combate com os romanos e nenhuma luta poderia ser mais obstinada do que aquela.

CAPÍTULO 15

OS ROMANOS DERRUBAM OS MUROS DA CIDADE COM OS ARÍETES; DESCRIÇÃO DOS EFEITOS DESSA MÁQUINA. OS JUDEUS INCENDEIAM AS MÁQUINAS E OS TRABALHOS DOS ROMANOS.

254. Tão longo assédio e as incursões contínuas dos sitiados faziam com que Vespasiano se considerasse, ele mesmo, como sitiado; suas plataformas haviam sido concluídas até à altura das muralhas e ele resolveu servir-se do aríete. Essa terrível arma é feita como um poste, semelhante a um mastro de navio de altura e grossura enormes, cuja ponta superior é armada com uma cabeça de ferro proporcional ao restante e semelhante à de um carneiro, o que lhe valeu o nome, porque bate nas muralhas como o carneiro ataca também com a cabeça os seus adversários. Esse mastro é suspenso e balançado por meio de grossos cabos, como o braço de uma balança, sobre um outro grande poste apoiado sobre a terra e sustentado de ambos os lados por escoras muito fortes e bem ligadas. Assim o aríete, balan-çando-se no ar, levantado e abaixado com violência por um grande número de homens, bate com a cabeça, fortemente, sobre um muro que se quer derrubar, e toda resistência possível cede-lhe à violência dos golpes repetidos.

255. A impaciência de Vespasiano em tomar a praça, por causa do prejuízo que a duração do cerco estava trazendo aos seus negócios, e pela oportunidade que dava aos judeus de se prepararem, como eles faziam com todas as suas posses, para resistir à guerra, fizeram-no decidir-se a se entregar àquele derradeiro esforço; os romanos começaram por aproximar ainda mais as máquinas que atiram dardos, flechas, pedras e avançar os arqueiros e os fundibulários, a fim de impedir que os judeus subissem às muralhas para defendê-las. Mandaram em seguida avançar o aríete coberto de telhas e de

peles, para conservá-lo e escondê-lo. Logo com os primeiros golpes, derrubou a muralha e os habitantes da cidade soltaram um grande grito, como se já os inimigos tivessem tomado a praça.

Mas como Josefo tinha previsto que os muros não poderiam resistir por muito tempo aos ímpetos de uma máquina tão poderosa, cogitou um meio de lhe diminuir o efeito. Mandou encher de palha uma grande quantidade de sacos que eram descidos com cordas do alto do muro, ao lugar onde o aríete batia; assim os golpes que d=ava não faziam estragos, perdiam a força, encontrando um anteparo mole que lhe anulava a pancada.

Esse estratagema retardou muito o trabalho dos romanos, porque de qualquer lado que eles voltassem o aríete, encontravam sacos cheios de palha, que lhe inutilizavam os golpes. Por fim, cortaram com foices amarradas a longas varas as cordas onde os sacos estavam presos. Assim, o aríete continuou a fazer o seu ofício e o muro que tinha sido construído há pouco tempo não resistiu mais; Josefo e os seus então recorreram ao fogo. Reuniram em três lugares diversos todo o material combustível, misturaram-lhe betume, piche, enxofre, puseram-lhe fogo, e queimaram assim em menos de uma hora todas as máquinas e todas as obras que haviam custado aos romanos tempo e trabalho, embora tudo fizessem para impedi-lo; nuvens de fogo que vinham de todos os lados tornavam o incêndio tão grande que quem se aproximasse corria risco de perecer nas chamas, e via-se com espanto até a que excesso de furor o desespero dos judeus era capaz de levá-los.

CAPÍTULO 16

ATOS EXTRAORDINÁRIOS DE VALOR DE ALGUNS DOS SITIADOS, EMJOTAPATE. VESPASIANO É ATINGIDO POR UMA FLECHADA. OS ROMANOS, IRRITADOS POR VÊ-LO FERIDO, DÃO UM FURIOSO ASSALTO.

256. O ato de valor, praticado naquela ocasião por Saméias, filho de Eleazar, de Saabe, na Galiléia, é por demais ilustre para dele não conservarmos memória à posteridade, deixando de relatá-lo nesta história. Ele atirou, com tanta violência, uma pedra muito grande sobre a cabeça do aríete que a quebrou; saltou em seguida para o meio dos inimigos, tomou aquela cabeça

com ousadia incrível e a levou até os pés do muro, onde, não estando mais armado, foi ferido com cinco golpes de flechas; nada pôde detê-lo e ele subiu ao muro e ali ficou exposto, à vista de todos, que admiraram sua coragem, até que a dor das feridas fê-lo cair, com a cabeça do aríete, que ele não quis largar.

257. Dois irmãos chamados Netiras e Filipe, de Ruma, na Galiléia, praticaram também um feito de coragem quase incrível. Atacaram com tal furor a décima legião que puseram em fuga todos os que apareceram diante deles. Josefo, ao mesmo tempo, seguido por muitos soldados, com fogo nas mãos, queimou todas as máquinas, as cabanas e todos os trabalhos daquela décima legião.

258. Na tarde daquele mesmo dia, os romanos reconstruíram o aríete e atacaram o muro do lado onde ele já estava abalado. Vespasiano foi então ferido na planta do pé, por uma flecha atirada da cidade, mas levemente, porque ela perdera a força antes de chegar a ele. Os que estavam perto dele, vendo o sangue correr-lhe do ferimento, ficaram tão irritados, que sua excitação se estendeu por todo o acampamento, pela notícia que se espalhou. O pesar que todos sentiram por esse fato foi tão grande, que vários abandonaram seus postos para ir ter com ele, e particularmente Tito, que não podia pensar, sem temor, no perigo em que se julgava encontrar seu pai. Mas Vespasiano bem depressa livrou-os do temor e fez cessar a perturbação, dissimulando a dor que sentia pelo ferimento; os animou a combater com mais ardor ainda. Cada qual se considerava obrigado a vingar a afronta feita ao seu general; partiram para o assalto, animando-se mutuamente com grandes gritos a enfrentar o perigo. Embora vários dos sitiados tivessem morrido, feridos pelos dardos e pelas pedras que as máquinas lançavam continuamente, Josefo e os seus não abandonaram as muralhas, mas empregaram o fogo, o ferro e as pedras contra os que, cobertos de anteparos, moviam o aríete. Sua resistência, por maior que fosse, não podia, entretanto, ter grande resultado, porque eles combatiam sem uma proteção, e o fogo de que eles se serviam contra os inimigos fazia com que fossem vistos, como em pleno dia; estes preparavam seus golpes, e eles não podiam evitá-los, porque não sabiam de onde vinham, nem viam as máquinas que os atiravam. As pedras, que as máquinas lançavam, abatiam as ameias, faziam aberturas nos ângulos das torres e nos lugares em que os sitiados

estavam reunidos; matavam os que estavam atrás, e os que estavam na frente não podiam defendê-los. Poder-se-á julgar o efeito extraordinário dessas máquinas, pelo que aconteceu naquela mesma noite.

CAPÍTULO 17

ESTRANHO EFEITO DAS MÁQUINAS DOS ROMANOS. FURIOSO ATAQUE DURANTE A NOITE. OS SITIADOS RESTAURAM A BRECHA, COM UM TRABALHO EXAUSTIVO.

259. Uma daquelas pedras levou, a três estádios dali, a cabeça de um dos que combatiam no alto do muro perto de josefo, e uma outra atravessou o corpo de uma mulher e levou a meio estádio dali a criança que ela tinha no ventre. Se a violência daquelas máquinas era terrível, o barulho das que lançavam dardos não era menor. A esse rumor unia-se o grito das mulheres na cidade, os gemidos dos de fora, que estavam feridos, e o repetir-se do eco nas tantas montanhas vizinhas. Via-se ao mesmo tempo correr o sangue de tantos corpos mortos, lançados das muralhas, em tal quantidade, que se podia, passando por cima deles, ir ao assalto; nada faltava nessa funesta noite de tudo o que impressiona os olhos e os ouvidos, do mais estranho horror que se possa imaginar. Todavia, por maior que fosse o número dos mortos e dos feridos que combatiam tão generosamente pela pátria, e embora as máquinas não cessassem de bater durante toda a noite, o muro foi derrubado só no dia seguinte, pela manhã. Mas antes que os romanos pudessem preparar um lugar para dar o assalto, os sitiados repararam a brecha com exaustivo trabalho.

CAPÍTULO 18

TERRÍVEL ASSALTO A JOTAPATE, ONDE, DEPOIS DE ATOS INCRÍVEIS DE VALOR, DE PARTE A PARTE, OS ROMANOS PÕEM O PÉ NA BRECHA.

260. No dia seguinte, de manhã, depois que o exército romano havia descansado um pouco, do exaustivo trabalho de tão horrível noite, Vespasiano deu suas ordens para o assalto. A fim de impedir que os sitiados ousassem aparecer na brecha, mandou que os mais corajosos da cavalaria apeassem, para atacar ao mesmo tempo, por três lugares, e entrar na frente, quando as

portas estivessem abertas. Eram seguidos pela melhor infantaria e o restante da cavalaria teve ordem de ocupar a torre das muralhas, para impedir que os sitiados pudessem escapar, depois da queda da cidade. Dispôs também todos os arqueiros, fundibulários e todas as máquinas para atirar ao mesmo tempo, e ordenou que se iniciasse a escalada nos lugares onde os muros estavam inteiros, para enfraquecer desse modo o número dos que defendiam a brecha e obrigar a fugir, por aquela chuva de flechas, dardos e pedras, os que lá estavam.

Josefo, que tinha previsto todas essas coisas, para resistir àquela escalada, que ele não julgava muito perigosa, designou somente os velhos e os que estavam muito cansados pelo trabalho da noite precedente, e escolheu os mais valentes e os mais fortes, para a defesa da brecha, e com cinco, dentre os mais valorosos, pôs-se à frente do exército. Disse-lhes que zombassem dos gritos dos inimigos, que se cobrissem com os escudos e que retrocedessem um pouco quando eles atirassem, até que se esgotassem os dardos e as flechas. Mas logo que tivessem fixado as pontes, tudo deveriam fazer para repeli-los, lembrando-lhes, para incitá-los aos maiores atos de valor, que, não havendo mais esperança de salvação, eles combatiam, não para conservar sua pátria, mas para vingá-la e fazer sentir os efeitos do seu justo furor àqueles, de cuja crueldade não podiam duvidar, e que fariam correr, depois da queda, o sangue de seus pais, de seus filhos e de suas esposas.

Estas foram as ordens de Josefo; entretanto, os que eram incapazes de pegar em armas, as mulheres, e as crianças, vendo a cidade atacada por três pontos diversos, as colinas dos arredores reluzindo com as armas dos inimigos, e os árabes prestes a atirar suas flechas, compreenderam todo o mal que os ameaçava, e fizeram ressoar o espaço com gritos e gemidos, como se a cidade já tivesse sido tomada. Josefo teve medo de que isso enfraquecesse a coragem dos soldados e mandou então trancar as mulheres em suas casas, ameaçando-as, se não se calassem, e foi ao lugar do ataque, que ele tinha escolhido para defender. A escalada não lhe dava muito trabalho, pois ele estava muito atento ao que se seguiria àquela quantidade incrível de dardos e flechas que os inimigos atiravam. Logo que as trombetas das legiões tocaram o assalto, todo aquele grande exército soltou gritos militares; dado o sinal, o ar escureceu e

rugia com o ruído incrível dos dardos e das flechas. Os judeus, lembrando-se das ordens de Josefo, fecharam os ouvidos àqueles gritos, cobriram-se com os escudos e, quando os inimigos quiseram fixar suas pontes, marcharam contra eles com tanto ardor e coragem, que, à medida que eles subiam, eram derrubados. Jamais se viu tanto valor do que então; o perigo, tão grande e temível, redobrava-lhes a coragem, em vez de abatê-la; eles não demonstravam menos firmeza de alma em tal contingência, do que se corressem menos risco que os inimigos; uma luta tão obstinada só terminava com a morte de uns e de outros. Os judeus tinham a desvantagem de não poder ser substituídos por novos combatentes, ao passo que o grande número de romanos fazia com que novas tropas tomassem o lugar das que eram repelidas. Assim, animando-se reciprocamente, impelindo-se, cobrin-do-se com os escudos, formaram como um muro impenetrável, e atacando todos ao mesmo tempo, como se aquele grande corpo fosse animado por uma única alma, repeliram os judeus e puseram os pés na brecha.

CAPÍTULO 19

OS SITIADOS ATIRAM TANTO ÓLEO FERVENTE SOBRE OS ROMANOS QUE OS OBRIGAM A DESISTIR DO ASSALTO.

261. Em tão extremo perigo, o desespero fez josefo cogitar um novo meio de defesa. Mandou atirar sobre a temível tropa romana óleo fervente; como os sitiados tinham-no em grande quantidade, executaram a ordem e começaram a atirar, até mesmo caldeiras e baldes cheios. Aquele dilúvio ardente dividiu a tropa que parecia inseparável e viam-se cair os romanos, contorcendo-se, porque o líquido que se esquenta facilmente, demora muito para se esfriar, por causa da umidade untuosa, e que se espalhando sobre eles, da cabeça aos pés, através das mesmas armas, devorava-lhes a carne, como uma chama, a mais viva e penetrante; eles não podiam deixar as armas, para fugir, porque as couraças e os capacetes estavam atados, nem se retirar, rapidamente, quando necessário, para evitar perecer daquele modo. A grande dor que sentiam, fazia-os cair do alto das pontes e de várias maneiras e os que procuravam fugir eram detidos pelos dardos atirados pelos judeus, que os perseguiam.

No meio de tantos males, ao mesmo tempo, nem os romanos perderam a coragem, nem os judeus faltaram à prudência. Os romanos, embora torturados por dores horríveis, esforçavam-se para avançar contra os que lhes atiravam óleo, e os judeus, para deter o ímpeto, empregaram ainda outro meio: espalharam sobre as pontes feno grego, cozido, que as tornava tão escorregadias, que eles não podiam ficar de pé e caíam confusamente uns sobre os outros; alguns, vinham abaixo onde os judeus, que não tinham mais inimigos pela frente, matavam-nos a dardos. Muitos romanos perderam a vida ou ficaram bem feridos nesse combate, a vinte do mês de junho, e Vespasiano, naquela mesma noite, fez tocar a retirada. Os sitiados perderam somente seis homens, mas tiveram mais de trezentos feridos.

CAPÍTULO 20

VESPASIANO MANDA LEVANTAR DE NOVO AS PLATAFORMAS OU TERRAÇOS E COLOCÁ-LAS ACIMA DAS TORRES.

262. Vespasiano quis consolar os seus pelo mau resultado daquele assalto; mas os encontrou tão animados, que lhes seria inútil falar e muito melhor entrar logo em ação. Assim fê-los levantar de novo as plataformas ou terraços e construir no alto torres de madeira, de cinco pés de altura, cobertas de ferro, para firmá-las com seu peso e fazê-las à prova de fogo. Colocou por cima, além das máquinas leves, que atiravam flechas e dardos, os mais hábeis dos seus arqueiros e de seus fundibulários; estes, tinha a vantagem de, por causa da altura das torres e de suas defesas, não serem vistos pelos sitiados, ao passo que aqueles eram facilmente vistos e por isso mesmo atingidos pelos projéteis, e não podiam evita-lo. Assim os judeus foram obrigados a abandonar a brecha, mas atacaram fortemente os romanos, quando eles lá quiseram passar. Sofreram, contudo, muitas perdas, e os romanos, ao contrário, bem poucas.

CAPÍTULO 21

TRAJANO É MANDADO POR VESPASIANO CONTRA JAFA. TITO TOMA EM SEGUIDA ESSA CIDADE.

263. No entanto, a extraordinária resistência de Jotapate ergueu o ânimo dos de Jafa, que lhe está bem perto. Mas Vespasiano para lá mandou Trajano, que comandava a décima legião, com dois mil soldados de infantaria e mil de cavalaria. Ele achou que a praça era muito forte, não somente pela posição, mas porque além de suas grandes fortificações, era rodeada por uma dupla série de muralhas. Seus habitantes também tiveram muita coragem e vieram contra eles. Travou-se a luta; mas depois de uma ligeira resistência, Trajano os pôs em fuga. Perseguiu-os tão fortemente, que entrou com eles no primeiro recinto das muralhas; o temor que os habitantes sentiram de que ele se apoderasse também da segunda, fê-los fechar as portas da cidade a todos, mesmo aos seus concidadãos, que lá pensavam em se salvar, como se Deus, para castigar a Galiléia, quisesse entregá-los aos mesmos inimigos. Assim, depois de terem em vão implorado o socorro daqueles que poderiam ajudá-los, muitos se mataram e o restante foi morto pelos romanos, sem se defenderem, tal o temor que tinham dos inimigos e o espanto, por se verem abandonados pelos próprios amigos, abatia-lhes a coragem. De doze mil que eram, nem um só se salvou, e ao morrer, faziam imprecações, não contra os romanos, mas contra os da própria nação.

Trajano, certo de que a cidade não tinha mais defensores e de que quando mesmo ainda deles houvesse um número considerável, o medo ter-lhes-ia gelado o coração e eles não teriam mais coragem de resistir, julgou dever deixar ao seu general a honra de tomá-la. Assim, mandou comunicar-lhe que mandasse Tito, seu filho, para terminar aquela empresa. Vespasiano imaginou ante esse aviso que restava ainda alguma coisa importante a se fazer e mandou Tito com quinhentos cavaleiros e mil soldados de infantaria. Logo que chegou dividiu as tropas em duas partes para atacar; a da esquerda teve o comando de Trajano e ele se pôs à frente da outra; depois de ter colocado escadas mandou escalar os muros de todos os lados. Os galileus, após uma leve resistência, abandonaram as muralhas e Tito, seguido pelos seus, pulou para dentro e entrou na cidade. Travou-se então no interior da mesma um grande combate. Os mais valentes dos habitantes postados nas ruas estreitas atacavam os romanos e as mulheres lançavam do alto das casas tudo o que lhes podia servir de arma de ataque.

Durou a luta cerca de seis horas, e por fim os que podiam resistir foram mortos e o restante do povo, tanto os moços como os velhos, foram assassinados em suas casas e nas ruas, sem que nem um daqueles cujo sexo tornava capaz de pegar em armas fosse poupado, exceto as crianças, que foram levadas escravas com as mulheres. Foi de dois mil e trinta, o número dos escravos, e o de homens mortos no combate, quinze mil. Esta batalha travou-se a vinte e cinco de junho.

CAPÍTULO 22

CEREALIS, MANDADO POR VESPASIANO CONTRA OS SAMARITANOS, MATA MAIS DE ONZE MIL DELES, NO MONTE GERIZIM.

264. Os samaritanos experimentaram também os tristes efeitos dessa guerra sangrenta. Reuniram-se no monte Gerizim, que consideravam santo. Essa reunião fazia crer, mesmo sem considerarmos sua fraqueza e o poderio e a sorte dos romanos, que eles se preparavam para uma revolta. Vespasiano soube de tudo e achou que devia prevenir qualquer acontecimento, porque, embora eles estivessem rodeados de guarnições romanas, seu número excessivamente grande dava motivos a temores. Ordenou então a Cerealis, tribuno da quinta legião, que para lá partisse com quinhentos cavaleiros e três mil soldados de infantaria.

Quando ele chegou com as tropas, não julgou conveniente atacar os samaritanos sobre o monte, onde estavam em tão grande número, mas cercou-os com uma trincheira defendida cuidadosamente. Vários dias assim se passaram e os samaritanos começaram a sentir falta de água, pois era verão e o calor, demasiado; eles não tinham feito provisão alguma desse precioso líquido e alguns já haviam morrido de sede. Vários outros, preferindo a escravidão ao estado a que se encontravam reduzidos, entregaram-se aos romanos. Cerealis pôde assim perceber a situação extrema a que estavam reduzidos os outros; avançou em ordem de batalha contra o monte, depois de os ter exortado a se entregar, prometendo deixá-los viver em liberdade, se entregassem as armas. Porém, vendo que se obstinavam em resistir, atacou-os, a vinte e sete de junho e, de todos os onze mil, nem um só escapou com vida.

CAPÍTULO 23

VESPASIANO, AVISADO POR UM FUGITIVO, DO ESTADO DOS HABITANTES CERCADOS EMJOTAPATE, SURPREENDE-OS AO ALVORECER, QUANDO QUASE TODOS AINDA ESTAVAM ADORMECIDOS. EXTRAORDINÁRIO MASSACRE. VESPASIANO MANDA DESTRUIR A CIDADE E INCENDIAR AS FORTALEZAS.

265. Os de Jotapate resistiram contra toda esperança, durante quarenta e sete dias e suportaram com incrível coragem todas as amarguras, as penas, os incômodos e as misérias mais terríveis daquele cerco. Finalmente, depois que Vespasiano fez levantar de novo as plataformas, mais altas que os muros da cidade, um deles foi ao seu acampamento e disse-lhe que tantas vigílias e combates os tinham reduzido a um número tão pequeno e de tal modo debilitado os que resistiam, que já não estavam em condições de suportar um grande ataque e, menos ainda, se soubesse escolher o tempo apropriado. Que, para isso, devia atacá-los ao alvorecer, quando tomava um pouco de descanso, depois de tanta fadiga e, mesmo aqueles que estavam de guarda, não podendo resistir ao sono, quase sempre também adormeciam.

Vespasiano sabia da extrema fidelidade dos judeus, uns para com os outros, e da sua incrível constância em suportar grandes males; as palavras desse fugitivo tornaram-no tanto mais suspeito, quanto um dos sitiados, tendo antes sido feito prisioneiro, não proferira uma palavra, embora submetido a terríveis tormentos, nem mesmo do fogo, e, antes que dizer em que estado a cidade se encontrava, tinha sido crucificado, continuando, porém, a zombar do que a morte tem de mais terrível. Havia, porém, probabilidade de ser verdade o que aquele traidor estava dizendo; Vespasiano, vendo que não era perigoso dar fé às suas palavras, mandou prendê-lo e preparou-se para o ataque.

Dessa forma, no momento de que ele havia falado, fez avançar o exército, sem ruído. Tito marchava na frente, acompanhado pelo tribuno Domício Sabino e por alguns soldados escolhidos da quinta legião. Mataram as sentinelas, degolaram os do corpo da guarda, apoderaram-se da fortaleza e de lá entraram na cidade. Os tribunos Sexto Cerealis e Plácido entraram depois deles, com as tropas que comandavam. Embora os romanos fossem senhores da praça e o dia

claro, aqueles infelizes habitantes estavam tão cansados e sonolentos, que ainda não tinham tomado conhecimento da gravidade de sua situação e de sua desgraça; alguns que se haviam levantado, nada viram, porque a manhã estava coberta de neblina. Por fim, todo o exército penetrou na cidade e eles puderam então constatar que haviam chegado ao auge da desgraça; nem os sofrimentos da morte puderam fazê-los ignorar por mais tempo, que eles estavam perdidos. A lembrança dos males sofridos pelos romanos durante aquele cerco havia apagado de seus corações todo sentimento de compaixão e de humanidade e assim não perdoaram a ninguém. Atiraram do alto da fortaleza a todos os que lá estavam. Os que queriam ainda resistir não puderam fazê-lo, porque as ruas eram muito estreitas e ásperas e eram ocupadas pelos romanos; assim não podiam combater e eram derrubados e dizimados pela multidão dos inimigos. Isso foi causa de que muitos daqueles em quem mais Josefo confiava e que ele havia escolhido para combater com ele, se suicidassem, num lugar onde se haviam retirado, nos confins extremos da cidade, porque, não estando em condições de poder se vingar dos romanos, misturando seu sangue com o deles, quiseram, pelo menos, arrebatar-lhes a glória de lhes dar a morte, suicidando-se.

Os que estavam de guarda foram os primeiros a perceber a queda da cidade; fugiram logo para uma torre que está no norte, onde depois de terem resistido por algum tempo, oprimidos pelo grande número dos inimigos, entregaram-se; mas não foram recebidos, e sofreram a morte sem temê-la. Os romanos teriam podido vangloriar-se de que aquele dia, que os tinha tornado senhores da cidade, não lhes havia custado sangue, a não ser a morte de um dos oficiais de nome Antônio, morto à traição. Tendo ido atacar, nas cavernas, os que em grande número lá estavam escondidos, um deles pediu-lhe que lhe poupasse a vida e lhe desse a mão, como sinal de que lhe concedia. Ele a estendeu, sem desconfiar de nada, e aquele traidor deu-lhe um golpe nas virilhas e o matou.

Os romanos também mataram naquele dia a todos os que encontraram. Nos dias seguintes procuraram-nos nas cavernas e nos lugares subterrâneos e só pouparam às mulheres e às crianças. Mil e duzentos foram escravizados e o número dos judeus mortos durante o cerco foi de quarenta mil. Vespasiano

ordenou que destruíssem totalmente a cidade e incendiassem as fortalezas. A tomada dessa praça cuja extrema resistência tornou-se tão célebre, deu-se a primeiro de julho do décimo terceiro ano do reinado de Nero.

CAPÍTULO 24

JOSEFO SALVA-SE, ESCONDENDO-SE NUMA CAVERNA, ONDE ENCONTRA QUARENTA DOS SEUS. É DENUNCIADO POR UMA MULHER. VESPASIANO MANDA UM SEU AMIGO TRIBUNO DAR-LHE AS GARANTIAS QUE ELE PUDESSE DESEJAR;JOSEFO RESOLVE ENTREGAR-SE.

266. Como os romanos estavam muito irados contra Josefo e Vespasiano estava persuadido de que uma grande parte da continuação daquela guerra dependia de tê-lo em suas mãos, procuraram-no com grande interesse, por toda a parte, onde se julgava estar ele escondido, mas também entre os mortos. Ele fora tão feliz, que depois da queda da cidade, fugindo pelo meio dos inimigos, desceu a um poço muito profundo, ao lado do qual havia uma caverna espaçosa, que não podia ser vista do alto. Lá encontrou quarenta dos mais valentes dos seus, que também ali se tinham refugiado e que tinham todo o necessário para vários dias. Lá ficou o dia todo e só saiu à noite para observar os guardas inimigos e ver se havia algum meio de salvação. Não o encontrando, porém, tanto os guardas eram fiéis, voltava para a caverna. Dois dias assim se passaram; no terceiro, uma mulher o denunciou. Vespasiano mandou Paulino e Calicano, dois tribunos, garantir-lhe que o trataria bem, exortando-o a sair; ele não quis fazê-lo, porque, não estando persuadido da clemência dos romanos, e sabendo do seu ressentimento, pelo mal que lhes havia feito, temia que quando o tivessem em seu poder, procurassem vingar-se. Vespasiano mandou-lhe outro tribuno, de nome Nicanor, muito conhecido de Josefo, que lhe falou da generosidade dos romanos para com os vencidos; que sua virtude, em vez de ter granjeado o ódio de seus generais, lhes havia causado admiração; que eles estavam tão longe de querer torturá-lo como o poderiam fazer, se quisessem, sem que para isso fosse preciso que ele se entregasse, que só pensavam, ao invés, em conservá-lo pelos seus méritos; e se Vespasiano tivesse tido algum mau desígnio, não teria escolhido um de seus amigos para mandar-lho, como

ministro de uma perfídia, com o pretexto de amizade; mas, quando mesmo lho tivesse ordenado, ele desobedeceria, antes que executar uma ordem tão indigna de um homem honrado. Estas palavras, embora tão claras, não conseguiram, porém, persuadir de todo a Josefo, e os soldados romanos, irritados com tal resistência, quiseram incendiar a caverna; mas Vespasiano os conteve, porque o queria vivo em suas mãos. No entanto, Nicanor insistia cada vez mais e as ameaças dos soldados aumentavam sempre, porque seu número também aumentava. Josefo então lembrou-se dos sonhos que tivera, nos quais Deus lhe fizera ver as desgraças que sucederiam aos judeus e os felizes resultados obtidos pelos romanos, pois ele sabia explicar os sonhos e ver a verdade mesmo no meio das trevas, a qual Deus muitas vezes se compraz em esconder e como ele era sacerdote, também conhecia as profecias que estão nos livros santos. Como se, naquele momento, estivesse cheio do Espírito de Deus, tudo o que Ele lhe havia feito ver nos sonhos, pareceu renovar-se, e ele dirigiu-lhe esta oração: "Grande Deus, Criador do universo, pois que resolvestes terminar a prosperidade dos judeus, para aumentar a dos romanos e me escolhestes para lhes predizer o que está para acontecer, eu me submeto à vossa vontade, entrego-me aos romanos e consinto em continuar a viver. Mas protesto diante de vossa eterna majestade que, como um vosso ministro e não como um traidor, eu me entrego a eles."

Capítulo 25

Josefo determina entregar-se aos romanos e os que estavam com ele, naquela caverna, fazem-lhe veementes censuras e exortam-no a tomar a mesma resolução que eles, isto é, matar-se. Palavras que lhes dirige para dissuadi-los desse intento.

267. josefo, depois dessa oração, prometeu entregar-se a Nicanor; imediatamente os que estavam com ele, naquela caverna, rodearam-no de todos os lados, exclamando: "Onde está o amor pelas nossas leis? Onde estão aquelas almas generosas, aqueles verdadeiros judeus, nos quais Deus, ao criar, infundiu tão grande desprezo pela morte? Josefo, tendes tanto amor à vida, que para conservá-la vos determinastes entregar, tornando-vos escravo? Ousareis

ainda ver a luz do dia, depois de ter perdido a liberdade? Esquecestes tão depressa tantas exortações que nos fizestes, para nos levar a sacrificar tudo para defendê-la? A opinião que tínhamos de vossa coragem e de vossa prudência, quando combatíeis contra os romanos, estava mal fundada, se esperais agora encontrar entre eles vossa salvação. E se ela corresponder ao juízo que dela fazíamos, como podeis dever vossa vida àqueles que então consideráveis como vossos mortais inimigos; se sua boa sorte vos fez esquecer vossos primeiros sentimentos, nós não os perdemos, como vós. Conservamos sempre o mesmo amor pelas nossas santas leis e pela glória de nossa pátria e vos oferecemos para conservá-los, nossos braços e nossas espadas. Se sois bastante generoso para vos matardes a vós mesmos, conservareis, morrendo, a qualidade de chefe dos judeus, do contrário, não deixareis de morrer, pois recebereis a morte de nossas próprias mãos, mas vós morrereis como um covarde e como um traidor".

Depois destas palavras puxaram das espadas ameaçadoramente, para matá-lo, se ele se entregasse aos romanos. Josefo, então, temendo faltar ao que devia a Deus, se morresse antes de ter comunicado aos seus compatriotas todas aquelas coisas que ele mesmo lhe havia manifestado, recorreu à razão, que julgou ser a mais própria para persuadi-los, e falou-lhes deste modo:

268. "De onde vem essa vontade que sentis de vos matar a vós mesmos e em querer separar corpo da alma, dividindo o que a natureza tão fortemente uniu? Se alguém imagina que eu mudei de idéia, os romanos sabem-no se é verdade a afirmação, de que nada é mais glorioso do que morrer na guerra, mas pelas leis da guerra e pelas mãos dos vencedores. Estou ainda de acordo em que não deveria criar dificuldade em me matar do mesmo modo que rogar aos romanos que me matem; mas, ainda que sejamos seus inimigos, eles nos querem conservar a vida, com quanto mais forte razão somos nós levados a conservá-la e em nada haveria mais loucura do que em nos tratarmos mais cruelmente do que queremos que eles nos tratem? É certamente uma bela coisa morrer pela liberdade, contanto que seja combatendo para defendê-la, caindo sob as armas daqueles que nô-la querem arrebatar. Mas essas circunstâncias cessam agora, pois os combates terminaram e os romanos não nos querem tirar a vida. Quando nada nos obriga a buscar a morte, não há menos covardia em

dá-la a si mesmo do que temê-la e fugir dela, quando o dever e a honra nos obrigam a tal nos expormos. Que nos impede entregarmo-nos aos romanos, se não o temor da morte? E que vantagem há, então, em se escolher uma certa para se evitar uma incerta? Se se disser que é para se evitar a escravidão, eu pergunto, se o estado em que nos encontramos pode passar como um estado livre; e se se acrescentar que é um ato de coragem, matar-se a si mesmo, eu afirmo, ao contrário, que é uma covardia, como imitar um piloto tímido que, pelo temor da tempestade, afundasse, ele mesmo, seu navio, antes de correr risco de perecer, e por fim, que é combater o sentimento de todos os animais e por uma impiedade sacrílega ofender a Deus mesmo, o qual criando-os, deu a todos um instinto contrário. Pois vemos que eles se matam a si mesmos, voluntariamente; mas a natureza não lhes inspira como uma lei inviolável o desejo de viver? Essa razão não faz também que consideremos como nossos inimigos e castiguemos como tais os que tentam contra nossa vida? Como a recebemos de Deus, podemos crer que Ele tolere, sem se ofender, que os homens ousem desprezar o dom que lhes fez? E como é dele que recebemos o ser, ousaríamos querer deixar de existir a não ser segundo lhe apraz e Ele determina? E verdade que nossos corpos são mortais, porque são feitos de uma matéria frágil e corruptível; mas nossas almas são imortais e participam de algum modo da natureza de Deus. Assim não podemos sem impiedade tirar aos homens essa graça, que eles dEle recebem como um depósito que lhes quis confiar. E se alguém quiser fazê-lo, poder-se-á iludir em ocultar aos olhos de Deus a ofensa que lhe faz? Todos estão de acordo em que é justo castigar um escravo que foge de seu senhor, embora esse senhor seja mau e nós julgaremos poder sem crime abandonar a Deus que não somente é nosso senhor mas um senhor soberanamente bom? Não sabeis que Ele difunde suas bênçãos sobre a posteridade daqueles, que depois de ter chamado para junto de si, entregaram em suas mãos, a vida, que, segundo as leis da natureza, Ele lhes deu e que suas almas voam puras para o céu, para lá viverem felizes e voltar, no correr dos séculos, a animar corpos que sejam puros como elas* e que ao contrário, as almas dos ímpios, que por uma loucura criminosa dão a morte a si mesmos são precipitadas nas trevas do inferno; e que Deus, o Pai de todos os homens, vinga as ofensas dos pais nos filhos? Foi por isso que o nosso sapientíssimo

legislador, conhecendo o horror de tal crime, determinou que os corpos dos que se matam, voluntariamente, fiquem sem sepultura até o pôr-do-sol, embora seja permitido enterrar antes os que foram mortos na guerra; e há mesmo nações que cortam as mãos dos assassinos que se mataram a si mesmos, porque julgam justo separá-las de seus corpos, como estão separados seus corpos de suas almas. Deixemo-nos, pois, persuadir pela razão. Por maiores que sejam as nossas desgraças, todos os homens a elas estão sujeitos; mas não acrescentemos ainda a tudo a desgraça de ofender a Deus, nosso Criador, com uma ação que atrairia sobre nós a sua indignação e a sua ira. Se queremos viver, não temamos não poder fazê-lo com honra, depois de ter demonstrado com tantos feitos nosso valor e nossa virtude. Se nos obstinarmos em querer morrer, morramos gloriosamente, recebendo a morte das mãos daqueles de quem seremos prisioneiros de guerra. Não quero me tornar inimigo de mim mesmo, faltando, por uma indesculpável traição à fidelidade, que devo a mim mesmo, nem ser mais imprudente do que aqueles que se tornam voluntariamente inimigos, fazendo, para tirar a minha vida, o que fazem para salvar a sua. Desejo, entretanto, que os romanos não faltem à palavra e eu não somente morrerei com coragem, mas com prazer, se depois de me terem dado sua palavra, eles me tirarem a vida, porque nada tanto me poderia consolar por nossas perdas, como ver que, com essa vergonhosa perfídia, eles obscureceriam o brilho de sua vitória."

---

* Parece, segundo estas palavras, que Josefo acreditava na metempsicose.

Capítulo 26

Josefo, não podendo dissuadir os que estavam com ele da resolução que tinham tomado de se matar, consegue induzi-los a tirar a sorte, para cada qual ser morto por companheiros e não por si mesmo. Somente ele, com um outro, restam com vida e entregam-se aos romanos. Ele é levado a Vespasiano. Sentimentos favoráveis de Tito para com ele.

269. Com estas e outras razões, Josefo tentou afastar seus amigos da funesta resolução que eles haviam tomado, mas os encontrou surdos à sua voz, porque seu desespero os havia levado a escolher a morte. Em vez de se acalmarem, irritaram-se ainda mais, vieram a ele de espada na mão, censurando-lhe a fraqueza, e todos pareciam querer matá-lo. Em tão extremo perigo ele chamava a um pelo nome; olhava para outro, como um general que sabe comandar e cuja virtude infunde respeito nos que estão acostumados a obedecer, tomou um outro pelo braço e assim desviava de vários modos os golpes dos que haviam determinado sua morte, como um animal selvagem rodeado por vários caçadores volta a cabeça para aquele que está prestes a feri-lo. Por fim, como, apesar do furor que os incitava, não podiam deixar de respeitar um chefe, ao qual dedicavam tanta estima, sentiram seus braços enfraquecer, as espadas caíam-lhes das mãos e ao mesmo tempo, ao desferir os golpes, sentiam que seu afeto por ele opunha-se à cólera, diminuindo-lhes cada vez mais a força e tornando-a inútil.

Josefo, por seu lado, não perdeu a calma em tão grave perigo: confiando na proteção de Deus, assim lhes falou: "Pois que estais mesmo resolvidos a morrer, lancemos a sorte para ver quem deverá ser morto, por primeiro, por aquele que o seguirá; continuemos a fazer sempre do mesmo modo, a fim de que nenhum de nós se mate por si mesmo, mas receba a morte das mãos de um outro". Essa proposta foi por todos recebida com alegria, porque não duvidavam de que ele também estaria no número dos mortos e que prefeririam à vida, uma morte comum a todos eles.

270. Foi então lançada a sorte e o que era determinado apresentava o pescoço ao que o devia matar. Isso continuou até que restavam somente Josefo e um outro; o que aconteceu, talvez, por uma especial proteção de Deus ou por casualidade.

Josefo, vendo que se lançasse a sorte, ela, ou lhe custaria a vida ou ele teria que manchar suas mãos no sangue de um amigo, aconselhou-o a viver, dando-lhe garantia de salvá-lo.

271. Assim, Josefo conseguiu escapar daquele tremendo perigo que correra, quer do lado dos romanos, quer dos de sua própria nação, e entregou-

se a Nicanor. Este levou-o a Vespasiano e jamais interesse foi maior do que o dos soldados romanos em se reunirem junto do chefe para vê-lo. No meio do tumulto, notavam-se os vários sentimentos, pelas diversas maneiras de agir: uns demonstravam alegria, por ter ele sido aprisionado; outros, ameaçavam-no; outros apertavam-se ainda mais para vê-lo de perto; os que estavam mais afastados gritavam que se devia matar aquele inimigo do povo romano e os que estavam mais perto dele, lembrando seus admiráveis feitos, comentavam as vicissitudes da sorte. Mas todos os chefes, embora antes irritados contra ele, sentiram seu ódio acalmar-se e Tito, mais que qualquer outro, pois tinha a alma muito nobre, pela grandeza da coragem que Josefo demonstrava em sua infelicidade e por sua idade, ainda em plena virili-dade, sentiu extrema compaixão. Considerando, além disso, que um homem que se tinha tornado temível em tantos combates, encontrava-se agora preso e escravo nas mãos dos inimigos, não podia admirar muito as vicissitudes da guerra e a inconstância das coisas humanas. Vários, imitando-o, foram favoráveis a Josefo e ele foi principalmente causa de que Vespasiano também a isso se inclinasse.

CAPÍTULO 27

VESPASIANO QUER MANDAR JOSEFO PRISIONEIRO A NERO, MAS JOSEFO O FAZ MUDAR DE OPINIÃO, PREDIZENDO QUE ELE SERIA IMPERADOR E TITO, SEU FILHO, DEPOIS DELE.

272. Vespasiano ordenou que vigiassem cuidadosamente a Josefo, porque queria enviá-lo a Nero. Josefo veio a sabê-lo e mandou dizer-lhe que tinha algo a lhe comunicar, mas a ele somente, em segredo. Vespasiano deu-lhe audiência, na presença de Tito e de seus amigos, e ele assim falou: "Vós julgais, sem dúvida, senhor, que tendes somente a Josefo, prisioneiro em vossas mãos. Mas eu venho por ordem de Deus comunicar-lhe uma coisa que muito vos interessa, e é muito mais importante. Eu bem sei de que modo os que têm a honra de comandar os exércitos dos judeus devem morrer, por terem caído vivos em vossas mãos. Quereis mandar-me a Nero.

E por que mandar-me, pois que ele e os que lhe devem suceder até vós, têm tão pouco tempo de vida? E somente a vós e a Tito, vosso filho, que eu considero imperadores; a este, depois de vós, porque ambos subireis ao trono. Fazei-me pois guardar quanto vos aprouver, mas como vosso prisioneiro, não de outro; somente vós vos tornastes, pelo direito da guerra, senhores da minha liberdade e de minha vida; mas sê-lo-eis dentro em breve de toda a terra e eu merecerei um tratamento muito mais severo do que a prisão, se eu for tão mau e tão ousado, em abusar do nome de Deus, para vos obrigar a prestar fé a uma impostura".

Persuadido de que Josefo lhe falava daquele modo, para obrigá-lo a lhe ser favorável, a princípio não quis acreditar, mas pouco a pouco foi se dispondo a fazê-lo, porque Deus, que o destinava ao império, fazia-o conhecer por outros sinais e indícios que podia mesmo esperar chegar a tal e via que Josefo era verdadeiro em tudo o que dizia. Um de seus amigos, por exemplo, na presença dos quais ele lhe havia falado, pergunta a josefo, se aquelas predições não eram meras ilusões, como é que ele não tinha previsto a ruína de Jotapate, a sua prisão e evitado, se pudesse, tal desgraça e infelicidade, ele respondeu que havia predito aos de jotapate, que sua cidade seria tomada, depois de uma resistência de quarenta e sete dias, e que ele mesmo cairia vivo nas mãos dos romanos. Vespasiano, ante estas palavras de seu amigo, mandou indagar secretamente dos outros prisioneiros, se tudo tinha acontecido como ele dissera e constatou que era verdade. Assim, começou a acreditar no que ele lhe havia dito, referindo-se a ele em particular, mas não deixou de vigiá-lo menos cuidadosamente; não havia, porém, favor com que não o distinguisse em tudo o mais. Tito, por sua vez, tratava-o com grande deferência.

CAPÍTULO 28

VESPASIANO COLOCA UMA PARTE DE SUAS TROPAS NOS QUARTÉIS DE INVERNO EM CESARÉIA E EM CITÔPOLIS.

273. A quatro de julho, Vespasiano voltou a Ptolemaida e, marchando ao longo da costa marítima, dirigiu-se a Cesaréia, que é a maior das cidades da Judéia. Como a maior parte dos habitantes eram gregos, receberam-no muito

bem, com seu exército, quer pelo afeto para com os romanos, quer pelo ódio para com os judeus. Era este tão grande, que lhe pediram, com grandes exclamações, que mandassem matar Josefo. Mas aquele sábio general, considerando tais clamores como efeito da paixão de uma multidão confusa, não lhes deu importância alguma. Colocou somente duas legiões em quartéis de inverno, naquela cidade, onde podiam ficar comodamente, porque o ar é temperado durante o inverno, e o calor é excessivo durante o verão, porque ela está situada numa planície à beira-mar; e para não sobrecarregá-la com o alojamento de tantos soldados, ele mandou a Citópolis a quinta e a décima segunda legiões.

Capítulo 29

Os romanos tomam sem dificuldade a cidade deJope, que Vespasiano manda destruir; uma horrível tempestade provoca a morte de todos os habitantes que haviam fugido em navios.

274. No entanto, um grande número de judeus, tanto dos que se haviam revoltado contra os romanos, como dos que haviam fugido para as cidades de que se haviam apoderado, reconstruíram Jope, que Céstio havia destruído e, não podendo encontrar com o que viver em terra, por causa da devastação dos campos, construíram um grande número de pequenos navios, puseram-se ao mar e percorrendo as costas da Fenícia, da Síria e mesmo do Egito, perturbaram com sua pirataria, todo o comércio daqueles mares. Vespasiano veio a sabê-lo e mandou tropas de cavalaria para Jope, bem como de infantaria, e, como aquela praça era mal defendida, nela entraram durante a noite, mui facilmente. Surpreendidos, os habitantes não tiveram coragem de resistir; fugiram para seus navios e passaram a noite fora do alcance dos dardos e das flechas dos inimigos.

Para bem compreendermos em que perigo eles se encontravam, devemos considerar a situação de Jope. Essa cidade, embora situada à beira-mar, não tem porto. A praia sobre a qual está construída é excessivamente pedregosa e muito elevada. Seus dois lados, que são rochedos, naturalmente profundos, estendem-se em forma decrescente, adentrando bem o mar. Assim, quando

sopra o vento do verão, as ondas atiradas sobre esses rochedos cobrem-nos com sua espuma e fazem um ruído espantoso; não há lugar onde os barcos possam correr maior perigo. Aí vemos ainda os sinais das cadeias de Andrômeda; elas foram aparentemente gravadas, para se prestar fé à antiga fábula.

275. Os que haviam fugido de]ope estavam então naquela baía e apenas o dia começou a raiar, o vento, a que chamam de verão negro, soprou com tanta violência, que jamais se viu tempestade mais horrível. Uma parte dos navios quebrou-se, chocando-se uns contra os outros, outros se espatifaram contra os rochedos, outros querendo, à força de remos, alcançar o mar alto, para evitar a praia, onde as pedras os esperavam e os romanos também tornavam-na igualmente temível, acharam-se, num momento, elevados sobre montanhas de água e precipitados em seguida aos abismos, que aquela espantosa tempestade lhes abria. Assim, não restava àquele povo miserável, em tal contingência, nenhuma esperança de salvação, porque, quer eles se afastassem da terra, quer dela se aproximassem, não podiam evitar de perecer, tanto pelo furor do mar, como pelas armas dos inimigos. O ar entrecortava-se de gemidos dos que haviam ficado nos navios esfrangalhados; viam-se de todos os lados, uns, afogarem-se, outros matarem-se de desespero, outros, atirados pelas vagas contra os rochedos, onde eram mortos pelos romanos. Assim o mar não somente estava coberto de naufrágios, mas também tinto de sangue; contaram-se até quatro mil e duzentos corpos que ele atirou à praia.

276. Os romanos, assim, tornaram-se senhores de Jope, sem combater, e destruíram-na completamente; aquela infeliz cidade foi por eles tomada duas vezes, em pouco tempo. Vespasiano, para impedir que os piratas lá se reunissem, mandou fortificar a parte mais alta, deixou uma guarnição de soldados de infantaria e muita cavalaria, para fazerem incursões às regiões vizinhas e incendiarem as aldeias e as vilas; o que logo fizeram.

CAPÍTULO 30

A FALSA NOTÍCIA DE QUEJOSEFO TINHA SIDO MORTO EM JOTAPATE PÕE TODA A CIDADE DE JERUSALÉM EM INCRÍVEL AGITAÇÃO. MAS ESTA SE CONVERTE EM IRA CONTRA ELE, QUANDO SOUBERAM QUE ELE ESTAVA

APENAS PRISIONEIRO E ERA BEM TRATADO PELOS ROMANOS.

277. Quando a notícia do que havia acontecido em Jotapate chegou a Jerusalém, a importância de tal perda e a ausência de alguém que tivesse visto o que se dizia, fez que a princípio não se acreditasse; do grande número de homens que estavam naquela miserável cidade, não ficara um só que lhes pudesse levar as notícias. A fama, que espalha tão prontamente os maus resultados, foi a única pela qual se soube a princípio tudo aquilo. Mas a verdade veio, em seguida, de todos os lados e dissipou pouco a pouco todas as dúvidas. Acrescentavam-se até mesmo coisas de que ainda não se havia falado e dizia-se que)osefo tinha sido morto. Toda Jerusalém ficou aflita. Os outros mortos eram lamentados por parentes e amigos, mas ele era chorado por todos e o luto que se tomou por ele, durante trinta dias, foi tão grande que todos buscavam ansiosamente músicos, para entoar cânticos fúnebres, como se usa nas homenagens aos mortos. Mas o tempo trouxe a verdade. Soube-se como tudo se havia passado: Josefo estava vivo entre os romanos e seu general, em vez de tratá-lo como escravo, prestava-lhe ainda grandes honras. Então, por uma mudança estranha, aquele grande amor que se tinha por ele, quando o julgavam morto, converteu-se em tal ódio, apenas se soube que ele estava vivo, que o chamavam de fraco, covarde e traidor. A indignação era geral; por toda a cidade ouviam-se injúrias contra ele; as desgraças que os oprimiam irritavam-lhes de tal modo o espírito que eles agiam sem nenhuma prudência; as aflições, que para os sensatos fazem-nos evitar caírem em outras, para eles só serviam de aguilhão, para excitá-los ainda mais. Assim, parecia que o fim de uma fosse o começo de outra e eles animavam-se cada vez mais contra os romanos, persuadidos de que, vingando-se deles, vin-gar-se-iam também de Josefo.

CAPÍTULOS 31

O REI AGRIPA CONVIDA A VESPASIANO PARA IR COM SEU EXÉRCITO DESCANSAR EM SEU REINO E VESPASIANO RESOLVE SUBMETER À OBEDIÊNCIA DESSE PRÍNCIPE, TIBERÍADES E TARIQUÉIA, QUE CONTRA ELE SE HAVIAM REVOLTADO. MANDA UM OFICIAL EXORTAR OS DE TIBERÍADES A VOLTAR AO CUMPRIMENTO DO DEVER. MAS JESUS, CHEFE DOS REVOLTOSOS,

OBRIGA-O A SE RETIRAR.

278. Entretanto, o rei Agripa convidou Vespasiano para vir com seu exército ao seu reino, quer pelo desejo de homenageá-lo, quer porque pretendia reprimir, por meio dele, as agitações em seu território; aquele general do exército romano partiu de Cesaréia, que está à beira-mar, para ir a Cesaréia de Filipe. Durante os vinte dias em que lá esteve, suas tropas puderam se refazer, e ele deu graças a Deus com grandes banquetes por seus felizes êxitos. Quando soube que Tiberíades e Tariquéia, que dependiam do reino de Agripa, se haviam revoltado, julgou não poder encontrar uma ocasião mais favorável para demonstrar seu afeto por aquele príncipe do que submeter aquelas duas cidades ao seu poder. Assim, determinou marchar contra eles e mandou Tito a Cesareia buscar tropas para atacar Citópolis. Esta cidade está perto de Tiberíades, é a maior de todas as do território que tem o nome de Decápolis, porque consta de dez cidades. Vespasiano chegou primeiro e lá esperou o filho. Depois da chegada deste, avançou mais, com três legiões; foi acampar a três estádios de Tiberíades, num lugar denominado Senabris, de onde podia ser visto pelos revoltosos. De lá mandou um oficial de nome Valeriano, com cinqüenta cavaleiros para exortar os seus habitantes a permanecerem fiéis, pois ele soube que o povo era dessa opinião, e somente por violência eles haviam tomado as armas, coagidos por alguns revoltosos. Quando Valeriano estava perto da cidade, desceu do cavalo e mandou seus homens fazer o mesmo, para mostrar que não vinha como inimigo. Mas os revoltosos, comandados por Jesus, filho de Tobias, que era chefe de ladrões, atacaram-nos antes que ele tivesse tido tempo de falar. Valeriano, surpreendido com tal ousadia, e não ousando combater sem ordem do seu general, mesmo tendo certeza de vencer, não vendo probabilidade de poder sustentar, com tão poucos homens, e em desordem, um numero tão grande de inimigos, que vinham em ordem contra ele, quis salvar-se a pé, com cinco outros, que também não haviam tido tempo de alcançar seus cavalos. Os velhacos apanharam-lhes os animais, levaram-nos à cidade e mostraram-se mais orgulhosos com isso do que se tivessem vencido uma guerra.

CAPÍTULO 32

OS PRINCIPAIS HABITANTES DE TIBERÍADES IMPLORAM A CLEMÊNCIA DE VESPASIANO E ELE PERDOA-LHES EM ATENÇÃO AO REI AGRIPA. JESUS, FILHO DE TOBIAS, FOGE DE TIBERÍADES PARA TARIQUÉIA. VESPASIANO É RECEBIDO EM TIBERÍADES E EM SEGUIDA CERCA TARIQUÉIA.

279. Essa má ação deu tanto motivo de temor aos habitantes de Tiberíades, que, governados por Agripa, seu rei, eles se foram lançar aos pés de Vespasiano, para rogar-lhe que tivesse compaixão deles e que não atribuísse a toda a cidade o crime de alguns; mas perdoasse a um povo que sempre fora afeiçoado aos romanos e se contentasse em castigar os revoltosos que lhes haviam impedido abrir-lhe as portas. Vespasiano, comovido com suas palavras e pelo receio que Agripa sentia por aquela cidade, determinou perdoá-los, embora se sentisse muito ofendido por lhe terem tomado aqueles cavalos. Assim, garantiu ao povo que não lhe faria mal algum; quando Jesus e seus revoltosos viram que não havia mais segurança para eles, fugiram para Tariquéia.

280. Vespasiano mandou no dia seguinte Trajano com a cavalaria para apoderar-se da fortaleza e averiguar se todo o povo tinha mesmo os sentimentos que aqueles homens lhe haviam manifestado. Tendo constatado que de fato era assim mesmo, relataram-no a Vespasiano, o qual marchou para a cidade com todo o exército. Os habitantes compareceram à sua presença, com grandes aclamações, chamando-o de benfeitor e salvador. Suas tropas avançavam lentamente porque as portas eram muito estreitas; mandou então derrubar um pedaço do muro, da parte do sul e proibiu ao mesmo tempo, em atenção a Agripa, que se fizesse qualquer mal aos habitantes. Confirmou ao príncipe a graça que lhe havia concedido, de não mandar derrubar o restante dos muros, ante a palavra que lhe deu, de que a cidade permaneceria tranqüila; não houve cuidados que o príncipe não tomasse, para aliviar os males, que a divisão em que se encontrava lhe tinham causado.

Vespasiano partiu de Tiberíades para ir acampar perto de Tariquéia e fortificou o acampamento com um muro, porque achou que o cerco daquela cidade iria durar muito tempo, pois os revoltosos lá se haviam reunido,

confiantes em sua força e na que lhes dá o lago de Genesaré. A cidade é como Tiberíades, construída sobre uma montanha; nos lugares onde não é defendida pelo lago, Josefo a fizera rodear por uma muralha muito forte cujo perímetro não era menor que o de Tiberíades. Desde o começo da revolta, para lá havia feito levar todo o dinheiro e todas as provisões possíveis e a tinha posto assim em condições de gozar de grandes vantagens. Os sitiados tinham ainda, a mais, sobre o lago, várias barcas armadas, que lhes podiam servir em combates nas águas e, para nelas se salvarem, se a luta em terra não lhes fosse favorável.

Jesus e os de seu partido, sem se intimidarem nem com numerosas forças dos romanos nem com sua disciplina, deram um furioso assalto contra os que fortificavam o acampamento, afugentaram os trabalhadores, derrubaram uma parte do muro, antes que eles pudessem impedi-lo e só se retiraram quando viram os inimigos reunidos em tão grande número que não lhes poderiam resistir. Os romanos perseguiram-nos até o lago, onde, entrando nas barcas, colocaram-se fora do alcance dos dardos e das flechas. Lançaram as âncoras ao largo e todas as barcas ficaram em ordem de batalha, apertadas umas contra as outras, parecendo que, de sobre as águas, queriam combater contra os romanos, que estavam em terra. Vespasiano soube que naquele mesmo tempo haviam aparecido muitos judeus, em um lugar perto da cidade; então, para lá mandou seu filho, com seiscentos cavaleiros, escolhidos entre os melhores de suas tropas.

CAPÍTULO 33

TITO DECIDE, COM SEISCENTOS CAVALEIROS, ATACAR UM NÚMERO MUITO GRANDE DE JUDEUS QUE SAÍRA DE TARIQUÉIA. DISCURSO QUE ELE FAZ AOS SEUS, PARA ANIMÁ-LOS AO COMBATE.

281. O grande número de inimigos obrigou Tito a mandar dizer a Vespasiano que tinha necessidade de mais soldados, para atacá-los. Mas, antes que o reforço tivesse chegado, vendo que aquela grande multidão havia atemorizado os seus, embora a maior parte mostrasse que não os temia, assim falou-lhes, de um lugar alto, de onde todos podiam ouvi-lo: "Romanos! É por nomeá-los que eu começo, porque esse nome tão glorioso basta para pôr diante

de vossos olhos as ações heróicas dos vossos antepassados ilustres; falarei em seguida daqueles contra os quais deveis combater. No que depende de vós, que nação em toda a terra ousou resistir-nos e contra a qual não fomos sempre vencedores? Quanto aos judeus, é preciso convir que, ainda que eles tenham sempre sucumbido sob a força de nossas armas, jamais se deram por vencidos. Que motivo haveria, então de termos menos coragem na prosperidade, do que eles na adversidade? Mas noto com alegria em vossos rostos vossa generosidade, mas temo que o grande número de inimigos atemorize a alguns de vós. É isso que me obriga a vos exortar a vos lembrardes quem sois e quem são eles. Embora seja verdade que os judeus são corajosos e desprezam a morte, eles têm tão pouca disciplina e conhecimento da guerra, que por maior que seja seu número, são mais uma multidão confusa, do que um exército. Todos sabem, ao contrário, que nada se pode acrescentar à nossa disciplina e à nossa experiência. Por que, entre todas as nações do mundo, nós somos os únicos que continuamos, durante a paz, a fazer todos os exercícios da guerra, se não para não temermos atacar os que são muito mais numerosos do que nós? De que nos serviriam nossos contínuos exercícios, se não nos tornassem muito mais temíveis do que aqueles que não têm experiência alguma? Considerai também que combateis armados, contra homens quase sem armas, com cavalaria contra infantaria e com excelentes chefes contra tropas, que podemos dizer, não os têm. Pensai que tantas vantagens que tendes sobre eles lhes devem diminuir o número e em vosso espírito aumentar o vosso. Por mais valentes que sejam os inimigos que temos de combater, embora sejam em número muito maior, não deixaremos de vencê-los, quando os atacarmos com coragem, porque podemos mais facilmente conservar a ordem e socorrer-nos a nós mesmos, ao passo que a grande quantidade de tropas, recebe, o mais das vezes, muito mais prejuízo pela confusão que traz, do que pelas armas inimigas. A ousadia, o desespero, o furor em que consiste a principal força dos judeus, pode sem dúvida servir muito quando ajudado pela sorte, mas o menor insucesso apaga essa grande chama e a torna inútil e desprezível. Ao contrário, o proceder, a firmeza e a coragem que nos fazem levar tão além a felicidade de nossas armas não nos deixam, quando essa felicidade nos abandona. Que vergonha para nós demonstrar menos coragem, em confirmar nossas

conquistas e sustentar nossa glória, do que os judeus para defender sua liberdade e sua pátria? E depois de termos dominado toda a terra, poderíamos tolerar que esse povo tivesse por mais tempo a ousadia de nos resistir? Que temos nós a temer, quando mesmo nos sentíssemos muito fracos? Nosso auxílio está tão perto que restauraria o combate. Mas sozinhos teríamos a honra dessa vitória, se sem esperarmos o auxílio que meu pai nos mandará, sem permitir que eles tomem parte na luta, nós os combatêssemos. Trata-se hoje do juízo que se deve fazer de meu pai, de mim e de vós; dele, para saber se merece a alta reputação que tantos grandes feitos lhe granjearam; de mim, para se conhecer se sou digno de ser seu filho e de vós, para se ver se eu devo me julgar feliz por vos comandar. Como meu pai está acostumado a vencer sempre, com que olhos poderia ele me contemplar se eu fosse vencido? Poderíeis vós tolerar a vergonha de não serdes vitoriosos, vendo que vosso chefe despreza os maiores perigos para vos abrir o caminho da vitória? Segui-me, então, com firme confiança de que Deus nos ajudará no combate e não duvideis de que venceremos muito mais facilmente os inimigos, aproximando-nos deles, do que atacando-os apenas de longe."

Capítulo 34

Tito derrota um grande número de judeus e em seguida apodera-se de Tariquéia.

282. Estas palavras de Tito inspiraram aos seus soldados tal entusiasmo e desejo de combater, que pareciam ter algo de divino; eles viram com tristeza Trajano chegar com quatrocentos soldados de cavalaria, porque consideravam uma diminuição de glória, a parte que eles tivessem na vitória. Vespasiano mandou também nesse mesmo tempo Antônio Silom, com dois mil arqueiros ocupar a montanha em frente da cidade, a fim de impedir, como fizeram, que aqueles que deviam montar guarda nas muralhas, se apresentassem para defendê-las. Tito, para parecer mais forte, colocou seus soldados em batalha, sobre uma linha que compreendia também uma grande frente, como a dos inimigos, impeliu por primeiro seu cavalo para rompê-la e todos seguiram-no com grandes gritos. Os judeus, embora assustados com tal ousadia e tanta

ordem, opuseram alguma resistência; mas, não podendo por mais tempo resistir à cavalaria, foram calcados sob as patas dos cavalos; muitos morreram ali mesmo e outros fugiram em desordem para a cidade. Os romanos perseguiram-nos com ardor, mataram os da retaguarda, anteciparam-se aos outros, pela rapidez de seus cavalos e feriram a muitos e obrigaram os que já estavam perto das trincheiras a voltar para o campo; lá mataram-nos quando, em tanta desordem, eles caíam uns sobre os outros. Dessa grande multidão só se salvaram os que puderam voltar à cidade.

Ocorreu então uma grande divergência entre os habitantes e os estrangeiros; os primeiros, que se tinham contra vontade imiscuído nessa guerra, tinham por isso muito maior aversão, depois de tão infeliz resultado; estes, cujo número era muito grande, continuavam a obrigá-los a isso. Assim, surgiu uma grande dis-sensão, como era fácil de se imaginar pelos gritos, que eles estavam prestes a combater entre si mesmos. Como Tito estava perto das muralhas, pôde ouvi-los facilmente e para aproveitar a ocasião disse aos seus com um tom de voz que poderia animá-los ainda mais: "Por que vos demorais, companheiros, em conquistar a vitória que Deus colocou em vossas mãos? Não ouvis os gritos dos que a fuga salvou da vossa vingança? A cidade é nossa, contanto que a ataquemos com rapidez e coragem. Não poderíamos, de outro modo, nada fazer de grande. Mas não perdendo um só momento, nossos inimigos não terão a oportunidade de se reunir, nem nossos amigos, tempo de nos vir ajudar. Assim acrescentaremos à vitória que acabamos de conquistar com tão poucos homens sobre um número tão grande, a honra de termos sozinhos nos apoderado da cidade".

Depois de ter assim falado, montou a cavalo e seguido pelos seus, atacou do lado do lago e foi o primeiro a entrar na cidade. Tão extraordinária ousadia espantou de tal modo os que estavam de guarda daquele lado, que fugiram; Jesus, com os dele, fugiu para o campo; outros correram para o lago e caíram nas mãos dos romanos; outros eram mortos, quando queriam subir às barcas; outros ainda, quando tentavam a nado alcançar os que estavam mais afastados. A matança era, ao mesmo tempo, muito grande, na cidade, não sem resistência dos estrangeiros, que não tinham podido fugir com Jesus; mas os habitantes da cidade não se defendiam, porque, não tendo aprovado a guerra,

esperavam que os romanos os perdoassem.

Tito, depois de ter dizimado os revoltosos, ordenou que poupassem o povo; os que se haviam salvado no lago, vendo a cidade tomada, afastavam-se quanto mais possível. Pode-se imaginar a alegria de Vespasiano ante este glorioso resultado, por seu filho, que, se podia dizer, tinha terminado uma grande parte daquela guerra. Ele ordenou imediatamente que vigiassem toda a cidade e seus arredores, a fim de que ninguém pudesse escapar; foi no dia seguinte ao lago e ordenou que se fizessem barcos para perseguir os que ali se haviam refugiado. Como havia na cidade grande abundância de material para isso e muitos operários, em poucos dias eles os fizeram em grande número.

CAPÍTULO 35

DESCRIÇÃO DO LAGO DE GENESARÉ, DA ADMIRÁVEL FERTILIDADE DA TERRA DOS ARREDORES E DA NASCENTE DO JORDÃO.

283. O lago de Genesaré toma seu nome da terra que o rodeia. Seu comprimento é de cem estádios e tem quarenta de largura. Não há rios, nem mesmo fontes, que sejam mais tranqüilos. Sua água é muito boa para se beber e muito fácil de se obter, porque nas suas margens há apenas um cascalho muito leve. É tão fria, que não perde nem mesmo a sua temperatura quando posta ao sol, pelos habitantes, segundo o costume, para esquentá-la, durante os dias mais quentes do verão. Há grande quantidade de peixes de todas as espécies, que não são encontradas em outros lugares. O Jordão atravessa o lago, bem no meio; parece que tem a sua origem de Paniom. Mas a verdade é que ele vem por baixo da terra de uma outra nascente, chamada Fiala, distante cento e vinte estádios de Cesaréia, do lado direito, perto do caminho por onde se vai a Traconítida. E tão redonda que por isso mesmo recebeu o nome de Fiala e enche sempre de maneira igual a sua concavidade que jamais é vista vazia ou cheia. Sempre se havia ignorado até Herodes, o tetrarca, que essa nascente era a origem do Jordão; mas esse príncipe lá lançou palha e depois encontrou-se também certa quantidade de palha na nascente de Paniom, de onde não se imaginava antes que esse rio procedesse. A nascente de Paniom é naturalmente muito bela, mas a magnificência do rei Agripa ainda a embelezou

muito mais. Depois que o Jordão, que parece ter ali o seu início, atravessa os pantanais lodosos do lado de Semechonite, e continua seu curso por outros cento e vinte estádios, passa abaixo da cidade de Julíada, através do lago de Cenesaré, de onde depois de ter ainda corrido durante um longo espaço, no deserto, ele se dirige para o lago Asfaltite.

A terra que rodeia o lago de Genesaré e que tem o mesmo nome é igualmente admirável por sua beleza e pela sua fecundidade. Não há plantas que aí a natureza não produza nem algo que a arte e o trabalho dos que nela moram, não contribua, para que tal vantagem não lhes seja inútil. O ar é tão temperado que se torna próprio para toda espécie de frutos. Aí vemos em grande quantidade nogueiras, árvores que se adaptam muito bem aos climas mais frios e as que têm necessidade de mais calor, como as palmeiras, de um ar doce e moderado, como as figueiras e as oliveiras; aí encontram não menos, tudo o que desejam; de modo que parece que a natureza, por um esforço de seu amor por esse belo país, tem prazer em aliar coisas contrárias, e por uma agradável combinação, todas as estações favorecem constantemente essa feliz terra, porque ela não somente produz tão excelentes frutos, mas são eles ainda conservados por tanto tempo, que se podem comer durante seis meses, uvas, figos e outros frutos, durante todo o ano. Além da temperatura do ar, correm as águas de um rio mui abundante, de nome Capernaum, que alguns julgam ser um pequeno afluente do Nilo, porque aí encontramos peixes semelhantes ao Coracim, de Alexandria, que só é encontrado ali e naquele grande rio. A extensão desse país, ao longo do lago de Cenesaré, que tem o mesmo nome, é de trinta estádios e sua largura, de vinte.

Capítulo 36

Combate naval, onde Vespasiano derrota, no lago de Genesaré, a todos os que haviam escapado de Tariquéia.

284. Os navios que Vespasiano mandara construir ficaram prontos, foram postos no lago e ele embarcou com tantos soldados quantos necessários para a empresa que intentava, contra os que haviam fugido para o lago. Então não lhes restanteu mais esperança de salvação. Eles não ousavam vir por terra,

porque lá tudo lhes era contrário; só podiam, com extrema desvantagem, combater sobre as águas, porque suas barcas, que eram próprias para assaltos e pirataria, eram muito fracas para resistir aos navios e tendo poucos homens em cada uma delas, não ousavam atacar os romanos. Por isso, o mais que podiam fazer, era navegar em redor deles, atirando-lhes pedras, de longe e algumas vezes, mesmo, de perto; mas quer de um modo quer de outro, causavam-lhes pouco mal, recebendo ao contrário, graves perdas e prejuízos. Aquelas pedras só faziam barulho contra as armas dos romanos e quando se aproximavam eram atirados à água, e suas barcas reviradas. Os romanos matavam a golpes de dardos os que lhes estavam ao alcance das armas e a golpes de espada, os que estavam nas barcas. Aprisionaram ainda outros com barca e tudo, quando rodeados por mais de uma embarcação; matavam a golpes de flechas, ou faziam afundar com as barcas, os que procuravam salvar-se; cortavam a cabeça ou as mãos, aos que, no auge do desespero a eles vinham nadando. Assim aqueles infelizes iam perecendo um por um, de maneiras diferentes, até que, inteiramente derrotados e querendo fugir para a terra, foram mortos no lago, a flechadas, e os outros, que estavam perto da terra, bem como os que já tinham desembarcado não tiveram melhor sorte, de tal modo, que nem um só escapou com vida, naquela horrível matança. O lago estava todo vermelho de tanto sangue, suas margens, cheias de náufragos e ambos cobertos de cadáveres.

Poucos dias depois, aqueles corpos inchados e lívidos corromperam o ar de tal modo, com seu mau cheiro, que toda aquela região ficou contaminada. O espetáculo era tão horrível que não somente causava espanto aos judeus, mas obrigava os romanos a se lastimarem também, embora eles mesmos fossem os culpados de tudo. Tal o desenlace do combate naval, que pereceram nele e na cidade cerca de seis mil e quinhentos homens.

Vespasiano, depois desses dois feitos, subiu a Tariquéia, ao seu tribunal, para deliberar com os principais do seu exército, se haveria de tratar menos favoravelmente do que aos habitantes, os estrangeiros que tinham sido causa da guerra ou se lhes perdoaria também, conservando-lhes a vida. Todos foram de opinião que os matassem, porque jamais ficariam em paz, se continuassem em liberdade, mas obrigariam a fazer novas guerras, àqueles com os quais

convivessem. Vespasiano não duvidava de que eles eram indignos de perdão e de que se lho concedesse, não se insurgiriam contra os que lhes haviam salvado a vida; mas estava hesitante de como fazê-los morrer, porque se os fizesse executar em Tariquéia, seus habitantes veriam com grande dor, derramar-se o sangue daqueles pelos quais haviam intercedido e não queria dar tal desgosto aos que se haviam entregue ao seu domínio, ante a promessa de tratá-los bem. Julgou, entretanto, não se dever opor aos sentimentos de tantos oficiais, que afirmavam não haver rigor de que se não devesse usar contra os judeus e que era necessário preferir o útil ao honesto numa ocasião em que, como naquela, não se podia satisfazer a ambos. Assim, permitiu aos estrangeiros que se retirassem pelo único caminho que leva a Tiberíades; e como se acredita facilmente naquilo que se deseja, eles partiram sem temer, nem que se tentasse contra sua vida, nem que se lhes tirasse o dinheiro. Os romanos, para impedir que algum escapasse, levaram-nos a Tiberíades e os encerraram na cidade. Vespasiano chegou logo depois e mandou colocá-los no lugar dos exercícios públicos. Ali fez matar todos os velhos e os incapazes de pegar em armas, em número de mil e duzentos; mandou a Nero seis mil homens fortes e robustos para trabalhar no istmo da Moréia. O povo foi feito escravo; foram vendidos trinta mil e quatrocentos deles; o restante foi dado a Agripa, para fazer o que quisesse dos que eram do seu reino. Os outros eram da Traconítida, da Galaunita, de Hipom e vários de Gadara, dos quais a maior parte eram revoltosos e fugitivos, que não podendo viver em paz, tinham insuflado a guerra. Haviam sido aprisionados no dia oito de setembro.

Livro Quarto

Capítulo 1

Cidades da Galiléia e da Galaunita que ainda eram contra os romanos. Nascente do pequeno Jordão.

285. As praças da Galiléia que se tinham revoltado contra os romanos, depois da tomada de Jotapate, voltaram à obediência, quando eles tomaram também Tariqueia. Assim apoderaram-se de todas as cidades e de todas as praças fortificadas, exceto Giscaia e o monte Itaburim. Gamala, que está situada no lago, em frente de Tariqueia e que depende do reino de Agripa, também se tinha revoltado; Sogam e Selêucia, que são da Galaunita, haviam-lhe seguido o exemplo. Sogam está na parte superior dessa província, e Gamala, na inferior. Selêucia está situada no lago de Semechom, tem de extensão sessenta estádios e de largura, trinta e a maré chega até Dafné. Além das outras vantagens da natureza que tornam esse país muito delicioso, há nascentes que aumentam o rio chamado pequeno Jordão, no lugar do Templo do boi dourado, onde desemboca no grande Jordão. O rei Agripa tinha desde o começo da revolta feito um tratado com os de Sogam e de Selêucia.

Capítulo 2

Situação e força da cidade de Gamala.Vespasiano cerca-a. O rei Agripa quer persuadir os sitiados a se entregarem e é ferido com uma pedrada.

286. Gamala, confiando em sua situação, que é ainda muito mais forte que a de Jotapate, não quis entrar naquele tratado. Ela está construída sobre uma colina, que se eleva do meio de um alto monte, o que lhe mereceu o nome de Damel, que significa camelo; mas os habitantes corromperam-no e o chamam de Damal, em vez de Damel. Sua frente e seus lados são protegidos por vales inacessíveis. O lado que está perto da montanha não é difícil de se abordar, mas os habitantes tornaram-no também inacessível, por uma grande

trincheira que ali cavaram. Os sopés estão cobertos de grande número de casas; olhando-se do lado do sul a cidade, construída como sobre um precipício, parece que está prestes a desabar. Eleva-se desse mesmo lado uma colina muito alta; o vale que lhe está ao pé, é tão profundo que servia de fortaleza; e no lugar onde terminava a cidade, havia uma fonte, dentro de suas muralhas.

Parecia que a natureza sentia prazer em tornar essa praça inexpugnável e josefo lá tinha feito grandes fossas e várias minas. Seus habitantes eram ainda mais valentes do que os de Jotapate, e embora não fossem tão numerosos, sua confiança na força de sua cidade e na grande abundância de todas as coisas, tornavam-nos negligentes e tirava-lhes o temor de seus inimigos; lá se reuniram e para lá levaram bens de todas as partes, como a um lugar garantido e seguro; o rei Agripa a tinha inutilmente sitiado durante sete meses.

287. Vespasiano levantou o acampamento de Amaus, perto de Tiberíades, que tem esse nome por causa de uma fonte de água quente que cura diversas doenças, e foi para Gamala. A situação da praça não lhe permitiu rodeá-la completamente, por uma circunvalação, mas fortificou todos os quarteirões, que podiam ser fortificados e ocupou o monte que está acima da cidade. Os romanos, segundo o costume, fortificaram o acampamento, rodearam-no com um muro e dividiram seus trabalhos. A décima quinta legião encetou aquele onde havia uma torre construída no lugar mais alto da cidade do lado do oriente; a quinta legião, o que está fronteiro ao centro da cidade e a décima enchia as fossas e outros lugares vazios.

288. O rei Agripa aproximou-se das fortificações para exortar os sitiados a se entregarem, mas foi ferido no cotovelo direito por uma pedrada. Aquela ferida pôs os seus em grande aflição e irritou muito os romanos, quer pelo afeto que tinham por ele, quer porque não duvidavam de que, se os judeus tinham tão pouco respeito por um príncipe da sua nação, não haveria crueldades de que eles não fossem capazes contra os estrangeiros.

Capítulo 3

Os romanos tomam Gamala e são depois obrigados a sair de lá com graves perdas.

289. A atividade infatigável dos romanos, unida ao seu grande número, fê-los terminar seus trabalhos em pouco tempo e então eles colocaram as máquinas. Charés e José, dois dos mais influentes da cidade, dispuseram seus homens e exortaram-nos a se defenderem com coragem, porém os mais sensatos não estavam muito tranqüilos porque não acreditavam poder sustentar um cerco tão prolongado, pois tinham falta de água e de várias outras coisas necessárias. Assim resistiram somente um pouco; quando se sentiram atingidos pelos dardos e pelas pedras, que as máquinas atiravam, retiraram-se para a cidade. Os romanos, depois de terem feito uma brecha com o aríete, atacaram por três lugares ao mesmo tempo e o ruído de suas trombetas e de suas armas aumentou ainda mais com o vozerio dos habitantes. Os sitiados resistiram muito e corajosamente, até que se sentiram oprimidos pelo grande número dos inimigos; foram então obrigados a ceder e a se retirar para os lugares mais elevados da cidade, mas os romanos perseguiram-nos e os atacaram; dispersaram-nos e os mataram nas ruas estreitas e inclinadas onde eles não podiam ficar de pé para se defender. Lançaram-se em massa para se salvar sobre as casas que estavam abaixo; como elas eram mal construídas, tão grande peso as fazia desmoronar; caindo, faziam também cair outras, e estas ainda outras; os romanos, entretanto, preferiam isso a ficar num lugar descoberto. Muitos foram assim exterminados; outros, sufocados pela poeira; outros estropiados e assim um grande número morreu. Os sitiados que viam com prazer caírem suas casas, apertavam-nos cada vez mais por obrigá-los a sair de lá e matavam do alto, a golpes de dardos os que caíam nos caminhos escorregadios. As ruínas das construções forneciam-lhes pedras; os mortos, davam-lhes armas e eles se serviam das espadas dos que ainda respiravam para acabar de matá-los. Vários romanos mataram-se, atirando-se para baixo, para se salvar das casas, que viam prestes a desabar; os que podiam fugir não sabiam para onde ir, porque não conheciam os caminhos e a poeira era tão espessa que não se podiam reconhecer e por isso lançavam-se uns contra os outros. Os que podiam escapar saíam logo da cidade.

CAPÍTULO 4

VALOR EXTRAORDINÁRIO DE VESPASIANO NESSA OCASIÃO.

290. Tito não estivera nesse perigo, porque algum tempo antes tinha sido mandado à Síria contra Mutiem. Mas Vespasiano lá esteve todo o tempo e jamais sofreu tanto, por ver assim seus homens esmagados pelos escombros de uma cidade que eles tinham tomado. Colocara-se num lugar bem elevado, de onde, embora estivesse ainda em extremo perigo, não quis fugir, porque julgava vergonhoso e perigoso voltar as costas aos inimigos. Os grandes feitos que haviam tornado sua vida gloriosa vinham-lhe à memória e animavam-no a nada fazer indigno de sua virtude; como se Deus o ajudasse particularmente, num perigo tão grave, ele ficou com aquele pequeno número de homens no mesmo lugar; cobrindo-se com as armas, ficaram firmes, para resistir aos dardos que lhes eram atirados do alto. Tão grande coragem e valor parecia aos judeus ter algo de divino; a admiração diminuiu sensivelmente os esforços e quando esse grande general viu que eles não atacavam mais, retirou-se pouco a pouco e só lhes voltou as costas quando já estava fora da cidade. Esta luta custou a vida a um grande número de romanos, dentre outros a Ebúcio, que se havia distinguido em tantos combates e que tinha causado tantos danos aos judeus. Um oficial chamado Callo que se havia escondido numa casa com dezessete soldados, sírios, tendo ouvido à noite, aqueles que ali moravam, falar, à mesa, da maneira como tinham deliberado agir contra os romanos, matou-os todos durante a noite e salvou-se com os seus no acampamento, sem ter recebido mal algum.

CAPÍTULO 5

PALAVRAS DE VESPASIANO AO SEU EXÉRCITO, PARA CONSOLÁ-LO DO MAU ÊXITO QUE TIVERA.

291. Como os romanos jamais haviam tido tão mau êxito, Vespasiano, vendo os seus muito abatidos pela dor de tal perda e mais ainda pela vergonha de tê-lo abandonado em tão grande perigo, tudo fez para consolá-los; não quis falar de si mesmo para não parecer que lhes fazia censuras. Contentou-se em dizer-lhes que era necessário suportar generosamente as adversidades comuns a todos os homens; que jamais se conquistam vitórias sem derramamento de

sangue; que a sorte deixaria de se sorte, se fosse constante; e como ela se compraz com as mudanças, não deveriam achar estranho que lhes tivesse feito sentir por aquela pequena perda, a gratidão que lhe deviam por tê-los feito obter tantas vantagens sobre os judeus e que não há menos covardia em se deixar abater pelos maus resultados do que insolência em se gabar dos favoráveis. "Considerai, pois", acrescentou ele, "que podemos passar em um momento de uns aos outros, que são verdadeiramente valentes aqueles cuja alma permanece inalterável na felicidade e na desgraça e que sabem se aproveitar das adversidades. O que nos aconteceu não deve ser atribuído nem à falta de coragem de nossa parte, nem ao valor dos judeus. A natureza combateu por eles contra nós; é unicamente a ela que eles devem não termos nós sido os vencedores, depois de os termos vencido. Se tivéssemos que vos censurar seria somente por esse excesso de coragem que vos fez perseguir os inimigos até a parte mais alta da cidade, que lhes dava vantagem sobre vós, quando vos devíeis contentar de vos terdes tornado senhores da cidade baixa e de obrigá-los em seguida a travar um combate que a dificuldade de tal posição não teria tornado tão desigual. Mas devemos reparar com um procedimento bem sensato a falta que um excessivo ardor vos fez cometer. Essa impetuosidade inconsiderada é indigna dos romanos, que nada devem fazer imprudentemente; ela é própria dos bárbaros e devemos deixá-la para os judeus. Retomemos pois nossa maneira ordinária de agir. Que esse mau êxito em vez de nos assustar, nos incite pelo desprazer de lhe termos dado motivo e que cada qual procure na sua coragem e na sua espada consolar-se pela perda de seus amigos, matando os que lhes tiraram a vida. Dar-vos-ei o exemplo, continuando a me expor por primeiro ao perigo e a dele retirar-me por último."

292. Estas palavras de tão grande general restituíram a alegria a todo o exército. Os sitiados, por seu lado, sentiram também muito prazer, primeiro, pela vantagem que tinham obtido contra toda espécie de probabilidade; prazer que depressa cessou, porque eles não podiam mais esperar, nem entrar num acordo, nem escapar e começavam também a lhes faltarem os alimentos. Assim começaram a perder a coragem; mas não deixaram, nesse desânimo, de trabalhar com todas as suas forças, para se defenderem. Os mais valentes tomaram a guarda da brecha, os outros, a das muralhas que estavam intactas.

Os romanos reconstruíram suas plataformas para um novo ataque. Vários habitantes fugiram para os vales mais bem defendidos, onde não se punham guardas; outros, para os esgotos, onde aqueles que não ousavam sair com medo de serem aprisionados, morriam de fome. Reunia-se tudo o que havia de alimentos para os que ainda estavam em condições de combater e para aqueles aos quais o extremo a que estavam reduzidos não fazia perder a coragem.

CAPÍTULO 6

VÁRIOS JUDEUS FORTIFICAM-SE NO MONTE HABURIM E VESPASIANO MANDA PLÁCIDO CONTRA ELES; SÃO TOTALMENTE DERROTADOS.

293. A preocupação que este cerco tão difícil dava a Vespasiano não lhe impedia, porém, de pensar ao mesmo tempo em dispersar os judeus que haviam ocupado o monte Itaburim. Esse monte, onde uma grande multidão de povo se havia reunido e cuja altura é de trinta estádios, está situado entre o Campo Grande e Citopolis. É inacessível pelo lado do norte e há no seu vértice uma planície de vinte e seis estádios. José e os judeus que o seguiram tinham-no rodeado de muralhas, em quarenta dias, embora ele não tivesse água naquele lugar, a não ser a que caía do céu; mas haviam-na providenciado em baixo com o material necessário para essa obra.

294. Vespasiano para lá mandou Plácido, com seiscentos cavaleiros e como teria sido imprudência atacar os judeus com tão poucas tropas, quando eles estavam no monte, contentou-se em exortá-los à paz, com a promessa de perdoá-los. Vários adiantaram-se para ele, fingindo estarem de acordo, mas com a intenção de atacá-lo, de improviso. Ele tinha, por seu lado, o mesmo intento e conseguiu o que queria, pois falando-lhes com mais suavidade atraiu-os insensivelmente para o campo. Lá os judeus atacaram-no; ele fingiu querer fugir, e quando eles se adiantaram muito na planície, Plácido fez meia volta, matou muitos, dispersou e afugentou os outros, impedindo que voltassem para o monte. Os que lá haviam ficado abandonaram-no, em seguida, a fim de fugir para Jerusalém e os habitantes do lugar entregaram-se a Plácido porque sentiam muita falta de água.

Capítulo 7

De que maneira a cidade de Gamala foi por fim tomada pelos romanos. Tito foi o primeiro a entrar na cidade. Grande carnificina.

295. No entanto, uma grande parte dos sitiados em Gamala, que pareciam ser os mais corajosos, escondia-se para se salvar. Os que não podiam pegar em armas, morriam de fome; havia apenas um pequeno número de verdadeiros valentes que ainda sustentavam o cerco; no dia vinte e dois de outubro, três soldados da décima quinta legião, que estavam de guarda, aproximaram-se mansamente, antes da noite, do pé da mais alta das torres da cidade que estava do seu lado. Lá, com o auxílio das trevas e sem que os guardas daquela torre o percebessem, arrancaram-lhe dos alicerces, cinco grandes pedras, e retiraram-se imediatamente. A torre caiu em seguida, com grande ruído e esmagou sob seus escombros todos os que nela estavam. Esse imprevisto acontecimento lançou tal espanto no espírito dos que defendiam os outros postos, que fugiram para todos os lados e os que saíam da cidade para se salvar, eram mortos pelos romanos. Charés estava então muito doente e o temor que sentiu apressou sua morte.

Os romanos, lembrando-se do que lhes havia acontecido antes, não ousavam entrar na cidade; queriam esperar até o dia seguinte. Mas Tito, que já estava de volta, animado pelo ressentimento da desgraça que haviam sofrido durante sua ausência, entrou mansamente, com duzentos cavaleiros e alguns soldados escolhidos. Imediatamente espalhou-se a notícia, por toda a cidade, de sua chegada. Uma parte dos sitiados fugiu desesperada para o castelo, levando as mulheres e as crianças; outros, foram apresentar-se a Tito, mas foram mortos por seus soldados; outros, não podendo entrar no castelo e não sabendo o que fazer, atacaram os corpos de guarda dos romanos. A imagem da morte campeava por toda a parte de diferentes maneiras; o ar ecoava lugubremente com tantos uivos e gemidos e toda a cidade estava imersa em rios de sangue, que corriam dos lugares elevados.

Vespasiano levou todas as suas tropas contra o castelo. Estava ele situado sobre o vértice da montanha num lugar pedregoso e de dificílimo acesso, todo rodeado de rochedos e tão elevado que as flechas atiradas pelos

romanos não chegavam até lá. Os judeus tinham, ao contrário, a vantagem de repeli-los facilmente a golpes de dardos e de pedras. Mas como o céu se tinha declarado em favor dos romanos, contra aquele infeliz povo, começou a soprar um vento forte que impelia seus dardos para os judeus e trazia os que eles mesmos lançavam, sem que pudesse chegar até eles. Esse vento impetuoso fazia também que eles não pudessem ficar de pé nos lugares que deveriam defender e a espessura da nuvem tirava-lhes a visão dos romanos. Dessa maneira, estes, tendo chegado ao alto da montanha, rodearam-nos de todos os lados e a recordação daquele dia que lhes havia sido tão funesto animava-os de tal modo que mataram indiferentemente os que resistiam e os que se entregavam. Os outros, não tendo mais esperança de salvação, atiravam as mulheres e as crianças do alto do rochedo e se precipitavam também, para não sobreviver, e nisto, sua crueldade para consigo mesmos sobrepujou em número a que a cólera dos romanos fê-los experimentar: cinco mil pereceram desse modo e, ao invés, houve somente quatro mil mortos. De restante, nunca vingança foi tão além como essa dos romanos. Não pouparam nem mesmo às crianças e desse infeliz povo só restaram duas filhas de Filipe, filho de Joaquim, homem de alta posição, que tinha sido general do exército do rei Agripa, ainda que elas não devessem a sua salvação à clemência dos romanos, mas por terem se escondido, foram encontradas somente depois da matança. Assim nesse dia, vinte e três de outubro, deu-se a inteira destruição de Gamala, que se tinha começado a revoltar, a vinte e um de setembro.

CAPÍTULO 8

VESPASIANO MANDA TITO, SEU FILHO, SITIAR GISCALA, ONDE JOÃO, FILHO DE LEVI, ORIGINÁRIO DESSA CIDADE, ERA CHEFE DOS REVOLTOSOS.

296. Restava então somente Giscala, única cidade da Galiléia que ainda não tinha sido tomada. Uma parte daqueles que lá estavam, desejava a paz, porque quase todos eram trabalhadores, cujos bens consistiam em tudo o que podiam tirar do seu emprego e trabalho. Havia, porém, outros, em muito grande número e mesmo dos habitantes do lugar, que haviam sido corrompidos pelas suas relações com os ladrões e assaltantes, e João, filho de Levi, os impelia à

revolta. Era um homem muito mau, grande mentiroso, inconstante em seus afetos e que não punha limites às suas esperanças; tudo fazia para conseguir os seus fins, e ninguém duvidava de que assim procedia pelo desejo de se elevar em autoridade, incitando com tanto ardor esta guerra. Todos os revoltosos obedeciam-lhe; embora o povo estivesse bastante disposto a tratar com os romanos, não podia, porém, fazê-lo pelo temor que tinha dos revoltosos.

Vespasiano ordenou a Tito que marchasse contra aquela praça com mil cavaleiros, mandou a décima legião a Citópolis e foi com as duas outras a Cesaréia, a fim de dar ocasião às suas tropas de descansar, depois de tantas fadigas e pô-las em condições de suportar o que lhes restava ainda a empreender, pois ele julgava que Jerusalém lhe daria ainda ocasião para isso, por ser a capital da Judéia extremamente forte e nada era mais difícil do que se apoderar de uma cidade defendida por um número tão grande de homens, como o que chegava de todas as partes e cujo extremo valor tornava difíceis de vencer, mesmo quando a força da praça não lhes aumentasse ainda a coragem. Assim, ele queria preparar seus soldados para tão grandes objetivos e tão perigosos combates, como se preparam atletas para as competições.

CAPÍTULO 9

TITO É RECEBIDO EM GISCALA, DE ONDE JOÃO, DEPOIS DE O TER ENGANADO, FOGE DE NOITE, REFUGIANDO-SE EM JERUSALÉM.

297. Depois que Tito viu a cidade de Giscala, achou que era fácil tomá-la, mas como o sangue derramado em Gamala tinha satisfeito plenamente à sua vingança, ante as perdas sofridas pelos romanos naquele cerco e sua clemência tinha horror ao tratamento que os soldados dispensariam sem dúvida aos de Giscala, confundindo os inocentes com os culpados, se a tomasse de assalto, resolveu procurar antes conquistá-la pelas boas maneiras. Assim, disse àquele grande número de homens que lá estavam, dos quais a maior parte eram revoltosos, que ele não compreendia por que razão, se todas as outras cidades tomadas se tinham submetido, eles se julgavam os únicos que podiam resistir ao poder dos romanos, depois de ter visto que as cidades muito mais fortes que a deles tinham sido tomadas ao primeiro assalto e que as que lhes tinham

aberto as portas viviam tranqüilamente sob sua proteção. Se queriam fazer como eles, não insistindo mais num intento que não poderiam absolutamente conseguir, ele dava-lhes sua palavra de tratá-los do mesmo modo e esquecer as insolência que haviam tido, em se revoltar, porque julgava dever perdoá-la, com a esperança de que se iludiam de reconquistar a liberdade. Mas, se recusassem ofertas tão vantajosas, ele os trataria com todo o rigor, e conheceriam então, muito tarde, que aquelas muralhas, em cuja força confiavam, ser-lhes-iam fraca defesa contra as máquinas dos romanos e que eles, embora os mais corajosos de todos os galileus, por sua culpa, tornar-se-iam escravos.

Tito falou assim e nenhum dos habitantes lhe deu resposta, nem podia responder-lhe, porque os sediciosos se haviam apoderado das muralhas e tinham posto guardas em todas as portas, com a proibição de deixar entrar quem quer que fosse. João tomou a palavra por todos e disse que aceitava o oferecimento e persuadiria os outros a aceitá-la também ou a isso os obrigaria pela força; mas rogava que lhe concedesse ainda aquele dia para a observância de suas leis, que os obrigavam a santificar o sábado e não lhes permitia outrossim fazer naquele dia tratados de paz, bem como tomar as armas para fazer a guerra, ao que eles não se podiam opor, nem obrigá-los, sem impiedade; que aquela demora em nada importaria, pois se alguém quisesse fugir, de noite, era fácil a Tito impedi-lo, fazendo boa guarda e ele teria mesmo vantagem, pois sendo sua intenção salvá-los não era uma ação menos digna ter consideração à observância de suas leis, bem como a eles, o dever indispensável de não as violar.

Tito não se contentou de lhes conceder o que lhe pediam, mas foi acampar bem longe da cidade perto de uma aldeia chamada Cidessa, que pertencia aos tírios e que sempre fora inimiga dos galileus. Mas não era por respeito ao dia de sábado que João havia falado daquele modo. O temor de ser abandonado, se fossem atacados, fazia-o pôr sua única esperança na fuga. Seu fim era enganar Tito e fugir de noite; há motivo de se crer que Deus o quis preservar para a ruína de Jerusalém.

Chegou a noite e os romanos não montaram guarda; ele, então, fugiu para Jerusalém e não somente levou consigo o que tinha de soldados, mas também alguns dos principais habitantes com suas famílias. Como o temor da morte ou

da escravidão lhes dava coragem e força, eles fizeram vinte estádios de caminho; os velhos, as mulheres e as crianças não podendo mais, começaram a clamar e a se queixar; mas os que ficavam viam os outros avançar e abandoná-los, e eles imaginavam que os inimigos estavam perto e prestes a fazê-los prisioneiros; o barulho que os mesmos faziam, caminhando, dava-lhes a impressão de que os perseguiam e eles olhavam continuamente para trás, como se os outros já estivessem perto. Apertavam-se de tal modo, na fuga, que caíam uns sobre os outros e nada causava tanta piedade como ver as mulheres e as crianças pisados na confusão. Algumas, às quais restava ainda um pouco de força, clamavam com a voz entrecortada de gemidos a seus maridos e parentes que as esperassem. Mas eles não as escutavam tanto a sua voz como a de João que lhes dizia pensassem só em se salvar, para alcançarem um lugar de onde se pudessem vingar dos romanos se os levassem prisioneiros. Aquela multidão, reduzida aos extremos e em deplorável estado, andava de um lado para outro, confirme se sentiam ou não, com força.

Quando raiou o dia, Tito aproximou-se da cidade para executar o tratado. Os habitantes não somente abriram-lhe as portas, mas vieram-lhe à presença com suas esposas, chamando-o de benfeitor e de libertador. Disseram-lhe que os perdoasse e que se contentasse em castigar os revoltosos, que ainda estavam entre eles. Tito mandou, então, uma parte da cavalaria perseguir João, mas ele chegou a Jerusalém, antes que o pudessem apanhar. Mataram perto de seis mil dos que tinham fugido com ele, e levaram cerca de três mil mulheres ou crianças, que estavam espalhados por diversos lugares.

Tito ficou muito desgostoso por não ter podido prender João, para castigá-lo como ele merecia; mas o grande número de mortos e de prisioneiros acalmou a sua cólera. Assim, entrou na cidade com espírito de paz, mandou derrubar apenas uma pequena parte dos muros, para mostrar seu domínio e usou mais de ameaças do que de castigos com os que tinham sido causa da agitação, não, porém, que ele não desejasse castigar os culpados, mas porque não duvidava de que muitos para satisfazer à cólera e ao ódio particulares, acusariam mesmo os inocentes e nessa dúvida ele preferia deixar viver os culpados, do que fazer morrer os inocentes, porque os culpados poderiam talvez tornar-se mais sensatos pela vergonha de recair num crime que lhes havia sido generosamente

perdoado, ao passo que a injustiça, que teria custado a vida aos inocentes, seria irremediável.

Deixou uma guarnição na cidade, quer para conter na obediência os que estivessem dispostos a promover novas agitações, quer para garantir a tranqüilidade daqueles que só desejavam a paz; e assim terminou a conquista da Galileia, que custou tanto trabalho aos romanos.

CAPÍTULO 10

JOÃO DE GISCALA FOGE PARA JERUSALÉM E ENGANA O POVO, DIZENDO-LHE FALSAMENTE DO ESTADO DAS COISAS. DIVISÃO ENTRE OS JUDEUS E MISÉRIAS DA JUDÉIA.

298. Quando João e os revoltosos que o haviam seguido chegaram a Jerusalém, todo o povo reuniu-se junto deles para lhes pedir notícias sobre as desgraças que havia desabado sobre sua infeliz nação. Estavam eles tão cansados e ofegantes pela fuga que mal podiam falar, o que respondia muito bem por eles; nada, porém, fê-los abater o orgulho e eles disseram que não fugiam dos romanos, mas vinham voluntariamente unir-se a eles, para combatê-los de um lugar mais vantajoso, porque seria imprudência perecer inutilmente num lugar tão difícil como Giscala, quando deviam conservar-se para defender sua capital. João e os seus assim falando, apresentaram a retirada com um pretexto tão honesto, que muitos acharam que era verdade e a narração de alguns prisioneiros espantou de tal modo o povo, que ele considerou a ruína de Giscala como a de Jerusalém. Mas João, sem demonstrar a menor vergonha, por ter abandonado na fuga um número tão grande de pessoas, tudo fez para incitá-los à guerra, animando-os com a persuasão de que eles eram muito mais fortes que os inimigos. Procurava persuadir aos simples de que mesmo que os romanos tivessem asas, jamais poderiam entrar em Jerusalém, e disso não havia melhor prova do que o extremo trabalho que tiveram para tomar pequenas praças da Galiléia, onde todas as suas máquinas foram destruídas. Os moços deixavam-se enganar por estas palavras, porém, os mais velhos, os mais sensatos, previam todas as desgraças e já se consideravam perdidos.

299. Era grande a perturbação e a confusão que reinavam em Jerusalém; antes da rebelião que surgiu em seguida, uma parte do povo do campo já se tinha começado a dividir. Quando Tito, depois da tomada de Giscala, se dirigiu a Cesaréia, Vespasiano já tinha partido e ele se apoderou de Jamnia e Azoto, colocou guarnições nas mesmas e levou com ele, regressando, um grande número de pessoas que se haviam colocado sob a obediência dos romanos. Todas as cidades eram agitadas por revoltas e rebeliões e as armas romanas não lhes davam nem mesmo um momento de folga; elas mesmas, porém, as tomavam contra si próprias reciprocamente, tal a animosidade entre os que queriam conservar a paz e os que desejavam a guerra. A divisão começou pelas famílias que há muito já eram inimigas; passou depois ao povo, que antes era tão unido e cada qual se colocava no partido dos que tinham as mesmas idéias e manifestavam-se sem temor quando chegavam a um grande número. Assim, tudo era agitação e os que desejavam a revolução e a guerra prevaleciam, por sua mocidade e coragem, sobre os outros cuja idade, mais madura, levava a abraçar uma opinião mais sensata.

Em tal confusão cada qual roubava, por primeiro; mas depois de se terem reunido praticavam abertamente toda sorte de furto e não causavam menos mal que os romanos. Dessa forma, não havia qualquer diferença entre o mal que as pessoas sofriam de uns e de outros, senão que era muito mais doloroso ser assim tratado por homens de sua própria nação do que por estrangeiros.

CAPÍTULO 11

OS JUDEUS, QUE ROUBAVAM NOS CAMPOS, LANÇAM-SE SOBRE JERUSALÉM. HORRÍVEL CRUELDADE E IMPIEDADE QUE LÁ PRATICAM. O SUMO SACERDOTE ANANO SUBLEVA O POVO CONTRA ELES.

300. Em tal miséria, as guarnições das cidades, pensando somente em viver, segundo sua vontade, sem se incomodar com a pátria, não cuidavam em defender os oprimidos; os chefes dos ladrões depois de se terem unido e organizado, dirigiram-se para Jerusalém. Não encontraram obstáculo, quer porque ninguém tinha autoridade, quer porque a entrada estava sempre aberta para todos os judeus segundo o costume dos nossos antepassados, e naquele

tempo, mais que nunca, porque se pensava que para lá se ia, levado apenas pelo afeto e pelo desejo de servir à cidade, naquela guerra. Daí nasceu um grande mal, que, mesmo que não tivesse havido divisão, naquela grande cidade, teria sozinho causado sua ruína, porque uma parte dos víveres que seria suficiente para alimentar os que eram capazes de a defender foi consumida inutilmente por aquela grande multidão de homens inúteis, mas também foi causa de revoltas que vieram depois da carestia.

301. Outros ladrões deixaram os campos para lançar-se sobre Jerusalém, unindo-se aos primeiros, que eram ainda piores do que eles. Não se contentavam de roubar e de assaltar; sua crueldade chegava ao assassínio; sua ousadia era tal que o cometiam à luz do dia, sem poupar nem mesmo às pessoas de condição. Começaram por prender Antipas, que era de família real e ao qual estava confiada a guarda do tesouro público, como o primeiro de todos, em dignidade. Trataram do mesmo modo Levias e Sophas, filho de Raguel, que também eram de família real e outras pessoas muito importantes. Essa horrível insolència, lançou tal terror no espírito do povo, que como se a cidade já tivesse sido tomada, todos só pensavam em fugir.

Aqueles celerados foram ainda além. Julgaram que haveria perigo para eles, se retivessem por mais tempo na prisão, homens tão ilustres e que outras pessoas que os visitavam, poderiam querer vingar a afronta que se lhes fazia e havia mesmo motivo de temer que o povo se sublevasse. Resolveram então fazê-los morrer e mandaram um deles, de nome João, ou melhor, Dorcas, com outros dez matá-los na prisão. Para dar a essa ação um pretexto, mandaram divulgar que eles haviam prometido aos romanos, introduzi-los na cidade, e que por isso não deviam ser considerados como cidadãos, mas como traidores. Sua ousadia levou-os mesmo a se vangloriarem de ter conservado, com sua morte, a liberdade da pátria.

302. No temor e no abatimento em que o povo se encontrava, a presunção e o poder desses rebeldes chegou a tal excesso que eles ousaram mesmo dispor do sumo sacerdócio. Afastavam as famílias que segundo a tradição a possuíam, sucessivamente, e constituíam nessa alta dignidade, pessoas sem nome, nem descendência ilustre, a fim de torná-las cúmplices de seus crimes; homens indignos de tão grande honra não podiam recusar-se a

obedecer aos que os haviam elevado àquele cargo. Por outro lado, não havia estratagemas e calúnias de que eles não se servissem para atacar as pessoas de condição, que eles tinham motivo de temer, a fim de ter vantagem de sua inteligência e de sua divisão. Mas ainda não era muito para esses malvados manifestar aos homens tantos efeitos de seu favor; sua horrível impiedade levou-os a ofender a Deus, entrando com os pés manchados e armas criminosas no Santuário. O povo, então, sublevou-se contra eles, a conselho do sumo sacerdote Anano, não menos venerável por sua idade, do que por sua grande sabedoria e pela elevação da sua dignidade, e que teria sido capaz de impedir a ruína de Jerusalém, se não tivesse caído na cilada que aqueles celerados lhe armaram.

CAPÍTULO 12

OS ZELOTES QUEREM ALTERAR A ORDEM ESTABELECIDA, REFERENTE À ESCOLHA DOS GRANDES SACERDOTES. ANANO, SUMO SACERDOTE, E OUTROS DOS PRINCIPAIS SACERDOTES INCITAM O POVO CONTRA ELES.

303. Os zelotes (pois esses ímpios davam-se a si mesmos tal nome) para se salvar dos efeitos da ira do povo, fugiram para o Templo e lá fizeram sua fortaleza, estabelecendo nele a sede de seu governo tirânico. Dentre tantos males que causavam, nada era tão intolerável quanto seu desprezo pelas coisas mais santas. Para experimentar até onde poderiam chegar suas forças e o temor do povo, tentaram servir-se da sorte para escolher o sumo sacerdote, afirmando que assim se fazia antigamente, quando tal dignidade era hereditária; aboliam a lei para estabelecer sua injusta autoridade. Mas eles ficaram confundidos em sua malícia, pois tendo feito lançar a sorte sobre uma das famílias da tribo, consagrada a Deus, caiu a mesma sobre Fanias, filho de Samuel, da aldeia de Hafrasi, que não somente era indigno de tal cargo, mas ainda tão rústico e tão ignorante, que nem sabia o que era o sacerdócio. Contra sua vontade tiraram-no de suas ocupações do campo e o revestiram dos hábitos sacerdotais, que lhe assentavam muito mal, quase como se estivessem vestindo um ator de teatro; ensinaram-lhe depois o que devia fazer; tão grande impiedade passava em seu espírito apenas por um gracejo. Os verdadeiros

sacerdotes, olhando de longe essa comédia e de que modo se calcava aos pés a honra devida às coisas santas, não puderam reter as lágrimas, nem o povo suportou por mais tempo tão horrível insolência; todos sentiram-se inflamados pelo mesmo ardor, para se libertarem de tal tirania.

304. Goriom, filho de Josefo, e Simão, filho de Gamaliel, mostraram-se os mais entusiastas. Exortaram a cada qual em particular e a todos em geral, a castigar aqueles usurpadores, pelos seus excessos e a vingar a afronta feita a Deus pelos profanadores de seu santo Templo.

305. Por outro lado, Jesus, filho de Gamala, e Anano, filho de Anano, que eram os mais ilustres em virtude e os mais atacados dentre os sacerdotes, censuravam o povo porque não se decidia a castigar os zelotes, que era, como dissemos, o nome que eles davam a si mesmos, como se tivessem no coração o zelo pela glória de Deus, quando viviam sempre sedentos de sangue e suas mãos, prontas a cometer os maiores crimes. O povo reuniu-se então e a indignação era geral, por ver os mais malvados de todos os homens terem-se tornado senhores do lugar santo e praticar impunemente, à vista de todos, grandes furtos e rapinas, crimes e assassínios.

CAPÍTULO 13

PALAVRAS DO SUMO SACERDOTE ANANO AO POVO, QUE O ANIMAM DE TAL MODO QUE ELE SE RESOLVE A TOMAR AS ARMAS CONTRA OS ZELOTES.

306. Por mais irritada, porém, que estivesse a multidão contra homens tão detestáveis não se resolvia a atacá-los, porque os julgava muito fortes, e temia não poder fazê-lo com resultado. Então o sumo sacerdote Anano, fitando o Templo, com os olhos marejados de lágrimas, assim lhes falou: "Não devia eu morrer, antes que ver a casa de Deus manchada, com tanta abominação e celerados calcarem aos pés os santos lugares, que deveriam ser inacessíveis mesmo aos homens de bem? Entretanto, eu o vejo, embora revestido dos hábitos sacerdotais, embora tenha escrito sobre minha fronte esse nome tão santo e tão augusto que não é permitido proferir e embora nada me possa ser mais glorioso na minha idade do que morrer de dor. Mas, pois que o amor da vida me conserva ainda neste mundo, pelo menos, irei terminar meus dias nalguma

solidão, onde desabafar-me-ei na presença de Deus. Como permanecer por mais tempo no meio de um povo insensível aos males que o oprimem e aos quais não há ninguém que se oponha? Sois assaltados e o tolerais. Atiram-vos ofensas e vos calais. Derrama-se na vossa presença o sangue de vossos parentes e de vossos amigos e não ousais demonstrar nem pelo menos com um suspiro, que vosso coração está confrangido. Houve jamais tão cruel tirania? Mas por que me queixar daqueles que a praticam, mais do que de vós, pois eles a usurparam porque tivestes pouca coragem, dispondo-vos a suportá-la? Quem impedia de exterminar esses celerados quando eles eram ainda poucos? Não foi devido à vossa covardia que eles aumentaram tanto seu número? Em vez de tomar as armas para exterminá-los, vós as voltastes contra vós mesmos; em vez de reprimir, por primeiro, sua insolência e vingar vossos parentes de suas ofensas, vós permitistes que eles saqueassem impunemente as casas e os animastes em suas roubalheiras. Vendo que nenhum de vós se dispunha a lhes fazer frente, sua ousadia chegou a levar presos por cadeias, através da cidade e a encerrar numa prisão homens ilustres que não haviam sido condenados e nem mesmo acusados; e vós também o tolerastes. Não faltava a esses celerados para satisfazer à sua cólera que lhes tirar a vida, depois de lhes terem tirado os bens e a liberdade; foi o que os vimos fazer. Eles mataram diante de nossos olhos, como se sacrificam vítimas, pessoas muito ilustres por sua dignidade e virtude, sem que não somente não tomásseis armas para sua defesa, mas nem pelo menos abrísseis a boca para clamar contra crimes tão detestáveis. Estais pois resolvidos a ficar sempre em tão vergonhosa apatia? Vendo, como vedes, profanar as coisas sagradas, conservareis respeito para com esses inimigos declarados do que merece mais que tudo ser reverenciado, por esses demônios em carne, a quem nada impede cometer crimes ainda maiores, do que aqueles que, no auge da impiedade eles não poderiam cometer? Ocupando o Templo, eles ocuparam o lugar mais forte da cidade e ao qual o sagrado nome que tem, não impede de ser uma verdadeira fortaleza. Tendo assim escolhido esse lugar sagrado, para lá estabelecer a sede de sua tirânica dominação e tendo-vos o pé sobre a garganta, dizei-me, eu vos peço, quais os vossos pensamentos e as vossas intenções. Esperais que os romanos venham em vosso auxílio, para restituir à santidade desse Templo seu primitivo esplendor e seu antigo brilho; por

que chegamos a tal excesso de infelicidade que mesmo nossos inimigos não poderiam não sentir compaixão de nossas misérias? Não despertareis então de tal sonolência e sereis mais insensíveis que os mesmos animais, que olhando para suas chagas e feridas exasperam-se contra os que os feriram? Parece que esse amor da liberdade, que é o mais forte e o mais natural de todos os afetos, está apagado em vosso coração e o da escravidão tomou-lhe o lugar, como se nossos antepassados nos tivessem dado, com a vida, o desejo de sermos escravos, quando eles sustentaram tantas guerras contra os egípcios e os medas para se conservarem livres. Mas por que citar a esse respeito o exemplo de nossos antepassados? Que outra causa, que manter nossa liberdade nos fez participantes dessa feliz ou infeliz guerra que empreendemos agora contra os romanos? Oh! Não podemos tolerar ter como senhores os dominadores do mundo nem suportar como tiranos, os da nossa própria nação. Quando se está sujeito a estrangeiros, tem-se pelo menos a consolação de atribuí-lo à injustiça da sorte, mas toca somente aos fracos e aos amantes da servidão obedecer voluntariamente aos piores de todos aqueles que têm o nascimento de comum com eles. A este respeito eu não poderia dissimular o que me vem ao pensamento, falando-vos dos romanos, os quais quando mesmo nos tivessem atacado, não nos poderiam tratar mais cruelmente do que esses sacrílegos nos tratam. Poder-se-ia contemplar com os olhos enxutos os judeus despojarem o Templo dos dons que os romanos mesmos ofereceram, mancharem suas mãos no sangue daqueles que eles teriam poupado depois da vitória e desfigurar toda a beleza dessa rainha de nossas cidades, que outrora vimos tão homenageada e florescente? Esses soberbos conquistadores jamais ousaram pôr os pés naqueles lugares, cuja entrada é proibida aos profanos. Eles honraram nossos santos costumes e só contemplaram de longe, com respeito, essa casa santa. E homens nascidos entre nós, instruídos nos nossos costumes e que têm o nome de judeus, com as mãos ainda tintas de sangue de seus concidadãos, têm a ousadia de entrar nesses lugares, cuja santidade devê-los-ia fazer tremer. Tem a guerra estrangeira alguma coisa de comparável com essa guerra doméstica? De quanto o mal que recebemos dos nossos sobrepuja o que nos fazem nossos inimigos? Falando segundo a verdade, não podemos dizer que os romanos foram os protetores de nossas leis, ao passo que esses ímpios, educados em

nosso meio, lhes são os violadores? Há muitos grandes suplícios para castigar tão grandes crimes, como os desses novos tiranos; o sentimento dos vossos males não vos deve levar, sem que eu vos exorte a isso, a castigá-los como merecem? Eu sei que muitos os temem por causa do seu grande número, de sua ousadia e da defesa e respeito do lugar que eles ocupam. Mas como eles devem somente à vossa covardia todas essas vantagens, eles a aumentarão ainda se vos demorardes para tomar uma generosa resolução. Seu número crescerá cada dia mais, porque os maus procuram os maus; sua ousadia crescerá também, porque nada encontrarão que a ela faça frente; fortificarão ainda mais esse lugar santo, se lhes dermos oportunidade para isso. Porém, se marcharmos corajosamente contra eles, as recriminações de sua consciência os encherão de espanto; em vez de tirar vantagem da posição desse lugar santo, que está sobre todos os outros, a imagem de tão grande crime, como o de se terem apoderado dele por meio de um sacrilégio, apresentar-se-á aos seus olhos e lançará o terror em seu espírito. Por que não esperarmos que Deus, para exercer sua justa vingança contra esses ímpios, não fará voltarem-se contra eles os dardos que eles nos atiram para que assim morram por suas mesmas mãos? Somente a nossa presença fá-los-á perder a coragem. Mas, mesmo que nos devesse custar a vida e nós não pudéssemos salvar nem nossas esposas e filhos, não seríamos nós ainda mui felizes de morrer pela glória de Deus e pela honra dos lugares consagrados ao seu serviço, expirando às portas do seu santo Templo? Não vos faltaram bons conselhos, nem vo-los faltarão, para agirdes com prudência nessa empresa; e não é somente com palavras, mas expondo-me aos maiores perigos que eu pretendo animar-vos a isso, com meu exemplo".

307. Por maiores e fortes que fossem estas razões para induzir o povo a tomar as armas, Anano, entretanto, não esperava ter bom resultado em empresa tão difícil, quer por causa do grande número de zelotes, quer pela sua força, pela sua pertinácia, e porque eles não esperavam, se fossem vencidos, obter o perdão de tantos crimes. No entanto, as ele julgava que nada havia que não devessem antes tentar, do que abandonar a república em tão grave perigo. O povo ficou tão impressionado com suas palavras, que pediu com grandes gritos que o levasse contra aqueles traidores, pois não havia perigo que todos

eles não estivessem dispostos a correr, por uma causa tão justa.

CAPÍTULO 14

LUTA ENTRE O POVO E OS ZELOTES, QUE SÃO OBRIGADOS A ABANDONAR O PRIMEIRO RECINTO DO TEMPLO E A SE RETIRAR PARA O INTERIOR DO MESMO, ONDE ANANO OS CERCA.

308. Anano, vendo o povo tão bem disposto, escolheu os que julgou mais aptos para tal empresa e os organizou. Os zelotes, que tinham espiões, foram avisados de sua intenção; atacaram-nos com pequenas tropas e confusamente, e não perdoaram a um só dos que puderam apanhar. Anano, então, reuniu o povo. Eram mais numerosos que os inimigos, mas os zelotes estavam muito bem armados; a coragem supria de ambos os lados ao que faltava. Os habitantes, vendo-se com armas na mão, reduplicaram sua animosidade contra aqueles ímpios; os zelotes, sua ousadia. Os primeiros estavam persuadidos de que sua segurança dependia do extermínio daqueles malvados e estes sabiam muito bem que não havia recurso para eles, entre a vitória e o suplício. Com essa disposição iniciaram a luta. Os zelotes tinham a vantagem de estar acostumados a obedecer aos seus chefes.

309. O primeiro combate travou-se perto do Templo, a pedradas; os que fugiam eram mortos a golpes de espadas, pelos inimigos. Assim, muitos, de ambos os lados, foram mortos na luta; os feridos, do lado dos habitantes, eram levados para suas casas, os zelotes levavam os seus para o Templo, sem temer violar a santidade de nossa religião, manchando-o de sangue. Mas os zelotes tinham sempre vantagem.

O povo, cujo número crescia, não podendo mais tolerá-lo, irritou-se contra os que demonstraram pouca coragem, e em vez de lhes dar passagem, para fugir, obrigava-os a voltar ao combate; todos marchavam em seguida, unidos; os zelotes não lhes puderam resistir, e fugiram. Anano perseguiu-os com entusiasmo e os obrigou a abandonarem o primeiro recinto que ocupavam, para se retirar no interior e fechar as portas do Templo. O respeito de Anano por aquelas portas santas, fez que não ousasse arrombá-las. Embora os zelotes lançassem dardos, do alto, ele não julgou, em consciência, poder, quando

mesmo os tivesse vencido, permitir que o povo entrasse no Templo, antes de ser purificado. Contentou-se em escolher naquele grande número, seis mil dos mais bem armados, para pô-los de guarda junto dos pórticos e determinou que seriam sucessivamente substituídos por outros seis mil. Os mais ilustres, disso não estavam isentos; mas quando chegava sua vez de entrar de guarda, tomavam entre o povo outras pessoas, às quais pagavam para ir em seu lugar.

CAPÍTULO 15

JOÃO DE GISCALA, QUE FINGIA ESTAR DO LADO DO POVO O TRAI, PASSA PARA OS ZELOTES E OS PERSUADE A CHAMAR OS IDUMEUS EM SEU AUXÍLIO.

310. Assim, o partido do povo era o mais forte; mas João, que sabemos ter fugido de Giscala, foi a causa de sua ruína. Como ele era muito mau e tinha desmedida ambição, havia muito tempo que acariciava a idéia de erguer sua fortuna particular, sobre as ruínas da pública. Para conseguir o seu intento, fingiu unir-se a Anano e querer secundar seu zelo. Por esse motivo assistia, durante o dia, com os seus auxiliares mais importantes a todas as suas reuniões e conselhos, e visitava de noite todos os guardas; depois informava os zelotes de tudo o que se passava e os tinha bem avisados de que o povo não tomaria uma deliberação qualquer, sem que ele logo lha comunicasse. Mas, ao mesmo tempo, a fim de impedir que sua maldade fosse descoberta, não havia atenções que ele não dispensasse a Anano e aos outros chefes do povo, nem solicitude que não tomasse, para lhes ser agradável. Ia a tal excesso a sua gentileza que chegou a produzir um efeito contrário naqueles que ele pretendia trair. Sua excessiva complacência, o fato de ele assistir a todos os conselhos, sem ser chamado, e ainda Anano, vendo que os inimigos eram avisados de tudo, por fim, veio a suspeitar dele. Mas era difícil e mesmo impossível afastá-lo, tanto ele era esperto e conseguira conquistar a confiança dos que tinham a direção de todos os negócios. Assim, julgou-se que o melhor que se podia fazer era obrigá-lo com juramento a ser fiel ao povo, a conservar em segredo todas as deliberações e a servir-se delas, com todas as suas forças, contra os rebeldes. O traidor não hesitou em fazer o juramento; então Anano e os outros, confiando na sua palavra, não somente não tiveram dificuldade em admiti-lo em todos os

conselhos, mas o escolheram para levar aos zelotes propostas de um acordo, tanto temiam que, por sua culpa, o Templo fosse manchado com o sangue de algum dos judeus. O pérfido homem foi falar com os zelotes e fez um papel totalmente contrário. Como se o juramento que fizera houvesse sido em favor deles e não contra, disse-lhes que não havia perigos aos quais não se havia exposto para informá-los de todos os intentos de Anano e vinha avisá-los de que todos não tinham ainda passado tão grande perigo se Deus não os ajudasse, porque Anano tinha persuadido o povo a pedir auxílio a Vespasiano, rogando-lhe que viesse imediatamente tomar posse da cidade, e tinha declarado que no dia seguinte todos se purificariam, a fim de que, com o pretexto de piedade, entrassem, por bem ou por mal, no Templo; que ele não via, no estado em que as coisas se encontravam, como resistir por mais tempo a um cerco, contra tão grande número de inimigos. Mas, que por uma providência particular de Deus, ele lhes tinha sido mandado, para fazer propostas de acordo, com o fim de que Anano tinha de surpreendê-los e de atacá-los quando menos o suspeitassem; que eles, para se salvar, tinham um único meio, isto é, tomar um destes dois partidos: ou entregar-se, suplicando a vida aos que os mantinham cercados, ou pedir auxílio estrangeiro para se porem em condições de lhes opor resistência, pois, do contrário, estariam vencidos e não poderiam esperar obter deles o perdão de tantos males, que lhes tinham feito, por maior arrependimento que mostrassem; e, ao contrário, seu desejo de se vingar aumentava sempre mais, quando se vissem em condições de poder fazê-lo, sem temor; que nada havia que eles não devessem temer dos parentes e dos amigos, dos que eles haviam matado e do furor que dominava o povo por causa da abolição de suas leis e de seus costumes, mas que quando mesmo alguns estivessem dispostos a perdoá-los, eles seriam obrigados a ceder à sua violência.

311. João, com estas palavras falsas e fingidas, lançou o terror no espírito dos zelotes; não lhes declarou abertamente qual o socorro com que eles se deveriam fortalecer; entretanto, via-se que ele queria falar dos idumeus. Dizia em particular aos chefes dos zelotes que Anano era um homem cruel e que era particularmente deles que ele se tinha resolvido vingar. Eleazar, filho de Simão, e Zacarias, filho de Anficano, ambos de família sacerdotal, eram dos principais chefes e nenhum outro era tão importante como Eleazar, quer pela prudência

quer pela ação. Como o discurso de João os havia persuadido de que a intenção de Anano era fortalecer o seu partido, com o auxílio dos romanos, e que eles tinham ódio particular contra eles, não sabiam o que fazer nas diversas contingências do momento, porque, de um lado, julgavam que o povo estava prestes a atacá-los e eles viam, por outro, que o auxílio proposto estava tão longe que se julgavam perdidos antes que pudessem obter. Mas, por fim, determinaram pedir o auxílio dos idumeus e escreveram-lhes dizendo que Anano, depois de ter enganado o povo, queria entregar a cidade aos romanos; eles se tinham retirado ao Templo para não abandonar a defesa da liberdade pública; que eles tinham sido cercados e estavam prestes a ser atacados, se não se impedisse, com um auxílio imediato, que eles caíssem nas mãos dos inimigos e a cidade, nas dos romanos. Encarregaram os portadores dessas cartas de dizer verbalmente várias outras coisas aos daquela nação que tinham mais autoridade; as pessoas que escolheram para essa incumbência chamavam-se ambos Ananias, ambos muito corajosos, eloqüentes e capazes de persuadir e o que mais importava, aptos para desempenhar tão importante incumbência. Estavam eles certos de que os idumeus viriam imediatamente, porque esse povo é tão brutal e tão amigo das novidades, que nada é mais fácil do que induzi-los à guerra e ele vai com a mesma alegria para um combate como os outros, para uma festa.

CAPÍTULO 16

OS IDUMEUS VÊM EM SOCORRO DOS ZELOTES; ANANO RECUSA-LHES A ENTRADA EM JERUSALÉM. DISCURSO QUE JESUS, UM DOS SACERDOTES, LHES FAZ DO ALTO DE UMA TORRE. A RESPOSTA.

312. Aqueles enviados conseguiram sair, sem que Anano nem as sentinelas não só lhes impedissem a passagem, mas nem mesmo vieram a saber do que acontecia; os governadores da Iduméia apenas receberam as cartas, correram como loucos por todo o país, incitando os outros à guerra.

Todos tomaram das armas, com tanto entusiasmo para defender a liberdade da capital, que, em menos tempo de que se poderia imaginar, reuniram-se uns vinte mil, comandados por quatro chefes: João e Tiago, filhos

de Sosa, Simão, filho de Catlas, e Finéias, filho de Clusote.

313. Ante o aviso de que os idumeus estavam para chegar, Anano resolveu não os deixar entrar na cidade e colocou guardas nas defesas e nas trincheiras. Não julgou, entretanto, conveniente tratá-los como inimigos, mas procurou com razões levá-los à paz; Jesus, que era o mais antigo dos sacerdotes, falou-lhes a esse respeito, do alto de uma torre, de onde podiam muito bem ouvi-lo: "No meio", disse-lhes ele, "de tantas perturbações e males que afligem a capital da nossa nação, nada é mais surpreendente, pelo que nos parece, que a sorte conspira juntamente com os piores homens do mundo para destruí-la. Que há de mais estranho do que virdes contra nós em favor desses celerados, com a mesma solicitude como se nós vos tivéssemos chamado em nosso auxílio, para nos defender contra esses bárbaros? Se tínheis a mesma intenção que aqueles que vos fizeram vir, não haveria motivo de nos admirarmos, pois nada une mais os homens do que a conformidade de sentimentos. Mas como os vossos podem ter relação com os desses malvados, pelos quais vos declarais? Não poderíamos considerar suas ações, sem ver que não há suplícios que eles não mereçam. Eles são o que há de mais vil do povo dos campos, que depois de ter gasto na devassidão o pouco de bens que possuíam, e pilhado em seguida as vilas e aldeias, não sentiram temor de vir a esta cidade santa, não somente para continuar a praticar roubos e assaltos, mas para acrescentar os assassínios aos roubos e sacrilégios. O bem dos que eles massacram só servem para satisfazer à sua ambição; e pela mais horrível de todas as profanações eles se embriagam mesmo aos pés do altar. Vós vindes, ao contrário, armados, como soldados prontos a combater, como se esta capital tivesse recorrido ao vosso auxílio, para resistir a inimigos externos. Assim, não tenho razão de dizer, que parece que a sorte seja tão injusta que conspira convosco em favor daqueles celerados contra vossa própria nação? Confesso não poder compreender de onde vem essa deliberação tão pronta que tomastes, nem que razão vos pode levar a auxiliar homens tão detestáveis contra um povo que é vosso aliado. Será que vos disseram que nós queremos chamar os romanos e trair nossa pátria? Pois eu sei que alguns dentre os vossos disseram que viestes para impedir que Jerusalém seja escravizada. Se for assim, jamais poderei compreender a maldade daqueles que ousaram inventar tão negra calú-

nia. Há, entretanto, motivo de crer que vos querem persuadir disso, pois, amando tanto a liberdade como vós a amais e estando sempre prontos a combater para impedir que ela sucumba sob uma dominação estrangeira, puderam incitar-vos contra nós, declarando-vos falsamente, que nós éramos tão covardes a ponto de suportar escravidão. Mas, considerai, eu vos rogo, quem são os que nos caluniam desse modo e julgai da verdade, não por palavras vãs, mas com provas sólidas e evidentes. Que vantagem há de que, depois de nos termos expostos a tantos perigos, para conservarmos nossa liberdade, queiramos agora receber os romanos, como senhores? Não podíamos ou não sacudir o seu jugo ou depois de tê-lo sacudido voltar à obediência sem esperar que eles devastassem nossos campos e assaltassem nossas cidades? Mas, mesmo quando quiséssemos tratar com eles, podê-los-íamos fazê-lo agora, que a conquista da Galiléia aumentou tanto a sua altivez e ousadia? Não seria a morte muito mais suportável do que a vergonha de dobrar os joelhos diante deles, quando os víssemos se aproximar de nossas muralhas? Acusam-se alguns dos principais dentre nós de ter tratado secretamente com os romanos, ou acusa-se todo o povo de tê-lo feito depois de uma deliberação geral. E se forem somente alguns particulares que se acusam, devemos então dizer que são nossos amigos ou domésticos que empregamos nessa traição e apresentar pelos menos um que tenha sido preso nesse mister com documentos em seu poder. Se tudo isso fosse verdade, como algum desse grande número que somos, nada teria descoberto? Como, ao contrário, esses poucos homens, encerrados no Templo, sem poder sair para entrar na cidade, como poderiam ter tido conhecimento do que se estava tratando secretamente? Quando eles não se julgavam em perigo, nós éramos tidos como traidores, e agora, precisamente, quando estão a ponto de receber o castigo de seus crimes, inventaram essa calúnia. E se a todo o povo se acusa de ter entrado em entendimentos com os romanos, deveria tal deliberação ter sido tomada num conselho ou assembléia geral. Se assim fosse, não o teríeis sabido tão depressa, não somente por uma notícia vaga e geral, confusa, mas por meio de alguém, que vos teria sido enviado expressamente, para vos avisar de uma coisa tão importante? Quem não vê que se nós nos quiséssemos submeter aos romanos, não precisaríamos nem de tratados, nem de embaixadores? Ninguém se pode citar, que tenha sido escolhido para esse

fim; são suposições de pessoas que se vêem à borda do precipício e se essa cidade fosse tão infeliz por ter que perecer por uma traição, somente aqueles que nos acusam falsamente seriam capazes de acrescentar este último crime a tantos outros que cometeram, a fim de completar, por uma tão vergonhosa suposição e uma tão negra perfídia, a medida de seus sacrilégios e de suas impiedades. Estando armados como estais, não vos obriga a justiça a vos unirdes a nós para exterminarmos esses tiranos que espezinharam todas as nossas leis, para fazer reinar em seu lugar o assassínio e a violência; que depois de ter ousado eliminar, à vista de todos, homens da mais ilustre nobreza, inocentes, acorrentaram-nos, encerraram-nos em cárceres e por fim assassinaram-nos? Quando tiverdes entrado na cidade como amigos e não como inimigos, podereis constatar com vossos próprios olhos, a verdade do que vos estou dizendo. Vereis as casas saqueadas, as mulheres e os parentes dos que foram tão cruelmente massacrados vestidos de luto, e por toda parte gemidos e lágrimas, porque não há ninguém que não tenha experimentado os efeitos da raiva desses ímpios; a desolação é geral. Seu furor chegou ao excesso, pois não se contentando de ter devastado todos os campos e saqueado as cidades, eles não pouparam nem mesmo ao que podemos dizer ser o chefe, o ornamento e a glória da nossa nação; e por uma ousadia criminosa que sobrepuja toda imaginação, eles se apoderaram do Templo de Deus. Foi desse lugar sagrado que eles nos atacaram; esse lugar sagrado lhes serviu de abrigo, quando os perseguimos, e, por fim, é esse lugar santo que lhes fornece um arsenal de armas de que eles se servem para nos atacar e para se defender. Assim, esses monstros de impiedade nascidos entre nós, gloriam-se de calcar aos pés a augusta casa do Senhor, a qual todas as nações da terra respeitam e veneram. Sentem alegria em ver tudo levado ao excesso; cidades armadas contra cidades, povos contra povos, e províncias inteiras conspirarem para sua própria ruína. Que há pois de mais digno do que unirdes vossas armas às nossas para exterminar esses malvados, castigá-los pelos embustes e injúrias que vos fizeram, quando, em vez de vos temer, como vingadores de seus crimes, eles vos chamaram em seu auxílio? Se julgais dever ter alguma consideração às suas palavras, podeis, sem que vossas tropas sejam consideradas, nem como inimigas nem como auxiíiares, entrar sem armas na cidade e julgar sobre as

nossas questões. Pois ainda que não vejamos o que poderiam alegar em sua defesa esses sediciosos, manifestamente culpados de tantos crimes, e que não somente não permitiram abrir a boca a tantos homens de bem que eles cruelmente fizeram morrer, sem que tivessem sido acusados, nós consentimos que vossa chegada lhes conceda essa graça. Mas se não quereis nem tomar parte na nossa justa indignação contra esses ímpios, nem serdes juizes entre eles e nós, não vos resta que um terceiro partido a tomar, isto é, ficar neutros, sem ofender à nossa desgraça nem vos unirdes àqueles que pretendem destruir esta cidade metropolitana; se tendes ainda suspeitas de que algum de nós tenha tratado com os romanos, podereis colocar homens em todos os caminhos para surpreendê-los e castigá-los severamente, se isso for verdade; mas se todas essas razões não vos impressionarem, não deveis julgar estranho que nós vos fechemos nossas portas, até que tenhais deixado as armas".

314. Jesus, assim falando, irritou ainda mais os idumeus por verem que se lhes impedia a entrada na cidade e muito mal o escutaram; seus chefes não podiam tolerar, igualmente, a proposta de deixar as armas, porque consideravam como um sinal de escravidão essa submissão a uma autoridade que não tinha nenhum direito de dar ordens. Assim, Simão, filho de Catlas, um deles, depois de ter com muita dificuldade acalmado a multidão, subiu a um luqar elevado, de onde podia ser ouvido pelos sacerdotes e lhes falou nestes termos: "Não me admiro por ver que sitiais no Templo os defensores da liberdade pública, pois nos fechais as portas de uma cidade, cuja entrada deve ser livre a todos de nossa nação e sem dúvida vos ides coroar de flores, para receber os romanos. Vós vos contentais de nos falar do alto de uma torre, e quereis nos obrigar a deixar as armas que tomamos pela liberdade pública. Em vez de vos servirdes delas para a defesa de nossa capital, vós nos propondes sermos juizes de vossas questões; ao mesmo tempo, quando acusais os outros de ter feito morrer alguns dos vossos cidadãos, sem que tenham sido condenados, vós vos condenais a vós mesmos e a toda a nossa nação, pelo ultraje que fazeis aos vossos irmãos, recusando-nos a entrada de uma cidade, o que não se faz nem mesmo aos estrangeiros que a ela vêm trazidos pela piedade. E assim que reconheceis os favores que nos deveis por termos tão prontamente tomado as armas e feito tanto esforço para vos vir ajudar e para

vos manter livres? Devemos prestar fé às vossas acusações contra os que estão cercados? E que o fazeis unicamente para impedir os efeitos de sua tirania, recusando a todos a entrada em vossa cidade, quando vós mesmos pretendeis exercer sobre nós uma verdadeira tirania, obrigando-nos a obedecer às vossas ordens imperiosas e injustas? Tão grande contradição entre vossas palavras e vossas ações não é talvez intolerável? Vós nos recusais, recusando-nos a entrada em vossa cidade, a liberdade de oferecer sacrifícios a Deus, como fizeram nossos antepassados, e vós acusais ao mesmo tempo os que tendes cercados no Templo, porque eles castigaram traidores, aos quais vós dais o nome de inocentes e pessoas de condição. A única falta que eles cometeram, foi não terem começado por vós, que tínheis parte mais que qualquer outro em tão infame traição. Mas se seu proceder foi tão fraco, o nosso será mais vigoroso, nós conservaremos a casa de Deus, defenderemos nossa pátria comum, contra os inimigos estrangeiros e domésticos; conservar-vos-emos sempre sitiados até que os romanos vos venham libertar ou que o desejo de manter a liberdade vos faça voltar ao cumprimento do dever".

CAPÍTULO 17

SOBREVEM ESPANTOSA TEMPESTADE DURANTE A QUAL OS ZELOTES, SITIADOS NO TEMPLO, SAEM E VÃO ABRIR AS PORTAS DA CIDADE AOS IDUMEUS, QUE DEPOIS DE TER DERROTADO O CORPO DA GUARDA DOS HABITANTES, QUE CERCAVA O TEMPLO, APODERAM-SE DE TODA A CIDADE ONDE PRATICAM TODA SORTE DE HORRÍVEIS CRUELDADES.

315. Simão falou assim e todos os idumeus demonstraram com gritos que aprovavam o que ele tinha dito; Jesus retirou-se muito triste por ver na disposição em que eles se achavam que a cidade era presa de uma dupla guerra. Os idumeus, por seu lado, não estavam em menor agitação de espírito; eles não podiam tolerar a ofensa que se lhes haviam feito, por não se lhes terem aberto as portas; achavam que os zelotes não eram tão fortes como eles haviam imaginado e o desgosto por não poder socorrê-los, os fazia arrependerem-se de ter vindo. A vergonha de voltar sem nada ter feito levou-os, entretanto, a outros sentimentos; assim, resolveram ficar e acamparam perto das mulhares da

cidade.

316. Na noite seguinte, sobreveio uma horrível tempestade: a violência do vento, a impetuosidade da chuva, a quantidade de relâmpagos, o ribombar horrível do trovão, e um tremor de terra, acompanhado de rugidos, perturbou de tal modo a ordem da natureza, que todos julgaram presságio de grandes desgraças.

Os habitantes de Jerusalém e os idumeus eram, a esse respeito, da mesma opinião. Estes últimos acreditavam que Deus estava encolerizado, por eles terem tomado as armas; julgavam não poder evitar o castigo, se continuassem a fazer a guerra à sua capital. Anano e os do seu partido estavam persuadidos de que Deus declarando-se daquele modo em seu favor, eles seriam vencedores, sem combater. Mas os fatos demonstraram que uns e outros se enganavam.

317. Os idumeus, durante a tempestade, uniram-se apertando-se uns contra os outros, cobrindo-se com seus escudos. Os zelotes, que estavam ainda mais aflitos do que eles mesmos, reuniram-se para deliberar sobre os meios de ajudá-los. Os mais ousados propuseram atacar o corpo de guarda dos sitiantes e depois de os terem repelido, abrir as portas da cidade aos idumeus. Disseram, para apoiar sua opinião que a execução daquele projeto não era tão difícil como se poderia imaginar, porque a maior parte dos que compunham o corpo de guarda eram homens mal armados e pouco aguerridos; atacando-os de improviso seria fácil vencê-los; a grande tempestade havia encerrado a todos os outros em suas casas e dificilmente eles se poderiam reunir. Porém, mesmo quando a empresa fosse mais arriscada, não havia perigo aos quais eles não se devessem expor, antes que ter vergonha de deixar perecer tantas tropas que tinham vindo socorrê-los.

Os mais prudentes eram de parecer contrário, porque viam que não somente haviam dobrado o número de guardas, do lado em que eles estavam, contudo os muros da cidade eram também mais cuidadosamente vigiados, por causa dos idumeus que estavam perto e não duvidavam de que Anano fazia, segundo o costume, a ronda em todas as horas da noite, pois era certo que ele sempre fazia assim. No entanto, para sua infelicidade e dos seus, mais do que por negligência, naquela noite ele tinha ido descansar um pouco e quando a

tempestade começou a amainar, os que montavam guarda à porta do Templo estavam cansados e com sono.

318. Os zelotes decidiram-se: serraram com ferramentas que acharam no Templo os ferrolhos e os gonzos das portas e nisso o vento e os trovões muito os ajudaram, pois os que vigiavam não ouviram ruído algum. Saíram depois do Templo, deslizaram mansamente até as portas da cidade e abriram-nas, do mesmo modo como haviam aberto as do Templo. A princípio os idumeus julgaram que era Anano que vinha contra eles e tomaram as armas; mas logo o perceberam e entraram na cidade. Se no furor em que estavam eles tivessem naquele momento voltado suas armas contra o povo, tê-lo-iam passado a fio de espada; mas os zelotes disseram-lhes que, como eles tinham vindo para socorrê-los, deveriam começar por libertar os que estavam encerrados no Templo e que depois de ter dizimado o corpo de guarda dos sitiantes, ser-lhes-ia fácil apoderar-se da cidade; ao passo que, se antes da libertação os habitantes dessem o alarme, eles reunir-se-iam em tão grande número, que poderiam sem dificuldade atingir os lugares mais elevados onde seria impossível atacá-los. Os idumeus aceitaram essa advertência, entraram, pela cidade, no Templo e seguidos por aqueles que lá os esperavam com tanta impaciência, tornaram a sair imediatamente para juntos atacarem o corpo da guarda dos sitiantes. Mataram os que estavam dormindo; os gritos dos demais deram o aviso; os habitantes então tomaram as armas com aquele espanto que bem se pode imaginar. Entretanto, como eles julgavam, a princípio, que só tinham que combater contra os zelotes, não punham em dúvida poder vencê-los por seu grande número, mas quando viram que os idumeus haviam entrado na cidade, juntamente com eles, foram tomados de tal terror, que a maior parte abandonou as armas e começou a gritar e a se lastimar. Outros, iam espalhando pela cidade a triste notícia de sua ruína e somente um pequeno número de jovens teve coragem de opor resistência, enfrentando vigorosamente os inimigos. Ninguém, porém, ousava vir em seu auxílio, tanto a entrada dos idumeus lhes havia abatido o ânimo; contentavam-se com vãs lamentações que ressoavam no ar com os gritos das mulheres. A tanto barulho juntavam-se os gritos dos idumeus que os dos zelotes aumentavam e a tempestade tornava ainda mais espantoso. Os idumeus eram naturalmente muito cruéis

e o que eles tinham sofrido com essa grande tempestade os havia irritado muito contra os que lhes haviam fechado as portas; por isso não pouparam a ninguém. Os que recorriam aos rogos não experimentavam menos sua desumanidade do que os que lhes resistiam e era-lhes inútil alegar serem todos do mesmo sangue e comum a todos, aquele augusto Templo, consagrado a Deus; os idumeus sufocavam-lhes, com a morte, as palavras na boca e não restava àqueles infelizes habitantes um meio de escapar nem qualquer esperança de salvação. Seu temor contribuía ainda mais para sua ruína, do que o furor dos idumeus, porque os fazia apertarem-se de tal modo, que não podendo recuar, eles não erravam um golpe sequer. Alguns, para evitar serem mortos pelos idumeus, matavam-se, ati-rando-se do alto das muralhas. O sangue corria de todos os lados em redor do Templo, e quando o dia começou a raiar, havia oito mil e quinhentos corpos estendidos pelo chão.

CAPÍTULO 18

OS IDUMEUS CONTINUAM A PRATICAR ATOS DE CRUELDADE EM JERUSALÉM E PARTICULARMENTE CONTRA OS SACERDOTES. MATAM ANANO, SUMO SACERDOTE, E JESUS, OUTRO SACERDOTE. ELOGIOS DESSES DOIS GRANDES PERSONAGENS.

319. Tanto sangue derramado não satisfez o furor dos idumeus; eles continuaram a derramá-lo por toda a cidade; saquearam as casas e mataram a todos os que encontraram. Pouparam somente o povo, da camada mais baixa, porque não o julgavam digno de sua cólera; eram principalmente os sacerdotes o objeto de sua vingança. Apenas caíam-lhes nas mãos, eram logo mortos; calcaram aos pés os corpos de Anano e de Jesus, verberando ao primeiro o afeto que o povo lhe tinha, e ao outro, o discurso que ele tinha feito de uma das torres da cidade. Sua impiedade chegou a ponto de lhes recusarem a sepultura, embora os judeus sintam-se inclinados a prestar essa honra aos mortos, tanto que retiram da cruz e sepultam antes do pôr-do-sol, os que sofreram a morte como punição de seus crimes. A esse respeito eu penso poder dizer que a morte de Anano foi o começo da ruína de Jerusalém e suas muralhas foram derrubadas e a república dos judeus destruída, quando esse soberano sacerdote, com seu sábio proceder, no qual estava toda esperança de salvação,

foi tão cruelmente massacrado. Era um homem de tal mérito, que não há louvores de que não seja digho. Nada se poderia acrescentar ao seu amor pela justiça, sua humanidade era tão grande que em vez de se elevar pela grandeza da sua linhagem e pela sublimidade de sua posição e dignidade, sentia prazer em se diminuir; nenhum outro jamais desejou conservar com mais ardor a liberdade de seu país e a autoridade de sua nação. Ele preferia o interesse geral ao seu particular, desejava com paixão a paz com os romanos, porque conhecia muito bem o seu poderio, e sabia que era impossível aos judeus qualquer resistência; não duvido mesmo de que, se ele tivesse vivido, teria conseguido o seu intento. Ele era na verdade tão eloqüente que conseguia do povo tudo o que queria; já tinha reduzido ao extremo os perturbadores do descanso público, que ousavam tão falsamente tomar o nome de zelotes; e os judeus teriam podido, sob sua orientação, com tal chefe, dar muito trabalho aos romanos, e levá-los a um acordo justo e razoável. Ele tinha ademais a vantagem de ser secundado por Jesus que sobrepujava, depois dele, a todos os demais em mérito; mas Deus, querendo purificar com o fogo, tanta maldade e abominação que tinham desonrado aquela santa cidade, privou-a do socorro desses grandes homens, cuja coragem, prudência, atividade e amor ao povo, opondo-se às suas desgraças, lhe poderiam ter retardado a destruição. Vimos assim esses dois grandes personagens, antes revestidos dos hábitos sacerdotais, reverenciados por todo o povo, considerados como protetores da religião e conhecidos em toda a terra pela fama de sua virtude, expostos, nus, sobre o pavimento e entregues aos cães e aos animais. A virtude jamais foi tão insolentemente ultrajada; poder-se-ia ver, sem lágrimas, o vício triunfar desse modo sobre ela?

CAPÍTULO 19

CONTINUAM AS HORRÍVEIS CRUELDADES EM JERUSALÉM DA PARTE DOS IDUMEUS E DOS ZELOTES; MARAVILHOSA CONSTÂNCIA DOS QUE AS SOFRIAM. OS ZELOTES MATAM ZACARIAS NO TEMPLO.

320. Depois que Anano e Jesus foram tão cruelmente massacrados, os zelotes e os idumeus levaram sua raiva contra o baixo povo e fizeram também entre eles uma horrível mortandade. As pessoas da nobreza eram encarceradas,

com a esperança de que elas passassem para seu lado; nem um sequer, porém, preferiu evitar a morte, a fim de se unir àqueles malvados para a ruína de sua pátria. Não se contentavam em lhes fazer perder a vida; aqueles tigres sanguinários faziam-nos sofrer antes todos os tormentos imagináveis e só lhes concediam a graça de lhes tirar a vida, pela espada, depois que seus corpos estavam esgotados, sob o peso de tantas dores e incapazes de continuar a senti-las. Durante a noite enchiam as prisões com os que apanhavam durante o dia, de lá tiravam os mortos para dar lugar aos vivos, que queriam trucidar do mesmo modo. O terror do povo era tal, que ninguém se atrevia abertamente nem a sepultar os mortos, nem a se lamentar, fossem mesmo parentes ou amigos. Para derramar lágrimas e lamentar seus mortos, eles tinham de encerrar-se em suas casas, olhar antes de todos os lados, para ver se não eram observados ou ouvidos por alguém, porque a compaixão era tida como um grande crime por aqueles monstros de crueldade, e não se podiam chorar os mortos sem perigo de perder também a vida. Tudo o que se podia fazer era cobrir durante a noite aqueles corpos com um pouco de terra, depois de terem sido tão desumanamente massacrados; fazê-lo durante o dia, era considerado ato de extrema coragem, e doze mil homens de nobre origem e que ainda se encontravam em pleno vigor de sua idade morreram dessa maneira.

321. Por fim, aqueles tiranos, cansados de derramar tanto sangue, fingiram querer observar alguma forma de justiça e tendo determinado matar Zacarias, filho de Baruque, porque, além de sua ilustre origem, sua virtude, sua autoridade, seu amor pelos homens de bem e seu ódio pelos maus, tornavam-no temível a eles mesmos e suas grandes riquezas eram um grande incentivo para sua ambição. Escolheram setenta dos mais notáveis dentre o povo que constituíram aparentemente juizes, mas sem lhes dar, na verdade, poder algum. Perante eles, acusaram-no de ter querido entregar a cidade aos romanos e ter tratado a esse respeito com Vespasiano. Não se encontrando prova alguma, nem pelo menos a mínima probabilidade desse pretenso crime, não deixaram de afirmar que era verdadeiro e queriam que o testemunho que eles davam fosse suficiente para condenar o acusado.

Zacarias facilmente compreendeu que aquele julgamento era uma hipocrisia que iria terminar com sua prisão e depois com sua morte. Mas,

embora não visse esperança alguma de salvação, nada diminuiu da firmeza de sua coragem. Começou por censurar com desprezo os seus acusadores e o expediente tão vergonhoso de que se serviam para ocultar a verdade, com tão visíveis calúnias. Destruiu depois em poucas palavras os crimes de que o acusavam e os fez recair sobre eles mesmos; disse-lhes como e qual fora, desde o princípio até então, a concatenação de crimes, que se sucedendo, uns aos outros, haviam produzido aquele amontoado de tudo o que a injustiça, o furor e a impiedade podem cometer de mais horrível, e terminou deplorando aquele estado, mais infeliz do que se poderia imaginar, a que sua pátria se encontrava reduzida. Palavras tão generosas acenderam tal raiva no coração dos zelotes, que nada lhes pôde impedir de matar Zacarias, naquele mesmo instante, embora quisessem dar àquele julgamento uma aparência de justiça, até o fim, e ver se aqueles que eles haviam escolhido para juizes, teriam bastante coragem para não temer fazê-lo, numa circunstância em que eles não podiam agir sem correr risco da própria vida. Assim permitiram a esses setenta juizes que se pronunciassem e não havendo um só deles que não preferisse se expor à morte do que ao remorso de ter condenado um homem de bem, pela maior de todas as injustiças, todos a uma voz declararam-no inocente. Ao ouvirem tal sentença os zelotes soltaram um grito de furor. Sua raiva não pôde tolerar que aqueles juizes não houvessem compreendido, que o poder que lhes haviam dado era imaginário, e do qual não queriam que eles fizessem uso algum; dois dos mais ousados daqueles homens atiraram-se sobre Zacarias e o mataram no meio do Templo, insultando-o ainda, depois de morto, dizendo com a mais cruel de todas as zombarias: "Recebe esta absolvição que nós te damos e que é muito mais garantida que a outra". Lançaram em seguida seu corpo numa vala comum que estava abaixo do Templo. Os setenta juizes foram expulsos indignamente a golpes de espada para fora do Templo, não porque um sentimento de humanidade os havia isentado de manchar as mãos no sangue daqueles homens, mas para que se tendo espalhado por toda a cidade fossem como outras tantas testemunhas, cuja deposição já não poderia permitir a ninguém duvidar de que a capital de um reino outrora florescente, não estava reduzida à escravidão.

CAPÍTULO 20

OS IDUMEUS, TENDO SIDO INFORMADOS DA MALDADE DOS ZELOTES E TENDO HORROR DAS SUAS INCRÍVEIS CRUELDADES, RETIRAM-SE PARA O SEU PAÍS; OS ZELOTES DUPLICAM AINDA SUA CRUELDADE.

322. Os idumeus, não podendo aprovar tantos excessos horríveis, começaram a se arrepender de ter vindo. Um dos zelotes advertiu-os secretamente de tudo o que acontecia. Disse-lhes que era verdade que eles tinham tomado as armas porque lhes haviam feito crer que os habitantes queriam entregar a cidade aos romanos; mas que não se havia encontrado a menor prova dessa pretensa traição e que aqueles que queriam passar por defensores da liberdade, tendo ateado o fogo da guerra civil, exerciam tal tirania, que seria para se desejar que eles tivessem sido contidos desde o começo. Mas, como se haviam entregue com eles a tais crimes, seria pelo menos necessário procurar um fim a tantos males e não fortalecer àqueles que tinham determinado subverter todas as leis de seus antepassados; que a morte de Anano e a de um tão grande número de homens do povo, executados numa única noite, os havia vingado plenamente, porque eles tinham sido sitiados no Templo; que vários, mesmo dentre eles, vendo a que horríveis excessos se entregavam aqueles que os haviam impelido à guerra e que não tinham mesmo vergonha de cometê-los mesmo na presença dos idumeus, seus libertadores, arrependiam-se de os ter seguido e censuravam os idumeus por tolerá-los, em vez de os abandonar; e assim, pois que constava que aquele pretensa combinação com os romanos era mera suposição, não havia presentemente nada que temer de sua parte e Jerusalém era inexpugnável, a não ser que fosse dividida por dissensões domésticas, eles nada melhor podiam fazer do que regressar, para mostrar a todos, separando-se daqueles malvados, que eles não queriam tomar parte em seus crimes, e que se não os tivessem enganado, eles não teriam vindo em seu auxílio. As palavras e as razões desse zelote persuadiram os idumeus e eles resolveram regressar, começando por dar liberdade a dois mil habitantes que se uniram a Simão, do que falaremos em seguida.

323. Tão inesperada partida, que surpreendeu igualmente os zelotes e os

habitantes, causou o mesmo efeito em seu espírito, embora seus sentimentos fossem contrários. Uns e outros alegraram-se: os habitantes, porque não conheciam o arrependimento dos idumeus por terem vindo; o afastamento deles, que sempre eram considerados como inimigos, dava-lhes um pouco de coragem; e os zelotes, que julgavam não ter mais necessidade do socorro dos idumeus, consideravam-se livres da obrigação de agir por causa deles, com certa precaução e numa tal liberdade de cometer de ali por diante com desenfreada liberdade, todos os crimes que sua raiva lhes inspirava. Assim não conservaram mais medida alguma; não tomaram mais nenhuma deliberação em seus conselhos, suas mãos seguiam no mesmo instante o movimento de seu espírito e por mais detestável que fosse uma resolução, apenas era imaginada, logo em seguida, sem mais, também executada.

324. Como as pessoas mais generosas e da mais ilustre nobreza eram o principal objeto de seu ódio, começaram por eles a encher a cidade novamente de sangue e crimes, porque sua virtude lhes causava temor e eles não podiam ver sem inveja o brilho de sua ilustre origem, nem se julgar em segurança, enquanto alguns deles vivessem. Assim, procuraram matar, além de outros, Goriom, cujos méritos o tornavam tão ilustre como sua descendência e que não cedia a nenhum outro dos judeus, naquela nobre ousadia que lhe inspirava o amor da liberdade pública, o que eles consideravam o maior de todos os crimes. Niger Peraita, que se havia distinguido por tantos feitos de valor na guerra contra os romanos, experimentou também os efeitos da raiva desses homens furiosos. Embora lhes mostrasse as feridas recebidas na defesa de sua pátria comum e lhes falasse de suas benemerências e dos serviços prestados, não deixaram de arrastá-lo vergonhosamente pela cidade. Quando depois de o terem levado para fora das portas, ele viu que não lhe restava mais nenhuma esperança de salvação, rogou-lhes que lhe prometessem pelo menos enterrá-lo. Mas até isso eles recusaram. Então, antes de morrer sob seus golpes, fez imprecações contra eles, almejando que os romanos fossem os vingadores do seu sangue e que a carestia, a guerra, a peste e uma divisão mortal enchesse a medida dos castigos que merecia a enormidade de seus crimes.

A justiça de Deus não tardou mesmo, para fustigar àqueles ímpios sob todos os flagelos e para seu castigo, em lhes mandar estranha divisão, que pôs

em seu meio. Depois da morte de Niger, aqueles malvados julgaram nada mais ter a temer e não houve crueldade que eles não exercessem contra o povo; não perdoavam a ninguém; consideravam crime capital ter outrora resistido a eles; imaginavam-no, em todos os que permaneciam indiferentes; tratavam como gloriosos os que não lhes vinham fazer a corte e como espiões os que a faziam, e a morte era o castigo geral com que puniam, sem distinção, tudo o que lhes aprazia fazer passar por crimes horríveis e irremissíveis. Assim, ninguém escapava à sua crueldade, a não ser os que eram de tão desprezível condição, que eles não julgavam dignos de sua ira.

CAPÍTULO 21

OS OFICIAIS DAS TROPAS ROMANAS INSISTEM COM VESPASIANO, PARA ATACAR JERUSALÉM, APROVEITANDO A DIVISÃO DOS JUDEUS. SÁBIA RESPOSTA QUE ELE LHES DÁ PARA MOSTRAR QUE A PRUDÊNCIA O OBRIGAVA A DIFERI-LA.

325. No entanto, os oficiais das tropas romanas, que tinham os olhos abertos a tudo o que se passava em Jerusalém, julgando que se devia aproveitar de uma divisão tão favorável para eles, insistiam com Vespasiano, seu general, que não a deixasse escapar. Diziam-lhe eles que aquilo acontecia por uma especial providência e auxílio de Deus que seus inimigos voltassem assim suas armas contra si mesmos e que os momentos eram preciosos, pois se os deixassem escapar, os judeus poderiam num instante reunirem-se, quer pelo excesso de males que sofriam, quer por se arrependerem de ter tão imprudentemente permitido a cisão entre eles. O grande general respondeu-lhes que aquele ardor em enfrentar o perigo, sem considerar o que era mais útil, era uma prova de sua coragem; mas que a prudência o obrigava a dela usar de outro modo, "porque", acrescentou ele, "que se nos apressarmos em atacá-los, nós os obrigaremos a se reunirem para voltar contra nós todas as forças, que são ainda muito fortes; ao passo que se nós o diferirmos, elas continuarão a se enfraquecer por meio dessa guerra doméstica, que já começou a diminuí-las. Não vedes que Deus, que luta por nós, quer que lhe sejamos devedores dessa vitória sem que nos faça correr perigo algum? Quando uma guerra civil que é o maior de todos os males leva os inimigos até esse excesso de

furor, a se degolarem reciprocamente, que temos nós a fazer senão continuar como espectadores de tão sangrenta tragédia e por que nos expormos ao perigo para combatermos pessoas que já se destróem a si mesmas? Se alguém imagina que uma vitória obtida sem combater não deve ser tida como gloriosa, aprenda que as vicissitudes da guerra, sendo incertas, a verdadeira glória consiste em se servir das vantagens que podem fazer obter o intento pelo qual se tomaram as armas; e assim a prudência não é menos louvável do que o valor, quando produz o mesmo efeito. Enquanto nossos inimigos enfra-quecer-se-ão uns pelos outros, nossos soldados refazer-se-ão, no descanso, de todas as suas fadigas passadas e colocar-se-ão em condições de suportar ainda outras maiores, com um novo vigor. Contudo, mesmo que buscássemos o brilho de uma vitória obtida por meio de grandes combates, não seria agora o tempo para isso, pois os judeus não pensam nem em mandar forjar armas, nem em fortificar suas praças, nem em se garantir com algum outro auxílio, e o encarniçamento com que se consomem a si mesmos os reduz a tal estado, que eles encontrariam alívio na escravidão. Assim, quer consideremos a prudência, quer consideremos a glória, não temos outra coisa a fazer que deixar que eles acabem de se destruir, pois se agora nos apoderássemos dessa grande cidade isso não seria atribuído ao nosso valor, mas ao fato de terem eles mesmos causado sua ruína". Estas razões, de um chefe tão prudente, persuadiram a todos os oficiais e os fizeram estimar ainda mais sua admirável sabedoria.

CAPÍTULO 22

VÁRIOS JUDEUS ENTREGAM-SE AOS ROMANOS PARA EVITAR A FÚRIA DOS ZELOTES. CONTINUAM AS CRUELDADES E IMPIEDADES DOS ZELOTES.

326. Muito depressa se constataram os efeitos dessa prudente ação de Vespasiano, pois muitos judeus vinham todos os dias entregar-se a ele, para evitar o furor dos zelotes, não sem grande dificuldade e sem grande perigo, porque todas as portas e avenidas de Jerusalém estavam cuidadosamente guardadas e eles matavam a todos os que por qualquer pretexto procurassem sair, quando houvesse motivo de se suspeitar que era para esse fim. O único meio de conservar a vida era resgatá-la por meio de dinheiro. Assim, os ricos

escapavam e aqueles homens desnaturados não perdoavam a um só dos pobres. Os caminhos estavam cobertos de montes de cadáveres que serviam de alimento aos animais e o horror de tal espetáculo fazia que muitos que desejavam fugir, preferissem morrer na cidade, na esperança de que, pelo menos, não seriam privados da honra da sepultura. A barbárie desses monstros de crueldade recusou-lhes mesmo essa graça e chegou a tal excesso, que sem fazer distinção entre os que eram mortos dentro ou fora da cidade, não permitiam que se enterrasse nem um só. Mas era muito pouco para eles calcar aos pés as leis de seus antepassados; vangloriavam-se em violar as da natureza e em ultrajar o mesmo Deus, com suas horríveis impiedades. Não perdoavam tanto aos que enterravam os corpos dos parentes e amigos, como aos que queriam fugir para junto dos romanos; a morte era a recompensa de sua piedade e era suficiente, para ter necessidade de sepultura, tê-la dado a um outro. A compaixão, que é um dos mais louváveis de todos os sentimentos, estava inteiramente extinta no coração daqueles malvados; tudo o que poderia causá-la, redobrava-lhes o furor; sua crueldade passava dos vivos aos mortos e voltava dos mortos aos vivos.

A impressão que tantos males causavam no espírito das pessoas que os suportavam tornava-lhe a imagem tão espantosa, que aqueles que ainda viviam invejavam a felicidade dos mortos e achavam que era preferível ser privado da honra da sepultura a sofrer os tormentos pelos quais os faziam passar, na prisão. Aqueles homens animados pelos demônios não se contentavam de calcar aos pés tudo o que é mais digno de respeito; eles zombavam do mesmo Deus e tomavam como loucura e ilusão as predições dos profetas. Mas as conseqüências os fizeram ver que eram bastante verdadeiras. Aqueles celerados foram os executores da predição feita há muito tempo, de que, depois de uma grande divisão, Jerusalém seria tomada e depois que os que mais deviam respeitar o Templo de Deus, o tivessem profanado com sua impiedade, ele seria queimado e reduzido a cinzas, por aqueles aos quais as leis da guerra permitiam usar como lhes aprouvesse de sua vitória.

Capítulo 23

João de Giscala, aspirando a um governo tirânico, faz com que os zelotes se

DIVIDAM EM DOIS PARTIDOS, DE UM DOS QUAIS ELE FICA SENDO O CHEFE.

327. Como João há muito tempo aspirava a um governo tirânico, ele não podia tolerar que outros partilhassem com ele da autoridade. Assim, separou-se deles, depois de ter trazido para o seu partido os que a impiedade tornava capazes dos maiores crimes, e não querendo mais obedecer a ninguém, ele dava ordens com firmeza e severidade, sem deixar lugar a dúvidas, de que ele estava resolvido a usurpar o soberano poder. Alguns seguiam-no por temor; outros, por afeto, tão difícil era esquivar-se dos seus artifícios e do poder que ele tinha de persuadir; mas a maior parte, porque julgava que lhes seria vantajoso lançar-se sobre ele somente a culpa de todos os crimes nos quais tinham parte. Sendo muito valente e tendo tanto de inteligência quanto de coragem, conseguiu atrair para o seu partido a muitíssimos. Mas, ao mesmo tempo, os principais desse partido abandonaram-no, porque a inveja não lhes permitia obedecer-lhe, porque o tinham visto como igual e temiam tê-lo como senhor. Não tinham dificuldade em imaginar que uma vez consolidado o governo, com poder absoluto, seria muito difícil despojá-lo do mesmo e jamais ele lhes perdoaria a resistência e a má vontade. Estas razões fizeram com que eles resolvessem a se expor a tudo antes que se tornar, voluntariamente, escravos de tal tirano. Assim eles se dividiriam em dois partidos, de um dos quais João ficou sendo o chefe. Sendo partidos opostos por vezes chegaram a lutas e guerrilhas que não passavam de ligeiras escaramuças; seus maiores empreendimentos eram contra o povo e eles pareciam porfiar quem saquearia mais.

328. Assim estava Jerusalém tão amargurada e oprimida, ao mesmo tempo pela guerra e pela tirania, pela contestação de dois partidos. A guerra, por mais temível que fosse, parecia o mais suportável dos três males; os habitantes deixavam suas casas para refugiar-se junto dos romanos e procurar na compaixão de um povo estrangeiro a segurança que não podiam encontrar entre os de sua própria nação.

CAPÍTULO 24

AQUELES QUE ERAM CHAMADOS DE SICÁRIOS OU ASSASSINOS, APODERAM-SE DA

FORTALEZA DE MASSADA E PRATICAM MIL DEPREDAÇÕES.

329. A estes três tão grande males de que acabamos de falar, juntou-se um quarto que também contribuiu para a ruína de nossa pátria. Havia perto de Jerusalém um castelo bastante forte, de nome Massada, que nossos reis tinham ou-trora mandado construir, para lá guardarem seus tesouros, muitas armas e também para segurança de suas pessoas. Os sicários, ou assassinos, não eram em número tal que os levasse a cometer seus crimes abertamente, por isso matavam à traição; apoderaram-se dessa fortaleza e vendo que o exército romano estava em descanso, e que os judeus se digladiavam em Jerusalém, imaginaram empreender coisas em que jamais haviam pensado, nem ousado fazer. Assim, na noite da festa de Páscoa, tão solene entre os judeus, porque se celebra em memória da sua libertação da escravidão do Egito, para ir tomar posse da terra que Deus havia prometido aos nossos antepassados, esses assassinos atacaram de improviso a pequena cidade de Engedi antes que os habitantes tivessem tido tempo de tomar as armas, mataram mais de setecentos deles, dos quais a maior parte eram mulheres e crianças, saquearam todas as casas e levaram todos os despojos para Massada. Trataram do mesmo modo todas as aldeias e todas as vilas dos arredores; seu número crescia cada vez mais e não havia um lugar sequer na Judéia que não estivesse naquele tempo exposto a toda sorte de depredação. Como acontece no corpo humano, quando a parte mais nobre é atacada por uma grave enfer-midade, todas as outras também se ressentem, assim essa horrível divisão que tinha reduzido a tal extremo a capital, abrindo as portas à licença, havia feito que o mal se espalhasse por toda a parte; nada havia que aqueles celerados não julgassem poder fazer, impunemente. Após terem devastado tudo o que estava perto deles, retiraram-se para o deserto, onde, depois de se terem reunido em grande número para formar, se não um pequeno exército, pelo menos um ban-do considerável de ladrões, atacaram as cidades e os Templos. Aqueles aos quais faziam tanto mal não os poupavam quando podiam agarrá-los, mas lhes era muito difícil, porque eles fugiam imediatamente, com os despojos conquistados. Assim, podia-se dizer que não havia um lugar sequer na Judéia que não participasse dos males que faziam Jerusalém perecer.

CAPÍTULO 25

A CIDADE DE GADARA ENTREGA-SE VOLUNTARIAMENTE A VESPASIANO, E PLÁCIDO, MANDADO POR ELE, CONTRA OS JUDEUS DISPERSOS PELOS CAMPOS, MATA TAMBÉM UM GRANDE NÚMERO DELES.

330. Vespasiano estava a par de tudo o que acabamos de narrar, por aqueles que vinham de Jerusalém entregar-se a ele; ainda que os zelotes guardassem cuidadosamente todas as passagens, e não perdoassem a um só dos que lhes caíam nas mãos, alguns sempre conseguiam escapar. Esses desertores pediram a Vespasiano que tivesse pena deles e da sua cidade, tão aflita, e que salvasse as relíquias de seu povo do qual, uma parte, já tinha sido degolada por causa do seu afeto pelos romanos, e os que estavam ainda com vida corriam o mesmo risco. O grande general, comovido pela desgraça que os atormentava, resolveu aproximar-se de Jerusalém, aparentemente para sitiá-la, mas na realidade para libertá-la da opressão daqueles malvados, que podemos dizer, conservavam-na sitiada permanentemente. Seu intento era também apoderar-se de todas as praças dos arredores, a fim de que, quando ele quisesse verdadeiramente executar o grande cerco, nada restasse no exterior, que lhe pudesse mover obstáculos.

331. Como os principais e os mais ricos dos habitantes de Gadara, que é a mais poderosa e a mais forte de todas as cidades de além do Jordão, desejavam a paz e queriam conservar seus bens, mandaram secretamente alguns representantes a Vespasiano, para lhe oferecer a posse da cidade; disso os facciosos só vieram a saber quando os viram aproximar-se da cidade. Não tiveram dificuldade em julgar que como os habitantes que os favoreciam superavam-nos em número, eles não podiam conservar a praça contra tantos inimigos que tinham ao mesmo tempo interna e externamente, e que a fuga era o único partido que eles tinham a tomar. Mas julgaram que lhes seria vergonhoso resolver-se a isso, sem que alguém viesse a perder a vida, daqueles que eram a causa da sua desgraça. Assim, para satisfazer à sua vingança, mataram a Doleso, que ocupava a primeira linha, pela nobreza do nascimento, e que tinha sido o autor dessa delegação. Seu furor levou-os até mesmo a lhe dar

vários golpes depois de sua morte; tendo-se satisfeito com esse ato de crueldade, de alguma maneira fugiram.

Os habitantes receberam Vespasiano com grandes aclamações e não se contentaram em lhe fazer juramento de fidelidade, mas, para assegurá-lo ainda mais do verdadeiro desejo que tinham de permanecer em paz, derrubaram as muralhas, a fim de se porem em condições de não poder fazer a guerra mesmo quando eles o quisessem. Vespasiano deu-lhes uma guarnição de cavalaria e de infantaria para defendê-los dos ataques dos revoltosos, que haviam fugido; mandou Plácido contra eles, com quinhentos cavaleiros e três mil soldados de infantaria e voltou a Cesaréia, com o restante do exército.

332. Os revoltosos, vendo aquela cavalaria dirigir-se a eles, refugiaram-se numa aldeia de nome Bethnabre, onde encontraram um grande número de homens de defesa. Uns tomaram as armas voluntariamente para se reunirem a eles; aos outros, eles os obrigaram; e confiando então em suas forças não tiveram receio de atacar Plácido. Este, recuou um pouco, de propósito, quer para deixar acalmar-se seu primeiro ardor, quer para afastá-los de sua fortaleza; mas logo que eles se haviam retirado a um lugar mais vantajoso cercou-os, atacou-os e os pôs em fuga. Os que pensavam escapar eram detidos pela cavalaria, os que resistiam eram mortos pela infantaria. Perderam então aquela ousadia, que os tornava tão afoitos; sua coragem arrefeceu, porque, quando eles queriam atacar os romanos, encontravam-nos tão unidos e de tal modo defendidos por suas armas, que nenhum golpe os podia atingir, nem lhes romper as fileiras; ao passo que eles eram, ao contrário, atingidos pelos golpes de seus dardos, nos quais alguns se espetavam como fariam animais selvagens; outros eram mortos a golpes de espadas e outros desbaratados pela cavalaria.

Como o principal cuidado de Plácido era impedir que eles tornassem a entrar na aldeia, ele e os seus antecipavam-se-lhes pela velocidade de seus cavalos, não permitindo que aqueles que dela estavam próximos lá conseguissem entrar e os obrigavam a fazer meia volta e a tornar ao campo onde eram mortos, exceto um pequeno número dos mais fortes e dos mais ágeis que conseguiu, com dificuldade, entrar na aldeia. Os que guardavam as portas ficaram bem atrapalhados, porque, de um lado, eles não se resolviam a abri-las aos seus habitantes e fechá-las aos de Gadara; e, por outro lado, eles temiam, se os

recebessem, que eles fossem causa de sua ruína, como de fato isso quase chegou a acontecer, pois a cavalaria romana tendo-os impelido até lá pouco faltou que não entrasse confusamente com eles; as portas foram fechadas, e Plácido durante todo o restante do dia atacou tão fortemente toda a aldeia que lhe abriu uma brecha e dela se apoderou. Mataram o baixo povo, incapaz de se defender; os outros fugiram; a aldeia foi saqueada e em seguida incendiada; os que escaparam levaram o terror a todo o país.

Por maior que fosse sua infelicidade eles a imaginavam ainda maior e afirmavam que todo o exército dos romanos marchava contra eles. Tão extremo terror fê-los abandonar tudo; fugiram para Jerico, onde esperavam ficar em segurança, porque a cidade era forte e muito populosa. Plácido, animado pela sorte favorável, perseguiu-os até o Jordão e aquela grande multidão de judeus, não podendo passá-lo, porque as chuvas o haviam tornado mais fundo, foi obrigada a travar um combate. Sentindo-se então muito fracos para sustentar o ataque dos romanos e não sabendo para onde fugir, quinze mil foram mortos, um número infinito atirou-se ao rio e morreu afogado; dois mil e duzentos foram aprisionados com uma grande quantidade de camelos, bois, carneiros e asnos.

Embora os judeus tivessem já sofrido grandes perdas, esta pareceu sobrepujar a todas as demais, porque não somente todo o caminho que eles tinham feito em sua fuga e o lugar onde se tinha dado o combate estavam juncados de cadáveres, mas também porque o Jordão estava tão cheio que não podia ser atravessado; e uma parte desses corpos foi levada pelo rio e por outros rios, ao lago Asfaltite.

333. Plácido, para levar além a sua fortuna, marchou contra as pequenas praças vizinhas, tomou Abila, Julíada, Bezemote, e todas as outras até o lago Asfaltite; lá deixou como guarnição os judeus que se tinham entregue aos romanos, nos quais pensou poder confiar mais; embarcou, em seguida, seus homens no lago, onde derrotou todos os que lá iam buscar sua salvação; e, assim, todo o país que está além do Jordão, até Macherom, foi reduzido ao domínio dos romanos.

Capítulo 26

Vindex revolta-se nas Gálias contra o imperador Nero. Vespasiano, depois de ter feito estragos em diversos lugares daJudéia e da Iduméia, dirige-se a Jerico, onde entra sem resistência.

334. Enquanto estas coisas se passavam na Judéia, Vindex, com os mais poderosos gauleses, se havia revoltado contra Nero; dessa rebelião falam as outras histórias em seus particulares. Essa notícia aumentou ainda o desejo que Vespasiano tinha de terminar imediatamente a guerra que havia iniciado, porque ele previa que aquela rebelião poderia ser seguida de muitas outras, e julgava que o meio de fazer que a Itália tivesse menos motivo de temer, era pacificar o Oriente antes que aquelas dissensões domésticas tivessem acendido ainda mais o fogo da guerra. Mas o inverno opôs-se aos seus desígnios e tudo o que pôde fazer foi colocar guarnições em todas as cidades pequenas e nas aldeias que tinha tomado, comandadas por oficiais e subalternos, e mandar restaurar algumas daquelas praças que haviam sido destruídas.

335. À entrada da primavera, ele veio com seu exército, de Cesaréia a Antipátrida, onde depois de ter permanecido dois dias para pôr em ordem ali todas as coisas, mandou devastar e incendiar os lugares das vizinhanças. Destruiu também os arredores da toparquia de Tamna e marchou para Lida e Jâmnia. Essas duas praças entregaram-se e ele as povoou com habitantes de outras cidades, nos quais pensou poder confiar; avançou para Emaús, ocupou a passagem que leva a Jerusalém, mandou fortificar um campo com um muro, lá deixou a quinta legião e passou com o restante de suas forças para a toparquia de Betleptom. Ali incendiou todas as terras e os arredores da Iduméia com exceção de alguns castelos que fortificou e onde colocou guarnições, porque a posição lhe parecia muito vantajosa.

Tendo tomado no meio da Iduméia duas pequenas cidades chamadas Bethari e Cafartoba, mandou matar ali mais de dois mil homens, reservou perto de mil para escravos, expulsou o restante do povo e deixou como guarnição uma grande parte de suas tropas para fazerem incursões e devastações nos montes. Depois voltou a Emaús, com o seu exército, e de lá, passando pela Samaria e por Neápolis, que os do lugar chamam de Mabarta, chegou, a dois de

junho, a Core, onde acampou e no dia seguinte apresentou-se diante de Jerico, onde Trajano, um dos seus chefes, depois de ter submetido tudo o que estava além do Jordão, juntou-se a ele com as tropas que comandava. Antes da chegada dos romanos, vários haviam fugido de Jerico, para se refugiar nos montes que estão em frente de Jerusalém e uma parte dos que lá tinham ficado, foram mortos.

CAPÍTULO 27

DESCRIÇÃO DE JERICO, DE UMA ADMIRÁVEL FONTE QUE LHE ESTÁ PERTO, DA EXTREMA FERTILIDADE DO PAÍS, DOS ARREDORES, DO LAGO ASFALTITE E DAS ESPANTOSAS SOBRAS DO INCÊNDIO DE SODOMA E DE GOMORRA.

336. Vespasiano achou a cidade de Jerico, outrora tão célebre, completamente despovoada. Ela está situada numa planície dominada por um alto monte árido e pedregoso, muito estéril e tão longo que se estende do lado do norte até o território de Citópolis e do lado do sul, até Sodoma, sem que por essa grande esterilidade, aí encontremos habitantes. Outra montanha que lhe está fronteira e situada do outro lado do Jordão começa em Julíada, ao norte, e estende-se muito longe, do lado do sul, até Gomorra, onde se limita com Petra, cidade da Arábia. Há também um outro nome denominado Monte Ferrato, que vai até às terras dos moabitas. Entre estes dois montes está a planície chamada o Campo Grande, que começa na aldeia de Genabata e vai até o lago Asfaltite. Seu comprimento é de mil e duzentos estádios, sua largura de cento e vinte e o Jordão o atravessa pelo meio.

337. Aí vemos dois lagos, o Asfaltite e o de Tiberíades, cuja natureza é completamente diversa. A água do Asfaltite é salgada e nele não há peixes; a do Tiberíades é muito doce e ali vive grande quantidade de peixes. Como esse país é árido porque é irrigado somente pelas águas do Jordão, o calor é ardentíssimo, durante o verão, e o ar que respiramos é tão quente que causa doenças. Essa mesma razão faz que tanto as palmeiras que crescem ao longo das margens desse rio, sejam férteis, quanto as que estão afastadas, são-no, ao contrário, muito pouco.

Há perto de Jerico uma nascente muito rica, cujas águas irrigam os

campos vizinhos e está bem perto da antiga cidade, que foi a primeira de que Jesus, filho de Nave, valoroso chefe dos hebreus, se apoderou, pelo direito da vitória. Dizem que as águas dessa fonte outrora eram tão perigosas que não somente corrompiam os frutos da terra, mas também faziam as mulheres dar a luz antes do tempo e contaminavam com seu veneno todas as coisas por onde passavam. Depois, o profeta Eliseu, digno sucessor de Elias, as tornou tão boas para se beber e tão saudáveis, quanto antes eram malsãs e prejudiciais, e tão capazes de fertilizar, quanto antes eram inúteis para esse fim. O que aconteceu, do modo que vamos dizer: Esse homem admirável havia sido muito caridosamente recebido pelos habitantes de Jerico e quis demonstrar-lhes sua gratidão com um favor, cujos efeitos nem eles, nem seu país jamais veriam cessar. Colocou então no fundo do poço uma vasilha cheia de fel, levantou os olhos ao céu, ordenou que fizessem oblações à borda da fonte, rogou a Deus que adoçasse as águas dos regatos com que se irrigava a terra, como outras tantas veias, que temperasse o ar para torná-lo ainda mais saudável e desse em abundância os frutos da terra, e que os homens a cultivassem, sem que as águas jamais cessassem de lhes ser favoráveis, enquanto eles permanecessem na justiça. Tão ardente oração teve o condão de mudar a natureza da fonte, que, depois, tornou as mulheres e as terras tão fecundas quanto antes as fazia estéreis. A virtude das águas é tão grande que basta molharem um pouco a terra para que ela se fertilize; e os lugares onde elas ficam por mais tempo produzem o mesmo que aqueles por onde passam rapidamente, como se quisessem castigar os que as detêm em suas propriedades, por desconfiança dos seus efeitos maravilhosos. Não há em toda essa região regato algum cujo percurso seja tão longo.

338. O país que ela atravessa tem setenta estádios de comprimento e vinte de largura. Aí vemos grande quantidade de belíssimos jardins onde crescem palmeiras de diversas espécies e cujos nomes bem como o sabor de seus frutos são diferentes. Há alguns, que quando os apertamos, segregam mel, que em nada difere do mel natural, de que aquele país é muito rico. Há também em grande número, além de ciprestes, árvores, das quais se tira o bálsamo, líquido que nenhum fruto pode igualar. Assim, podemos dizer, parece-me, que um país onde tantas plantas, tão excelentes, crescem em tal abundância, tem

alguma coisa de divino e eu duvido de que em todo o restante do mundo haja um outro que se lhe possa comparar, pois tudo o que aí se semeia e se planta, multiplica-se de maneira incrível. Devemos, segundo a minha opinião, atribuir-lhe a causa ao calor do ar e ao poder singular que essa água tem de contribuir para a fecundidade da terra; um, faz abrirem-se as flores e as folhas e o outro fortifica as raízes, pelo aumento de sua seiva, durante os ardores do verão, que lá são extraordinários, e sem tal resfriamento, nada ali poderia crescer, exceto com muita dificuldade, por maior que seja esse calor, sopra pela manhã um vento leve que refresca a água que é haurida antes do nascer do sol; durante o inverno ela é tépida e o ar é tão temperado que um simples hálito leve basta, quando neva, nos outros lugares da Judéia. Esse país está distante de Jerusalém cento e cinqüenta estádios e sessenta, do Jordão. O espaço que vai até Jerusalém é pedregoso e deserto, embora o que se estende até o Jordão e o lago Asfaltite não seja tão elevado, não é menos estéril nem mais cultivado.

339. Eu penso ter mostrado suficientemente com quantos favores a natureza embelezou e enriqueceu as cercanias de Jerico; eu creio dever falar agora do lago Asfaltite. Sua água é salgada, imprópria para os peixes, e tão leve que as coisas, mesmo as mais pesadas, não afundam. Vespasiano teve vontade de lá ir e atirou à água alguns homens que não sabiam nadar com as mãos atadas às costas. Todos voltaram à tona, como se alguma força estranha os impelisse de baixo para cima. Não se poderia admirar que esse lago mude de cor três vezes ao dia, segundo os diversos aspectos do sol. Ele impele para vários lugares massas de betume, negras, que parecem touros sem cabeça e que nadam nas águas. Os do país, que navegam no lago, vão com barcas recolher esse betume e como ele é tão extremamente pegajoso, gruda de tal modo que só pode ser desligado com urina de mulher e com aquele mau sangue de que elas se desfazem de tempos em tempos. Esse betume não somente serve para calafetar os navios, mas entra também em vários remédios, próprios para muitas doenças. O comprimento desse lago é de quinhentos e oitenta estádios e ele se estende até Zoara, que está na Arábia. Sua largura é de cinqüenta estádios.

340. As terras de Sodoma, vizinhas deste lago e que outrora eram abundantes não somente em toda espécie de frutos, mas também muito

célebres por suas riquezas e pela beleza de suas cidades, agora só conservam a imagem espantosa daquele incêndio que a detestável impiedade de seus habitantes atraiu sobre ela, quando Deus, para castigar seus crimes, lançou do céu seus raios vingadores, que a reduziram a cinzas. Ali vemos ainda alguns restantes das cinco cidades abomináveis e suas cinzas malditas produzem frutos que parecem bons para se comer, mas apenas nós os apanhamos, reduzem-se logo a pó. Assim, não é somente pela fé que nos persuadimos desse horrível acontecimento; mas pode-se ainda constatá-lo com os próprios olhos.

CAPÍTULO 28

VESPASIANO COMEÇA A BLOQUEAR JERUSALÉM.

341. Vespasiano, querendo atacar Jerusalém por todos os lados, mandou construir fortes em jerico e Abida, onde colocou guamições, misturadas com tropas romanas e auxiliares, e mandou Lúcio Anio a Gerasa, com um corpo de cavalaria e de infantaria. Tomou a praça de assalto, matou ali uns mil homens, da defesa, que não puderam escapar, escravizou a todos os demais e deixou a cidade entregue ao saque dos soldados, que a incendiaram depois. Dali passou além. Os ricos fugiam; a morte era a herança dos que não tinham nem a força nem os meios para escapar, e os romanos incendiavam todos os lugares de que se apoderavam. Os montes bem como as planícies estavam destruídos pelas tempestades dessa guerra e os que estavam encerrados em Jerusalém eram obrigados a lá permanecer, porque os zelotes não permitiam sair aos que queriam ir se entregar a Vespasiano, e os que eram contra os romanos, vendo que toda a cidade estava rodeada por suas tropas, não ousavam se arriscar a cair em suas mãos.

CAPÍTULO 29

A MORTE DOS IMPERADORES NERO E GALBAFAZ VESPASIANO SUSPENDER SEU PROJETO DE SITIAR JERUSALÉM.

342. Vespasiano voltou a Cesaréia, a fim de se preparar para marchar com todas as suas tropas contra Jerusalém. Recebeu então a notícia da morte

do imperador Nero, depois de ter reinado treze anos e oito dias. Não direi em particular de que maneira esse príncipe desonrou seu reinado, confiando a direção dos negócios a Ninfídio e Tigelino, dois dos seus piores e dos mais infames libertos e de como tendo sido traído por eles e abandonado por seus guardas, fugiu para um arrabalde, com quatro dos seus libertos, que lhe permaneciam fiéis e ali se matou; de como no correr dos tempos os que tinham sido causa de sua ruína foram castigados; de como terminou a guerra das Cálias e Galba, depois de ter sido declarado imperador, foi da Espanha para Roma, mas os soldados, tendo-o acusado de covardia, mataram-no, no meio da grande praça; de como Otom, tendo sido elevado ao império, marchou com seu exército contra Vitélio. Não falarei também das perturbações durante o reinado de Vitélio, nem do combate ao pé do Capitólio, nem da maneira como Antônio Primo e Múcio depois de terem matado e derrotado as tropas alemãs, puseram termo à guerra civil. Como não posso duvidar de que vários historiadores, não somente romanos, mas também gregos, não tenham escrito mui exatamente de todas essas coisas, eu me contento de ter dito, nestas poucas palavras, o que não poderia ter omitido sem interromper a seqüência de minha história.

343. Vespasiano, ante essa notícia, susteve a marcha contra Jerusalém. Quis antes saber quem seria o sucessor de Nero e quando viu que o império tinha caído nas mãos de Galba, julgou dever adiar seu projeto, nada empreendendo, até receber suas ordens. Mandou para esse fim, Tito, seu filho, procurá-lo e prestar-lhe em seu nome suas primeiras homenagens. O rei Agripa quis fazer também a mesma viagem, para saudar o novo imperador, mas como era inverno e eles tinham embarcado em grandes navios, não tinham ainda passado a Acaia quando souberam que Galba tinha sido morto, depois de ter reinado somente sete meses e sete dias e que Otom o havia substituído. Essa mudança não impediu que Agripa continuasse com a mesma resolução de ir a Roma. Mas Tito, como inspirado divinamente, voltou logo para junto de seu pai, e com ele foi a Cesaréia.

Tão grandes e extraordinários movimentos, capazes de causar a ruína do império, mantinham todos os espíritos em suspensão e não se podia mais pensar na guerra da judéia, porque não se podia pensar em dominar os estrangeiros, quando se tinha tanto motivo de temer pela salvação da mesma

pátria.

CAPÍTULO 30

SIMÃO, FILHO DE GIORAS, COMEÇA POR SE TORNAR CHEFE DE UM BANDO DE LADRÕES, E REÚNE EM SEGUIDA GRANDES FORÇAS. OS ZELOTES ATACAM. ELE DERROTA-OS. TRAVA BATALHA COM OS IDUMEUS E A VITÓRIA FICA INDECISA. VOLTA CONTRA ELES COM FORÇAS MAIORES E TODO SEU EXÉRCITO É DESTRUÍDO PELA TRAIÇÃO DE UM DE SEUS CHEFES.

344. Entretanto, surgiu uma nova guerra entre os judeus. Simão, filho de Gioras, originário de Gerasa, não era tão astuto como João, que se tinha apoderado de Jerusalém, mas era mais jovem, mais forte e ainda mais ousado que ele. O sumo sacerdote Anano o tinha expulsado por esse motivo da toparquia de Acrabatana, de que ele era o governador e se havia juntado aos ladrões que haviam ocupado Massada. A princípio ele lhes era suspeito e permitiram-lhe somente ficar na fortaleza na parte inferior com as mulheres que havia levado, sem deixá-lo entrar na parte superior. Mas, pouco a pouco, pela conformidade de seus costumes, e tendo lhes parecido fiel, foi conquistando a confiança de todos, servindo-lhes de guia para saquearem as regiões circunvizinhas. Fez depois tudo o que pôde para levá-los a empresas maiores, mas inutilmente, porque considerando aquele lugar como um refúgio garantido, para eles, não queriam se afastar dali. Mas como ele era muito ambicioso e só aspirava a um governo tirânico, apenas soube da morte de Anano, foi aos montes, mandou publicar a todos que daria liberdade aos escravos e recompensas aos livres. Todos os que gostavam da desordem e da licença, imediatamente uniram-se a ele e, depois de lhes ter reunido um grande número, saqueou as aldeias dos arredores e dos montes. Suas tropas cresciam sempre e ele se atreveu a descer às planícies e tornou-se temível às cidades. Sua coragem e seus felizes êxitos levaram mesmo várias pessoas ilustres a se unirem a ele; suas tropas não eram somente compostas de escravos e de ladrões; havia ainda outros de boa posição, no meio do povo, e todos lhe prestavam obediência, como se ele fosse rei. Ele fazia incursões em Acrabatana e na alta Iduméia. Uma aldeia chamada Naim, que ele tinha rodeado de

muralhas, servia-lhe de refúgio; e além das cavernas que encontrou no vale de Faram, alargou algumas, para onde levava o produto de seus saques, todo o cereal e as frutas que roubava nos campos. Um grande número dos seus alojava-se nessas cavernas e não se podia duvidar de que tal quantidade de homens e de provisões não fosse feita com o fim de se servir de tudo contra Jerusalém.

345. Os zelotes, para impedi-lo e não permitir que se fortificasse ainda mais, saíram em grande número para atacá-lo. Ele veio corajosamente contra eles, combateu-os, matou a muitos e pôs os restantes em fuga.

346. Não se julgando ainda, entretanto, bastante forte para sitiar Jerusalém, quis antes de se arriscar em tão grande empresa, dominar a Iduméia; com esse fim, marchou contra ela com vinte mil homens. Os idumeus reuniram vinte e cinco mil soldados dos melhores e deixaram o restante para resistir às incursões daqueles ladrões, que estavam refugiados em Massada. Simão esperou-os na fronteira. Travou-se o combate que durou desde manhã até à noite, sem que se pudesse dizer de que lado pendia a vitória. Simão regressou em seguida a Naim e os idumeus, para suas terras.

Pouco tempo depois ele voltou com mais forças e acampou perto da aldeia de Técua; mandou Eleazar ao castelo de Herodiom, para persuadir aos que lá estavam que o entregassem a ele. Os chefes, antes de saber o motivo que o levava, receberam-no bem. Mas depois que lhes expôs a sua comissão, puseram mãos à espada para matá-lo; como ele não podia fugir, atirou-se do alto da muralha ao vale e morreu.

Os idumeus, temendo as forças de Simão, quiseram antes de travar combate, examinar o estado de suas tropas. Tiago, um de seus chefes, ofereceu-se para ir lá, a fim de atraiçoá-lo. Partiu da aldeia de Olura, onde seu exército estava reunido e prometeu a Simão entregar-lhe o país, contanto que ele garantisse com juramento tê-lo em grande consideração. Simão, depois de o ter tratado muito bem, despediu-o cheio de promessas. O traidor, de volta, começou por fazer crer aos principais da cidade que as forças de Simão eram muito maiores do que eram de verdade; procurou depois dispor todo o restante do exército a recebê-lo e a entregar em suas mãos a soberana autoridade antes que decidir-se a um combate; logo depois, pediu a Simão que avançasse em

seguida, com a promessa de destruir todo o exército dos idumeus. Simão partiu imediatamente; e quando esse pérfido homem o viu aproximar-se, fugiu com todos os do seu partido e lançou assim tal terror no exército, que todos só pensaram em fugir, como ele, sem ousar combater.

CAPÍTULO 31

DA ANTIGÜIDADE DA CIDADE DE CHEBROM NA IDUMÉIA.

347. Simão, entrando assim contra sua esperança na Iduméia, sem derramamento de sangue, atacou e tomou a cidade de Chebrom, onde encontrou grande quantidade de trigo e fez grandes presas. Os do país afirmam que ela não somente é a mais antiga da província, mas que precede mesmo em antigüidade a Mênfis, no Egito, e que há dois mil e trezentos anos fora construída. Acrescentam que Abraão, de quem os judeus são descendentes, lá tinha estabelecido sua morada depois que deixara a Mesopotâmia e que foi de lá que partiram seus descendentes para o Egito. Com efeito, lá vemos, ainda hoje, o que acabo de referir, gravado em pedaços de mármore, enriquecido ainda com vários ornamentos.

Vemos também a seis estádios dali, um terebinto de grande altura, que dizem ser tão antigo como o mundo.

CAPÍTULO 32

HORRÍVEIS DEVASTAÇÕES FEITAS POR SIMÃO NA IDUMÉIA. OS ZELOTES APODERAM-SE DE SUA MULHER. ELE VAI COM O EXÉRCITO ATÉ ÀS PORTAS DE JERUSALÉM, ONDE PRATICA INÚMEROS ATOS DE CRUELDADE E FAZ TANTAS AMEAÇAS, QUE SÃO OBRIGADOS A LHE DEVOLVER A MULHER.

348. Simão atravessou em seguida toda a Iduméia e não se contentava de destruir as cidades e as aldeias; detestava também os campos, porque além dos soldados que tinha, quarenta mil outras pessoas seguiam-no e não havia víveres suficientes para tanta gente. Mas sua crueldade natural, que era ainda aumentada pela ira que tinha contra os idumeus, não contribuía menos que o restante. Assim, nada mais se podia acrescentar à desolação daquela miserável

província; e um bosque não fica menos desprovido de folhas em suas árvores depois da passagem dos gafanhotos, do que a região que Simão atravessava com seu exército ficava desprovida absolutamente de tudo. Aquelas tropas desumanas saqueavam tudo, incendiavam tudo e sentiam prazer em pisar as terras semeadas, para torná-las ainda mais duras, do que se jamais tivessem sido cultivadas.

349. Estes atos de tão cruel hostilidade incitaram ainda mais os zelotes contra Simão; mas eles não ousaram declarar-lhe uma guerra aberta. Contentaram-se em armar-lhe ciladas em todos os caminhos e por esse meio prenderam sua mulher e vários domésticos. Levaram-nos a Jerusalém, com tanta alegria, como se o tivessem aprisionado a ele mesmo, alegrando-se com a esperança de que ele deixaria as armas, para reaver sua esposa. Mas a cólera de Simão superou-lhe a dor de vê-la escrava. Ele chegou até às portas de Jerusalém e como um animal feroz, quando não se pode vingar dos que o feriram, descarrega sua raiva sobre tudo o que encontra, ele apanhava a todos, moços e velhos, que saíam da cidade para colher ervas ou apanhar lenha e os mandava açoitar até morrer, com tanta crueldade que só faltava, ao seu furor, saciar-se com suas carnes, depois de lhes ter tirado a vida. Para horrorizar ainda mais seus inimigos e obrigar o povo a abandoná-los, mandou cortar as mãos a vários e nesse estado os tornou a mandar para a cidade, com ordem de dizer publicamente que ele tinha jurado por Deus vivo, que se eles não lhe restituíssem imediatamente sua esposa, ele entraria na cidade pela brecha e trataria a todos os habitantes do mesmo modo, como os havia tratado, sem distinção de idade e sem fazer diferença entre inocentes e culpados. Essas ameaças espantaram o povo de tal modo, e mesmo os zelotes, que eles lhe restituíram a mulher; acalmando-se assim sua cólera, ele deixou de cometer tantos assassínios.

CAPÍTULO 33

O EXÉRCITO DE OTOM FOI VENCIDO PELO DE VITÉLIO E AQUELE SUICIDA-SE. VESPASIANO AVANÇA PARA JERUSALÉM COM SEU EXÉRCITO E TOMA, DE PASSAGEM, DIVERSAS CIDADES. AO MESMO TEMPO CEREALIS, UM DOS SEUS PRINCIPAIS OFICIAIS, TAMBÉM TOMA OUTRAS.

350. Não era somente a Judéia que experimentava os males que causa uma guerra civil; a mesma Itália também os sentia ao mesmo tempo. Galba fora morto no centro de Roma, e Otom, declarado seu sucessor; mas as legiões da Alemanha escolhem Vitélio para a mesma honra e este disputa o império. Seus exércitos travam um combate perto de Bebriaque, na Gália Cisalpina. No primeiro dia o de Otom levou vantagem, mas no dia seguinte o de Vitélio, comandado por Valente e por Cesina, saiu vitorioso e destruiu um grande numero de inimigos. Otom ficou tão assustado que se matou em Bruxelas, depois de ter reinado somente três meses e dois dias. Os que tinham seguido seu partido entregaram-se a Vitélio, que já tomava o caminho de Roma, com seu exército.

351. Entretanto, Vespasiano, não querendo ficar mais tempo sem agir, partiu de Cesaréia a cinco de junho para ir contra os que restavam ainda, a fim de dominar toda a Judéia. Começou por se apoderar, nos montes, das toparquias de Gofnítida e de Acrabatana; tomou as cidades de Betei e Efrem, onde colocou guarnições; avançou em seguida para Jerusalém e matou, nessa marcha, um grande número de judeus.

352. Cerealis, um dos principais oficiais do seu exército, devastava, ao mesmo tempo, a alta Iduméia com um grande corpo de tropas. Tomou, de passagem, o castelo de Cafetra e cercou o de Cafarabem. Como essa praça era forte, ele pensou ficar ali por muito tempo, mas quando menos o esperava, os habitantes se entregaram. De lá foi a Chebrom, cidade antiga, de que acabamos de falar e que está nos montes, perto de Jerusalém; tomou-a de assalto, matou todos os que lá encontrou, saqueou-a e depois incendiou-a. Assim, todas as praças foram reduzidas ao domínio dos romanos, exceto Herodiom, Massada e Macherom, que ainda estavam ocupadas pelos revoltosos; nada mais restava a Vespasiano para pôr fim a essa guerra, que tomar Jerusalém.

Capítulo 34

Simão volta seu furor contra os idumeus e persegue até à portas de Jerusalém os que fugiam. Crueldade horrível e abominação dos galileus que estavam com João de Giscala. Os idumeus, que

HAVIAM ABRAÇADO O SEU PARTIDO, INSURGEM-SE CONTRA ELE, SAQUEIAM O PALÁCIO QUE ELE TINHA OCUPADO E OBRIGAM-NO A SE ENCERRAR NO TEMPLO. ESSES IDUMEUS E O POVO CHAMAM SIMÃO EM SEU AUXÍLIO CONTRA ELE E O SITIAM.

353. Depois que Simão reconquistou sua mulher voltou seu furor contra o que restava de idumeus. Perseguiu-os de tal modo, que estando reduzidos ao desespero, vários fugiram para Jerusalém. Ele os perseguiu até às muralhas e lá matou os que voltavam do campo, quando pretendiam entrar na cidade. Assim, Simão era, no exterior, mais temível aos habitantes do que os romanos, e os zelotes eram-no, no interior, muito mais que os romanos e Simão.

354. Por mais horrível que fosse sua desumanidade e seu furor, os galileus as aumentavam ainda mais e João inspirava-lhes novos meios de a praticar, pois nada havia que ele não lhes permitisse, como gratidão pelo favor que lhe haviam feito, tendo-o elevado a tão grande poder. Tudo o que se encontrava de mais precioso nas casas dos ricos não era suficiente para contentar à sua insaciável ambição. Matar os homens e ultrajar as mulheres era para eles um divertimento e um gracejo. Eles borrifavam suas presas com sangue e encontravam prazer na multiplicação dos crimes. Depois de se terem abandonado aos que são praticados pelos maus, eles se aborreciam com os mesmos, como muito ordinários e comuns; para satisfazer à sua abominável brutalidade, não tinham vergonha de procurar outros, que causavam horror à mesma natureza. Vestiam-se de mulheres, penteavam os cabelos, adornavam-se como elas e não as imitavam somente em suas vestes e adereços, mas até na impudência mais desavergonhada, superavam-nas ainda com ações de uma impudicícia abominável. Assim encheram Jerusalém de crimes execráveis, de tal modo que aquela grande cidade parecia um lugar público de prostituição, a mais detestável e a mais horrível de todas as infâmias. Mas ainda que esses monstros de impudicícia, de crueldade e de ambição tivessem rosto tão efeminado, suas mãos não estavam menos prontas a cometer assassínios. Ao mesmo tempo que andavam devagar e afetadamente eram vistos puxar de suas espadas de sob as vestes de diversas cores e assassinar os que encontravam. Os que podiam escapar das mãos de João, caíam nas de Simão e achavam que

ele ainda os superava em crueldade; depois de ter evitado o furor desse tirano doméstico, o outro que cercava a cidade fazia-os também perder a vida ,e os que desejavam fugir para os romanos não podiam fazê-lo.

355. Entretanto, os idumeus que tinham abraçado o partido de João, invejando seu poder e não podendo tolerar sua crueldade, insurgiram-se contra ele. Travou-se um combate, mataram a muitos dos dele, impeliram-no até quase o palácio, construído por Grapta, primo de Izate, rei dos adiabenianos, que João havia escolhido para sua residência e onde ele guardava todo seu dinheiro, como produto dos roubos e saques, que eram efeito de sua tirania; entraram lá com ele e o obrigaram a se retirar ao Templo; voltaram depois para saquear o palácio. Os zelotes então que estavam dispersos pela cidade, foram juntar-se aos que estavam no Templo e João preparava-se para dar um ataque ao povo e aos idumeus. Não era isso que eles temiam, porque os superavam de muito em número; seu único temor era que ele atacasse de noite e incendiasse a cidade. Reuniram-se para esse fim com os sacerdotes para deliberar o que deveriam fazer. Mas Deus confundiu seus desígnios, pois eles recorreram a um remédio muito mais perigoso que o mesmo mal. Resolveram receber Simão para opô-lo a João; mandaram Matias, sacerdote, rogar-lhe que entrasse na cidade e fizeram assim seu tirano àquele mesmo ao qual tanto tinham temido. Os que haviam fugido da cidade para evitar o furor dos zelotes uniram suas súplicas às de Matias, pelo desejo que tinham de voltar às suas casas e ao gozo de seus bens. Simão respondeu altivamente, e como senhor, que aceitava o seu pedido, entrou na cidade na qualidade de libertador e o povo recebeu-o com grandes aclamações; isto aconteceu no terceiro mês a que chamamos de Xantico. Vendo-se assim em Jerusalém, ele só pensou em consolidar a sua autoridade e não considerava menos como inimigos os que o haviam chamado, do que aqueles contra os quais eles haviam recorrido ao seu auxílio.

356. João, ao contrário, perdia as esperanças de salvação, porque se via encerrado no Templo e Simão tinha acabado de saquear tudo o que restava na cidade. Este, confortado com o auxílio do povo, atacou o Templo; mas os siti-ados, que se defendiam de cima dos pórticos e de outros lugares que haviam fortificado, repeliram-no, mataram e feriram a muitos dos dele, porque tinham a vantagem de combater de um lugar mais elevado e particularmente de quatro

grandes torres que tinham construído; a primeira entre o oriente e o norte; a segunda na galeria; a terceira no ângulo oposto à cidade baixa e a quarta no vértice de uma espécie de tabemaculo, chamado Pastoforio, onde segundo o costume de nossos antepassados um dos sacerdotes de pé, diante do sol posto, dizia, a som de trombeta, que o dia do sábado começava e na tarde seguinte terminava, e também declarava ao povo os dias que ele devia festejar e os em que devia trabalhar. Os sitiados tinham guarnecido essas torres com máquinas, arqueiros e fundibulários; tão grande resistência enfraqueceu o ardor dos que sitiavam. Mas Simão, confiando no grande número dos seus, não deixava de fazer seus homens avançarem, embora as máquinas dos sitiados lançassem dardos que matavam e feriam a muitos deles.

CAPÍTULO 35

DESORDENS CAUSADAS EM ROMA PELAS TROPAS ESTRANGEIRAS QUE VITÉLIO PARA LÁ HAVIA CONDUZIDO.

357. Enquanto o fogo assim ardia em Jerusalém, Roma sofria por seu lado os males de uma guerra civil. Vitélio lá havia chegado com seu exército, aumentado por um grande número de tropas estrangeiras; os lugares destinados para alojar os soldados não eram suficientes e eles se espalharam pelas casas e transformaram a cidade num acampamento. O brilho do ouro e da prata feriu de tal modo os olhos desses estrangeiros, pouco acostumados a ver tantas riquezas, que ardendo no desejo de possuí-las, não somente se puseram a saquear e a roubar, mas matavam mesmo a todos os que lhes queriam impedir a posse desses bens.

CAPÍTULO 36

VESPASIANO É DECLARADO IMPERADOR POR SEU EXÉRCITO.

358. Vespasiano, depois de ter devastado todas as terras dos arredores de Jerusalém, soube, ao seu regresso a Cesaréia, do que se passava em Roma e que Vitélio tinha sido declarado imperador. Essa notícia causou-lhe extrema indignação, pois embora ninguém soubesse melhor do que ele obedecer, tão

bem como comandar, ele não podia tolerar como senhor um homem que se havia apoderado do império, como se o mesmo tivesse sido exposto, como presa, ao primeiro que o quisesse ocupar. Tão sensível desprazer impressionou-o de tal modo, que já não lhe era possível pensar em empreendimentos estrangeiros, quando sua pátria se achava reduzida a tal estado. Mas embora ele ardesse no desejo de vingar o ultraje que a escolha de Vitélio fazia aos que mereciam muito mais do que ele ser elevados ao supremo poder, era obrigado a reter sua cólera, porque estava tão longe de Roma e o inverno retardava ainda mais sua marcha; além de que poderia acontecer outra novidade qualquer antes que tivesse chegado à Itália.

359. Quando tudo isso se passava no espírito de Vespasiano, os oficiais e os soldados de seu exército começaram a se preocupar livremente com os negócios públicos e a testemunhar abertamente sua cólera, porque as tropas que estavam em Roma, mergulhadas nas delícias, sem querer ouvir falar de guerra, dispunham como bem lhes aprazia do império e o davam àquele de quem esperavam obter mais dinheiro, ao passo que eles, depois de ter suportado tantas fadigas e envelhecido nas armas, eram tão covardes, que os deixavam tomar toda a autoridade, embora tivessem como comandante um homem digno do cargo. Acrescentavam que se eles deixassem escapar a ocasião de lhe testemunhar sua gratidão, pelo extremo afeto que tinha por eles, não podiam esperar encontrar outra semelhante. Que era tanto mais justo declarar-se por Vespasiano contra Vitélio, quanto os sufrágios em seu favor eram mais numerosos do que os sufrágios daqueles que tinham nomeado Vitélio, imperador, pois que eles não eram menos valentes e não tinham combatido em menor número de guerras do que as legiões que tinha trazido da Alemanha aquele usurpador para a capital do império e aquela escolha de Vespasiano não tinha contraditares, porque o Senado e o povo romano jamais se resolveriam a preferir as desordens de Vitélio à temperança de Vespasiano, e a crueldade de um tirano à clemência de um bom imperador; que eles não podiam também não ter em consideração o mérito tão extraordinário de Tito, porque nada pode manter a paz dos impérios como as eminentes virtudes dos soberanos. E assim, quer se considerasse a experiência que a velhice tem, quer o vigor da juventude, não se podia deixar de escolher Vespasiano, ou Tito, e não havia vantagem que

não se pudesse tirar dessa diferença de idade. Aquele admirável pai, daquele excelente filho, sendo chamado ao império não o fortificaria somente com três legiões e com as tropas auxiliares dos reis, mas também com todas as forças do Oriente, daquela parte da Europa que não temia Vitélio e dos que abraçavam o partido de Vespasiano na Itália, onde ele tinha seu irmão e o outro filho, o primeiro dos quais era prefeito de Roma, cargo assaz considerável, sobretudo no começo de um reinado, e o outro tinha tanto prestígio entre a juventude de mais ilustre nobreza, que muitos a ele se uniriam; e, por fim, se eles tardassem em declarar Vespasiano imperador, poderia acontecer que o Senado lhe concedesse aquela honra e eles teriam então a vergonha de não lha ter dado, embora nenhum outro fosse mais obrigado a isso do que eles, pois o haviam tido como chefe em tantas, tão grandes e gloriosas empresas.

Tais as palavras dos soldados: a princípio, apenas entre eles, em pequenos grupos, mas seu número crescia sempre e fortalecia-se o sentimento até que declararam Vespasiano imperador e pediram-lhe que aceitasse aquela dignidade para salvar o império do perigo que o ameaçava. Havia já muito tempo que aquele grande homem dirigia seus cuidados a tudo o que se referia ao bem público, mas embora ele não pudesse não se julgar digno de reinar, não tinha aquela ambição, porque preferia a segurança de uma condição particular, aos perigos inerentes àquele supremo cargo, que expõe os homens aos acidentes da fortuna. Assim, ele recusou a honra oferecida. Mas em vez de essa recusa amortecer o entusiasmo de seus chefes e soldados, eles insistiram ainda mais para que aceitasse e chegaram mesmo a puxar de suas espadas, ameaçando matá-lo, se ele se recusasse a ser o senhor do mundo. No entanto, ele continuou a resistir; vendo que não os podia persuadir, foi por fim obrigado a ceder às suas instâncias tão fortes e que lhe eram tão gloriosas.

CAPÍTULO 37

VESPASIANO COMEÇA POR SE APODERAR DE ALEXANDRIA E DO EGITO DE QUE TIBÉRIO ALEXANDRE ERA GOVERNADOR. DESCRIÇÃO DESSA PROVÍNCIA E DO PORTO DE ALEXANDRIA.

360. Depois dessa escolha de Vespasiano para o supremo cargo do

império, Múcio, os outros chefes de suas tropas e todo o exército rogaram-lhe que os levasse contra Vitélio. Mas ele quis antes apoderar-se de Alexandria, porque sabia que o Egito é uma parte considerável do império pela grande quantidade de trigo que produz, e esperava, se pudesse apoderar-se dele, que Roma preferiria expulsar Vitélio, do que se ver exposta à carestia, se se obstinasse em conservá-lo, além de que ele desejava fortalecer-se com as duas legiões que estavam em Alexandria.

361. Considerava também que tão poderosa província poder-lhe-ia ser de grande auxílio, contra as vicissitudes da fortuna, pois a região é de mui difícil acesso do lado da terra e sem portos do lado do mar. Tem por limites do lado do ocidente as terras áridas da Líbia, do lado do sul, Siené separa-a da Etiópia e as cataratas do Nilo fecham a entrada para os navios. Do lado do oriente, o mar Vermelho serve-lhe de defesa até a cidade de Coptom e do lado do norte, estende-se até à Síria e está como defendida pelo mar do Egito, onde não há um só porto. Dessa forma, parece que a natureza sentiu prazer em fortificá-lo de todos os lados. O espaço entre Pelusa e Siené é de dois mil estádios e o da navegação, desde Plintia até Pelusa é de três mil e seiscentos estádios. Os navios podem navegar no Nilo até a cidade de Elefantina, mas as cataratas de que acabamos de falar não lhes permitem passar além.

362. A entrada do porto de Alexandria é muito difícil para os navios, mesmo durante a calma, porque a passagem é muito estreita e rochedos escondidos no mar os obrigam a se desviar do curso. Do lado esquerdo um dique forte é como um braço que aperta o porto; ele é fechado do lado direito pela ilha de Faros, na qual construiu-se uma grandíssima torre, onde uma luz sempre acesa, cuja claridade se estende à distância de trezentos estádios, mostra aos marítimos o caminho que devem seguir. Para defender essa ilha da violência do mar, rodearam-na de cais cujos muros são muito espessos; mas quando o mar, em seu furor, se irrita pela oposição que encontra, as ondas, que se levantam umas sobre as outras, estreitam ainda mais a entrada do porto e o tornam mais perigoso. Depois de ter vencido estas dificuldades, os navios que chegam ao porto lá permanecem em grande segurança e sua extensão é de trinta estádios. Para lá se leva tudo o que pode faltar à felicidade dessa fértil província e de lá se tiram as riquezas de que ela é abundante, para espalhá-las

em todas as outras partes da terra.

363. Assim, não era sem motivo que Vespasiano, para consolidar sua autoridade, quisesse apoderar-se de Alexandria. Escreveu a Tibério Alexandre, que era seu governador, que o exército o havia elevado ao império, com tanto afeto e tanto ardor, que lhe havia sido impossível não aceitar a imposição e ele o escolhia para ajudá-lo a carregar tão grande peso. Apenas Alexandre recebeu essa carta fez as legiões prestar juramento e todo o povo também, em nome desse novo imperador. E eles o fizeram com muitíssima alegria, porque a maneira como Vespasiano os havia governado os tinha feito a todos admirar a sua virtude. Alexandre continuou do mesmo modo a se servir para o bem do império do poder que lhe tinha sido outorgado e procurou preparar todas as coisas necessárias para a recepção do novo soberano.

CAPÍTULO 38

INCRÍVEL JÚBILO QUE AS PROVÍNCIAS DA ÁSIA DEMONSTRAM PELA ESCOLHA DE VESPASIANO, PARA O IMPÉRIO. ELE PÕE JOSEFO EM LIBERDADE DE MANEIRA MUITO HONROSA.

364. Foi incrível a rapidez com que a notícia da escolha de Vespasiano para o trono do império se divulgou pelo Oriente e a alegria que causou esta notícia foi tão geral, que todas as cidades festejaram aquele dia e se ofereceram inúmeros sacrifícios para lhe desejar um feliz reinado.

365. As legiões que estavam na Moésia e na Hungria e que pouco antes se haviam revoltado contra Vitélio, porque não podiam tolerar sua insolência, prestaram juramento a Vespasiano, com demonstrações incríveis de afeto.

366. Quando ele voltou de Cesaréia a Berita vários embaixadores da Síria e das outras províncias, em nome de todas as cidades, ofereceram-lhe coroas, com cartas cheias de votos pela sua prosperidade. Múcio, governador da Síria, também veio procurá-lo parta trazer-lhe o protesto de afeto dos povos e do juramento que haviam feito de reconhecê-lo como imperador.

367. Este sábio príncipe, vendo que a fortuna secundava seus desígnios de tal sorte, que tudo lhe saía como ele poderia desejar, julgou que não fora sem uma determinação particular de Deus, que a providência o havia

conduzido por tantos e tão variados caminhos, até o cúmulo da grandeza, chegando mesmo a dominar sobre toda a terra. Vários sinais que lhe tinham sido preditos, voltavam-lhe agora à mente e de modo especial, que josefo não havia temido, mesmo quando Nero ainda vivia, afirmar-lhe que Deus o destinava ao império. Essa recomendação impressionou-o tanto que ele não pôde pensar, sem pasmar, que ainda o conservava prisioneiro. Reuniu Múcio, os comandantes de suas tropas e seus amigos particulares, falou-lhes do grande valor de josefo, das dificuldades que lhe havia criado no cerco de Jotapate e de como ele, sozinho, havia sido causa de que o assédio se prolongasse tanto e o tempo lhe havia demonstrado a veracidade das predições por ele feitas, de que ele chegaria ao trono do império e que no momento ele atribuía apenas ao temor; parecia-lhe vergonhoso conservar ainda por mais tempo, como escravo e na miséria, aquele de quem Deus se quisera servir para pressagiar-lhe tão grande felicidade, à qual se pode chegar neste mundo.

Depois de ter assim falado, mandou chamar Josefo e o pôs em liberdade. Essa generosidade comoveu vivamente a todos os seus oficiais. Julgaram que, tratando tão generosamente a um estrangeiro, imaginavam que tudo poderiam esperar de sua gratidão. Tito, que estava presente, disse-lhe: "É, Senhor, uma ação digna de vossa bondade, dar a liberdade a Josefo, livrando-o das suas cadeias. Mas parece-me que seria também digno de vossa justiça prestar-lhe a honra de quebrá-las, para restaurá-lo no estado em que ele estava, antes do seu cativeiro, pois é esta a maneira de que se usa, para com aqueles que foram injustamente postos em ferros". Vespasiano aprovou essa proposta. As cadeias foram quebradas e o efeito da predição de Josefo granjeou-lhe tal reputação de ser verdadeiro, que todos estavam dispostos a crer no que ele dissesse, para o futuro.

CAPÍTULO 39

VESPASIANO MANDA MÚCIO A ROMA COM UM EXÉRCITO.

368. Depois que Vespasiano conferenciou com todos os embaixadores e deu os vários postos de governo a pessoas cujo mérito as tornava dignas deles, foi para Antioquia. Seu primeiro desejo era ir a Alexandria, mas vendo que lá

tudo corria da maneira como desejava, julgou preferível voltar seus cuidados ao que se passava em Roma, onde Vitélio promovia agitações e podia embaraçá-lo muito mais. Mandou então para lá Múcio, com um exército, e como ele não podia sem grande perigo fazer essa viagem por mar, porque se estava no inverno, fê-lo tomar o caminho por terra, passando pela Capadócia e pela Frígia.

CAPÍTULO 40

ANTÔNIO PRIMO, GOVERNADOR DA MOÉSIA, MARCHA EM FAVOR DE VESPASIANO CONTRA VITÉLIO. VITÉLIO MANDA CESINA CONTRA ELE COM TRINTA MIL HOMENS. CESINA PERSUADE OS SEUS SOLDADOS A PASSAR PARA O LADO DE PRIMO. ELES, PORÉM, ARREPENDEM-SE E QUEREM MATÁ-LO. PRIMO OS DESBARATA E DIZIMA.

369. Nesse mesmo tempo, Antônio Primo, governador da Moésia, querendo marchar contra Vitélio, tomou a terceira legião que estava naquela província. Vitélio mandou Cesina com trinta mil homens contra ele; esse oficial merecia toda sua confiança, por causa da vitória que havia conquistado contra Otom. Partindo de Roma com seus soldados ele encontrou Primo perto de Cremona, cidade da Lombardia, província das Gálias, nos limites da Itália; mas apenas pôde avaliar as forças de Primo, sua ordem e disciplina, não se atreveu a travar combate. Vendo, além disso, quanto lhe seria perigoso recuar, julgou que seria melhor abandonar o partido de Vitélio para tomar o de Vespasiano. Reuniu os oficiais de seu exército e para persuadi-los a se entregar a Primo, disse-lhes que as forças de Vespasiano eram muito mais numerosas que as de Vitélio; que este, de imperador só tinha o nome, e o outro tinha ademais a virtude e o mérito; e como ele não estava em condições de resistir a tantas tropas, a prudência os obrigava a fazer voluntariamente o que eles não podiam deixar de fazer, porque Vespasiano podia sem eles tornar-se senhor das províncias que ainda não o reconheciam, ao passo que Vitélio não podia conservar as que estavam do lado dele. Cesina, com estas e outras razões, chegou a persuadi-los e passou em seguida para o lado de Primo. Mas na noite seguinte, os soldados do exército de Cesina impressionados com o que

acabavam de fazer e de medo do castigo, se Vitélio fosse vencedor, vieram de espada desembainhada a Cesina e o teriam matado se seus tribunos não tivessem se prostrado de joelhos, diante deles, para impedir-lho. Assim eles se contentaram em prendê-lo como traidor, para mandá-lo a Vitélio. Apenas Primo veio a sabê-lo marchou contra eles como contra desertores. Por algum tempo eles resistiram ao combate, mas depois fugiram para Cremona. Primo alcançou-os com sua cavalaria, não permitiu que lá entrassem, e tendo-os cercado de todos os lados matou um grande número deles, dispersou os demais e permitiu aos seus soldados que saqueassem a cidade. Vários habitantes e mercadores estrangeiros que lá se encontravam pereceram e todo o exército de Vitélio, em número de trinta mil e quinhentos soldados, foi completamente destruído e derrotado. Primo também ali perdeu quatro mil e quinhentos soldados, pôs Cesina em liberdade e o mandou levar ele mesmo a Vespasiano a notícia de tudo o que se tinha passado. Vespasiano louvou-o e apagou de seu espírito, com honras que ele não esperava, a vergonha de ter traído Vitélio.

Capítulo 41

Sabino, irmão de Vespasiano, apodera-se do Capitólio onde os soldados de Vitélio o atacam, prendem-no e o mandam a Vitélio que o mata. Domiciano, filho de Vespasiano, consegue escapar. Primo derrota em Roma todo o exército de Vitélio que é, depois, morto. Múcio chega, restabelece a calma em Roma, e Vespasiano é reconhecido por todos, como imperador.

370. Quando Sabino, irmão de Vespasiano, que estava em Roma, soube que Primo se aproximava, sua coragem cresceu ainda mais, pela notícia. Reuniu as companhias que montam guarda na cidade, durante a noite e apoderou-se do Capitólio. Logo que raiou o dia vários homens da nobreza juntaram-se a ele, dentre outros, Domiciano, seu sobrinho, que fazia, sozinho, mais do que todos os outros, esperar um feliz êxito naquela empresa. Vitélio, sem se intimidar pela aproximação de Primo, só pensou em descarregar sua cólera sobre Sabino e os que se tinham revoltado contra ele; ficou extremamente irritado e tão sedento de sangue que ardia de impaciência em

derramá-lo. Mandou então contra ele todos os seus soldados e houve mesmo de lado a lado grandes feitos de valor. Mas os alemães que eram muito mais numerosos que os outros, por fim venceram-nos. Domiciano e alguns dos mais ilustres escaparam como por milagre, mas todos os outros pereceram; Sabino foi levado a Vitélio que o mandou matar naquele mesmo instante. Os soldados saquearam os presentes ofertados aos deuses que estavam naquele Templo.

371. No dia seguinte Primo chegou com seu exército. O de Vitélio foi ao seu encontro e o combate travou-se em três lugares ao mesmo tempo, no centro de Roma. Todo o exército de Vitélio foi derrotado. Esse príncipe infame saiu completamente embriagado do palácio e no estado em que um homem se podia encontrar, que mesmo naquele transe, tendo segundo o costume ficado muito tempo à mesa do maior excesso de prazer que o luxo é capaz de inventar, não havia posto limites à sua gula. Arrastaram-no pela cidade e depois que o povo se saciou, fazendo-lhe toda a espécie de ultraje, ele foi por fim degolado. Só reinou oito meses e meio e se seu reinado tivesse sido mais longo, creio que todas as riquezas do império não teriam sido suficientes para as despesas de suas horríveis e incríveis manifestações de luxúria e devassidão. Houve ainda outros cinqüenta mil mortos e tudo isso aconteceu no dia três de outubro.

372. No dia seguinte, Múcio entrou em Roma com seu exército e conteve o furor dos soldados de Primo, que sem distinguir os culpados dos inocentes, procuravam e matavam nas casas os soldados que ainda restavam, do exército de Vitélio e os habitantes que o haviam seguido. Apresentou em seguida Domiciano ao povo e colocou a autoridade em suas mãos até a chegada do novo imperador, seu pai. Cessando então todo temor, todos proclamaram unanimemente a Vespasiano imperador e não se manifestou menor alegria em estar-se sujeito ao seu domínio, do que em se ter libertado do de Vitélio.

CAPÍTULO 42

VESPASIANO ORGANIZA TUDO EM ALEXANDRIA, E PREPARA-SE PARA, DURANTE A PRIMAVERA, VIR À ITÁLIA E MANDA TITO À JUDÉIA PARA TOMAR E DESTRUIR JERUSALÉM.

373. Vespasiano chegou a Alexandria e soube de todas as notícias de que

acabo de falar. E embora essa cidade seja, depois de Roma, a maior do mundo, era então pequena para receber os embaixadores que vinham de todas as partes da terra, manifestar-lhe regozijo pela sua elevação ao trono do império. Vendo então seu poder já bem consolidado, as perturbações em Roma bastante acalmadas e nada mais tendo a temer, julgou dever levar seus esforços para dominar e exterminar o restante da judéia. Assim, ao mesmo tempo em que se preparava para vir à Itália, no começo da primavera, depois de ter organizado todas as coisas em Alexandria, fez Tito, seu filho, partir com suas melhores tropas para se apoderar de Jerusalém e destruí-la.

374. Esse excelente príncipe partiu por terra até Nicópolis, distante somente vinte estádios de Alexandria, onde embarcou suas tropas em grandes navios, desceu ao longo do Nilo, pelas margens de Mendesina, até a cidade de Tamaim e desembarcou em Tanim. De lá foi a Heracléia e de Heracléia a Pelusa. Depois de aí ter ficado dois dias, para dar um pouco de descanso às tropas, marchou pelo deserto e acampou perto do Templo de Júpiter Casieno. No dia seguinte foi a Ostracina, lugar tão árido, que seus habitantes não têm outra água que a que lhes vem de outros lugares. Depois chegou a Rinocolura, onde ficou um pouco. De ali partiu para Rafia que é a primeira cidade da Síria, naquela fronteira, onde se deteve ainda alguns dias. Gaza foi o quinto lugar onde parou; de lá foi a Ascalom, a Jâmnia e a Jope, chegando a Cesaréia, com o fim de reunir ainda outras tropas.

Livro Quinto

Capítulo 1

Tito reúne em Cesaréia suas tropas, para marchar contra Jerusalém. O partido de João de Giscala se divide em dois; Eleazar, chefe desse novo partido, ocupa a parte superior do Templo. Simão, por outro lado, era senhor da cidade e havia ao mesmo tempo então em Jerusalém três partidos que se guerreavam mutuamente.

375. Depois que Tito, como vimos, atravessou os desertos que estão entre o Egito e a Síria, chegou a Cesaréia para ali reunir novas tropas. Enquanto ainda estava em Alexandria, onde, com Vespasiano, seu pai, ocupava-se em organizar todos os interesses da cidade e do império que Deus lhes havia entregado, formou-se em Jerusalém um terceiro partido. Todos eram inimigos e devia-se antes considerar como um bem, que como um mal, essa oposição entre eles, pois é para se desejar que os maus se destruam uns aos outros.

Vimos, pelo que acabo de relatar, o início e o crescimento progressivo do partido dos zelotes, que tendo usurpado o poder foram a primeira causa da ruína de Jerusalém. Este partido dividiu-se e produziu um terceiro, como um animal feroz, que volta seu furor contra si mesmo, quando, em sua raiva, não encontra nada que lhe possa resistir.

Eleazar, filho de Simão, que desde o princípio havia, no Templo, incitado os zelotes contra o povo, não sentia menor prazer do que João em manchar suas mãos de sangue; e como ele não podia tolerar sem ira que ele se tivesse apoderado do governo, porque ele também o desejava, separou-se dele, com o pretexto de não poder suportar por mais tempo sua ousadia e insolência. Judas, filho de Chelsias, e Simão, filho de Efrom, ambos homens de posição, e Ezequias, filho de Chobaro, que era de ilustre família, juntaram-se a ele e cada um, seguido por muitos zelotes, ocupou a parte interna do Templo e colocou suas armas sobre as portas sagradas, com a persuasão de que nada lhes faltaria, porque se faziam oblações contínuas, as quais sua impiedade não

receava empregar para usos profanos. Sua única pena era não serem em grande número, para poder empreender algo. João, ao contrário, possuía muitos homens; mas eles tinham sobre ele a vantagem da elevação do lugar que o continha de tal modo, que ele não se deixava levar pelo ardor a atacá-los. Mas não podia conter-se totalmente, embora se retirasse sempre com perdas; o Templo estava todo conspurcado por assassínios.

376. Por outro lado, Simão, filho de Cioras, que o povo, no desespero, havia chamado em seu auxílio e não tivera receio em receber como tirano, tendo ocupado a cidade alta e a maior parte da cidade baixa, atacava João, tanto mais corajosamente quanto o via empenhado também em sustentar a luta conta Eleazar. Mas como João tinha as mesmas vantagens sobre Simão, que Eleazar tinha sobre ele, porque assim como a parte exterior do Templo era dominada pela superior, ela dominava a cidade e ele não tinha grande dificuldade em repelir Simão; empregava para se defender de Eleazar longos pedaços de pau e máquinas que atiravam pedras. E por esse meio não somente matava muitos partidários de Eleazar, mas também muitas pessoas que vinham oferecer sacrifícios. Ainda que não houvesse impiedade que a raiva daqueles malvados não os levasse a cometer, não recusavam a entrada dos santos lugares aos que vinham para oferecer sacrifícios, mas antes os faziam esbulhar por pessoas destinadas por eles a esse fim, embora fossem judeus; os estrangeiros, quando se julgavam em segurança depois de ter achado alguma complacência entre aqueles homens furiosos, eram mortos pelas pedras que as máquinas de João atiravam, cujos golpes chegavam até o altar e matavam os sacerdores, com os que estavam oferecendo os sacrifícios. Viam-se assim pessoas que vinham dos extremos do mundo, para adorar a Deus naquele lugar sagrado, cair mortas com suas vítimas e banhar com seu sangue o altar, cultuado não somente pelos gregos, mas ainda pelas nações mais bárbaras. Via-se esse sangue correr em rios de corpos feridos tanto dos sacerdotes, como dos outros, dos originários do país, como dos estrangeiros, de que aqueles lugares santos estavam cheios.

CAPÍTULO 2

O AUTOR DEPLORA A DESGRAÇA DE JERUSALÉM.

377'. Cidade infeliz, que sofreste de semelhante, depois que os romanos, entrando pela brecha, reduziram-te a cinzas, para purificar com o fogo, tantas abo-minações e crimes que atraíram sobre ti os raios da vingança de Deus? Poderias continuar a ser o lugar adorável, onde ele tinha estabelecido sua morada e ficar impune, depois de ter pela mais sangrenta e cruel guerra civil, como nunca se viu, feito de seu Templo, o sepulcro de teus concidadãos? Não desesperes, porém, em acalmar sua cólera, contanto que teu arrependimento iguale a enormidade de tuas ofensas. Mas devo conter meus sentimentos, pois que a lei da história em vez de me permitir deter-me para chorar minhas desgraças, obriga-me a apresentar a seqüência dos tristes efeitos de nossas funestas divisões.

CAPÍTULO 3

DE QUE MODO ESSES TRÊS PARTIDOS OPOSTOS AGIAM EM JERUSALÉM, UNS CONTRA OS OUTROS. INCRÍVEL QUANTIDADE DE TRIGO QUEJOI QUEIMADA E QUE PODERIA TER IMPEDIDO A CARESTIA, QUE CAUSOU A QUEDA DA CIDADE.

378. Esses três partidos opostos agiam uns contra os outros em Jerusalém, desta maneira: Eleazar e os seus, que tinham a custódia das primícias e das oblações santas, estando o mais das vezes embriagados, atacavam João. João fazia incursões contra Simão e contra o povo que o ajudava com víveres, contra ele e contra Eleazar. E se acontecia de ser atacado ao mesmo tempo por Eleazar e por Simão ele dividia suas forças, repelia a golpes de dardos de cima dos pórticos do Templo, os que vinham do lado da cidade e voltava suas máquinas contra os que lhe lançavam dardos dos lugares mais elevados do Templo; quando, porém, Eleazar os deixava em sossego, como acontecia freqüentemente, por cansaço ou porque se entregavam à bebedeira, ele fazia muitas outras incursões contra Simão. Quando obrigavam os seus a fugir, ele incendiava as casas, onde podia entrar embora estivessem cheias de trigo e de outras provisões, e logo que se retirava, Simão, por sua vez, o perseguia. Assim eles destruíam o que havia sido preparado para se sustentar um assédio e que era como o nervo da guerra que lhes iria pesar sobre os ombros, como se estivessem conspirando em favor dos romanos, aos quais

tornariam mais fácil apoderar-se daquela importante praça.

379. Para maior desgraça ainda tudo o que estava nas imediações do Templo foi queimado, com exceção de uma pequeníssima parte do trigo que tinha sido ajuntado, em tão grande quantidade, que teria sido suficiente para se sustentar o cerco durante vários anos e impedir a carestia que foi por fim, causa da queda da o cidade. O mesmo incêndio reduziu a cinzas o que estava entre João e Simão, e o que se poderiam considerar como dois campos opostos tornou-se em um campo de batalha, sendo nossa pátria forçada a dar a culpa de tudo ao furor de seus filhos desnaturados, que eram a causa de sua ruína.

CAPÍTULO 4

ESTADO DEPLORÁVEL EM QUE JERUSALÉM SE ENCONTRAVA. A QUE CÚMULO DE HORROR CHEGAVA A CRUELDADE DESSES FACCIOSOS.

380. No meio de tantos males que afligiam Jerusalém de todos os lados e que tornavam aquela infeliz cidade como um corpo exposto ao furor das feras mais cruéis, os velhos e as mulheres suspiravam pelos romanos e desejavam ser libertados por uma guerra estrangeira, das misérias que aquela guerra doméstica os fazia sofrer. Jamais desolação foi maior do que a daqueles infelizes habitantes; qualquer resolução que eles tomavam, não achavam meio de a executar; nem podiam fugir, porque todas as passagens estavam guardadas; os chefes desses partidos tratavam como inimigos e matavam a todos os de que suspeitavam querer se entregar aos romanos e a única coisa em que estavam de acordo, era dar a morte aos que mais mereciam viver. Ouviam-se dia e noite os gritos dos que lutavam, uns contra os outros; por maior impressão que causasse o medo nos espíritos, os lamentos dos feridos feriam-nos ainda mais; tantas desgraças davam sem cessar novos motivos de aflição, mas o temor sufocava as palavras e por uma cruel imposição retinha os suspiros no coração; os servidores haviam perdido todo o respeito por seus senhores; os mortos eram privados da sepultura, todos se descuidavam de seus deveres porque não havia mais esperança de salvação; a horrível crueldade daqueles facciosos chegou a incríveis excessos: eles faziam montes de corpos dos que haviam matado, espezinhavam-nos e deles se serviam como de um

campo de batalha onde combatiam, com tanto furor, que a vista de tão espantoso espetáculo, obra de suas mãos, aumentava ainda o fogo da ira que lhes incendiava o coração.

CAPITULO 5

JOÃO PROCURA CONSTRUIR TORRES COM A MADEIRA PERTENCENTE AO TEMPLO.

381. João não teve vergonha de usar, para se fortificar, o material preparado para usos santos. O povo e os sacerdotes deliberaram construir arcobotantes, para sustentar as arcadas do Templo e elevá-lo vinte côvados mais; para isso o rei Agripa havia feito vir do monte Líbano com muitas dificuldades e despesas, toras de madeira de comprimento e grossura extraordinários; mas viera a guerra e a obra fora interrompida. João mandou serrar essa madeira no comprimento que ele julgou necessário para construir torres que os pudessem defender contra Eleazar. Colocou-as no circuito das muralhas contra o salão que estava do lado do ocidente e não podia colocá-las em outro lugar, porque estavam ocupados por degraus. Ele esperava por meio dessas obras, fruto de sua impiedade, vencer os inimigos; mas Deus confundiu seu desígnio e tornou seu trabalho inútil, trazendo os romanos antes que ele as tivesse terminado.

CAPÍTULO 6

TITO, DEPOIS DE TER REUNIDO SEU EXÉRCITO, MARCHA CONTRA JERUSALÉM.

382. Depois que Tito reuniu uma parte de seu exército e ordenou ao restante que se dirigisse ao mesmo tempo que ele para Jerusalém, foi a Cesaréia. Tinha além das três legiões que haviam servido sob o imperador, seu pai, e devastado a Judéia, a décima segunda, que não somente era composta de ótimos soldados, mas ainda se lembravam dos infelizes resultados sob o comando de Céstio e esperavam o momento de se vingar de tal afronta. Tito ordenou à quinta legião que marchasse, passando por Emaús; à décima, que passasse por Jerico, e se pôs em marcha, com as outras duas, os socorros dos reis, mais fortes do que haviam sido até então, e com um grande número de

sírios. Para substituir os homens que Vespasiano tinha tirado daquelas quatro legiões e feito passar à Itália, sob o comando de Múcio, ele se serviu de uma parte dos dois mil homens escolhidos no exército de Alexandria, que ele tinha levado consigo, três mil outros vinham ao longo do Eufrates e Tibério Alexandre os seguia. Era um homem de grande mérito e tão sábio que ocupava o primeiro lugar entre seus amigos. Fora governador do Egito e o primeiro que havia demonstrado afeto pelo Império Romano, quando começava a se estender por aquelas partes, sem que a incerteza dos acontecimentos da sorte tivesse jamais podido abalar sua fidelidade. Ele tinha, além disso, tal capacidade para os assuntos da guerra e sua idade lhe havia granjeado tanta experiência, que tão excelentes qualidades, unidas juntamente, faziam-no merecedor, mais de que qualquer outro, de um grande posto de comando.

383. Quando Tito avançou, em terras inimigas, conservou esta ordem na marcha: Por primeiro vinham as tropas auxiliares; seguiam-nas os operários para preparar as estradas. Depois vinham os que estavam encarregados de demarcar os limites do acampamento. Atrás destes, as bagagens dos chefes, com sua escolta. Logo depois vinha Tito, acompanhado por seus guardas e outros soldados escolhidos; atrás dele, um corpo de cavalaria, que estava à frente das máquinas. Os tribunos e os chefes das coortes seguiam também acompanhados por soldados escolhidos. Logo depois vinha a águia rodeada pelas insígnias das legiões, precedida por trom-betas. Os corpos de batalha como marchavam os soldados seis a seis, vinham em seguida. Os servos das legiões estavam atrás, com a bagagem; os que traziam os víveres e os operários com tropas especiais para sua guarda fechavam a marcha. Tito, caminhando nessa ordem segundo o costume dos romanos, chegou, pela Samaria, a Gofna que era a primeira praça que Vespasiano, seu pai, tinha tomado e onde havia uma guamição. Dali partiu no dia seguinte pela manhã e foi acampar em Acantonaulona, perto da aldeia de nome Gaba de Saul, isto é, a colônia de Saul, distante trinta estádios de Jerusalém.

CAPÍTULO 7

TITO PARTE PARA EXPLORAR JERUSALÉM. FURIOSO ATAQUE QUE O SURPREENDE. SEU INCRÍVEL VALOR SALVA-O, COMO POR MILAGRE, DE TÃO GRANDE PERIGO.

384. Ao partir de Acantonaulona, Tito avançou com seiscentos cavaleiros escolhidos, para explorar Jerusalém e observar as disposições dos judeus; sabendo que o povo desejava a paz, para se libertar da tirania daqueles facciosos, e que nada, senão a sua fraqueza impedia sacudir-lhe o jugo, ele julgava que sua presença poderia talvez fazê-lo resolver-se a se entregar antes de se vir às armas. Enquanto caminhava pela estrada que leva à cidade, ninguém apareceu nas trincheiras nem nas torres; mas quando estava próximo à de Psefinom, os judeus saíram em grande número pela porta que está em frente do sepulcro de Helena, do lado, chamado da torre das mulheres, cortaram-lhe a cavalaria e impediram aos últimos unirem-se aos que estavam na frente. Assim Tito, com alguns dos seus, ficou separado do restante dos soldados, sem poder avançar, porque até os muros da cidade havia apenas cercas, fossos, sebes de jardins, e sem poder voltar para junto dos outros que tinham ficado para trás, porque aquele grande número de inimigos estava entre eles, e os seus homens, que ignoravam o perigo em que estava, julgavam que ele se havia retirado, por isso só pensavam em se retirar para segui-lo. Em tão grave perigo, o grande príncipe, vendo que toda esperança de sua salvação estava em sua coragem, incitou seu cavalo para o meio dos inimigos, abriu passagem com a espada e gritou aos seus que o seguissem. Vimos então, que as vicissitudes da guerra e a conservação dos soberanos pertencem a Deus, unicamente. Embora Tito não estivesse armado, porque não tinha vindo para combater, mas apenas para fazer um reconhecimento, nenhum daquele número infinito de dardos que foram lançados o atingiu; todos passavam além, como se um poder invisível tivesse o cuidado de desviá-los. No meio daquela nuvem de dardos e de flechas o grande príncipe derrubava tudo o que aparecia na sua frente e avançava sempre. Tão extraordinário valor atraiu toda a atenção dos judeus que bradavam que não o deixassem passar e com muitos gritos animavam-se a cortar-lhe a retirada; mas como se ele tivesse raios nas mãos, de qualquer lado que voltasse a cabeça, ele os punha logo em fuga. Os seus, que vinham com ele naquele perigo, julgando também que o único meio de se salvar era atravessar pelo meio dos inimigos, não o abandonaram e seguiram-no sempre de perto. Um deles foi morto, seu cavalo, também; outro foi

derrubado e morto e seu cavalo capturado. Tito sem se ferir escapou, chegando ao seu acampamento com o restante dos homens.

Aquela pequena vantagem obtida pelos judeus aumentou-lhes a coragem; lisonjeou-os com a esperança, para o futuro, a qual, bem depressa, se viu ser totalmente vã.

CAPÍTULO 8

TITO FAZ SEU EXÉRCITO APROXIMAR-SE AINDA MAIS DE JERUSALÉM.

385. Na noite seguinte a legião que estava em Emaús chegou a Tito ao despontar do dia, chegando até Scopos, distante de Jerusalém apenas sete estádios do lado do norte, de onde se pode, de um lugar baixo, contemplar a beleza da cidade e a magnificência do Templo. Ele ordenou a duas legiões que construíssem o acampamento; quanto à terceira, porque estava cansada da marcha que fizera durante a noite, ordenou que acampasse três estádios mais adiante, a fim de fortificar-se sem temor de ser perturbada pelos inimigos, em seu trabalho. Essas três legiões haviam apenas executado as ordens, quando a décima chegou de Jerico, onde Vespasiano, depois de ter tomado aquela praça, tinha posto uma parte de suas tropas como guarnição. Tito ordenou-lhe que acampasse a seis estádios de Jerusalém, do lado do oriente e do monte das Oliveiras, que está em frente da cidade, separada pelo vale do Cedrom.

CAPÍTULO 9

AS DIVERSAS FACÇÕES QUE ESTAVAM EM JERUSALÉM REÚNEM-SE PARA COMBATER OS ROMANOS E FAZEM UMA TÃO VIOLENTA ARREMETIDA CONTRA A DÉCIMA LEGIÃO QUE A OBRIGAM A ABANDONAR O ACAMPAMENTO. TITO VEM EM SEU AUXÍLIO E A SALVA DO PERIGO, COM SEU VALOR.

386. Tão grande guerra estrangeira abriu os olhos daqueles que antes só pensavam em se arruinar e se destruir por uma guerra doméstica. Esses três diferentes partidos que estraçalhavam as entranhas da capital da Judéia, vendo, com espanto, os romanos fortificarem-se de tal modo, reuniram-se. Perguntavam-se reciprocamente o que eles pretendiam fazer. Se estavam resolvidos

a tolerar que os romanos acabassem de erguer três fortes para vencê-los. Se, vendo diante de seus próprios olhos uma tão grande guerra prestes a se desencadear, eles se contentariam de ser apenas espectadores; julgariam que lhes seriam muito vantajoso e muito honroso ficar de braços cruzados encerrados dentro de suas muralhas, como se não tivessem nem armas para se defender, nem mãos para usá-las. A esse respeito, um deles exclamou: "Não demonstraremos então ter coragem para empregá-la somente contra nós mesmos e será de mister que nossa divisão torne os romanos senhores desta poderosa cidade, sem que lhes venha a custar uma gota de sangue?" Outros uniram-se a eles e todos tomaram as armas imediatamente, deram um ataque no vale contra a décima legião, e soltando grandes gritos atacaram-na, quando ela estava ocupada ativamente em fortificar seu acampamento com um muro. Como os romanos não imaginavam que os judeus pudessem ser tão ousados para realizar semelhante empresa, nem mesmo quando tivessem intenção de fazê-lo, sua divisão não lhes permitiria executá-la, a maior parte havia deixado as armas, para somente pensar em adiantar os trabalhos que haviam empreendido. Assim, ficaram fora de si, de surpresa com tão repentina incursão e para a qual não estavam preparados. Todos abandonaram as obras: uma parte retirou-se e os outros, correndo para tomar as armas, foram feridos pelos judeus, antes que se pudessem reunir para enfrentá-los. Outros judeus, animados pelo bom êxito e pela coragem dos seus, uniram-se a eles; embora seu número não fosse muito grande, sua boa sorte o aumentava em seu espírito, bem como no dos romanos. Embora estes estivessem acostumados a combater com grande ordem e fossem muito peritos na arte da guerra, uma tão imprevista arremetida perturbou-os de tal modo, que os fez recuar. Não deixaram, porém, ainda que atacados e perseguidos, de enfrentá-los, de deter os que podiam e de matar ou ferir os que se afastavam muito dos outros. Mas o número dos inimigos crescia sempre; sua perturbação foi tão grande que eles abandonaram o acampamento e toda a legião corria risco de ser dizimada, se Tito, que fora avisado, não lhes tivesse trazido pronto auxílio.

Trouxe consigo os soldados de que dispunha no momento, censurou os fugitivos pela sua covardia, fê-los voltar ao combate, atacou os judeus de flanco, matou muitos deles, feriu ainda muitos mais, pô-los todos em fuga e os

obrigou a se retirarem em grande desordem para o vale. Eles perderam muitos homens até poderem alcançar o outro lado do mesmo e então pararam; o fundo do vale estava entre os romanos e eles, e assim combateram de longe durante a metade do dia. Um pouco depois do meio-dia, Tito, para reforçar a legião, lá deixou as tropas que tinha trazido em seu auxílio com algumas coortes, para se oporem aos inimigos, e os mandou de novo trabalhar nos muros, como ele havia determinado para fortificar o acampamento que estava construindo no alto do monte.

CAPÍTULO 10

OUTRO ATAQUE DOS JUDEUS, TÃO FURIOSO, QUE, SEM O VALOR DE TITO, TERIA DESBARATADO UMA PARTE DE SUAS TROPAS.

387. Aos judeus pareceu verdadeira fuga aquele recuo dos romanos e a senti-nela que estava na muralha deu-lhes um sinal, agitando o manto; então, eles os atacaram em tão grande número e com tal impetuosidade que mais pareciam animais furiosos, que homens. Os romanos não puderam sustentar tão grande ataque e, como se tivessem sido esmagados pelos golpes das máquinas mais temíveis, procuravam desordenadamente alcançar o alto do monte. Tito resistiu-lhes com um pequeno número de seus soldados, os quais por maior que fosse o perigo, não quiseram abandonar seu general, mas rogaram-no que cedesse ao furor daqueles homens desesperados que só buscavam a morte e não arriscasse uma experiência tão preciosa como a sua, contra homens cuja vida era tão pouco importante e que se lembrasse de que era o chefe daquela guerra e que a grandeza de sua fortuna o tornava senhor do mundo e não lhe era permitido expor-se, como um simples soldado, pois toda a salvação de seu exército repousava em sua pessoa; não havia vantagem nenhuma em se obstinar por mais tempo no perigo em que aquela desordem o colocava. O grande príncipe, sem escutar estas considerações, atacou os inimigos com tanta violência que matou muitos, deteve-lhes o ímpeto e os repeliu até o sopé do monte. Tão prodigiosa coragem deixou-os atônitos, mas não os pôs em fuga, para os fazer voltar à sua cidade. Procuravam somente evitar encontrá-lo e perseguiam, à direita e à esquerda, os romanos que fugiam.

Não puderam, entretanto, evitar os ataques de Tito. Eles os feriu de flanco, e os deteve ainda.

No entanto, os romanos que fortificavam seu acampamento do alto do monte, vendo os companheiros que estavam mais abaixo fugir, não duvidaram de que Tito tivesse sido obrigado a se retirar, pois não o teriam abandonado. Assim, julgando que era impossível sustentar tão grande ataque dos judeus, foram tomados de tal pânico, que, sem conservar mais nenhuma ordem, toda a legião debandou e eles fugiram, quer para um lado, quer para outro, até que alguns viram Tito, lutando no meio dos inimigos e seu receio por ele, fê-los avisar a toda a legião, em que perigo ele se encontrava. Envergonhados por terem abandonado seu general, o que era para eles uma censura ainda maior que a de ter fugido, atacaram os judeus com tanta fúria, que os obrigaram a retroceder, desbarataram-nos em seguida, e os levaram até a cidade. No entanto, embora obrigados a fugir, não deixavam de se defender, na retirada; mas os romanos tinham a vantagem de combater de um lugar mais elevado; obrigaram-nos, por fim, a se encerrarem no fundo do vale. Tito, por seu lado, atacava continuamente os que tinha por diante; ordenou à legião, depois do combate, que retomasse seu trabalho. Para dizermos a verdade, sem nada acrescentarmos por gracejo, nem diminuirmos pela inveja, posso dizer que aquela legião, ficou naquele mesmo dia deve-dora de sua salvação à coragem de tão exímio general.

CAPÍTULO 11

JOÃO APODERA-SE, DE SURPRESA, DA PARTE INTERIOR DO TEMPLO, QUE ERA OCUPADA POR ELEAZAR, E ASSIM, OS TRÊS PARTIDOS QUE ESTAVAM EM JERUSALÉM REDUZEM-SE A DOIS.

388. Os atos de hostilidade cessaram por momentos na parte exterior de Jerusalém e por isso recomeçou uma guerra no seu interior. A quatorze de abril, quando os judeus celebram a festa da Páscoa, em memória da libertação da escravidão do Egito, Eleazar mandou abrir a porta do Templo para receber as pessoas do povo que quisessem vir adorar a Deus. João serviu-se dessa ocasião para executar uma empresa que sua impiedade lhe havia sugerido.

Ordenou a alguns dos seus, que eram menos conhecidos e dos quais a maior parte era constituída de profanos e não se importava de se purificar, que escondessem as espadas sob as vestes e se misturassem com os que iam ao Templo. Apenas lá entraram, tiraram os mantos e se apresentaram armados; suscitou-se imediatamente perturbação e tumulto, e, ante tal estupefação o povo pensou que era um atentado contra ele; mas os do partido de Eleazar compreenderam que era a eles que se visava. Os que estavam encarregados da guarda das portas, abandonaram-nas; outros, sem ousar colocar-se na defensiva, desceram dos lugares que haviam fortificado para se esconder nos esgotos, e o povo, que se havia retirado para junto do altar e em redor do Templo, era calcado sob os pés, feridos a pauladas, e muitos foram mortos à espada. Aqueles assassinos tomavam como pretexto vingar-se dos inimigos que eram do partido contrário; era suficiente ter ofendido a qualquer um deles, para não poder evitar a morte. Depois de assim se terem apoderado da parte interior do Templo, os três partidos ficaram reduzidos somente a dois, e João continuou mais atrevidamente ainda a fazer guerra a Simão.

CAPÍTULO 12

TITOFAZ APLAINAR O ESPAÇO QUE IA ATÉ OS MUROS DE JERUSALÉM. OS FACCIOSOS, FINGINDO QUERER ENTREGAR-SE AOS ROMANOS, FAZEM QUE VÁRIOS SOLDADOS SE EMPENHEM TEMERARIAMENTE EM UM COMBATE. TITO PERDOA-LHES E ESTABELECE SEUS QUARTÉIS PARA COMPLETAR O CERCO.

389. Tito, entretanto, querendo fazer suas tropas avançar para Jerusalém, as quais estavam em Scopos, determinou quanto julgava necessário para se opor às incursões dos inimigos; com outros soldados aplainou o espaço que se estendia até os muros da cidade. Mandou derrubar todas as cercas e todas as sebes que rodeavam os jardins e as propriedades; cortou todas as árvores, sem mesmo excetuar as que produziam frutos; encheu os lugares fundos e vazios, as fossas e os vales; rebentou as rochas, aplainou, enfim, toda a região que ia de Scopos até o sepulcro de Herodes e o tanque das serpentes, antigamente chamado Betara.

390. Por seu lado os judeus organizaram um plano para atacar os

romanos. Os mais corajosos dentre eles foram, além das torres, chamadas as torres das mulheres, dizendo que os partidários da paz os haviam expulsado da cidade e eles se haviam retirado àquele lugar para se esconder, com medo dos inimigos. Outros do seu partido, fingindo serem da cidade, gritavam do alto das defesas, que desejavam a paz com os romanos e a pediam; diziam estar prontos a lhes abrir as portas e os convidavam a vir. Para melhor conseguir enganá-los lançavam pedras contra alguns, que fingiam querer impedi-los de sair e depois de aparentemente ter feito passagem à força, vieram ter com os romanos e mostraram-se ao voltar, muito temerosos. Os soldados, enganados por esse ardil, julgavam-se já donos da praça; queriam invadir a cidade e vingar-se dos inimigos; mas sua proposta era suspeita a Tito, que nela não viu fundamento algum, porque, tendo no dia precedente, por meio de Josefo, feito sua proposta aos judeus, para um acordo, não os havia encontrado dispostos a aceitá-la. Por isso ordenou aos soldados que não abandonassem seus postos. Mas alguns deles, que estavam encarregados de adiantar o trabalho, tendo já tomado as armas, correram para as portas da cidade. Os judeus que fingiam ter sido expulsos, deixaram-nos passar; quando eles chegaram às torres, perto da porta, atacaram-nos por trás; nesse mesmo tempo os que estavam nas muralhas e nas defesas os cobriram com uma chuva de pedras e de dardos. Assim conseguiram matar muitos, ferindo também vários outros, porque não lhes era fácil se retirar uma vez que eram também atacados por trás, além de que a vergonha de ter desobedecido a seu general e o temor do castigo os faziam persistir na falta. Por fim, depois de um grande combate e de terem por sua vez causado muitas baixas entre os inimigos, mas também terem perdido muitos homens, conseguiram abrir caminho entre os que lhes cortavam a retirada. Os judeus não deixaram de os perseguir sob uma chuva de dardos, até o sepulcro de Helena e sua insolência levou-os a cobrirem-nos de injúrias e a zombar deles, por se terem deixado enganar, elevando para o alto seus escudos, a fim de fazê-los brilhar, dançando, pulando e soltando gritos de alegria.

Os oficiais ameaçaram os soldados e Tito disse encolerizado: "Que é isso? Os judeus, embora reduzidos à desesperação, não deixam de agir com prudência, de usar de estratagemas, de nos armar emboscadas e a sorte os

auxilia, porque eles obedecem aos seus chefes e unem-se contra nós. E os romanos, que a sorte sentia prazer em ajudar, pela excelente disciplina e perfeita obediência, não temem, combatendo sem chefes e sem ordem, por sua única culpa, a vergonha de que deve enchê-los ainda mais de confusão, na presença mesmo do filho do imperador. Que dirá meu pai quando souber desse fato, ele, que durante toda a vida, passada na guerra, jamais viu algo semelhante? E que grande castigo nossas leis poderão impor a tropas inteiras, que assim sacudiram o jugo da disciplina, elas, que não determinam penas menores do que a morte, para faltas mais leves? Aqueles que tiveram a ousadia de desprezer o seu dever, aprenderão bem depressa pelo castigo, que a mesma vitória é um crime, entre os romanos, quando se ousa combater sem ordem daqueles que comandam."

Esse excelente príncipe assim falou aos oficiais e não se duvidou de que ele estava resolvido a agir com extrema dureza e rigor. Todos os soldados que tinham falado julgaram-se perdidos e se preparavam para receber a morte que não podiam negar de ter merecido com justiça. Então os oficiais das legiões suplicaram que tivesse compaixão daqueles culpados e concedesse o perdão da desobediência de um pequeno número ante a obediência de todos os outros e ao seu desejo de apagar, por seus grandes préstimos, a recordação de sua falta, de modo que ele não teria tristeza em lhes ter perdoado. Tais rogos, unidos ao interesse do império que obrigava a usar de clemência, acalmaram Tito, porque ele sabia que tanto é necessário ser inflexível, quando o castigo se refere a apenas um indivíduo, como é necessário, outrossim, ser indulgente, quando os culpados são de grande número. Assim, concedeu a graça aos soldados, com a condição de serem mais prudentes para o futuro, e só pensou, então, em se vingar da esperteza dos judeus.

391. Depois que o grande príncipe fez aplainar em quatro dias todo o espaço que havia até os muros da cidade, mandou avançar suas melhores tropas para perto das defesas, entre o norte e o poente, dispôs a infantaria em sete batalhões, a cavalaria em três esquadrões, colocou entre eles os que estavam armados de arcos e de flechas e tirando com tantas forças aos judeus os meios de atacar, mandou avançar a bagagem das três legiões, os servos e o restante de seus homens.

392. Acampou a três estádios da cidade, em frente à torre de Psefinos, onde o circuito das muralhas daquele lado atrai o vento do norte para o lado do ocidente. A outra parte do exército estava acampada do lado da torre de Hípicos, na mesma distância de dois estádios da cidade e tinha cercado o acampamento com um muro. Quanto à décima legião, ficou no monte das Oliveiras.

CAPÍTULO 13

DESCRIÇÃO DA CIDADE DE JERUSALÉM.

393. A cidade de Jerusalém estava cercada por um tríplice muro, exceto do lado dos vales, onde havia somente um, porque ali eles são inacessíveis. Estava construída sobre dois montes opostos e separados por um vale cheio de casas. O monte sobre o qual a cidade alta estava situada era muito mais elevado e mais íngreme que o outro e, por conseguinte, de posição mais forte; o rei Davi, pai de Salomão, que construiu o Templo, escolheu-o para ali erguer uma fortaleza, à qual deu seu nome. É o que chamamos hoje o alto mercado.

A cidade baixa está situada sobre o outro monte, que tem o nome de Acra, cuja inclinação é igual de todos os lados. Havia outrora ali, em frente desse monte, um outro mais baixo, que dele estava separado por um largo vale; mas os príncipes hasmoneus mandaram encher esse vale e arrasar o cume do monte Acra, para unir a cidade ao Templo, a fim de que ficasse mais alto que tudo, em derredor.

Quanto ao vale chamado Tiropeom, que dissemos separar a cidade alta da baixa, estendia-se até a fonte de Siloé, cuja água é excelente para se beber e a produz em abundância.

Há fora da cidade dois outros montes, que os rochedos, juntamente com os vales profundos que os rodeiam, tornam inteiramente inacessíveis.

O mais antigo dos três muros de que acabo de falar era inexpugnável, quer pela grande espessura, quer pela altura do monte sobre o qual estava construído e pela profundidade dos vales que lhe estavam aos pés; Davi, Salomão e os outros reis nada haviam poupado para pô-lo naquelas condições. Começava na torre de Hípicos, continuava até a das galerias e de lá se uniria ao

palácio onde o Senado se reunia e terminava no pórtico do Templo que está do lado do ocidente. Do outro lado também, do lado do ocidente, começava naquela mesma torre e passando pelo lugar chamado Betso, continuava até a porta dos essênios. De lá, voltando-se para o sul, passava por baixo da fonte de Siloé, de onde se voltava para o oriente, para alcançar o lago de Salomão e passando pelo lugar chamado Oflam, ia terminar no pórtico do Templo, que está do lado do oriente.

O segundo muro começava na porta de Cenná que fazia parte do primeiro muro, ia até a fortaleza Antônia e só ficava do lado do norte.

O terceiro muro começava na torre de Hípicos, estendia-se do lado do vento norte até a torre Psefina, em frente ao sepulcro de Helena, rainha dos adiabenianos e mãe do rei Izate; continuava ao longo das cavernas reais, desde a torre que estava no ângulo, onde, fazendo uma curva ia até em frente ao sepulcro do pisoeiro; depois de ter alcançado o muro antigo, terminava no vale do Cedrom. Esse muro era obra do rei Agripa, que o fizera, para cercar aquela parte da cidade onde outrora não havia edifícios; mas como as casas antigas não eram suficientes para alojar uma quantidade tão grande de gente, ela se havia espalhado pouco a pouco para fora e muito se havia construído do lado setentrional do Templo, que está perto do monte.

Um quarto monte chamado Beseta, que está em frente da fortaleza Antônia, já começava também a ser habitado; fossos muito profundos, feitos em redor, que impediam que se pudesse passar a pé, da torre Antônia, acrescentavam muito à sua força e faziam parecer aquelas torres muito mais altas.

Haviam dado o nome de Beseta, isto é, cidade nova, a esta parte da cidade de que Jerusalém fora aumentada e os habitantes desejavam muito que ela se fortificasse ainda naquele lugar. O rei Agripa, pai do rei Agripa, começou, como vimos, por rodeá-la de uma muralha muito forte, mas temendo que tão grande obra causasse suspeitas ao imperador Cláudio e que ele o atribuísse a alguma intenção de revolta, contentou-se em lhe lançar apenas os alicerces. E se o tivesse terminado, como havia começado, Jerusalém teria sido inexpugnável; as pedras desse muro tinham vinte côvados de comprimento, por dois de largura, o que o tornava tão forte que era impossível derrubá-lo, mover-lhe os alicerces,

nem mesmo abalá-lo com máquinas. Sua espessura era de dez côvados e sua altura teria correspondido à largura, se a consideração que acabo de fazer não se tivesse oposto à magnificência desse príncipe. Os judeus depois ergueram esse muro até a altura de vinte côvados com ameias, acima de dois côvados e parapeitos, que tinham três. Assim sua altura era de vinte e cinco côvados e era fortificado com torres de vinte côvados quadrados, tão solidamente construídas como o muro e cuja estrutura bem como a beleza das pedras não era inferior à do Templo. As torres eram mais altas vinte côvados que os muros; lá se subia por meio de degraus muito largos; dentro estavam aposentos e reservatórios para receber a água da chuva. Havia noventa torres feitas desse modo, distantes umas das outras duzentos côvados. O muro do meio tinha só quatorze torres, o antigo, tinha sessenta e todo o perímetro da cidade era de trinta e três estádios.

Embora todo esse terceiro muro fosse tão admirável, a torre Psefina, construída no ângulo do muro que visava de um lado o norte, do outro, o ocidente, e em frente à qual Tito havia estabelecido seu acampamento, superava a todos em beleza. Sua forma era ortogonal, sua altura, de setenta côvados, e quando o sol havia despontado, de lá se podia ver a Arábia, o mar e até as fronteiras da Judéia.

Em frente dessa torre estava a de Hípicos e muito perto de lá, ainda duas outras, que o rei Herodes, o Grande, tinha também elevado sobre o muro antigo, cuja beleza e força eram tão extraordinárias que não havia outra no mundo, que com ela pudesse se comparar; porque, além da grande magnificência desse príncipe e do seu afeto por Jerusalém, ele queria por meio dessa obra maravilhosa eternizar a memória de três pessoas que lhe tinham sido tão caras: um amigo e um irmão, mortos na guerra, depois de ter praticado atos heróicos de valor, e uma mulher, que havia amado muito e que ele mesmo a tinha assassinado pelo seu excesso de paixão por ela. Assim, querendo lhes dar o nome a essas três soberbas torres, à primeira chamou Hípicos, seu amigo. Ela tinha quatro faces, de vinte e cinco côvados cada uma, de largura, e trinta de altura; era maciça, por dentro. A parte superior era feita em forma de terraço de pedras bem talhadas, todas iguais e bem unidas, com um poço no meio, de vinte côvados de profundidade, para receber a água que caía do céu.

Sobre esse terraço havia um edifício de dois andares de vinte e cinco côvados de altura cada um, dividido em diversos aposentos, com ameias em redor, de dois côvados de altura, e parapeitos altos, de três côvados. Assim, toda a altura dessa torre era de oitenta e cinco côvados.

Esse grande príncipe chamou a segunda dessas torres, de Fazaela, do nome de seu irmão, Fazael. Era quadrada: cada um dos seus lados tinha quarenta côvados de comprimento e outros tantos de altura e era também maciça por dentro. Havia em cima uma espécie de vestíbulo de dez côvados de altura, sustentado por arcobotantes e rodeado de pequenas torres. Do meio desse vestíbulo elevava-se uma torre, na qual estavam aposentos e banheiros, tão ricos que em toda parte brilhava magnificência real; o alto da torre era também fortificado com ameias e parapeitos. Assim sua altura total era de noventa côvados. Sua forma parecia-se com a do farol de Alexandria, onde uma luz sempre acesa serve de aviso aos marinheiros, para que não batam nos rochedos que lhes poderiam causar naufrágio; mas esta era mais espaçosa que a outra; nesse soberbo aposento Simão tinha estabelecido a sede de seu governo tirânico.

Herodes deu à terceira torre o nome da rainha Mariana, sua mulher. Tinha vinte côvados de comprimento, outro tanto de largura e cinqüenta e cinco de altura. Por mais suntuosos que fossem os aposentos das duas outras, não se podiam comparar com os desta, porque o soberano quis que, aquelas que tinham o nome de dois homens, fossem muito mais fortes, e esta terceira, que tinha o de uma mulher e de uma tão grande princesa, as superasse de muito em beleza e em riqueza de ornamentos.

As três torres eram muito altas, por si mesmas, mas sua posição as fazia parecer ainda mais altas, porque estavam construídas sobre o vértice do monte, que era mais alto trinta côvados que o antigo muro, embora esse muro fosse construído sobre um lugar muito alto. Se elas eram admiráveis pela sua forma, não o eram menos pela sua matéria; não eram pedras ordinárias e comuns que os homens podem mover, mas eram peças de mármore branco de vinte côvados de comprimento, por dez de largura e cinco de altura, tão bem talhadas e unidas que não se notavam as ligações, e cada uma delas parecia apenas uma peça.

Do lado do norte, um palácio real unia essas torres e superava em magnificência e em beleza tudo o que se poderia dizer, tanto sua estrutura e sua suntuosidade pareciam lutar à porfia, para torná-lo mais admirável. Um muro de trinta côvados de altura rodeava-o com torres igualmente distantes e de excelente arquitetura. Seus aposentos eram tão soberbos que as salas destinadas aos banquetes podiam conter cem daqueles leitos, que se põem à mesa. A variedade dos mármores e das raridades que lá se haviam reunido era incrível. Não se podia ver sem espanto o comprimento e a grossura das vigas de madeira que sustentavam o peso de tão maravilhoso edifício. O ouro e a prata brilhavam por toda a parte, nos ornatos das paredes e na riqueza dos móveis. Havia um círculo de pórticos sustentados por colunas de rara beleza e nada poderia ser mais agradável que os espaços descobertos que estavam entre esses pórticos, porque estavam cheios de diversas plantas, belos jardins, passeios, salões muito claros, fontes que jorravam água límpida de figuras de bronze; em derredor dessas fontes, havia viveiros de pombos e outros pássaros. Eu tentaria inutilmente descrever em toda a sua perfeição a incrível magnificência desses soberbos edifícios e de todos os detalhes que os tornavam tão deliciosos quão admiráveis. As palavras seriam insuficientes e eu não poderia, sem ter o coração ferido de dor, pensar que todos foram reduzidos a cinzas, não pelos romanos, mas pelas chamas criminosas daquele fogo aceso desde o princípio de nossa cisão, por celerados e traidores de sua pátria. Um outro incêndio consumou do mesmo modo tudo o que estava perto da fortaleza Antônia, passou ao palácio e queimou o teto dessas três admiráveis torres.

CAPÍTULO 14

DESCRIÇÃO DO TEMPLO DE JERUSALÉM. ALGUNS COSTUMES LEGAIS.

394. Vamos agora falar do Templo. Fora construído, como eu disse, sobre um áspero monte; e apenas o que ele tinha de plano em seu vértice foi suficiente para a construção do Templo e da muralha que lhe estava em frente. Mas quando o rei Salomão o construiu, mandou fazer um muro do lado do oriente para sustentar a terra daquele lado; depois de terem enchido esse espaço, mandou construir um dos pórticos.

Então, somente aquela face estava revestida, mas depois o povo continuou a trazer terra para aumentar ainda esse espaço e o vértice do monte ficou aumentado de muito. Derrubaram o muro que estava do lado do norte e cercaram ainda outro espaço, tão grande como o que continha todo o Templo. Por fim, esse trabalho, contra toda esperança, progrediu tanto que rodearam de um tríplice muro todo o monte, mas para se levar à perfeição uma obra tão prodigiosa, passaram-se séculos inteiros e nisso gastaram-se todos os tesouros sagrados, provenientes da devoção que os povos ali vinham oferecer a Deus, de todas as partes do mundo. Para se julgar da grandeza de tal empreendimento basta dizer-se, que além do espaço do alto, elevou-se de trezentos côvados e nalguns lugares, ainda mais, a parte baixa do Templo; mas a excessiva despesa desse alicerce não se notava de modo algum, porque aqueles vales depois foram cheios e se acharam elevados ao nível das ruas estreitas da cidade e as pedras que ali foram empregadas tinham quarenta côvados de comprimento. Assim, o que parecia impossível foi, por fim, executado, pelo ardor e perseverança incríveis, com que o povo lá empregou tão liberalmente seus bens.

Se os alicerces eram maravilhosos, o que eles sustentavam não era menos digno de admiração. Construiu-se por cima uma dupla galeria, sustentada por colunas de mármores branco de uma só peça, de vinte e cinco côvados de altura e cujos ornamentos de madeira de cedro eram tão belos, tão bem justapostos e polidos, que não havia necessidade, para encantar os olhos, do auxílio da escultura e da pintura. A largura dessas galerias era de trinta côvados, seu comprimento de seis estádios e elas terminavam na torre Antônia.

Todo o espaço livre estava coberto de toda espécie de pedras e a estrada por onde se ia ao segundo Templo, tinha à direita e à esquerda uma balaustrada de pedra de três côvados de altura, executada com grande perfeição; ali viam-se, de espaço a espaço, colunas, sobre as quais estavam gravados em caracteres gregos e romanos preceitos de continência e de pureza, para mostrar aos estrangeiros que eles não deviam pretender entrar num lugar tão santo. Esse segundo Templo também tinha o nome de santo. Para lá se passava, do primeiro, por quatorze degraus, era de forma quadrangular e rodeado por uma muralha cujo exterior, que tinha quarenta côvados de altura, estava todo coberto de degraus, mas a altura do interior era somente de vinte côvados e como

esse muro estava construído sobre um lugar elevado, ao qual se subia por degraus, não se podia vê-lo inteiramente por dentro, porque ficava encoberto pelo monte.

Depois de se ter subido esses quatorze degraus, havia um espaço de trezentos côvados, todo unido que ia até o muro. Subiam-se ainda outros cinco degraus para se chegar às portas do Templo. Havia quatro na direção do norte, quatro na do sul e duas, na do oriente.

O oratório destinado às mulheres estava separado do restante por um muro e havia duas portas, uma do lado do sul, e outra do lado do norte, pelas quais somente se entrava. A entrada do oratório era permitida não só às mulheres de nossa nação, que habitavam na Judéia, mas também às que vinham por devoção de outras províncias, para prestar sua homenagem a Deus. O lado que estava na direção do ocidente era cercado por um muro e não tinha porta. Entre as portas de que falei e do lado do muro que estava dentro, perto da tesouraria, havia galerias sustentadas por grandes colunas, que embora não fossem ricas de orna-tos, não perdiam em beleza, para as que estavam abaixo.

Dessas dez portas de que falei, nove estavam cobertas, mesmo seus gonzos, de lâminas de ouro e prata, e a décima, que estava fora do Templo, de um cobre de Corinto, mais precioso que o ouro ou a prata. Essas portas eram todas de duas folhas e cada uma tinha trinta côvados de altura e quinze de largura.

Dentro, havia salões à direita e à esquerda, de trinta côvados quadrados e de quarenta de altura, feitos em forma de torres e cada qual sustentado por duas colunas, cuja espessura era de doze côvados. Quanto à fachada, à coríntia, colocada do lado do oriente, pela qual as mulheres entravam e que estava em frente da fachada do Templo, sobrepujava a todas as outras em grandeza e em magnificência: tinha cinqüenta côvados de altura, suas portas tinham quarenta e as lâminas de ouro e de prata de que estava coberta eram mais espessas que aquelas com que Alexandre, pai de Tibério, tinha feito cobrir as outras nove portas. Subia-se por quinze degraus, desde o muro que separava as mulheres dos homens, até a grande fachada do Templo; era preciso subir vinte, para se chegar às outras portas.

O Templo, lugar santo, consagrado a Deus, estava colocado no meio. Lá se

chegava por doze degraus e a altura de seu frontispício era de cem côvados, mas havia somente sessenta, no seu comprimento e por trás, porque na frente e na entrada estavam dois alargamentos de vinte côvados cada, que pareciam dois braços que se abriam para estreitá-lo e para receber os que lá entravam. Seu primeiro pórtico que era de setenta côvados de altura e de vinte e cinco de largura não tinha portas, porque representava o céu que é visível e aberto para todos. Toda a parte anterior desse pórtico era dourada e tudo o que se via no Templo também o era, de sorte que os olhos mal lhe podiam suportar o brilho.

A parte interior do Templo estava dividida em duas: dessas duas, a primeira, elevava-se até o teto; sua altura era de noventa côvados, o comprimento, de cinqüenta e a largura de vinte. A porta do interior estava coberta de lâminas de ouro, como já disse, e os lados do muro que a acompanhavam eram dourados. Viam-se no alto ramos de videira do tamanho de um homem, de onde pendiam cachos de uva; tudo isso era de ouro. A outra parte da divisão do Templo, a mais interior, era mais baixa. Suas portas, que eram de ouro, tinham cinqüenta côvados de altura e dezesseis de largura. Havia na frente um tapete babilônio, do mesmo tamanho, onde o azul, a púrpura, o escarlate e o linho estavam dispostos com tanta arte que causavam grande admiração; representavam os quatro elementos, quer pela cor, quer pelas coisas de onde tiram sua origem. O escarlate* representava o fogo; o linho, a terra, que o produz; o azul, o ar, e a púrpura, o mar, de onde ela procede. Toda a ordem do céu estava também representada nesse soberbo tapete, com exceção dos sinais.

---

* O jacinto e o azul são a mesma coisa.

395. Por ali se entrava na porta inferior do Templo, que tinha sessenta côvados de comprimento, outro tanto de altura e vinte de largura. Esse comprimento de sessenta côvados estava dividido em duas partes desiguais; a primeira tinha quarenta côvados e ali viam-se três coisas tão perfeitas que ninguém se cansava de contemplá-las: o candelabro, a mesa e o altar do incenso.

A outra parte do Templo, mais interior, tinha vinte côvados. Estava separada da outra também por um véu e nela nada havia. Sua entrada não somente era proibida a todos, mas nem mesmo era permitido vê-la. Era chamada de Santíssimo ou o Santo dos Santos. Lá havia, em redor, vários edifícios de três andares e se podia passar de uns a outros pelos cantos da grande fachada. Como a parte superior era mais estreita, não tinha semelhantes edifícios. Não era do mesmo modo, tão magnífica, mas era mais elevada que a outra, de quarenta côvados; assim toda sua altura era de cem côvados; seu plano só tinha sessenta.

Nada havia na face exterior do Templo, que não arrebatasse os olhos de admiração e não enchesse a alma de espanto. Estava todo recoberto de lâminas de ouro, tão espessas, que quando despontava o dia, ficava-se tão arrebatado pela sua beleza como pelos dourados raios do sol. Quanto aos outros lados, onde não havia ouro, as pedras eram tão brancas, que aquela soberba massa parecia, de longe, aos estrangeiros que ainda não as tinham visto, um monte coberto de neve.

Todo o telhado do Templo estava semeado e eriçado de pontas de ouro, para evitar que as aves lá pousassem e o sujassem. Uma parte das pedras de que era construído tinha quarenta e cinco côvados de comprimento, cinco de altura e seis de largura.

O altar que estava diante do Templo tinha cinqüenta côvados quadrados e a altura era de quinze côvados. Era bastante difícil de lá se subir, do lado do sul, e havia sido construído sem receber um só golpe de martelo.

Uma balaustrada de uma pedra belíssima e de um côvado de altura rodeava o Templo e o altar, e separava o povo dos sacerdotes.

Os leprosos e os que estavam atacados de gonorréia, não somente eram excluídos da entrada do Templo, mas também da cidade.

As mulheres não ousavam aproximar-se do Templo durante o tempo do incômodo que lhes é comum; e mesmo quando disso estivessem isentas, não lhes era permitido passar mais adiante, ao lugar de que falamos.

Aos homens era proibido e mesmo aos sacerdotes entrar na parte interior do Templo se não se tivessem purificado.

Capítulo 15

Diversas outras observações legais. O sumo sacerdote e suas vestes. A fortaleza Antônia.

396. Os que eram de família sacerdotal e não podiam exercer o sacerdócio, porque eram cegos, ficavam com os que estavam puros e não tinham nenhum defeito corporal. Recebiam a mesma porção que os levitas, que serviam no altar, mas estavam vestidos como os leigos, porque só aos que exerciam o serviço divino era permitido usar o hábito sacerdotal.

Os sacerdotes deviam ter vida irrepreensível para entrar no Templo e aproximar-se do altar. Vestiam-se de linho e eram obrigados a se abster de vinho, como também a ser mui sóbrios em suas refeições, a fim de exercer dignamente um ministério tão santo.

397. O sumo sacerdote não subia sempre ao altar, mas somente no dia de sábado, no primeiro dia de cada mês e nas festas solenes, nas quais todo o povo tomava parte.

Quando oferecia o sacrifício cingia-se de uma veste de linho, que cobria uma parte das coxas. Tinha uma outra por baixo e por cima das duas, uma veste azul, que chegava até os calcanhares, em cuja orla havia campainhas presas e pequenas romãs de ouro, que representavam os trovões e os relâmpagos. Seu peitoral estava preso com cinco fitas de diversas cores, isto é, dourada, púrpura, escarla-te, linho e azul; e os véus do Templo, como já disse, eram tecidos de cores semelhantes.

O éfode tinha também as mesmas cores; mas havia muito mais ouro e se parecia com uma couraça. Estava preso por dois broches de ouro, feitos em forma de serpente, nos quais estavam incrustadas sardônicas de grande valor, em que tinham gravados os nomes das doze tribos. Havia presas dos dois lados, doze outras pedras preciosas dispostas de três em três, onde esses mesmos nomes estavam gravados. Na primeira fila, uma sardônica, um topázio e uma esmeralda; na segunda, um rubi, um jaspe e uma safira; na terceira, uma ágata, uma ametista e um lincuro; na quarta, um ônix, um berito e uma crisólita. Sua tiara era de linho e enriquecida com uma coroa de cor azul, com uma outra por cima, de ouro, onde as quatro vogais que são as letras sagradas

estavam esculpidas.

O sumo sacerdote não estava sempre revestido desses hábitos, mas usava um menos rico; só o fazia uma vez por ano, quando entrava sozinho no Santo dos Santos; nesse dia celebrava-se um jejum geral. Mas falarei em outro lugar mais detalhadamente da cidade, do Templo, de nossos costumes e de nossas leis, de que me faltam ainda várias coisas para dizer.

398. Quanto à fortaleza Antônia, estava situada no ângulo que formavam as duas galerias do primeiro Templo, que estava voltado para o ocidente e o norte. O rei Herodes o tinha construído sobre uma rocha de cinqüenta côvados de altura, inacessível de todos os lados; em nenhuma outra obra ele quis ostentar tanta magnificência. Tinha feito incrustar toda a rocha de mármore, desde a base até o alto, quer para embelezá-la, quer para torná-la tão escorregadia, que por ali não se pudesse nem subir nem descer. Tinha rodeado a torre com um muro de três côvados de altura somente; todo o espaço daquela torre, contando-se desde o muro, era de quarenta côvados. Embora fosse tão forte no exterior, havia no interior tantos aposentos, banheiros e salas capazes de conter um grande número de pessoas, que poderia passar por um soberbo palácio; as salas eram tão belas e cômodas, que poderia parecer uma pequena cidade. Seu perímetro tinha a forma de uma torre e a iguais distâncias havia quatro outras torres: três delas tinham cinqüenta côvados de altura, mas a que estava no ângulo e voltada para o oriente e o sul, tinha setenta e de lá se podia ver todo o Templo. Nos lugares onde elas se uniam às galerias, havia, à direita e à esquerda, degraus por onde, quando os romanos eram senhores de Jerusalém, havia soldados para impedir que o povo tentasse alguma sublevação nos dias de festa. O Templo era como a cidadela de Jerusalém, e a torre Antônia era como a cidadela do Templo; a guarnição lá colocada devia não somente conservá-la, mas também defender a cidade e o Templo.

399. O palácio do rei Herodes que estava construído na cidade alta podia também ser tido como outra cidadela.

400. O monte de Beseta, que estava, como disse, separado da fortaleza Antônia, era o mais alto de todos; unia, em parte, a cidade nova e era o único que estava fronteiro ao Templo, do lado do norte.

Capítulo 16

Quantos eram os que seguiam o partido de Simão e o de João. A divisão dos judeus foi a verdadeira causa da queda de Jerusalém e de sua ruína.

401. Os mais valentes e os mais obstinados dos facciosos seguiam o partido de Simão; seu número era de dez mil, subordinados à autoridade de cinqüenta oficiais. Havia, além disso, cinco mil idumeus, comandados por dez chefes cujos principais eram Sosa, filho de Tiago, e Catlas, filho de Simão.

João tinha ocupado com seis mil homens, comandados por vinte oficiais; e dois mil e quatrocentos zelotes, que haviam passado ao seu partido, tinham por chefe a Eleazar, a quem antes obedeciam, e Simão, filho de Jair.

Na guerra que esses dois partidos contrários faziam-se reciprocamente, o povo era-lhes a presa comum e eles não perdoavam a um só deles, se não fosse de seu partido. Simão era senhor da cidade alta, do maior muro até o vale do Cedrom: e desse espaço do muro antigo, que se estende desde a fonte de Siloé até o lugar onde ele se volta para o oriente, e até o palácio de Monobazo, rei dos adiabenianos, que moram além do Eufrates. Ocupava também o monte Acra, onde está a cidade baixa, até o palácio real de Helena, mãe de Monobazo.

João, por seu lado, era senhor do Templo e de alguma parte dos arredores, como também de Oflam e do vale de Cedrom, e tudo o que se encontrava entre Simão e ele fora consumido pelo fogo e era como uma grande praça de armas, que servia de campo de batalha. Ainda que os romanos estivessem acampados às suas portas e estivessem organizando o assédio, sua animosidade não cessava. Eles reuniam-se somente durante algumas horas para se opor aos seus inimigos comuns e recomeçavam imediatamente a luta voltando suas armas contra si mesmos, como se para ser agradáveis aos romanos, tivessem conjurado sua própria perda. Podemos dizer com verdade que uma guerra tão cruel em seu interior não lhes era menos funesta que uma guerra externa, e que Jerusalém não sofreu mais da parte dos romanos, do que o furor dessas infelizes divisões, que já lhe havia feito experimentar males ainda maiores. Assim não tenho receio de afirmar que é principalmente a esses inimigos de sua pátria e não aos romanos, que devemos atribuir a ruína dessa

poderosa cidade, e que a única glória que lhes pode caber é ter exterminado esses malfeitores, cuja impiedade unida a tantos outros crimes que nem poderíamos imaginar, lhe tinha destruído a união que lhe dava muito mais força que suas mesmas muralhas. Não podemos pois dizer, com razão, que os crimes dos judeus são a verdadeira causa de suas desgraças e o que os romanos lhes fizeram sofrer, foi um justo castigo? Deixo, porém, a cada qual, que julgue como lhe aprouver.

CAPÍTULO 17

TITO VOLTA PARA EXPLORAR JERUSALÉM E DETERMINA O LUGAR POR ONDE DEVE ATACÁ-LA. NICANOR, UM DE SEUS AMIGOS, QUERENDO EXORTAR OS JUDEUS A PEDIR A PAZ, É FERIDO POR UMA FLECHADA. TITO MANDA DEVASTAR OS ARRABALDES. COMEÇA-SE O TRABALHO.

402. Estava Jerusalém nesse estado. Tito resolveu dar a volta a cidade com soldados de cavalaria de suas melhores tropas, para escolher por onde deveria começar o ataque; tinha, porém, dificuldade em se decidir, porque do lado dos vales, ela era inacessível; do outro, o primeiro muro era tão forte, que parecia não poder ser derribado pelas máquinas. Por fim, julgou que o lugar mais fraco era junto do sepulcro do sumo sacerdote João, porque era o mais baixo de todos; o primeiro muro não era defendido pelo segundo e haviam-se descuidado de fortificá-lo daquele lado porque a nova cidade não estava ainda toda povoada. Além de que se podia, por aquele lugar, passar ao terceiro muro e assim tomar a cidade alta e o Templo, em seguida, pela fortaleza Antônia.

403. Considerava ele todas essas coisas e pesava todas as razões; Nicanor, seu amigo, homem muito ilustre e habilidoso, aproximou-se das muralhas com Josefo, para procurar persuadir os judeus a pedir a paz, mas foi ferido por uma flecha no ombro esquerdo. Tito pôde assim fazer uma idéia dos sentimentos que eles demonstravam contra aqueles mesmos que falavam para seu bem, e determinou então usar da força. Assim, permitiu aos soldados que devastassem os arrabaldes e se servissem do material para elevar suas plataformas. Dividiu depois seu exército em três, distribuiu os trabalhos, colocou os fundibulários e os atiradores de dardos, no meio, e diante deles, as

máquinas, a fim de impedir o ataque e as incursões que os inimigos poderiam fazer, impedindo os trabalhos. Cortaram-se depois com incrível rapidez todas as árvores que havia nos arrabaldes e usaram daquela madeira com a mesma solicitude, em erguer as plataformas; todos os homens do exército cooperavam com seu trabalho. Os judeus, por seu lado, tinham tudo o que lhes poderia servir para a defesa.

CAPÍTULO 18

GRANDES EFEITOS DAS MÁQUINAS DOS ROMANOS E GRANDES ESFORÇOS DOS JUDEUS PARA RETARDAR OS TRABALHOS.

404. O povo de Jerusalém, antes exposto à rapina e aos crimes dos revoltosos, que rasgavam com tanta crueldade as entranhas de sua capital, vendo-os agora tão ocupados em se defender, que não tinham tempo de voltar contra ele o seu furor, pôde respirar um pouco e até mesmo esperar que os romanos vingariam todos os males que eles haviam sofrido.

Os que tinham abraçado o partido de João opunham-se fortemente aos romanos, enquanto o temor que tinham de Simão o conservava encerrado no Templo.

Este, que estava mais perto do ataque e do perigo, mandou colocar sobre as muralhas todas as máquinas que outrora haviam sido tomadas de Céstio, perto da fortaleza Antônia, mas não tiravam delas grande vantagem, porque não sabiam usá-las bem e não tinham quem as manejasse. Faziam, porém, o que pedia, atiravam pedras e dardos do alto contra os romanos, faziam incursões e por vezes travavam lutas com eles. Os romanos, por seu lado, cobriam seus trabalhadores com telhas e cestões e não havia legião que não tivesse à sua frente máquinas maravilhosas para repelir os ataques. As da décima segunda legião eram as mais temíveis: as pedras que lançavam eram maiores que as outras, e iam tão longe que não somente derribavam os que faziam as incursões, mas iam matar mesmo junto dos muros e das defesas da cidade àqueles que lá estavam para defendê-la. As menores dessas pedras pesavam pelo menos um talento; seu alcance era de dois estádios e ainda mais, e sua força era tão grande, que depois de ter derribado os que estavam nas

primeiras filas, matava ainda outros atrás deles. Mas freqüentemente os judeus as evitavam, tanto por causa do ruído que faziam como por sua alvura, o que lhes dava meios de evitar o perigo, porque haviam colocado vigias sobre as terras, os quais logo que as máquinas começavam a funcionar, eles os avisavam, gritando-lhes em hebraico: O filho vem e toma tal caminho. A esse sinal eles se lançavam por terra e as pedras passavam além, sem lhes fazer mal. Os romanos, tendo-o notado, mandaram pintar as máquinas de uma cor escura, o que lhes valeu muito, pois uma só pedra matava quase sempre muitos judeus. Mas nenhum perigo esfriava-lhes o ardor e a perseverança em atrapalhar os trabalhos dos romanos, e tudo eles faziam tanto de noite como de dia, para lhes retardar a obra.

CAPÍTULO 19

TITO COLOCA SEUS ARÍETES EM POSIÇÃO DE FUNCIONAR. GRANDE RESISTÊNCIA DOS JUDEUS. DÃO UMA VIGOROSA ARREMETIDA, CHEGANDO MESMO ATÉ O ACAMPAMENTO DOS ROMANOS, E TERIAM QUEIMADO SUAS MÁQUINAS, SE TITO NÃO O TIVESSE IMPEDIDO, COM SEU EXTREMO VALOR.

405. Depois que os romanos terminaram os trabalhos, lançaram um pedaço de chumbo preso a uma corda para medir o espaço que havia desde o terraço até o muro da cidade. Somente assim poderiam sabê-lo, porque os dardos que, de cima, os judeus lançavam, impediam-lhes aproximar-se dos mesmos. Quando viram que os aríetes poderiam chegar até lá, Tito ordenou que os dispuses-sem em ordem de batalha, mandou avançar as outras máquinas para impedir os ataques e as armas dos judeus, e mandou bater no muro em três lugares diferentes. O barulho de tantas máquinas que trabalhavam ao mesmo tempo não só assustou de tal modo os habitantes que faziam vibrar os céus com seus gritos, mas lançou o temor também no coração dos revoltosos. O grande perigo em que se encontravam, fê-los pensar em se reunir para defesa comum. Diziam, uns aos outros, que parecia que eles conspiravam contra sua ruína, para favorecer aos romanos e se Deus não permitisse que aquela união durasse sempre, eles deviam, pelo menos então, fazer todo o possível para

combater os inimigos. Simão mandou em seguida dizer por meio de um arauto aos que estavam fechados no Templo, que podiam sair com todas as garantias; e embora João não confiasse muito nele, todavia não deixou de o fazer.

Assim, aqueles rebeldes terminaram a inimizade e uniram-se num único exército; depois de se terem distribuído pelas muralhas e pelas defesas, começaram a atirar grande quantidade de fogo e de dardos contra as máquinas dos romanos e contra os que manejavam os aríetes. Os mais corajosos saíam mesmo em grandes grupos, derrubavam os abrigos das máquinas e mostravam com seu extremo valor, que só lhes faltava ter tanta perícia da guerra quanto tinham de ousadia e de coragem. Tito, que estava sempre presente para auxiliar onde fosse preciso, colocou a cavalaria e arqueiros em redor das máquinas para repelir os que vinham incendiá-las; os que estavam nas torres não deixavam de atirar dardos para que os aríetes não pudessem trabalhar; mas o muro em que eles batiam era tão forte, que resistia aos seus golpes. O aríete da quinta legião abalou somente o canto da torre que se elevava sobre o muro, mas este ficou sempre firme, quando ela caiu.

Os judeus suspenderam temporariamente as incursões e aguardaram o momento quando os romanos estavam dispersos pelos campos, ocupados em seus trabalhos, porque julgavam que o cansaço e o medo tinham feito os judeus se retirarem. Estes saíram então pela porta falsa, da torre de Hípicos, incendiaram-lhes os trabalhos e chegaram até seu acampamento. Ante esse ruído, os que estavam mais próximos, reuniram-se; os que estavam mais longe vieram prontamente unir-se a eles. A coragem sobrepujou então a disciplina dos romanos. Os judeus por primeiro puseram em fuga os que encontraram e afugentaram os que se haviam reunido. O combate maior foi perto das máquinas. Fizeram de tudo para incendiá-las, mas os romanos também se esforçavam para impedi-lo. Gritos confusos erguiam-se de ambos os lados e vários dos que se encontraram nesse choque tão violento morreram na luta. A força e o desprezo pela morte que os judeus demonstraram nessa ocasião continuavam a lhes dar vantagem; os soldados recrutados em Alexandria sustentaram tão generosamente seu ataque que contra toda a expectativa naquele dia eles passaram por mais valentes que os romanos.

406. Tito então chegou com um grupo da sua melhor cavalaria; atacou

com tanta força os inimigos, que ele sozinho matou doze, pôs os restantes em fuga e os perseguiu até as muralhas, preservando assim suas máquinas da destruição que já lhe parecia inevitável. Mandou crucificar, à vista dos mesmos judeus, um deles, aprisionado no combate, para ver se, com tal espetáculo, lançaria o terror em seu espírito. Depois que se retirou, um chefe dos idumeus, chamado João, querendo falar com um soldado que ele conhecia, foi morto por uma flecha, atirada por um árabe. Os judeus e mesmo os mais rebeldes lamentaram-no muito, porque era muito valente e não tinha menos valor que inteligência.

CAPÍTULO 20

PERTURBAÇÃO NO ACAMPAMENTO DOS ROMANOS PELA QUEDA DE UMA DAS TORRES QUE TITO TINHA MANDADO ERGUER EM SUAS PLATAFORMAS. ELE APODERA-SE DO PRIMEIRO MURO DA CIDADE.

407. Na noite seguinte aconteceu uma estranha perturbação no acampamento dos romanos. Tito havia feito erguer sobre os terraços três torres de cinqüenta côvados de altura cada uma, para dali dominar as defesas e as muralhas dos judeus. Pela meia-noite, uma dessas torres caiu por si mesma e o ruído da queda encheu todo o acampamento de temor, porque não se duvidava de que era o efeito de algum grande ataque dos judeus. Naquele tumulto todas as legiões correram, tomaram as armas, sem saber de que lado enfrentá-los, porque não viam os inimigos. Perguntaram uns aos outros como aquilo havia acontecido e ninguém sabia dizê-lo. Ante tal dúvida começaram a desconfiar uns dos outros; perguntavam-se reciprocamente a senha e pareciam estar tomados de tal terror e pânico, que mesmo quando os judeus tivessem atacado seu acampamento não seria ele menor. Mas Tito soube logo de que se tratava e comunicou-o a todo o exército; com dificuldade conseguiu acalmar tão grande perturbação.

Os judeus sustentavam sem temer todos os ataques dos romanos, mas não sabiam como remediar os prejuízos que recebiam daquelas torres, porque estavam cheias de máquinas, fáceis de se transportar, de arqueiros, de fundibulários, que se oprimiam continuamente, sob uma chuva de dardos, de

flechas e de pedras, sem que eles soubessem como se esquivar, porque não podiam armar cavaletes que igualassem a altura das torres, nem derribá-las, pois eram muito fortes; nem incendiá-las, porque estavam todas recobertas de placas de ferro. Foram então obrigados a recuar para mais longe, fora do alcance das flechas, dos dardos e das pedras. Assim, nada podia mais retardar o trabalho dos aríetes e aquelas temíveis máquinas trabalhavam sempre e o muro não pôde resistir aos golpes do maior, ao qual os judeus tinham dado o nome de Nicom, isto é, Vencedor. Cansados de tantos trabalhos e vigílias, porque os soldados que faziam guarda à noite estavam longe da cidade, quer porque não tivessem mais ânimo, quer por um mau conselho, julgaram não dever mais se obstinar na defesa desse muro, pois lhes restavam ainda outros dois. Os romanos, então, não encontrando mais resistência, entraram sem dificuldade pela brecha e abriram as portas ao restante do exército. Desse modo, no fim de quinze dias, a sete de maio, apoderaram-se desse primeiro muro, do qual derrubaram a maior parte, como também do quarteirão da cidade que está do lado do norte e que Céstio tinha devastado.

CAPÍTULO 21

TITO ATACA O SEGUNDO MURO DE JERUSALÉM. ESFORÇOS INCRÍVEIS DOS JUDEUS E DOS ROMANOS.

408. Tito acampou no lugar que é denominado Campo dos Assírios, ocupou o espaço do vale de Cedrom, distante do segundo muro apenas ao alcance de uma flecha; e resolveu atacá-lo. Os judeus dividiram-se para defendê-lo e resistiram corajosamente. |oão combatia com os seus na fortaleza Antônia e do alto do pórtico do Templo, que está do lado do norte, perto do sepulcro do rei Alexandre. Simão, com os do seu partido, defendia a passagem que está entre o sepulcro do sumo sacerdote João e a porta dos aquedutos que levavam água para a torre de Hípicos. Faziam freqüentes arremetidas e por vezes combatiam corpo-a-corpo com os romanos. Mas a vantagem que a disciplina destes lhes dava sobre eles os obrigava a se retirarem com perdas. O contrário sucedia nos assaltos, porque, por maior que fossem a coragem dos romanos e sua prática na guerra, a coragem dos judeus, aumentada pelo

temor, unida ainda a tantos males que haviam sofrido, os endureceram na luta e os fazia empregar tanta violência que obrigavam os inimigos a recuar. A esperança de encontrar salvação na resistência os animava; e o desejo de terminar o grande assédio com uma vitória imediata, animava os romanos, sem que o ardor que se demonstrava de parte a parte, se enfraquecesse por tantos e tão extremas dificuldades. Passavam-se dias inteiros em ataques, em incursões e em toda espécie de combate; a fadiga das noites era ainda mais difícil a suportar, do que a do dia, porque eles passavam-na sem dormir, pelo temor contínuo em que os judeus viviam, de que lhes tomassem o muro de improviso, num assalto geral e pelo temor que os romanos tinham de que os judeus atacassem seu acampamento. Assim uns e outros, depois de ter passado toda a noite em armas, estavam prontos a recomeçar o combate quando raiava o dia. Jamais emulação foi maior que a que levava os judeus, à porfia, ao perigo, para agradar aos seus chefes, e particularmente a Simão, pelo qual todos os do seu partido tinham tanto amor, e tanto respeito que não havia um só, que não estivesse pronto a se matar se ele o ordenasse. Quanto aos romanos, que coragem não lhes dava a ocasião em que se encontravam de vencer sempre guerras quase perpétuas, seus contínuos exercícios, a grandeza de seu império e principalmente o fato de combaterem sob as vistas de tão grande general? Aquele admirável príncipe estava presente em toda a parte e não deixava os grandes serviços sem recompensa. Que covardia não teria sido mais vergonhosa e mais passível de castigo do que a de que ele fosse testemunha? Que outra vantagem poderia igualar à glória de se tornar digno dela, por atos extraordinários de valor e da estima daquele que, sendo já declarado César, seria um dia senhor do mundo? Haverá então motivo de nos admirarmos de que tantas considerações juntas, não levassem uma nação, já tão generosa por si mesma, a praticar ações que pareciam ir além das forças humanas?

CAPITULO 22

BELO FEITO DE UM CAVALEIRO ROMANO CHAMADO LONGINO. TEMERIDADE DOS JUDEUS E SOLICITUDE COM QUE TITO, AO CONTRÁRIO, CUIDAVA DA VIDA DE SEUS SOLDADOS.

409. Os judeus formaram, fora de suas muralhas, um grande batalhão, e os dardos lançados ao mesmo tempo do seu lado e do lado dos romanos voavam em todas as direções. Um cavaleiro romano, de nome Longino, atravessou esse batalhão e matou dois dos mais bravos inimigos que a ele quiseram resistir. Um, ele feriu no rosto e, com o mesmo dardo que lhe retirou da ferida, atravessou o outro, no flanco, quando ele queria fugir. Depois deste feito de valor, voltou para junto dos seus sem ferimento algum; a glória que isso lhe granjeou levou, por uma nobre emulação, outros a fazerem o mesmo.

Por seu lado, os judeus, não se incomodando com o que já sofriam, só pensavam em atacar os romanos e julgavam-se felizes em morrer, contanto que tivessem também matado alguém. Tito, ao contrário, tinha tanto maior cuidado em preservar e conservar seus soldados, quanto em vencer. Ele dizia que a temeridade devia ser tida mais como desespero do que como valor; mas a verdadeira coragem consiste em unir-se à prudência, à generosidade e em se proceder com juízo, nos perigos, de modo que tudo se faça para garantir-se a si mesmo e para fazer caírem os inimigos.

CAPÍTULO 23

OS ROMANOS DERRUBAM COM SUAS MÁQUINAS UMA TORRE DO SEGUNDO MURO DA CIDADE. ARDIL DE QUE UM JUDEU DE NOME CASTOR SE SERVE PARA ENGANAR TITO.

410. Tito ordenou que se dirigisse o aríete para o meio da torre que está do lado do norte e ao mesmo tempo mandou atirar tantas flechas, que os que a defendiam, abandonaram-na, exceto um judeu de nome Castor, homem muito astuto, e dez outros com ele. Ficaram durante algum tempo debaixo das capas, sem se mover; quando perceberam que a torre balançava, Castor estendeu os braços a Tito e rogou-lhe com voz comovida que os perdoasse. O príncipe, cuja extrema bondade tornava-o fácil a se comover, acreditou naquelas palavras e na persuasão de que os judeus estavam arrependidos de se terem envolvido naquela guerra, ordenou que detivessem o trabalho dos aríetes, proibiu que se atirasse contra Castor e seus companheiros, e permitiu-lhe dizer o que desejava: Respondeu ele que queria chegar a um acordo. Tito respondeu-lhe que fá-lo-ia de boa mente e que se todos os outros eram do seu parecer, ele

estava pronto a fazer a paz. Cinco dos que estavam com Castor fingiam ter as mesmas idéias e os outros cinco clamavam que queriam morrer antes que ficar escravos dos romanos. Durante essa discussão os romanos não atiravam mais e haviam cessado o trabalho dos aríetes. Castor, então, mandou dizer a Simão o que se estava passando, a fim de que ele pudesse aproveitar-se disso, enquanto continuava a enganar Tito e a fingir tentar persuadir seus companheiros a querer a paz. Eles, por seu lado, para confirmar a dissimulação, clamavam que não podiam tolerar tais palavras e depois de se terem dado golpes de espadas, mas somente sobre as armas, atiraram-se ao chão como se tivessem morrido.

Tito e os que estavam com ele viam o que se passava, lá debaixo, e assim não podiam ter uma idéia da realidade e se admiravam do excesso do furor e da obstinação dos judeus e deploravam-lhes a desgraça. Castor foi ferido no rosto por uma flecha, retirou-a, mostrou-a a Tito, queixando-se severamente por lha terem atirado. O príncipe mostrou desaprovar o ato e disse a Josefo, que estava perto dele, que lhe fosse tocar a mão como penhor de sua palavra, mas este pediu-lhe que lho desculpasse, porque estava certo de que tudo aquilo era falso e fez também que seus amigos, os quais se ofereciam para fazê-lo, não o fossem também. Um judeu de nome Enéias, daqueles que se haviam entregues aos romanos, ofereceu-se para ir e Castor disse-lhe que levasse algo com que receber o dinheiro que lhe queria dar. Estas palavras aumentaram o entusiasmo de Enéias e para lá ele correu; quando estava perto de Castor, este atirou-lhe uma pedra; ele evitou-lhe o golpe e um soldado que vinha atrás dele ficou ferido. Tão grande embuste fez ver a Tito que a compaixão é prejudicial, na guerra, e que para se agir com segurança é necessária a severidade. Ordenou, então, encolerizado, que se recomeçasse o trabalho com os aríetes e mais fortemente do que antes; Castor e seus companheiros, vendo, então, a torre prestes a cair, incendiaram-na e lançavam-se pelas chamas sobre as abóbadas que estavam em baixo. Os romanos julgaram que eles não tinham medo de se queimar e admiraram-lhes a coragem.

CAPÍTULO 24

TITO CONQUISTA O SEGUNDO MURO E A CIDADE NOVA. OS JUDEUS DE LÁ O EXPULSAM; QUATRO DIAS DEPOIS ELE A RECONQUISTA.

411. Tito, vendo, pela queda da torre, uma abertura feita no segundo muro, cinco dias depois de se ter apoderado do primeiro, de lá expulsou os judeus e entrou com dois mil homens escolhidos na cidade nova, cujas ruas eram muito estreitas. Era habitada somente por comerciantes de lã, de quinquilharias, caldeireiros e vendedores de roupas. Se logo no princípio tivesse querido derrubar uma boa parte desse muro e usar do poder que lhe dava o direito da guerra, destruindo também as casas, eu não duvido de que teria então podido mui facilmente tornar-se senhor de todo o restante. Mas na persuasão de que a condição dos judeus tê-los-ia com facilidade feito recorrer a sua clemência, não quis empregar tanta força. Assim, proibiu absolutamente que se matassem os prisioneiros e se incendiassem as casas; permitiu aos sediciosos, se não queriam paz, que saíssem com faculdade de poder continuar a guerra, contanto que não fizessem mal algum ao povo; a este prometeu deixá-lo no gozo pacífico de seus bens, porque ele queria conservar a cidade para o império e o Templo para a cidade.

412. O povo já estava disposto a aceitar estas condições, mas aqueles que só queriam a guerra atribuíam a bondade de Tito à covardia e diziam que ele não tinha mais esperança de conquistar a cidade alta. Ameaçaram matar os que falassem em se entregar e até mesmo os que somente ousassem proferir a palavra paz. Quando os romanos entraram, uma parte desses facciosos enfrentou-os nas ruas estreitas; outros, tendo saído fora das muralhas, pelas portas do alto, atacaram-nos. Os corpos de guarda dos romanos ficaram tão surpreendidos e perturbados que desceram dos muros, abandonaram as torres e retiraram-se ao seu acampamento. Ergueram-se então grandes clamores de todos os lados; entre os romanos, porque os que tinham ficado na cidade estavam rodeados pelos inimigos e os que se haviam retirado para o acampamento temiam para eles o perigo em que os viam. Entretanto, o número dos judeus crescia sempre e como o conhecimento dos lugares dava-lhes grande vantagem, mataram vários romanos, embora a abertura do muro não fosse bastante grande para poderem passar vários de cada vez; e com dificuldade teria escapado um deles somente, se Tito não os tivesse socorrido. Colocou soldados armados, com dardos, no fim das ruas, para afastar os

inimigos e foi em pessoa aos lugares onde eles eram mais numerosos. Domício Sabino, que era um dos mais valentes de todo o exército, seguiu-o valorosamente e distinguiu-se nessa ocasião; jamais o abandonou. Tito fazia atirar continuamente daquela maneira e assim conteve os judeus até ter retirado todos seus soldados. Foi assim que os romanos, depois de terem conquistado o segundo muro, foram obrigados a abandoná-lo.

Esse feliz êxito aumentou de tal modo a ousadia dos mais valentes dentre os judeus, que eles imaginaram loucamente que os romanos não ousariam repetir a tentativa e que não eram tão corajosos para tentar novos ataques, se eles, judeus, conseguissem o mesmo êxito que neste último. Deus, para castigar seus pecados, cegava-os em suas considerações. Eles não imaginavam que os que haviam repelido eram apenas uma pequeníssima parte do exército romano e que a fome, que crescia sempre, era para eles outro inimigo não menos temível. Havia já algum tempo que se podia dizer que eles viviam dos bens do povo e bebiam seu sangue, pois tantos homens de bem sofriam muito, e vários já tinham morrido à míngua. Mas esse malvados consideravam a desgraça dos outros como vantagem para si mesmos. Julgavam dignos de viver somente os inimigos da paz, que só viviam para fazer guerra aos romanos; todo o restante era para eles uma multidão inútil, que lhes era de peso; e mais cruéis para com seus próprios cidadãos, do que os bárbaros para com os seus, alegravam-se em ver morrer aquele pobre povo.

41 3. Os romanos atacaram de novo, contra sua expectativa, aquele mesmo muro que tinham conquistado e perdido, e o fizeram durante três dias seguidos, dando diversos assaltos, que os judeus sustiveram com tanto ardor que eles foram sempre repelidos. Mas no quarto dia, Tito preparou um ataque tão violento que os judeus não puderam sustentá-lo, e assim pela segunda vez ele se apoderou desse muro. Mandou então destruir tudo o que estava do lado do norte e colocou guardas nas torres que estão voltadas para o sul.

Capítulo 25

Tito, para assustar os judeus, manda desfilar na sua presença todo o exército. Organiza depois dois ataques contra o terceiro muro e manda ao mesmo tempo Josefo, autor dessa história, exortar os

REBELDES A PEDIR-LHE A PAZ.

414. Tito resolveu então atacar o terceiro muro. Mas como julgava não ter necessidade para isso de muito tempo quis dar a oportunidade aos rebeldes de voltarem à obediência, na persuasão de que a destruição do segundo muro faria muita impressão no seu ânimo; pois a carestia também era tão grande, que eles não podiam, com todos os seus roubos, subsistir por muito tempo, ao passo que seu exército estava provido de tudo. Chegou o dia em que ele devia fazer uma exibição de todas as suas tropas; dispô-las em ordem de batalha, nos arrabaldes, num lugar onde os judeus as podiam ver e mandou pagar o soldo a todos os homens. Jamais infantaria foi mais bem armada, nem cavalos, tão bem ajaezados; via-se brilhar o ouro de todos os lados e também a prata naquele grande espaço que elas ocupavam. Mas, quanto tal espetáculo era agradável aos romanos, tanto parecia terrível aos judeus. Eles tinham vindo de todas as partes, em tão grande número, para ver aquela exibição, que o antigo muro de todo o lado do Templo, do lado do norte, e as casas daquele quarteirão estavam cheios. Até mesmo os mais corajosos não puderam considerar sem grande estupefação tão poderosas forças, tão bem armadas e organizadas; teriam talvez mudado de sentimento e de idéias se tivessem esperado obter dos romanos o perdão dos crimes horríveis que eles tinham cometido contra aquele pobre povo. Mas só tendo diante dos olhos o horror dos suplícios, que eles mereciam, julgaram preferível morrer com as armas na mão. A isso podemos acrescentar que Deus assim o permitia, para misturar os inocentes com os culpados e a ruína de Jerusalém, com a daqueles celerados, que poderíamos dizer, com verdade, terem sido os seus mais mortais inimigos.

415. Depois, durante quatro dias, Tito mandou distribuir víveres a todas as regiões e vendo que os judeus não falavam de paz, dividiu seu exército em dois, para formar dois ataques do lado da fortaleza Antônia, perto do sepulcro do sumo sacerdote João, e trabalhar num e noutro em levantar dois terraços em cada um dos quais encarregava-se toda uma legião. Os idumeus e os outros que eram do partido de Simão perturbavam muito os que trabalhavam perto do sepulcro e os partidários de João, os que trabalhavam perto da fortaleza Antônia, porque, além da vantagem que eles tinham de combater de um lugar

mais elevado, serviam-se utilmente de suas máquinas, de que, pouco a pouco, tinham aprendido o uso. Tinham umas trezentas delas, a que chamavam de balestas ou grandes balesteiros e quarenta das que atiravam pedras.

Tito não tinha dúvidas em apoderar-se da praça, mas como desejava conservá-la, procurava, ao mesmo tempo, em que apertava o cerco, levar os judeus a se arrependerem de sua revolta, porque ele sabia que as razões são, às vezes, mais poderosas que as armas. Julgou dever unir os conselhos às ações, sem se obstinar mais recusando entregar-lhe uma praça que já deveriam considerar como tomada. Ele lançou para esse fim suas vistas sobre Josefo, que julgava o mais capaz de todos, para persuadi-los, porque era de sua nação e falava a sua língua.

CAPÍTULO 26

PALAVRAS DEJOSEFO AOS JUDEUS CERCADOS EM JERUSALÉM PARA EXORTÁ-LOS A SE ENTREGAR. OS FACCIOSOS NÃO SE DEIXAM CONVENCER; MAS O POVO FICOU TÃO IMPRESSIONADO QUE VÁRIOS FUGIRAM PARA OS ROMANOS. JOÃO E SIMÃO COLOCAM GUARDAS NAS PORTAS PARA IMPEDIR QUE OUTROS OS PUDESSEM SEGUIR.

416. Depois desta ordem, Josefo escolheu um lugar apropriado, bem alto, fora do alcance dos dardos, de onde os judeus pudessem ouvi-lo. Exortou-os, então, a ter compaixão de si mesmos, do povo, do Templo e de sua pátria. Disse-lhes que era estranho que eles fossem mais obstinados consigo mesmos do que os estrangeiros; que os romanos, sendo tão religiosos, que respeitam mesmo entre os inimigos as coisas tidas como santas, com quanto mais forte razão aqueles que tinham sido instruídos, desde sua infância a respeitá-las, deviam empregar todas as suas forças em cuidar de sua conservação e não trabalhar para sua ruína. Que as mais fortes de suas muralhas estavam destruídas, restando-lhes apenas uma, a mais fraca de todas; era-lhes fácil ver que não poderiam resistir mais ao poder dos romanos. Que eles deveriam estar acostumados a lhes estar sujeitos e embora seja glorioso combater para defender a própria liberdade, é com isso que mais dela se goza, mas depois de tê-la perdido, e obedecido durante longo tempo, querer sacudir o jugo é mais trabalhar para perecer miseravelmente, do que se libertar da servidão. Que, se é

vergonhoso estar sujeito a um poder desprezível, não o é ter como senhores àqueles que reinam em toda a terra, pois, que país está isento do domínio dos romanos, senão aquele que um excessivo calor ou um frio insuportável o teria tornado inútil? Que se via que de todos os lados a fortuna lhe estendia os braços e Deus, que tem em suas mãos o império do mundo, depois de tê-lo, no correr dos séculos, dado a diversas nações, tinha então estabelecido a sua sede na Itália. Que quem não sabe que não apenas os homens, mas os animais também cedem, como por uma lei invencível da natureza, aos que os sobrepujam em força e que os homens aos quais se pode disputar a glória das armas sempre saem vitoriosos? Que assim, ainda que seus antepassados não lhes fossem inferiores nem em força nem em coragem, não tinham tido vergonha de se submeter àqueles invencíveis conquistadores que eles viam que Deus conduzia pela mão ao soberano poder. Que ele não compreendia em que eles se podiam fundar para continuar a resistir, vendo que os romanos já se tinham apoderado da maior parte da cidade e que quando mesmo eles deixassem de atacar e suas muralhas estivessem ainda inteiras eles não podiam evitar perecer pela fome, flagelo o mais temível de todos, porque suas forças vão sempre crescendo e que já começara a dizimar o povo e, assim, bem depressa exterminaria todos os soldados, se eles não encontrassem um meio de combater contra a fome e fossem os únicos capazes de vencer aqueles males, que são sem remédio.

Josefo acrescentou que a prudência obriga a mudar de opinião, antes de se ter chegado aos últimos extremos. Que os romanos esqueceriam todo o passado, contanto que eles não continuassem em sua obstinação, porque eles eram moderados na vitória e preferiam o que lhes era útil à vã satisfação de seguir o movimento de sua cólera. E que assim como eles julgavam que não lhes era interessante encontrar uma cidade sem habitantes, uma província deserta, aquele grande príncipe, destinado para a sucessão do império, estava pronto a lhes conceder a paz; se não a aceitassem, ele não perdoaria a um só, porque não podiam recusá-la sem se tornar indignos de todo perdão. Que depois de dois dos seus muros terem sido derrubados, eles não podiam duvidar de que o terceiro seria bem depressa também reduzido às mesmas condições e que ainda que sua cidade fosse inexpugnável, eles não poderiam duvidar, como

acabava de dizer, que a fome não a reduzisse à obediência dos romanos.

Vários daqueles que ouviram de cima das defesas a Josefo assim falar, zombaram dele; outros, injuriaram-no e alguns até mesmo atiraram-lhe dardos. Vendo, então, que misérias tão graves não eram capazes de os comover, julgou dever falar-lhes do que havia acontecido no tempo de seus antepassados e disse-lhes: "Miseráveis que sois, vos esquecestes talvez de onde vos veio auxílio em todos os tempos? Será por meio das armas que pretendeis vencer os romanos, como se devesseis às vossas próprias forças as vitórias que tendes obtido? E esse Deus Todo-poderoso, que criou o universo não foi sempre o protetor dos judeus, quando eles foram injustamente atacados? Não compreendereis vós mesmos, refletindo, o ultraje que lhe fazeis, violando o respeito que lhe é devido, fazendo de seu Templo uma fortaleza, de onde sais empunhando armas como de uma praça de guerra? Esquecestes tantas ações, tão religiosas, de nossos avós e de quantas guerras a santidade desse lugar foi preservada? Tenho vergonha de relatar as obras admiráveis de Deus a pessoas indignas de ouvi-las. No entanto, ouvi-as, a fim de saberdes que é verdadeiramente a Ele e não aos romanos, que resistis.

"Neco, faraó, rei do Egito, veio com grandes tropas e levou Sara que era como a mãe e a rainha de nossa nação. Que fez então Abraão, seu marido, o chefe de nossa raça? Recorreu talvez às armas para se vingar de tal injúria, como teria podido fazê-lo, pois tinha sob suas ordens trezentos e dezoito oficiais, cada um dos quais comandava um grande número de homens? Absolutamente. Considerou essas forças como inúteis, se ele fosse ajudado por Deus; contentou-se de recorrer a Ele, elevando suas mãos para aquele lugar sagrado, que vós maculastes com tantos crimes e a força invencível do Todo-Poderoso foi o único socorro que ele buscou nessa guerra. Que efeito produziu tão grande fé? Aquele rei, tão temido, não lhe restituiu a esposa dois dias depois, tão pura como lhe havia sido entregue? Ele adorou esse lugar sagrado, onde não tivestes receio de derramar o sangue de vossos irmãos e os sonhos terríveis que ele teve fizeram-no fugir para seu país, depois de ter dado muito ouro e prata ao feliz povo, do qual sois descendente porque o via tão favorecido por Deus.

"Que direi da passagem de nossos antepassados pelo Egito? Não viveram

eles quatrocentos anos sob uma dominação estrangeira? E, embora fossem em número muito maior, para se libertar pelas armas, não preferiram abandonar-se ao governo e à providência de Deus? Quem não conhece os milagres que Ele fez para libertá-los? Com quantas espécies de animais Ele não devastou esse país? Com quantas enfermidades não o afligiu? Como corrompeu os frutos da terra e as águas do Nilo? Como, acrescentando flagelos a flagelos, Ele feriu com outras dez pragas aquele miserável reino? E como, declarando-se Ele mesmo o defensor de nossos pais, que Ele destinava para seus sacerdotes, os fez sair de lá e os guiou, sem que, no meio de tantos perigos, um só perdesse a vida?

"Quando os filisteus tomaram-nos a arca da aliança e ousaram com suas mãos impuras tocá-la, que não sofreu a Filístia? O simulacro de Dagom, não caiu aos seus pés? E aqueles que se vangloriavam de no-lo ter arrebatado, sentindo suas vísceras estraçalhadas por dores horríveis, não foram obrigados a no-la restituir, ao som de címbalos e de trombetas para procurar, pela expiação de seu crime, aplacar a cólera de Deus, que se declarava tão altamente o protetor de nossos antepassados, porque em vez de recorrer às armas eles punham somente nEle sua confiança?

"Quando Senaqueribe, rei da Assíria, seguido da força de toda a Ásia, veio sitiar a capital da Judéia, sucumbiu ela sob um poder tão prodigioso e nossos avós recorreram às armas para se defender? As únicas a que se entregaram foram às orações e aos votos; e o anjo do Senhor exterminou quase inteiramente, numa só noite, aquele temível exército. Os assírios viram no dia seguinte, ao despontar do sol, cento e oitenta e cinco mil dos seus estendidos mortos por terra; e embora os judeus não pensassem em perseguir os que restavam, seu terror foi tal, que eles fugiram com tanto medo, como se já se sentissem atravessados pela ponta de suas espadas.

"Não sabeis também que nossa nação, tendo sido durante setenta anos escrava em Babilônia, ela reconquistou sua liberdade, quando o Senhor inspirou a Ciro que lha desse e que depois que esse grande príncipe os fez partir para seu país, eles recomeçaram a oferecer sacrifícios a Deus, como a seu verdadeiro libertador?

"Mas, para não me delongar demasiado a este propósito, que grandes feitos jamais realizaram nossos predecessores, quer pelas armas, quer sem

elas, com uma assistência particular de Deus, cumprindo suas ordens? Eles venciam sem combater, quando lhe aprazia dar-lhes a vitória; e eram sempre vencidos quando combatiam sem consultá-lo e sem obedecer-lhe. Será preciso uma prova melhor do que esta? Quando Nabucodonosor, rei da Babilônia, sitiou Jerusalém e Zedequias, nosso rei, teimou em se defender, contra a advertência do profeta Jeremias, ele foi preso, levado escravo e viu destruir diante de seus olhos a cidade e o Templo, embora esse príncipe e seu povo fossem muito mais moderados que vossos chefes e vós? Esse mesmo profeta, declarando que Deus, para castigá-los de seus crimes, permitiria que eles fossem feitos escravos, se não se entregassem nem abrissem suas portas aos inimigos, Zedequias e seu povo não tentaram contra sua vida? E vós, sem se falar no que se passa dentro de vossas muralhas, porque não há palavras capazes de descrever os horríveis excessos de tantos crimes, vós me injuriais, vós atirais dardos para me matar, porque vos falo de vossos pecados e não podeis tolerar que eu censure o que não tivestes vergonha de fazer.

"Quando o rei Antíoco Epifânio veio a sitiar essa praça, não sucedeu também uma outra coisa que confirma o que acabo de referir? Nossos antepassados, em vez de confiar no auxílio de Deus, quiseram ir contra Ele; travou-se o combate e eles perderam. A mortandade foi geral, a cidade foi tomada, saqueada, destruída; o Santuário, manchado e profanado, o serviço de Deus abandonado durante três anos e meio.

"Não seria supérfluo acrescentar outros exemplos a tantos já citados? Quem nos levou à guerra contra os romanos, senão nossas divisões e nossos crimes? Não foi essa a causa principal de nossa escravidão, quando da contestação entre Aristóbulo e Hircano, animando-lhes o furor, um contra o outro, deu motivo a Pompeu de atacar Jerusalém e fez que Deus submetesse os judeus aos romanos porque o mau uso que eles faziam da liberdade os tornavam indignos de gozar da mesma? Assim, embora nada eles tivessem feito contra a religião e contra nossas leis, em comparação com os tantos crimes que cometestes, e eles tivessem muito mais recursos que vós, para sustentar a guerra, não puderam manter o assédio que durou três meses.

"Não sabemos qual o fim de Antígono, filho de Aristóbulo, e de que modo Deus permitiu, durante seu reinado, que o povo caísse em outra servidão por

causa de seus pecados? Herodes, filho de Antípatro, ajudado por Sósio, general de um exército romano, não sitiou também Jerusalém? Deus para castigar a im-piedade daqueles que a defendiam não permitiu que ela fosse tomada e saqueada.

"Não é evidente então que jamais o caminho das armas nos não foi favorável em semelhantes ocasiões, mas que os assédios que sustentamos nos foram sempre funestos? Não tenho pois eu razão em acreditar que aqueles que ocupavam um lugar tão sagrado, como o Templo, devem, sem confiar em forças humanas, abandonar-se inteiramente ao governo de Deus, quando sua consciência não lhes censura ter desobedecido às suas leis? Mas haverá uma das ações que mais Ele tem em abomi-nação, que não a tenhais cometido? E de quanto sobrepujais em impiedade àqueles que vimos tão repentinamente feridos pelos raios da sua justiça? Os pecados ocultos, como os latrocínios, as traições, os adultérios, vos parecem muito comuns. Praticais a porfia, a rapina, os assassínios e inventastes mesmos novos crimes. Fazeis do Templo vosso refúgio, e esse lugar sagrado, tão respeitado pelos romanos, que lá adoravam a Deus, embora o culto que nós lhe prestamos não esteja de acordo com sua religião, foi conspurcado pelos sacrilégios daqueles cujo nascimento obriga à observância de suas leis e que são o seu mesmo povo. Podeis esperar, depois de tudo isso, ser ajudado por aqueles a quem ofendeis com tantos crimes? São justos? Estais em estado de suplicantes? Vossas mãos são puras como eram as do nosso rei, quando implorava o auxílio do céu, contra os assírios e Deus fez morrer numa só noite todo seu exército? Ou podeis dizer que os romanos, agindo como faziam os assírios, tendes motivo de esperar que Deus os castigará do mesmo modo? Mas não sabeis que seu rei, depois de ter recebido dinheiro nosso para compensar o saque da cidade, não temeu violar o juramento e incendiar o Templo? Os romanos, ao contrário, só vos pedem o pagamento do tributo que vossos antepassados solenemente se comprometeram e lhe pagavam. Dando-lhes essa satisfação, eles não saquearão vossa cidade nem tocarão nas coisas santas; continuareis livres com vossas famílias, gozareis pacificamente de todos os vossos bens e não sereis perturbados na observância de vossas santas leis. Não é pois loucura imaginar que Deus tratará os que o irritam continuamente com suas ofensas da mesma maneira como Ele trata os

que agem com tanta moderação e justiça? Nada é capaz de adiar por um momento sequer a sua vingança, quando Ele está resolvido a executá-la. Exterminou Ele os assírios na primeira noite, quando sitiaram aquela cidade. Se sua vontade era libertar-vos e castigar os romanos, Ele lhes teria já feito sentir os efeitos de sua cólera, como os fez sentir a esse temível povo e como os fez experimentar à nossa nação, quando Pompeu entrou pela brecha em Jerusalém, quando Sósio, depois dele, também a tomou, quando Vespasiano devastou a Galiléia e, enfim, quando Tito veio organizar esse grande assédio. Mas nem Pompeu, nem Sósio encontraram obstáculo algum, do lado de Deus, que os tenha impedido de executar seu empreendimento; a guerra que Vespasiano nos fez o elevou ao império; e parece que a mesma natureza quis fazer um esforço, em favor de Tito, pois a fonte de Siloé e as outras que estão fora da cidade, que eram tão minguadas antes de sua vinda, a ponto de para se ter água, ser preciso gastar dinheiro, agora a fornecem em tal abundância que basta não somente para o exército romano, mas até mesmo para se regarem os jardins. E a mesma coisa aconteceu quando esse rei de Babilônia, de que falei, sitiou a cidade, tomou-a e a incendiou, bem como o Templo, embora eu não me possa persuadir de que a impiedade de nossos antepassados, que lhes trouxeram semelhante mal, fossem comparáveis às vossas. Não tenho motivo de crer que Deus, vendo esses santos lugares, consagrados ao seu serviço, conspurcados por tanta abominação, vos abandonou, para se colocar do lado dos que vós combateis? Quando um homem de bem vê que tudo está corrompido em sua família, ele a deixa e muda em ódio o afeto que lhe tinha. Vós quereríeis que Deus, ao qual nada está oculto e que, para conhecer os pensamentos mais secretos dos homens, não tem necessidade de que eles lho digam, ficassem convosco, embora sejais culpados dos maiores de todos os crimes, e eles sejam, tão notórios que todos os conhecem, e pareça que altercais, para ver quem é, dentre vós, o mais malvado e embora vos glorifiqueis com o vício, como os outros o fazem com a virtude? Entretanto, pois que Deus é tão bom, que se deixa comover pelo arrependimento e pela penitência, resta-vos um meio de salvação. Deixai as armas; tendo vosso coração traspassado de dor, por verdes vossa pátria reduzida a tão grave contingência, abri os olhos para considerar a beleza dessa cidade, a magnificência desse Templo, a riqueza dos

presentes oferecidos a Deus por tantas e tão diversas nações e concebei horror por expô-los ao saque. Considerai que sua ruína não poderia ser atribuída, senão a vós somente, pois que somente a vossa teimosia será o facho que irá acender o fogo destruidor que há de reduzir a cinzas as coisas, deste mundo, mais dignas de serem conservadas. Se vosso coração, mais duro que o mármore, é insensível ao que deveria tão sensivelmente tocá-lo, tende pelo menos compaixão de vossas famílias e cada qual ponha diante dos olhos sua esposa, seus filhos, seus parentes, prestes a perecer pelo ferro ou pela fome. Dir-se-á talvez que, o que me faz assim falar é o desejo de salvar da ruína comum, minha mãe, minha esposa e meus filhos, cuja descendência é tão ilustre, para merecer que os consideremos. Mas para assim mostrar que é somente o vosso interesse que me faz assim falar, vos entrego suas vidas, e vos entrego a minha e considerar-me-ei feliz de morrer, se minha morte vos puder tirar dessa deplorável cegueira, que vos fazendo correr para vossa própria ruína, vos levou até as bordas do precipício".

Assim terminou Josefo suas palavras, derramando muitas lágrimas. Mas não conseguiu comover os rebeldes, nem persuadi-los de que encontrariam sua salvação na conversão. O povo, ao contrário, ficou muito comovido e pensou em se salvar, fugindo. Muitos venderam o que tinham de mais precioso, por alguma pequena quantidade de peças de ouro, de medo que os rebeldes os apanhassem e fugiram para junto dos romanos. Tito permitiu-lhes refugiar-se em qualquer lugar do país que eles escolhessem. Essa liberdade que lhes deu aumentava ainda mais nos outros o desejo de se livrar, pela fuga, dos males que suportavam. Mas João e Simão puseram guardas nas portas com ordem de não deixar sair os judeus, bem como entrar os romanos; e ante a menor suspeita eram mortos os que se pensava estar dispostos a fugir.

Capítulo 27

Horrível carestia aflige Jerusalém; crueldade incrível dos revoltosos.

417. Era igualmente perigoso para os ricos ficar ou fugir, porque era suficiente possuir bens para ser assassinado. Entretanto, a carestia, crescendo

sempre, fazia crescer também o furor dos revoltosos; e à medida que se avançava, mais esses dois males juntos produziam terríveis efeitos. Como não havia mais trigo, esses inimigos da pátria, que tinham acendido o fogo da guerra, entravam à força nas casas para procurá-lo. E, se o encontravam, acusavam-nos de o ter ocultado, maltratavam-nos, fazendo-os sofrer, para obrigá-los a lhes revelar o esconderijo e era suficiente proceder bem, para logo ser tido como culpado desse pretenso crime. Aqueles que estavam reduzidos ao extremo, eles deixavam-nos morrer de fome, poupando a si mesmos o trabalho de matá-los. Vários ricos venderam secretamente todos os seus bens por uma medida de trigo; e os mais desprendidos, por apenas uma medida de cevada. Encerravam-se depois nos lugares mais ocultos de suas casas, onde alguns comiam esse grão, sem ser moído, outros reduziam-no a farinha segundo a necessidade ou temor lho permitia. Não se viam mais mesas postas; cada qual tirava de debaixo do carvão o que comer, sem se dar ao trabalho de o deixar cozer. Jamais se poderia ver miséria tão deplorável. Somente aqueles que tinham o poder nas mãos não a experimentavam. Todos os demais lamentavam inutilmente sua desgraça e como a fome não se disfarça, as mulheres arrancavam o pão da mão de seus maridos, as crianças, das mãos de seus pais, e o que supera toda a credulidade, as mães, das mãos de seus filhos. Mas os que assim faziam não podiam, nem se escondendo, evitar que se lhes viesse a arrebatar o que já tinham tirado dos outros. Quando a porta de uma casa se fechava, a suspeita de que aqueles que lá estavam tinham alguma coisa para comer, os fazia arrombá-las, para entrar e para lhes tirar o pedaço da boca. Espancavam os velhos que não os queriam entregar, agarravam pela garganta as mulheres que escondiam o que tinham nas mãos e sem ter nem mesmo compaixão das crianças, que ainda mamavam, atiravam-nas ao chão depois de terem sido arrancadas do peito das suas mães. Os que corriam para tirar o pão dos outros, iravam-se com os que corriam mais do que eles, como se os tivessem injuriado gravemente e não havia tormentos que não se inventassem para encontrar um meio de viver. Penduravam os homens pelas partes mais sensíveis, fincavam-lhes na carne pedaços de pau pontiagudos e os faziam sofrer outros indizíveis tormentos, para fazê-los declarar onde tinham escondido um pão ou um punhado de farinha. Esses carrascos achavam que,

em tal conjuntura, podia-se, sem crueldade, praticar tão horríveis ações e eles ajuntaram, por esse meio, o necessário para viver seis dias. Tiravam dos pobres as ervas que de noite eles iam colher fora da cidade, com perigo de vida; nem escutavam os rogos que lhes faziam, em nome de Deus, para lhes deixar uma pequena porção e julgavam fazer-lhes grande favor, não os matando depois de os ter roubado.

Assim essa pobre gente era tratada pelos soldados. Quanto às pessoas da nobreza eram levadas aos tiranos, que autorizavam todos os crimes; e com falsas acusações eles faziam morrer a muitos como tendo tomado parte nalguma conspiração, para entregar a cidade aos romanos; a maior parte, com o pretexto de que queriam fugir para junto deles. Simão mandava a João os que ele tinha despojado de seus bens e João mandava a Simão os que ele tinha tratado do mesmo modo. Dessa forma eles se divertiam com o sangue do povo e dividiam entre si os despo-jos desses infelizes. A paixão de dominar os separava, mas a conformidade de suas ações os unia; e entre ambos passava por mau aquele que não fizesse participante, ao outro, de seus roubos, como se fosse grave injustiça não lhe dar o que aquela detestável sociedade de crimes fazia merecer mais do que o outro.

Seria tentar coisa impossível querer relatar detalhadamente toda a crueldade desses ímpios. Contento-me em dizer que não creio, que desde a criação do mundo se tenha visto outra cidade sofrer tanto, nem outros homens cuja malícia fosse tão fecunda em toda sorte de maldade. Eles amaldiçoavam mesmo aos do seu país, para tornar mais suportável aos estrangeiros a sua raiva e seu furor para com eles e como a maldade corrompe de tal modo o ar, quando chega ao auge, tanto que não se pode mais ocultar, mas se manifesta por si mesma, a verdade obrigou esses celerados a confessar que eles eram escravos, gente ajuntada, abortos, escória de nossa nação. Eles podem-se vangloriar da glória que lhes cabe, de ter destruído Jerusalém, de ter obrigado os romanos a conseguir tão funesta vitória e de merecerem ser considerados como incendiários do Templo, pois que muito mais tarde foram dominados. Eles viram as chamas devorar a cidade alta, sem demonstrar o menor sentimento de dor, nem derramar uma única lágrima, embora muitos romanos fossem tomados desses mesmos sentimentos de humanidade. Mas devemos falar agora

mais particularmente dessas coisas, na continuação da nossa história.

Capítulo 28

Muitos dos que fugiam de Jerusalém, tendo sido atacados pelos romanos e aprisionados depois de se terem defendido, eram crucificados à vista dos outros judeus. Mas os rebeldes, em vez de se comoverem, tornavam-se ainda mais insolentes.

418. Tito, entretanto, fazia as plataformas avançarem sempre mais, embora os que nelas trabalhavam fossem mui perturbados pelos judeus que defendiam as muralhas. Ele mandou então uma parte de sua cavalaria colocar-se de emboscada nos vales a fim de apanhar os que saíam para buscar alimentos, dentre os quais havia também soldados não satisfeitos com o que roubavam na cidade; mas a maior parte era do baixo povo, que o temor de deixar suas esposas e seus filhos expostos à raiva daqueles celerados impedia de fugir e a fome obrigava a sair. A necessidade e o temor do suplício os obrigavam a se defender quando eram descobertos e atacados; e como não podiam esperar misericórdia, depois de se terem defendido, não a pediam também, e eram assim crucificados a vista dos que estavam na cidade. Tito achava que havia naquilo muita crueldade, pois não se passava um dia sem que não se apanhassem pelo menos uns quinhentos e, às vezes, mais; ele não via porém possibilidade de fazer voltar, àqueles que haviam sido aprisionados; achava muita dificuldade em prendê-los, por causa de seu número e ele esperava que a vista de um espetáculo tão terrível poderia impressionar os judeus da cidade, pelo temor de serem tratados do mesmo modo, pois o ódio e a raiva de que os soldados romanos estavam possuídos, faziam sofrer àqueles míseros, antes de morrer, tudo o que se pode esperar da insolência de soldados. Não eram suficientes as cruzes, e havia já falta de lugar, para tantos instrumentos de suplício. Eles levavam para as muralhas, amarrados com cordas, os amigos daqueles que haviam fugido e aqueles dentre o povo que mais mostravam desejar a paz, e diziam que eles estavam nas mãos dos romanos, não como prisioneiros, mas como suplicantes. Esse estratagema deteve por um tempo a vários que tinham intenção de fugir, mas logo que vieram a sabê-lo,

um grande número deles se foi, sem que o temor do suplício, que eles não duvidavam lhes estava preparado, os pudesse reter, e a morte que recebiam das mãos dos inimigos parecia-lhes suave em comparação com o que a fome e a miséria os faziam sofrer. Tito mandou cortar as mãos a vários e os mandou nesse estado a João e a Simão para lhes mostrar, com esse tratamento excessivamente severo, que eles não eram desertores e mostrar-lhes que eles deviam pelo menos então deixar de querer obrigá-lo a destruir a cidade e pensar antes naquela contingência extrema em salvar a vida, sua pátria e aquele Templo, ao qual nenhum outro se podia comparar. Mas ao mesmo tempo ele apressava os trabalhos para reduzir pela força àqueles que não podia convencer pela razão.

Os malvados, porém, do alto das muralhas faziam mil imprecações contra Vespasiano e contra Tito; diziam que desprezavam a morte, porque lhes era glorioso preferi-la a uma vergonhosa escravidão e que conservariam até o último suspiro o desejo de mostrar aos romanos que eles não punham limites aos males que gostariam de lhes poder causar. No que se referia à sua pátria, pois Tito mesmo lhes dizia que estavam perdidos, eles não tinham razão de se entristecer. Quanto ao Templo, Deus tinha um outro infinitamente maior e mais admirável, porque o mundo inteiro era seu Templo, o que não impedia que ele não pudesse conservar aquele no qual habitava e que, tendo-o por defensor, zombavam daquelas ameaças, que não podiam, se Ele não o permitisse, serem seguidas de seus efeitos. Era assim que aqueles malvados respondiam com insolência às razões que os deveriam persuadir.

Capítulo 29

Antíoco, filho do rei de Comagena, que comandava entre outras tropas, no exército romano, uma companhia de moços que eram chamados de macedônios, vai temerariamente ao assalto e é repelido com grandes perdas.

419. Entre outras tropas que Antíoco Epifanio tinha levado com o exército romano, havia uma companhia de moços, todos no vigor da idade, que eram chamados de macedônios, não que o fossem de nascimento nem que lhes

fossem comparáveis, mas porque estavam armados como eles e eram instruídos nos mesmos exercícios da guerra. De todos os reis sujeitos ao Império Romano, nenhum outro se poderia dizer tão feliz como o de Comagena, antes da mudança da sorte, mas aquele príncipe mostrou na sua velhice, que ninguém pode sê-lo antes da morte. Enquanto a sorte lhe era favorável, seu filho que havia recebido da natureza uma grande inclinação para a guerra, e tão extraordinariamente forte que o tornava ousado e valente, disse que ele se admirava de ver que os romanos adiavam tanto o assalto. Tito sorriu e respondeu que o campo estava aberto para todos. Foi o suficiente para Antíoco. Ele partiu imediatamente ao ataque com seus macedônios e soube por sua força e habilidade evitar os dardos atirados pelos judeus e atirá-los também. Mas os moços que ele comandava, depois de se terem obstinado bastante no combate, por vergonha de recusar, depois de tantas promessas de não fazê-lo, não puderam sustentar o ataque dos judeus. A maior parte então ficou ferida e eles se retiraram e mostraram que para vencer é necessário ter, além da coragem dos macedônios, a sorte de Alexandre.

CAPÍTULO 30

JOÃO DESTRÓI COM UMA MINA AS PLATAFORMAS FEITAS PELOS ROMANOS QUE ESTAVAM DO SEU LADO, E SIMÃO, COM OS SEUS, INCENDEIA OS ARÍETES, QUE BATIAM NOS MUROS QUE ELE DEFENDIA E ATACA OS ROMANOS ATÉ NO SEU ACAMPAMENTO. TITO VEM EM SEU AUXÍLIO. PÕE OS JUDEUS EM FUGA.

420. Embora os romanos tivessem começado a doze de maio as quatro plataformas sem interrupção, puderam terminá-las em vinte e sete do mesmo mês, tendo então empregado nessa obra, dezessete dias, porque elas eram muito grandes. A que estava do lado da fortaleza Antônia, para o meio da piscina de Stroutium, fora construída pela quinta legião. A décima segunda legião construiu uma outra distante vinte côvados dali. A décima legião, que era a mais apreciada de todas, construiu a que estava ao norte, onde existe a piscina de Amigdalom. A décima quinta legião havia construído a que está perto do sepul-cro do sumo sacerdote João, distante da outra trinta côvados. As

obras estavam terminadas e as máquinas, colocadas em cima das mesmas; João, porém, fez minar até a plataforma que estava em frente à fortaleza Antônia, sustentou a terra com estacas e trouxe uma grande quantidade de madeira, embebida em resina de piche e betume e pôs-lhe fogo. Tendo os suportes sido rapidamente consumidos, a plataforma ruiu por terra, com grande estrondo. Tal destruição quase abafou o fogo; viu-se a princípio sair da terra uma grande nuvem de fumaça misturada com poeira, mas depois que o fogo reduziu a cinzas a matéria que lhe embargava a passagem, as chamas começaram a aparecer. Tão grande acidente sucedido aos romanos, que já julgavam prestes o momento de tomar a praça, encheu-os de pasmo e esfriou-lhes a esperança. Julgaram mesmo inútil continuar a trabalhar para extinguir o fogo, porque não poderiam impedir a destruição da plataforma.

421. Dois dias depois Simão com os seus atacou as outras plataformas sobre as quais os romanos tinham colocado seus aríetes e começavam a bater no muro. Um certo Tefté, de Garsi, na Galiléia, Megazaro, que tinha sido pajem da rainha Mariana, e um tal Adibeniano, filho de Nabateu, cognominado o Coxo, correram com fachos na mão para as máquinas e jamais em toda aquela guerra houve três homens mais decididos e mais temíveis. Lançaram-se pelo meio dos inimigos, como se nada tivessem que temer, quer dos dardos, quer das espadas, e só se retiraram depois de ter incendiado aquelas máquinas.

Quando as chamas começaram a se erguer, os romanos correram do acampamento para vir em auxílio dos seus. Mas os judeus os repeliram a dardos e desprezando o perigo travaram luta com aqueles que avançavam para apagar o fogo. Os romanos procuravam retirar os aríetes, cujos abrigos haviam sido queimados, e os judeus, para impedi-lo, permaneciam no meio das chamas sem se afastar, embora o ferro, com que aqueles aríetes estavam armados, se tivesse queimado todo. O incêndio passou dali para os terraços, sem que os romanos pudessem impedi-lo. Vendo-se assim rodeados pelo fogo de todos os lados e perdendo a esperança de conservar os seus trabalhos, retiraram-se para o acampamento. Essa retirada aumentou a ousadia dos judeus e seu número crescia sempre, porque outros vinham da cidade juntar-se a eles e então não duvidaram de que venceriam os romanos e foram com imprudente impetuosidade atacar o seu corpo de guardas. É ordem inviolável entre os

romanos, que há sempre quem se ajude reciprocamente, para que, sob pena de morte, ninguém abandone o companheiro, seja qual for o motivo. Mas numa ocasião tão importante os que esta ordem obrigava a não deixá-los, preferindo uma morte horrível ao castigo que lhes poderiam fazer sofrer, saíram para deter o ímpeto dos judeus, e vários dos que fugiam comovidos pelo perigo em que os viam e também de vergonha, voltaram as costas e repeliram com suas máquinas aquela grande multidão que saía em desordem da cidade. Aqueles homens desesperados não atacavam somente os romanos que encontravam, mas lançavam-se como animais ferozes à ponta de suas lanças e os derrubavam com o corpo. Assim, sua ousadia procedia mais de brutalidade do que de verdadeiro valor e os romanos recuavam, por um sábio estratagema, para lhes deixar passar a fúria.

422. Entretanto, Tito, que tinha ido à fortaleza Antônia, para escolher lugares apropriados, a fim de levantar outras plataformas, voltou ao acampamento e repreendeu severamente os soldados, porque depois de se terem apoderado dos principais muros dos inimigos e de tê-los encerrado no último, como numa prisão, deixavam-se surpreender por eles mesmo em seu próprio acampamento. Atacou, depois, os judeus pelos flancos, com algumas das suas melhores tropas e eles retrocederam, mas defenderam-se corajosamente. O combate acendeu-se com enorme entusiasmo de lado a lado, ergueu-se então uma grande nuvem de poeira e ressoaram tão grandes gritos, que os olhos ofuscados e os ouvidos aturdidos não podiam distinguir os amigos, dos inimigos. Os judeus permaneciam sempre firmes e mais por desespero do que por confiança em suas forças, e os romanos estavam tão animados pela vergonha de não poder conservar a glória de suas armas e pelo perigo em que viam seu general, que não duvido de que eles não teriam dizimado a todos os judeus, se eles não tivessem evitado seu furor, retirando-se para a cidade. Assim os romanos não encontraram mais inimigos pela frente; mas não se podiam consolar de ter, pela destruição de suas obras, perdido numa hora, o que lhes havia custado tanto tempo e tantas dificuldades; vários, mesmo, vendo suas máquinas despedaçadas, perdiam a esperança de tomar aquela praça.

CAPÍTULO 31

TITO CERCA TODA JERUSALÉM COM UM MURO QUE TINHA TREZE FORTES E TODA ESSA GRANDE OBRA FOI FEITA EM TRÊS DIAS.

423. Estavam as coisas nesse estado, quando Tito reuniu os seus conselheiros. Houve várias opiniões e idéias. Os mais ousados propuseram dar um assalto geral com todo o exército, que até então havia combatido separadamente, porque, atacando todos de uma vez, os judeus não poderiam resistir a tão grandes forças e ficariam esmagados sob dardos e flechas. Os mais prudentes propuseram, ao contrário, para se agir com segurança, erguer novas plataformas; outros disseram que seria inútil encetar os mesmos trabalhos, porque sem atacar, seria impossível vencer homens que a fome mais temível que as armas, reduzia a tal desespero, que eles nada mais desejavam do que a morte. Tito depois de ter escutado suas razões não julgou que era coisa digna de tão grande exército, como o seu, ficar sem ação. Ele achava, além disso, inútil combater contra homens que se destruíam a si mesmos e via por outro lado que era quase impossível erguer outras plataformas, por falta de material. Achavam muitas dificuldades em impedir os ataques dos judeus, porque a volta da cidade era muito grande e de mui difícil acesso, em vários lugares, que por mais forte que fosse seu exército não era bastante para rodeá-la completamente. E quando mesmo pudesse fazê-lo e fechasse assim as estradas principais, os judeus não deixariam de atacá-los, por outros caminhos mais escondidos, que só eles conheciam ou que a necessidade os faria encontrar. Se eles fizessem entrar alimento na cidade, secretamente, o cerco se prolongaria indefinidamente, o atraso em tomar a praça diminuiria de muito a glória dos romanos e assim, para conservar a fama do império, apertando o cerco e ao mesmo tempo cuidando da segurança dos soldados, ele era de opinião que se construísse um muro em todo o perímetro da cidade e desse modo os judeus, estando encerrados dentro das muralhas e não podendo esperar mais salvação, seriam obrigados a se entregar, ou reduzidos pela fome a tal estado, que poderiam ser atacados sem dificuldades, ao passo que, do contrário, eles estariam sempre prontos a resistir. Mas acrescentou que não deixaria de dar ordem para que se recomeçassem os trabalhos, do qual aqueles que ainda

restavam, embora mais fracos, eram capazes de reter os ataques do inimigo. Se a dificuldade de tão grande empreendimento, como a construção daquele muro, causava espanto a alguns, eles deviam considerar que as coisas fáceis não são dignas dos romanos e que os grandes feitos exigem grandes trabalhos e que só pertence a Deus fazer sem dificuldade o que parece impossível aos homens.

O grande príncipe assim falou e todos se mostraram de acordo com ele. Ordenou então que dividissem os trabalhos por todas as tropas, viu-se em seguida em todo o exército uma grande emulação, que parecia ter algo de sobrenatural, porque depois que as incumbências foram distribuídas entre todas as legiões, não somente os que as comandavam, mas todos os que a compunham, trabalhavam sem descanso com incrível ardor; os simples soldados, para serem louvados por seus sargentos, os sargentos por seus oficiais, os oficiais por seus tribunos e os tribunos por aqueles que os comandavam. Tito era continuamente o juiz de tão nobre emulação, pois não se passava um dia sem que ele não visitasse diversas vezes todas as obras.

O muro começava no acampamento dos assírios, onde ele tinha estabelecido o seu acampamento; continuava até a nova cidade baixa e depois de ter atravessado o vale de Cedrom chegava até o monte das Oliveiras, que rodeava do lado do sul, até a rocha do pombal, como também a colina que estava acima do vale de Siloé, de onde, voltando-se para o oriente, descia por aquele vale, onde está a fonte de que tem o nome. De lá alcançava o sepulcro do sumo sacerdote Anano, rodeava o monte onde Pompeu outrora havia acampado, voltava-se em seguida para o norte, chegava até a aldeia de Erebitom, cercava o sepulcro de Herodes, do lado do oriente, e de lá voltava ao lugar onde havia começado. Todo esse circuito media trinta e nove estádios e havia treze fortes, cuja torre era de dez estádios; mas o que parece incrível, e que é digno dos romanos, é que essa grande obra que teria levado aparentemente três meses para sua execução, foi começada e terminada em apenas três dias. A cidade estava pois assim rodeada e cercada; colocaram-se então tropas nas torres, as quais passavam a noite toda em armas. Tito, por primeiro, fazia a primeira ronda, Tibério Alexandre, a segunda, e os que comandavam as legiões, a terceira. Os soldados dormiam uns depois dos outros.

CAPÍTULO 32

ESPANTOSA MISÉRIA EM QUE SE ACHAVA JERUSALÉM E INVENCÍVEL TEIMOSIA DOS REBELDES. TITO FAZ ERGUER QUATRO NOVAS PLATAFORMAS.

424. Os judeus, vendo-se então inteiramente cercados na cidade, desesperavam-se de uma vez de sua salvação. A fome que sempre aumentava, devorava famílias inteiras. As casas estavam cheias de cadáveres de mulheres e de crianças, e as ruas, de corpos de anciãos. Os moços, inchados e cambaleando pelas ruas, mais pareciam espectros do que seres vivos e o menor obstáculo os fazia cair. Assim, não tinham forças para enterrar os mortos e quando mesmo as tivessem, não teriam podido fazê-lo, quer por seu número muito elevado, quer porque eles mesmos não sabiam quanto tempo ainda lhes restaria de vida. Se alguém se esforçava por prestar esse dever de piedade, morria também quase sempre de fazê-lo; outros arrastavam-se como podiam até o lugar de sua sepultura, para ali esperar o momento da morte, que estava próxima. No meio de tão espantosa miséria não se ouviam choros nem lamentos, não se escutavam gemidos, porque aquela fome horrível com que a alma estava inteiramente ocupada afogava todos os outros sentimentos. Os que ainda viviam, contemplavam os mortos com olhos enxutos, e seus lábios inchados e lívidos lhes faziam ver a morte esculpida no rosto. O silêncio era tão grande em toda a cidade, como se ela tivesse sido sepultada numa noite profunda ou que lá não vivesse mais um ser humano. Em tal contingência aqueles celerados, que de tudo eram a causa principal, mais cruéis que a mesma fome e que os animais ferozes, entravam naquelas casas que eram mais sepulcros que lares, e despojavam os mortos, tiravam-lhes até as vestes, e acrescentando ainda a zombaria a tão espantosa desumanidade feriam com golpes os que ainda respiravam para experimentar se suas espadas ainda tinham gume. Mas ao mesmo tempo, por uma crueldade contrária, recusavam-se a matar, com desprezo, àqueles que lhos pediam, ou ainda emprestar-lhes a espada para que eles mesmos se matassem, a fim de se libertar dos males que a fome os fazia sofrer. Os moribundos, ao entregar a alma, voltavam os olhos para o Templo, tinham o coração partido de dor por deixar ainda com vida

aqueles celerados, que o profanavam de maneira tão horrível. Aqueles monstros de impiedade, no começo, enterravam os mortos à custa do poder público, para se livrar do mau cheiro. Mas não podendo mais fazê-lo, jogavam-nos por cima do muro, ao fundo dos vales. O horror que Tito sentiu por vê-los, quando deu a volta a toda a praça e o estranho fedor do apodrecimento dos cadáveres, fê-lo soltar um profundo suspiro; ele elevou suas mãos para o céu e tomou a Deus por testemunha de que não era culpado de tudo aquilo. Este é o estado mais que deplorável de tão infeliz e miserável cidade.

Como os romanos não temiam mais os ataques dos judeus, que o desânimo, bem como a fome, mantinha dentro de seus muros, viviam tranqüilos e nada faltava ao seu exército, porque traziam da Síria e das províncias vizinhas trigo e todas as outras provisões de que podiam ter necessidade. Eles os expunham à vista dos judeus e tão grande abundância de alimentos incitava-lhes ainda mais a fome, aumentando neles o pavor de sua miséria. Nada, porém, era capaz de mover os rebeldes. Tito para salvar, pelo menos, tomando a cidade o mais depressa possível, o restante desse pobre povo, de que ele sentia compaixão, mandou erguer novas plataformas, embora tivessem de fazê-lo com grandes dificuldades, pela falta de materiais, porque haviam empregado toda a madeira naquelas que haviam sido destruídas pelo fogo, e os soldados deviam ir buscar novos troncos de árvores a noventa estádios da cidade. Começaram perto da fortaleza Antônia a erguer quatro plataformas, maiores que as precedentes, e Tito estava continuamente a cavalo, para apressar aquele estafante trabalho, que devia tirar todas as últimas esperanças dos rebeldes; mas eles eram incapazes de se arrepender. Parece que tinham o corpo e a alma completamente isolados sem se comunicarem entre si, tão pouco ou nada se comoviam com o que muito os deveria impressionar e seus corpos eram insensíveis à dor. Eles estraçalhavam como cães os cadáveres daquele pobre povo, e enchiam as prisões com os que ainda respiravam.

Capítulo 33

Simão, ante uma acusação falsa, manda matar o sumo sacerdote Matias, o qual fora causa de que ele fosse recebido em Ferusalém. Horrível crueldade que ele acrescenta a tão grande desumanidade.

MANDA AINDA MATAR A DEZESSETE OUTRAS PESSOAS DA NOBREZA E PÕE NA PRISÃO A MÃE DE JOSEFO, AUTOR DESSA HISTÓRIA.

425. Simão, depois de ter torturado desapiedadamente o sumo sacerdote Matias, ao qual devia o favor de ter sido recebido na cidade, mandou matá-lo. Matias era filho de Boeto e era o sacerdote que mais afeição tinha ao povo e que por ele era o mais amado. Assim, vendo com que crueldade João o tratava, ele o havia persuadido a receber Simão, para ajudá-lo contra ele, sem nada estipular a Simão em particular, porque julgava nada ter que temer de um homem que lhe devia tão grande favor. Mas quando esse ingrato se viu senhor da cidade, em vez de distingui-lo dos demais que lhe eram inimigos, atribuiu à simplicidade o conselho que tinha dado de se lhe abrirem as portas e fê-lo acusar de estar de acordo e de mãos dadas com os romanos, condenando-o assim à morte, bem como a três de seus filhos, sem nem ao menos permitir-lhes que se justificassem e se defendessem. O único favor que esse venerável ancião pediu ao tirano, como recompensa pelo favor que lhe tinha prestado, foi de fazê-lo morrer por primeiro. Mas esse bárbaro mais feroz que o próprio tigre, recusou-lho. Assim, depois de terem interrogado seus filhos, na sua presença, misturaram seu sangue com o deles, à vista dos romanos: Anano, filho de Bamade, um dos mais cruéis satélites de Simão, não se contentou em ser o executor dessa detestável ordem; ele dizia por gracejo que iam ver se os romanos aos quais Matias queria entregar a cidade, seriam capazes de o salvar. Nada mais restava para encher a medida de tão horrível desumanidade do que recusar a sepultura a esses quatro corpos; e Simão não deixou de proibir que o fizessem.

426. O furor desse monstro de crueldade não se deteve ainda aí: mandou matar o sacerdote Ananias, filho de Masbal, que era de nobre descendência; Aristeu, secretário do conselho, natural de Emaús e homem de mérito, e quinze outros dos principais dentre o povo. Mandou também pôr na prisão a mãe* de Josefo e proibir a som de trombeta que lhe falassem nem fossem visitá-la, sob a pena de ser culpado de traição; os que desobedeciam a essa ordem eram imediatamente condenados à morte, sem qualquer forma de justiça.

---

* O texto grego diz que era o pai, mas a continuação da história mostra que foi a mãe.

CAPÍTULO 34

JUDAS, QUE TINHA O COMANDO DE UMA DAS TORRES DA CIDADE, QUER ENTREGÁ-LA AOS ROMANOS. SIMÃO VEM A SABÊ-LO E O MANDA MATAR.

427. judas, filho de Judas, um dos oficiais de Simão, que tinha o comando de uma das torres da cidade, impressionado e comovido ante tanta miséria e dor, ante tanta crueldade e mais ainda, sem dúvida, pelo desejo de prover à sua segurança, reuniu dez de seus soldados, que estavam sob seu comando e nos quais depositava inteira confiança e disse-lhes; "Até quando suportaremos essa opressão? Até quando seremos esmagados por tantos males? Que esperança de salvação nos pode restar enquanto obedecermos ao pior de todos os homens? A fome nos destrói; os romanos já estão quase dentro da cidade, Simão não somente é infiel para com seus benfeitores, mas nada há que não tenhamos que temer de sua crueldade e os romanos ao contrário mantêm inviola-velmente sua palavra. Quem nos poderia então impedir de lhes entregarmos esta torre para salvar a cidade e salvar-nos também, e que castigo deve sofrer Simão que não tenha muito justamente merecido?"

Estas palavras persuadira os dez soldados e Judas, para impedir que os outros manifestassem a sua deliberação, deu-lhes diversas incumbências e pelas três horas, chamou os romanos, do alto da torre, e disse-lhes da sua intenção. Uns não se incomodaram; outros não lhe prestaram fé e outros pouco se incomodavam porque não duvidavam de que dentro em pouco, sem perigo algum, eles seriam senhores da cidade. Nesse ínterim, Tito chegou com alguns dos seus. Mas Simão fora avisado do que se estava passando, dirigiu-se à torre, mandou matar Judas e seus companheiros, à vista dos romanos, e atirar seus corpos por cima das muralhas.

CAPÍTULO 35

JOSEFO EXORTA O POVO A PERMANECER FIEL AOS ROMANOS E É FERIDO POR

UMA PEDRA. DIVERSOS EFEITOS QUE PRODUZ EM FERUSALÉM A PERSUASÃO DE QUE ELE TINHA MORRIDO E O QUE ACONTECEU, EM SEGUIDA, QUANDO SE SOUBE QUE ESSA NOTÍCIA ERA FALSA.

428. Como Josefo não deixava de exortar os judeus a evitar a própria ruína, entregando uma praça que já não lhes era possível defender, um dia, quando para esse fim dava volta em torno da cidade, foi ferido na cabeça por uma pedrada, que o fez cair e perder os sentidos. Os judeus acorreram imediatamente para aprisioná-lo e tê-lo-iam levado, se Tito não o tivesse socorrido prontamente. Enquanto combatiam, os romanos levaram josefo que ainda não havia recuperado os sentidos e na certeza de que ele tinha morrido, os rebeldes soltaram gritos de alegria. A notícia espalhou-se imediatamente por toda a cidade e causou grande consternação aos habitantes, porque toda a esperança de salvação estava em tê-lo como intercessor, se pudessem encontrar um meio de sair dali. Sua mãe soube da notícia na prisão, e facilmente lhe deu crédito; disse aos guardas, que eram de Jotapate, que não esperava tornar a ver seu filho e não pondo limites ao seu sofrer, quando estava sozinha com as outras mulheres, exclamava, banhada em lágrimas: "É essa a vantagem que tiro de minha fecundidade? Que não me seja possível sepultar àquele, do qual devia receber a honra de sepultura?" Mas essa falsa notícia não a afligiu por muito tempo e bem depressa interrompeu o regozijo dos rebeldes; depois que josefo foi medicado e retomou os sentidos, voltou para a cidade e disse àqueles malvados que sofreriam bem depressa o castigo por terem-no ferido; continuou a exortar o povo a conservar-se fiel aos romanos. Uns e outros ficaram igualmente surpreendidos por vê-lo ainda vivo, mas com esta diferença: que os rebeldes ficaram tão atônitos quanto o povo se sentiu alegre e retomou coragem pela confiança que nele depositava.

CAPÍTULO 36

ESPANTOSA CRUELDADE DOS SÍRIOS E DOS ÁRABES DO EXÉRCITO DE TITO E MESMO DE ALGUNS ROMANOS QUE ABRIRAM O VENTRE DOS QUE FUGIAM DE JERUSALÉM PARA PROCURAR OURO. HORROR QUE TITO SENTIU COM ISSO.

429. Uma parte dos que fugiam de Jerusalém, para se salvar, lançavam-se por cima das muralhas; outros tomavam pedras, com o pretexto de querer se servir delas contra os romanos e em seguida passavam para o seu lado. Mas depois de terem evitado um grande mal, caíam num outro ainda maior, porque o alimento que tomavam dava-lhes uma morte mais rápida do que a que a fome lhes causava. Estando inchados e hidropicos, comiam com tanta avidez, para encher o estômago vazio, que faziam a natureza desfalecer, e rebentavam, quase no mesmo instante. Os mais sensatos, ante esses exemplos, evitavam tal inconveniente, comendo por vez, para acostumar de novo o estômago, às suas forças ordinárias. Mas então encontravam-se num estado ainda mais deplorável que antes. Vimos como muitos que, querendo se salvar, engoliram ouro, de que havia na cidade uma grande quantidade e o que valia antes vinte e cinco áticos, então valia somente doze. Aconteceu que um desses fugitivos foi surpreendido no quarteirão dos sírios, quando procurava naquilo de que a natureza o obrigava a se desfazer, o ouro que tinha engolido; a notícia correu imediatamente por todo o acampamento de que os fugitivos tinham o corpo cheio de ouro. Vários então dos sírios e dos árabes começaram a abrir o ventre dos prisioneiros para procurar nas suas entranhas o metal com que queriam satisfazer à sua abominável ambição, o que penso ser a mais horrível de todas as crueldades, que jamais os judeus tiveram de sofrer, por maiores e mais estranhas que tenham sido as outras; numa só noite, dois mil terminaram sua vida desse modo.

430. Tito sentiu com isso tal horror que mandou sua cavalaria rodear imediatamente todos os culpados para matá-los, numa chuva de dardos, e o teria feito se não viesse a saber que seu número sobrepujava de muito o dos mortos. Ele reuniu então todos os chefes dessas tropas auxiliares e mesmo das do império, porque alguns soldados romanos tinham tomado parte naquele crime e disse-lhes, encolerizado: "Será possível que haja entre vossos soldados, homens mais cruéis que os mais ferozes dos animais, que não tiveram receio de cometer tão detestável crime, na esperança de um lucro incerto e não tenha vergonha de se enriquecer de maneira tão execrável? Como os árabes e os sírios tiveram coragem de praticar tão horríveis desumanidades, numa guerra que

não lhes interessava, nem a eles se refere, e de dar motivo a se atribuir aos romanos o que sua ambição, sua crueldade e seu ódio pelos judeus os levaram a fazer?"

Depois de ter assim falado, declarou que aquele que tão ousada e malignamente fizesse algo de semelhante, seria imediatamente executado. Ordenou a todos os oficiais das legiões que fizessem uma indagação bem exata dos que eram ainda suspeitos. Mas nenhum temor de castigo é capaz de reprimir a ambição e a avareza. O amor das riquezas é tão natural aos homens que essa paixão cresce sempre, e Deus, que tinha condenado esse povo miserável a perecer, permitia que tudo o que poderia contribuir para sua salvação, não tivesse eficácia nem efeito. Como o castigo ordenado por Tito impedia que se cometesse o crime publicamente, eles o faziam às escondidas. Aqueles bárbaros, depois de terem usado de todas as precauções, não sendo vistos pelos romanos, continuavam a abrir o ventre dos fugitivos que lhes caíam nas mãos, para procurar ouro em suas entranhas e satisfazer com esse lucro abominável seu ardente desejo de enriquecer. O mais das vezes, porém, nada encontravam. Assim a maior parte dessa pobre gente era constituída de infelizes vítimas de uma enganadora esperança, e aquela horrível crueldade impediu a muitos judeus, sair da cidade para se entregar aos romanos.

CAPÍTULO 37

SACRILÉGIOS COMETIDOS POR JOÃO NO TEMPLO.

431. Depois que João reduziu o Templo a esse estado, que nele nada mais lhe restava para saquear, tendo-o despojado completamente, passou das pilhagens ordinárias aos sacrilégios. Atreveu-se, por uma impiedade inominável, que sobrepuja mesmo a toda credulidade, a tomar diversos dons oferecidos a Deus no Templo, e o que era destinado para o divino serviço, como taças, cálices, pratos, mesas, até mesmo vasos de ouro que Augusto e a imperatriz sua esposa tinham oferecido. Os imperadores romanos sempre tiveram veneração por esse Templo e demonstraram, por meio de presentes, o prazer que sentiam em enriquecê-lo. Assim, viu-se um judeu arrancar daquele lugar sagrado, por uma execrável impiedade, aqueles objetos ve-neráveis que

estrangeiros lhe haviam dado e tinha ele ainda a desfaçatez de dizer aos que tinham entrado na sociedade de seus crimes, que podiam sem temor usar das coisas consagradas a Deus, pois era por Deus que eles combatiam. Ousou mesmo tomar, sem receio, e dividir com eles, o vinho e o óleo que os sacerdotes conservavam na parte interior do Templo, para empregá-los nos sacrifícios.

Deve-se pois perdoar à minha dor, o que ouso dizer: que se os romanos tivessem diferido em castiaar Delas armas tão grandes criminosos, creio que a terra se teria aberto para tragar aquela miserável cidade; ou ela teria perecido por um outro dilúvio, ou teria sido destruída pelo fogo do céu como Gomorra, pois as abominações que ali se cometiam e que por fim causaram a ruína de todo o povo sobrepujavam as que obrigaram Deus a lançar seus raios vingadores sobre aquela outra detestável cidade.

Jamais poderia fazê-lo, se tivesse querido relatar em particular todos os males que sobrevieram durante esse cerco, mas poder-se-á julgar, a esse respeito, pelo pouco que vou dizer: Maneu, filho de Lázaro, depois de ter fugido para junto de Tito, disse-lhe que desde o dia catorze de abril até primeiro de julho, haviam passado cento e quinze mil oitocentos e oitenta corpos de mortos, pela porta onde ele estava de guarda e, entretanto, apenas havia contado aqueles, dos quais era obrigado a saber o número, por causa de uma distribuição pública de que estava encarregado. Quanto aos outros, os parentes tinham o cuidado de enterrá-los, isto é, de levá-los para fora da cidade, pois era apenas isso a sepultura que se lhes dava. Outros fugitivos, que eram pessoas da nobreza, afirmaram que o número dos pobres que tinham sido levados desse modo para fora da cidade, não era inferior a seiscentos mil. O dos outros, era incrível. E como por fim não se podiam transportar tantos corpos, era-se obrigado a lançá-los em grandes casas, das quais se fechavam as portas. Um pacote de trigo valia um talento, e depois da construção do muro que rodeava toda a cidade, os pobres, não podendo mais sair para procurar ervas, tinham sido reduzidos a tal extremo, que iam mesmo nos esgotos, procurar velho estéreo de boi para comer e outras imundícies cuja vista somente causa horror. Os romanos não puderam ouvir falar de tantas misérias sem se sentir movidos à compaixão. Mas os revoltosos tudo viam sem se arrepender, de lhes terem eles sido a causa, porque Deus os cegava de tal modo, que eles não viam o

precipício em que iam cair com toda aquela desgraçada cidade.

Livro Sexto

Capítulo 1

Horrível miséria a que Jerusalém se encontra reduzida e incrível desolação de todos os países dos arredores. Os romanos terminam em vinte e um dias suas novas plataformas.

432. Os males que afligiam Jerusalém aumentavam cada vez mais; o furor dos revoltosos aumentava também, pois a fome era tal que os roubos não impediam que eles também começassem a se sentir envolvidos na mesma miséria geral, que já tinha destruído grande parte do povo e que reduzia ao último extremo os que ainda viviam. Os cadáveres que enchiam a cidade e a contaminavam com seu mau cheiro, o que não se podia contemplar sem horror, retardavam mesmo os ataques, pois a quantidade não era menor que a dos que poderiam ter tombado numa grande batalha, dentro dos muros. Havia mortos por toda a parte; pelas estradas, pelas ruas, não se podia passar sem que pisasse nalgum cadáver. Mas o endurecimento de seu coração era tal que esse espetáculo tão horrendo não os impressionava, não lhes causava a compaixão, e não os fazia considerar que aumentariam bem depressa o número dos que eles calcavam aos pés com tanta desumanidade. Depois de ter numa guerra interna manchado suas mãos no sangue de seus próprios concidadãos, pensavam agora somente em lutar contra os romanos, numa guerra externa e parecia que eles censuravam a Deus que adiava o castigo, pois não havia mais esperança de vencer; era o desespero que lhes inspirava tanta coragem e ousadia.

433. Entretanto, os romanos em vinte e um dias terminaram as novas plataformas, não obstante a dificuldade em encontrar a madeira necessária para tal obra. Eles devastaram toda a região a oitenta estádios nos arredores de Jerusalém; e jamais terra ficou tão desfigurada. Onde outrora havia bosques e árvores frondosas, jardins deliciosos, não havia agora uma única árvore, e não somente os judeus, mas os estrangeiros, que antes admiravam aquela formosa

parte da Judéia, agora não seriam capazes de reconhecer, nem ver os maravilhosos arrabaldes daquela grande cidade, convertidos em terrenos abandonados e silvestres, sem que tão deplorável mudança os fizesse derramar lágrimas. Foi assim que a guerra de tal modo destruiu uma região tão favorecida por Deus, que já não lhe restava o menor vestígio de sua beleza antiga e podia-se perguntar em Jerusalém, onde então estava Jerusalém.

CAPÍTULO 2

JOÃO FAZ UMA INCURSÃO PARA INCENDIAR AS NOVAS PLATAFORMAS, MAS É REPELIDO COM PERDAS. A TORRE, SOB A QUAL ELE TINHA FEITO UMA MINA, TENDO SIDO BATIDA PELOS ARÍETES DOS ROMANOS, CAI DURANTE A NOITE.

434. As novas plataformas deram, por várias razões, muitos motivos de temor aos judeus. Eles estariam perdidos se não se apressassem em queimá-las e os romanos desesperavam-se por não poderem erguer outras, se aquelas fossem destruídas, quer porque não havia mais madeira para construí-las, quer porque eles já estavam tão cansados do trabalho dessas últimas e também por outras fadigas que haviam suportado, que começavam a perder a coragem. Viam seus esforços malogrados, suas máquinas inutilizadas, seu trabalho contra os muros quase inútil, por causa da espessura deles e a desvantagem que haviam tido em vários combates, e por isso julgavam impossível vencer homens, aos quais nem a sua própria divisão, nem a guerra, nem a fome, não somente não eram capazes de assustar, e, que por uma intrepidez inconcebível, se elevavam acima de tantos males e se tornavam cada vez mais ousados. Que seria então, diziam eles, se tivessem a sorte favorável, pois, sendo-lhes tão adversa, em vez de lhes abater a coragem, só servia para fortalecê-los mais na sua obstinação? Como estas razões lhes tornavam os judeus tão temíveis, eles redobraram a guarda nos trabalhos.

435. João, entretanto, que tinha de defender a fortaleza Antônia, para prevenir o perigo em que se encontraria, se os romanos abrissem uma brecha, não perdia tempo, mas fortificava-se e tentava todas as coisas antes que os aríetes fossem postos em ação. No primeiro dia de julho, ele organizou um ataque, com archotes na mão, para incendiar os trabalhos dos romanos, mas

foi obrigado a regressar sem ter podido se aproximar deles, porque os ataques que moviam não eram bem preparados. Em vez de fazê-lo todos, ao mesmo tempo, e com aquela coragem e decisão naturais dos judeus, eles saíam em pequenos grupos e receosos. Assim, não atacaram os romanos com o mesmo vigor de costume, mas, ao contrário, encontraram-nos mais bem preparados do que antes, para recebê-los, pois estavam tão apertados uns contra os outros, tão bem cobertos por suas armas e tinham defendido tão bem suas obras, que não havia a menor abertura por onde atear o fogo, além de que estavam resolvidos a morrer antes que fugir, porque não tinham mais esperanças de poder erguer novas plataformas, se aquelas fossem incendiadas e consideravam uma vergonha intolerável, que sua coragem fosse superada pela ousadia dos judeus, seu valor, pela temeridade deles, a experiência pelo número deles e os romanos, pelos judeus. Assim, eles detiveram a golpes de dardos os mais atrevidos, que estavam mais perto; a morte e os ferimentos dos que tombavam lhes arrefeceram um tanto o entusiasmo; o número e a disciplina dos romanos espantaram os que os seguiam, muitos dos quais já estavam feridos, e todos se retiraram imediatamente, acusando-se uns aos outros de covardia.

436. Então os romanos fizeram seus aríetes avançar, para derrubar a torre Antônia e os judeus, para impedir que se aproximassem, empregaram o ferro, o fogo e tudo o que julgaram poder servir, porque ainda que confiassem nas muralhas, não temendo o efeito daquelas máquinas, entretanto, não queriam se descuidar de nada, para conservá-los afastados. Aquela resistência fazia os romanos crer que os judeus desconfiavam da firmeza de suas muralhas e que seus alicerces estavam abalados e, então, duplicaram os esforços, sem que a grande quantidade de dardos atirados pelos judeus lhes pudesse esmorecer o ardor. Mas quando viram, que embora seus aríetes batessem sem cessar, não podiam abrir uma brecha, resolveram recorrer ao solapamento e, cobrindo-se com seus escudos, em forma de tartaruga, contra os dardos e pedras que lhes eram atirados, trabalharam com tanta persistência, com ferramentas e com as mãos, que arrancaram quatro pedras dos alicerces da torre. A noite obrigou a uns e outros a um pouco de descanso e, entretanto, aquela parte do muro, sob o qual João tinha feito a mina por meio da qual havia destruído as primeiras plataformas dos romanos, estava enfraquecida

pelos golpes que os aríetes já lhe tinham dado, e caiu de repente.

CAPÍTULO 3

OS ROMANOS CONSTATAM QUE OS JUDEUS TINHAM FEITO OUTRO MURO POR TRÁS DAQUELE QUE TINHA CAÍDO.

437. Tão grave acidente e tão imprevisto causou dois efeitos contrários ao que se tinha motivo de esperar. Os judeus, que deveriam ficar bastante assustados pela queda daquele muro, não se admiraram absolutamente e a alegria dos romanos cessou em seguida, quando viram outro, que João tinha mandado construir. Esperavam contudo poder derribá-lo mais facilmente que o primeiro, quer porque a queda do outro tornava o acesso mais fácil, quer porque tendo sido construído recentemente não podia resistir muito. Ninguém, porém, ousava vir ao assalto, porque os que lá subissem por primeiro não podiam esperar conseguir o seu objetivo.

CAPÍTULO 4

PALAVRAS DE TITO AOS SOLDADOS PARA EXORTÁ-LOS A DAR O ASSALTO, PELA DESTRUIÇÃO QUE A QUEDA DO MURO DA TORRE ANTÔNIA HAVIA CAUSADO.

438. Como Tito sabia o que as palavras e a esperança podem no ânimo dos soldados para aumentar-lhes a coragem e as exortações unidas às promessas são por vezes capazes de não somente fazê-los esquecer o perigo, mas também desprezar a morte — reuniu os mais valorosos do exército e falou-lhes deste modo: "Meus companheiros, ser-nos-ia igualmente vergonhoso que eu tivesse necessidade de vos exortar a uma ação cujo perigo não fosse muito grande. Mas é uma coisa digna de mim e de vós, propor-vos um empreendimento não menos arriscado que glorioso. Assim, não deve a dificuldade que nele encontramos impedir-vos de tentá-lo, mas, ao contrário, é o que vos deve animar ainda mais, pois que o verdadeiro valor consiste em vencer os maiores obstáculos e a não temer expor-se à morte, para conquistar uma reputação imortal, quando mesmo não considerásseis as recompensas que esperam de mim os que se distinguirem num feito tão importante. Essa

invencível constância que os judeus demonstram no meio de tantos males, que assustariam as almas dos covardes, não vos devem também animar? Que vergonha, que soldados que em tempos de paz continuamente se ocupam em exercícios de guerra e que nesta estão habituados a vencer sempre, viessem a perder em coragem aos judeus, mesmo quando estamos a ponto de terminar tão grande empresa e que parece visivelmente que Deus nos ajuda? Quem não vê que nossos bons resultados são efeitos de nosso valor, favorecido pelo seu auxílio e que, ao contrário, os que esses revoltosos tiveram em alguns combates, só devem ser atribuídos ao seu desespero? Que pode melhor demonstrar que Deus está conosco e contempla esse povo com cólera, do que os males ordinários que devem sustentar, unidos ainda a um grande assédio, à fome que os destrói, às suas facções que os dividem, e às suas muralhas que caem por si mesmas, sem que sejam necessárias máquinas para nos abrir passagem? Que infâmia para vós, mostrar menos coragem que aqueles sobre os quais tendes tantas vantagens? Que ingratidão vossa para com Deus, se desprezásseis o seu auxílio? Oh! Os judeus, que não devem ter vergonha de ser vencidos, pois estão acostumados à servidão, não temem, para dela se libertar, desprezar a morte e atacar-nos com tanta ousadia, não pela esperança de nos poder vencer, mas por generosidade. Nós, que sujeitamos à nossa dominação quase todas as terras e todos os mares e a quem não é menos vergonhoso não vencer, do que aos outros ser vencidos, esperamos com um tão poderoso exército, que a fome e a miséria acabem por destruir esses rebeldes, sem ousarmos empreender uma ação gloriosa, embora nada haja que não possamos empreender sem grave perigo? Só temos que tomar a fortaleza Antônia, para ficarmos senhores do restante, pois que se depois de tê-la tomado encontrarmos ainda resistência, o que não creio, seria ela tão pequena que não mereceria ser considerada como tal, porque a vantagem que teríamos em combater daquele lugar elevado, que domina a todos os demais, mal daria aos inimigos a possibilidade de respirar, quando lhe tivéssemos assim o pé sobre a garganta. Não vos falarei dos louvores que merecem aqueles que terminam seus dias com as armas na mão, nos maiores perigos da guerra e que uma glória imortal torna sempre vivos, mesmo depois da morte, na memória dos homens. Mas vos direi somente que eu desejo que uma enfermidade, durante a paz, leve

os fracos e covardes, cujas almas e corpos descem juntos para o túmulo. Quem não sabe que os que morrem combatendo com invencível coragem apenas são libertados da prisão de seus corpos vão tomar assento no céu entre as estrelas, de onde suas almas heróicas são para seus descendentes como espíritos bem-aventurados, que os animam à virtude, pelo desejo de possuir um dia a mesma glória? Ao contrário, as almas dos que morrem de doença numa cama, por maiores tormentos que sofram num outro mundo para serem purificadas de seus pecados, são sepultadas com seus nomes nas trevas perpétuas?

Se a morte é inevitável a todos os homens, se é sem dúvida mais doce recebê-la por um golpe de espada que por uma enfermidade, que covardia pode igualar, a de recusar à utilidade da pátria e ao aumento da sua grandeza, uma vida que não podemos evitar de perder? Vede que vos falei até aqui, como se, dando esse assalto, corrêssemos a uma morte inevitável. Mas não há perigos que uma grande resolução não possa vencer. A queda desse primeiro muro já nos abre caminho para a vitória; o segundo não será difícil de se derrubar, contanto que ataqueis todos juntamente com o mesmo ardor, exortando-vos e animando-vos reciprocamente. Vossa coragem deixará atônitos os inimigos e talvez tenhamos êxito sem graves perdas, numa ação tão gloriosa, porque ainda que os judeus se esforcem por repelir os primeiros que derem o assalto, ainda não teremos obtido sobre eles a menor vantagem, que seu vigor diminuirá, aos poucos, até que não nos poderão mais oferecer resistência. Comprometo-me a recompensar de tal modo o mérito daquele que subir por primeiro à brecha, quer ele esteja vivo, quer morto, depois de ter praticado tão belo feito; ele será digno de inveja, pois que se sobreviver, comandará os que antes lhe eram iguais e se essa brecha for o seu túmulo, não haverá honras que eu não preste à sua memória".

CAPÍTULO 5

INCRÍVEL FEITO DE VALOR DE UM SÍRIO DE NOME SABINO, QUE SUBIU SOZINHO AO ALTO DA BRECHA E FOI MORTO.

439. Embora as palavras de tão generoso chefe devessem inspirar uma coragem extraordinária, a magnitude do perigo tinha causado tal impressão nos

espíritos, que ninguém se apresentou para o assalto, exceto um sírio, de nome Sabino, cujo aspecto era tão esquisito, que dificilmente seria tido como soldado. Era negro, magro, baixo, de compleição extremamente débil, mas aquele corpo pequeno era animado por uma grande alma, tanto que ele pode ser tido por um herói. Apresentou-se a Tito e disse-lhe: "Ofereço-me com alegria, grande príncipe, para subir por primeiro à brecha, para dar o assalto e executar vossas ordens; desejo que vossa boa sorte secunde minha afeição. Se isso não acontecer e eu morrer antes de ter podido alcançar o alto da brecha, não deixarei de ter obtido o meu intento, pois me proponho a mim mesmo apenas a glória e a felicidade de empregar minha vida ao vosso serviço". Depois de ter assim falado, tomou o escudo na mão esquerda, cobriu com ele a cabeça e segurando a espada com a direita, subiu, pelas seis horas, ao alto; seguido por onze outros, que quiseram imitá-lo; adiantou-se mais que eles com uma coragem sobre-humana, embora os inimigos lhe atirassem sem cessar uma nuvem de dardos e de flechas e rolassem também grandes pedras, que derribaram alguns dos que o seguiam. Assim, sem que nada fosse capaz de detê-lo, ele chegou ao alto do muro; tanta coragem assustou de tal modo os judeus que, pensando que ele era seguido por muitos outros, abandonaram a brecha. Como temos motivo de acusar nessa ocasião a sorte! Como a inveja parece sentir prazer em prejudicar os feitos heróicos! Sabino, depois de ter tão gloriosamente executado a sua empresa, foi atingido por uma pedra que o derrubou. O barulho da queda fez os inimigos voltarem a si e eles viram que ele estava sozinho, caído por terra. Atiraram-lhe então uma grande quantidade de dardos; nada, porém, era capaz de abater tão grande coragem e ele se defendia de tal modo, de joelhos, sempre coberto pelo escudo e sem abandonar a espada, que feriu ainda vários dos que dele se aproximaram; a quantidade, porém, de golpes que havia recebido, por fim, diminuíram-lhe as energias, ele não pôde mais segurar a espada e foi morto.

Assim o êxito correspondeu à dificuldade da empresa, embora sua coragem bem merecesse outro desfecho. Dos onze que o haviam seguido, três foram mortos a pedradas, quando já estavam bem perto do alto do muro, os outros oito voltaram bastante feridos para o acampamento. Isto se deu a três de julho.

Capítulo 6

Os romanos apoderam-se da fortaleza Antônia e também ter-se-iam podido apoderar do Templo, se não fosse a incrível resistência oposta pelos judeus num combate vigoroso, durante horas.

440. Dois dias depois, alguns soldados de guarda nas plataformas reuniram-se com as insígnias da quinta legião, dois cavaleiros tomaram uma trombeta e pelas nove horas da noite subiram pelas ruínas do muro sem fazer barulho, até a fortaleza Antônia. Encontraram os soldados do corpo da guarda mais avançada adormecidos e os mataram. Apoderando-se assim do muro, tocaram a trombeta. A esse barulho, os dos outros corpos de guarda, imaginando que os romanos eram em mui grande número, ficaram tomados de tal terror, que fugiram. Logo que Tito veio a sabê-lo, reuniu todas as tropas que tinha junto de si, pôs-se à frente delas e acompanhado por seus guardas subiu pelas mesmas ruínas aonde o levava um acontecimento de tal conseqüência. Alguns judeus alarmados por um ataque tão repentino, fugiram para o Templo, outros, para uma mina que João tinha feito para derrubar as plataformas. Mas o partido deste e o de Simão reuniram-se em seguida porque se viam perdidos, se os romanos viessem a se apoderar do Templo e tudo fizeram com esforço extraordinário para repeli-los. Travou-se então um vigoroso combate às portas desse lugar sagrado, do qual alguns consideravam a posse como sua completa vitória e os outros, a perda, como sua ruína completa. Os dardos e as flechas eram inúteis tanto estavam perto uns dos outros; combatia-se apenas com as espadas, porque o espaço estreito não lhes permitia conservar as fileiras e eles estavam misturados, sem se poder reconhecer, nem se distinguir pela língua, no meio de tanto barulho que se elevava de ambas as partes e enchia o ar; a coragem aumentava ou diminuía dos dois lados, segundo a própria vantagem ou desvantagem! Combatia-se pisando nos cadáveres e nas armas e não havia também lugar para onde se fugir nem para perseguir; avançava-se e se recuava segundo o que o inimigo obrigava a ceder ou era obrigado por sua vez a se afastar. Era um fluxo e refluxo contínuo, na contingência em que se encontravam os que estavam na linha de frente, de matar ou de ser mortos,

porque, os que os seguiam, os apertavam tanto que não havia entre eles intervalo algum. O combate continuou com o mesmo ardor, desde as nove horas da noite até às sete do dia seguinte, isto é, durante dez horas. Por fim o furor e o desespero dos judeus que viam que sua salvação dependia do êxito desse combate, venceram o valor e a experiência dos romanos. Estes julgaram dever contentar-se em se ter apoderado da fortaleza Antônia, embora apenas uma pequena parte do seu exército tivesse entrado nesta luta.

CAPÍTULO 7

VALOR QUASE INCRÍVEL DE UM OFICIAL ROMANO CHAMADO JULIANO.

441. Um oficial romano de nome Juliano, da Bitínia, de família nobre, o homem mais valente, mais reto e mais forte que eu conheci nessa guerra, vendo os romanos retirarem-se e ainda muito acossados pelos judeus, afastou-se da torre Antônia e de Tito, e lançou-se ao meio dos inimigos, com tanta coragem, que sozinho os fez recuar até o ângulo do Templo, pois imaginaram que tal força e ousadia não podiam ser próprios de uma criatura mortal. Assim, todos fugiram diante dele e ele não somente os desbaratava, mas matava a todos os que podia alcançar; causou assim não menos admiração a Tito do que espanto aos judeus. Mas como é possível evitar a própria desgraça, aconteceu-lhe o que não podia prever: quando corria de todos os lados no pavimento, como um raio, os pregos que guarneciam seu sapato, como é costume entre os soldados, fizeram-no cair; com o barulho da queda os inimigos voltaram-lhe o rosto. Os romanos que estavam na fortaleza Antônia soltaram um grito pressentindo o que lhe iria acontecer; os judeus rodearam-no de todos os lados para matá-lo, com espadas e dardos. Ele tentou várias vezes levantar-se, mas os golpes seguidos que lhe davam não lho permitiram. Embora caído por terra não deixou de ferir a vários com a espada e muito tempo ainda se passou, antes que pudessem matá-lo, porque ele estava muito bem armado e cobria a cabeça com o escudo. Por fim o sangue que corria das feridas que recebera em outras partes do corpo, fizeram-no perder as forças e ninguém teve coragem de ir socorrê-lo; assim, ele foi morto.

442. Não se pode imaginar a dor de Tito por ver morrer ante seus olhos e

na presença de uma parte de seu exército um homem de tanto valor e coragem, sem poder socorrê-lo, por mais que o quisesse fazer, por causa dos obstáculos que encontrava no momento. A glória que um feito tão ilustre granjeou a juliano fez que não somente Tito honrasse sua memória, mas também os romanos, e até mesmo os judeus o admiravam. Levaram seu corpo e tendo ainda uma vez repelido os romanos, fizeram-nos se encerrar na torre Antônia. Dentre os seus distinguiram-se bastante naquele dia, Alexas e Gipteo, do partido de João, Malaquias, Judas, filho de Mertom, Jacó, filho de Sosa, chefe dos idumeus e Simão, e Judas, filho de Jair, do partido de Simão.

CAPÍTULO 8

TITO MANDA DESTRUIR OS ALICERCES DA FORTALEZA ANTÔNIA EJOSEFO FALA AINDA, POR SUA ORDEM, AFOÃO E AOS SEUS PROCURANDO INCITÁ-LOS A PEDIR A PAZ, MAS INUTILMENTE. OUTROS DEIXAM-SE PERSUADIR POR SUAS PALAVRAS.

443. Tito mandou destruir os alicerces da fortaleza Antônia, para dar uma entrada fácil a todo seu exército e tendo sabido, a dezessete de julho, que o povo estava muito aflito por não ter podido celebrar a festa que tem o nome de Endelechisma, isto é, quebramento das mesas, ordenou a Josefo que dissesse uma segunda vez a João que se a louca paixão de resistir ainda subsistia, ele podia sair com o número de soldados que quisesse, para um combate, sem se obstinar mais em querer a ruína da cidade e do Templo; que ele devia estar cansado de profanar um lugar tão santo, de ofender a Deus com tantos sacrilégios e que lhe permitia escolher os de sua nação que ele quisesse, para recomeçar a oferecer-lhe os sacrifícios, que tinham sido interrompidos.

Josefo, depois dessa ordem, julgou não dever falar somente a João, e para ser ouvido por muitos, subiu a um lugar elevado de onde lhes comunicou o que Tito lhe havia ordenado, e tudo fez para levá-los a ter compaixão de sua pátria, de afastar tão grande desgraça, como ver incendiar-se o Templo, cujo fogo já estava perto, e de pensar em dar a Deus a adoração que lhe era devida.

O povo, embora bastante impressionado com essas palavras, não ousou abrir a boca para manifestar seu pesar, mas João respondeu com injúrias e maldições. Depois acrescentou que jamais lhe aconteceria de temer a ruína de

uma cidade, que era de Deus. Josefo então retomou a palavra e disse com voz ainda mais forte: "O extremo cuidado que tendes de conservar a Deus essa cidade, na sua pureza e de impedir a profanação das coisas santas, vos dá sem dúvida um grande motivo de confiar em seu auxílio, a vós que não tendes medo de cometer os mais horríveis atos de impiedade e de empregar para usos profanos as vítimas reservadas para lhe serem oferecidas em sacrifícios. Se alguém vos quisesse privar do alimento de que tendes necessidade, cada dia, vós o consideraríeis um malvado e vosso inimigo mortal; depois que impedistes que se prestasse a Deus o culto e a homenagem perpétua que lhe é devida, ousais ainda persuadir-vos de que Ele vos há de ajudar, nesta guerra e atribuir o horror que deve ter os vossos crimes, sobre os romanos que mantêm ainda hoje a observância de nossas leis e que vos querem obrigar a restabelecer os sacrifícios que interrompestes. Quem poderia sem ter o coração partido de dor ver tão estranho e incrível transtorno? Estrangeiros, e estrangeiros que nos fazem guerra, vos querem impedir de continuar a cometer atos de impiedade e vós, ainda que judeus de nascimento, instruídos desde a infância em nossas santas leis, não tendes vergonha de vos declarardes seu inimigo capital? Esse último extremo, a que vossa pátria se encontra reduzida, não é capaz de vos levar ao arrependimento, embora o exemplo de um de nossos reis possa ser suficiente para a ele vos levar. Bem sabeis que, quando os babilônios entraram na Judéia com tão grandes forças, Jeconias, que então reinava, saiu voluntariamente de Jerusalém e lhe deu como reféns sua mãe e vários dos seus parentes, a fim de impedir a ruína da cidade, a profanação das coisas santas e o incêndio do Templo. Toda nossa nação reconheceu dever a ele, que tal não acontecesse e por isso renova-se todos os anos a recordação desse fato, para que ele passe de século a século, a fim de perpetuar o reconhecimento por tão grande benefício! Embora estejais à beira do precipício, ainda vos podeis salvar, pois asseguro que os romanos vos perdoarão, contanto que não vos obstineis mais em vos tornardes indignos de todo perdão. E para que não possais duvidar de minha palavra, considerai que é um judeu que a dá, por que motivo ele a dá e da parte de quem a dá? Deus me livre de ser tão infeliz e tão covarde de esquecer a minha origem e o amor que sou obrigado a ter pelas leis de meu país. Mas, em vez de ficardes impressionados com tantas considerações,

começais um novo furor e continuais a me injuriar. Mas confesso que o mereço, pois estou agindo contra a ordem de Deus, exortando-vos a pensar na salvação àqueles que sua justiça condenou. Todos sabem o que os profetas predisseram, que essa miserável cidade será destruída, quando virmos os que têm a graça de terem nascido judeus, manchar as mãos com assassínios de seus próprios irmãos? Esse tempo, talvez, ainda não chegou? Toda a cidade e também o Templo ainda conservam os corpos daqueles que tão cruelmente massacrastes. Podemos então duvidar de que Deus mesmo não se una aos romanos para fazer expiar pelo fogo tanta abominação e tantos crimes?" Josefo não pôde continuar a falar, porque as lágrimas e os soluços embargaram-lhe a voz. Os romanos tiveram compaixão de seu sofrimento e admiraram seu amor pela pátria. Mas suas palavras somente conseguiram irritar ainda mais a João e aos seus e aumentar o desejo que eles tinham de poder apanhá-lo.

CAPÍTULO 9

VÁRIAS PESSOAS DA NOBREZA, COMOVIDAS PELAS PALAVRAS DE JOSEFO, FOGEM DE JERUSALÉM E VÃO REFUGIAR-SE EM TITO QUE OS RECEBE MUI FAVORAVELMENTE.

444. Tão poderosas razões não ficaram, porém, sem efeito. Persuadiram a várias pessoas da nobreza, mas o temor dos corpos de guarda dos revoltosos impediu que uma parte deles pudesse fugir, embora não pudessem duvidar de sua ruína e a da cidade. Os outros encontraram um meio de fugir para junto dos romanos, dentre os quais estavam Josefo e Jesus, dois dos principais sacerdotes, três filhos de Ismael, que teve a cabeça cortada em Cirene, e o quarto filho de Matias, que tinha fugido quando Simão, filho de Gioras, tinha mandado matar seu pai e seus três irmãos. Vários outros da nobreza também fugiram com eles. Tito recebeu-os com extrema bondade e, pensando que eles teriam dificuldade em se acostumar a viver com estrangeiros de uma maneira diferente da de seus pais, mandou-os a Gofna, com promessa de lhes dar terras quando a guerra tivesse terminado. Eles partiram com alegria. Quando não foram mais vistos em Jerusalém, os revoltosos fizeram correr a notícia de que os romanos os tinham matado e esse ardil impediu durante certo tempo que outros também fugissem, como eles.

CAPÍTULO 10

TITO NÃO PODENDO SE DECIDIR A INCENDIAR O TEMPLO, DE QUE JOÃO E OS DO SEU PARTIDO SE SERVIAM COMO DE UMA FORTALEZA E LÁ COMETIAM MIL SACRILÉGIOS, FALA-LHES PARA EXORTÁ-LOS A NÃO OBRIGÁ-LO A ISSO, MAS INUTILMENTE.

445. Tito veio a saber disso que acabo de relatar e mandou regressar de Gofna aqueles judeus que para lá havia mandado e os fez dar volta à cidade com Josefo, para que o povo pudesse vê-los. Assim, sabendo que tinham sido enganados, muitos outros conseguiram fugir para ele, e todos juntos pediram aos revoltosos com suspiros e lágrimas que salvassem sua pátria, recebendo os romanos na cidade ou pelo menos que saíssem do Templo, para impedir que eles o incendiassem, o que eles fariam obrigados pela força. Mas aqueles celerados, mais furiosos que nunca, só lhes responderam com injúrias e puseram nas portas sagradas do Templo todas as máquinas de que se serviam para atirar dardos e pedras. Assim tomar-se-ia aquele lugar santo por uma fortaleza que não por um Templo e a praça que estava diante dele podia passar por um cemitério, tantos eram os mortos que ali jaziam. Eles não somente entravam com armas naquele lugar sagrado, que lhes deveria ser inacessível, mas entravam mesmo quando tinham as mãos manchadas de sangue de seus concidadãos e chegaram a tal excesso de furor e de impiedade que os romanos não sentiam menos horror em vê-los cometer tais sacrilégios, contra o que sua religião os obrigava a respeitar ainda mais, tanto que eles deveriam sentir o coração partido de dor, se os romanos tivessem agido do mesmo modo, pois não havia um só no exército de Tito que não contemplasse o Templo com respeito, que não adorasse o Deus ao qual ele era consagrado e que não desejasse que aqueles malvados que o profanavam de tão horrível maneira, se arrependessem antes que a ruína, de que estava ameaçado, fosse irremediável. Tito ficou possuído de tão viva dor que, dirigindo ele mesmo sua palavra a João e aos seus companheiros, disse-lhes: "ímpios que sois, não foram os vossos antepassados que rodearam esse lugar sagrado de balaustradas, a fim de impedir que dele nos aproximássemos? Não foram eles que mandaram gravar

em colunas, em caracteres gregos e romanos, proibições de passar além desse limite? Não vos permiti eu que fizésseis morrer aqueles que tinham a ousadia de violar essas ordens, mesmo que fossem romanos? Que raiva vos leva pois a profanar esse Templo, não somente com o sangue dos estrangeiros, mas dos de vossa mesma nação e a vos vangloriardes de calcar aos pés os corpos daqueles que massacrais? Tomo aos deuses como testemunhas, aos deuses aos quais adoro e aquele que ou-trora conTemplou este Templo com vistas favoráveis, digo outrora, pois não creio que haja atualmente uma só divindade que dele não afaste os olhos. Tomo como testemunha todo meu exército, todos os judeus que se refugiaram junto de mim e tomo-vos a vós mesmos como testemunhas, de que não tenho parte alguma nessa profanação, e que se quereis sair desse lugar sagrado, nenhum romano se há de aproximar do santuário nem cometerá a menor insolência, mesmo contra vossa vontade, eu conservarei esse célebre Templo".

CAPÍTULO 11

TITO DÁ ORDEM PARA ATACAR O CORPO DE GUARDA DOS JUDEUS QUE DEFENDIAM O TEMPLO.

446. Tito assim falou, fazendo-se servir de Josefo para ser entendido em hebraico, mas os revoltosos, em vez de se comoverem ante sua bondade, imaginaram que era por temor que lhes havia falado daquele modo e tornaram-se ainda mais insolentes. Assim, o grande general, vendo que aqueles miseráveis não tinham compaixão de si mesmos, nem desejo de salvar o Templo, resolveu atacá-los; e como aquele lugar não podia conter todo seu exército, tomou de cada companhia de cem homens, trinta dos mais valentes entregou mil homens ao comando de cada tribuno, que ele escolheu e constituiu Cerealis, como chefe de todos; pelas nove horas da noite ordenou que atacassem o corpo de guarda. Ele mesmo quis estar presente à ação, mas seus amigos e os principais oficiais do exército, vendo o perigo, disseram-lhe que seria muito melhor ficar na fortaleza Antônia para dar ordens e ser juiz do valor dos que ele empregava naquela empresa, porque não haveria esforços que a honra de combater na sua presença não os fizesse fazer, para demonstrar sua coragem. Ele aceitou essas

razões e disse às suas tropas que a única coisa que o detinha era querer ser testemunha de seus feitos de valor, a fim de que, tendo em suas mãos o poder de recompensar como o de castigar, nenhum dos que se distinguissem naquela ocasião ficasse sem recompensa, nem os que tivessem medo e vergonha ficassem sem castigo. Depois de ter assim falado, ordenou-lhes que dessem o ataque e subiu a uma guarita da torre Antônia, para dali ver o que ia acontecer.

CAPÍTULO 12

ATAQUE AO CORPO DE GUARDA DO TEMPLO; COMBATE VIOLENTO QUE DUROU OITO HORAS SEM QUE SE PUDESSE DIZER DE QUE LADO PENDIA A VITÓRIA.

447. Os romanos não encontraram os inimigos adormecidos, como imaginavam; os do primeiro corpo de guarda vieram imediatamente combater contra eles, soltando gritos, e os outros despertaram ante esse ruído e acorreram em grande número. Os romanos resistiram corajosamente ao primeiro ímpeto dos inimigos; os que vinham depois atacavam indiferentemente a amigos e inimigos, porque a escuridão da noite, o rumor confuso de tantas vozes, a animosidade, o furor, o temor tinham confundido todas as coisas, mas tão estranha confusão era menos prejudicial aos romanos que aos judeus, porque eles combatiam em grupos, apertados uns contra os outros, cobertos com seus escudos e se serviam, para se reconhecer, da senha que lhes fora dada; ao passo que os judeus não observavam ordem alguma, nem atacando, nem se retirando, e tomando muitas vezes por inimigos os seus mesmos companheiros, que depois de ter combatido se iam reunir a eles; mataram-nos assim mais que os mesmos romanos. Quando raiou o dia, começaram a se reconhecer e então combatiam com ordem, servindo-se também dos dardos e das flechas; ambos os lados continuaram firmes, sem que um combate tão irregular como o que se travara durante a noite, em nada lhes tivesse diminuído o ardor. Os romanos, que sabiam que Tito os contemplava e lhes observava as ações, consideravam aquele dia como o começo da felicidade de todo o restante de sua vida, se merecessem sua estima por seu valor e esforçavam-se sem descanso para sobressair. Os judeus estavam animados pela gravidade do perigo em que se encontravam, pelo temor de ver destruir o Templo e pela

presença de João que exortava a uns e feria a outros, ameaçando-os se não combatessem com valor. Aquele grande combate, quase sempre corpo-a-corpo, mudava de aspecto a cada momento, porque não havia espaço suficiente para se poder travar um combate em regra nem uma longa perseguição. A torre Antônia era como um teatro de onde Tito e os que estavam com ele viam tudo o que se passava, aumentando com seus clamores a coragem e o ardor dos romanos quando eles obtinham vantagem, e os exortando à firmeza quando eram repelidos pelos judeus. Por fim, às cinco horas do dia, terminou o combate começado às nove da noite, sem que se pudesse dizer quem havia obtido a vitória. Muitos romanos conquistaram fama de valentes e os judeus que mais se distinguiram foram os do partido de Simão, Judas, filho de Mertom, Simão, filho de Josias. Dos idumeus, Jacó, filho de Sosa, e Simão, filho de Catlas; e do partido de João, Gipteu e Alexas; e dos zelotes, Simão, filho de Jair.

CAPÍTULO 13

TITO MANDA DESTRUIR COMPLETAMENTE A FORTALEZA ANTÔNIA E APROXIMAR, EM SEGUIDA, AS LEGIÕES QUE ESTAVAM OCUPADAS EM ERGUER PLATAFORMAS.

448. Tito mandou destruir em sete dias toda a fortaleza Antônia até os alicerces e tendo assim aberto um grande espaço até o Templo, mandou aproximarem-se as legiões para atacarem sua primeira defesa. Começaram elas logo a trabalhar em quatro plataformas: a primeira ao lado do ângulo do Templo interior, entre o norte e o oeste; a segunda do lado do salão que estava entre a duas portas do lado do vento norte; a terceira do lado do pórtico do Templo exterior, que está de frente para o ocidente; e a quarta, do lado do pórtico do lado do norte. Mas essas obras progrediam com muitas dificuldades e incrível trabalho, porque os romanos eram obrigados a ir buscar materiais a cem estádios de Jerusalém e, não se precavendo bastante pela confiança que tinham nas próprias forças, os judeus, que o desespero tornava mais ousados que nunca, perturbavam-nos, armando-lhes emboscadas.

CAPÍTULO 14

TITO, NUM EXEMPLO DE SEVERIDADE, IMPEDE A VÁRIOS CAVALEIROS DE SEU EXÉRCITO PERDEREM SEUS CAVALOS.

449. Alguns cavaleiros que haviam ido buscar forragem para os animais, tendo soltado os cavalos para que pastassem, foram surpreendidos pelos judeus que os atacaram de repente e os cercaram. Como aquilo acontecia freqüentemente, Tito julgou, e era verdade, que isso se deveria antes atribuir à negligência dos seus, do que ao valor dos inimigos. Assim, a fim de torná-los mais precavidos para o futuro, num exemplo de severidade, e lhes conservar os cavalos, condenou à morte um dos cavaleiros que tinha perdido o seu. Os outros, então, não os abandonaram mais.

CAPÍTULO 15

OS JUDEUS ATACAM OS ROMANOS EM SEU PRÓPRIO ACAMPAMENTO E SÃO REPELIDOS SOMENTE DEPOIS DE UM COMBATE SANGRENTO. FEITO QUASE INCRÍVEL DE UM CAVALEIRO ROMANO DE NOME PEDÂNIO.

450. Erguidas as plataformas, os revoltosos, impelidos pela fome, pois nada mais podiam roubar, resolveram atacar os guardas romanos, que estavam no monte das Oliveiras, com a esperança de surpreendê-los, tanto mais facilmente quanto era, na verdade, o tempo de eles tomarem um pouco de descanso. Os romanos, quando os viram dirigir-se para o seu lado, reuniram todas as suas forças para repeli-los. O combate foi muito sangrento e de ambas as partes houve atos de grande coragem. Os romanos, além de seu valor, tinham a vantagem de lhes ser superiores na arte da guerra e a impetuosidade com que os judeus atacavam era tão extraordinária que mais parecia furor do que entusiasmo. A vergonha animava a uns, a necessidade a outros; os romanos consideravam uma mancha à sua reputação deixar os judeus voltarem sem sofrer o castigo de sua ousadia, por lhes terem atacado em seu próprio acampamento, e os judeus, não viam salvação para eles, atacando-os, ali mesmo.

451. Um cavaleiro, chamado Pedânio, fez uma ação quase incrível.

Depois que os judeus tinham sido postos em debandada e expulsos do vale, ele pôs o cavalo a toda brida e com uma força e uma habilidade que pareciam sobre-humanas, levou na passagem um jovem judeu, muito robusto e bem armado, que fugia, tomou-o por um pé e o levou a Tito como um presente que lhe oferecia. O general admirou esse feito e mandou executar o prisioneiro, porque era do número daqueles que tinham tomado parte naquele grande ataque. Dedicou-se em seguida em apressar a construção das plataformas, a fim de se apoderar do Templo.

CAPÍTULO 16

OS PRÓPRIOS JUDEUS INCENDEIAM A GALERIA DO TEMPLO QUE IA UNIR-SE À FORTALEZA ANTÔNIA.

452. Os judeus, enfraquecidos pelas perdas que haviam sofrido em tantos combates, vendo que a guerra se acendia cada vez mais e que o perigo de que o Templo estava ameaçado crescia sempre, resolveram destruir-lhe uma parte, para salvar o restante; do mesmo modo que se cortam os membros de um corpo atacado de gangrena, para impedir que ela passe adiante. Começaram por incendiar aquela parte da galeria que unia à fortaleza Antônia, do lado do vento norte e do ocidente, e derrubaram depois quase vinte côvados e foram assim os primeiros que empreenderam a destruição daquela soberba construção.

453. Dois dias depois, vinte e quatro de julho, os romanos incendiaram a mesma galeria. Depois de terem arruinado uns catorze côvados, os judeus derrubaram o restante e continuaram assim trabalhando na destruição de tudo o que podia ter comunicação com a fortaleza Antônia embora tivessem podido, se quisessem, impedir aquele incêndio. Eles consideravam sem se inquietar o curso que o fogo tomava para dele servir-se em seu proveito, e as escaramuças se faziam todas em redor do Templo.

CAPÍTULO 17

COMBATE SINGULAR ENTRE UM JUDEU CHAMADO JÔNATAS E UM CAVALEIRO ROMANO DE NOME PUDENTE.

454. Nesse mesmo tempo um judeu chamado Jônatas, de pequena estatura, de má catadura e que era de baixa origem e de condição humilde, foi até o sepulcro do sumo sacerdote João e desafiou insolentemente os romanos a que mandassem o homem mais valente do exército para combater contra ele. Ninguém respondeu a tal desafio, porque alguns o desprezavam, outros o temiam e outros julgavam que era imprudência travar combate com um homem que só desejava a morte, porque nenhum furor igualava ao daqueles homens desesperados, que não temem nem a Deus nem aos homens e isso é mais temeridade que valor, brutalidade que generosidade, arriscar-se contra aqueles que não têm honra alguma para reivindicar e que não se pode sem grande vergonha ser por ele vencido. Isso durou algum tempo, mas o judeu não deixava de censurar os romanos, injuriando-os, chamando-os de covardes, com termos ainda mais ofensivos; então um cavaleiro romano de nome Pudente, que era muito orgulhoso, não pôde tolerar mais. Como há motivo de se julgar, vendo-o tão pequeno, desprezou-o e marchou inconsideradamente contra ele. A sorte não lhe foi menos contrária do que sua imprudência. Ele caiu e Jônatas matou-o facilmente. Não se contentou de obter sem perigo tal vantagem, pisou-lhe o corpo; tinha na mão a espada molhada ainda em seu sangue e na esquerda, seu escudo, que ele fazia ressoar com o tinir de suas armas, insultando ainda a infelicidade do morto e continuando a tratar injuriosamente os romanos. Então um oficial chamado Prisco, não podendo tolerar tanta insolência, atirou-lhe uma flecha, que o atravessou de lado a lado. Ergueu-se imediatamente um grande clamor do lado dos romanos e do lado dos judeus, mas causado por sentimentos diferentes; a dor de tão grande ferida fez Jônatas cair e morrer sobre o corpo de seu inimigo, justo castigo, por se ter vangloriado com uma vantagem que não era devida ao seu valor, mas ao acaso.

CAPÍTULO 18

MUITOS ROMANOS, TENDO-SE EMPENHADO INCONSIDERADAMENTE NUM ATAQUE DE UM DOS PÓRTICOS DO TEMPLO, QUE OS JUDEUS TINHAM ENCHIDO PROPOSITALMENTE DE GRANDE QUANTIDADE DE MADEIRA, DE ENXOFRE E DE BETUME, MORREM QUEIMADOS; INCRÍVEL DOR DE TITO, POR

NÃO PODER SOCORRÊ-LOS.

455. Nada se podia acrescentar à resistência, que os que defendiam o Templo ofereciam aos romanos, os quais atacavam-nos do alto de suas plataformas. A vinte e sete do mesmo mês de julho, eles resolveram unir a astúcia à força. Encheram de madeira, de enxofre e de betume o espaço do pórtico do lado do ocidente, que está entre as vigas e o teto, e quando foram atacados, fingiram fugir. Os mais temerários entre os romanos perseguiram-nos e tomaram escadas para subir ao pórtico; os mais sensatos, porém, não os imitaram, porque não viam motivo que pudesse obrigar os judeus a fugir. Quando o pórtico estava cheio dos que queriam subir a ele, os judeus puseram fogo naquele material que já havia sido preparado para aquele fim e então ergueu-se uma enorme chama, que encheu de terror os romanos, os quais contemplavam de perto o perigo e o desespero dos que estavam rodeados de todos os lados, por um tão repentino incêndio. Uns atiravam-se para baixo, do lado da cidade, outros precipitavam-se do lado de seus inimigos, outros do lado dos de seu partido e caíam bastante feridos por terra, outros eram queimados antes de poder saltar para baixo, outros evitavam o furor do mesmo fogo, matando-se. Como o incêndio se estendia cada vez mais longe, aconteceu que os que pensavam salvar-se na fuga, viram-se também envolvidos pelas chamas.

Por maior que fosse a cólera de Tito, porque aqueles que assim pereciam haviam sido infelizes por terem se empenhado num combate para o qual não tinham recebido ordem, sua compaixão por eles era enorme, mas eles morriam contentes por ver sua grande pena, por serem lamentados por aquele, por cujo amor e glória tinham com alegria arriscado a vida. Eles viam-no adiantar-se, na frente dos demais, soltar grandes gritos, rogar aos companheiros que os socorressem e essas demonstrações de afeto de tão grande general era para eles a mais honrosa das sepulturas. Alguns tendo alcançado a parte mais espaçosa da galeria salvaram-se do fogo, mas foram cercados e mortos pelos judeus, depois de longa resistência, sem que um só deles tivesse podido escapar.

CAPÍTULO 19

ALGUNS PORMENORES DO QUE SE PASSOU NO ATAQUE DE QUE FALAMOS NO CAPÍTULO

ANTERIOR. OS ROMANOS INCENDEIAM OUTRO PÓRTICO DO TEMPLO.

456. Embora os que pereceram nessa ocasião demonstrassem grande coragem, um jovem romano, de nome Longo, distinguiu-se mais que os outros. Os judeus, admirando seu valor e vendo que não o podiam matar, exortaram-no a descer sob sua palavra, que lhe davam, de poder salvar a vida. Por outro lado, seu irmão, de nome Cornélio, rogava-lhe que não humilhasse a sua reputação e a glória do nome romano. Ele ouviu-o e depois de ter elevado a espada tão alto quanto possível para ser vista dos dois lados, a enterrou no peito. Um outro, de nome Artório, salvou-se por sua perspicácia, pois tendo chamado um de seus companheiros, chamado Lúcio, prometeu-lhe fazê-lo seu herdeiro, se o recebesse em seus braços, quando ele se atirasse de lá de cima. Ele aceitou o oferecimento, correu para lá e salvou a vida de Artório, mas oprimido por tão grande peso, caiu e morreu, no mesmo instante. A perda de tantos homens valorosos afligiu os romanos, mas ensinou-lhes ao mesmo tempo a ser mais precavidos, para não caírem noutras emboscadas a que se expunham temerariamente pela ignorância dos lugares e das artimanhas dos judeus. Entretanto, o pórtico foi queimado até a torre que João tinha feito construir sobre as colunas que levavam a esse pórtico e os judeus derrubaram o restante, depois que aqueles que lá haviam subido foram queimados.

457. No dia seguinte, os romanos incendiaram também o pórtico que estava do lado do vento norte e o queimaram até o ângulo que está do lado do oriente e estava construído no alto do vale de Cedrom, cuja profundidade era tal que não se podia contemplá-la sem horror.

CAPÍTULO 20

MALES HORRÍVEIS QUE A CARESTIA SEMPRE CRESCENTE CAUSA A JERUSALÉM.

458. Enquanto tudo isso se passava em redor do Templo, a fome e a carestia faziam tal devastação na cidade que o número dos que ela destruía era impossível de se conhecer. Quem poderia descrever a horrível miséria que ela causava? Ante a menor suspeita de que ainda havia alguma coisa para se comer numa casa, declarava-se guerra. Os melhores amigos tornavam-se

inimigos quando se procurava conservar a vida e se atracavam uns com os outros para obter o mínimo bocado. Não se acreditava nem mesmo nos moribundos, quando diziam que nada mais lhe restava, mas por uma desumanidade mais que bárbara, eles eram revistados, para verificar se não tinham escondido nas vestes algum pedaço de pão. Quando aqueles homens, aos quais restava apenas a aparência de um ser humano, viam-se enganados, sem esperança de encontrar algo com o que matar a fome, então mais se assemelhavam a cães enraivecidos; a menor coisa que lhes vinha às mãos os fazia bailar como homens embriagados. Não se contentavam de procurar uma só vez em todos os recantos da casa, mas faziam-no diversas vezes e a fome enraivecida os fazia apanhar para saciá-la aquilo que os animais imundos calcariam aos pés. Comiam até mesmo a sola dos sapatos, o couro dos escudos; um punhado de feno podre, era vendido por quatro moedas áticas. Para falar só de coisas inanimadas, a fim de mostrar até que ponto chegou aquela espantosa carestia, pois tenho uma prova única e sem precedentes; nem mesmo entre os gregos, nem entre as outras nações mais bárbaras, viu-se coisa tão horrível; dir-se-ia mesmo incrível, e eu não teria podido resolver-me a referi-la se não tivesse várias testemunhas e se nos males que minha pátria sofreu fosse isso apenas uma leve consolação, suprimir-lhe a memória.

CAPÍTULO 21

ESPANTOSA HISTÓRIA DE UMA MÃE QUE MATOU E COMEU EM JERUSALÉM SEU PRÓPRIO FILHO. HORROR QUE COM ISSO TITO VEIO A SENTIR.

459. Uma mulher chamada Maria, filha de Eleazar, muito rica, tinha vindo com algumas outras, à aldeia de Batechor, isto é, casa de hissope, refugiar-se em Jerusalém, e lá se viu cercada. Aqueles tiranos, cuja crueldade martirizava os habitantes, não se contentaram em lhe arrebatar tudo o que tinha levado de mais precioso, tomaram-lhe ainda por diversas vezes o que ela havia escondido para seu alimento. A dor de se ver tratada daquela maneira lançou-a em tal desespero, que, depois de ter feito mil imprecações contra eles, usou de palavras ofensivas, procurando irritá-los, a fim de que a matassem, mas nem um só daqueles tigres, por vingança de tantas injúrias ou por

compaixão, lhe quis usar dessa graça. Ela se viu reduzida assim, às últimas, não podia esperar socorro de ninguém; e a fome que a devorava, e ainda mais, o fogo que a cólera tinha acendido no seu coração, inspiraram-lhe uma resolução que causa horror à própria natureza. Ela arrancou o filho do próprio seio e disse-lhe: "Criança infeliz, da qual nunca se poderá chorar bastante a desgraça de ter nascido durante esta guerra, durante a carestia e no meio de diversas facções, que conspiram sem trégua, para a ruína de nossa pátria, para que te haveria eu de conservar a vida? Para ser talvez escrava dos romanos, quando mesmo eles nos quisessem ajudar? A fome nos teria feito morrer antes mesmo de cairmos em suas mãos. E esses tiranos, que nos pisam a garganta, não são eles ainda mais temíveis e cruéis que os romanos e a fome? Não é então preferível que tu morras, para servir-me de alimento, para enraivecer esses revoltosos e deixar atônita a posteridade, com uma ação tão trágica, que não seria a única a faltar para encher a medida dos males que tornam hoje os judeus o povo mais infeliz da terra?" Depois de ter assim falado ela matou o filho, cozeu-o, comeu uma parte e escondeu a outra. Aqueles ímpios, que só viviam de rapina, entraram em seguida naquela casa; tendo sentido o cheiro daquela iguaria inominável, ameaçaram matá-la, se ela não lhes mostrasse o que tinha preparado para comer. Ela respondeu que ainda lhe restava um pedaço da iguaria e mostrou-lhes restantes do corpo do próprio filho. Ainda que tivessem um coração de bronze, tal espetáculo causou-lhes tanto horror, que eles pareciam fora de si. Ela, porém, na exaltação que lhe causava o furor, disse-lhes, com o rosto con-vulsionado: "Sim, é meu próprio filho que vedes, e fui eu mesma que o matei. Podeis comê-lo, também, pois eu já comi. Sois talvez menos corajosos que uma mulher e tendes mais compaixão que uma mãe? Se vossa piedade não vos permite aceitar essa vítima, que vos ofereço, eu mesma acabarei de comê-lo". Aqueles homens que até então não haviam sabido o que era a compaixão, retiraram-se trêmulos, e por maior que fosse a sua avidez em procurar alimento, deixaram o restante daquela detestável iguaria à infeliz mãe. A notícia de fato tão funesto espalhou-se incontinenti por toda a cidade. O horror que todos sentiram foi o mesmo, como se cada qual tivesse cometido aquele horrível crime; os mais torturados pela fome só desejavam morrer, quanto antes, e julgavam felizes os que já haviam morrido, antes de ter tido

ciência deste fato ou ouvido narrar coisa tão execrável.

Os romanos também logo souberam de tudo, isto é, da criança sacrificada por sua própria mãe, para que ela pudesse continuar a viver. Uns não podiam crer no que se dizia; outros sentiam imensa compaixão, mas a maior parte viu acender-se ainda mais o ódio que já sentiam contra os judeus. Tito, para se justificar diante de Deus a esse respeito, protestou em voz alta que ele tinha oferecido aos judeus uma anistia geral de todo o passado e visto que eles tinham preferido a revolta à obediência, a guerra à paz, a carestia à abundância e tinham sido os primeiros a incendiar com suas próprias mãos o Templo, que ele tinha se esforçado por conservar, mereciam ser obrigados a se alimentar de tão execrável iguaria. No entanto, ele sepultaria aquele horrível crime sob as ruínas da sua capital, a fim de que o sol, fazendo a volta ao mundo, não fosse obrigado a esconder seus raios, pelo horror, de iluminar uma cidade onde as mães se nutriam de carne dos próprios filhos, onde os pais não eram menos culpados que elas, pois tão estranhas misérias não os podiam decidir a abandonar as armas. Estas as palavras do grande príncipe, porque, considerando até que excesso ia a raiva daqueles revoltosos, ele não achava, que depois de ter sofrido tantos males, dos quais apenas o temor deveria trazê-los ao cumprimento do dever, nada poderia jamais fazê-los mudar.

CAPÍTULO 22

OS ROMANOS, NÃO PODENDO ABRIR UMA BRECHA NO TEMPLO, EMBORA SEUS ARÍETES O TIVESSEM BATIDO DURANTE SEIS DIAS, ESCALAM-NO E SÃO REPELIDOS COM PERDAS DE VÁRIOS HOMENS E ALGUMAS BANDEIRAS. TITO MANDA INCENDIAR OS PÓRTICOS.

460. Quando as duas legiões terminaram as plataformas, Tito, a oito de agosto, mandou recolocar os aríetes na direção dos salões do Templo exterior, que estavam do lado do ocidente. O maior dos aríetes bateu nele continuamente, durante seis dias, sem obter nenhum resultado, porque aquele soberbo edifício estava fora das possibilidades de suas máquinas. Os soldados procuravam ao mesmo tempo solapar os alicerces do lado do norte e depois de ter trabalhado com incrível dificuldade e quebrado diversos utensílios e

ferramentas de que se serviam, conseguiram somente arrancar algumas pedras, de fora, sem conseguir abalar as de dentro, que sustentavam as portas. Assim, tendo perdido a esperança de algum bom resultado nessa empresa, resolveram recorrer à escalada. Os judeus, que não a tinham previsto, não puderam impedir que eles encontrassem escadas; jamais resistência foi maior que a que eles ofereceram; derrubavam os que já estavam no alto dos degraus, antes que se pudessem cobrir com seus escudos e afastavam mesmo as escadas, cheias de soldados; isso veio a custar a vida a vários romanos. O ataque foi obstinado, de parte a parte, mas a luta maior, foi pelas bandeiras, porque os romanos consideravam-lhes a perda, como uma vergonha insuportável e nada havia que os judeus não fizessem para conservá-las, depois de as terem conquistado. Por fim, conseguiram apoderar-se de várias, mataram os que as levavam e obrigaram os outros a se retirarem. Por mais infeliz que tivesse sido esse resultado para os romanos, não poderíamos jamais privá-los da glória de que nenhum deles morreu sem ter dado provas de um valor digno do nome romano. Mém daqueles judeus, que ainda se distinguiram nessa ocasião, como já o haviam feito nas precedentes, Eleazar, filho do irmão de Simão, um dos tiranos, conquistou grandes honras; Tito, vendo que o seu desejo de conservar um Templo para estrangeiros custava a vida a um número tão grande dos seus, mandou incendiar-lhe os pórticos.

CAPÍTULO 23

DOIS GUARDAS DE SIMÃO ENTREGAM-SE A TITO. OS ROMANOS PÕEM FOGO NAS PORTAS DO TEMPLO E AS CHAMAS CHEGAM ATÉ ÀS GALERIAS.

461. Anano, nativo de Emaús, um dos mais cruéis dos guardas de Simão, e Arquelau, filho de Magadate, vieram entregar-se a Tito, com a esperança de que depois desta primeira vantagem obtida pelos judeus, ele lhes poderia perdoar. O príncipe, tão inimigo dos malvados, sabia dos crimes que eles tinham cometido e somente a necessidade é que os obrigava a se entregar, por isso não achava que homens, que abandonavam sua pátria, depois de lá ter acendido o fogo da guerra, fossem dignos de perdão, bem quisera condená-los à morte; mas, por maior que fosse o seu ódio por eles, cedeu à promessa que lhe

faziam de guardar sempre e religiosamente a sua palavra. Então, deixou-os ir, sem todavia tratá-los tão favoravelmente como aos outros.

462. Os romanos tinham então incendiado as portas do Templo e aquele incêndio não somente destruíra a madeira e fundira as lâminas de prata, de que estavam recobertas, mas tinha ido além e chegara até às galerias. Os judeus ficaram tão atônitos por se verem no meio das chamas, que perderam a coragem e o ânimo. Nem um só deles avançou para repelir os romanos ou para apagar o fogo, como se o Templo já tivesse sido reduzido a cinzas; sua estupidez era tal, que em vez de se entristecer e de procurar impedir que o fogo devorasse todo o restante, contentaram-se em amaldiçoar os romanos. O incêndio continuou violentamente durante o restante do dia e a noite seguinte; por maior que fosse, porém, só pouco a pouco podia destruir as galerias.

CAPÍTULO 24

TITO REÚNE UM CONSELHO PARA TRATAR DA DESTRUIÇÃO OU DA CONSERVAÇÃO DO TEMPLO E VÁRIOS FORAM DE OPINIÃO QUE ELE FOSSE INCENDIADO; TITO, PORÉM, SE OPÕE.

463. No dia seguinte, Tito ordenou que se apagasse o fogo e se aplainasse um caminho ao longo dos pórticos a fim de que o exército pudesse avançar mais facilmente. Reuniu em seguida os principais chefes, isto é, Tibério Alexandre, seu lugar-tenente geral, Sexto Cerealis, que comandava a quinta legião, Largio Lépido, que comandava a décima, Tito Frígio, que comandava a décima quinta, Eternio Fronto que comandava as duas legiões vindas de Alexandria e Marco Antônio Júlio, governador da judéia, além de alguns outros, para deliberarem sobre a resolução que deviam tomar com relação ao Templo. Uns, foram de opinião de se usar do poder que lhes dava o direito da guerra, porque enquanto ele subsistisse, os judeus que ali se reuniram de todas as partes da terra, sempre se haveriam de revoltar. Outros disseram, que se os judeus o abandonassem, sem querer mais defendê-lo, julgavam que então poderia ser conservado. No entanto, se continuassem a fazer guerra, seria preciso incendiá-lo, porque não deveria mais ser considerado como um Templo, mas como uma fortaleza e seria aos judeus somente que se deveria atribuir a ruína do mesmo, porque lhe tinham sido a causa. Depois de terem assim

opinado, Tito disse que ainda que os judeus se servissem do Templo como de uma praça de guerra, para continuar na sua revolta, não era justo vingar-se em coisas inanimadas, pelas faltas cometidas pelos homens, reduzindo a cinzas uma obra cuja conservação seria tão grande ornamento para o império. Ninguém mais então pôde duvidar de seus sentimentos; Alexandre, Cerealis e Fronto foram da mesma opinião; dissolveu-se o conselho e o príncipe ordenou que se desse descanso às tropas, para pô-las em condições de dar um assalto mais forte ainda, quando fosse necessário. Ordenou em seguida a algumas coortes que apagassem o fogo e fizessem uma estrada, pelo meio das ruínas. Os judeus, cansados e esgotados por tantas fadigas, nada mais empreenderam naquele dia.

CAPÍTULO 25

OS JUDEUS DÃO UM ATAQUE TÃO VIOLENTO SOBRE UM CORPO DE GUARDA DOS ROMANOS, QUE ESTES NÃO TERIAM PODIDO SUSTENTAR-LHES O ÍMPETO, SEM O AUXÍLIO QUE RECEBERAM DE TITO.

464. No dia seguinte, os judeus retomaram coragem e novas forças, pelo descanso. À segunda hora do dia, organizaram um ataque, saindo pela porta do Templo, do lado oriente, para atacar o corpo de guarda dos inimigos, que estavam mais avançados. Os romanos receberam-nos com energia e opuseram-lhes como um muro, aquela forma de tartaruga, que faziam com seus escudos, unidos uns aos outros, quando se cobriam com eles. Não teriam podido, entretanto, resistir por muito tempo àquele grande número de inimigos, animados por tanta violência, se Tito, que assistia a esse combate da torre Antônia, não tivesse vindo em seu auxílio com um corpo de sua melhor cavalaria. Ele atacou os judeus tão repentinamente que matou os primeiros e quase todos os outros fugiram. Voltaram, porém, logo em seguida ao combate e fizeram os romanos recuar, por sua vez, mas estes novamente os repeliram e de novo foram ainda rechaçados. Isso continuou, desse modo, por um certo tempo, nesse vai-e-vem, com vantagens e desvantagens de ambos os lados, até que pelas cinco horas do dia, os judeus foram por fim obrigados a se encerrar no Templo.

Capítulo 26

Os revoltosos dão um outro ataque. Os romanos repelem-nos até o Templo, ao qual um soldado põe fogo. Tito faz todo o possível para extingui-lo, mas inutilmente. Horrível carnificina. Tito entra no Santuário e admira-lhe a magnificência.

465. Quando Tito se retirou para a torre Antônia, resolveu atacar no dia seguinte pela manhã, dez de agosto, o Templo, com todo seu exército; e assim estava-se na véspera desse dia fatal, em que Deus tinha, há tanto tempo, condenado aquele lugar santo a ser incendiado e destruído depois de uma longa série de anos, como ele tinha outrora, no mesmo dia, sido destruído por Nabucodonosor, rei de Babilônia. Mas não foram estrangeiros, foram os mesmos judeus a causa única de tão funesto incêndio.

Entretanto, os revoltosos não descansaram; deram outro ataque contra os romanos e travaram uma luta com os que apagavam o fogo por ordem de Tito. Os romanos puseram-nos em fuga e os perseguiram até o Templo.

466. Um soldado, então, sem para isso ter recebido ordem alguma, e sem temer cometer um horrível sacrilégio, mas, como levado por inspiração divina, fez-se levantar por um companheiro e atirou pela janela de ouro um pedaço de madeira aceso no lugar pelo qual se ia aos edifícios, ao redor do Templo do lado do norte. O fogo ateou-se imediatamente; em tão grande desgraça, os judeus lançavam gritos espantosos. Corriam procurando apagá-lo e nada mais os obrigava a poupar suas vidas, quando viam desaparecer diante de seus olhos aquele Templo que os levava a poupá-las pelo desejo de conservá-lo.

467. Imediatamente avisaram a Tito, que à volta do combate, descansava um pouco em sua tenda. Ele partiu no mesmo instante, para mandar apagar o fogo. Todos os chefes seguiram-no e as legiões depois dele, com grande confusão e tumulto, clamores tais, que se pode imaginar, quando em tal contingência um grande exército marcha, sem ordem e sem disciplina. Tito gritava com todas as forças, fazia sinais com a mão para obrigar os seus a apagar o fogo, mas tão grande barulho impedia que ele fosse ouvido; o ardor e a cólera de que os soldados estavam cheios, naquela guerra, não lhes permitia

notar os sinais que lhe fazia. Assim, aquelas legiões que entravam em massa, não podiam em sua impetuosidade ser contidas nem por suas ordens, nem por suas ameaças; o furor as conduzia; elas apertavam-se de tal modo que muitos caíam e eram pisados, outros, caindo sobre as ruínas do pórtico e das galerias, ainda acesas e fumegantes, não eram, embora vencedores, menos infelizes que os vencidos. Quando todos aqueles soldados chegaram ao Templo fingiram não entender as ordens que o imperador lhes dava. Os que estavam atrás exortavam os mais adiantados a pôr fogo e não restava então aos revoltosos nem uma esperança de poderem impedi-lo.

468. De qualquer lado que se lançassem os olhos, só se viam fuga e mortandade. Matou-se um grande número de pessoas do baixo povo, gente desarmada e incapaz de se defender. Em volta do altar havia montes de cadáveres, que eram atirados, depois de assassinados, àquele lugar santo, o qual não era destinado a sacrificar tais vítimas; rios de sangue corriam por todos os degraus.

469. Tito, vendo que lhe era impossível deter o furor dos soldados e o fogo começava a incendiar tudo em toda parte, entrou com os seus principais chefes no Santuário e achou, depois de tê-lo observado, que sua magnificência e riqueza sobrepujavam ainda de muito o que a fama havia espalhado entre as nações estrangeiras e que tudo o que os judeus diziam a esse respeito, ainda que parecesse incrível, nada acrescentava à verdade.

Quando viu que o fogo não tinha ainda chegado ali, mas consumia então somente o que estava nas vizinhanças do Templo, julgou, como era verdade, que ainda poderia ser conservado; rogou, ele mesmo, aos soldados que apagassem o fogo e mandou um oficial de nome Liberal, um de seus guardas, que desse mesmo pauladas, nos que se recusassem a obedecer. Mas nem o temor do castigo nem o respeito pelo general puderam impedir-lhes o efeito do furor, da cólera e do ódio pelos judeus; alguns mesmos eram impelidos pela esperança de encontrar aqueles lugares santos cheios de riquezas, porque viam que as portas estavam recobertas de lâminas de ouro e quando Tito avançava para impedir o incêndio, um dos soldados que havia entrado, já tinha posto fogo na porta. Dentro acendeu-se então uma grande labareda que obrigou Tito e os que o acompanhavam a se retirar sem que nenhum dos que estavam fora

procurasse apagá-la. Assim, esse santo e soberbo Templo foi incendiado, não obstante todos os esforços de Tito para impedi-lo.

CAPÍTULO 27

O TEMPLO FOI INCENDIADO NO MESMO MÊS E NO MESMO DIA EM QUE NABUCODONOSOR, REI DA BABILÔNIA, O TINHA OUTRORA FEITO INCENDIAR.

470. Embora não se possa saber, sem pesar, da destruição do edifício mais esplêndido que jamais existiu em todo o mundo, quer pela sua estrutura, sua magnificência e suas riquezas, quer pela sua santidade, que era como o cúmulo de sua glória, há, entretanto, motivo de nos consolarmos, se considerarmos a necessidade inevitável do fim, que depois de um certo número de anos sobre-vém à vida de todos os animais; assim, não há nada sob o sol cuja duração seja perpétua.* Não poderíamos, porém, não nos admirarmos bastante, de que a destruição desse incomparavel Templo, tenha acontecido no mesmo mês e no mesmo dia em que os babilônios outrora o haviam também incendiado. Esse segundo incêndio aconteceu no segundo ano do reinado de Vespasiano, mil cento e trinta anos, sete meses e quinze dias depois que o rei Salomão o havia construído pela primeira vez; seiscentos e trinta e nove anos, quarenta e cinco dias depois que Ageu o tinha feito restaurar, no segundo ano do reinado de Ciro.

---

* Foi Zorobabel quem o mandou reconstruir, no tempo do profeta Ageu. Veja em Antigüidades Judaicas, Parte I, nº 442.

CAPÍTULO 28

CONTINUA A HORRÍVEL MATANÇA NO TEMPLO. TUMULTO ESPANTOSO. DESCRIÇÃO DE UM HORRÍVEL ESPETÁCULO. OS REVOLTOSOS FAZEM TAL ESFORÇO NUM ATAQUE, QUE REPELEM OS ROMANOS E RETIRAM-SE PARA A CIDADE.

471. Quando o fogo devorava o Templo, os soldados furiosos saqueavam e matavam todos os que encontravam. Não perdoavam nem à idade, nem à

condição. Os velhos e as crianças, os sacerdotes e os leigos, eram todos passados a fio de espada; todos eram envolvidos nessa matança geral e os que recorriam aos rogos não eram tratados com mais clemência do que os que tinham a coragem de se defender até o fim; o gemido dos moribundos misturava-se com o barulho do crepitar das chamas, que avançavam sempre e o incêndio de tão grande edifício, situado num lugar elevado, fazia, aos que o contemplavam de longe, pensar que toda a cidade estava sendo devorada pelas chamas.

Nada se poderia ouvir de mais horrível, do que o ruído que ecoava pelo ar, em todas as direções. Não se pode imaginar o que faziam as legiões romanas, tomadas de furor; os gritos dos revoltosos, que se viam envolvidos de todos os lados pelas armas e pelo fogo misturavam-se com as queixas e lamentações do pobre povo, que estava no Templo e que levado pelo desespero, ao fugir, atirava-se nos braços dos inimigos; vozes confusas elevava até o céu a multidão que estava no alto do monte fronteiro ao Templo, contemplando o horrível espetáculo. Aqueles mesmos que a fome tinha reduzido aos extremos, aos quais a morte estava prestes a fechar os olhos para sempre, percebendo o incêndio do Templo, reuniam todas as suas forças para deplorar tão grave desgraça; os ecos dos montes vizinhos e da região que está além do Jordão multiplicavam ainda esse barulho horrível. Por mais espantoso que fosse, porém, os males que causava eram-no ainda mais. O fogo, que devorava o Templo, era tão grande e violento que parecia que o mesmo monte sobre o qual estava situado ardia todo inteiro. O sangue corria em tal quantidade que parecia querer competir com o fogo, quem se estenderia mais. O número dos mortos era muito maior que o daqueles que os sacrificavam à sua cólera e vingança; toda a terra estava coberta de cadáveres; os soldados pisavam-nos, para poder continuar a perseguir os que ainda tentavam fugir. Por fim os revoltosos organizaram tão violento ataque que repeliram os romanos, chegaram ao Templo exterior e de lá retiraram-se para a cidade.

Capítulo 29

Alguns sacerdotes retiram-se para o alto do muro do Templo. Os romanos incendeiam os edifícios dos arredores e a tesouraria que continha uma quantidade enorme de riquezas.

472. Alguns dos sacerdotes serviram-se contra os romanos, em vez de dardos, dos ganchos que estavam no Templo, e em vez de pedras, do chumbo que eles arrancavam de seus móveis; mas vendo que aquilo de nada lhes servia e que o fogo progredia sempre, retiraram-se para cima do muro, cuja espessura era de oito côvados e lá ficaram por algum tempo. Meiro, filho de Belga e José, filho de Daleus, dois dos principais dentre eles, em vez de se contentarem em correr o mesmo risco que os outros, lançaram-se ao fogo para morrer com a destruição do Templo.

473. Os romanos, julgando que uma vez queimado, seria inútil poupar o restante, incendiaram, também todos os edifícios dos arredores; e assim eles foram destruídos com tudo o que restava dos pórticos e das portas, exceto as duas que estavam do lado do oriente e do sul, que eles destruíram depois, até os alicerces. Incendiaram também a tesouraria que estava cheia de uma quantidade enorme de riquezas, quer em dinheiro quer em soberbas peças de vestuário e outras coisas preciosas, porque os mais ricos dos judeus para lá haviam levado o que tinham de melhor.

474. Fora do Templo só restava uma galeria, onde seis mil pessoas do povo, homens, mulheres e crianças se tinham reunido para se salvar; mas os soldados, levados pela cólera, incendiaram-na também, sem esperar a ordem de Tito, uns morreram queimados, outros atirando-se para baixo, para não sofrer morte semelhante, se suicidaram, de sorte que nem um só se salvou.

CAPÍTULO 30

UM IMPOSTOR, FAZENDO-SE DE PROFETA, É CAUSA DA MORTE DESSAS SEIS MIL PESSOAS DO POVO, QUE PERECERAM NO TEMPLO.

475. Um falso profeta foi a causa da morte desses miseráveis, que haviam vindo da cidade para o Templo, porque havia dito que eles teriam naquele dia um sinal manifesto do auxílio de Deus. Os revoltosos serviam-se dessa espécie de pessoas para enganar o povo, a fim de conter com semelhantes promessas os que queriam fugir para junto dos romanos, não obstante as dificuldades e o perigo que corriam, tentando passar pelos guardas.

Não devemos nos admirar da credulidade do povo, pois não há impressão que a esperança de ser livrar de um grande mal bastante premente não seja capaz de exercer sobre o espírito dos que o sofrem. Mas aquele povo infeliz é tanto mais digno de lástima, quanto prestando fé facilmente aos impostores que abusavam do nome de Deus para enganá-lo, fechava os olhos e tapava os ouvidos para não ver, nem ouvir os sinais certos e os verdadeiros avisos pelos quais Deus lhe tinha predito a própria ruína.

CAPÍTULO 31

SINAIS E PREDIÇÕES DA DESGRAÇA QUE SOBREVEIO AOS JUDEUS, AOS QUAIS ELES NÃO DERAM CRÉDITO.

476. Relatarei aqui alguns desses sinais e dessas predições.

Um cometa, que tinha a forma de uma espada, apareceu sobre Jerusalém, durante um ano inteiro.

Antes de começar a guerra, o povo reunira-se, a oito de abril, para a festa da Páscoa, e pelas nove horas da noite viu-se durante uma hora e meia em redor do altar e do Templo, uma luz tão forte que se teria pensado que era dia. Os ignorantes tiveram-na como um bom augúrio, mas os instruídos e sensatos, conhecedores das coisas santas, consideraram-na como um presságio do que depois sucedeu.

Durante essa mesma festa uma vaca que era levada para ser sacrificada deu à luz um cordeiro no meio do Templo.

Pelas seis horas da tarde a porta do Templo que está do lado do oriente, que é de bronze e tão pesada que vinte homens mal a podem empurrar, abriu-se sozinha, embora estivesse fechada com enormes fechaduras, barras de ferro e ferrolhos, que penetravam bem fundo no chão, feito de uma só pedra. Os guardas do Templo avisaram imediatamente o magistrado do que acontecera e lhe foi bem difícil tornar a fechá-la. Os ignorantes interpretaram-no ainda como um bom sinal, dizendo que Deus abria em seu favor suas mãos liberais, para cobri-los de toda sorte de bens. Porém, os mais sensatos julgaram o contrário, isto é, que o Templo destruir-se-ia por si mesmo e que a abertura de sua porta era presságio, o mais favorável, que os romanos pudessem desejar.

Um pouco depois da festa, a vinte e sete de maio aconteceu uma coisa que eu temeria relatar, de medo que a tomassem por uma fábula, se pessoas que também a viram, ainda não estivessem vivas e se as desgraças que se lhe seguiram não tivessem confirmado a sua veracidade. Antes do nascer do sol viram-sé no ar, em toda aquela região, carros cheios de homens armados, atravessar as nuvens e espalharem-se pelas cidades, como para cercá-las.

No dia da festa de Pentecostes, os sacerdotes estando à noite, no Templo interior, para o divino serviço, ouviram um ruído e logo em seguida uma voz que repetiu várias vezes: Saiamos daqui!

Quatro anos antes do começo da guerra, quando Jerusalém gozava ainda de profunda paz e de fartura, Jesus, filho de Anano, que era então um simples camponês, tendo vindo à festa dos Tabemáculos, que se celebra todos os anos no Templo, em honra de Deus, exclamou: "Voz do lado do oriente, voz do lado do ocidente, voz do lado dos quatro ventos, voz contra Jerusalém e contra o Templo, voz contra os recém-casados e as recém-casadas, voz contra todo o povo". Dia e noite ele corria por toda a cidade, repetindo a mesma coisa. Algumas pessoas de condição, não podendo compreender essas palavras de tão mau pressá-gio, mandaram prendê-lo e vergastá-lo; mas ele não disse uma só palavra para se defender, nem para se queixar de tão severo castigo e repetia sempre as mesmas coisas. Os magistrados, então, pensando, como era verdade, que naquilo havia algo de divino, levaram-no a Albino, governador da Judéia. Ele mandou açoitá-lo até verter sangue e nem assim conseguiram arrancar-lhe um único rogo, nem uma só lágrima, mas a cada golpe que se lhe dava, ele repetia com voz queixosa e dolorida: "desgraça sobre Jerusalém". Quando Albino lhe perguntou quem ele era, de onde era, o que o fazia falar daquela maneira, ele nada respondeu. Assim despediu-o como um louco e não o viram falar com ninguém, até que a guerra começou. Ele repetia somente e sem cessar, as mesmas palavras: "Desgraça, desgraça sobre Jerusalém", sem injuriar nem ofender aos que o maltratavam, nem agradecer aos que lhe davam de comer. Todas as suas palavras reduziam-se a tão triste presságio e as proferia com uma voz mais forte nos dias de festa. Dessa forma continuou durante sete anos e cinco meses, sem interrupção alguma, sem que sua voz se enfraquecesse ou se tornasse rouca. Quando Jerusalém foi cercada viu-se o

efeito de suas predições. Fazendo então a volta às muralhas da cidade, ele se pôs ainda a clamar: "Desgraça, desgraça sobre a cidade, desgraça sobre o povo, desgraça sobre o Templo". Tendo acrescentado "desgraça sobre mim", uma pedra atirada por uma máquina, derrubou-o por terra e ele expirou proferindo ainda as mesmas palavras.

Se quisermos considerar tudo o que acabo de dizer, veremos que os homens perecem somente por própria culpa, pois não há meios de que Deus não se sirva para procurar-lhes a salvação e manifestar-lhes por diversos sinais o que eles devem fazer. Assim, os judeus, depois da tomada da fortaleza Antônia, reduziram o Templo a um quadrado embora não pudessem ignorar o que está escrito nos livros sagrados, que a cidade e o Templo seriam destruídos quando aquilo viesse a acontecer. Mas o que os levou principalmente a encetar aquela infeliz guerra, foi a ambigüidade de outra passagem da mesma Escritura, que dizia que se veria naquele tempo, um homem de seu país, governar toda a terra. Eles o interpretavam em seu favor e vários até mesmo dos mais hábeis enganaram-se. Pois aquele oráculo dizia que Vespasiano, então, fora criado imperador, quando estava na Judéia. Mas eles explicavam todas essas predições, segundo sua fantasia e só conheceram seus erros, quando ficaram completamente convencidos da sua inteira ruína e destruição.

CAPÍTULO 32

O EXÉRCITO DE TITO DECLARA-O IMPERADOR. *

---

* Imperador era então um título de honra que se dava aos generais de exército, que haviam obtido alguma grande vitória sobre os inimigos.

477. Depois que os revoltosos se retiraram para a cidade, os romanos colocaram suas bandeiras em frente à porta do Templo, do lado do oriente, quando ainda aquele lugar sagrado e todos os edifícios dos arredores ardiam e depois de terem oferecido sacrifícios a Deus, declararam Tito imperador, com grandes aclamações de alegria. Os despojos que conquistaram foram tão fartos que o ouro se vendia então na Síria, pela metade do seu valor.

CAPÍTULO 33

OS SACERDOTES QUE SE HAVIAM RETIRADO PARA CIMA DO MURO DO TEMPLO SÃO OBRIGADOS, PELA FOME, A SE ENTREGAR DEPOIS DE CINCO DIAS; TITO MANDA-OS AO SUPLÍCIO.

478. Um menino, que estava sobre o muro do Templo, com os sacerdotes, que lá se haviam refugiado, atormentado por uma grande sede, rogou aos guardas romanos que lhe dessem de beber. Por compaixão, fizeram o que ele pedia, em vista da sua idade e de seu sofrimento. Ele desceu e depois de ter bebido quanto quis, encheu sua garrafa de água e fugiu tão depressa para voltar para junto dos seus, que nenhum soldado daquele corpo de guarda pôde alcançá-lo. Assim, eles contentaram-se em reprovar sua perfídia; mas o menino respondeu que eles o acusavam injustamente, pois não lhes havia prometido ficar com eles, mas fora procurá-los apenas para ter um pouco de água, o que havia feito e não tinha, por conseguinte, faltado à palavra. Aquela resposta, superior à sua idade, fez admirarem-lhe a inteligência, aqueles mesmos, aos quais havia enganado.

479. Os sacerdotes ficaram cinco dias sobre o muro; a fome obrigou-os a descer. Levaram-nos a Tito, pedindo-lhe que os perdoasse, mas ele respondeu que o tempo de sua clemência havia passado, pois o que o levaria a conceder-lhes aquela graça já não existia e que era justo que os sacerdotes perecessem com o Templo. Assim mandou que fossem todos executados.

CAPÍTULO 34

SIMÃO E JOÃO, REDUZIDOS AOS EXTREMOS, PEDEM PARA FALAR COM TITO. COMO ESSE PRÍNCIPE LHES FALA.

480. Simão e João, os dois chefes dos revoltosos, que tinham exercido sobre os de sua própria nação, tão horrível tirania, vendo-se sem esperanças de poder fugir, porque estavam rodeados de todos os lados pelas tropas romanas, pediram para falar com Tito e ele concedeu-lhes o que pediam, quer porque sendo naturalmente afável, queria impedir a destruição da cidade, quer porque

seus amigos o haviam aconselhado, na esperança de que aqueles malvados seriam mais sensatos para o futuro. Tito ficou de pé, fora do Templo, do lado do ocidente, no lugar onde estavam as portas para a galeria e uma ponte que unia a cidade alta com o Templo. A ponte estava entre Tito e os revoltosos, e havia de um lado e de outro um grande número de soldados. Via-se no rosto dos judeus, que estavam perto de Simão e de João, a agitação de espírito em que os punha a dúvida de obter o perdão que pediam; os romanos tinham os olhos abertos para ver de que modo Tito os receberia. O príncipe ordenou aos seus que deixassem a cólera, proibiu-lhes atirar e, como sinal de sua vitória, começou a falar aos sediciosos, por meio de um intérprete. "Não estais cansados", disse-lhes, "de tantos males suportados por vossa pátria, vós, que sem considerar nossas forças e vossa fraqueza, causais, por um furor cego e uma loucura sem igual, a ruína de vosso povo, de vossa cidade, de vosso Templo, e que estais prestes a perecer com eles? Depois que Pompeu tomou Jerusalém, não deixastes de vos revoltar e chegastes por fim a declarar guerra aos mesmos romanos. Em que vos fundastes para conceber tão ousado empreendimento? Em vosso número? Mas uma pequena parte das tropas romanas seria capaz de vos vencer. Num auxílio estrangeiro? Que nação não nos está sujeita e ousaria tomar o vosso partido contra nós? Por que sois tão robustos? Os alemães nos obedecem. Nas vossas muralhas? Os ingleses, embora cercados pelo oceano, que é a mais poderosa de todas as defesas, puderam talvez conter o ímpeto de nossas armas? Na vossa coragem, no procedimento e na perícia de vossos chefes? Ignorais que nós vencemos dos cartagineses? Como não pode ter sido nenhuma destas razões, que vos serviu de base, para vos empenhardes numa empresa tão temerária; só se poderia atribuir vossa ousadia à enorme bondade dos romanos. Nós vos demos terras para as cultivardes e nelas habitardes, demo-vos reis de vossa mesma nação, não vos pusemos empecilhos na prática de vossas leis, vos permitimos viver com toda liberdade não somente entre vós mesmos, mas também com os outros povos; e o que é ainda muito mais importante, não vos proibimos de recolher contribuições, para empregá-las no serviço de Deus e de lhe oferecer sacrifícios em vosso Templo. Embora cumulados de tantos benefícios vos insurgis contra nós, como se nós vos tivéssemos deixado enriquecer, para vos darmos os meios de nos fazer guerra; e

mais malvados que as mais peçonhentas de todas as serpentes, espalhais vosso veneno sobre aqueles, aos quais deveis tantos e tantos favores. Vosso desprezo pela moleza de Nero vos fez esquecer a tranqüilidade de que gozáveis, para conceberdes esperanças criminosas e formar desígnios extravagantes. No entanto, quando meu pai veio à Judéia, ele não queria castigar-vos por vossa revolta contra Céstio, mas somente trazer-vos ao arrependimento, pelas boas maneiras. Se sua intenção tivesse sido destruir vossa nação, ele teria começado por tomar e destruir esta cidade, ao passo que ele se contentou em fazer sentir o poder de suas armas à Galiléia e às províncias vizinhas, a fim de vos dar a oportunidade de vos arrependerdes. Mas sua bondade passou por fraqueza, em vossa imaginação e só fez aumentar vossa ousadia. Depois da morte de Nero vos tomastes ainda mais insolentes e atrevidos, na esperança do vos aproveitardes das perturbações que avassalavam o império. Apenas havíamos partido, eu e meu pai, para irmos ao Egito, tomastes a ocasião de nossa ausência para vos prepardes para a guerra; e, por mais provas que vos tivéssemos dado de nossa benevolência e de nossa humanidade, no governo dessas províncias, não tivestes vergonha de nos querer desobedecer, quando meu pai foi declarado imperador, e eu, César. Fostes ainda mais além: após um consentimento geral, nós ficamos pacificamente de posse do império e nessa calma feliz, todos os outros povos nos mandaram embaixadores para demonstrar a sua alegria. Vós persististes em vos declarardes nossos inimigos, mandastes, até o Eufrates, emissários para pedir auxílio à vossa revolta, construístes novas fortificações e formastes novos partidos; vossos tiranos chegaram mesmo a uma guerra civil, para ver quem ficaria chefe, e por fim, nada esquecestes, do que os mais celerados de todos os homens poderiam empreender e executar. Quando para abafar uma revolta unida a tanta ingratidão e a tantos crimes, meu pai mandou-me sitiar esta cidade, com ordens, que ele não podia, sem pesar, ver-se obrigado a me dar, eu vi, com alegria, que o povo desejava a paz; e antes de iniciar a guerra vos exortei a deixar as armas. Não podendo conseguir que o fizésseis, por muito tempo vos poupei. Prometi segurança a todos os que viessem ter comigo e guardei-lhes inviolavelmente minha palavra; perdoei a vários prisioneiros e castiguei somente os que os incitavam à guerra; só em último caso me servi de minhas

máquinas. Moderei o ardor de meus soldados, para salvar a vida a muitos dos vossos; em todas as minhas vitórias logo, em seguida, sempre vos exortei à paz, agindo assim, embora vencedor, como se fosse eu o vencido. Quando me aproximei do Templo, em vez de me servir do meu poder para destruí-lo, segundo o direito da guerra, vos exortei a conservá-lo e o permiti que saíssem com todas as garantias, para combatermos em outro lugar, se tínheis tanto amor à guerra. Desprezastes todas estas graças, que vos fiz; vós mesmos incendiastes o Templo e quereis agora parlamentar comigo, como se ainda estivesse em vosso poder conservar o que vossa impiedade não teve receio de destruir, e como se a ruína desse Templo não vos tornasse indignos de todo perdão. Ousais mesmo em tal extremo e fingindo vir como suplicantes, vos apresentardes diante de mim, com vossas armas. Em que, então, miseráveis que sois, vos baseais para serdes tão ousados? A guerra, a fome e vossas horríveis crueldades fizeram perecer todo vosso povo. O Templo não existe mais, a cidade está em meu poder, vossa vida, nas minhas mãos, e imaginareis depois de tudo isso, que depende de vós terminá-la com uma morte honrosa? Não me demoro mais em confundir a vossa loucura. Deixai as armas, entregai-vos à minha discrição; eu vos concedo a vida e reservo-me o restante, para fazer como eu quiser, agindo como um bom senhor, que castiga com pesar e por dever os crimes mais irremissíveis".

CAPÍTULO 35

TITO, IRRITADO COM A RESPOSTA DOS REBELDES, ENTREGA A CIDADE AO SAQUE, E PERMITE AOS SOLDADOS INCENDIÁ-LA. ELES O FAZEM.

481. Os revoltosos responderam que não se podiam entregar a Tito, embora ele lhes desse sua palavra, porque eles haviam jurado jamais fazê-lo. Mas pediam-lhe a permissão para regressar com suas mulheres e filhos, para irem ao deserto e abandonar-lhe a cidade. Tito não pôde ouvir sem cólera, homens, que já se podiam considerar prisioneiros, terem a desfaçatez de falar, propondo-lhe condições como se fossem os vencedores. Mandou dizer-lhes por um arauto, que, quando mesmo se quisessem entregar ao seu arbítrio, não os receberia mais, que não perdoaria a um só e que tinham de se defender quando

quisessem se salvar, se possível, pois os trataria com todo o rigor.

482. Abandonou em seguida a cidade ao saque; os soldados invadiram-na e ele lhes permitiu que a incendiassem. Usaram daquela liberdade somente naquele dia; no dia seguinte incendiaram o edifício da prisão, o palácio de Acra, o prédio onde se administrava a justiça, o lugar chamado Ofla. O incêndio chegou até o palácio da rainha Helena, construído no meio do monte Acra e consumia com as casas os corpos dos mortos de que as ruas da cidade estavam cheias.

CAPÍTULO 36

OS FILHOS E OS IRMÃOS DO REI IZATE, E COM ELES VÁRIAS PESSOAS DE CONDIÇÃO, ENTREGAM-SE A TITO.

483. Naquele mesmo dia os filhos e os irmãos do rei Izate, e com eles várias pessoas de condição, pediram a Tito permitir que eles se rendessem; sua bondade, opondo-se à cólera, fez que ele não recusasse. Mandou colocá-los em segurança e levou em seguida os filhos e os parentes desse príncipe prisioneiros a Roma, para conservá-los como reféns.

CAPÍTULO 37

OS REVOLTOSOS RETIRAM-SE PARA O PALÁCIO, EXPULSANDO DE LÁ OS ROMANOS, SAQUEIAM-NO E MATAM OITO MIL E QUATROCENTOS HOMENS DO POVO QUE SE HAVIAM REFUGIADO NO MESMO.

484. Os revoltosos retiraram-se para o palácio, para onde muitos haviam levado seus bens, porque era um lugar seguro. Expulsaram dali os romanos, mataram a oito mil e quatrocentos homens do baixo povo que lá se haviam escondido, levaram tudo o que lá havia, aprisionaram dois soldados romanos, um da cavalaria e outro da infantaria. Mataram a este último, arrastaram seu corpo por toda a cidade, como se, com esse ato, estivessem se vingando de todos os romanos. Quanto ao outro, como ele dissera que tinha um aviso importante a lhes dar, levaram-no a Simão. O tirano, vendo que ele nada tinha a lhe comunicar, entregou-o a um de seus oficiais de nome Ardelo, para que o

castigasse. Este, mandou amarrar-lhe as mãos às costas, vedou-lhe os olhos, levou-o à vista dos romanos, para que lhe cortassem a cabeça; quando já se havia puxado da espada para fazê-lo, ele escapou e conseguiu salvar-se. Tito não quis mandar matá-lo, mas, como ele, por ter se deixado apanhar vivo, tinha feito uma ação indigna de um romano, mandou desarmá-lo e expulsá-lo, o que é para um homem de brio um castigo pior que a própria morte.

CAPÍTULO 38

OS ROMANOS EXPULSAM OS REVOLTOSOS DA CIDADE BAIXA E A INCENDEIAM. JOSEFOFAZ AINDA TUDO O QUE PODE PARA TRAZÊ-LOS AO DEVER, MAS INUTILMENTE; ELES CONTINUAM COM ATOS DE HORRÍVEL CRUELDADE.

485. No dia seguinte, os romanos expulsaram os revoltosos da cidade baixa e a incendiaram toda até a fonte de Siloé. Sentiam prazer em ver aquele fogo, mas nada tinham para saquear, porque os revoltosos haviam levado tudo e transportado para a cidade alta. Estavam tão longe de se arrepender de tantos males que haviam causado, que não eram menos insolentes, na situação extrema a que se encontravam reduzidos. Olhavam para a morte com alegria, porque todo o povo já havia morrido, o Templo estava reduzido a cinzas e a cidade destruída pelo fogo; nada restava de que seus inimigos pudessem desfrutar, depois da vitória.

486. Estavam as coisas neste pé; entretanto, Josefo fez tudo para que os revoltosos se arrependessem e pudessem salvar as tristes relíquias daquela infeliz cidade. Esforçou-se ainda para despertar horror nos sediciosos, pela sua impiedade e por seus crimes; exortou-os a pensar em sua salvação, mas eles zombavam de tudo o que ele lhes dizia. Não queriam ouvir falar de se entregar aos romanos, porque se haviam empenhado com juramento a jamais fazê-lo, e não estavam mais em condições de combater contra eles, porque estavam cercados por suas tropas e estavam tão acostumados aos assassínios, que só pensavam em crimes. Espalharam-se por toda a cidade, esconderam-se nas ruínas, para ali esperar os que queriam fugir. Assim mataram a muitos, que não lhes foi difícil deter, porque eles estavam tão fracos que quase já não mais se podiam manter de pé. Não havia gênero de morte que não parecesse mais

doce a essa pobre gente do que o que a fome os fazia sofrer. Assim, embora eles não esperassem misericórdia dos romanos, não deixavam de tentar fugir para eles e não temiam expor-se ao furor daqueles tigres, tão sedentos de seu sangue. Não havia um único lugar em toda a cidade que não estivesse cheio de cadáveres e não mostrasse até que extremo a fome e a raiva daqueles revoltosos tinham levado à miséria incrível aquele pobre povo.

CAPÍTULO 39

ESPERANÇA QUE RESTAVA AOS REVOLTOSOS E CRUELDADE QUE ELES CONTINUAM A PRATICAR.

487. A única esperança que restava àqueles malvados que tinham exercido tão cruel tirania, era esconder-se nos esgotos, até que os romanos se tivessem retirado, depois da destruição completa da cidade, e saírem então sem nada mais temer. Com essa deliberação, que era um mero sonho, pois eles não se poderiam furtar à justiça de Deus e à vigilância dos romanos, eles punham fogo de todos os lados, ainda com muito mais ardor que os próprios romanos, e massacravam e despojavam a todos os que, para evitar morrer queimados, fugiam para aqueles lugares subterrâneos. A fome, entretanto, era tão grande que eles devoravam tudo o que podia servir de alimento, embora manchado de sangue e eu não duvido de que se o cerco tivesse durado mais, sua desumanidade os teria levado a comer mesmo a carne daqueles que eles massacravam, pois que já se matavam uns aos outros, por questões na partilha dos furtos e rapinas.

CAPÍTULO 40

TITO ORDENA CONSTRUÍREM-SE CAVALETES PARA ATACAR A CIDADE ALTA. OS IDUMEUS MANDAM EMISSÁRIOS A ELE. SIMÃO OS DESCOBRE E MANDA MATAR UMA PARTE DELES E O RESTANTE ESCAPA. OS ROMANOS VENDEM UM GRANDE NÚMERO DE PESSOAS. TITO PERMITE A QUARENTA MIL QUE SE RETIREM PARA ONDE QUISEREM.

488. Tito, vendo que não se podia tomar a cidade alta sem o auxílio de

cavaletes, por causa de sua posição, que a tornava inacessível de todos os lados, dividiu o trabalho entre seus solados, a vinte de agosto. Não era uma empresa fácil porque, como dissemos, esgotara-se nos trabalhos precedentes, toda a madeira que havia, a cem estádios da cidade. As quatro legiões foram empregadas do lado da cidade que está voltada para o ocidente, em frente do palácio real, e as tropas auxiliares, na galeria que estava perto da ponte e do forte que Simão tinha mandado construir, quando fazia a guerra a João.

489. No entanto, os chefes dos idumeus reuniram-se secretamente e depois de terem deliberado, decidiram entregar-se. Mandaram em seguida cinco dos seus a Tito, para pedir-lhe que os recebesse. Embora esse príncipe achasse que eles recorriam muito tarde à sua clemência, entretanto, persuadindo-se de que Simão e João não resistiriam mais quando se vissem abandonados pelos mesmos que faziam o mais forte de suas tropas, despediu esses emissários com promessa de perdoá-los. Com essa garantia eles se prepararam para sair. Mas Simão veio a saber do seu intento e mandou matar naquele mesmo instante os cinco emissários, pôs na prisão os outros, dos quais Jacó, filho de Sosa, era o principal. Embora ele julgasse que o restante, não tendo mais quem os comandasse, seria incapaz de empreender algo, ele não deixou de fazê-los vigiar cuidadosamente. Não pôde todavia impedir que fugissem; e embora mandasse matar a vários, muitos outros conseguiram salvar-se. Os romanos receberam-nos humanamente, porque a extrema bondade de Tito não lhe permitia fazer executar rigorosamente as ordens que tinha dado, e os soldados, cansados de matar, só pensavam em se enriquecer. Vendiam gente do baixo povo, que sobrevivia ainda, depois de tantos males, mas obtinham pouco lucro, porque, ainda que eles fossem em grande número, tantos homens e mulheres como crianças eram vendidos por muito pouco e encontravam poucos compradores. Tito tinha mandado publicar que todos viessem com suas famílias, mas ele não deixava de recebê-los, mesmo quando vinham sozinhos e ordenou que pusessem de lado os que eram julgados dignos de morte. Assim uma grande multidão foi vendida e ele permitiu a mais de quarenta mil que se retirassem para onde quisessem.

Capítulo 41

Um sacerdote e o guarda do tesouro dão a Tito várias coisas de grande valor que estavam no Templo.

490. Um sacerdote de nome Jesus, filho de Tebute, a quem Tito tinha prometido salvar a vida, com a condição que lhe entregasse uma parte dos tesouros do Templo, saiu e deu, do alto do muro do Templo, dois candelabros, mesas, taças e alguns vasos de ouro maciço, muito pesados, como também véus, vestes sa-cerdotais, pedras preciosas e vários vasos próprios para os sacrifícios.

491. Prenderam também, por esse tempo, Finéias, guarda do tesouro, e ele mostrou um lugar onde havia, em grande quantidade, vestes e cintos dos sacerdotes, púrpura e escarlate destinados aos véus do Templo, canela e cássia e outras matérias odoríferas, com que se faziam os perfumes que eram queimados nos turíbulos. Ele deu também várias outras coisas de grande valor, quer presentes oferecidos a Deus, como ornamentos do Templo. Seu proceder fez que ainda que ele tivesse sido aprisionado, fosse depois tratado como se tivesse entregado voluntariamente.

Capítulo 42

Depois que os romanos ergueram aqueles cavaletes, derrubaram com os aríetes um pedaço do muro e fizeram brecha em algumas torres; Simão eJoão e os outros revoltosos são tomados de tal terror que abandonam, para fugir, as torres de Hípicos, de Fazael e de Mariana, que só seriam tomadas pela fome, e então os romanos, tornando-se senhores de tudo, fazem uma horrível matança e incendeiam a cidade.

492. Dez dias depois que os cavaletes haviam sido iniciados, foram acabados, a sete de setembro e os romanos colocaram suas máquinas sobre eles.

Então, os revoltosos perderam toda esperança de poder por mais tempo defender a cidade. Vários abandonaram os muros para se refugiar no monte

Acra ou nos esgotos, porém os mais corajosos atacaram os que faziam os aríetes avançar. Os romanos não somente lhes eram superiores em número e em força, mas sua prosperidade animava-lhes a coragem, ao passo que os judeus estavam abatidos, sob o peso de tantos males. Os aríetes derribaram um bom pedaço de muro e fizeram brecha em algumas torres; os que as defendiam, fugiram; Simão e Judas foram tomados de tal horror, que imaginando o mal muito maior que na verdade era, só pensaram em fugir, antes mesmo que os romanos tivessem chegado até aquele muro. O horrível orgulho daqueles ímpios converteu-se de repente em tal espanto que por mais malvados que eles fossem, não se poderia deixar de sentir compaixão de tão estranha mudança. Queriam, para se salvar, atacar os que defendiam o muro feito pelos romanos em redor da cidade, mas vendo-se abandonados por aqueles mesmos que antes lhes eram os mais fiéis, cada qual fugiu, como pôde; e como o medo perturba o juízo e faz que se vejam coisas que não existem, uns vinham dizer-lhes que todo o muro do lado do ocidente tinha sido derribado, outros, que os romanos já haviam entrado, outros, que eles se tinham apoderado das torres. Tantos boatos falsos aumentaram de tal modo o seu terror, que, atirando-se de rosto por terra, eles recriminavam sua loucura e, como se tivessem sido feridos por um raio, ficavam imóveis, sem saber que deliberação tomar.

493. Viu-se então claramente um efeito do poder de Deus e a boa sorte dos romanos; pois a perturbação em que se encontravam aqueles tiranos, fez que se privassem por si mesmos da maior vantagem que lhes restava, abandonando as torres, onde nada tinham a temer, senão a fome. Assim, os romanos que tanto tinham se esforçado para derribar os muros mais fracos foram tão felizes, que se tornaram senhores, sem dificuldade, das três admiráveis torres de Hípicos, de Fazael e de Mariana, de que falamos há pouco e cuja resistência era tão extraordinária, que teriam atacado inutilmente, com todas as suas máquinas. Depois que Simão e João as abandonaram, ou melhor, que Deus os expulsou de lá, eles fugiram para o vale de Siloé, onde depois de ter retomado ânimo e se terem recuperado um tanto de seu terror, atacaram o novo muro, não, porém, com tanta força para dele se apoderar, porque o cansaço, o medo e tantos males que suportaram, tinham diminuído muito suas energias. Assim foram rechaçados e retiraram-se uns para um lado, uns para

outro.

Os romanos vendo-se então senhores dessas torres, hastearam suas bandeiras, bem no alto delas, com grandes gritos de alegria, porque os últimos esforços que haviam feito naquela guerra, os faziam desfrutar com mais prazer a felicidade de a ter gloriosamente terminado. Mas tendo assim conquistado sem resistência este último muro, eles não podiam imaginar que não restasse ainda outro para vencer, e custavam crer no que viam com seus próprios olhos.

494. Os soldados, espalhados por toda a cidade, matavam sem distinção os que encontravam e incendiavam todas as casas com as pessoas que lá estavam escondidas. Os que nelas entravam, para saqueá-las, encontravam-nas cheias de cadáveres de toda a família, que a fome havia feito perecer; o horror de tal espetáculo os fazia sair de mãos vazias. Mas embora sentissem alguma compaixão pelos mortos, não eram mais humanos com os vivos, pois matavam a todos os que encontravam; o número dos corpos amontoados uns sobre os outros era tão grande que entupia as ruas e o sangue em que nadavam apagava o fogo em vários lugares. A matança terminava à noite, o incêndio, porém, aumentava.

495. Foi a oito de setembro que Jerusalém, depois de ter sofrido tantos males, por fim, desapareceu sob o violento incêndio. Durante o assédio, mil sofrimentos a atormentaram, fazendo que sua felicidade e seu esplendor, que desde a fundação haviam sido enormes, se eclipsassem, depois de a terem tornado digna de inveja. Mas em tal conjuntura, depois de tantos males, essa infeliz cidade não é digna de lástima, a não ser por ter agasalhado em seu seio aquela multidão de víboras, que a devoraram e foram a causa de sua ruína.

Capítulo 43

Tito entra em Jerusalém e admira, entre outras coisas, as fortificações, mas particularmente as torres de Hípicos, de Fazael e de Mariana, que ele conserva, mandando destruir tudo o mais.

496. Tito entrou na cidade e admirou, entre outras coisas, as fortificações, contemplando com assombro a potência e a força das torres, bem como sua beleza. Os tiranos, por fim, foram bastante imprudentes em abandoná-las.

Depois de ter observado atentamente sua altura, largura, a grandeza extraordinária das pedras e a arte com que tinham sido unidas, umas às outras, exclamou: "Bem parecia que Deus combatia por nós; ele expulsou os judeus destas torres, pois não há forças humanas, nem máquinas capazes de expugná-las". Disse várias coisas aos amigos a esse respeito e pôs em liberdade todos os que os tiranos lá tinham deixado presos. Mandou depois destruir tudo o mais e conservou somente essas soberbas torres, para servirem de monumento à posteridade, recordando a felicidade, sem a qual, ter-lhe-ia sido impossível apoderarem-se das mesmas.

CAPÍTULO 44

O QUE OS ROMANOS FIZERAM DOS PRISIONEIROS.

497. Como os romanos estavam cansados de matar e havia ainda uma grande multidão de gente, Tito ordenou que os poupassem e não os passassem a fio de espada a não ser os que ameaçassem defender-se. Mas os soldados não deixaram de matar, contra sua ordem, os velhos e os mais fracos. Conservaram somente os que eram fortes e vigorosos, capazes de servir e os encerraram no Templo destinado às mulheres. Tito confiou-os a um de seus libertos de nome Fronto, no qual ele depositava grande confiança, com o poder de agir conforme melhor lhe parecesse. Fronto mandou matar os ladrões e os revoltosos que se acusavam mutuamente e reservou para o triunfo os mais jovens e os mais formosos. Mandou com cadeias para o Egito os que tinham mais de dezessete anos, para trabalhar nas obras públicas e Tito distribuiu um grande número deles pelas províncias para servirem de espetáculo de gladiadores e combater contra as feras. Os que tinham menos de dezessete anos foram vendidos.

Dessa forma, enquanto estes míseros eram encaminhados como escravos, onze mil outros morreram, uns, porque seus guardas que os odiavam não lhes deram de comer, outros, porque não o queriam fazer, desgostosos como estavam da vida, preferiam mesmo morrer e também porque dificilmente se encontrava trigo para alimentar tanta gente.

CAPÍTULO 45

NÚMERO DE JUDEUS PRISIONEIROS DURANTE ESSA GUERRA E DOS QUE MORRERAM

DURANTE O CERCO DE JERUSALÉM.

498. Foram feitos prisioneiros durante esta guerra noventa e sete mil homens e o assédio de Jerusalém custou a vida a um milhão e cem mil homens, dos quais a maior parte, embora judeus de nascimento, não eram nascidos na judéia, mas lá se encontravam de todas as províncias para festejar a Páscoa e haviam ficado presos na cidade por causa da guerra. Como não havia lugar para acomodá-los a todos, sobreveio a peste e logo em seguida a carestia. Pode-se julgar que era difícil que aquela cidade, sendo tão grande, estivesse de tal modo povoada, que não havia lugar para tanta gente, principalmente esses judeus vindos de fora, mas não há melhor prova para isso, do que o recenseamento feito no tempo de Céstio. Pois esse governador, querendo dar a conhecer a Nero, que tinha tanto desprezo pelos judeus, a força de Jerusalém, rogou aos sacerdotes que contassem o povo. Eles escolheram para isso o tempo da festa da Páscoa no qual desde as nove horas até às onze, sem cessar, imolaram-se vítimas, cuja carne era consumida pelas famílias, que não tinham menos de dez pessoas, algumas até vinte. Concluiu-se que haviam sido imolados duzentos e cinqüenta e cinco mil e seiscentos animais, de onde, contando-se apenas dez pessoas para cada animal, teríamos dois milhões, quinhentos e cinqüenta e seis mil pessoas, purificadas e santificadas. Não eram admitidos a oferecer sacrifícios nem os leprosos, nem os que sofriam de gonorréia, nem as mulheres que estavam no tempo do incômodo que lhes é ordinário, nem os estrangeiros que, não sendo judeus de raça, não deixavam de sê-lo, por devoção a essa solenidade. Assim, aquela grande multidão que se tinha dirigido a Jerusalém, de tantos e tão diversos lugares, antes do cerco, lá se encontrou encerrada como numa prisão, quando a guerra começou.

CAPÍTULO 46

O QUE ACONTECEU COM SIMÃO E JOÃO, OS DOIS CHEFES DOS REVOLTOSOS.

499. Parece, pelo que acabo de dizer, que nenhum acidente humano, nem flagelo algum mandado por Deus, jamais causaram a ruína de um tão grande número de pessoas, como o dos que pereceram pela peste, pela fome, pelas

armas e pelo fogo, durante esse cerco, ou que foram levados como escravos pelos romanos. Os soldados rebuscaram até nos esgotos e nos sepulcros, onde mataram a todos os que ainda estavam vivos e desses encontraram mais de dois mil que se haviam matado uns aos outros ou a si mesmos, ou que tinham sido mortos pela fome. O mau cheiro que saía desses lugares infectados era tão grande, que vários, não podendo suportá-lo, abandonavam-no. Mas outros sabendo que lá estavam escondidas muitas riquezas, não tiveram receio de pisar aqueles cadáveres para procurá-las, e satisfazer assim à sua insaciável ambição. De lá retiraram-se várias pessoas que João e Simão tinham feito prender acorrentadas; a crueldade desses tiranos era maior do que mesmo no extremo a que se encontravam reduzidos. Mas Deus os castigou como eles mereciam. João, que se havia escondido num esgoto, com seus irmãos, foi atormentado de tal fome que, não podendo suportá-la, implorou a misericórdia dos romanos, que ele tinha tantas vezes insolentemente desprezado. Simão, depois de ter combatido contra a má sorte, entregou-se a eles como diremos em seguida. Foi reservado para o triunfo e João condenado à prisão perpétua. Os romanos queimaram o que restava da cidade e derribaram-lhe as muralhas.

CAPÍTULO 47

QUANTAS VEZES E EM QUE TEMPO A CIDADE DE JERUSALÉM FOI TOMADA.

500. Assim terminou Jerusalém, no dia oito de setembro, no segundo ano do reinado de Vespasiano. Ela tinha sido antes tomada cinco vezes, por Azoqueu, rei do Egito, Antioco Epifânio, rei da Síria, Pompeu, Herodes, com Sósio, e Nabucodonosor, que a destruiu, mil quatrocentos e sessenta e oito anos e seis meses depois da sua fundação. Os outros a haviam conservado, depois de tomada; mas os romanos destruíram-na, então, pela segunda vez.

Seu fundador foi um príncipe* dos cananeus, cognominado o Justo, pela sua piedade. Por primeiro consagrou a cidade a Deus, construindo-lhe um Templo e mudou-lhe o nome de Solima para o de Jerusalém.

---

* O príncipe chamava-se Melquisedeque.

Depois que Davi, rei dos judeus, expulsou os cananeus, lá instalou os da sua nação e quatrocentos e setenta e sete anos e seis meses depois, ela foi destruída pelos babilônios.

Mil cento e setenta e nove anos passaram-se, desde o tempo em que Davi reinou até quando Tito a tomou e destruiu, dois mil cento e setenta e sete anos depois da sua fundação.

Assim vemos que nem a sua antigüidade, nem as suas riquezas, nem a fama difundida por todas as partes da terra, nem a glória que a santidade da religião lhe havia conquistado puderam impedir-lhe a ruína e a destruição.

Livro Sétimo

CAPÍTULO 1

TITO MANDA DESTRUIR JERUSALÉM ATÉ OS ALICERCES, COM EXCEÇÃO DE UM TRECHO DO MURO NO LUGAR ONDE ELE QUERIA CONSTRUIR UMA FORTALEZA, E AS TORRES DE HÍPICOS, DE FAZAEL E DE MARIANA.

501. Depois que o exército romano, que jamais se cansaria de matar e de saquear, nada mais achou em que saciar o seu furor, Tito ordenou que a destruíssem, até os alicerces, com exceção de um pedaço do muro, que está do lado do ocidente, onde ele tinha determinado construir uma fortaleza e as torres de Hípicos, de Fazael e de Mariana, porque, sobrepujando a todas as outras em altura e em magnificência, ele as queria conservar para mostrar à posteridade, quão grandes foram o valor e a ciência dos romanos na guerra, para se apoderarem daquela poderosa cidade, que se tinha elevado a tal nível de glória. Essa ordem foi tão exatamente cumprida que não ficou sinal algum, que mostrasse haver ali existido um centro tão populoso. Tal o fim de Jerusalém, cuja triste sorte só se pode atribuir à raiva daqueles revoltosos que atearam o fogo na guerra.

CAPITULO 2

TITO MANIFESTA AO SEU EXÉRCITO SUA SATISFAÇÃO PELA MANEIRA COMO HAVIA SERVIDO NAQUELA GUERRA.

502. Depois que Tito resolveu deixar como guarnição na cidade destruída a décima legião, com um corpo de cavalaria e quatro de infantaria e providenciou todas as coisas, quis fazer ao exército o elogio que merecia por se ter portado com tanta generosidade naquela guerra e recompensar os que se haviam distinguido. Mandou para esse fim erguer no meio do acampamento uma grande tribuna, sobre a qual subiu, com seus principais chefes e de onde todo o exército podia ouvi-lo. Disse que não podia manifestar suficientemente

toda a sua satisfação pelo afeto, pela obediência e pelo valor que eles haviam demonstrado em tantos perigos, naquela guerra, para levar os limites do império ainda mais além e mostrar a toda a terra que nem a multidão dos inimigos, nem as vantagens com que a natureza fortifica certas províncias, nem a grandeza das cidades, nem a coragem dos que as defendem, embora favorecidos em alguns embates pela fortuna, não poderiam jamais resistir à força e ao valor do exército romano. Que nada se poderia acrescentar à glória que eles haviam conquistado por terem terminado uma guerra, começada há tanto tempo, bem como a honra que lhe era devida, pois todos aprovaram não somente, mas também manifestaram a sua satisfação pela escolha que haviam feito de seu pai e dele para elevá-los ao império, e que ainda que ele tivesse tantos motivos de se vangloriar de todos eles, queria recompensar com honras e favores particulares os que se haviam distinguido, para mostrar que tanto ele sentia ter de castigar as faltas, quanto tinha prazer em reconhecer o mérito dos que haviam sido seus companheiros naquela memorável empresa.

CAPÍTULO 3

TITO LOUVA PUBLICAMENTE OS QUE MAIS SE HAVIAM DISTINGUIDO, DÁ-LHES COM SUAS PRÓPRIAS MÃOS A RECOMPENSA, OFERECE SACRIFÍCIOS E DÁ BANQUETES AO EXÉRCITO.

503. Assim falou o grande general e depois ordenou aos oficiais que declarassem os nomes dos que se haviam distinguido por feitos ilustres e que se haviam sobressaído aos demais. Chamou-os em seguida pelo nome, elogiou-os, de tal modo, que demonstrava estar ele não menos comovido pela glória deles do que pela sua própria; colocou-lhes coroas de ouro sobre a cabeça, deu-lhes cadeias de ouro, dardos, cujas pontas eram de ouro, medalhas de prata, distribuiu-lhes também ouro e moedas, ricas vestes e outras coisas preciosas, que faziam parte dos despojos, de modo que nem um só deixou de sentir os efeitos da sua liberalidade e da sua magnificência. Depois que todos foram assim recompensados segundo o próprio mérito, ele desceu da tribuna. Todo o exército fazia votos pela sua prosperidade; ele foi depois oferecer sacrifícios em ação de graças pela vitória. Mandou imolar um grande número de bois, cuja

carne foi distribuída aos soldados; deu banquetes, que duraram três dias, aos principais oficiais e mandou em seguida as tropas aos lugares que lhes eram destinados.

CAPITULO 4

TITO AO PARTIR DE JERUSALÉM VAI A CESARÉIA, QUE ESTÁ À BEIRA-MAR, ALI DEIXA OS PRISIONEIROS E SEUS DESPOJOS.

504. Vimos como Tito deixou a décima legião como guarnição em Jerusalém, em vez de mandá-la para o Eufrates, onde estava antes. Quanto à décima segunda, que antes estava em Rafana, lembrando-se de que tinha sido derrotada pelos judeus no tempo de Céstio, fê-la sair da Síria, para mandá-la a Melita, que está ao longo do Eufrates, nos limites da Armênia e da Capadócia, e conservou somente a quinta e a décima quinta, que julgou suficientes, até que ele tivesse chegado ao Egito. Depois de ter dado estas ordens partiu com o exército e dirigiu-se a Cesaréia, que está à beira-mar, porque o inverno não lhe permitia embarcar para ir à Itália; ali deixou os prisioneiros e todos os seus despojos, em quantidade bastante grande.

CAPÍTULO 5

COMO O IMPERADOR VESPASIANO SEGUIU DE ALEXANDRIA PARA A ITÁLIA DURANTE O CERCO DE JERUSALÉM.

505. Durante o cerco de Jerusalém, Vespasiano embarcou num navio mercante e foi de Alexandria a Rodes, onde se transferiu a uma galera, sendo recebido com aclamações de alegria e votos pela sua prosperidade em todas as cidades por onde passou, durante a viagem; da Jônia foi à Grécia, da Grécia à ilha de Corfu, de lá à Eslavônia, de onde continuou o caminho por terra.

CAPÍTULO 6

TITO VAI DE CESARÉIA QUE ESTÁ À BEIRA-MAR À CESARÉIA DE FILIPE E ALI DÁ AO POVO ESPETÁCULOS QUE CUSTAM A VIDA A VÁRIOS DOS JUDEUS ESCRAVIZADOS.

506. Tito partiu de Cesaréia que está à beira-mar para Cesaréia de Filipe e lá ficou muito tempo. Deu durante sua permanência muita alegria ao povo, com vários espetáculos de todas as espécies, os quais, porém, custaram a vida a vários dos judeus, que tinham sido capturados, pois fê-los combater, alguns, contra animais ferozes, outros, entre si mesmos, em grandes grupos, como numa verdadeira guerra. Foi nesse mesmo tempo que Simão, filho de Gioras, um dos dois principais chefes dos revoltosos e dos mais cruéis tiranos que jamais existiram, foi preso, do modo como passo a descrever.

CAPÍTULO 7

COMO SIMÃO, FILHO DE GIORAS, CHEFE DE UMA DAS DUAS FACÇÕES QUE ESTAVAM EM JERUSALÉM, FOI PRESO E CONSERVADO PARA O CORTEJO TRIUNFAL.

507. Quando Simão, perseguido na cidade alta de Jerusalém, viu que os romanos se entregavam ao saque, ele reuniu os mais fiéis dos seus amigos, com pedreiros munidos de martelos e de outros instrumentos necessários ao que ele intentava, bem como viveres para vários dias e entrou num esgoto, de que poucas pessoas tinham conhecimento. Enquanto não acharam obstáculo, caminharam. Quando encontravam alguma coisa que os detinha serviam-se dos instrumentos que possuíam para abrir caminho, e Simão esperava assim encontrar uma abertura pela qual se pudesse salvar. Mas foi iludido nas suas esperanças. Pouco haviam feito nessa empresa quando os viveres lhes vieram a faltar, embora eles os poupassem bastante, e assim foram obrigados a voltar atrás. Simão, para enganar os romanos e evitar ser reconhecido por eles, vestiu-se de branco, colocou por cima um manto de púrpura, preso com um broche, e foi ao lugar onde estava o Templo. A princípio os romanos ficaram admirados; depois perguntaram quem ele era, mas, em vez de dizê-lo, pediu que o levassem ao comandante. Terêncio Rufo veio no mesmo instante e tendo sabido de sua mesma boca, quem ele era, fez prendê-lo com correntes, vigiá-lo com cuidado e mandou avisar Tito.

Foi assim que Deus permitiu que esse tirano, que tinha praticado tantos atos de crueldade inaudita, tão horríveis, e feito morrer tanta gente, acusando-

os falsamente de se terem querido entregar aos romanos, caísse nas mãos dos inimigos, sem que nenhum outro, que ele mesmo, contribuísse para sua ruína. Os maus não se podem furtar à vingança daquele Juiz, ao qual nada está oculto e quando se julgam em segurança, porque Ele não os castiga logo, então é que a justiça exerce sobre eles castigos mais terríveis, como é uma prova o exemplo desse grande criminoso. Ele foi causa de que se procurassem e se encontrassem nos esgotos vários dos revoltosos que lá se haviam escondido com ele. Levaram-no acorrentado a Tito, que então estava em Cesaréia, perto do mar e ele o conservou para a entrada triunfal.

CAPÍTULO 8

TITO FESTEJA EM CESARÉIA E EM BERITA O DIA DO NASCIMENTO DE SEU IRMÃO E DO IMPERADOR SEU PAI. OS DIVERSOS ESPETÁCULOS QUE ELE DÁ AO POVO FAZEM MORRER UM GRANDE NÚMERO DE JUDEUS, QUE ELE TINHA COMO ESCRAVOS.

508. O grande príncipe comemorou nesse mesmo lugar, em Cesaréia, o dia natalício de Domiciano, seu irmão, com grandes demonstrações de regozijo e à custa da vida de mais de dois mil e quinhentos judeus, que tinham sido julgados dignos de morte. Uma parte foi queimada, o restante, obrigado a combater ou contra animais ferozes, ou uns contra os outros, como gladiadores. Por mais que parecesse desumano fazer esse povo perecer, dessas diversas maneiras, os romanos estavam persuadidos de que seus crimes mereciam um castigo ainda muito maior.

509. Tito foi de Cesaréia a Berita, cidade da Fenícia e colônia dos romanos. Lá ficou muito tempo e quis celebrar com magnificência ainda maior o dia natalício do imperador, seu pai. Nos tantos divertimentos e espetáculos que ele deu ao povo, pereceram também judeus da mesma maneira de como acabo de falar.

CAPÍTULO 9

GRANDE PERSEGUIÇÃO FEITA AOS JUDEUS EM ANTIOQUIA PELA HORRÍVEL MALDADE DE UM DELES, DE NOME ANTÍOCO.

510. Os judeus que moravam em Antioquia muito tiveram que sofrer, por esse mesmo tempo. Toda a cidade se sublevou contra eles, quer pelos muitos crimes de que eram acusados, quer pelos de que o tinham sido pouco tempo antes. Julgo-me obrigado a relatá-lo em poucas palavras, para melhor fazer compreender o que a continuação desta história obrigar-me-á a referir.

Como a nação dos judeus, espalhada por toda a terra, está perto da Síria, nessa província havia um grande número deles, particularmente em Antioquia, quer pela grandeza da cidade, quer porque os sucessores do rei Antíoco Epifânio, que saqueou Jerusalém e o Templo, lhes haviam dado inteira liberdade de lá permanecerem com o mesmo direito de burguesia dos gregos, e lhes tinham restituído, para enriquecer sua sinagoga, todos os presentes de vasos de cobre oferecidos a Deus. Eles desfrutaram pacificamente de tais privilégios sob o reinado desse soberano e de seus sucessores, multiplicaram-se muito, adornaram esplendidamente o Templo com os ricos presentes que lhes foram oferecidos, atraíram para sua religião um grande número de idolatras, que a eles se uniam de algum modo. Quando a guerra começou e Vespasiano veio por mar à Síria, eles ali eram muito odiados e então um deles de nome Antíoco, filho do mais ilustre e do mais poderoso dos que residiam em Antioquia, acusou seu próprio pai e a vários outros, na presença de todo o povo, reunido no teatro de que eles tinham intenção de incendiar a cidade durante a noite e nomeado alguns judeus de fora, que ele afirmou serem cúmplices daquela conspiração. O povo sublevou-se de tal modo, que os matou queimados ali mesmo no teatro, e queria imediatamente exterminar todos os outros judeus, na persuasão de que se tratava da salvação de sua cidade e não podiam perder tempo. Antíoco tudo fez para incitá-los ainda mais e para que não se pudesse duvidar de que tinha deveras mudado de religião, e tinha horror pelos costumes judaicos. Não se contentou de sacrificar à maneira dos pagãos e quis que se obrigassem também os outros a fazer o mesmo, e que se considerasse como traidores os que se negassem a fazê-lo. O povo aceitou essa proposta, mas poucos judeus fizeram-no e os que se atreveram a contradizê-lo foram mortos. Antíoco não se contentou de ter cometido uma tão horrível impiedade, mas ajudado por alguns soldados que o governador da província dos

romanos lhe dera, tudo fez para impedir que os de sua nação festejassem o sábado e os obrigou a trabalharem nesse como nos outros dias; as violências de que usou foram tais que se viu em pouco tempo não somente em Antioquia, mas em outras cidades, cessar a observância desse santo dia.

Essa perseguição feita aos judeus em Antioquia foi seguida de uma outra, de que me acho também obrigado a falar. O Mercado quadrado, o tesouro dos documentos, o arquivo onde se conservavam os atos públicos e os palácios foram incendiados; as chamas cresceram tanto que foi quase impossível impedir que a cidade fosse quase completamente reduzida a cinzas. Antioco acusou os judeus de terem sido os autores do mal e não lhe foi difícil fazê-lo acreditar, porque os habitantes, quando mesmo não os odiassem há muito tempo, o que havia acontecido pouco antes, teria sido suficiente para persuadi-los. Sua paixão cegava-os, de tal modo que eles quase imaginavam ter visto os judeus atear o fogo. Correram então furiosamente para massacrá-los, mas Colega, que na qualidade de lugar-tenente do governador tinha autoridade na ausência de Cesênio Peto, que Vespasiano havia constituído governador e que ainda não tinha chegado, teve grande dificuldade em contê-los e em obter deles que avisassem a Tito do que se havia passado. Mandou depois uma informação muito exata e constatou-se que os judeus não tinham absolutamente tomado parte nenhuma no crime, mas que havia ele sido cometido por homens, cheios de dívidas, a fim de se livrarem da perseguição que se poderia fazer contra eles; uma vez que todos os papéis tivessem sido queimados, seus credores não teriam documentos, nem títulos, que lhes dessem direito de persegui-los. Entretanto, os judeus esperavam com temor os efeitos de tão falsa e importante acusação.

CAPÍTULO 10

VESPASIANO CHEGA A ROMA. ALEGRIA EXTRAORDINÁRIA DO SENADO, DO POVO E DOS SOLDADOS. COMO ELES A MANIFESTAM.

511. Tito estava muito apreensivo a respeito do resultado da viagem do imperador, seu pai, quando soube, com enorme satisfação, por cartas dele mesmo, que todas as cidades da Itália e Roma, particularmente, o haviam rece-

bido com grandes demonstrações de júbilo e alegria; na verdade, ele não tinha motivos para se admirar, porque o afeto que lhe dedicavam era tão grande e tão geral, que todos estavam impacientes por vê-lo. O Senado, que ainda se lembrava dos males sucedidos na mudança de imperadores, julgava-se bem feliz de ter por soberano um grande general cujos cabelos brancos e cuja glória, por tantos triunfos, tornavam venerável a todo o mundo e que possuía tanta virtude que não se podia duvidar de que haveria de empregar todos os seus esforços, para a felicidade de seus súditos. O povo considerava-o como um libertador, que não somente impediria a opressão, mas restituir-lhe-ia sua antiga tranqüilidade e abundância. Os soldados, mais que todos os outros, ardiam de desejo de vê-lo sobre o trono, porque, sendo testemunhas das batalhas que ele tinha gloriosamente vencido e da ignorância e covardia dos outros imperadores, que lhes haviam custado tão caro, julgavam-se felizes, por não temer mais sob seu governo, a vergonha que eles lhes tinham feito sofrer e achavam que ele somente seria capaz, ao mesmo tempo, de governá-los e de fazê-los conquistar muitas honras.

Com esse afeto tão geral, que as admiráveis qualidades do soberano lhe haviam granjeado, as pessoas mais ilustres, não podendo suportar a demora de vê-lo, foram, bem longe, ao seu encontro, seguidas por um grande número de pessoas levadas pelo mesmo desejo, que jamais compareceram à sua presença, nem mesmo quando ele já vivia em Roma. Quando se soube que ele se aproximava e com que bondade recebia todos os que haviam ficado, encheram as ruas, à sua passagem, com suas mulheres e filhos, atraídos pela afabilidade que lhe transparecia no semblante, no transporte de sua alegria, chamavam-no de benfeitor, libertador, o único digno do trono do império. Caminhava-se sobre flores; impregnadas de tantos perfumes, as ruas pareciam um Templo e a multidão era tão compacta que aquele feliz imperador, que todos consideravam como o pai da pátria, com dificuldade pôde chegar ao palácio. Ofereceu então sacrifícios aos deuses domésticos, para lhes dar graças de sua feliz ascensão ao poder, e em todas as famílias na cidade houve banquetes, em que se misturavam os amigos, os vizinhos, e geralmente todas as classes de pessoas que no seu regozijo pediam ardentemente a Deus que conservasse para o império, por longos anos, um tão excelente príncipe, que fizesse reinar seus

filhos, depois dele, com a mesma felicidade e conservasse o cetro nas mãos de toda sua posteridade. Tal a entrada de Vespasiano em Roma, e não se pode imaginar a prosperidade que se lhe seguiu.

CAPÍTULO 11

UMA PARTE DA ALEMANHA REVOLTA-SE E PETÍLIO CEREALIS E DOMICIANO, FILHO DO IMPERADOR VESPASIANO, OBRIGAM-NA A VOLTAR À SUBMISSÃO.

512. Algum tempo antes, quando este excelente imperador ainda estava em Alexandria e Tito sitiava Jerusalém, uma parte da Alemanha revoltou-se, juntamente com aquela parte das Gálias, que lhe está muito perto, na esperança de sacudir o jugo dos romanos. Diversas razões levaram os alemães a isso: seu natural, que não segue de boa vontade os melhores conselhos, sua facilidade em enfrentar os perigos, à menor probabilidade de êxito, seu ódio pelos romanos, que eles consideravam a única nação que os poderia dominar, e uma conjuntura, tão favorável, como a das guerras civis causadas pelas freqüentes mudanças de imperador. Clássico e Civil, os dois mais poderosos dos alemães, e que há muito tempo pensavam em se revoltar, foram os primeiros a fazer a proposta. Acharam os ânimos bem dispostos; uma parte daquela nação prometeu tomar as armas e todo o restante, talvez os seguiria. Mas aconteceu, como por uma providência de Deus, que Petílio Cerealis, antes governador da Alemanha, soube dessa novidade, quando estava a caminho, para tomar posse do governo da Inglaterra, que Vespasiano lhe havia confiado e o tinha declarado cônsul; marchou imediatamente contra os rebeldes, atacou-os, derrotou-os, matou a muitos e obrigou os demais a voltarem à submissão.

51 3. Todavia, mesmo que ele não os tivesse castigado, não deixariam eles de sê-lo, pois logo que se soube em Roma dessa sublevação, Domiciano César, filho de Vespasiano, o qual muito jovem, era todavia profundo conhecedor das coisas de guerra, embora sua idade não o manifestasse, levado por aquela coragem que lhe era hereditária, quis tomar o comando do exército para reprimir a revolta. A notícia de sua marcha espantou tanto àqueles sediciosos que se submeteram, prontificando-se a cumprir todas as condições que ele impusesse e se consideraram felizes de continuar sujeitos, como antes, sem

serem obrigados a isso, pela força. Assim o jovem príncipe, depois de ter posto em ordem todas as províncias vizinhas das Gálias, de modo que não surgissem outras revoltas, voltou a Roma, com a glória de se ter mostrado digno filho de tal pai.

CAPÍTULO 12

REPENTINA INVASÃO DE CITAS NA MÉSIA, IMEDIATAMENTE REPRIMIDA POR ORDEM DE VESPASIANO.

514. Naquele mesmo tempo, quando os alemães se haviam revoltado, os citas mostraram até que ponto chegava a sua ousadia. Passaram em grande número o Danúbio, entraram na Mésia e com uma repentina invasão dizimaram algumas guarnições romanas, mataram num combate o lugar-te-nente geral, Fonteio Agripa, homem que gozava de dignidade consular, e que tinha ido corajosamente contra eles; percorreram e devastaram toda aquela província. Logo que Vespasiano o soube, para lá mandou Rúbrio Gallo, para castigá-los. Ele matou a muitos e os derrotou em vários combates. Os que puderam fugir retiraram-se cheios de temor para seu país, e aquele general, depois de ter tão depressa posto fim àquela guerra, reforçou de tal modo as guarnições, que não havia mais motivo de temor de semelhantes incursões para o futuro.

CAPÍTULO 13

SOBRE O RIO CHAMADO SABÁTICO.

515. Tito, ao partir de Berita, onde tinha, como dissemos, permanecido algum tempo, organizou magníficos espetáculos em todas as cidades da Síria por onde passou, e os judeus, que ele levava como escravos, eram, como outras tantas, provas vivas da ruína daquele miserável povo.

Encontrou ele em seu caminho um rio, que bem merece dele dizermos alguma coisa. Ele passa entre as cidades de Arcé e de Rafanéia, do reino de Agripa, e tem algo de maravilhoso. Depois de ter deslizado por seis dias com grande abundância de água e curso rápido, de repente seca e recomeça no dia seguinte a correr, durante outros seis dias, como antes e a secar no sétimo dia, sem jamais alterar esta ordem, o que lhe mereceu o nome de Sabático, porque

pareceu que ele comemorava o sétimo dia, como os judeus o fazem com o sábado.

CAPÍTULO 14

TITO RECUSA AOS DE ANTIOQUIA EXPULSAR OS JUDEUS DE SUA CIDADE, E DE APAGAR SEUS PRIVILÉGIOS DAS LÂMINAS DE COBRE, ONDE ESTAVAM GRAVADOS.

516. Os habitantes de Antioquia sentiram tanta alegria por saber que Tito viria à sua cidade, que quando souberam que ele se aproximava, quase todos se dirigiram a trinta estádios, ao seu encontro, com suas esposas e filhos. Colocaram-se em fila, dos dois lados, abrindo alas e assim acompanharam-no até a cidade; elevando as mãos para o céu faziam ecoar gritos de aclamações, misturados com incessantes preces e rogos, para que ele expulsasse os judeus da cidade. Ele, porém, escutava tudo sem responder. Pode-se avaliar o temor dos infelizes judeus, na incerteza do que ele determinaria, num assunto em que se tratava da sua completa ruína. Mas ele não se deteve em Antioquia. Continuou para o Eufrates, até a cidade de Zeugma. Embaixadores de Vologeso, rei dos partos, vieram encontrá-lo e apresentaram-lhe em seu nome, uma coroa de ouro, como sinal da sua participação na glória de ter vencido os judeus. Ele a recebeu e deu um soberano banquete aos embaixadores. Voltando a Antioquia, o Senado e os magistrados rogaram-lhe insistentemente que se dirigisse ao teatro onde todo o povo estava reunido. Ele fê-lo, com demonstrações de bondade, e lá renovaram-lhe o pedido que lhe haviam feito de expulsar os judeus. O sábio príncipe respondeu de uma maneira muito espiritual que não sabia para que lugar relegá-los, pois aquele, para onde os poderia mandar, havia sido destruído e já não podia recebê-los. Ante a recusa, os habitantes pediram-lhe então que pelo menos apagasse os privilégios daquela nação das lâminas de cobre onde estavam gravados. Mas não lhes concedeu ele nem este segundo pedido e partiu para o Egito, deixando as coisas em Antioquia, com relação aos judeus, no mesmo estado em que antes estavam.

CAPÍTULO 15

TITO TORNA A PASSAR POR JERUSALÉM E, UMA VEZ AINDA, DEPLORA-LHE A RUÍNA E A DESTRUIÇÃO.

517. O grande príncipe, bom e ao mesmo tempo valente, voltou a passar por Jerusalém, que era então um espantoso deserto e, em vez de se alegrar, como um outro o teria feito, por tê-la depois de tantos esforços reduzido ao domínio de suas armas, não pôde, comparando aquelas ruínas com o seu antigo esplendor e magnificência, não se sentir movido à compaixão, por ver uma tão grande e soberba cidade, reduzida a estado tão deplorável. Fez imprecações contra os autores da revolta que o haviam obrigado a chegar àqueles extremos, contra seu natural, tão contrário de buscar a glória com a infelicidade dos vencidos, ainda que culpados.

As riquezas daquela cidade eram tantas, que ainda muitas coisas preciosas havia no meio das ruínas. Muitas delas os romanos descobriram, os prisioneiros indicavam outras mais, de ouro, de prata, bem como outras coisas preciosas enterradas pelos seus donos, na incerteza em que viviam dos eventos da guerra.

Tito continuou seu caminho para o Egito e somente atravessou aquela deplorável solidão. Quando chegou a Alexandria, para ali embarcar, despediu as duas legiões que o haviam acompanhado pelas províncias, para o lugar de onde tinham vindo, isto é, a quinta para a Mésia, a décima para a Hungria, e ordenou que levassem Simão a Roma, bem como João, os dois chefes dos revoltosos, com setecentos outros dos maiorais e dos mais vistosos dos prisioneiros, para servirem no ingresso triunfal.

CAPÍTULO 16

TITO CHEGA A ROMA E É RECEBIDO COM O MESMO JÚBILO QUE O IMPERADOR VESPASIANO, SEU PAI. JUNTOS FESTEJAM O TRIUNFO. COMEÇO DOS FESTEJOS.

518. Com vento favorável Tito chegou a Roma bem depressa e foi recebido do mesmo modo que Vespasiano, seu pai, mas com um acréscimo de honra, que aquele admirável pai quis mesmo dar ao filho, indo em pessoa ao

seu encontro. Sua amizade bem como a de Domiciano causava grande alegria ao povo, porque parecia, em tudo, haver algo de sobrenatural.

519. Alguns dias depois Vespasiano e Tito determinaram que seria um só o triunfo para ambos, embora o Senado tivesse determinado um para cada um, em particular. O dia de pompa tão soberba chegou e não houve uma só pessoa naquela infinita multidão de povo, que enchia toda Roma, que não quisesse presenciá-la. A massa popular era tão grande que não havia mais lugar para a passagem dos imperadores. Todos os soldados, com os comandantes à frente, marchavam em ordem; dirigiram-se antes do despontar do dia para diante das portas, não do palácio alto, mas do de ísis, onde os soberanos haviam passado a noite. O dia apenas começava a despontar, quando eles saíram coroados de louros, vestidos de púrpura para se dirigir a Roma Otávia, onde o Senado incorporado, os maiores senhores do império e os cavaleiros romanos, os esperavam. Havia perto de um grande pórtico um trono elevado, onde estavam assentos de marfim; depois que os dois imperadores se sentaram, coroados da maneira como dissemos, vestidos somente de mantos de seda e sem armas, todos os soldados os aclamaram pelos seus grandes feitos, como testemunhas que haviam sido, atribuindo tudo o que fora realizado à sua virtude. Vespasiano, vendo que eles não cessavam de aclamá-lo, por modéstia, impôs-lhes silêncio. Levantou-se e cobrindo a cabeça com uma parte do pano de seu manto fez as orações e os votos de praxe. Tito fez o mesmo depois dele. Vespasiano em seguida falou a todos em geral, em poucas palavras e mandou os soldados para os banquetes que lhes estavam preparados segundo o costume. De lá seguiu, acompanhado por Tito, para a porta triunfal. Assim ela é chamada, porque somente por ela passa o cortejo dos triunfos. Os triunfadores, depois de ali ter tomado a refeição, revestem-se dos trajes de triunfo, oferecem sacrifícios aos deuses, cujas estátuas estão colocadas sobre essa porta e por ali passam, para os lugares destinados aos espetáculos públicos, a fim de que o povo possa mais facilmente ver a magnificência dessas pompas soberbas.

CAPÍTULO 17

CONTINUA O SOBERBO ESPETÁCULO TRIUNFAL DE TITO E VESPASIANO.

520. É impossível descrever a magnificência desse festejo triunfal. Ela sobrepuja mesmo tudo o que se pode imaginar, quer pela excelência das obras, quer pela quantidade de riquezas e semelhança das coisas que ali estavam tão admiravelmen-te representadas. O que todas as nações mais felizes tinham podido em tantos séculos reunir de mais precioso, de mais maravilhoso e de mais raro, parecia ter-se juntado naquele dia, para manifestar até que ponto ia a grandeza do império. O ouro, a prata e o marfim brilhavam em tal abundância, num número incrível de obras excêntricas e preciosas, que não pareciam se apresentar por partes, isoladamente, como numa pompa solene, mas ali estar dispostos em massa. Viam-se todas as espécies de vestuários de púrpura, admiravelmente recamados à maneira dos babilônios, uma quantidade enorme de pedrarias, umas encastoadas em coroas de ouro, outras, em objetos preciosos; a beleza era surpreendepte, de tal sorte que jamais se teria pensado poder ainda contemplar algo de semelhante. Havia estátuas dos deuses, das diversas nações, de tamanho surpreendente, executadas por mestres excelentes em que a arte não perdia para a matéria, por mais preciosa que fosse.

Havia ainda várias espécies de animais raros e estimados, pela sua qualidade; os que levavam ou traziam essas coisas, que tinham sido destinadas para servir a pompa festiva, estavam revestidos de mantos recamados de ouro e de outros hábitos tão ricos que nada poderia ser mais suntuoso. Os próprios escravos estavam tão bem vestidos e de maneiras tão diferentes, que aquela variedade impedia que se notasse a tristeza da escravidão esculpida em seus rostos. Nada, porém, causava tanta admiração aos espectadores do que as diversas representações, como grandes armações de três ou quatro andares. Todas elas estavam adornadas com enfeites de ouro e de marfim e a todo momento se imaginava ver sucumbir sob tal peso o grande número de homens que as levavam. Eram imagens de cenas de guerra, as mais notáveis representadas ao natural, que pareciam mesmo reais. Viam-se províncias muito férteis, devastadas, tropas inteiras feitas em pedaços, outras, postas em fuga, várias, feitas prisioneiras, muralhas fortíssimas, derrubadas pelas máquinas, castelos tomados e destruídos, grandes cidades, mui povoadas, tomadas de assalto, um exército inteiro entrando pela brecha, passando todos a fio de

espada, sem poupar mesmo os que como única defesa usavam de rogos e súplicas, queimando Templos, sepultando em suas ruínas todas as casas e aqueles que antes lhes eram senhores; por fim, a ferro e fogo praticando toda sorte de crueldades, tão horríveis, que em vez de águas favoráveis, que tornam a terra fecunda e matam a sede aos homens e aos animais, eram regatos de sangue que apagavam uma parte do incêndio, tornando desertas as cidades e fazendo delas um montão de cinzas. Os judeus tinham experimentado todos esses males que a guerra mais cruel, que se pode imaginar, é capaz de produzir.

Sobre cada uma dessas cidades estava representado aquele que as havia defendido e de que maneira havia sido aprisionado. Vinham em seguida vários navios; entre a grande quantidade de despojos, os mais notáveis eram os que tinham sido feitos no Templo de Jerusalém; a mesa de ouro, que pesava vários talentos, o candelabro de ouro, feito com tanta arte, para torná-lo próprio ao uso, ao qual era destinado. Do seu pé elevava-se uma espécie de coluna, de onde saía como o tronco de uma árvore, de sete ramos, na ponta de cada um dos quais, estava um braço em forma de lâmpada; o número sete significava o sétimo dia, o sábado, tão santificado pelos judeus, que o observam tão religiosamente. Sua lei, que é a coisa pela qual eles têm a maior veneração, encerrava essa magnífica exposição de tantos e tão ricos despojos, que os romanos lhes haviam conquistado. Várias estátuas da vitória, todas de ouro e de marfim, vinham em seguida. Por fim, vinha Vespasiano, seguido de Tito, e Domiciano os acompanhava tão soberbamente vestido e montado sobre um lindo cavalo, que ninguém se cansava de contemplá-lo.

Capítulo 18

Simão, que fora o principal chefe dos sediciosos em Ferusalém, depois de ter desfilado no cortejo triunfal, entre os escravos, é executado publicamente. Fim da cerimônia do cortejo triunfal.

521. O espetáculo desse cortejo triunfal, tão magnífico, terminou no templo de Júpiter Capitolino. Aí ele se deteve segundo o antigo costume, até que tivesse anunciado a morte do chefe dos inimigos. O chefe era então Simão,

filho de Gioras, que depois de ter tomado parte no desfile triunfal, entre os outros escravos, foi arrastado com uma corda ao pescoço, batido com varas e executado junto do grande mercado, que é o lugar destinado ao suplício dos criminosos. Depois que anunciaram sua morte e que todos manifestaram sua alegria aplaudindo, ofereceram-se sacrifícios acompanhados de orações e votos. Tudo terminado solenemente, os imperadores retiraram-se para o palácio, onde deram um grande banquete. Outros se deram também ao mesmo tempo em toda a cidade onde se festejava, aquele dia, para dar graças a Deus pela vitória obtida sobre os inimigos e também porque se considerava como o fim das guerras civis e o começo de uma grande ventura para o porvir.

Capítulo 19

Vespasiano constrói o templo da Paz e tudo faz para torná-lo muito suntuoso, colocando lá a mesa, o candelabro de ouro e outros ricos despojos do Templo de Ferusalém. Quanto à lei dos judeus e aos véus do santuário ele os conservou no palácio.

522. Depois deste ingresso triunfal de Vespasiano, vendo ele o estado do império, bem consolidado, como ele desejava, resolveu construir o templo da Paz e o fez mais depressa do que se teria pensado, porque, encontrando-se de posse de grandes riquezas, nada poupou para a sua construção. Terminado o majestoso edifício, adornou-o com excelentes e numerosas pinturas e outras obras admiráveis, reunidas de todos os lugares do mundo, de modo que, aqueles que tinham paixão por coisas semelhantes, não precisavam mais sair de Roma para satisfazer à curiosidade. Lá colocou também a mesa, o candelabro de ouro e outros ricos despojos do Templo de Jerusalém, como um troféu que lhe era tão glorioso. Quanto à lei dos judeus e aos véus do santuário, que eram de púrpura, guardou-os cuidadosamente no seu palácio.

Capítulo 20

Lucílio Basso, que comandava as tropas romanas najudéia, toma, por acordo, o castelo de Herodiom e resolve atacar o de Macberom.

523. Depois que Lucílio Basso, enviado para comandar as tropas romanas na Judéia, na qualidade de lugar-tenente-geral as recebeu de Cerealis Vetiliano, tomou, por meio de um acordo, o castelo de Herodiom e estando ainda bem escudado pela décima legião, resolveu atacar o de Macherom, pois julgava necessário destruí-lo, porque era muito forte e tinha uma posição muito vantajosa, o que poderia dar motivo aos judeus de se revoltarem, na esperança de achar sua segurança na dificuldade que ele teria de atacá-los.

Capítulo 21

Posição do castelo de Macberom e como a natureza e a arte tinham trabalhado, sem descanso, para torná-lo forte.

524. O castelo de Macherom estava construído sobre um alto monte, cheio de rochas que o tornavam quase inexpugnável; a natureza, para aumentar-lhe ainda a força, rodeara-o de todos os lados por vales de profundidade incrível e mui difíceis de se passar. O que está do lado do ocidente, tem sessenta estádios de comprimento e termina no lago Asfaltite, e a altura do castelo parece enorme, daquele lado. Os vales que o rodeiam, do lado do norte e do sul não são menores que os outros nem mais fáceis de se vencerem; o que está do lado do oriente, cuja profundidade é de cem côvados, termina no monte que está fronteiro ao castelo.

Alexandre, rei dos judeus, considerando as vantagens daquela posição, foi o primeiro que lá construiu um castelo. Gabínio destruiu-o na guerra que fez a Aristóbulo; Herodes, o Grande, não somente julgou conveniente restaurá-lo, para dele se servir contra os árabes, das fronteiras dos quais estava perto, mas construiu ali também uma cidade, que ele cercou de fortes muros e de torres e de onde se ia ao castelo. O castelo situado no cume do monte, estava também rodeado por uma muralha muito forte, com torres, nos cantos, de sessenta côvados de altura. O príncipe mandou construir no meio, um palácio tão admirável pela beleza, como pela grandeza e mandou cavarem-se muitas cisternas, a fim de que não houvesse falta de água e fez o que pôde, para tornar a artevencedora da natureza, fortificando ainda mais um lugar que ela tivera já grande prazer em defender. Lá colocou depois tantas armas, máquinas e

munição de guerra e de boca, que, os que a defendessem, não teriam motivo de temer um grande cerco.

CAPÍTULO 22

SOBRE UMA PLANTA DE ARRUDA DE TAMANHO DESCOMUNAL QUE ESTAVA NO CASTELO DE MACHEROM.

525. Havia naquele palácio uma planta de arruda de tamanho tão descomunal, que não há figueira que lhe seja nem mais alta, nem mais larga. Dizem que já estava lá no tempo de Herodes e que poderia ainda durar por muito tempo, se os judeus não a tivessem destruído, quando tomaram aquela praça.

CAPÍTULO 23

QUALIDADES E VIRTUDES ESTRANHAS DE UMA PLANTA ZOÓFITA, QUE VIVE NUM DOS VALES QUE RODEIAM MACHEROM.

526. No vale que rodeia Macherom, do lado do norte, encontra-se, no lugar chamado Bara, uma planta que tem o mesmo nome e que se parece com uma chama e lança, à tarde, raios resplandecentes e retira-se, quando a gente a quer apanhar. O único meio de detê-la é atirar-lhe urina de mulher, ou aquele sangue supérfluo, que elas, de tempos em tempos, eliminam. Não se pode tocá-las, sem perigo de morrer, a menos que se tenha na mão a raiz da mesma planta; encontrou-se um outro meio de colhê-la sem perigo. Cava-se em redor, de modo que ela fique presa pela raiz à qual amarra-se um cão; este querendo seguir aquele que o amarrou, arranca a planta e morre imediatamente, como se resgatasse com sua vida a do seu dono. Depois disso, pode-se sem perigo manuseá-la; ela tem uma virtude, que faz não se temer expor a qualquer perigo, para apanhá-la, isto é, os demônios ou as almas dos maus, que entram no corpo dos homens vivos, e que os matariam se não se lhes impedisse, abandonam-nos imediatamente, quando deles se aproxima essa planta.

CAPÍTULO 24

SOBRE ALGUMAS FONTES CUJAS QUALIDADES SÃO MUITO DIFERENTES.

527. Vêem-se nesse mesmo lugar fontes de água quente, cujas qualidades são muito diferentes; umas, são amargas, outras, extremamente doces. Há também fontes de água fria nos lugares mais baixos, cujo sabor é diferente; vemos, com admiração, sobre uma caverna, pouco profunda, uma pedra, de onde saem como de dois seios, muito próximos um do outro, duas fontes, uma de água muito fria e outra muito quente, que, depois misturando-se, podem servir para um banho muito agradável e útil para diversas espécies de enfermidades e particularmente para fortalecer os nervos. Há também minas de enxofre e de alume.

CAPÍTULO 25

BASSO SITIA MACHEROM. ESTRANHO FATO PELO QUAL AQUELA PRAÇA, QUE ERA TÃO FORTE, LHE É ENTREGUE.

528. Depois que Basso observou bem Macherom, mandou encher o vale que está do lado do oriente, e trabalhou com grande diligência para levar plataformas, bastante altas, a fim de poder atacar o castelo. Os judeus, que lá estavam cercados, obrigaram aos que consideravam como uma vil populaça a se retirar para a cidade, a fim de resistir aos primeiros ataques dos romanos e permaneceram para a defesa do castelo, porque, além de ser bastante forte e mais fácil de se defender, eles não duvidavam em obter facilmente o perdão dos romanos, en-tregando-lho, se lhe não pudessem resistir, depois de ter feito todo o possível para obrigá-los a levantar o cerco. Não se passava um dia sem que dessem vários assaltos e não matassem vários dos inimigos, que eles procuravam continuamente surpreender; os romanos, ao invés, mantinham-se sempre alertas. Mas não era desse modo que o cerco devia terminar. Um acidente obrigou os judeus a lhes entregar a praça. Havia entre eles um certo Eleazar, moço, forte e muito valente. Ele se distinguia em todos os combates, atrasava os trabalhos dos romanos, animava a coragem dos inimigos com seu exemplo e, quando eles eram obrigados a ceder, facilitava-lhes a retirada,

ficando sempre por último para escorar o ataque dos inimigos. Um dia, depois da luta, em vez de regressar com os outros para a praça, ele se deteve, para falar com os que estavam nas muralhas, como desprezando os romanos, que ele dizia pouco corajosos e incapazes de um novo combate. Um soldado do exército romano, de nome Rufo, que era egípcio, atacou-o tão repentinamente que o dominou; levou-o então armado como estava e o trouxe para o acampamento com grande espanto dos judeus, como se pode bem imaginar. Basso fê-lo estender completamente despido e chicotear, à vista dos seus companheiros. Eles vieram todos, ante esse espetáculo e seu pesar foi tão grande que o ar ecoava com seus gemidos e lamentação; mal se podia imaginar ser aquilo causado pela infelicidade de um único homem. Basso, para aproveitar a ocasião e aumentar ainda mais a compaixão que tinham de Eleazar e obrigá-los a entregar-lhe a praça, para poupar-lhe a vida, mandou erguer uma cruz, como para crucificá-lo naquele mesmo instante. Apenas a viram erguida, o pesar dos judeus cresceu tanto e de tal modo, que se puseram a gritar, que tamanha dor lhes era insuportável. Eleazar, por seu lado, rogava-lhes que não o deixassem morrer tão miseravelmente e que pensassem na própria salvação, sem pretender resistir às forças e à boa sorte dos romanos, depois que tantos outros tinham sido obrigados a ceder. Este pedido, mais o dos parentes que intercediam por ele, tocou tão vivamente aos que defendiam o castelo, que, contra seus primeiros sentimentos, resolveram, para salvar Eleazar, entregar a praça, com a condição de se retirarem para onde quisessem; mandaram imediatamente a proposta a Basso, que facilmente a aceitou. Os que estavam na cidade, tendo sabido desse tratado feito sem sua participação, resolveram fugir durante a noite. Mas os outros, quer pela inveja, quer por temor de que Basso fosse contra eles, avisaram-no. Assim, só os que haviam saído por primeiros e que eram os mais decididos, salvaram-se. O restante, uns mil e setecentos, foram mortos, suas mulheres e filhos, escravizados. Aos do castelo, Basso, para manter a palavra que lhe havia falado, entregou-lhes Eleazar.

CAPÍTULO 26

BASSO MATA TRÊS MIL JUDEUS QUE HAVIAM ESCAPADO DE MACHEROM E SE TINHAM ESCONDIDO NUMA FLORESTA.

529. Basso soube que vários judeus que haviam escapado de Macherom se tinham refugiado numa floresta, chamada Jardes; marchou então contra eles, rodeou a floresta com seus soldados, para que nenhum pudesse escapar, e mandou à infantaria que cortasse as árvores da floresta. Assim os judeus foram obrigados a tentar abrir uma passagem pela força. Atacaram todos ao mesmo tempo, com muita violência e soltando grandes gritos, foram recebidos pelos romanos com sua coragem comum. De um lado a ousadia, do outro uma firmeza inquebrantável, sustentaram por muito tempo o combate. Por fim, os romanos venceram, perdendo apenas doze homens e alguns feridos, ao passo que os três mil judeus que lá estavam, morreram todos. Tinham como chefe a Judas, filho de Jaires, de quem falamos há pouco; ele comandava alguns soldados em Jerusalém, durante o cerco e tinha escapado pelos esgotos.

CAPÍTULO 27

O IMPERADOR VENDE AS TERRAS DAJUDÉIA E OBRIGA TODOS OS JUDEUS A PAGAREM, CADA QUAL, POR ANO, DUAS DRACMAS AO CAPITÓLIO.

530. Nesse mesmo tempo o imperador ordenou a Basso e a Libério Máximo, seu intendente, que vendessem todas as terras da Judéia, porque as queria reservar como seu domínio, sem mais ali construir cidades, e deixasse somente oitocentos homens como guarnição em Emaús, que dista de Jerusalém apenas trinta estádios.

531. O mesmo soberano ordenou também que os judeus, em qualquer lugar onde morassem, deveriam pagar, cada qual, todos os anos, duas dracmas ao Capitólio, como antes pagavam ao Templo de Jerusalém. Tal a condição em que esse infeliz povo se encontrava.

CAPÍTULO 28

CESÊNIO PETO, GOVERNADOR DA SÍRIA, ACUSA ANTÍOCO, REI DE COMAGENA, DE TER ABANDONADO O PARTIDO DOS ROMANOS E PERSEGUE MUITO INJUSTAMENTE ESSE PRÍNCIPE. MAS VESPASIANO TRATA-O, E TAMBÉM AOS SEUS FILHOS, COM MUITA BONDADE.

532. No quarto ano do reinado de Vespasiano, Antíoco, rei de Comagena, sofreu, com toda sua família, o revés de que vou falar. Cesênio Peto, governador da Síria, quer por ódio a este soberano, quer porque fosse verdade, escreveu ao imperador, dizendo que Antíoco e Epifânio, seu filho, tinham abandonado o partido dos romanos, para abraçar o dos partos, e se não se impedisse, eles ateariam uma guerra que perturbaria todo o império. A proximidade desses dois reis tornava sua união mais temível e Samosata, a maior cidade de Comagena, estava situada sobre o Eufrates, e dava ao rei dos partos a comodidade de passar e tornar a passar facilmente o rio; Vespasiano achou que não devia desprezar um aviso tão importante, ao qual prestava fé. Assim, mandou Peto fazer o que julgasse conveniente; este, não perdeu tempo para usar do poder. Entrou em Comagena com a décima legião, algumas coortes e as tropas auxiliares de Aristóbulo, rei da Cálcida e de Soheme, rei de Emeso. Foi-lhe fácil vencer Antíoco, porque não tendo idéia de que havia sido acusado, não tinha outrossim a menor suspeita e como sinal de sua fidelidade, saiu da capital com sua esposa e filhos e foi acampar a cento e vinte estádios, numa planície. Peto tornou-se sem dificuldade senhor de Samosata, para lá mandou uma guarnição e perseguiu Antíoco. Tão grande, tão injusta violência não foi capaz de levar esse príncipe a tomar as armas contra os romanos; mas Epifânio e Calínico, seus filhos, que eram jovens e muito valentes, julgaram que lhes seria vergonhoso perder assim o reino sem tomar a espada. Reuniram o que puderam de seus soldados, travaram um grande combate e demonstraram tanta coragem que perderam poucos homens. Esse bom resultado, embora favorável a Antíoco, não o fez, porém, resolver-se a ficar; ele fugiu para a Cilícia com sua esposa e suas filhas; sua ausência fez seus soldados perderem toda a esperança de poder conservar o reino que ele mesmo havia abandonado e, assim, passaram para o lado dos romanos. Os dois irmãos, nessa extrema contingência, atravessaram o Eufrates acompanhados somente por oito cavaleiros, para se refugiarem junto de Vologeso, rei dos partos; este príncipe, em vez de desprezá-los, em sua infeliz sorte, recebeu-os com não menor honra do que se eles ainda estivessem gozando de toda prosperidade. Quando Antíoco chegou a Tarso, na Cilícia, Peto mandou um oficial detê-lo, com ordem de levá-

lo acorrentado a Roma. Vespasiano não tolerou que se tratasse a um rei tão indignamente. Julgou melhor relembrar sua antiga amizade, do que se deixar levar pelo ressentimento, ante a ofensa que estava persuadido ter recebido dele e que tinha dado motivo àquela guerra. Mandou então que lhe tirassem as cadeias, sem obrigá-lo a continuar a viagem e que ele ficasse na Lacedemônia, onde estipulou uma grande quantia, para suas despesas, a fim de que ele lá pudesse viver como rei. Tão gentil tratamento não somente tirou Epifânio e seus parentes da extrema apreensão em que estavam, pelo pai, mas fê-los mesmo esperar reconquistar as boas graças do imperador, o que eles desejavam ansiosamente, porque não se podiam julgar felizes estando mal com os romanos. Vologeso escreveu em seu favor a Vespasiano, que lhes permitiu, com muita bondade, vir a Roma. Seu pai também para lá foi, logo depois; e enquanto lá permaneceram sempre foram tratados com grande honra.

CAPÍTULO 29

INCURSÃO DOS ALANOS NA MÉDIA E ATÉ NA ARMÊNIA.

533. Falamos em outro lugar dos alanos, que moram perto do rio Tanais e dos mares meotidos e são originários da Cítia. Resolveram eles naquele mesmo tempo saquear a Média e, para isso, combinaram com o rei da Hircânia, porque ele era senhor da única passagem, por onde lá se podia entrar.* Diz-se que essa passagem foi feita por Alexandre, o Grande, e que é fechada com portas de ferro. Assim, tendo chegado à Média e não encontrando resistência, porque não desconfiavam de nada, saquearam todo o país, tomaram grande quantidade de gado e o rei Pacoro, que então reinava, ficou tão atemorizado, que fugiu para os montes e foi obrigado a dar cem talentos, para retirar sua esposa e suas concubinas das mãos daqueles bárbaros. Passaram assim sem encontrar obstáculo algum destruindo tudo até a Armênia, onde Tiridate então reinava. O príncipe veio-lhes ao encontro. Travou-se um grande combate e pouco faltou que ele não lhes caísse nas mãos; pois um deles lançou-lhe uma corda ao pescoço e o teria levado, se ele não a tivesse cortado logo com sua espada. Esses bárbaros tornaram-se ainda mais cruéis com esse combate, devastaram todo o país e levaram para sua casa grandes despojos e muitos prisioneiros.

---

* Essa passagem é chamada de Portas Cáspias.

CAPÍTULO 30

SILVA, QUE, DEPOIS DA MORTE DE BASSO, GOVERNAVA AJUDÉIA, DECIDE-SE A ATACAR MASSADA, ONDE ELEAZAR, CHEFE DOS SICÁRIOS, SE HAVIA REFUGIADO. HORRÍVEIS ATOS DE CRUELDADE E DE IMPIEDADE COMETIDOS PELOS DESSA SEITA, PORFOÃO, POR SIMÃO E PELOS IDUMEUS.

534. Basso morreu na Judéia e foi substituído por Flávio Silva e como Massada era a única praça que lhe restava tomar, ele reuniu todas as tropas para atacá-la. Eleazar, chefe dos sicários ou assassinos, comandava-os, nessa praça; ele era da família de Judas, que tinha outrora persuadido a vários judeus, a não se submeterem ao recenseamento, que Cirênio queria fazer. Estes revoltosos não podiam tolerar que se obedecesse aos romanos e tratavam os que o faziam, como inimigos, saqueavam-lhes os bens, levavam seu gado, queimavam-lhes as casas e diziam que não se devia fazer diferença entre eles e os estrangeiros, pois eles tinham por sua covardia traído a pátria, preferindo a escravidão à liberdade para cuja conservação tudo devemos fazer. Mas os efeitos fizeram ver que isso era apenas um pretexto para disfarçar-lhes a crueldade e a ambição porque, quando os que eles acusavam de covardes e pérfidos se uniram a eles, para fazer guerra aos romanos, eles os trataram ainda mais cruelmente do que o haviam feito antes e principalmente àqueles que lhes censuravam a malícia. Jamais tempo algum foi mais fecundo em crimes do que esse, entre os judeus. Cada qual procurava sobrepujar seu companheiro, em toda espécie de crueldade e de maldade, bem como de impiedade. Em geral e em particular, só havia corrupção. Os ricos tiranizavam o povo; o povo procurava prejudicar os ricos. Uns queriam dominar, outros queriam saquear, e estes sicários foram os primeiros que, sem poupar aos de sua nação, se distinguiram por violências e assassínios. De sua boca só saíam palavras ofensivas, seu coração só desejava traições e sua inteligência só encontrava prazer em excogitar instrumentos de maldade.

Por mais detestáveis e violentos que eles fossem, porém, podiam passar por moderados, em comparação com João. Este não se contentava de tratar como inimigos e de mandar matar os que propunham coisas úteis para o bem comum, mas não havia males que ele não causasse à sua pátria. Seria para nos admirarmos, de que um homem que calcava aos pés o respeito devido às leis de nossos antepassados, que havia renunciado à pureza de que os judeus faziam profissão, que não tinha dificuldade em comer carnes proibidas e cujo furor chegava a cometer mil atos de impiedade contra Deus, tivesse renunciado a todos os sentimentos de humanidade?

Que crimes não cometeu também Simão, filho de Gioras? De que espantosa maneira não tratou ele aos mesmos que o haviam recebido em Jerusalém? Eram livres e tornaram-se escravos, submetendo-se à sua tirania? O parentesco, a amizade e todos os outros laços que unem mais fortemente os homens, puderam talvez impedir-lhe manchar continuamente suas mãos no sangue? Em vez de se acalmar e tornar-se mais benigno, não o tornaram e aos do seu partido, ainda mais cruéis? Não maltratar e não ofender pessoas indiferentes, era para eles uma maldade covarde e tímida; nada, ao contrário, lhes parecia tão belo, como calcar aos pés todos os deveres da natureza e da sociedade civil, para fazer sentir os efeitos do seu furor, àqueles que eram mais obrigados a amar.

Os idumeus, por seu lado, foram-lhes talvez inferiores em toda sorte de crimes? Esses malvados, depois de terem massacrado os sacerdotes, não se contentaram de abolir todos os sinais de piedade, que podiam ainda restar; destruíram também tudo o que tinha alguma aparência de justiça humana e de política e puseram a injustiça sobre o trono. Mostraram que eram verdadeiramente zelotes, não pelo amor das coisas justas e santas, as quais os haviam feito tomar esse nome, que eles se atribuíam tão falsamente e com que entusiasmavam os ignorantes, mas por um zelo verdadeiro e pela ardente paixão que tinham de sobrepujar, em toda espécie de crimes, os maiores criminosos, que jamais existiram sobre a face da terra.

Se eles mostraram, até que excesso pode chegar a impiedade, Deus mostrou quanto sua justiça deve ser temível aos maus, pois, de todos os tormentos e suplícios que os homens são capazes de experimentar, não houve

um sequer que eles não sofressem durante a vida e que não sofrerão, sem dúvida, depois da morte. Eu sei que alguns dirão que esse castigo, por maior que seja, não corresponde à magnitude das ofensas e que se poderia desejar ainda mais, pois não há castigos que os possam igualar. Quanto aos que foram tão infelizes, de ficar expostos ao furor dessas feras, não é este o lugar de eu me estender em deplorar sua desdita; devo retomar minha narração, que fui, quase obrigado, a interromper.

CAPÍTULO 31

SILVA ORGANIZA O CERCO DE MASSADA. DESCRIÇÃO DA POSIÇÃO, DA FORÇA E DA BELEZA DESSA PRAÇA.

535. Silva avançou com o exército romano para sitiar Massada, defendida por Eleazar, chefe dos sicários; começou ele por colocar guamições em todos os lugares dos arredores, que julgou necessárias para se apoderar do país, mandou em seguida cercar a praça, com um muro, colocando um corpo de guardas, para que ninguém pudesse escapar, armou seu acampamento no lugar onde os rochedos do castelo estão próximos do monte vizinho. Não encontrou poucas dificuldades nesse assédio; porque para manter seu exército, não somente era necessário mandar buscar víveres muito longe, o que era um grande trabalho para os judeus, que nisso ele empregava, mas iam mesmo a outras partes, buscar água, porque ali não havia, nem fontes, nem regatos. A essas dificuldades juntava-se a da resistência da praça. Estava construída sobre uma grande rocha, cujo vértice, muito elevado, é de longa extensão. Rodeada também de todos os lados por vales profundos, cujo fim não se alcança com a vista, porque outras rochas o ocultam. É inacessível mesmo aos animais, exceto por dois caminhos, pelos quais lá se sobe, embora com dificuldade: um do lado do oriente, que corresponde ao lago Asfaltite; o outro do lado do ocidente, um pouco menos difícil. Deu-se a um destes caminhos o nome de cobra, porque ele descreve curvas e mais curvas que as rochas que lá se encontram o obrigam a fazer; há desvios, de um lado e de outro, para se poder progredir, pouco a pouco; por ali caminha-se com grande dificuldade, porque se deve ter todo o cuidado, no mudar os pés, a fim de não se escorregar; a morte é

inevitável se se vier a cair entre essas rochas, tão altas e tão escarpadas, que os mais ousados não as poderiam contemplar, sem temor. Depois de se ter chegado por esse caminho, cuja extensão é de trinta estádios, ao cume do monte, vemos, que este em vez de terminar em ponta torna-se uma planície. O sumo sacerdote Jônatas foi o primeiro que escolheu esse lugar para construir um castelo ao qual ele chamou de Massada, e Herodes, o Grande, não poupou despesas para fortificá-lo, o mais possível. Rodeou-o por um muro construído com pedras brancas, de doze côvados de altura e de oito de largura. O perímetro do muro era de sete estádios e ele o fortificou com trinta e sete torres de cinqüenta côvados de altura cada uma, as quais se comunicavam com aposentos, bastante espaçosos, construídos em redor desse muro, nas adjacências; e, como a terra dessa pequena planície era muito fértil, ele quis que fosse cultivada para prover à subsistência dos que ali buscassem sua segurança, se não pudessem obter víveres de outros lugares. O príncipe tinha ainda mandado construir no recinto desse castelo, do lado do norte, um soberbo palácio ao qual se subia pelo caminho do lado do ocidente. As muralhas eram muito altas e muito fortes e nos quatro cantos havia quatro torres de sessenta côvados de altura. Os aposentos do palácio, suas galerias e seus banheiros, eram admiráveis; colunas de um só bloco de pedra sustentavam-nas e o conjunto era tão fortemente unido, que nada podia ser mais firme. O pavimento era de mármore de diversas cores. Herodes tinha feito cavar muitas cisternas na rocha, para conservar a água da chuva, porque as fontes não forneciam o suficiente para todos. Um fosso, que não se podia ver de fora, levava desse palácio, para o alto do castelo, que lhe era como a cidadela; aqueles que tivessem algum plano de conquistar essa praça mal lhe podiam ver as estradas de acesso bastante difícil; quanto ao que estava do lado do oriente, era tal como nós a descrevemos; tinham construído a mil côvados longe do castelo, no lugar mais estreito do caminho, uma torre que lhe fechava a passagem e que não era fácil de se tomar. Toda a estrada tinha mesmo sido feita de tal sorte que era muito difícil passar-se por aí, embora não se encontrassem obstáculos. Assim, natureza e arte, pareciam ter trabalhado sem descanso, para fortificar essa praça.

Capítulo 32

Enorme quantidade de munição de guerra e de boca que havia em Massada e por que Herodes, o Grande, a havia levado para lá.

536. Se a posição e as fortificações dessa praça tornavam-na tão forte, a maneira quase incrível com que estava defendida, acrescentava ainda muito à dificuldade em expugná-la. Havia trigo para vários anos, vinho e óleo em abundância, toda espécie de legumes, grande quantidade de tâmaras. Quando Eleazar tomou esse castelo, lá encontrou tudo isso, tão perfeito como quando lá havia sido colocado, embora se tivessem passado quase cem anos. Quando os romanos a tomaram, encontraram os restantes, no mesmo estado; deve-se sem dúvida atribuir a causa disso ao lugar, muito elevado, ao ar, muito puro, que torna difícil a corrupção de qualquer alimento. Lá havia também armas de todas as espécies, para uns dez mil homens, uma mui grande quantidade de ferro, de cobre e de chumbo, que ainda não tinha sido usado. Tantas coisas úteis mostravam que ali havia sido colocado, com algum fim especial. Julga-se que o príncipe se queria garantir um refúgio seguro, no caso de algum destes dois perigos, que tinha motivo de temer: uma revolta dos judeus, para recolocar no trono algum membro da família dos hasmoneus, e o outro ainda muito maior e mais temível, isto é, que a rainha Cleópatra obtivesse, por fim, de Antônio, que o mandasse matar para dar-lhe seu reino. Pois ela o importunava sem cessar a esse respeito e estava tão apaixonada que há mesmo motivo de se admirar de que ele lha tenha recusado. Por isso os temores de Herodes tinham posto essa praça em tal condição que embora fosse a única que ainda restava, os romanos não podiam, sem tomá-la, terminar a guerra contra os judeus.

Capítulo 33

Silva ataca Massada e começa a bater nos muros. Os judeus constróem um segundo, com vigas e terra entre os dois. Os romanos incendeiam-no e preparam-se para dar o assalto no dia seguinte.

537. Depois que Silva construiu este muro, que cercava totalmente os

judeus em Massada, começou o ataque à praça. Achou somente um lugar que se podia encher de terra. Além da torre, que fechava o caminho do lado do ocidente, pelo qual se ia ao palácio e ao castelo, havia uma rocha maior do que essa, sobre a qual estava construído o castelo, chamada Leuce, isto é, branco; porém, mais baixa trezentos côvados. Depois que Silva dela se apoderou, fez levar terra por cima, por meio dos seus soldados e eles nisso trabalharam com tanto entusiasmo, que ergueram uma massa de cem côvados de altura, mas porque esta plataforma não parecia bastante firme e sólida para sustentar as máquinas, Silva mandou construir em cima, com grandes pedras, uma espécie de cavalete, que tinha cinqüenta côvados de altura e outros tantos de largura. Além das máquinas ordinárias, havia também outras que Vespasiano e Tito tinham inventado, e ergueu-se ainda sobre esse cavalete uma torre de sessenta côvados toda coberta de ferro, de onde os romanos lançavam sobre os judeus, tantos dardos e pedras, com suas máquinas, que eles não tinham mais coragem de aparecer nas muralhas. Mandou depois o comandante construir um grande aríete com o qual batia sem cessar no muro, mas com dificuldade conseguiu abrir uma pequena brecha; os judeus construíram com incrível presteza um outro muro, que não temia os esforços das máquinas, porque não sendo de uma matéria resistente, amortecia-lhes os golpes, cedendo-lhes à violência. Esse muro era construído com essa matéria. Puseram duas fileiras de grossos caibros encaixados uns nos outros; o espaço que havia entre eles tinha tanto de largura quanto o muro; encheram esse espaço de terra e para que não se movesse sustentaram-no com outros pedaços de madeira. Assim, parecia que aquele muro era um grande edifício; os golpes das máquinas não somente se amorteciam, mas amassavam e tornavam ainda mais firme e sólido o bloco de terra, que era argilosa. Silva, depois de ter considerado bastante esse trabalho, achou que somente por meio do fogo poderia destruí-lo e mandou que os soldados lhe atirassem uma grande quantidade de madeira em chamas. Como aquele muro era quase todo também de madeira e havia bastante espaço entre ambos, o fogo ateou-se em seguida; chegou às planícies e surgiu aos poucos uma grande labareda. O vento do norte que soprava então a impeliu contra os romanos, com tanta violência que eles perderam a esperança de poder salvar suas máquinas. Mas, como se Deus se tivesse declarado em seu

favor, o vento mudou de direção de repente e começou a soprar outro, do lado do sul, que, fazendo as chamas voltarem para o lado do muro, de tal modo aumentou o incêndio que ele ficou destruído de alto a baixo. Os romanos favorecidos com esse auxílio de Deus, voltaram com grande alegria ao seu acampamento, dando gritos de alegria, com a intenção de dar o assalto no dia seguinte ao alvorecer, redobrando a vigilância durante a noite, para impedir que os judeus escapassem.

CAPÍTULO 34

ELEAZAR, VENDO QUE MASSADA NÃO PODIA DEIXAR DE SER TOMADA DE ASSALTO PELOS ROMANOS, EXORTA A TODOS OS QUE DEFENDIAM O CASTELO COM ELE, A INCENDIÁ-LO E A SE MATAREM, PARA EVITAR A ESCRAVIDÃO.

538. Mas Eleazar estava muito longe de querer fugir e de permitir a quem quer que fosse tal idéia. A única coisa que lhe veio à mente, quando viu o segundo muro reduzido a cinzas e que não restava mais nenhuma esperança de salvação, foi livrarem-se todos, com suas mulheres e filhos, dos ultrajes e dos males que poderiam esperar dos romanos, depois que eles se tivessem apoderado da fortaleza. Assim, julgando nada poder fazer de mais corajoso, em tal extremo, reuniu à noite os mais valentes de seus companheiros e para exortá-los àquela ação, assim lhes falou: "Generosos judeus, que resolvestes depois de tanto tempo não suportar nem a dominação dos romanos, nem a de qualquer outra nação, mas obedecer somente a Deus, que é o único que tem o direito de governar todos os homens, eis chegado o tempo de manifestardes por meio de obras, que verdadeiramente tendes esses sentimentos no coração. Até agora nós nos livramos da escravidão. Não nos desonremos agora, submetendo-nos à mais cruel, que poderíamos imaginar, se cairmos vivos nas mãos dos romanos, depois de termos sido os primeiros a sacudir-lhes o jugo e os últimos que tiveram a coragem de lhes opor resistência. Não nos tornemos indignos da graça que Deus nos faz de poder morrer voluntária e gloriosamente e ainda livres, o que é uma felicidade que não tiveram aqueles que se iludiram com a esperança de não poderem ser vencidos. Nossos inimigos só desejam aprisionar-nos vivos e por maior que seja a nossa resistência, não poderíamos

amanhã evitar sermos atacados com violência; mas eles não nos podem impedir que nos antecipemos por uma morte generosa e terminemos nossos dias todos juntos, com as pessoas que nos são mais caras. Depois que empreendemos esta guerra, para defender nossa liberdade, não devemos julgar, pelos males que nos causaram nossas dissensões e ainda mais pelos que os romanos nos fizeram sofrer, com os felizes êxitos de suas armas, que Deus que tinha outrora amado tanto nossa nação tenha então decretado sua ruína, pois que, se Ele nos tivesse então sido favorável ou menos irritado contra nós, Ele jamais teria derramado o sangue de um número tão grande de pessoas e aquela santa cidade — onde Ele era adorado por peregrinos que vinham de todas as partes do mundo — teria sido destruída e reduzida a cinzas. Nós somos os únicos de todos os judeus que imaginamos poder conservar nossa liberdade e quisemos disso persuadir aos outros, como se não tivéssemos parte nas ofensas que atraíram a cólera de Deus e fôssemos nós os únicos inocentes. Mas vedes de que modo, para confundir nossa loucura, Ele nos oprime com males ainda mais extraordinários, que nossas esperanças ridículas e extravagantes. Pois, de que nos serviram a força desta praça, que a arte e a natureza pareciam ter tomado inexpugnável e a quantidade de armas e de todas as outras coisas necessárias para se sustentar um grande assédio? Podemos duvidar de que Deus não queira que pereçamos depois de termos visto o fogo que o vento levava contra nossos inimigos, voltar-se de repente contra nós, para queimar o muro em que estava toda nossa defesa? Esses sinais da cólera de Deus não podem ser atribuídos senão aos crimes horríveis que nós cometemos com tanto furor, contra os da nossa própria nação e como não poderemos deixar de ser castigados, não é melhor satisfazermos à justiça por uma morte voluntária, do que esperarmos que os romanos lhe sejam os executores, depois de nos terem vencido? Esse castigo que exercemos sobre nós mesmos será muito menor que o que nós merecemos porque morreremos com a consolação de termos livrado nossas esposas, da perda da honra, nossos filhos, de sua liberdade e, apesar de nossa má sorte, dado a nós mesmos uma sepultura honrosa, morrendo sob as ruínas de nossa pátria, antes que nos expormos a sofrer uma vergonhosa escravidão. Mas, a fim de que os romanos tenham o desprazer de achar apenas como despojos os nossos cadáveres, sou de opinião que queimemos o castelo, com

tudo o que ele tem de preciosidades e dinheiro, conservando apenas os víveres, para lhes mostrarmos que não foi por necessidade, mas por generosidade que nós nos conservamos inquebrantáveis na resolução de preferir a morte à escravidão".

Estas palavras de Eleazar não foram recebidas do mesmo modo pelos que as escutaram: uns, ficaram tão impressionados, que ardiam de desejo de terminar seus dias com uma morte que lhes parecia tão gloriosa. Mas outros, levados pela compaixão que sentiam de suas esposas e filhos, e deles mesmos, entreo-lhavam-se e mostravam bem com suas lágrimas que não eram da mesma opinião. Eleazar, temendo que sua fraqueza viesse a diminuir a coragem dos que mostravam com tanta coragem aprovar suas idéias, retomou a palavra, com mais veemência ainda, para comovê-los, na consideração da imortalidade da alma; começou fixando com firmeza aqueles que choravam e disse: "Enganei-me, então, quando vos tomei por homens de coragem, que combatendo pela liberdade preferíeis morrer gloriosamente a viver com infâmia, pois que quando deveríeis, sem que ninguém a isso vos incitasse, vós mesmos tomar a iniciativa de vos livrardes de tantos males que vos são inevitáveis se vivêsseis mais, o temor que vos causa a morte mostra-me que nenhuma covardia é comparável à vossa. As Sagradas Escrituras, que são os mesmos oráculos de Deus, as lições que temos recebido, desde nossos primeiros anos, de nossos pais, seus exemplos, não nos ensinam que não é na vida, mas na morte, que consiste nossa felicidade, pois que ela põe nossas almas em liberdade e dá-lhes o meio de voltar àquela pátria celeste onde tiveram sua origem?

"Somente lá elas nada mais têm a temer, mas enquanto estiverem presas no cárcere deste corpo, podemos dizer que os males que Ele lhes comunica, torna-as mais mortas, que não vivas, pois não há proporção entre duas coisas, das quais uma é toda divina e outra, mortal. É verdade que enquanto a alma está no corpo, ela o faz mover-se invisivelmente e operar, por meio de ações que estão acima da sua natureza, que a faz sempre inclinar-se para a terra; mas apenas livre do peso, ela regressa ao seu ponto de origem, onde goza de uma feliz liberdade e de uma força sempre incorruptível em si mesma, produz no mesmo grandes mudanças. Assim, dá-lhes pleno vigor, que o anima; ele

enlanguesce e morre logo que ela o abandona, sem que ela deixe de ser imortal. O sono é uma prova que basta para mostrar que a felicidade da alma está nela mesma, pois não estando, então, preocupada com o corpo, ela goza de um descanso mui agradável e tem mesmo conhecimento de várias coisas futuras, pela sua comunicação com Deus. Por que então amando o sono como o amamos, nós tememos a morte? E como, fazendo o caso que fazemos de uma vida tão breve, poderíamos sem loucura invejar a felicidade de possuir uma que é eterna? Devemos conhecer tão bem essas verdades que os outros aprendem de nós a desprezar a morte. Se fosse necessário procurarmos exemplos entre as nações estrangeiras, não vemos que entre os indianos os que fazem uma profissão particular de sabedoria e que vivem mui virtuosamente levam a vida com pesar, porque a consideram um fardo que a natureza os obriga a carregar e de que têm pressa em se desfazer, pela separação do corpo, de suas almas? Assim, embora gozem de plena saúde, o desejo de possuir uma imortalidade bem-aventurada fá-los despedir-se das pessoas mais caras, para passar desta vida a uma outra, sem que alguém lhes procure impedir. Todos, ao contrário, julgam-nos felizes e estão tão persuadidos de que a morte não quebrará o liame que os une, que eles lhes rogam dar suas notícias aos amigos que já passaram ao outro mundo. Então esses homens generosos, para purificar suas almas e separá-las do corpo, lançam-se no fogo, que eles mesmos fizeram preparar e sua morte é seguida de louvores de todos aqueles que as presenciam. Seus mais caros amigos os acompanham mais de boa mente nessa ação, que os outros homens acompanham os seus, quando eles vão partir para uma viagem demorada, e em vez de chorar, eles invejam-lhes a felicidade de ir gozar da imortalidade e só derramam lágrimas para lamentar a si mesmos. Que vergonha então para nós sermos inferiores em sabedoria aos indianos e calcarmos aos pés, por nossa fraqueza, as leis de nossos antepassados, que toda a terra venera. Mas, quando mesmo tivéssemos sido educados na crença de que a vida é um grande bem e que a morte é um grande mal, o estado em que nos encontramos reduzidos não nos obrigaria a no-la darmos generosamente, pois que a vontade de Deus e a necessidade a isso nos obrigam? Quem pode duvidar de que há muito tempo, Deus, para nos castigar, por termos feito um uso tão mau da vida, não resolveu dela nos privar e que

assim, não é, nem às nossas forças, nem a clemência dos romanos que devemos não termos morrido nessa guerra? Uma causa superior ao poder desses conquistadores lhes deu sobre nós as vantagens que os fazem parecer vitoriosos. Quando os judeus que moravam em Cesaréia e que não somente não haviam tido o pensamento de se revoltar, foram mortos, com suas esposas e filhos, sem se defender quando se ocupavam unicamente em celebrar o sábado, foram talvez os romanos que os massacraram, tão cruelmente, eles, que nos trataram como inimigos somente depois que tomamos as armas? Se dissermos que os habitantes de Cesaréia foram obrigados a degolar os judeus, pelo antigo ódio que lhes votavam, que diremos dos de Citópolis, que poupando aos romanos, não temem fazer-nos guerra, para agradar aos gregos e assassinando os nossos, com todas as suas famílias, assim nos recompensaram o auxílio que lhes havíamos dado e nos fizeram sofrer o que nós mesmos havíamos impedido que eles sofressem? Eu seria demasiado longo se quisesse referir todos os exemplo semelhantes. Não sabeis que não há uma só cidade da Síria que nos não tenha tratado do mesmo modo e que não nos odeie ainda mais do que os romanos? Os de Damasco, sem poder alegar pretexto algum, não mataram dezoito mil dos nossos, com suas mulheres e filhos e não se nos garante que mais de sessenta mil foram de diferentes maneiras torturados no Egito? A isto, se se responder que foi, porque eles não puderam num país estrangeiro encontrar auxílio algum, contra seus perseguidores, que diremos dos nossos que fizeram guerra aos romanos, no nosso próprio país? Que nos faltava para esperarmos vencê-los? Não tínhamos armas, cidades mui fortificadas, castelos e fortalezas, que pareciam inexpugnáveis, uma resolução decidida de não temer perigo algum, para conservarmos nossa liberdade e enfim, tudo o que nos podia pôr em condições de resistir? Mas, durante quanto tempo isso nos valeu? Aquelas praças, nas quais depositávamos nossa principal confiança, não foram todas elas tomadas e em vez de servir de refúgio seguro para aqueles que tanto tinham trabalhado em construí-las e fortificá-las, não parece que o foram apenas para tornar a vitória dos romanos ainda mais brilhante? Não devemos então julgar felizes os que morreram com armas na mão combatendo generosamente pela liberdade de sua pátria e não podemos, ao contrário, lastimar bastante o grande número daqueles que são escravos dos romanos?

Quanto à morte, deveria parecer-lhes suave, para evitar, dando-a a si mesmos, os horríveis males que eles sofrem? Uns morrem sob os golpes, outros, depois de terem experimentado toda espécie de tormentos, terminam a vida no fogo, outros, semidevorados pelas feras, são reservados para servir outra vez de alimento a esses cruéis animais e os mais infelizes, de todos, são os que vivem ainda, sem poder encontrar a morte que tão ardentemente desejam a cada instante. Que foi feito daquela poderosa cidade, a soberba capital da nossa nação, que tantos muros, tantas torres, tantas fortalezas pareciam tornar inexpugnável, que mal podia conter todas as munições de guerra e de boca necessárias para se sustentar um grande assédio, e que era defendida por uma multidão incrível de homens, onde se pensava que Deus mesmo se dignava habitar? Não foi ela destruída até os alicerces e não lhe restam somente ruínas, sobre as quais os vencedores ergueram seus acampamentos? Que resta também daquele grande povo? Apenas alguns míseros anciãos que regam com suas lágrimas as cinzas do santo Templo, que era antigamente nossa principal felicidade e nossa maior glória, e algumas mulheres, que os vencedores reservam para fazê-las sofrer ultrajes mil vezes piores do que a mesma morte? Quem poderia imaginando tão horríveis misérias querer ainda ver a luz do sol, quando mesmo lhe fosse garantido poder viver sem nada mais ter a temer? Ou melhor, quem pode ser tão inimigo de sua pátria e tão fraco em não considerar como um grande mal e uma grande desgraça estar ainda vivo, e não invejar a felicidade daqueles que morreram antes de ter visto essa santa cidade destruída completamente e nosso sagrado Templo inteiramente destruído pelo fogo sacrílego? Se a esperança de podermos, resistindo corajosamente, vingarmo-nos de algum modo de nossos inimigos, nos sustentou até agora, neste instante, em que essa esperança desvaneceu-se, que esperamos para correr ao encontro da morte, todos, quando ainda está em nosso poder dá-la também às nossas mulheres e filhos, pois seria a maior graça que nós lhes poderíamos fazer; nascemos para morrer, é uma lei indispensável da natureza à qual os homens mais robustos e felizes estão também sujeitos. Mas a natureza não nos obriga a suportar os ultrajes e a servidão e a ver por vossa covardia, arrebatar às vossas esposas a honra, e aos vossos filhos, a liberdade, quando está em nosso poder tudo assegurar-lhes pela morte. Depois de ter tão generosamente tomado as

armas contra os romanos e desprezado as ofertas que eles nos fizeram, de nos salvarmos, se quiséssemos nos submeter a eles, que tratamento devemos esperar de seu ressentimento, se viermos a cair vivos em suas mãos? A força e o vigor dos nossos mais robustos só serviriam para nos tornar mais capazes ainda de sofrer por mais tempo os maiores tormentos; os que são mais idosos, não seria menos de se lamentar porque teriam mais dificuldade em suportá-los; nós veríamos levarem-se nossas esposas a uma infeliz escravidão e ouviríamos nossos filhos, com cadeias aos pés, implorando em vão o nosso auxílio. Mas enquanto temos ainda agora pleno e livre uso de nossos braços e de nossas espadas, que nos impede, livrarmo-nos da escravidão? Morramos com as pessoas que nos são mais caras, antes que vivermos escravos. Elas no-lo pedem nossas leis no-lo ordenam, Deus no-lo impõe, e os romanos nada temem mais do que isso. Apressemo-nos então em fazê-los perder a esperança de triunfar sobre nós e o espanto de apenas poder desencadear a sua raiva sobre cadáveres force-os a admirar a nossa generosidade."

CAPÍTULO 35

TODOS OS QUE DEFENDIAM MASSADA, PERSUADIDOS PELAS PALAVRAS DE ELEAZAR, MATAM-SE COMO ELE, COM SUAS MULHERES E FILHOS, E O QUE FICOU POR ÚLTIMO, ANTES DE SE MATAR, PÔS FOGO NA FORTALEZA.

539. Eleazar queria continuar a falar, mas suas palavras causaram tal impressão nos espíritos, que todos o interromperam para lhe dizer que queriam começar logo a executar a sua proposta. Estavam tão furiosos que só pensavam em se antecipar uns aos outros. A morte de suas esposas, de seus filhos e a sua própria parecia-lhes coisa não somente a mais generosa do mundo, porém a mais desejável e seu único temor era que algum deles viesse a sobreviver. Tão violento entusiasmo não esmoreceu, mas continuou com o mesmo ardor até o fim, porque estavam persuadidos de que era a maior demonstração de afeto que podiam dar às pessoas que mais eles amavam. Abraçaram as esposas e filhos, disseram-lhes, banhados de lágrimas, o último adeus, beijaram-nos pela última vez e como se tivessem então tomado mãos estranhas, executaram aquela funesta resolução, fazendo-lhes ver a necessidade que os obrigava a arrancar

assim o coração do próprio peito, tirando-lhes a vida, para livrá-los dos ultrajes que os mesmos inimigos os teriam feito sofrer. Não houve um só que se sentisse fraco, num momento tão trágico; todos mataram as esposas e filhos, certos de que o estado a que estavam reduzidos, a isso os obrigava; consideravam ainda essa horrível matança como o menor dos males que deveriam temer. Mas apenas o haviam terminado, a dor de se terem visto obrigados a fazê-lo foi enorme. Julgaram não poder, sem faltar ao respeito a pessoas tão queridas, sobreviver-lhes, por um momento sequer; por isso reuniram tudo o que possuíam de bens e o queimaram; tiraram depois a sorte, e escolheram dez entre eles, que tiveram a incumbência de os matar, juntaram-se então, aos cadáveres de suas esposas e filhos e abraçan-do-os foram mortos, uns pelos outros, primeiro por aqueles que tiveram a espantosa missão de eliminá-los. Assim morreram, sem demonstrar o menor horror; tiraram ainda uma vez a sorte, para ver quem mataria os outros nove, que se portaram com a mesma firmeza dos precedentes. O que ficou por último, depois de ter observado e examinado os mortos, se ainda alguém tinha necessidade de seu auxílio, para se libertar do que lhe restava de vida, constatou que todos tinham morrido, incendiou o palácio e aproximando-se dos corpos de seus parentes terminou com um golpe de espada que deu em si mesmo esta sangrenta tragédia. Assim pereceram, certos de que nenhum deles cairia sob o poder dos romanos. Mas uma velha e uma prima de Eleazar, que era muito sábia e muito hábil, havia se escondido com cinco crianças nos aquedutos; o número dos mortos entre homens, mulheres e crianças foi de novecentos e sessenta. Esse fato aconteceu a quinze de abril.

No dia seguinte, ao despontar do dia, os romanos fizeram pontes com escadas para dar o assalto; ninguém apareceu. Ouvia-se unicamente o crepitar do fogo, devorando o castelo; eles não podiam imaginar a causa do silêncio. Fizeram trabalhar o aríete e soltaram grandes gritos para ver se alguém responderia. Aquelas duas mulheres saíram dos aquedutos e lhes contaram o que se havia passado. Custou-lhes muito acreditar, tanto esse ato, tão heróico, lhes parecia inacreditável; trabalharam depois para apagar o fogo e chegaram até o palácio. Vendo então aquela grande quantidade de cadáveres, em vez de se rejubilarem, considerando-os como inimigos, não se cansavam de admirar,

como por um tão grande desprezo da morte, tantas pessoas tinham tomado e executado tão estranha resolução.

CAPÍTULO 36

OS JUDEUS QUE MORAVAM EM ALEXANDRIA, VENDO QUE OS SICÁRIOS CADA VEZ MAIS CONSOLIDAVAM A SUA POSIÇÃO NA REVOLTA, ENTREGAM AOS ROMANOS OS QUE SE HAVIAM REFUGIADO NAQUELE PAÍS, PARA EVITAR QUE ELES FOSSEM CAUSA DE SUA RUÍNA. INCRÍVEL CONSTÂNCIA COM QUE OS DESSA SEITA SOFREM OS MAIORES TORMENTOS. FECHA-SE POR ORDEM DE VESPASIANO O TEMPLO CONSTRUÍDO POR ONIAS NO EGITO, E NÃO SE PERMITE MAIS AOS JUDEUS LÁ IR ADORAR A DEUS.

540. Depois da queda de Massada, Silva deixou uma guarnição e retirou-se para Cesaréia porque não havia mais inimigos em todo o país. Mas os judeus que moravam na Judéia não foram os únicos oprimidos por sua ruína; os que estavam espalhados pelas províncias afastadas ressentiram-se também de todos os seus efeitos, e vários dos que se haviam estabelecido nos arredores da cidade de Alexandria, no Egito, foram massacrados; creio dever dizer qual a causa disso.

Os do partido dos sicários que escaparam para aquela parte do país, não se contentaram de lá ficar em segurança, mas conservando sempre o mesmo espírito de revolta, para se manterem em liberdade, diziam que os romanos não eram mais valentes do que eles e que só reconheciam a Deus por Senhor. Os mais ilustres dos judeus não eram da sua opinião e eles, então, mataram a vários destes e esforçaram-se por persuadir os outros a se revoltarem. Os mais importantes da nossa nação, fiéis aos romanos, vendo sua obstinação, e que não poderiam sem grave perigo atacá-los abertamente, reuniram os outros judeus, disseram-lhes até onde ia a loucura e o furor daqueles sediciosos, que eram a causa de todos os seus males e que se eles se contentassem de obrigá-los a fugir, não ficariam nem por isso em segurança, porque os romanos não teriam sabido de seus perversos intentos e vingar-se-iam sobre eles, fazendo morrer os inocentes com os culpados. E assim o único meio de prover à sua salvação era entregá-los aos romanos, para que os castigassem conforme

mereciam.

A grandeza do perigo persuadiu toda a assembléia a aceitar este conselho; atiraram-se sobre os sicários e prenderam uns seiscentos. Os demais fugiram para Tebas e para os lugares do Egito, onde foram também presos e trazidos para Alexandria. Não poderíamos ver, sem espanto, sua incrível firmeza, à qual não sei se deva chamar de loucura ou de fortaleza de alma, ou mesmo de furor; pois, no meio dos tormentos mais horríveis que se pode imaginar, não foi possível convencer a um só deles a dar ao imperador o nome de senhor. Todos permaneceram inflexíveis na sua determinação de recusá-lo; suas almas pareciam insensíveis à dor que os corpos sofriam e eles pareciam sentir prazer em ver o ferro fazê-los em pedaços e o fogo, consumi-los. Mas nesse horrível espetáculo nada era mais extraordinário do que a obstinação incrível das crianças, em recusar-se a dar ao imperador o nome de senhor, tanto a impressão que as máximas de tão fanática seita tinham feito em seu espírito, as elevava acima da fraqueza de sua idade.

541. Lupo, que então era governador de Alexandria, avisou imediatamente o imperador, dessa perturbação entre os judeus; o soberano considerando como o povo era inclinado à revolta e o motivo que tinha de temer, que eles se reunissem sempre mais e que outros a eles se juntassem, ordenou a esse governador que destruísse o templo que eles tinham na cidade de Oniom, que começara a ser construído e que assim fora denominado pelo motivo que passo a expor: Onias, filho de Simão, um dos sumo sacerdotes, fugira de Jerusalém, quando Antíoco, rei da Síria, fazia guerra aos judeus e retirou-se para Alexandria. Ptolomeu, que então reinava no Egito, recebeu-o mui favoravelmente, pelo ódio que tinha de Antíoco, e com promessa de Onias de atrair os de sua nação ao seu partido, se ele lhes concedesse um favor, o príncipe prometeu-lho, se fosse algo que ele pudesse cumprir. Onias então pediu-lhe que lhe permitisse construir um templo no seu reino, onde os judeus pudessem servir a Deus, segundo os preceitos de sua religião e garantiu-lhe, que aquela graça os teria presos ao seu serviço, aumentaria ainda o ódio que eles tinham de Antíoco, porque ele tinha destruído o templo de Jerusalém e faria várias deles passar para o Egito, a fim de gozar da liberdade de viver segundo suas leis. Ptolomeu aprovou essa proposta e deu-lhe um terreno na

região de Heliópolis, a cento e oitenta estádios de Mênfis. Onias mandou construir um templo e um castelo, que não era semelhante ao de Jerusalém, mas tinha uma torre parecida, cuja altura era de sessenta côvados e tinha sido construída com pedras enormes. Lá mandou fazer também um altar à imitação do de Jerusalém, colocou ornamentos semelhantes, exceto o grande candelabro, no lugar do qual havia uma lâmpada de ouro que brilhava como uma luz, inferior à estrela da manhã e estava pendurada a uma corrente. As portas desse templo eram de pedra e a torre de tijolos. Obteve também da liberalidade do soberano uma grande quantidade de terras e uma renda em dinheiro, a fim de que os sacerdotes pudessem prover às despesas necessárias ao culto de Deus. Onias não resolveu tentar esse empreendimento, pelo afeto aos mais ilustres dos judeus, que moravam em Jerusalém, contra os quais, ao contrário, a lembrança de sua fuga o animava; mas seu fim era levar o povo a abandoná-los para vir para junto dele e havia mais de seiscentos anos que o profeta Isaías tinha predito que aquele templo construído no Egito, por um judeu, seria destruído.

Logo depois da ordem recebida do imperador o governador foi ao templo, tirou-lhe uma parte dos ornamentos e mandou fechá-lo. Depois de sua morte Paulino, seu sucessor no governo, obrigou os sacerdotes com graves ameaças a entregar-lhe todos os ornamentos que existiam, tomou-os, mandou fechar o Templo, e proibiu a quem quer que fosse lá ir adorar a Deus; aboliu assim até os menores sinais do culto divino. Fazia então trezentos e quarenta e três anos que aquele Templo tinha sido construído.

CAPÍTULO 37

SÃO APANHADOS AINDA OUTROS SICARIOS QUE SE HAVIAM REFUGIADO NOS ARREDORES DE CIRENE; A MAIOR PARTE DELES SE MATA.

542. A ousadia dos sicarios espalhou-se como um mal contagioso pelas aldeias dos arredores de Cirene e um tecelão de nome Jônatas, que era um dos piores homens do mundo, persuadiu a várias pessoas simples que o tomasse por chefe. Levou-os em seguida a um deserto com a promessa de lhes fazer ver sinais prodigiosos e coisas estranhas. Os mais instruídos dos judeus, que

moravam em Cirene, avisaram a Catulo, governador da Líbia Pentapolitana, e ele mandou logo a cavalaria e a infantaria. Não tiveram dificuldade em prendê-los, porque não estavam armados. A maior parte deles suicidou-se e os outros foram levados vivos a Catulo.

CAPÍTULO 38

HORRÍVEL MALDADE DE CATULO, GOVERNADOR DA LÍBIA PENTAPOLITANA, QUE PARA SE ENRIQUECER COM OS BENS DOS JUDEUS, ACUSA-OS FALSAMENTE, E ENTRE OS OUTROS, TAMBÉM AFOSEFO, AUTOR DESTA HISTÓRIA, DE TEREM LEVADO JÔNATAS, CHEFE DOS SICARIOS QUE TINHAM SIDO PRESOS, AFAZER O QUE ELE TINHA FEITO. VESPASIANO DEPOIS DE SE TER INFORMADO BEM NO ASSUNTO, MANDA QUEIMAR JÔNATAS VIVO. TENDO SIDO DEMASIADO CLEMENTE COM CATULO, VÊ ESSE HOMEM MORRER DE UMA MANEIRA ESPANTOSA.

543. jônatas, chefe dessa pobre gente, que se tinha deixado enganar por ele, escapou; mas procuraram-no com tanto cuidado que ele foi aprisionado e levado a Catulo. Para retardar o seu suplício ele propôs-lhe um meio fácil para se enriquecer, servindo-se dele para acusar os mais ilustres dos judeus de Cirene de tê-lo levado a fazer o que ele havia feito. Esse ambicioso governador prestanteu facilmente ouvidos a tão grande calúnia e a fim de parecer de algum modo ter terminado a guerra aos judeus, para cúmulo de maldade, incitou aqueles celerados sicários a renovar as acusações para perderem àqueles inocentes. Ordenou-lhes particularmente que acusassem a um judeu de nome Alexandre, que todos sabiam que ele odiava há muito tempo e fê-lo morrer com Berenice, sua esposa, que ele envolveu na mesma acusação. Mandou em seguida matar também três mil outros judeus cujo único crime era serem ricos, pensando que nada tinha a temer, porque contentava-se de lhes tomar o dinheiro, confiscando suas terras para o império; para lhes tirar os meios de acusá-lo, a todos os que moravam em outras províncias, bem como provar seus crimes, ele se serviu do mesmo Jônatas e de alguns outros do seu partido, prisioneiros com ele, para denunciar, como culpados, os homens de bem daquela nação, que moravam em Alexandria e em Roma, no número dos quais

estava Josefo, autor desta história. Depois de ter combinado tão grande maldade, não tendo dúvidas de conseguir o seu detestável desígnio, ele foi a Roma, levou Jônatas acorrentado e aqueles outros caluniadores. Mas foi enganado em suas esperanças, pois Vespasiano desconfiou e quis conhecer a verdade; e vindo a sabê-la declarou inocentes, por solicitação de Tito, Josefo e os outros que tinham sido falsamente acusados, e para castigar Jônatas, como ele merecia, mandou queimá-lo vivo, depois de tê-lo feito açoitar com varas.

Quanto a Catulo, a clemência desses dois príncipes salvou-o. Mas logo depois ele foi atacado de uma doença incurável e tão horrível, que por mais extraordinárias e insuportáveis que fossem as dores, que ele sentia por todo o corpo, as que lhe feriam a alma ainda as sobrepujavam de muito. Ele era agitado sem cessar por um terror espantoso; dizia que via diante dos olhos os espectros espantosos daqueles que tinha tão cruelmente feito morrer e não podendo ficar quieto lançava-se do leito, como o teria feito da roda do suplício ou do meio de um braseiro ardente. Seus males quase inacreditáveis aumentaram, cada vez mais e por fim, com as entranhas devoradas pelo fogo, que o consumia, ele acabou sua vida criminosa, por uma morte que provava como Deus queria mostrar com um exemplo tão notável, a ferocidade dos castigos que os maus devem esperar de sua justiça. Terminarei aqui a história da guerra dos judeus contra os romanos, que eu havia determinado a dar ao público, para prazer das pessoas que desejassem conhecê-la. Deixo, porém, o juízo, aos que a lerem e contento-me de afirmar que nada acrescentei à verdade, a qual é o único objetivo, que me propus, em tudo o que escrevi.

III Parte

Apêndice

Resposta de Flávio Josefo a Ápio

Prefácio

Resposta de Josefo ao que Ápio escrevera contra a sua História dos judeus, no que se refere à antigüidade de sua descendência.

Eu penso, virtuoso Epafrodita, ter claramente demonstrado, pela história que escrevi em grego, sobre o que se passou durante cinco mil anos, que parece, pelas nossas Santas Escrituras, que nossa nação judaica é muito antiga e não teve sua origem de nenhum outro povo. Mas, vendo que muitos prestam fé às calúnias de alguns, que negam essa antigüidade e baseiam-se, para contestá-la, no fato de que os mais célebres historiadores gregos não falam absolutamente disso, julguei dever manifestar-lhe a malícia e desfazer o engano daqueles que se deixaram convencer por sua impostura fazendo ver, o mais breve possível, às pessoas que amam a verdade da antigüidade de nossa descendência. Usarei, para valorizar o que direi, dos mais célebres e antigos historiadores gregos. Quanto aos que tão maliciosamente me caluniaram, eu os confundirei por si mesmos; acrescentarei as razões que impediram vários outros historiadores gregos de falar de nós e farei ver claramente que aqueles que isso escreveram, ou ignoravam ou fingiram ignorar a verdade das coisas que referiram.

Livro Primeiro

Capítulo 1

As histórias gregas são as que menos devemos acreditar no que se refere ao conhecimento da antigüidade; os gregos muito tarde iniciaram-se nas letras e nas ciências.

Eu não poderia não me admirar de que ainda haja gente que pensa, que se deve consultar os gregos, com relação à certeza das coisas mais antigas e que não se deve prestar fé aos outros. É justamente o contrário; não há, para bem julgarmos, como considerar as coisas em si mesmas sem nos determos em opiniões que não têm fundamento algum.

Tudo o que vejo entre os gregos é novo; quer eu considere a fundação de suas cidades, quer a invenção de suas cidades, quer a invenção das artes, de que eles se vangloriam, quer o estabelecimento de suas leis, quer sua aplicação à composição da história, com bastante cuidado. Sem falar de nós, eles são mesmo obrigados a confessar que os egípcios, os caldeus e os fenícios a eles se afei-çoaram desde todos os tempos sem que nada se tenha passado entre eles, de que não tenham tido prazer em conservar a memória, mesmo com inscrições públicas feitas pelos sábios e pelos mais hábeis entre eles. A isso poderemos acrescentar que tantas e tão diversas mudanças entre os gregos fizeram perder-se a lembrança do passado; quanto às coisas que eles descobriram, embora se vangloriem de serem os mais hábeis de todos os homens, eles devem saber que, com dificuldade, ainda adquiriram o verdadeiro conhecimento das letras. Eles se gabam de as ter obtido dos fenícios e de Carmo; mas eles não saberiam mostrar nem nos Templos, nem nos arquivos públicos, alguma inscrição feita naquele tempo; e duvida-se mesmo de que, quando vários séculos depois, eles sitiaram Tróia, tinham o uso da escrita; a opinião mais comum, porém, é que ainda não o tinham. Não poderíamos contestar que o poema mais antigo não seja o de Homero, que não pode ter sido feito senão depois dessa guerra tão célebre. Muitos julgam mesmo que ele não tinha sido escrito e que não se tinha

conservado a não ser na memória dos que o haviam aprendido de cor, para cantá-lo; depois escreveram-no, o que faz que se encontrem várias coisas contraditórias. Quanto a Cadmo Müller, Argeu, Acusilas e outros gregos que resolveram escrever a história, eles precederam de muito pouco à guerra empreendida por sua nação contra os persas. Com respeito a Ferecida, o sírio, Pitágoras e Talete, que são os primeiros dentre eles, os quais trataram das coisas celestes e divinas, todos confessaram ter sido discípulos dos egípcios e dos caldeus e eu duvido de que se tenha algo escrito a esse respeito, antes desse pouco que eles deixaram.

Houve, então, jamais, vaidade mais mal fundada do que a dos gregos, quando se vangloriam de serem os únicos que têm conhecimento da antigüidade e que só dão a conhecer coisas mui verdadeiras? Ao invés, é evidente, por seus escritos, que nada contém de certo; mas, cada qual refere seus sentimentos, segundo deles está persuadido; assim, a maior parte de seus livros combate e sustenta, nos mesmos motivos, coisas contrárias. Eu seria demasiado longo se quisesse referir em quantos lugares Helânico é diferente de Acusilas, no que diz respeito às genealogias; e Hesíodo, contrário a Acusilas; em quantos outros Éforo acusa Helânico de não ter dito a verdade. Timeu trata Éforo do mesmo modo; outros não poupam igualmente a Timeu e todos em geral dizem a mesma coisa de Heródoto. Timeu também não está de acordo com Antíoco, Filisto e Callias na história da Sicília, e os que escreveram a de Atenas e de Argos não são menos diferentes uns dos outros. Que direi da diversidade que encontramos entre os que escreveram sobre as cidades, a guerra contra os persas e outras coisas, nas quais pessoas muito estimadas são totalmente contrárias? Não se acusa também a Tucídides de não ter sido verídico em tudo, embora nenhum outro tenha escrito a história do seu tempo com tanta exatidão?

Os que quiserem indagar a razão dessa diferença que constatamos entre os historiadores gregos talvez encontrem diversas causas disso. Eu as atribuo principalmente a duas: mais importantes, segundo o meu parecer, é que os gregos não se tendo antecipadamente proposto o fim de escrever a história, quando, tendo depois resolvido falar dela e das coisas passadas, encontraram plena liberdade de referi-las, como mais lhes agradava, porque, não tendo nada

escrito a esse respeito, não se poderia acusá-los de as terem falseado. Pois, não somente os outros povos da Grécia tinham-se descuidado em escrever a história, mas não se encontra mesmo antigüidade entre os atenienses, embora eles se gloriem de não ter sua origem de outrem, nem de outra nação e de cultivar as ciências. Estão mesmo de acordo em que tudo o que eles escreveram, nada é antigo, menos as leis, que lhes foram dadas por Dracom, com relação ao castigo dos crimes, um pouco antes que Pisístrato tivesse usurpado o governo. Eu poderia citar também os arcádios, que se gloriam de sua antigüidade. Não sabemos, porém, que eles foram instruídos nas letras, só depois daqueles de que acabo de falar?

Assim, nada havendo de escrito entre os gregos, para instruir sobre a verdade àqueles que desejariam sabê-la e acusar de mentira os que quisessem desvirtuá-la, nos não devemos admirar das contradições que encontramos entre esses diversos escritores, pios que seu objetivo não era indagar da verdade, embora eles jamais deixem de testemunhar o contrário, mas somente conquistar a reputação de bem escrever. Uns, em vez de referir coisas verdadeiras, encheram seus escritores de contos feitos para divertir; outros, só pensaram em louvar as cidades e os príncipes; outros, só quiseram repreender e censurar os que haviam escrito antes deles, para firmar sua reputação sobre a ruína da deles, coisas todas contrárias à história da qual nada demonstra tanta verdade, como referir as coisas de uma mesma maneira, ao passo que esses historiadores pretendiam parecer tanto mais verídicos quanto eles eram menos conformes aos outros. Queremos então ceder aos gregos, no que se refere à linguagem e à presunção de parecerem eloqüentes, mas não no que se refere à verdade da história antiga e ao que se passou em cada país.

CAPÍTULO 2

OS EGÍPCIOS E OS BABILÔNIOS EM TODOS OS TEMPOS SEMPRE FORAM MUITO CUIDADOSOS EM ESCREVER A HISTÓRIA. NENHUM OUTRO POVO JAMAIS O FEZ COM TANTA EXATIDÃO E VERDADE COMO OS JUDEUS.

Como ninguém duvida de que os egípcios e os babilônios não tenham, em todos os tempos, tido grande cuidado em escrever as suas crônicas, os

primeiros dos quais davam esse encargo aos sacerdotes, que o cumpriam com muita competência e dignamente; os caldeus faziam o mesmo, entre os babilônios; os fenícios misturando-se com os gregos ensinaram-lhes as letras, deram-lhes regras para seu proceder e ensinaram-lhes também a registrar seus atos em arquivos públicos; disso, porém, nada direi aqui; contentar-me-ei em mostrar brevemente que nossos antepassados tiveram o mesmo cuidado, e talvez, ainda maior: encarregaram os sumos sacerdotes e os profetas de fazê-lo e isso continuou com a mesma exatidão até os nossos tempos e continuará sempre, como eu espero, porque não se escolhem somente, para esse fim, homens de grande virtude e piedade, mas, a fim de que a descendência dessas pessoas consagradas ao serviço de Deus permaneça sempre pura, ela não se mistura com as outras. Assim, aqueles que exercem o sacerdócio não se podem casar, senão com mulheres de sua mesma tribo, e sem considerar outros bens nem vantagens materiais e temporais, é preciso ter uma prova, constante, de diversas testemunhas, de que elas são descendentes de uma dessas antigas famílias da tribo de Levi; essa ordem é observada não somente na Judéia, mas também em todos os lugares onde a nossa nação está espalhada, como no Egito, em Babilônia e em todos os outros lugares. Eles mandam a Jerusalém o nome do pai daquela que eles querem desposar, com um relato de sua genealogia, garantida por testemunhas. Se sobrevier alguma guerra, como já aconteceu várias vezes no tempo de Antíoco Epifânio, de Pompeu, o Grande, de Qualio Varo, e particularmente em nosso tempo, os sacerdotes fazem nos antigos registros novos registros de todas as mulheres da família sacerdotal, que ainda restam e não se desposam as que já foram escravas, de receio de que já tenham tido alguma relação com estrangeiros. Pode haver algo de mais exato para isentar as raças de toda mistura, pois que nossos sacerdotes podem por argumentos tão autênticos provar a sua descendência de pais e filhos, há dois mil anos? Se alguém deixar de observar essa ordem, será afastado do altar e não lhe será permitido jamais exercer alguma das funções sacerdotais. Não pode haver, de resto, nada de mais certo do que os escritores autorizados entre nós, pios que eles não poderiam estar sujeitos a controvérsia alguma, porque só se aprova o que os profetas escreveram há vários séculos, segundo a verdade pura, por inspiração e por movimento do Espírito de Deus. Não temos, pois,

receio de ver entre nós um grande número de livros que se contradizem. Temos somente vinte e dois que compreendem tudo o que se passou, e que se referem a nós, desde o começo do mundo até agora, e aos quais somos obrigados a prestar fé. Cinco são de Moisés, que refere tudo o que aconteceu até sua morte, durante perto de três mil anos e a seqüência dos descendentes de Adão. Os profetas que sucederam a esse admirável legislador escreveram, em treze outros livros, tudo o que se passou depois de sua morte até o reinado de Artaxerxes, filho de Xerxes, rei dos persas, e os quatro outros livros contêm hinos e cânticos feitos em louvor de Deus e preceitos para os costumes. Escreveu-se também tudo o que se passou desde Artaxerxes até os nossos dias, mas como não se teve, como antes, uma seqüência de profetas não se lhes dá o mesmo crédito, que aos outros livros, de que acabo de falar e pelos quais temos tal respeito, que ninguém jamais foi tão atrevido para tentar tirar ou acrescentar, ou mesmo modificar-lhes a mínima coisa. Nós os consideramos como divinos, chamamo-los assim; fazemos profissão de observá-los inviolavelmente e morrer com alegria, se for necessário, para prová-lo. Foi isso que fez morrer um tão grande número de escravos de nossa nação em espetáculos dados ao povo, tantos tormentos e tantas mortes diferentes, sem que jamais se pudesse arrancar de sua boca uma única palavra contra o respeito devido às nossas leis e às tradições de nossos antepassados. Qual dos gregos jamais fez algo de semelhante? Eles, que não sofreriam a mínima coisa para sustentar todos os seus livros, porque sabem que são apenas palavras nascidas do capricho dos que as escreveram; como poderiam julgar de outro modo de seus antigos autores, quando eles vêem que os novos escreveram ousadamente sobre coisas que não viram ou apenas souberam-nas daqueles que as viram?

CAPÍTULO 3

OS QUE ESCREVERAM SOBRE A GUERRA DOS JUDEUS CONTRA OS ROMANOS NÃO TINHAM NENHUM CONHECIMENTO DELA, POR SI MESMOS, E NADA SE PODE ACRESCENTAR AO QUEJOSEFO ESCREVEU SOBRE ESSE MESMO ASSUNTO, NEM AO SEU CUIDADO DE NADA REFERIR CONTRA A VERDADE.

Quanto a esta última guerra, que nos foi tão funesta, não é estranho que

alguns, tendo-a escrito ante à relação de certas coisas, que lhes foram reveladas, sem ter jamais visto os lugares onde ela se travou, nem mesmo deles se aproximaram, tiveram, entretanto, a ousadia de querer passar por historiadores? Não se pode dizer o mesmo de mim. Tudo o que escrevi é segundo a verdade; eu estive presente a tudo; eu combati com o exército sob meu comando, na Galiléia, durante todo o tempo em que ela estava em condições de resistir e quando foi tomada pelos romanos, Vespasiano e Tito conservaram-me prisioneiro, fizeram-me ver todas as coisas, embora no começo eu ainda estivesse preso, como escravo, e quando me tiraram as cadeias fui mandado com Tito para sitiar Jerusalém. Nada se fez durante esse tempo que eu não viesse a conhecer; eu via e considerava com extremo cuidado tudo o que se passava no exército romano; escrevi muito exatamente e indagava até mesmo dos menores particulares, sobre o que se fazia em Jerusalém, daqueles que se vinham entregar como prisioneiros. Assim, tendo o material para minha história, trabalhei em escrevê-la, com o auxílio de alguns meus amigos, com relação ao que se referia à língua grega e tenho tanta certeza de só ter relatado a verdade, que não tenho receio de tomar como testemunhas do que eu escrevi ao mesmo Vespasiano e a Tito, que tinham o supremo comando dessa guerra. Eles foram os primeiros aos quais mostrei meu trabalho; mostrei-o depois a vários outros romanos, que haviam combatido sob suas ordens e depois que o publiquei, vários de nossa nação que conheciam a língua grega viram-no também, particularmente Júlio Arquelau, Herodes, tão recomendável por sua virtude, e mesmo o rei Agripa, esse excelente príncipe. Todos eles testemunharam o cuidado que eu tive de relatar fielmente a verdade; o que eles não teriam o cuidado de fazer, se eu a ela tivesse faltado por negligência ou por ignorância ou por bajulação. Alguns, entretanto, tiveram a malícia de me censurar, por observações tão ridículas como se fossem crianças de escola. Eles devem saber que para se escrever fielmente uma história é necessário saber, com certeza, por si mesmo, as coisas que se relatam, ou tê-las sabido daqueles que delas tiveram um perfeito conhecimento. Foi o que fiz em minha obra, pois hauri dos livros santos o que eu disse sobre a antigüidade, como sendo de família sacerdotal e educado nessa santa ciência. Quanto a esta última guerra, tomei parte em grande número dos fatos que refiro; a muitas presenciarei com

meus próprios olhos e nada disse a esse respeito, de que não tivesse plena certeza. Poder-se-iam, então, considerar como impostores aqueles que me acusam de não ser verídico, e que ainda que eles se gloriem de ter visto os comentários de Vespasiano e de Tito, não tiveram conhecimento algum do que se passou do lado dos judeus, que sustentaram essa guerra?

Sinto-me obrigado a fazer esta digressão para mostrar quais os conhecimentos que devem ter os que tomam a deliberação de escrever uma história, e penso ter feito ver claramente que os de nossa nação são mais capazes que os bárbaros e que os gregos, de escrever coisas cuja memória está tão longe de nosso século.

CAPÍTULO 4

RESPOSTA AO QUE, PARA AFIRMAR QUE A NAÇÃO DOS JUDEUS NÃO É ANTIGA, SE DISSE, QUE OS HISTORIADORES GREGOS NÃO FALAM DELA.

Quero agora refutar aqueles que procuram fazer crer que nossa disciplina e a forma de nosso governo não são antigas. Eles não citam outra razão, que esta, isto é, que os autores gregos disso não falam. Citarei em seguida provas da antigüidade de nossa nação, tiradas dos escritos dos outros povos e mostrarei a malícia daqueles que nos tratam desse modo.

Como o país que habitamos está afastado do mar, nós não nos damos ao comércio e não temos comunicação com as outras nações. Contentamo-nos em cultivar nossas terras que são muito férteis e trabalhamos principalmente em educar bem nossos filhos, porque nada nos parece tão necessário como instruí-los no conhecimento de nossas santas leis e numa verdadeira piedade que lhes inspira o desejo de as observar. Estas razões, unidas ao que já disse, e a essa maneira de viver que nos é própria, fazem ver que nos séculos passados não tivemos comunicação alguma com os gregos, como os egípcios e os fenícios, que habitam em províncias marítimas e negociam com eles, pelo desejo de se enriquecerem; nossos pais não fizeram, como outras nações, incursões sobre os vizinhos, nem lhes fizeram guerra, pelo desejo de aumentar suas propriedades, embora fossem em grande número e muito valentes. Não se deve, portanto, achar estranho que os egípcios, os fenícios e os outros povos que navegam nos

mares tenham sido conhecidos pelos gregos e de que os medos e os persas também o tenham sido, em seguida, pois eles reinavam na Ásia, e os persas levaram a guerra até a Europa. Os trácios, do mesmo modo, foram conhecidos deles, porque lhes estão muito próximos. Os citas, ou tártaros, foram-no por meio dos que navegavam no mar do Ponto; geralmente, todos os que moram ao longo dos mares orientais e ocidentais foram-no, daqueles que quiseram escrever alguma coisa, do que a eles se refere. Quanto aos povos que habitam as terras afastadas do mar, permaneceram-lhes desconhecidos, durante um longo tempo e a mesma coisa aconteceu na Europa, como parece, porque ainda que os romanos se tivessem há muito elevado a tão grande poderio e tivessem vencido tantas guerras, Heródoto, Tucídides e os outros historiadores que escreveram nesse mesmo tempo não fazem menção deles, porque os gregos deles tiveram conhecimento somente muito tarde. Sua ignorância sobre as Gálias e a Espanha foi tal, que aqueles que passam pelos mais exatos, como Éforo, imaginaram que a Espanha, que ocupa no Ocidente uma grande extensão de terra, era apenas uma cidade e nada referem nem dos costumes dessa província, nem do que ali se passa. Seu afastamento fê-los ignorar a verdade e o desejo de parecer melhor informados do que os outros, fê-los escrever coisas inverídicas.

Há, pois, motivo de se admirar que nossa nação, não estando próxima do mar, não fazendo alarde de escrever, e vivendo da maneira como eu disse, tenha sido pouco conhecida? Se para me servir do mesmo raciocínio dos gregos eu citasse, para provar que sua nação não é antiga, que dela nada está escrito entre os nossos, não zombariam eles de mim e não apresentariam como testemunha do contrário, os povos que lhes são vizinhos? Deve-me, pois, ser permitido fazer o mesmo, servir-me entre outras coisas do mesmo testemunho dos egípcios e dos fenícios, que eu não temo, que me acusem de falsidade, embora os egípcios nos odeiem e os fenícios não nos amem e particularmente os de Tiro sejam nossos inimigos. Não direi o mesmo dos caldeus, pois eles reinaram sobre a nossa nação e falam de nós em vários lugares de seus escritos.

CAPÍTULO 5

TESTEMUNHO DOS HISTORIADORES EGÍPCIOS E FENÍCIOS COM RELAÇÃO À ANTIGÜIDADE DA NAÇÃO DOS JUDEUS.

Mas, para confundir completamente os que me acusam de não ter referido a verdade, eu mostrarei, depois de a ter estabelecido, que mesmo os historiadores gregos falaram de nós e servir-me-ei antes do testemunho de alguns egípcios, dos quais não se poderia duvidar de que nos são favoráveis. Manetom, um deles, que todos sabem ter sido um sábio na língua grega, pois escreveu nessa língua a história do seu país, que ele diz ter tirado dos livros santos, acusa em vários lugares a Heródoto de falsidade pela ignorância, em que ele vivia a respeito dos assuntos do Egito: eis suas próprias palavras, no seu segundo livro: "Sob o reinado de Timau, um de nossos reis, Deus, irritado contra nós, permitiu que quando não havia motivo de se temer um grande exército, de um povo que não tinha reputação alguma, viesse do lado do Oriente, e se tornasse sem dificuldade senhor de nosso país, matasse uma parte de nossos príncipes, acorrentasse os outros, queimasse nossas cidades, destruísse nossos Templos e tratasse tão cruelmente os habitantes, que muitos morreram, e reduzisse as mulheres e as crianças à escravidão, estabelecesse por rei um de sua nação, chamado Salatis. Esse novo príncipe veio a Mênfis, impôs um tributo às províncias tanto superiores como inferiores, estabeleceu ali fortes guarnições, principalmente do lado do Oriente, porque previa que quando os assírios se tornassem mais poderosos do que então, vir-lhes-ia a vontade de conquistar aquele reino. Tendo encontrado na região de Saite, ao oriente do rio Bubaste, uma cidade outrora chamada Avaris, cuja situação lhe pareceu muito vantajosa, ele a fortificou bastante e dispôs em seus arredores soldados em número de uns duzentos e quarenta mil. Para lá ele ia no tempo da ceifa, para assistir à colheita e à revista de suas tropas, mantê-las em tal exercício e tão grande disciplina que os estrangeiros não ousassem perturbá-lo na posse de seu território. Reinou dezenove anos. Boeon sucedeu-lhe e reinou quarenta e quatro. Apachnas sucedeu a Boeon e reinou trinta e sete anos e seis meses. Apofis, que lhe sucedeu, reinou sessenta e um anos. Janias, que cingiu a coroa depois dele, reinou cinqüenta anos e um mês e Assis, que lhe sucedeu,

reinou quarenta e nove anos e dois meses. Tudo esses seis reis fizeram para exterminar a raça dos egípcios, que eram chamados de hicsos, isto é, reis pastores, porque hic na língua santa significa rei e sos, em língua vulgar, significa pastor. Alguns dizem que eles eram árabes.

Encontrei em outros livros que essa palavra "hicsos" não significa reis pastores, mas pastores escravos; porque hic em língua egípcia e hac quando é pronunciado com aspiração, significa sem dúvida, escravo, e isso me parece mais verossímil e mais conforme à história antiga".

Esse mesmo autor diz que quando esses seis reis e os que vieram depois deles reinaram no Egito, durante quinhentos e onze anos, os reis da Tebaida e do que restava no Egito, que não tinha sido dominado, declararam guerra a esses pastores; que essa guerra durou muito tempo, mas que por fim o rei Alisfragmoutofis venceu-os; e depois de ter expulsado a maior parte deles do Egito, os que ficaram retiraram-se a um lugar de nome Avaris, que continha dez mil medidas de terra, e o cercaram com um muro muito forte, para lá estarem em segurança e conservar, além de seus bens, o que pudessem apanhar em outros lugares. Temosis, filho de Alisfragmoutofis, foi atacá-los com quatrocentos e oitenta mil homens, mas, perdendo a esperança de poder vencê-los, fez com eles um acordo, isto é, que eles sairiam do Egito para se retirarem onde quisessem, sem que se lhes fizesse algum mal; e seu número era de duzentos e quarenta mil. Eles partiram com todos os seus bens, para fora do Egito, através do deserto da Síria, e temendo os assírios que então dominavam em toda a Ásia eles se dirigiram para um país que hoje é chamado de Judéia, onde construíram uma cidade capaz de conter aquela grande multidão de povo e a chamaram Jerusalém.

O mesmo Manetom, em outro livro, onde trata do que se refere ao Egito, disse que encontrou nos livros que são tidos por sagrados, entre os de sua nação, que chamavam a esse povo de pastores cativos e nisso ele diz a verdade, porque nossos antepassados ocupavam-se da criação de gado e eram chamados de pastores; não há, pois, motivo de admiração de que os egípcios tenham acrescentado a palavra "cativos", pois que José disse ao rei do Egito que ele era escravo e obteve desse soberano a permissão de mandar buscar seus irmãos. Tratarei, porém, mais detalhadamente destas coisas em outro lugar; por ora

contentar-me-ei em referir o testemunho desses autores egípcios com relação à antigüidade de nossa descendência.

Assim continua, pois, Manetom a falar: "Depois que o rei Temosis expulsou os pastores do Egito e eles foram construir Jerusalém, reinou ainda vinte e cinco anos e quatro meses. Chebron, seu filho, reinou treze anos. Depois dele, Amenofis reinou vinte anos e sete meses. Amessis, sua irmã, reinou vinte anos e nove meses. Mefrés reinou em seguida, doze anos e nove meses. Meframutosis, vinte e cinco anos e dez meses. Temosis, nove anos e oito meses. Amenofis, trinta anos e dois meses. Oro, trinta e seis anos e cinco meses. Acencherés, doze anos e um mês. Ratosis, seu irmão, nove anos. Acencherés, doze anos e cinco meses. Um outro Acencherés, doze anos e três meses. Armais, quatro anos e um mês. Ramasses, um ano e quatro meses. Armecsemiamum, sessenta e seis anos e dois meses, e Amenofis, dezenove anos e seis meses. Cetosis Ramesses, que lhe sucedeu, reuniu grandes tropas, de terra e de mar, deixou Armais, seu irmão, como seu lugar-tenente geral no Egito, com poder absoluto, proibindo-lhe somente tomar a qualidade de rei, nada fazer em detrimento de sua esposa e de seus filhos e abusar de suas concubinas. Marchou em seguida contra a ilha de Chipre, a Fenícia, os assírios e os medos, venceu uns e submeteu outros, somente com o terror de suas armas. Tantos e felizes resultados encheram-lhe o coração e ele quis levar suas conquistas ainda mais além, ao Oriente, mas Armais, a quem ele tinha dado tão grande autoridade, fez precisamente o contrário do que ele lhe tinha ordenado: expulsou a rainha, abusou das concubinas do rei, seu irmão, e, deixando-se persuadir por seus aduladores, pôs a coroa na cabeça. O sumo sacerdote do Egito avisou logo a Cetosis. Ele voltou imediatamente, passando por Pelusa e se manteve no seu reino. Julga-se que foi esse príncipe que deu o nome ao Egito, porque ele tinha o de Egito, bem como Cetosis, e Armais chamava-se também Danaus".

Assim fala Manetom, e é certo que contando todos esses anos, eles estão de acordo e aqueles a que chamavam de pastores, isto é, nossos antepassados, saíram do Egito trezentos e noventa e três anos antes que Danaus fosse a Argos, embora os argienses tanto se gloriem da antigüidade desse príncipe. Assim, vemos que Manetom prova com a autoridade da história do Egito duas

coisas muito importantes sobre o assunto de que tratamos; uma, que nossos antepassados vieram do Egito; outra, que eles de lá saíram cerca de mil anos antes da guerra de Tróia. Quanto ao que ele acrescenta e que ele confessa não ter tirado da história do Egito, mas de alguns autores sem nome, mostrarei claramente em continuação, que são meras fábulas, sem verdade e sem fundamento.

Mas quero referir antes o que os fenícios escreveram e confirmaram sobre a nossa nação pelo testemunho que eles nos prestaram. Os tírios conservam com grande cuidado os registros públicos, muito antigos, que referem o que se passou entre eles e que também dizem da nossa nação, coisas muito importantes. Diz que o rei Salomão mandou construir um Templo em Jerusalém cento e quarenta e três anos e oito meses antes que seus antepassados tivessem deixado Cartago, e eles descrevem esse Templo assim: "Hirão, um de seus reis, fora muito amigo do rei Davi e continuou a sê-lo do rei Salomão, seu filho; como prova disso, na construção do Templo, deu-lhe de presente vinte e cinco talentos e madeira de uma linda floresta que ele mandou cortar no monte Líbano para servir na sua cobertura e em seus soberbos forros artísticos. Salomão, por sua vez, fez-lhe muitos ricos presentes, mas o amor da sabedoria uniu ainda esses dois príncipes. Eles mandaram reciprocamente enigmas para serem decifrados e Salomão nisso era superior a Hirão". Os tírios conservam ainda hoje com grande cuidado várias cartas que eles trocaram, e para confirmar a veracidade do que estou dizendo citarei o testemunho de Dio, que, todos estão de acordo, escreveu fielmente a história dos fenícios. Eis suas próprias palavras: "O rei Abibal morrera e Hirão, seu filho, que lhe sucedeu, aumentou as cidades do seu reino que estavam do lado do oriente, aumentou ainda mais a de Tiro, e por meio de grandes estradas e pavimentos que construiu, uniu o Templo de Júpiter Olímpico e o enriqueceu com várias obras de ouro. Mandou cortar madeira no monte Líbano para a construção dos Templos; diz-se que Salomão, rei de Jerusalém, mandou-lhe alguns enigmas, dizendo-lhe que se ele não os pudesse explicar pagar-lhe-ia certa soma e Hirão, confessando mesmo que os não entendia, lha pagou. Mas depois, Hirão, mandou também propor-lhe alguns enigmas por meio de um certo Abdemom, que ele também não pôde explicar; Salomão pagou-lhe do mesmo modo uma

grande soma".

Este é o testemunho que nos dá este autor, mas eu citarei também o de Menandro, de Éfeso. Ele escreveu os feitos de vários reis, tanto gregos como bárbaros, e para provar a verdade dessa história, ele se serve de atos públicos de todos os Estados de que ele fala. Depois de ter citado os príncipes que reinaram em Tiro, até o rei Hirão, eis o que ele diz: "Ele sucedeu ao rei Abibal, seu pai, e reinou trinta e quatro anos. Uniu a cidade de Tiro por uma grande estrada à ilha de Ericore, e ali consagrou uma coroa de ouro, em honra de Júpiter. Mandou cortar no monte Líbano uma grande quantidade de madeira de cedro para cobrir os Templos, destruiu os antigos e construiu novos a Hércules e à deusa Astarteia, dos quais, ele dedicou o primeiro nome de Operisteu e o outro quando marchava com o exército contra os tírios, para obrigar, como ele fez, a pagar o tributo que lhe deviam e recusavam-se a pagar. Um desses indivíduos, de nome Abdemom, embora ainda jovem, explicava os enigmas que o rei Salomão mandava. Ora, para saber quanto tempo se havia passado depois da construção de Cartago, conta-se deste modo: morrendo o rei Hirão, sucedeu-lhe seu filho Beleazar. Morreu na idade de quarenta e três anos, depois de ter reinado sete. Abdastrate, seu filho, sucedeu-lhe e só viveu vinte e nove anos, dos quais reinou nove. Os quatro filhos de sua ama mataram-no à traição, e o mais velho reinou doze anos em seu lugar, Astarte, filho de Beleazar, reinou durante doze anos depois de ter vivido cinqüenta e quatro. Aserino, seu irmão, sucedeu-lhe, viveu cinqüenta e quatro anos e reinou nove. Felete, seu irmão, assassinou-o, usurpou o trono, viveu cinqüenta anos, mas só reinou oito meses. Itobal, sacerdote da deusa Astarteia, matou-o, reinou em seu lugar durante trinta e dois anos e morreu com sessenta e oito anos. Baldozor, seu filho, sucedeu-o, viveu quarenta e cinco anos e reinou seis. Madgem, seu filho, sucede-o, viveu trinta e dois anos e reinou nove. Pigmalião sucedeu-o e viveu cinqüenta e seis anos, dos quais reinou quarenta e sete e foi no sétimo ano de seu reinado que Dido, sua irmã, fugiu para a África, onde construiu Cartago, na Líbia". Assim, vemos que se passaram cento e cinqüenta e cinco anos e oito meses, depois do reinado de Hirão, até a construção dessa célebre cidade e que o Templo de Jerusalém, tendo sido construído no décimo segundo ano do reinado desse príncipe, sua construção precedeu somente de cento e

quarenta e três anos e oito meses a de Cartago.

Que podemos desejar de mais forte, do que esse testemunho dos fenícios? Não mostra ele mais claramente do que a luz do dia que nossos antepassados vieram à]udéia, antes da construção do Templo, pois eles o edificaram depois somente de tê-la dominado pelas armas, como eu já demonstrei na minha história dos judeus?

CAPÍTULO 6

TESTEMUNHO DOS HISTORIADORES CALDEUS RELATIVAMENTE À ANTIGÜIDADE DA NAÇÃO DOS JUDEUS.

Vamos agora ao que os caldeus escreveram a nosso respeito e que está bem conforme com a minha história. Berose, que era dessa nação e que é tão conhecido e estimado por todos os literatos pelos seus tratados de astronomia e das outras ciências dos caldeus, que ele escreveu em grego, afirma, conforme as mais antigas histórias e ao que Moisés disse, a destruição do gênero humano pelo dilúvio, com exceção de Noé, autor da nossa raça, que por meio da arca salvou-se, aportando ao cume dos montes da Armênia. Ele fala em seguida dos descendentes de Noé, conta o tempo até Nabulazar, rei da Babilônia e da Caldéia, narra seus feitos e diz como ele mandou Nabucodonosor, seu filho, contra o Egito e a Judéia, que ele submeteu ao seu império, incendiou o Templo de Jerusalém, levou escravo para Babilônia todo o nosso povo e assim tornou Jerusalém um deserto durante setenta anos, até o reinado de Ciro, rei da Pérsia. Ele diz ainda que esse príncipe tinha Babilônia sob seu domínio, bem como o Egito, a Síria, a Fenícia, a Arábia e que ele sobrepujava pela grandeza de seus feitos a todos os reis caldeus e babilônios, que o tinham precedido. Eis como ele fala: "Nabulazar, pai de Nabucodonosor, grande príncipe,* tendo sabido que o governador que ele havia colocado no Egito, na Síria inferior e na Fenícia se havia revoltado, não podendo por causa da idade tomar ele mesmo o comando do exército mandou, entre outros, com grandes tropas, Nabucodonosor, seu filho, que ainda estava no vigor da juventude. Este venceu o rebelde e reduziu todas aquelas províncias ao domínio de seu pai. Soube, porém, quase ao mesmo tempo que ele tinha morrido em Babilônia, depois de

ter reinado quase vinte e nove anos; após ter organizado, e posto em ordem, todos os negócios e interesses das províncias do Egito e das demais, determinou que aqueles, nos quais mais confiança depositava, reconduzissem seu exército para Babilônia, com os prisioneiros, judeus, fenícios, sírios e egípcios; partiu com um pequeno número dos seus e caminhando pelo deserto dirigiu-se a Babilônia. Encontrou tudo nas condições em que poderia desejar, nada havendo que os caldeus e os maiorais do reino não houvessem feito para provar-lhe sua estima e fidelidade. Vendo-se assim em tão alta posição, com grande poderio e tendo chegado todos os prisioneiros, deu-lhes excelentes terras na província de Babilônia e determinou que construíssem para ali se estabelecerem. Enriqueceu os Templos de Bel e de seus outros deuses com os despojos que havia trazido da guerra; uniu uma nova cidade à antiga Babilônia e depois de ter feito de modo que aqueles que tentassem cercá-lo não pudessem desviar o curso do rio, sobre o qual ela estava situada, rodeou-a com uma tríplice ordem de muralhas e de outra semelhante ao exterior, cujos muros eram construídos de tijolos endurecidos com betume. Depois de a ter assim fortificado, construiu portas tão soberbas, que seriam facilmente tidas por portas de um Templo. Construiu também perto do palácio do rei, seu pai, um outro palácio muito maior e mais suntuoso; eu tornar-me-ia demasiado longo se quisesse descrever-lhe todos os ornamentos e sua incrível beleza. O que sobrepuja ainda a toda credulidade é que ele foi feito em somente quinze dias. Como a rainha, sua mulher, que tinha sido educada na Média, gostava da vista dos montes, ele o fez, com pedras, de tamanho colossal, encaixadas umas nas outras uma construção que dava a idéia de um monte e mais um jardim suspenso onde havia toda espécie de plantas".

---

* Na História dos Hebreus, n° 432, chama-se Nabucodonosor, o príncipe que aqui é chamado de Nabulazar, que provavelmente era seu verdadeiro nome.

Assim fala Berose desse príncipe e diz ainda várias outras coisas, no seu livro das Antigüidades Caldaicas, onde censura os autores gregos por terem escrito erradamente que Semíramis, rainha da Assíria, tinha construído

Babilônia e feito muitas obras maravilhosas; essa história de Berose é tanto mais digna de fé, quanto está de acordo com o que se vê ainda nos arquivos dos fenícios, que esse rei de Babilônia, de que eu acabo de falar, tinha dominado toda a Síria e a Fenícia. Filóstrato confirma também a mesma coisa na sua história, onde ele faz menção do assédio de Tiro. Magastene, no seu quarto livro da história dos indos, diz que esse príncipe sobrepujou a Hércules em coragem, pela magnitude de seus feitos, e que levou suas conquistas até a África e a Espanha.

Quanto ao que digo, que o Templo de Jerusalém fora incendiado pelos babilônios, sendo iniciada a sua reconstruído sob o reinado de Ciro, que dominava toda a Ásia, isso se vê claramente, pelo que o mesmo Berose refere em seu terceiro livro, cujas palavras são estas: "Nabucodonosor começou a construir esse muro para cercar Babilônia, mas caiu enfermo e morreu, depois de ter reinado quarenta e três anos. Evilmerodaque, seu filho, sucedeu-lhe e suas crueldades e vícios tornaram-se tão odioso que só reinou dois anos e Neriglissor, que tinha desposado sua irmã, matou-o à traição e reinou quatro anos. Laborosarcote, que ainda era muito jovem, reinou somente nove meses, pois aqueles mesmos que tinham sido amigos de seu pai reconheciam que ele tinha muito más inclinações e encontraram meios de se desfazer dele e depois de sua morte escolheram de comum acordo para reinar sobre eles a Nabonide, que era de Babilônia e da mesma raça que ele. Foi sob seu reinado que se construíram ao longo do rio, com tijolos endurecidos com betume, aqueles grandes muros que cercam a cidade de Babilônia. No décimo sétimo ano do seu reinado, Ciro, rei da Pérsia, depois de ter conquistado o resto da Ásia, marchou com um grande exército para Babilônia. Nabonide escapou com alguns dos seus, fugindo para a cidade de Borsipe. Ciro sitiou em seguida Babilônia, na persuasão de que depois de ter tomado o primeiro muro poderia apoderar-se da cidade, mas tendo-o encontrado muito mais forte do que esperava, mudou de idéia e foi sitiar Nabonide em Borsipe. O príncipe, não estando em condições de resistir ao cerco, recorreu à sua clemência e Ciro tratou-o muito humanamente. Deu-lhe o necessário para viver tranqüilo na Caramânia, onde passou o resto de seus dias como um homem particular".

Estas palavras de Berose estão de acordo com a história de nossa nação,

que diz que Nabucodonosor, no décimo oitavo ano de seu reinado, destruiu nosso Templo, que ele ficou completamente destruído durante setenta anos e que de novo lhe foram lançados os alicerces no segundo ano do reinado de Ciro, e foi terminada sua restauração e reconstrução, no segundo ano do reinado de Dario.

CAPÍTULO 7

OUTROS TESTEMUNHOS DOS HISTORIADORES FENÍCIOS COM RELAÇÃO À ANTIGÜIDADE DA NAÇÃO DOS JUDEUS.

Depois de tantos testemunhos da antigüidade de nossa raça, quero ainda referir outros, que são tirados das histórias dos fenícios, pois podemos deles ter muitas provas e o cômputo dos anos aí nós encontramos. Eis o que dizem: "Durante o reinado de Tobal, Nabucodonosor sitiou a cidade de Tiro. Baal sucedeu a Tobal e reinou dez anos. Depois de sua morte, o governo passou dos reis aos juizes. Echinabalis, filho de Baleque, teve essa dignidade durante dois meses. Chelbis, filho de Abdeu, exerceu o cargo durante dez meses. O sumo sacerdote Abbar, três meses. Mutgou e Cerasto, filhos de Abderimo, seis anos e Balator, um ano. Depois mandaram buscar Marbal em Babilônia, o qual reinou quatro anos. Ciro, rei da Pérsia, também reinava então: todos esses anos juntamente fazem cinqüenta e quatro anos e três meses. Foi no sétimo ano do reinado de Nabucodonosor que começou o cerco de Tiro e no décimo quarto ano do reinado de Irom que Ciro, rei da Pérsia, subiu ao trono". Assim, o que os caldeus e os tírios disseram do Templo confirma a verdade de nossa história.

CAPÍTULO 8

TESTEMUNHO DOS HISTORIADORES GREGOS COM RELAÇÃO À NAÇÃO DOS JUDEUS, QUE TAMBÉM LHE DEMONSTRARAM A ANTIGÜIDADE.

A antigüidade de nossa raça é, pois, evidente, e o que referi basta para obrigar àqueles que não têm espírito de contestação a estar de acordo conosco. Mas, para convencer mesmo aos que tratam os outros povos de bárbaros e querem que nós nos atenhamos somente aos gregos, apresentarei testemunhos

de seus próprios autores que disso tiveram conhecimento e escreveram sobre coisas que se referem a nós. Pitágoras, de Samos, que viveu há muitos anos e que sobrepujou a todos os outros filósofos pela sua admirável sabedoria e sua eminente virtude, não somente conheceu nossas leis, mas as seguiu em várias coisas. Pois embora nada encontremos escrito por ele, não deixamos de conhecer os seus sentimentos, pelo que vários historiadores disseram, dos quais Hermipo é o mais célebre, o qual era excelente e muito exato entre os historiadores. Ele diz no seu primeiro livro, com relação a Pitágoras, que um dos amigos desse grande personagem, de nome Califon, nativo de Crotona, morrera e sua alma não o abandonava nem de dia nem de noite, e entre outras coisas dizia-lhe que não passasse por um lugar onde um asno tivesse caído; que não bebesse água que não fosse bem limpa e que jamais maldissesse a ninguém: e nisso, ele era do mesmo parecer dos gregos e dos trácios e o que esse autor diz é muito verdade, pois é certo que ele havia tirado das leis dos judeus uma parte de sua Fílonsofia.

Nossos costumes foram tão apreciados e tão conhecidos por várias nações, que muitos os abraçaram, como se vê, pelo que Teofrasto escreveu em seu livro das leis, onde ele diz que as dos tírios proíbem jurar em nome de qualquer deus estrangeiro, isto é, de outras nações, e põe no número desses juramentos proibidos o de Corban, isto é, dom de Deus, e deste, sabemos, somente os judeus é que usam.

Nossa nação foi conhecida também por Heródoto, de Halicarnasso, pois dela ele faz menção, de algum modo, no segundo livro de sua história, onde, falando dos de Colcos, diz: "Somente esse povo e os egípcios observam há muito tempo o costume de se circuncidarem. Os fenícios e os sírios da Palestina estão de acordo, em que foi dos egípcios que eles o receberam. Quanto aos outros sírios que moram ao longo do rio de Termodom e de Bartema, como também os macrons que lhe são vizinhos, eles reconhecem que foi dos de Colcos que eles receberam o costume da circuncisão. Esses povos são, portanto, os únicos que o aceitaram, à imitação dos egípcios. Mas, quanto aos egípcios e aos etíopes eu não saberia dizer qual desses dois povos o recebeu do outro". Vemos, com essa passagem, que esse autor diz positivamente que os sírios da Palestina se fazem circuncidar. Ora, de todos os povos da Palestina, somente os judeus se fazem

circuncidar e por conseguinte é deles que ele fala.

Choerílio, um antigo poeta, conta também nossa nação entre as que seguiram a Xerxes, rei da Pérsia, na guerra que fez aos gregos, pois, como poderemos duvidar de que não é de nós que esse poeta fala, se ele diz que essa nação habita nos montes de Solima, isto é, de Jerusalém e ao longo do lago Asfaltite, que é o maior de todos os que estão na Síria?

Não terei também dificuldade em provar que os mais célebres dos gregos não somente conheceram nossa nação, mas também a estimaram muito. Clearco, um dos discípulos de Aristóteles e que não era inferior a nenhum outro de todos os filósofos peripatéticos, introduz num diálogo de seu primeiro livro do sono, Aristóteles, seu mestre, que fala desta maneira, de um judeu que ele havia conhecido: "Eu seria demasiado longo se vos quisesse entreter com o resto; con-tentar-me-ia de vos dizer o que vos fará admirar sua sabedoria. Vós não podereis, disse então Hiperochide, nos obsequiar mais. Eu começarei então, continuou Aristóteles, para não faltar aos preceitos da retórica, pelo que se refere à sua raça. Ele era judeu de nascimento, oriundo da baixa Síria, da qual aqueles que a habitam agora são descendentes desses filósofos e sábios das índias que eram chamados de chalans e que os sírios chamam de judeus, porque moram na Judéia, e o nome da sua capital é difícil de se pronunciar, pois chama-se Jerusalém. Esse homem recebia em sua casa com muita bondade os estrangeiros que vinham das províncias afastadas do mar, às cidades que lhe estavam próximas. Ele não somente falava muito bem a nossa língua, mas estimava muito a nossa nação. Quando eu viajava na Ásia com alguns dos meus discípulos, ele nos veio visitar e nas conversas que por vezes entabulamos, achamos que tínhamos muito que aprender das suas palavras". Eis o que Clearco refere, que Aristóteles dizia desse judeu. A isso ele acrescenta que sua temperança e seus costumes eram admiráveis. Aconselho que consultem esse autor os que quiserem saber mais a esse respeito, porque eu não quero me estender muito.

Hecateu Abderita, que não somente era um grande filósofo, mas muito perito nos negócios de Estado e que tinha vivido junto de Alexandre, o Grande, e de Ptolomeu, rei do Egito, filho de Lago, escreveu um livro inteiro sobre o que se refere à nossa nação. Citarei brevemente alguma coisa, começando por

determinar-lhe o tempo. Ele fala da batalha entre Ptolomeu e Demétrio, perto da cidade de Gaza, onze anos depois da morte de Alexandre, na Olimpíada cento e dezessete, segundo o cômputo de Castor, na sua crônica, e diz: "Nesse mesmo tempo Ptolomeu, filho de Lago, venceu perto de Gaza, a Demétrio, filho de Antígono, cognominado Poliorchetes, isto é, destruidor de cidades". Ora, todos os historiadores estão de acordo em que Alexandre, o Grande, morreu na Olimpíada cento e quatorze e assim não podemos duvidar de que no tempo desse grande príncipe nossa nação não fosse florescente. Hecateu acrescenta que depois dessa batalha Ptolomeu apoderou-se de todas as cidades fortes da Síria e que sua bondade e doçura conquistaram de tal modo o coração daqueles povos, que vários seguiram-no para o Egito, e particularmente um sacerdote judeu, chamado Ezequias, com a idade de sessenta e seis anos, muito estimado pelos seus compatriotas, muito eloqüente e tão hábil, que nenhum outro o sobrepujava no conhecimento dos assuntos mais importantes. Esse mesmo autor diz em seguida que o número dos sacerdotes que recebiam as décimas e que governavam em comum era de mil e quinhentos; voltando a falar de Ezequias, ele diz: "Esse grande personagem, acompanhado de alguns dos seus, muitas vezes conversava conosco, e nos explicava as coisas mais importantes sobre a disciplina e o proceder dos seus conacionais, que estavam todas escritas". Ele acrescenta que nós somos tão apegados à observância de nossas leis, que nada há que não estejamos prontos a sofrer, antes que violá-las. Estas são as suas palavras: "Embora muitos fossem os males que eles haviam sofrido de sues vizinhos e particularmente dos reis da Pérsia e de seus lugar-tenentes generais, jamais pudemos fazê-los mudar de idéias. Nem a perda de seus bens, nem os ultrajes, nem as feridas, nem mesmo a morte foram capazes de fazê-los renunciar à religião de seus antepassados. Eles foram destemidos diante de todos estes males e deram provas incríveis de sua firmeza e constância na observância de suas leis. Um governador de Babilônia, chamado Alexandre, querendo restaurar o Templo de Bel que tinha desabado, e obrigando mesmo a todos os soldados a carregar os materiais para isso, a fim de encetar a obra, os judeus, foram os únicos que se recusaram. Ele os castigou de diversas maneiras sem poder jamais vencê-los em sua obstinação e por fim o rei os dispensou daquele trabalho, que eles julgavam não poder fazer, em consciência.

Depois que regressaram ao seu país eles destruíram todos os Templos e altares que tinham sido construídos por deuses e o governador da província fê-los pagar, por esse motivo, grandes somas como multa". Esse historiador acrescenta que não se poderia assaz admirar tão grande firmeza e demonstra também que nossa nação foi tão poderosa, em número de habitantes, que os persas levaram um grande número deles para a Babilônia e que depois da morte de Alexandre, o Grande, vários foram também levados para o Egito e para a Fenícia, por causa da revolução na Síria. Para mostrar a extensão, a fertilidade e a beleza do país em que nós habitamos, ele diz: "Contém três milhões de arpentes, cuja terra é tão excelente que não há frutos que ela não produza". Falando de Jerusalém e do Templo ele diz: "Os judeus têm, de diversas aldeias e vilas, muitas praças fortes e dentre outras, a cidade de Jerusalém, que tem cinqüenta estádios de perímetro (cerca de dez mil quilômetros), e cento e vinte mil habitantes. No meio dessa cidade há um muro de pedras de quinhentos pés de comprimento (cento e sessenta e cinco metros) e cem de largura com duas grandes portas e dentro desse recinto há um altar de forma quadrangular, feito de pedras unidas sem que se tenha nisso dado um só golpe de martelo. Cada um dos lados desse altar tem vinte côvados (treze metros) e tem igualmente dez de altura. Bem perto dele há um edifício muito grande no qual há um outro altar, todo de ouro e também um candelabro de ouro, que pesa dois talentos, com lâmpadas, onde arde o fogo continuamente, dia e noite. Mas não há figura nem bosques nos arredores como se vê perto dos outros Templos dos bosques sagrados. Os sacerdotes lá passam o dia e a noite em perfeita contingência e jamais bebem vinho".

Esse mesmo autor refere um fato que viu, de um dos judeus, que serviam no exército de um dos sucessores de Alexandre. Eis suas mesmas palavras: "Quando eu me dirigia para o mar Vermelho, havia entre os cavaleiros de nossa escolta um judeu de nome Mausolam, que era tido como um dos mais corajosos e dos mais hábeis arqueiros entre os gregos e os estrangeiros; vários insistiam com um adivinho que dissesse por meio do vôo das aves qual seria o resultado de nossa viagem; este homem mandou que parassem; eles o fizeram e Mausolam perguntou-lhe o porquê de tal insistência. Responderam-lhe que era para observar um pássaro, que ele via, porque, se aquele pássaro não se

afastasse, eles não deviam passar além; mas se ele levantasse vôo diante deles, eles deviam continuar a viagem: mas se dirigisse o vôo para trás deles eles seriam obrigados a regressar. Mausolam, sem nada dizer, entesou o arco e atirou uma flecha matando o pássaro no ar. O adivinho e alguns outros ficaram tão ofendidos com isso que lhe disseram injúrias; ele, porém, lhes respondeu somente isto: Perdeste o juízo por lamentar assim esse pássaro infeliz que tendes nas mãos? Ele ignorava o que lhe seria da vida, como podia ele nos fazer conhecer que nossa viagem seria feliz? E se ele tinha algum conhecimento do futuro teria ele vindo aqui para receber a morte de uma das flechas do judeu Mausolam?"

Isto é suficiente, quanto ao testemunho de Hecateu. Os que quiserem saber mais, leiam seu livro. Acrescentarei, porém, uma outra prova, tirada de Abatarcida, o qual, embora não tenha falado com muitos elogios de nossa nação, não o fez, sem dúvida, por mal. Ele conta de que modo a rainha Estratônica, depois de ter abandonado o rei Demétrio, seu marido, veio da Macedônia à Síria, na esperança de desposar o rei Seleuco e disse que essa intenção, não lhe tendo sido possível, incitou em Antioquia uma revolta contra ele, quando estava em Babilônia com o exército; e ao seu regresso, ele tomou Antioquia; ela quis fugir para a Cilícia, mas um sonho que teve impediu-lhe de continuar a viagem, sendo então feita prisioneira e vindo a morrer. A esse respeito Agatarcida, para mostrar quantas superstições semelhantes são condenáveis, cita por exemplo nossa nação, da qual fala nestes termos: "Aqueles que são chamados judeus moram numa cidade muito forte chamada Jerusalém. Eles comemoraram tão festivamente o sétimo dia, que não somente não usam armas nesse dia e não trabalham na terra, mas não fazem outra coisa qualquer. Passam o dia inteiro orando a Deus no Templo. Assim, quando Ptolomeu Lago veio com um exército, em vez de lhe resistir, como teriam podido fazê-lo, aquela louca superstição fez que de medo de violar aquele dia, a que chamam de sábado, eles o recebessem como senhor e um senhor mui cruel. Viu-se então quanto aquela lei estava mal fundada: e tal exemplo deve ensinar não somente a esse povo, mas também a todos os outros que não se pode sem extravagância aceitar tais imposições, quando um perigo grave e urgente obriga a delas nos afastarmos". Foi assim que Agatarcida achou nosso proceder digno

de riso, mas aqueles que julgarem com mais juízo e ponderação confessarão, sem dúvida, que deveríamos ser por isso mui elogiados, porque preferimos por um sentimento de religião e de piedade a observância de nossas leis e nossos deveres para com Deus, à nossa conservação e à da nossa pátria.

Se outros escritores que viveram no mesmo século não falaram de nós em suas histórias, será fácil conhecermos, pelo exemplo que vou referir, que sua inveja contra nós ou alguma outra razão semelhante foi disso a causa, jerônimo, que escreveu no mesmo tempo de Hecateu a história dos sucessores de Alexandre e que sendo muito amado pelo rei Antígono, era governador da Síria, não diz uma palavra sequer de nós, embora ele quase tenha sido educado em nosso país e Hecateu tenha disso escrito um livro inteiro. Aqui parece que o sentir dos homens é diferente: um porque julga que nós merecíamos que se falassem muito detalhadamente de nós e o outro, porque não receia, para obscurecer-lhe a memória, suprimir a verdade. Mas as histórias dos egípcios, dos caldeus e dos fenícios são suficientes para fazer conhecer a antigüidade de nossa raça, quando não lhes quiséssemos acrescentar a dos gregos, dentre os quais além daqueles de que falei, podemos indicar TeóFílon, Teódoto, Mnazeas, Aristófanes, Hermógenes, Eumero, Conom, Zopírio e talvez outros, pois eu não li todos os livros que fazem particular menção de nós. A maior parte deles ignoraram a verdade do que se passou nos primeiros séculos, porque eles não leram nossos livros santos, mas todos prestam testemunho da antigüidade de nossa nação, que é o assunto de que me propus tratar. Falero, Demétrio, Fílon, o antigo, e Eupolemo não se afastaram muito da verdade e se faltaram a ela; devem ser perdoados, porque eles não puderam ver todos os nossos livros, o que seria para se desejar, a fim de ficarem bem informados.

Capítulo 9

Causa do ódio dos egípcios contra os judeus. Provas para mostrar que Manetom, historiador egípcio, disse a verdade no que se refere à antigüidade da nação dos judeus, e escreveu somente fábulas em tudo o que disse contra nós.

Resta-me ainda demonstrar a falsidade do que foi dito contra nós, contra

nossa nação e desmascarar tão grande impostura. Os que têm maior conhecimento da história sabem muito bem dos efeitos que o ódio é capaz de gerar em tais assuntos e que muitos se esforçam por apagar o brilho e censurar o proceder das nações e das cidades mais ilustres. Foi assim que Teopompo fez com relação aos atenienses, Polícrates, com os lacedemônios e aquele que escreveu o Tripolítico, do qual Teopompo não é o autor, como muitos pensam, com os tebanos. Timeu, também, na sua história censurou muito injustamente aqueles povos e ainda outros; a isso todos esses autores são levados a particularmente atacarem as nações que mereciam louvores, uns por inveja, outros por ódio e outros pelo desejo de se tornarem célebres, com suas palavras extravagantes; isto surtiu bom resultado entre os loucos e fê-los serem condenados pelos sábios.

Os egípcios foram os primeiros que nos caluniaram; outros, para lhes serem agradáveis, torceram a verdade. Não quiseram dizer de que modo nossos antepassados passaram para o Egito, nem como de lá saíram, porque não podiam ver sem ódio e sem inveja que, depois de terem entrado em seu país, eles se tornaram tão poderosos e foram tão felizes depois de terem saído. A diversidade das religiões também contribuiu muito para a inveja que lhes incitou no coração, de que não há menos diferença entre a pureza toda celeste de uma e a brutalidade terrestre da outra do que entre a natureza de Deus e a dos animais irracionais. Pois é uma coisa ordinária entre eles tomar animais como deuses e adorá-los, como uma louca superstição, que lhes é infundida desde a infância. Assim, jamais eles puderam compreender e ainda menos deixar-se persuadir da excelência de nossa divina Teologia e toleraram com tanta impaciência que outros a aprovassem e chegaram até a esquisitice de contradizer os seus antigos autores. Um só que é muito considerado entre eles, de que já citei um testemunho, para provar a antigüidade de nossa nação, será suficiente para provar o que estou dizendo. É Manetom, que depois de ter protestado que tiraria dos livros santos a história do Egito, que ele queria escrever, diz que nossos antepassados, tendo ido para lá em grande número, se haviam tornado senhores de tudo, mas que algum tempo depois foram expulsos de lá e se estabeleceram na judéia e lá construíram um Templo. Nisto ele está de acordo com os historiadores antigos. Mas depois, ele se deixa levar à

narração de fábulas, tão ridículas que não somente não têm a menor aparência de verdade, confundin-do-nos com o baixo povo do Egito, que ele diz que a lepra e outras doenças vergonhosas obrigaram-nos a fugir de lá. Fala depois do rei Amenófis, que é um nome imaginário, e do qual, por essa razão, ele não ousou enumerar os anos de reinado embora os tenha marcado particularmente quando falou dos outros reis. Ele acrescenta a essas fábulas ainda outras, sem se lembrar de que tinha dito antes que fazia quinhentos e dezoito anos que os pastores tinham saído do Egito para ir a Jerusalém. Pois foi no quarto ano do reinado de Temósis que eles de lá saíram e os seus sucessores reinaram trezentos e noventa e três anos até os dois irmãos Setom e Hermeu, o primeiro dos quais ele diz que era cognominado Egípcio, e o outro, Danus, que Setom expulsou e reinou cinqüenta e nove anos, que Rampsés, filho mais velho de Sernom, sucedeu-lhe e reinou sessenta e seis anos. Assim, depois de ter reconhecido que havia muito tempo que nossos antepassados tinham saído do Egito, ele põe no número desses outros reis esse fabuloso Amenófis; diz que esse príncipe, do mesmo modo que Oro, um dos seus predecessores, tinha desejado muito ver os deuses e que um sacerdote de sua lei chamado Amenófis, como ele, filho de Pápio, cuja sabedoria e ciência de predizer eram tão admiráveis, que ele parecia participar da natureza divina, lhe havia dito que ele podia realizar seu desejo, se ele expulsasse de seu reino a todos os leprosos e os que estavam contaminados por doenças semelhantes; e o príncipe, seguindo seu conselho, reuniu quase oitenta mil desses infelizes, que ele mandou com os egípcios para trabalhar nas pedrarias do lado do Nilo, que está ao oriente e que entre eles havia sacerdotes também atacados de lepra. Manetom acrescenta que esse sacerdote Amenófis, temendo que os deuses o castigassem por ter dado ao rei um conselho tão violento e o príncipe, por tê-lo executado, e que tendo conhecido por revelação que para recompensar aquela pobre gente pelos seus sofrimentos, eles os tornariam senhores do Egito durante treze anos, não ousou dizê-lo ao rei, mas deixou aquela revelação por escrito e em seguida matou-se, o que causou extremo temor ao príncipe. Eis suas próprias palavras: "Depois que aquela pobre gente passou um longo tempo em tão penoso trabalho, eles pediram ao rei que os aliviasse em seu sofrimento e lhes desse como refúgio a cidade de Avaris, outrora chamada Trifom, e que tinha sido habitada pelos

pastores; o príncipe lhes concedeu o que pediam e depois que eles lá se estabelecessem acharam aquele lugar próprio para se revoltar, escolheram para chefe um sacerdote de Heliópolis, chamado Osarsifom, e obrigaram-se por juramento a obedecer-lhe. Este começou por ordenar-lhes entre outras coisas a não fazerem dificuldade em comer animais que são tidos como sagrados pelos egípcios e a não se aliar senão com os dos seus mesmos sentimentos. Em seguida, mandou cercar de muralhas e fortificar bem a cidade e preparou-se para fazer guerra ao rei Amenofis; outros sacerdotes uniram-se a ele; mandou embaixadores a Jerusalém, aos pastores, que o rei Temósis tinha expulsado, para avisá-los do que se havia passado e exortá-los a se unirem a ele para todos juntos fazerem guerra ao Egito. Ele os receberia em Avaris, que outrora fora de seus antepassados, dar-lhes-ia todas as coisas necessárias para sua subsistência e que sendo o tempo conveniente, eles poderiam facilmente conquistar o Egito. Os habitantes de Jerusalém tinham recebido aquelas mesmas propostas com alegria e se tinham dirigido a Avaris com duzentos mil homens e então o rei Amenofis, lembrando-se do que o sacerdote tinha predito, ficou de tal modo perturbado pelo temor, que depois de ter reunido um conselho, com os maiores do país mandou na frente os animais que não são tidos como sagrados, no Egito, ordenou aos sacerdotes que lhes escondessem as imagens, entregou a um de seus amigos, Setom, seu filho mais velho, que tinha então somente cinco anos, antes chamado de Remessés, nome do avô, e partiu com um exército de trezentos mil homens contra os inimigos, mas na persuasão de que os deuses lhe seriam contrários, não ousou travar combate, voltou atrás, veio a Mênfis, onde depois de ter tomado a imagem do boi Ápis e dos outros animais, que ele adorava como deuses, partiu para a Etiópia com uma grande parte de seu povo e o rei desse país, que lhe era muito afeiçoado, recebeu-o muito bem, com todos os seus, entregou-lhe cidades e aldeias onde nada lhes faltou durante os treze anos do seu exílio, conservando sempre tropas nas fronteiras de seu reino, para a segurança de Amenofis e, entretanto, os pastores vindos de Jerusalém fizeram ainda muito mais mal do que aqueles que os haviam chamado ao Egito e não havia impiedade e crueldade que eles não cometessem, e não se contentando de incendiar as cidades e as aldeias, acrescentavam-lhes ainda sacrilégios, partiam em pedaços as estátuas dos

deuses, matavam mesmo os animais sagrados, que aquelas estátuas representavam, obrigavam os sacerdotes e os profetas egípcios a serem eles mesmo os assassinos e os despediam depois completamente nus". Esse autor acrescenta ainda que eles tiveram por legislador um sacerdote de Heliópolis, chamado Osarsife, por causa de Osíris, que era o deus que naquela cidade se adorava e que esse sacerdote, tendo mudado de religião, mudou também de nome e tomou o de Moisés.

Eis o que os egípcios dizem dos judeus e várias outras coisas semelhantes, que eu passo em silêncio, para não me tornar enfadonho. Manetom diz também que Amenofis, acompanhado por Rampsés, seu filho, foi da Etiópia para o Egito com um mui grande exército, venceu os jerosolimitanos e os de Avaris e perseguiu o resto até as fronteiras da Síria.

Mostrarei claramente que todas estas palavras de Manetom são puras fábulas e invencionices. Para isso precisamos primeiramente notar que esse autor, no princípio, estava de acordo em que nossos antepassados não eram originários do Egito e que tinham vindo de outro país e que depois de dele se terem apoderado, haviam sido obrigados a sair de lá. Quanto ao que em seguida ele diz, que depois misturaram-se com aqueles egípcios atacados de lepra e de outras enfermidades infecciosas e que Moisés, guia desse povo, e que o tirou do Egito, estava entre eles, demonstrarei por meio desse autor mesmo que isso aconteceu muito tempo antes. A primeira coisa que ele diz a esse respeito é ridícula. O rei Amenofis, diz ele, desejou ver os deuses. Que deuses poderia ele desejar ver? Se eram os que ele adorava e que os egípcios também adoravam, como um boi, um bode, um crocodilo e um cinocéfalo; não poderia vê-los quando quisesse? Se eram celestes e que ele só desejava ver porque um dos seus predecessores os tinha visto, ele podia então saber como eles eram e como eram feitos sem ter que se dar a tal trabalho. Mas esse profeta, diz-se, por meio do qual esse príncipe esperava ver os deuses, era muito sábio e muito hábil. Se é assim, pergunto, como ele não viu que lhe era impossível satisfazer o desejo desse príncipe e em que se baseava para crer que aqueles leprosos e outros doentes impediam que os deuses se tornassem visíveis. Sabemos que não são os defeitos corporais que os ofendem, mas as impiedades e os crimes, vícios da alma. Como teria ele podido reunir quase num momento oitenta mil

homens, atacados por essas doenças contagiosas e cruéis? Como o rei em vez de se contentar de os mandar para o exílio segundo a ordem desse pretenso profeta, para purificar o país, os teria empregado em quebrar pedras; se esse profeta, como diz o autor, prevendo a cólera dos deuses e os males de que o Egito seria amargurado resolveu matar-se e deixar ao rei essa revelação por escrito, eu pergunto, por que ele não resistiu ao desejo que o príncipe tinha de ver os deuses e como males, que a ele não se referiam, pois não estaria mais neste mundo, quando viessem a suceder, poder-lhe-iam ser mais temíveis que a morte, que ele se deu voluntariamente? Mas, aqui está ainda a maior e a mais ridícula de todas as tolices. Se ele tinha o conhecimento das coisas futuras e elas lhe causavam tanto temor, como, em vez de mandar expulsar do Egito todos os leprosos, lhes teria dado a cidade de Avaris, que outrora tinha sido habitada pelos pastores, onde, tendo-se reunido, eles tinham escolhido como chefe esse sacerdote de Heliópolis, que lhes proibiu adorar os deuses dos egípcios, de fazer dificuldade em comer a carne dos animais que eles adoravam como divindades e de contrair aliança com os que não fossem de suas mesmas idéias e que os obrigou por juramento a observar inviolavelmente essas leis? O autor acrescenta ainda que depois de ter fortificado essa cidade eles fizeram guerra ao rei Amenofis, mandaram a Jerusalém pedir aos que lá moravam a se reunir a eles nessa empresa e que para isso fossem a Avaris, que outrora fora propriedade de seus antepassados, de onde atacando juntos o Egito eles poderiam apoderar-se do mesmo: e que esses descendentes dos pastores vieram em seguida com duzentos mil homens e eles fizeram guerra a Amenofis: que esse príncipe, não ousando travar combate com eles de medo de resistir a Deus, havia fugido para a Etiópia depois de ter confiado à guarda de seus sacerdotes o boi Ápis e os outros animais sagrados que ele adorava como deuses; que então os judeus de Jerusalém saquearam cidades do Egito, incendiaram seus Templos e passaram a fio de espada toda a sua nobreza, com crueldade inaudita; que esse sacerdote de Heliópolis, que os comandava, chamado Osarfis, por causa do deus Osíris, adorado naquela cidade, mudou de nome e se fez chamar Moisés: que Amenofis tendo-se retirado para a Etiópia, saiu de lá com grandes forças, venceu os pastores e os que eles tinham chamado em seu auxílio, matou um grande número deles e perseguiu o resto até as fronteiras da

Síria.

Será possível que Manetom não tenha visto que nada há de verdade ou de verossímil em toda essa longa história? Quando aqueles leprosos e os outros enfermos tivessem mesmo sido os mais irritados deste mundo contra o rei, por tê-los tratado de tal modo, ante instância desse profeta, não teria ele mudado de idéia, quando os dispensou de um trabalho tão penoso como o das pedreiras e lhes deu uma cidade onde residir? Mas quando tivessem mesmo continuado em sua ira contra ele, não teriam eles podido procurar vingar-se secretamente, sem fazer guerra a todo o Egito, onde eles tinham tantos parentes? E quando mesmo nada os tivesse podido impedir de fazer guerra aos homens, teriam eles podido resolver-se a fazê-la aos seus deuses e esforçar-se por subverter as leis de seus antepassados? Devemos, pois, agradecer a Manetom que ele não atribui tão grande crime aos que tinham vindo a Jerusalém, mas aos egípcios mesmos e particularmente aos seus sacerdotes, que a isso os haviam obrigado por juramento. Que há de mais extravagante do que dizer que nenhum dos parentes e dos amigos desses leprosos, não tendo querido juntar-se a eles naquela guerra, eles haviam mandado a Jerusalém pedir socorro aos que não lhes eram nem amigos nem aliados, mas que eles deviam antes considerar como inimigos, tanto seus costumes e seus hábitos eram diferentes? Entretanto, esse autor diz que os de Jerusalém consentiram, sem dificuldade, em fazer o que eles desejavam, na esperança de se tornarem senhores do Egito, como se não tivessem conhecido por própria experiência aquele país, de onde haviam sido expulsos. Se eles então se tivessem encontrado em grande miséria, teriam concordado com essa proposta, mas morando numa cidade tão grande e tão bela, em um país abundante de toda espécie de bens e mais fértil do que o Egito, que vantagem tinham de se arriscar a um perigo tão grande, para contentar seus antigos inimigos? Mesmo quando tivessem sido seus compatriotas, eles deveriam ter temido misturar-se com eles e ficar também contaminados por aquelas enfermidades? Podiam eles prever que o rei fugiria, pois esse autor diz que ele veio com trezentos mil homens até Pelusa, ao encontro desses revoltosos. Quanto a acusar os jerosolimitanos de ter tomado todo o trigo do Egito e de ter assim feito sofrer muito ao mesmo povo, esqueceu-se ele de que, tendo suposto que eles tinham entrado como inimigos, não é uma

censura que se lhes pode fazer; que ele disse que antes da chegada deles os leprosos tinham feito a mesma coisa e se tinham mesmo obrigado com juramento e ele afirma que alguns anos depois Amenofis venceu os jerosolimitanos e os leprosos e matou vários deles e os perseguiu até as fronteiras da Síria, como se fosse fácil apoderar-se do Egito, que os que o possuíam então, pelo direito de guerra, sabendo que Amenofis marchava contra eles, não lhe teriam podido fechar o caminho com forças para lhe resistir? Haverá também mais probabilidade ao que esse autor acrescenta, de que esse príncipe não somente fez uma grande matança, mas os perseguiu com todo seu exército através do deserto, até as fronteiras da Síria, pois que sabemos que esse deserto é tão árido, que não havendo água é quase impossível que todo um exército o atravesse, mesmo quando sua marcha fosse a mais pacífica do mundo?

Parece, pelo que acabo de dizer, que segundo o mesmo Manetom não temos nossa origem do Egito, nem jamais estivemos misturados com os egípcios. Com relação aos leprosos há grande probabilidade de que muitos tenham morrido nas pedreiras, muitos nos combates e outros na fuga.

CAPÍTULO 10

REFUTA-SE O QUE MANETOM DISSE DE MOISÉS.

Nada me resta, portanto, para refutar, senão o que tal historiador disse de Moisés. Os egípcios estão de acordo de que era um homem admirável e estão persuadidos de que ele tinha algo de divino. Mas não podem, senão por uma grande impostura, procurar fazer crer que ele era de sua nação, como o fazem, dizendo que era um sacerdote de Heliópolis, que tinha sido expulso com os outros por causa da lepra. A cronologia mostra que ele viveu quinhentos e dezoito anos antes e no tempo em que nossos antepassados, depois de terem sido expulsos do Egito, se estabeleceram no país que agora possuímos. Para mostrarmos que ele estava de todo isento de tão vergonhosa enfermidade, basta dizer-se que ele proibiu aos leprosos morar nas cidades, nas aldeias e nas vilas; ordenou que vivessem segregados e com vestes diferentes das dos demais; declarou que deviam ser considerados impuros todos os que tivessem tocado

neles ou co-habitado com eles; quis que mesmo os que já estavam curados dessa doença não pudessem entrar em Jerusalém senão depois de certas purificações, depois de se terem lavado nas fontes, feito raspar todo o pêlo e terem oferecido vários sacrifícios. Se esse admirável legislador tivesse também sido leproso, teria usado de tão grande severidade para com aqueles que como ele também tinham sido atingidos pela doença? Mas não é somente sobre assunto dos leprosos que ele fez tais leis: ele também proibiu aos que tivessem o mínimo defeito corporal entrar no ministério das coisas santas e privou da honra do sacerdócio os que desobedecessem a essas ordens. Como então teria ele promulgado uma lei que lhe teria sido tão prejudicial e tão vergonhosa? Quanto ao que Manetom diz, que ele tinha mudado o nome de Osarsife para Moisés, há menos probabilidade, pois que esses dois nomes não têm entre si nenhuma relação, ao passo que Moisés significa "que foi salvo das águas", pois os egípcios chamam a água de moi. Penso ter feito ver claramente que quando Manetom segue os escritos dos antigos, ele não se afasta muito da verdade, mas, fora dali, ele só conta fábulas que ridiculamente inventa, ou às quais sua raiva contra nossa nação fez prestar fé.

CAPÍTULO 11

CHEREMOM, OUTRO HISTORIADOR EGÍPCIO, É TAMBÉM REFUTADO.

Falemos agora de Cheremom, que também escreveu a história do Egito. Ele supõe como Manetom, o rei Amenófis e censurou-lhe ter seu Templo sido destruído pela guerra. Que um daqueles santos doutores, chamado Fritifante, lhe havia dito que para livrá-lo do terror que o perturbava durante a noite era preciso que ele expulsasse do Egito todos os que estavam atacados de lepra e de outras doenças más; que em seguida ele expulsou duzentos e cinqüenta mil desses, dentre os quais estavam também Moisés e José, que ele diz ter sido um doutor sacro. Que o primeiro, em egípcio, chamava-se Ticita e o outro, Petesefe. Que esses duzentos e cinqüenta mil homens, tendo chegado a Pelusa, encontraram aí trezentos e oitenta mil homens, aos quais Amenófis tinha recusado a entrada no Egito e que eles se reuniram e marcharam contra ele; que o príncipe, não ousando enfrentá-los, tinha fugido para a Etiópia deixando

a mulher, grávida; que a princesa deu à luz numa caverna um filho, que foi chamado Ramessés, o qual, depois de grande, expulsou os judeus, cujo número era de duzentos mil homens, perseguiu-os até as fronteiras da Síria e mandou voltar da Etiópia Amenófis, seu pai.

Que pode melhor mostrar a impostura desses dois autores, do que a grande oposição que encontramos no que eles narram? Se houvesse o mínimo de verdade, como explicar tão grande diversidade? Os que dizem mentiras não têm a preocupação de ser coerentes com o que escrevem. Manetom atribui a expulsão desses leprosos ao desejo que Amnenófis tinha de ver os deuses; Cheremom o atribui a um sonho no qual ele diz que a deusa ísis lhe apareceu. Um, diz que um sacerdote chamado Amenófis, como o príncipe, ordenou-lhe que os expulsasse para purificar seu território, e o outro diz que foi Fritifante.

Se o nome desses dois sacerdotes concorda tão pouco, o número dos exilados não concorda muito mais, pois um diz que eles eram oitenta mil homens, e o outro, duzentos e cinqüenta mil. Manetom diz que esses leprosos foram primeiramente mandados para as pedreiras, para cortar as pedras, e que depois se lhes deu a cidade de Avaris, como residência, de onde, tendo começado a guerra, eles chamaram os jerosolimitanos em seu auxílio. Chemerom diz, ao contrário, que quando eles se viram obrigados a se retirar do Egito, encontraram em Pelusa trezentos e oitenta mil homens abandonados pelo rei Amenófis, e que se reuniram a eles e tornaram a entrar no Egito, obrigando o soberano a fugir para a Etiópia. Mas o que há de raro é que esse autor que inventou o belo sonho da deusa Isis esqueceu-se de dizer de onde viera aquele grande exército de trezentos e oitenta mil homens, se eram egípcios ou estrangeiros e porque Amenófis lhes havia negado a entrada em seu território.

Não há menos motivo de admiração sobre o que ele acrescenta, que Moisés e José foram expulsos ao mesmo tempo, embora José tenha morrido cento e setenta anos antes de Moisés e haja quatro gerações entre um e outro. Ramessés, filho de Amenófis, se acreditarmos em Manetom, fez, com o rei seu pai, guerra aos leprosos e aos jerosolimitanos, e com ele fugiu para a Etiópia. Segundo Cheremom, ele nasceu numa caverna, depois da fuga de seu pai venceu seus súditos revoltados e os judeus que tinham vindo em seu auxílio em

número de duzentos mil e os perseguiu até as fronteiras da Síria. Devemos ser muito crédulos para não se nos rirmos desses belos contos. Ele disse então que esse exército, detendo-se em Pelusa, era de trezentos e oitenta mil homens; ele não fala mais agora senão de duzentos mil e não diz o que foi feito dos outros cento e oitenta mil, se morreram nalgum combate ou se passaram para o lado de Ramessés. E o que é ainda mais estranho, não poderíamos saber se aqueles aos quais ele chama de judeus são os duzentos e cinqüenta mil leprosos ou se são esses trezentos e oitenta mil homens que haviam sido detidos em Pelusa. Temo que me chamem de louco por procurar convencer de falsidade aqueles que por si mesmos se convencem e que não passariam tão evidentemente por impostores, se disso não tivessem sido acusados por outros.

CAPÍTULO 12

REFUTA-SE AINDA OUTRO HISTORIADOR CHAMADO LISÍMACO.

A estes acrescentarei Lisímaco, que não somente tem o mesmo ofício que eles, de bem mentir, mas os supera de tal modo na extravagância de suas ficções, que não há necessidade de outra prova do excesso de sua ira contra nossa nação. Ele diz que quando Bochor reinava no Egito os judeus atacados de lepra e de outras doenças vergonhosas, indo ao Templo pedir esmola, passaram essas doenças aos egípcios; a esse respeito Bochor consultou o oráculo de Júpiter Amom, e este respondeu-lhe que era preciso purificar os Templos e mandar para o deserto esses homens impuros, que o sol não podia mais, a não ser com tristeza sua, iluminar com seus raios e assim a terra recuperaria sua primitiva fecundidade. Que depois desse oráculo, o soberano, a conselho dos seus sacerdotes, mandou reunir todas essas pessoas impuras para entregá-las aos soldados; mandou atirar ao mar todos os leprosos e os tinhosos, depois de os ter feito envolver em lâminas de chumbo e mandou levar o resto para o deserto para que lá morressem de fome; que então esses infelizes reuniram-se, acenderam suas fogueiras, montaram guarda toda a noite, jejuaram para que os deuses lhes fossem favoráveis e no dia seguinte, um deles, de nome Moisés, aconselhou-os a marchar sempre, até encontrar lugares cultivados, e a não confiar em ninguém e de só dar mais conselhos aos que lhos

pedissem e a destruir todos os Templos e os alteres que encontrassem; todos aprovaram-no e eles atravessaram o deserto: depois de inúmeras e grandes dificuldades, chegaram a um país cultivado. Ali trataram cruelmente seus habitantes, despojaram os Templos de seus bens, e se dirigiram, por fim, a uma província a que chamam de Judéia, onde construíram uma cidade a que deram o nome de Jerosulo, que quer dizer "despojo de coisas santas", e que crescendo depois em força e poder, eles trocaram esse nome que lhes causava vergonha pelo de Jerosolima e começaram a se chamar de jerosolimitanos.

Parece, pelo que acabo de narrar, que Lisímaco não supôs como Manetom e Cheremom que houve um rei do Egito, chamado Amenófis, mas citou um outro, e que sem falar nem desse sonho no qual a deusa ísis apareceu, nem desse profeta egípcio, ele traz um oráculo feito por Júpiter Amom e diz que um número muito grande de judeus se reunia perto dos Templos, mas não se sabe se são os leprosos, a que ele chama de judeus, porque somente eles eram atacados por essa doença, ou se ele quer falar dos naturais do país, ou dos estrangeiros. Se eram os egípcios, por que os chama de judeus? E se eram estrangeiros, por que não diz de onde vinham? Além disso se o rei os tinha feito afogar e mandar os outros ao deserto, como é que havia ainda um grande número deles; como teriam eles podido atravessar o deserto, conquistar o país que nós possuímos e construir esse Templo tão célebre em toda a terra? Devia ele também contentar-se de citar nosso legislador, sem falar de seu nascimento, de seus parentes e do motivo que o tinha levado a dar leis tão injuriosas para os deuses e tão injustas para os homens? Se esses exilados eram egípcios, teriam eles tão facilmente renunciado às leis do seu país e se eles eram de uma outra nação, fosse ela qual fosse, podiam eles não ver que estavam, desde sua infância, acostumados a observá-las? Se eles tivessem somente jurado jamais ter afeto para com os que os tinham expulsado, não poderíamos censurá-los: mas sendo tão miseráveis como esse autor os representa, declarar-se inimigo de todos os homens, como ele diz que eles a isso obrigam-se por juramento, teria sido tão grande tolice que é evidente tê-la ele inventado. Não podemos dizer a mesma coisa desse primeiro nome que ele afirma ter sido dado a Jerusalém, como sinal do saque dos Templos e ter depois sido mudado? Quando isso fosse mesmo verdade não teríamos tido razão de o fazer, pois que embora os

sucessores dos que tinham construído essa grande cidade achassem esse nome odioso, ele parecia honroso aos que a tinham fundado, mas o ódio que esse autor nos tinha de tal modo o cegou, que ele não considerou que a palavra "Jerusalém" não significa em hebreu o que significa em grego. Seria inútil estender-me mais sobre essas imposturas tão evidentes e vergonhosas. Estando este livro já assaz volumoso, devemos terminar, para começarmos outro, no qual procurarei realizar o meu objetivo.

Livro Segundo

Capítulo 1

Início da resposta de Ápio. Resposta ao que ele disse, que Moisés era egípcio e a forma como ele fala da saída dos judeus do Egito.

Mostrei no primeiro livro, ó virtuoso Epafrodita, a antigüidade de nossa nação, pelo testemunho dos fenícios, dos caldeus, dos egípcios e mesmo dos gregos, respondendo ao que Manetom, Cheremom e outros escreveram com tanta falsidade. Resta-me, somente, agora, convencer aqueles que me atacaram em particular e responder a Ápio, embora eu duvide de que ele o mereça. Uma parte do que ele disse assemelha-se às fábulas de que falei e o resto é tão malicioso e tão frio, que não temos necessidade de grande discernimento para vermos que é obra de um homem ao mesmo tempo ignorante, maldizente e sem honra. Entretanto, como há muitos que têm também tão pouca inteligência que se deixam, ao invés, levar mais por semelhantes palavras, do que pelas que provêm de um grande estudo, e aos quais as maledicências são tão agradáveis quanto os louvores que se dão à virtude são importunos, julguei-me obrigado a examinar esse escritor, que me censura tão afoitamente, como seu eu estivesse sujeito à sua jurisdição, além de que eu espero que muitos hão de gostar, de ver a malícia dos impostores confundida por aqueles aos quais eles injustamente ofendem.

As palavras desse escritor são tão confusas que é difícil compreender-se o que ele quer dizer. Na balbúrdia em que o põem os contra-sensos das suas mentiras, ora ele fala da saída de nossos antepassados do Egito sem conformidade com aqueles dos quais eu mostrei a extravagância; ora ele calunia os judeus que moram em Alexandria e ora censura nossas santas cerimônias e as outras coisas que se referem à nossa religião.

Penso ter suficientemente demonstrado, no meu primeiro livro, que nossos avós não eram originários do Egito, nem foram atacados por doenças, que tenham dado motivo à sua saída desse reino; responderei o mais

brevemente possível ao que Ápio ainda acrescenta. Estas são as suas palavras no terceiro livro da história dos egípcios: "Moisés, como eu ouvi os mais antigos egípcios narrarem, era de Heliópolis e ele foi causa de que, para se conformar com a religião no qual tinha sido educado, se começassem a fazer na cidade, em lugares fechados, as orações que antes se faziam ao ar livre, fora da cidade, voltando-se sempre para o lado do sol levante; como também de que, em lugar de pirâmides se fizessem colunas, por cima de certas formas de tanques, nos quais a sombra caindo, ela girava como o sol".

É assim que fala esse raro gramático, em que as ações de Moisés convencem de mentira, muito mais do que minhas palavras. Quando este homem admirável ergueu um tabemáculo em honra de Deus, não lhe deu essa forma, nem determinou que lhe fosse dado no futuro e Salomão, que mais tarde construiu o Templo de Jerusalém, não fez também nada de semelhante a essa imaginação fantástica de Ápio.

Quanto ao que ele acrescenta, que tinha sabido dos antigos, que Moisés era de Heliópolis e que prestava fé às suas palavras, como se o soubessem muito bem eu pergunto: jamais houve mentira maior do que essa? Como esses anciãos que cita poderiam falar com tanta certeza de Moisés, que tinha morrido muitos séculos antes, pois ele mesmo, embora se julgue tão hábil, não ousaria falar afirmativamente da pátria de Homero e de Pitágoras, embora ainda há pouco eles vivessem?

Mas, que relação tem o tempo em que ele diz que Moisés levou os leprosos, os cegos, os coxos, com o de que falam os outros? Manetom diz que foi sob o reinado de Temósis que os judeus saíram do Egito, trezentos e noventa e três anos antes que Danaus fosse exilado para Argos. Lisímaco, ao contrário, afirma que foi sob o reinado de Bochor, isto é, mil e seiscentos anos antes e Molom e outros, falam disso, cada qual segundo sua fantasia. Mas Ápio, que se julga mais digno de fé do que todos eles juntos, afirma ousada e precisamente que aquela saída do Egito se deu no primeiro ano da sétima Olimpíada, quando os fenícios fundaram Cartago, o que é uma circunstância que ele nota para que se acredite no que ele diz, sem perceber que ele desse modo apresenta um meio fácil de ser acusado de falsidade. Se for preciso referir-se, no que concerne a essa colônia, ao que os autores fenícios escrevem, seremos obrigados a crer que

o rei Hirão viveu mais de cento e cinqüenta anos antes da fundação de Cartago e, entretanto, eu demonstrei por meio de escritos dos mesmos fenícios que ele era amigo de Salomão, que construiu o Templo de Jerusalém e o ajudou naquele empreendimento, seiscentos e doze anos depois da saída dos judeus do Egito.

Quanto ao número dos que foram expulsos, Ápio afirma tão falsamente como Lisímaco que eram cento e dez mil e dá uma razão interessante e digna de crédito do nome que se deu ao dia de sábado. "Depois de ter caminhado — diz ele -- durante seis dias, vieram-lhe umas úlceras nas virilhas, mas no sétimo dia ele recobrou a saúde e tendo chegado à Judéia, chamaram-no de sábado, porque os egípcios dão a essa doença o nome de sabatosim". Poder-se-ia, sem vontade de rir, ou melhor, de sentir indignação, saber que um autor teve a desfaçatez de escrever tais sandices? Que probabilidade há de que cento e dez mil homens fossem todos atacados por esse mal? E se eles eram cegos, coxos e atacados por outras doenças infecciosas, como ele antes havia afirmado, como teriam eles podido caminhar somente durante um dia num deserto e como teriam podido vencer os povos que lhes eram contrários? E possível que todos tivessem contraído aquela doença? Isso pode acontecer naturalmente a uma tão grande multidão? Podemos, sem incorrer em absurdo, atribuí-la ao acaso?

Ápio não é admirável quando diz que aqueles cento e dez mil homens chegaram à Judéia e Moisés, tendo subido ao monte Sinai, que está entre o Egito e a Arábia, lá ficou oculto durante quarenta dias e depois de ter descido, deu aos judeus as leis que eles ainda observam? A esse respeito eu pergunto: como é possível que um número tão grande de pessoas tenha atravessado em seis dias um deserto tão extenso e tenha passado quarenta, num lugar tão estéril e tão selvagem, onde não se encontra nem mesmo um pouco de água?

Quanto à razão impertinente que ele dá, com relação ao nome de sábado, só pode ela proceder de ignorância ou loucura. Pois há uma diferença muito grande entre as palavras "Sabbo" e "Sabbatom". Sabbatom, em hebreu, significa "repouso", e Sabbo, segundo o que esse autor diz, significa, em egípcio, "dor nas virilhas".

Tais as novas fábulas que Ápio acrescentou às dos outros egípcios, com relação a Moisés e à saída dos judeus do Egito. Mas devemo-nos admirar de

que ele tenha falado com tanta falsidade de nossos antepassados, dizendo que eles tinham sua origem do Egito, se ele não tem receio de mentir, no que se refere a ele, quando tendo nascido em Oásis, no Egito, ele renuncia à sua pátria e quer passar por alexandrino? Assim, ele tem razão de dar o nome de egípcios ao que ele odeia, pois que se ele não estivesse persuadido de que os egípcios são os piores de todos os homens, ele não temeria que o julgassem daquela nação; os que têm amor ao seu país julgam uma honra ter nele nascido e erguem-se contra os que querem injustamente diminuir-lhes a reputação. Mas, de qualquer maneira se considere o que disseram todos esses historiadores, os egípcios seriam obrigados a ter afeto por nós, quer porque teríamos a mesma origem que eles, quer porque o que se lhes censura, ser-lhes-ia comum conosco; mas Ápio, que sabe do ódio que os de Alexandria têm dos judeus que moram na sua cidade, quis reconhecer a obrigação que lhes devem por lhes ter dado o direito de burguesia, assacando tantas calúnias contra aqueles aos quais considera como inimigos, sem perceber que ele não ofende somente aos que são objeto de sua animosidade, mas geralmente, a todos os judeus, espalhados pelo mundo.

CAPÍTULO 2

RESPOSTA AO QUE ÁPIO DIZ EM DESABONO DOS JUDEUS COM RELAÇÃO À CIDADE DE ALEXANDRIA, COMO TAMBÉM AO QUE ELE DIZ, FAZENDO CRER QUE DE LÁ É ORIGINÁRIO E AO QUE ELE AFIRMA PARA JUSTIFICAR A RAINHA CLEÓPATRA.

Vejamos agora os erros insuportáveis que os de Alexandria atribuem aos judeus. "Quando — diz Ápio — os judeus vieram da Síria, eles se estabeleceram ao longo da orla marítima num lugar sem portos e batido pelas ondas." Não faz ele, falando desse modo, uma grave injustiça a essa cidade, que ele falsamente diz ser sua pátria, pois que todos sabem que ela está situada à beira-mar e sua posição é muito cômoda? Se os judeus a ocuparam pela força, sem ter podido depois de lá ser expulsos, isso é uma prova de seu valor. Mas na verdade é que Alexandre, o Grande, ali os instalou e quis que eles gozassem das mesmas honras que os macedônios. Que teria então dito Ápio, se em vez de se ter

estabelecido nessa cidade real tivessem eles sido postos em Necrópolis e se não os chamássemos ainda hoje de macedônios? Ou ele leu sobre isso nas cartas de Alexandre, o Grande, de Ptolomeu Lago e dos reis do Egito, seus sucessores, e o que o grande César fez gravar em Alexandria sobre uma coluna, para conservar a memória dos privilégios que ele concedeu aos judeus; nesse caso não se pode sem negra malícia ter escrito o contrário. Ou se ele não o viu, é preciso eu confesse que jamais houve tão grande ignorância do que a dele, se não há outra menor, em se dizer que ele se admira de que os judeus tomem o nome dos seus antigos habitantes, embora sejam diferentes deles em muitas coisas? Que exemplo não poderia eu alegar sobre isso? Não se chama de antioquenses os judeus que moram em Antioquia, porque o rei Seleuco lhes deu direito de burguesia? Não se chamam efésios os que moram em Efeso e jônios os que moram na Jônia, como tendo esse privilégio dos outros reis? A bondade dos romanos não concedeu a mesma graça, não somente aos particulares, mas a províncias inteiras, o que faz que os antigos espanhóis, os toscanos e os sabinos tenham o nome de romanos? Se Ápio quer fazê-los perder esse privilégio, que ele deixe também de se chamar de alexandrino; pois, tendo nascido no fundo do Egito como poderia ele pretendê-lo, se o privássemos desse direito como ele quer que nós sejamos privados, pois somente os egípcios, aos quais os romanos, que são hoje os senhores do mundo, recusam concedê-lo? Assim, esse raro personagem, achando-se fora da condição de poder esperar essa garça, esforça-se por caluniar os que tão justamente a obtiveram. Eu digo tão justamente, pois não foi pela dificuldade de povoar essa cidade que Alexandre construiu com tanto afeto, que ele ali reuniu um grande número de judeus, mas foi pelo conhecimento que tinha de seu valor e de sua fidelidade, que quis honrá-los com esse favor. Ele tinha tanta estima por nossa nação, que lemos em Hecateu que esse grande príncipe estava tão satisfeito com o afeto e a fidelidade dos judeus, que ele acrescentou Samaria à Judéia e a isentou de tributos; que Ptolomeu Lago, um de seus sucessores, demonstrou não menos estima e boa vontade pelos judeus que moravam em Alexandria, que ele confiou à coragem e fidelidade deles a guarda das praças mais fortes do Egito e que, para conservar Cirene e as outras cidades da Líbia, de que tinha se apoderado, para lá mandou colônias de judeus: que Ptolomeu Filadelfo, um de seus

sucessores, não somente pôs em liberdade todos os da nossa nação que estavam escravos no seu país, mas lhes deu diversas vezes grandes somas; e, o que é mais importante, teve tal desejo de ser informado sobre nossas leis e nossas santas escrituras, que ele mandou buscar pessoas capazes de interpretá-las e traduzi-las e não entregou o cuidado de lhas levar a pessoas comuns, mas a Demétrio Falereo, que era tido como o homem mais sábio do seu tempo e a André e Aristeu, oficiais da sua guarda. Ora, esse príncipe teria podido desejar com tanto ardor ser instruído em nossas leis e nos nossos costumes, se ele desprezasse os que as observavam e se, ao contrário, não os tivesse em grande estima?

Ápio ignorou, então, ou quis ignorar que esses sucessores dos reis da Macedônia sempre nos foram muito afeiçoados? Ptolomeu III, cognominado Evergetes, isto é, benfeitor, depois de ter submetido toda a Síria, não deu graças por sua vitória aos deuses dos fenícios, mas veio a Jerusalém oferecer a Deus um grande número de vítimas do modo como nós costumamos fazer e fez ricos presentes ao seu Templo. Ptolomeu Fílonmetor e a rainha Cleópatra, sua esposa, confiaram aos judeus o governo do seu reino e deram a Dociteu, também judeu de nascimento, o comando de seus exércitos, do que Apio não tem receio de zombar, quando, querendo passar por cidadão de Alexandria, ele deveria admirar-lhes as ações e sentir prazer em ter conservado aquela grande cidade, quando a revolta contra a rainha Cleópatra fê-la correr risco de ser totalmente destruída. Ele contentou-se de dizer que Onias para lá levou algumas tropas, quando Termo, embaixador dos romanos, lá já estava. Mas por que não acrescenta ele pelo menos que Onias tinha para isso grandes razões? Ptolomeu Fisco, depois da morte do rei Ptolomeu Fílonmetor, seu irmão, tendo vindo de Cirene com o fim de usurpar o reino da rainha Cleópatra, sua viúva,* e deu seus filhos. Onias marchou contra ele e deu nessa ocasião provas de sua inviolável fidelidade para com os legítimos príncipes. Os exércitos avançaram para combater e Deus então fez conhecer claramente que ele sustentaria a justiça da causa que Onias defendia. Fisco fizera expor, atados e nus, aos seus elefantes, todos os judeus que moravam em Alexandria com suas mulheres e filhos, a fim de que os pisassem, e tinham mesmo mandado embebedar esses animais para lhes aumentar o furor, mas aconteceu justamente o contrário. Os

elefantes afastaram-se dos judeus e lançaram-se sobre seus amigos, matando a muitos deles. Nesse mesmo tempo o soberano viu um espírito terrível, que lhe proibiu fazer mal aos judeus, e sua concubina, a quem mais ele queria, chamada Itaca, ou segundo outros Hirene, rogou-lhe que não tratasse tão cruelmente aquele povo. Ele fê-lo não somente mas ainda, demonstrou arrependimento por ter usado de tanta crueldade, o que é tão verdadeiro que todos sabem que os judeus de Alexandria celebram todos os anos o dia em que Deus lhes concedeu tão visível favor. Assim, Apio mostra que jamais houve um caluniador maior do que ele, pois ele ousa censurar os judeus sobre o motivo de uma guerra que os fez merecer tantos elogios.

---

* No texto grego, não se encontra mais o que está compreendido desde este sinal até outro semelhante, e isso foi traduzido de um texto grego antes que se perdesse.

Quando ele fala também da última Cleópatra, que reinou em Alexandria, ele nos dá toda a culpa, em vez de condenar sua ingratidão para conosco e de reconhecer que não há males que aquela princesa não tenha feito aos seus maridos, de quem tinha sido tão amada, aos seus parentes e a todos os romanos em geral e em particular aos imperadores, aos quais devia inúmeros favores. Sua impiedade e sua crueldade chegaram a mandar matar num Templo a Arsinoé, sua própria irmã, de quem jamais recebera a menor ofensa, e a mandar assassinar seu irmão. Sua horrível ambição levou-a a saquear os Templos de seus deuses e os sepulcros de seus antepassados. Sua ingratidão a tornou inimiga de Augusto, sucessor e filho por adoção do grande César, ao qual ela era devedora da coroa. Ela corrompeu de tal modo o espírito de Antônio por meio de todos os artifícios que o amor lhe podia dar, que o tornou inimigo da sua própria pátria. E foi tão infiel aos amigos que despojou a alguns do que pertencia à sua origem real e tornou os outros cúmplices de seus crimes.

Se sua ingratidão, sua impiedade e sua ambição chegaram a tão grande excesso, que direi de sua covardia, que na célebre batalha naval fê-la abandonar Antônio, de quem queria passar por mulher, e de quem tinha filhos,

obrigou-o a deixar seu exército para segui-la na fuga e fê-lo perder a glória que o elevando acima dos reis, fazia-o participante do império, com Augusto? Por fim, seu ódio e sua desumanidade para com os judeus eram tão grandes que ela se teria alegrado de que César tomasse Alexandria, se com isso ela tivesse podido matar, com suas próprias mãos, todos os que lá moravam. Não temos, pois, motivo de nos vangloriarmos de que Apio nos censure, de que durante tão grande carestia ela recusou vender trigo aos judeus? Mas foi ela castigada conforme merecia e o grande César mesmo quis dar testemunho de nossa fidelidade e do auxílio que lhe havíamos dado na guerra que ele travara no Egito. Nós podemos também mostrar por meio de decretos do Senado e por cartas de Augusto qual sua estima por nós e sua satisfação pelos nossos serviços.

Eram estes os trechos e os títulos que Apio devia examinar. Ele devia ver tudo o que se passou sob Alexandre, o Grande, sob os Ptolomeus, seus sucessores, os decretos do Senado e os dos grandes imperadores romanos. Germânico não pôde mandar entregar trigo a todos os que moravam em Alexandria, por causa da esterilidade que assolava toda a região, e não é isso um motivo de acusação contra os judeus, pois que eles não foram tratados diferentemente de todos os outros habitantes e parece que os reis do Egito não somente não os distinguiram deles, mas tiveram tal confiança em sua fidelidade que lhes confiaram a guarda do rio e das principais praças.

"Mas — diz Apio — se os judeus são cidadãos de Alexandria, por que eles não adoram os mesmos deuses que os alexandrinos?"Respondo: Se vós todos sois egípcios, por que discutis continuamente, mesmo entre vós, sobre a vossa religião? não poderia eu, para me servir de vossas mesmas armas contra vós, dizer que nem todos vós sois egípcios e mesmo acrescentar que não sois homens como os outros, pois que adorais e alimentais com tanto cuidado a animais inimigos dos homens; ao passo que não há entre os judeus como entre vós opiniões diferentes? Que motivo tendes então de vos admirardes de que os judeus, que estão em Alexandria, continuem a observar as mesmas leis que sempre e em todos os tempos observaram?

Capítulo 3

Resposta ao que Ápio quer insinuar de que a diversidade de religião foi causa das sedições acontecidas em Alexandria; censura ele os judeus por não terem, como os outros povos, estátuas e figuras dos seus imperadores.

Apio quer também fazer crer que essa diversidade de religião entre nós e os antigos habitantes de Alexandria tenha sido a causa das rebeliões que lá se sucederam. Mas se isso fosse verdade, teriam acontecido também outras semelhantes em todos os outros lugares onde os judeus estão estabelecidos, pois que todos estão de acordo em que têm os mesmos sentimentos e idéias na fé e que se quisermos fazer uma indagação exata dos autores das sedições que aconteceram em Alexandria, veremos que não foram promovidas por judeus, mas por cidadãos, como Ápio. Enquanto havia naquela cidade somente gregos e macedônios não surgiram sedições; eles não se rebelaram contra nós e não nos perturbaram, no exercício da nossa religião. Mas a confusão dos tempos lá introduziu um grande número de egípcios e começaram as perturbações, sem que se possa dar disso a culpa aos judeus que não mudaram de crença nem de proceder. É, portanto, a esses egípcios, que não têm nem a firmeza dos macedônios, nem a prudência dos gregos, mas, cujos costumes são corrompidos e que nos odeiam há muito tempo, que devemos atribuir essas funestas divisões: é sobre eles que deve cair a censura que Ápio nos faz, quando nos chama de estrangeiros, embora gozemos com justo título do direito de burguesia, em Alexandria, ao passo que vários dentre eles não o obtiveram a não ser por fraude, pois não parece que rei algum ou imperador lhos tenha concedido. Mas o mesmo Alexandre, o Grande, no-lo deu: os reis do Egito, seus sucessores, no-lo confirmaram e os romanos no-lo mantiveram.

Ápio toma também motivo de nos censurar por não termos estátuas e figuras dos imperadores, como se esses príncipes pudessem ignorá-lo e tivessem necessidade de ser avisados disso. Não deveria ele, ao invés, admirar sua bondade e sua moderação, em não querer obrigar os que lhes são sujeitos a violar as leis de seus antepassados, mas contentar-se de receber deles as honras que julgam lhes poder prestar em consciência, porque eles sabem que

são verdadeiras aquelas que são voluntárias? Há motivo de nos admirarmos de que os gregos e os outros povos que guardam com prazer as imagens de seus parentes e mesmo das pessoas que não lhes têm parentesco algum e de seus servidores prestem essa homenagem aos seus príncipes? Quando Moisés, nosso admirável legislador, proibiu fazer estátuas não somente de animais, mas mesmo de coisas inanimadas, sem ter podido então ter em vista o Império Romano, ele visava não permitir que se fizessem estátuas do próprio Deus, que é puro Espírito, porque ele sabia o mal que daí poderia advir: mas não proibiu que se prestassem outras honras aos que depois de Deus merecem recebê-las como nós as prestamos aos imperadores e ao povo romano. Por isso é que não se passa um só dia sem que não ofereçamos sacrifícios por eles, às custas do povo, o que nós fazemos somente por eles.

Capítulo 4

Resposta ao que Ápio diz ante a afirmação de Possidônio e de Apolônio Molom, que os judeus tinham em seu tesouro sagrado uma cabeça de burro toda de ouro e a uma fábula, que ele inventou, isto é, que se engordava todos os anos no Templo um grego, para ser sacrificado, ao que ele acrescenta uma outra de sacerdote de Apoio.

Penso ter suficientemente respondido ao que Ápio diz contra nós, referente a Alexandria e não saberia admirar assaz a esquisitice de Possidônio e de Apolônio Molom, que lhe forneceram a matéria. Esses dois filósofos nos acusam de não adorar os deuses que as outras nações adoram; dizem mil mentiras sobre isso mesmo, e não se incomodam em falar de maneira ridícula de nosso Templo, embora nada seja mais vergonhoso a pessoas livres do que mentir de qualquer modo que seja, e ainda mais, quando se trata de um lugar consagrado a Deus, cuja santidade o torna célebre por toda a terra.

Ápio atreveu-se, portanto, a dizer, sob sua afirmativa, que os judeus tinham em seu tesouro sagrado uma cabeça de burro, toda de ouro e de grande valor, que eles adoravam e que foi encontrada quando Antioco saqueou o Templo. Respondo antes de tudo que, mesmo quando essa acusação fosse tão

verdadeira quanto é falsa, não lhe competiria, sendo egípcio, como ele é, censurar-nos, porque um burro não é mais desprezível do que um bode, um crocodilo ou um outro animal que os egípcios colocam no número dos seus deuses. Será possível que ele seja tão cego, que não veja que jamais houve mentira tão absurda e tão evidente? Todos sabem que nós sempre observamos as mesmas leis, sem jamais lhes fazermos a menor modificação; entretanto, quando Jerusalém sofreu as grandes desgraças, às quais todas as cidades do mundo estão sujeitas, e foi tomada por Teos, por Pompeu, por Crasso e, finalmente, por Tito, e eles se tornaram possessores do Templo, que encontraram todos eles, senão uma grande piedade, sobre a qual, não é este o lugar de eu me estender?

Quando Antioco, violando o direito das gentes, saqueou o Templo, de que não se havia apoderado pelas leis da guerra, pois dizia ser nosso aliado e nosso amigo, mas por um fato imprevisto e para satisfazer à sua ambição e avareza, tudo o que ele encontrou era digno de respeito, como se vê, pela maneira de como falam vários autores fidedignos, como Políbio Megalopolitano, Estrabão da Capadócia, Nicolau de Damasco, Castor, o cronógrafo, e Apolodoro, que dizem que Antioco, tendo necessidade de dinheiro, violou a aliança feita com os judeus e saqueou o Templo, que estava cheio de riquezas.

Apio deveria ter considerado três coisas, se não fosse tão estúpido como um asno impudente como um cão, que é um dos deuses de sua nação. Não prestamos honra alguma aos asnos, nem lhes atribuímos poder algum, como os egípcios aos crocodilos e às serpentes, que eles adoram, a ponto de acreditar que os que são devorados por aqueles e picados por estas, devem ser colocados no número dos bem-aventurados. Os asnos entre nós, como em qualquer outro lugar civilizado onde se age com raciocínio, só servem para carregar fardos e outros instrumentos, principalmente para a agricultura e damos-lhes pancadas quando são preguiçosos ou vêm comer o trigo na eira.

É preciso que Ápio tenha sido bem pouco inteligente para inventar tais fábulas ou então incapaz de escrever, pois que de tudo o que ele diz com falsidade contra nós, nada há que nos possa prejudicar. Ele não se contenta com tantas esquisitices e acrescenta outra fábula, a mais ridícula que se possa imaginar, e que veio dos gregos — embora falem de piedade, devem saber que

por maior que seja o pecado de profanar um templo, é ainda mais grave supor-se que os sacerdotes cometem impiedades, em que jamais pensaram. Assim, para defender um rei sacrílego, ele não teme escrever coisas falsíssimas de nós e de nosso Templo. Para justificar a perfídia que a necessidade de dinheiro fez Antíoco cometer contra nossa nação, ele diz que esse soberano encontrou no Templo um homem num leito, com uma mesa junto dele coberta de iguarias saborosas tanto de carne como de peixe; que aquele homem, fora de si pelo espanto, atirou-se aos seus pés e de joelhos rogou-lhe que o libertasse. Antíoco mandou-o sentar-se e dizer-lhe quem ele era, quem o tinha trazido para ali e porque era tratado com tanto cuidado e suntuosidade. O homem, então suspirando e derramando lágrimas, dissera-lhe que era grego de nascimento e que passando pela Judéia, fora aprisionado, e tinham-no levado para o Templo e tratado daquele modo, sem se indagar quem ele era; a princípio ele ficara muito contente, mas em seguida, começara a desconfiar e por fim, uma estranha aflição invadira-lhe a alma, pois, tendo interrogado aos que o serviam, soube que o alimentavam daquele modo para observar uma lei inviolável entre os judeus, que os obrigava a reter todos os anos um grego, para, depois de tê-lo engordado durante um ano, levá-lo a uma floresta para matá-lo e oferecer-lhe o corpo em sacrifício, com certas cerimônias, comer sua carne, atirar o resto numa fossa e protestar com juramento, conservar ódio mortal para com os gregos; assim, não lhe restava mais que poucos dias de vida; ele rogava então, pelo respeito que ele tinha para com os deuses dos gregos, que o livrasse do perigo em que o colocava tão horrível desumanidade.

Esta narração, embora feita apenas por passatempo, com espantosa desfaçatez, poderia desculpar a Antíoco do sacrilégio, como pretendem aqueles que a inventaram, em seu favor, pois que não era, segundo eles mesmos, o fim de livrar aquele grego, que o tinham feito entrar no Templo, mas ele o encontrou, sem esperar e assim, tal mentira não justifica sua impiedade. Pois não é somente com as leis dos gregos que as nossas não concordam; são ainda mais contrárias às dos egípcios e às de outros povos. Haverá algum país, de onde às vezes os habitantes não viajem para o nosso? Porque os gregos seriam os únicos de que nós quiséramos todos os anos derramar o sangue, para renovar tal juramento? Além disso, seria possível que todos os judeus se

reunissem para sacrificar uma vítima, e que a carne de um único homem fosse suficiente para que todos comessem, como Ápio diz? Como Antíoco não teria devolvido à Grécia com grande pompa aquele homem de quem não se diz o nome, a fim de granjear, além da reputação de piedade o afeto dos gregos e animar em seu favor os outros povos contra os judeus?

A esse respeito, porém, já falamos demais, pois é por meio de coisas evidentes e não com palavras que devemos confundir os loucos. Todos os que viram nosso Templo sabem que nós observamos inviolavelmente as leis, que lhe conservavam a pureza. Tinha ele quatro pórticos, em cada um dos quais montava-se guarda, como a lei o ordenava. A entrada ao primeiro era permitida a todos, mesmo aos estrangeiros, exceto às mulheres durante seu incômodo ordinário. Os judeus, e só eles entravam no segundo e suas mulheres também, depois de purificadas. Os homens entravam também no terceiro, contanto que estivessem purificados. Os sacerdotes, revestidos de seus paramentos sacerdotais, entravam no quarto. E somente o sumo secerdote podia entrar no Santuário, com aquele hábito tão santo e tão veneráve! que lhe era peculiar. Todas estas coisas eram ordenadas com tanta piedade, que os sacerdotes só entravam em determinadas horas. Pela manhã, quando o Templo se abria, os que deviam sacrificar as vítimas entravam e eram obrigados a lá se encontrar ao meio-dia, quando se fechava. Não era permitido levar vaso algum e dentro só havia o altar, a mesa, o turíbulo e o candelabro, todas coisas determinadas pela lei, e não havia mistérios secretos e jamais se comia ali. Sobre isso nada direi, de que os olhos de todo o povo não tenham sido testemunhas irrefragáveis. Embora houvesse quatro raças de sacerdotes, de mais de cinco mil homens cada uma, todas elas desempenhavam sua função em determinados dias, vez por vez, o seu ofício no ministério.*

---

* Há no latim, e não mais se encontra no texto grego, mediante die.

Ao meio-dia eles se reuniam no Templo e uns entregavam as chaves aos outros, entregavam igualmente todos os vasos, depois de conferidos, sem que houvesse um só para nele se comer ou beber e era mesmo proibido colocá-lo

sobre o altar, exceto os que serviam para o sacrifício.

Que diremos então de Ápio, que afirmou coisas incríveis e ridículas sem tê-las examinado antes? Que há de mais vergonhoso a um homem do que nada referir de verdadeiro? Embora conheça a santidade de nosso Templo, ele não quis dizer uma palavra sobre isso. Não teve vergonha de fingir aquela aventura do homem grego aprisionado no Templo, tratado suntuosamente, num lugar onde não era nem mesmo permitido entrar aos mais ilustres dos judeus, se não fossem sacerdotes. Como se pode isso chamar, senão de enorme impi-edade e mentira voluntária, feita com o fim de enganar aos que não se querem dar ao trabalho de aprofundar a verdade? É assim que se esforçam por nos prejudicar, por meio de calúnias e Ápio, que se finge de homem de bem, não teme, para nos tornar ainda mais odiosos, acrescentar a essa ridícula fábula, que aquele grego tinha também dito que enquanto ele fora conservado prisioneiro no Templo e tratado magnificamente, os judeus, estando empenhados numa longa guerra contra os idumeus, um certo Zabida veio de uma cidade da Iduméia, onde era sacerdote de Apoio, deus dos dórios, procurar os judeus e prometeu entregar-lhes a estátua daquela divindade e vir ao Templo de Jerusalém contanto que todos os judeus para lá se dirigissem; que aquele homem encerrou-se em seguida numa máquina de guerra, em redor da qual havia três ordens de tochas, que à medida que ele andava faziam-no parecer um astro que rolava por cima da terra;* que tão surpreendente visão deixou atônitos os judeus, que o viam vir de longe e que quando sem fazer rumor ele chegou ao Templo, tomou aquela cabeça de burro, que era de ouro e regressou imediatamente a Dora.

---

* Aqui termina o latim sobre o qual o precedente foi traduzido, porque se perdeu o texto grego.

Posso dizer, com verdade, que Ápio não poderia fazer um conto tão impertinente, sem mostrar que é ele mesmo o maior burro e o mais desavergonhado mentiroso que jamais existiu, pois aqueles lugares de que ele fala são imaginários e sua ignorância é tão grande que ele não sabe que a Iduméia confina com nosso país, perto de Gaza, e não tem nenhuma cidade

com o nome de Dora. Há, porém, um na Fenícia, perto do monte Carmelo, que tem esse nome, mas não tem relação nenhuma com o que Ápio diz, tão fora de propósito, estando distante quatro jornadas da Iduméia.

Em que se funda ele também para nos acusar de não reconhecermos como deuses os que os estrangeiros adoram, pois que ele nos quer persuadir de que nossos antepassados tinham acreditado facilmente que Apoio vinha a eles, e que caminhava sobre a terra rodeado de estrelas? Não haviam eles jamais visto lâmpadas e tochas, eles, que as tinham em tão grande quantidade? Esse pretenso Apoio podia caminhar através de um país tão povoado sem encontrar alguém que descobrisse sua esperteza? Teria ele, num tempo de guerra, encontrado as aldeias e as vilas sem sentinelas? Não falo dos outros absurdos que encontramos nessa história ridícula. Eu não saberia perguntar como é possível que as portas do Templo que, tendo sete côvados de altura (4,5 metros), vinte de largura e estando todas cobertas de lâminas de ouro, eram tão pesadas que se precisavam de duzentos homens para fechá-las, todos os dias,* e seria um crime deixar abertas, tivessem sido por esse impostor tão facilmente revestidas de luz e ele tivesse podido sozinho carregar aquela pesada cabeça de burro de ouro maciço. Eu pergunto também se ele a levou ou se a deu a algum Ápio, para levá-la a fim de que Antíoco a achasse para dar motivo a este segundo Ápio de inventar a fábula.

---

* Deixaram em branco a altura dessas portas porque deve necessariamente haver no texto grego uma lacuna que Genebrard seguiu, havendo em um e no outro apenas sete côvados, o que é impossível, porque a largura dessas portas era de vinte côvados (13 metros) e eram necessários 200 homens para fechá-las.

Capítulo 5

Resposta ao que Ápio diz, que os judeus fazem juramento de jamais fazer bem aos estrangeiros e particularmente aos gregos; que suas leis não são boas, pois eles não são livres; que eles não tiveram grandes homens, excelentes nas artes e nas ciências,

E QUE OS CENSURA PORQUE NÃO COMEM CARNE DE PORCO

E PORQUE SE FAZEM CIRCUNCIDAR.

Ápio não é mais verdadeiro, quando afirma tão ousadamente que nós juramos por Deus, Criador do céu, do mar e da terra, jamais fazer bem aos estrangeiros, e particularmente aos gregos. Ele devia, ao invés, dizer aos egípcios a fim de concordar essas mentiras com as que havia dito antes, com relação a esse juramento, atribuindo-lhe a causa ao ressentimento que nossos pais tinham porque os egípcios os haviam expulsado de seu país, sem que para isso tivessem dado motivo, mas somente porque tinham contraído enfermidades corporais. Quanto aos gregos, estando mais afastados deles pela distância dos lugares do que pela nossa maneira de viver, não temos por eles nem ódio nem inveja. Ao contrário, vários deles abraçaram nossas leis, que alguns continuaram a observar e outros as deixaram, porque as achavam muito severas. Mas haverá um só desses que possa dizer que tenha sido obrigado a fazer algum juramento? Toca a Ápio revelar esse mistério. Ele deve ter disso conhecimento, pois foi ele que o inventou.

Eis algo que dará muito melhor a conhecer seu admirável juízo. Ele diz que parece que nossas leis não são justas, nem nosso culto para com Deus, como deveria ser, visto que em vez de mandar, nós obedecemos a diversas nações e somos maltratados em diversos lugares e que mesmo nossa capital, outrora tão livre e tão poderosa, está sujeita aos romanos. Sobre isso, pergunto qual a nação que pôde resistir ao ímpeto de suas armas, e que outro senão Ápio é capaz de falar dessa maneira? Quem não sabe que é uma felicidade, que quase não tocou a povo algum, poder conservar-se numa dominação constante e não ser obrigado a obedecer depois de ter governado? Os egípcios são os únicos, se neles quisermos crer, que jamais experimentaram essa mudança, porque, dizem eles, que os deuses expulsos de outros países refugiaram-se no deles e lá se esconderam, transformando-se em animais e que para recompensá-los, os preservaram das conquistas e das dominações dos conquistadores da Ásia e da Europa, houve jamais vaidade mais extravagante? Não sabemos, que desde todos os tempos eles não foram livres, nem mesmo sob o reinado de seus próprios soberanos? Que os persas por várias vezes

saquearam-lhes as cidades, destruíram-lhes os Templos e mataram esses animais que eles põem no número dos deuses? Não pretendo, entretanto, fazer-lhes censuras e imitar a loucura de Ápio, que, quando manchou sua pena no fel e no veneno para escrever contra nós, não considerou as desgraças que aconteceram aos atenienses e aos lacedemônios, dos quais uns passam sem contestação pelos mais valentes e outros, pelos mais religiosos de toda a Grécia. Não direi também quantos reis célebres por sua piedade e Creso, entre outros, experimentaram a inconstância da sorte. Não referirei outros-sim de que modo essa poderosa cidade de Atenas, esse soberbo Templo de Efeso e o de Delfos foram reduzidos a cinzas, sem que ninguém tenha censurado os autores desses deploráveis incêndios.

Somente Apio foi capaz de forjar contra nós semelhantes acusações, sem se lembrar de tantos males que o Egito, sua pátria, sofreu, porque Sesóstris, que ele falsamente supõe ter sido rei do Egito, sem dúvida cegou-o. Não direi também quantos povos foram submissos aos nossos reis Davi e Salomão. Mas, para falar somente dos egípcios, é possível que Ápio desconheça o que todos sabem, que eles estiveram sob a dominação dos persas, e dos outros povos da Ásia, e dos macedônios, que os trataram como escravos? Nós, ao contrário, continuamos livres e tivemos durante cento e vinte anos as cidades vizinhas sob nossa dominação até Pompeu, o Grande; e os romanos submetendo os outros reis, nossos antepassados, trataram-nos como amigos e como aliados, pelo seu valor e pela sua fidelidade.

Ápio diz também que não possuímos grandes homens, que tenham sido excelentes nas artes e nas ciências, como Sócrates, Cleanto e outros, no número dos quais nos não devemos admirar muito de que ele tenha tido a vaidade de se colocar, e de dizer que Alexandria só é feliz por ter sido a pátria de um cidadão como ele. Entretanto, era de mister que, querendo passar por um homem tão importante, ele desse esse testemunho de si mesmo, pois sendo conhecido por todos como um homem mau, tão corrompido em seus costumes quão extravagante em suas palavras, devemos lamentar Alexandria, se ela se orgulha de possuir tal cidadão. Quanto aos homens de nossa nação que foram excelentes nas artes e nas ciências, poderíamos, lendo as nossas histórias antigas, constatar que ela os teve e não inferiores aos gregos.

As outras censuras desse ridículo autor são tão desprezíveis, pois recaem sobre ele mesmo e sobre os egípcios, que seria talvez mais conveniente não responder a nenhuma delas. Ele lamenta-se de que, sacrificando animais, nós não queremos comer a carne de porco e zomba da nossa circuncisão. A isso respondo que, quanto a matar animais, isso nos é comum com todos os outros povos, e quanto aos nossos sacrifícios, a aversão que ele por isso demonstra prova muito bem que ele é egípcio. Os gregos e os macedônios não se preocupam com isso e nada têm a recriminar, porque eles oferecem aos seus deuses* hecatombes e comem com seus sacerdotes a carne dos animais sacrificados, sem temor de que isso venha a eliminar da terra tal espécie de animais, como Ápio mostra recear, ao passo que, se todos os outros países se conformassem com os costumes dos povos de que são originários, não restaria bem depressa um homem sobre a terra, tanto estaria ela cheia desses cruéis animais, que os egípcios adoram como divindades e que alimentam com tanto cuidado.

---

* Hecatombe é um sacrifício de cem bois.

Se lhe perguntarmos quais os negócios que ele julga mais sábios e mais religiosos, ele responderá, sem dúvida, que são os sacerdotes, pois ele disse que a eles os primeiros reis do Egito ordenaram reverenciar os deuses e fazer profissão particular de sabedoria. Ora, todos esses sacerdotes fazem-se circuncidar e se abstêm de comer carne de porco e nenhum outro dos egípcios faz sacrifícios com eles.

Ápio não teria perdido o juízo quando, nos caluniando para favorecer aos egípcios, ele não percebeu que é sobre eles mesmos que recaem as censuras que nos faz, pois que eles não somente fazem o que ele condena, mas ensinaram os outros povos a se fazem circuncidar, como o afirma Heródoto. Depois disso, nos não admiraremos de que Ápio, não tendo tido receio de falar tão ultrajosamente contra as leis do seu país, tenha sido castigado como merecia, porque não pôde evitar fazer-se circuncidar e sua ferida tornou-se tão grave que ele expirou, com sofrimentos e dores inauditas, para mostrar ao mundo, com que piedade e respeito devemos observar as leis que estamos

obrigados a seguir, e de como não devemos censurar as dos outros. Tal o fim de Ápio, por ter feito o contrário; este deveria ser também o fim deste livro que eu determinei escrever, para lhe dar as convenientes respostas.

Capítulo 6

Resposta ao que Lisímaco, Apolônio Molom e alguns outros disseram contra Moisés. Josefo mostra como esse admirável legislador sobrepujou a todos os outros e que nenhuma outra lei jamais foi tão santa nem tão religiosamente observada como as que ele nos deu.

Mas, como Lisímaco, Apolônio Molom e alguns outros por ignorância e por malícia quiseram fazer crer que Moisés, nosso legislador, era um sedutor e um mago e que as leis que ele nos legou só têm maldade e perigo, julgo-me obrigado a provar e a mostrar qual o nosso proceder em geral e nossa maneira de viver, em particular; espero que todos possam sabê-lo e que nada se pode acrescentar às nossas santas leis, quer no que se refere à piedade, quer à sociedade civil, à caridade, à justiça, à paciência no sofrimento, e ao desprezo da morte. Rogo aos que as lerem que não se deixem levar pelo desejo de encontrar o que censurar; este pedido é tanto mais razoável, quanto meu intento não é estender-me sobre elogios de nossa nação, mas somente justificá-la nas coisas de que a acusam tão falsamente.

Não é por simples palavras continuadas, como as de Ápio, que Molom fala contra nós; ele espalhou suas calúnias por diversos lugares de sua obra. Ora nos trata de ateus e de inimigos de todos os homens, ora censura nossa timidez, ora nos acusa de sermos ousados. Diz em outros pontos que nós somos mais brutais que os bárbaros, e que assim ninguém se deve admirar de que nada tenhamos inventado de útil para a vida. Nada é mais fácil que confundir tanta impostura, pois não há outra coisa a se fazer, que ler as nossas leis, para se saber que elas ordenam justamente o contrário do que ele afirma e todos sabem que nós as observamos mui religiosamente. Se para justificar a pureza de nossas cerimônias eu sou obrigado a falar das de outras nações, devemos nos ater aos que se esforçam para fazer crer que as nossas lhes são

muito inferiores.

Tudo o que esse autor e os outros dizem contra nós reduz-se a dois pontos: que nossas leis não são boas, das quais, porém, somente o resumo que eu apresentarei mostrará o contrário, e que nós não as observamos. Para responder a essas objeções devemos tomar o assunto um pouco mais atrás. Eu digo, pois, que aqueles que por seu amor pelo bem público estabeleceram leis para o regimento dos costumes são muito mais estimáveis do que os que vivem sem ordem e disciplina. Assim, todos devem conformar-se com as mesmas, não fazer novas leis, pela vaidade de passar por criadores e não por imitadores. O dever do legislador consiste em não ordenar que não seja justo, e cujo uso seja útil aos que observam as causas preceituadas; vice-versa o dever dos povos consiste em jamais se afastar delas, nem na prosperidade nem na adversidade.

Ora, eu digo que nosso legislador, em antigüidade, precede a Licurgo, a Sólon, a Zaleuco de Locres e a outros, tanto amigos como modernos de quem os gregos tanto se ufanam de que o nome de lei entre eles não era conhecido outrora, como parece, pois Homero nunca o usou. Os povos eram governados por máximas e ordens dos reis, das quais se usavam, segundo a oportunidade, sem que algo houvesse escrito. Mas nosso legislador, que aqueles mesmos que falam contra nós não podem negar ser muito antigo, mostrou que ele era um guia provecto de um grande povo, porque depois de lhe ter dado excelentes leis, ele o persuadiu a recebê-las e observá-las inviolavelmente. Vejamos, pela grandeza de seus feitos, quem ele foi. Nossos antepassados, que se haviam multiplicado excessivamente no Egito, gemiam sob o jugo de uma servidão insuportável; ele não somente lhes serviu de chefe, para de lá retirá-los e levá-los à terra que Deus lhes tinha prometido, mas salvou-os por sua grande prudência de inúmeros perigos. Tiveram que atravessar desertos sem água e sustentar diversos combates para defender suas esposas, seus filhos e seus bens. Tiveram-no em tantas dificuldades como excelente general, guia muito sábio e protetor incomparável. Embora persuadisse tudo o que queria àquela grande multidão e ela lhe fosse muito submissa, jamais ele foi tentado pelo desejo de dominar; mas, ao contrário, quando todos os outros aspiram à tirania e soltam as rédeas ao povo, para que viva na desordem, em vez de abusar de sua autoridade, ele só pensou em caminhar na sua presença e no temor de

Deus, em incitar o povo à piedade e à justiça, em fortalecê-lo com seu exemplo e garantir-lhe a tranqüilidade. Tão santo proceder e tão grandes feitos nos não levam a acreditar que Deus era o oráculo que ele consultava e que, estando persuadido de que devia em todas as coisas conformar-se com a sua vontade, tudo ele fazia para inspirar esse mesmo sentimento ao povo, de que tinham o governo? Nada é tão capaz de impedir que os homens caiam no pecado do que a crença de que Deus tem os olhos abertos sobre todas as suas ações? Eis o que foi o nosso legislador, não um sedutor, como imaginam esses autores, mas semelhante a Minos e àqueles outros legisladores, de que os gregos se vangloriam. Minos dizia que tinha recebido suas leis de Apoio, cujo oráculo tinha consultado em Delfos; os outros diziam tê-las recebido de outras divindades, quer o acreditassem deveras, quer quisessem inculcá-lo ao povo. Mas é fácil julgarmos pela comparação dessas leis, quais as mais santas e quais os legisladores que tiveram um conhecimento mais particular de Deus. É o que nos falta examinar.

As diversas nações que existem no mundo governam-se de maneiras diferentes: umas abraçam a monarquia; outras, a aristocracia; outras, a democracia. Mas nosso divino legislador não estabeleceu nenhuma dessas espécies de governo. Escolheu uma república, à qual podemos dar o nome de Teocracia, pois que a fez inteiramente dependente de Deus e ao qual nós consideramos como o único autor de todo bem, que prove às necessidades gerais de todos os homens. Só a Ele recorremos em nossas aflições e estamos persuadidos de que não somente todas as nossas ações lhe são conhecidas, mas de que penetra mesmo todos os nossos pensamentos.

Os outros legisladores ensinaram que há um só Deus, monarca Todo-poderoso; mas misturam com essa verdade, diversas fábulas, reconhecendo outras divindades, que são incapazes de compreender as suas orações e conhecer suas necessidades, seus pensamentos e suas ações. Moisés, ao contrário, declara que há somente um Deus perfeitamente bom e sempre pronto a nos escutar, Incriado, Imortal, Eterno, Imutável, que sobrepuja em beleza a todas as criaturas e que somente nos é conhecido mediante seu poder e cuja essência nos é desconhecida. Os mais sábios e os mais sensatos dos gregos parecem ter tido essa idéia de Deus, tendo, como eu já disse, falado dEle como

de um monarca, o que exclui a pluralidade de deuses e de uma maneira conveniente, à sua suprema majestade, chamado a um princípio sem princípio e elevado acima de todas as coisas. Pitágoras, Anaxágoras, Platão e outros estóicos, e quase todas as outras seitas, tiveram essa crença de Deus, mas não ousaram professá-la abertamente, por causa das superstições de que o povo estava possuído. Nosso legislados foi o único cujas ações e palavras foram conformes. Ele não somente instruiu os seus contemporâneos nessas santas verdades, mas fez que seus descendentes conservassem fielmente a mesma crença e nada fosse capaz de os abalar em sua fé, porque ele só deu leis que eram úteis a todos e não se contentando de lhes ensinar a adoração que deviam a Deus, ensinou-lhes também que uma parte de seu culto consiste em praticar as virtudes, como a justiça, a fortaleza, a temperança e a viver numa estreita união uns com os outros. Assim, nada lhes ordenou que não se referisse a Deus e que não tendesse a uma verdadeira piedade. Ele os instruiu a respeito de tudo o que concerne à religião e aos costumes e uniu a prática à teoria, ao passo que os outros legisladores, tomando um desses dois caminhos, que aprovaram e preferiram, deixaram o outro. Os lacedemônios e os candiotas não se serviam de palavras, mas somente de exemplos; os atenienses e quase todos os outros gregos contentavam-se em fazer leis e dar preceitos, sem se incomodar em fazê-los observarem. Nosso legislador, ao contrário, jamais separa essas duas coisas. Tudo ele fez do que pode servir para formar os costumes e cuidou de tudo por meio das leis que nos deu. Determinou até as mínimas coisas que nos é permitido comer e com quem as podemos comer. Fez do mesmo modo que se refere às obras, ao trabalho e ao descanso, a fim de que, vivendo sujeitos à lei como a um pai de família ou a um senhor, não pudéssemos faltar por ignorância. E para termos desculpas se faltássemos à observância dessas santas leis, ele não se contentou de nos obrigar a ouvir, lê-las uma vez, duas vezes, ou diversas vezes: mas ordenou que num dia da semana nos abstivéssemos de toda espécie de trabalho, para somente, sem distração, ouvi-las e mesmo aprendê-las, o que nenhum outro legislador jamais fez. Vemos também entre as outras nações que a maior parte não somente não vive segundo as leis estabelecidas, mas as ignora quase completamente e só sabe que faltou a elas quando é advertido, o que faz que as pessoas mais

ilustres em dignidade tenham junto de si outras pessoas que são dotadas de uma inteligência particular; ao passo que se interrogarmos os nossos a esse respeito, veremos que todos são tão instruídos nas leis, que seu próprio nome não lhes é mais conhecido. Nós as aprendemos desde a infância, gravamo-las em nosso espírito, a elas faltamos raramente e não as deixamos de observar sem sofrer logo o castigo. Esse conhecimento produz também entre nós uma admirável união porque nada é tão capaz de a fazer nascer e conservar do que os mesmos sentimentos da grandeza de Deus, a mesma orientação na maneira de viver e os mesmos costumes; não se ouve entre nós falar diversamente de Deus, como acontece com os outros povos, não somente entre pessoas do povo, que dizem ao acaso o que lhes vem à mente, mas entre os filósofos. Uns querem fazer crer que não existe Deus; outros, sustentam que sua providência não vela pelos homens nem estabelece entre eles diferença alguma e que todas as coisas lhes são comuns. Nós cremos, ao contrário, que Deus vê tudo o que se passa no mundo. Nossas mulheres e nossos servos disso estão persuadidos como nós; podemos ouvir de suas bocas as regras do proceder de nossa vida e eles sabem que todas nossas ações devem ter por objeto agradar a Deus.

Quanto ao que se nos censura, como um grande defeito, de não procurarmos inventar coisas novas, quer nas artes, quer nas línguas, quando os outros povos merecem elogios porque apresentam sempre novidades, nós atribuímos, ao invés, a causa disso à virtude e à prudência de permanecermos constantemente na observância de nossas leis e dos costumes de nossos antepassados, porque é uma prova de que foram feitos com perfeição, pois somente os que não têm essa vantagem é que devem ser modificados quando a experiência mostra a necessidade de se lhe corrigirem os defeitos. Assim, como não duvidamos de que foi Deus que nos deu essas leis, por intermédio de Moisés, poderíamos sem impiedade não nos esforçarmos por observá-las mui religiosamente? Que normas podem ser mais justas, mais excelentes e mais santas do que as de que esse soberano monarca do universo é o autor, do que esse proceder admirável que atribui a todos os sacerdotes em comum a administração das coisas santas e ao sumo sacerdote a autoridade sobre os outros, para que todos desempenhem com tanto desinteresse e pureza um ministério divino, que eles desprezam as riquezas e se elevam por sua virtude

acima dos afetos que corrompem o espírito dos homens? São eles que velam com um contínuo cuidado pela observância das leis e a manutenção da disciplina: eles são juizes nas questões e ordenam o castigo dos culpados. Que forma de governo pode ser então mais perfeita que a nossa, que maiores honras pode dar a Deus, pois que estamos sempre preparados a cumprir o culto que lhe devemos e pelo qual nossos sacerdotes foram constituídos para velar sem cessar, para que nada se faça que lhe seja contrário, e para que todas as coisas sejam mais bem organizadas num dia de festa solene, do que o são sempre, entre nós? Mal as outras nações observam durante alguns dias as cerimônias às quais dão o nome de mistérios e nós, ao contrario, jamais a elas faltamos há tantos séculos, nem deixamos de praticar com alegria todas as nossas.

CAPÍTULO 7

CONTINUAÇÃO DO CAPÍTULO ANTERIOR, ONDE TAMBÉM FALAMOS DOS SENTIMENTOS QUE OS JUDEUS TÊM DA GRANDEZA DE DEUS E DO QUE ELES SOFRERAM PARA NÃO FALTAR À OBSERVÂNCIA DE SUAS LEIS.

Entre outros preceitos de nossa religião e que todos nós conhecemos, ela nos obriga a crer que Deus compreende tudo em si; que nada falta à sua perfeição, nem à sua felicidade, que Ele é bastante a si mesmo e a todas as criaturas, que Ele é o princípio, o meio e o fim de todas as coisas, que Ele opera em todas as nossas ações e nossas boas obras, que nada é mais visível do que seu poder, mas sua forma e sua grandeza são incompreensíveis; que tudo o que há de mais rico, e de mais excelente no mundo é incapaz de o representar e é desprezível em comparação à sua glória; que não somente nossos olhos nada podem ver que lhe seja semelhante, mas nosso espírito nada pode imaginar que se lhe aproxime e nós o conhecemos apenas por meio de suas obras, quando consideramos a luz, o céu, o sol, a lua, a terra, o mar, os rios, os animais e as plantas, que são obra de suas mãos, sem que Ele tenha tido necessidade para criá-los, nem de trabalhar, nem de ser ajudado por quem quer que seja, sendo sua única vontade suficiente para lhes dar o ser, no momento em que Ele assim quis. É, pois, a Ele que todos os homens são obrigados a adorar e a servir, praticando a virtude, que é o único meio de agradá-lo.

Como há somente um Deus e um mundo conhecido a todos os homens, nós não temos senão um único templo e essa conformidade é-lhe agradável. E nesse templo que nossos sacerdotes adoram sua Eterna Majestade. Aquele que ocupa entre eles o primeiro lugar oferecer-lhe, antes de todos os outros, sacrifícios, vigia pela observância de suas leis, castiga os que são culpados de sua violação, julga as questões e todo aquele que desobedece é castigado como se tivesse desobedecido ao mesmo Deus.

Comemos a carne das vítimas que imolamos, não para que nos façam proveito e tenhamos prazer, o que atrairia sobre nós a cólera de Deus, que ama a sobriedade e a temperança.

Começamos nossos sacrifícios por pedir o bem geral do mundo e depois, por nós mesmos, como fazem parte desse todo, sabendo que nada agrada mais a Deus que o liame de um afeto mútuo que nos une a todos.

Os votos e as orações que lhes oferecemos não têm por objetivo pedir-lhe bens; Ele o faz voluntariamente a todos; e a terra está cheia de seus benefícios, mas é para rogar-lhe a graça de bem usarmos de todos eles.

Antes de oferecermos os sacrifícios a lei nos obriga a nos purificarmos, sepa-rando-nos por alguns dias da companhia de nossas esposas, e observando outras coisas que seria mui longo enumerar.

Foi assim que Moisés ordenou vivermos para nos tornarmos agradáveis a Deus, que é Ele mesmo a nossa lei. Quanto ao que se refere ao casamento, dele podemos usar para ter filhos, mas todo comércio que viola as leis da natureza nos é proibido, sob pena de morte.

A lei quer também que no casamento nossa intenção seja tão pura que consideremos o bem e que longe de mantermos mulheres, não usemos do menor artifício para persuadi-las a nos desposar. Devemos recebê-las das mãos daqueles que têm o poder de no-las dar e com o consentimento dos pais. A mulher deve estar sujeita, em todas as coisas, ao seu marido, embora ela seja mais virtuosa do que ele, porque Deus lhe deu esse poder sobre ela, mas ele disso não deve abusar. A mulher só deve ter relações com seu marido e se a isso faltar, será castigada com a pena de morte.* A lei proíbe também, sob pena de morte, fazer violência a uma jovem prometida a outro e cometer adultério com uma mulher casada e com aquela que amamenta filhos, e proíbe às

mulheres, sob o mesmo castigo, suprimir os filhos, que traem ao mundo ou fazê-los morrer em seu seio, porque é matar uma alma, sacrificando um corpo e diminuir o número dos homens.

---

* O intérprete latino e Genebrad tomaram mal esta passagem, atribuindo ao homem o que se diz da mulher.

Por menor que seja a impureza em que se tenha caído, não se poderia oferecer o sacrifício e as mulheres são mesmo obrigadas a se lavar depois de terem tido a companhia de seus maridos, por causa da comunicação que a alma tem com o corpo.

A lei não permite mesmo no dia em que se soleniza o nascimento das crianças fazer festas, de receio de se dar motivo a embriaguez e para ensiná-las desde então a serem sóbrias. Ela quer que sejam instruídas, desde tenra idade, nas letras e no conhecimento de nossas leis e que lhes ensinemos os grandes feitos dos nossos antepassados, a fim de animá-los à sua imitação e tirar-lhes todo pretexto de faltar, por ignorância.

A sabedoria dessa lei tão santa chega a se interessar até mesmo pelos funerais dos defuntos; ela lhes modera a suntuosidade, como também a dos sepulcros, mas ordena aos domésticos que cuidem das homenagens de seus amos, com ordem de se purificarem depois de se terem aproximado de seus corpos mortos e permite aos parentes dos falecidos chorá-los e lamentá-los, porque isso é um dever de piedade, que não se poderia com justiça negar à natureza.

Se alguém cometeu um assassínio, voluntária ou involuntariamente, a mesma lei ordena-lhe o castigo.

Ela manda dar, depois de Deus, toda espécie de honra aos pais e às mães; determina que aqueles que a isso faltarem sejam apedrejados; que os moços respeitem os velhos, porque nada é tão antigo como Deus. Quer também que os amigos, juntos, vivam com grande sinceridade de coração, porque não pode haver amizade onde não há confiança. Mas se acontecer que sua amizade se desfizer ela proíbe expressamente revelar os segredos que haviam sido

revelados durante a amizade. Se um árbitro recebe presentes, ela o condena à morte, porque ele calcou aos pés a justiça.

Trata como culpados os que podendo ajudar o próximo não o fazem; proíbe tomar o que pertence a outrem e emprestar com usura.

A sabedoria que reluz em todas essas leis e em outras semelhantes conserva a união entre nós e creio dever também referir com que prudência nosso excelente legislador nos ordena como proceder para com os estrangeiros, para que se veja que nada se pode acrescentar às suas determinações, para nos impedir de afrouxarmos na observância de nossas leis, pelas nossa relações com eles ou de faltar à caridade, invejando-lhes a felicidade de segui-las se eles o desejarem. Ele nos manda então que, no caso de eles desejarem aceitá-la, nós os recebamos de braços abertos, porque a união entre os homens não consiste tanto em ser de uma mesma nação, do que em haver conformidade nos sentimentos e na maneira de viver. Quanto aos estrangeiros que estão somente, Ele não permite comu-nicarmos-lhes algo de nossos costumes, mas quer que nos contentemos em ajudá-los no que lhes é necessário. Acrescenta que não devemos recusar a ninguém o fogo, a água, o alimento, a sepultura e o conhecimento do caminho que ele deve seguir. Sua bondade estende-se até aos inimigos, pois proíbe-nos de incendiar seu país, cortar-lhes as árvores frutíferas, despojar os que morrem na luta e maltratar os prisioneiros, particularmente as mulheres.

Ele teve tanto cuidado em nos inspirar a humanidade e a doçura, que quer que a pratiquemos até mesmo com os irracionais. Permite-nos deles usarmos de maneira legítima, mas proíbe-nos matar os que, sendo domésticos, nascem em nossas casas, bem como matar os filhotes com as mães dos que nos é permitido comer. Quer ainda que poupemos aos animais que nos são inimigos e proíbe matar os que nos ajudam em nossos trabalhos.

Assim vemos que a tudo o que nos pode ser útil a sua sabedoria se estende; Ele determinou penas contra os transgressores destas leis, mas penas que em vários casos não são menores que a mesma morte. A elas condena os que cometem adultério, os que violentam uma moça ou que caem, com uma pessoa do mesmo sexo, num crime que causa vergonha à natureza, sem exceção alguma, quer seja livre quer escravo.

Ele determinou também penas contra os que vendem com peso e medidas falsas, os que usam de fraude de qualquer outro modo e essas penas são muito maiores que nas outras nações.

Quanto aos que cometerem alguma impiedade para com Deus ou que ofendem aos próprios genitores, fazem imediatamente. Porém aqueles que observam religiosamente todas estas leis recebem como recompensa de sua virtude não somente ouro, prata, ou coroas adornadas de pedrarias, mas também o que é incomparavelmente mais precioso: o testemunho da própria consciência e a felicidade de serem amados por Deus, que confirma o que Moisés, seu servo, predisse, não poder deixar de acontecer; e de tal modo fortifica-lhes tanto a fé que eles se expõem com alegria à morte para a defesa dessas santas leis, com a firme esperança de gozar de uma felicidade eterna na outra vida.

Eu não teria dito o que acabo de dizer se não fosse de todos sabido, que muitos de nossa nação sofreram tantas e tão grandes perseguições, e com uma coragem invencível toda sorte de tormentos e a mesma morte, antes que proferir a mínima palavra contra nossa lei. Mas, quando mesmo isso não fosse coisa de todos conhecida e que nunca se tivesse ouvido falar de nós, se alguém dissesse ter lido numa história ou visto num país longínquo, afastado de todo comércio, um povo que tinha sentimentos religiosos para com Deus e que observava há muitos séculos tais leis, sem jamais delas se ter afastado, poderia deixar de se admirar? Não seria o espanto ainda maior, se visse continuamente em seu país mudanças na religião e nos costumes? Não sabemos que os gregos, que deliberaram há pouco escrever sobre o governo da república foram tratados de ridículos, por que propuseram coisas cuja prática é impossível? Não falamos dos filósofos dessa nação que escreveram sobre esse assunto, antes de Platão, que tanto eles admiram, como sobrepujando a todos os outros pela pureza dos costumes pela eloqüência e pela força do raciocínio; não foi ele criticado mesmo nas suas comédias, por aqueles que afirmavam que o que ele tinha escrito de política não se podia praticar; entretanto, se considerarmos suas obras encontraremos que há várias coisas que se referem aos costumes dos outros povos e ele mesmo confessa que por causa da ignorância do vulgo, ele não se atreveu a escrever tudo o que sabia da grandeza e da glória de Deus, porque

não o teria podido fazer sem perigo. Mas outros zombam dessas leis propostas por Platão, como sendo novidades e feitas apenas por passatempo e julgam de tal modo as de Licurgo, que têm os lacedemônios por felizes por observá-las há tanto tempo. É, pois, por seu próprio testemunho um sinal de virtude perseverar na prática das mesmas leis; e se eles admiram nisso aos lacedemônios, não deveriam muito mais nos admirar, comparando o pouco de tempo que esse povo teve de observá-las, com os mais de dois mil anos que nós observamos as nossas? Podemos ainda acrescentar que eles só praticaram quando se tomaram livres e depois mesmo, as abandonaram quando a fortuna os abandonou. Nós, ao contrário, embora ela nos tenha de tal modo perseguido nas diversas vicissitudes dos dominadores da Ásia e embora oprimidos por males, jamais delas nos afastamos sem que nos possam acusar de ter considerado nisso nosso descanso ou prazer, e embora as dificuldades e trabalhos que nos impuseram tenham sido muito maiores que os dos lacedemônios: pois eles apenas trabalhavam a terra e desempenhavam diversos ofícios e viviam à vontade nas aldeias e cidades, bem alimentados e bem vestidos, sem que outra coisa deles se exigisse que ir à guerra contra os inimigos daqueles que os haviam sujeitado. Não me detenho, porém, em fazer notar que eles não lhes permaneceram fiéis, como suas leis os obrigavam, pois tomaram as armas e passaram para os inimigos. Poder-se-á dizer a mesma coisa de nós? Sei apenas de duas ou três pessoas que renunciaram às nossas leis, de medo da morte; não falo da morte no campo da luta, que é fácil de se suportar, mas da morte cruel, no meio dos tormentos, tão horrível que eu não poderia crer, seja por um movimento de ódio, que aqueles aos quais estamos sujeitos tenham feito sofrer a muitos de nossa nação. Estou persuadido de que a isso foram levados, para ver se havia homens tão apegados à observância de suas leis, que considerassem como o maior de todos os males fazer ou dizer a mínima coisa que lhes fosse contrária.

Não há, entretanto, motivo de admiração de que nenhum outro povo se exponha tão corajosamente como nós à morte, para a defesa de suas leis, pois não se podem resolver a observar somente coisas que nos parecem leves, como a simplicidade na bebida e na comida, nos hábitos, a continência e a observância dos dias de descanso. Devemos perguntar-lhes se no ardor da

peleja, quando eles põem em fuga os inimigos, eles se poderiam resolver a praticar aquela abstinência de certas carnes, que a lei determina, mas nós sentimos prazer em prestar essa obediência às nossa leis com firmeza invencível.

Que Lisímaco, Molom e esses outros filósofos que só escrevem calúnias e enganam a juventude cessem de nos querer fazer passar pelos piores de todos os homens.

CAPÍTULO 8

NADA É MAIS RIDÍCULO QUE ESSA PLURALIDADE DE DEUSES DOS PAGÃOS, NEM TÃO HORRÍVEL COMO OS VÍCIOS DE QUE ELES ESTÃO DE ACORDO, ESSAS PRETENSAS DIVINDADES SÃO CAPAZES. OS POETAS, OS ORADORES E OS EXCELENTES ARTISTAS CONTRIBUÍRAM PRINCIPALMENTE PARA ESTABELECER ESSA FALSA CRENÇA NO ESPÍRITO DOS POVOS;PORÉM OS MAIS SENSATOS E SÁBIOS ENTRE OS FILÓSOFOS NÃO A TINHAM.

Não quero examinar as leis dos outros povos; nós nos contentamos em observar as nossas, sem censurar as dos outros; e nem tampouco zombamos delas, nem maldizemos aquilo que essas nações consideram como deuses, porque nosso legislador no-lo proibiu, pelo respeito devido a tudo o que traz o nome de Deus. Mas eu não poderia não responder às coisas de que nos acusam tão falsamente, embora pareça que este escrito não seja necessário para refutá-las, porque já o foram por tantas outras. Quem são os mais estimados entre os gregos por sua sabedoria, que não tenham repreendido os poetas mais célebres e particularmente os legisladores, por terem feito os povos crer nessa pluralidade de deuses, nascidos uns dos outros, em tantas maneiras diferentes e que faziam chegar a tal número como bem lhes parecia e lhes davam, como aos animais, diversos lugares para morada, uns sobre a terra, outros no mar e queriam que os mais antigos estivessem acorrentados no inferno. Quanto aos que eles diziam habitar no céu davam-lhes um pai de nome, mas um tirano de fato, contra o qual sua mulher, o irmão e a filha nascida do cérebro, tinham conspirado para expulsá-lo do trono como ele tinha expulsado o pai. Assim os gregos que sobrepujavam aos outros em sabedoria não podiam zombar dessas extravagantes e de que os que as apregoavam tão ousadamente queriam fazer

crer que esses deuses, uns eram jovens, outros na flor da idade, e outros, velhos; que havia toda a espécie de ofícios e profissões entre eles; um era ferreiro, outro era tecelão, outro, guerreiro, que combatia contra os homens, outro tocador de harpa, outro, que era hábil no manejo do arco, interessando-se pelas questões dos homens, vinha combater com eles, recebia ferimentos, que suportava com impaciência. Mas, o que é ainda horrível, eles atribuem a esses pretensos deuses e deusas amores e licenciosidades, coisas ridículas de se imaginar, de que as divindades sejam capazes. Admitem que aquele deus, que eles representam, tão poderoso, senhor de todos os outros, depois de ter abusado de mulheres, não teve o poder de impedir que elas ficassem prisioneiras e que fossem afogadas com os filhos que tivera delas, embora sua morte o fizesse derramar lágrimas, porque ele era obrigado a ceder às imposições do destino. Eis ações certamente muito louváveis para deuses, cometer com tanta imprudência adultérios no céu, que demonstravam invejar eles os que eram surpreendidos em ações tão infames: e que não podiam fazer os deuses menores, vendo que esse Júpiter que eles reverenciavam como rei era tão arrebatado por essa brutal paixão? Que direi também do que eles demonstravam crer, que alguns desses deuses conduziam os rebanhos dos homens e os serviam com outras coisas, para disso tirar proveito; outros estavam encerrados numa prisão como criminosos e amarrados com correntes de ferro? Outros não têm receio de representar essas falsas divindades como capazes de temor, de furor, de fraude e de todas as outras paixões mais condenáveis. Embora representando-os tão imperfeitos, eles tinham persuadido os povos a lhes oferecerem sacrifícios; julgavam a uns benfeitores, a outros, malfeitores, e procediam para com eles como o fariam com os homens, pois procuravam torná-los favoráveis por meio de presentes, na persuasão de que de outro modo ter-lhes-iam feito muito mal.

Poderemos ser sensatos e não sentir indignação contra os que envenenaram os espíritos com tão grande impiedade, e não nos admiramos da loucura daqueles que foram tão simples deixando-se persuadir? Não posso atribuir-lhes a causa senão ao afeto de legisladores terem tão grande ignorância da natureza e da grandeza de Deus, que não podendo daí tirar alguma luz para o governo das repúblicas, eles permitiam aos poetas fazer passar por deuses

sujeitos às paixões dos homens, todos os que eles queriam, e aos oradores escreverem tratados referentes ao governo das repúblicas, apoiando suas idéias com a autoridade dos deuses estrangeiros. Os pintores e os escultores muito também contribuíram para isso entre os gregos, representando essas divindades segundo seu capricho e, particularmente, os mais hábeis dos artifícios que para isso empregavam o ouro e o marfim. Aconteceu mesmo que deixaram de adorar as mais antigas dessas divindades para adorarem novas. Restabeleceram em sua honra os antigos Templos, e construíram-se outros novos, segundo a inclinação dos homens a isso os levavam; ao passo que o culto do verdadeiro Deus deve ser perpétuo e imutável.

Podemos com razão colocar Molom no número desses insensatos, que se perdem por seu orgulho no desgarramento de suas idéias, mas os verdadeiros filósofos gregos não ignoravam o que eu disse sobre a essência e a natureza de Deus. Eles estão de acordo conosco e zombaram dessas ridículas ficções. Por isso Platão não admite poeta na sua república e exclui o mesmo Homero, com quem depois reconcilia, presta-lhe honra, coroando-o de louros, aspergindo-o com perfumes para que não destrua, por meio de suas fábulas, a idéia que se deve ter de Deus e lhe não arrebate a glória que lhe é devida. Esse grande personagem também imitou a Moisés, ordenando expressamente aos cidadãos da república, dos quais formou a imagem, que aprendessem com grande cuidado as leis que lhes dá, de medo que a elas se misture algo de estrangeiro, que lhe corrompa a pureza e lhes impeça a duração.

Molom não considera nenhuma dessas razões. Ele nos acusa ousadamente de não recebermos os que têm opinião e maneira de viver completamente contrárias às nossas, embora nada façamos do que os gregos fazem, e mais que nenhum outro dos que passam entre eles pelos mais prudentes. Os lacedemônios não recebiam estrangeiros e proibiam aos seus cidadãos viajar, de medo que suas relações com outros povos enfraquecessem em seu espírito o vigor da disciplina. Nisso poderíamos com justiça acusá-los de serem demasiado severos e podemos passar, parece-me, por mais bondosos e humanos, pois ainda que não tenhamos motivo de invejar leis e costumes de outras nações, não fazemos dificuldade em receber os que querem se instruir nos nossos.

Mas, deixando os lacedemônios, Molom mostra ignorar os sentimentos dos atenienses, que ao contrário dos lacedemônios, se vangloriam de que a entrada em suas cidade está aberta a todos e castigam com a morte os que ousam dizer, com relação aos deuses, a mínima palavra, a mais do que está exarado em suas leis. Não foi por esse motivo que eles fizeram Sócrates morrer? Tinha ele conspiração com os inimigos contra a pátria, ou querido profanar os Templos? Seu único crime foi ter usado de um novo juramento e ter dito iradamente ou por gracejo, que uma divindade lhe havia revelado o que ele devia fazer. Julga-se que o acusaram também de ter corrompido o espírito da juventude, inspirando-lhes o desprezo pelas leis e pelos costumes de seu país e cidadão de Atenas, como ele era, uma dessas coisas ou todas as duas, ao mesmo tempo, custaram-lhe a vida, sendo obrigado a beber cicuta.

Esses mesmos atenienses não condenaram também à morte Anaxágoras de Clazomende, porque ele julgava que o sol era um deus, da forma de uma pedra redonda, toda inflamada, que rodava sem cessar? Prometeram também um talento a quem lhes trouxesse a cabeça de Diágoras Meliano, porque ele fora acusado de ter zombado de seus mistérios; teriam feito morrer Pitágoras se ele não tivesse fugido, porque julgava-se que ele era autor de um escrito em que punha dúvidas sobre seus deuses. Mas admirar-nos-emos de que eles tenham tratado tão cruelmente os homens, quando fizeram morrer uma sacerdotisa, acusada de adorar deuses estrangeiros e ordenaram por meio de um édito a mesma pena contra os que tentassem introduzir uma nova crença? Está claro que eles não reconhecem por seus deuses os que as outras nações adoram, pois que do contrário não teriam querido se privar do auxílio que deles teriam podido esperar.

Os citas mesmos, tão cruéis que não sentem maior prazer do que derramar sangue humano e não diferem quase nada dos animais selvagens, os mais ferozes, não deixam de ser tão ciosos da observância de seus mistérios, que mataram Anacárcis, tão admirado pelos gregos pela sua grande sabedoria, porque ao seu regresso ele parecia compenetrado de respeito pelos deuses que lá são adorados.

Não vemos também que entre os persas muitos sofreram grandes tormentos pelo mesmo motivo? Ora, todos sabem que Molom aprecia muito as

leis dos persas e admira, como os gregos, a uniformidade de seus sentimentos com relação aos deuses e a constância invencível que eles demonstraram quando lhes queimaram os Templos. Mas ele não os estima somente, ele os imita, ultrajando as mulheres dos outros e fazendo em pedaços seus filhos, crimes que entre nós mereceriam a pena de morte, se os cometêssemos, ainda mesmo contra os irracionais.

CAPÍTULO 9

COMO OS JUDEUS SÃO OBRIGADOS A PREFERIR SUAS LEIS A TODAS AS OUTRAS. DIVERSOS POVOS NÃO SOMENTE AS AUTORIZAVAM COM SUA APROVAÇÃO, MAS OS IMITARAM.

Não houve poder, por maior que fosse, nem consideração qualquer, que jamais nos pudesse afastar da observância de nossas leis. O único desejo de as conservar e não o de nos engrandecemos nos fez empreender generosamente grandes guerras. Nós sofremos com paciência todos os outros males, mas quando quiseram tocar nessas santas leis, para defendê-las, praticamos atos de valor que parecem superiores às nossas forças, sem que o extremo a que nos vimos reduzidos tivesse podido afrouxar nosso ardor e enfraquecer nossa coragem. Como então poderíamos preferir a nossas leis às dos outros povos, vendo que elas não são observadas, nem mesmo por aqueles que as criaram? Como poderíamos não censurar os lacedemônios por sua pouca humanidade para com os estrangeiros e por sua negligência com relação aos casamentos? Como poderíamos não sentir horror pela abominação dos elídios, dos tebanos e de outros povos da Grécia, que se vangloriam de cometer pecados que causam vergonha à natureza? Que os misturaram às suas leis, que os atribuíram mesmo aos seus deuses e que soltando o freio de suas brutais paixões, não fazem caso de despo-sar suas próprias irmãs? Que direi dos meios de que vários desses legisladores de que eles se gabam, aqueles deram aos maus, para evitar o castigo de seus crimes, ordenando como pena de um adultério apenas uma multa pecuniária? Ou ainda depois de ter violado uma virgem ficar-se livre de desposá-la? Eu não o teria feito, se quisesse examinar particularmente todas as ocasiões que eles dão de renunciar à virtude e à piedade, e quantos pretextos

eles acharam para calcar aos pés todas as leis. É o que não se dá entre nós; nós observamos inviolavelmente as nossas leis até à morte; por não querer abandoná-las, fomos expulsos de nossas cidades e despojados de nossos bens. Não encontrará um só judeu, por mais afastado que ele esteja do seu país e por mais rudes e temíveis que sejam os príncipes sob a dominação dos quais eles vivem, que faça, por temor, algo contrário às suas leis. Se a pureza dessas leis nos torna tão afeiçoados à sua conservação, devemos estar de acordo em que elas são muito boas. E se dissermos que são más, e que é por teimosia que a ela nos apegamos, que castigo não merecem os que, julgando as suas mui perfeitas, não as observam?

Ora, como uma longa seqüência de séculos é a melhor de todas as provas, disso me servirei para mostrar as virtudes de nosso admirável legislador, e que nada se pode acrescentar à santidade das regras que ele nos deu, com relação ao culto que somos obrigados a prestar a Deus. devemos apenas computar os anos para vermos que Moisés precedeu de muito a todos os outros legisladores. Foi, portanto, de nós que vieram as leis que tantos outros abraçaram, e embora os mais sábios dos gregos observem aparentemente as de seu país, eles seguem na verdade as nossas, têm as mesmas idéias sobre Deus e ensinam a viver do mesmo modo.

Vários outros povos também há muito tempo ficaram tão impressionados pela nossa piedade, que não há cidade grega, nem bárbaros, onde não se deixe de trabalhar no sétimo dia, onde não se acendam lâmpadas e onde não se façam jejuns. Muitos mesmo se abstêm, como nós, de comer certas carnes e iguarias e procuram imitar a união em que nós vivemos, a comunicação que fazemos de nossos bens, nossa indústria nas artes e nossa constância no sofrimento, para observar nossas leis.

O que é, porém, muito mais admirável ainda é que, assim como Deus governa o mundo com sua sabedoria e com seu poder, nossa lei age por si, mesmo nos espíritos e nos corações, sem que seja necessário, para fazê-la observar, que se obrigue a quem quer que seja, e aqueles que refletirem no que se passa em seu país e em suas casas não terão dificuldade em prestar fé ao que estou dizendo. Poderemos então não admirar assaz a malícia dos que querem que abandonemos leis tão santas, para tomarmos outras más? Se eles

não o querem, que deixem então de nos atacar com calúnias. Protesto sinceramente que não me empenhei por ódio algum a defender esta causa. Meu único fim é sustentar a honra de nosso legislador e do que ele nos alegou, por ordem de Deus. Quando não compreendêssemos por nós mesmos a santidade dessas leis, o grande número dos que as observam e que as admiram nos deveria causar respeito para com elas. Já falei muito difusamente delas, bem como também da antigüidade de nossa nação e da forma de nossa república na minha história dos judeus; foi somente por necessidade que voltei a fazê-lo agora aqui, sem intenção de censurar os outros, nem de nos louvar, mas somente para mostrar a malícia dos que nos atacam e nos atribuem tantas coisas contrárias à verdade.

CAPÍTULO 10

CONCLUSÃO DESTAS PALAVRAS QUE CONFIRMAM AINDA O QUE JÁ FOI DITO EM FAVOR DE MOISÉS, E DA ESTIMA EM QUE SE DEVE TER A LEI DOS JUDEUS.

Penso ter cumprido plenamente o que tinha prometido, pois contra o que dizem esses caluniadores eu mostrei que nossa nação é muito antiga e que vários dos mais antigos historiadores fazem menção de nós em seus anais.

Os egípcios querem fazer crer que nossos antepassados eram originários de seu país e eu mostrei que eles para lá tinham ido procedentes de outro lugar. Dizem que eles tinham sido expulsos por causa de doenças corporais e eu mostrei que eles o fizeram, com coragem e decisão, para regressar ao seu país. Eles se esforçaram maliciosamente por fazer mau e eu mostrei outrossim que o mesmo Deus quis prestar testemunho de sua virtude e que ela foi louvada em todos os séculos.

Quanto às nossa leis, seria inútil estender-me mais a esse respeito, pois basta considerá-las para se ver logo que elas inspiram uma verdadeira piedade para com Deus e uma grande caridade para com os homens; convidam os que a professam a tornar comuns seus bens; são amigas da justiça e inimigas da injustiça; rejeitam o luxo e a ociosidade; recomendam a frugalidade e o trabalho; não incitam à guerra com o fito de enriquecer, nem de se aumentar o território, mas, por uma verdadeira generosidade, e não nos ensinam a pagar o

mal com o mal, nem a usar de dissimulação, mas querem que nossas ações sejam sempre conformes às nossas palavras.

Assim, eu digo com sinceridade que nenhum outro poderia dar tão bons conselhos e preceitos como nós. Que pode haver de mais louvável que uma piedade constante, de mais justo do que obedecer às leis e de mais vantajoso que viver numa perfeita união, sem que a adversidade nos torne insolentes? Que não termos na guerra medo da morte, ocuparmo-nos na paz da agricultura e das artes e em qualquer tempo e em qualquer lugar, estarmos sempre fortemente persuadidos de que Deus vê nossas ações, e que nada acontece no mundo, que por sua ordem e por sua determinação?

Se outros povos escreveram ou observaram estas coisas antes de nós, considerá-los-emos como nossos mestres e reconheceremos que muito lhes devemos. Mas se eles ao contrário as receberem de nós e eu demonstrei, como penso, que nenhum outro as pratica tão exatamente, que os Ápios, os Molons e todos os outros, que sentem prazer em inventar contra nós tantas imposturas e calúnias, deixem de nos atacar. Quanto a vós, virtuoso Epafrodita, que tendes tanto amor pela verdade, é para vós e para aqueles que desejam como vós ser instruídos no que se refere à nossa nação que eu realizei este trabalho.

O Martírio Dos Macabeus

Prefácio de Josefo

Tendo me determinado escrever, para mostrar que a razão, acom panhada pela virtude e pela piedade, domina as paixões, peço a atenção de todos os que lerem o que se segue. O assunto o merece, pois nos é muito importante sabermos que a razão nos fornece armas para vencer, pela temperança, a gula e a impureza; pela justiça, a injustiça e a malícia, e pela generosidade, a covardia e o temor.

Mas, dir-se-á, se a razão domina as paixões, por que não se torna ela também senhora da ignorância e do olvido? Esta questão é de pouca importância. Pois o juízo não pode vencer os defeitos, que se encontram em si mesmo, embora sobrepuje pela razão as paixões contrárias à temperança, à justiça e à generosidade e a razão não as domina, destruindo-as, mas não se conformando com elas.

Ser-me-ia fácil mostrar por meio de vários exemplos que é muito verdade que ela domina as paixões. Mas nada pode provar mais claramente que a constância invencível com que Eleazar, sete irmãos e sua virtuosa mãe, por meio de ações heróicas de virtude, deram suas vidas pela defesa da própria fé e mostram até o último respiro pelo desprezo dos tormentos mais horríveis, que a razão, quando é acompanhada pela virtude e pela piedade, domina as paixões. Contentar-me-ei, portanto, de relatar essa história, pois que a coragem e a paciência desses generosos mártires não somente foram admirados por testemunhas de seu suplício, mas por seus próprios algozes; e tendo vencido por sua constância a crueldade de um príncipe tão cheio de furor, seu sofrimento trouxe tranqüilidade para sua pátria.

Vou, porém, retomar meu primeiro discurso, para dar a glória que é devida à sabedoria infinita de Deus. Trata-se então de saber: se a razão é senhora das paixões; o que é a razão, o que são as paixões, qual a diferença entre elas e se a razão domina a todas.

A razão outra coisa não é que a justeza do espírito unida a uma sabedoria que nos serve de regra em nosso proceder e em nossas ações. A sabedoria

consiste no conhecimento das coisas divinas e humanas. Esse conhecimento mesmo nos dá a compreensão de nossa lei, nos ensina a reverenciar a Deus, nos instrui sobre o que é útil ao bem geral de todos os homens. A temperança, a justiça, a prudência e a generosidade são efeitos dessa sabedoria, mas a prudência eleva-se acima das outras e é por ela que a razão domina as paixões. Entre essas paixões há duas que compreendem todas as demais: o prazer e a dor; embora pertençam ao corpo, ele não as abriga, que por causa de sua relação com a alma, que, por seu lado, também tem seu prazer e sua dor. Outras paixões acompanham estas. O desejo precede o prazer e a alegria o segue. O temor precede a dor e a tristeza a segue; a cólera é uma paixão que se refere ao prazer e à dor. Ela nos leva a destruir o que nos priva de algum prazer e nos irrita contra o que nos causa dor.

Quando a voluptuosidade chega a se tornar um mau hábito, causa diversas paixões espirituais e corporais. O espírito deixa-se levar à vaidade, à ambição, à inveja, à teimosia, e o corpo aos excessos da boca. Essas más plantas produzem vários rebentos que a razão, como um sábio jardineiro corrige e corta, como sendo guia das virtudes e senhora das paixões. Começa por reprimir as que são contrárias à temperança, combate os maus desejos, quer espirituais, quer corporais, e vence a uns e outros; é por ela que nos abstemos de comer coisas que a lei proíbe e nos moderamos nas de que nos permite o uso, por mais repugnância que o corpo sinta; tanto é verdade que seus movimentos desregrados são reprimidos pela temperança, que a razão nos torna amável.

Poderíamos nos admirar de que essa mesma razão tenha também o poder de vencer as mais violentas paixões da alma, e apagar o fogo que o amor da beleza acende? Quem, entretanto, pode duvidar de que ela não opere com esse poder, pois, não louvaríamos tanto a castidade de José, se no ardor de sua juventude ela não lhe tivesse feito dominar os atrativos da voluptuosidade?

A razão não apenas vence as paixões agradáveis, mas de todas ela sai vencedora: Por isso a lei diz: Não desejareis a mulher do próximo nem algo que lhe pertença. Como a lei nos proíbe desejar, não é claro que ela nos julga capazes de vencer nossos desejos e as paixões que são contrárias à justiça? Do mesmo modo, se a razão não dominasse as paixões, como os que são levados à

gula poder-se-iam corrigir desse vício? Como aqueles que naturalmente são avarentos poder-se-iam resolver a emprestar sem juros? Mas lembrando-se de que a lei proíbe a usura e todos os outros ganhos ilícitos, eles reprimem pela razão o desejo do lucro. Podemos julgar do mesmo modo nas outras coisas que a lei determina que a razão domina as paixões. Assim, por maior respeito que tenhamos por nossos pais, a obrigação de obedecermos à lei impede-nos que façamos algo para agradá-los, contrário à virtude; por maior amor que tenhamos para nossas esposas não deixamos de repreendê-las por seus defeitos; por maior ternura que sintamos por nossos filhos, ela não nos impede castigá-los para corrigi-los de suas faltas; por mais amizade que tenhamos por nossos amigos, não deixamos de censurá-los quando fazem o mal; e o que é ainda mais difícil, não somente nos não vingamos de nossos inimigos, nem lhes cortamos as árvores frutíferas, mas se encontramos o que eles perderam nós lhes restituímos, e não lhes recusamos nosso auxílio em suas necessidades, como por exemplo, ajudando-os a levantar os animais nalguma queda.

A razão torna-se assim senhora das paixões, até das mais violentas, como a ambição, a vaidade, a inveja e o ódio. Por isso Jacó, nosso pai, cuja bondade e sabedoria não podemos estimar assaz, repreendeu severamente a Simeão e Levi pela matança que haviam feito entre os siquemitas, dizendo: "Que vossa cólera e furor, por que vos deixastes levar, sejam malditos". Como poderia ter ele falado desse modo se a razão não tivesse sobrepujado em seu coração o ressentimento pelo ultraje feito à sua filha?

Quando Deus, criando o homem, com uma só palavra, deu-lhe o livre-arbí-trio, rodeou-o e o revestiu de diversas paixões, colocou seu espírito sobre um trono, para dominá-las e deu-lhe depois leis, por meio das quais ele poderia fazê-lo e outrossim reinar sobre elas a temperança, a bondade e a justiça. Como então poder-se-ia dizer: se a razão é senhora das paixões, por que não é também dominadora da ignorância e do olvido? Essa pergunta não é extravagante, pois é evidente que o entendimento que forma nossa razão não pode, como eu disse, ser vitorioso sobre si mesmo, mas somente sobre as paixões? Podemos ter más inclinações, mas a razão nos dá força de vencê-las. Nós não poderíamos não ter desejos, mas a razão pode nos impedir de segui-los. Nós não poderíamos deixar de ser movidos pela cólera, mas a razão pode

nos conter, para não nos deixarmos levar por ela. Nós não poderíamos nos despojar de nossas paixões, mas a razão pode resistir-lhes. Davi disso nos dá um belo exemplo: Depois de ter, durante todo o dia perseguido os inimigos, matou um grande número deles, voltou à noite para sua tenda, cansadíssimo e com muita sede. Todos os seus puseram-se a comer e por mais ardente que fosse a sede e embora houvesse ali fontes e nascentes, ele não quis beber porque estava resolvido a matar a sede com a água de uma fonte que ainda estava em poder dos inimigos. Três daqueles valorosos oficiais, que jamais o abandonavam, comovidos por vê-lo sofrer tanto e sabendo do seu desejo, tomaram as armas e um vaso, atravessaram as defesas do inimigo e sem que os guardas percebessem, passaram pelo seu acampamento, chegaram à fonte, encheram o vaso e o trouxeram ao seu rei. Então, embora o grande rei ardesse de sede, julgou não poder, sem impiedade, beber de uma água que ele considerava como sendo o mesmo sangue, porque aqueles que a tinham trazido tinham se exposto para consegui-la, ao risco de perder a vida. Assim resistindo pela razão ao seu desejo, ele a derramou e ofereceu a Deus. Vê-se, pois, por estas palavras, que não há paixão que a razão não possa dominar, nenhum ardor que ela não seja capaz de extinguir, nenhuma dor que ela não tenha a força de superar e nenhuma luta de paixões de que não seja vitoriosa.

Livro Único

Capítulo 1

Simão, embora judeu, é causa de que Seleuco Nicanor, rei da Ásia, mande Apolônio, governador da Síria e da Fenícia, tomar os tesouros que estavam no Templo de Jerusalém. Alguns anjos aparecem a Apolônio, e ele cai semimorto. Deus, a rogo dos sacerdotes, salva-lhe a vida. Antíoco sucede ao rei Seleuco, seu pai, constitui Jasão, sumo sacerdote, o qual era muito ímpio, e serve-se dele para obrigar os judeus a renunciar à sua religião.

Devemos agora trazer provas do que eu disse do poder da razão sobre os sentidos. Nossos antepassados gozavam de profunda paz; seu sábio proceder e sua piedade faziam-nos estimados de todos e Seleuco Nicanor, rei da Ásia, permitia tomarem eles tanto dinheiro quanto quisessem, para empregá-lo no serviço de Deus, mas alguns malvados, que só sentiam prazer nas agitações e nas guerras, foram-lhe causa de grandes males.

Um certo Simão, traidor de sua pátria, depois de ter perseguido muito a Onias, sumo sacerdote, mas inutilmente, porque ele era um homem de bem e nada havia de censurável em suas ações, foi procurar Apolônio, governador da Síria e da Fenícia, e disse-lhe que seu zelo pelo serviço do rei o obrigava a declarar-ihe que havia no tesouro do Templo de Jerusalém uma quantidade muito grande de dinheiro que o rei tinha o direito de tomar. Apolônio, depois de muito ter elogiado esse péssimo indivíduo, avisou a Seleuco e recebeu ordem dele de ir acompanhado por Simão apoderar-se daquele tesouro. Dirigiu-se depois com grandes tropas a Jerusalém e os judeus para dissuadi-lo de executar tão injusta resolução, disseram-lhe que não se poderia sem grande impiedade despojar o Templo daquilo que tinha sido consagrado a Deus... Mas Apolônio, sem se incomodar com essas razões, entrou com ameaças no Templo para saqueá-lo seguido por seus soldados. Então os sacerdotes, como também suas mulheres e filhos, recorreram a Deus para pedir-lhe com fervorosas preces

que protegesse aquele lugar santo, onde Ele era adorado, contra aqueles profanadores, que tiveram a ousadia de desprezar o seu poder. Apolônio então viu uns anjos em forma de cavaleiros descerem do céu e suas armas brilharem com vivíssima luz; foi tal o terror que sentiu que ele caiu por terra, semimorto. Pediu então com lágrimas nos olhos que os sacerdotes intercedessem a Deus por ele, a fim de que se retirassem aqueles temíveis ministros de sua vontade. Onias, comovido por suas preces e temendo que se ele morresse, Seleuco acusasse os judeus como culpados disso, rogou por ele; Deus escutou-o e Apolônio deu contas ao rei, seu amo, do que havia acontecido.

Seleuco morreu, logo depois, e Antíoco, seu filho, sucedeu-o no trono. Era um príncipe soberbo e cruel. Tirou a sacrificadura de Onias e a deu a Jasão, seu irmão, com a condição de ele lhe pagar, a cada três anos, mil e seiscentos e sessenta talentos. Como ele era mau e ímpio, apenas se viu elevado a essa dignidade; ele procurou afastar o povo do serviço de Deus e o levou, a seu exemplo, a se entregar a toda sorte de crimes e de coisas abomináveis. Não se contentou de estabelecer em Jerusalém academias de exercícios profanos, mas subverteu toda a ordem do Templo. Deus, porém, castigou logo tanta impiedade e serviu-se de Antíoco mesmo, para fazer sentir àqueles malvados os efeitos de sua indignação e de sua cólera. O príncipe soube que quando ele fazia guerra a Ptolomeu, rei do Egito, correra a notícia de que ele havia morrido, a cidade de Jerusalém tinha, mais que qualquer outra, dado demonstrações de alegria e ele para lá se dirigiu com seu exército, saqueou-a e ordenou por um édito que todos os que continuassem a viver na religião de seus antepassados seriam castigados com a morte.

Seu furor foi ainda além. Vendo que nem suas ordens nem suas ameaças podiam obrigar os judeus a renunciar às suas santas leis e que havia mesmo mulheres que, depois de ter feito circuncidar seus filhos, morriam com eles, orque preferiam perder a vida do que a alma, resolveu obrigá-los, por meio de tormentos, a abjurar à sua religião.

CAPÍTULO 2

MARTÍRIO DO SANTO SUMO SACERDOTE ELEAZAR.

Para executar esse desígnio tão tirânico, o cruel príncipe subiu a um lugar elevado, acompanhado pelos mais importantes da sua corte e por todos os soldados, com armas. Em seguida, mandou reunir os judeus e ordenou-lhes que comessem a carne dos porcos que ele tinha imolado aos seus ídolos, em sacrifícios abomináveis, sob pena de morte nas rodas, caso recusassem a obedecer-lhe. Eleazar foi um dos que se lhe apresentaram. Ele era de família sacerdotal, muito instruído nas nossas leis e nos nossos costumes, venerável por sua idade e conhecido de todos por suas virtudes. Antíoco, depois de o ter observado, disse-lhe: "Não espereis que os tormentos vos obriguem a fazer o que eu ordeno, mas procureis salvar a vossa vida, obedecendo-me. A compaixão que tenho de vossa idade, vendo que ainda não estais desiludido de vossa falsa religião, faz-me dar-vos este conselho. Poder-se-á sem extravagância sentir horror por uma carne que é muito boa e não desprezar somente por uma ridícula superstição o favor que a natureza vos faz de vo-la dar, mas desprezar a mim e correr assim voluntariamente ao suplício?

"Desiludi-vos dessa vã sabedoria, obedecei ao que eu vos ordeno e dai-me assim o meio de vos fazer sentir os efeitos de minha bondade. Quando mesmo com isso viésseis a desobedecer a vossa lei, ela vo-lo perdoará, se é tão justa como a julgais, pois que não o fazeis voluntariamente, mas à força".

Antíoco assim falou e permitiu a Eleazar que lhe respondesse deste modo: "Estando certo, majestade, como eu estou da veracidade de minha religião, não há violência nem tormento que me levem a fazer algo que lhe seja contrário. Vós estais persuadido de que ela está cheia de erros e eu creio firmemente no contrário, isto é, que ela é santa e divina. Como ser-me-ia então permitido renunciar a ela? Vossa majestade não deve imaginar que é pecado leve comer carnes que entre nós são consideradas como impuras. Não devemos fazer distinção entre coisas pequenas e grandes quando são proibidas, pois é desprezar igualmente a lei, não observá-la tanto numa como nas outras. Vós considerais uma loucura a sabedoria que temos em tão grande estima: é ela que nos ensina a abraçar a temperança, a amar a justiça, a desprezar a voluptuosidade e a vencer de tal modo as nossas paixões por uma generosa resolução de agradar a Deus, que não há tormento que não soframos com alegria para demonstrar-lhe a fidelidade que lhe devemos, como único Deus,

Eterno e Todo-poderoso. Como então poderíamos comer carnes que nós cremos impuras, porque Ele nos proibiu, e sua vontade, sendo nossa lei suprema, não devemos considerar os sentimentos da natureza, quando lhe são opostos? Ele nos permite comer o que sabe que nos é próprio, proíbe-nos comer o que sabe nos ser prejudicial, e não se pode, sem exercer sobre nós uma injusta violência, obrigar-nos a desobedecer-lhe. Censurai, pois, majestade, o meu proceder quanto quiserdes; eu não deixarei de observar as leis dadas por Deus a nossos antepassados e a conservar inviolavelmente o nosso juramento. Quando me arrancásseis os olhos, quando me rasgásseis as entranhas, minha velhice não impedirá que, para cumprir o que eu devo a Deus, encontreis em mim todo o entusiasmo da mais corajosa e da mais vigorosa juventude. Preparai, pois, corajosamente as rodas, acendei os fogos e vereis se minha idade é capaz de algo fazer de contrário ao que nossos pais tão religiosamente observaram. Santas leis, de onde tirei a minha instrução, jamais eu vos hei de desobedecer. Cara continência, que tornais pura a minha alma e meu corpo, casto, jamais hei de renunciar a vós. Sábia resolução que fortificais meu coração, jamais me envergonharei de vos haver tomado. Veneravel sacrificadura, que dais a compreensão da lei, jamais deixarei de vos homenagear e reunir-me-ei aos meus antepassados no céu, porque desprezarei até à morte todos os tormentos com que me querem atemorizar".

Depois que Eleazar respondeu deste modo, Antíoco fez seus guardas despojarem-no de suas vestes, atacarem-no e vergastá-lo até fazer sangue; um arauto clamava ao mesmo tempo que ele obedecesse ao rei. Embora, porém, seu sangue corresse de todos os lados e seus ossos estivessem a descoberto, nada foi capaz de quebrar a sua constância e firmeza e ele estava tão tranqüilo como se dormisse profundo sono. Ele somente levantava os olhos para o céu; seu corpo não podia mais resistir à violência de tantas dores; caiu então por terra, sem que sua alma se abatesse. Um daqueles cruéis soldados pisou-lhe o ventre, para obrigá-lo a se levantar, mas o santo velho, desprezando tudo o que lhe podiam fazer sofrer, venceu pela sua constância a crueldade daqueles ímpios e os obrigou a admirar-lhe a resolução e coragem.

Sua velhice causou compaixão aos que acompanhavam o rei e alguns gritaram-lhe: "Que imprudência vos leva, Eleazar, a sofrer tantos tormentos,

quando poderíeis evitá-los? Só tendes, para vos salvardes, que comer a carne que vos é apresentada". Então esse verdadeiro servo de Deus, que se havia calado nas maiores dores, disse: "Eu seria muito indigno de ser descendente de Abraão, se quisesse seguir tão mau conselho, como o que vós me dais. Não seria loucura ter vivido até agora no amor da verdade e ter posto toda a minha glória em observar nossas santas leis, para abandoná-las na velhice, comendo de uma iguaria que eu não poderia saborear, sem cometer um sacrilégio? Deus me livre de comprar com um tão grande crime a prolongação desse pouco de tempo que me resta de vida e de me expor, com essa covardia, à zombaria de todo o mundo".

Depois de terem feito tudo para persuadir ao bom velho, viram que sua constância era invencível; atiraram-no ao fogo, aproximando-lhe do nariz os cheiros mais nauseabundos. Quando o fogo o queimou até os ossos, e ele estava prestes a exalar o último suspiro, ainda dirigiu a Deus uma oração nestes termos: "Senhor, em quem ponho todas as minhas esperanças e toda a minha salvação, e que vedes o que eu sofro, vós sabeis que eu padeço tantos tormentos unicamente para não desobedecer à vossa santa lei. Tende compaixão do vosso povo, contentai-vos de satisfazer sobre mim a vossa justiça, purificai-o por meu sangue e salvei a vida a todos os outros, tomando a minha". Terminando esta oração, ele morreu e mostrou como tudo o que dissemos é verdadeiro, isto é, que a razão domina as paixões, pois se fosse por elas vencida, com esse generoso ancião teria podido decidir-se a sofrer tantos tormentos? Devemos, pois, confessar que é a razão que nos torna capazes de desprezar as dores e de triunfar sobre a voluptuosidade.

No meio da tempestade que as ameaças do tirano e a crueldade de tantos e tão diversos suplícios excitaram nos sentidos desse admirável mártir, sua razão, como um excelente piloto, conservou sempre tão firmemente o leme, que o furor dos ventos e das vagas não puderam afastá-lo da verdadeira rota e ele levou, com rara felicidade, seu barco ao porto de uma vida gloriosa e imortal. Essa mesma força invencível da razão pode-se ainda comparar a uma fortaleza, cuja resistência vence todos os esforços e todas as máquinas, que o furor de um grande rei empregou inutilmente para delas se apoderar. Oh! bem-aventurado ancião, verdadeiramente digno de honra do sacerdócio, não manchastes vossos

lábios com essas carnes abomináveis de que não se poderia comer sem impieda-de. Oh! verdadeiro observante da lei! Oh! espírito cheio daquela sabedoria celeste, que só se conquista pela meditação contínua da Palavra de Deus, é assim que aqueles que são chamados ao ministério do altar devem, derramando seu sangue, dar testemunho da própria fé; é assim que eles devem combater até a morte, para defendê-la. Vós nos ensinais, por vossa constância, a tudo sofrer para merecer a mesma glória. Nada foi capaz de abalar vossa santidade e confirmais com vossas ações a verdade das palavras que vos inspirava uma sabedoria toda divina. Ilustre ancião, vós vos colocastes acima dos tormentos mais temíveis, o fogo, assaz poderoso como é, foi obrigado a vos ceder. Do mesmo modo que Aarão, correndo com o turíbulo na mão, deteve o anjo que estava prestes a exterminar todo o povo, assim, esse digno sucessor desse soberano sumo sacerdote, ainda que estivesse no meio das chamas, não mudou de sentimentos; sua velhice nada diminuiu de sua energia e tendo seu corpo já destruído, os nervos descobertos, ele elevou-se com o pensamento à pátria celeste. Oh! velhice, como sois ilustre! Oh! cabelos brancos, como sois venerados! Oh! vida, passada toda numa fiel observância da lei do Senhor, como sois feliz de ter até o último suspiro tão generosamente desprezado todos os males da terra e mostrado com vossa morte a pureza de vossa fé.

CAPÍTULO 3

LEVAM A ANTÍOCO A MÃE DOS MACABEUS COM OS FILHOS. ELE FICA COMOVIDO POR VER ESSES SETE IRMÃOS TÃO BELOS E APRESENTÁVEIS. FAZ TUDO O QUE PODE PARA PERSUADI-LOS A COMER A CARNE DE PORCO, E MANDA TRAZER, PARA ASSUSTÁ-LOS, TODOS OS INSTRUMENTOS DE SUPLÍCIO, OS MAIS CRUÉIS. MARAVILHOSA GENEROSIDADE COM QUE TODOS LHE RESPONDEM.

Mas, para melhor ainda demonstrar como é verdade, que a razão, cheia de piedade, domina as paixões, eu referirei também o exemplo de alguns jovens, que a razão fez vitoriosos sobre os maiores tormentos que o mais bárbaro furor poderia inventar.

Antíoco, levado pela cólera, por ver que a extrema constância de um ancião tinha vencido sua crueldade, ordenou que lhe trouxessem alguns outros

judeus, com a deliberação de pô-los em liberdade, se eles comessem a carne de porco e de mandar matá-los, se se recusassem.

Apresentaram-lhe uma senhora venerável por seu nascimento e por sua idade, com seus sete filhos, tão belos e tão formosos, que ele ficou surpreendido. Ordenou-lhe que se aproximasse e disse-lhe: "Não somente vejo, com prazer, mas admiro-me ainda, de que sejais em tão grande número e tão formosos. Assim, não somente eu vos aconselho, mas rogo-vos a não imitar a loucura daqueles que se perdem por sua imprudência. Procurai ser da minha mesma opinião e sentimentos e tornai-vos dignos de meu afeto. Eu não estou menos disposto a fazer o bem aos que me obedecem, como resolvido a castigar severamente os que ousam resistir às minhas ordens. Confiai na minha palavra e sentir-lhe-eis o efeito. Renunciai às superstições dos vossos antepassados, comei da carne que os gregos comem e conservai assim vossa vida e vossa juventude, por um sábio proceder. Do contrário, se não abandonardes àqueles dos quais eu me declarei inimigo, mandarei matar a todos, ainda que sinta compaixão da vossa idade e da vossa beleza. Não delibereis. Não há meio-termo entre obedecer-me ou perder a vida no meio dos tormentos".

Depois de ter assim falado, ele mandou trazer todos os instrumentos de suplícios, os mais horríveis, a fim de incutir o terror no espírito daqueles sete irmãos, para que fizessem o que ele desejava. Vieram rodas, caldeiras, grelhas, unhas de ferro, tenazes, açoites e todos os instrumentos que a crueldade mais horrível pode inventar e que não se podia contemplar, sem estremecer. Então o príncipe disse-lhes: "Tremei, jovens! Se temeis fazer algo contrário à vossa religião, quem vos poderá censurar, pois a isso fostes obrigados?" Aqueles fiéis servidores de Deus, porém, em vez de se deixarem persuadir por essas palavras, e se acovardarem pelo terror de tantos tormentos, não somente não se sentiram abatidos pelo temor, mas reafirmaram ainda mais a sua resolução de resistir; só assim venceram a crueldade desse príncipe.

Se algum dentre os nossos tivesse perdido o ânimo, teria dito estas palavras aos outros: "Miseráveis que somos! Perdemos então o juízo? O rei nos pede e nos promete recompensas se fizermos o que ele nos ordena e em vez de obedecer-lhe, nós nos obstinamos por pensamentos vãos de generosidade, numa resistência que nos custará a vida, como castigo de nossa ousadia? É

possível, meus irmãos, que tantos tormentos não nos assustem e não nos levem dessa loucura? Não teremos compaixão de nós mesmos, quando em nossa juventude, apenas começamos a gozar as doçuras da vida e não teremos também piedade da velhice de nossa mãe? Deus é muito bom, para nos perdoar o que o temor das ameaças do rei nos terá obrigado a fazer. Não sejamos, pois, os assassinos de nós mesmos, não mostremos por vaidade não temer tão horríveis sofrimentos, mas cedamos a uma necessidade inevitável. Pois que a lei não nos permite darmos a morte, para nos isentarmos dos maiores tormentos, que vantagem teremos de nos expormos a eles, quando nada a isso nos obriga, e o rei nos exorta a conservar a vida?"

Mas, embora esses jovens se vissem prestes a sofrer tais torturas, a razão reinava de tal modo sobre seus sentidos e dava-lhes tal desprezo pelo sofrimento, que bem longe estavam de pensar e de dizer algo de semelhante. Antíoco apenas os tinha exortado a comer daquela carne, de que se não podiam servir sem manchar a alma, e todos juntamente, como se tivessem uma só voz, animados pelo mesmo espírito, responderam-lhe: "É em vão que pretendeis nos persuadir a vos obedecer. Estamos resolvidos a morrer antes que violar as leis dadas por Moisés a nossos antepassados. Nós teríamos vergonha de ser descendentes deles se não as observássemos. Deixai, pois, de nos aconselhar a cometer tão grande crime; deixai de nos dar, sob pretexto de bondade, provas de vosso ódio; a morte nos parece muito mais suave do que essa cruel compaixão que nos quer salvar a vida à custa de nossa salvação. Julgais assustar-nos com vossas ameaças, como se pudesse haver maiores tormentos do que os que a vossa horrível desumanidade fez sofrer a Eleazar e que nos prepara também para nós? Se não há torturas que a piedade desse santo ancião não o tenha feito sofrer, com constância, nossa juventude nos torna ainda mais capazes de as desprezar e de as sofrer, para obtermos, imitando-o, uma coroa semelhante à sua. Experimentai então, se puderdes, fazer também morrer nossas almas, porque elas querem permanecer fiéis a Deus, e não vos vanglorieis da esperança de poder abater nossa coragem pelo que sofrerão nossos corpos, pois que nossa paciência, unida a esses sofrimentos, nos fará vitoriosos desse combate? Ao passo que a justiça de Deus vos castigará com tormentos eternos, por ter tão injustamente manchado vossas mãos no nosso

sangue".

CAPÍTULO 4

MARTÍRIO DO PRIMEIRO DOS SETE IRMÃOS.

Uma resposta tão corajosa e tão generosa pôs esse bárbaro príncipe em desesperado furor, porque ele não considerava somente aqueles sete irmãos como desobe-dientes, mas como ingratos, que desprezavam os favores que lhes queria fazer.

Os algozes para obedecer-lhe, começaram por arrancar as vestes do mais velho dos irmãos, amarraram-lhe as mãos às costas e o vergastaram com açoites, até rasgarem-lhe a carne. Estenderam-no depois na roda, onde se quebraram todas as partes de seu corpo; então ele dirigiu a palavra a Antíoco e disse: "Oh! crudelíssimo dentre todos os tiranos, que vos fiz para me pordes neste estado? Sou talvez um assassino ou violei com algum outro crime a lei de Deus? Não é justamente o contrário, porque eu a quero guardar, que me tratais deste modo?" Os guardas do príncipe então disseram-lhe: "Prometei comer esta carne e livrar-vos-eis de todos estes sofrimentos". Ele, porém, respondeu: "Ministros da iniqüidade, por mais temível que seja esta roda, jamais o será para me fazer mudar de resolução. Cortai todos os meus membros em pedacinhos, consumi toda a minha carne no fogo, quebrai todos os meus ossos, eu vos mostrarei que não há tormento contra os quais os verdadeiros filhos dos judeus não saiam vencedores, por sua constância e por sua fé". Enquanto ele assim falava os carrascos acenderam o fogo sob aquela terrível roda, banhada de sangue, que jorrava de seu corpo; via-se cair pelos raios a carne em pedaços, os ossos estavam todos quebrados e moidos. Mas no meio de tantos e tão horríveis sofrimentos esse generoso israelita, digno sucessor de Aarão, não soltou nem um suspiro. Como se o fogo não agisse sobre seu corpo, senão para torná-lo incorruptível e impassível, sua alma permanecia sempre numa atitude tão elevada, acima dos seus sofrimentos, que ele disse aos seus irmãos: "Agora não nos deve restar nenhum pensamento do presente século. Chegou a hora de mostrarmos a grandeza de alma que a torna vitoriosa sobre todos os sentimentos da natureza. Devemos responder com nossa coragem à honra que

temos de ser incluídos nessa milícia santa, que nos obriga a dar nossa vida com alegria para cantarmos a glória de Deus. Ele é bom, é Todo-poderoso: toda nossa nação deve-lhe a nossa fidelidade; não há castigos que esse tirano não deva esperar de sua justiça". Morreu, depois de ter dito estas palavras, e sua coragem invencível encheu de espanto a todos os que foram testemunhas do seu martírio.

CAPÍTULO 5

MARTÍRIO DO SEGUNDO DOS SETE IRMÃOS.

Os guardas de Antíoco trouxeram depois o segundo dos sete irmãos; puseram-lhe nas mãos uma espécie de manopla de ferro, cujos dedos terminavam, em pontas afiadas, ferindo as unhas; amarraram-no em seguida a um instrumento de suplício, chamado catapulta. Depois perguntaram-lhe, se para evitar outros tor-mentos ele estava disposto a obedecer às ordens do rei. Vendo, porém, que ele continuava firme em sua deliberação, de não obedecer, os carrascos arrancaram-lhe a pele da cabeça e rasgaram-lhe a carne, até o ventre com unhas de ferro. Mas em vez de se queixar, naquelas dores cruéis, ele as suportou com tanta paciência que ainda disse a Antíoco: "Pode haver gênero de morte que não seja suave quando se sofre, para não renunciar à religião de nossos antepassados? Não sois mais atormentado do que eu, vendo que meu respeito e meu amor pela lei de Deus me dá a força de triunfar, pela minha constância sobre a vossa espantosa crueldade? O prazer de cumprir o meu dever abranda todos os meus tormentos. Mas os horríveis castigos com que Deus ameaça a vossa impiedade não poderiam não tormentar vossa alma e nada será capaz de vos livrar dos raios de sua cólera".

CAPÍTULO 6

MARTÍRIO DO TERCEIRO DOS SETE IRMÃOS.

Depois que este generoso mártir terminou a vida como acabamos de narrar, trouxeram o terceiro dos sete irmãos. Exortaram-no a se livrar da morte pela obediência às ordens do rei: ele, porém, respondeu: "Ignorais que aqueles

que acabam de morrer e eu, temos nossa origem do mesmo pai e da mesma mãe, e que recebemos as mesmas instruções? julgais que sendo do mesmo sangue eu não tenha a mesma coragem?" Palavras tão corajosas foram intoleráveis a Antíoco, e acenderam ainda mais o fogo de sua cólera. Mandou então amarrá-lo de pés e mãos a um instrumento de tortura, feito em círculo. Esse instrumento quebrou todas as juntas que uniam cada uma das partes de seu corpo, estropiou as outras, mas nada foi capaz de fazê-lo mudar de idéia. Arrancaram-lhe a pele com unhas de ferro e colocaram-no sobre a roda. Quando esse invencível mártir viu sua carne feita em pedaços, suas entranhas rasgadas, seu sangue correr de todos os lados e estando prestes a deixar a vida, ele disse ao cruel príncipe: "Impiedoso tirano, é para observar a lei de Deus e prestar a honra que eu devo ao seu soberano poder, que eu sofro todos estes tormentos. Eles, porém, são passageiros, ao passo que os que vós sofrereis, como castigo de vossa impiedade e de vossos sacrilégios homicidas, serão eternos".

CAPÍTULO 7

MARTÍRIO DO QUARTO DOS SETE IRMÃOS.

As palavras desse glorioso mártir foram seguidas de sua morte, e logo trouxeram o quarto dos sete irmãos. Exortavam-no a não imitar a loucura que tinha custado a vida aos precedentes; ele, porém, respondeu: "Por mais ardente que seja o fogo que acendereis para me queimar, ele não me fará medo. Sei que nada mais se pode acrescentar à felicidade de que agora gozam meus irmãos, bem como à desgraça que experimentará um dia esse cruel príncipe, e nada desejo senão morrer como eles, para gozar como eles de uma vida que não terá fim. Por isso", acrescentou, falando a Antioco, "inventai novos suplícios a fim de ver se eu não sou um verdadeiro irmão dos que fizestes morrer no meio de tantos e tão horríveis tormentos". O rei, levado pelo furor, ouvindo-o falar daquele modo, ordenou que lhe cortassem a língua e então ele disse: "Ainda que me priveis do órgão da palavra, Deus não deixará de ouvir a minha voz. Podeis cortar minha língua e eu vo-la apresento para ser cortada, mas não tendes poder sobre meu espírito. Verei com prazer cortarem todas as outras partes de

meu corpo para testemunhar com esse sacrifício, que com ele dou a Deus uma prova do meu amor; mas Ele vos castigará bem depressa por cortardes uma língua que eu queria apenas empregar para cantar as suas glórias e seus louvores". Cortaram em seguida a língua e ele expirou no meio dos tormentos.

CAPÍTULO 8

MARTÍRIO DO QUINTO DOS SETE IRMÃOS.

O quinto dos sete irmãos veio então por si mesmo apresentar-se e falou assim a Antioco: "Eu vim sem esperar que me obriguem, a me oferecer, para sofrer por minha religião o mesmo tormento que meus irmãos, a fim de que, multiplicando vossos crimes, a mão de Deus pese ainda mais sobre vós, para vos fazer sentir os terríveis efeitos que deveis esperar de sua justiça. Inimigo dos homens, inimigo da virtude, que fizemos para vos obrigar a nos tratar deste modo? É verdade que professamos adorar o Criador de todas as coisas e de observar suas santas leis; mas é isso motivo para nos fazer morrer no meio dos tormentos e nisso não somos nós, ao invés, dignos de elogio?" Quando ele assim falava os carrascos ataram-no e o amarraram pelos joelhos à catapulta com cadeias de ferro, quebrara-lhe todos os ossos da espinha, com cunhas, que enfiavam com força por baixo das cadeias de ferro, e o rolaram na orla da máquina, que estava cheia de pontas de ferro, em forma de escorpiões. Mas, embora o corpo do mártir estivesse crivado de feridas e ele suportasse uma dor imensa, seu espírito estava sempre livre e ele disse a Antioco: "Mais esses tormentos são cruéis, mais vós me obrigais contra vossa intenção pelo meio que eles me dão, a testemunhar que nada é capaz de me fazer violar suas santas leis".

CAPÍTULO 9

MARTÍRIO DO SEXTO DOS SETE IRMÃOS.

Depois da morte do quinto dos irmãos, trouxeram o sexto, que era muito jovem. Antioco perguntou-lhe se ele não queria salvar a vida, comendo a carne que ele havia ordenado comer e ele respondeu: "É verdade que quanto à idade

eu sou mais moço que meus irmãos, mas não tenho menor firmeza e coragem do que eles. Como fomos educados juntos e instruídos nos mesmos sentimentos, eu os conservarei como eles, até à morte. Por isso, se resolvestes fazer atormentar-me porque eu não quero comer dessas iguarias, que nossa lei proíbe, não deveis perder tempo". Estenderam-no então sobre a roda, para queimá-lo a fogo lento, furaram-lhe todas as partes do corpo até às entranhas, com pequenas pontas de ferro, bem agudas, que haviam feito ficar rubras no fogo. Ele permaneceu intrépido nesse combate e disse, dirigindo-se a Antioco: "Feliz e glorioso tormento que, sobre tantos irmãos não lhe puderam vencer a constância, porque todos eles o sofreram pela própria religião e uma consciência pura acompanhada pelas boas obras, é invencível. Inimigo dos servos de Deus, estou pronto a morrer com meus irmãos e a ser como eles para vossa alma criminosa, um objeto de horror que a atormentará sem cessar. Por mais jovens que sejamos, triunfaremos de vossa tirania, sem que esteja em vosso poder fazer-nos experimentar essa comida, de que não poderia eu me servir sem sacrilégio. Nós só encontramos frescura no fogo e alegria nos tormentos, porque desejando executar, não as ordens de um tirano, mas as de Deus, nossa resolução é inquebrantá-vel". Mal havia acabado de dizer estas palavras, lançaram-no a uma caldeira, onde terminou sua vida mortal para passar à eterna.

CAPÍTULO 10

MARTÍRIO DO ÚLTIMO DOS SETE IRMÃOS.

Trouxeram em seguida o mais jovem e o último dos sete irmãos. Antioco não pôde deixar de sentir dó: estavam para amarrá-lo, quando ele o chamou e procurou persuadi-lo a obedecer-lhe: "Vistes de que modo vossos irmãos terminaram a vida no meio dos tormentos. Não imiteis seu exemplo. Tornai-vos, ao contrário, digno de meu afeto e das graças que estou disposto a fazer-vos e a vos honrar". Depois de ter dito estas palavras, mandou buscar sua mãe e disse-lhe quanto a lastimava por lhe haverem arrebatado tantos filhos. Exortou-a a fazer o possível para salvar o único que lhe restava, persuadindo-o a fazer o que ele desejava. A generosa mulher, em vez de seguir essa ordem, fortaleceu ainda mais o filho em sua resolução, falando-lhe em hebreu; então ele disse aos

guardas: "Desamarrai-me, a fim de que eu possa dizer ao rei, na presença daqueles em quem mais ele confia, coisas que eu lhe tendo a dizer". Desataram-no imediatamente com grande alegria e ele correu ao lugar onde o fogo estava aceso para queimá-lo, exclamando: "Oh! cruel e ímpio, o mais cruel e o mais ímpio de todos os tiranos, não foi Deus quem vos pôs a coroa na cabeça? E sentis prazer em fazer morrer seus servos nos mais horríveis tormentos, porque eles lhe querem ser fiéis? Sua justiça vos pedirá contas de seu sangue e vós vos queimareis num fogo que não será somente muito mais ardente do que o que a vossa crueldade fez acender e vossos tormentos serão sem fim. O furor dos animais ferozes não é comparável ao vosso! Eles pelo menos poupam seu semelhante. Vós, como homem, sentis prazer em fazer sofrer homens, o que não podemos pensar, sem horror. Mas, morrendo com constância invencível, eles satisfazem plenamente ao que devem a Deus, ao passo que, por maiores que sejam as penas que sofrereis na outra vida, não poderiam expiar tão grande crime, como o de fazerdes morrer pela mais detestável de todas as injustiças, pessoas, não somente inocentes, mas muito justas. Eis-me pronto a segui-los. Quero fazer ver que sendo seu irmão, não degenero de sua virtude". Dizendo estas palavras, lançou-se ao fogo e morreu.

CAPÍTULO 11

DE QUE MANEIRA ESSES SETE IRMÃOS HAVIAM SE EXORTADO RECIPROCAMENTE NO MARTÍRIO.

Que pode melhor provar que a razão, a qual inspira sentimentos tão virtuosos e tão generosos e triunfa sobre as paixões, do que a constância com que esses sete irmãos desprezam até a morte, os mais horríveis de todos os tormentos, tornando-se vencedores quando outros, vencidos pela fraqueza, comiam da carne de animais imundos, oferecidos em sacrifícios detestáveis? Podemos então assaz agradecer a Deus ter-nos dado essa razão que nos faz triunfar sobre as paixões e as dores. Foi pela força da razão que esses sete irmãos resistiram ao poder do fogo e foram como outras tantas torres, solidamente erguidas à beira-mar, que desprezam o esforço e o ímpeto das ondas, dos ventos e das vagas. Para se exortarem uns aos outros à firmeza em

sua resolução, um dizia: "O nascimento nos uniu, não nos separemos na morte, mas demos todos juntos nossa vida pela defesa de nossa religião. Imitemos os três moços que caminharam sem temor sobre as chamas ardentes na fornalha de Babilônia e não mostremos menos zelo do que eles pela observância da lei de Deus". Um outro dizia: "Coragem, meus irmãos!" Outro: "Devemos permanecer firmes até o último suspiro". Um outro dizia: "Lembremo-nos de que somos descendentes de Abraão, que, para mostrar a Deus sua obediência, ofereceu-lhe Isaque, seu filho, em sacrifício". Assim, todos animavam-se nesse glorioso combate, com uma generosidade incomparável e fortalecendo-se cada vez mais, diziam: "Oferecemos de todo o nosso coração a Deus a vida que dEle recebemos, para empregá-la em defender suas santas leis. Não tememos aqueles que só podem matar o corpo, porque sabemos que tormentos eternos esperam num outro mundo os que não guardam seus mandamentos e nos devemos armar de uma firme resolução de obedecer à sua vontade, a fim de que, depois de nossa morte, Abraão, Isaque e Jacó, e nossos outros santos predecessores, nos recebam com alegria para participarmos de sua glória".

Quando um dos irmãos era atormentado, os outros que ainda viviam diziam-lhe: "Não envergonhes, irmão, nem a nós, nem aos que acabaram de expirar. Não sabes que nada é mais agradável a Deus, nem lhe deve ser mais forte, do que esse laço de amor com que sua sabedoria infinita uniu os irmãos? Eles quis que eles devessem uma parte de seu ser aos pais; que as mães os concebessem em seu seio e eles aí fossem formados, aí ficassem durante o mesmo tempo e fossem alimentados com o mesmo e gerados da mesma maneira, recebendo a alma e, depois de terem visto a luz do dia, tirassem o alimento da mesma fonte, sugando o mesmo leite, fossem tomado nos mesmos braços, criados, educados e instruídos da mesma maneira na lei de Deus e nas santas práticas de nossa religião".

Assim, esses sete irmãos, numa mesma e estreita união, exortavam-se uns aos outros, porque a maneira como tinham sido educados acrescentava ainda a piedade ao seu afeto fraterno e a natureza era fortalecida pela virtude, sem que a magnitude dos tormentos dos que os haviam precedido na morte lhes fosse capaz de causar horror.

CAPÍTULO 12

ELOGIOS DOS SETE IRMÃOS.

Esses admiráveis irmãos, exortando-se assim uns aos outros, a sofrer tantos tormentos, mostraram que não somente não os desprezavam, mas sua fé os tornava vencedores sobre o afeto fraterno. Mais elevados por sua resolução, que os reis por seu poderio, e mais livres sob os ferros do que os príncipes mais temíveis sobre o trono, nenhum deles mostrou o menor temor, nem hesitou um minuto sequer em se expor à morte: mas considerando o martírio como um caminho que leva à imortalidade, para lá correram e com alegria. Do mesmo modo que a alma fez mover as mãos e os pés, assim estes sete irmãos, que eram como se animados por uma só alma, impelidos por ela, procuraram uma morte que os tornou dignos, por sua piedade, de viver para sempre no céu. Feliz o número sete que se encontra nesses irmãos. Não tendes uma santa relação com os sete dias que formam o ciclo da semana, empregado por Deus para a criação do mundo e para descansar depois de ter realizado tão grande obra? Não poderíamos, sem estremecer, ouvir falar de vossos sofrimentos; e vós, bem-aventurados mártires, não tendes somente, sem vos assustar, ouvido as ameaças de um príncipe enfurecido; não tendes somente visto sem temor o fogo, as rodas, as unhas de ferro e todos os outros tormentos que vos estavam preparados; mas os sofrestes sem vos comoverdes e mostrastes que o poder que eles tinham sobre vossos corpos era inferior à constância tão maravilhosa como a vossa.

CAPÍTULO 13

ELOGIO DA MÃE DESSES ADMIRÁVEIS MÁRTIRES E DE COMO ELA OS FORTALECIA NA RESOLUÇÃO DE DAR A VIDA PARA A DEFESA DA LEI DE DEUS.

Devemos talvez nos admirar de que tão firme resolução tenha triunfado sobre os tormentos, no sexo mais forte, quando vemos que admirável mulher, de quem os sete irmãos tinham recebido a vida, sofreu sozinha tanto quanto todos eles juntos? Podemos talvez duvidar de que seu amor materno não os

tenha feito sentir todas as penas, quando vemos a dor, mesmo em animais, como as abelhas, embora naturalmente mansas, servem-se de seu ferrão, como de uma espada, para repelir os moscardos que querem entrar em suas colmeias e os perseguem até à morte, para defender os filhos? Embora essa generosa mãe, de que falamos, tivesse sete filhos, ela não amava menos a nenhum deles, como Abraão amava Isaque, seu único filho, e, entretanto, na necessidade em que se encontravam, de se expor à morte para observar a lei de Deus ou violá-la, para salvar a vida, ela sentiu-se arrebatada, por ver que eles preferiam uma felicidade eterna a sofrimentos passageiros. Quem não sabe que por mais amor que os pais sintam por seus filhos, nos quais eles de algum modo imprimiram o caráter de sua alma e de sua semelhança, o das mães o sobrepujava ainda, porque jamais a teve como a destes sete irmãos. Ela não os tinha somente como os outros trazido em seu seio e tido por todos eles tantos cuidados e tantas penas, mas os tinha educado a todos no temor de Deus e não tendo outro desejo que sua salvação, ela os amava tanto mais, quanto via que lhes eram muito fiéis, pois eram todos sensatos, virtuosos, generosos e tão unidos e tinham tão grande respeito por ela, que cumpriram até à morte as instruções que lhes havia dado. Mas, por mais extraordinário que fosse o amor que ela lhes tinha e embora suas entranhas fossem rasgadas vendo-os sofrer tantos tormentos, nada pôde abalar sua admirável fortaleza. A piedade triunfou em seu coração, sobre os sentimentos da natureza, e ela acompanhou-os todos à morte; sem demonstrar jamais a menor fraqueza, ela viu o fogo devorar-lhes a carne, os dedos das mãos e dos pés, espalhados pelo chão e a pele arrancada da cabeça e da maior parte de seus corpos. Santa mulher, que outra mãe como vós pode dizer ter experimentado na pessoa de seus filhos e as dores mais cruéis do mundo e de todos os entes que deu no mundo, nem um só deu mostras de fraqueza em sua piedade: Vistes morrer o primeiro, sem que vossa constância se abalasse; vistes o segundo expirar, sem mostrar fraqueza ou desalento; vistes com os olhos enxutos tudo o que sofreram os demais, sua carne grelhada, suas mãos e cabeça decepadas, o resto de seus corpos amontoados uns sobre os outros. Considerastes todos os tormentos como provas de sua virtude e nenhuma harmonia é tão agradável aos que a música arrebata, como era o concerto de suas vozes unidas à vossa, quando eles

suportavam tantos tormentos. Aquela grande alma tinha visto de um lado a morte de seus filhos, inevitável, se eles continuassem em sua resolução; e do outro, sua vida garantida, se obedecessem às ordens do rei, e sentia por eles a maior ternura de que é capaz um coração materno; mais ela os amava, menos desejava o prolongamento de sua vida, por um pouco de tempo, que lhes teria, ao invés, dado a morte para sempre; mostrou que era uma verdadeira filha de Abraão, preferindo com coragem invencível, Deus a todas as coisas. Oh! mãe que mantivestes a honra das nossas santas leis e a santidade de nossa religião, que trouxestes ao vosso lado estes generosos combatentes, que tão corajosamente as defenderam, devemos comparar-vos talvez, à arca, pois do mesmo modo que no dilúvio universal ela salvou do furor das ondas tudo o que restava da raça dos homens, assim vós levastes àqueles, que num dilúvio de tormentos, saíram, vencedores da crueldade dos carrascos e os fortificastes com vossa admirável constância e vossa heróica piedade, poderemos duvidar de que uma resolução santamente tomada não domine os sentidos, quando vemos a mãe, já idosa, permanecer firme no meio da mais terrível tempestade que possa agitar um coração, vendo sete de seus filhos morrerem diante de seus olhos, da maneira mais cruel do mundo? Que homens jamais demonstraram tão grande coragem? O furor dos leões aos quais Daniel foi exposto e o ardor da fornalha onde Misael e seus companheiros foram atirados, tinham algo de mais terrível do que o fogo do amor que devorava as entranhas dessa mãe, pela dor de ver arrancar de seus braços todos os filhos, para mandá-los aos mais atrozes suplícios? Mas, foi nesse combate que a razão fez triunfar sua virtude sobre os sentimentos mais vivos da natureza. Do contrário, como poderia ser, que uma mulher e mãe, não tivesse dito de si mesma: "Mãe infeliz, a mais infeliz que se possa imaginar, dei ao mundo sete filhos só para hoje vê-los arrebatados de meus braços, sem que me reste nem mesmo um só deles? Foi em vão que eu sofri a dor de tantos partos, que eu criei todos esses filhos com meu leite e os eduquei com tanto cuidado? Não somente não vos verei mais, meus caros filhos, mas não verei nem mesmo vossos filhos e perderei assim o doce nome de mãe, depois de o ter possuído com tanta alegria, pela consolação que vós mesmos me proporcionáveis por vossa virtude que nenhuma outra jamais foi mais feliz. Na minha idade estou sozinha, consumida pela dor, sem que der

tantos filhos que tive, haja pelo menos um de quem eu possa receber a honra da sepultura."

Essa santa mulher estava muito longe de ter pensamentos tão humanos e tão carnais. Ela não se contentou em não afastar seus filhos de sua resolução, de sofrer a mesma morte mas também de não queixar-se nem lamentá-los, depois de terem morrido. Como se seu coração fosse de bronze, ela os incitava e os exortava a dar sem temor uma vida mortal para conquistar uma imortal. Generosa mãe, que num sexo frágil, como um soldado envelhecido nas armas, demonstrastes tanta firmeza, que saístes vencedora por vossa constância do furor de um tirano e demonstrastes nas vossas palavras e nas vossas ações mais coragem do que homens, os mais valentes, nunca poderemos assaz admirar a maneira como falastes aos vossos filhos, quando depois de ter sido aprisionado e levada com eles, vistes o santo e venerável ancião Eleazar atormentado e lhes dissestes então: "Meus caros filhos, jamais combate foi mais glorioso que aqueles que estais empreendendo. Trata-se de defender a santidade de nossa religião e que vergonha para vós, no vigor da idade, temer sofrer por ela dores que um ancião sofre com tanta firmeza. Lembrai-vos de que recebestes de Deus, criador do universo, a vida que lhe ides oferecer. Imaginai com que solicitude Abraão, nosso pai, ofereceu-lhe Isaque em sacrifício, embora ele o considerasse com olhe devendo dar um número indefinido de descendentes. Pensai com que coragem Isaque em vez de se espantar, por ver armada a mão de seu pai, contra ele, apresentou-se para ser imolado. Tende presente aos vossos olhos a constância de Daniel, quando o expuseram aos leões, e a de Ananias, de Azarias e de Misael, quando os lançaram na fornalha de Babilônia. Pois que tendes, meus filhos, a mesma fé, mostrai a mesma resolução. Como tendo diante dos olhos tais objetos, vossa piedade poderia não sair vitoriosa dos tormentos que vos são preparados?" Tais as palavras dessa mulher forte que ninguém jamais poderia assaz louvar; e elas fizeram tal impressão no espírito desses sete irmãos, tão dignos de tê-la por mãe, que, tendo todos morrido parta não faltar ao que deviam a Deus, vivem agora com ele, na companhia de Abraão, de Isaque, de jacó e dos outros patriarcas.

CAPÍTULO 14

MARTÍRIO DA MÃE DOS MACABEUS. SEU ELOGIO E DE SEUS FILHOS, BEM COMO DE ELEAZAR.

Depois que os sete irmãos terminaram a vida da maneira como descrevi, levaram também a Antíoco a santa mãe. Atiraram-na ao fogo e aquela mulher forte, bom como seus filhos, teve a glória de triunfar sobre o tirano. Ela foi como um soberano edifício, de tal modo sustentado por eles, como por outras tantas colunas, que nenhum tormento jamais foi capaz de abalar. Ela agora goza no céu da recompensa de seus sofrimentos e de sua fé e resplandece com seus filhos, de uma luz mais viva do que a da lua e das estrelas. Devemos prestar-lhes a honra, que lhes é devida, por terem sustentado combates, que causam horror aos mesmos algozes que os atormentaram, com tão espantosa crueldade, tornando-os sempre presentes aos olhos da posteridade, por esta história, que merecia ser gravada sobre o bronze de um magnífico túmulo, a fim de que nossa nação jamais viesse a esquecê-los. ilustre ancião, ilustres irmãos, resististes a todos os esforços desse cruel príncipe, que queria abolir nossas santas leis e com os olhos em Deus vós lhe resististes até à morte, no meio dos maiores tormentos. Jamais combate foi mais divino, pois só foi empreendido pela glória de Deus e jamais a virtude, provada pela paciência, triunfou com maior brilho. Eleazar, por primeiro, entrou na arena. Os sete irmãos seguiram-no. Sua mãe palmilhou o mesmo caminho. O tirano fez tudo o que o furor mais implacável lhe poderia inspirar; o mundo foi espectador do combate, a piedade saiu vitoriosa e os que a tinham tão generosamente defendido, foram coroados. Como poderíamos não admirá-los e não ficarmos comovidos pelos seus sofrimentos, pois, o mesmo Antíoco e todos os seus ficaram atônitos e fora de si? O sangue desses admiráveis mártires aplacou a cólera de Deus, salvou o povo e deu-lhes a paz, quando havia mesmo probabilidade de esperá-lo. O príncipe concebeu tal estima por sua coragem e perseverança, que os propôs como exemplo aos seus soldados e fortificou suas tropas com um grande número de judeus, que o serviram valentemente, dando-lhe mesmo muitas vitórias.

Israelitas, raça de Abraão, jamais abandoneis vossas santas leis, mas

observai-as mui religiosamente e reconhecei que a razão acompanhada pela piedade domina as paixões. Quanto a Antíoco, cruel príncipe, foi castigado neste mundo e o é ainda agora no outro. Vendo que lhe era impossível obrigar os judeus a renunciar à sua religião, ele saiu de Jerusalém para ir fazer guerra na Peréia e lá morreu miseravelmente.

É de mister terminar: creio, não poderia fazê-lo de modo melhor, do que referindo as palavras daquela admirável mãe a seus filhos: "Meus filhos, passei o tempo de minha virgindade com todo o pudor da virtude que se pode exigir de uma donzela e minha juventude, no casamento, com toda a honestidade que deve ter uma mãe de família. Quando começáveis a progredir nos anos, perdestes vosso pai. Ele tinha vivido santamente e suportado com paciência privar-se durante alguns anos da consolação de ter filhos. Ele vos instruiu nas leis e nos profetas, falou-vos sobre o assassínio de Abel, por Caim, seu irmão, sobre o sacrifício de Isaque, a prisão de José, o zelo de Finéias; disse-vos da fossa dos leões onde haviam atirado a Daniel, da fornalha de babilônia, onde Ananias, Azarias e Misael foram lançados; citou-vos estas palavras de Isaías: Quando estiverdes no meio do fogo não experimentareis o ardor de suas chamas; este Salmo de Davi: Os sofrimentos são a herança dos justos; estas, de Salomão: O Senhor é como a árvore da vida para todos os que fazem a sua vontade. Estas, de Ezequiel: Ele reanimara um dia seus ossos dissecados; estas, de um cântico de Moisés: Eu sou o Senhor; eu mato e eu vivifico. Meus filhos, esse Deus Todo-poderoso, Eterno, que é a vossa vida, Ele somente pode prolongar vossos dias na eternidade."

Quantas amarguras nesta vida! Como esses sete irmãos, ao contrário, encontraram consolação e doçura quando os lançaram nas caldeiras de óleo fervente, quando lhes arrancaram os olhos, cortaram a língua e exalaram o último suspiro no meio de todos os tormentos que a crueldade mais desumana poderia inventar. A justiça de Deus faz agora sofrer o castigo a esse malvado soberano, e as almas puras desses verdadeiros filhos de Abraão e de sua bem-aventurada mãe, como recompensa de suas penas e sofrimentos, recebem no céu com os santos antepassados coroas imortais, das mãos de Deus, ao qual seja dada honra e glória por todos os séculos dos séculos.

Relato de Fílon

Prefácio de Fílon

Até quando uniremos a velhice com a infância e seremos, de cabelos brancos, tão imprudentes como as crianças? Que maior imprudência pode haver do que considerar a fortuna como coisa certa, embora nada haja de mais inconstante, e considerar esta natureza imutável, como se ela estivesse sujeita a contínuas mudanças? Não seria inverter a ordem, como se se brincasse com dados, encarando assim as coisas incertas como mais firmes e duradouras do que as certas? A razão de tal erro vem de que os objetos presentes impressionam muito mais os homens pouco experimentados do que os objetos afastados, e eles prestam mais fé aos sentidos, ainda que enganadores, do que às reflexões que seu espírito poderia fazer, porque nada é mais fácil do que se deixar levar pelo que se apresenta aos nossos olhos; ao passo que é preciso raciocínio para se compreender as coisas futuras e as invisíveis. Não é que a alma tenha a vista mais penetrante que o corpo, mas alguns aguçam-na pela sua intemperança no comer e no beber, e outros, por sua estupidez, que é o maior de todos os defeitos.

Tantos fatos tão extraordinários, acontecidos em nosso século, obrigam-nos a crer que há uma Providência, e que Deus cuida dos homens virtuosos que a Ele recorrem em suas necessidades e, particularmente, daqueles que são consagrados ao seu serviço. Eles são como uma herança desse supremo soberano, cujo império não tem limites. Os caldeus dão-lhes o nome de Israel, isto é, que vêem a Deus; o que é uma felicidade preferível a todos os tesouros da terra, pois se a presença daqueles que a idade torna veneráveis, de nossos preceptores, de nossos superiores, e de nossos parentes nos incute tal respeito, que nos corrige de nossos defeitos e nos leva à virtude, que vantagem não é, para nos fortalecer, elevarmos nossa alma acima de todas as coisas criadas, para nos acostumarmos a considerar a Deus, que não somente é incriado, mas infinitamente bom, infinitamente belo, infinitamente feliz, ou melhor, cuja bondade sobrepuja a toda bondade; cuja beleza, a toda beleza e cuja felicidade, a toda felicidade, o que explica apenas imperfeitamente a sua grandeza? Como

as palavras seriam capazes de o representar, se Ele é tão superior a tudo que depois dos esforços do nosso espírito para se elevar a Ele, como por outros tantos degraus, pelos atributos que lhe dá, é até obrigado a voltar atrás, sem poder se aproximar dEle e sem poder conhecê-lo, porque Ele é de tal modo incompreensível, que mesmo quando todas as criaturas se tivessem mudado em tantas línguas, não poderiam exprimir o soberano poder, pelo qual Ele criou todas as coisas, o proceder real digno de um monarca eterno, pelo qual conserva o mundo, e a justa distribuição das recompensas e dos sofrimentos que fazem, que se possam colocar mesmo seus castigos no número dos benefícios, não somente como fazendo parte da justiça, mas porque eles servem freqüentemente para converter os pecadores, ou pelo menos para impedir que continuem em seus crimes, pelo temor dos castigos que vêem os outros sofrer.

Livro Único

CAPÍTULO 1

EM QUE INCRÍVEL FELICIDADE PASSARAM-SE OS SETE PRIMEIROS MESES DO REINADO DO IMPERADOR CAIO CALÍGULA.

O imperador Caio Calígula é um exemplo ilustre do que eu acabo de dizer. Jamais se viu maior tranqüilidade do que a de que todas as províncias gozavam, tanto no mar como na terra, quando ele subiu ao trono do império, depois da morte de Tibério. O Oriente e o Ocidente, o Norte e o Sul, viviam em profunda paz; os gregos não tinham questões com os bárbaros e os soldados viviam em união com os habitantes das cidades. Tão grande felicidade parecia inacreditável e não se podia assaz admirar de como esse jovem príncipe subindo ao trono, se visse cumulado de tanta prosperidade e de que seus desejos não podiam ir além de sua felicidade. Ele possuía riquezas imensas, grandes extensões de terras e rendimentos prodigiosos, que lhe vinham como de uma fonte inesgotável de todas as partes do mundo naquele tempo habitavel. Seu império era limitado pelo Reno e pelo Eufrates; o primeiro, separando-o da Alemanha e daquelas outras nações ferozes, e o Eufrates dos partos, dos sarmatas e dos citas, que não são inferiores aos alemães em ferocidade. Assim, poder-se-ia dizer que desde o nascer do sol até o seu ocaso, tanto sobre a terra como nas ilhas e mesmo além do mar, todos viviam alegres e felizes e o povo romano, com toda a Itália e as províncias da Europa e da Ásia, passavam seus dias numa festa perpétua, porque jamais se havia visto, sob o reinado de nenhum outro imperador, com o auxílio do céu, gozar-se em tão grande paz, dos próprios bens e ter-se tanta parte na felicidade pública, que nada mais restava a desejar. Em todas as cidades viam-se altares, vítimas, sacrifícios, mulheres vestidas de branco e coroadas de flores, rostos alegres, festas, jogos, concertos musicais, corridas de cavalo, banquetes, danças ao som de flautas e de harpa e todos os outros divertimentos imagináveis, sem que eu pudesse notar diferença entre o contentamento dos ricos e o dos pobres, das

pessoas da nobreza e das do povo comum, dos senhores e dos escravos, dos devedores e dos credores. Um tempo tão feliz nivelava todas as condições; a verdade fazia quase se prestar fé ao que os poetas dizem em suas fábulas, do século de Saturno; sete meses passaram-se desse modo.

CAPÍTULO 2

O IMPERADOR CAIO, NÃO TENDO AINDA REINADO SETE MESES, CAI GRAVEMENTE ENFERMO. MARAVILHOSO AFETO QUE TODAS AS PROVÍNCIAS DEMONSTRAM E INCRÍVEL ALEGRIA PELO SEU RESTABELECIMENTO.

No mês seguinte esse felicíssimo imperador caiu gravemente enfermo, porque tendo deixado sua maneira sóbria de viver, que lhe mantinha a saúde, o que ele fazia desde os tempos de Tibério, entregara-se à intemperança e ao luxo. Bebia demasiado vinho, comia em excesso, tomava banho em tempo inoportuno, recomeçava a comer e a beber depois de ter vomitado, abandonava-se a todos os desejos impudicos pelas mulheres, a voluptuosidades criminosas e por fim a todas as outras desordens que muito contribuem para alterar essa união do corpo com o espírito, que a temperança mantém na força e na saúde, ao passo que a intemperança as enfraquece e leva à enfermidades que causam a morte.

Estava-se no começo do outono, que é quase a última estação do ano, própria para a navegação e o tempo em que aqueles que fazem comércio com os estrangeiros voltam para seu país. Assim, essa notícia foi levada como um raio por todo o mundo e mudou em tristeza a alegria na qual todos passavam docemente a vida. As cidades e as casas encheram-se de aflição e de tristeza; a enfermidade do imperador tornou-se a de todas as províncias e era ainda maior, porque ele sofria apenas do corpo e todos aqueles povos sofriam no espírito pelo temor de perder, com a paz, o gozo dos bens que ela traz, quando imaginavam que a morte dos imperadores era ordinariamente seguida pela carestia e por outros males que a guerra causa, e nada lhes parecia mais próprio para se evitar tudo isso do que a saúde de seu soberano.

A doença, porém, começou a diminuir e a notícia espalhou-se imediatamente, levando a alegria até os extremos da terra, porque nada corre

tão rápido como a fama e todos esperavam com impaciência incrível tão feliz notícia. Quando souberam que o imperador tinha recobrado completamente a saúde, parecia-lhes ter com ele recobrado a própria e a sua primeira felicidade. Não se tem recordação de alegria mais geral; parecia que se tivesse passado num momento, de uma vida selvagem e rústica a uma vida doce e sociavel, dos desertos para as cidades e da desordem para a ordem, pela felicidade de se estar sob o governo de um chefe tão benévolo e legítimo.

CAPÍTULO 3

O IMPERADOR CAIO ENTREGA-SE A TODA SORTE DE DEVASSIDÃO E DE CRIMES, E POR UMA HORRÍVEL INGRATIDÃO E UMA ESPANTOSA CRUELDADE OBRIGA O JOVEM TIBÉRIO, NETO DO IMPERADOR TIBÉRIO, A SE MATAR.

Mas mui depressa se viu como o espírito humano é cego, como ele ignora o que lhe é útil e toma as sombras pela verdade. O soberano, que era considerado como um admirável benfeitor, cujas graças e favores se derramavam por toda a Europa e toda a Ásia, tornou-se um monstro de crueldade, ou melhor, manifestou a que tinha nascido com ele e que tinha até então dissimulado.

O imperador Tibério tivera de Druso, seu filho, que morrera antes dele, o jovem Tibério, e tivera de Germânico, seu sobrinho, Caio Calígula, que preferira a Tibério, na sucessão ao trono, com a condição de reconhecer um tão grande benefício, pela maneira como viveria com seu neto. Mas Caio, em vez de se comover por ter recebido com essa adoção o que pertencia ao jovem Tibério, por nascimento, levou sua ingratidão a tal excesso de desumanidade, que depois de ter sido causa de que ele perdesse o império, fê-lo também perder a vida, sob o pretexto de que tinha tentado contra a dele, como se uma pessoa de sua idade fosse capaz de tal ação; muitos julgam que se ele tivesse tido alguns anos mais, seu avô tê-lo-ia sem dúvida escolhido para seu sucessor e ter-se-ia desfeito de Caio, de quem já começava a suspeitar.

Eis como Caio procedeu para executar uma resolução tão detestável contra aquele, com o qual a justiça obrigava a dividir a suprema autoridade. Mandou vir o jovem Tibério, reuniu seus amigos e disse-lhes falando dele: "Eu

não o amo somente como meu primo, mas como se ele fosse meu próprio irmão, e desejaria, de todo meu coração, poder agora associá-lo ao governo, para satisfazer à última vontade de Tibério, mas vedes que, sendo tão jovem, ele tem mais necessidade de governante do que de ser governador. Se não fosse isso, quanta alegria não sentiria eu de poder dividir com ele uma parte tão grande do peso, como o de governar tantos povos! Como meu afeto por ele a isso me obriga, eu vos declaro que estou disposto a servir-lhe não somente de preceptor, mas de pai; quero que assim ele me chame, e eu o chamarei, daqui por diante, de meu filho".

Depois que Caio com este ardil enganou a todos os seus ouvintes e com essa fingida adoção, tirou, em vez de dar ao pobre príncipe, a parte que lhe tocava no império, não encontrou mais obstáculo para fazê-lo cair na armadilha preparada, porque as leis romanas dão aos pais um poder absoluto sobre os filhos, e esse supremo grau de autoridade em que ele se achava não deixava a ninguém a liberdade de lhe perguntar a razão do que ele fazia. Assim, considerando o jovem príncipe como inimigo, tratou-o como tal, sem se deixar comover nem pela idade, nem por ter sido educado com ele, na esperança de poder suceder ao avô, ao qual, depois da morte de seu pai, ele tinha o lugar de filho e não somente o de neto.

Diz-se que para executar o seu projeto ele ordenou-lhe que se matasse na presença dos tribunos e dos oficiais, proibindo-lhes que o ajudassem nessa ação, porque os descendentes dos imperadores só podem morrer por suas próprias mãos, pois ele ainda queria passar por um grande observante das leis, violando-as; por religioso, cometendo um grande crime, não temia zombar da verdade, com tão estranha hipocrisia. Então o pobre moço, que jamais havia presenciado qualquer gênero de morte e nunca tomara parte naqueles combates falsos nos quais os moços e os jovens príncipes em tempo de paz se exercitam, apresentou a garganta ao primeiro que encontrou e todos recusaram-se matá-lo; ele então tomou um punhal e perguntou em que lugar devia ferir. Concederam-lhe o favor de lho mostrar e assim instruído por aqueles caridosos mestres, ele feriu-se com tantos golpes, que, por uma deplorável imposição, foi assassino de si mesmo.

CAPÍTULO 4

CAIO MANDA MATAR MACROM, COMANDANTE DA GUARDA PRETORIANA, AO QUAL ELE DEVIA A VIDA E O IMPÉRIO.

Depois que Caio resolveu o assunto mais importante para ele, ninguém mais restava que tivesse o direito de lhe disputar o trono e a quem aqueles que quisessem perturbar a ordem se pudessem juntar; preparou-se então para descarregar sobre Macrom os efeitos de sua crueldade e de sua ingratidão. Ele não somente o tinha servido muito bem, depois que ele subira ao trono, o que é coisa comum, porque a boa sorte sempre tem aduladores, mas fora também a causa da escolha que Tibério tinha feito dele para seu sucessor. Pois, além de que jamais príncipe teve o espírito mais penetrante do que este imperador, a experiência adquirida com a idade dava-lhe o conhecimento dos pensamentos mais secretos dos homens, e ele tinha concebido graves suspeitas de Caio. Julgava-o inimigo de toda a família dos Cláudios; estava persuadido de que ele não tinha afeto algum pelos da sua origem, do lado materno, e temia por Tibério, o neto, se o deixasse em tenra idade. Além disso, ele julgava Caio incapaz de governar tão grande império, por causa da leviandade de seu espírito, que parecia ter algo de loucura, tanto se via pouca firmeza em suas palavras e em suas ações. Tudo, porém, Macrom fez para dissipar essas dúvidas e suspeitas e particularmente o temor que ele tinha pelo neto; ele afirmava-lhe que Caio tinha por ele grande respeito, muito afeto como primo, e que lhe cederia de boa vontade o império; que só se devia atribuir ao pudor e ao seu retraimento o que todos julgavam espírito fraco. Macrom via que essas razões não persuadiam a Tibério e não temia oferecer-se a ele como garantia: o príncipe não podia duvidar de sua sinceridade e de sua fidelidade, depois das provas que lhe havia dado, descobrindo e sufocando-lhe a conspiração de Sejam. Por fim, louvava-lhe continuamente a Caio, se louvar uma pessoa é querer justificá-la contra suspeitas incertas e acusações indeterminadas; mesmo que Caio fosse seu irmão e mesmo seu próprio filho, ele não teria podido fazer mais. Vários atribuíram a causa disso aos favores que Caio lhe prestava e ainda mais aos bons ofícios da mulher de Macrom, que, por uma razão oculta, falava continuamente a seu marido em seu favor e todos conhecem o poder da

mulher, principalmente daquelas que são impudicas, porque não há adulação de que não se sirvam para esconder seus crimes aos maridos. Assim, como Macrom ignorava o que se passava em sua casa, ele atribuía esses artifícios ao afeto e seus maiores inimigos passavam em sua mente por pessoas que mais o amavam. O ter ele livrado Caio de tantos perigos não o deixava imaginar como ele fosse ingrato; falava-lhe assim com muita liberdade, no temor de que ele não se viesse a perder por si mesmo ou que outros corrompessem seu espírito. Ele se assemelhava àqueles bons operários, ciosos de seus trabalhos, que não podem tolerar que outros os estraguem. Assim, quando Caio dormia à mesa, ele o despertava, dizendo que aquilo não lhe ficava bem, nem mesmo era seguro, porque poder-se-ia facilmente tentar contra sua vida. Quando ele contemplava os dançarinos e saltadores com prazer e atenção extraordinárias, imitando-lhes os gestos, ou quando ele não se contentava de sorrir, mas desatava em gargalhadas ante os gracejos dos comediantes e dos palhaços, ou quando ele unia sua voz às dos músicos e cantores, ele o tocava levemente, quando lhe estava perto, para impedir que continuasse e dizia-lhe ao ouvido, o que somente ele teria coragem de fazer: "Não deveis, como os outros homens, vos abandonardes aos prazeres dos sentidos, mas sobrepujá-los tanto em prudência e em sabedoria, quanto estais elevado acima deles. Como é que um príncipe que governa toda a terra não sabe se moderar em coisas tão desprezíveis? Tão grande glória como a que vos rodeia vos obriga a nada fazer indigno da majestade de chefe de tão poderoso e temido império. Assim, quer estejais no teatro, nos lugares de exercício público, não é o espetáculo que deveis principalmente considerar, mas o trabalho, o cuidado que aqueles que vo-lo apresentam, empregaram para bem realizá-lo, e dizer em vós mesmo: Se eles fizeram tantos esforços para coisas inúteis à vida e se dedicam exclusivamente ao prazer dos espectadores, a fim de merecer serem coroados com grandes elogios e aplausos, que não deve fazer um príncipe que se dedica a um objetivo muito mais importante? Não sabeis que nenhum outro iguala ao de bem reinar, pois que produz a abundância em todos os lugares capazes de serem cultivados, garante a navegabilidade dos mares, o que faz que todas as províncias se comuniquem entre si e trafiquem seus bens para o aumento do comércio? A inveja e o ciúme, para impedir essa feliz comunicação, tinham

envenenado alguns particulares e algumas cidades. Mas depois que vossa augusta família foi elevada a esse supremo grau de poder, que se estende sobre todas as terras e todos os mares, ela obrigou esses monstros a fugirem para os desertos mais afastados. Somente a vós foi confiada essa suprema autoridade. A Providência vos colocou à proa, como um digno piloto, para terdes o leme em vossa mãos. É vosso dever bem conduzir esse incomparável navio, do qual a salvação de todos é o rico carregamento. Como um cuidado tão nobre não tem preço, vós não deveis ter maior prazer que tornar felizes por vossos benefícios tantos povos que vos são sujeitos. Eles podem receber alguns, de outros, mas é somente do príncipe que eles devem esperar esse excelente proceder, pelo qual ele espalha a mãos-cheias, seus bens sobre eles, exceção feita daqueles que a prudência obriga a reservar, para remediar aos acidentes que se devem prever".

Foi assim que esse infeliz conselheiro exortou a Caio, para procurar torná-lo melhor. Mas esse malvado imperador mudava os remédios em veneno, zombava dessas advertências e tornava-se, ao invés, sempre pior. Assim, quando via Macrom chegar, dizia aos seus amigos e aos que estavam junto dele: "Aí vem o impertinente preceptor, ridículo pedagogo, que se quer meter a dar-me instruções, não a uma criança, mas a uma pessoa que é mais competente do que ele. Ele pretende que um súdito dê ordens a um imperador, que conhece a arte de reinar e julga ser perito nessa ciência. Mas eu quisera bem saber de quem ele teria podido aprender o que diz; eu fui instruído desde o berço por meu pai, meus irmãos, meus primos, meus avós, meus bisavós e tantos outros grandes príncipes, de quem sou descendente dos lados paterno e materno, sem falar das sementes de virtude que a mesma natureza introduz no sangue daqueles que ela destina a governar. Do mesmo modo que as crianças se assemelham aos genitores, não somente nos traços do rosto e nas qualidades da alma, mas também nos gestos, nas inclinações e nas ações, quem duvida de que aqueles que são de uma família acostumada a dominar não recebem, com a vida, uma disposição que os torna capazes de receber todas as impressões que formam um grande príncipe? Posso então dizer que quando minha mãe me trazia ainda em seu seio e antes mesmo que eu tivesse visto a luz do dia, eu fui instruído na ciência de reinar; um homem qualquer, cujos pensamentos nada têm de elevado e de nobre, ousará dar-me conselhos com relação ao governo do

império, que são para ele mistérios insondáveis?"

Assim, Caio concebia, cada vez mais, aversão por Macrom; procurava acusá-lo de falsos crimes, com pretextos de pouca probabilidade; julgou ter encontrado um por estas palavras que às vezes lhe escapavam: "O imperador é obra minha e ele não me deve menos obrigação do que àqueles que o puseram no mundo. Eu o livrei três vezes com meus rogos da cólera de Tibério, que o queria mandar matar, e depois de sua morte fi-lo declarar imperador, pela guarda pretoriana, que eu comandava, fazendo-lhes ver que o único meio de conservar o império inteiro era obedecer a um só".

Muitos aprovavam estas palavras de Macrom, porque nada era mais verdadeiro, e eles não conheciam ainda a leviandade e a dissimulação de Caio. Mas poucos dias depois, o infeliz Macrom e sua mulher perderam a vida. Foi assim que a ingratidão de Caio recompensou esse fiel servidor, por tê-lo salvo da morte e elevado ao trono do império. Diz-se que o obrigaram a se matar e que sua mulher não foi mais bem tratada do que ele, embora não se duvidasse de que ela tivera relações criminosas com Caio. Mas, que há de mais inconstante que o amor pelos desgostos que se encontram nos afetos desregrados? A crueldade de Caio chegou a mandar matar também todos os domésticos de Macrom.

CAPÍTULO 5

CAIO MANDA MATAR MARCO SILANO, SEU SOGRO, PORQUE LHE DAVA SÁBIOS CONSELHOS. ESSE ASSASSÍNIO É SEGUIDO DE MUITOS OUTROS.

Depois que esse pérfido príncipe se desfez do seu competidor ao império e de um homem ao qual ele devia o favor de ter sido elevado ao trono e mesmo a quem devia a própria vida, restava-lhe ainda um terceiro projeto a executar, e para isso ele empregou toda a sua habilidade. Marco Silano, seu sogro, que era muito generoso e deu mui ilustre descendência, tinha, depois da perda da filha, que falecera muito jovem, continuado a mostrar a Caio a afeição, não somente de um sogro, mas de um verdadeiro pai, na persuasão de que, por ter a princesa falecido há pouco, também Caio conservaria para com ele os mesmos sentimentos. Assim, falava-lhe ele com grande liberdade, do procedimento que

ele devia ter para corresponder por suas ações às esperanças que dele haviam concebido. Mas Caio era muito presunçoso, e em vez de reconhecer seus defeitos, gabava-se de ser exímio em todas as virtudes; considerava como inimigos os que lhe davam bons conselhos e tinha como injúrias os sábios avisos de Silano; este tornou-se-lhe insuportável e ele não pôde tolerá-lo por mais tempo, como um empecilho para as suas paixões desregradas. Afastou em seguida de sua memória, bem como do coração, a lembrança de sua esposa, e por uma crueldade mais que bárbara, mandou matar, à traição, aquele de quem ela tinha recebido a vida e que ele devia considerar como pai. A notícia desse assassínio, que foi seguido de muitos outros, de pessoas as mais ilustres do império, espalhou-se por toda parte e disso se falava com horror, mas em segredo, porque o temor não deixava os sentimentos manifestarem-se. Entretanto, como o povo é muito fácil de se deixar enganar e tinha dificuldade em crer que um príncipe, que parecera tão bom e tão afável, se tivesse de tal modo mudado num momento, dizia para desculpá-lo: quanto à morte do jovem Tibério, o soberano poder não pode tolerar divisão; que ele tinha sido precedido por Caio, pois se sua idade lhe tivesse permitido, ele teria feito o mesmo que ele lhe fizera; que fora talvez por uma providência de Deus e para utilidade de toda a terra, que ele tinha perdido a vida, a fim de preservar o império de guerras civis e estrangeiras, que o teriam dividido pelas facções dos que abraçariam o partido desses dois príncipes: que nada é mais desejável do que a paz; e esta não subsiste senão pelo bom governo dos Estados, e um Estado só poderia ser bem governado por um único soberano, cuja autoridade mantém todas as coisas na tranqüilidade e na calma. Com relação a Macrom, ele se tinha tornado tão orgulho, que bem parecia ter-se esquecido daquelas belas palavras do oráculo de Delfos: Conhece-te a ti mesmo, o que é tão necessário que não podemos com esse conhecimento deixar de ser felizes, nem evitar sermos infelizes, quando não o temos; que era uma coisa intolerável, que Macrom se quisesse colocar acima do imperador, como se não tocasse aos príncipes governar e aos súditos, obedecer. Era assim que esses homens rudes interpretavam, por ignorância ou por bajulação, os salutares conselhos de Macrom. Com relação a Silano, eles diziam que era ridículo que ele pretendesse tanto poder sobre o genro, como um pai tem sobre o filho, visto mesmo que os

pais, apenas cidadãos, são inferiores aos filhos quando elevados aos cargos e que tinha sido bem ingênuo, imaginando que, sendo apenas sogro, ele tinha o direito de imiscuir-se em coisas que não lhe competiam, sem considerar que a aliança que o unia com o imperador tinha terminado pela morte da filha, pois os casamentos são como ligações externas, que unem as famílias e terminam com a morte de uma da pessoas que os contrai.

Tais eram as palavras que se diziam nas assembléias, para não se acusar o imperador de crueldade, porque tendo-se tido antes, somente motivo de se conceber dele uma opinião de grande bondade, não se podia, no momento, pensar como eu já disse, que ele se tivesse mudado de um instante para outro.

CAPÍTULO 6

CAIO QUER SER ADORADO COMO UM SEMIDEUS.

Ações tão criminosas, na mente de Caio, eram como outras tantas vitórias que ele obtivera sobre o que havia de mais ilustre no império. Seu furor tinha sufocado o brilho da família imperial no sangue do jovem Tibério, seu primo, que ele devia, ao invés, ter associado ao soberano poder. Sua espantosa desuma-nidade tinha ofendido a todo o Senado pela morte de Silano, seu sogro, que lhe era um dos mais belos ornamentos. Sua horrível ingratidão tinha feito perder a vida a Macrom, que ocupava a primeira linha na ordem dos cavaleiros e ao qual ele era devedor da grandeza em que se encontrava e à qual fora elevado.

Julgou, então, que não havendo mais ninguém que se ousasse opor à sua vontade, ele não se devia somente contentar com as grande honras, que se costumam dar aos homens, mas podia aspirar às que se devem somente a Deus, e, diz-se, que para se persuadir a si mesmo de tão grande extravagância, assim ele raciocinava: "Como aqueles que conduzem manadas de bois, rebanhos de carneiros ou de cabras não são nem bois, nem carneiros, nem bodes, mas homens de uma natureza infinitamente mais digna e superior à dos animais, assim, do mesmo modo, os que governam a todos os homens, a todas as criaturas do mundo, merecem ser considerados como sendo muito mais que simples homens, e devem ser tidos por deuses".

Depois de ter metido em sua cabeça tão ridícula idéia e de ter tido a ousadia de assim se declarar, passou aos efeitos práticos, por gradações. Começou por querer passar por semideus, como Baco, Hércules, Castor e Pollux. Tritão, Anfiauro, Anfíloco e outros. Mas ele zombava de seus oráculos e de suas cerimônias, e as tirava deles, para atribuí-las a si mesmo.

Assim, do mesmo modo que os comediantes mudam freqüentemente de personagem, para representar Hércules, ele tomava uma pele de leão e uma maçã, adornada de ouro; ora cobria-se com um chapéu semelhante ao de Castor e de Pollux; ora, para imitar Baco, ele se revestia da pele de uma corça. Não se parecia, porém, com as mencionadas divindades, porque elas se contentavam com honras particulares que lhe eram prestadas, sem invejar as dos outros, e ele queria que lhe prestassem todas juntamente para ter vantagem sobre elas. Entretanto, o que lhe atraía a multidão de tantos espectadores não era que ele tivesse três corpos como Geriom; era porque ele se transformava em tantas figuras diferentes, como Proteu em Homero, mudava-se em vários elementos, em diversos animais e em diversas plantas.

Mas, Caio! Não é essa vã semelhança com os semideuses que deveis procurar imitar, mas deveis esforçar-vos para imitar suas ações e suas virtudes. Hércules, com seus grandiosos feitos, purgava as terras e o mar dos monstros que perturbavam o sossego dos homens. Baco, que foi o primeiro que plantou a vinha, dela tirou um líquido tão agradável e tão útil ao corpo e ao espírito, que os faz esquecer suas penas, os alegra e os fortalece e dele se notam os efeitos nas danças e nos banquetes, não somente das nações civilizadas, mas até mesmo entre os bárbaros. Quanto a Castor e a Pollux, dois filhos de Júpiter, não se diz que um deles, tendo nascido imortal e o outro mortal, o que tinha tão grande vantagem sobre o irmão, não podendo suportar a dor de ver morrer uma pessoa que lhe era tão querida, quis igualá-lo e igualar-se a ele, comunicando-lhe uma parte de sua imortalidade e tornando-lhe ele também sujeito à morte? Esta é a maior ação de justiça que se possa imaginar. Esses heróis que foram a admiração de seu século, e são ainda a do nosso, só receberam honra como deuses, por causa dos benefícios que fizeram aos homens. Mas, Caio! Que fizestes de semelhante que vos possa dar motivo de tanto vos glorificardes? Começando, pelo que se refere a Castor e Pollux,

imitastes essa perfeita amizade fraterna, que os torna tão recomendáveis? Vós, que, sem compaixão da juventude daquele que devia ocupar o lugar de vosso irmão e com quem a justiça vos obrigava a dividir o império, tão cruelmente manchastes vossas mãos em seu sangue e mandastes suas irmãs a um longínquo exílio, para reinar com mais segurança ainda? Imitastes a Baco, espalhando como ele a alegria por toda a terra, com uma admirável invenção? Vós, que só podeis ser considerado como uma peste pública, só encontrais novas invenções para mudar a alegria em dor e tornar a vida odiosa, quando, em recompensa de bens infinitos que tendes recebido de todos os lugares do mundo, vossa insaciável avareza e ambição oprimem os povos sob o peso de tantos e novos tributos e os obrigam a detestar vossa horrível desumanidade. Imitais também seus feitos heróicos e as realizações esplêndidas de Hércules, para restaurar a paz, fazer reinar a justiça, e restabelecer a abundância sobre a terra e sobre o mar? Vós, que, sendo, ao contrário, tão covarde e o mais tímido de todos os homens, banis de todas as cidades a ordem, a tranqüilidade e a felicidade, para introduzir em seu lugar a desordem, a perturbação e todas as outras misérias? É com essas ações que julgais poder passar por um semideus e desejais ser imortal, a fim de continuar a praticá-las indefinidamente? Não há, ao invés, motivo de se crer que, quando mesmo fósseis deus, um proceder tão detestável vos incluiria nas fileiras dos homens, pois que, se a virtude os toma imortais, os vícios os tornam mortais?

Deixai, pois, de vos comparardes a Castor e a Pollux, tão célebres por sua amizade fraterna, depois que não tivestes temor de ser o assassino de vosso próprio irmão e não pretendais ser honrado como Hércules ou Baco que se distinguiram por seus benefícios, quando vossas maldades e crimes tornam inúteis qualquer benemerência.

Capítulo 7

A loucura de Caio aumenta sempre mais e ele quer ser honrado como um deus; imita Mercúrio, Apolo e Marte.

Mas a loucura de Caio não se deteve. Era pouco para ele igualar-se aos semideuses; ele queria mesmo igualar-se aos deuses. Começou por querer passar por Mercúrio. Vestiu-se com roupas parecidas com as dele, tomou nas

mãos um caduceu e calçou botinas com asas. Outra vez, para se parecer com Apoio, coroou a cabeça com uma auréola resplandecente, pôs uma aljava às costas, e com flechas na mão esquerda, fazia gestos com a direita, para mostrar que os favores são preferíveis aos trabalhos.

Instituiu depois danças sagradas nas quais se cantavam hinos em louvor desse novo deus, que se contentava antes, quando representava Baco, de ser chamado Evio Lieu e Liber. Muitas vezes, também, quando queria passar por Marte, tomava um capacete, uma couraça, um escudo e se apresentava com uma espada desembainhada na mão, acompanhado de homens dispostos a matar, para acompanhar o furor daquela divindade, que só respira sangue e crueldade.

Espetáculo tão estranho impressionava vivamente o espírito do povo, que se não podia assaz admirar de que ele quisesse parecer com os deuses, aos quais não possuía nenhuma virtude, nem boa qualidade e ousasse usar os sinais dos bens que eles tinham proporcionado aos homens. Pois, que representam aqueles sapatos alados de Mercúrio, senão que ele possui a dignidade de embaixador dos deuses, intérprete de suas vontades, o que seu nome em grego significa, sendo portador de boas notícias e levando-as com toda a solicitude, pois que, não somente um deus, mas um homem sensato não se pode resolver a levar más notícias? O caduceu não indica também que ele é medianeiro da paz e dos tratados, pois os homens também os usam para os mesmos fins e de outro modo jamais veríamos terminarem os males que causam a guerra? Caio, pondo assaz os seus calçados, o fazia para espalhar mais ainda em todas as províncias do império a fama de seus crimes, que deveriam, ao invés, serem sepultados num esquecimento perpétuo? Por que dar-se tanto trabalho, pois que, sem se afastar de seu lugar, ele cometia crimes infinitos, que jorrando sem cessar daquela detestável fonte, inundavam toda a terra? Tinha ele necessidade de um caduceu, pois que jamais se via algo em suas palavras e em suas ações que tivesse a menor aparência de paz, mas, ao contrário, não havia nem cidades nem províncias, gregas ou bárbaras, às quais ele não causasse divisão e perturbação. Que esse falso Mercúrio deixe então tal nome, que lhe é tão pouco conveniente.

Com relação a Apoio, em que se lhe pode ele assemelhar? Será por aquela

coroa resplandecente de raios, como se o sol e a lua fossem mais próprios para se cometerem crimes, do que as noites mais horríveis e as trevas? Somente as ações louváveis e virtuosas o dia deve aclarar: as vergonhosas e as infames devem procurar a escuridão para se ocultarem, no mais profundo dos antros e das cavernas. Esse fabuloso Apoio também subverteu a ordem da medicina, pois, quando o verdadeiro Apoio tinha inventado remédios salutares para curar as doenças, este só empregava venenos próprios para dar a morte. Sua insaciável ambição animava-o principalmente contra as pessoas da mais alta nobreza e as mais ricas da Itália, porque ali havia mais ouro e prata que em todo o resto do mundo, e se Deus o não tivesse libertado desse inimigo do gênero humano, não teria havido lugar no império que ele não tivesse também saqueado, destruído e arruinado. Louva-se assim a Apoio, por ter ele não somente se distinguido na ciência da medicina, mas predito o futuro para o bem dos homens, que ele impedia, por seus oráculos, de cair nas desgraças de que estavam ameaçados. Mas os oráculos que Caio proferia só se referiam às pessoas de condição e às mais ilustres, predizendo confiscações, o exílio e a morte, que eram únicos favores que se poderiam esperar de sua injustiça, de sua crueldade e de sua tirania.

Que semelhança tinham então esses dois Apoios? Que vergonha ver que se cantavam igualmente hinos em louvor de um e do outro, com se fosse um crime menor dar a um homem vicioso as honras que só se devem a um deus, como falsificar a moeda que traz a imagem do príncipe?

Nada, porém, é mais surpreendente do que se ver que um homem, cujo espírito e corpo eram tão efeminados, quisesse atribuir-se a força e a coragem de Marte e enganar os espectadores, mudando a todo momento de personagem, como os atores no teatro. Pois, em que se poderia ele assemelhar, não digo a esse Marte fabuloso, que é apenas um fantasma, mas ao que ele quis representar, supondo que há um, isto é, uma força generosa e benéfica sempre pronta a socorrer os oprimidos como a palavra grega Aris, significa, a uma força que por guerras justas produz uma paz feliz. Esse Marte fabuloso tem dois nomes, um dos quais significa que ele ama a paz e que restaura a tranqüilidade pública, e o outro, que ama a guerra e que não poderia deixar de ser acompanhado de confusão e de perturbação.

CAPÍTULO 8

CAIO SE ENFURECE CONTRA OS JUDEUS, PORQUE ELES NÃO QUERIAM, BEM COMO OS OUTROS POVOS, REVERENCIÁ-LO COMO DEUS.

Penso ter demonstrado claramente como Caio não tinha relação alguma com os semideuses e menos ainda com os deuses. Jamais um príncipe teve mais mesquinhas e vergonhosas inclinações; ele aceitava cegamente e com ardor desmesurado tudo o que lhe vinha à mente; sua ambição tocava as raias da loucura, sua obstinação era invencível e seus desejos desregrados não tinham limites, nos abusos que ele fazia do poder. Os judeus, outrora tão felizes, vieram também a sentir-lhe os deploráveis efeitos, porque ele os considerava como os únicos capazes de se oporem aos seus desígnios, porque desde a infância aprenderam de seus antepassados, por uma constante tradição e ainda mais por suas santas leis, que existe um só Deus, criador do céu e da terra. Todos os outros povos, embora gemendo sob o peso do domínio tirânico desse cruel príncipe, não deixaram, por adulação, de se submeter ao seu desejo e de aumentar assim a sua presunção e sua vaidade. Vários romanos mesmo não tinham vergonha de desonrar a liberdade romana, introduzindo na Itália uma complacência e uma submissão de bárbaros, pela adoração que lhe prestavam. Mas ele sabia que, ao contrário, os judeus, antes de permitir que se tocassem por pouco que fosse nas suas leis, prefeririam correr para a morte como para a imortalidade, porque do mesmo modo que não se pode tirar uma pedra de um edifício sem que pouco a pouco o resto venha a cair, assim também, que tudo é importante, no que se refere à religião, e não poderia haver empreendimento mais ousado e mais ímpio, do que pretender trocar um homem mortal num deus imortal, pois que é mais fácil que Deus seja mudado em homem do que um homem em Deus; além de que seria abrir a porta a uma horrível infidelidade e a uma espantosa ingratidão para com Deus, Todo-poderoso, cuja bondade infinita espalha continuamente graças e favores sobre todas as criaturas.

Esta foi a causa da cruel guerra feita à nossa nação. Que maior desgraça pode suceder aos servidores, do que terem seu senhor como inimigo? Ora, os

súditos dos imperadores são seus servidores e quanto à moderação dos príncipes que tinham precedido Caio tornava sua obediência justa e doce, tanto a sua era insuportável. A clemência era para ele uma virtude desconhecida e ele se gloriava de calcar aos pés todas as leis e de aboli-las como inúteis, para fazer reinar em seu lugar a violência e a tirania. Mas seu furor tinha principalmente por objeto os judeus. Ele não se contentava de tratá-los como servos, mas os tratava como escravos e como os mais vis e mais abjetos de todos os escravos. Assim, podia-se dizer, com verdade, que eles tinham nele em vez de um senhor, um cruel e impiedoso tirano.

CAPÍTULO 9

OS ANTIGOS HABITANTES DE ALEXANDRIA SERVEM-SE DA OPORTUNIDADE DO FUROR DE CAIO CONTRA OS JUDEUS PARA LHES FAZER TODOS OS ULTRAJES, TODAS AS INSOLÊNCIAS E TODAS AS AÇÕES DE CRUELDADE IMAGINÁVEIS. DESTRÓEM A MAIOR PARTE DOS SEUS ORATÓRIOS E LÁ COLOCAM AS ESTÁTUAS DO PRÍNCIPE, EMBORA JAMAIS SE TIVESSE FEITO ALGO DE SEMELHANTE SOB AUGUSTO NEM SOB TIBÉRIO. LOUVOR E ELOGIO DE AUGUSTO.

Quando o ódio desse imperador contra os judeus chegou ao conhecimento dos habitantes de Alexandria, que já há muitos anos também os odiavam, eles julgaram não poder encontrar uma ocasião mais favorável de fazê-los explodir. Assim, como se tivessem recebido ordem desse príncipe, ou como tendo sido atacados pelos judeus, o direito da guerra os expunha à sua cólera, assaltaram-lhes as casas, delas os expulsaram com suas famílias, saquearam-nas, levaram tudo o que havia de melhor, não de noite, como os ladrões, que temem o castigo, mas em pleno dia, fazendo alarde, como se aquilo lhes pertencesse, ou o tivessem comprado e alguns mesmo, por uma detestável sociedade em ações, tão criminosos, dividiam entre si o roubo nas praças públicas na presença daqueles que eles tinham tão cruelmente despojado de seus bens e acrescentavam ainda a zombaria e as injúrias à violência que lhes tinham feito.

Mas, que é ter reduzido à indigência pessoas antes ricas, tê-las feito sair de suas casas e se exporem como vagabundos às inclemências do tempo, em comparação com o que aconteceu em seguida? Aqueles homens furiosos

expulsaram os judeus com suas esposas e filhos de todos os pontos da cidade para encurralá-los como animais em um lugar tão apertado, que eles não podiam nem sequer levar alguma coisa consigo, e todos pensavam que logo eles viessem a morrer de fome ou infeccionados pelo ar, cuja pureza é tão necessária para a vida, pior causa do calor interno, que é como acrescentar fogo ao fogo e não dar aos pulmões, em vez de um ar suave e temperado, que refresca, um ar aquecido por uma tão grande quantidade de pessoas apertadas umas contra as outras.

Em tal conjuntura, esses pobres infelizes para poder pelo menos respirar, retiravam-se uns para o deserto, outros para as proximidades do mar e outros para os sepulcros. Aqueles que ainda restavam nalgum lugar da cidade ou que vinham de fora, sem saber do que se estava passando, eram recebidos a pedradas ou a pauladas e os tratavam do mesmo modo que aqueles que já estavam encerrados naqueles lugares pequenos demais para tão grande multidão. Esses cruéis perseguidores iam esperar nas margens do rio os negociantes judeus que vinham fazer transações em Alexandria, roubavam-lhes toda a mercadoria e os queimavam vivos, uns na fogueira, que acendiam com lenha tirada dos navios e outros no meio da cidade de maneira ainda mais cruel, porque esse fogo era feito com lenha muito úmida, produzia muito mais fumaça do que chamas. Arrastavam a outros com cordas pelas ruas e praças públicas e se enfureciam de tal modo contra eles, que sua morte não lhes satisfazia à raiva e eles ainda os pisavam, despedaçavam-lhes os corpos, de modo que nada restava para ser sepultado, quando mesmo se lhes tivesse querido prestar aquele serviço.

Quando eles viram que o intendente da província, que teria podido acalmar num momento tão grande agitação, a autorizava fingindo ignorá-la, eles se tornaram ainda mais atrevidos e mais insolentes. Reuniram-se em grupos, foram em massa aos oratórios que existiam em grande número em várias partes da cidade, cortaram as árvores da vizinhança, destruíram completamente alguns desses oratórios, e incendiaram outros, cujo fogo destruiu também as casas das adjacências; esses incêndios destruíram os escudos e as estátuas douradas, com as inscrições com que os imperadores tinham honrado a virtude dos judeus e que deviam ser respeitadas. Nada,

porém, era capaz de conter aqueles alucinados, porque em vez de temer um castigo, eles sabiam que a raiva de Caio contra os judeus era tão grande, que nada lhe era mais agradável do que vê-los tratados com tão espantosa crueldade.

Para conquistar ainda mais as boas graças do soberano com novas adulações, e oprimir-nos ainda mais seguramente para subverter sem receio nossas leis, eles colocavam suas estátuas nos nossos oratórios, quando não os podiam destruir, porque o grande número de judeus lhes impedia; a que colocaram no principal desses oratórios estava colocada sobre um carro puxado por quatro cavalos de bronze. Nisso procederam com tanto ardor, que não tendo cavalos recém-fundi-dos, foram buscar nos lugares de exercício alguns, todo estropiados, que se dizia terem sido feitos outrora para a rainha Cleópatra, última desse nome. Isso deveria ter ofendido a Caio, em vez de contentá-lo, pois significava honras extraordinárias; mas quando mesmo esses cavalos tivessem sido feitos recentemente, o terem servido para honrar a uma mulher, os tornava indignos dele e se tivessem sido feitos para ele, eram demasiado imperfeitos para lhe serem agradáveis. Mas eles julgavam merecer muito dele, mudando esses oratórios em templos para aumentar o número dos que lhes eram dedicados, embora não o fizessem tanto pelo desejo de lhe prestar essa homenagem, como pelo extremo ódio contra nossa nação. Não é necessário melhor prova do que durante trezentos anos do reinado de dez de seus reis, eles não lhes consagraram estátuas naquelas capelas, embora os colocassem no número de seus deuses e lhes dessem o nome. Mas haverá motivo de admira-ção de que, embora eles soubessem com certeza que eram apenas homens, eles os colocassem no número de seus deuses, pois adoravam cães, lobos, leões, crocodilos e vários outros animais, tanto terrestres como aquáticos e aves, e todo o Egito está cheio de Templos, de altares e de bosques consagrados à sua honra?

Mas, como jamais houve maiores aduladores e eles consideram muito mais a fortuna que a pessoa dos príncipes, eles responderão que talvez o poder e a prosperidade dos imperadores romanos sobrepujam de muito a dos Ptolomeus, e portanto, era prestarem-se-lhes as maiores honras. Que resposta pode ser mais ridícula? Por que eles não prestaram honras semelhantes a

Tibério, ao qual Caio é devedor do império, pois que esse príncipe reinou durante vinte e três anos com tanta prudência e felicidade, que manteve até à morte não somente as províncias gregas, mas as bárbaras, em profunda paz e as fez gozar de toda espécie de bens? Era talvez sua origem inferior à de Caio? Não a sobrepujava, talvez, tanto do lado paterno como do materno? Era-lhe ele inferior em erudição? Que outro foi no seu tempo mais hábil e mais eloqüente? Não tinha ele bastante idade e portanto bastante experiência? Que outro imperador terminou seus dias em tão venturosa velhice e não se viu com admiração que mesmo na sua juventude ele já tinha a capacidade que de ordinário se adquire depois de um grande número de anos? Entretanto, vós não julgastes que ele merecia que lhe prestásseis a mesma honra.

Que direi também desse admirável príncipe que parece se ter elevado, pela grandeza de suas virtudes, acima da condição dos homens, que pela multidão de seus benefícios e a felicidade de seu reinado mereceu por primeiro o glorioso título de Augusto e sem tê-lo recebido de nenhum outro o transmitiu aos seus sucessores? As terras opunham-se aos mares e os mares, às terras: a Europa armada contra a Ásia, e a Ásia contra a Europa. Todos os grandes do império estavam divididos para ver quem seria o senhor e podemos dizer que a raça dos homens estava prestes a perecer por essa sangrenta e cruel guerra acesa ao mesmo tempo em todos os lugares do mundo, quando em tão horrível tempestade esse grande príncipe tomou nas mãos o leme, restituiu a calma toda a terra, estabeleceu a abundância por meio do comércio, amenizou os costumes das nações mais bárbaras, que podiam passar por livres, conservou a paz, fez reinar a justiça e jamais deixou de espalhar a mãos-cheias favores sobre todos os povos, até o fim da vida. Esse incomparável benfeitor viu durante quarenta e três anos o Egito sujeito ao seu império, sem que lhe tenhais prestado a mesma honra que a Caio, nem colocado sua estátua em nenhum dos oratórios dos judeus, embora nenhum outro príncipe merecesse mais do que ele ser reverenciado de maneira extraordinária, não somente porque ele é o autor da augusta família imperial, mas porque tendo reunido nele esse soberano poder, antes dividido e tendo dele usado com tanta moderação, ele cuidou da felicidade pública, nada havendo de mais verdadeiro do que estas palavras de um antigo: "O governo de vários é perigoso, por causa dos males que produz a

diversidade de seus sentimentos". O exemplo dos outros povos a isso vos devia mesmo obrigar, pois que de todas as partes lhe foram prestadas honras divinas e em diversos lugares lhe foram consagrados Templos, tão grandiosos que não podemos encontrar outros semelhantes em parte alguma, particularmente na nossa Alexandria, tanto antigos como modernos, que os igualem? Pois, que outro é comparável ao que traz por sua causa o nome de Sebaste, construído perto do porto e tão reverenciado por aqueles que navegam? É tão espaçoso e tão elevado que pode ser visto de muito longe: está todo cheio de admiráveis estátuas e quadros, bem como de outros presentes enriquecidos de ouro e prata que lhe foram oferecidos; nada se pode ver de mais magnífico do que seus pórticos, seus vestíbulos, suas galerias, suas bibliotecas e nada de mais belo que seus bois sagrados. Nesse concurso geral de todos os povos haverá algum homem de bom senso que possa dizer que não se dava toda a honra devida a Augusto, sem colocar suas estátuas nos oratórios dos judeus? Não, sem dúvida; mas o que impediu que isso se fizesse foi que se sabia que aquele admirável príncipe via com não menor prazer que cada qual vivesse segundo as leis do seu país, ao que ele tinha cuidado em fazer observar as leis romanas, e que as honras que lhe prestavam aqueles cegos adoradores não eram por ele aprovadas, mas ele julgava que assim contribuíam para erguer ainda mais a grandeza e a majestade do império. Quem melhor pode manifestar que ele não se deixou arrebatar, nem transportar pela vaidade, por aquelas reverências excessivas, que jamais quis tolerar que se lhe desse o nome de deus e de senhor? E não somente rejeitou aquela adulação, mas demonstrou reprovar o horror que nossa nação tinha por coisas semelhantes? Do contrário, como teria ele permitido que judeus, dos quais a maior parte tinha sido libertada pelos senhores, sob o poder dos quais a sorte das armas os havia reduzido, tivessem ocupado em Roma aquela grande parte da cidade que está além do Tibre? Ele não ignorava que tinham oratórios onde se reuniam para orar e principalmente no dia de sábado; que eles arrecadavam as décimas para mandá-las a Jerusalém e faziam oferecer sacrifícios. Entretanto, não os expulsou de Roma e estava tão longe de lhes querer abolir a religião, suas leis e seus costumes, que ele fez ricos presentes ao nosso Templo e ordenou que lá se imolassem todos os dias em holocausto, vítimas ao Deus Todo-poderoso: o que se faz ainda hoje,

sempre se há de observar e será para sempre um sinal da virtude desse incomparável imperador. Ele quis também que os judeus fossem incluídos na distribuição pública de dinheiros e de trigo, que se fazia ao povo em certos meses; se caísse ela em dia de sábado, nos quais não lhes é permitido agir, nem receber alguma coisa, principalmente para sua utilidade, punham-lhes a porção de lado, para que a recebessem no dia seguinte. O que os tornava tão importantes entre as outras nações que ainda naturalmente elas não lhes fossem favoráveis, não ousavam perturbá-los na observância de suas leis.

Tibério tratou-os do mesmo modo que Augusto, embora Sejam tudo fizesse para procurar perdê-lo por meio de calúnias, especialmente os que moravam em Roma, porque ele sabia que eles eram incapazes de entrar em sua detestável conjuração contra seu senhor; o soberano ordenou em seguida a todos os governadores das províncias que exceto alguns em número muito pequeno, que tinham entrado nessa conjuração, tratassem bem a todos os outros, sem obrigá-los a alguma modificação em seus costumes, porque eles eram naturalmente inclinados à paz e nada faziam em suas leis nem em seus costumes de contrário à tranqüilidade pública.

CAPÍTULO 10

CAIO, ESTANDO JÁ TÃO ENRAIVECIDO CONTRA OS JUDEUS DE ALEXANDRIA, ENCONTRA UM EGÍPCIO CHAMADO HELICOM, QUE TINHA SIDO ESCRAVO, E SE ENCONTRAVA ENTÃO EM INVEJÁVEL POSIÇÃO JUNTO DELE, E IRRITA-O POR MEIO DE CALÚNIAS.

Caio chegou então ao máximo da vaidade e da loucura, dizendo não somente que ele era deus, mas acreditava-o e não encontrou povo algum, nem entre os gregos nem mesmo entre os bárbaros, mais próprios, que o de Alexandria, para satisfazer ao seu desejo, nessa idéia extravagante. Nenhum outro povo é mais falso do que esses habitantes, mais astutos, mais aduladores, nem tem tão pouco respeito pelo nome de Deus, pois não fazem dificuldade em dá-lo a íbis, às serpentes e aos outros animais. Assim, como eles são pródigos dessa honra, facilmente enganam aos outros que não sabem qual a impiedade dos egípcios, que lhes é impossível enganar os que a conhecem e a

detestam. Caio, desconhecendo-lhes então a malícia, estava persuadido de que era de verdade e não por fingimento, que eles o julgavam um deus, porque o declaravam em voz alta e com todas as aclamações de que usam para demonstrar respeito para com os deuses; além de que considerava como provas de seu zelo os sacrilégios que eles tinham cometido naqueles oratórios e não havia poemas nem histórias que ele não lesse com tanto prazer, como as relações que lhe eram mandadas do que estava acontecendo sobre aquele assunto. Os seus domésticos que viviam preocupados em louvá-lo ou em censurá-lo em tudo o que lhes agradava ou desagradava, para isso ainda contribuíam; destes, a maior parte eram egípcios e infelizes escravos, educados desde a infância naquele erro abominavel, que os fazia adorar como deus serpentes e crocodilos. O chefe desse detestável grupo era um celerado de nome Helicom, que por maus meios se tinha introduzido no palácio. Tinha alguma noção das letras e aquele de quem antes tinha sido escravo e que lhas havia ensinado tinha-o dado a Tibério. Mas o príncipe não fizera grande caso dele, porque a maneira como tinha sido educado em sua juventude o tinha feito grave e severo, e o fazia desprezar as coisas pouco sérias. Quando depois de sua morte Caio sucedeu-o no império, aquele espírito perigoso, vendo que não havia voluptuosidade ou desregramento a que ele não se deixasse levar, disse consigo mesmo: "Eis um tempo, Helicom, que não te podia ser mais favorável; nada deixes então para procurar aproveitá-lo o mais possível. Tu tens um senhor tal como o poderias desejar. Ele te escuta; tu lhe agradas: tu tens o espírito flexível; és excelente na astúcia; os jogos, os gracejos e as ninharias, que lhe podem causar prazer são teu elemento. Tu és instruído nas ciências liberais e nas outras também. Não sabes somente agradar por tuas adulações, mas também por palavras cuja malícia tanto mais perigosa quanto mais oculta suscita a suspeita e a cólera contra os que queres prejudicar, quando teu senhor está com vontade de te ouvir, e o está quase sempre, tanto está disposto a dar ouvidos a maledicências e as calúnias. Não tens necessidade de pores em aflição para encontrar um motivo, para isso os judeus te fornecerão amplo material. Só tens que clamar contra suas leis e seus costumes, e é o que aprendeste deste sua meninice, não somente de alguns particulares, mas de quase todo o povo de Alexandria. Mostra então que sabes fazer".

Helicom, cheio destes pensamentos, não abandonava Caio, nem de dia nem de noite, e nas horas mais particulares de seus divertimentos e prazeres não perdia ocasião alguma de irritá-lo contra os judeus por meio de imposturas, que faziam tanto mais efeito quanto eram ditas de maneira agradável e delicada. Ele não queria passar por inimigo, mas agia com astúcia e habilidade e fazia-lhes assim muito mais mal do que se se manifestasse abertamente e mostrasse seu ódio contra eles.

Quando os embaixadores dos habitantes de Alexandria, que nos tinham sempre declarado tão cruel guerra, souberam quanto esse infeliz homem lhes era útil, não somente lhe deram dinheiro, mas ainda prometeram-lhe grandes honras, logo que o imperador tivesse chegado a Alexandria, pois sabia-se que ele devia chegar em breve! Tudo então ele lhes prometeu, tanto se alegrava com o pensamento do prazer que sentiria em receber honras na presença dos embaixadores, que não deixariam de vir de todas as partes do mundo para aquela soberba cidade prestar suas homenagens àquele príncipe.

Como não sabíamos ainda que tínhamos na pessoa de Helicom um inimigo tão perigoso, só pensávamos em nos defender contra aqueles, dos quais não podíamos duvidar de que o fossem realmente. Mas, depois que o soubemos, usamos de todos os meios possíveis para procurar acalmá-lo e conquistá-lo. Nenhum outro nos causava mais mal e não no-lo poderia fazer ainda mais, pois ele estava em todos os jogos, em todos os divertimentos, em todos os banquetes e em todas as licenciosidades de Caio; seu cargo de mordomo de quarto, que era um dos principais do palácio, dava-lhe azo de desconsiderar a todo momento e seu amo sentia grande prazer em escutá-lo. Ele deixou todas as outras preocupações para só pensar em nos fazer mal com suas calúnias, misturando-as com boas palavras, de maneira tão agradável sob o pretexto de divertir a Caio e aparentemente sem má intenção, mas na realidade para nos perder; tal impressão fizeram em seu espírito que jamais se pôde apagar.

Capítulo 11

Os judeus de Alexandria mandam a Caio uma embaixada para falar-lhe de seus sofrimentos; Fílon era o chefe dessa embaixada. Caio recebe-o de maneira que parecia muito favorável. Mas Fílon

JULGOU BEM QUE NÃO PODIA CONFIAR NELE.

Depois de termos feito todo o possível para tornarmos Helicom favorável a nós, vendo que trabalhávamos inutilmente, porque ele era tão insolente e tão cheio de si que ninguém ousava aproximar-se dele, não sabendo além disso se ele tinha algum ódio pessoal e particular contra nós, que o levasse a irritar o imperador para nos perder, julgamos dever tomar outro caminho e resolvemos apresentar um pedido ao príncipe para informá-lo de nossos sofrimentos, o qual continha em resumo o que nós tínhamos escrito mais detalhadamente num memorial mandado pouco antes ao rei Agripa, quando ele viera a Alexandria, para ir à Síria tomar posse do reino que Caio lhe havia dado. Assim, partimos para Roma na persuasão de encontrar na pessoa do imperador um justo juiz, quando nele tínhamos o mais mortal dos inimigos. Ele nos recebeu no campo de Marte, ao sair dos jardins de sua mãe, com um rosto alegre e palavras afáveis; fez-nos sinal com a mão, de que nos seria favorável e nos mandou em seguida a Homus, introdutor dos embaixadores, para que tomasse conhecimento de nosso assunto. Assim, não havia um só dos que estavam presentes, nem mesmo dos de nossa nação, que conheciam bem as coisas, que não julgasse que nossa embaixada seria bem-sucedida, como podíamos desejar e todos se alegravam conosco. Mas minha idade e o conhecimento que eu tenho das coisas do mundo faziam-me mais capaz de julgar e o que alegrava aos outros era-me suspeito, porque eu raciocinava assim: "Como é possível que havendo aqui embaixadores de todas as partes da terra, nós somos os únicos aos quais o imperador mandou dizer que daria audiência? Não sabe ele que sendo judeus, nós ficaríamos assaz contentes se ele nos tratasse como os demais? Poderíamos pretender sem loucura, favores particulares, de um príncipe que não é da nossa nação, duvidar de que ele não tenha mais simpatia pelos de Alexandria do que por nós e não crermos que é somente para obsequiá-los que ele quer se apressar em apressar o seu parecer? Praza a Deus que em vez de ser nesse assunto um justo juiz, ele não fosse o protetor deles e nosso inimigo!"

Capítulo 12

Fílon e seus colegas sabem que Caio tinha ordenado a Petrônio, governador da Síria, de mandar colocar sua estátua no Templo de Jerusalém.

Estando eu ocupado com estes pensamentos que não me davam descanso, nem de dia nem de noite, sobreveio uma outra desgraça que não teríamos podido prever e que não importava somente na ruína de uma parte de judeus, mas que de toda a nação, acabou por me deixar aniquilado. Nós tínhamos seguido o imperador a Puteolo, onde viera divertir-se à beira-mar; ele passava o tempo em casas de recreio muito suntuosas e que aí existiam em grande número, em nada pensava, menos ainda em tomar conhecimento dos nossos interesses, que nos haviam obrigado a segui-lo e nem que esperávamos a todo momento o seu juízo. Um homem então chegou com o rosto perturbado, olhos esbugalhados, mal podendo respirar. Chamou alguns à parte e disse: "Não soubestes da terrível notícia?" Ele queria continuar, mas os soluços embargaram-lhe a voz e por mais que quisesse falar, não pôde fazê-lo. Pode-se julgar do nosso espanto e de nossa surpresa. Rogamos-lhe que nos revelasse a causa da sua aflição, pois não havia motivo para que ele tivesse vindo apenas para chorar diante de nós e se o assunto merecia tantas lágrimas, era bem justo que, estando tão acostumados a sofrer, como estávamos, misturássemos as nossas com as suas. Ele então fez um novo esforço e disse entre suspiros que lhe entrecortavam as palavras: "Está decretada a ruína do nosso Templo. O imperador ordenou que se colocasse a sua estátua no santuário e que se escrevesse na coluna o nome de Júpiter". Tão espantosa notícia deixou-nos quase petrificados, pois nos foi a mesma quase imediatamente confirmada, por outros. Retiramo-nos e nos encerramos em nossos aposentos para chorarmos a ruína particular e geral de nossa nação; como a dor é eloqüente que não nos fez ela dizer?

Assim, depois de nos termos exposto ao mais rigoroso inverno e aos perigos de tão difícil navegação, para procurar algum alívio aos nossos sofrimentos, encontramos em terra uma tempestade muito mais cruel do que a do mesmo mar, porque estas são naturais, e por conseguinte suportáveis, ao

passo que aquela era causada por um homem que de homem só tinha a aparência, por um jovem monarca que só desejava perturbação e agitação, e que vendo seus desejos obstados por todas as forças do império, deixava-se levar sem impedimento algum a uma tirania desenfreada, o que era um mal tanto maior quanto não havia remédio! Quem teria a coragem de lhe dizer que ele não devia violar a santidade do mais augusto dos Templos? Poder-se-ia, sem perder a vida, opor-se por demonstrações à torrente de tão grande impiedade? Morramos, então, dizíamos, pois que nada nos pode ser mais glorioso do que dar a vida pela defesa de nossas santas leis. Mas nossa morte não poderá produzir nenhum efeito bom e sendo embaixadores como somos, não seria isso aumentar ainda a aflição dos que nos mandaram e dar motivo às pessoas de nossa nação, que nos apreciam, de dizer que para nos livrarmos dos males presentes, em tais perigos, faltamos à república, embora os menores interesses devam ceder aos maiores e os particulares, aos públicos, porque, na perturbação de um Estado, todas as leis que lhe tinham conservado a grandeza e a existência perecem com ele? Não poderiam também imputar-nos como crime abandonarmos os direitos dos judeus de Alexandria e deixarmos um assunto, no qual se trata da ruína de toda nação, pelo motivo que dá, de temer que um príncipe tão violento e tão cruel não a queira destruir completamente? E se alguém disser que se se tomar um destes dois partidos, não se poderia daí tirar alguma vantagem, podemos pensar em nos retirarmos em segurança: eu respondo que, para fazer tal proposta, é preciso ou não ter ânimo ou ignorar nossas divinas leis. Os que são verdadeiramente generosos jamais perdem a esperança e nossos livros santos nos ensinam a conservá-la sempre. Deus quer talvez servir-se dessa oportunidade para provar a nossa virtude e ver se estamos dispostos a suportar com paciência as nossas amarguras. Assim, em vez de procurar nossa salvação no auxílio incerto dos homens, ponhamos toda nossa confiança em Deus, com firme certeza de que Ele nos ajudará como outrora nos ajudou e a nossos antepassados, em tantos perigos que pareciam fatais. Foi assim que nós procuramos nos consolar em um tão grande mal, tão imprevisto, e nos iludíamos com a esperança de tempos mais felizes.

Depois de ter ficado em silêncio um instante, dissemos àquele que nos tinha trazido a notícia: "Por que vos contentais de, por uma palavra ter lançado

a perturbação em nosso espírito, como uma fagulha que causa um grande incêndio e não nos dizeis o que levou o imperador a tomar tão estranha resolução?"

"Ninguém desconhece," respondeu-nos, "que ele quer ser adorado como Deus; como está persuadido de que os judeus são os únicos que se recusam a reconhecê-lo como tal, julga não poder castigá-los e afligi-los mais do que desonrando a majestade do seu Templo e profanando-lhe a santidade, que ele sabe ser o mais belo do mundo e rico de inúmeros presentes, que lhe foram feitos no decorrer de tantos séculos, além de que sendo empreendedor e ousado como é, quer ainda dele se apoderar. Capitom, encarregado da arrecadação dos tributos da judéia, o irritou ainda mais contra nós por cartas que lhe escreveu. Como ele não tinha bens até então, quando foi enviado a essa província, ele se enriqueceu pelas arrecadações que fez, e quis prevenir por meio de calúnias as justas queixas que temia que os judeus fizessem dele, e serviu-se da oportunidade de que vou falar.

"Jâmnia é uma das cidades da judéia das mais povoadas e todos os seus habitantes são judeus, com exceção de alguns estrangeiros que aí vieram, para nossa desgraça, morar, das províncias vizinhas. Sua aversão por nossos costumes e leis é tão grande que procuram fazer-nos todo o mal possível e, tendo sabido que Caio arde na louca paixão de ser honrado como um deus e que ele concebeu para esse fim um ódio mortal contra nós, eles julgaram não poder encontrar um tempo mais propício para nos perder. Assim, elevaram-lhe um altar de tijolo, com esse único fim, porque eles sabem que jamais permitimos que se violem desse modo as leis de nossos pais; sua malícia produziu o efeito desejado. Os judeus destruíram esse altar e imediatamente aqueles rebeldes foram queixar-se a Capitom, o autor da cilada, que tinham armado aos seus concidadãos para lhes causar a ruína. Aquele malvado, contente por ter conseguido o seu intento, não deixou de escrever a Caio e de exagerar naquela ação, acrescentando muito à verdade, a fim de irritar ainda mais o imperador. O príncipe presunçoso e violento apenas recebeu essa comunicação, e determinou que em vez de um altar de tijolo se erigisse a sua estátua de tamanho descomunal toda dourada e a colocassem no Templo de Jerusalém. Nisso teve como conselheiros dois grandes e eminentes

personagens. Helicom, ilustre comediante e cínico por excelência, e Apeles, famoso artista, que depois de ter, ao que se diz, vendido sua beleza na juventude, subiu ao palco, quando estava mais avançado em anos e sabemos qual o pudor dos que abraçam essa profissão. Por essas excelentes qualidades, esses dois homens chegaram a ser conselheiros de Caio. Ele seguia a um quanto à maneira de bem se divertir, e ao outro, na maneira de bem recitar seus versos, sem se importar de manter a paz no império e a tranqüilidade pública. Helicom, sendo egípcio, fere-nos com uma língua viperiana; Apeles, sendo ascalonita, é também nosso inimigo capital, e vomita contra nós todo o seu veneno".

Cada uma das palavras daquele que nos fez esta relação era como uma pu-nhalada, que nos penetrava no coração, mas esses dois detestáveis conselheiros receberam bem depressa o castigo que merecia a sua impiedade. Caio mandou prender Apeles com ferros nos pés, por outros crimes, e torturá-lo na roda, de vez em quando, para aumentar e prolongar o seu suplício. Cláudio, tendo sucedido a Caio no trono, também mandou matar a Helicom, por outras razões.

CAPÍTULO 13

EXTREMA AFLIÇÃO EM QUE PETRÔNIO SE ENCONTRA COM RELAÇÃO À ORDEM QUE CAIO LHE DERA, DE PÔR SUA ESTÁTUA NO TEMPLO DE JERUSALÉM, PORQUE ELE LHE CONHECIA A INJUSTIÇA E VIA-LHE AS CONSEQÜÊNCIAS.

Caio escreveu, então, que se consagrasse e se pusesse sua estátua no nosso Templo, e tudo fez para que essa ordem fosse cumprida. Ordenou a Petrônio, governador da Síria, que tomasse a metade do exército que se localizava ao longo do Eufrates, para se opor às tentativas dos reis e dos povos do Oriente, a fim de acompanhar aquela estátua, não para lhe tornar a consagração mais solene, mas para dizimar os judeus que tivessem a ousadia de se opor aos seus inten-tos. É então, assim, cruel príncipe, que prevendo que esse povo se exporia à morte, antes que permitir a violação de suas leis e a profanação de seu Templo, vós lhe declarais guerra e mandais um exército inteiro para consagrar vossa estátua com o sangue de tantas vítimas inocentes,

sem poupar as mulheres não menos que os homens?

Essa ordem pôs Petrônio em grande aflição, porque de um lado ele sabia que Caio não toleraria que se provocasse o menor atraso na execução de suas ordens, e de outro, ele via-lhe a execução assaz difícil, porque os judeus sofreriam mil mortes, antes que a subversão de sua religião. Ainda que todos os outros povos tenham amor por suas leis, não são como os judeus. Eles consideram as suas como oráculos que o mesmo Deus lhes outorgasse; aprenderam-nas desde a infância, trazem-nas gravadas no coração e não se cansam de admirá-las e recebem no número de seus cidadãos os estrangeiros que as abraçam, consideram inimigos os que as desprezam e têm tal horror por tudo o que lhes é contrário, que não há nem grandeza, nem fortuna, nem felicidade temporal, que seja capaz de os levar a violá-las. Não precisamos também de melhor prova de seu respeito e veneração pelo Templo, do que ser a morte inevitável para os que ousam entrar no santuário: em todos os outros lugares a entrada é livre, a todos os que são de sua própria nação, de qualquer província eles venham.

Petrônio, passando e repassando estas coisas em sua mente, achava o encargo tão ousado que não se apressou em executá-la: e mais ele agitava esse assunto, mais se persuadia de que não se devia tocar no que se refere à religião, quer porque a justiça e a piedade obrigam a nada se modificar, quer por causa do perigo que havia, não da parte de Deus, mas da dos judeus, que se deixariam levar ao desespero e ele considerava também a multidão do povo daquela nação que não está, como os outros, reunido numa única província, mas tão espalhado em tão grande número, quase por todo o mundo, tanto nos continentes como nas ilhas, que pouco falta para que iguale o número dos habitantes do lugar. Isso dava motivo a temores de que se reunindo de todas as partes eles declarassem uma guerra, que não se poderia vencer, mesmo porque então eles já eram muito fortes na Judéia e não menos hábeis do que valentes, preparados para morrer empunhando as armas, com invencível coragem, antes que abandonar suas leis, tão justas e excelentes, por mais que seus inimigos queiram fazer passar por bárbaras. Esse sensato governador temia também os daquela nação que residem além do Eufrates, em Babilônia e nas outras províncias, porque ele sabia com certeza, vendo com seus próprios olhos, que

eles mandavam todos os anos ao Templo, sob o nome de primícias, o dinheiro que diziam sagrado, sem temer o perigo das estradas por maiores que fossem, porque eram levados por um dever de piedade. Assim, ele temia com razão, que apenas soubessem da consagração da estátua, eles se poriam em campo e o rodeariam de todos os lados.

Esses pensamentos detinham-no, mas outros comentários punham a agitação e a perturbação em seu espírito quando ele se recordava de que seu senhor era um jovem príncipe que só conhecia a justiça da sua vontade e não tolerava que o desconhecessem, por mais injustas que fossem as suas ordens e cujo orgulho e presunção chegavam a tal excesso de loucura, que o faziam esquecer de que ele era homem, para passar por Deus; e assim ele não podia executar a ordem que lhe dera, sem correr risco de vida, com esta diferença, que a poderia salvar na guerra cujos eventos são duvidosos, ao passo que não podia não perdê-la, se se recusasse obedecer ao soberano.

CAPÍTULO 14

PETRÔNIO MANDA TRABALHAR NA EXECUÇÃO DA ESTÁTUA, MAS LENTAMENTE; ESFORÇA-SE EM VÃO POR PERSUADIR OS PRINCIPAIS DOS JUDEUS A RECEBÊ-LA. TODOS ABANDONAM AS CIDADES E OS CAMPOS PARA IR PROCURÁ-LO E ROGAR-LHE QUE NÃO EXECUTASSE AQUELA ORDEM QUE LHES ERA MAIS INSUPORTÁVEL QUE A MESMA MORTE, MAS LHE PERMITISSE MANDAR EMBAIXADORES AO IMPERADOR.

Os oficiais romanos que tinham mais relações com Petrônio nos assuntos da Síria inclinavam-se para a solução da guerra; conheciam o furor de Caio e não duvidavam de que se se recusassem a cumprir suas ordens, ele descarregaria imediatamente sobre eles toda a sua cólera, certo de que eles também tinham tido parte na desobediência. Mas aconteceu, por felicidade, que tiveram oportunidade de deliberar, enquanto preparavam a estátua, porque ela não lhes seria mandada da Itália; creio que Deus o permitiu para salvar seu povo, como também não havia ordem expedida, para tomar na Síria a mais bela das que lá se encontravam. Sem isso, a guerra já se teria iniciado, antes que se tivesse podido encontrar algum remédio para tão grave mal.

Petrônio, depois de ter deliberado mandar fazer a estátua, mandou buscar os mais hábeis escultores da Fenícia, deu-lhes o material e escolheu Sidom como o lugar mais próprio parta o trabalho. Mandou em seguida os mais ilustres dos sacerdotes dos judeus e de seus magistrados comunicar-lhes a vontade do imperador, exortou-os a obedecer, para não serem feridos pelas desgraças que do contrário lhes seriam inevitáveis, pois as principais forças do exército da Síria estavam prontas para atacá-los e obrigá-los, se eles se recusassem a obedecer. Petrônio estava certo de poder persuadi-los e assim eles persuadiriam o resto do povo, mas enganou-se. Aquelas palavras impressionaram-nos profundamente e a princípio ficaram petrificados, mas depois desataram em lágrimas; arrancaram a barba e os cabelos, e disseram com uma voz intercalada de suspiros: "Vivemos então até esta hora para ver o que nenhum dos nossos antepassados jamais viu? Como poderíamos ver, se perderemos os olhos com a vida, antes que sermos espectadores de tão horrível impiedade?"

Essa notícia espalhou-se em Jerusalém e em toda a Judéia e todos deixaram imediatamente as cidades e os campos, como se agissem de comum acordo, para ir à Fenícia encontrar-se com Petrônio. Aquela inumerável multidão fez pensar aos que não sabiam como a Judéia era populosa, que era um grande exército que vinha atacar Petrônio, e deram-lhe imediatamente aviso; mas suas armas eram apenas gemidos e gritos que faziam reboar o espaço com tão grande barulho, o qual não cessou nem mesmo quando eles os retiveram, para se entregar aos rogos que o excesso da dor lhe trazia aos lábios. Estavam distribuídos em seis grupos, três de um lado, em que estavam os velhos, os moços e as crianças e três do outro, onde estavam as mulheres idosas, as senhoras e as virgens.

Quando se aproximaram de Petrônio, que apareceu num lugar elevado, todos se lançaram por terra soluçando tanto, que nada podia ser mais comovente; embora ele lhes ordenasse que se levantassem e se aproximassem, com dificuldade a isso se resolveram. Vieram por fim, com a cabeça coberta de cinzas, os olhos marejados de lágrimas, e as mãos às costas como condenados à morte: um dos Senadores falou em nome de todo o povo, a Petrônio, nestes termos:

"Para eliminar todo pretexto, senhor, de nos acusarem de ter alguma má intenção, nós viemos sem armas, não somente, mas sem nem mesmo nos querermos servir de nossas mãos, que são armas, dadas pela natureza aos homens; nós nos apresentamos para que nos trateis como quiserdes. Deixamos nossas casas desertas, para trazer conosco nossas esposas e filhos, a fim de unirem suas preces às nossas e rogar ao imperador, por vosso intermédio, ou que nos conserve a todos, ou que nos faça morrer a todos. Amamos naturalmente a paz e a ela somos tanto mais inclinados, quanto nosso maior prazer é educar nossos filhos no trabalho e para isso ela nos dá a oportunidade. Quando Caio subiu ao trono e nós soubemos por suas cartas a Vitélio, que então estava em Jerusalém, ao qual vós sucedestes, demonstramos-lhe nossa alegria e foi por nosso meio que essa notícia se espalhou em todas as outras cidades. Nosso Templo foi o primeiro onde por esse fim se ofereceram sacrifícios, para desejar ao nosso soberano um feliz reinado. Seria justo que ele fosse o único onde se aboliria a religião, que há tanto tempo ali é observada? Nós abandonamos nossas casas, nossos bens e tudo o que possuímos. A única coisa que pedimos é que nada se modifique no nosso Templo, mas que ele permaneça no mesmo estado em que nossos pais no-lo deixaram. Se nos recusardes esse favor, tirai-nos também, então, a vida; ser-nos-á muito mais suave perdê-la, do que vermos violar nossas santas leis. Sabemos que se preparam grandes forças para nos atacar, se nos opusermos a essa ordem, mas nós não somos tão imprudentes em querer resistir ao nosso soberano. Sofreremos antes a morte do que conceber tal idéia. Podem nos matar, fazer-nos em pedaços sem correr perigo, porque não nos defenderemos. Faremos nós mesmos o ofício de sacerdotes, imolando no Templo como vítimas, nossas esposas, nossos filhos, nossos irmãos; e depois de termos derramado seu sangue inocente, derramaremos também o nosso, para misturá-lo com o deles, matando-nos com nossas próprias mãos; exalaremos nossos últimos suspiros rogando a Deus que não no-lo impute o crime, pois o fizemos somente para não faltar ao nosso dever para com o imperador e também à observância de nossas leis. Mas, antes de chegarmos a esse extremo, nós vos pedimos, senhor, que nos concedais um pouco de tempo para mandarmos uma embaixada ao imperador. Talvez obtenhamos dele que não nos perturbe, na honra que

devemos a Deus e no exercício de nossa religião, e não nos reduza à condição pior do que a das outras nações, a que ele deixa liberdade de viver, segundo seus antigos costumes e confirme os decretos de Augusto e de Tibério, seus predecessores, que bem longe de censurar nosso proceder e de encontrar algo de prejudicial em nossos costumes, aprovaram-nos inteiramente. Talvez nossas palavras e razões aplaquem sua cólera; a ira dos príncipes passa e sua vontade nem sempre é a mesma. Foi por meio de calúnias que atraíram a ira do imperador contra nós; permiti-nos, por favor, que nos justifiquemos, mostrando-lhe toda a verdade; e que haveria de mais rude do que condenar-nos sem nos ouvir antes? Se nada pudermos obter dele, quem lhe impedirá de fazer então o que ele agora pretende? Mas não nos tireis, senhor, pela recusa, essa permissão, a única esperança que nos resta e a tão grande multidão de pessoas que só vos pedem esse favor, por um sentimento de piedade, que é verdade, que nenhum outro interesse, pode ser tão grande como o que se refere à própria salvação".

CAPÍTULO 15

PETRÔNIO, COMOVIDO PELAS RAZÕES DOS JUDEUS E JULGANDO QUE NÃO SE DEVIAM MESMO REDUZI-LOS AO DESESPERO, ESCREVEU A CAIO DE UMA MANEIRA QUE PROCURAVA GANHAR TEMPO. O CRUEL PRÍNCIPE ENFURECE-SE, MAS ELE DISSIMULOU SUA RAIVA ESCREVENDO EM RESPOSTA A PETRÔNIO.

Essas palavras foram acompanhadas de tantas lágrimas e suspiros, que encheram de compaixão a todos os que as ouviram e particularmente Petrônio, que era naturalmente afável e moderado. O pedido feito em nome de todo o povo parecia-lhe justo e jamais nada foi mais deplorável do que o estado em que o viam reduzido. Petrônio tratou do assunto com seus conselheiros e ficou satisfeito por ver que aqueles que antes eram os mais rigorosos começavam a ceder, e que os outros não dissimulavam sua comoção pela sorte e pela aflição daquele povo. Assim, embora ele não desconhecesse a crueldade de Caio e de como jamais ele perdoava, parecia agir levado pela piedade de nossa religião, quer porque sendo homem de letras já há muito a conhecia, quer porque depois a conhecera desde que assumira o cargo de governador da Ásia e na Síria, onde

há um grande número de judeus, quer porque pelo seu natural se inclinasse a tudo o que é justo e razoável, ou quer ainda, porque Deus dá ordinariamente bons sentimentos aos homens de bem, para que deles se sirvam em próprio proveito e para o do público, como aconteceu nessa ocasião. A resolução foi então tomada, de fazer os escultores não se apressarem, mas ordenar-lhes que trabalhassem com calma, para tornar o próprio trabalho o mais perfeito possível, para que se lhe pudesse dar o nome de obra-prima e porque os trabalhos feitos às pressas duram pouco, ao passo que os que são demorados na execução, passam pelos mais apreciáveis de século em século. Petrônio não permitiu aos judeus mandar legados ao imperador, porque ele julgava que lhes não seria vantajoso, nem deveriam depender do capricho do soberano, mas não lhes recusou o que pediam, porque via perigo numa e noutra coisas; escreveu, porém, a Caio, sem lhe falar do pedido que lhe tinham feito e se contentou em atirar a culpa do atraso da consagração daquela estátua sobre os operários que tinham necessidade de mais comodidade para fazê-la digna dele. julgou assim poder ganhar tempo, e talvez Caio se deixasse comover porque estava próxima a ceifa e havia motivo de se temer que os judeus, não fazendo caso da vida, depois da subversão de suas leis, queimassem eles mesmos seus campos de trigo bem como todas as árvores, o que se devia tanto mais temer, quanto se dizia que Caio estava para vir a Alexandria. Não havia probabilidade alguma de que ele se quisesse expor aos perigos do mar com um grande séquito, e era muito mais verossímil que ele passaria por terra ao longo das costas da Síria e da Ásia, onde poderia embarcar e desembarcar quando quisesse e onde, no meio daqueles navios, havia duzentos barcos longos, próprios para lhe trazer os víveres e a forragem, que lhe eram necessários, para reunir em grande nuantidade. em todas as cidades da Síria e particularmente as marítimas, por causa da infinita multidão de povos de todas as condições que viriam procurá-lo, tanto da Itália como de todas as outras partes do mundo.

Não se duvidava de que aquela carta seria agradável a Caio e de que ele louvaria mesmo aquele atraso, não em consideração aos judeus, mas para poder reunir muitos viveres e assim ela foi escrita e mandada. Mas a cólera do cruel príncipe acendeu-se de tal modo ao lê-la, que seus olhos faiscavam de furor; e ele disse batendo as mãos: "Ora, Petrônio! Ainda não aprendestes a

obedecer ao vosso imperador? Vossos grandes feitos vos enchem de vaidade e parece que conheceis a Caio só de nome. Mas em breve o conhecereis por vossa própria experiência. Considerais então mais as leis dos judeus, que são meus inimigos mortais, do que as ordens do vosso soberano? Temeis seu grande número como se não tivésseis um exército valoroso em todo o Oriente temido mesmo ao rei dos partos, e vossa compaixão por esse povo é mais poderosa em vosso espírito que o desejo de me obedecer e de me agradar? Tomais como pretexto a necessidade de fazer a colheita para fornecer-me viveres, para a viagem que eu me preparo para fazer, como se eu não o pudesse obter das províncias vizinhas e elas não fossem capazes de me fornecer por sua abundância, ante a esterilidade da Judéia. Mas, por que esperar mais e empregar o tempo em palavras inúteis? Será pela morte desse atrevido que lhe deveremos mostrar a magnitude de sua falta e que minha cólera não se acalme e diminua, ainda que eu deixe de ameaçá-lo".

O furioso soberano em seguida respondeu a Petrônio, mas como ele tinha medo dos governadores, que eram capazes de suscitar uma revolução e particularmente os que governavam províncias tão distantes e poderosas como aquela extensão de terras que está ao longo do Eufrates, e que tinha também grande tropas, como as da Síria, ele ocultou sua raiva no coração, louvou sua prudência e sua previdência e ordenou-lhe somente que não perdesse tempo para fazer consagrar aquela estátua, pois que a ceifa, podendo então ser feita, não havia mais motivo de se adiar.

CAPÍTULO 16

O REI AGRIPA VEM A ROMA E, TENDO SABIDO DO PRÓPRIO CAIO QUE ELE QUERIA MANDAR COLOCAR SUA ESTÁTUA NO TEMPLO DE JERUSALÉM, DESMAIA. DEPOIS DE SE TER REFEITO DAQUELA FRAQUEZA E DO ESPANTO QUE SE LHE SEGUIU, ELE ESCREVE PARA O PRÍNCIPE.

Pouco depois, o rei Agripa chegava sem de nada saber, nem da carta de Petrônio, nem da resposta de Caio e quando foi saudá-lo, não teve dificuldade em perceber pela maneira como o recebeu, que ele ardia de cólera em seu coração. Procurou recordar-se para ver se havia feito alguma coisa que lhe

pudesse desagradar e nada encontrando, julgou, como era verdade, que não era contra ele, mas contra algum outro, que ele estava irritado. Entretanto, notando que aquela agitação lhe transparecia no rosto, quando olhava para ele, seu temor continuava e muitas vezes vinha-lhe à mente perguntar-lhe a causa, mas continha-se, de medo de atrair sobre ele por uma imprudente curiosidade, a cólera que o soberano podia ter contra outros.

Como ninguém mais que Caio penetrava o pensamento dos homens, ele logo percebeu o temor de Agripa e disse-lhe: "Quero vos esclarecer o que desejais saber. Vós me conheceis muito bem para ignorar que eu não falo menos com os olhos do que com a língua. Os homens de bem de vossa nação são os únicos de todos os homens que não me querem reconhecer como deus e que parecem correr voluntariamente para sua ruína, pela recusa em obedecer à ordem que dei, de colocar no seu Templo a estátua de Júpiter. Eles se reuniram de todas as cidades e dos campos para vir a mim, aparentemente, como suplicantes, mas para demonstrar-me na realidade o desprezo que têm por minhas ordens". Ele queria continuar a falar, mas Agripa, tocado de uma dor violenta, retirou-se para cair, desmaiado, se não o tivessem amparado. Levaram-no ao seu apartamento e ele ficou por muito tempo sem conhecimento algum.

O estado em que se encontrava o príncipe aumentou ainda mais a ira de Caio contra nossa nação. "Se Agripa", dizia ele, "que sempre tanto me amou e que me deve tantos benefícios, tem tão forte amor aos costumes de seu país, que não pôde suportar que a eles se desobedeçam, por pouco que seja, pois o que eu lhe disse pareceu custar-lhe a vida, que deverei esperar dos outros judeus, aos quais nenhuma consideração leva a renunciar, para inclinar-me, eu aos seus sentimentos?"

Durante todo o resto do dia e uma parte do dia seguinte, Agripa caiu em tal delírio que não podia voltar a si. Por fim, à tardinha, ele ergueu um pouco a cabeça e abrindo os olhos, com grande dificuldade, lançou-os sobre os que estavam em redor dele, mas não os reconheceu. Recaiu depois em seu desmaio. Sua respiração, porém, era mais livre. Algum tempo depois ele despertou, dizendo: "Onde estou? E em casa do imperador? Ele está presente?" "Coragem, senhor", responderam-lhe, "estais em nossa casa, e o imperador não está aqui;

dormistes demais; despertai agora, por favor, e fazei algum esforço para nos reconhecer. Somos aqui todos amigos, vossos domésticos, vossos libertos, que vós amais e vos amam mais que a própria vida". O soberano, então, voltou a si e percebeu em seus rostos a impressão que seu mal lhes tinha feito no coração. Os médicos mandaram sair a maior parte dos que estavam no quarto, para lhe dar algum remédio e alimento. Ele, então, disse: "Não penseis em me dar alimentos delicados. Basta-me na aflição em que estou, que me impeçais de morrer de fome. Eu não me poderia mesmo resolver a comer, se não me restasse alguma esperança de ajudar minha nação em tal e tão grande desgraça". Acompanhou estas palavras com lágrimas, tomou somente o que lhe era absolutamente necessário para manter a vida, e não quis mesmo permitir que lhe misturassem uma só gota de vinho na água que ele bebeu. "Deram ao meu corpo", disse depois, "o que ele precisava apenas para não morrer, que me resta agora, senão fazer todo o esforço possível junto do imperador, para procurar demovê-lo dessa grande tempestade?" Pediu então tabuinhas e escreveu esta carta ao príncipe.

"O respeito e o temor impediram-me, senhor, de me apresentar diante de vós. O brilho de vossa majestade me deslumbra e vossas ameaças me assustam. Uma carta vos exprimirá melhor minha mui humilde oração, mais do que eu poderia fazer de viva voz. Sabeis, grande príncipe, que a natureza gravou no coração de todos os homens um ardente amor pela pátria e uma singular veneração pelas leis que eles receberam de seus antepassados, como vós bem manifestais por vossa afeição por uma e pelo cuidado que tomais em fazer observar as outras. Essa inclinação que nasce conosco é tão forte que não há povo ao qual suas leis não pareçam justas, embora não nos sejam de fato, porque delas se julga mais pelo respeito que se lhes tem do que pela razão.

"Bem sabeis, senhor, que eu sou judeu, nascido em Jerusalém, onde está esse santo Templo, consagrado em honra do Deus Todo-poderoso. Eu tive por antepassados os reis desse país. Alguns deles foram soberanos sacerdotes e estimaram mais essa dignidade do que a própria coroa, porque estavam persuadidos que tanto quanto Deus está acima dos homens, tanto o sacerdócio está acima do trono; as funções de um têm por objeto as coisas divinas, ao passo que o poder que o outro dá só se refere às coisas humanas.

"Como eu me encontro, senhor, ligado por tantos liames àquela nação, a essa pátria e a esse Templo, eu não poderia recusar ser-lhes medianeiro e intercessor junto de vós. Peço-vos, então, por minha nação, de não permitir que ela seja obrigada a sentir diminuir o seu zelo por vós. Nenhum outro povo em toda a Europa e toda a Ásia nunca demonstrou tanto por vossa augusta família imperial, em tudo o que sua religião e suas leis podem permitir. Ele não somente faz seus votos e sacrifícios para vossa prosperidade e a de vosso império, nas festas públicas e solenes, mas fá-lo todos os dias, o que demonstra que não é com simples palavra e falsas aparências, mas de fato e do fundo do coração, que ele demonstra tão sincero afeto por seus imperadores.

"Quando à cidade santa, onde vi a luz do dia, posso dizer que não somente ela deve ser considerada como a capital da Judéia, mas ela o é ainda de vários outros países, por causa das tantas colônias que ela povoou no Egito, na Fenícia, na Síria Superior e Inferior, na Panfília, na Cilícia, em várias outras partes da Ásia, até a Bitínia e mais além, no Ponto. Na Europa, a Tessália, a Beócia, a Macedônia, a Etólia, Atenas, Argos, Corinto, com a maior parte do Peloponeso e mesmo as ilhas Célebres, como a Eubéia, Chipre e Cândia. Que direi também dos países de além do Eufrates, onde exceto uma parte da província de Babilônia e de alguns governos, todas as cidades situadas em regiões férteis são habitadas por judeus? Assim, se o país de onde tenho minha origem encontrar graça diante de vós, vós não favoreceis, senhor, uma só cidade, vós beneficiareis um mui grande número de outras, espalhadas por todas as partes do mundo e é uma coisa digna da grandeza de vossa fortuna, participando do favor que ela vos dever, não haverá lugar em toda a terra onde não brilhe a vossa glória e onde não ressoem os louvores e as ações de graças que vos serão devidas.

"Vós tendes, em favor de alguns de vossos amigos, concedido a cidades inteiras o direito de burguesia romana, e assim elevastes acima dos outros os que antes estavam submissos; nisso, não menos obsequiastes, do que àquelas cidades, àqueles, em consideração aos quais concedestes esse favor. Posso dizer que entre todos os príncipes que vos têm por senhor e que honrais com vossa amizade, há poucos que me precedem em dignidade e nenhum me sobrepuja, ou melhor, não me iguala em afeto, quer porque ela me é hereditária, quer por

causa dos benefícios com que vos dignastes cumular-me. Eu não ousaria, entretanto, pedir por minha pátria o direito de burguesia romana, nem mesmo que a libertásseis da servidão e a dispensásseis dos tributos. Eu vos peço somente, senhor, uma graça, que embora não vos esteja a peito, não deixará de vos ser útil, pois que nada é mais vantajoso aos súditos do que um soberano favorável. Jerusalém soube antes de todos os outros da vossa feliz sucessão ao trono do império e essa cidade santa fez imediatamente sabê-lo a todas as outras províncias vizinhas, comunicando-lhes tão grata notícia. Assim como ela foi a primeira de todo o Oriente que vos saudou como imperador, não pode ela esperar com justiça uma graça particular ou pelo menos não estar em piores condições que as outras?

"Depois de vos ter falado, senhor, por minha nação e por minha pátria, resta-me fazer-vos um humilde pedido por nosso Templo. Como ele está consagrado em honra de Deus e sua majestade ali habita, lá jamais se colocou estátua ou figura alguma, porque os pintores e os escultores só podem representar divindades visíveis, e o Deus que adoramos é invisível; nossos antepassados julgaram que não se podia, sem impiedade, procurar representá-lo. Agripa, vosso avô, visitou esse Templo, com respeito. Augusto ordenou por cartas expressas que de todas as partes para lá se levariam as primícias e que não se passaria um só dia sem que ali se oferecessem sacrifícios. A imperatriz, vossa bisavó, teve-o também em grande veneração. Jamais houve grego, bárbaro ou príncipe, por mais ódio que tivessem contra nós, nem sedição, nem guerra, nem cativeiro, nem alguma outra das maiores desgraças e das maiores desolações que possam acontecer aos homens, que nos fizesse colocar alguma estátua no nosso Templo, porque, mesmo os nossos maiores inimigos reverenciaram esse lugar consagrado ao Criador do universo, pelo temor dos espantosos castigos que sabiam ter recaído sobre os que tinham ousado violá-lo. A esse respeito, sem citar exemplos estrangeiros, eu tratei, senhor, outros que vos são sabidos.

"Quando Marco Agripa, vosso avô, quis, para homenagear o rei Herodes, meu avô, ir à Judéia e passar do mar a Jerusalém, ficou tão comovido com a magnificência do Templo, com seus ornamentos, com as diversas funções dos sacerdotes, suas vestes e principalmente as do supremo sacerdotes, resplande-

cente de majestade, com a ordem que se observa nos sacrifícios, com a piedade e com tudo o mais, bem como com o respeito com o que todos o assistem, que não pôde deixar de manifestar a sua admiração. Ele sentia tanto prazer em considerar estas coisas que não se passava um dia sequer, enquanto ele esteve em Jerusalém, que lá não voltasse para apreciá-lo. Ele ofereceu ricos presentes a esse Templo e concedeu aos habitantes daquela grande cidade tudo o que poderiam desejar, exceto a isenção dos tributos. Herodes, depois de lhe ter prestado todas as honras possíveis e de ter igualmente dele recebido outras tantas, acompanhou-o ao seu embarque e o povo vinha também de todas as partes, atirar ramos de árvores e flores à sua passagem abençoando-o, muitas vezes.

"Não é também, senhor, coisa sabida de todos, que o imperador Tibério, vosso grande tio, durante os vinte e três anos de seu reinado, teve a mesma estima pelo nosso Templo, sem permitir que lá se fizesse a menor modificação na ordem que se observa? Quanto a isso, embora tanto ele me tenha feito sofrer, eu não poderia deixar de referir um fato que lhe mereceu grandes elogios e eu sei que sentis prazer em saber da verdade. Pilatos, então governador da Judéia, consagrou-lhe, no palácio de Herodes em Jerusalém, uns escudos dourados, não tanto pelo desejo de honrá-lo, como por seu ódio contra nossa nação. Não havia figuras nesses escudos, nem inscrição alguma, a não ser o nome daquele que o consagrava e o daquele ao qual era consagrado. Entretanto, o povo revoltou-se de tal modo, que enviou os quatro filhos do rei, os outros príncipes da casa real e os mais ilustres de sua nação, para rogar a Pilatos que mandasse retirar os escudos, porque era uma desobediência às leis e aos costumes de seus antepassados, nos quais seus reis e imperadores jamais tinham querido tocar. Vendo que Pilatos, que era de natural violento e teimoso, recusava-o grosseiramente, disseram-lhe: 'Deixai de perturbar a paz de que gozamos. Deixai de nos querer levar à revolta e à guerra. Não é pelo desprezo das leis que se honra o imperador. Vós tendes necessidade de um outro pretexto para disfarçar um empreendimento tão injusto e que nos é intolerável, pois esse grande príncipe está muito longe de querer que se desobedeça às nossas leis e costumes. Se tendes alguma determinação, alguma carta e alguma outra ordem dele, que vos autorize a fazê-lo, mostrai-no-lo, e mandaremos

embaixadores a ele, para apresentarem humildemente nossas razões'. Estas palavras irritaram ainda mais a Pilatos e ao mesmo tempo causaram-lhe grande aflição porque ele temia, se se mandassem embaixadores, que eles informassem o imperador de suas concussões, de suas injustiças e de sua horrível crueldade, que fazia sofrer tantos inocentes e custava mesmo a vida a vários. Em tal agitação, esse homem tão duro e tão colérico não sabia que partido tomar. Não ousava retirar os escudos já consagrados e mesmo que o tivesse feito, não se podia decidir a causar um prazer e um favor ao povo; conhecia o espírito de Tibério. Os que intercediam pelos judeus julgando que, ainda que dissimulasse, ele se arrependeria do que tinha feito, escreveu a Tibério uma carta muito insistente e muito respeitosa; não há necessidade de outra prova da cólera que sentiu contra Pilatos, do que depois de lhe ter manifestado sua indignação pela resposta que lhe deu; no mesmo instante ele mandou retirar os escudos e levá-los ao Templo construído em Cesaréia, em honra de Augusto, o que se fez. Assim, prestou-se o devido respeito ao imperador e não se desobedeceu às nossas leis e aos nossos costumes. Não havia, entretanto, figura alguma naqueles escudos, e agora trata-se de uma estátua. Aqueles escudos só tinham sido colocados no palácio do governador: e quem colocar essa estátua no Templo, no mesmo santuário, lugar santo, no qual somente o soberano sumo sacerdote pode entrar e somente uma vez por ano, depois de um jejum solene, para queimar perfumes em honra de Deus, e pedir-lhe por preces humildes que faça feliz a todos, aquele ano. Se algum outro, não somente de nossa nação, homem qualquer, mas sacerdote, sem excetuar aquele que ocupa o mais alto cargo, depois do sumo sacerdote, ousa lá entrar ou se o sumo sacerdote, ele mesmo entrassem duas vezes no ano, ou três ou quatro, no dia em que lhe é permitido entrar, isso lhes custaria a vida e ninguém lhes poderia alcançar o perdão, tanto o nosso legislador expressamente ordenou que se reverenciasse aquele lugar santo e o tornasse inacessível. Não deveis portanto duvidar, senhor, de que, se para lá se levar uma estátua, não se encontrará um sacerdote que não se mate com suas próprias mãos, bem como a suas esposas e filhos, para não ver tal violação de nossas santas leis.

"Foi assim que Tibério fez nessa ocasião. Quanto ao mais feliz de todos os imperadores que jamais subiu ao trono, o admirável príncipe, vosso

predecessor, que depois de ter dado a paz a toda a terra mereceu pela virtude o glorioso nome de Augusto, quando ele soube que não se colocava em nosso Templo nenhuma figura visível para representar o Deus invisível, admirou essa prova de nossa piedade e da de nossa nação, porque ele era muito instruído nas ciências e passava a maior parte do tempo, quando estava à mesa, falando do que tinha aprendido com os grandes filósofos e com a convivência de homens de letras que mantinha junto de si, a fim de dar ao seu espírito um alimento agradável, ao mesmo tempo que não podia recusar ao corpo o que lhe era necessário. Eu poderia trazer outras provas de sua boa vontade para com nossa nação, mas contentar-me-ei com estas duas. Tendo sabido que se descuidava do que se refere às nossas sagradas primícias, ele ordenou aos governadores das províncias da Ásia que permitissem somente aos judeus, de se reunirem, porque suas assembléias não eram bacanais, nas quais só se pensava em se embriagar ou reuniões com o fim de incitar revoltas e perturbar a paz, mas verdadeiras sessões literárias, onde se aprendia a virtude, onde se aprendia a amar a justiça e a temperança e que aquelas primícias que se mandavam todos os anos a Jerusalém só eram empregadas nos sacrifícios a Deus no Templo. Assim, esse grande príncipe proibiu expressamente a quem quer que fosse, perturbar os judeus no que se referia às suas reuniões e primícias. Se não são estas precisamente as suas palavras, que eu acabo de referir, são pelo menos o sentido das mesmas, como podeis, senhor, constatar por uma de suas cartas de C. Norbano Flacco, que transcrevo em seguida: 'C. Norbano Flacco, aos magistrados de Efeso, saudação. O imperador escreveu-me que em qualquer parte do meu território, onde há judeus, que eu lhes permita reunirem-se segundo seu antigo costume e levar o dinheiro a Jerusalém. Comunico-vos este aviso e ordeno-vos que não ponhais a isso nenhuma dificuldade'.

"A vontade de Augusto e seu afeto por nosso Templo não se revela claramente aí, pois que ele permite aos judeus reunirem-se publicamente para recolher essas primícias e fazer outros atos de piedade?

"Eis aqui uma outra prova que não é menos importante. Ele ordenou que se oferecesse do dele, cada dia em nosso Templo, um touro e dois cordeiros, para serem imolados em honra do Deus Todo-poderoso: o que se faz ainda agora, sem que se tenha jamais interrompido essa ordem. Ele não ignorava,

entretanto, que não havia nem dentro nem fora do Templo algum simulacro. Mas como nenhum outro não o sobrepujava em saber, ele julgava bem, que devia ser um Templo singular e mais santo que qualquer outro, consagrado em honra do Deus invisível, onde não havia nenhuma outra figura e onde os homens podiam levar seus votos com confiança e esperança de serem ajudados por seu auxílio.

"A imperatriz júlia,* vossa bisavó, imitando a piedade do grande príncipe, seu marido, adornou esse Templo com um grande número de taças e outros vasos de ouro de grande valor, sem neles mandar gravar figura alguma, pois ainda que as mulheres dificilmente compreendam o que não é sensível, sua inteligência e sua aplicação às coisas grandes tinham-na de tal modo elevado nisso, como em todo o resto, acima do seu sexo, que ela diferenciava com menos luz as inteligíveis das sensíveis e estava muito persuadida de que estas últimas apenas podiam passar como sombra das primeiras.

---

* Deveria estar escrito Lívia.

"Como tendes, então, senhor, tantos exemplos domésticos e uma grande afeição por nós, conservai por favor, o que esses gloriosos antepassados dos quais tendes a vida e cuja sucessão vos elevou ao cúmulo da grandeza tão cuidadosamente conservaram. São imperadores que intercedem em favor de nossas leis, perante um imperador, príncipes augustos, perante um príncipe augusto, avós e bisavós perante seus netos e bisnetos, vários, perante um só, e que vos dizem: 'Não destruais o que nós estabelecemos e que sempre foi observado, mas considerai que ainda que a subversão dessa ordem não produza no momento nenhum mau resultado, a incerteza do futuro deve fazer temer aos mais ousados, se eles renunciaram a todo temor de Deus'.

"Se eu quisesse narrar, senhor, todos os favores que vos devo, o dia haveria de terminar, antes que eu os tivesse enumerado: sinto ter que falar deles somente de passagem. Tão grandes benefícios são conhecidos por si mesmos. Quebrastes meus grilhões, mas esses ferros prendiam somente uma parte do meu corpo e a pena que sofro oprime minha alma. Livrastes-me do

temor da morte, e depois, como ressuscitado, um temor ainda maior me pôs em tal estado que eu podia passar por morto. Conservai, senhor, essa vida, que eu recebi de vós e que não quiséreis, sem dúvida, ma ter dado, apenas para prolongar meus sofrimentos. Elevastes-me à maior das honras à qual os homens possam aspirar, dando-me um reino e a este reino acrescentastes a Traconítida e a Galiléia. Depois de favores tão extraordinários não me recuseis, rogo-vos, senhor, um, que me é tão necessário, que os outros, sem ele, ser-me-iam inúteis e depois de me ter elevado a uma condição tão excelsa, não me precipiteis nas trevas. Eu vos não suplico que me conserveis nessa alta fortuna, de que vos sou devedor; estou pronto a renunciar a toda glória que ela me dá. O único favor que vos peço é de não tocar nas leis de meu país e se me recusardes, que opinião teriam de mim, não somente todos os judeus, mas todos os homens do mundo? Não teriam eles motivo de crer ou que eu traí minha pátria ou que perdi a honra de vossa amizade, que são dois dos maiores males que se possa imaginar? Entretanto, eu não poderia evitar cair ou num ou no outro, pois seria preciso que eu fosse um covarde e um pérfido para abandonar o interesse que me deve ser tão caro, ou que não tivesse mais parte nas vossas boas graças, se implorando vossa bondade para a conservação do meu país e do Templo que lhe é a glória principal, vos recusásseis de me tratar como os imperadores tratam sempre aos que honram com sua benevolência. Se eu for infeliz de não mais vos ser agradável, não vos peço nenhum outro favor, não de mandar-me prender, como o fez Tibério, mas de me mandar matar imediatamente. Poderia eu desejar viver depois de ter perdido vossa amizade na qual unicamente confio e ponho toda a minha esperança?"

Capítulo 17

Caio, comovido com a carta de Agripa, ordena a Petrônio que nada modifique no Templo de Jerusalém. Mas logo se arrepende de lhes ter concedido tal favor e manda fazer outra estátua em Roma para mandá-la secretamente a Jerusalém, quando fosse para Alexandria, onde queria fazer-se reconhecer como Deus. Injustiça e crueldade desse príncipe.

Depois que o rei Agripa mandou esta carta a Caio, ficou esperando a resposta, muito aflito e inquieto, julgando muito bem que não se tratava somente da conservação ou da ruína da Judéia, mas da de toda a nação dos judeus espalhada por toda a terra.

A carta incitou no espírito de Caio diversos sentimentos. Ele não podia ver, sem se irritar, que se resistia à sua vontade e não podia deixar de se influenciar pelas razões e rogos de Agripa. Censurava seu afeto por um povo, o único que se ousava opor à consagração de suas estátuas, mas louvava a sinceridade daquele príncipe, procedente de uma alma nobre e generosa. Por fim, seu afeto por Agripa sobrepujou a cólera; ele acalmou-se e respondeu-lhe favoravelmente; concedeu-lhe como o maior de todos os favores: que não mais se fizesse aquela consagração. Ordenou também que se escrevesse a Petrônio que nada modificasse no Templo de Jerusalém. Mas incluiu a esse favor condições tão severas que ele tinha sempre motivo de temer. Ele acrescentou estas palavras à carta: "Se fora de Jerusalém, outras cidades, sejam quais forem, quiserem erguer-me altares e estátuas e houver alguém, tão atrevido que se oponha a isso, quero que seja castigado no momento mesmo, ou que me seja mandado". Não era isso revogar com tais palavras o favor que fazia ao mesmo tempo que o concedia, pois só podiam eles ser considerados como sementes de revolta e de guerra? Quem duvidaria de que os povos inimigos dos judeus não encheriam imediatamente todas as províncias desses sinais sacrílegos de uma honra que é devida somente a Deus, mais para prejudicar à nossa nação do que para causar prazer a Caio, e que os judeus, não podendo tolerar tal ultraje às suas leis, Caio, para castigá-los por sua obstinação não ordenaria novamente que se colocasse a estátua no Templo? Entretanto, por uma proteção visível de Deus, nenhum dos povos vizinhos da Judéia deu motivo a essa perturbação, por mais que houvesse motivo de ser ela temida. Mas, dirá alguém, que vantagem se teve disso, pois que, ainda que os outros ficassem em paz, Caio não ficava? Bem depressa ele se arrependeu do favor que tinha concedido, voltou aos primeiros sentimentos e sem mais falar da estátua que se fazia em Sidom, a fim de não suscitar uma revolta, ordenou que se fizesse uma em Roma, de bronze dourado, para mandá-la secretamente por mar e fazê-la colocar sem rumor no Templo de Jerusalém, quando partisse para o Egito.

Apressou-se em dar ordens aos preparativos para essa viagem, tanto ele desejava ver Alexandria, onde havia determinado ficar muito tempo, porque nenhum outro lugar não lhe parecia tão próprio para executar seu ridículo intento, de se fazer reconhecer como Deus, na esperança que tinha de que o exemplo daquela grande cidade, onde, por causa das vantagens que sua situação lhe dá, lá se vem de todos os lugares do mundo, para levar as outras cidades, menos importantes, a lhe prestar as mesmas honras divinas, que ele estava persuadido, aquela lhe prestaria; além disso, ele era de natural leviano e tão inconstante, que jamais fazia algo de bom, de que logo não se arrependesse e não procurasse meios para fazer pior do que antes. Eis aqui as provas:

Tendo um dia dado liberdade a alguns prisioneiros, quase em seguida os mandou prender de novo, sem lhes dar mais esperanças de sair, embora nada eles tivessem feito de novo de que pudessem ser acusados.

Outra vez mandou alguns cidadãos para o exílio, os quais não tinham cometido a menor falta e eles consideraram aquele castigo como um favor, porque conheciam sua horrível desumanidade, e estavam preparados para morrer. Assim, foram para as ilhas, onde trabalhavam no cultivo da terra e suportavam pacientemente sua desgraça. E sem que tivessem feito coisa alguma que o pudesse desagradar, mandou alguns soldados para matá-los e encheu assim de luto, em Roma, muitas nobres famílias.

Se ele dava dinheiro a alguém, logo em seguida o exigia de volta, não como empréstimo, com a condição de pagar juros, mas como um roubo que lhe tinham feito. Esses desgraçados não eram somente obrigados a entregá-lo, mas isso lhes custava também todos os seus bens, quer os tivessem somente como patrimônio, quer adquirido com trabalho.

Os que se julgavam melhor junto dele eram arruinados com o pretexto de afeto; obrigava-os a tão excessivas despesas, em vãos divertimentos e banquetes, que, às vezes, uma só dessas festas, suntuosas e magníficas, era suficiente para arruiná-los completamente, obrigando-os mesmo as pedir emprestado, o que não podiam restituir. Muitos então temiam seus favores, porque não somente eram inúteis, mas tão perigosos que podiam ser tidos como verdadeiras ciladas, de que se deveriam precaver.

Tal era Caio, e como a ninguém mais ele odiava do que aos judeus,

nenhum outro povo, mais que este, lhe veio a sentir os efeitos. Ele começou por Alexandria, tirando-lhe todos os oratórios e os encheu de estátuas, sem que ninguém se ousasse opor a tão grande violência. Só restava o Templo de Jerusalém, que até então tinha sido um asilo inviolável, e ele quis, para cúmulo de impiedade, arrebatá-lo a Deus para torná-lo para si, com este título: "O Templo do novo Júpiter, o ilustre Caio".

Em que estais pensando, presunçoso e insensato príncipe? Sois apenas um homem e quereis usurpar o céu. Não vos contentais de reinar sobre tantos povos, que não há nação ou clima onde vosso império não se estenda? Mas não quereis que haja somente na terra um lugar particularmente consagrado a Deus; onde seja permitido prestar-lhe com piedade sincera as honras devidas à sua adorável majestade. São essas as grandes esperanças que todo o universo concebe de vosso reinado e ignorais que é, ao contrário, atrair sobre vós e sobre o império um dilúvio de todos os males possíveis e imagináveis?

CAPÍTULO 18

COM QUE FUROR CAIO TRATA FÍLON E OS OUTROS EMBAIXADORES DOS JUDEUS DE ALEXANDRIA, SEM QUERER ESCUTAR SUAS RAZÕES.

Mas é preciso passarmos agora ao que aconteceu no assunto que era o motivo de nossa embaixada. Chegou o dia, quando Caio devia nos dar audiência; quando fomos introduzidos à sua presença, foi-nos fácil conhecer, logo de início, por seu aspecto e seus gestos, que o teríamos por inimigo e não por juiz. Se ele tivesse querido agir como juiz, ele deveria ter examinado com seu conselho um negócio de tal importância, onde se tratava dos privilégios de uma grande multidão de judeus que moravam em Alexandria e de que gozavam há mais de quatrocentos anos e que se tinham até então observado, sem jamais revogá-los nem deles duvidar. Ele devia ouvir as partes: ele devia aceitar as advertências e pronunciar por fim um juízo justo e equânime. Mas, em vez de observar essas regras da justiça, o impiedoso tirano, enrugando o sobrecenho com brutal altivez, mandou vir dois intendentes dos jardins de Mecenas e de Lâmia, que estão perto da cidade e do seu palácio, onde ele se tinha já há três ou quatro dias retirado. Ordenou-lhes que abrissem as portas de diversos

aposentos daqueles belos jardins, porque queria passear por toda a parte e nos fez entrar também. Caminhamos diante dele e o saudámos, dando-lhe o nome de Augusto e de imperador. A maneira com ele recebeu a saudação, tão mansamente e com tanta afabilidade, começou por nos fazer perder a esperança não somente do bom êxito da nossa empresa, mas até de nossa vida. Pois ele nos disse, franzindo a testa e com um riso sarcástico: "Não sois aqueles inimigos declarados dos deuses que, embora todos os outros me reconheçam por deus, me desprezais e preferis adorar um Deus que não se conhece?" Depois elevou as mãos para o céu e proferiu palavras que eu escutei com horror e não as posso repetir. Nossos adversários, então, não duvidando de que tinham ganho a causa, não puderam ocultar sua grande alegria e não houve um só de todos os nomes e títulos com que se honram os deuses, que eles não lhe dessem. Um certo Isidoro, que era um grande e perigoso caluniador, vendo que Caio escutava com grande prazer essas bajulações e elogios ímpios, disse-lhe: "Detestaríeis ainda mais esses homens e os que os mandam, se soubésseis quão grande é o ódio que eles vos têm. São os únicos de todos os homens que se recusam a oferecer vítimas pela vossa saúde e geralmente todos os dessa nação são do mesmo parecer". A estas palavras, nós exclamamos: "São calúnias, senhor! Imolamos hecatombes e depois de ter banhado o altar com o sangue das vítimas, nós não levamos a carne para comer, como fazem vários outros povos, mas as queimamos todas, no fogo sagrado. Assim fizemos por três vezes; a primeira quando subistes ao trono, a segunda quando ficastes curado daquela grave enfermidade que afligiu toda a terra, e a terceira quando pedimos a Deus que vos fizesse vencedor da Alemanha".

"É verdade", respondeu o furioso imperador, "oferecestes sacrifícios, mas a um outro e não a mim. Assim, que honra recebi então?" A estas palavras sentimos o sangue gelar-nos nas veias. Caio, entretanto, visitava todos os aposentos, notava-lhes os defeitos, ordenava as modificações que queria se fizessem. Nós o seguíamos impelidos pelos nossos adversários, que se riam de nós; injuriavam-nos com satíricas e humilhantes zombarias, como fariam os palhaços num teatro, e na verdade aquele assunto poderia passar por uma comédia, que de verdade só tinha a aparência. Aquele que deveria ser o nosso juiz era nosso acusador, e nossos adversários animavam contra nós aquele mau juiz. Tendo-o

então como inimigo e tal inimigo, que poderíamos fazer senão ficar em silêncio, que é uma espécie de defesa, principalmente nada tendo a responder, que lhe pudesse ser agradável, porque o temor de violar nossas santas leis nos fechava a boca.

Depois de ter ele dado algumas ordens com relação aos edifícios, perguntou-nos seriamente e com gravidade, por que fazíamos dificuldade em comer carne de porco. Nossos adversários, então, para torná-lo ainda mais favorável a eles, por meio de suas adulações, puseram-se a gargalhar tão desabridamente, que alguns, mesmo dos oficiais do príncipe, mal toleravam aquele desprezo e falta de respeito, que lhe era devido e que era tanto maior, quanto no estado em que ele estava, somente os seus mais íntimos poderiam sem perigo tomar a liberdade de apenas sorrir em sua presença.

Assim respondemos: "Os costumes dos povos são diferentes e como há coisas que nos são permitidas e a outros não, assim há outras também que são proibidas aos nossos adversários". Um dos nossos acrescentou que há mesmo muitos que não comem carne de carneiro e ele retorquiu rindo-se: "Eles têm razão. A carne não é boa". Essas zombarias aumentaram ainda nossas penas, mas por fim ele nos disse, com emoção: "Quisera saber em que direito fundais vosso direito de burguesia". Nós então começamos a apresentar-lhe nossas razões; ele achou facilmente que eram boas e nós quisemos então citar outras mais fortes, mas ele levantou-se de repente, foi depressa a uma grande sala, mandou fechar as janelas, cujos vidros impediam que o ar entrasse, somente deixavam passar a luz e eram tão claros e tão brilhantes que poderiam ser tidos por cristais de rocha. Depois veio a nós assaz mansamente e disse-nos com um tom moderado de voz: "Que me tendes então a dizer?" Quisemos então continuar a apresentar-lhe as nossas razões, em poucas palavras, mas em vez de nos escutar, ele foi correndo para outra sala, onde tinha ordenado que colocassem quadros de antigos pintores. Vendo assim o julgamento do nosso assunto interrompido e de tantas maneiras diferentes, julgando que nada mais tínhamos a fazer do que nos preparar para a morte, recorremos em tal contingência ao verdadeiro Deus, para rogar-lhe que nos salvasse do furor daquele falso deus. Ele teve compaixão de nós e sua infinita bondade acalmou a cólera de Caio. Ele ordenou que nos retirássemos e foi-se embora, depois de nos

ter dito somente: "Essa gente não é tão má, quanto infeliz! São insensatos em não acreditar que eu sou de natureza divina".

Foi assim que saímos não de um tribunal, mas de um teatro e de uma prisão, pois não era deveras uma comédia vermo-nos ridicularizados e motejados, desprezados mesmo? E os rigores de uma prisão são talvez comparáveis aos tormentos que nos faziam sofrer tantas blasfêmias contra Deus e tantas ameaças de um tão poderoso imperador, encolerizado contra nós, porque os judeus eram os únicos que resistiam à sua louca paixão de ser reconhecido como Deus? respiramos então um pouco, não por amor à vida, pois se nossa morte tivesse podido ser útil à conservação de nossas leis, nós a teríamos recebido com alegria, como podendo nos levar a uma feliz eternidade; mas, além de inútil, ela teria sido também vergonhosa para os que nos tinham enviado porque ordinariamente não se julgam as coisas senão pelos seus resultados; esta razão fazia que nos consolássemos de algum modo por termos escapado de tão grande perigo em que nos encontrávamos, pela sentença que o imperador pronunciaria. Como poderia ele estar informado da justiça de nossa causa se ele não se dignava nem mesmo a nos ouvir? Que há de mais cruel do que ver a salvação de toda nossa nação depender da maneira como os seus cinco embaixadores eram tratados? Se Caio se declarasse em favor dos habitantes de Alexandria, que outra cidade deixaria os judeus em paz? Que outra os pouparia? Que outra não destruiria seus oratórios? Que outra não lhes procuraria impedir viver segundo suas leis? Assim, tratava-se da anulação de todos os privilégios e de sua inteira ruína. Esses pensamentos nos esmagavam sob o peso da dor; não víamos recurso algum em nossa desgraça e aqueles que antes nos ajudavam, perdendo então a esperança no feliz resultado de nossa causa, retiravam-se sem mais nos querer auxiliar, quando nos mandavam chamar, tanto estavam persuadidos da bondade e da justiça daquele homem que queria passar por Deus.

Contracapa

História dos Hebreus

De Abraão à queda de Jerusalém

Tendo atravessado séculos até os nossos dias, a história do povo judeu, através do registro de Flávio Josefo, pemanece como o mais fidedigno elato dos acontecimentos contidos nas Escrituras.

Diversas razões contribuíram para tornar esta uma obra-prima, não apenas a magnitude do assunto, mas também o fato de seu autor ser tanto testemunha ocular quanto coadjuvante de alguns dos eventos por ele narrados. Além disso, o que se revela em História dos Hebreus é a confirmação das promessas de Deus para o seu povo e o cumprimento de sua Palavra em todos os fatos registrados em suas páginas.

O Autor

De origem judaica, sendo também de linhagem sacerdotal, Flávio Josefo, um escritor e historiador judeu que viveu entre 37 e 103 d.c., escreveu a obra que se tornaria, depois da Bíblia, a maior fonte de informações sobre os impérios da Antiguidade, o povo judeu e o Império Romano.